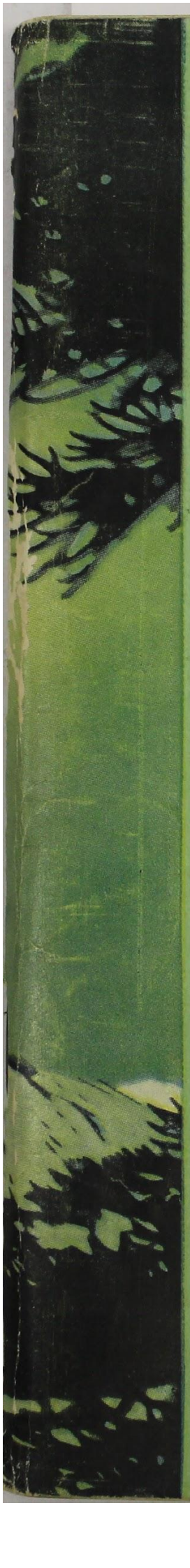


JANEIRO de 1946

Cr.$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

O fator Rh no sangue . . *Woman's Home Companion* 1
A vida numa cidade alemã . . . *American Mercury* 5
O conto que ele não chegou a escrever *por A. Abbot* 11
O sucessor de Churchill . . . . . *Time* 14
«Só sei que foi assim que aconteceu» *Christian Herald* 17
A propulsão a jacto revoluciona a aviação *por Hall L. Hibbard* 19
Você tambem pode segurar um bebê *Heywood Broun* 22
Os colombianos remodelam suas cidades *Inter-American* 25
Um entre oito milhões—Caça a um espião . . . . . *American Legion Magazine* 30
A fervorosa peregrina . . . . . *Survey Graphic* 34
Ventos que sopram para cima . . . . . *Harper's* 37
O Rei da Barganha . . . . . *Advertising & Selling* 42
Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia *por William Hard* 45
Os algodoais se mecanizam . . . . . *Collier's* 54
Rios mortos e mortíferos . . . . . *American City* 57
Retalhos do drama cotidiano . . *por David Lamson* 61
Modelo para a clínica rural . . . . . *Progressive* 64
Aonde o trabalhismo leva a Inglaterra? . *por W. Hard* 67
Hollywood procura estrelas . . . . *Woman's Life* 71
São tão ricos os Estados Unidos? . . . . *Newsweek* 74
Em defesa da castidade . *por Margaret C. Banning* 76
Argúcia dos animais . . . . . *por Alan Devoe* 84
Noite de horror na Florida *St. Louis Post-Dispatch* 86
Stáline lhes paga o que valem *Saturday Evening Post* 91
«Voici l'hippopotame!» . . . . . *New Yorker* 95
O perigo dos saldos favoraveis . *Tomorrow's Trade* 97
Paraiso dos baleeiros . . . . . *Town & Country* 117
Seção de Livros — A morte do tigre . . . *por Jim Corbett* 101

Na terra da Araucária — *Fotografia* ..... quarta capa; *Nota* ..... terceira capa

CMDPU-LR
1934

SELEÇÕES *esta a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 annuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ; João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia, Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DE SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7, de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agente Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇÕES DO READERS DIGEST

Tomo IX, No. 48 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Janeiro de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifíco Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho, *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A., e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: De Witt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Basta ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest;* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf, *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia.

Copyright 1945 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários de Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. IX, No. 48, January 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U. S. A.

Seleções do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

JANEIRO de 1946

Uma arma nova para os médicos

O fator Rh no sangue

(Condensado de «Woman's Home Companion»)

Por J. D. RATCLIFF

HÁ RELATIVAMENTE pouco tempo, nasceu em Birmingham, na Inglaterra, uma criança gravemente anêmica e sofrendo de icterícia. Como a morte parecia inevitavel, os médicos decidiram aplicar uma medida extraordinária: retirar *todo* o sangue do bebê e substituí-lo por sangue novo. Iniciada a transfusão cinco minutos após o parto, a pele do bebê melhorou imediatamente de aspecto, adquirindo côr rosada e saudavel, e a respiração, até então dificil, tornou-se constante e normal.

As causas de tão estranha ocorrência deviam ser motivo de preocupação para muitas mulheres americanas, pois tratava-se de mais um caso em que intervinha o misterioso fator sanguíneo Rh, há pouco descoberto, que contribue muitas vezes para que o sangue da genitriz declare guerra ao do filho ainda por nascer.

Têm-se contado muitas histórias estranhas e confusas a respeito do Rh. Afirmou-se, por exemplo, que as mães que não o possuiam, não poderiam nunca ter partos que vingassem, e que em muitos desses casos a transfusão era fatal. Chegou, porem, o momento de pôr termo à confusão. O fator Rh não tem nada de temivel, mas apesar disso merece ser conhecido. Tal conhecimento está ajudando os médicos a resolver verdadeiros mistérios clínicos que até agora tinham causado a morte de centenas de bebês.

A história do Rh é contemporânea dos trabalhos do falecido dr. Karl Landsteiner, um gigante das pesquisas médicas. Um dos seus triunfos foi a descoberta dos principais grupos sanguíneos—os tipos A, B, AB e O—que permitiu efetuar transfusões com segurança. Em 1937, o dr. Landsteiner, acompanhado pelo seu ar-

guto assistente, dr. Alexander Wiener, estudava no Laboratório Rockefeller o sangue de um coelho no qual tinham injetado uma pequena porção de sangue de um macaco do gênero Rhesus. Constataram nessa ocasião a existência de uma substância química inteiramente nova, escondida nos glóbulos vermelhos, a que deram o nome de Rh, por serem essas as primeiras letras do gênero do macaco. Landsteiner registou as suas observações e continuou o trabalho principal. Rh tinha sido apenas uma descoberta acidental.

O acidente, porem, fascinou o dr. Wiener. Existiria essa substância Rh no sangue humano? Suas experiências levaram-no a encontrá-la no sangue de 85 por cento dos americanos de raça branca, numa percentagem ainda maior de negros, e em 99 por cento dos chineses.

A descoberta causou certo interesse nos meios médicos, mas não deixava prever nada de prático. Em todo o caso, Wiener continuou a pensar nos acidentes que às vezes ocorriam durante as transfusões. O sangue do doente era do mesmo tipo e possuia as mesmas caraterísticas do sangue do doador; contudo, o doente, em vez de melhorar, sofria uma reação terrivel. Tinha calafrios e febre e tornava-se anêmico. Outras vezes entrava em choque e morria. Poderiam esses sintomas ser o resultado da mistura de sangue dotado de Rh, com sangue que não o possuisse?

As experiências demonstraram que a teoria de Wiener era correta. Sob certas condições, a mistura de dois tipos de sangue, um com Rh positivo e outro com Rh negativo, provocava a luta entre ambos. Havia uma destruição consideravel de glóbulos vermelhos, que em alguns casos atingia 80 por cento ou mais, e os destroços obstruiam os minúsculos canalículos renais. O resultado final era a toxemia e a morte.

Entretanto, outro cientista, o dr. Philip Levine, da Ortho Research Foundation, de Linden, Nova Jersey, estudava outra doença que tinha preocupado os médicos durante muitos anos; a eritroblastose. Atacava os recem-nascidos e os embriões, e a sua forma mais grave era fatal nos primeiros meses da gravidez. Outras vezes as crianças nasciam aparentemente saudaveis, mas transcorrido pouco tempo adquiriam icterícia e morriam. Dado que essa doença é provocada pela destruição dos glóbulos vermelhos, os médicos tinham uma arma ao seu alcance—a transfusão. Em alguns casos raros, seus resultados eram assombrosos, mas noutros, mais frequentes, provocava reações violentas e era fatal.

Houve quem pensasse que se tratava de uma doença maligna, e houve outros que afirmaram ser o mal causado por uma doença do sangue. Mas Levine tinha opinião diferente. Não seria verossimil que as mães com Rh negativo pudessem ter filhos com Rh positivo, herdado dos pais? Nesse caso, *e em certas condições*, não entraria o sangue das mães em conflito com o sangue do próprio filho, enfraquecendo-o e diluindo-o até transformá-lo num líquido inutil?

Levine examinou o sangue das mães que tinham tido filhos nati-mortos e comparou-o com o dos pais. O resultado era invariavel: as mães tinham Rh negativo, e os pais Rh positivo. Mas a situação era trágica. Uma mulher teve dois abortos, depois uma criança normal, e em seguida um nati-morto. Foi-lhe aplicada uma transfusão de sangue do marido, e ela morreu.

O dr. Levine constatou um caso ainda mais notavel. Tratava-se de dois gêmeos. Um deles, com Rh negativo herdado da

genitora, era forte e saudavel; o outro, com Rh positivo herdado do pai, tinha eritroblastose.

À medida que os casos se iam tornando conhecidos, a tragédia agravava-se, mas ao mesmo tempo se esclarecia. O Rh tinha explicado os acidentes das transfusões e parecia explicar agora a origem da doença que matava mais crianças do que a sífilis. Havia, porem, uma lacuna. Não se sabia quais eram essas *certas condições* que provocavam a doença. Segundo a lei das médias, nove por cento dos casamentos de americanos da raça branca realizavam-se entre mulheres com Rh negativo e homens com Rh positivo; todavia a eritroblastose somente se manifestava uma vez em cada grupo de 40 casos possiveis, ou cerca de uma vez em 400 nascimentos.

Levine recordou-se então de uma descoberta que tinha feito em 1939. Os fetos têm coração independente e sistema circulatório próprio. Mas as mulheres podem possuir uma tendência para formar uma placenta defeituosa, capaz de permitir uma troca de glóbulos vermelhos, ou quaisquer outros, entre elas e os fetos. Que sucederá se tais mulheres tiverem Rh negativo e os fetos Rh positivo? Foi essa precisamente a solução do mistério.

Os glóbulos vermelhos que passam do feto com Rh positivo, para a mãe com Rh negativo, criam no sangue desta uma substância que reage e destrói o sangue do filho, ou, como sucede mais vulgarmente, que reage e destrói o sangue do outro filho que a mãe vier a conceber.

O ciclo é muito semelhante ao das vacinas comuns, que forçam o sangue a criar certos fatores de proteção denominados anticorpos. As partículas insignificantes de Rh, contidas nos glóbulos vermelhos do feto, atuam como um antígeno e provocam a formação de anticorpos no sangue materno, os quais atacam os glóbulos vermelhos portadores de Rh, isto é, o sangue do nascituro.

Levine supõe que quando nasce o primeiro filho, o sangue da mãe com Rh negativo não contem ainda o número de anticorpos suficiente para causar estragos. Mas durante os outros períodos de gravidez formam-se mais anticorpos e o seu volume pode vir a ser prejudicial.

A explicação da pouca frequência da eritroblastose está, portanto, em que as mulheres modernas não têm muitos filhos. Outra explicação consiste na circunstância do Rh ser um fator *dominante*, isto é, se ambos os progenitores forem positivos ou negativos, ou se a mãe for positiva e o pai negativo, o perigo não existe. A situação resume-se, pois, no seguinte: só há perigo se a mãe for negativa e o pai positivo.

Há ainda um ponto para o qual se deve chamar a atenção. Se a mãe tiver recebido uma transfusão de sangue integral enquanto criança, há cinco probabilidades contra uma de que o sangue que recebeu era Rh positivo. Consequentemente, o seu sangue já continha, antes mesmo da gravidez, o volume de anticorpos suficiente para reagir contra o sangue de qualquer filho com Rh positivo que venha a conceber.

Atualmente os médicos já sabem quais as precauções a serem tomadas. Uma mulher com Rh negativo, casada com um homem com Rh positivo, pode normalmente ter dois filhos sem complicações. Se desejar terceiro filho, o médico deve vigiar o seu sangue e medir o aumento dos anticorpos. Se eles se mantiverem dentro de limites adequados, o médico pode consentir num parto normal; mas se aumentarem bruscamente a partir do sexto mês, deverá provocar o nascimento

antes do termo. Neste caso haverá sempre a mão um estoque de sangue com Rh negativo, afim de fazer uma transfusão imediata na criança.

Estas novas noções sobre o Rh já têm salvo milhares de vidas, e hoje quase todos os grandes hospitais fazem os testes de Rh nas parturientes, como rotina corrente. Sempre que seja possivel, as mulheres devem exigir esse exame no caso de gravidez. Se tiverem Rh positivo, não têm nada que recear; mas se for negativo, será tambem necessário fazer o teste ao marido, tomando-se as precauções necessárias se o sangue deste for positivo.

Língua de gregos

¶ Um açougueiro de Chicago, chamado Elias Harlampopoulas, mudou o seu nome, inglesando-o, para Louis Harris. Pouco tempo depois, entretanto, fez outro requerimento, pedindo que seu nome fosse mudado outra vez para Harlampopoulas, porque os seus fregueses quase todos eram gregos, e não eram capazes de pronunciar «Harris».

—*Reader's Scope*

O sujeito que ninguem «não» viu...

¶ Um médico na Marinha Americana, a bordo de um navio de guerra no Pacífico, recebeu recentemente de sua noiva um «instantâneo» tirado numa praia, onde se viam dois casais jovens sorridentes e felizes, enquanto ela se achava triste e sozinha, a um lado. A noiva dizia, em uma carta que acompanhava a fotografia, que era assim que ela passava o tempo, esperando pela volta dele. A princípio, o médico ficou radiante, mostrando o instantâneo aos camaradas, cheio de natural orgulho. Mas, uma noite, depois de contemplar em silêncio o retrato durante muito tempo, disse de repente ao seu companheiro de quarto:
—John, quem foi que *tirou* esta fotografia?

—Robert J. Doyle

Notícias do último momento

¶ Quando os tanques do general Patton estavam a 250 quilômetros de distância das tropas russas, um jornal deu a notícia no cabeçalho, continuando o texto na última página, com o título errado: «Patton a 200 km dos russos». Um leitor atento, observando o engano, escreveu uma carta ao jornal, chamando a atenção para o fato. O redator-chefe replicou: «Em nosso empenho de dar sempre as notícias do último minuto, achamos que, quando nossos leitores chegassem à última página do jornal, a notícia do cabeçalho, sobre a localização de Patton, já seria velha: daí a aparente discrepância.»

—Irving Silverstein

Servil, choraminga, apático—tal é o «super-homem» da Alemanha vencida

A vida numa cidade alemã

(Condensado do «American Mercury»)

Por LEWIS F. GITTLER

Durante alguns meses errei a esmo através das zonas de ocupação aliada na Alemanha, isto é, sob a administração de franceses, ingleses e americanos, entrevistando centenas e centenas de alemães, e fazendo relatórios para as autoridades militares sobre o que a população pensava e fazia. Posso assegurar que não foi uma tarefa prazenteira.

Todas as cidades alemãs têm hoje uma fisionomia impressionantemente uniforme. Cada uma delas consta, em primeiro lugar, duma zona circular de ruinas—onde dantes ficava o coração da cidade, com os edifícios públicos e os hotéis, centros de diversão e grandes estabelecimentos, que hoje são apenas cinzas e escombros—rodeada duma segunda zona, esta de pequenas fábricas, bairros suburbanos de habitação, e as «vilas» pretensiosas da gente abastada, tudo isso virtualmente intacto. Ao entrar numa cidade destas, e percorrendo-a, é-nos dificil dizer se estamos em Munique, Hamburgo, Colônia ou Nüremberg.

Mas isso, no fundo, pouco importa; por toda parte é idêntico o regime da existência—as mesmas rações alimentares, os mesmos hábitos cotidianos, a mesma disposição de espírito, que é a um tempo de apatia e de egoismo. O duro trabalho e os sacrifícios com que, durante tantos anos, o povo alemão sustentou Hitler e o regime nazista, desapareceram completamente. Não se encontra hoje nas cidades alemãs nem espírito nacional, nem espírito de regionalismo, nem sequer o mais corriqueiro espírito de bairrismo. Poucos alemães, qualquer que seja a classe a que pertencem, estão fazendo seja o que for para solucionar os problemas atuais da Alemanha. Tudo quanto o alemão faz agora é tentar, a torto ou a direito, por fas ou por nefas, remendar a sua moradia, e açambarcar alguns gêneros alimentícios não pereciveis, para os esconder no porão da casa.

Este alemão da derrota é um tipo desagradavel, servil perante o vencedor, mas pronto a acusar rancorosamente o vizinho, se vê a perspectiva de ser recompensado pela denúncia. Vem então dizer-nos que odeia Hitler, e é muito provavel que diga a verdade: não porque Hitler fosse responsavel pela guerra, mas porque não foi capaz de ganhá-la...

As obras de reconstrução podiam iniciar-se prontamente, se os alemães estivessem interessados nelas: o número de trabalhadores disponiveis para esse efeito é consideravel. A maior parte das cida-

des, mesmo apesar da evacuação e das baixas sofridas pela população civil devido aos ataques aéreos dos aliados, têm hoje cerca de metade da população dos tempos normais, e todas as semanas regressam centenas de pessoas que delas sairam. Os prefeitos e os conselhos municipais, nomeados pelo governo militar de ocupação, dispõem de poderes bastante latos para regulamentar os salários e os preços, para planejar a reconstrução e ratear a mão-de-obra.

Os salários são regulados pela Junta de Trabalho de cada cidade, de harmonia com o baixo custo das rações, e não variam muito de cidade para cidade. O salário mais baixo é o que se paga pelo trabalho de construção e reparação de estradas: 150 marcos, ou seja uns Cr$300,00 por mês. Um burgomestre, ou prefeito, anda pelas grandes alturas com os seus 500 marcos mensais.

Só as pessoas verdadeiramente indigentes, e são poucas, se dispõem voluntariamente a aceitar trabalho na reconstrução, e os funcionários alemães não querem arriscar-se a alienar as simpatias e o apoio político potencial de muita gente, forçando-a a participar na execução de obras pesadas ou repugnantes, que mais tarde ou mais cedo terão que ser levadas a cabo. Os únicos indivíduos que vemos realmente fazendo trabalhos forçados, são os membros do partido nazista que andam sombriamente expiando as suas culpas partidárias com a limpeza do entulho e dos escombros, ou então alguns prisioneiros de guerra que os Aliados soltaram sob a condição de que iriam trabalhar nas fazendas ou nas minas de carvão.

Os raros trabalhadores voluntários que encontramos são empregados das estradas de ferro, artífices, artistas manuais, mecânicos e técnicos, e a maior parte deles estão trabalhando por duas razões principais: Uma é que desejam adquirir, por assim dizer, uma espécie de privilégio, na esperança de que mais tarde possam reorganizar o seu antigo sindicato ou grêmio, de carater exclusivo e monopolístico. A outra, é que os membros das várias artes e ofícios—carpinteiros, bombeiros, alfaiates, etc.—se estão governando muito melhor do que em época alguma do seu passado. É bem verdade que os seus salários são fixados pelos funcionários citadinos, mas poucos operários aceitarão executar uma obra, a não ser que lhes seja oferecido um presente de valor, de preferência em utilidades, e não em dinheiro.

A grande massa da população urbana se limita a ver correr o marfim, e passa o melhor do seu tempo em trocas, ou vasculhando e surripiando — arte que durante a guerra atingiu o cúmulo da perfeição.

Os pobres vivem em porões aparentemente inhabitaveis, ou nos andares térreos, mal ou peor remendados, dos bairros interiores das cidades; outros construiram barracas nos arrabaldes. Os miseraveis habitam em barracões de madeira ou nos abrigos contra reides aéreos, de grossas paredes, que são autênticas fortalezas capazes de albergar mil ou mais pessoas.

Quanto aos ricos, a maior parte dos quais se governaram muito bem e fizeram fortunas sob o regime hitleriano, ainda continuam morando nas suas confortaveis vivendas suburbanas. A maior parte da gente de classe média ficou nas cidades durante os bombardeios, e quase sempre lhe foi possivel salvar dois ou três cômodos intactos nos seus apartamentos.

Encontrei, entre tantos que vi, um sujeito que se pode considerar típico dos alemães de classe média, um tal Josef Koelmann, capataz de 47 anos, natural de Colônia. Koelmann é um homem de sólido arcabouço, que goza de excelente saude e anda bem enroupado. Foi por algum tempo patrão, e patrão severo, de uns 150 deportados belgas e tchecos que trabalhavam numa fábrica de aço; os reides aéreos parecem tê-lo reduzido a proporções um pouco mais modestas...

A sua existência pode parecer dura demais ao leitor, mas, para ele, tornou-se quase por assim dizer normal. Os regulamentos e as restrições circunscrevem-no por todos os lados. É obrigado, em primeiro lugar, a se manter dentro dum raio de 16 quilômetros a contar dos limites da cidade. Se vai visitar um amigo, é forçado a regressar a sua casa, correndo, antes que toque o recolher, que é ao pôr-do-sol; ou então tem que passar a noite lá. Deve trazer sempre no bolso a sua carteira de identidade e um salvo-conduto para circular. Não pode conduzir nenhum veículo nem mudar-se para outra casa. Há mais de um ano que não põe os pés num cinema, teatro ou concerto. O seu único contacto com o mundo exterior é o jornal semanal, controlado pelos Aliados, e o rádio, que só transmite programas russos, ingleses e americanos. Ainda assim, Herr Koelmann trocou o seu melhor jaquetão de passeio, para adquirir um rádio.

No apartamento de dois quartos, esfrangalhados pelas bombas, onde mora na companhia da esposa e de dois filhos, o fogão fornece todo o calor disponivel de que se pode gozar. Cavando entre as ruinas da cidade para conseguir um pouco mais de carvão, Koelmann contribue assim com um suplemento à magra ração de combustivel. A eletricidade, o gás, a água corrente, são artigos de luxo que só ocasionalmente funcionam.

Tal qual os seus vizinhos, Koelmann transborda de lamentações, choraminga, e nutre teimosas esperanças (sem base real, já se vê) de vir a conseguir alguma coisa sem ter que trabalhar para o conseguir. Nada está mais longe do seu pensamento, do que a idéia de responsabilidade pessoal pelas contribuições muito consideraveis que ele e outros deram para que a Alemanha se tornasse um possante agressor. Tudo o que importa é acumular mais alguns jarros de conservas nas prateleiras do porão, e amontoar mais carvão na carvoeira. E diga-se em abono da verdade que, nesse gênero de atividade, Koelmann é tão esperto como infatigavel: conhece todos os truques e manhas do regime de troca, da cavação e do mercado clandestino.

A maioria dos alemães têm dinheiro a rodo, que é o fruto acumulado de longos anos de guerra com salários altos, economias, e possibilidades limitadas de gastá-los. Os moradores das cidades recebiam do estado nazista 5 mil a 15 mil marcos de seguro contra os prejuizos causados à propriedade pelos bombardeios. Durante anos, igualmente, eles cobraram generosas compensações e benefícios de seguro-

Poucos homens estarão em melhores condições para descrever a Alemanha do que Lewis Gittler. Com diploma de curso superior numa universidade americana, foi há tempos especializar-se na Universidade de Berlim, tendo permanecido durante alguns anos no país. Com o advento do nazismo, resolveu ir ficando, para observar de perto como funcionava o novo sistema. Apresentava-se a todos como filho de pais alemães, nascido no estrangeiro, e assim foi que estudou dois anos na *Hochschule für Politik*, escola nazista que se destinava a treinar espiões e agentes de propaganda política.

Mais tarde escreveu, de colaboração com Ladislau Farago, o livro *German Psychological Warfare*, um estudo da «guerra psicológica» alemã. Durante a guerra, foi encarregado pelo governo dos Estados Unidos de analisar a propaganda alemã, tendo servido como observador político do exército americano na Alemanha.

de-vida pelos membros da família que tinham no exército. Acresce a tudo isso que os combatentes remetiam para suas famílias grandes quantidades de botim de guerra.

Herr Koelmann, por exemplo, possue um saldo em dinheiro de 15 mil marcos. O apartamento e todas as rações alimentares, para sua família de quatro pessoas, custam-lhe apenas 180 marcos ao mês. Todos os alemães que residem nas cidades recebem as mesmas rações: pão, maçãs, batatas, gorduras sintéticas, ovos e farinha de bolos, tudo sintético; café sintético «Hitler», carne e manteiga para uma refeição por semana, nabos, repolho e açucar, com uma porção de queijo e de compota de vez em quando.

TODOS os alemães são obrigados a comprar as suas rações no mesmo armazem, açougue ou padaria, em cujos registos se encontre o seu nome. Alem das farmácias, bancos e institutos de beleza, são esses os únicos negócios que hoje funcionam.

Àparte as rações que com ele se podem comprar, o dinheiro alemão é praticamente destituido de valor. Os traficantes do mercado negro, tanto profissionais como amadores, torcem o nariz às notas de banco; só querem bens que sejam suscetiveis de se fazer transação, coisas de utilidade diária tais como sombrinhas e canetas-tinteiros ou artigos suntuários, tais como café autêntico ou cigarros. Por um maço de cigarros, qualquer alemão estará pronto a sujeitar-se a 12 horas de trabalhos forçados.

Assim, os verdadeiros «ricos» da Alemanha de hoje, são os indivíduos que possuem uma reserva desses bens duraveis, ou de gêneros alimentícios. Todo e cada alemão tinha o seu esconderijo num porão ou barracão de quintal, onde durante os anos de guerra foi acumulando as suas posses mais caras. Foi-lhe possivel salvar da destruição a maior parte dos objetos de uso pessoal, vestuário, artigos domésticos, rádio, bicicleta, utensílios elétricos, jóias, brinquedos e ferramentas. Assim se explica que os alemães se nos apresentam hoje tão bem vestidos, e tão bem guarnecidas as suas casas.

A maior parte do açambarcamento teve início por alturas da invasão da Normandia. As casas que ficavam meio destruidas durante os bombardeamentos aéreos eram assaltadas, e as suas reservas alimentares e abrigos de peles eram pilhados. Mas a acumulação dessas reservas atingiu intensidade máxima com a captura da cidade, fosse ela qual fosse, pelos Aliados. Nos primeiros dias da ocupação, os alemães assaltaram sem escrúpulo nem pudor os depósitos e armazens, os barracões de mercadorias dos portos e estações ferroviárias, as residências e propriedades evacuadas pelos moradores. Eu vi nos arredores de Kassel um castelo de cincoenta cômodos, modernizado, que em duas horas fora despojado de todo o seu recheio, por um bando de sólidos e honrados cidadãos que dalí sairam empurrando carrinhos de mão e carruagens de bebês, atulhados do espólio...

ESSES agentes de pilhagem viraram agora vendilhões amadores do mercado negro, e nunca param de mercadejar. Põem anúncios nos semanários locais, fazem subrepticiamente negócio com os soldados americanos; um destes dará de boa-vontade três maços de cigarros em troca dum aparelho fotográfico. Os alemães irão depois trocar os três maços por uma garrafa de conhaque, contra a qual um lavrador entregará 1 kg de carne.

«O maior ricaço» de Francfort é hoje um traficante de mercado negro, conhecido por todos simplesmente como Friedl. Vive nos fundos dum edifício que ficou completamente desmoronado. A gente se mete por uma vereda aberta entre ruinas, e avista de repente uma pequena casa em perfeito estado de conservação. Friedl tem 40 galinhas encurraladas no seu pequeno pátio, e um automovel disfarçado atrás dum muro feito de palha e madeira. Numa garage encontram-se os artigos mais variados, como sejam pneus de bicicleta, vidraças de janela, e rodas de carrinhos para bebês.

Friedl é um tipo astuto e ambicioso, dotado dum talento especial e da paixão de mercadejar, e há cinco anos que se dedica a esse negócio. Sua casa está tão atravancada de coisas como uma loja de prego: relógios, instrumentos musicais, mobílias, rádios, malas de todos os tamanhos e feitios, bijuteria, molhos de trapo.

Escondidos algures, dentro da casa ou debaixo dela (que «nem a própria Gestapo seria capaz de encontrar!») estão caixas de cigarros americanos, quantidades de café concentrado, e todo um estoque de tabletes de chocolate. Friedl sabe perfeitamente que a detenção de artigos provenientes do exército americano é punida com severas penas, e não é tolo a ponto de se pôr a mostrá-los. Como ele os consegue, isso é que não nos foi possivel averiguar.

Friedl passa o dia correndo a cidade em bicicleta, visitando os fregueses regulares da sua lista. Toma nota no seu «caderninho preto» do que cada qual tem a oferecer para troca. O dinheiro não lhe interessa, tanto assim que nem sequer aceita moeda estrangeira: esta é uma coisa que «queima as mãos». Com efeito, o Governo Militar Aliado mandou retirar da circulação todas as moedas estrangeiras.

«Alem disso,» declarou-me Friedl com a habitual choradeira de todos os alemães, «eu nunca poderei vir a sair da Alemanha para poder gastar as cambiais estrangeiras. Esse dinheiro ficaria apodrecendo aí, enquanto eu morresse de fome...»

Ora, aquí entre nós, Friedl será o último dos alemães a morrer de fome.

Os homens que geriam a indústria e o comércio da Alemanha antes da guerra e durante ela, e que eram talvez a gente mais importante da Alemanha, vão ficar ociosos ainda por muito tempo. São os diretores de empresas que não têm escritório, os industriais e engenheiros sem fábricas, os químicos sem laboratório, os professores que perderam a cátedra. Alguns deles, aparentemente com um passado «limpo», conseguiram encontrar emprego na administração das cidades; outros andam vendo se descobrem alguma indústria «segura», que não seja de guerra e possa por isso merecer a aprovação das autoridades aliadas.

Essa elite desocupada não se esquece de prevenir os administradores aliados contra o «caos» que sobrevirá, se eles derem liberdades à classe operária, e continua a teimar em que a democracia é um regime «anti-germânico», pelo que se torna imperioso instituir na Alemanha um governo de «força». Deploram sempre, é claro, os excessos do Nazismo, mas não deixam de pôr em relevo os «lados bons» do sistema hitleriano. Essa gente alimenta uma esperança acima de todas embaladora: a dum conflito possivel entre a União Soviética e as nações ocidentais...

Grande parte da juventude alemã, que foi criada e educada no respeito da força, mostra-se impressionada e estarrecida pelo poderio aliado. Alguns jovens alemães chegaram mesmo à conclusão de que talvez a democracia, afinal de contas, seja

um sistema preferivel ao Nazismo — já que provou ser capaz de «ganhar guerras»...

Se a Alemanha algum dia voltar a produzir um movimento nazista, este terá muito provavelmente origem nas zonas rurais. Os habitantes das aldeias e das fazendas não foram visitados pelas bombas; pouco é o que viram dos horrores da guerra; gozam de prosperidade, pois há anos que vêm tirando couro e cabelo aos moradores das cidades. Falta-lhes o sentimento da derrota, que tem o alemão citadino, e nem sequer têm a aparência de quem levou uma surra. Recebem com amarga arrogância a idéia da derrota da Alemanha e da ocupação estrangeira. Mostram-se insolentes; quando interrogados, fingem-se de estúpidos ou de ignorantes; pede-se-lhes uma informação sobre uma estrada, e dão-na sempre errada; rasgam as proclamações aliadas; e agora, que já não têm mais os seus «escravos» poloneses e russos, os fazendeiros não se mostram dispostos a gastar as forças para nutrir a Alemanha esfaimada. O que cultivam chega para o seu consumo pessoal, e quanto aos mais— pouco importa.

É grande, é mesmo excessivo o número de alemães que estão convencidos de que, apesar de todos os avisos, os aliados acabarão abarrotando as cidades alemãs de abastecimentos. Uma professora primária, por exemplo, dizia-me com a mais perfeita candura: «Nós agora somos colônia dos Estados Unidos! Meu marido diz que os americanos terão que cuidar de nós, e que vamos viver na prosperidade.»

Assim se pensa, e assim se vive nas cidades da Alemanha vencida.

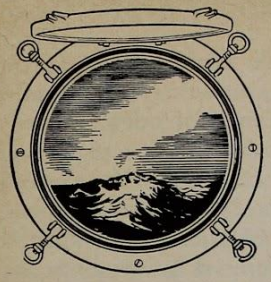
Hans, o culpado

Um correspondente de imprensa do Daily Mail de Londres, chamado Lane Norcott, enojado com as entrevistas feitas com diversos membros do Alto Comando Germânico, enviou da Alemanha a seguinte reportagem:

¶ É CLARO e indiscutivel que o povo alemão sempre teve ódio ao nazismo e à guerra. Os alemães são os mais fervorosos amantes da paz em todo o mundo, e nunca detestaram tanto a alguem como ao Fuehrer. Quem foi, pois, o responsavel pela guerra, que os alemães jamais desejaram? Foi um sujeito insignificante, de óculos, chamado Hans Puffler, de Bad-Muckinstein. Em 1938, Hans, sem que o povo alemão soubesse, conseguiu eleger Hitler, disfarçando-se e correndo de uma urna para outra, 13.400.000 vezes. Ninguem mais, senão ele, exclamava aqueles entusiásticos *Sieg heil*, onde quer que Hitler parasse para respirar. Todos aqueles inferiores «camisas-pardas» que marchavam com passo de ganso pela *Unter den Linden* eram sósias de Hans Puffler—tudo eram reflexos, obtidos com um jogo de espelhos... Foi Hans Puffler que organizou, sozinho, os campos de concentração, que cometeu atrocidades sem conta, invadiu pessoalmente a Polônia, e desencadeou a guerra.

Não podemos culpar todo o povo alemão pela obra de um só homem. Não tardará muito em se apurar que, dos 66 milhões de alemães, 65.999.999 são absolutamente inocentes. Desse povo docil, gentil, amante do lar, há apenas um verdadeiro criminoso, culpado da guerra—Hans Puffler; e este, em nossa opinião, não deve ser duramente castigado.

—Bennett Cerf na *Saturday Review of Literature*



O conto que ele não chegou a escrever

Por ANTHONY ABBOT

COMO tantos outros homens que alcançaram na vida um êxito brilhante, alimentava meu amigo uma ambição secreta, que nunca lhe fora possivel satisfazer: ansiava por escrever histórias fantásticas, mas nunca encontrava tempo para fazê-lo.

«Há uma história que me persegue o espírito,» contou-me, certa feita. «Trata-se de uma terrivel experiência que sucedeu, realmente, a uma jovem conhecida minha. Você quer ouví-la?»

Ao meu ansioso «É claro que sim!» sua risada franca ecoou pela sala, de forma estranha e teto arqueado, onde nos achávamos.

O nome da jovem, começou ele, era Marjorie. Sem um tostão, mas descendendo de uma dessas famílias tradicionais, tinha um rostinho de expressão suave e meiga, e fora educada por uma tia, cujo projeto era fazer que ela encontrasse um milhão de dólares e se casasse com eles. Por conseguinte, quando, aos 17 anos, Marjorie se apaixonou por um pobre estudante de medicina, a tia, prontamente, decidiu levá-la para o estrangeiro. A pequena havia de arrefecer seus entusiasmos, entre as neves alpinas de um colégio suiço.

Quis a sorte que, dois dias antes da partida, a tia tivesse que se recolher às pressas a um hospital, para uma operação urgente. Era uma trégua, imaginou Marjorie. Mas, qual nada! Mal passados os efeitos do eter, ordenou-lhe a tia que partisse sem ela. A única dificuldade era encontrar imediatamente uma pessoa para acompanhá-la. Mas isto mesmo não veio a representar problema algum, pois um agente da companhia de navegação informou-as de que uma freira, a Irmã Ágata, ia tambem fazer a travessia sozinha, e teria todo o prazer em tomar conta da jovem passageira.

Até que soasse a última badalada da meia noite, hora em que o navio devia partir, Marjorie ficou no convés, com seu jovem namorado. Chorou quando ele correu em direção à escada; soluçou ao vê-lo no cais, acenando-lhe um último adeus. Quando, por fim, a solitária jovem foi ter ao camarote, a Irmã Ágata já estava dormindo.

Ao raiar o dia, Marjorie foi despertada por uns passageiros turbulentos, que cantavam, a caminho do camarote. As cortinas da cama da freira ainda estavam fechadas. Com muita cautela, calçou as sandálias, enfiou um roupão, e foi para o banheiro. Mas, lá chegando, parou, no limiar da porta, com a respiração arfante, tomada de pavor.

O que ela estava vendo, diante do espelho da pia, era uma pessoa alta, vestida como uma freira, mas com o rosto coberto de espuma de sabão e erguendo no espaço uma navalha.

A Irmã Ágata estava fazendo a barba!

Marjorie quis gritar por socorro, e sair

correndo pela porta do camarote, mas não pôde fazer nem uma coisa, nem outra; sentia como se a garganta estivesse paralisada e o corpo acorrentado. O homem abaixou lentamente a navalha, fixando os olhos nela. Viu, então, que o rosto áspero do desconhecido estava lívido e, nos seus olhos verdes, de olhar duro, havia uma expressão de ódio e de pavor, intoleravel.

«Não diga uma palavra, se não quiser morrer,» avisou-a.

Marjorie sentiu um ruido nos ouvidos, e umas pancadas surdas, que não provinham do motor do navio, mas de seu próprio coração.

«É melhor que segure a porta,» acrescentou o homem. «E trate de não desmaiar...»

Ela enguliu em seco, e ouviu sua própria voz, remota e como que irreal, dizendo: «Estou bem, obrigada.»

Ele afiou a navalha na palma da mão, e sorriu.

«Você nada tem a recear, se souber portar-se bem.»

Aproximou-se dela, dominando-a do alto, com sua formidavel estatura. «Isso não fazia parte de meu plano. Meus amigos pegaram uma freira que conheciam, e me trouxeram a passagem e o hábito que ela levava. Tratarão de pô-la em liberdade, sã e salva, logo que eu estiver do outro lado. Tudo o que eu desejo é passar despercebido durante a viagem. Mas na noite passada, mal eu chego a bordo, quem se dirige a mim? O comandante. Fiquei calado, enquanto ele me informava de que a Irmã Ágata tinha que tomar conta de você... Pensou que eu estivesse dormindo, quando chegou ontem, não foi?»

Sorriu, cinicamente, e acrescentou:

«Pois minha cara pequena, estamos condenados um ao outro, por toda a viagem, e não hei-de perdê-la de vista, um só instante, dia e noite. Uma palavra, e corto-lhe o pescoço. Entendeu bem?»

A seguir, estendeu a mão, e tocou-a de leve, com uns dedos frios. «De uma coisa pode estar certa. Não tenho intenções sentimentais. Você está sã e salva, deste ponto de vista, como se estivesse nos braços de mamãe. Contanto que siga à risca minhas instruções.»

Começou, então, para Marjorie, o que parecia uma eternidade de terror. O desconhecido só dormia de madrugada, deitado de encontro à porta. O dia começava cedo, para ela. Abria os olhos, antes do raiar da manhã. Alí ficava deitada, em silêncio, ouvindo o ruido dos motores, e com a pele arrepiada, ao pensar que começava outro dia de pavor.

Enquanto tomava banho, o sujeito ficava sentado do lado de fora da porta trancada. Todas as refeições eram servidas na cabine. A «freira» observava em silêncio os criados, quando estes vinham fazer as camas. À hora em que o médico de bordo surgia, para a sua visita diária, era Marjorie quem falava, tendo pedido até um remédio contra a insônia—de acordo com as ordens do desconhecido—pois sob o hábito negro uma pistola se achava apontada sobre ela.

No meio da viagem, surgiu uma espessa neblina, como se o próprio oceano se tivesse coberto de crepe. Da vigia, o que se avistava era um vazio úmido e cinzento, e dia e noite ouvia-se o grito incessante do apito do navio. Aquilo acabou por atacar-lhe os nervos, e a pobre pequena pôs-se a soluçar. O homem pôs-lhe a mão à boca: «Nada de nervoso bobo!» avisou. «Sente-se e leia para mim um de seus livros.»

Ela começou a ler em voz alta uma novela, a história de um amor culpado, e que, dentro em pouco, causou ao impostor a mais virtuosa indignação: «Que espécie de leitura é esta, para uma garota como você?» protestou, atirando o livro pela vigia. «Será possivel que não tenha algum livro respeitavel?»

Ela pôs-se então a ler a Bíblia. Embora as Escrituras parecessem surpreendê-lo, gostou muito da Epístola de São Mateus e de alguns dos Salmos. Durante uns dias, Marjorie alimentou a ingênua esperança de que os Evangelhos pudessem reformá-lo, mas ele se foi tornando cada vez mais inquieto e desconfiado, à medida que se aproximavam do porto.

Uma vez lançou-se sobre ela, gritando:

—Largue este livro. Que é que você acha que pode me acontecer?

Ela refletiu alguns segundos e respondeu, prudentemente:—Se eles tiverem descoberto alguma coisa, em Nova York, com certeza telegrafaram para a Europa. Não acha que pode haver detectives à sua espera?

—É muito pouco provavel que hajam descoberto alguma coisa, em Nova York, e, neste navio ninguem sabe de nada, a não ser você. Parou, e pôs-se a fixá-la com um olhar de louco:—A não ser você! repetiu.

Foi naquele momento que a compaixão e o medo que ele inspirava a Marjorie, se transformaram num verdadeiro pânico. Ambos sabiam que ela podia denunciá-lo, quando chegassem ao porto, e servir de testemunha se ele fosse apanhado. No dia seguinte, de manhã, iam atracar em Cherburgo. Era possivel que as horas de sua vida já estivessem contadas...

No entanto, a despeito de todos os receios, Marjorie dormiu um sono profundo, àquela última noite. Ao despertar, o navio estava ancorado no porto e o médico, o comandante e a enfermeira se achavam à sua cabeceira.

Quando ela conseguiu erguer-se, com grande esforço, viu um hábito preto jogado sobre a cama, do outro lado do camarote. O médico bateu-lhe de leve no ombro dizendo: «Você passou por uma terrivel experiência, menina. Ele deixou esta nota para você.»

Ela começou a lê-la, e eis o que dizia: «Adeus, Marjorie, e muito lhe agradeço por se ter mostrado tão boazinha e tão camarada. Espere pelo estudante de medicina de que me falou. Seu coração há-de saber julgar melhor que sua tia. Desculpe-me por ter posto uma boa dose de remédio contra a insônia no seu café, mas era imprescindivel, porque eu precisava despir-me. Saí pela vigia. Nunca fiz realmente mal a ninguem, até agora, e, se eu me sair desta, nunca o farei. A certa altura, eu lhe teria cortado o pescoço, não fosse aquele trecho que você me leu sobre o Bom Ladrão. Caí das nuvens, com aquilo.»

Não havia assinatura alguma.

As HORAS bateram num pequeno relógio de prata. Chegara o momento de irmos dormir. Agradecí a meu amigo, e prometí-lhe que algum dia tentaria escrever a história que ele me narrara. Deixei então a sala oval da Casa Branca, com suas maquetes de navios, albuns de selos, e tesouros históricos, dando boa noite ao meu amigo, que tanto desejava escrever histórias fantásticas: Franklin Delano Roosevelt.

¶ *Provérbio americano*: «Tira o chapéu, para o passado; tira o casaco, para o futuro.»

O primeiro-ministro Clement R. Attlee não é de chamar a atenção, mas é dotado de sólidas qualidades

O sucessor de Churchill

Condensado do «Time»

UMA DAS coisas que os ingleses esperaram conseguir, ao votarem como fizeram nas eleições de julho passado, foi um governo de partido, em vez dum governo de personalidades. Aceito esse postulado, o lider do Partido Trabalhista, hoje primeiro ministro da Grã Bretanha, era o homem quase idealmente indicado para vencer. Sincero, sensivel e acanhado, o major Clement Richard Attlee é um indivíduo incolor, gostando de passar despercebido, pequeno de estatura e até certo ponto glacial, que arrasta um pouco as pernas quando anda, e discursa sem lançar mão dos efeitos de oratória, em que pelo contrário, é mestre o seu famoso predecessor. Na Conferência de Berlim, Attlee (no dizer de certos críticos) parecia mais o criado de quarto de Winston do que o seu sucessor... A verdade porem é que, debaixo daquela calva reluzente, funciona uma boa cerebração.

Attlee é um político laborista mais por força de vontade do que por força de uma origem humilde: nascido em 1883, filho dum advogado reacionário, educou-se em uma das escolas particulares mais aristocráticas da Inglaterra, a de Haileybury, e depois na universidade de Oxford. Teve pois o treino dos lordes. Aos 22 anos, parecia encaminhar-se para os triunfos do foro, e era um conservador...

Interveio aquí o Destino, sob a forma do secretário do Haileybury Club, que um dia convidou o jovem jurista a fazer uma visita aos bairros miseraveis do East End londrino. Attlee lá foi—de chapéu alto, gravata branca e casaca! A sua apresentação excessivamente cuidada ia quase provocando um motim popular. Houve aliás certo distúrbio, de que o advogado saiu sem cartola e com um olho esmurrado. Tambem de lá voltou com um interesse novo: o dos problemas sociais.

Começou então a ler os apóstolos literários do socialismo inglês. Aderiu à famosa Sociedade dos Fabianos, que havia repudiado as teorias de violência revolucionária de Carlos Marx, em favor da crença no triunfo final do Socialismo por meio do voto. Mais tarde aderiu tambem ao Partido Trabalhista, então ainda embrionário.

O jovem Attlee apoiava as palavras com os atos, e não tardou em sair da casa de seu pai para ir morar num modesto apartamento de dois quartos, entre os pobres do East End. Foi eleito secretário do *Toynbee Hall*, centro vanguardista de serviço social, e passado tempo era nomeado professor na Escola de Ciências

Um «estudo» em contrastes

O QUE mais impressiona à primeira vista, é o contraste entre Attlee e o homem que ele foi substituir. Os americanos deviam, entretanto, compreender esse contraste melhor do que qualquer outro povo. Já víramos Harry Truman, homem apagado e de poucas falas, tomar o lugar duma das personalidades mais bizarras e empolgantes da história da América. Poucos meses passados, o presidente Truman já conquistou o seu lugar ao sol, e ninguem se preocupa mais com isso.

Pense-se um instante só nessa grande figura que é Winston Churchill—John Bull em pessoa, com toda a sua cordialidade, seu humor, pugnacidade, temperamento e gosto de viver, um dos maiores tribunos da história da Inglaterra, grande homem em todos os sentidos da palavra, e transbordante de tremendas energias. Depois, olhe-se para um retrato de Attlee: não há comparação possivel. Tudo o que ele nos sugere é uma enumeração de caraterísticas opostas.

Querem um símbolo? Têm-no no charuto e no cachimbo. Não podemos pensar no ex-primeiro ministro sem o seu havano de palmo, espetado arrogantemente numa face de querubim. Veremos Attlee com o cachimbo na mão ou na boca, um cachimbo pequenino, inglês, de gentilhomem. Há poucos anos o fumo escasseava, e Attlee, então primeiro-ministro substituto, podia ter usado da sua influência para obter um suprimento. Nada disso! Continuou a comprar o fumo nas charutarias, como qualquer cidadão, e houve um dia quem o visse pedindo a um carregador de hotel, em tom que era quase patético, se ele não lhe poderia arranjar um pouquinho de fumo...

É nessas pequenas coisas que o carater se revela. O sr. Attlee é um conformista; um inglês sólido e estavel, um *gentleman*, um conservador. Procurem no Registro Social, e verão: os seus esportes favoritos são o tenis e o golfe. Lá está. Ele é, à sua maneira, tão caracteristicamente britânico quanto Churchill. É o tipo de inglês suburbano, cotidiano. Sua casa em estilo antiquado, de tijolo vermelho, em Stanmore, Middlesex, não se distingue absolutamente de centenas de outras na mesma vizinhança.

Não foi nem a agressividade nem a ambição sem escrúpulos que levaram Attlee ao poder: ele é hoje primeiro-ministro porque, durante 23 anos, desde que é membro do Parlamento, preencheu funções após funções em vários governos, com inteligência, honestidade, e um sentimento profundo da confiança que nele depunham. Sua vitória é prova de que, quando um homem possue integridade, não necessita de pitoresco nem duma aparência impressionante para abrir caminho.

Herbert L. Matthews, no *Times* de New York

Econômicas de Londres. Os maltrapilhos íncolas do vasto bairro pobre de Londres chamado Limehouse, acabaram se familiarizando com o seu jaquetão de lã e o seu cachimbo fumegante, que quase nunca larga. Adquiriu assim conhecimentos diretos, de primeira mão, sobre a miséria das classes trabalhadoras e os problemas do proletariado.

A Primeira Guerra Mundial veio interromper a educação política de Clement Attlee. Uma hora e meia depois de a Inglaterra haver declarado a guerra, alistou-se voluntariamente no exército. Cinco anos depois voltava à vida civil com a patente de major, a medalha de Serviços Distintos, e alguns ferimentos de gravidade.

Foram os estivadores do bairro de Limehouse que lançaram Attlee na carreira

parlamentar, em 1922, e desde então a sua cadeira de representante do povo tem sido das mais seguras de toda a vida política da Inglaterra.

No primeiro governo trabalhista, em 1924, Attlee serviu como ministro assistente da Guerra, e em várias alturas depois disso preencheu outros postos no gabinete. Os camaradas impacientes da ala esquerda do partido trabalhista fizeram dele o alvo facil e preferido das suas frechadas: «Raras vezes se nota a sua presença nos comícios,» diziam; «os seus discursos arrancam mais aplausos antes de pronunciados, do que depois.» E insistiam com acinte em que Attlee tinha apenas um gesto familiar como tribuno: levantar o braço direito, e coçar a cabeça por cima da orelha esquerda...

Mas o seu colorido neutro—a mesma qualidade que fez dele, talvez, o melhor primeiro-ministro que o Trabalho podia antepor aos 9 milhões de inquietos ingleses que tinham dado o seu voto aos Conservadores—tambem o ajudou a subir de posto, por entre as lutas de facção no seio do Partido Trabalhista. E Attlee se tornou no *Labor Party* o lider preferido para as conciliações.

Attlee é acima de tudo um sujeito amigo da sua casa. Membro do seleto Club Athenaeum, só vai jantar lá uma vez por outra, e não deixa, de tempos a tempos, de dizer uma boa piada. Mas é na sua casa de Middlesex que ele passa a maior parte do tempo livre, remexendo na terra do quintal, tratando das galinhas, ou trabalhando um pouco em carpintaria. Já por quatro vezes botou abaixo e reconstruiu o galinheiro, e ainda não se dá por satisfeito com ele...

Casou-se em 1922 com uma das filhas duma família de classe média do Hampstead. O casal tem hoje três filhas e um filho, que está na marinha mercante. A sra. Attlee, que possue carater dinâmico, contribuiu para que o Partido Trabalhista abrisse pela primeira vez um precedente, ao guiar ela própria o auto em que o marido (que não sabe guiar) foi receber das mãos da Majestade Britânica os selos do poder.

Por aí se vê logo que começava o fim duma era...

Psicologia elementar

¶ Precisando de uma nova secretária, o presidente de uma companhia achou que as candidatas ao lugar deviam ser julgadas por um psicólogo. Três jovens foram entrevistadas juntas.

—Dois e dois, quantos são? perguntou o psicólogo à primeira.

—Quatro, respondeu ela prontamente. A mesma pergunta foi feita às duas outras. A segunda respondeu:—Pode ser 22. E a terceira:—Pode ser 22 e pode ser quatro.

As candidatas se retiraram, e o examinador disse ao presidente, triunfantemente:—Eis aí o valor da psicologia! A primeira candidata deu a resposta óbvia; a segunda desconfiou de alguma coisa; e a terceira se contentava com qualquer solução. Qual das três o senhor prefere?

O presidente não pestanejou.—A loura, de olhos azues, disse ele.

—*The Canteen*

«So sei que foi assim que aconteceu»

(*Condensado do «Christian Herald»*)

Por ARCHIBALD RUTLEDGE

Archibald Rutledge, poeta, naturalista e proprietário de uma fazenda na Carolina do Sul, testifica: «Esta história é verdadeira, palavra por palavra, embora eu tenha mudado, naturalmente, o nome dos que nela tomam parte. Essa experiência modificou minha atitude em face ao poder da oração, erguendo as névoas de dúvida, em que tantas vezes nos debatemos.»

Jim Norwood—homem bondoso, sensivel, e um verdadeiro místico—é, desde há muito, um grande amigo meu. Quanto a Tyler Somerset, é um velho conhecido. Não me parece provavel que tenha tido jamais um amigo íntimo, pois possue uma sinistra reputação. Assassinou um homem, tendo passado anos numa penitenciária federal. Vive nuns miseraveis hectares de terra, nos bosques de pinheiros que se encontram na costa da Carolina do Sul, e passa a maior parte do tempo rondando por alí fora, ou caçando sozinho.

Norwood possue uma grande plantação, a uns 20 quilômetros da minha. Orgulhou-se, sempre, da paz e tranquilidade que reinam na sua linda propriedade, e de seus perús e veados. Qualquer pessoa pode ter acesso ao domínio, mas há, por toda parte, sinais proibindo a caça. Jim dedica grande afeto a tudo o que tem vida. Não caça nunca, e, se há uma coisa capaz de irritá-lo, é isto de caçarem sem licença.

Jim veio ver-me, num dia de inverno, e, pelo seu aspecto, geralmente tão alegre, percebí logo que estava muito aflito.

—Estou tendo grandes aborrecimentos com Tyler Somerset, disse-me ele. —Vim ver se você me dá um conselho. Estou num beco sem saida.

—Ele está caçando sem licença? perguntei, conhecendo bem a paixão de Tyler.

—Peor que isso. Ele me odeia. Odeia-me pelo que tenho, e, talvez, pelo que sou. E como você sabe, acrescentou, —o ódio gratuito é sempre o peor.

—Fez abertamente alguma coisa contra você?

—Vem matando meus animais de caça sistematicamente. Atira nos veados, nas corças e até nos filhotes de perús. Procurou incendiar meu bosque, cinco vezes. Já perdí grande quantidade de árvores, e agora parece que ele resolveu acabar com toda a propriedade.

—E como é que você tem reagido a tudo isso?

—Procurei usar de meios suasórios, respondeu Jim, com um sorriso triste. —Mas é tão dificil acercar-se de Tyler, quanto de uma cascavel. Parece que o

maior prazer que ele tem na vida é o de prejudicar-me. Outro dia, encontrei-o na estrada, com um de meus perús sobre o ombro. Quando procurei ter uma conversa razoavel com ele, pôs-se a xingar-me. Alguns amigos vieram dizer-me que ele já prometeu me matar.

—Você já procurou recorrer à justiça? Podem prendê-lo, como medida de segurança.

A resposta de Jim revela a qualidade de seu carater.

—Nunca perseguirei ninguem. Não é do meu feitio. Quanto a requerer indenização pelos estragos cometidos, Tyler não tem com que me pagar. Aliás, mesmo que eu ganhasse, sairia perdendo. Os indivíduos do tipo dele guardam rancor através de gerações. Deve haver uma maneira mais suave de atingí-lo. Como fazer com que um homem deixe de odiar?

Havia uma nota de desespero na pergunta. Eu, por mim, não sabia a resposta. Mas de alguma fonte de inspiração, alem de meus próprios sentidos, acudiu-me uma idéia. Surpreendeu-me, de algum modo, que o próprio Norwood não tivesse pensado nisso.

—Jim, lembrei eu, —você já recorreu aos meios humanos de reconciliação, e estes fracassaram. Porque não pede a Deus que transforme o coração de Tyler? Reze por ele. Dizem que o amor é mais forte que o ódio.

Norwood não troçou da minha sugestão. Uma luz cintilou nos seus olhos compassivos.

—Vou experimentar, respondeu.

Já havia quase esquecido o incidente quando, duas semanas depois, Jim voltou a visitar-me. Era claro que algo acontecera.

—Minha oração foi atendida, disse, logo de entrada, com uma tranquila alegria.

—A respeito de Tyler? perguntei eu curioso.

—Pois é. Fui vê-lo uma noite destas. Não sabia como seria recebido, e achava mesmo que ia cometer uma imprudência. Mas Tyler recebeu-me amavelmente, com toda a cortesia, e conversamos uma hora, como bons amigos, e bons vizinhos. Quando partí, acompanhou-me até ao portão.

«Sr. Norwood,» disse-me, então, com a timidez dos que vivem no mato. «Sinto muito ter causado tanto aborrecimento ao sr. Deus apareceu-me e disse-me que parasse com aquilo. Daquí por diante, é o que pretendo fazer.»

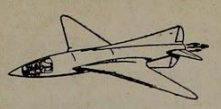
—Pois olhe, disse eu a Jim, —um homem como ele pode deixar de agir mal, mas nem uma só vez, em mil anos, é capaz de desculpar-se pelo que fez. Aconteceu portanto um duplo milagre!

—Eu tinha lá minhas dúvidas sobre o poder da oração, respondeu Norwood, —mas isso se passou comigo mesmo. Não sei como; só sei que foi assim que aconteceu.

Há já sete anos que venho observando o desenvolvimento de uma sincera e segura camaradagem entre Jim Norwood e Tyler Somerset. E estou persuadido de que uma oração oferecida por alguem—mesmo por um inimigo—pode vir a ser o «abre-te Sésamo» de um coração que, de outro modo, permaneceria trancado e inacessivel.

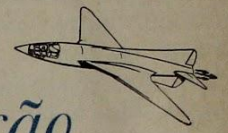
¶ Nunca nos devemos preocupar com mais de um problema ou contratempo de cada vez. Há muita gente que se preocupa, simultaneamente, com três grupos de problemas: os do passado, os do presente e os do futuro.

—Edward Everett Hale



Um técnico conceituado afirma que dentro de dez anos se viajará mais depressa que o som

A propulsão a jacto revoluciona a aviação



Condensado de uma conferência realizada na Escola de Engenharia da Universidade da Califórnia

Por Hall L. Hibbard

Vice-Presidente e Diretor Técnico da Fábrica de Aviões Lockheed

De todos os aperfeiçoamentos introduzidos na aviação durante a última guerra, o mais notavel é sem dúvida a propulsão a jacto. Não será exagero afirmar que ela constitue o início da fase final do esforço do homem para se impelir a si próprio através do espaço. Durante os seis anos de guerra, os melhores técnicos da aeronáutica, tanto aliados como inimigos, pouco mais puderam fazer do que elevar de uns escassos 80 quilômetros por hora a velocidade dos aviões normais. Nenhum conseguiu ir muito alem dos 750 quilômetros, que constituem o limite máximo de eficiência da hélice. Todavia, com a propulsão a jacto, a velocidade dos aviões aumentou bruscamente em proporção muito superior a 100 quilômetros por hora. Somente o sigilo de carater militar impede que se conheça com exatidão qual o novo limite alcançado.

Qual será a natureza dessa invenção destinada a exercer tanta influência na era de paz que já entramos tão auspiciosamente?

O princípio da propulsão a jacto, ou de reação direta, é simples. Suponhamos uma esfera cheia de gás iluminante, dotada de uma vela de ignição e de uma abertura na sua superfície; admitamos que se inflama o gás com as faiscas da vela. A explosão que se segue produz o aumento súbito da pressão no interior da esfera. As diversas forças componentes dessa pressão neutralizam-se umas às outras, exceto as que atuam sobre a parede da esfera na parte diametralmente oposta à abertura, onde a pressão é efetiva. Mas no outro lado, no ponto por onde os gases se escapam, a pressão é zero. Em consequência desse desequilíbrio de forças, a esfera é impelida na direção da pressão efetiva, isto é, para o lado oposto àquele em que se acha o orifício.

Convem notar que o deslocamento da esfera *não resulta*, como muitas pessoas pensam, da resistência oferecida à expansão dos gases quentes pela massa de ar que circunda a esfera. Nada do que existe no exterior tem qualquer influência sobre o deslocamento da esfera, que pode estar rodeada de ar, água ou vácuo.

Há três tipos de propulsão a jacto. Em teoria, o melhor e mais simples é o do foguete, que não exige ar exterior para alimentar a combustão. Será esse o meio ideal de transporte que nos há-de condu-

zir um dia alem dos limites da atmosfera terrestre. O motor-foguete não tem complicações. Consiste em um reservatório com oxigênio, geralmente liquefeito, que é introduzido, por meio de bomba, diretamente na câmara de combustão. O combustivel — alcool ou gasolina — é transportado em outro depósito.

Esse tipo de motor foi utilizado com êxito nas bombas-foguetes alemãs do tipo V-2. A velocidade desse engenhoso instrumento de destruição excedia a 4 mil quilômetros por hora, a altitudes superiores a 90 quilômetros. Os ingleses podem testemunhar que não se trata de um sonho.

O segundo tipo de motor a jacto difere do foguete pela circunstância de exigir a aspiração do ar exterior e a sua mistura com o combustivel, afim de alimentar a combustão. O que a General Electric constrói atualmente para os aviões Lockheed P-80 «Estrela Voadora» é o mais poderoso de quantos se construiram até hoje. Apesar de funcionar somente nos limites da atmosfera, pode elevar-se a alturas ainda não atingidas por qualquer avião normal.

O ar entra pela frente do motor, é comprimido por um possante ventilador, e penetra na câmara de combustão, onde se mistura com o combustivel injetado a alta pressão. A explosão contínua que alí se dá aquece os gases a elevada temperatura e os força a expandir-se com violência. O combustivel que presentemente se emprega é o querosene. A explosão inicial é determinada por uma vela de ignição, mas uma pequena vela metálica de incandescência, que se aquece ao rubro branco em poucos segundos, passa a inflamar a mistura daí por diante. Não se exige nenhum sistema complicado de ignição. Essa é precisamente uma das vantagens que esse tipo de motores apresenta sobre os motores vulgares. Acresce que o motor a jacto não precisa de refrigeração, e quase pode dizer-se que os problemas de lubrificação tambem desapareceram. Seu pouco peso (bastante menos de meio quilo por cavalo) e sua grande simplicidade reduziram consideravelmente as dificuldades de traçado dos aviões e facilitaram muito o serviço de conservação.

O terceiro tipo consiste em um motor que dispõe de uma hélice normal acionada por uma turbina de gás, segundo os mesmos princípios básicos dos outros motores de jacto. Essa hélice a turbina só é eficiente a velocidades inferiores a 820 quilômetros por hora. Trata-se entretanto de um dispositivo simples que em breve se empregará em grande escala. Os motores desse tipo serão certamente usados nos trens do futuro, nos caminhões, e, provavelmente, nos próprios automoveis.

Tenho a certeza de que dentro de dez anos *todos* os aviões, militares, de transporte ou particulares, utilizarão uma dessas três formas de propulsão a jacto.

Voar em um avião a jacto proporciona uma sensação inteiramente diversa daquela a que estamos habituados. A fadiga provocada pelo ruido e pela vibração desaparece totalmente; o avião corta o espaço sem esforço e em silêncio, e os pilotos dizem que não se ouve mais que um zumbido agradavel enquanto o avião desliza na atmosfera. Visto de terra, porem, o P-80, ou qualquer outra aeronave a jacto, pode distinguir-se pelo silvo estranho que acompanha a sua passagem. O ruido das pás da turbina, combinado com o trovão contínuo do jacto, produz um som semelhante ao de um gigantesco maçarico de soldar.

A propulsão a jacto abre o caminho para velocidades até agora desconhecidas. O motor dos aviões de caça pode proporcionar, em vôos planos, velocidades superiores à do som, que excede a 1.200 quilômetros por hora, ao nivel do mar.

Tais velocidades proporcionam todavia problemas especiais de atrito e resistência ao avanço. À velocidades até cerca de 640 quilômetros por hora, essa resistência não é grave. Começa, porem, a elevar-se a partir desse limite, sobe bruscamente quando se alcançam os 800 k.p.h., e atinge o seu máximo à velocidade do som. Depois, baixa outra vez, quase tão depressa como subiu, e a 2.100 k.p.h. não é muito superior à resistência contra que se luta com êxito a velocidades muito mais baixas. É possivel que se possa atravessar a camada de alta resistência para alcançar a zona de baixa pressão e voar a velocidades superiores à do som.

O segundo fator, o atrito, limita positivamente a possibilidade de voar a mais de 2.400 quilômetros por hora na atmosfera da Terra. O atrito aquece os aviões a tal ponto, que nenhum ser humano poderá conservar-se no seu interior. Um sistema de refrigeração, com a potência suficiente para compensar esse aquecimento, seria pesado demais.

O problema é, porem, resolvido da mesma forma, uma vez que se abandone a atmosfera e se vôe nas camadas mais elevadas, onde não há ar. Os aviões foguetes proporcionarão alí velocidades praticamente ilimitadas.

Os alemães foram verdadeiros pioneiros nesse campo. O Messerschmitt 163-B, avião de caça do tipo foguete, foi o caça mais rápido do mundo até ao aparecimento do Lockheed P-80. Seu «teto» era teoricamente ilimitado, e uma vez que a cabine do piloto fosse preparada para resistir à pressão, ele poderia voar fora de nossa atmosfera. Felizmente para nós, os nazistas somente conseguiram dar-lhe um raio de ação de 15 minutos.

Os aviões de caça da atualidade já são obsoletos. Os aviões do futuro serão certamente impulsionados por motores de jacto ou de foguete, cujo princípio se pode aplicar a aviões de qualquer tamanho. As aeronaves comerciais voarão na atmosfera terrestre a velocidades superiores à do som, e quando necessitem de velocidades ainda maiores poderão elevar-se à estratosfera com o auxílio de foguetes. Logo que estes puderem transportar-nos no vácuo, as velocidades de 150 mil quilômetros por hora deixarão de ser fantasia.

Será, porem, o corpo humano suscetivel de suportar velocidades tão grandes? A resposta não parece oferecer dúvidas. O nosso planeta, com todos os seus habitantes e o meio que nos rodeia, desloca-se no espaço, de dia como de noite, a mais de 1.500 quilômetros por hora. Por outro lado, o sistema planetário gira em conjunto a cerca de 800 mil quilômetros por hora. Segundo a opinião dos médicos da aviação, não existem quaisquer limites à velocidade que o homem é capaz de suportar.

Tudo isso significa que será necessário rever e planejar de novo os conceitos atuais sobre espaço e tempo. As cidades da Europa, assim como as da Ásia, estarão dentro em breve somente a algumas horas de distância de Chicago, e o mundo se transformará bem depressa em um agregado de vizinhos. O transporte em automoveis, ônibus, trens, e aviões a jacto, será mais rápido, mais barato e mais agradavel que o atual.

Dentro de dez anos, as mesmas pessoas que hoje possuem automoveis desejarão poder adquirir helicópteros, mas helicópteros a jacto, com os tubos de escapamento saindo das pás da hélice elevadora, como um estranho regador giratório. Essa

aeronave será o meio de transporte mais seguro, e o mais simples, agradavel e cômodo que será possivel inventar.

Todos os recantos do espaço serão franqueados à nossa curiosidade, e as viagens na estratosfera, que hoje desafiam a imaginação, poderão realizar-se com êxito. A verdade é que o homem conseguirá desvendar, em futuro não distante, mais outro mistério da natureza.

Você tambem pode segurar um bebê

Extraido das Obras de
Heywood Broun

SERIA interessante calcular exatamente qual o coeficiente de energia que os homens pouparam, desde o tempo em que Adão plantava e Eva fiava, mantendo a falsa suposição de que é necessário um jeito especial para lavar pratos e para varrer, e que esse jeito é puramente feminino.

Os homens constroem pontes e lançam estradas de ferro através de desertos e, entretanto, argumentam, com êxito, que a tarefa de pregar botões está alem de suas possibilidades. Daí não terem eles de pregar botões. Poder-se-ia dizer, naturalmente, que a segurança de pontes penseis é muito mais importante que a dos suspensórios, e que a divisão do trabalho é uma questão de justiça; mas muitos de nós jamais lançamos uma estrada de ferro durante a vida e, no entanto, gabamos a glória dos feitos masculinos sem empreendermos nenhuma das enfadonhas tarefas cotidianas.

É provavel que os homens, sozinhos, nunca tivessem podido manter a fama da incapacidade masculina. Logo que foi estabelecida aquela esfera limitada, antes conhecida como «o lugar da mulher», as mulheres começaram a glorificar e a exagerar sua importância e os homens apressaram-se em concordar.

Existem outros fatores. A biologia tem sido bastante inescrupulosa, a ponto de estabelecer distinções marcantes em detrimento das mulheres; os homens aproveitaram essa vantagem para insistir na crença de que, desde que a concepção é domínio exclusivo da mulher, é preciso e é lógico que o cuidado com as crianças pertença ao mesmo sexo. Entretanto, como é absurdo tudo isso. A maioria das coisas que têm de ser feitas para as crianças não deveria causar esforço à inteligência de ninguem. Os homens declaram não ter habilidade para lavar o rosto do bebê, simplesmente porque julgam que, de nenhum lado da esponja, há grande prazer nisso. O homem finge, até, que não sabe segurar o bebê. Disso resultou o flagrante absurdo de que segurar um bebê, corretamente, é uma arte; ou talvez, uma intuição maravilhosa que surgiu, só para as mulheres, depois de

HEYWOOD BROUN foi cronista esportivo, correspondente de guerra, romancista, e redator do *World Telegram* de Nova York, durante 10 anos, até sua morte, em 1939.

esforços ingentes, através dos séculos.

«A coisa que mais surpreendia Ricardo,» diz uma romancista, «era a eficiência com que Leonora segurava Anabela. Seus dedos pareciam amoldar-se, por si mesmos, aos lugares que convinham ao fardo invertebrado, dando-lhe firme apoio.» Lugares, na verdade! Não há muito que aprender sobre como segurar um bebê, exceto que o lado superior direito é o melhor. Há 152 maneiras inteiramente diferentes, e são todas corretas! Pelo menos, todas servem. Um bebê é tão macio que qualquer pessoa de mão firme pode segurá-lo bem, onde quer que escolha para pegar. Mas, «se Ricardo experimentasse segurar o fardo, seus dedos se abririam e o fardo cairia. E Leonora sorriria amavelmente, mandando-o fazer alguma tarefa masculina, enquanto acalmava os protestos de Anabela.» Podemos ter certeza de que Ricardo tambem sorria logo que estava a salvo, entretido em alguma tarefa masculina, tal como um bom joguinho de poquer.

Considera-se, frequentemente, que basta à mulher ter filhos, para saber tudo sobre as crianças. A sabedoria é atribuida ao instinto. Muitas vezes, as avós enternecidas têm-nos dito: «Não é coisa que se possa ler num livro ou ensinar na escola. A natureza é a grande mestra.» Isso não é verdade. Há muitas mães que aprenderam muitíssimo mais com os manuais de algum médico do que com o instinto. Vi mães darem cerveja, espaguete e sorvete a crianças de colo e, se fazem isso por instinto, a única conclusão possivel é que o instinto não é mais o que era.

Acredito que deve haver certa igualdade entre pais e mães. Esquivando-nos à tarefa de cuidar de crianças, nós, os homens, livramo-nos de muito trabalho duro. Mas perdemos, tambem, muito divertimento de qualidade especialíssima. As crianças nada significam à distância. Para nosso próprio bem, precisamos eliminar a nossa suposta incapacidade e pedir que dividam conosco o cuidado com as crianças. Espero que se consiga isso sem termos de lavar os pratos tambem. Não creio que existam prazeres ocultos nisso de lavar pratos. Lavar crianças é completamente diferente. Um prato é algo irresponsavel. Não dá coisa alguma em troca. Depois de lavar o rosto de uma pessoa, você sente que a conhece melhor. Um rosto de criança oferece a possibilidade de um concurso: é interessante ver até onde se pode fazer a limpeza sem fazê-la chorar.

Experimenta-se, realmente, um sentimento de superioridade ao fazer coisas práticas e banais para as crianças. Quando acabamos a tarefa, algo dificil, de preparar uma criança para dormir e a colocamos na cama, somos possuidos de uma sensação de importância que chega a ser quase divina.

Do ponto de vista do divertimento, tem-se menos que dizer quanto a vestir uma criança. Isso nos parece trabalhoso e um tanto aborrecido, tanto para o pai como para a criança. Todavia, conheço um homem que transformou essa maçada numa aventura. Trata-se de um habil mecânico de automoveis, muito procurado para corridas, em que os pneumáticos são colocados e retirados rapidamente. Aplicou sua técnica em casa, e gabava-se de ter batido todos os récordes mundiais de mudar toda e qualquer parte da roupa de uma criança. Era um homem calado que, geralmente, trazia consigo alguns alfinetes de segurança. Não perdia tempo com negócios preliminares: atirava o menino ao chão e, antes mesmo que sua cabeça tivesse batido no solo, o pai estava trabalhando ativamente. Pro-

curava sempre terminar o trabalho antes que a criança pudesse começar a chorar. E sempre o conseguia.

Não é nada insípido dar de comer a uma criança. Duvido que haja no mundo surpresa mais emocionante do que a primeira aventura com um sorvete. Há, imediatamente, o susto e a revolta diante do frio do sorvete, seguindo-se uma sensação maravilhosa quando a estranha substância derrete e se transforma em mágica de agradavel doçura. Até o poquer é banal, comparado com o privilégio de levar um filho pequeno ao jardim zoológico e deixá-lo ver o primeiro leão, o primeiro tigre e, sobretudo, o primeiro elefante. Ele pensará, provavelmente, que o pai fez tudo aquilo, com suas próprias mãos, para o divertir.

Para uma criança, até o mais mesquinho de nós pode parecer encantador, cheio de mágica e saber. É uma pena não aproveitar essa oportunidade antes que ela desapareça. Mas chega sempre o dia em que o pai de espírito mais alerta tem de responder: «Não sei.» Nesse dia, a criança sai do Eden e o pai volta a ser apenas um homem...

Prova de conhecimentos de «grafia»

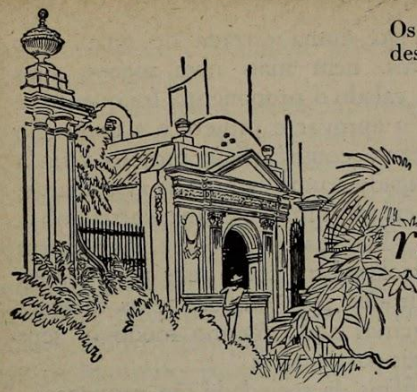
Da revista «Collier's» — *Por Gerard Mosler*

Se o leitor quiser fazer uma prova sobre os seus conhecimentos semânticos, com as palavras terminadas em «grafia», procure determinar a que se referem os 18 vocábulos da lista abaixo, onde se acham trocadas as soluções. As respostas certas, de 16 para cima, constituem um resultado excelente; de 13 a 15—bom; 11 e 12—regular; 10—médio.

1. Bibliografia ..... Escrita manual
2. Cartografia ..... Códigos
3. Antografia ..... Livros
4. Geografia ..... Montanhas
5. Anemografia ..... Escrita
6. Criptografia ..... Impressão
7. Etnografia ..... Terra
8. Hidrografia ..... Mapas
9. Orografia ..... Coração
10. Topografia ..... Pedras
11. Coreografia ..... Flores
12. Caligrafia ..... Raios X
13. Tipografia ..... Localidades
14. Fonografia ..... Vento
15. Eletrocardiografia ..... Som
16. Radiografia ..... Água
17. Ortografia ..... Dança
18. Litografia ..... Povo

Respostas certas:

1. Bibliografia ..... Livros
2. Cartografia ..... Mapas
3. Antografia ..... Flores
4. Geografia ..... Terra
5. Anemografia ..... Ventos
6. Criptografia ..... Códigos
7. Etnografia ..... Povo
8. Hidrografia ..... Água
9. Orografia ..... Montanhas
10. Topografia ..... Localidades
11. Coreografia ..... Dança
12. Caligrafia ..... Escrita manual
13. Tipografia ..... Impressão
14. Fonografia ..... Som
15. Eletrocardiografia ..... Coração
16. Radiografia ..... Raios X
17. Ortografia ..... Escrita
18. Litografia ..... Pedras



Os cidadãos da Colômbia descobriram que a cooperação desinteressada é o segredo do progresso

OS COLOMBIANOS remodelam suas cidades

(Condensado do «Inter-American»)

Por SYLVIA MARTIN

«QUE É que V. faria, e como faria, para levar o progresso a uma nação de nove milhões de almas encurraladas em vales fechados, e com as cidades isoladas umas das outras por formidaveis cordilheiras? Como é que V. introduziria o século XX no seio dum povo que a geografia tem aprisionado até hoje nos moldes mentais do século XVIII?»

Isto mesmo me perguntava um próspero negociante da Colômbia, e ele mesmo me forneceu a resposta:

«É isso o que nós estamos fazendo hoje,» continuou o meu interlocutor com orgulho, «e o nosso segredo é a *Sociedad de Mejoras Públicas*, a Sociedade de Melhoramentos Públicos. Tivemos aquí na Colômbia, durante os últimos cem anos, muitas e sangrentas revoluções. A Sociedade, com mais de cem filiais nas cidades e aldeias, é a nossa revolução *branca*.»

Por todos os cantos deste retalho da América do Sul eu fui encontrar a SMP em atividade, assim nas frias cidades das serras como nas cidades quentes dos vales. Vi como ela estava introduzindo beleza e injetando saude tanto nas aldeias mais atrasadas como nas cidades mais modernas. Vi como estava criando uma mentalidade democrática, que é a matéria-prima essencial de que se fazem cidadãos livres.

A SMP não é uma organização que se possa definir em poucas palavras. É uma concentração, uma síntese de várias coisas ao mesmo tempo. Quem melhor a definiu, em meu entender, foi um dos anciãos duma aldeia andina: «A SMP é um grupo de homens animados de espírito cívico, que orientam o povo na edificação do seu futuro. Inicia, dirige, constrói, administra. Tudo isso implica a mobilização de imensas quantidades de dinheiro, mas ninguem tira daquí nem um centavo de lucro. Cada centavo que se gasta vem dos donativos do povo, e volta para o povo sob a forma de obras uteis. Na realidade a SMP é o que ela própria faz, e aquilo que ela faz só tem os limites do seu próprio engenho.»

Muitas das pequenas cidades da Colômbia, como tantas pela América do Sul, com suas ruas de leito profundamente sulcado ou calcetado de grosseiros calhaus, e seus edifícios decadentes, têm a aparência de terras que há séculos tivessem sido abandonadas aos elementos naturais. Mas as cidades onde se exerce a ação da SMP são asseadas, e as casas mostram-se todas pintadas ou caiadas de fresco. A Sociedade responsabiliza-se pela

pavimentação das ruas, pela conservação e arranjo dos parques, pela piscina de natação—até mesmo pelos bancos da praça pública...

Quem são os membros da SPM? São modestos empregados e advogados, choferes de ônibus e artistas, gente enfim de todas as classes. Todos eles transbordantes de apaixonado orgulho cívico, e cada qual mais decidido a fazer de sua terra a mais bela, a mais progressista povoação de toda a Colômbia...

Vou-lhes dar agora uma amostra dos métodos de trabalho da SPM. Estando a passeio numa cidade tropical dos vales com um membro da Sociedade, chamado Rojas, reparei que a praça maior da terra tinha um ar de abandono, e transmití-lhe minha impressão. «Tem toda a razão,» retorquiu Rojas, e mandou logo chamar um engenheiro e um botânico para uma consulta. Três dias depois fui convidada a assistir à assembléia ordinária da SPM, na biblioteca pública, pela mesma sociedade construida. Nessa reunião Rojas apresentou uma proposta e plano para renovação da praça, cuja aparência tanto deixava a desejar. Ao cabo de alguma discussão o plano ficou aprovado, e o presidente nomeou um comitê para dar início aos trabalhos. Tudo foi assim mesmo, com toda essa simplicidade.

As reuniões semanais da SPM correm breves e animadas. A palavra *amanhã* é nelas proibida, verdadeiro tabú. E o mesmo se dá com a retórica. Os comitês apresentam o seu relatório sobre os trabalhos em curso, e procede-se à votação de novos projetos. Os estranhos são convidados a fornecer idéias. Numa das reuniões a que assistí, em Medelin, um padre que estava presente, de visita, apresentou um ambicioso plano de arborização, quilômetros e mais quilômetros de árvores a plantar, para suster os desabamentos de terras ao longo duma estrada de ferro. Seis minutos, nem mais nem menos, após ter-se calado o proponente, foi quanto se levou a aprovar o projeto e a nomear o respectivo comitê! Esse projeto viria a ficar ligado a uma campanha que abarcava a cidade inteira, e que corria sob a divisa «Plante uma Árvore». As crianças das escolas, bem como seus pais, seriam mobilizadas para embelezar as estações ferroviárias e do mesmo modo os seus quintais particulares.

As filiais da sociedade são pequenas—de 50 a 300 membros—mas, quando se manifestam, o funcionalismo as escuta, e quando agem as populações se erguem como um só homem para lhes dar apoio e ajuda. Conservam-se alheias à política, e muitas vezes têm recusado convites das municipalidades para se tornarem organismos públicos oficiais.

Todo e qualquer cidadão pode ser membro da Sociedade, contanto que desenvolva alguma atividade. Deve apresentar propostas, e trabalhar com afinco naquelas que já estejam aprovadas. Não há cotas fixas para ninguem: cada qual paga o que pode. Os gerentes são anualmente eleitos na base das suas realizações concretas.

«Conseguimos funcionar bem,» diziame Joaquim Jaramillo, presidente da filial de Medelin, «porque partimos do princípio de que o carater humano oferece muitas facetas, das quais só uma ou duas encontram a oportunidade de se manifestar no curso da vida normal e comum. Na Sociedade, o indivíduo vê-se encorajado a desenvolver qualquer interesse especial, e a ter a satisfação do artista ao verificar que esse interesse pode contribuir para melhorar a existência dos outros. Eu mesmo, que era engenheiro, me tornei perito em repovoamento florestal. Temos aí um policial reformado que virou autoridade em higiene urbana... E assim por diante!»

Mas a SMP não é apenas uma organização de pessoas empreendedoras e ativas: a parte mais importante do seu trabalho é a que respeita a despertar e fazer andar o homem comum. Em Manizales a SMP iniciou obras, com o fim de aterrar uma lagoa pouco funda e assentar no lugar dela uma praça pública. Durante meses, todos os homens, mulheres e crianças de Manizales passaram todo o tempo livre de que dispunham a lançar terra para dentro da laguna. Os manizaleses, orgulhosos da sua obra, gostam de mostrar a praça, hoje concluida, aos forasteiros, dizendo: «Eu tambem ajudei. Esta praça é *nossa!*»

A primeira Sociedade de Melhoramentos Públicos da Colômbia foi organizada em 1899, em Medelin, que era então uma cidadezinha ebuliente de atividade e prosperidade. Os seus primeiros membros eram negociantes abastados e membros das profissões liberais, todos eles convencidos de que a melhor herança que podiam deixar aos filhos era uma cidade onde houvesse beleza para todos.

Mas foi o espírito de um homem, mais do que qualquer outro elemento, que manteve desde então a Sociedade no seu papel vital. Chama-se ele Ricardo Olano, e é conhecido como o «grande velho» de Medelin. Na sua mocidade, ao regressar da Europa, onde fora estudar, encontrou a Sociedade, então na infância, ainda inflamada de triunfo por haver organizado naquela cidade o primeiro serviço de entrega do correio que a Colômbia desfrutou. Olano era jovem e simpático; tinha fortuna e pertencia a uma família de posição social. Mas isto, que era muito, não lhe bastava: «A vida precisa ter alguma significação,» dizia ele. E a Sociedade, que era para aqueles tempos uma iniciativa de carater radical, inflamou-lhe de entusiasmo a imaginação.

Lançou-se apaixonadamente em busca duma especialidade que pudesse fazer dele um membro valioso da organização. Pôs-se então a estudar urbanismo e acabou tornando-se no assunto uma das grandes autoridades da América do Sul.

Continuava, entretanto, em plena atividade noutros sentidos: propôs, entre outras coisas, que, estando Medelin em vias de se tornar uma florescente cidade mercantil, as moças se educassem para ocupar empregos de escritório. Essa proposta provocou uma tempestade de protestos indignados, mas Olano saiu vitorioso da campanha.

Em 1910 Olano patrocinou um concurso entre os arquitetos da cidade, para elaboração dum plano da «Grande Medelin». Esse concurso despertou tremendo interesse por parte do povo, e o plano que em resultado dele se adotou tem-se cumprido fielmente no andar dos anos.

A iniciativa imediata de Olano foi esta: esforçar-se por fazer da SMP uma organização de proporções nacionais. Persuadiu os gerentes a promoverem um congresso nacional de técnicos do governo, cientistas e leigos interessados. Esse congresso, que se realizou em Bogotá em 1917, debateu largamente os problemas da transformação dum povo socialmente na infância em uma sociedade de cidadãos dotados de espírito cívico. A publicidade que conquistaram este e mais dois congressos nacionais subsequentes, levou a nova da existência da SMP aos quatro cantos da nação.

Ricardo Olano tornou-se missionário duma nova espécie. A pé e a lombo de burro, foi levando a idéia da SMP a uma centena de cidades e vilas. Quando chegava numa cidade, passava primeiro um dia a estudá-la. Depois, obtendo com di-

plomática finura a cooperação dos cidadãos mais eminentes, convencia-os a convocar um comício. Nesse comício, usando da palavra em termos simples e práticos, ele dizia por exemplo:

«Vós podeis viver na beleza, na saude e no asseio. Não é coisa que custe dinheiro. Começais por pintar vossas casas. Imagine-se qual não será a aparência das ruas, quando as fachadas reluzirem de pintura nova! Que consolador não será isso para os vossos olhos e para as vossas almas! E a respeito de água? Tendes o rio a pouco mais de um quilômetro de distância: construa-se um aqueduto para que todos possam ter água em sua casa, e tomar banho todos os dias. Olhai agora a vossa praça pública: é uma desolação. Plantai árvores e flores, e ficará transfigurada.» Calculava preços, para demonstrar quão pouco viriam a custar esses e outros melhoramentos. Por toda parte onde passava erguia uma tempestade de discussões—e deixava um rasto de resultados positivos.

O que Ricardo Olano e a SMP têm feito pelo bem da Colômbia, é coisa tão grande que não se pode avaliar com as medidas comuns. Vemo-la por toda parte nos seus frutos. Nas terras baixas de Bucaramanga extirpou a malária, e deu à cidade uma injeção que lhe prolongou a vida econômica, ao conseguir que o capital estrangeiro fosse alí criar novas indústrias. Na cidade-jardim de Calí concebeu e executou caixas para o lixo, pintadas a prata, de muito bom gosto e engenho. E foi ela ainda a mão oculta que promoveu a criação duma estância de banhos públicos, construida em Cartagena.

Em Medelin vê-se por toda parte a lápide da SMP, com a sua habitual inscrição—«Construido pela Sociedade»—em pontes, chafarizes, monumentos, no Teatro Bolívar, no Palácio das Belas-Artes, no aeroporto... Quase todas as obras públicas têm sido inspiradas pela SMP, podendo entre elas enumerar-se as tarefas tremendas de limpeza dos pântanos infestados de malária, e a sua transformação em terras próprias para a agricultura.

O ponto culminante da minha jornada colombiana foi a visita que fiz às cidades montanhosas de Pereira e Manizales, onde fui encontrar a SMP num estado de espírito verdadeiramente jovial. Pereira, cidadezinha de 60 mil habitantes, estava toda embandeirada: A Sociedade organizara um concurso de beleza, com o fim de angariar fundos para construção dum hospital. Esse concurso era festa para durar um mês, e cada dia era dia de festa ou carnaval. A cidade inteira parecia estar empenhada de alma e coração nesses filantrópicos festejos.

Manizales, cidade de seus 80 mil habitantes, e de atmosfera ainda pioneira, estava realizando idêntico concurso, mas aquí para erigir um palácio de Belas-Artes. Noite e dia, as ruas estavam cheias do eco das patas dos cavalos que passavam em trote rápido: eram os vaqueiros da região que entravam continuamente na cidade para assistir às festas. Perguntei a um vaqueiro por que é que ele estava tão entusiasmado com a causa das Belas-Artes: «Não há cidade nenhuma que se possa dizer grande se não tem cultura,» respondeu-me. «Vamos fazer da nossa Manizales a maior cidade da Colômbia!»

Olano e a SMP, tendo inspirado melhoramentos públicos de enorme valor, pode-se dizer que refizeram a Colômbia. Mais importante do que isso, conseguiram desenvolver o orgulho cívico e a cooperação democrática entre os indivíduos e os organismos.

A Sociedade concede anualmente uma medalha cívica ao cidadão que mais houver feito pela sua localidade. Um dos premiados em Medelin foi uma viuva que, lutando contra a pobreza extrema dos seus recursos, conseguiu criar e educar cinco filhos que deram todos mostras de talento. Outra medalha foi dada a um policial e sua mulher, por terem adotado alguns meninos sem lar. Outra ainda foi concedida a um negociante que deu milhares de pesos de donativos, e diversos lotes de valiosa terra para se construirem casas-modelos para os pobres, com aluguel baixo.

Ricardo Olano, apesar dos seus 70 anos, ainda desenvolve grandes atividades. Podemos vê-lo atualmente no Monte Nutibara, sobranceiro a Medelin, ocupado em abrir no mato emaranhado um parque popular. Há poucos anos passados ele apresentou um plano por intermédio da SMP, para construção dum retiro-jardim nessa colina, donde se desfruta um panorama verdadeiramente deslumbrante de cidade. Os munícipes anuiram, e, desde então, todos os dias o ancião enche o seu carro com pés de árvores novas, e com operários a quem paga do seu bolso, e põe-se em marcha para o trabalho.

Estávamos os dois de pé no topo da colina, admirando a vista, quando ele me disse: «As árvores darão flores amarelas, de maneira que toda esta colina vai ficar dourada quando elas florirem... Deus ainda há-de me dar vida para ver as crianças brincando por aquí!» Lá em baixo, à distância, a cidade branca reluzia ao sol, e a verdura dos parques e jardins entremeava-se aquí e alem com o roxo das bougainvílias.

«Uma cidade ou uma nação é apenas aquilo que dela fazem os seus cidadãos,» continuou Ricardo Olano. «Mas é preciso fazer primeiro os cidadãos, e essa é a tarefa principal da *Sociedad de Mejoras Públicas*. Numa democracia, todos os homens de boa-vontade e pensamento podem provar aos seus concidadãos o mérito da cooperação desinteressada para o bem de todos.»

Franqueza franca

¶ Uma admiradora de Vicki Baum foi apresentada à escritora. —Francamente, Miss Baum, murmurou ela,—dá gosto vê-la tão loura e tão jovem. Pensei que fosse mais idosa e mais morena.

—Escute, minha amiga, retorquiu a autora, —eu sou, sim...

—Lucius Beebe, no *Herald Tribune* de Nova York

¶ Um jornalista americano recebeu certa vez uma carta em que uma mulher lhe contava a má situação em que se achava a igreja da sua paróquia. Tratava-se de uma crise financeira que nada parecia remediar: nem feiras, nem festas, nem jantares, nem outros expedientes do mesmo gênero. E pedia encarecidamente que o jornalista lhe apresentasse qualquer sugestão salvadora... Eis a resposta dele: «Porque não tratam um pouco de religião?»

—E. E. Edgar

De como o FBI resolveu um dos casos mais misteriosos de espionagem da Segunda Guerra Mundial

Um entre oito milhões

Caça a um espião

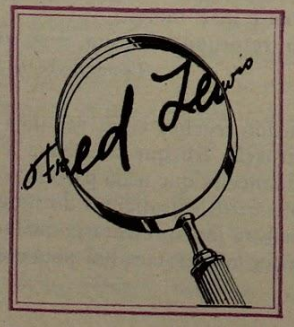
Condensado do «American Legion Magazine» • *Por CARL B. WALL*

Eis aqui a história de um espião sem barbas postiças nem capa-e-espada, história em que não aparece nenhuma formosa Mata Hari, em que não se trava nenhuma luta desesperada à beira de um precipício, e não se dispara um tiro sequer. No entanto, é um dos casos mais complicados dos Anais da Repartição Federal de Investigações dos Estados Unidos. É a história da caça a um desconhecido no labirinto de Nova York, perdido entre oito milhões de indivíduos!

Na noite de 20 de fevereiro de 1942, um censor postal perspicaz, examinando a correspondência destinada a Portugal, tirou de um envelope aéreo uma folha dactilografada de aparência inofensiva; tudo indicava tratar-se de uma dessas cartas que se escrevem a um velho amigo. Mas o sobrescrito constava da lista fornecida pela contra-espionagem no estrangeiro como um dos endereços usados pelos agentes alemães.

Dalí a algumas horas, um perito em tintas invisiveis dos laboratórios do FBI (Bureau Federal de Investigações) em Washington passou uma esponja saturada de uma substância química pela parte em branco do papel. Daquele fundo branco começou a surgir pouco a pouco a escrita secreta, curioso hieroglifo em caracteres alemães impressos a mão. A mensagem dava informações sobre navios de transporte de tropas e cargueiros que se preparavam para partir em comboio do porto de Nova York. Nas mãos do inimigo a informação representava uma ameaça para a vida de soldados e marinheiros e para toneladas de valioso material.

O espião precisava ser capturado. Mas o laboratório só havia revelado um indício levíssimo. A pseudo-carta havia sido escrita numa máquina de escrever Underwood portatil. Agentes especiais iniciaram uma busca quase sem esperança pelas casas vendedoras de máquinas de escrever em Nova York.



Antes de passados dez dias, apareceu outra carta, e depois mais outra, todas elas postas no correio em Nova York. O espião moraria na

cidade? Que aspecto teria? Em geral, quando a polícia começa a procurar um criminoso, conta pelo menos com uma descrição para lhe servir de guia. Desta vez o FBI de nada dispunha.

Certa noite um agente especial, matutando sobre cópias fotostáticas das cartas originais, teve a intuição de que elas continham partes verdadeiras. A maior parte da conversa, ele bem o sabia, não passava de pura invencionice, mas com relação aos acontecimentos triviais de todos os dias o espião bem podia estar contando a verdade. Agitado pela descoberta, o agente toma nota dos particulares que lhe pareceram autênticos:

X é casado. Vive em casa própria. Tem um cachorro que está doente. Tem emprego fixo. Sai de casa entre 7 e 8 da manhã todos os dias da semana. Mudou de óculos recentemente. É guarda do serviço anti-aéreo.

O número de guardas anti-aéreos na área metropolitana de Nova York era de 98.338!

«Tem guarda anti-aéreo nesta terra que não é brinquedo,» gracejou o agente-chefe quando recebeu a informação. «Mas sempre é melhor que 8 milhões de habitantes. Pelo menos já sabemos por onde começar.»

Com tenacidade inquebrantavel o FBI encetou a tremenda tarefa de conferir a ficha de todos os guardas anti-aéreos. Quantos eram casados? Quantos viviam em casa própria? Quantos possuiam cachorro? Quantos usavam óculos?

À medida que se interceptavam mais cartas o perfil de X começou a delinear-se. Acrescentaram-se à lista os seguintes particulares: X tem uma «horta da vitória»; sua casa está ameaçada de execução hipotecária; quer comprar uma granja de criação de galinhas.

A sombra do espião invisivel continuava indefinida, mas já se haviam excluido milhões de possibilidades. Agentes esforçados do FBI foram reduzindo a cifra dia a dia: 98.000... 88.000... 81.000... Mas mesmo 81.000 ainda era muita gente.

Na noite de 14 de abril foi interceptada a décima segunda carta. Os incansaveis investigadores encontraram nela o seguinte trecho nostálgico, aparentemente insignificante: «O calor está muito forte e as árvores estão começando a brotar. A primavera sempre me faz lembrar aquela maravilhosa semana que passei na praia do Estoril.»

Estoril! O FBI bem conhecia o Estoril, que é, como se sabe, a estação balneária a poucos quilômetros de Lisboa, aliás notório ponto de reunião dos espiões alemães durante a guerra.

Convocou-se uma sessão às pressas. Qual seria a melhor maneira de verificar a entrada nos Estados Unidos de nacionais e estrangeiros vindos de Lisboa a partir da primavera de 1941? Não havia retratos para se comparar com fotografias de passaporte. Não havia impressões digitais. De repente um dos agentes teve um «estalo»:

«Temos uma boa amostra da letra de X: a assinatura das cartas, um tal Fred Lewis. O nome é falso, mas a letra não é, porque disfarçar a letra é quase tão dificil como mudar as impressões digitais.

«Todos os que entram no país têm de preencher uma declaração de bagagem para a alfândega,» continuou ele. «Vamos então pedir aos nossos investigadores que verifiquem os arquivos da Alfândega de Nova York e comparem a letra das declarações com a assinatura de Fred Lewis.»

Na manhã seguinte, armados de cópias fotográficas da assinatura do espião, alguns peritos em caligrafia começaram a conferir milhares de declarações aduaneiras. O fluxo de refugiados provindos de

Lisboa havia atingido o máximo justamente na primavera de 1941. As declarações de bagagem eram uma miscelânea tremenda—em polonês, alemão, francês, holandês, russo...

O trabalho do perito em escrita é uma ciência exata. Os indícios dependem às vezes de um desvio quase imperceptivel no traçado de um E ou na volta de um L. Cada um dos formulários tinha de ser examinado meticulosamente. Durante dias a fio os peritos labutaram através de pilhas de documentos, sem resultado. E essa era apenas uma fase da grande caçada humana que já ia bem adiantada.

Os menores detalhes tirados daquelas doze cartas estavam sendo conferidos cuidadosamente. Dos 98 mil guardas anti-aéreos, quase 60 mil haviam sido eliminados. Os agentes do FBI conseguem suas informações fazendo perguntas, esperando pacientemente pela resposta quando dão com indivíduos de pouco falar, aguentando os tagarelas com resignação... Cada fase da pesquisa consumia um tempo precioso.

Às 9 horas da noite de 9 de junho de 1943, um agente especial tirou do arquivo o formulário número 4.881 da Alfândega de Nova York afim de examiná-lo. Assim que pôs os olhos na assinatura no fim da página, todo o seu cansaço desapareceu. Apanhou a lente de aumento. Era isso mesmo. Ele sabia. Era a mesma volta do E, o mesmo F meio enviezado, a curvatura do S idêntica. O perito soltou um berro de triunfo que assustou todos os colegas.

Nessa mesma noite, no laboratório de Washington, fotografou-se a assinatura, ampliaram-se as cópias e compararam-se com as cartas do espião. Agora os peritos não tinham a menor dúvida. À 1 hora e 45 minutos da madrugada o telefone do FBI em Nova York tocou forte: «Verifiquem o nome de Ernest F. Lehmitz.»

Lá estava o nome de Lehmitz na lista dos guardas anti-aéreos, com endereço e tudo: 123 Oxford Place, Tompkinsville, Staten Island, New York.

Em menos de uma hora alguns agentes especiais desembarcaram da lancha que vai de Nova York à ilha vizinha. E agora? Uma série de estampidos na escuridão? Um duelo de madrugada? Antes fosse assim tão simples. Os agentes precisavam descobrir outros dados importantes. Haveria cúmplices? Onde e como conseguia o espião suas informações? Os espiões raramente falam, depois de presos. E outra coisa ainda: os espiões têm que ser submetidos a julgamento, e é preciso acumular provas para convencer o juri.

Os agentes vigiaram a casa de Oxford Place a noite toda. Às 7 h15 um homem alto e magro, de óculos, saiu da casa e enveredou às pressas pela rua abaixo. Um dos agentes seguiu-o disfarçadamente. Não muito longe da casa o suspeito entrou num restaurante. Apesar da hora matinal, o estabelecimento estava cheio de trabalhadores das docas, soldados, marinheiros. O agente entrou. Enquanto tomava uma chícara de café, observava o movimento. O tal homem tinha posto um avental encardido e estava esfregando o chão. Aparentava uns 55 anos, tinha olhos azues muito mansos e cabelos castanhos meio ralos. Um tipo que absolutamente não chamava a atenção de ninguem: uma andorinha entre milhares.

No restaurante os fregueses falavam sem cessar sobre cargueiros, movimento de navios, próximas partidas. O agente terminou sua chícara de café e saiu.

Nos 16 dias e noites que se seguiram, o espião foi vigiado de perto. Agentes especiais, fingindo-se de vendedores e beberrões, desenterraram um fato atrás do

outro—fatos reveladores que coincidiam perfeitamente com o que o espião dizia nas cartas. A vizinhança tambem gosta de dar com a língua nos dentes:

Ernest? Conheço muito bem. É o guarda anti-aéreo aquí do quarteirão. O sr. precisava ver as descomposturas que ele passa nos vizinhos quando se esquecem de abaixar as luzes. O Ernest está levando a guerra a sério.

Ernest? Um sujeito de bom coração. Quando o cachorro dele ficou doente e morreu no ano passado, ele sentiu como se tivesse perdido o melhor amigo.

Ernest Lehmitz tem uma das melhores «hortas da vitória» em Staten Island.

Que pena que o banco vai executar a hipoteca.

Se conheço o Ernest! Todos os dias antes de voltar para casa ele dá uma chegada aquí para tomar seu chope. É um homem sossegado. Só fala na granja que pretende comprar um desses dias, para criar galinhas.

Pouco a pouco o cerco foi apertando. No dia 26 de junho de 1943, às 8 horas da manhã, um ano, quatro meses e sete dias depois de ter sido interceptada a primeira carta, Lehmitz foi conduzido ao escritório do FBI. Mostraram-lhe as cartas e todas as provas tão penosamente acumuladas. A prova era tamanha que ele assinou uma confissão completa.

Chegara aos Estados Unidos em 1908 como funcionário do consulado alemão em Nova York. Fizera várias viagens à Alemanha e na última, em 1938, fora recrutado pelo serviço alemão de espionagem e instruido no uso de tintas invisiveis e de outros truques. Na primavera de 1941 recebera ordem de voltar aos Estados Unidos, arranjar um emprego fixo, fazer-se passar por cidadão pacato, e perder-se no meio da multidão.

Em sua confissão, Lehmitz implicou outro espião, Erwin Harry De-Spretter. Respectivamente o segundo e o terceiro espiões a serem julgados pelo estatuto de espionagem em tempo de guerra, foram ambos condenados a trinta anos de prisão.

O grau de perfeição com que Lehmitz havia representado o seu papel de cidadão pacato foi posto em evidência algumas semanas depois do seu encarceramento, quando muitos dos seus vizinhos de Staten Island foram visitar a senhora Lehmitz afim de exprimir-lhe sua solidariedade e simpatia. Uma das mulheres, que por sinal tinha um filho no exército, chegou a dizer: «Não pode ser nada de grave. O Ernest Lehmitz é incapaz de fazer mal a uma mosca.»

Entretanto, a captura desse espião de aparência insignificante e maneiras suaves havia sido, para o FBI, uma das tarefas mais árduas da Segunda Guerra Mundial. Um espião melodramático, de capa-e-espada, é «sopa» para a polícia. Por outro lado, um espião que anda de bonde e usa galochas pode não ser espetacular nem romântico, mas é mil vezes mais perigoso, porque muito mais dificil de se apanhar.

¶ Não se podendo livrar de uma inquilina, por causa do regulamento da Junta de Tabelamento de Preços, um senhorio americano resolveu tomar uma medida única. A inquilina vivia do outro lado do seu apartamento, e o que ele fez foi simplesmente mandar pôr abaixo a parede que os separava. A inquilina mudou-se.

—*UP*

A fervorosa peregrina

(Condensado do «Survey Graphic») *Por JOHN PALMER GAVIT*

ALEIJADA incuravel há mais de 40 anos, percorreu, na sua cadeira de rodas, distâncias inimaginaveis, indo a lugares e vendo coisas que se acham alem do alcance de alguns dos mais calejados e audaciosos exploradores. Viajar foi sempre sua grande paixão. Desde criança, era este o seu sonho.

Homem rico, o pai prometera-lhe que logo depois de diplomada, mal ela deixasse a universidade, havia de realizar, com ele, uma viagem à volta do mundo. Não seria uma expedição comum de turismo, mas o que bem lhe aprouvesse, saindo dos caminhos já batidos, explorando rios perigosos, acampando nos desertos, subindo ao cume das montanhas. Preparou-se, na faculdade, para a execução de tal projeto, esquadrinhando tudo quanto lhe pudesse servir de informação sobre os recantos mais desconhecidos do mundo. Finalmente, chegou o momento de iniciar os preparativos. Por aquela altura, o pai estava quase tão entusiasmado quanto ela sobre o que iam ver e fazer.

Em meio a todos os planos para aquela soberba viagem, eis que ela se apaixona por um jovem médico. Isto quase pôs por terra todo o projeto. Sentiu-se fortemente tentada a renunciar ao sonho de toda a sua vida, e estabelecer-se numa vida caseira e pacata.

—Se eu não estivesse de partida para esta viagem, a que dediquei, realmente, toda a minha vida, me casava com você amanhã, ou hoje, disse ela ao namorado.

—E quando voltarmos...

—E se acontecer alguma coisa que a impeça de partir, você se casa comigo imediatamente?

—Claro que sim. Isto, eu prometo.

Chegou por fim a maravilhosa manhã. A bagagem já tinha seguido. O jovem médico veio despedir-se. Ela parou alguns segundos no topo da escada e pôs-se a descer ao encontro dele para a despedida final.

O salto de um dos sapatos se lhe prendeu, porem, na beira do primeiro degrau, e, perdendo o equilíbrio, ela rolou, de cabeça para a frente, pela longa escada abaixo, caindo-lhe aos pés, inanimada.

Não sei exatamente qual foi a natureza da lesão causada pela queda à espinha dorsal da pobre moça. Basta dizer que, depois de longos e penosos meses em que, através de terriveis sofrimentos, esteve às portas da morte, conservou a vida, ficando porem paralítica incuravel, da cintura para baixo, e condenada a sentar-se numa cadeira de rodas para o resto da vida.

O médico exigiu que ela mantivesse a promessa. A despeito de seus protestos, e dos que todos lhe faziam, manteve-se firme, argumentando de um modo irresistivel:

«Ninguem há de negar-me a felicidade que tanto desejo, sem falar no dever que tenho de cuidar dela. É a melhor e a mais querida de todos os meus clientes!»

Manteve pé firme, e casaram-se. Mas não houve esforços médicos e cirúrgicos capazes de melhorar-lhe a condição.

Quanto à infatigavel dedicação que ele sempre lhe demonstrou, e o modo por que ambos participavam dos interesses um do outro, até que ele falecesse há poucos anos, como um dos mais notaveis mártires da profissão—já não vem ao caso.

Seus interesses eram os mesmos de sempre, muito embora algum tempo houvesse decorrido antes que ela percebesse que, os que se achavam mais profundamente enraizados no seu espírito, não precisavam ser destruidos pelo desastre.

Foi o sogro que veio libertá-la da prisão a que se tinha condenado. Encontrou-a, uma vez, no jardim, debulhada em prantos.

—Eu queria tanto viajar, soluçava. —E aquí estou, prisioneira desta cadeira de rodas e deste corpo quebrado.

—Mas, minha querida, disse o velho médico, suavemente e com ternura, tomando-lhe nas mãos os dedos delicados. —Você pode e vai viajar. A maior parte das pessoas, ao falarem em viagens, pensam em longos quilômetros de distância, em vastos espaços, e coisas que consideram enormes e fantásticas. Não percebem que, no espaço mais limitado—às vezes do tamanho de um lenço—há um mundo pouco explorado, de interesse e variedade ainda maior. Aquí mesmo, ao alcance de sua mão, sentada onde está, há um mundo inextinguivel. A fauna e a flora aquí estão representadas, até às menores plantas e às menores espécies da vida animal. A seus pés, vejo cristais que não diferem essencialmente daqueles, que você caminharia quilômetros para desenterrar de sob a neve, no cume das montanhas. Aquí tem todos os problemas da ciência e da filosofia—a relação e o entrelaçamento de tudo o que existe. Nada lhe falta, pois, para viajar...

TUDO isto se passou há muito tempo. Durante quarenta anos, a jovem que tanto desejara viajar, viveu confinada a uma cadeira de rodas. «Mas sentada aquí,» disse-me ela, «tenho viajado muito. Aquele médico, meu sogro, deu-me um microscópio e ensinou-me a empregá-lo. Compramos um pequeno aquário enchendo-o de coisas fascinantes. Instalamos, em minha casa, um modesto laboratório químico, onde analisei a própria terra de minha pequena fazenda, encontrando o que havia de mais imprevisto, em matéria de minerais, até traços de ouro.

«Quanto às distâncias, estou agora desfrutando os conceitos, novos para mim, do espaço na matéria—espaços inter-moleculares e inter-atômicos—das relações inimaginaveis que existem entre os elementos. Vislumbrei até os mistérios das selvas. No microscópio, esta manhã, estive observando o que se passava numa região aterradora, como uma floresta primitiva, onde terriveis monstros errantes, lutam e se devoram.»

Na água-furtada da casa, a que ia ter, num elevador especialmente construido para ela, havia um telescópio, através do qual viajava entre as estrelas que já lhe eram familiares, e que tanto amava. Fez tambem alguns estudos com um espectroscópio, e publicou um panfleto, tido em muito boa conta, sobre os «Gases Universais». Escreveu outro relativo às aventuras ocorridas no pequeno pedaço de terra que possue, sob os pés dos índios, dos holandeses e dos rebeldes da guerra contra os aluguéis.

«Esta região fazia parte do velho domínio de Van Rensselaer,» explicou-me. «E afim de estudar a questão, tive que voltar à Holanda—em espírito, e através dos livros, é claro—lendo toda a história desta parte do estado. Isto levou-me, por

seu turno, a uma excursão aos estudos florestais, pois tive que descobrir por que motivo esta região, a certa altura, se achava coberta de pés de cicuta. Aquele que alí está, é um sobrevivente dos que foram extraidos pelos curtumes. Agora, estou procurando encontrar uma explicação do motivo pelo qual encontramos aquí, a uma altura de quase um quilômetro, tantos fosseis puramente marinhos. Nunca viverei bastante para analisar senão a superfície de minha pequena fazenda. Pequena? Às vezes parece-me que tenho diante de mim todo um continente, ou de que estou procurando explorar uma floresta impenetravel. Comecei, não há muito, a organizar um fichário de todas as formas de vida que tenho encontrado aquí. Lá estão as fichas naquelas caixas grandes. Os dias são curtos demais para que eu possa realizar verdadeiros progressos.»

Os dias são curtos demais, para uma aleijada, prisioneira de uma cadeira de rodas! Não tentarei sequer descrever a serenidade e o incansavel interesse que vi estampado na expressão daquela senhora idosa. As viagens, o ato de fazer com que os horizontes recuem, a compreensão de que há interesses do mais alto alcance cujos limites podem ser perpetuamente alargados, excercem uma influência inescrutavel sobre a personalidade. O interesse centralizado no próprio indivíduo e a mentalidade provinciana se vão aos poucos dissolvendo, à medida que aumenta o conhecimento de pessoas e coisas, alem das fronteiras comuns da vida.

Há poucos dias, minha amiga quebrou as algemas que a prendiam. Deixou a cadeira de rodas e o corpo quebrado de que foi prisioneira por tão largo tempo. Estará agora realizando o sonho tão tragicamente interrompido, e explorando talvez o outro lado da lua ou, quiçá, o coração em chamas de Orion. *Boa viagem!*

¶ Um marinheiro americano, estacionado no Pacífico Sul, escreveu uma carta amistosa a uma pequena que havia deixado nos Estados Unidos. Ela respondeu de uma maneira mais que amistosa, e, tendo ele tornado a escrever-lhe com mais efusão ainda, estabeleceu-se uma troca de cartas cada vez mais ardentes e apaixonadas. Finalmente, a jovem enviou ao seu Romeu do Pacífico uma missiva de tal modo exaltada que, segundo pensava, ele não poderia dizer nada que a excedesse—e chegou, mesmo, a escrever *INFLAMAVEL* no envelope. Algumas semanas mais tarde ela recebeu a resposta: um envelope contendo simplesmente cinzas...

—George W. Grenshaw

¶ A atriz Linda Darnell estava conversando, na Cantina do Combatente em Hollywood, com um marinheiro que acabava de regressar aos Estados Unidos, depois de 27 meses no Pacífico.—Aposto, disse ela,—que agora passam pela sua cabeça muitas imagens de belas pequenas, não é?

—Se passam! respondeu o marinheiro.—E passam correndo, com medo de parar!

—Erskine Johnson

As correntes aéreas ascendentes ajudam a explicar muita coisa a respeito do estado do tempo.

Ventos que sopram para cima

(Condensado do «Harper's Magazine»)

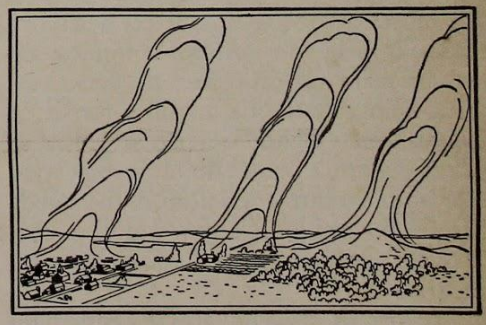
Por WOLFGANG LANGEWIESCHE
Piloto de prova e pesquisa

Uma lufada de vento desce a rua... Uma folha de jornal se agita e revolve na valeta, ergue-se e cambalhota na calçada, sobe espiralando no ar até a altura dum segundo andar, paira hesitante um momento, e depois é varrida pelos ares fora, muito acima dos telhados mais altos. E que é que tem isso? Há quinze para vinte anos, podia-se ter escolhido esse incidente como exemplo dos acontecimentos inteiramente destituidos de significação. Mas hoje, na era da aviação, já não podemos dizer a mesma coisa. Esse acontecimento, banal e mínimo, demonstra porem um fato de importância relativo ao grande oceano aéreo: é que existem ventos que não sopram para oeste nem para leste, para o norte nem para o sul, mas sim na «terceira dimensão» da atmosfera—ou seja, para cima.

Esses ventos ascendentes dão-nos a resposta a toda uma série de perguntas. Como é, por exemplo, que uma águia, um falcão, ou um simples gavião podem pairar no ar de asas abertas, imoveis, aparentemente sem fazer esforço? O que acontece é que a ave procura encontrar uma dessas correntes atmosféricas que sopram para cima, e, encontrada ela, deixa-se arrastar na vertical, precisamente como aquele farrapo de jornal de que atrás falamos. Esses ventos ascensionais explicam igualmente a elevação do planador, que não é mais nem menos do que um falcão reproduzido com pano e madeira.

As correntes ascendentes são tambem um fator de importância capital do estado do tempo. Por elas se explica que certos dias sejam claros, outros nevoentos, e outros ainda chuvosos. São elas que dão às nuvens os seus fantásticos debuxos; há em especial um tipo de nuvem—a alterosa e branca, como algodão em rama, que se vê nas tardes de estio—que é simplesmente uma corrente de ar vertical tornada visivel. E a trovoada não é senão, tambem, uma subida vertical de vento, de proporções violentas; a chuva e o granizo, o trovão e o relâmpago são meros subprodutos dessas ascensões do ar na vertical.

A causa dessas correntes atmosféricas é



Bolhas de ar aquecido pelo contacto com zonas quentes, sobem em colunas de um quilômetro e mais.

o calor. Sempre que uma massa de ar aquece mais do que o ar envolvente, ela tende a subir. Todos temos observado a tremulina do ar que paira sobre um pavimento sobreaquecido, ou uma planície batida de sol: são «ondas de calor» que causam as interferências ópticas, ou seja a tremulina. Essas ondas são simples bolhas ou golfadas de ar, aquecido ao contacto do terreno quente, e que sobem como balões na atmosfera. É disso mesmo que se nutrem os ventos que sobem verticalmente.

Os próprios ventos—se nos fosse dado vê-los numa tarde de verão, quando estão mais ativos—nos pareceriam gigantescas colunas de quilômetro e meio de altura, erguendo-se por sobre os campos, a intervalos de quilômetros, como outras tantas chaminés. Uma dessas «chaminés» pode erguer-se, digamos, acima duma vila, dando tiragem ao ar quente que sobe em bolhas das suas ruas e telhados; outra, ainda por sobre algum campo de terra lavrada, negra. Todo e qualquer ponto da superfície, uma vez que esteja aquecido, pode dar lugar a uma corrente ascendente. E esses ventos seriam sempre, não um movimento geral da massa de ar para cima, mas jactos estreitos e rápidos de vento.

O avião que voe num desses dias de correntes ascendentes está condenado a esbarrar nelas de minuto a minuto, ou pouco mais. Os ocupantes do avião sentem essas golfadas de ar sob a forma de solavancos. Quando o avião sai do jacto de ar quente, a perda súbita da respectiva elevação produz a sensação duma queda brusca no espaço. É o que dantes se chamavam «vácuos» em linguagem aeronáutica.

As correntes ascendentes dependem do estado do tempo, do qual são, por sua vez, o mecanismo ou fator mais importante.

Por exemplo, várias vezes ao mês (no curso de comoções mundiais e quase rítmicas do oceano aéreo) o ar frio que desce das regiões polares sopra em direção às zonas temperadas da terra, ainda quentes devido a uma onda recente de calor. O que se passa então é que o ar que sopra do norte aquece ao entrar em contacto com o terreno. Começam a subir por toda parte as «bolhas» de ar quente. Num dia assim veremos a fumaça das chaminés das fábricas subir verticalmente, arrastada pela corrente ascendente. Em lugar de golfar lateralmente formando um penacho contínuo, a fumaça se fragmenta em baforadas distintas que lá vão subindo verticalmente, arrastadas pelo vento. A isso se devem, nas cidades fumosas das indústrias, os dias claros e cristalinos, tão raros: nesses dias, as fábricas, as estações ferroviárias, as cozinhas, as fornalhas de aquecimento, etc., continuam vomitando na atmosfera, como sempre, os seus densos rolos de fumaça. Sucede, porem, que as correntes ascendentes a arrastam para os espaços imensos das camadas superiores da atmosfera, onde ela se dissipa. É assim que um dia particularmente límpido é tambem, em geral, um dia particularmente fresco.

Por outro lado, suponhamos que uma vaga de ar quente sopra do Golfo do México ou das Antilhas em direção ao norte, atravessando a massa continental dos Estados Unidos. A camada mais baixa da atmosfera arrefece então, por contacto com a terra. Mais densa, tende por isso a manter-se no fundo. Não se podem desenvolver nela quaisquer correntes ascendentes. Em um dia assim, as camadas inferiores da atmosfera se carregam de fumaça que fica pairando. Olhando por uma rua abaixo pode-se avistar a fumaça dos motores de automoveis e a poeira, espessa ao nivel da rua—devido ao peso

da baixa camada de ar. Passe uma semana com o tempo assim, de calmaria instavel, coisa aliás rara, e o ar ficará saturado de fumaça. É o que se dá, por exemplo, com o famoso «fog» de Londres.

Outro gênero típico de dias é o que resulta duma «inversão» do processo: o terreno encontra-se bastante quente e o ar suficientemente frio para *iniciar* a corrente de ar ascendente. Mas, a algumas centenas de metros de altura, certa massa de ar mais quente forma uma invisivel tampa que detem bruscamente a ascensão do ar inferior. A este estado de coisas se chama «inversão» porque, normalmente, quanto mais alto se sobe mais frio se encontra na atmosfera. Essa inversão mantem nas baixas camadas atmosféricas a fumaça das indústrias, a poeira e a umidade. Somente durante as horas do meio do dia, quando a superfície da terra aquece mais, é que se estabelecem correntes ascendentes de ar, suficientemente quentes para perfurar a camada da inversão e dissipar um tanto a poluição do ar.

Vista do ar, uma forte e súbita inversão parece às vezes um lago suspenso: superfície achatada, lisa, acinzentada, que se desdobra em todos os sentidos até o horizonte, toda ela ao mesmo nivel.

Com isto, todas as correntes de ar ascendente levam consigo um «travão» que mais tarde ou mais cedo tende a fazê-las parar. Toda bolha de ar quente, ao subir na atmosfera como um balão, vai encontrando pressões atmosféricas cada vez mais baixas. O resultado é que se vai dilatando, expandindo, e com a expansão arrefece. É outro fato de ordem geral a ter presente quanto ao ar: aquece quando comprimido, e arrefece quando se deixa expandir. Com o desenrolar desse processo, o ar ascendente arrefece e acaba ficando à temperatura do ar envolvente: perde então a elevação, e detem-se—em geral a 1.500 metros, aproximadamente, acima do nivel da terra.

E bom é que assim aconteça, porque se todas as correntes ascendentes continuassem a subir a quilômetros e quilômetros de altura, a atmosfera viraria um verdadeiro caldeirão das bruxas, revolvido por contínuas tempestades elétricas, e a terra se tornaria inhabitavel.

Acontece por vezes que o travão não funciona. O fenômeno manifesta-se primeiro, modestamente, com o aparecimento duma nuvenzinha. A corrente ascendente é constituida por ar carregado de umidade, e à medida que sobe e se expande, arrefece a tal ponto que não pode mais suster ou conter todo o vapor de água que facilmente continha quando estava mais quente, junto da terra. A água se condensa em forma de minúsculas gotas—são precisas milhares delas para formar uma gota de chuva—tão pequenas, que flutuam caprichosamente como grãos de poeira. Essas partículas de água que bailam ao sabor da corrente ascendente e rebrilham de brancura ao sol—eis o que se chama uma nuvem.

Assim é que, numa manhã azul e transparente de verão, vemos aparecer quase repentinamente por todo o céu plumachos de nuvens brancas, todos à mesma altitude. São as correntes de ar ascendente que alcançam a altitude onde arrefecem, atingem o ponto de saturação de umidade, e esta se condensa em nuvens; cada uma dessas nuvens é a «vanguarda» visivel dum vento ascendente invisivel. Nos dias típicos de verão vemos formarem-se por toda parte, sobre a terra, grandes massas ou bancos de nuvens alterosas e brancas; mas por cima do mar, o céu continua puro. Deve-se isto a que a terra está quente e expede golfadas de ar quente na vertical, ao passo que a água do mar, estando fria, não o faz.

Nesse mesmo fenômeno reside a explicação doutro enigma: como é que certos ilhéus do Pacífico, navegando em cascas de noz, sem sextantes, nem cronômetros, nem tábuas de navegação, são capazes de encontrar, à distância de centenas de milhas de oceano, uma ilhota para onde se dirigem? A explicação está nisto: a ilhota, aquecida pelo sol, forma uma chapa de aquecimento do ar. A grande altura por sobre a ilha forma-se um banco de *cúmulos*, que alí fica pairando o dia inteiro. Uma ilha baixa, povoada de palmeiras, é visivel a um barqueiro talvez à distância de oito milhas; mas as nuvens, que sobre ela formam um dossel, determinam a sua posição num raio talvez de 80 milhas!

Mas ainda quando se transformou em nuvem, a corrente ascendente continua sendo ascendente. É verdade que é agora uma massa de ar fresco e nebuloso; mas, em comparação com o ar frio e límpido que o rodeia, a nuvem ainda é quente; é leve e impaciente; quer subir cada vez mais...

Há dias em que as nuvens o não conseguem fazer; acaba-se-lhes a umidade, por assim dizer, e morrem, ou esbarram com uma forte inversão e se achatam, ou se ajuntam tão próximas umas das outras, que acabam constituindo um tombadilho cerrado, que por sua vez impede a luz do sol de chegar à terra. Mas num dia de ar quente e úmido, e sem fortes inversões, as nuvens continuam a subir e a crescer pelo ar acima, até que por volta do meio-dia são como montanhas acasteladas.

Uma vez que uma corrente ascendente se transformou em nuvem, produz-se no seu seio um fenômeno paradoxal: começa a desenvolver calor interior. É o velho calor do sol, que alí ficou preservado. Semanas atrás, o sol havia evaporado e feito subir na atmosfera muitas partículas de água. Nessa forma oculta, como vapor de água, o ar encerra calor do sol, muito embora nós não possamos sentí-lo como tal. O ar, ao elevar-se, arrefece por expansão, como já ficou dito. O vapor regressa ao estado de água, e o calor do sol liberta-se e regressa ao ar.

Isso significa que o «travão» se soltou aí. Esse calor solar em conserva contraria o arrefecimento por expansão. E agora, à medida que vai penetrando em camadas mais altas da atmosfera, a nuvem representa mais e mais o papel dum balão cheio de ar quente. Quanto mais se eleva, mais depressa e mais alto quer subir. Vira cavalo com freio nos dentes!

A fase final, e tambem a mais espetacular duma corrente de ar ascendente, é a trovoada. Vista cá de baixo, da terra, a trovoada é apenas uma confusa cadeia de acontecimentos consecutivos—nuvens baixas e negras, rajadas súbitas de ventania, chuva e granizo, trovões e relâmpagos. Mas lá nas alturas é que se vê que uma trovoada é na realidade uma só coisa monstruosa—um cúmulo de gigantescas dimensões e duma energia feroz. O que a torna assim tão feroz é uma série de circunstâncias peculiares: destas, a mais importante é que o ar esteja quente e pesado de umidade. Se ele estivesse quente e *seco*, não conteria essa energia de calor oculto em quantidade suficiente, pelo fato de não conter bastante vapor de água. Estando ao contrário carregado de umidade, mas *fresco*, não poderia na realidade conter muita água.

O que acontece durante uma trovoada é, essencialmente, o que o leitor já sabe agora. A diferença consiste na incrivel violência da corrente ascendente. A água se condensa em gotas de chuva; mas o ar continua a correr para cima com uma rapidez quase tão grande quanto a das gotas de chuva ao cair, e as gotas se fragmentam em pedaços.

Esse processo da fragmentação da chuva em partículas menores tem um efeito eletricamente análogo ao que se passa quando arrancamos do peito um sueter de lã: os fragmentos resultantes da subdivisão das gotas de chuva aparecem carregados de eletricidade negativa, enquanto o núcleo ou fragmento principal de cada gota de chuva fica com a carga positiva. Os pequenos fragmentos são repelidos e regressam ao seio da nuvem, ao passo que os núcleos eventualmente caem até à terra. Desse modo se estabelece um estado de alta tensão entre a parte superior e a parte inferior da nuvem, e entre a nuvem e a terra. É então que se produz o raio, que não é mais do que uma faisca gigantesca entre nuvem e nuvem ou entre nuvem e terra.

Sucede muitas vezes que o vento ascendente é tão forte, dentro da trovoada, que as gotas de chuva são arrastadas na vertical até ao alto topo frígido da nuvem—talvez a uma légua de altitude. Nessa região de temperaturas muito abaixo de zero, as gotas de chuva congelam na forma de sólidos calhaus, transformando-se em granizo ou saraiva. Essa chuva de pedra começa então a cair, mas muitas vezes é colhida novamente por outra corrente de ar ascendente. As pedras de gelo do granizo são formadas por camadas concêntricas, semelhantes às da cebola, o que nos leva a crer que elas foram obrigadas a subir mais de uma vez até a zona atmosférica da congelação, e alternadamente a baixar à zona de água da nuvem onde se revestem de nova película de umidade, que vai gelar por sua vez em uma nova ascensão. É por isso que a saraiva cai às vezes em calhaus tão grandes que matam carneiros ou arrombam capotas de carros. Ora, para conseguir que um bloco de gelo de tanto peso e volume suba na atmosfera é preciso um vento de uns 320 quilômetros por hora—soprando de baixo para cima!

Tal é a força irresistivel que possue, e tais as obras que realiza essa rabanada de vento que há pouco vimos erguer violentamente uma folha de jornal abandonada na calçada...

Sabidos...

¶ A PROFESSORA de um Jardim da Infância, desejando pôr à prova os conhecimentos gerais da sua meninada, pôs uma moeda sobre a mesa e perguntou: «Quem é capaz de me dizer o que é isto?»

Um goroto, na primeira fila, inclinou-se, examinou a moeda, e respondeu logo: «Coroa!»

—Elmer Sereda

¶ A MÃE de Bárbara pregou-lhe um grande sermão sobre as travessuras das meninas que andam sempre com os meninos, e, ao terminar, perguntou-lhe: «Diga-me agora, minha filhinha; onde vão as meninas que procedem mal?» Bárbara sorriu, e respondeu: «Vão a tudo quanto é lugar, mamãe».

—Vr-I Wing Tips

O homem que fez uma fortuna, na «Meca das sobras do mundo»

O Rei da Barganha

(Condensado de «Advertising & Selling»)

Ralph Wallace

ENTRE todos os negociantes das pequenas cidades norte-americanas, nenhum por certo teve uma vida mais romanesca do que John Spencer Redshaw. De simples funcionário dos correios de uma vila, há vinte anos, hoje é um dos mais notaveis homens de negócios dos Estados Unidos.

A fabulosa coleção de pedras preciosas, de quadros e de *bric à brac* de Redshaw inclue um jogo de diamantes que vale 150 mil dólares, uma estrela de rubís de 102 quilates, e vitrines inúmeras, cheias de esmeraldas, opalas, safiras, ametistas e outras gemas. Suas fantásticas posses enchem um armazem que ocupa um quarteirão inteiro, e abrangem os artigos mais diversos—desde o carrussel ao simples cachimbo feito de sabugo de milho—constituindo um conjunto de mais de um milhão de objetos disparatados, que nos recordam, ao mesmo tempo, os estúdios de Hollywood, as lojas de belchior e as Mil e Uma Noites.

Nesse conjunto de grandeza caótica, a nota de remate é fornecida pelo próprio Redshaw, que pesa 120 quilos e se veste da maneira mais berrante possivel,—com ternos azues vistosos, chapéus de um verde violento e meias de vermelho cru. E usa um anel de diamante de 12 quilates, que fulgura como um candelabro. Aos 50 anos de idade, tem uma cabeleira compacta e revolta, que contrasta com os seus olhos azues e tranquilos. É de uma afabilidade que cativa logo, qualidade imprescindivel a um negociante; sua voz, grave e forte, combina a de um evangelista com a de um arauto de feira.

Redshaw desenvolveu em si mesmo, a um grau incomparavel, o instinto da barganha. Boa parte da sua fortuna, calculada em dois milhões de dólares, foi conseguida em trocas inimaginaveis. Um professor de Universidade escreveu-lhe que não sabia o que fazer com uma casa-forte que havia herdado; Redshaw ofereceu-lhe dois selins de montaria, que podiam valer uns 200 dólares; e, dois anos mais tarde, trocou a casa-forte com o banqueiro de uma vila, por um diamante de um quilate, duas garruchas e 300 dólares em dinheiro.

Redshaw demonstra todos os dias que qualquer coisa, por mais estranha que seja, pode vir a ser objeto de barganha. Quem poderia querer um par de esqueletos humanos? Redshaw não tinha a menor idéia, quando os trocou por uma cadeira de balanço: mas o presidente de uma associação secreta ficou com os esqueletos, para assustar os neófitos nas cerimônias de iniciação, e deu de volta a Redshaw seis valiosos anéis da dita associação.

As permutas de grande vulto requerem intuição, cálculo rápido como um relâmpago, o profundo conhecimento da psicologia humana. «A gente espanta os fregueses, agindo com ares de esperteza,» disse Redshaw; e, de acordo com essa teoria, escreve suas cartas em uma máquina muito batida, ou com uma caligrafia incerta, como se fosse simples negociante provinciano. Outro sistema que sempre emprega, com bons resultados, consiste em sempre depreciar os seus artigos, antes de mostrá-los aos fregueses. «De fato, tenho uma máquina de calcular, já muito martelada,» diz ele; e quando, surpreso, o cliente depara com uma máquina em perfeitas condições, o negócio está fechado...

Redshaw considera qualquer mercadoria capaz de ser trocada por outra de maior valor, e prefere sempre permutar em vez de vender. Uma vez, começando com uma máquina fotográfica Leica, fez uma série de trocas, a última das quais lhe deu uma plantação de bananas na América Central! Nenhuma das suas mercadorias tem preço marcado. «Meu anel de rubís», diz ele, «pode valer seis carros novos Packard, um pequeno edifício para escritórios, ou uma boa granja. Em dinheiro, uns 30 ou 50 mil dólares, se eu fizesse questão de ter dinheiro em caixa.»

Mesmo quando ainda havia racionamento de gasolina, há sempre automoveis, procedentes de meia dúzia de Estados da União, estacionados em frente à «Meca das sobras do mundo», de Redshaw. Eu mesmo vi, uma tarde, um banqueiro de Chicago permutar uma pintura a óleo por um bilhar, um lavrador trocar uma vaca por um moinho de vento, e uma atriz barganhar um broche por uma roca e uma lâmpada antiga. Quando uma cunhada de Redshaw precisou de uma dentadura, ele a conseguiu de um dentista, trocando-a por uma pele de urso polar...

A história desse «marajá» começou quando, ainda criança, filho de um mineiro e sem ter um tostão, empregava seu instinto de mercador para fazer trocas vantajosas com os seus camaradas. Seu maior triunfo de então foi uma bicicleta luzidia, que conseguiu permutando sucessivamente um anzol, um velho fuzil e um par de patins. Forçado a deixar a escola secundária no segundo ano, foi trabalhar nas minas. Ia se casar, quando foi chamado às fileiras, para a guerra de 1914; e trocou a aliança de noivado por outra menor, mais dez dólares em dinheiro. Dessa quantia, dois dólares foram para a licença de casamento, dois para o padre, e os seis restantes foram divididos entre ele e a esposa. (A caminho do acampamento, Redshaw trocou os 3 dólares e um estojo de toalete por um alfinete de gravata, este por um relógio, e o relógio por outro estojo de toalete, mais vinte dólares em dinheiro!)

A guerra forneceu-lhe nova oportunidade para se educar, e Redshaw fez quase todos os cursos oferecidos pelo Exército e pela Associação Cristã de Moços. Voltando da guerra, entrou num concurso para serviço do governo, e conseguiu o posto de diretor dos correios de sua cidade de natal. Certa vez, observando que um forasteiro, para mandar uma ordem de pagamento postal, usava uma caneta-tinteiro de bambú, teve uma idéia: porque não aproveitar a irritação que as canetas do correio causavam a toda gente? Comprou uma dúzia de canetas-tinteiros de bambú, por 3 dólares e toda vez que um dos habitantes da aldeia ficava furioso com a pena velha de uma caneta do correio, Redshaw aparecia logo com uma das suas canetas-tinteiro, trocando-a por uma caixa de balas, um anel, um canivete...

Não tardou muito que as suas transações atingissem alta escala. Em cada uma delas, exigia sempre uma parte em dinheiro, e, um ano mais tarde, já vivia e sustentava a família apenas com o resultado das suas barganhas. Aumentou o capital com todo o salário de seis meses do correio, coisa que conseguiu trocando um pacote de marcos alemães com o dono de um restaurante, pelo fornecimento de refeições durante meio ano.

As caixas de música tinham passado de moda, e Redshaw verificou que aqueles que ainda as possuiam ficariam simplesmente encantados em se livrar delas a troco de relógios caros; ao mesmo tempo, como resultado de volumosa correspondência e muito anúncio, tinha localizado vários colecionadores que trocariam, com prazer, por uma caixa de música que lhes agradasse, dois revólveres, um rádio e um relógio de alto preço. E o que Redshaw fez com as caixas de música, fez tambem com uma infinidade de objetos.

Dentro de poucos anos, estava *negociando* mercadorias no valor de 30 mil dólares, mensalmente—vasos chineses, armas árabes, aspiradores elétricos, peles de cobra—tudo, enfim, que se possa imaginar. Tendo descoberto que o Governo faz, periodicamente, leilões de objetos apreendidos em contrabando, em vários portos do país, arranjou agentes para comprar nesses leilões, e seus armazens receberam carregamentos sem conta.

Um comerciante na China ouviu falar de Redshaw, e não perdeu tempo em barganhar com ele algumas raras peças de jade e de marfim entalhadas, por um lote de máquinas de costura. Ao longo dos portos da Ásia, entre Suez e Xangai, Redshaw traficou com 16 barcos incluindo um iate a vapor, e nunca viu nenhum deles. Começando uma das suas clássicas permutas com um bote-moradia do rio Ganges, terminou com uma vasta propriedade em Detroit. «Em dez anos,» diz ele, «provei que um obscuro negociante, quase *pronto*, pode trazer o mundo inteiro à porta do seu negócio.»

Com o desenvolvimento de suas transações, adquiriu tambem uma espécie de sexto sentido que frequentemente o tem salvo de verdadeiros desastres. Em 1930, um melífluo japonês apareceu em sua casa, oferecendo-lhe a preços convidativos, colares de pérolas que valiam mais de 200 mil dólares. O negócio era tentador, mas Redshaw não gostou da cara do homem, e recusou a oferta. As pérolas, apresentadas pelo japonês como verdadeiras, eram de fato as primeiras que os nipões conseguiam cultivar artificialmente, e não valiam mais do que uma fração do preço das outras, apanhadas no mar. Algumas das maiores joalherias norte-americanas perderam milhões de dólares com o colossal conto do vigário.

Redshaw aprendeu tambem a observar os olhos dos seus fregueses. Há alguns anos, um jovem inglês apareceu-lhe com quatro violinos, desejando trocar qualquer deles por um violoncelo, e Redshaw disse-lhe que, para escolher, queria ouvir primeiro o som dos violinos: escolheu o instrumento que o artista, pela expressão do olhar, revelou mais prazer em tocar, e mais tarde se descobriu que o violino em questão era um Amati de inestimavel valor.

Redshaw está convencido de que o comércio de permutas oferece grandes oportunidades atualmente. «Todos os outros gêneros de negócio estão muito limitados,» afirma, «mas na permuta de mercadorias não há quase concorrência. Existem artigos no valor de milhões de dólares, por aí, que podem ser trocados por um negociante avisado, com um bom provento em cada barganha.»

A paz pelos fatos

Oito passos no sentido
DA CONCÓRDIA COM A RÚSSIA

Por William Hard

INSISTE-SE em que devemos ter «boa vontade» para com a União Soviética. Mas a paz não se mantem somente pela «boa vontade». Não se mantem nem sequer pela amizade que se tenha por um país. Em 1776, eram muitos os ingleses e norte-americanos mutuamente amigos; entretanto, os dois povos se combateram durante cinco anos, a despeito dos laços de admiração e amizade que transpunham as próprias linhas de batalha.

As relações entre paises não são como as de um rapaz apaixonado com sua namorada; e não se cultivam com flores. Nem tãopouco com brindes. Hoje, consomem-se torrentes de vinho brindando a «amizade histórica entre os Estados Unidos e a Rússia». Mas tambem em 1922 se brindou fartamente a «amizade histórica entre os Estados Unidos e o Japão», na Conferência de Armamentos em Washington. Os banquetes internacionais nada têm que ver com os futuros acontecimentos entre as nações.

O primeiro passo no sentido da paz é pôr de lado o sentimentalismo. Sentimentalismo não é paz. O sentimentalismo nos fecha os olhos às realidades que têm de ser vistas e dominadas para que se assegure a paz. O verdadeiro caminho para assegurar a paz não é o dos sentimentos, mas o das ações.

A Carta de São Francisco dispõe sobre consultas entre as nações, mas não fornece meios específicos de irmos ao encontro das realidades básicas que nos confrontam. Uma realidade básica que separa a União Soviética dos Estados Unidos é, por exemplo, a desconfiança que muitos cidadãos soviéticos têm em relação ao governo norte-americano, e tambem a desconfiança que muitos cidadãos dos Estados Unidos têm quanto ao governo soviético. Um inquérito recente do Instituto Gallup mostrou que em três meses desceu de 55 a 45 a percentagem de norte-americanos que não tinham a menor dúvida em considerar a União Soviética digna de confiança para com ela se cooperar depois da guerra. E não foi entre gente de determinada classe que isso se deu. O inquérito se fez em todos os agrupamentos sociais, nos dois grandes partidos políticos, abrangendo gente de todos os graus de instrução, e de todas as classes sociais.

QUAIS são as causas desse fato? Parece-me que uma das principais é que os Estados Unidos vêm tentando pôr em prática a teoria de paz das «Grandes Potências». Querem fazer das grandes potências virtualmente as únicas «tutoras» do mundo. Mas se as grandes potências são as tutoras, todas as outras nações passam a ser simplesmente pupilas. Estão sob a guarda das grandes potências. E por conseguinte, em última análise, estão à *disposição* destas.

Essa é a teoria da agressão santificada. Já foi posta em prática várias vezes, tendo invariavelmente as seguintes consequências:

1. Cada uma das grandes potências, afim de se tornar ainda maior, e sob o pretexto de aumentar assim seu «poder pacificador», procura dar expansão à sua esfera de influência, pela força ou pela astúcia, entre as nações menores. Hoje, não gostamos de falar em «esferas de influência». Temos medo das palavras. Preferimos dizer «zonas de segurança». Nem por isso elas deixam de ser o que nossos predecessores mais sinceramente as chamavam: esferas de influência.

2. Essas esferas crescem em círculos, que se vão aproximando até se encontrarem, produzindo um choque. É então que o fogo da guerra está a ponto de se acender.

Agora, estamos na primeira dessas duas fases e da primeira há sempre o perigo de passar-se à segunda. Observemos a União Soviética pondo em ação sua idéia das «esferas». Em seguida, com a mesma firmeza, observemos a França, a Grã Bretanha e os Estados Unidos.

Em quase toda a Europa Central, «libertada pelo Exército Vermelho», a União Soviética leva avante uma política de degredos e perseguições, afasta ou constrange os observadores estrangeiros e instala governos controlados por comunistas responsaveis unicamente perante Moscou. Trata de fazer de meia dúzia de paises—desde a Polônia no Báltico até a Iugoslávia no Adriático—meros apêndices.

Mas como foi que a Grã Bretanha e os Estados Unidos permitiram que se iniciasse sequer tal processo? Porque se curvaram ante a falsa frase: «libertados pelo Exército Vermelho»? Todos os paises libertados da dominação alemã o foram pelo esforço conjunto dos Aliados.

Ter-se-ia riscado da memória da Inglaterra a esquadra britânica que estrangulou a Alemanha com o bloqueio? Teriam a Inglaterra e os Estados Unidos esquecido suas forças aéreas que desmantelaram as indústrias de guerra e as redes de comunicações da Alemanha? Não guardavam lembrança dos exércitos ingleses e norte-americanos que, na África, na Sicília, na Itália, na França, na Bélgica, na Holanda e na Alemanha, mantiveram legiões de soldados alemães afastados da frente russa? Teriam os Estados Unidos considerado nulos os seus empréstimos e arrendamentos à União Soviética?

Até 31 de março de 1945, a União Soviética recebeu dos Estados Unidos, pela lei de empréstimos e arrendamentos, entre outras coisas, o seguinte: 158 mil armas de fogo de todos os calibres, 13.300 aviões, 312 mil toneladas de explosivos, 1.500 locomotivas, 540 mil toneladas de trilhos, 406 mil veículos motorizados. «Esses veículos,» declarou o Presidente Truman em seu último relatório ao Congresso a propósito da lei de empréstimos e arrendamentos, «transportaram—em algumas frentes soviéticas—mais de metade das provisões para as tropas soviéticas.» E o Presidente diz tambem o seguinte:

«Nos doze meses que terminaram a 31 de março de 1945, o azeite e a gordura enviados à União Soviética, sob os dispositivos da lei de empréstimos e arrendamentos, montaram a mais de metade do consumo dessas mercadorias pelos exércitos soviéticos e *pela população urbana russa.*»

Porque então os Estados Unidos e a Grã Bretanha não se opuseram, com franqueza e desde o começo, à intenção evidente da Rússia de se aproveitar da vitória aliada para incluir uma população de aproximadamente 60 milhões de habitantes não-soviéticos da Europa Central na lista dos que ficam sob exclusivo domínio soviético?

A resposta é claríssima, historicamente. A idéia histórica das «esferas» não era apenas da União Soviética. No fundo, era a idéia de todos.

A Grécia, por exemplo, passou para a esfera britânica, tão claramente quanto a Rumânia e a Bulgária passaram para a soviética. Na Grécia, desde a «libertação» até agora, a supremacia da Inglaterra é exclusiva.

A Itália passou para a esfera norte-americana e inglesa, especialmente para a inglesa. Os ingleses, por exemplo, por motivos puramente britânicos e em virtude de decisão exclusivamente britânica, proibiram os italianos de incluir no Gabinete o Conde Sforza, seu ilustre compatriota.

Antes da guerra, a Síria e o Líbano pertenciam à esfera francesa. Durante a guerra, o governo da França Livre lhes concedeu independência. Bem cedo, porem, os franceses perceberam que a teoria das Grandes Potências estava ressuscitando. Por isso, fizeram reviver suas reivindicações de certos privilégios na Síria e no Líbano. Como pode um país ser «grande potência» sem que disponha de uma grande esfera de influência?

A Síria fica apenas a uns 400 km da União Soviética. Entretanto, a Grã Bretanha e os Estados Unidos, a milhares de quilômetros de distância, se dispuseram a resolver as questões da Síria e do Líbano em uma conferência para a qual a União Soviética não foi convidada. Aos olhos dos russos, tratava-se de uma tentativa no sentido de criar uma «frente» ou «esfera» anglo-norte-americana na vizinhança da União Soviética.

O IRÃ é limítrofe à União Soviética. Faz parte da região petrolífera do Próximo Oriente. As fontes de petróleo do Próximo Oriente contam-se entre as mais ricas do mundo. Estão virtualmente sob monopólio de companhias inglesas e norte-americanas. São muito maiores do que as fontes de petróleo da União Soviética. Entretanto, o governo dos Estados Unidos, sem acordo prévio com a União Soviética, permitiu que as companhias de petróleo norte-americanas se dirigissem ao governo do Irã para obter novas concessões. Mais uma vez, a União Soviética pôde ver nisso uma tentativa de «frente» ou «esfera» anglo-norte-americana, desta vez do outro lado de sua fronteira.

Que é isso, senão uma corrida das Grandes Potências, na direção daquilo que George Washington chamou de suas «combinações e colisões»? Que é isso senão a velha história de um mundo dividido primeiro em frações e depois em fricções?

É de crer que as fricções já tenham começado, ou estejam em vias disso.

Os jornais ingleses e norte-americanos apontam com dedos acusadores coerções sangrentas na Rumânia e na Bulgária, controladas pela Rússia. Os jornais soviéticos apontam com dedos acusadores

coerções sangrentas na Grécia, controlada pela Inglaterra.

A União Soviética, irritada com a pressão norte-americana no Irã, fomenta perturbações locais da ordem que fazem entrar em crise o governo e levam à escolha de outro Primeiro Ministro no Irã. A União Soviética tambem guarda fundo ressentimento por sua exclusão das conferências sobre a Síria e o Líbano, e exige sua participação.

Os Estados Unidos e a Inglaterra atacam veementemente o carater unilateral comunista do governo polonês organizado pela União Soviética em Varsóvia. Por isso, esse governo é reformado e «democratizado». Examinemos, porem, essa chamada «vitória» diplomática dos ingleses e norte-americanos.

Em todos os governos organizados e controlados pela Rússia na Europa Central, há duas pastas decisivas. Uma é o Ministério do Interior ou da Segurança. É o que decide quem deve ficar preso, e quem pode ter liberdade. A outra é o Ministério da Educação ou Propaganda, que decide o que os cidadãos em liberdade devem ler, ouvir e saber. Os ministros dessas duas pastas, se não forem controlados, podem praticamente determinar o resultado de todas as «eleições». Quase sempre, ambas essas pastas ficam em mãos de comunistas dirigidos por Moscou.

Vejamos, por exemplo, a organização do novo governo de Varsóvia, numa Polônia preponderantemente não-comunista:

Presidente do Conselho: Bierut, comunista; primeiro vice-presidente, Gomolka, comunista. E especialmente: Ministro da Segurança, Radkiewicz, comunista, e Ministro da Propaganda, Matuszewski, comunista.

São todos homens da maior confiança de Moscou. E não há planos de controle conjunto aliado de suas atividades eleitorais.

Que garantia há nisso das eleições «livres» prometidas à Polônia pelas três grandes potências em Ialta? Que progresso há nisso no sentido do mundo que nos foi prometido a todos pela Carta de São Francisco,—mundo em que as três grandes potências procurarão *conjuntamente* resolver os problemas da guerra e organizar os frutos da paz?

O que há é simplesmente uma volta ao mundo que sempre conhecemos, mundo de constantes divisões de despojos e por conseguinte (como já estamos vendo) de projetos de grandes exércitos recrutados e armados, em preparação para novas guerras que se esboçam.

Desejo sugerir respeitosamente oito soluções, oito providências:

1. Convidar a União Soviética para todas as conferências internacionais em que ela possa ter qualquer interesse, por mais remoto. Lutar contra a tendência da teoria das grandes potências a reduzí-las de cinco para quatro, de quatro para três, ou para duas, e, em cada uma das esferas, a uma só. Tentar tornar em realidade o sonho de Cordell Hull—o sonho de um mundo sem esferas. Convidar a União Soviética às conferências sobre a Síria e o Líbano. Deixar de negociar somente com a Grã Bretanha no tocante ao petróleo. Convidar a União Soviética a tomar parte nessas negociações e concluir acordos para a conservação e o desenvolvimento dos poços petrolíferos do Irã e de todas as regiões petrolíferas disputadas e importantes do mundo.

Convidar a União Soviética tambem para uma ampla conferência internacional que trate da questão vital dos Dardanelos. A União Soviética está exercendo pressão sozinha sobre a Turquia nesse ponto. Esse problema, entretanto, não é só da União Soviética e da Turquia. A Convenção de Montreux de 1936 sobre os Dardanelos traz a assinatura de nove paises, inclusive o Japão. O problema é internacional. Não vamos passivamente deixar que os Dardanelos passem para a esfera soviética, para depois, em represália, criar nova esfera anglo-americana em qualquer outro setor do Próximo Oriente. A verdadeira política seria:

Fazer de todas as regiões disputadas assuntos de conferências internacionais abertas; e convidar pública e insistentemente a União Soviética a nelas participar. Provar à União Soviética que não se quer privá-la de manifestar inteiramente suas aspirações legítimas, em parte alguma do mundo.

2. Nomear para toda a Europa libertada uma comissão de representantes autorizados da União Soviética, da Grã Bretanha, da França e dos Estados Unidos, que tracem e executem uma política que elimine quaisquer restrições ao esclarecimento da opinião pública naquelas regiões. Que os jornalistas e comissários da União Soviética, diplomáticos ou comerciais, viagem à vontade nas regiões ocupadas pelos exércitos das democracias ocidentais. E que se insista em obter igual liberdade para os jornalistas, diplomatas e comerciantes ocidentais que queiram ir à Europa Central.

Que, por exemplo, a União Soviética permita que os representantes das companhias de petróleo norte-americanas visitem suas propriedades de antes da guerra na Rumânia. É chegado o tempo de *exigir* reciprocidade da União Soviética nessas questões. É absurdo e humilhante que nós franqueemos aos soviéticos as regiões que ocupamos, enquanto permitimos que a União Soviética exclua nossos cidadãos das regiões por ela ocupadas.

Mantenhamos relações amistosas com a União Soviética. Não podemos nem devemos pedir ao Governo soviético que cesse o controle à imprensa em seu próprio país. Podemos e devemos, porem, exigir que deixe de suprimir a liberdade da imprensa aliada em regiões libertadas com o auxílio dos Aliados. Podemos e devemos fazê-lo em nome mesmo da boa amizade com a União Soviética. Que o Governo dos Estados Unidos diga sinceramente a verdade ao Governo da União Soviética: isto é, que cada dia dessa supressão da liberdade de imprensa é um dia de declínio do prestígio soviético nos Estados Unidos.

3. Encarregar a Comissão da Europa Libertada, mencionada no segundo ponto, de acompanhar de perto as próximas eleições em todos os paises libertados. A União Soviética realizou eleições no leste da Polônia e nos paises bálticos entre 1939 e 1941, quando estava em aliança com a Alemanha. Essas eleições foram precedidas de numerosas deportações. Do leste da Polônia, mais de um milhão de pessoas foram exiladas para pontos remotos da União Soviética, como o prova o relatório oficial da Repartição Internacional do Trabalho na parte referente a deslocamentos de população na Europa. Por ocasião das eleições, só se permitiu a apresentação de uma chapa, que naturalmente saiu vitoriosa. Na Lituânia, a chapa eleitoral apresentada teve 99,19 por cento dos votos. Essa percentagem foi impressa em um jornal de Londres, que a obteve de uma agência soviética, 24 *horas antes de encerrada a votação*. (*)

(*) Veja-se *The New Europe*, de Bernard Newman, Macmillan, 1942, pág. 207.

Se agora se realizarem eleições como essas, em regiões ocupadas pelos russos, como por exemplo a Rumânia, a Bulgária, a Iugoslávia, a Hungria, a Polônia ocidental e a Alemanha oriental, não trarão a menor convicção moral ao povo dos Estados Unidos ou da Grã Bretanha. Os representantes das três grandes potências disseram em Ialta, em fevereiro de 1945, que os três governos, *juntos*, prestariam assistência aos povos de todos os paises libertados para assegurar "eleições livres." Que cumpram agora essa promessa.

E que não seja só nos paises ocupados pela União Soviética. Tambem na Itália, ocupada pelos ingleses e norte-americanos, e na Grécia, ocupada pelos ingleses. Na Grécia, um exército grego monarquista e reacionário está perseguindo e colocando no ostracismo as correntes de esquerda e tentando inexoravelmente dominar o futuro político da Grécia. Que a Comissão da Europa Libertada preste assistência aos esquerdistas da Grécia, do mesmo modo que aos direitistas da Iugoslávia, permitindo-lhes tomar parte livremente nas eleições.

As eleições de que vai sair a nova Europa têm de ser livres e honestas. Se não o forem, a União Soviética se distanciará mais dos Aliados ocidentais. Não nos devemos limitar a *falar* desse desastre. Devemos evitá-lo por atos.

4. O Extremo Oriente ainda é mais ameaçador para a paz mundial do que a Europa. Foi com razão que Cordell Hull disse que a Segunda Guerra Mundial começou em 1931, quando o Japão invadiu a China e ocupou a Manchúria.

Louvemos, pois, o recente tratado russo-chinês, segundo o qual a União Soviética reconhece a soberania da China sobre a Manchúria; e cabem tambem nossos aplausos aos chineses por terem reconhecido, no mesmo tratado, o direito que tem a União Soviética de manter portos em águas temperadas, de que a Sibéria tem necessidade legítima para a navegação no inverno.

Há a lamentar apenas que esse auspicioso tratado não tenha sido produto dos esforços de todas as nações, grandes e pequenas, que tenham algum interesse no problema da soberania chinesa. O tratado que se assinou em 1922, na Conferência de Washington, obrigava seus signatários a respeitar a soberania da China; e quem o firmou foram os Estados Unidos, a França, a Grã Bretanha, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a União Sul-africana, a Índia, a Bélgica, os Paises Baixos e Portugal. O fato da Rússia Soviética não ter sido convidada a tomar parte nessa conferência de 1922 depõe certamente contra a diplomacia internacional. Lembremo-nos de que todos e quaisquer arranjos futuros, com referência à manutenção da paz no Extremo Oriente, devem ser concluidos não só por algumas das potências, mas por todas aquelas que tenham interesses no Oriente.

Compete, pois, aos Estados Unidos mostrar certa iniciativa, abandonando o velho hábito anglo-saxão de adiar as decisões, e deixar que as coisas corram por si até se encaminharem para o precipício. Que seja agora convidada a Rússia Soviética, bem como quaisquer outros paises interessados, a chegar a acordo no sentido não só de negar a toda nação estrangeira qualquer privilégio político especial na China, mas tambem de garantir, a todas, as oportunidades econômicas e práticas a que tenham legítimo direito. A paz não se consegue mediante um tratado *em certo momento histórico*: consegue-se, realmente, por meio de *atos constantes e de todos os dias*.

5. Em toda a Ásia oriental, imitemos as duas atitudes da União Soviética que melhores resultados têm dado, no trato com os povos asiáticos. A primeira é a ausência completa de discriminação racial. A segunda é o esforço sincero da Rússia no sentido de melhorar as condições econômicas do povo asiático.

Cinco das 16 Repúblicas da União Soviética ficam na Asia Central Soviética, que se estende até a uns 12 km da Índia Britânica. Sob todos os pontos de vista, essas repúblicas estão em pé de igualdade com as Repúblicas européias da União Soviética. Os russos czaristas tiraram a terra dos naturais e as entregaram a russos. Os soviéticos a restituiram aos naturais. E dirigiram seus esforços no sentido da modernização e industrialização daquelas tribos.

A república de Usbeque, por exemplo, tem uma população de perto de 6 milhões. Em 1939, tinha mais maquinaria e maior produção industrial que a Turquia, o Irã e o Afganistão reunidos, cuja população é de 45 milhões. Tinha mais tratores que toda a Alemanha.(*)

O primeiro defensor dessa política foi Stáline, que é aliás de origem asiática. Foi ele o primeiro Comissário de Nacionalidades da União Soviética, que aboliu todas as diferenças raciais. Disse o seguinte: "A força do Exército Vermelho baseia-se no fato de ter ele crescido dentro do espírito de igualdade de todos os povos." Anunciou, como o primeiro de seus objetivos de guerra, "a abolição de todos os privilégios raciais."

É preciso não esquecer que o coração de Stáline está na Ásia. E os norte-americanos, ingleses, holandeses e franceses, os "democratas ocidentais", nunca terão esperanças de competir com ele nesse terreno se não adotarem a mesma largueza de espírito, isenta de quaisquer preconceitos raciais, e se não tiverem o mesmo interesse em elevar os povos asiáticos aos padrões de vida moderna.

6. Colocar diante da União Soviética, imediatamente, o problema do desarmamento. Uma corrida com a União Soviética para o acúmulo de exércitos e armamentos seria desastrosa. Se a natalidade se mantiver no nivel atual, a União Soviética não tardará a ter mais habitantes que todos os paises de língua inglesa reunidos. Com suas esferas européia e asiática, se a política internacional permanecer no terreno das esferas, dentro de poucas décadas a Rússia terá sob seu domínio militar uma população de 400 milhões.

As autoridades soviéticas aboliram a educação conjunta de meninos e meninas em todas as escolas soviéticas, pelo motivo abertamente proclamado de que as meninas prejudicam a preparação dos meninos, desde a mais tenra idade, para o Exército Vermelho (*). As novas Academias Militares de Suvorov recebem meninos de oito anos afim de os preparar para o corpo de oficiais. Um dos alunos da Academia Militar Kalínine Suvorov —Vitali Morozov—entrou em combate aos doze anos e tem a medalha do mérito.

É inutil dizer-se que as futuras preparações militares da União Soviética, da Grã Bretanha, dos Estados Unidos e da França têm em vista a Alemanha e o Japão. A Alemanha e o Japão vão ser totalmente desarmados. É inutil dizer-se

(*) Veja-se *The Soviet Far East and Central Asia*, de William Mandel, *Dial Press*, 1944.

(*) Veja-se o artigo de A. Solokhin, diretor da Escola n. 89 de Moscou, no Boletim de Informações da Embaixada Soviética em Washington, 21 de dezembro de 1943.

que esses preparativos têm em vista nações pequenas. As nações pequenas, todas reunidas, são insignificantes do ponto de vista militar. Os preparativos de uma grande potência para a guerra só podem ter em vista as outras grandes potências. Esses preparativos fazem da Carta de São Francisco, cujo tema central é a *unidade* das grandes potências, uma farsa.

Em prol da amizade com a União Soviética, e afim de tentar fazer da teoria das grandes potências um veículo de paz e não só de força, tratemos desde já com a União Soviética da questão do desarmamento.

7. Se se puder resolver a questão das esferas, e se se puder resolver a questão da corrida armamentista, é preciso dar à União Soviética aquilo de que ela mais precisa: o auxílio dos Estados Unidos na reparação das tremendas devastações infligidas à União Soviética pelos alemães. Dissemos *se* porque seria estúpido mandarem-se à União Soviética máquinas-ferramentas, máquinas industriais, geradores elétricos, material ferroviário e aparelhamento para a indústria química, somente para lhe dar maiores possibilidades de aumentar sua esfera de influência, seu exército e sua produção de armamentos. Seria estúpido que os aliados se auxiliassem mutuamente apenas para se tornarem mais formidaveis e ameaçadores uns aos outros.

Precisamos entrar no caminho da *paz*, e *depois* nos auxiliar sem quaisquer restrições.

8. E, para entrar no caminho da paz a passos seguros, devemos dar o máximo de autoridade à Assembléia Geral de *todas as nações* na nova Sociedade das Nações fundada em São Francisco. Que essa Assembléia Geral fique em sessão permanentemente.

A Carta de São Francisco dispõe que a "Câmara Alta" das Nações Unidas, seu Conselho de Segurança, dominado pelas cinco grandes potências, funcione de modo contínuo. Prevê apenas sessões anuais da Assembléia Geral. Permite, porem, que se realizem "sessões especiais" se a maioria dos membros o quiserem. Que eles o queiram, e que a Assembléia Geral funcione de modo contínuo, tal como o Conselho de Segurança.

O Conselho de Segurança detem virtualmente toda a força bruta do mundo. Só a Assembléia Geral de *todas as nações* pode representar toda a conciência do mundo. A Assembléia Geral, com sua obrigação de discutir e debater as questões, pode esclarecer, com o pensamento do mundo, as controvérsias que até aquí têm sempre separado as grandes potências depois de grandes guerras. Assim, pode contribuir de modo vital para a liquidação dessas controvérsias. Pode contribuir para que a União Soviética, os Estados Unidos, a Grã Bretanha, a França e a China prestem serviços ao mundo. Que a Assembléia Geral o faça, na qualidade de representante e juri da opinião mundial. E que os Estados Unidos, se ainda acreditam que todos os homens, sem exceção, "nasceram livres e iguais", ajudem, de todo modo, a Assembléia Geral nesse sentido.

POTENCIALMENTE, a União Soviética é o maior de todos os poderes. Não vamos, para que haja equilíbrio de poder, formar combinações de outras grandes potências contra ela. O único equilíbrio de poder de que os Estados Unidos devem participar é o de todos os seres humanos contra qualquer excesso de poder, onde quer que seja.

Comecei este artigo insurgindo-me contra o sentimentalismo internacional. Termino-o apelando para a confraternização internacional. Não retiro minhas palavras. O sentimentalismo se gasta em sonhos. A confraternização só se efetua por meio de uma justiça realista. Nas nossas relações com a União Soviética, nas relações de qualquer país com outro, devemos pedir:

Que Deus nos dê em justas proporções o sublime idealismo e o bom senso que, combinados, e somente combinados, nos podem assegurar a paz.

O marinheiro que precisava dum cavalo

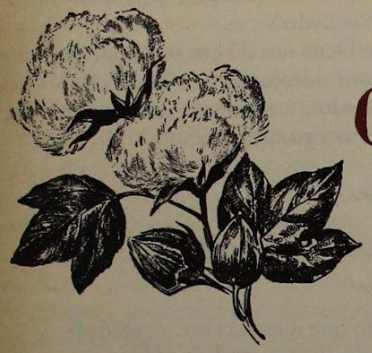
Por Gretta Palmer

QUANDO Arthur Parker, oficial subalterno da Marinha americana, foi enviado para o Pacífico, em 1943, estava certo de que havia de encontrar em qualquer parte, naquela vasta região, um cavalo que lhe agradaria—um animal de boa raça que um ex-fazendeiro, como ele, pudesse tratar e estimar. Assim, meteu uma boa sela na bagagem, e partiu. Três semanas depois de ter desembarcado em uma ilha selvagem, Parker ouviu falar de um piquira que se achava enfermo e caido ao lado de uma estrada do interior. Era uma égua, de nove meses, magra e coberta de moscas, mas com a cabeça de um animal de raça. Na mesma noite, a eguazinha foi levada para o acampamento, onde Parker a tratou com carinho, dando-lhe alimento apropriado e um pouco de conhaque. No dia seguinte, ela conseguiu levantar-se, mantendo-se nas pernas trêmulas; e, em poucas semanas, já andava por toda parte, como «mascote».

Deram-lhe o nome de Flica, e ensinaram-lhe truques interessantes. Aprendeu a abrir armários, para tirar açucar, e a fazer contas de somar, indicando as parcelas com movimentos da cabeça. E aprendeu tanto com os marinheiros a respeito de laços e de nós, que era impossivel mantê-la amarrada. E não era inutil: carregava as vasilhas de água para as turmas dos marinheiros em serviço, parando quando um deles assoviava, assim indicando que queria beber. A unidade naval de Parker recebeu ordens, um dia, de regressar para os Estados Unidos. Não havia dispositivos, nos regulamentos, que permitissem o transporte de animais de estimação dos marinheiros à volta do mundo; mas o destino interveio, porque o comandante do navio em que Parker ia regressar era tambem apreciador de cavalos. E, ao chegar à Califórnia, Parker conseguiu que Flica desembarcasse, classificada sob a designação de «animal usado no serviço de recreio para os combatentes». De fato, Flica começou a fazer uma turnê pelos acampamentos das forças armadas, e uma companhia de jornais cinematográficos, pressentindo uma boa história, mandou um dos seus fotógrafos tirar uma fita de Flica. Mas um tenente interrompeu a filmagem, dizendo: «Um momento! Eu conheço um produtor de Hollywood, e talvez ele queira fazer um filme de grande metragem sobre Flica».

Em consequência disso, Parker recebeu 25 mil dólares para fazer uma película baseada nos acontecimentos em que Flica e ele próprio tomaram parte na vida real. Agora ela se acha sob treinamento especial, enquanto Parker atua como consultor técnico para o filme, em que se verá como um marinheiro comprou uma sela para uma montaria que ele estava certo de encontrar e de estimar.

A mecanização da cultura do algodão promete curar moléstias—mas levanta problemas novos



Os algodoais se mecanizam

(Condensado de «Collier's») *Por J. D. RATCLIFF*

No outono passado, uma multidão de 2.500 pessoas, de que faziam parte lavradores de todos os estados do sul, banqueiros e fabricantes de produtos texteis da Nova Inglaterra, invadiu uma fazenda de algodão situada a pouco mais de três quilômetros de Clarksdale, no Mississipi. Todos desejavam ver como oito grandes máquinas vermelhas da International Harvester abriam caminho através dos campos, e como, cada uma delas, colhia algodão 60 vezes mais depressa do que um homem. Iam assistir ao início de uma verdadeira revolução nos trabalhos agrícolas!

O descaroçador tinha criado a indústria do algodão, da qual vivem hoje 14 milhões de americanos; outras máquinas prometiam agora salvá-la, ainda que levantando uma torrente de problemas novos.

O algodão, a safra de maior rendimento do país, viveu sempre dos esforços conjugados do homem e do cavalo, «semeada na primavera, hipotecada no verão e abandonada nos campos, para apodrecer, durante o inverno». A fazenda de Hopson veio quebrar de vez com essa tradição. Seu sistema é semelhante ao das cadeias de montagem das fábricas de automoveis de Detroit. O equipamento a trator semeia e cultiva a safra; os lança-chamas queimam as ervas daninhas; e os aviões, depois de cobrir o campo com nuvens de pó inseticida, vêm lançar, uma semana antes da maturação, um preparado de cianamida que faz cair as folhas. Finalmente, uma vez estas desaparecidas, as máquinas regressam ao campo para terminar a tarefa.

Há mais de dez anos que se anunciam as «apanhadeiras» de algodão. Mas, fosse por que fosse, a verdade é que elas nunca apareceram. As máquinas que se ofereciam tinham sempre defeitos: eram mal construidas, seu preço era exagerado, ou apanhavam muito *lixo*—folhas, cascas ou hastes.

As que se exibiam na fazenda Hopson eram, porem, diferentes; eram verdadeiros modelos da técnica industrial, capazes de colher quinhentos quilos de algodão por hora, em vez dos escassos sete que os trabalhadores conseguiam apanhar. Não só trabalhavam todo o dia, como continuavam durante a noite, com os faróis acesos. Os 1.600 hectares da propriedade Hopson, que exigiam normalmente 130 famílias de colonos, com 600 a 700 pessoas, podiam ser cuidados, após a mecanização, por 40 trabalhadores experientes.

Semelhante perspectiva não é certamente lisonjeira se aplicada, ainda que

em hipótese, a toda a zona algodoeira, em cujos 9 milhões de hectares trabalham mais de um milhão de famílias.

O algodão é, desde há muito, a safra mais sem sorte dos Estados Unidos. A produção americana, que em 1920 se elevava a dois terços da produção mundial, baixou desde então para 43 por cento. No mesmo espaço de tempo, outras nações aumentaram consideravelmente as suas safras, especialmente a Rússia, o Brasil, o México e a Índia. E, se continuarmos a trabalhar como até agora, não poderemos produzir algodão a um preço suficientemente baixo, que nos permita competir com essas nações no mercado livre internacional.

Se elas tiverem grandes safras, e os preços baixarem para Cr$2,20 ou $2,64 por quilo (como durante a crise de 1929), o solo dos Estados Unidos não renderá o suficiente para evitar a falência dos lavradores, ou para proporcionar uma vida decente aos demais que trabalham na safra.

Quando o preço se eleva a Cr$9,70, que é o seu nivel presente, os lavradores do sul respiram um pouco melhor e têm com que pagar suas hipotecas, mas nem assim dipõem de lucros que lhes permitam competir com as indústrias do norte nos salários dos trabalhadores. Algumas regiões já perderam metade da mão de obra, e no outono passado ficaram por apanhar algumas dezenas de milhões de dólares de algodão.

O algodão nunca proporcionou aos que o cultivam, um nivel de vida idêntico ao da restante população do país. Não oferece mais que 100 dias de trabalho por ano; nos outros 265 os trabalhadores não têm em que se ocupar.

Os irmãos Hopson, Richard e Howel Hopson Jr., vêem na mecanização da lavoura a solução para esse dilema legendário. Demonstraram a possibilidade de produzir algodão em condições de competir no mercado internacional, onde os preços são cerca de um terço mais baixos que os do mercado americano. E, ao mesmo tempo, asseguram à mão de obra uma escala de salários muito mais alta que a da maioria das outras fazendas. As casas atraentes e higiênicas dos seus colonos, com telhados bem cobertos e fundações de concreto, contrastam singularmente com as choças humildes e mal acabadas que são paisagem comum nas lavouras alheias. Os condutores dos tratores, os mecânicos e os outros trabalhadores, recebem um salário básico de Cr$400,00 por mês, uma boa casa, pasto para uma vaca, terreno para um jardim, e 8 cruzeiros por hora de trabalho nos campos.

Quando os irmãos Hopson herdaram a fazenda, em 1933, uma firma construtora de maquinaria agrícola dedicava boa parte de suas pesquisas e do talento de seus técnicos à construção de uma «apanhadeira» de algodão. Os Hopsons fizeram um acordo com a companhia, segundo o qual esta poderia usar a sua fazenda como campo experimental. Isto lhes permitiu acompanhar os progressos e receber os primeiros modelos.

A máquina atual abarca uma fila completa de algodoeiros e avança pelo campo à velocidade de quase 3.600 metros por hora. As plantas passam por uma guia e são percorridas por dedos ageis de metal, constituidos por fusos rotativos umedecidos, que colhem o algodão das flores abertas. Depois, as raspadeiras de borracha retiram o algodão dos fusos e colocam-no ao alcance dum ventilador que o deposita na tremonha de metal, na parte superior da máquina. De cada vez que percorre o campo, a máquina apanha 95 por cento do algodão aberto, sem se preocupar com

os frutos ainda verdes. É certo que também apanha algum lixo—o suficiente para reduzir de 10 por cento o valor de um fardo de algodão—mas ao passo que a colheita manual de um desses fardos custava cerca de 800 cruzeiros, as despesas da máquina não excedem a 150 cruzeiros.

Entretanto, os técnicos anunciavam a construção de outra máquina, não menos decisiva, na mesma época em que se efetuavam as experiências da «apanhadeira» na fazenda Hopson. Tratava-se da mondadeira a fogo, um lança-chamas que arranca as ervas daninhas. Esse trabalho, que tinha que ser feito quatro ou cinco vezes por ano, exigia um volume consideravel de mão de obra, e o lança-chamas, ideado na Luisiana, na região do açucar, veio resolver mais esse problema. Abrange ao mesmo tempo duas filas de algodoeiros. Funciona com óleo Diesel de baixa qualidade e expurga um hectare de terreno com uma despesa de Cr$7,50 a Cr$17,50. O preço do mesmo trabalho feito a mão, ainda que aos parcos salários que se pagavam outrora, excedia a 50 cruzeiros.

A mecanização, com a economia que proporciona no custo da produção, deve contribuir para a expansão das nossas exportações e possibilitará, sem dúvida, a venda de algodão barato e de boa qualidade. Seus efeitos no mercado mundial, quer se generalize depressa quer devagar, serão profundos e inevitaveis.

Desmobilização

¶ Um cabo apresenta-se na sala do comando de um batalhão de Fuzileiros americanos, e diz: —Pronto, tenente Johnson! Tenho permissão do sargento para falar-lhe.

—Que deseja, cabo Jones?

—Tenente, diz o cabo, em perfeita posição de sentido, —vou dar baixa das fileiras dentro de pouco tempo. Tenho observado a sua conduta no comando da nossa companhia, e estou muito bem impressionado a seu respeito.

O tenente fechou a cara.

—Sou presidente de uma companhia de construção e engenharia, na zona do Pacífico, prosseguiu o cabo, imperturbavel. —Se o tenente pensa em voltar à vida civil, terei muito gosto em oferecer-lhe um emprego em minha empresa.

—Edward B. Orr no *Christian Science Monitor*

¶ Em virtude das restrições impostas pela guerra, um homem, por falta de transporte adequado, ia levando ele próprio para uma oficina de conserto um grande relógio de parede. Na rua, cheia de gente, e com a visão limitada pelo tamanho do relógio, o homem colidiu com uma mulher, a qual foi ao solo. Depois de recuperar a compostura e os embrulhos que levava, a vítima do tranco virou-se para o homem do relógio e disse-lhe: «Porque é que o senhor não anda com um relógio de pulso, como toda a gente?»

—Robert W. Ensley

Que se poderá fazer para evitar a poluição de certos cursos de água, outrora cristalinos, e que hoje representam uma séria ameaça para a saude e o recreio do público?

Rios mortos e mortíferos

(Condensado da «American City»)

Por HOLMAN HARVEY
—Com aditamentos do autor—

Quando o mundo puder voltar a «pôr a casa em ordem», espera-o, entre tantas tarefas, uma a que é urgente meter ombros: vem a ser a de libertar os seus cursos de água das poluições que os contaminam, tornando-os impróprios para uso e gozo do homem.

Ainda há poucos dias tomei a barca que atravessa o rio Delaware, para ir de Filadélfia a Camden, e vi, rolando na corrente turva, alguns milhões de litros de esgotos «crus», saidos das entranhas daquelas duas cidades. A pintura dos navios e dos edifícios que marginam o rio mostra-se enegrecida e corroida pelos gases sulfurosos que se exalam das águas inquinadas.

No dia seguinte descí o rio, dirigindo-me desta vez para Chester, na Pensilvânia; a água que esta municipalidade dá a beber aos seus 60 mil habitantes vem do mesmo rio, e apresenta-se tão densa e carregada de substâncias químicas purificadoras, que muita gente se vê obrigada, quando tem recursos, a comprar águas engarrafadas, por não poder tragar as águas da rede municipal. Tomar banho no rio tornou-se um perigo sério, e pode-se dizer que o peixe desapareceu praticamente das suas águas.

Ora, a sorte de Chester está longe de ser um caso único. Condições em tudo semelhantes se verificam em muitas outras cidades do mundo inteiro, especialmente nas zonas industriais e nas de grande densidade demográfica, onde, alem dos esgotos urbanos, os cursos de água absorvem e carreiam imensas tonelagens de despejos e detritos das fábricas. Semelhante poluição das reservas de água, sempre acompanhada da perpétua ameaça das epidemias, está destruindo muitos bens de raiz marginais, corroendo pontes e barragens, obliterando vastas zonas balneárias e outras estâncias de esportes náuticos, e destruindo progressivamente tantas reservas piscatórias, outrora tão abundantes.

Água absolutamente «pura» é coisa que não existe, nem mesmo nos cursos de água com os quais o homem nunca entrou em contacto. É por isso que a maior parte dos centros de população filtram as suas águas de beber e a tratam

com cloro, e outras substâncias químicas de ação purificadora, dependendo o grau de tratamento da quantidade de impurezas presentes no líquido. A amplitude da poluição determina-se pelo que os bacteriologistas dos serviços de higiene pública chamam «contagem dos coli»—ou seja, pelo número de colibacilos, inofensivos, normalmente presentes em todos os esgotos humanos, que se encontram em determinada medida de água. É muito facil determinar a presença dos coli, contrariamente ao que sucede com os germes de doenças, que muitas vezes é dificil, quando não impossivel, identificar. Admite-se que os germes de doenças *podem estar presentes* em águas que contenham mais de seis colibacilos por meio litro; esta é, por tal razão, a conta máxima permitida pelos padrões oficiais de pureza, fixados pelo Serviço Federal de Saude Pública dos Estados Unidos, para que as águas de beber, não purificadas, se considerem próprias para beber, ou para tomar banho. E o Serviço de Saude Pública considera que o mais moderno e mais eficaz dos tratamentos purificadores hoje conhecidos, se não pode considerar suficientemente de confiança para destruir todos os germes de doença, nas águas que contenham mais de 200 mil colibacilos por litro.

Se é verdade que a esterilização das águas de beber conseguiu eliminar virtualmente, em muitas comunidades, a febre tifóide veiculada pelas águas, os índices de mortalidade indicam porem que os germes causadores de diarréia e de enterite conseguem muitas vezes sobreviver ao tratamento esterilizador. Já se têm atribuido igualmente às águas poluidas as incursões ocasionais da chamada «gripe intestinal», doença que em anos recentes tem positivamente varrido centenas de cidades. E o que é mais grave, a misteriosa origem da paralisia infantil, ou poliomielite, pode por fim encontrar-se na poluição das águas. O *Journal of the American Medical Association* já deu notícia de que o virus da poliomielite foi isolado em amostras de água que continha esgotos «crus».

Em seu estado normal, uma corrente saudavel é capaz de eliminar só por si, numa extensão de alguns quilômetros, as impurezas—excrementos e cadáveres de aves, peixes e outros animais, vegetação apodrecida, e um volume muito consideravel de esgotos. Mas essa capacidade de auto-purificação tem limites, e começa a fraquejar quando a carga de impurezas se torna excessivamente pesada. A corrente, até então dotada por assim dizer de «vida» própria, morre e transforma-se num conduto inerte, sem funções por si mesma.

Os cursos de água purificam-se automaticamente por meio, sobretudo, das suas bactérias: bactérias aeróbias, que não podem viver sem oxigênio, e anaeróbias, que não podem subsistir *na presença do oxigênio*. Os anaeróbios devoram as matérias sólidas que assentam no leito da corrente, ao passo que os aeróbios atacam os sólidos suspensos e dissolvidos que flutuam nas águas próximas da superfície arejada. À medida que passam através de seus corpos microscópicos, as dejeções vão-se convertendo, de matéria orgânica e complexa que eram, em substâncias inorgânicas ou minerais, que não se podem putrefazer.

Nem os aeróbios nem os anaeróbios atacam, porem, os organismos causadores das doenças humanas que se encontram nos esgotos, e que se tornam antes o pasto de organismos animais microscópicos, os protozoários da água.

À medida que se nutrem, os aeróbios multiplicam-se; e conforme se multiplicam, vão consumindo quantidades cada vez maiores do oxigênio da corrente. Entretanto, um curso de água saudavel, ao passar por cachoeiras, corredeiras ou simples rochedos, vai-se arejando em contacto com a atmosfera, e portanto extraindo desta o respectivo oxigênio. Ao mesmo tempo as pequeníssimas algas, que são plantas, restituem oxigênio à água à medida que a luz do sol atua sobre a sua clorofila, produzindo a maravilha que se chama fotossíntese. Ao mesmo tempo que vão assim aprovisionando de oxigênio os aeróbios, as algas vão-se nutrindo das matérias minerais que estes últimos fabricam continuamente, a partir das impurezas da água. Esta matéria orgânica, à medida que vai sendo consumida pelas algas, vai regressando ao mundo da matéria *viva*, orgânica, e deste modo se completa um dos misteriosos, intermináveis e complicados ciclos da vida orgânica na natureza.

Finalmente, com o consumo e a conversão contínua das impurezas, os aeróbios, sob a escassez crescente das suas reservas alimentares, vão por sua parte reduzindo-se em número, e as suas exigências de consumo, quanto ao oxigênio da corrente, diminuem progressivamente. Este complicado processo se aproxima então do termo: fica restaurado o equilíbrio natural do curso de água, que assim, limpo agora e com o renovado viço que lhe dá o oxigênio, está pronto para fazer frente ao próximo ataque de que for vítima a sua pureza.

É desta forma que, entregues aos seus próprios recursos, muitos rios carreiam enormes massas de esgotos para o mar, sem sofrer nem causar sérios prejuizos. Mas quando essa carga se torna demasiado pesada, e contínua, então sucede o seguinte:

Os aeróbios, ao atacarem as impurezas do líquido, reproduzem-se em tais quantidades, que o seu consumo de oxigênio da corrente se torna superior às possibilidades de renovação do mesmo, essencial à saude do curso de água. Por falta de oxigênio, os aeróbios e os protozoários destruidores de germes morrem. Então, lá das profundidades da corrente, as hostes invasoras de anaeróbios sobem às massas superiores da água, donde o seu inimigo, o oxigênio, desapareceu... Dispondo agora duma abundante reserva alimentar, e livres do odiado oxigênio, não tardam a apoderar-se de todo o curso de água. E à medida que avidamente se alimentam, extraem hidrogênio da água e enxofre das impurezas, combinando-os no gás hidrossulfureto, de tão mau cheiro, que temos sentido a pairar à superfície dos cursos de água turvos e estagnados.

As algas morrem pouco a pouco, porque as águas turvas impedem a passagem dos raios de sol que lhes davam vida. Privados, por sua vez, de alimento e de oxigênio, os peixes vão desaparecendo também. Pode-se dizer então que o rio está «morto».

Ao fazerem o tratamento dos esgotos, antes de estes serem descarregados nos cursos de água, os peritos sanitários adotam e seguem a técnica de purificação das águas da própria natureza, com a diferença que aceleram este processo automático. Deixam assentar ou depositar em tanques as matérias sólidas em suspensão no líquido. Em seguida esse sedimento é posto em tanques herméticos, impermeaveis ao ar, durante 30 a 60 dias. Nestes tanques, as bactérias anaeróbias «digerem» essas matérias, tal qual fazem no fundo dos rios. O gás produzido pelos anaeróbios é muitas vezes utilizado para a iluminação e aquecimento da própria usina de tratamento; o excedente ou se vende ou se dá de graça.

Mas a sedimentação dos sólidos realiza apenas uns 35 por cento da purificação do total dos esgotos; para se conseguir uma purificação a 85 por cento, introduz-se o «efluente» (ou seja, a matéria suspensa e dissolvida) em tanques expostos à ação do oxigênio, onde ele é atacado pelas bactérias, desta vez aeróbias, e pelos protozoários.

Para se conseguir finalmente uma desinfeção a 100 por cento, ou assim considerada, o efluente, depois de tratado como acima descrevemos, é submetido à clorificação. Sempre que houver uma estância balnear próximo do lugar de descarga dos esgotos, este tratamento final é de todo ponto aconselhavel.

Há municipalidades que embalam e vendem como adubo ou fertilizante os lodos sedimentares deixados pelos esgotos tratados. A receita que as municipalidades auferem pela venda desses adubos, representa uma contribuição nada desprezivel para a cobertura das despesas com o tratamento das canalizações de esgotos.

Inúmeras cidades, entre elas muitas das antigas responsaveis pela «morte» dos rios, se têm tornado concientes da urgência que há em libertar os seus cursos de água do peso morto, e mortífero, da poluição. Mas ainda está para realizar-se uma obra que é uma verdadeira tarefa de Hércules—no caso presente, comparavel à limpeza das cavalariças de Augias. As autoridades que superintendem no assunto crêem que a melhor maneira de resolver o problema é considerar como uma entidade em si, independente, cada bacia fluvial, e recomendam que as municipalidades e outros centros de população situados em todos os estados contíguos às bacias fluviais inter-estaduais, organizem um sistema de cooperação destinado a traçar e a pôr em prática projetos regionais, coordenados, de redução das impurezas das águas.

Os gastos que acarretariam tais empreendimentos não seriam maiores do que as despesas anuais com as epidemias causadas pelas águas inquinadas. E seriam inestimaveis os benefícios do ponto de vista da saude e dos recursos recreativos da respectiva população.

Espírito jovem

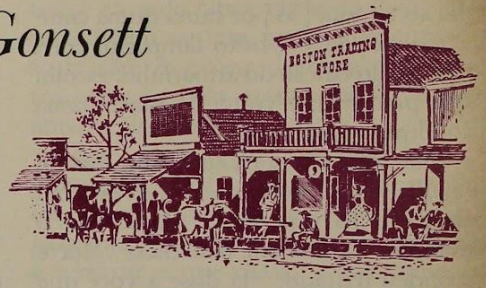
¶ Estava eu um dia no consultório do meu marido, auxiliando-o, quando apareceu uma cliente—uma encantadora senhora que já estava na casa dos setenta. A cliente queixou-se de vários padecimentos, reais ou imaginários, mas o que parecia ser sua maior preocupação era estar sempre sonhando com um rapaz que a perseguia com intenções ilícitas. Meu marido deu-lhe os conselhos adequados para o caso, de modo que ela pudesse ter um sono profundo e sem sonhos. Alguns dias mais tarde a velha dama voltou ao consultório, desconsolada como antes. —Não me diga que a senhora não tem dormido melhor, observou meu marido, sorrindo. —Ah, não, replicou a idosa paciente. —Estou dormindo muito bem agora. Mas, para dizer a verdade, doutor, sinto muita falta do jovem com quem sonhava.

—C. Y. Schriber

RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO—XIX

Da importância de liquidar desavenças—sem dar o braço a torcer

A rixa dos irmãos Gonsett



Por DAVID LAMSON

Era eu garoto quando fomos passar uns tempos numa pequena vila do Montana, de visita a um velho amigo de papai, chamado Enderson. A vila era tristonha e pobre—uma só rua, larga e poeirenta, com uma seção comercial que constava apenas de meia dúzia de edifícios de madeira com fachadas postiças ao longo de passeios de tabuado, que eram verdadeiras plataformas de carga e descarga correndo à altura das carroças. Em toda ela havia um só ponto atraente para mim—e era quando eu tinha um niquelzinho: o balcão de confeitarias da firma pomposamente denominada «Boston Trading Store, Frank & Jacob Gonsett.»

Este empório do comércio regional tinha uma particularidade invulgar que me intrigava: era uma espécie de tabique de madeira, muito sólido, com bem 1m80 de altura, que corria a toda a profundidade do armazem, dividindo-o de meio a meio. Esse tapume, conforme vim a saber depois, era uma barreira, uma «sebe de despeito» que evidenciava a existência duma desavença irredutivel entre os dois sócios, Frank e Jacob. Dum lado da barreira, o sócio Frank, alto e seco de carnes, cabeça côr de fogo, vendia mercearias e ferragens; do outro lado, Jake—calvo, moreno e portentoso—negociava em secos, retrosarias, calçados e artigos para «cavalheiros». Cada um deles agia como se nunca tivesse visto mais gordo o sócio, irmão e vizinho.

Ora, eu vim a ter conhecimento dessa situação, e assim posso dizer, à minha custa. Nas minhas primeiras visitas ao armazem só tratei com Frank, que era quem tinha a seção de confeitaria. Frank aturava com paciência as minhas hesitações, naturais em quem só tem um niquel de seu, dava-me sempre uma generosa porção de balas duras como pedra e de alcaçuz, e atendia minhas compras no valor de um tostão com a mesma cortesia e urbanidade com que teria acolhido o comprador, por exemplo, de alguma estância de gado.

Foi assim, que, uma bela manhã, mamãe me pediu que lhe fosse comprar umas agulhas. Não vendo o sócio Jacob na sua metade do armazem, dei volta ao tabique e, com a maior das inocências, fui pedir as agulhas ao sócio Frank. Pareceu-me ver gelar de repente aquele rosto magro, habitualmente solícito, e o homem retorquiu secamente: «Não vendo agulhas, moço.»

Respondí prontamente: «Mas seu Frank, eu vi agorinha as agulhas no balcão daquele lado do tabique. Só que não tem ninguem pra me atender!»

O lojista afastou-se batendo com os calcanhares no chão, e começou a encher medidas de açucar. Eu, sem perceber nada, fiquei olhando para ele; não exage-

ro se disser que até as costas dele pareciam irritadas! Ocorreu-me que talvez ele não quisesse ter a maçada de dar a volta ao tabique, só por causa duma compra tão pequena. Muito lampeiro, corrí outra vez ao balcão do armarinho, escolhí o que precisava, e voltei de pratinha na mão, direito ao Frank.

«Olhe, Mr. Gonsett, eu mesmo escolhí as agulhas que precisava,» disse eu com toda a minha esperteza. «Aquí tem o dinheiro.» O homem deu meia-volta e respondeu irritado: «Já disse a você que não vendo agulhas! Me deixe em paz!»

Recuei bem depressa, não fosse me bater, dei novamente volta ao tapume, depús a pratinha no balcão do armarinho, e fugí porta fora. Pareceu-me aquilo uma maneira bem esquisita de tratar um freguês que sempre pagava com o dinheiro na palma da mão! Tão depressa cheguei em casa, perguntei a Enderson o que é que havia de especial na loja dos Gonsett. Foi então que fiquei sabendo a história duma rixa memoravel.

Tempos houve (disse-me o Enderson) em que aqueles dois irmãos eram inseparaveis. Para empregar a expressão do próprio Enderson, «se um tossia, o outro escarrava». Ambos solteirões—homens reservados, e bastante tímidos—viviam juntos. Vidas austeras, de trabalho e leitura, aos domingos igreja, uma vez por outra uma excursão de caça ou pesca. Tudo corria entre eles sem uma nuvem —nem as suas linhas de pesca se embaraçavam nunca uma na outra!

Este céu-aberto, esta união idílica durou anos e anos. Até que um belo dia uma ridicularia, um nada—a falta de dez dólares nas contas da caixa—a rompeu abruptamente!

O Enderson e mais dois ou três sujeitos estavam por acaso no armazem à hora de fechar. Frank, ao dar balanço à caixa, deu pela falta do dinheiro e perguntou ao irmão se sabia dele. Jake não pôde dar fé do destino que tinham levado os dez dólares, quando Frank reparou que, dum bolso do colete do irmão, saía a ponta duma coisa verde. Estendeu a mão e puxou: era uma nota de 10 dólares! «Jake,» disse ele, «nem posso crer no que vejo. Se você precisava de 10 dólares, porque é que não disse logo? Você não precisa de roubar a caixa.»

O Enderson ainda julgou que Frank estava falando assim de mangação, porque o Jake era uma torre de honradez, e toda a gente o sabia. Mas quem não tomou aquilo como piada foi o Jake. Arrancando a nota verde das garras do mano, deu-lhe um tremendo carão, por ter ousado pôr em dúvida a sua honradez. Palavras tais ele disse, que o Frank começou a retrucar na mesma moeda.

O bate-boca se azedou tanto que, a certa altura, os presentes se meteram de permeio e aquietaram como puderam os sócios e irmãos. A coisa esfriou. Mas no dia seguinte, ou coisa assim, Frank falou a um freguês na tentativa de «desfalque» que o irmão fizera. Jake, que o ouviu, entrou numa raiva medonha. Frank lhe respondeu acaloradamente. Dizia o Enderson que lá no fim da rua, onde está a cavalariça, se podiam ouvir os berros e os insultos que eles trocavam.

Jed Burrows, que era juiz de paz, correu ao armazem e separou os dois irmãos antes que eles chegassem às vias de fato. Falou-lhes bem duas horas, tentando remendar a manta, mas não houve nada que reconciliasse aqueles dois irmãos. Ambos tinham dito, provavelmente, mais do que queriam, mas cabeçudos como eram, não quiseram voltar com a palavra atrás. Resolveram então dividir o armazem, primeiro pintando uma linha branca no soalho, desde a entrada até o

fundo. Mas a linha branca não chegava para satisfazer tanto rancor, e acabaram erigindo aquele tapume, para não terem nem que olhar um para o outro, e poderem continuar a explorar o estabelecimento sem terem qualquer contacto pessoal um com o outro. Os poucos assuntos de interesse comum eram tratados por intermédio do juiz de paz. Havia agora três anos que andavam naquilo...

—Ora que coisa mais tola, comentou papai. —Nada mais facil que um deles desistir e ir embora, não é?

Enderson abanou a cabeça: —Nenhum deles quer vender a sua parte. Cabeçudos até mais não poder. Estão ficando velhos, não parece que têm ainda muito que andar... É uma pena que levem assim o que lhes resta de vida! Antigamente eram sujeitos trataveis, mas agora estão ficando tão azedos e arrenegados como um par de lobos doentes...

—Estas rixas assim acabam às vezes em coisa séria, comentou papai. —Chegam mesmo a dar no rifle...

—Bem... e aquí o Enderson cuspiu com ar pensativo. —Eu não espero assim coisa tão grave... Mas se aquilo continua do jeito que está...

—Eu acho que vocês, o pessoal da terra, deviam fazer alguma coisa para acabar com a rixa, disse papai. —Deve haver algum meio!

—Você acha mesmo? tornou o Enderson.—Então porque é que não experimenta?

—Talvez um dia me dê na veneta...

—Aposto vinte dólares como você não consegue.

—Está feita a aposta, respondeu papai.

No dia seguinte pela manhã papai chegou à porta do Boston Trading Store, e chamou pelos dois irmãos. Vieram os dois, quase lado a lado, até o extremo do tapume. Então, dando-se ares de quem curva a cabeça ao peso duma vergonha, papai «confessou» que era ele quem tinha roubado os dez dólares. Contou que tinha entrado uma tarde na loja, com fome e sem vintem, e não vira ninguem ao balcão. A gaveta da caixa estava entreaberta, e pela greta espreitava uma nota de dez dólares.

«Era demais para minhas forças,» prosseguiu papai. «A tentação tomou-me, passei a mão na nota e arribei dalí para fora. Vim agora aquí para confessar e restituir o que devo, se me consentirem,» continuou ele com uma expressão de ansiedade, «porque este negócio tem-me pesado muito na conciência.» Dizendo, puxou uma nota de 10 dólares do bolso e estendeu-a aos dois homens.

Os irmãos Gonsett arregalaram os olhos para a nota verde, e depois para papai. Passado um longo silêncio, Frank falou primeiro:

«*Mister*,» disse ele, «eu não sei qual é peor, se um homem furtar dinheiro, ou um irmão levantar um falso testemunho contra o seu próprio irmão. Você não é o único que tem um peso na conciência. Pela minha parte, está perdoado, e de muito bom grado.»

Estendeu a mão a papai—mas quem a agarrou e apertou com entusiasmo não foi papai, foi o irmão, Jake.

Quando papai lhe contou o que se passara, o Enderson não queria pagar a aposta que perdera. Protestava que a balela de papai era uma mentira de todo o tamanho, e que mentiras são pecado. E por isso não pagava. Já tinha bastantes pecados de que dar contas no Dia de Juizo, sem precisar de comprar os que pertenciam a papai. Este sustentou que a mentira só era pecado quando prejudicava alguem, e que se ele queria testemunhar falso contra si mesmo, isso era com ele, e ninguem

tinha nada que ver com isso. O Enderson acabou se convencendo, e pagou os 20 dólares.

«A verdade é que as coisas devem ter se passado pouco mais ou menos como eu imaginei,» concluiu papai. «Aquilo, alguem que entrou no armazem, viu o dinheiro bem à mão, e abafou-o. A minha opinião é que Frank compreendeu isto mesmo faz muito tempo, mas não quis dar a mão à palmatória, para não reconhecer que estava no erro desde o princípio. O que eles precisavam era duma desculpa para fazer as pazes sem dar o braço a torcer. Foi esse pretexto que eu lhes fui levar!»

E foi assim que se acabou a memoravel rixa dos irmãos Gonsett.

Uma policlínica que prova que as regiões rurais podem ter o melhor tratamento médico

Modelo para a clínica rural

(Condensado do «Progressive»)
Com aditamentos do autor

RUTH K. FRIEDLICH

«PODE SER apendicite,» disse Peggy. «Vou chamar o médico imediatamente.» E eu imaginei logo um velho cirurgião de aldeia fazendo-me uma operação na cozinha do sítio de Peggy, no interior dos Estados Unidos. Um hóspede da cidade não tem direito de adoecer, principalmente às quatro horas da madrugada de domingo... «Vou telefonar para a Clínica,» continuou Peggy. «Há sempre alguem alí pronto a atender.»

Vinte minutos depois apresentava-me a dona da casa um homem vigoroso e ativo, de 50 anos, que era o cirurgião-chefe da Clínica de Hitchcock. Dentro de meia hora estava eu estendida numa cama do hospital, com uma amostra de sangue a caminho do laboratório para as análises, e um especialista de medicina interna auscultando-me o coração. Às nove da manhã aparecera o anestesista e daí a pouco o meu apêndice estava dentro dum frasco.

Durante a semana que se seguiu tive ocasião de observar a Clínica Hitchcock em funcionamento. Essa clínica é uma sociedade de vinte e três médicos, cada um com uma especialização clínica ou cirúrgica. Podem utilizar as instalações e serviços do Hospital Comemorativo de Mary Hitchcock, onde a clínica aluga espaço, sendo, no entanto, independente. As suas funções consistem em prover, por meio do exercício da medicina em grupo, socorro médico imediato, tanto de dia como de noite, à colectividade e à vasta região adjacente.

Durante vinte e quatro horas por dia, em todo o ano, o auxílio médico é solicitado através da sua central telefônica. Embora o doente possa escolher seu próprio médico entre o corpo hospitalar, em caso de necessidade pode aproveitar-se do parecer de outros especialistas. Os médicos da Clínica Hitchcock juntaram o seu saber para tratar da saude da coletividade e das povoações vizinhas, e acham esse sistema tão proveitoso para eles como para os doentes. Enquanto estive no hospital, operaram os médicos da clínica uma criança que tinha o estômago invertido, e ajudaram o parto de três gêmeos, da mulher dum lavrador, que não teriam sobrevivido sem a intervenção do pediatra, das enfermeiras treinadas e de incubadoras modernas. Uma noite, bem tarde, um médico trouxe da roça um rapaz que necessitava ser posto urgentemente no aparelho de respiração artificial do hospital, e o especialista de urologia teve que ir a um lugar distante para visitar um velho que se achava em estado de não poder caminhar.

Os médicos da Clínica procuram neste momento enfrentar um dos mais dificeis problemas da nossa época: como dispensar cuidados médicos aos habitantes de zonas rurais onde a prosperidade deixa muito a desejar. Hoje, independentemente de meios, ninguem naquela região pode queixar-se de falta de cuidado médico competente. O tratamento de residentes locais representa apenas um décimo do trabalho de grupo.

Em 1927, contou-me o meu médico, havia cinco facultativos na cidade, e um hospital local, fundado por volta de 1890. O pessoal do hospital, os professores da pequena escola médica próxima e a família de médicos locais eram todos os mesmos cinco homens, assim por demais sobrecarregados de trabalho. Quando se abria a escola, os estudantes quase dobravam a população local. E aumentava o número de médicos rurais que pediam ao pessoal do hospital para ajudá-los em casos graves.

Os cinco médicos compreenderam logo que a situação exigia providências de mais vasto alcance. E assim, há 18 anos, fundaram eles um grupo cooperativo de médicos, conhecido como Clínica Hitchcock. O cirurgião-chefe, que agora conversa aquí comigo, foi um dos fundadores.

«A ciência médica moderna é demasiadamente vasta para poder ser dominada por um só indivíduo,» disse ele. Um médico de família não pode prestar serviços adequados sem as melhores instalações hospitalares, e sem especialistas que prestem seus serviços quando seja necessário. A relação entre o médico de família e o seu doente é valiosa, e nós nos esforçamos por conservá-la.

«Tome o caso duma criança que engula um alfinete. Por muito bom que seja o médico, necessita de radiografias perfeitas, de um laringoscópio e de um especialista que saiba procurar o alfinete.»

O cirurgião abordava um assunto predileto. «A escolha de pessoal é a parte mais importante da organização de todo o grupo. Podem construir-se hospitais esplendidamente equipados para centros de saude rural, mas o povo não receberá por isso a qualidade de tratamento que merece, se os médicos não conservarem o nivel da qualidade de seus serviços. Tem que haver turmas de especialistas mais interessados pela satisfação do bom exercício da sua profissão do que pelos seus honorários.»

Tudo quanto havia em mim de ceticismo urbano se despertou para protestar: «Onde é que se encontram médicos que queiram trabalhar só por amor à

humanidade?» perguntei. «Sem dúvida o médico precisa de estímulo financeiro, mas não é apenas questão de dinheiro. Um centro rural de saude deve oferecer satisfação profissional a quem ama o seu trabalho. Nós nos conservamos vigilantes para conseguir bons especialistas que gostem da gente do campo e queiram criar as suas famílias numa pequena cidade.

«Não há cabarés nestas paragens, e o inverno é bem longo. Não poderíamos utilizar médico desses cuja ambição consiste em consultório de luxo na grande cidade.»

À medida que a ciência ia descobrindo novos campos, os médicos convidavam mais especialistas a juntar-se ao grupo e a tornar-se sócios da Clínica Hitchcock. Para ser admitido, cada médico deverá ter pelo menos três anos de prática na sua especialidade. Todos os anos é enviado, à custa da Clínica, a um grande hospital urbano para refrescar os estudos da sua matéria. Médicos das vizinhanças, internos e residentes do hospital são convidados a ouvir conferências e a tomar parte nas discussões que se seguem.

Esse grupo considera o centro de saude rural como um estímulo para o médico do interior, para um trabalho que atualmente não agrada muito aos médicos jovens e ambiciosos. A cooperação com a clínica traz mútua consideração profissional e camaradagem para a vida do médico em localidades isoladas, e ajuda a mantê-lo ao corrente dos progressos da medicina.

Quando os doentes chegam à clínica, o Administrador combina com eles o custo do tratamento. Geralmente os médicos não sabem nem querem saber que preço foi atribuido aos seus serviços. O Administrador conhece as dificuldades da maior parte das famílias da região, e evita sobrecarregá-las com uma dívida que sabe ser-lhes pesada. Um médico de Hitchcock descreve assim a orientação financeira: «Se um lavrador tivesse que vender a sua vaca para pagar uma operação da mulher, nós compreendemos que ele necessita mais da vaca do que nós do dinheiro...»

Embora o doente faça uma consulta ao médico de sua escolha, pode-se verificar talvez, pelo exame, que o caso poderia ser tratado com mais proficiência por outro membro do corpo hospitalar. Muitas vezes, antes de se tomar uma decisão, analisam-se várias opiniões e relatórios de laboratório. Como essa sociedade clínica está funcionando há mais de 18 anos, possue um fichário de saude de quase toda a gente nova da região. Esse registro tem grande valor científico e poderá lançar mais luz sobre um caso do que uma hora de consulta.

O hospital tem 196 leitos e as enfermarias, cozinhas, laboratórios, gabinetes de raios X denotam grande atividade. Num ano dois especialistas do corpo médico de Hitchcock responderam a mais de dez mil consultas em que usaram os raios X. A cidade em que se acha a clínica está situada no coração dum centro de esportes de inverno, e há muitas fraturas de ossos a encanar. O pediatra é tambem o médico escolar, o patologista é o delegado de saude e o bacteriologista é inspetor dos alimentos e da água.

«Espero,» disse o cirurgião-chefe, «que os centros de saude rural como o nosso ofereçam a muitos médicos esplêndidas oportunidades—uma vida agradavel e a possibilidade de progresso na sua carreira profissional. Compete à profissão médica organizar esses centros, de modo que a medicina de grupo possa trazer benefícios tanto ao doente como ao médico, e à coletividade em geral.»

Aonde o trabalhismo leva a Inglaterra?

Por WILLIAM HARD

ACREDITO naquilo de que certos trabalhistas britânicos extremistas estão sempre escarnecendo: o sistema de economia livre dos norte-americanos. Entretanto, acredito tambem que nas circunstâncias atuais uma Inglaterra trabalhista pode ser mais vantajosa aos Estados Unidos e ao mundo do que uma Inglaterra conservadora.

A Inglaterra hoje está no centro do mundo. Do ponto de vista político, é o país que pode fazer baixar a balança do lado da democracia ou do das forças antidemocráticas na Europa, na África e na Ásia, a ponto de determinar o carater governamental predominante no mundo, no futuro imediato. Do ponto de vista econômico, isto é, quando se trata de saber se caminhamos para um mundo de fartura ou um mundo de miséria, a Grã Bretanha, com os Domínios Britânicos e o Império Britânico, que compreendem a quarta parte da população mundial, são de importância decisiva.

Vou defender a tese de que os Estados Unidos com sua liberdade de empresa e a Inglaterra trabalhista podem, unidos, encaminhar a humanidade no sentido de uma vida de maior abundância e ao mesmo tempo maior liberdade. Examinemos primeiro a Inglaterra trabalhista, e em seguida as possibilidades internacionais de colaboração anglo-norte-americana.

Para começar, a essência da liberdade política do povo—isto é, a liberdade individual de cada cidadão—permanece intacta na Inglaterra trabalhista, e talvez mesmo tenda a aumentar. «O Partido Trabalhista inglês,» declarou sua Comissão Executiva há alguns meses, «defende a liberdade—liberdade de culto, liberdade de palavra, liberdade de imprensa. O Partido Trabalhista lutará para assegurar e expandir essas liberdades, e para que voltemos a gozar os direitos civís individuais que sacrificamos espontaneamente afim de vencer a guerra.»

Fundamentalmente, é esta caraterística do movimento trabalhista britânico—esta crença nos nossos direitos imorredouros e *nos direitos imorredouros dos outros*—que leva o Partido Trabalhista inglês a recusar constantemente a adesão do Partido Comunista inglês. Foram os trabalhistas que reduziram os comunistas à insignificância política na Inglaterra, onde só há dois comunistas na nova Câmara dos Comuns.

É ESTE o primeiro ponto a ter-se em vista no tocante ao Partido Trabalhista inglês: seu governo mantem as liberdades individuais. O segundo ponto decorre logicamente desse. O Partido Trabalhista inglês, em vez de visar a liquidação das classes médias e altas da Grã Bretanha, procura persuadí-las, e com isso tem dado prova, na nova Câ-

mara dos Comuns e no novo Governo, do mais alto nivel de habilidade, em manter continuidade histórica, nacional e social.

Na nova maioria trabalhista na Câmara dos Comuns há 136 burocratas sindicais e cooperativistas. Mas há 156 representantes das profissões liberais, ou sejam advogados, publicistas, médicos, sacerdotes, oficiais do exército e da marinha, professores. E há tambem 41 homens de negócios.

No próprio governo recem-formado, entre os membros do Gabinete e outros, a maioria está longe de ser o que se poderia chamar de «homens da velha escola». Admiraveis nesse sentido, e notaveis como autodidatas que alcançaram elevado nivel de cultura, são dois personagens que muito se salientam no governo britânico:—o Ministro do Exterior, Sr. Bevin, e o Sr. Morrison. Mais notavel ainda, de um ponto de vista estrictamente operário, é o Sr. Walter Edwards, foguista da marinha, que vai ser agora um dos chefes civís do Almirantado.

Por outro lado, os aristocratas da velha escola no novo governo, formados nas universidades mais tradicionais, contam em seu número o Primeiro Ministro, Sr. Attlee; o Ministro da Fazenda, Sr. Dalton; o Presidente da Câmara de Comércio, Sir Stafford Cripps; o Secretário da Aeronáutica, Visconde Stansgate; e o Diretor Geral dos Correios, o Conde de Listowel, que deu um exemplo muito significativo a outros diretores de correios, escrevendo um livro intitulado «História Crítica da Estética Moderna».

O trabalhista Sir Norman Angell observou com orgulho, em recente artigo publicado por *The Saturday Review of Literature*, que o Sr. Bevin, ex-chofer de caminhões, e o Sr. Morrison, ex-contínuo, não ficaram confundidos por terem sido convidados, durante a guerra, para trabalhar ao lado do conservador Sr. Churchill, neto de um duque. Assim tambem, agora, Francis John Westenra Plantagenet Hastings, 15º Conde de Huntingdon, não se sente constrangido pelo fato de ter de trabalhar, na sua qualidade de Secretário Parlamentar do Ministério da Agricultura, ao lado do novo Ministro da Agricultura, Sr. Tom Williams, que foi verificador de balança em uma mina.

As distinções de classe foram terriveis na Inglaterra. Mas não devemos esquecer que o patriotismo político e a decorrente solidariedade entre as classes tambem são terriveis. Não estamos diante de uma nova Grã Bretanha. Estamos diante da velha Inglaterra, eternamente nova, como uma árvore cujos galhos crescem livremente mas cujas raizes estão bem presas ao solo.

Esta mesma idéia nos vem forçosamente ao espírito quando examinamos o programa econômico do Partido Trabalhista inglês. Muita gente diz: «A Inglaterra deu uma reviravolta para a esquerda.» A verdade, entretanto, é muito mais significativa—especialmente para os Estados Unidos com sua liberdade de empresa. A verdade é que a Inglaterra simplesmente resolveu ir mais para a esquerda. Mesmo com os conservadores, ela já ia para a esquerda.

O governo conservador inglês já adotara definitivamente a política do «controle monetário», em vez do tradicional «padrão ouro automático». Já se empenhara em um amplo programa de segurança social, que compreende, entre outras coisas, cuidados médicos para todos, do nascimento à morte. Anunciara sua decisão de eliminar a intermitência entre períodos de prosperidade e de depressão, e cortar a ameaça de crises industriais por

meio de grandes gastos governamentais. Nacionalizara as redes telegráficas, telefônicas e rádio-transmissoras.

Agora, o Partido Trabalhista propõe novas nacionalizações: das minas de carvão, serviços de transportes, gás e eletricidade, ferro e aço, do Banco de Inglaterra. Nessa lista, as minas de carvão parecem ter alta prioridade. O *trabalho* de mineração nas jazidas carboníferas da Inglaterra vai ser nacionalizado. Observe-se, entretanto, que a *propriedade* dessas minas, os direitos sobre o subsolo e outros foram nacionalizados em 1938, por um governo conservador.

É evidente que não estamos diante de um rompimento brusco da Grã Bretanha com seu passado, mas diante de uma evolução continuada. É porem uma evolução que (pelo menos por enquanto) tem limites marcados. A esmagadora maioria das indústrias britânicas, inclusive as mais novas e em maior expansão, como a eletrônica e a de produtos sintéticos, conservarão a possibilidade de provar que o progresso e a prosperidade se podem alcançar melhor pela livre iniciativa privada, em harmonia com certa medida de planificação da economia.

Assim, a Inglaterra torna-se uma espécie de meio-termo econômico entre o comunismo soviético e o capitalismo privado norte-americano. Sou de opinião que, nas atuais condições da Europa, nada poderia ser mais vantajoso.

Uma Inglaterra semi-socialista mas não comunista pode, pelo exemplo que apresenta e pela influência que exerce, contribuir grandemente para moderar todas as convulsões do desespero popular no sentido do comunismo aberto no ocidente europeu em geral. Em todo o ocidente europeu há movimentos trabalhistas semi-socialistas semelhantes ao britânico e movimentos comunistas totalitários semelhantes ao soviético. Os movimentos trabalhistas semi-socialistas já levaram ao poder Primeiros Ministros trabalhistas na Suécia, Noruega, Dinamarca, Bélgica. O governo trabalhista britânico certamente favorecerá a ascensão de Primeiros Ministros como estes—e não comunistas—em todos os outros paises do ocidente europeu que, como a França e a Itália, estão agora atravessando períodos de grande luta intestina.

Os chefes trabalhistas do ocidente europeu não encontrariam nunca um ponto de apoio no tom político e econômico de Churchill. Podem muito melhor encontrá-lo no de Attlee. Não creio que se possa pôr em dúvida que a vitória trabalhista na Grã Bretanha vai aumentar a influência inglesa no ocidente europeu, e que no continente como na própria Inglaterra essa influência tenderá a favorecer o meio termo.

A mais importante de todas as questões internacionais passa a ser então a seguinte: irá este meio termo, à medida que o tempo passa e a experiência se enriquece, inclinar-se do lado das visões e realizações da economia constrangida da Rússia, ou do das visões e realizações da economia livre dos Estados Unidos?

A esse respeito, confrontamo-nos, no terreno econômico, com a mesma situação com que se confrontava Thomas Jefferson, no terreno político, em 1823. Hoje, por causa da guerra vitoriosa contra Hitler, a estrela do comunismo russo está em acentuada ascendência nos céus europeus. Em 1823, por causa da guerra vitoriosa contra Napoleão, a estrela czarista estava em ascendência igualmente acentuada para muitos observadores europeus, e exercia igual influência sobre eles. O elemento incerto na questão era

a Grã Bretanha. E Jefferson, que escrevera nossa Declaração de Independência contra a Grã Bretanha, pegou da pena mais uma vez na sua velhice para escrever: «Devemos almejar ardentemente uma amizade cordial com a Grã Bretanha.» Precisamos «fazer com que seu grande peso faça pender a balança para o lado do governo livre».

E a Grã Bretanha colocou seu grande peso do lado do livre governo contra o sistema coercivo dos estados ditatoriais. Colocou-o não sem confusões e hesitações, mas colocou-o.

O sexo falante

¶ Minha mãe estava nos falando, uma vez, da sua estréia como motorista. —A primeira vez que eu guiei um automovel, disse ela, —seu pai ia ao meu lado, e passamos de fato um mau bocado. O motor enguiçou bem em cima dos trilhos de uma via-férrea, e o trem vinha...

—Não vinha trem nenhum, interrompeu meu pai, calmamente.

—O trem acabaria vindo! disse minha mãe, e continuou tranquilamente a sua história.

—Katharine Brush

¶ Tive ocasião de observar, recentemente, um casal de velhos discutindo amistosamente. A senhora estava levando a melhor, enquanto o marido a escutava com toda a paciência, mas era evidente que ele simplesmente estava aguardando a sua vez, que de certo merecia. Entretanto, antes que ele pudesse dizer uma só palavra, a dama em questão anunciou a sua conclusão final, sorriu amavelmente ao marido e, com a maior naturalidade deste mundo, tirou do ouvido a «tomada» de seu aparelho auditivo.

—Senhora Paul F. Reimhold

¶ Lord Beaverbrook e uma famosa atriz estavam discutindo, fazendo hipotéticas perguntas um ao outro. —A senhora, perguntou-lhe Lord Beaverbrook, —seria capaz de viver com um estranho, se ele lhe pagasse um milhão de libras esterlinas?

—Sem dúvida! respondeu a atriz, sem a mínima hesitação.

—E se ele lhe pagasse cinco libras?

—Que pensa o senhor que eu sou? replicou a atriz, indignada.

—Isso já sabemos, disse Lord Beaverbrook. —Estamos agora tratando de ver até que ponto.

—*Pelican* da Universidade da Califórnia

A incessante e dispendiosa procura de novos artistas para Hollywood: um astro ou uma estrela dentre 45 mil candidatos—e, muitas vezes, por acaso...

Hollywood procura estrelas

(Condensado da «Woman's Life») *Por GRETTA PALMER*

Mais de uma boa centena de agentes dos estúdios de Hollywood não fazem outra coisa senão viajar, em busca de jovens de ambos os sexos que possam ter essa rara e indefinida qualidade que é a «personalidade para a tela». Não se trata de beleza nem de talento artístico, ou dessa espécie de encanto que faz sucesso em uma reunião qualquer, mas de uma fascinação natural, difícil de exprimir, que transcende da tela e toca o coração de milhões de fãs do cinema. Não se encontram talvez mais do que uns 150 jovens com essa qualidade, cada ano—e, para aqueles que se tornam «estrelas», ela significa, muitas vezes, um salário semanal de cinco mil dólares.

Naturalmente, as probabilidades de êxito de cada candidato não são muito grandes. Nada menos de 90 mil aspirantes à glória do cinema são entrevistados em cada uma das maiores companhias produtoras de filmes—60 mil em Hollywood e 30 mil no resto do país, especialmente em Nova York—e todos os candidatos promissores são submetidos a um teste de filmagem. Dos 90 mil, somente 20 são contratados—e, desses 20, dois, quando muito, chegam a ser «estrelas». Para encontrá-las, cada estúdio gasta, por ano, um milhão e meio de dólares.

Há tempos, Walter Wanger fez um desesperado apelo às agências de modelos e às escolas dramáticas, com o fim de conseguir uma nova e bela «estrela» para a fita *Salome, Where She Danced*. Milhares de jovens foram entrevistadas, 38 fizeram teste de filmagem, e sete foram enviadas a Hollywood, para testes finais: mas foi Yvonne de Carlo, já em Hollywood, que obteve o papel de Salomé.

Geralmente, os agentes procuram descobrir «personalidades para a tela» entre os jovens que já revelaram pendores em qualquer das formas de atuação artística, mas suas buscas se estendem a toda parte. Recentemente, por exemplo, em certo estúdio, precisava-se de um tipo comum de jovem, para ser fotografada antes e depois do processo de maquilhage, a experiência mostrando como uma criatura de aspecto insignificante se pode tornar realmente atraente. A escolha recaiu em uma garçonete de Hollywood. As fotografias tiradas antes da maquilhage foram reveladoras: parecia tratar-se de um «achado». Imediatamente foi feito um teste de filmagem, e, dentro de algumas horas, a jovem estava sob contrato: ela possuia «personalidade para a tela».

Os agentes dos estúdios entrevistam dez vezes mais moças do que rapazes, porque as jovens chamam a atenção mais frequentemente, tomando parte em peças que nunca chegarão à Broadway, aparecendo em chás de caridade, ou simplesmente passando pela rua num momento propício. Onde quer que esteja uma jovem atraente, pode estar sendo

observada por um agente de Hollywood.

São tambem procurados os tipos de «carater». Não há muito um agente da Warner Brothers, almoçando em um restaurante, no estado do Texas, observou um senhor idoso que tinha uma bela cabeça, e com um ar de personalidade para a tela. «O senhor já pensou algum dia em ser artista de cinema?» perguntou-lhe o agente. O velho, naturalmente surpreso com a pergunta, disse que não. Era proprietário de uma cadeia de jornais, mas prometeu não se esquecer da proposta.

Os agentes de Hollywood podem arriscar-se a fazer tais propostas a senhores idosos, sem complicações; mas, quando se aproximam de moças ou de senhoras, têm o cuidado de apresentar primeiro as suas credenciais profissionais, porque os Casanovas e os piratas de toda classe estão cansados de empregar este tipo de adulação: «Você devia era estar no cinema!» E muitos impostores fazem-se passar como agentes de estúdios, recebendo «comissões» dos incautos, quando um verdadeiro agente jamais pede dinheiro aos candidatos ao cinema.

É tão raro encontrar alguem com «personalidade para a tela» que os estúdios não ignoram nenhuma possibilidade. Uma carta anônima, dizendo «Vejam a pequena que trabalha na Loja Pomona», leva fatalmente, dentro de 24 horas, um agente à dita loja. Lana Turner foi «descoberta», em consequência de uma indicação semelhante, trabalhando por trás do balcão de uma sorveteria. Um dia, William Meiklejohn, da Paramount, levou, de caminho, dois garotos à escola, em seu automovel, e eles, por acaso, mencionaram uma pequena da sua escola, chamada Russell, que era chamada, por todos os colegas, a «Hedy Lamarr de Santa Mônica». Meiklejohn entrevistou todas as meninas de escola que tinham esse nome, até encontrar a que procurava—Gail Russell, que imediatamente obteve um contrato e mais tarde teve um dos papéis principais na fita *Our Hearts Were Young and Gay*.

Gail Russell é extraordinariamente bela, e somente em alguns casos excepcionais—Hedy Lamarr, Maureen O'Hara—encontramos uma artista que tenha beleza de rosto e seja ao mesmo tempo dotada de personalidade para a tela. Em sua maioria, tanto as candidatas a testes, como as próprias estrelas, não são belas. Vitalidade, encanto, simpatia, emoção—eis alguns dos fatores componentes da personalidade que mais atraem a atenção dos agentes de Hollywood.

Somente depois de feito o teste de filmagem, é possivel dizer se se trata de uma personalidade capaz de se destacar numa película. Quase todas as mulheres que nos encantam pessoalmente se tornam insignificantes diante da objetiva, e são justamente as exceções que se sentem estimuladas quando encaram a máquina cinematográfica.

O próprio teste não constitue nenhuma garantia de êxito. Os testes de Hope Hampton foram dos melhores que se conhecem, e entretanto a sua carreira cinematográfica ficou muito aquem das esperanças despertadas pelos ensaios. Por outro lado, os testes de Deanna Durbin ficaram «dormindo» na Metro durante meses, e causaram tão pouco interesse que os dirigentes da companhia (que ainda hoje coram, quando recordam o caso) passaram o contrato de Deanna Durbin para a Universal. Um dia, George Cukor mandou buscar nos arquivos o teste de uma artista, e, por engano, recebeu o de Joan Fontaine, feito cinco anos antes. Impressionado, chamou-a e deu-lhe o papel principal em *Rebecca*. Muitas outras estrelas de grande êxito, como Katharine Hepburn, Claudette Colbert e Bette Davis, foram rejeitadas por causa das suas primeiras provas. Apesar de tudo, os testes são considerados bastante importantes pelos estúdios, que despendem com eles nada menos do que 335 mil dólares por ano.

A candidata a um teste fornece ao agente um resumo biográfico, incluindo as notas tiradas na escola (as boas atrizes geralmente sempre foram boas alunas), seu interesse pela dança ou pelo canto, e o tipo de atriz que ela deseja ser. (80% das candidatas desejam ser artistas dramáticas como Bette Davis; quase nenhuma se empenha em ser comediante.) É o próprio agente que determina o tipo de papel mais adequado para a novata, na sua opinião, e que a ensaia para o teste.

A candidata faz primeiramente um teste preliminar, silencioso: se se revelarem defeitos físicos de certa ordem, está automaticamente eliminada. Narinas muito altas são fatais—atraem a atenção do público para o nariz da artista. Uma insignificante diferença no tamanho dos olhos aparece na tela de uma maneira alarmante. Algumas jovens têm olhos que não registram emoção alguma, e essas são desclassificadas sumariamente, porque os olhos valem três quartas partes da representação cinematográfica.

Se o teste silencioso for bom, faz-se uma prova sonora: aquí, a futura artista tem que vencer outros obstáculos. Dicção imperfeita pode ser corrigida, mas se a voz é por natureza áspera e desagradavel, não há remédio, pois não se pode reconstruir a laringe de ninguem. Se a jovem tem uma face pequena e uma grande voz de contralto, tambem não se presta para a tela.

A sensação que uma candidata geralmente sente, quando assiste ao seu próprio teste, é de extrema angústia. Virginia Gilmore preferiu sair da sala de projeções, engatinhando sob as cadeiras, a ter que encarar o auditório do estúdio. Laird Cregar assim qualificava a sua experiência: «Isso é imperdoavel!» E saiu do estúdio, em busca de um emprego.

Depois de uma prova com êxito, o artista novato é submetido a um treino de voz e de representação, durante meses, para o primeiro papel que lhe couber. Desde que Anne Baxter fez o seu teste até que foi indicada para atuar na fita *Pied Piper*, o seu estúdio gastou com ela, somente em treinos e ensaios, nada menos do que 90 mil dólares.

A vida de um agente de Hollywood não é das mais invejaveis nem tranquilas, uma vez que, na sua função de descobridor de talentos, é forçado a dizer «não» a candidatos sem conta. Mães devotadas e insistentes o importunam, em casa e no escritório, sujeitos que se parecem com Abraão Lincoln o perseguem pelas ruas, pequenas que se acham *exatamente* iguais a Irene Dunne clamam por um teste. Tais semelhanças, aliás, constituem a mais séria barreira para o cinema.

A simples existência dos agentes dos estúdios prova que há mais procura do que oferta, no mercado de Hollywood. Os produtores estão agora fazendo planos para que os vários candidatos possam realizar provas em suas próprias casas, e a RKO já contratou dez jovens, que fizeram filmes domésticos como testes.

Mas os caçadores de talentos continuarão a procurar, em toda parte, homens e mulheres de ambição artística que poderão um dia ganhar dois mil dólares por semana. Dentre mil tentativas infrutíferas, talvez apareça alguem que, submetido ao teste, revele possuir uma das mais raras e mais bem pagas mercadorias deste mundo: personalidade para a tela.

De onde o governo vai tirar os bilhões de dólares que lhe pedem para gastar em valiosas empresas de toda sorte, em todo o mundo?

São tão ricos os Estados Unidos?

(Extraido do «Newsweek»)

RALPH ROBEY

Nos tempos que correm, é dificil abrir um jornal qualquer sem que se depare pelo menos com uma notícia—senão com várias—de que, uma vez estabelecida a paz mundial, os Estados Unidos devem gastar umas quantas centenas de milhões nisto ou naquilo, ou que o governo americano deve garantir tais ou quais tipos de empréstimo, ou que será unicamente um benefício para todos, se emprestarmos alguns bilhões de dólares aquí ou alí.

Tudo isso está muito bem, mas convem começarmos com a pergunta seguinte: «De onde é que virão todos esses bilhões?»

Principiemos do ano de 1929, que nos parece uma época bastante recuada para as considerações que vamos fazer. A nação norte-americana, naquela época, dispunha de recursos praticamente ilimitados de dinheiro para levar a cabo todas essas idéias de gastos e de empréstimos? É claro que não. Os americanos pensavam então que se achavam em excelente situação—toda a gente tinha trabalho, os preços eram razoaveis, havia abundância de alimentos, a receita nacional era a maior de todos os tempos, etc., mas, de fato, como os acontecimentos pouco depois provaram, a situação não era tão cor-de-rosa como parecia, e não havia sobras de riquezas, como se julgava, para atirar fora aos quatro ventos.

Seguiram-se alguns anos de crise grave, durante os quais a receita nacional se manteve sempre abaixo dos niveis anteriores, a produção nunca atingiu a de 1929, e não havia empregos para cerca de 8 a 15 milhões de pessoas.

Foi naquele período que os americanos acumularam essas fabulosas riquezas que estão agora na iminência de esbanjar? Seria absurdo imaginar tal coisa. É verdade que alguns, individualmente, melhoraram materialmente durante a crise, mas para a nação, em conjunto, aquela época foi de empobrecimento, não de enriquecimento.

Vieram, depois, os quatro anos de guerra, em que o país produziu uma quantidade fantástica de mercadorias, mas essas mercadorias foram consumidas em grande parte pela própria guerra. É assim que uma nação se enriquece, a ponto de ter o luxo de ser ilimitadamente generosa? É lógico que não. Não é destruindo riquezas que uma nação se torna rica.

Como foi, portanto, que surgiu a idéia de que os Estados Unidos são tão ricos que não necessitam pensar sequer, antes de gastar uns quantos bilhões de dólares aquí ou alí? A explicação é muito simples. É que não tiveram que pagar pela guerra de uma só vez. Por essa razão, a aquisição de bonus de guerra ascendeu a mais de 200 bilhões de dólares, os depósitos nos bancos chegam a mais ou menos 70 bilhões, e o total do dinheiro em circulação aumentou para quase 15 bilhões. Sem dúvida, tais fatos podem parecer sinais de riqueza a todos os que possuem bonus, depósitos no banco ou dinheiro, e, como quase toda a gente tem hoje mais «economias» desse tipo do que em qualquer outra época, conclue-se que o povo está rico.

É esse justamente o erro que cometemos. Imaginemos que o Governo, em lugar de ter feito empréstimos, com que pagou um pouco mais apenas da metade do custo da guerra, tivesse realmente pago de uma vez só todo o custo da guerra, durante a mesma, mediante impostos: nesse caso, não teria havido essas «economias», sob a forma de bonus federais, depósitos bancários e dinheiro em caixa. Ver-se-iam, em toda parte, faltas disso e daquilo, maquinismos e equipamentos completamente gastos, e assim por diante. Em lugar de o povo se julgar em excelentes condições, sentiria perfeitamente clara a necessidade de trabalhar arduamente e de economizar cuidadosamente, com o fim de recuperar a riqueza que gastou para destruir os seus inimigos. Só assim se compreenderia a situação—a verdadeira situação em que o país hoje se acha.

Os bilhões de dólares que o povo americano tem em bonus, em depósitos nos bancos e em dinheiro, não constituem riqueza real. Porque, em grande parte, eles representam simplesmente mercadorias que já não existem. E se tiverem qualquer valor no futuro será unicamente em virtude de uma nova produção.

A não ser que não importe ao povo criar terriveis dificuldades no futuro, é preciso ter em mente isto: que os Estados Unidos não emergiram desta guerra mais ricos; ao contrário, o país está hoje muito mais pobre. Seus recursos atualmente são mesmo menores do que eram há somente alguns anos.

Conferências ilustradas

¶ Quando William J. Hutchins era Diretor do Berea College, certa vez convocou todos os alunos para uma reunião, e subiu a uma tribuna, vestido com sua toga acadêmica. Em lugar de fazer um discurso, olhou casualmente para o auditório, tirou um livro de notas do bolso, escreveu qualquer coisa em uma página, arrancou-a e, rasgando-a, atirou os pedaços de papel ao solo. Em seguida, puxou da algibeira um cartuxo com amendoim, quebrou as cascas e, atirando-as tambem ao solo, comeu os caroços. Finalmente, fez o mesmo com uma barra de chocolate e com um par de chícletes, e nessa altura o chão à volta da tribuna estava completamente semeado de pedaços de papel e de cascas. Então, quebrando a tensão que a sua estranha conduta produzira, o diretor Hutchins disse:

«Agora, os senhores viram o que uma pessoa descuidada pode fazer. Vamos tratar de manter sempre limpas as áreas externas do Colégio.»

—Zeta Barbour

Em defesa da castidade

Por MARGARET CULKIN BANNING

Tendo levado mais de um ano em elaboração, o presente artigo é baseado em extensas pesquisas e em dados fornecidos por médicos, psicólogos e outras pessoas que lidam diariamente com problemas resultantes da conduta sexual do homem. Podemos dizer, portanto, que representa não somente a opinião da autora, como tambem o modo de pensar da gente atualmente mais bem informada sobre o assunto. A senhora Banning, mãe de três filhos, é muito conhecida pelos seus numerosos trabalhos relativos às questões da juventude, do matrimônio e da família.

SE EXISTEM motivos para a guarda da castidade, eles têm que ser determinados com absoluta clareza. Muitos se satisfazem com a solução dada ao problema da castidade pela religião ou pelos códigos de moral. Mas a secularização crescente do pensamento, e a noção cada vez mais generalizada de que nenhuma questão de moral está em jogo na conduta sexual do homem, coloca milhares de jovens na livre posição de «decidirem por sua conta», se esta frase pode ser empregada para definir uma conduta que é quase sempre o resultado de uma emoção passageira e mal controlada.

É que ao decidirem por conta própria, fazem-no eles ignorando fatos importantes e sem procurar levar em consideração o problema no seu conjunto. Ouvem dizer que todos agem de igual maneira e que quebrar a castidade, e até mesmo viver em promiscuidade, já não têm grande importância. Assim orientados, tomam uma decisão que quase certamente terá efeito permanente na sua vida, e que, na maior parte dos casos, virá a influir tanto nas suas reações psicológicas como fisiológicas.

No entanto, precisamos não esquecer que a quebra da castidade, mesmo que comumente assim se creia, não constitue uma norma. A norma é guardar castidade. Toda pessoa adulta devia conhecer, como eu, muitas jovens que não se sentem perturbadas por esse problema e outras, cuja vida não oferece oportunidade para tal. Submetem-se a horários regulares; preocupam-se com estudos, esportes, tarefas domésticas e atividades sociais, desviando assim de todo a atenção de tais preocupações.

Não podem deixar de ouvir, porem, e portanto nós adultos não podemos em absoluto desprezar, a campanha que surge no sentido de ser indulgente e mesmo perdoar a quebra da castidade, a qual chega até a advogar as relações pré-conjugais. Há por conseguinte motivo razoavel para que, após as devidas pesquisas, sejam amplamente revelados certos fatos que não foram ainda discutidos abertamente. Alguns pais de família acham que não se devia tornar público esse assunto, pois, a seu ver, isto só serve para despertar entre os jovens uma curiosidade indevida e provocar interesses ilícitos. Mas é justamente o silêncio e não a discussão aberta que suscita curiosidade mórbida. Um fato grave a observar é que os jovens de hoje

debatem idéias entre si cada vez com mais franqueza, ao passo que o silêncio dos pais só tem como resultado separar ainda mais gerações que já se encontram demasiado distanciadas em matéria de entendimento mútuo.

Rapazes ansiosos por iniciarem sua vida sexual tratam o caso despreocupadamente, não vendo motivo para não tentarem a experiência. Mas a verdade é que nenhum médico de reputação, que já viu passar pelo seu consultório milhares de pacientes, e ouviu milhares de confidências, reage com a mesma simplicidade. Nenhum psicólogo que tenha investigado seriamente o problema das relações sexuais do homem, fora do casamento, considera o assunto de modo aligeirado. É claro que a conciência e as emoções de cada pessoa terão sempre a última palavra. Mas as consequências pessoais e sociais da quebra da castidade, como são determinadas por aqueles que estudaram a matéria, deviam ser assuntos absolutamente acessiveis ao público.

Em primeiro lugar, é mister examinar os fatos acerca das doenças venéreas e dos abortos. A Associação Americana de Higiene Social avalia que cinco por cento do povo americano têm sífilis e dez por cento infecções gonocócicas. A maior percentagem de casos de sífilis é encontrada entre as idades de 16 a 30. Se conseguirmos eliminar a doença venérea, um dos perigos da quebra da castidade terá desaparecido. Mas até então, temos um longo caminho a percorrer. Enquanto isso, paira sobre a juventude o sério e constante perigo da doença nas suas relações pré-conjugais, dado que a mulher se sente comumente constrangida em pedir conselhos ao seu médico.

Algumas dessas jovens, é verdade, conseguem obter certas informações—em maioria aliás falsas. São levadas a crer que não poderão ter filhos se usarem certos preventivos. É o caso de transcrever aqui as observações feitas sobre o assunto pela drª Hannah Stone, diretora da clínica Margaret Sanger, de controle de natalidade, em Nova York:

> As melhores organizações fabricam preventivos nos quais não podemos absolutamente confiar. Uma firma que goza de prestígio entre a classe médica faz publicidade de uma «gelatina» que oferece 50% de segurança. A ducha mais forte que existe só dá resultado cerca de 10% das vezes em que é utilizada. A situação se complica ainda mais pelo fato de que diferentes mulheres são suscetiveis a diferentes preventivos.

E este é o testemunho do dr. Maurice Bigelow, diretor do Instituto de Pesquisas de Ciências Práticas. Esse Instituto fez testes em centenas de preventivos de borracha, comprados a uma fábrica de renome, e em cada 100 encontrou 25 imperfeitos. As matérias químicas empregadas na fabricação desses preventivos perdem o seu valor, exceto quando estão absolutamente frescas. Em outras palavras, afirmar que uma pessoa está completamente a salvo de complicações é a maior das inverdades. E nas condições higiênicas em que, geralmente, esses atos de quebra de castidade são cometidos, essa inverdade adquire ainda gravidade bem maior.

Mostram as estatísticas de modo claro ser fantástico o número de jovens que procuram os práticos em aborto. Provavelmente muitas delas já se haviam acostumado a ouvir dizer que um aborto não tem a menor importância. O meu desejo é que elas tambem possam ouvir o seguinte: dez mil mulheres, jovens e adultas, perdem a vida anualmente em abortos. Sobre esse assunto, o dr. Frederick J. Taussig, assim se exprime:

O perigo de infecção no aborto é aproximadamente dez vezes maior do que em partos normais, porque no aborto a cavidade uterina tem que ser invadida, ao passo que de outro modo esta circunstância raramente se verifica. Alem disso, para cada mulher que morre em consequência de um aborto, muitas outras ficam incapacitadas, às vezes permanentemente; outras se tornam estereis, e outras ainda sofrerão os efeitos do aborto quando sobrevier nova gravidez.

O ponto de vista médico não é, porem, o único a considerar. Os efeitos psicológicos de um aborto são igualmente sérios. Muitas moças passam o resto da vida, lamentando o filho perdido. Um aborto pode prejudicar não somente a saude, mas tambem a capacidade emotiva da mulher. Nos momentos do parto, a mulher frequentemente se revolta contra os resultados da sua experiência sexual. Porem mais tarde tem a criança para compensar o sofrimento, e tambem a proteção do marido e o respeito dos outros. A mulher solteira que aborta revolta-se do mesmo modo, mas não tem a compensação que lhe oferece a presença da criança, e do marido. A sua revolta poderá desenvolver-se em verdadeiro ódio pelo homem a quem amava, ou talvez num verdadeiro pavor a relações sexuais em casamento futuro.

Esses perigos—enfermidades, abortos, transtornos emotivos e até morte—pairam sobre quaisquer relações pré-conjugais. Muitos porem enfrentam o risco e escapam incólumes. Mas a defesa da castidade não teria valor se se baseasse exclusivamente no temor às consequências. O dr. Thomas Parran, Cirurgião Chefe dos Estados Unidos, tem a dizer o seguinte: «Eu sempre tive esperanças de que não tivéssemos que basear no temor às consequências o nosso programa de higiene social. Mesmo que as doenças venéreas não existissem, a defesa das relações sexuais monogâmicas devia manter-se de pé pelos seus méritos intrínsecos.»

Mas quais são esses valores intrínsecos da prática da castidade? Ouçamos as conclusões de uma jovem que passou por uma experiência pré-conjugal:

> Muito se tem dito sobre os males que o estado de desapontamento pode causar a uma mulher que nega a si própria a expressão física do amor. Na minha opinião este tormento vago e geralmente periódico nada significa, quando comparado à decepção sofrida pela mulher que procura a felicidade no amor pré-conjugal.
>
> Com a libertação e intensificação dos instintos latentes do seu sexo, pela experiência do encontro sexual, quando despertada pela primeira vez na sua vida para o propósito do amor matrimonial, ela verifica, com um sentimento de completa derrota, que talvez nunca possa atingir aquele propósito. É a impressão de que se caiu numa armadilha, impressão essa que só pode ser descrita por quem a experimentou. O conflito resultante lança uma sombra negra sobre uma experiência que se esperava ser toda luz e liberdade.

Mas há muito ainda a ser dito sobre o assunto. O encontro sexual, experimentado demasiado cedo, pode prejudicar a função sexual na fase adulta. «Experimentado muito cedo,» escreve L. S. Hollingsworth em sua *Psychology of the Adolescent*, «pode bloquear a maturidade, dando excessiva ênfase à satisfação física,»—em confronto com a satisfação adulta que inclue elementos espirituais e estéticos. Há muitas moças que se orgulham de nunca irem alem de carícias voluptuosas, sem ter a menor idéia de como já foram desastrosamente longe.

A diretora de um colégio de moças, após demoradas pesquisas, é de opinião que essas carícias voluptuosas podem criar hábitos que proporcionam uma semi-satisfação e inhabilitam emocionalmente para o casamento. Certa autoridade já declarou claramente que essas carícias são muito mais perigosas do que o ato sexual completo, pois poderão ter consequências desastrosas para o ato normal. Após longos estudos, um psicólogo da Associação Cristã de Moças afirma que as satisfações resultantes dessas carícias tendem a tornar impossivel a realização completa do ato sexual. Excitadas exageradamente e de um modo errôneo, moças que se deixaram acariciar com frequência sentem dificuldade em reagir quando em relações sexuais normais, e a possibilidade de encontrarem satisfação e compatibilidade no casamento torna-se muito remota.

Não é facil de indicar uma linha limítrofe nessa questão. Mas qualquer moça pode diferenciar entre o abraço romântico, que é uma expressão natural do amor, e sensações de fundo sexual. Pode diferenciar, isto é, enquanto estiver reagindo normalmente e, neste caso, não podemos desprezar a influência da bebida. O alcool inflama os sentidos, é um afrodisíaco provado na maior parte dos casos. Uma moça que ingeriu certa quantidade de alcool, especialmente aquela que não está acostumada a beber, não pode manter-se em condições de julgar e dominar a própria conduta. E mesmo que ela consiga manter certo controle, e «saber o que está fazendo,» não é de crer se recorde que médicos e psicólogos acreditam que, ao deixar-se acariciar de um modo voluptuoso, ela esteja talvez causando a si própria um dano irreparavel.

E se a moça ceder completamente, que terá ela que enfrentar? Os sentimentos de castidade de cada criatura são uma rede formada pelo código moral, o seu sistema nervoso, o seu ser físico e a sua conciência. Quantas alterações profundas poderão ocorrer nesse delicado tecido num momento de fraqueza!

Na quebra da castidade o seu código moral é frequentemente violado. Na verdade ela pode julgar que não possue nenhum. Entretanto paira sobre ela todo um concerto de tradições, de poesia e de romance, mesmo que ela não creia numa religião ortodoxa. Por conseguinte, muitas moças não podem pôr de lado, quando de uma experiência sexual antecipada, um sentido de culpa e de pecado que nunca perdem. Este «sentido de pecado» é mencionado por quase todos os médicos que investigaram o assunto. Mesmo que não exista um sentido de pecado verdadeiramente religioso, o sentimento de culpa persiste na grande maioria dos casos.

A moça que acredita estar cometendo um erro sofre horrivelmente. A ferida na sua conciência pode sarar e desaparecer na superfície, tornando-a uma mentirosa. Mas poderá tambem nunca sarar e ela continuará temendo sempre uma punição qualquer. Frequentemente confunde a sua decepção sexual com a punição do pecado.

Por outro lado, há moças que se despem completamente das convenções sociais, e que não sentem nenhuma ligação espiritual ou moral com a sua conduta sexual. Qual é o resultado dessa atitude? Geralmente elas caem no isolamento. Se uma mulher mantem esse ponto de vista, quase sempre acredita—e o declara com frequência—que pode cuidar de si própria. E em muitos casos ela é abandonada a si mesma, até pelos seus naturais pretendentes. A sociedade

não a aceita, recusa-lhe qualquer proteção. E ela pode ter a petulância de quem desafia os costumes, mas não deixará de sentir-se isolada e abandonada.

Uma autoridade no assunto salienta que é sempre crescente o grupo de mulheres que, por terem sido abandonadas pelo primeiro amante, ou por terem encontrado uma evasão emotiva fora da responsabilidade matrimonial, continuam solteiras e sem filhos. Esse grupo não somente é perigoso para os outros casamentos, mas em si próprio encerra uma tragédia. Muitas dessas criaturas são do tipo intelectual, gente sadia que podia ter filhos sadios, em vez de levar uma vida egoista e esteril.

A meu ver é totalmente desprovida de senso a opinião de muita gente para a qual nenhuma questão moral está envolvida nesse assunto. A quebra da castidade afeta o sistema moral, nem que tenha como consequência exclusiva fazer com que uma jovem se levante contra a sociedade. Muitas gostam de interpretar esse papel, rebelando-se contra um sistema social, que consideram anacrônico, e contra religiões que julgam obsoletas. Na realidade, porem, não sabem o que estão combatendo, e esquecem que trabalham por eliminar a proteção da sua vida futura, e que o grande peso da experiência e da história está contra elas.

O efeito da quebra da castidade sobre o sistema nervoso é tambem muito sério. Sendo clandestina, é raramente confortavel. E sendo ilegal, é experimentada às pressas e sem os cuidados higiênicos indispensaveis. Um quarto de hotel barato ou o assento de um automovel estão longe de ser o cenário ideal para a prática daquilo que chamamos de amor.

Sobre esse ponto é dificil encontrar conclusões mais acertadas do que estas do dr. Oliver M. Butterfield, diretor do Serviço de Conselhos à Família, de Nova York:

> O ajustamento sexual não é coisa simples, mesmo sob as melhores condições, e quando prejudicado pelo sentimento de culpa e pela apreensão é quase impossivel de ser conseguido. Numa ocasião em que tanto o rapaz quanto a moça podem estar necessitando de conselhos médicos, são obrigados a esconder as suas relações. Em vista desse silêncio muitas coisas podem acontecer. Se a mulher for virgem, poderá necessitar de cuidados médicos antes do ato. O encontro sexual não é instintivo. Relações pré-conjugais podem provocar, devido a ignorância, comportamentos incorretos que não satisfazem plenamente, e que depois do casamento terão que ser dolorosamente corrigidos.

A situação mais comum da quebra de castidade é o caso de um casal apreensivo, reunido num local inapropriado e pouco confortavel, sob o constante temor de ser visto. Os efeitos que atos como esses poderão ter sobre o sistema nervoso dessas moças, é algo que não se pode medir.

Geralmente se concorda que repressões e recalques afetam maleficamente a qualquer pessoa, e este é o argumento escolhido por muitos que defendem a quebra da castidade. Mas tal argumento tambem pode ser usado pela acusação. A quebra da castidade acarreta grande número de repressões. Há lugares que a mulher incasta não frequenta. Falta-lhe às vezes companhia, e raramente é admitida em grupos. Há certas ocasiões em que não poderá dirigir-se a uma pessoa de quem gosta. Enquanto durar a paixão e a excitação, essas coisas talvez não tenham grande importância para dois seres apaixonados. O segredo permite um delicioso isolamento. Mas todas as experiências mostram que essa discreção traz consigo

as sementes da amargura. Geralmente a mulher se revolta contra esse estado de coisas, odiando passar despercebida e viver escondida, porem temendo ainda que as suas relações sejam descobertas.

É claro que poderão vir a casar-se. Mas nesse caso terão negado a si próprias várias e importantes emoções. Aceitam as responsabilidades do matrimônio, cujo êxito depende de uma quantidade de circunstâncias e iniciam a marcha por esse espinhoso caminho, sem que lhes sejam proporcionados os encantos das primeiras descobertas. Mesmo com as suas recompensas naturais, o casamento é uma empresa dificil. E se o fim do romance já foi atingido antes do enlace matrimonial, eles irão enfrentar os mesmos problemas sem as suas compensações naturais, sendo muito capazes de se tornarem ciumentos pois cada um sabe que o outro gosta das experiências.

Por outro lado, é muito mais provavel que haja nesse caso um rompimento de relações. Lembrem-se de que nos estamos referindo principalmente aos jovens, àqueles que estão pensando somente num prazer imediato, numa aventura. Ouviram dizer que a prática do ato sexual desde a juventude é coisa sem consequências. A nós compete fazer com que eles ouçam tambem o que as autoridades médicas e os psicólogos autorizados têm a dizer—que a primeira aventura sexual não pode ser nem casual, nem sem importância para uma moça normal; que não satisfará os seus desejos, e que ao contrário, os excitará ainda mais, fixando-os sobre um indivíduo. A maioria das mulheres jovens crê que existe uma ligação entre o espírito e o sexo e associam a experiência sexual com a identidade da pessoa que ama. Mas se a aventura for, como muito bem pode acontecer, absolutamente momentânea para o rapaz envolvido no caso, o qual logo passa a outras conquistas, as consequências para a moça só poderão ser uma série de aborrecimentos, ciumes, decepções e amarguras.

Tais casos e o complexo de inferioridade que deles resulta podem fazer com que uma mulher se torne promíscua. E não houve ainda ninguem, com a menor autoridade, que erguesse a voz em prol da promiscuidade. A veemência das afirmações dos médicos, quanto ao mal que as relações pré-conjugais podem causar, varia; porem todos eles concordam quanto às consequências maléficas da promiscuidade, tanto para o homem como para a mulher.

A mulher promíscua põe geralmente em dúvida o seu poder de atração e procura eliminar essa incerteza, repetindo e variando as suas experiências com o sexo oposto. Certa inferioridade é tambem sentida pelo homem promíscuo, que procura assim provar uma virilidade, da qual, em segredo, ele tambem duvida. A promiscuidade é de péssimos resultados para o homem que pretende algum dia manter relações matrimoniais felizes, porque é muito provavel que ele se torne uma criatura pouco romântica e pouco paciente, não dando a sua esposa uma completa satisfação. Alem disso, o homem ou a mulher promíscuos dificilmente se poderão adaptar à monogamia. Um passado incasto é perigoso para o casamento. O sexo perde o seu encanto, mas a procura insaciavel de satisfação sexual continua. A promiscuidade faz com que se ponha a perder a maior experiência da vida—o amor.

É muito facil dizer que «se encaram essas coisas de modo diferente hoje em dia». Na realidade podemos encará-las de modo diverso, mas continuamos a sentir da mesma maneira a seu respeito.

O ciume, por exemplo, está mais vivo

do que nunca. É verdade que pessoas normais sofrem o efeito calmante da razão. Mas, por outro lado, é a própria razão que diz a um homem que se sua mulher foi incasta antes do casamento, ela já destruiu certas inibições, o que a torna mais capaz ainda de ser infiel. Afirmam alem disso os psicólogos que a mulher promíscua é geralmente mais ciumenta do que qualquer outra.

Tambem não podemos negar as preferências do homem pela mulher virgem. Nesse caso temos o testemunho daqueles que fizeram estudos baseados em milhares de observações. Essa preferência é uma verdade histórica que continua de pé. A *History of Marriage* de Westermarck vem corroborar essa asserção. Apesar dos jovens de agora pretenderem ser indiferentes à virgindade, continuam a desejar que a mulher amada não tenha sido possuida por outros. É uma verdade mais patente hoje do que nunca que, sacrificando a sua castidade, uma mulher pode estar destruindo as suas possibilidades de felicidade conjugal.

Na realidade, não há muito de novo a acrescentar ao que a história nos ensina a respeito dos problemas relativos ao sexo. É incorreto afirmar que estamos voltando à selvajaria, quando verificamos que a nossa conduta sexual se está tornando relaxada. Entre as tribos selvagens, o comportamento sexual era sempre sujeito a regras, apesar delas não serem semelhantes às que nós adotamos. O que a história revela muito claramente é que sempre houve leis regendo a castidade. Estas são quase sempre as antigas leis elementares, e a transgressão das mesmas era sujeita a severas punições pois traziam como resultado complicações de toda espécie.

A não ser que as relações sexuais do homem se estejam desintegrando, sempre existirá a necessidade de confiança mútua entre o homem e a mulher. Essa confiança geralmente não persiste depois de atingido e passado o primeiro momento culminante da paixão, exceto quando ligada à concepção religiosa e filosófica do homem e da mulher—sejam quais forem os ideais que prendam a pessoa à própria vida. Não se trata de sentimentalismo, mas de uma assertiva rigorosamente verdadeira, dizer que as relações sexuais do homem têm que estar ligadas a um código moral que se mantenha por si, ou têm que ser baseadas na crença de que abrangem um dever para com a raça e para com o indivíduo. Olga Knopf expõe o caso claramente quando declara que «as relações sexuais não constituem somente um assunto privado, mas são do interesse da sociedade em geral».

Isto é o que os jovens em geral, aqueles que são impelidos unicamente pela curiosidade e aqueles que já se encontram na defensiva, deviam ser levados a compreender. Sem tomar uma atitude repreensiva e sem procurar diminuir os direitos do amor individual, devíamos mostrar que apesar de as leis que regem o casamento serem desobedecidas, elas continuam a existir e ainda permanecem de pé as penalidades para a sua infração.

Se pudéssemos fazer com que os jovens envolvidos em casos dessa natureza acreditassem no que acabamos de afirmar, teríamos conseguido alguma coisa. A juventude é impaciente e facilmente excitavel. Precisamos mostrar primeiramente que aqueles que querem controlar os seus desejos, não estão conspirando contra a atração que sentem um pelo outro, mas, ao contrário, estão trabalhando contra as influências prejudiciais ao seu amor—ou ao que eventualmente poderá vir a ser amor.

O que temos a fazer, portanto, é ajudar esses jovens, e, se a atração que os impele for alem do momentâneo, encorajar o seu casamento. Como concordaram as autoridades entrevistadas a respeito desse assunto de castidade, a afirmação que tem sido repetida por toda parte é que a melhor solução é casar cedo. Não estamos advogando o casamento apressado. Mas se um rapaz e uma moça soubessem que não teriam que adiar indefinidamente as relações sexuais, a sua atitude seria outra. O longo tempo entre o despertar da sua paixão e a sua expressão decente é responsavel pela revolta contra as convenções e regras estabelecidas.

Ouvimos de todos os lados que as condições econômicas tornam o casamento entre jovens muito dificil hodiernamente. Mas o casamento para os moços nunca foi facil. Através da história temos visto que os pais sempre tiveram que ajudá-los no começo. E os pais modernos—dizem aqueles que sabem o que estão afirmando—deviam estar prontos a fazer o mesmo; deviam estimular os jovens a casarem cedo. Mas tambem lhes cabe mostrar claramente aos filhos as consequências da quebra da castidade.

Como acabamos de demonstrar, pois, pode-se fazer a defesa da castidade préconjugal. O homem não econtrou ainda o meio de defender a mulher incasta, exceto no que diz respeito à gravidez e à enfermidade. Ela vive sempre em perigo de colapso moral e psicológico. Por outro lado, o que seria a mais rica experiência vital, pela prática ilícita se exerce nos ambientes, menos propícios, mais pobres e, por vezes mesmo, ignobeis. Essa prática é contrária ao desenvolvimento do amor. Só tende a criar mulheres solitárias e homens egoistas.

Jovens normais não são partidários da quebra da castidade. Estão sempre à procura de uma ética que os norteie. Pesquisas realizadas em universidades mostram que eles acreditam na fidelidade e desejam o casamento. Acima de tudo, querem uma vida emotiva cheia de vitalidade e que perdure. Não precisamos transformar-nos em apologistas da castidade, junto a pessoas que mostram tal disposição. O que os jovens de hoje querem é que lhes mostremos os ideais verdadeiros e lhes indiquemos o caminho autêntico.

Médicos, psicólogos e amigos podem aconselhar. Jamais porem terão a última palavra no assunto. Este é um dos problemas sociais cuja solução requer uma tomada de posição individual. Em face a tal emaranhado de sentimentos e impulsos, alguns dos quais herdados e outros produtos do ambiente, cabe a cada jovem individualmente a responsabilidade de defender a própria felicidade, bem como o destino da espécie. A atitude para com a castidade é tão importante, como qualquer outra decisão séria que um homem se veja obrigado a tomar durante a sua vida. Isso significa que os esforços dos seus pais deviam ser dirigidos, no sentido de colocar diante deles, com a maior clareza possivel, todos esses argumentos científicos, espirituais e históricos, em favor da castidade, os quais fortalecerão a sua resistência normal contra o relaxamento de normas, que lhes entra pelos olhos, pois existe em torno deles.

¶ *É facil conhecer a Deus, se não nos afligimos em definí-Lo.*

—Joseph Joubert

Argúcia dos animais · VII ·

Seleção de Alan Devoe

Os lenhadores e outros indivíduos que trabalham ao ar livre contam histórias verdadeiramente inacreditaveis sobre a argúcia demonstrada por certos animais selvagens. Publicamos aquí algumas das mais interessantes, entre as enviadas pelos nossos leitores.

A PROVA DE ASSALTO

Perto de minha casa, numa floresta do Congo Belga, venho observando um esquilo de uma espécie local, desde quando ele era bem pequeno, e verifiquei que toma precauções assombrosas contra a cobra, seu maior inimigo.

Todas as tardes, antes de entrar no orifício que ocupa numa árvore oca, o pequeno animal corta um galho de cerca de 20 centímetros de comprimento. Agarrando-o pelo meio, recua então até entrar na sua moradia. Em seguida morde o galho, de modo a quebrá-lo no centro sem separar as duas partes e, segurando-o em forma de *v*, pela junção, puxa-o através do orifício, até que fique tapando completamente a entrada do refúgio. As pontas das folhas ficam para fora, formando uma bucha compacta.

Uma cobra ou outro animal qualquer que tentasse empurrar o tampão, só conseguiria firmá-lo ainda mais. E na manhã seguinte, apenas com um ligeiro esforço, o esquilo joga o pequeno galho ao chão.

Há seis anos que observo o meu inteligente vizinho, e ele, prudente habitante das selvas que é, nunca deixou de preparar a sua defesa noturna.

—H. Wilson

ÚLTIMA HOMENAGEM

Em nossa fazenda, havia uma vala onde milhares de corvos se reuniam todas as tardes, após as suas habituais incursões pelas nossas plantações de milho. Meu pai ouvira dizer que eles abandonariam o local onde um corvo morto tivesse sido dependurado e, com esse intuito, matara um corvo e o colocara no galho de uma árvore.

Naquela mesma tarde os corvos começaram a sobrevoar essa mesma árvore, piando excitadamente. E logo foram pousando um a um no chão, até que todo o bando se havia reunido em semi-círculo.

Um velho corvo pulou para o centro, em frente aos seus companheiros, e estes subitamente se calaram. Mal podíamos acreditar no que víamos. O velho corvo pareceu-nos discursar por algum tempo e, num determinado instante, calou-se e voltou ao seu lugar no círculo.

Um segundo corvo voou para o meio e «se dirigiu», ao auditório. Vários colegas se manifestaram em resposta. Parecíamos estar presenciando uma assembléia dos habitantes de um lugarejo.

Quando cerca de meia dúzia deles havia acabado de «falar», o bando levantou vôo, acompanhando o primeiro «orador». Este pousou no galho onde estava o corvo morto, segurou-o pelo bico e partiu novamente, voando rente ao chão, até o momento em que o peso da ave morta o obrigou a parar. Outro corvo pousou imediatamente ao seu lado e continuou o seu trabalho por uma distância idêntica. Um terceiro retomou-o daí e, voando baixo sobre a lagoa, deixou cair o companheiro morto dentro da água.

Feito isso, todos os corvos deram a volta e regressaram à vala.

Mais uma vez fez-se silêncio sobre o campo.

—Wilma Hays

OS ANIMAIS FALAM?

Meu amigo Alonzo, que há cincoenta anos prepara armadilhas nas florestas de Quebec, acredita que sim.

Em certo dia de janeiro, observava ele duas corças que andavam uma após a outra, sobre a espessa neve. Na sua trilha, ainda fora do alcance da vista, vinha uma matilha de lobos.

Penosamente a corça que ia na frente abria caminho para sua companheira.

Subitamente, ambas estacaram. Segundo o que Alonzo me contou, a primeira voltou-se para a segunda e «disse» qualquer coisa. Em seguida, a segunda pulou adiante e tomou a liderança, dando um descanso merecido à que vinha abrindo caminho até então.

Assim seguiram por algumas centenas de metros até trocarem novamente de posição.

Se tivessem andado lado a lado sobre a neve fresca, teriam sido fatalmente alcançadas. Trocando, porem, de posição frequentemente, uma pôde descansar enquanto a outra avançava e, desse modo, conseguiram distanciar-se dos lobos.

E Alonzo concluiu: «Talvez os bichos não falem, mas eles bem sabem o que dizem...»

—John Durant

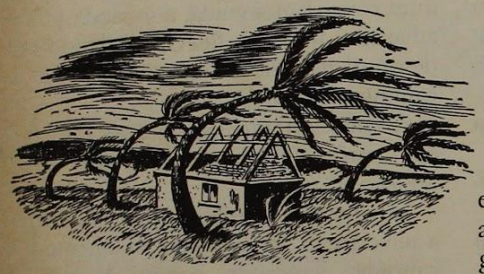
Agonia mental

¶ Um lavrador empregou um camarada e deu-lhe um montão de lenha para cortar. A manhã ainda estava pelo meio, quando o lavrador foi ver como o homem ia em seu mister, e, com grande surpresa, encontrou a lenha toda cortada. No dia seguinte, o patrão disse ao novo empregado que empilhasse toda a madeira debaixo de um telheiro, o que constituia uma grande tarefa. O lavrador imaginava que o trabalho tomaria o dia inteiro, mas ao meio dia o ativo sujeito tinha feito tudo. No terceiro dia, achando que devia dar ao bom trabalhador algo mais simples para fazer, encarregou-o de selecionar certa porção de batatas, dizendo-lhe: «Ponha as boas nesta vasilha, as duvidosas nesta outra, e as que estão estragadas atire fora.» Uma hora mais tarde, o lavrador voltou para ver como andava o trabalho, e, mais surpreso do que nunca, encontrou o empregado desmaiado e as batatas quase exatamente como estavam antes. O lavrador atirou um balde de água na cara do desfalecido e, tendo ele recobrado os sentidos, pediu-lhe uma explicação para o caso.

«Ah, meu senhor,» disse o homem com uma grande expressão de desânimo, «a dificuldade da escolha é que me mata!»

O furacão de 1928 foi um pesadelo para a região

NOITE DE HORROR NA FLORIDA



(Condensado do «Post-Dispatch» de St. Louis)

RALPH WALLACE

O FURACÃO que em 1928 devastou uma região da Florida, nos Estados Unidos, foi talvez o temporal mais violento que este continente já experimentou. O barômetro desceu ao ponto mais baixo que até então se tinha registado na história meteorológica dos Estados Unidos, e as rajadas de ventania chegaram a atingir mais de 160 quilômetros horários. Em poucas horas perderam a vida pelo menos duas mil pessoas da região das Everglades, a vasta zona que ficou devastada.

Em setembro desse ano a região das Everglades vinha desfrutando duma prosperidade sem precedentes. Os transbordamentos quase constantes do lago Oquichobi, situado em pleno coração das Everglades, que tinham feito daquela terra um pantanal, pareciam ter sido finalmente dominados, graças aos diques e canais de drenagem. Tinha precisamente começado a maior sementeira de legumes de inverno daquela zona, e os tratores rosnavam através dos nateiros lamacentos. Nas lojas de sementes e armazens de fornecimentos agrícolas, os empregados trabalhavam sem descanso até altas horas da noite, servindo os fregueses. Muito embora a esse tempo aquilo ainda fosse terra meio selvática, infestada de cobras, de jacarés e gatos bravos, a região rivalizava em fertilidade com as melhores terras araveis do mundo. As colheitas copiosas, por vezes às três em cada estação, pareciam brotar da terra ao toque mágico da relha do arado...

No entanto, apesar de toda essa prosperidade, a região continuava lamentavelmente exposta às devastações dos temporais próprios da zona. A leste do lago Oquichobi, até Palm Beach, a terra se desenrola lisa como um soalho—mais parecendo uma arena feita de encomenda para gozo dos ventos arrebatados e das inundações incontrolaveis. Apertados como sardinha em lata nas barracas de madeira e tendas de lona daquelas terras baixas, viviam mais de cinco mil trabalhadores itinerantes, empregados nas culturas do campo. Poucos dentre eles dispunham de telefone; e não havia sequer uma família em cada cem, que possuisse rádio. O lago Oquichobi, com os seus 48 quilômetros de diâmetro, jazia a um nivel superior ao da maior parte das fazendas; haviam-se construido novas barragens que o envolviam circularmente, mas por desgraça essas barragens, feitas de lodo amassado com marga, eram tão resistentes como um mingau, e erguiam-se apenas alguns pés acima do nivel mais alto das águas do lago. Já uma vez se produzira um acidente que devia ter servido de aviso: em 1926 um furacão havia derrubado as barragens perto de Moore Haven, e 400 pessoas tinham perecido afogadas. Mas nem assim aquela gente dava sinais de preocupação.

Durante agosto e princípios de setembro de 1928, a precipitação de chuvas atingiu mais de 90 cm de altura à superfície do lago e na região das Everglades; em consequência disto, a meia dúzia de canais que saiam do Oquichobi ficaram cheios até à borda. As águas do lago foram subindo cada vez mais, até aproximar-se da crista das barragens. Entretanto, a 6.000 km de distância dalí, junto da costa da África, o temporal ia preguiçosamente ganhando força e velocidade...

A primeira notícia da tempestade que se avizinhava, veio a 10 de setembro de bordo do navio *Commack*, cargueiro americano que a custo podia romper caminho através de alterosas vagas, ao largo de Barbados. Na quarta-feira, 12 de setembro, o temporal rugia já sobre a ilha de Guadalupe; quando largou dalí para o mar, deixava atrás de si um rasto de 660 cadáveres. A essa altura o ciclone atingira proporções tremendas, era um torvelinho com 400 km de diâmetro, soprando com uma ferocidade que deixava aterrados os observadores. Assaltou a ilha de Porto Rico na quinta-feira de manhã: ao anoitecer havia lá mais de 200 mil almas desabrigadas, e muitas centenas de pessoas haviam perecido.

A tempestade desenvolveu-se então com um capricho singular: nos dois dias seguintes, sexta e sábado, pareceu que o gigantesco funil de vento ia dirigir-se para o largo, a leste das Baamas. Até sábado, o posto meteorológico anunciou repetidas vezes que o furacão não chegaria a atingir a Florida, e só no sábado pelo meio dia é que os moradores das Everglades ficaram sabendo que o rumo do temporal sofrera uma súbita inflexão, e se dirigia para a península.

Tinham diante de si algumas horas somente para tomar medidas preventivas. Nas pequenas localidades agrícolas espalhadas a sul e leste do lago Oquichobi, foram imediatamente organizados grupos de estafetas para levar o alarme a toda a região. Alguns negociantes meteram-se de automovel através daqueles campos, e recolheram 211 homens, mulheres e crianças, que foram instalados a bordo duma grande barcaça no lago, onde ficariam em relativa segurança. Um médico da redondeza mandou diversos caminhões até outros pontos mais afastados, afim de recolher todas as pessoas que fosse possivel convencer a deixarem as suas casas: infelizmente, muitas se recusaram obstinadamente a partir. Pelo fim da tarde já estavam apinhadas umas 500 pessoas nos dois andares do Glades Hotel, e outras 150 no Belle Glade Hotel, que ficava do outro lado da estrada.

Pelo meio da tarde o vento começou a soprar tenazmente das bandas do norte, e pelas dezoito horas era um tufão uivante. Os refugiados que enchiam aqueles dois hotéis, espiando a rua pelas janelas, viam com assombro o vento virar os automoveis, fazendo-os rolar rua abaixo, como se fossem caixinhas de papel. Um telhado imenso foi arrancado duma casa, e voou pelos ares à altura do cimo das árvores; a carroça duma fazenda ergueu-se no ar com as quatro rodas girando delicadamente, e desapareceu como um balão direita ao céu. Só quem gritasse a toda a força dos pulmões podia fazer-se

ouvir por entre o dobre da ventania, sinistro e cavo como o rufar dum tambor. Nem as próprias mulheres, que rezavam em grita, numa crise de histerismo coletivo, se podiam fazer ouvir. Depois, no mais agudo do temporal, começou caindo uma chuva diluviana, que vinha na horizontal com a violência duma ininterrupta fuzilaria.

Ao mesmo tempo, a ventania empurrava inexoravelmente diante de si toneladas e mais toneladas de água; o extremo norte do lago foi completamente erguido do fundo pela violência do tufão. Os vagalhões, da altura de um prédio de dois andares, galgaram rugindo, em direção ao sul, para ir fender e corroer as barragens. Numa extensão de 34 km da margem sueste do lago, os vagalhões galgaram subitamente os diques, que se desmoronaram. E uma avalanche de água com três metros de altura precipitou-se planície fora, cobrindo a voz do vento com o seu ribombo rouquejante.

Dentro de poucos minutos a inundação engolfava completamente Belle Glade, arrancando e espedaçando com a sua crista os postes telefônicos, as árvores, edifícios inteiros. O Belle Glade Hotel foi arrebatado pelos alicerces, para ir ancorar mais longe e aguentar-se milagrosamente entre o tumulto. O médico e outros homens removeram mulheres e crianças para o segundo andar do Glades Hotel. Entretanto, a água foi subindo até chegar a menos de 55 centímetros de distância do teto do andar térreo. Lá fora as casas passavam boiando na torrente impetuosa, com os moradores sobreviventes erguendo os braços em baldada imploração. Cadáveres ficavam boiando durante um instante, redemoinhando no pórtico do hotel, e desapareciam água abaixo. Das cincoenta moradias e edifícios comerciais de Belle Glade, só os dois hotéis e um armazem geral conseguiram escapar. Quase todos os habitantes que, por esta ou aquela razão, não puderam encontrar refúgio nos hotéis, pereceram.

Na vila de Pelican Bay não existia um só edifício suficientemente sólido para resistir ao furacão. Metade dos 450 habitantes do lugar deixaram-se ficar fechados em suas casas; os outros foram a pé para Belle Glade. A inundação e a ventania deram conta dos dois grupos, e não houve uma só pessoa que tivesse conseguido escapar com vida. Essas cenas de tragédia repetiram-se em muitos outros pontos. Um tal Thomas, que estava em sua casa na ilha Ritta, em pleno lago Oquichobi, na companhia da mulher e de seis filhos, não teve qualquer aviso da tempestade que se aproximava até o momento em que a ventania começou a erguer enormes vagalhões no lago. Nenhum barco teria resistido à travessia dalí até à margem. Estavam prisioneiros da tempestade. Não tardou que as águas começassem a borbulhar dentro de casa, infiltrando-se através das tábuas do soalho. Tomada de pânico, a família marinhou nos moveis, depois subiu ao sotão, perseguida sempre pelas ondas que invadiam a sala, chegando até o teto. Munindo-se de um machado, Thomas fez um furo no telhado, içou-se para fora através dele e, inclinando-se para baixo, preparava-se para içar tambem o primeiro dos filhos.

«A espuma das ondas, rebentando por cima da cumieira da casa, quase me cegava,» contou ele mais tarde. «E o vento parecia querer me pegar por baixo do corpo, para me arrancar do telhado. Exatamente no momento em que eu estendia os braços a meu filho, pelo buraco do telhado, avistei o tronco duma árvore enorme que vinha direita à casa como um aríete, com o toco das raizes para diante: uma fração de segundo depois, batia na casa.»

A árvore atravessou o fragil edifício, demolindo-a à passagem. Thomas soltou-se, flutuando num segmento do telhado, ao tempo em que casa e família se sumiam, tragados num torvelinho de água. No dia seguinte foi socorrido por um bote, cujos tripulantes o encontraram muito contuso e quase inconciente. Quanto aos cadáveres da mulher e dos filhos, só mais tarde foram encontrados a alguns quilômetros de distância.

A noite corria e aos horrores vieram somar-se novos horrores. Em cada montículo de terra que se erguia acima da planície, as cobras venenosas, enlouquecidas de medo, contorciam-se entre os sobreviventes, e mordiam a torto e a direito. Um fazendeiro, quando viu desfeita a sua casa pelo temporal, foi procurar abrigo em uma árvore, onde passou a noite toda lutando com as serpentes que teimavam em acolher-se ao mesmo poleiro. Certo senhor que tinha corrido a refugiar-se com o filho de pouca idade, em uma elevação de terreno, procurou manter o pequeno fora do alcance das serpentes, erguendo-o nos braços, até que, mordido várias vezes, tombou para terra inconciente. Daí a momentos, pai e filho estavam mortos.

Por volta da meia noite o vento e as águas desencadeadas atingiram um máximo de furor, e dir-se-ia então que nenhum ser vivo poderia escapar à catástrofe. Na ilha Torrey, tambem no lago, 21 pessoas marinharam até às traves do telhado dum armazem de encaixotamento, quando viram que a inundação assaltava o edifício. Mas este desintegrou-se sob o embate repetido das vagas, e nove dessas pessoas perderam a vida.

Nem tudo porem foi perdição: essa noite viu verdadeiras epopéias de coragem. Um dos episódios mais heróicos teve por protagonista uma menina de 12 anos, Telma Martin. Quando a enchente irrompeu, o fragil bangalô da família Martin ficou feito em estilhaços, e Thelma agarrou no irmãozinho de dois anos de idade, Aarão, e numa irmã de sete anos, Ernestina, e conseguiu abrir caminho até um toro que flutuava na corrente. O madeiro seguiu aos trambolhões na escuridão, até que o pequeno grupo se encontrou detido por uma figueira da Índia. Retida sob uma massa de destroços durante a noite inteira, Telma conseguiu salvar o bebê da morte por afogamento, mantendo-o erguido e apoiado contra o tronco da árvore, com a mão única que tinha livre. Quando, com a manhã, chegaram socorros, as pernas da pobre menina estavam tão contusas que ela não podia andar.

Foi quase por milagre que algumas famílias conseguiram salvar-se. Uma das famílias, pai, mãe e oito filhos, passou toda a noite na mansarda da sua casa, flutuando ao capricho da torrente. Quando a casa finalmente tomou pé, a família abriu um buraco no telhado e espreitou para fora. Tinham vindo parar à beira dum canal, a pouco mais de metro e meio de distância dum sorvedouro onde a água se engolfava com a velocidade irresistivel dum trem expresso!

O pessoal de South Bay, metido na barcaça, viu-se durante muitas horas fustigado pelo vento e sacudido pelas ondas, mas a rudimentar embarcação aguentou-se à tona das águas, e todos os seus refugiados escaparam.

Pouco depois da meia-noite a ventania abateu, e esmoreceu de todo; a chuva porem não parou, e a inundação continuou subindo até muito depois do amanhecer. Em todos os bancos de lodo se

viam cadáveres ancorados nas mais grotescas atitudes; carcassas de cavalos, de porcos, de animais os mais diversos, acumulavam-se em volta deles, entrechocando-se de manso. Desde o lago Oquichobi até Palm Beach—a uma distância de 72 km—dificilmente terá ficado de pé uma só habitação humana.

Quando as brigadas de socorro conseguiram romper caminho até Everglades, em barcos, foram encontrar cenas que faziam pensar no fim do mundo: as águas negras de lodo cobriam a maior parte do território a uma altura de três metros. As tripulações dos barcos amarraram os cadáveres flutuantes em molhos, e rebocaram-nos até os pontos de concentração. Aqui e alem, conforme essas jangadas de mortos iam passando em frente das margens dum canal, um sobrevivente que andava freneticamente em busca dos parentes e amigos, reconhecia pelo vestuário familiar o corpo do esposo, da mulher ou dum filho. Então, a jangada funerária detinha-se, chegava-se um pouco à margem até que as formalidades da identificação se preenchessem. Depois, revolvendo-se vagarosamente na esteira de hélice, os cadáveres continuavam o seu caminho...

Na parte oeste de Palm Beach podia-se ouvir durante a noite o ranger e arfar das pás mecânicas, escavando valas comuns para enterrar as vítimas. Só numa dessas sepulturas ficaram 700. Ao quarto dia já se tornava impossivel identificar os mortos: passaram a regá-los muito simplesmente com petróleo, e pegavam-lhes o fogo.

Muitos e muitos anos depois, ainda os fazendeiros de Everglades, ao lavrarem seus campos, encontravam aquí e alí alguma ossada. Muitas vítimas tinham ficado para sempre sepultas em bancos de lodo, ou debaixo de toneladas de entulho. E como tantas delas eram obscuros braçais itinerantes, nunca foi possivel identificá-las, ou lavrar um censo dos desaparecidos. Os residentes da região calcularam, porem, que o número de mortos devia orçar por 2.500.

O terror que deixou após si esse temporal devastador não bastou, porem, para abater o ânimo do povo. A pergunta que andava em todos os lábios era esta: quando poderemos voltar a casa?

Estão hoje todos de volta às suas terras, a região atravessa novo tumulto—mas desta vez de prosperidade. Só a cultura de legumes rendeu o ano passado 20 milhões de dólares. Muito embora haja sempre o perigo latente dum novo furacão, as autoridades crêem hoje que o lago Oquichobi está definitivamente impedido de voltar a submergir as fazendas. Foi construido um enorme dique, que se ergue 6 metros acima do nivel normal das águas do lago. E a terra, que é, hectare por hectare, a mais rica dos Estados Unidos, está a salvo duma catástrofe como seria a repetição do pavoroso furacão de 1928.

¶ Uma senhora, muito *moderna*, diz a um visitante: «Acho que devemos ensinar as coisas da vida aos nossos filhos gradualmente. Eu começo com as flores artificiais.»

—Chon Day no *Collier's*

STÁLINE *lhes paga o que valem*

(Condensado do «Saturday Evening Post») Por PETER F. DRUCKER

Mais de metade dos americanos julgam, segundo apurou Elmo Roper, que todos, na Rússia Soviética, recebem o mesmo ordenado, seja qual for o gênero de trabalho que executam. Mesmo entre os que sabem que os salários são graduados, poucos adivinhariam quem é o autor das seguintes palavras: «A chave da eficiência industrial é uma escala de salários que reflita corretamente a diferença entre o trabalho habilmente executado, e o que não demonstra habilidade alguma. Os salários devem ser pagos de acordo com a qualidade do trabalho, e não de acordo com a necessidade do trabalhador.»

O autor destas palavras é Stáline. Fazem parte de um discurso pronunciado por ele em 1931, lançando as fundações da economia russa.

Para um economista, não é de surpreender que a diferença entre o salário de um alto funcionário da indústria e o de um operário, seja muito maior na Rússia que nos Estados Unidos. A indústria soviética desenvolveu-se tão pouco—a despeito das formidaveis realizações dos últimos vinte anos—que os engenheiros e gerentes industriais são bastante raros, para que possam exigir altos pagamentos. Ao mesmo tempo, os operários russos ainda são ineficientes, pelos padrões americanos, sendo a produção de cada homem, por hora, de um terço a dois quintos inferior à que as estatísticas americanas equivalentes apresentam.

Como a venda do trabalho do operário é o único modo pelo qual qualquer empresa pode obter o dinheiro com que pagar os salários, o nivel de salários russo deve ser muito mais baixo que o americano. A Rússia é um exemplo da velha verdade de que, quanto mais pobre e menos desenvolvido o país, maior é a desigualdade e o desequilíbrio de seus salários e rendas. Aliás note-se, os russos transformaram sua necessidade em virtude. As publicações oficiais qualificam o apelo pela igualdade de salários «o peor inimigo do socialismo», e afirmam que só o capitalismo degenerado é que tende a igualar os salários.

O que há de mais discrepante, entre o que os americanos imaginam e a realidade, na União Soviética, são provavelmente os salários e o padrão de vida dos altos funcionários da indústria. John Scott refere, no seu livro *Behind the Urals*, o caso de um gerente de uma fábrica de aço, em Magnitogorsk, que, em 1938, vivia numa casa de três andares, nova em folha, com 14 compartimentos, uma sala de bilhar, uma sala de música, e um parque, com uma pequena criação. A casa custara 80 mil rublos, e a mobília 170 mil, sendo o total o equivalente do que 170 operários russos ganhavam em um ano.

O que torna este exemplo particularmente impressionante é o fato de que, àquela altura, três quartos dos 200 mil habitantes de Magnitogorsk viviam em barracas, abrigos rústicos, ou, no melhor dos casos, em cabanas de madeira.

TRATA-SE, aquí, de um exemplo particularmente marcante. O gerente-chefe da fábrica de aço de Magnitogorsk é um dos próceres da indústria russa, e as condições de vida dos operários eram notoriamente más, na pequena cidade de aço, construida, da noite para o dia, numa região selvagem. Mesmo em Moscou, porem, a diferença entre o modo de vida do alto funcionário e do simples trabalhador, em 1938, era consideravelmente maior que nos Estados Unidos, e até maior que na Rússia dos Czares.

Antes da guerra, um homem sem habilidades especiais, numa fábrica russa, recebia 125 rublos por mês—o que equivale, em poder aquisitivo, a cerca de 50 dólares, ou, 1.500 rublos por ano. Os altos funcionários da sua fábrica—o gerente, o engenheiro-chefe, o contabilista e o diretor da produção, percebiam de 25 mil a 36 mil rublos, por ano. Na indústria americana, durante a mesma época, um operário comum recebia um salário médio de 1.200 dólares por ano; e o gerente ou o engenheiro-chefe da fábrica ganhava entre 10 mil e 15 mil dólares. Isto significa que a diferença entre a renda do patrão e a do operário era duas vezes maior, na Rússia, que nos Estados Unidos.

Os salários fixos só contribuiam para metade da renda dos altos funcionários russos, antes da guerra. O resto, era a parte do lucro que lhes cabia. Como todos os preços, na Rússia, são fixados pelo governo, uma baixa no custo da produção ou um aumento da quantidade produzida representa, automaticamente, maior lucro. Sendo assim, a participação dos altos funcionários industriais nos lucros é geralmente calculada como bonus pelo aumento de eficiência ou produção.

Alem da renda em dinheiro, o alto funcionário da indústria soviética recebe largos pagamentos em produtos e serviços. O magnata do aço de Magnitogorsk recebia um dos maiores salários do país. Ainda assim, não teria podido financiar a construção de uma casa que custasse 250 mil rublos. Não há crédito bancário nem compras a prestações. Certos artigos, como tijolos, tapetes, mobília, e mesas de bilhar, não podiam ser adquiridos diretamente pelos consumidores, na Rússia de 1938. A casa foi construida e instalada para ele pela fábrica, que pagava, igualmente, as despesas de manutenção e os empregados. Os outros funcionários tinham tambem casas mantidas pela fábrica, embora em menor escala.

Condições semelhantes prevalecem em toda a indústria russa. Os funcionários industriais recebem, de graça, casas, automoveis e choferes, alem de férias, para eles e suas famílias, em hotéis de primeira classe, a um preço nominal. Por vezes, contavam com o privilégio de comprar em lojas especiais onde encontravam artigos que não podiam ser obtidos em outro lugar, a preços muito baixos.

Os filhos dos altos funcionários da indústria, juntamente com os das principais autoridades do governo e profissionais liberais, quase possuem, a bem dizer, o monopólio da educação. Já em 1938, mais de metade dos estudantes, nas universidades, eram filhos de altos funcionários ou autoridades do governo; menos de dez por cento vinham das fazendas, embora os fazendeiros ainda constituam 50 por cento da população da Rússia.

No curso da guerra, a posição privilegiada do alto funcionário da indústria russa ainda se tornou muito acentuada, formando, assim, um violento contraste com os Estados Unidos, onde a guerra determinou um nivelamento de rendas, devido aos salários muito mais altos para os operários, e às taxas, muito maiores,

para os que auferiam altas rendas. O salário médio mensal de um operário russo, sem habilidades especiais, é, hoje em dia, de cerca de 600 rublos—o que não chega a cinco vezes mais que o que ganhavam em 1938. O alto funcionário da indústria, porem, antes da guerra, recebia 1.500 rublos por mês, e percebe, agora, 10 mil ou mais. As gratificações ainda são mais frequentes.

Mas o dinheiro pouco valor tem na Rússia atual. Alem da ração, em grande parte, de pão, batatas e couve, que é fornecida a todos, pelos preços de antes da guerra, há muito pouco o que possa ser comprado com dinheiro, pois quase não produziram artigos para usos civís desde 1940, ou 1941. Por este motivo, os bonus em espécie tornaram-se a melhor maneira de recompensar os funcionários. Um engenheiro americano que passou algum tempo na União Soviética, a serviço de uma agência do governo dos Estados Unidos, informou que os gerentes e diretores da fábrica em que ele estava trabalhando recebiam roupas quentes, especialmente designadas para os soldados, cobertores do exército alemão, manteiga e carne de porco do «empréstimo e arrendamento» americano, e até brinquedos de Natal. Em consequência desse sistema, os diretores e funcionários industriais vivem, ainda, com um conforto perfeitamente toleravel, num país onde o grosso da população está reduzido ao estritamente necessário, para sua subsistência.

Por que motivo contará o alto funcionário soviético com esta posição privilegiada, o que é, exatamente, o oposto do socialismo tradicional? Provavelmente, porque trabalha em meio a extraordinários obstáculos. Em primeiro lugar, todas estas vantagens só lhe pertencem, enquanto conservar o emprego. Poderá perdê-lo, de um momento para o outro, se a produção de sua fábrica cair abaixo do plano oficial. Todos os seus atos e movimentos são vigiados pelos chefes do Partido Comunista local e por um representante local do governo, qualquer dos quais pode retirá-lo do posto, da noite para o dia. Debaixo de tal sistema, não era de esperar que os altos funcionários industriais se atrevessem a lançar idéias novas. O programa da industrialização russa nunca teria sido bem sucedido, se os gerentes e diretores das fábricas e empresas tivessem resolvido usar sempre da maior cautela. O único modo de manter a industrialização em marcha, era oferecer prêmios extremamente altos aos que ousassem correr grandes riscos.

MUITO menos espetacular, porem talvez mais importante, na estrutura industrial da Rússia, é o emprego sistemático de incentivos, em salário e bonus, afim de recompensar a eficiência entre os operários. Em todas as grandes fábricas de guerra, os operários são pagos «por peça, numa base progressiva». Segundo este método de pagamento de salários, que não seria aceito por nenhuma união trabalhista americana, o salário aumenta, para cada indivíduo, na base em que a produção aumentar, por hora.

Sob este sistema, um operário habil, numa fábrica de aço, em 1940, recebia um rublo por cada peça que fabricava, e tinha possibilidade de fabricar uma peça por hora. Por conseguinte recebia, pelas oito horas de trabalho de um dia, oito rublos. Se a produção decrescesse, ficando aquem do padrão estabelecido, sofria severas penalidades. Por outro lado, se produzisse dez unidades por dia, em vez das oito esperadas, recebia 14 rublos; se produzisse 11 peças, o salário subia a 16 rublos, e assim por diante. Um operário excepcional, em tais condições, pode ga-

nhar duas ou três vezes mais que o salário comum, durante um breve período, até que os diretores aumentem, para seu nivel, o nivel geral da produção.

Um operário que aumenta sua produção, aperfeiçoando os métodos ou ferramentas empregadas, recebe uma recompensa especial. Oferecem-se bonus para quaisquer sugestões, de que resulte um produto de melhor qualidade. Os trabalhadores recebem, igualmente, bonus especiais, ao seguirem cursos de treinamento, ou se treinarem aprendizes.

As gratificações por sugestões bem sucedidas, ou melhores métodos de trabalho, não representam uma inovação, nos Estados Unidos. Mas sempre que foram experimentadas, antes da guerra, houve que vencer uma consideravel resistência, por parte dos operários e de seus capatazes. Aparentemente, os russos encontraram as mesmas dificuldades, nas suas tentativas de apressar a produção. Os métodos atuais não podiam ser introduzidos, enquanto as uniões contassem com qualquer independência. Foi devido a sua resistência aos pagamentos por peça e aos salários de incentivo, que os antigos chefes das uniões foram expurgados e a autonomia dos sindicatos obreiros, abolida. Os «representantes de uniões» que trabalham, agora, nas fábricas russas, são na verdade empregados pelo governo, e o aumento da produção constitue sua principal responsabilidade. Mesmo com o afastamento das uniões, tornou-se necessário recorrer a medidas especiais, para vencer a resistência dos capatazes e dos operários.

O governo obteve a cooperação dos capatazes, oferecendo-lhes grandes recompensas financeiras, à medida que aumentasse a eficiência dos operários que se achassem sob sua direção. Um capataz que consegue a mesma quantidade de trabalho com um menor número de operários, recebe um bonus correspondente a um quarto ou à metade do salário recebido em três meses. Quando um dos operários apresenta novo sistema, destinado a melhorar os métodos de produção, o capataz recebe parte do prêmio.

Afim de obter o apoio da comunidade dos trabalhadores, a metade de qualquer lucro resultante do desenvolvimento da produção é empregada, cada ano, em seu benefício em projetos para habitações, hospitais, escolas, teatros, etc. Um operário que inventa um melhor método de trabalho, não é, por conseguinte, considerado um mau companheiro, por seus colegas,—como se dá tantas vezes, nos Estados Unidos,—mas reconhecido como tendo prestado uma contribuição direta ao seu bem estar.

Seria errôneo, contudo, concluir que o operário russo individual compartilha dos lucros em qualquer proporção consideravel. O motivo disso é o aumento contínuo dos padrões de execução do trabalho. Entre 1934 e 1940, a despeito dos formidaveis avanços realizados em eficiência e capacidade produtiva, o salário do operário comum não aumentou.

O sistema russo só é lógico, nas condições particulares sob as quais a Rússia teve que realizar sua industrialização, e não poderia ser aplicado a um país que possua grandes contingentes de operários treinados e capazes, e um número suficiente de engenheiros, funcionários e capatazes, devidamente preparados para o exercício das suas funções. Todavia, o exemplo russo demonstrou que é do interesse da prosperidade nacional recompensar o operário pelo emprego do seu espírito de iniciativa e imaginação, em vez da tendência a só basear os salários no número de anos de serviço.

Quando Nosso Senhor fala francês . . .

«Voici l'hippopotame!»

(Condensado do «New Yorker»)

Por CLARENCE DAY

Quando eu e meus irmãos éramos pequenos, costumávamos reunir-nos no quarto de mamãe todo domingo à noite, para ouví-la contar histórias tiradas da Bíblia. Uma vez ela repetiu o Salmo 23, e, ao dizer-nos boa noite, pediu que o decorássemos.

No meu quarto, pus-me a ler então a Bíblia. Estava cheia de pedacinhos de papel marcando páginas que eu já decorara antes, e esses papeizinhos, por sua vez, estavam repletos de figuras e ilustrações que eu desenhara, baseadas em cenas bíblicas. Havia uma imagem de Adão olhando desconfiado para a Árvore da Sabedoria, de cujos galhos pendiam, pesadamente, inúmeros livros, inclusive compêndios de aritmética; uma Sara, enxotando Agar com um pau de vassoura; um sol, uma lua e várias estrelas curvando-se cortesmente à passagem de José. Sentei-me, e acrescentei, a essa coleção, uma figura de Jó de pijama, chorando copiosamente porque, alem de todos os seus outros encargos, fora obrigado a decorar o Salmo 23...

Fui buscar outra Bíblia que mamãe me emprestara. Era em francês, e muitas vezes me escandalizei ao lê-la. Acreditando piamente que Deus, ao criar o mundo, falara a minha língua, ao dizer: «Faça-se a luz», parecia-me de uma irreverência absurda, que se pusessem palavras francesas nos lábios d'Ele, que exclamava: «*Que la lumière soit!*» Imagine-se Deus Padre falando francês! Para mim não restava dúvida de que, fora algumas palavras hebraicas, Deus falava a mesma língua que eu, com o mais correto dos sotaques.

Eu tinha vontade de rir—e ao mesmo tempo me assustava—ao ver as liberdades que os franceses tomavam. Na minha Bíblia, Davi era um belo tipo, de bochechas vermelhas e cabeleira loura. Mas, na versão francesa, ele não passava de um moleque dos bulevares, «*un enfant, blond, et d'une belle figure.*» E onde a minha Bíblia falava do «leviatã», a francesa se referia a «*le crocodile*», que me pareceu tirar toda a grandeza e mistério da famosa fera. Nada me pareceu mais profano e blásfemo do que a frase «*Voici l'hippopotame!*», quando minha versão do Livro dava ao animal um nome que me parecia ter muito mais dignidade.

E em vez dos filhos de Israel temerem «a ira do Senhor», os franceses diziam tranquilamente que eles temiam que «*le Seigneur*» ficasse «*irrité*». Aliás, a palavra «*irrité*» aparecia a cada passo. Caim estava «*très irrité*». Moisés, coitado, ficava «*irrité*» o tempo todo. Todo o mundo era «*irrité*». Quando eu lia na minha Bíblia (que era, indubitavelmente, a única Bíblia aceitavel...) as referências à «ira do Senhor», parecia-me um sentimento majestoso e solene. Agora, isso de estar irritado era uma tolice, porque então todos seriam como minha família...

Afinal voltei-me para o Salmo 23. Eu não dizia? Os franceses o estragaram tambem. Tantas e tais coisas lhe fizeram, que acabou dando a impressão de que tudo se passara em París. As «verdes pastagens», que eu conhecia, viravam «*parcs herbeux*»; e «tua vara e teu bastão» transformavam-se em «*ton baton*», como se Nosso Senhor fosse um balisa de parada, à frente das hostes de Davi no Bois de Boulogne.

Decidí dormir, e voltar ao Salmo daí a uns dois dias; mas, antes de guardar os livros na estante, fui de novo ao único ponto da Bíblia francesa que de fato me agradava. «Abençoados são os humildes,» dizia a minha versão, «pois deles será o reino da terra.» Sempre detestara esse versículo; as palavras pareciam dificultar extraordinariamente a religião, pois nessa época eu acreditava que «humilde» é sinônimo de «servil», e via então, abençoada assim, uma classe de indivíduos que me parecia vagamente repugnante... Mas eis que um dia, satisfeitíssimo, descobrí que qualquer francês audacioso alterara esse trecho do Livro, pondo-lhe no lugar uma frase que eu aceitava sem restrições: «*Heureux les débonnaires car ils hériteront de la terre.*»

Os «débonnaires»! Isso sim! E fui para a cama, muito contente.

Punição adequada

¶Uma professora de Detroit foi notificada por um inspetor de tráfego a comparecer à polícia por ter desrespeitado um sinal, sendo que a notificação indicava o comparecimento numa segunda-feira. Sem perder tempo, a professora se dirigiu ao juiz e, explicando-lhe que tinha que dar aula na segunda-feira, pediu que resolvesse o seu caso imediatamente. «Então a senhora é professora!» disse-lhe o juiz. «Pois há muito tempo que esperava uma oportunidade como esta. A senhora vai se sentar àquela mesa e escrever 500 vezes: «Violei o sinal do tráfego.»

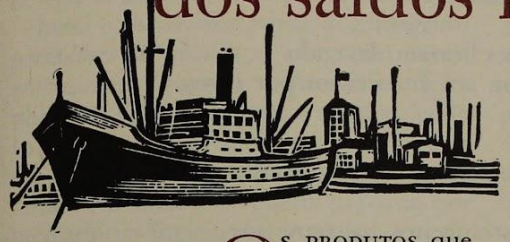
—Kablegram

¶O Reverendo W. B. Alexander foi, muito entusiasmado, para uma vila do Oklahoma, onde ia ser pela primeira vez pastor de uma igreja, quando lhe disseram redondamente que estava perdendo o seu tempo e que a igreja estava «morta» naquela localidade. Tomando ao pé da letra tais declarações, o Reverendo anunciou no jornal que ia fazer os funerais da igreja no domingo seguinte, para ver se assim atraia os céticos habitantes da vila. De fato, a capela ficou repleta de curiosos, os quais depararam com um enorme féretro coberto de flores, no centro da nave. Depois de encomendar a alma da «morta», o Reverendo anunciou aos estupefatos habitantes da vila que aqueles que quisessem podiam prestar os seus últimos respeitos. Fez-se uma longa fila e cada pessoa que passava, e olhava para dentro do caixão, virava logo o rosto, confundida e envergonhada. O que cada uma via era a sua própria face, refletida num espelho que, entre as flores, o imaginoso Reverendo havia colocado no fundo do caixão.

—Ann Cooper

Se uma nação quer vender, deve tambem comprar

O perigo dos saldos favoraveis



(*Condensado do livro «Tomorrow's Trade»*)

Por STUART CHASE

Os produtos que saem das minas, das fazendas e das fábricas norte-americanas alimentam simbolicamente um caudaloso rio. A maior parte dessa torrente vai desembocar nas casas e nas indústrias dos Estados Unidos. Somente seis ou sete por cento dela corre para fora do país.

Essa pequena fração tem, no entanto, consideravel importância. Antes da guerra, os dez principais produtos exportados pelos Estados Unidos eram:

1. *Algodão;* 2. *Fumo;* 3. *Petróleo;* 4. *Frutas e Nozes;* 5. *Automoveis e Acessórios;* 6. *Cobre;* 7. *Carnes e Gorduras;* 8. *Maquinaria industrial;* 9. *Produtos de madeira;* 10. *Peles.*

Esses produtos representam o árduo trabalho de milhares de fazendeiros, operários, dirigentes, intermediários, etc.

Agora vejamos ainda simbolicamente o rio paralelo que corre para dentro dos Estados Unidos. Essa torrente tambem majestosa incluia, antes da guerra, os seguintes produtos importados:

1. *Café;* 2. *Acuçar de cana;* 3. *Borracha crua;* 4. *Seda natural;* 5. *Papel de jornal;* 6. *Óleos vegetais;* 7. *Estanho;* 8. *Produtos químicos e drogas;* 9. *Frutas e nozes;* 10. *Peles.*

Notem os caprichos do comércio exterior: trocam-se peles por peles e nozes por nozes. Para esclarecer um pouco esse caso, acrescentemos que as peles importadas são em maioria tratadas, ao contrário do que se passa com as exportadas.

Ao examinar uma lista semelhante, correspondente ao ano de 1945, verificamos imediatamente os efeitos da guerra. A maioria dos artigos nela classificados acham-se agora em falta, e alguns deles foram substituidos. Há alguns anos, borracha crua era de grande importância; hoje, porem, quase só se usa borracha sintética. A seda artificial tambem substituiu quase completamente a seda natural. A guerra contribuiu igualmente para que muitos dos produtos químicos importados fossem substituidos.

Observando apenas esses dois rios à medida que correm, um para fora e outro para dentro do país, não nos é possivel estabelecer qual o mais volumoso. Para isso temos que recorrer a estudos estatísticos. Aquí temos por exemplo um trabalho de autoria de George Peek, que explica da maneira mais simples possivel a significação e o funcionamento do comércio exterior:

De 1914 a 1933 . . . . (Em bilhões de dólares—números redondos)

Os americanos venderam mercadorias ao exterior, avaliadas em		90
Compraram mercadorias, avaliadas em		62
Os paises estrangeiros lhes ficaram devendo		28
Os paises estrangeiros deviam aos americanos por juros, fretes e outras despesas		11
Total bruto devido aos americanos em 20 anos		39
Contra os quais os paises estrangeiros pagaram aos americanos em ouro	2	
E cobraram aos mesmos pelos gastos de turistas, pelas remessas feitas para o exterior por imigrantes, etc.	13	
Total descontado		15
Os paises estrangeiros ficaram portanto devendo aos americanos em 20 anos de comércio		24
Esta dívida era representada por:		
Dívidas de guerra de governos estrangeiros ao Governo dos Estados Unidos		10
Aumento dos empréstimos e inversões de capital no estrangeiro por corporações e cidadãos americanos		14
Total, como se vê acima		24

Mandaram-se para o exterior mercadorias no valor de 90 bilhões de dólares e receberam-se em troca somente 62 bilhões. Se os algarismos refletissem a tonelagem, o que não se dá a rigor, 3 navios carregados teriam saido para cada dois que tivessem chegado. Mas a tabela do sr. Peek esclarece ainda outros detalhes. Temos tambem que levar em conta os chamados itens «invisiveis».

Contas de fretes. Quando os americanos enviam mercadorias em navios estrangeiros, têm naturalmente que pagar por esse serviço.

Seguro marítimo. Até aquí, firmas londrinas se vêm encarregando dessa parte.

Turistas. Quando os americanos viajam no estrangeiro, têm que pagar casa, comida e recreação. Com esses dólares, os estrangeiros ficam capacitados a comprar as mercadorias exportadas pelos Estados Unidos. Por conseguinte a exportação de turistas vem a significar o mesmo que a importação de mercadorias.

Remessas feitas por imigrantes. Quando Ivan Adamic remete 100 dólares para a sua tia na Iugoslávia, alguem nesse país poderá então dispor de igual quantia para

comprar algodão americano, acessórios de automovel, fumo, etc. Essas remessas feitas por imigrantes vieram a formar no passado um item de grande importância, mas foram diminuindo pouco a pouco, devido às recentes restrições à imigração.

Juros e dividendos pagos a estrangeiros portadores de títulos e obrigações norte-americanos. Quando a American Telephone & Telegraph paga o seu dividendo habitual, os seus acionistas em Londres são creditados em dólares, como se os Estados Unidos estivessem pagando por mercadorias inglesas importadas.

Durante 20 anos, de 1914 a 1933, vários paises estrangeiros ficaram devendo aos Estados Unidos, por esses tais itens invisiveis, 11 bilhões de dólares, enquanto este país lhes devia 13 bilhões. Assim obtemos finalmente o volume real dos dois rios paralelos:

Total devido aos Estados Unidos por mercadorias e serviços	101	bilhões
Total que os Estados Unidos deviam	75	"
Deixando os Estados Unidos como credores de	26	bilhões

E este foi o resultado final em 20 anos de comércio exterior: os Estados Unidos deram ao mundo um excesso de 26 bilhões de dólares em mercadorias. Os devedores subtrairam 2 bilhões dessa quantia, enviando ao país credor o equivalente em ouro. Se o ouro fosse considerado util, o prejuizo total da coletividade americana teria sido de 24 bilhões de dólares. Para um negociante, por exemplo, isso significa vendas de 75 dólares, contra um custo de 100 dólares, o que não constitue uma proporção lá muito sadia.

Não há dúvida de que esses 24 bilhões constituem uma dívida, dirão muitos, mas o país não irá recebê-la algum dia? Infelizmente tal não se dará. É muito pouco provavel que os Estados Unidos jamais recebam mercadorias e serviços em quantidade suficiente para pagá-la. Pergunte-se a alguem qual o futuro dos títulos poloneses ou alemães que ele possue.

Outra maneira de compreender como funciona o comércio exterior consiste em fazer uma simples analogia.

Aquí vivo eu na cidade de Middletown, nos Estados Unidos. Se Middletown não recebesse alimentos e combustiveis em quantidade suficiente, a sua população passaria fome, e estaria pobremente aquecida no inverno. A primeira pergunta a ser feita é portanto a seguinte: *Que precisamos importar na nossa localidade?*

A segunda pergunta surge automaticamente: *Que podemos dar em troca do que necessitamos?*

Aquí temos a teoria do comércio exterior no seu aspecto mais simples. Notem com atenção a ordem das perguntas: *Primeiro as importações.* Tornou-se comum inverter a ordem e perguntar: onde podemos colocar o excesso da nossa produção? Mas, em última análise, as exportações são especialmente importantes como um meio de obter importações.

Agora que a guerra terminou, a questão principal não é saber quem quer as nossas mercadorias, e sim saber onde irão os estrangeiros conseguir dólares para pagar pelas nossas mercadorias. Há somente quatro meios de um estrangeiro obter dólares:

Em pagamento de mercadorias que foram enviadas aos Estados Unidos.

Em pagamento de serviços que foram prestados a este país.

Como empréstimo.

Como presente.

Olhemos novamente para a tabela Peek. Lá encontraremos todas as explicações.

Quando os empréstimos de guerra tiveram a sua amortização paralisada, muitos americanos concordaram com o Presidente Coolidge quando ele observou acremente: «Eles pediram o dinheiro, não é verdade?»

O Presidente Coolidge tinha sido iludido pela idéia de que «dinheiro é dinheiro», não compreendendo aparentemente o fato de que francos e libras não são dólares. Acreditava ele que se um francês tivesse francos, poderia pagar as suas dívidas. Mas não é assim que o comércio exterior funciona.

Nós não podemos ser pagos em dolar pelo que exportamos, a não ser que tenhamos primeiramente usado os mesmos dólares para pagar pelas nossas importações, ou que tenhamos emprestado dólares ao estrangeiro.

Nunca nos afastemos da idéia de que uma mercadoria tem que ser trocada por outra. Sem essa pedra de toque, o comércio exterior passa a entrar no campo do ocultismo. Esquecendo essa condição, muita gente que geralmente passa por sensata, bate-se por uma «balança favoravel do comércio», que significa um saldo favoravel entre as exportações e as importações. Um país nessa situação possue uma coleção favoravel de contas a receber e uma falta desfavoravel de bens físicos.

Uma das razões que nos levam a procurar conseguir ultimamente uma balança favoravel de comércio, consiste na criação de mais empregos na frente doméstica. O método é excessivamente dúbio. À medida que crescem as suas importações, os compradores estrangeiros começam a sentir falta de dólares. O único processo, que lhes permite pagar pelas exportações americanas, é pedir dólares emprestados aos Estados Unidos, o que, diga-se de passagem, foi feito em grande escala em 1920.

Eu não me oponho a que um país dê mercadorias a outro. Os paises aliados em guerra precisaram de armamento. Tanto amigos como inimigos, com a terminação da guerra, precisam de alimentos, produtos médicos e material de construção.

Oponho-me, no entanto, a que tais embarques de mercadorias sejam tomados como «comércio». Comércio é, ou deve ser, uma troca regular. Ponhamos as coisas nos seus devidos lugares. Presente é presente, e comércio é comércio. Mas ao mesmo tempo não esqueçamos de que os presentes voltam àquele que os dá, de muitos modos, e muitas vezes multiplicados. Não podemos esquecer que a poderosa situação econômica dos Estados Unidos poderá vir a necessitar de algum modo de subscrição livre, para que seja preservada a estabilidade do mundo.

Não existe virtude especial alguma em mandar mercadorias para o estrangeiro, somente pelo prazer de fazê-lo. Isso vem a dar no mesmo que dizer, que quanto menos tivermos, em melhor situação estaremos. Ou, como Charles Beard declarou ironicamente ao autor: «Há quem acredite que os americanos entrarão pelo caminho da fome, a não ser que consigam vender o seu trigo ao estrangeiro.»

Para terminar, deixem-me repetir a fórmula do bom senso:

O que uma nação produz como nação,
Mais o que importa,
Menos o que exporta,
É a medida do seu padrão de vida.

¶ NINGUEM melhora nem peora com a velhice; torna-se apenas mais parecido consigo mesmo...

—May Lamberton Becker

SEÇÃO DE LIVROS

A MORTE DO TIGRE

Condensado do livro «Man-Eaters of Kumaon»

Por JIM CORBETT

O nome do autor tornou-se familiar aos camponeses de vastas áreas das Províncias Unidas da Índia, como símbolo do socorro contra o grande medo que lhes inspira a presença maligna e cruel duma fera insaciavel. Muitos funcionários municipais, impotentes diante da total desorganização da vida rural que acompanha sempre a presença dum tigre devorador de homens, se têm voltado para o major Jim Corbett em busca de auxílio,—e segundo creio, nunca que fosse em vão. A seu respeito posso escrever, sem hesitar, que nenhum dos homens com quem tenho caçado em vários continentes possue melhor compreensão dos mistérios da selva.

—Lorde Linlithgow, ex-vice-rei da Índia

Copyright 1944, e publicado pela Oxford University Press, Bombaim (Índia), e Nova York

A MORTE DO TIGRE

Suspenso da parede, tenho diante de mim um mapa da região oriental da província de Cumão; marcam-no várias cruzes, e sob cada uma destas vê-se uma data . . . As cruzes indicam o ponto onde cairam as vítimas, oficialmente reconhecidas, do tigre antropófago de Chaugar. Conto 64 dessas cruzes no mapa. Mas longe de mim pretender afirmar que a estatística seja correta: porque nem todas as mortes foram registadas, principalmente quando a vítima, tendo saido mal-ferida das garras da fera, só mais tarde veio a falecer em consequência do ataque.

As cruzes cobrem uma área de 80 por 50 quilômetros. Por toda essa região, ponteada de minúsculas aldeias, algumas com cem almas ou pouco mais, outras apenas duma ou duas pequenas famílias, o tigre de Chaugar estabeleceu o domínio do terror. As veredas de terra batida que comunicam as aldeias entre si atravessam com frequência espessas florestas, e quando um desses animais antropófagos torna perigosa a passagem, as comunicações entre aldeias passam a fazer-se por meio de gritos. Erguido num ponto mais elevado, que tanto pode ser o cimo dum rochedo como o telhado duma cabana, um homem atrai a atenção da aldeia vizinha por meio de brados, e em seguida, numa voz aguda e gritante, berra a mensagem que tem a dar. A notícia corre assim de lugar em lugar, com impressionante rapidez. Era por essa «telefonia» primitiva que se tornava possivel, em geral, informar a população da presença do tigre-real e dos seus ataques, pouco depois de ocorridos estes.

A minha reputação fez-se mais graças à minha habilidade em fotografar animais do que em matá-los, e, no que diz respeito ao tigre, confesso que a minha admiração por ele é muito especial. Estou certo de que todos os esportistas concordarão comigo em que o tigre é um «cavalheiro» de grande coração e de ilimitada intrepidez, e que, quando a sua raça estiver exterminada, como inevitavelmente sucederá se a opinião pública não se organizar para socorrê-lo, a Índia ficará mais pobre por haver perdido as mais belas estampas da sua rica fauna. Mas, apesar da minha admiração pelos tigres, há mais de 30 anos que os venho matando, porque, uma vez que esta fera provou o gosto da carne humana, a sua capacidade de destruição de vidas se torna quase incalculavel. Certo tigre, por exemplo, matou cerca de 200 pessoas no Nepal, até ser rechaçado dessa região por uma coluna de nepaleses armados; transferiu-se então para o Cumão, onde, num lapso de quatro anos, matou mais de 234 pessoas—perfazendo assim um total de 434 vítimas humanas—antes de me dar o ensejo de lhe furar a pele. E era fêmea.

A carne humana, entretanto, não é o alimento habitual do tigre, e raras vezes esse felino se torna antropófago, a não ser que a idade ou a invalidez devida a ferimentos o tenham tornado impotente para caçar e matar a sua presa natural.

O mapa com as cruzes e as datas, que o governo me tinha fornecido, revelava que o matador de homens de Chaugar mostrava-se mais ativo nas aldeias vizinhas do bangalô da floresta de Cala-Agar. Esse bangalô era o meu primeiro objetivo, e, após uma caminhada de quatro dias, coroada por uma penosa ascenção de 1.200 metros, cheguei alí ao entardecer dum dia de abril. Os «cabeças» das aldeias circunvizinhas se tinham reunido, e pelo que eles me disseram fiquei sabendo que a última vez que o tigre fora visto, dez dias antes, numa aldeia a 32 quilômetros dalí, tinha matado e devorado um homem e uma mulher.

Não valia a pena procurar um rasto já de dez dias, e esperei por isso novas informações. Daí a pouco chegaram mais alguns camponeses, para me participar que nesse mesmo dia, pela manhã, o tigre tinha atacado um bando de mulheres que trabalhavam nas colheitas; fora isso num vilarejo que ficava apenas a 16 km dalí. Para lá me pus a caminho sem demora.

A aldeia constava ao todo de duas cabanas, com um telheiro para o gado, numa clareira de uns 2½ hectares talhada na densa floresta. A minúscula povoação estava, naturalmente, mergulhada em terror, e eu fui acolhido com sinais de verdadeiro júbilo. Correram logo a indicar-me com grande ansiedade o campinho de trigo, a poucos metros da cabana, onde o tigre fora surpreendido mesmo a tempo, quando espiava, de rojo na terra e pronto a dar o salto, as três camponesas ocupadas na sua faina. Dado o alarme, o animal batera em retirada para a selva, onde outro tigre se lhe fora juntar depois. (Vinha isto confirmar as notícias que eu tinha, de que o felino andava acompanhado dum filhote já quase adulto.) Os pobres moradores das duas cabanas haviam passado a noite em claro, porque os tigres, frustrados no seu intento de pegar a presa, tinham passado a noite inteira a rugir de vez em quando.

O povo dessas colinas é muito hospitaleiro, e os habitantes do lugarejo se ofereceram logo para me preparar uma refeição. Sabendo que isso iria quase esgotar os recursos da vilazinha, pedí-lhes que me dessem antes uma chícara de chá; não havendo, porem, chá naquele lugar, serviram-me leite excessivamente adoçado com açucar de cana, bebida essa perfeitamente satisfatória e nada desagradavel, para quem estiver acostumado a ela, bem entendido. A pedido dos moradores, fiquei fazendo sentinela à colheita, enquanto as mulheres ceifavam o resto do trigo, e pelo meio-dia, levando comigo os votos de bom-sucesso daquela boa gente, entrei sozinho pelo vale, orientando-me na direção donde tinham vindo os rugidos das feras.

Não posso deixar de interromper aquí a narrativa, para desmentir um boato que tem corrido a meu respeito por estes montes: é que, mais de uma vez, eu teria envergado um traje de montanhês, penetrando assim na selva para atrair o tigre e matá-lo depois, com uma foice ou um machado. Na verdade, o máximo que cheguei a fazer, em matéria de disfarce ou travestí, foi pedir um *sari* emprestado e enrolá-lo em volta das cadeiras para segar capim, ou subir nas árvores para cortar folhagem; e em nenhum desses casos o ardil deu resultados, embora, que eu saiba em duas ocasiões, os tigres estivessem de guarda à árvore em que me achava, ocultando-se, uma vez atrás

duma rocha, e outra atrás duma árvore derrubada, não me oferecendo portanto qualquer ensejo de os balear.

O esportista que se mete a caçar o tigre-real, andando a pé, terá que se guiar em grande parte, para sua segurança e para conhecer os movimentos da fera, pelos gritos e ações dos outros animais que povoam a floresta. Por exemplo, o langur, o sambar e o gamo latidor, todos eles soltam sinais de alarme quando o tigre anda perto, dando assim aviso a todos os pássaros e aos quadrúpedes que estejam ao alcance da sua voz. Mas podem tambem soltar um brado de alarme à aproximação do caçador, prevenindo assim o tigre e desfazendo o trabalho de todo um dia de perseguição furtiva. Em todo caso, os gritos e os movimentos desses animais são-nos de grande ajuda na caça ao tigre. O mais seguro aliado do caçador, porem, é o vento.

Deve-se ter presente que, enquanto o caçador está procurando o rasto do tigre, o mais provavel é que este ande tambem na pista do seu perseguidor... E esse desafio, devido à proteção que a cor da pele dá ao tigre, e à sua aptidão para caminhar silenciosamente, seria o mais desigual e arriscado para o esportista, se este não fosse favorecido pelo vento.

Os tigres ignoram que o homem não possue olfato apurado, e quando o felino vira devorador de carne humana, trata os homens exatamente da mesma maneira como se comporta com os animais silvestres; isto é, acerca-se da sua possivel vítima caminhando contra o vento. Ora, como o tigre sempre persegue a sua vítima por trás, seria para o caçador verdadeiro suicídio se ele se metesse a atravessar a selva marchando contra o vento, porque nesse caso o perigo ficaria todo à sua retaguarda, isto é, onde ele estaria menos apto a atacar ou defender-se. Mas se o caçador fizer frequentes viradas de través no vento, pode manter o perigo alternadamente para a esquerda e para a direita. Esse processo pode não parecer muito atraente quando descrito assim, no papel impresso: mas na prática dá bons resultados. E a não ser que o caçador caminhe de costas, não sei de processo melhor nem mais seguro de marchar contra o vento, quando se sabe que na sombra da floresta anda farejando um feroz e esfaimado devorador de homens...

Seguindo exatamente essa tática, pelo entardecer eu tinha alcançado o extremo superior do vale, sem ter visto os tigres e sem ter recebido qualquer indicação da sua presença pelos gritos das aves ou quadrúpedes da floresta. Já que a noite ia caindo, tornava-se necessário que eu me encarapitasse numa árvore para dormir, coisa para mim corriqueira, dada a minha longa prática na escolha duma boa árvore, e a minha habilidade para nela me instalar para uma soneca, com todo o conforto. Não muito depois do anoitecer, ouví rugidos de tigres; mas a noite, depois disso, foi quieta e silenciosa, e nada veio perturbar meu sono repousado.

Na tarde do dia seguinte eu já tinha explorado o vale palmo a palmo, e estava-me encaminhando para a aldeia, por uma encosta acima, coberta de relva, quando me chegou aos ouvidos o apelo prolongado e tão conhecido, que ecoava pelo vale: «Gu-u-ih!» Respondí no mesmo tom, e vi então, no alto dum rochedo que se erguia acima da verdura, um homem que me gritava através do vale, perguntando se eu era o *sahib* (senhor) que tinha vindo para matar o «papa-gente». Após

dizer-lhe que eu era de fato o *sahib*, ele me informou que sua boiada tinha estourado para fora duma ravina, da minha banda do vale, pela altura do meio-dia, e que um dos animais—por sinal uma vaca branca—estava faltando.

Pus-me logo em campo para fazer pesquisas em toda a ravina. Pouco tinha andado quando me encontrei no rasto deixado pelo gado espavorido, e sem dificuldade achei o ponto em que a pobre vaca fora morta. Tendo matado a vaca, os tigres a haviam carregado pela íngreme encosta abaixo, para o fundo da ravina, deixando no solo uma marca quase imperceptivel. A palavra «arrastar» é talvez imprópria, e pode dar lugar a mal-entendidos: porque o tigre, quando leva a sua presa a certa distância, não a arrasta, carrega-a no lombo. Eu já vi um tigre carregar uma vaca adulta a mais de uma légua! Acontece porem que, por vezes, a fera deixa arrastar a parte traseira da presa morta, traçando assim uma pista que é mais ou menos nítida, conforme as dimensões da vítima e a maneira como o tigre a leva no lombo.

Não era aconselhavel acercar-me dos felinos seguindo o rasto, de modo que, para descer ao fundo do vale, descrevi larga curva, e assim, vindo do lado oposto da ravina, me aproximei do ponto onde esperava encontrar a presa. Este lado da ravina estava coberto de fetos, que formam um terreno ideal para ciladas. Avançando devagarinho, pé ante pé, lá fui rompendo caminho por entre os fetos, que me chegavam acima da cintura, e quando me encontrava a uns 30 metros do leito da ravina, meus olhos surpreenderam uma ligeira agitação. Uma perna branca ergueu-se de repente no ar, sacudida com violência; logo a seguir ouviu-se um ronco abafado: os tigres estavam partilhando a presa, e havia com certeza entre eles uma divergência de opinião sobre algum naco mais apetitoso...

Fiquei inteiramente imovel durante alguns minutos, observando e escutando; a perna continuava a agitar-se no ar, mas o ronco não se repetiu. A uns vinte metros de distância do meu posto, avistei um rochedo que se erguia mesmo a jeito. De mãos e joelhos em terra, e empurrando o fuzil diante de mim, rastejei por entre os fetos até ficar entrincheirado ao abrigo desse rochedo. Quando meus olhos se encontraram ao nivel do topo da rocha, espreitei por sobre esta e vi os dois tigres.

Um deles estava devorando os quartos traseiros da vaca, enquanto o outro, sentado perto, lambia as patas. Ambos me pareceram aproximadamente do mesmo tamanho, mas o que estava lambendo as patas era de uma cor um pouco mais clara que o outro. Concluindo que essa cor mais clara era fruto da idade, e que esse era o tigre devorador de homens, visei-o com todo o rigor possivel e disparei... Apanhado em cheio pelo tiro, o animal soergueu-se nas patas traseiras e virou de costas. O outro, antes que eu tivesse tempo de puxar segunda vez o gatilho, tinha dado um salto pela ravina abaixo, e desapareceu da minha vista. O que eu atingira não se tornou a mexer; depois de lhe acertar com algumas pedradas, para me certificar de que estava bem morto, aproximei-me e sofrí séria decepção: um simples olhar a pouca distância me revelou que me tinha enganado, atirando no filhote em vez de no adulto—erro que naqueles 12 meses seguintes ia custar ao município quinze vidas humanas e, diga-se de passagem, me ia custando a minha própria vida.

Minha decepção foi, até certo ponto, mitigada pelo pensamento de que essa jovem fêmea, mesmo que não tivesse ainda matado, ela mesma, nenhum ser

humano, havia ajudado provavelmente sua velha mãe a matar (hipótese que mais tarde verifiquei ser correta), e, de qualquer maneira, tendo-se nutrido já de carne humana, podia bem ser considerada —isto para salvar a minha sensibilidade ferida—como um «papa-gente» em perspectiva.

Esfolar um tigre com auxílio de outrem, em terreno descoberto e com os instrumentos adequados, é coisa relativamente facil; mas alí, o caso era muito outro, porque eu estava sozinho, rodeado de espesso matagal, e minha única ferramenta era uma navalhinha de bolso. E, embora não houvesse o perigo real dum retorno da outra fera, porque o tigre nunca mata senão por necessidade rigorosa, procedí à pesada operação com o sentimento inquietante de que o tigre-mãe tinha voltado atrás, e estava espiando, oculto, cada um dos meus movimentos...

Era perto do pôr-do-sol quando terminei a laboriosa tarefa, e, como teria que passar mais uma noite na selva, resolví que o melhor era ficar alí mesmo.

A escolha duma árvore era necessariamente limitada naquele sítio, e aquela em que passei essa noite foi, como pela manhã tive ocasião de verificar, a menos confortavel de todas em que já tive que ficar doze horas empoleirado. Durante toda a noite ouví rugir a intervalos o tigre-mãe, mas, à medida que a manhã se aproximava, os rugidos se foram tornando cada vez mais longínquos, até que por fim se perderam de todo na crista dos montes que corriam ao longo do meu vale.

Com os membros entorpecidos, cheio de caimbras e esfomeado, pois havia 64 horas que minha boca não via o que se chama comida de fato, e a roupa pegada ao corpo devido à chuva que caira durante uma hora, escorreguei da árvore abaixo quando a luz da manhã já tornava os objetos claramente visiveis, e, depois de ter atado a pele do tigre no meu casaco, pus-me a caminho da vila.

Nunca me dei ao cuidado de pesar a pele dum tigre quando verde; mas se aquela pele, acrescida aliás da cabeça e das patas, que nesse dia carreguei à distância de 23 km, pesava 20 quilos ao começo da jornada, posso jurar que muito antes de chegar a meu destino ela me parecia pesar mais de 100!

Todo o dia seguinte se foi, ocupado que estive em secar a minha mochila, e em limpar e esticar a pele do tigre. No entanto, os moradores do lugarejo se agruparam em volta de mim para ouvir contar minha aventura, e me narrar as suas. Cada uma das pessoas alí presentes tinha perdido um ou mais parentes, por causa dos tigres, e muitas exibiam as indeleveis marcas das presas ou das garras da fera, cicatrizes que todos levariam para a sepultura.

Nos dez dias que se seguiram não houve novas do tigre. Ao undécimo dia, a notícia de que outra vaca fora morta, numa ravina situada na colina que ficava bem por trás da minha barraca, veio reavivar-me as esperanças duma boa caçada. Fui explorar o local da matança, mas um breve exame me bastou para concluir que a vaca fora morta por um velho leopardo, cujas pegadas eu já tinha visto várias vezes. Os habitantes do lugar se queixavam de que aquele leopardo vinha fazendo havia muitos anos grande estrago entre os bovinos e as cabras do lugar, de maneira que tomei a resolução de esperar por ele. Para me abrigar, escolhí uma

espécie de caverna pouco funda, perto da vaca morta; não tinha esperado muito tempo quando avistei o leopardo, descendo a encosta da ravina que se erguia na minha frente. Logo, porem, que erguí o fuzil para apontar, ouví uma voz que gritava aflitivamente na direção da aldeia.

Só podia encontrar uma razão plausivel para aquele grito de socorro; levando a mão ao chapéu, pulei fora da caverna, com grande consternação do leopardo, que, depois de se ter agachado um instante em terra, saltou com um rugido feroz na direção donde tinha vindo, e desapareceu. A toda a pressa, desandei a caminho da aldeia, para acudir a quem gritava.

Fui imediatamente informado por um camponês de que o «papa-gente» acabava naquele instante de matar uma mulher, a cerca de um quilômetro para lá do extremo oposto da aldeia. Enquanto corríamos pela encosta abaixo, avistei a multidão que se reunira, num pátio; chegado perto do grupo, e espreitando por cima das cabeças dos homens postados em círculo, vi uma mulher ainda nova, sentada por terra.

A parte superior do vestido fora-lhe arrancada do torso juvenil; com a cabeça pendente para trás, toda inclinada para a retaguarda, ela se apoiava nas mãos espalmadas no chão. Assim estava sentada, sem se mover nem proferir um gemido, e o único sinal de vida que dava era o arfar ansioso do seio, em cuja cavidade o sangue, que lhe escorria da face e do pescoço, se acumulava em massa pegajosa e coagulante.

Enquanto eu lhe examinava os ferimentos, umas vinte pessoas, falando todas ao mesmo tempo, me informaram de que o tigre atacara a moça em terreno aberto, à vista de muita gente, entre a qual se contava o próprio marido da vítima; alarmada com a gritaria que eles fizeram em coro, a fera abandonara a presa e correra a ocultar-se na floresta; dando a moça como morta, os companheiros a deixaram caida, e correram à vila para me informar do caso; que subsequentemente a moça recuperara os sentidos, e regressara à vila por seus próprios pés; que não havia dúvida de que morreria daí a coisa de alguns minutos, tão graves eram os ferimentos; e que então eles a carregariam de novo para o local do ataque, para que eu pudesse me sentar junto ao cadaver e assim matar o tigre quando ele voltasse...

Enquanto todas estas informações me eram transmitidas, atropeladamente, os olhos da moça nem um momento se desfitaram de mim, seguindo cada um dos meus movimentos com a súplica úmida e resignada do olhar dum animalzinho ferido. Era-me indispensavel espaço para mover-me à vontade, sossego para pôr ordem nos pensamentos, e ar fresco para que a moça respirasse; devo aliás confessar que os processos que nesse momento empreguei não foram dos mais suaves: mandei embora toda aquela gente, e, quando vi sumir-se o último dos homens, pus em ação as mulheres, que até então haviam ficado à retaguarda, imoveis; pedí que aquecessem água, e rasgassem em tiras a minha camisa, que estava relativamente limpa e seca. Pedí a uma das moças, que se achava prestes a ter um ataque histérico, que fosse correndo à aldeia, e me trouxesse de lá as únicas tesouras que existiam no lugar. A água e as ligaduras já estavam prontas, e ela ainda não tinha regressado com o precioso instrumento. Tinham-no encontrado em casa dum alfaiate, morto havia muito, cuja viuva usava as tesouras para arrancar batatas da terra. As lâminas enferrujadas, com bem 20 cm de comprimento,

não se juntavam em nenhum ponto em toda a sua extensão, e, depois duma baldada tentativa, decidí deixar intactas as espessas e negras ondas do cabelo da vítima, completamente empastado em sangue.

O ferimento principal era um corte, feito pela garra, que partia quase dentre os olhos e se prolongava ao longo do crânio, atingindo a nuca, e que deixara o couro cabeludo aberto de meio a meio, e pendente em duas partes.

Um médico meu amigo, que um dia eu convidara a ir comigo caçar tigre, tinha-me feito presente dum frasco minúsculo com poucas gramas dum fluido amarelo, aconselhando-me a levá-lo comigo sempre que saisse para caçar. Havia mais de um ano que eu carregava o frasco na minha jaqueta de caça, e parte do fluido se tinha evaporado já; mas ainda restavam bem três quartos do conteudo. Depois de haver lavado a cabeça e o corpo da moça, despejei o líquido nas feridas, até a última gota. Feito isso, amarrei-lhe bem a cabeça com as ataduras, esforçando-me por manter o couro cabeludo na posição normal, e depois erguí a moça nos braços e carreguei-a para a cabana de um só quarto, que era o seu lar.

Pendente dum barrote, junto da porta, via-se um balaio sem tampa, ocupado por uma criança que pedia em altos berros que lhe dessem de comer. Por essa complicação é que eu não esperava, com franqueza, e deixei a solução aos cuidados das mulheres que alí se haviam reunido.

Dez dias depois, quando na véspera de minha partida voltei a visitar a moça pela última vez, já ela estava sentada à porta da cabana, com o bebê adormecido no regaço. As feridas, com exceção dum talho mais fundo na nuca, onde o tigre fincara mais profundamente as garras, estavam todas saradas. Ao apartar com as mãos as espessas ondas de cabelo negro como as asas do corvo, para mostrar-me onde o escalpo se tornara a unir perfeitamente, ela me agradeceu por ter deixado intacta sua cabeleira; porque, entre essa gente, cabeça raspada é sinal de viuvez. Se meu amigo, o médico, alguma vez ler estas linhas, gostaria que ele ficasse sabendo que o frasquinho com o fluido amarelo, que tão previdentemente me ofereceu, salvou a vida a uma mãe tão jovem quanto valorosa.

Fui mais adiante examinar o lugar do ataque, e a partir dalí pude seguir o rasto da fera por quatro a cinco quilômetros. Cheguei assim a um terreno pedregoso, duro, onde a pista desapareceu.

Durante os dois dias seguintes ao ataque, os moradores de toda a região se conservaram tão perto quanto possivel das suas pobres moradias, isto é, tanto quanto lhes permitia a carência de condições sanitárias; depois, no terceiro dia, quatro estafetas vieram me trazer a notícia de que o tigre arrebatara outra vítima em Loalí, aldeia que ficava a légua e meia para o sul.

Ao fim da tarde do mesmo dia cheguei à aldeia, e fui acolhido por um ancião que, com as lágrimas correndo pelas faces engelhadas, me implorou que salvasse a vida de sua única filha. A história do caso era tão sumária quanto trágica: a filha, viuva, e única pessoa de família que lhe restava no mundo, tinha-se afastado uns 150 metros da casa na intenção de juntar uns gravetos com que pudesse acender o fogo para o jantar, quando algumas das mulheres que estavam lavando roupa perto dalí ouviram um grito, e viram o tigre que corria a esconder-se, carregando a mulher, entre a densa vegetação de plantas espinhosas. As mulheres correram logo à aldeia e deram o alarme, mas os moradores, apavorados, nem sequer ousaram uma tentativa de socorro à vítima. Meia hora depois, a pobre, ferida e escorrendo sangue, arrastou-se como pôde até sua casa. Contou então que vira o tigre bem no instante em que ele se preparava para saltar sobre ela, e no seu terror pulara por uma ribanceira que caía quase a pino; quando ainda estava no ar, o tigre a pegou, voando, e assim rebolaram juntos pela encosta abaixo. De nada mais se lembrava, até que recobrou o conhecimento e se encontrou perto dum regato; sem força para gritar por socorro, arrastara-se de mãos e pés até à aldeia.

Enquanto eu escutava essa dolorosa narrativa, chegamos junto da casa. Empurrando para trás o povo que se apinhava à porta, única abertura nas quatro paredes do quarto único, fui levantar o lençol ensanguentado que cobria o corpo da vítima: não tentarei sequer descrever sua lamentavel condição. Nem que eu fosse médico profissional, armado de todos os recursos necessários a um tratamento (e o único remédio que eu possuia era um pouco de permanganato de potássio), poderia ter salvo a vida àquela pobre mulher. Graças a Deus ela estava semi-inconciente, e foi mais para dar uma satisfação ao pobre velho, do que porque tivesse qualquer esperança de salvá-la, que eu lavei o sangue que se lhe empastara na cabeça e no corpo, e lhe limpei as feridas o melhor que era possivel.

Passei essa noite, com o fuzil engatilhado ao lado, numa plataforma de alvenaria que os moradores do lugar usavam para as suas cerimônias religiosas. Era sem dúvida um local impróprio para passar a noite; mas todo e qualquer lugar teria sido preferivel à aldeia, e àquele negro quarto onde reinava uma atmosfera fétida e abafada de calor, onde as moscas zumbiam em nuvens, e uma triste mulher atormentada pela dor lutava desesperadamente para respirar um pouco de ar. A certa altura da noite os lamentos das carpideiras vieram anunciar-me que os padecimentos da infeliz tinham chegado ao piedoso termo.

Pelo caso dessa infortunada mulher, e pelo da moça que a precedera, tornava-se agora evidente que o tigre-mãe tinha confiado ao tigre mais jovem, pelo menos em larga medida, a matança dos entes humanos que ela atacava. Via de regra, de cem pessoas assaltadas pelo tigre antropófago, só uma escapava com vida; mas, no caso dessa fera, era claro que sairiam mais pessoas mal-feridas das suas garras, do que mortas; como o hospital mais próximo ficava a uns bons 80 km de distância, apelei mais adiante para o governo, no sentido de que fossem remetidos fornecimentos de desinfetantes e ataduras a todas as aldeias da região onde o tigre rondava. Na visita que alí fiz mais tarde, verifiquei com satisfação que os desinfetantes fornecidos a meu pedido tinham salvo a vida a muita gente.

Demorei-me na região mais uma semana, que passei em infrutíferas buscas. A essa altura já eu passara perto de um mês nos domínios do «papa-gente», e não podia perder mais tempo. Os moradores ficaram consternados à notícia da minha partida, mas ao ir-me embora prometí que regressaria na primeira oportunidade que me fosse dada.

Voltei de fato no mês de fevereiro seguinte, para saber que diversas pessoas tinham perecido, e muitas mais tinham sido feridas pelo tigre, isto numa área de consideravel extensão, desde que eu deixara a região no estio do ano anterior. Como o paradeiro da fera continuasse a

ser um mistério, resolví-me a fazer uma tentativa, amarrando um búfalo de pouca idade em plena selva, lá numa ravina onde um bezerro fora recentemente morto pelo tigre, conquanto eu tivesse pouca esperança de que o felino aceitasse a isca, para se deixar cair na minha cilada.

Estava o sol no ocaso quando dei entrada nessa ravina, seguido por um grupo de homens que arrastavam o vigoroso macho para o sacrifício. Por terra, a uns 50 metros do ponto onde o bezerro fora atacado e morto, jazia tombado e meio enterrado o tronco duma árvore. Após ter amarrado solidamente o búfalo a esse tronco, os homens regressaram à vila. Não existiam na vizinhança outras árvores, e o único lugar que se me oferecia como próprio para a espera, era uma estreita saliência de rocha, a uns 5 metros de altura acima do leito da ravina. Subí com grande dificuldade ao cimo dessa plataforma e, chegando lá, verifiquei que sua rampa era bastante acentuada, e muito pouco confortavel. Alem disso, a rocha formava uma reintrância por baixo da saliência, deixando a meus pés um recesso profundo, que eu não podia ver; na posição pouco invejavel em que me encontrava, ficava de costas viradas para o lado donde o tigre podia muito bem surgir. Mas assim mesmo alí fiquei à espera que ele aparecesse, a uns 30 metros ou menos do búfalo.

O sol já se pusera quando o animal, que até então estivera deitado por terra, se ergueu precipitadamente e ficou a olhar a ravina. Um instante depois, uma pedra rolou pela encosta abaixo... No lugar e na incômoda posição em que eu estava, não me teria sido possivel disparar na direção donde viera o rumor, e portanto, para evitar ser descoberto, fiquei tão quieto quanto pude. Corrido pouco tempo o búfalo foi-se virando gradualmente para a esquerda, até ficar de focinho voltado para o meu lado. Isso significava que, fosse ela qual fosse, a razão do seu medo—e era visivel que ele estava com medo—se ocultava no recesso que a rocha formava a meus pés. Não tardou que a cabeça dum tigre surgisse mesmo por baixo do meu local de pouso. Um tiro à cabeça dum tigre é coisa que só se justifica em casos de extrema urgência, ocorrendo ainda que qualquer movimento da minha parte poderia atraiçoar minha presença. Durante um ou dois longos minutos, a cabeça do felino ficou perfeitamente imovel; e, de repente, num rápido avanço, e descrevendo um salto fulminante, a fera caiu em cima do búfalo. Não houve luta, não houve uma tentativa incerta para ferrar o dente, não se ouviu sequer um rumor, alem do baque dos dois corpos juntos: o búfalo tombou imovel, com o tigre cobrindo-lhe em parte o corpo, e segurando-lhe o pescoço com a dentuça. Julga-se geralmente que o tigre mata dando uma patada mortal na nuca da vítima: nada menos correto. O tigre mata com os dentes!

A FERA estava de perfil, e eu podia abranger com a vista todo o seu lombo direito, que me oferecia um alvo ótimo. Erguendo e apontando cuidadosamente o meu fuzil, disparei. Sem produzir o mais leve rumor, o tigre pulou pela ravina acima, e desapareceu da minha vista. O tiro tinha falhado, era evidente, e por motivos que escapavam à minha compreensão. Entretanto, se o tigre não me tivesse visto, nem percebido o clarão do tiro, ainda havia a possibilidade de que ele reaparecesse; tornei a carregar a arma, e continuei sentado, esperando.

O búfalo jazia agora inanimado, e aos poucos fui-me convencendo de que a

minha bala atingira a ele, em vez do tigre. Teriam corrido coisa de dez a quinze minutos, quando a cabeça da fera surgiu pela segunda vez do recesso da rocha a meus pés! Repetiu-se a longa pausa de expectativa, e depois o tigre foi emergindo muito vagarosamente do esconderijo, encaminhou-se para o búfalo, e ficou a olhá-lo de cabeça baixa. Oferecendo-me por alvo todo o comprimento do lombo, desta vez seria o cúmulo se eu errasse a pontaria! Puxei cautelosamente o gatilho; mas, em vez de cair redondamente morto, o tigre pulou para a esquerda, e sumiu como da primeira vez, subindo com a rapidez do raio uma pequena ravina lateral...

Dois tiros, disparados a uma luz relativamente boa, à distância de 30 metros, e ouvidos pelos aldeãos ansiosos num raio de muitos quilômetros: e eu só teria para mostrar-lhes como resultado, um furo de bala, e possivelmente dois, no couro dum búfalo morto! Era evidente que a vista me estava falhando; a não ser que, ao escalar a rocha, eu tivesse inadvertidamente dado uma pancada com a alça de mira do fuzil, e a houvesse entortado.

ERA BEM pouco provavel que o tigre voltasse pela terceira vez. Mas tambem não me era possivel regressar a pé à aldeia, porque já estava bastante escuro, e eu não tinha a mais leve idéia do paradeiro da fera. Estava convencido de que se tratava da fêmea devoradora de homens; e, se é certo que ela já podia estar bem longe agora, poderia igualmente estar-me espiando, ilesa, a coisa duns 50 metros de distância. Não era para brincar. Por muitò incômodo que fosse o meu poleiro, a prudência ditava que eu me conservasse a noite inteira alí. No vagaroso decurso daquelas longas horas, batendo os queixos de frio, fui-me convencendo pouco a pouco de que a caçada noturna ao «papa-gente» não era esporte que me atraisse, e que, se aquele bicho não era facil de matar à luz do dia, a única coisa que havia a fazer era deixá-lo morrer de velho... Essa convicção se robusteceu quando, notando que havia luz suficiente para fazer pontaria, entorpecido de frio como estava, comecei a descer pela rocha, que o orvalho alagara e tornara viscosa, e, perdendo o equilíbrio, fui terminar minha acrobática descida de pés para o ar e cabeça para baixo. Felizmente caí numa cavidade cheia de areia, que amorteceu o tombo e permitiu que eu e o meu fuzil saíssemos incólumes.

Apesar de ser muito cedo, fui encontrar a aldeia em grande agitação, e o pessoal cercou-me por todos os lados, assediando-me com perguntas a que eu não podia responder senão isto: que estivera disparando tiros de pólvora seca contra um tigre imaginário...

Um bule de chá bem quente e um fogo vivo e crepitante depressa me restituiram o calor de que eu estava precisado na alma e no corpo, e então, acompanhado pela maior parte dos homens e por todos os garotos da aldeia, regressei ao teatro das minhas façanhas. Subimos à saliência da rocha donde se dominava a ravina, e mal eu tinha começado a explicar os acontecimentos daquela noite ao pessoal que se ajuntou para me ouvir, quando um brado de excitação me interrompeu: «Olhe aquí, *sahib*, venha ver o tigre morto!» Explorei toda a ravina com um olhar incrédulo: mas não havia negar—o tigre lá estava, espichado! Ainda não me tinha restabelecido completamente do choque, quando os gritos de «Olhe, *sahib!*» se repetiam, e alguem, apontando para uma ravina lateral, acrescentou:

«Olhe alí outro tigre, tambem morto!» Os dois felinos aparentavam aproximadamente a mesma estatura, e ambos jaziam a cerca de 60 metros do local donde eu atirara. O «papa-gente»—se é que algum deles era realmente o «tal»—tinha-se munido, era evidente, dum companheiro de caçada.

Deixei-me rebolar do meu rochedo abaixo, de cara para a ravina, e, seguido pela numerosa assistência, aproximei-me do primeiro tigre. À medida que me acercava dele, minhas esperanças foram aumentando, porque era um animal de bastante idade, e fêmea. Passando então o fuzil para as mãos do homem que estava mais perto de mim, pus-me de joelhos para examinar as patas do bicho. Aquí, é bom lembrar o seguinte: no dia em que a fera tinha tentado assaltar as mulheres que trabalhavam na ceifa do trigo, deixara na terra mole da orla do campo umas pegadas magníficas, que eu tive tempo de examinar com todo o cuidado. Revelavam elas que se tratava dum animal muito velho, cujas patas se tinham esparramado com a idade. As polpas dos dedos dianteiros estavam cortadas de grandes sulcos, um dos quais corria profundamente, de través, na polpa da pata direita da frente, e os dedos tinham-se alongado a um ponto como eu nunca observara em nenhum tigre. Dados esses sinais de identificação pelas patas, teria sido possivel a mim reconhecer aquela fêmea dentre cem outros tigres mortos. Para minha grande contrariedade, o animal que alí estava, morto a meus pés, não era o «papa-gente»! Quando comuniquei essa conclusão ao pessoal que me rodeava em apertado círculo, ouviu-se de todos os lados um murmúrio de discordância: afirmavam que eu próprio, na minha visita anterior, lhes dissera que o «papa-gente» era uma fêmea idosa: esse mesmo devia ser portanto o animal que eu baleara, a poucos metros do ponto onde, pouco tempo atrás, quatro pessoas da aldeia haviam perecido às garras da fera! Contra essa prova evidente, irrefutavel, de que é que valiam agora as patas do tigre, se todos eles têm as patas iguais?...

Naquelas circunstâncias, o segundo tigre não podia deixar de ser macho; enquanto fiz meus preparativos para esfolar a fêmea, mandei um grupo de homens buscá-lo. A ravina lateral era íngreme e estreita, e o carreto da fera foi motivo de grande algazarra e muito riso para esses homens, que pouco depois vinham depor o tigre, macho e por sinal muito belo, ao lado do cadaver da fêmea.

Muito embora os camponeses tivessem repugnância em acreditar-me, assegurei-lhes repetidamente que, na verdade, o «papa-gente» de Chaugar não estava morto, e prevení-os de que qualquer descuido ou falta de cautela daria à velha fêmea o ensejo que ela vinha esperando, ou seja, o de matar e devorar mais alguem. Se houvessem seguido o meu conselho, o «papa-gente» não teria arrebatado tantas vítimas como conseguiu fazer nos meses imediatos. Pouco depois desse incidente, vi-me mais uma vez forçado a deixar aquela região, sem ter dado cumprimento à missão que alí me levara.

Àqueles leitores que tiveram a paciência de me acompanhar até este ponto da minha narrativa, gostaria de dar agora o relato do que foi o meu primeiro encontro—e o último tambem—com o tigre-fêmea.

Esse encontro efetuou-se no mês de abril seguinte, dezenove dias após o meu regresso à região, onde eu vinha fazer uma terceira tentativa de pegar a fera.

Tinha eu saido nesse dia com dois dos camponeses, que conduziam um búfalo novinho para ser amarrado na selva, como isca para o felino. O local que eu escolhera para a espera era uma espécie de clareira descoberta, em recôncavo, no meio da qual se erguia uma touceira de carvalhos e um pezinho de pinheiro solitário. Amarramos o búfalo a esse pinheiro, mandei um dos homens cortar um molho de feno para a ração do animal, e ordenei ao segundo, Madho Singh, que se fosse empoleirar num carvalho, com instruções para quebrar uma pernada seca da árvore com a cabeça do machado, gritando ao mesmo tempo com toda a força dos pulmões, como é costume da gente das montanhas quando está cortando folhagem para o gado. Fui então postar-me em cima dum rochedo com cerca de metro e meio de altura, na orla inferior do terreno descoberto.

O homem que ficara em terra já tinha feito alguns percursos, carregando o feno para o búfalo, e Madho Singh, encarapitado na sua árvore, berrava e cantava alternadamente a plenos pulmões, enquanto eu, de pé no meu rochedo, fumava com o fuzil apoiado no ângulo do braço esquerdo, quando, subitamente, tive a estranha intuição de que o «papa-gente» estava perto. Acenando com urgência ao homem que carregava o feno para que viesse juntar-se a mim, assoviei para atrair a atenção de Madho Singh, e fiz-lhe sinal que se calasse. O terreno em volta era relativamente descoberto por três lados. A árvore de Madho Singh estava em frente e para a minha esquerda, ao passo que o búfalo—que já estava dando sinais de inquietação—ficava mais à direita. O tigre não poderia ter-se acercado da presa, atravessando essa área, sem que eu o visse; e como de fato sem dúvida alguma, o tigre se aproximava, só havia um lugar onde ele agora podia encontrar-se: era por trás e logo abaixo de mim...

Com certeza a fera, atraida, como eu previra, pelo barulho que Madho Singh estava fazendo, se aproximara furtivamente do rochedo, e eu me tornei conciente da sua presença quando ela ficou olhando para mim, preparando-se para o salto imediato. A minha mudança de posição, acompanhada pelo silêncio súbito dos dois homens, deve ter feito com que a fera desconfiasse; seja como for, passados poucos minutos ouví estalar um ramo seco lá na falda da colina; logo em seguida me deixou aquele sentimento de ansiedade, e sentí que minha tensão baixava. O tigre se afastara, e eu perdera uma oportunidade de pegá-lo; mas ainda me restava uma boa ocasião de dar um belo tiro, porque a fera havia de voltar, antes de corrido muito tempo; e, quando verificasse que tínhamos ido embora, não teria remédio senão contentar-se com o bufalote.

Atravessando um pequeno vale e subindo à encosta do outro lado, eu teria a possibilidade de abranger com a vista toda a aba da colina onde o búfalo estava amarrado. Seria um tiro bem distante, quase de 200 a 300 metros, mas meu fuzil era dos mais certeiros, e, mesmo que a fera ficasse apenas ferida, deixaria um rasto ensanguentado que eu poderia seguir, coisa muito preferivel a ter que bater centenas de quilômetros quadrados de selva em busca dela, como eu tinha feito durante algumas semanas, no decurso de meses.

Os meus companheiros eram agora um impecilho, mais do que uma ajuda para

mim. Mas mandá-los regressar sozinhos ao bangalô teria sido arriscado, de modo que me vi obrigado a conservá-los na minha companhia.

Para chegar à encosta do outro lado, era-me preciso descer primeiro ao fundo duma ravina que cortava o leito do vale, e caminhar algum tempo ao longo dela. Essa ravina devia ter uns dez metros de largura, e um metro ou dois de profundidade. Quando pulei dentro dela, um mocho, que estava pousado numa rocha onde apoiei a mão para saltar, levantou vôo. Olhei para a cavidade donde a ave saira, e vi dois ovos, cor de palha e salpicados dum marron vivo, que apresentavam uma conformação das mais raras: um era comprido e ponteagudo, ao passo que o outro era redondo como uma bola de gude. Como eu ainda não tivesse ovos de mocho na minha coleção, resolví adicionar-lhe esse raro achado. E, na falta de um saco onde os carregasse, fazendo uma concha com a mão esquerda, depús nela os dois ovos, bem acondicionados num pouco de musgo das rochas.

À medida que descíamos a ravina, esta se ia tornando mais profunda, e, a uns 60 metros do ponto onde eu dera entrada, atingí uma queda brusca de 3 a 4 metros. A água, que na estação das chuvas transforma em enxurradas todas essas ravinas das serras, desgastara as rochas, deixando-as lisas como vidro; e como o solo fosse demasiado íngreme naquele ponto para me oferecer apoio aos pés, passei o fuzil para as mãos dum dos homens e, sentando-me no rebordo da rocha, deixei-me escorregar por ela abaixo. Meus pés mal haviam tocado o fundo arenoso da ravina, quando os dois indianos, voando, caíram um de cada lado de mim, e, metendo-me o fuzil na mão me perguntaram, em grande agitação, se eu tinha «ouvido» o tigre... A verdade é que eu nada ouvira, talvez porque o arrastar da minha roupa na rocha abafara qualquer outro rumor. Os homens, porem, tinham escutado uma rosnadela surda, saida do arcabouço da fera, que devia estar muito perto de nós, muito embora eles não fossem capazes de dizer ao certo de que lado viera o som. Os tigres não traem habitualmente a sua presença com rosnadelas, quando andam em busca do jantar; a única explicação, aliás pouco satisfatória, que eu podia conceber para esse caso, é que a fera nos seguira após termos deixado o terreno descoberto, e, ao perceber que íamos descendo a ravina, nos passara adiante para ir tomar posição no ponto onde a passagem se estreitava para metade da largura que tinha mais acima; e que, quando ela estava a ponto de pular em cima de mim, eu desaparecera da sua vista ao escorregar na rocha, e o tigre desapontado não pudera conter uma surda rosnadela involuntária, de despeito...

Estávamos agora os três bem chegados uns aos outros, no leito arenoso da ravina, com a rocha empinada e pulida como vidro atrás de nós, e dos lados as paredes aprumadas da ravina. Poucos metros adiante, outro rochedo enorme nos obstruia a vista, espécie de gigantesca ardósia de escola com 60 cm de espessura na aresta inferior, e erguida de pé—mas não rigorosamente vertical—sobre um dos seus lados mais longos.

Avancei alguns passos até poder espiar o que ficava para lá desta ardósia enorme—e dei de cara com o bicho!

Convem que o meu leitor faça uma idéia clara do que era a situação. O leito de areia, que se estendia para lá da rocha, teria bem uns seis metros de comprimento por três de largura; sentada nesse corredor, com as patas dianteiras estendidas para a frente e os membros traseiros confortavelmente aconchegados debaixo

do corpanzil, encontrava-se a dona tigre. A cabeça dela, erguida alguns centímetros acima das mãos, estava (conforme medí depois) a 2 metros e meio de mim, e na sua face lia-se um autêntico sorriso—que fazia lembrar muito o sorriso do cachorro fiel, ao receber seu dono em casa após demorada ausência...

Dois pensamentos me atravessaram a cabeça com a rapidez do relâmpago: um, que era eu quem devia dar o primeiro passo; o outro, que esse passo devia ser dado de maneira a não alarmar ou enervar o imponente animal.

Eu levava o fuzil na mão direita, segurando-o em diagonal contra o peito; nessas condições, para conseguir que a boca do cano ficasse bem apontada à fera, seria preciso que a arma descrevesse um arco de 270 graus, ou seja três quartos de círculo.

Comecei a descrever essa interminavel trajetória com uma só mão, tão devagar quanto possivel, e quase imperceptivelmente. E continuei até que o meu braço ficou todo estendido na direção do tigre. A essa altura o peso da arma carregada já começava a parecer-me insuportavel. Só restava agora um movimento de nada para que a mira acertasse no tigre, que nem só um instante desfitara de mim seus olhos magnéticos, e continuava a olhar-me com a mesma expressão de irônico e feroz prazer na cara.

NÃO ESTOU em condições de poder dizer quanto tempo aquele fuzil levou para ficar em posição! A mim, que não desfitava os olhos da fera, só parecia que meu braço estava paralisado, e que aquele arco nunca mais se acabava. Mas o movimento afinal chegou ao termo, e, logo que sentí que a arma estava apontada ao corpo do tigre, puxei o gatilho.

Sentí a coice da coronha e ouví o estampido, que a estreiteza do lugar exagerou: e, se não fossem esses sinais de que o fuzil fizera fogo, em vista dos resultados imediatos do tiro, eu poderia crer que estava nas garras dum desses pesadelos horrorosos, em que os fuzís se recusam a fazer fogo no momento culminante de perigo...

Durante uma fração perceptivel de tempo, o animal ficou perfeitamente imovel: depois, muito lentamente, afundou a enorme cabeça entre as patas estendidas para a frente, e um jacto de sangue lhe irrompeu do furo da bala. Esta tinha-lhe atingido a coluna vertebral, e despedaçado com certeza a parte superior do coração.

Os dois homens que me seguiam a poucos metros de distância, e que estavam separados do tigre pela espessura do rochedo, tinham feito alto quando me viram parar e voltar a cabeça. Perceberam instintivamente que eu avistara o tigre, e pela minha atitude calcularam que ele estava muito perto. Madho Singh disse-me depois que ainda quis dar-me um grito, para que eu largasse os ovos de mocho e pegasse o fuzil com ambas as mãos; depois de eu ter disparado, ao deixar cair a coronha da arma para os pés (de súbito as pernas me pareceram incapazes de aguentar meu próprio peso), Madho Singh, a um sinal meu, correu a aliviar-me do peso da arma. Mesmo antes de examinar as almofadas das patas do tigre, eu sabia que se tratava da fera de Chaugar, oficialmente reconhecida como assassina de 64 seres humanos—e do dobro desse número, consoante os habitantes do município.

É curioso que três coisas, que aparentemente deviam ter atuado contra mim, agiram alí em meu favor. Foram elas: (a) os ovos de mocho que eu tinha na mão

esquerda, (b) a leveza do fuzil que eu trouxera, e (c) o fato de se tratar dum tigre apreciador de carne humana. Vejamos porque.

Se eu não estivesse carregando aqueles ovinhos na mão, teria movido o fuzil de repente, por instinto, e a mola, que estava travada pela minha inação, ter-se-ia inevitavelmente soltado. Mais uma vez, se o fuzil não fosse tão leve, não me teria sido possivel fazer fogo com um só braço estendido. Finalmente, se o tigre, em vez de ser um «papa-gente», fosse um tigre comum, ao ver-se colhido teria dado um salto em frente para abrir passagem, varrendo-me do seu caminho; e ser varrido do caminho pelo tigre, é coisa que em geral comporta consequências fatais!

Enquanto os meus companheiros foram dar uma volta para libertar o búfalo que ficara amarrado, e aproveitar a corda que era agora necessária para um serviço mais agradavel, caminhei pelas rochas e fui restituir os ovinhos ao seu dono legítimo. Confesso a minha culpa: sou tão supersticioso como todos os caçadores meus irmãos. E vejam se com ou sem razão: havia mais de um ano, a intervalos, que eu vinha tentando, e tentando por todos os meios a meu alcance, pegar a jeito aquele tigre para lhe ferrar um tiro, e não o tinha conseguido; e poucos minutos depois de haver roubado aqueles ovos, eis que a sorte dera uma volta a meu favor!

Os ovos, que tinham ficado todo esse tempo na palma da minha mão esquerda, ao abrigo de acidente, ainda estavam quentes quando eu os repús na cavidade da rocha que fazia as vezes de ninho. Quando meia hora mais tarde tornei a passar por alí, tinham desaparecido debaixo do corpo da ave choca, cuja plumagem pintalgada se confundia tão perfeitamente com as cores variegadas do penedo.

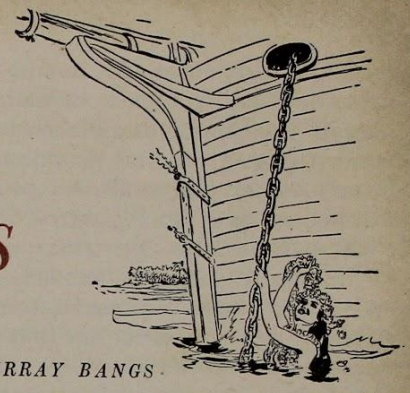
Examinando a fera, constatei que tinha as garras partidas e limadas pela idade, os dentes da frente gastos até à raiz, e que uma das suas presas, ou caninos, estava quebrada. Eram esses os defeitos que tinham feito dela um devorador de homens, e a causa da sua inabilidade para matar logo ao primeiro salto—e pelo seu próprio esforço—grande parte das pessoas que havia atacado desde o dia em que ficara privada da assistência do filhote, que eu por engano abatera no dia da minha primeira tentativa.

Desde essa noite até hoje, ninguem mais foi morto nem ferido em toda a zona de centenas de quilômetros quadrados de montes e vales por onde o tigre-fêmea de Chaugar, durante cinco longos anos de terror e morticínio, havia exercido o domínio de terror sobre os camponeses indefesos.

¶ Em um banco de Nova York pode ser visto um cartaz que sem dúvida assombraria os nossos avós, mas que não causa nenhuma surpresa nos dias que correm, de impostos de guerra. O referido cartaz, exortando os cidadãos a economizarem, termina com esta observação: «Lembrem-se de que *parte* de tudo o que ganham lhes pertence».

—*This Week Magazine*

A pesca da baleia era negócio pesado, mas tinha seus aspectos picantes...



PARAISO DOS BALEEIROS

(Condensado da Town & Country)

Por T. H. ROBSJOHN-GIBBINGS e JEAN MURRAY BANGS

Há uma coisa que o pudor impede os naturais da Nova Inglaterra de contar: é que os seus antepassados de há cem anos, os famosos pescadores de baleia das frotas do Pacífico, apesar de tormentas e canseiras, passaram bem bons bocados nas ilhas paradisíacas dos Mares do Sul... Não é que esses lobos-do-mar dessem muito à língua a tal respeito. Deus nos livre! Pois se as esposas, e as noivas, e as mães que ficavam, esperando e rezando por eles, julgavam a pesca da baleia uma coisa muito mais séria do que era realmente—para que é que eles haviam de as desiludir? O calado é o melhor, e eles calaram.

Os baleeiros do Pacífico guardaram durante quase trinta anos o seu segredo. E se não fossem os indiscretos missionários, que vieram dar com a língua nos dentes, a alegre história das suas farras com as moças das ilhas encantadas podia muito bem ter ido com eles para a cova (se é que voltavam) nos verdes cemitérios da Nova Inglaterra. Os missionários chegaram, viram, ergueram os braços ao céu, e contaram tudo! E as primeiras descrições do que eles por lá viram eram realmente de pôr os cabelos em pé.

Por volta de 1850, o reverendo Henry Cheever escrevia: «Nas ilhas Havaí, a intemperança e a luxúria andam à rédea solta. Pode-se dizer que todos os navios alí ancorados são autênticos bordéis flutuantes.» Mais e mais edificantes pormenores se seguiram, nos relatos de outros virtuosos missionários. As ilhas dos Mares do Sul estavam «sob o domínio de Satã»; os indígenas eram «lúbricos libertinos» que por dá-cá-aquela-palha desatavam a rebolar às ancas numa desenfreada hula-hula, «essa dança licenciosa que excita as paixões animais para alem de toda a resistência humana.»

Tal era pois a pândega em que redundava a pesca da baleia! E as recatadas esposas e mães desses homens curtidos pelos mares, passaram a olhar com execração e pavor as tangas «tapa» e os coxins de Samoa, os braceletes e colares de conchinhas multicores que eles lhes traziam como lembrança de cada uma das suas demoradas expedições à longínqua pesca da baleia.

É bem possivel que nem cheguemos nunca a saber toda a história dos baleeiros ianques do Pacífico; mas pelos velhos jornais de bordo e pelos relatos dos antigos, podemos fazer uma idéia desse aspecto particular e nada trágico da indústria pesqueira, que tem sido cuidadosamente disfarçado aos olhos castos do grande público. Começa a história por volta de 1818, ano em que a primeira baleeira da Nova Inglaterra deu volta ao cabo de Horn e entrou, deslumbrada e

oscilante, nas águas do Paraiso. Nas praias de Havaí, de Samoa, de Taití e das ilhas do Pacífico sul, as mulheres indígenas, sorrindo e cobertas de flores, acolhiam com os braços abertos os rudes marinheiros da Nova Inglaterra.

Os pátrios lares, pensavam seguramente os pescadores ianques, nada ofereciam que de longe se parecesse com, por exemplo, este entardecer em Bola-Bola: «Na meia-luz do crepúsculo, avistamos à superfície do mar grande número de objetos escuros, flutuando. Não tardou muito que ouvíssemos vozes, e descobrimos que se tratava de entes humanos, que nadavam em direção a nós.» Aproximaram-se do navio e, subindo pelas cadeias das âncoras, pularam a bordo. Daí a nada, andavam espalhadas por todo o navio mais de trinta mulheres...»

Pode-se imaginar agora a surpresa dos que, tendo ido a terra, despertaram no dia seguinte sonhando com o seu almoço de feijão guisado à moda de Boston, bolinhos de farinha e pastel de maçã, e ainda entre os véus do sono, esfregando os olhos estremunhados, se encontraram debaixo dum teto de colmo, tendo «ao lado da cama uma pilha de fruta madura, e os chapéus cobertos com rosários de flores de anona, que as mulheres tinham andado a colher na frescura do orvalho matutino!»

«Nunca poderei esquecer a pitoresca cena,» escreve um visitante, em carta datada de Havaí, a 4 de maio de 1831: «Vimo-nos rodeados dum grande ajuntamento de homens e mulheres indígenas, todos nus, oferecendo-nos à venda não só animais, mas outras criaturas mais atraentes e cativantes, a preços excessivamente módicos.»

Recortemos agora esta passagem do diário de viagem dum rambóia «cockney», Robert Jarman, que andou nas rotas do Pacífico por volta de 1830: «Uma bonita mulher é sempre agradavel, mas muito especialmente em climas destes. Estes olhos negros e lânguidos já têm induzido muito marinheiro a abandonar o seu navio para viver em terra.»

Era evidente que se estava processando uma profunda transformação mental entre os honrados baleeiros da Nova Inglaterra. Um deles escrevia, com uma nota mal disfarçada de amarga inveja: «Bem, suponho que o velho Brown deve estar esta noite em boa farra, com aquelas moças de olhos negros, rindo e cantando e segredando histórias de amor e constância no ouvido delas, em baixo dos majestosos coqueiros, cujas palmas altíssimas formam uma cúpula protetora contra a curiosidade e a indiscreção. Seja feita a sua vontade!»

A viagem de Salem a Samoa tornou-se rapidamente um curso de ida, sem volta. Os imigrantes canacas e portugueses começaram a tomar o lugar das tripulações ianques que se evaporavam, desertando à razão de milhares por ano. Muitos destes Robinson Crusoes se casaram com mulheres indígenas, e ficaram vivendo confortavelmente em minúsculos impérios ilhéus, feitos régulos de minúsculas nações. Certo David Whippey, por exemplo, consorciou-se com uma «rainha» indígena, que o presenteou com dois rebentos. As rainhas indígenas, porem, como outras rainhas e não-rainhas, tambem fogem aos maridos. Assim foi com a esposa deste David, que por sinal não se aborreceu muito: daí a pouco tornava a casar, desta vez com Dona Dorcas, irmã de Tuì Levurka, rei da ilha, a qual por sua vez o presenteou com três régios descendentes, que vieram acrescentar-se a essa ninhada internacional.

Mas os missionários não dormiam, e a obra de reforma lá se foi consumando

pouco a pouco no Pacífico. As mulheres indígenas passaram a andar vestidas de grandes bibes de chita, e aprenderam as regras do decoro cristão, ao mesmo tempo que os reis indígenas, a instante conselho dos bons missionários, introduziram as morigeradoras «leis azues» da puritaníssima Nova Inglaterra. E passado tempo, os marujos que chegavam, em lugar de se verem assaltados a bordo pelas ninfas de pele morena, eram recebidos pelas damas da «Sociedade de Amigos do Estrangeiro» que lhes encaixavam nas mãos, em vez de doces recordações de amor, folhetos cheios de virtuosos ensinamentos. Nos molhes onde dantes ressoavam cânticos de lubricidade, fazia-se agora ouvir aquele hino religioso dos marinheiros, cujas estrofes acabam sempre assim: «Marujo, te resta uma esperança.» E foi assim que nos portos pátrios da Nova Inglaterra se restabeleceu, com a moral, a paz das conciências.

No INTERIM, a indústria baleeira caía aos pedaços. A perda de navios durante a Guerra Civil (1861–1865), a utilização crescente do petróleo em vez do óleo de baleia, e o tremendo tributo de vidas humanas que cobrava a tormentosa passagem do cabo de Horn, tudo veio precipitar o ocaso da era das baleeiras. Aí por 1886 restava apenas uma frota, fantasma do que fora, e com o desaparecimento dela, só os missionários ficaram para contar a estranha história de que foram testemunhas.

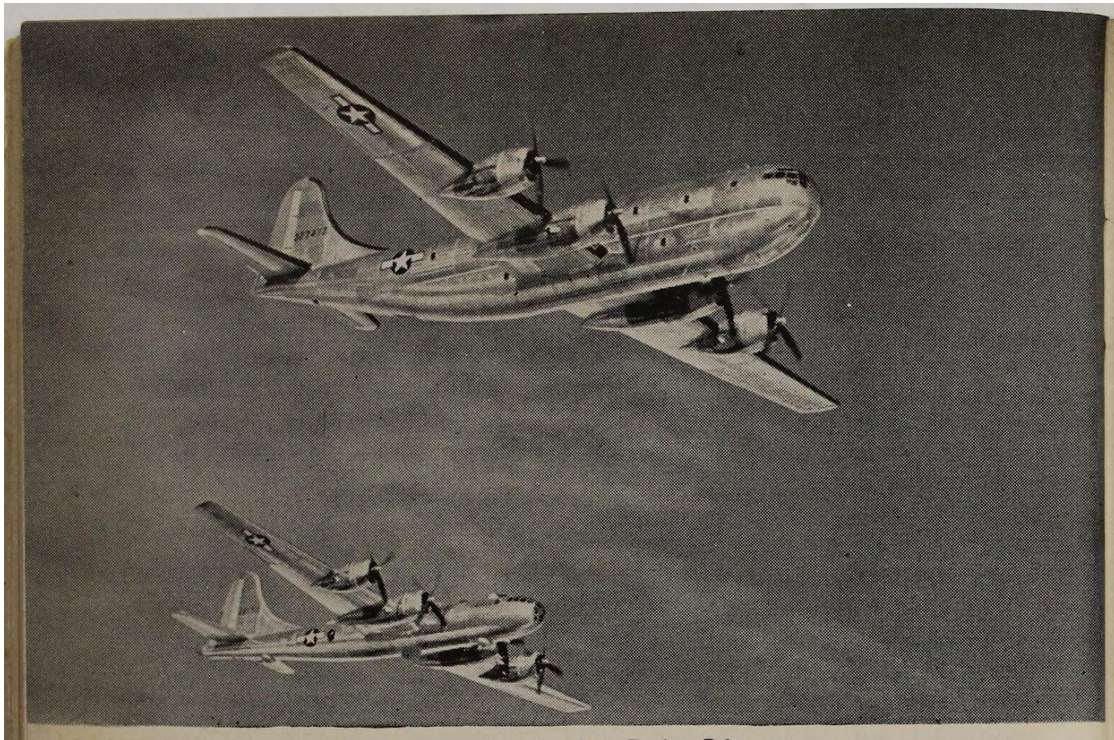
As suas patuscas revelações foram eventualmente postas de lado, esquecidas, e a história do Pacífico, purificada destes episódios pagãos, foi toda escrita de novo, em atenção aos bons costumes, e para consolo das gentes pudicas. Dessa maneira já se podia ler ao serão a história aventurosa e pitoresca de Vovô—sem ter que corar nem saltar aquí e alem uma página...

Statement of the Ownership, Management, Circulation, etc., required by the Acts of Congress of August 24, 1912, and March 3, 1933

of Seleções do Reader's Digest, published monthly at Chicago, Illinois, for October 1st, 1945

State of New York } ss.
County of Westchester }

Before me, a Notary Public in and for the State and county aforesaid, personally appeared Roberto C. Sánchez, who, having been duly sworn according to law, deposes and says that he is the Business Manager of Seleções do Reader's Digest and that the following is, to the best of his knowledge and belief, a true statement of the ownership, management, etc., of the aforesaid publication for the date shown in the above caption, required by the Act of August 24, 1912, as amended by the Act of March 3, 1933, embodied in Section 537, Postal Laws and Regulations, to wit: 1. That the names and addresses of the publishers, editors, managing editor, and business manager are: Publisher, Selecciones del Reader's Digest S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Editor, Eduardo Cárdenas, 230 Park Avenue, New York, N. Y., Managing Editor, None. Business Manager, Roberto C. Sánchez, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. 2. That the owners are: Selecciones del Reader's Digest S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba, DeWitt Wallace, Lila Acheson Wallace, Pleasantville, N. Y. 3. That the known bondholders, mortgagees, and other security holders owning or holding 1 percent or more of total amount of bonds, mortgages, or other securities are: none. 4. That the two paragraphs next above, giving the names of the owners, stockholders, and security holders, if any, contain not only the list of stockholders and security holders as they appear upon the books of the company but also, in cases where the stockholder or security holder appears upon the books of the company as trustee or in any other fiduciary relation, the name of the person or corporation for whom such trustee is acting, is given; also that the said two paragraphs contain statements embracing affiant's full knowledge and belief as to the circumstances and conditions under which stockholders and security holders who do not appear upon the books of the company as trustees, hold stock and securities in a capacity other than that of a bona fide owner; and this affiant has no reason to believe that any other person, association, or corporation has any interest direct or indirect in the said stock, bonds, or other securities than as so stated by him. Signed R. C. Sánchez, Business Manager. Sworn to and subscribed before me this 24th day of September, 1945. (Seal) Bertha F. Lee, Notary Public.



O Boeing Stratocruiser (em cima) e a Superfortaleza Boeing B-29

"Bandeirante" da aeronáutica da paz

A Superfortaleza Boeing B-29 incorpora em si certos princípios que virão *revolucionar os transportes aéreos.* A versão militar do primeiro autêntico super-transporte do futuro — o Stratocruiser Boeing —bateu todos os recordes de vôo transcontinental, com uma velocidade média de 383 milhas por hora, de costa a costa!

A Boeing possue mais experiência na construção de aparelhos quadrimotores do que outro qualquer fabricante do mundo. Como a Superfortaleza, o novo Stratocruiser tem quatro motores—e maior será ainda a sua potência em H.P.

Tal como o B-29, ele apresentará a asa Boeing, de excepcional eficiência, que lhe dá *imensa capacidade de carga* — e *alem disso* maior alcance e maior economia de operação do que outro qualquer transporte.

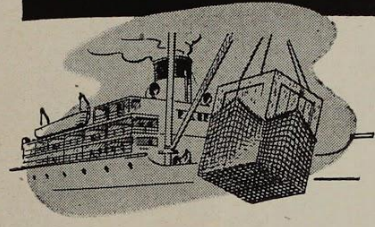
Mais uma vez, como a Superfortaleza, ele terá cabines com "ajustamento de pressão" do melhor tipo—e *ainda* novos requintes de isolamento ao som e ar condicionado.

Apresenta todas as inovações estruturais e aerodinâmicas destes últimos três anos, postas à prova da guerra em aeronaves construidas pela Boeing.

Com a Vitória, a pesquisa, o traçado, a técnica e a fabricação Boeing levarão a V.S. o Stratocruiser e outras novidades do transporte aéreo . . . e V.S. pode ficar certo de que qualquer avião "construido pela Boeing" será construido para inovar!

CRIADORES DA SUPERFORTALEZA B-29 • DA FORTALEZA VOADORA • DO NOVO STRATOCRUISER
DO TREINADOR KAYDET • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES PAN AMERICANOS **BOEING**

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL



V. S. gostaria de comprar ou vender nos Estados Unidos agora . . . ou após a guerra?

Há alguma informação que V.S. precisa para fazer transações nos Estados Unidos? O nome de um representante? Informação sobre as possibil lades do seu produto? Informe de crédito ou mercado? Recorra à mais próxima sucursal do City Bank.

O National City Bank de Nova York oferece vantagens excepcionais para dar-lhe informações, onde quer que esteja, sobre assuntos norte-americanos. Seu pessoal de serviço mundial é muito maior em número que o de qualquer outro banco dos Estados Unidos. E, sendo o primeiro banco nacional que dos E. U. A. se estende aos paises estrangeiros, ele oferece-lhe 30 anos de experiência acumulada em orientar o comércio de alem-mar. Os gerentes das 35 sucursais nos lugares mais estratégicos da América Central e do Sul têm em média 24 anos de serviços no estrangeiro.

Quer pela sua Matriz em Nova York, quer por bancos seus correspondentes no mundo inteiro, o City Bank pode ajudá-lo nos seus planos de hoje ou do após-guerra.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes
no Mundo
Inteiro

39 SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

Chile
Santiago—Valparaizo

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

India
Bombaim—Calcutá

México
México, D. F.

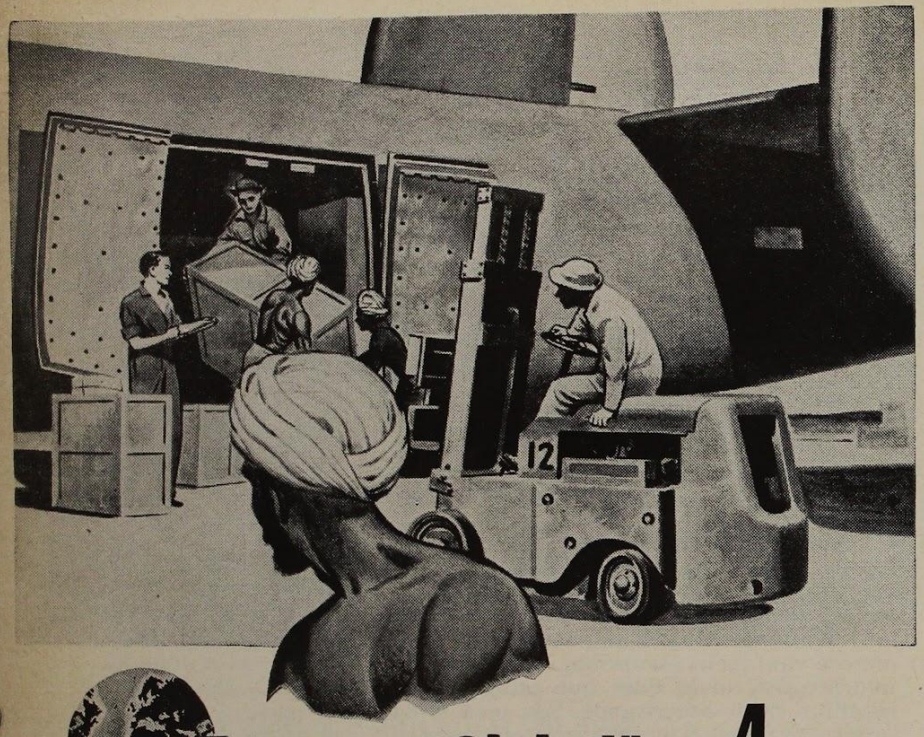
Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas



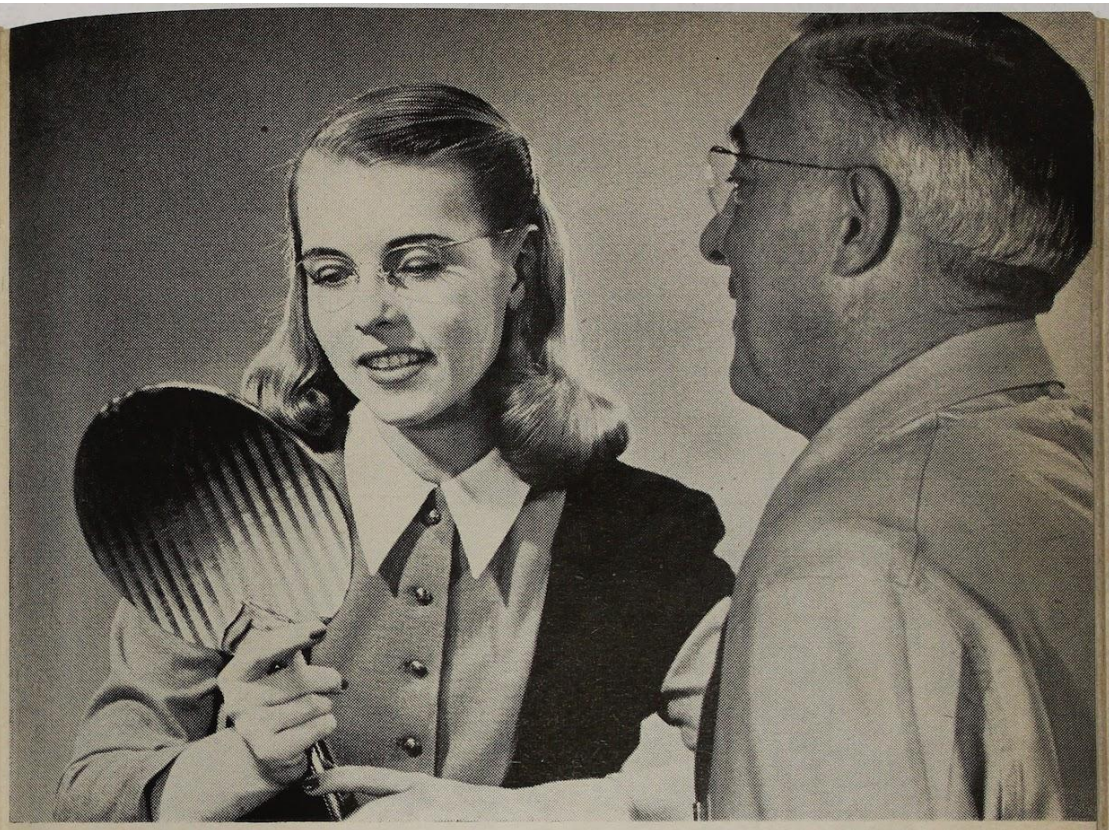
"Expresso Global"-EM 4 DIAS

● 14.000 milhas por sôbre oceanos e continentes . . . *em quatro dias!* Dão-lhe o nome de "Expresso Global". Para manter semelhante horário, é imperativo que os motores, os instrumentos, as luzes e o rádio do avião não falhem nunca.

Neste serviço adota-se arame Auto-Lite para aviões . . . Em outros serviços, onde a segurança e a integridade são também de suprema importância, o nome Auto-Lite identifica geradores, arranques, velas de ignição, acumuladores — equipamento elétrico para automóveis, que os respectivos fabricantes e donos aceitam como sendo o melhor.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division
Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

AUTO-LITE EQUIPAMENTO DE IGNIÇÃO ARRANQUE E ILUMINAÇÃO



Veja Bem . . . Apresente-se Bem

OBTER os benefícios de um oculista, é ser previdente. Ser previdente é saber que seus olhos estão em condições de dar-lhe a melhor execução visual em seu trabalho e divertimentos diários. Ser previdente é ter a certeza do confôrto que deixa V.S. vigilante, saudável, atrativo e simpático.

O único meio de ter essa certeza é consultar um oculista.

Talvez que V.S. não precise de óculos. Se precisar, use-os com orgulho, pois, os óculos de hoje em dia são distintos, atrativos e modelados para cada indivíduo que os usa.

BAUSCH & LOMB
ROCHESTER 2, N.Y. RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO BUENOS AIRES

Fabricantes de Vidro Óptico e de um Completo Sortimento de Instrumentos Ópticos para Usos Militares, Educação, Pesquisas, Indústria, e Correção e Conservação da Vista.

RADIOS E FRIGORIFEROS PHILCO

Radios e Fonografos Sensacionais de PHILCO, o Vanguardeiro

PHILCO . . . DE FAMA MUNDIAL EM QUALIDADE

Na terra das lendas...

MELHORAL FAZ HISTÓRIA!

No lendário Rio Grande do Sul, onde campeia o gaúcho, com suas bombachas, seu poncho e seu cavalo... MELHORAL é hoje famoso, no combate às dores, gripes e resfriados.

O gaúcho prefere MELHORAL porque conhece a sua ação rápida, segura e eficaz, que não afeta o organismo, graças à sua fórmula científica e perfeita! Prefere-o por sua embalagem em clarapel inviolável, que o livra de contaminações e de deteriorar-se – verdadeira proteção para a saúde!

Faça como o gaúcho: não tome qualquer comprimido: exija MELHORAL, o melhor amigo dos brasileiros!

Melhoral

CONTRA DORES E RESFRIADOS

Dedicada à atividade comercial desde 1843, a Eagle-Picher fabrica mais de 200 produtos de chumbo, zinco e isolamento, aplicados nos lares e nas indústrias... É uma companhia antiga, com um nome tradicionalmente bom, e bons produtos.

CHUMBO. Óxidos e pigmentos para tintas de pintura e baterias de acumuladores. Chumbo-em-óleo branco (alvaiade), em forma seca e pronta para usar, para pintura de alta qualidade. Metais de suporte, soldas, chumbo de canos, ligas de chumbo-estanho para usos industriais em geral.

ZINCO. Pigmentos para fabricar tintas de pintar e papéis. Óxidos para vidro, faiança, e para produtos de borracha. Zinco para galvanização de ferro e aço, contra a ferrugem e a corrosão.

ISOLAMENTO. Isolamento de lã mineral para casas novas e antigas. Isolamento às altas e baixas temperaturas, em blocos, solto, granulado, ou em cimento, para aplicação nas indústrias elétrica, naval, petroleira, e em geral nos domínios da fabricação industrial.

EAGLE EP PICHER

EAGLE - PICHER

Chumbo • Zinco • Isolamentos

THE EAGLE-PICHER COMPANY

Departamento de Exportação: 420 Lexington Avenue
New York 17, E. U. A.

Escritórios Centrais: Cincinnati (1), Ohio
Endereço Telegráfico: EAGLEPICH

Não é só em Sanduiches que as Pastas Swift são gostosas!

MACIAS, de textura delicada e de aroma e sabor suavíssimos, as Pastas Swift são tradicionalmente usadas para o preparo de deliciosos sanduiches. Mas, além de sanduiches, as Pastas Swift são ótimas, também, para a preparação de bombas de pasta de carne e batatas, canapés, tomates recheiados com Pasta de Galinha e outras receitas saborosas que encontrará no Livro de Receitas Swift. Experimente estas novas delícias para seu paladar, feitas com as incomparáveis Pastas Swift.

GRATIS! *Para receber o Livro de Receitas Swift, preencha êste coupon, junte 5 rótulos diferentes de produtos Swift, e envie tudo à Cia. Swift do Brasil, Rua Dr. Falcão Filho, 56, São Paulo, ou Caixa Postal 1910. Rio de Janeiro.* 1-GGGG-25

NOME .....
RUA.....
CIDADE .....
ESTADO.....

PRODUTO DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Experimente também: PRESUNTOS • SALSICHAS CORNED BEEF • CARNE COZIDA • BANHA • LINGUAS • PRESUNTADA • CARNE DE PORCO PERÚ • GALANTINA • EXTRATO DE CARNE •

PAN AMERICAN

Amanhã V. irá lá nos CLIPPERS novos e qigantescos

Poderá voar até os Estados Unidos a alta velocidade, baixo preço, e com máximo conforto.

Aumenta cada vez mais o número de lugares disponiveis nos Clippers Voadores. Agora, com a terminação da guerra, não está longe o dia em que haverá acomodações para todos os que queiram viajar pelo ar.

A Pan American encomendou novos e melhores aviões, com salas de fumo, deliciosas refeições, serviço cortês, e todas as comodidades possiveis.

Hollywood a 28½ horas do Rio!

Estes novos Clippers gigantescos, capazes de voar "acima da intempérie," a velocidades de 300 milhas e mais à hora, virão pôr Hollywood, a 5½ horas da Cidade do México . . . a 14 horas de Bogotá, na Colômbia . . . a 20 horas apenas de Lima, no Perú . . . e a 28½ horas do Rio de Janeiro.

E o melhor de tudo é que novas e baixas tarifas se tornarão possiveis graças à crescente eficiência do serviço destes formidaveis e novos Clippers da Pan American. De maneira que o *sonho* de ir assistir a uma noite de *première* em Hollywood se tornará realidade para milhares de pessoas em toda a América Latina . . . E o mesmo se pode dizer das econômicas viagens de Clipper a Portugal, França, Espanha, Inglaterra, e o Extremo Oriente.

O preço do seu bilhete inclue deliciosas refeições, servidas pelo pessoal da Pan American, de cortesia modelar.

Première em Hollywood. Vista típica do que é uma noite de *première* em Hollywood, onde os turistas acotovelam as celebridades envoltas em arminhos . . .

***PRIMEIRA** carreira aérea trans-pacífica (1935)*

***PRIMEIRO** serviço de avião através do Atlântico Norte (1939)*

WORLD AIRWAYS

PAA

O SISTEMA DOS CLIPPERS VOADORES

AS MÁQUINAS BURROUGHS SÃO PREFERIDAS EM TODA PARTE

No mundo inteiro—onde quer que se usem modernos métodos comerciais V. encontrará uma preferência inquestionavel pelas máquinas Burroughs. Porque os homens de negócios de todo o mundo verificaram por experiência que as máquinas Burroughs são da mais elevada qualidade . . . fabricadas para proporcionar funcionamento rápido e seguro . . . e para dar muitos anos de serviço digno de confiança.

Hoje, que a contabilidade comercial exata e moderna se torna mais importante que nunca, o comércio e a indústria continuam a depender das máquinas Burroughs de somar e calcular, bem como as máquinas de guarda-livros e para o registro do dinheiro, desejosos como estão de conseguir a velocidade e exatidão que tornaram famosas as máquinas Burroughs.

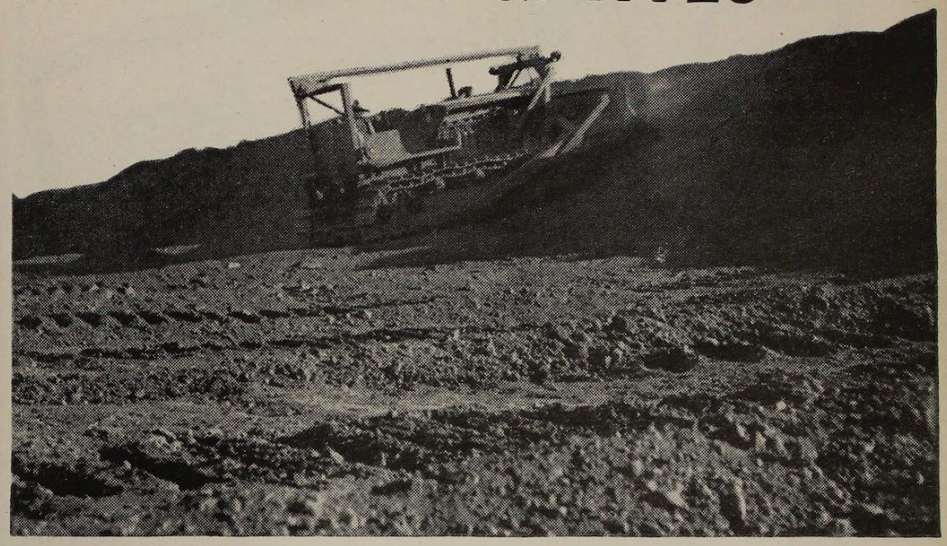
★ ★ ★

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1°, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley & Co. Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, DE CONTABILIDADE, DE CALCULAR E CAIXAS REGISTRADORAS

LABOR DE GIGANTES



A construção dum terrapleno de estrada de ferro em país acidentado é uma operação lenta e pesada quando se leva a cabo por meios antiquados. Mas com o moderno equipamento Diesel "Caterpillar", a obra marcha rapidamente!

Onze Tratores Diesel "Caterpillar" andam carregando diariamente quantidades monstruosas de terra, nas obras de aterro e nivelação da Estrada de Ferro Pacífico-Sul, no México. Os empreiteiros dessa obra, Compañia Utah, S. A., têm igualmente sete Motores Diesel "Caterpillar" a funcionar nessa tarefa, acionando compressores, trituradores de rocha e cabos de reboque.

Muito embora tenha sido necessário treinar homens sem experiência para trabalhar com essas máquinas, a obra tem prosseguido sem desfalecimentos. E isto, nas palavras do gerente geral da empresa, "deve-se à robusta construção e à qualidade de confiança dos tratores e motores empregados".

Acrescenta ele, externando uma opinião sincera, que "nenhum outro material teria aguentado esse gênero de trabalho, tão bem quanto o 'Caterpillar'."

Nestes próximos anos veremos desenvolver-se na América Latina vastas redes de transporte. Os Diesel "Caterpillar", vendidos e tecnicamente assistidos por agentes bem equipados, estarão prontos para executar as obras de remoção de terras.

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Illinois, E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTO-NIVELADORAS • MAQUINARIA PARA REMOÇÃO DE TERRAS

"Mostre-me a Marca Registrada TIMKEN"

Só existe um Rolamento TIMKEN:
É o fabricado pela Timken Roller Bearing Company, que se pode identificar pela marca "TIMKEN" estampada na capa e no cone.

A Companhia Timken, foi, há quarenta e sete anos, a iniciadora do rolamento cônico, e desde então vem melhorando e aperfeiçoando constantemente esse artigo. Esta é tambem a única empresa fabricante de rolamentos, que fabrica o seu próprio aço.

Para ter a certeza de que adquire o produto desses quarenta e sete anos de experiência, saber e qualidade acumulados, diga sempre: "Mostre-me a marca registrada TIMKEN, por favor," quando comprar rolamentos cônicos—e recuse qualquer outro rolamento que não tenha essa marca estampada na capa e no cone!

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E.U.A.

TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.
ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS
"Tudo que existe em rolamentos"

IMAGINE! UMA PENA QUE *Vôa!*

A EVERSHARP — PREDILETA DOS PILOTOS DA PAN AMERICAN AIRWAYS!

SEU ALIMENTADOR MÁGICO impede que a tinta extravaze, tanto num avião a grande altura —como ao nível do mar!

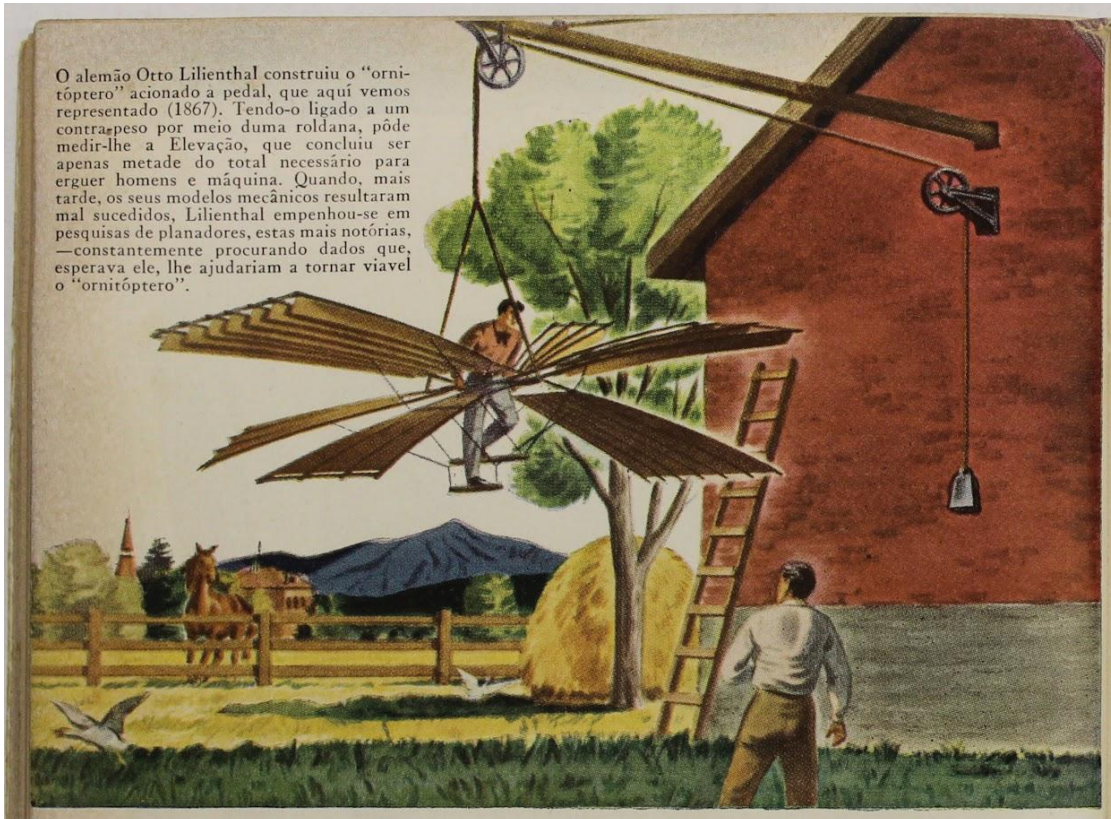
Porisso a EVERSHARP é a caneta favorita dos que viajam de avião. E também porque—graças à sua Alimentação Mágica — a EVERSHARP escreve com absoluta suavidade até a última gota de tinta!

A Lapiseira EVERSHARP de Repetição, tem o famoso Botão Mágico. — Basta apertá-lo — Tic! — e as pontas surgem como por milagre! EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.

EVERSHARP
Jogo Skyliner

O serviço de consêrtos em as Canetas e Lapiseiras de Repetição EVERSHARP é GARANTIDO PARA SEMPRE.

Dê **EVERSHARP** *e dará a melhor!*



O alemão Otto Lilienthal construiu o "ornitóptero" acionado a pedal, que aqui vemos representado (1867). Tendo-o ligado a um contra-peso por meio duma roldana, pôde medir-lhe a Elevação, que concluiu ser apenas metade do total necessário para erguer homens e máquina. Quando, mais tarde, os seus modelos mecânicos resultaram mal sucedidos, Lilienthal empenhou-se em pesquisas de planadores, estas mais notórias, —constantemente procurando dados que, esperava ele, lhe ajudariam a tornar viavel o "ornitóptero".

LILIENTHAL APRENDEU no pátio duma fazenda COMO MEDIR A *ELEVAÇÃO* DAS ASAS

A aeronáutica é uma luta constante que tem por fim aumentar a força util do ar que passa em torno duma asa, e reduzir o atrito do ar contra as superfícies dum avião. É, em suma, a luta da *Elevação* contra a *Resistência*.

Muitas das vitórias desta guerra têm cabido à Northrop. Para reduzir a Resistência, por exemplo, a Northrop lançou em 1927 a fuselagem "monocoque". Em 1929 seguiram-se as asas multicelulares, de reforço interno, e os perfís de asa para monoplanos. Em 1932 vieram as aletas fendidas, para aumentar a Elevação nas decolagens e aterragens.

Os anos de 1935 a 1941 trouxeram outras inovações Northrop: as primeiras aletas de dupla fenda . . . a soldagem a heliarco do magnésio, que permite uma construção mais leve e superfícies mais lisas . . . e os primeiros ailerons retracteis. E o primeiro avião "todo-asa", o Northrop *Flying Wing* (Asa Voadora), que aloja tudo no interior duma só asa.

Que virá depois nesta luta da Elevação contra a Resistência? A Northrop já tem planos prontos para criar propulsão mais eficaz, e ao mesmo tempo aviões de traçado ainda mais avançado.

Northrop Aircraft, Inc., Northrop Field, Hawthorne, California, E. U. A.

NORTHROP

Criadores da ***Asa Voadora*** *e do Caça Noturno* ***"Black Widow"*** *P-61*

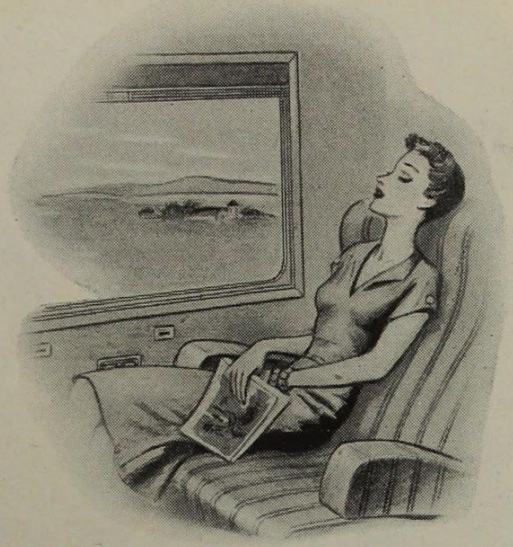
Onde os olhos de mortais não enxergam

O que V. vê aquí é uma fotografia de Triânguli, universo estelar em uma constelação do Norte. Mostra estrelas que escapam à visão do astrônomo, e que só uma emulsão ultra-sensivel, preparada pela Kodak, consegue registrar.

Demorados estudos precederam o aparecimento desta nova emulsão. Sua sensibilidade, contraste, rapidez, grão e outros fatores, foram submetidos a interminaveis ensaios. Cada uma das fases de fabrico foi controlada com delicados instrumentos, até se conseguir que o produto final correspondesse a todas as rígidas especificações dos astrônomos. O fruto deste paciente e minucioso labor é uma emulsão que veio alargar imenso as fronteiras do universo visivel.

De modo semelhante, longos anos de incessante pesquisa alicerçam todos os outros produtos da Kodak. . . . Mais uma razão para que "Fabricado pela Kodak" continue sendo para V. o mais certeiro dos guias na procura do que há de melhor em aparelhos, filmes, e outros materiais fotográficos.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.



QUARTOS INDIVIDUAIS

no Carro de Cabines dum moderno trem de aço inoxidável

• Para cada passageiro, um quarto espaçoso: Durante o dia, um luxuoso sofá de salão . . . Durante a noite, uma confortável cama de comprimento normal. Com isto, a mais completa independência e à-vontade.

Foi a Budd, criadora dos modernos trens e carros de aço inoxidável para passageiros, quem criou também o Carro de Cabines. Como todo o material fabricado pela Budd, sua estrutura é de aço inoxidável, para garantir maior robustez e segurança. Mas o seu interior é novo e diferente!

Cada um dos quartos do Carro de Cabines está situado ao nivel do pavimento do carro. Todos têm o máximo de pé-direito, com amplo espaço por cima da cabeça: não há passageiros viajando por cima ou por baixo do vizinho! Cada quarto tem janela própria, de grandes dimensões, lavatório próprio, guarda-roupa, pia embutida, espêlho, armário de calçados. Todos têm aquecimento e ventilação de ar condicionado, individuais, que o passageiro regula a seu gosto. A cama, também embutida, abaixa-se e levanta-se automàticamente, bastando para isso apertar um comutador. É o melhor leito do trem que já se viu, com molas e colchões fundos, e grades laterais que conservam as roupas no seu lugar.

Um quarto no Carro de Cabines, com todo esse confôrto individual, pouco mais custará do que o preço dum simples leito de baixo nos carros-dormitórios de tipo antigo.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING CO., FILADÉLFIA, E. U. A. Budd

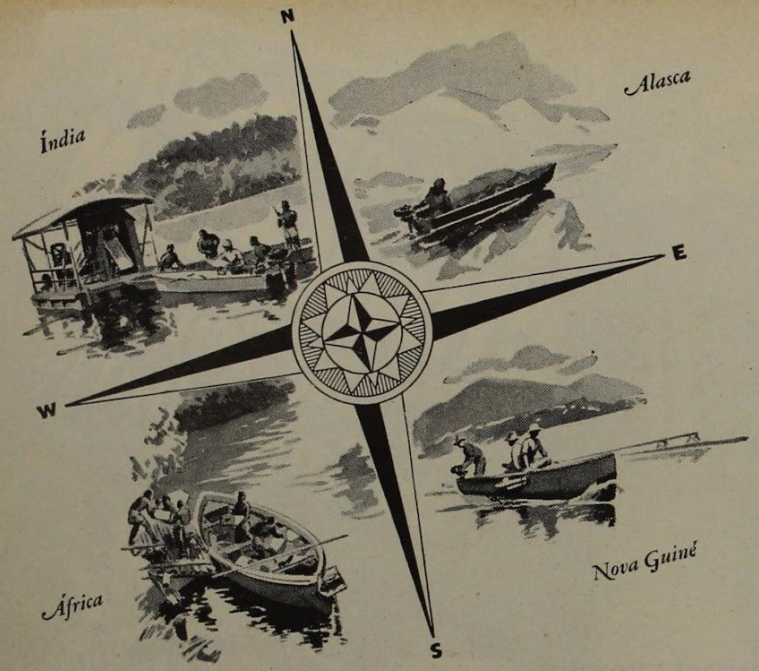
A elevada qualidade das Velas Champion não se obteve sem esforço. Durante mais de uma geração técnicos hábeis trabalharam incansavelmente para consegui-la. Dispondo de ilimitados recursos de engenharia, eles alcançaram uma inquestionavel superioridade de traçado e fabricação.

A atual Vela Champion, melhorada e rigorosamente fabricada, constitue seu maior triunfo.

Se V. já usou as Velas Champion, está ao par de sua duradoura solidez e eficácia. Se ainda as não experimentou, ficará maravilhado com sua aceleração mais rápida — maior energia e preço mais baixo de funcionamento.

CHAMPION

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY Toledo, U.S.A., • Windsor, Can. • Feltham, Eng.



ONDE QUER QUE SE USAM BOTES

Outriggers na Nova Guiné, pangaios na Índia, barcos de abastecimento no Alasca ou na África—todos eles são dotados de motor-de-popa Johnson! Onde quer que se usem botes, estes famosos motores marinhos fornecem a potência que torna mais ligeiro o trabalho, e permite deslocar mais velozmente as cargas.

Se V.S. possue uma embarcação de dimensões pequenas ou médias—de recreio ou para trabalho—um "Sea-Horse Johnson" a converterá instantaneamente em moderna canoa a motor. Há diferentes tamanhos para as diversas necessidades—e cada um deles é construido para durar muito, manter-se com pouca despesa, e funcionar com segurança. Queira escrever-nos pedindo pormenores completos.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Divisão de Exportação, Waukegan, Ill. E.U.A.

PLANO GRATIS PARA CONSTRUÇÃO de um barco com motor-de-popa. Sirva-se do cupon junto. (J1P)

Nome_____

Endereço_____

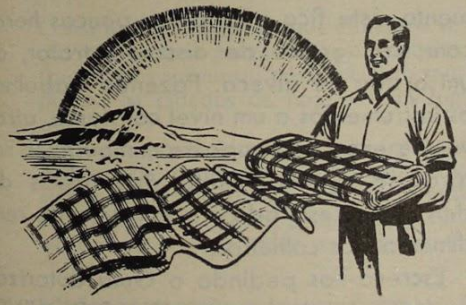
Johnson "Sea-Horses"

A Química Cria Um Arco Iris...

Supera a Natureza, embeleza a vida

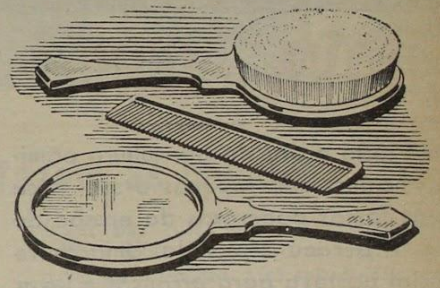
Durante milhares de anos a tinta para roupa e adornos só teve por fonte as plantas e os minerais. Mas as matérias colorantes em seu estado natural, por muito que abundassem, ficavam dispendiosas — eram dificeis de aplicar e descoloriam rapidamente.

O ano de 1856 viu surgir num laboratório químico o primeiro colorante sintético. E assim, a côr iniciava para a humanidade uma nova era... No decorrer da primeira Guerra Mundial e posteriormente, Du Pont produziu na América um arco iris gigantesco... Remediava assim como que um esquecimento da Natureza!



Esses colorantes, criação do homem, são econômicos e mais vivos e resistentes que os naturais. Entre eles figuram as cores a tina — as mais fixas que se conhecem. Apesar do uso, da luz, da lavagem e da limpeza em sêco, conservam seu lustre e sua viveza.

De mil e uma maneiras, a química infunde beleza e inspiração à vida moderna, suplantando a própria Natureza. Matérias plásticas de transparência cristalina — tal como "Lucite" (resina de metacrilato de Metilo); vívidas pinturas; delicados gêneros de fibra como Rayon Du Pont; multiplos produtos químicos sintéticos para fins medicinais — tudo isso, e muito mais melhora, enaltece e intensifica a vida do homem.



Du Pont — fabricante de mais de 4,000 "coisas melhores para viver melhor... graças à química" — desempenha com zeloso entusiasmo e clara visão a magna tarefa de criar tais maravilhas para o bem-estar do gênero humano.

E. I. Du Pont de Nemours & Company (Inc.)
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT
Marca Registrada

"COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR... GRAÇAS À QUÍMICA"

A linha ponteada mostra o perfil acabado do terraceamento construido com o arado normal a trator, trabalhando de través da encosta, sempre no mesmo nível, em vez de andar acima e abaixo.

A NOVA CIENCIA DA AGRICULTURA

Durante tôda a era da agricultura primitiva, o homem opôs apenas a sua fôrça física às fôrças poderosas da erosão do solo — e perdeu a partida. Uma chuva torrencial bastava para arrancar e levar na euxurrada 100 toneladas de terra solta por hectare.

Mas hoje, a moderna maquinaria agrícola veio abrir as portas a uma nova ciência. Os tratores estão controlando a erosão de modo absoluto, com a adoção de novos processos de conservação dos solos.

A Allis-Chalmers tem cooperado com engenheiros agrícolas e com homens de ciência para o desenvolvimento dum novo tipo de terraço de ampla base, construido com arados normais e trator. Em lugares onde, por vezes, foram precisos anos de labor manual para construir um terraceamento, êste fica pronto em poucas horas com uma grade de discos a trator, ou um arado de aiveca. Fazendo trabalhar os instrumentos a um nível constante, através de encosta, poupa-se combustível, retarda-se o escoamento das águas da chuva, e o resultado é o aumento de rendimento das colheitas.

Escreva-nos pedindo o Guia autorizado (em espanhol) — "CURVAS DE NIVEL Y TERRAZAS", em que se explica a construção de terraceamento por meio dos instrumentos agrícolas usuais. Consulte o mais próximo distribuidor da Allis-Chalmers acêrca dêsse equipamento para conservação dos solos.

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD146 — DIVISÃO DE TRATORES — MILWAUKEE 1, E. U. A.

Os transportes fazem as cidades

Considere qualquer grande cidade, e verá que ela cresceu graças ao tráfego que os transportes tornaram possivel. Sem transportes, as cidades de hoje seriam lugarejos . . .

O transporte aéreo ajuda a erguer cidades, cria comércio e emprego. Onde serras e rios impedem o caminho, o avião leva gente e carga em linha reta. Graças às linhas aéreas, todas as cidades têm lugar nas rotas do comércio mundial.

Para criar comércio o transporte aéreo deve ser eficiente. Um quarto de século de experiência provou que os motores de avião Wright Cyclone fornecem a potência mais eficaz para o comércio do ar. Êstes motores tem muita potência, durabilidade máxima e seus custos de manutenção são baixos. Por isso são hoje preferidos pelas maiores linhas aéreas do mundo.

A TAREFA DOS AVIÕES FUTUROS

No futuro comércio do ar, o *Lockheed Constellation* dará serviço de alta velocidade nas grandes rotas aéreas. Pode transportar 55 passageiros, e carga, a mais de 480 km à hora. Potência: 4 Cyclones Wright 18, de 2200 HP cada um.

WRIGHT

AIRCRAFT ENGINES

DIVISÃO DE

CURTISS WRIGHT

OS PRIMEIROS NA AVIAÇÃO

Wright Aeronautical Corp. • Paterson, N. J., E. U.

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CIA., LTDA., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

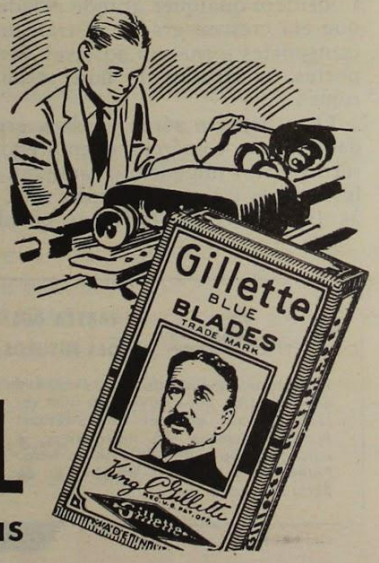
QUAL É O FEITIO DO SEU ROSTO?

Um rosto acentuadamente longo indica o homem próspero, viril, empreendedor, o homem que julga bem e ao mesmo tempo com precisão, e que sente bem fundo o gosto da vida.

MAS quer a sua cara seja redonda, quadrada ou oval, a Lâmina Gillette-Azul passará sobre ela leve como a brisa, ceifando os pelos mais duros sem puxar nem arranhar. O gume da lâmina Gillette-Azul é afiado por 84 metros de superfície de amolação, rolos de afiar que giram à velocidade de 1.610 metros por minuto. É por isso que a Gillette Azul é tão eficiente e afiada—e dura tanto tempo!

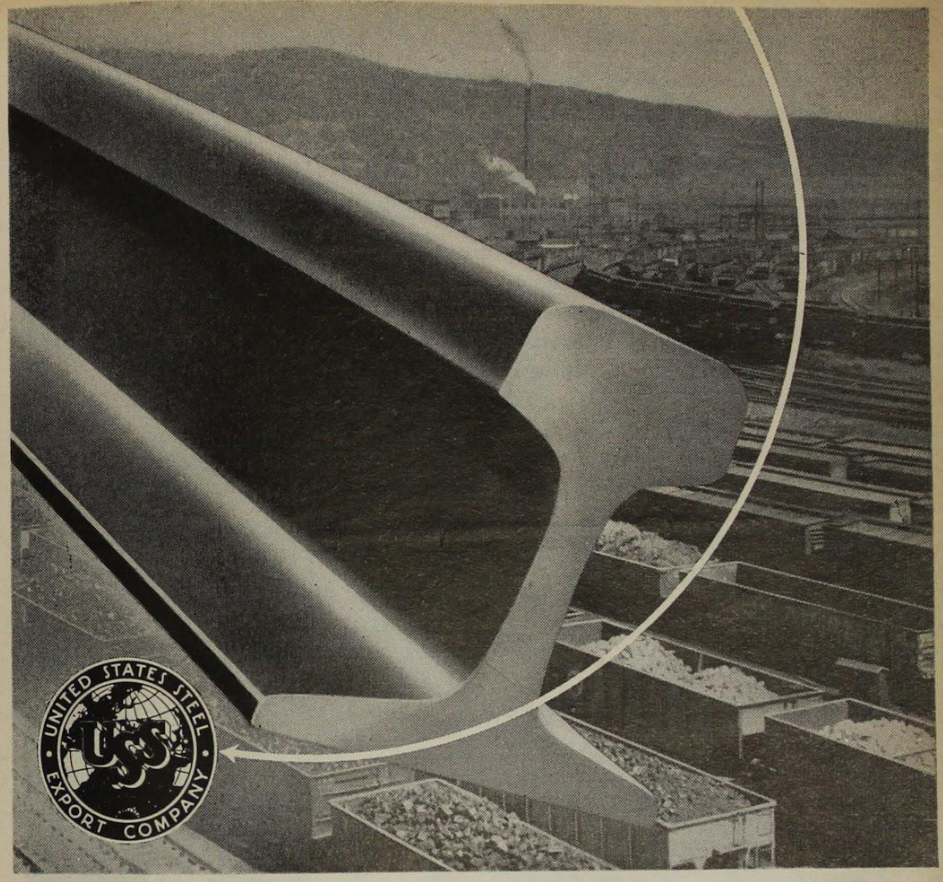
GUME INVISIVEL

Nenhum olho humano, nem que recorra ao mais poderoso microscópio, pode ver o fio de uma Lâmina Gillette-Azul. É preciso um aparelho foto-elétrico de testes—um "raio de luz," para verificar se o fio da lâmina acabada de fabricar está à altura dos padrões da Gillette.



GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS



AÇO para o mundo de amanhã

O TRANSPORTE ferroviário está entrando numa nova era de velocidade, pontualidade e segurança. Em grande parte, o melhoramento desse serviço requer aços de mais alta qualidade e resistência — aços que devem sua existência às aprofundadas pesquisas de laboratório do maior fabricante de aço do mundo, a UNITED STATES STEEL.

Onde quer que V. viaje, seja por navio ou por trem de ferro, estes novos e melhores aços U·S·S estarão a postos para prestar-lhe serviço através das disponibilidades mundiais da United States Steel Export Company.

UNITED STATES STEEL EXPORT COMPANY

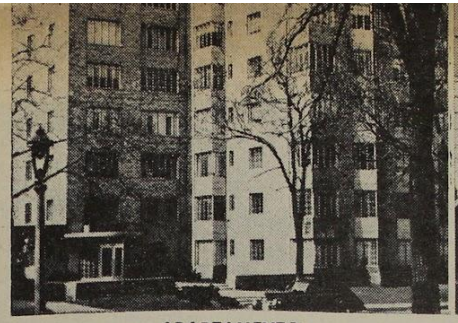
★ ★ 30 CHURCH STREET, NEW YORK 8, U. S. A. ★ ★

FORNECEMOS AO MUNDO aços superiores do maior fabricante de aço do mundo

SIMONIZ

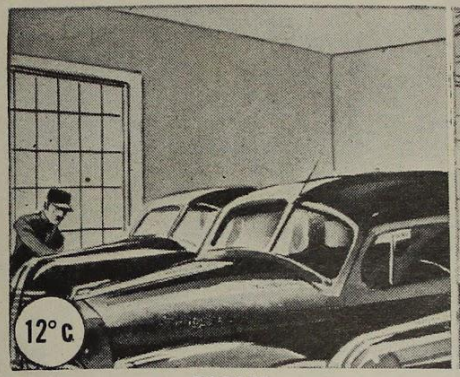
conserva a beleza do seu carro

Dê ao seu carro um tratamento de beleza perduravel com Simoniz Kleener e Simoniz. O efeito de ambos produtos é maravilhoso em qualquer espécie de tinta, laca ou esmalte. Se seu carro está encardido pelo uso e o tempo, Simoniz Kleener lhe dará um lustro admiravel. Depois, aplique-lhe o Simoniz para conservar essa aparência radiante. Compre hoje mesmo ambos produtos para o seu automovel. *The Simoniz Co., Chicago 16, Ill., E. U. A.*

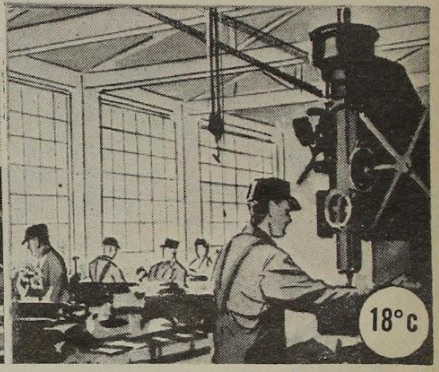


APARTAMENTO

ESCRITÓRIO



GARAGE



FABRICA

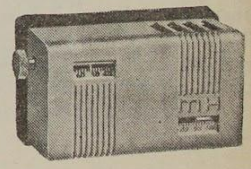
CONTROLES DE TEMPERATURA HONEYWELL PARA EDIFÍCIOS COMERCIAIS

Por meio dum Sistema de Controle de «Zona» Minneápolis-Honeywell, é possivel manter a temperaturas diversas as diferentes partes do mesmo edifício industrial, ou prédio de habitação, consoante o respectivo uso. Os escritórios, por exemplo, necessitam temperaturas mais altas do que as oficinas e garages. Tambem se podem compensar automaticamente as condições do tempo exterior, tais como a exposição ao sol ou aos ventos frios. Esse sistema não só poupa combustivel, como tambem contribue para maior conforto e saude dos ocupantes.

Os Controles M-H para condicionamento de ar e refrigeração são tambem largamente empregados em casas de apartamentos e estabelecimentos industriais. Tendo V.S. qualquer problema de aquecimento, refrigeração, ou de ordem industrial, que implique regulação de temperaturas, queira consultar um dos distribuidores abaixo indicados, ou escreva diretamente à Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Export Department, 4422 Wayne Avenue, Filadélfia 44, Pa., E. U. A.

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—*Brasil:* Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—*Colômbia:* P. Porta, Bogotá—*Perú:* Custer and Thommen, S.A., Lima—*Chile:* Thermic, Ltda., Santiago—*Panamá:* The Electric Service Co., Panamá—*México:* Armando Vaquie, Cidade do México—*Cuba:* William P. Bryant, Havana—*Porto Rico:* Sucessores de Abarca, San Juan—*Trinidad:* Industrial Agencies Ltd., San Fernando—*Venezuela:* Commercial Import-Export Company, Caracas.



* * * CONTROLES AUTOMÁTICOS * * *

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

Bebidas frescas e sobremesas geladas, em qualquer parte, com esta geladeira automática

AS FAMÍLIAS que vivem nas fazendas e sítios, mesmo as mais afastadas das cidades, podem agora desfrutar tambem da refrigeração automática. Tal como os habitantes das grandes urbes, podem deliciar-se com bebidas frescas e sobremesas geladas, e dispor da proteção constante dos alimentos que lhes oferece a melhor geladeira automática. Pois a Geladeira Servel tambem funciona a Querosene o Gás Líquido. Isto põe ao alcance de toda a gente, em toda parte, a melhor refrigeração do mundo.

A Geladeira Servel oferece tambem outras vantagens notaveis. Congela sem o auxílio de peças moveis, é silenciosa e dura mais. Não tem peças que desgastem ou se tornem ruidosas.

Hoje, mais de 2.000.000 de famílias gozam do conforto das Geladeiras Servel, silenciosas e à prova de desarranjos. Agora que a guerra terminou, muitos mais lares—bem como estabelecimentos de venda e hospitais—desfrutarão das Geladeiras Servel. Porque a paz trará consigo novos aperfeiçoamentos e uma distribuição mais vasta do Querosene e Gás Líquido.

Servel, Inc.

International Division
51 East 42nd St.
New York 17, N.Y., U.S.A.

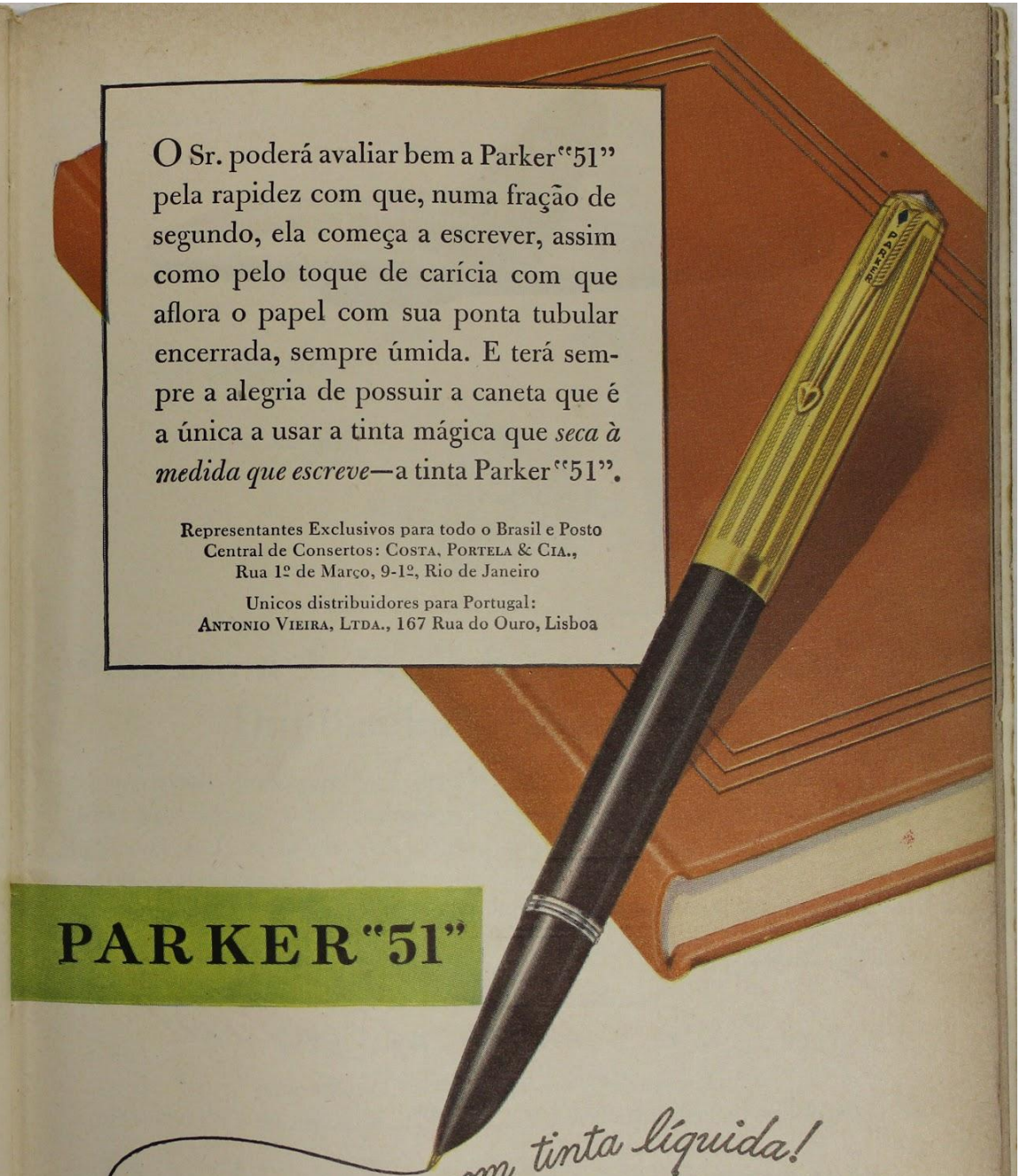
FABRICANTES DO REFRIGERADOR SERVEL • SILENCIOSO • DURA MAIS

Uma deleitavel variedade de bolos, como esta, tornará distinta qualquer reunião—todos feitos, ademais, de uma só massa: uma receita básica com fermento em pó Royal.

O Sr. poderá avaliar bem a Parker "51" pela rapidez com que, numa fração de segundo, ela começa a escrever, assim como pelo toque de carícia com que aflora o papel com sua ponta tubular encerrada, sempre úmida. E terá sempre a alegria de possuir a caneta que é a única a usar a tinta mágica que *seca à medida que escreve*—a tinta Parker "51".

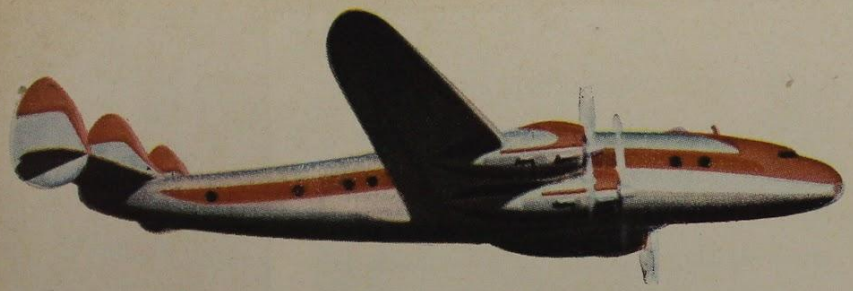
Representantes Exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Unicos distribuidores para Portugal: ANTONIO VIEIRA, LTDA., 167 Rua do Ouro, Lisboa



PARKER "51"

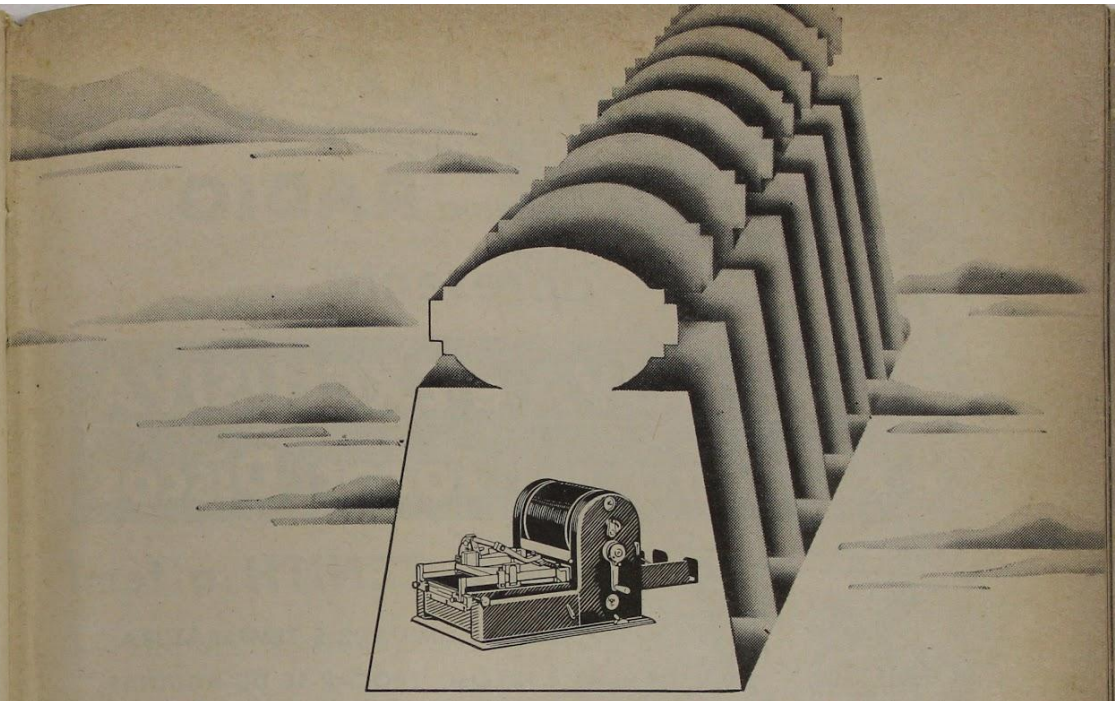
Escreve seco com tinta líquida!



HÁ UM NOVO PADRÃO EM TRANSPORTE AÉREO!

O "Constellation" Lockheed

Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, Califórnia, E.U.A. LOCKHEED *Muitos Anos Avante na Ciência do Vôo*



Sòmente a A. B. Dick Company fabrica o Duplicador Mimeograph*

EXIJA o nome "Mimeograph," a marca de fábrica registrada pela A. B. Dick Company, de Chicago, E. U. A., originadores e fabricantes exclusivos dos duplicadores Mimeograph e dos pertences que levam a marca Mimeograph.

Este nome sintetiza antecedentes de integridade de fabricação que pagarão a V. S. bons dividendos. Para resolver seus problemas de duplicação, quer necessite de cópias às dúzias ou aos centos, sugerimos que investigue as possibilidades do Mimeograph.

*MARCA REGISTRADA

Distribuidor Autorizado

KELLER WEBER, S. A.

Rua Araujo Porto Alegre, 64-A, Rio de Janeiro

Duplicador Mimeograph

A. B. DICK COMPANY, CHICAGO 6, E. U. A.

ZENITH
REG. U.S. PAT. OFF.
LONG DISTANCE **RADIO**

apresenta

Uma NOVA e EXCLUSIVA Maneira de Tocar Discos

Sòmente ZENITH a tem!

- **À PROVA DE UMIDADE E TEMPERATURA**
- **NÃO É PRECISO TROCAR-SE DE AGULHAS**
- **NENHUM RUIDO OU CHIADO DESAGRADÁVEL DE AGULHAS**
- **BRAÇO SONORO DE PÊSO LEVÍSSIMO**
- **À PROVA DE QUEDA—À PROVA DE ESFREGA—À PROVA DE DANOS**
- **TROCADOR DE DISCOS SILENCIOSO E RÁPIDO—SÓ 3½ SEGUNDOS**
- **TOCA DISCOS DE 10 E 12 POLEGADAS AUTOMÁTICAMENTE**
- **USADO COMERCIALMENTE POR MAIS DE 200 ESTAÇÕES DE RÁDIO**

Após uma gradação culminante de trinta anos de «sabe-como», Exclusivamente em Radiônicos, os cientistas de Zenith dão agora ao mundo êste progresso revolucionário.

Estações de rádio já vêm pagando milhares de dólares para o seu uso. Agora trazemos a V.S. êstes novos e excitadores rádio-fonógrafos.

Nenhum instrumento do mundo é capaz de dar-lhe estas vantagens. No mais, traz muitas outras caraterísticas revolucionárias para nova potência, nova atração e conveniência.

ZENITH RADIO CORPORATION, CHICAGO, E. U. A.

Os maiores fabricantes exclusivos de equipamentos radiônicos do mundo

DISTRIBUIDORES E COMERCIANTES

Queira marcar com um X os artigos que lhe interessem

- ☐ AUTOMOTORES (pneus, peças e acessórios para automoveis)
- ☐ UTENSÍLIOS ELÉTRICOS (Refrigeradores, artigos vários)
- ☐ ALFAIAS AGRÍCOLAS e maquinaria para construção de estradas
- ☐ FERRAGENS E APARELHAGEM INDUSTRIAL (Maquinaria, ferramentas, óleos)
- ☐ ROUPAS (Vestuários feitos e fazendas)
- ☐ JOALHERIA, brinquedos, drogas, artigos de toucador, instrumentos musicais
- ☐ RÁDIO-RECEPTORES e aparelhagem de som
- ☐ TINTAS, canalizações, telhados
- ☐ MOBÍLIAS, guarnições, oleados e outros revestimentos, livros, papelaria

Nome da firma _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

País _____

Corte este anúncio, cole a uma folha de papel timbrado, e remeta-nos, se deseja receber nossos catálogos.

ESTÁ PROCURANDO UM NOVO FORNECEDOR?

Há mais de meio século a Montgomery Ward & Co. é conhecida como grande centro fornecedor de confiança e responsabilidade. As formidaveis vendas anuais desta companhia, cujo capital é de 200 milhões de dólares, permitem-lhe produzir em grande escala, muitos artigos essenciais de melhor qualidade e a preços sem competidor. A Montgomery Ward tem fábricas próprias e está aliada a outros fabricantes, com os quais tem acordos exclusivos para exportação dos seus produtos. Escreva-nos pedindo a agência na sua região.

A gravura supra mostra os armazens e a sede principal da Montgomery Ward em Chicago.

MONTGOMERY WARD

Uma grande fonte central de fornecimento

SEÇÃO DE EXPORTAÇÃO. CHICAGO, E. U. A.

Anuncio

Em construção, agora, e prontos para serviço em Maio ou Junho de 1946—os vapores

S. S. DELNORTE
S. S. DELSUD
S. S. DELMAR

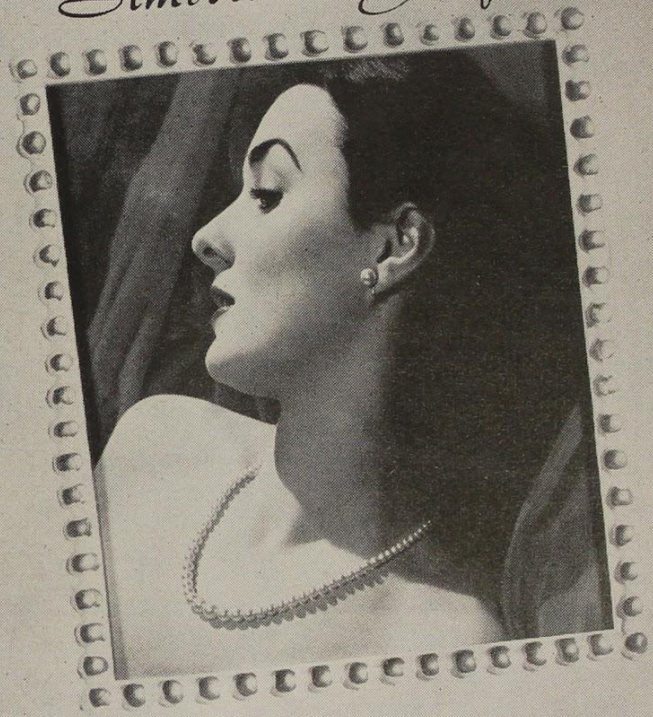
Com Completo Acondicionamento de Ar. Passeio Fechado a Vidro. Piscina e Praia de Sol Exterior. Exclusivo Campo de Recreio e Jógos. Grande Salão e Biblioteca. Café e Bar no Convés. Moderno Centro de Compras. Elevador para Passageiros em Meio do Navio. Cosinha Famosa. Espaçosos Quartos e Apartamentos Com as Seguintes Carateristicas: Chuveiros de Agua Fresca. Luxuosas e Amplas Camas com Colchões de Molas. Amplos Compartimentos para Vestuário. Mobiliário Encantador.

Delta Line
NEW ORLEANS, E.U.A.

Luxuosas carreiras de vapores para

BRASIL • URUGUAY • ARGENTINA

Símbolo de Beleza



Pérolas Marvella, de um suave brilho nacarado . . . tão primorosamente adoravel . . . tão atraente . . . tão sedutoramente feminino.

*imitação

*Pérolas**
MARVELLA
583 Fifth Avenue, Nova York 18, N.Y., E.U.A.

Agentes distribuidores:
Nilzo Pinto Russio, Avenida Calógeras 12, Rio de Janeiro

O Inestimavel Ingrediente

NA cidade de Bagdá vivia outrora Hakim, o Sábio, e muita gente o procurava para pedir-lhe conselho, que ele a todos dava gratuitamente, sem nada pedir em troca.

Veio um dia até ele um moço que se lamentava de gastar muito para conseguir pouco, e falou nestes termos: "Dize-me, ó Sábio Hakim, que é que eu hei-de fazer para receber o melhor a que tenho direito pelo muito que gasto?"

Respondeu Hakim: "Toda a coisa que se compra ou se vende é sem valor, se não contiver aquilo que não se pode comprar nem vender . . . Procura sempre o Inestimavel Ingrediente!"

"Mas que vem a ser isso de Inestimavel Ingrediente, ó Sábio Hakim?" perguntou o moço.

O Sábio Hakim falou então assim: "Meu filho, o Inestimavel Ingrediente de todo e qualquer produto posto no mercado, é a Honra e Integridade daquele que o fabrica. Antes que compres, vê sempre o nome de quem fez o que compras."

E·R·SQUIBB & SONS

FABRICANTES DE PRODUTOS QUÍMICOS PARA A CLASSE MÉDICA DESDE 1858

Há mais de 85 anos que a Casa Squibb vem trabalhando em estreita colaboração com a classe médica, no preparo de produtos medicinais destinados a minorar a dor, a evitar ou destruir a infecção, e a prevenir a morte permatura. O Selo da Casa Squibb é, em milhões de lares, um símbolo de confiança, que identifica produtos de autêntico valor.

ENTRADA GRATIS... Para a "Première" Duma Nova Sinfonia Mundial

V. Tem um fauteuil de orquestra à sua espera para a nova e grande sinfonia—a sinfonia do comércio global num mundo novo de paz. A aviação já atacou a «abertura»... ao reduzir a menos de 60 horas a duração do vôo desde o seu aeroporto local até qualquer mercado do mundo.

Estará V. a postos quando o pano de boca subir? Ou irá esperar até que o espetáculo tenha começado—e ter então que pagar couro-e-cabelo aos contratadores de bilhetes? Sim... Novos e velozes meios de transporte, novos mercados e produtos novos estão já começando a desafiar o engenho de todo homem de negócio...

Talvez que nós possamos ajudá-lo. Faz mais de 160 anos que vimos servindo por igual importadores e exportadores, com as nossas mais completas facilidades bancárias. Nossa Divisão Estrangeira, por intermédio de qualquer das nossas filiais, terá muito prazer em discutir com V. os seus planos de futuro.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

1784 ★ 1946

MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 100 Broadway.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Escritório de representação no Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

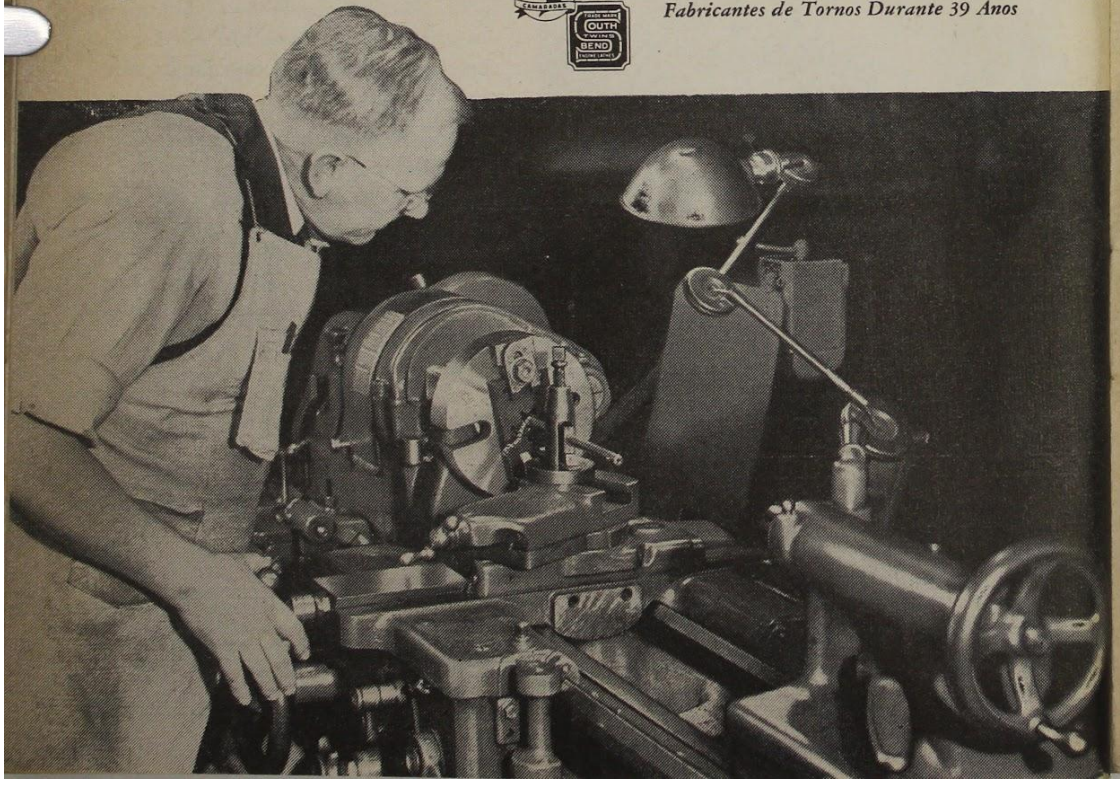
A Adaptabilidade dos Tornos South Bend Reduz os Custos de Produção

INSTRUÇÕES ELEMENTARES
CURSO NO. 39-P
Consiste de 10 projetos práticos para emprego no torno, com instruções completas e desenhos detalhados.

MANUAL DO TORNEIRO
Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sobre a operação e manejo de tornos para trabalhar metais. Este livro é impresso em português. O preço de cada exemplar é de 25 centavos (em moeda americana).

Na redução de custos, tanto na produção como no trabalho de ferramenteiro, a comprovada adaptabilidade dos tornos South Bend pode realizar valiosas economias. Ela permite pôr rápidamente em produção novos artigos— variando de um a outro trabalho praticamente sem dificuldade ou perda de tempo. A adaptabilidade dos tornos South Bend, aliada a uma linha completa de dispositivos práticos e de acessórios, permite efetuar uma grande variedade de operações. Com a mudança de linhas de um produto, o emprego de máquinas e peças especiais pode ser geralmente evitado, prevenindo, assim, perdas de capital resultantes do inevitavel abandono de custosos equipamentos pre-fabricados para um determinado fim.

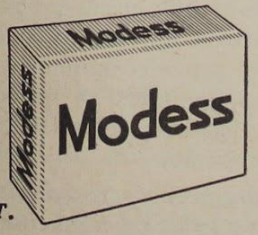
SOUTH BEND LATHE WORKS
497 E. MADISON ST.
SOUTH BEND 22, INDIANA, E.U.A.
Fabricantes de Tornos Durante 39 Anos



DISCRETO... porque é invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

- esta é apenas uma das vantagens de Modess! Por que aceitar passìvamente as apreensões e limitações dos dias críticos? Não! Não sacrifique inútilmente o seu confôrto e a sua liberdade com métodos antiquados e anti-higiênicos. Use os absorventes Modess. De material mais absorvente que o algodão e face externa impermeável, Modess é higiênico, macio, discreto e oferece absoluta proteção, prevenindo situações embaraçosas. Se preza sua saúde e seu confôrto, não deixe de conhecer os absorventes Modess - produto de pureza garantida pelos tradicionais laboratórios Johnson & Johnson do Brasil. Em qualquer farmácia ou loja de artigos femininos, basta pedir MODESS.

PRODUTO DA JOHNSON & JOHNSON



J. W. T.

AMOSTRA GRÁTIS: Envie-nos Cr.$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber". — Caixa Postal 2838 — São Paulo.
4-RRRR-25

NOME .....

RUA .....

CIDADE ..... ESTADO .....

UM ARCO-IRIS *Sonóro*

★ Cruzando o espaço como um arco-iris sonóro, o milagre do Radio úne as nações e os póvos das Americas.

Outróra, as montanhas, os oceanos e as florestas virgens separavam os paises como muralhas de silencio. Hoje, nós nos saudamos como si fôramos vizinhos de porta. Pelo Radio sabemos como vivem os que nos cercam, o que fazem e o que sentem. Através das ondas-curtas vocês tambem entram em intimo contacto conôsco. Participamos assim das mesmas esperanças, das mesmas conquistas e de uma mesma cultura, de que nascem, fortes e duradouras, a simpatía e a amizade.

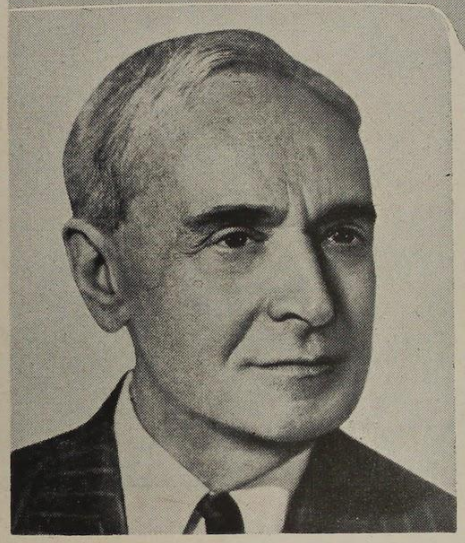
Enviando-lhes o melhor de nossos programas de ondas-curtas, procuramos tornar o Radio num arco-iris sonóro e luminoso, com as mais bélas paginas musicais, dramatizações empolgantes, divertimentos, e as notícias mais palpitantes recolhidas de todas as partes do mundo.

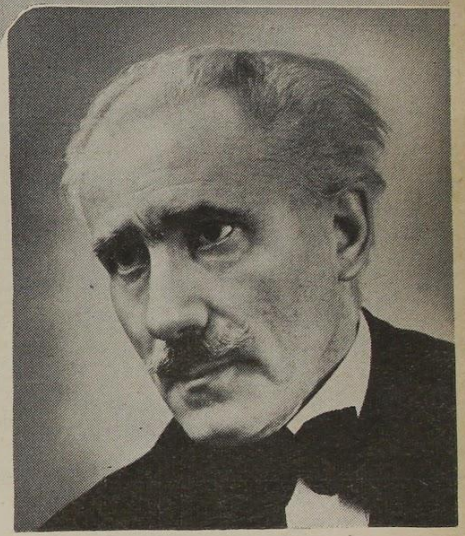
Cumprimos assim a parte que nos tóca na construção de um futuro melhor, e contribuimos prazeirosamente para a união estreita de todas as nações que desejam viver ligadas pela amizade e pela mutua compreensão.

A lista de transmissões para todo o mês será enviada gratis a todos que a solicitarem ás:

EMISSORAS DOS ESTADOS UNIDOS
SALA 1200-O, 444 MADISON AVENUE, NEW YORK 22, N. Y.

Escolha o seu próximo concerto entre estas execuções arrebatadoras





Sérgio KOUSSEVITZKY

Sob a brilhante regência de Sérgio Koussevitzky, a Orquestra Sinfônica de Boston gravou três grandes sinfonias: a lírica Segunda e a graciosa e viva Oitava de Beethoven, e a heróica Quarta de Brahms. V. vai querer comprá-las todas!

Segunda Sinfonia—Beethoven.	*Album M/DM-625*
Oitava Sinfonia—Beethoven.	*Album M/DM-336*
Quarta Sinfonia—Brahms.	*Album M/DM-730*

Arturo TOSCANINI

Abandone-se à emoção destes discos de Toscanini, que lhe farão ferver o sangue nas veias! Regendo a Orquestra Sinfônica da NBC, Toscanini executa a Primeira Sinfonia de Brahms; regendo a Sinfonia da B.B.C., ele interpreta o *charme* da Primeira Sinfonia de Beethoven.

Primeira Sinfonia—Brahms.	*Album M/DM-875*
Primeira Sinfonia—Beethoven.	*Album M/DM-507*

Para conseguir melhores efeitos, não deixe de usar as Agulhas de Cromo da RCA Victor, que o habilitam a gozar estes discos de alta qualidade com mais nitidez do que nunca!

OS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO GRAVAM NOS

DISCOS RCA VICTOR SÊLO VERMELHO

Exija

"FORÇA MOTRIZ FRANKLIN"

para seu

Avião do Após-Guerra

Quando depois da guerra V. comprar seu avião, terá presente dois fatores imprescindiveis — *confiança* e *economia*.

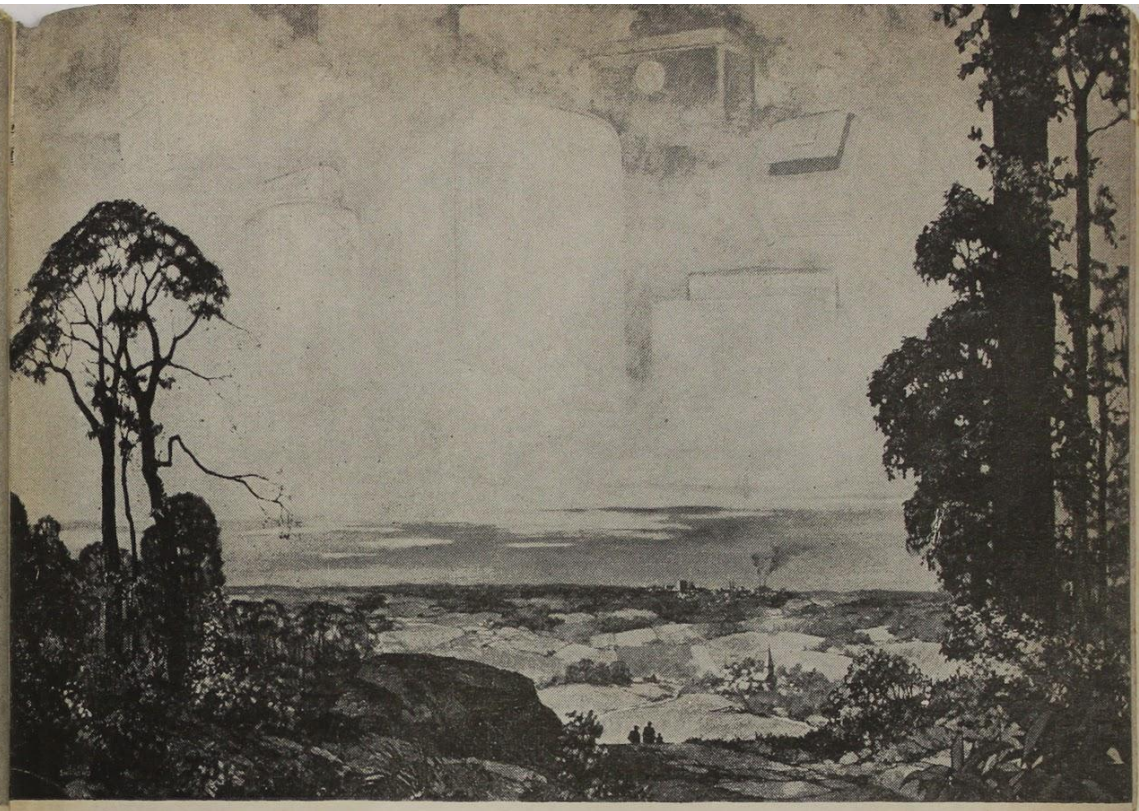
Esses dois fatores de importância capital o conduzirão diretamente ao motor FRANKLIN. Desde 1902, as instalações e serviços FRANKLIN para o traçado de motores têm sido exclusivamente consagrados ao aperfeiçoamento do motor resfriado pelo ar. E durante os últimos quatro anos as exigências da guerra deram a essa obra um enorme impulso.

Para conseguir o gênero de desempenho que V. *sabe* que quer, basta especificar "força motriz FRANKLIN" ao encomendar seu avião do após-guerra.

MESBLA S/A
Rua do Passeio 48-54
Rio de Janeiro, Brasil

Franklin
EXCELENTES MOTORES DE AVIAÇÃO

AIRCOOLED MOTORS CORP., SYRACUSE 8, N.Y., E.U.A.



VEJA OS NORGE

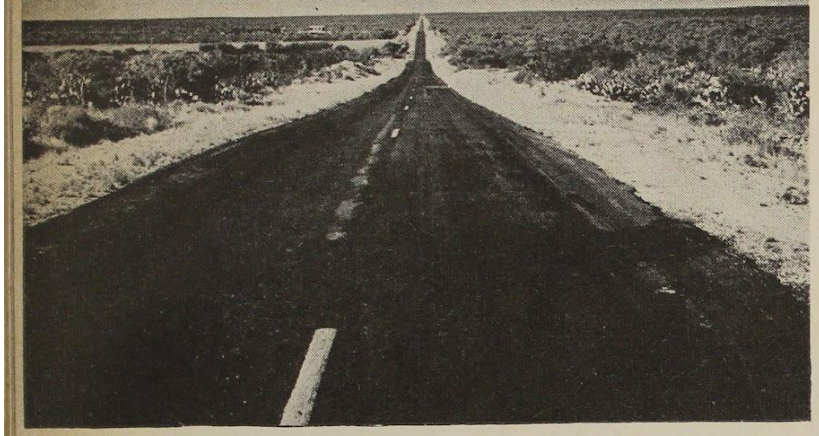
JÁ CÁ ESTÃO! Os seus primeiros utensílios Norge de após-guerra . . . o famoso Refrigerador Norge Rollator, fogões Norge a gás e a eletricidade, lavadoras Norge e aquecedores domésticos Norge! E V. S. vai achá-los de melhor traçado e concepção, e de melhor fabrico do que os melhores dos Norge que teve ocasião de ver antes da guerra.

Para bem do seu orçamento, e satisfação do seu espírito crítico, não deixe de ir ver e comparar os Norge. Verá que a tremenda experiência da Norge e a sua enorme habilidade produtora lhe estão oferecendo novamente utensílios que lhe rendem infinitamente mais!

ANTES DE COMPRAR

NORGE — *UMA INDÚSTRIA DA BORG-WARNER*
Detroit 26, Michigan, E. U. A.

Espinha Dorsal de 16.000 Milhas Ligando as Américas!



DESENROLANDO-SE numa extensão equivalente a um terço do perímetro da Terra – desde Buenos Aires a Fairbanks (Alasca) – está prestes a ficar concluida a mais longa estrada do mundo inteiro.

A todo o comprimento desta grande rodovia, pontes e aquedutos inúmeros—quilômetros e quilômetros de pavimentos foram construidos com pedra britada e cimento produzidos por meio de maquinaria Allis-Chalmers.

Isto não é de espantar, porque a A-C produz o mais completo sortimento de britadoras de pedra, peneiras, fornos e engenhos de esmagamento do mundo inteiro – ajudando a acelerar obras de construção de cimento e concreto de todos os tipos!

E tal é somente um dos aspectos das realizações da Allis-Chalmers no domínio da engenharia. Servimos todos os terrenos da indústria – construimos gigantescas turbinas hidráulicas, geradores, bombas, e *o Mais Extenso Sortimento de Grande Equipamento Industrial do Mundo Inteiro*, para auxiliar as Américas a produzir mais para viver melhor!

ALLIS (A-C) CHALMERS

MILWAUKEE 1, WISCONSIN, E.U.A.

MAIS de 1.600 Produtos para a Indústria

EQUIPAMENTO ELÉTRICO

TURBINAS HIDRÁULICAS E A VAPOR— CONDENSADORES

MAQUINARIA PARA ESMAGAMENTO, CIMENTO E MINERAÇÃO

BOMBAS CENTRÍFUGAS

EQUIPAMENTO PARA MOINHOS DE FARINHA E SERRARIAS

REPRESENTANTES NA AMÉRICA LATINA: *Argentina*, Buenos Aires — Allis-Chalmers Mfg. Co. y Alberto Ubbelodhe & Cia., S. A. . . . *Bolivia*, Oruro — Sociedade Manufacturera Allis-Chalmers . . . *Brasil*, São Paulo — Sociedade Técnica e Commercial Serva Ribeiro, S. A. . . . *Chile*, Santiago — Sociedade Manufacturera Allis-Chalmers y Puelma & Cia. Ltda. . . . *Colômbia*, Barranquilha — Osoria y Cia. Ltda.; Bogotá — Alsoco Ltda.; Medellin — Peter Santa Maria & Cia. Ltda. . . . *Cuba*, Habana — L. G. Aguilera & Co. S. A. . . . *El Salvador*, San Salvador — Hans Peter Pfeifer . . . *Guatemala*, Guatemala City — East Asiatic Company . . . *México*, México, D. F. — Allis-Chalmers de México, S. A. . . . *Nicarágua*, Manágua, Automotive and Industrial Equipment Co. . . . *Panamá*, Panama City — Icaza & Company Ltd. . . . *Perú*, Lima — Peruvian Trading Corp. Ltd. S. A. . . . *Porto Rico*, Ponce — Porto Rico Iron Works, Inc. . . . *Venezuela*, Caracas — Tecnomat.

300.000 artigos de alta qualidade, fabricados pela Westinghouse – turbinas e motores, geladeiras e rádios, lâmpadas incandescentes e aparelhos de raio-X . . . enfim, quase tudo o que se pode imaginar relacionado com a eletricidade.

A investigação constante e o conhecimento profundo de seus engenheiros deram a Westinghouse um invejável prestígio mundial, que se traduz em maiores vendas e lucros para os distribuidores.

Estamos interessados em nomear distribuidores competentes em regiões que não contam ainda com representantes da Westinghouse. Receberemos com prazer as consultas de comerciantes idôneos. Queiram dirigir-se a: *F. A. Rall, Gerente de Vendas e Distribuidores. Westinghouse Electric International Co., 40 Wall Street, Nova York 5, N. Y., E. U. A.*

Aqueles que sabem avaliar Qualidade exigem Westinghouse

"Um incêndio em Guaiaquil é um acontecimento em que a *côr* **rivaliza** com o *calor*"—escreve um viajante. "Porque este porto equatoriano pode ufanar-se de ter o corpo de bombeiros mais pitoresco do mundo."

"Durante minha viagem visitei o monumento levantado no ponto por onde passa o equador. E na *latitude zero* fizemos um brinde—com Canadian Club!"

Em cada país que visita, o viajante encontra sempre alguma coisa de novo—e porventura alguma coisa de familiar também. Nos hotéis e clubes de toda a Hispano-américa, por exemplo—um reconfortante copo de Canadian Club! Tão satisfatório quando tomado só por si, como para misturar bebidas e com soda, o Canadian Club é um refresco para a noite inteira—em coquetéis antes de jantar; para o whiskey com soda, depois de jantar.

EM 87 PAÍSES—NÃO HÁ OUTRO WHISKEY QUE TENHA O MESMO SABOR!

"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS.
Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá;
em Peória, E.U.A.; em Dumbarton, Escócia; e em Buenos Aires

HÁ ALGO DE DIFERENTE NESTA CANETA!

É O QUE DE MELHOR SE CONHECE NO GENERO...

A nova pena *Lifetime*

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantia por toda vida)

...Porque a grande pena cilíndrica "*Lifetime*"°, de ouro de 14K, fabricada por um processo exclusivo de Sheaffer—permite novas modalidades de escrever fácil e suavemente! Mas a caneta SHEAFFER oferece muito mais do que isso... Seu corpo de linhas aerodinâmicas e pêso balanceado, evita fadiga ao escrever... A espiral que protege a sua superfície, evita que a caneta gire entre os dedos ou escorregue da mão... O depósito transparente mostra o nível da tinta a qualquer momento... O Novo Clip prende-se com a mesma facilidade nos bolsos das mais finas camisas ou nos paletós do mais grosso tecido. Juntando todas essas qualidades num lindo instrumento de escrever—V. terá uma SHEAFFER—a caneta que agrada a todos os olhos—e se adapta a cada mão.

W. A. SHEAFFER PEN CO.—Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Nóvas Canetas "*TRIUNFO*" • Nóvas Lapiseiras de Linhas Finas

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Na terra da Araucária

O MAJESTOSO vulcão Lhaina,—cujo perfil ilustra a nossa capa, enquadrado pelos ramos de uma altaneira araucária, atingindo 3.060 metros de altura, com suas nevadas cobrindo duas crateras,—é um detalhe caraterístico no panorama da belíssima região dos lagos do Chile.

Estende-se esta região da cidade de Temuco, encravada no coração da terra araucana, na província andina de Cautin, até o estreito de Magalhães. Ao longo desse território, dezenas de poderosos vulcões—alguns de contorno prodigioso como o famosíssimo Osorno—coroam as cumeadas da cordilheira. E engastados entre os últimos contrafortes dos Andes, não menos de cincoenta lagos admiraveis, muitos deles de uma extensão consideravel e situados a grandes altitudes, refletem em suas águas cristalinas a intensa coloração verde dos bosques e a alvura das neves perpétuas que recobrem os montes e vulcões em seu derredor.

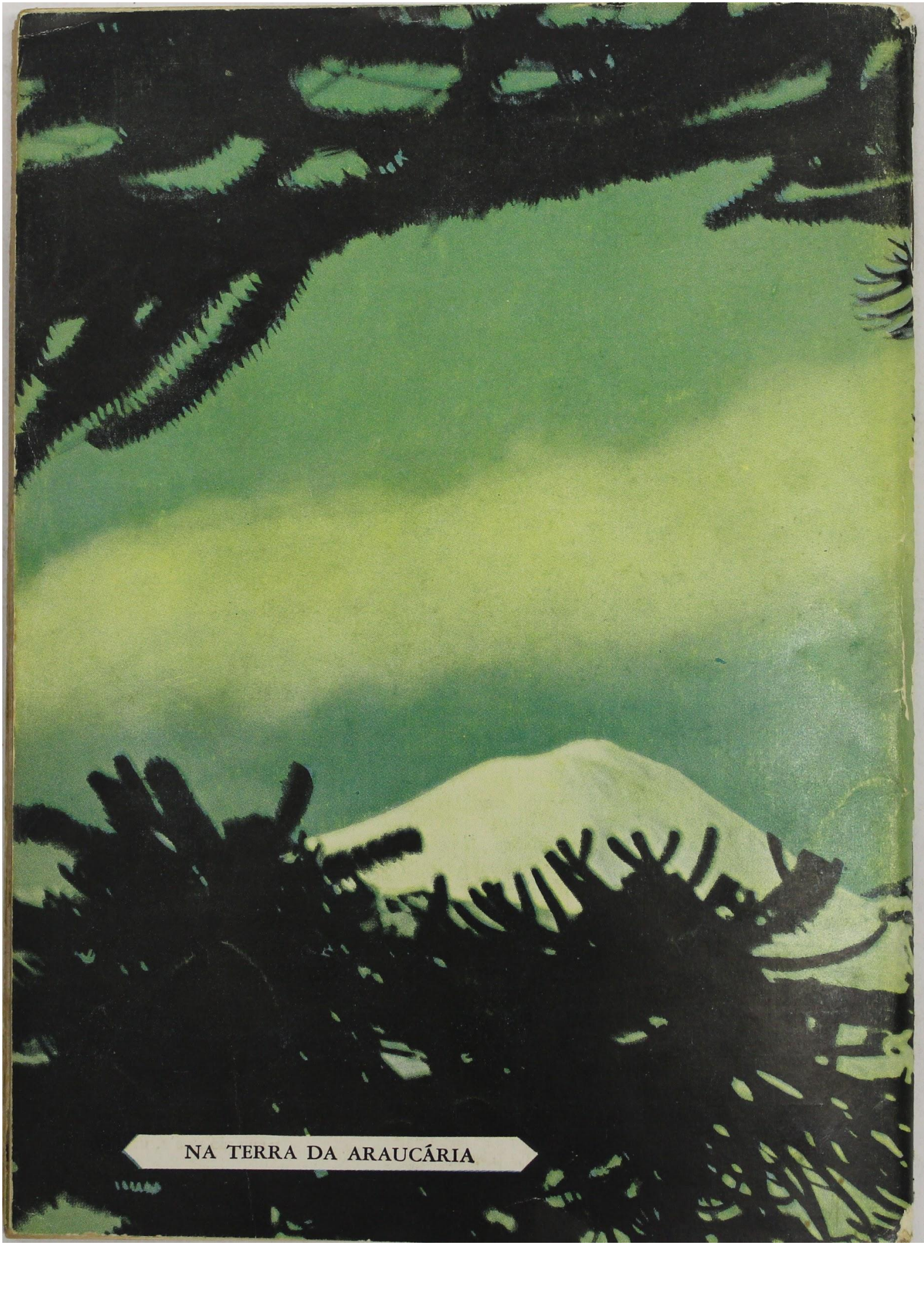
Um desses lagos encantadores, o de Todos os Santos, provocou de ilustre viajante a seguinte exclamação: «É o lago mais bonito que já vi em todo o mundo!» Cobre suas margens uma vegetação de louçania inalteravel, à qual comunica uma nota de delicadeza e arte natural a belíssima flor do *copihue*, de um vermelho vivo, e com a forma de campânula, simbolicamente adotada como emblema da selva peruana e da nação chilena. Cresce tambem com abundância nessa região—talvez como a mais marcante caraterística de sua flora—a vigorosa e decorativa araucária, o famoso pinheiro araucano, que forma bosques extensos, de um verde escuro, pelas montanhas e em torno à zona árida e agreste dos vulcões.

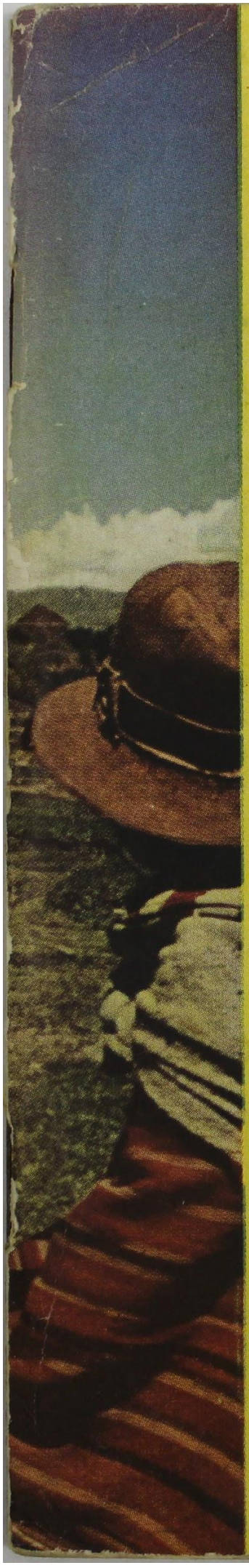
Essa árvore esbelta é dotada de toda a força natural, a resistência e o poder de adaptação peculiares à indomavel raça que lhe deu o nome. A araucária desenvolve-se em troncos retos e vigorosos, com ramos robustos e horizontais e uma ampla copa piramidal, alcançando, por vezes, cincoenta metros de altura. A fruta que produz chega a ter trezentas sementes, de um vivo tom avermelhado e reluzente, comestiveis, adquirindo o sabor das amêndoas quando torradas. Pela destilação, os camponeses retiram dessas sementes uma aguardente forte, que é muito apreciada na região. A madeira da árvore, compacta e resistente, de uma côr branca ligeiramente amarelada, e ricamente veiada, utiliza-se na construção de casas rústicas, mastros de embarcações, etc. E a resina que reçuma do tronco embalsama a selva de um aroma exótico, parecido ao do incenso.

Nessa terra das araucárias, ainda guarda ciosamente muitas das suas tradições, hábitos e língua a raça aborígene, rebelde, que se negou a submeter-se aos Conquistadores. Aos poucos, porem, vai ela incorporando-se à vida nacional chilena, e não deixa de ser digno de nota o fato de que os araucanos de hoje em dia, herméticos, esforçados e engenhosos, se servem dos pinheiros de suas florestas para múltiplos usos modernos. Tambem no Velho Continente floresce a araucária chilena. Em 1795 foi levada para a Europa, e, tendo-se aclimado perfeitamente, alastrou-se pela orla do Mediterrâneo—como mais um presente, belo, util e perene, do Novo ao Velho Mundo.

Foto Panagra

IMPRESSO NOS E. U. A.


NA TERRA DA ARAUCÁRIA



FEVEREIRO de 1946

Cr.$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

O México combate o analfabetismo . *Pan-American* 1
Um governo para o mundo—ou o caos *National News-Letter* 6
Olhos que enxergam de novo . *por Lois Mattox Miller* 9
Assim paga um cachorro . . *por F. Buck e F. Fraser* 12
Aproveite a minha experiência . . *por Stefan Zweig* 15
O que o homem nota primeiro na mulher . . . *You* 19
Coisas que convem saber sobre o DDT *Baltimore Sunday Sun* 21
A futura Elisabete da Inglaterra . . . . . *Life* 24
Suiça: A bonança pela liberdade *American Mercury* 27
Meu amigo, o rato . . . . . *Robert Fontaine* 32
Um povo de músicos . . . . . *Recreation* 36
Sapadores aéreos da sabotagem . . . . . *Skyways* 39
Minha defesa da castidade . *Donald Culross Peattie* 43
Para o êxito através do fracasso . *por Paul de Kruif* 47
Você lê com rapidez? . . . . . *Liberty* 54
«Meus noventa acres» . . . . *por Louis Bromfield* 57
Três fatores da personalidade . *por Harry E. Fosdick* 61
Filmes que se levam para casa *Popular Photography* 64
Os sindicatos se democratizam . . *por William Hard* 67
Um mestre que honra sua raça . . . . . *Rotarian* 71
Flagrantes da vida americana 75
Outra droga maravilhosa: a estreptomicina . *Hygeia* 77
O que o nosso filho aprendeu no lar . . . . *Rotarian* 81
Quatro meses numa casa mal-assombrada . *Harper's* 85
Novidades em tecidos . . . . . *Forbes* 90
Uma mulher em Shangri-La . *por Margaret Hastings* 94
Seção de Livros — A vida das abelhas *por Maurice Maeterlinck* 109

A Lhama dos Andes — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*; *Nota* . . . . . *terceira capa*

CMDPO-LR
1935

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 annuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia, Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IX, No. 49 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Fevereiro de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho, *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A., e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Basta ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia.

Copyright 1945 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários de Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proíbe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. IX, No. 49, February 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A. San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U. S. A.

SELEÇÕES
TOMO IX No. 49 — do Reader's Digest — FEVEREIRO de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

A metade iletrada duma nação vem aprendendo a ler e escrever—lecionada pelos seus concidadãos

O MÉXICO combate o analfabetismo

(Condensado do «Pan American»)

POR MICHAEL SCULLY

DESDE a sua revolução de 1910, o México vinha escalando penosamente a ladeira que leva à democracia e a melhores condições de vida para as suas massas populares. Mas os progressos realizados graças à revolução democrática eram espasmódicos, e deixavam muitas lacunas a preencher. A nova Constituição, apesar de modelar, funcionava com dificuldade. As reformas agrárias não conseguiam aumentar a produção dos gêneros alimentícios. Os apóstolos dos vários «ismos» de importação ensinavam o operariado a fazer greves, mas não havia ninguem que lhe ensinasse a trabalhar. Estadistas de botequim debatiam calorosamente quais as «necessidades mais prementes» do país.

Afinal, em 1944, o Presidente Manuel Ávila Camacho soube pôr o dedo na ferida: «O que a nação *realmente* precisa,—disse ele—é de aprender a ler e escrever.»

Cerca de 10.500.000 mexicanos—ou seja, perto de metade da população—eram analfabetos. Milhares de escolas se tinham construido em anos recentes, é certo, mas não chegavam para mais de metade da população infantil, e o resultado era que mais de 2 milhões de crianças estavam crescendo sem frequentar escola. No número de analfabetos mexicanos havia que incluir, alem disso, 3 milhões de índios que nem sequer falam espanhol. Como é que dum povo assim se podia fazer uma nação de cidadãos e trabalhadores uteis?

O Presidente Ávila Camacho pôs mãos à obra com a mesma simplicidade com que tinha formulado o problema. No exercício dos poderes excepcionais que lhe facultava a emergência de guerra, decretou que todos os iletrados de 6 a 40 anos de idade deviam aprendar a ler e escrever, e que todos os letrados seriam responsaveis pelo seu ensino.

Essa campanha contra o analfabetismo foi oficialmente inaugurada em primeiro de março de 1945.

Em setembro, cerca de 900 aldeões, índios sertanejos, meninos sem eira nem beira das ruas das cidades, e *peones*, representando todos os Estados da República, reuniram-se em volta do monumento à Independência, na cidade do México. Seis meses antes, poucos deles teriam podido reconhecer seu próprio nome impresso: e agora vinham alí para ler em voz alta trechos da Constituição, cantar o hino nacional, e pronunciar breves e comovidos discursos da sua própria lavra.

Esse grupo era, evidentemente, constituido por indivíduos de inteligência inata fora do comum, que, sendo-lhes oferecido pela primeira vez o ensejo de aprender, tinham galgado em meio ano os rudimentos da instrução primária. Mas estava alí representado um grupo de 4.300.000 estudantes, que vinham assistindo cinco vezes por semana às aulas que funcionavam em mais de 80 mil centros de combate ao analfabetismo, e descobrindo as maravilhas da palavra escrita. Em março do corrente, espera o governo que o número desses estudantes perfaça o total de 7 milhões.

O decreto de Ávila Camacho veio pôr em foco um problema de agudas dificuldades, confiando a responsabilidade moral da sua solução individualmente a cada cidadão instruido, e desencadeou a maior de todas as campanhas de publicidade e venda que já se viram no país. A maior parte dos analfabetos do México estavam derramados por sobre uma vasta manta de retalhos constituida por serranias, planaltos cultivados, sertões e desertos. O simples fato de se atingirem, com uma idéia, esses milhões de seres dispersos, era já de si um projeto sem precedentes.

Mas atrás do Presidente e apoiando-o com atos, encontrava-se um homem armado dum plano de trabalho: Jaime Torres Bodet, Ministro da Educação, homem pequeno e robusto, que trabalha 12 horas por dia e que, tendo a fisionomia dum poeta (que com efeito é), desenvolve a energia dum atleta. Torres Bodet tinha passado 10 anos no estrangeiro, estudando quase todos os sistemas escolares da Europa, e armazenando idéias que podiam vir a ser uteis ao México. E agora, senhor das funções que sempre ambicionara desempenhar, pôs-se em campo para arrancar metade duma nação às garras da ignorância.

Tendo começado por conquistar o apoio de todos os jornais e estações de rádio, lançou verdadeira barragem de publicidade dirigida à metade letrada da nação, apelando para todos os impulsos da natureza humana, desde o patriotismo até ao egoismo mais elementar. Aos patriotas, ele fez notar que, ajudando um analfabeto a aprender, se contribuia para criar um cidadão melhor, para edificar um país mais forte; ao empregador, que mais instrução representaria maior número de operários aptos; ao comerciante, que mais fregueses haveria, capazes de ganhar dinheiro e, portanto, de comprar mais; aos jornais, maior massa de leitores; aos ciosos da lei e da ordem, menor ameaça de criminalidade: pois que 90 por cento dos residentes das penitenciárias eram analfabetos.

Os propagandistas de Torres Bodet organizaram uma «cadeia de responsabilidade», que tornou cada governador responsavel pelo seu Estado, e cada prefeito pela sua área municipal. Abaixo destes, vinham os funcionários escolares, os dirigentes das comunidades agrícolas, os oficiais do exército em serviço nos postos afastados, enfim, todas as pessoas providas de autoridade legal ou moral. Assim se estabeleceram 6 mil pontos de contacto, através dos quais era possivel fazer chegar, a todas as pregas da serrania e clareiras da selva, as instruções vindas da capital.

Preparou-se para esse efeito uma Cartilha capaz de atrair e encantar os olhos. Nessa Cartilha começa-se por ilustrar cada uma das vogais com um desenho de facil compreensão, como seja um camondongo que guincha, ou uma locomotiva que apita. Daí a Cartilha guia rapidamente o estudante até às palavras mais simples de uso cotidiano, representando cada uma das lições um incidente típico da existência da família camponesa. A meio das suas 112 páginas, este primeiro livrinho de leitura começa guiando o estudante para a compreensão do que é o seu país, explicando-lhe a significação da lei constitucional, e apresentando-lhe os heróis nacionais, tais como Hidalgo, Morelos, Juárez e Madero. A Cartilha foi habilmente concebida para modelar cidadãos, ao mesmo tempo que fazer letrados, por meio de preceitos tais como o seguinte: «Jogar lixo num rio, rasgar um livro, escrever numa parede—são outros tantos sinais de barbaridade.» E estoutro, sobre o verdadeiro significado da liberdade: «Como povo livre, a melhor maneira de garantir nossos direitos é cumprir nossos deveres.»

Mas o orçamento era magro para o número tremendo de cartilhas a imprimir, e Torres Bodet conseguiu convencer os jornais da capital a emprestarem as suas oficinas de impressão durante as horas em que estivessem livres de trabalho. O Departamento da Instrução Pública pagou apenas as horas extraordinárias de trabalho dos impressores. E foi dessa maneira bem fora do comum que se realizou a maior obra de publicação de livros que regista a história da América Latina. Restava agora o problema, nada facil, da distribuição dos livrinhos: toneladas e mais toneladas de cartilhas foram carregadas a lombo de burro pelas serras acima, em canoas ao longo dos rios, e até lançadas pelos aviões militares sobre as aldeias do sertão.

Outra tarefa que desafiava a imaginação e os recursos humanos, era a de organizar os iletrados sob a direção de mestres competentes. Era evidente que não se tratava aquí duma campanha de «um ensina ao outro»*, segundo Torres Bodet explicou: «Na cidade do México, para cada analfabeto há mais de quatro letrados, mas em certos estados a situação é exatamente inversa. Tínhamos que adaptar-nos às condições, e ainda assim acentuar que cada letrado é *responsavel* por um analfabeto, quer se trate da dona de casa que obriga a empregada a assistir às aulas, ou do industrial que ajuda a sustentar uma escola.»

A reação do público à campanha contra o analfabetismo foi uma demonstração eloquente de unidade nacional. As igrejas e os clubes, os grupos operários e patronais, constituiram brigadas voluntárias de ensino. A associação dos jornaleiros da cidade do México resolveu expulsar todo membro que não aprendesse, no prazo de um ano, a ler os jornais que vendia. A mocidade universitária ofereceu-se para ensinar os 900 analfabetos da colônia penal das Ilhas Marias.

*Vd. SELEÇÕES, dezembro de 1944.

A alma da campanha nas cidades foi o *patronato*, ou seja a junta de padroeiros, constituida por cidadãos dotados de conciência cívica. O *patronato* da capital, confrontado por um exército de 326.785 analfabetos, resolveu pagar a 800 professores diplomados, que regem agora as classes noturnas nas escolas. Os voluntários foram muito alem das obrigações que a lei impõe, no denodado esforço de cumprir a sua cota-parte. Dona Luz Fernandez Islas, que em tempos foi mestra de escola, e tem hoje 90 anos, assim que ouviu dizer que o Presidente decretara a campanha, começou logo a procurar analfabetas entre as empregadas domésticas da sua vizinhança. Todas as tardes, um grupo de moças de menos de vinte anos se inicia nos mistérios da Cartilha, aos pés dessa professora cujo diploma, amarelecido pelo tempo, mostra a data distante de 1873.

Em Torreon, o industrial-banqueiro José Ortiz convenceu mil cidadãos a subscrever 10 pesos (Cr$40,00) por mês, cada um, para se poderem pagar mensalmente 2 pesos a cada professor diplomado por cada analfabeto que ele instruisse. Ortiz ofereceu entrada gratis nos jogos de beisebol às classes que dessem provas de boa frequência, e o *patronato* comprou bilhetes de cinema uma vez por semana para os melhores alunos de cada classe. Os comerciantes contribuiram com artigos mais sólidos—roupas, mobílias, rádios—para aqueles que completassem os seus cursos com honras de distinção.

O movel das recompensas, aliado ao amor tradicional dos mexicanos pelas *fiestas*, ajudou muito a acelerar a campanha. Torres Bodet prometeu à aldeia de San Nazareno Etla um novo edifício escolar e uma grande festa, para quando se tivesse convertido à Cartilha o derradeiro analfabeto: seis meses, foi quanto levou para que ele tivesse de cumprir a sua promessa! Em San Bártolo, que é uma cidade textil com 6 mil analfabetos, os donos das fábricas prometeram a todas as classes, onde a frequência fosse boa, café e bolos depois das aulas. O resultado tem sido um verdadeiro acontecimento «social» todas as noites—e mais de mil novos letrados ao cabo dos primeiros quatro meses.

A legislatura estadual de Michoacan decretou que os presos iletrados poderiam ver reduzidas as suas penas se conseguissem dar conta da Cartilha, e os que soubessem ler e escrever, se ensinassem os seus companheiros analfabetos. Foi boa inspiração, que teve como resultado dezenas e dezenas de homens livres e mais sensatos. O exército mexicano, em cujas fileiras de conscritos o analfabetismo chegou a atingir 80 por cento, tornou-se um dos mais ricos filões dos educadores. Os oficiais estimulam os estudantes aplicados, e restringem os privilégios dos relutantes. No posto militar de Monterrey, onde 1.100 homens assistem às classes diárias, 60 por cento deles já alcançaram um grau suficiente de alfabetismo.

Mas o problema continua de pé para os 3 milhões de índios que não falam a língua dos conquistadores. Estão em uso entre eles cerca de 50 dialetos, e não é possivel fazê-los passar abruptamente das línguas que falam, para o castelhano escrito e falado. Torres Bodet fundou um instituto para o ensino do espanhol aos instrutores indígenas; quando esse instituto tiver entrado em ação efetiva, ter-se-á dado o primeiro grande passo para atrair os índios solitários ao círculo da vida mexicana.

O Ministro da Educação tambem tem planos para cuidar a matéria-prima da leitura: quando Torres Bodet assumiu a pasta, há dois anos, as bancas de jornais estavam atulhadas de literatura barata—novelas de aventuras, xaropadas romanescas, pura e simples pornografia. Resolveu ele que o público leitor estava precisando de livros dignos de ler, e a mais baixo preço; iniciou então a publicação duma série de «clássicos em papel de jornal», material de leitura condensada e simplificada, tal como biografias, histórias das nações americanas, poesia e vulgarização científica, em volumes que são vendidos a 25 centavos mexicanos. Até hoje, venderam-se mais de 2 milhões de exemplares, dos 70 volumes publicados. Atualmente ele tem em projeto uma série de brochuras ilustradas ao mesmo preço: «Para ser melhor lavrador», «Como cuidar do bebê», «Como evitar as doenças»—obras de guia e conselho, saidas da pena das maiores autoridades nacionais, e tão simplificadas, que a palavra escrita possa produzir seus benéficos efeitos mesmo nos lares mais humildes que atingir.

O decreto de «emergência» do Presidente Ávila Camacho, tal como o vem pondo em prática o Ministro Torres Bodet, parece pois a caminho de se tornar a peça legislativa mais importante da história do México, pelo menos desde que Cortês venceu os Aztecas...

Sentidos aguçados

¶ Helen Keller, completamente cega e muda desde a infância, veio uma vez ao meu estúdio. E o que aconteceu foi extraordinário, como se eu tivesse descoberto o sexto sentido. Conduzimos Miss Keller até junto de uma estátua, mas não lhe dissemos quem a escultura representava. Com os dedos, ela examinou todos os detalhes da obra: cabeça, face, cabelos e ombros. Ao sentir as rugas da testa, disse: «Este homem acha-se fora do seu próprio mundo, procura resolver um terrivel problema... Esperem.» Passou os dedos sobre os olhos, sobre as maçãs do rosto, estudando-lhes os contornos. «Tipo eslavo, sim, olhos intensos e profundos, mas abatidos, voltados para o chão. Começo a reconhecê-lo... Essas asas no ombro; estão encolhidas?» «Estão,» disse eu, «são as asas de uma águia, símbolo do país dele.» Seus dedos tateantes encontraram a inscrição. «Ah!», exclamou, «naturalmente. É o grande Paderewski, que tão galantemente lutou pela Polônia num campo de batalhas políticas, tão distante do seu mundo da música. Bem sinto as suas lutas, os seus sofrimentos».

Conduzimos a cega até a estátua de um homem, feita em tamanho natural. Seus dedos descobriram as dobras da roupagem e o cordão pendente da cintura; detiveram-se e, baixando-se, tatearam as sandálias da figura. «Um monge,» murmurou. «Aquí,» prosseguiu, «encontro um lobo, roçando este homem; aquí, um coelho, ao colo; e, mais acima, um ninho de pássaros no capuz que lhe cai pelas costas. Ah, tem a face voltada para o alto... Parece dizer: —Meus irmãos animais, não tenham receio, somos amigos...» Então, subitamente, a face de Miss Keller se iluminou: «Ah!» anunciou, «é São Francisco, com seus amigos...»

—Malvina Hoffman, *Sculpture: Inside and Out* (Norton, ed.)

Como um conhecido comentador britânico vê a crise súbita que ameaça a humanidade

Um governo para o mundo —ou o caos

(Condensado da «National News-Letter»)

Por STEPHEN KING-HALL

O LANÇAMENTO de bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaqui teve resultados horripilantes, mas pode bem ser que, na já longa história dos humanos morticínios, nunca as vidas humanas fossem ceifadas com mais altos propósitos. Com efeito, torna-se hoje evidente que todos os seres humanos, individualmente considerados, têm um interesse direto e vital na gerência não só da política de sua nação, mas da política mundial tambem.

Cada um de nós passou a ser um elo de *humanidade* acorrentado a todos os nossos semelhantes, sem distinção de raça, credo ou cor de pele, por forças que sairam inquebrantavelmente forjadas da fornalha diabólica daquelas explosões. A bomba atômica veio despir de significação o nacionalismo político e econômico, e desse modo aboliu as guerras nacionais em larga escala.

Não obstante, o fato de que as guerras em larga escala, nacionais ou «totais», são hoje um objeto do museu da História, catalogado a par do estado-nação, ainda não foi compreendido em todo o seu significado. Dizem-nos por aí que ainda é possivel encontrar, para cada arma de ataque, a contra-partida da respectiva arma de defesa: isto pode ser verdade ainda hoje, mas paralelamente devemos entender que não é provavel vir-se a encontrar na esfera material uma defesa eficaz contra a bomba atômica. De nada nos serve ter melhores bombas, ou bombas em grande quantidade; de nada nos serve correr como ratos para os abrigos subterrâneos, pensando em termos da antiquada guerra de 1939-45, que hoje nos parece tão remota como por exemplo a batalha de Aljubarrota. A única defesa possivel contra a bomba atômica, está na criação dum mundo no qual ninguem nutra o mais leve desejo de despejar bombas atômicas sobre as cabeças de outros povos.

Nós, ingleses, sabemos hoje por exemplo que os Estados Unidos dispõem de bombas atômicas; e tambem dos aviões necessários para trazê-las até Londres, sem interrupção, desde o pôr-do-sol até o amanhecer. Sem embargo, ainda saimos diariamente de casa para tratar da nossa vida, sem a impressão de quem caminha na sombra das asas da morte. Mal nos damos conta do fato de que estamos potencialmente à mercê absoluta dos americanos. Mas podemos dizer, em boa verdade, que nos sentiríamos tão calmos ou seguros, se nos viessem comunicar que o General Franco tem guardado em Madrí um balaio cheio de bombas atômicas?...

Olhemos a questão de outro ponto de vista. É admissivel presumir que pelo menos três grandes potências, os Estados Unidos, a Grã Bretanha e a União Soviética, estarão aptas em breve a fabricar bombas atômicas; a França, a Suécia e outras nações irão juntar-se-lhes depois. O fabrico das bombas atômicas se tornará mais facil. E então? Então é dificil, se não impossivel, imaginar que as massas populares tolerassem uma situação em que, todas as vezes que os jornais dessem notícia da mais leve ruga nas quietas águas da política internacional, as mães de família dissessem angustiadas: «Imaginem se esta noite eles vêm por aí com cem bombas atômicas!»

Nenhum governo ousará mais apresentar a outro governo um ultimato com limite de tempo, nem que seja de seis horas, porque a resposta lhe pode vir, dentro de cinco horas, sob a forma eloquente dum chuveiro de bombas atômicas. É manifesto que o estado nacional soberano, nas suas expressões políticas e econômicas (consideradas como distintas da sua muito necessária e util existência cultural), se encontra hoje em presença dum dilema. A única saida que se nos oferece é a criação, tão rápida quanto possivel, dum estado mundial. Não há nenhuma outra porta de escape para esta situação, a não ser que queiramos sair todos deste nosso mundo por obra e graça duma série de explosões de incalculavel violência.

O advento do estado mundial, como consequência da evolução natural das coisas, não se teria produzido possivelmente dentro dos 100 ou 200 anos mais próximos. A Sociedade das Nações saida da outra guerra foi o resultado de muitas tentativas e projetos feitos no curso de séculos, e, apesar disso, as nações soberanas não puderam resignar-se a dobrar a orgulhosa cerviz ao jugo relativamente leve do Convênio. Vinte e cinco anos depois, na Conferência de São Francisco, sob uma atmosfera de descrença, foi adotado um instrumento ainda mais frouxo para racionalizar a soberania nacional em benefício de toda a humanidade. Toda esta farsa foi pelos ares num instante, desfeita em pó por duas bombas e duas dúzias de rapazes que tripulavam um par de bombardeiros B-29.

E o dilema se põe: sim ou não? Vida ou morte? Vamos unir-nos, ou deixar que nos façam em pó? Tais são as alternativas brutais que nos põe o poderoso átomo ultramicroscópico, libertado pelo cérebro do homem das cadeias que o prendiam ao equílibrio da sua existência natural.

Examinemos o problema mais detalhadamente: de que nos servem agora couraçados, porta-aviões, cruzadores e submarinos? Tanques e lança-chamas irão juntar-se ao Himalaia de sucata formado por miríades de baterias de canhões, de grande e pequeno calibre. O vasto e complexo aparelho de operações conjuntas, tal como os Aliados estavam preparando para invadir o Japão, pertence hoje ao ferro-velho. Todo o debate pró e contra o serviço militar obrigatório perdeu a sua significação. E porque? Porque a bomba atômica põe o seu possuidor em condições de agredir bruscamente, e com efeitos devastadores, o conjunto da população civil do estado inimigo. E quem quer que recorra primeiro ao seu uso, nem por isso ganha necessariamente a guerra, visto que os bombardeiros atômicos da nação «A» podem estar a caminho de

STEPHEN KING-HALL, autor de «Total Victory», «History of the War», e outros livros, edita em Londres a «National News-Letter», semanário de informação e opinião de grande tiragem.

bombardear a nação «B», no momento preciso em que os bombardeiros desta última estejam transformando a nação «A» num crematório de ruinas.

Os estadistas das grandes potências vêem-se agora obrigados a debater os problemas herdados da guerra na Europa, no Médio e no Próximo Oriente, precisamente no momento em que a bomba atômica reduziu a cisco os padrões tradicionais da política de força.

Se tentarmos meter ombros aos problemas tremendos que hoje nos enfrentam, dominados pelo pensamento de que eles são apenas reincarnações mais complexas de problemas que nos afligiram desde 1914, espera-nos o mais triste fracasso. Se nos deixarmos iludir, ao ponto de imaginar que podemos jugular as crises do mundo dentro da estrutura e com as fracas ferramentas que nos oferecem a Carta das Nações Unidas, o acordo de Bretton Woods, ou a Conferência dos Ministros das Relações Exteriores em Londres, vernos-emos redondamente desiludidos. E digo isso por duas razões:

Primeiro, porque os nossos problemas do dia presente não são, na verdade, a repetição de problemas antigos. São antes, em princípio, problemas duma nova espécie. Tãopouco são problemas meramente nacionais com complicações mundiais. São problemas indisputavelmente *mundiais* e *problemas da humanidade*.

Segundo, porque as organizações e instrumentos atrás mencionados se baseiam na presunção de que os alicerces sobre os quais devemos construir o mundo novo são constituidos pelos *direitos de soberania nacional*. Essas organizações são como macacos virados de cabeça para baixo, suspensos das suas respectivas caudas nacionais. Ora, o que nos é preciso, são organizações constituidas por *homens*, sentados normalmente, e em perfeito equilíbrio. Se quisermos resolver na verdade esses problemas, não devemos arrecear-nos de reconhecer que o governo mundial já não é meramente uma visão de meia dúzia de iluminados: *o governo mundial tornou-se uma necessidade urgente, prática e irredutivel!*

Se quisermos edificar esse estado mundial a tempo de evitar o desastre, os homens de governo não podem recuar diante da ação. Já não basta que os governos realizem consultas mútuas a intervalos irregulares; os chefes de estado—servindo-se da maquinaria do Conselho de Segurança das Nações Unidas, se nada de melhor tiverem à mão—devem encontrar-se com regularidade, e constituir-se praticamente em comitê executivo mundial. A palavra «segurança» assumiu, quase da noite para o dia, uma significação muito mais compreensiva do que lhe era atribuida quando aquele Conselho foi criado em São Francisco. Este Conselho Mundial deve formular decisões, e fazer com que elas sejam cumpridas.

Não devemos desesperar da aptidão dos homens para extrair a verdadeira paz e um mundo novo das tumultuosas dificuldades do presente. O simples fato de que, por obra do pensamento humano, se produziram acontecimentos que vieram pôr o mundo frente a frente com a maior crise da sua história, mostra-nos tambem que seremos capazes do esforço mental necessário para achar a resposta, e de tomar as medidas que a situação requer. Isto pode fazer-se. E mais: deve, sem demora, fazer-se.

Ditadura: um sistema de governo em que tudo que não é obrigatório é proibido.
—*Manchester Guardian*

O «banco de olhos» — resultados do primeiro ano de serviço

Olhos que enxergam de novo

POR LOIS MATTOX MILLER

TODOS os dias há pelo menos uma pessoa que recupera a vista, depois de ter vivido anos em plena escuridão, e todos os dias há um cirurgião que repete o milagre de conseguir que os cegos possam ver. O número de pessoas que têm a vista totalmente restaurada mediante a dificil operação do enxerto da córnea eleva-se, somente na região de Nova York, a cerca de 500 por ano.

A córnea é uma membrana transparente que permite a entrada da luz, e que cobre a iris e a pupila como o vidro de um relógio cobre o mostrador. Os médicos sabiam há muitos anos que era possivel restituir a vista aos cegos, abrindo uma pequena janela nas córneas que tivessem perdido a transparência devido a um acidente ou doença, e inserindo nessa janela um retângulo transparente, extraido de outra córnea sã.* Mas era extremamente dificil obter o pedaço de córnea próprio para tal enxerto. O tecido tinha de provir de uma pessoa cujo olho tivesse sido removido em consequência de uma lesão que não afetasse a córnea, ou de alguem que antes de morrer houvesse legado a outros os olhos de que não mais precisaria. Disso resultava que os poucos médicos que realizavam a operação tinham extensas listas de infelizes que esperavam ansiosos, durante vários meses, a oportunidade rara de haver um globo ocular disponivel.

Hoje, porem, a situação é diferente. Um grupo de hospitais de Nova York organizou o primeiro «banco de olhos» do mundo e todos os hospitais-membros concordaram em solicitar às respectivas famílias os olhos dos doentes falecidos, ou em fazer pedido idêntico às vítimas de acidentes a quem fosse necessário remover um olho. Os olhos assim obtidos seriam enviados para um ponto central, onde ficavam à disposição dos cirurgiões especialistas.

O plano foi anunciado ao público há pouco mais de um ano,* e os resultados foram surpreendentes, tendo sido extraordinário o número de pessoas dispostas a colaborar. Muitas resolveram legar seus olhos ao banco e várias outras ofereceram os olhos de crianças nati-mortas. Estes são tão uteis como os de adultos, uma vez que os enxertos são sempre de pequenas dimensões.

Atualmente há 33 hospitais americanos que cooperam no plano nacional e os médicos só raramente têm necessidade de adiar a operação. As listas de doentes que esperam sua vez desapareceram quase totalmente. Os cegos recuperam a vista, às dezenas e centenas, graças ao maior programa de restauração visual jamais levado a cabo.

As histórias de cegos para quem se reabriu o mundo da luz são tão variadas como a própria natureza humana, mas

*Vd. *Olho por olho—para que os cegos vejam*, Seleções, março, 1944.

*Vd. *Sobressalentes para o corpo humano*, Seleções, fevereiro, 1945.

todas são verdadeiramente emocionantes.

Um rapaz em quem tinha sido efetuada a operação estivera cego 17 anos. Regressou um dia ao hospital para anunciar, cheio de orgulho, que havia esperado em vão o seu recrutamento e que tinha decidido oferecer-se como voluntário para o exército. Passou todos os exames médicos e nem sequer lhe fizeram perguntas sobre os seus olhos!

Outro moço havia estado cego 22 anos. Tinha cegado quando bebê, devido a uns respingos de gordura que cairam do fogão sobre seus olhos. Sua vida era tão normal quanto possivel. Havia estudado em escolas para cegos e aprendera o método Braille, mas sua mãe ouviu falar da operação da córnea e do «banco de olhos,» e levou-o a um dos hospitais associados. «Meu filho,» diz ela, «é hoje um homem feliz, graças aos olhos de alguem de quem nunca saberemos o nome. Só desejaria que esse benfeitor desconhecido pudesse vê-lo conduzindo um caminhão de dez toneladas por entre o tráfego de Nova York!»

Há ainda a história de uma moça que, em obediência ao seu patriotismo, abandonou um emprego bem remunerado, como secretária, para trabalhar numa fábrica de material bélico, onde um acidente lhe fez perder a visão de ambos os olhos. Sua irmã diz: «Lemos alguns artigos sobre o enxerto da córnea, mas tínhamos receio de que fossem demasiado otimistas. Todavia, o banco de olhos possibilitou a operação e se ela quisesse poderia voltar hoje mesmo para o seu emprego de secretária.»

Recentemente, na maternidade de um dos hospitais de Nova York, um médico cumpria a ingrata missão de revelar a um jovem pai que seu bebê somente tinha vivido uma hora. Ia retirar-se, após ter expressado o seu pesar, quando o moço o chamou. «Ouça, doutor! Li há pouco que são necessários olhos humanos para os enxertos da córnea. Será que os olhos do meu bebê servem para restituir a vista a alguem?»

Transcorridos alguns momentos o pai assinava a autorização indispensavel, e o serviço de transportes da Cruz Vermelha conduzia para o «banco» os olhos do bebê, fechados em recipientes com um líquido esteril.

No dia seguinte cada um dos olhos foi enviado para seu hospital. Num deles, o enxerto da córnea permitiu restaurar a vista a um operário, chefe de numerosa família, que tinha cegado alguns meses antes em consequência de um desastre. A segunda operação restituiu a vista a uma jovem mãe que havia cegado devido à explosão de um fogareiro. Desse modo, o humanitarismo de um pai e a doação inconciente de uma criança que viveu apenas uma hora, permitiram arrancar das trevas duas pessoas.

Noutros casos, porem, sucede o contrário: são os velhos que auxiliam os novos. Um homem de 50 anos sofreu um acidente que exigiu a enucleação de um dos olhos, no qual, todavia, a córnea ficara intacta. Um enxerto desse olho curou a cegueira de um bebê com menos de um ano, que, como os precedentes, parecia condenado a viver nas trevas.

As histórias dessa natureza, que antes se contavam como coisa rara, são fatos quase correntes desde que o "banco de olhos" de Nova York deixou de ser uma instituição local para converter-se em organismo nacional, sob a designação de «Eye Bank for Sight Restoration, Inc.»* Seu conselho diretor é formado por oftalmologistas famosos e personalidades de destaque. Alem de servir os hospitais dos Estados Unidos, onde quer que o seu auxílio seja possivel, o conselho diretor tem como missão a concessão de bolsas de estudo, afim de preparar mais cirurgiões para a dificil operação do enxerto da córnea. Não se trata, evidentemente, de uma operação perigosa, mas sua técnica é extremamente delicada, e há ainda poucos médicos que saibam realizá-la.

A organização pretende igualmente incentivar o estudo dos meios mais convenientes para conservar o tecido da córnea durante mais tempo, pois os métodos atuais só permitem conservá-lo alguns dias.

Quanto aos generosos doadores, sua autorização para que o "banco" possa utilizar seus olhos após a morte tem permitido restaurar a vista a centenas de infelizes e está trazendo o conforto a numerosos lares. Poucas coisas se poderão legar que contribuam mais decisivamente para o bem da humanidade.

*210 E. 64 St., New York 21, N. Y., E. U. A.

A Festa de Santa Fé

¶ Em 1712, foi celebrada nos Estados Unidos a primeira *fiesta* anual de Santa Fé, em comemoração do restabelecimento da autoridade dos espanhóis sobre os índios, independentes desde a sua rebelião no ano de 1680. A festa de Santa Fé vem sendo realizada todos os anos, desde então.

A festividade começa nos arredores da cidade, com o queima do *Zozobra*, colossal efígie de *papier mâché*, que simboliza os maus bocados passados por toda a gente no ano anterior, desde a precedente *fiesta*. O *Zozobra* é um monstro mecânico: suas enormes mandíbulas abrem e fecham, seus olhos, cheios de terror, se reviram, e seus gemidos de dor podem ser ouvidos a dois mil metros de distância. À sua volta, acham-se coretos e arquibancadas, e centenas de automoveis estacionados: a seus pés, uma vasta pira funerária, feita de capim seco e de fogos de artifícios, que, ao ser acendida, produz um fragor de bombas que explodem e de foguetes que chiam, iluminando os arredores, no meio de grande alarido. O monstro se torce sob as chamas, debate-se inutilmente, como se quisesse libertar-se, até que tomba, em troncos fumegantes, destruido.

Então, com suas aflições reduzidas a cinzas, o povo dá início aos alegres festejos. Vasta multidão, composta de espanhóis, americanos, índios, *cowboys*, turistas, velhos e crianças, corre, rindo e cantando, para a velha praça, ao longo das ruas, onde o vento faz tremer milhares de luminárias—que iluminam as altas paredes dos edifícios, até o teto. Índios pintados dansam ao redor de grandes fogueiras, ao som de tambores, e há música em toda parte: bandas, trovadores com guitarras, velhas canções, jaze modernissimo.

No domingo, missa na catedral de São Francisco, seguida de um espetáculo de gala, reproduzindo a entrada dos espanhóis na cidade; e à noite, grandiosa *marche aux flambeaux* da catedral para a Cruz dos Mártires, erigida nos arredores da cidade, em memória dos frades mortos em 1680. No dia seguinte, tem lugar a «Parada Histórica», com carros alegóricos de crítica de personagens e de acontecimentos importantes, e pela noite há o chamado Baile dos Conquistadores. As luminárias então se apagam. E acabou-se a *fiesta*.

—H. Lee Jones (*New Mexico*)

Assim paga um cachorro

(Condensado de «Fang and Claw»)

POR FRANK BUCK E FERRIN FRASER

Os olhos de Johnson tinham uma expressão grave e um tanto ansiosa, ao seguirem de longe um cãozinho amarelo, que passara correndo. —Frank, perguntou-me, —você quer vir à minha fazenda para me ajudar a pegar um tigre?

Estávamos no terraço do clube de golfe de Singapura, e um cargueiro australiano, carregado de carneiros, vinha entrando no porto, logo por trás de nós.

—Não me diga que você se lembrou do tigre por causa daquele cachorrinho!

—Pois foi exatamente o que se deu. Se você quiser realmente um tigre vivo... Interrompeu a frase, tirou alguns charutos do bolso e deu-me um.

—Você conhece Dick Scott, por acaso? perguntou. —Pois Dick tem dois filhinhos, e lembrou-se de dar um cachorro a eles. Durante suas últimas férias, comprou um alsaciano, forte, de pelo cinzento, e esbelto como um lobo. Deram-lhe o nome de Binji. Era um ótimo animal, manso, e ao mesmo tempo excelente cão policial e companheiro de brincadeiras para as crianças.

—Você está pondo tudo isso no passado, observei.

Os olhos de Johnson se moveram em direção ao cargueiro. —Pois é, concordou. —E é por causa de navios como aquele. Depois da travessia, esses carneiros passam à engorda nas terras de pasto, perto de onde Dick mora. Uma noite, o rebanho foi atacado, e de manhã encontraram seis carneiros com os pescoços dilacerados.

—Binji?!

—Justamente; o culpado foi Binji. Não havia dúvida. Encontraram fios de lã e manchas de sangue no focinho do cachorro, e a corrente que o prendia estava partida. Depois disso, passaram a amarrá-lo, de noite, com uma corrente tão grossa e forte, que serviria até para prender um leopardo.

«Mas Binji era forte, e já tinha provado o gosto do sangue dos carneiros. Uma noite, partiu de novo a corrente e, daquela vez, uns doze carneiros foram estraçalhados. Era demais. Dick não queria um cachorro dessa espécie. Por isso, naquele mesmo dia, levou Binji ao hotel onde eu me achava hospedado. É neste ponto que passo a fazer parte da história.

«Eu nunca tinha visto Binji até aquele momento, quando entrei no bar do hotel. Dick lá estava e o cão, deitado aos pés dele, era um lindo animal, e eu não escondí minha admiração. —Pode ficar com ele, se quiser, disse Dick. É um bicho matador... Já paguei o preço de 18 carneiros e não pretendo pagar mais.

«Eu tambem não queria bicho matador... Mas me lembrei imediatamente de uma tarefa para aquele cachorro, e disse ao Dick que ficaria com o Binji.

«Dick me entregou a corrente, sem uma palavra. O cão olhou para ele, primeiro, e depois para mim. Não havia, nos olhos dele, uma expressão de reprovação, mas apenas de surpresa. Foi me seguindo tranquilamente, e até parecia satisfeito.

Johnson fez uma pausa; depois, sem olhar para mim, acrescentou: —Você

sabe por que foi que eu fiquei com o cachorro, Frank? Queria que ele me servisse de isca para tigre.

«Como já lhe disse, há um tigre na minha fazenda. Você sabe que, para atirar num tigre, é preciso licença, e a burocracia é infernal... Mas não há lei alguma que proiba apanhá-lo vivo. O que me faltava era uma boa isca. Qualquer bicho que uivasse e fizesse um barulho tremendo durante a noite. Por isso, decidí empregar o matador de carneiros.

«Não se esqueça, Frank, que eu nunca tinha visto aquele cachorro antes daquele dia. Julgava tratar-se de uma verdadeira fera. Já depois, parecia-me impossivel que aquele cachorro de aspecto manso e tão afetuoso fosse, realmente, capaz de matar carneiros. Como você sabe, minha fazenda fica do outro lado do rio, uns 15 km mais acima. Pois não precisei forçar Binji a entrar na lancha; entrou tranquilamente, como se tivesse a mais absoluta confiança em mim, e houvesse aguardado aquele passeio a vida inteira. Latiu em direção às ondas, ficando, às vezes, com o focinho coberto de espuma. Depois punha o focinho debaixo de minha mão e me olhava como se quisesse dizer: —Que viagenzinha boa!

«Quando eu estava jantando, Binji ficou deitado aos meus pés, sem tirar os olhos de mim. Não pediu que eu lhe desse coisa alguma, mas era evidente que mantinha esperanças nesse sentido... Lancei alguns restos para ele, coisa que nunca faço com cachorro, à mesa. Mas, afinal de contas, ele ia morrer... você compreende. Os próprios criminosos, condenados à morte, fazem uma última refeição. E era agradavel ver a expressão de gratidão, nos olhos do bicho, quando apanhava um pouco de comida. Depois, fui me sentar no terraço, acendí um charuto, e fiquei contemplando as estrelas. Binji pôs a cabeça no meu colo. Fez aquilo simplesmente, com um gesto de amizade. Eu me levantei depressa, e chamei o empregado, dizendo: —Venha comigo. Quero pôr uma isca no alçapão.

«Binji nos acompanhou de boa vontade. Parecia encantado com aquele passeio pelo atalho na floresta. A cauda dele, de um cinzento claro, abanava sem parar, enquanto ele explorava o mato com o focinho. Sempre tive a impressão de que não há nada que agrade mais a um cachorro: sair assim solto, na escuridão da noite, mas com um homem para seguí-lo e chamá-lo pelo nome, de vez em quando. Afinal, chegamos ao alçapão. Você sabe como são essas armadilhas: feitas com troncos de árvores e com uma porta corrediça que funciona quando o bicho pisa na mola. Só depois que o rapaz o deixou lá dentro, foi que Binji percebeu que havia, em tudo aquilo, algo de estranho. Começou a gemer.

«Binji era um assassino, um cão perverso. Dick ia mesmo matá-lo, de qualquer maneira. Tudo isso eu repetí, de mim para comigo, no caminho do regresso. Já agora, eu ouvia, de longe, os uivos de Binji, que chorava e gritava a plenos pulmões. O empregado observou que quanto mais ele uivasse, melhor, porque atrairia o tigre na certa. Para mim, aquilo já não era consolo. Um lindo cão alsaciano, como aquele, sozinho na escuridão, e, alí perto, um tigre, que poderia reduzí-lo ao silêncio, de um momento para outro!

«Fui para a cama, mas não pude dormir. Fiquei imaginando uma porção de coisas estranhas, e sempre me surgia aos olhos a imagem do cachorro, com seus grandes olhos castanhos, o focinho franzido, as patas amigas no meu colo... Comecei a refletir. Eu não tinha cachorro. Binji podia matar carneiros, mas alí não

havia carneiros. Por conseguinte, eu bem que podia ficar com ele.

«É estranho como a gente é capaz de mudar de idéias, de um minuto para o outro. Até então, eu queria que o tigre caisse na armadilha. Agora, minha maior esperança era que não caisse. Chame a isso o que quiser: sentimentalismo, a lembrança do focinho úmido de Binji no meu colo, a alegria dele na lancha; a expressão daqueles olhos, quando ele estava deitado aos meus pés... Fosse lá o que fosse, chamei o rapaz às pressas: —Venha! Vamos tirar o cachorro da armadilha! Percorremos aquele quilômetro numa corrida desenfreada. Se V. algum dia tiver cachorro seu, há-de compreender perfeitamente...

«Quando fomos chegando perto da armadilha, não se ouvia o menor ruido. Para mim, aquilo significava que o tigre já tinha matado Binji. Foi então que eu ouví um gemido muito baixo, como se fosse um bebêzinho. E lá surgiu a cabeça de Binji, com os olhos brilhando à luz da tocha, o focinho preto entre as grades do alçapão, e o rabo cinza claro abanando, num sinal de confiança e de amizade. Tive a impressão de que ele tentava dizer: —Está bem. A brincadeira estava boa, mas chega... Vamos brincar de outra coisa. Mal se viu solto, veio, aos pulos, em direção a mim. Veio correndo, ansioso, com o rabo abanando, e a língua pendurada para fora. —Venha cá, eu disse. —Vamos para casa, Binji. Ele lá se foi, pelo atalho acima, assim como tinha vindo, farejando aquí e alí, ora mais afastado ora mais perto, quase aos meus pés.

«De repente, aconteceu qualquer coisa; foi tão de súbito, que nem tive tempo de levantar a tocha. Qualquer coisa avançou na escuridão, com um ruido sinistro. Vi como que duas pontas de lança, de marfim, brilhando na treva, avançando diretamente para cima de mim. Eram duas agulhas cruéis e aguçadas. Eu tinha tropeçado num javalí selvagem que estava protegendo a fêmea e sua ninhada. Um animal feroz, de cem quilos, pronto a me estraçalhar. Não houve nem tempo de apertar o gatilho da espingarda, pois tudo foi rápido e inesperado. Eis senão quando, qualquer coisa cinzenta pulou ao lado. O javalí lançou um uivo e eu vi as presas de marfim desaparecerem na escuridão. Foi então que ouví os gemidos de dor de Binji, e depois um grunhido selvagem: o grunhido do matador de carneiros!

«Matei o javalí, disse Johnson, lentamente. —Encontrei Binji com o peito atravessado pelas duas presas, e os dentes cravados na garganta do javalí.

Da seção de miscelânea da revista «Time»:

¶ Certo domingo, os membros da Sociedade Americana de Meteorologia escolheram um *dia ideal* para fazer o piquenique que realizam todos os anos, e tomaram uma chuvarada em condições...

¶ Certo dia, um grupo de soldados, que iam num ônibus, ouviram uma voz feminina dizendo ao chofer: «Espere, que eu vou tirar a roupa!» Todos quase quebraram o pescoço para olhar... e o que viram foi uma lavadeira tirar do caminho uma trouxa de roupa.

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

— 23 —

O verdadeiro valor do dinheiro

Por Stefan Zweig

Um escritor que encontrou uma segurança nova, quando o dinheiro perdera todo o seu valor.

Em 1923 enviei um livro para o meu editor em Leipzig, livro esse em que havia trabalhado durante um ano. Pedí adiantadamente o pagamento dos direitos autorais, relativos a dez mil exemplares. Durante os quatro dias que se seguiram entre a chegada do cheque e o recebimento da quantia correspondente, a soma do mesmo perdeu de tal maneira o valor que chegava a importar menos que os selos que gastei para remeter o manuscrito. O produto de um ano inteiro de esforço perdia-se assim em quatro dias— nessa dansa louca da mágica dos números, que foi a inflação das moedas alemã e austríaca após a guerra de 1914.

Nesse mesmo ano atirava-se tanto dinheiro no chapéu de um mendigo quanto seria toda a fortuna dos Rotschild nos tempos de maior prosperidade. Houve um período em que um só ovo custava quatro bilhões de marcos, mais do que a receita de um país de 60 milhões de homens. Substituir a vidraça quebrada de uma janela ficaria mais caro do que valera a própria casa de quatro andares na semana anterior. Tudo que uma vez representara dinheiro se transformara num simples papel de números impressos e insignificantes. A riqueza não passava mais de simples resíduo que para nada servia.

Essa inflação fantástica, pela qual o governo alemão se livrava dos compromissos do após-guerra, é história conhecida. Mas naquela época ninguem entre nós percebia a imensidade da fraude. O que sabíamos era que o dinheiro perdia grotescamente o seu valor, após uma época de prosperidade ilimitada, em que proporcionara à minha família relativa segurança e conforto.

Mas sobreveio a guerra de 1914. A princípio o dinheiro ainda se mostrava o velho servidor, fazendo obedientemente tudo que lhe mandavam fazer. Pouco a pouco, porem, a moeda começou a correr, a saltar. A partir de 1919 foi derretendo de hora em hora, como manteiga ao sol. Numa manhã, ao despertar, descobrimos que a metade da fortuna da família desaparecera misteriosamente, como um cava-

Stefan Zweig, um dos mais famosos escritores do século, nasceu em Viena em 1881 e faleceu em Petrópolis em 1942. Sua reputação como poeta, romancista, ensaista e biógrafo já se estabelecera antes da Primeira Guerra Mundial, no Continente europeu. Suas obras foram amplamente traduzidas, e as suas biografias, entre as quais as de Magalhães, Maria Antonieta e Maria, Rainha da Escócia, ficaram célebres no mundo todo. Estas crônicas foram escritas em 1937.

lo da estrebaria, sem que ninguem sequer a tocasse.

Comprávamos um jornal da manhã por 30 mil marcos; o vespertino já custava 50 mil, e o do dia seguinte seria vendido por 100 mil. As notas de banco surgiam num valor que jamais víramos—de um milhão de marcos. Todo o mundo era milionário —mas apenas momentaneamente, pois uma semana depois o seu milhão perdera o valor e a pessoa era obrigada a pagar com bilhões. Engolfados nessa loucura, tentávamos em vão contar e calcular. O colapso da moeda numa velocidade tão doida excedia de muito o alcance do pensamento.

Hoje, quando penso naquele tempo, reparo—fenômeno estranho e inesquecivel—que a minha vida pessoal e as de inúmeras outras pessoas continuavam quase imperturbaveis. Sem dúvida foi um período dos mais dificeis para os pobres, mas exteriormente não notávamos nenhuma mudança decisiva em Berlim e Viena. A vontade de viver mostrou-se mais forte do que a desvalorização. Os trens corriam repletos; o correio vinha pontualmente; o padeiro continuava assando o pão; o camponês arava a terra; as crianças continuavam a nascer e a ser educadas; todos prosseguiam no exercício de suas profissões como dantes. Da minha parte trabalhava tão bem como sempre, talvez melhor, com maior intensidade.

Não sei mais explicar como pude obter as fabulosas somas necessárias, naquela época, para pagar um único almoço. Mas as obtinha, como o faziam os outros. Ao perdermos dinheiro, jamais perdemos a coragem ou a alegria de viver. Em vez disso, quanto mais o dinheiro se desvalorizava, mais importância iam assumindo os valores permanentes da vida: trabalho, amor, amizade, arte e natureza. Rapazes e moças passeavam pelas montanhas, regressando corados de sol e contentes; os salões de dansa viviam cheios; surgiam novas empresas comerciais, fábricas e casas. Poetas e escritores prosseguiam inspirados, e nunca lhes prestamos tanta atenção ou os ouvimos mais gratos, porque através da deslealdade do dinheiro a alma havia reconhecido o que realmente continuava fiel, duplicando, então, o seu esforço em preservar e defender esse tesouro de valores reais.

Jamais olvidarei o dia em que, na bilheteria da ópera de Viena, comparecí com um maço de notas para adquirir a minha entrada, quantia que em outros tempos seria suficiente para manter uma vida de conforto durante 3 anos. Entrávamos apressadamente, embrulhados nos sobretudos, devido à falta de carvão para aquecer o teatro. Depois, subitamente, o maestro erguia a batuta—e tudo era encantamento. Os músicos tocavam e os cantores cantavam como nunca, enquanto nós ouvíamos com desconhecida delícia. Nem antes e nem depois pude jamais assistir a um espetáculo mais perfeito do que naquela noite de extrema insegurança.

A dansa macabra da moeda perdurou na Áustria e na Alemanha, três anos, até que, por fim, o câmbio se estabilizou. E então a velha ordem de preços firmes retornou novamente. Mas o que para mim nunca voltou foi a antiga atitude diante do dinheiro. A sua magia havia desaparecido para sempre. Compreendí de uma vez por todas que o seu poder não estava inseparavelmente ligado ao que há de mais íntimo em nós.

Eu seria insincero se dissesse que desde então passei a desprezar o capital; de maneira alguma subestimava o prazer e a tranquilidade que o dinheiro pode proporcionar. Abro-lhe a porta como para um visitante benvindo. Mas um visitante apenas... e nada mais. Não continuo a considerar-me seu dono, assim como não consinto que me escravize. Dessa única experiência, tive uma lição inapagavel no meu espírito, isto é, que a nossa verdadeira segurança repousa não naquilo que possuimos, mas em verdade naquilo que somos e no que fazemos de nós mesmos.

— 24 —

Não hesite nunca!

Por Stefan Zweig

O que distingue o homem verdadeiramente culto é a sua habilidade em aprender não somente com a sua própria experiência, mas tambem com a dos outros. Por isto, esta seção me parece de grande valor instrutivo.
—Stefan Zweig

O ESTUDANTE que mais prometia na Faculdade, em Viena, era um bonito rapaz de 16 anos, excepcionalmente dotado, diligente, ambicioso e de boas maneiras. Apelidamo-lo de «Metternich» em homenagem ao nosso grande diplomata, porque estávamos convencidos de que, dotado de tal inteligência, ele tinha na sua frente brilhante carreira pública. A única coisa que não nos agradava nele era a sua elegância: vinha sempre para as aulas num terno acabado de passar e a gravata cuidadosamente atada; quando fazia mau tempo, o chofer do pai trazia-o e levava-o num luxuoso carro. Ele, entretanto, nos parecia simpático, sem nenhuma arrogância, e todos gostávamos do rapaz.

Certa manhã o banco que «Metternich» costumava ocupar em aula permaneceu vazio. Na hora do almoço soubemos a razão. Na noite anterior, seu pai, chefe de uma importante empresa financeira, fora preso: descobrira-se que os seus negócios constituiam gigantesca fraude, e milhares de pessoas de menores recursos viram-se roubadas em suas economias ajuntadas a muito custo. Os jornais davam as notícias do escândalo em grandes cabeçalhos, com fotografias do culpado e até as da família.

Agora compreendíamos porque o nosso infeliz colega não viera para a aula. Durante uma quinzena em que os jornais continuaram a revelar maiores ninúcias sobre as trapaçarias do pai, o lugar de «Metternich» ficara desocupado.

Certo dia, porem, na terceira semana, a porta abriu-se. «Metternich» entrou disfarçadamente, sentou-se e, abrindo imediatamente um livro, não levantou mais os olhos durante as duas horas que se seguiram.

Ao bater a campainha para o intervalo de dez minutos, retiramo-nos como sempre da sala de aula. «Metternich» dirigiu-se diretamente ao fim do corredor e alí deixou-se ficar, sozinho, de olhar fixo para fora da janela, como se algo na rua absorvesse sua atenção. Mas nós sabíamos que o pobre rapaz fazia isso para evitar os nossos olhares, e que estava alí sofrendo de terrivel solidão.

Nossa conversação e nossas risadas morriam quando avaliávamos o quanto devia ser-lhe penoso ficar naquela atitude de isolamento, que se impusera. Evi-

dentemente esperava um sinal de amizade da nossa parte. Mas, receosos como estávamos, sem saber como lhe dirigir a palavra sem o ferir, hesitávamos. Nenhum de nós teve a coragem de dizer-lhe alguma coisa.

Depois de alguns minutos intermináveis, a campainha chamou-nos de novo para a aula. «Metternich» voltou-se e, em grandes passadas, chegou ao seu lugar sem nos ter dirigido um olhar. Seus lábios comprimidos pareciam ainda mais pálidos do que no momento em que se sentara e abrira o livro nervosamente. No fim do turno da manhã ele deixou a classe tão apressadamente que nenhum de nós logrou uma oportunidade para lhe dirigir a palavra.

Todos começamos a sentir certo remorso, e procuramos então ver como seria possivel reparar o ocorrido. Mas era tarde demais; ele não nos deu outra oportunidade. Na manhã seguinte, seu lugar ficou novamente vazio. Telefonamos para sua casa, e o que nos disseram foi que, ao regressar da aula, declarara à mãe que resolvera não continuar os estudos. E, de fato, saira logo de Viena para tornar-se aprendiz de farmácia num vilarejo do interior. Não o tornamos mais a ver.

Se tivesse sido capaz de continuar os estudos, teria provavelmente ultrapassado a todos nós na vida. Sem dúvida nenhuma, a nossa hesitação em ajudá-lo com uma palavra de animação desempenhou papel consideravel na ruina de sua carreira. Um único gesto amigo de nossa parte, naquela manhã, poderia ter-lhe dado força bastante para dominar a amargura.

Não foi falta de compreensão, indiferença ou intenção inamistosa que nos fez abandoná-lo naquele momento crítico: não foi outra coisa senão a falta de coragem que tantas vezes nos impede de dizer a palavra acertada, no momento em que é mais necessária. Tenho conciência de que é dificil aproximar-se a gente de uma pessoa, cuja alma queima de vergonha no fracasso ou na humilhação, mas aprendí nessa primeira experiência que não se deve hesitar nunca em obedecer ao primeiro impulso de oferecer apoio, porque uma palavra ou ato de compaixão tem realmente valor quando oferecido no momento de maior necessidade.

Desde então, toda vez que me vejo diante de alguem em estado de desespero ou humilhação, lembro-me do pobre «Metternich», de pé, na janela, ansiando por um sinal qualquer que revelasse nossa solidariedade, e esperando em vão; e então melhor consigo dominar a hesitação de oferecer consolo antes que seja tarde demais.

¶ Na vitrine de uma loja, havia um anúncio: «Artigos de besca.» Notando o erro, um freguês perguntou:

—Ninguem lhe chamou a atenção, antes?

—Muitas vezes, respondeu o vendedor. —Muita gente entrou, para me dizer. E todos compraram alguma coisa...

—Sam Holt

O que o homem nota primeiro na mulher

(Condensado de «You»)

No vestíbulo de um teatro, durante o intervalo, ouviu-se recentemente um senhor exclamar para um grupo de amigos: «Que bela mulher!» Imediatamente outro retorquiu: «Meu Deus, homem, que pés! Que *lanchas!*» Olhamos instintivamente para os da sua esposa. Eram de tamanho 34, delicados e bem calçados. Outro companheiro resmungou: «Bela? Com aqueles olhinhos de leitoa? Nunca!» Um terceiro declarou: «Com aquelas garras mulher alguma pode ser considerada bonita!» A causadora de tanta discordância de opiniões estava elegantemente trajada e era vistosa, deveras atraente.

Que dedução tirar de tal dissecação? Afim de constatar quão variadas são as primeiras impressões masculinas, indagamos de alguns cavalheiros o que cada um nota primeiramente em uma mulher. Se o leitor fizer a mesma pergunta a alguns amigos, ficará surpreso diante das dissertações que ouvirá sobre a anatomia, indumentária, fisiologia e psicologia femininas...

Christopher Morley, conhecido romancista norte-americano: «Depois dos olhos observo o timbre e a inflexão da voz. Não me parece que as mulheres saibam tirar proveito de seus recursos naturais. Para os homens de bom gosto nada tem sido mais deploravel que o hábito selvagem, adotado dos polinésios, de depilarem as sobrancelhas. O nariz tambem não deve passar despercebido. Há ocasiões em que verdadeiramente me divirto a observar formatos e tamanhos de narizes.»

George Platt Lynes, famoso fotógrafo de propaganda comercial: «Assim como as criaturas exóticas são às vezes as que mais vale a pena conhecer, não raramente são as feias os modelos mais interessantes. Não considero, pois, sacrilégio profissional dizer que a cutis de uma mulher é o que prende a minha atenção antes do mais. Uma pele sã, perfeita, resistente à claridade mais impiedosa, é algo que realmente me entusiasma.»

John Zinn, gerente do departamento de elencos da companhia Paramount: «Os olhos podem ser tão reveladores quanto uma autobiografia de quatrocentas páginas. Mente o olhar de uma mulher ou, pelo contrário, revela o que ela é ou pode ser? Vaidade, sedução, lágrimas, brilho, amor—que qualidades e que emoções os olhos são capazes de refletir! Uma mulher de porte gracioso, de conversa agradavel, que saiba vestir-se e que possua ademais olhos expressivos, não pode deixar de ser pessoa encantadora.»

Eddy Duchin, popular regente de orquestra de dansa: «Nove vezes em dez não me é dificil predizer a opinião que formarei de uma moça, bastando-me observar seu lábio inferior e ouvir sua voz. Não me iludem os disfarces—por mais

primorosas que sejam as obras de pintura! Quando enfrento um lábio fino, apertado, tenho ímpetos de me tornar invisivel, tal o pavor de ser interrogado sobre as teorias de Platão... As vozes tambem me fascinam, sobretudo as doces, guturais. Os lábios inferiores, porem, são a minha preocupação máxima, e às vezes chego até a ser importuno, quando persisto em examiná-los.»

Pavel Tchelitchew, pintor russo de fama mundial: «Os olhos são o ponto de maior atrativo e revelação—a expressão não pode ser dissimulada. Entretanto, todos os detalhes do vestuário de uma mulher e sua maquilhage denotam seu carater. Confesso ser inclinado a extremos. Um rosto cuja pele esticada mostre a ossatura, ou então o redondo, enrugado, de uma octogenária—ambos os tipos dão-me a sensação de me ter afastado do convencionalismo.»

Bert Goodrich, modelo favorito de escultores de renome: «Reparo primeiramente nas formas. Aprecio-as bem femininas, arredondadas, de cintura fina e pernas bem torneadas. Depois de analisadas as linhas de uma mulher, noto o seu sorriso. Acho que o sorriso deixa transparecer muito mais sobre a personalidade do que qualquer outra expressão facial. Um bonito sorriso requer, porem, dentes claros e regulares. Quanto à maquilhage e ao vestuário, sou pela moderação.»

Mainbocher, célebre modista: «A mim o que chama a atenção é a moldura do rosto formado pelos cabelos. Quando ainda principiante, costumava fixar primeiro o rosto, concentrando-me depois em lhe dar uma bela moldura de cabelos. Não é, entretanto, nem a qualidade, nem a cor, nem o penteado o que importa—a maneira pela qual são plantados os cabelos, isto sim, é que produz o efeito desejado.»

A persistência das histórias

Por Ida M. Tarbell

¶ Não há nada mais dificil do que desfazer lendas. Há sempre muito mais simpatia pelos historiadores que as confirmam ou que lhes dão origem, do que por aqueles que tratam de destruí-las. Há, por exemplo, a história de Herndon, segundo a qual Lincoln não apareceu no dia do seu casamento com Mary Todd, tendo o mesmo que ser adiado para outro dia.

Nunca duvidei da veracidade do incidente, até o dia em que, casualmente, mencionei o caso a uma parenta de Lincoln, que devia forçosamente ter testemunhado o acontecimento. A senhora indignou-se. «Essa história,» disse ela, «é pura invenção do Herndon! Nunca aconteceu tal coisa.» Surpreendida, procurei indagar de outras senhoras da mesma roda social, e todas negaram o fato.

Apesar de todas as provas que obtive, para desfazer a lenda, toda a gente me ouve com ares de grande dúvida. O que eu estava fazendo era estragar uma boa história, —tão boa que, de vez em quando, encontro alguem que me torna a repetí-la...

—*All in the Day's Work* (Macmillan, ed.)

Coisas que convem saber sobre o DDT

(*Extraído do «Baltimore Sunday Sun»*)

POR LOIS MATTOX MILLER

O DDT, inseticida maravilhoso, cujo desenvolvimento devemos à Segunda Guerra Mundial, começou a invadir o mercado civil nos Estados Unidos logo que diminuiram as encomendas militares. Poucas vezes se tem visto um produto novo despertar no público o mesmo grau de interesse que o DDT provocou quando se tornaram conhecidos os prodígios que levou a cabo nesta última guerra. Matou todas as moscas e mosquitos em ilhas inteiras do Pacífico; converteu a infecta Guadalcanal numa zona de repouso saudavel; pôs termo à epidemia de tifo de Nápoles e evitou a propagação da doença quando começou na Europa a odisséia das multidões miseraveis que buscavam seus lares.*

Essas histórias verídicas não vinham, porem, isoladas. Eram acompanhadas por descrições fabulosas sobre a potência do DDT, sobre o perigo que representava para a vida dos seres humanos e dos animais domésticos, e por conselhos orais —e até escritos—sobre a forma mais conveniente de aplicá-lo. Todavia, somente uma terça parte do que se contou tinha fundamento.

Eis aquí os fatos, devidamente comprovados nos Estados Unidos pelo Ministério da Agricultura, pelo exército e pelo fabricante.

Que é o DDT?

É uma substância sólida, incolor, inodora e cristalina, que se pode preparar sob a forma líquida ou como um pó. Na terminologia química é a dicloro-difenil-tricloretana.

Trata-se de uma descoberta nova?

Não. O DDT foi sintetizado pela primeira vez em 1874, mas apenas há seis anos uma fábrica suiça de produtos químicos descobriu o seu valor como inseticida. Só em 1942 chegaram aos Estados Unidos as primeiras amostras.

Como exerce sua ação?

O DDT ataca o sistema nervoso dos insetos. Após entrarem em contacto com ele, as moscas e mosquitos são atacados por convulsões e logo em seguida pela paralisia. A morte sobrevem dentro de meia hora, nas moscas e mosquitos; dentro de algumas horas nos percevejos; e ao fim de uma semana, nas baratas.

Como se deve usar o DDT em casa?

Para as moscas e mosquitos é suficiente uma solução de pó de DDT absorvente e água, na proporção de cinco por cento. A aplicação deve fazer-se com um contagotas (e não com um pulverizador), nas paredes, cortinas, moveis, enfim, de modo geral, em todos os outros pontos onde

*Vd. «Boa notícia! Vamos ficar livres dos insetos,» SELEÇÕES, agosto 1944.

os insetos costumam pousar. Tambem pode empregar-se uma solução de 5 por cento de DDT e querosene inodoro, tomando-se o cuidado de não fazer a aplicação junto do fogão ou das chamas. Esta última solução é igualmente eficaz contra os percevejos e pulgas, mas contra estas últimas e contra as baratas podem obter-se melhores resultados utilizando um pó fino, na percentagem de 10 por cento.

Será o DDT nocivo para as pessoas?

O exército, o Departamento de Saude Pública e o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, após terem vigiado cuidadosamente a aplicação de milhares de toneladas de DDT, tanto no estrangeiro como no país, anunciaram que os seres humanos não tinham nada que recear do produto, uma vez que o empregassem de acordo com as respectivas instruções. O DDT é evidentemente tóxico se for ingerido, e não pode ser aplicado, sob forma líquida ou em pó, junto de alimentos descobertos ou sobre verduras ou legumes que se utilizem nas refeições.

Prejudica os moveis ou o vestuário?

Não, exceto se combinado com qualquer solvente prejudicial. As soluções de querosene ou nafta podem usar-se com plena segurança, mas as soluções aquosas deixam resíduos visiveis nas superfícies escuras ou polidas. Tais resíduos são, porem, faceis de remover.

É preciso calafetar as salas, como se faz para as fumigações?

Ao contrário, se as portas e janelas estiverem abertas é possivel pulverizar ao mesmo tempo as venezianas, telas e sacadas. O solvente de querosene inodoro faz com que as partículas de DDT adiram durante muito tempo às superfícies pulverizadas, assegurando o efeito duradouro do produto.

Será o DDT eficaz contra as traças?

É. As lãs e peles caras podem ser protegidas polvilhando-as com pó de DDT na concentração de 5 por cento, ou pulverizando-as com uma solução de DDT em nafta, na mesma proporção. O inseticida mata imediatamente as larvas das traças. É fato que não afeta os ovos, mas as larvas que deles saem são mortas logo que estabelecem contacto com os cristais do produto. As peles e lanifícios pulverizados com a solução de DDT em nafta podem guardar-se durante seis meses, inteiramente à prova de traças, em sacos, malas ou gavetões. O DDT tambem mata os parasitas dos tapetes.

Pode misturar-se o DDT com as tintas de parede?

As experiências realizadas demonstram que o DDT conserva a eficiência, possivelmente durante vários meses, quando misturado com tintas de água ou com gesso e cola. Todavia, é muito menos eficaz quando misturado com tintas de óleo.

Pode empregar-se o DDT nos cães e gatos?

Um polvilho de DDT, geralmente à base de talco, conserva os cães isentos de pulgas, piolhos e carrapatos. Contudo, como os cães são lavados com frequência e muitas vezes andam na chuva, deve aplicar-se o pó com regularidade. Nos gatos somente a cabeça e o pescoço se devem polvilhar, e ainda assim com porções fracas, uma vez que eles lambem o pelo.

Qual é o valor do DDT para os jardins?

Antes de usá-lo consulte as autoridades especializadas da Agricultura. É que matará muitos insetos e parasitas das plantas, mas será ineficaz contra outros, e pode deixar resíduos venenosos.

O DDT mata o cupim?

Mata. Uma solução de querosene e DDT a cinco por cento, usada para contaminar o solo, conservou a sua eficiência completa durante mais de duas safras consecutivas.

Será eficiente tambem contra os piolhos da cabeça?

Sem dúvida. Para o corpo e para a roupa costuma usar-se um polvilho de DDT a dez por cento. Aplicado no cabelo, mata os piolhos, mas não afeta as lêndeas ou ovos. Todavia, se não for lavado, os piolhos serão mortos à medida que nascerem.

Pode utilizar-se o DDT para «afastar» os mosquitos?

Não. Ainda que uma pessoa tenha sido polvilhada ou pulverizada com um composto de DDT, os mosquitos mordem antes que o preparado possa produzir resultados. Mais tarde, porem, os mosquitos serão vítimas da sua própria mordedura.

O DDT mata as abelhas, pássaros e peixes?

É fato que o DDT mata as abelhas, mas há muitos outros inseticidas igualmente nocivos. O próprio arseniato de chumbo, que se usa com tanta frequência, é muitas vezes transportado para as colméias e tem morto colônias inteiras. Atualmente estão sendo realizadas experiências para averiguar a ação do DDT sobre a fauna dos bosques. O pó de DDT, na proporção de 5,5 kg por hectare, para exterminar os insetos dos bosques, matou pássaros e peixes.

Como poderão identificar-se os preparados de DDT legítimos?

Leia o rótulo! Todos os fabricantes honestos indicarão com clareza: (1) a percentagem de DDT; (2) o tipo de solvente; e (3) quais as aplicações mais adequadas para o seu produto. Não se deixe enganar com alguns produtos inferiores que pretendem aproveitar a fama do inseticida, anunciando «Contem DDT». A maior parte não passa de inseticidas vulgares aos quais se adicionou DDT em proporções tão insignificantes que a sua eficácia é praticamente nula. *Leia o rótulo com cuidado ao comprar.*

¶ Um vendedor de uma casa editora ofereceu a um velho lavrador-comerciante uma coleção de livros sobre agricultura. O velhote folheou os livros, e disse:
—Não, não me interessa.

—O senhor devia ter esses livros, observou o caixeiro. —Se o senhor tivesse esses livros poderia ter lavrado a terra duas vezes melhor do que agora.

—Ora essa! replicou o velho. —O que eu consigo lavrar agora não corresponde nem à metade do que eu já sei!

—Jonathan Daniels, *A Southerner Discovers the South* (Macmillan, ed.)

A maleavel casa real da Inglaterra forma uma rainha que talvez vá reinar num país socialista

A futura Elisabete da Inglaterra

(Condensado de *Life*) POR WILLIAM W. WHITE

A Princesa Elisabete Alexandra Maria Windsor, que algum dia terá direito à obediência de 489 milhões de súditos, como Elisabete II, Rainha, pela Graça de Deus, da Grã Bretanha, Irlanda e Domínios Britânicos de Ultramar, Defensora da Fé e Imperadora da Índia, viu há pouco a ilha de sua coroa no turbilhão de brusca mudança política. Suas únicas palavras de que se tenha conhecimento, quando soube que seu bom amigo Winston Churchill sossobrara na avalanche de votos de esquerda, foram: «Ora, que pena!»

Isto não quer dizer que os acontecimentos do dia passassem completamente despercebidos a Elisabete. É que a ensinaram a pensar muito e falar pouco.

Aos 19 anos, já está muito bem preparada, e compreende perfeitamente os deveres, as honras e restrições que impõe o trono—e muito especialmente as restrições... Desde os dias em que a primeira Elisabete disse a um ministro presunçoso que naquela casa só haveria uma senhora e nenhum senhor, os ingleses vêm tão diligentemente cerceando os poderes da Coroa, que não resta mais grande coisa. Hoje, só ficaram a prerrogativa de escolher os pares, o nunca usado direito de veto na qualidade de presidente do Conselho Privado, e a honra meio dúbia de nomear um Primeiro Ministro previamente escolhido pelo eleitorado britânico.

Hoje, como herdeira presuntiva (enquanto seu pai viver, *presume-se* que ele possa ainda ter um herdeiro), a Princesa Elisabete não tem poderes, obrigações de estado, nem funções constitucionais. Quando for coroada, sua função mais importante será a de símbolo de continuidade. Podem cair governos, dissolver-se partidos, mas o Trono permanece sempre. Nessa certeza quase absoluta, os ingleses encontram inexplicavel prazer. Os gastos da Coroa contam-se entre os poucos que os cidadãos pagam sem reclamar.

Até aquí, Elisabete apresenta todas as probabilidades de corresponder à recente previsão de um dos estadistas mais velhos da Grã Bretanha: «Ela tem inteligência, encanto e personalidade. Será uma rainha habil. Pode até ser uma grande rainha.» Grande, ou apenas habil, será sem dúvida uma rainha atraente. De altura ideal (1 metro e 66), Elisabete herdou de seus antepassados de Hanover um busto bem desenvolvido, uma pele encantadora, clara e rosada, dentes alvos e belos, e muita saude. Infelizmente, não é fotogênica, porque seu maior encanto está nas cores.

Seu porte real faz lembrar aos velhos da Corte a figura de sua avó, a Rainha Maria.

Menos brejeira que sua deliciosa irmã de 15 anos, Margarida, que mais de uma vez tem sacudido de riso a sala de jantar com seus arremedos de visitantes ilustres, a Princesa Elisabete já deu provas de ter espírito independente. Quando, há pouco mais de um ano, ela se viu sujeita, como suas futuras súditas, à mobilização nacional, o Rei, depois de longas deliberações com seus conselheiros, decidiu que sua educação para o trono era mais importante que a questão da crescente falta de braços, e que Elisabete não deveria formar em nenhum corpo auxiliar feminino. Mas a moça não pensava assim, e a Corte não tardou a anunciar que o Rei «tivera o prazer de conceder uma comissão honorária de segunda subalterna na ATS a Sua Alteza Real a Princesa Elisabete».

Dois dias antes do prazo regular, Elisabete terminou o curso de motorista, depois de assistir às aulas e besuntar as mãos de graxa lidando com motores. Em geral, ao terminar esse curso da ATS, as alunas conduzem um veículo motorizado pelas ruas de Londres a título de experiência. Resolveu-se que a Princesa não o deveria fazer, visto que os perigos de um acidente com a herdeira do trono seriam grandes demais. Mas, enquanto essa grave decisão passava pelas engrenagens da máquina burocrática, Elisabete conduzia pelas ruas um carro militar camuflado. Chegou ao Palácio depois de fazer duas vezes a volta do Piccadilly Circus na hora de maior movimento, «para encontrar um tráfego bem intenso».

Quando a princesa empreende qualquer coisa, entrega-se a ela sem restrições. Assim é que, enquanto seguia o curso de motorista, a conversa à mesa do jantar encaminhava-se sempre para velas de ignição e funcionamento de motores. Em geral o assunto principal de conversa—na medida em que Elisabete pode decidir dela—são os cavalos. A princesa espera ter suas próprias cavalariças daquí a um ou dois anos, e concorrer com o pai.

Nas festas em residências particulares em Mayfair, a que Elisabete vai frequentemente com uma dama de companhia—e de que já tem voltado às três da madrugada—ela dansa com muitos jovens, sem mostrar preferência por nenhum. Mas os nomes de alguns pares vêm constantemente à baila. O belo Lord Wyfold, um louro de 29 anos, o jovem Conde de Euston e o simpático Duque de Rutland são os três mais cotados. Pelas disposições da Lei de Sucessão ao Trono, Elisabete só se pode casar com o consentimento do pai, dado em conselho, e não o pode fazer fora da religião protestante. Se ela se casar, o marido não será rei quando ela ascender ao trono, mas príncipe consorte, como Alberto de Saxe-Coburg, marido da Rainha Vitória. Bem problemático é o número de candidatos a essa posição por assim dizer subalterna.

A primeira vez que Elizabete apareceu oficialmente em público depois da coroação de seu pai foi no País de Gales. Em vez de se apresentar no ambiente solene da Corte, em uma recepção palaciana, a princesa fez sua estréia ao clarão alaranjado dos fornos de uma fundição de estanho. Desde então, tem aparecido muitas vezes em público, com a família ou sozinha. Já fez duas palestras pelo rádio e uma dúzia de discursos.

A cerimônia mais importante a que presidiu até agora foi o lançamento do maior e mais novo vaso de guerra britânico, *H.M.S. Vanguard*. A despeito do dia cinzento de inverno, tendo ela até confessado a um oficial a seu lado que

estava «nervosa demais para sentir frio», desincumbiu-se de seus deveres impecavelmente. Só mais tarde mostrou ser mais mulher que princesa. Fora mimoseada com um belo broche de diamantes, e enquanto algum personagem ilustre se estendia num solene discurso brindando-a, Elisabete examinava atentamente a jóia admirando-lhe a beleza em todos os detalhes.

A educação de Elisabete é rigorosa. «Vovó Inglaterra»—a Rainha Maria—parece ter tido toda a firmeza com a menina, impondo maior respeito à pequenina Elisabete que aos outros netos. Os dois pequenos Lascelles—Gerald e George—tinham na primeira idade o hábito de invadir a sala correndo e atracar-se aos tornozelos da Rainha Maria, que muitas vezes era forçada a defender-se valentemente com o auxílio de seu célebre guarda-sol. Elisabete, porem, era felizmente menos turbulenta.

A Rainha Maria ensinou à menina a arte de falar com inteligência às visitas, e bem cedo a jovem Elisabete aprendeu a coisa mais dificil: que era preciso demonstrar interesse pela conversa, por mais árida que fosse. Afim de lhe despertar e alargar a curiosidade, a avó visitava com a pequenina Elisabete o Museu Vitória e Alberto, a Casa da Moeda, o Banco da Inglaterra, o museu científico de South Kensington, a Torre de Londres, a Abadia de Westminster, a Galeria Nacional, e outros lugares famosos.

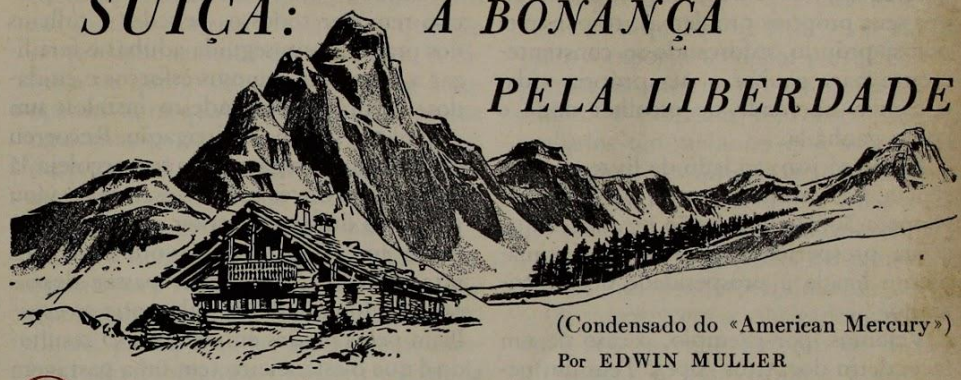
Desde os seis anos, Elisabete tem como professora uma jovem escocesa muito competente, Marion Crawford—«Crawfie» como todos a chamam na família real. Se a princesa achasse mais facil aprender história deitada de bruços no chão do quarto de Crawfie, como de fato o achava, a professora nada tinha a opor. Aos 12 anos, a menina havia dado prova de grande aptidão para história e línguas, e positiva repulsa pela matemática. A essas alturas, sua educação tornou-se, como de praxe, assunto de consulta ao Gabinete.

A mãe de Elisabete queria mandá-la para um colégio de meninas, onde poderia entrar em contacto com outras de sua idade, mas a escolha de um colégio e os estudos especializados que se exigem de uma alteza real eram sérios problemas, e por isso decidiu-se contratar vários professores para ela, como se fizera para a Rainha Vitória. Seus estudos de história compreendem as mudanças constitucionais desde os tempos dos Saxões até hoje, e a história da legislação territorial e do desenvolvimento agrícola da Inglaterra. É tambem muito versada em história americana, e fala francês correntemente. À educação que na era vitoriana se considerava aprimorada—o estudo de piano e canto—a Princesa Elisabete acrescentou algumas prendas bem do século XX: sabe nadar e guiar automoveis, gosta de música de dansa americana, é excelente amazona e boa atiradora.

Quando era ainda pequena, perguntaram-lhe um dia que queria ser quando crescesse. Sem hesitar, a menina respondeu: «Queria ser cavalo.» Com o tempo, essa ambição se modificou. É dificil saber se há quem goste sinceramente da idéia de levar a vida um tanto vazia de uma rainha de nossos tempos. Mas, para Elisabete, essa vida é um dever; e, assim sendo, sua ambição é sair-se bem. Se, como a primeira Elisabete, a futura rainha da Inglaterra refletir e estimular o espírito contemporâneo de seu povo, ela pode ter na história um lugar de importância similar. A primeira Elisabete construiu o Império Britânico. A segunda, naturalmente por métodos mais suaves, pode conservá-lo unido.

Os suiços confiam mais no esforço próprio do que na ação do governo, e só lucram com isso, tanto em dinheiro como em liberdade

SUIÇA: A BONANÇA PELA LIBERDADE



(Condensado do «American Mercury»)

Por EDWIN MULLER

Os suiços não possuem nenhuma das coisas que normalmente consideramos como elementos essenciais da prosperidade. O país, alem de exíguo, pode considerar-se superpovoado. As terras araveis não produzem sequer o bastante para alimentar metade da população. A Suiça não tem minas de hulha nem poços de petróleo, possue pouco ferro e outros minerais—e quase não tem matérias-primas de qualquer espécie. Acresce que a nação, encravada no centro da Europa, não tem acesso direto ao mar. Pois apesar de tudo isso, os suiços têm sabido manter um nivel de bem-estar tão elevado quanto o de qualquer outro país do mundo, senão mais elevado. Em 1928—que foi nos Estados Unidos um ano de grande prosperidade, e o último dos anos sobre que existem estatísticas acessiveis à comparação—os Estados Unidos tinham uma riqueza *per capita* de 2.098 dólares. Nesse mesmo ano, a riqueza *per capita* na Suiça era de 3.126 dólares. E mais, a pobreza era quase desconhecida na república helvética.

Durante os anos de crise que se seguiram, a Suiça sofreu, como o resto do mundo, mas o desemprego, considerado proporcionalmente à população, foi alí menos de um quarto do desemprego dos Estados Unidos. A indigência não se alastrou como noutros paises, e hoje, apesar da guerra e suas devastações, a Suiça é um oasis verdejante em pleno deserto.

A par dessa prosperidade muito consideravel, os suiços têm sabido guardar alguma coisa que é mais importante ainda: as liberdades individuais. Quase nos sentimos tentados a dizer que a prosperidade da Suiça é uma *consequência* da sua liberdade. Tem-se propagado muito, nestes últimos tempos, a teoria segundo a qual o individualismo não é compativel com o bem-estar nacional; que o preço da prosperidade se paga com a redução das nossas liberdades; e que se torna imperioso aumentar continuamente os poderes de controle do governo e centralizar a planificação das indústrias. Mas os suiços é que não estão dispostos a abandonar o seu sistema econômico de livre concorrência. Com a exceção do estado de emergência criado pela guerra, a vida econômica da nação nunca esteve sujeita à direção centralizada do governo.

O sistema de vida dos suiços, com efeito, apoia-se solidamente em um princípio: o da iniciativa, capacidade e recursos individuais—cada homem pronto a resolver seus próprios problemas, responsavel por si próprio, esforçando-se constantemente para ganhar a sua própria vida, e com a liberdade de escolher onde e como ganhá-la.

E não só isso: ao lado da livre concorrência, vamos encontrar alí o espírito de cooperação. Cada cidadão reconhece que a sua prosperidade pessoal está intimamente ligada à prosperidade do seu vizinho.

Vejamos, por exemplo, o caso de um fazendeiro dos Altos Alpes. Tem um pequeno sítio empoleirado na cabeceira dum estreito vale, a que serve de pano-de-fundo a muralha de uns precipícios cobertos de neve—três ou quatro hectares de solo pedregoso, em parte tão íngreme, que se o fazendeiro não estivesse habituado a fazer prodígios de equilíbrio, poderia, permita-se a expressão, «cair da fazenda abaixo» e se esborrachar todo.

Qualquer comissão central de planos econômicos teria, sem dúvida, decidido que semelhante fazenda vegeta em condições sub-econômicas de exploração, e é, como tal, improdutiva no ponto de vista da economia nacional. O fazendeiro seria despejado, e mandá-lo-iam trabalhar em alguma grande fazenda coletivista situada nas terras baixas do vale. Porem, entregue a si mesma e aos seus próprios planos econômicos, a família se mantem na fazenda, e consegue tirar da terra os meios da sua subsistência; e o faz para alem do que seria de esperar.

A fazenda cria porcos, vacas e galinhas. Para conseguir fazer uma hortinha produtiva, é preciso carregar o humus em cestas para um lugar mais abrigado. Desse modo a fazenda é quase auto-suficiente no ponto de vista da produção alimentícia. O produto que alí rende dinheiro é o leite. Mas, para haver leite, é preciso ter feno; e para se cultivar o feno é preciso remover todos os penedos e calhaus dos prados, e em seguida adubar e fertilizar a terra com penosos esforços e cuidados. O próprio fazendeiro instalou um engenhoso sistema de irrigação. Recorreu às águas dum regatinho que gorgoleja lá de cima das neves fundentes, e as desviou por meio duma caleira ou aqueduto formado com troncos de árvore escavados interiormente, fazendo-as passar depois através duma rede de valas, que as espalham pelos prados em declive. O resultado é que o estancieiro tem uma pastagem de feno tão espesso e luxuriante, como se tivesse crescido nos ricos nateiros de algum rio.

No inverno, quando há menos que fazer na terra, o fazendeiro e a família vão trabalhar numa fábrica da aldeia, ou trabalham por sua conta, em casa, como uma célula industrial independente. A família inteira fabrica peças de relógio, utensílios de madeira, charutos; as mulheres fazem bordados de mão e obras de palha entrançada. Recebem semanalmente as matérias-primas duma fábrica situada no fundo do vale, e remetem-lhe produtos acabados. Existe na casa um torno que é acionado pelo mesmo curso de água que rega os campos, e todos consagram a esses trabalhos manuais a mesma aptidão e o mesmo fervor que dedicam às restantes tarefas. Como a qualidade da mão-de-obra é boa, o pagamento é tambem elevado.

Os suiços gostam dos gêneros de atividade que permitem à família manter-se unida. Não se deduza daquí, porem, que a família é uma célula isolada, pois ela coopera de muitos modos com as outras famílias do mesmo vale. Durante o verão

os rebanhos juntam-se em manadas comunais, que os pastores, pagos por todos os fazendeiros, conduzem até as elevadas encostas vestidas de capim, mesmo junto aos grandes morros alpestres, e que são propriedade comum de todos eles. A fábrica de queijo da aldeia pertence à cooperativa, na qual cada fazendeiro possue uma cota parte do capital e dos votos, proporcional à quantidade de leite de que faz entrega—o que equivale à coparticipação na gerência e nos lucros.

A participação nessas atividades cooperativas é voluntária: o fazendeiro não é obrigado a juntar a sua manada ao gado alheio, para o mandar à pastagem; tambem não é forçado a transferir o leito da sua produção para a fábrica de queijo. Reserva-se o direito, que muitas vezes utiliza, de o fornecer ao hotel de turismo que existe lá em baixo no vale. Graças a essa combinação de trabalho individual e de cooperação com os outros, o fazendeiro vai-se governando, e, de ano para ano, a sua conta vai crescendo na caixa econômica. É uma vida de trabalho árduo, mas ao mesmo tempo uma fonte de satisfação. Acabado o dia de labor, ele se senta à cabeceira da comprida mesa, debaixo da lâmpada a que um lenço colorido serve de abajur; dum lado a mulher e as filhas, do outro os filhos. Em frente deles está a enorme terrina de sopa, o presunto, o queijo, o grande pão moreno. Tudo o que têm para comer é fruto do seu próprio trabalho.

O QUE atrás deixamos dito a respeito do fazendeiro é igualmente aplicavel aos outros trabalhadores suiços: todos eles ganham bem a vida—a despeito da pobreza de recursos do país—graças ao trabalho árduo e ao livre jogo das capacidades individuais.

O horário de trabalho é mais longo, e há poucos dias feriados. E a aptidão com que os suiços trabalham é talvez mais concentrada ainda do que a de qualquer outro povo. Tudo o que eles têm para vender é a qualidade. Para viver são forçados a exportar; a maior parte deles importam as matérias-primas das nações vizinhas, e fabricam com elas produtos acabados tão melhores que os dos vizinhos, que estes últimos se mostram sempre dispostos a comprá-los. Tal é a base de todas as indústrias suiças: relógios, instrumentos de precisão, maquinaria hidro-elétrica, produtos químicos e texteis.

Os suiços vêem-se obrigados a usar todo o seu engenho natural, de modo a ultrapassar o dos vizinhos; a inventar constantemente coisas novas e novos processos, melhores do que os antigos. Nos Estados Unidos são anualmente concedidas 160 patentes novas por milhão de habitantes: na Suiça registam-se 930 patentes por cada milhão de habitantes! Cada fabricante vive numa busca permanente de novas invenções. E não se pense que todo esse engenho está restrito aos laboratórios de meia dúzia de grandes empresas: encontra-se às mãos cheias por toda parte, entre as pequenas empresas e as firmas individuais.

A Suiça é um país de grandes negócios, especialmente no ramo das indústrias pesadas, mas as unidades industriais são geralmente pequenas. Só 30 por cento dos operários suiços trabalham para companhias que empregam 100 ou mais pessoas. A grande maioria das empresas tem em média menos de 20 empregados cada uma. A célula industrial típica, especialmente na indústria mais generalizada, que é a dos relógios, emprega em média 10 a 15 indivíduos, e o gerente é habitualmente o próprio dono.

Não há na Suiça uma separação profundamente marcada entre empregador

e empregado. Quando se percorre uma cidade, não é facil dizer qual é o bairro dos operários: no comum dos casos, este nem mesmo existe. O industrial e alguns dos homens que para ele trabalham, moram muitas vezes no mesmo quarteirão, e vão para a fábrica no mesmo bonde.

Marx e outros socialistas firmavam que, sob o sistema capitalista, os ricos seriam cada vez mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres. Mas a verdade é que o desnivel entre o salário dos gerentes e o dos operários é muito maior na Rússia comunista do que na Suiça capitalista.

Não há na Suiça muitas pessoas de enorme rendimento, e a economia do país não produz grandes concentrações de riqueza. Por outro lado, o trabalhador ganha em média bom dinheiro. Um habil relojoeiro pode fazer entre 200 e 400 cruzeiros por dia, e a aptidão técnica atrai recompensas semelhantes em outras indústrias. No comum dos casos, o trabalhador procura economizar boa parte do que ganha: em 1937, 75 por cento dos homens, mulheres e crianças da Suiça tinham conta nas caixas econômicas.

Não quero dizer que a Suiça seja a Utopia industrial. Tambem lá se dão greves e *lockouts* e se assiste a violências e acerbos conflitos. Mas no peor dos últimos 20 anos registaram-se apenas 41 greves, que envolveram um total de cerca de seis mil operários. A média anda por cerca duma terça parte desse número. Nenhuma das grandes nações industriais se pode gabar de estatísticas comparaveis, no que respeita a conflitos de trabalho.

Os sindicatos operários são fortes: mas tambem o são as associações de industriais. Nenhum dos dois grupos domina o oposto, porque o aparelho das negociações está muito bem organizado. Em cada indústria o sindicato operário e a associação patronal realizam um contrato que fixa os salários, os horários e condições outras de trabalho, e no qual vão sempre inclusas algumas disposições rigorosas e inflexiveis sobre a arbitragem dos conflitos.

Em todas as empresas se tomam medidas para um contacto íntimo e contínuo entre empregados e empregadores; é mesmo comum existir um comitê misto, em que uns e outros estão representados em partes iguais. Esse comitê reune semanalmente para discutir queixas e resolver quaisquer assuntos de interesse comum. É muito frequente ver-se o industrial discutindo nessas reuniões não só questões puramente de serviço, mas tambem aspectos da sua orientação financeira, as suas dificuldades e as suas esperanças.

O governo entra em contacto mais íntimo com o operariado através da legislação dos seguros sociais. Nesse campo os suiços se guiam por três princípios basilares: primeiro, a legislação não deve prejudicar a iniciativa e autonomia individual; segundo, a segurança deve ser obra voluntária de cada beneficiário; terceiro, a legislação deve ter em vista as condições locais.

A teoria dos suiços é que o Estado só deve preocupar-se com a sorte daqueles que são incapazes de olhar por si próprios: as crianças, os velhos, os doentes e os inhabilitados. Sempre lhes repugnou o gênero de legislação que pretende assegurar proteção social a cada indivíduo «desde o berço ao túmulo». As aposentadorias, os seguros contra o desemprego, os benefícios de doença (com exceção do seguro contra os acidentes no trabalho) baseiam-se geralmente em fundos especiais, voluntariamente estabelecidos em cada indústria, e para os mais contribuem juntamente os empregados, os patrões e o governo. Se qualquer indivíduo não

deseja os benefícios do seguro, não é em tal caso obrigado a pagar por ele.

A legislação social é tão localizada quanto possivel, isto é, tem carater regional. Cada um dos cantões que formam a confederação helvética sente que é capaz por si só de fazer face aos seus próprios problemas, muito melhor do que se os transferisse ao governo federal. Mas quando as indústrias transpõem os limites cantonais, a legislação que lhes respeita deve, por via de regra, promanar do governo central.

Os suiços crêem na indústria privada e no regime da livre concorrência. São ao mesmo tempo avessos ao monopólio particular. Quando, pela sua natureza, uma indústria tende a ser monopolizada, é o governo que se apropria dela, ou exerce o respectivo controle. O país é, por exemplo, demasiado exíguo para comportar várias empresas ferroviárias: o governo é dono das estradas de ferro. A mesma coisa se dá com as comunicações. E os serviços de utilidade pública são quase todos propriedade do governo local, ou estão sob o seu controle.

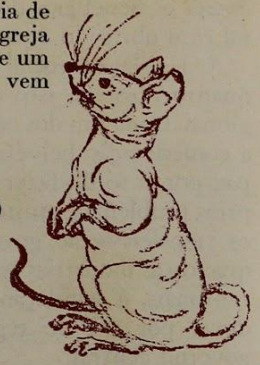
Mas o governo nem sequer tenta proceder ao planejamento centralizado das atividades industriais particulares. A teoria é que o Estado é que fixa as regras do jogo, e não os jogadores que nele tomam parte. É o Estado que se responsabiliza pela leal concorrência, e a sua atitude é antes a de quem diz «Não pode», do que «É preciso». E, mesmo assim, não abusa da sua autoridade para impor limitações excessivas à iniciativa pessoal.

Uma vez que cerca de 90 por cento dos artigos fabricados na Suiça se destinam a exportação, os suiços desejam que se mantenha no mundo a estabilidade monetaria e a liberdade de comércio, para que em toda parte os indivíduos sejam livres de comprar e vender uns aos outros. É certo que eles não sabem qual o mundo que os espera no futuro. Mas os suiços não são desses povos que «caminham relutantemente de costas para o futuro», com os olhos fitos tão somente no que passou. Todo o seu temperamento e o seu treino os impelem constantemente para diante. Querem progresso. Mas o progresso, para eles, não está em se afastarem da liberdade individual. Eles não vêem a liberdade e o bem-estar material como duas alternativas: ao contrário, vêem-nas como elementos indivisiveis, que se seguem e se completam.

¶ Certo marido mandou sua mulher, que tinha ficado seriamente enferma, passar uma temporada no ameno clima do sul, apesar dos seus limitados recursos financeiros. Sabendo que o marido não dispunha de muito dinheiro, a jovem esposa não esperava receber nenhum presente, e foi com alegre surpresa que recebeu uma grande caixa, contendo inúmeras cápsulas, com a receita: «Tome uma de manhã e outra de noite.» Cada cápsula continha uma pequena nota, em que o afetuoso marido recordava um episódio agradavel do passado de ambos.

—Claire MacMurray

Em junho de 1945, Seleções publicou: «O pináculo da fama», história de um garoto franco-canadense que se sentou no campanário de uma igreja para mostrar aos amigos como era corajoso. Esse garoto é o herói de um livro extremamente original e encantador: *The Happy Time*, que vem obtendo grande êxito



Meu amigo, o rato

(Condensado de «The Happy Time»)

ROBERT FONTAINE

UMA VEZ travei amizade com um rato. Eu nunca tinha conhecido rato algum, antes disso, e aquela nova camaradagem ensinou-me uma triste lição, em matéria de afeto e lealdade.

Às vezes eu levava comigo, para a cama, umas fatias de bolo, e escondia-as debaixo do travesseiro, afim de saboreá-las enquanto lia contos de fada. Era proibido, mas eu sabia que mamãe contava que eu o fizesse, de qualquer maneira, e o único interesse que tinha no assunto era manter a própria conciência em paz. Por isso mesmo, não levei em consideração suas advertências. O rato, como não tardei a averiguar, começara a roer os pedaços de bolo enquanto eu dormia. Surpreendí-o em flagrante, certa manhã. Felizmente mamãe ainda não tinha tido tempo de ensinar-me a ter medo de ratos. Pus-me a desejar que ele ficasse comigo, como animal de estimação. Pedí a Deus, com o maior fervor, que ninguem desse com ele e decidisse pôr, nalgum canto, uma ratoeira.

Mas papai entrou no meu quarto, uma noite, e viu o rato.

—O que?! exclamou, quando lhe passou diante dos olhos uma espécie de traço cinzento, como um relâmpago. —Que foi aquilo?

—Aquilo o que? perguntei, é claro que com o ar mais inocente deste mundo.

—Que foi aquilo que apareceu e sumiu, agora mesmo?

—Não vi nada, não. Você prometeu consertar meus patins, acrescentei, procurando mudar de assunto.

Papai franziu a testa e sentou-se devagar na minha cama.

De repente, porem, levantou-se, com uma expressão cruel nos olhos. Vi que já não era mais o homem bondoso de sempre, com a música no coração. Era, agora, um cruel caçador. Descobrira a porta da casa do rato, um buraco pequenino, perto de um dos cantos do quarto.

—Ah-ah! gritou, como um selvagem.

—Que foi? perguntei.

—Ah-ah! repetiu meu pai. Ajoelhou-se, e pôs-se a espreitar a casa do rato.

«Não deixe ele matar o rato!» pedí, silenciosamente, ao Criador. «Justiça é justiça. Já decorei duas vezes as rezas que me fizeram estudar, e no entanto «Você» mal se preocupa comigo. Eu gosto de Papai, e tenho respeito por ele. Mas, como «Você» sabe, e eu tambem sei, o rato é meu amigo.»

Era a primeira vez que eu dava ordens ao Todo Poderoso, e não estava lá muito certo de que aquele método fosse dos mais diplomáticos.

Procurei estabelecer uma animada pa-

lestra com papai; —Sabe o que eu aprendí hoje, na escola? perguntei, muito pressuroso.

Meu pai respondeu, sem levantar os olhos sequer: —Com certeza muito pouco, e nada que prestasse.

Pus-me a ver se descobria outro assunto de conversa, quando, subitamente, papai se pôs de pé, num pulo, segurando o nariz e praguejando.

Ao que parece, o rato lhe tinha arranhado o nariz, que era bastante longo. Não pude conter o riso. —Você tambem ficaria zangado, se alguem metesse o nariz na sua casa, observei.

Papai voltou para minha cama, um tanto embaraçado e esfregando o nariz. Começou a consertar minhas botas de patinação, e suspirei de alívio, julgando que ele tinha abandonado aquela idéia selvagem da caçada.

Talvez tivesse renunciado ao projeto, mas o louco do rato é que não renunciara a papai.

Mal este se sentara confortavelmente na cama, o rato saiu do esconderijo. Não só saiu, mas pôs-se de pé sobre as patas traseiras e olhou papai bem nos olhos. Foi como se tivesse procurado dizer: «Escute —eu não pretendia arranhar-lhe o nariz. Foi um mero acidente. Seu filho e eu somos bons amigos. Não é facil achar-se um verdadeiro amigo, neste mundo. Para um menino, como ele, é dificil, para um rato, como eu—quase impossivel. Que tal se discutíssemos o assunto, de homem para homem?»

Mas meu pai, que compreende tanta coisa tão bem, não compreendeu o rato. Viu apenas um animal selvagem, e procurou apanhá-lo. O rato, porem, que, aparentemente, já conhecia a natureza humana, foi bastante esperto para desaparecer.

No dia seguinte puseram no meu quarto uma ratoeira com um pedaço de queijo. Roubei o queijo em nome da minha amizade com o rato. Não havia outra coisa a fazer.

De manhã, papai, não vendo nem o queijo nem o rato, observou, com o mais acerbo sarcasmo: —Ah-ah! que rato genial este que temos por aquí, hein? Come o queijo e não cai na ratoeira!

Erguí os olhos para o alto, e procurei imitar, o melhor possivel, a expressão dos querubins nas imagens do catecismo.

—É muito possivel uma coisa destas, quando o rato é inteligente de fato...

Papai olhou-me bem nos olhos. —Não é possivel, replicou, firmemente. —Mas o que é muito possivel é que um menino de cabeça vazia esteja tirando o queijo da ratoeira.

—Que menino? perguntei.

—Você quer vê-lo? Basta olhar no espelho, respondeu meu pai.

Proibiu-me, então, de tocar no queijo. Era uma ordem direta, e não me restava senão obedecer-lhe.

Pus-me a rezar, de novo, pelo rato: «Nosso Senhor: salvei o rato uma vez. O que eu posso fazer, *Você* pode, na certa. Se as coisas se complicarem, por favor, trate de libertar o rato da tentação do queijo. Não deixe que ele caia em tentações, e procure livrá-lo da ratoeira.»

Apesar disso, aguardei, com o terror no coração, o fim de meu velho amigo.

Discutí o assunto com mamãe.—Quem tem um amigo que já deu provas de lealdade, deve ficar ao lado dele quando os outros querem maltratá-lo, não é?

Mamãe estava remendando um rasgão enorme, numa das meias de papai.

—É claro! respondeu.

—Ah! gritei, triunfante. —Então, porque é que a gente há-de pegar o rato?

Mamãe arregalou os olhos e levantou-se, bruscamente.

—O rato, repetiu, nervosamente. —Que rato?! Onde está o rato?

Papai bebeu um gole de vinho e dobrou o jornal. Olhou-me, do outro lado da sala, com um sorriso de sábia experiência. Percebí que acabava de cometer um erro de estrategia. Mamãe tinha medo de ratos.

—Esse menino tem um rato no quarto, explicou papai, calmamente. —Os dois são muito bons amigos, ao que ele diz. O rato não disse nada.

—Ponha a ratoeira, gritou mamãe. —Ponha a ratoeira.

—Já pus a ratoeira, continuou papai, pacientemente, —mas o rato tirou o queijo, sem cair na ratoeira.

—Impossivel! protestou mamãe. Voltou-se para mim e declarou:

—Você está proibido de tirar o queijo. Compreendeu?

—Está bem, não tiro, não, prometí, tristemente. —Mas só um covarde fica de braços cruzados, quando seu melhor amigo vai ser assassinado desse jeito!

—Ouça a eloquência dele! exclamou meu pai, um tanto embaraçado. —Mamãe mesma disse que ninguem deve fazer uma coisa destas, argumentei.

—Ah, mas quando é rato, é outra história, explicou mamãe.

—Amizade é amizade, insistí. —Quem quer lutar contra um amigo, luta, pelo menos, abertamente; não com ratoeiras.

—Ora essa! gritou papai. —Você quer que arranje um rabo, me ponha de quatro pés, e morda o rato com meus próprios dentes!

Dito isso, subiu a escada, foi ao meu quarto e preparou a ratoeira com um pedaço de queijo de tais proporções e tão apetitoso, que era, por si só, uma tremenda injustiça.

Suspirei. Agora, só Deus podia salvar o rato.

Quando acordei, aquela manhã, o queijo ainda lá estava. Pulei da cama, ajoelhei-me e agradecí ao Todo Poderoso. Depois, vestí-me e descí para o café, cantarolando alegremente. Tomei meu mingau de aveia, radiante. Alguns momentos depois, ouvimos um ruido estranho sobre nossas cabeças.

—Será o rato? perguntou papai.

Com a respiração suspensa, pus-me a rezar de novo. Mamãe, que estava preparando as torradas, não disse coisa alguma. Uns minutos depois, ouvimos novamente o mesmo ruido. Desta vez, parecia muito perto.

—O rato já aprendeu até a descer a escada? perguntou papai, surpreso. Não respondí, e procurei entreter-me em pôr a geléia na torrada. Nisto, sentí qualquer coisa tocar-me os pés. Olhei, e lá estava o rato, arrastando-se, penosamente, em direção a mim.

Ao dar com meu amigo, papai levantou-se às pressas. Não sei o que pretendia fazer. Talvez proteger mamãe. Não importa. Dentro de alguns segundos, o rato rolava morto a meus pés. Antes disso, porem, procurou dizer-me qualquer coisa, com um último olhar.

Papai correu pela escada acima e voltou exclamando estupefato: —É fantastico! O queijo não está na ratoeira. Parece que a ratoeira apanhou o focinho do bicho. Imaginem só—um rato que morreu de um beliscão no focinho!

Para mim, aquilo nada tinha de surpreendente. Eu sabia que se tratava de um rato corajoso. Mas o que eu não sabia era o que ele me pareceu explicar com os olhos, antes de cair morto:

—Veja:—eu era seu amigo, e você me matou. O que há, porem, de mais extraordinário é isto: ainda sou seu amigo. Vim morrer a seus pés afim de perdoá-lo. É facil gostarmos dos que se mostram bondosos para conosco; e é necessário, embora terrivel, gostarmos daqueles que nos atraiçoam.

Talvez o rato não tivesse querido dizer nada disso. Talvez fosse o meu próprio coração aprendendo, e crescendo.

—Papai, perguntei baixinho. —Rato tambem vai p'r'o céu?

—Vai, sim, respondeu meu pai tristemente. —O céu é para todos. Então você não sabia?

Mamãe, que permanecera pálida e silenciosa, através de toda a tragédia, disse, por fim, mansamente: —Agora, o melhor é arranjarmos um gato, para que isto não se repita.

Conselhos para o lar

¶ Quem morar em casas de teto muito baixo deve aprender com os camponeses italianos, que pintam de azul claro os forros de suas habitações, e estas ficam assim parecendo mais altas e mais frescas, por dentro.

—*News*, de Detroit

¶ Para fazer com que os quartos estreitos e compridos pareçam mais largos e mais curtos, é aconselhavel pintar de branco ou de creme as paredes das extremidades, e de cores mais escuras as paredes laterais.

—*American Magazine*

¶ Convem cobrir, com um vaso de vidro, o relógio cujo barulho incomoda, na mesa de cabeceira: desse modo, o ruido será abafado, mas se poderá ver a hora.

¶ Cacos finos de vidro, que escapam à vassoura, podem ser facilmente recolhidos com um pouco de algodão umedecido.

—*Capper's Farmer*

¶ Para afiar tesouras, corte com elas um pedaço de lixa várias vezes.

¶ Se uma vela é muito grossa para o castiçal, ponha o cabo da vela alguns momentos dentro de água quente, e, com um pouco de pressão, entrará no lugar.

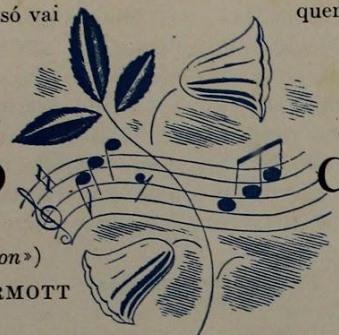
—*Progressive Farmer*

¶ Para que o reboco da parede não rache, ao se bater nela um prego, aqueça-se este previamente em água quente ou em solução de cera ou parafina.

—*4-H Horizons*

¶ Para enfiar a vareta das cortinas, sem pegar o pano nas mesmas, coloque-se na ponta da vareta um dedal ou um cálice pequeno.

¶ Esfregue-se polpa de nozes, ou de castanha do Pará, nas peças de mobílias arranhadas, para que os arranhões desapareçam. As manchas brancas nos moveis envernizados tambem desaparecem, se se esfregarem os mesmos com óleo de linhaça fervido e cinzas de charuto.

A esta cidade só vai quem gosta de música

Um povo de músicos

(*Condensado do «Recreation»*)

POR WILLIAM F. McDERMOTT

AGORA que a guerra acabou, haverá dentro em breve outra «corrida aos pianos» em Winfield, cidadezinha norte-americana de 11 mil habitantes, que se tornou um centro musical das planícies ocidentais do país. Cidadãos pacatos «arrastarão» pianos de casas de música, residências, igrejas e clubes para o salão de ginástica do *Southwestern College*, organizando então um festival realmente extraordinário.

A mudança de pianos se faz em grande escala. Para começar, juntam-se os instrumentos, pertencentes a dois ou três vizinhos, em uma sala de visitas, onde um grupo ensaia durante um ou dois meses. Depois, reunem-se numa loja de música, onde se formam grupos maiores, e cada grupo ensaia uma semana, usando-se ao todo 15 pianos. For fim, realiza-se o grande concurso do ginásio, com 100 pianos. Durante dois dias, sucedem-se várias turmas de 50 pianistas que ensaiam, aperfeiçoando os conjuntos.

Chega a grande noite, e perto de duas mil pessoas enchem o salão. Os executantes entram em marcha triunfal, passando por uma arcada. São advogados, banqueiros, moças granfinas, mães de família, jovens colegiais, homens de negócios, que se sentam ao piano, dois a dois. O maestro ergue a batuta, e 400 mãos começam a tocar ao mesmo tempo.

A música se avoluma como uma vaga poderosa quando os cem pianos soam em uníssono. Passa o crescendo, e o som se reduz a uma melodia tão suave que parece incrivel que venha de tantos instrumentos. Não se trata de simples unidade de execução; há uma unidade espiritual, nascida do amor à música.

Este concerto de piano é apenas uma das demonstrações da «loucura pela música» que reina em Winfield. Pode-se dizer que todos os seus habitantes adultos já estudaram piano algum dia. A Associação Cívica Musical da cidade contrata todos os anos cinco ou seis artistas de escol e distribue 500 entradas gratuitas a estudantes de música do curso secundário. O Oratório de Winfield, sociedade de 100 membros, organiza habitualmente um coro de 500 vozes para o festival da primavera, em que se executam corais com acompanhamento de orquestra composta de 75 músicos da cidade.

Antes da guerra, havia anualmente festivais de violino, que atraiam executantes de vários lugares adjacentes. Um dos primeiros-violinos era um barbeiro, que está com 80 anos, e que começou a estudar em um instrumento barato encomendado pelo correio, e depois tratou de fabricar seus próprios violinos. Já fez mais de 200, de madeira importada da Noruega e da Boêmia.

Essa loucura pela música em Winfield data dos anos de 1880, quando J. S. Mann, jovem armarinheiro canadense amante da música, emigrou para a cidade referida. Eleito para a junta escolar, Mann bateu-se pela introdução de música nas escolas, e depois de dois anos de luta obteve a consignação de uma verba para esse fim. A junta escolar contratou um jovem professor de música recem-chegado a Winfield, Louis Gordon. O professor, que amava tanto as crianças como a música, logo conquistou a afeição dos alunos. Ensinava-lhes melodias simples e lhes contava histórias sobre os grandes compositores. A música começou a criar prestígio, e dentro de pouco tempo passou a ser coisa comum os meninos deixarem o beisebol e as meninas as bonecas, pelos cursos voluntários que Gordon instituiu depois das horas escolares.

O filho mais velho de Gordon, Edgar, tinha a mesma inclinação do pai. Estudou em Chicago, ensinou violino, e em outra povoação organizou um coro de 100 operários. Depois voltou para Winfield, afim de ajudar o pai a entremear de música a vida de seu povo.

Há muitos anos que não acontece um menino ou menina completar o curso escolar em Winfield sem saber ler música. No quarto ano, fazem testes da capacidade musical dos alunos, e no decorrer de vários anos verificou-se que 75 por cento das crianças de Winfield têm aptidão para executantes, ao passo que mais de 95 por cento revelam capacidade de apreciar música. Todos têm oportunidade de tocar algum instrumento, mas tambem podem sentar-se nas galerias, entregues ao prazer de compreender e apreciar.

O orgulho da pequena cidade é a Orquestra Sinfônica da Escola Secundária, de 80 músicos, que é considerada, pelos entendidos, como sendo igual a alguns dos melhores e mais conhecidos conjuntos. Há uma orquestra de reserva com o mesmo número de músicos, que fornece suplentes à oficial, e há ainda dois grupos instrumentais formados pelas crianças do curso primário. Alem disso, a escola secundária tem dez conjuntos de música de câmara, e coros num total de 250 vozes. O coro *a cappella* tem 70 vozes, e o das alunas mais velhas, 80. Todas as organizações musicais escolares ensaiam regularmente uma hora por dia, e esse ensaio vale como qualquer outro tempo de estudo, na contagem dos pontos.

Das escolas de Winfield têm saido músicos para as grandes orquestras, as estações de rádio, para o cinema e para a direção de conjuntos musicais por todos os Estados Unidos. Outros têm improvisado pequenas orquestras ou conjuntos vocais desde o Egito até as ilhas Aleutas. Um aviador levou o violino na mochila, e tocava para a tripulação de seu bombardeiro enquanto voavam sobre as linhas inimigas. Outro rapaz, em serviço numa ilha do Pacífico, organizou um grupo musical de naturais do lugar, dos quais alguns tangiam instrumentos improvisados de bambú ou cana, e outros cantavam.

O gosto musical apurou-se tanto em Winfield, em consequência de muitos anos de boa música nas escolas públicas, que o jaze não goza de muita popularidade. A delinquência juvenil é coisa raríssima, e os cafés-concerto não conseguem atrair os jovens das escolas. Para eles, divertir-se à noite quer dizer comprar refrescos e sanduiches e se reunir na casa de um colega para comer e fazer música até que os donos da casa os mandem embora.

Se qualquer sociedade de Winfield quer organizar um sarau musical, a escola

secundária fornece os músicos de graça, assim como empresta orquestras para as igrejas e cantores para seus coros, e para os clubes femininos. Uma banda de música cômica, em estilo holandês, composta de cinco instrumentos de cobre, diverte o público reunido nas feiras e congressos.

A fascinação que a música exerce sobre a juventude de Winfield teve uma demonstração impressionante em 1944, durante a maior inundação que a cidade já conheceu. O turbulento rio Walnut arrebentou os diques e as águas encheram a zona comercial, paralisando a vida da cidadezinha. Mesmo assim, um famoso professor de música, convidado a reger a orquestra do ginásio, chegou à cidade e, caminhando na água ou navegando de canoa pelas ruas, os estudantes foram para a escola. Quando o maestro deu sinal de começar o ensaio, 98 dos 100 músicos estavam a postos—e os outros dois estavam doentes.

Passava muito de meia-noite quando os músicos guardaram os instrumentos, calçaram as galochas e tomaram o caminho de casa. Fora uma verdadeira aventura, muito significativa, porque a devoção desses jovens é o coroamento de uma tradição de mais de meio século de boa música em Winfield.

Quando ninguem está olhando

Por Máximo Gorki

¶ A GENTE, quando está sozinha, faz coisas singulares. Observei o fenômeno quando ainda era menino: um palhaço de circo, inglês, chamado Rondale, atravessando uma das passagens desertas do circo, tirou a cartola diante de um espelho e fez profunda reverência à sua própria imagem, coisa que pude ver sem ser visto, sentado no alto, a cavaleiro do local.

Uma vez, vi que um dos meus vizinhos, de nome Tchekoff, sentado em seu jardim, tentava, sem nenhum sucesso, apanhar um raio de sol com o chapéu e pô-lo na cabeça, e, não o conseguindo, acabou dando um arranco de impaciência ao chapéu e enxotando, irritado, o cão que se achava ao lado.

Leão Tolstoi, certa ocasião, disse a uma lagartixa que se achava aquecendo ao sol sobre uma pedra: «Está contente, hein?» e, em seguida, olhando à volta com cuidado, acrescentou, confidencialmente: «Pois eu não estou!»

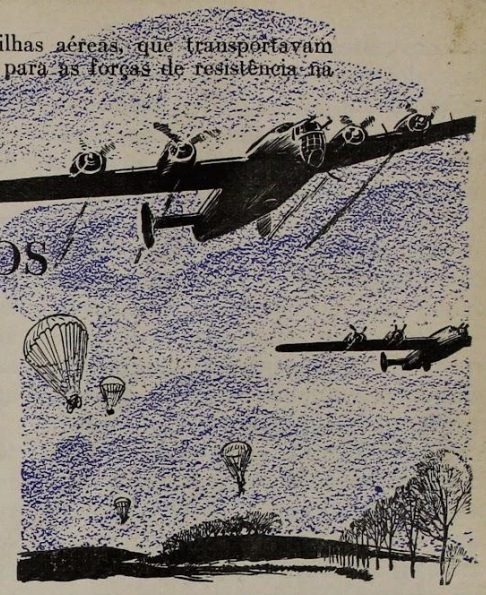
No corredor de um teatro, tive a oportunidade de ver uma bela mulher, que havia chegado tarde, arranjando o cabelo a um espelho e dizendo, num tom de voz alto e firme: «E afinal... a gente acaba morrendo mesmo!» Não se achava ninguem presente, exceto eu, e ela não me havia visto.

O padre Vladimirsky uma vez colocou um pé de sapato em sua frente, ordenando-lhe asperamente: «Caminhe, agora! Ah, não é capaz, hein?» E então, com grande dignidade e convicção, acrescentou: «Está vendo? Você não é capaz de ir a lugar algum, sem mim!»

Entrando nesse momento, perguntei-lhe: «Que é isso, Padre?» Ele me olhou com atenção, e replicou: «É este sapato. Está com o salto todo gasto. Não prestam, os sapatos que se fabricam hoje em dia!»

—*Fragments from My Diary* (McBride, ed.)

A história inédita das esquadrilhas aéreas, que transportavam agentes secretos e suprimentos para as forças de resistência na Europa



Sapadores aéreos da sabotagem

Condensado de «Skyways»

POR ALLAN A. MICHIE

AQUELES que ouviam, despreven-idos, as transmissões da BBC dirigidas à Europa ocupada, durante os longos meses que precederam o Dia da Vitória, surpreendiam-se ao ouvir frases como estas: «Tio João tem dois xelins no bolso» ou «Diga a Maria que ponha as galochas». Essas coisas aparentemente sem sentido eram mensagens em código para algum operador de rádio do movimento francês de resistência, significando talvez que naquela noite um avião passaria sobre um campo de aterragem dos Maquís para deixar cair em paraquedas armas e suprimentos, ou até mesmo um grupo de sabotadores.

Muitas das dificuldades encontradas por Hitler, na sua tentativa de conquista total da Europa, foram causadas por uma força aérea secreta anglo-americana. Em Tempsford, pequena aldeia do Bedfordshire, na Inglaterra, havia uma estrada onde se via uma grande placa com os seguintes dizeres: «Trânsito Impedido.» Os habitantes da aldeia sabiam que essa estrada levava a um aeródromo, porem de nada mais tinham conhecimento, pois os soldados e oficiais da esquadrilha aérea estavam proibidos de comentar o seu trabalho sob pena de serem submetidos a conselho de guerra. A poucos quilômetros de Harrington, no Northamptonshire, 3 mil membros da Força Aérea dos Estados Unidos operavam outro campo secreto. Até os funcionários da administração e os mecânicos da base aérea ignoravam o que alí se passava. Quando perguntavam por que razão os aviões Liberator B-24 eram pintados de preto, a resposta era sempre a mesma: «Para operações noturnas de determinação de rotas.»

Desses aeródromos duas esquadrilhas especiais da RAF e o Grupo N.º 492 de Bombardeiros Americanos transportaram armas, munições, aparelhos de rádio, milhares de pombos-correio, alimentos e equipamento de sabotagem para os núcleos do movimento subterrâneo europeu. Levaram esquís e trenós para os noruegueses; para os Maquís franceses, jipes, bazucas, morteiros, bicicletas e pneumáticos, todos feitos na Inglaterra

mas com marcas de fábrica francesas. Esses cavalheiros do ar levaram centenas de espiões aliados, agentes dos movimentos clandestinos, sabotadores e líderes da resistência, os quais entravam e saiam da Europa sob as próprias barbas da Gestapo.

O Grupo N.º 492 de Bombardeiros, dos Estados Unidos, desde o momento em que começou a operar, em janeiro de 1944, até o fim da guerra na Europa, deixou cair em diferentes pontos 4.500 toneladas de equipamento, e transportou centenas de agentes para a França, Bélgica, Holanda, e Dinamarca. As duas esquadrilhas da RAF, que começaram a operar de Tempsford em fevereiro de 1942, estabeleceram imediatamente contacto com dezenove paises que se estendiam desde o Círculo Ártico até o continente africano.

Nos dias que precederam a invasão e nos que a ela se seguiram, essas forças aéreas secretas deixaram cair sobre a França uma série de equipes,—que consistiam de oficiais americanos, ingleses e franceses, com treino especializado, e um operador de rádio—com a missão de organizarem os ataques da resistência clandestina contra as comunicações e depósitos de suprimentos de toda a retaguarda alemã.

Na sala de operações de Tempsford e Harrington, pequenas bandeiras marcavam em imensos mapas todos os aeródromos europeus e todos os pontos secretos sobre os quais se poderiam deixar cair agentes e suprimentos. Eram milhares de bandeiras, colocadas em pontos situados desde a extremidade norte da Noruega, até as zonas mais remotas da Áustria. Centenas delas estavam reunidas em torno de París, Oslo, Copenhague, Brest e Bruxelas. Havia até pontos marcados nos arredores de Berlim, de Hamburgo e nas montanhas bávaras. Muitos agentes desceram de paraquedas sobre eles, em plena guerra.

Em 1942, quando Heinrich Heydrich, o feroz chefe da Gestapo na Tchecoslováquia, foi assassinado num automovel perto da aldeia de Lídice, arrasada depois pelos nazistas num ato atroz de vingança, o mundo inteiro perguntava de onde teriam vindo os seus matadores. Pois eram arrojados paraquedistas tchecos que tinham partido de Tempsford na noite anterior.

Durante as últimas semanas da resistência germânica, os exércitos aliados pareciam avançar através da Alemanha, com demasiada indiferença ao perigo. Mas os seus comandantes sabiam o que estavam fazendo. Alguns agentes secretos, levados àquela região pelas esquadrilhas especiais do ar, mantinham-nos informados da localização exata dos alemães. E quando o rádio germânico ainda estava fazendo propaganda de uma resistência final no «reduto» das montanhas bávaras, os comandantes aliados sabiam que o tal reduto não passava de um mito. Essas informações vinham da mesma fonte—os agentes do ar, espalhados por toda parte.

Como medida preliminar à invasão, o Supremo Comando Aliado determinou que enorme reserva de materiais de sabotagem fosse reunida na Europa de Hitler. As esquadrilhas americanas de aviões Liberator, com grande experiência em vôos longos, decorrente da sua atividade antisubmarina, foram escolhidas para essa missão. Os seus aparelhos foram pintados de preto, as metralhadoras centrais desmontadas para ganhar-se mais espaço, e fez-se no chão uma abertura para que se pudessem deixar cair os suprimentos com mais facilidade.

Uma complexa rede de organização ligava os aeródromos, o quartel-general em Londres e os esconderijos da resistência, espalhados por toda a Europa. Líderes locais da resistência escolhiam os pontos —em geral, terras de fazendas ou campos de esportes—e informavam a sua situação pelo rádio ou por pombos-correio que iam dar num obscuro casarão de uma rua desconhecida de Londres. Aí esses campos tomavam o nome de «Bob», «Percy» ou «Luke», segundo o código. Frequentemente um aparelho de reconhecimento era enviado para fotografar o campo e os detalhes geográficos dos seus arredores. Logo que o campo era aprovado, colocava-se nova bandeira nos imensos mapas que cobriam as paredes da sala de operações de Tempsford e Harrington, com as datas em que membros do movimento clandestino estariam a postos para recolher as remessas.

Quando um lider dos Maquís pedia a Londres que lhe enviassem armas e suprimentos, carregava-se um avião com cilindros ocos de aço e cestas de vime, contendo o material requisitado. Naquela noite, um locutor da BBC anunciava simplesmente o seguinte: «Henri achou dois francos.» Isso significava que os materiais pedidos seriam jogados de paraquedas sobre o campo «Henri», cerca das duas horas da madrugada.

Poucos campos de recepção tinham estações secretas de rádio para guiar os aviões. Os lançamentos eram geralmente feitos no centro de um retângulo marcado por lanternas de bolso, dirigidas para o alto. Às vezes os alemães preparavam armadilhas para interceptar a carga, mas raramente o conseguiam, por ignorarem os sinais combinados. Os aviões aliados eram localizados com frequência por meio do radar inimigo, e caças noturnos saiam em sua perseguição. Dois caças incendiaram certa vez um Liberator americano, ferindo o metralhador da cauda e o rádio-operador; o aparelho conseguiu no entanto chegar a Harrington, onde constataram que havia sido atingido por mais de mil projeteis.

Os agentes transportados eram de vários tipos: oficiais americanos, ingleses e de outros paises aliados; civís franco-canadenses; rapazolas, belas jovens e homens velhos. Na tarde anterior à viagem, eram trazidos ao aeroporto secreto em automovel, e aí permaneciam até o momento do embarque, sem no entanto entrar em contacto com os aviadores. Eram examinados dos pés à cabeça. Uma simples passagem de ônibus ou um cigarro americano seriam o bastante para denunciá-los. Em seguida passavam ao vestiário. Cada um deles se metia numa roupa especial, que mais parecia um saco, e que continha grande número de bolsos. Neles eram colocados uma faca-punhal, rações concentradas, uma lâmpada elétrica, um estojo de primeiros socorros, peças de rádio, mapas e documentos secretos. Um agente chegou até a levar consigo um disco no qual se denunciava Pierre Laval, para ser tocado clandestinamente num programa do rádio de Vichy. Na parte posterior da roupa havia uma pequena almofada de borracha, e os pés dos agentes eram envoltos num tecido tambem de borracha. Botas que atingiam os joelhos completavam o uniforme. Terminados esses preparativos, o agente parecia um colchão enrolado.

Ao aproximar-se o aparelho do ponto pre-fixado, os agentes iam se acercando um a um da abertura existente no chão do Liberator e ao sinal luminoso do piloto deixavam-se cair na escuridão. Um agente alemão jogou-se cinco vezes de paraquedas—com as fardas de coronel, de tenente e de cabo germânicos, e duas vezes em traje civil.

Em vista dos grupos de resistência necessitarem de material em quantidade superior à que poderia ser jogada do ar, ficou decidido que aviões pesados, transportando grandes cargas, tinham que aterrar por trás das linhas germânicas. Pilotando aviões antiquados de um só motor, alguns aviadores da RAF já tinham descido sobre território francês, levando dois agentes em cada viagem; com aparelhos maiores o problema era mais dificil. Os ingleses treinaram com aviões Hudson até conseguirem aterrar numa extensão de 400 metros e os americanos decidiram empregar aviões de transporte C-47 Dakota. Um mês após a invasão, o Coronel Clifford Heflin aterrou com o seu avião num campo de trigo no sul da França. Os Maquís, num rápido trabalho, desenraizaram algumas árvores e replantaram-nas em volta do C-47, tornando-o assim invisivel aos alemães. Quarenta e oito horas mais tarde, após uma refeição regada a vinho, o Coronel Heflin levantava vôo de volta a Harrington, levando a bordo dois aviadores americanos, um metralhador canadense, um navegador da RAF, um agente britânico, uma jovem francesa e um francês que iam fazer um curso de sabotagem na Inglaterra.

Certa ocasião um aparelho Hudson aterrou em pleno território francês. Os Maquís reuniram 200 homens, dez bois e quatro cavalos, e em quatro horas o possante avião se encontrava em terreno firme. Outra vez um C-47 americano achatou-se violentamente sobre um campo francês guiado pela lâmpadas de bolso dos Maquís. Alguns mecânicos foram transportados de avião para o local e em poucos dias o aparelho estava pronto para o vôo de regresso.

O lider do movimento dinamarquês de resistência declarou aos aviadores em Tempsford que 90 por cento do armamento e do equipamento lançados do ar chegavam ao seu objetivo e eram imediatamente postos em ação. O agente encarregado da região de Lyons foi levado a Harrington, onde declarou aos americanos que no mês anterior os Maquís tinham morto mil alemães com armas jogadas do ar.

Num simples monumento de granito erigido na aldeia francesa de St. Cyr de Valorge foi gravada a seguinte inscrição: «Em memória dos cinco aviadores americanos encontrados entre os escombros do seu aparelho, derrubado em chamas neste local a 28 de abril de 1944, e cuja missão era trazer armamentos para o exército libertador da França e restaurador dos nossos ideais.» Esse singelo monumento, dedicado aos cinco soldados desconhecidos, permanecerá através da história como um símbolo da gratidão dos povos livres da Europa a essas esquadrilhas especiais do ar.

¶ Uma dama inglesa, metida a censora moral da vila onde vivia, acusou um trabalhador de se dar ao vício da embriaguez, porque, «com os seus próprios olhos», ela havia visto a carreta de trabalho do rapaz parada diante de um botequim.

O acusado não fez nenhuma defesa oral; mas, ao anoitecer, colocou sua carreta diante da casa da dama moralista, e deixou-a lá até o dia seguinte...

—*The Countryman* (Inglaterra)

Minha defesa da castidade

Uma carta de *Donald Culross Peattie*

Biologista e autor de «Singing in the Wilderness», «An Almanac for Moderns», etc.

Prezados Senhores,

Sei que tem sido muito comentado o artigo escrito por Margaret Banning, intitulado *Em defesa da castidade*, que foi publicado recentemente na sua revista. É realmente animador alguem se dedicar ao exame do caso, principalmente em se tratando de uma senhora conhecida pelas suas atividades humanitárias e pelos seus ideais elevados.

Surpreendeu-me, no entanto, que o artigo da sra. Banning fosse baseado exatamente nos mesmos tabús, nas mesmas «proibições», que têm sido empregados na educação dos jovens desde os tempos de Salomão, e cujo parco resultado é por ela mesma demonstrado com estatísticas horripilantes quanto às doenças venéreas. Na melhor das hipóteses, o que ela parece afirmar é que afinal de contas a guarda da castidade compensará, com saude e respeito alheio, aqueles que a praticam.

Lembro-me de ter conhecido na escola alguns rapazes que confessavam, sem mostra de arrependimento, levar uma vida regularmente licenciosa. E todos eles eram capazes de apresentar argumentos que neutralizariam os nossos avisos e admoestações. A profilaxia contra a doença e a prevenção contra a gravidez, apesar de não serem rigorosamente seguras, têm—quando se é cuidadoso—muito mais probabilidade de êxito, do que atravessar uma rua em meio a um tráfego intenso. Nada mais restaria, portanto, contra o pecador cauteloso, que a censura da sociedade. Quando eu era ainda criança, a mulher que se divorciasse, até mesmo de um marido dado ao vício da embriaguez, era olhada com certa suspeição. Observem como as coisas mudaram em poucos anos. A censura social nunca viu com maus olhos as aventuras amorosas dos rapazes. Agora chegamos ao ponto de tolerar as liberdades das moças modernas, contanto que mantenham as aparências.

Mas a sra. Banning não se preocuparia tanto com a castidade se se tratasse de algo menos importante que o princípio em jogo. A castidade é importante, porque é o direito. Porque é bela, porque é algo de que nos devemos orgulhar mais do que qualquer outra coisa.

Parece-me ouvir, já, exclamações deste gênero: «Vá dizer isso aos moços de hoje!» Mas é isso justamente o que tenho repetido em várias ocasiões. E as respostas que tenho recebido embasbacariam os próprios cínicos.

A juventude continua a ouvir com prazer a afirmação de que vale a pena proceder bem. Só pedem os jovens que sejamos capazes de destruir o sutil argumento dos cínicos, segundo o qual a busca de ideais traz apenas desenganos e arrependimentos. Eles são gratos àqueles que lhes dão conselhos honestos, baseados em experiências passadas. Em segredo, a mocidade deseja ardentemente ouvir os mesmos velhos conselhos de sempre, desde que sejam dados de maneira aceitavel. É próprio dos moços estarem ocupados demais com a vida, para se sentirem seguros de si.

Muito cedo os nossos jovens se vêem numa encruzilhada, e são obrigados a escolher um dos caminhos. Se vós, os responsaveis por eles, não aceitardes a escolha que fizeram, poreis a culpa sobre qualquer outra pessoa, menos sobre vós mesmos, que silenciastes quando podíeis ter falado. Mas tivestes vergonha, pensastes que eles não prestariam atenção; falavam de um modo tão seguro, que julgastes saberem o que estavam fazendo! E assim vai morrendo o que é corajoso e o que é belo.

Para lutar contra as tentações do sexo, precisamos estar armados com algo mais forte do que um simples temor; a sra. Banning já demonstrou que isso não é o bastante. Com essa afirmação não quero dizer em absoluto que eu esconderia algum dos fatos que ela nos apresenta. Eles devem, ao contrário, ser discutidos e expostos de maneira fria e impessoal. Mas não no mesmo parágrafo em que falamos do amor...

Sim, o amor. Ele é que é mais forte que o medo, mais forte que a vergonha. É sobre o amor que devíamos falar. Quem quer que comece a sentir-se envergonhado, pode enrubescer à vontade.

Os cemitérios de guerra são prova eloquente do quanto é facil levar a juventude a morrer por um ideal, seguindo o conselho dos mais velhos. Não devia ser mais dificil convencer um jovem de que a castidade é um dever para consigo mesmo, como a sua integridade espiritual e corporal é tambem um dever para com sua mulher e seus filhos. Existem naturalmente alguns rapazes e moças sobre quem essas idéias de auto-disciplina já não terão a menor influência; infelizmente será tarde demais. Sempre existiram, e podemos sem hesitação culpar-lhes os pais por essa situação. Mas, pergunto eu, não soubestes encontrar na castidade nada que se possa admirar e desejar? Será que não encontrastes um modo melhor de argumentar do que ameaçá-los com as horriveis consequências que sofrerão quando descobertos? Ireis falhar, porque nem tentastes, porque «não se pode dizer essas coisas aos jovens de hoje»?

Tenho três filhos ainda meninos, e creio que somente daquí a vinte anos poderemos saber se os estou educando sabiamente. Exporei a eles todos os fatos da vida, com a maior naturalidade. Mas terei sempre em mente que mesmo nesse estágio a minha tarefa mal terá começado.

Meu ideal seria fazer dos meus filhos pessoas que saibam amar, porque o amor e a castidade são facetas da mesma pedra. E isso repetirei sempre e sempre, numa época em que os cínicos proclamam que o amor romântico não existe e que não passa de uma capa ridícula com que se quer envolver uma necessidade puramente glandular. Afirmam tambem que se trata de um assunto pessoal, com o qual a sociedade nada tem a ver, e que não implica na menor responsabilidade.

Mas tal filosofia não pode ser aceita pela juventude. Pois tanto os rapazes como as moças compreendem que a castidade é um dever para com o próprio amor, é a obrigação que lhes cabe para o merecerem.

Declarei acima desejar que os meus filhos sejam pessoas que saibam amar, porque todo verdadeiro amoroso é voluntariamente casto. O corolário dessa premissa é, naturalmente, o seguinte: desejo que meus filhos sejam castos, porque quero que sejam bons amorosos. Creio honestamente que a guarda da castidade, por ambos os sexos, vale muito mais que qualquer das vantagens adquiridas por aqueles que tiveram experiência sexual anterior ao casamento.

Quero, sim, que meus filhos sejam bons amorosos, mas não no sentido de sedutores habeis ou eternos conquistadores. Saber amar significa, para mim, ser bom marido. Em suma, alguem que ame sua mulher ao ponto de fazê-la sentir-se feliz, mesmo quando ela sabe que está menos atraente e bela; alguem que ampare com mão carinhosa o coração da esposa, fazendo-o um pouco mais leve do que o é realmente.

Mostro sempre, direta e indiretamente, aos meus filhos, tudo o que há de sagrado na mulher. E minha esposa se dedica à tarefa de ensiná-los a livrar-se das aventuras escusas. Misturando um pouco de bom humor com certa ousadia e sinceridade, esperamos criar nossos três filhos de modo que possam procurar instintivamente o que há de melhor para eles, sem nunca se satisfazer com menos. A guarda da castidade, nessa busca do melhor, não é uma carga penosa e nunca será definida em nossa casa como tal; e sim como uma graça cristã e motivo para justo e másculo orgulho.

Espero que os meus filhos amem cedo e de modo verdadeiro, pois nada poderá proteger melhor a sua castidade. Não pretendo dizer que a castidade é facil de guardar. Poucas entre as melhores coisas da vida são conseguidas com facilidade. A maior parte delas requer anos de disciplina e aplicação. São precisamente as dificuldades que envolvem a guarda da castidade que lhe dão maior valor, e espero que meus filhos compreendam isso, porque não são covardes morais que desistem de alcançar um objetivo quando deparam com obstáculos. Estão aprendendo agora mesmo que os direitos dos outros têm que ser respeitados, que há que sofrer privações sem queixas, e que cada privilégio exige uma responsabilidade. Desse modo não terei que forçá-los, em meio à adolescência, a uma auto-disciplina para a qual nunca tinham sido preparados.

Mas estarão armados com algo mais positivo do que simples admoestações, com algo de que se possam orgulhar, mais do que um simples cuidado pela saude e reputação.

Primeiramente farei a defesa puramente biológica da castidade, que em si já é bastante boa. Em linguagem clara—que os jovens preferem, aliás—o ato sexual é sempre um ato conjugal. Com a intenção ou não de ter filhos, com anel e padre ou sem eles, é sempre o mesmo ato final. Implica sempre em certa escolha de companheira; é sempre precedido por atos amorosos e seguido de profundas consequências na alma e no corpo de ambas as partes.

Não me estou colocando, em absoluto, na posição de juiz daqueles que até hoje desprezaram o casamento. Mas quero referir-me ao forte instinto sexual, com o qual todos nós nascemos. Os instintos são mandamentos da espécie sobre o indivíduo. O instinto de conservação nos diz: «Não te deixarás morrer, nem ficar à míngua, nem levar quedas, nem contrair doenças.» O instinto materno ordena à mulher que pense primeiro nos filhos. O instinto sexual nos leva a procurar uma companheira; e tudo o que se relaciona com esse instinto não tem outro objetivo e significado.

Mas o homem, continuarei a dizer aos meus filhos, não é um animal inconciente. O homem é senhor do seu destino. Não pode negar permanentemente a existência do seu instinto sexual, nem deve fazê-lo. Cabe-lhe, porem, o direito de escolher sua companheira, e o momento para o ato sexual. E se não conseguir executar de maneira decente tal tarefa, terá todos os motivos possiveis para se envergonhar de si mesmo. Pois a vida—e isso eu direi

a meus filhos tantas vezes quanto puder —a vida é um território sagrado, sobre o qual nos compete caminhar com certa reverência, gratos pelo tempo que nos foi concedido para cultivar a terra, dominando-a e fazendo-a frutificar.

E esse fruto são os nossos filhos. Ao homem interessa portanto saber qual a mulher que dará a luz aos seus filhos, como importa à mulher saber que espécie de homem será o pai dos seus. Um homem que levou vida licenciosa durante 10 ou 15 anos antes de se casar com uma moça decente, não se deverá surpreender se sua filha vier a mostrar as mesmas características morais que ele. Se se deixou levar pelas carícias de uma moça sem princípios e foi obrigado a casar-se com ela, tambem não se deve admirar se os seus filhos mostrarem certa tendência para a vida licenciosa. Tais filhos nunca poderão ser acusados pelos pais, principais responsaveis por estas suas inclinações.

Lembrarei sempre aos meus filhos que cada um deles é o ponto convergente de grande número de traços hereditários. Quando escolherem uma mulher, estarão aceitando muito mais do que as aparências indicam. Estarão escolhendo a sua família e os seus antepassados. E poderão estar tomando decisão de tal importância, num momento em que talvez nem pretendem propor casamento, mas somente fazer uma pequena experiência. Tomar certas liberdades é brincar com fogo; depois de dado ponto não se pode mais parar, e esse ponto é atingido muito mais cedo do que se pensa, devido ao fato de que o indivíduo que vive à procura do prazer sensual é levado a ir cada vez um pouco mais longe, para conseguir reviver as sensações precedentes. Quero ressaltar aqui que a licenciosidade faz com que a mulher perca o hábito da fidelidade, e nunca se habitue a certos costumes da vida de casada. E o mesmo se passa com o jovem que faz pouco da castidade.

Não quero dizer com isso que um passo em falso signifique a ruina da alma ou do corpo; é claro que não deixarei meus filhos pensarem que seus pais não saberiam perdoar nem procurariam compreender. Mas os passos falsos no amor levam para baixo, e todo o mundo sabe disso no íntimo do coração. Trazem como resultado arrependimentos amargos que já não podem corrigir a situação, revoltas profundas que o amor casto não produz, um endurecimento das artérias espirituais, uma ferida indelevel na alma. Um espírito forte e decidido poderá subir novamente esses degraus, e enfrentar a vida com a alma purificada. Mas os espíritos fortes e decididos não são geralmente aqueles que se deixaram levar no mau caminho. São comumente os que se conservaram castos. E somente os castos poderão sentir o êxtase e o orgulho do amor.

Cordialmente,
Donald Culross Peattie

¶ Um jovem jornalista americano compareceu ante uma comissão do Senado para protestar contra a construção de uma estátua em homenagem a um antigo ditador do seu estado natal. Foi várias vezes rudemente interrompido por um senador partidário do tal ditador, o qual finalmente exclamou:

—O jovem amigo não sabe que está falando com um senador?

—Sem dúvida, retorquiu o rapaz. —E o senhor não sabe que está falando com um cidadão?

—John Watts

Apesar de sofrer decepções de partir o coração, nunca admitiu que os seus alvos fossem inatingiveis—e os alcançou. Uma vida que é uma inspiração para todos

PARA O ÊXITO *através do fracasso*

Por Paul de Kruif

Aos 70 anos de idade, o «patrão» Kettering faz-me pensar num gurí de olhos arregalados e brilhantes que estivesse a caminho do seu primeiro dia de escola. Para esse homem, que é hoje o dirigente dos Laboratórios de Pesquisa da General Motors, cincoenta anos de pesquisas e invenções são apenas um «bom começo», e as suas múltiplas contribuições para o que consideramos como padrão de vida americano são apenas outros tantos «passinhos» orientados para um futuro que não tem limites. Entre outras coisas da sua invenção, conta-se o arranque elétrico que tanto contribuiu para que os Estados Unidos hoje corram, por assim dizer, sobre rodas; a sua gasolina etílica conduziu aos combustiveis de alto grau de octana, sem os quais os aliados não poderiam ter ganho a guerra; as suas locomotivas a motor Diesel andam por aí revolucionando as estradas de ferro; e a sua «hipertermos», ou máquina de fazer febres artificiais, tem auxiliado os médicos a combater a sífilis e outras graves doenças.

A menção de tudo isso tem como único resultado fazer rir o patrão Kettering, que faz caçoada do pouco que sabe. «Desde o momento em que um homem se dá por satisfeito com os resultados que conseguiu —diz ele—é como se o cimento começasse a solidificar-lhe na cabeça.»

A perpétua insatisfação de si mesmo, eis o segredo desta eterna juventude. Mas então, pergunta-se, a gasolina etílica não veio adicionar um bilhão de cavalos-vapor aos nossos motores? Sim, mas o petróleo é que não vai durar para todo o sempre! E Kettering instigou os trabalhos científicos que conduziram ao emprego da gasolina sintética, a triptana, que tem boas probabilidades de vir a aumentar de 50 por cento as reservas mundiais de combustiveis para motores. Mas as matérias primas necessárias à produção da triptana tambem têm seus limites: de sorte que Kettering, rodeado de biologistas e químicos, está procedendo a pesquisas e ensaios com o fim de inventar uma armadilha que seja capaz de pegar a ilimitada energia dos raios do sol.

Esse mundo aerodinâmico que o «patrão» Kettering tem ajudado a pôr em marcha é, só por si, uma das maiores razões do seu descontentamento, porque está, segundo ele, muito avante da doentia e ainda primeva humanidade que o povoa. Por esse motivo é que ele está aprendendo por si mesmo a tornar-se um cientista de novo tipo, o que chama de «médico-engenheiro». Espera concentrar os princípios e métodos da pes-

quisa industrial no combate e cura do cancer.*

O MUNDO das indústrias conhece-o pelo nome de Charles F. Kettering, vice-presidente e diretor de pesquisas da General Motors. Mas para os professores ele é apenas o dr. Kettering, presidente da Sociedade Americana para o Progresso das Ciências. E para a maior parte dos homens que, às centenas, têm trabalhado ao seu lado ou para ele, é, «de todos os homens, o mais apto a gostar de pessoas que se detestam umas às outras.» Para mim—que o conheço faz muitos anos—ele é simplesmente uma universidade ambulante de conhecimentos fundamentais, que nos ensina a todos quanto é dificil conseguir que uma idéia nova abra caminho e triunfe.

O programa de um só curso dessa «universidade» ensina-nos que o preço de todo e qualquer progresso são as dificuldades que ele encontra no seu caminho. Quando era rapaz, Kettering sofria de pavorosas crises de dores nos olhos, causadas pelo muito que lia à noite, depois de ter executado todas as suas tarefas cotidianas de moço de fazenda. A quase completa cegueira interrompeu durante anos os seus esforços, na época em que ele, universitário ainda, subsidiava seus próprios estudos trabalhando como mecânico. Dessa primeira e grande dificuldade (junto à qual as que mais tarde vieram não passavam de frioleiras), curou-se Kettering renunciando temporariamente à leitura, e trabalhando ao ar livre na qualidade de guarda-linhas e assentador de postes telefônicos.

UM DIA, estando ele a trabalhar assim, apareceu-lhe um vagabundo que lhe pediu uma esmola. Kettering, mestre de obras do serviço de linhas, levou o pedinte a um restaurante, pagou-lhe um bom almoço, e depois colocou-lhe nas mãos uma pá e uma picareta. O terreno onde estavam trabalhando tinha o subsolo de pederneira xistosa. O grupo de operários riu discretamente quando Kettering pegou o vagabundo, prestes a raspar-se sem ter chegado a cavar metade de um buraco. «Eu vou lhe mostrar como é que se cava um buraco direitinho,» disse Kettering ao pobre coitado, que ficou espetado alí, enquanto o «patrão» foi talhando na terra um círculo perfeito.

«Está vendo?» disse o patrão. «A gente fica até alegre, quando faz uma cova perfeita... E quanto mais bem feita ela fica, mais a gente gosta.»

Depois dessa lição, o vagabundo acabou tornando-se o melhor cavador do grupo! Tal é ainda hoje o espírito que Kettering infunde entre as centenas de trabalhadores técnicos que labutam nas dúzias de projetos em marcha nos seus laboratórios. Podem as suas tarefas parecer por vezes monótonas e rotineiras, mas Kettering sempre consegue comunicar-lhes o fogo sagrado do sentimento de dignidade que se apodera do homem capaz de pôr uma pequena cunha na porta que fecha o desconhecido da Natureza.

Kettering aprendeu na sua própria «universidade» que todas as dificuldades mecânicas são insignificantes quando comparadas ao instinto humano de negativismo ante tudo o que é estranho ou novo. Enquanto frequentava a universidade, instalou a primeira central telefônica de baterias da região rural onde se encontrava a escola. Esse novo sistema acabou com a maçada de ter que dar à manivela do telefone, cada vez que se queria chamar a central, e devia ter sido coroado de grande êxito. Mas, de regresso à escola, Kettering recebeu a triste notícia de que a companhia ia abandonar o novo sistema, só porque todas as tardes, durante duas horas, a linha inteira ficava paralisada, silenciosa. O rapaz acorreu prontamente, e foi de fazenda em fazenda desmontando e examinando a linha, sempre sem conseguir dar com o defeito, até que por fim chegou a uma das últimas casas, onde o que viu lhe arrancou uma girândola de gargalhadas: todas as tardes, antes de tirar a sua soneca, o vovô da casa criara o hábito de pôr os óculos em cima da caixa do telefone, atravessando-os entre os dois terminais que estavam a descoberto: e esse simples incidente produzia um curto circuito que interrompia o funcionamento de toda a instalação.

«O pessoal da companhia ia jogar no ferro-velho o seu maior melhoramento, somente pela razão de que sofria de negativismo natural em face de quanto estivesse alem da sua experiência adquirida,» dizia-me Kettering.

Este e outros pequenos incidentes do mesmo jaez foram, na realidade, a cartilha por onde ele inciou a sua verdadeira educação.

Durante os primeiros e árduos 28 anos da sua vida aprendeu três grandes e memoraveis lições. Imunizou-se por assim dizer contra a peste negra do desespero, ao descobrir que todo êxito dependia inteiramente da maneira como ele atacasse os obstáculos. Chegou à conclusão de que podia multiplicar o poder de suas próprias mãos e cérebro, se desse a todos que com ele trabalhavam o sentimento de que a tarefa a realizar imediatamente era, no momento, a coisa mais importante do mundo. E muitas vezes assombrou os homens para quem trabalhava, ao demonstrar-lhes que era sempre «uma dificuldadezinha sem nenhuma importância, como os óculos do vovô», a que eles gostavam de recorrer, como justificação para o seu negativismo ante tudo que fosse novo para eles.

Armado dessas três idéias fundamentais, Kettering se tornou inventor eletricista para uma fábrica de caixas registradoras. Possuia dedos longos, rijos, firmes, que vinha treinando desde a infância na fazenda, na montagem e desmontagem incessante de tudo quanto vibrasse, rodasse, girasse e andasse para trás e para diante.

Era dotado dum sentido especial para *ver* os problemas. «Qualquer problema, desde que seja bem formulado, já está meio resolvido,» afirma. Os maiores engenheiros das maiores companhias de eletricidade dos Estados Unidos tinham assentado na opinião unânime de que, para fazer funcionar uma caixa registradora por meio de eletricidade, era necessário um motor tão grande como a própria caixa. «Mas é claro que isso se pode conseguir com um motor pequeno!» disse ele na sua voz arrastada. «Basta um curto espasmo, rápido, de força giratória.»

Para ele era uma coisa sem importância absolutamente alguma que ainda fosse desconhecido um motor desse gênero, capaz de arrancar e parar num instante. «Não há nada impossivel, desde que esteja dentro do âmbito das leis naturais,» afirmou.

Durante uma época em que a fábrica esteve encerrada por muito tempo, num verão excepcionalmente quente, não havia energia elétrica nas oficinas. Nessas

*A Fundação Alfred P. Sloan concedeu em agosto passado a verba de 4 milhões de dólares para a criação do Instituto Sloan-Kettering para Pesquisa Cancerológica, como parte do Centro do Cancer da cidade de Nova York.

condições, como é que ele e seus assistentes poderiam fabricar as peças para o modelo do novo motor «arranca-para», que os técnicos tinham pronunciado impossivel? Durante horas e horas, dias e dias seguidos, no calor abafante da fábrica silenciosa, Kettering, de pé numa cadeira, puxou a correia de transmissão para fazer girar o torno, ao qual trabalhava o seu melhor maquinista, para tornear as peças... O êxito com que finalmente conseguiu produzir a caixa registradora a motor elétrico, até então considerada «impossivel», e uma máquina de cálculo bancário que veio tornar muito mais facil a contabilidade e escrituração, constitue uma das suas muitas façanhas.

APESAR da alta posição que lhe dava a sua categoria de primeiro inventor na indústria de caixas registradoras, Kettering decidiu correr o risco, e mandou esse emprego às favas. Queria iniciar aquilo que, em seu entender, seria «um pequeno negócio cuja condição fundamental fosse o conhecimento científico básico de todos os pormenores». Já era fantasia supor que semelhante idéia pudesse resultar num ganha-pão; mas era-o muito mais ainda imaginar a fortuna que dela finalmente resultou! Casado de novo, e com mulher e um filho a sustentar, pôs mãos ao trabalho, sozinho, no palheiro duma fazenda.

Alimentava a esperança louca de introduzir ignição, iluminação e arranque automático, tudo a eletricidade, nos automoveis alimentados a gasolina. A elite do mundo científico estava toda contra ele. Steinmetz e Edison já tinham pronunciado a sentença de morte dos «mata-gentes» a gasolina: no entender deles, a eletricidade não tardaria a vir expulsá-los das estradas. Mas o nome dessas respeitaveis baleias científicas não lhe fazia sombra: «Um homem só se pode considerar autoridade—dizia ele—quando o que diz acerta com os fatos.»

ORA, só pela experiência se conseguem fatos. Um dos homens que com ele trabalharam conta que Kettering fazia experiências em todos os cantos da casa. «Lá uma vez na vida, quando a senhora dele não podia mais aturar a casa, conseguia arrastá-lo a um cinema. Ele saía do espetáculo com o programa todo coberto de rabiscos e apontamentos para novas experiências. Chegava em casa e punha o banheiro num pandemônio, com experiências químicas que entupiam a pia.»

Kettering relembra às vezes o muito que aprendeu a respeito das bobinas de indução com o primeiro aparelho de rádio que conseguiu montar na sala de jantar, durante uma ausência da esposa: «Servi-me dumas panelinhas, e isso até deu causa a uma leve altercação.» Não se pode negar que a senhora Kettering devia ter uma vida feliz...

Quando os automoveis ainda eram novidade, para pôr em marcha o motor era preciso, como se sabe, dar à manivela, por vezes com risco da vida ou acidentes mais ou menos sérios. Kettering conseguiu interessar os dirigentes da Cadillac na idéia do arranque automático. Mas os melhores eletricistas da nação empenharam-se em convencer os dirigentes da Cadillac de que um arranque automático exigia nada menos de oito cavalos-vapor, e que qualquer aparelho capaz de gerar essa potência pesaria pelo menos tanto como metade do carro, não deixando nenhum lugar para os passageiros.

A resposta a essas autoridades veio do palheiro da fazenda de Kettering, conhecida pelo complicado nome de Dayton Engineering Laboratories Company, com

que se formou a palavra «Delco», hoje universalmente conhecida. Era alí que um dos seus auxiliares passava as tardes de sábado, todos os domingos e quase todos os serões da semana, enrolando bobinas de graça. Kettering era ainda nesse tempo pobre demais para pagar seus serviços.

A palavra de ordem de Kettering foi sempre esta: «Eu quero que seja o emprego que tenha o homem, e não o homem que tenha o emprego.» Naquele palheiro sufocante de calor, durante o verão de 1910, conseguiu Kettering comunicar a todos os colaboradores o fogo do seu sonho: o arranque automático ia tornar possivel, pela primeira vez na história, que qualquer pessoa fosse onde lhe apetecesse, sem que ninguem ficasse arrasado de fadiga. Para todos aqueles homens, o verdadeiro patrão era a tarefa, e não Kettering.

Só mais adiante, quando o primeiro carro dotado de arranque elétrico foi entregue à Cadillac, começaram as complicações reais: ao fazer as provas de estrada com o arranque automático, Kettering espatifou o carro, partiu um tornozelo, e teve que ficar quinze dias de cama com o pé metido no gesso. No dia seguinte—em Detroit—era de ver o aparelho de gesso espreitando de sob um automovel Cadillac, em plena rua, enquanto a voz de Kettering, aguda e arrastada, parecia sair tambem das entranhas da máquina: «Acho que desta vez vai pegar! Basta carregar no pedal.»

«Toda pesquisa,» segundo Kettering, «consta de uns 10 por cento de experiências, e 90 por cento de *saber lidar* com as pessoas com quem trabalhamos.»

Kettering era agora presidente da Delco, que deixara de ser um grupo de camaradas metidos num palheiro a matutar e a resolver problemas, para se tornar uma próspera indústria que rendia milhões de dólares. E Kettering era provavelmente o mais estranho dos capitães-de-indústria na história americana. «A única hierarquia que nós reconhecemos aquí na Delco, é a do melhor ou do peor,» costumava ele dizer nas suas arengas ao pessoal. Quando o tesoureiro da companhia lhe entrava pelo escritório a dentro sacudindo no ar a papelada dos relatórios financeiros, que eram retumbantemente favoraveis, ele regougava: «Ora, George, vá pro inferno com esses números! Então você não sabe que eu só tenho tempo é pra resolver encrencas!»

Mas apesar de toda essa prosperidade, as dificuldades abundavam. Os motores dos automoveis começaram a produzir detonações sérias, aproximadamente pela mesma época em que a bateria de ignição de Kettering tocou o dobre de finados dos velhos magnetos, e, claro está, os fabricantes de magnetos acusaram as baterias de acumuladores de serem as causadoras desses ruidos. Os ruidos eram explosões da faisca, afirmavam; o que era preciso era uma faisca bem quente. Kettering não discutiu, mas fez experiências. Desde debeis faiscas até faiscas tão quentes que eram capazes de fundir as velas de ignição, tudo ele experimentou, para chegar à conclusão de que as velas não faziam diferença nas detonações do motor, nem na potência que este desenvolvia. Nessas condições, talvez o mal fosse de atribuir ao combustivel. E foi assim que Kettering se embrenhou por mais catorze anos em pesquisas para encontrar melhores combustiveis.

Parecia-lhe fantástico o fato de que, para os mais eminentes engenheiros e químicos da época, a gasolina fosse simplesmente gasolina, coisa insuscetivel de melhoramento. No andar superior dum velho armazem de fumo, montou um

pequeno motor de um só cilindro, e dispôs-se a utilizá-lo no carater de «cobaia mecânica». Contratou os serviços dum jovem engenheiro-mecânico ignorante de química, para que viesse ajudá-lo. Lembraram-se um dia de adicionar tintura de iodo à gasolina que alimentava o motor, e zás!, a detonação desapareceu. Mas os resultados práticos dessa experiência eram inviaveis, porque, para acabar com as detonações produzidas por cerca de quatro litros de gasolina, era preciso gastar muito dinheiro em tintura de iodo.

Seguiram-se alguns anos em que não fizeram senão misturar líquidos e experimentar com milhares de compostos químicos. Ao cabo de um lustro de trabalho verificaram com assombro que a anilina era um poderoso anti-detonante, mas os ensaios demonstravam ao mesmo tempo que ela dava cabo do motor. Três anos depois reanimou-lhes a esperança a observação de que o telúrio dava bons resultados. Mas o telúrio tinha tal mau cheiro, que durante muitos dias os auxiliares de Kettering se viram banidos da vida social, e se tornaram indesejaveis em suas próprias casas. Contudo, o telúrio conduziu-os diretamente às experiências com o chumbo tetra-etílico, que é seu vizinho na tabela dos pesos atômicos.

Esse chumbo tetra-etílico revelava-se uma substância assombrosa. No carater de composto anti-detonante, mostrou ser 50 vezes mais poderoso do que tudo o que até então tinham observado. Alem disso, bastava uma colher de chá desse composto para temperar quatro litros de gasolina. A sua infusão no tanque do pequeno Chevrolet, que agora servia para os ensaios, transformou o carro numa maravilha nunca vista para subir ladeiras, de tal ordem, que lhe deram o nome de «cabrito». Foi isso em dezembro de 1921.

Daí em diante essa aventura com a gasolina etílica correu sem mais dificuldades. Somente, para aperfeiçoar o novo combustivel, foram precisos cinco anos de luta com problemas de toda ordem! Verificaram que o gás etílico acabava corroendo as válvulas de exhaustão e as velas de ignição, mas que um composto de bromo podia remediar essa dificuldade. O bromo era porem, ao tempo, uma substância relativamente escassa. É certo que o mar tinha incontaveis reservas de bromo: mas o problema estava na maneira de extraí-lo de lá. Como se vê, era apenas mais uma «dificuldadezinha» como os óculos de vovô, e bastaram apenas três anos para que Kettering e os seus colaboradores descobrissem o truque químico por meio do qual se poderiam extrair da água do mar bilhões de quilos de bromo a baixo preço.

No decurso dos anos e trabalhos, Kettering soube manter-se imperturbavel, e continuou a acicatar os seus colaboradores e a gente de fora para que fizessem novas experiências. Ele os estimulou a persistir mesmo através do erro, para que os motores de automovel de hoje fossem capazes de dar quase o dobro do rendimento pelo mesmo volume; para que se cortasse tremendamente a despesa no que, de outro modo, teria sido a conta de gastos de combustivel onde quer que se usassem automoveis; para que a gasolina etílica se tornasse um componente obrigatório de toda a gasolina de aviação de alto grau octânico empregada na guerra.

E tudo isso, somado, chega apenas para trazer-lhe ao rosto um momentâneo fulgor de satisfação: «Como vê, foi sempre a mesma coisa com cada um dos nossos progressos—uma cadeia de fracassos apenas interrompida aquí e alí por um grãozinho de êxito, que nos permitia continuar a trabalhar suspensos por um fio.» E, de súbito, os olhos negros de Kettering explodem clarões de descontentamento através dos óculos: «Se ao menos tivéssemos mais um milhão de rapazes a quem pudéssemos ensinar a fazer bom trabalho de pesquisa, que mundo não seria este em que vivemos!»

«Pense nos pobres meninos,» continua ele na sua voz arrastada. «Desde a altura em que entram para a escola, são examinados três ou quatro vezes ao ano, e se são reprovados, é uma desgraça para eles. Basta que sejam reprovados uma vez para serem postos de lado. Em contraste com isso, pode-se afirmar que 99,9 *por cento das experiências e pesquisas são um fracasso, mas se a gente acerta uma vez, venceu!*»

Dito isso, sorrí, e remata: «É isto que nós devíamos ensinar-lhes: *A única vez que um homem não quer que uma experiência falhe, é a última vez que esse homem a tenta.*»

Mundo maravilhoso

¶ Entrei, recentemente, em um mundo maravilhoso e exótico, que só poucos homens conhecem. Penetramos nesse mundo por uma porta que se cerra depois de entrarmos, e que não pode ser aberta pelo lado de dentro. E nos encontramos, de súbito, em um ambiente caótico, cheio de estranhas formas e de sons indefinidos.

Se o recem-chegado é corajoso e inteligente, lança-se por esse novo mundo adiante, até chegar a uma região de incomparavel maravilha. Em breve, aquelas formas estranhas, que a princípio o inquietavam, começam a se aureolar de tonalidades irisadas, como as de um conto de fadas, que emergem da memória de outros tempos. Depois, a auréola se desfaz, e os objetos aparecem com um novo aspecto, visiveis como um sonho, com a diferença de que podem ser tocados, porque são reais, e, quando tocados, ainda se tornam mais belos.

Nada há que possa desmanchar o deslumbramento desse cenário—sempre limpo, sempre belo, sempre agradavel. O céu tem perenemente a côr que desejamos; as árvores não são simples plantas, mas fantásticas criações de jade e onix; os edifícios são do mais alvo mármore e da mais brilhante prata; e as pessoas têm atributos sobrehumanos, como semi-deuses. O recem-chegado faz novas amizades, e torna a encontrar as antigas, as quais não têm mais os defeitos físicos de outrora e conservam apenas as vozes como dantes.

É um mundo isento de imperfeições—um mundo maravilhoso. Um mundo que podemos ver, se olharmos bem, longa e intensamente, através de um simples par de olhos de vidro.

* * *

(O trabalho acima foi premiado em um concurso organizado por um escritor americano, Baynard Kendrick. Seu autor, Tenente Lloyd Greenwood, perdeu a vista em 1944, durante um bombardeio sobre a Áustria, e, quando tomou parte no concurso, estava convalescendo em um hospital militar.)

—The American Magazine

Quase todos nós lemos mal. Eis aqui como apurarmos nosso método de leitura, e como aperfeiçoá-lo

Você lê com rapidez?

(Condensado de «Liberty») • *RUTH McCOY HARRIS*

QUER saber se lê depressa? Pois pegue um lapis e coloque diante de si um relógio. Ao chegar ao fim deste parágrafo, escreva o tempo exato que levou para lê-lo. Continue lendo normalmente. As perguntas feitas no fim deste artigo darão a medida de como apreendeu o assunto. Está pronto?

"Quem lê devagar lê mal," diz Norman Lewis, autor do livro *How to read better and faster*. "Quem lê depressa, pensa depressa, tem bons olhos, bom vocabulário, e acha-se bem informado sobre assuntos gerais. A maior parte das pessoas que lêem dez vezes mais depressa que os leitores vagarosos absorvem melhor a leitura que estes."

Lewis assinala o fato de que a leitura é talvez a mais importante de todas as habilidades que adquirimos. Não há um emprego, a bem dizer, em que não seja necessário ler. E, mesmo nos paises mais alfabetizados, sessenta por cento, pelo menos, dos que sabem ler, não lêem bem.

Milhões de pessoas que lêem apenas as historietas cômicas ilustradas, encontrariam prazer e estímulo nos livros e revistas, se seus hábitos de leitura melhorassem. Uma criança que não lê razoavelmente, está fadada ao fracasso, na escola. A maioria dos delinquentes foram maus alunos, por lerem mal.

Os exercícios constituem fator importante na melhoria da leitura. Durante certo período de tempo, todos os dias, procure esforçar-se, concientemente, por ler um pouco mais depressa e compreender melhor, à primeira vista. Nossos olhos não vêem nada, a bem dizer, enquanto percorrem uma frase impressa; é durante as breves pausas, que "lêem" realmente. Quanto maior o espaço que abrangem, tanto maior o número de palavras que vemos, de um só golpe, e tanto mais depressa lemos. Um bom leitor faz apenas duas ou três pausas em cada linha, ao passo que um mau leitor para, quase a cada palavra, e um leitor excelente percorre a linha inteira com um só olhar, de modo que pode percorrer uma coluna estreita de jornal, sem mover os olhos da esquerda para a direita. Foi assim que Teodoro Roosevelt conquistou a reputação de ler toda uma página, com um só olhar, o que é, evidentemente, impossivel. A verdade é que lia rapidamente, descendo de linha em linha, e sabia pular o desnecessário lendo, muitas vezes, apenas as palavras essenciais.

Segundo a doutora Stella Center, diretora da Clínica de Leitura da Universidade de Nova York, um dos principais defeitos da leitura consiste em ler uma palavra de cada vez, e voltar a lê-la novamente. Muitas das pessoas que lêem devagar pronunciam cada palavra, em voz alta, ou mentalmente. Caso queira

averiguar se está cometendo este erro, toque os lábios de leve, quando estiver lendo. Caso não se movam, procure tocar a garganta sobre as cordas vocais. Se estas vibrarem, ainda que seja levemente, é que está "vocalizando". Afim de evitar isso, procure ler qualquer livro ou jornal de leitura facil, mais depressa, de modo a que não tenha tempo de pronunciar as palavras e—o mais importante—procure concentrar a atenção sobre o pensamento do autor. É a melhor maneira de evitar a necessidade de repetir a leitura. Lemos eficientemente quando nosso espírito e imaginação se acham, realmente, fascinados pelo que estamos lendo.

Todos os técnicos no assunto concordam em afirmar que um vocabulário deficiente impede que se leia depressa. Não interrompa a leitura para procurar no dicionário cada palavra desconhecida. Continue lendo, pelo menos até o fim do parágrafo. Frequentemente, o significado da palavra torna-se evidente, devido à maneira por que esta se acha empregada. Noutros casos, pode tornar-se claro, se procurarmos imaginar do que se trata, antes de consultarmos o dicionário. "Um vocabulário rico," diz Norman Lewis, "não se adquire lendo longas listas de palavras num dicionário, mas por meio de constantes leituras, e um espírito alerta e curioso."

Os livros que Lewis recomenda aos estudantes parecerão pesados para os leitores vagarosos: história e biografias, psicologia e fisiologia, matemática e sociologia. "Se meus alunos lerem, igualmente, livros leves e romances, tanto melhor. Isto só contribuirá para habituá-los a ler mais depressa. Um dos defeitos dos leitores lentos é, porem, o fato de que não se acham, em geral, bem informados. Por isso que nunca apreciaram a leitura, alguns deles não abriram sequer um livro desde os tempos da escola. Desse modo, ignoram uma porção de fatos de que os outros estão a par. Lendo alguns livros instrutivos e sólidos, formarão uma base que lhes poderá servir de ponto de partida. Quanto mais sabemos, tanto mais depressa lemos."

Adaptar a rapidez da leitura ao material é, tambem, importante. Ao lermos instruções sobre como cozinhar um bolo ou construir uma prateleira, devemos fazê-lo com vagar, afim de que todos os detalhes se gravem claramente no espírito. Por outro lado, se estivermos lendo um conto leve, não há crime algum em lermos de relance longas e elaboradas descrições de panoramas, e seguirmos o enredo. Ler de relance não é a mesma coisa que saltar parágrafos ou páginas. Ler de relance, passando os olhos, rapidamente, por cada parágrafo e destacando as palavras essenciais, é o segredo que permite a muitos profissionais lêrem tudo o que se publica no terreno que os interessa.

Qual a rapidez com que devemos ler? Quem ler 225 palavras por minuto, lê como a média das pessoas e como um aluno ginasial deve ler, em regra, seus livros escolares. Mas essa velocidade não é, de fato, bastante para que a leitura de jornais ou revistas se torne realmente agradavel. Os alunos das escolas primárias e ginásios passam por dificuldades, em seus estudos, quando não conseguem ler trezentas palavras por minuto, e os estudantes dos cursos preparatórios das universidades, que lêem menos de 350, vêem-se, tambem, em apuros. Em alguns empregos, mesmo seiscentas palavras por minuto é pouco, e a doutora Stella Center tem recebido, na sua clínica, homens que desejam melhorar essa média. E muitos conseguiram fazê-lo. Lewis lê mais de oitocentas palavras por minuto, e ainda está adquirindo maior velocidade.

Ao que parece, é sempre possível ler melhor e mais depressa, por melhor que se leia. Para muitos de nós, servirá de estímulo saber que a maioria dos adultos podem aperfeiçoar sua leitura de pelo menos trinta e cinco por cento, através de seus próprios esforços.

AGORA consulte o relógio. Divida o número de minutos pelo número de palavras deste artigo (1297), e averiguará qual a sua média, por minuto.

Afim de verificar se absorveu bem o que acaba de ler, responda às seguintes perguntas, sem consultar novamente o artigo.

Conte dez pontos, por cada resposta correta. Se chegar a oitenta, ou mais, terá apreendido os pontos essenciais.

1. Quem ler depressa não apreende grande parte do que lê. Certo ou errado?
2. Um vocabulário pobre torna a leitura mais vagarosa. Certo ou errado?
3. Pronunciando cada palavra, compreenderá melhor o que leu e formará um bom vocabulário. Certo ou errado?
4. Teodoro Roosevelt lia uma página inteira de uma só vez. Certo ou errado?
5. Ler é mais importante que qualquer outra matéria, nas escolas. Certo ou errado?
6. A percentagem de adultos que lêem defeituosamente é de cerca de (a) 5 por cento; (b) 25 por cento; (c) 60 por cento.
7. A maior parte dos adultos podem aprender a ler com maior rapidez, à razão de, pelo menos (a) 10 por cento; (b) 35 por cento; (c) 100 por cento.
8. (Duas respostas estão erradas. Procure riscá-las.) A mais comum das faltas cometidas, em matéria de leitura, é: (a) ler palavra por palavra; (b) ler historietas cômicas; (c) reler, ou voltar atrás; (d) pronunciar as palavras; (e) ir ao cinema.
9. Quem lê depressa pode aprender a ler ainda mais depressa. Certo ou errado?
10. Recorrer ao dicionário para conferir, imediatamente, cada palavra, tornará sua leitura mais rápida. Certo ou errado?

Respostas às perguntas sobre leitura: 1. Errado. 2. Certo. 3. Errado. 4. Errado. 5. Certo. 6. 60 por cento. 7. 35 por cento. 8. As respostas erradas são (b) e (e). 9. Certo. 10. Errado.

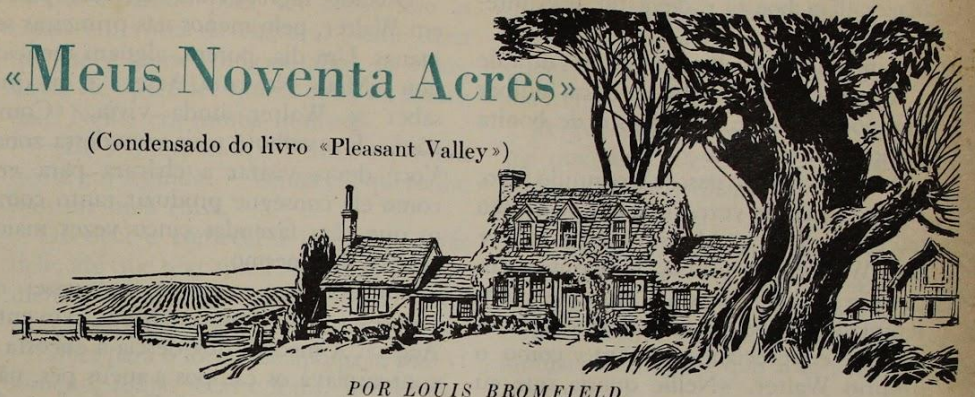
«Arejando» o Parlamento

¶ A transmissão dos debates do Parlamento da Nova Zelândia, pelas quatro estações radiofônicas do Governo, para todo o Domínio (constituido de núcleos de civilização espalhados pela ilha, onde cada granja tem um aparelho de rádio), teve um êxito tão grande e se tornou tão popular que, segundo se diz, a eliminação desse *broadcast* provocaria uma revolução. O próprio Parlamento tirou vantagem do sistema, observando-se um nivel mais elevado nas discussões legislativas.

—Lord Strabolgi, no *News Chronicle* de Londres

«Meus Noventa Acres»

(Condensado do livro «Pleasant Valley»)



POR LOUIS BROMFIELD

TIVE um amigo, um velhote, que vivia numa chácara denominada «Meus Noventa Acres»*. Há anos, quando Walter era moço, nunca aludíamos à sua chácara sem esboçar um sorriso meio trocista e meio afetuoso. É que Walter falava de sua propriedade como se ela fosse uma fazenda imensa ou mesmo um império. Todavia, a ironia desapareceu com o tempo e «Meus Noventa Acres» ficou sendo somente o nome da chácara.

O velho Walter tinha direito a falar com orgulho. A chácara não era certamente uma maravilha de modernismo, mas a casinha branca, com suas persianas verdes, refletia prosperidade, e o imenso estábulo pintado de vermelho tinha um aspecto vistoso. Quanto ao gado, ninguem possuia melhor em toda a região.

O local tinha uma beleza rude. Os gramados estavam cuidadosamente tratados, mas em volta deles prosperavam as flores silvestres e o mato, e o mesmo abandono romântico se observava para alem da pequena horta; o próprio arame da cerca desaparecia sob os tufos de canela-sassafrás, amoreiras pretas e outros arbustos silvestres. A chácara tinha esse aspecto rústico, não porque Walter fosse indolente ou mau lavrador, pois não havia em todo o vale quem gostasse mais de trabalhar, mas porque ele—e Nellie—assim o tinham desejado.

Nunca cheguei a ver Nellie, mas meu pai contou-me que ela havia sido a moça mais formosa do vale e que tinha sido professora até se casar com Walter, aos 22 anos. A gente do povo admirava-se que ela tivesse escolhido Walter, que nada tinha alem daqueles 36 hectares de terreno de encosta, acabados de comprar. Ninguem compreendia porque não escolhera melhor partido, alí no próprio vale. Contudo a razão era simples: ela o amava.

Na parede da sala de visitas da casinha de «Meus Noventa Acres» havia uma ampliação colorida de uma fotografia tirada na época do casamento. Ambos estavam hirtos e solenes. Walter, robusto e bem apessoado, com um olhar simpático, descansava uma das mãos no ombro de Nellie, e esta—morena, de olhos grandes—estava sentada na frente dele, toda vestida de branco, com mangas compridas e uma saia de roda. Segurava nas mãos um pequeno lenço de renda e um ramo de

*O acre é uma medida de área que corresponde a 40,47 ares.

lilazes. Era bonita e deve ter sido inteligente.

Ainda hoje os velhos habitantes do vale a recordam: «Nellie foi a única mulher que conhecí, que tinha tanto de bonita como de inteligente.»

Morreu quando nasceu o segundo filho, Robert. Mas às vezes, quando eu e meu pai percorríamos «Meus Noventa Acres» com Walter e seus filhos, vinha-me a impressão de que ela estava presente, contemplando a beleza e a fertilidade dos campos e apreciando-as tanto como o próprio Walter. «Nellie queria que eu convertesse este campo numa pastagem para gado,» dizia ele. «Mas nós não podíamos sacrificar as safras de legumes... É extraordinário como uma cabeça de mulher podia ter tantas idéias inteligentes sobre a lavoura. Nellie costumava dizer...» E eu acabava quase sempre por entrar na pequena casa com a idéia de que Nellie, falecida antes que eu houvesse nascido, nos estava esperando com o jantar na mesa.

Apesar do grande número de mulheres, viuvas e solteiras, que lhe fizeram a corte, Walter não voltou a casar-se, e nunca mais deixou «Meus Noventa Acres», exceto pelo tempo necessário para ir à cidade ou assistir à missa de domingo com seus filhos, John e Robert.

Costumava pescar e nadar com os rapazes e acabei por conhecê-los bem, mas abandonei a região quando tinha apenas 17 anos e estive ausente durante outros 25. John morreu em St. Mihiel, durante a primeira guerra mundial, e Robert regressou das trincheiras, mas não ficou na chácara. Sempre ambicioso, ascendeu até à presidência de uma companhia e ganhou muito dinheiro. Durante alguns anos tentou conseguir que seu pai deixasse a fazenda e fosse morar na cidade, mas Walter nunca consentiu.

Quando regressei ao vale não pensei em Walter, pelo menos nas primeiras semanas. Um dia, porem, alguem mencionou «Meus Noventa Acres» e eu quis saber se Walter ainda vivia. «Como não!... É o velhote mais vivo desta zona. Você devia visitar a chácara para ver como ele consegue produzir tanto como os que têm fazendas cinco vezes maiores.» E fui mesmo.

No domingo seguinte atravessei os montes e dirigí-me a «Meus Noventa Acres». À medida que descia a encosta e contemplava os campos a meus pés, não podia deixar de pensar: «Esta é a fazenda mais linda que eu já vi.»

Estávamos em junho. O rebanho, gordo e luzido, tinha parado de pastar e observava minha descida, quase escondido na alfafa. O milho, forte e viçoso, tocava a minha cintura; a aveia estava grossa e robusta e o trigo começava a dourar os campos.

Quando me aproximei do ribeiro, descobrí que Walter passava junto à cerca acompanhado por dois cães de pastor. Detive-me um instante a contemplá-lo. Vi-o avançar uns passos, parar, afastar o mato e espreitar entre os tufos de sassafrás e silvas. De uma das vezes, ajoelhou e ficou invisivel durante algum tempo.

Afinal, os cães que vinham na minha direção começaram a ladrar e o velhote parou e fixou-me os olhos semi-cerrados. «Já sei,» disse ele, «você é filho do Charles Bromfield.»

Contei que viera visitá-lo, e Walter perguntou como estava meu pai. Quando lhe disse que tinha morrido, respondeu com completa naturalidade, como se a morte fosse coisa de somenos importância: «Sinto muito. Não sabia; quase não saio daquí.» Mas subitamente recordou-se que eu devia tê-lo visto entrar e sair dos arbustos, e a idéia fê-lo corar. —Eu estava espiando para ver como vão as coisas em volta da chácara. Nellie dizia que, se a gente soubesse abrir os olhos, havia de aprender muita coisa na fazenda... Nellie era minha mulher.

—Eu sei, respondí, e Walter exclamou quase em seguida: —Venha cá, quero lhe mostrar uma coisa.

Obedecí e comecei a caminhar atrás dele, até que o vi ajoelhar e afastar novamente os tufos de mato. —Veja! Olhe para esses bichinhos!

Olhei para o local que apontou, mas vi somente folhas secas e fetos. Walter riu-se: —Como é isso... Você não está vendo? Espie alí, por aquela abertura entre os ramos.

Curvei-me um pouco mais, e conseguí ver finalmente o que Walter me mostrava. Sete pequenas codornizes aninhadas umas contra as outras, imoveis entre a sombra úmida das silvas. Nenhuma era maior que um dos polegares de Walter.

O velho fazendeiro ergueu-se. —Os outros riam-se de mim porque eu deixava crescer o mato junto da cerca. No ano passado os bichos destruiram quatro hectares de milho na fazenda do Talbot. A cerca está tão nua que nem os gafanhotos têm onde pousar. E o peor é que Talbot está convencido que entende muito de lavoura! Depois riu-se e acrescentou: —Quando os gafanhotos vierem comer meu milho, esses bichinhos me protegem...

Dirigimo-nos para casa. —Foi Nellie quem teve essa idéia de deixar crescer o mato ao longo da cerca. A princípio não acreditei no que dizia, mas acabei me convencendo que tambem dessa vez ela tinha razão.

Quando chegamos junto da porta, Walter disse: —Vamos beber um copo de leite. Alí na sala está mais fresco. E o leite que me ofereceu era, sem sombra de dúvida, o melhor que eu tinha bebido nos últimos 30 anos—denso, quase como creme, gelado e com pequenos flocos de manteiga flutuando na superfície.

Perguntei se estava vivendo só. Disse-me que sim, que estava, e em seguida, como que adivinhando o meu pensamento, continuou: «Mas não vivo isolado. Nellie dizia muitas vezes que nunca tinha conseguido compreender porque é que algumas mulheres se sentiam isoladas numa chácara. Para ela a companhia dos animais era melhor que a da maioria das pessoas.»

A partir desse dia, minhas visitas de domingo a «Meus Noventa Acres» tornaram-se um hábito. É que eu verificara que Walter conhecia melhor que ninguem os preceitos da lavoura e o modo de cuidar das safras e do gado. Mas nem sempre estávamos sós. Os vizinhos e até mesmo os proprietários de fazendas mais distantes, vinham de quando em quando visitar a chácara e ouvir o que Walter contava sobre a sua lavoura. Sua voz adquiria maior vigor e em seus olhos azues brilhava um fulgor estranho, quando descrevia a história deste campo ou daquele, explicando o que tinha aprendido ao cultivá-lo.

Certo dia Robert veio fazer sua visita anual e foi até minha casa pedir que eu tentasse convencer seu pai a deixar o vale. «Ele está com 75 anos, e eu tenho medo que aconteça qualquer coisa quando estiver só em casa ou no estábulo. Mas é teimoso e não quer arrancar pé. Hoje de manhã, por exemplo, ele se levantou de madrugada, e às sete horas já estava trabalhando.»

Estávamos sentados na varanda, olhando o vale, e durante alguns momentos ninguem falou. O trigo temporão amadurecia nos campos, para alem do prado verdejante onde pastavam as vacas.

—Escute Robert. A verdade é que não sei se devemos intervir. Ele é feliz a seu modo; está forte como um moço, e adora a chácara como se ela fosse uma mulher. E acrescentei, após ligeira hesitação: —Alem disso, Nellie está sempre presente, vigiando todos os passos dele.

Robert fixou-me estupefato. —Como? Você tambem pensa assim?

—Nellie, respondí,— está em todos os recantos de «Meus Noventa Acres». Estou certo de que neste instante ela está ajudando seu pai no milharal.

—Pois o mal é precisamente esse, disse Robert. —Às vezes penso que meu pai confundiu as coisas de tal maneira, que já não sabe distinguir entre Nellie e a chácara.

Finalmente, acabamos por concordar que não havia nada a fazer. Prometí que olharia pelo velho, e cumprí religiosamente a promessa. Durante dois anos, eu, ou outra pessoa de minha casa, visitamos Walter diariamente.

Um domingo, em princípios de novembro, fui ver um de seus milharais. O milho estava lindo. Quando chegamos ao fim de uma das extensas filas, Walter parou junto de um dos pés mais grossos, cujo caule vergava ao peso de duas espigas enormes, quase maduras, e de outra menor. Seus olhos brilhavam ao contemplar a planta.

—Veja aquí. É ou não é lindo? Isto é o tal milho híbrido. E suas mãos percorriam lentamente a haste e ondulavam perdidas sobre as folhas e as espigas. —Eu gostaria que Nellie tivesse visto este milho híbrido; talvez nem acreditasse.

Foi então que compreendí todo o mistério, toda a história de Walter e de Nellie e de «Meus Noventa Acres».

Aquela mão calosa, acariciando o pé de milho, percorrendo amorosamente suas folhas, era a mão de um apaixonado; a mão que tinha acariciado o corpo de uma mulher que havia sido amada como nenhuma outra, com uma paixão tão intensa e absorvente, que seu lugar não poderia jamais ser preenchido por outra mulher. Era nisso que Robert pensava quando afirmou que seu pai confundia Nellie e a chácara.

Não se luta contra o destino. Uma tarde fui visitar Walter e não conseguí encontrá-lo, nem a seus cães, em parte alguma. Voltei à casa e, ao chegar junto da porta, ouví que os animais ganiam e arranhavam no quarto de cama do andar térreo. Entrei. Um dos cães veio ao meu encontro. O outro estava enrolado no tapete, com as patas sobre a cabeça, ao lado da cama onde jazia o velho Walter. Tinha morrido serenamente durante o sono.

Enterramos Walter junto de Nellie, no pátio da igreja do vale.

Robert não quis vender «Meus Noventa Acres» e eu resolví lavrar a chácara por sua conta. Um dos meus homens foi viver lá. Contudo, ela nunca será lavrada como Walter a lavraria. Mais ninguem é capaz de trabalhar a terra com a mesma paixão que dedica à única mulher que amou.

¶ O QUE há de lamentavel a respeito das dietas é que elas contribuem muito para a nossa força de vontade, mas quase nada para a nossa silhueta.

NBC

Três fatores da personalidade

(Condensado de «Physical Culture»)

POR HARRY EMERSON FOSDICK

UM PSICÓLOGO, que mantem um consultório de psiquiatria, disse-me recentemente que a maior parte dos casos de instabilidade emocional são determinados pelo fato de que os indivíduos não se sentem satisfeitos com suas próprias personalidades. Vivem sonhando com o que fariam se tivessem as oportunidades que os outros têm. Desse modo, sem levarem em consideração suas próprias possibilidades, nunca fazem nada que valha a pena.

Ora, qualquer pessoa pode encontrar motivos suficientes para sentir-se insatisfeita com a sorte que lhe coube. William Wilberforce, filantropo inglês do século XIX, não gostava nada de si mesmo. Era como que a edição em miniatura de um homem. Boswell foi ouví-lo, certa feita, e eis como descreveu sua impressão: «Vi uma criatura, que me pareceu do tamanho de um camarão, subir à plataforma: mas, à medida que falava, foi crescendo e crescendo, até que o camarão se transformou em baleia.» Aquele homenzinho, «do tamanho de um camarão,» nunca desfrutou de boa saude. Durante vinte anos, sob receita médica, teve que tomar ópio para se manter em vida, com tal coragem e força de vontade, que nunca aumentou a dose. Apesar de tudo isso, foi ele, mais que qualquer outro inglês, quem deteve o tráfico de escravos na Grã Bretanha. Junto ao túmulo do «procurador geral dos desprotegidos e dos desamparados», tem-se a impressão de que a vida daquele homem sensivel e sofredor incarnou-se numa compaixão perseverante e inabalavel, pelos vencidos e humilhados; compaixão, essa, que um homem robusto e em perfeito estado de saude não poderia ter sentido, ao que é provavel, com tal intensidade. Os maiores êxitos, na história, foram conquistados por indivíduos que, ao se verem enfrentados por qualquer limitação ou deficiência, resolveram aceitá-la como parte do jôgo da vida, e jogaram soberbamente, apesar disso. Uma vez, um grande violinista estava dando um concerto em París, quando uma das cordas se partiu, de repente, e ele transpôs a composição para outro tom, terminando-a em três cordas. Assim deve ser, na vida—quando a primeira corda estala, termina-se a execução com as outras três.

Logo que o indivíduo começa a adotar essa técnica positiva, ao lidar com suas deficiências, estas se lhe apresentam como oportunidades, que lançam um verdadeiro desafio, e são, por vezes, fascinantes. A revolta contra nossas deficiências não leva a coisa alguma, nem a compaixão por nós mesmos. Devemos ter a audácia de aceitar nossas próprias pessoas, como um conjunto de possibilidades, e iniciar, assim, a experiência mais interessante do mundo—aproveitar ao máximo o que temos de melhor.

Numa batalha com os sarracenos, assim corre a história, os escoceses lançaram o coração de Robert Bruce, rei da Escócia, na direção em que deviam avançar, lutando, depois, por alcançá-lo, com todas as suas forças. É esse o método de

ação que devemos adotar. Tome as rédeas de sua vida, atire para a frente algum ideal, ou alguma esperança, e lute por alcançá-la. Organize sua vida em torno a um objetivo. Muito há quem nunca adquire personalidade alguma, por julgar que a vida é qualquer coisa que encontramos, e não algo que criamos. O que encontramos é a existência. A grande tarefa de nos tornarmos pessoas consiste, justamente, em tomarmos a existência, e organizá-la em torno a nossos planos e propósitos, de modo que ela se venha a transformar numa vida.

Um amigo meu desembarcou em Boston, há mais de meio século. Seu pai, velho escocês, dissera-lhe que suas habilidades eram abaixo do comum. Começou a vida nos Estados Unidos, como ferreiro, morando no sobrado de uma taverna. Tais eram as condições de sua existência. O que dela conseguiu fazer, contudo, foi uma grande vida, pois veio a ser um dos melhores estudantes que jamais cursaram a Universidade de Harvard. Durante mais de 40 anos, numa igreja de Boston, foi um dos pastores mais notaveis, entre os que figuram nos anais das igrejas americanas, pelas suas qualidades intelectuais e pela influência espiritual que soube exercer. Sua existência foi o que encontrara—sua vida, o que criou. Frequentemente, o que um homem pode ter de melhor não é o conforto, mas o desafio de um ambiente antagônico, capaz de despertar-lhe a alma entorpecida.

Três fatores, pelo menos, contribuem para a aquisição dessa espécie de personalidade. Primeiro, a imaginação. As grandes vidas começam com a imagem no espírito do indivíduo, do que ele desejaria ser ou fazer, algum dia. Florence Nightingale sonhava em vir a ser enfermeira. Edison pròcurava, desde criança, imaginar-se inventor. Essas pessoas escaparam à influência das circunstâncias, imaginando algum futuro tão vivamente, que avançavam em direção a ele.

> A democracia é, principalmente, a convicção de que há extraordinárias possibilidades em todos os indivíduos, e de que, se abrirmos de par em par as portas da oportunidade, de modo que todos os jovens possam trazer à superfície o que têm de melhor, em si próprios, obteremos resultados surpreendentes, de fontes inesperadas. Shakespeare era filho de um açougueiro que abrira falência, e de uma mulher que nem sabia assinar o próprio nome. Beethoven era filho de uma tuberculosa, filha, por seu turno, de uma cozinheira e de um bêbedo. Schubert era filho de um camponês, e a mãe trabalhara como criada. Faraday, um dos maiores pesquisadores científicos de todos os tempos, nasceu num estábulo, o pai era um ferreiro inválido e a mãe executava os mais humildes trabalhos.
>
> Fatos como esses são, por assim dizer, a razão fundamental da democracia. E é por isso que, apesar de todos os seus erros desanimadores, devemos acreditar nela, eternamente. —Harry Emerson Fosdick

Vejamos, por exemplo, o poeta John Keats. Orfão, desde menino, premido pela pobreza, lacerado pela crueldade de seus críticos literários, desiludido no amor, vítima da tuberculose, deixou finalmente a cena, morrendo aos vinte e seis anos de idade. A partir do dia em que, meninote, deu com um exemplar da *Faërie Queene* de Spenser, persuadindo-se, então, sem sombra de dúvida, de que nascera para ser poeta, a vida de Keats foi guiada por um firme propósito, que lhe garantiu um lugar permanente entre os homens famosos do mundo. «Parece-me,» disse uma vez, «que hei-de figurar entre os poetas ingleses, depois de minha morte.» Gravou essa idéia na imaginação e, para ele, foi como o coração de Robert Bruce para os guerreiros escoceses.

Conserve firmemente diante do espírito uma imagem de si próprio, durante certo período de tempo, e sentir-se-á irresistivelmente atraido por ela. Ao contrário, presumir-se vencido será o bastante para tornar a vitória impossivel. Procure imaginar que está vencendo, e essa idéia contribuirá imensamente para o êxito. Não imagine coisa alguma sobre sua própria pessoa e futuro, e será levado ao sabor da corrente, como um barco sem leme.

O segundo fator é o bom senso. Não adianta nada a uma cavilha redonda imaginar que se ajustará bem a uma abertura quadrada. Muitas pessoas, aliás, andam tontas, de um lado para outro, antes que venham a descobrir a verdadeira direção de suas vidas. O pintor Whistler queria ser general, e tomou por esse caminho. Teve que deixar, porem, a Escola Militar, por não ter passado o exame de química. «Se a sílica fosse gás,» observaria, anos depois, «eu teria sido general.» Sir Walter Scott desejava ser poeta. Só passou a romancista ao ser eclipsado, no terreno da poesia, por Lord Byron. Phillips Brooks fracassou como professor, antes de iniciar suas famosas pregações. Procure analisar-se a si próprio, e escolha o seu objetivo inteligentemente. Mas, com ou sem critério e sabedoria, escolha um objetivo: não se deixe levar ao sabor da corrente.

O terceiro fato é a coragem. As verdadeiras personalidades possuem sempre a espécie de fé que produz a coragem. Embora toda a geração a que pertencia se mantivesse contra ele, Wagner tinha fé na sua música, e esta acabou por dominar o mundo. Depois que os séculos já haviam trazido um implacavel testemunho da virulência devastadora da febre amarela, um pequeno grupo de cientistas e médicos, reunidos em Cuba, acreditou que era possivel vencê-la, e assim foi. Charles Darwin trabalhou durante vinte anos num pequeno jardim inglês, vencendo e fracassando, mas sempre levando por diante o seu trabalho, porque tinha fé nos indícios que julgava ter encontrado. E saiu vencedor. Fé não é credulidade. É o poder criador. É a visão, completada pelo valor.

A imaginação, o bom senso e a coragem—exercitados, ainda que seja moderadamente apenas, produzirão resultados notaveis.

Quando um homem deseja principalmente riquezas, o mundo pode chicoteá-lo. Quando o que mais deseja são prazeres, o mundo pode espancá-lo. Mas quando sua principal ambição é formar uma personalidade, pode aproveitar, então, tudo o que a vida lhe traz.

¶ A atriz Anne Jeffreys recebeu, com surpresa, um pedido de aumento de ordenado da empregada, e observou-lhe:

—Mas agora, que a guerra terminou, você sabe que será muito mais facil encontrar uma empregada...

—É verdade, replicou a moça, —e mais facil tambem achar um marido.

—Erskine Johnson, NEA

«O cinema a domicílio» é um novo negócio, organizado num período de oito anos, que fornece trabalho a trezentas e vinte pessoas

FILMES QUE SE LEVAM PARA CASA

(Condensado de «Popular Photography»)

POR DON WHARTON

Quem vê, atualmente, numa casa particular, um filme que não foi filmado por algum parente ou amador entusiasta, pode estar certo—pois há dez probabilidades contra uma—de que se trata de um filme de Eugene Castle. Partindo de uma simples idéia, com o auxílio de incansavel persistência, este ex-operador cinematográfico desenvolveu uma nova indústria que fornece emprego, diretamente, a trezentas e vinte pessoas e, indiretamente, a várias centenas de operadores e mais de mil caixeiros de lojas. Menos de oito anos depois da produção de sua primeira película para projetores particulares, Castle está vendendo, por ano, 31.500 mil metros de filme, no valor de três milhões de dólares.

Eugene Castle nasceu em 1879, em São Francisco da Califórnia. Em menino, organizava espetáculos de lanterna-mágica, no porão da casa dos pais, com legendas complicadas, escritas na sua letra infantil. Aos dezesseis anos, recebeu 500 dólares que a avó lhe tinha deixado, e resolveu empregá-los na compra de um velho projetor cinematográfico francês, de segunda mão, vindo a descobrir, depois, que não podia fazer grande coisa, com os filmes ao preço altíssimo que então custavam.

Aos 18 anos, empregou-se na Companhia Gaumont de jornais cinematográficos. Àquele tempo, o maior rival da Gaumont era a Pathé, que tinha um operador cinematográfico de primeira ordem, na Califórnia. Afim de mostrar-se à altura dele, Castle aprendeu a manejar a câmara, ele próprio. Dentro em pouco, estava filmando toda sorte de acontecimentos do Canadá ao México—corridas de balões, festas populares, e a primeira comunicação telefônica transcontinental. No outono de 1916, filmou o lançamento de um homem e uma motocicleta de um avião, de paraquedas, experiência então realizada pela primeira vez. O homem aterrou a 300 metros da motocicleta, montou nela, e lá se foi, a toda a velocidade. As fotografias tiradas por Castle foram levadas para Washington, um quarto de século antes que os paraquedistas alemães tomassem Creta, mas o Ministério da Guerra dos Estados Unidos não viu possibilidade alguma de utilizar a idéia para fins militares.

Castle entrou para o Corpo de Fuzileiros Navais do seu país em 1917, mas, se andou armado, foi com a câmara, a tirar fotografias que pudessem estimular novos voluntários e recrutas. Depois do

Armistício, exerceu vários empregos em companhias de jornais cinematográficos. Em 1926, com um capital bastante reduzido, e uma coragem sem limites, resolveu organizar, por conta própria, um novo negócio, fazendo filmes curtos de publicidade. Persuadiu um negociante de automoveis da Califórnia a enviá-lo à volta do mundo, filmando proprietários de Cadillacs. Esse pequeno filme de propaganda aumentou tanto as vendas, que a General Motors resolveu usá-lo, e mais tarde veio a ser exibido com êxito.

«Quem quer iniciar um novo negócio,» diz Castle, «precisa ter o caradurismo de arrombar a porta de quem não quer abrí-la.» E foi o que fez. Conseguiu convencer as autoridades federais a encomendar-lhe filmes do Grand Canyon, em cores naturais, e obteve uma encomenda no valor de 64 mil dólares, produzindo então um filme que foi exibido em quatro mil cinemas.

Uma vez, quando uma companhia de seguros quis fazer uma fita educativa mostrando o perigo dos acidentes, Castle comprou três automoveis de segunda mão, contratou alguns choferes de taxi desempregados para ir de encontro a eles e espatifá-los, e produziu um filme tão realista, que foi exibido nos tribunais de Nova York como exemplo para os violadores das regras de tráfego. Mas «shorts» como esse eram empregados pelos seus fregueses durante muito tempo, e Castle não conseguiu, por isso, realizar grandes lucros. Decidiu que precisava iniciar outro gênero de inovação, complementar, e lançou-se na produção dos filmes para exibição em casas particulares. Viu, num jornal, uma página inteira de anúncios de projetores particulares, e deduziu: «Se a Kodak pode gastar milhares de dólares num anúncio como esse, é que muita gente está comprando projetores.»

Como assunto do seu primeiro filme neste gênero, escolheu a coroação do rei Jorge VI da Inglaterra, que estava, então, para ser realizada. Assinou contratos com as companhias de jornais cinematográficos, preparou o pessoal necessário para a produção de uma película de dez minutos, e lançou a campanha de venda. Uma das grandes lojas de Nova York tomou encomendas de seus fregueses, no valor de 32 mil dólares, antes mesmo que o filme da coroação tivesse sido produzido.

Seis dias antes da cerimônia, durante o intervalo de um espetáculo teatral, Castle viu nas mãos de um homem a última edição de um vespertino onde se lia, na primeira página, em letras garrafais: «O Hindenburgo explodiu.» Dez minutos depois, já estava no escritório, procurando todas as fotografias do desastre que já tivessem sido tiradas. À meia noite, pôde ver as primeiras películas dos jornais falados e, 48 horas depois, seus auxiliares já tinham produzido uma fita para amadores, sobre a explosão do grande dirigivel. Vendeu 35 mil destas e 60 mil dos filmes da coroação.

Cerca de três mil lojas vendem, atualmente, os filmes de Castle para exibição a domicílio. Quinhentas alugam as películas a seus fregueses, algumas, até, a um preço reduzido por uma noite. Uma nova fita de Castle é, hoje em dia, para milhares de distribuidores e amadores, principalmente nos Estados Unidos, um acontecimento tão importante quanto a «première» de uma grande produção de Hollywood para o público em geral.

Castle já produziu, ao todo, 208 filmes para projetores particulares. Produz cerca de 20 por ano, e tem mais de 100 no seu catálogo. Um terço dessas produções são «jornais»: esportes, viagens, e aventuras. Uma fita, em cada quatro, mais ou menos, é filmada pelos operadores de

Castle; as outras são feitas com material de jornais falados ou películas compradas aos exploradores, caçadores de animais selvagens, e outros especialistas. A que tem maior vendagem, de todas elas, é uma espécie de «jornal» produzido anualmente, que resume os acontecimentos importantes do ano.

Qualquer que seja a origem da película, o pessoal de Castle começa a trabalhar com centenas de metros de filmes de 35 milímetros, o tamanho empregado nos cinemas e teatros, cortando aquí e alí, e preparando as legendas, até formarem uma fita para projeção a domícilio. Esta passa, então, a um laboratório, que a reduz a 16 ou 8 milímetros. Dezenove, em cada vinte filmes para amadores, são silenciosos.

Para produzir uma fita de dez minutos, um dos operadores de Castle passou uma quinzena num circo, e gastou muito dinheiro e muito filme. Uma das películas, com uns cem metros de comprimento, sobre um urso, foi tirado de outro filme, muito maior, em que um especialista em filmagem de animais gastou vários meses.

Os amadores compram esses filmes e incorporam algumas partes nos que eles próprios filmaram. Para tal fim, todas as fitas de Castle são produzidas, agora, em rolos de 30 a 100 metros. Muitos amadores costumam inserir partes do jornal anual nas biografias de seus filhos, as quais costumam, tambem, filmar anualmente.

Alem de pioneiro dos filmes para amadores, Castle continuou a produzir *shorts* industriais, estabelecendo uma filial que é a maior distribuidora de fitas de publicidade de 16 milímetros, filial essa que distribue às escolas, gratuitamente, três mil filmes industriais, por semana.

Quando a produção de projetores para uso civil foi interrompida, em janeiro de 1942, havia cerca de 400 mil destes, em lares americanos, desde o modelo mais barato para filmes silenciosos de oito milímetros, ao mais caro, para filmes falados de 16 milímetros. Castle prevê, agora, um formidavel aumento na venda de projetores particulares no após-guerra.

¶ Um fazendeiro americano estava servindo no corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos quando um incêndio destruiu toda a sua plantação de mudas de árvores. Ao dar baixa, recentemente, encontrou a propriedade transformada em um campo de ervas daninhas, que cresciam entre restos carbonizados de árvores. Achando que somente depois de alguns anos poderia conseguir boa quantidade de árvores crescidas para vender, chegou à conclusão de que seria melhor criar galinhas e perús, até que a sua plantação se desenvolvesse.

Mas não contava com os seus concorrentes da vizinhança. Sem avisar, os vizinhos apareceram, trazendo 15 caminhões carregados de mudas de consideravel valor. Com um trator, arados e pás, limparam o terreno e plantaram as mudas. Em poucas horas, a plantação estava outra vez em condições de permitir a continuação do negócio interrompido pela guerra. O ex-fuzileiro não acreditava nos seus próprios olhos, e, comovido, engolia em seco. Finalmente, conseguiu pôr cobro ao seu assombro, e oferecer cerveja aos inesperados visitantes. Mas nada podia desfazer o nó que tinha na garganta.

—*World-Telegram* de Nova York

Quatro requisitos essenciais para a harmonia entre patrões e operários

Os sindicatos SE DEMOCRATIZAM

POR WILLIAM HARD

O quarto capítulo da história do proletariado americano, a cujo início assistimos presentemente, é caraterizado por três acontecimentos fundamentais. O primeiro é a Conferência de Industriais e Operários, convocada em Washington pelo Presidente Truman, afim de estudar os princípios básicos para o estabelecimento de relações pacíficas entre patrões e operários. O segundo foi a publicação, em março de 1945, da Carta assinada por Eric Johnston, Presidente da Associação Comercial dos Estados Unidos, William Green, pela Federação Americana do Trabalho e Philip Murray, pelo Congresso de Organizações Industriais, proclamando a associação de interesses entre patrões e sindicatos operários.

Finalmente, o terceiro acontecimento —e talvez o mais significativo, devido à sua maior importância local—foi a constituição, em Toledo, de uma comissão permanente, composta pelos principais empregadores, dirigentes dos sindicatos operários e simples cidadãos, e destinada a fomentar a prosperidade e as possibilidades de emprego, mediante «a cooperação prática entre os industriais, o operariado e o público». Ao passo que outrora as cidades e vilas procuravam atrair novas indústrias anunciando «mão de obra barata» e «operários não sindicalizados», Toledo pretende alcançar o mesmo objetivo afirmando-se como uma cidade sindicalizada, na qual os sindicatos se unem aos industriais afim de assegurar a harmonia e o progresso.

Para compreender todo o alcance desses três acontecimentos que marcam o início do capítulo quarto da história do proletariado americano, é necessário recordar as caraterísticas principais dos capítulos precedentes.

O primeiro abrange a época que transcorreu entre a proclamação da República e o ano de 1815, aproximadamente. Nessa época existiam apenas pequenos sindicatos locais, e a maioria das greves que se declararam visavam a redução do período de doze horas de trabalho diário. Os sindicatos viviam sob um regime legal extremamente restrito. A opinião pública considerava-os geralmente como uma «conspiração», e alguns chegaram a ser levados aos tribunais sob essa acusação. Foi apenas a partir de 1815 que o poder judiciário reconheceu a legalidade dos sindicatos operários.

O segundo capítulo iniciou-se em 1815 e terminou em 1926. Os sindicatos locais multiplicaram-se e as organizações operárias de carater nacional começaram a surgir. Fundou-se a Federação Americana do Trabalho. Os sindicatos tinham inteira liberdade para se organizarem, mas os empregadores conservavam o di-

reito de não reconhecer a organização. Foi o período da «luta livre» entre patrões e operários. Os fundadores ou organizadores dos sindicatos eram *liquidados* por assassinos a soldo dos empregadores; as fábricas destes eram dinamitadas por agentes dos sindicatos. Mas essa liberdade para levar a cabo uma guerra «particular», com pleno desprezo do interesse público, acabou por tornar-se na realidade intoleravel. Surgiu então o terceiro capítulo.

A chamada Lei dos Ferroviários, publicada em 1926, forçou os dirigentes das empresas ferroviárias a reconhecer os sindicatos estabelecidos livremente pelos respectivos operários, e a Lei Wagner, promulgada em 1935, ampliou esse princípio, aplicando-o às indústrias não ferroviárias. Tem-se dito várias vezes que a Lei Wagner impõe a sindicalização. A afirmação, porem, não é verdadeira. Os operários têm o direito de recusar a constituição do sindicato, uma vez que assim o decidam por maioria. Esse terceiro capítulo, que se prolongou até hoje, deve ser considerado como o período durante o qual o regime de «luta livre» foi substituido pelo de «Negociação Coletiva ao Abrigo da Lei» e, a menos que seja completado, pode afirmar-se que constitue um período negativo.

A luta passou a travar-se em volta de uma mesa, mas nem por isso deixou de ser luta. Os empregados, mediante a interpretação de seus contratos ou pelo seu comportamento diário, podem empregar vários meios—bons e maus—para atormentar e enredar o empregador; e este, por sua vez, pode reconhecer o sindicato com o mesmo espírito com que Jó reconheceu que tinha furúnculos, e pode, como ele, passar o tempo lamentando os malefícios dos furúnculos em geral e de seus próprios em particular.

A NEGOCIAÇÃO coletiva, desacompanhada de outros elementos, não produz necessariamente maior grau de boa vontade entre dois grupos, nem contribue para aumentar a eficiência e a produção, ou a riqueza e prosperidade do povo. Ao contrário, pode afetar seriamente estas últimas.

Foi do reconhecimento desse fato que surgiu o capítulo quarto, destinado a elevar a negociação coletiva, desde o nivel de controvérsia permanente ao de uma colaboração contínua, mediante a aplicação, por acordo mútuo, de certos princípios dinâmicos.

Tais princípios podem, segundo creio, condensar-se nos quatro que figuram na Carta subscrita por Johnston, Green e Murray.

1. «Reconhecimento e proteção do direito que têm os operários de se organizarem e estabelecerem negociações coletivas com os patrões.» Isto faria com que muitos industriais desistissem de «atenuar» os efeitos da Lei Wagner e de aplicar artifícios para escapar às suas consequências.

2. «Reconhecimento e proteção dos direitos e responsabilidades dos empregadores, quanto à administração e direção dos trabalhos da empresa.» Com a aplicação de semelhante preceito, muitos sindicatos desistiriam de imiscuir-se nas funções diretivas e de influenciar as respectivas deliberações.

3. Procurar criar «o mais alto nivel de produção, estimulando constantemente o aperfeiçoamento técnico». Tal princípio impediria que numerosos sindicatos tentassem limitar o rendimento dos operários, opondo-se à introdução de máquinas ou processos técnicos mais modernos.

4. «Existência de um sistema econômico nacional destinado a proteger os cidadãos contra o desemprego.» Com semelhante preceito, os industriais deixariam de olhar com hostilidade sistemática para os diversos projetos de legislação social e passariam a estudá-los com a esperança sincera de descobrir neles as bases para uma ação concreta.

Durante as minhas entrevistas com os dirigentes sindicais constatei que existe entre eles o receio de que muitos industriais importantes pretendam utilizar o período de transição entre guerra e paz, e a crise de desemprego desse período, para enfraquecer ou destruir os sindicatos. Essa é precisamente a razão da sua insistência pela adoção do preceito número um: reconhecimento completo, e de boa fé, do direito dos operários à sindicalização e à negociação coletiva. Certamente ele será aceito na íntegra pelos empregadores, se o segundo preceito—o direito de gerência dos patrões—for reconhecido pelos operários.

Qual será, porem, a forma de aplicar praticamente os dois preceitos ao mesmo tempo? A resposta não é dificil, se examinarmos as várias oficinas onde eles já dominam ou estão prestes a dominar.

O contrato de negociação coletiva estabelece as regras que devem orientar o comportamento ou atividade dos operários e seus dirigentes. Elas cobrem salários, duração dos turnos, número de horas de trabalho por semana, promoções, baixas de posto, demissões, prioridades, etc., e constituem um estatuto aceito por ambas as partes no que respeita às relações entre empregados e empregadores dentro da fábrica.

A estes últimos compete executar os preceitos resultantes das negociações coletivas e tomar, de acordo com o seu espírito, as medidas necessárias para que a fábrica ou usina continue funcionando sem interrupção.

Numa fábrica de Toledo, a gerência despediu uma operária que chegava habitualmente tarde ao trabalho. Os representantes do sindicato dirigiram-se imediatamente aos portões da fábrica, afixaram um cartaz anunciando a greve, e formaram uma barreira que os outros milhares de operários se recusaram a atravessar. O resultado dessa atitude foi uma greve que durou vários dias e em que os operários perderam grande soma de dinheiro, em salários totais. Não será possivel evitar paradas de produção tão injustificadas? Parece que se acentua cada vez mais, tanto entre operários como entre patrões, a tendência para inserir nos contratos de negociação coletiva cláusulas permitindo que se despeçam empregados em certos casos específicos. Muitos contratos modernos contêm tais cláusulas, que os dirigentes sindicais vão apoiando, à medida que aumenta sua experiência com os maus elementos da classe.

Isto, porem, não exclue de modo algum o direito à reparação por possiveis injustiças. Todos os modernos contratos de negociação coletiva contêm sistemas de recurso mais ou menos complicados. Os operários que se consideram vítimas de injustiças têm o direito de apelar para uma série de tribunais, que vão desde o representante da união e do contramestre, nos casos mais simples, até um árbitro imparcial, selecionado por ambas as partes, nas hipóteses mais complicadas. Esses orgãos de apelação ou recurso têm poderes para julgar o caso—*de acordo com o espírito do contrato.*

ASSISTIMOS hoje nas fábricas americanas ao estabelecimento de um sistema perfeitamente paralelo ao das instituições democráticas de carater público.

Legislação: o contrato de negociação coletiva, formulado por empregados e empregadores. *Poder Executivo:* o empre-

gador ou empregadores. *Poder Judiciário:* os orgãos de apelação.

Esta é, sem dúvida, a única fórmula que pode conciliar os dois primeiros preceitos da Carta Johnston-Green-Murray: o direito de negociar, para os sindicatos, e o direito de gerência, para os patrões.

Todavia, os outros dois preceitos não são menos importantes.

Um deles dispõe que os operários devem executar com honestidade o seu trabalho diário, e aceitar os processos e equipamento mais aperfeiçoados. O outro estipula que a sociedade tem que protegê-los contra o desemprego, quando este tenha resultado da aplicação «de tais métodos ou máquinas mais perfeitas».

Alguns sindicatos já aceitaram os fundamentos dessa técnica científica, que aliás está bem longe dos processos cruéis e antiquados a que outrora se recorria para acelerar a produção. Tais fundamentos se baseiam no princípio de que a rapidez do operário deve ser determinada com cuidados científicos, afim de evitar que ele conclua a semana de trabalho indevidamente fatigado. Outro princípio estabelece a doutrina de que os lucros maiores, obtidos mediante esse acréscimo de trabalho do operário, devem ser partilhados de maneira equitativa com este.

Todos esses assuntos podem ser incorporados nos contratos de negociação coletiva, uma vez que já não constituem objeções relevantes contra o aumento do esforço produtivo dos operários. Subsiste, é certo, o argumento que se baseia no receio do desemprego, mas nem esse é justificado. Se o trabalho se executa melhor e mais depressa, e a um custo de produção que permite preços de venda mais baixos, o resultado é quase sempre a expansão do mercado e, portanto, o aumento do número de operários e não a sua redução. Haverá, evidentemente, casos de desemprego temporário, enquanto os operários tornados dispensaveis pela aplicação das novas máquinas não forem reabsorvidos pelo aumento de produção resultante da expansão do mercado. É precisamente para a prevenção e solução de tais casos que os empregadores e empregados devem dirigir seus esforços, em vez de os utilizarem numa resistência inutil contra os progressos da técnica.

Onde os homens são homens de fato

¶ No ano passado, durante o verão, achava-se de visita em nosso rancho uma simpática e bonita pequena, cujos sentimentos por um dos nossos vaqueiros eram visivelmente um caso de adoração romântica. Num dos saraus de sábado à noite, na cidade, ela se empenhou, mais do que nunca, em chamar-lhe a atenção —empregando todos os recursos da arte feminina, desde o penteado até a última prega do vestido—mas o rapaz se limitou a conversar sobre coisas do campo, e, finalmente, foi para o bar. Mas pouco depois ela se aproximou dele, dizendo-lhe, indignada:

—Aquele vaqueiro alí está querendo me namorar e eu nem sequer fui apresentada a ele!

O outro então encaminhou-se para o «namorador», que era muito maior do que ele, e perguntou como se chamava. Apresentando-o então cortesmente à senhorita, voltou calmamente para o bar.

—Lawrence Cardwell

Começando humildemente, Laurence Jones enriqueceu a vida de milhares de negros

Um mestre que honra sua raça

(Condensado do «Rotarian»)

POR NELSON ANTRIM CRAWFORD

Um preto robusto, de uns treze anos de idade, ergueu um saco e colocou-o sobre a mesa do professor. Este, um negro baixo, de aspecto erudito, levantou os olhos:

—Que é isso, meu filho? perguntou, com um sorriso nos lábios.

—Batata doce. É só isso que eu tenho, respondeu o menino.—Papai disse que não adiantava vir à escola sem dinheiro. Mas o padre disse para eu vir assim mesmo, porque o senhor me aceitava. A gente tem mesmo que aprender... Dito isso, pôs-se a mexer os dedos dos pés descalços, numa agonia de incerteza.

—Claro que sim, respondeu o professor. —Nunca recusei ninguem na escola só por não ter dinheiro.

Agora, homem feito, esse menino é chefe do departamento de treino manual, numa escola, e assim se exprime: «Eu teria sido um completo ignorante, se não fosse aquele professor, e, como eu, muitos dos meninos a quem tenho ensinado. Ele me ensinou a fazer uma porção de coisas, e fez com que eu tivesse vontade de ensiná-las aos outros.»

O professor tão benquisto é Laurence Jones, um preto norte-americano, do Missuri, que deu as costas a bons empregos e a uma vida confortavel, afim de facultar uma educação prática e oferecer oportunidades aos membros de sua raça, nas regiões mais atrasadas que pudesse encontrar. Em 1909, fundou a sua escola em um lugarejo do estado do Mississipi, a qual começou no cepo de um tronco, com três alunos analfabetos e um capital extremamente reduzido. Já agora, tem um belo prédio, muita terra bem cultivada, e 440 alunos de seis a quarenta anos, vindos de 15 diferentes estados da União americana, e de um país estrangeiro. Dalí partiram, para localidades rurais, milhares de fazendeiros, mecânicos e donas de casa, preparados para o exercício de suas atividades, e centenas de professores, práticos e competentes. Alem disso, a escola espalhou o evangelho dos bons fazendeiros, dos lares saudaveis, de uma

religião sólida e de uma vida social estimulante, entre os seus alunos e outros habitantes da região. Tendo sido o único preto na sua classe, na universidade que frequentava, Laurence Jones era um dos alunos prediletos dos professores e dos estudantes, devido a seus dons musicais e teatrais, a sua capacidade de estudo e a seu carater irrepreensivel. Ao formar-se, em 1907, o proprietário de um hotel em cuja portaria estivera trabalhando, durante a noite, mostrou-se desejoso de dar-lhe uma boa posição no negócio. Os pais de colegas ricos ofereceram-lhe empregos. Um deles quis até lançá-lo numa carreira dramática e musical, oferecendo-se para financiá-la. Mas o rapaz já tinha tomado uma firme decisão: «Quero fazer alguma coisa pela gente da minha raça,» respondia.

Foi ter às mais remotas regiões do sul do seu país onde nunca estivera anteriormente, e trabalhou como lavrador, vaqueiro e carregador. Numa zona algodoeira, encontrou centenas de negros que trabalhavam na lavoura, guardavam um bando de porcos e bebiam aguardente. Oitenta por cento eram analfabetos.

Jones começou a dar aulas, tendo como alunos três pequenos analfabetos. Ganhava a vida colhendo algodão e ervilhas e cortando o feno. Quando procurava despertar o interesse da gente da região, via-se confrontado pela suspeita e pela falta de compreensão. Não queriam instrução, muito menos ministrada por um «estrangeiro». Todavia, dentro de três meses, seus alunos exibiram tão bem o que acabavam de aprender, que passou a contar com vinte e nove deles. Um comerciante negro, bem situado na região, deu-lhe uma cabana de madeira e um bom terreno. Jones e seus alunos prepararam o interior da cabana que devia ser, ao mesmo tempo, a escola e a casa do professor. A gente do lugar decidiu fornecer-lhe um pequeno subsídio mensal.

Com o desenvolvimento da escola, tornou-se necessário levantar outra casa. Jones dirigiu-se ao dono branco de uma usina da região, o qual assim respondeu ao seu apelo: «Eu sempre disse que é bobagem tentar educar os negros, mas você, rapaz, tem coragem e idéias práticas. Eu lhe dou madeira e crédito para mais, se for preciso.»

Outros brancos foram contribuindo, e os pobres negros tambem, como lhes era possivel. Jones e seus alunos construiram com as próprias mãos um edifício de boas proporções. O número de discípulos subiu a 85. A terra foi cultivada. Quando um fazendeiro branco deu à escola uma porca que estava para ter filhotes, o professor e seus alunos construiram uma cerca para guardar os porcos, e que era uma lição para a gente do lugar, onde os animais viviam soltos, errando por alí fora, livremente. Dentro em pouco, Jones pôde dedicar as aulas de aritmética a cálculos sobre os lucros das boas colheitas e do gado bem tratado da escola, passando, nas aulas de composição, a «redações» sobre o tema: melhoramento da lavoura.

Um dia, dois irmãos, ex-colegas de Jones na universidade, vieram visitá-lo inesperadamente. —Eu tinha decidido pedir dinheiro a eles, disse Jones mais tarde. —Antes, porem, que tivesse a coragem de pedir, um deles disse simplesmente: «Somos donos de umas terras perto daquí. Se você quiser ficar com elas, são suas.»

Uma família da vizinhança começou a cultivar gado escocês para a escola, e um negociante aposentado, que se entretinha no cultivo de frutas, fez-lhe presente de 500 árvores frutíferas e amendoeiras. Novas dádivas lhe chegavam às mãos quase diariamente: roupas que os alunos consertavam, camas, moveis velhos, e um arado.

Faziam-lhe, tambem, ofertas em dinheiro, mas estas ainda tardavam demasiado. Jones organizou um grupo de cantores, entre os alunos, construiu um ônibus improvisado, com um motor velho, e fez com que percorressem a região, dando concertos. Na cidade onde ele crescera, um clube local patrocinou um recital, cuja receita, bem elevada, foi entregue à escola. Jones compôs uma canção que lhe deu o bastante para fornecer abrigo e sustento a 40 meninos e meninas desamparados. Fez uma série de conferências e organizou uma equipe de futebol, que trouxe novos fundos para a instituição, jogando em diversos lugares.

Agora, alem de uma bela fazenda que produz 60 por cento dos alimentos necessários aos estudantes, a escola conta com cinco bons prédios de tijolo, e 20, em construção. Os estudantes prepararam, eles próprios, o tijolo, cortaram a madeira e construiram as casas.

Desde o início, a idéia de Jones foi sempre a mesma: ensinar os meninos e as meninas a trabalharem com as mãos, afim de torná-los aptos a ganhar a vida; ensinar-lhes matérias acadêmicas, com o fito de ajustá-los à cultura do seu país, e princípios morais e religiosos sãos e sólidos, destinados a substituir as superstições e o medo. Atualmente, trinta professores, negros em sua maioria, dão aulas de primeira qualidade de treinamento para vocações: aulas de agricultura, carpintaria, sondagem, preparando-se mecânicos para garages, pedreiros, cozinheiros, costureiras, lavadeiras, estenógrafas e guarda-livros. Todos os estudantes precisam aprender pelo menos duas profissões, para que, se lhes faltar trabalho numa, possam recorrer à outra.

Aprendem com a prática. Ordenham cincoenta vacas diariamente, estudam os métodos mais modernos de lavoura, tais como preparar declives e contornar as terras com o arado, fazendo, alem disso, toda sorte de experiências com o cultivo de árvores de outros climas. A horta da escola produz grande quantidade de frutas e legumes. As meninas e moças preparam os menús, cozinham e servem as refeições.

Numa prensa obtida para a escola por um jornalista branco, os estudantes de jornalismo imprimem dois periódicos, um para eles e outro para ser distribuido entre seus amigos. Não há uma máquina, em toda a escola, que os estudantes de mecânica não saibam consertar, eles próprios. São ainda capazes de construir um telhado, um guarda-louças e de soldar uma barra de ferro partida.

Uma cega, de côr, que desejava ardentemente ganhar a própria vida, aprendeu, nessa escola, a trançar assentos para cadeiras de palha. Outras crianças cegas seguiram-lhe o exemplo. Um dos professores estudou o método Braille e, já agora, há 26 estudantes cegos. Todos saem da escola capacitados para ganhar a vida.

Crianças aleijadas recebem tambem um treinamento especial. Uma menina, vítima de paralisia infantil, tornou-se uma costureira de primeira ordem, e um rapaz, que perdera ambas as pernas, dirige, agora, o serviço telefônico de uma fábrica.

As aulas, aí, são realmente *sui generis:* basta dizer que um dia um aluno, orador de sua turma, ao despedir-se da classe de 1945, falou, durante três minutos, sobre as oportunidades oferecidas aos pretos; a seguir, vestindo um macacão, pediu: «Tragam o porco.»

Dois jovens alunos trouxeram um porco e colocaram-no sobre a mesa. «Vou mostrar-lhes como se dá uma vacina con-

tra a cólera dos porcos,» disse o orador, e, enquanto explicava o processo e seu princípio científico, tomou de uma seringa e enfiou a agulha no ombro do porco com tanta habilidade, que o animal nem sequer grunhiu.

Noutra ocasião, a oradora de uma turma, ao terminar o seu discurso, lavou e passou a ferro uma blusa que exigia a habilidade de um técnico. Outra moça cozinhava feijão, numa dessas cerimônias, enquanto uma terceira preparava uma salada. Um grupo de alunas exibiu um serviço de mesa feito com sacos de farinha, e lençóis feitos com sacos de cereais. Cada um dos 27 diplomados apresentou qualquer coisa que pudesse servir para melhorar a vida da vasta população negra daquela região.

A escola de Jones nunca abandonou sua idéia inicial de educar as crianças pobres. Aos que podem pagar, cobra-se uma pequena taxa, na qual se inclue o preço de casa e comida. A maior parte dos alunos pagam o que podem, em dinheiro, ou por meio de seu trabalho.

Através do departamento de extensão da escola—que atinge, anualmente, quinze mil negros—e da influência dos que alí se formaram, três quartos dos fazendeiros e lavradores de côr das regiões adjacentes possuem agora suas próprias terras, sendo que, quando a escola foi inaugurada, a percentagem destes era de cinco por cento.

Uma das alunas, quando recebeu seu diploma, fundou outra escola, de proporções modestíssimas, numa localidade pequena do interior; com seus discípulos, organizava espetáculos, fazia doce para vender, auxiliava na colheita de legumes, e finalmente conseguiu mandar construir uma casa de três quartos, onde instalou a escola com certo conforto. Repetiu o mesmo processo em duas outras aldeias, até que as autoridades municipais, interessando-se pelos seus esforços, abriram verbas especiais afim de subvencionar o projeto.

Não é, pois, de admirar que a escola de Laurence Jones tenha conquistado a mais completa confiança de parte de todos que estão a par de sua existência e de sua luta. E seu fundador é reconhecido pelos seus conterrâneos como um dos primeiros cidadãos do Mississipi.

Perguntei um dia a Jones como ele conseguira perseverar através de tão longos anos e tantas pelejas. Sorriu, ao dizer-me:

—Eu rezava, como se tudo dependesse de Deus; e trabalhava, como se tudo dependesse de mim... Assim, não há jeito da gente desanimar.

As delongas da partida

¶ Dizer adeus é uma arte. Muitas vezes acontece que nos despedimos e agradecemos a hospitalidade recebida, mas nossos amigos desejam levar-nos à estação. «Não, não se incomodem,» apressamo-nos em dizer, «não haverá dificuldade alguma em achar o caminho.» Mas insistem conosco, acreditando que se trata de uma obrigação. O trem se atrasa, e não temos o que falar; acabamos dizendo tolices, como esta: «Vejam só o vapor que se escapa daquela máquina!» Quando o trem finalmente chega, em lugar da emoção da partida, o que há é uma sensação de alívio, para todos.

—William Lyon Phelps, *Autobiography* (Oxford University Press, ed.)

Flagrantes da vida americana

Eu e Bill saimos de Nova York no dia 4 de agosto, para uma temporada de pesca no norte, e durante dez dias não vimos viv'alma. Vínhamos rio abaixo, no dia 16, quando demos com Wallace Moody, um caçador local, que logo emparelhou o seu bote com o nosso.

—Ora viva! disse ele. —Até onde vocês foram?

Dissemos-lhe, e prosseguimos: —Que há de novo? Quais são as notícias da guerra?

—Há um monte de novidades, replicou Wallace.—Pescaram na represa dos castores?

—Não achamos nada. Deve ter havido uma enchente, que levou tudo. Que há, na guerra?

—Bem, temos agora uma bomba feita de átomos. Uma bomba dessas, do tamanho dum ovo de galinha, estoura uma montanha. O fim do mundo deve estar chegando. Pegaram trutas?

—Só para o gasto. Mas, escute aquí, Wallace, já estamos usando essas bombas?

—Deixamos cair duas, das pequenas. Arrasamos duas cidades japonesas. Não escapou ninguem. Que tal a pesca em Panter Brook? Há peixes graudos, lá?

—Meu Deus! exclamou Bill. —Os japoneses agora não podem aguentar muito tempo!

—Eles já entregaram os pontos, replicou Wallace. —Vocês não encontraram a represa dos castores, porque já não há muitos castores...

—Pelo amor de Deus, Wallace! atalhei eu. Quer dizer que o Japão se rendeu? E como estão os japoneses na Manchúria?

—Tambem se entregaram. Esquecí de dizer, a Rússia entrou na dansa. Podia-se pescar muito melhor, se não fosse essa Comissão da Pesca. É como lhes digo, as coisas já não são como dantes, por aquí...

—Edwin Perrin

Ao voltar ao meu automovel, que eu tinha estacionado em certa rua de Pitsburgo, verifiquei que a coberta do motor tinha sido lavada e limpa por um garoto de uns oito anos, o qual, entretanto, não tocara sequer nos paralamas, cobertos de pó. —Quer que eu acabe a limpeza, moço? São 50 centavos... perguntou o garoto. Concordei, e dez minutos depois, ele dava a tarefa por terminada, tendo deixado o carro brilhante como um espelho. Dei-lhe um dolar, dizendo-lhe que guardasse o troco. —Como vai o negócio? perguntei-lhe.

—Ótimo, replicou ele, tirando do bolso um maço de notas e juntando a que lhe havia dado. —Com o senhor, são 20 os trouxas de hoje.

—Tenente George Schlicht

Há uma pequena cidade do Mississipi que tem um serviço telefônico realmente notavel. Estava eu visitando uma senhora que necessitava dar um pulo à casa de uma vizinha, mas não tinha com quem deixar o seu bebê, de quatro meses de idade. —Que é que a senhora vai fazer? perguntei-lhe. —É muito simples, respondeu. E, colocando o berço junto ao telefone, chamou a telefonista. —Miss

Floy, disse ela, vou deixar o receptor do telefone no berço do meu filhinho, enquanto vou à casa da Lídia, um instante. A senhora quer fazer o favor de me chamar na casa da Lídia, se o menino chorar?

—Sra. R. M. Redhead

SABENDO que uma nossa velha vizinha estava seriamente enferma, envenenada por uma sopa de mariscos, fui à noite vê-la, para saber como passava. —A senhora pode entrar! disse-me a filha, quando perguntei pela velha. —Não, não quero incomodar a doente, comecei a dizer, quando vi que a enferma estava na sala, à mesa, com um guardanapo ao pescoço... tomando sopa de mariscos.

—Mas, exclamei, não foram os mariscos que fizeram mal à senhora?

A velha senhora olhou-me, sem pestanejar. —Foram os mariscos, sim! Mas eu não permito que meu estômago imponha a MIM o que eu posso e não posso comer!

—Nora Brophy

DURANTE a temporada de caça ao faisão, o ano passado, no Wisconsin, encontrei-me com um velho caçador cujo perdigueiro tambem parecia já muito idoso. Duas vezes consecutivas, vi que o cão «amarrava» uma moita e, embora nenhum faisão levantasse vôo, o caçador atirava para o ar. Intrigado, perguntei de que se tratava.

«Ora,» explicou o velhote. «Bem sei que não havia faisão nessas moitas. O meu cão Fritz já não tem olhos e olfato como dantes. Mas é um animal muito sensivel, e não quero que ele pense que o considero mentiroso.»

—J. A. Christofferson

PETER JARVIS era um vadio, vagabundo incorrigivel, que nunca fez nada digno de respeito em sua vida, exceto ter tomado parte na guerra Hispano-Americana, a qual denominava «A Batalha», orgulhosamente, como desculpa para a sua mendicância profissional. Certa manhã, minha avó estava limpando os degraus da sua casa, quando Jarvis se aproximou, com a velha deixa: —Estive na Batalha, madama, disse ele.

Minha avó olhou-o por cima dos óculos: —É? Eu tambem estive, replicou.

—Que batalha, madama? inquiriu o vadio.

—Na batalha da vida, retorquiu minha avó, secamente, e continuou a limpeza.

Jarvis olhou-a com o rabo dos olhos, por um momento, e foi embora. Durante muito tempo, o velho vadio não foi visto naquela redondeza. Um dia, finalmente, minha avó estava novamente varrendo as escadas, quando o Jarvis apareceu: vinha, uniformizado de limpador, fazendo a limpeza da rua. Ao chegar junto da minha avó, parou. —Tambem estou na batalha, madama, disse ele. E, ante a expressão de assombro dela, acrescentou, com dignidade: —Na batalha da vida.

—Katherine L. Smith

DOIS JOVENS e fortes paraquedistas americanos perambulavam pela seção de moveis de uma loja. Tinham passado a longa noite anterior num trem, sem dormir, e as camas pareciam macias e convidativas. Os dois rapazes sentaram-se «um instantinho só», e nesse «instantinho» caíram no mais profundo sono.

O gerente da loja, chamado por um vendedor surpreso, era um homem compreensivo. Desamarrou cuidadosamente as compridas botinas, trouxe um cobertor e cobriu os rapazes. Durante a manhã e grande parte da tarde, diante do sorriso dos fregueses, os soldados dormiram a sono solto...

—M. W. Cohn

Extrai-se das bactérias do solo; chamam-na estreptomicina; dá resultado onde a penicilina e as sulfas o não dão; e ouviremos falar muito dela nestes tempos mais próximos

Outra droga maravilhosa: a estreptomicina

(Condensado da «Hygeia») POR J. D. RATCLIFF

ACIMA do horizonte da nossa esperança de cura e remédio, uma nova droga surge agora que virá fazer época na história da medicina. Deram-lhe o nome de estreptomicina. Em pouco tempo, essa droga já apresenta uma história tão breve como fulgurante de vidas salvas. Tomando o archote, por assim dizer, das mãos da penicilina e das sulfas, onde estas findam a sua carreira salvadora, a estreptomicina realiza curas que nenhuma daquelas drogas consegue realizar. Parece desde já perfilar-se como formidavel maça de guerra ameaçadoramente erguida sobre as hostes dum incrivel número das peores doenças: febres tifóides e ondulantes, cólera, infecções de carater cirúrgico e *possivelmente* tuberculose.

A penicilina foi descoberta por acaso. A estreptomicina foi-o preconcebidamente. O dr. Selman Waksman, de uma estação agrícola experimental nos Estados Unidos, pôs-se em campo para encontrar uma droga capaz de produzir efeitos de que nem as sulfas nem a penicilina eram capazes. Waksman é microbiologista, e o domínio das suas pesquisas é o solo.

No curso destes últimos cem anos, os pesquisadores científicos suspeitaram que a terra—especialmente a dos cemitérios—devia ser a origem das epidemias. Mas as análises vieram provar que não se encontravam nela as bactérias das doenças: e a razão disso é que os micróbios da terra as destruiam. Desde então, um punhado de pesquisadores vinha tentando isolar esses benéficos micróbios da terra, que matam as bactérias morbígenas. Um dos antigos discípulos de Waksman, o dr. René Dubos, do Instituto Rockefeller de Investigação Médica, havia descoberto na terra um micróbio capaz de matar as bactérias causadoras da pneumonia e das infecções estreptocócicas, e, da respectiva cultura, acabou por extrair a droga denominada tirotricina.

Esses resultados tão promissores levaram um grupo de investigadores de Oxford a estudar outro micróbio do solo —um verde bolor, quase esquecido. E esses trabalhos, por sua vez, tiveram como recompensa a descoberta da ação da penicilina como salvadora de vidas.

Waksman começou explorando o solo em busca duma arma contra as bactérias causadoras de doenças intestinais tais como a febre tifóide, a disenteria e a cólera. As bactérias dessa família invadem com frequência as vias urinárias das pessoas de idade, dando lugar a incontaveis e extensos padecimentos.

Mas o problema da pesquisa do micró-

bio benéfico, que viria pôr termo a tamanha destruição de vidas humanas, oferecia dificuldades de estarrecer. Basta dizer que o torrão de humus que um homem pode erguer na unha do polegar chega a conter 8 milhões, e mais, de micróbios! Nessas condições, como seria possivel encontrar o desejado organismo?

Waksman continuou explorando esse domínio, imaginando técnicas novas que pudessem simplificar-lhe a tarefa. Misturava terra com água, depois escorria a lama assim obtida sobre a superfície duma chapa de vidro, na qual pululavam em cultura os micróbios geradores de certas doenças. Depois, procurava encontrar no vidro a área ou áreas onde os micróbios malignos houvessem sido destruidos. Uma vez encontradas essas áreas, o sábio esforçava-se por isolar do solo o micróbio ao qual se devia essa matança. E mesmo depois de o ter encontrado, ainda lhe era indispensavel extrair dele o suco químico em que se ocultavam os misteriosos poderes de destruição. Frequentes vezes os sucos assim obtidos eram tambem mortais para os seres humanos, e alguns podiam até liquidar um homem em questão de poucos segundos. A tarefa não era apenas desanimadora: antecipava-se desanimadoramente árida de recompensas.

Até que certo dia, foi isto em meados de 1943, as coisas mudaram bruscamente, e como que se rasgaram de par em par as portas do mistério: Waksman e um dos seus jovens assistentes, o dr. Alberto Schatz, encontraram espécimes dum micróbio da terra chamado *Actinomyces griseus*, que logo desde o início se lhes afigurou ser um gladiador de primeira ordem: era capaz de atacar e destruir dezenas de bactérias de várias doenças, incluindo aquelas que causam a tularemia e a febre tifóide. Extrairam dele o respectivo suco, a substância química letal para os outros micróbios, e denominaram-na *estreptomicina*.

Waksman, porem, não dispunha nem do treino nem das instalações para os interminaveis ensaios de laboratório que a nova droga exigia, e dirigiu-se por isso aos laboratórios da companhia Merck, em Nova Jersey, onde alguns dos seus antigos discípulos trabalhavam. A primeira coisa que havia a determinar era se a estreptomicina seria demasiado tóxica, e portanto intoleravel para os seres vivos. O novo extrato passou triunfalmente todas as provas: os ratos podiam aguentar enormes cargas dele sem darem sinais de qualquer efeito prejudicial. Os orientadores de pesquisas da Merck prontamente destacaram 50 investigadores para o estudo minucioso da nova droga.

Esses estudiosos ensaiaram os efeitos da estreptomicina sobre as bactérias que infestam o intestino do homem. Quando, por exemplo, o apêndice se rompe e extravasa, essas bactérias ficam à solta na cavidade abdominal, dando assim lugar a infecções fulminantes e mortais. Infiltram-se nas vias urinárias, onde vão provocar infecções persistentes contra as quais ainda se não encontrou remédio suficientemente eficaz.

A estreptomicina agiu triunfalmente, nos ensaios de laboratório, contra estes agentes da morte fulminante. Veio em seguida a oportunidade de fazer experiências nos hospitais. Num hospital de Toronto encontravam-se 66 soldados que padeciam de infecções graves das vias urinárias: foi-lhes ministrada a estreptomicina. Dentro de 24 horas todas as bactérias daninhas tinham desaparecido da urina dos pacientes.

Uma vez que a droga se revelava tão eficaz—nos tubos de ensaio como nos organismos vivos—contra a maioria das

bactérias que proliferam no intestino humano, não seria ela tambem um poderoso auxiliar, uma arma de primeira ordem no combate à febre tifóide? Três ilustres cientistas de Filadélfia fizeram a si mesmos essa pergunta, os doutores Hobart Reimann, William Elias, e Alison Price; experimentaram a sua aplicação num doente que havia três semanas estava lamentavelmente prostrado com febre tifóide. Ministraram-lhe pequenas doses da droga por meio de injeções hipodérmicas, de três em três horas, e a cura não tardou em produzir-se. O tratamento subsequente de outros pacientes foi coroado de resultados idênticos.

A outros médicos de Filadélfia ocorreu então perguntar se a droga não se mostraria igualmente eficaz no combate aos micróbios das intoxicações alimentares: tinham à mão um caso interessante, uma enfermeira que fora atacada duma infecção de salmonela, e se tornara portadora e veículo da doença. Deram-lhe a droga por via oral, porque, ao contrário da penicilina, a estreptomicina é altamente resistente à ação dos ácidos gástricos. Pois dentro de quatro dias a droga havia destruido completamente os micróbios.

Outros casos autenticados vieram posteriormente confirmar que a estreptomicina vem cumprindo à risca a sua promessa inicial. Por exemplo, nos laboratórios da Clínica Mayo, foram infectados experimentalmente 60 ratos com tularemia ou febre dos coelhos. Metade deles foram segregados, para morrerem sem tratamento, e expiraram dentro de 96 horas; a outra metade foi tratada com estreptomicina, e curou-se.

A notícia dessas esperançosas curas chegou aos médicos de meia dúzia de cidades, e à estreptomicina foi dada a oportunidade de ensaiar a sua virtude no organismo de seres humanos atacados de tularemia. A doença ficava curada em 12 horas somente, e os pacientes que, de outro modo, teriam passado meses na cama, estavam de pé e prontos a tratar da sua vida dentro de poucos dias.

Os resultados inicialmente obtidos com a febre ondulante, que é uma doença transmitida pelo leite não pastorizado, não foram menos animadores. A moléstia equivalente, no mundo animal, à febre ondulante é o mal de Bang. Para o exterminar nas manadas leiteiras era preciso abater as cabeças de gado por ele atacadas. Só nos Estados Unidos se sacrificam anualmente por esse motivo cerca de 150 mil vacas, que custam aos criadores uns 30 milhões de dólares. As provas até agora obtidas indicam que a estreptomicina virá pôr termo a essa situação, e que ela não será menos eficaz no combate a outras epizootias, incluindo uma enfermidade intestinal muito comum que destrói milhões de porcos todos os anos e a septicemia hemorrágica do gado, que mata anualmente centenas de milhares de bovinos de açougue.

Qualquer pessoa sentiria relutância em sugerir que uma nova droga pode mostrar-se eficaz na luta contra a tuberculose; dezenas de remédios têm aparecido, cheios de promessas—e todos têm falhado. Não obstante, os resultados operados pela estreptomicina no campo da tuberculose são pelo menos dignos de menção.

Waksman e os pesquisadores da companhia Merck, ao examinarem a ação da estreptomicina sobre os bacilos da tuberculose, no tubo de ensaio, repararam que o bacilo de Koch se mostrava particularmente sensivel à droga. Foram então remetidas amostras dela aos drs. Feldman e Hinshaw, da Fundação Mayo, que inocularam doze cobaias com tuberculose, doença sempre fatal para esses pequenos animais. Oito não receberam tratamento

especial; ministrou-se a estreptomicina aos outros quatro. Ao cabo de 54 dias, os oito que desempenhavam o papel de "testemunhas" mostravam-se atacados de tuberculose generalizada e progressiva; mas nos quatro que tinham sido tratados com a estreptomicina, a doença ou era inexistente, ou fora detida na sua marcha.

O fato de que a estreptomicina parece trazer a cura da tuberculose dos animais não significa exatamente que ela poderá curar a tuberculose nos seres humanos. Um ou mais anos decorrerão ainda, antes que se disponha de quantidades suficientes da droga para ensaios em larga escala. Seria pura e simples loucura abandonar, antes de alcançada qualquer conclusão positiva, os métodos de tratamento agora em via de aplicação.

Teoricamente, a estreptomicina deve ser tambem eficaz no tratamento da tosse convulsa ou coqueluche. E do mesmo modo parece que a sua ação será abençoada na ofensiva geral contra a disenteria epidêmica.

A estreptomicina, entretanto, apresenta-se como um suplemento de primeira ordem à penicilina. Visto como a penicilina é um ácido e a estreptomicina uma base, talvez seja possivel combinar as duas para se produzir um sal—o estreptomicinato de penicilina. Uma combinação dessa ordem, em um só remédio, constituiria arma tremenda contra as doenças, ficando, nela, um grupo de micróbios a cargo da penicilina, e outro a contas com a novíssima estreptomicina.

De todos os elementos disponiveis, só se pode concluir que a utilidade da estreptomicina parece ser dum alcance fantástico. Quando se encontrava somente ainda numa fase semelhante de desenvolvimento, a penicilina tambem se revelou muito promissora, e cumpriu a sua promessa. Uma indicação da fé que de dia para dia se vem depondo mais na estreptomicina, é o fato de que a companhia Merck já está edificando uma fábrica, avaliada em 3 milhões de dólares, para produção dessa droga, e cerca de mais vinte fabricantes de produtos químicos e farmacêuticos se estão tambem preparando para empreender a respectiva fabricação.

A certos respeitos, a produção dessa droga vem oferecer os mesmos problemas que a penicilina já nos pôs: cultivam-se ou propagam-se os micróbios em grandes tanques ou em frascos de vidro, dentro dos quais eles se nutrem por meio duma delgada camada de caldo alimentício. À medida que crescem, vão segregando para o líquido a sua droga, a estreptomicina, que é depois extraida por laboriosos processos químicos.

Um ano passará, pelo menos, antes que a droga se torne acessivel ao público em geral. Em todo caso, como o micróbio segrega o seu benéfico veneno em tão parcimoniosas quantidades, o mais certo é que o preço do remédio venha a ser muito elevado.

¶ Para tomar um remédio amargo, é bom esfregar antes a língua com um pedaço de gelo. As papilas do gosto tornam-se quase insensiveis, com o frio, ao passo que se estimulam com o calor.

—Dr. Harold Tangl, no *Journal of the American Medical Association*

Educação que só os pais podem dar

O que o nosso filho aprendeu no lar

(Condensado do «Rotarian»)

AUTOR ANÔNIMO

Há vinte anos, comecei a educar o meu filho para que tivesse uma vida util e feliz. Achava que os pais delegavam ao sistema escolar grande parte da responsabilidade que lhes cabia na educação de seus filhos, e que essa educação devia começar em casa, antes da idade escolar, continuando no lar durante todo o tempo dos estudos.

Meu filho John está agora com 23 anos, é um rapagão bem desenvolvido, perfeitamente normal, sociavel, trabalhador. Formou-se em engenharia, e trabalha atualmente dentro de sua profissão.

Eis o primeiro mandamento do nosso credo: a base da educação consiste em aprendermos a ter confiança em nós mesmos, e essa confiança, por sua vez, se baseia em sabermos usar nossas mãos. Assim, quando John tinha apenas três anos de idade, comecei a educar suas mãos, ajudando-o a erigir casas de brinquedo feitas com cubos: deixava-lhe a iniciativa da construção, mas insistia na perfeita colocação das peças, de modo que as paredes fossem parelhas e os cantos retangulares. Fazia, assim, com que seus dedos se habituassem a trabalhar com precisão e cuidado.

Ao completar ele três anos e meio, iniciei-o no uso das ferramentas. Tinha a teoria de que os instrumentos exercitam as mãos e o cérebro ao mesmo tempo, obrigando a raciocinar, a concentrar o intelecto, a distinguir as causas e os efeitos, desenvolvendo a habilidade manual e a força mental.

Se uma fechadura precisava de ser lubrificada, eu pedia a meu filho que me ajudasse. No princípio, o seu auxílio consistia em entregar-me as ferramentas, mas depois passei a perguntar-lhe que pensava fazer para tirar a maçaneta; procurava seguir a sua sugestão e, não obtendo resultado, pedia-lhe que imaginasse outra solução, até que, resolvido o caso, sua pequenina face se iluminasse de contentamento. *Ele* tinha resolvido o problema.

Seguí o mesmo método, quando se tratava de consertar uma torneira, reparar uma máquina de costura, ou refazer um brinquedo quebrado. Que ferramentas devíamos empregar? Que seria preciso fazer primeiro? Quando as mãos de John se tornaram bastante fortes, eu o animei a tomar a iniciativa dos pequenos consertos, sem se limitar a ser meu ajudante. Com cinco anos de idade, já o fazia da maneira mais natural deste mundo. «John,» dizia-lhe eu, « o boião da banheira desprendeu-se da corrente.» O menino ia buscar as ferramentas e, pouco depois, informava: «Está consertado.»

Alguns amigos meus julgavam uma inutilidade ensinar um garoto a trabalhar com as mãos, quando, com toda a proba-

bilidade, ele haveria mais tarde de ganhar a vida com uma profissão que lhe exigisse apenas esforço mental. Mas não arredei pé do meu ponto de vista. O emprego que ele tem hoje obteve-o porque soube pôr em prática o que aprendeu na faculdade. Alguns de seus colegas, mais brilhantes intelectualmente, lutaram com muito mais dificuldades para fazer carreira.

À medida que ia crescendo, perguntava sempre: «Como é que isso funciona?» E eu lhe perguntava, por minha vez: «Como é que você acha que funciona?» Frequentemente, entretanto, eu o estimulava: «Desmonte isso, e veja como funciona.» Fiscalizado por mim, ia desmontando pequenos aparelhos e máquinas de uso caseiro.

Hoje, não há coisa alguma em nossa casa que John não seja capaz de consertar, inclusive o automovel, porque aprendeu, desde menino, a pensar por si mesmo, observando o funcionamento de cada parte dos aparelhos, antes de desmontá-los, e levando em consideração a relação entre essas partes. E, o que é mais interessante, John ao mesmo tempo adquiriu uma atitude análoga ante a vida, procurando sempre a razão de ser das coisas.

Quando meu filho mal tinha começado a falar, já martelava minha máquina de escrever. Durante muito tempo, andou batendo as teclas, alinhando letras sem sentido. Mas, um belo dia, descobrí a palavra «quente» claramente dactilografada no meio de uma folha de papel. É que, buscando uma palavra verdadeira para escrever, aprendera por si só a copiar as letras que havia notado na torneira do lavatório, e daí por diante foi com a máquina de escrever que ele aprendeu a soletrar.

Quando John fazia a clássica interrogação de todas as crianças — «Porque?», nós, eu e sua mãe, nunca o deixávamos sem uma resposta que fosse plenamente satisfatória e veraz. Primeiro, pedíamos que nos disesse qual era a sua própria interpretação da questão em apreço. Se nem ele nem nós estávamos em condições de dar uma solução certa, consultávamos os livros, as autoridades no assunto. E muitas vezes o levei a uma garage, para que o mecânico lhe explicasse o porque de várias coisas, que eu tambem ignorava, relativas ao andamento de um automovel.

Mesmo quando John era muito pequeno, sempre procurei fazer com que seu espírito formasse *imagens* das teorias ou dos príncipios que eu lhe ensinava. Uma vez, perguntou-me porque é que os navios não afundam, quando qualquer pedaço de aço vai para o fundo. Procurei explicar-lhe, mas não conseguí fixar em sua mente nenhuma *imagem*. Alguns dias depois, ele estava brincando com barquinhos de papel na banheira, e eu então lhe mostrei que um peso de segurar papéis afundava, enquanto uma cassarola, muito mais pesada, flutuava. De súbito, John imaginou nitidamente o princípio. Mais tarde, vi-o explicando, com toda a clareza, o deslocamento dos corpos nos líquidos, a um adulto que nunca o compreendera antes.

Quando John iniciou o estudo da geografia, comecei a incutir-lhe uma compreensão «mundial» do assunto. Comprei-lhe um globo, em que tracei as viagens de Colombo e lhe indiquei o ponto onde se achavam os paises mencionados nas histórias que estivesse lendo no momento. Por sua própria iniciativa, dentro em pouco estava trazendo seus companheiros a nossa casa, para fazerem «viagens» à volta do seu globo. Desse modo, transmitindo os seus conhecimentos, ele estava alargando os seus horizontes mentais, bem como os dos amigos.

Ocorreu-me tambem que essa visão generalizada do mundo devia, por contraste, completar-se com uma visão inversamente reduzida, e comprei-lhe um microscópio de segunda mão. Os insetos, as folhas, as flores e as lascas de rocha que John trouxe, para examinar, revelaram-lhe um mundo inteiramente novo e fascinante.

Tudo isso, hão-de dizer, requer muito tempo e muita paciência. Tempo, não. Paciência, sim. Todos os pais, com um só filho ou com vários, gastam mais tempo do que pensam, respondendo a perguntas dos seus filhos, disciplinando-os e entretendo-os. O que procuramos fazer foi despender esse tempo de maneira construtiva. Transformamos as perguntas de John em jogos ou em aventuras que despertavam o seu interesse, sozinho ou com os companheiros. O impulso natural da infância leva muitos projetos adiante, com um pequeno estímulo dos pais, como uma roda de brincar que uma criança mantem em andamento com um simples toque, ligeiro mas contínuo.

Por outro lado, enriquecíamos os nossos conhecimentos, com a educação que dávamos a John, procurando responder às suas perguntas, e exploramos interessantes campos. Alem disso, descobrimos que a paciência nos poupava esforços— porque, quando conseguimos inculcar hábitos corretos a uma criança, não temos que nos preocupar, mais tarde, em corrigí-la, por causa das coisas erradas que fizer, pelo fato de não ter nada interressante em que se ocupar.

John era um menino normal, sempre brincando e fazendo travessuras como todos os meninos de sua idade. Mas tratamos de transformar, tanto possivel, os interesses da sua infância em algo proveitoso para o futuro, de modo que ele se instruia ao mesmo tempo que brincava. Todavia, ele não tinha a menor idéia de que estava sendo educado.

Uma das melhores coisas que fizemos foi tratar John como se fosse adulto. A maneira com que ele mostrava o globo e o microscópio aos camaradas, cheio de confiança em si, fez-nos compreender que as crianças têm uma dignidade própria de sua idade—dignidade essa que os pais poderão melindrar, se lhes derem distrações tolas ou sem sentido. Decidimos, então, dar-lhe coisas de gente grande, sempre que possivel. Quando nos pediu uma caixa de ferramentas, demos-lhe uma autêntica, e verificamos que tratou dela com mais cuidado do que o faria se fosse uma caixinha de brinquedo.

A seguir, nosso presente foi uma máquina manual de impressão, que compramos com economias, para o Natal. É facil imaginar a alegria do menino! A máquina de impressão, alem de seu valor prático, podia, aliás, ser para John uma fonte de renda—e propús que nos encarregássemos de pequenos trabalhos de impressão na vizinhança. Isso, é claro, exigiria a aquisição de mais equipamento; por isso, entrei com o dinheiro necessário e nos tornamos sócios—ajudando-o eu à noite, e aos sábados de tarde.

Para que John aprendesse a diferença entre capital invertido e capital de movimento, organizamos uma companhia: redigí um simples certificado, que John imprimiu, e ficamos cada qual com um número igual de ações. Dividíamos tambem os lucros, mas fiz ver que parte do nosso ganho devia ficar na «firma», para aumentar o capital empregado e comprar equipamento novo, quando necessário. Mas—expliquei a John—se preci-

sássemos de dinheiro emprestado para financiar uma encomenda qualquer, esse seria o capital de movimento. Naturalmente eu fiz as vezes de banqueiro, fornecendo esse capital de movimento e exigindo uma nota promissória para cobrir a transação. Queria que John não tivesse receio de tomar dinheiro emprestado, aprendendo ao mesmo tempo a assumir completamente a responsabilidade.

Viajávamos, sempre que possivel, para ampliar a educação de John, relacionando as nossas viagens com os estudos que na ocasião ele estivesse fazendo. Como prática adicional, ele ficava encarregado das chaves dos hotéis, da sua própria bagagem, da compra de passagens e das gorgetas, onde quer que fôssemos.

Quando John se matriculou na escola superior, recorrí às nossas economias e resolví fazer a arriscada experiência de lhe dar de uma só vez todo o dinheiro que ele iria gastar durante o ano escolar. «Aconteça o que acontecer, não me peça mais dinheiro,» disse-lhe eu, «e será seu o saldo que por acaso sobrar. Mande-me um relatório mensal das suas despesas.»

Nunca tive que enviar a John dinheiro algum alem do que lhe dera, embora ele tivesse que economizar durante quase todo o primeiro ano, para pagar um rádio que então comprara; mas, ao acabar o curso, quatro anos mais tarde, ele tinha umas boas economias. Isso constituiu valiosa parte da sua educação escolar, dando-lhe, a respeito do dinheiro, uma noção que muitas vezes falta aos próprios adultos.

Quase todas as idéias que pusemos em prática com John representam uma educação que os pais podem dar aos filhos. Com outras crianças, outros métodos deveriam talvez ser empregados. O problema se resume, em grande parte, em compreender que a criança está constantemente acumulando a sua educação, desde que começa a falar e a andar, e devemos aproveitar suas perguntas, seus brinquedos e suas inclinações naturais. Se prestamos aos nossos filhos a homenagem de tomar a sério o seu espírito, vemos que eles correspondem a esse estímulo.

Honras caninas

¶ No DIA em que o cego Joseph Melillo recebeu o seu diploma de Bacharel em Artes pela Universidade de Newark, nos Estados Unidos, com um prêmio especial pela sua exemplar frequência às aulas, durante quatro anos, seu cão Bonzo, guia fiel e amigo, foi homenageado publicamente com uma citação honrosa pelo Diretor da Universidade:

«Amigo fiel, devotado ajudante, guia paciente, sempre presente em todas as aulas, durante todo o curso universitário, que partilha a *magna cum laude* de seu dono, a Universidade de Newark presta-lhe a homenagem que merece, como figura familiar e inspiradora nos recintos da escola, pelas qualidades acima mencionadas. Nas raras vezes em que se fez ouvir, foi ouvido com atenção, e os seus bocejos ecoavam às vezes perfeitamente os sentimentos recônditos dos estudantes. Como Diretor da Universidade, tenho o especial prazer de lhe conferir o grau honorário da Fidelidade Canina.»

—UP

Quatro meses numa casa mal-assombrada

(Condensado do «Harper's Magazine»)

POR HARLAN JACOBS

NOTA: *O nome verdadeiro do autor deste artigo não é o que se vê acima. Trata-se, porem, de pessoa de indubitavel idoneidade, que ocupa um cargo de importância em uma das maiores universidades dos Estados Unidos; os diretores da revista «Harper's Magazine» não hesitam em afirmar que esta narrativa representa, realmente, a expressão da verdade*

HÁ QUATRO meses resido numa casa que, se não for mal-assombrada, mostra, pelo menos, todas as indicações de o ser.

É um pequeno bangalô, em terreno isolado, na região nordeste dos Estados Unidos. Construido, embora, há cerca de nove anos, nunca havia sido ocupado quando nele nos instalamos para o verão. Fomos pois, Helena e eu, as duas primeiras pessoas que jamais passaram um dia ou uma noite na casa.

Chegamos, e nos instalamos; logo na primeira noite, Helena, cansada, foi dormir cedo, enquanto eu me deixei ficar ainda, entregue a um trabalho que não tivera tempo de terminar. O andar superior da casa consistia em dois quartos de dormir, de bom tamanho, separados por um vestíbulo, bem espaçoso. Helena já dormia, no quarto da frente, e eu, no outro aposento do mesmo andar, escrevia despreocupadamente, sentado a uma mesa, tendo ficado abertas todas as portas internas do bangalô. Para não incomodar Helena, eu procurava evitar todo e qualquer ruido; mas daí a pouco ela me chamou, já desperta, dizendo:

—Foi você que fez esse barulho?

—Talvez fosse, respondí. —Foi um barulho assim? acrescentei, batendo de leve na mesa de trabalho.

—Não, foi diferente, observou ela. —O que eu ouví veio lá da frente, parece. Era como se alguem tivesse batido na parede com uma bengala, ou coisa que o valha. Você não ouviu não?

Dirigí-me então ao quarto dela, tentando persuadí-la de que se tratava provavelmente de sonho; na verdade, creio que essa explicação não foi de todo convincente... Mas é claro que nenhum de nós levou a sério o incidente, e daí a minutos já o havíamos esquecido.

Na noite seguinte, estávamos juntos na sala, em baixo, quando, lá pelas dez horas, ouvimos as tais batidas, ruido que evidentemente procedia da parede de fora, logo ao lado da porta—a uns três metros de onde estávamos. Aqueles ligeiros toques foram repetidos talvez doze vezes, com um intervalo de pouco mais de um segundo; e, na realidade, a impressão que se tinha era que alguem batera com uma bengala na parede exterior.

—Você está ouvindo? Ontem à noite foi a mesma coisa! exclamou Helena, enquanto eu, pegando a lanterna elétrica,

corrí à porta. Logo antes que a abrisse, porem, o ruido cessou; saí, explorei bem toda a entrada com a minha lanterna, e nada vi: nem sinal de homem ou animal, nada que pudesse ter rompido o silêncio da noite.

O mesmo fenômeno se deu, de maneira idêntica, muitíssimas vezes, em todo o verão; ouvimos o ruido seguramente cincoenta vezes. Era invariavelmente à noite, e quase sempre pelas dez horas; nem preciso mencionar os pormenores das outras vezes em que ocorreu o inusitado incidente, pois eram sempre os mesmos.

Naturalmente fizemos tudo que era possivel afim de descobrir a causa. Não uma, mas muitas vezes examinamos minuciosamente todo o pequeno passeio em frente à casa, à luz do dia, tijolo por tijolo, pedra por pedra. Nem sei quantas vezes fiquei de sentinela à porta, quando iam chegando as dez horas; mas, se ocorria o fenômeno, cessava no momento em que eu abria a porta, não restando qualquer vestígio de coisa alguma. Afinal desistimos, pois, nesse ínterim, começam a surgir mistérios de maior vulto.

Antes de chegar lá, porem, quero mencionar vários pequenos fenômenos, pois faço questão de narrar tudo por ordem cronológica. Eu estava sozinho, quando se deram os três casos seguintes, em noites sucessivas, na segunda semana que passávamos no bangalô, sendo que os três aconteceram um minuto ou dois depois que eu me havia instalado para dormir.

Mal pusera a cabeça no travesseiro, ouví um ruido: era como se uma caixa de fósforos tivesse caido ao chão, de certa altura; tão nítido, que eu seria capaz de jurar que fora realmente uma caixinha de fósforos. Fosse como fosse, o fato era que eu ouvira o barulho de *alguma coisa* que caía; não havendo razão alguma para tal som, levantei-me e acendí a luz, procurando verificar do que se tratava.

Não havia, no chão, objeto algum. Olhei pelo quarto todo, debaixo das cadeiras, sob os outros moveis, dentro do *closet*. Nada! Não caira coisa nenhuma.

O segundo caso foi como se uma página de jornal estivesse sendo soprada pelo vento, no chão, de uma extremidade do quarto à outra; ruido, esse, inconfundivel tambem. No entanto, não havìa papel algum no aposento, nem brisa que o impelisse. Já agora, porem, não constituiu surpresa para mim o fato de não ter encontrado nada, nem no meu quarto, nem em qualquer outra dependência do andar superior da casa, onde dei rigorosa busca.

Na terceira noite, o ruido foi mais alto e mais estranho: como das outras ocasiões, eu acabara de me deitar, quando me pareceu ouvir como que um rolo de madeira (como os que se usam para amassar bolos), que não só caía no soalho, como ia rolando com um ruido caraterístico—até bater de encontro à parede, cessando então seu movimento. Escusado é dizer que pulei da cama imediatamente, e puxei a cordinha para acender a luz; mas não havia no chão, nem em qualquer parte daquele quarto ou dos outros, coisa alguma de anormal.

É possivel que meus leitores estejam a murmurar, de si para consigo: «Ora, são ratos!» Toda vez que tenho contado esta história a algum grupo de amigos, invariavelmente surge alguem com uma observação qualquer sobre uma ou outra espécie de roedor. Deixem-me dizer, porem, que é vasta a minha experiência em matéria de ratos, ratas, ratazanas, camondongos, e todas as respectivas famílias; paciência pois, leitor, e espere o resto da narrativa, onde se encontrarão episódios de maior porte.

O próximo, entretanto, ainda não foi

dos fenômenos mais surpreendentes, embora ocorresse com bastante frequência: estando juntos ou separados, tanto Helena quanto eu o ouvimos várias centenas de vezes durante o verão, e o ouvíamos a qualquer hora do dia ou da noite, em todos os quartos da casa, e—literalmente—em todas as paredes. A coisa foi-se tornando de tal maneira onipresente, que até lhe demos, de brincadeira, o nome de «estalinho universal».

Falarei agora de um fenômeno ainda mais alarmante. Se o leitor anda ansioso por ouvir referências a «passadas nas trevas», não serei eu quem o há-de decepcionar. Houve, realmente, sons de passos, pela casa toda. Começaram na terceira semana, e prosseguiram, através de nossa estada, a intervalos irregulares. Chegamos a ouví-los três ou quatro vezes em dado dia ou durante uma noite, embora sucedesse tambem que passássemos uma semana inteira sem que eles se manifestassem. Ao todo, ouvimos os passos umas quarenta vezes durante a temporada.

E eram, realmente, nitidamente audiveis. Não se pense que falo de sons abafados nalgum canto recôndito. Refiro-me, sim, a um ruido firme, um cloc, cloc, cloc de alguem que, calcando um bom par de sapatos com salto de couro, caminhasse no soalho do quarto bem acima de nossas cabeças, ou então, com frequência quase igual, no andar de baixo, quando nos achávamos em cima. Parecia o passo normal de um adulto, e o som *nunca* foi abafado; uma pessoa que o ouvisse não haveria de ter dúvida alguma de que andava, de fato, alguem pela casa.

Para provar o que acima ficou dito, citarei um único incidente, entre tantos que poderia mencionar: naquela região morava uma moça (que chamaremos Maria) que, tendo feito boas relações conosco, vinha visitar-nos frequentemente, e nem se dava mais ao trabalho de bater na porta—ia simplesmente entrando, íntima, que era, da casa. Ora, um dia, estando Helena sozinha, a terminar qualquer tarefa no andar superior, ouviu o ruido de alguem que entrasse pela porta da frente, em baixo, e desse alguns passos por alí. Julgando tratar-se de Maria, chamou-a, mas não obteve resposta. Começou, então, a descer a escada. Os passos cessaram à medida que ela se ia aproximando, e, ao chegar, não viu ninguem: todo o andar de baixo estava vazio.

Quando se deu o incidente acima referido—aliás adiantei um pouco a narrativa, para incluí-lo neste ponto,— já nos havíamos, por assim dizer, acostumado aos «hábitos» daquilo que, agora, denominávamos de «nosso fantasma». Assim, Helena não se admirou mais de encontrar vazio o aposento onde, momentos antes, ouvira alguem caminhando: coisa idêntica já sucedera inúmeras vezes antes. Limitou-se ela, pois, a murmurar qualquer observação sobre o fantasma, e voltou ao andar superior, para prosseguir no trabalho que a ocupava. Mal se instalara, o incidente repetiu-se: os passos no andar de baixo eram os mesmos, as circunstâncias iguais. Helena resolveu, então, descer a escada silenciosamente... mas em vão: quando ia chegando, cessou tudo, e ela nada viu de anormal no aposento. Examinou tudo, foi até o jardim, e voltou ao trabalho.

Ela não recomeçara ainda a tarefa, quando o fenômeno se repetiu: as passadas atravessando o umbral da porta, em baixo, e se dirigindo para a parte interior da casa. Agora, Helena decidiu ficar onde estava, sabendo, como sabia, que não adiantava nada descer a escada em silêncio. Por isso, nem se importou mais com o ruido. Mas, eis senão quando ouviu uma voz que exclamava:

—Ô de casa!

Era a voz alegre e inconfundivel de Maria, a nossa amiga. E Helena verificou, então, que não havia, em seu ouvido, diferença alguma entre os passos do «fantasma» e os de Maria.

A maior, porem, e a mais assustadora de todas as demonstrações consistiu num barulho que poderia ter sido ouvido a um quilômetro de distância. A esse, demos o nome de «caso do piano de cauda», na falta de descrição mais adequada.

A primeira vez que isso se deu, foi mais ou menos no meio da temporada de verão. Estávamos uma noite na sala, quando ouvimos, procedente da garage, um estrondo de tal força, que quase ensurdecemos, e toda a casa estremeceu. Era exatamente com se um piano de cauda, perdendo subitamente suas quatro pernas, se tivesse esborrachado no soalho. Não havia, no bangalô inteiro, peça alguma de mobiliário que pudesse ter feito tal ruido. No entanto, não perdemos tempo em investigar causas: corremos à garage, para ver que espécie de catástrofe ocorrera aí; e não levamos mais que alguns segundos para atingir essa dependência da casa.

Nada havia de anormal. Usávamos a garagè como depósito de livros; mas nem sequer um volume caira das estantes. Tudo na mais perfeita ordem. Andamos, então, pela casa toda; examinamos os cantos, cada pedaço de terreno; e tudo estava nos devidos lugares: nem sinal de nada que pudesse ter causado aquela súbita explosão.

Isso se repetiu umas duas ou três vezes; manifesto dúvida sobre o número de vezes, por um motivo que, daquí a pouco, se tornará claro aos leitores.

A não ser Maria, pode-se dizer que ninguem nos visitara na temporada: o trabalho, a que ambos nos dedicávamos, não nos deixava tempo para vida social. No fim do verão, porem, vieram três pessoas passar um fim-de-semana conosco: o meu advogado, que me preparava, na ocasião, um contrato complicadíssimo; e sua senhora e uma filha. Note-se que ele é um dos céticos mais teimosos que eu conheço, e, no caso da esposa e da filha, não se trata em absoluto de mulheres nervosas ou histéricas. Em todo caso, achei que convinha comunicar ao rapaz que algo de anormal se passava no nosso bangalô... Fui contando, então, a minha história, tal como agora a relato aos leitores. Não adiantou nada, pois o incrédulo se recusou a acreditar.

—Aliás, concluiu ele, eu bem que gostaria de ouvir esses tais barulhos esquisitos!

Naquela mesma noite, Helena e as duas outras moças sairam para um passeio na vizinhança, enquanto eu e o advogado ficamos para «mastigar» o contrato juntos. Logo mergulhamos de rijo no trabalho, cheio de complexidades, quando, de repente, veio da parede, logo atrás do meu companheiro, um rápido e breve ruido.

—É o tal estalinho? perguntou ele.

—É...

—Ora, é madeira estalando de velha! observou o descrente.

Continuei no meu trabalho, pensando: «Aconteça o que acontecer, vou fingir que não percebí, para ver qual é a reação dele.»

Daí a coisa de vinte minutos, soaram as passadas, já nossas conhecidas, justamente acima de onde estávamos. Dominando-me valentemente, prosseguí na tarefa que tinha a terminar; e só erguí os olhos quando meu companheiro, de súbito, pulou da cadeira e se pôs de pé.

—Que negócio é esse? exclamou.

—Não é nada, não. É o nosso fantasmazinho...

—Fantasma é que não é, nem aquí nem na China! Tem é gente andando lá em cima. Vamos lá ver!

Daí a instantes estávamos no andar superior, mas, como eu já esperava, nada encontramos; exultei, então, ao ver que o meu amigo, boquiaberto, procurava infatigavelmente algo que, eu estava certo, ele jamais encontraria... Para fazer-lhe justiça, direi que a busca, por ele empreendida, foi realmente integral. Mexeu em tudo, abriu todas as portas, embarafustou pela água-furtada, espiou dentro dos *closets*, escancarou todos os moveis. Saindo a uma varandazinha, examinou até o telhado, com o auxílio de uma lanterna elétrica. Mas acabou desistindo...

Nosso trabalho ficou por terminar, e a conversa entre nós, daí em diante, foi apenas em torno do que sucedera; só mudamos de assunto quando as senhoras chegaram. —Não diga nada a elas, pediu-me o advogado. Assim fizemos, e não tardou que estivéssemos todos recolhidos.

O bangalô era de fato minúsculo, e os nossos hóspedes insistiram em dormir num quarto só, justamente o da frente, em cima. O casal ficou na cama grande, e a moça dum divã, junto à janela. Helena herdou minha cama, e eu fui dormir embaixo, no sofá da sala. Pouco depois de me deitar, percebí que nossos visitantes se haviam levantado, e andavam pelo quarto, conversando com vozes abafadas. Mas não tardou que se recolhessem de novo, e a noite transcorreu sem qualquer anormalidade.

Entretanto, bastou olhar para os três hóspedes, na manhã seguinte, para perceber que estavam um tanto ou quanto excitados.

—Que estrondo foi aquele, ontem de noite?

—Estrondo? Que estrondo?

—Ora, uma bruta explosão, logo depois da gente ter ido para a cama; até parecia que a garage tinha desmoronado!

Procurei os olhos de Helena, onde vi uma expressão significativa. —Você ouviu esse estrondo? perguntei-lhe.

—Não, não ouví nada, foi a resposta.

—Eu tambem não, prosseguí. —Como foi? Contem a história.

Contaram-nos, então, dando uma descrição exata do «caso do piano de cauda», como o conhecíamos; e, não sei porque, dessa vez não o ouvíramos. Confessaram que sua reação foi de terror—a tal ponto, que chamaram a filha para dormir com o casal, na mesma cama!

Esse é o fim da minha narrativa.

Sem uma exceção, as poucas pessoas que me ouviram contá-la, até hoje, observam infalivelmente que «só podiam ter sido ratos», ou então ruidos naturais numa casa de madeira. Mas já moramos em muitas casas de madeira, velhas e novas; e conhecemos muito bem os ruidos das táboas. Nesse bangalô mesmo, era frequente estalar uma tábua aquí, outra alí, mas esse ruido não se podia confundir, de modo algum, com as outras manifestações menos explicaveis. Já vivemos, tambem, em lugares onde os ratos eram abundantes, e bem conhecemos os seus hábitos. No bangalô havia ratos, quando lá chegamos, mas, à força de ratoeiras, logo os liquidamos; aliás duvido que pudessem derrubar pianos... Quando nossos amigos, ouvindo-nos contar esta história, se põem a falar de ratos e de tábuas que estalam, sorrimos, apenas, e encolhemos os ombros.

Convem acrescentar que Helena e eu não constituimos um desses casais que «atraem» fantasmas. Somos apenas dois adultos normais, em idade bem madura, que jamais acreditaram, nem de longe, em visitantes espetrais ou coisas desse gênero.

Não encontrei, até hoje, explicação alguma do que tivesse sido o nosso «fantasma»; conheço-o tão bem quanto o habitante da lua. Evidentemente, muito me agradaria saber, mas duvido que chegue a tanto. Não acredito em fantasmas, embora esteja certo de que não temos nenhuma prova contra a existência deles... Na verdade, porem, há *alguma coisa* de estranho às soltas naquela casa, e eu bem gostaria de saber, afinal de contas, de que é que se trata.

Produtos texteis não tecidos, toalhas, que poderemos jogar fora depois de usadas, meias «nylon» cujos fios não correrão, roupas semi-impermeaveis e tambem a prova de traças e de vincos

Novidades em tecidos

(Condensado da revista «Forbes»)

POR LLOYD STOUFFER

O TECIDO mais antigo encontrado até hoje—um pedaço de linho achado no túmulo de um egípcio desconhecido, que nele tinha sido enfaixado cerca de 4 mil anos antes de Cristo—era feito exatamente da mesma maneira que o lenço ou a camisa de nossos dias. A fibra era cardada e transformada em fio, e este era então tecido num tear. Até muito recentemente todos os produtos texteis eram fabricados segundo o mesmo processo.

Recentemente, porem, visitando uma fábrica de tecidos americana, vi em pleno funcionamento máquinas assombrosas que recebiam o algodão de um lado e deixavam sair um material textil do outro, máquinas essas que não fiam nem tecem. Aí e em outras fábricas, mais de dois milhões de metros desse produto textil foram fabricados em 1945.

Este é o primeiro processo básico que apresenta caraterísticas absolutamente novas desde há cerca de 60 séculos. É um passo ainda mais revolucionário do que a invenção da lançadeira mecânica, que deu início à revolução industrial do século XVIII. Somente nos Estados Unidos existem 6.193 fábricas texteis, empregando 26.500 mil fusos e 470 mil lançadeiras mecânicas. A maior parte desse equipamento será provavelmente classificada como obsoleta, já que o seu trabalho pode ser executado por processos muito mais faceis e baratos.

Até aquí, o material textil mais forte que havia, dependia somente da resistência molecular para manter juntas as

suas fibras. O novo processo se baseia na ação mais positiva de uma ligadura plástica.

Nessas máquinas que vi, o algodão cru é cardado até formar um lençol contínuo ou «teia», que se assemelha ao algodão em rama fofo, com cerca de meio centímetro de espessura e um metro de largura. Passado entre cilindros, é comprimido até atingir a espessura de uma fazenda comum. Em seguida aplica-se sobre esse lençol uma matéria plástica líquida que mantem a coesão das fibras. Essa aplicação plástica—linhas onduladas à distância de 50 mm uma da outra—pode ser incolor, e nesse caso a sua função é puramente a de manter coesa a pasta de algodão, ou poderá constituir um desenho decorativo em qualquer côr.

O material de impressão é aplicado sobre rolos aquecidos, e depois de seco é enrolado num cilindro. Numa simples operação o algodão cru é transformado num produto textil. Qualquer fibra pode ser trabalhada do mesmo modo. Pelo método convencional de tecelagem, a fibra passa por cerca de uma dúzia de processos em máquinas complicadíssimas.

Esse novo produto textil, apesar de não ser nem fiado nem tecido, custará muito menos do que os atuais, não só porque elimina muitas operações, mas tambem porque requer uma quantidade muito menor de fibra para cobrir determinada área. Um quilo de algodão, que dá somente 16 metros de tecido de malha aberta, é suficiente para fabricar 48 metros de material não tecido. No entanto, este apresenta uma superfície quase contínua, em contraste com a porosidade de qualquer tecido, por mais fechadas que sejam as suas malhas.

Examinei um pedaço de «Masslinn» para toalhas, que acabava de sair de uma das máquinas dessa fábrica. Parecia uma fina flanela branca de algodão, mas tinha a mesma elasticidade de um tecido qualquer. Caía otimamente. Mergulhada em água, era instantaneamente absorvente, sem que se notasse a menor diminuição da sua resistência.

A produção desse novo produto textil tem sido apressada constantemente, mas está longe de satisfazer a procura existente. No momento está sendo usado para a fabricação de toalhas de dentistas, fraldas, filtros para leite e forros para muitas coisas, desde os sapatos até os caixões mortuários. A maior parte desses artigos era jogada fora depois de usada, e até agora vinha sendo feita de papel. Mas o novo produto é mais agradavel ao tato do que o papel, e mais forte quando molhado. E custará o mesmo. Muito breve teremos guardanapos, toalhas de mesa e cortinas de pano tão baratas, que poderemos jogá-los fora logo que fiquem sujos. Essa fábrica já pôs a venda milhares de fraldas do tipo comum. Seria mais barato substituí-las do que mandar lavá-las.

O novo produto não é ainda bastante forte para ser usado na manufatura de camisas e lençóis. Só apresenta resistência na direção perpendicular à das fibras. Na mesma direção destas, rasga com relativa facilidade. Mas há um novo processo de cruzamento das fibras, que está somente à espera do desenvolvimento de maquinaria própria. Em cerca de 12 laboratórios, as experiências continuam.

Em outro grupo de fábricas, presenciei a fabricação de um novo tipo de material textil não tecido, que podia ser ligado a outro sem ser necessário cosê-lo. Segundo esse método, misturam-se as fibras de matéria plástica a fibras de algodão, e ambas são ligadas pela pressão de cilindros aquecidos. O material que se obtem assim pode ser da espessura de

papel fino, e quase tão transparente. Devido à sua consistência plástica, dois pedaços desse material podem ser firmemente ligados pela aplicação de calor a pressão. Algum dia as donas de casa poderão «costurar» com um mero ferro de engomar.

Esses materiais não tecidos constituem simples amostra dos recentes progressos químicos alcançados na indústria textil. Mas há muitos outros.

Em determinado laboratório, mostraram-me duas meias de lã. Pareciam iguais à vista e ao tato, mas uma delas tinha sido submetida a um tratamento com uma resina chamada «melamine». As duas meias foram em seguida lavadas pelo espaço de duas horas. A meia tratada encolhera 37%, e os seus fios estavam inchados e emaranhados. Esse tratamento de «melamine» reduz de cerca de 75% o encolhimento de artigos de lã. Algum dia o tratamento plástico permitirá que se enviem os ternos de lã para a lavanderia juntamente com o resto da roupa suja.

Há certas resinas a prova de encolhimento, já em exploração comercial, sendo dotadas de outras propriedades. Qualquer fazenda submetida a esses processos, seja de lã, algodão ou «rayon», cai melhor, amassa muito menos e dura mais tempo. Um vestido de lã tratado por outro processo—que envolve cada fibra com uma película invisivel mas permanente de matéria plástica—pode ser lavado e secado tão facilmente quanto um par de meias «nylon».

Noutros laboratórios vi um pedaço de tecido de algodão, que tinha sido submetido a tratamento com sal de amônio quaternário. Quando colocado sob um pequeno chuveiro, as gotas de água pulavam para o lado ao contacto com o tecido, ou formavam pequenas esferas que corriam como mercúrio. Milhões de casacos de campo do exército americano foram submetidos a esse tratamento, que aliás é tambem permanente. Não podemos afirmar que tais artigos sejam a prova de água. Sob pressão, um jacto de água penetrará entre os fios do tecido; mas o fio não ficará ensopado, e, na realidade, o tecido não fica molhado. Nem se molharia a pessoa que o usasse, a não ser que lhe caisse em cima uma carga de água.

A mesma propriedade química, que repele a água, tambem evitará o sujo e as manchas. Certo cientista, dedicado a esses estudos, esguichou a tinta da sua caneta sobre um pedaço de tecido, colocando em seguida o mesmo sob um jacto de água. A tinta desapareceu rapidamente sem deixar marca. Com uma capa invisivel de matéria plástica, que parece borracha, e que tem vinil-butiral na sua composição, os químicos de certa fábrica fazem toalhas de mesa de damasco a prova de manchas. Com uma resina de polisterene chamada «Merlon», chegam ao ponto de cobrir os tecidos de algodão com uma película a prova de desgaste na lavagem. Com ela espera-se que os lençóis durem duas vezes mais tempo, a um custo adicional mínimo.

Um produto químico absolutamente novo, chamado «Syton», evita que as calças fiquem com os joelhos disformes. Com o mesmo produto químico espera-se conseguir que a sarja não fique brilhante. E há muitos outros acabamentos químicos que ajudam a fibra natural a resistir ao mofo, às traças e ao fogo. Vários tratamentos, que cobrirão os fios das meias com uma película permanente e invisivel, evitarão que eles corram. Mostraram-me uma meia «nylon», que não havia sido submetida a tratamento algum, com 150 falhas em 10 polegadas quadradas, e outra tratada com uma resina especial que mostrava apenas cinco falhas na mesma área. E naturalmente ambas haviam sido usadas durante o mesmo tempo.

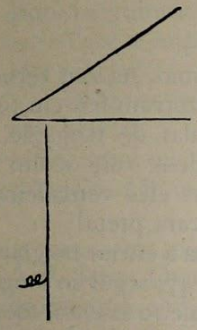
Durante a guerra foram criados novos materiais sintéticos que irão talvez concorrer tanto com o «nylon» quanto com o «rayon». Uma companhia fabricante de artefatos de borracha encontrou um meio de transformar o «Velon» na mais fina e transparente das meias. Outra possibilidade no campo das meias é o «Vinyon», que é fiado de uma resina especial. Excepcionalmente forte mesmo quando usado na fabricação dos mais delicados tecidos, o «Vinyon» não se deixa afetar pela água. Aplicado ao algodão, à lã ou ao «rayon» forma um material que mantem qualquer forma, vinco ou prega.

Os cientistas descobriram que a estrutura molecular de quase todas as substâncias proteínicas se presta à formação de fibras texteis. Fibras utilizaveis têm sido produzidas de substâncias tais como ovos, amendoins, algas marinhas, gordura de baleia, sementes de abóbora, penas de galinha e cascas de árvore. É muito provavel que nossos chapéus de feltro contenham quinze por cento de «aralac», uma fibra fiada do leite de vaca.

Diante de todos esses novos processos e produtos que vão surgindo, é claro que o algodão e a lã precisam cuidar dos seus louros...

O jogo dos pratinhos

Charles Rice, na revista «This Week»

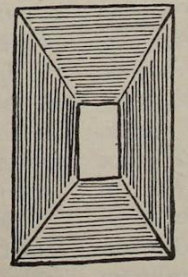


O jogo dos pratinhos consiste em fazer desenhos aparentemente sem nexo, num pedaço de papel, nas horas vagas, quando estamos num grupo de amigos, para que estes interpretem o que desenhamos. Mas, embora pouca gente consiga interpretar, o jogo está se tornando cada vez mais popular.

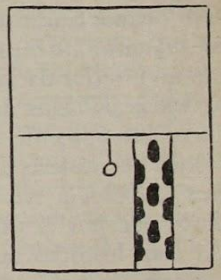
Segundo parece, essa distração se originou entre os frequentadores de bares de Nova York, os quais desenhavam nas costas dos pratinhos de cartão em que as bebidas são servidas, —daí o nome da brincadeira! Os exemplos que damos abaixo são típicos do novo jogo:

Um porco passando pela esquina de um chiqueiro

Impressão de quem beija uma linda garota



Uma chaminé, vista de baixo



Uma girafa passando pela janela de um segundo andar

Nos primeiros meses de 1945, já na fase decisiva da guerra, todos os jornais americanos deram as honras de manchete à espetacular expedição que salvou os três únicos sobreviventes dum tremendo desastre de aviação ocorrido na zona mais remota da Nova Guiné. A narrativa do dramático acontecimento pode ler-se agora, nas páginas seguintes, diretamente colhida da boca dum dos três sobreviventes—a jovem militar que viveu 47 dias de aventuras, mais emocionantes que a melhor obra de ficção, no Vale Oculto de Shangri-La.

UMA MULHER EM Shangri-La

Condensação duma crônica do «International News Service»

POR MARGARET HASTINGS

do Serviço Auxiliar Feminino do Exército dos Estados Unidos
em colaboração com Inez Robb

Esse domingo, 13 de maio de 1945, foi um dia ultra-especial para o Comando do Serviço Aéreo do Extremo Oriente, instalado na Nova Guiné holandesa: oito de nós, as mulheres do Serviço Auxiliar Feminino do Exército Americano (por abreviatura chamadas WAC, das iniciais de *Woman's Army Corps*), íamos lançar um golpe de vista ao Vale Oculto, autêntico Shangri-La perdido no interior da imensa ilha, rodeado por todos os lados de escarpadas penedias, e inteiramente isolado do mundo exterior por cadeias de montanhas cujos picos se perdem nas nuvens. Todos os pilotos que por lá tinham voado voltavam com histórias de meter medo: diziam por exemplo que os naturais eram todos gigantes, que pertenciam à tribo conhecida por «caçadores de cabeças», e praticavam o canibalismo. As suas terras eram cultivadas, e cruzavam-nas em todos os sentidos as valas de irrigação... Quanto às mulheres desse vale oculto e misterioso, eram todas elas verdadeiras Dorothy Lamour de cara preta!

Fui a primeira pessoa a entrar no grande avião-transporte C-47; seguí ao longo da coxia e tomei o primeiro assento, mesmo atrás da cabine do piloto. Mas, não podendo ver bem a paisagem dalí, através da janela, levantei-me e fui ocupar o último assento à retaguarda, quase junto da porta. Essa resolução, motivada tão somente pelo meu capricho, foi o que, tenho hoje a certeza, salvou minha vida.

Pisquei o olho à Laura Besley, que ia sentada mesmo na minha frente: era uma moça morena e bonita, e sempre fizéramos parte do mesmo grupo de gente jovem. Eleanor Hanna apoderou-se do lugar logo junto ao dela, e berrou, elevando a voz acima do rugir dos motores: «Vai ser uma viagem bem divertida!»

Eu não conhecia a maioria dos homens que começaram então a entrar no transporte; mas reconhecí o Sargento Decker, homem que, poucas semanas atrás, eu tinha recusado acompanhar. (Por sinal, foi uma coisa que ele nunca me deixou esquecer durante todo o tempo que passamos prisioneiros naquele vale.) As duas últimas, ou quase últimas pessoas a entrar no avião foram o tenente John McCollom, de 26 anos, e seu irmão gêmeo, Robert, tambem tenente, que eram conhecidos como «os inseparaveis». A essa altura já o avião estava carregado à máxima lotação, com oito moças e 16 homens, incluindo a tripulação. O ten. Robert McCollom foi tomar assento lá para a frente; mas o irmão, John, já não encontrou onde se sentar, e, passando ao meu lado, perguntou:

—Você se importa de partilhar comigo esta janela?

—Pode sentar! berrei, porque era preciso berrar.

Foi assim que Deus o tomou sob a Sua proteção, não menos do que a mim...

Galgamos rapidamente por cima das Serras Orange, cadeia magnífica de montanhas todas revestidas de espessa vegetação. O dia estava claro, lindo. A selva lá em baixo parecia tão macia como um tapete ondulante de verdes plumas, e a idéia que me veio à cabeça foi que, se por acaso caíssemos alí, não haveria maneira de nos machucarmos. Chegamos em 55 minutos ao Vale Oculto, e o avião desceu rapidamente até nos encontrarmos a não mais de cem metros de altitude por cima dos campos bem cultivados e exuberantes. Tivemos a rápida visão dum grupo de cabanas redondas, com tetos de colmo, e começamos logo a subir em direção ao desfiladeiro que nos oferecia a única passagem através da muralha das montanhas.

Nisto, a meu lado, o ten. John McCollom, que ia olhando pela janela, deu um pulo de alarme: seguindo o seu olhar, reparei que o nosso enorme avião, lançado a grande velocidade, ia de caminho ceifando os topos das altas árvores da floresta!

«Carrega na gasolina, para ver se saimos daquí!» gritou. E eu ainda julguei que ele falava assim por brincadeira! Nunca me ocorreu que íamos ter um desastre, até o momento em que embatemos na encosta da serra.

Não cheguei a perder os sentidos completamente, mas é-me dificil relatar o que se passou logo a seguir. Sentí de repente que pulava e tornava a pular, como uma bola de borracha, impelida por invisivel mão. O ar encheu-se de explosões que mais pareciam disparos de artilharia. Quando dei o último pulo dentro do avião, reparei que alguem me tinha agarrado firmemente, enlaçando-me com os braços em volta da cintura. O fogo já me crestava a cara e o cabelo. Eu sempre tinha ouvido dizer que, nos momentos supremos de perigo, querendo salvar-se, a gente pode apelar para as suas reservas de sobrehumana energia. Agora sei que isso é verdade. Eu peso menos de 50 quilos, mas apesar disso conseguí quebrar o amplexo que me prendia como uma tenaz, e desatei a correr engatinhando—nem sei como, só para me ver livre das chamas que avançavam dentro da nacele.

Parece incrivel, mas não tinham decorrido mais de 30 segundos desde o instante em que o C-47 embatera na falda da serra, quando me pus de pé e ouví alguem bradar: «Meu Deus! Hastings!» Era o ten. John McCollom, que não ti-

nha sofrido nem uma arranhadura. O fato de nos acharmos na cauda do aparelho, que se despegara do resto da fuselagem com a violência do choque, foi o que salvou nossas vidas.

Antes de termos tempo de pronunciar outra palavra, ouvimos um grito, o único que até nós chegou, vindo do avião: a voz duma mulher que pedia socorro. McCollom correu sem demora, e arrancou para fora daquele inferno o corpo duma moça. Mais um segundo, e já estava de novo no avião, donde voltou com outra. Essas duas vítimas, que ele socorreu, eram as duas que iam sentadas na minha frente, Laura Besley e Eleanor Hanna.

Depois, do lado direito do avião, saiu um homem cambaleando: um golpe horroroso na testa tinha-lhe deixado a descoberto o osso do crânio. Tinha o cabelo todo empastado de sangue na cabeça. Era o sargento Decker. Se um fantasma nos tivesse surgido pela frente, não nos teria causado maior assombro. Balançando-se nas pernas, meio atordoado, ouvimo-lo repetir diversas vezes estas palavras: «Que aniversário besta!» Viemos a saber depois que ele fazia 36 anos naquele dia 13 de maio.

«Hastings, então você não sabe o que se pode fazer para acudir a essas moças?» gritou-me McCollom, arrancando-me em parte, com esse brado de comando, ao choque que me deixara quase em estado de rigidez. As duas moças tinham caido juntas por terra. Eu mesma, que não possuia a menor experiência do que fosse a morte, podia compreender que Eleanor Hanna estava expirando. Laura Besley debatia-se em uma crise de nervos, mas na aparência nenhum ferimento sofrera.

O incêndio começava a espalhar-se, e tivemos que correr depressa dalí. McCollom levantou Eleanor do chão, e partimos em direção a uma pequena saliência lisa da rocha, à interminavel distância de 25 metros—uma coisa que só na selva se compreende o que seja. Tivemos que nos have com os indescritiveis estragos que o avião fizera na selva, quebrando as árvores à passagem, e machucando na queda a vegetação rasteira. Reparei que tinha perdido meus sapatos, e que o meu pé direito sangrava, duma ferida bastante profunda. Só mais tarde percebí que o fogo me queimara ambas as pernas. A maior parte do meu cabelo ficara carbonizado, e toda a minha face esquerda estava coberta de bolhas de queimaduras. Mas nem eu nem o Decker sentimos qualquer dor até ao momento em que nossos ferimentos se infectaram.

Tínhamo-nos despenhado na montanha a 2.700 metros de altitude, e o frio já nos penetrava até a medula dos ossos. Começou então a cair a chuva que não falha nem um dia na Nova Guiné, e as roupas alagadas, coladas ao corpo, vieram agravar ainda mais o nosso padecimento. McCollom voltou várias vezes até junto do avião, para ver o que poderia ainda salvar daquele montão de escombros fumegantes. Nem uma só vez nos deu a entender a dor atroz por que estava passando: naquela pira funerária ardia o cadaver do irmão dele, o seu inseparavel Robert...

Conseguiu encontrar algumas bóias salvavidas, e arrancou-lhes tudo o que nos pudesse ser de utilidade: grandes enceradados amarelos, várias latinhas com água doce e bombons duros, e um estojo de sinalização. Cobriu com um dos enceradados os corpos das duas moças, deu a Eleanor um pouco de morfina, e em seguida, exhausto de esforço e de emoção, deixou-se cobrir por outro encerado, juntamente comigo e com o Decker. Acreditem que só quem já participou dum acidente de tanta gravidade poderá compreender

que, em tais circunstâncias, não existe mais distinção entre homens e mulheres. Éramos apenas três seres humanos, acorrentados alí pelo nosso comum desejo de sobreviver!

Assim que alvoreceu, McCollom ajoelhou por alguns instantes junto duma das moças. Depois ergueu-se e pronunciou calmamente: «Eleanor morreu.» Não dissemos palavra; nem sequer chorar podíamos! McCollom amortalhou-a com todo o cuidado num dos enceirados, e foi depô-la junto duma árvore. Era tudo quanto as circunstâncias permitiam fazer.

Nossa primeira refeição constou duma golada de água das latas de emergência, duma pílula de vitamina para cada um, e de alguns dos tais bombons duros. Laura, Decker e eu estávamos tomados dum tremor impossivel de dominar; resolvemos de comum acordo passar o resto daquele dia e a noite no alto da serra, até nos termos refeito do estado de choque. Na manhã seguinte desceríamos então a encosta da montanha. De mim para mim eu perguntava como é que, sem sapatos, eu conseguiria caminhar assim através da selva.

Sabíamos muito bem que o exército não deixaria de mandar uma expedição em nosso socorro. De fato, o primeiro avião apareceu logo naquela manhã. Erguendo o espelho do estojo de sinalização, McCollom pôs-se a manobrá-lo como um desesperado. Não nos viram, mas em todo caso sentimo-nos mil vezes mais aliviados, só de saber que eles já estavam explorando a região em busca de nós.

Pelo meio da tarde, como sempre, a névoa e a chuva começaram a cair sobre a encosta da serra. Metí-me com Laura debaixo do encerado. Mas a minha companheira estava numa agitação terrivel, e nem a morfina que lhe demos conseguiu acalmá-la. Cochilei um pouco, e quando voltei a mim, vi-a tão quieta que me assustei. Dei um grito e chamei o McCollom, que veio correndo e começou a apalpar-lhe as mãos e a tomar-lhe o pulso. Não disse palavra: foi buscar outro encerado, embrulhou-a nele, e foi colocá-la ao lado da Eleanor, junto da árvore. Era de esperar que nesse momento eu sentisse uma dor insuportavel com a perda da minha companheira e amiga querida: mas não. Só me veio à cabeça este pensamento atroz: «Agora os sapatos dela ficam para mim!»

McCollom acendeu um cigarro e deu-me outro. Ficou comigo até o amanhecer. Nunca uma noite voltará a parecer-me tão comprida como aquela!

Assim que dealbou, iniciamos a descida da montanha. McCollom tinha empacotado, o melhor que pôde, a maior parte das rações de emergência, a água e duas lâmpadas de bolso, num grande embrulho que ele mesmo levava, e fizera outro, menor, para o Decker. A mim entregou um pequeno balde com as rações do dia: duas latas de água e uma mancheia de bombons.

McCollom seguiu à frente, eu ia no meio, e o Decker fechava a marcha à retaguarda. Mas a selva parecia estender de todos os lados, para nos agarrar, as suas mil garras e bicos: meu cabelo, que se soltara e pendia até o meio das costas, prendia-se a cada passo na vegetação, e os meus companheiros tinham que vir ajudar-me a desembaraçá-lo. Até que, tomada de desespero, pedí ao McCollom que o cortasse.

Entramos aos tombos numa ravina muito íngreme, boa para cabritos monteses, e fomos seguindo por alí abaixo. Não demorou muito que nos víssemos em apuros para manter o equilíbrio e não

perder o pé numa torrente que descia do alto da montanha com grande velocidade, entrecortada de cascatas e cachoeiras, que pareciam irromper mesmo a pino do dorso da serra. A certa altura chegamos a uma cachoeira de quatro metros de altura. O McCollom agarrou um molho de cipó que parecia uma corda, como sempre se vê na selva, e, depois de tomar balanço, pulou por cima e através da cascata, e foi cair em terra firme do outro lado.

«Pule você agora, Margaret!» ordenou ele. Nem sequer me dei ao trabalho de pensar: agarrei a corda e lancei-me estouvadamente espaço em fora. Veio depois a vez do Decker, que ainda caiu dentro da água, ao pé de nós, deu uma risada e comentou: «Imaginem eu fazendo papel de Tarzã!»

Pelo meio-dia achávamo-nos sem forças, e nossos corpos estavam entorpecidos de frio. Ouvíamos, mesmo por cima das nossas cabeças, os aviões de socorro que nos procuravam; mas sabíamos que lhes seria impossivel avistar-nos, metidos como estávamos na corrente de água que as ramarias da floresta ocultavam como um teto de verdura. Seria preciso que chegássemos a uma clareira, para que, do ar, nos avistassem.

À primeira refeição do dia seguinte tornamos a comer mais alguns bombons, e a beber um pingo de água. Nem sei o que eu teria dado nessa altura por uma chícara de café bem quente! Já então estava com os pés, as pernas e uma das mãos infeccionadas. Foi-me preciso fazer prodígios de esforço para me aguentar, e as lágrimas quase me cegavam, mas eu não queria que meus dois companheiros dessem por isso. A certa altura, como o McCollom se tivesse adiantado ao Decker e a mim, pus-me a gritar como doida: «McCollom foi para a frente sozinho e nos abandonou. Ele está com a comida toda, e nós agora vamos morrer de fome!»

Foi então que Decker mostrou ser sargento de fato, e dos mais feras... Apesar de se achar em estado muito peor que o meu, sabia muito melhor o que era preciso fazer para me convencer a avançar: de tola para baixo chamou-me de tudo, até covarde! Fiquei com tanta raiva, que nem sei como o não matei alí mesmo! Mas o efeito do carão foi milagroso: aguentei firme, e continuei aos trancos e barrancos pela água abaixo. Ninguem sabe melhor do que eu até que ponto devo minha vida ao McCollom, e quando penso que duvidei dele por um momento, fico envergonhada até o fundo da alma, muito embora eu tenha a atenuante do estado de nervosismo em que então me encontrava.

Por volta das onze dessa manhã, depois de termos passado cinco horas metidos em água, chegamos enfim a uma clareira. McCollom içou-se conforme pôde até ao cimo duma escarpa de dois metros e meio de altura, e gritou-nos lá do alto: «Venham cá! Achamos o que queríamos.»

Subiu primeiro o Decker, que depois me ajudou a chegar lá, de rastos. Chegada ao cimo, espojei-me de cara na terra, incapaz de fazer mais um movimento. Alí ficamos caidos, gemendo de cansaço e de dor, e tentando absorver algum calor nos nossos corpos que tremiam de frio.

Cerca do meio-dia ouvimos os motores dum grande avião, e, com tamanho custo que até julguei que nunca chegássemos ao fim desse esforço, desdobramos os nossos encerados amarelos no chão, para que os avistassem do avião. Quando o aparelho deu meia volta e passou segunda vez por cima da nossa clareira, até nos pareceu um milagre: daí a minutos o piloto

parou os motores, e depois fez-nos sinal abanando os lemes das asas...

E nós que, momentos antes, mal nos podíamos ter em pé de cansados que estávamos, pusemo-nos agora a pular e a dansar como doidos. Berramos e agitamos os braços em resposta aos sinais.

Até já nos sentíamos capazes de dizer uma piada, tão reanimados nos deixou a passagem daquele avião. O Decker, aliás com uma expressão fúnebre, falou assim: «Bom, estou vendo que um de nós tem que acabar casando com a Margaret, para que esta aventura tenha o remate feliz que é da praxe...»

McCollom olhou para mim com olho de avaliador e disse: «Para eu ficar interessado, ela primeiro tem que ver se ganha uns quilos de peso.»

Respondí logo na mesma moeda: «Nem que você fosse o último homem na terra, eu me casaria com você. Eu vou casar é com o Decker!»

O pobre sargento olhou para mim verdadeiramente compungido, e comentou: «Que esperança!»

Muito embora aqueles dois homens acabassem de recusar a minha mão, ainda assim esse dia me pareceu incomparavel de beleza. Sentamo-nos por terra e pusemo-nos a fazer hipóteses sobre quanto tempo o exército levaria para começar a mandar-nos socorros pelo ar. Enquanto rejubilávamos assim, Decker perguntou de repente: «Vocês não estão ouvindo um barulho exquisito?» Era mesmo. Parecia que ouvíamos, à distância, uma matilha de cachorros latindo. Mas compreendemos imediatamente do que se tratava: eram os indígenas!

Nesse instante, tudo o que tínhamos ouvido dizer a respeito dessa gente se nos tornou pavorosamente claro e atual: mediam dois metros de altura, eram antropófagos, praticavam sacrifícios de vidas humanas, eram impávidos guerreiros... E nós três, juntos, em matéria de armas, tínhamos apenas um canivete de bolso!

«O único jeito é a gente se mostrar o mais amavel que for possivel,» recomendou o McCollom. Mandou que estendêssemos na palma das mãos toda a nossa pobre comida, os bombons, e adicionou ao presente o canivete de bolso. «Ponham-se em pé!» berrou ele em tom de comando. «E sorriam!»

Por trás das árvores da selva começaram então a surgir, espreitando, as cabeças dos aborígenes. Sorrimos, e o nosso sorriso era a moeda com que pretendíamos comprar a vida. Estendemos as mãos mostrando os presentes, e esperamos.

Estavam alí, entre as árvores, espiando, cerca de 100 homens de aspecto pouco tranquilizador, com seus rudes machados de silex ao ombro. Puseram-se em marcha, direitos a nós, com o chefe à cabeça. Nessa altura os nossos sorrisos deviam ter a fixidez de sorrisos talhados em granito... A uns cinco metros de distância de nós, os indígenas detiveram-se e agruparam-se em apertado círculo. O chefe pôs-se a falar com uma rapidez de 90 à hora; e, no fim do discurso incompreensivel, a sua face horrorosa esboroou-se toda num sorriso enorme. Queria dizer absolvição. Queria dizer amizade. Era a vida!

O chefe dirigiu-se para McCollom e estendeu-lhe a mão. O tenente, quase desfalecido de alívio, agarrou aquela mão e apertou-a como se lhe quisesse espremer o sangue. O selvagem, que nunca na sua vida tinha visto um ocidental, e o tenente que nunca na sua vida tinha encontrado um selvagem no seu próprio terreno, compreenderam-se perfeitamente um ao outro. Os sorrisos tinham operado o milagre.

«Como vai o senhor? Muita honra em conhecê-lo!» repetia e tornava a repetir o tenente. «Por favor, apresento-lhe aquí o cabo Hastings e o sargento Decker!»

E tivemos de repente a consoladora convicção de que os indígenas estavam mais amedrontados conosco do que nós com eles. Longe de medirem dois metros de altura, teriam em média um e meio. E não havia por certo nada de feroz na sua aparência. Seu único vestuário consistia numa correia em volta dos rins, da qual pendia, à frente, uma cabaça, e à retaguarda uma enorme folha de planta tropical, que parecia uma cauda. Todos eles, menos o chefe (que McCollom batizou logo de Pedro) traziam à cabeça umas redes feitas de grossos cordões que lhes caiam pelas costas abaixo. Nessas redes é que eles carregam tudo que têm a carregar—até fumo, ou melhor, as folhas ásperas de fumo que enrolam para fazer os seus charutinhos verdes.

Pedro e os seus homens tinham os pés mais compridos e mais chatos que nós já víramos. E alguns dos guerreiros apresentavam-se mascarados com uma espécie de graxa preta e mal cheirosa.

Começamos então a empregar esforços para que eles aceitassem os nossos modestos presentes. Veio-me à lembrança dar-lhes tambem o meu saquinho de maquilhage, e foi uma algazarra de entusiasmo, de riso e falatório, quando viram as suas próprias caras no espelhinho. Pareciam papagaios, tanta era a barulhada que faziam.

NESSA altura eu já estava tão fatigada, que minhas pernas, pulsando de dor, se recusavam a aguentar-me em pé por mais tempo: e deixei-me de repente cair sentada. Os indígenas rodearam-me logo, cheios de viva curiosidade, e com razão; porque eu constituia um espetáculo digno de admirar: o lado esquerdo da minha cara estava negro das queimaduras; as sobrancelhas e as pestanas tinham-as levado o fogo, e o meu nariz começava a inchar. Quanto ao cabelo, cortado o canivete, erguia-se em pequenos tufos por todos os lados da cabeça. Enfim, era uma visão em tudo própria para fascinar selvagens, ou internos de hospital!

McCollom mostrou ao chefe os ferimentos que eu e Decker tínhamos sofrido, e Pedro abanou a cabeça com solenidade, grunhindo uma expressão de condolência: «Uhn, uhn, uhn.» Foi essa, aliás, a única palavra indígena que conseguimos fixar. Quando os indígenas falavam conosco, escutávamos com toda a atenção possivel, e de espaço a espaço grunhíamos tambem «uhn, uhn, uhn», o que os enchia de contentamento.

Antes de se irem embora, nessa tarde, restituiram-nos o canivete, a bolsinha de maquilhage, e os bombons. Presentes, não havia nada que eles aceitassem.

Na manhã do dia seguinte veio um avião do exército americano, e soltou alguns paraquedas com fardos para nós. O primeiro continha um aparelho transmissor-receptor de rádio. McCollom instalou-o imediatamente e começou a falar no fone: «Aquí fala o tenente McCollom. Façam-me uma chamada. Estão ouvindo bem? Invertam.» A resposta veio sem demora, clara e precisa: «Fala 311 chamando 925. Estamos ouvindo perfeitamente.»

McCollom forneceu então todos os pormenores do acidente e identificou os sobreviventes. O médico militar que estava no avião anunciou que iam lançar-nos de paraquedas os homens do serviço de saude que nos eram necessários. Essa simples promessa já nos fez sentir muito melhor. Quando o avião se afastou, no outeirinho em nossa frente, Pedro e os

seus «guerreiros», acocorados no chão, olhavam-nos sorrindo, e seguiam com todo o interesse os nossos movimentos, como se fôssemos um espetáculo de grande atração nalgum teatro. Tinham acendido uma pequena fogueira e estavam tirando fumaças dos seus charutinhos de fabrico caseiro. McCollom, Decker e eu morríamos de desejo por uma tragada. Não era que nos faltassem cigarros, ao contrário, tínhamos muitos: mas não havia fósforos.

«Vou alí defronte pedir fogo emprestado àqueles vizinhos,» declarou o nosso tenente. E assim foi; voltou com o fogo e fumamos todos, os indígenas no seu outeiro, e nós no nosso.

O avião já nos tinha lançado algumas provisões, mas o paraquedas tinha ido cair a certa distância dalí, em plena selva. E, enquanto fumávamos, não nos saía da mente a idéia das suculentas rações, que estavam provavelmente à nossa espera à distância duma pedrada...

—Há só duas coisas que eu detesto comer, disse eu como se sonhasse em voz alta. —Tomate em lata, e uvas.

—Pois eu era capaz de comer tomate com lata e tudo, se houvesse, confessou McCollom com fervor. E, dizendo isso, pôs-se em pé para ir procurar as provisões caidas do céu.

Não há dúvida que tanto McCollom como Decker eram dois homens pouco comuns, e sempre se comportaram com a maior fortaleza de alma. Por exemplo, só depois de termos saido do vale de Shangri-La é que viemos a saber que o tenente estivera todo aquele tempo com uma costela fraturada. Quanto ao Decker, era evidente que estava gravemente ferido, mas só muito mais tarde se verificou a gravidade do seu estado. Levantou-se tambem, cambaleando, e lá foi atrás do tenente, resolvido a fazer o que pudesse para encontrar as nossas provisões. Quando voltaram vinham ambos de dentes arreganhados de riso, como dois chimpanzés. Traziam nas mãos algumas latas da única comida que nos tinham fornecido: *tomates!...*

Os meus dois companheiros voltaram mais tarde à selva, e encontraram meia dúzia de sacos de equipamento próprio para aquelas regiões, contendo remédios, ligaduras e facas de mato. McCollom cuidou dos ferimentos, meus e do Decker. Deve-se ter sentido tão enjoado como eu, só de olhar para as minhas pernas: as bolhas que as queimaduras formavam em volta de minhas canelas tinham-se transformado em extensas úlceras, inchadas e mal cheirosas. Tinha tambem os pés gangrenados, e o mesmo se dava com uma das mãos. Fiquei apavorada à idéia de que podia ficar sem pernas, mas a ocasião não era para expansões nem lágrimas. Ajudei o tenente a aplicar o unguento nas pernas e nos pés, e depois ele enrolou-me as ligaduras.

Alí estavam aqueles dois homens olhando para mim, suja e desgrenhada—e eu não tinha nada em comum com essas heroinas de Hollywood que atravessam a água e o fogo sem descompor as suas «permanentes» nem enxovalhar os vestidos... Decker lamentou:

—Margaret, você está realmente horrorosa!

—E vocês estão pensando que são tipos de beleza? retorquí logo. Estavam ambos tão imundos como eu, e alem disso com barba de quatro dias.

—É sua vez agora, Decker, anunciou McCollom. Mas nem sequer nos atrevemos a tocar na medonha ferida que lhe descobria o osso da testa. Tirou a blusa e deitou-se de barriga para baixo. O que então vimos deixou-nos arrepiados, e fez-nos compreender quantas dores o sar-

gento Decker tinha sofrido até alí sem se queixar: estava com as costas seriamente queimadas, e as queimaduras, ulceradas, apresentavam todos os sinais de extensa gangrena. Deve ter sido para ele um sofrimento pavoroso deixar que lhe tocássemos para o tratar. Limpei-lhe as úlceras o melhor que pude, e em seguida besuntei-as com uma pomada.

DECKER, sofrendo dores tremendas, muito embora sem nunca se queixar, mal se podia mexer quando a noite caiu; pela minha parte, eu estava fraca e doente demais para poder andar. E durante as 72 horas seguintes, o bom e paciente McCollom—apesar de se encontrar tambem à beira da exhaustão—teve que cuidar de mim como se eu fosse um bebê. Era evidente para todos nós—conquanto nunca o chegássemos a mencionar—que o Decker podia morrer alí, e que eu me arriscava a ficar sem pernas se o pessoal médico não nos viesse acudir, em paraquedas, com a maior brevidade.

O avião militar voltou a aparecer na manhã seguinte, para nos trazer mais provisões; pedimos que não lançassem o pessoal de saude perto de nós, porque o terreno era muito acidentado e perigoso. O nosso receio era que alguem se matasse na queda, para nos socorrer.

McCollom foi mais uma vez buscar os pacotes e trouxe-os de rastos até ao nosso acampamento. Desembrulhou uma grande trouxa de calças e camisas; depois apareceram os cobertores, e ele procurou fazer-nos umas camas confortaveis. Finalmente subiu aos trambolhões no nosso outeiro, berrando: «Eureka! Temos bóia!» Tinha nos braços um pacote de rações. Não nos teríamos sentido mais felizes, se o cozinheiro dum hotel de luxo nos viesse oferecer em plena selva um banquete de doze pratos. Estendemos todos as mãos para aquilo que mais apetecíamos: as latas de presunto com ovos. Mas grande foi minha tristeza quando verifiquei que o meu estômago recusava receber sequer o conteudo de uma lata pequena. Parecia ter encolhido!

NA TARDE, desse dia o Pedro veio fazer-nos outra visita, e desta vez acompanhado da cara-metade. A senhora dele trazia à cabeça, como os seus súditos, a tal rede pendente pelas costas abaixo, mas nem ela nem as outras mulheres que já tínhamos visto alí exibiam quaisquer ornamentos. Só traziam em cima do corpo uma tanga tecida de ramos flexiveis. Eram umas criaturinhas graciosas e ligeiras, tão tímidas como rolas.

A hora em que o bom do McCollom nos preparou as instalações para passarmos a noite, estávamos francamente exhaustos; mas teríamos quando muito passado uma hora na cama, quando o Pedro e o seu séquito nos apareceram e rodearam de novo. Traziam um porco, batatas doces, e algumas bananas verdes e pequenas. «Ora vejam!» rosnou o tenente. «Eles preparam-se para nos dar um banquete.»

Fizemos esforços descomunais para os convencer de que estávamos cansados e doentes, e fomos bem sucedidos. O chefe Pedro, que devia esconder um coração humano e compreensivo no seu corpo negro e delgado, entendeu logo o que pedíamos. Pronunciou na sua algaraviada umas palavras tranquilizadoras, e lá foi pastoreando a sua gente de regresso à aldeia.

Alta noite fomos colhidos por uma chuva torrencial, típica dos trópicos. Os meus companheiros ocupavam uma posição mais elevada; a chuva umedeceu-lhes as camas, mas ao menos não flutuaram no aguaceiro, como eu. Não houve remédio

senão darem-me um lugarzinho junto deles.

«Oh, Senhor!» rosnou o McCollom. «Então não haverá maneira da gente se ver livre desta mulher!»

No dia seguinte o avião reapareceu sobre as nossas cabeças por volta do meio-dia. Lançaram-nos mais provisões, e anunciaram que dois enfermeiros da saude pulariam mais abaixo no vale, a três quilômetros do nosso pouso.

Quando, enfim, avistei os dois homens do serviço de saude, que subiam pelo trilho dos indígenas, não pude conter as lágrimas. Vinha à frente, coxeando de leve, o cabo Ramirez, com a cara toda aberta num sorriso caloroso. É bem de imaginar o ânimo com que o avistei! Atrás dele marchava o Sargento Bulatao, que é um dos homens mais ternos e bondosos que Deus já mandou a este mundo.

Tanto o doutor (não tardamos em chamar assim a Bulatao) como o Ramirez são filipinos; tambem o eram todos os outros homens que mais tarde pularam em paraquedas para nos socorrer. Arregassaram logo as mangas e meteram mãos à obra. Ramirez tinha torcido um pé na queda, e pulava em volta de nós, com um pé só, como um pardalzinho jovial; o doutor fez repetidas excursões à selva para nos trazer de lá os indispensaveis artigos de tratamento. Ao anoitecer, acenderam a nossa primeira fogueira, e preparam-nos chocolate quente. Foi um verdadeiro céu aberto!

Então o doutor pôs-se a fazer o tratamento, meu e do Decker. Só para esterilizar e pensar a ferida que o sargento tinha na cabeça, foram precisas duas boas horas; e outras duas para tratar as úlceras gangrenosas das costas, já então à luz de archotes elétricos. Depois chegou a vez de tratar minhas pernas. As ligaduras estavam grudadas às feridas, e ele esforçou-se por despegá-las sem me fazer sofrer muito, mas fez quase tantas caretas quanto eu, ou talvez mais.

«Você havia de ver de que maneira eu arranco esse negócio!» observou McCollom para lhe dar ânimo. Mas eu é que já estava em tais condições que nem a dor já me importava: só queria que me salvassem as pernas...

Acordei na manhã seguinte por ação do aroma mais capitoso e inebriante que há no mundo—uma combinação de café quente e presunto frito. O doutor e Ramirez estavam-nos preparando a primeira refeição quente que em toda a semana nos fora dado comer. Em seguida, durante seis horas, o Bulatao entreteve-se a pelar os tecidos gangrenosos incrustados nas úlceras infectadas de Decker, que nunca deixou perceber, com uma careta ou um ai, os tormentos que estava suportando. Alem de todas as outras lesões, constatava-se agora que tinha tambem o braço direito fraturado no cotovelo. E para minorar-lhe as dores não havia à mão nenhum anestésico, nem sequer um gole cordial de whiskey!

Foi só no domingo de manhã que o avião militar regressou com oito paraquedistas e um oficial, o capitão Cecil Walters. O rádio-operador anunciou lá de cima que os paraquedistas iam descer no grande vale, a uns 15 km de distância do lugar onde nos encontrávamos. «Estarão com vocês ao anoitecer,» acrescentou.

Mas só na sexta-feira seguinte é que eles nos alcançaram! Tinham pulado não a 15, mas a 70 km de distância. Assim mesmo era bom saber que a ajuda chegava enfim, para nos arrancar daquele vale.

Entre os artigos que nos enviaram em paraquedas nesse domingo, vinham o meu precioso rosário, os livros de orações, e uma Bíblia. Quando o doutor começou

a trabalhar nas minhas pernas, para limpar a gangrena, eu nem sabia onde havia de ir buscar forças para resistir. Apertei o rosário nas mãos e rangí os dentes para não gritar. Estava resolvida a ser tão bom soldado quanto o Decker. O médico trabalhou no meu corpo durante horas, sem que eu soltasse um gemido—mas cá por dentro gritei e arrepelei-me de dor como uma louca. Não obstante o sofrimento, sentí-me muito mais aliviada: o Decker ia melhorar, e eu não perderia as minhas pernas.

Na segunda-feira sentí-me tão mais bem disposta de alma e de corpo, que me apeteceu esta coisa rara: tomar banho! Estava imunda. A um dos lados do outeiro, e fora das vistas indiscretas do acampamento, o Ramirez instalou a universal «banheira» do soldado: um capacete de aço. Encontrou sabão, toalhas, e roupa limpa. Em seguida, dois dos soldados carregaram-me pela encosta abaixo e deixaram-me sozinha.

Despí-me, e comecei o banho. Mas de repente tive a impressão de que não estava só: olhei em redor, e, dito e feito, lá estavam os indígenas instalados a olhar num outeiro vizinho! Nunca cheguei a saber ao certo o que é que lhes fazia arregalar tanto os olhos: se a cerimônia pitoresca do banho, se a cor da minha pele, tão diferente da deles...

NA SEXTA-FEIRA à tarde, dia 25 de maio, surgiu no acampamento o capitão Walters. É um homem excepcionalmente alto, e mais parecia um gigante ao descer o trilho indígena à cabeça dos soldados filipinos e da escolta dos naturais, que estava em toda parte. A sua chegada foi para nós como uma rajada fresca e forte de ar novo. Vinha cantando a plenos-pulmões uma canção muito em voga, e fazendo um passo de dansa pelo trilho abaixo. Acompanhavam-no cinco paraquedistas, e outros três tinham ficado para trás no grande vale, para construirem uma pista de planadores.

Este capitão Walters era o que se chama um menino-prodígio, cheio de talento histriônico. Muitas vezes, depois do jantar, organizava um espetáculo de variedades em que ele era o único artista: representava de cantor de cabaré ou de homorista de rádio, em admiraveis imitações. Em seguida fazia o seu sapateado, enquanto nós e os indígenas o olhávamos cheios de assombro. Nunca vi nada parecido para reconstituir o moral de tropas.

Dois dias depois da chegada de Walters, acompanhado dos seus soldados, o avião militar lançou-nos vinte cruzes e uma estrela de Salomão, destinadas às sepulturas das sete mulheres e dos 14 homens mortos no acidente, acompanhadas das chapas de identificação de cada um deles. Walters fez-se seguir dum pelotão até a cena do desastre. Foi uma pequena cerimônia tocante: enquanto eles instalavam as cruzes e a estrela, e marcavam cada sepultura com a chapa de identificação, o aeroplano militar voou em círculos por cima. E pudemos ouvir pelo rádio as exéquias fúnebres mais tristes e mais impressionantes que eu já escutei. Sentamo-nos em volta do nosso pequeno acampamento, calados e humildes, enquanto lá em cima no avião um padre católico, um pastor protestante e um rabino, todos capelães militares, encomendavam as almas dos mortos. Todos chorávamos a dor de John McCollom: sentado, de cabeça pendente, ele dominava como sempre a comoção.

Entretanto, na nossa base, o exército fazia experiências de socorro por meio de planadores. Nenhum avião poderia nem sequer aterrar no grande vale, mas supunha-se que talvez fosse possivel fazer

baixar alí um planador; então, subiríamos para bordo dele, e em seguida viria um avião de reboque levantá-lo dalí. Acho que só compreendí bem a nossa verdadeira posição, que era praticamente inacessivel, quando Walters me explicou que nos encontrávamos numa área designada em todos os mapas como «desconhecida».

A ESSA DATA o Pedro e os seus indígenas já nos pareciam amigos velhos e queridos. Tinham verdadeira adoração pelo doutor, que saía todas as manhãs numa turnê de visitas clínicas pela selva, tal qual um médico de roça. Hav a por alí muita doença de pele e muitas úlceras que cediam pasmosamente bem aos remédios modernos, melhor do que a todas as feitiçarias...

Quando, a 15 de junho, ele anunciou por fim que Decker e eu já podíamos empreender viagem, dissemos adeus ao Pedro e aos seus companheiros de tribo. Seria grande injustiça aplicar o epíteto de «selvagens» a gente tão bondosa, amistosa e hospitaleira. O maior milagre que nos sucedeu, aos três sobreviventes do desastre, àparte o termos escapado dele, foi o fato de havermos encontrado esses indígenas tão bons e gentís. Quando os deixamos, eles foram andando atrás de nós pelo trilho abaixo, e chorando!

Iniciei a marcha de 80 km que nos separavam da pista improvisada para o planador, com uma alegre confiança que daí a meia hora se tinha dissipado. O ritmo militar da marcha dos paraquedistas, que avançavam como um grupo de infantaria, era demasiado para as minhas fracas forças. Para abrir caminho, ora tropeçávamos em troncos caidos, ora pulávamos de toco em toco, ora nos atascávamos em lama. Por volta do meio-dia eu sentia-me tão estropiada e enfraquecida, que só tinha vontade de gritar. O Decker também não ia muito melhor. Mas nenhum de nós queria dar o braço a torcer. Bem sabíamos que os outros não podiam levar-nos ao colo através do trilho daquela floresta.

Tenho a certeza de que as hostes de Moisés, ao chegarem à vista da Terra da Promissão, não avistaram um panorama tão belo como o que se desdobrou diante de nós quando alcançamos enfim a última elevação de terreno donde se dominava o Grande Vale de Shangri-La. Era uma terra feraz e cheia de beleza, confinada entre o anel de altas cumieiras da Serra de Orange. Um rio de águas côr de cobre serpeava a todo o comprimento da verdura do vale. Lá em baixo, perfeitamente visivel, estava a pista do planador e um pequeno e bem arrumado acampamento militar americano. Os três paraquedistas que tinham ficado para trás, via-se perfeitamente, haviam trabalhado como castores para fazer os preparos finais do nosso salvamento.

O capitão Walters deu entrada no acampamento com a maior galhardia possivel, correndo todo o caminho a passo de dansa. O rádio-operador do avião militar que nos seguia, descrevendo curvas no céu, tinha-se munido, para essa ocasião muito especial, de uma vitrola e alguns discos. E lá de cima foi acompanhando o capitão até o campo, com o ritmo da sua música afro-americana.

Os sargentos Baylon e Valasco não resistiram à tentação de me mostrar imediatamente o *boudoir* que tinham montado especialmente para mim, com a colaboração do sargento-mor Obrenica. Para esse efeito, haviam dividido ao meio uma barraca, reservando para «meu quarto» um dos compartimentos. Tinham-me preparado uma cama bem funda, feita de capim, e cobriram-na com um formoso

dossel de *nylon* amarelo, feito dum paraquedas; nem sequer faltava o tapetinho ao lado da cama, cortado em sacos de paraquedas. Tudo isso me comoveu muito. O acampamento estava todo cheio de artigos de luxo, inclusive uma banheira feita de caixotes. Chamava-se a isto o «Grande Hotel», e posso garantir que os hóspedes recem-vindos se mostraram loquazes em suas expressões de apreço por tanta comodidade.

O avião militar lançou-nos um saco cheio de conchas as mais variadas, para nos servirem de instrumento de troca com os indígenas. E de fato as conchinhas tiveram um efeito verdadeiramente mágico! Não tardou que os sargentos comprassem com elas nada menos de sete porcos.

No dia seguinte ao da nossa chegada, fomos visitar a aldeia indígena. Logo à entrada vimo-nos detidos por um ancião de aparência digna e autoritária, que, sem mostrar sinais de má vontade, nos deu a entender porem, claramente, que não consentia que a aldeia fosse invadida. Em vista disto, eu fiz um beicinho tão gracioso quanto me foi possivel, e, batendo langorosamente as poucas pestanas que me restavam, arrulhei com coqueteria: «Ora, *seu* chefe, não seja mauzinho!»

E alí mesmo, diante de nossos olhos, o velho chefe se derreteu. Fez sinal para que eu avançasse, mas acompanhado somente de três homens. Nesse dia é que eu fiquei conhecendo a mulher do chefe: simpatizamos imediatamente uma com a outra. Foi, mais uma vez, um caso de cordialidade espontânea, pois que nem ela sabia minha língua, nem eu a dela.

A partir desse dia visitei a rainha várias vezes. Sentávamo-nos na sala comum, onde as outras mulheres cozinhavam, e ficávamos a mastigar batatas doces acabadas de cozinhar. Sua Majestade não se mostrou muito entusiasmada com minha farda de soldado, e queria convencer-me a trocá-la por uma simples tanga de ramos entretecidos, do gênero que ela e as suas damas-de-honra usavam.

Um dia, estando de visita à soberana, passei distraidamente um pente pelo cabelo: ficou maravilhada! Metade da população agrupou-se logo em volta de nós, e tive que ficar penteando o cabelo até me cair o braço de cansado, para satisfazer a curiosidade dos espectadores.

Todos os objetos que tínhamos no acampamento constituiam uma fascinação para os naturais: apesar disso, não quiseram aceitar coisa nenhuma. Quando trabalhavam a nosso serviço, por exemplo, usavam um bom machado ou um facão de soldado; mas tão depressa passavam a fazer qualquer coisa do seu próprio interesse, revertiam logo ao machado de silex! Eram, já se vê, sensatos demais para consentir que os visitantes caidos de Marte viessem alterar da noite para o dia o ritmo da sua velha civilização.

EM NENHUM daqueles vales encontramos sinais de que os indígenas tivessem qualquer religião. Não existiam ídolos nem altares. O capitão Walters teve um dia esta observação: «Eles crêem é na humanidade.» E essas palavras encerram o mais eloquente tributo que se poderia prestar a essa gente, cuja conduta era a todos os respeitos ditada por sentimentos bondosos.

Acabaram finalmente por nos informar de que íamos ser socorridos por um planador, que baixaria na pista de Shangri-La, a reboque dum transporte militar C-47. Na quinta-feira, 28 de junho, o planador lá veio pelos ares, e pousou graciosamente na nossa pista. Já estávamos todos reunidos no campo quando o piloto, tenente Henry Paver, desceu do aparelho.

—Este expresso, disse-nos, parte daquí a meia-hora.

—Meia-hora! bradei. —Mas eu nem arrumei minhas malas ainda!

Corremos às tendas para carregar os machados de silex e os arcos e flechas que tínhamos ajuntado como recordações de Shangri-La. Entretanto, o C-47 descrevia círculos no ar, esperando o momento de arrebatar o planador pelos ares fora.

OS INDÍGENAS depressa perceberam que estávamos de partida, e as lágrimas correram-lhes pelas faces. Bem sabia eu que ia perder agora alguns dos melhores e mais bondosos amigos que a vida pusera no meu caminho. Assoei-me com algum estrondo, e percebí que o McCollom e o Decker iam fazer a mesma coisa.

—Agora não se assustem se a espia de reboque rebentar ao primeiro puxão, disse Paver num tom de voz que queria passar por tranquilizador.

—E se ela rebentar, que é que acontece?

—Bem, capitão, o exército me deu uma apólice de seguro de vida no valor de dez mil dólares... respondeu o piloto.

Agarrei-me ao meu rosário, e perguntei a mim mesma se tínhamos escapado dum horroroso desastre de avião, e de tanto sofrimento, doença e dificuldades, só para ficarmos esborrachados alí, quando a salvação nos parecia tão próxima. O C-47 veio descendo lá das alturas, em cima da gente, numa picada a motor. Fiquei gelada de anseio, com as mãos agarradas ao rosário e no cinto que me prendia ao planador. Sentimos um solavanco repentino, e desatamos a rolar pela pista abaixo. Largávamos do campo e começávamos a subir... Roçamos o topo duma árvore, e instintivamente recuei horrorizada no meu banco. Só mais tarde vim a saber que perto nós estivemos de nos esbarrondar mais uma vez na selva. A espia de reboque tinha-se metido por entre as ramarias das árvores, afrouxando a marcha do avião para 180 quilômetros à hora, o que àquela altitude é uma velocidade suficientemente baixa para fazer com que uma grande aeronave perca o equilíbrio. O major Samuels, que dirigia os controles, afinal conseguiu arrancar-se à enrascada, mas mais tarde não deixou de nos dizer que tínhamos escapado só por um triz. Quando o comando o recomendou como digno de receber a Cruz de Distinção Aeronáutica, ele declarou com espontânea convicção: «Eu é que não tornava a fazer uma dessas, nem por uma dúzia de medalhas!»

De repente percebemos uma pancada constante, que se ouvia no fundo da nossa nacele. A explicação desse ruido era a se-

guinte: ao decolarmos, o planador tinha arrastado consigo um dos grandes paraquedas de carga que marcavam os limites da pista, e agora, levado por ares e ventos, o paraquedas espancava ritmicamente a fragil casquinha do aparelho, abrindo-lhe pequenas fendas... Não tardou muito que a fenda se rasgasse a toda a largura do planador, e medisse cerca de meio metro de abertura. Bastava a gente olhar para baixo, para avistar, por aquela bocarra escancarada aos nossos pés, tudo o que íamos sobrevoando! Era de arrasar os nervos do mais fleugmático.

O nosso vôo desde Shangri-La até Holândia durou uns escassos 90 minutos, que nos pareceram compridos como muitas horas. Mas o Paver acabou conseguindo fazer uma aterragem de mestre com o seu planador meio rebentado. Pulei no campo. Tinham decorrido 47 dias desde que partira dalí, num vôo de recreio que devia ter durado quatro magras horas!...

A caminho dos fotógrafos e dos seus clarões de magnésio, apertei instintivamente contra mim os braços dos meus dois companheiros de sofrimento: McCollom e Decker. Mais uma vez sentí claramente quanta sorte eu tivera, ao sobreviver ao desastre na companhia de dois homens daquela têmpera. Ambos, cada um a seu modo, sofreram muito mais do que eu própria. Lá longe, na íngreme encosta daquela montanha, uma cruz branca marcava a sepultura do irmão gêmeo e inseparavel de McCollom. E Decker tinha pela frente muitas semanas de hospitalização, dados os graves ferimentos que sofrera.

Pensei com ternura e gratidão no capitão Walters e nos seus paraquedistas filipinos, que tinham ficado em Shangri-La. E, ao afastar-me do planador que me trouxera, a caminho mais uma vez da vida, da minha vida de sempre, dirigí meu pensamento para os vinte e um companheiros que lá tínhamos deixado, no pico da serra, debaixo das suas cruzes brancas e da estrela de Salomão: e não pude reprimir as lágrimas.

¶ Esta é verídica: um grupo de engenheiros estava saindo de um hotel, levando consigo um giroscópio, que funcionava em uma mala construida especialmente para exibições—o mesmo tipo de giroscópio usado como «piloto» automático nos grandes bombardeiros. Para fazer troça, puseram o giroscópio a funcionar e chamaram um carregador do hotel, o qual apanhou a mala e se dirigiu para a saida. O giroscópio manteve o seu curso através da porta interior, mas o carregador não pôde prosseguir caminho, quando teve que fazer uma volta, para sair do saguão para a rua. Por três vezes, o pobre homem lutou valentemente contra aquela teimosa mala—em pura perda. Colocando-a então no chão, voltou-se encolerizado para os engenheiros, dizendo-lhes: «Os senhores andaram bebendo demais!» E afastou-se.

—Norman Siegel, no *Press* de Cleveland

A VIDA DAS ABELHAS

Condensação do famoso livro de

MAURICE MAETERLINCK

A história da colméia é um amálgama assombroso de sabedoria, mistério e drama. Maeterlinck nos conta, neste livro há muito clássico pelo seu brilho e penetrante observação, o que é a existência fascinante das abelhas.

A VIDA DAS ABELHAS

As abelhas da nossa colméia sacudiram enfim o torpor do inverno. A rainha começou a postura logo nos primeiros dias de fevereiro, e cada dia assistimos agora ao nascimento de milhares de abelhas. Mas, à medida que a primavera avança e que a colheita do mel prossegue, a inquietação parece apoderar-se do povo laborioso da densa cidade das abelhas. Um poder misterioso e invencivel virá em breve forçar a rainha a abandonar a cidade sobre a qual tem reinado. Ela não é rainha, no sentido em que nós, homens, usamos a palavra... Não dá ordens; limita-se a obedecer, tão passivamente como o mais obscuro e humilde dos seus súditos, a esse grande poder oculto que é «o espírito da colméia». Mas é ela, em todo caso, o orgão único do Amor; a mãe da cidade. Tudo quanto dentro das muralhas da colméia é vivo e se mexe—obreiras, zangãos, larvas, ninfas, e as jovens princesinhas cuja próxima nascença virá precipitar a partida da de sua majestade—tudo saiu dos flancos da abelha-mestra.

As operárias veneram a rainha como um ente sagrado. O mel mais puro, especialmente destilado, é reservado para seu consumo exclusivo; uma escolta especial exerce dia e noite sobre ela uma vigilância rigorosa; ao mais leve acidente de que for vítima, a notícia correrá veloz de grupo em grupo, e a população inteira, entregue à excitação, num ir e vir incessante, erguerá um lamento poderoso... Tirem prematuramente a rainha da sua colméia, e o trabalho cessará no mesmo instante. Ninguem mais se ocupará dos pequeninos; as forrageiras deixarão de ir visitar as flores dos campos e jardins, e a própria guarda, que está sempre de sentinela à porta, abandonará o seu posto. A pobreza se insinuará pouco a pouco na cidadela; a população decairá, e em breve terá perecido de dor e desespero, ainda que todas as flores do estio entonteçam o ar de fragrância e côr.

Mas restabeleça-se a rainha antes que as abelhas se tenham deixado desmoralizar completamente, e a recepção que ela terá por parte do seu povo será extraordinária e comovedora. As abelhas rodeá-lão pressurosamente, oferecendo-lhe mel, e irão acompanhá-la em grande escolta tumultuosa, no regresso à sua real câmara. A ordem ficará logo restaurada, o trabalho recomeça, e em breve por toda a colméia ressoará a doce e monótona cadência do estranho hino de júbilo, que é, dir-se-ia, o hino da presença real.

As abelhas jamais consentem que haja na colméia mais do que uma rainha adulta. Mas o homem intromete-se continuamente no que as abelhas consideram talvez como leis imutaveis da natureza. Que é que elas hão-de fazer quando nós, por força ou por manha, introduzimos na colméia uma segunda rainha? É provavel que, no estado de natureza, graças às sentinelas que guardam a entrada, tal acontecimento nunca se tenha produzido desde que existem abelhas à face da terra. Mas essa conjuntura inesperada e prodi-

giosa não as desorienta: fazem face à situação com o que quase poderíamos classificar de «evasão judaica». Nada mais facil para as abelhas do que trespassar a intrusa com as suas miríades de ferrões peçonhentos: seria a morte certa numa fração de instante. Mas, embora esse ferrão esteja sempre pronto a entrar em ação, e elas o usem frequentemente nas suas próprias desavenças internas, a verdade é que *as abelhas nunca puxam das armas contra uma rainha;* tãopouco a rainha nunca descerá a desembainhar seu ferrão contra um homem, um animal qualquer, ou uma abelha comum. A rainha jamais desembainha a sua arma real, curva como as cimitarras maometanas, senão em batalha com uma sua igual: outra rainha.

Nenhuma abelha, ao que se afigura, tomaria sobre si a responsabilidade tremenda de atentar contra a vida duma real senhora: entretanto, se há duas rainhas, uma tem que morrer. Que fazem elas? É muito simples: formam uma esfera viva em volta da intrusa régia, isto é, rodeiam-na inteiramente com os seus inúmeros corpos entrelaçados, e assim a mantêm presa durante 24 horas, se tanto for necessário, até que ela morra de asfixia ou inanição.

Mas se, nesse momento, a rainha legítima se acerca, as muralhas vivas da prisão se abrem de par em par: e o povo de abelhas, formando um círculo em torno das duas inconciliaveis rivais, assiste com fervoroso interesse ao duelo que inevitavelmente se segue. Se uma das rainhas tenta esquivar-se à luta, então, seja ela a soberana legítima ou a forasteira, será imediatamente agarrada e metida no cárcere vivo, até que dê sinais, mais uma vez, do seu desejo de combater a inimiga. É de justiça acrescentar, contudo, que, segundo se tem verificado em numerosas experiências, a vitória cabe quase invariavelmente à rainha reinante, pois que as abelhas demonstram certa medida de favoritismo na maneira como aprisionam as rivais. A abelha-mestra mal chega a dar sinais de sofrer com o encarceramento, ao passo que a forasteira emerge quase sempre da luta e da prisão em condições muito apreciaveis de contusão e debilidade.

O Enxame

A nossa irrequieta colméia está-se preparando para enxamear. Em obediência às ordens do espírito da colméia, 60 ou 70 mil abelhas, das 80 ou 90 mil que constituem a população, irão abandonar a cidade materna a uma hora prefixa. Não se vão embora porque lhes falte a comida: não, nem que a colméia fosse pobre ou tivesse sofrido os efeitos duma pilhagem ou duma tempestade, nem que a desgraça tivesse caido sobre a real família, as abelhas desertariam o seu lar. Porque é que o deixam então? As abelhas só abandonam a colméia quando esta atingiu o auge da prosperidade.

E nunca a colméia nos parece mais bela do que em vésperas deste êxodo heróico de renúncia. Vamos tentar descrevê-lo para os olhos humanos, e não como ele se apresenta às próprias abelhas—porque nos é impossivel dizer em que mágicas, formidaveis proporções as coisas se podem refletir nas 6 ou 7 mil facetas dos seus olhos salientes; como nós veríamos, enfim, os acontecimentos, se nos pudéssemos reduzir à estatura das abelhas. Das alturas dum zimbório mais colossal do que a cúpula de São Pedro de Roma, as paredes de cera descem até o chão, equilibradas em construções de gigantesca geometria, que, no ponto de vista da precisão, da audácia e da vastidão, não têm nada que se lhes compare entre as

estruturas erguidas pelo homem. Cada uma dessas paredes, cuja substância é ainda imaculada e fragrante, apresenta milhares de células que estão pejadas de provisões, suficientes para alimentar toda a colônia durante algumas semanas. Alojados em células transparentes, vemos alí os polens, fermentos de amor de todas as flores da primavera, formando brilhantes pochades de amarelo e vermelho, de negro e roxo. Perto, em vinte mil reservatórios selados com um selo que só em dias de privação suprema pode ser quebrado, está armazenado o mel de abril, de todos o mais límpido e aromático. Mais abaixo amadurece o mel de maio, em grandes tinas abertas, junto das quais as coortes vigilantes, batendo as asas, mantêm uma incessante correnteza de ar. No centro, que é a parte mais quente da colméia, ergue-se o núcleo do futuro—o domínio régio das células da criação. Finalmente, no santo-dos-santos desta região, encontram-se os três, quatro, seis ou doze palácios, de vastas dimensões se os comparamos aos restantes, onde as princesinhas adolescentes esperam que chegue a sua hora, envoltas numa espécie de véu e alimentadas na mais completa escuridão.

Mas, chegada a hora de enxamear, desencadeia-se na colméia uma agitação fora do comum, cuja significação o apicultor experimentado dificilmente poderia deixar de apreender: por toda a superfície dos dourados corredores, as operárias andam em ativos aprestos para a próxima abalada. Cada uma delas, antes de mais, se aprovisiona de mel bastante para cinco ou seis dias de consumo. Desse mel, que elas carregam dentro de si, destilarão depois, por um processo químico até agora inexplicado, a cera necessária para a construção imediata de novos edifícios. Abastecem-se tambem de própolis, espécie de resina com que calafetam todas as fendas e aberturas da sua nova morada, reforçam os pontos mais fracos, e envernizam as paredes.

Assim, vemos que as abelhas possuem uma espécie de preciência do que as espera nesse dia, o mais perigoso de toda a sua existência. Amanhã ou depois de amanhã poderá chover, e quem sabe se o vento soprará tambem. Não fora essa previsão das abelhas, e a fome e a morte as estariam espreitando. Ninguem correria a socorrê-las, nem elas pediriam auxílio de ninguem. Porque uma cidade de abelhas não conhece as outras cidades, nem se prestam nunca assistência mútua. Ainda que o apicultor capturasse o enxame e o instalasse ao pé do lar que neste momento acabam de deixar, mesmo assim elas dariam todos os sinais de haver esquecido completamente a paz e a abundância de que alí gozavam. Uma a uma, todas acabariam morrendo de fome e de frio, de preferência a voltarem ao lar que abandonaram, e cujo doce aroma, que é na realidade a fragrância do seu assíduo labor passado, lhes chega ainda em meio do sofrimento.

Nesse grande dia da enxameação, é verdade que certo número de operários irão tranquilamente para os campos, como se nada se estivesse passando; voltarão à colméia, farão a sua limpeza, atenderão às células de criação, e ficarão completamente alheias ao estado de êxtase geral. São estas que não seguirão a rainha; ficarão alí de guarda ao velho lar, alimentando os 10 mil ovos, as 18 mil larvas, as 36 mil ninfas e as sete ou oito princesas reais, que nesse dia as emigrantes deixarão ao abandono. O que não está em nosso poder adivinhar, é por que razão, por força de que lei ou por ordem de quem, é que elas foram escolhidas para essa tarefa. E à sua missão elas se mantêm calma e

inflexivelmente fiéis, não obstante ser grande, irresistivel, a tentação desse dia de festa! Porque é realmente o festival do mel, o único dia de alegria, de olvido e folguedo que as abelhas conhecem. E dir-se-ia que é tambem o dia único em que todas poderiam tirar o ventre da miséria, e regalar-se até à saciedade com as delícias do tesouro por seu próprio labor acumulado. As abelhas enxameadas deixaram atrás de si as dificuldades e os cuidados. Deixaram de ser intrometidas e ferozes, agressivas, suspeitosas, indomaveis, coléricas... O homem—senhor desconhecido cuja soberania elas nunca reconhecem, e que só pode dominá-las conformando-se às leis próprias do povo das abelhas—pode nesse dia apartar a cortina cintilante que elas formam enquanto voam e revoam em círculos vibrantes de música; pode agarrá-las às mancheias, como se fossem cachos de uvas: porque nesse dia festivo as abelhas aceitarão seja o que for, submissamente, sem fazer mal a ninguem, sob a condição apenas de que as não separem da sua rainha e senhora que leva consigo, no seio, o futuro do povo.

De súbito, o sinal de partida soa na colméia tumultuosa, e é como se um impulso repentino de loucura tivesse escancarado ao mesmo tempo todas as portas da cidade: a negra coorte das abelhas irrompe em jactos, dois, três ou quatro ao mesmo tempo, tantos como o número de portas da colméia. Essa nuvem trepidante fica pairando alguns momentos por cima da colméia; depois, como o tapete mágico das *Mil e Uma Noites*, que cruza os ares à ordem do seu dono, o enxame voa em linha reta em direção à árvore sobre a qual a rainha foi pousar; e, em volta desta, as abelhas vêm descansar em vagas sucessivas, desdobrando no tronco o brocado luminoso das suas asas.

Então, mais uma vez, o silêncio cai; e, em um momento, o que era há pouco tumulto voejante se torna num grande cacho pacífico de abelhas, as quais alí ficam esperando que os seus batedores regressem da excursão, já empreendida, em busca de novo asilo.

É essa primeira fase do que conhecemos pelo nome de «enxame primário», à cabeça do qual invariavelmente se encontra a abelha-mestra. Por via de regra, o enxame vai pousar na árvore ou no arbusto que estiver mais perto da colméia abandonada; e a razão é que a rainha, que viveu em trevas constantes desde o seu vôo nupcial, ou desde a enxameação do ano anterior, na sua régia ociosidade quase esqueceu para que servem as asas.

O apicultor espera que a massa das abelhas se tenha reunido e fique imovel; depois, cobrindo simplesmente a cabeça com um grande chapéu de palha—porque a mais inofensiva das abelhas, ao ver-se embaraçada no cabelo, se julgará pegada numa cilada, e porá infalivelmente em ação o seu ferrão—o nosso homem sacode vigorosamente o arbusto ou pernada da árvore de que as abelhas estão pendentes, com o fim de recolher o enxame inteiro dentro duma colméia invertida. E o grosso cacho de abelhas cai dentro dela, pesado como um grande fruto maduro. Se, porem, o ramo ou arbusto é demasiado forte para ser abanado, o homem pode mergulhar um colherão na massa das abelhas remexendo de vida, e transferí-las assim, às colheradas, para onde quiser, como se estivesse enchendo medidas de milho. Nada tem a recear das abelhas que zumbem em volta dele, que lhe pousam nas mãos e no rosto. O ar vibra numa canção de êxtase, que está muito longe de se confundir com a música de guerra das abelhas. Por que é que estas se sentem felizes, continua a ser

para nós um mistério, a menos que estejam simplesmente dando cumprimento a uma lei da natureza.

Mas se o enxame não for recolhido pelo homem, a sua história não finda aquí: continuará suspenso da ramada até ao regresso das operárias, que, em missão de exploração, partiram em todas as direções logo ao primeiro momento da enxameação, em busca de novo alojamento. Vão depois regressando uma a uma, ao que parece, para dar conta dos seus achados. Irão erguer o novo lar na cavidade de algum tronco, na fenda de uma parede arruinada, no recôncavo de alguma gruta? É frequente que a assembléia fique reunida em deliberação até a manhã seguinte. Chegam então, por fim, a uma resolução, e em dado momento aquela massa agita-se, desintegra-se, põe-se em movimento, e logo, numa rajada impetuosa que se mantem inflexivelmente num curso rectilíneo, parte voando por sobre sebes e milharais, por cima dos rios e das aldeias, a caminho do seu destino certo e sempre distante. A partir desse momento só muito raramente o homem poderá acompanhá-las na segunda fase da enxameação.

Alicerces

Quer o enxame se deixe capturar pelo homem, quer se escape, uma nova cidade de abelhas vai surgir. As abelhas do enxame abandonaram na sua antiga colméia não só um enorme tesouro de polen, como tambem mais de 60 quilos de mel: quantidade essa que anda por cerca de 600 mil vezes o peso de uma abelha individual. Para nós, homens, isto seria o equivalente a 42 mil toneladas de provisões, ou seja uma vasta armada de grandes navios carregados de gêneros alimentícios, mais preciosos do que quantos conhecemos; porque, para a abelha, o mel é uma espécie de vida líquida, de alimento assimilado, em que, por assim dizer, nada há que jogar fora.

Na casa nova, onde acabam de entrar, nada se encontra: nem uma gota de mel, nem um grão de cera; nem um traço que sirva de guia, nem um ponto de apoio. Apesar disso, tão depressa o novo local foi ocupado, começa-se a processar na massa confusa das abelhas a mais nítida e ao mesmo tempo inesperada das divisões. A maior parte delas, agarrando-se umas às outras, formam uma espessa cortina triangular, ou cone invertido, cuja base adere ao teto da casa; durante muitas horas esse estranho cone invertido vai esperar, num silêncio que chega a parecer sinistro, que se produza o grande mistério da cera. Como isso se passa, é que não sabemos. Só podemos dizer que essa cortina de abelhas ficará suspensa, como descrevemos, durante 18 a 24 horas, numa atmosfera tão aquecida que se chega a ter a impressão de que há fogo ardendo na cavidade da nova colméia; corridas aquelas tantas horas, aparecem as escamas de cera, brancas e transparentes, à entrada dos quatro bolsinhos que todas as abelhas apresentam na parte inferior do abdome.

No ínterim, o resto das abelhas, quer dizer, aquelas que se deixaram ficar no chão da cavidade, parecem não prestar atenção alguma às produtoras de cera. Mas não ficam ociosas: varrem cuidadosamente o chão e retiram, um por um, os raminhos e palhas, os grãos de areia e as folhas mortas; porque as abelhas se distinguem pelo seu amor quase fanático do asseio. Esse amor é tão grande que, quando no pino do inverno o frio intenso retarda por muito tempo aquilo que os apicultores chamam de «vôo de limpeza», as abelhas morrem às vezes aos milhares duma doença intestinal, só para não poluirem a colméia com as suas dejeções!

Acabada a limpeza da casa, as abelhas põem mãos ao trabalho minucioso de inspeção e reparação dos seus domínios. Passam em revista todas as gretas das paredes, calafetam-nas e revestem-nas com própolis; e em seguida começam a envernizar as paredes de alto a baixo. Escolhem-se os guardas que vão ficar de sentinela à porta; e não tarda que algumas operárias saiam voando para os campos, e regressem com a sua carga de polen.

Tentemos agora fazer uma idéia do que seja a segurança de visão, o rigor de cálculo, e a indústria de que o nosso pequeno povo será chamado a dar provas, de maneira a adaptar a sua nova instalação às exigências da espécie. No edifício interior que vão agora erigir, as abelhas terão que ter presentes as leis da ventilação, da solidez dos materiais, das propriedades da cera, e a natureza dos gêneros que alí vão ser armazenados.

A forma da colméia que o homem propõe como habitação às abelhas apresenta inúmeras variedades, desde o tronco de árvore oco, ou do vaso de barro que ainda se usa na Ásia e na África, e da cabana de colmo mais ou menos cônica, dos europeus, até à colméia retangular do apicultor, com os seus três ou quatro andares de favos sobrepostos, para 300 colheitas de mel, encerrados num bastidor que permite a sua facil remoção.

Por muito estranho e desconcertante que pareça o lugar onde se instala, o pequeno inseto é obrigado a transformá-lo em seu lar. Precisa determinar a locação dos armazens de inverno, que não deve estender-se para alem da zona do calor irradiado pelos seus moradores meio-adormentados; tem que adivinhar o ponto exato onde devem ficar concentradas as células de criação, sob pena de um desastre tremendo, no caso de elas ficarem demasiado chegadas à porta ou arredadas dela.

De toda maneira, não se conhece um só caso em que um enxame se tenha deixado vencer pela estranheza do seu novo habitat, exceção, claro está, daqueles em que a nova morada fosse absolutamente inhabitavel, ou estivesse impregnada de maus cheiros. Em tal hipótese, o enxame muito simplesmente abandona o lugar, e vai procurar melhor fortuna a distância dalí. Da mesma forma, nunca se pode dizer que seja possivel induzir as abelhas a empreender qualquer tarefa ilógica ou aventurosa. Ainda que se coloque o enxame dentro duma esfera, dum cubo, ou duma pirâmide, numa cesta oval ou poligonal, concluir-se-á sempre que esta estranha assembléia de pequenos intelectos independentes fará o uso mais lógico da absurda morada que lhe oferecermos. Alem disso—e o caso dá-se com frequência na moderna apicultura—se os bastidores da colméia onde foram recolhidas as abelhas for recoberto com cera de alicerces, elas não perderão o seu tempo a produzir cera inutil, mas ao contrário prosseguirão no trabalho já encetado, criando em uma semana uma cidade tão luxuosa e bem construida como a que, de outro modo, teria levado dois ou três meses a edificar.

Uma vez formadas as escamas de cera côr de marfim, veremos uma das abelhas, como que movida de súbita inspiração, destacar-se abruptamente da massa, e marinhar até o pináculo interior da cúpula, espécie de fecho de abóbada do cone de abelhas. Então, com a boca e as patas, ela toma uma das escamas de cera que pendem do seu próprio abdome, e começa imediatamente a aplainá-la, a esticá-la, e a encurvá-la com a perícia do marceneiro que trabalha uma prancha de material maleavel. Quando, finalmente,

a pequena prancha de cera apresentar as necessárias dimensões, a abelha irá prendê-la ao ponto mais alto da cúpula, colocando assim o que poderíamos chamar a primeira pedra da nova cidade; se a pedra angular, aquí, é colocada no topo, é porque esta cidade é uma urbe invertida, pendente do céu.

A essa pedra angular a abelha adiciona outros fragmentos de cera, depois do que largará do seu posto, tão depressa quanto lá subiu. Outra abelha virá logo tomar o seu lugar, continuar o seu trabalho, para por sua vez desaparecer tambem na multidão.

Vemos agora um pequeno bloco de cera, ainda informe, pendente do fecho da abóbada. Tão depressa a sua espessura for considerada suficiente, veremos outra abelha surgir da massa, mas desta vez uma abelha com caraterísticas físicas visivelmente diferentes das das abelhas cabouqueiras que a precederam no serviço. As suas maneiras exprimem tão segura convicção, seus movimentos são acompanhados com tal curiosidade pela massa das operárias, que quase nos sentimos levados a supor ter sido convocado algum engenheiro ilustre para traçar na cera a primeira célula, da qual todas as outras vão depender matematicamente. Esta abelha pertence à classe dos canteiros ou escultores da massa trabalhadora. Não produz cera, por não ser essa a sua função. O seu lugar é logo tomado por uma operária impaciente que continua a tarefa, a ser concluida por uma terceira abelha. Dessa maneira, vemos que todas obedecem à lei geral do trabalho alternado e sucessivo.

As abelhas constroem células de quatro tipos diversos: em primeiro lugar as células reais, de certo modo concebidas com a forma duma bolota de carvalho; depois as vastas células destinadas à criação dos machos e ao armazenamento de provisões; as pequenas células que servem de berço às operárias e de depósitos ou despensas comuns, e que ocupam normalmente cerca de quatro quintos da superfície de construção da colméia. Finalmente, de modo a ligar de forma bem ordenada as células maiores com as menores, as abelhas constroem certo número de células conhecidas pelo nome de células de transição. A forma destas é necessariamente irregular: mas tão rigorosamente precisas são as dimensões das células de segundo e terceiro tipo, que, na época em que se estudava o estabelecimento do sistema métrico decimal, e se procurava na natureza o padrão que servisse de base incontestavel à medida, o sábio Réaumur propôs que se escolhesse para esse efeito a célula da abelha.*

Cada célula é como um tubo hexagonal assente numa base piramidal. Segundo diz o dr. Reid, «há somente três figuras geométricas que as células poderiam adotar, para serem todas semelhantes, sem haver entre elas nenhum interstício desnecessário: são elas o triângulo equilátero, o quadrado, e o hexágono regular. De todas, o hexágono é a mais própria devido à comodidade e resistência que oferece.

«Mais ainda, está provado que, fazendo consistir o fundo das células de três planos que se encontram em um ponto, obtem-se uma economia de material e de trabalho que não é nada para desprezar. As abelhas, como se estivessem familiarizadas com estes princípios da geometria sólida, seguem-nos com todo o possivel rigor. Os ângulos precisos a que os planos se devem encontrar para o máximo da economia, oferecem um problema de alta matemática. Maclaurin, da Real Sociedade de Londres, determinou precisamente o ângulo exigido, e verificou que esse era o ângulo exato segundo o qual se encontram realmente os três planos que formam o fundo da célula do favo de mel.»

*Veio a provar-se mais tarde que as células, embora admiravelmente regulares, variam de tamanho de colméia para colméia.

É positivo que as abelhas se não entregam a cálculos de abstrusa dificuldade; mas, por outro lado, parece impossivel que tão assombrosos resultados se possam alcançar somente graças ao acaso, sobretudo quando temos presente que as vespas, que tambem constroem favos com células hexagonais, chegaram à solução do problema de maneira muito menos engenhosa: o favo das vespas é construido com tanto desperdício, que nele se sacrifica cerca de um terço do espaço disponivel.

Ao admirarmos esta arquitetura geométrica, devíamos tambem deter-nos a admirar a engenhosa construção dos corredores e passagens que rodeiam e atravessam o favo, habilmente dispostos de maneira a assegurar o caminho mais curto em todas as direções, e a evitar o congestionamento do tráfego, ao mesmo tempo que garantem a livre circulação do ar; e a descrever tambem as muitas experiências que têm sido feitas para forçar as abelhas a adaptar e reparar as suas estruturas. Mas passemos agora por alto todas estas maravilhas, e voltemos uma vez mais ao drama que se vai desenrolando na colméia.

A Vida na Colméia

Tão depressa fica pronta a primeira fila de células, a rainha, acompanhada da sua escolta de guardas e servos, toma posse dos aposentos que lhe foram reservados. Pode mencionar-se aquí o fato curioso de que as operárias procuram sempre evitar ficar de costas para a abelha-mestra. Assim que ela se aproxima dum grupo, as abelhas que o formam se dispõem invariavelmente de modo a ficar de frente para ela, e a afastar-se andando de costas diante dela.

Quando a rainha chegou a uma célula que lhe parece conveniente, deposita nela um ovo, e passa adiante. Desde esse momento até às primeiras geadas do outono, nunca mais deixa de pôr ovos; põe-nos enquanto a alimentam, e põe-nos até durante o próprio sono, se é que uma abelha-mestra dorme alguma vez! Passo a passo, parece perseguir as pobres operárias que à frente dela vão erguendo, exhaustas e febrís, os berços que a sua imensa fecundidade reclama. Por fim, a insaciavel matrona acaba de percorrer toda a circunferência da colméia, e regressa às células por onde começou. Nessa altura, elas estão vazias: porque a primeira geração saida dessa postura já deu entrada na vida, para não tardar a iniciar vôo por sobre as flores da vizinhança, brincando nos raios do sol e acelerando o ritmo das horas sorridentes.

Os ovos que a rainha põe nas células maiores darão machos ou zangãos. Parece pois que ela possue os meios de determinar o sexo de cada nascituro, e de adaptá-lo à célula sobre a qual se inclina amorosamente. Como consegue, dentre a miríade de ovos que o seu ovário encerra, distinguir os machos das fêmeas?

Aquí, mais uma vez, o mistério da colméia nos enfrenta: e, no caso presente, um dos seus mais impenetraveis segredos! Sabemos que nem mesmo virgem a abelha-mestra é esteril; mas os ovos que ela põe, não estando fecundada, somente produzirão machos. Enquanto não for fecundada, no curso do aventuroso vôo nupcial, ela não será capaz de produzir espontaneamente operárias ou zangãos. O vôo nupcial deixa-a permanentemente

na posse, que durará até a morte, dos gametas arrancados ao seu infortunado amante. Esses gametas, que o seu organismo conserva vivos em uma glândula especial situada debaixo dos ovários, vão saindo ao encontro dos ovos, para fecundá-los à passagem para o exterior, durante a postura.

As Princesas Reais

Fechemos agora a colméia, onde parece que a vida vai retomando a sua rotina habitual, e volvamos à cidade-matriz, para ver o que por lá se passa desde a saida em massa do enxame que acompanhamos.

Uma vez acalmado o tumulto da grande migração, a desventurada cidade, para sempre abandonada por dois terços dos seus filhos, encontra-se debilitada, como um corpo a que houvessem drenado o sangue. Ficaram porem nela alguns milhares de abelhas, e são elas que, cuidadosamente, vão agora apagar todos os traços deixados pela orgia, acomodar as provisões que escaparam à grande pilhagem, sair outra vez em busca das flores, e manter rigorosa guarda aos refens do futuro.

Por muito soturno que o momento nos pareça, onde quer que os nossos olhos pousem, encontraremos sinais de esperança. É como se estivéssemos num desses lendários castelos do Reno, cujas paredes eram formadas de miríades de frascos onde estavam encerradas as almas dos homens prestes a nascer. Encontramo-nos no reduto da vida que precede a vida. Em todos os lados, dormindo nos seus berços hermeticamente selados, jazem milhares de ninfas mais alvas do que o leite, que esperam, de «braços cruzados» e cabeça descaida para diante, que soe a hora do despertar.

Por toda a área de incubação vemos centenas de operárias dansando e batendo as asas: é dessa maneira que geram o calor necessário à metamorfose. Mais alguns dias, e as tampas dessas miríades de urnas —uma colméia pode conter 60 e 80 mil— começam a quebrar-se, para dar saida às abelhinhas novas. Vêm logo correndo as «amas», que ajudam as recem-nascidas a soltar-se da sua prisão, as limpam e escovam, e na ponta da tromba lhes oferecem o primeiro mel da vida nova. A abelhinha, assim que nasce, parece saber desde logo tudo quanto é preciso saber; dirige-se sem hesitar para as células que ainda estão fechadas, e começa tambem a bater as asas e a dansar cadenciadamente como as mais, para por sua vez acelerar o advento das suas irmãzinhas encarceradas.

De começo, porem, a sociedade a poupa aos trabalhos mais árduos. Só duas semanas depois é que sairá pela primeira vez, acompanhada das irmãs que nasceram no mesmo dia, a visitar as flores da redondeza. No dia do seu vôo primeiro, estas abelhinhas, transposto o limiar da porta, se detêm; partem, voltam, partem de novo, e assim vinte vezes. Pairam no ar a bastante altura, com a cabeça teimosamente virada para a colméia, e com seus milhares de olhos em facetas interrogam, refletem e guardam a imagem das árvores ou da fonte, do portão e dos muros, até que finalmente o curso aéreo sobre o qual, de regresso ao lar, deverão pairar de asas abertas, se grava tão indelevelmente na sua memória como se dois trilhos de aço o marcassem através dos ares.

Mas a antiga rainha abalou daquí com o seu enxame, e a cidade ainda se encontra sem abelha-mestra. No centro dum dos favos erguem-se sete ou oito curiosas estruturas, cada uma delas semelhante a uma cápsula, preenchendo o lugar de três ou quatro células de operárias. Via de regra, encontram-se agrupadas em torno do mesmo ponto, e numerosa guarda faz

sentinela, com singular vigilância e inquietação, a essa região que parece imbuida dum prestígio indescritivel. É alí, com efeito, que se formam as rainhas. Em cada uma dessas cápsulas, antes da partida do enxame, deve ter sido posto um ovo—que é em tudo e por tudo idêntico aos de que saem as operárias.

Deste ovo, passados três dias, sairá uma pequena larva que vai receber uma ração alimentar especial e muito copiosa, conhecida dos homens pelo nome de «geléia real». A pequena larva, graças a esse regime alimentar, adquire depressa um desenvolvimento excepcional; e é tal a transformação subsequente, tanto na sua conduta como no seu físico, que a abelha a que ela dará lugar quase podia pertencer a uma raça de insetos completamente diferente.

Quatro a cinco anos, tal será a duração de sua vida—em vez das seis ou sete semanas que dura a pobre operária ordinária. Seu cérebro será menor, mas ela possuirá ovários enormes, e, alem deles, um orgão especial, depósito dos gametas, o qual fará dela uma quase hermafrodita. Não dará mostras de possuir nenhum dos «instintos» que pertencem a uma vida de labor constante; não terá escovas, nem bolsinhos para segregar a cera, nem cestos para recolher o polen... Morrerá sem nunca ter sequer provado o gosto de uma flor! É estranho ver assim tanta coisa—orgãos, conduta, desejos, todo um destino—depender, não dum germe, que era já o milagre ordinário do homem, da planta, do animal, mas duma curiosa substância inerte, o alimento das abelhas a que chamamos «geléia real».

Desde que a rainha partiu, decorreu aproximadamente uma semana; as reais ninfas que dormiam nas suas cápsulas não são todas da mesma idade, porque o interesse do povo das abelhas é que os nascimentos se dêem a intervalos regulares. As operárias estão, há já algumas horas, ativamente adelgaçando as paredes da célula mais madura, ao mesmo tempo que a jovem rainha, de dentro, vai roendo simultaneamente a tampa abaulada do seu cárcere. Vemo-la sair por fim, e quase instantaneamente se apodera dela uma estranha irrequietude: sente que não está sozinha em campo, que ainda precisa de conquistar o seu reino, que ao lado dela outras pretendentes dormem, ainda ocultas; e ansiosamente põe-se a percorrer as paredes de cera, em busca das rivais. Mas aquí intervem mais uma vez, com seus misteriosos desígnios, o «espírito da colméia».

A colméia pode consentir que, nesta altura, a nova rainha destrua as suas irmãs e rivais ainda no berço; ou resolver esperar que ela tenha cumprido a perigosa cerimônia conhecida pelo nome de «vôo nupcial», do qual depende o futuro da nação. No caso de ser autorizado o massacre imediato das inocentes rivais, o que acontece com frequência, a jovem rainha se dirige a toda a pressa para os vastos berços, e as sentinelas abrem alas diante dela... Dando ouvidos tão só ao feroz ciume, ela se lança furiosamente contra a primeira célula que se lhe antepara, e espedaça a cera, rasga o casulo que interiormente atapeta a célula, e, despojando a princesa adormecida de tudo o que lhe serve de vestuário, crava-lhe o ferrão, deixando-a morta. Depois, indo de célula em célula, repetirá a mesma cena de carnagem com as restantes irmãs.

As abelhas em volta, atentas e inativas, observam calmamente esta cena de violência, e esperam que a fadiga venha abrandar a fúria destruidora daquela paixão. Então, elas mesmas acabam o massacre das inocentes...

É esta a hora terrivel na vida da colméia: o momento único em que, à parte a execução dos zangãos inuteis, que nos parece mais justificada, as operárias consentem que a discórdia e a morte façam entre elas a sua obra destruidora.

Acontece por vezes que a colméia deixa criar simultaneamente duas rainhas—caso assaz raro, no entanto, pois que as abelhas fazem todo o possivel por evitá-lo. Mas sempre que tal se dá, no momento em que as rainhas emergem dos respectivos berços, trava-se imediatamente um duelo de morte; e este combate apresenta uma particularidade extraordinária. Cada vez que as rainhas, nos seus passes do duelo, se encontram numa posição tal que um golpe do ferrão redundaria em morte para *ambas* as duelistas, estas, como que tomadas dum terror simultâneo, separam-se e esvoaçam, para voltarem a encontrar-se momentos depois, e de novo se apartarem se acaso o duplo desastre de novo ameaça o futuro do seu povo; e assim continuam, até que por fim uma delas consegue pegar de surpresa a rival menos aguerrida, matando-a com um golpe, sem correr ela própria o risco de ser ferida. Tudo se passa como se a «lei da espécie» exigisse apenas o sacrifício duma só rainha.

Destruidos que foram assim os berços e mortas todas as rivais, a jovem rainha é aceita pelo seu povo; mas em verdade não reinará sobre ele, nem será tratada como o foi sua mãe antes dela, senão quando tiver realizado o vôo nupcial; porque, enquanto a abelha-mestra não estiver fecundada, as abelhas não lhe darão grande valor.

Ora, para ser digna do lugar que a mãe ocupou, é indispensavel que ela se encontre com o macho dentro dos primeiros 20 dias da sua vida. Sofresse esse acontecimento, por qualquer razão, uma demora, e para alem desse prazo a virgindade da rainha se tornaria irrevogavel. Apesar disso, como já vimos, nem mesmo virgem a abelha-mestra é esteril. Aquí nos surge pela frente o grande mistério—ou precaução—da madre-Natureza, que nos é conhecido pelo nome de partenogênese, e que é comum a muitos insetos. A rainha virgem está em condições de pôr ovos, mas de todos os ovos que ela depuser, donzela, nas células do favo, sejam eles grandes ou pequenos, só sairão machos; e como estes nunca trabalham, vivendo como parasitas à custa das operárias, e como nunca saem em busca de polen que não seja por sua própria conta, e são geralmente incapazes de prover à própria subsistência,—o resultado virá a ser que, ao cabo de algumas semanas, a derradeira operária terá perecido de exhaustão, e a colônia será aniquilada.

O Vôo Nupcial

Na fecundação da abelha-mestra vê-se que a natureza tomou precauções extraordinárias para favorecer a união de machos e fêmeas de tipo diferente.

Em volta da rainha virgem, e cohabitando com ela na colméia, vivem centenas de exuberantes machos, perpetuamente ébrios de mel; a única razão da sua existência é um momento de amor que os espera. Mas, sem embargo do incessante roçar de dois desejos mútuos que de outro modo triunfariam invariavelmente de todos os obstáculos, a união nunca se realiza dentro da colméia. Todos os dias, desde o meio-dia até as três, quando o sol brilha com mais esplendor, essa horda penugenta se põe a caminho em busca da noiva, que é de verdade mais real e mais dificil de conquistar, do que as mais inacessiveis e longínquas princesas das lendas de fadas; com efeito, de todas as cidades vizinhas acodem voando ansiosamente 20 ou 30 bandos, de tal modo que o séquito da rainha chega a contar mais de 10 mil amorosos cortesãos. E destes 10 mil pretendentes, um só será escolhido para as núpcias do mel.

Poucas pessoas, suponho eu, terão profanado o segredo do noivado da rainha das abelhas, que sempre tem lugar nos infinitos círculos radiosos dum céu azul.

Por muito grande que seja a impaciência do noivo eleito, é a rainha que irá escolher o seu dia e a sua hora, e esperará tranquilamente na sombra do portal da colméia que uma manhã prodigiosa venha abrir de par em par os espaços nupciais que atingem a profundidade da grande abóbada celeste.

A rainha sai da colméia voando para trás, retorna duas ou três vezes até junto da colméia, e, em seguida, tendo fixado para sempre na mente a situação precisa e o aspecto do seu reino, que nunca viu de fora, lança-se como uma frecha na amplidão. Voa, subindo, a uma altura luminosa dos espaços que as outras abelhas quase nunca alcançam. Longe, passeando a sua ociosidade entre canteiros de flores, os machos já deram pela radiosa aparição, já respiraram o perfume magnetizante que parece espalhar-se de grupo em grupo, até que todos os apiários da redondeza parecem ficar impregnados. Os bandos começam logo a juntar-se e a seguí-la naquele mar de alegria do céu. Ela, embriagada pela vibração das próprias asas, obedecendo à lei magnífica da espécie, segundo a qual só o mais forte dos seus apaixonados será capaz de alcançá-la nas solidões do eter, sobe, sobe sempre, cada vez mais alto. É preciso atingir as regiões onde não cheguem as aves, que poderiam vir perturbar e profanar o sagrado mistério. Continua a subir... Mas já, mais abaixo, a desordenada tropa dos seguidores começa a falhar, a abrir claros nas suas fileiras, dos machos que tombam de fadiga. Os fracos, os enfermos, os idosos, noivos mal-vindos e mal nutridos, que chegam em bandos das cidades inativas ou empobrecidas, esses renunciam à perseguição e desaparecem, somem na voragem. Só um pequeno, infatigavel grupo permanece em campo, num cacho, suspenso, zumbindo no infinito. A rainha pede às asas um supremo esforço: e, nesse instante, o eleito das forças misteriosas conseguiu alcançá-la, apoderar-se dela, e pulando mais alto, unidos num ímpeto comum, na espiral ascendente desse amplexo no vôo, os dois noivos turbilhonam durante um segundo, possuidos pela vesânia do amor...

Mas tão depressa a união se consumou, os orgãos do macho, mutilados, se desprendem, arrastando consigo a massa das entranhas; as asas perdem a energia, e, como ferido pelo raio, o seu corpo esvaziado tomba ao desamparo no abismo.

A mesma idéia que, antes, na partenogênese, sacrificou o futuro da colméia à desastrosa multiplicação dos machos, vem agora sacrificar o macho ao futuro da colméia. Idéia esta que sempre nos causa assombro: mas há por trás dela uma lógica segura. Parece que o desejo da Natureza é, no interesse da fecundação cruzada, que a união do zangão e da rainha se dê apenas na liberdade do céu aberto. Mas são tantos os perigos que reinam no ar—ventos frios, temporais súbitos, aves—que a natureza devia necessariamente dispor as coisas de modo que essa união fosse tão breve quanto possivel. E assim é, graças à penosa morte súbita do macho.

A rainha desce então das alturas do azul, e regressa ao seu reino. O macho lhe deu tudo quanto possuia, e muito mais do que ela pedia. A abelha-mestra conserva o líquido seminal, no qual flutuam milhões de germes. Pouco a pouco irão

estes saindo, um a um, até ao último dia da vida dela, ao encontro dos ovos que passam para o exterior, para consumar a misteriosa união dos elementos feminino e masculino, cujo fruto serão as abelhas operárias. Por via duma curiosa inversão, na germinação das abelhas é a rainha que fornece o gene masculino, e o zangão que introduz o gene feminino. Dois dias após a união, ela começa a pôr os primeiros ovos, e encontra-se logo rodeada dos mais solícitos cuidados do seu povo. Desse momento em diante, possuidora duma espécie de «sexo duplo», com um inesgotavel fecundador funcionando dentro do seio, a rainha começa a sua verdadeira existência; nunca mais voltará a sair da colméia, a não ser para acompanhar um enxame; e a sua fecundidade só terá fim com a aproximação da morte.

Prodigiosas núpcias são estas, raiando quase pelo conto de fadas. A Natureza parece ter apenas uma preocupação, a de melhorar a raça por meio da fecundação cruzada. Para assegurá-lo, ela dispôs o orgão fecundante do macho de tal maneira, que ele só pode utilizá-lo quando voa. É indispensavel, antes de tudo, que um vôo prolongado tenha produzido a enorme expansão dos seus dois sacos traqueais: uma vez cheios de ar e, dilatados, estes dois enormes receptáculos empurram para trás a parte inferior do abdome, permitindo assim a protrusão do orgão. Nisso reside todo o segredo fisiológico, que a uns há-de parecer bastante ordinário, a outros quase vulgar e repulsivo—dessa vertiginosa perseguição de amor, e dessas núpcias magníficas no espaço.

O Massacre dos Machos

MANTENDO-SE límpidos os ares, e abundando o nectar e o polen, as operárias, por uma espécie de indulgência que esquece tudo mais, ainda aturam por algum tempo a presença importuna e desastrosa dos machos. Perdulários e corpulentos, perfeitamente satisfeitos com a sua existência ociosa de machos honorários, os inuteis bichinhos banqueteiam-se e preguiçam, agrupam-se nas áleas, obstruem a passagem nos corredores, e dificultam o trabalho das produtoras. Para dormir seus regalados sonos, escolhem os recantos mais confortaveis da colméia; depois, acordando e erguendo-se sem cuidados, dirigem-se em bando para as células abertas, onde o mel tem um cheiro mais doce e atraente, e sujam com as suas dejeções de vagabundos os favos que frequentam. E as pacientes operárias, de olhos sempre postos no futuro, lá vão silenciosamente reparando os estragos e repondo as coisas em ordem. Do meio-dia às três da tarde, os zangãos tomam banho de sol. Com os seus capacetes formados de enormes pérolas negras, com duas altas plumas tremulantes, e um gibão de veludo amarelo, iridescente, esses janotas provocam uma confusão prodigiosa, empurram para o lado a sentinela, derrubam as abelhas varredoras, e esbarram a cada passo com as operárias que voltam de fora carregadas com o fruto humilde do seu trabalho nos campos e jardins. Um por um, abrem vôo no espaço, gloriosos e irresistiveis de pompa, e tranquilamente se encaminham para as flores mais próximas, onde se recostam a dormir, até que o frescor da tarde os vá despertar. Então, com a mesma majestosa pompa, e ainda transbordantes de magníficas intenções, regressam à colméia, vão direitos às células, mergulham a cabeça até o pescoço nas tinas de mel, e regalam-se de comer, até ficar de barriga esticada como a pele dum tambor, para repararem as suas forças gastas por tanto esforço.

Mas a paciência das abelhas não tem comparação com a dos seres humanos:

certa manhã, a palavra de ordem, há muito esperada, é transmitida por toda a colméia, e as pacíficas operárias se transformam subitamente em juizes e carrascos. Donde provem ou se origina essa ordem, é coisa que não sabemos dizer; dir-se-ia que emana de súbito da fria e resoluta indignação das operárias: e tão depressa ela corre, todos os corações da colméia se põem a pulsar aceleradamente. Os grandes zangãos ociosos, inconcientemente adormecidos em grupos espalhados pelas melíferas paredes, são ex-abrupto arrancados ao seu pesado sono por um exército de virgens inflamadas de cólera. Despertam num inocente espanto; não podem crer no que vêem! Olham em volta, de grandes olhos arregalados—deve com certeza haver engano, aquilo não pode ser com eles! Mas ai!—acabaram-se os doces dias do mel de maio, o vinho-flor das limeiras, a perfumada ambrosia do tomilho e da salva; toda a colméia parece agora impregnada do cheiro acre do veneno. Assim tomados de surpresa, cada um dos zangãos é assaltado por três ou quatro executores de justiça; e estes passam logo, vigorosamente, a cortar-lhes as asas e a procurar entre os anéis da couraça dos machos uma abertura por onde possam cravar a espada... Os enormes mas inermes bicharocos nem sequer tentam defender-se: alguns sucumbem logo alí aos graves ferimentos, e lá vão arrastados para fora da colméia por dois ou três dos seus implacaveis carrascos; outros ainda conseguem procurar abrigo nalgum recanto, onde jazem, todos num grupo, rodeados duma guarda inexoravel, até que a fome dê conta deles. Muitos conseguem alcançar a porta e fugir pelos espaços; mas ao entardecer, impelidos pela fome e pelo frio, regressam em bandos à porta da colméia, mendigando refúgio. Encontram porem alí, pela frente, uma quadrilha impiedosa que lhes barra a entrada. E na manhã seguinte, antes de se porem a caminho para as suas ocupações, as operárias virão limpar a portada, que ficou juncada de cadáveres dos inuteis gigantes. Até à primavera seguinte toda a lembrança se apaga dessa raça de inuteis e vistosos galãs.

O Sono do Inverno

APÓS a execução em massa dos zangãos, o trabalho recomeça—muito embora com fervor menos marcado, porque já as flores vão rareando. Passou a estação das grandes festanças e dos grandes dramas. Os últimos reservatórios de mel são agora selados com cera branca, incorruptivel. Cessa toda a construção, diminue o número de nascimentos e cresce o dos óbitos; os dias vão-se tornando mais curtos e as noites mais longas. A chuva e os ventos inclementes, os nevoeiros matinais, toda essa mudança de tempo ceifa as vidas de muitas operárias...

O homem veio já levantar o seu tributo, a sua parte da colheita. Cada colméia, das boas, o brindou com 50, por vezes 100 quilos de mel, fruto de campos floridos que as abelhas visitaram diariamente uma ou duas mil vezes. As abelhas, prontas agora para o seu longo sono de inverno, apinham-se no centro da colméia. Batendo as asas em concerto, mais depressa ou mais devagar consoante a temperatura lá de fora possa variar, conseguem manter no interior uma temperatura invariavel, equivalente à dum dia de primavera. O mel de que se nutrem agora veio tomar o lugar do sol e das flores, até que o seu irmão mais velho, o verdadeiro sol da primavera, volte a aquecer a colméia com a mensagem de que as violetas e as anêmonas estão regressando à vida; mostrando às abelhas que o céu é mais uma vez azul sobre o mundo

lá de fora, e que o ciclo ininterrupto que une a vida e a morte se completou mais uma vez, para recomeçar de novo.

De toda a contemplação dos mistérios da colméia, uma obra-prima permanece para nós inesquecivel: a célula hexagonal, que atinge a absoluta perfeição, uma perfeição tal que todos os gênios do mundo, reunidos em conclave, não poderiam ter conseguido de maneira alguma. O homem não logrou ainda alcançar, na sua esfera, o que a abelha conseguiu na sua; e se acaso alguem viesse de outro mundo à terra e nos perguntasse qual a mais perfeita criação da lógica da vida, nada melhor poderíamos oferecer-lhe do que o humilde favo de mel.

Hollywood é assim

Por Peggy McEvoy

¶ Há em Hollywood uma senhora que prima pela mania da ostentação, pela qual se tornou famosa na capital do cinema. Recentemente, em uma das deslumbrantes festas que ela costuma oferecer aos seus amigos e admiradores, um dos convidados louvou, com grande entusiasmo, as magníficas jóias, que a ornavam: várias pulseiras de diamantes e bela coleção de esmeraldas. Mas a dona da festa, com um supremo ar de pouco caso, encolhendo os belos ombros, declarou: «São do ano passado!»

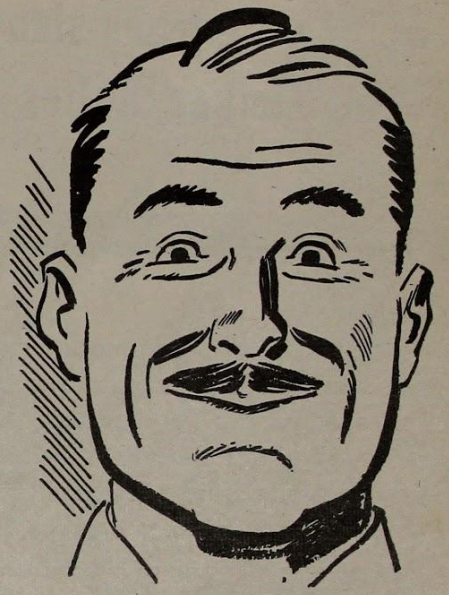
¶ Certa amiga nossa diz que há pouco tempo teve que pagar caro pelo tratamento de uma misteriosa doença de seu cão de estimação. Parece que o animal começou a manquejar, logo depois de minha amiga ter tido o primeiro filho, e o especialista que tratou do cão não teve dúvidas em dizer que se tratava de um caso evidente de psicose. «Seu cão é neurótico,» explicou o veterinário. «Não tem nada nas pernas. Finge que manqueja para chamar a sua atenção e para se vingar, por ter passado a ocupar um lugar secundário no seu coração.»

¶ O livro *The Grapes of Wrath*, de John Steinbeck, teve grande repercussão em Hollywood. A colônia de artistas, sempre disposta a organizar uma festa para mitigar lágrimas, promoveu logo os trabalhadores emigrantes do livro a símbolos de uma nova «causa». Há pouco tempo foi levada a efeito uma grande festa em benefício da «causa», em que as bebidas e as comidas custaram 375 dólares e as contribuições somaram... $35.

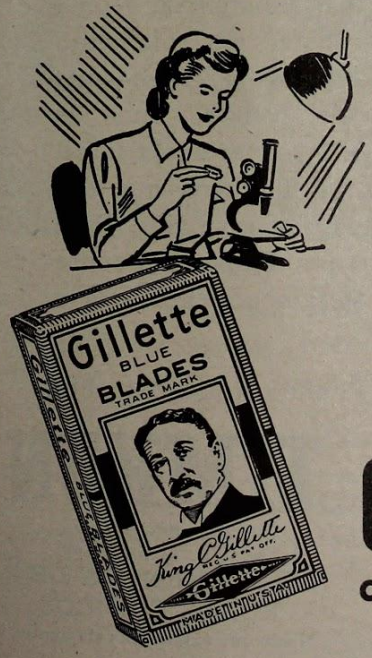
¶ Uma conhecida atriz oferece a piscina de sua casa, em qualquer dia da semana, com exceção dos sábados e dos domingos, aos meninos da «Casa de Nazaré», que é um asilo de Hollywood. Suas instruções ao seu agente de publicidade são mais ou menos as seguintes: «Arranje para amanhã a vinda de seis orfãos e de quatro fotógrafos.»

DE QUE FEITIO É O SEU ROSTO?

Uma cara acentuadamente quadrada indica inteligencia do tipo lógico e direto—própria do homem disposto a assumir responsabilidades, sincero e fiel aos seus amigos e que gosta da boa mesa.



Mas, seja qual for o feitio do rosto, a Lâmina Gillette-Azul raspará a barba com rapidez e conforto todos os dias. As fornalhas Gillette de recozimento do aço, reguladas a eletricidade, produzem um aço de lâminas de dureza uniforme, predeterminada. É por isso que todas as lâminas que chegam às suas mãos, no conhecido envelope azul, são iguais entre si —com o seu gume macio, que serve para barbear muitas vezes, com rapidez e suavidade.



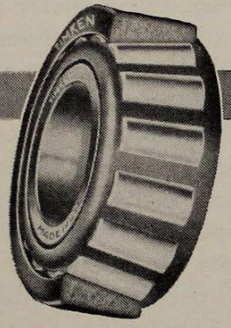
INSPECIONADAS COM MICROSCÓPIOS

Com microscópios se fazem muitas das 70 provas da Gillette. Só chegam ao consumidor as lâminas perfeitas. Quem usa a legítima Lâmina Gillette-Azul pode estar certo de fazer a barba melhor e mais vezes com uma lâmina só.

GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS

Não É um Rolamento TIMKEN
--a não ser que leve a marca estampada, e tenha sido feito pela The Timken Roller Bearing Company



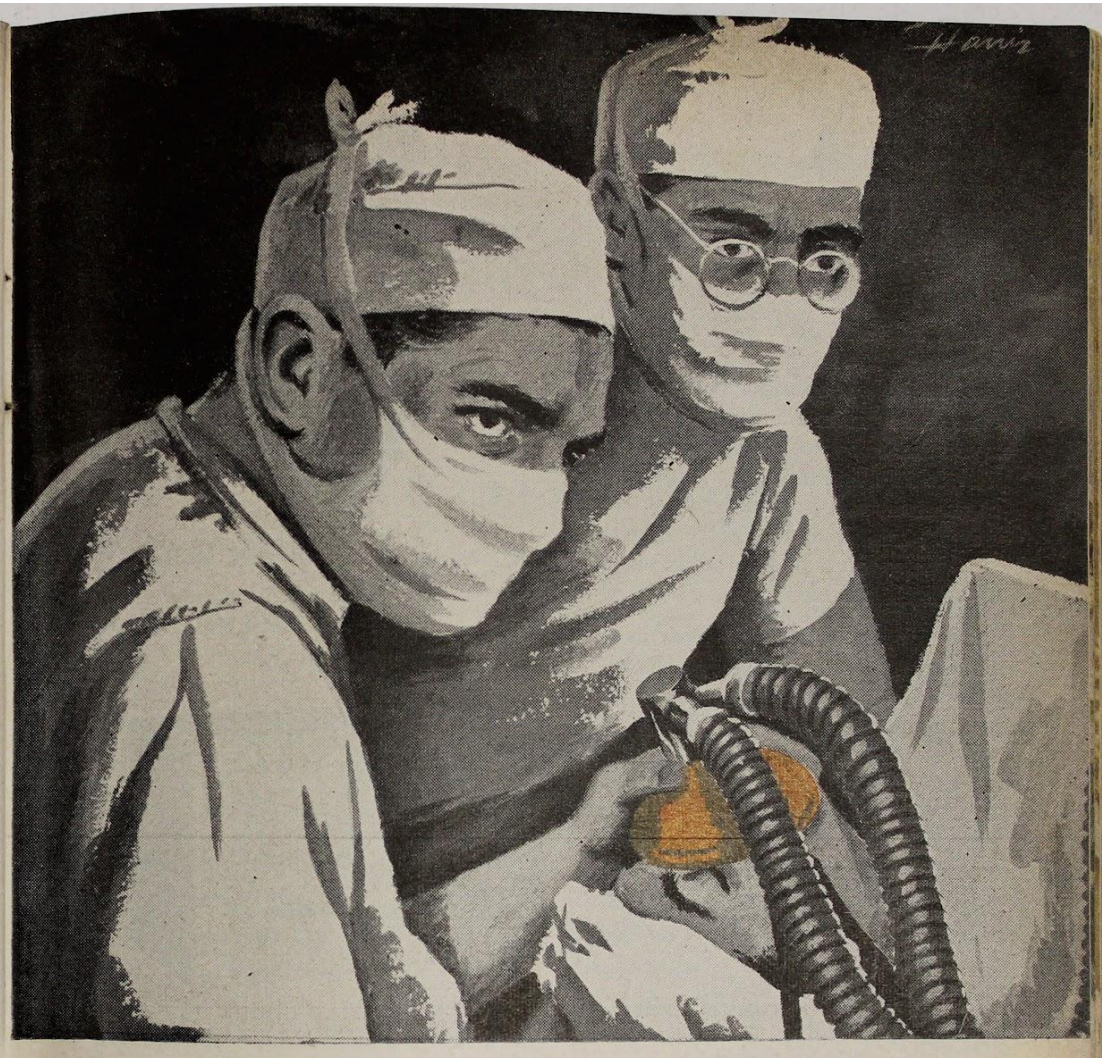
Quando o Sr. compra rolamentos cônicos para maquinaria nova ou substituição dos que tem em uso, é natural que deseje adquirir o que há de melhor em eficiência, confiança e resistência. Numa palavra: deseja o que de melhor se faz em rolamento cônico. Isso equivale a dizer *Rolamentos Timken*—que são os rolamentos cônicos originais, com 47 anos de aperfeiçoamento técnico contínuo e de experiência fabril a garantí-los; feitos de Aço de Liga Timken—que é o material mais fino até hoje criado para esse fim. Para ter certeza de que compra Rolamentos Timken, procure a marca registrada "TIMKEN", estampada no cone e na capa de todos os rolamentos.

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.
ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS
"Tudo que existe em rolamentos"



Petroleo...Auxiliar da Medicina . . . Milhões de habitantes do Brasil usam lampeões a querosene—um derivado do petroleo. Milhares de outros se utilizam do petroleo como combustivel automotivo. Muita gente, porém, esquece que o petroleo tem outros numerosos usos. Por exemplo, como auxiliar da medicina, representado pelos anestésicos e muitos preparados medicinais, derivados do petroleo. O petroleo contribue, portanto, não só para a comodidade e bemestar de todos, como tambem para salvar vidas humanas. Muitos dos novos usos do petroleo têm sido descobertos pela Organização Esso, lider da sua industria desde 1870.

Esso

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

VALE A PENA ESPERAR...

OS NOVOS RÁDIOS RCA são emocionantes . . . vibrantes. V. S. encontrará muito que admirar na beleza de tom e no funcionamento perfeito da nova série de rádios RCA NÚMERO I . . . e MAIS. Indubitavelmente V. S. já esperou muito tempo antes de comprar um novo Rádio RCA, mas verá que valeu a pena esperar pelos novos RCA Número Um . . . e Mais.

A NÚMERO UM é a primeira série de rádios RCA de após-guerra—a companhia de rádios NÚMERO UM no mundo inteiro. Oferece-lhe beleza de estilo e MAIS as múltiplas qualidades excelentes que sòmente a RCA fornece. Os novos modêlos de rádio NÚMERO UM e . . . MAIS da RCA foram acabados de construir na fábrica, e tôdas as suas peças e caixas são inteiramente um produto novo de após-guerra.

JOAN LESLIE

Estrela da grande produção musical da Warner Bros. "RAPSÓDIA AZUL"

Modêlo Q36

Receptor de grande alcance para os que "viajam ao redor do mundo" sem sair de suas cadeiras. Sete faixas com sintonização de amplitude de Faixa em 31, 25, 19, 16 e 13 metros. Dois Alto-falantes de Baixa Ressonância, de 8 polegadas. Saída de 12 watts em "push-pull". 11 válvulas. Ligação para vitrôla. Belíssimo móvel.

Compre o RCA e possuirá o melhor

número um 1 *... e mais*

RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA Victor Radio, S.A., Rio de Janeiro, Brasil

*COMO NASCE UM CEREBRO

HOJE—delicadas cascas de vidro e de metal inanimado . . .

AMANHÃ—cérebro mágico capaz de regular o fluxo dos eletrons!

Mãos ageis . . . *mãos seguras*, é o que se precisa para a extenuante tarefa de montagem na fábrica de válvulas eletrônicas da RCA. Os delgados fios devem ser colocados nas suas posições próprias . . . e minúsculos fragmentos de metal alinhados em relação correta com o todo. Basta dizer que uma simples dedada invisivel em qualquer destas peças pode arruinar toda a válvula!

A umidade do ar é, neste lugar, um inimigo de temer. Combatê-la é a função do sistema de condicionamento de ar da York, que mantem temperaturas equilibradas e baixo grau de umidade por toda a imensa fábrica de Lancaster, na Pensilvânia.

Não fora o ar condicionado, e certas operações de montagem teriam de ser suspensas durante os períodos de excessiva umidade . . . Haveria uma enorme percentagem de válvulas rejeitadas, que poderia chegar a 40 por cento!

O CONDICIONAMENTO DO AR E O FUTURO DA ELETRONICA

A apitdão técnica que tornou possiveis estas realizações do condicionamento do ar, está pronta a satisfazer novas exigências e a aceitar novos reptos da indústria eletrônica. Os progressos do condicionamento do ar continuarão a contribuir para a introdução de mais inovações técnicas nesta e em centenas de indústrias outras, importantes para o bem-estar da nação.

York Corporation, York, Penna., E.U.A.

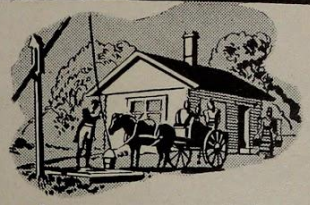
york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL



Tenciona levar seus negócios a novos mercados, como a Suécia?

TALVEZ o Sr. esteja considerando a Suécia—ou outros paises de alem mar—como um mercado em perspectiva. E há de haver coisas e fatos que o Sr. precisa conhecer primeiro a respeito das pessoas e dos costumes desse país . . . O City Bank dispõe de elementos excepcionais para assistí-lo nesse trabalho.

Dispondo de bancos correspondentes em todas as cidades de importância comercial do mundo, e possuindo mais filiais ultramarinas do que outro qualquer banco nacional dos Estados Unidos, a rede do National City Bank of New York cobre o mundo.

Se o Sr. anda pensando em alargar seus negócios no estrangeiro, agora ou mais tarde, venha consultar-nos e discutir conosco os seus planos, em qualquer das 35 filiais do City Bank estrategicamente situadas em toda a América Central e do Sul, e nas Antilhas. Será benvindo.

Proteja seu dinheiro com os Cheques de Viajante NBC—aceitos em toda parte

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes no Mundo Inteiro

40 SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

Índia
Bombaim—Calcutá

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

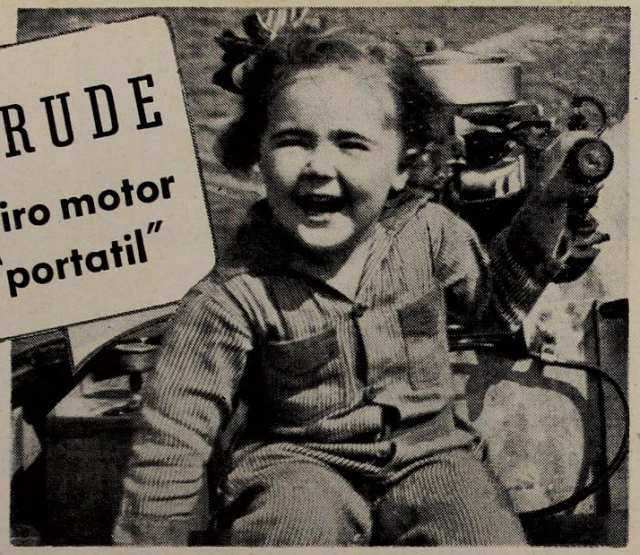
Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

O EVINRUDE

Foi o primeiro motor marinho "portatil"



Tão facil de operar, que até uma criança o maneja!

Mesmo as pessoas que nunca tiveram qualquer experiência com motores aprendem rapidamente a lidar com o Evinrude! O arranque é incomparavelmente facil — os controles são simples — e pode-se conduzir o barco com as pontas dos dedos! Um Motor Evinrude pode ser instalado ou retirado dum bote em menos de um minuto!

Os modelos Evinrude incluem motores para as mais leves embarcações de recreio, bem como para botes de serviço rápido e de passageiros. Para barcos comerciais— lanchões, gaiolas e outros barcos fluviais — os Evinrude maiores, de serviço pesado, asseguram força propulsora robusta e capaz.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

GRATIS! Peça-nos o "Boat & Motor Selector" da Evinrude, que indica o motor adequado para cada tipo de barco, e fornece uteis indicações sobre botes, velocidades, etc. Sirva-se do cupom apenso a este anúncio.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação, E2P **Waukegan, Illinois, E. U. A.**
Queiram remeter-me um exemplar do "Boat & Motor Selector" da Evinrude.
Nome:.....
Endereço:.....

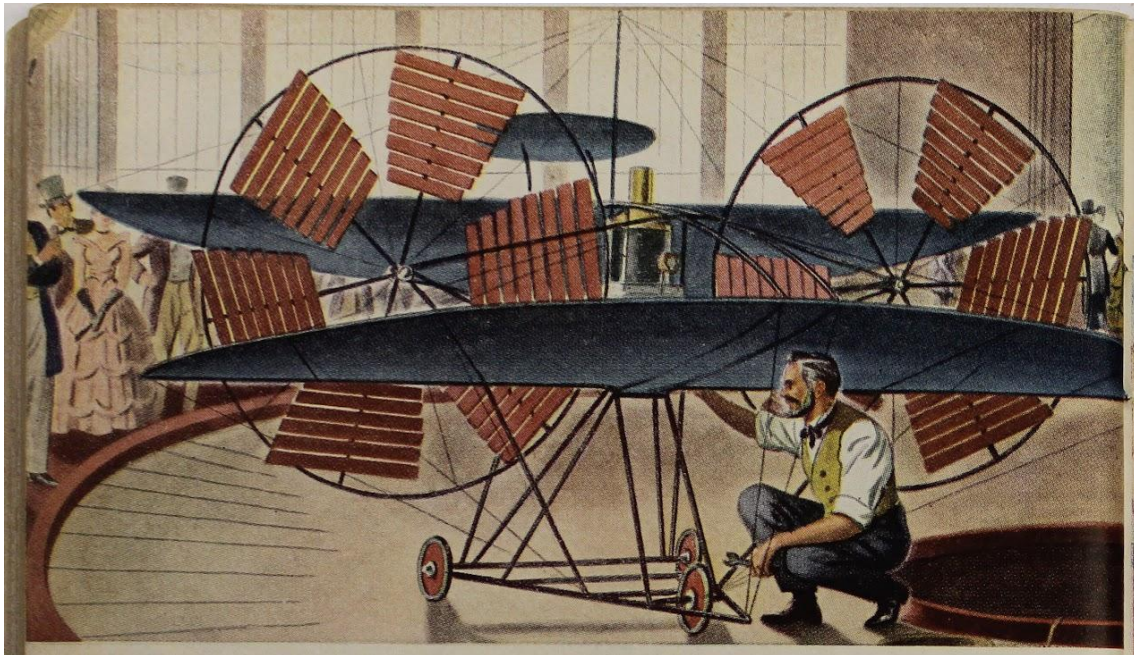
Agradavel como a brisa!

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

Beba
Coca-Cola
MARCA REGISTRADA
Bem Gelada

Preço—Cr. $1,00

COPYRIGHT 1946, THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA



O Eng. Thomas Moy, membro da Real Sociedade Aeronáutica, desenhou este modelo com 35 m quadrados de superfície de asa. Pesava 60 quilos e era acionado por uma máquina a vapor de 3 H.P., peso 40 kg, que impulsionava hélices de 6 pás, semelhantes a rodas de moinho. Ensaiado em 1875 no Palácio de Cristal de Londres, o modelo preso por um fio, ergueu-se a 15 cm de altura, e foi, relativamente, a mais "pesada" das máquinas a motor que já voaram.

O "VAPOR AÉREO" do Inglês

tinha uma ELEVAÇÃO de 15 cm.

DESDE o modelo de 60 quilos que se elevou a 15 cm de altura, até a aeronave de muitas toneladas que voa na estratosfera—o homem vem travando a batalha da Elevação contra a Resistência.

Procurou primeiro conseguir a *Elevação* suficiente para aguentar o piloto e a máquina. E desde então tem-se esforçado continuamente para aumentar a força util da passagem do ar em volta da asa . . . e para reduzir a *Resistência* que o ar opõe à passagem do avião.

Muitos homens têm participado nesta batalha. Alguns, incluindo Northrop, revolucionaram a forma e estrutura das asas. Sirvam de exemplo as melhores superfícies de Elevação que resultaram da estrutura, avançada pela Northrop, da asa "multicelular", das aletas fendidas, e dos aleirões retracteis.

Notem-se tambem algumas das contribuições da Northrop para a redução da resistência: a fuselagem monocoque, os filetes de asa, o monoplano inteiramente metálico de revestimento tenso—tudo foram inovações da Northrop; bem como o primeiro avião "todo asa" que teve êxito: o Northrop *Flying Wing*, ou Asa Voadora.

Nos dias vindouros, o Sr. verá a Northrop trabalhando sem descanso para conseguir aeronaves de melhor elevação, que possam transportá-lo com maior velocidade, maior conforto e economia do que nunca sonhou. Northrop Aircraft, Inc., Northrop Field, Hawthorne, Calif., E.U.A.

NORTHROP

Criadores do Caça Noturno
"Black Widow" P-61

e da **"Asa Voadora"**

ARMY NAVY

Quando as Canetas Comuns Derramam

ESTA *EVERSHARP* CONTINUA ESCREVENDO!

A Alimentação Mágica evita derrames — a grandes alturas no avião... *como também ao nível do mar!*

A GRANDES alturas, uma caneta comum poderá derramar. Isso não pode suceder à Eversharp! A Alimentação Mágica evita derrames mesmo às grandes alturas atingidas pelos aviões, assim como também ao nível do mar. Ainda, permite a caneta escrever mais palavras—mais suavemente—até à última gôta de tinta.

Aperte o Botão Mágico da Lapiseira de Repetição do Jôgo Eversharp e . . . presto!—uma nova ponta aparece—rápida como metralhadora.

Lindas capas de ouro de 14 quilates encastoadas em prata esterlina, fazem belo contraste com o corpo de artístico desenho em plásticos fulgurantes.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E. U. A. N.

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp — identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho segurador—é garantido—não por anos—não por vida—mas
GARANTIDO PARA SEMPRE

Dê ***EVERSHARP*** *...e dará a melhor!*

O Castelo de Kukulcan

"Quando aterrei em Yucatan, no México—depois de algumas horas num Estrato-Clipper—encontrei uma região ideal para férias e para o turismo do futuro . . ."—escreve um viajante entusiasmado. "Ao dobrar um ângulo da rota, apareceu ante mim o maravilhoso Castelo de Kukulcan, a "Serpente emplumada", erguendo-se sobre as imponentes ruinas duma cidade morta e duma civilização misteriosa."

O viajante encontra sempre em cada país que visita algo novo para ele—e talvez algo familiar tambem. Nos hotéis e nos clubes de toda a América latina, por exemplo, um reconfortante cálice de "Canadian Club"! Satisfaz, quer tomado puro quer misturado com soda; e o "Canadian Club" é uma bebida para a noite inteira—em coquetéis, antes do jantar; num whiskey com soda, depois do jantar.

EM 87 PAISES—NÃO HÁ OUTRO WHISKEY COM O MESMO SABOR QUE

"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS
Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá;
em Peória, E.U.A.; em Dumbarton, Escócia; em Buenos Aires, Argentina

A BORG-WARNER PERCORRE O MUNDO

Os produtos e serviços da Borg-Warner percorrem as 65 áreas comerciais do mundo.

O mapa supra representa a nova concepção do turismo e do comércio mundial. Os modernos transportes vieram ligar todos os países—e hoje esse laço mútuo só espera o estímulo do intercâmbio normal para se tornar ainda mais forte. Escreva hoje mesmo pedindo um exemplar GRATIS do MAPA Borg-Warner, a cores, da ERA DA AVIAÇÃO.

A Cidade de Nova York, que é o maior porto de embarque do mundo inteiro, é apenas uma das sessenta e cinco áreas comerciais através das quais os produtos da Borg-Warner percorrem o mundo. Trabalhando de mãos dadas com a indústria automovel e outras, a aptidão técnica e a produção habil desta companhia têm concorrido com enormes quantidades de produtos para as fazendas e os lares; para os transportes aéreos, terrestres, e marítimos.

Esses produtos têm sido universalmente aceitos e adotados, porque foram fabricados sob o lema *"Melhores Produtos para Mais Gente em Toda Parte"*.

Indo ao encontro das novas tendências do comércio mundial, a Borg-Warner está pronta a alargar os seus serviços de produção e engenharia aos industriais e outros homens de negócio do mundo inteiro, que queiram utilizar esses serviços para o fomento da economia dos respectivos paises.

BORG-WARNER Corporation
310 S. Michigan Av., Chicago 4, Ill., E. U. A.

Fabricantes de peças essenciais para as indústrias automobilística, naval, aeronáutica e agrícola, e dos utensílios Norge para o lar.

Nasceu a tempo de herdar um milagre

"Depressa! A penicilina pode salvar vidas..." Tal era o grito de angústia dum mundo em dor, há menos de quatro curtos anos. A ciência médica tinha claramente demonstrado que a penicilina podia curar muitas doenças infecciosas, para as quais até então não houvera tratamento adequado. Mas—como produzir essa nova droga salvadora para milhões e milhões de pessoas?

Iniciando os seus trabalhos com uma reduzida porção de *Penicillium notatum* metido num frasquinho, a Casa Squibb atacou o problema com todo o peso dos seus 87 anos de conhecimentos científicos, experiência e recursos materiais. Esse frasquinho foi-se ampliando até formar hoje baterias de tanques de 50 mil litros, que produzem mensalmente bilhões de unidades de penicilina para serviço da classe médica no mundo inteiro.

Assim, que é que esse mocinho e a sua geração virão herdar? Uma dádiva da ciência médica, que promete acarretar mais benefícios só por si, do que outra qualquer descoberta do passado. Ele e seus camaradas de folguedos, graças a um milagre de pesquisa e produção, têm agora a perspectiva de gozar mais saude e bem-estar do que seus predecessores.

E·R·SQUIBB & SONS

Fabricantes de Produtos Químicos para a Classe Médica desde 1858

Entre os Produtos Squibb distinguem-se estes: Penicilina — Sulfonamidas — Anestésicos — Anti-venéreos — Vitaminas — Hormônios — Drogas farmacêuticas — Dentifrícios e outros preparados medicinais para o lar.

O INESTIMAVEL INGREDIENTE DE CADA PRODUTO É A HONRA E INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

FORÇA-MOTRIZ DE CONFIANÇA para um Cargueiro Insulano

Quadro familiar para quem viaja nas Antilhas é a esbelta escuna de carga *Ocean Maid*, que faz carreiras regulares entre Miami, Florida, e São Tomás, nas Ilhas Virgens.

Possuindo toda a mastreação do seu tipo, esta embarcação de 36 metros faz uso de dois Motores Marítimos Diesel "Caterpillar" D13000, que acionam duas hélices, para se manter em velocidade de marcha constante.

O *Ocean Maid* é um dos muitos barcos do mesmo tipo, que carregam fruta, açucar e outros produtos das ilhas. E ao longo das costas das Américas encontram-se centenas de outras embarcações—barcos de pesca, rebocadores e cargueiros — todos acionados pelos robustos Diesel "Caterpillar".

Traçados e fabricados de molde a gerarem a força-motriz máxima indicada pela fábrica, horas e horas, dias e dias seguidos, estes motores são econômicos no consumo de combustivel e nas despesas de manutenção: são lucrativos para seus donos, e de absoluta confiança.

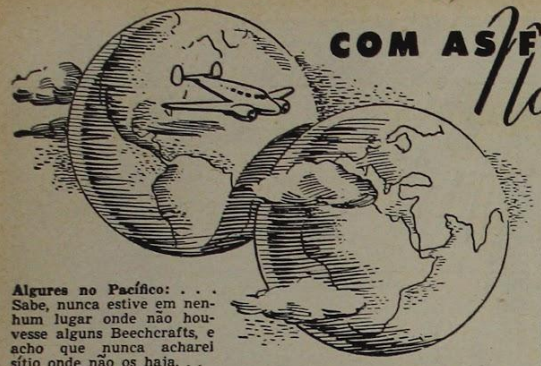
Tal como a maquinaria "Caterpillar" a motor Diesel, que, em terra, contribuiu para fazer história, em tempos de guerra e de paz, os Motores Marítimos Diesel "Caterpillar" são respaldados pelas ótimas facilidades de manutenção de que dispõem os vendedores da "Caterpillar" no mundo inteiro.

CATERPILLAR TRACTOR CO., Peoria, Illinois, E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTO-NIVELADORES • EQUIPAMENTO PARA REMOÇÃO DE TERRAS



COM AS FORÇAS ARMADAS *no mundo inteiro*

Durante a guerra, a Beechcraft recebeu milhares de cartas de membros das forças armadas americanas, quer dos campos de treino quer das frentes de batalha do mundo inteiro. Respigamos os seguintes excertos duma mão-cheia dessas cartas, como eloquente testemunho da maneira como a Beechcraft desempenhou a sua parte na guerra. O mesmo bom conceito em que os Beechcraft são tidos hoje pelos homens e mulheres do serviço militar, se tornará extensivo aos modelos Beechcraft de após a guerra.

Algures no Pacífico: . . . Sabe, nunca estive em nenhum lugar onde não houvesse alguns Beechcrafts, e acho que nunca acharei sítio onde não os haja. . . H.R.S.; Amm 3/c

☆

Oaú, Ilhas Havaí: . . . É uma surpresa agradavel cada vez que vejo um SNB (Beechcraft) por estas bandas. Ainda não faz muito andei no mar, e vi-os operando por lá. . . . C.M.T.; PhoM 3/c

☆

Oquinava: . . . Avistei vários Beechcraft durante minha viagem, e *achei-os bonitos a valer*. . . . E.Y.; Cpl.

☆

Filipinas: . . . Falei com alguns camaradas da Aviação, e não me surpreendeu que eles dissessem que os Beechcraft são *a coisa mais agradavel em que eles já andaram pelo ar*. Acho que é por isso que os generais os usam. . . . V.K.; Sgt.

☆

Corregidor: . . . Tenho visto de um a doze Beechcrafts em quase todas as ilhas onde tenho estado. Têm feito realmente um bom serviço. Um maquinista de primeira classe, que está na nossa casa das máquinas, saiu num deles de Corregidor, quando esta caiu. Diz ele que nenhum anjo lhe parece melhor do que um avião Beechcraft. . . . K.L.S.; F 1/c

☆

China: . . . Uma das coisas que mais desejo fazer, é trabalhar na reparação dum Beechcraft. Mas isto talvez nunca venha a acontecer, porque é um aparelho bom que só eu sei. . . . R.J.S.; Pfc.

☆

Ivo Jima: . . . Há uma porção de ilhas daquí até Vichita, e em todas elas não houve uma só onde eu não visse os Beechcraft. . . B.G.; S/Sgt.

☆

Assam, Índia: . . . Agora mesmo eu vejo o (Beechcraft) C-45 e AT-7 em uso constante em operações de C.B.I. e ATC e tudo tem estado em *perfeito acordo* quanto a qualidade e serviço, onde quer que eu vou. . . . J.R.B.; 1st Lt.

☆

Mitiina, Birmânia: . . . Um camarada meu daquí é antigo piloto de Beechcraft AT-11 para treino de bombardeiros. Já voamos ambos nos 11 e nos 7, e posso dizer que são os melhores aparelhos, e *os mais faceis de manobrar que tem a Aviação*. . . . W.T.R.

☆

Ilhas do Almirantado: . . . As fotos que recentemente tenho visto dos Beechcrafts por toda a parte do mundo, levam-me a dizer-lhes que até aquí no Almirantado eles estão cumprindo bem, pois todos os dias se podem ver em linha os GB-2 e até os C-45B. Toda a gente das tripulações só tem a dizer bem dos aviões. . . . E.T.A.; Lt. (jg)

☆

No Atlântico: . . . A toda a parte onde vou encontro os Beech, e olhe que temos andado por lugares bem remotos. Os aviões chegam e partem às dúzias, mas toda a gente pára para ver aterrar ou decolar um Beech. . . . P.W.W.; AMMF 2/c

☆

Groenlândia: . . . O nosso esquadrão de Pesquisa e Socorro foi um dos primeiros do Ártico, e uma vez por outra recebíamos pedidos de socorro de navios que estavam em perigo. Tínhamos dois Beechcrafts AT-7, alí estacionados, e não havia mãos a medir com as missões de socorro. *Desempenharam admiravelmente as suas funções.*

☆

África do Norte: . . . É raro eu encontrar um aviador militar, naval ou outro, que não se tenha alguma vez treinado num avião Vichita. Por toda parte onde vôo, encontro *os Beechcrafts cumprindo o seu dever, e mais*. Os Beechcrafts andam trabalhando dia a dia no mundo inteiro. . . . C.R.; Lt.

☆

França: . . . Vi outro dia um AT-11 (Beechcraft). Sei que VV. ficariam satisfeitos de ouvir os muitos comentários favoraveis que ele arrancou, tanto a pilotos como a mecânicos. Uma das caraterísticas destes cavalheiros, segundo me parece, é achar defeitos em todos os aparelhos que passam, mas *a respeito do "vosso bebê" não tiveram senão palavras elogiosas*. . . . C. K.

☆

Alemanha: . . . Por aquí os Beechcrafts são tidos em alta conta. São conhecidos como *as limusines dos generais*. São de confiança bastante para generais, e já se sabe que quando um tipo que pode escolher à sua vontade escolhe um Beech, é porque este é bom. R.D.P.; Cpl

☆

Panamá: . . . Tenho estado em diversos lugares da América Central, e por toda parte vejo os meus velhos e queridos Beechcrafts. . . . J.W.D.; Cpl.

☆

Florida: . . . O general do campo onde eu estou aquartelado, tem um UC-45 que me faz ter saudades do Beechcraft todas as vezes que o vejo. Já dei mesmo uma volta nele — *é realmente um avião e tanto*. . . . V.M.B.; Pfc.

☆

Texas: . . . O Beech é o avião melhor com que eu já trabalhei em toda a minha vida, e mais: *os pilotos dizem que o AT-11 é o seu aparelho favorito*. . . . V.J.K.; Cpl.

☆

Califórnia: . . . Os pilotos gostam dos Beechcrafts e os que viajam neles dizem o melhor possivel. . . . *A reputação que os Beech arranjaram no passado virá a render* muitos juros nos anos posteriores à guerra. . . . E.H.C.; AMM 2/c

☆

Costa Rica: . . . Com certeza que eu gosto do Beechcraft. E o mesmo com todos os pilotos. . . . V.L.T.; S/Sgt.

☆

Nota: os originais destas cartas estão arquivados no escritório da Beech Aircraft Corporation, em Wichita.

Beech Aircraft

OS SRS. DISTRIBUIDORES IDÔNEOS FICAM CONVIDADOS A ESCREVER-NOS A RESPEITO DA AGÊNCIA DE VENDAS BEECHCRAFT

CORPORATION
Wichita, Kansas, E. U. A.

Proteja seus olhos contra os raios nocivos do sol, usando os Óculos Solares Willsonite, de composição científica. À venda por toda a parte nos melhores estabelecimentos, em estilos os mais atrativos.

WILLSON PRODUCTS, INC., READING, PA., E. U. A. • *Fundada em 1870*

Fabricantes tambem de óculos de segurança, máscaras anti-gás, capacetes e respiradores para as indústrias

TEXACO
MARCA REG.

Para bem o servir...

Produtos de petróleo de qualidade TEXACO

Eficiência e economia são qualidades básicas dos produtos TEXACO. Além disso, a Texaco lhe garante fontes de abastecimento cómodas e seguras, que o auxiliam a manter essa eficiência e economia em tôdas as suas operações que exijam combustiveis e lubrificantes de qualidade superior.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

ÀS SUAS ORDENS

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

O Novo ZENITH CLIPPER

Transoceânico Portátil de Onda Curta

Outro Rádio *ZENITH* Internacional!

- 6 Bandas—Onda Longa e 5 de Onda Curta.
- Super Sintonisação de «banda expandida» em toda onda curta.
- Botões para seleção automática de tom e banda.
- A prova de umidade e temperaturas.
- Funcionará à toda hora e em qualquer parte.
- Três antenas separadas para eficiência máxima.
- A última palavra em REPRODUÇÃO RADIÔNICA.

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

Os maiores fabricantes do mundo de equipamentos radiônicos exclusivamente.

O TREM MODERNO COMEÇA NA IMAGINAÇÃO

"É um lindo trem."
"É de aço inoxidável."
"Que é que isso quer dizer? Então o aço inoxidável é melhor?"
"Claro! É o material de construção mais resistente que se usa nos trens ferroviários."
"Parece mesmo moderno. Bem que eu gostaria de fazer uma longa viagem nesse trem."

Há uns doze anos, o moderno trem de aço inoxidável existia apenas na nossa imaginação. Depois tornou-se realidade. Hoje, vintenas desses luzentes trens construidos pela Budd transportam milhões de passageiros. São os trens mais suntuosos das melhores emprêsas ferroviárias dos Estados Unidos.

Uma vez mais a imaginação olha para o futuro. Estão em via de criação ainda outros trens. Baseados em novas idéias. Novos confôrtos e luxos para amenizar suas viagens. A casa Budd põe em jôgo a imaginação, a engenharia e a perícia técnica para fabricar trens melhores que nunca, para o mundo de após-guerra.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING CO., FILADÉLFIA, E. U. A. Budd

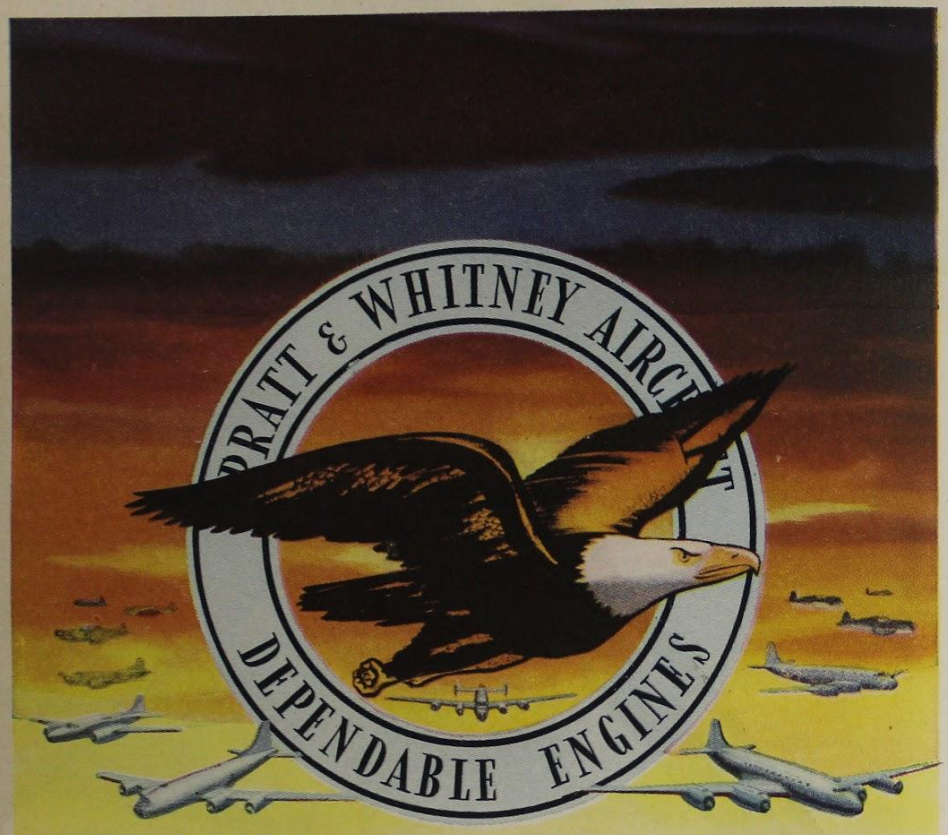
PARKER "51"

• Use-a e perceberá por que Parker "51" é tão desejada. Sua pena tubular encerrada, sempre úmida, começa a escrever instantâneamente, deslizando com a suavidade da sêda. E as palavras que escreve secam, à medida que surgem. Sòmente a "51" pode usar a tinta Parker "51"— a tinta de secagem mais rápida do mundo!

Representantes exclusivos para Portugal e
Pôsto Central de Reparações

ANTONIO VIEIRA, Lda.
167, Rua do Ouro, 173
LISBOE

Escreve seco com tinta líquida!



MAIS DE METADE

Levavam este Emblema

Milhares e milhares de aviões de guerra dos Estados Unidos contribuiram para a Vitória — aparelhos de caça e de observação, bombardeiros leves, médios e pesados, transportes, treinadores avançados. Os motores Pratt & Whitney, dando provas incomparaveis da confiança que merecem, forneceram a força que acionou mais de metade de todos esses aviões.

Esta mesma força-motriz de confiança desempenhará papel preeminente nos céus da paz.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

O Schenley Reserve é reconhecido como o whiskey mais fino da América. Nos Estados Unidos o Schenley é atualmente o whiskey que mais se vende. Pelo seu sabor, aroma e suavidade, o Schenley é delicioso com soda, com ginger-ale, ou com água pura . . . e ideal para coquetéis e bebidas misturadas.

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION

Empire State Building, Nova York

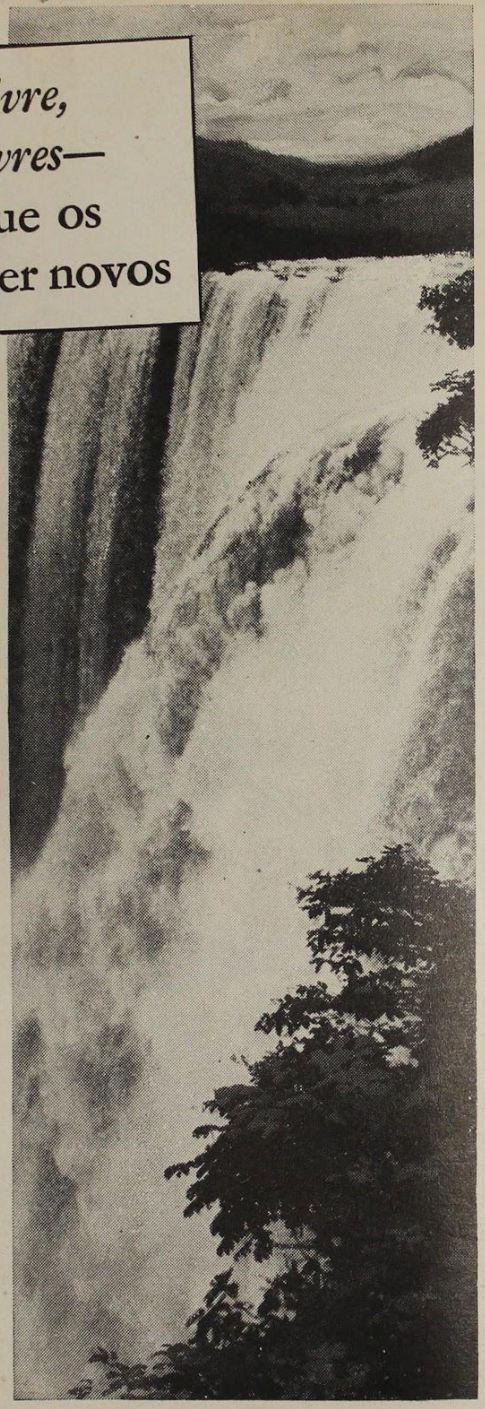
O MAIS FINO DOS WHISKIES AMERICANOS...

FAÇA UM BRINDE COM SCHENLEY . . .

num alto e refrescante Schenley com soda . . . ou num delicioso "Manhattan" Schenley

WHISKEY SCHENLEY

Força fluente e livre, linhas fluentes e livres—
eis o que distingue os magníficos Studebaker novos



SUAVE e contínua como o fluxo da torrente poderosa que se precipita do parapeito duma cachoeira—assim é a força-motriz que V. vai encontrar no novo Studebaker "Champion", o carro de brilhante funcionamento.

É a potência que se origina no motor mais modernamente desenhado entre os de 6 cilindros, que se encontram no mundo do automovel—um motor que lhe assegura mais quilometragem, por cada vez que enche o seu tanque, do que V. jamais julgou possivel.

E nada se encontra no mercado, nem se recorta no horizonte, entre os automoveis de preço módico, que se possa comparar à beleza das linhas puras, "aero-curvas", deste novo Studebaker "Champion", com o seu estilo que se distingue entre todos na estrada.

Este notavel Studebaker é bem digno de se esperar por ele, ainda que os embarques para certos pontos, devido a circunstâncias superiores à vontade da Studebaker, se estejam revelando algo lentos. Tudo quanto é possivel se está, porem, fazendo para apressar as entregas.

E não esqueça que os belos e novos caminhões da alta qualidade tradicional da Studebaker, tambem já estão saindo das linhas de produção.

The Studebaker Export Corporation
South Bend, Indiana, E.U.A. Telegramas: Studebaker

Studebaker
Sinônimo mundial de excelência em automoveis e caminhões

Já Está à Venda a Nova Máquina de Escrever REMINGTON RAND!

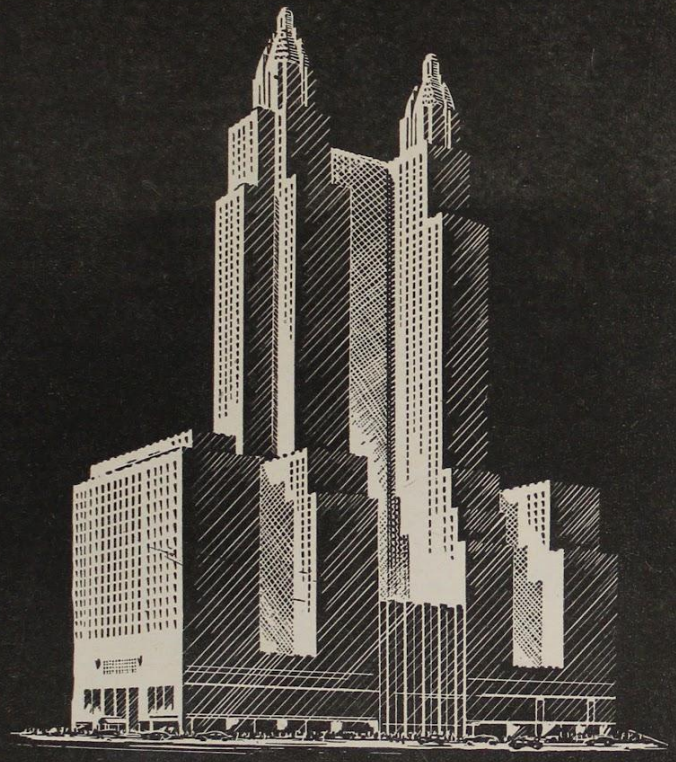
Já entraram em fabricação algumas novas Máquinas de Escrever Remington Rand,—e muitas mais estarão disponiveis, tão depressa tivermos terminado as tarefas que nos cabem para ajudar a derrotar o Japão.

A nova Remington abaixo ilustrada apresenta muitas caraterísticas inteiramente novas, que nunca se viram em máquina de escrever nenhuma. Ela é preferida de todos os pontos de vista pelas datilógrafas, por causa da sua operação rápida, facil e silenciosa e do mesmo modo pelos homens de negócio, graças à qualidade do trabalho que produz, e à confiança que inspira a sua estrutura mecânica.

O mundo tem comprado até hoje mais Remingtons do que máquinas de qualquer outra marca; esta nova Remington segue a tradição de primazia das Remington Rand, pois é a mais perfeita das máquinas que já se apresentaram sob esse nome. O Sr. fará bem se esperar até poder comprar a nova Remington... Vale bem a pena esperar por ela!

S. A. CASA PRATT RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE
PORTO ALEGRE • BÉLO HORIZONTE • BAIA

Supremo na Arte
da Hospitalidade



HOTEL
WALDORF-ASTORIA
PARK AVENUE AT 50TH • NEW YORK

... depois de uma noite de festa e de ruidosa expansão! Você também poderá despertar com alegria, vivacidade e gôsto pela vida, embora tenha-se excedido, na noite anterior, ao comemorar um acontecimento agradável ou uma data feliz. E é tão fácil! É bastante que, ao deitar-se, tome uma dose do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, o poderoso antiácido e desintoxicante que elimina os efeitos desagradáveis de qualquer excesso no comer, beber ou fumar, evitando a asia e regularizando integralmente as funções digestivas.

Proteja-se sempre com a ação tríplice do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS. *Neutraliza* a hiperacidez, *auxilia* a digestão e *limpa* suavemente os intestinos. Para o seu bem-estar constante, o médico lhe recomenda o uso do

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LIQUIDO E COMPRIMIDOS

Será sempre Bem-Vindo na Westinghouse

EIS A RECEPÇÃO a um Distribuidor da Westinghouse nos escritórios da Companhia em Nova York!

Ainda que desenhada com certa liberdade, segundo a descrição entusiástica do próprio visitante, a cena não é totalmente exagerada . . . Westinghouse recebe sempre de braços abertos a seus Distribuidores. Desejando que sua estada em Nova York seja agradável e proveitosa, insiste em que usem os escritórios da Companhia como "base de operações" nos Estados Unidos, e coloca à sua disposição os diversos serviços e a colaboração de todos os funcionários.

Westinghouse acolherá com prazer as consultas de negociantes idôneos e de iniciativa que tenham interêsse em atuar como Distribuidores de qualquer dos 300.000 artigos que fabrica. Para informações completas queiram dirigir-se a: F. A. Rall, Gerente de Vendas a Distribuidores, Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

Quem aprecia a boa qualidade exige Westinghouse

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL CO., 40 WALL ST., NOVA YORK 5, E. U. A.

Para robustecer o moral nos postos avançados

Após trabalhar de um a três anos num posto avançado do mundo, um homem pode perder o gosto pelo seu emprego, se a lentidão das viagens lhe rouba 30 dias ou mais no gozo duma licença preciosa.

A aviação acabou com os postos avançados. Viajar pelo ar representa mais seis a oito semanas de férias, mais repouso, mais energias e dinamismo para manter o fluxo do comércio nos recantos mais distantes da Terra. E assim poupam-se os viáticos pagos pelas companhias.

Este tipo de viagens tornou-se possível graças à criação dos modernos aviões de transporte e à potência, economia e confiança dos motores de avião.

Nas linhas aéreas importantes do mundo, é sempre dada preferência aos motores Wright Cyclone. São eles que ajudam o comércio, e robustecem o moral dos homens que criam esse comércio.

A TAREFA DOS AVIÕES DO PORVIR

No futuro comércio pelo ar, o C-97 Boeing, de alta velocidade e dois convezes, levará tanto passageiros quanto carga em vôos de longo alcance. Sua velocidade de cruzeiro será de 300 milhas por hora devido à potência de quatro motores Wright Cyclone 18, de 2.200 HP cada um.

WRIGHT
AIRCRAFT ENGINES
DIVISÃO DA
CURTISS WRIGHT
OS PRIMEIROS NA AVIAÇÃO

Wright Aeronautical Corp. • Paterson, N. J., E. U.

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CIA., LTDA., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

SRA. LUCILA NORONHA
BARROZO DO AMARAL

Perfeita expressão da arte, a personalidade feminina encontra uma de suas mais altas afirmações no sentimento de Beleza.

Ser bela é ser mais feminina, mais Mulher. E, para ser bela, um dos requisitos principais é possuir uma cútis suave e juvenil. Para isto, siga o exemplo das mais lindas mulheres de todo o mundo, tornando sua pele macia e aveludada com o uso diário dos Cremes Pond's.

Eis o que afirma a sra. Lucila Noronha Barrozo do Amaral, expoente da nossa sociedade: "Protejo a mocidade e o aveludado da minha cútis, usando diàriamente os dois Cremes Pond's".

SURGE UMA
Nova
ESTRELA...
A CANETA-TINTEIRO
Waterman's
Taperite

Milagre moderno de beleza aerodinâmica, de brandura e fluidez incomparaveis na escrita.

Vá vê-la.
Tome-lhe o peso.
E passe a usá-la, para sua satisfação suprema ao escrever.

Distribuidores Exclusivos para o Brasil
CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
Rio • São Paulo • Porto Alegre • Recife • Belém

Waterman's
FABRICANTES DE CANETAS E TINTAS DE PRIMEIRA ORDEM

SUA NOVA GELADEIRA
PHILCO PARA 1946
ESTÁ EM PRODUÇÃO

SEU REVENDEDOR PHILCO
TERÁ BREVE TODOS OS
ESCLARECIMENTOS.
PROCURE-O!

PHILCO
De Fama Mundial em Qualidade

As Luzes Voltam a Acender-se . . .
Brilha de Novo a Esperança no Futuro

No sua retirada, os exércitos inimigos, executaram sem escrúpulos a política brutal da «terra devastada», deixando sua marca indelevel em todas as cidades libertadas; ao mesmo tempo, porem, sopraram a chama latente da reconstrução nos corações de povos invenciveis. Com a ajuda de «armas construtivas» fornecidas por firmas como a Worthington, as engrenagens dos *Serviços de Utilidade Pública*, dos *Transportes* e de *Produção* já recomeçaram a subir a ladeira que conduz à Prosperidade.

A Worthington Acelera a Reconstrução

Um dos exemplos da ajuda que a Worthington pode prestar à causa da reconstrução, são as centrais elétricas portateis, encaixotadas de modo a se poderem transportar em vagões de mercadorias ou auto-reboques de estrada. Estas centrais, constituidas por acessórios premontados e inter-conetados, desencaixotam-se e põem-se a funcionar dentro de um dia e meio após a sua chegada, com a eficiencia das mais modernas fábricas de eletricidade.

Outros meios que a Worthington tem para ajudar a reconstruir centrais elétricas, redes de águas e esgotos, estradas férreas, docas e caminhos, fábricas e fazendas, compreendem: motores Diesel, turbinas a vapor, compressores, ferramentas de ar comprimido, betoneiras e pavimentadores de concreto, bombas, máquinas de condicionamento de ar e refrigeração.

A Worthington Acelera o Progresso Industrial

Nas nações que a mão do destino tratou com mais brandura, esses mesmos produtos Worthington estão ajudando os líderes industriais e agrícolas a elevar os níveis de existência nacionais e internacionais.

Quanto a V.S., quer a guerra haja quer não haja poupado o seu país, o Sr. tem projetos de *Reconstrução* ou de *Melhoramento Industrial* que o Programa de 3 Artigos da Worthington pode simplificar. Não há outra firma que possa fornecer tantos dos artigos essenciais para restaurar ou melhorar *Serviços de Utilidade Pública, Transportes e Produção*. Escreva-nos pedindo todos os pormenores.

WORTHINGTON PUMP AND MACHINERY CORP.
Harrison, New Jersey (U.S.A.)
Escritorios e agentes em todo o mundo

F5-8B

PUBLIC SERVICES · PRODUCTION · TRANSPORTATION

WORTHINGTON

Simbolo de Valor
no Mundo Inteiro

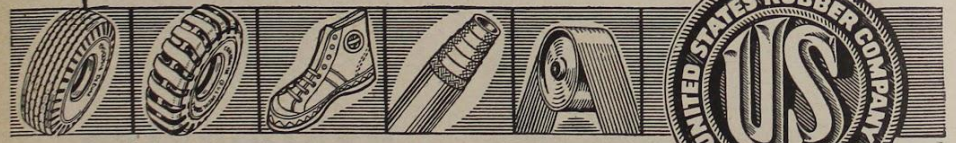
Lembre-se...

dos pneumáticos "U.S." Royal Fleetway—os pneus favoritos de milhares de motoristas de caminhão. Os pneus notáveis pelo seu rendimento em transportes a longas distâncias com cargas pesadas e sob tôdas as condições; pela sua resistência ao calor e sua extraordinária quilometragem. Os modêlos do futuro dêstes famosos pneus possuirão êsses melhoramentos e muitos outros. Familiarize-se em devido tempo com os pneus "U.S." Royal Fleetway...

E SIGA PARA A FRENTE COM "U. S."!

Tem-se dito que a ciência progrediu cem anos nos últimos cinco. Os laboratórios "U.S." descobriram novos materiais, desenvolveram novos métodos, realizaram o que parecia impossível. Todos êstes melhoramentos nos novos pneus "U.S." do futuro lhe garantirão o melhor em pneumáticos que a ciência moderna possa produzir.

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."



Pneumáticos para carros de passageiros | Pneumáticos para trabalho pesado | Botinas "U.S." Keds | Mangueiras "U.S." | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

1230 Sixth Avenue, Rockefeller Center, Nova York 20, E. U. A.
No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

A natureza da beleza

...e o perfume, categoria.

PERFUMES Dana

FÁBRICAS EM: NOVA YORK · ARGENTINA · CUBA · COLÔMBIA · COSTA RICA · CHILE · MÉXICO · PERÚ · URUGUAY · VENEZUELA

FOI EMERSON QUEM DISSE...

No seu ensaio sobre a Crença, Emerson escreveu: "Todo indivíduo procura prevenir-se contra a burla de que seu vizinho pode torná-lo vítima. Mas chega o dia em que ele começa a prevenir-se contra a possibilidade de ele próprio burlar o seu vizinho... Então é que tudo começa a correr bem. O homem, assim, troca a sua carroça de mercador da praça por um carro de Apolo.

Devíamos ter presente esse pensamento, ao planejar, após a Vitória, as medidas preventivas de uma nova tentativa de agressão das nações do Eixo contra os seus vizinhos.

Devemos pensar na paz, tal qual pensamos no êxito. Ninguem jamais alcançou êxito que fosse completo. O progresso é obra do êxito. Se a nossa história prova, ano após ano, que estamos sendo bem sucedidos e que estamos resolvidos a persistir no esforço, sem esquecer nunca que não há tal coisa como o êxito absoluto—então estaremos em condições de realizar autênticos progressos.

Os preparativos da paz eterna e universal nunca chegarão ao termo final. Por muito perfeitos que nossos planos sejam, devemos estar preparados para qualquer violação da lei. Devemos ser realistas e estar dispostos a empreender a guerra contra o agressor sempre que seja necessário, de modo a preservar a paz até aos limites do possivel.

Os acordos internacionais devem ser instruidos de todas as medidas necessárias que nos habilitem a tomar medidas rápidas e decisivas contra os burlões internacionais.

Devemos ter fé em nós próprios, nas nossas instituições, nos nossos direitos cívicos, e na Divina Providência.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

A concepção que um famoso artista tem das origens dos mágicos texteis modernos, uns naturais, outros artificiais.

Tecidos extraidos do Mar, da Terra e da Ciência pelos que enxergam para Alem do Amanhã

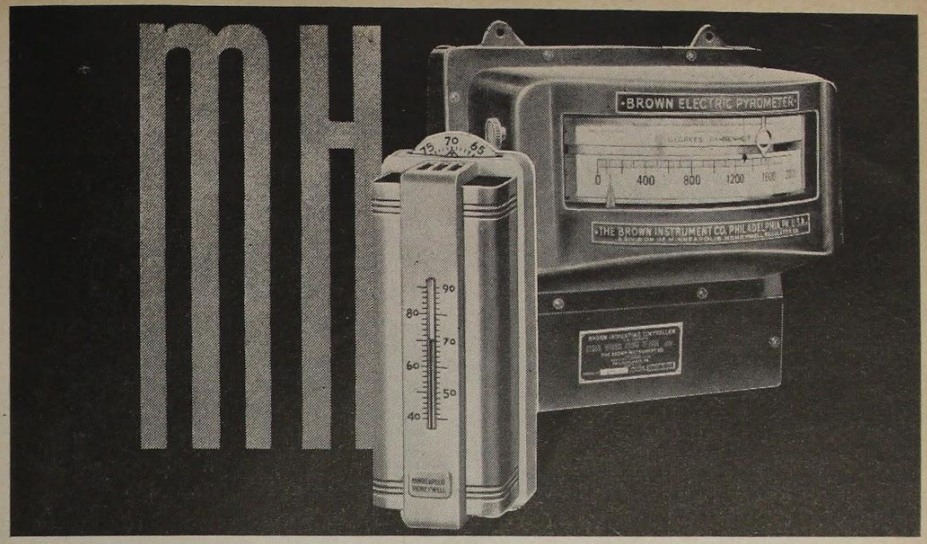
Imaginação e Estudo Criam os Tecidos do Futuro

De fontes tão diversas como o alcatrão de hulha e o leite, as madeiras e o trigo, a Ciência está criando novos tecidos de qualidades quase sobrenaturais. Elementos sintéticos puros, ou fibras artificiais combinadas com fibras naturais tão suaves e delicadas como as mais finas sedas, serão utilizados na tecelagem de cortinas refratárias à luz e ao fogo, de vestuários que não se amarrotam nem precisam de ser passados a ferro, e que se poderão limpar com um pano úmido . . . e de outras inúmeras formas de beleza para os lares de amanhã.

Imaginação e Previsão — Fontes do Seu Prazer de Hoje

DEVE-SE unicamente à previsão e ao tempo que o Seagram's V.O. tenha alcançado o cume da perfeição. Este whiskey, que é alguma coisa de absolutamente diferente, é duma suavidade e leveza incomparaveis, de paladar delicado, agradavel e distinto...e estas são as suas caraterísticas exclusivas. Peça Seagram's V.O. pelo nome — e fique sabendo o que é o whiskey canadense em toda a sua excelência de antes da guerra!

Seagram's V.O. WHISKEY CANADENSE



Para Maior Conforto do Lar . . . e Fomento da Produção

A necessidade de novas casas de família e novos prédios de apartamentos tem aumentado rápida e constantemente na América Latina — e daí resultou uma procura de dia para dia mais avolumada de reguladores domésticos de aquecimento e acondicionamento de ar. A Minneapolis-Honeywell é há 60 anos a firma mais importante no desenvolvimento e na fabricação de reguladores de temperatura.

Para satisfazer a procura que atualmente existe para uma produção maior, os estabelecimentos industriais da América Latina têm tambem maior necessidade de instrumentos de controle industrial. Os pirômetros e outros instrumentos indicadores, registradores ou reguladores, para as indústrias, são produto da Brown Instrument Company, que é uma divisão da Minneapolis-Honeywell. Acolhemos solicitamente os pedidos de informação sobre reguladores industriais ou de temperatura. Minneapolis-Honeywell Regulator Company, 4422 Wayne Avenue, Filadélfia, Pa., E.U.A.

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago —Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

* * * CONTROLES AUTOMÁTICOS * * *

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

SIRVA Presuntada Swift

— Tenras carnes de porco e suculento presunto combinam-se neste petisco, dando-lhe um paladar de especial delicadeza. Não é cara e – como todo produto Swift – economiza porque é tudo carne que se aproveita integralmente. Prove-a hoje e a servirá sempre!

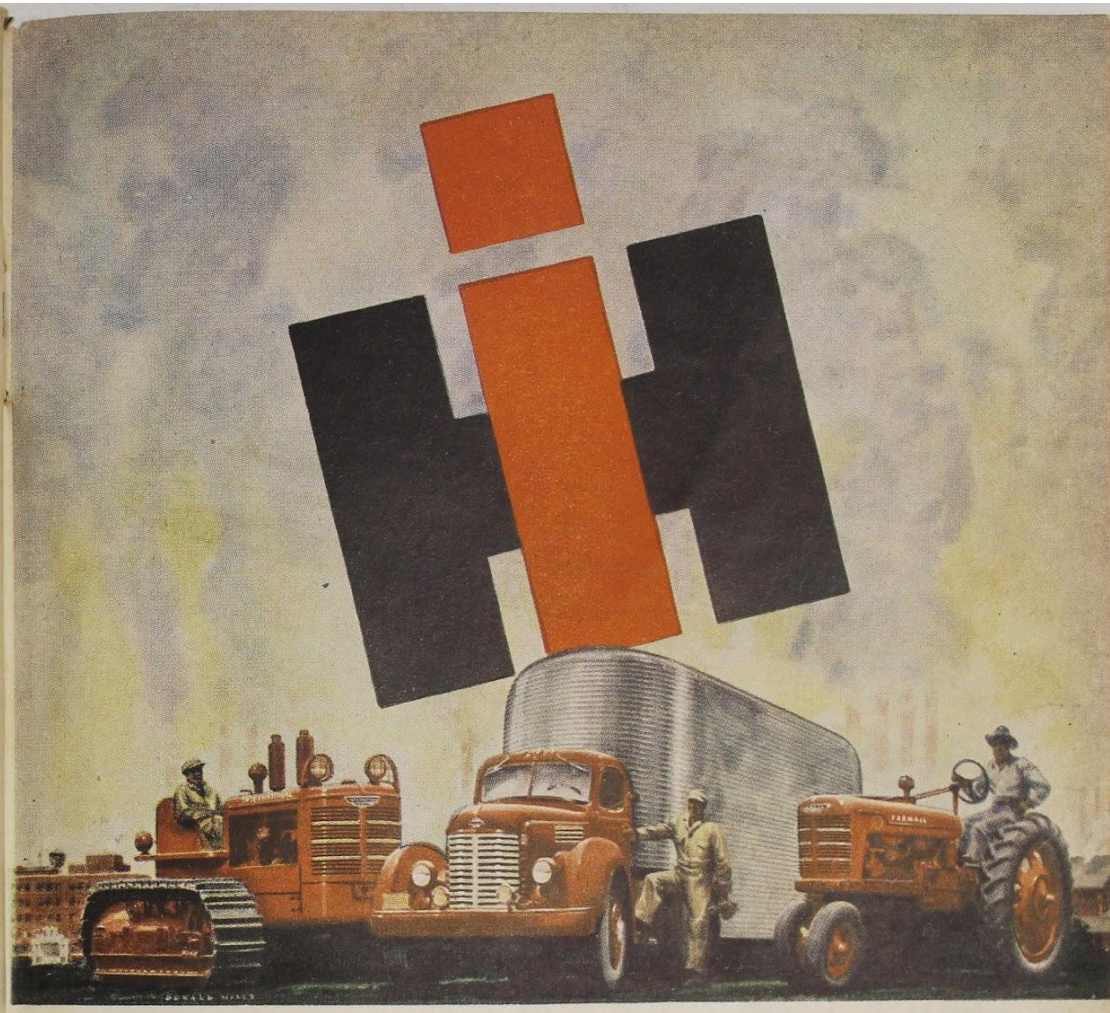
Presuntada Swift

PRODUTO DA

Swift do Brasil

Lad. Dr. Falcão Filho, 56
São Paulo

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



Êste NOVO símbolo representa os produtos da INTERNATIONAL HARVESTER

. . . Êle é a Marca de **EXPERIÊNCIA E SERVIÇO**

Muitos anos passaram desde que o antigo símbolo IHC começou a representar um produto da International Harvester. Dêsse tempo para cá a International Harvester cresceu e hoje fabrica uma *série de produtos* que inclui Caminhões International, Máquinas Industriais International, Tratores e Máquinas Agrícolas McCormick-Deering International . . . máquinas que servem *todos os ramos da Indústria e da Agricultura.*

Êstes produtos básicos — reconhecidos, comprovados e econômicos—testemunham o serviço que a International Harvester presta a milhares de possuidores na América Latina e no mundo inteiro. Procure êste símbolo quando precisar de produtos como os fabricados pela International Harvester. É o símbolo de uma reputação conhecida e respeitada em todo o mundo; um símbolo que significa serviço à Indústria e à Agricultura.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago 1, E. U. A.
Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

CAMINHÕES INTERNATIONAL • MÁQUINAS INDUSTRIAIS INTERNATIONAL
TRATORES E MÁQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL

Olhe e experimente antes de comprar!

Não é preciso que V. seja um engenheiro ou joalheiro para perceber o extraordinário valor do fabrico da nova caneta SHEAFFER'S "*TRIUMPH*" com pena *Lifetime*! Faça todas as comparações e testes que V. desejar. Examine detalhe por detalhe. Então escolha a caneta com a qual V. poderá escrever melhor! Concluirá que a *TRIUMPH* com pena *Lifetime* é a unica que lhe serve porque se adapta *exatamente* ao seu modo pessoal de escrever!

A nova pena *Lifetime*

O ponto branco na caneta, identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por toda vida).

W. A. SHEAFFER PEN COMPANY, Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda. Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal.

Nóvas Canetas «*TRIUNFO*» • Nova Lapiseira «*FINELINE*»

SHEAFFER'S

ÚLTIMA HORA!

Estas oito grandes empresas de navegação aérea adquiriram 103 majestosos "Constellation" Lockheed, para serviço de todos os grandes países e de todos os continentes!

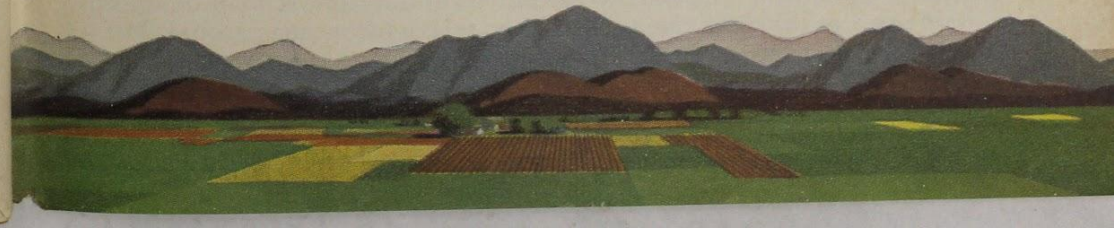
AMERICAN EXPORT ★ EASTERN ★ FRENCH GOVERNMENT ★ K. L. M. ROYAL DUTCH ★ K. N. I. L. M. ROYAL NETHERLANDS INDIES ★ PAN AMERICAN ★ PANAGRA ★ TWA

O NOVO PADRÃO DAS LINHAS AÉREAS

O "Constellation" Lockheed

Com Lockheed Sempre na Vanguarda! LOCKHEED *Muitos Anos Avante na Ciência do Vôo*

© 1945, Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.



REPRODUÇÃO DE UMA TRANSPARENCIA KODACHROME

Na Vida Há Côr...

e esta Kodak vem em seu auxilio a captá-la em todo seu esplendor por meio de magnificas fotografias em cores

D'ORA em diante poderá V. satisfazer o desejo de fotografar em encantador colorido as soberbas vistas cheias de sol, e os retratos dos seus entes queridos, que V. deixou de tirar nos ultimos anos.

O filme Kodachrome reaparece agora em quantidade sempre crescente para que V. possa obter formosos filmes Cine-Kodak ou diapositivos Kodachrome que projetará na tela, e fotografias Kodak Minicolor para adorno do seu album de recordações.

Visite o distribuidor Kodak

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.

A Lhama dos Andes

Por Ciro Alegría

Escritor peruano, autor de «Grande e estranho é o mundo»

Os Andes sul-americanos são rudes e solenes, e suas penedias poliédricas, ávidas de altura, sobem até três ou quatro mil metros, rasgando as nuvens, e fazendo espelhar ao sol os seus penachos nevados. O homem antigo e forte que vive nos Andes sempre teve que combater o frio e a tempestade, os penhascos e a erosão, a neve e o vento, e toda uma natureza hostil, para que pudesse sobreviver: e o conseguiu galhardamente.

Para esse homem, a luta teria sido ainda mais dificil, não fora um animal que, reduzido por ele à domesticidade, se tornou seu companheiro de vida: a lhama.

Pode ainda ser encontrada em grande quantidade, acompanhando principalmente o índio das alturas do Perú e da Bolívia. Pode tambem ser vista, feita emblema, no escudo peruano, e marcando com sua gracil silhueta a prataria forjada pelos destros artistas nativos. Quem, estando numa dessas repúblicas, atravessar os Andes, encontrará récuas de lhamas levando lã, cacau e produtos agrícolas às cidades, ou subindo e descendo as cristas rochosas que resguardam as minas altas. Ver-se-á alí tambem, frequentemente, enquanto o crepúsculo cai, marcando o áspero perfil dos montes, o índio pobre puxando sua única lhama, e tocando a flauta de notas simples e doces.

Se procurarmos averiguar como vive esse índio, verificaremos que se alimenta principalmente de milho, batatas e carne de lhama em forma de xarque; que veste roupas de lã, extraida à lhama, e tecida por ele mesmo; que as sandálias que lhe defendem os pés são de couro de lhama, e finalmente que até se aquece e cozinha queimando esterco de lhama.

A lhama é uma estilização animal dos Andes, dotada de um toque vital de graça. Caminha com passo breve e manso, levando o pescoço elegantemente erguido e alertas as orelhas pontudas. Sua côr varia como a do cavalo, e em seus fundos olhos ne gros há vivacidade e ternura. É frugal no comer, e o seu alimento consiste numa gramínea grosseira chamada *ichu*, numa espadana denominada *totora*, própria das margens lamacentas das lagunas, e nos líquenes e musgos que cata nas rochas.

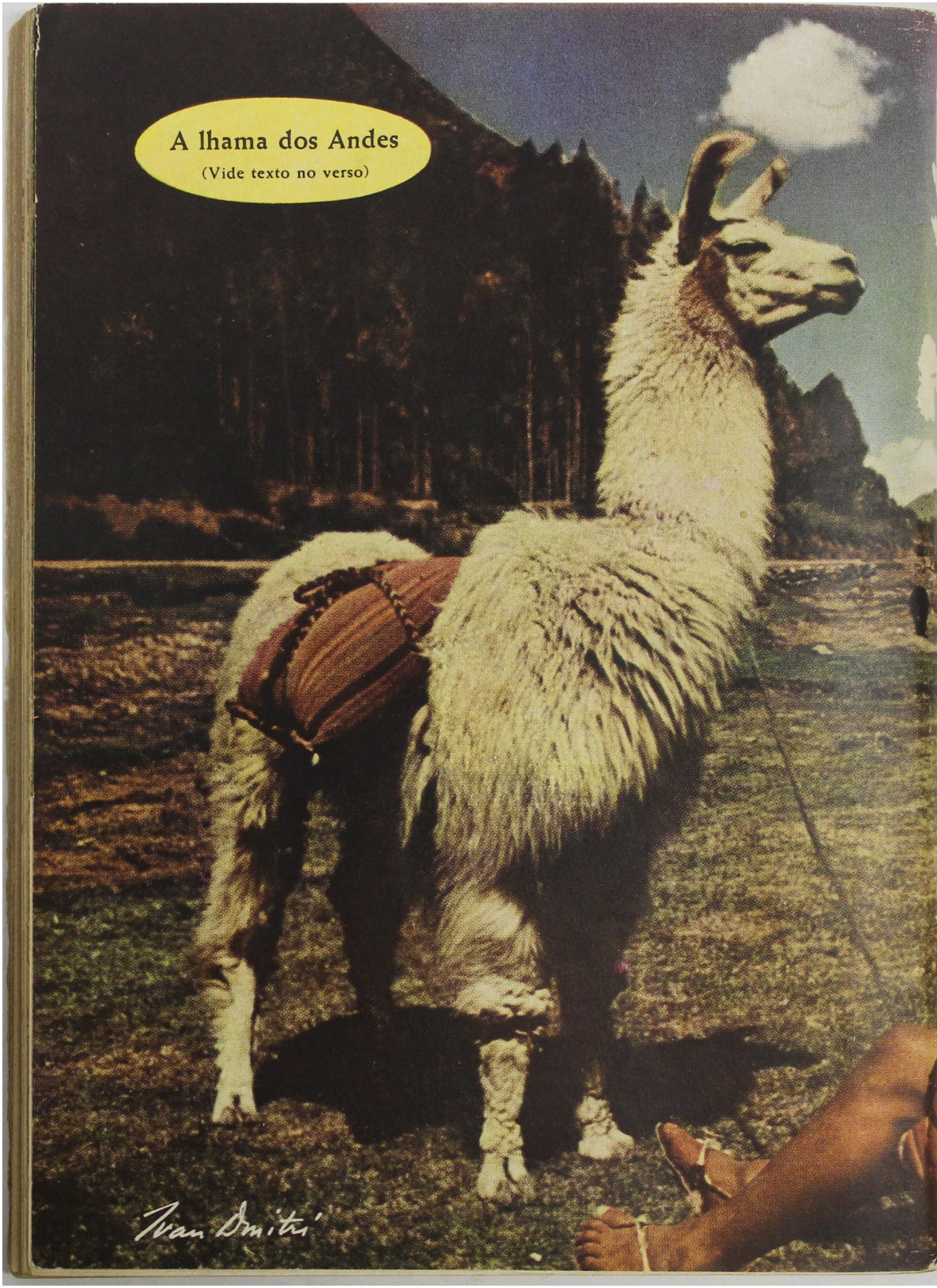
Um inca, querendo sem dúvida afirmar o carater andino de sua cultura, disse uma vez: «Meu império alcança até onde chega a lhama.» Naquele tempo havia lhamas em todos os recantos dos Andes, desde o Chile e a Argentina até o Equador. Agora, só se encontram nos Andes do centro e do sul do Perú, e nos da Bolívia.

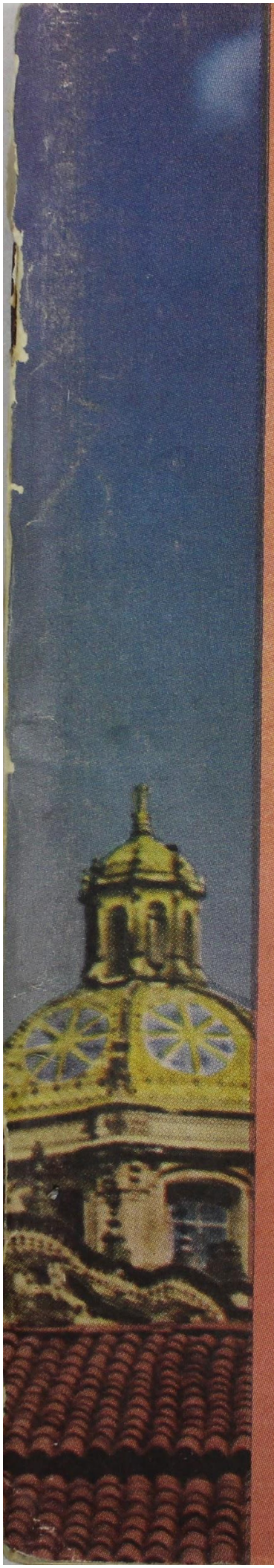
Quando chegaram os espanhóis, fizeram logo uso dos camélidas andinos, que eram então chamados «ovelhas do Perú», e os utilizavam quase como hoje o fazem os índios. Nos primeiros tempos da conquista, comiam-nos tambem. As lhamas foram levadas nas grandes expedições; Almagro conduziu milhares delas na que realizou pelo Chile, e Gonzalo e Francisco de Orellana o imitaram naquela que os levou, pelo menos o último, a descobrir o Amazonas.

Com o advento da era republicana, a lhama continuava prestando serviço como animal de carga, passando mais tarde a segundo lugar, devido ao incremento das estradas de ferro e das rodovias. Como outrora o inca, mas com outra intenção, gritou Henry Meiggs: «Chegarei até onde vai a lhama,» num desafio àqueles que diziam ser impossivel levar até Cerro de Pasco a sua estrada de ferro. Construiu-a mais tarde, e hoje, serpenteando pelas mais escarpadas cadeias dos Andes, é a mais alta do mundo. Mas a lhama ainda alcança os pontos onde não chegam nem trens nem automoveis, cavalos ou mulas.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Foto: Ivan Dmitri


A lhama dos Andes
(Vide texto no verso)
Ivan Dmitri



MARÇO de 1946

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Einstein fala da bomba atômica	*Atlantic*	1
Nossos bons e maus momentos	*Redbook*	5
Para o cimo do Evereste	*Saturday Evening Post*	8
É esta a escola de amanhã?	*Better Homes & Gardens*	13
TITO: um retrato do natural	*Harper's*	16
O que dá beleza à mulher	*American Magazine*	21
Dezoito palavras que venceram o Japão	*Saturday Evening Post*	23
Defesa católica da castidade	*por Bertrand Weaver*	29
Ele apaixonou-se por um retrato	*Liberty*	31
Desenlaces imprevistos	*True*	35
A guerra silenciosa no fundo do mar	*por Ira Wolfert*	37
Cascos na planície	*Country Gentleman*	53
Justiça perfeita	*Rotarian*	55
O problema das fraldas na Rússia	*Krokodil*	59
Meu tipo inesquecivel	*por Stephen Leacock*	61
Flagrantes da vida americana		65
É preciso libertar a Ásia	*Collier's*	67
Gigantes milenares do Novo Mundo	*Frontiers*	72
Ameaça-nos a fome latente?	*Saturday Evening Post*	75
Instantâneos pessoais		79
Sejamos realistas acerca da bomba atômica	*por Francis Drake*	81
Há muitas luas	*por James Thurber*	85
Argúcia dos animais		89
Um bom vizinho em ação	*por J. P. McEvoy*	92
Os pais têm que mentir às vezes	*Scribner's*	96
Mary White	*por William Allen White*	98
O mistério das migrações	*Saturday Evening Post*	101
Talvez não saiba que		119
Seção de Livros — Anatomia da Paz	*por Emery Reves*	105

A igreja com alicerces de prata — *Fotografia* ..... quarta capa; *Nota* ..... terceira capa

CMDPU-LA
. 1937

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr $3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda. bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr $30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 351, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa
Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IX, No. 50 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Março de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba
Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho, *Co-redator*: Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest*: edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Basta ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest*: edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat*: edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia.

Copyright 1945 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários de Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos nesie número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. IX, No. 50, March 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A. San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO IX, No. 50 — MARÇO de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

EINSTEIN
FALA DA BOMBA ATÔMICA

Observações feitas a Raymond Swing, comentador de rádio nos Estados Unidos

(*Condensado do «Atlantic Monthly»*)

A LIBERTAÇÃO da energia atômica não veio criar um problema novo: veio apenas tornar muito mais imperiosa a necessidade de resolver um problema já existente. Enquanto houver na terra nações soberanas dotadas de grande força, a guerra é—mais cedo ou mais tarde—inevitavel. Já era assim antes de se ter fabricado a bomba atômica. A única coisa que se alterou foi o poder destrutivo da guerra.

Uma guerra em que fosse empregada a bomba atômica viria destruir talvez dois terços da população total do globo. A civilização não seria totalmente aniquilada, porque da hecatombe se salvariam bastantes homens capazes de pensar, e livros em número suficiente, para que nos fosse possivel recomeçar; e a civilização seria restaurada. Não obstante, é de evidente urgência empreendermos alguma coisa para evitar semelhante conflagração.

No meu entender, o segredo da bomba atômica não deve ser dado à União Soviética. Aliás, creio mesmo que não deve ser dado a nenhum estado soberano ou grupo de estados. Havendo no mundo, atualmente, condições tão anárquicas, e levando-se em consideração o perigo de atrito entre nações concorrentes, tal orientação daria em resultado apenas acelerar a corrida armamentista, a qual nos é imprescindivel coibir, se quisermos de fato evitar outra guerra mundial.

O segredo da bomba atômica devia, sim, ser confiado a um governo mundial, cumprindo aos Estados Unidos anunciar imediatamente que estão prontos a entregá-lo a esse governo mundial, inicialmente constituido pelos Estados Unidos, a União Soviética e a Grã Bretanha, por serem as três únicas potências que dispõem de grande força militar. As três nações deviam depor toda a sua força militar entre mãos do governo mundial. O fato de que existem somente três nações

dotadas de grande poder militar, antes parece facilitar, do que dificultar, o estabelecimento desse governo.

Uma vez que os Estados Unidos e a Grã Bretanha possuem o segredo da bomba atômica, de que a União Soviética se acha excluida, urgiria que esta última fosse convidada pelas outras duas a elaborar e apresentar o ante-projeto duma constituição para o governo mundial proposto. Isto contribuiria para dissipar a desconfiança dos russos, que já se sentem pouco à vontade, por compreenderem que a bomba se tem mantido secreta, principalmente, para evitar que eles a possam reproduzir. É evidente que esse primeiro projeto não seria a forma final da constituição, mas será mister fazer-se sentir aos russos que o governo mundial viria trazer-lhes a segurança.

Bem andaríamos se confiássemos a discussão dessa constituição a um só americano, a um só inglês e um só russo. Cada um deles seria assistido de conselheiros, mas estes só dariam parecer quando tal lhes fosse pedido. Estou convencido de que três homens podem elaborar com êxito uma constituição viavel e aceitavel para todos eles. Seis, sete, ou mais homens não seriam provavelmente tão bem sucedidos.

Depois de adotada a constituição pelas três grandes potências, as nações menores seriam convidadas a aderir ao governo mundial. Cumpre deixar-se-lhes a liberdade de ficarem de fora, dando-se-lhes com isso todas as garantias da perfeita segurança, mas eu estou convencido de que todas estariam desejosas de aderir. Como é natural, seria reconhecido às pequenas nações o direito de proporem alterações à constituição. Em todo caso, as três potências maiores deviam organizar o governo mundial, quer as pequenas nações aderissem, quer não aderissem.

Este governo mundial teria plenos poderes em todas as questões de ordem militar, e ainda outro, mas um só, poder: o de intervir nos paises onde uma minoria estivesse oprimindo a maioria, e criando dessa maneira uma instabilidade prenunciadora da guerra. Condições semelhantes às que hoje vemos na Argentina e na Espanha não poderiam ficar alheias à ação desse governo. Devemos pôr termo ao conceito da não-intervenção, uma vez que acabar com ele é precisamente, um dos requisitos da manutenção da paz.

O estabelecimento desse governo mundial não tem que esperar, para verificar-se que nas três grandes potências reinam condições idênticas de liberdade. Sendo embora certo que na União Soviética quem governa é uma minoria, acredito que as condições internas dessa nação não constituem, só por si, uma ameaça para a paz mundial. Não percamos de vista que os povos da Rússia não tiveram longa educação política, e que foi preciso, alí, recorrer ao governo duma minoria para introduzir modificações que vieram melhorar as condições de vida dos russos, e isto pela simples razão de que a nação não dispunha de uma maioria capaz de empreender essa obra.

Para estabelecer um governo mundial com o monopólio da autoridade militar, não seria necessário alterar a estrutura interna das três grandes potências. Caberia aos três indivíduos encarregados de redigir a constituição encontrar a maneira de ajustar entre si as suas diferentes estruturas políticas, tendo em vista a colaboração.

Se receio a tirania dum governo mundial? Está claro que receio. Mas temo ainda mais o advento de outra guerra ou guerras. Qualquer governo é, em certa medida, um mal; mas um governo mundial é preferivel ao mal, infinitamente

maior, duma guerra atômica. Se não formos capazes de estabelecer de comum acordo esse governo mundial, estou convencido de que ele virá, de qualquer maneira, só que sob forma muito mais perigosa. Porque as guerras, a continuarem, acabarão dando a supremacia a uma só potência, que virá dominar o resto do mundo por meio duma insuperavel força militar.

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que possuem atualmente o segredo da desintegração atômica, devem tornar bem claro—e sem demora—que, se guardam para si o segredo, não é por ambição de poder, e, sim, na esperança de conseguir uma paz verdadeira, através de um governo mundial que esses dois paises tudo farão para criar.

Sei perfeitamente que há pessoas que aprovam a idéia do governo mundial, vendo nela, entretanto, uma etapa final da qual só pouco a pouco nos deveríamos aproximar. A dificuldade dessa solução de conta-gotas, de medidas progressivas tomadas uma a uma, reside em que, enquanto se tomam tais medidas, se vai conservando o segredo da bomba, sem se conseguir, ao mesmo tempo, tornar suficientemente convincentes, para aqueles que a não possuem, as razões desse sigilo. Isto só por si dá origem a medos e suspeitas, podendo ter como resultado que as relações entre os estados soberanos e rivais se prejudiquem perigosamente. Assim, enquanto as pessoas que querem dar apenas um passo de cada vez, podem pensar que se estão acercando da paz mundial, o que estão realmente fazendo, com todo o seu vagar, é contribuir para o advento duma nova guerra. Não podemos perder tempo com soluções de conta-gotas: se queremos evitar a guerra, é preciso fazê-lo com a maior rapidez.

O SEGREDO da bomba atômica, aliás, não poderá ser mantido por muito tempo. Contra isto, há quem argumente que poucas outras nações possuem os recursos financeiros necessários para produzir a bomba. Mas todas as nações, que disponham das matérias-primas e dos homens para produzir a bomba, querendo, podem fazê-lo, porquanto realmente necessário não é o dinheiro, mas os homens, os materiais, e a *resolução* de fazer uso deles.

Não me considero o «pai» da libertação da energia atômica. O meu papel, nesse assunto, foi mesmo de carater bastante indireto. Com efeito, nem mesmo previ que essa energia pudesse vir a libertar-se em meus dias. Acreditava eu, somente, que essa operação era teoricamente possivel. Ela tornou-se praticamente viavel graças ao descobrimento acidental da reação em cadeia, que se deve a Hahn, de Berlim, o qual não soube interpretar corretamente a sua própria descoberta. Foi uma mulher, Lise Meitner, quem nos forneceu a interpretação correta do achado, e, tendo fugido da Alemanha, colocou a informação entre mãos do físico dinamarquês Niels Bohr, que por sua vez a trouxe aos Estados Unidos.

Não creio que, por meio da «organização» da ciência, feita à maneira das grandes sociedades anônimas, se possa garantir o advento duma grande era de ciência atômica. É possivel organizar as pessoas para aplicar ou explorar uma descoberta já feita, mas não para fazer uma descoberta. Só o indivíduo livre pode fazer descobertas. Pode-se conceber uma organização de cientistas que empreendesse levar a cabo os descobrimentos de Charles Darwin, por exemplo?

Tão pouco creio que a poderosas empresas particulares possa confiar-se a custódia do progresso atômico. Os governos devem reservar-se o controle da energia

atômica, não porque o socialismo seja forçosamente desejavel, mas porque a energia atômica se desenvolveu graças aos governos, e seria uma coisa inadmissivel que essa propriedade do povo pudesse transferir-se para as mãos de qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos. Quanto ao socialismo, a menos de ser internacional ao ponto de produzir um governo mundial apto a controlar a força militar, poderia mais facilmente levar-nos à guerra do que o próprio capitalismo, visto representar, aquele, uma concentração de poder ainda maior.

É por agora impossivel calcular quando é que se poderá aplicar a energia atômica a fins construtivos. O que hoje se conhece é apenas a maneira de utilizar uma quantidade consideravel de urânio. Não se pode predizer quando é que o emprego de pequenas quantidades se tornará viavel para, digamos, permitir acionar um automovel ou um avião. Impossivel, da mesma maneira, é prever quando chegaremos a poder utilizar, na produção dessa energia, materiais mais comuns do que o urânio. É de presumir que todas as substâncias para tal fim empregadas sejam elementos de elevado peso atômico. Esses elementos são relativamente escassos, devido à sua menor estabilidade. A maior parte deles pode mesmo ter já desaparecido da terra, devido à desintegração radioativa. Assim, conquanto a libertação da energia atômica possa vir ainda a constituir um colossal benefício para a humanidade, o fato pode não se verificar senão daquí a bastante tempo.

Não sou dotado de dons persuasórios suficientes para convencer as grandes massas humanas da imperiosa urgência dos problemas que hoje enfrentam a nossa raça, e da premente necessidade de se estabelecer um governo mundial. Por essa razão me limito a recomendar ao leitor alguem que possue esse dom de explicar: refiro-me a Emery Reves, cujo livro «Anatomia da Paz»* me parece inteligente, claro, breve e dinâmico.

Por agora, a energia atômica não é ainda o maná que a humanidade espera, mas apenas uma ameaça. E talvez seja melhor assim. Porque uma ameaça desta natureza poderá, pela intimidação, forçar a raça humana a pôr ordem nos seus negócios internacionais, o que, sem a pressão do medo, ela talvez não fosse capaz de realizar!

*Vide pág. 105 deste número.

¶ Num cinema repleto, um jovem oficial de Marinha estava a ponto de se sentar em uma cadeira, junto da qual havia outra tambem vazia, quando se sentiu subitamente empurrado por uma dama que lhe vinha aos calcanhares, seguida rente pelo marido. Antes que o oficial pudesse recobrar o equilíbrio, o casal tinha arriado nas cadeiras.

—Sinto muito, meu amigo, disse-lhe o marido, mas nós chegamos primeiro!

—Está certo, replicou o oficial. —Espero que o senhor e sua mãe gostem do filme.

—Tenente Leslie Paffrath

Em vez de ser vítima dos ciclos emocionais, eis um modo de aproveitá-los

Nossos bons e maus momentos

Condensado do «Redbook» *Por Myron Stearns*

Há anos que os psicólogos sabem—e nós todos o observamos—que as pessoas reagem diferentemente, em dias diversos, diante das mesmas coisas. Um dia o patrão está de bom humor; os pequenos erros da secretária não o aborrecem. Noutros dias, o trabalho tem que estar perfeito, senão ele a criticará severamente. Toda mãe sabe que certos dias o filho se mostra afetuoso e obediente, ao passo que, em outros, parece «endemoniado». Certas manhãs, o marido canta debaixo do chuveiro: em outras, está silencioso e mal-humorado.

«Bons e maus momentos» é uma expressão corrente. Já sabemos de antemão que uma onda de má sorte nos trará alguns «maus momentos». Boas notícias, por outro lado, nos trarão a maior felicidade. Disso estamos certos.

Surge agora, porem, a ciência, dizendo que tais concepções estão erradas. O dr. Rexford Hersey, da Universidade da Pensilvânia, que, há 17 anos, estuda os altos e baixos das emoções humanas, descobriu que nossos momentos alegres e tristes se sucedem com uma regularidade quase tão matemática quanto a das marés. As circunstâncias exteriores apenas adiantam ou atrasam ligeiramente os períodos regulares de exaltação ou de depressão. Em vez de nos livrar de um período de depressão, as boas notícias nos animarão apenas por um momento. Poucas horas depois, poderemos estar tão desanimados quanto antes. E, contrariamente, as más notícias são sempre menos desanimadoras, quando se está num «bom momento» emocional. Mais ou menos 33 dias depois de um momento particularmente bom ou mau, poderemos sentir-nos da mesma maneira, porque essa é a duração normal dos nossos «ciclos emocionais».

Ao realizar estudos em torno das melhores condições de trabalho, para os operários de uma oficina de consertos ferroviários, Hersey veio a descobrir os ciclos emocionais, em 1927. Examinou 25 operários diariamente, durante mais de um ano, e anotou o que diziam, como agiam, suas condições físicas, e o estado de espírito. Afim de guardar todos esses dados, organizou diagramas individuais.

Em breve, verificou, com grande surpresa, que todos os diagramas demonstravam certa regularidade, pois cada operário, durante uma semana, em cada período, ficava com o moral muito mais abatido do que os outros, e os intervalos eram notavelmente regulares. Entre duas depressões, surgia um estado de espírito relativamente alto.

Um dos homens perdeu o braço num desastre de automovel. Isso ocorreu durante um «bom» período e, assim, durante as primeiras semanas de hospital, ele se conservou alegre. «Homem de fibra não desanima!» dizia ele. «Talvez eu arranje até um emprego melhor!»

O que aconteceu foi exatamente isso. Voltando ao trabalho, deram-lhe um emprego de fiscal, com mais autoridade e salário do que nunca. Nessa ocasião, porem, estava num período de depressão; em vez de se sentir contente, ficou tão deprimido que rompeu o noivado. «Ela se arrependeria,» alegou então. «Está é com pena de mim».

Um mecânico de idade madura declarou não estar sujeito a exaltações ou depressões de espécie alguma. «Estou sempre alegre,» disse. Mas o diagrama de Hersey mostrou que, de cinco em cinco semanas, criticava muito mais seus superiores, se recusava a gracejar com os companheiros e não queria conversa.

Quase sem exceção, os operários não queriam reconhecer quaisquer modificações em si mesmos. Atribuiam-nas a circunstâncias exteriores. A razão de se sentirem infelizes era sempre imediata e plausivel: um, não tinha dormido bem; o outro, tinha brigado com a mulher; ou então, era o mau tempo.

Querendo mais informações quanto ao *motivo* por que nosso ânimo tem altos e baixos, e quanto ao modo de utilizarmos com mais eficiência o fluxo e refluxo de bem-estar, Hersey iniciou uma investigação pormenorizada de seus próprios períodos de exaltação e depressão.

Observou, logo, que nos períodos de ânimo abatido se tornava mais crítico do que nas outras épocas, e mais irritadiço. Não queria ter o trabalho de conversar. Organizou, então, seu horário, de tal modo que durante os períodos de depressão se dedicasse às pesquisas, evitando tudo que exigisse muita confiança em si próprio. As consultas e conferências ficaram para os bons períodos.

Começou, depois, longa e circunstanciada investigação de seus processos internos, procurando determinar as bases fisiológicas de suas modificações emocionais. Em colaboração com o dr. Michael Bennett, endocrinologista dum hospital de Filadélfia, submeteu-se, semanalmente, durante mais de um ano, a minucioso exame de saude.

Descobriu que o trabalho e a produção de suas glândulas tireóides, e da pituitária, do fígado e outros orgãos, variavam sensivelmente de uma semana para outra. Tanto o número de glóbulos vermelhos, quanto o coresterol do sangue—como em todos nós—tinham seu determinado ritmo. A produção da tireóide que, mais do que qualquer outro fator isolado, determina o ritmo total do «ciclo emocional», faz geralmente uma viagem de ida e volta, do ponto mais baixo ao mais alto, em cerca de quatro ou cinco semanas. Hersey e Bennett concluiram que os diversos fatores contribuem para que a duração de um ciclo «normal» seja de 33 a 36 dias.

Esse ciclo emocional consiste, fundamentalmente, numa armazenagem e num dispêndio de energia. Mas a produção e o gasto de energia não se correspondem exatamente. Em primeiro lugar, reunimos, pouco a pouco, mais energia do que despendemos. Isso faz com que nos sintamos cada vez melhor, e que nos tornemos cada vez mais ativos e bem humorados. Começamos, então, a despender mais energia do que nosso organismo está produzindo. Isso continua até que se esgote o excesso de energia e sobrevenha uma reação. Nosso ânimo baixa, por vezes violentamente, e nos sentimos cansados, muito deprimidos e desanimados.

Sentimo-nos muito felizes, durante algum tempo, depois que a reserva de energia, criada em virtude de melhores condições, começou a diminuir. E, contrariamente, sentimos o moral abatido durante algum tempo, depois que recomeçou o processo de armazenagem. Quando nos sentimos desesperados, é que o peor já passou.

Observando um número cada vez maior de pessoas, os drs. Hersey e Bennett concluiram que as variações do ciclo de 33 dias são principalmente causadas por atividades anormais da tireóide. Quem possue tireóide super-ativa pode ter um ciclo de três semanas apenas. Quem é hipotiroideu tem um ciclo às vezes de várias semanas mais do que a média. Hersey observou que os seus próprios ciclos emocionais tendem a aumentar, à medida que envelhece. Diz ele que, atualmente, são três dias mais longos do que há dez anos passados.

Parece que não há diferença na duração dos ciclos dos homens e das mulheres. Com estas, porem, os resultados são modificados pelo ciclo menstrual, que tem os seus próprios altos e baixos. Quando a baixa emocional do ciclo menstrual coincide com a baixa do ciclo emocional básico, pode-se produzir um estado anormal de grande nervosismo ou ansiedade. Hersey e Bennett julgam que muitas separações matrimoniais desnecessárias sem dúvida começaram em tais ocasiões.

Podemos avaliar imediatamente a enorme importância dessas descobertas até em nós próprios. Em primeiro lugar, quando nos sentimos infelizes, podemos fazer diminuir qualquer desânimo, resultante de desvantagens temporárias, ou preocupações e ansiedades acerca do futuro, tendo em mente que essa depressão pode ser uma fase perfeitamente natural da vida, a que sucederão dias ou semanas de maior força, segurança e otimismo. Por mais sombrias que pareçam as perspectivas, não conseguiremos evitar uma melhoria no ânimo dentro em breve.

Alem disso, poderemos observar nossos ciclos emocionais, de tal modo que saberemos quando deve vir um período de moral abatido ou elevado. Não é dificil. Basta marcar num calendário o dia ou dias em que nos sentimos inteiramente desanimados ou deprimidos. Os dias de moral abatido fornecem datas de referência mais exatas do que os de moral elevado, porque os trechos de «felicidade» de nossa curva são geralmente mais longos; os períodos de depressão raramente duram mais de alguns dias ou uma semana, e ocorrem com mais regularidade.

Tendo descoberto as ocasiões em que surgem as marés de moral abatido ou elevado, podemos aproveitar ambos os períodos, planejando nosso trabalho inteligentemente. Nos períodos altos, as tarefas dificeis poderão estimular-nos. Nos períodos baixos, essas mesmas tarefas poderão vencer-nos. Com um pouco de observação, sentir-nos-emos capazes de planejar os trabalhos árduos e construtivos, que requerem energia e confiança, para os períodos de moral elevado. No momento mais baixo do ciclo, nossos poderes de observação e de coordenação, e nossa memória, parecem menos aguçados; temos mais probabilidades de errar ou de ter acidentes. Assim, reservemos esse período para a rotina facil e até enfadonha.

Há certo perigo no fato de que, durante os períodos de moral abatido, as pequenas crises ou contratempos parecem indevidamente importantes.

Aconselha o dr. Hersey que devemos impedir que as complicações de somenos importância sejam aumentadas só porque estamos com o moral abatido.

Para o cimo do Evereste

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por Edwin Muller

CERTO verão, em Zermatt, encontrei um homem que andava à procura da montanha mais dificil de escalar, naquela parte dos Alpes. Não se tratava de uma excursão de férias dedicada aos prazeres do alpinismo, mas de uma missão que lhe havia sido confiada, em Londres, por um grupo de homens.

Quando lhe fui apresentado, acabava, justamente, de realizar sozinho a ascensão a um dos mais altos cimos da cordilheira, que erguia seus dentes aguçados, três mil metros acima do vale. Eu galgara a mesma montanha, alguns dias antes, com um guia de primeira ordem. A experiência nos custara nove horas de trabalho intenso e empolgante, primeiro na subida, ao longo de um caminho íngreme, coberto de gelo, onde tivemos que cavar degraus, e, a seguir, por um rochedo cuja espessura era, pouco mais ou menos, a da lâmina de uma faca, com um abismo de seiscentos metros de cada lado. Ainda não recuperara de todo as forças, tal o esforço que me custara.

Mas esse rapaz, a que me refiro, voltara antes do almoço, com um ar perfeitamente sereno, e sem sinais de fadiga. Alem disso, julgara a manhã perdida, ao que parece: a ascensão fora facil demais para satisfazê-lo...

Se não me houvessem dito de quem se tratava, teria duvidado um pouco de tudo aquilo. Era um jovem de aparência fragil, dando a impressão de que nunca se dedicara a quaisquer esportes violentos. Mas eu já ouvira falar em Smythe, que era, provavelmente, o maior alpinista do mundo inteiro, naquela ocasião. Chefiou o grupo que subiu ao mais alto cume jamais galgado—o do monte Kamet, de sete mil e seiscentos metros de altura, e foi um dos quatro que atingiram o mais alto ponto da superfície da terra jamais alcançado pelo homem—lugar cheio de perigos e ameaças, 300 metros abaixo do píncaro do Evereste.

Foi justamente a questão do Evereste que o levou a Zermatt. Os tais homens de Londres, que formavam um comitê misto da Real Sociedade de Geografia e do Clube Alpino, estavam projetando outra tentativa de ascensão à mais alta montanha do mundo. Smythe tinha por tarefa examinar e escolher os candidatos a essa experiência. Para tanto, devia levá-los a galgar as montanhas mais dificeis que pudesse encontrar, observando como manejavam seus machados de cortar gelo, se tinham ou não o equilíbrio delicado e exato, necessário à ascensão de rochedos abruptos, e em que estado ficavam depois de 18 horas de tal atividade, que esgota os músculos, os nervos e o coração.

Enquanto Smythe se achava na Suiça, outro grupo de candidatos examinava os flancos inferiores do Evereste, a quase dez mil quilômetros dalí. Eram chefiados por Eric Shipton, fazendeiro de Quênia que, tendo embora vinte e poucos anos apenas, galgou as mais altas montanhas de três continentes.

A uns setecentos quilômetros do Evereste, há outro centro vital da expedição.

Em Calcutá, um meteorologista ocupa-se em lançar no espaço uma série infindavel de pequenos balões, a uma altura de nove mil metros, em direção à estratosfera. Estes balões, ao descerem, registram a evolução da monção—tempestade que, todos os anos, varre a baía de Bengala e faz com que enormes massas despenquem dos flancos do Evereste, o que torna a ascensão impossivel. É sempre uma corrida para chegar ao cimo no espaço de poucas semanas, entre os primeiros sinais da primavera e a chegada da monção.

As atividades do comitê já haviam atingido dezenas de aldeias pousadas à margem das neves eternas, a um mês de viagem da vida civilizada da Índia. Lá é que se recrutam os carregadores (os «tigres», como os chamam), que se encarregam de levar os fardos e ajudar os alpinistas a instalarem a série de acampamentos necessários para as etapas de repouso, no curso da ascensão.

O terreno de atividades mais intensas e variadas vinha sendo, porem, a Inglaterra. Em Londres, há quem tenha tido ocasião de ver um grupo de jovens de expressão decidida, e, ao mesmo tempo, um tanto ansiosa, executando toda sorte de movimentos, grotescos mas firmes e decididos, diante de um grupo de examinadores, igualmente ansiosos. Equilibravam-se durante alguns minutos sobre um só pé, conservando os olhos fechados. Rodavam a toda a velocidade em cadeiras de roda impulsionadas com toda a força; eram lançados uns contra os outros e espancados. Cada membro do grupo de alpinistas tinha que ser submetido a todos os testes por que passam os pilotos da Real Força Aérea, e mais os exames que os médicos pudessem sugerir para os extraordinários esforços e a formidavel resistência que o Evereste exige de todas as fibras do corpo humano.

A seguir, há os empacotadores, que encaixotaram e rotularam as vinte e tantas toneladas de suprimentos a serem transportados pelo sul do Tibete até a base do Evereste. Nada podia ser feito por meio de cálculos vagos. Smythe e Shipton estão, digamos, no Campo 7, a uns 8 mil metros de altura, tão distantes do mundo humano quanto se estivessem prestes a chegar ao Polo Sul. Acabaram de fazer uma pausa, afim de partirem rumo ao cume. No fardo que um dos carregadores lhes trouxer, precisam encontrar uma quantidade exata de combustivel, de açucar, etc. Do contrário, não poderiam partir, e talvez, até, nem pudessem descer de volta.

A cooperação—o trabalho de equipe—é a base essencial de toda a expedição. Ao realizar-se a ascensão do Evereste, só uns dois homens podem atingir o cume. Cada qual dos alpinistas escolhidos sabe, de antemão, que há poucas probabilidades de vir a ser designado para tentar, sequer, a escalada ao pico. Está já ciente de que o mais provavel é suceder o seguinte: fará o máximo possivel—tudo o que seu corpo puder suportar—afastando-se, então, para que algum outro possa seguir avante. Tudo isto começou há noventa e quatro anos.

A grande inspeção trigonométrica da Índia vinha triangulando, de pontos distantes, os cimos do Himalaia Oriental. Um dos medidores foi ter correndo ao encontro do chefe de seu departamento: «Doutor,» exclamou, «acabo de descobrir a montanha mais alta do mundo!»

E era verdade. Os cálculos revelaram, então, que tinha 8.840 metros de altura ao que novos cálculos, mais tarde, acrescentaram 42 metros. A montanha foi chamada Evereste, nome de um chefe da organização de trigonometria. Muito depois, vieram a descobrir o nome india-

no—Chomolungma—que é o da Deusa Mãe das Montanhas.

Evereste fica à margem das Terras Proibidas do Tibete, e só em 1920 permitiu o Grande Lama que se realizassem expedições. Um dia, entregou a um agente político britânico um curioso passaporte: «Válido para o oeste dos Cinco Grandes Tesouros de Neve, sob a jurisdição do Forte de Vidro Branco, perto do Monastério Interior do Vale Rochoso —o País dos Pássaros do Sul.»

Instantaneamente, houve grande atividade em Londres e, na primavera seguinte, pôs-se a caminho uma expedição.

Não disponho do espaço necessário para narrar toda a história daquele ataque ao Evereste, e dos dois que se lhe seguiram, em 1922 e 1924. Os que neles tomaram parte eram o que havia de melhor entre os alpinistas britânicos. O general Bruce, soldado destemido e rude; Norton, homem de uma força e de uma resistência formidaveis; Somervell, Finch, Odell, Morshead e outros. Entre os alpinistas, os «homens do Evereste» se tornaram lendários, como os heróis que se lançaram contra Tróia.

Um deles, especialmente digno de nota, era um jovem preceptor inglês, de nome George Leigh Malory. Era um homem silencioso e tranquilo, capaz de entusiasmos profundos, mas incapaz de traduzí-los em palavras; deixara-se empolgar, de corpo e alma, pela aventura do Evereste. Seja lá qual for o nome de quem vier a atingir-lhe o cimo, o de Mallory ficará sempre mais profundamente identificado com o da montanha. Seu corpo jaz, agora, num dos flancos do Evereste, talvez, quem sabe, no próprio cume.

Ninguem sabia, então, que terrivel adversário o Evereste provaria ser. Primeiro, era o frio. Mesmo à base daquela formidavel massa de gelo, o termômetro descia a 30° C abaixo de zero, durante a noite. A vida, alí, é a dura rotina do Ártico—levantar-se pela manhã e, com doloroso esforço, procurar meter os pés nas botas geladas. Depois, o lento e longo processo de converter neve e gelo em bebidas quentes, o que é extremamente dificil numa altitude em que a água ferve quando está apenas tépida. E, a seguir, ao trabalho!

Depois, vinha o vento. Os alpinistas nunca haviam visto algo de comparavel ao vento noroeste do Evereste. Lançava a neve através das paredes das barracas, e das roupas. Derrubava os carregadores com seus fardos. Ao soprar sobre a cordilheira, tornava a ascensão impossivel, e quem tentasse fazê-lo seria arrancado do flanco da montanha e atirado, de uma altura de três mil metros, pela Muralha do Norte abaixo.

Arma ainda mais poderosa—por isso que constante e permanente—era a altitude. No acampamento da base da montanha, os alpinistas já se achavam a uma altitude em que a maioria das pessoas têm dificuldade em respirar. A 7.500 metros de altura, sentiam-se exhaustos, depois de alguns passos, e precisavam sentar-se para retomar a respiração. Os nervos reagiam de modo estranho, provocando uma depressão morna e invencivel. Em certos casos, uma espécie de laringite impossibilitava-os de falar.

A seguir, quando seus invasores já se achavam enfraquecidos pelo frio, pelo vento e pela altitude, o Evereste lhes opunha uma última defesa—as dificuldades da ascensão aos seus mais altos cimos. Era um obstáculo inesperado. Mallory julgara que a subida final seria apenas uma questão de paciência laboriosa. Enganara-se totalmente, porem. Quem atingir o cume do Evereste, terá terminado a ascensão com um trecho final de subida que, pelas suas dificuldades técnicas, é comparavel às mais duras ascensões dos Alpes.

Mallory e seus companheiros voltaram a repetir a tentativa em 1922 e em 1924, sendo derrotados ambas as vezes. A experiência que lhes custou o maior número de vidas foi a de 1922. Mallory, Somervell, Crawford e 14 carregadores iam subindo, amarrados uns aos outros, quando uma avalanche se lançou sobre eles, soterrando-os completamente. Ao terminar, Mallory, Somervell e Crawford conseguiram voltar à superfície, depois de uma luta intensa. Mas sete dos carregadores, que se achavam atrás deles, haviam sido lançados num precipício.

Dois anos depois, outro alpinista, Odell, se achava num penhasco, num dos flancos do Evereste, a 7.600 metros de altura. Olhava ansiosamente para cima, procurando enxergar alguma coisa através da espessa neblina que cobria o alto da montanha. Mallory e Andrew Irvine lá se achavam, nalgum ponto, tentando desesperadamente atingir o cimo. Enquanto Odell perscrutava a neblina, esta se tornou mais tênue, e acabou por desfazer-se. Uma parte da crista da montanha, logo abaixo do cimo, ficou exposta, e ele viu, primeiro, um pequeno espaço plano, coberto de neve. Um vulto que, de longe, era como um ponto negro, começara a atravessá-lo. Depois, surgiu outro. Ambos desapareceram, avançando em direção ao cimo, e a neblina voltou a envolvê-los. Foi a última vez que Mallory e Irvine foram vistos.

Só nove anos depois, foram encontrados seus vestígios. Durante esse período, o Evereste permanecera em paz.

Ao ser organizada a quarta expedição, em 1933, seus antigos conquistadores já se achavam fora da cena. Mallory e Irvine tinham morrido, e os outros estavam velhos demais para aquilo. O grupo incluia Smythe, Shipton e Wyn Harris.

Seguiram os mesmos caminhos que seus antecessores haviam trilhado. A partir da base, três acampamentos sucessivos foram instalados ao longo da geleira oriental de Ronbuque, formidavel mar de gelo, cujas ondas se erguem a 30 metros de altura. Encontraram um novo caminho, na chamada Garganta do Norte, onde a avalanche surpreendera os outros. Smythe, auxiliado por Shipton, atacou uma parte da muralha de gelo, tão íngreme que, em alguns pontos, chegava a inclinar-se para a frente. Foi quebrando o gelo e cavando pontos de apoio para os pés e as mãos, com o machado que levava numa destas, enquanto se agarrava, com a outra, àquelas fendas escorregadias. Conseguiram amarrar uma escada de cordas por onde os carregadores pudessem subir.

Em cima desta muralha, instalaram o acampamento nº 4, numa lâmina de gelo tão estreita que, após serem amarradas as barracas, dois passos, para um lado ou para o outro, representariam uma queda fatal. Acima dalí, não encontraram um só ponto suficientemente plano para que lhes fosse possivel armar uma barraca, sequer. Conseguiram, porem, subir mais adiante. O acampamento nº 5 foi instalado a 7.700 metros de altura, e o nº 6, a 8.200, em vertentes semelhantes às do teto íngreme de uma casa. Não era possivel manter continuamente essas bases mais altas. Às vezes tinham que descer aos acampamentos mais baixos, recuperando, depois, o terreno perdido.

Em certos pontos, escaparam por um triz. Uma vez, Wyn Harris escorregou por uma vertente de neve gelada que ia ter a um precipício profundo. Foi escorregando por alí abaixo, de costas, indo

cada vez mais depressa. Percebeu, por instinto, que só tinha uma possibilidade de salvar-se. Virou-se de bruços, segurou o cabo do machado, e foi mergulhando a lâmina no gelo, vagarosamente. Se o tivesse feito depressa, o machado lhe teria sido arrancado das mãos, e nada mais poderia salvá-lo. Achava-se à beira do precipício, quando aquele freio improvisado veio a detê-lo.

Harris e seu companheiro Wagers foram escolhidos para tentar a ascensão ao cume. Fizeram a primeira tentativa, esgotando as últimas reservas de resistência, e voltaram, de uma altura de 8.430 metros. Logo acima do acampamento nº 6, fizeram uma descoberta.

Viram um machado, sobre um penhasco. Só dois homens tinham passado por alí—Mallory e Irvine. Era, provavelmente, aquele, o ponto em que haviam caido. O acidente ter-se-ia porem verificado na subida ou na descida?

Pouco tempo restava à expedição. Smythe e Shipton fizeram um último esforço. Depois de muita luta, chegaram ao acampamento nº 6 e alí passaram a noite e o dia seguinte, nos sacos que lhes serviam de cama, enquanto o vento soprava com toda a violência.

Ao seguirem caminho, Shipton não se sentiu bem e, na crista da primeira vertente, teve que desistir, voltando, sozinho, ao acampamento. Smythe continuou a caminho do Grande Corredor, a 8.430 metros de altura, onde Harris sofrera o acidente. Era uma ladeira de gelo íngreme, sem qualquer ponto de apoio, coberta por um leve pó de neve.

Smythe foi subindo, a equilibrar-se como pôde, confiando apenas no atrito dos pregos que cobriam as solas de suas botas. Se os pregos escorregassem, o abismo do Rombuque lá se achava, 3 mil metros abaixo.

Atravessando o Corredor, começou a galgar os penhascos abruptos, rumo ao cume. Precisava mergulhar as mãos na neve, em busca da superfície áspera do rochedo, seu único ponto de apoio. Em uma hora de ascensão, cobriu um percurso de quinze metros.

Parou e ergueu os olhos para o cone do cume, coberto de neve. Lá estava, 300 metros acima, sereno e remoto, como se estivesse flutuando no céu. Não havia outra coisa a fazer senão regressar. O Evereste ganhara novamente a batalha.

Algum dia, um ou dois homens lá estarão, novamente, nas vertentes do Grande Corredor, com os precipícios a se abrirem sob seus pés. Terão ainda, àquela altura, depois de tanto esforço sobrehumano, a resistência necessária para galgar os últimos 300 metros do cone imaculado?

E porque farão tudo isso? Não se trata de servir a ciência. Nem tentam, sequer, iludir-se a tal respeito. Querem galgar o Evereste, segundo eles próprios confessam, porque os verdadeiros alpinistas nunca se podem sentir completamente felizes, enquanto o mais alto do todos os cumes não tiver sido atingido.

E talvez haja nisto uma lição para o resto do mundo, um exemplo de como os homens podem aprender a trabalhar juntos. É realmente uma grande lição a destes jovens, cujo espírito de cooperação é tal que, depois de se esforçarem até aos últimos limites de sua resistência física—se afastam um pouco, para abrir caminho a outro, afim de que este alcance o cume.

¶ Exercício violento é como banho frio: achamos que nos faz bem porque nos sentimos melhor quando acabamos... —Robert Quillen

As crianças se instruem e se divertem, recebendo uma educação adequada, e saem da escola preparadas para a vida

É esta a escola de amanhã?

(Condensado de «Better Homes and Gardens»)

Por Gladys Denny Shultz

Certo garoto americano, chamado Hal Owens, bem típico deste século, era capaz de fazer um calhambeque andar tão bem como um carro quase novo. Não havia menino mais contente, quando se tratava de um trabalho qualquer de mecânica aplicada: chegou a construir um rádio de ondas curtas, e armou um alto-falante, mediante o qual seu pai, sem arredar da sua cadeira de balanço, fazia calar o cachorro no quintal. Mas, na escola secundária, a coisa era outra. Os testes indicavam que era bastante inteligente para aprender gramática, física e latim, se não esperdiçasse o seu tempo com automoveis, rádios e instalações elétricas. Mas estava tão enfarado da escola que constantemente pedia aos pais para abandonar os estudos.

Como último recurso, foi enviado a um novo tipo de escola secundária, de «educação compreensiva», então recem-inaugurada, escola essa em que se combinavam os estudos técnicos e culturais de maneira diferente da usualmente adotada nas escolas secundárias comuns. Com Hal, foram tambem dois colegas seus: Alex, que se considerava pouco inteligente para aprender matemática, e Steve, que, com um complexo de inferioridade adquirido em consequência de um crescimento demasiado rápido para a sua idade, não se sentia ambientado em sua classe.

Hal, Steve e Alex passaram os três primeiros meses na nova escola na «Sala de Orientação», que consistia em uma vasta oficina, equipada com o propósito de despertar os interesses mais diversos; e aí se enfronharam na carpintaria, na metalurgia, na eletricidade e no funcionamento de motores de avião.

Para Hal, que tinha um pendor natural para as coisas de mecânica, a nova escola foi um grande estimulante, e as suas notas em gramática e em física tornaram-se excelentes. Alex não somente adquiriu grande amor pelo desenho, como se mostrou capaz de aprender matemática, de que necessitava, para se fazer engenheiro. Quanto a Steve, seu desenvolvimento físico foi-lhe de grande vantagem na oficina de mecânica, e, deixando de se impressionar com a própria estatura, começou a se aplicar aos estudos. Atualmente, os três rapazes, tendo encontrado a ajuda necessária para se tornarem bons estudantes, por meio de tarefas manuais e mentais, estão a caminho dos cursos superiores.

Existem inúmeras escolas de «educação compreensiva», nos Estados Unidos. Não nos devemos enganar pelo fato de que essas escolas são chamadas «técnicas»—porque aí se preparam diretamente os estudantes, de ambos os sexos, para carreiras comerciais ou profissionais, e os alunos que nelas se diplomam tambem estão perfeitamente aptos para entrar nas Universidades, como os estudantes de qualquer escola secundária.

A educação compreensiva é um tipo de aprendizagem prática que geralmente interessa a todos os adolescentes. A habilidade manual, que não se leva em conta nas escolas secundárias convencionais, serve muitas vezes para eliminar dificuldades de conduta dos alunos, ao ponto de orientar-lhes as futuras vocações.

«Recebemos com prazer os chamados casos dificeis,» diz o diretor de um desses estabelecimentos, «porque sabemos que não são tão dificeis como parecem; são apenas casos específicos, que provam o valor de uma educação realista.»

Numa de tais escolas, o sistema da educação compreensiva começou em 1912, quando um antigo arsenal foi transformado em ginásio com o fim de satisfazer aos interesses vocacionais particulares de estudantes de ambos os sexos. Tendo, à época da inauguração, menos de 200 alunos, a escola em apreço conta atualmente 5.400 jovens matriculados.

Já podemos ver hoje, em pleno período de transição, a escola do futuro—em que se faz o ensino da teoria por meio da prática. Não se julgue, porem, que tal aprendizagem produz unicamente artífices e mecânicos. Em tempo de paz, 18 por cento dos alunos matriculam-se em Universidades. (A média, nas outras escolas norte-americanas, é de 15%.)

Este estabelecimento a que acabamos de fazer referência acha-se instalado em vasto terreno, sendo dotado de espaçosos prédios, e seus alunos—rapazes de 16 e 17 anos—se aplicam às atividades mais diversas: constroem anualmente uma casa inteira, com instalações de luz e água, fazem cursos de eletrônica, montam motores de aeroplanos, aprendem o ofício de sapateiro, e, ao mesmo tempo, tomam parte em concursos literários, estudam línguas, música, pintura, escultura e cerâmica. Os alunos das classes mais adiantadas fazem trabalhos profissionais remunerados, como consertos de rádio e automoveis, reparo de mobílias, tarefas de costura e de lavoura. O dinheiro obtido com esses trabalhos é empregado para pagar os materiais usados pela escola. Pode-se conseguir, na oficina da escola, um trabalho de pintura de automovel que nos custaria, em qualquer outro lugar, pelo menos cinco vezes mais, porem os profissionais das garages não se importam com tal concorrência, porque a escola lhes fornece excelentes trabalhadores, com alto treino técnico. Essas classes adiantadas são dirigidas por especialistas de grande experiência e conhecimento nas suas respectivas profissões.

Alí os alunos aprendem quase todas as matérias de utilidade prática—a arte de pentear, o desenho de figurinos, ou a técnica da fotografia—desde que haja alunos em número suficiente para formar uma classe, e a escola não somente fornece um professor especializado, bem como dá diploma em cada matéria.

Das aulas de música popular da escola (que tambem tem cursos de harmonia e contraponto), têm saido muitos músicos para as orquestras de dansa do país. O curso de cozinha dos rapazes tem produzido inúmeros cozinheiros-chefes, notaveis em sua profissão. E não há uma fábrica de produtos químicos na região que não tenha um especialista em análise qualitativa e quantitativa, diplomado em um curso desse gênero criado pela escola.

Será dificil encontrar um jovem que não se sinta atraido por nenhuma das 142 classes diferentes de ensino profissional, ou das 119 de cursos acadêmicos, para escolher uma carreira de seu gosto. A própria escola usa um sistema de registros escolares, de provas individuais e de observação dos alunos, para ajudá-los na escolha das profissões para as quais têm mais vocação, dando-lhes conselhos e orientação.

O ensino, em geral, é feito no sentido de se relacionar de qualquer maneira com a vida cotidiana. Nas aulas de línguas, lêem-se as obras clássicas, raizes da literatura contemporânea. Na classe de latim, a campanha da Itália serviu de «centro de interesse» para se recordar o tempo dos Césares. O latim, aliás, continua a ser ensinado com destaque, apesar das tendências sumamente práticas do sistema de educação adotado.

Em consequência dessa orientação pedagógica realista, o estudo é realizado com alto grau de concentração. Se os alunos de uma classe se tornam desinteressados, faz-se um estudo analítico do programa do curso, com o fim de ser modificado, de modo que a matéria ensinada se relacione mais com os interesses e com a vida dos estudantes.

Centenas de estudantes da escola trabalham nas indústrias locais, ao mesmo tempo que frequentam os cursos da escola; e, quando se formam, já estão encaminhados em sua carreira profissional. As organizações industriais da cidade custeiam o estudo universitário dos estudantes mais destacados.

A colocação dos estudantes nas indústrias é feita atualmente por um dos antigos diretores de departamento da escola que se põe em contacto com as entidades industriais e com os sindicatos operários, que sempre cooperam com entusiasmo.

Constitue assim essa escola um excelente exemplo do que se pode conseguir em matéria de ensino, quando os educadores têm em vista os interesses dos alunos, em vez dos programas pre-estabelecidos. Os cursos profissionais do estabelecimento são subvencionados pelo governo federal, sendo que o resto das despesas se acha a cargo da municipalidade. Qualquer dinheiro aplicado a essa escola é certamente bem empregado: não somente permite a formação de excelentes trabalhadores especializados, como tambem torna o estudo atraente e agradavel para muitos jovens, tanto rapazes como moças.

¶ Um sujeito, num soleníssimo pileque, saiu do seu clube à meia noite, justamente depois de ter caido uma boa chuvarada. Ia começando a atravessar a rua, mas parou, fascinado pela imagem da lua que se refletia, em toda a sua brancura, numa poça d'água. Completamente esquecido do tráfego, ficou extasiado, mal seguro das pernas, olhando a imagem da lua, quando um polícia, vendo o perigo que o bêbedo corria, se aproximou incontinenti:

—Vamos embora, disse ele, —é melhor ir para a casa e meter-se na cama!

O tipo ergueu, por um momento, os olhos da poça de água, mas voltou logo à sua contemplação lunática:

—Isso aí, seu guarda, isso aí exige uma investigação... murmurou, embrulhando a língua. —Está vendo aquilo?

—Naturalmente! respondeu o polícia. —É a lua.

—A lua? exclamou o borracho, apontando trêmulo e violentamente para a poça. —Se isso aí é a lua, que é que eu estou fazendo aquí em cima?

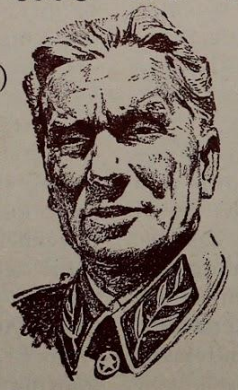
—Perkins Oursler

TITO:

um retrato do natural

A influência russa se dirige para o oeste, na pessoa do astuto e dinâmico ex-agente comunista, que governa a Iugoslávia

(Condensado do «Harper's»)



Por Temple H. Fielding

JÁ SE escreveu muita coisa tola e absurda sobre Tito. Grande parte tem sido exagerada por alguns jornais extremistas, que, astutamente, exploram o atrativo romântico da lenda em torno ao guerrilheiro que, com calças esfarrapadas e punhal entre os dentes, se precipitou das montanhas para salvar a Iugoslávia. A maior parte do que se diz é de uma falsidade absoluta.

Três coisas sobressaem claramente: o homem, a vida e o programa.

Josip Broz-Tito é Marechal da Iugoslávia, Comandante Supremo do Exército Nacional de Libertação, e Secretário Geral do Partido Comunista. É o homem mais dinâmico dos Balcãs. Possue, como o falecido Presidente Roosevelt, uma simpatia pessoal irresistivel. Sorrí, conta uma anedota qualquer, aperta a mão—e o que é preto torna-se branco, no espírito do observador. Passei vários meses em seu quartel general, atrás das linhas inimigas. Observei-o conversando com dignitários ingleses, russos e americanos, que o visitavam. Nunca vi esse magnetismo falhar.

Quando fomos para as montanhas, esperávamos encontrar um bucaneiro, um guerrilheiro fanfarrão; em vez disso, demos com um tipo de professor, com óculos e tudo. É um homem atarracado e musculoso, de 53 anos, voz macia e boas maneiras. Seus olhos, de um azul claro, brilham cheios de curiosidade. Anéis de cabelo grisalho caem-lhe em desalinho sobre as orelhas, de tal modo que ele parece estar sempre precisando cortar o cabelo.

A maioria de seus retratos, espalhados pela propaganda, mostram o austero e carrancudo homem de estado. Na verdade, ele ri mais do que franze as sobrancelhas; sua simpatia se manifesta clara e espontaneamente. Gosta muito de zombar e o seu espírito é tão pouco delicado quanto um navio de guerra. Uma vez, num almoço de cerimônia, minha cadeira se quebrou e eu caí no chão. Tito se torceu de riso.

Está longe de ser um asceta. Come como um lobo e gosta muito das bebidas; à noite ou de dia, consegue ingerir quantidades enormes de «rakija», aguardente nacional quase pura, sem nada sentir. Frequentemente, seu brinde é «Dva!» («Dois»), não deixando escolha aos companheiros quanto ao número de goles para terminar o copo. Recebe visitas com prodigalidade e discernimento. Mesmo na rude caverna das montanhas, sua mesa faria inveja a uma anfitriã elegante, com bonita porcelana de monograma—«requisitada», naturalmente.

Suas fardas são limpas e despretensiosas. No lado esquerdo, brilha uma condecoração do Partido, que ele concedeu a si próprio; no lado direito, está a estrela de prata da ordem soviética de Suvorov.

Acha-se sempre cercado de guarda-costas, e Olga é sua companheira constante. Os guardas são lugares-tenentes carrancudos, pertencentes ao Partido, e que parecem os vilãos de uma fita ordinária de bandidos. Olga Ninchitch Humo é sua intérprete, no mínimo... Lânguida, distante, com visivel desprezo por ingleses e americanos, só traduz o que acha que Tito deve ouvir. A segunda mulher de Tito, de nome Herta, camponesa eslovênia, não vive no seu quartel-general.

Tito tem o capricho de fingir que desconhece o idioma inglês. É capaz de jogar qualquer jogo dificil, numa das outras quatro ou cinco línguas, que conhece melhor. Mas compreende o inglês muito melhor do que deixa transparecer. Uma vez, depois do terceiro copo de «rakija», um major americano assim me falou: «Outra rodada dessa gasolina de avião, e eu sou obrigado a fazer uma aterragem forçada!» Tito, que evidentemente entendeu a observação, riu a bandeiras despregadas.

Como orador, é horrivel. Sua voz de tenor é nasal, e a dição embrulhada. Mas seu tremendo dinamismo vence todas as dificuldades e os auditórios reagem quase com histeria.

Tito é incrivelmente reservado acerca de si próprio e de suas atividades anteriores à guerra. No entanto, o que ocorreu parece ter sido o seguinte:

Josip Broz nasceu na Croácia, agora pertencente à Iugoslávia. Seu pai era ferreiro, sua mãe, camponesa; ambos, analfabetos. Em 1914, foi convocado para o exército austro-húngaro e, mais do que depressa, passou-se para os russos. Recusando-se a lutar pelo czar, foi mandado para um campo de concentração, na Sibéria. Quando os bolchevistas o libertaram, em 1917, Broz a eles se uniu. Durante três anos, foi treinado para o papel de revolucionário.

Tinha qualidades, e os russos compreenderam isso imediatamente. Entre 1920 e 1923, fizeram-no frequentar a escola super-secreta do oeste, em Moscou. Aí treinavam-se comissários estrangeiros para subverter e sabotar governos capitalistas. Voltou à Croácia com 28 anos, tendo-se tornado um comunista disciplinado e violento. Como chefe da União dos Operários das Indústrias Metalúrgicas, provocou um tumulto nas oficinas ferroviárias. Foi atirado na prisão de Belgrado, de onde saiu cinco anos depois, mais forte, mais desiludido e mais certo do que nunca que os inimigos do comunismo devem perecer. Tornou-se membro ativo do partido comunista clandestino. Seu nome ficou sendo então «Tito», equivalente serbo-croata do nome do imperador romano Titus.

Durante os 13 anos seguintes os fatos da sua vida são obscuros. Algumas fontes relatam que ele era membro graduado do Comintern, o mais alto representante de Stáline nos Balcãs. Isso foi desmentido. Para os observadores atentos, esse desmentido é significativo. O serviço secreto militar dos Sovietes, agência independente, é tão secreto que nem sequer o

O Major Temple H. Fielding, recentemente reformado do Exército Americano, passou vários meses na Iugoslávia, com a Missão Militar Independente dos Estados Unidos, e teve oportunidade de conhecer bem o Marechal Tito.

Comintern conhecia suas atividades. O que não oferece dúvida é que Broz era um importante agente comunista; que ele não era conhecido em círculos ortodoxos; e que era espião da Rússia Soviética. Ele próprio confessa que fez «certas viagens secretas» à U.R.S.S., durante o período de 1929 a 1939.

Hitler atacou a Iugoslávia a 6 de abril de 1941. Centenas de grupos de resistência pegaram em armas para expulsar o invasor. Broz e os comunistas não desfecharam um tiro. Dois meses depois, no mesmo dia em que a Alemanha atacou a Rússia, os seus partidários começaram a lutar. Tito explica esse atraso como sendo de conveniência tática; por coincidência, diz ele, «não estava devidamente preparado» até àquele momento.

Entre as fações iugoslavas, estavam os Chetniques de Mihailovitch, os Ustachi, grupo de terroristas, sustentados por Mussolini; e o governo colaboracionista do General Neditch. Tito lançou-se a fundo, com todas as armas na luta pelo poder.

Disfarçados de viajantes, padres, camponeses e donas de casa, seus agentes fizeram propaganda por todo o país. Usavam cartazes, motos e apelos de propaganda eficiente e verdadeira. «Não somos comunistas,» gritavam, «somos patriotas combatentes!» Milhares de pequenos comerciantes e fazendeiros, e caixeiros de modesto salário, foram atraídos para as suas fileiras pela bandeira flamejante do nacionalismo e por lemas tais como «Liberdade para o povo!» Em outubro de 1941, os chefes organizaram, a título de esperiência, três «Repúblicas Soviéticas», na Sérvia, na Bósnia e no Montenegro. Mas a época não era propícia. A massa não queria fazendas coletivas, e os pequenos camponeses combateram as desapropriações.

Dentro de pouco tempo, Mihailovitch e Tito se engalfinharam, Tito acusando Mihailovitch de colaborar com os nazistas. Nunca pude apurar devidamente a acusação, com provas inequívocas.

Com o apoio da U.R.S.S., Tito se desenvolveu. Seus adeptos tinham todo o aspecto exterior dos soviéticos. Seus soldados cumprimentavam com o punho cerrado (isso foi abolido em dezembro de 1941, com a chegada da missão inglesa); havia comissários por toda parte, para «educação política»; a bandeira era a Estrela Vermelha, a denominação era «Drug» (Camarada); viam-se cartazes de Tito e Stáline. Surgiu a temivel OZNA, polícia secreta organizada nos moldes da NKVD e OGPU.

Os ingleses compreenderam claramente a delicadeza da situação. Era preciso evitar atrito com sua aliada, a Rússia. Em setembro de 1941, passaram seu apoio de Mihailovitch para Tito. Os Estados Unidos vieram a apoiá-lo nove meses depois. Em pouco tempo, as fardas rasgadas e remendadas foram substituidas por elegantes uniformes de campanha, em que se via escrito «Filadélfia». Conservas substituiram a carne de cavalo. Artilharia, radar, tanques, calçados e granadas norte-americanos foram enviados apressadamente para as frentes de batalha.

Os iugoslavos pensantes, da velha geração, olhavam Tito com certa reserva. Mas a mocidade colocou-se, em massa, sob a sua bandeira—inclusive as mulheres, que constituem cerca de 25 por cento do exército. Jovens e rudes camponesas lutam, comem e dormem com os homens. É notavel que não haja muita promiscuidade sexual; Tito espalhou o boato de que seriam fuziladas as mulheres surpreendidas em adultério.

Cerca de três quartas partes de seus adeptos têm menos de 25 anos. Conheci um comandante de brigada que não passava dos dezenove. A maioria dos tenentes-generais estavam na casa dos 30. Para os muito jovens, Tito formou uma organização semelhante aos grupos da juventude da União Soviética e à *Hitlerjugend;* logo que atingem a adolescência, passam às unidades regulares do exército. São os jovens que fazem do movimento uma campanha que se aproxima do fanatismo. Dia a dia, são alimentados com frases inspiradas, tais como «Liberdade!» e «Libertação do jugo fascista!» Respondem, cantando «Ti-to-Ti-to-Ti-to!» Raramente analisam as coisas e acreditam que estão lutando pela democracia, porque o marechal assim lhes diz.

A Frente Nacional de Libertação, chefiada por Tito, comprometeu-se claramente a observar o seguinte programa de quatro pontos. Examinemos cada um deles:

1. *Criação de uma Federação da Iugoslávia, onde todas as nacionalidades gozarão de direitos nacionais iguais.*

No Gabinete iugoslavo, Tito é Primeiro Ministro, Ministro da Guerra e Comandante-chefe. Vinte e um secretários de Estado são homens de Tito; quatro são dissidentes moderados.

A Iugoslávia foi dividida em seis estados «autônomos», responsaveis perante o Gabinete. Em cinco, os ministérios que controlam estão nas mãos de jovens comunistas; no sexto, na Sérvia, encontra-se a mais viva oposição a Tito. Os servos, que abrangem 51 por cento da população, alegam que nenhum de seus chefes anteriores à guerra faz parte da Frente de Libertação. Acusam Tito de executar milhares e de aprisionar dezenas de milhares. Citam nomes; queixam-se da supressão dos direitos mais elementares. Constituem o problema mais grave para Tito.

Este tem um terço da Iugoslávia firmemente com ele. É axiomático que uma minoria armada e dinâmica, no poder, se pode manter quase indefinidamente.

2. *Direitos e liberdades «verdadeiramente democráticos».*

Existem comissários e polícia secreta por toda parte. As pessoas encontradas em companhia suspeita são presas imediatamente; as críticas a Tito ou à U.R.S.S. são puniveis com pena de morte. Os tribunais foram reorganizados nos moldes soviéticos. Só em Belgrado, mais de cinco mil pessoas foram trazidas à sua presença.

Os militares americanos «politicamente simpatizantes» foram os únicos que tiveram licença de entrar na Iugoslávia. Era frequente o processo de investigação durar um mês. Dentro do país, os americanos estavam proibidos, sob pena de expulsão imediata, de se comunicarem com os civís. Não podiam tambem ir a uma distância de mais de cinco quilômetros da base, sem um passe especial e um salvo-conduto do Partido. Os americanos só podem ver uma parte da versão de democracia do Partido.

3. *Inviolabilidade da propriedade particular.*

Os homens de Tito gabam-se de nada terem confiscado no campo. Salientam que «todos os abastecimentos foram contribuições voluntárias». Os adeptos do Partido concordam. Os outros (dois terços da população) discordam. Vi casas, fábricas, lojas e objetos pessoais serem «requisitados». Tiram tudo daqueles que não apoiam o pensamento político da Frente de Libertação.

A alimentação é distribuida na mesma base. Quem é do partido, come; quem

não o é, morre de fome. Quando eu lá estava, civís iugoslavos caiam mortos de fome na rua, mas Tito recusava entrada a navios americanos de auxílio, ancorados na Itália, com as cargas apodrecendo. Reclamava ele controle da distribuição de suprimentos, o que foi recusado.

4. *Nenhuma modificação revolucionária na estrutura econômica e social.*

Em novembro de 1941, assistí, em Dubrovnique, a uma das primeiras eleições «livres», na Iugoslávia. Era realizada num cinema, apinhado de eleitores. Havia duas coisas erradas: (1) a assistência era escolhida a dedo; guardas, nas portas, barravam os indesejaveis; (2) o voto era dado levantando-se a mão, a polícia secreta observando com olhos experientes. Todos os candidatos de Tito venceram por unanimidade.

Esta é a chamada «ausência de modificações revolucionárias».

A Iugoslávia talvez seja o lugar de onde surgirá a guerra ou a paz futura. A oeste, estende-se uma longa costa, com um número de portos suficiente para abrigar as marinhas do mundo; a leste, jaz a Rússia Soviética, cercada; no meio, está Tito, o dinâmico e simpático ex-agente comunista.

Eugene Ormandy

¶ Era aquele o seu último niquel, e, abrigando-se num portal de uma casa naquele dia de inverno, o jovem violinista húngaro não sabia o que fazer com a sua derradeira moeda: gastá-la na viagem de trem subterrâneo para casa, ou tomar uma chícara de café. Decidiu-se pelo café, para se sentir mais bem disposto e continuar em sua busca de trabalho.

Tendo vindo aos Estados Unidos, com a promessa de turnês triunfantes, com sua reputação na Europa já feita, Eugene Ormandy vira-se abandonado num país estranho, com a bancarrota de seus empresários.

Sentou-se num restaurante barato para tomar o seu café, e logo outro freguês, sobraçando um rolo de músicas, veio sentar-se na mesma mesa. Começaram a conversar, falando de música.

—Há uma vaga na orquestra do Teatro Capitólio, disse-lhe o estranho,—mas não é lugar para um violinista de sua fama.

Fama?! Que importava a fama! Quinze minutos depois, o desesperado violinista húngaro estava tocando na referida orquestra.

—Aquele lugar de violinista, que poderia parecer humilhante para um artista de renome, foi, entretanto, a base de toda a minha carreira, diz o maestro Ormandy.

—Eu nunca tinha dirigido uma orquestra, e estava tocando no Capitólio havia pouco tempo, quando o regente ficou subitamente enfermo, e o diretor do teatro veio a mim. «O senhor é o único, aquí, que conhece toda a partitura,» disse ele. «Vai reger a orquestra hoje à noite.»

Sem nenhum ensaio, o jovem violinista regeu magnificamente. Dez anos mais tarde, com 38 anos de idade, Eugene Ormandy, já famoso como regente, passou a dirigir a Orquestra Sinfônica de Filadélfia, uma das mais célebres do mundo.

—*Inquirer* de Filadélfia

O que dá Beleza à mulher

Conhecido agente de manequins e modelos aconselha as leitoras a tirarem o máximo proveito de seus atrativos naturais

(Condensado do «American Magazine») *Por John Robert Powers*

Uma pessoa bonita, diria o dicionário, é aquela cuja aparência é um deleite para os sentidos. Está certo. Mas—sentidos de quem? Esse é um dos motivos por que a beleza feminina é tão dificil de se definir. A beleza depende de quem a contempla.

O ponto de vista das mulheres é mais agudo e mais técnico. Admiram o que é elegante e chique. Deixam-se impressionar por um penteado complicado. Examinam suas rivais, detalhe por detalhe, ao passo que os homens gostam, ou não gostam, da impressão geral que lhes dá esta ou aquela mulher. Os homens se deixam impressionar mais pela delicadeza, por um corpo de curvas graciosas, e um ar de extrema naturalidade.

Há dois tipos de mulher que lhes chamam a atenção, e que eles se voltam para olhar, na rua: uma, é a de beleza espetacular—a «visão»—, o produto final de uma arte consumada. Não podem deixar de admirá-la, mas não se sentiriam a gosto, com ela, na intimidade da vida doméstica. O outro tipo é o da mulher que tem graça natural, ar afavel, e parece ter as qualidades de uma ótima companheira, em todos os sentidos.

A harmonia dos traços é essencial à beleza, mas serve apenas como ponto de partida. Certas moças, que surgem na minha agência, deviam ser realmente lindas, a julgar por todos os padrões de medidas corretas. Mas fico louco por me ver livre delas. Andam como se estivessem a cavalo; sua voz é profundamente irritante e suas cabeças são inteiramente vazias...

Numa mulher realmente bela, há sempre como que uma luz interior. A beleza real vem de dentro. Isso poderá parecer um lugar comum, mas é a pura verdade. De outra maneira, como se explicaria o fato de que a maioria das mulheres parecem mais bonitas no dia em que se casam?

A meu ver, nenhuma mulher pode ser realmente bela, se não estiver vivendo uma vida completa, desenvolvendo harmoniosamente todas as suas capacidades e potencialidades, sentindo a mais absoluta confiança em si própria, e tendo atingido uma coordenação do corpo e do espírito que já nem lhe exija o menor esforço. Uma jovem pode ter lindos traços, antes dos 28 anos, mas, em regra geral, não viveu ainda bastante para que a expressão de seu rosto reflita sentimentos verdadeiramente profundos.

Tenho certa implicância com os técnicos de maquilhage do cinema. É que, a meu ver, tiram toda a naturalidade das moças, criando uma «personalidade cinematográfica», com atrativos que eles próprios inventam, como se, de pêssegos frescos, fizessem uma compota. Naturalmente prefiro pêssegos «ao natural». Há bele-

zas naturais em Hollywood, mas muitas delas se encontram entre as que não são estrelas da tela, e trabalham apenas como elemento decorativo a dar prestígio à cidade, garantindo-lhe o título de Meca das Belezas.

A maior parte dos modelos que conheço, são de grande naturalidade. É preciso que o sejam, pois, de outra maneira, não conseguiriam exercer efeito persuasivo sobre o público, quando são fotografadas, sorrindo de satisfação diante de um rádio, ou examinando um geladeira, afim de anunciarem o produto. Do mesmo modo, para que façam com que um vestidinho barato pareça de muito maior valor, precisam ter, de fato, uma personalidade irradiante.

Quanto aos modelos que posam para as revistas de modas, já não se trata da mesma coisa. As mulheres americanas deviam tratar de compreender isso, em vez de copiarem suas expressões artificiais. Nesse caso, para que o trabalho seja satisfatório, os modelos precisam fazer com que a expressão de seus rostos não reflita personalidade alguma. Procuram parecer entediadas. Mergulham o olhar no espaço. Contraem as bochechas, para que os traços pareçam tão angulares quanto possível. Os ângulos servem, sempre, para dar maior realce ao motivo central, e os manequins tomam esse aspecto, propositadamente, afim de que as mulheres vejam apenas o capote ou o riquíssimo vestido de noite que está sendo exposto. É uma atitude eficiente para quem está servindo de cabide, mas pode ser fatal, no que diz respeito à arte sutilíssima de atrair o sexo oposto.

A maior falta cometida, porem, pela maioria das mulheres, é a de copiarem o penteado e a pintura usados por outra, que julgam linda, sem cogitarem de saber se estes lhes vão bem, ou não. Uma jovem de tipo esportivo não deve, certamente, usar um penteado complicado, como muitas procuram fazer.

Não há nada de exclusivo na beleza. Acha-se ao alcance de quase todas as mulheres que não sejam de uma fealdade monstruosa. Quando uma moça possue uma personalidade atraente, não precisa ter traços perfeitos para ser bonita. Um ou dois traços de encanto são o bastante, se tudo mais for arranjado em torno deles.

A primeira coisa que uma mulher deve fazer é decidir sobre qual deve ser o seu tipo geral, e preparar-se de acordo com esse tipo: em que ambiente e em que tipo de toalete costuma sentir-se mais à vontade e mais confiante em si própria. Tais serão, provavelmente, o ambiente e o estilo que melhor lhe convêm, e não deve, de modo algum, procurar adotar quaisquer outros.

Certa jovem, minha conhecida, é considerada, agora, uma das mulheres mais lindas da América. Foi modelo e, atualmente, é uma das estrelas importantes de Hollywood. Pois essa mesma moça tem busto chato, ossatura pesada e pernas grossas. Ninguem nota, porem, quaisquer desses defeitos, pois ela soube apresentar-se de tal modo que as atenções se lhe concentram sobre o rosto, que é realmente lindo. Tudo o mais, conseguiu manter num segundo plano. Criou, desta maneira, uma ilusão de beleza na verdade incomparavel.

Eis aquí alguns traços que são comuns à maior parte das mulheres realmente belas: aspecto sadio; cabelos lustrosos; voz doce e modulada; modo de andar harmonioso e confiante; porte garboso; personalidade irradiante; curiosidade intelectual; integridade de carater; completa confiança em si própria, e sobretudo naturalidade.

A história das emissões radiofônicas de um oficial da armada dos Estados Unidos, que desempenharam um papel de relevo na capitulação dos japoneses

Dezoito palavras que venceram o Japão

(*Condensado do «Saturday Evening Post»*)

Por E. M. Zacharias, Capitão da Marinha de Guerra dos Estados Unidos

SEGUNDO confissão dos próprios japoneses, houve dezoito palavras nipônicas, pronunciadas no rádio por um americano, que contribuiram de modo vital—e talvez decisivo—para pôr termo às hostilidades. Em 21 de julho de 1945, durante uma das palestras semanais que costumava realizar ao microfone das emissoras da Repartição de Informações de Guerra do Governo Americano, na zona do Pacífico, afirmei o seguinte: «*Shokun ga gozonji no tori, Taiseiyo Seiyaku oyobi Cairo Fukoku wa Bei seisaku no kongen to natte orimasu.*» A tradução é esta: «Como sabeis, a Carta do Atlântico e a Declaração do Cairo são a origem da política seguida pelos Estados Unidos.»

Essas palavras continham a mensagem que o governo japonês aguardava com tanta ansiedade. Sabíamos em Washington, por informações positivas, saidas do próprio Japão, que um poderoso grupo de líderes japoneses discutia quase diariamente qual o meio mais apropriado para que o seu país pudesse abandonar uma guerra que todos consideravam já então como perdida. O que os impedia de pedir a paz era a sua incerteza sobre dois pontos fundamentais. Queriam saber, antes de tudo mais, qual o significado da expressão «rendição incondicional», e qual o destino que estaria reservado para o Japão, uma vez que este capitulasse. Em seguida, pretendiam obter a garantia de que o Imperador seria autorizado a continuar no trono. Tinham, porem, decidido apoiar o Primeiro Ministro Koiso, enquanto esses pontos não fossem esclarecidos.

Qual seria, então, o fator que convenceu os japoneses da derrota e que acabou por levá-los à rendição?

A idéia de descobrir um processo, que permitisse pôr termo à guerra no Pacífico sem necessidade de invadir as ilhas japonesas, tinha começado a preocuparme desde o ataque a Pearl Harbor. Em 1942, como Sub-diretor do Serviço de Informações da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, criei uma repartição especial do Ministério da Marinha, destinada a estudar os métodos de guerra psicológica suscetiveis de conduzir os japoneses à rendição.

É fato que a guerra psicológica não vence campanhas, mas ninguem pode negar que ela acelerou a *rendição* dos japoneses, após a *derrota* destes.

A invasão das Filipinas, em outubro de 1944, fixou a data para o início da nossa campanha, e os vários grupos indepen-

dentes começaram a trabalhar nos planos para intensificar a guerra política, em conjunção com a ofensiva militar e naval. Não havia, porem, coordenação de esforços e muitas pessoas nos Estados Unidos afirmavam que o Japão nunca se renderia. Uma declaração oficial previu que a derrota do Japão exigiria um mínimo de 18 meses após a vitória na Europa.

Semelhantes previsões baseavam-se, evidentemente, na situação militar, mas a minha longa convivência com os japoneses tinha-me convencido de que os fatores psicológicos dominariam tudo mais. Não me havia esquecido da data de 1 de setembro de 1923, em que assistí ao grande terremoto japonês e em que pude estudar, pela primeira vez, a verdadeira mentalidade dos japoneses e a sua inércia psíquica quando confrontados por uma catástrofe. O ministério tinha-se demitido 48 horas antes. Não havia governo, nem autoridades que tomassem decisões ou dessem ordens, sem as quais ninguem se move no Japão. E foi essa paralisia, imobilizando os japoneses durante dez dias, que me revelou qual seria a sua atitude perante um grande desastre militar.

Após a captura das ilhas de Saipã e de Ivo, as informações que recebíamos do Japão indicavam a queda iminente do ministério do General Koiso e a sua substituição por um Primeiro Ministro mais ligado ao Imperador. Tais informações vieram a confirmar-se em abril de 1945, com a nomeação do Almirante Suzuki para o cargo de chefe do governo.

Nos últimos dez anos Suzuki tinha-se oposto sistematicamente aos planos dos militaristas e havia-se convertido numa das pessoas mais influentes junto do Imperador. Era visivel que o partido da paz começava a ganhar força e procurava, a todo custo, angariar apoio.

Como estávamos prevenidos, dispúnhamos de um plano concreto, próprio para orientar Suzuki e fornecer-lhe argumentos. Meus auxiliares na campanha eram seis oficiais da armada americana, cada um dos quais perito em um ramo determinado. Um era psicólogo; outro sociólogo; o terceiro era economista e historiador militar; o quarto era um linguista eminente; o quinto um estudioso da guerra psicológica; e o sexto, finalmente, um jornalista.

Nossa missão era a de amortecer a vontade do alto comando japonês e obter a capitulação incondicional, em vez da aniquilação completa, explicando, ao mesmo tempo, que devia entender-se por tal forma de capitulação. O programa girava em volta de uma série de emissões de rádio, durante as quais eu me dirigiria ao governo japonês e ao alto comando. Levamos a cabo a nossa missão básica com somente 14 dessas emissões, em pouco mais de três meses.

Falei pela primeira vez aos japoneses em 8 de maio de 1945, no dia da vitória na Europa, e minha conversa teve como base a definição quase lacônica de capitulação sem condições, dada pelo Presidente Truman. Dirigí-me aos líderes e intelectuais do Japão e recordei a certo número de altos funcionários, entre os quais o próprio Primeiro Ministro Suzuki, as relações amistosas que tivéramos em tempo de paz. Mencionei o Príncipe e a Princesa Takamatsu e disse que fora seu ajudante na visita que fizeram aos Estados Unidos em 1931.

Vinte e quatro horas depois, dispúnhamos de várias indicações que nos permitiam concluir que a emissão havia sido recebida pelos japoneses. Uma notícia sensacional, dada pelos jornais de Tóquio, informava que o Príncipe Takamatsu havia sido nomeado para visitar o templo

Antes da capitulação do Japão, alguem pediu a um grupo de japoneses, prisioneiros em Oquinava, que escutasse uns discos de fonógrafo gravados na sua língua. No fim da audição perguntaram-lhes: «Sabem de quem era aquela voz?» Quase todos afirmaram: «Só pode ter sido um japonês culto.»

A voz era realmente a do Capitão Ellis Zacharias, até há pouco um dos mais distintos comandantes de cruzadores e couraçados da armada americana; homem alto, com voz suave, e cujos 55 anos não parecem exceder 40.

Há muitos anos, quando servia como guarda-marinha a bordo do couraçado *Virginia*, Zacharias foi apresentado a F. F. Rogers, o primeiro oficial que a marinha americana tinha enviado ao Japão para aprender a língua do país. Rogers interessou Zacharias em tudo quanto dizia respeito aos japoneses.

Após a primeira guerra mundial, servindo como funcionário da embaixada americana em Tóquio, Zacharias aperfeiçoou os seus conhecimentos da língua e travou relações com muitos oficiais japoneses. Isso lhe permitiu afirmar na sua primeira emissão: «Escolheram-me para vos interpretar os acontecimentos presentes, porque fui, durante 20 anos, um amigo sincero do povo japonês. O Almirante Yonai recorda-se certamente de nossas numerosas palestras; o Almirante Nomura não deve ter esquecido as nossas discussões francas, a que assistia o Almirante Nagano; e os Generais Matsumoto, Washizu, Teramoto e Hirota hão-de lembrar-se de meus conselhos frequentes.»

Depois de ter ouvido as radioemissões de Zacharias, um oficial japonês, prisioneiro em Oquinava, afirmou: «Taisa Zachariasu parece a voz da nossa conciência.»

—Bill Davidson, no «Collier's»

sagrado dos antecessores imperiais, como representante especial do Imperador. O reaparecimento do irmão mais novo do Imperador na cena política e a sua saida brusca do olvido, eram o processo que os japoneses tinham usado para revelar que a minha mensagem havia sido compreendida. Mais tarde, outros telegramas, da China e da Manchúria, continham referências veladas às minhas emissões e procuravam esclarecimentos ou tentavam desacreditar-me.

No décimo-nono dia da campanha recebemos a primeira resposta direta de Tóquio, sob a forma de uma réplica à minha quarta emissão, na qual havia discutido a personalidade de certos líderes sobre quem recaía a culpa de terem conduzido o Japão à beira do abismo. Indiquei nomes, e acrescentei: «O povo japonês pode avaliar agora plenamente o tipo de liderança política que manobrou o Japão e que conseguiu levá-lo até à desastrosa aliança com a Alemanha.»

A réplica foi dada pelo dr. Isamu Inouye, Sub-Chefe da Seção de Informações do Ministério do Interior, que afirmou conhecer-me pessoalmente e que decidiu discutir comigo, através do espaço, a fórmula da capitulação incondicional. Quando recebí o texto completo da habil resposta de Inouye, procurei analisá-lo para determinar seu objetivo. Obtivemos de uma das estações de escuta do governo o texto japonês, e ao compará-lo com a tradução inglesa constatamos que a mensagem de Inouye continha numerosas declarações positivas. Assim, por exemplo: «O Japão estaria disposto a discutir os tópicos da paz, uma vez que se introduzissem certas modificações na fórmula da capitulação incondicional...» E, mais adiante: «Gostaríamos de contribuir com nossos esforços para a cons-

trução de uma organização internacional que pudesse assegurar a paz mundial e o progresso da humanidade.» Segundo nossa interpretação, esta última frase constituia a *verdadeira* mensagem, e Inouye propunha-se completá-la encetando «negociações de paz» entre nós dois. Sua emissão concluia com a seguinte frase: «Gostaria de saber o que Zacharias pensa destas palavras do Japão.»

O TEXTO japonês do discurso de Inouye revelou ainda outro aspecto significativo, ao ser traduzido para o inglês. Enquanto até aí os japoneses costumavam referir-se a mim como Capitão, ou Zacharias *Taisa*, Inouye usou a expressão Zacharias *Kun*, que significa «meu bom amigo», e que somente se emprega entre amigos ou pessoas íntimas. Sua aplicação, em tais condições, constituia apelo bem eloquente.

Outros japoneses aludiram a minhas palavras em suas emissões, indicando que estavam sendo divulgadas no Japão. Sabíamos que todas as importantes radioemissões americanas eram transcritas em uma coletânea diária, distribuida a cerca de 500 líderes políticos, industriais e militares, em cujas mãos residia o poder de tomar decisões. Como alguns exemplares se destinavam ao Palácio Imperial, tínhamos a esperança de que alcançassem os íntimos do Imperador.

Ao prepararmos nossos planos, não nos esquecêramos, por certo, do povo japonês. As retransmissões feitas de Saipã, no comprimento de onda da Rádio Tóquio, permitiam que o povo escutasse nossas palestras. Alem disso, parte de minhas palavras era impressa em milhões de panfletos que os aviões americanos lançavam sobre o Japão. Elas constituiam um dos temas principais do *Rakkasan News*, um jornal do General MacArthur, em língua japonesa, distribuido por avião em território japonês. Esperávamos desse modo despertar o povo e levá-lo a exercer pressão sobre o governo de Suzuki.

Entretanto, a campanha entre pacifistas e militaristas tornava-se dia a dia mais acesa no Japão. O Almirante Suzuki orientava os pacifistas, mas eram os mais novos, como o Almirante Yonai, Ministro da Marinha, quem conspirava na realidade. A armada japonesa tinha surgido como a força impulsora do movimento pacifista, e era nosso dever empregar todos os esforços para acentuar a cisão entre os dois ramos das forças armadas. A oposição ao grupo de oficiais de marinha era constituida por uma camarilha de oficiais do exército, dirigidos pelo ex-Primeiro Ministro Hideki Tojo, que havia abandonado expressamente o seu exílio voluntário. Tínhamos informações de que essa camarilha estava planejando um golpe de estado, mas tambem sabíamos que o ambiente nacional japonês já não favorecia semelhante plano.

O dia em que foi proclamada a ocupação total da ilha de Oquinava vibrou um golpe rude no ministério Suzuki. Já não lhe era possivel esconder do povo japonês o fato de que o próximo golpe americano consistiria na invasão das ilhas da metrópole. Suzuki fez então um esforço desesperado e pediu ao governo soviético que interviesse no conflito como medianeiro. Os russos, porem, limitaram-se a enviar para Washington o pedido de Suzuki, sem dar a este qualquer resposta.

Já não eram questões de ordem material, como a retenção da Manchúria, que impediam Suzuki de aceitar nossas condições. O único obstáculo à sua decisão era a situação futura do Imperador. Para esclarecer esse ponto, Suzuki convocou

para 8 de junho uma assembléia da Dieta, na qual proferiu um discurso que era mais para nós do que para os seus membros.

Nessa época nosso problema consistia em convencer o Primeiro Ministro japonês de que ninguem pretendia destruir aquilo que ambiguamente se descrevia como a «estrutura nacional» do Japão. O rádio não era, evidentemente, veículo de comunicação adequada para tal missão; tornava-se necessário utilizar outro meio. Recorremos então a um processo tão tortuoso como aqueles de que os japoneses costumavam lançar mão. Enviamos uma carta anônima a um dos jornais americanos de maior prestígio e tomamos as medidas necessárias para que o seu conteudo chegasse tão depressa quanto possivel ao conhecimento de Suzuki. O jornal escolhido foi o *Post*, de Washington, e seus redatores concordaram imediatamente em publicar a carta em 21 de julho. Sua conclusão mais importante era a seguinte:

«Se a preocupação dominante dos japoneses, segundo as declarações do Almirante Suzuki na Dieta, é a continuidade da estrutura nacional (*Kokutai*) e a situação do Imperador após a capitulação, o meio mais prático de se esclarecerem é perguntar. Ao contrário do que pensam muitas pessoas, é facil dar a essa pergunta uma resposta rápida, satisfatória para quantos desejam a paz no Oriente e no mundo.»

Tal carta foi reproduzida em muitos jornais dos Estados Unidos e despertou interesse consideravel. Tínhamos a certeza de que seria notada pelos *escutas* japoneses de Washington, e remetida para o Japão através dos paises neutros. E efetivamente assim sucedeu.

Ao mesmo tempo, preparamos outra radioemissão, em termos altamente diplomáticos, aludindo a diretrizes políticas, sem todavia discutí-las. Trabalhamos no respectivo texto de dia e de noite, durante uma semana, escrevendo e emendando, pesando cada palavra com o máximo cuidado. Quando conseguimos acabar e partí para a emissora, levava no bolso o décimo-quarto rascunho do texto da emissão N° 12.

FUI apresentado ao microfone como «um porta-voz do governo dos Estados Unidos», mas os japoneses tiveram certas dúvidas sobre os meus poderes, e não acreditaram imediatamente que eu tivesse falado com maior autoridade. Confiamos, porem, em que a reprodução de minhas declarações pela imprensa dissiparia suas dúvidas. As primeiras notícias da emissão foram publicadas em 21 de julho e os jornais dessa tarde foram os primeiros a transcrevê-la integralmente. O *Post* de Washington usou o título «Os Estados Unidos aconselham o Japão a capitular imediatamente para escapar à destruição», e o *Times* de Nova York reproduziu igualmente todo o texto da emissão.

Esta insistia no mesmo tema da carta que tínhamos dirigido ao *Post:* «Os líderes japoneses confrontam duas alternativas. Uma é a destruição virtual do seu país, seguida de uma paz imposta pela força. A outra é a capitulação incondicional com todas as vantagens enumeradas na Carta do Atlântico.»

A resposta japonesa não se fez esperar. Foi dada em 24 de julho, à meia noite e quinze minutos, por outro Inouye, o dr. Kiyoski Inouye, uma das maiores autoridades japonesas em Direito Internacional e antigo professor da Universidade da Califórnia do Sul.

A mensagem de que havia sido encarre-

gado era de importância transcendente. Competia-lhe indicar que o Japão estava disposto a capitular sem condições, uma vez que recebesse a garantia de que a Carta do Atlântico lhe seria aplicada. Eis as suas palavras: «Se os Estados Unidos estiverem dispostos a pôr em prática com sinceridade aquilo que afirmam, como, por exemplo, a Carta do Atlântico sem a sua cláusula punitiva, os militares japoneses suspenderão imediatamente—senão mesmo de boa vontade—as hostilidades presentes. Então, e só então, cessará o ruido dos sabres no Oriente e no Ocidente.»

Examinada retrospectivamente, a emissão de Inouye de 24 de julho reveste elevada significação histórica, pois mostra como os japoneses se achavam dispostos a terminar a guerra, de acordo com os termos indicados na minha série de emissões radiofônicas. Acresce que essa resposta foi dada dois dias antes da Declaração de Potsdam, 13 dias antes da queda da primeira bomba atômica e mais de uma quinzena antes da intervenção dos Sovietes na guerra. *O Japão estava pronto a capitular.* Bastaria sacudir a árvore para colher o fruto maduro.

A Declaração de Potsdam confirmou os princípios que havia exposto em minhas palestras. Em 5 de agosto, quando fiz a última emissão, a guerra psicológica já não era necessária. No momento em que os postos japoneses recebiam minhas palavras, o B-29 do Coronel Tibbetts ia a caminho de Hiroxima com sua preciosa carga atômica, e as tropas do Exército Vermelho estavam dispostas ao longo da fronteira da Manchúria. A vida do Japão, como nação beligerante, não se contava por semanas, mas por dias. Nossa missão estava terminada. Os japoneses tinham a palavra.

A decisão veio finalmente sob a forma de uma radioemissão de Tóquio, em 11 de agosto, anunciando a mensagem que o governo imperial havia entregue aos governos da Suiça e da Suécia, para transmissão aos aliados. Nela se aceitavam os termos da Declaração de Potsdam, com a cláusula significativa de que tal Declaração «não conteria exigências que afetassem as prerrogativas de Sua Majestade como governante soberano». Era a aceitação tácita da sugestão contida na carta anônima ao *Post*, na qual se dizia que o melhor processo para conhecer o futuro do Imperador consistia em formular a pergunta.

O resto pertence à história. A guerra psicológica havia cumprido a missão que lhe tinha sido confiada no teatro do Pacífico. Teve êxito porque foi sincera e porque se baseou na análise cuidadosa da situação militar e nas informações exatas, colhidas no próprio Japão pelos serviços aliados de informações.

Os resultados obtidos abrem novos horizontes a esta modalidade de guerra, à qual já se chamou «a guerra entre guerras». Os alemães utilizaram-na com pleno êxito depois que o Tratado de Versalhes lhes arrancou os meios de agressão, e não duvido de que o Japão planeja ressurgir por processo absolutamente idêntico. O mundo terá que conservar-se em guarda.

¶ Para construir um novo mundo, necessitamos de menos arquitetos e mais pedreiros.

—*The Slipstream*

Defesa católica da castidade

Pelo

P. Bertrand Weaver, C.P.

Alegando que o artigo escrito por Margaret Banning, intitulado «Em Defesa da Castidade», (*) deixou de apresentar o lado espiritual da questão, certo número de leitores nos pediu que publicássemos o ponto de vista católico. Entre os muitos artigos que recebemos expondo esse ponto de vista, aquele que mais se destaca é de autoria do Padre Bertrand Weaver, da Ordem dos Missionários da Paixão. Transcrevemo-lo a seguir.

Milhares de pessoas aceitaram o artigo de Margaret Banning, como uma defesa satisfatória da virtude da castidade. A própria sra. Banning, no entanto, não tinha a intenção de chegar a esse resultado. No parágrafo inicial do seu artigo ela declara que desejava defender a guarda da castidade de um modo aceitavel por aqueles jovens que, sob a influência da secularização do pensamento, negam haver qualquer questão moral na conduta sexual do homem.

A defesa da castidade feita pela sra. Banning é sem dúvida vigorosa. Sou de opinião, porem, que é incompleta e um tanto enganadora. Há milhares de criaturas, tanto católicas como adeptas de outras religiões, que advogam a castidade de um ponto de vista diferente e muito superior àquele adotado pela autora. É realmente espantoso e indesculpavel que se faça apenas ligeira referência à defesa espiritual da castidade.

A sra. Banning atribue o «sentimento de pecado» que se segue à prática sexual ilícita a algo que emana do «grande poder da tradição, da poesia e do romance». Mas essa interpretação literária do nosso sentimento de culpa parece-me lamentavelmente inadequada e inconsequente, quando examinamos a origem e a natureza do mais alto atributo do homem—a conciência de sua origem divina.

Nem a existência nem a fonte dessa conciência pode ser contestada. S. Paulo disse que a lei moral está gravada no coração do homem. O filósofo alemão Kant coloca a realidade da conciência acima de qualquer outra realidade. Dizia ele ter mais certeza do seu *dever*, do que de se sentir alegre ou triste, com calor ou com frio. Em qualquer pessoa normal, independente de condição social ou doméstica, habita a crença intelectual de que blasfemar, matar, quebrar a castidade e roubar é errado e proibido. A convicção intelectual de que uma coisa está certa ou errada é uma manifestação da conciência.

Qual a origem desse conceito? O cardeal Newman declara que se nos envergonhamos ou nos amedrontamos em transgredir a voz da conciência, há-de existir Alguem perante quem somos res-

(*)Vide Seleções, janeiro de 1946.

ponsaveis, diante de quem nos envergonhamos e cujas reivindicações tememos. «Se ao errar,» diz ele, «sentimos a mesma tristeza que nos envolve, quando maguamos a nossa mãe; se ao fazer o que é direito, gozamos da mesma serenidade de espírito que sentimos, quando somos elogiados por nosso pai, —temos certamente dentro de nós a imagem de alguma Pessoa a quem amamos e veneramos e em cujo sorriso encontramos a felicidade, —alguem de quem sentimos falta, para quem dirigimos as nossas súplicas, cuja ira nos confunde e esmaga. Esses sentimentos são de tal natureza que exigem como causa provocadora um Ser Inteligente. O fenômeno da conciência imprime, assim, no nosso pensamento o retrato de um Supremo Governante, um Juiz, santo, justo, oniciente e onipotente.»

Os católicos acreditam que foi Deus quem criou os seres dos dois sexos, e que o sexo com todas as suas complicações fisiológicas e psicológicas não pode ser explicado pela evolução. Acreditamos tambem que quando Deus criou o sexo, estabeleceu leis para o seu funcionamento. E Deus jamais cria leis sem acompanhá-las de sanções—recompensas temporais e eternas para aqueles que cumprem essas leis, e punições para os que as desobedecem. A sra. Banning e o sr. Peattie (*) prestaram grande serviço ao enumerar as recompensas temporais: libertação das enfermidades sociais, o bem-estar da sociedade, o encanto encontrado no amor casto; e as punições temporais: as doenças, as desilusões na mulher, a possivel transmissão de tendências imorais de pai a filho.

Tudo isso constitue prova bem clara de que nossa felicidade, tanto terrena como eterna, depende da obediência às leis do Criador. No entanto, simplesmente porque se trata de recompensas e punições temporais, elas têm a fraqueza inherente às coisas temporais.

Do ponto de vista religioso, as razões para a guarda da castidade são, por outro lado, baseadas em recompensas e punições eternas, e compartilham da força das realidades eternas. Homens e mulheres não cultivarão virtudes sólidas enquanto não estiverem convencidos de que os efeitos dessas virtudes durarão sempre. Se o homem não acreditar que a quebra da castidade traz consequências que atingem a eternidade, todas as recompensas e punições temporais passarão a perder a sua força, principalmente pelo fato de tais punições poderem às vezes ser evitadas.

Grande número de cristãos de todas as seitas está convencido de que a vida terrena não é mais do que uma preparação espiritual para a vida futura. Crêem que a morte nos leva à Presença de um Pai que nos pede devoção filial e obediência aos Seus mandamentos; de um Redentor que pede cooperação prática no trabalho da redenção, de um Benfeitor que pede sincera gratidão por Sua bondade, de um Amigo que pede profunda lealdade perante Sua amizade sincera e cheia de sacrifícios. Esse apelo pelo amor respeitoso, por um interesse próprio esclarecido, pela gratidão humana e amizade leal, constitue a maior defesa da castidade, em comparação com a qual qualquer outra defesa se torna quase sórdida e indigna.

E se juntarmos, a esses motivos elevados e nobres para uma vida casta, um temor sadio, não de doenças, de desastres emotivos, ou de qualquer outro acidente temporal—mas o temor pelo julgamento final—é impossivel conceber uma defesa mais poderosa ou eficaz da virtude da castidade.

(*)Vd. Seleções, fevereiro, 1946.

Mark Twain, idílico

Ele apaixonou-se por um retrato

(Condensado de «Liberty»)

Por Louis B. Davidson

TÃO FORTE era o jogo do navio, que Mark Twain e seu companheiro de camarote foram expelidos de seus beliches. Pela escotilha a dentro, derramou-se metade do Oceano Atlântico e mares adjacentes... Praguejando com a valentia e o colorido que aprendera em seus dias de piloto do Mississipi e nos outros que passara na Califórnia como redator, reporter e mineiro, Twain fechou a abertura. Nesse instante abriu-se a porta e surgiu no limiar um espetro enrolado em alvíssimo lençol, mal podendo manter-se equilibrado. As pitorescas interjeições de Mark Twain se interromperam bruscamente, e em seu rosto apareceu uma doçura nova. Deu as boas-vindas ao rapaz que acabara de chegar, o qual foi dizendo: «Eu posso passar o resto da noite com os senhores? Meu camarote está inundado...» Mark, rindo, ajudou-o a subir ao beliche superior, único que ainda se achava seco.

Poucos dias antes, esse mesmo jovem mostrara a Mark Twain um retrato, em miniatura, de sua irmã Olívia—rosto de delicada beleza, pintado, sobre marfim antigo, com tintas suaves.

Desde então, o rapaz—de nome Charley Langdon—tornou-se objeto de desusadas gentilezas por parte de Mark, o qual passou a servir-se de todos os pretextos para entrar no camarote dele, e, alí, contemplar outra vez o retrato; chegou a pedir, mesmo, a Charley que lho desse de presente. Mas o dono é que não queria desfazer-se de tal preciosidade.

Agora, com o navio em furioso balanço, os homens entretinham-se contando casos... E tantos jeitos Mark Twain deu, tantas indiretas lançou, que afinal o jovem Langdon começou a falar da irmã. «Um dia nós estávamos patinando no gelo em Elmira, perto de Nova York, quando Olívia levou uma queda e machucou a espinha. Teve que ficar dois anos de cama, sofrendo muitas dores. Papai mandou chamar os melhores médicos, mas não adiantou nada. Um deles construiu um aparelho complicado para que ela pudesse ficar sentada, mas era um trabalho lento e penoso, e Olívia sempre perdia os sentidos...»

Para Mark Twain, cessara como por encanto a tempestade. Havia apenas uma moça de fresca beleza, num quarto longínquo e sossegado, atravessada pelo fino punhal da dor.

«Um dia, a janela estava aberta e o vento soprou para dentro um pedacinho de papel, onde havia um anúncio de curandeiro. Mamãe discutiu o caso com Papai. Ele era incrédulo nesses assuntos, mas deixou que Mamãe agisse; afinal, apareceu o tal curandeiro, que era um homenzinho magro, com fogo no olhar. O quarto estava escuro, e ele, pedindo luz, foi abrir as cortinas. Curvou-se sobre Olívia, e rezou. Em seguida, enlaçou-a com os braços, e disse a ela que se sentasse. E

Olívia sentou-se! Era incrivel. No dia seguinte, o curandeiro mandou que ela ficasse de pé, e Olívia se levantou facilmente, sem esforço nem dor. Lá estava ela, olhando para nós... Já no terceiro dia, andou pelo quarto todo, e o curandeiro, solene, proclamou:—Agora morarão em ti a saude e a força. Papai quis pagar ao homem, mas ele não aceitou. Nunca mais o vimos. E desde esse dia Olívia ficou inteiramente curada...»

Mark Twain, comovido, esforçou-se por controlar a voz, ao dizer, com ar de estudada indiferença: «Pois eu gostaria de conhecer sua irmã algum dia, Charley. Essa foi a cura mais extraordinária de que já ouví falar.»

Seis meses decorreram antes que ele conhecesse Olívia afinal. O navio voltou a Nova York em novembro de 1867, e o jovem escritor dispôs-se imediatamente a fazer três coisas: conseguir emprego, editar o livro que escrevera a bordo (*Innocents Abroad*), e ser apresentado a Olívia Langdon. Pelo Natal, Charley lhe disse: «Meu pessoal acaba de chegar de Elmira. Eu gostaria que você os conhecesse.»

Meia hora antes do encontro, já Mark se instalara no lugar marcado: um camarote do auditório onde Charles Dickens ia pronunciar uma conferência. Quando Olívia chegou, foi para Mark um encantamento. Jamais vira mulher tão delicada e bela. Dickens recitou de maneira esplêndida, e Mark mal o escutou. Houvera, sim, outras ocasiões em que se julgara apaixonado; este, porem, era o grande romance de sua vida...

Foi visitá-la no dia de Ano Bom, mas, em seguida, passaram-se meses sem que a visse: chamado a dar conferências em vários pontos do país, teve que viajar, e o fez deprimido, na ausência de notícias de Olívia. Já se dispunha a abandonar todos os projetos anteriores e tomar o primeiro trem para Elmira, quando chegou uma carta de Charley convidando-o a passar uma semana com a família Langdon.

No último dia de sua estada, Mark confiou a Charley o seu precioso segredo:—Estou apaixonado por Olívia... O amigo mostrou-se ressabiado. Tinha por Mark Twain verdadeira idolatria, mas era incapaz de imaginar, para sua irmã, aquele rapaz um tanto brusco, sem grandes finuras... —Papai vai ficar bastante aborrecido. Há um trem que sai daquí a meia hora. Vou buscar a carruagem.

Olívia despediu-se ternamente do namorado. Os cavalos deram um salto para a frente, e o assento posterior, frouxamente engatado, soltou-se, lançando os dois rapazes ao chão de pedregulho. Mark fingiu-se incapaz de caminhar... Parecia sofrer tantas dores, que os Langdon não tiveram remédio senão levá-lo outra vez para dentro e instalá-lo numa cama. Olívia insistiu em que ele ficasse até se achar inteiramente bom; e, com assídua atenção, serviu-lhe de enfermeira durante todas as horas de vigília. Mark lá se deixou permanecer quinze dias.

Depois, muitas foram as ocasiões em que voltou a ver os Langdon; mas, quanto à corte que fazia a Olívia, não dava mostras de grandes progressos. A situação mudou apenas quando ele a convidou para uma de suas conferências. Na noite seguinte à conferência, ela o evitou. No segundo dia, confessou que o amava, acrescentando, porem, que preferiria não amá-lo... Só no terceiro dia declarou que se sentia orgulhosa do seu amor.

Havia-a conquistado, afinal; mas restava ainda o pai... Este, conhecido como «rei do carvão» em Elmira, não estava disposto a entregar a mão da filha a um escritorzinho sem eira nem beira.—Escreva a Joe Goodman em S. Francisco, sugeriu Mark. Já mentí cem vezes para protegê-lo. Ele agora não há-de recusar-se a mentir por mim... Deu a Langdon bastante tempo para suas investigações. Em fevereiro de 1869, pediu uma decisão qualquer. —Olhe, seu amigo disse que você é ótimo escritor, mas daria um péssimo marido, foi o que o velho Langdon respondeu. —Não há mais ninguem que possa recomendá-lo? Mark sacudiu a cabeça tristemente. —Bem, já que não há quem esteja pronto a defendê-lo, declarou o pai de Olívia, estendendo a mão,—parece que eu mesmo é que tenho de patrociná-lo.

«Faça tanger o mais alto de todos os sinos,» escreveu Mark ao seu amigo Twitchell, «pois lutei na boa luta, e acabo de vencer! Recusaram-me três vezes, disseram-me uma vez que desistisse—e agora, afinal, fui aceito, e sou amado! Se houvesse por estas bandas uma igreja com torre bem alta... eu sairia neste instante para pular por cima dela.»

Só daí a um ano se casaram. Mark comprou parte de um jornal em Búfalo, e pediu a um dos auxiliares de Langdon que lhe conseguisse um quarto em pensão modesta. Depois do casamento, o funcionário do sogro levou os noivos, de carruagem, para uma casa suntuosa. Entraram, deslumbrados diante de uma riqueza de luzes. Conduzidos pelos criados, viram vários aposentos luxuosos, alegremente enfeitados. Mark ficou em pânico. Não podia pagar tudo aquilo!

—A casa é o presente de casamento que Papai nos deu, explicou Olívia. Langdon, sorrindo, aproximou-se, tendo na mão a escritura do prédio; e Mark, comovido, pôde afinal falar:—O sr. é um ótimo sogro. Toda vez que vier à cidade, pode vir ficar conosco; é gratuito...

Mark Twain e sua mulher eram, de vários pontos de vista, seres opostos; no entanto, foi idílico o seu casamento. Mark era homem de ímpetos e explosões; Olívia, segundo o romancista William Dean Howells, «era a pessoa mais encantadora que já me foi dado conhecer: a mais terna, a mais bondosa, sem qualquer vestígio de fraqueza; e Mark Twain não só se deixava dominar por ela, como tambem adorava que assim fosse.»

Durou trinta e quatro anos esse idílio, através de momentos alegres e horas amargas. Olívia nunca fora muito forte. Sua primeira filha morreu pequenina, e seguiram-se outras tragédias que a foram, pouco a pouco, minando. Durante mais de dois anos antes de morrer, já se tornara inválida; e muitos eram os dias em que o marido só tinha licença de estar com ela alguns momentos. A menor mudança no estado dela o alarmava, ou fazia-o feliz. Mark estava incapaz de escrever qualquer coisa; nada fazia senão esperar até que lhe permitissem passar aqueles instantes com ela, no quarto.

Em junho de 1903 notaram-se melhoras em Olívia, e os médicos aconselharam uma temporada de inverno na Itália. Mark alugou um belo palácio antigo perto de Florença, e foi aí, a 5 de junho de 1904, que terminou o idílio. Nesse dia, ele teve licença médica para ficar uma hora com ela, pois Olívia se mostrava animada e bem disposta. Ao ser chamado, ralhou consigo mesmo por ter demorado mais do que devia; ela, porem, respondeu que não fazia mal, e beijou-o. —Você volta? perguntou. —Volto, sim, para dizer boa-noite.

Sentia-se radiante, e foi sentar-se ao piano, coisa que não fazia desde a morte da filhinha; aí, tocou e cantou velhas canções, que Olívia, no quarto, ouvia com um sorriso comovido e terno. «Ele está cantando uma canção de ninar para mim,» disse. Pediu que a erguessem na cama; e nesse momento a vida lhe esca-

pou. Mark continuava a tocar, o coração repleto de alegrias, enchendo o velho palácio italiano com a música doce dos negros de sua terra.

Quando entrou para dizer boa-noite a Olívia... «olhei para o rosto dela, e creio que falei alguma coisa; surpreendí-me e me alarmei, porque ela não percebeu minha presença. Compreendemos então, e nossos corações se partiram... Estou cansado e velho; quem me dera estar com Olívia.»

Levaram-na para os Estados Unidos, desta vez no fundo do porão do navio. E, inquieto e triste no seu beliche, o homem que era agora famoso no mundo inteiro estaria sem dúvida entregue a lembranças de outros dias, tão longe, tão belos— aqueles dias em que, noutro navio, ela não era, para ele, mais que um pequeno retrato...

Encomendou, para a sepultura de Olívia, uma lage simples, onde mandou gravar estas palavras: «Que Deus te seja bom, oh radiosa alegria de minha vida.» E, no seu *Eve's Diary*, assim resumiu seu amor: «Onde quer que ela andasse, alí estava o Eden.»

Achava-se, realmente, velho e fatigado, e não lhe interessava mais viver. Quando chegou a hora de sua morte, em 1910, não foi com tristeza que se despediu do mundo, pois ia agora, mais uma vez, ao encontro dela.

Pagamento completo

¶ Eu tinha sete anos de idade; quando entrei um dia numa confeitaria, cujo dono, meu velho conhecido, se achava atrás do balcão. Disse-lhe então, gaguejando:

—Aquele bolo de casamento que está na vitrine é tão bonito! Posso dar 17 centavos por conta, para ter um igual?

Os fregueses que estavam presentes riram a valer, mas o dono da casa, inclinando-se cortesmente sobre o balcão, perguntou-me com toda a seriedade:

—E quando é que você quer que eu lhe mande o bolo?

—Daquí a alguns anos, mas quero um bolo igualzinho àquele.

O confeiteiro, como se tratasse de uma transação comercial comum, aceitou o meu dinheiro, passando recibo.

Com o andar dos anos, fiquei um tanto ou quanto envergonhada daquele meu impulso infantil, e procurei evitar a confeitaria em apreço. Mas na noite anterior ao dia do meu casamento, recebí uma grande caixa, contendo uma duplicata daquele bolo que tanto me agradara, com a seguinte fatura:

UM BOLO DE CASAMENTO

Importância dada por conta..... 17 centavos
Saldo..... Saudações e sinceros parabens da Confeitaria X

—Senhora George Ord

«A vida é infinitamente mais estranha que tudo o que a imaginação humana for capaz de inventar»—*Sherlock Holmes*

DESENLACES IMPREVISTOS

RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO—XX

(Condensado de «True»)

Por Anthony Abbot

Numa tarde de primavera, estava-se conversando, na diretoria duma prisão nos Estados Unidos sobre a súbita epidemia de novas notas falsificadas. As imitações eram verdadeiras «obras de arte» criminosas, e sua misteriosa origem continuava um enigma indecifravel.

Só dois anos depois, veio a ser descoberto que as notas falsas estavam sendo fabricadas alí mesmo, no presídio, pelos próprios presos, nas barbas do meu amigo estupefato, o diretor da prisão.

É sempre o que se verifica no terreno do crime. O domínio dos atos criminosos é um verdadeiro labirinto do inverossimil e do incrivel. Por isso é que os escritores dos romances chamados «policiais» inventam seus próprios enredos. Rejeitam a vida real por ser demasiado inacreditavel.

É de duvidar que a verdade completa, sobre o seguinte caso, venha a ser jamais estabelecida. Em 1921, um sujeito conhecido em Chicago por *II Diavolo* chefiava uma quadrilha de jovens ladrões, cujos assaltos ele mesmo planejava. Dividia os despojos das pilhagens, em partes iguais, mas depois empregava o dinheiro em jogo e acabava ganhando, aos pobres cúmplices, quase tudo que estes houvessem recebido. Os cúmplices, no entanto, continuavam a trabalhar para *II Diavolo*, movidos pelo terror que ele lhes inspirava. Chegaram até a matar em seu benefício, e foi isso que acabou por lhes custar caro. Um deles, um rapazinho chamado Viana, confessou a verdade na prisão, pouco antes de ser executado, e *II Diavolo* (cujo verdadeiro nome era Cardinella) foi preso e condenado à morte; iniciou então uma greve de fome, perdendo 20 quilos. Ninguem suspeitou que se tratasse de mero ardil, até a noite da vespera da execução, quando a chefatura da polícia recebeu um telefonema anônimo. Uma voz masculina avisou: «Os amigos de Cardinella vão pegar o corpo dele depois do enforcamento e fazê-lo reviver. Sabem que isso é possivel, porque fizeram o mesmo com Viana.»

Sem perda de tempo, postaram-se guardas por toda parte, especialmente num beco escuro atrás do recinto de execuções. Três minutos antes da meia noite, à hora em que *II Diavolo* devia ser enforcado, o carro que ia levar o corpo entrou no referido beco. Com os fuzís em riste, a polícia prendeu o chofer e abriu o carro. Encontraram, dentro, um homem vestindo um avental de médico e uma mulher com uniforme de enfermeira. Sobre a maca, havia um colchão de borracha, cheio de água fervendo. Encontraram, ainda, sacos de aqueci-

mento, ligados a uma bateria elétrica portatil, um balão de oxigênio, toda uma prateleira de seringas hipodérmicas e um cesto cheio de sacos de água quente.

Era portanto verdade. *Il Diavolo* tinha jejuado afim de não pesar demais, quando fosse enforcado, diminuindo, assim, o perigo de partir o pescoço. Ainda hoje, no mundo do crime de Chicago, afirmam que Viana foi realmente «ressuscitado», afim de provarem que era possivel fazê-lo. Depois, como ele traira o chefe, fizeram-lhe saltar os miolos, e atiraram-no num lago.

Os escritores de ficção não podem, claro está, publicar histórias semelhantes. Quem lhes daria crédito?

Há cerca de um ano, Seleções do Reader's Digest publicou a história de um homem que foi enforcado e não morreu.* Por mais incrivel que pareça, ocorreu caso semelhante na Inglaterra.

John Lee, da aldeia de Babbacombe, perto de Devon, foi acusado de ter assassinado certa sra. Keyes, que fora encontrada na cama, morta a golpes de machado. As provas contra Lee eram tremendas, mas o preso assegurou aos guardas, repetidas vezes: «Não sou culpado, e vocês não podem me enforcar por um crime que eu não cometí.»

Quando a Corte o sentenciou à forca, Lee declarou: «Deus sabe que sou inocente. Não há-de permitir que eu seja executado. Disse-me que nada receasse, e confio n'Ele.»

No dia da execução, verdadeira multidão comprimia-se de encontro à cerca que contornava o recinto. Enforcaram primeiro um boneco de pano, afim de verificar se tudo estava em ordem. O juiz que publicou o inquérito sobre o caso, em 1932, declarou que, segundo lhe afirmaram as testemunhas, a forca funcionou perfeitamente com o boneco. Mas quando os guardas cobriram a cabeça de Lee e levantaram a alavanca, a forca não funcionou. Um dos guardas tomou o lugar do condenado. Ao puxarem a alavanca, ele caiu e quebrou a perna.

Adiaram a execução por algumas horas e Lee foi levado de volta à cela. Repetiram a experiência com o boneco e, de novo, a forca funcionou perfeitamente. Trouxeram Lee outra vez, e a forca recusou-se, novamente, a funcionar.

O chefe de polícia, apavorado, telegrafou os detalhes do incidente ao Ministro do Interior, pedindo que lhe enviassem instruções. A resposta não tardou: «Leve avante a execução.»

Mas, por aquela altura, a multidão, lá fora, começara a mostrar-se indignada. Achavam que era melhor desistirem daquilo. Contudo, as ordens do Ministro do Interior tinham que ser obedecidas. Fizeram-se quatro experiências sucessivas com o boneco de pano, sendo todas bem sucedidas. Colocaram Lee de novo na forca, e o próprio chefe de polícia puxou a alavanca repetidas vezes. Lee perdeu os sentidos e levaram-no de volta à cela, sem que tivessem conseguido enforcá-lo.

No dia seguinte chegou um telegrama do Ministério do Interior: «Anulada a sentença de morte de John Lee.»

E quanto a Lee? Mais tarde, a sentença de prisão perpétua veio a ser igualmente anulada. Saiu da prisão, casou-se e passou a pregar o evangelho e a fé em Deus, até o fim de seus dias.

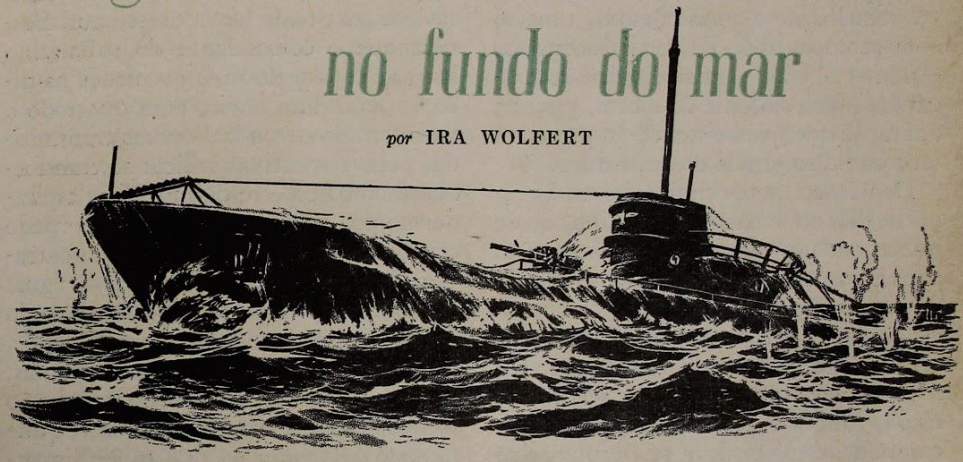
Nós, que escrevemos contos policiais, precisamos ser, muitas vezes, mais convincentes, em tudo o que inventamos. Talvez a ficção seja apenas a crítica das inverossimilhanças da vida real, e um meio de ensinar bons modos ao destino...

*Vd. «O enigma do enforcado», Seleções, abril 1945.

A batalha do Atlântico ficou até o fim da guerra envolta em véus de mistério que só hoje nos é possivel dissipar

A guerra silenciosa no fundo do mar

por IRA WOLFERT



DURANTE o ano de 1942 os submarinos inimigos afundaram 1.161 unidades da marinha mercante dos Aliados.

Houvessem podido os submarinos de Hitler continuar massacrando em tão grande escala os barcos aliados, e a Inglaterra não teria sobrevivido, a Rússia não teria ganho a campanha da Europa, e todo o curso da guerra com o Japão e o próprio destino do Hemisfério Ocidental teriam ficado perigosamente sujeitos aos imperscrutaveis desígnios da sorte. Ambos os campos beligerantes estavam perfeitamente cientes do incalculavel alcance da guerra submarina, e ambos arriscaram nesse jogo de vida e de morte todos os recursos de que dispunham. Os Estados Unidos, só à sua parte, lançaram milhão e meio de homens na batalha do Atlântico, e consignaram milhares dos seus cientistas ao estudo e aperfeiçoamento das várias armas dessa luta sem quartel.

Pela primeira vez aqui se conta a história das armas e das táticas secretas, e dos feitos ocultos de heróis que arrancaram a vitória das próprias garras da derrota, numa guerra sem tréguas contra os submarinos de Hitler.

A batalha do Atlântico foi uma longa campanha travada debaixo do mar, sem paralelo nem precedente que se lhe possa comparar na história, — guerra secreta, virtualmente invisivel, só vagamente perceptivel ao ouvido humano, e assim mesmo, só de «tabela», isto é, através dos seus ecos.

Os combatentes dessa guerra buscavam-se, como cegos nas trevas, tateando o seu caminho por meio de raios misteriosos; os antagonistas procuravam estran-

gular-se mutuamente por meio de réguas de cálculo e de papel quadriculado. Faziam girar indicadores, apertavam botões, liam termômetros, rezavam junto de janelas envidraçadas que o gelo embaciava, humilhavam-se contritos diante de fones de baquelite, enquanto, dum largo movel semelhante a uma cômoda, uma só nota acompanhada das suas harmonias —o imortal *ping*—era analisada e reconstituida numa sinfonia de morte, graças a um rapaz que, para entendê-la, precisava ter o ouvido apurado de um músico.

Depois, ao fim de muitas horas, às vezes de dias ou semanas, o que vinha quase nunca era um climax da sinfonia—mas apenas um esvair-se do som em silêncio de mudez. Se parecia notar-se à superfície das ondas um pingo de óleo, arremessava-se logo por cima da borda um aparelho conhecido pelo nome de «ladrão de óleo», para que por meio dele os químicos pudessem verificar se o submarino estava realmente «morto». Observava-se por vezes que à tona das águas subia um borbulhar de bom agouro, espécie de aquoso estertor de morte, e em seguida os vômitos fatais que irrompiam lá das profundezas do mar—destroços do submarino expelidos até a superfície... Esses destroços eram cautelosamente recolhidos e examinados, nem sequer escapando à pesquisa os frangalhos de homens que acaso viessem de mistura com o resto.

A guerra submarina parecia-se, muitas vezes, mais com uma paciente e silenciosa experimentação, do que com as batalhas. E era com efeito muito mais uma guerra de laboratórios, destinada a frustrar os instrumentos do inimigo, a contrariar as suas contraposições aos nossos, e a produzir novos instrumentos.

Um dos melhores exemplos disso é-nos dado pelo «torpedo acústico», que foi, no seu gênero, a arma mais sinistra desta guerra. Os foguetões e as bombas aéreas, ao pé dele, não passavam de grandes e desajeitadas geringonças, cegas e surdas... O torpedo acústico possuia um cerebrozinho maldoso, instalado no topo da sua carga de explosão. Esse cérebro diabólico tinha uma propriedade aterradora: orientava-se para onde havia um rumor. Bastava que o comandante do submarino lançasse o torpedo mais ou menos na direção geral dum navio, para que todo o vasto campo de ondas sonoras transmitidas pelas respectivas hélices se transformasse numa espécie de mortífero aspirador-de-pó, que atraía, sorvia o torpedo errante no mar até o casco da embarcação. O torpedo parecia ir farejando águas em fora como o perdigueiro no rasto do coelho. Por mais voltas que o navio desse, o torpedo sempre conseguia cortá-las; por mais depressa que ele marchasse, o torpedo o podia alcançar... Uma vez que metesse o focinho na orla quase imperceptivel das ondas sonoras emitidas pelo navio, o torpedo acústico era «sugado» para dentro desse campo, embrenhando-se nele mais e mais, até que por fim caía a fundo como um esporão implacavelmente apontado ao coração latejante do navio.

Tinha o torpedo acústico ainda outra propriedade infernal: o talento de escolher o alvo mais volumoso de todo um comboio marítimo. Assim, se um pequeno navio ia navegando dentro do círculo de atração dum navio maior, o torpedo descrevia uma rápida curva, como o cachorro que fareja caça, e imediatamente caía a fundo sobre os navios maiores e mais ruidosos.

Numa questão de curtas horas, os peritos americanos arquitetaram cerca de catorze respostas ao diabólico torpedo acústico. Havia entre outros dispositivos alguns de arrevezado nome, como «gamela de martelo rotativo» e «diafragma vibratório»... A idéia dominante de todos esses instrumentos era, nas palavras dum almirante: «fazer mais barulho onde a gente não estava, do que onde se estava...»

Os laboratórios, entretanto, não podiam fornecer senão parte da resposta: era aos militares que cumpria fazer o resto. Foi necessário desenvolver toda uma nova tática defensiva, e cultivar toda uma série de aptidões especiais para fazer uso dos «simuladores de ruidos». Havia sempre, por exemplo, o perigo de que um torpedo acústico, que andasse circulando nas pegadas do simulador de ruido, e prestes a cair na armadilha, fosse atingir por acidente outro navio do comboio; por outro lado, havia a possibilidade de os peritos navais poderem realmente fazer passar o torpedo de «mão em mão», ou seja, de simulador de ruido em simulador, até o obrigarem a sair completamente da zona de objetivos.

Por parte dos alemães, a luta nunca cessou contra o radar dos aliados e contra os complexos dispositivos de *sonar* por meio dos quais o quase imperceptivel *ping* se desdobrava em verdadeira sinfonia de destruição. O *ping* é nem mais nem menos do que uma onda sonora submarina. Quando encontra um objeto sólido, essa onda regressa como um eco ao ponto de partida. Os alemães levaram muito tempo tentando criar um tipo de borracha especial capaz de absorver o *ping*, para com ela forrarem os submarinos. E, com efeito, conseguiram produzir um tipo de borracha a tal ponto absorvente do som, que alguns homens, conversando num quarto, não conseguiam entender o que diziam quando as paredes eram forradas dessa substância. Em seguida inventaram um grude especial para fazer aderir a borracha ao casco dos submarinos. Se, por sorte, algum operário alemão pegava um pouco desse grude na sola dos sapatos, ao andar sobre o casco dum submarino, com a força que fazia para arrancar o pé, perdia alí as solas. Tanto a borracha como o grude eram dois produtos maravilhosos—mas o *ping* continuou devolvendo o seu eco fatal até o último dia da guerra. O *Pillenwerfer*, espécie de canhão submarino capaz de disparar pílulas químicas produtoras dum ruido que ia agitar e encurvar o *ping*, era uma contra-arma mais eficaz.

O radar lançou os alemães em paroxismos de loucura. A primeira resposta que tentaram contra ele foi o chamado «Holandês Voador», que era uma espécie de cruzamento entre o helicóptero e o papagaio de papel. Este aparelho, ligado à torre do submarino por meio dum fino cabo enrolado num sarilho ou tambor, era lançado no ar e subia à medida que o submarino se fazia a toda a velocidade contra o vento. O «Holandês Voador» subia a boa altura, e, uma vez lá em cima, mantinha-se graças a uma hélice horizontal como a dos helicópteros ou autogiros. O piloto solitário ia munido dum transmissor-receptor de rádio. Mas a invenção oferecia dois sérios óbices: o primeiro era que o piloto ficava tão ocupado em manter o aparelho nas alturas, que não lhe restava muito tempo para fazer a vigilância do mar; o segundo era que não havia maneira de o socorrer rapidamente, fazendo-o recolher ao submarino, caso ele tivesse lobrigado um avião inimigo e o submarino tivesse, por consequência, que mergulhar de chofre. Em geral o que sucedia era que o pobre piloto do «Holandês Voador», na sua impotente solidão dos ares, via cortado o cabo que o ligava ao submarino, e acabava caindo ao desamparo nas ondas. Tudo isso tornava

o emprego desta arma um caso de consciência.

Os alemães surgiram então com os seus balões de negaça ou engodo contra o radar. Tratava-se de pequenos balões cheios de hidrogênio, e forrados de tiras de papel de estanho capazes de refletir as ondas de radar. Lançavam-nos em pelo mar, amarrados a uma âncora por um cabo de categute com cerca de 30 metros. Um operador de radar experimentado, ao avistar na sua tela uma sombrinha que viajava ao sabor do vento e aproximadamente à velocidade deste, podia calcular que se tratava duma negaça. Mas certeza é que ninguem podia ter: podia-se tratar igualmente dum submarino comandado por um sujeito suficientemente manhoso para viajar com o vento e à velocidade deste. De sorte que estes balões mantiveram até o fim da guerra o seu potencial de perturbação.

O radar dos alemães podia determinar a presença dos nossos, não mais tarde do que os nossos localizavam o submarino, e o resultado era em geral um destes sururús no gênero dos filmes do *Far West* americano, em que dois grupos de contendedores puxam dos revólveres ao mesmo tempo. Em virtude disto, os alemães criaram então um «receptor de pesquisa» por meio do qual podiam verificar a posição dum aparelho de radar, a uma distância entre dez e vinte milhas superior àquela a que o radar podia localizá-los.

Nessa altura os aliados fizeram entrar em ação um novo tipo de radar—o S-radar, cujo imediato resultado foi espalhar o terror quase pânico nas fileiras navais dos alemães. Os seus receptores de pesquisa não podiam captar o S-radar. Os nazistas haviam-se esforçado por desenvolver um aparelho-captador, que funcionasse por meio de raios infra-vermelhos, e ficaram convencidos de que tínhamos tido êxito onde eles haviam falhado. Durante seis meses, pois, obstinaram-se em criar defesas contra este princípio, preparando uma tinta especial para revestimento dos seus submarinos, de modo a torná-los invisiveis aos raios infra-vermelhos. No ínterim, os comandantes dos submarinos nazistas estavam com medo de usar os seus receptores de pesquisa, ou mesmo o radar, e o fato é que, em resultado disto tudo, os torpedeamentos de navios aliados diminuiram consideravelmente. Mas a Gestapo não dormia, e passado tempo caiu-lhe nas garras uma instalação do nosso aparelho, deixando os alemães na posse do segredo.

«Assim que os alemães inventavam uma coisa, nós desencavávamos logo a resposta,» disse o almirante Kilpatrick, chefe do estado-maior da Esquadra Americana do Atlântico. «Os papéis trocavam-se então, e se vínhamos com um novo truque, os alemães por sua vez inventavam logo o contra-truque. A guerra correu toda assim, com os dois campos se esforçando continuamente, como *boxeurs*, para inventar e aplicar as respostas, enquanto o adversário lhes esmurrava as ventas...»

Os ALEMÃES conseguiram criar três coisas de carater revolucionário na guerra submarina, cada uma destinada por seu turno a levá-los à vitória.

A primeira foi a «alcatéia de lobos», que consistia no seguinte: todos os submarinos destacados para a patrulha dos oceanos encontravam-se em certo ponto, em quantidade que ultrapassava a dos navios de escolta dum comboio. Era então que atacavam em bando: daí o nome de «alcatéia».

A isso respondemos com a aviação: nossos bombardeiros pesados, com base em terra e munidos de radar, foram rechaçando os submarinos para longe das duas costas do Atlântico, onde a «caça» era mais densa. Depois, os submarinos se concentraram no eixo do oceano, fora de alcance dos aviões terrestres, e dalí saiam para os seus ataques em massa.

O porta-aviões de escolta foi a resposta dos americanos à nova tática submarina. «Conseguimos o porta-aviões *Bogue* e despachamo-lo a toda a pressa numa primeira viagem experimental,» fala ainda o almirante Kilpatrick. «Os porta-aviões pequenos não desenvolviam a velocidade suficiente para acompanhar um comboio rápido: eram, é certo, capazes de fazer os seus 16 ou 18 nós, mas precisavam de parar e virar-se contra o vento todas as vezes que se procedia a decolagem e aterragem dos aviões, e tudo isso representava uma perda de tempo que eles não podiam depois recuperar. Que fizemos? Mandamos o *Bogue* na frente, para que ele esperasse os comboios no ponto onde eles atingiam o limite máximo de alcance dos aviões de escolta com base em terra, e se encarregasse deles daí por diante. Era um horário complicado; direi mesmo que deve ter sido o horário mais complexa e delicadamente organizado que a Marinha já fez! Mas foi assim que se conseguiu por fim resolver o problema da velocidade. Precisávamos navios de escolta para proteger os porta-aviões, mas não os havia, nem tínhamos tempo para esperar por eles. A guerra estava-nos, digamos assim, fugindo por entre os dedos, e nessas condições não tínhamos outro recurso senão *torcer* e rezar... O sr. pode imaginar como é que a Marinha se sentiu quando o *Bogue* saiu, sem escolta, para a sua primeira missão! E como é que se sentiam os seus tripulantes...»

Os primeiros porta-aviões de tipo menor marcaram êxitos loucos. Pegaram os nazistas completamente de surpresa, a tal ponto que as tripulações dos submarinos se sentiam tão seguras em pleno Atlântico, como se estivessem numa praia de banhos ou numa piscina particular! O submarino atacado por um avião, e forçado a mergulhar de chofre, fica miseravelmente indefeso durante aqueles preciosos segundos que decorrem antes de ele ter atingido uma profundidade relativamente segura.

A primeira reação dos nazistas contra o porta-aviões pequeno foi um erro tão profundamente cego e incompreensivel, que, na opinião de muitos entendidos, custou a derrota aos alemães. Tomados de pânico, e com a caraterística teimosia germânica, resolveram que o submarino devia dar batalha ao avião!

O almirante Doenitz chamou todos os submarinos às suas bases, e eriçou-os de canhões anti-aéreos. A despeito disso, durante seis meses, em 1943, os aliados afundaram 150 submarinos inimigos, e conseguiram arrancar as garras das «alcatéias de lobos». E dizer que os alemães tinham alí, ao alcance da mão,—quase diante do nariz—a solução do problema, que era o próprio porta-aviões—parado, indefeso, entregue a si mesmo pelo menos durante três horas por dia, enquanto largava ou recolhia os seus aviões! Pois nunca se lembraram de atacar um porta-aviões pequeno, senão já nos meses finais da guerra.

MAS NÃO se vá pensar que a grande vitória dos porta-aviões foi ganha assim tão facilmente. Três fatores principais a determinaram: raciocínio, habilidade, e a disposição de morrer matando.

Antes de termos podido desenvolver o tipo ideal de ataque aéreo contra o submarino, foi-nos preciso aguentar uma longa campanha de tentativas e erros.

Foi necessário elaborar instruções as mais minuciosas. Exigia-se por parte dos pilotos e dos tripulantes uma enorme diversidade de aptidões, para executar toda sorte de operações, desde a leitura do radar e o manejo dos aparelhos de som, até a leitura astuciosa das intenções do inimigo, no momento supremo do ataque. A Marinha americana insistia com fanática obstinação no desenvolvimento de todas essas aptidões.

Por exemplo: a 15 de abril de 1943 um avião da Esquadrilha de Patrulha nº 83 tropeçou, por assim dizer, com um submarino alemão ao cabo de dez horas de intensas buscas. O avião estava ainda a uns bons 800 metros de distância, quando o submarino deu o mergulho de emergência. Não havia tempo a perder com táticas corretas; o piloto arremessou-se simplesmente contra o submarino, fazendo uma picada de 60 graus da altitude de 1.200 metros. Danificou o submarino, forçando-o a voltar à superfície, e continuou a espicaçá-lo, fazendo frente a um nutrido fogo anti-aéreo, até que um segundo avião da esquadrilha veio em seu socorro e destruiu o submarino. Depois, com a gasolina já desaparecendo no tanque, o piloto fotografou os sobreviventes do submarino que nadavam nas ondas, e ainda conseguiu voar mais de 480 arrastados quilômetros, de regresso à base. Não encontrou alí medalhas à sua espera: em vez disso, o valoroso piloto teve de ouvir um gélido sermão de crítica aos seus métodos de combate pouco ortodoxos, que concluiu por estas palavras: «Sem pretendermos negar que o ataque foi eficaz, o êxito alcançado não deve de maneira nenhuma obscurecer-nos sobre a irregularidade dos meios empregados.»

Em outras palavras, faça as coisas como nós lhe aconselhamos, ou não as faça! E esta orientação, segundo afirma o almirante Ingram, deu bons resultados, porque diminuiu as nossas baixas e aumentou o número das perdas inimigas.

Leiamos agora o que nos contam sobre os atos de coragem temerária, dignos de homens com entranhas de ferro. Durante a noite de 5 de agosto de 1943, o tenente Erskine, chefiando um avião Mariner que andava em patrulha ao largo da base naval de Trinidad, avistou um submarino e atacou-o, servindo-se de foguetes luminosos, para no final declarar em relatório que os efeitos do ataque eram desconhecidos. Os ataques desse gênero raras vezes eram coroados de êxito. Se o foguete era suficientemente brilhante para iluminar bem o alvo, era-o tambem para deslumbrar o piloto, cegando-o momentaneamente para a avaliação correta das distâncias.

Erskine passou o resto dessa noite mantendo-se fora do alcance do periscópio do submarino, caso este se sentisse tentado a voltar à tona da água, mas ao mesmo tempo procurando conservar-se em contacto de radar com ele, para poder cair-lhe em cima, se ele emergisse.

Mas o comandante daquele submarino era uma raposa velha, batida nesses truques, conhecendo muito bem o método —e deixou-se ficar submerso. Ao romper do dia, faltando-lhe combustivel, Erskine foi rendido na patrulha pelo tenente Matuski. Este ficou rondando para cá e para lá, durante sete e meia horas cacetes, naquele quadrado de oceano, esforçando-se por imaginar que manobras ele faria se fosse capitão dum submarino, depois de ter andado debaixo da água tantas e tantas horas, com tais e tais correntes marinhas, em este e aquele estado do mar, e ao mesmo tempo procurando seguir segundo estas deduções, a mesma tática

do seu antecessor, a qual é conhecida entre os aviadores pelo nome de *gambit*.

Matuski era um rapaz bem conhecedor do seu ofício. Às 13 h 21, a base naval de Trinidad recebeu dele um relatório de contacto com submarino, dando a latitude e a longitude, e acrescentando: «Vou dar o ataque agora.»

«13 h 30 — transmitia daí a pouco — submarino danificado, proa fora da água, está dando só dois nós.

«13 h 35: proa do submarino afunda.

«13 h 37: não há baixas nem danos no avião.

«13 h 48: Atingido. Atingido. Avião incendiado.»

Depois, silêncio.

Matuski e a sua tripulação pereceram. Provavelmente, na sua ânsia de manter sob suas vistas o submarino danificado, tinham-se acercado demasiado dele, e foram atingidos pelo fogo anti-aéreo.

Neste meio-tempo, de Trinidad despacharam o ten. Crockett para o lugar da refrega. Daí em diante ia-se travar uma corrida de velocidade entre a brigada de reparação do submarino e o avião de Crockett. Se o submarino pudesse fazer rapidamente os reparos suficientes para mergulhar antes que ele lá chegasse, Crockett faria melhor ficando na sua base. Não se tratava, evidentemente, dum submarino qualquer, mas de alguma coisa governada com muita astúcia e nervos muito sólidos.

Crockett atingiu a posição indicada por Matuski, e 20 minutos depois o radar permitia-lhe localizar o inimigo. Tão depressa entrou no raio de alcance visual, pôde perceber como Matuski fizera bem o seu derradeiro trabalhinho: a popa do submarino estava mergulhada, a proa no ar, e o monstro arrastava-se penosamente mar em fora. Mas os nervos dos homens que iam a bordo ainda se mostravam rijos e firmes. Vendo circular por cima das suas cabeças aquela sentença de morte, que era o avião de Crockett, os alemães romperam fogo com um canhão de 3 polegadas, e fizeram-no com perícia excelente.

Crockett não se precipitou, e resolveu proceder paulatinamente. Deu duas voltas por cima do submarino, manobrando como se se preparasse para atacar caindo sobre a ré do barco. Sabia que isso mesmo os alemães esperavam que ele fizesse. Depois, abruptamente, lançou o seu avião gigantesco numa picada quase vertical, da altitude de 450 metros a 240 nós, e aproou ao submarino pela alheta de bombordo. Era como se tentasse passar entre os dentes da morte—mas Crockett e a sua tripulação conseguiram sobreviver a essa temeridade. Infelizmente, o submarino tambem o conseguiu. Na verdade, quando o cachão de espumas erguido pela bomba abateu, lá estava o barco, aos estremeções de popa a proa, é certo, empenado e abrindo enormes brechas—mas ainda sobrenadando e disparando!

Crockett não teve mais remédio senão executar segunda picada. Mas desta vez não recorreu a nenhum truque, esperando assim enganar com a verdade os alemães. Mas estes não se deixaram lograr. Tinham os canhões bem assestados nele, e antes de haver entrado na linha de ataque, Crockett já estava com uma asa em chamas. Em vista disso, perdeu a esperança de se salvar, e despejou em cima do submarino todas as bombas que levava, em um esforço supremo para arrastar consigo, para o fundo do mar, o inimigo.

Mas enquanto o avião continuava na picada de ataque, o mecânico Creider foi rastejando pela asa fora, levando nas mãos uma camisa com que esperava abafar as chamas, e os camaradas iam-lhe arremessando garrafas de CO_2 para aju-

dar... E Creider apagou o incêndio! O avião, Crockett e a tripulação escaparam desta vez com vida—e o mesmo sucedeu ao submarino. Este descrevia vagarosos círculos, perdido o controle de navegação, mas os marujos continuavam a regorgitar pela escotilha da torre de comando com o fim de tomar o lugar dos que tinham morrido agarrados aos canhões.

«Preciso ajuda!» irradiou Crockett.

Um aparelho Ventura saira de Trinidad logo em seguida ao dele, e chegou à cena do combate 27 minutos após Creider ter conseguido dominar o incêndio. A pugna entre Crockett e o submarino já por essa altura virara uma espécie de questão pessoal, e o primeiro recusou-se a abandonar o terreno aos ataques do Ventura.

«Esse bicho tem muito canhão!» preveniu ele ao piloto do Ventura, «e atira que é uma beleza. Eu o metralho para você.»

E foi assim que Crockett converteu o seu gigantesco e pesado avião naval às funções dum avião de caça. O Ventura afastou-se umas 8 milhas para a popa do submarino, enquanto Crockett descaiu umas 3 a 4 milhas para o largo do vau de boreste. Então, a um sinal de Crockett, os dois aparelhos cairam juntamente a fundo sobre o estropiado inimigo...

Crockett deve ter dito boas coisas ao piloto do Ventura, a respeito dos artilheiros daquele submarino: foi tal a ânsia com que o piloto quis passar por cima deles, aproveitando o momento em que os viu correr a refugiar-se da metralha de Crockett, que o Ventura atravessou veloz como um raio por entre as balas traçadoras de Crockett, e largou as suas quatro cargas de profundidade todas a um tempo, o que fez pular de asa o avião daquele, verticalmente, e o obrigou a dançar um instante na corda bamba.

Depois disto, não ficou vivo nem um dos homens da guarnição de fogo do submarino; as bombas de profundidade tinham caído com perfeito rigor dum lado e outro do submarino, e de caminho, com o tiroteio de Crockett, tinham-se liquidado a todos. Mas a brigada de combate aos estragos do submarino essa é que ainda estava em excelente forma, e com os nervos ainda bem temperados, porque se viam sair mais homens da escotilha da torre, para substituir os mortos; e enquanto o Ventura e Crockett circulavam lá em cima, furibundos, as bombas de esgoto foram gradualmente fazendo subir um pouco a popa do submarino. Este, porem, só conseguia agora navegar tropegamente, às voltas.

Dois outros aviões Mariners tinham entretanto decolado da ilha de Trinidad, um dirigivel da Marinha aproximava-se, vindo duma base mais distante, e um velho e vagaroso bombardeiro bi-motor do Exército americano, fazendo das fraquezas forças, tambem vinha por aí fora, na esperança de chegar a tempo para a matança.

O primeiro a chegar foi o Mariner, pilotado pelo tenente Dresbach.

—Vamos ver se liquidamos isto de vez, disse Crockett. —Vamos acabar com esse sujeito para voltarmos para a base. Ordenou ao aparelho Ventura que viesse fazendo fogo pela alheta de bombordo, enquanto ele disparava contra a alheta de boreste, e Dresbach metia as bombas diretamente pela ré.

—Vamos a ele, vamos a ele! bradou Crockett. —Agora é que é! E os três aviões entraram a matar.

Os do submarino sabiam perfeitamente qual era o avião que tinha a mais alta prioridade: e assestaram primeiro os canhões contra o Mariner de Dresbach.

«Começaram a disparar contra nós a uns 300 metros de distância,» contou depois o tenente Christian, que ia sentado no lugar do segundo piloto. «Íamos a toda a velocidade, mas era como se estivéssemos mesmo pendurados dum gancho no ar, à mercê deles. Balearam o Dresbach no peito e num braço: eu o vi ficar todo encolhido no assento, como se quisesse enroscar-se para dormir, e não compreendí o que se passava senão quando, com grande espanto, vi as manchas de sangue.»

O artilheiro da cauda, um tal Baites, fora atingido numa perna e o sangue jorrava-lhe da ferida. O marinheiro Kerr, que ia na câmara do bombardeiro, estava ferido no tronco, na anca e numa perna.

«Tivemos um trabalhão para descobrir que o Kerr estava ferido,» relatou Christian. «Foi ficando onde estava, e não disse nem pio a respeito dos ferimentos.»

Dresbach ainda abriu a boca para dar uma ordem, mas, em vez desta, saiu-lhe uma golfada de sangue. Abanou a cabeça com uma expressão de fadiga, soergueu-se com enorme esforço, e, num gesto que foi seu derradeiro ato de conciência, apertou o botão para largar as bombas: em seguida caiu de bruços sobre os comandos. O avião entretanto ia picando a 190 nós, a menos de 60 metros de altitude. Christian conseguiu arrancá-lo a salvo do mergulho, e enfiou-o através das nuvens próximas, em uma manobra que o relatório oficial da operação descreve como tendo sido uma «demonstração de sangue-frio».

Crockett manifestou-se entusiasmado. Só uma das bombas explodiu, mas o submarino foi violentamente sacudido, adernou acentuadamente para boreste, em seguida adernou novamente para bombordo, e continuou assim nesse vai-vem durante, ao que pareceu, alguns minutos.

Christian subia já então afim de tomar posição para a picada de misericórdia. O tenente Hilbert tomou o lugar de Dresbach para ajudar Christian, enquanto o primeiro era transportado para o compartimento dianteiro, onde expirou.

«Surgimos para o ataque através de nuvens esfarrapadas, mas vimos na nossa frente um vasto espaço aberto por onde atravessamos,» declarou Christian. «E os nazistas nos pegaram logo. Feriram na cara o tenente Hurley, e no pulso o operador de radar. O painel dos instrumentos ficou estilhaçado, bem como o indicador de velocidade no vôo, mas o Hilbert meteu o aparelho numa picada de 50 graus, que quase pôs o avião na vertical. Não sei o que é que aconteceu então nas suspensões das bombas, porque só uma se soltou, indo explodir a 30 ou 50 metros a bombordo do submarino, sem causar nenhum estrago.»

Mas os nazistas a essa hora já estavam perdendo a coragem. «Quando íamos saindo da picada por cima do submarino,» disse o operador de rádio Ruff, «eu vi alguns tripulantes de pé na torre de comando, com as mãos cruzadas na cabeça, e tambem dois ou três homens deitados no tombadilho, perto da escotilha da proa, com as mãos na mesma posição. Parecia que estavam chorando, mas acho que na realidade tinham mas era medo das traçadoras e dos estilhaços. Quando saimos da picada o submarino tinha deixado de atirar contra nós. Não sei porque, a maneira como aqueles sujeitos estavam tentando cobrir a cabeça com os braços ficou gravada na minha retina, e até parece que os estou vendo...»

Parecia impossivel que o submarino pudesse resistir a tanta pancadaria, mas resistiu mesmo, e o tenente Null teve

que dar outro ataque no seu Mariner. Mas quando se estavam abrindo as portinholas do depósito de bombas, deu-se algum acidente por via do qual as bombas se soltaram antes de tempo, de sorte que a explosão se produziu a distância do barco. Null, amargurado, continuou a picar: se não podia lançar as bombas ao casco do submarino, ao menos havia de crivá-lo de balas de metralhadora!

O ataque final coube ao B-18 militar: a essa altura já estava demasiado escuro para se poder dizer o resultado do ataque. Recolheram todos às suas bases, cientes de que já vinham a caminho os destróieres para liquidar o assunto. Estes chegaram só ao amanhecer, e tudo que fizeram foi recolher do mar os sobreviventes alemães que estavam ao léu. O submarino afundara durante a noite. Mas ainda fez outras vítimas: o derradeiro episódio da batalha foi o acidente que sofreu o dirigivel da Marinha. Na sua ânsia de ajudar a acabar com o submarino, o dirigivel demorou-se demasiado, e, já de regresso à base, encontrou-se sem combustivel ao último minuto, foi forçado a aterrar à toa em terra, e ficou desfeito.

«Tínhamos do nosso lado a ciência,» comentava depois o almirante Ingram, «e as nossas fábricas cumpriram maravilhosamente a sua tarefa. Mas o preço da batalha do Atlântico foi todo ele pago em força de coração. Isso é o que os meus rapazes puseram sempre nesta luta—o seu coração leal!»

Os ALEMÃES não abandonaram a partida somente porque se viram batidos na campanha submarina. Passado pouco tempo, os aviadores aliados começaram a dar notícia de qualquer coisa que se parecia com um cesto de papéis deslocando-se através do Atlântico, e que deixava atrás de si uma leve esteira de espuma branca, e por vezes tambem um vago rasto de fumaça. Era o temivel *Schnorchel* que fazia a sua estreía nas águas de combate.

O calcanhar-de-Aquiles dos submarinos foram sempre as suas baterias de acumuladores. É sabido que, quando debaixo da água, eram forçados a funcionar a motor elétrico, alimentado a baterias, e após 24 horas de navegação submarina tinham que subir à superfície para tornar a carregar os acumuladores. À superfície tornavam-se muito vulneraveis, sobretudo agora que nem mesmo a noite lhes oferecia mais abrigo, desde que os pilotos dos porta-aviões pequenos tinham podido resolver os infinitos problemas das decolagens e aterragens noturnas. Graças ao *Schnorchel*, porem, o submarino já podia utilizar os motores Diesel quando estivesse submergido, e não precisava mais de vir à superfície para carregar as baterias. De um só golpe, o *Schnorchel* triplicou a velocidade do submarino submerso, arrancou ao avião uns 80 por cento da sua eficácia como arma de contra-ataque, e tornou o radar pouco mais do que inutil.

Mas, que era o *Schnorchel*? Era nem mais nem menos do que um ventilador extensivo dos motores Diesel, um simples tubo provido duma válvula no extremo superior. Os Diesel descarregavam a fumaça através do tubo, para o ar livre, enquanto o submarino cruzava a uma profundidade periscópica de 10, 50 a 12 metros. A válvula servia para evitar que a água entrasse pelo tubo abaixo.

Os alemães tinham encontrado essa idéia em dois submarinos holandeses capturados em 1940, mas, segundo sua própria confissão, começaram a fazer experiências com ano e meio de atraso... As dificuldades que os nazistas encontraram no aperfeiçoamento do *Schnorchel* foram

numerosíssimas: as tripulações sofriam de dores de ouvidos por causa das flutuações de pressão a que ele dava lugar; nos mares agitados, o esforço se tornava quase insuportavel para os marinheiros, por ser tão dificil manter o submarino à profundidade conveniente. Este defeito nunca eles conseguiram remediar. As paradas eram frequentes, os submarinos se enchiam de fumaça, e o U-269, por exemplo, teve que regressar à base ao fim de cinco dias de patrulha, porque toda a tripulação estava sofrendo de diarréia aguda devido à absorção de vapores tóxicos. Os vapores da exhaustão invadiam as câmaras dos Diesel, causando com frequência sérias intoxicações de monóxido de carbono. Mas os nazistas reforçaram as rações de fruta e de leite do pessoal das máquinas, e persistiram nas experiências.

Ao cabo de tantos labores, conseguiram chegar a resultados palpaveis. O *Schnorchel* funcionava ruidosamente, tornando mais facil perceber-se a presença do submarino por meio do *sonar*, e o ruido perturbava o trabalho dos operadores de *sonar* do próprio submarino. Mas, com tudo isso, podia ter ganho a partida, se a nossa própria aparelhagem de *sonar* não estivesse já então um passo mais adiante...

Com efeito, o pessoal dos nossos laboratórios pôde tornar a aparelhagem de registo de som tão sensivel, que até se podiam ouvir as conversas do pessoal a bordo dos submarinos alemães assentes no fundo. Havia contudo um ponto em que a perfeição dos nossos aparelhos começou a trabalhar contra nós: o mundo sub-aquático é cheio de rumor e atividade, e a aparelhagem, sensivel em extremo, muito embora funcione prodigiosamente bem no laboratório, no mar registava uma tão confusa mescla de ruidos perturbadores, que não havia ouvido humano capaz de destrinçá-la.

Um instrumento que então se revelou de maior utilidade foi a «bóia sônica», destinada a «queimar-se». Um avião despejava a bóia no oceano, dentro da área onde se suspeitava da presença dum submarino. A aparelhagem de som montada na bóia marcava a posição do submarino, e um transmissor automático de rádio, tambem na bóia, irradiava o ruido para o avião. De maneira que este, que se tornara um caçador pouco eficaz de submarinos, passou a ocupar as funções que antes pertenciam ao radar.

Durante as dez semanas em que os Aliados estiveram ocupados na invasão da França pela Normandia e a Riviera, os submarinos, munidos do *Schnorchel* e de torpedos acústicos, meteram no fundo doze dos nossos navios mercantes. Mas sabe-se ao certo que, durante a mesma fase, vinte e nove submarinos foram destruidos, muitos outros o foram provavelmente, e um número ainda maior saiu danificado.

A derradeira grande ofensiva submarina da última guerra esgotou-se depois disso: os alemães já não aguentavam a marinha de guerra dos aliados.

Isso, aliás, ficou magnificamente demonstrado com a história do afundamento do U-546, combate esse descrito pelos almirantes Ingram e Kilpatrick como sendo um modelo clássico; nele tomaram parte quase todos os utensílios e táticas conhecidas de ambos os contendores.

O U-546 foi um dos seis submarinos alemães que se fizeram ao Mar do Norte no dia 19 de março de 1945. A informação secreta que a respeito deles chegou às mãos dos Aliados levou estes a deduzir que, num gesto supremo de desespero, Hitler ordenara se pusesse em prática o plano de bombardear as costas do hemisfério ocidental com bombas-foguetes. A

esquadra americana do Atlântico aprestou-se, da primeira à última unidade, para lhes dar combate.

De começo, todo o trabalho ficou necessariamente circunscrito ao estudo dos mapas desdobrados nas pranchas de desenho do exíguo e atravancado escritório dos Planos de Operação do Comando Atlântico. Inclinados sobre esses mapas, os oficiais a cargo das operações, conhecendo tudo o que era possivel conhecer a respeito dos submarinos e dos comandantes nazistas, esforçaram-se por imaginar o que é que eles próprios fariam, se fossem *eles* que tivessem o comando daqueles seis corsários inimigos. O problema já não era novo. Esses mesmos oficiais tinham sabido um dia localizar por conjeturas a posição dum submarino alemão que, rompendo o bloqueio, conseguira sair do Japão, transpor o Pacífico e entrar no Atlântico sul, e tinham despachado um navio para o ponto onde, segundo os seus cálculos, hipotéticos tambem, o corsário se devia encontrar: e o navio voltou com os troféus da vitória!

Mas, no caso dos seis submarinos, ninguem se podia confiar tão somente às conjeturas: quatro grupos de porta-aviões de escolta, e quatro grupos de apoio ao ataque, receberam ordem de erguer uma barreira contra a passagem dos seis corsários, ao longo duma linha que aparecia, em roxo, nos mapas de operações. O roxo, nesses casos, representa a *hipótese*, e o verde o *fato verificado*.

Convem ter aquí em linha de conta que, no decurso da guerra inteira, os submarinos denunciaram sempre a sua presença ao darem, quase diariamente os seus relatórios para Berlim. O almirante Doenitz sabia muito bem que os nossos radio-localizadores podiam determinar graças a isso a posição dos submarinos, mas nem assim deixou de exigir relatórios pelo rádio, talvez porque os nazistas nunca tivessem confiança em ninguem, nem mesmo nos seus próprios homens. Esses seis submarinos, porem, fizeram do rádio um uso parcimonioso. Um dia pediram um boletim meteorológico a outro corsário alemão que navegava mais para oeste. Os rádio-localizadores situaram-nos imediatamente, e o Serviço Aliado de Operações registou, com legítima satisfação, que o sinal verde foi cair a menos de uma milha de distância do sinal roxo. A conjetura coincidia praticamente com a verificação! Doutra vez ouviu-se falar dos submarinos para Berlim: frases breves, nervosas, que sumiram num abrir e fechar de olhos. Tanto bastou para permitir aos Oficiais de Operações verificar mais uma vez as suas conjeturas. Mas, durante mais de três longas semanas de fadiga, a localização desses corsários teve que ser feita só por meio de hipóteses.

Depois, a 11 de abril, um aparelho do porta-aviões *Croatan* avistou à superfície do mar um delgado rasto de fumaça, aparentemente saido dum *Schnorchel*, e a 15 do mesmo mês dois submarinos entalaram o focinho na barragem que os nossos planos de operação lhes haviam posto de través no caminho: ambos foram postos a pique. A 22 foi afundado o terceiro submarino, e às 13 h 22 da mesma tarde outro foi avistado por um avião, a 70 milhas de distância do *Pillsbury*, escolta de destróier. A esquadrilha de ataque recebeu ordem de avançar a 20 nós para o ponto indicado. As pesquisas duraram toda a noite e parte da manhã do dia 24, até que pelas 8 h 29 o destróier *F. C. Davis* anunciou pelo TBS (conversa entre navios): «Vamos investigar contacto possivel à nossa ré.» Os navios que formavam a linha afrouxaram para cinco nós, enquanto o *F. C. Davis* dava a busca.

Exatamente 11 minutos depois, um

torpedo partiu o escolta de meio a meio, e a batalha começava...

O torpedo é uma arma terrivel. Dos 179 marinheiros e 13 oficiais que iam a bordo do *F. C. Davis*, morreram 105 marinheiros e 10 oficiais. O *Hayter* acorreu para salvá-los, e conseguiu pescar 65 homens em estado de inconciência ou de semi-inconciência, ou sofrendo de incontrolavel tremor devido ao prolongado banho na água frígida. O tenente Keyes só à sua parte salvou 12 náufragos e recuperou três cadáveres, saltando no mar, e trazendo os sinistrados a reboque até ao costado do seu navio. Durante muitas horas oito dos tripulantes ministraram respiração artificial aos náufragos. Bumgarner conseguiu reanimar três homens que estavam dados como mortos, trabalhando furiosamente, sem descanso, a despeito do tremendo balanço que o mar imprimia ao navio. Só com um dos náufragos labutou ele durante três horas consecutivas, sem consentir que o rendessem, porque sabia como é importante manter um ritmo respiratório ininterrupto.

No ÍNTERIM, os outros navios da grande força naval como que procuravam fazer-se todos eles ouvidos, sondando cautelosamente o confuso mundo sub-aquático onde pairava o submarino. Os amplificadores de som sobrepostos às «cômodas» acústicas expeliam rumores que faziam pensar numa cidade atroadora.

«A produção de sons,» esclarece um manual de navegação, «parece ser tão comum entre os peixes e crustáceos dos mares, como entre os insetos e outros animais terrestres.» Entre todos sobressaem pelo seu falatório os peixes cantadores e os peixes tambores. Há um gênero de camarão que estala e crepita continuamente, como toucinho na frigideira! A correria dos porcos-marinhos e das baleias através das águas produz um «efeito hidrofônico». E o coro dos peixes grasnadores é comparavel ao estrugir duma oficina mecânica.

Mas a aparelhagem de som procurava agora distinguir o *ping*, e outros rumores que denunciassem a presença do submarino, pelo eco produzido no casco deste.

Trinta e sete minutos depois de torpedeado o *F. C. Davis*, o *Flaherty* conseguiu localizar o submarino, e a linha de navios batedores ficou imovel enquanto alguns dos barcos se concentravam para o ataque de morte. O *Flaherty* recebeu ordem de executar um ataque do tipo chamado *ahead-thrown*, enquanto o *Pillsbury* manobrava, simulando ser ele o atacante real.

Os ataques chamados *ahead-thrown* (literalmente «lançado à frente») são executados por meio de dispositivos que disparam projeteis destinados a explodir debaixo da água em uma de duas formações: a formação em «ouriço» ou em «ratoeira». Diversamente das bombas de profundidade, que vão detonar a determinada profundidade, aqueles projeteis só explodem ao entrar em contacto com o alvo, de sorte que não produzem nenhum rumor debaixo da água a não ser quando dão em cheio. A detonação das bombas de profundidade faz com que habitualmente os operadores do *sonar* percam contacto com o submarino, mas esse contacto pode manter-se ininterruptamente durante o ataque *ahead-thrown*.

Às 9 h 50 o *Flaherty* disparou. Ouviu-se um estouro, o uivo e estertor dos projeteis voando, um espadanar de espumas, o sorvo e soluço do mergulho dos projeteis —e depois um silêncio. Os cronômetros, capazes de registar um décimo de segundo para medir o lapso da explosão e dessa maneira revelar a profundidade do sub-

marino, pulsavam nas mãos dos homens: mas nenhuma explosão se fez ouvir.

O ataque falhara, muito simplesmente porque não se tratava no caso presente dum submarino qualquer: o respectivo comandante conhecia todos os truques do seu ofício, e de todos eles fez uso. Sabia como as bolhas duma esteira de espuma deformam e enfraquecem as ondas sonoras: por isso descreveu círculos e mais círculos nas águas onde se encontrava, com o fim de produzir verdadeiro turbilhão de esteiras. Disparou bolhas de ar pelos tubos lança-torpedos. E quando um *ping* feria o casco do seu barco, ele replicava com outro *ping* que ia atordoar os aparelhos de som do navio inimigo. Era tambem perito na produção do que, na jíria naval, se chama *knuckle*. O *knuckle* é o nome que se dá a uma zona de perturbação provocada nas águas pela aceleração repentina do submarino, acompanhada duma virada brusca de rumo; a água, assim agitada, restitue um eco do *ping* como se fosse o casco do próprio submarino. Alem disso, o comandante alemão colocava o submarino mesmo por baixo do navio atacante, de maneira a que o *ping* o não pudesse seguir. Nem havia maneira de iludí-lo quanto ao navio que estava realmente atacando: ele podia ouvir os canhões «K» disparando, e o espadanar das cargas de profundidade ao cairem na água.

Finalmente, o comandante alemão conhecia às maravilhas os gradientes de temperatura daquelas águas. Todos os submarinos alemães andavam munidos de cartas indicadoras das condições de som que eram de esperar nas diferentes camadas submarinas. Uma diferença mínima de temperatura causa a deterioração do eco. O comandante dum submarino pode mergulhar num gradiente de temperatura, ou abaixo dele, da mesma maneira que um soldado de infantaria pula dentro duma trincheira. Desta maneira cobre-se com uma camada de água quente ou fria, como se puxasse um cobertor até a cabeça, deixando o inimigo às apalpadelas lá em cima.

Este comandante serviu-se mesmo dos gradientes da temperatura para pôr tontos os seus perseguidores. Mas os nossos aviões souberam portar-se à altura daquele adversário. Havia a bordo homens que eram mestres na sua arte. Os navios pisavam as águas com patas de veludo, como gato no capim molhado, e quando o alemão disparou enfim os seus torpedos acústicos, os nossos estavam prontos para acolhê-los com os seus simuladores de ruidos. Mas o som musical, parecido com o duma serra, dos simuladores de ruidos abafou completamente o *ping*, e o contacto perdeu-se...

Mais de doze vezes o contacto se perdeu, mas foi sempre possivel restabelecê-lo.

O COMBATE durou todo aquele dia e entrou pelo começo da noite. Houve muitos outros ataques *ahead-thrown*, ataques com bombas de profundidade, e manobras simuladas, durante os quais os navios se mantinham tão perto uns dos outros que pareciam correr o perigo real de pegar as cargas disparadas pelos seus companheiros de luta. As brigadas das bombas de profundidade do *Hubbard* eram formadas de rapazes ainda calouros, que entravam pela primeira vez em combate. Diz o relatório oficial: «Os nossos homens estavam tensos, e por consequência viram-se em certos embaraços. Estes agravaram-se mais ainda devido à preocupação em que eles estavam de serem pegados pelas cargas disparadas dos navios vizinhos, as quais, ao serem projetados em arco, produziram a ilusão óptica

IRA WOLFERT recebeu o Prêmio Pulitzer pela sua reportagem da batalha das Ilhas Salomão. Testemunhou a única batalha naval de vulto que já se travou à vista da terra. (*Uma batalha naval vista de palanque*, Seleções, maio, 1943). Entre outros dos seus notaveis artigos de guerra publicados em Seleções, contam-se *Os guerrilheiros das Filipinas*, Seleções, julho, 1943, e *A guerra vista de um tanque*, Seleções, novembro, 1945.

Wolfert viveu por assim dizer com a marinha americana durante muitos meses, para poder contar a história, por tanto tempo proibida, da guerra no Atlântico, estudando relatórios secretos, visitando comandos e bases navais, correndo no encalço dos homens que travaram a longa batalha; e no fim; das suas experiências fragmentárias, pôde reconstituir o panorama geral que nos oferece nesta reportagem.

de ter o alcance suficiente para atingir as plataformas de tiro do *Hubbard*.» A despeito de tudo isso, os tripulantes mantiveram-se a postos com denodo.

As primeiras avarias de certa importância foram infligidas ao submarino duas horas depois de haver começado o ataque. A concussão pavorosa dos explosivos desconjuntou-lhes as chapas, a tal ponto que a água começou a infiltrar-se em numerosos lugares; mas a brigada de combate aos acidentes conseguiu porem calafetá-los. Durante o dia, as condições foram peorando gradualmente. Depois o tempo começou tambem a trabalhar contra os alemães. As baterias do navio encontravam-se quase exhaustas, devido às manobras esforçadas e contínuas. Já tinha feito tanta água, que foi preciso pôr a funcionar as bombas do hidrofone, e o comandante ficou sem saber que se estava passando lá em cima. Foi durante uma dessas pausas forçadas do hidrofone que o U-546 encontrou a morte: atingido em cheio, abriu uma brecha de respeito, e ficou com as baterias rebentadas. Em poucos minutos o pavoroso gás de cloro matou todos os tripulantes que estavam na parte da proa.

Foi isto um pouco depois das oito da noite. O *Flaherty* tinha disparado um «ouriço». O *Pillsbury* registava logo a seguir uma explosão submarina. Quatro minutos depois um fio de óleo sobrenadou no mar como um farrapo de sangue. Dez minutos depois, uma enorme bolha dilatou-se à flor da água como um balão, e rebentou deixando um rasto ebuliente. Então o *Flaherty* disparou outro «ouriço».

Às 20 h 36 o *Varian* bradou: «Está subindo à superfície. Artilheiros a postos!»

Às 20 h 40 o submarino emergiu, e o *Pillsbury* abriu fogo com a bateria principal e os canhões de 40 mm, enquanto os outros navios disparavam conforme podiam. Os sobreviventes nazistas encontraram a torre de comando a tal ponto danificada, que não puderam sair através dela, e tiveram que servir-se da escotilha da câmara dos Diesel para abandonar o navio. O *Schnorchel* tinha permitido ao submarino manter-se submerso continuamente de 21 de março a 9 de abril! Mas isso não lhe consentira escapar ao seu destino, como o não consentiu aos dois submarinos que ainda restavam dos seis que constituiam a esquadrilha: a marinha americana deu conta deles depois.

NOS ÚLTIMOS dias da guerra a marinha alemã ainda conseguiu produzir a sua terceira inovação radical, que era o submarino capaz de mergulhar a 20 metros

de profundidade e de fazer a velocidade, até então inacreditavel, de 15 nós, debaixo do mar. Mas veio demasiado tarde para produzir qualquer efeito e, que assim não fosse, tambem não era invulneravel. Este submarino era relativamente cego quando navegava a grande profundidade, e a sua capacidade de resistência era ainda limitada, ao passo que os aliados tinham uma paciência ilimitada.

PERGUNTEI ao almirante Kilpatrick se, em vista de todos os progressos feitos nestes últimos três anos pelos meios de combate ao submarino, este teria perdido a sua utilidade e eficiência como arma de guerra:

«Se os alemães tentarem recomeçar alguma vez,» respondeu o almirante «será com os submarinos que eles tentarão!»

Documentos invulgares

¶ QUANDO o motor elétrico de uma grande usina parou de funcionar e os engenheiros não conseguiram pô-lo em movimento, mandaram buscar um rapaz que era conhecido como um «gênio» em assuntos de mecânica. Dentro de dez minutos, pôs o motor a funcionar. No dia seguinte, mandou a sua conta, nos seguintes termos:

Uma peça	$ 0,60
Tempo	1,25
Massa cinzenta	23,15
Total	$25,00

—*The Berkshire Hills Federal Writers' Project*

¶ WILLIAM WEBB, açougueiro de West Worthing, no Canadá, colocou o seguinte aviso na sua vitrine: «Somos obrigados a fechar as nossas portas, devido ao dinheiro que nos devem. Em breve, anunciaremos os nomes dos devedores e as respectivas quantias ainda por pagar.»

O dinheiro começou a entrar, o açougue abriu novamente as suas portas, e está fazendo muito negócio.

—*Leader-Post* de Regina

¶ OS LEITORES de um jornal nos Estados Unidos foram surpreendidos um dia com uma página inteira em branco, em que se lia apenas esta desculpa: «Não se riam. Tivemos um trabalho dos demônios para encher as outras três páginas.»

—*Newsweek*

¶ EM LUGAR da costumeira quermesse da Igreja, o Vigário de Waterloo, na Inglaterra, enviou aos seus paroquianos a seguinte lista, concitando-os a contribuir de acordo com a sua conciência: «Viagem de ônibus até a Igreja. . . . . ; bilhete de entrada. . . . . ; roupas rasgadas e sapatos gastos. . . . . ; mau-humor e aborrecimentos. . . . . ; chá ou café, durante a tarde. . . . . ; espetáculos dados pela multidão. . . . . ; artigos inuteis, comprados na quermesse. . . . . total. . . . . »

As contribuições deram mais resultado do que todas as anteriores quermesses da Igreja.

—*AP*

Como o cavalo transformou o continente

Cascos na planície

(Condensado do «Country Gentleman»)

Herbert Ravenal Sass

IMAGINEMOS as planícies da Arábia e da Berbéria de trezentos anos atrás, famosas no mundo daquela época pelos seus cavalos rápidos e fogosos. Galés fenícias atravessam os mares rumo à Espanha. Vão carregadas de ferro, corantes, especiarias, frutas; levam tambem cavalos árabes-bérberes, de alta linhagem do deserto. Longos séculos decorrem e eis o precioso animal, agil e nervoso, que se tornou o cavalo do espanhol.

Transportemo-nos em seguida para o Novo Mundo, para o Oeste dos Estados Unidos, tão rico em lendas e canções, o Oeste do búfalo, do antílope, do urso pardo, do índio pitoresco. Em toda essa vasta região, no entanto, não existe um cavalo sequer, e os índios das planícies locomovem-se penosamente a pé. Até tempos relativamente recentes era toda a vasta região assim desprovida por completo de cavalos.

Deixemos decorrer mais alguns séculos; voltemos à era da colonização. Aconteceu um milagre! As planícies parecem ter criado vida, agora que manadas de cavalos selvagens chegam a rivalizar em algumas partes com as de búfalos. Crinas, aos milhares, agitam-se pelos prados e desertos. Os índios, que outrora eram obrigados a árduas caminhadas, fizeram-se habeis cavaleiros, constituindo-se em nações mais poderosas cujos guerreiros montados formam talvez a mais fina cavalaria do mundo.

Como se deu o milagre? Foi uma das transformações mais dramáticas e monumentais que já tiveram lugar. Foi o fator principal na criação do esplêndido drama do Oeste, o qual contribuiu de maneira tão significativa para a história dos Estados Unidos, para a sua literatura, até mesmo para a formação da conciência do seu povo.

Em 1519 desembarcou no México o conquistador espanhol Hernando Cortez, trazendo consigo os primeiros cavalos que pisaram o solo do continente norte-americano. Em 1540 atravessou Francisco Vasquez Coronado o Rio Grande com cerca de 260 homens a cavalo, com os quais explorou o desconhecido Oeste. Nessa expedição perderam-se vários animais, provavelmente os primeiros cavalos que se tornaram selvagens na América do Norte.

Não tivesse o cavalo—raça capaz de sobreviver—vindo para o Oeste e alí se multiplicado em grande número antes da chegada dos colonizadores, e aquela região não teria sido o que foi. Deve ela ao cavalo em grande parte o que conseguiu economicamente e o que se tornou na literatura e nas artes; esse belo animal

é que conquistou bravamente um verdadeiro império.

Tratava-se do cavalo dos desertos árabes e fenícios, com ligeiras modificações. De sangue árabe-bérbere, esses animais fortes e fogosos, entregues aos seus próprios recursos naquelas regiões secas e abrasadoras do sudeste norte-americano, formaram uma das espécies mais resistentes e belas, desenvolvendo-se prodigiosamente, onde as do norte, grandes e pesadas, certamente teriam perecido. Sua reprodução foi de uma rapidez realmente de causar um grande espanto.

A par dessa proliferação veio um surto de vida no Oeste à medida que tribo após tribo de peles vermelhas, que desde tempos imemoriais só andavam a pé, se iam libertando dos grilhões que os tinham prendido à terra. Nada ilustra mais dramaticamente essa revolução do que a história dos Sioux, tribo que vivia nas florestas, às cabeceiras do Mississipi. Incapaz de resistir aos ataques de tribos inimigas, foi ela expelida para as planícies. Calcula-se, pois, que foram os Sioux os primeiros a encontrar os cavalos bravios, que se espalhavam cada vez mais em direção ao norte—os «cães divinos» como lhes chamavam os índios, não sabendo o que eram.

Imediatamente tornaram-se os Sioux um povo de cavaleiros; tendo sido até então ineficazes pedestres, fugindo ao encontro de inimigos menos numerosos, transformaram-se eles de repente nos mais temidos cavaleiros das planícies do norte. Incursionaram para o sul e para o oeste até que se fizeram donos de toda a vasta região do Minesota às Montanhas Rochosas, do Yellowstone ao Platte. Possuindo milhares de búfalos para darlhes sustento, e centenas de cavalos, eram os Sioux a mais orgulhosa e a mais poderosa nação das vastas planícies norte-americanas.

A proliferação do cavalo selvagem na América do Norte não foi menos rápida, certamente, que a da raça sua aparentada do continente sul, a qual parece ter-se originado de cinco garanhões e sete éguas soltas em Buenos Aires em 1537, disseminando-se em menos de meio século por cerca de três mil quilômetros. Uma excelente autoridade afirma que, se não fosse a chegada dos colonizadores brancos nas planícies, os cavalos teriam rivalizado em número com os búfalos, estimados em mais de 50 milhões. Viu Pike grandes manadas no Texas e no norte das províncias mexicanas, e Victor Sherwood falou de tais quantidades entre o rio Colúmbia e a alta região deserta, que «um só bando» levou a passar, por determinado ponto, desde a madrugada até o cair da tarde.

Nas planícies do Oeste americano, com o suceder das gerações, o cavalo perdeu beleza, tamanho e forma até evoluir para o atual tipo, o animal do *cowboy*. De vez em quando, entretanto, apareciam certos animais com as caraterísticas antigas, alguns garanhões, maiores, mais ligeiros e mais belos que os comuns, e que ficaram célebres. A maioria ou quase todos eram genuinos *mustangs*, descendentes dos cavalos originais árabes-bérberes, sem nenhuma mistura de outras espécies como as que se vêem nas estâncias hoje em dia.

Ainda existem talvez uns 10 mil cavalos bravios no Oeste—um mero remanescente. Há neles algum sangue *mustang*, naturalmente. Porem o verdadeiro *mustang*—o cavalo selvagem que transformou um continente—foi-se para sempre. Desapareceu com o búfalo, cujo triste destino em verdade ajudou a selar.

Justiça perfeita

(Condensado do «Rotarian»)

Por Anthony Abbot

Eis aquí um vivo exemplo do zelo de um promotor em fazer com que a justiça fosse cumprida

HÁ 22 ANOS, numa pequena cidade americana, foi assassinado um pastor protestante, fato que deu lugar a um interessantíssimo caso policial e judicial. Atualmente, os autos do processo que se seguiu ao crime constituem leitura obrigatória para os promotores dos Estados Unidos; as faculdades de direito, nesse país, expõem a sombria moral do caso aos futuros promotores, e muitos leigos, que preferem os fatos verídicos a qualquer ficção, consideram este um dos casos mais interessantes que conhecem.

DURANTE um quarto de século, o reverendo Hubert Dahme, pastor do Templo de São José, tinha por hábito dar uma volta, depois do jantar, pelo bairro comercial de Bridgeport. Às 7 h 40 da noite de 4 de fevereiro de 1924, ia passando pela rua principal da cidade, com a cabeça inclinada, afim de proteger o rosto contra o vento cortante do inverno, e as mãos metidas nos bolsos do capote, que levava abotoado até a gola. No ponto em que uma das ruas transversais desemboca na referida artéria, um homem apareceu, de repente, por trás do reverendo. Ergueu a mão direita, que apertava o cano de um revolver, e atirou. O tiro ecoou em meio às trevas e o assaltante saiu a correr, deixando o corpo da vítima atirado no chão como um saco vazio.

No tumulto que se seguiu, sete testemunhas concordaram em que o assassino era um homem moço, de estatura mediana, que levava um boné e um capote escuro com gola de veludo. Asseguraram, ainda, que tinham visto um revolver brilhar-lhe nas mãos, quando saiu correndo. Não parecia haver motivo algum para o crime. Todos, alí, fosse qual fosse a religião que professassem, tinham o pastor Dahme na maior estima; doze mil pessoas desfilaram diante de seu esquife. Ocultas por trás de um biombo, as testemunhas examinaram-nas atentamente, mas não reconheceram o criminoso.

Os dias foram passando sem que se houvesse encontrado um só indício importante, embora tivesse sido oferecida, como recompensa pela captura do criminoso, uma quantia nada desprezivel. Os jornais e o público já começavam a dar mostras da mais profunda indignação, quando a polícia anunciou, de repente, que o mistério fora desvendado, já estando preso o assassino. Agentes da polícia, em serviço de patrulha, tinham agarrado perto da cidade um miseravel vagabundo, que lhes disse chamar-se Harold Israel. Era moço, de estatura mediana, levava um boné e um capote com gola de veludo e, num dos bolsos, um pequeno revolver preto de calibre 32.

A autópsia revelara que o pastor Dahme fora morto por uma bala com esse mesmo calibre.

O preso contou uma história inverossimil. Depois de ter servido algum tempo como soldado, no Panamá, acompanhara dois de seus colegas a Bridgeport mas, como não tivesse conseguido encontrar trabalho alí, decidira partir para outra cidade. Apresentou, alem disso, um álibi: no momento em que o crime fora cometido, estava num cinema.

As testemunhas vieram vê-lo. Alguns técnicos em balística compararam as estrias do revolver com o pedaço de chumbo encontrado no crânio da vítima. Uma amiga do preso, garçonete num restaurante, teve longa palestra secreta com as autoridades. O interesse do público transformara-se em febril excitação quando Harold Israel fez, de repente, uma terrivel confissão. Sem trabalho, faminto, desesperado, sentiu, ao que declarou, um impulso repentino e irresistivel: dominado por verdadeira e insana fúria, resolvera matar a primeira pessoa que encontrasse.

A 27 de maio, a sala do Tribunal se achava repleta quando o promotor, sr. Cummings, que foi depois promotor federal, se levantou para fazer a acusação formal a Israel. Estava ao lado de um grande mapa do bairro comercial de Bridgeport. Sobre a mesa achavam-se os corpos de delito—o revolver, as balas, a cápsula, o boné e o capote. No corredor, faziam-se apostas de como o juri reconheceria incontinenti a culpabilidade de Israel. O próprio preso pedia a Deus que lhe desse coragem ao chegar o momento da execução.

O promotor assim resumiu os dez pontos que depunham, de um modo decisivo, contra o réu:

1. Este assinara uma confissão formal do crime.

2. Guiara alguns agentes da polícia ao quarteirão em que o assassinato fora cometido, designando os vários pontos a que as testemunhas se tinham referido.

3. Usava um boné e um capote com gola de veludo.

4. Duas testemunhas tinham visto um homem de boné e capote com gola de veludo disparar o tiro.

5. Um segundo depois, duas outras testemunhas viram o assassino fugindo a correr, com o boné e o capote.

6. As quatro testemunhas identificaram Israel como sendo o indivíduo que tinham visto a correr do ponto em que o corpo fora encontrado.

7. Dez minutos depois do crime, já a uma distância consideravel da cena, outra testemunha vira um homem exhausto, como quem acabava de correr muito, com um boné e um capote de gola de veludo.

8. A garçonete, que conhecia Israel muito bem, dissera-lhe adeus da janela do restaurante onde trabalhava, perto da cena do crime, e apenas alguns minutos antes do crime, o que anulava, por conseguinte, o álibi do cinema.

9. O preso revelou à polícia que tinha ocultado a cápsula da bala no seu quarto. A polícia encontrou-a no lugar que ele indicara.

10. O revolver do preso, segundo afirmara um técnico, era a arma com que a bala do crime fora atirada.

O PROMOTOR tomou a palavra, em tom solene:

«Não há prova alguma de que este preso haja sido vítima de qualquer violência física ou qualquer forma de tortura para a obtenção de sua confissão. Meu próprio ponto de vista era o de que, se os fatos fossem submetidos a verificação, o acusado seria julgado culpado...

«Mas, é escusado dizer, para o promotor é tão importante empregar os altos poderes de seu ofício afim de proteger o inocente, quanto para condenar o culpado.»

O pálido rapaz, que se encontrava no banco dos réus, ergueu a cabeça com uma expressão de incredulidade. Certa inquietação espalhou-se pela sala, como se aquele promotor de estatura alta e voz profunda visse e reconhecesse, em tudo aquilo, não apenas o julgamento de um só acusado, mas uma luta da lei e da própria verdade contra a ignorância, as ambições desmedidas, e todos os males que os homens conhecem e praticam.

Cummings prosseguiu. Sua surpreendente peroração se acha registrada em diversas publicações jurídicas americanas. Foi analisada e aplaudida muitas vezes, e eu ouví a história frequentemente, tal como Cummings a narrou depois. Mas nunca a narrou tão bem quanto naquela manhã de maio, há tanto tempo, na sala apinhada de um tribunal, sem notas nem memorandos, sobriamente, com a mais clara conciência e a mais completa sinceridade.

O promotor examinara a confissão do réu, e eis os fatos que averiguara:

Três médicos, designados pelo próprio acusador, informaram que, quando Israel assinara o documento, achava-se num estado de grande agitação, exhausto mentalmente, e muito amedrontado pelas identificações das testemunhas. O colapso final fora determinado pelo fato de que tudo parecia depor contra ele. Depois da confissão, caiu, incontinenti, em profunda sonolência. Declarou a Cummings que teria confessado qualquer coisa para descansar um pouco. Depois de dormir uma noite inteira, reafirmou sua inocência. Diante disso, o promotor, citando a opinião dos médicos, considerava a confissão como desprovida de qualquer validez.

O preso tinha, de fato, guiado a polícia pelos caminhos que o criminoso percorrera na sua fuga, mas não havia nisso significado algum, pois, em toda a confissão, ou no que Israel mostrara a seus captores, durante a caminhada, não surgira nenhum fato ignorado. Nada fora afirmado voluntariamente. Israel, ainda completamente exhausto, contentara-se em concordar com tudo e assentir em todos os pontos.

Quanto ao boné e ao capote com a gola de veludo, Cummings revelou que algumas das testemunhas só se lembraram de tais detalhes depois de terem lido os jornais. Algumas declararam que o boné era verde, e outras que era cinzento. O boné de Israel não era nem verde nem cinzento, mas marron. Dezenas de homens, muitos dos quais alí mesmo, na sala do Tribunal, usavam capotes com golas de veludo.

«Como é facil,» exclamou Cummings, «que certas semelhanças na aparência, e, especialmente, em matéria de roupas, se tornem a base sobre que assentará uma falsa identificação!»

Sucedia, porem, que quatro cidadãos de Bridgeport afirmaram ter visto aquele mesmo homem, Israel, correndo do ponto em que o pastor caira. Afim de apurar os fatos por si próprio, Cummings fizera com que alguns atores improvisados, com cuja discreção podia contar, representassem uma cena dramática na rua do crime. Um dos assistentes do promotor desempenhou o papel da vítima, e outro, o do assassino. Outros, por fim, se colocaram exatamente no ponto em que as testemunhas se achavam, ao ser o pastor assassinado, a dois, seis e 30 metros de distância.

Cummings assim explicou ao Tribunal os detalhes:

«Há uma lâmpada a cerca de 15 metros do ponto em apreço. Qualquer das testemunhas teria tido que gravar na memória os traços do acusado, num período de três ou quatro segundos, e numa luz velada. É realmente surpreendente que qualquer pessoa, quinze dias depois, tivesse a coragem de identificar um indivíduo que nunca vira antes, baseando-se em tais circunstâncias.»

Mas—e a garçonete? Ela, pelo menos, conhecia Israel bem, e acenara-lhe adeus pouco antes do crime. Primeiro, Cummings foi ter ao cinema onde o réu dissera ter estado. O álibi coincidia, minuto por minuto, com a exibição do filme que ele alegara ter visto. Àquela noite, o promotor pôs-se por trás do balcão com a garçonete do restaurante. Dezenas de pessoas passaram pela rua, e nem Cummings nem a moça foram capazes de identificá-las. O vapor que cobria os vidros duplos da janela, alem do reflexo das luzes, fazia com que as cenas, que se desenrolavam do outro lado, lhes surgissem aos olhos envoltas numa névoa impenetravel. Um dos próprios assistentes de Cummings, passou diversas vezes e acenou-lhe,—era apenas um vulto, irreconhecivel. A garçonete não pôde sequer identificar várias amigas suas. Confessou, finalmente, que já requerera, por intermédio de um advogado, que lhe pagassem a recompensa prometida a quem encontrasse o criminoso.

Só restava o testemunho do revolver, que era, porem, o mais sério de todos. O cartucho vazio, alí exibido, fora encontrado no banheiro da pensão onde Israel e seus dois companheiros tinham morado. Mas o inquérito revelou que havia alí, alem daquele, muitos cartuchos. A dona da pensão explicou que os três antigos soldados costumavam praticar pontaria da janela do banheiro, colocando um alvo no quintal, e que depois atiravam os cartuchos vazios atrás da banheira.

Desconfiando, já então, de todas as «provas» que depunham contra o preso, Cummings reuniu verdadeiro batalhão de técnicos das fábricas Remington e Winchester. Seis deles indicaram várias falhas na análise balística inicial. As marcas de balas são tão infaliveis quanto as impressões digitais, mas as estrias gravadas no crânio do morto não tinham sido bem interpretadas. Cummings conseguiu prová-lo ao juri com balas, revólveres e fotografias ampliadas.

Outro detalhe decisivo fora, porem, esquecido: todas as testemunhas juraram ter visto um revolver brilhando nas mãos do criminoso. Mas o revolver de Israel, preto e fosco, não brilhava em absoluto.

Depois dessa espantosa história de um perfeito trabalho de busca e pesquisa, Cummings declarou: «Não me parece que possa restar qualquer dúvida quanto à inocência de Israel. Por conseguinte, apresentarei um *nolle prosequi*, pondo este inocente em liberdade.»

O tribunal aprovou a decisão.

O MISTÉRIO do assassinato de Dahme não foi desvendado até hoje. Vários anos depois do julgamento, Cummings teve notícias de Harold Israel: vivia uma vida decente de pai de família exemplar, aquele mesmo mendigo que escapara à forca, contra todas as provas, não fossem os recursos da lei.

Os arquivos criminais contêm muitas histórias semelhantes, mas poucas terão tido desfecho tão feliz.

A maior salvaguarda contra a prisão e o enforcamento de cidadãos inocentes é a conciência alerta do promotor. Por isso é que o modo por que Cummings desenredou o caso de Israel servirá sempre de exemplo aos promotores ambiciosos.

O problema das fraldas na Rússia

Traduzido da revista «Krokodil», número 8, março de 1945, editada em Moscou

Por Yefim Urzhumsky

BEM grande era minha alegria: minha mulher dera à luz um filho.

De que precisa o bichinho humano, após sua chegada a uma maternidade, quando já é hora de ir para casa?

Ora, é claro: fraldas!

Primeiro, era preciso pedir à Maternidade que me fornecesse uma certidão de nascimento, na qual se especificaria que o bebê nascera vivo.

—As fraldas o sr. pode buscar na Sala de Consultas para Mulheres, explicaram-me.

Na referida sala, fui informado do seguinte: —O sr. precisa trazer um atestado de residência, passado pela gerência do edifício onde mora, e tambem uma autorização para receber as fraldas.

—Autorização de quem? indaguei, surpreso. —Do menino?

—A autorização é dada pela mãe da criança, foi a resposta.

Dirigí-me, então, à gerência do edifício onde morava, e daí voltei à Maternidade, cheio de certidões e atestados.

Já de volta na Sala de Consultas para Mulheres, recebí, em troca de três certidões, uma quarta.

—Leve este papel ao lugar onde sua esposa trabalha, disseram-me cortesmente.

Lá fui eu, e registrei meu filho no lugar onde minha mulher trabalhava. Armado agora de novos documentos, fui à Repartição Regional de Cartões de Fornecimento, e obtive uma licença para ir buscar as fraldas.

Tendo na mão um cartãozinho verde que me haviam dado, pensei com meus botões: que é que esses intrometidos fariam se alguem sugerisse que seria mais facil a Maternidade fornecer as fraldas diretamente?

No sétimo dia de vida, meu filho, com fraldas novas, teve «licença de saida» para ser levado para casa.

—Aquí está a licença para o sabão, disseram-me nesse momento, entregando-me outro papel.

O rapazinho já tinha quase dois meses quando, afinal, aquela licença se transformou, por milagre, num sabonete.

Mas não se julgue que, durante todo esse tempo, o documento ficara inerte. Primeiro, fora levado à gerência da casa. Depois, à Sala de Consultas para Mulheres; daí à Sala de Consultas para Crianças; e, finalmente, outra vez à gerência. Em seguida foi o papelucho até o lugar onde minha mulher trabalhava; voltou à Repartição Regional de Cartões de Fornecimentos; foi visto, tambem, no local onde *eu* trabalhava; depois voltou à Repartição dos Cartões, e acabou sendo entregue na Maternidade outra vez.

Ainda se o papel andasse sozinho... Mas não, eu é que o levava por todos esses lugares. É para isso que servem os papaizinhos.

No verso do documento, vê-se o seguinte: «Todos os cupons de sabão devem ser requeridos diretamente à Maternidade. Assinado, A. Kuznetzov, Presidente da Repartição Regional de Cartões de Fornecimento.» Logo abaixo, isto: «Os vales para sabão serão entregues, mediante apresentação desta licença, na repartição onde houverem sido entregues todos os outros cartões de fornecimento. (Assinatura ilegivel.)»

Afinal, conseguí o sabão.

Mas pretendo guardar esta licença, para mostrá-la a meu filho quando ele crescer. Direi então ao rapaz: «Rasgue isto, meu filho, e nunca na sua vida se meta a burocrata. Pense um pouco nos seus semelhantes!»

Recaida

¶ O TELEFONE do médico tocou no meio da noite, despertando-o de um sono reparador. Era um dos seus clientes regulares, um jovem que parecia sumamente alarmado.

—É minha mulher, doutor! Acho que é apendicite! Venha o mais depressa possivel!

O médico suspirou e disse ao jovem que voltasse para a cama. —Dê-lhe um pouco de bicarbonato, vou vê-la amanhã. Ela não tem apendicite coisa nenhuma.

Mas o rapaz, longe de se acalmar, insistia que não, que era mesmo apendicite.

—Já lhe disse, gritou-lhe o médico,—que não pode ser apendicite! Extraí o apêndice dela há três anos, e nunca soube de alguem que tivesse dois apêndices!

—E nunca soube de alguem que se casasse duas vezes? replicou o jovem, irritado.

O médico, diante disso, não perdeu mais tempo e foi ver a doente; e foi ótimo, pois a segunda esposa tinha mesmo apendicite...

—*The New Yorker*

Os recursos da polícia

¶ O CIDADÃO de Cleveland, por meio do sistema de comunicação radiofônica, pode falar diretamente com a polícia de patrulha, de sua casa, em caso de necessidade. A cidade se acha dividida em 32 zonas de patrulha, cada uma delas servida por vários automoveis de policiamento que são, em si mesmos, estações de rádio, havendo sempre várias dezenas de carros desse tipo fazendo o patrulhamento da cidade. Qualquer comunicação telefônica feita à Chefatura da Polícia é imediatamente transferida para um carro-patrulha da zona de onde o chamado foi feito—o que se achar mais próximo, de acordo com um vasto mapa iluminado que indica a posição de todos os carros de patrulha. Esse sistema de patrulhamento por automovel, com serviço radio-telefônico, poderá vir a eliminar, no futuro, os atuais guardas-civís, que fazem as suas rondas regulares a pé.

—Willis Thornton (NEA)

Meu tipo inesquecivel

Por Stephen Leacock

Ótimo retrato de um embusteiro insaciavel, no estilo vivo de Leacock

QUANDO eu tinha seis anos, meu pai se estabeleceu em uma fazenda na província de Ontário, no Canadá. Lá vivemos, num isolamento que é por poucos conhecido atualmente. Estávamos a 56 quilômetros de uma estrada de ferro. Não havia jornais. Ninguem pensava em viajar, de lá ou para lá, porque não havia onde ir...

Rompeu esse isolamento meu dinâmico tio, Edward Philip Leacock, irmão mais moço de meu pai. E.P., como lhe chamávamos, havia acabado de chegar de uma viagem de um ano pelo Mediterrâneo. Tinha mais ou menos 28 anos, mas, bronzeado e decidido, com uma barba quadrada como um rei plantageneta, parecia um homem de meia idade. Falava sobre Argel, o mercado de escravos africanos, o Chifre Dourado, e as Pirâmides. Para nós, que vivíamos naquele ermo havia dois anos, aquilo parecia as «Mil e Uma Noites». Quando lhe perguntávamos se conhecia o Príncipe de Gales, respondia: «Intimamente»,—sem mais explicações. Esse seu jeito nos causava, é bem de ver, forte impressão.

Naquele ano, 1878, havia eleição geral no Canadá, e E. P. nela se meteu imediatamente até ao pescoço. Num dia aprendeu a história e a política do Canadá setentrional, e em uma semana conhecia toda a gente da região. Em política, estava do lado conservador, aristocrático, sem deixar no entanto de se misturar com os humildes. Um democrata não pode tratar com superioridade os seus semelhantes, porque está no mesmo nivel; mas quando um conservador é realmente afavel, conquista. E. P. falou em todos os comícios. Sua grande vantagem, porem, eram os contactos pessoais em convites para aperitivos, que davam ampla oportunidade ao seu talento admiravel para lisonjear e embromar.

—Bem, deixe-me ver, diria ele a um andrajoso tipo do interior, com o copo na mão,—certamente, se o seu nome é Framley, V. deve ser parente do meu velho e grande amigo, General Sir Charles Framley, da Artilharia Montada.

—Talvez, responderia o sujeito, lisonjeado,—mas não conheço muito bem a linha de meus antepassados na Inglaterra.

STEPHEN LEACOCK, escritor canadense falecido em 1944, alcançou fama em dois campos bem diversos: economia e humorismo. Durante 35 anos, lecionou numa universidade de Montreal, onde se tornou catedrático de economia, e escreveu *Elements of Political Science*. De sua pena fertil, ao mesmo tempo, iam saindo outros trabalhos, à razão de um por ano; destacam-se entre eles *Humor: Its Theory and Technique* e outro *Hellements of Hickonomics* em que combina, num título chistoso, suas duas principais inclinações. Seus discípulos tinham por ele excepcional estima, pois, alem de professor erudito e jovial, era realmente amigo dos alunos, emprestando-lhes dinheiro e conseguindo-lhes empregos.

—Ah, mas eu preciso dizer a Sir Charles que o vi. Ele vai ficar muito satisfeito.

E assim, numa quinzena, E. P. tinha conferido honras e distinções a metade da população da Georgina. Todos viviam numa atmosfera de recordações de generais, almirantes, e condes. Como poderiam votar senão no partido conservador?

A eleição foi um triunfo facil. E. P. poderia ter ficado para colher os frutos, mas Ontário era um ambiente muito acanhado para ele. A província de Manitoba estava justamente começando a progredir, e nada o satisfaria senão ir para o oeste com meu pai. Por isso, servindo bebidas a todos que apareceram, liquidamos a fazenda, sendo que nosso gado magro e nossas máquinas quebradas renderam menos que o preço do uisque. E. P. e meu pai partiram para Manitoba, deixando-nos no colégio.

Alcançaram Winnipeg no início do surto de progresso, e E. P. subiu aos píncaros da prosperidade. Há uma atração mágica na azáfama e no movimento de uma cidade que cresce rapidamente, tal qual sucedeu com Winnipeg vinte anos antes do século XX. A vida se desenrola toda no presente, tudo é aquí e agora, não há passado e nada fora daquí: apenas um barulho ensurdecedor de martelos e serras, rodadas de bebidas e montes de dinheiro. Todo homem parece ser um sujeito notavel; brilham personalidades e surgem novas figuras, como cogumelos do solo.

E. P. estava em toda parte e conhecia todo o mundo, conferindo títulos e honras ao longo da avenida Portage. Em seis meses, tinha uma grande fortuna, no papel; viajou para este e trouxe de Toronto uma esposa encantadora; construiu uma grande casa junto ao Rio Vermelho, encheu-a com retratos de gente que dizia serem seus antepassados, e nela manteve uma estrondosa hospitalidade que nunca diminuiu.

Era presidente de um banco (que nunca funcionou); dono de uma cervejaria (para fazer cerveja com o Rio Vermelho); e secretário-tesoureiro da Estrada de Ferro Winnipeg, Baía de Hudson & Oceano Ártico, que tinha uma carta autorizando-a a construir uma estrada para o Oceano Ártico (quando a companhia estivesse constituida). Não tinham sequer construido o leito da estrada, mas imprimiram papel de carta e passes, e, em troca, E. P. recebeu passes para toda a América do Norte.

Foi eleito para a legislatura de Manitoba; tê-lo-iam feito primeiro ministro, se não existisse o velho e grande amigo da província, John Norquay. Aliás, não tardou que Norquay seguisse as opiniões de E. P.

Este último deu um que de prestígio à aristocracia pelo fato de estar sempre, ao que dizia, prestes a ser chamado *imperiosamente*. Se alguem perguntasse se pretendia passar o inverno todo em Winnipeg, ele responderia: «Tudo depende do que aconteça na África Ocidental.» E era só. A África Ocidental os liquidava...

Depois, a prosperidade de Manitoba ruiu. Gente simples, como meu pai, foi eliminada num dia. O mesmo não se deu com E. P. Não há dúvida que ele tinha ficado completamente falido, mas, que importava? Passou a usar crédito, em vez de dinheiro; ainda tinha o banco imaginário e a estrada de ferro para o Oceano Ártico. A qualquer pessoa que apresentasse uma conta, dizia-se que os negócios de E. P. eram incertos, dependendo bastante do que acontecesse em Joanesburgo. Isso foi contendo os credores durante mais seis meses.

Costumava vê-lo nas viagens periódicas que fazia ao este com passes para impressionar os credores do oeste. Mantinha-se à custa de crédito, empréstimos e contas não-pagas. Os banqueiros constituiam suas vítimas prediletas. Seu método era simples: ao entrar no escritório particular de um banqueiro, exclamava: —Ah! O senhor pesca? Certamente aquilo alí na parede é uma vara de pescar, da marca tal. (E. P. sabia o nome de tudo.) Em poucos momentos o banqueiro, encabulado e satisfeito, estava mostrando a vara de pescar e exibindo iscas. Quando E. P. saía, levava algum dinheiro... sem garantia.

Tambem usava crédito em cocheiras de aluguel e em lojas. Comprava com pródiga liberalidade, nunca perguntando o preço. Nunca falava em pagamento, a não ser quando já estava saindo. —Ah, é verdade: faça o favor de mandar a conta e sem demora. Estou de partida. E, virando-se para mim: —Sir Henry Loch me telegrafou de novo da África Ocidental. E saía. Nunca o tinham visto antes e não mais o viam depois...

Na hora de sair de um hotel, E. P. pedia a conta, e logo manifestava entusiasmo pela moderação dos preços. «Compare,» diria ele, virando-se para mim, «com o Hotel Crillon, em París! Eu preciso dizer a Sir John que nós fomos admiravelmente bem tratados; ele deve chegar na semana que vem.» Sir John era o primeiro ministro do Canadá. O hoteleiro não sabia que ele estava para vir, e aliás, escusado é dizer, não estava mesmo.

Era chegada a hora do golpe final. «Deixe-me ver... 76 dólares...» E então E. P. olhava firmemente para o gerente do hotel. «V. me dá 24 e mais eu me lembrarei de mandar uma nota de 100.» A mão do homem tremia. Mas acabava dando o dinheiro...

Isso não significa que E. P. fosse deshonesto. Para ele, suas contas eram simplesmente «adiadas», como a dívida britânica com os Estados Unidos. Nunca, em sua vida, realizou, nem mesmo pensou em realizar, uma transação deshonesta. Todos os seus planos grandiosos eram tão claros e tão vazios como a luz do dia.

Sabia como se dirigir aos que o ouviam. Certa vez, apresentei-o a um grupo de amigos da universidade, para quem os títulos academicos muito significavam. Assim como quem não quer, E. P. virou-se para mim e disse: «Ah, é mesmo, imagine que acabei de receber meu título honorário do Vaticano—até que enfim!» O «até que enfim» era arrasador. Um título conferido pelo Papa, e atrasado ainda por cima!

É natural que não tenha durado. Gradualmente a fé diminue, o crédito desaparece, os credores tornam-se mais exigentes, e os amigos viram o rosto. Pouco a pouco E. P. foi-se enterrando. Depois de viuvo, ficou um tipo escuso, meio andrajoso, que seria patético, não fora seu permanente ar de superioridade. As coisas peoraram para ele e, por fim, até nos bares lhe recusavam crédito. Meu irmão contou-me que um garçon enfurecido pôs E. P. para fora de um bar, em Winnipeg. E. P. entrou no bar com quatro homens, esticou os dedos de uma das mãos e disse: «Cinco.» O homem começou a deblaterar. E. P. segurou então um dos amigos pelo braço, e disse: «Vamos embora. Parece que o pobre coitado está maluco. Mas não quero dar parte.»

Em breve terminaram as viagens gratis. As companhias ferroviárias acabaram descobrindo que não havia nenhuma Estrada de Ferro Oceano Ártico. No entanto, E. P. conseguiu vir ao este uma vez mais ainda. Encontrei-o em Toronto; um pouquinho surrado, mas usando um

chapéu-coco com fita preta. «Coitado de Sir. John,» disse-me, «achei que devia ir ao enterro dele.» Lembrei-me depois que o primeiro ministro tinha morrido, e compreendí então que aquela bondade significava condução gratis...

Foi a última vez que o vi. Finalmente alguem pagou sua passagem de volta para a Inglaterra. Recebeu de uma família uma renda de duas libras por semana e com isso viveu, tão dignamente quanto possivel, numa remota aldeia do Worcestershire. Disse às pessoas da aldeia—soube isso mais tarde—que sua permanência era incerta: dependia muito do que acontecesse na China. Mas não aconteceu nada na China. Lá ficou ele anos e anos, e lá teria acabado, se não fosse uma estranha oportunidade, espécie de justiça poética, que lhe deu uma situação inesperada.

Na parte da Inglaterra de onde vinha minha família, havia uma irmandade religiosa com um mosteiro centenário e outras propriedades em mau estado. E. P. atirou-se sobre eles, porque os frades pareciam presa facil. Durante um piedoso retiro, estudou um pouco a situação financeira dos religiosos, e logo sua inteligência aguda descobriu uma ação antiga contra o governo, relativa a uma quantia de vulto, sem dúvida legítima. Em breve estava ele em Westminster, representando os frades. Era mais facil lidar com funcionários ingleses do que com hoteleiros de Ontário.

Os frades receberam muito dinheiro, e, como prova de gratidão, convidaram-no para ser gerente perpétuo da irmandade. E assim, lá ficou ele, vivendo vida facil e abundante. Os anos foram passando em jardins, orquidários e aquários, tão velhos quanto as Cruzadas.

Quando eu estava fazendo conferências em Londres, em 1921, ele me escreveu. «Venha visitar-me; estou agora muito velho para viajar, mas vou mandar um automovel com chofer e dois irmãos leigos para trazê-lo.» Era o mesmo E. P., pensei; «os irmãos leigos» como retoque... Mas não podia ir. Ele acabou seus dias no mosteiro, pois não houve telegrama algum que o chamasse para a África Ocidental.

Se existe de fato o paraiso, tenho certeza que a invencivel qualidade de seu espírito o fará nele entrar. Ele dirá na porta: «Pedro? Na certa deve ser parente de Lord Peter de Tichfield?» Mas, se falhar, direi então: «Que a terra lhe seja leve.»

O chorão do Poeta

¶ Todos os chorões da Inglaterra se originaram de um talo de árvore que fazia parte de um engradado contendo figos procedentes de Esmirna, nos começos do século XVIII. Tratava-se de um presente enviado a Lady Suffolk, e o poeta satírico Alexander Pope, que se achava presente quando o volume chegou, retirou um dos talos, observando: «Talvez isso produza alguma coisa que não temos aquí na Inglaterra.» O talo, plantado pelo poeta na sua vila de Twickenham, nas margens do Tamisa, brotou e cresceu, tornando-se um belo chorão.

—A. Hyatt Verrill, *Wonder Plants and Plant Wonders* (Appleton-Century, ed.)

Flagrantes da vida americana

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *

Quando eu tinha 12 anos, um velho fazendeiro empregou-me, no verão, para fazer trabalhos domésticos. Ele estava perfeitamente satisfeito de viver como vivera seu avô, sem invenções modernas, e jamais apressado por coisa alguma. Um dia, de manhã, eu estava atrasado e cheguei pedalando com toda a força. «Hum,» murmurou ele com desprezo, «não vejo vantagem em fazer os pés andarem tão depressa, só para o assento poder dar um passeio...»

—Wallace G. Ackerman

Aos 17 anos, eu costumava serrar árvores com meu avô, que já tinha os seus oitenta. Seu cabelo era branco e espesso como pura lã de ovelha. Com um metro e oitenta de altura, e pesando uns 80 quilos, seus ombros eram mais largos do que o comprimento do cabo de seu machado. Tinha braços cheios de músculos nodosos e duros como o carvalho que cortávamos. Depois que vovô se aquecia, trabalhava despido até à cintura; em muitos dias de inverno, vi o suor escorrer do rosto para a barba e formar pingentes gelados.

—Vovô, qual foi a melhor época de sua vida? perguntei-lhe uma vez, quando parei para me refrescar, do outro lado da serra.

—Meu filho, toda a minha vida tem sido boa, disse ele. —Mas eu acho que era mais eficiente, continuou ele, segurando com firmeza o cabo do serrote, —entre os 15 e os 75 anos.

—Jesse Stuart

No fim da primavera, as árvores estavam em festa sob a luz clara do sol, com uma exceção—uma grande nogueira, que se erguia, sem folhas e carcomida pelo tempo, no terreno de meu vizinho. Perguntei-lhe por que a deixava lá, estragando uma linda paisagem.

—Porque meu cavalo sempre a preferiu, respondeu, calmamente. —Quando acaba de pastar, procura aquela árvore morta. É um conforto para o bicho; e como ficou velho e cego a meu serviço, conservo-a para ele.

—Creamer Farry

Numa viagem, caçando nas florestas do norte, paramos para dormir numa hospedaria, dirigida por um velho guia, que tinha passado quase toda a vida sozinho no mato, tendo por companheiros uma dúzia de cães de várias raças e de todos os tamanhos. Estava muito frio e, logo na primeira noite, um dos homens, notando a escassez de cobertas nas camas, perguntou o que deveríamos fazer se sentíssemos frio durante a noite.

—Basta puxar outro cachorro... respondeu o velho guia, tirando longa baforada do cachimbo.

—Wilbur R. Perry

Tenho um amigo cuja tia, solteirona, vivera sempre em Chicago; um dia, porem, enfarou da vida na cidade, e resolveu ir morar no campo, decidida a iniciar uma criação de galinhas. Na verdade, nada entendia do assunto, e por isso incumbiu um corretor de imoveis de

comprar-lhe um pequeno sítio; mas, enquanto ele tomava suas providências, ela própria dirigiu-se a uma fazenda de criação, para adquirir um estoque de galináceos.

E comprou exatamente 50 galinhas e... 50 galos.

—Trudi McCullough

HÁ POUCO TEMPO, estando numa estrada, e sem condução, postei-me bem à vista dos carros que transitavam, e passei a fazer sinal, pedindo «carona». Afinal parou um, conduzido por um velho fazendeiro, o qual me declarou: «Vou seguir mais uns cem quilômetros. Querendo, pode entrar.» Assim fiz, e me instalei confortavelmente; qual não foi minha decepção, porem, quando, daí a meia légua, ele embarafustou por um atalho, e acabou parando diante de um barracão de triste aparência, à margem de belo e largo pasto. Apeando do carro, sugeriu que eu o seguisse, com minha mala e tudo. Vacilei, mas fui atrás do velho. Este, ao abrir a larga porta do barracão, observou: «O tempo está ótimo para um vôozinho, não acha o sr.? Faça o favor de embarcar.» Deu movimento à hélice, rodou o avião pelo pasto até que o gado se afastasse do caminho, procurou a direção do vento, e daí a minutos estávamos voando...

—Alfred R. Smith

ANTES da Segunda Guerra Mundial, realizei uma viagem ao redor do mundo, trabalhando em diversos cargueiros, e acabei desembarcando um dia em Xangai. Passeando pela zona do cais uma tarde, deparei com um rapaz simpático, com tipo de americano, a contemplar, embevecido, um destróier da Marinha americana, em cujo mastro tremulava a bandeira do país. Aproximei-me, e observei:

—Belo espetáculo, não é verdade? O outro nem pareceu ouvir-me, e, por isso, repetí a pergunta. Fez então um gesto, como se estivesse acordando de um sonho, e, voltando-se, examinou-me.

—De que estado é o senhor? perguntei. Impertigou-se, e, com largo sorriso, estendeu-me a mão, respondendo:

—Eu sou é de *todos* eles!

—W. H. Hatcher

SÁBADO é dia dos matutos visitarem a cidade, quero crer que em todos os paises. Assim fez um belo tipo de *cowboy*, comprido e magro, tendo ao lado a esposa e, sobre o braço direito em curva, uma criança que devia estar com poucos dias de idade.

O negociante de secos e molhados, que não via o casal há bastante tempo, saudou-os cordialmente. —Ora vejam, que boa surpresa! Então, é o seu garotinho?

O vaqueiro refletiu um pouco, e afinal respondeu. —É, deve ser meu sim... Pelo menos, caiu na minha armadilha...

—Sargento Vadus Carmack

NUM DIA de excessivo calor, durante uma viagem de automovel, sentimo-nos, em dado momento, exhaustos, e resolvemos passar a noite numa aldeiazinha aonde acabávamos de chegar. Havia dois hotéis apenas, cada qual com peor aspecto. Na dúvida, fomos indagar do empregado da bomba de gasolina qual dos dois estabelecimentos ele nos recomendava. Hesitou, e afinal, com toda a calma, disse:

—Bem, recomendar mesmo, não sei. Mas o Nacional é melhorzinho. Pelo menos, o pessoal que passa por aquí depois de dormir no Nacional está menos irritado que a turma do Hotel do Comércio...

—R. D. Jones

Um bilhão de asiáticos viram no exemplo das Filipinas o que realmente significa a liberdade. Gostaram do que viram,—e lutarão por ela se necessário for

É preciso libertar a ÁSIA

(Condensado do «Collier's»)

Pelo General Carlos P. Romulo, Comissário Residente das Filipinas nos Estados Unidos

A PAZ no Pacífico é uma questão de importância suprema para todos os paises e para todos os povos. Nessa questão se baseia, na realidade, a paz mundial, pois havendo conflitos no Pacífico, estaremos novamente ameaçados de cair no caos, mais cedo ou mais tarde.

É claro que para isso há que adotar-se novo padrão de vida naquela parte da terra. Após quatro anos de combate à injustiça, não se pode esperar que um bilhão de asiáticos volte a cortar madeira e a carregar água para o resto do mundo, com um sorriso estampado na face. O agressor nipônico foi aniquilado, mas está longe de ser destruida a idéia que os japoneses trouxeram e plantaram em terreno fertilíssimo: trata-se da «Esfera de Co-prosperidade»—uma área geográfica onde se formasse um todo político constituido de povos com os mesmos costumes, a mesma côr e as mesmas tradições.

Na realidade essa campanha tinha fim diverso. O lema passou a ser: a Ásia para os japoneses. Mas a idéia em si continua de pé, moralmente inatacavel. Enraizou-se na Ásia para sempre e não pode ser considerada nem como conspiração nem como revolta. Implica antes o renascimento do Extremo Oriente. E o mundo ocidental pode ajudar a transformar esse movimento numa tremenda força em prol da paz.

O plano japonês, de reunir todas as raças e paises da Ásia num só bloco, era demasiado arbitrário e de execução demasiado dificil. Seria mais razoavel esperar que os asiáticos se dividissem, segundo linhas raciais naturais, em três grandes federações: malaios, chineses e indianos. Pretendo neste artigo fazer a defesa da federação malaia—um corpo político e econômico de duzentos milhões de criaturas que falam o malaio e vivem nas Filipinas, em Java, nas Celebes, nas Molucas, em Sumatra, na Península Malaia, no Sião, na Birmânia e na Indo-China.

Nascí e me criei na Ásia. Pouco antes do início desta guerra viajei pela Tailândia, Birmânia, por Java e pelas Colônias do Estreito. Por toda parte encontrei um povo em desesperada ânsia por liberdade, e que se considerava traido pelos brancos.

Em Java os líderes do movimento de resistência, representando milhões de camponeses, reuniam-se constantemente em esconderijos situados nas florestas, organizando-se assim para a luta pela liberdade. Na Birmânia todos clamavam

por liberdade: varredores de rua, mineiros de cinabre, estudantes, comerciantes e funcionários públicos. Onde quer que eu fosse, observava sempre uma distinção odiosa de raças, verdadeiros insultos à dignidade humana. Vi mulheres birmanesas serem obrigadas a pisar na sarjeta para dar passagem a um branco. Vi homens de raça malaia serem barrados à entrada de restaurantes e clubes ingleses em Singapura. Vi professores, formados em Cambridge e Oxford, impossibilitados de praticarem a profissão no seu próprio país por não se curvarem à aproximação dos superintendentes holandeses.

Vi por todos os cantos corpos morenos, envoltos em tangas imundas, e rostos que tanta miséria havia tornado inhumanos. Não se viam crianças entre eles. Aqueles seres desgraçados e raquíticos, que haviam sido condicionados a uma escravatura econômica por pais famintos, não podiam ser chamados de crianças. Nem sabiam o que era brincar, pois nunca haviam tido vitalidade para tanto.

Quando pulou pelos ares a tampa desse caldeirão, em que ferviam ódios raciais, é facil compreender porque o homem branco—em toda parte, com exceção das Filipinas—teve que lutar não só contra os japoneses, mas tambem contra os malaios, que ele havia tratado com tamanho desprezo por tantos anos. Desde que o imperialismo japonês era um meio de destruir o imperialismo branco, esses asiáticos aceitaram-no de bom grado, e passaram a rezar por mais um passo no caminho da liberdade.

Essas preces pareciam ter sido satisfeitas na Carta do Atlântico, que prometia governo próprio às nações escravizadas. Mas os paises do Extremo Oriente verificaram logo que essas promessas só ofereciam liberdade aos povos brancos, vítimas do nazismo: não aos asiáticos.

Os malaios que vivem alem das Filipinas ainda não têm uma palavra que signifique democracia, mas esperam pelo dia em que seja estabelecido nos seus paises um sistema de vida em que haja liberdade, em que o homem branco e o de côr se tratem com cortesia e tenham interesses mútuos. A atuação dos americanos nas Filipinas é a principal causa dessa esperança. E é tambem uma prova substancial da praticabilidade dos princípios que os imperialistas classificam de idealistas e pouco práticos.

Os imperialistas alegam que uma federação de estados malaios redundaria em fracasso. E argumentam da seguinte maneira:

Primeiro: não existe base para união entre os diversos estados malaios. Apesar de suas línguas serem de raiz malaia, os naturais falam dialetos diferentes. Até o momento em que os ocidentais intervieram, eram frequentes as guerras entre tribos. Por outro lado, as suas religiões são opostas.

Segundo: os fatos indicam que os orientais são muito mais explorados por governantes nativos do que por ocidentais. A taxação é opressiva e a administração monstruosamente corrupta; o dinheiro vai ter, afinal, aos cofres de principelhos que vivem no esplendor. Não existem tribunais para o homem do povo, nem sistema policial para protegê-lo.

Terceiro: esses povos atrasados não estão ainda preparados para as complexidades do auto-governo.

Examinemos agora a questão por outro prisma, isto é, defendendo a criação da federação de povos malaios.

Em primeiro lugar, como nos podemos atrever a afirmar que é aceitavel a liberdade para os filipinos e holandeses, mas não para os javaneses? Que está bem para os chineses, mas não para os indianos?

Luta-se no mundo para que todos os homens sejam livres, todos sem exceção!

É verdade que existem diferenças superficiais, mas essencialmente esses povos formam uma nação única. As variações de língua não constituem barreiras intransponiveis; nas Filipinas, por exemplo, existem cinco ou seis idiomas, e no entanto os interesses do povo são os mesmos.

É verdade tambem que o povo filipino foi estupidamente explorado pelos seus governantes nativos. Os atos de maior exploração, no entanto, foram cometidos há 300 anos passados. Mas há outra espécie de exploração, comum no Oriente: a que permite a interferência de vastos interesses comerciais na política de um país, interesses que utilizam o enorme poder do dinheiro para retardar o desenvolvimento de um povo.

A alfabetização é uma medida significativa do desenvolvimento de uma nação. Apliquemos essa medida às nações colonizadas no Extremo Oriente, e que encontraremos? Os holandeses estão nas Índias há mais de trezentos anos, tirando borracha, quinina, estanho, petróleo, açucar, arroz, chá, café, especiarias, metais e copra. Nesses trezentos anos o nivel de alfabetização em Java atingiu sete por cento! Durante uma campanha que durou trinta anos, e que terminou nos começos deste século, a Holanda gastou mais de cinco bilhões de cruzeiros na conquista dos estados aquineses ao norte de Sumatra, os quais formam um território bastante menor do que a Bélgica. Num período igual, no entanto, a verba de educação para toda a ilha de Sumatra não alcançou um décimo daquela quantia.

Antes da invasão japonesa, os holandeses consentiam em que trinta representantes malaios tomassem assento ao lado dos 24 representantes holandeses no *Volksraad*, o parlamento das Índias. Desses trinta nativos, vinte eram nomeados pelo governador geral. Em suma: cerca de 75 milhões de malaios tinham dez representantes, alem dos vinte outros nomeados por eles. Os nativos não ocupavam nenhuma outra função de autoridade no governo do seu país, nem havia nas ilhas boas escolas de Direito, onde pudessem aprender a administrar.

Compare-se isso com a situação nas Filipinas. Aí têm sido realizadas, desde 1907, eleições gerais para a Assembléia Nacional. Todos os 120 membros dessa assembléia são filipinos, inclusive o seu presidente. Desde 1916, os filipinos têm o seu sistema judicial próprio—um contraventor da lei, seja ele branco ou de côr, é preso por um policial filipino, julgado por um juri filipino e sentenciado por um juiz filipino. Esses homens estudaram Direito e Administração na Universidade das Filipinas e em outras cinco escolas que mantêm cursos regulares de leis.

Em 60 ou 70 anos de «esclarecida» administração francesa na Indo-China, os não-esclarecidos camponeses têm vivido na mais negra miséria. Subnutrição, lepra, malária e outras doenças continuam a ser para eles os mesmos mistérios de sempre, devido à falta de clínicas públicas, de enfermeiras e de vacinação compulsória. Poucos sabem escrever porque as escolas são construidas somente nas grandes cidades. Se, graças a algum milagre, um camponês conseguir colocar seu filho numa escola da cidade, pode esperar que o menino se torne no máximo empregado de segunda categoria, uma vez que não existe funcionalismo público, e que os lugares mais importantes são ocupados exclusivamente por franceses.

O nivel de alfabetização dos Estados

Malaios Federados é mais baixo ainda do que o de Java. Em 1940, a receita do governo naquelas terras abundantes foi tão alta, que se mandou a Londres um presente de dez milhões de dólares do Estreito, e ainda houve arrecadação suficiente para que se observasse um superavit de 20.500.000 dólares do Estreito. Naquele mesmo ano, no entanto, menos de dois milhões de dólares foram gastos em educação—cerca de um e três quartos por cento da receita total. Em 1938 exatamente 58 alunos estavam recebendo instrução agrícola nas escolas dos Estados Malaios. Naquele mesmo ano, havia 4.600 estudantes nas escolas de agricultura das Filipinas e outros 9 mil em escolas de comércio.

As tribos birmanesas vivem no mesmo estado primitivo de há sessenta anos, quando os ingleses anexaram aquele reinado. A riqueza mineral do país é enorme, mas mal foi tocada. Com 85% de sua população dedicada à agricultura, só existe uma escola superior de ensinamentos agrícolas científicos. E em 1940, quando um partido político local se empenhou por certas reformas constitucionais e adotou um programa de «terra e uma vaca para cada pessoa», os seus líderes foram jogados na cadeia.

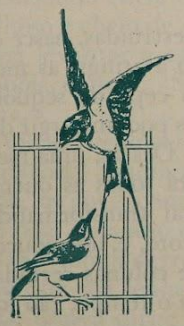
Naturalmente esses malaios comparam a sua situação com a dos filipinos. Sabem que mais de dois milhões de crianças frequentam escolas nas Filipinas, e que o seu índice de alfabetização é hoje de 51%. Sabem tambem que um dos primeiros atos dos Estados Unidos, ao ocuparem as Filipinas, foi o de enviar para lá mil professores americanos, com a missão de fundarem escolas e treinarem professores filipinos. O que eles provavelmente não sabem é que nos 42 anos que se seguiram, esses técnicos nativos conseguiram formar um exército de 40 mil professores, ensinando em cerca de 11 mil escolas, e que existem no país 5 mil bibliotecas públicas com mais de 4 milhões de livros à disposição de quem os queira ler. Durante os três anos que precederam a guerra, as verbas para a pasta da educação variaram entre 33 e 37 por cento do orçamento nacional das Filipinas.

O combate à malária e a vacinação compulsória foram estabelecidos em dezenas de postos; há mais de 1.500 dispensários e cerca de 45 hospitais do governo, alem de várias dezenas de maternidades e clínicas para crianças, onde os filipinos estão sempre aprendendo novos preceitos de higiene, salubridade e nutrição. As estações experimentais de agricultura publicam boletins mensais, com informações sobre novos processos no plantio da cana de açucar, do arroz, copra e abacaxí.

Não, a Birmânia, a Malaia, a Indo-China, Java e Sumatra não estão prontos para terem governo próprio. Mas enquanto essas nações estiverem subordinadas a regimes coloniais egoistas, quando chegará esse dia? Onde estão as escolas, as prerrogativas do funcionalismo público e os tutores de governo próprio para ajudarem os nativos a se preparar?

Não podemos esperar que haja uma combustão espontânea de liberdade e subitamente deixar que milhões de seres passem a se governar por si. Primeiramente eles têm que aprender administração local, em seguida administração regional e finalmente administração nacional—tudo isso em determinado número de anos previamente estabelecido. Nesse ínterim, uma comissão de tutores ficaria encarregada de fiscalizar as relações estrangeiras, como sucedeu nas Filipinas. Mas essa tutela nunca dá resultado quando se trata do mandato exclusivo de um só país europeu. Os ingleses, os holandeses e os franceses, se tentarem ser tutores isolados e exclusivos, irão encontrar tremenda animosidade em todo o Extremo Oriente. Mas se os Estados Unidos, a Rússia e a China tiverem tambem tanta voz ativa quanto eles, essa animosidade desaparecerá. O direito a essa tutoria é um resultado natural da guerra!

O problema do Pacífico representa essencialmente o problema racial do mundo. Se o deixarmos de lado, se o desprezarmos, a próxima guerra será uma guerra de raças. Para encontrarmos uma solução para o problema do Pacífico, não precisamos de um projeto holandês, nem de um projeto inglês; e, sim, de um projeto humano.



O amor entre animais

Por William Bridges

O Curador do Jardim Zoológico de Nova York conta, na revista «Good Housekeeping», estas histórias de dedicação passadas no referido jardim

Observando uma gaiola de pássaros, recem-adquirida de um viveiro particular, vi um tordo de cabeça branca cujo bico se havia partido.

Sem o bico, que faz as vezes de garfo, faca, copo, e dedos tambem, um pássaro acaba morrendo à míngua. Mas esse tordo se achava perfeitamente bem, e a perda do bico não era recente.

Notei, logo depois, que outro tordo apanhava um pequeno pedaço de ovo, erguia-o e metia-o na garganta do tordo aleijado, o qual mostrava a sua satisfação, agitando as asas e dando pios, como fazem as fêmeas quando os companheiros lhes dão alimentos no ninho; e o outro tordo trouxe-lhe em seguida um pedaço de fruta.

O tordo aleijado era, de fato, fêmea. E, enquanto seu companheiro viveu, continuou sempre a dar-lhe alimento. Três anos depois, quando ele morreu, os tratadores do viveiro procuraram substituir as funções do carinhoso tordo, mas não o conseguiram. Uma semana depois, o tordo sem bico tambem morreu.

Havia três corvos no Jardim Zoológico: um par de corvos europeus e um corvo americano. Sabíamos que a ave americana gostava da companheira européia. Suas gaiolas eram contíguas, e elas «falavam» através da tela que as separava, agitando as asas e crocitando com ternura. O corvo europeu, segundo parecia, não se importava...

O caso amoroso se tornou tão flagrante, que o público começou a notar. Todos os anos, na primavera, que é a estação de amor dos pássaros, certo cavalheiro idoso me escrevia cartas indignadas, exigindo que eu terminasse com o desespero amoroso dos corvos.

Finalmente, apesar de saber que o corvo europeu, privado de sua companheira, poderia morrer, decidí unir os dois enamorados. O seu encontro foi tão afetuoso como o de dois seres humanos apaixonados depois de longa separação. A ave voou até um canto superior do viveiro onde havia escondido, sem que o suspeitássemos, pequenas porções de carne, com as quais deu um banquete à sua noiva, tão longamente esperada.

O «marido» abandonado, segundo parece, era, no fundo, um solteirão, porque desde então revelou mais apetite e tem uma aparência muito melhor.

Os corvos amorosos estão velhos agora, ambos quase cegos. Mas lá estão sempre juntos, e, quando a primavera chega, ainda se aninham, com o mesmo ardor dos jovens.

Estes aborígenes americanos são como o símbolo do espírito dos Estados Unidos

GIGANTES MILENARES DO NOVO MUNDO

(Condensado de «Frontiers») Por Donald Culross Peattie

SAIR da luminosidade do sol da Califórnia, mergulhando na escuridão e no silêncio de um dos bosques de sequóia do litoral do Pacífico, é como entrar num quarto de paredes extremamente altas, e fechar a porta. A simples linha vertical, de uma força dominadora, das árvores que se elevam a uma altura de 90 metros, e a impressão de serenidade que delas se derrama, são como dedos de seda a nos acariciarem o pulso, tranquilizando-lhe o ritmo inquieto.

Não é de surpreender que a Conferência das Nações Unidas haja escolhido o Monumento Nacional de Muir Woods, o bosque de sequóias, do outro lado da baía de São Francisco, para uma tocante cerimônia em memória daquele que, tendo convocado a conferência, não pôde estar presente a ela.

Para qualquer observador, tal bosque há-de sugerir sobretudo a força e a abundância aborígene, e a longevidade de uma das mais antigas de todas as coisas vivas—a sequóia.

De uma elasticidade incrivel, esta árvore não só se reproduz por meio das sementes que lhe caem dos ouriços, mas, ao ser cortada ou queimada, da base do tronco à copa, a não ser que suas raizes, tambem, hajam sido destruidas, nasce de novo, destas, voltando a atingir as mesmas proporções. Num cepo de sequóia, cem novas germinações podem surgir dos rebentos adormecidos. Destas, uma meia dúzia, talvez, eliminará todas as outras. Cada qual delas se vai transformando, por sua vez, numa árvore, e, aos poucos, formam um círculo de colunas cerradas, vindo a tornar-se, com o tempo, tão formidaveis quanto o tronco original. Não podem ser consideradas descendentes, em linha direta—como de pai para filho—da sequóia que as produziu, pois não se originaram das sementes. São, realmente, a renovação da vida, na mesma geração. Podemos, por exemplo, presumir que, se todas estas novas árvores fossem derrubadas, cada uma delas poderia reviver. É dificil, portanto, compreendermos que a corrente de vida, numa sequóia, não possa ser considerada eterna, diante de nossas breves existências humanas.

Um pé de sequóia poderá viver de 400 a 1.300 anos. Mas os bosques já lá estão há pelo menos um milhão de anos, sobreviventes de uma remota era geológica. Quem caminha através das imponentes colunas rubras que o sol vara com setas de luz, em longos raios nebulosos, e pisa o silencioso tapete de agulhas acumuladas pelos séculos em fora, está realmente penetrando num cenário do remoto passado. E nos sentiríamos mais humildes se nos lembrássemos que aquelas árvores lá estarão, quando nós, nossos filhos e nossos netos já se acharem reduzidos a pó. Outros caminharão, então, por onde caminhamos, contemplando maravilhados as gigantescas torres naturais, e parando a ouvir o cântico dos ventos que venham do mar até aquela majestosa abóbada, sussurrando entre os ramos. Por mais orgulhoso e cheio de si, não há homem que possa levantar a cabeça, diante de uma sequóia, e dizer: «Sou ainda maior e mais forte.»

A idade de uma sequóia só pode ser determinada, contando-se, depois de derrubada, os anéis concêntricos do tronco—um para cada ano de existência. Um dos pés que foram derrubados recentemente, para que sua lenha pudesse ser aproveitada, estava quase a atingir os dois mil anos, segundo se apurou, e ninguem sabe por quanto tempo mais aquele titã teria continuado a viver. Os anéis examinados narraram a história dos anos de seca em que mal conseguira crescer, dos anos fecundos em que os anéis se fizeram mais largos, e dos grandes incêndios que lhes deixaram cicatrizes, há séculos passados. Quando era apenas um rebento, Cristo nasceu, na Judéia. Foram anos, aqueles, de crescimento rápido. Mas não há outra árvore de madeira de lei que cresça tão depressa quanto a sequóia, nos primeiros cem anos.

No ano 58 D. C., quando S. Paulo foi lançado na prisão, era, ela, um jovem gigante, de cerca de sessenta anos de idade, e, provavelmente, uns 20 metros de altura. Quando Roma caiu, teria subido, talvez, a 45 metros, e o tronco, àquele tempo, à altura dos ombros de um homem, devia medir uns três metros de largura. Por volta dos dias em que Guilherme o Conquistador combateu em Hastings, em 1066, a sequóia tornou-se um monarca da floresta, e quando os anglo-saxões estavam assinando a Magna Carta, em 1215, era uma torre cada vez mais alta, elevando-se o tronco, erecto e sem ramos, a mais de 30 metros, abrindo-se a copa, a uma altura de 75 metros, a desafiar as próprias nuvens trazidas pelos ventos marinhos. Mas ainda estava crescendo, embora vagarosamente, quando os russos vieram ter à costa da Califórnia e construiram, em 1812, uma fortaleza de madeira de sequóia, que ainda lá está, a uns 20 km ao norte de S. Francisco.

Ao tempo em que, em 1894, a descoberta do ouro nos Estados Unidos fez com que lenhadores improvisados brandissem seus machados contra os troncos de três ou quatro metros de diâmetro, a sequóia já tinha, provavelmente, mais de 90 metros de altura. Era o limite máximo estabelecido, certa feita, por céticos ingleses, que afirmavam ser aquilo algum novo exagero dos americanos. Não há árvore alguma, diziam, que possa chegar a 90 metros de altura sem cair; as leis da física, ao seu ver, tornavam tal fenômeno impossivel. Sem saber disso, nossa árvore continuava a avançar rumo às estrelas, até que, um dia, trouxeram uma serra automática, e o fruto de 19 séculos caiu fulminado, com o choque de um terremoto, fazendo dansar os pratos e as chícaras num acampamento, a uma légua de distância.

Haverá, talvez, numa árvore semelhante, madeira suficiente para a construção de vinte bangalôs de cinco peças. A madeira de sequóia é a maior do mundo para fins comerciais, e o "Império de Sequóias", a pequena floresta que, em poucos pontos, chega a 30 quilômetros de largura, e vai da Baía de S. Francisco ao estado de Óregon, produz mais

madeira que todas as Ilhas Britânicas. Nenhuma outra árvore fornece tábuas de tamanha lisura, nem madeira que se preste tanto a ser trabalhada e possa ser tão bem polida. Muito leve, embora, é resistente, em proporção ao seu peso. Preservada do apodrecimento pelo tanino que contem, dura quase eternamente, mesmo em contacto com o solo e a água, e é por isso que, em cercas ou pilhas, se torna imune ao cupim.

As primeiras linhas de estrada de ferro da Califórnia foram colocadas sobre dormentes de sequóia. Os filhos dos pioneiros foram embalados em berços da mesma madeira. Atualmente, muitos vinhos são conservados em barrís de sequóia, porque a madeira não tem gosto algum que lhes possa alterar o sabor. Com madeira de sequóia se construiram muitas das cidades da Califórnia.

Dotada de todas essas maravilhosas propriedades, não é de surpreender que seja tão procurada e que as usinas andem a buscá-la, mesmo nos seus mais recônditos refúgios. Nem um décimo do Império da Sequóia pertence, agora, ao povo dos Estados Unidos. Todo o resto se acha nas mãos de proprietários particulares, muitos dos quais venderam suas propriedades a companhias madeireiras.

Só há cerca de 40 anos, começou o público a rebelar-se contra isso. Sob a orientação da Liga de Salvação das Sequóias, começou-se a comprar, pouco a pouco, esses bosques, que só poderão ser restaurados, em toda a sua majestade, no curso de uns mil anos. É consolador lembrarmo-nos de que esses incomparaveis titãs só estão de pé, porque muitos indivíduos, em várias partes do país, contribuiram para preservá-los. No entanto, a maior parte deles nunca viram esses reis da floresta, e, ao que é provavel, nunca terão a oportunidade de vê-los. Bastou-lhes saber que a modesta quantia com que contribuiram podia assegurá-los de que, do outro lado do continente, as árvores continuariam a viver sua vida de verdadeiros deuses, através dos anos e dos séculos. Alguns dos bosques foram salvos das usinas por vários clubes, ou por organizações femininas. Um deles, o Bosque das Crianças, ainda está sendo aumentado, pelos pais de criancinhas que morreram. É dedicado aos jovens visitantes, e mantido como verdadeiro bosque de contos de fada, onde as corças e os esquilos vêm comer, confiantemente, o que seus pequenos amigos lhes oferecem, na palma da mão.

Agora, na última das grandes florestas de sequóia, o Bosque do Tributo Nacional será mantido à parte, logo que se obtiverem fundos suficientes. Sob o patrocínio de organizações públicas e privadas, este bosque será um monumento aos soldados americanos mortos na Segunda Guerra Mundial. Expressará, por toda a eternidade, a viva gratidão de sua pátria, através da beleza grandiosa e serena, que nada tornará menos serena ou menos bela.

¶ Fora encontrado o cadaver de um desconhecido, e o juri não sabia a que atribuir sua morte. Afinal, sairam-se com esta: «Morte natural, em circunstâncias mais que suspeitas.»

—J.B.B., no *Irish Digest*

Um técnico eminente afirma que a terra esgotada de minerais poderá ser um grande flagelo

Ameaça-nos a fome latente?

(Condensado do «Saturday Evening Post») *Por* Neil M. Clark

Fomos atacados por um novo inimigo traiçoeiro, invisivel, silencioso, e quase tão inverossimil como os próprios micróbios, antes de Pasteur ter revolucionado a medicina e demonstrado o seu papel nas doenças. Não é, porem, tão sensacional. Reveste a forma da carência de minerais do solo e não deixa vestígios palpaveis. Os prados que sempre foram verdes conservam a sua côr, mas sua vitalidade é menor e já não produzem a mesma qualidade de alimentos.

Ouví essa revelação do dr. William Albrecht, da Universidade de Missuri, nos Estados Unidos, pioneiro e lider em química do solo e perito em pesquisas alimentares, que me afirmou: «As pesquisas em matéria de alimentação iniciaram-se no fim do século passado. Os médicos, com suas experiências e observações, começaram a compreender que muitas doenças eram provocadas por deficiências do regime alimentar e que numerosas pessoas, aparentemente enfermas, não eram mais do que simples famintos. Chamavam-lhe *fome latente*, porque mesmo as pessoas que comiam diariamente três refeições completas, continuavam, muitas vezes, sofrendo. Uma de suas causas era a falta de cálcio, cuja escassez provoca o raquitismo. A papeira era causada pela ausência de iodo; a anemia, pela do ferro e, possivelmente, pela do cobre; a má visão, pela da carotina; as insuficiências glandulares, pela do zinco; a amigdalite, pela da prata; e a cárie dos dentes, pela do cálcio, fósforo e fluoretos.

«Hoje,» acrescentou Albrecht, «as plantas constituem a fonte principal e o armazem mais importante de nossos alimentos. Comemo-las ou comemos animais que se alimentam com elas. Se nosso regime alimentar é deficiente, é porque tambem às plantas falta qualquer coisa. E porque?»

Este elo entre a saude dos homens e a riqueza do solo converteu-se no alvo das pesquisas do dr. Albrecht. Mediante uma série de experiências, criou uma tese completa sobre o estado do solo, o sincronismo entre este e as plantas, e o modo como as doenças do solo afetam as plantas e provocam enfermidades nos seres humanos.

Segundo afirmou, o solo somente proporciona às plantas uma parte do seu crescimento; o resto vem do ar, da água e dos raios solares. Albrecht costuma contar a seus alunos a experiência clássica de Van Helmont, um químico do século XVII, que plantou um salgueiro com pouco mais de dois quilos em cerca de cem quilos de terra. Transcorridos cinco anos, durante os quais se limitou a regar a árvore, esta pesava mais de 76 quilos e a terra só tinha perdido 56 gramas.

«A contribuição do solo para o crescimento das plantas não excede cinco por

cento, mas essa fração é absolutamente essencial para a saude das plantas e para a nossa. A terra possue verdadeiros *fatores de crescimento*; minerais que formam ossos e dentes nos animais, e que robustecem nosso esqueleto. O ar, a água e a luz do sol, por sua parte, constituem os *alimentos motores*, o combustivel que conserva a máquina em movimento. Não há o menor indício de que nos venham a faltar os três últimos, mas já estamos lutando com a escassez dos elementos fornecidos pelo solo, e a carência de minerais significa menos saude, pois as plantas criadas em terrenos ricos possuem geralmente grande abundância de vitaminas.»

Albrecht recorda seguidamente que as plantas, como nós próprios, crescem e se desenvolvem apesar da falta de minerais. A diferença está em que suas qualidades serão outras. A concentração de cálcio pode duplicar em uma folha de alface e triplicar no espinafre, segundo a percentagem de cálcio do solo. O mesmo sucede com as ervas e outras plantas que servem de alimento aos animais domésticos e que, portanto, afetarão as propriedades nutritivas dos bifes, costeletas e omeletes que comermos.

Para Albrecht, «as nações e os povos, os homens e os animais, valem aquilo que comem. Nos Estados Unidos, os criadores de gado do Missuri criam mulas grandes e robustas por causa das pastagens ricas em cal, que formam ossos duros e corpos resistentes. A diferença de propriedades do solo tambem faz com que os cavalos de corrida do Kentucky sejam melhores que os da Florida, e à mesma pobreza do solo em minerais se deve atribuir a elevada taxa de mortalidade dos japoneses. Para compensá-la, e obter as vitaminas de que necessitam, são forçados a recorrer ao peixe como base do seu regime alimentar.

«Se alimentarmos um grupo de coelhos com ervas ou feno deficientes em minerais, os machos serão afetados de tal modo que transcorridas algumas semanas não olharão sequer para as fêmeas... Entretanto, os coelhos de outro grupo contíguo, alimentados com feno colhido em prados tratados, são inteiramente normais de tal ponto de vista. A inversão dos regimes alimentares de ambos os grupos revela que os coelhos do primeiro grupo ganham rapidamente interesse pelas fêmeas e que os do segundo adquirem a timidez que caraterizava os outros. Outra experiência demonstra que as ovelhas alimentadas com feno rico em minerais, colhido em campos tratados, aumentam de peso em proporção três vezes maior que as ovelhas alimentadas com a mesma quantidade de feno, colhido em terreno pobre. Os regimes alimentares adequados, ricos em minerais, tornam o homem saudavel e robusto e, evidentemente, quanto maior for nossa robustez, tanto melhor resistiremos às doenças.»

Para demonstrar praticamente seus pontos de vista, Albrecht levou-me a uma estufa, onde estava cultivando diferentes espécies de espinafre em vários tipos de terra, desde a mais rica à mais pobre em minerais. Um inseto minúsculo tinha destruido quase totalmente o espinafre mal alimentado, mas o outro não apresentava o menor indício de ataque, pois dispunha de qualquer coisa que lhe proporcionava a resistência necessária. Da mesma maneira, segundo a opinião de Albrecht, as pessoas cujo regime alimentar contem os elementos adequados resistem melhor a certas doenças.

Outro fato que convem ter presente, disse Albrecht, é que o solo perde facilmente, sob certas condições, uma parte do seu conteudo em minerais. Assim, por exemplo, estes são como que lavados e tendem a desaparecer com as chuvas

torrenciais. As culturas intensivas tambem consomem grandes quantidades de minerais. Albrecht calculou uma vez que uma fazenda de 80 hectares, produzindo aveia, milho, trigo, alfafa e erva, proporciona minerais que custariam anualmente, se comprados no mercado, mais de mil dólares.

Se nada se passasse na terra, duas ou três safras seriam suficientes para esgotar uma fazenda. Sucedem, porem, felizmente, duas coisas. Em primeiro lugar os lavradores restituem ao solo, sob a forma de adubos e fertilizantes, os minerais que ele consumiu, ou renovam a respectiva camada superficial, cavando sob as safras ainda verdes. Em segundo lugar, a própria terra dispõe de um mecanismo que liberta os minerais naturais, existentes em muitos tipos de solo, e que os torna acessiveis às plantas. Mas ainda assim um lavrador pode esgotar sua fazenda mais depressa do que o solo pode refazer-se.

Visitei com Albrecht um campo interessante, que, em 1886, foi reservado para culturas experimentais; nessa ocasião, aí se produzia trigo todos os anos. Tanto o cereal como a palha costumavam ser levantados e não se aplicavam adubos e fertilizantes para renovar os minerais consumidos. A produção inicial havia sido excelente, mas à medida que passaram os anos as safras tornaram-se cada vez mais pequenas e mais pobres. Hoje a terra está tão empobrecida que o intervalo entre as safras não basta para refazer os minerais perdidos e permitir uma safra anual de trigo. O campo só produz em anos alternados.

Essa é a natureza do inimigo invisivel que ataca a terra, as plantas e os animais domésticos e, até mesmo, a nós próprios. Sacamos, do banco de minerais, mais do que nele depositamos, e a bancarrota aproxima-se velozmente. As doenças multiplicam-se e as enfermidades cardíacas, atribuiveis ao regime alimentar, aumentam em cadência assustadora. O diabete, o artritismo, a anemia e muitas outras doenças mais obscuras, são cada vez mais frequentes. Milhões de pessoas recorrem aos remédios, na esperança de suprir aquilo cuja falta pressentem, e, ainda que não estejam doentes até ao ponto de chamar o médico, sua saude é apenas parcial. Estudos efetuados em uma fábrica de aviões da Califórnia indicaram uma relação concreta entre a fadiga, a redução da eficiência e as faltas ao trabalho, e a deficiência de vitaminas A e C no regime alimentar dos operários. Uma das descobertas médicas mais significativas é a que permite reproduzir artificialmente quase todas as doenças mediante a imposição de regimes alimentares impróprios. Hoje os médicos afirmam, cada vez em maior número, que a cura não basta e que é preciso prevenir. E a prevenção começa sem dúvida na terra.

O esgotamento das terras tem-se processado mais depressa em certas regiões dos Estados Unidos do que noutras. Albrecht menciona que o Sul tem as chuvas torrenciais, a permeabilidade do solo e o regime de culturas intensivas para esgotar rapidamente os minerais da terra. Justamente por isso os seus lavradores têm que utilizar adubo em quantidades maiores, mas em muitos pontos a extração é superior à devolução. Albrecht revela igualmente que a percentagem de recrutas que fracassaram no exame médico foi de 70 por cento no sul e de somente 30 por cento nos pontos onde a desmineralização é menor. Os rapazes não se alimentavam bem,—eis a conclusão a que chegou.

Será possivel evitar a «fome latente»? Não se conhecem ainda todas as medidas a serem tomadas, mas o caminho é claro.

A terra, como o povo, tem que ser alimentada até recuperar a saude. Há pelo menos 14 elementos necessários para a nutrição das plantas e 16 para o robustecimento do corpo humano. A maior parte de tais elementos é consumida em proporções insignificantes e por isso se lhes chamam «elementos vestígios», mas, ainda assim, se faltar essa percentagem, o solo e as plantas, bem como os seres que se alimentarem com tais plantas, revelarão, com toda a certeza, indícios de doença.

Albrecht visitou importante fazenda de criação de gado e verificou que um rebanho havia sido atacado por uma doença que os veterinários pareciam incapazes de curar. Em outra fazenda vizinha havia um rebanho idêntico, perfeitamente saudavel, iniciado com animais da primeira fazenda. A diferença entre os rebanhos correspondia à diferença entre os dois solos. Ao passo que o primeiro fazendeiro explorava suas terras há 50 anos, sem jamais ter procurado renovar os minerais do solo, o outro tinha seguido bons conselhos e havia restaurado suas pastagens.

Têm-se levado a efeito alguns trabalhos notaveis no que respeita ao tratamento de terras. Um punhado de manganês em um tomatal pode triplicar o conteudo de vitaminas, e um pouco de boro em volta das macieiras duplica aparentemente a percentagem de vitamina C dos frutos. Há um fazendeiro que tem efetuado experiências com legumes mineralizados, e um grupo de pessoas doentes, alimentadas em sua fazenda, registou curas quase milagrosas. Os pomares de frutas cítricas da Florida são pulverizados com o cobre e o zinco que as plantas não conseguem encontrar na terra, mas que absorvem pelas folhas. Tambem tem sido possivel duplicar o conteudo de ferro do leite, nutrindo adequadamente o solo das pastagens.

Albrecht avisa-nos, porem, de que não há panacéias para o solo. A cal é geralmente util, mas pode ser perniciosa se aplicada em excesso; o boro contribue para o desenvolvimento dos laranjais, mas pode afetá-los quando usado em grande quantidade. Tudo isto são coisas que será necessário estudar e pesquisar. Um cientista americano, estudioso de solos e nutrição, afirma que não há nada que impeça o homem médio, «bem criado e alimentado», de atingir normalmente os cem anos, desfrutando boa saude.

Tudo isso interessa fundamentalmente aos habitantes das cidades, que dependem dos fazendeiros para conseguirem os alimentos ricos em minerais, essenciais ao seu regime alimentar. «Os lavradores,» diz Albrecht, «não destroem voluntariamente a fertilidade de suas terras; são forçados a isso. O vendeiro diz que só pode pagar tanto, e passa a palavra ao fornecedor; este diz a mesma coisa ao intermediário que, por sua vez, a transmite ao lavrador. Como a cadeia não tem mais elos, a terra acaba por ter que suportar a diferença e o lavrador passa a explorá-la como uma mina de ouro e não como uma propriedade sobre que pesa o encargo do interesse público permanente. Devemos permitir que os lavradores tirem do solo os alimentos de que carecemos, sem todavia diminuir-lhe a fertilidade ou, o que é o mesmo, o seu precioso conteudo em minerais.»

Albrecht crê que a indústria química, consideravelmente expandida pela guerra, terá agora oportunidade de preparar produtos fertilizantes que contribuam para restaurar a saude. A condição essencial é que se iniciem imediatamente as pesquisas.

Instantâneos pessoais

Num museu de Viena encontra-se em exibição o piano usado por Beethoven. Certo dia, uma jovem americana dirigiu-se calmamente para o piano e tocou uma rápida melodia. Em seguida, voltando-se para o encarregado, perguntou-lhe se o instrumento havia sido examinado por grandes pianistas. O encarregado lhe informou então que Paderewski havia feito, pouco antes, uma visita àquele museu. «Paderewski!» exclamou a jovem. «Ele com certeza tocou lindas coisas neste piano.» «Pelo contrário,» respondeu o guarda, «não se achou digno de tocar nele.»

—Henry T. Finck, no *Musical Laughs*

«Assassino, covarde, mentiroso!» escreveu certa vez um desconhecido a Winston Churchill, juntando à carta versos sarcásticos e maldosos. «Lamentei muito receber a sua carta, que evidencia seu desespero mental,» respondeu Churchill. «Mas apesar de me acusar do modo mais injusto possivel, sinto grande compaixão pelo sr., pois torna-se claro que tem sofrido muito.»

—Howard Philp, em *The Psychologist*

Conta-se que Edison, quando passeava, uma tarde de outono, pelas terras adjacentes aos seus laboratórios, encontrou um passarinho ferido, que estava impossibilitado de se reunir à caravana outonal para os paises do sul. O inventor capturou o pássaro, o qual, após algum tempo, mostrou francas melhoras, dando a impressão de que estava pronto para bater asas e voar. Mas o seu bondoso salvador não estava muito certo se o passarinho era capaz de suportar uma longa viagem aérea. Construiu então uma pequena e confortavel caixa, contendo tudo que o fragil passageiro pudesse necessitar. Colocou em seguida o seu pequeno amigo na caixa, endereçou-a para um país de clima quente, e entregou-a à companhia de transportes com instruções especiais para que o pássaro fosse solto no fim da viagem.

—Frances Jehl

Um dos homens mais distraidos do mundo era Painlevé, três vezes primeiro ministro da França. Diz-se que ele costumava tomar um taxi para voltar a casa, embora o seu próprio automovel estivesse à sua espera. Quando o motorista do taxi lhe perguntava o endereço, muitas vezes ele dava, em resposta, o número do seu telefone. Certa ocasião, quando esperava um amigo, foi obrigado a sair e deixar uma nota na porta de casa, dizendo o seguinte: «Painlevé estará de volta dentro de 15 minutos.» Ao voltar, encontrou a nota que havia escrito, sentou-se no degrau e esperou por si mesmo...

—*Scientific American*

Certo dia Mark Twain foi visitar Harriet Beecher Stowe, famosa autora de «A Cabana do Pai Tomás». Frequentemente descuidado no vestir, mal sabia ele, nessa ocasião, que lhe faltava a gravata. Ao voltar, a esposa chamou-lhe a atenção com insistência para a sua falta. Pouco mais tarde, no mesmo dia, Harriet Stowe vai atender à porta de sua casa e encontra um mensageiro que lhe entrega um pequeno embrulho. Dentro dele encontra uma gravata de seda preta e uma nota dizendo o seguinte: «Junto segue uma gravata. Le-

ve-a para o lado de fora e olhe-a bem. Passei meia hora em sua companhia, hoje pela manhã, sem esta gravata. Ao cabo de outra meia hora, queira ter a bondade de devolvê-la, pois trata-se da única que possuo. Mark Twain.»

—*Christian Science Monitor*

UMA senhora me escreveu certa ocasião, dizendo que, depois de ter dado à luz um filho morto, o seu desespero fora tão grande que não mais queria viver. Uma tarde, porem, seu marido havia ligado o rádio e ela ouvira meu concerto. E porque havia bela música no mundo, sentira novamente o desejo de viver. A carta não tinha assinatura, pois não queria que eu pensasse desejar ela uma resposta.

A carta, porem, não me saía da lembrança. Sentí-me na obrigação de expressar meus agradecimentos. Pedí, pois, a minha secretária que telefonasse para todos os hospitais de Nova York. Não tínhamos outra indicação que a data da carta, mas, após horas de telefonemas infrutíferos, encontramos o que procurávamos. No mesmo dia eu lhe enviei uma fotografia, autografada do seguinte modo: «Arturo Toscanini, Detective».

—Bernardine Szold Fritz, no *Rob Wagner's Script*

H. G. WELLS tem uma cabeça tão grande que dificilmente encontra um chapéu que lhe caiba. Certa ocasião, encontrando um que parecia ter sido feito sob medida para ele, levou-o consigo e calmamente enviou a seguinte nota ao seu dono: «Roubei o seu chapéu. Agrada-me bastante, e vou ficar com ele. Sempre que eu olhar para dentro do seu chapéu, lembrar-me-ei do sr. e do seu excelente vinho e da cidade onde me hospedei. Cumprimento-o com o seu chapéu.»

—Helen Morgan, em *The Family Circle*

ANDAVA EU, há muitos anos, pela Avénue de l'Opéra, em París, quando vi a bela cabeça do professor Einstein, destacando-se entre as de outros fregueses de um restaurante. Entrei, e aproximei-me, para saudá-lo.

—Sente-se, por favor, disse ele, e notei que estava preocupado.—Talvez o sr. possa me ajudar, continuou.—A verdade é que estou perdido aquí. Saí para dar uma volta pelo quarteirão, antes do almoço, porque eu e minha mulher tínhamos um compromisso para o meio-dia. Mas já dei três vezes a volta ao quarteirão, e não consigo encontrar o hotel!

—Qual é o hotel, professor? perguntei.

—Aí é que está a dificuldade, replicou. —Não me lembro do nome do hotel. Como é que vou encontrar minha mulher agora?

E me fitava, com um apelo mudo no olhar...

—Não se preocupe, que nós havemos de achá-la, prometí, ao mesmo tempo que chamava um guarda civil que passava.—Escute aquí, meu amigo; quer fazer o favor de telefonar ao Serviço de Registro de Estrangeiros, perguntando onde é que o professor Einstein está hospedado? Ele se esqueceu do nome do hotel, e tem um compromisso importante daquí a cinco minutos.

O *gendarme*, bastante surpreso, foi ao telefone, e daí a pouco voltou, dizendo: —Monsieur Einstein está hospedado no Hotel du Louvre; é aquele alí... E apontou para o outro lado da rua. Havia meia hora que Einstein se achava alí, em frente ao hotel!

—Que coisa engraçada! murmurou o professor.—Eu não tinha a menor idéia de haver atravessado a rua.

Levei-o, então, ao encontro de Frau Einstein, já preocupadíssima...

—Pierre van Paassen, no *Star*, de Toronto

SEJAMOS REALISTAS ACERCA DA BOMBA ATÔMICA

por Francis Vivian Drake

O poder destruidor da arma que agora se descobriu excede tudo quanto a imaginação humana pode conceber. Uma nação, aparentemente amiga, pode destruir durante a noite, sem aviso prévio, as cidades mais importantes de qualquer país.

—De um relatório oficial sobre a energia atômica

O CLARÃO sobrenatural que iluminou o solo do Japão—a última imagem que feriu a retina dos habitantes de Hiroxima—parece ter perturbado nossas idéias. Ao conjunto de previsões fantasistas nascidas com a explosão da primeira bomba atômica, entre as quais a possibilidade de declarar a guerra premindo botões e a de destruir todo o mundo de um só golpe, adiciona-se outro sintoma mais grave: a opinião dos militaristas, segundo a qual a energia atômica não é mais do que uma «simples arma de guerra», contra a qual se descobrirão brevemente defesas adequadas.

A verdade, porem, é diferente. A energia atômica tornou o nosso futuro tão incerto que se faz mister ouvir os cientistas que a criaram. Eles nos poderão tranquilizar, dizendo que a guerra de botões de pressão não passa de uma idéia e que a possibilidade de destruir a terra, o mar ou a atmosfera não tem o menor fundamento. Mas não irão muito mais longe.

O otimismo dos militaristas quanto aos meios de defesa baseia-se essencialmente em precedentes. Os técnicos acentuam que as armas descobertas até agora não têm passado de *aperfeiçoamentos* de outras já existentes: o canhão contra o trabuco, o carro de combate contra o cavalo, o avião contra o canhão de grande alcance, e o couraçado contra as naus veleiras. Até agora, todas as guerras têm seguido um padrão que nunca se altera. A vitória coroou constantemente o contendor com maior resistência ou recursos mais amplos. Mas desta vez o feito dos cientistas não tem a menor relação com o passado. A energia atômica não resultou da evolução natural da pólvora; é um prodígio técnico inteiramente novo e terrivel, um feito de consequências imprevisiveis, nascido das tentativas para domar as forças mesmas do universo. A sua descoberta tornou inuteis a riqueza e o heroismo dos povos e das nações.

Segundo a opinião dos cientistas, o *segredo* será somente temporário, pois há muito que se conhecem as bases fundamentais da energia interatômica. A primeira bomba é o fruto dos conhecimentos técnicos e das descobertas dos sábios americanos, ingleses, alemães, italianos, franceses e escandinavos.

A energia atômica não foi *inventada*

durante esta guerra. A pressão das necessidades bélicas não fez mais do que acelerar a sua descoberta, mediante verdadeiro prodígio de técnica. Os recursos intelectuais inesgotaveis e o apoio financeiro ilimitado lograram completar em três anos aquilo que, provavelmente, se alcançaria em trinta.

O estudo dos meios práticos de manufatura da bomba atômica exigiu o exame e análise de cerca de mil fórmulas e processos técnicos novos, grande parte dos quais será de valor incalculavel para numerosas indústrias de paz, totalmente alheias às pesquisas atômicas. Outros paises, porem, confrontarão um dia os mesmos problemas e conseguirão resolvê-los como os resolveram os Estados Unidos. O dr. Irving Langmuir afirma, por exemplo, que a ciência russa está extraordinariamente adiantada no que se refere às pesquisas atômicas.

Já pertence ao passado a época dos gênios militares que corriam de um lado para outro, fugindo das Mata Haris que pretendiam enfeitiçá-los e roubar-lhes o segredo de misteriosos visores de bombardeio e de couraçados invenciveis. A colaboração entre os sábios de todo o mundo é perfeita, tem prestado serviços inestimaveis à humanidade, e não deve pôr-se de parte.

Serão possiveis os ataques?

O MUNDO atravessa atualmente uma hora crítica. A bomba de Hiroxima iniciou uma era, e os desintegradores de átomos, utilizando uma única bomba, podem detonar pouco mais que uma colher de sopa de carga atômica e destruir qualquer cidade do mundo, grande ou pequena, carbonizando num instante todos os seres vivos, fundindo os edifícios de aço, destroçando o cimento e reduzindo-o a estilhaços mortíferos. Tal previsão é hoje uma certeza matemática.

Afirmou-se publicamente que a bomba de Hiroxima continha cerca de nove quilos de carga atômica, dos quais somente um décimo por cento foi consumido pela reação. Isto significa que a detonação completa de uma carga atômica *inferior a 28 gramas* aniquilou uma cidade com seus 150 mil habitantes. É fato que essa carga era apenas uma parte minúscula da bomba, mas os cientistas já sabem como aumentar o efeito da explosão e reduzir o peso total do projetil. Hiroxima foi atacada por um único avião B-29 que transportava apenas uma bomba, mas hoje um avião pode transportar uma bomba muito mais poderosa, ou várias, capazes de arrasar muitas cidades em uma só missão.

Presentemente não se conhece mais do que um método para lançar a bomba sobre o objetivo: o avião. Os bombardeiros atuais voam a cerca de 650 quilômetros por hora, mas o governo americano já mencionou a construção de bombardeiros propulsionados a jacto, suscetiveis de cortar o espaço à quase 1.100 quilômetros por hora, anunciando, como coisa certa, outros aviões «ainda maiores . . . com velocidades superiores à do som (1.600 km por hora) . . . podendo transportar mais de 45 toneladas de bombas . . . e com raio de ação suficiente para alcançar qualquer ponto do globo.» As bombas atômicas podem, portanto, ser transportadas através do oceano e lançadas sobre um objetivo, dentro de poucas horas.

A defesa contra tais métodos de ataque é somente parcial. O radar e a espoleta de aproximação—invento diabólico que leva as granadas a procurar o objetivo e a explodir logo que o encontram—dificultam de tal modo o vôo dos aviões estratosféricos que estes virão possivelmente a desaparecer. Os aviões em vôo baixo, porem, são dificeis de descobrir, porque o radar se desloca em linha reta e não pode acompanhar a curvatura da terra. Alem disso, os aviões que voam à altura dos telhados, a velocidades próximas à do som, constituem alvos impossiveis.

Como não pode admitir-se a possibilidade de abrigar todas as pessoas, fábricas e cidades em verdadeiras casas-fortes subterrâneas, cobertas com camadas de cimento de 15 metros de espessura, o avião é o único meio de defesa com que podemos contar atualmente. Contudo, a idéia de aviões que se procuram uns aos outros na escuridão, a velocidades iguais à do som, e que localizam suas posições em pequenos mostradores ópticos, é muito mais confortavel para os atacantes do que para os defensores. Acresce que os ataques futuros serão feitos simultaneamente de várias direções, contra regiões muito separadas, e auxiliados pela surpresa, circunstâncias que não tendem a facilitar a missão dos aviões de caça.

As possibilidades de projeteis orientados ou pilotados, imitando em grande escala os foguetes alemães do tipo V-2, é ainda mais aterradora. Tais projeteis de grande alcance viajam à velocidade de 7.200 quilômetros por hora e já se anunciou que, «utilizando novos dispositivos, é possivel dirigir os projeteis foguetes, com a máxima precisão, contra fontes de calor, luz ou magnetismo. O calor dos grandes fornos atraí-los-á, infalivelmente, para o coração das grandes instalações industriais.» Mas será ainda mais facil apontá-los para o centro das cidades.

Haverá meios de defesa?

Os CIENTISTAS que produziram a bomba atômica fizeram o possivel para descobrir uma defesa contra ela e hoje são francamente pessimistas, devido à *velocidade* dos projeteis futuros. Falou-se de um raio que provocaria a explosão de um foguete em pleno espaço, mas os sábios afirmam não só que esse raio não existe, como, tambem, que não há perspectivas de que venha a ser inventado. Londres nunca descobriu qualquer defesa contra o V-2 que, apesar de não passar de uma bala de pistola quando comparado com os novos foguetes, era capaz de subir a mais de cem quilômetros de altura e de descer verticalmente, à velocidade de quase dois quilômetros por segundo. As baterias de defesa dispunham somente de alguns segundos para tentar localizar esse lapis voador, apontar guiadas pelo radar e fazer fogo. Seu esforço equivalia a lançar uma agulha de costura contra outra movendo-se a toda a velocidade, com a esperança de alcançá-la precisamente na ponta. *Como se poderá imaginar, nunca foi possivel interceptar um V-2.*

Esse conjunto de fatores deixa apenas um recurso aos paises ameaçados: o contra-ataque. As nações que conseguirem manter a supremacia em armas atômicas terão um poder tão terrivel que esse tipo de guerra será sempre muito peor para o atacante que para o defensor. Semelhante hipótese permite pelo menos abrigar a esperança de que nenhum dos contendores recorrerá a tal arma. Foi precisamente isto que sucedeu com a guerra química. Hitler nunca ousou empregá-la porque, sabendo que os aliados tinham, em seus paióis, mais de 40 mil litros de um gás altamente mortífero, temia as represálias.

A defesa não-atômica

A CIRCUNSTÂNCIA do receio mútuo interditar o recurso à guerra atômica não significa de modo algum que as nações tenham proscrito todos os outros tipos de

guerra. Confronta-nos ainda a possibilidade de novas guerras, com soldados, marinheiros, aviões de jacto, foguetes, espoletas de aproximação e todos os artefactos bélicos em inventário. Perante tal contingência, as nações que se desfizerem de seus meios de defesa presentes cometerão uma loucura. Nenhuma dessas armas modernas decide estrategia ou vence batalhas por si só. As nações sobreviverão ou sucumbirão, consoante o seu progresso científico e grau de preparação.

Na próxima guerra, atômica ou não-atômica, a ruptura das hostilidades será tão súbita e violenta que muitas das fábricas mais importantes estarão destruidas antes de transcorridas 24 horas, e as armas existentes serão talvez as únicas com que será possivel contar para a defesa. O dr. A. H. Compton já nos preveniu de que, «transcorridas as primeiras horas de guerra, nenhuma cidade com mais de 100 mil habitantes poderá ser utilizada como centro de operações eficiente.»

A GUERRA que terminou no ano passado não foi ganha por uma margem ampla e inevitavel, como muitos pensam, mas por uma fração bem pequena. Apesar da superioridade em efetivos militares e recursos industriais, a verdade é que os cientistas alemães quase nos bateram na corrida. Se nos tivessem precedido na energia atômica, como nos precederam nos foguetes, os vencedores estariam pensando agora na melhor forma de escapar à derrota. Este aspecto revela, melhor do que qualquer outro, o papel vital que a ciência desempenha na guerra, e a necessidade de conservar todos os meios de investigação científica. Será essa, sem dúvida, a melhor garantia de sobrevivência.

Truman fala ao povo de seu país:

¶ DIZEMOS entre nós que os Estados Unidos se tornaram a nação mais poderosa do mundo, ao emergir da guerra—a nação mais poderosa, talvez, de toda a história. Essa é a verdade, mas não no sentido em que muitos a tomam.

A guerra nos mostrou que dispomos de enormes recursos para fabricar todos os materiais bélicos. Mostrou-nos que dispomos de trabalhadores e industriais experimentados e habeis, bem como de generais competentes e sagazes, e que somos um povo capaz de empunhar armas. Todas essas coisas já sabíamos.

O que não sabíamos, o que soubemos agora e que não deveremos jamais esquecer, é isto: uma sociedade de homens que se governam a si mesmos é mais poderosa, mais resistente e mais criadora que qualquer outro tipo de sociedade, por mais disciplinada, por mais centralizada que seja. Sabemos bem que o princípio básico da dignidade e do valor do homem não é uma aspiração sentimental, uma vã esperança ou uma frase de retórica. É a força mais poderosa e mais dinâmica do mundo do nosso tempo.

Usemos, portanto, essa força, e todos os nossos recursos espirituais e materiais, na grande causa da paz justa e duradoura!

—Trecho do discurso proferido pelo Presidente Truman a 9 de agosto de 1945, por ocasião de seu regresso de Potsdam.

Um conto encantador para moços e velhos

HÁ MUITAS LUAS

(*Condensado do livro «Many Moons»*)

Por James Thurber

ERA UMA VEZ, num reino à beira-mar, uma pequena princesa, chamada Leonor, que adoeceu por ter comido em demasia certas tortas de amora. O médico real veio examiná-la à cabeceira da cama, tomou-lhe a temperatura e o pulso, e pediu-lhe que lhe mostrasse a língua. Ficou bastante preocupado, e quis falar com o rei, pai de Leonor.

—Eu te darei tudo o que o teu coração pedir, disse o rei à princesa.—Teu coração pede alguma coisa?

—Pede, sim, respondeu ele.—Queria a lua. Se me trouxerem a lua, fico boa.

O rei foi ter então à sala do trono, e puxou três vezes pelo cordão de uma sineta. O Camareiro Real acudiu-lhe ao chamado. Era um homem alto e gordo, que usava uns óculos de vidro espesso, e parecia muito mais inteligente do que o era de fato.

—Quero que vá buscar a lua para a princesa Leonor, disse-lhe o rei.—Ela ficará boa, logo que receber a lua. Vá buscá-la hoje mesmo, ou amanhã, o mais tardar.

O Camareiro Real limpou com um lenço o suor que lhe corria pelo rosto, e assoou o nariz ruidosamente.

—Já trouxe a Vossa Majestade muita coisa durante todos estes anos, observou, depois.—Trago comigo uma lista de tudo o que até agora me foi possivel trazer-vos: marfim, macacos e pavões; rubís, opalas e esmeraldas; orquídeas negras, elefantes côr de rosa e cães azues; percevejos de ouro, escaravelhos e moscas de ambar; incenso, ambar cinzento e mirra; trovadores, ministréis e bailarinas; meio quilo de manteiga, uma dúzia de ovos... perdão, majestade, o que minha mulher escreveu aquí, não posso repetir.

—Nem me interessa, respondeu o rei. —Agora quero a lua.

—Enviei emissários às terras mais longínquas—a Samarcanda, à Arábia e a Zanzibar, para satisfazer os desejos de Vossa Majestade, explicou o Camareiro. —A lua, porem, é realmente inacessivel. Fica a 70 mil quilômetros de distância, e é maior do que o quarto onde dorme a princesa. Alem disso, é feita de cobre fundido. Não posso trazer-vos a lua, Majestade. Cães azues, vá lá. Mas a lua, não.

O rei ficou possesso, e disse ao Camareiro Real que se retirasse imediatamente, e lhe enviasse o Mágico da Corte. Era este um homenzinho magro, com rosto longo e ossudo. Usava um chapéu alto, coberto de estrelas de prata, e uma túnica azul, com corujas douradas. Empalideceu horrivelmente, quando o rei lhe disse o que queria.

—Tenho feito muitas feitiçarias para

Vossa Majestade ao longo de tantos anos de serviço, respondeu.—Trago aquí comigo, aliás, uma lista de todas essas mágicas. Vejamos, por exemplo. Tirei sangue de nabos, e nabos de sangue. Tirei coelhos de chapéus de seda, e chapéus de seda de coelhos. Preparei com as minhas próprias mãos uma especial mistura de arnica, trevas noturnas e lágrimas de águia, para apartar feitiços, demônios, e todas as coisas misteriosas que se passam à noite. Fornecí a Vossa Majestade botas de sete léguas, varinhas de condão, e um capote que torna invisivel quem o puser às costas...

—O capote não me serviu de nada, interrompeu o rei.—Continuei a esbarrar em tudo o que me cerca, como sempre.

—O capote tem o dom de tornar o seu dono invisivel, observou o mágico, e não de impedir que este esbarre de encontro às coisas. Dito isto, pôs-se de novo a ler a lista.—Fui buscar para Vossa Majestade chifres da terra dos gnomos e duendes, e ouro do arco-ires. Trouxe até um carretel de linha, agulhas e mel de abelhas... Perdão, Majestade, não reparei que minha mulher tinha acrescentado estas coisas à lista...

—O que eu lhe ordeno desta vez, tornou à carga o rei—é que me traga a lua.

—Ninguem vos poderá trazer a lua, objetou o Mágico. Fica a 300 mil km de distância, é feita de queijo verde, e duas vezes maior que este palácio.

O rei, furioso, fez regressar o Mágico à caverna onde morava. Mandou vir então a sua presença o Matemático da corte, que era míope e careca, usava um solidéu, um lapis atrás de cada orelha, e uma roupa preta coberta de números brancos.

—Não quero saber de nenhuma lista dos cálculos que você fez para mim desde 1907, foi logo dizendo o rei.—Quero é que calcule, já e já, qual a melhor maneira de conseguir a lua para a princesa Leonor.

—Muito me alegro com o fato de que Vossa Majestade se referiu aos serviços por mim prestados desde 1907, disse o Matemático da Corte.—Trago aquí comigo, aliás, uma lista do que tenho feito desde então. Calculei a distância existente entre as duas pontas de um dilema, entre a noite e o dia, e entre as letras A e Z. Averiguei, para Vossa Majestade, a que altura fica o que chamamos «Acima», e a que distância o que chamamos «Longe». Quando não alcançamos alguma coisa por um triz, sei exatamente quantos milímetros nos faltaram para alcançá-la. Descobrí tambem quantos pássaros poderíamos apanhar com todo o sal do oceano—187.793.132, se é que Vossa Majestade se interessa...

—Não há tantos pássaros no mundo, observou o rei.

—Nem eu disse que havia. Era se houvesse, respondeu o Matemático.

—Quanto à lua, fica a 600 mil quilômetros daquí. É redonda e chata como uma moeda. É feita de asbestos, e exatamente do tamanho da metade deste reino. Alem disso, está colada no céu. Não há quem a possa trazer.

O rei, que já não cabia em si de raiva, fez com que o Matemático se retirasse, e chamou o Bobo da Corte. Este entrou na sala aos saltos, agitando os chocalhos do barrete que tinha à cabeça, e sentou-se ao pé do trono.

—Vossa Majestade deseja alguma coisa? perguntou.

—A princesa Leonor quer que lhe tragam a lua, disse o rei, num tom sombrio, e só então ficará curada. Mas até agora não encontrei ninguem que lhe pudesse satisfazer ao desejo.

«Cada vez que me dirijo a uma nova pessoa, a lua vai ficando mais longe, e

maior. Você nada pode fazer por mim, senão pegar no alaude, e tocar alguma coisa. Alguma coisa triste.

—De que tamanho dizem que é a lua, e a que distância fica? perguntou o Bobo.

—O Camareiro Real diz que fica a 70 mil quilômetros, e é maior do que o quarto da Princesa Leonor, respondeu-lhe o rei.—Segundo, porem, o Mágico da Corte, fica a 300 mil quilômetros, e é duas vezes maior que este palácio. O Matemático, por sua vez, declarou-me que fica a 600 mil quilômetros, e é do tamanho da metade do meu reino.

O Bobo da Corte, depois de alguns acordes do alaude, ponderou, tranquilamente:—São todos homens de saber, e por conseguinte é provavel que estejam todos com razão. Neste caso, a lua deve ter o tamanho e a distância que cada qual lhe atribue. O principal, portanto, é descobrir quais o tamanho e a distância da lua para a princesa Leonor.

—Eu não tinha pensado nisso, disse o rei, batendo na testa.

—Vou perguntar a ela, acudiu o Bobo. A princesa estava desperta, e, embora muito pálida e com a voz fraca, recebeu-o de bom grado.

—Você trouxe a lua? foi logo perguntando.

—Ainda não, disse o Bobo,—mas vou já buscá-la. Por falar nisso, de que tamanho é a lua?

—É um pouquinho menor que a unha do meu polegar, respondeu a princesa;—porque, quando eu ponho a unha do meu polegar entre os olhos e a lua, esta fica toda coberta.

—E a que distância fica? perguntou ainda o Bobo da Corte.

—É menos alta do que a árvore em frente à minha janela, disse a Princesa;—porque às vezes fica presa nos galhos de cima.

—Então, eu vou até os galhos mais altos da árvore, esta noite, quando a lua ficar presa nos galhos, e hei-de trazê-la sem falta, prometeu o Bobo da Corte, Nisto, porem, lembrou-se de outra coisa.

—De que é feita a lua, Princesa?

—Ora, de ouro, é claro, seu bobo, respondeu ela, sorrindo indulgentemente.

O Bobo foi ter imediatamente ao Ourives Real, e encomendou-lhe uma bola redonda de ouro, menor que a unha do polegar da princesa Leonor, e fez com que ele a prendesse a uma corrente afim de que a princesa pudesse usá-la em torno ao pescoço.

—Que vem a ser isto? perguntou o Ourives.

—Isto é a lua, respondeu o Bobo da Corte.

—Mas a lua fica a um milhão de quilômetros de distância, e é feita de bronze, comentou o ourives.

—Isto é o que você pensa, replicou o Bobo, levando consigo a «lua».

Entregou-a à princesa, que não cabia em si de contente, e, no dia seguinte, já curada, saiu a brincar no jardim.

O rei, porem, sabia que, de noite, a lua havia de brilhar no céu outra vez, e a princesa, ao vê-la, perceberia que não levava ao pescoço a verdadeira lua. Disse então ao Camareiro Real: —Precisamos impedir que a Princesa veja a lua esta noite. Pense em algum meio.

O Camareiro Real pensou, pensou, e sugeriu: —Podemos fazer com que a princesa use óculos escuros.

O rei, zangado, observou-lhe: —Com óculos escuros, ela vai esbarrar de encontro às coisas, e fica doente outra vez. Chamou então o Mágico, que se pôs em frente ao trono, de cabeça para baixo, e, depois, de cabeça para cima.

—Que tal, se cobríssemos os jardins do palácio com cortinas de veludo preto,

formando uma espécie de tenda, como a de um circo? O rei, de tão indignado, começou a esbravejar. As cortinas de veludo impediriam que o ar entrasse, e a princesa acabaria adoecendo de novo.

O Matemático Real sugeriu que, todas as noites, soltassem fogos de artifício nos jardins do palácio...—Podemos formar verdadeiras fontes de prata, e cascatas de ouro, que encherão o céu de cintilações. Com tanta luz e tanto brilho, a princesa Leonor não poderá ver a lua.

O rei chegou a dar pulos de colera. Os fogos de artifício fariam com que a princesa ficasse acordada toda a noite, e a recaida seria certa. Despediu o Matemático com um gesto brusco. Ao levantar os olhos, alguns segundos depois, viu que a noite já caira, e a beirinha da lua vinha surgindo no horizonte. Deu um salto do trono, tomado de pavor, e fez vir o Bobo da Corte.—Toque uma canção bem triste no alaude, disse-lhe,—porque, quando a princesa vir a lua, vai ficar doente de novo.

Depois de tocar um pouco, o bobo perguntou-lhe:—Que dizem os sábios conselheiros de Vossa Majestade?

—Tudo o que eles sugerem para ocultar a lua, faria com que a princesa adoecesse, respondeu o rei.

O Bobo da Corte tocou uma canção bem triste, observando, a seguir:—Se homens tão sábios não podem ocultar a lua, é que é impossivel ocultá-la. Mas a princesa Leonor é mais sábia que todos os sábios, e conhece melhor a lua. Vou perguntar a ela. Saiu da sala em silêncio, e, subindo às pressas a escadaria de mármore, foi ao quarto da princesa Leonor.

Esta já se achava na cama, sem que tivesse adormecido ainda. Pela janela aberta, olhava a lua que brilhava no céu, segurando na mão, ao mesmo tempo, a lua que o Bobo lhe dera. Este olhou-a tristonho, dir-se-ia até com lágrimas nos olhos.

—Princesa Leonor, como é possivel que a lua esteja brilhando no céu, quando vós a tendes pendurada ao pescoço numa corrente de ouro?

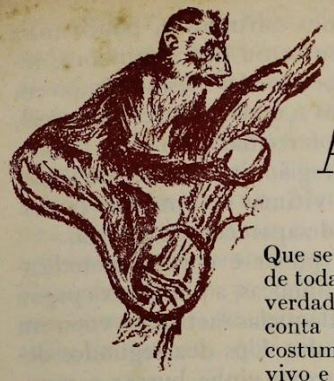
A Princesa olhou-o surpresa, e pôs-se a rir.—Muito simples, seu bobo. Quando eu perco um dente, nasce outro no lugar, não é? E quando o jardineiro da corte corta as rosas no jardim, nascem logo outras rosas.

—Eu devia ter pensado nisso, disse o Bobo da Corte,—pois não é outra coisa o que acontece com a luz do dia.

—E com a lua tambem, disse a princesa Leonor.—Provavelmente, até com tudo o mais. A voz foi-se tornando cada vez mais arrastada. Dentro em pouco a Princesa adormeceu. Ele deixou-a tranquila, e, indo à janela, piscou para a lua, porque juraria que a lua tinha piscado para ele...

¶ Há pouco tempo, no tráfego congestionado de Nova York, uma senhora quase foi apanhada por um automovel, ao atravessar a rua fora de hora. O motorista travou o carro justamente a tempo. O inspetor do tráfego, indignado, voltou-se para a mulher e disse: «Minha senhora, isso é o que se chama *abusar* do privilégio de ser estúpida!»

—*PM*



Argúcia dos animais

Seleção de Alan Devoe · VIII ·

Que se passa no espírito e no coração dos animais selvagens? Apesar de todas as pesquisas da ciência, ainda há muitos mistérios que lançam verdadeiro desafio à nossa compreensão. Mesmo sem levarmos em conta as histórias exageradas que os adeptos da vida ao ar livre costumam, às vezes, narrar, há inúmeras observações, colhidas ao vivo e de autenticidade indiscutivel, que nos levam a fazer toda sorte de conjeturas.

A INTELIGÊNCIA DAS FORMIGAS

Não sou amigo das formigas, e tenho particular antipatia pelas que infestam a cozinha do bangalô onde costumamos passar o verão. Por isso, em certo fim de semana, quando um amigo meu, dado a estudos de história natural, falou-me, em termos exaltados, sobre a inteligência das formigas, resolví lançar-lhe um desafio: «Pois aposto que sou capaz de guardar um petisco apetitoso num receptáculo descoberto, durante uma semana, sem que as formigas consigam alcançá-lo». Meu amigo refletiu alguns segundos, mas, depois de certificar-se que eu não pretendia servir-me de veneno algum, aceitou a aposta.

Coloquei uma bacia no chão da cozinha, e enchí-a de água até ao meio. A seguir, coloquei no centro um abajur de pé, pondo-lhe em cima a isca: um pedaço de bolo de chocolate, num prato com melado. Em torno à base do abajur, pouco acima do nivel da água, pintei um traço grosso de cola insecavel, fazendo o mesmo em torno à bacia, do lado de fora desta. Não havia formiga que pudesse alcançar aquela isca!

No domingo seguinte, ao entrarmos na cozinha do bangalô, demos com um enxame de formigas a devorarem o bolo. Esfregando as mãos de contentamento, ante a expectativa do dinheiro, e sorrindo calmamente, meu amigo, o naturalista, explicou-me a estratégia das formigas. Um bom número delas, formando fileiras, tinham marchado pelos traços de cola a dentro, mergulhando no líquido viscoso até formarem, com seus corpos, verdadeiras pontes. Ao chegarem ao ponto em que era necessário atravessar a água, as outras tinham conseguido juntar pedacinhos de palha (colados por meio de suas próprias secreções, segundo explicou o meu amigo), formando, assim, outra ponte, que ia da beira da bacia à «ilha.» Tive que aceitar minha completa derrota. Mas o amigo das formigas apontou, sorrindo, para o teto. «Aliás,» observou, «elas costumam empregar outros métodos tambem. As formigas, em geral, não gostam de andar de cabeça para baixo, ou cair de uma boa altura, mas arriscam-se, quando a isca vale a pena.» Olhei para cima e fiquei pasmado. As formigas vinham atravessando o teto, uma depois da outra. Paravam bem em cima da isca e deixavam-se cair sobre ela, com toda a técnica de um bombardeio de precisão.

—O. A. Battista, Pensilvânia

TRABALHO DE EQUIPE

Uma primavera, quando o lago ainda estava gelado, preparei alguns anzóis para pescar através das fendas abertas no gelo. Como isca, levei baratas e alguns peixinhos. A princípio, consegui pegar bom número de peixes, mas, lá um dia, quando fui examinar os anzóis, averiguei que tinham arrancado a isca de vários deles. Minha primeira impressão foi de que, provavelmente, alguns garotos da redondeza tinham andado por alí. Escondí-me numa das margens do lago, resolvido a esperar pelos malandros.

Com grande surpresa, descobrí que os misteriosos visitantes eram dois corvos. Fiquei a olhá-los, estupefato, mal podendo acreditar no que via.

Primeiro, um dos corvos pegava a linha do anzol com o bico e puxava um pouco por ela. Recuava, depois, vários passos sobre o gelo, sempre puxando a linha, e pondo uma das patas sobre ela, para não escorregar. O outro corvo, indo ter à beira da fenda aberta no gelo, punha-se, por seu turno, a puxar pela linha e pisar-lhe, depois, em cima. Puxando e pisando... puxando e pisando... os dois corvos mantiveram seu trabalho de equipe, até que a isca chegasse à superfície, e ambos se pudessem fartar com um delicioso petisco.

—Karl E. Lorentzon, Suécia

NÃO HAVIA TEMPO A PERDER

Um aguaceiro temporário amolecera a terra do jardim, endurecida pelo verão, e uma pintarroxa precipitou-se, para tirar partido daquela inesperada oportunidade. Pôs-se a puxar uma minhoca, mas, não sem surpresa, observei que, desenterrado o verme, o pássaro não se precipitou a devorá-lo. Contentou-se em cortá-lo em dois pedaços, deixando-os sobre a relva. Deu alguns saltinhos e, pouco mais adiante, desenterrou outra minhoca, repetindo o processo. Ao mesmo tempo em que aproveitava, o mais depressa possivel, as vantagens oferecidas pelo bom tempo, bem raro na região, ia tratando de impedir que suas vítimas acumuladas pudessem voltar a desaparecer sob a terra.

Depois de puxar e cortar, metodicamente, sete minhocas, a pintarroxa pegou cinco ou seis daquelas metades e voou em direção ao ninho. Uns dez segundos depois, o pintarroxo vinha buscar o resto, voltando, por seu turno, para o ninho, afim de alimentar os filhotes.

—Dr. Paul l'Heureux, Canadá

EMBOSCADA

Estando de licença, no Campo de Repouso do Exército Americano, na Índia, aos pés do Himalaia, eu e meus amigos organizamos uma caçada.

No primeiro dia, fomos seguidos por uma tribo de macacos selvagens, enormes, que tagarelavam ruidosamente, ao pular de árvore em árvore. Percebemos, dentro em pouco, que os ruidosos símios estavam, com aquilo, prevenindo os outros animais de que nos aproximávamos.

Sem levarmos em conta as súplicas de nossos guias indianos, decidimos libertar-nos daquelas pestes, matando um deles. Um de meus amigos atirou num macho, de proporções consideraveis. Imediatamente espalhou-se pela selva um estranho silêncio, e vimos aquelas formas cinzentas se afastarem de nós, balançando, desta vez, de árvore em árvore, sem o mais mínimo ruido. Quatro membros da tribo desceram, porem, rapidamente, ao encontro do companheiro vitimado. Cada qual deles pegou um braço ou uma perna do morto, e lá se foram a carregá-lo, com um ar terrivelmente humano, na tristeza dos olhares que nos lançavam.

À tarde seguinte, passando pelo mesmo lugar, vimos três macacos sentados numa árvore, exatamente sobre o ponto em que meu amigo tinha morto o animal. Ao nos verem, de longe, os três símios começaram a guinchar, como que chamando os outros membros da tribo. Meu amigo acercou-se um pouco mais e, ajoelhando-se, ergueu o fuzil, pronto para abrir fogo. Naquele segundo, as selvas se encheram, repentinamente, de uma verdadeira multidão de macacos, que vinham saltando, e guinchando, em direção a ele, de todas as árvores e de todos os arbustos. Os primeiros se lançaram sobre o caçador com tal violência, que o jogaram por terra, precipitando-se então os outros para a vingança final. Só conseguimos salvá-lo intervindo com a maior rapidez, com nossas espingardas.

Foi, a meu ver, uma das emboscadas mais bem concebidas e executadas, de toda a última guerra.

—Sargento Woodie Sallis, Tenessí

Recordações da infância

Por Mark Twain

¶ Nos meus tempos de escola primária, certa vez fugí da aula, e já era noite fechada quando, com medo da surra certa que me esperava em casa, decidí escalar a janela do escritório de meu pai e dormir num divã da sala de espera. Deitei-me, e, à medida que os meus olhos se foram acostumando com a escuridão, comecei a distinguir um vulto, longo e pouco nítido, estendido sobre o soalho.

Sentí um arrepio de horror, pensando na presença daquela coisa estranha, fazendo-me companhia em plena treva. Tinha a impressão de que jamais o luar vagaroso que filtrava pela janela chegaria até o ponto onde se achava a forma tenebrosa. Voltei-me para a parede, contei até 20, para matar o tempo e a ansiedade, e tornei a olhar. A réstia de luar estava quase tocando a «coisa».

Fazendo um esforço desesperado, voltei-me outra vez para a parede, contei até 100, e, a tremer, olhei. A luz da lua tinha revelado uma pálida mão, pálida e inerte... Com o coração apertado de medo, contei novamente, e olhei—um braço nu estava exposto... Pus as mãos sobre os olhos, aterrorizado, e contei até que não pude mais aguentar; e então, quando olhei, lá estava a face branca de um homem, com a boca retorcida e os olhos vítreos fixos no teto! Fiquei fascinado, sem poder desviar os olhos até que a luz do luar chegou ao peito nu do cadaver, revelando, polegada por polegada, um punhal enterrado na carne!

Quando cheguei em casa, fui surrado, mas recebí a surra com alegria. Aquele homem fora apunhalado de tarde, perto do escritório, e havia sido levado para lá, para ser tratado, mas morrera logo depois. Tenho dormido muitas vezes com aquele finado, na mesma sala... em meus sonhos.

—*Moments with Mark Twain*, compilação de Albert Bigelow Paine (Harper, ed.)

Um sonhador cuja imaginação foi um fator muito importante para uma cidade mexicana

Um bom vizinho em ação

POR J. P. McEVOY

Bill Spratling, morador na pitoresca cidade de Tasco, no México, é o melhor homem de negócios que conheço, simplesmente porque conseguiu fazer dinheiro com a sua arte, e arte com o seu dinheiro, vivendo um verdadeiro conto de fadas. Quantos homens de negócios trabalham toda a vida, exhaustivamente, num ramo de negócio que detestam, em lugares que odeiam, para conseguir juntar um pouco de dinheiro, que lhes permita passar os últimos anos da vida numa cidade como Tasco, quando já estão velhos demais para gozar esse descanso!

Bill é um desses artistas, classificados pelos homens de negócio como gente incompativel com a vida prática. Era professor de arquitetura numa universidade americana. Aliás, veremos que Bill não era tão pouco prático assim, e creio que uma boa definição do seu carater está na frase do comediante Harpo Marx, falando do escritor Alexander Woollcott: «Um sonhador, com o sentido exato do *deve* e do *haver* em contabilidade.»

Há uns 20 anos, Bill fora convidado pela Universidade do México para dar um curso sobre Arquitetura Colonial Espanhola. Isto o levou a viajar por quase todo o México em busca de dados para as suas lições. Um belo dia, a uns 100 km da cidade do México, chegou ao topo de uma colina, e viu diante de si um amontoado de telhados vermelhos, desbotados pelo tempo, e uma porção de ruas estreitas, cujas pedrinhas brilhavam ao sol, arredondadas e polidas pelo pisar de gerações e gerações de animais, carregados de prata. A cidade era Tasco, pitoresca como um cartão postal, e cuja história vem do tempo do grande imperador azteca, Montezuma; por essas mesmas colinas tostadas, passara a fabulosa torrente de prata que escravizara o coração do conquistador Cortez.

Bill apaixonou-se imediata e definitivamente por Tasco. Mas os seus negócios eram em Nova Orleãs, e ele não era rico. Um homem «prático» teria voltado para o seu trabalho, mas o «sonhador» Bill imaginou logo escrever um livro sobre o México, e ainda por cima fez com que um editor de Nova York lhe adiantasse dinheiro; com isso, foi ficando em Tasco. Para documentação da sua obra, Bill precisava de muitos volumes, mas não tinha um vintem para comprá-los. Deu-se então à profissão de crítico de livros em um jornal de Nova York, daí tirando o sustento e mais todas as obras que desejava, de graça.

Durante três anos, viveu ele feliz e modestamente, enquanto, devagar e com muito carinho, o livro «Pequeno México» se ia levantando mansamente, como

o desenrolar do fio do bicho da seda...

Se Bill tinha dado um jeito de ficar três anos em Tasco, bem poderia conseguir lá ficar para sempre, e já tinha escolhido até a casa que queria; era só questão de arranjar uns cobres...

Naturalmente o seu livro, que é uma pequena obra prima sobre a vida mexicana, tinha feito dele uma celebridade local; e, como os turistas que visitam o México tambem passam por Tasco, todo o mundo acabava conhecendo Bill.

Quando Dwight Morrow, sogro de Lindbergh, e então embaixador americano no México, foi até Tasco, Bill mostrou-lhe as famosas minas de prata, abandonadas, e a grande catedral construida por Don José de la Borda, em ação de graças pela fortuna que arrancara daquelas colinas. «Deus deu a Borda, Borda deu a Deus,» dizia Bill em voz alta, enquanto o embaixador comentava a esplêndida idéia de Borda ter concretizado a sua gratidão de maneira tão artística e duradoura, declarando que ele próprio gostaria de fazer o mesmo. O seu prazo como embaixador estava terminando, e ele gostaria de deixar no México uma prova tangivel dos seus sentimentos, pelos anos felizes que tinha desfrutado no país, e preferiria, se possivel, construir qualquer coisa em Cuernavaca, onde fixara residência. Bill deu então uma idéia: que tal um mural pintado pelo mexicano Diego Rivera, no histórico Palácio de Cortez? Morrow ficou encantado, e Diego Rivera ainda mais, porque isso foi em 1930, quando o pintor tinha mais fama do que dinheiro.

Diante de três enormes paredes, Diego Rivera viu logo a possibilidade de pintar uma magistral «conquista espanhola», mas o problema de cobrar o trabalho ao rico Morrow atrapalhou-o logo de saida.

Para o arquiteto Bill, uma parede representa tantos metros quadrados, seja ela caiada ou pintada. Por quanto vendera Diego o seu último quadro? Oitocentos dólares. E o tamanho? Diego se esquecera, e Bill mediu o quadro.

—Vamos medir a parede e calcular por metro quadrado—depois, como a parede não é negociavel, vamos pedir metade do preço. Bill fez cálculos e acabou em doze mil dólares. O pintor sobressaltou-se. Faria até por mil!

—Pode ser, mas a parede dá doze mil!

—Então, se eu conseguir doze mil dólares, dois mil são seus!

Cuernavaca adquiriu um mural, o embaixador deu o seu presente, Diego de Rivera recebeu seu dinheiro e Bill comprou a casa dos seus sonhos!

Se o embaixador ficou grato a Bill, este ficou mais grato ainda ao embaixador pelo palpite que ele dera em conversa—e que veio a ser a base de sua fortuna: «Não é uma lástima que estas minas, que deram tanta prata, fiquem assim abandonadas, e que tantas obras de arte, antiquíssimas, tenham desaparecido para sempre?»

«As palavras de Morrow me perseguiram,» disse-me Bill. «Tinha-se acabado uma autêntica arte popular. Seria possivel ressuscitá-la? Andei procurando um ourives em Tasco, depois viajei centenas de quilômetros em volta, até que um dia achei escondido, numa pequena aldeia, um índio que sabia trabalhar em prata. Mas sua memória estava muito apagada, e só com muito custo eu consegui que ele fizesse uns trabalhos que desenhei para ele.»

Desse modesto começo, Bill em onze anos ressuscitou a indústria perdida de Tasco, e em 1944 mandou para os Estados Unidos um milhão e trezentos mil dólares de lindas jóias, serviços de chá,

vasos para flores, potes para água, com o carimbo «Prata Spratling». Todos os trabalhos foram desenhados pelo próprio Bill, mas a indústria tem o nome de «Spratling e seus artesãos». Bill faz questão de dar cunho artístico ao trabalho, e por isso os seus operários são artesãos e a indústria, um artesanato.

O ateliê é um conglomerado de forjas e bancos onde uns 400 mexicanos derretem, martelam e polem prata, carregando jade e pedras semi-preciosas de um lado para outro, tudo isso na encosta de uma montanha, a alguns quilômetros fora de Tasco. Nesse mesmo lugar, há alguns séculos, os antigos aztecas arrancaram prata da terra, e dela foram roubados por Cortez, e Don José de la Borda mandava as suas mulas, carregadas de riquezas, para a cidade do México.

Hoje, tendo Spratling comprado a terra, restaurou as minas, construiu um restaurante, uma piscina, e para lá mudou os seus aprendizes e os seus artesãos. Essa «fábrica» original funciona como uma escola, clube ou comuna, na qual se resolvem os problemas sempre vivos, entre a organização e o trabalho—e nela um artista, arquiteto e sábio homem de negócios está criando uma indústria que dá emprego aos operários, construindo uma coletividade próspera, e transformando «palavras» de boa vizinhança numa boa vizinhança «de fato».

Bill criou uma junta de mestres, que dirigem o trabalho, e elegem um comitê executivo que decide sobre aumento de salários, férias, e até contrata ou despede o cozinheiro, e delibera quanto aos menús do restaurante. Note-se que este serve onze refeições por semana a cada artesão, a preço muito módico. Há sete categorias de operários, do mestre até o aprendiz que vai subindo de posto, desde que possa completar uma obra sozinho. A média de sálario é de 50 a 60 pesos por semana, quantia aliás alta para uma aldeia como Tasco.

Spratling entregou à junta o trabalho de vigilância contra roubos, e a sua opinião sobre o caso é a seguinte: «Creio que se os operários sentem que lhes cabe a responsabilidade dos objetos de valor que lhes passam pelas mãos, tornam-se tão vigilantes quanto os patrões. É praticamente impossivel para um patrão, sob as leis mexicanas, mandar embora um operário que tenha trabalhado mais de 28 dias, mesmo que o operário seja apanhado roubando—mas, quando isso acontece, os meus rapazes sabem dar um jeito...»

Spratling ensina e paga aos jovens que vêm de outras aldeias e cidades, descobrindo e desenvolvendo talentos que eles possam ter. Constrói casas para os seus operários mais antigos, adiantando-lhes futuros salários. Uma vez por ano dá a cada artesão a oportunidade de se tornar desenhista, oferecendo prêmios pelo melhor trabalho, dando todo o material, e três dias com vencimentos pagos, para a execução da obra. Dessa maneira, Bill desenvolveu as possibilidades de seus próprios operários, e de outros que se estabeleceram por conta própria. Há hoje centenas de lojas funcionando em Tasco, enquanto, há onze anos, só havia uma, a de Bill—mas, assim mesmo, os salários, as condições de trabalho e a beleza dos seus objetos ainda conservam Bill na vanguarda.

A sua vigilância artística estende-se tambem sobre a cidade. Quando a prata «Spratling», e o ouro dos turistas, começaram a enriquecer a cidade, os comerciantes locais puseram-se a sonhar com extravagantes melhoramentos, tais como anúncios luminosos, bares com cadeiras cromadas, etc. Bill entrou em ação. Organizou um comitê de cidadãos que

declarou a cidade «monumento histórico», criando leis que protegessem os edifícios antigos e não permitissem a construção de novos, que estivessem em desharmonia com o velho estilo colonial. Nada de anúncios, telhados de zinco, calçadas de concreto. O resultado desse trabalho foi que Tasco conserva a sua pureza de cidade antiga, e encanta todos os turistas que viajam centenas de quilômetros para visitá-la.

Quando os mexicanos querem agradar a alguem, dão uma festa—com bandas de música, fogos de artifício, dansas nas ruas—, e todos os anos, no dia 27 de junho, data da inauguração da loja de Bill, a prefeitura decreta feriado e ele é o festejado. Em 1945, foi o décimo aniversário, e os artesãos porfiaram por fazer uma coroa de prata para a Rainha da Prata que foi coroada por Bill. Os maiorais do México fizeram discursos elogiando Bill, o americano que, por amor à beleza, veio viver numa humilde cidadezinha mexicana, ajudando-a a tornar-se próspera e feliz.

Variações sobre um tema universal

¶ Uma das mais persistentes lendas a respeito do amor é aquela segundo a qual a indiferença feminina é um grande estimulante para o homem que se acha enamorado. A verdade é que, se tal indiferença o mantem atraido vivamente por algum tempo, acaba por fazê-lo perder completamente o interesse.

A mulher inteligente compreende que o melhor meio de conquistar um homem é pôr de lado todas as táticas femininas tradicionais, e dizer-lhe abertamente, com toda a franqueza, que o ama.

—George Jean Nathan, no *The Smart Set Anthology* (Reynal & Hitchcock, ed.)

¶ A mulher que ama se torna mais atraente, mas o homem que ama diminue aos olhos do mundo, aborrece os amigos e frequentemente se torna um motivo de ridículo para as mulheres. Porque o homem, sendo infinitamente mais simplório, esquece-se de si mesmo, quando ama, e algumas vezes tão completamente que toca as raias da imbecilidade, vendo apenas a mulher que o seu amor imagina.

—Susan Ertz in *The American Spectator Year Book* (Stokes, ed.)

¶ O verdadeiro amor é o que nos vem na velhice, quando não nos cegamos pelas aparências. Porque, no amor, intensidade nem sempre significa qualidade. Os ciumes e os deslumbramentos já se foram; agora é o amor sem carícias ardentes, e estas nada valem em comparação com o contacto afetuoso da mão já trêmula. Os transeuntes vêem pouca beleza no abraço dos jovens namorados, no banco de um parque, mas o sorriso de compreensão de uma velha esposa para seu marido é uma das coisas mais lindas deste mundo.

—Booth Tarkington

Os pais têm que mentir às vezes

(Condensado do «Scribner's Magazine»)

Autor Anônimo

SER PAI é um encargo triste e solitário. A educação do nosso filho de 12 anos é, a bem dizer, deixada quase inteiramente nas minhas mãos, e eu me vejo cada vez mais impelido a representar o desagradavel papel de hipócrita e até de mentiroso. Eu é que sou o problema; não ele.

É que tenho minhas crenças particulares. Passei os últimos 26 anos de minha vida bem agoniado, desaprendendo grande parte do que sabia com tanta certeza aos vinte. Cheguei àquela fase de desenvolvimento ou de retrocesso mental, em que só de muito pouca coisa se tem certeza absoluta. Quero levar a minha vida e que os outros levem a sua como quiserem. Mas tenho um filho para educar.

Tenho a impressão que a maioria dos homens de 46 anos discrêem interiormente de muita coisa que toda a humanidade, sua pátria, sua cidade natal, e até parentes e amigos consideram verdades. Confiarei a meu filho minhas crenças secretas? É claro que não. Frequentemente, digo coisas contra as quais meu espírito se revolta.

A aproximação da adolescência, no meu filho, não é, em si, meu único problema. Não o levarei para um canto para começar a dizer-lhe, desajeitado e rouco, o que outros pais têm dito: «Meu filho, você sabe como é que as abelhas...»

Ele conhece as funções do seu corpo. Desde pequeno, esses conhecimentos têm sido expostos diante dele e assim os foi adquirindo com naturalidade, na medida de sua compreensão. Ao menos nesse assunto, melhorei a doutrina de meus pais, avós e bisavós, os quais julgavam que não se deveriam mencionar os processos físicos e químicos da vida humana, antes do período de transição, quando o impacto de tais conhecimentos se faria sentir com maior violência.

Há outros assuntos mais dificeis de resolver. A maioria de nossos conselhos deverão ser baseados na tradição arcaica, se quisermos que a mentalidade de nosso filho siga o ritmo do mundo em que vivemos. De outro modo, ele estará fadado a sofrer. É triste, para um pai, dizer coisas em que não acredita. Não é facil enfrentar perguntas, quando sua solidariedade está inteiramente do lado de quem pergunta.

Informou-me ele, um tanto desnecessariamente, que Jesús disse: «Amai-vos uns aos outros.»

—Está certo, comentei eu.

—Então, por que é que existem guerras?

—Porque são raros os verdadeiros cristãos.

—Há padres que vão para a guerra, não há?

—Há.

—Porque?

—Não sei. Pergunte a um deles.

Enquanto escrevo, vejo-o através da porta entreaberta da sala de jantar, estudando a lição de história para o dia

seguinte, repetindo muita coisa à meia voz e remexendo-se a valer. Não para de cruzar e descruzar as pernas. Penteia e despenteia o cabelo com os dedos, à medida que estuda, com imensa atenção e irrestrita credulidade, outra lição sobre as glórias e perfeições da pátria. Há alguns anos passados, tínhamos um livro de história mais sincero, em nossas escolas, mas as «autoridades» em pedagogia coibiram o seu uso.

Não me intrometo, quando ele adquire conhecimentos que julgo serem falsos, com aparência agradavel. Ele continua cumprindo seu dever. E eu, lutando com os meus. Ele tem mais sorte: existem autoridades, nas quais acredita firmemente. Amanhã, na reunião escolar, prometerá lealdade à bandeira e à República, «com liberdade e justiça para todos.» Não procuro contagiar seu espírito com minhas próprias descrenças.

Não lhe digo que estamos muito afastados da estrada de liberdade, indicada por Jefferson. Para seu próprio bem, não externo meu ceticismo quanto à imparcialidade da justiça, numa região em que impera a corrupção política e a politicagem desenfreada. Não confesso minha crescente antipatia pela política, nem tiro as auréolas dos retratos de presidentes, no seu livro de história.

Talvez devesse, mas não o faço. Deixo-o devorar com os olhos o livro de história. Se ele levasse minhas convicções para o colégio, em vez das que adquire naquele livro, haviam de considerar-nos comunistas... Não tenho atração alguma pelo comunismo, e aprecio muitíssimo a paz. Portanto, mantenho-me covardemente em silêncio, para bem dele e meu.

Aos domingos, ele costuma ir à igreja. Seus pais e avós iam, portanto ele vai. Em sua presença, tenho ainda menos vontade de atacar o ensino de história religiosa do que o de história da civilização. Contudo, acho impossivel compreender a existência de um Deus cuja preocupação máxima é o bem-estar da prole de um bípede mamífero, que habita um planeta secundário, de um sistema solar insignificante, em um dos inúmeros universos. Não consigo acreditar inteiramente num Paraiso, que os homens apreciam em êxtase—e temem tremulamente à medida que dele se aproximam...

Guio meu filho cuidadosamente através da Bíblia, pelo que ela encerra de sublime, e tambem porque os caracteres nela descritos, com tanta correção, oferecem os melhores assuntos para explicações sobre moral. Detemo-nos diante de Moisés, Daví e os outros, mas não procuro absolutamente amoldar sua fé de acordo com o meu agnosticismo. E, quando se sai da fé para a moral prática, ainda fico mais desnorteado.

É possivel que, aos 46 anos, as crenças e teorias de meu filho venham a ser semelhantes às que tenho atualmente. Poderia poupar-lhe muita angústia e desilusão, indicando-lhe o caminho para elas. Mas não o faço, devido à covardia, que me impede de confrontar abertamente minhas crenças com a opinião pública.

Posso pregar a meu filho, com toda a sinceridade, o valor de certos princípios de moral, que me parecem fundamentais e divinos—o amor do perdão, da bondade e da justiça cotidiana; o ódio da crueldade e da brutalidade; a necessidade de controlar e dirigir os apetites do corpo. Se puder incutir-lhe uma fé verdadeira nessas virtudes, talvez seja suficiente; mas estas noções abstratas, de aparência tranquila e agradavel, acarretam inevitavelmente uma série de problemas insoluveis.

Falo contra a falsidade; entretanto, minto uma dúzia de vezes por dia, implícita ou explicitamente, para poupar os

sentimentos dos amigos, ou para não cair no ostracismo social. Descrevo, em cores simples e vivas, as recompensas da honestidade e do cumprimento do dever, e entendo bastante de negócios para ter certeza de que inteligência e personalidade trazem muito maiores benefícios. Insisto no respeito pelas pessoas de idade, embora veja que a maioria não o merece, e insisto tambem num sentimento de reverência agradecida para com a mulher, que, em geral, não o justifica absolutamente.

Já que ele tem de viver neste mundo, é melhor deixá-lo aprender, sem duvidar, as coisas em que o mundo acredita—ou finge acreditar. É isso o que digo a mim mesmo frequentemente; gostaria de calar a vozinha maliciosa que insiste em me chamar de mentiroso. É possivel que esteja poupando a meu filho sofrimento atual, dando-lhe uma educação quase de acordo com os moldes convencionais. Quisera saber, porem, se não estarei realmente evitando aborrecimentos, à custa de futuro sofrimento para meu filho. Não sei—e esse bem poderia ser o lema dos pais. Sei apenas que não ousaria representar o seu papel neste drama, como procuro representar o meu.

Mary White

Uma página comovente, extraida de um modesto jornal

Por William Allen White

William Allen White, um dos mais conhecidos e estimados jornalistas dos Estados Unidos, já falecido, escreveu para seu jornal o seguinte panegírico da filha, no dia em que se lhe realizavam os funerais.

As NOTÍCIAS da imprensa sobre a morte de Mary White disseram que esta resultou de uma queda de cavalo. Como não teria ela caçoado, metendo a ridículo essa história! Em toda a sua vida, jamais caira de um cavalo. Estes, sim, cairam sobre ela e com ela. «Estou sempre procurando segurá-los no colo,» costumava dizer. Era capaz de cavalgar qualquer coisa que tivesse quatro pernas e pelo. Morreu, não em consequência de uma queda, mas de fratura do crânio produzida pelo choque contra o galho de uma árvore cujos ramos pendiam a baixa altura no caminho.

A última hora de vida de Mary White foi típica de sua felicidade. Ela chegou da escola e achou que um passeio a cavalo seria bom para refrescar. Vestiu o culote caqui, conversando animadamente com a mãe, e correu a pegar o cavalo para sair. Atravessando a vila num galope facil, ia acenando com a mão aos transeuntes. Conhecia todo o mundo. Durante uma

década, aquela pequenina figura, com longas tranças e laço de fita vermelha no cabelo, tornara-se familiar a todos em Empória. Mary White passou pelos Kerrs, e os cumprimentou; mais adiante, cruzou com outra amiga e tornou a acenar. Ao dobrar a rua principal, o cavalo entrou em trote largo. Mary passou então por um colega e saudou-o ainda, mas com a mão que segurava as rédeas; o cavalo virou de repente, embarafustou-se pelo parque a dentro, onde diante dela se projetava o galho pendido a baixa altura, e, enquanto ainda olhava para trás, acenando ao amigo, recebeu o golpe. Não caiu do cavalo; foi varrida para fora da sela, cambaleou e tombou desacordada. Nunca mais recobrou os sentidos.

Não caiu do cavalo, nem sequer mesmo estava cavalgando depressa. Um ano antes, ela gostava de apostar corrida com o vento; mas abandonou esse hábito, e passou a montar como exercício ao mesmo tempo enérgico e estimulante. Foi a necessidade desses exercícios que tornou essa intrépida figurinha assídua nas estradas campestres da região em que moramos; e, pouco a pouco, o que tinha sido uma estrutura fragil e doentia transformou-se num corpo forte e musculoso. A montaria, porem, lhe trouxera outros benefícios: desenvolvera nela um espírito alegre e resoluto. Era o ser mais feliz deste mundo. E esta felicidade lhe advinha justamente de que ela estava alargando os próprios horizontes.

Veio a conhecer pessoas de todos os tipos e condições: o inspetor do tráfego por exemplo; e todas as moças, brancas e pretas, dos bairros ricos e pobres, todas elas eram suas conhecidas. Trazia para casa as histórias de suas aventuras, com as quais provocava estrepitosas gargalhadas. Adorava brincar; tinha em casa um natural ar zombeteiro; e o humor lhe borbulhava numa perene alegria. Era levada sem malícia, e cheia de defeitos como um sapato velho. Não era nenhum anjo; mas com ela qualquer pessoa vivia facilmente, porque nunca na vida alimentou o menor mau humor.

Com toda a sua avidez pela vida ao ar livre, tambem amava os livros. Quando deixou o quarto, lá estavam sobre a mesa um livro de Conrad, um de Galsworthy e um de Kipling. Já antes dos dez anos, lia Kipling, Dickens e Mark Twain. Nos últimos dois anos, começou a desenhar. Principiou como quase todas as crianças, rabiscando desenhos engraçados nos cadernos escolares. Tirou um curso —sem muita disposição, naturalmente, porque, afinal de contas, era uma criança sem propósitos muito firmes—e provou a sensação do êxito ao ver os seus desenhos aceitos pelo pequeno semanário da escola. Mas a alegria de que se sentiu possuida, quando o anuário escolar lhe pediu para fazer caricaturas, foi bela demais para se poder exprimir em palavras. Aceitos os seus desenhos, a vaidade—sempre reprimida pelo senso do ridículo —desabotoou-se com um esplendor digno de ser visto. No auge da glória, quase esqueceu o cavalo—mas nunca o automovel.

O automovel, ela o usava como «lotação». Resumia nele a sua vida social. Em seus quase dezessete anos, não tivera uma só festa—e não o quis nunca; mas jamais aconteceu que viajasse um quarteirão sem ter o carro cheio de «caronas». Todo o mundo viajou com ela: brancos e negros, velhos e jovens. De nada gostava ela mais do que encher o automovel com os seus colegas da escola, uns adolescentes compridaços, e uma ou outra moça, e com eles passear pela cidade. Nunca teve namorado, nunca foi a um baile, a não ser uma vez com o irmão, e essa história de

rapazes não a interessava—ainda. Mas encher o carro de garotos, a ponto de quase lhe quebrar as molas, isso lhe dava um prazer imenso. Seus entusiasmos eram vividos com intensidade.

Os pobres, trazia-os sempre no pensamento, e tinha prazer nisso. A última promessa que procurou cumprir foi levar o pessoal pobre do abrigo local para um passeio de automovel.

Tinha fome e sede pela retidão; e era a mais ímpia das criaturas deste mundo. Frequentava a igreja por pensar que esta era uma agência destinada a auxiliar os outros, e ela queria ajudar tambem. Os vestidos pouco significavam para ela; nunca usou uma jóia, e nunca pediu nada a não ser um relógio de pulso. Recusou-se a usar o cabelo penteado para cima, embora quase aos dezessete anos. Sobre todas as paixões de sua vida, punha a de não crescer nunca, a de se conservar sempre criança.

Seu enterro foi exatamente como o teria desejado; não houve canto nem flores, exceto o enorme ramo de rosas encarnadas que lhe mandaram os companheiros de turma de seu irmão,—mas como teria ficado orgulhosa!—e as rosas, tambem encarnadas, do pessoal da Gazeta onde eu trabalho, colocadas em vasos aos pés e à cabeceira. Uma curta oração, as lindas palavras de S. Paulo sobre o Amor, da Primeira Epístola aos Coríntios, alguns comentários do pastor sobre o seu espírito democrático (contra as quais, se pudesse, teria deprecado) uma oração, e, abrindo a cerimônia, a primeira parte, lenta e emocionante, da «Sonata ao Luar» de Beethoven, que ela adorava, e, encerrando, o primeito tempo, vibrantemente melancólico, da Sinfonia Patética de Tchaikovski, que ela gostava de ouvir na vitrola; finalmente, o Padre Nosso, por todos os amigos. Foi tudo.

Ela teria sorrido ao saber que seu amigo, o inspetor do trafego, fora transferido para a esquina próxima à igreja, afim de dirigir o movimento dos amigos que vieram dizer-lhe o último adeus.

Uma fresta aberta nas nuvens cinzentas projetou um filete de sol sobre o caixão, no momento em que seu pequeno corpo descia para o último sono. Mas a sua alma, a alma cintilante e ardente de Mary White, esta, sem dúvida, flamejava ainda, brilhando de alegria, no limiar de uma nova aurora.

Escolha de armas

¶ Quando o Professor Rudolf Virchow, famoso cientista alemão, criticou severamente a política de Bismarck, o Chanceler de Ferro desafiou-o para um duelo.

—Perfeitamente, disse o professor aos padrinhos de Bismarck,—aceito o desafio; mas, sendo eu o desafiado, cabe-me o direito de escolher as armas. Eis aquí as minhas armas. E apresentou dois chouriços, que pareciam exatamente iguais.

—Um destes chouriços, disse Virchow, acha-se infeccionado, com germes mortais. O outro não tem nada. Sua Excelência me dará a honra de escolher um dos dois, e comê-lo. Eu comerei o outro.

Uma hora depois, o Chanceler de Ferro tinha decidido não levar a sério o duelo.

—*Everybody's Weekly*

Fatos e teorias surpreendentes em torno de um dos mais curiosos fenômenos da natureza.

O MISTÉRIO DAS MIGRAÇÕES

(*Condensado do «Saturday Evening Post»*)

POR IVAN T. SANDERSON • *Naturalista; autor de «Animal Treasure», «Caribbean Treasure», etc.*

A migração dos animais tem sido observada pelos homens há milhares de anos, e continua a ser um dos espetáculos mais curiosos da natureza. Não sabemos ao certo se todos os fatos, aparentemente incriveis, que conseguimos observar relativamente a esse fenômeno, cheguem a explicá-lo. Depois que as modernas investigações revelaram que a migração é hábito natural, comum a grande parte do mundo animal, e necessário para a sua sobrevivência, surgiu outro problema.

Em toda parte do mundo, os homens encontraram, de quando em vez, vastos exércitos de animais, avançando através da face da terra, aos milhões e milhões, não raro sem que houvesse, para isso, qualquer motivo aparente.

O exemplo mais comum é provavelmente o dos gafanhotos, que constituem uma praga constante, em muitas regiões de clima quente. Um desses enxames, na área do Mar Vermelho, chegou a cobrir duas mil milhas quadradas. No norte do Canadá e na Noruega, pequenos animais roedores daquelas regiões, parecidos com os ratos, costumam descer, de vez em quando, das regiões mais altas. Depois de atravessarem as planícies da costa, mergulham no mar e desaparecem. Na África do Sul, bandos de gazelas, avançando flanco a flanco, de todas as direções, e a perder de vista, aparecem de repente no litoral, e mergulham, tambem, no mar, destruindo-se a si próprias.

Essas inesperadas irrupções da vida animal ocorrem em quase todos os paises. Uma vez, caminhei durante uma hora, através de verdadeiro tapete de pequenas rãs, nos campos de relva da África Ocidental. É raro o verão em que não surge um enxame de insetos, nalgum ponto do Estado de Nova York. Em 1943, um bairro de Nova York foi infestado por dois destes; tratava-se de moscas verdes, que vinham não se sabe de onde, e baratas enormes que surgiam dos encanamentos.

Tais aparecimentos repentinos de certos animais deveriam ser descritos como emigrações a contrastar com as migrações periódicas. A migração torna possivel a perpetuação da espécie, ao passo que a emigração termina, invariavelmente, com o suicídio em massa. No entanto, esses fenômenos contrários têm alguns aspectos em comum.

Os cientistas que investigaram as emigrações dos roedores do Canadá e da Noruega, a que já nos referimos, trouxeram à luz vários detalhes inesperados. Esses pequenos animais, na Noruega, vivem em colônias, nos planaltos, acima

das regiões arborizadas, onde a única vegetação é capim e musgo. De vez em quando, sucede que o número desses roedores, numa de tais colônias, aumenta enormemente, e, devido a isso, os bichinhos, que são, geralmente, muito ariscos, se tornam audaciosos e destemidos. Começam a produzir ninhadas maiores, a intervalos menos espaçados.

Os animais que atacam esses pequenos roedores—mochos, martas, doninhas e falcões—começam, tambem, a aparecer em maior número, tornando-se, igualmente, mais audaciosos e mais vorazes. Esse processo continua, até que já nem têm onde ficar de pé. Finalmente, quando a pressão se torna intoleravel, bandos dos roedores descem pela montanha abaixo, rumo às planícies, uma região bastante imprópria para eles. São seguidos por verdadeiros enxames de seus inimigos. Mas lá vão, formando vasto tapete movel que se arrasta sobre a terra. E, enquanto isso, continuam a reproduzir-se.

Durante os dois ou três anos que levam para atingir a costa, milhares são devorados e bilhões se afogam, ao atravessarem os rios e os fiordes, morrendo, outros, de fome. Os que chegam a atingir o mar, saem nadando pelas águas do Atlântico e acabam por afogar-se. É uma espécie de histeria em massa; os animais como que perdem totalmente a sagacidade natural. Averiguou-se que alguns dos roedores chegam a planaltos isolados, que se prestam para seu modo de vida, passando a instalar-se neles. Mas, por estranho que pareça, essas colônias se extinguem dentro de poucos anos.

Porque será, conjeturaram os investigadores, que essas espécies de ratos começam, de repente, a reproduzir-se em tal quantidade? Por que motivo recorrerão ao suicídio em massa? Por que razão os que se instalam em planaltos indicados para eles, acabam de extinguir-se, enquanto os que permanecem na zona que habitavam anteriormente sobrevivem, vindo a reproduzir-se novamente, dentro de algum tempo, em número excessivo? A resposta a essa pergunta trouxe-nos talvez a mais importante revelação sobre o mistério dos movimentos em massa de animais.

Exames de roedores, em todas as fases da reprodução em massa, provaram que os orgãos genitais sofrem extraordinárias transformações. Ainda mais: os próprios animais se transformam, anatomicamente, de acordo com o aumento de vigor—o que, segundo sugeriram os investigadores, poderia ser atribuido a qualquer alimento que tivessem comido.

Durante algum tempo, essa substância permaneceu desconhecida. Descobriram-se, então, as vitaminas. Foi reconhecido, desde logo, que a substância em questão, devia ser uma das vitaminas, que não tardou a ser encontrada no musgo de que os roedores se alimentavam, depois de longa hibernação.

A fonte desse estimulante, que os levava a tal atividade reprodutora, ficava para trás, quando os animais emigravam, embora levassem parte da vitamina nos seus organismos. Os que encontraram abrigo, nalguma região favoravel, não tardaram a disseminar essas vitaminas e, como não houvesse novos suprimentos, perdiam sua fertilidade, vindo a morrer.

Isso poderá muito bem ser a explicação geral de todas as emigrações em massa. Muito embora a falta de alimentos ou de água leve os animais a partir rumo a outras regiões, a reprodução excessiva e a histeria geral, frequentemente observadas entre os enxames de animais emigrantes, são, provavelmente, causadas

pelo revigoramento de uma vitamina semelhante.

As migrações que obedecem à marcha das estações constituem problema inteiramente diverso. As causas básicas poderão ser as mesmas, mas os animais emigrantes desaparecem, e os migrantes, ou seus descendentes, voltam sempre ao lugar de onde partiram. O grau de movimento desses animais em migração varia imensamente. Os elefantes realizam às vezes migrações que levam dez anos para completar. Bandos de certas espécies de macacos da América do Sul migram de uma área da floresta para outra, com um intervalo de poucas semanas.

Um dos espetáculos mais surpreendentes é a migração de caranguejos, na ilha de Jamaica. Esses animais, que vivem nas fendas das rochas, descem a certas praias, uma vez por ano, todos ao mesmo tempo, ao chegar o momento de se reproduzirem. Fazem isso, invariavelmente, seguindo uma linha tão reta quanto possivel, passando, para tal fim, sobre toda sorte de obstáculos—até casas, que encontrem no caminho.

Há uma espécie de afídio que passa metade do ano em macieiras e a outra metade nas hastes do capim. Esses insetos são empregados por certas formigas da mesma maneira como nós nos utilizamos das vacas. São cercados, protegidos e «ordenhados» por elas. Isto é, as formigas bebem uma espécie de fluido semelhante ao mel, que é expelido pelo corpo dos referidos afídios. Tendo descoberto que eles precisam migrar, as formigas costumam transportá-los das macieiras para as hastes dos capins e, dalí, novamente para as macieiras, segundo as estações.

A campeã dos viajantes é provavelmente a andorinha do mar, do oceano Ártico. Este pequeno pássaro, delicado, e semelhante a uma gaivota, migra da América Ártica para a Europa, através do Atlântico Norte, e daí ao sul, seguindo os litorais, passando pela África, e atingindo o Oceano Antártico; e cobre a mesma distância na viagem de regresso, durante a primavera seguinte—isto é: cerca de 24 mil milhas ao todo.

Por que motivo executarão os pássaros tais façanhas? A única resposta que parece plausivel é a de que talvez o mesmo estimulante para a reprodução que se verificou ser a causa da fertilidade aumentada dos roedores—e dos insetos que se alimentam da mesma vegetação—seja encontrada na vegetação nova das regiões do norte, libertadas da neve do inverno pelo sol quente da primavera. Os pássaros anseiam por essa vitamina, como por uma droga em que estivessem viciados.

A estranha conduta das enguias do Atlântico, embora determinada, tambem, pelo processo de reprodução, é realmente única. As enguias passam muitos anos, de uma vida aparentemente feliz, rondando pelas lagunas e correntes da Europa e da América do Norte. Mas, de repente, deixando sua habitual morada, descem os rios rumo ao Atlântico, e vão nadando por alí fora, até atingirem as águas mais profundas desse oceano, ao sul das Bermudas, onde mergulham e desaparecem para sempre.

Mais tarde, surge um enxame de minúsculos peixinhos transparentes, da grossura de um fio, com olhos pretos salientes, cujo número cresce constantemente, como se fossem cogumelos, e que se distribuem em dois grupos. Os que partem para leste atingem as praias da Europa, no curso de três anos. Os que vão rumo a oeste, chegam mais cedo às costas da América. Ambos os cardumes—transformados, já agora, em filhotes de enguias—nadam pelos rios acima, até

chegarem às regiões de onde seus pais partiram.

Esse fenômeno tem uma explicação teórica, extremamente curiosa, baseada na chamada teoria de Wegener do «impulso continental». Alfred Lothar Wegener, geofísico alemão, assinalou que a crosta da terra é composta de duas camadas, sendo a externa mais leve e menos profunda que os oceanos. Sugeriu que a terra, originariamente, se achava totalmente envolta por essa camada externa, mas que cerca de metade deixara de existir, ao penetrar no espaço exterior. O que dela restara partiu-se, então, vindo a formar as grandes partes que chamamos de continentes, começando a flutuar em torno ao globo, afim de garantir o equilíbrio da terra, que ficara inclinada para um lado e vacilante. Como prova disso, cortou mapas dos continentes, provando que estes podem encaixar uns nos outros. A costa oriental da América do Norte e do Sul se ajusta, quase exatamente, à costa ocidental da Europa e da África.

Em consequência, se as enguias provinham da fenda coberta pelo mar, entre o Velho e o Novo Mundo, e passavam o tempo, entre as temporadas de reprodução, nas lagunas e rios das terras vizinhas, de cada lado dessa fenda, teriam tido que efetuar travessias cada vez mais longas, para os pontos favoraveis à reprodução, quando os continentes se separaram, flutuando cada qual para seu lado; até que, mais tarde, se teria tornado impossivel, para elas, realizar tal travessia todos os anos. Visto isso, é natural que acabassem por passar um período mais longo de repouso nas águas doces, indo ter, menos frequentemente, aos pontos de reprodução. Ao ser esse processo levado ao extremo, verificar-se-á que sua conduta viria a ser a que podemos observar agora, graças à qual passam a vida inteira repousando e acumulando energia para a grande aventura: a partida rumo às regiões distantes, agora, de milhares de milhas, onde costumam fazer a sua postura. O esforço que tal travessia exige, atualmente, é tão exhaustivo, que não conseguem sobreviver a ele.

A migração é o principal esforço da vida, no mundo animal. Suas múltiplas variedades só podem ser unificadas pelo seu objetivo e resultado, que é sempre o mesmo: a sobrevivência. Sem as migrações, grande parte das espécies animais que habitam o universo se teriam provavelmente extinguido, há muito tempo.

¶ Um dia, no Vale de Yosemite, disseram-me haver no hotel local um velho que tinha tomado parte, em 1851, nos trabalhos da empresa que desbravara o famoso vale norte-americano. Tratei imediatamente de entrevistar o pioneiro, e perguntar-lhe qual fora a sua impressão, ante o maravilhoso espetáculo daquela natureza prodigiosa. —Deve ter sido estupendo, disse eu, deparar subitamente com um panorama tão impressionante!

O velhote deu uma cusparada por cima da grade da varanda, onde nos achávamos, e pareceu refletir por um momento. —Eu lhe digo, explicou. —Se soubesse que o lugar ia ficar tão famoso, eu teria dado uma olhadela...

—Florence Finch Kelly, *Flowing Stream* (Dutton, ed.)

SEÇÃO DE LIVROS

Anatomia da Paz

Condensação do livro «The Anatomy of Peace»

por Emery Reves

«O mundo teria tudo a ganhar se dez ou vinte milhões de pessoas lessem e discutissem a *Anatomia da Paz*,» declara o *Times* de Nova York, acrescentando: «É uma obra de inteligência, realismo e eloquência.» Por seu lado a Associated Press refere-se à obra nestes termos: «Poucos os livros sobre os perigos de guerra tão empolgantes como este, que nos fala das possibilidades da paz.»

Nos jornais dos Estados Unidos, e com o propósito de induzir o máximo número possivel de pessoas a ler o livro, foi recentemente estampada uma carta que se deve à iniciativa de Owen J. Roberts, antigo juiz do Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos, e dos bem conhecidos escritores Carl e Mark Van Doren. Assinada por Albert Einstein e Thomas Mann, e pelos Senadores Fullbright, Pepper, Elbert D. Thomas, bem como por diversos representantes do mundo dos negócios, das organizações operárias e dos veteranos de guerra dos Estados Unidos, a carta diz a certa altura:

«Instamos toda a gente a ler este livro, a meditar sobre suas conclusões, a discutí-lo com seus amigos, em público ou em particular. Em presença da nova realidade que é a guerra atômica, as idéias que recheiam esta obra devem ser propagadas com a máxima urgência, a menos que a civilização tenha resolvido suicidar-se.»

A tese central do ensaio é simples: sustenta o autor que nenhum dos processos, até agora adotados, para cimentar a paz entre os homens poderá dar bom resultado. Todos eles têm sido repetidas vezes experimentados, e, sem uma única exceção, se revelaram incapazes de prevenir a guerra. A paz há-de vir, segundo crê o sr. Reves, só quando a absoluta soberania nacional, causadora da anarquia hoje reinante nas relações internacionais, tiver cedido o passo a uma ordem legal universal—isto é, *quando as relações entre os estados se regularem não por meio de tratados, mas da lei.*

Na primeira parte do livro, a seguir condensada, o sr. Reves revela-nos a inevitavel tendência totalitária de todas as nações, no estado atual de coisas, que é dominado pelo conceito da «soberania nacional».

Copyright 1945, *Emery Reves, editado por Harper & Brothers, Nova York. Preço* $2.00.

ANATOMIA DA PAZ

O PENSAMENTO político e social da nossa época está atravessando uma crise que pode chamar-se revolucionária—muito semelhante à renovação por que a astronomia e as ciências passaram no Renascimento.

Durante mais de catorze séculos, o mundo científico acreditara que a Terra era o centro do universo, e que em volta dela gravitavam o sol, a lua e as estrelas.

Por muito ingênua e primitiva que hoje nos pareça semelhante concepção, pode-se dizer que, até aproximadamente o ano de 1500, ela se manteve como indiscutivel. Foi por essa época que os novos métodos de observação conduziram o homem a dar um dos passos mais gigantescos do processo científico que regista a nossa história: o advento do sistema de Copérnico. Este famoso físico desvendou um mundo novo de idéias, e apontou-nos o caminho que acabou por levar todo o mundo a aceitar como verdadeira a nova visão do universo, isto é, que a Terra, suspensa no espaço como os outros planetas, girava como eles em volta do sol.

Devemos hoje ter a coragem de pôr em causa o pensamento político da nossa época, do mesmo modo que Copérnico pôs em cheque as crenças científicas da sua. Vivemos atualmente em um mundo de estados-nações. O centro do nosso universo político é a nossa própria nação, una, livre e soberana—ponto inamovivel em volta do qual o resto do mundo supostamente gira.

Por meio das leis e do aparelho de governo, estamos aptos a solucionar os problemas políticos, econômicos e sociais dentro da esfera nacional; mas, quando passamos às relações com os outros estados, já nos parece que esses mesmos problemas devem ser tratados por via de «planos de ação política» e de «diplomacia». Tal é o dogma fundamental do mundo político contemporâneo, e que hoje me parece desesperadoramente obsoleto.

Esse modo de ver manteve-se quase indiscutivel durante muitos séculos, e não há negar que resolveu de modo satisfatório muitos problemas do dia a dia. Mas os progressos técnicos e científicos têm ocasionado mudanças, tantas e tão profundamente revolucionárias, que já se vai tornando imperiosa a necessidade duma nova maneira de ver. A população do globo mais do que triplicou no decurso de um só século. Durante milhares de anos, os transportes terrestres tiveram como base a força animal, e, quase de repente, no lapso de cem anos apenas, o homem viu aparecer a estrada de ferro, o automovel, e o avião-foguete. A revolução industrial não tem paralelo em toda a história humana.

Ora, nenhuma das teorias correntemente aceitas pode satisfatoriamente arcar com os complexos e perturbadores problemas do nosso tempo. Encontramo-nos hoje completamente desajudados, armados apenas das fracas noções que herdamos da era pre-industrial.

A despeito do tremendo alcance dos

nossos meios de transporte, somos incapazes de evitar a escassez e a fome em muitos lugares da Terra, embora em outras partes nos asfixie a super-abundância dos produtos. Enquanto, dum lado, centenas de milhares de seres humanos sofrem duma carência atroz de bens industriais, somos impotentes, por outro lado, para evitar o desemprego em massa. Muito embora haja atualmente mais ouro aferrolhado do que em tempo algum da história, não sabemos como estabilizar as moedas. Do mesmo passo que todos os paises modernos carecem de matérias-primas que outros paises possuem, e produzem bens de que outras nações carecem, ainda não fomos capazes de organizar um sistema satisfatório de trocas. Finalmente, muito embora a maioria das pessoas odeiem a violência e aspirem a viver em paz, revelamo-nos impotentes para evitar a repetição das guerras, cujo poder devastador tem crescido alucinadoramente.

Cidadãos de cada um dos talvez oitenta estados soberanos hoje existentes, continuamos a crer que a nossa «nação» é o centro inamovivel em volta do qual o resto do mundo descreve a sua órbita. Os dramáticos e estranhos acontecimentos ocorridos entre as duas guerras mundiais afiguram-se desanimadoramente confusos, quando encarados do ponto de vista subjetivo de qualquer nação. De Tóquio ou Varsóvia, de Riga ou Roma, de Praga ou Budapeste, cada nação interpreta os acontecimentos consoante o seu imutavel ponto de vista nacional. E os cidadãos de cada estado estarão sempre convencidos da infalibilidade e objetividade das suas opiniões.

Segue-se que, enquanto as nações soberanas retiverem a sua soberania—isto é, enquanto continuarem a fazer o que bem lhes aprouver—serão inevitaveis entre elas os conflitos violentos, e não podemos ter esperança de consumar a segurança mundial.

É chegada a hora de compreendermos que o método de observação política que nos legaram é dum primitivismo infantil, duma impropriedade sem remédio, e completamente errôneo. Se pretendermos criar um começo que seja de relações bem ordenadas entre as nações, devemos esforçar-nos por desenvolver um método de observação mais científico. Devemos começar por ver o panorama político de outro ponto de vista, e observar todas as nações nas suas verdadeiras relações mútuas, movendo-se de acordo com as mesmas leis, sem quaisquer pontos fixos, criados somente pela nossa imaginação para servir a nossa própria conveniência.

Por outras palavras, devemos apreender o fato de que é necessário limitar a soberania das nações, e estabelecer um governo mundial capaz de ordenar as relações entre os estados por meio de leis, do mesmo modo que, por exemplo, os Estados Unidos hoje ordenam as relações entre as unidades que os compõem. Fora disso não existe nem a mais leve esperança da possibilidade de solucionarmos nenhum dos problemas vitais da nossa geração, nem de que nos vejamos algum dia aptos a evitar outras guerras ainda mais destrutivas.

No torvelinho atual das relações internacionais, ouvimos as nações acusar-se umas às outras nos termos mais estranhos, cada uma erguendo a sua voz contra as outras.

Os estados *fascistas* afirmam que democracia e comunismo são uma e a mesma coisa, e que o sistema democrático-liberal só pode ter como termo lógico de evolução o regime bolchevista.

Os *comunistas* insistem que democracia e fascismo são ambos capitalistas, que sob

ambos os regimes o capital privado explora os trabalhadores, e que o fascismo é o instrumento com que os reacionários visam destruir o socialismo.

As nações *democráticas* acentuam que fascismo e comunismo são sistemas idênticos, ambos ditaduras totalitárias que destroem todas as liberdades e reduzem o indivíduo à servidão.

Na verdade, cada um desses pontos de vista, no triângulo das acusações mútuas, traduz uma visão superficial dos fatos. E uma vez que a humanidade vem travando uma guerra-civil mundial em volta dessas concepções, impõe-se definir de maneira objetiva os problemas capitais.

O Fracasso do Capitalismo

O CAPITALISMO era a filosofia econômica dominante na época em que o industrialismo alvoreceu. Nos começos do século XIX, quando se iniciou a revolução industrial, as revoluções políticas libertadoras do final do século XVIII achavam-se consolidadas, e alcançados os seus objetivos. O estado-nação de base democrática—sob a forma de república ou de monarquia constitucional—mostrava-se firmemente alicerçado no mundo ocidental. Era perfeitamente natural que os ideais políticos, que acabavam de triunfar, se tornassem tambem princípios básicos dominantes no pensamento dos economistas, industriais e comerciantes da primeira fase da era industrial.

Foi assim que a livre iniciativa privada, o comércio livre e a livre concorrência se desenvolveram naturalmente, de par com as liberdades políticas. Mas a liberdade é relativa no seio da sociedade humana; a liberdade pela qual o homem vem lutando há cinco mil anos, na prática, significa somente a aspiração a regular devidamente as relações entre os indivíduos da mesma sociedade. A liberdade humana somente pode criar-se impondo-se limitações ao livre exercício dos impulsos humanos por meio da coerção geralmente aplicada—em suma, por via da *lei*. Essa liberdade só pode assegurar-se na medida em que as liberdades de um indivíduo não interfiram com a liberdade dos outros.

Os economistas que defendiam a liberdade econômica absoluta não souberam ver, porem, que a liberdade, dentro do processo econômico, não podia absolutamente ser ilimitada. A liberdade de ação, ilimitada e irrestrita, só poderia trazer «liberdade» ao nosso mundo se nele já existisse a igualdade absoluta de todos os indivíduos, se a herança da propriedade houvesse sido abolida, e se cada indivíduo fosse obrigado a começar do nada. Como tais premissas não têm probabilidades de vir a verificar-se, a livre iniciativa e a igualdade de oportunidade entre os homens poderá, quando muito, ser relativa. É manifesto que a ordem hoje existente nas nações capitalistas se não pode mais chamar «liberdade de iniciativa,» pois que muitas indústrias estão a tal ponto monopolizadas, que as tentativas de empreendimento no respectivo domínio não podem competir com as indústrias já instaladas, e por vezes nem sequer chegam a iniciar-se.

Por consequência, o industrialismo moderno veio criar não só riquezas nunca dantes sonhadas, para os que são economicamente fortes, mas tambem pobreza e carência de liberdade para os milhões de homens cujo trabalho é hoje apenas uma mercadoria.

Esta situação produziu naturalmente as suas reações, e finalmente inspirou o socialismo moderno.

Ensina o socialismo que o capitalismo privado conduz ao monopólio—à concentração do capital entre as mãos duma

restrita minoria, e à pauperização das massas trabalhadoras.

Esta guerra-de-classe vem-se travando assim há cerca de cem anos, a despeito de que toda a controvérsia se baseia numa falsa concepção da realidade. Não é porque o capital está controlado por indivíduos, ou empresas particulares, que o sistema capitalista falhou: tal fracasso resultou de que a "liberdade" era considerada como um valor absoluto, em vez de ser encarada como um ideal humano, em constante necessidade de ajustamento e regulação por via da lei.

Após uma época de riqueza fabulosa para uns poucos, e de pauperização crescente para a maioria, algumas nações tentaram começar a transpor o abismo que separava as classes capitalistas e proletárias, por meio de experiências tais como a organização de sindicatos operários, as leis de seguro social, os impostos sobre a transmissão de heranças, e outras medidas do mesmo jaez. A experiência veio inquestionavelmente demonstrar que é nessa direção que poderemos encontrar a solução do problema, como seja o caso da Suécia, da Dinamarca e da Noruega, onde ele se encontra praticamente resolvido. O fato de que a evolução impõe a transferência de certas atividades humanas, que eram privilégio dos indivíduos, para as mãos do estado, não implica necessariamente a morte do individualismo. Significa, pelo contrário, que os interesses da coletividade e a liberdade dos seus membros serão melhor servidos se certas atividades, de importância social para todos os cidadãos, forem postas sob o controle da coletividade. Nossa vida social baseia-se inteiramente numa doutrina fundamental, segundo a qual o máximo da liberdade individual resulta da restrição do livre exercício de atividades humanas tais, que pudessem infringir as liberdades dos outros, ou circunscrever a sua ação. Tal é o verdadeiro significado da liberdade política.

Esse é tambem o significado da liberdade econômica; e o equilíbrio instavel entre a liberdade e as suas restrições, único que até hoje fomos capazes de estabelecer, tem incontestavelmente retardado o nosso progresso econômico.

Mas outra barreira, maior ainda, que se opõe ao livre desenvolvimento industrial é o *conflito constante entre o industrialismo e o nacionalismo político*. Este atrito criou um segundo e mais violento conflito, que ameaça destruir as aquisições bem positivas destes últimos dois séculos.

A indústria moderna necessita da liberdade de troca e de transporte, ainda mais do que da liberdade de iniciativa individual e de concorrência. O seu objetivo é produzir o máximo de bens de consumo, o que acarreta consigo a utilização de matérias-primas trazidas de todos os cantos da terra, e a livre distribuição dos produtos acabados, pelos mercados do mundo inteiro. Estas condições essenciais ao progresso das indústrias foram reconhecidas e acatadas no começo da era industrial; e a liberdade de comércio se tornou a orientação política normal da primeira grande potência industrial de então, que era a Inglaterra.

Mas ao tempo em que a liberdade de comércio havia firmado a primazia da Inglaterra, já os povos do mundo ocidental tinham começado a pensar em termos nacionais, pondo acima de tudo mais o princípio da lealdade para com o estado-nação. Parecia aos governos nacionais—e com eles, à maioria dos povos—que era mais importante edificar as respectivas indústrias nacionais, por muito anti-econômico que se afigurasse o seu funcionamento, do que abrir aos consumidores nacionais o livre acesso às

melhores e mais baratas mercadorias da praça mundial. Foi assim que se ergueram as barreiras alfandegárias, ao abrigo das quais puderam vir ao mundo as indústrias nacionais dos Estados Unidos, da Alemanha e de muitos outros paises.

Durante algum tempo as tarifas protecionistas contribuiram, de fato, para ajudar certas nações a fomentar sua própria riqueza e a erguer os niveis de vida dos respectivos povos. Mas, decorridas algumas dezenas de anos, dificilmente se poderia apontar uma nação cuja economia oferecesse possibilidade de futura expansão. As potências industriais carecíam de matérias-primas, que eram forçadas a comprar no estrangeiro, e viam-se impossibilitadas de consumir internamente toda a sua produção. Uma vez atingido esse ponto de saturação, e logo que as trocas com outros sistemas nacionais, fechados, se tornaram inevitaveis, a economia do mundo inteiro viu-se precipitada, pelo conflito daí decorrente, num estado de verdadeira crise.

A partir do momento mesmo em que se impuseram as primeiras barreiras do protecionismo aduaneiro, tornava-se descabido falar dum sistema de livre iniciativa. Desde essa época, os princípios e as necessidades econômicas têm estado em conflito permanente com nossas crenças políticas, e travando uma batalha de antemão perdida. Por muito racionais que nos pareçam os argumentos clássicos dos economistas liberais, suas doutrinas se tornaram impotentes em presença das paixões nacionalistas, ao mesmo tempo irracionais e transcendentes. Não havendo mais terras a descobrir nem virgens sertões que anexar, os estados nacionais, rigidamente separados por fronteiras e tarifas, entraram inevitavelmente em violentos conflitos entre si.

Aquilo que nos acostumamos a chamar comércio mundial tem hoje na realidade bem pouco que ver com *comércio:* é antes uma guerra econômica. O seu movel dominante não é o comércio—produção, consumo, ou mesmo lucro—mas a decisão de robustecer por todos os meios e a todo custo o poderio econômico dos estados-nações.

Dentro da camisa-de-força do estado-nação, as diversas economias nacionais só podiam funcionar graças a estimulantes artificiais. Os capitalistas começaram a eliminar a concorrência, que era o autêntico alicerce do sistema capitalista. Começaram a organizar-se os trustes e cartéis, como maneiras de rodear as dificuldades erguidas pelas leis de ferro da oferta e da procura. Pensavam ver a salvação no planejamento econômico, que lhes permitiria evitar a super-produção e manter os preços altos.

Por outro lado, o operariado organizou-se em sindicatos e em partidos políticos, com o fito de influenciar a legislação e de exercer vigilância sobre os governos.

De todos os lados, no mundo ocidental, se erguem hoje vozes acusadoras contra os dirigentes de trustes e cartéis, bem como contra os líderes dos partidos trabalhistas e dos sindicatos operários, atribuindo a uns e outros a destruição das liberdades individuais. A acusação dominante é que a economia dirigida está levando o mundo às ditaduras e à ruina da democracia.

Isto é uma verdade incontroversa.

Tanto os cartéis como os sindicatos operários vêm impelindo as democracias em direção a um mais estrito controle governamental, e a menos liberdade individual. Mas o aspecto mais estranho do caso é que os paladinos da liberdade, que tão ruidosamente se queixam dessa tendência, ainda se não deram ao incômodo de analisar a crise pela qual o mundo está passando.

Os interesses nacionais de cada nação forçam os governos e os povos a orientar-se no sentido da auto-suficiência econômica, dos preparativos de guerra, e do crescente planejamento econômico. A estrutura política dos estados-nações acha-se hoje numa posição de irredutivel e violento antagonismo às necessidades dum sistema econômico de livre iniciativa. Qualquer pesquisa, que tenha por fim determinar as leis da vida econômica, pode considerar-se hoje pura perda de tempo. Em um mundo inspirado pelo nacionalismo industrial, cabe aos canhões regular a produção, a circulação e o consumo dos bens; são eles a lei suprema que governa a economia, na sociedade mundial constituida por estados-nações soberanos. A consequência é que, em todos os paises do mundo, os cidadãos se vão vendo progressivamente reduzidos à servidão.

Em princípio, devia parecer evidente a todos nós que o nacionalismo opõe barreiras intransponiveis ao desenvolvimento da liberdade de comércio. As altas muralhas aduaneiras, os subsídios à exportação, o *dumping*, os cartéis, tudo isso desfigurou completamente o livre jogo das forças econômicas. Perante a ameaça constante dos outros estados-nações, cada país se tem visto forçado a centralizar o poder nas mãos dos governos nacionais.

Pelo caminho que as coisas levam, os direitos do indivíduo, com tanto sacrifício conquistados em fins do século XVIII, estão prestes a perder-se completamente em benefício deste novo tirano, o estado-nação. No entender dos cegos que são os cidadãos-servos dos estados-nações, as vantagens dum sistema de livre economia, niveis de vida mais altos, maior riqueza, melhor habitação, melhor educação e mais ócios, valem muito menos do que a satisfação das suas paixões nacionalistas. As pessoas renunciam de bom-grado, e até com entusiasmo, ao usufruto da liberdade e da riqueza, a troco tão somente de lhes darem o ensejo de continuar na abjeta adoração da nação e dos seus símbolos.

Assim, com a exceção dum curto período após o advento do industrialismo, a economia livre nunca existiu realmente. O credo político nacionalista a minou e destruiu, ainda antes dela ter podido desenvolver-se. Por consequência o mau funcionamento do sistema da livre iniciativa, em todos os paises onde foi posto à prova, tem levado a aumentar cada vez mais os poderes do estado, conduzindo-nos a uma forma totalitária de governo e à destruição das liberdades.

Mas a tendência das nações socialistas tem sido a mesma, e pelas mesmíssimas razões. O socialismo e o coletivismo são meramente reações, tentativas de cura dos sintomas mais urgentes da crise determinada pelo choque entre o industrialismo e o nacionalismo. Por entre o caos mundial que, com mão de ferro, vem tornando a unidade nacional soberana tão forte quanto possivel, os acontecimentos têm decorrido segundo linhas paralelas em todos os estados-nações. A tendência geral tem sido a de submeter o indivíduo ao domínio do estado.

O Fracasso do Socialismo

EM 1917 uma das grandes nações do mundo, a Rússia, tornou-se a arena duma experiência socialista em grande escala. O comunismo derrubou o antigo regime, ou seja, a um tempo, o czarismo e o capitalismo feudal. Mas essa revolução não estabeleceu a igualdade econômica nem a justiça social.

Os idealistas, que sinceramente acreditavam na sociedade coletivista, estavam convencidos de que, uma vez transferida a "propriedade" da terra e dos meios de produção das mãos dos seus detentores particulares para as da nação, a igualdade social estaria consumada, e dela resultaria uma sociedade nova, próspera e feliz.

Poucos anos decorridos sobre a revolução, porem, tornou-se patente que a absoluta igualdade econômica e social era incompativel com a natureza mesma do homem. A iniciativa privada é essencial ao progresso, e certa medida de propriedade constitue um corolário inevitavel da liberdade humana. Os comunistas começaram então a introduzir uma série de reformas, que no fim levaram a uma hierarquia de riqueza e de poder tão pronunciada como em qualquer nação capitalista.

O povo russo trabalhou durante uns vinte anos com energia e devoção, para assentar os alicerces duma grande potência industrial e para produzir as armas necessárias à defesa do seu país, que os inimigos externos ameaçavam. Mas, a despeito dos fabulosos algarismos da produção, o nivel de vida do povo permaneceu extremamente baixo. Os trabalhadores russos vivem em condições menos favoraveis do que os seus camaradas das democracias ocidentais. A liberdade individual é praticamente inexistente. E, muito embora todos os recursos naturais e os instrumentos da produção sejam de propriedade coletiva, o sistema das relações entre o trabalhador e os dirigentes é o mesmo que na Inglaterra ou nos Estados Unidos—e, na prática, peor. A maior parte dos trabalhadores estão adscritos à fábrica, à mina ou à terra, e no caso de se sentirem descontentes não podem deslocar-se para outro trabalho. Ao cabo de vinte anos após a eliminação das classes superiores e médias, vemos cristalizar na Rússia uma nova classe dirigente. O general, o alto funcionário, o engenheiro que triunfou, o escritor, o pintor, ou o regente de orquestra, encontram-se tanto acima das massas como no país mais capitalista.

Não será desmerecer as incontestaveis realizações do povo russo, se dissermos que quase nenhum dos ideais sociais de Marx e de Lênine se tornou realidade na União Soviética. Sob a ameaça constante da agressão estrangeira, a aspiração suprema dos povos soviéticos tem sido robustecer o poder do estado soviético centralizado. A doutrina dominante do regime vigente é a sobrevivência da U.R.S.S., seja por que preço for. Não foi preciso muito tempo para que o internacionalismo original da filosofia comunista se esbatesse e sumisse, para ceder o lugar ao comunismo nacional.

Desde que Stáline venceu a oposição trotskista, o governo soviético se vem consagrando à edificação do poderio militar e industrial da U.R.S.S., forjando os elementos heterogêneos, de que se compõe o imenso país, em uma só e poderosa unidade nacional, despertando e exaltando os instintos nacionalistas do grupo ao ponto de lhe ser hoje possivel exigir do povo qualquer sacrifício, por grande que seja, para defender e fortalecer o estado soviético.

As paixões nacionalistas de todos os povos heterogêneos que constituem a União Soviética foram despertadas e inflamadas pela mesma oratória, as mesmas palavras de ordem, as mesmas bandeiras desfraldadas, a mesma música e os mesmos uniformes dos paises capitalistas. Para construir o poderio do estado-nação, o povo teve que abandonar todas as esperanças de melhor vida material por muito tempo ainda. A produção de bens

de consumo manteve-se a um nivel mínimo, de modo a poder-se concentrar todas as forças produtivas da nação na manufatura de materiais de guerra.

A inesperada ofensiva dos alemães em junho de 1941 veio provar quão necessária e acertada fora essa política, e a vitória de Stalingrado demonstrou o seu completo êxito.

Sob a crescente oposição interna, dum lado, e, do outro, a crescente pressão externa determinada pela decomposição da situação internacional, o governo foi-se tornando de dia para dia mais ditatorial, e suprimiu implacavelmente a oposição que lavrara como um fogo surdo, entre as massas trabalhadoras, contra a viragem política que acima descrevemos. As aspirações liberais do povo russo foram paulatinamente asfixiadas. Depois de 1935 tornou-se claro que o estado soviético estava evoluindo no sentido do completo domínio totalitário da sociedade, por via duma administração pública autocrática.

Vinte e cinco anos após a criação do primeiro estado comunista, baseado nos princípios de Marx e Lênine, a União Soviética mostra-se transformada no maior estado-nação da terra, armado duma burocracia todo-poderosa, do maior exército permanente do mundo, duma força policial sem par que vigia as atividades de cada cidadão, e com uma nova hierarquia social dotada de privilégios excepcionais para aqueles que se encontram nas posições de mando.

Os cidadãos da União Soviética podem dizer que seria injusto censurar o regime comunista por se ter metamorfoseado num estado forte e centralizado: tornava-se isto necessário, dirão eles, porque a União Soviética estava rodeada de estados capitalistas hostís, que a forçaram a adotar uma política de defesa nacional. Precisamente.

Mas o argumento de que a U.R.S.S. era comunista, e capitalistas os estados que a cercavam, é totalmente destituido de pertinência: a causa maior e única da transformação da União Soviética num estado forte reside em que existiam outras unidades nacionais poderosas. Enquanto houver *várias* unidades de poder soberano em atrito umas com as outras, os conflitos serão sempre de recear, seja qual for a forma de organização econômica vigente nesses estados.

A política soviética é manifestamente orientada segundo esse fato. Durante a Segunda Guerra Mundial, em todas as conferências internacionais convocadas para discutir a forma da nova organização mundial, os representantes da União Soviética defenderam exatamente a mesma posição—quer dizer, a da soberania nacional irrestrita—que no Senado dos Estados Unidos haviam defendido, ao cabo da Primeira Guerra Mundial, os Senadores Lodge, Johnson e Borah. Os mais cabeçudos senadores "isolacionistas" dos Estados Unidos, em 1919, teriam sem dúvida concordado de todo o coração com os pareceres advogados, um quarto de século mais tarde, pela nação que se afirma a mais revolucionária e "internacional" de todas!

A política estrangeira da União Soviética tem-se desenrolado exatamente segundo a mesma orientação dantes assumida por outra qualquer grande potência: alianças, esferas de influência, política de circunstância e de transigência nas situações de fraqueza, e expansão após as vitórias militares. O comunismo na União Soviética é apenas o meio de servir um fim, o grande fim chamado nacionalismo.

No tempo de Lênine, e durante muitos anos após a sua morte, o regime sovié-

tico foi muito menos repressivo do que hoje é. Usufruia-se muito maior liberdade individual, eram permitidas as discussões em público e raso, e a imprensa e a tribuna tinham a liberdade de criticar o governo e o partido. Só bastante mais tarde é que o sistema foi evoluindo para a forma do estado totalitário, apoiado por uma força policial onipotente, na supressão da liberdade de palavra e de crítica, e de todas as liberdades individuais. A transfiguração da União Soviética em ditadura totalitária correu parelhas com o despertar e o crescimento do nacionalismo, e com o fortalecimento do estado-nação.

Desde a década de 1920 a 1930 que o comunismo vem perdendo importância, e o nacionalismo tem crescido aos saltos. Durante estes primeiros 25 anos, a Internacional Comunista, a despeito de tentativas inúmeras, não conseguiu derramar pelo mundo a influência de Moscou. Mas o estado-nação soviético, esse o conseguiu. Até mesmo os muitos partidos comunistas das outras nações, incontestavelmente inspirados por Moscou, puseram de parte a sua luta a favor do socialismo nos respectivos paises, e viraram meros instrumentos da política nacionalista dos Sovietes, adotando em todos os paises uma atitude que é ditada, não pela necessidade de fomentar o comunismo, mas pela necessidade de fortalecer a posição internacional da Rússia Soviética.

No debate que de há muito se desenrola entre capitalismo e comunismo, não há mais lugar para afirmações dogmáticas: ambos proclamam como seu objetivo a elevação do nivel de vida das massas, tanto material como cultural. Só a experiência poderá decidir qual dos dois sistemas será melhor ou mais capaz de realizar esses fins—e não a insensata guerra-de-classes em que estas se quebram mutuamente a cabeça. Se certas pessoas—como no caso dos eslavos—devido a tradições multisseculares, têm certa inclinação para a propriedade coletiva das coisas, e se outros povos—como os latinos e os anglo-saxões—preferem, de acordo com suas tradições, a propriedade de forma privada, não vemos sequer sombras de razão por que esses diferentes modos de ver e agir não possam coexistir e cooperar entre si.

Podemos continuar nesta luta de classes sem tréguas por muitas décadas ainda. Pode mesmo acontecer que um dos dois grupos acabe derrotando o outro. Mas a solução do problema do século XX não terá, por isso, avançado um só passo.

Os paladinos do capitalismo e do socialismo devem compreender que se andam batendo uns contra os outros dentro dum carro hermeticamente selado, e em marcha. Bater-se por um assento um pouco melhor, ou por um pouco mais de conforto, é coisa que não faz sentido. Ambos os grupos antagônicos estão sendo arrastados impiedosamente para o mesmo término. O veículo que os arrasta é o nacionalismo. O término da viagem é o totalitarismo.

A Caminho do Fascismo

A IRRESISTIVEL sequência dos acontecimentos destas últimas dezenas de anos tem levado todas as nações industriais, assim capitalistas como comunistas, a entronizar o estado-nação onipotente. Em certos paises, onde era maior a pressão, ela levou mesmo ao repúdio aberto dos princípios democráticos e à divinização dum novo credo, o fascismo, o qual veio proclamar que o Estado é a meta suprema e final da sociedade humana.

Este movimento fascista, novidade da nossa época, tão diametralmente oposto a tudo o que ensinam os princípios fundamentais do cristianismo, do socialismo e da democracia, espalhou-se por toda a terra como o fogo no mato seco.

Qual é porem o significado do fascismo?

Não é possivel responder esta pergunta se previamente não nos libertarmos de preconceitos emocionais. Não chegaríamos a parte alguma se apodássemos de «comunista» toda e qualquer pessoa que pusesse em dúvida a sabedoria da política capitalista; ou se, por outro lado, chamássemos «fascista» a quem ousasse observar que a Rússia Soviética não é exatamente o jardim do Eden. Devemos renunciar a crer que o fascismo é o instrumento político dum punhado de gângsteres sequiosos de mandar.

No fascismo vamos nós encontrar elementos, ao mesmo tempo, de origem capitalista e socialista. Apesar disso, ele permanece caraterizadamente uma concepção de ordem mística. A sua melhor definição ainda hoje se encontra no artigo *Fascismo*, escrito expressamente por Benito Mussolini para a Enciclopédia Italiana.

O fascismo é uma reação contra o curso dos acontecimentos nestes dois últimos séculos. O homem sente-se confundido e desiludido, nesta nossa era de estados-nações em conflito permanente, pela insegurança e pela bancarrota do individualismo democrático. Com o fim de induzí-lo a renunciar à sua individualidade e a aceitar a mais completa sujeição ao estado, em troca da segurança, Mussolini dourou a pílula do fascismo com idéias místicas e sofismas.

«Para o fascista,» escreveu ele, «tudo reside no estado, e nada de humano ou espiritual, e menos ainda valor algum, existe fora do estado. Neste sentido o fascismo é totalitário . . . o estado é, de fato, no carater de vontade ética universal, o criador do direito.»

Essas declarações tornam perfeitamente claro que o fascismo não é uma concepção econômica, mas uma doutrina essencialmente político-social. O seu objetivo é a total regulamentação da vida individual, a redução do indivíduo à servidão. Nos anos decorridos de 1917 a 1942, não houve uma só nação capitalista-democrática que virasse comunista; mas em compensação houve cerca de duas dúzias delas que enveredaram pelo fascismo. A Rússia, onde o comunismo foi introduzido por via da revolução, nunca tinha sido propriamente uma sociedade capitalista nem democrática. Fora sempre uma nação feudal e agrícola, um conglomerado de povos atrasados, regido por uma dinastia de autocratas. Mas, desde o momento mesmo da revolução comunista, ocorreu alí fenômeno idêntico ao verificado nas nações capitalistas, isto é, o mesmo surto irresistivel no sentido da centralização democrática da administração pública. Assim se torna evidente, nas circunstâncias hoje prevalecentes, que o comunismo vai marchando na mesma direção em que marcha o capitalismo,—em outras palavras, para o totalitarismo.

No curso da nossa geração temos visto que tanto o capitalismo como o socialismo levam à subjugação dos homens pelo estado—ao fascismo. Devemos tirar daquí a conclusão de que o fascismo não tem nada que ver com a *forma* do sistema econômico—seja ela capitalista ou socialista, mas com o seu *conteudo:* o industrialismo.

O conflito real do nosso tempo não se está travando entre o individualismo e o coletivismo, nem entre capitalismo e

comunismo, mas sim entre o industrialismo e o nacionalismo.

Qual é o propósito de tanta desconfiança mútua, de tanto ódio e tanta luta entre socialistas e capitalistas? A verdade é que uns e outros estão virando fascistas e totalitários. É mais do que tempo de compreendermos essa verdade, e de iniciarmos o combate comum pelo bem-estar e a liberdade humana, contra o inimigo comum e real, que é o estado-nação.

Ambos os grupos se deixaram hipnotizar pelo argumento fascista, segundo o qual não pode haver liberdade individual sem a «liberdade» do estado. Com efeito, segundo a teoria fascista, o poderio do estado é o único padrão que permite medir a soberania nacional. Segundo esta concepção, as necessidades do industrialismo moderno estão completamente subordinadas aos ditames dum nacionalismo onipotente.

As pessoas que, nas nações democráticas, se andam honestamente esforçando por tirar a limpo se o perigo vem do comunismo ou do fascismo, vivem na ilusão de uma liberdade de escolha que já não possuem mais. Não há mais escolha. Estamos em plena marcha para o fascismo. Pode-se mesmo dizer que, em boa medida, já lá nos encontramos. Mesmo que a revolução comunista conseguisse triunfar neste ou naquele país, ela não viria alterar em nada o nosso progresso no sentido do totalitarismo. Houvesse no mundo mais nações governadas pelo comunismo, nem mesmo assim estas tardariam a juntar-se à horda que arrasta consigo a grande voz de sereia do estado-nação soberano.

Nem o capitalismo individualista, nem o socialismo coletivista podem funcionar dentro da estrutura do estado-nação: ambos estão nutrindo o fascismo sob certas condições específicas, que o nacionalismo só veio ativar. Pouco importa qual dos cursos adotemos: tudo que for «nacional» redundará no fascismo.

A Perversão da Religião

O CULTO do estado-nação atingiu seu ponto mais alto nos paises fascistas, mas a perversão da religião, com o fito de transformá-la num instrumento ao serviço do nacionalismo, tem-se acentuado em todos os paises.

O que o cristianismo tinha de divino e de civilizador, era o seu *universalismo*—a doutrina segundo a qual todos os homens teriam nascido iguais perante Deus, e por um só Deus seriam governados consoante uma só lei que a todos se aplicava. Esta idéia é que foi verdadeiramente revolucionária na história da humanidade; mas o advento dos estados-nações teve por consequência a ruina dela como força civilizadora.

No momento em que as nações modernas começaram a cristalizar, o sentimento nacionalista começou a prevalecer, no mundo ocidental, sobre o sentimento cristão. As igrejas, já divididas, fragmentaram-se em novas seitas, cada uma das quais apoiava o ideal sempre ascendente da nação. Em todos os paises foi reconhecida a política nacionalista como política «cristã», e as igrejas cristãs se transformaram em organizações nacionais em apoio dos instintos tribais do nacionalismo.

Sacerdotes católicos e pastores protestantes chamam-nos à oração, em milhares de templos, para maior glória daquilo que é nacional, e execração daquilo que o não é, e fazem-no em violenta contradição com o mais alto ideal religioso que a humanidade já produziu: o cristianismo universalista.

Um princípio moral universal não pode ser nem universal nem moral, se for válido somente a dentro de grupos sociais segregados. O preceito «Não matarás» não pode significar que é crime tirar a vida a um homem da nossa própria nacionalidade, enquanto seria virtude matar um homem que é, tecnicamente, cidadão de outro estado.

O mesmo curso de idéias se pode observar em todas as três religiões monoteistas. A unidade que o Alcorão manteve durante séculos, entre as nações maometanas de vária origem, tem-se fragmentado visivelmente, no curso do tempo, em grupos nacionalistas. Os pan-turcos pretendem consumar a união de certos ramos da raça turca; os pan-árabes advogam a federação de todas as tribos árabes; e os islamitas da Índia afirmam: «Primeiro sou indiano, e só depois sou muçulmano.» Todos eles esqueceram igualmente o universalismo que estava na base do grande credo maometano.

Mas não foram só os cristãos e os islamitas, como tambem os próprios fundadores do monoteismo, os judeus, que esqueceram o ensinamento fundamental da sua religião: o universalismo. Parecem não lembrar-se mais que o Senhor onipotente e único os elegeu, entre todos os povos, para derramar pelo mundo a doutrina da singularidade do Legislador Supremo. Com ardente paixão desejam eles tambem adorar o seu próprio ídolo nacional, possuir o seu próprio estado-nação. Não há perseguições nem sofrimentos, por grandes que sejam, capazes de justificar tal renúncia à missão ecumênica, em troca do nacionalismo, que é apenas outra palavra para designar aquele mesmo tribalismo que está na raiz de todos os infortúnios das raças.

É de transcendente importância para o seu futuro que a humanidade compreenda até que ponto o sentido da religião monoteista universal se tem deformado, visto como, sem a sua influência, a liberdade do homem que vive em sociedade—ou seja a democracia—nunca se poderia ter instituido, nem poderá subsistir. A sociedade humana só pode salvar-se pelo universalismo. Se as igrejas cristãs não retornarem a essa doutrina central, fazendo dela o esteio principal da sua prática, acabarão por desaparecer ao sopro duma nova religião universalista, que não pode deixar de surgir dentre as ruinas e sofrimentos ocasionados pelo colapso iminente do nacionalismo.

No curso de toda a história conhecida, só um método conseguiu ter êxito na criação duma ordem social em cujo seio o homem se sentisse ao abrigo do assassínio, do roubo e de outros crimes, e tivesse a liberdade de pensar, de expressar-se e de crer.

Esse método é a Lei.

E as relações sociais integradas e reguladas pela lei—que é paz—só têm sido possiveis no seio das unidades sociais dotadas de uma só fonte da lei, seja qual for a extensão, o território, a população, a raça e a religião dos elementos que a integram. Tal coisa *nunca* foi possivel nas relações *entre* essas unidades sociais soberanas, ainda mesmo que elas fossem compostas de populações da mesma raça, religião, língua e cultura, e se achassem ao mesmo nivel de civilização. Os conflitos e as guerras, entre as unidades sociais ou nacionais, tornam-se inevitaveis sempre e onde quer que entrem em contacto os grupos sociais igualmente imbuidos de soberania.

A conclusão é, pois, evidente. O problema da paz em nosso tempo reside todo ele na instituição duma ordem legal que esteja acima e para alem dos estados-nações. A instituição dessa ordem impõe a transferência parcial da autoridade so-

berana dos estados-nações, hoje existentes, para a autoridade de organismos universais; em outras palavras, impõe a criação de um governo mundial, dotado de competência para criar uma lei universal nos negócios mundiais.

A era das guerras entre nações acabará, como acaba tudo o que é humano. Acabará, provavelmente ainda neste século, com a instituição da lei universal reguladora das relações humanas. E esta lei universal acabará sendo imposta, ou por meios racionais, ou por meio da violência e da conquista.

Pela primeira vez na história da humanidade, sabemos hoje que *uma* só potência pode conquistar o mundo inteiro e governá-lo. Na realidade, Hitler quase alcançou essa meta! Politicamente, a unificação do mundo por meio da conquista tem bastantes probabilidades de se produzir, se não soubermos criar uma ordem legal capaz de satisfazer o desejo de segurança, que é uma tendência instintiva em todos os povos.

A significação da crise do século XX é que, falando sem rodeios, este nosso planeta tem que sujeitar-se a um controle unificado, sob o domínio da *lei*. A nossa missão e o nosso dever é pois esforçar-nos por instituir pelas vias democráticas esse controle unificado, começando por proclamar os seus princípios, e conseguir erigí-lo pela persuasão e com derramamento mínimo de sangue. Se falharmos no desempenho dessa missão, bem podemos ficar certos de que a lei de ferro da história nos obrigará a travar mais e mais guerras, usando armas cada vez mais poderosas contra grupos de poderio sempre crescente, até que a paz universal e a unidade de governo se tenham finalmente atingido por via da conquista.

No próximo número de *Seleções*, daremos à estampa a condensação da parte restante da obra de Emery Reves, na qual o autor trata a questão fundamental da soberania, a inutilidade dos diplomatas, e a necessidade dum governo mundial baseado na lei, em vez dos tratados. A grande campanha da paz é a empresa máxima da civilização, e está hoje na ordem do dia. A condensação a aparecer no próximo número constitue análise assaz penetrante e luminosa do problema, e os redatores desta revista prognosticam que ela será o trabalho mais discutido entre quantos Seleções publicou em anos recentes.

Pelo amor ao esporte

¶ O Duque de Wellington, durante as guerras napoleônicas, mantinha os seus cães de caça atrás das linhas de combate, e, nas horas vagas, ia com eles à aventura. Um dia, no outono de 1811, os seus cães se lançaram diretamente à «terra de ninguem», entre as duas frentes, e se internaram pelas posições francesas. O Duque, dizendo, como os caçadores, «onde vai a raposa, vou eu tambem,» acompanhou a pista dos cães, perseguindo e matando seis raposas no meio da assombrada cavalaria francesa. Wellington foi feito prisioneiro, mas no dia seguinte foi posto em liberdade e acompanhado até os postos avançados britânicos, juntamente com os seus cães de caça.

—Major A. J. R. Lamb, *The Story of the Horse* (Maclehose, ed.)

TALVEZ NAO SAIBA QUE . . .

(Excertos do "Collier's")

Por Freling Foster

√√ Existe agora um novo tipo de micro-fotografia que reproduz 150 páginas de um livro comum em uma simples ficha, bem como um aparelho ampliador que permite ler essa micro-impressão. Desse modo, as bibliotecas podem ser constituidas unicamente de fichários, economizando-se o espaço ocupado com os livros e com as estantes.

√√ Em 1800, os americanos esperavam viver em média 35 anos; em 1850, 39 anos; em 1900, 49 anos, e hoje em dia, 65 anos.

√√ O récorde de fornecimento de leite humano foi registrado, em uma agência compradora de Los Angeles, por uma mulher que, em 1925, durante 11 meses, vendeu cerca de 670 litros de seu leite, o que lhe rendeu uma boa soma.

√√ Provavelmente o maior livro de registro de visitantes, em todo o mundo, é o do cavalo «Man o'War». O dito livro contem mais de dois milhões de nomes de pessoas que foram ver o famoso cavalo de corrida, nos 24 anos em que ele esteve, já retirado das pistas, na Fazenda Faraway, no estado de Kentucky.

√√ Quando uma família, nas montanhas da Albânia, perde o seu último representante masculino em luta com uma família inimiga, a sua filha mais velha deve renunciar ao casamento, vestir calças, devotar-se à vingança e viver como um homem para o resto da vida.

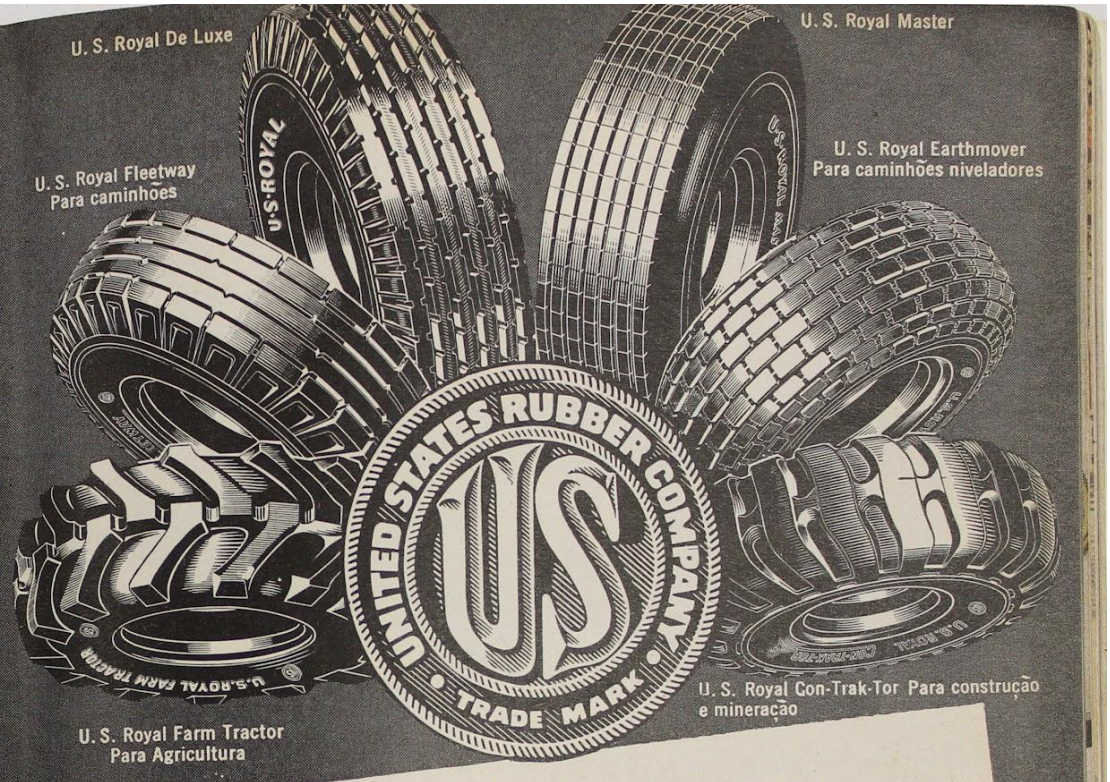
√√ Dos 13 milhões de negros norte-americanos, cerca de 2 milhões não são puros, tendo pelo menos um antepassado de raça branca.

√√ O Marajá de Gualior, na Índia, é dono da mais cara miniatura de estrada de ferro que se conhece. Seus trilhos se estendem à volta da grande mesa de jantar do Marajá, e seus vagões de prata, movidos a eletricidade, carregam vagarosamente as frutas, os manjares e os vinhos, parando automaticamente, por alguns momentos, diante de cada prato.

√√ Com o fim de evitar o aparecimento dos jovens que dançam «jitterbug» e outros bailados acrobáticos, a gerência de um cabaré de Nova York resolveu somente admitir a entrada de fregueses, dos dois sexos, com mais de 28 anos.

√√ Apesar da influência dos partidos políticos nos Estados Unidos, milhares de cargos públicos são preenchidos mediante votação independente. Na Califórnia, em North Dakota e em muitos outros estados, as autoridades do Judiciário e do Executivo, nas administrações locais, são escolhidas pelo eleitorado sem nenhuma designação feita pelos partidos políticos, e o mesmo acontece com os membros do Legislativo, em Minesota e em Nebrasca.

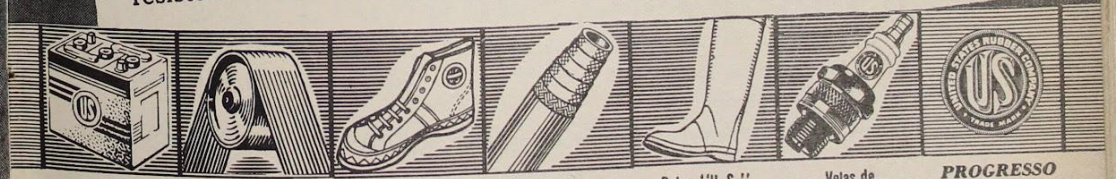
√√ O espiritismo se espalhou de tal forma na Inglaterra que atualmente quase todos os auditórios públicos são reservados, com antecipação, para a realização de sessões espíritas—inclusive os grandes anfiteatros, em que se empregam sistemas de alto-falantes, para que o numeroso público possa ouvir a voz dos que falam do outro mundo.



Quando necessite pneumáticos...
Exija "U.S."...e mantenha-se à frente!

Tanto para automoveis de passageiros, como para caminhões... tratores... e outros usos, a "U.S" oferece os melhores pneumáticos. Para isso conta com suas próprias fábricas de tecidos e cordões.. laboratórios... e engenheiros e cientistas que dirigem a elaboração para que seus produtos se cinjam às mais rigorosas especificações...

Eis porque os pneumáticos "U.S." são os de máxima segurança... os mais resistentes... e os que dão maior quilometragem...



Acumuladores "U. S." | Correias de transmissão lisas e Multi "V" | Botinas "U. S." Keds | Mangueiras "U. S." | Botas "U. S." para vários usos | Velas de ignição "U. S."

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

Rockefeller Center, Nova York 20, E. U. A. • No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

O TRATOR MELHORADO HD-10W

AUMENTA A CAPACIDADE DE TRABALHO!

Onde quer que fôr preciso remover grandes massas de terra — como seja na construção de estradas, no desbaste de matagais, na construção de aeródromos, e na mineração superficial—a tremenda fôrça de tiro e potência de tração do trator de esteiras reduz o custo e aumenta a eficiência da obra.

O Trator Allis-Chalmers HD-10W, melhorado, a motor Diesel de 2 ciclos, oferece hoje melhor serviço do que em qualquer outro tempo. Sua esteira mais ampla produz maior tração na barra e permite manobrá-lo com mais facilidade e suavidade. Os trabalhos de reboque e tração de materiais se aceleram, e o carregamento da escarificadora torna-se menos demorado. Consegue-se melhor tração em solos de todos os tipos.

Os novos Tratores Allis-Chalmers estão já disponiveis, embora em quantidades ainda limitadas. Para mais completa informação, aviste-se com o distribuidor da Allis-Chalmers na sua zona.

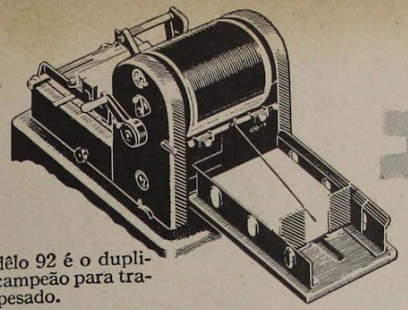
Distribuidores no Brasil:

Companhia Brasileira de Maquinaria — Recife — Pernambuco
Soc. Téchnica de Materiaes, Ltda. — São Paulo
Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) — Rio de Janeiro

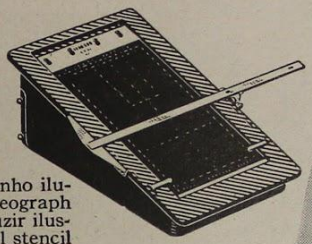
ALLIS-CHALMERS

Depto. PD346, Divisão de Tratores • Milwaukee 1, E. U. A.

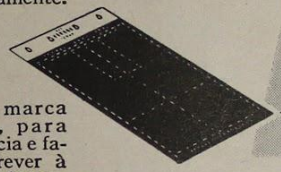
FESTEJAMOS CEM ANOS NA CONSTRUÇÃO DE MAQUINARIA



Modêlo 92 é o duplicador campeão para trabalho pesado.



A mesa de desenho iluminada do Mimeograph permite reproduzir ilustrações no papel stencil fácil e econômicamente.



Papel stencil marca Mimeograph, para máxima resistência e facilidade ao escrever à máquina e ao debuxar.

Modernos

Duplicadores e pertences marca MIMEOGRAPH*

Já Podem Ser Obtidos

Os duplicadores Mimeograph* estão na vanguarda na solução dos problemas de duplicação nos departamentos governamentais, escolas, negócios, instituições públicas e igrejas. Onde cópias adicionais de cartas, instruções, diagramas e ilustrações são necessárias, V. Sa. pode depender no equipamento duplicador Mimeograph em: . . .

VELOCIDADE—Funcionamento sem igual na duplicação de cópias às dúzias ou às centenas.

LEGIBILIDADE—Cada reprodução é consistentemente perfeita, legível e limpa—preto no branco.

FLEXIBILIDADE—Duplica numa grande variedade de tamanhos e pesos de papel e de cartão.

JÁ PODEM SER OBTIDOS — Sugerimos que visite sem demora o Distribuidor Mimeograph mais próximo.

*MARCA REGISTRADA

DUPLICADOR MIMEOGRAPH

A. B. DICK COMPANY, CHICAGO 6, E. U. A.

Sòmente a A. B. Dick Company fabrica o duplicador Mimeograph.
Exija o nome "Mimeograph", a marca de fábrica registrada pela A. B. Dick Company, de Chicago, E. U. A., originadores e fabricantes exclusivos dos duplicadores Mimeograph genuínos, e dos pertences que levam a marca Mimeograph.

Distribuidor Autorizado

KELLER WEBER, S. A.

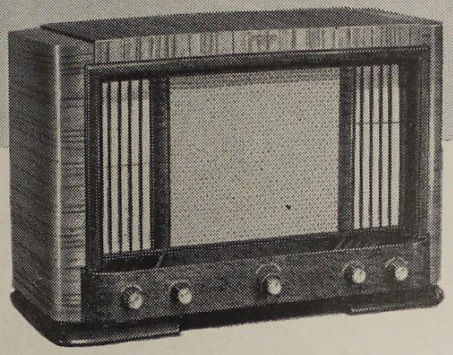
Rio de Janeiro—Caixa Postal 2364 — São Paulo—Caixa Postal 2514

Grande Novidade! Os Ultimos Melhoramentos em Radio, de PHILCO, *o Líder!*

DEZ ANOS MAIS ÁVANTE QUE HA QUATRO ANOS

Novos e *sensacionais* radios e radios-fonógrafo dos laboratorios de Philco, *o líder*. Cada um dêles um triunfo de eletrónica moderna. *Indague agora no seu revendedor!*

PHILCO-TROPIC 1860. Para recéção mundial! Poderoso radio-fonógrafo em elegante caixa de nogueira. As Faixas-Expandidas sintonizam as mais remotas estações de onda curta sem interferencia. Reprodutor dinamico. Muda-discos de luxo. Tambem onda longa. Forte, claro, nitido.



PHILCO-TROPIC 888. O mais perfeito radio de mesa de Faixa-Expandida! Sintoniza estações longinquas de onda curta tão facilmente como as locais. Onze Valvulas. Onda curta e longa.

PHILCO 420 MARFIM. Um lindo radio compacto do melhor funcionamento jámais construido. Caixa de marfim plástico. A escala parece uma resplandecente cúpula de suave luz. Tonalidade suprema.

PHILCO 350 PORTÁTIL. O portátil mais potente e de melhor funcionamento jámais construido. Corrente caseira ou sua báteria interior. Leve, *verdadeiramente portátil.*

PHILCO 1201. Basta pôr un disco na abertura . . . e toca!

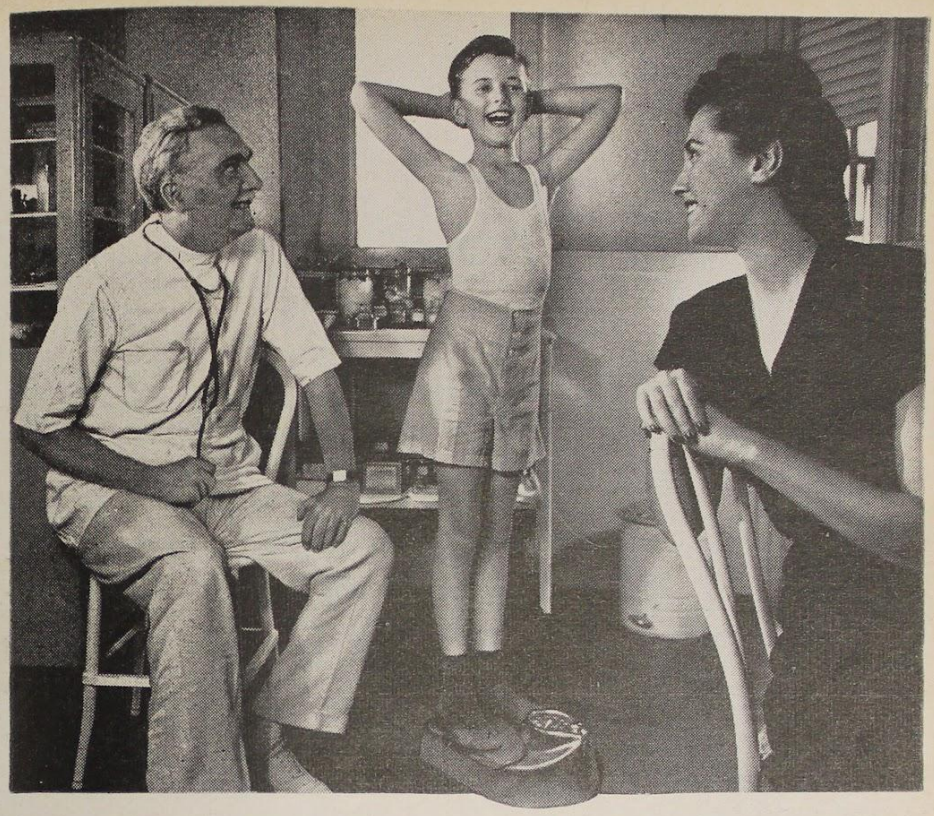
Nova invenção Philco que torna em automático o fonógrafo manual. Não há incomodos com agulhas.

PHILCO *De Fama Mundial em Qualidade*

300,000 PRODUCTOS ELÉTRICOS AO SERVIÇO DO MUNDO

NÃO HÁ TANTO TEMPO ASSIM — foi em 1885 — que os habitantes de Great Barrington, Estado de Massachusetts, se congregaram na praça pública para presenciar outra maravilha científica de George Westinghouse—a iluminação da cidade pela simples pressão de um botão num laboratório situado a mais de um quilômetro de distância. Desde aquêle dia memorável a ciência tem progredido a passos gigantescos, de tal modo que, na época atual, estamos habituados a esperar o impossível da eletricidade. Porém os que trabalham para a Westinghouse, em 27 imensas fábricas e inúmeros laboratórios, sabem que a incomparável qualidade dos produtos Westinghouse não se consegue agitando uma varinha de condão. Muito pelo contrário. A experiência lhes mostra que, antes de se imprimir o sêlo Westinghouse em qualquer um de seus 300.000 artigos—seja uma lâmpada para iluminação do lar ou um gigantesco gerador para Ribeirão das Lages—êle é submetido a rigorosas provas que só deixam passar o que é perfeito. Desejamos entrar em comunicação com negociantes empreendedores, de idoneidade reconhecida, que tenham interesse em atuar como distribuidores da Westinghouse. Para informações completas, queiram dirigir-se a F. A. Rall, Gerente de Vendas a Distribuidores, Westinghouse Electric International Co., 40 Wall St., Nova York 5, E. U. A.

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY



Qual deles se sente mais orgulhoso?

O orgulho com que um gurí sente que ultrapassa os seus camaradas de jogo, ao crescer, e o contentamento duma mãe ao imaginar o futuro de seu filho, só podem ser comparados à satisfação do médico da família, por ter ajudado a pilotar aquela vida jovem através dos baixios e escolhos da infância.

Hoje, por exemplo, por meio do habil diagnóstico médico e da receita da dieta apropriada e das necessárias vitaminas, são milhões as famílias que encontraram resposta ao sério problema da malnutrição.

Por sua parte, os cientistas dos Laboratórios Squibb sentem-se orgulhosos de haver *ajudado o médico*, pondo à sua disposição vitaminas dignas de equiparar-se à sua competência. Mais de 87 anos de ininterruptas pesquisas farmacêuticas respaldam os Produtos Vitamínicos Squibb. As bem-sucedidas fórmulas que usamos são o fruto de íntima cooperação com os mais notaveis peritos de nutrição do mundo. O seu médico sabe que, para ser aprovado, cada um dos Produtos Vitamínicos Squibb é submetido a nada menos de 162 rigorosos testes de laboratório, que determinam sua potência e estabilidade.

E·R·SQUIBB & SONS

Fabricantes de Produtos Químicos para a Classe Médica desde 1858

Entre os Produtos Squibb distinguem-se estes: Penicilina — Sulfonamidas — Anestésicos — Anti-venéreos — Vitaminas — Hormônios — Drogas farmacêuticas — Dentifrícios e outros preparados medicinais para o lar.

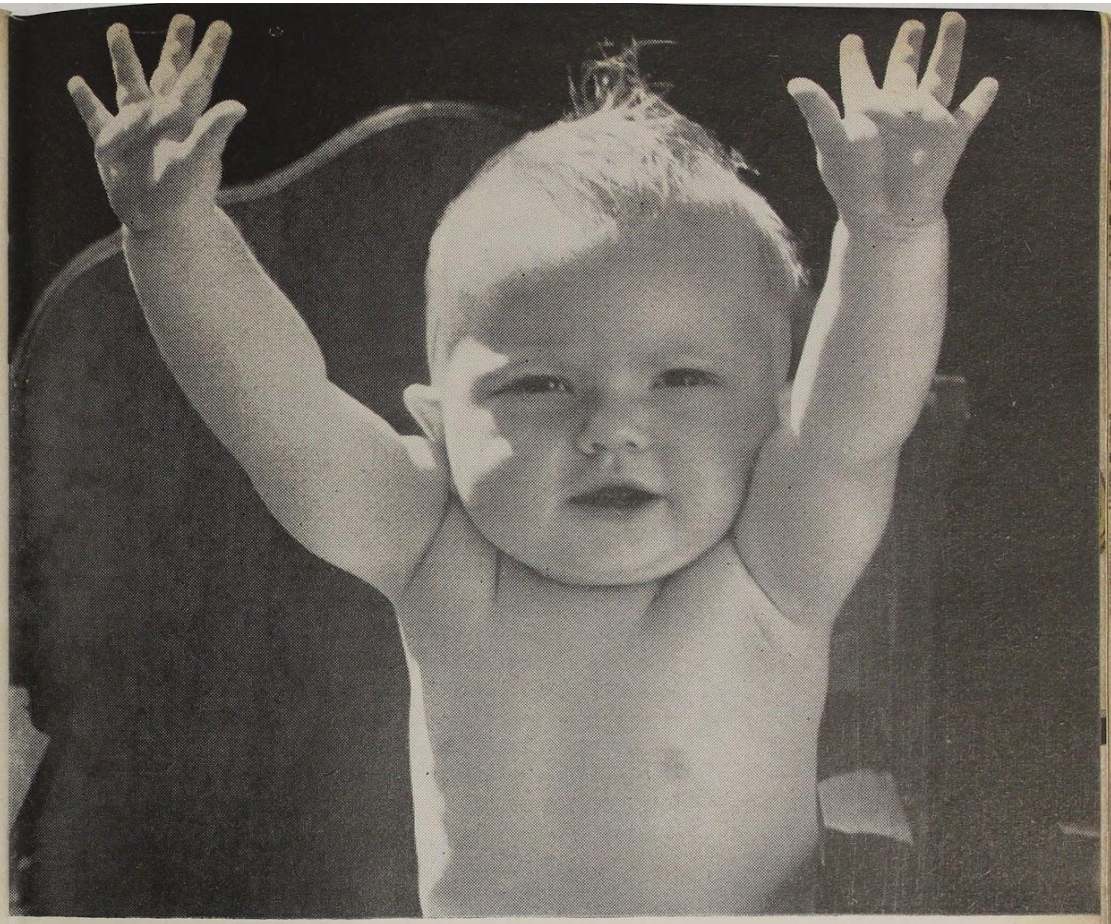
O INESTIMAVEL INGREDIENTE DE CADA PRODUTO É A HONRA E INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

ONDE O SOL—
E O FUTURO—
BRILHAM INTENSAMENTE

Em nenhuma outra nação o sol brilha tão intensamente, pois que o Brasil é situado, em grande parte, na zona tropical. Não obstante, na parte do Brasil que é fresca, elevada, é que o futuro do país brilha com mais vigor. E aí que se acham as prósperas industrias do moderno Brasil, aí estão as suas minas, muitas das suas fazendas, e aí se cultiva o seu café! Nessa zona encontram-se tambem seus portos de mar onde atracam os navios da Delta Line . . . e aonde muito breve esses luxuosos Delta levarão legiões de turistas ansiosos de verem esta terra onde o sol—e o futuro—brilham tão intensamente.

NEW ORLEANS • URUGUAY • ARGENTINA

MISSISSIPPI SHIPPING COMPANY, INC.



. . . em português, é **"uma criança"**
. . . em inglês, **"a baby"**
. . . em espanhol, **"un nene"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

***Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Kodak

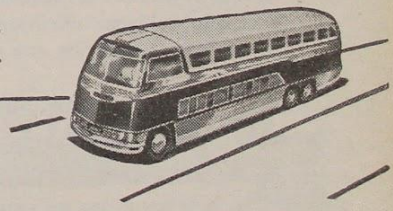
VIAGENS A BAIXO CUSTO NOS IMPONENTES CENÁRIOS dos E. U. A.

Existe somente uma empresa de transportes que serve todos os recantos dos Estados Unidos, e a maior parte da América do Norte — é a Greyhound Bus Lines.

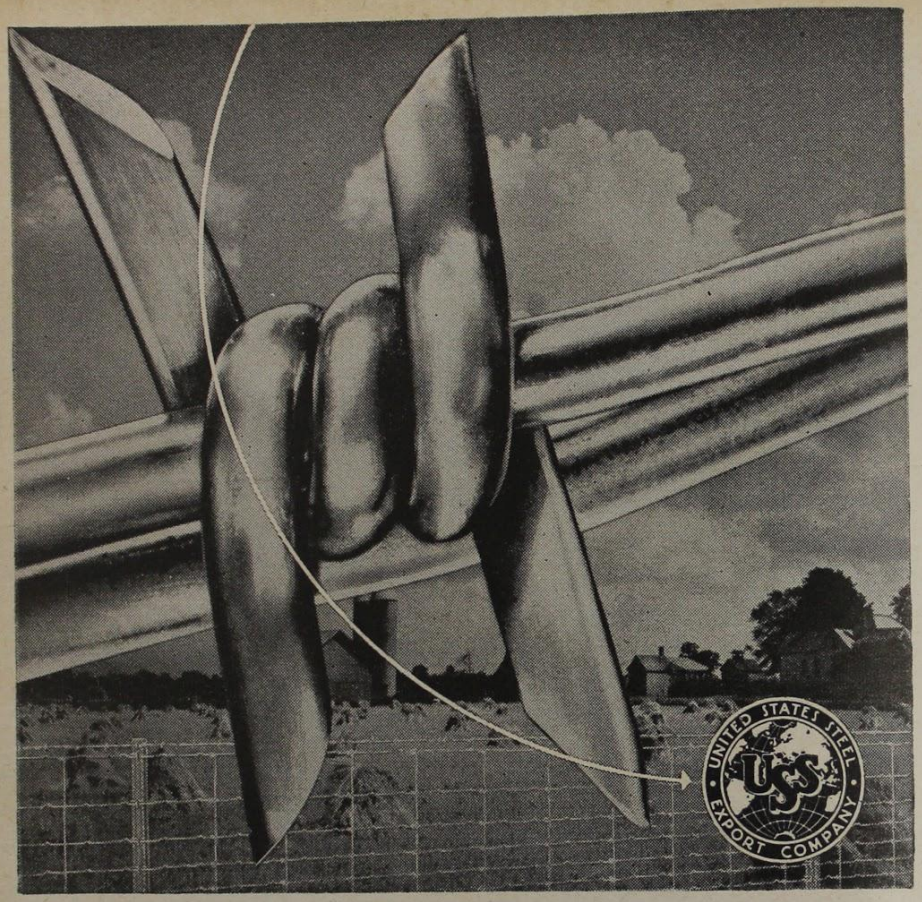
As tarifas são mais baixas do que as de qualquer outro meio de transporte — e os ônibus Greyhound percorrem 120.750 quilômetros de estradas entre belezas cênicas, indo a todas as cidades grandes, a milhares de cidades menores, e a quase todos os Parques Nacionais e áreas de recreação popular dos E. U. A.

Agora que já foram levantadas as restrições do tempo de guerra, os horários dos ônibus são mais rápidos, e há sempre mais lugares disponiveis. Estão sendo construidos belos carros, e edifícios novos para as estações terminais. Podemos organizar Excursões Greyhound com Despesas Pagas, fazendo antecipadamente os planos da viagem, incluindo refeições, hotéis e diversões.

Desejando informações, queira dirigir-se a:
Greyhound Information Center, Departamento RD-3,
1505 N.B.C. Building, Cleveland 14, Ohio, E.U.A.



GREYHOUND



AÇO para o mundo de amanhã

AS MARAVILHAS da ciência moderna estão levando às fazendas do mundo inteiro um novo tipo de existência, uma eficiência de produção muitas vezes maior, e maior proteção contra os azares do clima e do tempo. As máquinas que cultivam e colhem os frutos agrícolas, os edifícios que os põem ao abrigo de danos e prejuizos, — tudo é feito de aço. Centenas de artigos destinados às fazendas são fabricados com aços U·S·S — aços aperfeiçoados e constantemente melhorados pela pesquisa, a perícia e os recursos da maior empresa produtora de aço no mundo inteiro—a UNITED STATES STEEL.

UNITED STATES STEEL EXPORT COMPANY

* * 30 CHURCH STREET, NEW YORK 8, U. S. A. * *

FORNECEMOS AO MUNDO aços superiores do maior fabricante de aço do mundo

PELA PENA SE CONHECE A CANETA!

Olhe para a pena "*Lifetime*", de ouro de 14-K da nova caneta TRIUMPH da Sheaffer!

Tome uma "TRIUMPH"; olhe para a pena de ouro de 14-K . . . E' muito maior . . . E' cilindrica . . . E' mais forte . . . e escreve melhor. Compare-a com outras penas e conclua por si mesmo se V. pode escrever tão fácil e suavemente, sem a menor fadiga, com qualquer outra pena!

W. A. SHEAFFER PEN CO.—Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

Nóvas Canetas "*TRIUMPH*" • Nova Lapiseira *FINELINE*

A nova pena *Lifetime*

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

SHEAFFER'S

Eis aí o Schenley, meu whiskey predileto

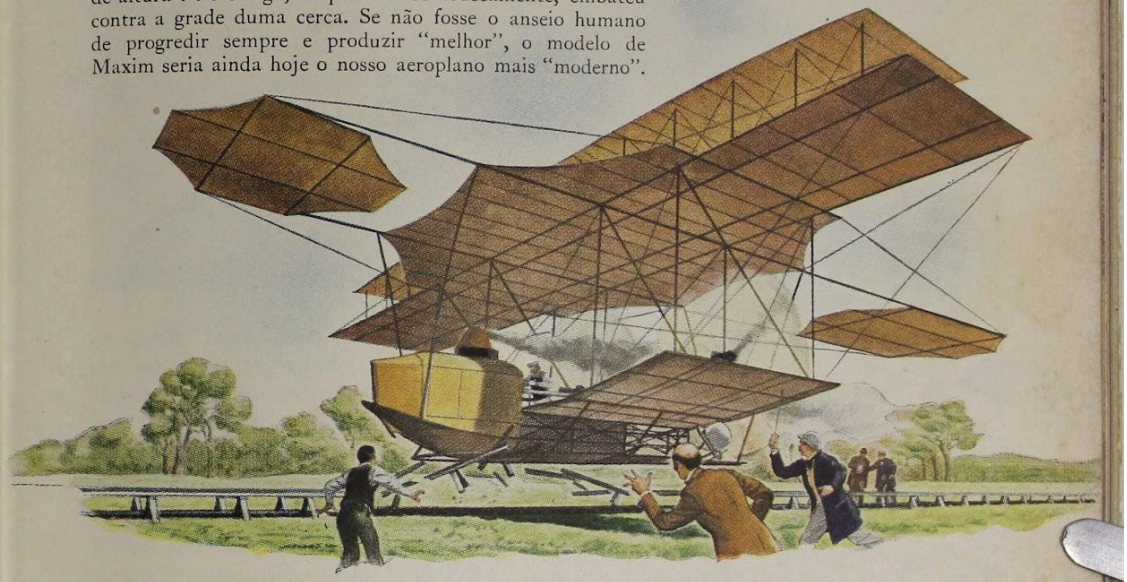
Antes de decidir qual é o whiskey que lhe parece melhor, prove o Schenley Reserve, que é o favorito nos Estados Unidos por sua leveza, suavidade e delicioso sabor, que é de fato irresistivel. Como outros bons whiskies americanos, é esplêndido quer com soda quer em coquetéis. Peça Schenley Reserve no seu clube ou restaurante, ou ofereça-o aos seus convidados em casa.

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O MAIS FINO DOS WHISKIES AMERICANOS...

Que diria o sr. se tivesse que voar hoje no "Leviatã Aéreo" de Hiram Maxim?...

Em 1894, Sir Hiram Maxim atrelou o seu multiplano (peso: 4 toneladas) a um jogo de rodas assente no chão. Sob a pressão do vapor, o Leviatã correu 300 metros . . . ergueu-se 15 cm. de altura . . . e logo, empinando-se bruscamente, embateu contra a grade duma cerca. Se não fosse o anseio humano de progredir sempre e produzir "melhor", o modelo de Maxim seria ainda hoje o nosso aeroplano mais "moderno".



MUITOS dos mais recentes progressos em traçado aeronáutico se econtram no "Black Widow" P-61. Tal é o caso dos ailerons retrateis—criação Northrop graças à qual os grandes e pesados aviões podem adquirir a manejabilidade, a decolagem veloz e a baixa velocidade de aterragem de aviões mais leves.

O "Black Widow" é um marco miliário em traçado:—mas somente isso. Em breve veremos aviões mais revolucionários, como a "*Asa Voadora*" Northrop, que virão meter num chinelo até os tipos mais "modernos" da atualidade.

Bom é que assim seja, porque os aviões indefinidamente melhorados, entre mãos das nações amantes da paz, poderão contribuir para evitar a agressão no nosso mundo: constituem uma espécie de *seguro de paz*. São também um *seguro de prosperidade*, isto é um meio de unir mais e melhor o mundo inteiro pelo comércio e a mútua compreensão.

Sim, aquilo que hoje se pede à aviação não fica abaixo do que ontem se lhe exigia. Esta exigência constitue um repto que só uma indústria forte e independente poderá aceitar.

V. Tem toda razão em sentir-se orgulhoso depois de ter dado ao seu carro um "tratamento de beleza" Simoniz. O Simoniz "Kleener" e o Simoniz fazem parecer novos os autos velhos. Dissolvem a gordura e eliminam a capa de sujeira, restituindo ao seu carro a cor e o lustro originais. Usando Simoniz Kleener e Simoniz com regularidade, V. protege e conserva a pintura, mantendo-a reluzente por muitos anos seguidos.

Para AUTOMOBILISTAS PRECAVIDOS

SIMONIZ

e Donas de Casa Tambem

THE SIMONIZ COMPANY
Chicago 16, Ill. E. U. A.

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

V. S. quer saber como ampliar seus negócios?

EXISTEM, dentro e fora dos Estados Unidos, conhecimentos técnicos que poderiam erigir no seu país uma indústria nova . . . ou simplificar a produção . . . ou ainda dilatar seus mercados. A filial mais próxima do National City Bank pode orientar V.S. para essa fonte de conhecimentos.

Tendo sido o primeiro a entrar em operações bancárias mundiais, com o estabelecimento da primeira filial ultramarina de um banco estadunidense, há 30 anos, o National City sempre reconheceu que as trocas internacionais de novos conhecimentos industriais e científicos vão de mãos dadas com as transferências de fundos e as informações de crédito.

Por intermédio dos escritórios centrais em Nova York, e dos bancos que o representam no mundo inteiro, a filial mais próxima do National City Bank pode pôr V.S. em contacto com as pessoas que o poderão auxiliar a pôr em prática os seus projetos de desenvolvimento comercial, agora e no futuro.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes
no Mundo
Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellin

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Urugual
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

Petroleo...Construtor de Cidades... As resfolegantes pás mecânicas que escavam os alicerces ... os caminhões pesados que levantam materiais ... as ativas batedeiras para o concreto ... são acionados e lubrificados por produtos de petroleo. Mas, o petroleo tambem serve na industria das construções. Como querosene, alimenta a lanterna dos vigias, como material isolante protege a estrutura do teto, e como lubrificante interno dá segurança aos cabos dos elevadores. Os produtos especiais que Esso aperfeiçoou para construção são apenas alguns dos muitos empreendimentos com os quais Esso se tornou lider da industria petrolífera desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY
OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

Retrato de Mulher...

Instante em que se fixa, num enleio de sedução, todo o encanto de ser mulher — a graça de seu olhar, a delicadeza de sua feminilidade, o aveludado de sua cútis protegida por Pond's. Assegure, também, a mocidade de sua cútis, usando o método dos 2 cremes Pond's. Siga o exemplo da Sra. Rosa Maria Muniz de Souza que diz: "Pond's soluciona o problema da beleza da cútis". E assim também pensam as mais lindas mulheres de todo o mundo.

Sra. Rosa Maria Muniz de Souza

Experimente também êstes novos produtos Pond's:

MAKE-UP PAT - *novo "cake" para "maquillage", de fácil aplicação e longa durabilidade.*

BATON - *côres especiais para dia e noite.*

ROUGE - *5 tonalidades atraentes.*

As Maçãs Esperam Agora Nas Árvores

A química provê-nos de novas substâncias que protegem o agricultor contra a perda de frutas e outras colheitas

Antes que Newton descobrisse a lei da gravidade, as maçãs vinham caindo das árvores... E continuam caindo... às vezes sem terem amadurecido. Quando a maçã cai, machuca-se; depois apodrece no solo. E assim, anos e anos seguidos, milhares de agricultores vêm sofrendo sérios prejuizos nas suas colheitas.

Mas, graças à química, que produziu o hormônio sintético "Parmone," o agricultor não tem mais que temer perdas dessa natureza. Pulverizando as árvores com "Parmone" da Du Pont, antes da colheita, as maçãs permanecem nas árvores. Assim se evita o prejuizo causado pela queda dos frutos.

Espantoso, não é verdade? Pois "Parmone" é apenas um dos numerosos produtos químicos modernos que contribuem

para que V. consiga melhor alimentação, em maior quantidade, e a preço mais baixo. Hoje, por exemplo, as colheitas são mais abundantes, graças aos inseticidas e fungicidas sintéticos, e aos desinfetantes "Semesan" para sementes. Os adubos alimentam melhor o solo quando robustecidos com o amoníaco sintético da Du Pont. As aves de galinheiro são mais bonitas e mais sadias, graças à alimentação reforçada com "Delsterol"—esterol animal ativado com vitamina D. O gado desenvolve-se melhor graças ao tratamento com a "Fenotiazina"—parasiticida e vermífugo. Os próprios ali-

mentos têm melhorado quando postos ao abrigo do pó e da deterioração nos envólucros transparentes de "Clar-Apel," e protegidos, entre outros refrigerantes, com "Freon."

E eis como o químico contribue para que V. consiga alimentos melhores, mais abundantes e mais econômicos. Nessa obra criadora entram os esforços de milhares de químicos, engenheiros, biologistas, e outras pessoas que, no conjunto, constituem a Companhia Du Pont, fabricantes de mais de 4.000 "coisas melhores para uma vida melhor... graças à química."

E. I. Du Pont de Nemours & Company (Inc.)
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT
Marca Registrada

"COISAS MELHORES PARA UMA VIDA MELHOR... GRAÇAS À QUÍMICA"

Burroughs...

A MELHOR MÁQUINA DE SOMAR

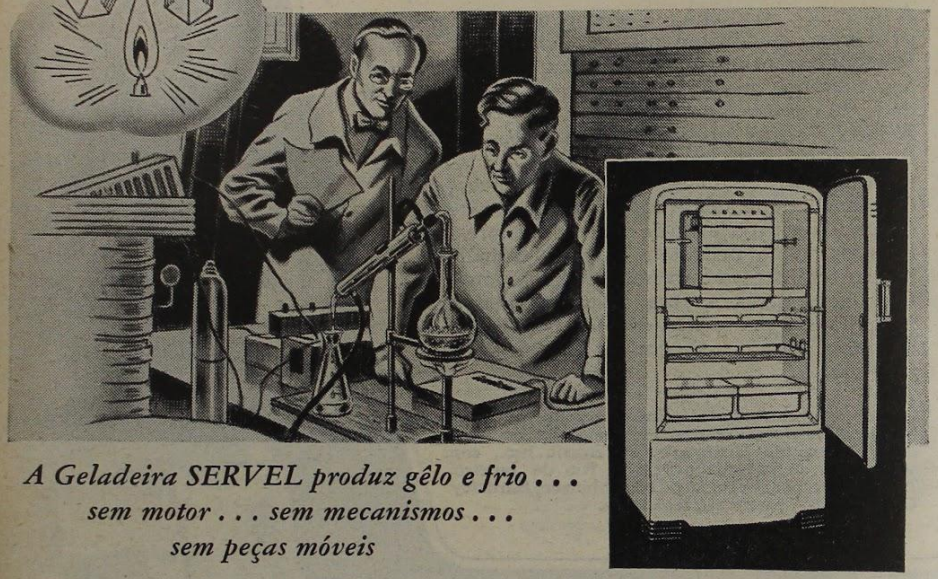
A primeira máquina de somar que deu resultados práticos, foi inventada por William Seward Burroughs. Atualmente, as Máquinas Burroughs, aos milhões, aceleram as operações de contabilidade do comércio e da indústria no mundo inteiro. A incontestavel preferência que as Burroughs encontram em toda parte explica-se, dum lado, pela sua qualidade de precisão; e do outro, pela posição de primazia que a Burroughs tem constantemente ocupado na introdução de novas e melhores características, que permitem fazer o trabalho em menos tempo e com menos esforço. Compare as Burroughs, peça a peça, com qualquer outra máquina de somar . . . e o seu bom-senso lhe dirá inevitavelmente que *a Burroughs é a melhor.*

* * *

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

ENTRE AS OUTRAS MÁQUINAS BURROUGHS CONTAM-SE MÁQUINAS DE CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

A ciência produz a maravilha do gêlo pelo calor



A Geladeira SERVEL produz gêlo e frio . . .
sem motor . . . sem mecanismos . . .
sem peças móveis

Uma pequena chama toma o lugar de todos os mecanismos no maravilhoso refrigerador SERVEL. Essa chama faz circular constantemente o poderoso refrigerante do SERVEL que produz frio e fabrica os cubos de gêlo.

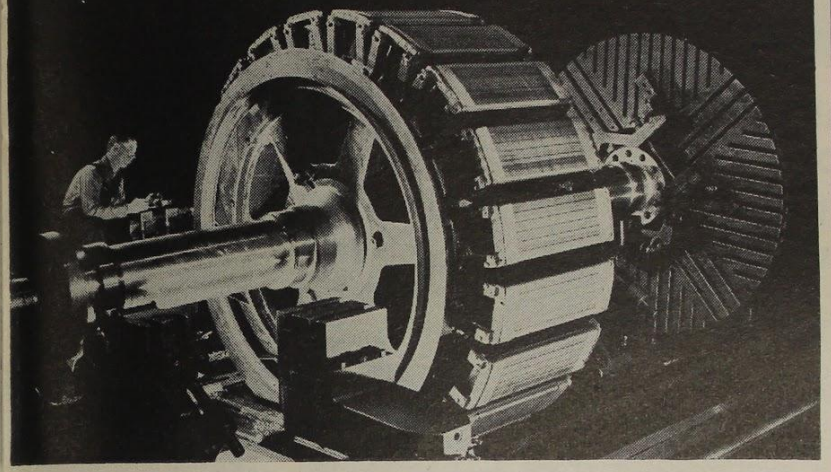
Como não tem motor nem mecanismos ou peças móveis em todo o seu sistema frigorífico, a SERVEL não se desgasta nem dá aso a custosas reparações . . . não pode aumentar o custo do funcionamento...mantem-se econômica e silenciosa . . . dura mais.

O prodigioso SERVEL não é somente o refrigerador preferido nas grandes metrópoles e pelas estrelas de Hollywood; é também o encanto das famílias que moram mesmo nas fazendas mais remotas. Hoje em dia não há família, por muito longe que viva, que não possa desfrutar de saladas e bebidas frescas, de deliciosos doces gelados, e da constante proteção de todos os gêneros alimentícios . . . porque a SERVEL funciona igualmente a gás líquido ou a querosene.

Servel um refrigerador milagroso

INTERNATIONAL DIVISION, 51 EAST 42nd STREET, NEW YORK CITY 17, N.Y., U.S.A.

Motores de Qualquer Tamanho para Tarefas de Qualquer Tamanho!



MOTOR gigante de 10.000 H.P. para acionar uma usina de laminação de metais . . . Motor minúsculo de ½ H.P. para acionar una simples máquina-ferramenta! Isto lhe pode dar uma idéia da tremenda amplitude do equipamento Allis-Chalmers em *um só* domínio industrial!

Mas a perícia e a experiência da Allis-Chalmers estendem-se a *todas* as principais indústrias. Somos, por exemplo, os maiores fabricantes mundiais de maquinaria para moagem de farinhas . . . construimos turbinas hidráulicas para transformar a força dos rios em eletricidade . . . bombas para melhor controle da irrigação, e suprimento de água às cidades . . . uma extensa diversidade de máquinas para ajudar a produzir melhores roupas, melhores alimentos, melhores estradas, melhores transportes!

Dirija-se hoje à Allis-Chalmers se deseja obter resposta prática a qualquer problema de ordem mecânica. Produzimos o mais extenso sortimento de equipamento básico industrial no mundo inteiro!

ALLIS AC CHALMERS

MILWAUKEE 1, WISCONSIN E.U.A.

MAIS de 1.600 Produtos para a Indústria

EQUIPAMENTO ELÉTRICO

TURBINAS HIDRÁULICAS E A VAPOR— CONDENSADORES

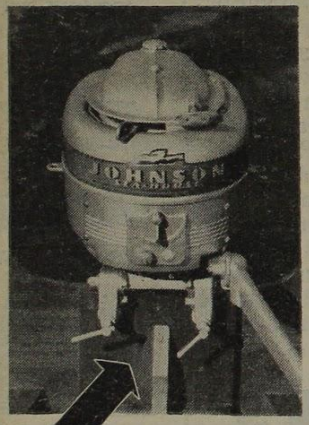
MAQUINARIA PARA ESMAGAMENTO, CIMENTO E MINERAÇÃO

BOMBAS CENTRÍFUGAS

EQUIPAMENTO PARA MOINHOS DE FARINHA E SERRARIAS

REPRESENTANTES NA AMÉRICA LATINA: *Brasil:* **São Paulo e Rio de Janeiro — Sociedade Técnica e Comercial Serva Ribeiro, S.A.** . . . *Argentina,* Buenos Aires—Allis-Chalmers Mfg. Co. (Argentina) . . . *Bolivia,* La Paz—Corporación Comercial Boliviana, S. A. . . . *Chile,* Santiago—Sociedad Manufacturera Allis-Chalmers . . . *Colombia,* Barranquilla—Osorio & Cía. Ltda.; Bogotá—Alsoco Ltda.; Medellín—Peter Santa María & Cía., Ltda. . . . *Costa Rica,* San José—Distribuidora S. A. . . . *Cuba,* Havana—L. G. Aguilera & Co., S. A. . . . *El Salvador,* San Salvador—Hans Peter Pfeifer, Representante da Fábrica . . . *Guatemala,* Guatemala—East Asiatic Co., Ltd. . . . *México,* México D. F.—Allis-Chalmers de México, S. A. . . . *Nicaragua,* Managuá—Automotive and Industrial Equipment Co. . . . *Panamá,* Panamá—F. Icaza & Company Ltd. . . . *Perú,* Lima—Peruvian Trading Corp., S. A. . . . *Porto Rico,* Ponce—Porto Rico Iron Works, Inc. . . . *Venezuela,* Caracas—Compañia Anónima Tecnomat.

JOHNSON SEA-HORSE



Ao seu dispor, num instante, um veloz e possante barco a motor—graças ao Johnson! Basta montá-lo à ré do seu barco com estes dois ganchos (seta). Muito leve, facil de carregar. O modelo aquí representado desenvolve 16 H.P.

O Motor de Popa "Johnson Sea-Horse" (cavalo-marinho) assegura o máximo de potência no mínimo de peso. É muito facil de instalar em qualquer casco médio ou pequeno; em um instante V. tem a sua disposição um veloz barco a motor para fins comerciais ou recreativos, tão próprio para o mar como para as águas doces. Encontra-os em cinco tamanhos—um modelo para cada necessidade em botes pequenos. Todos estão descritos no Catálogo Johnson que lhe remeteremos a seu pedido. Tambem lhe serão enviados os planos para construção dum barco a motor de popa, isto sem onus para você.

OUTBOARD, MARINE & MFG. CO.
Export Division, Waukegan, Ill., E.U.A.

Outboard, Marine & Mfg. Company, Export Division, Waukegan, Ill., E.U.A.
Amigos e Srs.: Queiram remeter-me, sem onus para mim: (J3P)
( ) Catálogo de Motores de Popa. ( ) Plano de embarcação.

Nome_____

Endereço_____

Todos se refrescam!

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é à preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946. THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Momentos Memoraveis
COM A CANETA
EVERSHARP

GARANTIDO PARA SEMPRE
— O serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras de Repetição EVERSHARP — é garantido, não por anos . . . não por vida . . . *mas garantido para sempre!*

A EVERSHARP "Presentation" encanta pela belêza de suas linhas aero-dinâmicas, pelas capas e prendedôres folheados a ouro, e, pelo côrpo, em cinco côres contrastadas, a escolher.

Sua *Alimentação Mágica* impede — a de estravazar tanto ao nível do mar, como a grandes altitudes.

A *Ponta Mágica,* agil e macia, escreve sem ruido, dizendo *em silêncio* os seus pensamentos . . . EVERSHARP, Inc., Chicago, E.U. DA A.

Dê
EVERSHARP
e dará a melhor!

10
diferentes apresentações da mesma receita ROYAL

Eis uma boa-nova para as donas-de-casa! Os tentadores bolos apresentados são *apenas* duas das deliciosas variações desta fácil receita Royal. Há *mais oito!* Cada uma é feita com o Fermento Royal, de modo que a senhora pode estar certa de obter uma textura leve, um delicioso sabor.

•

Para obter esta receita básica com variações, escreva a: Standard Brands of Brazil, Inc. — Caixa Postal: 3215 — Rio de Janeiro.

ALTA CIÊNCIA NA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO

O desenvolvimento da indústria do petróleo tem melhorado a vida da humanidade e tem acelerado o progresso humano.

A Socony-Vacuum Oil Company, Inc., pioneira nessa indústria, continua permanentemente a proporcionar benefícios ao progresso humano com a contribuição de inovações e melhoramentos que permitem a solução dos mais variados problemas e o desenvolvimento de todos os setores de atividade.

A Socony-Vacuum elabora produtos de petróleo para todos os fins e para usos nunca antes imaginados.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

CIÊNCIA
EXPERIÊNCIA

GARGOYLE

ALTA
QUALIDADE

Lubrificantes

a seu serviço AQUI e em qualquer parte do MUNDO

Smith-Corona

ESCRITÓRIO · *Máquina de Escrever* · PORTATIL

O Que É que Torna Estas Máquinas de Escrever Tão Populares?

Talvez seja antes de mais nada a sua elegante aparência . . . a sua robustez, ou a mão-de-obra de qualidade que entra no seu fabrico. Ou talvez seja por causa das suas qualidades peculiares de escrita . . . o seu suave e facil funcionamento, e a sua rapidez de ação.

Mas o que sabemos é que há inúmeras datilógrafas que não querem senão a Smith-Corona, e queremos que V. saiba que estamos fazendo tudo quanto é possivel para satisfazer a crescente procura dos artigos de fama que produzimos.

L C Smith & Corona Typewriters Inc
Syracuse 1 N Y E U A

O INÍCIO DA LINHA

A partir do dia da Vitória sobre o Japão, e durante todo o período de inventário e desimpedimento das oficinas, morreram na fábrica Beech os rumores da produção.

Mas já hoje se volta a ouvir o estrépito das rebitadoras mecânicas, dos martelos-pilões, dos compressores. A produção dos aviões da Paz começou em um dos extremos da fábrica, enquanto no outro continuava o despacho dos sobejos da guerra.

O modesto início duma linha de produção, que acima se vê, é como um primeiro sinal de Primavera. . . . Por ele se anuncia o futuro. Em breve estarão funcionando diversas linhas de produção, com os novos BEECHCRAFT da paz partindo dalí para todos os pontos do mundo, afim de contribuirem para os esforços de rehabilitação de todas as nações.

A BEECHCRAFT solicita pedidos de informação sobre os aviões da paz, que hão-de oferecer a mesma robustez, segurança e eficiência que fizeram a reputação universal dos BEECHCRAFT fabricados para a guerra. Todos os tipos de produtos BEECHCRAFT serão traçados e construidos em vista de confirmar a inestimavel reputação de qualidade que ganharam os produtos BEECHCRAFT.

Beech Aircraft

Convidam-se os Srs. Agentes Idôneos a escrever-nos sobre as condições de Agência de Vendas da Beechcraft

CORPORATION
WICHITA, KANSAS, E.U.A.

Não desista do seu desejo...

OS ELGINS JÁ ESTÃO A CAMINHO!

★ Para aqueles que, como V.S., têm esperado pelo relógio preferido entre os melhores, isto constitue verdadeira boa-nova.

Os habeis artistas que fazem os Relógios Elgin estão hoje concentrando a sua perícia, apurada pela guerra, na criação dos Relógios Elgin "Lord" e "Lady"—para V.S.

Os novos e lindos modelos Elgin "Lord" e "Lady" e o Elgin De Luxe já vêm a caminho . . . e serão duma infalivel precisão, a preços razoaveis, dum estilo requintado, e certos como as estrelas! V.S. vai ficar contente por ter esperado pelos Elgins. Elgin National Watch Company, Elgin, Ill., E. U. A.

ELGIN

Rendimento seguro do motor — máxima força-motriz — funcionamento econômico — eis o que os donos de automóveis, caminhões a tratores, no mundo inteiro, encontram quando adotam as Velas de Ignição Champion.

Instale novas velas Champion no seu motor — substitua-as a intervalos regulares — se quer desfrutar de ultra-eficiência e economia de funcionamento.

CHAMPION SPARK PLUG CO. Toledo, U.S.A. • Windsor, Can. • Feltham, Eng.

DISTRIBUIDORES E COMERCIANTES

Queira marcar com um X os artigos que lhe interessem

- ☐ AUTOMOTORES (pneus, peças e acessórios para automoveis)
- ☐ UTENSÍLIOS ELÉTRICOS (Refrigeradores, artigos vários)
- ☐ ALFAIAS AGRÍCOLAS e maquinaria para construção de estradas
- ☐ FERRAGENS E APARELHAGEM INDUSTRIAL (Maquinaria, ferramentas, óleos)
- ☐ ROUPAS (Vestuários feitos e fazendas)
- ☐ JOALHERIA, brinquedos, drogas, artigos de toucador, instrumentos musicais
- ☐ RÁDIO-RECEPTORES e aparelhagem de som
- ☐ TINTAS, canalizações, telhados
- ☐ MOBÍLIAS, guarnições, oleados e outros revestimentos, livros, papelaria

Nome da firma _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

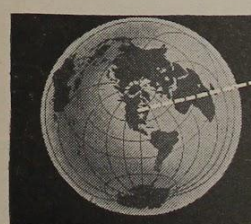
País _____

Corte este anúncio, cole a uma folha de papel timbrado, e remeta-nos, se deseja receber nossos catálogos.

A gravura supra mostra os armazens e a sede principal da Montgomery Ward em Chicago.

ESTÁ PROCURANDO UM NOVO FORNECEDOR?

Há mais de meio século a Montgomery Ward & Co. é conhecida como grande centro fornecedor de confiança e responsabilidade. As formidaveis vendas anuais desta companhia, cujo capital é de 200 milhões de dólares, permitem-lhe produzir em grande escala, muitos artigos essenciais de melhor qualidade e a preços sem competidor. A Montgomery Ward tem fábricas próprias e está aliada a outros fabricantes, com os quais tem acordos exclusivos para exportação dos seus produtos. Escreva-nos pedindo a agência na sua região.

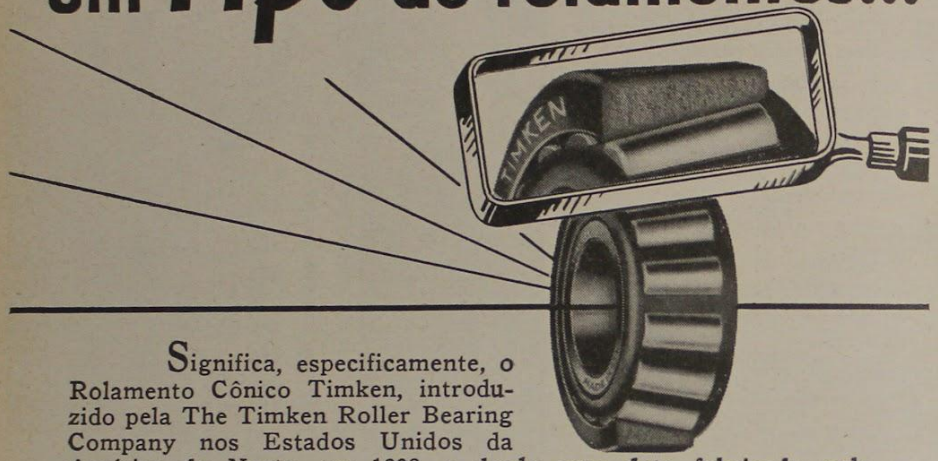


MONTGOMERY WARD

Uma grande fonte central de fornecimento

SEÇÃO DE EXPORTAÇÃO. CHICAGO, E. U. A.

"TIMKEN" não significa um *Tipo* de rolamentos...



Significa, especificamente, o Rolamento Cônico Timken, introduzido pela The Timken Roller Bearing Company nos Estados Unidos da América do Norte, em 1898, e desde essa data fabricado pela mesma companhia.

Significa o rolamento que conta 47 anos de aperfeiçoamento técnico contínuo, e de experiência acumulada.

Significa o rolamento feito de Aço de Liga Timken, que é o mais fino dos materiais já criados para fabricação de rolamento cônico, —manufaturado na nossa própria fábrica de aço, sob o mais rígido sistema de controle de toda a indústria respectiva.

Procure a marca registrada "TIMKEN" estampada em cada um dos Rolamentos Timken *genuinos*, e certifique-se de que ela figura em todos os rolamentos que está usando.

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

The Timken Roller Bearing Company, Canton 6, Ohio, E.U.A.

TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.

ROLAMENTOS CÔNICOS

"Tudo que Existe em Rolamentos"

Não Atrase Seu Futuro

UM dos fatores que nos afetam o êxito na vida é a visão. Quando a visão e perfeita podemos aprender ràpidamente, pensar com lucidez e agir com segurança. Afetados da falta de visão, tornamo-nos incertos, cansamos fàcilmente, permitindo que qualquer um passe na nossa frente.

A não ser que mandemos examinar os olhos, nunca poderemos conhecer o verdadeiro confôrto de uma boa visão. O médico oculista ajuizará da nossa capacidade visual. Precisando de óculos, nada melhor do que usar os distintos modelos de Bausch & Lomb. Avante! *O nosso futuro pode depender da nossa vista.*

BAUSCH & LOMB

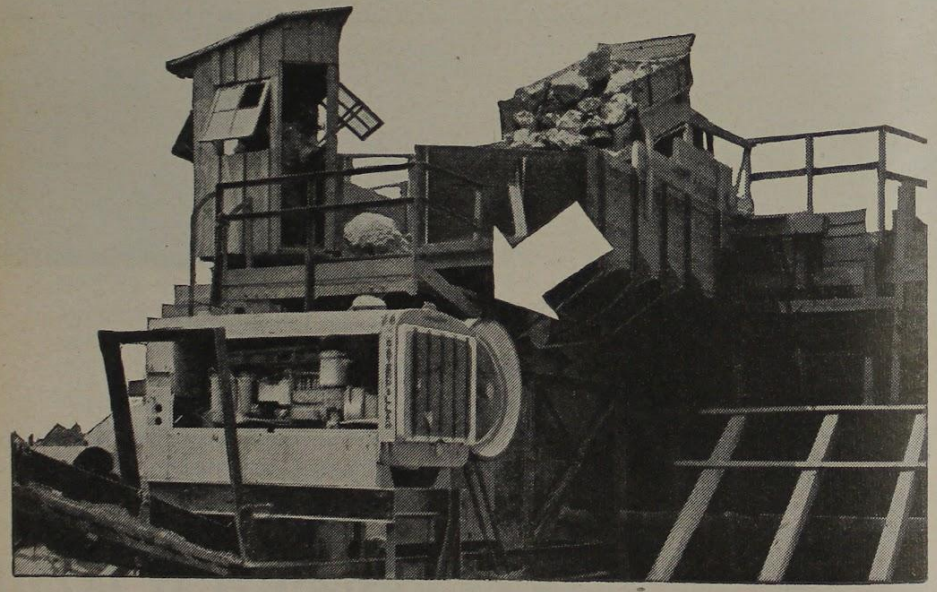
ROCHESTER 2, N.Y. RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO BUENOS AIRES

A POTÊNCIA QUE ELES PROMETEM É A POTÊNCIA QUE ELES RENDEM

Tenha isto presente quando quiser ficar certo de que dispõe de suficiente potência trituradora: *A força-motriz dos Motores Diesel "Caterpillar" é, TODA ELA, FORÇA DE TRABALHO.* A sua chapa indicadora mostra o rendimento autêntico de potência — e não o máximo momentâneo de rendimento dum motor desprovido de ventoinha, da bomba, e de outros indispensaveis acessórios.

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

"NÃO É POSSIVEL VENCER UM DIESEL 'CATERPILLAR' do ponto de vista do peso e da potência. Nenhum motor de outra marca pode funcionar com mais economia," diz E. T. Busch, superintendente desta instalação para esmagamento de rochas de pederneira extremamente dura. E acrescenta: "Os filtros conservam o combustivel sempre limpo."



MOTORES DIESEL CATERPILLAR

MARCA REGISTRADA

TRATORES • MOTO-NIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA REMOÇÃO DE TERRAS

Quando.... Onde....

Se reunem pessoas de bom gosto

CANADA DRY—"o Champagne dos Ginger Ales"—e Canada Dry Water (Club Soda) *são os dois produtos que mais se usam para preparar bebidas mistas.* Aí está o porque eles são servidos nas casas mais finas, e nos mais elegantes clubes e restaurantes... sempre que se queira um "high-ball". E como simples refresco, Canada Dry—"o Champagne dos Ginger Ales"—é a bebida ideal para todas as idades e todas as ocasiões.

Spur

SPUR—A deliciosa Cola de Canada Dry—é insuperável como refresco revigorante e gostoso, e faz a melhor "Cuba Libre" que um connaisseur possa desejar.

REFRESCOS

CANADA DE FAMA MUNDIAL DRY

CANADA DRY INTERNATIONAL, INC., 100 E. 42ND ST., NEW YORK 17, N. Y.

Superfície de Refrigeração EXTRA para Maior Duração do Motor

O novo cilindro Franklin, inteiramente de alumínio, criado e desenvolvido durante a guerra, torna possível uma área de nervuras muito aumentada—quase 25 polegadas quadradas de superfície de refrigeração por polegada cúbica de deslocamento. O resultado é um motor que funciona sem esquentar, dotado de mais longa vida, e com mais reservas para aguentar condições anormais de trabalho.

Isso constitue um exemplo típico do desenvolvimento há 43 anos iniciado, e recentemente acelerado pela guerra, que fez do Motor Franklin o motor que o Sr. vai querer para o seu avião de após-guerra.

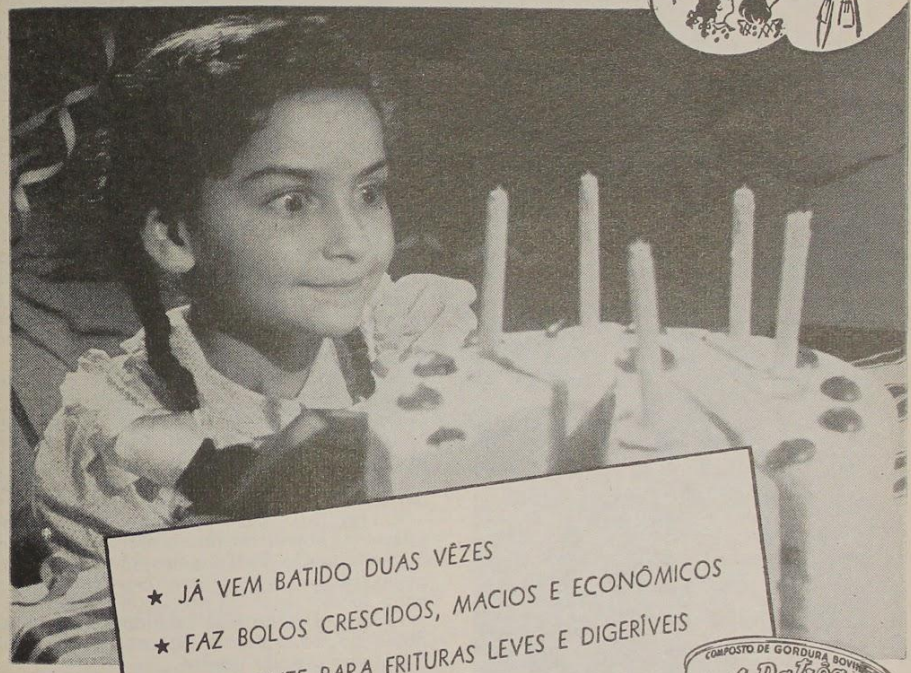
Franklin
Finos Motores de Avião

AIRCOOLED MOTORS CORP.,
SYRACUSE 8, N.Y., E.U.A.

MESBLA S/A
Rua do Passeio 48-54
Rio de Janeiro, Brasil

O paladar também gosta de festas...

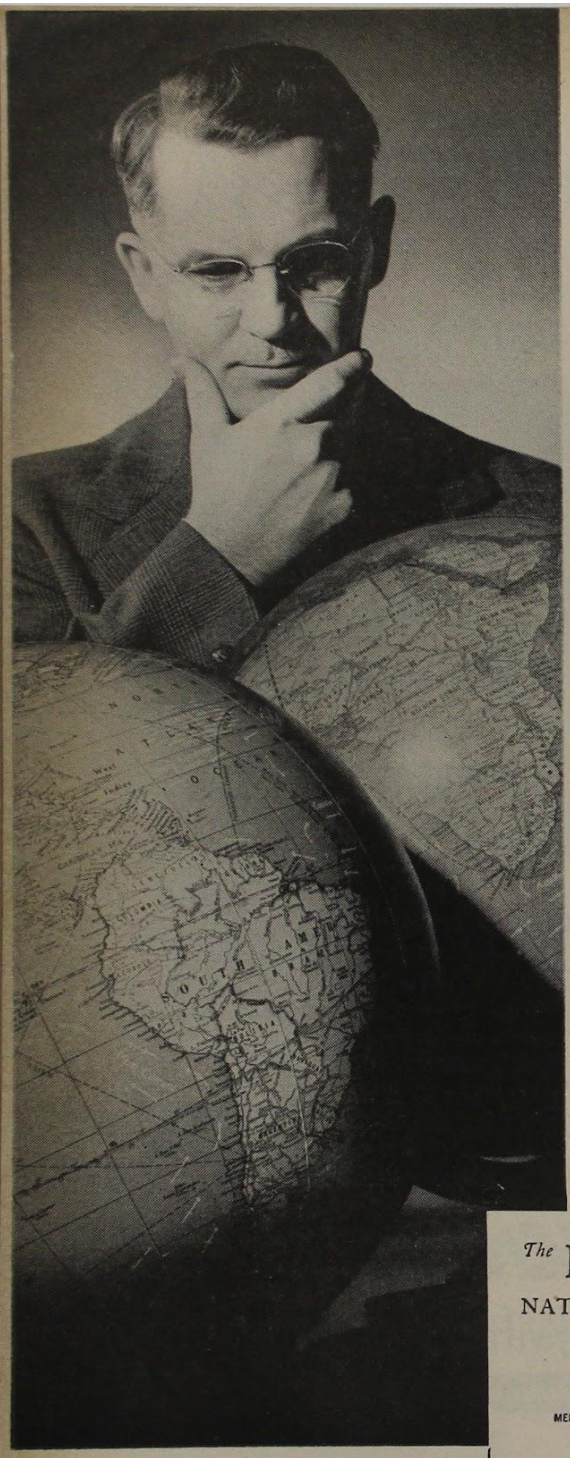
OFEREÇA BOLOS DELICIOSOS FEITOS
COM **COMPOSTO "A PATRÔA"**



★ JÁ VEM BATIDO DUAS VÊZES
★ FAZ BOLOS CRESCIDOS, MACIOS E ECONÔMICOS
★ EXCELENTE PARA FRITURAS LEVES E DIGERÍVEIS

COMPOSTO
A Patrôa
UM PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



Os Negócios Enfrentam *Dois* Mundos Novos

Já se tornou um lugar-comum falar do «mundo novo do após-guerra». Mas para um negócio de carater internacional, a forma do mundo alterou-se de *duas* maneiras bem diferentes.

Primeiro, surge-nos este mundo «contraido», de malha apertada, com seus rápidos transportes aéreos e comunicações velozes como o raio. Oceanos, cadeias de montanhas, vastas distâncias, quase que deixaram de existir como barreiras à remessa rápida ou às viagens. Novos mercados e novas matérias-primas vieram pôr-se ao nosso alcance... agora que nenhum ponto da Terra se encontra a mais de 60 horas do seu aeroporto local.

Mas o outro mundo é aquele que se alterou por ação das violências da guerra e das decisões da diplomacia... Limites políticos, condições econômicas e sistemas monetários, tudo isso mudou; as relações tradicionais de negócios sofreram severa ruptura; e alguns dos velhos centros de indústrias para exportação voaram pelos ares, feitos em pó.

As oportunidades para os empreendimentos comerciais serão as maiores da história do comércio, mas para saber tirar vantagem delas, em um mundo duplamente alterado, será preciso vigilância e habilidade.

O First National Bank of Boston pode ajudar V.S. a salvaguardar os seus atuais mercados, a reestabelecer aqueles que sofreram prejuizos, e a encontrar novos mercados. O nosso Departamento Estrangeiro pode pôr à sua disposição a experiência especializada em *mais de 160 anos* de atividade comercial no exterior... e as amplas facilidades das nossas filiais ultramarinas e de nossos correspondentes no mundo inteiro.

Os pedidos de informação serão atentamente satisfeitos em qualquer escritório do Banco.

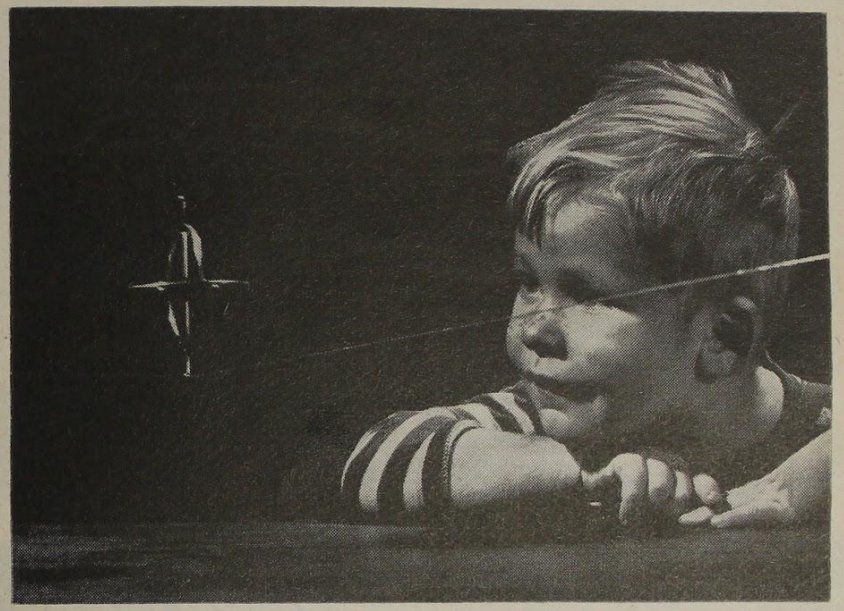
The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

1784 ★ 1946

MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 100 Broadway.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Escritório de representação no Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

Olhos que vislumbram novos mundos



IMAGINAÇÃO . . . a capacidade de crear idéias e a visão para dar-lhes aplicação prática. Estas são cousas muito importantes para Auto-Lite.

Pois apoiando o nome Auto-Lite em cada bujão, bateria, arranque, gerador ou outras peças automotrizes elétricas, está a perícia de seus engenheiros, que através de experiências e pesquizas conseguem sempre um grau mais elevado de eficiência automotriz.

Tanto os fabricantes como os proprietários de automóveis consideram a Auto-Lite como símbolo de liderança e de confiança em equipamento elétrico automotriz.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division
Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

AUTO-LITE
EQUIPAMENTO DE IGNIÇÃO
ARRANQUE E ILUMINAÇÃO

Como em todos os Rádios Zenith International, êstes novos desenvolvimentos são protegidos contra mudanças de temperatura e humidade.

ZENITH RADIO
LONG DISTANCE

Os maiores fabricantes do mundo de equipamentos radiônicos exclusivamente.

DE QUE FEITIO É A SUA CARA?

Uma cara oval indica carater sociavel, simpático—rapidez em se aperceber do ponto de vista alheio, franqueza, tendências impulsivas. Em geral favorecido pelo êxito.

Mas seja qual for o feitio da sua cara, as lâminas Gillette Azues são as mais próprias para raspar depressa e sem dor a sua barba. Feitas do mais fino aço, todas as Gillette são afiadas em máquinas de ajustamento tão delicado como a maquinaria do relojoeiro. É por isto que estas famosas lâminas de barbear prestam tão bom serviço, e por tanto tempo. Experimente-as, e verá como elas escanhoam bem, deixando a cara macia e limpa, com uma bela aparência.

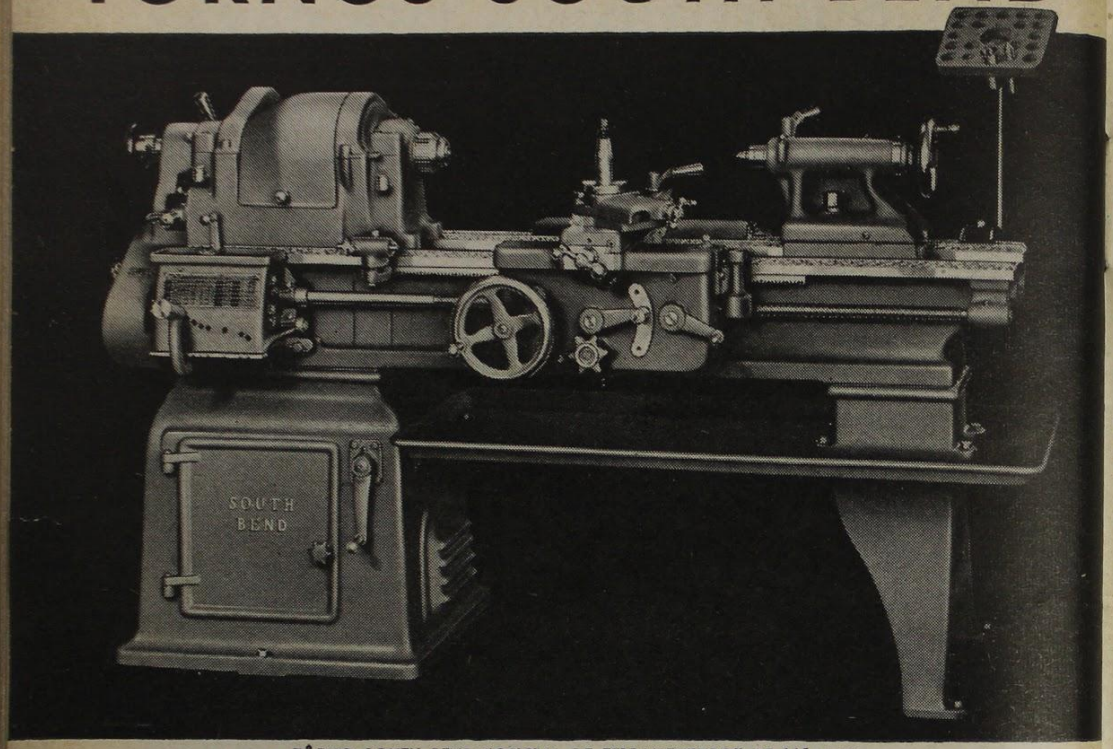
TESTE DO DIAMANTE

Os diamantes—a substância mais dura que se conhece—são usados para ensaiar a dureza do aço das Lâminas Gillette Azues. Outra razão por que as Gillettes conservam por tanto tempo o seu fio, e lhe dão sempre uma excelente aparência depois de barbeado.

GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS

TORNOS SOUTH BEND



TÔRNO SOUTH BEND "OFICINA DE FERRAMENTEIRO" DE 16" x 6'

CONSTRUIDOS PARA STANDARDS ELEVADOS DE PRECISÃO

As partes e as unidades dos tornos South Bend são frequentemente inspecionadas no decurso da respectiva produção, afim de assegurarem a exatidão do produto acabado. Centenas de instrumentos de precisão são para tal fim empregados, sendo tambem feitas provas finais com o tôrno em funcionamento. Cada tôrno deve trabalhar com tolerâncias mínimas antes de ser aprovado para o embarque.

Em vista da precisão ser neles "construida", os tornos South Bend teem sido sempre preferidos para o trabalho de precisão na oficina e para o de produção.

MANUAL DO TORNEIRO
Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sôbre funcionamento e conservação de tornos mecânicos. Impresso em Português. Preço 25 centavos (moeda dos Estados Unidos).

CURSO DE INSTRUÇÃO ELEMENTAR NO. 39-P
Consta dos planos de dez obras práticas para executar ao torno, acompanhados de instruções completas e desenhos detalhados. Impresso em Português. Preço 25 centavos (moeda dos Estados Unidos).

SOUTH BEND LATHE WORKS

Fabricantes de Tornos desde 1906

497 EAST MADISON STREET • SOUTH BEND 22, INDIANA, E. U. A.

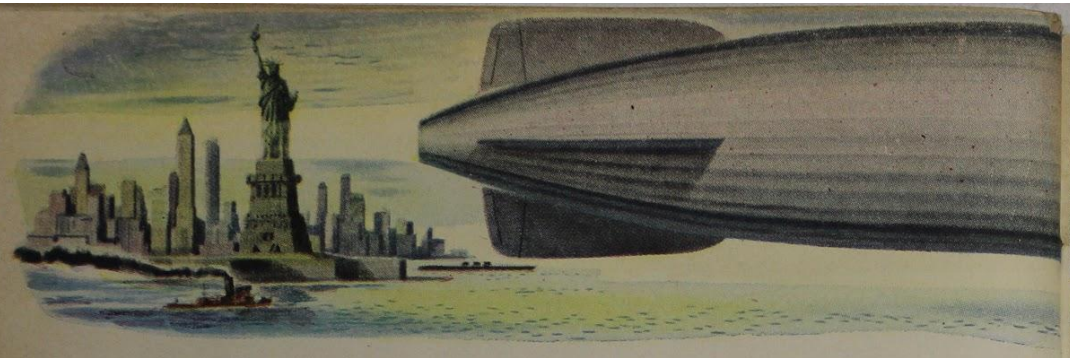
Promete muito—e mais do que se poderia esperar. Mas cumpre! Oferece a partida instantânea e o suave deslizar de sêda de uma ponta tubular encerrada, sempre úmida—exclusiva da "51". E sòmente esta pena pode usar a tinta Parker "51", que *seca à medida que escreve.*

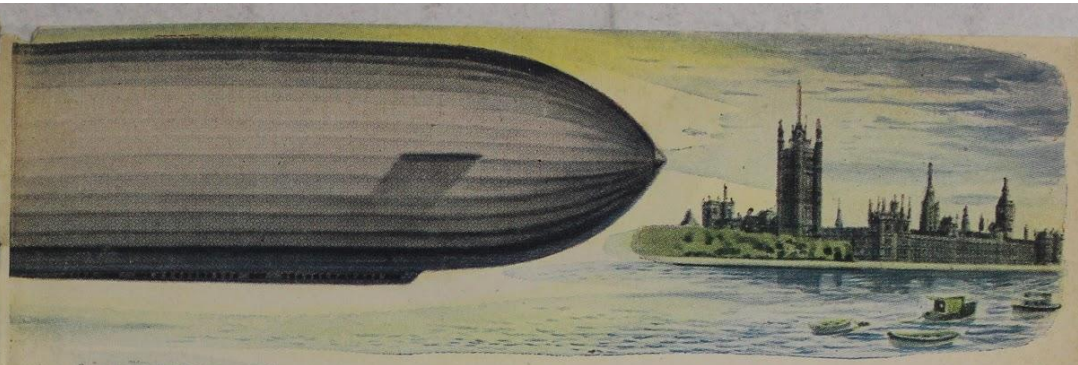
Representantes Exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Unicos distribuidores para Portugal: ANTONIO VIEIRA, LTDA., 167 Rua do Ouro, Lisboa

Escreve seco com tinta líquida!

PARKER "51"





Andarão pelo ar os futuros reis-do-mar?

AS viagens transoceânicas pelo ar, com a maior parte das luxuosas acomodações que oferecem os gigantescos navios modernos, tornaram-se possiveis graças ao "Aeronave" — a única aeronave de carreira até hoje imaginada que poderá assegurar uma média de 100 pés quadrados de superfície a cada passageiro.

O que isso representa em termos de conforto, recreio e bem estar pessoal, em qualquer viagem transoceânica — de Nova York a Londres, de Buenos Aires ao Cairo, de Lima a Xangai, ou do Rio de Janeiro a Lisbôa — mostra-se mais adiante em pormenor. E o "Aeronave" é o mais estável e o mais suave de todos os veículos modernos — tanto assim que a bordo dele se desconhece o enjôo.

Embora mais lento que o avião, o "Aeronave" desenvolve três a quatro vezes a velocidade dos grandes navios de carreira, e vem constituir o terceiro grande elo na cadeia do comércio transoceânico.

Quanto à segurança — os dirigíveis construidos pela Goodyear, cheios de hélio, que é um gás não-inflamável — já transportaram 450.000 passageiros em mais de 150.000 vôos, sem um só acidente para quem quer que fosse — o que representa *um recorde de segurança sem paralelo!*

Hoje, com os seus 35 anos de experiência na construção do "mais leve que o ar", robustecida ainda mais pelos novos conhecimentos adquiridos na construção de aeronaves para a guerra, a Goodyear está pronta e capaz para servir — do mesmo modo que serve o mundo que anda sôbre rodas — o mundo futuro da aeronáutica, em que os gigantescos "Aeronaves" de 10 milhões de pés cúbicos de capacidade cruzarão os ares por sôbre todos os mares da Terra.

E êste novo serviço virá mobilizar os recursos das fábricas Goodyear no Brasil e na Argentina, no Perú e no México — fazendo-as participar tôdas no grande progresso e prosperidade que êsses novos reis-do-ar virão trazer.

SALÃO DE JANTAR — tão moderno como os restaurantes de amanhã — onde o viajante, mesmo o mais "*gourmet*," se deliciará com a variada e escolhida culinária.

SALÃO DE ESTAR — íntimo e repousante, com grandes e confortáveis poltronas, mesas de jogo, livros e revistas.

PONTE DE PASSEIO — espaço para andar, cadeiras de viagem. CABINES DE LUXO (à direita) com banheiro privado, água quente e fria, guarda-roupa. Outras cabines com vista para o mar.

GOODYEAR

Novo Padrão Mundial

Aquilo que se afirmava está provado. Os "Constellation" da Lockheed virão trazer a todos os paises do mundo, e a todos os continentes, novos padrões de transporte aéreo. Estão desde já ao serviço das seguintes grandes empresas de transporte aéreo:

AMERICAN AIRLINES OVERSEAS

EASTERN AIR LINES

FRENCH GOVERNMENT AIRLINES

ROYAL DUTCH AIR LINES (KLM)

NETHERLANDS INDIES AIRLINES (KNILM)

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAN AMERICAN-GRACE AIRWAYS (PANAGRA)

TRANSCONTINENTAL & WESTERN AIR (TWA)

O NOVO PADRÃO DAS CARREIRAS AÉREAS

O "Constellation" Lockheed

Com Lockheed Sempre na Vanguarda LOCKHEED Muitos Anos Avante na Ciência do Vôo

Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

A igreja com alicerces de prata

Por José de J. Núñez y Domínguez

Na Nova Espanha—que assim se chamava o México na época do domínio espanhol—os «Reales de Minas», centros de produção de prata e de atividade industrial, constituiram os alicerces de muitas aldeias que hoje são grandes e belas cidades. Entre esses «Reales», o de Tasco abriu suas entranhas para dar generosamente do que tinha do metal argênteo; e lá foi que surgiu um Creso cujo nome até hoje se pronuncia com admiração e respeito.

Em meados do século XVIII, Don José de la Borda, garimpeiro feliz, descobriu em Tasco um prodigioso filão de prata, que durante nove anos o brindou com riquezas ao parecer inesgotaveis.

Tasco, naquela ocasião, tinha uma igreja que lhe servia de paróquia, construida no século XVI, e já ameaçada de ruina quando Don José se tornou arqui-milionário. E o ex-garimpeiro, pródigo e liberal, resolveu reconstruir a igreja, tendo para isso utilizado os serviços do arquiteto don Diego Durán. Daí a sete anos, estava concluida a obra.

A igreja ergue seus pesados muros sobre a própria terra de nervos de prata. A mística visão das torres esbeltas e delicadas destaca-se por entre a absurda paisagem das casas de Tasco, que, espalhadas pelas colinas e barrancos, com seus telhados vermelhos, fazem lembrar um presépio.

Situada a 1.783 metros acima do nivel do mar, Tasco dá ao viajante a impressão de ter retrocedido vários séculos—chegando à Espanha medieval de Toledo, Segóvia e Burgos. Alcança-se a praça principal através de sinuosos becos, que muitas vezes vão dar a largos com chafariz no meio, à espera de Rocinante e do burrinho de Sancho Pança. Tem-se mesmo a impressão de estar em Espanha, numa aldeola qualquer, pois tudo—os limiares das portas, as varandas e sacadas, e a própria igreja—oferece um aspecto arcaico, como se o tempo tivesse parado, imobilizando os seres e as coisas.

A fachada, as torres e, na verdade, toda a arquitetura da igreja pertencem ao estilo barroco mexicano do século XVIII. E na ornamentação reflete-se a influência de objetos que chegavam da China, em marfim, porcelana e seda. Que maravilhas de portas, de bela madeira trabalhada, onde se misturam complexos símbolos místicos com pérolas, imagens de anjos e de santos, colunetas e balaustradas de singela elegância.

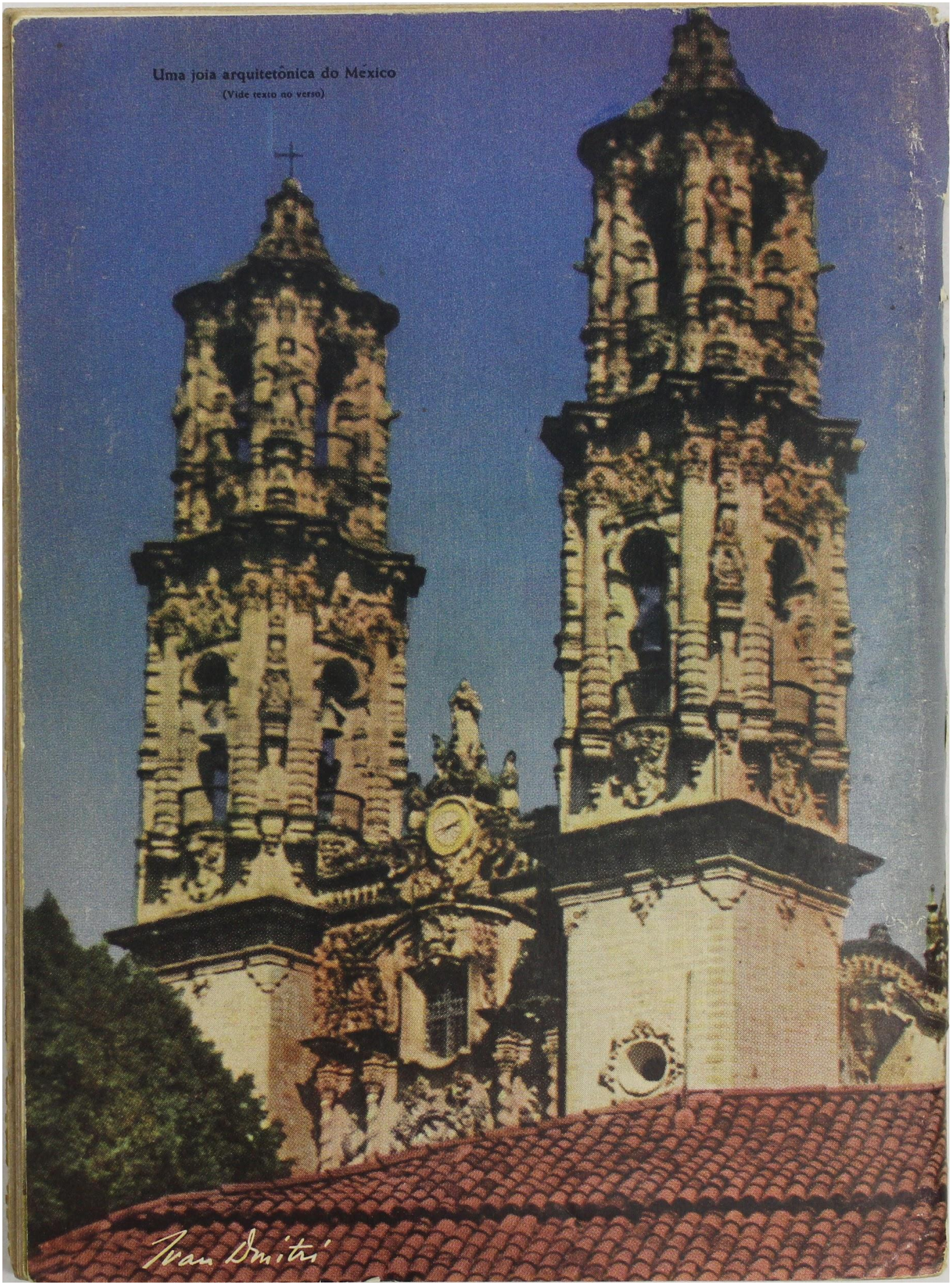
As torres, finas e ageis, como se fossem brotos de prodigiosa floração, ascendem para o céu com seus corpos graciosos. E os próprios cimos das torres, que, em vez das cúpulas comuns, têm a forma de bases de castiçais coroados com esferas, são de um pitoresco e duma originalidade realmente admiraveis.

Lá dentro, há uma só nave, espaçosa e deslumbrante de enfeites de ouro, culminando num delírio de luz, no altar-mor. É uma orgia de esplendores. Don José dotou a igreja de Tasco de tapeçaria, moveis, vasos sagrados de ouro e prata, ornamentos mais ricos que os das catedrais; e, sobretudo, de uma esplêndida custódia crivada de diamantes, esmeraldas, pérolas, rubís, safiras e outras gemas de grande tamanho, vendida mais tarde à Catedral do México e levada depois para a Nôtre Dame de París, em cujo tesouro figura atualmente.

A paróquia de Tasco é pois, na paisagem mexicana, não só uma obra-prima de arte religiosa do Novo Mundo, como tambem a marca imarcescivel da fé de um passado remoto, em que as civilizações se fundiram num idêntico desejo de perfeição; e constitue, alem disso, o emblema da força espiritual de um povo que, seguro de si mesmo, havia entrado no domínio de uma individualidade nacional.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Foto Ivan Dmitri


Uma joia arquitetônica do México
(Vide texto no verso)
Ivan Dmitri

ABRIL de 1946

Cr.$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Três anos nos ermos glaciais . . . . . *True* 1
O mais tentador dos delitos. . . . . *Banking* 8
Os Estados Unidos da Europa. . . . . *Collier's* 11
Pare e medite. . . . . *por Austen Fox Riggs* 15
O homem que comerciou com Himmler *por E. Muller* 17
A hora dos pais na escola rural *Country Gentleman* 21
Entramos na era das micro-ondas
Scientific American 24
Sobrevivem os preconceitos raciais. *por Ben Kuroki* 28
Será lenta a industrialização da China . . *Fortune* 31
Que sabe você de seu corpo?
Woman's Home Companion 37
Tunel para a liberdade . . . . *por Paul Brickhill* 39
Jardim zoológico de insetos *Baltimore Sunday Sun* 54
Uma radiodifusão do futuro *Sat. Rev. of Literature* 57
Meu regresso das trevas do alcoolismo . *Grapevine* 59
A cidade da ventania. . . *Saturday Evening Post* 63
MacArthur—o homem e o mito . . . . . *Collier's* 67
Seja você o juiz 73
Como vivem as águias . . . . . *Nature* 76
Aprendendo a conviver com os russos
Cosmopolitan 79
Um pó que torna impermeaveis as paredes . *Forbes* 83
Tufão em Oquinava . . . *pelo Cap. Robert E. Rew* 85
Aprenda a conhecer sua dor de cabeça
American Mercury 91
Um fabricante de galinhas . *Country Gentleman* 95
A ocupação militar não resolve o problema *Harper's* 98
Frases pitorescas e poéticas. 102
Seção de Livros — Anatomia da Paz—II
por Emery Reves 103

A ave das Américas — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *terceira capa*

CMDPC-LB
1937

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 221, 3º andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IX, No. 51 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Abril de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba
Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A., e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. IX, No. 51, April 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A. San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U. S. A.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO IX, No. 51 — ABRIL de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

A malfadada expedição Greely, uma aventura heróica

Três anos nos ermos glaciais

(Condensado de «True»)

Ruth e Edward Brecher

ERA O NATAL de 1881. Vinte e três soldados, jovens todos, os rostos luzindo e as barbas bem podadas, acabavam de sentar-se a uma tosca mesa que não passava de simples tábua sobre pés, e iam iniciar uma refeição farta. Nos pratos e chícaras havia sopa de tartaruga, salmão, corvo marinho *fricassé*, língua de boi almiscarado, salada de caranguejo, ganso, diversos legumes, pudim de ameixas com molho de vinho, sorvete, frutas, nozes, bombons e café. Terminado o repasto, entoaram cânticos de Natal e alegres toadas, embora o termômetro, lá fora, acusasse uma temperatura de muitos graus abaixo de zero. O local em que se achavam—a uns mil quilômetros do Polo Norte—era o ponto mais setentrional jamais alcançado, em tempo de inverno, por qualquer homem.

Cinco meses antes, o tenente Adolphus Washington Greely, homem destemido e culto, escolhera a dedo esse destacamento do exército americano, e o trouxera de navio até a baía de Lady Franklin, na ilha Ellesmere, a 25 milhas da Groenlândia, do outro lado do Canal Robeson. O principal objetivo da expedição era colher certas observações meteorológicas; estas, feitas por Greely de hora em hora, abrangiam vento, maré, temperatura, pressão atmosférica, magnetismo e gravidade—e mais tarde, compiladas, constituiram o primeiro quadro coerente não

só das condições climatéricas do Polo, como tambem da influência vital que essas condições exercem no clima da zona temperada. Note-se, aliás, que essas mesmas observações serviram de base aos estudos de meteorologia ártica, que viriam a desempenhar papel de relevante importância durante a Segunda Guerra Mundial.

Do projeto da expedição constava que, no verão de 1882, viria até eles um navio de suprimentos, trazendo-lhes víveres e notícias; e outro, no verão de 83, que os levaria de volta à pátria.

Não chegou o primeiro dos referidos navios, mas, ainda assim, os homens sentiam-se animados; sadios e bem-dispostos, exploraram toda a região, em seus trenós, à cata de dados científicos. Um grupo alcançou a Groenlândia através dos estreitos gelados, chegando assim a um ponto extremo no norte, nunca ultrapassado, antes, por homem algum em qualquer época. Outros descobriram o vale Hazen, cuja verdejante grama, salpicada de papoulas amarelas, era um gosto para os olhos cansados de tanta neve; alí viram bois almiscarados, que pastavam placidamente; borboletas, a dansar, leves, sobre as flores; patos silvestres, cujas longas caudas se destacavam sobre a quieta limpidez da água. Nasceu assim, com essa expedição, o conceito do «hospitaleiro Ártico»—região em que os homens, uma vez dotados de certos conhecimentos, podem viver confortavelmente.

Decorreu o segundo ano, sem que surgisse navio algum na baía de Lady Franklin. As instruções que Greely recebera, nesse sentido, eram claras: se tal acontecesse, deveria retirar-se para o sul, até atingir o Cabo Sabino, onde o esperaria um navio-socorro. Se, por outro lado, uma longa nevada forçasse essa embarcação a demandar paragens mais meridionais, antes da chegada de Greely, deixariam para ele, em todo caso, não só provisões para um ano, como tambem meios de se abrigar do frio.

Assim foi que, a 9 de agosto de 1883, os 23 americanos, acompanhados de dois esquimós, partiram para o sul a bordo da lancha a vapor *Lady Greely*, levando, a reboque, três escaleres grandes. A derrota, que deviam seguir, levava-os pelo estreito canal que separa a Groenlândia das grandes ilhas ao norte do continente americano.

Em 1881 o canal, aberto, oferecia boa navegabilidade; já em 1882 o gelo o transformara em excelente pista para trenós. Agora, porem, não era uma coisa nem outra: viam-se apenas enormes blocos de gelo flutuante que, misturados à neve meio derretida, eram violentamente agitados pela corrente e pela ventania. Durante trinta dias, a *Lady Greely* foi abrindo caminho, lentamente, ora em ziguezague, ora marrando com os bancos de neve, sendo ameaçada, por diversas vezes, de ficar imprensada entre dois dos maiores. Em certa ocasião surgiu-lhe mesmo, à frente, enorme *iceberg* de remota origem, com cerca de quinze metros de gelo à superfície, e muitos mais, abaixo dela. Súbito, à maneira da bíblica separação das águas, rompeu-se a monstruosa barreira, e o minúsculo comboio de embarcações pôde passar incólume. No dia 9 de setembro, porem, quando já estava longinquamente à vista o objetivo, os navegantes viram-se diante de impenetraveis geleiras, que constituiam verdadeiro beco sem saida.

Sempre ferteis em recursos e engenho, os homens fizeram, dos bancos da lancha, trenós que ferraram com cintas tiradas às caldeiras, cosendo essa estrutura com

correias de pele de foca. Nos trenós puseram víveres e suprimentos diversos, instrumentos científicos e dois pequenos barcos salva-vidas; e, assim munidos, partiram, através do traiçoeiro gelo, em direção ao Cabo Sabino. Com esse carregamento, que pesava cerca de três toneladas, conseguiam viajar, talvez, dois quilômetros por dia.

Eis o que diz Greely, no seu diário, a 14 de setembro: «Hoje fizemos uma descoberta desalentadora: este grande bloco de gelo tem um movimento pronunciado, de maneira que, em três horas, fomos impelidos para o norte, cobrindo, nesse curto período de tempo, distância maior do que a percorrida em três dias, rumo ao sul.» Mais tarde, enorme bloco, que eles haviam levado vários dias a atravessar, moveu-se em rotação, e assim se anulou todo o progresso penoso que haviam conseguido.

Depois caiu uma tempestade, e o vento, mudando de direção, soprava a uns oitenta quilômetros à hora. O bloco de gelo deslizou rapidamente para o sul, e apareceram amplas brechas. A menos que os navegantes, já em constante luta, pudessem alcançar terra antes de descairem para o mar aberto da Baía de Baffin, seu fragil veículo se desintegraria por completo. Desfizeram-se de tudo quanto fosse peso morto. Nesse dia, Greely registrou, no diário, esta observação, trágica em seu laconismo: «Já fizemos o que nos era possivel; agora resta-nos confiar na Providência.»

E a Providência veio em auxílio deles; emergindo lentamente do nevoeiro, imenso *iceberg* interpôs-se entre a terra e o bloco de gelo onde se achavam os homens. Se lhes fosse dado transferir-se para essa gélida ilha flutuante, teriam à sua frente um caminho para a praia. O *iceberg* chegou a uns quinze metros de distância, impedido de vir mais próximo devido a obstáculos, de diversas naturezas, que derivavam à tona.

Diz o diário de Greely: «Se um ou outro dos blocos de gelo tivesse o menor movimento, os objetos que flutuam à superfície poderiam desfazer-se em pó; e, se nos servíssemos deles como alpondras, essa desintegração nos seria, certamente, fatal. Não havia, porem, outra solução. Lançamos rapidamente, por sobre o abismo, um bote, um trenó e suprimentos. Quando o último homem alcançava o outro lado, moveu-se o *iceberg*, e nosso companheiro escapou, por um triz, de cair na água.»

Só daí a dois dias é que, esgotados de frio e de fome, puseram pé em terra firme, perto do Cabo Sabino. Lá esperavam encontrar amigos, algumas fogueiras crepitantes, boa comida e roupa que os agasalhasse. Mas havia apenas uma carta de sinistro conteudo: o grupo do navio-socorro alí estivera e partira, de novo, dois meses antes, deixando somente, escondidos, alguns parcos víveres e escassa roupa.

Ignorância, incompetência e falta de sorte conspiraram para trair a expedição de Greely. O navio-socorro, enviado ao norte em 1882, teve gelo pela frente perto do Cabo Sabino. E o comandante, dando obediência de títere a ordens absurdas, deixara apenas, para Greely, víveres que durariam dez dias, levando de volta oito toneladas de provisões!

Em 1883, outro navio-socorro, o *Proteus*, escoltado pelo *tender Yantic*, encalhou no gelo perto do Cabo Sabino e afundou. Os víveres que a tripulação deixou não chegariam para um mês; e o comandante do *Yantic*, recolhendo seus homens, fez uma virada e escapuliu. São de Greely estas palavras: «Esse comandante não ignorava que havia 25 patrí-

cios seus à espera de suprimentos naquele ano; mas as ordens que ele recebera não exigiam que os ajudasse; e seu navio regressou ao sul ainda repleto de abundantes provisões.»

Mais ou menos por essa ocasião, consta que um ministro de Estado, em Washington, manifestara-se contra o envio de qualquer auxílio à expedição, dizendo que não via necessidade de se gastar bom dinheiro com 25 homens mortos. Mas, ao mesmo tempo, devido aos esforços da esposa de Greely, iniciou-se pelos jornais de todos os Estados Unidos vigorosa campanha para forçar o governo a tomar alguma providência. A 22 de janeiro de 1884, a Câmara de Deputados baixou uma ordem autorizando a organização de novo grupo de socorro. Entretanto, por causa de ligeiro equívoco burocrático, a resolução não foi apresentada ao Senado no estilo parlamentar que se exigia, o que deu lugar a nova demora. Foi então que um senador observou, com um toque de amargura: «Se Greely e seus homens forem abandonados à morte, é de se esperar que morram em bom estilo parlamentar.» Só a 24 de abril de 1884 partiram navios de socorro.

Natal de 1883: Vinte e cinco homens, famintos e emaciados, haviam-se deitado juntos na treva, trêmulos de frio e enojados de sujidade. Na cabana tosca, construida por eles com pedras, mal cabiam todos em decúbito; e era tão baixa que, sentados no chão, dentro dos gélidos sacos em que se metiam para dormir, suas cabeças roçavam o teto, incrustado de gelo. O sol do Ártico, posto há muito, não surgiria outra vez senão daí a alguns meses. E mesmo as escassas rações de comida, que entre si distribuiam, já estariam acabadas antes do fim de março.

A um canto achava-se, encolhido, o cabo Joseph Elison, em peor estado que todos os outros. Ele e mais três companheiros haviam-se oferecido como voluntários para, percorrendo uma distância de quase dez léguas, ir buscar um suprimento de carne que fora deixado em esconderijo. Encontraram-no, mas os membros de Elison estavam quase congelados. Implorou aos outros que o deixassem lá; em resposta, abandonaram a carne, e trouxeram-no carregado. A gangrena subsequente se encarregara de lhe amputar pés e mãos. «Na primeira semana,» escreve Greely, «ele não cessava de pedir a morte; dentro de um mês, porem, já reingressara na nossa irmandade de homens resignados.»

À luz bruxoleante da lanterna de óleo de baleia, lia Greely, em voz alta, trechos da Bíblia e de Dickens. E anotou, depois, no diário: «Alguns reclamam contra o uso do óleo para tal fim; acredito, porem, que está muito bem empregado, pois dá-nos pão para o espírito e este, sem alimento, havia de verter-se para dentro de si mesmo, levando-nos todos, afinal, à loucura.»

18 de janeiro de 1884. Morrera Cross, vítima da fome; era o primeiro a desaparecer. O corpo, metido em sacos de café, foi envolto numa bandeira americana. Greely, tomando da Bíblia, leu algumas palavras adequadas à ocasião, e os homens depuseram seu camarada no gelo, em certo ponto que veio a ser denominado, significativamente, a «Colina do Cemitério».

A 2 de fevereiro, o sargento George Rice e o esquimó Jens Edward partiram pelo bloco de gelo, em direção à Groenlândia, para pedir auxílio aos esquimós da tribo Etá. Quatro dias depois, voltavam exhaustos e desesperançados: fora impossivel atravessar os estreitos.

Para contrabalançar tantas decepções, Greely decidiu aumentar a ração diária de pão. «Essa medida não passou de mera contemporização,» confessa em seu diário, «pois daquí a alguns dias terei de reduzir novamente as rações.»

Não sobrava mais óleo para a leitura; e Greely passou a falar, na escuridão, sobre história e geografia. Era rigoroso em matéria de disciplina, fazendo questão de que se cumprissem certas regras de natureza militar (quanto à hora da «alvorada», por exemplo), pois não ignorava que tais coisas têm sua importância na preservação da saude e do estado de espírito dos homens.

As conversas giravam, quase sempre, em torno do assunto «alimentos». «Quando chegarmos a Washington,» escreveu James Lockwood, lugar-tenente de Greely, «o sargento Brainard virá jantar comigo em minha casa; e já lhe prometí que hei-de servir bolinhos de manteiga, sopa de ostras, queijo fresco, e morangos com creme em conserva.»

26 de março. O sol subiu, afinal, o suficiente para brilhar através de um orifício no teto da cabana. E escreveu Greely então: «Os primeiros raios vieram iluminar uma cena de incrivel sujidade e esqualidez. Durante um momento assomaram diante de meus olhos o tédio e a dor, o frio e a fome, a debilidade física e a irritação mental que nos assolavam, a angústia imensa das esperanças perdidas, a raiva impotente numa situação de desespero e desamparo. A esses pensamentos de um segundo, porem, seguiram-se outros, mais alentadores: lembrei-me da paciente coragem, da fortaleza de ânimo, da inflexivel lealdade e da força de renúncia que todos eles têm demonstrado. Após tantos sofrimentos, levarei para sempre, comigo, uma noção melhor da humanidade.»

6 de abril. Sendo impossivel obterem-se animais de caça, os homens se dispuseram a comer tatuís, que designavam, alías, eufemisticamente, de «camarões»; tão minúsculos eram os animalejos, que vinte deles pesavam pouco mais de um grama. O sargento Rice e Julius Frederick partiram outra vez, numa segunda tentativa de alcançar a carne oculta. Depois de uma procura de vários dias, o sargento sentiu que se lhe congelavam partes do corpo. Frederick, vendo que o amigo estava prestes a sucumbir, cedeu-lhe alguns de seus agasalhos, numa tentativa inutil de salvá-lo; envolveu-o nos braços até o momento em que a morte o veio buscar; vendo-o, enfim, caido, depôs-lhe um ósculo na testa e voltou, penosamente, só. Deu então um exemplo, por assim dizer inaudito, de força de vontade: durante todo o percurso, nem tocou na ração do companheiro morto, levando-a, ao invés, para juntá-la ao suprimento comum.

9 de abril. O tenente Lockwood morreu de inanição; até dois dias antes da morte, continuara observando e anotando as temperaturas.

26 de maio. Eis o que disse Greely em seu diário, a respeito do sargento Edward Israel, astrônomo da expedição: «Israel acha-se agora em estado de extrema fraqueza, não podendo nem mesmo sentar-se. Fala muito da família e de felizes dias do passado. Hoje cedo dei-lhe uma colherada de rum; dir-se-ia uma injustiça para com os outros, visto que a bebida já não teria nenhum efeito duradouro. Deu-lhe, porem, grande alívio imediato, e fiz por ele apenas o que gostaria que fizessem por mim, em circunstâncias idênticas.»

Não tardou que um deles, sob o peso de tanta miséria, perdesse a razão: o soldado Charles Henry, em momento de

completo desvario, apossou-se das rações de seus companheiros, e estes perceberam então que suas próprias vidas estavam ameaçadas pela irresponsabilidade do louco. Como medida extrema, ditada pelas trágicas circunstâncias, decidiram que era preciso eliminá-lo; e a 6 de junho foi morto a tiros.

PERTO DO CAMPO achava-se ainda o velho trenó, feito de partes da embarcação *Lady Greely*. As correias, de couro de foca, estavam agora corroidas e soltas. O couro ia servir-lhes de alimento; alguns fizeram, dele, um cozido; outros preferiram assá-lo, como churrasco, enfiando-lhe pedacinhos de pau do tamanho de fósforos. Chegaram, mesmo, a comer sapatos e luvas. Mais tarde Greely cedeu sua jaqueta, de pele de foca tambem, e a coberta de couro do saco onde dormia; e essas coisas foram distribuidas irmãmente entre eles.

O sargento David Brainard descreve uma precaução que tomaram a 19 de junho, deveras espantosa: amarraram, ao toco de braço de Elison, uma colher, de maneira que, caso ele sobrevivesse aos outros, tivesse como levar à boca o que sobrasse das rações.

E ainda atentavam, meticulosamente, aos propósitos científicos da expedição, apesar de que se quebrara o barômetro. «Grande perda,» escreve Greely, «pois eu esperava prosseguir nas observações até que morresse o último homem.» Marcavam-se ainda, porem, vento e temperatura. Brainard, aventurando-se em pequenas excursões à procura de musgo para comer, trouxe de volta algumas relíquias dos esquimós, para a coleção de arqueologia. Long descobriu doze espécimes invulgares de mariscos; e, embora tivessem tanta fome que comiam lagartas caso as encontrassem, os tentadores mariscos foram preservados em alcool—parte, aliás, do último meio-litro—para posteriores estudos de zoologia.

20 de junho. «Hoje é o sexto aniversário de meu casamento,» escrevia Greely, «e há três anos deixei minha mulher para embarcar nesta expedição. Quando terminará esta vida dentro da morte?»

22 de junho. O acampamento estava agora sitiado pelo vento e pela neve. Os sete sobreviventes arrumaram-se como puderam, para esperar a morte. Greely abriu seu livro de orações, lendo as preces especiais para moribundos. Pegou outra vez o diário, e nele inscreveu: «O estreito de Buchanan está aberto, hoje, ao meio-dia, costa acima.» E foram as últimas palavras postas no caderno.

Assim pela meia-noite, pareceu-lhe ouvir, por sobre os uivos da tempestade, o longo apito de um navio. Os minutos pareciam séculos; e afinal ele se apercebeu de que havia vozes desconhecidas no ar—pela primeira vez naqueles três anos de experiência ártica. Ao contrário do que sucedera com os predecessores, o grupo de socorro, de 1884, conduzido pelo comandante Winfield Scott Schley, mostrou-se possuido da segurança e da coragem à altura dos ermos setentrionais. Enfrentando gelo e nevoeiro, alcançaram, enfim, o Cabo Sabino verdadeiramente na hora precisa.

Elison, ao desamparo mais absoluto, servia-se da colher presa ao seu braço sem mão. Maurice Connell achava-se a um canto, encolhido, aparentemente morto. Brainard ergueu-se, tentando, bravamente, saudar os que chegavam. Apenas Frederick e Long foram incapazes de pôr-se em pé. Biederbeck, que fora, desde o início, o enfermeiro do grupo, continuava seu abençoado trabalho: arrastando-se, de mãos e joelhos no chão, deixou cair, na garganta do inconciente Connell, duas boas colheradas de revigorante conhaque.

—Greely! É você que está aí?

O interpelado ouviu as palavras como se viessem de um mundo diferente. Com dedos trêmulos, arrumou os óculos sobre olhos que mal podiam enxergar.

—Sou eu, sim! respondeu. E acrescentou, numa voz em que lhe custou dominar a emoção: —Com que prazer eu vejo vocês!

ELISON faleceu a bordo, quando se aproximavam da pátria. Vivera, sem pés e mãos, durante mais de seis meses; e, embora não houvesse infecção, as feridas não sararam. A princípio parecia impossivel que Greely resistisse com vida, mas, no momento em que a sua esposa veio a bordo, já nos Estados Unidos, todos os seis sobreviventes, à força de alimento e especiais cuidados, achavam-se a caminho da saude, após tão duras provações e sofrimentos tão cruéis.

Greely ainda viveu cincoenta anos, chefiando o Serviço Meteorológico e o Corpo de Sinaleiros; em 1906, foi promovido a general. Ao completar 91 anos—em março de 1935, ano em que morreu—foi-lhe concedida uma medalha de honra pelo dedicado serviço à pátria durante longos anos. Vive ainda apenas o sargento Brainard, que, chegando a general-de-brigada na Primeira Guerra Mundial, se reformou depois.

Respostas inesperadas

¶ O JOVEM tenente, recem-saido do exército americano, estava pedindo emprego numa grande companhia, e o chefe da Seção de Pessoal perguntava-lhe se tinha alguma experiência no mundo de negócios.

—Não, senhor, nenhuma. Quando fui convocado, ainda estava na faculdade...

—Bom. Então me diga: qual é o trabalho para que o sr. se acha mais habilitado?

—Bem... veio a resposta. —Qualquer coisa de responsabilidade. Um cargo de vice-presidente, por exemplo.

Sem pestanejar, o outro replicou: —Ah, então, meu amigo, sinto muito. Acontece que nós já temos 12 vice-presidentes...

—Ora, não faz mal não! restrucou o tenente, com um largo gesto. —Eu não sou nada supersticioso!

—John Straley, no *Investment Dealer's Digest*

¶ TODO animado, o rapaz entrou pela casa vendedora de automoveis, e se dirigiu logo a um lindíssimo modelo, perguntando ao distribuidor: —Se eu comprasse esse carro a prestações, quanto tempo levaria para pagar?

—Bem, isso depende... Quanto o sr. poderia dar por mês?

—Deixe ver. Uns vinte e cinco cruzeiros...

—Vinte e cinco! exclamou o vendedor. —Nesse caso, meu amigo, o sr. levaria cem anos!

Com a cara mais feliz deste mundo, o outro respondeu: —Pois eu acho que vale a pena!

A maioria das pessoas que cometem a apropriação indébita têm a intenção de restituir—até que é tarde demais

O MAIS TENTADOR DOS DELITOS

(Condensado do «Banking») Por Myron Stearns

São pessoas respeitaveis e idôneas as que vão para a cadeia por causa do mais facil e mais insidioso dos crimes, a apropriação indébita: o uso ilegal de dinheiro ou mercadoria *dos quais já se esteja legitimamente na posse*. Em geral, quem comete o desfalque é pessoa de reputação um tanto acima da média; ele (ou ela) mora num bom bairro, ganha o bastante para viver sem dificuldade, toma parte em atividades cívico-sociais, e conquistou pelo esforço próprio o cargo de confiança que exerce.

No ano atrasado, uma companhia americana, que se dedica a emitir apólices de seguro, contra os riscos de fidelidade de empregados que exercem cargos de confiança, teve de honrar seus compromissos em virtude de desvios praticados por 2.200 homens e mulheres que pareciam idôneos. E grande parte dos muitos milhares de falências verificadas anualmente são devidas a desfalques.

Quase ninguem começa com a intenção de se apropriar. Um homem «tira emprestada» certa quantia dos fundos de sua companhia, com o propósito de logo devolvê-los. É o primeiro passo. Mas o segundo segue-se tão facilmente que, dentro em breve, verifica, horrorizado, que cometeu uma apropriação, e é, portanto um criminoso. Os exemplos são inúmeros.

Uma senhora de excelente reputação morava com o pai e a irmã numa cidadezinha americana, onde trabalhava para a companhia de eletricidade. Sobreveio uma fase de adversidades, com o pai doente e a irmã desempregada, e as contas se foram avolumando. Quando as suas economias se esgotaram, lançou mão de algum dinheiro da companhia para comprar remédios. Certamente que logo iria devolvê-lo.

Mas, antes que pudesse fazê-lo, apareceram os fiscais da contabilidade. Para esconder o desfalque, pediu emprestado aos amigos. Assim que os fiscais se retiraram, pagou aos amigos, «tirando emprestado» de novo da companhia. E assim continuou fazendo durante vários anos, tirando pequenas mas sempre crescentes quantias, até que chegou o dia inevitavel em que não pôde conseguir empréstimo suficiente para inteirar a diferença. Os fiscais deram pela falta de uma importância de certo vulto, e a mulher foi presa.

O caixa de uma companhia de navegação, quando a caminho do banco para depositar 350 dólares da firma em que trabalhava, parou para almoçar e foi roubado. Temendo perder o emprego, tentou esconder a perda, alterando os lançamentos nos livros, com a intenção de, a tempo, repor o dinheiro de seu próprio bolso. Passado algum tempo, como não fosse descoberto, tirou mais. Durante oito anos, continuou assim; quando deram pela coisa, já havia desviado 67 mil dólares.

Tal é a feição peculiar e o perigo desse crime insidioso. De 70 pessoas que cometem desfalques, 69, diz a National Surety Company, nunca, a princípio, têm a intenção de fazer outra coisa senão «tirar emprestado» para logo repor.

As companhias de seguro têm registrada em seus arquivos assombrosa variedade de desvios. Num caso surpreendente, um respeitavel presidente de banco, que gostava de passar pelo homem mais filantrópico de sua pequena cidade, desencaminhou centenas de milhares de dólares de seu banco para dar aos outros. Doou um edifício à Associação Cristã de Moços, fez donativos a igrejas, e estava sempre à testa das listas de caridade. Quando os fiscais da contabilidade revelaram o desfalque, a polícia da cidade recusou-se a prendê-lo. Ninguem podia acreditar que ele fosse capaz de cometer um desfalque. Foi, finalmente, detido numa cidade vizinha quando tentava fugir.

O volume do ordenado pouco tem a ver com o fato de a pessoa ater-se ou não aos limites do que pode gastar. O presidente de certa companhia ganhava excepcional salário. Contudo, sua despesa era sempre maior que a receita. Um belo dia, ameaçado de perder tudo que tinha, utilizou-se de 200 mil dólares da companhia, afim de cobrir prejuizos de suas inversões.

Com frequência, a tentação que afasta da linha reta a gente até então honesta não é senão a facilidade da apropriação. O caixa de uma grande companhia de seguros, em quem se depositava confiança, tinha 45 anos e era solteiro. Quando a companhia precisava de selos, ele emitia um cheque à conta «Caixa-selos», frequentemente de quantias bem apreciaveis. Certa vez, inadvertidamente, esqueceu o dinheiro de um desses cheques no bolso. Ninguem deu pela falta! Pareceu-lhe muito facil, e ele experimentou de novo, pondo o dinheiro de parte para restituir no caso da falta ser notada. Sem ser descoberto durante seis anos, o total atingiu a uma cifra imensa, sendo que parte da quantia se achava depositada na sua caixa forte num banco.

Para fazer face a circunstâncias críticas que podem conduzir a dificuldades, o que se devia fazer era abrir uma conta na Caixa Econômica e deixá-la crescer. As pessoas que economizam, na opinião dos agentes de seguros, quase nunca cometem desfalques. «O crédito,» advertem eles, «é um auxiliar inestimavel, mas tambem um senhor terrivel.» Anúncios como estes: «Ouça o seu rádio enquanto o está pagando,» e «Se sua esposa deseja uma geladeira nova, adquira-a a prestações,»—frequentemente conduzem a compromissos que deixam o comprador sobrecarregado de dívidas e desesperado por dinheiro.

Uma mulher de 39 anos exercera durante 12 o cargo de contadora, e parecia merecer toda a confiança. Mas tinha o hábito inveterado de comprar a prestações—fogão elétrico, refrigerador, máquina elétrica de lavar roupa, rádio. As contas por pagar quase a puseram doida. Pela primeira vez em sua vida, foi às corridas de cavalos com uma amiga; apostou pouco e ganhou cinco vezes mais. Voltou a jogar no dia seguinte por intermédio de um corretor de apostas. Desta vez, perdeu. Então, como não tinha mais dinheiro seu para jogar, «tirou emprestado» do patrão—só temporariamente; parecia-lhe coisa tão certa! Ganhou um pouco; depois perdeu mais. Dia após dia, entregou-se ao jogo nas corridas, apostando freneticamente quantias cada vez maiores.

Quando se descobriu o desfalque, já havia tirado enorme importância.

Mais triste é a história de um senhor de 50 anos, agente de uma companhia de petróleo, que ganhava muito modestamente. Era um homenzinho indulgente, incapaz de recusar qualquer coisa à esposa, que era dada a certos luxos. Quando se descobriu seu vultoso desfalque, suicidou-se.

Os anais das companhias de seguros estão cheios de exemplos de rapazes que não puderam resistir à tentação de um «negócio da China» que os faria ricos da noite para o dia. O caixa de um corretor de fundos públicos recebeu um palpite sobre o caminho de um *metrô* que se ia construir. Resolveu lançar mão de algum dinheiro da companhia e comprar uma propriedade. Era uma oportunidade magnífica; a valorização do imovel duplicaria, triplicaria o capital empregado. Ele ficaria rico e reporia o dinheiro. Durante 8 anos subtraiu mais de 300 mil dólares, e comprou a propriedade. Mas o trem subterrâneo não veio. Em vez de valorizar-se, a propriedade se desvalorizou. Em vez de ficar rico, ele foi para a cadeia.

E quando sair? Poucas pessoas compreendem que o dinheiro, obtido por meios deshonestos, permanece como uma dívida em cima do condenado pelo crime de apropriação indébita. O fato de cumprir uma pena na prisão não ajusta as contas; a dívida só se extingue pelo pagamento. Salvo um milagre, aquele que comete esse crime fica embrulhado o resto da vida, sem esperança de poder desvencilhar-se.

Professores distraidos

¶ Os EDITORES da famosa Enciclopédia Britânica pediram a um professor, chefe do departamento de história de uma universidade americana, que revisse um artigo sobre sua especialidade, que, durante muitos anos, vinha sendo publicado intacto, nas edições da Enciclopédia. O professor devolveu o artigo, corrigido, declarando que o mesmo era «lamentavelmente mal feito e cheio de enganos». Os editores da Enciclopédia, curiosos, procuraram nos seus arquivos quem fora o autor do artigo, eivado, assim, de erros. Qual não foi o seu assombro, quando verificaram que o autor do artigo não tinha sido outro senão o próprio professor—tantos anos antes, que dele se havia esquecido completamente.

—Warner Olivier no *Saturday Evening Post*

¶ IRWIN EDMAN, professor de filosofia da Universidade de Colúmbia, em Nova York, passou um agradavel sarau com um seu colega e a esposa deste, tão agradavel que às 2 da manhã a conversação ainda ia animada. Depois de bocejar várias vezes, sem que Edman se desse por achado, o colega disse:

—Irwin, sinto muito ter que mandar você embora, mas tenho uma aula às 9 da manhã.

—Santo Deus! exclamou Irwin, vermelho como um pimentão. —Pensei que *vocês* é que estavam na *minha* casa!

—Bennett Cerf, *Try and Stop Me* (Simon and Schuster, ed.)

Tomando os Estados Unidos da América por modelo, constituir-se-ão um dia os Estados Unidos da Europa.
—George Washington

Os Estados Unidos da Europa

(Condensado do «Collier's»)

Por George Creel

TALVEZ esteja em vias de se concretizar uma política americana definida e mais construtiva com relação à Europa. O Presidente Truman vem considerando a possibilidade da formação dos Estados Unidos da Europa, uma federação de Estados europeus que ofereça a esperança de estabilidade, paz e progresso. Não se tratará necessariamente de uma reprodução da forma americana de governo, mas, certamente, haverá uma moeda comum, uma união alfandegária, um acesso comum aos recursos naturais e ainda comum utilização das vias fluviais.

Uma clara amostra do pensamento de Truman foi dada em Potsdam, quando ele insistiu na necessidade premente da «navegação livre e irrestrita» do Reno, Danúbio, dos estreitos do Mar Negro, do Canal de Kiel e de todos os rios interiores que toquem dois ou mais Estados. Em seu relatório sobre a Conferência, declarou, sem rebuços, que os Estados Unidos continuariam a dar seu apoio ao projeto.

Não é dificil encontrar os motivos para a nova atitude do Presidente em relação à política européia. Altos funcionários não procuram esconder as suas sombrias apreensões. Com toda a boa vontade do mundo, como podem os aliados prestar auxílio efetivo na rehabilitação da Europa, antes que esta mesma Europa esteja em condições de fazer uso inteligente da ajuda que lhe vem de fora? Como pode a Europa esperar recompor-se efetivamente quando as tarifas, as restrições ao comércio e a confusão das moedas impedem a troca das utilidades e levantam barreiras entre os distritos industriais e as zonas agrárias?

Os noruegueses, por exemplo, necessitavam urgentemente de sal para salgar o seu peixe; os italianos precisavam desesperadamente de peixe; mas os dois não puderam efetivar a troca para se completarem mutuamente. A Grécia, isolada pela hostilidade dos vizinhos, não podia vender seu fumo, enquanto os povos de outros paises catavam febrilmente pontas de cigarros nas sarjetas. No sub-solo do Rur, do Sarre, da Silésia e de Teschen, existia grande quantidade de carvão, mas o carvão não se come nem serve para vestir. A Dinamarca, a Hungria e a Holanda tinham gêneros alimentícios para trocar pelo carvão, mas o comércio não era possivel sob as condições existentes. Em consequência, terão morrido de frio, no último inverno, dinamarqueses, húngaros e holandeses, enquanto as regiões carboníferas terão conhecido a fome.

Há ainda outro ponto. Até que os paises da Europa ponham de lado os ódios e temores recíprocos e se reconheçam como membros de uma só *família*, que de mais inevitavel senão a corrida armamentista? Com seus recursos desviados para as organizações militares, onde se oferecerá a oportunidade de escapar aos padrões baixos de vida? Ou da ameaça de outra guerra ainda mais terrivel?

O Presidente Truman tem feito comparações pertinentes entre o sistema americano e o vigente na Europa, pondo em relevo o caos que se precipitaria sobre os Estados Unidos se adotassem o padrão do Velho Mundo. Supondo que a União Americana se dissolvesse e cada Estado viesse a estabelecer sua própria organização militar, criar sua própria política exterior, cunhar sua própria moeda e fechar-se a seus vizinhos por meio de tarifas, exigências de passaportes e toda sorte de regulamentos para exportação e importação, que de mais certo senão que cada um, em breve, chegaria a considerar os outros como inimigos a inspirar temor, inimigos que devem ser paralisados até o ponto de se tornarem inofensivos?

A IDÉIA de uma Europa unificada não é nova. Durante o século XIX, muitos líderes da opinião pública—Mazzini, Garibaldi, Vitor Hugo e outros—viram os europeus como uma família, herdeiros de uma cultura comum e de comuns tradições, e elevaram as suas vozes contra a desunião causadora de guerras incessantes, nas quais os próprios vencedores perdiam. O movimento não foi adiante, devido à crescente ameaça da megalomania prussiana e à Guerra Mundial.

Em 1922, entretanto, surgiu um homem que ergueu a idéia da cova onde havia caido. Observando em volta uma Europa empobrecida e desesperançada, Aristides Briand clamou: «Uní-vos para viver e prosperar!» E a seu lado se pôs o conde Coudenhove-Kalergi, filho de um aristocrata austríaco e mãe japonesa, o qual dedicou sua vida e fortuna à causa da Federação. Por volta de 1926, o movimento havia progredido a tal ponto que se reuniu em Viena um Congresso Pan-Europeu. O toque que conclamou dois mil representantes de todos os paises da Europa foi o seguinte:

«Anarquia é, na verdade, a única palavra adequada para descrever uma sociedade de 34 Estados sem lei, sem organização, sem orgãos ou autoridades comuns, sem corte de justiça e sem polícia; uma sociedade cujos membros se acham em perpétuo estado de desinteligência e armazenando, uns contra os outros, armas assassinas; uma sociedade em que a força prepondera sobre o direito, e na qual os métodos normais de negociação são as ameaças e as chantages.»

Das deliberações do Congresso saiu uma União Pan-Européia, com uma específica declaração de princípios:

Solidariedade européia, baseada numa moeda comum, numa união alfandegária, no uso comum das vias fluviais e uma política unificada quer em assuntos militares quer em questões externas.

Garantias efetivas de independência e igualdade para os Estados Federados.

Promessa inviolavel de respeito aos direitos das minorias étnicas e religiosas.

Solução pacífica de todas as desinteligências por um Tribunal de Justiça dotado ao mesmo tempo de força moral e material para fazer cumprir as suas decisões.

Completa colaboração com outras nações, dentro do esquema de uma ordem internacional.

ESTANDO BRIAND, «Prémier» de França várias vezes, como presidente honorário da União, o movimento ganhou força. Segundo Congresso reuniu-se em Berlim em 1930, e um terceiro em Basiléia em 1932. Não era uma multidão de idealistas teóricos. Eram homens de relevo e autoridade. Palavras candentes e encorajadoras vieram de Winston Churchill: «A concepção dos Estados Unidos da Europa é acertada. Cada passo que se der com esse objetivo, tornando mais facil o tráfico e a troca recíproca de serviços na Europa, é vantajoso para todos.»

Vozes igualmente poderosas se pronunciaram contra, porque a Pan-Europa era um veneno para aqueles que tiravam proveito da desunião. À frente destes estavam os fabricantes de armamentos, os políticos nacionalistas e os financistas internacionais que ganharam milhões por meio da manipulação das tarifas. É significativo, entretanto, que nem uma só vez foi a idéia diretamente atacada. Todos a elogiavam como concepção nobre, e então se davam a condená-la como utópica. Como poderia uma área tão vasta, com populações e línguas tão diversas, ser fundida num todo que funcionasse eficazmente?

Os partidários da Pan-Europa retrucaram com fatos e números. Não mostrava a história que cada Estado europeu havia palmilhado estradas pedregosas antes de alcançar a unificação? Durante longos anos, cidades e províncias italianas disputaram como cães em torno do mesmo osso. Entretanto, da utopia de Mazzini resultou a união. Durante séculos, os reinos e principados da Alemanha se exhauriram mutuamente em lutas sem esperança pelo domínio do comércio e do poder.

E que de mais utópico do que os Estados Unidos da América? Onde um exemplo mais perfeito tanto das dificuldades da união como de seus tremendos benefícios?

A questão do tamanho foi enfrentada diretamente pela comparação com outras uniões. O continente europeu é somente dois terços da área dos Estados Unidos. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas se estende sobre uma área duas vezes maior do que a Europa.

A Suiça foi dada como exemplo de uma «Pan-Europa em miniatura». Os suiços são um povo de religiões, raças, línguas e costumes diferentes; não obstante, os seus 22 cantões estão fundidos numa federação com políticas econômica, exterior e militar comuns, e sem perda da soberania essencial, nem o sacrifício das respectivas culturas e tradições. Quatro línguas diferentes—francês, alemão, italiano e o romanche—são reconhecidas como idiomas nacionais. A minúscula Friburgo, inteiramente católica, vive perfeitamente feliz ao lado de Berna e Vaud, ambas protestantes, e em cada cantão tambem se encontram numerosas sinagogas.

COM 26 governos sustentando o plano, a União Pan-Européia parecia destinada ao êxito. Briand, porem, morreu em 1932, e em 1933 Hitler proclamou o Terceiro Reich. Cinco anos mais tarde tentou ele o seu pervertido plano de unificação em nome da Raça Superior, e uma vez mais o verdadeiro movimento desapareceu. Nenhum sinal de ressurreição foi observado até 22 de março de 1943. Foi então que Winston Churchill o chamou à vida afirmando a sua convicção da necessidade de uma Europa unificada, abrangendo como membros «todos os principais ramos da família européia», e sugerindo um Conselho Europeu com

um Alto Tribunal para julgar os dissídios, dotado de força suficiente para tornar efetivas as suas decisões.

Hoje, a União Pan-Européia é novamente um movimento em plena atividade. Ainda não surgiu um Aristides Briand para encabeçar esse novo esforço, mas, dia a dia, maior é o número de líderes da opinião pública em cada país, aderindo à causa. A derrota e desintegração do Terceiro Reich, alem disso, oferece ao movimento a promessa de um futuro mais brilhante do que ele jamais conheceu. O prussianismo, que foi por tantos anos um obstáculo à união, é agora uma força batida e destroçada.

Há agora tambem uma idéia mais clara sobre a forma que a Pan-Europa deve tomar. Os seus adeptos falam, cheios de esperança, no Conselho Europeu de Churchill, constituido pelos ministros das relações exteriores dos Estados membros, ou pelos seus homens públicos mais representativos. Deverá haver, o mais cedo possivel, uma moeda comum, o uso comum das vias fluviais e a reunião dos recursos para o desenvolvimento dos projetos das usinas de força, uma união alfandegária para remover as barreiras ao comércio e pôr fim às restrições que agora barram o livre trânsito das pessoas. Com carvão, minérios de ferro, gêneros alimentícios e produtos manufaturados movimentando-se facilmente sobre trilhos, estradas de rodagem e águas interiores, a Europa tem todos os motivos para esperar erguer-se da sepultura fundamente aberta por séculos de divisão.

O plano atual para a União, tal como foi anunciado pelos líderes do movimento, exclue tanto a Inglaterra como a Rússia. A Grã-Bretanha tem a sua própria comunidade. A inclusão da Rússia deslocaria a Europa para o Pacífico, e o tamanho e a força da U.R.S.S., desproporcionalmente superiores, dariam lugar a um desequilíbrio completo do sistema.

Ambas, alem do mais, devem abandonar toda idéia de Estados títeres e de esferas de influência na Europa. A Federação é possivel se os Estados membros puderem agir com independência, e se seus governos exprimirem a vontade dos respectivos povos. A amizade da Rússia e da Grã-Bretanha é considerada essencial à Pan-Europa, mas não deve visar a outras vantagens senão a da segurança de vizinhos amantes da paz.

Que lhes poderia ser mais vantajoso? A Pan-Europa, sustentam seus adeptos, não podia oferecer a possibilidade de alimentar ambições imperialistas nem lançar uma guerra ofensiva, porque seu potencial militar seria estritamente limitado a fins defensivos. A Rússia poderia aliviar-se do receio do «bloco ocidental» e dedicar-se inteiramente ao desenvolvimento de seus formidaveis recursos. A Grã-Bretanha, não mais forçada a se precatar contra a Europa submetida ao domínio alemão ou russo, poderia devotar toda a sua atenção aos intrincados problemas do Império.

Os benefícios que adviriam para a América não são menos demonstraveis: um fim às guerras, às quais somos inevitavelmente arrastados, e uma Europa capaz de sustentar-se a si mesma, que os Estados Unidos podem ajudar na certeza de que o seu dinheiro e materiais serão destinados a um sólido alicerce.

Para o Presidente Truman, profundamente convencido de que a forma democrática de governo é a melhor do mundo, os argumentos a favor da Pan-Europa têm poderosa atração. A proposta de internacionalização dos caminhos fluviais da Europa talvez tenha sido o seu primeiro passo no sentido dos Estados Unidos da Europa, mas não será o último.

PARE E MEDITE

(Condensado do livro «Play»)

Pelo dr. Austen Fox Riggs

Viver intensamente, em alto grau de tensão, é prejudicial à saude tanto física como moral. A maioria das criaturas, no entanto, julga que só existem duas maneiras de se aproveitar uma folga: no trabalho ou na diversão e, em ambos os casos, empregando o máximo de energia. Raras vezes ocorre a um de nós que podemos empregar mais utilmente, na meditação, as pausas nos nossos afazeres diários.

Qual seria a nossa impressão ao vermos um homem sentado tranquilamente no saguão de um hotel ou numa sala qualquer—sem estar lendo, escrevendo, ou trabalhando—aparentemente desocupado? Julgaríamos logo estar à espera de alguem e provavelmente nos causaria dó o tédio que nele imaginamos. Não admitiríamos, com certeza, a idéia de que, apesar da aparência ociosa, estivesse, na realidade, entregue a uma função importante e agradavel, tal a de dar ao seu espírito ensejo para divagação e reflexão, afastando-se inteiramente do meio ambiente, dando asas aos seus pensamentos.

A meditação não só refresca e repousa, como tambem conserva as energias para futuras ações, auxiliando a manter uma vida equilibrada e maleavel, o que permite muitas vezes uma revisão de valores e, assim, a possibilidade de um ininterrupto desenvolvimento de todas as nossas energias interiores.

Não há necessidade de uma técnica especial ou definida. Trata-se simplesmente de libertar a própria mente, permitindo-lhe divagar em paz alem dos objetivos e das coisas chamadas «práticas». É uma questão de deixarmos fugir nossos pensamentos deliberadamente, afim de que descansem e se libertem das realidades menos importantes da vida de cada dia, provocando assim aquele estado de espírito em que instintivamente caimos, quando ouvimos boa música, observamos um pôr de sol ou apreciamos a grandiosidade das montanhas. A atitude é de admiração sem expectativa, de contemplação sem propósitos ou anseios.

Nada de físico existe nisso, exceção de um lugar razoavelmente confortavel para permanecer. Tãopouco há necessidade de ambiente especial, pois tornamo-nos a isso indiferentes, uma vez adquirido o hábito de concentração mental. Todavia, um ambiente tranquilo e aprazivel influe, e algumas vezes mesmo induz a um estado de espírito conveniente.

William James, grande psicólogo, recomendava a seus discípulos constante frequência às igrejas. Explicava ele que a prática de ir a um lugar calmo, convidativo à contemplação, auxilia o desenvolvimento de idéias e de pensamentos claros. Comparava a visita a uma igreja à experiência de uma pessoa que, acotovelada no meio do povo, sobe a uma elevação próxima, vendo, do alto, para onde se dirige a multidão; descendo,

deixa-se novamente empurrar, mas dessa vez é capaz de abrir caminho na direção conveniente. O mesmo exemplo poderia ele ter dado com referência à meditação. Ela nos eleva acima das considerações mesquinhas, de modo a conseguirmos distinguir o essencial do insignificante, tornando-se aparente o sentido espiritual da experiência.

Para iniciar o processo de meditação, basta apenas deixar correr a mente no rumo certo. Ela subirá por si, naturalmente, à procura do universal e do impessoal, em vez de descer e perder-se no egocentrismo.

Cansada de lutar com planos práticos e pensamentos específicos, o espírito abandona com surpreendente facilidade esse terreno limitado. A melhor maneira de se começar o processo é por meio de curtos períodos de concentração em alguma idéia geral e abstrata, como a beleza da natureza, a significação da verdade, o valor da coragem, o destino da humanidade, a imortalidade, ou qualquer um dos ensinamentos religiosos. Pode-se tambem tomar uma citação e deixar que ela própria, ou a idéia dela derivada, repouse na mente. Talvez uma nova interpretação se apresente, pois há quem diga que toda citação tem sentidos opostos e distantes. Assim orientados os pensamentos, deixemo-nos levar pela correnteza para onde quer que ela nos conduza. Tornemo-nos simples espectadores.

> EMBORA pareça excêntrico, não seria talvez má idéia a de se desligarem algum dia todos os telefones, pararem todos os motores e suspenderem todas as atividades durante uma hora, afim de dar às criaturas a oportunidade de se concentrarem por alguns minutos e considerarem a finalidade da vida e o que realmente ambicionam.
> —James Truslow Adams

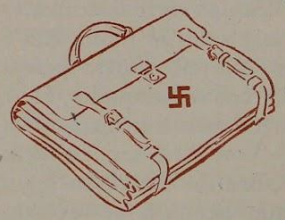
Em momentos de aflição, ansiedade ou qualquer perturbação emotiva, não há método mais seguro para se obter relativa calma. Alem disso, não conheço outro que seja mais econômico, em tempo e energia, em nos auxiliar a rehaver o controle do raciocínio, e do critério. A meditação, como meio de distração, está ao alcance de todos, independente da idade ou da experiência, e é parte integrante de uma vida bem orientada.

Jornalismo preguiçoso

¶ A 15 DE AGOSTO DE 1945, um jornaleco americano pôs na rua a sua única edição do dia, com um cabeçalho imenso: «ACABOU-SE A GRANDE GUERRA.» O noticiário propriamente dito, porem, não passava de um pequeno parágrafo, nestes termos: «Terminou ontem a maior guerra de que reza a história; os japoneses pediram paz. O Presidente dos Estados Unidos anunciou o acontecimento às 19 horas. Com certeza os leitores já se inteiraram dos pormenores, através das emissões de rádio.»

—*PM*

A história curiosa dum americano de origem sueca, em quem a Gestapo confiava e que os aliados incluiram na lista negra



O homem que comerciou com Himmler

por Edwin Muller

NO PRINCÍPIO da guerra o sr. Eric Erickson, de Estocolmo, foi posto na lista negra dos aliados, acusado de negociar com o inimigo e de auxiliar o esforço de guerra alemão. O serviço aliado de informações avisara que Erickson negociava em petróleo alemão, fazendo viagens regulares à Alemanha, e que mantinha relações íntimas com oficiais de alta patente da Gestapo.

Essa revelação foi um choque violento para a família de Erickson. Os seus amigos, todos a favor dos aliados, desviavam-se do seu caminho quando o avistavam. Sua mulher foi votada ao ostracismo. Apesar de cidadão sueco, Erickson nascera e fora criado em Nova York e formara-se em importante universidade americana. Recebia então cartas insultuosas da sua família americana. Nada, porem, o demovia.

Erickson era o tipo de caixeiro viajante americano, daqueles cuja carreira consiste em fazer relações, em tornar atraentes a si mesmo e aos produtos que vende. Escolhera o negócio de gasolina porque era empolgante e proporcionava-lhe a oportunidade de viajar. Passou anos no Oriente e mais tarde na Europa, a trabalhar para a Standard Oil e depois para a Texas Company.

A «gente da gasolina» das décadas de 1920 e 1930 era um grupo internacional. Um dos homens podia estar hoje em Xangai, no ano seguinte em Londres ou Teerã. Num ano trabalhava para uma firma; no outro fazia-lhe concorrência feroz. Americanos, ingleses, holandeses, alemães, todos viviam numa atmosfera de jogo de azar e de transações cujos cordões eram manejados através de fronteiras nacionais. Erickson foi nomeado diretor da Texas, na Suécia. Depois tornou-se cidadão sueco e fundou a sua própria sociedade para importar e vender petróleo americano.

Pouco depois de irromper a guerra, compreendeu que haveria oportunidade de fazer negócios com os nazistas. A Alemanha tinha, nessa altura, óleo para exportar e era absurdo supor que os aliados pudessem jamais prejudicar o abastecimento por meio de ataques aéreos. Por isso Erickson começou a relacionar-se com os negociantes alemães. Inscreveu-se na Câmara de Comércio Alemã de Estocolmo. Afastou-se da maioria dos seus amigos, mas manteve boas relações com o Príncipe Carl Bernadotte, sobrinho do Rei da Suécia. O Príncipe tambem lidava com os nazistas, fato, aliás, que indignava a maioria dos suecos.

Erickson sabia que Heinrich Himmler, famigerado chefe da Gestapo, tomaria as

decisões finais sobre a questão da gasolina. Desse modo, a pessoa em quem Erickson mais se concentrou foi Herr Finke, representante principal de Himmler na Suécia e fanático nazista. O ponto fraco de Finke era um snobismo sensivel à realeza. O Príncipe Carl contribuiu para entabolar as relações e Erickson cultivou-as. Em breve convidava Herr Finke para a sua residência no campo.

No entanto, houve pessoas cuja conquista não foi facil—especialmente Herr Ludwig, adido comercial à Legação da Alemanha. Esse não simpatizava com Erickson. Não obstante o desdem de Ludwig, Erickson obteve autorização de visitar a Alemanha na primavera de 1941, com cartas de apresentação de Finke e de outros.

No aeródromo de Bromma, nas imediações de Estocolmo, a partida do avião para Berlim foi sustada enquanto a polícia sueca ordenava a Erickson que saisse do aparelho. Rebuscaram-no minuciosamente, assim como a sua bagagem. Nada de suspeito encontraram, e foi-lhe dada autorização para seguir viagem.

Em Berlim, na manhã seguinte, um carro oficial veio buscá-lo para o transportar à sede da Gestapo. Alí travou conhecimento com dois homens que viajaram com ele no avião—dois agentes da Gestapo. Concordaram em que o incidente no aeródromo de Bromma fora obra de representantes dos aliados.

Erickson entrou em contacto com pessoal alemão ligado aos negócios de gasolina, principalmente em Hamburgo. Visitou nesta cidade as refinarias de petróleo, conversou com os diretores, discutiu termos de contratos. Tambem procurou encontrar alguns colegas que conhecia. Em primeiro lugar avistou-se com o Capitão von Wunsch, um Junker que fora educado em parte na Inglaterra e que tinha sido em tempos associado à companhia Shell. Como Erickson contava manter secretas as suas atividades, as conversas com von Wunsch foram absolutamente confidenciais. Um dia ele entregou a von Wunsch certo documento misterioso que este colocou numa lata e enterrou no seu quintal. Outra pessoa das suas relações era o banqueiro Herr von Stürker, pertencente a antiga família de Hamburgo. Von Stürker tambem recebeu um documento. Erickson fez o possivel para que nenhum destes dois homens o visse na companhia do outro.

Pouco depois de Erickson ter regressado à Suécia, iniciaram-se os primeiros fornecimentos de óleo. Foi nessa altura que os aliados o puseram na lista negra. Já então estava completamente alheado dos seus velhos amigos. Alguns até se levantavam e saiam dum restaurante quando o viam entrar. A sua mulher, que era sueca, sofreu intensamente. Era ainda anti-nazista; tinha, porem, de receber os novos amigos do marido.

Nos meses seguintes, Erickson realizou outras viagens à Alemanha e continuou a cultivar os seus amigos da Gestapo. Era convidado às suas casas e presenteava as esposas com manteiga, casacos de couro e outras preciosidades da Suécia. Continuava a fazer transações com outros homens da espécie de von Wunsch e von Stürker, apesar de se ter tornado mais dificil obter petróleo na Alemanha, em vista de se terem intensificado os bombardeios aliados. Uma vez, depois de ele ter inspecionado uma grande refinaria, o diretor convidou-o para jantar. Hesitou, mas foi-lhe dificil recusar. A refeição foi servida no escritório do diretor. Era perto da meia-noite quando os convivas se separaram, e pouco depois chegaram os bombardeiros aliados. Não ficou intacta uma só fábrica. Os aliados nessa altura

quase puseram fim ao negócio de Erickson com o inimigo.

O ataque aliado às fontes alemãs de petróleo era cada vez mais eficaz; no entanto, pelos fins de 1944, parte importante da indústria ainda funcionava. As reparações eram feitas com mais rapidez do que os aliados julgavam. Alem disso, muitas das refinarias tinham sido tão bem disfarçadas que ainda se encontravam intactas.

No outono de 1944 o esforço de guerra aliado avançava para a culminante batalha do Reno. Erickson tinha de agir depressa para poder fazer mais transações. Já havia muito tempo que desejava dar uma volta por toda a indústria petrolífera alemã. Era agora a ocasião. Considerou que era um desses casos em que o vendedor tem de chegar até ao chefe supremo—que nesse caso era Heinrich Himmler.

Preparou um plano grandioso para um «alto negócio». Propôs-se construir uma gigantesca refinaria de petróleo sintético na Suécia, que exigiria enorme capital, parte do qual seria sueca, e parte alemã.

Calculava que essa proposta agradaria aos alemães por duas razões. Em primeiro lugar seria uma fonte de gasolina para a Alemanha num país neutro, fora do alcance dos bombardeiros aliados. Alem disso, proporcionava a colocação de fundos nazistas num país neutro, se a Alemanha viesse a ser derrotada.

Erickson preparou um prospecto e levou-o a Finke, que ficou encantado. Os próceres nazistas demonstraram grande interesse. Havia, porem, uma voz dissidente—a de Herr Ludwig. Este sustentava que Erickson era um trapaceiro. Ludwig pertencia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, e era da facção de Ribbentrop. À medida que a guerra continuava, esse grupo se chocava cada vez mais com a Gestapo—isto é, com Himmler. Geralmente era este quem vencia. Assim foi que, nesse caso, Ludwig perdeu. Erickson era aceitavel, do ponto de vista da Gestapo, e foi-lhe aberto o caminho para se avistar com Himmler.

Era em outubro de 1944. Mais uma vez Erickson embarcou no avião em Bromma e sobrevoou as águas cinzentas do Báltico e as planícies tristes do norte da Alemanha até o aeródromo de Tempelhof. Ficou hospedado no melhor hotel de Berlim que não fora ainda desmoronado pelas bombas aliadas, e na manhã seguinte, grande automovel escuro, guardado pelo Gestapo, veio buscá-lo.

No quartel-general de Himmler, o chefe da Gestapo recebeu-o cordialmente. «Herr Finke falou muito bem a seu respeito.» Conversaram demoradamente sobre o plano da refinaria e acerca da necessidade de Erickson observar de perto o funcionamento das fábricas alemãs. Depois passaram a discutir outras questões.

«Que aconteceria,» perguntou Himmler de repente, «se a Wehrmacht invadisse a Suécia»?

«Os suecos haveriam de defender-se como leões,» respondeu Erickson.

Sabia que, para bem impressionar Himmler, não devia manifestar subserviência. E tinha razão. Da entrevista resultou a entrega dum documento único que lhe permitia ir a toda parte, e ver tudo o que se referia à indústria de petróleo. Deram-lhe um automovel e generosa ração de gasolina.

Erickson percorreu a Europa Central de Colônia a Praga. Inspecionou todas as grandes fábricas em Leuna, Annendorf, Halle. Falou com os diretores, verificou o que estavam fazendo e o que se propunham realizar. Tal como um cai-

xeiro-viajante em território desconhecido, estudou todos os aspectos do problema.

E levou os dados consigo para a Suécia.

QUANDO terminou a guerra, a Legação americana em Estocolmo ofereceu a Erickson um grande almoço. Foram convidados todos os seus velhos amigos, que beberam à sua saude e o felicitaram calorosamente pelo magnífico trabalho por ele realizado.

Pouco depois do início das hostilidades, um representante do serviço aliado de informações procurara Erickson, concordando este em ser espião, mas recusando qualquer remuneração pelos seus serviços. Fora incluido na lista negra a seu próprio pedido; o Príncipe Carl Bernadotte, com quem colaborara, era tambem agente dos aliados; o petróleo fornecido pela Alemanha era transferido para a Vacuum Oil e a British Petroleum e utilizado provavelmente contra os alemães. Erickson tivera de dar a von Wunsch, von Stürker e aos seus outros conhecidos cartas assinadas reconhecendo-os como colaboradores secretos dos aliados, para serem utilizadas a seu favor depois da vitória aliada. Cada um desses papéis era uma espada suspensa sobre a sua cabeça, de modo que perdia o sono sempre que se encontrava na Alemanha, passando as noites todas em claro, à espera da Gestapo e da morte.

Os dados que colheu—e os de outros empenhados nesse trabalho arriscado—foram valiosíssimos. Naqueles meses antes da batalha do Reno, atingiu o auge a ofensiva contra o petróleo alemão. Os pilotos aliados conheciam a localização exata das refinarias, grandes ou pequenas. No dia em que uma nova fábrica se acabava de construir, já a tinham marcada no seu mapa e podiam dirigir-se diretamente para ela, por melhor camuflada que se encontrasse. Sabiam onde se achavam as pistas dos aviões de caça, as baterias anti-aéreas e as instalações de cortinas de fumaça que as defendiam. Depois de terem bombardeado uma refinaria, sabiam muito bem quanto tempo levaria a sua reparação. No dia calculado para recomeçar a produção, lá estavam os pilotos outra vez.

O abastecimento de combustivel à Wehrmacht e à Luftwaffe ficou reduzido à sua expressão mais simples. Quando se iniciou o grande assalto final, muitos tanques alemães, sem gasolina, ficaram parados e inuteis; muitos aviões se conservaram em terra por falta de combustivel.

Os aliados cumpriram as promessas feitas por Erickson a von Wunsch, von Stürker e outros. Herr Ludwig, porem, está prisioneiro, com vagar de sobra para pensar na opinião que formara a respeito de Erickson. Herr Finke foi finalmente capturado, depois de andar disfarçado muitos meses na Dinamarca, sob um nome falso.

E agora o «caixeiro-viajante» Erickson regressa muito satisfeito ao seu antigo entusiasmo—o negócio de petróleo, em consórcio com os negociantes desse produto, de Teerã até Londres. Atmosfera palpitante de grandes negócios. Verdadeira aventura.

¶ O HOMEM foi dotado de imaginação, para compensá-lo do que ele não é, e de senso de humor, para consolá-lo do que ele é.

—*Wall Street Journal*

Algo de novo se fez em prol do ensino rural

A hora dos pais na escola rural

(Condensado do «Country Gentleman») Por Arthur Bartlett

TERMINARA o dia escolar e a criançada deixava o grande e sólido prédio, correndo para os ônibus. Num edifício do outro lado do recreio, porem, cerca de vinte ou trinta camponesas encontravam-se ainda em classe. E, na sala de equipamento agrícola, o professor de agricultura vocacional fazia os preparativos necessários do curso noturno para um grupo de lavradores.

Adultos na escola?

De certo modo, sim. As mulheres lá vão aprender a enlatar conservas. Mais tarde viriam os homens para examinar e consertar seus utensílios agrários. Modernas instalações para enlatamento, bem como uma excelente oficina, proporcionavam-lhes todas as facilidades.

A escola em questão era numa pequena cidade americana, lugar histórico e centro de movimentada região agrícola, onde predominava o plantio de fumo. O mesmo, entretanto, está-se passando em centenas de outras comunidades rurais. Os educadores americanos chamam a esse novo projeto «educação de adultos», o que não deixa de ser verdade. As aulas são todas dirigidas por técnicos e os interessados matriculam-se devidamente. Pareceu-me estarem todos à vontade, fazendo simplesmente o que achavam que deveria ser feito—isso em todas as escolas do gênero que visitei.

O movimento teve início em 1940 como projeto para educação de adultos, com verba dada pelo Congresso ao Ministério da Educação dos Estados Unidos, afim de se divulgar instrução, entre os adultos nas zonas rurais, para trabalho nas fábricas de material bélico. Algum tempo depois, quando se fez sentir a escassez de mão de obra nas fazendas do país e se tornou dificil a aquisição de máquinas agrícolas novas, o programa foi modificado para que pudessem os fazendeiros conservar os seus apetrechos, de maneira que durassem mais.

Praticamente todas as escolas com cursos de agricultura vocacional já possuiam instalações adequadas; foram fundados, porem, onde se julgava conveniente, novos centros de ensino. Aplicaram-se verbas especiais na obtenção do equipamento necessário para os cursos de conservas.

Com a terminação da guerra esgotou-se essa fonte de financiamento, por parte do governo federal. Não obstante, os fazendeiros e suas mulheres continuam a frequentar com regularidade as respectivas aulas. Os dirigentes das escolas estaduais e rurais estão presentemente dando todo o seu apoio a esse movimento, que é em algumas localidades subvencionado pelos próprios interessados.

Em certa localidade, cem fazendeiros

contribuiram para a criação de um fundo de garantia, estabelecendo regras para a eficiência dessa organização. A direção é composta de seis membros, sendo três do diretório escolar e três fazendeiros; foi tambem contratado um instrutor, muito bem remunerado.

Em determinado Estado, os fundos necessários são obtidos por meio de dotações orçamentárias, estaduais e municipais. Durante o ano de 1945, o número de aulas dedicadas ao enlatamento de conservas elevou-se de 122 a 151 e os cursos de trabalhos de oficinas subiram de 194 a mais de 200.

Constatei alguns casos típicos. Estava certa vez com um professor de agricultura vocacional, observando uma seção composta somente de máquinas próprias para trabalhos em madeira—tornos, plainas e brocas. «Isto constituia toda a nossa oficina alguns anos atrás,» comentou ele. «Atingiu mais do dobro. Foram feitos dois aumentos.» Alem das máquinas a que me referí, possue a oficina presentemente um equipamento mecânico muito variado.

Noutra cidade, encontrei os alunos da oficina empregados nos mais variados serviços, estando um fazendeiro, por exemplo, ocupado em afiar sua enxada enquanto outro consertava um espalhador de cal. Alem do professor havia um mecânico da localidade fazendo as vezes de instrutor, auxiliando no momento o conserto.

«Mais de 80 pessoas frequentam esta oficina,» disse-me um dos professores. «No ano passado trouxeram uns duzentos aparelhos diferentes para exame completo e limpeza ou apenas para pequenos reparos. Aquí se fazem tambem carrosserias, mangedouras automáticas para porcos e coisas semelhantes.»

O lado social dessas atividades tambem constitue grande atração. Contam-se anedotas, há oportunidades para troca de idéias sobre os diversos problemas e meios para se ajudarem uns aos outros.

Os alunos de agricultura vocacional de uma de tais escolas encarregaram-se da construção do anexo e da instalação do novo equipamento mecânico. Nas épocas de matança, ajudam no corte e no preparo da carne para enlatamento e as alunas de economia doméstica assistem a demonstrações práticas sobre a conserva de produtos alimentícios. Para esses jovens é um incentivo verem o quanto os mais idosos aproveitam as oportunidades que lhes são oferecidas.

«Estou nesta região há quinze anos,» disse-me um diretor da escola pública local, «e nunca tivemos tanto apoio como desde a abertura dos cursos para adultos. A escola tornou-se o verdadeiro centro da comunidade. Pais e mães verificaram quanto eles próprios podem aprender na escola—lições práticas e simples, relativas ao seu trabalho—e estão adquirindo uma nova concepção, um novo respeito por tudo o que o ensino possibilita. Essa atitude reflete-se na frequência escolar dos filhos, para os quais desejam todos os benefícios de uma instrução sólida.»

«Mais ainda,» continuou, «maior número de pessoas passa a se interessar pelos planos de melhoramento do ensino. Há um membro da nossa diretoria que se opunha sistematicamente a todas as propostas para obtenção de recursos. Não se aproximava sequer da escola e estava sempre se referindo a *luxos* e *despesas absurdas*. Para ele não havia diferença entre uma boa escola moderna e a escolazinha antiquada de uma única sala com professor mal pago. Usa agora a oficina com regularidade e naturalmente mudou de opinião, tendo-se tornado o mais enérgico defensor com que conta a escola no

diretório. Chega mesmo a ser o primeiro a fazer sugestões.»

Outro se expressou da seguinte maneira: «Tenho lido muito a respeito das deficiências das escolas rurais e sentia-me às vezes bastante envergonhado. Ao verificar, no entanto, o entusiasmo com que está sendo aceita a extensão do serviço escolar, não posso deixar de considerá-lo como um bom sinal do nosso progresso.»

Instantâneos de Hollywood

¶ Pete Smith, que se especializa em pequenos filmes humorísticos, conta, com a cara mais séria do mundo, que certo dia um mendigo lhe pediu 30 centavos, explicando que 5 eram para uma chícara de café, e os outros 25 para comprar um hipnótico, pois o café lhe fazia perder o sono...

¶ Da seção «social» dum matutino de Hollywood: «Na recepção que Marlene Dietrich deu ante-ontem em sua casa, um dos convidados foi seu marido, sr. Rudolph Sieber.»

¶ —Dá licença, meu bem? Preciso ir embora correndo, disse a atriz ao seu companheiro. —Hoje é aniversário de mamãe. Ela está fazendo 40 anos.

—Então vá, querida, respondeu ele. —Mas eu não sabia que V. e sua mãe eram gêmeas.

—Lowell E. Redelings, no *Citizen-News* de Hollywood

¶ Certo diretor de cinema, sr. John Cromwell, é dessas pessoas conservadoras que acreditam que quem é bom já nasce feito. A propósito, conta ele a história de um ricaço que conhece, o qual, em sua meninice, entrou certo dia num sítio onde se vendiam melões, e perguntou qual era o preço de um dos grandes.

—Quarenta centavos, respondeu o proprietário.

—Eu só tenho quatro centavos.

—Bem, nesse caso, prosseguiu o outro, piscando maliciosamente, porque você não leva este? E mostrou uma frutinha ainda verde, pequena, pouco atraente.

—Ótimo! Levo esse então, respondeu imediatamente o menino. —Mas pode deixá-lo aí no pé mesmo. Venho buscá-lo daquí a uma semana.

¶ Há pouco tempo, o tesoureiro de uma cadeia de cinemas na Califórnia foi assaltado e roubado, e no dia seguinte os jornais noticiaram que os ladrões lhe haviam furtado todo o dinheiro que levava na carteira: tratava-se, diziam os matutinos, da modesta quantia de 15 dólares. Imediatamente o presidente da companhia de cinemas mandou distribuir uma circular entre os seus gerentes: desse dia em diante, nenhum gerente tem licença de andar com menos de 150 dólares no bolso. Afinal de contas, havendo novo assalto, não ficaria bem que os bandidos furtassem quantia tão pequena...

—*Your Life*

Uma das maiores invenções conseguidas durante a guerra, com extraordinária repercussão no período de paz, resume-se num fragil instrumento que cabe na palma da mão

Entramos na era das micro-ondas

(Condensado do «Scientific American»)

por Harland Manchester

À SOMBRA das cortinas do serviço de censura em vigor durante a guerra, centenas de cientistas americanos e ingleses concentraram os seus esforços em elevar a radiodifusão aos píncaros do reino das irradiações ultra-curtas, intituladas «micro-ondas». Essa nova alta frequência tornou possivel a invenção de um acervo dos magníficos aparelhos de radar, cujos maravilhosos resultados ainda hoje parecem fantásticos: aviões inimigos que passaram a ser identificados a 350 quilômetros de distância; bombas-voadoras germânicas localizadas e destruidas por canhões guiados pelos instrumentos de radar; aviões de bombardeio a lançar as suas poderosas bombas exatamente sobre as fábricas inimigas, através de densas nuvens ou espesso nevoeiro; navios de guerra afundando belonaves do inimigo nas trevas da noite; e até mesmo tempestades que passaram a ser localizadas horas antes dos primeiros pingos de chuva começarem a cair.

Em tempo de paz as micro-ondas estão predestinadas a feitos ainda mais espetaculares. As várias redes de instalações que ora estão sendo erigidas para irradiá-las tornam possivel as admiraveis previsões que se seguem:

a)—As ligações telefônicas, mesmo quando feitas por centenas de milhares de pessoas ao mesmo tempo, poderão usar a mesma faixa de ondas, sem a necessidade de fios, postes ou cabos. b)—A possibilidade de, numa mesma cidade, os seus cidadãos terem cada um a sua própria frequência de rádio sob a qual possam ouvir vozes, música e apreciar televisão, bem como fazer chamadas telefônicas para qualquer parte do seu país usando tão somente o disco do telefone. c)—A abolição integral da estática e de qualquer outra interferência das instalações elétricas adjacentes, ou de outras estações de rádio. d)—Haverá cem vezes mais «espaço no ar» do que nas faixas comerciais comuns da atualidade. e)—A criação de um serviço de televisão de primeira ordem e em cores. f)—Finalmente (o que é ainda mais importante), uma rede de radar estendida por todo um país, devidamente engrenada com a televisão, com o objetivo de regular o tráfego aéreo e fornecer instantaneamente informações atmosféricas visuais aos vários aeródromos.

Nem todas essas inovações surgirão ao mesmo tempo, mas as pesquisas feitas durante a guerra tornaram-nas exequiveis e muitas estarão em funcionamento muito antes do que se julga.

O nervo motor do desenvolvimento das micro-ondas tem sido o Laboratório de Radiações que o Instituto de Tecnologia de Massachusetts fundou em novembro

de 1940. Do seu pessoal, composto de 3.800 cientistas, engenheiros e assistentes, fazem parte vinte por cento dos mais eminentes físicos dos Estados Unidos.

O radar estava ainda na sua infância. Os cientistas sabiam então que certas ondas de rádio extremamente delicadas, que surgiam perto da parte visivel do espetro, apresentavam propriedades curiosas. Por exemplo, essas ondas não seguem a curvatura da terra e, consequentemente, não podem, por assim dizer, viajar para alem dos horizontes, tal como se verifica com as ondas mais longas irradiadas pelas estações comerciais comuns. Ora, desde que elas se encontram perto da faixa de luz visivel do espetro, agem de maneira semelhante à da luz. Destarte, essas ondas ultra-curtas, ou micro-ondas, não podem atravessar corpos sólidos, sendo refletidas pelos mesmos. Dessa maneira, quando uma montanha, um edifício, etc., se encontram em seu caminho, uma como que «sombra de rádio» é emitida pelo obstáculo. Essas ondas não se irradiam para todos os lados livremente quando são transmitidas por antenas, razão por que têm que ser irradiadas através de tubos, podendo ser dirigidas somente até determinada extensão. Finalmente, as micro-ondas podem ser emitidas como se fossem um raio de luz, com direção bem definida, tal como se verifica com a projeção de um holofote.

AS MARAVILHOSAS possibilidades das «micro-ondas» já foram admitidas e identificadas, mas o aparelhamento para o seu uso ainda está para ser criado. A solução para esse problema se encontra na aplicação de um aparelho minúsculo, de aparência enganadora, chamado «magnetron», o qual pode com propriedade ser classificado como um dos grandes inventos da guerra.

Esse aparelho metálico, tão pequeno que cabe na palma da mão, foi construido pelos físicos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, e depois trazido para os Estados Unidos nos princípios da guerra. Os cientistas do Laboratório de Radiação, trabalhando em cooperação com os engenheiros de algumas empresas particulares, fizeram com que o «magnetron» se tornasse, em breve tempo, a parte vital do moderno radar. O aspecto mais curioso do «magnetron» é uma série de perfurações existente na gola metálica que cerca a sua fonte de energia. Através desses furos passa uma corrente de eletrônios, a qual produz vibrações de alta frequência, tal como se verifica quando se sopra um apito de pequena cavidade, produzindo-se um som agudo de alta tonalidade. Esses furos emitem ondas de dois centímetros apenas, as quais podem ser dirigidas com precisão a grandes distâncias, em jactos tão finos como um lapis. Quase todos os instrumentos radar, aos quais se devem, em grande parte, o encurtamento da guerra e o salvamento de milhares de vidas, foram baseados nessas «micro-ondas» altamente dirigiveis. Esses instrumentos demonstraram depois ter as mais variadas aplicações. Por exemplo, quando o dr. Donald Kerr, do Laboratório de Radiação, se dedicava, certo dia, a experiências com um aparelho de radar, em março de 1942, notou na tela a presença de «ecos» desagradaveis representados por imagens vagas e vaporosas, as quais não podiam ser provocadas por aviões ou outros objetos sólidos. Chegou à conclusão de que essas imagens representavam a presença de nuvens carregadas de eletricidade, tendo então comunicado à Aviação Militar Americana o fruto de suas observações. Os pilotos verificaram logo depois a exatidão desse parecer, fa-

zendo vôos até a região em que encontravam a trovoada prevista. Em vista disso, a aviação passou a usar o radar de micro-ondas para a localização de tempestades nas zonas do Pacífico.

Meses antes que sobreviesse a paz, diversas das mais importantes companhias fabricantes de material elétrico e de rádio-comunicações dos Estados Unidos já requeriam à Repartição Federal de Comunicações a necessária licença para construir uma rede de instalações transmissoras de televisão, radiotelefonia, etc. Muitas delas estão agora em acabamento, havendo acesa disputa para a aquisição de cumes de colinas apropriadas, onde os feixes das micro-ondas possam ser captados e retransmitidos para a própria estação de revezamento.

A primeira etapa do esperado sistema nacional de micro-ondas, ligando Nova York a Boston, está agora sendo completada por uma companhia especializada. Entre as citadas cidades serão construidas, no alto de colinas, seis torres de revezamento, distantes cerca de 60 km uma da outra. Essa mesma empresa decidiu ultimamente prover os Estados Unidos de redes de micro-ondas em número suficiente para servir a todos os centros populosos e a muitas zonas rurais.

As MICRO-ONDAS podem, até a certa frequência, ser transmitidas pelas instalações elétricas subterrâneas. Há muitos anos que uma grande firma americana vem trabalhando num sistema de cabos subterrâneos para a transmissão a longa distância de ondas que sejam curtas demais para serem transmitidas por fios expostos. Por meio desses cabos, poderá haver centenas de chamadas telefônicas simultâneas, bem como a televisão, rádio de frequência modulada e outros serviços.

Nesse ínterim, outras empresas estão levando avante o mais sensacional de todos os planos. Montarão estações de revezamento de televisão em aviões, os quais, voando a grande altura, impregnarão o país com programas irradiados de estações instaladas no solo. A maioria das estações de micro-ondas terrestres podem irradiar apenas até um raio de 80 quilômetros. Um avião, todavia, a dez quilômetros de altura, voando, por exemplo, sobre Chicago, poderá atingir uma vasta área abrangendo vários Estados. Quando as irradiações da televisão e do rádio de frequência modulada passarem a ser feitas do ar, não poderá haver os tais «ecos» ou «sombras», de que falamos.

Três grandes firmas, de renome internacional, estão, por sua vez, verificando a possibilidade de se usarem dirigiveis sem tripulação, manejados de terra por meio de estações de radar. Esses balões serão instalados na estratosfera, sobre o Atlântico, afim de servirem de estações de revezamento no serviço de micro-ondas.

Um industrial predisse que as redes de estações de revezamento de micro-ondas a serem instaladas trarão grandes vantagens ao comércio. Citemos ao acaso o seguinte exemplo: atualmente, os homens de negócios e das profissões liberais são forçados a fazer constantes viagens a cidades distantes para assistirem a conferências que às vezes mal duram uma hora. Com o advento da televisão, as pessoas interessadas poderão discutir «face a face» a milhares de quilômetros de distância.

OUTRO processo de utilização das micro-ondas, intitulado «pulsação modulada», tambem terá que ser levado em conta. Na primeira demonstração pública desse processo, 24 jornalistas entraram em 24 cabines de telefone e fizeram as suas chamadas. As suas conversações, feitas ao mesmo tempo, foram transmitidas em completa mistura numa mesma faixa de onda através de uma rede de estações revezadoras de micro-ondas que se estendiam por 140 quilômetros, as quais retransmitiram de volta para outra série adjacente de 24 cabines. Nestas, outras pessoas entabolaram então animada palestra, feita de forma clara e perfeitamente inteligivel. Esse feito magnífico foi conseguido por meio da aplicação de uma nova válvula denominada *Cyclophon*, no interior da qual girava um interruptor eletrônico em torno das terminais dos 24 telefones, interferindo nas conversações e catando partículas de som na razão de oito mil vezes por segundo. Essas partículas eram depois eletronicamente numeradas, catalogadas e atiradas novamente no ar, para serem reagrupadas e postas na devida ordem na outra extremidade. Os hiatos entre os sons são tão rápidos que não podem ser notados pelo ouvido humano.

Qualquer número de telefonemas, até 250, pode ser operado por esse sistema, e, quando houver número suficiente de estações de revezamento, as conversações poderão ser feitas tão facilmente numa distância de cinco mil quilômetros, como numa de cem.

Esse processo pode tambem transmitir simultaneamente uma dúzia ou mais de programas musicais. Isso significa que uma única estação poderá irradiar todos os programas de inúmeras cidades, trazendo assim uma grande economia de material. Os aparelhos receptores domésticos, que ora são dotados de sintonizadores para um único tipo de ondas, terão que dispor de novo tipo de seletor afim de poder apanhar todos os programas. O processo a que nos referimos torna igualmente possivel a transmissão das imagens da televisão e dos seus respectivos sons exatamente na mesma faixa de ondas.

Por insistência da Repartição Federal de Comunicações do governo americano, todas as redes de micro-ondas que ora estão sendo construidas no país deverão ser consideradas como «experimentais», embora o êxito final pareça mais que garantido. Os dados obtidos pela citada repartição serão, dentro de um ano ou pouco mais, suficientes para que a mesma possa estabelecer as taxas e distribuir as esferas de atividades das várias empresas. Várias pessoas entendidas no assunto, tendo observado os inúmeros planos ora em andamento para a aplicação das micro-ondas, receiam que, em virtude da falta de um plano de coordenação, venha a surgir no país um aglomerado de redes transmissoras inteiramente desconcatenado, tal como se fosse uma dúzia de estradas de ferro cada uma com uma bitola diferente. Destarte, um plano de padronização torna-se imperativo.

Seja como for, o objetivo final terá que ser atingido e, em dia não muito remoto, as ondas micro-curtas virão a produzir profundas repercussões em nossos hábitos e em nossa maneira de viver.

¶ DEIXAR de fumar é a coisa mais facil que já me foi dado fazer. E falo com conhecimento de causa, pois já abandonei o cigarro, definitivamente, umas mil vezes...

—Mark Twain, citado na revista *Coronet*

O espírito de uma nação é unicamente o reflexo de atitudes individuais.
Todos devem colaborar para elevá-lo

Sobrevivem os preconceitos raciais

Condensado de um discurso pronunciado no Forum do «Herald Tribune» de Nova York

Pelo Sargento Ben Kuroki — *Primeiro japonês-americano a receber a «Cruz de Mérito» da aviação, na luta contra o Japão*

O JAPÃO é a terra dos meus antepassados, mas nunca tive desejo de visitá-lo. Nasci numa cidade chamada Hershey, no estado de Nebrasca, nos Estados Unidos. Fica perto do rio Platte e a vinte quilômetros da estrada de rodagem de North Platte. Lá temos uma fazenda: meu pai, minha mãe, meu irmão George e eu. Nossa plantação consiste de beterrabas e batatas.

Nunca viajei muito. De vez em quando ia pescar nos rios do Colorado, ou ia a Chicago visitar minha irmã. Alimentava uma vaga esperança de que algum dia chegaria até Nova York, mas nunca tive em mente visitar Tóquio.

No dia seguinte ao ataque a Pearl Harbor, meu irmão mais moço e eu percorremos 250 km de automovel, para nos alistar. No trem que tomamos para a vila militar, alguem, num grupo, encarou-me e disse, de modo que eu pudesse ouvir: «Que é que esse japonês está fazendo no Exército?» Fiquei aniquilado. Vindo de uma cidade onde conhecia todos, compreendí subitamente que, sem consideração ao lugar onde nascera ou ao que se passava no meu coração, para aquela gente eu continuaria sendo um estrangeiro. Até o momento de chegar ao acampamento, todo o mundo me fitava. Nunca esquecerei aquela viagem.

Fui designado para a Aviação Militar, e candidatei-me a qualquer posto onde pudesse voar. Não sei como, meus papéis se extraviaram; sempre pareciam estar perdidos ou retidos em algum lugar. Quando fui finalmente enviado para o estrangeiro, deram-me uma função burocrática no 93º Grupo de Bombardeiros.

Isso tudo aconteceu naqueles dias em que as coisas não iam muito bem na Inglaterra. Aviões do tipo «Liberator» eram abatidos como moscas e havia falta de metralhadores. Certo dia li a respeito de uma organização chamada «Filhos e Filhas do Oeste Dourado», cuja finalidade era isolar todos os nipo-americanos num buraco qualquer. O artigo só faltou enlouquecer-me. Apresentei-me como voluntário para metralhador, e após cinco dias de treinamento meu grupo foi enviado para a África.

Cumprí minha primeira missão sobre Bizerta, em que nosso metralhador foi atingido, tomando eu, então, o seu lugar. Os objetivos que se seguiram foram duros—Nápoles, Wiener-Neustadt, Roma. Tínhamos um ditado corrente: «A caminho do alvo, estamos voando para Tio Sam; na volta, para nós mesmos.»

Minha vigésima-quarta missão foi contra Ploesti—o primeiro reide em vôo baixo sobre aquele alvo. Era o inferno.

Da minha esquadrilha composta de nove aviões, somente dois voltaram.

Terminada minha série de missões, o meu grupo estava indicado para regressar aos Estados Unidos, mas candidatei-me a permanecer e tomar parte em cinco mais. Meu irmão mais moço ainda estava na América e eu queria completar cinco missões por ele.

Meu último objetivo foi Münster, onde um projetil rasgou a torre em que eu estava, o vidro cortou meu rosto e a explosão inutilizou minha máscara de oxigênio. Um metralhador chamado McConnel manteve outra máscara de oxigênio contra o meu rosto, e assim me saí bem.

Depois disso voltei para os Estados Unidos e regressei a meu torrão natal. Sentia-me como uma criança em dia de Natal. Todo o mundo olhava para minhas fitas de campanha e apertava minha mão. Era uma maravilha saber que todos compreendiam o que eu fizera, e que eu era respeitado por isso.

Quando me apresentei ao Exército na Califórnia, pediram-me para tomar parte num programa de rádio. Aí mesmo é que me sentí importante. Convidei alguns dos companheiros para assistirem ao programa. Mas, uma hora antes da irradiação, comunicaram-me que não poderia ocupar o microfone. Não importava que tivesse recebido duas condecorações. Eu era nipo-americano e daí poderiam surgir protestos...

Talvez tivesse sido nessa ocasião que me veio a idéia de que a guerra não terminara para mim. E, ao chegar a Denver, fiquei certo disso. Ia entrando num taxi-lotação, já ocupado por um passageiro, quando este exclamou, irritado, que se recusava a viajar com um japonês. Tinha na ocasião o meu emblema de aviador e as minhas fitas de campanha, mas nada disso adiantou. Quase chorei de fúria.

Depois do incidente, meu único objetivo era Tóquio. Queria voar num B-29 e durante três meses a fio ouví recusas sobre recusas—era impossivel, diziam, o regulamento proibia, etc. Mas tambem encontrei uma porção de pessoas no país inteiro certas de que, devido à minha atuação, eu devia ser julgado digno de confiança. Interessaram-se pelo meu caso e breve me encontrava treinando para os B-29. Ganhei novamente um pouco de coragem, ao encontrar gente que não julgava um homem pela nacionalidade dos seus avós ou pela côr da sua pele.

Levantamos vôo de um aeródromo de Tiniã. Cumprí 28 missões no Pacífico, sobre Cobe, Osaca e finalmente Tóquio. Cheguei até a dar uma olhadela na cidade onde nascera minha mãe: Iocoama.

Quando os rapazes do meu grupo souberam que eu já havia estado na Europa, pensaram que eu era louco por me ter apresentado novamente. Costumava brincar com eles, dizendo que as comunicações com o Japão tinham sido interrompidas e esta era a única maneira de visitar o meu tio Nagasaki... Pouco comentava sobre as verdadeiras razões que me levaram àquele ato.

Mas fui para a guerra não somente para lutar contra as idéias fascistas da Alemanha e do Japão, mas tambem contra alguns americanos que não entendem os princípios de liberdade e igualdade sobre os quais o seu país se ergueu.

Não sou autoridade. Nada sei que nenhum outro rapaz de meu Estado ignore. Mas isto eu sei: lutei com uma porção de homens nesta guerra, americanos de várias origens—um metralhador polonês, um engenheiro judeu, um bombardeador alemão e um índio *dakota*. Vi homens feridos, e, fosse qual fosse o país de onde tivessem vindo os seus avós, seu

sangue era sempre da mesma côr. E, fosse qual fosse a sua igreja, os seus gritos de dor soavam do mesmo modo.

Cumprí 58 missões de bombardeio, e ainda me sinto tão cansado que minhas mãos tremem e eu ainda durmo mal. Gostaria de regressar a Nebrasca, deitar-me debaixo de uma árvore qualquer e descansar. É duro chegar à conclusão de que para nós a guerra não terminou. Para nós, judeus-americanos, ítalo-americanos, negros americanos, nipo-americanos, enquanto existirem ódios e preconceitos, a nossa luta continuará.

> *«Avalia-se uma democracia pela média de liberdade de seus mais humildes cidadãos.»*
>
> *—John Galsworthy*

Na escola onde estudei ensinaram-me, entre outras coisas, que os Estados Unidos são um país onde não é a raça nem a religião que torna o homem livre. Foi por isso que fui a Tóquio. Para lutar por um país onde liberdade não seja questão de côr e sim um sistema de vida para o qual todos os homens sejam iguais.

Coisas dos Estados Unidos...

¶ Com o fim de evitar que a meninada sujasse as suas vitrines, por ocasião de uma festividade pública, os negociantes de uma cidade americana decidiram, há alguns anos, oferecer prêmios para os melhores desenhos, feitos a sabão, nas vidraças de suas lojas. O plano não somente deu os resultados desejados, bem como serviu para descobrir talentos. As vitrines atraiam multidões—e há pouco tempo apareceram dois desenhos tão belos que o povo da cidade financiou a matrícula dos seus autores numa escola de belas artes.

¶ Em certa cidade pequena, a polícia recebeu, com bastante espanto, uma chamada telefônica de uma senhora queixando-se de que seu filhinho de três anos não queria dormir. Pedia, então, à polícia, que enviasse à casa dela um guarda-civil para assustar o menino...

—AP

¶ Uma agência distribuidora de notícias enviou certa vez, a um pequeno jornal do interior, uma fotografia de conhecida granfina, louríssima. No verso do retrato, via-se este recado: «Ao publicar esta foto, escureçam o cabelo, pois a *respectiva* já é morena outra vez.»

—Neal O'Hara

¶ Agitado, o homenzinho embarafustou pelo distrito policial a dentro, e se dirigiu apressadamente ao comissário; apontando para uma senhora que o seguia, explicou: «Minha mulher não me deixa em paz, e eu queria que os srs. me dessem licença para dormir no xadrez.» Conseguiu o que queria...

—AP

Antes de advogar a industrialização da China deve-se procurar conhecer os costumes e as tradições do país

Será lenta a industrialização da China

(Condensado de «Fortune») *Por John Earl Baker*

Foram necessários cem anos, para que se realizasse a transformação industrial dos Estados Unidos. No entanto, pergunta-se com insistência, hoje em dia, se a China poderia, numa década, fazer a sua transformação da fase rural para a industrial. Uma cogitação mais lógica, porem, procuraria precisar com que rapidez pode a China realizar essa mudança no seu *modus vivendi*.

Os americanos, em geral, desejam que os chineses desfrutem das mesmas vantagens que eles têm: minas de carvão, represas hidráulicas, manufatura de aço, fábricas de motores, etc. Mas, na realidade, é menos importante planificar a construção de fábricas, e usinas hidráulicas, do que estudar as condições locais da China e determinar as obras que precisam ser atacadas em primeiro lugar.

Poucos americanos têm tido contacto mais íntimo e continuado com os problemas de modernização da China, do que o dr. John Earl Baker. Já em 1912, era ele contratado pelo governo chinês como consultor técnico em transportes e administração ferroviária, posto que, com intervalos, tem ocupado a partir daquela data. Alem disso, o dr. Baker vem dirigindo quase todos os importantes comitês de socorro à China, nos tempos de fome e inundações, tendo contribuido assim para o salvamento de milhões de chineses. Serviu tambem como consultor financeiro e inspetor geral da famosa Estrada da Birmânia, e é atualmente membro da UNRRA.

À primeira vista, o que logo ressalta são os obstáculos. A China não é um país de grandes cidades; ao contrário, compõe-se de aldeias e pequenas granjas, onde vivem uns 85 por cento da sua população, cujo feitio é de todo patriarcal. A voz do chefe da família é lei. A criança é ensinada desde pequenina a respeitar e obedecer os mais velhos, e uma aldeia vem a ser, com efeito, uma só família.

Quase todas as disputas e pendências, na China, são resolvidas por meio de julgamentos improvisados, em que o povo faz as vezes de jurado. Logo que ouve uma altercação, o estrangeiro curioso para, afim de ver o que há. Em pouco, alguem sugere uma solução conciliatória, e outros contribuem com uma terceira sugestão. E, de feito, encontra-se logo uma solução, que é aceita pelos contendores, pois os chineses são instintivamente propensos a acatar a decisão desses julgados em público. E, como se vê, havendo tais julgamentos na rua, é raro que as desavenças precisem de ser levadas aos tribunais regulares.

Antes da implantação da República, não havia em toda a China codificação de leis, regendo-se a nação por antigas tradições e éditos imperiais. Era inconcebivel, para o chinês, que alguns letrados, estudando certos aspectos da conduta humana, es-

crevessem regras que em todas as ocasiões servissem de corretivo aos indivíduos. Implantada a República, foram promulgados códigos de leis, mas ainda hoje os magistrados se sentem mais inclinados a decidir dos casos segundo antigos costumes chineses, do que pelo que a lei especifique.

E, com efeito, é por essa norma que se orientam todos os negócios. Por exemplo, nos paises ocidentais, a maior parte das transações comerciais estão adstritas à letra dos contratos lavrados entre as partes. Usando de esperteza, há certos indivíduos que seguem à risca a letra do estatuido, porem fogem, por conveniência lucrativa, ao seu princípio.

Na China, entretanto, um contrato é tido mais como simples *aide-mémoire*, do que como um instrumento de obrigações, pois o acordo não atinge a sua finalidade com a mera assinatura do contrato: e sim quando os contratantes, olhando-se com sinceridade, chegam naturalmente a mútua compreensão. Se subsequentemente as condições mudarem, chegando a tal ponto que a manutenção do acordo traga vexames a uma das partes, é natural e de praxe fazer-se uma revisão dos termos do contrato, afim de que as partes fiquem novamente em igualdade de condições. E quem quer que se recuse a fazer tal reajuste é tido logo como inimigo, um oportunista,—pois a equidade e a praxe, e não simplesmente as leis, são em muitos casos a base das transações na China.

Os chineses, que carecem de tribunais eficazes, dispõem de um código de etiqueta tão respeitado entre eles como os Dez Mandamentos dos cristãos. Certa vez, conseguí evitar que um grupo de bandidos se apoderasse do meu automovel, da gasolina e da minha bagagem, simplesmente pelo fato de, todo cerimonioso, dar o meu cartão ao chefe da quadrilha e convidá-lo a tomar chá comigo. Tendo sido tratado assim, com a dignidade de um cavalheiro, ele se achou na obrigação de agir como tal, e me deixou ir em paz...

Mas as complicações que possam surgir da administração de uma companhia não são de molde a se aplainarem por meio de gestos cavalheirescos ou por mera arbitração de beira-de-estrada. É assunto discutivel, de acordo com a ética da terra, se a lei é a melhor maneira de ministrar a justiça; com relação aos negócios, está provado que não o é.

A obediência às ordens é coisa pela qual o cidadão chinês não mostra muito respeito, e daí não ter ele adquirido o hábito, como os ocidentais, de dar instruções, afim de que sejam elas bem compreendidas e observadas, no tempo devido, com inspeção e castigo para aqueles que descurem dos seus deveres. O chinês não tem o instinto da cooperação, elemento essencial na indústria moderna, e muito menos um conceito de lealdade para com essa coisa abstrata que é uma companhia e que de si tanto depende da cooperação.

Vejamos um caso. Um grupo de operários é chamado para levantar uma locomotiva descarrilada. Seria de esperar, segundo os padrões ocidentais, que eles se colocassem nos lugares indicados pelo capataz e, ao dar este a voz de comando, começassem o trabalho de suspender a máquina. Não é isso, porem, que acontece. Em primeiro lugar, haverá uma discussão desnecessária entre o capataz e pelo menos uma metade dos trabalhadores. E só depois de uns vinte minutos desse «bate-boca», é que eles se atiram ao trabalho; e, em regra geral, realizam-no com miraculosa rapidez.

A regularidade na distribuição de trens,

em determinados horários, é coisa quase que desconhecida na China, pois os maquinistas levam os comboios como melhor lhes pareça; é claro que os encontros em estradas de linha simples são frequentes. O autor deste artigo esteve certa vez numa colisão «de cara a cara» causada pelo fato de ter o maquinista de um expresso ido dormir no carro de bagagens, deixando a direção do trem ao primeiro foguista. Aconteceu que este, seguindo velho e consagrado costume chinês, deixara-se naquela noite substituir pelo irmão, que não entendia patavina do sistema de sinais. Felizmente, a disciplina no serviço ferroviário da China tem melhorado muito. Mas, em geral, a indústria chinesa sofre menos de incompetência do que de amabilidade na disciplina.

Os chineses referem-se amiude à necessidade de técnicos estrangeiros, como condição essencial ao progresso de suas indústrias. Isso, porem, tem mais de cortesia, do que de verdade, pois o número de engenheiros chineses competentes aumenta de ano para ano. Entretanto, é necessário observar que a instrução na China traz consigo certas idéias que dificilmente se adaptam ao processo industrial. As mãos que produzem os caracteres da escrita chinesa têm que ser delicadas e flexiveis; não se espera, portanto, que as pessoas de certa cultura se dediquem a trabalhos pesados. Ademais, há pessoas instruidas e há iletrados, seguindo-se um número pequeno de pessoas de medianas luzes entre essas duas categorias. Com efeito, a China sofre hoje de grande falta de técnicos industriais. E uma vez que as pessoas de cultura são proibidas, por força dos costumes, de realizar trabalhos manuais, e como os trabalhadores manuais não têm instrução ou treino mental, o progresso industrial sofre imensamente com isso.

Esse atraso das populações chinesas afeta tambem os serviços de administração, que entre ocidentais requer frequentes inspeções, não só quanto à marcha do trabalho em si, como relativamente à sua qualidade. Para os chineses, tais inspeções parecem insinuar certa falta de inteligência da parte do operário, ou falta de habilidade e boa fé na realização do serviço. O inspetor, que conhece essa suscetibilidade de seus subordinados, torna-se por isso relapso na fiscalização do serviço.

Quando posto no sistema de diárias, o trabalhador chinês é o maior ronceiro que o autor destas linhas já viu. Entretanto, submetido a tarefas, ele trabalha maior número de horas, produz bom trabalho, emprega maneiras engenhosas de poupar esforço, e, numa palavra, trabalha cantando... Por isso, acreditamos que a indústria chinesa tem que se libertar dos métodos ocidentais de trabalho, quando se trate de obreiro comum, fazendo o possivel por seguir os costumes tradicionais da terra, até mesmo no tocante a indústrias modernas.

Em todos os paises, as pessoas têm certa responsabilidade sentimental para com os parentes mais próximos. Na China, onde as famílias são numerosas, essa responsabilidade é grande. Há sempre parentes menos capazes ou mais desfavorecidos da sorte, os quais, por princípios de moral e de sentimento, se incorporam às famílias, como único e seguro arrimo. Ora, sendo assim, não se considera deshonestidade incluirem-se numerosos parentes numa folha de pagamento ou manter à testa de um departamento um empregado ineficiente, mesmo quando o negócio não esteja dando lucros. Em vez de merecer censura, isso é considerado como um dever.

Vê-se, portanto, que as dificuldades a vencer, no caso da industrialização da China, são realmente enormes. Mas o chinês é um povo bastante adaptavel e pode descobrir maneiras de simplificar esses problemas, para os quais o homem do ocidente talvez não encontrasse solução. Afinal de contas, o sistema industrial dos paises ocidentais não pode ser considerado livre de dificuldades; consegue-se, entretanto, mantê-los sob controle.

A industrialização da China realmente já começou. Antes da guerra com o Japão, já havia no país, em franco progresso, várias fábricas de aço, de pequenas proporções. Diversas minas de carvão, das mais produtivas, pertenciam a sociedades anônimas chinesas e fábricas de tecido de algodão, tambem pertencentes a nacionais, competiam em toda a linha com as manufaturas inglesas e japonesas desse mesmo produto. Todos os moinhos de trigo estavam nas mãos de chineses; o mesmo se observava com fábricas de produtos químicos e de tintas, alem de curtumes e muitas outras empresas industriais, que eram dirigidas por chineses.

Muitas dessas empresas já atingiram tal desenvolvimento, que transcendem da propriedade individual, ou de uma única família, passando então a uma firma, em que figuram amigos e várias famílias, organizados em companhia. Embora seguindo o sistema tradicional chinês, essas organizações já conseguiram certa eficiência, e, não raro, se bem que em modesta escala, são possuidas coletivamente por seus acionistas.

As organizações industriais da China não lograrão atingir, como pensam alguns, as proporções de empresas semelhantes dos Estados Unidos e da Inglaterra. Mas, tambem, talvez não precisem chegar nunca às proporções daquelas.

O PÚBLICO chinês tem que constituir sempre o mercado consumidor das indústrias do país. Este já consome enorme quantidade de tecidos de algodão, cigarros e uma sempre crescente quantidade de ferramentas manuais e mecânicas —tudo isso de fabricação a máquina. E há ainda grande procura de artigos de luxo. Tal mercado interno já fornece base segura para a limitada indústria chinesa; só um grande aumento no poder aquisitivo desse mercado justificaria a industrialização da China, em grande escala. E esse aumento teria que começar na zona rural, onde vive a grande maioria das populações chinesas.

O poder aquisitivo das populações agrárias da China é bastante limitado, em virtude do fato de que os agricultores só dispõem de pequenas granjas, cujas terras não passam em média de uns dois hectares. Com tão exíguo terreno, o agricultor consegue produzir apenas o necessário ao sustento da família; não lhe sobra nada que, reduzido a dinheiro, lhe permita adquirir a multiplicidade de coisas que uma coletividade industrial produz. Uma necessidade imediata consiste, pois, em aumentar a produtividade das terras cultivadas, já pela seleção cuidadosa das sementes, pela luta contra insetos e doenças das plantas, como tambem pelo uso de adubos, proteção contra inundações e um bom sistema de irrigação.

Mas é preciso que, aumentada a produção das granjas, possa o granjeiro vender os seus produtos no mercado que lhe fique mais próximo. Isto exigiria desde logo expansão e melhoramento dos sistemas de transporte—estradas de ferro, canais, rodovias, e, mais tarde, transportes aéreos.

As vias férreas são ainda uma novidade na China. Ninguem dirá que as estradas existentes funcionam com eficiência; mas, mesmo assim, o frete ferroviário custa menos 40% em comparação com o carreto manual. No entanto, aonde quer que chegue a estrada de ferro, vai aumentando tambem o poder aquisitivo entre o povo.

Em Xangai, antes de sua via férrea, vendiam-se pêssegos deliciosos e suculentos à razão de dez por um vintem. Esses frutos, levados para Tientsin no costado de carregadores pedestres, eram vendidos alí por um preço tal, que somente umas poucas famílias ricas podiam dar-se à extravagância de comprá-los. Naturalmente, com tão reduzido mercado, os donos dos pomares de Xangai produziam pouco, dedicando o seu tempo à criação de ovelhas como meio de vida mais seguro. Mas logo que a estrada de ferro ligou Xangai a Tientsin, a procura dos pêssegos excedeu à sua safra. Resultado: plantaram-se mais pessegueiros, o povo se dedicou mais e mais à fruticultura e os pêssegos começaram a se vender em Tientsin em trens inteiros carregados.

O carvão de pedra, em Xansí, era para quem quisesse cavá-lo na mina e, em certas áreas, era tão barato, antes da guerra, que uma tonelada custava apenas um e meio dólar chinês, verdadeira ninharia. Antes da estrada de ferro, esse abundante carvão não ia a Xangai por nenhum preço. Aberta a estrada, porem, a hulha começou a ser vendida nessa cidade a 45 dólares (chineses) a tonelada; mesmo assim, surgiu aí um grande mercado, de maneira que as minas de carvão se tornaram mais ativas e muito rendosas.

Se as novas indústrias chinesas aspiram ter base sólida, terão que utilizar com discernimento a grande riqueza da China —que é o seu povo. Em tese, toda a população masculina poderia dedicar às indústrias metade do seu tempo, ou metade da população o tempo todo. O primeiro caso é o preferivel, pois no tempo da semeadura e da colheita toda a população masculina trabalha nos campos, e até mulheres e crianças ajudam, quando se faz necessário.

Ficando as fábricas na vizinhança das lavouras, um ou dois homens, no comum das granjas, poderiam dividir o tempo trabalhando nas fábricas e voltando aos campos para o plantio e colheita. Mas, na verdade, as grandes fábricas, na sua maior parte, ficam distantes da zona agrícola, e erigí-las em locais indicados pela permuta de trabalhadores iria custar, em primeiro lugar, grande soma na construção de estradas de ferro ou de outra forma de transporte. Tomando-se a China como é hoje, parece que os seus operários e trabalhadores poderiam ser aproveitados com mais eficiência se se organizassem pequenas manufaturas nas granjas e vilas, do que em fábricas imponentes nas grandes cidades.

É certo que muitos problemas que surgiriam da industrialização da China, só mesmo na prática, longa e custosa, encontrariam solução. Mas, seja como for, as fábricas lá existentes já traçam seus planos de expansão, e o governo, por sua vez, dispõe de meios de fomentar a pequena indústria nas vilas e melhorar as condições rurais. Mesmo quando se trate de obras de vulto, como a construção de um grande sistema de irrigação, represas hidráulicas no Rio Amarelo, estradas de ferro, rodovias e canais, o problema não é tão dificil como à primeira vista parece. Se os agrários pudessem, no período de inatividade das granjas, pagar os impostos com trabalho, obras colossais seriam construidas com grande abundância de braços.

O problema da industrialização da China, com a sua perspectiva de vida

mais abundante para todo o seu povo, pode ser comparado à maneira como um estivador move num armazem um caixão demasiado pesado para levá-lo a braços. O que ele faz é inclinar o volume sobre uma das esquinas, e, tombando-o para um lado e outro, levá-lo como se fosse andando. Mas não deve avançar demais, pois essa marcha tem um limite. Procurando excedê-lo, o caixão volta, em vez de avançar, com grande perda de tempo e esforço.

Até para isso serve o radar!

¶ Em 1846 chegou a Boston um indivíduo taciturno, mal-vestido, com aspecto um tanto selvagem, empregando-se pouco depois como vigia de um farol na chamada Ilha do Pirilampo; alguns anos mais tarde, aposentado, foi morar sozinho noutra ilhota, na baía de Boston. Não tardou que se formasse, em torno dele, verdadeira lenda: na zona do porto chamavam-lhe Rei da Ilha da Vitela, e dizia-se que ele era um dos piratas que, no início do século XIX, andavam a assaltar navios no Mar das Antilhas. O tal «Rei» faleceu em 1882, sem ter jamais revelado de modo algum o segredo que lhe atribuia a lenda.

Vinte anos depois, porem, surgiu outro homem, que se dizia irmão dele, passando a dar minuciosa busca na areia da ilha chamada Great Brewster, perto de Boston; usava, para tanto, longas varas de aço, e a quem indagava respondia que procurava um mapa, chave dum tesouro escondido pelo «Rei».

Um dos que o ouviram contou a história a um jornalista de Boston, de nome Edward Snow, em 1937; e esse mesmo informante foi encontrado morto, daí a algum tempo, na praia, debaixo de um barco de pesca, com grossa corda ao pescoço. Snow, descendente, aliás, de gente afeita ao mar e às pescarias, há vinte anos já se preocupava com esse assunto de tesouros ocultos. A Segunda Guerra Mundial, porem, veio interromper a busca que fazia para descobrir o tesouro do «Rei». E só em fins de 1945 foi que recomeçou as pesquisas.

Sob o soalho de um barracão deserto, na ilha Great Brewster, encontrou um livro italiano do século XVII. Levou-o à Biblioteca Pública de Boston, para que se avaliasse a obra, e um perito reparou então que havia, na página 101, uma série de furinhos no papel, cada um sobre uma letra. Tratava-se de um código, que foi decifrado; dizia: «O Rei da Ilha da Vitela enterrou um tesouro na Ilha Forte, ao largo do Cabo do Bacalhau.»

Snow partiu logo para essa ilha, levando uma pá e um aparelho eletrônico dos que se usam para localizar metais subterrâneos. Fez cinco escavações, tendo descoberto vários pedaços de cascos de navios. Afinal, na sexta cova que abriu, achou o que procurava: um pequeno baú de cobre incrustado de pedras preciosas, e contendo velhas moedas do Perú, do México, de Portugal, da França e da Espanha.

Em dinheiro, o achado não era de grande valia. Entretanto, Snow ficou radiante, pois está certo de que há outros cascos enterrados, outros tesouros ocultos. E agora suas buscas se revestirão de um aspecto todo científico e ultra-moderno, pois pretende usar um dispositivo de «radar» afim de melhor descobrir os tesouros, entre os quais espera que esteja o imenso carregamento de ouro do navio inglês *Mary Ann*, que naufragou há tempos naquelas paragens. —*Time*

Que sabe você de seu corpo?

(*Condensado do «Woman's Home Companion»*) Por Phoebe Radcliffe

É realmente notavel quanta coisa ignoramos sobre nossa aparência. Muitos de nossos conceitos sobre a impressão que causamos, como crescemos, engordamos, andamos ou agimos, são inteiramente falsos. Mas a ciência conhece as respostas corretas. Eis aquí uma oportunidade de verificar se costuma ou não responder acertadamente a tais perguntas.

Paramos de crescer aos vinte e um anos de idade.

Errado. Podemos crescer mesmo depois dos vinte e cinco anos, atingindo nossa altura máxima aos trinta e cinco ou quarenta. Depois, a altura se reduz à razão de cerca de meio centímetro cada dez anos, devido, em parte, ao ressecamento das cartilagens nas juntas e na espinha dorsal.

Nossos antepassados, os homens prehistóricos, eram maiores que nós.

Errado. A altura média do homem aumentou de quase cinco centímetros, desde a Idade da Pedra. O meio exerce grande influência sobre o desenvolvimento do corpo. Onde quer que as condições de vida sejam relativamente faceis e a comida abundante, os homens e as mulheres são mais altos.

Os homens gordos são alegres.

Certo. Em regra geral, os homens fortes e encorpados são alegres, otimistas, práticos e amigueiros. O tipo magro, de ombros estreitos, é geralmente melancólico, reservado, idealista e quase sempre descontente.

É facil, para um homem, prever como será no futuro, o corpo da namorada, julgando pelo da mãe desta.

Certo. Em geral, a maior parte dos filhos herdam os traços físicos dos pais. Há exceções, naturalmente, mas, se a mãe for esbelta, graciosa e bem conservada, pode-se ter por quase certo que a filha o será tambem, por ocasião das bodas de prata.

As pessoas magras vivem mais que as gordas.

Certo. As companhias de seguro hesitam em garantir os seguros usuais a indivíduos de peso excessivo. Nosso peso normal, aos vinte e cinco anos de idade, deve continuar a ser o mesmo até ao fim da vida.

O tipo físico pouca relação tem com o estado de saude.

Errado. As pessoas encorpadas são mais suscetiveis a doenças do coração e dos rins, alta pressão arterial e diabete. Os indivíduos magros são mais suscetiveis à tuberculose, às perturbações digestivas, à prisão de ventre e às infecções crônicas.

A altura, o peso e as idades, marcados em certas balanças públicas, indicam, com precisão, quanto devemos pesar.

Errado. Não há regras, nesse sentido, em que seja possivel confiar totalmente. O mecanismo humano é complexo de-

mais para isso. Muitos fatores precisam ser levados em consideração, tais como o tipo físico, a estrutura dos ossos e dos músculos e as caraterísticas individuais.

Um bom porte é mais importante que um corpo bem feito.

Certo. Mesmo quem não tiver bom corpo, se souber levá-lo bem dará a impressão oposta. Uma postura correta acaba por transformar os próprios contornos do corpo. Certos defeitos como, por exemplo, gordura acumulada em baixo do pescoço ou em torno à cintura, e cadeiras proeminentes, tendem a desaparecer quando o indivíduo mantem o corpo erecto, e os músculos exercem sua tarefa de maneira adequada.

Carregar um peso qualquer sobre a cabeça ajuda-nos a adquirir um bom porte.

Certo. As mulheres que carregam jarros ou cestos sobre a cabeça têm em geral uma linha perfeita, devido ao equilíbrio e à coordenação necessários para impedir que o fardo venha a cair.

A boa postura consiste em empurrar o peito para a frente, o queixo para dentro, e os ombros para trás.

Errado. Essa posição é anormal e exige um esforço demasiado. Pode também forçar o corpo a empinar-se para trás. A posição correta consiste em erguer o peito, manter a cabeça erguida, sem esforço, relaxar os ombros e entesar as costas, entre as cadeiras e o tronco, para fora e para cima, sem tensão excessiva.

Muitas pessoas curvam as costas devido à impressão, inteiramente errônea, de que tal posição é menos fatigante. A má postura é uma das causas mais comuns de fadiga, por isso que os músculos não são empregados corretamente.

A gravidez prejudica seriamente o corpo das mulheres.

Errado. Com o repouso e os exercícios adequados, depois do nascimento do bebê, o corpo não é prejudicado, em absoluto, pela gravidez. Muitas artistas de cinema tiveram filhos e mantêm uma aparência tão jovem, conservando-se tão esbeltas quanto antes.

Cada homem tem seu preço

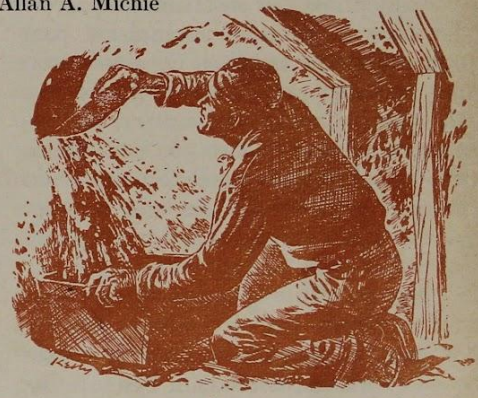
¶ A MANEIRA com que o empresário Gabriel Pascal adquiriu os direitos das peças de Bernard Shaw—uma mina que quase todos os produtores de Hollywood procuram debalde conseguir—constitue uma história absolutamente inverossimil. Em 1935, depois de passar seis meses em Hollywood, sem fazer nada, Pascal deixou, desgostoso, a capital do cinema. Ao voltar à Inglaterra, onde fizera uma película de êxito e uma série de filmes curtos, Pascal decidiu procurar diretamente Bernard Shaw, que nunca vira, dizendo-lhe que queria fazer representar suas peças. Quando Shaw lhe perguntou quanto tinha ele de capital para levar adiante o projeto, Pascal respondeu: «Quinze xelins e seis pence, mas devo uma libra.»

Encantado com o cinismo de Pascal, e com a óbvia admiração do mesmo pela sua obra, Bernard Shaw deu-lhe uma libra para pagar as dívidas, e concordou em experimentá-lo como empresário de suas peças. —*Time*

Crônica de assombroso engenho e audácia, que será lembrada ainda muito depois de havermos esquecido a maior parte das histórias da guerra

Tunel para a liberdade

Pelo Tenente Aviador Paul Brickhill,
da Real Força Aérea Australiana, conforme
narração feita a Allan A. Michie



Os tuneis foram abertos com pequenas pás e raspadeiras de ferro, feitas dos nossos fogões

O STALAG LUFT III, Campo de Concentração em Sagan, na Alemanha, a meio caminho entre Berlim e Breslau, encerrava na primavera de 1943 uns dez mil aviadores aliados, prisioneiros de guerra dos alemães. Eram quase todos ingleses, posto que os americanos estivessem chegando alí, por essa altura, em grandes levas.

Em abril, o campo foi ampliado pela adição dum novo grupo de barracas, ao norte, para onde 700 homens, entre os quais eu, fomos transferidos. Já os prisioneiros que formavam as brigadas de trabalho, ocupadas nas obras de ampliação do campo, tinham estudado o plano geral deste, e medido passo a passo as diversas distâncias—pensando ao mesmo tempo na possibilidade de escavar tuneis que tornassem possivel a fuga. A idéia de fugir era, com efeito, a única esperança que nos tinha dado algum ânimo, durante aqueles meses de dormente cativeiro.

Alguns dos oficiais alí detidos já tinham ajudado a cavar tuneis em outros campos, e foi em volta deles que constituimos nossa organização de fuga, designada pelo símbolo «X». O chefe da «X» era o comandante de esquadrilha Roger Bushell, sul-africano de alta estatura que fora advogado em Londres e tomara parte na guerra como piloto de combate, até que os alemães o abateram sobre Dunquerque. Bushell era um homem experimentado em fugas, tendo já por duas vezes conseguido escapar com grande astúcia; numa delas chegara quase à fronteira da Suiça quando os alemães o pegaram.

O grupo norte das barracas ocupava um terreno quadrado com 300 metros de lado, vedado por duas altas cercas de arame farpado, paralelamente dispostas a 1,5 m de distância uma da outra, e com enorme quantidade de rolos de arame farpado emaranhados no intervalo. A uns dez metros dessa barreira, e do lado de dentro, estava o arame de alarme: um passo para alem dele, e os guardas fariam fogo. As numerosas torres de vigia, com 4,5 m de altura, todas munidas de refle

tores e de metralhadora, eram ocupadas de dia e de noite pelos guardas. A uns 25 metros de distância dessa cerca, e rodeando-a por todos os lados, começavam a desenrolar-se densos pinheirais que nos fechavam completamente a vista do mundo exterior—mas que poderiam tambem cobrir a retirada a quem porventura fugisse.

Tão depressa nos instalamos, apareceram avisos, pedindo voluntários para jogar críquete e beisebol. Os avisos estavam assinados por «Grande X». Todos sabíamos o que isso queria dizer, e ofereceram-se imediatamente 500 voluntários para o trabalho do tunel. Foi resolvido começar a escavação de três grandes galerias subterrâneas, na esperança de que uma, pelo menos, pudesse escapar às pesquisas dos vigilantes. Nunca usamos a palavra «tuneis», porque muitos dos guardas, que andavam sempre de ouvido à escuta, entendiam bastante inglês. Os tuneis ficaram se chamando «Tom», «Dick», e «Harry».

Tom seria escavado desde o 123.° grupo de barracas até o arame, que distava uns 45 metros e daí em diante continuaria até um ponto abrigado na floresta. Dick seria escavado desde o grupo 122 até junto do Tom, de maneira a poder ir entroncar neste ou ser escavado diretamente até o pinhal. Harry começaria no grupo 104, e dalí seguiria diretamente para o norte, até a floresta.

ESTÁ CLARO que os tuneis tinham que começar a ser escavados no interior das nossas barracas. Cada uma destas media 30 metros de comprimento, incluindo dormitórios, privadas, e uma pequena cozinha. Os alemães tinham construido essas barracas a uns trinta centímetros acima do chão, de maneira que os guardas pudessem espreitar por baixo delas, e fiscalizar-nos a conduta. Esses guardas andavam sempre à nossa roda em grande número, e eram faceis de distinguir graças aos «macacões» azues que envergavam. Manejando os archotes e batendo no chão com longas varetas de aço, andavam sempre procurando alçapões ocultos ou sinais de areia trazida à superfície pela escavação de possiveis tuneis.

Organizamos três brigadas, cada uma delas dirigida por um veterano em escavações. Foi nomeado técnico-chefe um canadense, engenheiro de minas, chamado Wally Floody. Cada um dos voluntários tinha uma conversa, com o chefe «X» do seu respectivo grupo de barracas. Os mineiros, carpinteiros e engenheiros receberam ordem de fazer a escavação; organizaram-se os alfaiates com o fim de produzir os disfarces que fossem precisos; os pintores montaram toda uma oficina de falsificação para forjar os papéis necessários; todos aqueles que sabiam falar bem o alemão foram destacados para ganhar a amizade de um «furão» (assim chamávamos os guardas), trazê-lo sempre debaixo de olho, cultivá-lo, e ocasionalmente tentar mesmo suborná-lo, para que nos trouxesse de fora algum artigo necessário ao nosso trabalho.

Um dia apareceu no serviço um novo guarda que se distinguia pelo seu excesso de zelo, e o apelidamos logo de «olho vivo». Dentro de um mês, porem, o preso designado para entrar em contacto com ele tinha-o cultivado a tal ponto, que o guarda perdeu todo o zelo de começo mostrado na vigilância contra as fugas. Habituou-se a entrar na barraca, ia logo direito ao quarto do seu «amigo», e instalava-se para tomar chá com biscoitos.

Os presos sem qualquer aptidão especial ou eram mandados trabalhar como

«pinguins», isto é, carregar a areia extraida dos tuneis, ou como «negaças», para espiar os passos dos guardas. Durante o ano seguinte tivemos uns 300 «negaças» trabalhando em turnos de dia e de noite. Todos prestavam contas do seu trabalho ao «chefe S», oficial supremo do nosso serviço de informações, coronel americano de grande estatura e longas pernas.

Uma vez posto a funcionar o sistema de informações, deu-se início às obras de escavação. Apesar de toda a sua argúcia, um pequeno detalhe tinha escapado aos alemães: em cada uma das barracas, as privadas, a cozinha e um pequeno setor onde se encontrava um fogão de aquecimento estavam instalados num pavimento de concreto que assentava num alicerce de tijolo e cimento, sem qualquer vão acima do terreno onde os guardas pudessem espiar ou sondar com as suas varas de aço. Foi nesses lugares, precisamente, que começamos nosso trabalhinho.

A primeira tarefa consistia em instalar alçapões secretos. Os alemães irrompiam a qualquer hora do dia ou da noite pelas barracas dentro, berrando «Fora, fora!» e desfaziam as camas, vasculhavam nos armários, arrancavam tábuas do assoalho e das paredes, à cata de ferramentas, roupas civís, botões, pregos, ou qualquer outro objeto que pudesse ser util a um fugitivo. Apesar de tudo isso, o engenho dos prisioneiros, servido por três anos de cautelosa experiência, conseguiu montar alçapões com que os vigilantes nunca foram capazes de dar.

Por sorte, conseguimos apoderar-nos dum pouco de cimento que ficara esquecido desde a concentração do campo, e com o qual uma brigada de poloneses modelou um bloco amovivel, destinado a substituir uma lage com cerca de 60 cm de lado, arrancada ao pavimento do grupo 123. Depois de termos espalhado e batido um pouco de areia e de terra em volta das arestas, não havia olhos humanos capazes de perceber o truque. E essa foi a entrada do tunel Tom.

O alçapão de entrada no Dick, no grupo 122, era uma coisa das mais engenhosas. No chão da privada existia um grande ralo de ferro, através do qual as águas derramadas corriam para dentro duma fossa de concreto com quase um metro de profundidade. O cano de esgoto, que servia a esse escoadouro, estava de tal maneira colocado, que havia sempre um resto de água no poço. Enquanto os «negaças» faziam guarda lá fora, os poloneses arrancaram o ralo de ferro, extrairam a água do poço e, com um formão adquirido graças ao suborno dum guarda, soltaram uma lage de concreto que formava um dos lados do poço, o que permitia tirá-la e pô-la sempre que fosse preciso. Quando a lage estava no seu lugar, com as fendas muito bem disfarçadas com sabão, a água dos despejos acumulava-se rapidamente, dando ao poço a sua habitual aparência inofensiva.

A entrada da galeria Harry era tambem uma obra de habilidade. O fogão de aquecimento do dormitório 23, no grupo 104, muito alto, assentava em ladrilhos apoiados numa base de concreto, com cerca de 1,20 m de lado. Os prisioneiros empurraram o fogão para trás, soltaram os ladrilhos, e tornaram a assentá-los num alçapão de concreto que se parecia tanto com a base primitiva, como um ovo se parece com outro. Cinco dos ladrilhos, porem, estalaram durante as obras, e foi preciso substituí-los por outros roubados da cozinha da barraca Leste, e trazidos à laia de contrabando até o grupo 104.

Todas essas operações foram executadas,

já se vê, com grande risco. O chão que dava entrada ao Harry esteve levantado ao todo durante dez dias, e escondido aos olhos dos guardas apenas por um colchão atirado como por acaso em cima dele; mas conseguimos escapar à vigilância.

Estávamos agora prontos para começar as operações, mais arriscadas ainda, da escavação. As distâncias, a direção e os ângulos dos três tuneis tinham sido calculadas por meio de operações de trigonometria rudimentar. Estávamos informados de que os aparelhos de captação dos sons que os alemães usavam não eram capazes de registrar a mais de 7,50 m de profundidade, de maneira que resolvemos escavar os poços de entrada até uns 9 metros de profundidade, na vertical e a contar dos alçapões, antes de começarmos a abrir a galeria em direção à floresta.

O SOLO, arenoso e leve, era facil de cavar. Mas exigia escoras sólidas. Para começar, exigimos que cada homem contribuisse com duas travessas da sua cama. Esse primeiro tributo não foi muito dificil de aguentar, mas quando o quinto e o sexto tributos vieram arrancar mais travessas às camas, passou a ser dificil dormir nestas!

O primeiro corte nas areias foi dado em começos de maio de 1943. As brigadas trabalhavam quase desde o toque da alvorada, até a chamada da noite, apenas com um pequeno intervalo para o almoço.

Os «pinguins» tinham a seu cargo a penosa tarefa de nos desembaraçar da areia amarela e brilhante que, se fosse despejada à superfície do solo de côr parda, faria um contraste clamoroso. Parte dessa areia podia misturar-se com a terra dos nossos minúsculos jardins, mas por esse método nem de longe poderíamos resolver nosso problema. Em face disso, apossamo-nos de algumas dúzias de toalhas pequenas e cosemo-las de maneira a formarem pequenos sacos em forma de salsicha. Os «pinguins» penduravam um desses sacos dentro de cada uma das pernas da calça, e encaminhavam-se com o ar mais natural deste mundo para o pátio do recreio. Os «negaças» já se encontravam alí manobrando para distrair os guardas com desafios de boxe, partidas de voleibol ou brigas fingidas. O «pinguim», tão depressa se encontrava entre o pessoal, metendo as mãos nos bolsos, puxava uns cordeizinhos que faziam abrir o fundo dos sacos, deixando assim escorrer a areia em fio para o terreno. Com dúzias e dúzias de sapatos batucando e rastejando em cima, a areia não tardava a perder a sua côr brilhante, e a confundir-se com a superfície do campo. Quando o trabalho corria bem, chegamos a ter 150 «pinguins» espalhando areia, desembaraçando-nos de toneladas dela, nas próprias barbas dos guardas.

Os tuneis iam sendo escavados com pequenas pás de carvão e raspadeiras de ferro, que haviam sido improvisadas com peças dos nossos fogões de cozinha; mediam 60 cm de lado e eram escorados por meio dumas armações de caixa, feitas com as travessas das camas, talhadas nas pontas para se ajustarem umas às outras. Quanto aos pregos, que eram poucos, poupávamos quantos podíamos para construir as escadas dos poços.

NO FUNDO de cada um desses poços de entrada, foram escavadas umas câmaras espaçosas para uso dos carpinteiros e modeladores e para instalar o material de ventilação. Um dia, estavam três cavadores trabalhando no alargamento da base do poço do tunel Dick, quando a

areia começou a infiltrar-se através do forro de madeira. Daí a segundos já parecia uma avalanche. A escada porem aguentou-se, e dois cavadores subiram a toda a pressa até o alto. O terceiro, Wally Floody, ficaria soterrado, se os outros não tivessem acudido depressa. O poço ficou atulhado de areia quase até à boca. O contratempo era de embranquecer o cabelo, mas tornamos a pôr mãos à tarefa com denodo e afinco.

Os veteranos do ofício tinham aprendido por experiência que não se pode ir muito longe na escavação duma galeria subterrânea, sem de algum modo fazer a renovação do ar, e que para isso não bastavam os orifícios abertos até à superfície. Por acaso feliz, vindo não se sabe donde, apareceu no campo um exemplar duma revista de vulgarização mecânica, com um artigo onde se descrevia a maneira de improvisar uma bomba de ar para amadores. Pusemo-nos imediatamente a fazer uma.

Reunimos quantas latas de leite em pó conseguimos encontrar, cortamoslhes as tampas, e juntamos umas às outras de modo a formar um cano cilíndrico. Embrulhamos as juntas em jornais de propaganda alemã. Assentou-se o cano numa espécie de valeta ao longo da galeria, no chão, e cobriu-se muito bem com areia. No extremo mais afastado instalou-se um crivo por onde entrava o ar fresco na galeria. Do outro lado, em cima, os nossos «bombeiros», em turnos, servindo-se de foles feitos com sacos de soldado, faziam entrar o ar no cano de ventilação. A primeira instalação de ar funcionava à maravilha, e pusemo-nos logo a fazer mais duas. Podíamos agora fechar os alçapões e continuar a trabalhar, sem receio de sermos interrompidos pelos guardas.

Nossos especialistas em eletricidade colheram aquí e alí os fragmentos de fios que os construtores do campo tinham deixado por descuido. Passaram então, furtivamente, a refazer a instalação elétrica do campo de maneira a aproveitar umas dezenas de metros de fio. Arranjaram assim fio bastante para montar a instalação dos três poços, e em seguida fizeram ligação oculta com o circuito do campo! Roubamos lâmpadas dos corredores, e graças a tudo isso ficamos servidos de iluminação para cavar as galerias. Quando, por acaso, os alemães se esqueciam de ligar a corrente para o campo, durante o dia, servíamo-nos de «lâmpadas» de fabrico rudimentar—latas de conservas com pavios feitos de cordões tirados dos pijamas, que queimavam margarina. O único defeito era o seu cheirinho desagradavel.

As brigadas de cavadores inventaram um sistema rígido de trabalho: enquanto o primeiro se deitava de lado, a todo o comprimento, apoiado num cotovelo, atacando a face do tunel e empurrando ao mesmo tempo a areia para trás, em direção aos pés, o segundo jazia com a cabeça para o outro lado, e as pernas justapostas às do primeiro; nessa posição ia recolhendo a areia numas caixas especiais, que eram dispostas em comboio e arrastadas com cordas, tambem de fabrico caseiro, até o poço.

Esses comboios tinham a resistência necessária para carregar duas caixas de areia de cada vez, ou um homem, e eram excelentes. Dispunham de rodas de madeira, dotadas de aros cortados em latas de estanho. Imagine-se que os cubos das rodas até tinham rolamentos de esferas, que nos foram fornecidas por um guarda «domesticado»! Os trilhos onde corriam eram feitos de cornijas das barracas. Quando os tuneis já tinham comprimento suficiente, os cavadores espichavam-se

nos comboios, e assim percorriam todo o caminho até ao ponto extremo onde se procedia a escavação.

O calor era por vezes sufocante dentro das galerias. Os homens trabalhavam nus, ou então só com as odiadas ceroulas compridas que eram distribuidas aos prisioneiros. Qualquer nódoa ou sinal de terra na roupa teria sido um indício denunciador dos trabalhos de fuga. Em cima, nas barracas, montamos uns chuveiros improvisados, para que eles se pudessem lavar dos vestígios de areia antes que soasse a chamada dos prisioneiros.

Os cavadores não tiveram remédio senão habituar-se aos desabamentos de areia que ocorriam durante o trabalho. O único sinal de aviso era um leve frufrú de areia escorrendo, e o primeiro cavador ficava quase sempre submerso numa pilha de areia sufocante que abafava as lamparinas e o cano de ventilação. O segundo cavador era então forçado a trabalhar bem depressa para o livrar da asfixia.

EM FINS DE MAIO, aproximadamente um mês após ter começado a escavação, cada um dos três tuneis já media uns 21 metros de comprimento. Aproximava-se o verão, estação ideal para a fuga, pois nos permitiria dormir ao relento e viver dos recursos que a terra desse.

Os chefes da «X» decidiram concentrar todo o esforço na escavação da galeria Tom, que seria, segundo os cálculos, a mais curta de todas. Uma semana depois colocava-se a primeira «estação de pouso» no ponto que marcava 30 metros de extensão. Era uma pequena câmara forrada e escorada com as armações dos pés e da cabeça das nossas camas de pau. Dentro dessa câmara os homens podiam dar meia volta, sem necessidade de tornar até o poço de entrada. Segundo nossos cálculos, a câmara estava exatamente por baixo do fio de alarme elétrico do campo. Isso significava que nos faltavam ainda trinta metros de escavação para chegar bem dentro da floresta.

Outras brigadas «X» andavam, entretanto, atarefadas na preparação do equipamento que nos era necessário. Nosso departamento de falsificação tinha 50 homens, que forjaram falsos passaportes e carteiras de identidade.

Alguns dos nossos guardas ainda se deixavam tentar com um presente de café ou chocolate, e uma vez que tivessem ajudado a passar algum artigo de contrabando que nos era necessário, já não podiam recusar-nos ajuda porque temiam que os denunciássemos ao *Kommandant*. Foi graças a isso que conseguimos obter tintas de côr, penas, escovas, tipos especiais de papel, magnetos para fazer bússolas, peças de rádio para montagem do nosso receptor clandestino, pelo qual recebíamos diariamente boletins de notícias, uma máquina fotográfica e todo o material necessário às fotografias para os nossos passaportes falsos; e martelos, serras, alicates, pregos e mapas!

Alguns dos guardas, docemente cultivados pelos nossos poliglotas, deixaram-se mesmo persuadir a emprestar-nos o seu *Zahlbuch*, que era uma combinação de carteira de identidade e caderno de contabilidade, pequeno e compacto, que os nossos «falsários» aproveitavam para fazer reproduções. A falsificação de documentos era uma tarefa incrivelmente melindrosa. Foi preciso desenhar à mão páginas inteiras imitando escrita à máquina, não lhe faltando as letras sobrepostas por engano, os caracteres imperfeitos, e as maiúsculas fora da linha. Outros documentos exigiam muitas linhas de caracteres minúsculos e apertados, ou interminaveis lavores de «gravura.» Para

fazer as carteiras de identidade os «falsários» arrancavam folhas em branco das Bíblias, e as capas de linho de livros encadernados. Um dos documentos necessários para atravessar fronteiras era tão complicado, que mesmo um habil falsificador teria que trabalhar cinco horas por dia, durante um mês, para conseguir fazê-lo. Os cabeçalhos do papel timbrado eram trabalhados em relevo com cabos de escovas de dentes. Dos tacões das botas de borracha recortavam-se os carimbos com a águia do Reich e a cruz gamada. Ao todo, os falsificadores muniram os fugitivos com mais de 400 documentos forjados.

Um piloto australiano chegou a fazer bússolas, aproveitando, para as caixas, discos de vitrola fundidos, vidro das janelas quebradas, e, para as agulhas, as de coser, friccionadas num imã.

Na oficina da alfaiataria havia sessenta homens ocupados em transformar as fardas da RAF em ternos civís, e em produzir cópias quase perfeitas de fardas da aviação alemã. Os fugitivos que fossem pegados envergando reproduções rigorosas das fardas seriam fuzilados como espiões, mas de acordo com o preceituado na Convenção de Genebra, sobre prisioneiros de guerra, era-nos permitido usar imitações.

Meia dúzia de desenhistas fizeram-nos uma grande diversidade de mapas, e reproduziam-nos por meio dum mimeógrafo improvisado. A indispensavel gelatina era feita de geléia de fruta, e a tinta conseguiu-se diluindo na água alguns lapis de grafite indelevel.

FOMOS informados de que os americanos iam ser transferidos dentro de mês e meio para um grupo aparte; ora, a verdade é que eles haviam trabalhado intensamente na escavação, e para que não perdessem o fruto do seu suor, organizaram-se novos turnos da tarde para acelerar os trabalhos. Tornava-se assim mais dificil desembaraçarmo-nos da areia; enterramos maiores quantidades nas hortas, e parte dela foi espalhada em volta do novo teatro do campo, misturando-se com o solo revolvido.

Um dia um dos guardas, rondando num jardim, deu com um pouco de areia amarela e reluzente; o incidente desencadeou toda uma série de buscas tão frenéticas quanto inuteis. Entre outras coisas, os alemães cavaram uma vala entre o grupo 123 e o fio de alarme, mas a uma profundidade insuficiente para denunciar a galeria Tom.

Em fins de junho calculamos que o Tom devia ter alcançado já a orla da floresta, e preparamo-nos para perfurar um poço na vertical, até à superfície. Foi justamente nessa altura que surgiu de repente uma horda de alemães, que começaram a abater árvores a machadadas! Na realidade, foi uma simples coincidência: tinham resolvido erguer alí um novo grupo de barracas. Abriram no bosque uma clareira de uns 50 metros, mas como o tempo se estava fazendo escasso para os americanos, foi resolvido romper o Tom até à superfície alí mesmo, e deixar que os fugitivos fossem de rastos na terra o resto do caminho, até ficarem ao abrigo das árvores.

A areia que saía da galeria era tanta, que arrancávamos o cabelo de desespero. Houve quem sugerisse que a fôssemos armazenando provisoriamente no tunel Dick. Daí em diante, via-se todas as noites verdadeira fila de «pinguins» que se encaminhavam através do campo para a barraca onde estava o poço do tunel Dick, carregando caixas de papelão da Cruz Vermelha, cheias de areia, que despejavam no buraco. Nem mesmo assim

conseguíamos dar conta de tanta areia. Os chefes «X» resolveram correr um risco ainda maior: o de pôr a areia nas caixas da Cruz Vermelha e esconder estas debaixo das nossas camas, na esperança de que os alemães não descobririam antes de termos podido desembaraçar-nos dela.

A galeria do tunel Tom media agora 78 metros de comprimento, faltando-lhe apenas alguns metros para atingir a meta. Bushell resolveu parar com as obras durante alguns dias para afastar quaisquer suspeitas. Foi então que, por desgraça, os guardas descobriram as caixas de areia escondidas nas nossas barracas! Os alemães limitaram-se a trazer para o campo alguns pesados caminhões de carga, e andaram com eles para trás e para diante, aos trambolhões, em volta das barracas, na esperança de fazer abater a superfície do terreno onde houvesse quaisquer tuneis: mas o único resultado a que chegaram foi estragar nossas pequenas hortas.

Um ou dois dias depois, numa última busca que deram ao grupo 123, onde as suspeitas eram maiores, um dos guardas espetou acidentalmente a vareta de sondagem no interstício do alçapão da galeria.

Assim liquidou-se o Tom...

Como não podiam achar maneira de abrir o alçapão, os guardas tiveram que arrombá-lo. Dinamitaram a galeria e, de passagem, fizeram ir por ares e ventos uma parte do telhado do grupo 123. Ficaram tão aliviados e satisfeitos com a descoberta do tunel, que nem se deram ao trabalho de impor castigos ou adotar novas precauções.

Após esse fracasso, decidimos, em assembléia geral, que o trabalho continuasse nos dois outros tuneis. Julgou-se mais prudente, no entanto, suspender os trabalhos até o inverno, porque, segundo presumíamos, os alemães afrouxariam então a vigilância, visto não ser a estação propícia às fugas.

Os americanos foram transferidos para o seu novo pouso em fins de agosto de 1943, e para a despedida demos uma grande festa em que se bebeu vinho de uvas feito no próprio campo de concentração.

Enquanto esperávamos que chegasse o inverno, resolvemos levar a efeito algumas tentativas de fuga à superfície. Para uma delas, os carpinteiros talharam um fuzil de madeira imitando os fuzís alemães, para o que conseguiram as medidas exatas, andando em volta dos guardas com todas as cautelas, munidos de calibres com que tomavam o tamanho das várias peças. Para imitar o metal destas, enegreciam a madeira com lapis, e em seguida davam-lhe tanto polimento que à primeira vista não era possivel distinguí-las das verdadeiras! Os alemães tinham por costume levar-nos periodicamente, em pequenos grupos, para alem das porteiras para as operações de limpeza de nossas roupas, e nosso plano era organizar um grupo destes por nossa própria conta. Três presos, disfarçados de *Unteroffiziers* da Luftwaffe, levando atrás de si mais vinte e quatro companheiros, passaram a inspeção às porteiras, e encaminharam-se para o pinheiral. Poucos minutos depois, seis oficiais superiores tentaram tambem sair, mas foram capturados.

Fomos todos obrigados a ficar debaixo de forma durante perto de sete horas, enquanto se procedia à identificação dos três homens que tinham fugido com fardas alemãs. Todos vieram a ser recapturados mais tarde. Um deles, que falava correntemente o espanhol, fez-se passar por trabalhador estrangeiro, chegou à Tchecoslováquia, e dalí foi de trem quase até à fronteira da Suiça, onde se apeou e

se pôs a andar através de uma estreita fita de território suiço, sem o saber, voltando a entrar na Alemanha, onde um guarda-fronteiras o pegou. Os outros dois conseguiram chegar a um aeródromo da *Luftwaffe*, entraram num *Junkers* de treino, e estavam aquecendo o motor para largar, quando chegou um piloto alemão que por coincidência vinha tomar conta do aparelho, e os prendeu.

Aprontamo-nos logo no começo de 1944 para recomeçar a escavação das galerias. O tunel Dick estava quase atulhado com a areia trazida do Tom, e, de resto, os alemães tinham começado a construir novo grupo de barracas no lugar onde esse tunel deveria romper até à superfície. Restava-nos pois um só tunel: o Harry. Mas uma espessa camada de neve cobria a terra, e vimo-nos em sérios apertos para nos desembaraçar da areia. Um dos cavadores sugeriu então que a carregássemos para debaixo do barracão do teatro, onde, segundo ele tinha notado, os alemães nunca fiscalizavam.

Nós próprios tínhamos construido o teatro, tratando de não deixar em baixo dele nenhuma abertura pela qual os guardas pudessem espiar. Sob o barracão encontrava-se uma cavidade bastante profunda onde caberiam toneladas de areia. Nossos engenheiros instalaram gonzos nas pernas duma cadeira da platéia, o que permitia erguê-la pela frente, e em baixo dela cortaram no soalho um alçapão, através do qual os «pinguins» despejavam todas as noites sacos e sacos de areia.

TRABALHANDO tenazmente, três brigadas, cada uma com dez cavadores experimentados, foram abrindo o Harry, avançando mais de três metros e meio por dia. Em fins de janeiro foi escavada a primeira «estação de pouso», a meio caminho, a uns 30 metros do poço de entrada. Os autores do projeto haviam calculado que, com uns 90 metros de galeria, a saida desta iria ficar bem ao abrigo do arvoredo.

Teríamos assim muito que cavar, e as condições do trabalho peoravam de dia para dia. O terreno era agora frio e úmido. Os cavadores apanhavam resfriados uns atrás dos outros; a maioria escarrava uma expectoração preta, devido a respirarem a fumaça das candeias de margarina; tinha-se-nos acabado o fio elétrico. Quase todos os dias se davam desabamentos de areia.

Mas até meados de fevereiro conseguiram escavar mais 30 metros, e abriram então a segunda «estação de pouso». Vinha esta a ficar assim, aproximadamente, por baixo da cerca de arame exterior; restavam pois mais 30 metros de galeria a fazer.

Tivemos então um pequeno golpe de sorte: um grupo de operários alemães, que estavam instalando alto-falantes no campo, tinham posto por terra dois grandes rolos de fio elétrico de que tencionavam fazer uso dentro de poucos minutos. Um dos presos, muito naturalmente, agarrou um dos rolos e afastou-se com ele. Daí a pouco rebentava uma das nossas desordens simuladas, e no meio da confusão um de nós apoderou-se do outro rolo. Quando deram pela falta do fio, os operários não participaram o caso aos seus superiores, com medo de serem castigados. Mais tarde, a Gestapo tendo encontrado o fio na galeria Harry, três desses pobres diabos foram fuzilados.

Esse bem executado furto supriu-nos com 180 metros de fio, o suficiente para nos permitir levar luz elétrica até o ponto onde se procedia à escavação, o que constituia esplêndido auxílio.

MAIS UMA VEZ, o chefe dos guardas pressentiu qualquer coisa, e ficou de pé atrás. Nosso «pinguim-chefe», Wally Floody, o chefe do serviço de informações e meia dúzia dos principais cavadores foram subitamente transferidos para outro campo, a alguns quilômetros de distância. Foi para todos nós um grande golpe. Já era mau perdermos assim alguns dos homens mais importantes da organização, mas o peor era que os alemães estavam evidentemente ao corrente de que alguma coisa estávamos preparando.

A 8 de março de 1944, não obstante todos os contratempos, o último trecho de 30 metros estava acabado, e escavava-se uma pequena câmara em uma de suas extremidades. Quatro de nossos melhores sapadores escavaram em quatro dias o poço de saida, na vertical, e foram ao mesmo tempo instalando escadas aos lados, contra as paredes, até que esbarraram com as raizes dos pinheiros. Calcularam estar a pouco mais de meio metro da superfície, um pouco adentro da orla do bosque. Cobriram com tábuas o teto do poço, deixando apenas a camada superficial para ser escavada na própria noite da fuga. O tunel ficou pronto a 14 de março. Fechou-se o alçapão e cimentaram-se-lhe os interstícios, até que o tempo se pusesse menos áspero, e chegasse uma noite propícia para a excursão.

Foi mesmo no dia seguinte que o chefe dos guardas mandou uma brigada de agentes passar uma revista minuciosa ao grupo 104. Um deles chegou mesmo a passar a vareta de prova em volta do cimento que vedava o interstício do alçapão do Harry: mas o cimento resistiu.

Tinham trabalhado nos tuneis cerca de 500 homens, mas calculamos que só 220 poderiam escapar-se por alí ao abrigo da escuridão da noite. Bushell foi autorizado a elaborar um rol de 60 trabalhadores, outros 20 foram escolhidos por meio de voto secreto, devido ao trabalho com que tinham contribuido para as obras, e os 140 nomes restantes foram tirados à sorte de dentro dum boné.

Os felizes eleitos começaram a fazer seus preparativos. Tínhamos dinheiro suficiente para comprar 40 passagens de estrada de ferro; os outros teriam que ir a pé onde a sorte os levasse. Bushell, com outros presos que tinham andado à solta na Alemanha, fez conferências explicando vários pormenores, dando conselhos e instruções. Um piloto tcheco descreveu-nos as montanhas que formam a fronteira da Tchecoslováquia, a uns 120 quilômetros donde estávamos, em direção às quais tencionava dirigir-se a maioria dos que tinham que fugir a pé.

Depois da chamada, na manhã de sexta-feira, 24 de março, Roger Bushell anunciou que a fuga seria levada a efeito nessa noite. A terra estava coberta por 15 centímetros de neve, o que não era nada bom, mas não haveria luar. Nossos meteorologistas prediziam mesmo que o vento viria ajudar a cobrir quaisquer rumores suspeitos.

Os «falsários» preencheram seus documentos forjados, e carimbaram-nos com a data correta, o que, naturalmente, não se podia ter feito até àquele dia. Alguns dos fugitivos se fariam passar por operários estrangeiros, outros como neutros, outros como oficiais alemães, soldados ou civís—e os papéis de cada homem tinham, está claro, que condizer com a história que ele contasse.

Um dos cavadores percorreu a galeria até o fim, para verificar até onde seria preciso ir para escapar. E furacando com um pau na terra que cobria o poço de saida, com grande surpresa verificou que a luz do dia entrava pelo orifício de 7 cm

de altura. Não haveria pelo menos dificuldade em sair do buraco para o ar livre, ou assim parecia.

Forramos com cobertores o fundo dos poços, para abafar qualquer rumor inconveniente, e pregamos tábuas no comboio para que os fugitivos se pudessem deitar sobre ele, e serem empurrados todo o caminho. Quando caiu a noite, os fugitivos envergaram seus vários disfarces. Foram então distribuidas nossas «rações de ferro» improvisadas, coisa nauseante mas muito nutritiva: mistura de chocolate ralado, flocos de aveia, biscoitos esfarelados, comprimidos de vitaminas, cevada, leite seco, e outros alimentos concentrados, fervidos na mesma panela.

CERCA das 20 h 30 anunciou-se que tudo estava pronto. Dez minutos depois descia a escada o primeiro evadido, muito bem «encadernado» num terno de paisano e levando na mão uma pasta fabricada no campo. O segundo, vestido de trabalhador, seguiu-lhe logo nos calcanhares. Entre os primeiros cinco desceu o nosso Roger Bushell, com a sua pasta de couro, e com toda a aparência dum elegante homem de negócios, de terno cinzento, casacão e chapéu pretos.

A primeira demora, e bastante séria, deu-se logo com o primeiro fugitivo, que não foi capaz de soltar as tábuas que formavam o teto do poço de saida. Levou naquilo cerca de uma hora, e foi uma agonia indescritivel sobretudo para os homens que esperavam a sua vez, estendidos a todo o comprimento do tunel; finalmente as tábuas, que tinham inchado com a umidade, se soltaram, e a terra que as cobria foi removida. Algumas estrelas brilharam no céu, por cima do poço, e uma lufada de ar fresco, doce de liberdade, desceu pela galeria...

Mas quando o cavador botou a cabeça fora do buraco, sua surpresa foi de estarrecer: em vez de ficar situado já dentro da floresta, como se calculara, o buraco distava uns três metros das primeiras árvores, e a boca escancarada na terra estava a menos de 15 metros de distância da torre de sentinelas!

Por essa é que ninguem esperava. Quando o bomem transmitiu a notícia para baixo, ficamos todos tontos. A dois passos da liberdade, iria perder-se agora num fiasco total o duro trabalho que 500 homens tinham levado mais de um ano a fazer? Mas ninguem estava disposto a se deixar deter. Sair naquelas condições era arriscado; mas esperar mais um mês, até que voltasse a lua nova com as noites escuras, e nesse meio tempo ir escavando mais uns 9 metros de tunel, não era menos arriscado. Alem disso, os documentos forjados estavam já todos datados, e seria preciso refazê-los de cabo a rabo. Esse argumento veio decidir a questão.

O primeiro a evadir-se foi de rastos até se pôr ao abrigo duma sebe levando consigo uma corda que lhe serviria para dar sinal aos que esperavam no poço, se o campo estivesse livre para a saida do seguinte. A sentinela, na sua torre, não prestou a menor atenção ao que se passava na orla da floresta, mas não deixou de ir passando continuamente a luz do seu refletor na cerca de arame farpado e nas barracas do campo. Duas outras sentinelas passeavam para cá e para lá ao longo da cerca. Quando ambas desapareceram da sua vista, o evadido puxou a corda, e o segundo homem saiu do buraco e esgueirou-se para os pinheiros.

Os primeiros vinte homens levaram assim mais de uma hora para se escapulir. Iam todos tomar um trem, e dirigiram-se imediatamente para a estação de Sagan,

que ficava a menos de meio quilômetro dalí. Sabíamos exatamente a que horas passavam os trens, graças aos horários que alguns dos guardas nos tinham fornecido às escondidas.

Entretanto, a impaciência que reinava no grupo 104, devido àquela demora inicial, era terrivel. Percebiam que alguma coisa tinha falhado, mas que seria? E os «felizes», a quem a sorte escolhera para fugir, formando uma coleção pitoresca de paisanos bem vestidos, operários e até um cabo do exército alemão, estavam sentados por alí, roendo-se de inquietação, e fazendo votos para que os guardas não se lembrassem de aparecer antes de tempo. Eram nove e meia em ponto quando os homens, que estavam de guarda ao alçapão, sentiram uma lufada de ar fresco vir lá de baixo: era sinal de que a saida estava aberta... Por toda a barraca se ouviu um murmúrio de júbilo disfarçado.

Mas as interrupções da fuga não ficaram por aí. Deram-se dois desabamentos bastante sérios de areia, que ao todo atrasaram as operações de uma hora e meia. Mais duma vez os vagonetes descarrilaram—e era mais tempo perdido a metê-los de novo nos trilhos. Alguns dos homens, que levavam maletas ou iam embrulhados em cobertores, se viam de repente entalados, porque o tunel estreitava e eles temiam provocar mais desabamentos se fizessem força para abrir caminho. Em suma, todo o horário da fuga estava sofrendo um atraso medonho.

À meia-noite as sirenes de alarme contra ataques aéreos desataram a uivar, e todas as luzes se apagaram no campo, incluindo naturalmente as que tínhamos ilegalmente acesas no tunel. Tornava-se agora evidente que não mais de cem homens conseguiriam fugir antes do amanhecer. Foi preciso acender as lamparinas, e passá-las de mão em mão pela galeria fora.

Os que estávamos acima da terra ouvíamos o longínquo troar das bombas que choviam sobre a Alemanha, e nossas barracas estremeciam com a estupenda concussão das «rebenta-quarteirões» que a RAF estava despejando sobre Berlim, a mais de 160 quilômetros de distância do nosso campo de concentração. Em qualquer outro momento teríamos aclamado os aviadores aliados, mas nessa noite o ataque aéreo só nos arrancou maldições. Eram pouco menos das duas da manhã quando as luzes se reacenderam. Nesse ínterim, os evadidos lá se foram arrastando um por um, conforme puderam, do tunel para fora, e embrenhando-se pela calada nos bosques.

O momento peor da noite ocorreu cerca das quatro e meia da manhã. Ouviu-se de repente a sentinela da torre gritar alguma coisa, dirigindo-se à patrulha que rondava em baixo. O soldado desta subiu à torre, e o vigia desceu pela escada de mão, encaminhando-se direito ao buraco do poço. Era praticamente impossivel que ele o não avistasse porque, entre outras coisas, da boca do tunel saía uma nuvem de vapor (era numa noite de frio) e dalí até o bosque os fugitivos, rastejando na neve, tinham deixado nesta um trilho negro que fazia um contraste nitidamente visivel. Mas a sentinela, ao que parece por ter os olhos habituados ao clarão do projetor, caminhou até ficar aproximadamente a 1,20 m do poço, deu meia volta e agachou-se no chão. Ficou alí durante cinco minutos, enquanto os homens que esperavam no poço mal se atreviam a respirar para não despertar as atenções dele. Por fim, a sentinela regressou à torre, e outros homens puderam escapar-se para fora do tunel.

Deviam ser quase cinco da manhã quando o aviador da RAF, que estava dirigindo as fugas, concluiu que já havia claridade demais, e ordenou: «Façam descer os três homens seguintes, e acabou-se. Não sai mais ninguem. Se os que já sairam não forem notados, os alemães ficarão sem saber nada até à hora da chamada, e os nossos camaradas terão tido mais umas quatro horas para se afastar antes que comece a caçada.»

Os três últimos homens desceram a toda a pressa. No momento exato em que o terceiro sumiu no tunel, ouvimos lá fora estralejar um fuzil.

Sucedera o seguinte: dois dos fugitivos tinham alcançado a árvore que fazia de ponto de encontro na floresta; outro, rastejando, já estava a meio caminho dela, e um quarto tinha acabado de sair do buraco quando o sinaleiro avistou um guarda que se aproximava. Se este continuasse a avançar, pela direção em que vinha, era quase fatal cair dentro do buraco. Os homens que já estavam fora ficaram colados à terra, quietos como mortos, quando sentiram que o vigia dava dois fortes puxões de alarme à corda. O alemão continuou a avançar. Estava a sete metros de distância do buraco e ainda não o tinha visto.

Esquerda-direita, esquerda-direita, foi avançando, talvez meio adormecido, e nisso um dos seus pés veio assentar a uns 30 cm de distância da boca do tunel. Ao dar o passo seguinte, só por milagre não pisou no homem que jazia perfeitamente imovel ao lado do buraco. O alemão deu mais um passo e então, bruscamente, como que despertou do sonho. Não chegou a dar pelo homem que jazia a seus pés, mas o que lhe deve ter ferido a atenção foi o trilho negro aberto na neve. Reparou então no fugitivo deitado a meio caminho do bosque, e levantou o fuzil para disparar. Nesse momento um dos nossos camaradas, que estava à espreita junto da árvore, deu um pulo para a frente, pondo-se a descoberto, e, agitando os braços, gritou: «*Nicht schiessen, Posten! Nicht schiessen!*» (Não atire, sentinela! Não atire!)

A sentinela, no seu assombro, descarregou às cegas. Os dois homens que estavam na orla do bosque, e o que se arrastara até meio caminho, avançaram então devagar, com as mãos levantadas. Em seguida, o último fugitivo, até alí invisivel, ergueu-se lentamente mesmo aos pés do alemão, que deu um salto de um metro à retaguarda, e olhou para o chão: alí mesmo, debaixo do nariz dele, escancarava-se a bocarra do tunel. Puxou uma lâmpada elétrica e fez jorrar a luz poço abaixo, dando mesmo na cara do 81° fugitivo que estava perigosamente encarapitado na escada de mão.

A sentinela apitou, e num instante os guardas acudiram correndo de todos os lados.

Acabara-se a longa vida do Harry.

Produziu-se então no grupo 104 uma agitação frenética, para queimar listas e papéis, destruir e dar sumiço às ferramentas e fazer desaparecer os trajes civís. Os homens que se encontravam no interior do tunel, entretanto, vinham recuando palmo a palmo ao longo dos vagonetes, na expectativa pouco grata de apanharem um tiro na retaguarda. Quando o último deu finalmente entrada na casamata, o alçapão foi de novo hermeticamente fechado e encima dele assentou-se o fogão.

Daí a poucos minutos veio lá de baixo o ruido de alguem raspando: um dos guardas tinha percorrido todo o tunel desde o poço de saida, e nesse ponto não podia passar. Não nos demos ao incômodo de abrir a porta.

Pelas seis da manhã todo o campo

parecia enxameado de guardas; todas as portas e janelas estavam sob a pontaria de metralhadoras, e os guardas deram uma apertada batida a todo o grupo 104, gritando ao mesmo tempo: «Fora! Fora!» À medida que os homens saiam do grupo 104, iam sendo agarrados um por um e forçados a despir-se completamente na neve, botas e tudo, enquanto cada um dos artigos do vestúario passava a inspeção dos nossos carcereiros.

Enquanto eles procediam a essa busca, chegou correndo um ajudante, suplicando-nos que fôssemos abrir o alçapão. O guarda ainda estava lá, encafuado no tunel, e os seus superiores temiam que ele morresse asfixiado. Como os outros guardas não eram capazes de encontrar o alçapão, fomos lá abrí-lo. O homem que encontramos metido no poço não era realmente um mau sujeito... Basta dizer que foi o único com coragem suficiente para se meter pelo tunel.

DENTRO de poucas horas, a paz bucólica dos arredores havia sido rompida por uma das mais intensas caçadas humanas de toda a guerra. Pelo rádio, todos os cidadãos da redondeza foram avisados e mobilizados como guardas. Convocaram-se, alem disso, aos milhares, membros da Gestapo, do SS, da Luftwaffe e até da marinha alemã, vindos de Stettin e Danzig.

Na barraca, ficamos à espera das represálias, que viriam na certa. A fuga pelo tunel Harry quebrara todos os récordes mundiais no assunto, no que tocava ao número dos que lograram escapar; e seria natural que os alemães se vingassem em nós. A Gestapo veio, de fato, farejando, mas seus agentes, antipatizados no exército, não receberam auxílio algum dos nossos «furões» e, assim, nada encontraram. Ainda por cima conseguimos furtar-lhes duas lanternas elétricas. Descobriram, porem, outra coisa, e essa bem inesperada: havia, no campo, um mercado negro organizado pelo *Kommandant* e seu estado-maior! O que se seguiu foi, naturalmente, uma corte marcial.

Dos 76 que conseguiram fugir, quase todos foram capturados em um dia ou pouco mais, embora alguns alcançassem locais tão distantes como, por exemplo, Danzig e Munique. Todos foram encaminhados a uma sórdida prisão da Gestapo em Gorlitz, a uns 70 km de distância. Daí, 15 voltaram ao Stalag Luft III. Alem disso, nada mais ficamos sabendo.

Um dia porem, cerca de uma quinzena após a tentativa, nosso oficial de mais elevada patente foi chamado ao gabinete do *Kommandant*, onde este leu, com absoluta frieza, um relatório oficial: nele se registrara que, dos 76 oficiais fugitivos, 41 haviam sido fuzilados!

O oficial, reunindo-nos, fez-nos a dolorosa comunicação. Pusemo-nos a pensar, porem, e nos lembramos de que, pelas regras da Convenção de Genebra, se proibiam punições drásticas contra prisioneiros de guerra que houvessem tentado fugir. Ora, nem os próprios alemães haviam jamais agido daquela maneira. Assim sendo, chegamos a concluir que, provavelmente, o tal relatório sobre os fuzilamentos não passava de blefe, cujo fim exclusivo seria convencer-nos da temeridade de novas tentativas. Em todo caso, realizamos serviços fúnebres em memória dos camaradas, e todos usávamos, ostensivamente, um «fumo» de luto no braço.

Quando os alemães afixaram, no quadro de avisos, a lista dos mortos, vimos que eram 47 e não 41, e entre os nomes estavam os dos chefes—Bushell, Walenn (um dos «falsários»), Hake (o das bússolas) e Hall, fotógrafo.

Passamos dias de profunda melancolia e exacerbada fúria. Não tardou que se acrescentassem mais três nomes à lista dos mortos, e os alemães nunca nos explicaram qual a razão dos fuzilamentos, nem porque, dos fugitivos capturados, só 50 haviam sido mortos. Daí a uns quinze dias vieram trazer-nos algumas urnas contendo as cinzas dos cadáveres, as quais colocamos num sepulcro.

Em junho chegou uma carta, escrita em espanhol e assinada com nome fictício. Para nós, isso significava que um dos fugitivos, aviador holandês da RAF, alcançara a Inglaterra; um cartão postal da Suécia, com duas assinaturas falsas, revelou-nos que dois noruegueses haviam atingido sua meta. Fizemos nossos cálculos: 15 homens haviam sido recambiados ao Stalag Luft III e 50 estavam mortos; faltavam, portanto, 8, cujo paradeiro ignorávamos.

Só muito mais tarde soubemos que esses oito tinham sido levados para o terrivel campo de concentração de Oranienburg. A Gestapo costumava gabar-se de que ninguem fugia dum de seus campos; pois dentro de poucos meses todos os oito conquistaram a liberdade, através de um tunel. Foram capturados mais tarde, mas como, nessa ocasião, já a Alemanha se encontrava em pleno colapso, foi-lhes poupada a vida.

Se, com o fuzilamento de nossos 50 companheiros, os alemães esperavam que desistíssemos da temerária empresa, enganaram-se redondamente. Reformamos a «X» em torno de dois escavadores experimentados, e começamos imediatamente a trabalhar no «George», iniciado sob o teatro.

Em questão de tamanho, o George comparava-se ao Harry, e já estávamos quase prontos para a fuga quando subitamente, um dia, houve ordem de evacuação; é que os russos se aproximavam, estando apenas a uns 50 quilômetros dalí. Durante umas boas semanas, obrigaram-nos a marchar pela Alemanha em fora; mas a 2 de maio de 1945 chegávamos a Lubeque e fomos libertados, afinal, pelo Segundo Exército Inglês.

Negociantes astutos

¶ HÁ POUCO tempo, um sujeito que era dono de uma «portinha» onde vendia refrescos de frutas e de «essências», foi acusado pela Saude Pública de servir refrescos adulterados; disseram-lhe que fosse honesto e veraz nos anúncios de seus produtos. Daí a dias, passou pela casa um fiscal para ver como andava o negócio, mas nada pôde fazer, pois de fato o proprietário estava dentro da lei, dizendo apenas a verdade. Bem à mostra estava um cartaz com os seguintes dizeres: «Garantimos aos nossos prezados fregueses que todos os refrescos desta casa são feitos com essências adulteradas.» O negócio prosperava lindamente...

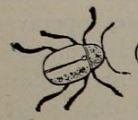
—Better Business Bureau, Long Beach, Califórnia

¶ O PRODUTO, para a cura da calvície, não estava tendo êxito algum; um dia, porem, o fabricante teve uma idéia. Em cada garrafa do preparado, punha uma etiqueta, onde se viam, em letra vermelha, as palavras: «Não aplique este líquido em qualquer parte do corpo onde não queira que nasça cabelo.» Resultado: as vendas aumentaram consideravelmente.

—George Brown, em *Advertising & Selling*

A nova «casa dos insetos», no Jardim Zoológico de Nova York, é um mundo de surpresas para os visitantes

Jardim zoológico de insetos



(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por T. E. Murphy

Brayton Eddy, que foi nomeado, no ano passado, Curador dos Insetos Vivos do famoso Jardim Zoológico de Nova York, está organizando a maior exposição de insetos vivos do mundo, em um edifício construido especialmente para tal fim. As exposições anteriormente organizadas por ele, e instaladas provisoriamente em outros edifícios, já gozam hoje enorme popularidade.

Eddy teve a idéia de criar um «Zoo» de insetos há 12 anos, por ocasião da exposição «Um século de progresso», em Chicago, e esboçou a sua idéia a um agente teatral.

—Escute aquí, disse-lhe este,—acabo de contratar um «número» de fenômenos vivos, e agora vem você com a idéia de uma casa de insetos! Suma-se, antes que eu perca a paciência!

Eddy voltou para Rhode Island, onde morava. A Comissão de Parques do Estado tinha justamente inaugurado o Goddard Park, com grande variedade de divertimentos, mas houve um desinteresse quase geral por parte do público. Eddy sugeriu então um «Zoo» de insetos, para atrair os visitantes.

—O povo vai rir de nós! disseram-lhe os membros da comissão. —Alem disso, todo o mundo tem nojo desses bichinhos.

Mas Eddy ofereceu os seus serviços com tanta persistência, para pôr em prática a idéia, que acabou obtendo uma pequena verba, sendo-lhe concedida permissão para usar uma casa vazia existente dentro da área do parque. Eddy e sua esposa puseram mãos à obra. Em sua busca de insetos, viravam velhos toros de madeira, subiam pelas árvores, enlameavam-se nos pântanos. E empregavam recursos engenhosos: colocavam um guarda-chuva aberto, invertido, sob uma moita, sacudiam esta, e assim faziam uma «colheita». Alguns insetos sucumbiam ao vício: um cozimento, de melado como cerveja velha e rum, era usado com visgo à volta do tronco de uma árvore, e produzia, no intervalo de algumas horas, outros exemplares para a coleção.

No dia da inauguração, foram exibidas 165 espécies diferentes de insetos. Foi um sucesso. A afluência popular ao parque excedeu de 40 mil à média registrada nos meses anteriores. Enquanto os visitantes iam conhecendo melhor os insetos, e Eddy aprendia a conhecer a natureza humana, descobrindo, como suspeitava, que todos mostravam enorme interesse pelos insetos, podendo observá-los objetivamente, a certa distância.

«Um *Zoo* de insetos,» diz Eddy, «é um lugar onde há sempre novidades.» E conta, a propósito, o caso de uma visitante que, emocionada, lhe disse, apontando para um casulo de onde emergia magnífica borboleta: «Andei pelo mundo inteiro, e nunca vi uma coisa que se comparasse com isto!» Episódios desse gênero são altamente animadores para Eddy, que tem realmente alma de empresário e gosta dos espetáculos.

Para fazer com que os espécimes exibam suas peculiaridades, Eddy recorre a vários expedientes. Coloca os escaravelhos, que gostam dos locais onde haja umidade, em um compartimento completamente seco, com um cepo úmido no centro,—onde eles se concentram, bem à vista. O besouro, por instinto, procura enterrar coisas na areia, e Eddy não lhe dá areia bastante, de modo que é forçado a fazer contínuas tentativas inuteis, em diferentes lugares. Outro inseto favorito dos visitantes é um caçador de formigas. Cava armadilhas no solo, onde apanha a vítima, que recebe uma espécie de jacto de suco gástrico e é absorvida depois dessa pre-digestão.

O *cardápio* dos insetos é extremamente variado. A sauva, por exemplo, levanta montes de adubo, próprios ao desenvolvimento de cogumelos, que elas devoram avidamente, e Eddy fornece-lhes folhas de roseira, que elas carregam, acima da cabeça, numa longa procissão. O lepisma, ou peixinho dourado, que come as capas de livros, é alimentado com grude. As traças e mariposas atacam pelos e plumas, como bem sabem as donas de casa. Em geral, a aranha negra devora o seu próprio marido ao jantar, mas como tal *regime* não seria prático para o próprio «Zoo», ela tem que se conformar em comer moscas.

Outro inseto de destino inglório é o louva-Deus, que, apesar de tão feio, é amigo do homem, porque se alimenta de mosquitos, de pulgões e outros insetos daninhos. O louva-Deus macho tem razão para estar sempre rezando: imagine-se que a companheira, quando está com fome, costuma arrancar-lhe a cabeça, o que proporciona aos assistentes um espetáculo macabro. O centro de controle dos seus nervos locomotores não se acha na cabeça, e, por essa razão, o inseto decapitado continua a caminhar à toa, até morrer provavelmente à míngua.

Há muita gente que mata insetos a esmo, sem qualquer discriminação. A maioria das pessoas acha, por exemplo, que não há diferença alguma entre matar uma borboleta e uma barata. Na verdade, porem, a borboleta é uma espécie de S. Jorge dos insetos, dando combate constante aos mosquitos, e o mesmo se pode dizer do escaravelho, que livra as plantas dos nefastos pulgões. Calcula-se, aliás, que não chega a 1% o número dos insetos daninhos, entre o milhão de espécies conhecidas.

Há pouco tempo, certa senhora pediu conselho a Eddy, por causa da consideravel quantidade de moscas que havia nos arredores de sua casa. Indo até lá estudar o caso, verificou que, como previra, ela havia atacado um ninho de vespas, com uma bomba de inseticida. Eddy explicou-lhe então que as vespas chegam a matar duas mil moscas por dia. A senhora havia, pois, eliminado o maior inimigo das moscas!

Com o objetivo de chamar a atenção do público para os insetos, Eddy tem levado a efeito truques de publicidade que fariam inveja a Hollywood. Apresentou uma batalha sensacional entre uma aranha negra, uma tarântula e um escorpião. Os jornais anunciaram a estranha luta, e Eddy teve a satisfação de ver que, no dia do acontecimento, não lhe faltava consideravel platéia...

A arena da luta—uma caixa de vidro—foi suspensa ao teto, a uma altura em que podia ser vista por todos os espectadores. O escorpião atacou logo a tarântula, a qual reagiu, mordendo-o em cheio. O escorpião então fez uma finta, e deu golpe direto com a cauda no meio do corpo da tarântula, que ficou visivelmente atordoada e se dirigiu para um canto neutro do *ring*.

Até então, a aranha negra se deixara ficar calmamente a um lado. Quando a tarântula fraquejou, o escorpião avançou para dar-lhe o golpe mortal, e nesse instante a aranha negra subiu-lhe às costas. O escorpião começou logo a devorar uma perna da tarântula vencida. «Era um espetáculo digno de se ver,» diz Eddy. «Ele comia a perna da tarântula como se fosse peito de galinha.»

Mas o escorpião não chegou a acabar a refeição. Em breve caía tambem, vítima da mordedura da tarântula, no começo da luta, ficando a aranha negra como única sobrevivente da peleja.

Eddy sempre teve predileção inveterada pelo dramático. Quando ainda universitário, escreveu várias peças, em que tambem representou. Terminado o curso, colaborou com um naturalista em dois livros, um sobre os insetos e o outro com referência aos animais marinhos. Iniciou em seguida uma série de conferências sobre os insetos, para aumentar a venda dos livros. Mas quando se casou, a esposa fez com que ele voltasse aos estudos. «Ora,» disse-lhe ela, «se você nem sabe falar aos cientistas na linguagem que eles usam!»

Eddy passou um ano em estudos de laboratório, e mais tarde seguiu um curso superior de entomologia, fazendo então o primeiro programa de rádio de insetos em toda a história, durante o qual levou um grilo ao microfone.

Atualmente, preocupa-se muito com os possiveis efeitos do inseticida DDT no mundo dos insetos. «Em seu meio natural, todo inseto é util,» observa ele. Mesmo o malquisto cupim não é assim tão mau, desde que fique nas matas. Lá ele trabalha vigorosamente: abrindo a fibra das árvores caidas ao ataque das bactérias, apressando a sua decomposição, que aduba a terra. Eddy sugere uma boa regra para os leigos: os insetos que devoram as espécies perniciosas são os mais rápidos em seus movimentos. Quanto mais rápidos são, como as borboletas, tanto mais benéficos aos homens.

Segundo ele, há anualmente imensos prejuizos nas colheitas, por causa da ignorância dos homens sobre os insetos que são seus amigos. Da sua «tribuna» no Jardim Zoológico, pretende lutar sempre em prol dos insetos uteis ao homem.

¶ Na estação ferroviária Grand Central, em Nova York, um recem-chegado tomou um taxi, cujo chofer percebeu tratar-se, evidentemente, de um «caipira» rico. Este lhe disse que tocasse para o Hotel Biltmore e o chofer, sem grandes escrúpulos, deu voltas extensas, apesar de que o referido hotel fica a um quarteirão da estação. No fim, o taxímetro marcava uma quantia absurda: catorze dólares. O viajante do interior, furioso, protestou: —Você está pensando que eu sou trouxa? Fique sabendo que da última vez que vim a Nova York fiz o mesmo trajeto, e o taxímetro marcou só doze dólares!

—Bennett Cerf

. . . . UMA RADIODIFUSÃO DO FUTURO . . . .

(Condensado da «Saturday Review of Literature»)

Robert Trout

Robert Trout, ouvido por milhões de rádio-ouvintes durante a guerra, na transmissão de noticiários do Columbia Broadcasting System, é tambem um ilustre discípulo de Nostradamus... Se não conseguirmos evitar outra guerra, diz ele, é bem possivel que um belo dia um dos seus noticiários apresente inesperadamente um conteudo mais ou menos assim:

Nova York, 12 de abril de 195... Fala Robert Trout, do Serviço de Notícias do Columbia Broadcasting System. São duas horas e sete minutos da manhã e não recebemos ainda, realmente, muitos detalhes sobre a explosão de Pitsburgo; mas ficarei junto ao teletipo e, com um microfone portatil, transmitirei, em resumo, as notícias que recebermos. Justamente há 36—não, 46 minutos—a United Press e a Associated Press anunciaram que a cidade de Pitsburgo, grande centro de produção de aço, foi abalada por tremenda explosão. É estranho, entretanto, o fato de não termos nenhuma informação procedente da própria Pitsburgo; chegou apenas uma avalanche de boletins enviados de localidades situadas a mais de 200 quilômetros daquela cidade, falando de um grande resplendor nos céus e do ruido de uma formidavel explosão.

Dentro de alguns minutos voltaremos a esses despachos; enquanto isso, vamos ver o que nos diz o nosso correspondente de Washington, com o qual parece que conseguimos finalmente estabelecer contacto...

Continuamos nossa irradiação de Nova York. Como ouviram, não conseguimos ainda receber nenhuma notícia de Washington, embora somente há meia hora, segundo o «International News Service», as janelas da Casa Branca e do Ministério das Relações Exteriores ainda estavam iluminadas. Parece, portanto que... um momento, acaba de chegar um boletim. Vou lendo, à medida que aparece no teletipo. *Detroit, 12 de abril, UP.* DETROIT FOI ABALADA POR NOVA EXPLOSÃO ÀS 12 H 58 DESTA MANHÃ. HÁ INDICAÇÕES DE QUE OS PREJUIZOS CAUSADOS FORAM GRANDES E DE QUE HOUVE PERDAS DE VIDAS. EMBORA NÃO TENHA SIDO REVELADA A NATUREZA DO ACIDENTE, AS AUTORIDADES LOCAIS ANUNCIAM QUE ESTÁ SENDO LEVADO A EFEITO UM INQUÉRITO, PARA SE APURAR SE A EXPLOSÃO DE DETROIT SE RELACIONA, DE QUALQUER MODO, COM A DE PITSBURGO. ATENÇÃO.

Há mais notícias de Detroit, mas a máquina da UP está agora transmitindo uma história sobre modas femininas. OS CHAPÉUS TAMBEM OFERECERÃO UM ASPECTO EXTREMAMENTE ORIGINAL, COMO DETALHE SUPREMO DE UMA SILHUETA FASCINANTE... basta, quanto a modas, neste momento de ansiedade e inquietude.

Afirmamos mais uma vez que não sa-

bemos ainda o que realmente aconteceu. Conquanto tudo pareça indicar que se trata de uma catástrofe, não ganharemos coisa alguma em nos alarmar prematuramente.

O corpo de comentaristas desta cadeia radiofônica está sendo reunido tão depressa quanto possivel. O Major George Fielding Eliot, conhecido como analista de assuntos militares, nos tempos em que ainda havia guerra no mundo, em breve estará aquí no nosso Serviço de Notícias. É possivel que se tenha atrasado por causa da inesperada tormenta que parece vir dos lados de Nova Jersey.

E, como não podemos... Diga, que é que há? Amigos ouvintes: acabo de ser informado que, segundo despachos da Associated Press, houve um chamado de emergência para todos os Corpos de Bombeiros e para todos os serviços de ambulância nas cidades situadas ao norte de Havre de Grace, no Estado de Maryland. Vou repetir—nas cidades ao norte de Havre de Grace.

Não sei o que pensar de uma mensagem como essa—mas foi assim que a recebemos aquí, pelo telefone... Que foi que houve com as linhas da AP? Onde? Ao sul de Trenton? A mensagem da AP foi transmitida pelo telefone, porque aconteceu qualquer coisa com as suas linhas regulares de comunicação direta, entre Nova York e Filadélfia. Aquela mensagem não nos diz muita coisa, mas teremos mais notícias, logo que a AP as obtenha. Não sei exatamente como a AP vai obtê-las. Até há poucos minutos, o nosso teletipo, que se acha ligado diretamente com a redação da AP em Nova York, funcionava regularmente. Está parado, agora. Aliás, as outras máquinas tambem estão paradas, e não há nada mais extraordinário do que o grande silêncio que reina aquí.

Talvez seja interessante, nesta altura, que eu leia para os ouvintes os primeiros despachos, recebidos das vizinhanças de Pitsburgo. Em sua maioria são extremamente vagos, e nenhum deles faz pensar em hostilidades; eu ia dizer «guerra», mas mesmo a palavra «hostilidades» parece simplesmente fantástica, absolutamente inacreditavel em nosso tempo.

Todavia, sem desejar causar nenhum alarme, há qualquer coisa de singular na quietude desta sala, em geral tão ruidosa. Todas as máquinas, que geralmente trazem notícias de tantos lugares, estão mudas—e não há no fato nenhum motivo para... bem, digamos *pânico*. A palavra poderá parecer exagerada para o caso, mas não, quando se considera a maneira de como o nosso serviço telefônico foi interrompido, desde o recebimento do primeiro despacho, exatamente 21 minutos depois da 1 hora. Vou repetir—não foi recebida até agora nenhuma palavra oficial, ou mesmo nenhuma sugestão extra-oficial, de que tenha começado qualquer guerra.

A Segunda Guerra Mundial terminou há muitos anos e desde então a humanidade progrediu sensivelmente em vários campos de atividade, até... (Irradiação interrompida)... as pontas recortadas dos barrotes... as vidraças das janelas estalaram e a fumaça está agora entrando... Logo que as lâmpadas deixarem de piscar...

¶ Sempre nos queixamos de que nossos dias são tão poucos, e nos conduzimos como se nunca se acabassem.

—Sêneca

Uma carta que salvou a vida de um alcoólico

MEU REGRESSO DAS TREVAS DO ALCOOLISMO

(Condensado do «Grapevine»)

Autor Anônimo

Há um ano eu era um alcoólico inveterado. Tentei deixar de beber, mas quanto mais tentava mais bebia. Bebia para embebedar-me; bebia para ficar abstêmio.

Foram os Alcoólicos Anônimos* que me chamaram à realidade.

Tinha uma idéia muito vaga da existência dessa organização, mas conseguí dissipar a névoa que rodeava meu cérebro, e lembrei-me de que sua sede era em Nova York. Escreví-lhes, ao cuidado do Diretor de Correios dessa cidade, a quem pedí: «Ficar-lhe-ia grato se procurasse essa organização. Sou veterano de ambas as guerras mundiais e preciso de auxílio!» Contaram-me depois que o carteiro que entregou minha carta disse: «Descobrimos o endereço dos senhores para este soldado. Agora tratem de ajudá-lo.»

Desse modo se iniciou minha correspondência com a organização. A distância a que me achava impedia qualquer contacto pessoal com a mesma, ou com qualquer de suas sucursais, e as cartas começaram a chegar em sucessão contínua, quase todos os dias, a maior parte das vezes por correio aéreo. Eram escritas em termos simples e delicados.

Nunca acreditei em desculpas e não pretendo apresentá-las agora, mas houve certos fatos que me impeliram para o alcoolismo. Tinha tido baixa dos Fuzileiros Navais americanos e trabalhava de noite. Minha filha trabalhava de dia, e meu filho, que estava na China com a Força Aérea, não escrevia há muitos meses. Minha mulher achava-se gravemente doente e não tínhamos ninguem que nos ajudasse em casa. Colhido nessa engrenagem que me esmagava, comecei a beber para adquirir energia e o alcool se converteu pouco a pouco em um recurso indispensavel.

Após a morte de minha mulher passei a beber continuamente para esquecer e, numa noite de chuva, fui atropelado por um automovel que me abandonou na estrada.

Depois de algumas semanas no hospital principiei a caminhar com auxílio de uma bengala e, naturalmente, passava o tempo em busca de bebidas. Claro que não era facil caminhar bêbedo, conservando ainda as lesões na cabeça, e o mundo parecia dissolver-se cada vez que percorria cem metros. Todavia, nunca tive a sensação de que ia cair; sempre me parecia que era o chão que subia e vinha

*«Alcoólicos Anônimos» é uma organização estabelecida há dez anos, com 12 mil sócios e 50 filiais, espalhados por todos os Estados Unidos. Todos os sócios são alcoólicos regenerados. Não se cobram anuidades e não há funcionários graduados; quanto aos princípios por que se rege, são doze regras de bom viver, adaptadas dos Dez Mandamentos do cristianismo.

chocar comigo. Devo ter caido, desse modo, umas doze vezes, até ao dia em que um pastor protestante me encontrou cheio de sangue e com a cabeça aberta.

Passei por todas ou quase todas as desgraças por que costumam passar os alcoólicos incorrigiveis. Tentei realistar-me, mas não fui aceito por causa do alcoolismo, e a desilusão levou-me a tomar parte em brigas de rua e, frequentemente, a acordar no xadrez, gritando com as dores terriveis da nefrite alcoólica. Mas o tratamento corrente para casos desta espécie, como o de isolamento durante 30 horas, não consegue senão exacerbar o vício, e minha idéia fixa era somente a de beber mais para esquecer a humilhação.

Certa noite dirigí-me à cozinha em busca de uma garrafa escondida. Confundí a porta do porão com a do armário, e caí escadas abaixo. Horas depois, quando recuperei os sentidos, vi três gatos que me contemplavam com suas silhuetas recortadas contra as chamas da fornalha, e dessa vez tive vergonha de mim mesmo. O silêncio inquisidor dos animais tinha-me afetado mais do que as censuras de meus semelhantes.

A crise aproximava-se. O médico não precisou de dizer que o vício estava-me matando porque eu o sabia. Bebia menos num dia, para beber mais no outro. Vivia em um mundo sem expressão, mas sentia vibrar em meu espírito a idéia quase apagada dos Alcoólicos Anônimos. E foi essa a luz que me atraiu. Decidí-me então a escrever a primeira carta.

A resposta não se fez esperar, curta mas tranquilizadora. Começava por tornar-me parcialmente responsavel, afirmando: «Nossa organização será eficiente, *se você quiser* que o seja.» E continuava: «Os requisitos de admissão resumem-se em um único: o desejo sincero de não beber mais, desejo esse que você parece possuir. Faremos todo o possivel para auxiliá-lo e, naturalmente, não cobraremos coisa alguma.» Terminavam por desejar-me sorte e pediam que voltasse a escrever-lhes, o que efetivamente fiz.

A base do plano de cura era visivel em todos os folhetos que me enviaram: «Levante-se pela manhã, decidido a não beber todo o dia. Não diga que não beberá mais nunca; preocupe-se somente com *esse dia*.» Era perfeitamente razoavel.

Os dias passavam-se e eu continuava firme em minha decisão. Mas a simples força de vontade não era suficiente. O médico teve que intervir, receitando sedativos e hidrocloreto de tiamina (vitamina B_1) para acalmar meus nervos e abrir o apetite.

Às vezes era assaltado por idéias terriveis, lembranças do passado, que só o alcool podia apagar. Mas os Alcoólicos Anônimos intervinham com sua lógica habitual e pediam-me que pensasse nisto: «Deus que me conceda serenidade para aceitar o que é inalteravel, coragem para modificar o que é mutavel, e sabedoria para reconhecer a diferença entre uma coisa e outra.» E isto impressionou-me profundamente.

Daí por diante as cartas passaram a ser diárias, trazendo sempre afirmações como esta: «Quando se sinta atormentado *pela idéia*, coma doces; é um bom remédio. Os alcoólicos habituam seu organismo a grandes quantidades de açucar, e o suprimento cessa quando param de beber.»

Não conseguí vencer a batalha imediatamente; tive duas recaidas. Mas tanto a sociedade como o médico garantiram que os deslizes não são raros no início, e isto me devolveu a coragem. Acentuaram que tais recaidas podem ser provocadas por crises emotivas e, portanto, tratei de evitar controvérsias e excitações. Descobrí depois que o excesso de confiança tambem é perigoso e os Alcoólicos Anônimos escreveram que eu nunca estaria tão próximo de meu primeiro copo, como no dia em que me convencesse de que tinha ganho a batalha.

Encontrei recentemente uma das garrafas que tinha escondido em casa e logo tratei de pô-la de lado. A fascinação, porem, atraiu-me. Sacudí o conteudo, examinei-o contra a luz e cheirei-o. Pensei que seria possivel beber um gole e concebí a idéia de encher meio copo com a bebida e o resto com água e sorvê-la depois lentamente, saboreando o seu aroma e fragrância. Meus nervos distenderam-se como cordas de viola.

Entretanto bateram à porta e o carteiro entregou-me uma carta da sociedade. O final continha este parágrafo extraordinário:

«Alguns alcoólicos, depois de afrouxada a pressão, pensam:—Pode ser que agora eu consiga beber somente um copo ou dois e parar. Se você se achar *um dia* nesse estado de espírito, sente-se por um instante, antes de beber o primeiro copo; sente-se *e pense! Recorde o passado!* Um copo é demasiado, mil copos não serão suficientes.»

Estremecí ao compreender como tinha estado próximo do abismo, e ainda hoje dou graças à Providência que me trouxe essa carta em hora tão crítica.

As missivas continuavam a chegar, oportunas e inteligentes, e quase sempre espirituosas. Não há muito tempo, após vários dias de crise, tive medo e escreví à organização. A resposta não se fez esperar: «Antes de mais nada, queira fazer-nos *o favor* de sossegar! Quando acabamos de ler uma das cartas que nos escreveu sob a ação de seu nervosismo, quase precisávamos de colete de forças.»

De outra vez, quando estava novamente na beira do abismo, os Alcoólicos pressentiram-no e enviaram-me uma carta urgente pelo correio aéreo: «Não se mostre tão desconsolado pelo fato de que *esta coisa* lhe exige mais força de vontade do que a que lhe resta. Supúnhamos que os Fuzileiros Navais nunca abandonassem a luta.» E isto veio realmente dar-me energia, pois ainda hoje me orgulho de ter sido fuzileiro.

As cartas produziam resultados onde tudo mais tinha falhado, porque falavam a minha linguagem: eles haviam sido alcoólicos como eu. Outrora, os conselhos carinhosos de meus filhos tinham-me envergonhado e haviam conseguido com que me odiasse a mim mesmo, mas não tinham logrado curar-me; cada vez bebia mais para esquecer minha baixeza. Os amigos e conhecidos faziam-me jurar «que voltaria a ser homem», contudo tanto uns como outros pareciam desconhecer o fato de que o alcoolismo é uma doença, e que há tanto motivo para invetivar um alcoólico como para censurar uma pessoa que quebra uma perna ou que sofre de uma lesão cardíaca.

A TÉCNICA dos «Alcoólicos Anônimos», conforme tive ocasião de descobrir, não consistia em forçar, nem tão pouco em dirigir, mas em caminhar lado a lado com as pessoas, oferecendo-lhes aquilo de que careciam—se estivessem dispostas a aceitá-lo. Não havia discussões nem controvérsias, como tambem não se esgrimia com o prestígio das ligas anti-alcoólicas. Eles não eram reformadores, e não distinguiam raças nem crenças políticas. Consideravam, porem, extremamente importante que se acreditasse na existência de um poder maior do que o nosso, porque esse fato, crença, ou apoio, tornava a luta mais facil.

«Para que diabo serve tudo isto?»

perguntei um dia em uma de minhas cartas. Responderam: «Você acabará por descobrir a resposta, mais cedo ou mais tarde. Ainda tem muitos anos de vida... Não valerá a pena vivê-los com dignidade? Há muitas outras pessoas nas suas condições, a quem você poderá auxiliar, e a melhor forma de nos esquecermos de nós próprios é ajudando os outros.»

Certo dia pensei em ir a Nova York e o meu correspondente animou-me a que fosse, pois o pessoal do escritório tinha tanto interesse em conhecer-me como eu tinha em encontrá-lo.

Durante a minha visita disseram-me que seria sempre um alcoólico. A maior parte das pessoas acabam por perder totalmente o desejo de beber e não se deixam tentar, ainda que em presença do alcool. Meu caso, porem, era diferente e eu pertencia ao pequeno número de infelizes que estão sempre em perigo. Jamais poderia olhar para as bebidas alcoólicas, cheirá-las ou sequer pensar nelas, sem que renascesse em mim o desejo imperioso e irresistivel de beber. Se tivesse hoje um deslize, acabaria por perder a batalha definitivamente. O alcool seria a minha morte.

A sede da organização tem estatísticas provando que 50 por cento dos que se lhe dirigem, com o desejo sincero de parar de beber, o conseguem imediatamente; 25 por cento param após uma ou duas recaidas; e, dos restantes 25 por cento, alguns falham inteiramente, outros abandonam seu contacto com a organização e ainda outros, finalmente, acabam por restabelecer as relações interrompidas e tornam-se abstêmios. Todavia, há duas classes a quem a sociedade não pode auxiliar: as pessoas com pouca força de vontade, que pensam sem grande sinceridade em não beber mais, e as que sofrem de lesões cerebrais ou psicoses.

A convivência com o pessoal da organização reforçou meu propósito e permitiu-me apreciar melhor a importância do aspecto espiritual. Não sou religioso, mas durante o meu regresso do mundo do alcoolismo comecei a entrever a existência de uma força exterior que me auxiliava. Essa idéia formou-se lentamente em meu cérebro, durante meus longos passeios solitários pelo campo, e convencí-me pouco a pouco de que a vida deve ter realmente algum propósito. Por isso experimentei rezar, mesmo sem saber a quem dirigir minhas preces.

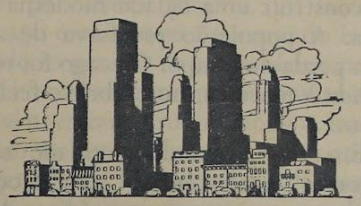
A transformação radical, que essa agremiação nos permite realizar, quase se assemelha a uma conversão religiosa. O efeito pelo menos é idêntico, se for sincero e duradouro. Hoje estou certo de que a maior parte dos casos sem êxito resulta da incredulidade na existência de um poder superior ao dos homens, e encontrei novo estímulo, não só em todo pessoal dos «Alcoólicos», como tambem entre os meus próprios amigos. Quando se readquire o verdadeiro sentido da vida, a confiança em si mesmo e a crença no futuro, podem dominar-se os males do alcoolismo. Creio tê-lo conseguido.

¶ Clemenceau e Lord Balfour saiam juntos, certa vez, da Conferência de Paz seguinte à Primeira Guerra Mundial. O primeiro levava um chapéu coco, e o outro uma cartola de seda. Balfour, então, pediu desculpas, explicando: —Eu pensei que fosse obrigatório usar cartola! E o «tigre» replicou: —Eu tambem...

—Harold Nicolson, *Portraits of a Diplomat*

Chicago, cidade barulhenta, de ventanias e cheiros fortes, pode muito bem vir a ser a maior e mais bela metrópole do mundo. Pelo menos é o que dizem os seus admiradores

A cidade da ventania



(Condensado do «Saturday Evening Post»)

por George Sessions Perry

Dentre as grandes metrópoles, uma das mais jovens e dinâmicas é sem dúvida Chicago. Aos olhos do mundo inteiro, é a que encarna melhor a energia, a audácia e o êxito que caraterizam as realizações americanas.

Chicago não chega aos pés de Nova York em matéria de formalismos. O seu povo é muito mais cordial. Quando falam no telefone, não têm aquela cortesia distante dos homens de negócios; a gente fica até com vontade de convidá-los todos para jantar. Podemos ter certeza de que, se os convidarmos, a palestra não versará sobre arte e idéias gerais. Os nossos hóspedes preferirão falar sobre um alto negócio que iniciaram, um novo mecanismo de primeira ordem, ou ainda certo lugar, nos limites da cidade, que recomendam a quem quiser se divertir.

Quando se vai comer uma sanduiche num café, o garçon geralmente trata o freguês como um velho amigo e puxa conversa com a familiaridade de um vizinho antigo. Um célebre prefeito de Chicago, John Wentworth, respondeu ao Príncipe de Gales, que lhe agradecia a magnífica hospitalidade: «Não precisa agradecer, Alteza; nós tratamos todo o mundo assim.»

Um forasteiro observou que as moças de Chicago estão sempre de atalaia e que seus olhos não param um instante. Diz ele que o vento frio do lago contribue para isso, esse mesmo vento que lhes acentua as formas através dos vestidos justos e lhes dá aquele arzinho petulante que as distingue. Chicago, bafejada pela aragem da sorte e pelos ventos do lago, faz jus ao nome de cidade da ventania.

Em 1830, não passava de uma aldeia insignificante de cincoenta moradores, construida sobre um lodaçal à foz do rio Chicago. Mas lá estava, ao norte, o lago Míchigan, ligado aos outros verdadeiramente Grandes Lagos, e a oeste o Mississipi, o mais importante meio de comunicação com as ferteis campinas do interior do país. Tambem a oeste jaziam as planícies onde iriam em breve engordar milhões de suinos.

Um século depois, a antiga aldeia havia aumentado sua população para perto de três milhões e meio. Em cincoenta anos crescera de mais de meio milhão, fato em verdade impressionante se considerarmos que somente catorze cidades da América do Norte atingem meio milhão de habitantes. Atualmente, com Berlim em ruinas e Tóquio semicremada, restam apenas três cidades no mundo—Nova York, Londres e París—com populações maiores que os 4 milhões e 500 mil habitantes da área metropolitana de Chicago.

À medida que entravam imigrantes trazendo todas as técnicas da Europa, os primeiros colonos começaram a acumular fortunas graças à alta fabulosa dos imoveis. Esse processo nunca se interrompeu, com exceção de alguns períodos de pânico na bolsa e crises semelhantes. Outros enriqueceram controlando os recursos naturais da região.

Começaram a subir os individualistas fortes, os bem dotados, os persistentes, os felizardos. William Ogden construiu estradas de ferro por toda parte. O Ministro da Guerra de Lincoln declarou que, sem a invenção da ceifadeira automática de Cyrus McCormick, não teria sido possivel dispensar os lavradores da faina dos campos e mandá-los ao exército da União para ganhar a Guerra de Secessão. Outro cidadão de Chicago, P. D. Armour, abasteceu de carne esse mesmo exército e ganhou assim seu primeiro milhão de dólares. Quando Lincoln foi assassinado, George Mortimer Pullman, inventor de um carro dormitório para estradas de ferro, conseguiu convencer a esposa de Lincoln a viajar nele de Chicago a Springfield, berço do grande presidente, e a publicidade foi tal que ele não sossegou enquanto não pôs os seus carros a correr em mais de cem ferrovias.

Através dos anos, crises e períodos de prosperidade sucederam-se. As crises financeiras eram sempre acompanhadas de sofrimentos enormes entre os pobres e de verdadeiras arruaças e motins. No tempo das vacas gordas, todo o mundo estava ocupado demais para cuidar do futuro e economizar prudentemente. Otimismo, trabalho e risco eram as notas dominantes. As divergências entre o capital e o trabalho tomavam a forma não de simples greves, mas de verdadeira guerra civil. Os industriais da época estavam mais interessados em pôr um corrente de rastros do que em ouvir a voz da razão. Os próprios operários pareciam às vezes dirigidos por adeptos não da razão, mas da dinamite.

Através dessa luta incessante, Chicago continuou a se expandir tornando-se cada vez mais rica e... mais feia. Em 1871 foi arrasada pelo grande incêndio, mas a ocasião não foi considerada propícia para se construir uma cidade moderna e bonita. A população precisava de abrigo sem perda de tempo. Chicago foi reconstruida à matroca, num abrir e fechar de olhos.

Em 1890, estando a cidade na sua vigorosa adolescência, com 1.099.000 habitantes, votou um crédito de dez milhões de dólares para a Exposição Colombiana, comemorativa do centenário da descoberta do continente, e conseguiu construir a célebre Cidade Branca num pantanal. O resultado, em 1893, pôs o mundo civilizado boquiaberto. Que maravilha! A famigerada Chicago dos prostíbulos e da carne de porco, que Kipling afirmara ser habitada por selvagens, mostrava sinais de civilização!

Jane Addams já se tinha tornado conhecida. Era uma mulher capaz, enérgica, bem humorada, disposta a trabalhar de rijo para aliviar o sofrimento dos oprimidos e a dar «facadas» aos ricos para socorrer os pobres. William Rainey Harper, com a generosa assistência financeira de John Rockefeller, estava construindo a Universidade de Chicago, a qual, com outros colégios e universidades tais como Northwestern e Loyola, iria exercer uma influência civilizadora sobre a comunidade. Theodore Thomas tinha-se dedicado de corpo e alma à Orquestra Sinfônica de Chicago, e Charles Hutchinson havia feito o mesmo com o Instituto de Arte, o famoso museu-escola. Finalmente, grande parte dos velhos

titãs do comércio, na previsão de uma visita final a S. Pedro, começaram a espalhar aquí e acolá alguns dos seus milhões para boas obras.

Então chegou o tempo dos três «maiorais»: o prefeito Thompson, o gangster Al Capone e o aventureiro Insull. Cada um deles, de acordo com suas luzes e possibilidades, tratou de explorar a cidade por conta própria. A fama de Chicago espalhou-se pelo mundo inteiro devido às guerras entre as várias quadrilhas, e era esse o primeiro assunto sobre o qual os estrangeiros, fascinados, interrogavam os americanos que desciam em outras terras. Mas o tempo do prefeito Thompson, com sua máquina política corrupta, finalmente acabou; os fiscais de rendas do governo, um belo dia, conseguiram pôr Al Capone na cadeia; e a crise do mercado, em 1929, pôs por terra o império fictício do banqueiro Insull que havia logrado, por meio de falcatruas, tornar-se o rei da luz e força elétrica e de outros serviços públicos.

O turista moderno terá de Chicago uma primeira impressão ótima ou péssima, conforme o ponto de entrada. Se for pelo lado dos cortiços, não poderá deixar de pensar que a cidade precisa de outro incêndio quanto antes. Mas se entrar de barco e atracar num dos ancoradouros de iates e percorrer a avenida que margeia o lago para o norte, imaginará, certamente, que talvez alí esteja a cidade mais linda do mundo, com seus parques enormes, avenidas larguíssimas e árvores às centenas por toda parte. Ao fundo e à esquerda, os arranha-céus centrais, mais sólidos que os edifícios esguios de Nova York, formam um cenário grandioso. Atrás da formosa fachada da Avenida Míchigan está o «Loop», grande bairro comercial ladeado pelo viaduto dos trens «elevados». É no «Loop» que se encontram as grandes casas de Marshall Field e outras lojas famosas, assim como os cinemas e teatros. Por trás do «Loop», dos três lados, acham-se alguns dos bairros mais miseraveis do país. Aí vivem as colônias estrangeiras mais variadas e os negros, cerca de 350 mil deles. Há também 119 mil poloneses, 83 mil alemães, 66 mil russos e outros tantos italianos, e muitos milhares de suecos, tchecos, austríacos, ingleses, húngaros, noruegueses, e iugoslavos.

Umas cincoenta sociedades cívicas e religiosas, desde a Associação Cristã de Moças até os sindicatos de operários, estão colaborando com a Comissão de Relações Interraciais da Prefeitura e com a Conferência da Unidade Nacional para ver se eliminam a tensão entre as raças e começam a pôr em prática os decantados ideais democráticos. Têm obtido resultados modestos, mas sólidos. Assim, por exemplo, os negros de Chicago já trabalham como choferes de ônibus e motoreiros de bondes em número cada vez maior, e já podem frequentar as praias públicas. Ainda resta muito que fazer, mas não faltam habilidade e paciência a esses cidadãos de boa vontade.

Num aglomerado desses, não é de estranhar que a politicagem floresça. Em cada setor há um cabo eleitoral da mesma nacionalidade dos habitantes do bairro. Esse indivíduo é, naturalmente, um figurão nas redondezas, conhece os problemas e fraquezas de cada um, tem influência política, ajuda aquela gente a compreender os atos do governo, e arrebanha votos para a máquina eleitoral.

A máquina política Kelly-Nash passou para a direção exclusiva de Ed Kelly—atual prefeito de Chicago—depois da morte do seu sócio. Diz Kelly, com toda a franqueza: «Ou eu dirijo a máquina ou ela me dirige e me reduz a uma figura de

proa.» Mas Chicago não se ressente dessa atitude do seu prefeito. Pelo contrário, o chefe conta com o apoio de quase todas as classes sociais. Aliás ele tem a habilidade de não impor à cidade leis demasiado puritanas. Ele sabe que Chicago faz questão de manter sua liberdade de ação e de conservar seus chalés de jogo e seus cabarés. Contudo, força é reconhecer que Chicago já não é o foco de crimes e de gangsterismo.

Chicago, que muito observador superficial considera a-poética, tem sido verdadeiro refúgio para muito poeta e estímulo para alguns dos melhores escritores americanos, mas isso não impede que a vocação da cidade seja antes de tudo crescer, enriquecer, dominar.

Hoje em dia existem, na área industrial da cidade, dez mil fábricas, cuja produção é a primeira do país depois da de Nova York. Chicago é, sem contestação, a capital ferroviária do país, e gaba-se de ter o maior serviço aéreo do mundo. O seu porto tem mais movimento que o canal de Panamá. Para poder despachar suas enormes lanchas e lançar seus esgotos Mississipi abaixo, desviou o curso do rio Chicago, que passou a correr em sentido contrário ao que a natureza lhe havia determinado.

Se for posto em prática o projeto de se ligar o rio São Lourenço aos Grandes Lagos, Chicago poderá tornar-se, mediante a construção de alguns canais, o porto de grande profundidade mais próximo do coração dos Estados Unidos, e poderá chamar a si parte considerável dos negócios que se fazem agora na costa do Atlântico. Já está trabalhando para se tornar o primeiro ponto de parada dos aviões vindos do estrangeiro. Se, alem disso, se executar o seu vasto plano de melhoramentos urbanos, em dez anos, e mais um projeto geral de reconstrução de casas, que impedirá Chicago e seus satélites, pergunta o cidadão sonhador, de se tornar a maior e mais bela metrópole do mundo?

Nova York, quase três vezes mais velha que Chicago, alem de París e Londres, são cidades maduras, com tendência a deitar-se sobre os louros e consolidar seus ganhos. Chicago ainda está crescendo, a vida é para ela uma aventura excitante. E os seus cidadãos sempre estiveram de acordo num ponto: cantar-lhe os louvores. Até os mais prudentes não hesitam em investir o seu capital nos projetos de Chicago porque sabem que a possante cidade leva a cabo, com ímpeto e coragem, tudo que empreende.

Simplicidade oriental

¶ Certa vez o dr. Walter Williams fez uma conferência numa universidade chinesa, e as suas palavras eram traduzidas, em caracteres chineses, num quadro negro, por um intérprete. Tendo notado que o intérprete deixou de escrever durante a maior parte do tempo, o dr. Williams, ao findar a conferência, perguntou-lhe a razão. «Escrevemos só quando o orador diz alguma coisa,» respondeu-lhe o intérprete, jovialmente.

—*Examiner* de Independence (Missouri)

Eis aquí uma análise do soldado, e da lenda que se criou em torno a ele

MacArthur—

o homem e o mito

(Condensado do «Collier's»)

Por Herbert Asbury e Frank Gervasi

O General Douglas MacArthur, com o impecavel vinco das calças, o famoso quepi, com galões dourados, garbosamente colocado sobre os cabelos cada vez mais raros, achava-se ao pé do microfone, na praia de Leite, logo após a invasão americana. Em torno a ele, na terra e no ar, a batalha rugia. Era um cenário dramático para o mais teatral de todos os líderes militares americanos.

Falou lentamente, revelando funda emoção na voz, como nunca fizera antes.

«Fala aquí, a Voz da Liberdade,» começou. «Eis-me de volta. Pela graça de Deus, nossas forças se encontram novamente em solo filipino... A hora de vossa redenção se aproxima... Reuní-vos a nós! À medida que as linhas de batalha forem avançando, envolvendo-vos nas zonas de combate,—erguei-vos e lutai conosco! Que nenhum coração dê sinais de fraqueza. Que todos os braços se tornem rijos como o aço. A Divina Providência nos indicará o caminho. Sigamos, em Seu nome, rumo à Copa Sagrada de uma justa vitória.»

Não faltou quem fizesse a MacArthur as mais severas críticas por um gesto teatral, como quase tudo que MacArthur faz. Fora, porem, realmente, mais que isso. Ele não se dirigira aos americanos, possiveis críticos, mas suas palavras se destinavam, principalmente, aos filipinos, que, havia três longos anos, aguardavam aquele momento. Era a eles que o herói idolatrado, graças ao qual tinham podido preparar-se para a defesa e o auto-governo, anunciava o cumprimento da profecia que fizera ao deixar Bataã.

Aquelas palavras eram, tambem, dirigidas aos japoneses. A frase «hei-de voltar» tinha sido impressa em milhares de caixas de fósforos, mataborrões, papéis, botões e outros artigos, que eram lançados, por aviões, nas áreas filipinas de resistência, ou trazidas por submarinos. Não tardou que os oficiais e as autoridades japonesas começassem a encontrá-los em suas mesas, em suas casas, nos mostruários das lojas, enfim, em toda parte.

A guerra psicológica de MacArthur acabou por deixar o Alto Comando Japonês um tanto trêmulo. Com o passar do tempo, como ele sempre fizesse o que prometia, tornou-se causa de um pavor que era quase superstição. É digno de nota o fato de que as estações de rádio japonesas, que lançavam insultos pessoais a todos os outros altos comandantes americanos, se referiam a MacArthur com o maior respeito.

Tanto aquele discurso era típico de MacArthur quanto as críticas o eram da reação que provoca sempre a personalidade do general. MacArthur é a figura do mundo militar que mais controvérsias inspira. Para milhões de americanos, é o suprassumo da perfeição militar—um lider incapaz de errar. Mas, para outros milhões, é um gabola, arrogante e intoleravel. A verdade—como quase sempre se verifica—está num meio termo.

Certamente, MacArthur é um dos mais habeis dos generais americanos. Segundo os técnicos militares, seria dificil que suas campanhas pudessem ter sido mais bem executadas. Atingiu sempre seus objetivos depressa, decisivamente, e com um mínimo de baixas.

Mas ele não deixa de ser tambem um exibicionista, como todos os atores, porque é, essencialmente, um ator, profundamente conciente de que está desempenhando um papel de destaque num dos maiores dramas da história da humanidade.

Fisicamente, MacArthur presta-se bem ao papel que o destino lhe confiou. Tem quase dois metros de altura, ombros largos, torso alongado e quadrís estreitos. Os sessenta e cinco anos de idade fizeram com que um pouco de gordura se lhe acumulasse sobre o abdome, o que consegue ocultar por meio de vincos nas calças, mais profundos do que recomenda o regulamento. Tem braços e pernas longas, e mãos muito expressivas, com dedos alongados. Usa camisas de gola aberta, em parte porque detesta gravatas, e em parte porque se orgulha de um pescoço robusto e juvenil. Os cabelos se estão tornando mais raros, o que muito parece preocupá-lo.

Um general tem a prerrogativa de desenhar suas próprias fardas, dentro de certos limites, e MacArthur manda-as fazer especialmente, de modo a dar realce ao bom corpo que tem e a toda a sua personalidade. De todas as suas criações, a mais célebre é o boné, que tem sido alvo de maiores críticas e pilhérias que todo o resto.

A MAIOR PARTE dos críticos argumentam que a fama de MacArthur é produto de habil publicidade. É verdade que suas relações com a imprensa são manejadas por um número consideravel de auxiliares dedicados. Mas dizer que foram habeis é exagerar um pouco. Como se explicaria então que o general não tenha sido salvo de grande parte da má publicidade de que ainda vem sendo vítima?

Os que têm a seu cargo as relações de MacArthur com a imprensa quase nada fizeram, em primeiro lugar, para colocá-lo no pedestal de um herói. Isto foi feito pelos jornais, pelo povo americano e pelas circunstâncias.

Quando os americanos e seus aliados estavam sendo forçados, pelos japoneses, a recuar em toda parte, os Estados Unidos precisavam urgentemente de um herói. MacArthur era dotado de todos os predicados para tanto. Conquistara o entusiasmo popular como o lider de Bataã. Os americanos, através de todo o país, aguardavam ansiosamente seus pomposos comunicados, e sentiam-se irmanados a ele, espiritualmente, ao lerem frases como esta, que traduziam sentimentos tão pouco militares: «Às mães dos mortos, debulhadas em lágrimas, só posso dizer que o sacrifício e a auréola de Jesús de Nazaré desceram sobre a fronte de seus filhos, e que Deus os chamará a Si.»

Começou, então a publicidade nos jornais, e toda uma série de livros e panfletos, extremamente elogiosos, rolaram dos prelos. Por volta de junho de 1942,

viam-se mostruários cheios de insígnias, distintivos e fotografias de MacArthur.

Em meio de todas essas adulações, surgiu uma pilhéria de mau gosto em fins daquele ano, quando certos políticos começaram a falar no nome de MacArthur para candidato à presidência do país. Esperavam servir-se dele para perturbar a candidatura de Willkie e embaraçar Roosevelt.

No começo, o general achou graça naquilo, recebendo a notícia de bom humor; já por volta de abril de 1944, porem, as coisas estavam indo tão longe, que não teve outro jeito senão aquietar definitivamente os ânimos. «Não aspiro a tal escolha, nem a aceitaria,» declarou.

OS NOTAVEIS feitos do general não surpreenderam seus velhos amigos, pois, segundo estes, ele sempre soube exatamente o que queria, e como conseguí-lo. Desde muito cedo, MacArthur convenceu-se de que tinha diante de si um destino excepcional, o que se cristalizou na ambição de tornar-se um dos grandes soldados da história.

MacArthur nasceu em 1880, num destacamento militar perto de Little Rock, no estado de Arcansas. Seu pai, General Arthur MacArthur, conquistara, durante a Guerra Civil, uma cobiçada condecoração militar. Mais tarde, havia de distinguir-se na campanha das Filipinas, tornando-se o primeiro governador militar das ilhas e verdadeiro ídolo da população.

Douglas era extremamente dedicado à mãe, que exerceu, sobre ele, enorme influência. À passagem de cada aniversário do filho, tinha com ele longa e grave conversa sobre o futuro. Gravou-lhe fundamente no espírito a idéia de que, filho de um general famoso, tinha ele nascido sob uma estrela de glória militar. Até morrer, aos oitenta e dois anos de idade, continuou a orientá-lo, toda vez que o julgasse necessário.

Ao ingressar MacArthur na Academia Militar de West Point, em 1899, tanto ele quanto a mãe tinham por certo que seria o melhor de todos os alunos. E foi. Formou-se em 1903, à frente de toda a classe, conquistando a mais elevada classificação registada na escola durante os cem primeiros anos de sua existência.

Era chefe da equipe de futebol, e começou a jogar beisebol tambem, porque lhe pareceu que devia ganhar pelo menos uma boa nota no campo dos esportes. Claro está que a ganhou, e, como era de esperar, seu time foi o primeiro do Exército a vencer o da Marinha.

MacArthur era, tambem, monitor do corpo de cadetes, e mostrou saber lidar com as dificuldades do posto. Fez com que os cadetes, seus colegas, nunca perdessem de vista o fato de que era um oficial superior.

Em parte devido ao pai, tivera sempre a sensação de que seu destino se achava inexplicavelmente ligado às ilhas Filipinas. Ainda se inclina a ver a mão do destino no fato de ter sido para lá enviado, logo que recebeu, com o diploma de oficial, o posto de tenente do corpo de engenheiros. Sua primeira tarefa consistia em fazer uma inspeção militar de Leite, em cujas praias, quarenta e dois anos depois, havia de chefiar o desembarque de um grande exército americano. Serviu como ajudante de ordens do pai, quando este exerceu o cargo de principal observador americano, junto ao exército japonês, na guerra russo-japonesa. Àquele tempo, e tambem mais tarde, como adido à Embaixada Americana em Tóquio, e, depois, nas Filipinas, durante longos anos, Douglas estudou com persistência a psicologia japonesa.

Ao terminar a Primeira Guerra Mundial, era ele o mais jovem comandante de divisão do exército de seu país. A seguir, foi chamado a percorrer vários postos no cargo de superintendente de West Point. O destino manifestou-se, novamente, ao ser enviado para as Filipinas, em 1923, como comandante de brigada. Sob sua própria responsabilidade, traçou e fiscalizou a linha de defesa de Bataã.

De 1930 a 1935, foi Chefe do Estado Maior, sendo o mais jovem militar a ter jamais ocupado esse alto posto. De volta às Filipinas, em 1935, empreendeu o treinamento e a organização do Exército Filipino, procurando ao mesmo tempo, constantemente, obter verbas destinadas a fortificar as defesas do arquipélago, para a guerra, que se lhe afigurava inevitavel, com o Japão.

Quando MacArthur anunciou sua intenção de expulsar os japoneses das Filipinas, muitas autoridades civís e militares nos Estados Unidos, especialmente da Marinha, manifestaram a opinião de que conviria passar ao largo das ilhas; mas os acontecimentos vieram a provar que o ponto de vista de MacArthur era certo. Opôs-se ele à rendição das Filipinas, mesmo depois da queda de Manila. Foi evacuado de Bataã, contra sua própria vontade. Ao receber do Presidente Roosevelt a primeira ordem de partida, respondeu, ao que se afirma, com uma franca recusa. Tinha projetado dividir suas forças em guerrilhas e atacar continuamente os japoneses até que chegassem reforços dos Estados Unidos.

Seus oficiais convenceram-no, finalmente, de que devia obedecer às ordens. Tinham ouvido dizer que um grande contingente americano estava sendo formado na Austrália e acreditavam que MacArthur seria chamado a comandá-lo. A 10 de março de 1942 um segundo telegrama ordenava-lhe que seguisse para a Austrália sem demora. Lá foi ter, esperando chefiar um exército de socorro para as Filipinas. Começou, então, um período de terriveis decepções. Não havia exército. Fora chamado a assumir o supremo comando do Sudoeste do Pacífico. Averiguou, porem, que a maior parte daquela grande área fora confiada à Marinha.

MacArthur tinha apenas duas divisões de tropas, cujo treinamento era incompleto. Sua Força Aérea podia dar-se por feliz se contasse com três bombardeiros apenas, para ataques a Rabaul. O ressentimento e a surpresa de MacArthur aumentaram, à medida que os meses foram passando, e o Sudoeste do Pacífico continuou a ser desprezado, enquanto os japoneses se aproximavam cada vez mais.

O general sentiu que estava sendo posto de lado, deliberadamente, e procurou, várias vezes, renunciar ao comando. Uma frieza evidente surgiu entre MacArthur e Roosevelt, persistindo até que ambos se encontrassem em Pearl Harbor, para uma conferência, depois da qual MacArthur começou a receber suprimentos adequados.

Tem havido certa inimizade no exército americano para com MacArthur, desde que este foi nomeado superintendente da Academia Militar, passando sobre oficiais mais antigos. Por volta do momento em que chegou à Austrália, a campanha lançada contra ele começava a incluir sérias acusações.

Oficiais da Aeronáutica responsabilizavam-no pela perda da pequena força aérea estacionada nas Filipinas, a maior parte da qual fora destruida ainda em terra pelos japoneses.

O próprio MacArthur nunca fez comentários sobre essas controvérsias, e só em junho de 1945 o Ministério da Guerra dos Estados Unidos deu permissão aos jornais para publicarem a notícia de que os aviões do Campo Clark se haviam perdido porque as ordens do general não foram obedecidas. Ordenara, ele, que partissem de Lução, passando a operar de Mindanau, onde estariam relativamente a salvo.

Os críticos de MacArthur perguntaram porque o general não havia deixado sua senhora em Lução. Seria ela, por acaso, melhor que outras mulheres americanas que tinham permanecido nas ilhas? Por que motivo a ama do filho do general havia sido salva, em vez de uma enfermeira do exército? A história começou a ser exagerada. Informaram que MacArthur empregara todos os aviões disponiveis para salvar a mobília de sua casa e as roupas da mulher. Chegaram finalmente ao ponto de afirmar que as tais cargas incluiam, alem disso, uisque, jóias e até os brinquedos do garoto.

O correspondente de um jornal investigou, durante três anos, se havia algo de verdadeiro nesses boatos. Encontrou centenas de jovens oficiais da Força Aérea Americana que conheciam, embora não pelo nome, o aviador que pilotara o avião no qual essas cargas haviam sido transportadas. Mas o piloto nunca pôde ser localizado. O correspondente verificou, finalmente, que MacArthur trouxera apenas quatro malas, uma para cada membro da família, e um colchão para a mulher, que estivera doente.

Segundo seus amigos, a presença da sra. MacArthur é, realmente, uma fonte de inspiração e coragem. O general passa, no lar, todos os momentos de que pode dispor. Durante dois anos e meio, na Austrália, fez todas as refeições em casa, cozinhadas pela própria senhora MacArthur. Não vai nunca a festas nem ao cinema e quando tem, por acaso, alguns convidados para jantar, é sempre um membro do seu Estado Maior.

A vida oficial de MacArthur tem sido quase tão simples quanto sua vida particular. A despeito de todas as informações contrárias, ocupou sempre moradas muito simples.

Houve tambem grande número de críticas dirigidas contra seus comunicados, que eram cuidadosamente polidos, pelo próprio general. As frases eloquentes e as constantes referências a Deus são de sua autoria. É que é um homem extremamente religioso.

Em muitos casos, afirmou-se que as notícias contidas nesses comunicados não eram justificadas pelas vitórias realmente conquistadas.

É verdade que, durante várias semanas anteriores à captura de Manila, os comunicados anunciavam que diversos objetivos militares já tinham sido tomados, quando ainda se estavam travando duros combates. Em defesa de MacArthur alegou-se primeiro, que talvez seu próprio Estado Maior lhe tivesse pintado um quadro por demais otimista da situação e, segundo, que ele se achava sob tremenda tensão nervosa. Não cessava de instigar seu Estado Maior a avançar mais depressa. Na ansiedade de que se achava possuido, foi fazendo com que o quartel general se aproximasse cada vez mais da linha de frente.

Talvez a história mais amplamente divulgada sobre MacArthur haja sido a de que é totalmente desprovido de coragem pessoal. Afirmaram que aparecia nas praias de invasão apenas o tempo necessário para ser fotografado, pondo-se a salvo, logo depois.

Na Primeira Guerra Mundial, passou ele grande parte do tempo nas linhas de frente e, por duas vezes, foi ferido em combate. Nem àquela altura nem nunca, desde então o viram jamais usar um capacete ou carregar armas de mão. Uma vez, na França, tomou parte num ataque às trincheiras inimigas, levando na mão o pequeno chicote que alguns oficiais costumam carregar, «apenas,» dizia, «para que os rapazes soubessem que havia ao lado deles alguem do quartel general.» Ele e sua patrulha trouxeram, de volta, oito prisioneiros. Chefiou tropas americanas num ataque a um ninho de metralhadoras alemãs, recebendo pela segunda vez a Cruz de Serviços Relevantes. A citação dizia: «Num campo de batalha em que todos revelaram coragem, foi a sua a que mais sobressaiu.» Ao tempo em que explodiu a guerra com o Japão, MacArthur tinha mais condecorações que qualquer oficial americano jamais tivera até então: treze americanas e dez de países estrangeiros.

O general desembarcou com as primeiras ou segundas fileiras de tropas, em quase todas as invasões, opondo-se, repetidas vezes, à metralha japonesa. Correu riscos que nenhum oficial de seu vulto deveria correr. Durante as três primeiras semanas da invasão de Leite, quando os ataques aéreos japoneses ocorriam quase de hora em hora, nunca se viu o general procurar um abrigo.

MacArthur acompanhou um regimento de paraquedistas, no ataque a um campo de aviação, na Nova Guiné. Sua Fortaleza Voadora encabeçou a formação, voando a pouca altura sobre o campo, durante uma hora, enquanto MacArthur observava a operação. Isto, a despeito do fato de que detesta voar. Precisa tomar um sedativo para acalmar os nervos a bordo do avião, mas voa quando é necessário. «Seria horrivel ficar enjoado em frente de meus soldados,» observou, certa feita.

Depois do desembarque em Corregidor, MacArthur foi o primeiro americano a entrar no Tunel de Malinta. Ainda havia japoneses ocultos no tunel, e os soldados americanos atiravam granadas de mão. Ninguem sabe por que motivo os japoneses não mataram o general.

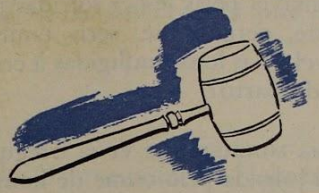
Uma vez, quando o correspondente Jack Turcott estava com MacArthur numa praia, sob forte fogo de metralha, o primeiro perguntou por que razão o general não usava capacete em vez do quepi, que se destacava tanto. MacArthur sorriu: «O senhor não está realmente preocupado comigo, está?» perguntou. «Está mas é com receio de que um desses atiradores procure visar-me e a bala venha a atingí-lo.»

Um ajudante de ordens pediu ao general que não examinasse as armas capturadas aos japoneses, antes que fosse devidamente averiguado se tinham ou não alguma armadilha oculta. MacArthur fixou o oficial um instante, e perguntou, com um tom de desprezo na voz: «O senhor quer viver eternamente?»

¶ Em Hollywood, um diretor de cinema, tendo escrito um livro, pôs-lhe a seguinte dedicatória: «A minha mulher, sem cuja ausência este livro não teria sido escrito.»

—Do *Chronicle*, de São Francisco

Qual seria a sua decisão nestes pleitos duvidosos?
Compare a sua lógica com a dos tribunais



Seja você o juiz

Ao terem que julgar litígios que envolvem problemas dificeis, os tribunais muitas vezes são obrigados a tomar suas decisões sem o recurso à jurisprudência. Eis, por exemplo, alguns desses casos, escolhidos por Huntington Cairns, advogado principal do Museu Nacional de Arte, de Washington, e por Young Smith, Reitor da Faculdade de Direito da Universidade de Colúmbia. As decisões, que se reproduzem no fim do artigo, podiam ter sido dadas em favor de qualquer dos litigantes. Concorda com elas?

1. Quando o navio *William Brown* abalroou contra um bloco de gelo e foi a pique, o mestre, oito tripulantes e 32 passageiros conseguiram escapar no maior barco salva-vidas de bordo. Sua posição, porem, era precária, pois a borda estava somente alguns centímetros acima da água e o mais leve movimento podia emborcar a escaler. O esgotamento contínuo da água não resolvia a situação, e tornava-se necessário aliviar a carga. Em tais condições, o mestre ordenou que a tripulação «iniciasse a tarefa», sem contudo «separar as esposas de seus maridos e sem lançar mulheres pela borda fora». Holmes, tripulante que tinha demonstrado até então grande heroismo e espírito de sacrifício, atirou ao mar 12 homens. Pouco depois o mestre perdeu o juizo e Holmes assumiu o comando do barco, conseguindo salvar os restantes passageiros graças a seus esforços.

Holmes foi mais tarde processado por homicídio. Votaria pela absolvição ou pela condenação?

2. Em Seattle, nos Estados Unidos, vendiam-se a quatro centavos os pintos nascidos na véspera. O presidente de uma associação de avicultores soube que os japoneses tinham descoberto um processo para determinar o sexo dos pintos, mediante o qual seria possivel vender os machos a três centavos e as fêmeas a oito. Os membros da associação resolveram contratar a vinda de dois peritos japoneses para Seattle. Estes, porem, não puderam entrar nos Estados Unidos devido às novas leis que regulavam a imigração, e os avicultores decidiram instalá-los no Canadá. Os pintos eram remetidos pelo expresso e voltavam já separados por sexos.

O fiscal aduaneiro da região entendeu que os pintos deviam pagar direitos de entrada na viagem de regresso, por isso que «seu valor intrínseco havia aumentado ou a sua qualidade tinha melhorado com a seleção». Todavia, os avicultores não concordaram. Na sua opinião não se tinha acrescentado coisa alguma aos pintos; estes haviam sido apenas inspecionados. Era um caso positivamente idêntico

ao de um quadro que, comprado num belchior por 300 cruzeiros, tivesse sido mandado avaliar em Londres, descobrindo-se no exame que era um Rembrandt, cujo valor excedia um milhão de cruzeiros!

Quem tinha razão?

3. HELENA PALSGRAF estava à espera de um trem, quando apareceu correndo, para apanhar outro trem que já estava em andamento, um homem levando um embrulho. O homem conseguiu saltar para o estribo, mas vacilou como se fosse cair. Um empregado da companhia, que se achava no vagão, debruçou-se para auxiliá-lo, ao mesmo tempo que outro ferroviário que estava na plataforma o empurrou desajeitadamente para dentro do carro. Durante a confusão, o embrulho caiu nos trilhos. Seu conteudo, apesar do aspecto inocente, era constituido por fogos de artifício que se incendiaram ao cair nos trilhos, fazendo com que alguns estilhaços fossem cair sobre Helena Palsgraf, postada a 8 ou 9 metros de distância, na outra extremidade da plataforma. A moça ficou ferida e intentou ação judicial contra a empresa ferroviária.

Teria direito a qualquer indenização?

4. UMA PARTURIENTE entrou em um hospital com o qual tinha contratado a prestação da assistência necessária, tanto para ela própria como para a criança, depois do nascimento. O pessoal colocou a parturiente numa cadeira e transportou esta para um elevador, afim de conduzí-la a um dos andares superiores. Devido à negligência do empregado que manejava o elevador, a mãe caiu da cadeira e seu pé ficou entalado entre o elevador e a parede do vão respectivo; provocando-lhe ferimentos no pé esquerdo, na coxa e em um dos lados do corpo. A criança sofreu lesões graves e nasceu paralítica. Partindo do princípio de que o hospital era responsavel pelas lesões sofridas pela parturiente, pergunta-se: seria tambem responsavel pelas lesões infligidas à criança antes do parto?

5. UMA MULHER que vivia irregularmente foi julgada pelo crime de homicídio, e absolvida. Abandonando seu modo de vida, casou-se e passou a viver exemplarmente, assumindo uma posição social respeitavel e criando numerosas relações que desconheciam o seu passado. Um dia, certa empresa cinematográfica, sem o conhecimento ou a autorização dela, produziu um filme baseado na sua vida anterior e exibiu-o, usando o seu nome de solteira. Os amigos conheceram desse modo o seu passado e ameaçaram-na com a difamação e o ridículo.

Pergunta-se: teria ela direito a reparação?

6. JOÃO abandonou sua esposa, Maria. O irmão de João convenceu esta de que o seu marido havia perecido em um naufrágio. Transcorridos seis anos após o desaparecimento, sem que tivessem havido quaisquer notícias do ausente, Maria casou com Ricardo, convencida sinceramente de que era viuva. Algum tempo depois, descobriu-se que João estava vivo e Maria foi processada por bigamia, ao abrigo de uma lei segundo a qual se considera bígamo o cônjuge que contrair segundas núpcias durante a vida do outro cônjuge, exceto, se o primeiro casamento houver sido dissolvido, ou se outro cônjuge tiver estado ausente, sem notícias, durante mais de sete anos consecutivos. Durante o julgamento, o juiz informou o juri de que a convicção da morte do marido, ainda que lógica e de boa fé, não invalidava o preceito legal aplicavel, uma vez que Maria tinha casado antes de transcorridos sete anos após o início da ausência. O juri condenou Maria, e esta sem demora recorreu da condenação.

Podia considerar-se Maria como culpada de bigamia?

As decisões

1. O juri considerou Holmes culpado, mas recomendou clemência. Ao instruir o juri o juiz afirmou que, nas circunstâncias em apreço, a seleção por sorteio era o único método aplicavel.

2. A Alfândega decidiu que os pintos não estavam sujeitos ao pagamento de direitos, porque a natureza intrínseca dos artigos importados não tinha sofrido alteração.

3. O tribunal julgou contra Helena Palsgraf, por quatro votos contra três, baseando-se em que o empregado ferroviário não tinha motivos para supor que o embrulho contivesse explosivos. O homem empurrado teria direito a indenização se tivesse sofrido ferimentos em consequência do descuido do ferroviário. Mas o guarda não atuou com negligência em relação a Helena Palsgraf.

4. O Supremo Tribunal Estadual, de Ilinóis, julgou no sentido de que o hospital não era responsavel pelas lesões infligidas à criança antes do parto, por isso que até então o feto não tem existência física independente.

5. O tribunal decidiu a favor da autora do processo. A empresa cinematográfica não foi condenada por haver utilizado fatos reais, mas por ter usado o nome da litigante.

6. O tribunal absolveu a ré e decidiu que esta não era culpada do crime de bigamia, uma vez que não tinha existido intenção criminosa

Velocidade de tartaruga

¶ CERTA VEZ, há muitos anos, duas tartarugas grandes e uma pequena entraram num bar para matar a sede com um copo de salsaparrilha. Mal começaram a sorver o seu trago, uma das tartarugas grandes observou que começava a chover. Seguiu-se animada discussão, tendo-se decidido, por fim, que a tartaruguinha fosse até a casa onde moravam, buscar o guarda-chuva. A tartaruguinha protestou, alegando que, na sua ausência, as duas maiores tomariam sua salsaparrilha. Afirmaram-lhe, porem, que não se preocupasse, pois nem sequer tocariam na bebida que lhe pertencia; convencida, a tartaruga pequena iniciou a caminhada.

Daí a um mês, uma das tartarugas grandes disse: —Vamos beber a salsaparrilha da tartaruguinha?

—Vamos, respondeu a outra.

Lá do fim do bar, perto da porta, veio uma vozinha estridente: —Se vocês beberem minha salsaparrilha, eu não vou buscar o guarda-chuva!

—*Capper's Weekly*

Poucos sabem quão digno de respeito é este majestoso gigante dos ares

Como vivem as águias

(Condensado de «Nature Magazine») *por Donald Culross Peattie*

Os Estados Unidos da América têm um rei. O rei do ar, o indiscutivel senhor dos espaços—a águia americana ou de cabeça branca.

É dotado de todos os caraterísticos próprios de um orgulhoso monarca: uma cabeça branca como a neve, «nariz» aquilino, olhar penetrante. O Congresso Americano fez uma escolha acertada quando, em 1782, decidiu-se em favor da imagem desse pássaro para o Grande Selo dos Estados Unidos, rejeitando assim a águia dourada que havia sido originalmente sugerida pelo desenhista. O pássaro da mesma espécie, de côr mais negra, apesar de tambem ser encontrado nos Estados Unidos, tem servido através dos séculos como símbolo heráldico de estados não-democráticos como a Rússia Czarista, o Império Austríaco, a França Napoleônica, o Império Prussiano, o Império Romano, e tambem de tiranias e ditaduras que remontam aos tempos da Assíria.

A águia dourada pode ser mais bela; cruel certamente o é; como exterminadora de outros animais, é mil vezes mais culpavel que a águia americana, cujo alimento preferido é o peixe. Benjamim Franklin, desejando fazer do vaidoso e estúpido perú o pássaro nacional, acusou a águia americana de covarde, fanfarrona e ladra piolhenta. Desconhecia aparentemente que o pássaro escolhido é mais ligado e mais fiel à prole e à companheira do que qualquer outro nos céus da América.

A águia-macho une-se à fêmea por toda a existência. Diz-se o mesmo de muitos pássaros, mas na maioria dos casos o conceito é falso. O casal de águias permanece unido, não somente na época da fecundação, mas até a morte. E somente quando a águia se vê despojada do seu companheiro, desaparece dos lugares que costuma frequentar, e se põe a errar pelos espaços—hoje em dia tão despovoados de águias—até o momento em que encontra novo companheiro e o leva para seu lar. O período de corte assídua começa em novembro e dura até junho. No seu ninho, geralmente colocado no topo de uma árvore alta, não muito longe de algum curso de água o casal vive em ardente e impetuosa devoção.

Nenhum outro pássaro é tão profundamente ligado ao lar. A águia nunca abandona a sua zona de influência, exceto quando sai à procura de um companheiro, ou quando forçada a migrar por falta de alimento. A maioria dos pássaros deserta o ninho ao terminar a estação; para eles o ninho não é um lar e sim um berço. Os poucos que voltam ao mesmo

ninho, como as andorinhas dos penhascos, por exemplo, não tratam de ampliá-lo. Mas a águia constrói, todos os anos, um novo em cima do antigo. E, como podem viver tanto quanto um homem, seu ninho cresce continuamente, servindo ao mesmo tempo de residência de verão e de inverno. Um ninho que caiu de uma árvore, perto do lago Erie, pesava cerca de duas toneladas e representava talvez um século de habitação. Outro, encontrado num rochedo ao largo da costa da Califórnia, continha em espantosa quantidade galhos e folhas. Galhos toscos, às vezes com dois metros de comprimento, formam o parapeito desses castelos. Dentro são forrados com capins macios, musgo e penas, e a vista que se descortina de uma dessas mansões selvagens é geralmente a mais bela de todas as da região.

A fêmea põe dois ou três ovos brancos relativamente pequenos. De tão minúsculo núcleo, cresce o rei do espaço.

Os pais dividem a tarefa de incubação, que dura cerca de 35 dias. A águia é capaz de chocar pacientemente durante 72 horas. Quando cansada, chama o companheiro por meio de um som especial e tem lugar rapidamente a rendição da guarda. Se for obrigada a deixar o ninho indefeso, o inteligente pássaro cobre a sua superfície com folhas mortas, dando assim a impressão de que foi abandonado.

Os filhotes, em virtude de nascerem tão pequenos, têm longa infância. E sua vida é tão mais complexa do que a da maioria dos pássaros, que sua educação precisa ser longa e esmerada. A princípio os filhotes recebem a comida na boca, mas, chegando o momento de se alimentarem por si mesmos, seus pais dilaceram um peixe diante deles, mostrando-lhes como fazê-lo. Em seguida trazem um peixe inteiro e se afastam um pouco, enquanto a «garotada» aprende a arte de esquartejar.

Os filhotes brincam no ninho com pedaços de páu, como as crianças em geral se divertem com brinquedos de toda sorte. Aprendem assim a apanhar objetos com as garras. Antes de poderem voar, têm primeiro que arrancar suas penas cinzentas. Feito isso cabe-lhes a tarefa de desenvolver e untar a nova plumagem branca. Aprendem a fazer exercício todos os dias. Seus pais lhes ensinam a dar pequenos saltos sobre a ampla plataforma do ninho, batendo as asas. Exercitam-se assim quase de hora em hora, gritando e pateando como crianças empenhadas num jogo. Tudo isso é feito antes do primeiro vôo, e voar como voa a águia é algo que, segundo diremos, requer longas semanas de prática.

Finalmente o filhote amedrontado se acerca da borda do ninho, adeja fortemente e tenta voar. Geralmente regressa às cambalhotas tão depressa quanto possivel. Se leva demasiado tempo para voar novamente, é castigado pelos pais, que o privam de alimento. Petiscos tentadores são dependurados quase ao seu alcance. Quando finalmente o filhote completa seu primeiro «solo», recebe um prêmio em comida.

Como meninas e meninos ao se aproximarem da adolescência, os filhotes, após aprenderem a voar, passam cada vez menos tempo em casa, até que, ao chegar o fim do primeiro ano, saem em busca da sorte. Não se unem a um companheiro até que lhes comecem a crescer as penas brancas no rabo e na crista, fenômeno caraterístico da fase adulta; muito antes disso, porem, são senhores absolutos de tudo o que vêem. Sua enorme envergadura, atingindo mais de dois metros, é equilibrada pela resistência interna dos cotos. As penas primárias mais longas

têm meio metro de comprimento, e os canhões têm cerca de 2 cm de diâmetro na parte em que penetram na pele. A extremidade das asas lhes permite separar e juntar as penas primárias como se fossem dedos.

Essa qualidade é inerente a todos os pássaros que, ao planar, podem elevar-se bruscamente no espaço sem bater as asas. Com tal aparelhamento a águia domina o espaço. Tem sido encontrada por aviadores, voando a quase 3.000 metros de altitude! Sua visão maravilhosa faz com que possam localizar um peixe a uma distância de uma légua. Num mergulho direto a águia atinge a superfície do mar e captura o objetivo. Essa faculdade torna-a o pavor da águia pesqueira ou águia marinha, à qual obriga frequentemente a largar o peixe, capturando-o, com maravilhosa destreza, na queda.

Sua habilidade na pesca tornou-a tambem odiada pelos pescadores. No Alasca, a exploração comercial do salmão era feita negligentemente, o que levou a indústria de enlatamento à maior baixa de todos os tempos; nessa época, oferecia-se um prêmio por cada águia abatida. Mais tarde promulgavam-se certas leis regulando a captura do salmão, e assim a indústria chegou de novo a uma situação normal. Mas duplicou-se o prêmio sobre cada uma das 40 mil águias que oficialmente se calcula existir no Alasca.

A águia tem muitos inimigos—todos eles humanos. Durante um século os ovos de águia eram cotadíssimos entre os colecionadores exóticos. E milhares de águias empalhadas, poeirentas e depenadas, adornam a estante mais alta de farmácias, barbearias e escritórios do interior dos Estados Unidos. Todo fazendeiro americano que perde uma galinha acha-se no direito de fazer uma expedição punitiva contra o ninho de águias mais próximo. As acusações contra a águia são graves e, se fossem verdadeiras, mereceriam de fato, punição. Mas não há nada de legítimo nas reportagens jornalísticas sobre águias que roubam bebês de berço. Está devidamente comprovado que nenhuma águia americana jamais atacou uma criança sem ser provocada.

Somente em anos recentes o Congresso Americano adotou medidas de proteção à águia. Com a exceção do Alasca, é hoje ilegal, em toda parte, matar, ferir, ou capturar a águia americana, ou apanhar seus ovos e molestar seu ninho.

A despeito de tudo que se tem feito para exterminar o maior pássaro da América, não é raro encontrá-lo onde haja boa pesca. É mais abundante no Alasca, na Florida, nos arredores dos Grandes Lagos, na bacia do Mississipi e ao largo dos litorais dos dois oceanos. Ao viajar pelos Estados Unidos, é possivel vê-la pousada, imovel, com imperturbavel majestade, no cimo da árvore mais alta da redondeza, montando guarda à sua companheira e ao seu ninho, fiscalizando a floresta e as águas do seu domínio. Podemos tambem avistá-la quando despenca dos céus, num mergulho veloz, lançando seu grito de guerra ao agarrar um peixe no oceano. Ou talvez vejamos ainda um bando de águias, erguendo-se nos ares em curvas graciosas, até constituirem apenas pequenos pontos contra o azul do céu. E veremos, por último, não a sombra negra das asas, mas o rebrilhar da crista orgulhosa, como se fosse o piscar da luz solar nas montanhas distantes.

¶ O AMOR é como mercúrio na mão. Se abrirmos os dedos, ele se mantem na palma; se os fecharmos, escapole...
—Dorothy Parker

Impressões de uma testemunha ocular sobre uma dificil experiência de cooperação mundial, e algumas observações sobre a mentalidade russa

APRENDENDO A CONVIVER COM OS RUSSOS

(Condensado do «Cosmopolitan»)

por J. P. McEvoy

BERLIM é o único lugar do mundo em que é possivel, atualmente, aprender a viver com os russos pelo método direto. É um processo espinhoso, mas não há outro. Com isso, americanos, ingleses e franceses estão tendo um trabalho insano e surpresas a toda hora.

Tentemos imaginar uma grande metrópole devastada por um terremoto, um furacão, um incêndio, uma inundação, e agora ameaçada de fome e peste. Vamos depois dividir as ruinas entre quatro grandes nações cujos objetivos, tanto imediatos como mediatos, são diametralmente opostos e, por fim, exijamos que as quatro se ponham de acordo sobre todo e qualquer problema de mera administração municipal. Pois tal é a situação de Berlim no momento, e não há sinais de que venha a mudar tão cedo.

Qualquer dentre as quatro potências poderia, por si só, governar Berlim com mais eficiência do que as quatro juntas. A «Kommandantur» reune-se uma vez por semana em Berlim. Compõe-se dos quatro governadores militares—o americano, o britânico, o russo e o francês—sendo que o cargo de prefeito-mor é exercido rotativamente por um deles durante um mês. O único inconveniente é que nada se pode fazer sem consultar os outros três prefeitos. Assim, por exemplo, cada vez que se quer desentupir um cano é preciso persuadí-los de que não se trata absolutamente, digamos, de uma manobra capitalista, ou de que aquilo não irá indireta ou remotamente solapar os alicerces econômicos do Império Britânico, nem sobrecarregar o tesouro dos Estados Unidos, nem comprometer o prestígio da França no ocidente da Europa.

Esses generais, com seus representantes e estado maior, sentam-se à mesa do conselho enquanto o resto da enorme sala se enche de peritos em carvão, em cólera-morbo e sabe Deus que mais. Por trás dos generais sentam-se os intérpretes. Sim, porque a primeira dificuldade que se apresenta é a da língua, e isso significa que, antes de tudo, os russos precisam entender os outros e ser entendidos por eles. É tremendo pensar que o destino do mundo depende de poderem esses intérpretes entenderem-se entre si. Os personagens principais têm que se contentar com ouvir o que se diz à volta deles e fazer votos ardentes para que sejam de fato informados do que se passa. De vez em quando os intérpretes conversam longamente entre si e chegam a discutir com calor a respeito de uma simples definição ou de um matiz de

sentido, enquanto os outros esperam.

Assim, por exemplo, parece que não há em russo uma palavra que traduza «aproximadamente». E já tivemos ocasião de verificar, nessas reuniões em volta da mesa, que os russos fazem absoluta questão de respostas exatas. Conta-se que de uma feita os russos perguntaram aos americanos quantos soldados e veículos pretendiam mandar para Berlim para iniciar a ocupação. Alguem calculou, a olho, que seriam «uns 50 veículos e uns 175 homens e oficiais».

Quando o contingente chegou à fronteira da zona russa, os guardas soviéticos conferiram cuidadosamente o pessoal com a lista recebida do Quartel General. Depois, disseram aos americanos que havia carros, oficiais e soldados em demasia: a ordem era para que deixassem passar 50 veículos e 175 homens, inclusive os oficiais. O comandante americano esbravejou durante horas, enquanto se transmitiam telegramas a Berlim e provavelmente a Moscou tambem, mas os russos permaneceram impassiveis. Os americanos haviam dito 50 veículos e 175 homens, e não havia discussão possivel. Todos os veículos e homens, acima do número estipulado naquela primeira estimativa apressada, tiveram de voltar.

Os militares americanos contam que passaram a viver em melhor harmonia com os russos ao verificarem que cada oficial ou soldado soviético tem o seu raio de ação estritamente limitado, e que fora daí não toma iniciativa alguma. Se lhe pedirem que faça algo fora da sua alçada só lhe resta indicar a autoridade competente. Russo algum se meterá a fazer o que não é da sua conta. Eles sabem o que acontece às almas aventurosas que «se metem a sebo».

A burocracia americana é diferente da russa. Quando um dos coronéis americanos precisava de uma decisão do oficial russo correspondente era informado de que tal decisão tinha de vir do Marechal Júcove. O americano deveria, portanto, dirigir o pedido ao seu próprio general pelos trâmites legais, e este pediria então ao Marechal Júcove, o qual, por sua vez, transmitiria a ordem ao coronel russo. Quando perguntaram a este último porque não pedia ele próprio autorização ao Marechal, a resposta foi: «Não há pedidos de baixo para cima. Existem apenas ordens de cima para baixo.»

Os russos são comerciantes natos. Quando os americanos que estão nas mesmas comissões se apercebem disso, sentem-se perfeitamente à vontade e não levam desvantagem nenhuma. O russo, como todo bom vendedor de cavalos, pede sempre mais do que espera conseguir. Se se concorda de início, ele fica desconcertado e começa a desprezar secretamente esse freguês demasiado facil. Como os orientais, não se satisfaz em vender o seu artigo: quer passar horas deliciosas pechinchando... Não compreende a vantagem de fazer concessões para ganhar tempo. É preciso acabar com essa idéia de que o russo é um cliente dificil, e aceitá-lo pelo que realmente é: um regateador de primeira ordem.

Se os russos nos intrigam, não devemos esquecer que nós tambem os intrigamos. Um russo me confessou: «Não conseguimos compreender os americanos. Viajam milhares de quilômetros para matar alemães e destruir as suas cidades. E agora querem agasalhar essa gente e reconstruir o país.» Porque? Terão eles esquecido que os alemães haviam levado milhões de russos à morte pela fome, pelos maus tratos e pelo excesso de trabalho? Pois os russos se lembravam, e não permitiriam que os alemães esquecessem. Mais rações? Combustivel? Casas? Vão todos para o inferno. Está claro que os russos não se exprimem dessa maneira nas reuniões das quatro potências, mas sabem o que querem e o único jeito de nos entendermos com eles nessas questões é concordar com tudo que propõem.

A Declaração de Potsdam, redigida em estilo elevado, estabelece que «a educação alemã será controlada de modo a eliminar completamente as doutrinas nazistas e militaristas e a tornar possivel o desenvolvimento de idéias democráticas». E é só. Vamos analisar essas palavras. Imaginemos de que maneira serão postas em prática. Como é que se vai controlar a educação alemã? Quem se encarregará disso? Como se eliminará a influência nazista e estimulará o desenvolvimento de idéias democráticas? Idéias democráticas de quem?

Lancemos um olhar pelos dois métodos de organizar as diretrizes da educação alemã: o americano e o russo. Quando os russos capturaram Berlim, todas as escolas se fecharam. Quando os americanos tomaram conta do setor que lhes cabia, estabeleceram que nenhuma escola poderia funcionar enquanto não se «peneirassem» os professores, não se examinasse minuciosamente o currículo para eliminar toda e qualquer influência hitlerista, e não se reimprimissem livros escritos antes de Hitler. Estes seriam postos à disposição dos alunos gratuitamente. Até o presente momento não se reabriu escola nenhuma no setor americano de Berlim, enquanto no setor russo as escolas se acham todas em funcionamento. A política russa consiste sumariamente no seguinte:

«Reabram, se puderem, as escolas que já existiam. Se precisarem de prédios, arranjem. Ensinem o que quiserem contanto que não seja coisa que nos desagrade. Diremos o que não nos agrada depois que observarmos o que vocês ensinam. Exerceremos cuidadosa vigilância para que vocês não formem outra geração que amanhã vá invadir nosso país. Se ensinarem doutrinas inconvenientes serão punidos severamente.»

Não tenho a pretensão de saber qual dos dois sistemas é o melhor, mas o russo parece que dará resultado, porque os alemães terão o máximo interesse em que assim aconteça. Não tenho grande confiança no sistema americano pois lhe falta qualquer diretriz básica. Não há pessoal necessário, com experiência para dirigir a reeducação dos educadores alemães. Encontrar professores que não tenham sido membros do partido nazista e entregar-lhes as escolas alemãs, sob inspeção de americanos e de professores de universidade que na maioria não sabem falar alemão e não querem ficar na Alemanha— se é só isso que se pode fazer, nem vale a pena começar. Há milhões de fanáticos nazistas que não eram membros do partido, milhões no exército que não tinham sequer o direito de pertencer ao partido. Se *Heil Hitler* já desapareceu, *Deutschland über Alles* ainda está bem vivo, e enquanto viver na mente dos educadores, as escolas continuarão a formar gerações compenetradas de que é seu destino tomar conta dos paises vizinhos.

Os RUSSOS compreendem a psicologia alemã, e os franceses e ingleses tambem. Os únicos que nada compreendem são os americanos. Os russos são de um realismo absoluto com relação aos alemães. Os americanos são uns sonhadores. Uma superfície habitada por 88 milhões de russos foi conquistada pelos alemães. Mais de 1.700 cidades e 70 mil aldeias foram destruidas, e 25 milhões de russos ficaram sem teto. O soldado vermelho não precisou que lhe dissessem coisa al-

guma para compreender as razões desta guerra, ou como deve ser feita a paz. Qualquer oficial americano confirmará que teve um trabalho enorme para fazer que os seus soldados entendessem porque é que se encontravam na Europa, e porque precisam permanecer por lá, em vez de vir para o aconchego dos lares...

Enquanto os americanos, os britânicos e alguns franceses falam em reconstruir a Alemanha, os russos tratam de remover o equipamento industrial alemão para reconstruir a Rússia. Quando o trem especial, que conduzia a Berlim os peritos americanos em transportes e comunicações, chegou à fronteira da zona russa, todos verificaram que a linha ferroviária dupla se tinha reduzido a uma só, dalí por diante. Onde haviam ido parar os trilhos? Na Rússia. A Alemanha possuia o maior sistema de cabos telefônicos subterrâneos do mundo. Os engenheiros americanos que estão ajudando os alemães a restabelecer as comunicações, frequentemente seguem um cabo até a zona russa e daí por diante não encontram mais nada. Para onde foram esses cabos telefônicos? Para a Rússia. No entanto asseveram os peritos em reparações que se os russos levassem tudo o que encontrassem na zona que controlam, ainda assim não seria compensada nem a metade do que os alemães destruiram ou saquearam no vasto território russo por eles invadido.

O jornal *Observer*, de Londres, queixa-se da «confusão e inércia» dos aliados com relação ao futuro da economia alemã. Há quem suspeite os russos de muita coisa—mas nunca de confusão e inércia. Se os americanos não sabem resolver o problema de reequipar a indústria alemã para a produção, sem que ela readquira capacidade para a guerra, os russos conhecem muito bem a solução dos problemas da zona que lhes coube. E a resposta deles resume-se no seguinte: «O *Deutschland über Alles* está liquidado e não há-de ressuscitar.»

No seu realismo, sabem os russos muito bem que não é o fuzilamento de meia dúzia de nazistas e o «peneiramento» dos demais que vai resolver a questão. Compreendem que a ciência e a técnica, que tornaram a Alemanha uma ameaça militar diabólica, não desapareceram magicamente com as penadas que assinaram a rendição. Temem os alemães porque não ignoram que, se deixarmos de agir, os alemães aproveitarão a oportunidade para agir por conta própria. E, porque sabem disso, preparam-se para tomar a iniciativa em todas as ocasiões. A diferença entre o respeito misto de temor que inspira aos alemães a «dureza» dos russos no seu setor e o mal disfarçado desprezo que a «brandura» dos outros lhes suscita, já devia ter-nos feito abrir os olhos.

Talvez fosse russo o lavrador da anedota que, ao ensinar a gata da casa a obedecer às suas ordens, abriu nove buracos na porta da cozinha, para ela e seus oito gatinhos. É que, dizia ele, «quando eu grito—fora daquí!—não quero saber de brincadeira...»

¶ Existem tolos de duas espécies. Um é o que diz: «Isto é velho, e portanto bom.» O outro afirma: «Isto é novo, e portanto melhor.»

—William Randolph Inge, citado em *The Plan*

O pó que impermeabilizou a Linha Maginot pode agora proteger nossas casas

Um pó que torna impermeaveis as paredes

(*Condensado de «Forbes»*) *Por Kurt Steel*

A Linha Maginot, símbolo de um fracasso colossal, teve pelo menos uma vantagem: beneficiou os proprietários de imoveis no resto do mundo.

A umidade subterrânea foi o problema que levantou mais obstáculos à construção dessa extensa série de fortificações francesas. Os corredores, paióis e casernas achavam-se a muitas dezenas de metros sob o solo, em vales entrecortados por nascentes e cursos de água. Muitos setores atravessavam verdadeiros pântanos.

As paredes de concreto permitiam infiltrações, e em certos pontos a invasão da água era tão rápida que as bombas se mostravam ineficazes. Os próprios locais que podiam secar-se a bomba eram úmidos e bafientos. Os médicos militares receavam epidemias de pneumonia e gripe, e os outros oficiais aludiam lugubremente à pólvora umedecida e à oxidação de instrumentos delicados.

Após se terem experimentado sem êxito todos os impermeabilizantes conhecidos, o governo francês alarmou-se e ofereceu uma recompensa a quem descobrisse o método de conservar as fortificações à prova de umidade. O prêmio foi ganho pelos Établissements Haguenauer, companhia modesta e conservadora, especializada em tintas para navios e pontes. O fruto de seus laboratórios consistia num pó branco denominado «Aquella», com aspecto semelhante à farinha, mas que ainda hoje não tem rival entre os hidrófugos.

Misturado com água e aplicado sobre a superfície do concreto ou dos tijolos, suas partículas minúsculas penetram no material e dilatam-se durante a secagem, formando uma vedação impermeavel que endurece com o tempo. Alem disso, as paredes assim tratadas tornam-se brancas como neve.

O governo francês, uma vez comprovado o êxito do produto, passou a utilizá-lo nas fábricas subterrâneas, nas paredes de diques e barragens, nas piscinas de natação de París e na impermeabilização dos edifícios das colônias francesas dos trópicos, onde a umidade era o pesadelo dos construtores.

A fábrica Haguenauer foi totalmente destruida pelas bombas durante o avanço alemão sobre París, mas René Haguenauer conseguiu escapar para os Estados Unidos com sua única fortuna: a fórmula secreta de «Aquella».

Doente e desiludido, fez uma ou duas baldadas tentativas para estabelecer-se por conta própria durante o período mais agitado da indústria americana, mas acabou por desistir. Todavia, transcorrido ano e meio encontrou um técnico francês que havia sido nomeado diretor do laboratório de pesquisas de uma firma americana e que conhecia a história de «Aquella». Chegara, afinal, a oportunidade.

Submeteram-se amostras do milagroso pó branco ao exame meticuloso dos técnicos do Bureau Americano de Normas Técnicas, que tinham experimentado, havia pouco tempo, 30 hidrófugos diferentes. Vinte desses produtos haviam sido classificados como «muito fracos», cinco como «fracos» e somente dois como «excelentes», mas ainda assim estes últimos exigiam paredes construidas especialmente. As provas com o «Aquella» atribuiram-lhe a classificação de «excelente», para paredes comuns de tijolo ou concreto, tanto em aplicações exteriores como interiores.

Vários construtores, que durante anos tinham lutado sem esperança contra a infiltração, experimentaram algumas amostras e pasmaram com os resultados.

Em uma lavanderia junto ao mar, secaram-se, impermeabilizaram-se e tornaram-se mais atraentes as paredes de blocos de concreto, através das quais a água se infiltrava constantemente, com apenas duas camadas do revestimento branco, a um custo total de cem dólares, ou sejam, Cr$2.000,00. Na ilha Welfare, situada no rio que limita Nova York pelo lado oriental, revestiram-se pelo mesmo processo, pouco antes do furacão de 1944, as paredes de um hospital inacabado. Apesar das torrentes de água que cairam sobre o edifício e do vento que soprava a mais de 120 quilômetros por hora, nem uma só gota atravessou as paredes.

Ainda que céticos, os engenheiros da municipalidade de Nova York aplicaram uma pasta de «Aquella» nas fendas de mais de dois cm de largura que existiam nas paredes de uma estação de drenagem. As fendas achavam-se sob o nivel do mar e a água penetrava constantemente por elas, apesar dos esforços até então empregados para evitá-lo. A pasta secou nas frestas, a água não voltou a atravessá-las e, transcorrido um ano, continuava a não haver o mais leve indício de infiltração.

Após todas estas experiências, uma firma de Nova York colocou o produto a venda há um ano, e desde então já se impermeabilizaram pelo novo e simples processo dezenas de edifícios e residências. Centenas de casas têm hoje seus porões secos e atraentes, de uma alvura deslumbrante, somente porque a Linha Maginot estava soterrada nos pântanos da França e porque os alemães impeliram para o Novo Mundo um industrial europeu.

Modelos de concisão

¶ Um inglês disse ao filho, que estava na escola, que não tinha tempo para ler longas cartas, e que fosse breve em suas missivas. O rapaz respondeu-lhe: «S.O.S., 50 Lbs. R.S.V.P.»
—Dean Inge, *Lay Thoughts of a Dean* (Putnam, ed.)

¶ Sir Herbert Beerhohm Tree, a um autor inédito: «Prezado senhor. Li a sua peça. Oh, meu caro senhor!»
—*The Albatross Book of English Letters*

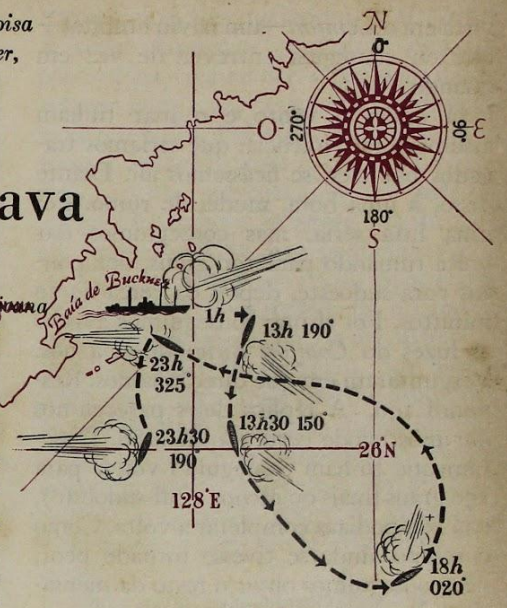
¶ Bernard Shaw recebeu certa vez, de uma notória caçadora de celebridades, um convite que dizia: «Lady X estará em casa quinta-feira, entre 4 e 6 da tarde.»

E o incrivel irlandês respondeu: «Bernard Shaw tambem.»
—*Neues Wiener Tageblatt*

«Devemos nossas vidas a qualquer coisa que não podia, logicamente, acontecer, mas aconteceu.»

Tufão em Oquinava

pelo Capitão de Corveta da Marinha Americana
Robert Esson Rew Junior
Comandante do navio de provisões *Beagle*



Fazíamos parte de um grande comboio que se ia aproximando de Oquinava na madrugada do domingo 16 de setembro. O mar começara a encapelar-se, a chuva aumentava de violência, e tornara-se impossivel avistar o que quer que fosse. Consequentemente, era uma dificil tarefa para os navios entrarem na baía de Buckner, mantendo-se, ao mesmo tempo, afastados um do outro.

Às oito horas encontrei a entrada da baía. Encontrei-a porque todos pareciam vir saindo de lá. Dir-se-ia uma evacuação geral. Por volta das oito e meia, interceptamos uma mensagem segundo a qual todos os navios que se achavam na baía tinham recebido ordem de partir, circundar a ilha em direção sul e seguir depressa para oeste, afim de evitar um tufão. Este já vinha sendo esperado, porem para um dia depois, e, segundo as previsões, passaria a cerca de 200 milhas mais a leste.

O capitão de corveta Robert Esson Rew Jr. esteve três anos em serviço ativo, em vários cruzadores, recebendo, a seguir, o comando do *Beagle*, em outubro de 1943. Esta notavel narrativa da luta de um navio para sobreviver a um tufão, no Pacífico, foi ligeiramente resumida de duas cartas enviadas pelo capitão Rew a seus pais.

Pus a tripulação em grande atividade, abaixando os toldos, amarrando tudo o que se achasse no convés, etc. Enquanto isso, dei meia volta e pus-me novamente em direção ao largo, um pouco a sueste, afim de impedir que houvesse quaisquer abalroamentos com o grosso do comboio, devido à péssima visibilidade. Tive uma espécie de pressentimento de que o tufão estava muito mais perto do que se previa. Eu pretendia virar para o sul à uma hora da tarde, e para o oeste às cinco. Isto nos afastaria, prudentemente, da extremidade sul da ilha. Não me agradava em absoluto a idéia de que qualquer sopro do tufão viesse a empurrar-nos em direção à costa.

Por volta das dez e meia, já era evidente que o sopro que eu temia era um sopro e tanto! As ondas se foram tornando cada vez maiores e o vento sempre mais forte. Só Deus sabia em que ponto se achavam, àquela altura, os outros navios do comboio. O único que tínhamos à

vista era o *Comfort*—um navio hospital—que eu conseguia entrever de vez em quando.

Já então o vento e o mar tinham assumido tal violência, que seríamos tragados por eles, se ficássemos alí. Diante disso, à uma hora, mudei de rumo. Foi uma luta séria, mas conseguimos dar volta rumando para 190 graus, dez pontos para sudoeste, depois da cerca de 20 minutos. Foi aí que conseguimos avistar as luzes do *Comfort* dirigindo-se a nós. Perguntaram em que direção íamos. Respondí 190. A réplica deles pareceu-nos dar mostras de certa inquietação. Disseram que tinham conseguido voltar para 150 graus (mais ou menos a sul-sudoeste), e já não podiam completar a volta. Como o tempo ainda se tivesse tornado peor, não conseguimos ouvir o resto da mensagem. Perdemos o *Comfort* de vista.

Ao que me parece, estavam tentando pedir que algum dos navios ficasse alí por perto. As ondas aumentavam. Da ponte do comando era-me, às vezes, impossivel avistar o que quer que fosse acima da crista da que estava mais próxima. Depois de nova luta, coloquei a proa do navio a 150 graus, afim de seguir na mesma direção que o *Comfort*. Nessa posição, o vento e o mar ficaram um pouco pela vante do vau de bombordo, o que sempre facilita muito a marcha do navio.

Eu tinha conseguido dar a volta melhor que o *Comfort* porque este, como todos os transatlânticos, tinha costados e obras mortas altos, que ficam mais expostos aos ventos. O *Beagle*, com uma pesada carga, não se achava a mais de 2 metros acima do mar a meia-nau, embora a proa e a ré ficassem um pouco mais acima. Não tínhamos, tãopouco, obras mortas altas como as dos transatlânticos.

Durante a tarde inteira, o tempo foi peorando cada vez mais. Eu já começava a sentir-me exhausto, pois estivera de pé cerca de 30 horas, e quase continuamente na ponte de comando. Pelas três horas concluí que devia aproximar-se o auge do tufão e que estaríamos no centro dele. Ordenei que todos deixassem a coberta e se reunissem no meio do navio. Uma hora depois, já ninguem podia atravessar a coberta principal, constantemente varrida pelas ondas, e se alguem tivesse sido colhido de surpresa à ré, lá teria ficado.

Julguei estarmos na peor fase da tempestade, porque não me parecia possivel que houvesse nada de peor. A violência do vento era indescritivel. As ondas tremendas subiam mais alto que os mastros. Da ponte de comando, era como se eu estivesse numa canoa, e não num navio de 14 mil toneladas. Minha única esperança residia no fato de que este ia navegando muito bem, erguendo-se sobre a crista das vagas e sem tendência a mergulhar demasiado, depois. A impetuosidade do vento, indo de encontro às vagas, que eram verdadeiras montanhas, fazia, porem, com que estas se partissem, arremessando-se de encontro à proa, sem clemência. Cada onda trazia centenas de toneladas de água, que desciam, rugindo, pelo castelo de proa, lançando-se com uma pancada tremenda de encontro às obras de meia-nau!

Em meio a tudo isso, está claro que vínhamos sofrendo avarias. A luz de bombordo desapareceu. A seguir, 15 barrís de lubrificante e gasolina foram lançados na coberta, rolando por alí a fora. Não havia como pegá-los ou lançá-los ao mar. Ninguem podia chegar ao ponto em que se achavam. A maior parte dos barrís foram furados às pressas, e o óleo e a gasolina se espalharam por toda parte. Felizmente foram varridos pela água.

De poucos em poucos minutos, informavam-me sobre um novo desastre—um dos escaleres tinha sido levado pelas ondas, as adriças arrancadas da ponta da verga. A tripulação se admirava de que eu me mostrasse tão calmo diante de tudo aquilo. A verdade era que me preocupava 50 vezes mais com o tempo, o leme e as máquinas. Por mim, as ondas podiam levar o que quisessem, contanto que o navio sobrevivesse...

O que ouvíamos através do altofalante da cabine de rádio e telefone não nos dava aso a quaisquer esperanças. De toda parte vinham pedidos de socorro de outros navios, mas não havia socorro possivel até que a tempestade terminasse. Eram mensagens sucessivas: «Estamos flutuando, sem controle: posição aproximada...» «Fui de encontro aos rochedos, vamos abandonar o navio...» «Por favor enviem qualquer socorro possivel.» Era de fazer dó. A maior parte eram navios pequenos: caçaminas, e outros de igual tonelagem. Parece-me incompreensivel que qualquer dentre eles tivesse podido escapar.

Em meio a tudo aquilo, eu estava quebrando a cabeça para lembrar-me do que sabia sobre a marcha dos tufões, e fiquei esperando que o vento voltasse pela direção este rumo ao nordeste. Não me saía da cabeça um só instante que Oquinava ficava bem atrás do ponto em que nos encontrávamos, e de que a tempestade estava procurando empurrar-me novamente naquela direção. Continuei esforçando-me por avançar para o sueste o mais possivel, embora fosse aquela a direção do centro da tempestade, na esperança de alcançar o sul da ilha. Quando o vento voltasse para o norte, eu teria que seguí-lo, de todo jeito, para continuar avançando em direção ao largo.

Por volta das quatro horas, o vento, como havíamos previsto, começou pouco a pouco a recuar, e por mais incrivel que pareça, soprava, então, com mais violência ainda. Pelas seis, mais ou menos, tomara a direção norte e, como o tivéssemos seguido, navegávamos no mesmo sentido. O espetáculo, agora, era de causar estupefação. Já nem podíamos ver o mar. A água voava através do espaço com tal ímpeto que a superfície do oceano se tornara invisivel. A coberta do castelo da proa desaparecera, tambem, aos nossos olhos. Só a parte mais alta das amuradas surgia, de quando em vez, indicando que a coberta não tinha submergido. Nosso primeiro mastro ergue-se a cerca de 12 metros à vante da ponte de comando. Poucas vezes pude entrevê-lo, durante a noite.

Passava talvez um pouco das seis quando o timoneiro me informou: «Capitão, o leme não está muito bom não... Nem consigo manter a rota.» Sentí um aperto no coração. O tenente Ogden estava comigo na ponte, àquele momento. Desceu imediatamente para a casa das máquinas, engatinhando, para buscar um dos mecânicos e depois rastejar até a casa do maquinismo do leme.

Agarrado a um pontalete da coberta, pus-me a rezar. Não creio lá muito nisso de «respostas a orações» e milagres. Mas algumas coisas logicamente impossiveis começaram a verificar-se.

Uns dez minutos depois da partida de Ogden, o timoneiro informou-me: «Capitão, quando viro o leme com toda a força para a direita, a gente vira para uns 015, voltando para perto de 025.» Isto significava que nos seria possivel manter uma rota média de cerca de 020 (nor-nordeste). Dei graças a Deus.

Depois de algum tempo, Ogden voltou. Informou-me que o maquinismo do

leme estava inundado, chegando-lhe a água às cadeiras. Um dos ventiladores da coberta tinha sido levado de roldão, e a água jorrava para dentro, a cada nova onda. A máquina do leme sofrera avarias. A água subira até os cilindros e os pistões não podiam ser lubrificados. Os dentes da engrenagem tinham sido atingidos por pedaços de madeira e outros destroços. O leme encalhara, mais ou menos no centro. Disse-lhe que ainda devia ser possivel movê-lo, porquanto ainda estávamos manobrando, até certo ponto. De fato, devia ter movido várias vezes, enquanto ele estava em baixo. O tenente afirmou-me que não movera em absoluto. Percebí que, durante alguns segundos, julgou que eu tivesse enlouquecido, até olhar, ele próprio, para a bússola.

Enviamos uma patrulha de consertos para o maquinismo do leme afim de reparar o ventilador, de modo que a água não continuasse a entrar, ou, pelo menos, entrasse com menos violência. Foi o que aqueles heróis conseguiram fazer, Deus sabe como.

Não consigo descrever o que se estava passando, àquela altura. As ondas eram gigantes de 20 e mais metros. Alguns dos homens da tripulação ficaram positivamente apavorados com o que viram até às seis da tarde. Às oito, a violência tornara-se duas vezes maior. Eu já não conseguia medí-la senão pelo som. O barulho nos cabos era qualquer coisa de inesquecivel. As chaminés davam verdadeiros urros.

Claro está que o barômetro descia cada vez mais. No meio da tarde pôs-se a descer à razão de 12 a 14 pontos por hora. Eu ficava com os olhos esbugalhados ao lê-lo.

Deviam ser mais ou menos oito horas quando os escaleres de bombordo foram lançados à coberta. Mais incompreensivel ainda era o fato de que o vento e a água tinham torcido os turcos como se fossem roscas.

Cerca das nove e meia, Ogden tomou meu lugar. Mal podia suster-me em pé. Caí na cama, em minha cabine, e adormecí. Ele veio, porem, chamar-me às dez e meia. O tempo peorara. Depois disso, não voltei a deitar-me. O breve sono repousara-me consideravelmente, mas as pernas continuavam doendo devido ao esforço por manter-me de pé e equilibrar-me, durante tantas horas. O vento se manteve no auge da força durante sete horas—das oito da noite às três da manhã —mas não me lembro de que me haja impressionado muito. É que minha maior preocupação ainda era o leme.

O VENTO continuava a recuar, descrevendo círculos. De cada vez, virávamos um pouco a proa do navio, afim de mantê-la na mesma direção. Assim conseguíamos parar antes que o ímpeto nos levasse longe demais. Por volta das 11 horas, avançamos rumo ao noroeste quando, de repente, vimos luz a boreste. Com que violência ouví meu coração bater! Se fosse um navio, tudo ia bem, mas se fosse Oquinava estávamos em maus lençóis, levados pelo vento, justamente naquela direção. Transmitimos um sinal e a ausência de resposta indicou que a luz que tínhamos entrevisto viera da costa. Sabíamos, é claro, que Oquinava ficava naquela direção, mas foi um choque tremendo averiguarmos que se achava tão perto!

Recorrí de novo a outra oração, e anunciei que íamos fazer uma virada e partir rumo ao sul, com o vento a boreste. Ogden pensou que eu estivesse delirando. Transmití a ordem, apesar disso, para que virassem o leme, e, nem sei como, o leme funcionou! Ogden estava pálido como

um morto quando entramos na sala dos mapas, para festejar o acontecimento fumando um cigarro. Disse-lhe que fosse descansar um pouco, e ele partiu para a cabine com um andar vacilante. Seguimos pela rota de 190 (um pouco a sudoeste). Antes de uma hora já não víamos a luz na costa, o que indicava que estávamos avançando bem, rumo ao sul. Toda a tripulação estivera com salva-vidas desde a tarde. Nem fora preciso dar ordens nesse sentido. Eu era o único sem salva-vidas. Não me faltou vontade de lançar mão do meu, mas como nunca o tivesse usado, até então, se o fizesse, correria a notícia, por todo o navio, de que «o velho» tambem estava com medo. Afinal de contas, o comandante não poderia dar impressão de estar confiante e seguro, se o vissem preparado para abandonar o navio... Diante disso, limitei-me a tirar o salva-vidas da prateleira e colocá-lo sobre uma cadeira, na cabine.

Pelas três horas da manhã de segunda-feira, 17 de setembro, a tempestade começou a serenar, e, depois das oito, tornou-se possivel andar pela coberta. Encontramos avarias por toda parte, exceto na coberta da ponte de comando. Por exemplo, o vento havia arrancado uma porta de madeira de carvalho de cinco centímetros de largura.

A tripulação meteu mãos ao trabalho, imediatamente, para tirar a água da casa de máquinas. Ao meio-dia pude visitar todo o navio. Uma vez passado o auge da tempestade, nem tentamos mais manobrar com o leme.

AO EXAMINARMOS tudo, averiguamos que não só os dentes do maquinismo do leme tinham sido seriamente avariados, mas tambem que o sistema telemotor fora posto fora de funcionamento. Era fisicamente impossivel mover o leme por meio do timão da ponte de comando. No entanto, durante toda aquela noite, a mais terrivel que jamais vivemos, o navio permaneceu sob controle. Nenhum de nós conseguiu jamais encontrar uma explicação racional para aquilo. Nem há explicação possivel. É tão inverossimil, que sinto calafrios na espinha quando penso nisso.

Cerca das duas horas, o mecanismo do leme já estava consertado, mas, como o sistema telemotor tivesse sido completamente destruido, só podíamos manter a rota através da roda da ponte de comando. Ao verificarmos a posição em que nos achávamos, pelo sol, voltamos rumo a Oquinava, e chegamos à baía de Buckner na manhã de terça-feira, 18 de setembro.

O navio ainda podia navegar. A carga estava intacta e nenhum membro da tripulação perdeu a vida, ou sofreu, sequer, ferimentos graves. Mas o *Beagle* só poderia voltar a singrar os mares depois de toda uma série de consertos.

Eu estava exhausto e com o corpo inteiro doido, à força de equilibrar-me a custo, e agarrar-me a qualquer coisa para manter-me de pé. Mas, apesar disso, fiz questão de escrever-lhes esta carta.

(*Dez dias depois*)

Foi uma tarefa extremamente embaraçosa descrever, no diário de navegação, os acontecimentos que se verificaram naquela terrivel noite. «Às 23 h 38 o mecanismo do leme falhou...» Como conciliar isso com as notas subsequentes indicando que havíamos continuado a seguir novas rotas? Fiz as mais detalhadas investigações, na esperança de encontrar alguma explicação que pudesse ser considerada racional. A investigação só fez corroborar as circunstâncias. Por conseguinte, não posso fazer nada senão registar

fatos desencontrados da melhor maneira possivel. Quando o impossivel se verifica, deve ser registado, nem que seja veladamente, e apenas no diário de bordo de um dos navios obscuros e desconhecidos da Marinha dos Estados Unidos. Felizmente ninguem, ao que é provavel, lerá jamais o diário de bordo do *Beagle*, uma vez arquivado, e nenhum de nós será chamado a explicar o que sucedeu.

Antes de encerrar o assunto, quero apenas dizer que aqueles, entre nós, que compreenderam o que se passou, se sentem indescritivelmente gratos. Devemos nossas vidas a qualquer coisa que não podia acontecer, mas aconteceu.

Por essa não esperavam!

¶ Terminado o jogo de futebol, começavam a se afastar os inúmeros automoveis que haviam sido deixados num posto de estacionamento próximo. Ao fim da fila de veículos, havia um carro ocupado apenas por um rapaz, evidentemente seu dono. Daí a pouco aproximou-se uma pequena de óbvios predicados, que perguntou ao jovem chofer se ia para a cidade. —Vou, sim! respondeu, entusiasmado, abrindo a porta do automovel. Diante disso, a moça acenou para um grupo de cinco soldados que estavam de pé, alí perto, e anunciou-lhes: —Estão vendo? Eu bem disse que arranjava uma carona para vocês. Venham logo! O dono do carro, decepcionadíssimo, teve que levar os militares, enquanto a moça caminhava na direção oposta, ao encontro do namorado...

—Peggy Shackleford

¶ Em um dia de sol forte, vinham chegando pela rua duas crianças; uma menina de uns oito anos, puxando pela mão, delicadamente, o seu irmãozinho, que ia de olhos firmemente fechados. Um transeunte, curioso, perguntou: —Que foi, minha filha? Ele machucou os olhos?

—Não, senhor, foi a resposta, em tom indiferente. —Todo sábado, com sol quente, a gente faz isso. Ele fica com os olhos fechados e nós vamos andando até o cinema. Lá dentro, ele abre os olhos e acha logo dois lugares para nós...

—Sra. Donald Gunther

¶ Na delegacia de polícia duma grande cidade americana, entrou uma moça que, dirigindo-se ao comissário, deu uma descrição pormenorizada de um homem que a havia puxado pelos cabelos, por três lanços de escada, ameaçando-a de morte por estrangulamento, e acabara por dar-lhe tremenda surra.

—Com a descrição que a sra. nos deu, a gente põe o sujeito no xadrez em poucas horas, disse o comissário.

—Mas eu não quero que o sr. mande prendê-lo, não! exclamou ela. —Basta encontrá-lo e me comunicar. O malandro prometeu que se casava comigo!

—E. V. Durling, no *Journal-American* de Nova York

Antes de procurar tratá-la sozinho . . .

Aprenda a conhecer sua dor de cabeça

(Condensado do «American Mercury»)

Pelo dr. Robert H. Feldt

Quase todos nos queixamos, uma vez ou outra, de dor de cabeça; trata-se mesmo de um sintoma constante em dez por cento dos pacientes que consultam os clínicos. Dado o fato de existirem mais de trinta causas diferentes de dor de cabeça, é de extrema importância que o médico acerte com um diagnóstico preciso. Enquanto a vítima da dor de cabeça vai experimentando toda sorte de sedativos, a enfermidade responsavel pelo sintoma pode, insidiosamente, chegar a um ponto em que já se torne incuravel. Alem disso, os remédios contra dores de cabeça, tomados em grande quantidade, às vezes passam, eles próprios, a provocar a dor.

Sem falar em certas condições locais, como sinusite e vista cansada, a dor de cabeça pode ser dividida em duas classes principais: intracraniana e extracraniana. A de origem intracraniana é geralmente de localização profunda e caraterizada por latejamentos. Nesta classe estão incluidas as cefalalgias cujas causas são, pressão arterial elevada, febre, tumor do cérebro, sífilis, tuberculose, malária, toxemias da gravidez e excesso de alcool.

A dor de cabeça extracraniana faz-se sentir mais perto da superfície e dá uma sensação de pressão ou aperto na cabeça. Os médicos classificam-na de psicogênica ou nervosa, porque é provocada pela tensão nervosa. Entre as causas desse tipo de dor podemos citar a ira, o medo, as preocupações, os desenganos, os conflitos morais; e, tambem, os sentimentos de insegurança, desajustamento ou culpa.

Na enxaqueca—que pertence ao tipo intracraniano—uma obstrução temporária das artérias do crânio provoca dores de cabeça periódicas, acompanhadas de náuseas. Geralmente o paciente pode pressentir o ataque pelo aviso que dá a aura, isto é, raios de luz, cintilantes ou em ziguezague, que obscurecem em crescendo os campos visuais.

Cerca de vinte minutos após o aparecimento da aura, tem início uma forte dor de cabeça, marcada por latejamento. Na maior parte dos casos se limita a uma metade da cabeça—hemicrânia ou hemialgia. À dor podem seguir-se náuseas. Quando o ataque é violento, o menor ruido ou raio de luz pode causar intensos paroxismos de dor. Uma cefaléia dessa natureza, deixada sem tratamento, pode durar até 24 horas.

A maior parte das vítimas da enxaqueca são de um tipo caraterístico de personalidade: criaturas que buscam constantemente a perfeição, de sensibili-

dade aguda, tensas e, muitas vezes, dotadas do chamado temperamento artístico. Os seus ataques seguem-se geralmente a alguma tempestade emocional.

Em estado de desespero, muitas vítimas da enxaqueca passam de um medicamento a outro sem obter resultado satisfatório, ignorando que já foi descoberto um tratamento específico do mal: é o tartrato de ergotamina, que alivia 80 a 90 por cento dos ataques, quando tomado logo que surge a aura da enxaqueca. *Esse medicamento, porem, precisa ser ministrado sob cuidadosa fiscalização do médico, pois pode ter efeitos bastante prejudiciais.* Os médicos hesitam em usar tartrato de ergotamina quando os ataques de enxaqueca ocorrem à razão de dois ou três por semana. O dr. Walter Alvarez, da Clínica Mayo, segue um método mais seguro, apesar de menos prático, para esses pacientes: chegou ele à conclusão de que a inalação de oxigênio puro, através de uma máscara especial, é de grande resultado no alívio da enxaqueca.

Esta pode ser tambem uma reação alérgica, em seguida, por exemplo, à ingestão de certos alimentos. Apesar de outros fatores alérgicos serem mais difíceis de identificar, uma vez descobertos, a enxaqueca pode ser inteiramente evitada se o paciente se abstiver do alimento causador do mal.

Em 1939, uma espécie de hemicrânia foi classificada como uma moléstia a parte. O dr. Bayard Horton, tambem da Clínica Mayo, foi o primeiro a descrevê-la e a aperfeiçoar um método de cura que tem sido bem sucedido em 95% dos casos.

O novo mal é causado pelo excesso de produção momentâneo de uma substância natural do corpo chamada histamina. Quando o sangue se torna carregado de histamina, verifica-se uma dilatação das artérias de um lado da cabeça. Algumas da vítimas desse mal descobriram que podem aliviar um pouco a dor pela simples pressão sobre a grande artéria do pescoço. Diminuido o fluxo do sangue, reduz-se a congestão das artérias cranianas.

Um soldado americano sofria de fortes dores de cabeça várias vezes por semana, durante quatro anos. Os ataques começavam à noite, com dores violentas e uma sensação de ardor no lado direito da cabeça. Se se encontrava na cama, era obrigado a sentar-se hirto, porque encostar-se no que quer que fosse era-lhe intoleravel. Alguns minutos mais tarde o seu olho e narina direitos começavam a ficar congestionados e doloridos. Poucas horas depois, a dor desaparecia na mesma rapidez com que tinha surgido.

Num hospital militar deram-lhe, à guisa de teste, uma injeção hipodérmica de histamina artificial. Pouco depois voltavam-lhe as mesmas dores.

Seguindo a terapia do dr. Horton, de dissensibilização, o soldado passou a tomar pequenas injeções de histamina, duas vezes por dia, durante um mês e meio. A dose foi gradualmente aumentada, mas sempre mantida num nivel inferior à quantidade que provocaria uma dor de cabeça. Finalmente tornou-se imune aos efeitos da histamina e as suas dores de cabeça desapareceram.

Todos aqueles que sofrem de hipertensão queixam-se de dores de cabeça mais cedo ou mais tarde, mas não existe forçosamente relação entre as dores e a variação da pressão. Muitas dessas cefaléias são provocadas pela tensão nervosa crônica, ou pela fadiga, e uma dilatação consequente das artérias cerebrais.

Numa recente reunião da Associação Médica Americana, o dr. Edward Weiss,

da Faculdade de Medicina da Universidade de Temple, citou um exemplo típico encontrado num grupo de cerca de cem pacientes, que haviam sido submetidos a cuidadoso estudo psicossomático. Uma mulher de meia idade há anos vinha sofrendo de uma terrivel dor de cabeça frontal. Sua pressão arterial era alta, e ela se encontrava envolvida numa situação de família, da qual pensava não poder escapar. A catarse mental, que nela se processou, somente pelo fato de ter contado a história ao médico, resultou numa melhora sensivel. E dentro de pouco tempo as suas dores de cabeça desapareceram, apesar da pressão arterial continuar a mesma.

Alguns profissionais e homens de negócio excessivamente escrupulosos são particularmente sujeitos a dores de cabeça psicogênicas, que surgem frequentemente ao terminar um dia de intenso trabalho. Essas cefalalgias nervosas constituem grande percentagem, talvez mesmo a maioria, de todos os tipos de dores de cabeça.

Segundo o dr. Harold Wolff, da Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell, as dores de cabeça psicogênicas são causadas por uma contração prolongada dos músculos do pericrânio e do pescoço, devida a um estado de tensão emocional. As vítimas dessa dor descrevem-na de várias maneiras: sensação de depressão, de ardor, de pressão e de aperto. Apesar de incomodarem bastante, as dores de cabeça de carater nervoso raramente obrigam a vítima a interromper o trabalho. Não costumam interferir com o sono e desaparecem geralmente com uma aspirina ou um cochilo.

Os médicos acreditam que alguns pacientes obtêm certo alívio pela simples sugestão. Ao ouvirem, dia após dia e ano após ano, a maravilhosa história contada pela publicidade de certas pílulas contra dores de cabeça, esperam obter bons resultados. Mesmo que a droga seja ineficaz, o poder de sugestão é uma poderosa força curadora.

As vítimas das chamadas dores de cabeça de constipação intestinal são igualmente suscetiveis à exploração comercial. Foi há muito desmentida por experiências científicas a teoria de que a estagnação dos humores causa uma intoxicação e consequente dor de cabeça. Mas os entusiastas por laxativos e lavagens intestinais persistem nessa idéia, apesar dos prejuizos que tais medicações trazem à função intestinal.

A precisão do diagnóstico é condição *sine qua non* no tratamento das dores de cabeça. Se o estado for provocado por elevada produção de histamina, sinusite ou vista cansada, para as quais existe tratamento específico, pode-se evitar muito sofrimento. Quando o tratamento certo é seguido, um alívio inesperado sobrevem frequentemente àqueles que há anos se vinham tratando inutilmente.

O perigo dos remédios contra a dor de cabeça nunca poderá ser exagerado. Dados seguros indicam que quase 200 medicamentos diferentes contêm bromuretos. A intoxicação crônica de bromureto, acompanhada de perturbações nervosas e de alucinações pode seguir-se à automedicação com preparados dessa ordem.

A acetofenetidina ou fenacetina é um dos ingredientes de muitas drogas contra dores de cabeça. O uso prolongado desse medicamento pode resultar num distúrbio grave do sangue, em que a matéria vermelha da estrutura deste é alterada.

As autoridades americanas de Saude Pública catalogam a fenacetina como droga perigosa que só deve ser vendida

sob prescrição médica. Aquelas autoridades acrescentam que mesmo quantidades pequenas podem ser prejudiciais, quando tomadas sem o devido cuidado.

Muitos remédios contra dores de cabeça são perigosos porque viciam a paciente no uso da droga. Um exemplo comum desse caso é oferecido pelo acetanileto, ingrediente ativo em inúmeras panacéias dessa natureza.

Um dos sintomas de envenenamento crônico pelo acetanileto é a dor de cabeça. Cita-se, aliás, o caso típico de uma senhora que começou por tomar drogas contra uma dor de cabeça que, a princípio, passava com relativa facilidade. À medida que o seu organismo foi ficando cada vez mais saturado com acetanileto, novas dores de cabeça surgiram, desta vez causadas pela droga. Ignorando portanto o que se passava, tornou-se a doente vítima de um círculo vicioso. Foi necessário um longo estágio no hospital para curá-la do hábito desse medicamento.

Há cerca de dez anos descobriu-se que a aminopirina (outra droga contra dores de cabeça, vendida sob vários nomes) podia causar uma deficiência séria e às vezes fatal de glóbulos vermelhos do sangue. Resultado: a classe médica e o público quase fizeram com que a aminopirina desaparecesse do mercado. A mesma reação devia ter surgido há muito tempo contra outras drogas maléficas.

As dores de cabeça a que se refere este artigo são dos tipos mais frequentes. As mais comuns são de origem psicogênica e podem continuar durante anos e anos sem afetarem seriamente o vigor e o bem-estar de suas vítimas.

As dores de cabeça de início recente exigem, no entanto, investigação imediata, pois podem indicar o começo de uma enfermidade mais séria. Mas seja qual for a causa da dor de cabeça, é de bom alvitre nunca tomar um remédio qualquer. A cura pode vir a ser peor do que a doença.

Cartas notaveis

¶ *Abraão Lincoln, quando advogava na sua cidade natal, respondendo a uma firma de Nova York, sobre a situação financeira de um seu conterrâneo:* «Em primeiro lugar, tem esposa e um filhinho que devem valer, para qualquer homem, meio milhão de dólares. Em segundo lugar, tem um escritório, com uma escrevaninha que pode valer um dolar e meio, e três cadeiras que não valem mais de um dolar. Finalmente, há num canto do seu escritório um grande buraco de ratos que merece ser investigado. Respeitosamente, A. Lincoln.»

—Emil Ludwig, *Lincoln* (Little Brown, ed.)

¶ *Bernard Shaw, advertido pelos seus médicos de que morreria, a não ser que se alimentasse de carne, escreveu ao* Daily Chronicle *de Londres*: «Minha situação é grave. Oferecem-me a vida, com a condição de comer bifes. Mas a morte é preferivel ao canibalismo. Deixei ordens, em meu testamento, para que meu féretro não tenha o acompanhamento fúnebre de carruagens, mas uma procissão de bois, carneiros, galinhas e peixes vivos carregados num aquário, cada animal levando um lenço branco, em honra do homem que preferiu morrer a devorar outras criaturas. Será, no gênero, a coisa mais notavel que já se viu, com exceção da Arca de Noé.»

Esta é a história de J. G. Townsend, que dirige o maior negócio de criação de galinhas no mundo...

Um fabricante de galinhas

(*Condensado do «Country Gentleman»*)
Por Alfred H. Sinks
e Harris Samonisky

J. G. Townsend já foi lavrador, madeireiro, fruticultor, industrial, banqueiro, governador estadual, e senador federal dos Estados Unidos. Com 67 anos de idade, lançou-se em novo negócio que se tornou, dentro de seis anos, um dos maiores do mundo no seu gênero: começou em 1938 a criar galinhas, com o propósito de fazê-lo em maior escala do que qualquer outra pessoa, e o conseguiu.

A sua criação de galinhas, organizada em moldes modernos e eficientes, consome anualmente vinte milhões de quilos de milho, suprindo o mercado com quatro milhões de quilos de carne de galinha. Provavelmente, nenhuma fábrica na América ocupa maior espaço do que seus colossais galinheiros, de onde saem cerca de 17 milhões de pintos por ano.

Quando se começou a dizer que Townsend se ia meter no negócio de criar galinhas, um dos seus vizinhos achou que lhe devia dar alguns conselhos. —Ouça aquí, Sr. Townsend! disse ele. —Eu conheço esse negócio, e o senhor não. O maior criador do Estado não vai nunca alem de 400 mil aves por ano. E consta que o senhor pretende fazer uma criação de um milhão de galinhas por ano!

—Um milhão, não: *três* milhões! retorquiu-lhe Townsend, sorrindo. —Se não for mais! Afinal de contas, quem não arrisca não petisca...

Criar galinhas é uma empresa que requer muitos riscos. É preciso uma vigilância contínua, dia e noite, para que se observem os primeiros sinais de epidemia, de prostração causada pelo calor, ou de quaisquer outros males que, se não forem combatidos a tempo, poderão arruinar o negócio quase da noite para o dia. Poucos empregados podem ser encarregados de tal tarefa, mas Townsend resolveu o problema, dando a esses empregados de confiança algum interesse nos lucros.

Com o fim de evitar as epidemias, Townsend distribuiu a sua criação de galinhas em numerosos sítios. Cada um desses sítios é dirigido por um capataz, que cuida de umas 15 ou 30 mil aves, com um ordenado proporcional ao da criação a seu cuidado, recebendo, alem disso, 5% sobre os lucros produzidos pelo sítio sob a sua direção. O negócio tem progredido sempre, permitindo aumento de salários e acumulando grandes lucros.

«Espero sempre, com satisfação,» declara Townsend, «que meus empregados tambem se tornem criadores independentes. Quando isso acontece, eu os ajudo ou me torno sócio deles. Há lugar ainda para muitos negociantes nesse ramo. Cada negociante novo abre novos empregos, e é disso que o país precisa. Concorrência? Qual! Nunca me fez mal algum ajudar alguem que começa».

Os sócios de Townsend—lavradores, negociantes, industriais, donos de garage—acham-se espalhados em grande parte do seu estado. Em 1940, passando em revista os seus negócios, Townsend verificou que tivera, ao todo, 150 sócios, dos quais somente três haviam perdido dinheiro.

Quando, há 50 anos, Townsend se casou com Jennie Collins e fez o seu lar em uma cabana, que consistia de um único quarto, o que havia na região eram pinheirais, chácaras de gente pobre, areais e choupanas de pescadores. Durante dois anos, Townsend trabalhou como agente substituto e como telegrafista de uma estação ferroviária. Mas o salário de um agente efetivo era modestíssimo, e ele já tinha então dois filhos. Sua família vivia com o que ele criava e cultivava, mas em breve teria que mandar os meninos para a escola.

Arranjou um emprego, aliás modesto tambem, em uma companhia local fornecedora de dormentes para estrada de ferro, e, vindo a firma a falir, Townsend arriscou todas as suas economias para continuar o negócio por sua conta. Com os primeiros lucros obtidos, comprou uma serra mecânica, e depois adquiriu outras. O jovem casal vivia da terra e juntava as economias para um futuro melhor. Os lucros produzidos pelas serras foram empregados em terras de pinheiros e, posteriormente, em uma completa serraria.

A pobreza da região e a indiferença de seus habitantes constituiam um desafio à iniciativa de Townsend. Tornava-se necessário organizar um banco, mediante o qual os indivíduos empreendedores pudessem pôr em prática as suas idéias, mediante empréstimos. Em 1903, Townsend abriu um banco, cuja sede era um pobre edifício de madeira. Hoje, o estabelecimento, com duas filiais, tem 6 milhões de dólares em depósitos.

Mas Townsend se sentia, instintivamente, atraido pela terra. Foi um dos primeiros americanos a descobrir a magia do feijão de soja, e plantou-o largamente no solo arenoso do seu estado, que até então nunca tinha dado outra coisa a não ser ervas selvagens e pinheiros raquíticos. Em breve, a cultura do feijão de soja tinha adubado o solo com azoto bastante para permitir o plantio de morangueiros.

Um dia, Townsend entrou num restaurante, e perguntou: —Seus fregueses não gostariam de tomar sorvete de morango legítimo?

—Sem dúvida! foi a resposta.

Townsend começou a plantar morangueiros em grande escala, e construiu a maior fábrica de pasta de morango, com que abasteceu os restaurantes de todas as partes do país. Até hoje, é chamado «o rei do morango».

Em seguida, dedicou-se ao plantio de outras árvores frutíferas, e atualmente não há ninguem nos Estados Unidos que colha tantas maçãs e peras como ele, sem se falar nos imensos campos de hortaliças com que supre a sua fábrica de vegetais em conserva.

O espírito de Townsend—que se recusava a admitir qualquer coisa como impossivel—como que se comunicou àquela terra arenosa, transformando-a numa das mais ricas regiões agrícolas do país. Somente a criação de galinhas, iniciada há pouco mais de uma década, produz uma renda de 50 milhões de dólares por ano aos criadores. O município de Townsend fornece a quarta parte de todas as galinhas consumidas nos restaurantes dos Estados Unidos.

Em 1916, quando Townsend foi eleito governador de seu estado, este possuia

menos de 200 mil dólares em caixa, e era o penúltimo da União em matéria de instrução pública. O próprio Townsend tinha aprendido a ler, a escrever e a contar em uma escola que era simplesmente uma cabana de madeira de uma única sala. O novo governador nunca se enfronhara nos detalhes técnicos das leis, mas para ele uma boa administração exigia os mesmos princípios que no mundo dos negócios lhe haviam trazido tão bons resultados.

O estado era pobre, mas entre os seus habitantes havia alguns dos mais ricos homens do país. Townsend foi procurar Pierre Du Pont, o grande fabricante de produtos químicos, e disse-lhe: —O poder legislativo se recusa a arrecadar impostos estaduais afim de construir escolas públicas para os negros do estado. Por isso, quero que *o senhor* dê dinheiro para essas escolas... E a outras tambem. Será uma contribuição inestimavel para o estado.

Townsend obteve sete milhões de dólares, e as escolas foram edificadas. Persuadiu outros milionários a custearem a construção de uma estrada de rodagem, de vital necessidade para o estado, atravessando-o de um lado ao outro. E quando, quatro anos mais tarde, deixou o governo, o tesouro estadual tinha um saldo de quase dois milhões de dólares.

Em 1928, Townsend foi eleito senador federal pelo seu estado. Em Washington, costumava passear pela manhã pelos mercados da capital, ouvindo o que diziam os lavradores sobre as dificuldades com que lutavam; e, mais tarde, falando no Senado, surgia com uma análise sensata dos problemas agrícolas, análise essa que deleitava os seus colegas. Durante 12 anos, desempenhou as suas funções de senador do mesmo modo como sempre havia feito tudo mais: considerava os seus constituintes como sócios, e se alguem lhe perguntasse qual a sua ocupação, com toda certeza responderia que era agricultor...

Nada mais natural, para Townsend, do que estar, aos 74 anos de idade, planejando coisas para o futuro. Quer enviar diretamente aos consumidores as galinhas de seus sítios, e, para isso, em primeiro lugar, vai cultivar e debulhar o milho com que alimenta as suas criações, proporcionando assim nova fonte de renda aos lavradores do seu estado; depois, tenciona construir uma grande usina para o preparo de galinhas assadas; e, finalmente, pensa em abrir armazens de distribuição de seu produto.

«Isso significará,» diz ele, «galinhas mais baratas e empregos para mais gente. Para ter êxito, só me faltam sócios capazes e corretos.»

¶ Uma mulher perguntou certa vez ao grande educador Francis Wayland Parker, depois de uma conferência feita por ele em Chicago:

—Que idade mínima deverá ter meu filho, para começar a sua educação?

—Quando espera ter o seu filho?

—Quando? Ora essa! Pois se ele já tem cinco anos!

—Minha senhora, exclamou o educador,—não perca o seu tempo, falando comigo. Vá já para casa! Já perdeu os melhores cinco anos, para educá-lo!

—*Survey Graphic*

Será preciso apelar outra vez para esse meio medieval de dominar a Alemanha?

A OCUPAÇÃO MILITAR NÃO RESOLVE O PROBLEMA

(*Condensado do «Harper's»*)

Por um membro da R.A.F.

MUITAS VEZES sucede que uma política, aceita durante longo tempo como indiscutivel, pode levar, imperceptivelmente, aos erros mais catastróficos. Há, no momento, forte corrente de opinião que considera a ocupação militar da Alemanha como uma de tais políticas, destinada a terminar em terriveis fracassos que certamente virão a influir nas vidas de toda uma geração, prejudicando-as de maneira lastimavel.

As intenções dos Aliados vêm sendo envoltas em segredo e em mistério, mas, apesar disso, parece não restar dúvida de que a Inglaterra e os Estados Unidos pretendem ocupar, na Alemanha, as partes que lhes couberam, até que hajam desaparecido os últimos vestígios do nazismo, que o povo esteja plenamente reeducado, que a rehabilitação e a reorganização do país tenham sido fiscalizadas meticulosamente, e, finalmente, que os alemães se achem completamente desarmados e impotentes para iniciar outras guerras; nesse momento hão-de retirar-se sossegadamente, e com elegância, deixando os alemães a viver felizes, graciosamente convertidos aos hábitos e costumes anglo-americanos. Muitos cálculos se fizeram quanto ao tempo necessário para tanto, e esses variam entre dez e cincoenta anos.

Já se declarou que os Aliados não desejam dirigir a vida econômica e social da Alemanha; incumbir-se-ão, apenas, de fiscalizar o país até o dia em que este escolha um governo que corresponda aos ideais democráticos.

Não nos enganemos, porem. Muito embora os governos inglês e americano declarem ter delegado a responsabilidade aos alemães, o poder supremo reside ainda nos exércitos de ocupação; e nada convencerá os alemães de que esse poder não acarreta responsabilidade suprema.

Já se tem sugerido que, se os Aliados não conseguiram manter a paz em seguida à Primeira Guerra Mundial, foi simplesmente por não terem ocupado toda a Alemanha. Dizem por aí que é preciso aprender «a lição da história», para evitar «que se cometam os mesmos erros outra vez».

Qual é a lição da história? Que eu saiba, *não existe um exemplo sequer* de uma ocupação desse tipo que se tivesse coroado de êxito. Lembremo-nos da ocupação da Inglaterra pelos romanos, e da longa e sangrenta ocupação da França pelos ingleses; da dos espanhóis na Holanda, dos franceses na Espanha e na Alemanha, dos russos na Polônia, dos alemães em todos os paises da Europa. Ao se iniciarem todas essas ocupações, dizia-se invariavelmente: «Esta será diferente

das anteriores.» E não houve uma que escapasse ao fracasso.

É tempo de nos compenetrarmos de que esse absurdo sistema medieval de ocupação não se reconcilia com as idéias modernas, sendo, alem disso, desnecessário, impraticavel e perigoso. Trata-se, mesmo, de um ótimo meio para fazer despertar de novo o espírito marcial dos alemães, unindo-os ainda mais firmemente contra os Aliados.

A ocupação de um país é deprimente para o vencedor. Tudo que afeta o amor próprio, a felicidade, a confiança ou a coragem de cada soldado estará contribuindo para o fracasso final da ocupação. A vergonha quando uma moça alemã retribue um olhar de admiração com outro de desprezo; o absurdo sentimento de culpa ao ver uma velha alemã a buscar, entre os escombros, um pouco de lenha para o fogão... Cada olhar de desprezo, a menor irritação, as pequenas mentiras e as evasivas, cada careta furtiva é um passo em direção ao precipício. Proibir tudo isso? Tal medida resultaria apenas em lançar os vencedores no ridículo.

Essas coisinhas que ferem a dignidade e o moral já têm ocorrido na Alemanha. Mais cedo ou mais tarde, porem, sucederão outras, mais graves, que se transformarão paulatinamente em rotina: pequenas manobras de subterfúgio, truques praticados às ocultas—sabotagem, do ponto de vista das forças de ocupação; atos de heroismo em prol da liberdade, do ponto de vista da população.

Pretextando abuso de confiança, uma jovem alemã matou um soldado a punhaladas. Pode ser que ela tivesse razão; talvez ele lhe estivesse fazendo mal. Mas há tambem a possibilidade de que ela tivesse jurado matar um inglês ou americano. Como é que iremos averiguar a verdade? Das testemunhas alemãs, não se conseguirão declarações. Qual o remédio, em tais circunstâncias?

Em escura noite de inverno, um soldado é morto a tiros na rua. A polícia alemã alega que nada pode fazer. Açucar em tanques de gasolina, pneumáticos rasgados, bombas, de fabrico caseiro, a explodir aquí e acolá. Nas paredes, começam a surgir inscrições; aumenta o número dos alemães que, à passagem de um inglês ou americano, cospem desdenhosamente; ouvem-se gritos na calada da noite, e assovios de misteriosa origem. Que se há-de fazer?

Através de toda a história, vemos uma resposta apenas: «Fuzilem o chefe de polícia, o burgomestre e alguns refens, e abram campos de concentração.» Os ingleses e americanos não gostam de tais soluções, e aliás é a própria história que nos demonstra a falência desse método drástico.

Não há exemplo de um país que tenha chegado a gostar de uma força de ocupação, ou mesmo a tolerá-la. O soldado que ora faz parte do exército de ocupação na Alemanha viverá cercado do ódio de quase todas as pessoas que encontre ou que veja, embora ele próprio já se tenha esquecido, provavelmente, do ódio que, há tempos, nutria pelos alemães. É bem desalentador viver num ambiente de ódio.

Há, porem, um meio moderno, óbvio, facil, barato e eficaz de controlar a Alemanha. Consiste no seguinte:

Primeiro: é indispensavel que se complete o desarmamento total, removendo-se todas as armas, da espingarda de ar comprimido ao cruzador pesado. Essa tarefa, diga-se de passagem, já se acha em adiantado estado de execução.

Segundo: incumbiria a uma comissão de técnicos decidir quais são as indústrias de que a Alemanha deve ser privada, afim

de que não possa mais iniciar outras guerras. Apesar do que dizem os industriais alemães, pode-se eliminar a capacidade bélica do país, sem arruinar sua estrutura econômica. Para a Europa é preciso que a Alemanha conserve parte de sua indústria pesada, mas poderá ela manter em funcionamento os altos fornos, sem forjar canhões, e as fábricas de rádios, sem equipamento de radar; e as pequenas indústrias metalúrgicas poderão produzir panelas em lugar de aviões.

Terceiro: essas proibições deveriam ser amplamente divulgadas, anunciando-se, ao mesmo tempo, severas penalidades aos que as infringirem.

Quarto: nas fronteiras, os Aliados devem exercer rigorosa fiscalização dos produtos importados e exportados pela Alemanha. Só se imporão restrições aos produtos que se possam empregar para fins bélicos, ou os que pareçam estar sendo usados para algum objetivo político (pois assim fizeram os nazistas antes da guerra).

Quinto: os aeroportos da Alemanha devem permanecer sob controle Aliado, e aliás essa tarefa seria de pouca monta, pois ao país seria proibido, para sempre, possuir aviões.

Eis as cláusulas do contrato; assim que estiverem claramente entendidas pelos alemães, e logo que estes se compenetrem bem do seu conteudo, devem ser removidas as *forças* Aliadas, continuando ainda, porem, a *força* aliada.

São estas as três condições essenciais à aplicação da força: lugar indicado, momento oportuno, intensidade necessária. Se se quiser exercer força na Alemanha de maneira correta, precisa-se verificar, de antemão, quais as condições existentes; e para isso não é necessário que um soldado americano, a bocejar de tédio, perambule pelas ruas de Francfort, ou um inglês se poste à entrada das docas de Hamburgo.

Precisa-se, sim, de um corpo de técnicos habilitados e modernos, capazes de se mover com facilidade de um lado a outro—cientistas e industriais, fardados e bem-pagos, peritos em armas e na arte da guerra—a quem se daria permissão para visitar e inspecionar, sem quaisquer formalidades, fábricas, depósitos, salas de desenho, laboratórios e arquivos na Alemanha. Em suma, não haveria lugar algum onde não pudessem entrar. Alem disso, seria organizado um grupo de fotógrafos que, viajando por todo o país, colhessem informações sobre quaisquer invenções ou projetos novos. Poderes drásticos, diriam. Muito menos drásticos, porem, que a ocupação. E sem dúvida mais eficazes.

Essa força especializada mover-se-ia secretamente de avião, automoveis e trens velozes. Antes que o diretor de uma fábrica pudesse tomar qualquer providência, esses fiscais lá estariam para inspecioná-la. Dispondo de todos os recursos da ciência moderna, seriam mais rápidos e terriveis em seu trabalho que qualquer figura de bucaneiro do passado. Não seria concebivel que, havendo uma equipe dessas, sempre a postos, os alemães tentassem quaisquer movimentos bélicos sem que os Aliados viessem a saber; nem se compreenderia, em tais circunstâncias, que os germânicos mobilizassem suas correntes políticas de modo contrário aos interesses dos mesmos Aliados.

Os fiscais, a que nos referimos, constituiriam apenas uma unidade de reconhecimento, em constante vigilância aos astutos planejadores de golpes de alem-Reno. Essa unidade contaria, porem, com forte apoio, *fora da Alemanha.*

Ao longo das fronteiras da Alemanha,

da Holanda, da Dinamarca, da França e da Bélgica, estaria sempre rondando uma força célere e munida de equipamento moderno. Não seriam fuzís as suas armas: e, sim, o rádio, o radar, tanques, carros blindados e velozes, e aviões. Faria, de vez em quando, exibições de força aos alemães, em rápidas viagens pelo país. Nada de confraternização com os alemães; nem mesmo uma palavra de explicação. Tratar-se-ia de um lembrete, apenas.

Imagine-se, agora, que um alemão—chamemos-lhe Herr Schenk—seja encontrado fazendo experiências com um novo tipo de explosivo, na sua fábrica de adubos químicos. A força especializada enviaria uma mensagem pelo rádio e, dentro de quatro horas, teriam chegado paraquedistas da França, para guardar a fábrica e prender toda a diretoria. Novamente rolarão os tanques pelas rodovias, aviões de caça e de reconhecimento sobrevoarão os veículos, e estará sendo exibida, outra vez, a terrivel panóplia do poder blindado. Proceder-se-á imediatamente à investigação e, provando-se o crime, a fábrica será reduzida a escombros. Herr Schenk e seus principais colaboradores morrerão diante dum pelotão de fuzilamento, os de responsabilidade secundária serão metidos no xadrez, e os principais funcionários municipais perderão seus empregos.

Esses são os argumentos que os alemães compreendem. O que não entendem é a aparente fraqueza e indecisão já caraterísticas da antiquada ocupação. Num tipo de domínio como esse que preconizamos, não conseguirão os germânicos, através da «confraternização», espalhar sua sutilíssima propaganda. Nunca mais ouviremos frases como esta: «Somos os bons alemães. Eram os nazistas que faziam tudo aquilo. Que culpa temos nós?»

Esse tipo de propaganda já se está disseminando, e o peor é que tanto ingleses como americanos se mostram inclinados a acreditar nela. Com o tempo, todos os soldados lhe darão crédito. Ora, assim sendo, o ódio por parte dos alemães e a indiferença dos Aliados hão-de acabar forçando estes últimos a cessar a ocupação de maneira tão ignominiosa como a que se observou ao terminar a ocupação do Reno, da outra vez; e seria questão de tempo, a loucura começar de novo.

O gênero de controle acima esboçado tem todas as vantagens da ocupação, sem os seus defeitos. Em primeiro lugar, quase todos os soldados poderão voltar para suas casas; os que ficarem terão a seu cargo tarefas agradaveis e interessantes, num país amigo, não estando sujeitos às irritações e aos perigos inerentes à ocupação. Alem disso, não caberá mais aos Aliados a responsabilidade pelo período de caos e fome que a Alemanha terá forçosamente que atravessar. Já se ouvem críticas devido a obras que ainda não foram reiniciadas, pontes por construir, rações que chegam atrasadas.

Aos alemães serão gratas a imparcialidade do plano e a eliminação do fardo e do enervamento da ocupação. Se se escolher outro meio, o sutil sentimentalismo dos alemães, unido à atitude benévola dos povos aliados e ao natural desejo dos soldados de se afastarem de um lugar onde não sejam benquistos,—tudo isso contribuirá para que a ocupação fracasse, e a paz seja ainda mais curta que da vez anterior.

¶ O mais nobre de todos os motivos é o bem público.
—Virgílio

Frases pitorescas e poéticas

O vento, dando piparotes em tudo (Aluízio Azevedo-1)... Ondas apressadas, tropeçando em rochedos (Olavo Bilac-2)... A neblina sabotava a alvorada (Humberto da Silveira Espírito Santo-)... Um vento frio franzia a tarde tímida e lavada (Guilherme de Almeida-3)

Um pote velho, gordo, dormindo suado no canto da varanda (Paulo Bentes-4)... Um som oleoso, redondo e lambusado (Érico Veríssimo-5)... Os cães latiam, farejando vadiação (Graça Aranha-6)... A pata, com a pequenina frota penugenta dos patinhos (Coelho Neto-7)

Flerte: casca de banana postada à porta de uma pretoria (Costa Rego-8)... *Forca:* o mais desagradavel dos instrumentos de corda (*A Manha*-9)

Uma honrada senhora esculpida em toucinho (Humberto de Campos-10)... Um riso branco e crepitante de milho de pipoca (Fernando C. Pereira)... O fraque escorria-lhe pelas costas (Eça de Queirós-11)

O escândalo fônico de um grito (Augusto dos Anjos-12)... Cair na cama e deixar que o vento do sono apague, uma a uma, as velas do pensamento (Ernest Buckler-13)...

Um silêncio de matar gesto do braço (Mário de Andrade-14)... Gargalhada vermelha, como um toque de clarim (Guerra Junqueiro-15)

Como o país está a *finar-se*, chamam-se *finanças* as receitas públicas (Camilo Castelo Branco-16)... Dinheiro não faz felicidade, principalmente quando é pouco (Pittigrilli-17)

A cachaça cimentara o compadresco (Monteiro Lobato-18)... O supérfluo, essa coisa indispensavel (Luzia-19)

Confortavel como um cavalo manso (Dr. Nero de Macedo Jr.-20)... Macambúzio como um guarda-chuva molhado (América Panadero)

É mais triste o cais quando atraca a tarde (Pablo Neruda)... O arzinho da manhã, doce e reanimador como um gole de água (Hugo Wast)... Dois anos se passaram, lentos, arrastados, como se fossem puxados por uma parelha de lesmas (Raymundo Lopes-21)

Andava a saudade dentro dela como o caruncho nos moveis antigos (Ruy Gomes -22)... Sua coragem diminuia, como se alguem a sorvesse com um canudinho de refresco (E. Jardiel Poncela)... A vida se lhe escapou por um buraco de bala (*El Tiempo*, Bogotá)

Era o maestro, magro e encabelado como um espanador (Arakén Rego)... Estava encadernado num terno de inverno (Machado de Assís-23)... Meninos, ainda em bloco, para os professores desbastarem (Raul Brandão-24)

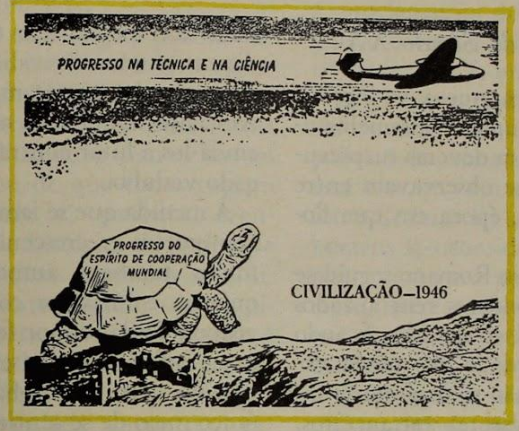
SELEÇÕES pagará cem cruzeiros por cada frase digna de publicação que os seus leitores lhe remeterem. As frases devem ser originais, ou extraídas de algum livro ou periódico, devendo sempre indicar-se a respectiva origem. Os leitores podem mandar-nos quantas frases quiserem. Por cada uma das que forem publicadas pagaremos cem cruzeiros. No caso de duas ou mais pessoas nos remeterem a mesma frase, será publicada a que primeiro tiver sido enviada (segundo as datas das cartas dos leitores). Dirigir-se a: Seleções do Reader's Digest—Seção de Frases Pitorescas—230 Park Avenue, New York 17, N. Y., E. U. A. (Para facilitar a remessa, as colaborações podem ser enviadas a Fernando Chinaglia, Rua do Rosário 55, Rio de Janeiro, que as transmitirá para Nova York, por via aérea.) Não se acusará o recebimento das colaborações.

(As colaborações que aparecem numeradas acima foram enviadas por: 1-Germaine Hegg; 2-Nilza Soares; 3-Paulo Ubirajara; 4-Murilo Silveira; 5-Olival Pires do Amaral; 6-Sydney Danemberg; 7-Paulo Sonnewend; 8-Lúcio de Mello; 9-Synesio Lyra; 10-Dyrajaia Soren; 11-Décio Cecílio da Silva; 12-Alberto Motta Devezas; 13-Francisco Roseti; 14-João Rodrigues de Andrade; 15-Saul de Almeida; -16-Pedro Violanti de Carvalho; 17-José S. U. dos Guimarães; 18-José Gomes; 19-Carmen Caeiro; 20-Eunice Meira Vilas Bôas; 21-Déa Bernardes Barroso; 22-Carlos Ivan de Araujo Silva; 23-Ruy Faria; 24-Isaura Novaes.)

Anatomia da Paz

Condensação do livro
The Anatomy of Peace

por
EMERY REVES



Alguns comentários de jornais e cidadãos americanos sobre esta obra:

San Francisco Chronicle: «Este é um livro para ser lido atentamente por todos nós.»

Christian Science Monitor: «Sua leitura é, diremos mesmo, necessária.»

New York Herald Tribune: «Em suas linhas gerais, o arrazoado é irrefutavel.»

The Commonweal: «*Anatomy of Peace* é de um efeito tremendo.»

Atlanta Journal: «Escrito com clareza, é lógico, persuasivo, e nunca enfadonho.»

Toledo Blade: «Pode considerar-se a cartilha dos que desejam um mundo ordeiro e pacífico.»

Minneapolis Sunday Tribune: «Talvez haja quem possa provar que Emery Reves está errado. Quanto a nós, duvidamos.»

Hartford Courant: «Emery Reves prestou-nos relevante serviço.»

Sr. Owen Roberts, do Supremo Tribunal dos Estados Unidos: «Desafia-nos, incisivamente, a que reflitamos sobre a paz mundial. Agradeçamos todos a Emery Reves.»

Mark Van Doren, crítico literário: «A argumentação apresentada por Emery Reves parece-me de uma força irresistivel. Espero sinceramente que o livro alcance milhões de leitores.»

The Saturday Review of Literature: «Dos livros que tratam dos fundamentos e bases de uma paz verdadeira, poucos encerrarão conceitos tão cheios de sã sabedoria.»

Clifton Fadiman, crítico: «O livro do sr. Reves, de importância decisiva, talvez possa contribuir para deter nossa marcha em direção ao suicídio.»

Copyright 1945, Emery Reves, editado por Harper & Brothers, Nova York, Preço $2.00
(Caricatura de Zec, «Daily Mirror», de Londres)

ANATOMIA DA PAZ

O Feudalismo do Século XX

As condições em que vive hoje a sociedade humana assemelham-se, de maneira deveras surpreendente, àquelas que se observavam entre os séculos X e XIII, época em que florescia o feudalismo.

À queda do Império Romano seguiu-se logo o colapso dos poderes centralizados do mundo ocidental conhecido, ficando as vidas e a propriedade dos povos expostas, sem defesa, não só à pirataria interna como aos nvasores estrangeiros. Dessa fase verdadeiramente caótica da evolução do Ocidente, emergiu o feudalismo, sistema político nascido do desejo de segurança, que empolgava as massas. Tanto o cidadão sem terras quanto o pequeno latifundiário dirigiam-se ao mais poderoso senhor das redondezas para lhe pedir abrigo e apoio, oferecendo, em troca, seus serviços.

Os súditos entregavam-se, a si e a suas terras—se as tivessem—ao barão, recebendo dele alimento e proteção na paz e armas na guerra; em compensação, aravam-lhe o solo, pagavam impostos e lutavam em suas campanhas. Para todos os efeitos, estavam os barões feudais investidos de poder soberano.

As relações entre os senhores e seus vassalos eram estabelecidas segundo os usos e costumes, e reguladas pela lei; por outro lado, as relações entre os diversos senhores, vizinhos uns dos outros, não se regulavam senão por laços de parentesco, amizades ou acordos entre eles. Como seria de esperar, não tardou que explodissem ciumes e rivalidades entre os suzeranos, que passaram a convocar, com crescente frequência, os seus súditos para enviá-los a lutar contra os de algum morgado vizinho.

À medida que se iam desenvolvendo os transportes e crescendo as populações, foram tambem aumentando, em frequência e fúria, os conflitos entre esses grupos. Cada senhor feudal via, na força e na influência de seus vizinhos, bons motivos para desconfianças e receios. O único meio de se sentirem seguros contra a possibilidade de ataque consistia em derrotar o vizinho, conquistar-lhe as terras, apossar-se de seus súditos e, assim, alargar sua própria esfera de influência.

Tal evolução culminou em perfeito caos, registrando-se lutas quase permanentes. Só depois de decorrido muito tempo perceberam os súditos que os contratos, feitos com os senhores feudais, lhes haviam trazido, em vez da segurança e proteção desejadas, uma série de guerras, a mais completa insegurança, miséria e morte.

Finalmente, porem, tornou-se-lhes bem claro que só se libertariam se criassem um governo capaz de se manter acima das querelas e conflitos entre os barões. Para conseguí-lo seria necessário primeiro destruir o poder dos latifundiários feudais, e estabelecer relações diretas entre os súditos e o governo central. Por isso o povo se acercou dos reis, os quais adquiriram força suficiente para impor uma ordem legal suprema. E assim, após ter

dominado o mundo durante cinco séculos, desintegrou-se o sistema feudal, logo que os meios de comunicação aperfeiçoados e o desenvolvimento de certas idéias, por todos partilhadas, tornaram possivel a constituição de governos de maior amplitude.

Que tem a ver essa longa e penosa história da sociedade medieval com o nosso problema do século XX? Os homens vêm lutando continuamente por uma forma e um método melhor de se manter ordem na sociedade, afim de que todos possam desfrutar liberdade e, tambem, segurança. A evolução histórica da sociedade prova que esses ideais humanos se atingem mais facilmente quando cada indivíduo se acha diretamente relacionado à fonte universal de lei, central e suprema. Duas vezes, na história da civilização ocidental, essa verdade encontrou expressão nas instituições dos homens: primeiro nas religiões monoteistas, e depois na democracia.

A doutrina fundamental das religiões judaica, cristã e maometana é o monoteismo, o Deus único, o Legislador Supremo, a crença básica de que, perante Deus, todos os homens são iguais. Eis aí a rocha onde assenta a civilização ocidental moderna. Quando o Deus único e universal passou a ser considerado Ser Supremo e fonte única de autoridade sobre os homens, revelou-se, pela primeira vez, que essa noção era a única fonte possivel para a formação do código regulador de uma sociedade humana pacífica.

Ao tempo em que se proclamou essa tese, as condições em que viviam os homens eram por demais primitivas para que ela pudesse frutificar como doutrina política. Daí o fato de que, durante muito tempo, o conceito de igualdade perante a lei suprema vicejou apenas dentro da religião. No século XVIII, porem, as circunstâncias induziram, afinal, os pais da moderna democracia a desencadear sua cruzada contra a soberania dos inúmeros reis e potentados que oprimiam e escravizavam o povo. Da cruzada nasceu a proclamação do princípio básico segundo o qual a soberania reside na coletividade, isto é, no próprio povo.

E esse princípio, alicerce mesmo da democracia, nada mais é que o corolário político do monoteismo. De acordo com essa tese, a vontade coletiva é a única fonte de lei,—lei sob cuja égide todos os homens são considerados iguais. O reconhecimento e a proclamação desse princípio, entretanto, vieram adiantados de um século; e aí está uma das tragédias da história.

Ao tornar-se doutrina dominante, a universalidade da lei não era ainda possivel, de um ponto de vista puramente prático. O mundo era grande demais, não podendo ser submetido a qualquer controle centralizado; e era, de mais a mais, um mundo exclusivamente agrícola, de condição econômica quase igual à da antiguidade. Apresentou-se, pois, um substituto, que permitiu dar-se, à nova doutrina da soberania democrática, imediata aplicação prática.

Tal substituto era nada mais nada menos que a nação. No século XVIII, não era ainda possivel organizar-se a sociedade em base universal. Por conseguinte, não se podia organizar a democracia segundo seus próprios princípios, fundamentalmente universais. Havia que estabelecê-la, primeiro, dentro de cada nação.

Durante longos anos, parecia ter-se solucionado satisfatoriamente o problema, e os cidadãos e súditos dos modernos estados-nações democráticos desfrutavam um nivel de liberdade, se-

gurança e bem-estar sem precedentes.

Logo, porem, verificando-se enormes aperfeiçoamentos nas comunicações, se foram aproximando, cada vez mais, as diversas soberanias nacionais. E, justamente como sucedera na Idade Média, esses contactos entre grupos soberanos foram causa de atritos e divergências.

Hoje, longe de gozar verdadeira liberdade, longe de ter alcançado a esperada segurança e proteção que lhes dariam os estados-nações, os cidadãos acham-se constantemente expostos à opressão e à violência. A multiplicidade das soberanias em conflito, na sociedade em que vivemos, destrói qualquer vestígio de liberdade, proteção e segurança concedidas, originalmente, pelos estados-nações.

Em meados do século XX, vivemos numa era de feudalismo político absoluto, em que os estados-nações constituem verdadeiros substitutos dos barões feudais. A segregação, arbitrária e artificial, da sociedade humana compele o estado-nação a proceder, com relação aos súditos e aos vizinhos, da mesma forma que os senhores feudais.

No sistema de estado-nação, vemo-nos impedidos de tomar parte na criação da lei em qualquer grupo social fora de nosso próprio país. É, portanto, uma ilusão dizer-se que americanos, ingleses ou franceses são «povos livres», pois podem ser atacados por outras nações, e forçados à guerra, a qualquer tempo. Vivem em permanente estado de medo e insegurança, justamente como se seus governantes fossem ainda os tiranos, a intervir em suas vidas privadas.

Tal sistema de feudalismo-nação mergulhou o mundo num barbarismo sem precedente, tendo destruido quase todos os direitos individuais e liberdades humanas, conquistados à custa de tanto sangue e tanta luta pelos nossos antepassados.

Não há esperança de conseguirmos alterar a rota em que nos leva rapidamente o sistema do estado-nação, a não ser que deixemos de reconhecer neles a suprema e última expressão da soberania do povo. Com velocidade sempre crescente, seremos atirados em direção a um estado de coisas em que reinarão maior insegurança, maior destruição, ódio e barbarismo maiores, até que nos decidamos a liquidar o sistema político de feudalismo-nação e estabeleçamos uma ordem social baseada na soberania da coletividade, concebida, de fato, pelos fundadores da democracia, e aplicavel às realidades dos dias que correm.

É uma só, a verdadeira causa da guerra

É GERALMENTE aceito como verdade indiscutivel que a guerra tem inúmeras causas e que seria tarefa impossivel cuidar de eliminá-las.

É necessário que nos recusemos a acreditar nessa idéia—aparentemente verdadeira mas basicamente falsa—afim de que evitemos tornar-nos vítimas impotentes da superstição.

Se examinarmos o assunto apenas à sua superfície, teremos, realmente, a impressão de que as guerras se têm feito por variadíssimas razões. Entre os povos primitivos, famílias, clãs e tribos lutavam entre si, escravizavam-se e se exterminavam, para obter alimento, abrigo, mulheres e espaço para caçar. Mais tarde, tendo a civilização alcançado nivel mais alto, vemos maiores agrupamentos humanos, cidades inteiras, que se degladiavam entre si—Nínive, Babilônia, Tróia, Atenas, Esparta, Roma e Cartago. Em seguida ao colapso do sistema feudal, transferiu-se o campo de conflitos, e já as guerras se faziam entre grandes centros

comerciais, como sejam Veneza, Florença, Hamburgo, Danzig e outros blocos urbanos. Houve depois outra série de guerras desencadeadas por monarcas absolutos para defender os interesses de suas dinastias; e mais uma série, pelas religiões organizadas. Finalmente, a criação do estado-nação moderno veio dar lugar a gigantescos conflitos sucessivos, entre nações inteiras, mobilizadas para a guerra.

Se nos voltarmos a observar a História, veremos que a guerra se nos apresenta sob a forma de uma hidra de cem cabeças. Mal os pacificadores decepavam uma cabeça, surgiam, imediatamente, outras para substituí-la. No entanto, se analisarmos a aparente variedade de causas das guerras passadas, observaremos certa continuidade. A causa verdadeira das guerras sempre foi uma só.

As guerras entre grupos de homens que formam unidades sociais sempre têm lugar quando essas unidades—sejam tribos, dinastias, igrejas, cidades ou nações—exercem poder soberano e irrestrito.

As guerras entre essas unidades cessam no momento em que o poder soberano se transfere a um grupo maior ou mais alto.

Não procede, na realidade, o que a história nos apresenta como causa de guerras, pois essas chamadas causas subsistiam mesmo depois de terminados os conflitos. As cidades e províncias ainda fazem concorrência umas às outras. As convicções religiosas divergem, hoje, tanto quanto durante as guerras religiosas.

Desde que nos apercebamos da verdadeira causa das guerras—de todas as guerras—torna-se evidente como são inuteis e puerís os veementes debates em torno da questão do desarmamento.

Se a sociedade humana estivesse organizada de maneira que as relações entre as coletividades fossem reguladas por instituições legais, democraticamente administradas, então, embora a ciência moderna criasse armas das mais devastadoras, não haveria mais guerras. Se, por outro lado, permitirmos que os direitos de soberania floresçam nos diversos grupos humanos sem que suas relações sejam reguladas pela lei, de nada nos serviria proibirmos o fabrico de armas, pois, mesmo que os homens não dispusessem nem de canivetes, seriam capazes de guerrear com pedaços de pau.

É positivamente trágica a cegueira e a ignorância de nossos governos e líderes políticos, em face a esse problema de mais vital importância.

De 1919 em diante, os pacifistas achavam-se obcecados pela idéia de que os armamentos é que levam à guerra, e convencidos, portanto, de que uma redução geral na sua manufatura seria condição *sine qua non* para que a paz pudesse reinar no mundo inteiro. Durante 15 anos, os projetos de desarmamento dominaram inteiramente o pensamento internacional. Ao público impingia-se propaganda, em colossais proporções, no sentido de que nação alguma deveria construir couraçados com mais de 35 mil toneladas, que era preciso reduzir o calibre dos canhões, proibir a guerra submarina e o uso de gás, e assim por diante.

E eis que agora nossos líderes pregam exatamente o oposto. Hoje nos dizem que a paz só se pode manter por meio de poderosos armamentos, que as nações democráticas precisam manter, intactos e onipotentes, seus exércitos mecanizados, suas esquadras e sua força aérea, e que é imprescindivel exercer controle sobre as bases militares espalhadas pelo globo.

Essa idéia de procurar manter-se a paz pelos armamentos é tão perfeitamente

errônea como a noção contrária. A relação entre armas e paz é semelhante à que existe, por exemplo, entre os sapos e a chuva. Para manter a paz, são tão inuteis a mobilização e os exércitos, como a ausência de ambos.

O problema da paz é social e político, e nada tem de técnico.

Qual o significado real de soberania

O PROBLEMA fundamental da paz é o da soberania. O bem-estar, a felicidade, a própria existência de um mineiro na Pensilvânia, no País de Gales, na Lorena ou na Bacia do Don, de um fazendeiro na Ucrânia, na Argentina, no interior dos Estados Unidos ou nos arrozais da China, —dependem de interpretarmos corretamente o conceito de soberania. Não se trata, aquí, de qualquer debate teórico, e sim de uma questão mais vital que os salários, preços e impostos, porque da solução que se der ao problema central da guerra dependerá a solução dos problemas cotidianos de dois bilhões de pessoas.

O simples fato de se falar tanto, hoje em dia, em soberania—palavra que mal se ouvia nos debates políticos de há uma ou duas décadas—prova que existe, por assim dizer, uma ferida no corpo político. Não resta dúvida de que há, na soberania, algo a clamar por corretivo; nem se negue que a interpretação atual desse conceito está atravessando uma crise e exigindo um esclarecimento.

Que significa soberania?

Quando a sociedade humana ensaiava seus primeiros passos, descobriu-se que, para viver em paz, na família ou na tribo, os homens tinham que dominar certos impulsos naturais, proibir a si mesmos algumas coisas que gostariam de fazer, e obrigar-se a outras, que prefeririam evitar.

É próprio da natureza humana só aceitar regras quando impostas por uma autoridade constituida. A primeira autoridade absoluta foi Deus.

Era, portanto, necessário induzir o povo a acreditar que as regras e regulamentos provinham de expressos mandamentos divinos. E estes foram proclamados, de maneira por assim dizer mágica, pelos sacerdotes. Tendo acesso direto a Deus, souberam eles como interpretar Sua vontade, em meio a muito trovão e muito relâmpago, de modo que os povos, assustados, aceitaram tais ordens.

Aquí temos pois, como primeira autoridade soberana, e fonte primeira da lei, um símbolo sobrenatural. Imperadores e reis, para manter sua autoridade e poder legislativo, para obrigar os povos a reconhecer neles a suprema fonte da lei, uniam-se o mais intimamente possivel com a religião, proclamando que seu poder vinha de Deus.

Entre a Renascença e o século XVIII, foi-se afeiçoando uma idéia social revolucionária—o princípio segundo o qual nenhum indivíduo, nenhuma família ou dinastia, se podiam considerar soberanos, porque a soberana autoridade de criar leis residia no próprio povo. Esse princípio levou à fundação das repúblicas americana e francesa, e ao sistema parlamentar da Inglaterra e outros paises, em que o monarca «reina mas não governa».

O IDEAL de soberania em cada nação foi, a princípio, um grande passo à frente, e um incentivo ao progresso da humanidade. A independência americana e a revolução francesa, seguindo-se à criação do regime representativo na Inglaterra, constituiram esplêndido estímulo a outros povos para que lutassem pela sua própria soberania e independência. Foi

com os tratados de paz de 1919 que se alcançou o apogeu dessa evolução, quando diversas nações, em número deveras sem precedente, conquistaram soberania e independência. Vinte anos depois, todas essas briosas soberanias nacionais jaziam no pó, pisadas pela bota do tirano, passando a escravidão e a miséria a oprimir um número inaudito de seres humanos.

Qual o motivo disso?

Simplesmente este: o sistema político estabelecido em 1919, verdadeira apoteose dos ideais do século XVIII, era um anacronismo, em total contradição com as condições reinantes no século XX. Os grandes ideais de soberania nacional, independência e nacionalidade constituiam realmente, no Século XVIII, belas passadas no sentido do progresso, no vasto mundo anterior à revolução industrial.

O conceito hodierno de soberania nacional demonstra como um ideal, uma vez atingido, pode ser deturpado dentro dos limites de um século apenas. A concepção democrática da soberania significava a transferência dos direitos soberanos de um homem—o rei—a todos os homens—o povo. No sentido democrático, a soberania era da própria coletividade. Procuremos imaginar o mundo do século XVIII, quando a revolução industrial nem se iniciara ainda, e a diligência era o mais rápido meio de transporte. Em tais condições os criadores da democracia tinham, por horizonte, nada mais que a nação. Ao proclamarem a soberania de uma nação, referiam-se, na verdade, à soberania da coletividade, à soberania assentada em bases tão amplas quanto possivel.

À maneira por que o mundo se acha hoje organizado, a soberania já não reside mais na coletividade, sendo, ao contrário, exercida de forma absoluta pelos grupos de indivíduos a que chamamos nações. Como se vê, trata-se de uma contradição flagrante ao conceito original, democrático, do que significava soberania. Hoje, a soberania tem base por demais estreita, e está despojada do poder que lhe deveria caber. A palavra é a mesma, e idêntico é o conceito que ela exprime; mas o meio mudou, como mudaram as condições do mundo.

A semente da crise do século XX começou a germinar logo depois da fundação do moderno estado-nação democrático. Ao mesmo tempo, e independentemente, iniciou-se um movimento que se tornaria quase tão forte, um fator de progresso humano destinado a quase igual potência: era o industrialismo.

Essas duas correntes dominantes de nossa era—nacionalismo e industrialismo —acham-se em constante e inevitavel conflito entre si.

O industrialismo tende a envolver o mundo inteiro dentro de sua esfera de ação. A moderna produção em massa exige matérias primas de todos os paises, e busca mercados em todos os cantos do globo. Procura atingir sua meta sem se deter diante de quaisquer barreiras, sejam elas políticas, geográficas, religiosas, raciais ou linguísticas.

O nacionalismo, por outro lado, tende a dividir esse mesmo mundo em pequenos grupos independentes.

Durante um século inteiro essas correntes em conflito puderam, em todo caso, fluir lado a lado. No novo mundo de estados-nações, havia compartimentos suficientemente grandes para que o industrialismo pudesse desenvolver-se dentro deles. Em seguida, porem, ao início deste século, as duas forças colidiram com titânica violência. E essa colisão, justamente, entre nossa vida política e nossa vida econômica e técnica, é que originou

a crise do século XX, com que vimos lutando desde 1914, ao desamparo, esperneando como cobaias...

É bem claro o significado dessa convulsão. A estrutura política do nosso mundo, com seus oitenta e poucos estados-nações soberanos, constitue insuperavel obstáculo ao progresso industrial livre, à liberdade individual e à segurança social.

Se não quisermos compreender esse problema e nos recusarmos, dogmaticamente, a reconhecer que o industrialismo tornou obsoleta a nossa estrutura política, então melhor será desistirmos de criar uma composição política neste mundo dentro da qual possam conviver o industrialismo e as liberdade individuais, e seja dado aos homens viver em paz uns com os outros.

O PRIMEIRO PASSO no sentido de acabar com o atual caos será afastarmos de nosso espírito o tremendo bloco de resistência emotiva à idéia de que os estados-nações soberanos, com todo o seu êxito no século passado, são hoje causa dos sofrimentos e misérias incomensuraveis deste mundo. Estamos vivendo em completa anarquia simplesmente porque, num mundo pequeno, unido em tudo mais, existem oitenta e poucas fontes de lei, oitenta e poucas soberanias.

O que há de mais significativo na presente crise é que os próprios estados-nações, mesmo os mais poderosos (como os Estados Unidos, a Grã Bretanha e a Rússia), já não têm poder suficiente, já não são bastante «soberanos», para alcançar os objetivos a cujo serviço foram instalados. Não são capazes de evitar desastres como a primeira e a segunda guerras mundiais; não podem mais proteger seus povos contra a devastação dos conflitos internacionais. E se, nessas grandes potências, a soberania não chega para proteger seus próprios cidadãos, que dizer então da soberania fictícia que existe, por exemplo, na Letônia ou na Rumânia?

Falemos com franqueza: o ideal do estado-nação está em plena bancarrota. Ao estado-nação falta força para evitar agressões de paises estrangeiros, e ele já não serve mais como instituição suprema, capaz de proteger o povo contra as dores e as desgraças da guerra. Alem disso, a Segunda Guerra Mundial veio demonstrar que não há nação alguma, nem mesmo a mais poderosa, que seja na verdade auto-suficiente, do ponto de vista econômico.

Não há negar as realidades econômicas e técnicas de nossa era; torna-se, pois, imperioso reexaminarmos o conceito de soberania, criando instituições soberanas baseadas na coletividade, segundo o conceito democrático inicial. É mister colocar-se a soberania do povo *acima* das nações, afim de que, a ela subordinada, cada nação seja, necessariamente, igual às outras, assim como, num país civilizado, todos os indivíduos são iguais perante a lei.

Não se trata de «renunciar» à soberania nacional; o problema não pede que abramos mão daquilo que já nos pertence; pede, apenas, que se crie alguma coisa que jamais possuimos, e que nos é imprescindivel.

A criação de instituições com poder soberano universal não passa de uma fase no mesmo processo inerente ao desenvolvimento da história humana: isto é, a aplicação da lei e da ordem a um campo que até agora viveu sem regulamentos, em estado anárquico.

Alguns séculos atrás, apenas, muitas cidades exerciam plenos direitos de soberania. Mais tarde transferiu-se uma parte da soberania municipal às províncias, daí a maiores centros e, finalmente, ao estado-nação.

Nos Estados Unidos da América do Norte, atualmente os problemas de proteção contra incêndios, abastecimento de água, limpeza de ruas e outras atividades acham-se subordinadas à autoridade municipal. Sob jurisdição estadual estão a construção de estradas, a educação, a legislação reguladora do comércio e da indústria, e inúmeras outras. E o governo federal, por fim, encarrega-se das questões concernentes ao exército e à marinha, à política exterior, à moeda, e outras.

À PROPORÇÃO que a humanidade progride, as condições de nossa existência vão exigindo uma base cada vez mais ampla para que a soberania, o poder absoluto, possa alcançar seu objetivo: a proteção do povo.

Os novaiorquinos são cidadãos do município de Nova York, do estado do mesmo nome e dos Estados Unidos da América. Mas são, tambem, cidadãos do mundo. Sua vida, sua segurança, sua liberdade são defendidas, num campo vastíssimo, pela autoridade soberana que reside no próprio povo, o qual delegou o exercício dessa autoridade em parte à cidade de Nova York, em parte ao Estado e em parte ao governo federal do seu país.

Se o estado de Nova York promulgasse leis sobre matéria econômica ou social que viessem a prejudicar, digamos, as condições de trabalho ou as finanças do vizinho estado de Connecticut, e se não houvesse autoridade mais alta, o estado de Connecticut, soberano, só pela guerra poderia impedir tal ato do estado de Nova York, tambem soberano. Mas existe uma soberania mais alta, que é a federal, e, sob ela, os dois estados são iguais. Portanto, só a soberania superior protege o povo contra tal perigo.

A soberania democrática do povo não se pode aplicar corretamente nem instituir com eficiência, a não ser que os assuntos locais sejam resolvidos pelo governo local, os nacionais pelo da nação e os internacionais pelo governo mundial, ou internacional. Sem tal separação de soberanias não é possivel manter-se uma ordem social que permita aos homens viver em paz uns com os outros, investidos, todos, de iguais direitos e responsaveis pelas mesmas obrigações, perante a lei. A liberdade individual só será autêntica numa ordem social baseada em tal separação de soberanias.

Se bem que a soberania encontre expressão nas instituições, com elas não se identifica, nem poderia identificar-se jamais. Querer que os direitos soberanos residam necessariamente nalguma instituição específica—como seja, atualmente, o estado-nação; acreditar que o estado-nação é *a própria expressão* da soberania, tudo isso não passa do mais puro totalitarismo, que é o peor inimigo da democracia.

No momento em que as instituições estabelecidas se mostrarem incapazes de se manter à altura das condições reinantes na sociedade; no momento em que essas instituições não mais puderem manter a paz, tornar-se-ão fontes de imenso perigo e precisamos reformá-las, se quisermos evitar violentas convulsões sociais e terriveis guerras. Reformar, nesse campo, não significa abolir nações e fronteiras nacionais. Dentro de cada estado-nação, temos ainda limites entre estados, regiões, províncias, cidades; muros em torno aos nossos lotes e paredes em nossos apartamentos... As famílias têm seus próprios nomes, que diferem dos de outras famílias. Estimamos, protegemos

e estamos prontos a defender nossas famílias, mais que outras. É-nos grato viver em nossa casa, manter-nos fiéis a nosso torrão, nosso campo, nossa província.

O poder soberano, entretanto, não está nessas unidades que nos dividem: está, sim, no estado, que nos une.

Se o povo—que é a fonte verdadeira do poder soberano—chegar à conclusão de que, no campo internacional, seria melhor protegido se cedesse parte de sua soberania a outros núcleos que não o estado-nação, não haveria, na realidade, «renúncia» alguma: ao contrário, o povo, longe de perder, estaria ganhando, pois haveria lei e ordem onde não houvera, antes, nem uma coisa nem outra; e a vida e a liberdade de todos os povos seriam protegidas. Se se retirassem, dos poderes legislativo, judiciário e executivo de cada país, parte de nossos direitos soberanos; e se essa mesma parte fosse transferida para um poder universal, democraticamente eleito e democraticamente controlado, afim de que pudesse criar, aplicar e executar a lei reguladora das relações internacionais,—se isso se fizesse, como lucraríamos todos!

A falência dos tratados de paz

Talvez não tenha havido no mundo, após o episódio da Torre de Babel, outro período de tão completa confusão, como este em que hoje vivemos. Publicaram-se milhares de livros e artigos sobre o importantíssimo problema que ora nos defronta, isto é: como poderemos estabelecer no mundo uma ordem capaz de evitar a guerra total? Todos os planejadores da paz crêem que estão de posse da fórmula milagrosa; que são capazes de fazer funcionar o que jamais funcionou; que, após o fracasso de milhares de tratados de paz, estão aptos a redigir um que acabará com as guerras.

Paz na sociedade humana significa: primeiro, as relações entre os membros dessa sociedade precisam ser reguladas pelo Direito; segundo, é necessário que haja um poder legislativo democraticamente regulado; terceiro, que, para executar a lei a coletividade possa fazer uso da força, coisa que se nega aos membros dessa mesma coletividade.

Paz é ordem baseada na lei. Não há outra definição; qualquer outro conceito seria utópico.

Toda vez que há uma guerra, a ela se seguem interminaveis debates sobre o tratado de paz que há-de ser feito. Aparecem centenas de sugestões; no entanto, qualquer que seja o tratado finalmente aceito, ninguem poderá evitar outro conflito.

Porque?

Porque o conteudo de um tratado não importa, desde que esteja errado o seu espírito.

Na história da humanidade já houve milhares de tratados de paz, nenhum dos quais sobreviveu mais que alguns anos. Nenhum foi capaz de evitar a guerra, simplesmente porque a natureza humana, aparentemente imutavel, acaba levando-nos aos conflitos, a não ser que o poder soberano passe a residir não em diversos grupos dentro da sociedade, mas na própria sociedade.

Se, entre certo número de unidades soberanas, buscamos a paz baseada em tratados, então esta é impossivel e seria até pueril continuarmos sequer a pensar nela. Se, porem, tivermos da paz uma concepção correta, a ordem baseada no direito, a paz será, nesse caso, praticavel, podendo ser alcançada entre os estados-nações tão bem quanto o foi, tantas vezes, entre as províncias, as cidades e outros centros de população, ao se tornarem parte de um governo mais amplo.

Depende duma escolha bem simples termos guerras intermitentes ou paz duradoura.

Temos que escolher entre duas coisas: ou basear as relações internacionais em tratados, instrumentos essencialmente estáticos, ou então na lei, instrumento essencialmente dinâmico.

A sociedade humana jamais poderá ser dominada por meios estáticos, porque é, em si, um fenômeno dinâmico por excelência. A essência da vida está nas mudanças constantes, num desenvolvimento perpétuo. Até agora, a paz entre as nações tem sido, invariavelmente, um conceito estático. Sempre procuramos estabelecer uma ou outra espécie de *status quo*, selá-lo meticulosamente num tratado, e tornar impossivel qualquer alteração desse mesmo *status quo*, exceto por meio de guerras. Eis aí um conceito de paz grotescamente errado.

Se compreendermos que a paz não é um *status quo*, que jamais poderá ser um conceito negativo ou estático, mas que é, sim, um *método*, um método de tratar das coisas humanas,—então o problema da paz torna-se facil de definir e perfeitamente passivel de solução. Aliás, já foi resolvido muitas vezes em campos diversos; sempre, porem, pelo método da lei, nunca pelo dos tratados. Esses dois métodos são qualitativamente diversos e nunca poderão convergir. Por meio de tratados é que não chegaremos, em tempo algum, a uma ordem legal. Se nossa meta consiste numa sociedade baseada no Direito, então urge que reiniciemos cuidadosamente nosso trabalho.

Nos espíritos dogmáticos de nossos estadistas e pensadores políticos, jaz incrustado um paradoxo deveras estranho: isto é, a crença tradicional de que há duas maneiras diferentes de se manter a paz entre os homens, crença essa que, herdada do passado, lhes domina por completo as atitudes e ações.

Dessas maneiras de manter a paz, uma —universalmente reconhecida e aplicada, *fronteiras a dentro*, nas soberanias—consiste na Lei, na Ordem, no Governo.

A outra—usada, até hoje, *entre* as diversas soberanias—é Plano de Ação, é Diplomacia, são Tratados.

Trata-se, afinal, de uma aberração, uma visão inteiramente deturpada do problema.

Nunca se alcançará a paz por esses dois métodos de tal modo contraditórios, simplesmente porque a paz se identifica integralmente com um deles. Paz é lei, é ordem, é governo.

«Planos de ação», bem como «diplomacia», não só poderão levar à guerra, como o farão infalivelmente, porque equivalem, realmente, à guerra.

Após milhares de anos de evolução social, cristalizou-se, no que respeita à sociedade humana, o seguinte axioma:

A paz só se pode estabelecer entre os homens por meio de uma ordem legal, uma fonte soberana de lei, um governo democraticamente dirigido, com poderes executivo, legislativo e judiciário. Esse é o único método que se revelou capaz de desenvolvimento, o único sob que foi possivel alterar, sem violências, as relações entre os homens. O outro, isto é, o da diplomacia, experimentado em tantas ocasiões em que se tentava manter paz entre soberanias de qualquer tipo ou tamanho,—teimosa e dogmaticamente seguido pelos governos nacionais, falhou invariavelmente, todas as vezes que foi posto em prática, em quaisquer circunstâncias. Será puro sonho acreditarmos que se pode manter a paz entre os homens de soberanias nacionais diferentes, pelo método da diplomacia e dos «planos de ação», sem governo e sem lei.

TENTAR evitar a guerra pela diplomacia é o mesmo que, para apagar um incêndio, pôr em uso um lança-chamas.

Os acordos e tratados entre governos nacionais de soberanias idênticas jamais serão duradouros, porque se originaram não de princípios legais, mas da desconfiança e do medo. O Direito é a única base sobre a qual poderá subsistir a vida social na civilização moderna. Não nos podemos fiar nas promessas, que fazem os homens, de não matar, não furtar, não trair. É por isso que são necessárias as leis, as cortes de justiça e a polícia, cujos deveres e funções são claramente definidos de antemão.

Na linguagem das relações internacionais fala-se ainda na «independência» das nações, de forma absoluta, acreditando-se que independência significa completa liberdade, a cada nação, de agir como bem lhe aprouver, assinar tratados com outros poderes soberanos e «decidir» sobre guerra e paz. Rejeitamos, categoricamente, qualquer restrição a essa soberania nacional, alegando que assim se anularia a independência da nação.

Bem ilusória, no entanto, é essa independência. Vejamos um exemplo: os Estados Unidos, apesar de tão relutantes em ceder a mínima parcela de sua soberania nacional; apesar de recusarem, categoricamente, a uma organização internacional, a menor interferência na prerrogativa soberana, que cabe ao Congresso do país, de decidir sobre guerra e sobre paz; apesar de tudo isso, foram forçados à guerra em 1941 devido a uma decisão feita exclusivamente pelo Conselho Imperial de Guerra, em Tóquio. Chama-se a isso independência?

A independência de uma nação, como a de um indivíduo, não reside apenas na sua liberdade de ação, mas igualmente na liberdade, que têm outras nações, de ameaçar essa independência. A evolução, constante e inevitavel, essencial à vida, só se conseguirá por meios pacíficos se as relações internacionais tiverem, como base, a lei, assim como na lei se baseiam as relações entre indivíduos ou grupos dentro da sociedade organizada.

O dogma da «soberania nacional», tradicionalmente intangivel, perde então toda a sua relevância. Em qualquer dos casos—seja o mundo regulado por acordos ou pela lei—é no povo que reside a soberania. A diferença está no seguinte: num sistema de tratados, a soberania do povo não é exercida de maneira suficientemente eficaz porque cada estado-nação soberano tem jurisdição apenas sobre uma região limitada, não podendo controlar outras nações soberanas desejosas de alterar o *status quo* vigente; num sistema assentado sobre a lei, porem, quaisquer alterações nas relações internacionais poderiam, pela primeira vez, ser levadas a efeito sem violência, isto é, segundo processos estipulados em lei.

O Super-Estado e o Indivíduo

NESTA ERA tão fertil em lemas políticos, os inimigos do progresso vulgarizaram outro conceito, destinado a tornar-se assunto de acalorados debates. Trata-se do termo «super-estado», que causa profundo temor. Caberia aos homens de instintos sadios reagir em uníssono contra ele. E qualquer tentativa no sentido de estabelecer-se ordem legal para lá das fronteiras dos atuais estados-nações deverá ser imediatamente desacreditada por esta pergunta, puramente retórica: «Quem quer viver num super-estado?»

Entretanto, estabelecer ordem legal sobre região mais vasta não importa na criação de um super-estado. O critério de super-estado varia na medida de sua interferência nas liberdades individuais. A Itália de Mussolini era muito mais «super-estado» que os Estados Unidos, embora este último país seja 25 vezes maior.

Nosso ideal é o estado democrático; queremos viver onde nos seja garantido o máximo de liberdade individual. Quando, porem, neste século, o progresso industrial começou a solapar o velho estado-nação, cada um dos estados-nações passou a empregar métodos artificiais para reforçar sua estrutura. Iniciou-se assim um movimento que, na maioria dos paises, levou à completa abolição da liberdade individual.

Em algumas nações, como por exemplo a Alemanha, a Itália e a Espanha, a mudança se processou aberta e deliberadamente, pela supressão das liberdades individuais e pela proclamação do princípio segundo o qual a salvação residia num estado-nação totalitário e onipotente, investido do direito de dispor das próprias vidas de seus cidadãos. Em outros paises, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França, o processo vem-se desenvolvendo lenta e gradativamente, e contra a vontade geral. Seus cidadãos continuam a defender a ideologia democrática; pouco a pouco, no entanto, vão cedendo sua liberdade individual, para fortalecer seus respectivos estados-nações.

Não se trata de culpar este ou aquele grupo ou partido político. O pendor era irresistivel. Diante da dupla ameaça de duas pressões (no exterior, a guerra iminente; fronteiras a dentro, crises econômicas e desemprego), era e é forçoso para cada nação revigorar seu estado pela formação ou expansão do serviço militar, e pela aceitação não só de impostos, cada vez mais altos, como tambem de interferência maior, por parte do estado, na vida de cada indivíduo.

Eis aí um paradoxo que nos deveria encher de estranheza: mal se sugere o estabelecimento de uma ordem legal internacional, capaz de libertar a humanidade da guerra durante muitas gerações, e de assegurar-lhe, por conseguinte, a preservação das liberdades individuais, todos os idólatras dos atuais estados-nações lançam seu brado: «É o super-estado!»

Verdade seja dita: afinal de contas, o estado-nação contemporâneo já é, de fato, um super-estado. Não é mais um pesadelo futuro, nem uma proposta que possamos livremente aceitar ou rejeitar. É a realidade atual. E nossa sujeição a esse super-estado todo-poderoso tende a aumentar sempre, enquanto nossa meta suprema consistir em manter o mundo dentro da estrutura do estado-nação. Sob a ameaça constante de guerras estrangeiras e sob a pressão dos problemas econômicos, insoluveis em base nacional, somos forçados a renunciar a nossas liberdades, uma após outra. Na presente fase de industrialismo, os estados-nações só se podem manter tornando-se super-estados.

Não pode haver liberdade em tal regime. Quem poderá proclamar a garantia de nossa liberdade individual, se de vinte em vinte anos nos vemos obrigados a suspender a produção de bens de consumo e a esperdiçar nossas energias e recursos no fabrico de instrumentos bélicos?

Quem dirá que temos liberdade de palavra e de imprensa, se, de vinte em vinte anos, a censura nos é imposta pelas circunstâncias?

Quem dirá, por fim, que a propriedade privada está cercada de suficientes garantias, se de vinte em vinte anos as dívidas públicas gigantescas e a inflação vêm destruir nossas economias?

Os DEFENSORES da soberania nacional protestarão, alegando que tais restrições à liberdade individual constituem medidas de emergência, exigidas pela guerra, e não se podem considerar normais.

Sim, não há dúvida: são medidas de emergência. Considere-se, porem, o seguinte: como a estrutura dos estados-nações, longe de evitar as guerras, é, na verdade, sua causa única e fundamental; e como, por outro lado, o fim de cada uma dessas guerras internacionais é, simultaneamente, o prelúdio de outra, sucede afinal que passamos a maior parte de nossa vida em estado de «emergência».

Reconhecer a necessidade primordial de uma ordem política e legal, para todo o mundo, é tanto mais importante quanto não há a menor possibilidade de resolvermos qualquer de nossos problemas sociais ou econômicos num mundo dividido em uma porção de compartimentos nacionais estanques.

É realmente patético o imenso esforço das massas populares no sentido de uma melhora geral em matéria de salários, instrução, oportunidades de recreação, habitações confortaveis, assistência médica e social. No entanto, sob a ameaça certíssima de guerras intermitentes, vai-se adiando, indefinidamente, a realização desses anseios do povo. Mesmo que, neste ou naquele país, se promulguem leis para tais fins, essas leis serão esmagadas e quedarão sepultas pela próxima guerra global, como se fossem casinhas de sapê sob o impacto de uma avalanche.

Dentro da estrutura política de compartimentos, que é a dos estados-nações soberanos, a garantia de trabalho para todos será, de duas uma: um mito, ou o fascismo. A vida econômica só se poderá desenvolver, proporcionando empregos e bens de consumo para todos, se houver uma ordem mundial da qual tenha sido eliminada a ameaça permanente da guerra entre estados-nações soberanos; uma ordem mundial em que o medo constante de serem atacados não sirva de incentivo aos estados-nações para se fortalecer, e dentro da qual o espírito jurídico seja a substância da verdadeira segurança.

Os FATOS em absoluto não corroboram a afirmativa de que as várias diferenças entre os homens tornam impossivel a existência do primado da lei e da ordem no universo.

Poloneses e russos, húngaros e rumenos, sérvios e búlgaros têm vivido há séculos num ambiente de desconfiança mútua, de prevenções e antipatias que já causaram inúmeros conflitos. No entanto, esses mesmos poloneses e russos, húngaros e rumenos, sérvios e búlgaros, tendo deixado seus paises para se instalar permanentemente no Novo Mundo, não porfiam mais entre si e mostram-se perfeitamente capazes de viver e trabalhar lado a lado, em paz.

Qual a razão disso? Foi um fator apenas que, alterado, deu lugar ao milagre.

Na Europa, o poder soberano é exercido por aquelas nacionalidades e os estados-nações que as representam. Nos Estados Unidos, por exemplo, um dos paises para onde emigraram eles, o poder soberano reside não em qualquer dessas nacionalidades, mas acima delas, na União, dentro da qual todos os indivíduos, quaisquer que sejam as diferenças entre eles, são considerados iguais perante a lei.

Os alemães e os franceses têm tambem vivido em estado de recíproca desconfiança e malquerença há séculos. Entretanto, na Suiça, situada entre os dois estados-nações hostís, vivem cerca de um milhão de franceses autênticos e quase três milhões de alemães, igualmente autênticos; há centenas de anos que assim convivem, na mais perfeita harmonia. As diferenças de ordem biológica, racial, religiosa, cultural e mental são as mesmas que se encontram entre os seus parentes nos outros dois paises. Mudou-se um fator apenas.

Os franceses na França, como os alemães na Alemanha, vivem em estados-nações cuja soberania reside nas nações francesa e alemã, respectivamente. Na Suiça, a soberania reside não em cada nacionalidade, mas em ambas.

Parece claro, portanto, que os atritos e as guerras entre os povos não são causados pelas diferenças entre eles (de natureza racial, religiosa, social ou cultural), mas pelo *simples fato* de que essas diferenças se galvanizam em soberanias separadas que, para ajustar os conflitos resultantes de suas diferenças, são forçadas a recorrer à guerra.

Um pouco de raciocínio lógico, aliado à experiência da história, devem bastar para convencer-nos de que há, de fato, um meio de evitar para sempre as guerras entre as nações. E com igual clareza vemos que esse meio *é um só:* consolidar as diversas soberanias nacionais numa só, una e suprema, capaz de estabelecer uma ordem jurídica dentro da qual todos os povos possam desfrutar igualdade na sua segurança, nas suas obrigações e nos seus direitos perante a lei.

Encantadora inocência...

¶ AS DUAS coristas eram íntimas amigas, se bem que uma fosse um azougue, alerta e animada, e a outra quieta e sem vida. Um dia a primeira, que se chamava Dora, virou-se para a companheira e, impaciente, exclamou: —Escute aquí, Rute, eu não me importo de arranjar rapazes para sair com você, mas tambem, você só fica parada, sem dizer uma palavra, e os coitados nem se divertem! Leia alguma coisa, para ter assunto de conversa!

Rute prometeu que ia tentar.

Daí a pouco tempo, encontraram-se com dois admiradores que as levaram a jantar. Não tardou que caisse, sobre a mesa, um daqueles silêncios penosos, e todos se sentiam bastante embaraçados. Afinal Rute deu sinais de vida: mexeu-se, enguliu em seco umas duas vezes, e saiu-se com esta:

—Vocês não acham o cúmulo da maldade, o que fizeram com Maria Antonieta?

—Kay Painton

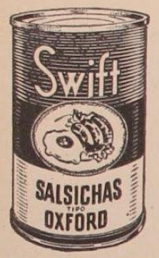
¶ BALA de tostão! O grande mostruário, na minúscula loja, estava cheio de balas de toda espécie. A pequena e velha proprietária, doce como um bombom, sorriu ao me ver escolher algumas de cada qualidade, —chegando o total quase a um dolar. —Há muito tempo que eu não me divirto tanto, disse eu.

—V. pode divertir-se mais na próxima vez, disse ela, piscando o olho.

—Como?

—Trazendo só um centavo.

—Max Hodge



SALSICHAS

que o paladar não esquece...

SALSICHAS TIPO OXFORD com PURÉE de BATATAS e PETIT POIS

Experimente esta nova sugestão, facílima de ser preparada. Frite as salsichas e sirva com ovos, arroz ou pirão de batatas. Em poucos minutos... um prato leve e saboroso!

Feitas de carnes selecionadas, tenras e saborosas, as Salsichas Swift Tipo Oxford, são de linda aparência e prestam-se à confecção de inúmeros pratos substanciosos e convidativos. Tenha em sua dispensa as Salsichas Swift, e não faltarão em sua mesa pratos suculentos, de preparação fácil e rápida.

SALSICHAS TIPO OXFORD

UM PRODUTO DA

Swift do Brasil

Rua Dr. Falcão Filho, 56 - São Paulo

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

TABU

O DELICIOSO PERFUME QUE...

...NUNCA EVAPORA-SE TOTALMENTE

PERFUMES Dana

FÁBRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA - CUBA - COLÔMBIA - COSTA RICA - CHILE - MÉXICO - PERÚ - URUGUAY - VENEZUELA

*O FRIO AJUDA A PÔR "REBOTE" NESTA "BOLA"

Nesta «bola» imensa armazena-se Butadieno, um dos principais ingredientes da borracha sintética . . . borracha que se estica, borracha que suporta o uso e desgaste das estradas, borracha que salta!

O Frio pô-lo aí e o Frio mantê-lo-á à temperatura adequada até que se precise transforma-lo em borracha.

Na nova refinaria da Cities Service Refining Corporation situada em Lake Charles, Estado de Louisiana, as matérias primas para fazer Butadieno entram na fábrica a uma temperatura média de 110° F. Durante o processo de transformação devem esfriar-se ate baixar a uma temperatura média de 10° ou 15° F.

Eis aquí uma tarefa gigantesca que os engenheiros da casa YORK realizaram, construindo a maior unidade de refrigeração conhecida até hoje . . . que produz o mesmo grau de refrigeração de um bloco de gêlo pesando 3450 toneladas ao se derreter em 24 horas! Dia após dia essa unidade trabalha sem cessar, ajudando a Cities Service Refining Corporation a produzir uma quantidade importante de borracha sintética para servir as necessidades do país.

Recursos Da Engenharia Ao Serviço Da Paz

A técnica americana e sua organização de trabalho foram chamadas para resolver a crise da borracha. E agora, em um mundo de paz, êsse mesmo conjunto de recursos e perícia permitirão à casa YORK e à indústria da borracha continuar a oferecer à humanidade os benefícios de uma qualidade melhor de borracha ... superior refrigeração ... e melhor condicionamento de ar.

York Corporation, York, Penna., E.U.A.

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

. . . em português é **"uma noiva"**

. . . em inglês, **"a bride"**

. . . em francês, **"une fiancée"**

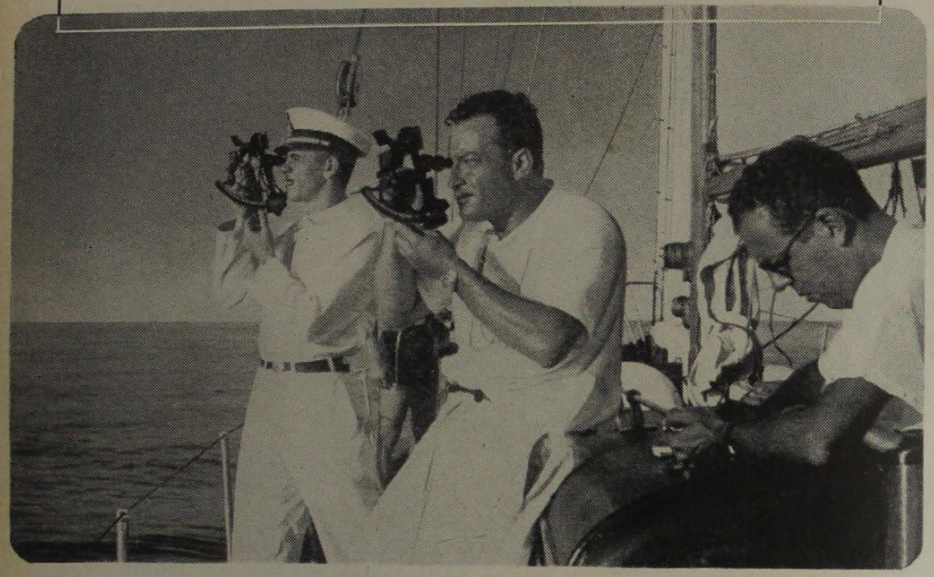
Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

***Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Kodak

OS QUE VIVEM SOB O SIGNO DA PRECISÃO



- usam LONGINES - o mais perfeito instrumento de marcar o tempo!

Nas regatas de iates que dirige e nas observações astronômicas que faz em suas viagens no "Vendaval" o sr. Pimentel Duarte, presidente da Federação Metropolitana de Vela e Motor, do Rio de Janeiro, utiliza-se de cronômetros LONGINES, cuja precisão absoluta é comprovada, não só por técnicos, financistas, cientistas e aviadores, como por milhares de outros possuidores de relógios dessa marca. Diariamente as qualidades das máquinas LONGINES são atestadas e se confirmam na vida prática de cada um.

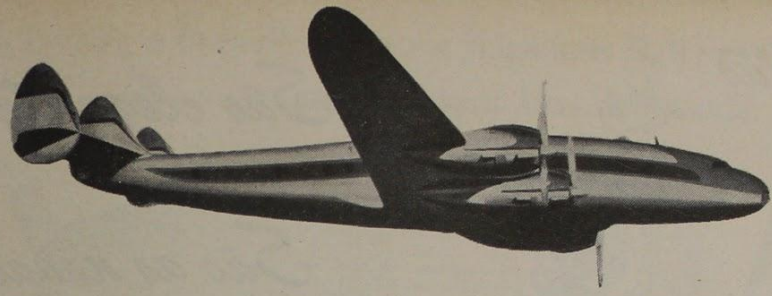
LONGINES é o relógio que proporciona satisfação completa a todos os seus possuidores e constitue uma necessidade a tôda pessôa de ação.

• *LONGINES tem quasi 80 anos de precisão comprovada cientificamente.* • *Em 1942, LONGINES conquistou 20 prêmios, entre 31 conferidos pelo Observatório de Neuchâtel, sendo que 15 dos relógios premiados tinham números consecutivos.* • *Possúe "10 GRANDS PRIX".* No mundo inteiro, LONGINES é a única marca detentora de tão elevado número de honrarias.*

**("GRAND PRIX" é a laurea maxima concedida ao relógio que, entre outras marcas já premiadas, alcança maior índice de precisão e perfeição técnica).*

***CRONÔMETRO DE MARINHA** de alta precisão, com 21 rubís, registro micrométrico, batendo quintos de segundo.*

LONGINES



Novo Padrão Mundial

Aquilo que se afirmava está provado. Os "Constellation" da Lockheed virão trazer a todos os paises do mundo, e a todos os continentes, novos padrões de transporte aéreo. Estão desde já ao serviço das seguintes grandes empresas de transporte aéreo:

AMERICAN AIRLINES OVERSEAS

EASTERN AIR LINES

FRENCH GOVERNMENT AIRLINES

ROYAL DUTCH AIR LINES (KLM)

NETHERLANDS INDIES AIRLINES (KNILM)

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAN AMERICAN-GRACE AIRWAYS (PANAGRA)

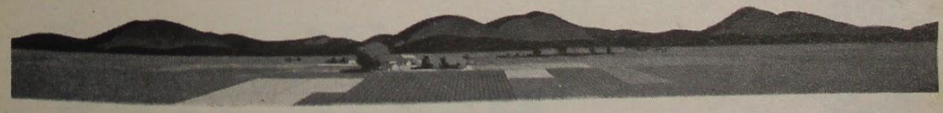
TRANSCONTINENTAL & WESTERN AIR (TWA)

O NOVO PADRÃO DAS CARREIRAS AÉREAS

O "Constellation" Lockheed

Com Lockheed Sempre na Vanguarda LOCKHEED *Muitos Anos Avante na Ciência do Vôo*

Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.



São esbeltas

São elegantes

São as novas canetas-tinteiro Taperite

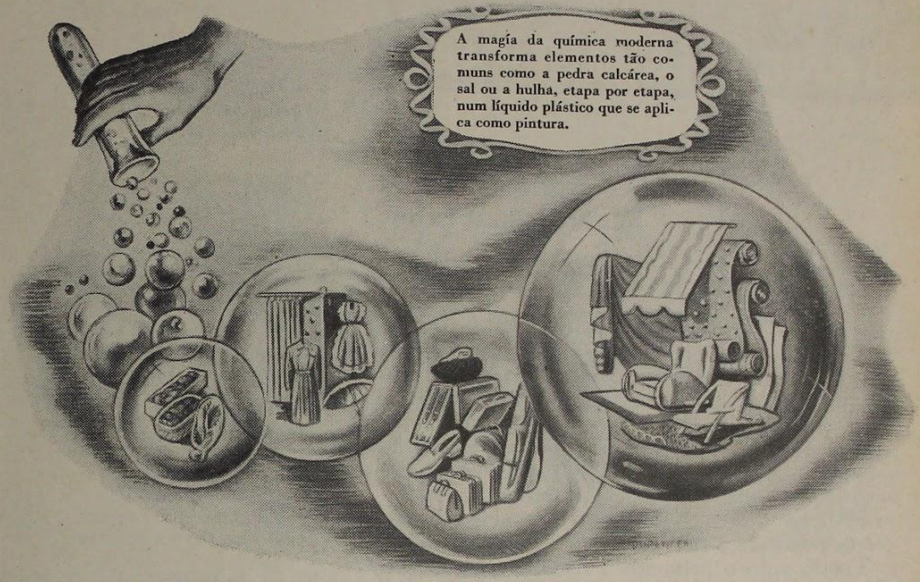
Que maravilhosas são estas aerodinâmicas canetas-tinteiro Waterman's! Como se amoldam bem e com naturalidade à nossa mão! Com que suavidade deslisam sobre o papel! Escrevem sem o menor esforço, porque suas penas são especialmente fabricadas para o modo de escrever—flexivel ou firme—que cada um prefira. Admire a nova Taperite em toda a sua beleza. Vá ver todos os modelos de canetas-tinteiro Waterman's, e verificará que é um prazer escrever com elas.

V. S. sabe—
Que com as tintas Waterman's se pode escrever um número de palavras 3 vezes maior do que com qualquer outra tinta?

Distribuidores exclusivos para o Brasil.
CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
Rio • São Paulo • Porto Alegre • Recife • Belem

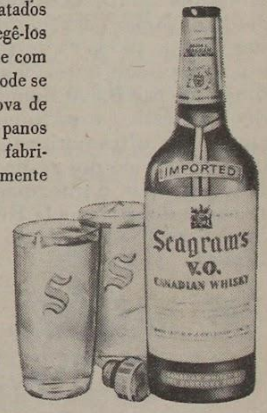
São as lindíssimas
Waterman's

De Cristais a Borbulhas... e em Magníficas Matérias Plásticas para os que projetam para Alem de Amanhã



O PAPEL DOS PLÁSTICOS NA VIDA FUTURA

À vanguarda das maravilhas futuras estão os objetos de uso diário tratados com este magnífico líquido, semelhante a uma película, para protegê-los contra o sujo, os ácidos, o fogo e o mofo, ou fabricados inteiramente com esta assombrosa substância. Imaginem um papel de forrar casa que pode se limpar com um pano úmido, moveis forrados com materiais a prova de poeira e de manchas, bolsas de senhora, toldos, capas de borracha, panos de mesa, guardanapos e inúmeros objetos que usamos diariamente, fabricados inteiramente de tecidos plásticos ou preservados permanentemente com esta maravilhosa substância química em forma líquida.

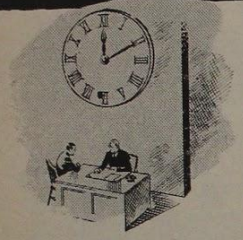


PROJETAMOS PARA ALEM DE AMANHÃ, PARA V. S.

Os mais recentes whiskies Seagram's V.O., foram cuidadosamente armazenados nas adegas há alguns anos. Uma mistura de whiskies canadenses, selecionados por peritos, deu em resultado um whisky saboroso e puro, para seu prazer de hoje e de amanhã. Num instante V.S. reconhecerá o bom gosto, a suavidade e a delicadeza deste whisky excepcional... o verdadeiro whisky canadense por excelência.

Seagram's V.O. WHISKY CANADIENSE

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL



Como Conseguir em 10 Minutos uma Experiência de 30 Anos em Comércio Exterior

Se v.s. tem algum problema de importação ou exportação a resolver, submeta-o à mais próxima filial do National City Bank: alguns minutos de conversa bastarão talvez para lhe dar a solução. Alí, V.S. encontrará ao seu dispor uma experiência acumulada em 30 anos de contactos comerciais e transações financeiras por toda a América e no resto do mundo.

Tendo sido o primeiro a intervir em operações bancárias mundiais, com o estabelecimento, há 30 anos, da primeira filial ultramarina dum banco nacional americano, The National City Bank of New York mantem mais filiais alemmar do que todos os outros bancos dos Estados Unidos em conjunto. Seu pessoal inclue aproximadamente 8.800 homens e mulheres no serviço doméstico e estrangeiro. Os gerentes das suas filiais ultramarinas contam em média 24 anos de serviço nos respectivos países. O fundo de experiência e informação, assim acumulado no rodar dos anos pela Rede Bancária Mundial do National City,—está inteiramente ao seu dispor!

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes
no Mundo
Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai
Tientsin

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

As Luzes Voltam a Acender-se . . . Brilha de Novo a Esperança no Futuro

No sua retirada, os exércitos inimigos, executaram sem escrúpulos a política brutal da «terra devastada», deixando sua marca indelevel em todas as cidades libertadas; ao mesmo tempo, porem, sopraram a chama latente da reconstrução nos corações de povos invenciveis. Com a ajuda de «armas construtivas» fornecidas por firmas como a Worthington, as engrenagens dos *Serviços de Utilidade Pública*, dos *Transportes* e de *Produção* já recomeçaram a subir a ladeira que conduz à Prosperidade.

A Worthington Acelera a Reconstrução

Um dos exemplos da ajuda que a Worthington pode prestar à causa da reconstrução, são as centrais elétricas portateis, encaixotadas de modo a se poderem transportar em vagões de mercadorias ou auto-reboques de estrada. Estas centrais, constituidas por acessórios premontados e inter-conetados, desencaixotam-se e põem-se a funcionar dentro de um dia e meio após a sua chegada, com a eficiencia das mais modernas fábricas de eletricidade.

Outros meios que a Worthington tem para ajudar a reconstruir centrais elétricas, redes de águas e esgotos, estradas férreas, docas e caminhos, fábricas e fazendas, compreendem: motores Diesel, turbinas a vapor, compressores, ferramentas de ar comprimido, betoneiras e pavimentadores de concreto, bombas, máquinas de condicionamento de ar e refrigeração.

A Worthington Acelera o Progresso Industrial

Nas nações que a mão do destino tratou com mais brandura, esses mesmos produtos Worthington estão ajudando os líderes industriais e agrícolas a elevar os niveis de existência nacionais e internacionais.

Quanto a V.S., quer a guerra haja quer não haja poupado o seu país, o Sr. tem projetos de *Reconstrução* ou de *Melhoramento Industrial* que o Programa de 3 Artigos da Worthington pode simplificar. Não há outra firma que possa fornecer tantos dos artigos essenciais para restaurar ou melhorar *Serviços de Utilidade Pública, Transportes e Produção*. Escreva-nos pedindo todos os pormenores.

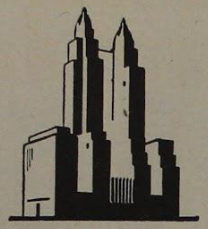
WORTHINGTON PUMP AND MACHINERY CORP.
Harrison, New Jersey (U.S.A.)
Escritorios e agentes em todo o mundo

F5-8B

PUBLIC SERVICES * PRODUCTION * TRANSPORTATION

WORTHINGTON

Símbolo de Qualidade
em todo o Mundo



EMBORA o regresso aos Estados Unidos de grande parte de suas forças armadas e o restabelecimento das facilidades turisticas tenham agravado o problema dos hoteis, O Waldorf-Astoria, fiel às suas tradições, se propõe a manter a preferência que sempre tem dispensado à sua antiga clientela.

Por êste motivo, a direção do Waldorf solicita a sua cooperação no sentido de que as reservas sejam feitas com a maior antecedência possivel, com indicação das datas de chegada e partida, pedindo atenção para o fato de que a reserva só se considera feita quando por nós confirmada.

Em nome de nossa organização, oferecemos—lhe, uma vez mais, o testemunho de nossa amizade e aprêço.

O WALDORF-ASTORIA

BLANCA LAZO STEINMAN
Departamento Latino Americano

PARK AVENUE • e RUA 50 • NEW YORK

Eis o carro do Futuro

Entrando no novo Nash "600", de preço módico, V. S. dirá adeus aos carros do passado.

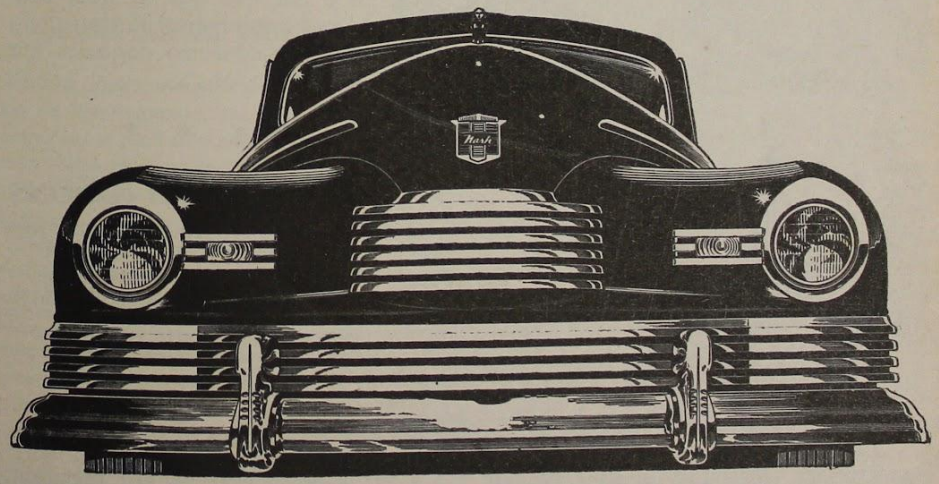
V. S. gostará de percorrer 10 a 15 km com um litro de gasolina em marcha regular . . . num carro tão grande que seis pessoas podem sem-tir-se á vontade nele, pois há espaço de sobra. V. S. gostará da facilidade com que pode dar voltas e estacionar . . . da maneira como o carro o faz flutuar quando corre sobre terrenos escarpados, devido as molas de suporte das 4 rodas. V. S. apreciará este carro em qualquer tempo que faça . . . pois ele é dotado de *ar condicionado* . . . mesmo com as janelas todas fechadas!

Alem disso, a carrosseria e o chassis são construidos de uma só peça ligada à solda autogena . . . a prova de rangidos . . . economizando mais de 225 quilos de peso supérfluo. V. S. pode até ter leito construido no carro.

Vá ver o *seu* vendedor Nash que lhe mostrará o Nash "600" de preço módico . . . e o famoso Nash Ambassador de preço médio.

NASH EXPORT DIVISION,
Nash-Kelvinator Corporation,
Detroit 32, Michigan, E. U. A.

V. S. Irá Sempre avante com um Nash



Uma obra de misericórdia . . .

É-nos hoje dificil imaginar o que seria o sofrimento humano no tempo em que o eter não estava ainda disponivel como anestésico. É provavel que nenhuma outra descoberta tenha contribuido tanto para a humanidade, ao aliviar a dor de tantos milhões de pacientes no mundo inteiro. O eter é de verdade uma obra de misericórdia!

Há quase um século, o Dr. E. R. Squibb inventou um processo de preparação de eter que tem aguentado todas as provas do tempo e da aplicação clínica. Por isso é que os médicos há longos anos vêm confiando no Eter Squibb.

Os mesmos elevados padrões de qualidade e perfeição distinguem cada um dos outros produtos Squibb. É por esta razão que muitos dos produtos Squibb se encontram na maleta do seu médico assistente . . . e nos armários do seu farmacêutico. E é por isso que V. quer produtos Squibb em sua casa, para saude e conforto daqueles que lhe são caros . . .

* * *

E·R·SQUIBB & SONS

Fabricantes de Produtos Químicos para a Classe Médica desde 1858

Entre os Produtos Squibb distinguem-se estes: Penicilina—Sulfonamidas—Anestésicos — Anti-venéreos — Vitaminas —Hormônios—Drogas farmacêuticas—Dentifrícios e outros preparados medicinais para o lar.

* * *

O INESTIMAVEL INGREDIENTE DE CADA PRODUTO É A HONRA E INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

Caminhando para *a frente* e para um futuro mais brilhante

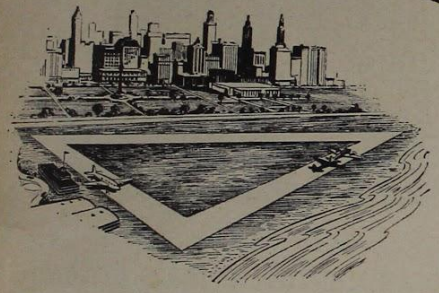
300.000 artigos elétricos diferentes, todos com o selo da Westinghouse, constituem a estrada que conduz a um mais alto padrão de vida e ao bem estar. Todos os campos de atividade que contribuem para o progresso e enriquecimento da humanidade acham-se servidos pela Westinghouse.

Gigantescas rodas hidráulicas e geradores da Westinghouse produzem a energia elétrica em Boulder Dam e em Niagara Falls; turbinas a vapor de Westinghouse acionan os modernos porta-aviões; e grupos geradores Westinghouse fornecem a eletricidade no interior da China. Locomotivas elétricas e aparelhos de Raio X., aparelhagem para mineração e válvulas eletrônicas; equipamentos de calefação e de refrigeração; acessórios de iluminação de todos os tipos, para o lar, para a indústria, para estradas de rodagem, para campos de aviação, e para qualquer uso industrial; elevadores e aparelhos de serviço doméstico...são êstes, e milhares de outros produtos, trazendo o selo da Westinghouse, que têm contribuido para fazerem de nossa era a "Era da Eletricidade".

Receberemos com prazer pedidos de informações de comerciantes idôneos e ativos interessados em se tornarem distribuidores de quaisquer dos 300.000 artigos elétricos diferentes fabricados pela Westinghouse. Para maiores detalhes queiram dirigir-se a F. A. Rall, Gerente de Vendas a Distribuidores: Westinghouse Electric International Co., 40 Wall Street, Nova York 5, E.U.A.

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY

A BORG-WARNER PERCORRE O MUNDO



Os produtos e serviços da Borg-Warner percorrem as 65 áreas comerciais do mundo.

O mapa supra representa a nova concepção do turismo e do comércio mundial. Os modernos transportes vieram ligar todos os países—e hoje esse laço mútuo só espera o estímulo do intercâmbio normal para se tornar ainda mais forte. Escreva hoje mesmo pedindo um exemplar GRATIS do MAPA Borg-Warner, a cores, da ERA DA AVIAÇÃO.

Chicago, sendo um dos centros ferroviários mais importantes do mundo, é apenas mais uma das 65 zonas comerciais do globo aonde chegam os produtos da Borg-Warner. Trabalhando de concerto com a indústria automobilística e outras, a engenharia e a aptidão produtiva dessa organização têm contribuido com uma enorme quantidade de artigos para o campo e para o lar, para os transportes terrestres, marítimos e aéreos.

Esses produtos têm sido universalmente aceitos e adotados, porque foram fabricados sob o lema "*Melhores Produtos para Mais Gente em Toda Parte*".

Indo ao encontro das novas tendências do comércio mundial, a Borg-Warner está pronta a alargar os seus serviços de produção e engenharia aos industriais e outros homens de negócio do mundo inteiro, que queiram utilizar esses serviços para o fomento da economia dos respectivos países.

BORG-WARNER Corporation
310 S. Michigan Av., Chicago 4, Ill., E. U. A.

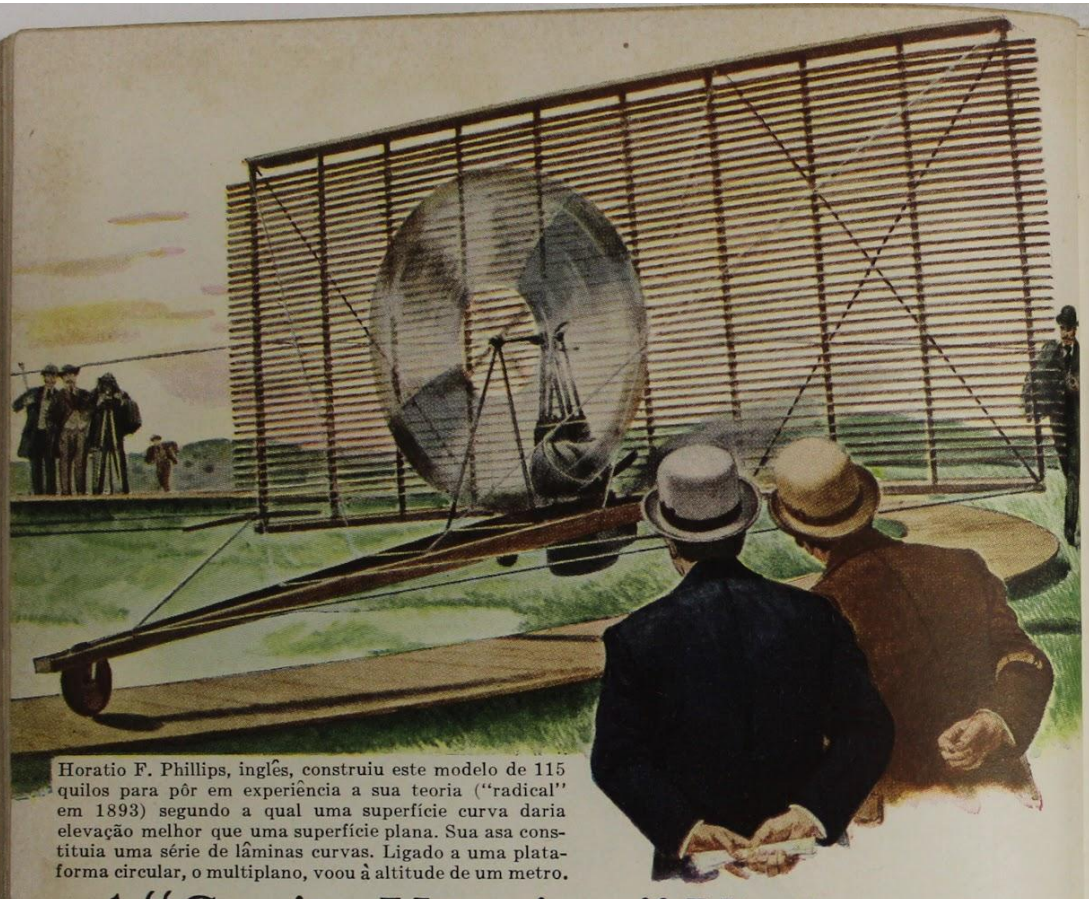
Fabricantes de peças essenciais para as indústrias automobilística, naval, aeronáutica e agrícola, e dos utensílios Norge para o lar.

PARKER "51"

Escreve seco com tinta líquida!

Como é possível comparar a Parker "51" com as outras canetas? Seu estilo é avançadíssimo! A ponta encerrada, sempre úmida, trabalha instantâneamente! Desliza suave, maciamente sôbre o papel! E nenhuma outra é construida, especìficamente, para usar a tinta Parker "51", que *seca à medida que escreve!*

Representantes Exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro
Unicos distribuidores para Portugal: ANTÔNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa



Horatio F. Phillips, inglês, construiu este modelo de 115 quilos para pôr em experiência a sua teoria ("radical" em 1893) segundo a qual uma superfície curva daria elevação melhor que uma superfície plana. Sua asa constituia uma série de lâminas curvas. Ligado a uma plataforma circular, o multiplano, voou à altitude de um metro.

A "Cortina Veneziana" Voadora...

pioneira das superfícies curvas de asa

Reparem como têm crescido as asas humanas, e como se tornam mais fortes. Da fragil "Cortina Veneziana" até o biplano com estais, e daí à *asa de metal multicelular, com reforço interno*, que a Northrop apresentou em 1929.

Seguindo para a frente, surgiram dispositivos como *"flaps" partidos* (Northrop, 1932), que aumentavam a elevação das asas. Depois surgiram os *ailerons retrateis* (Northrop, 1941), que deram aos grandes aviões uma decolagem mais rápida, tornando-os mais faceis de manobrar e mais lentos ao aterrar. E chegamos, finalmente, à *Asa Voadora* da Northrop, avião que elimina toda a fuselagem, ficando tudo alojado na própria asa.

Continuam, sim, os passos revolucionários nos desenhos de aviões, passos, imprescindiveis ao transporte aéreo mais barato e mais rápido.

Hoje, a indústria aeronáutica precisa conservar-se forte, mantendo-se sempre à frente.

NORTHROP

Criadores e Construtores do **Black Widow P-61,** caça noturno, e da **Asa Voadora**

Outra vez á suâ disposicao!

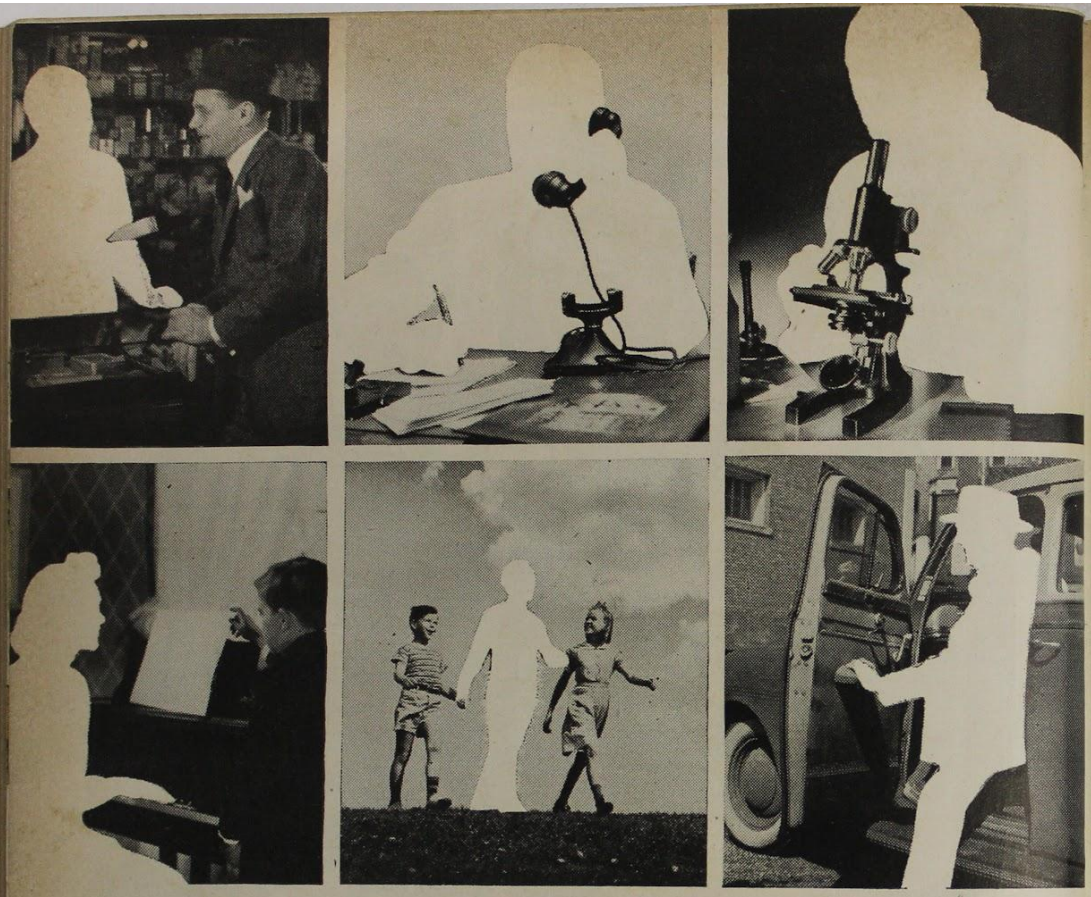
Seu distribuidor da General Electric tem o prazer de comunicar-lhe que está novamente em condições de oferecer-lhe o que há de melhor em utensílios elétricos que contribuem para tornar a vida mais confortavel.

Diariamente vão chegando à loja do seu distribuidor novas mercadorias, tais como: rádios, fogões, refrigeradores, máquinas de lavar roupa, ferros de engomar e artigos para iluminação, com o emblema da General Electric. V.S. há-de convir em que vale a pena adquirir esses utensílios elétricos, porque a marca General Electric é sinônimo de alta qualidade e excelente mão-de-obra.

Seu distribuidor da General Electric roga a V.S. que visite o seu estabelecimento para que lhe mostre os novos utensílios que alí chegaram e para conversar sobre novos produtos a chegarem muito breve.

GENERAL ELECTRIC

Produtos Elétricos da General Electric Company, E.U.A.



Desaparecidos... *por que não enxergavam*

É FREQUENTE no seu bairro serem mortas ou acidentadas varias pessoas por carência de visão. V.S. pode ter incômodos visuais sem saber. Sua visão pode ser satisfatória em algumas tarefas e ineficaz em outras.

Não arrisque! Sòmente o exame de um oculista poderá revelar o verdadeiro estado de sua vista.

Visite seu médico oculista. Êle poderá protegê-lo—ajudá-lo a evitar acidentes—conservando sua visão perfeita.

BAUSCH & LOMB

ROCHESTER 2, N.Y. RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO BUENOS AIRES

SENHORINHA HELENA VALLADÃO AZEVEDO

Ser Bela é Ser Mais Mulher...

Sim, porque a beleza realiza para a mulher a expressão máxima de sua feminilidade. Torne-se ainda mais cativante, realçando sua beleza natural, com o uso dos Cremes Pond's.
Veja o que diz a senhorinha Helena Valladão Azevedo, gracioso ornamento de nossa sociedade: "Graças ao uso diário dos Cremes Pond's, conservo minha cútis sempre saudável e bonita".

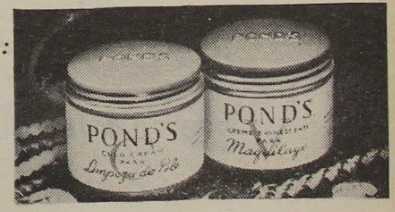
E assim também o afirmam as mais belas mulheres de todo o mundo.

Experimente também êstes novos produtos Pond's:

MAKE-UP PAT — novo "cake" para "maquillage", de fácil aplicação e longa durabilidade.

BATON — côres especiais para o dia e noite.

ROUGE — 5 tonalidades atraentes.



Experimente novo confôrto e proteção êste mês!

– EXPERIMENTE O NOVO MODESS

HOJE a mulher não precisa sofrer as inconveniências outrora periòdicamente impostas pela natureza. Sim, porque hoje existe algo que faz *esquecer* as atribulações dos dias críticos – Modess! E, agora, mais do que nunca, Modess lhe proporciona confôrto e segurança extra, com a criação de seu novo tipo, *ainda mais perfeito e mais seguro.* Experimente êste novo confôrto e proteção – *êste mês.*

Veja porque MODESS é diferente!

1. *A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável – mais absorvente que o algodão!*

2. *Três camadas de papel impermeável protegem por fóra o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódoas na roupa!*

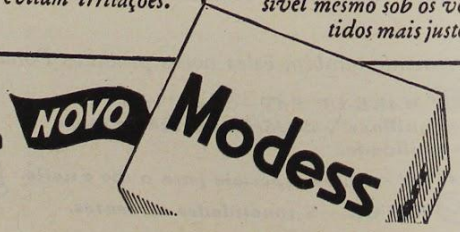
3. *Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela macia que evita que o fluïdo se espalhe!*

4. *Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!*

5. *Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior confôrto e evitam irritações.*

6. *Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!*

★ Produto da Johnson & Johnson



Petroleo... Construtor de Cidades... As resfolegantes pás mecânicas que escavam os alicerces ... os caminhões pesados que levantam materiais ... as ativas batedeiras para o concreto ... são acionados e lubrificados por produtos de petroleo. Mas, o petroleo tambem serve na industria das construções. Como querosene, alimenta a lanterna dos vigias, como material isolante protege a estrutura do teto, e como lubrificante interno dá segurança aos cabos dos elevadores. Os produtos especiais que Esso aperfeiçoou para construção são apenas alguns dos muitos empreendimentos com os quais Esso se tornou lider da industria petrolífera desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY
OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

FORÇA-MOTRIZ OCULTA . . . . .

O seu motor tem reservas de força-motriz que ficam ociosas quando se usa uma hélice de inclinação fixa. É um fato de engenharia bem conhecido: qualquer hélice de ângulo fixo é uma conciliação entre bom funcionamento na decolagem e bom cruzeiro.

Quer isto dizer que só com uma hélice de ângulo inteiramente controlavel pode o Sr. utilizar *toda* a força-motriz nas decolagens, ou conseguir a melhor velocidade de subida ou de cruzeiro, em todas as condições.

Usando uma hélice Controlavel Beech, o Sr. poderá desencadear a força-motriz que nunca foi capaz de utilizar, para fazer decolagens mais curtas, ascensões mais velozes, cruzeiros mais rápidos, e operação mais econômica.

E verá como a Hélice Beech é leve, facil de instalar, suave no funcionamento. O Sr. pode escolher vários tipos de controle: manual, elétrico, ou elétrico de velocidade constante. Para mais longas e mais gratas horas de vôo, instale uma Hélice Controlavel Beech no seu avião.

MAIS PROVA DE DESEMPENHO

Instalada no Grumman Widgeon acionado a motores Ranger, a Hélice Controlavel Beech R-203, com pás de 85 polegadas, reduziu o percurso necessário para decolagem na água, a quase metade, e reduziu de 22,8% o percurso necessário para decolagem na terra.

No modelo comercial Culver, a Hélice Controlavel Beech R-001 diminuiu o percurso da decolagem em cerca de 30%, e aumentou a razão da subida em cerca da mesma percentagem.

Em provas comparativas, as Hélices Controlaveis Beech demonstram um acréscimo na razão de subida, e um decréscimo no percurso de decolagem, dentre 15 e 26%, para os vários tipos de aviões com os quais foram feitos os ensaios.

Estas hélices foram feitas durante a guerra para a Aviação Militar, e adotadas nas diversas frentes de combate e nos Estados Unidos. A sua folha de serviços constitue prova suficiente da aptidão das hélices Beech para "cumprir" e render mais longas horas de vôo mais agradavel e mais econômico.

As Hélices Beech são fabricadas ao abrigo das patentes Roby

As Hélices Controlaveis Beech estão à venda nas casas dos agentes e revendedores da Beech

Escreva hoje mesmo pedindo o prospeto com todos os pormenores da Hélice Controlavel Beech

PT-19 equipado com Hélice Beech R-203, mostrando a simplicidade e nitidez da montagem

Beech Aircraft

CORPORATION

WICHITA, KANSAS, E.U.A.

Convidamos os distribuidores idôneos a consultar-nos sobre a agência de vendas da Beechcraft

DE QUE FEITIO É A SUA CARA?

Uma cara larga, um tanto ovalada, indica o tipo pensativo, capaz de solidariedade humana—o homem competente, possuidor duma viva fantasia, e geralmente com fortes inclinações musicais.

Sem embargo, porem, do feitio da sua cara, as Lâminas Gillette Azues lhe darão sempre uma barba macia e reconfortante. Antes de serem fechadas no tão popular envelope azul, as Gillettes passam por 70 testes dos mais exigentes, para assegurar-lhes absoluta perfeição e tambem uniforme qualidade. É por isso que o gume se conserva afiado tanto tempo, permitindo escanhoar depressa e deixando uma bela aparência.

INSPEÇÃO DUPLA

Na fábrica Gillette, inspetores especiais ensaiam outra vez as lâminas já aprovadas por outros inspetores. Exige-se às Lâminas Gillette Azues uma perfeição absoluta de modo a assegurar ao cliente um conforto sempre uniforme ao barbear-se.

GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS

Para bem servir . . .

TEXACO — Produtos Petrolíferos de Qualidade

A Texaco lhe assegura duas vantagens capitais: *uma* é o seu sortimento completo de combustiveis e lubrificantes de alta qualidade; a *outra* são as fontes de abastecimento, seguras e convenientemente localizadas. Dessa maneira, V.S. pode ficar antecipadamente certo de que suas fábricas e suas máquinas funcionarão com eficiência, economia e pontualidade.

THE TEXAS COMPANY

e seus distribuidores

TEXACO

MARCA REG.

ÀS SUAS ORDENS

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

MICHEL...

O mais suave entre os suaves

Quando é que V. achará em qualquer outro baton essa base cremosa e úmida, característica tão destacada do baton Michel? . . . Ou essa delicadeza e essa facilidade com que ele se espalha uniformemente sobre os lábios? Em que outro baton é que V. encontra essas excepcionais qualidades de permanência e esses feiticeiros tons naturais que convidam ao beijo? . . . e tão delicado aroma que deleita os sentidos?

Michel

NEW YORK · PARIS · LONDON

BATON · PÓ DE ARROZ · RUGE · MASCARA · SOMBRA · CREME PARA MAQUILHAGE

Dá gosto vê-los saudáveis e felizes...

"Ainda bem que me lembrei do conselho do Doutor..."

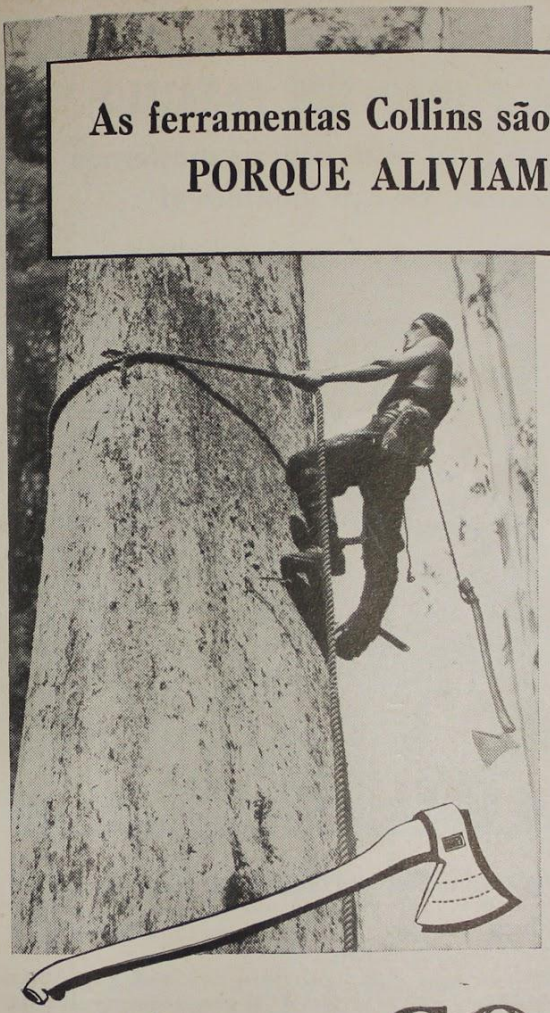
Vigilantes, infatigáveis, sempre pensando em proteger a nossa vida, os médicos sabem quanto se deve ser cuidadoso com os remédios dados ás crianças. E, há mais de 60 anos, os médicos aconselham ás mães o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, laxante suave e eficaz, que proporciona real alívio, sem nenhum efeito drástico ou inopinado. É um conselho de amigo, o do seu médico, ao recomendar LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, o laxante de ação tríplice, que *neutraliza* a acidez do estômago, *auxilia* a digestão e *limpa* suavemente os intestinos.

LEITE DE MAGNÉSIA DE

PHILLIPS

LÍQUIDO OU EM COMPRIMIDOS

As ferramentas Collins são as preferidas PORQUE ALIVIAM O TRABALHO



E isso é a coisa mais importante para o trabalhador. Durante mais de um século milhões de agricultores e trabalhadores do solo aprenderam, por experiência própria, que as ferramentas Collins economizam energia e permitem realizar mais trabalho com menos esforço. Como?... O segredo se encontra em uma palavra: excelência! Pela excelência do seu desenho, os machados e machetes Collins são ferramentas perfeitamente equilibradas, que permitem a realização das tarefas com maior facilidade e menos cansaço. A excelência do aço dá às ferramentas Collins um gume mais perfeito e duradouro. Com as vantagens advindas dos últimos progressos da metalurgia, a qualidade das ferramentas Collins é hoje melhor do que nunca, tornando essas ferramentas a melhor compra que V.S. poda fazer.

LEGITIMUS

COLLINS

"SEU AMIGO DE CEM ANNOS"

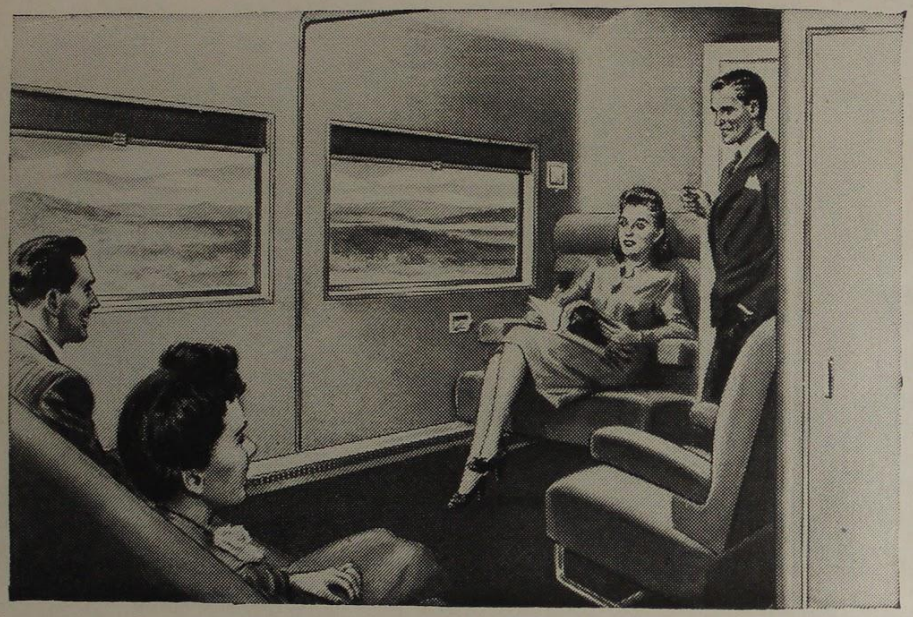
THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Braulio Gomes No. 25—Sala 1007
Caixo Postal No. 2068, São Paulo

O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

APRESENTAMOS ESTES NOVOS CARROS-DORMITÓRIOS DE COMODIDADE E LUXO SEM PARALELO

criados pela BUDD—à qual se devem os modernos trens aerodinâmicos, de aço inoxidável



A BUDD concebeu e realizou um novo tipo de cabine de Dois Leitos que assegura verdadeiro confôrto e luxo. Cada cabine tem o seu compartimento privativo com lavatório e chuveiro. Ambas as camas são pre-arrumadas, a janela de largura invulgar, havendo ainda amplo espaço para bagagem e guarda-roupa.

Duas dessas Cabines de Dois Leitos podem-se pôr em comunicação de modo a formar uma "suite," o *Master Room,* espaçoso apartamento de quatro leitos e dois W.C., lavatórios e chuveiros privativos.

Durante o dia, o *Master Room* admite seis passageiros e oferece amplo espaço para se moverem com o maior confôrto.

Assim, depois da Cabine própria para viajar só, a preço razoável, e da "Budgette" para quem quer viajar com economia, a Budd completa, com estas Cabines de Dois Leitos, a sua série de tipos de acomodação diurna e noturna em carros dormitórios. Todas as estruturas dos carros Budd são de aço inoxidável, que é o material mais resistente empregado na construção de carros ferroviários.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING CO., FILADELFIA, E. U. A. Budd

PRESENTE QUE SE DESTACA PELA SUA QUALIDADE *Incomparável!*

A nova pena *Lifetime*

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por toda a vida)

Em instrumentos de escrever, o primeiro prêmio cabe a SHEAFFER! Faça comparações e verificará que nenhuma outra caneta é tão adaptável á sua mão e á sua maneira de escrever como a nova SHEAFFER "TRIUMPH". SHEAFFER reune á beleza de uma jóia de raro valor, as mais perfeitas e extraordinárias condições técnicas. A sua pena *Lifetime* é cilíndrica, maior, mais forte, mais flexível e escreve de dois modos diferentes com a suavidade de uma pluma. Experimente uma SHEAFFER! Experimente todos os seus modêlos e faça-se lembrado por seus amigos, dandolhes uma SHEAFFER *Lifetime* — o presente feito para durar tôda a vida.

W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Novas Canetas "TRIUMPH" • Novas Lapiseiras "Fineline"

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

AVENTURA NO HAITÍ

"Um passo em falso . . . e eu me teria precipitado em um abismo de 1.000 metros, desta vida para a bem-aventurança,"—diz um fotógrafo ao descrever a maravilhosa situação de La Ferrière . . . a cidadela alcandorada que Christophe contruiu em 1812.

"Aquí não falta nada! . . . No meu hotel de Porto-Príncipe, por exemplo, verifiquei que o "Canadian Club" goza da mesma estima que nos hotéis e clubes de Nova York ou do Rio."

Em cada país que visita, o viajante encontra sempre alguma coisa de novo—e porventura tambem alguma coisa de familiar. Assim, nos hotéis e clubes de toda a América Latina —um reconfortante copo de "Canadian Club"! Tão satisfatório só por si como em misturas e com soda, o "Canadian Club" é uma bebida para toda a noite—em coquetéis, antes de jantar; e no whisky-com-soda, depois.

Em 87 países—não há outro whisky com sabor igual ao do

"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS. Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá; Peoria, E.U.A.; Dumbarton, Escócia; e Buenos Aires.

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

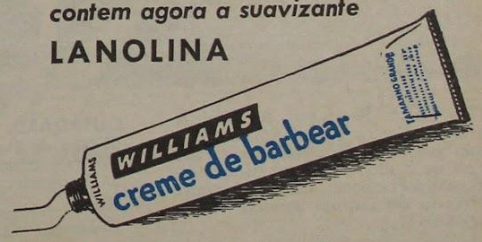
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

Barbas mais limpas e melhor aparência. Para conseguir essa barba macia e uniforme que é o sinal do homem elegante, use o Creme Williams de Barbear. Contem a suavizante Lanolina que ajuda V. a escanhoar-se tanto quanto quiser, sem deixar na cara os antipáticos lanhos ou a irritação da lâmina.

A Lanolina, muito semelhante ao óleo natural da sua pele, é com frequência receitada pelos médicos para suavizar e sarar as irritações da pele. Essa mesma Lanolina, agora no Creme Williams, deixa-lhe na face, depois de barbear, uma sensação de brandura e suavidade.

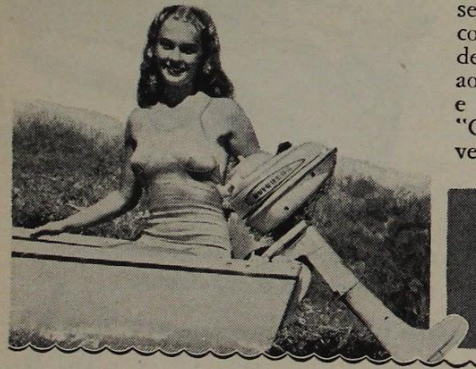
Famoso pela espuma espessa e duradoura que produz, o Williams amolece *completamente* as barbas mais duras, e deixa no rosto um aroma agradavel. Experimente, e há-de concordar que ele não tem rival em conforto. Compre hoje mesmo um tubo do Williams.

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante
LANOLINA



EVINRUDE

Leve, portatil, fácil de montar em qualquer barco



O Evinrude é o motor *universal* para barcos. Tão leve e tão portatil que pode ser levado a toda parte, montado rapidamente em qualquer barco, e desmontado com a mesma rapidez.

É uma central-motriz de navegação, que encerra em si todos os elementos, desde o tanque de combustivel à hélice, e capaz de fornecer potência de confiança ao custo mais módico. Não exige despesas de instalação. Não ocupa espaço algum dentro do bote. O casco deste fica inteiramente disponivel para carga ou passageiros.

O Evinrude é tão simples de manejar, que qualquer pessoa pode aprender depressa a trabalhar com ele. Alem disso, funciona com perfeita segurança nas águas mais baixas, onde quer que haja profundidade suficiente para que um barco possa flutuar.

Há 37 anos que os motores Evinrude vêm servindo em todas as águas do mundo. Encontram-se em modelos para todos os fins, desde os mais leves motores de esporte, até aos possantes modelos para trabalho pesado e serviço comercial. Escreva-nos pedindo o "Guia Evinrude para Barcos e Motores" — veja abaixo a nossa oferta.

EVINRUDE

MOTORES DE POPA

GRATIS! Peça-nos o "Boat & Motor Selector" da Evinrude, que indica o motor adequado para cada tipo de barco, e fornece uteis indicações sobre botes, velocidades, etc. Sirva-se do cupom apenso a este anúncio.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação, E4P **Waukegan, Illinois, E. U. A.**

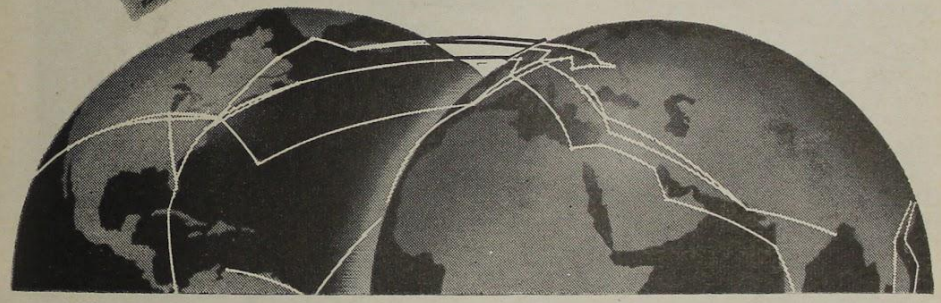
Queiram remeter-me um exemplar do "Boat & Motor Selector" da Evinrude.

Nome:.....

Endereço:.....

Constellation —

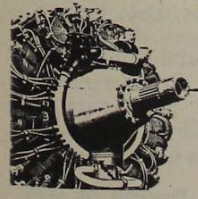
O Viajante Mundial



A Era do Ar inaugura-se com este avião. Todas as grandes nações do mundo se encontram hoje nas rotas do "Constellation" Lockheed, porque são já sete as empresas de navegação aérea que escolheram este aparelho para uso em todo o globo.

Acionado por quatro motores Wright Cyclone, o "Constellation" transporta 55 passageiros a 300 milhas à hora. É capaz de atravessar o Atlântico em 11 horas, ou de voar de Nova York ao Rio de Janeiro no curto espaço de um dia. Assegura aos passageiros tarifas mais baixas, maior velocidade e conforto sem precedentes.

Postos a trabalhar juntamente, o "Constellation" e os seus Cyclones transformarão o globo terrestre num círculo de vizinhos.



WRIGHT *Aircraft Engines*

PODER AÉREO PARA A ERA DE PAZ

Wright Aeronautical Corporation, Paterson, N. J. (E. U.) • Divisão da Curtiss-Wright

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CIA., LTDA., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Contra o sol, use os Científicos

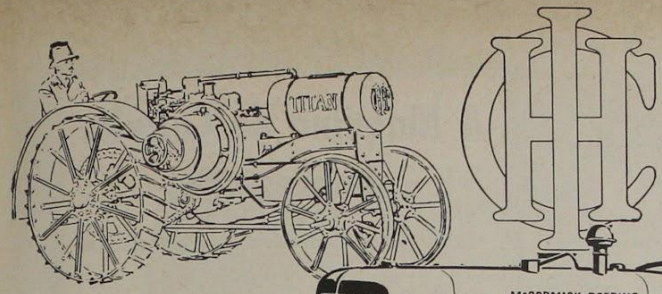
WILLSONITES

Não são óculos ORDINÁRIOS!

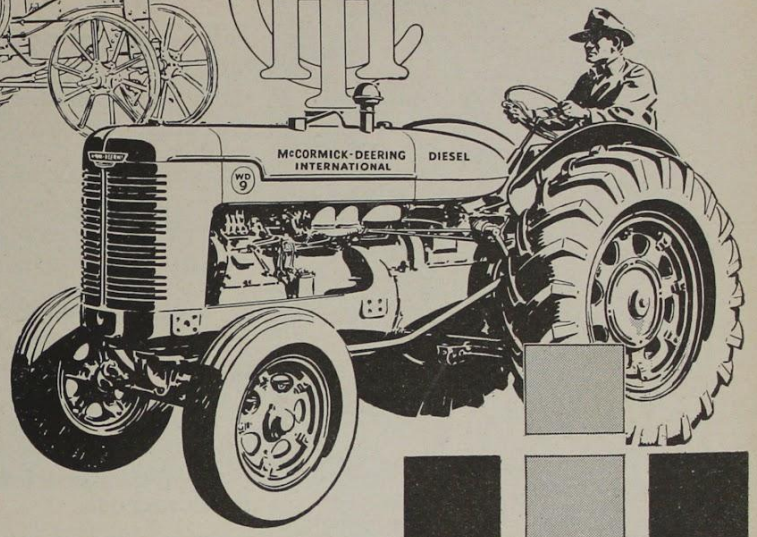
V. Sa. precisa dos Willsonites, hoje mais que nunca . . . ao sair de sua casa, de qualquer outro edifício e lugares mal iluminados . . . para a luz ofuscante do sol. Proteja seus olhos contra o clarão solar; use sempre Willsonites, cujas lentes científicas são de um verde refrescante e confortável.

WILLSON PRODUCTS, INC., READING, PA., E. U. A. • *Fundada em 1870*

Fabricantes tambem de óculos de segurança, máscaras anti-gás, capacetes e respiradores para as indústrias



Um dos primeiros tratores International 'Titan'—precursor dos modernos Tratores McCormick-Deering International.



POR mais de 110 anos esta organização tem contínuamente servido á Indústria e á Agricultura. Iniciando com a invenção da Ceifadeira de McCormick, seus produtos cresceram numa linha completa de caminhões, máquinas agrícolas e máquinas industriais. Agora, um novo símbolo identifica todos êstes produtos. Um símbolo que traduz EXPERIÊNCIA E SERVIÇO!

Êste *novo* símbolo representa os produtos da INTERNATIONAL HARVESTER

HARVESTER

Êle é a Marca de EXPERIÊNCIA E SERVIÇO

Muitos anos passaram desde que o antigo símbolo IHC começou a representar um produto da International Harvester. Dêsse tempo para cá a International Harvester cresceu e hoje fabrica uma *série de produtos* que inclui Caminhões International, Máquinas Industriais International, Tratores e Máquinas Agrícolas McCormick-Deering International . . . máquinas que servem *todos os ramos da Indústria e da Agricultura.*

Êstes produtos básicos—reconhecidos, comprovados e econômicos—testemunham o serviço que a International Harvester presta a milhares de possuidores na América Latina e no mundo inteiro. Procure êste símbolo quando precisar de produtos como os fabricados pela International Harvester. É o símbolo de uma reputação conhecida e respeitada em todo o mundo; um símbolo que significa serviço à Indústria e à Agricultura.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY

Harvester Building **Chicago 1, E. U. A.**

Filiais no Brasil:

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PORTO ALEGRE

CAMINHÕES INTERNATIONAL • MÁQUINAS INDUSTRIAIS INTERNATIONAL
TRATORES E MÁQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL

INTERNATIONAL HARVESTER

A Maquina de Calcular Impressora

dá a *prova escrita* de todos os cálculos.

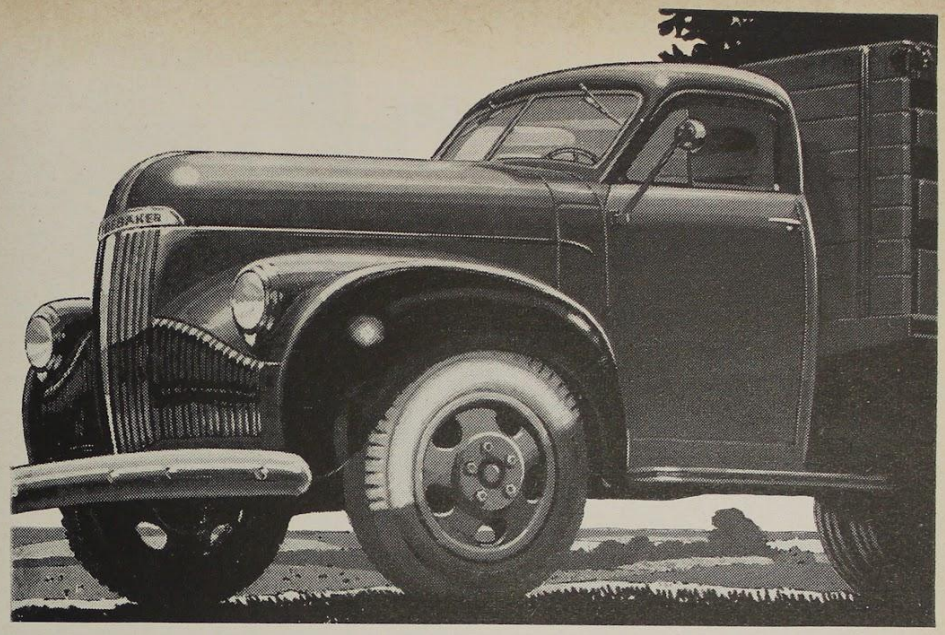
Substitue duas máquinas comuns—a máquina de calcular que não imprime e a máquina de somar que não calcula.

É a única máquina que imprime enquanto divide automàticamente, multiplica, soma e subtrai.

Elimina êrros e é a máquina ideal para todos os trabalhos de números.

Remington Rand S. A. CASA PRATT

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE
PORTO ALEGRE • BÉLO HORIZONTE • BAIA



Estes grandes caminhões Studebaker excedem, em economia e duração, a toda expectativa

TODO mundo sabe, há muitos anos, que não há nada melhor que um auto-caminhão Studebaker.

O emblema Studebaker é mais que um símbolo de qualidade. Identifica um caminhão no qual se pode confiar; rodará quilômetros e quilômetros, ano após ano, prestando o máximo serviço a um custo mínimo de operação.

As atuais circunstâncias ainda não permitem que a Studebaker assegure, com antecedência, as entregas de encomendas que diariamente lhe estão chegando de toda parte do mundo. Mas a relação de nomes famosos que fizeram encomendas à Studebaker constitue um dos maiores encômios para um fabricante de veículos para o transporte.

Esses nomes, e as importantes firmas que eles representam, dizem mais em favor da reputação da Studebaker do que talvez os maiores elogios de qualquer outra espécie. E a Studebaker, por seu turno, vem fazendo todo o possivel para acelerar a produção e expedir as encomendas. A paciência dos bons fregueses da Studebaker, em todo o mundo, será por fim bem recompensada por terem esperado pelos novos caminhões e automoveis Studebaker.

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E.U.A. End. Tel.: Studebaker

Studebaker

Sinônimo mundial de excelência em automoveis e caminhões

PAN AMERICAN

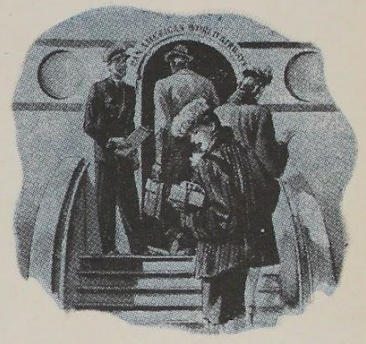
Amanhã V. irá a Washinqton nos CLIPPERS novos e qiqantescos

Milhões de pessoas poderão viajar em muito menos tempo, e a preços muito reduzidos.

Aumentam cada vez mais os lugares disponiveis a bordo dos Clippers que voam entre a América do Sul e os Estados Unidos . . . Pouco a pouco foram eliminadas as restrições nas viagens aéreas . . . E à medida que novos e mais rápidos Clippers vão entrando em serviço, V. ficará habilitado a voar aos Estados Unidos em menos de um dia.

Algum dia, não longe, bastará um período de férias de duas semanas para fazer uma visita de 12 dias a Washington, Nova York, Hollywood, ou qualquer outro ponto dos Estados Unidos. Os homens de negócio de toda a América Latina estarão somente a 24 horas de distância dos pórticos da Pan American nos Estados Unidos: Miami, Nova Orleãs, Brownsville, Novo Laredo e Los Angeles.

Tarifas novas, reduzidas . . . O melhor de tudo é que este turismo aéreo de grande luxo, estará ao alcance das pessoas de medianas posses . . . porque a eficiência melhorada dos serviços redundará em tarifas mais baixas.



Os novos Clippers terão salões de jogos e de fumo, noticiário frequente, e as melhores refeições, servidas com cortesia máxima.

Onde quer que V. projete ir—Estados Unidos, Inglaterra, França, Alasca, Havaí, Austrália ou China—lembre-se que nestes últimos 17 anos a Pan American World Airways perfez mais de 390.000.000 de milhas de vôos ultramarinos—récorde que nenhuma outra linha internacional pode disputar!

PRIMEIRO serviço aéreo trans-pacífico (1935)

PRIMEIRA carreira aérea através do Atlântico Norte (1939)

Vista aérea de Washington, vendo-se o Capitólio (à esq. do centro) e o Supremo Tribunal (primeiro plano).

WORLD AIRWAYS PAA

O SISTEMA DOS CLIPPERS VOADORES

ESCOLHA O SEU PRÓXIMO CONCERTO entre estas execuções arrebatadoras

A platéia do Carnegie Hall, uma das mais exigentes do mundo, aplaudiu delirantemente a execução do Segundo Concerto para Piano e Orquestra, de Brahms, com Vladimir Horowitz ao piano e Arturo Toscanini dirigindo a Orquestra Sinfônica da National Broadcasting Company. Goze V. agora tambem esse grande desempenho, em sua própria casa, nos discos RCA Victor.

Ouça tambem a inspirada gravação do poema sinfônico de Tchaikovsky, *Manfredo*, executado pela Orquestra Sinfônica de Indianápolis, sob a direção de Fabien Sevitzky. É verdadeiramente soberba!

Para conseguir melhores efeitos, não deixe de usar as Agulhas de Cromo da RCA Victor, que o habilitam a desfrutar estes discos de alta qualidade com mais nitidez do que nunca!

OS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO GRAVAM NOS

DISCOS RCA VICTOR SÊLO VERMELHO

7 dias de experiência

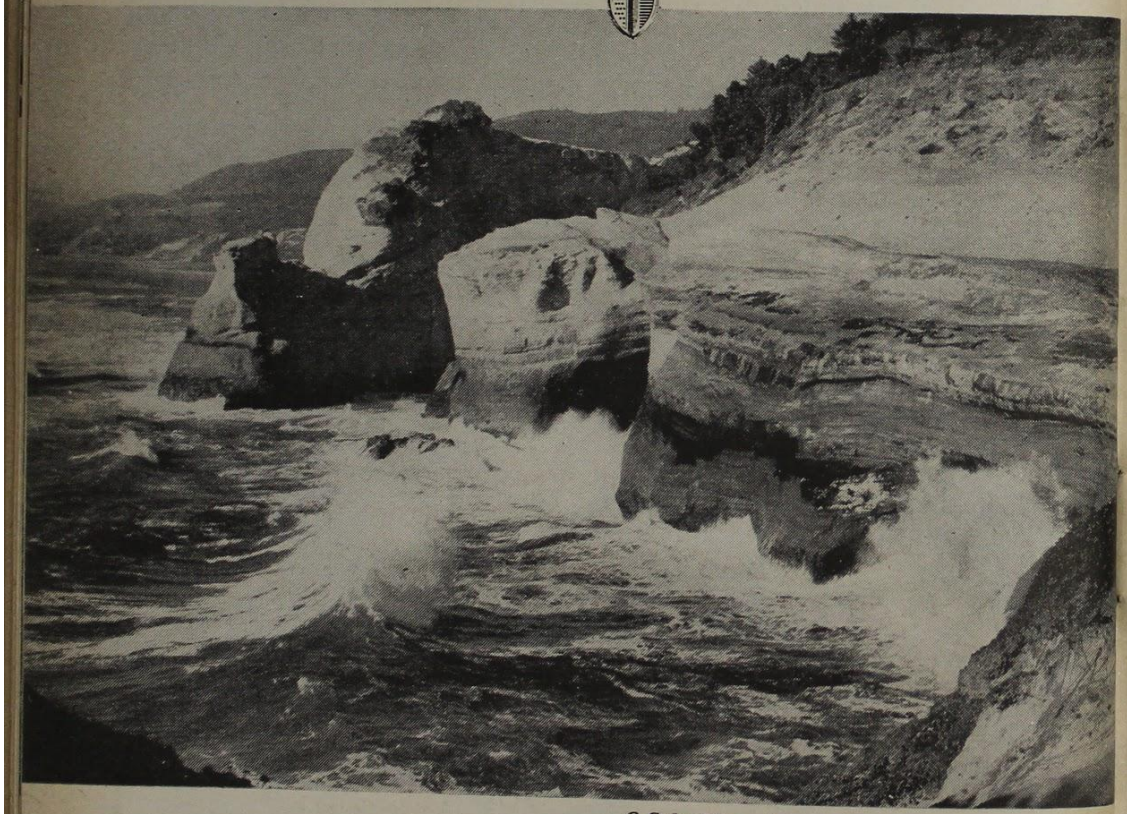
com a PASTA DENTAL PHILLIPS

E numa semana apenas, verá os seus dentes se tornarem mais brancos, belos e brilhantes. Não importa qual seja o dentifrício que vem usando por uma questão de hábito. Se não está absolutamente contente, não custa esperimentar, durante uma semana apenas, a Pasta Dental Phillips - o dentifrício moderno e completo que a química odontológica aperfeiçoou em anos e anos de pesquizas. O seu dentista recomenda a Pasta Dental Phillips, porque sabe que ela contém mais de 75% do legítimo Leite de Magnésia de Phillips, para neutralizar a acidez bucal, que é uma das principais causas da cárie destruidora.

Claro que V. tambem tem um coração de boêmio errante! Em breve, um Lincoln esplêndido o poderá levar na sua ânsia de novos horizontes ... rumo ao mar, alem, onde a espuma salgada se desfaz nas rochas ... ou por veredas antigas onde cada árvore tem a sua lenda ... O Lincoln vencerá as maiores distâncias com a sua sêde de estradas ... Tanto pelo seu funcionamento, como pela distinção de linhas, este novo automovel agradará muito o mais exigente dos compradores. A verdade é que não há nada melhor que um Lincoln!

PODERÁ IR ATÉ..

"ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA"



O Cabo Kiwanda, na estrada litoral do Oregon

Não há melhor que o **LINCOLN** PRODUTO DA FORD MOTOR COMPANY

...COM PERSONNA, FAÇO A BARBA RÁPIDA, IMACULADAMENTE, ROÇANDO APENAS O ROSTO

GARY COOPER *Produtor e astro de "SENDAS AGRESTES" Uma produção da International*

A única lâmina de barbear que é temperada e tornada côncava em seu próprio aço de superior estrutura molecular... *PARA REQUINTADA SATISFAÇÃO DOS QUE SÓ QUEREM O QUE HÁ DE MELHOR!*

Cada lâmina **PERSONNA** é um instrumento de precisão, de fio côncavo, afiado a oleo e assentado ao couro.

PERSONNA

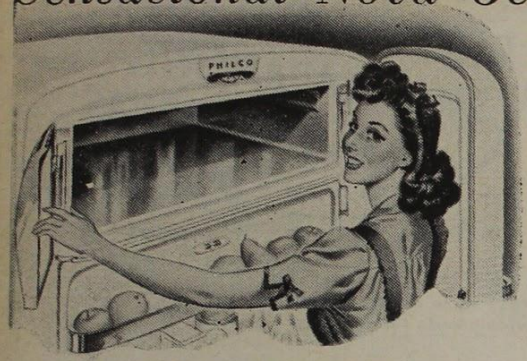
Superfina como uma jóia de preço

RIBE LTDA., Av. Nilo Peçanha 26 sala 1112, RIO DE JANEIRO, Brasil

MAX NACHMAN, 174 Rua dos Correros LISBOA, Portugal

PERSONNA BLADE CO., INC., 599 Madison Avenue, Nova York, E. U. A.

Veja, Aqui Está! A Sensacional Nova Geladeira **PHILCO**

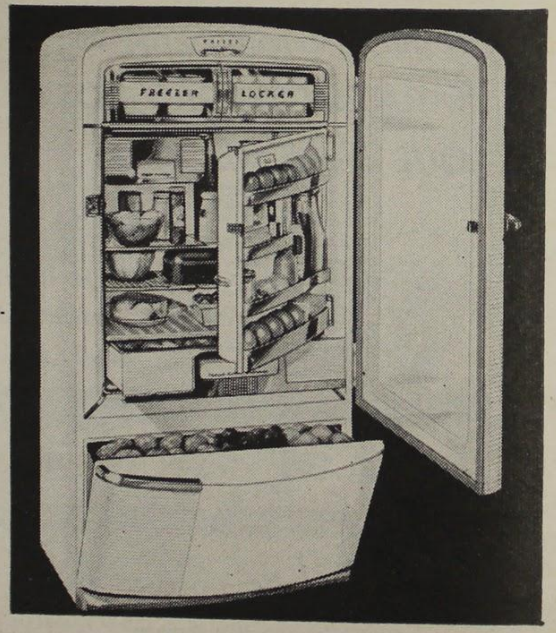


Sim, aqui está . . . a geladeira com todos os detalhes . . . sensação da industria . . . desenvolvida por Philco para lhe trazer a melhor geladeira jámais construida. *Veja-a agora* em seu revendedor Philco. *Compare-a* com qualquer outra que tenha visto. Ajuize e verá que lhe traz *mais* por seu dinheiro em serviço, economia, conveniência e qualidade.

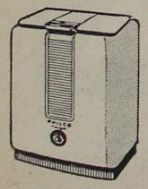
ENORME COMPARTIMENTO CONGELADOR PHILCO

Inter-construido! Enorme compartimento onde podem ser conservadas provisões de alimentos congelados . . . onde podeis congelar carne, peixe e aves para usar mais tarde.

COMPLETAMENTE EQUIPADA EM TUDO . . . A GELADEIRA COM TODOS OS DETALHES

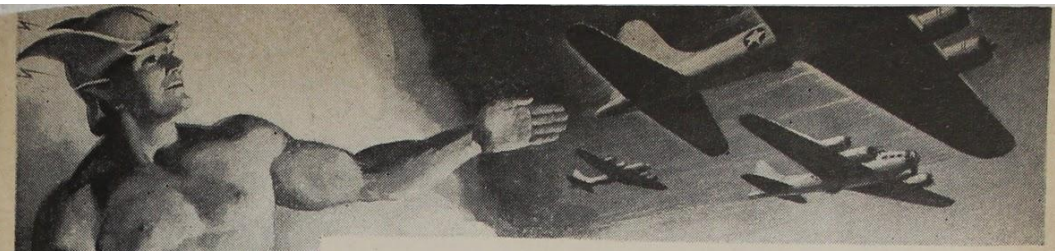


Novo, Sensacional CONGELADOR PHILCO

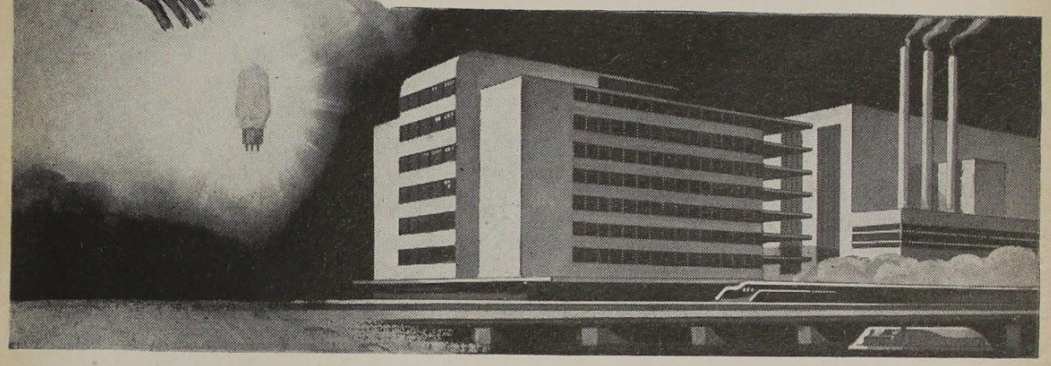


Modelos para qualquer casa, desde 2½ pés cub. de capacidade.

PHILCO *De Fama Mundial em Qualidade*



MINNEAPOLIS-HONEYWELL CONTROLES *Electrônicos*



Hoje no Ar . . . Amanhã no Ar Condicionado

O famoso Piloto Automático Honeywell, que manteve assestados «sobre os alvos» os poderosos bombardeiros, era dirigido por controles eletrônicos. Hoje, esses controles eletrônicos estão contribuindo tambem para maior e mais decisiva segurança da aviação comercial. E amanhã, esses mesmos eletrons possibilitarão maior exatidão no condicionamento de ar e nos controles de temperatura, que estarão muito alem dos nossos padrões de hoje.

Para os lares, escritórios e fábricas de amanhã, o sistema de ar condicionado será muito mais procurado. Os processos de manufatura serão mais rápidos e suas qualidades serão melhoradas graças ao emprego de controles eletrônicos de temperatura mais acurados. A Minneapolis-Honeywell Regulator Company, e sua filiada, a Brown Instrument Company, são pioneiras no desenvolvimento de controles eletrônicos para a indústria e para o lar.

Se V.S. está interessado em ar condicionado, ou tem processos de manufatura que exigem controles de temperatura, está convidado a no-lo comunicar. Depto. de Exportação, Minneapolis-Honeywell Regulator Company, 2691 Fourth Avenue South, Minneapolis 8, Minnesota (E. U.).

Escreva-nos pedindo a brochura gratuita: "Técnica de Controle de Precisão em Processos Industriais".

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Colômbia: P. Porta, Bogotá; Hans Schultz, Edificio Continental, Barranquilla—Brasil: Comercial e Industrial WERCO, Ltda., Rio de Janeiro—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

* * * CONTROLES AUTOMÁTICOS * * *

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

Força e Progresso

FORÇA E PROGRESSO têm caminhado de mãos dadas, acompanhando a civilização no curso do seu desenvolvimento. O homem primitivo dependia da força do braço humano. As civilizações antigas se foram erguendo à medida que os homens iam aprendendo a adicionar à sua própria força a dos animais e a do vento. A ascensão progressiva da civilização ocidental acompanhou sempre a descoberta de novas formas de força.

A força poupa os homens aos labores que arrasam, e prolonga-lhes a vida. A energia hidráulica, engenhosamente transmitida a serras de atroçoar, libertou os lenhadores dum pesado trabalho e duma doença do coração que lhes era peculiar. A civilização moderna tem crescido e as condições da vida humana têm-se requintado, à proporção que a água, o carvão, o petróleo e a gasolina vieram gerando força para a máquina a vapor, o motor elétrico e o motor a gasolina, em navios, locomotivas, automoveis, caminhões, tratores, ônibus e aviões.

Estamos hoje assistindo a um novo progresso no desenvolvimento da força. A força atômica, o mais recente dos prodígios realizados pelo homem ao procurar desvendar os segredos da natureza e aplicá-los ao serviço da humanidade, de par com todos os outros tipos de força usados, ajudou-nos a derrotar os nossos inimigos e a preservar a nossa cultura e civilização. A força atômica não virá eliminar nenhum dos outros tipos de força. Deverá ao invés desenvolver-se para vir juntar-se-lhes e fomentar o progresso, o bem-estar, o conforto e os recursos materiais.

A força atômica vem a um tempo oferecer oportunidades e impor obrigações aos povos do mundo: a oportunidade de assegurar a paz mundial para todo o sempre; e a obrigação de tomar medidas para que o seu desenvolvimento futuro seja posto ao serviço da humanidade inteira.

Devemos continuar a desenvolver e aperfeiçoar todos os tipos desde a força [do braço humano até a força] atômica, dando a todas elas o melhor dos usos para aumentar a felicidade e o bem-estar, e elevar os padrões educativos e espirituais muito acima do que sonharam nossos maiores, e, pela pregação e o exemplo, beneficiar a todas as nações.

Juntemos pois o melhor de nossos esforços para melhorar as duas maiores forças que já se revelaram neste mundo—a força educativa e a força espiritual.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

Onde a Qualidade forjou a Vitória
...a Qualidade forja o Progresso!

Trezentos e cincoenta mil artesãos, e milhares de engenheiros em mais de 100 fábricas da General Motors, preparam-se para a nova era de paz e de progresso depois de quatro anos de febricitante produção bélica.

Foram quatro anos de persistentes pesquisas e de intenso trabalho, em que cientistas e engenheiros criaram novos materiais, novas ferramentas, novos processos e novos métodos.

Tais adiantamentos estão sendo empregados pela General Motors em todo o seu desenvolvimento para a produção da paz, mantendo a qualidade tradicional que determinou a superioridade dos seus armamentos de guerra.

GENERAL MOTORS

Onde a Qualidade Forja o Progresso

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet
Vauxhall • Caminhões GMC e Bedford • Frigidaire
Motores Diesel • Peças e Sobressalentes

Momentos Históricos

COM A CANETA EVERSHARP

Garantida para sempre

Agil e macia, sua *Ponta Mágica* desliza sem ruido . . . dizendo *em silêncio* os seus pensamentos. . . .

Sua *Alimentação Mágica* torna-a à prova de estravazamento, tanto ao nível do mar, como nas grandes altitudes.

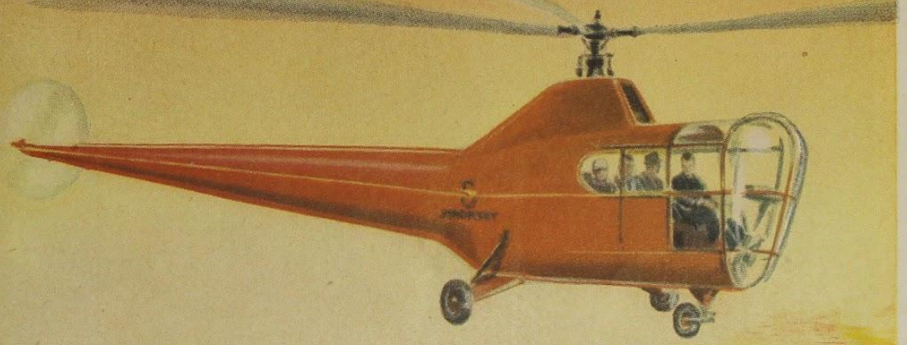
Conheça também, a linda Lapiseira de Repetição EVERSHARP, cujo Botão Mágico, a um leve toque, dispara pontas com a rapidez de uma metralhadora! EVERSHARP, INC., Chicago, E.U. DA A.

GARANTIDO PARA SEMPRE — O serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras de Repetição EVERSHARP — é garantido, não por anos ...não por vida... *mas garantido para sempre!*

Dê EVERSHARP *e dará a melhor!*

OS HELICÓPTEROS SIKORSKY

vestem-se "à paisana"



O S-51, modelo de quatro lugares, o primeiro dos novos helicópteros comerciais Sikorsky, foi construido segundo os princípios técnicos dos helicópteros militares Sikorsky.

A engenharia progressista que produziu os primeiros helicópteros práticos da América — os únicos usados durante a guerra — está agora concentrada em fabricar os melhores helicópteros norte-americanos para o comércio aéreo da paz.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

EM NOVA YORK . . . "El Morocco" é um cabaré elegante que certamente deve ser visitado pelas pessoas ansiosas de conhecer o que há de melhor em Nova York. O Whiskey Schenley Reserve está entre as coisas boas que alí se encontram.

para os entendidos em ambos continentes . . .

Gratis! *o livro de "Receitas Schenley". Peça-o a Schenley International Corp. Empire State Bldg., Nova York, E.U.A.*

EM TODA A AMERICA LATINA . . . Nos pontos de reunião da verdadeira elegância é muito natural entre os convidados pedirem Whiskey Schenley. Em toda a América, Schenley é o favorito dos entendidos.

• Prove Schenley, o whiskey leve, gostoso e suave . . soberbo com soda, ginger ale ou água; ideal para bebidas misturadas. Ele é rico de tradicionais qualidades *americanas*. Schenley International Corporation, Empire State Building, Nova York, E. U. A.

Os gran finos do mundo preferem o

SCHENLEY Whiskey Que Mais se Vende No Mundo

A ave das Américas

Por Eduardo Zamacois

Autor de «As Raizes», «Os Vivos mortos» e «O delito de todos»

JÁ SE DISSE, com razão, que a garça é a «ave das duas Américas», pois, segundo a época do ano, faz ninho em todas as latitudes do imenso continente americano, desde a Patagônia às províncias meridionais do Canadá. Em épocas anteriores, as garças abundavam no México, na América Central, nas Grandes Antilhas e na América do Sul, acentuadamente nas bacias do Paraná, do Paraguai, do alto Orinoco e do Amazonas, onde gostavam de estabelecer colônias às margens de arroios e lagoas.

As garças nascidas em regiões tropicais não mudam de clima; as oriundas das zonas temperadas, ao contrário, procuram outras paragens, pois, quando se iniciam os frios do inverno, os peixes de que se alimentam buscam o calor das águas profundas, onde não podem alcançá-los. É, por conseguinte, a fome, mais que seu gosto pelo calor, o que as faz emigrar. Assim, na Argentina e no Chile constroem seus ninhos em outubro e novembro; em Cuba, de março a junho; nos Estados Unidos em agosto.

A grande corrente migratória para o norte começa em princípios de julho, e costuma chegar até as alturas de Quebec e do lago Ontário. Geralmente essas aves viajam em bandos, formando uma espécie de nuvem branca de delineamento triangular, sendo cada grupo dirigido por um chefe e um pequeno pelotão de ajudantes seletos que se esforçam afim de que não se extraviem os companheiros menos habeis ou mais fracos. Ao iniciar-se o êxodo, pouco antes do pôr do sol, o chefe sobe a grande altura, com o evidente propósito de orientar o caminho a ser seguido; a um nivel consideravelmente inferior situam-se seus ajudantes, e muito embaixo destes fica o grosso do bando. Após um vôo de 3 a 4 mil quilômetros, o chefe desce ao lugar onde decidiu estabelecer sua nova vivenda, e, com uma série de fortes grasnidos, dá o aviso de chegada.

A garça americana é pernalta; tem bico amarelo e patas negras, e sua magnífica plumagem faz lembrar a alvura das neves eternas. Na parte do dorso situada entre os omoplatas brotam-lhe aproximadamente cincoenta penas, que se prolongam para alem da cauda. Essas plumas parecem encarnar algum símbolo nupcial, pois seu nascimento coincide com a chegada dos meses vernais; e, se constituem o traço mais belo dessas aves, houve tambem época em que foram sua maior desgraça, pois a moda feminina as escolheu para adornar os chapéus e, se não tivessem intervindo várias nações com leis a seu favor, a cobiça dos industriais teria acabado com elas.

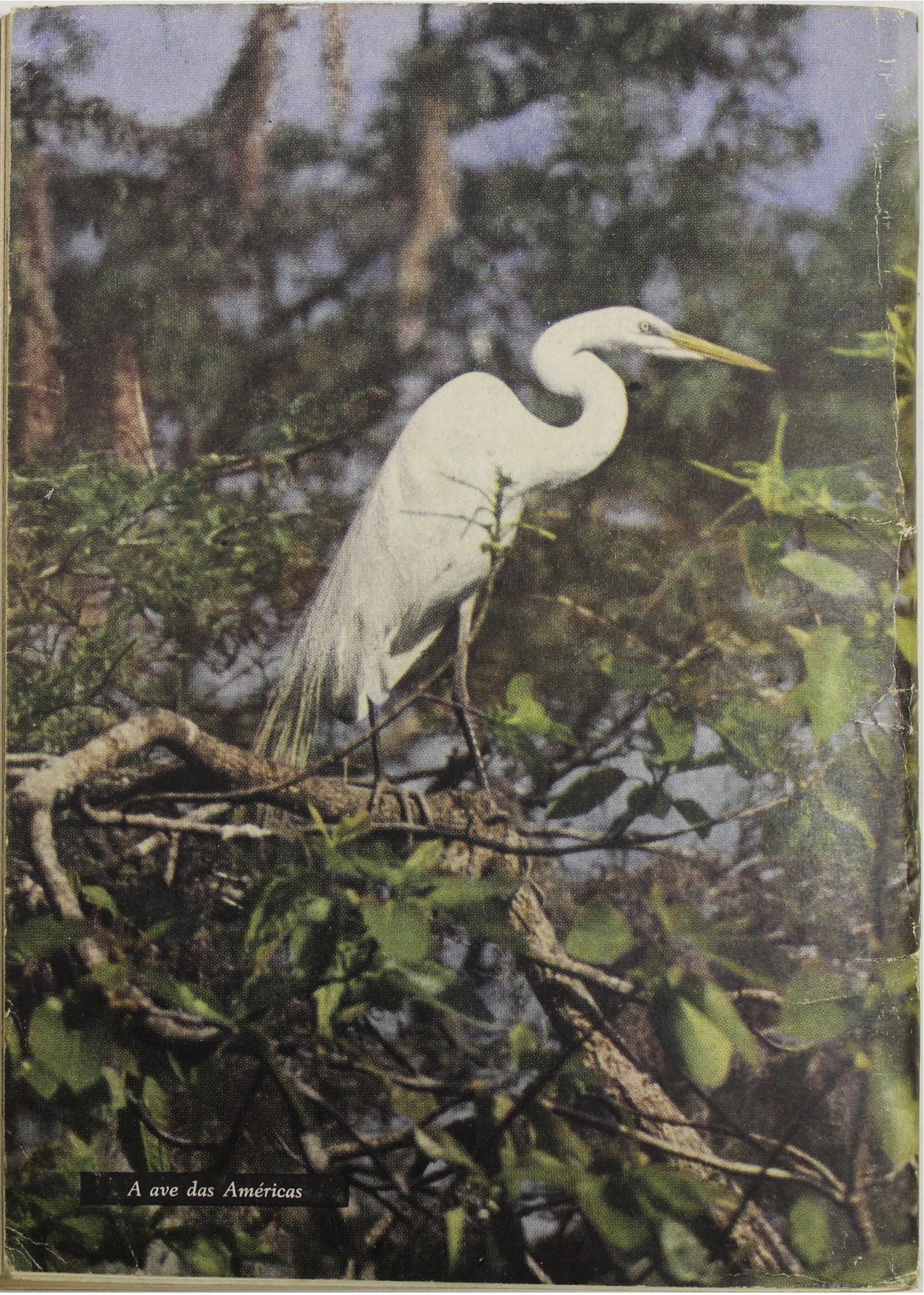
As garças fabricam seus ninhos com gravetos e ramos, e os instalam na copa das grandes árvores ou na vegetação que cresce à flor da água. São monógamas, e seus amores oferecem delicadezas de idílio. Comumente põem de três a cinco ovos, de um azul opaco bastante acentuado, e o macho é encarregado de levar à fêmea os seus alimentos. Depois de cumprido esse dever, deixa-se ficar parado, horas e horas, junto ao ninho, como se o vigiasse, enquanto seu longo pescoço, branco e curvo, parece desenhar, contra o azul do céu, um ponto de interrogação.

As garças americanas, que improvisam seus ninhos em qualquer parte—no Brasil, no Chile, na Colômbia, no México, nos Estados Unidos,—raras vezes voltam a eles, porque, tendo os filhos pátrias diferentes, todos os paises lhes inspiram o mesmo amor.

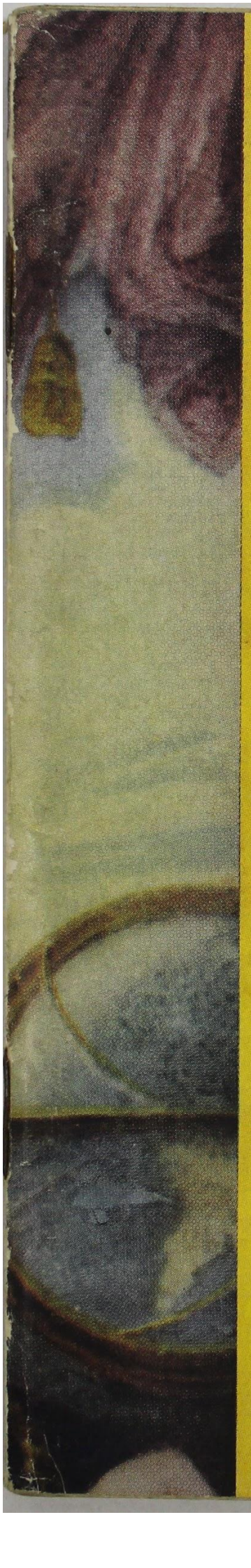
Eis aí como a garça, chamada com justiça «a ave das Américas», simboliza com sua plumagem branca, o que este continente há-de ser num futuro próximo de compreensão mútua e íntima fraternidade.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Foto: Ivan Dmitri



A ave das Américas



MAIO de 1946

Cr.$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Amanhã poderemos ser mais jovens . . . *Ladies' Home* 1
Para ler com um sorriso . . . . . *por Bennett Cerf* 5
Não é tão poderosa a bomba atômica
pelo Major A. P. de Seversky 7
Arranje tempo para pensar . . . *por Ernest Dimnet* 14
S. Francisco, Santo de toda a gente . *por D. C. Peattie* 17
Siga o seu palpite . . . . . *American Magazine* 23
Um governo mundial é o primeiro passo . *por E. Reves* 25
Apoteose de um médico humilde . *Milwaukee Journal* 33
Verdades e mentiras sobre os alimentos
Today's Woman 36
O tenor da voz de ouro . . . . . *por George Kent* 38
A multiplicação dos patos . . . . . *Maclean's* 43
O México se industrializa . . . . . *Pan American* 46
Sindicatos multimilionários . . . *American Mercury* 51
Hollywood descobre nova estrela . . . . . *Life* 54
Fracassos do governo militar na Alemanha
por F. Sondern, Jr. 57
Dois homens e uma matilha . . . *Southwest Review* 63
Não faz mal que os casais rusguem
por Evelyn M. Duvall e Reuben Hill 67
Fogo líquido para uso caseiro . . *por Frederick Tisdale* 70
Jorge Washington agricultor . . *Country Gentleman* 73
Uma república na escola . . . *Saturday Evening Post* 77
O melhor amigo do homem . . . . . *por Alan Devoe* 80
Contra os estragos da paralisia . . *por Paul de Kruif* 82
Precisam-se aviões de tarifas baratas . *Sat. Eve. Post* 87
"Deus e Trujillo" . . . . . *Inter-American* 89
Flagrantes da vida americana 95
Porque a Rússia não faz o mesmo? . *World-Telegram* 113
Seção de Livros — Casa-se o fazendeiro . . *por John Gould* 97

José de San Martín — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *terceira capa*

CMDPU-LB
1938

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr $3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr $30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 221, 3º andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IX, No. 52 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Maio de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba
Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest*: edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Bästa ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. IX, No. 52, May 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A. San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO IX
No. 52

MAIO
de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

AMANHÃ

PODEREMOS SER MAIS JOVENS

(*Condensado do «Ladies' Home Journal»*)

Por William L. Laurence

AS ESFERAS médicas, altamente ativas, da Rússia Soviética, chega a notícia dum soro novo e extraordinário, o ACS. Desde a descoberta da penicilina em 1941, nenhum outro medicamento despertou interesse tão grande. Composto pelo prof. Alexander A. Bogomolets, que dedicou mais de trinta anos ao estudo da velhice, tal soro é o primeiro que promete travar o processo degenerativo e as doenças crônicas que acompanham o homem ao dobrar da meia idade. Tal travão conserva a atividade física e mental por mais duas ou três décadas que a média atual, não só prolongando a duração, como aumentando a largura e a profundidade da vida. Mais uma fada está para entrar em ação na medicina. É que o soro já teve êxito no tratamento de milhares de doentes.

DURANTE os quinze anos em que veio escrevendo artigos sobre ciência para o «New York Times», William L. Laurence, detentor do prêmio Pulitzer por suas reportagens de excepcional mérito, teve oportunidade de explicar aos leigos muitos dos milagres realizados por químicos e físicos. Considera a descoberta narrada neste artigo como «mais importante para a humanidade do que a bomba atômica».

Qual é a duração natural da vida humana? Em regra o homem envelhece mais rapidamente do que deveria, em resultado de hábitos nocivos—tais como maus regimes alimentares, esforço exagerado do sistema nervoso, falta de descanço e outros fatores semelhantes. Verificou

Buffon, o grande naturalista francês, que a duração normal da vida dum animal está na proporção média de seis para um, em relação ao período do seu crescimento. Aplicando-se essa fórmula ao homem, Bogomolets concluiu que, continuando os ossos humanos em crescimento durante 20 a 25 anos, a duração média da vida deveria ser de 120 a 150 anos. Estudos realizados por outros cientistas, em setores completamente diversos, chegaram a conclusões idênticas. Segundo o prof. R. W. Gerard, fisiologista da Universidade de Chicago, «a verdadeira extensão da vida humana é quase o dobro da concepção bíblica de 70 anos.»

Constituem verdadeira odisséia da moderna ciência as experiências prolongadas de Bogomolets, não só para determinar as causas que levam o corpo humano a perder gradualmente a resistência às doenças, bem como para dominar essa perda. Com 60 ajudantes, ele realizou estudos clínicos em cerca de 30 mil indivíduos que tinham ultrapassado cem anos. Que faculdades especiais possuiam essas pessoas? Verificou que certo número parecia adquirir um «segundo fôlego» que se manifestava pela restauração da vista perdida ou decadente, pelo regresso do cabelo à côr primitiva e por forte resistência às doenças.

Descobriu-se uma colônia de supercentenários em Abcásia, no Mar Negro, perto da região bíblica onde viveram os Matusalens durante um período aproximado de dez séculos. Nessa estranha «Vila de Matusalens», 35 pessoas, entre as idades de 113 e 136 anos, encontravam-se na plena posse do seu vigor físico.

Em seus estudos, Bogomolets veio a interessar-se cada vez mais por essa vasta rede de tecido elástico do corpo, conhecido por «tecido conjuntivo», e que forma o revestimento interior e exterior dos orgãos. Como a sua função fosse considerada passiva, os biologistas pouca atenção lhe haviam prestado.

Bogomolets descobriu que as células do tecido conjuntivo em indivíduos de idade madura se encontravam invariavelmente em notavel estado de conservação. Outros estudos levaram-no à conclusão revolucionária de que a estrutura e condição das células do mesmo tecido—especialmente as células do chamado sistema retículo-endotelial (que se acha no baço, na medula óssea e em outros orgãos) —determina a resistência do organismo tanto à infecção como às transformações senís, tais como artério-esclerose, artritismo, degeneração do rim, pressão arterial elevada e até mesmo o cancer.

Outros fatos anteriormente comprovados por estudiosos serviram de ponto de apoio a suas investigações. Apesar de o sangue fornecer alimento às células e eliminar os seus refugos, as células dos vários orgãos não entram em contacto direto com o mesmo. A intercomunicação ocorre através das paredes de tubos capilares minúsculos que envolvem as células, paredes essas revestidas de tecido conjuntivo que atua como intermediário. É um sistema de transporte em dois sentidos, pelo qual a célula obtem a sua alimentação e elimina o seu refugo. Quando tal sistema fica obstruido, as células não se alimentam devidamente e fica impedida a eliminação.

Não foram só estas as descobertas notaveis a que chegou Bogomolets. Verificou, por exemplo, que esta parede de tecido conjuntivo entre o sangue e as células era o centro de energia da vida, do qual emanavam as atividades bioquímicas mais importantes para conservar o corpo jovem e para protegê-lo contra as moléstias. Era, em suma, a verdadeira «fonte de juventude» que regulava o processo básico do metabolismo. A resistência às doenças é, em grande parte, um processo químico.

Para substituir o conceito «O homem tem a idade das suas artérias», Bogomolets encontrou um rifão: «O homem tem a idade do seu tecido conjuntivo.» Os Matusalens do Cáucaso atingiam tão avançada idade porque conseguiam manter jovem, de qualquer forma, o seu tecido conjuntivo. E vice-versa, a maioria das pessoas envelhecia prematuramente devido à destruição gradual do mecanismo eliminador dos venenos que lentamente se acumulavam nas células do tecido de ligação.

Bogomolets pensou que, se fosse possivel encontrar qualquer meio de estimular a atividade do tecido conjuntivo, se alcançariam dois objetivos importantes duma só vez: o tecido de ligação estimulado tornar-se-ia suficientemente forte outra vez, para eliminar as suas próprias substâncias tóxicas; e o tecido rejuvenescido reassumiria o papel que desempenhava quando eram jovens tanto o tecido como o corpo. Viria de novo trazer alimento vital às células, defendê-las contra as infecções e, o mais importante, substituir novamente por substância viva e fresca as células mortas. Em suma, o estímulo do tecido conjuntivo rejuvenesceria o corpo inteiro.

Era apenas necessário, pensou Bogomolets, descobrir um soro para estimular os componentes mais ativos do sistema conjuntivo—isto é, os retículos ou células endoteliais. Após anos de trabalho, com o auxílio de 60 assistentes no Instituto de Biologia e Patologia Experimental de Quieve, preparou o soro conhecido por «anti-reticular-citotóxico», ou, resumidamente, ACS.

Os ensaios começaram em 1937, primeiro em animais, depois em pessoas. Estabeleceu-se uma clínica especial para tratar somente de doentes com mais de 50 anos de idade. O tratamento consistia em pequenas injeções de soro e um regime alimentar especial. A saude dos pacientes e a sua capacidade de trabalho melhoraram rapidamente. Em breve desapareceram as dores de cabeça, o reumatismo, a insônia. À medida que se iam aperfeiçoando os métodos de sua aplicação, obtinha-se defesa contra uma série de estados degenerativos que formam o coro da velhice.

Em 23 de junho de 1941, Bogomolets anunciou que o seu soro prolongador da vida atingira enfim a perfeição. Completava 60 anos naquele dia, mas declarou que estava longe de ser um velhote. «Pode parecer um paradoxo," disse, «porem um homem de 60 ou 70 anos é ainda jovem. Viveu metade, apenas, da sua vida natural. A velhice pode ser tratada tal como qualquer doença, porque aquilo que consideramos velhice normal é, de fato, um fenômeno anormal e prematuro.»

O soro foi posto à disposição de muitos hospitais, os quais informaram que o ACS era uma arma altamente promissora para evitar o reaparecimento do cancer após a sua extração cirúrgica, melhorar a artério-esclerose, fazer baixar a pressão arterial, as perturbações nervosas e mentais e outros estados mórbidos.

Bogomolets insiste em que o soro não é panacéia, nem mesmo cura para doenças específicas. Estimulando e regenerando, porem, as células do tecido conjuntivo, restitue ao corpo parte consideravel da resistência intrínseca que possuia quando jovem.

Em muitos dos principais laboratórios

dos Estados Unidos já se adotou o novo sistema, e estão em andamento pesquisas para desenvolver melhores processos de obtenção do soro. Hoje em dia é necessário utilizar as células retículo-endoteliais do baço e da medula de ossos humanos, extraidos de indivíduos jovens e saudaveis que morreram de desastre ou de doenças não infecciosas. O material aliás não pode ser usado para alem do período de 6 a 10 horas depois da morte.

Esse método apresenta muitas dificuldades. Felizmente nos Estados Unidos cultivam-se, perfeitamente, tecidos vivos de animais, inclusive do homem, em meios especiais, dentro de vasos de vidro. Com algumas modificações, a mesma técnica poderia ser aplicada à propagação de quantidades ilimitadas de células endoteliais humanas partindo duma minúscula «semente», de modo que o soro vitalizante de Bogomolets pode encontrar-se à disposição de toda a gente dentro, talvez, de dois a três anos.

Ajuste de contas

¶ No Ministério da Guerra em Londres estão contando a seguinte história, realmente uma das melhores da guerra:

Certo tenente fora promovido a capitão, e, por engano, a data da promoção, no «Diário Oficial» inglês, apareceu como sendo 1º de abril de 1041, em vez de 1941. À noite, após algumas horas agradaveis no refeitório, os outros oficiais convenceram o colega, de recente promoção, de que devia requerer soldo de capitão... retroativo. Fez-se o requerimento, rigorosamente em estilo, citando-se todos os parágrafos aplicaveis do Regulamento Militar de Sua Majestade. Isso feito, foram todos dormir. Na manhã seguinte, o jovem oficial se apercebeu, horrorizado, da sua ousadia da véspera, e temia as possiveis consequências. Seria condenado em corte marcial?

Passaram-se uns bons vinte dias antes que viesse o despacho oficial, assim redigido: «Examinado o requerimento do Tenente F..., em que pede lhe seja concedido, retroativamente, o soldo a que teria direito desde 1º de abril de 1041, verifica-se que o referido documento está em ordem. Assim sendo, creditou-se em sua conta a importância de £39.999. Parece, no entanto, que o requerente se esqueceu de um parágrafo no Regulamento de Sua Majestade, segundo o qual todo oficial em comando é responsavel, pessoalmente, por quaisquer armas ou cavalos perdidos em batalha por sua exclusiva negligência. Se o oficial é morto em campanha, essa responsabilidade passa ao oficial que lhe seja inferior hierárquico e que haja sobrevivido.

«O requerimento demonstra cabalmente que o Tenente F... é o único sobrevivente da Batalha de Hastings (no ano 1066 de era cristã), em que se perderam, por negligência, 20 mil cavalos, cujo valor se calcula em £2 por cabeça. Cabe ao requerente, pois, responsabilidade exclusiva pela perda desses animais, cujo valor importa no total de £40.000. Foi, pois, ajustada a sua conta, de maneira que o requerente deve aos cofres públicos a importância de £1.»

—Marcia Winn, no *Tribune* de Chicago

Para ler com um sorriso

(*Excertos do livro «Laughing Stock», de Bennett Cerf, edição de Grosset & Dunlap*)

Lord Halifax, num banquete em Washington, divertiu os convivas com a história de um cargueiro que, levando passageiros de várias nacionalidades, aportou a uma idílica ilhota na Polinésia.

Não tardou que o pequeno pedaço de terra se transformasse em verdadeira colméia; todos trabalhavam ativamente. Os passageiros alemães, arregimentando os naturais do lugar, fizeram deles um exército. Os americanos abriram um empório que era tambem agência de vendas de automoveis. Os australianos abriram uma pista para corridas de cavalos; os franceses inauguraram um restaurante. Enquanto os escoceses financiavam essas iniciativas todas, os dois ingleses permaneciam inativos, a um canto, esperando que alguem os apresentasse aos outros...

Um capitão e um tenente do exército americano estavam jantando num restaurante de alta freguesia e altos preços, quando entrou um cabo, acompanhado de uma moça belíssima. O capitão, bastante suscetivel a tais encantos, pediu ao garçon que entregasse ao cabo um recadinho escrito, nestes termos: «O tenente, formado pela universidade X, e eu, ex-aluno da Academia Y, apostamos que somos capazes de adivinhar qual a faculdade onde o cabo se diplomou. Dá licença que nos aproximemos para verificar se temos razão?»

Veio logo a resposta: «Não se incomodem, cavalheiros. Tenho diploma do Instituto Americano de Ornitologia, e pretendo classificar, eu próprio, este pombinho.»

No escritório, o chefe voltara do almoço com muito bom humor, e, chamando alguns empregados, passou a contar-lhes uma série de piadas que ouvira. Todos riram a bandeiras despregadas, à exceção de uma das moças.

—E você? rosnou o chefe. —Não gosta de anedotas?

—Gosto, sim, disse ela. —Mas é que eu vou mesmo deixar o emprego na sexta-feira e não tenho obrigação de achar graça...

Conta-se uma anedota interessante sobre o início da carreira de um grande magnata da indústria da publicidade nos Estados Unidos. Segundo consta, estava ele um dia num restaurante quando ouviu um cavalheiro, sentado a uma mesa próxima, dizer a alguem: —O *schnauzer* de estimação de minha mulher morreu ontem. Eu era capaz de dar 200 dólares por outro *schnauzer*, que fosse de puro sangue.

O futuro magnata dos anúncios pulou então de sua cadeira e tocou no ombro do outro. —Eu tenho um *schnauzer* para vender, declarou. —Mas só por $250.

—Está muito caro! observou o estranho. —Enfim, como é para minha mulher, está feito o negócio.

O espertalhão voltou para a sua mesa com um sorriso nos lábios, dizendo:

—Ótimo! Agora só me resta descobrir o que é um *schnauzer*...

DARRYL SELZNICK, produtor de filmes de cinema, procurava, há tempos, um bom enredo para uma nova fita, tendo mesmo chegado ao extremo de dar ouvidos a qualquer pessoa que lhe oferecesse uma história. Certo dia, levaram-lhe um jovem dramaturgo, inteiramente desconhecido. —Então o sr. escreveu uma peça para o cinema? disse-lhe Selznick, com um gesto amistoso. —Vamos, leia-a para mim.

O escritor, que infelizmente era muito gago, não esperava por essa. Enfim, como se tratasse de uma oportunidade irrecusavel, dispôs-se a ler o que escrevera. Ao terminar a leitura, Selznick chamou sua secretária, dizendo-lhe:

—Prepare logo um contrato para esse rapaz! Ele descobriu um ótimo achado: imagine que na peça dele todos os personagens gaguejam!

ESTA, apesar de velha, pode ser repetida sem enfado. Uma senhora, vendo num jornal o anúncio de um cachorro policial, puro sangue, achou o preço razoavel e candidatou-se à compra. Escreveu ao anunciante, e este foi pessoalmente levar-lhe o animal. A futura compradora, examinando-o, verificou tratar-se de um bicho feíssimo, sem qualquer aspecto de cão de raça. —Ora esta! protestou. —O sr. tem a coragem de dizer que esse vira-lata é policial puro-sangue?

O vendedor, chamando-a de lado, com um dedo nos lábios, murmurou: —Psiu! Ele é puro-sangue, sim senhora. Só que é da polícia secreta...

NA PRAIA, um banhista deixou a esposa só, durante alguns minutos, enquanto ia comprar cigarros, e ao voltar viu um grupo de pessoas agitadas, à beira do mar. —Que foi? perguntou a um guarda-civil. —É uma mulher que ia se afogando... foi a resposta. O homem investigou e descobriu que se tratava da esposa dele. Correndo até lá, afobado, gritou: —Que é que vocês estão fazendo com ela? —Estamos dando respiração artificial, disseram-lhe. —Artificial? Que absurdo! Podem dar a genuina, que eu pago!

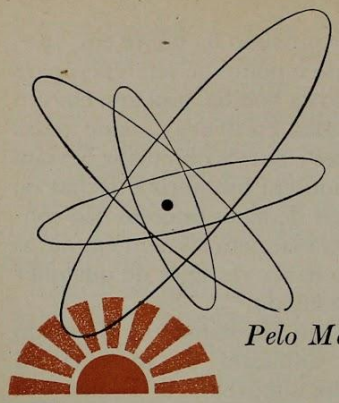
NO RESTAURANTE, a moça, pintada em excesso, chamou o garçon, perguntando-lhe: —Aquele alí adiante é o Clark Gable, não é? Era, sim. —Pois olhe, ele está me incomodando. —Incomodando a senhora? O garçon protestou: —Mas se ele nem olhou para o seu lado! —Por isso mesmo! exclamou ela.

O RAPAZ, sem experiência alguma, conseguiu emprego num banco, e logo no primeiro dia o caixa lhe entregou um maço de notas para contar. —Veja se estão cem notas aí, por favor. O novato iniciou a contagem, e andava pelo número 58 quando, atirando o maço na gaveta, declarou em tom enfático: —Se está certo até 58, com certeza está certo até o fim...

¶ Só AS MULHERES são capazes de pôr, num único olhar, amor e crítica ao mesmo tempo.

—Maurice Hewlett

Aguda polêmica no campo da fantasia!



Não é tão poderosa a bomba atômica

Pelo Major Alexander P. de Seversky

Autor de «A vitória pela força aérea»

PASSEI QUASE oito meses na Europa e na Ásia, estudando intensamente, como consultor especial do Ministro da Guerra dos Estados Unidos, Robert P. Patterson, os efeitos destruidores da guerra. Estou inteiramente familiarizado com todos os tipos de ruinas, causadas pelos altos explosivos, bombas incendiárias, granadas de artilharia, dinamite, ou qualquer de suas combinações.

Durante esse estudo visitei Hiroxima e Nagasaqui, objetivo das duas bombas atômicas, examinei as ruinas, interroguei testemunhas e tirei centenas de fotografias.

Minha opinião, tal como a transmití aos correspondentes de guerra em Tóquio, é que o efeito das bombas atômicas —*não das bombas futuras, mas dessas duas que foram lançadas*—havia sido consideravelmente exagerado. Se se lançasse uma de tais bombas sobre Nova York ou Chicago, ela não infligiria maiores prejuizos do que os causados por uma superbomba de dez toneladas; e se admitirmos que o número de japoneses mortos teria sido menor, os resultados obtidos em Hiroxima e Nagasaqui podiam ter sido alcançados por cerca de 200 B-29, carregados com bombas incendiárias.

Quando fiz estas declarações não pretendí de modo nenhum «depreciar» as bombas atômicas ou menosprezar o seu valor futuro. Somente transmití as conclusões de meu inquérito sobre os resultados materiais das duas bombas, conclusões essas aliás, por singular acaso, em franca oposição com as versões fabulosas sobre tais consequências, veiculadas pela opinião mundial desvairada.

As minhas conclusões foram alvo de ataques furiosos, desencadeados por pessoas de todas as profissões, na imprensa, no rádio e em discussões públicas, e, inclusive, pelos próprios cientistas, que nunca estiveram a menos de oito mil quilômetros de Hiroxima. Contudo, a violência desta reação não consegue alterar o valor das provas visiveis naquelas duas cidades japonesas.

COMECEI meus estudos no Japão, voando sobre Iocoama, Nagóia, Osaca, Cobe e mais algumas dezenas de cidades, que mais tarde percorrí cuidadosamente. Todas apresentavam as mesmas caraterísticas.

As zonas destruidas pelas chamas pareciam côr de rosa, devido à mistura das montanhas de cinza com o metal enferru-

jado. Os edifícios modernos e as fábricas continuavam de pé, e a circunstância de muitos deles estarem queimados não era visivel do espaço. O centro de Iocoama, por exemplo, parecia intacto quando visto do avião, e a extensa faixa industrial que se prolonga desde Osaca até Cobe havia sido destruida inteiramente pelas chamas, mas as fábricas e as outras construções de concreto permaneciam eretas. O conjunto era muito diferente daquilo que tinha presenciado nas cidades alemãs, arrasadas pelas bombas de demolição. A diferença resultava do fato de a destruição no Japão ter sido efetuada principalmente por meios incendiários, que causam relativamente poucos prejuizos nos objetivos incombustiveis.

Quando vi Hiroxima ia preparado para um espetáculo diverso, mas com grande surpresa minha, a cidade tinha exatamente o mesmo aspecto dos outros centros japoneses destruidos pelas chamas.

Vi imediatamente a mesma mancha rosada, com cerca de cinco quilômetros de diâmetro, salpicada com árvores e postes telefônicos carbonizados. Somente uma das vinte pontes havia sido destruida e os grupos de edifícios modernos, na parte baixa da cidade, continuavam em pé.

Tornava-se evidente que a explosão não podia, de modo nenhum, ter sido tão violenta como se havia insinuado. Suas consequências tinham sido maiores em *extensão* do que em *potência*.

A meus ouvidos tinham chegado histórias de edifícios devorados instantaneamente por um calor sem precedente, mas a verdade é que vi construções intactas e, inclusive, edifícios cujos telhados ostentavam mastros, hastes de pararaios, balaustradas, sereias da defesa antiaérea e outros objetos relativamente frageis, poupados pelas chamas.

Ao chegar próximo da ponte em «T», que tinha sido o ponto de referência para o lançamento da bomba, procurei em vão a famosa «zona escalvada», onde todas as construções e outros objetos se deviam ter vaporizado em um abrir e fechar de olhos. Apesar de meus esforços não conseguí encontrá-la, nem alí nem em outro ponto. Não havia vestígios de qualquer fenômeno desusado.

O que vi em Hiroxima era, de modo geral, uma duplicata de Iocoama ou Osaca, ou dos subúrbios de Tóquio—os restos de uma zona mais ou menos extensa, coberta com destroços dos edifícios de madeira ou tijolo, devorados pelas chamas de um incêndio implacavel. Vi em toda parte troncos carbonizados, árvores sem folhas, e traves de madeira, umas queimadas e outras intactas. As chamas tinham atingido a temperatura suficiente para dobrar e torcer vigas de aço e para fundir o vidro, enquanto se propagavam como lava, *exatamente como nas outras cidades japonesas*.

As construções de concreto mais próximas do centro da explosão, algumas somente a alguns quarteirões do ponto em que a bomba caiu, não apresentavam vestígios de danos exteriores. Até as próprias cornijas, dosséis e outras decorações semelhantes estavam intactas. As janelas não tinham vidros, mas os caixilhos inteiriços permaneciam no seu lugar; apenas os construidos de duas ou mais peças haviam sido torcidos ou despedaçados. Tudo isso revelava que a violência da explosão não tinha ultrapassado os limites habituais.

Mais tarde interroguei grande número de pessoas que estavam dentro desses edifícios quando a bomba explodiu. Suas descrições coincidiam com as que ouvira a outras pessoas colhidas de surpresa em edifícios de concreto, durante a explosão

de super-bombas. O edifício da imprensa de Hiroxima, com seus dez andares, a cerca de três quarteirões do centro da explosão, foi severamente danificado pelo incêndio que sucedeu à explosão, mas não revelava outros indícios do que se tinha passado, e as pessoas que estavam dentro dele não foram afetadas de maneira especial.

A explosão arrancou a maior parte dos vidros das janelas do hospital de Hiroxima, a cerca de um quilômetro e meio do centro da explosão; contudo, como não havia edifícios de madeira nas proximidades, o edifício escapou às chamas, e os doentes e pessoal hospitalar não foram prejudicados seriamente pela explosão. Os efeitos, em geral, foram análogos aos de uma bomba de TNT a distância.

O número de mortos, a destruição e o horror de Hiroxima foram tão grandes como se anunciaram. Mas a *forma material* dos prejuizos não assumiu feições únicas, e a explosão, e o calor que desenvolveu, não foram de modo nenhum tão terriveis como se supôs.

Em Nagasaqui, os edifícios de concreto foram invadidos pelas chamas, porem continuaram em pé.

Toda a parte baixa da cidade, apesar de construida principalmente de madeira, sobreviveu à explosão, quase sem prejuizos. Atribuiu-se o fato à circunstância de ter sido protegida pelas montanhas que a separam do ponto em que a bomba caiu. Todavia, outra parte de Nagasaqui, em linha reta do centro da explosão, não havendo obstáculos intermediários, tambem escapou sem grandes danos. A verdade é que, quando a explosão atingiu essa zona, seus efeitos tinham-se quase dissipado totalmente. Poucas foram as casas que ruiram e nenhuma se incendiou.

Tem-se atribuido à bomba atômica toda a destruição sofrida por Nagasaqui. Contudo, a cidade tinha sido bombardeada com violência seis dias antes e a famosa fábrica Mitsubishi havia sofrido graves prejuizos, causados por oito impactos diretos com bombas de alto explosivo.

Que teria sucedido realmente em Hiroxima e Nagasaqui? Há poucos indícios de um incêndio primário, isto é, de um incêndio provocado pelo próprio calor da explosão. A bomba, provavelmente, explodiu muito acima do terreno para produzir tal consequência. Se é verdade que a temperatura na zona de explosão de uma bomba atômica é excepcionalmente elevada (e os efeitos da explosão no Novo México parecem confirmá-lo), então o calor deve ter-se dissipado no espaço e Hiroxima foi somente atingida pelo sopro da explosão.

Foi como se um peso gigantesco, com cinco quilômetros de diâmetro, tivesse desabado sobre uma cidade de barracas, casas de madeira podre e edifícios primitivos de tijolo. A explosão *achatou* tudo isso com um só golpe e, possivelmente, sepultou 200 mil pessoas nos escombros. Seu efeito, porem, foi ampliado pela fragilidade incrivel da maior parte das construções japonesas, edificadas com madeiras podres e roidos pelo cupim e desequilibradas pelo peso excessivo dos telhados.

As ripas de madeira ficaram amontoadas como achas de lenha junto da lareira, e os incêndios que eclodiram em vários pontos ao mesmo tempo, causados por curto-circuitos, candieiros de querosene, fogões derrubados e canos de gás quebrados, encontraram presa facil. Toda a área se converteu em gigantesca fogueira.

Nos ataques com bombas incendiárias,

o povo tem probabilidades de escapar, fugindo para as ruas e praças públicas e para os rios; mas a maioria dos habitantes de Hiroxima não teve tal possibilidade. Muitos milhares de pessoas devem ter sido esmagadas no primeiro momento, pelo desabamento das paredes e telhados, e as restantes foram colhidas pelo inferno das chamas. Calcula-se que tenham morrido queimadas cerca de 60 mil pessoas.

Os que conseguiram escapar correram para as pontes e há razões para crer que a única ponte destruida quebrou sob o peso da multidão desvairada, apesar de haver quem diga que tambem ela foi esmagada pela bomba. Nas outras pontes, a multidão inconciente derrubou as balaustradas e corrimãos, fazendo com que se afogassem milhares de pessoas. Contra o que se disse, as balaustradas não foram destruidas pela explosão da bomba.

O que causou a destruição de Hiroxima e Nagasaqui e produziu tão horrivel morticínio, foi somente o fogo.

As vítimas não morreram imediatamente, consumidas por qualquer espécie de dissociação atômica; morreram como morrem as pessoas queimadas em um incêndio. Tambem é possivel que a violência da explosão tivesse sido suficiente para causar lesões internas nos que se achavam próximo do centro da explosão, especialmente lesões pulmonares, que constituem um dos efeitos comuns das bombas de alto explosivo.

É provavel que a radioatividade tivesse provocado algumas mortes. Diversas pessoas com quem falei tinham conhecimento de queimaduras e intoxicações pelo rádio, mas não conseguí obter confirmação direta. Os médicos e enfermeiras dos hospitais que visitei, apesar de terem ouvido falar de tais casos, não haviam cuidado de doentes desse tipo, e o pessoal do corpo de bombeiros e da Cruz Vermelha, os primeiros a comparecer no local da explosão, afirmaram não ter conhecimento direto de quaisquer manifestações autênticas de radioatividade.

Foram esses os fatos que verifiquei, e creio que são suficientemente trágicos para dispensarem complementos ou comentários pseudo-científicos. Alem disso, há outras pessoas que partilham da mesma opinião. Em geral, os observadores científicos que estudaram os efeitos da bomba no próprio local da explosão, defendem ponto de vista idêntico. A verdade insofismavel é que não houve materiais vaporizados pelo calor atômico, pois se o aço se tivesse vaporizado tambem teria sucedido o mesmo à madeira, e os destroços estavam cheios de vigas e pedaços de madeira intactos. Nenhuma das duas cidades apresentava zonas escalvadas, semelhantes à que resultou da experiência no Novo México; ao contrário, em qualquer delas abundavam os troncos de árvores e as paredes cobertas com trepadeiras, desmentindo destarte os que afirmavam ter-se gerado um super-calor atômico.

Quanto mais minuciosamente analiso minhas observações, mais me convenço de que as mesmas bombas, lançadas sobre Nova York, Chicago, Pitsburgo ou Detroit, não teriam causado maior número de mortos do que uma super-bomba explosiva, com a diferença de que os prejuizos materiais teriam ficado limitados à destruição dos vidros dos edifícios, em uma área mais ou menos vasta. É fato que as bombas parecem ter rebentado muito acima do solo, e é provavel que na hipótese contrária os efeitos do calor atômico houvessem sido impressionantes. Todavia, se isso tivesse sucedido, a área da explosão propriamente dita ficaria limitada e, portanto, a destruição não seria tão grande.

Três cientistas da Universidade de Chicago atacaram-me vigorosamente por ter afirmado que 200 B-29, carregados com bombas incendiárias, podiam ter causado idêntica destruição, e acentuaram que «se 200 B-29, carregados com bombas vulgares, podiam ter arrasado Hiroxima da mesma maneira que a bomba atômica a arrasou, o mesmo número de aviões, transportando bombas atômicas, seria capaz, é claro, de destruir totalmente 200 cidades.»

Tais peritos esquecem somente um detalhe: *que as 200 cidades tinham que ser tão frageis ou mal construidas como Hiroxima*. Em uma cidade com edifícios de concreto, seria necessário acrescentar bombas de alto explosivo para alcançar os mesmos resultados. A bomba atômica lançada sobre Hiroxima correspondeu a 200 B-29, mas em Nova York ou Chicago haveria que lançar outro tipo de bomba atômica, regulada para explodir de maneira diferente, para conseguir que seus efeitos equivalessem aos de *um único* B-29 carregado com bombas de alto explosivo.

Considero errôneo afirmar que qualquer das bombas atômicas usadas no Japão era «vinte mil vezes mais potente» que uma super-bomba de T.N.T. É possivel que a afirmação seja verdadeira, do ponto de vista da energia desenvolvida. O que nos interessa contudo não é o volume de energia libertada no espaço, mas somente a parte que provoca a destruição do objetivo. De acordo com isto, a cifra de vinte mil fica reduzida imediatamente a 200, para uma cidade como Hiroxima, e a *um*, ou menos, para um objetivo como Nova York.

Todavia, a comparação da bomba atômica com uma bomba de T.N.T., na fase de desenvolvimento científico atual, equivale a comparar um maçarico de soldar com uma perfuratriz pneumática. Tudo depende do fim em vista: queimar uma cerca de madeira, ou demolir uma parede de concreto. O máximo que podemos afirmar, com segurança absoluta, é que a bomba atômica demonstrou a sua superioridade indiscutivel como meio de destruição de uma cidade fragil e extremamente inflamavel. Constituiu exemplo da aplicação de um método adequado, contra um objetivo adequado, na oportunidade mais conveniente para produzir o máximo efeito. Os que decidiram a aplicação da bomba em tais condições táticas, merecem cumprimentos.

Afirmou-se que a bomba lançada sobre Nagasaqui era muitas vezes mais potente que a de Hiroxima. Todavia, os prejuizos causados em Nagasaqui foram muito menores. Enquanto nesta última cidade somente foram destruidos 2,5 quilômetros quadrados, a área destruida em Hiroxima elevou-se a 11 quilômetros quadrados. Noutras palavras, a eficiência da bomba aperfeiçoada não excedeu a quarta parte da primeira bomba!

Surgiram várias teorias para explicar esta incongruência, mas ninguem sabe qual foi a verdadeira razão. Em todas as teorias se acentua o fato de que são necessários outros fatores alem do aumento de tamanho da bomba, para produzir maiores efeitos sobre o alvo. Certamente se descobrirá no futuro o método para dar a máxima eficiência às bombas atômicas e para evitar a dissipação da sua energia no espaço, encaminhando-a para o objetivo.

A declaração dos três cientistas de Chicago chamou a minha atenção para a cir-

cunstância de «as bombas lançadas sobre o Japão terem sido as primeiras que se fabricaram, e não passarem de simples foguetes ao lado das que se produzirão dentro de vinte anos».

Ora, o ponto que pretendo acentuar é precisamente este: as bombas atômicas ainda estão na sua fase primitiva. A humanidade atingiu um estado de quase histeria com seus primeiros efeitos, e a fantasia dos que as discutem não conhece limites. Há quem afirme que as nações deviam abandonar todos os outros tipos de defesa, e os que pensam deste modo prevêm a existência de grupos de suicidas, disfarçados com barbas postiças, capazes de transportar bombas atômicas em suas malas e de reduzir a migalhas qualquer país. Semelhante perspectiva é sem dúvida empolgante, mas é uma base demasiado perigosa para orientar as idéias de qualquer nação.

Um dos pontos mais discutidos, sem qualquer conhecimento de causa, tem sido o do tamanho das bombas atômicas. Como é que há tantas pessoas capazes de afirmar que elas não pesam mais que «tantos gramas» ou «tantos quilos»? Acaso se teriam esquecido de que o avião escolhido para transportar as bombas não foi um avião de caça, mas o maior avião de bombardeio jamais construido?

A histeria atômica foi extremamente favorecida por um conjunto de circunstâncias. Em primeiro lugar, os japoneses tinham motivos poderosos para divulgar as versões mais exageradas. A bomba atômica constituia a melhor desculpa para a capitulação e, uma vez lançada, permitiu afirmar que a derrota havia sido causada por uma força quase sobrenatural.

Por outro lado, a bomba tambem serviu de desculpa para os líderes militares dos Estados Unidos, preocupados pela idéia da invasão, para os quais não podia haver vitória sem que o exército japonês fosse derrotado no campo de batalha, pela maneira tradicional. A arma aérea estava vencendo o Japão, mas apesar disto estou convencido de que teríamos recorrido à invasão, e pago o preço trágico e inutil em vidas humanas. A cadência das idéias era demasiado rápida para que fosse possivel suspender a sua marcha.

A bomba atômica, porem, teve o condão de libertar toda a gente de seus compromissos. O pesadelo da invasão desfez-se e o milagre deve ter salvo cerca de meio milhão de americanos e vários milhões de japoneses. Apesar dos episódios de Hiroxima e Nagasaqui *terem acrescentado menos de três por cento* à devastação material que já tinha caido sobre o Japão, seu valor psicológico foi incalculavel, tanto para vencidos como para vencedores.

A bomba atômica tambem serviu os propósitos dos propagandistas. Para os isolacionistas, por exemplo, ela constituiu a prova de que podia ser abandonado o resto do mundo a seus problemas, uma vez que a liderança dos Estados Unidos no capítulo da energia atômica e a sua perícia técnica garantiam a segurança do país. Os internacionalistas, por outro lado, tentaram intimidar a nação, afirmando que não há monopólios no domínio da ciência. Qualquer país podia fabricar bombas atômicas e os Estados Unidos acabariam por ser destruidos, se não estivessem dispostos a colaborar com as outras nações.

Pertenço ao número dos que lutaram contra a inércia na expansão da arma aérea e, portanto, é com prazer que registro o interesse do público no problema da energia atômica e que verifico como desta vez estamos planejando para o futuro. Mas ainda assim não encontro justificação para os exageros frenéticos que paralisam a inteligência. A verdadeira segurança reside precisamente na possibilidade de confrontar a verdade com sangue-frio.

Sugiro, por isso, que se readquira a calma, suspendendo por algum tempo todas as especulações sobre a energia atômica.

Estou bem longe de negar que a sua descoberta injeta um elemento vital, e talvez revolucionário, na ciência militar e nas relações entre os paises; mas não acredito que a revolução já tenha ocorrido, nem admito que seja necessário substituir as faculdades normais pela histeria atômica. Seja qual for a nossa decisão, devemos tomá-la com calma, com lógica e, acima de tudo, sem violar fatos comprovados.

Lidando com o público

¶ Em Cleveland, numa hora de grande movimento, dois motoristas tentaram estacionar seus carros, ao mesmo tempo, na última «vaga» existente, perto da calçada de uma rua. Na corrida, os automoveis se chocaram, com prejuizos para os parachoques de ambos. Abriram-se portas e os donos puseram-se a trocar palavras inflamadas.

Aproximou-se um guarda-civil que, com as mãos nas cadeiras, assistia placidamente ao debate. Quando um dos choferes, mais violento, quis chegar a vias de fato, e já erguera o pulso, o policial interveio, dizendo:

—Isso tudo é porque os dois querem a mesma vaga?

—Justamente.

—Pois então, vamos tirar a sorte. Cara ou coroa? perguntou o polícia, tirando uma moeda do bolso. Um deles respondeu: —Cara! E o guarda declarou-o vencedor. O vencido, sorridente, acenou com a mão para o paisano e o policial, e afastou-se, em busca de outra «vaga»...

—Geoffrey Landesman

¶ Os cães de caça de certa propriedade, nos Estados Unidos, têm como vigia um desses macacos que acompanham os tocadores de realejo. O símio naturalmente não acompanha os cães à caça, mas espera pela sua volta aos canís e passa-lhes em revista o pelo, para ver se têm algo aí metido. É capaz de separar dois cães que brigam, com tanta agilidade quanto um homem; consegue-o saltando às costas dos animais e sacudindo-os. Alem disso, vai a todas as casinholas dos canís, quando o caçador chama os cães, para averiguar se todos atenderam ao chamado.

—*New Yorker*

É um prazer cultivar a capacidade mental, para vê-la frutificar

Arranje tempo para pensar

(Condensado do livro «The Art of Thinking»)

Pelo abade Ernest Dimnet

A COVARDIA mental ou a preguiça transforma a maioria das pessoas num bando de carneiros. Basta ver que o mundo presente vive a remoer frases que se repetem incessantemente, até que surge alguem com capacidade de pensar—e zás!—abre uma brecha no rijo paredão do conformismo geral.

Quando um tópico de conversação ou de leitura nos enjoa, por estar acima do nivel das nossas predileções ou pequenas ojerizas, é prova de que não sabemos pensar. Se, encontrando num livro ou num jornal, um ponto que requer certas investigações ou ao menos alguma meditação sobre os fatos ou pensamentos nele expostos, e não o fazemos logo, mas, entre bocejos, entediados, vamos nos ocupar de outra coisa, é prova tambem de que temos preguiça de ligar dois pensamentos. Se nos sobrevem cansaço e aborrecimento quando começamos a refletir sobre dado assunto, é que não somos capazes de pensar. Devemos, logo que o notamos, lutar contra essa passividade. Às crianças, na escola, é mister dar exercícios mentais, para desenvolver nelas o hábito de pensar.

Mais de uma vez tenho querido adotar a máxima de Schopenhauer, que diz: «Não leia; pense!»—ou transformá-la na seguinte: *Nunca leia, estude sempre.* Seria isso um conselho demasiado austero? Cremos que não, porque de fato não devemos estudar nada que não nos interesse, e o estudo, como logo se vê, é a maneira mais agradavel de extrairmos a determinado assunto ou material o conhecimento que mais desejamos. Quando lemos algo com intensa curiosidade, devíamos tirar disso exemplo de como sempre devíamos ler.

É óbvia a necessidade de estabelecer certa diferença entre o que lemos como diversão, ou em busca de dados informativos, e aquilo que lemos para a nossa formação e desenvolvimento espiritual. Mas, seja o que for que leiamos, devemos primeiro compreender, e, compreendido o que lemos, criticá-lo. Outrossim, é aconselhavel desenvolver a capacidade de formar opinião própria sobre certa ordem de idéias, um poema, uma doutrina ou uma obra de arte, vendo o que temos em mente de maneira clara, e expressá-lo da melhor forma possivel, pois a crítica e o juizo são sinônimos de pensamento.

As pessoas cultas procuram sempre certas relações entre as idéias ou entre os fatos, e nunca contemplam uma coisa sem estabelecer um confronto mental

O ABADE ERNEST DIMNET, Vigário da Catedral de Cambrai, tornou-se conhecido, no mundo inteiro, como autor do livro «A Arte de Pensar». Nasceu em Trelon, na França, perto da fronteira belga, em 1869. Simplicidade extrema, espírito sereno, desapego ao mundo—aliado a sólido conhecimento dos homens,— tolerância bem-humorada e probidade sem mancha, eis aí as principais caraterísticas desse sacerdote, homem erudito e escritor.

com outras, dentro ou fora do raio de sua mirada aferidora. E que significa isso, senão *pensamento?* E no entanto, essa é uma maneira de pensar que está ao alcance de grande número de pessoas.

O importante, para quem deseje desenvolver sua capacidade mental, é não se apegar ao trivial das coisas, mas, ao contrário, saturar-se de todo o conhecimento possivel; estudem-se e computem-se os fatos e informes, e os pensamentos originais ir-se-ão formando normalmente. Em regra geral, o objeto da reflexão é sem dúvida descobrir alguma coisa que satisfaça a curiosidade mental e que não se achava presente no começo do estudo.

Os fatos são apenas incentivos para o pensamento. Os pensamentos propriamente ditos, isto é, os relâmpagos que iluminam a mente na presença de fatos interessantes, devem ser preservados cuidadosamente. Não procurar reter ou entesourar o que pensamos e aprendemos, é uma imprudência tão grave como a de alguem que, com grande trabalho, lavrasse um campo de boa lavoura, e, ao chegar o tempo de colheita, deixasse os frutos a apodrecer no solo, em vez de colhê-los, voltando as costas ao resultado do seu labor.

Uma fórmula que nunca deixou de auxiliar a atividade mental dos homens de pensamento é o bem conhecido preceito: «*Não leia bons livros*—pois a vida é demasiado curta para isso;—*leia apenas os melhores livros!* E, entre os melhores, *dê preferência àqueles que lhe proporcionem maior prazer.* O contacto com os bons livros, com os grandes homens, grandes problemas e doutrinas, e com os grandes fatos e suas consequências, tem que dar por força, como resultado, grandes pensamentos. E quanto mais atarefados estivermos, tanto mais severa deve ser a escolha das nossas leituras. Muitos cavalheiros, absorvidos por grandes negócios, revelam surpreendente capacidade e interesse pelas coisas da cultura. O motivo disso deve radicar-se no fato de que o trabalho—e até o cansaço por ele produzido—nobilitam o espírito, mesmo porque os homens desse tipo não podem ocupar a mente com assuntos de somenos.

Dirá o leitor que não dispõe de tempo para tais cogitações. Mas, será sincero nessa afirmativa, ou estará a repetir o que todo o mundo diz? Não dispõe mesmo de tempo? Examine sua conciência e responda. Não conseguiria um *tempinho* —não dizemos tirado ao seu trabalho, exercícios, trato da família e dos amigos —mas extraido aos seus prazeres, que na realidade não lhe dão grande satisfação? Por exemplo, tempo tomado às conversas vazias no clube, aos teatros e peças inócuas, a visitas sem necessidade...

Já aprendeu o leitor, por exemplo, a juntar e guardar os fragmentos de tempo, para que se não desperdicem?

A esposa de certo cavalheiro de Lamoignons tinha por hábito fazê-lo esperar alguns minutos todos os dias, antes de pôr o jantar. Observando essa periódica demora, ocorreu ao marido que nesse lapso de tempo ele poderia escrever oito ou dez linhas todas as tardes, enquanto esperava, e proveu-se de papel e tinta para essa tarefa. Pois bem, no correr dos tempos—(e os anos são curtos; longos são os minutos de espera...)—ele conseguiu reunir vários volumes de meditações espirituais muito apreciaveis.

Que faz o leitor nos trens, ônibus e taxis? Se nesse tempo não realiza alguma coisa, que lhe dê contentamento, mas, ao contrário, sente-se impaciente, agitado, a culpa é sua. A humanidade pode ser dividida em duas partes: a grande enormidade de gente, que vive aborrecida e

cansada de esperar, e um punhado de pessoas realmente felizes, que adoram a vida, porque ela lhes dá motivo e tempo para pensar.

Nada mais certo e estimulante para as pessoas dotadas da faculdade de agir e tambem, às vezes, de cair nos braços da benfazeja preguiça, do que aquele dito dos gregos:—*Começar, é a metade do empreendimento...* Mesmo as pessoas mais ocupadas sempre acham tempo para tudo.

Por outro lado, quem dispõe de uma imensidade de tempo, em geral não têm tempo para nada...

Sir Basil Zaharoff

¶ «Há uma única página da minha vida que eu desejo recordar,» disse Sir Basil Zaharoff, mostrando-me o retrato de sua esposa. «Gostaria de saber como foi que a conheci? Foi nas escadas do Palacio do Escurial, perto de Madrid. Notei uma moça que se achava um pouco adiante. Nunca tinha visto uma face tão bela e tão triste, como a daquela jovem desconhecida. Achava-se acompanhada por um homem que levava muitas ordens ao peito, e observei que o povo abria caminho para que ele passase. De repente, o homem toma a jovem por um braço, apertando-o brutalmente; ela soltou um pequeno grito, e, antes que eu compreendesse o que estava fazendo, esmurrei-o no rosto. Era nada menos do que Dom Francisco de Bourbon, Duque de Marchena, primo do Rei da Espanha! E a jovem que o acompanhava era a sua esposa, que tinha somente 19 anos de idade. Imagine o escândalo! No dia seguinte houve um duelo—e eu saí ferido.

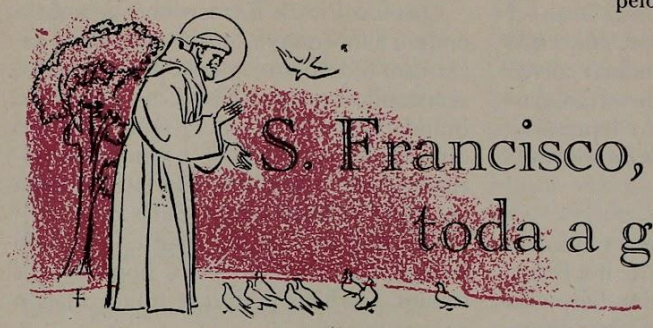
Já me achava no hospital uns quinze dias, quando uma dama foi visitar-me. Não quis revelar o seu nome, e achava-se coberta de pesados véus—mas eu a conheceria em qualquer lugar. Foi muito bondosa, e muito serena—mas me disse que ela e seu marido partiam de viagem aquela noite. Conseguí, a peso de ouro, sair do hospital e chegar ao trem, e enchí a sua cabine de flores. Pude falar com ela, enquanto o Duque estava ocupado, e depois disso minhas flores a esperavam em toda parte. Amamo-nos durante 30 anos, até que pudemos casar-nos, quando o Duque faleceu. Fomos felizes, demasiado felizes talvez...» Sir Basil Zaharoff calou-se. A Duquesa somente viveu 18 meses, depois do seu segundo casamento.

—Rosita Forbes em *These Men I Knew* (Dutton, ed.)

¶ O grande segredo dos casamentos felizes consiste em tratar todos os desastres como se fossem meros incidentes, e cada incidente como se fosse um desastre.

—Harold Nicolson

A homenagem de um naturalista e protestante a um santo da Igreja Católica admirado pelos homens de todos os credos



S. Francisco, Santo de toda a gente

Por Donald Culross Peattie

Há sete séculos, em uma cidadezinha montanhosa da Itália, nasceu um dos maiores espíritos que já existiram neste planeta. Até hoje, ainda é amigo de todos nós, e o evangelho que pregou conserva toda a sua força e verdade. Enquanto outros santos nos assombram por sua virtude sobrehumana, S. Francisco de Assís é humano e puro como uma criança bonita. Chamavam-no *il Poverello* (O Pobrezinho), mas sua riqueza espiritual era tão grande que os príncipes da fortuna se sentiam como mendigos ao lado dele.

Giovanni Bernardone (é este o seu nome de batismo) nasceu em 1181 ou 1182 em Assís, na Itália central. Seu pai, mercador próspero, o chamava Francisco. O rapaz não gostava mais da escola que qualquer menino folgazão, e recebeu educação precária mesmo em relação ao seu tempo. O pai, que o destinava ao comércio, guardava-o todo o dia ao balcão, para aprender a ciência de ganhar dinheiro. Mas ao cair da noite Francisco ia encabeçar um grupo de jovens mais alegres das redondezas. Tinha sempre a bolsa aberta a todos os amigos; servia-lhes vinho sem medir. Não se cansava de comprar roupas vistosas. Pietro Bernardone sacudia a cabeça, mas não cortava a mesada do filho, porque essa extravagância indicava aos banqueiros que seus negócios iam tão bem que lhe permitiam sustentar um filho estroina.

Quando os outros rapazes de Assís partiram em 1203 em uma das expedições guerreiras tão comuns naquele tempo entre burgos, o jovem Bernardone foi com eles. Logo no começo da campanha foi feito prisioneiro. Libertado depois de um ano, quase morreu de doença. Curou-se, voltou às fileiras, e contraiu nova enfermidade, que o deixou para sempre sem ânimo para levar a antiga vida desregrada. Um novo anseio se apoderara dele. Certa noite ia andando pelas ruas, quando de repente parou, como se qualquer coisa o tocasse, à espera de algo que ele mesmo ignorava. Seus companheiros seguiram alegremente, deixando-o para trás. Ele galgou uma colina, situada fora da cidade, e foi rezar.

Estava próximo o momento decisivo de sua vida. Em uma viagem que fez por essa ocasião, um leproso aproximou-se dele na estrada para pedir uma esmola. Para o rapaz ocioso e rico, nada era mais repugnante que um leproso. Voltando o rosto para o outro lado, Francisco levou a mão à bolsa. Mas nesse momento teve uma inspiração. O que o pobre miseravel

carecia não era de dinheiro. Mais terrivel que a doença devia ser a solidão desse ser humano malquerido de todos. Descendo do cavalo de um salto, Francisco correu ao leproso e o beijou. Desde então, passou a ir constantemente ao leprosário, dando regularmente aos leprosos toda a mesada.

EM 1206, quando Francisco estava com 25 anos, foi incumbido de ir a Foligno vender mercadorias na feira. Disputou e regateou até conseguir o melhor preço. Propuseram comprar-lhe o cavalo, e ele o vendeu tembem, como um mercador astuto. E voltou para casa a pé, sem saber que acabava de fazer a última transação comercial de sua vida.

Enquanto percorria a estrada no meio das videiras carregadas, sentiu-se tomado de enorme repulsa por todos os meios de ganhar dinheiro. Era dos bens materiais, pensou ele, que vinham todas as más ações que enegreciam o mundo. Enquanto pensava nessas coisas, parou na capela de San Damiano e ajoelhou-se entre as ruinas.

Na cidade, a prosperidade era deus. Mas aquí, na colina tranquila, a casa de Deus estava desmoronando. Ninguem cuidava dela a não ser um padre velho, pobre como as pombas que faziam seus ninhos nos cantos. E pareceu a Francisco ouvir a voz de Deus dizendo: «Reerga minha igreja.»

Mais tarde, muito se ia discutir se essas palavras significavam apenas «restaure esta capela» ou «reforme a Igreja». Mas Francisco, na sua simplicidade, não cogitou de interpretações filosóficas. Acordou o velho padre a quem ofereceu o dinheiro ganho em Foligno. Atordoado com a magnificência da oferta, o padre cautelosamente a recusou, consentindo, no entanto, que aquele jovem excêntrico se hospedasse na sua humilde morada.

Quando Pietro Bernardone descobriu onde o filho estava, e que pretendia fazer com o dinheiro, correu para a capela, arrastando consigo o bispo. Este, falando brandamente, lembrou a Francisco que o dinheiro não era dele. O jovem então restituiu tudo, e para que não faltasse nada entregou as roupas compradas com o dinheiro do pai. Dalí por diante, o mundo seria a sua casa, e todos os homens seus irmãos. Os bens materiais nunca mais o acorrentariam.

Nesta renúncia não havia espírito de ascetismo visando a salvação da alma. Ele apenas queria libertar-se, para imitar a vida de Cristo, que para ele não era a vida de um frade, isolado do mundo que Deus criou. Queria antes a vida de um eremita, que poderia ver o céu e ouvir o canto matinal dos pássaros, e respirar o ar da liberdade.

E saiu, maltrapilho, a esmolar. Não pedia dinheiro ou comida, mas pedras, para reconstruir San Damiano. Se lhe davam dinheiro, comprava pedras que carregava nas costas para a igreja em ruinas. Começaram a aparecer voluntários para o ajudar. E o povo lhe pedia que pregasse, que revelasse a palavra de Deus. E ele pregava, não em um púlpito, mas descalço entre os outros homens, mais pobre ainda que os outros—o «pobre Francisco». Em vez de filosofias, falava de Deus. Em vez do inferno, prometia o amor de Deus. Não lhe interessava a fraqueza dos homens, mas a sua força; não pensava na fealdade da vida, mas em sua beleza. Seu coração transbordava de cânticos e hinos de louvor.

Foi seu primeiro discípulo certo ricaço que, para desespero dos herdeiros, vendeu tudo que tinha para dar aos pobres. O segundo foi um advogado de renome, que abandonou as leis dos homens pelas de

Deus. Os três fundaram uma pequena comunhão dos «Irmãos Pobres de Assís». Não seguiam as ordens de nenhuma organização monástica reconhecida. Sua única lei era a que Cristo deu aos Apóstolos:

> E, pondo-vos a caminho, pregai, dizendo: Está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, sarai os leprosos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dai. Não queirais possuir ouro nem prata, nem trazer dinheiro em vossas bolsas; nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; pois quem trabalha merece bem o seu sustento.
>
> (Tradução de Monsenhor José Basílio Pereira)

Bem cedo o número de franciscanos montava a doze. Francisco não consentiu que aceitassem uma vivenda confortavel que lhes foi oferecida. Os Irmãos Pobres moravam em choupanas ao lado do leprosário. Dependiam para o pão de cada dia do que ganhassem com pequenos trabalhos, em fazendas, em vinhas, ou nas cidades. Quando não houvesse trabalho, tinham de mendigar o pão. Embora os outros o chamassem Francisco, ele exigia que se tratassem mutuamente por *frei* ou *irmão*. É por isso que desde então os franciscanos são frades e não monges.

Em grupinhos de dois a quatro, os frades iam pelo mundo a pregar. Não mantinham os olhos sempre presos no breviário, mas muitas vezes erguiam a face ao céu e cantavam. Quando conversavam, as mais das vezes era sobre as flores à beira da estrada ou o canto da calandra, sobre a paisagem das montanhas ou as fontes cristalinas. Mas, como Francisco lhes lembrava, seu trabalho era nas cidades. Alí moravam as almas que tinham de ser salvas; alí os homens penavam, escravizados à propriedade e às distinções de classe.

MAS, fora de Assís, onde todos os compreendiam muito bem, os franciscanos eram ridicularizados e maltratados. O povo os tomava por vagabundos que queriam passar por santos; os ricos suspeitavam que fossem radicais perigosos, e os padres temiam que fossem hereges. Muitas vezes foram apedrejados e expulsos de cidades. Os bispos não lhes davam permissão para pregar.

Francisco, que nunca fora ordenado padre, viu que não poderia ir avante sem a sanção papalina, e partiu para Roma. Chegou ao poderoso Cardeal Colonna, conquistou-o à sua causa e foi apresentado no Vaticano. Alí, mostrou ser, como as crianças, irresistivel, bem como audacioso e persistente. O Papa Inocêncio III concedeu aos Irmãos Pobres o direito de pregar e, se prosperassem, prometeu-lhes outros privilégios especiais. Cheios de alegria, os franciscanos voltaram às estradas.

Muitas vezes Francisco sentia necessidade de se misturar com a natureza. Procurava um bosque isolado ou uma colina, e permanecia em solidão. Amava principalmente uma ilhazinha onde só as ondas iam ao seu encalço. Falava da «irmã Lebre» ou da «irmã Andorinha», com seriedade. Não podia ver animais engaiolados ou carregados para o matadouro, e intercedia por eles, salvando pombos e cordeiros, coelhos e faisões. Reza a lenda que os animais lhe demonstravam gratidão acompanhando-o e se tornando seus amigos.

Consoante outra lenda, ao chegar em Gubio, Francisco soube que um lobo voraz mantinha em terror a população. Procurou a fera, à qual disse: «Irmão Lobo, mataste homens que são feitos à imagem de Deus. Por isso, mereces ser enforcado como um criminoso. Eu preferia, porem, viver em paz contigo. Se

renunciares aos teus maus apetites, prometo que os homens de Gubio não te caçarão mais com seus cães, e te darão comida. Agora quero que me dês a tua palavra.» E a partir desse dia o lobo passou a ser o bicho de estimação das próprias crianças de Gubio e não fez mais mal a ninguem.

Mas o mundo caminhava a passos mais pesados que os das sandálias do santo, e Francisco foi para o Egito com a Quinta Cruzada, afim de pregar o evangelho aos sarracenos. Esta cruzada teve começo grandioso. O Duque de Áustria, o Rei da Hungria, o Rei de França —São Luís em pessoa—os Cavaleiros do Templo, os cavaleiros da Itália, os mercadores de Veneza com seus barcos, todos formaram nela, levando como comandante-chefe o legado papal. Entretanto, surgiram rivalidades; os soldados não gostavam de receber ordens de um padre, e por fim tornou-se claro que o principal objetivo do legado era cobrar grande indenização em dinheiro ao Sultão. A falsidade moral da Cruzada horrorizou Francisco. Os venezianos iam apenas em busca de lucro, os cavaleiros do Templo de um batismo de sangue e os soldados de despojos.

E, para desespero dos cruzados, Francisco insistiu para que se aceitasse a proposta de paz do Sultão, com a devolução da Terra Santa aos cristãos. Mas o legado impaciente deu sinal de ataque a 29 de agosto de 1219, e os cristãos foram derrotados.

Desarmado e descalço, Francisco levou seu pequeno grupo de frades pelas areias escaldantes, ao encontro de um inimigo ébrio de vitória, que investiu contra ele com paus e pedras. Por fim, levaram-no à presença de Malik-al-Kamil, Sultão do Egito e da Síria, Escudo de Alá e Defensor da Fé, homem mais terrivel que cincoenta lobos de Gubio.

Que dom tinha Francisco de subjugar a fera, em homens como em animais? Só sabemos que ele pregou três vezes ao monarca infiel, arrebatado e respeitoso. Quando o Sultão mandou Francisco de volta, ileso, ao campo cristão, talvez fosse na esperança de que o devoto ermitão fizesse dos cruzados cristãos melhores.

Por ordem do Sultão, Francisco obteve licença para visitar o Santo Sepulcro, Nazaré e Belem—de todos os que tomaram parte na Quinta Cruzada, foi o único que alcançou esse objetivo. Teria sido em Belem que lhe veio a mais singular das inspirações? O fato é que, de volta a Assís, pelo Natal de 1223, ele fez construir uma mangedoura em miniatura, que encheu de palha, e encomendou a gravadores figuras de madeira pintada, da Virgem Mãe e de seu divino Filho, de bois, jumentos, pastores e reis magos escuros como Malik. Com permissão do Papa, levou o presépio para a igreja e o cercou de velas acesas. Assim, Francisco elevou o Natal—que até então era apenas uma missa especial—a uma festa de amor e de adoração ao Menino Deus.

Na noite do Domingo de Ramos, em 1212, Francisco e seus irmãos estavam orando quando viram uma moça de 18 anos que avançava rapidamente pela floresta carregando uma tocha, atirando-se por fim aos pés do santo; este reconheceu nela Clara, filha de um nobre de Assís. Queria entregar-se à vida religiosa, mas ia ser forçada a fazer um casamento mundano, e vinha pedir a Francisco que a escondesse. Aceder a esse pedido era envolver-se em um crime de rapto, para não falar no escândalo a que ficaria exposta toda a confraria. Mas Francisco não hesitou. Cortou-lhe os cabelos, ele mesmo; e, em nome da autoridade que o Papa lhe

conferira, recebeu-a na sua Ordem. Depois arranjou abrigo para ela com as beneditinas, e quando a irmã de Clara, e mais outras moças e mulheres vieram juntar-se a ela, fundou-se a ordem das Pobres Clarisses, semelhante à dos Irmãos Pobres de Assís.

Nesse ínterim, o número de Irmãos Pobres crescia. Alguns dos prosélitos reclamavam vida mais prática. Porque tinham de palmilhar as estradas e se dar em espetáculo nas ruas das cidades, como histriões? Porque tinham de viver em choupanas? Porque não aceitar dinheiro para fins caridosos, e porque não se ordenarem? Porque não adotar um Regulamento, algum código de conduta ou estatutos para a organização? Insistiam em afirmar que Francisco era inocente demais para governar a Ordem só por si.

Tambem a Igreja estava preocupada. Havia, já, 1.200 franciscanos; amanhã poderiam ser 12 mil. O único modo de afastar os indignos era organizá-los sobre bases monásticas de eficiência comprovada. O próprio Francisco sentiu que era preciso tomar alguma providência. Havia homens que se chamavam franciscanos quando ele mal os tinha visto, homens cujos corações ele não podia ler, cujas ações não podia prever. A única coisa a fazer era pedir ao Papa que desse aos franciscanos um Regulamento e lhes indicasse um consultor oficial.

Quando Francisco decidiu submeter-se, fê-lo com a doçura e o abandono de uma criança afetuosa. Afastou-se, e deixou que a Igreja organizasse a sua Ordem. Segurando pela mão o irmão Pietro, proclamou-o Pai da Ordem. «Minha saude não me deixará cuidar de vós como seria preciso,» assegurou-lhes.

Na verdade, estava cansado. Tinha o corpo consumido pela vida de miséria e de privações constantes. Terrivel doença se apoderara dele, e estranhas chagas se abriram nas suas mãos e pés. Era como se tivessem sido atravessados por pregos—«estigmas», ou marcas da crucifixão, diziam os Irmãos assombrados.

De seus sofrimentos, Francisco nunca se queixou. Ao contrário, compôs um salmo no seu leito de morte, a que deu o nome de *Hino à Criação*. Dia e noite, cantava-o com bem-aventurança; os Irmãos tambem precisavam aprendê-lo e, rodeando seu leito, cantá-lo para ele. Eis aquí esta sinfonia, na tradução de Soares de Azevedo:

Louvai o Senhor, todas as obras do Senhor, e glorificai-o na eternidade!

Louvai o Senhor, todos os anjos do Senhor, louvai o Senhor, todos os céus!

Louvai o Senhor, todas as águas que correis debaixo dos céus, louvai o Senhor, todas as potências do Senhor!

Louvai o Senhor, sol e lua, louvai o Senhor, estrelas do céu!

Louvai o Senhor, todas as chuvas e todos os orvalhos, louvai o Senhor, todos os espíritos de Deus!

Louvai o Senhor, fogo e calor, louvai o Senhor, frios e gelos!

Louvai o Senhor, gelos e neves, louvai o Senhor, noites e dias!

Louvai o Senhor, luz e trevas, louvai o Senhor, nuvens e relâmpagos!

Terra, louva o Senhor, celebra-o e glorifica-o na Eternidade!

Louvai o Senhor, montanhas e colinas, louvai o Senhor, todas as coisas que esverdeceis na terra!

Louvai o Senhor, todas as fontes, louvai o Senhor, todos os mares e todas as torrentes!

Louvai o Senhor, todos os peixes, louvai o Senhor, todas as aves!

Louvai o Senhor, todas as aves dos campos, louvai o Senhor, todos os filhos dos homens!

Israel, louva o Senhor, celebra-o e glorifica-o na eternidade!

Louvai o Senhor, sacerdotes de Deus, louvai o Senhor, servos de Deus!

Louvai o Senhor, almas dos justos, louvai o Senhor, todos os santos e humildes de coração!

Louvado sejas tu, Senhor, no alto dos céus, celebrado e exaltado na eternidade!

Nesse hino encontramos o segredo de Francisco de Assís—o fundo de sua alma, a essência de seu evangelho. É a gratidão—gratidão pelos dons da vida com todas as suas doçuras. A gratidão surge em todos os corações nos momentos de felicidade; do coração do santo ela jorrava mesmo na hora da agonia.

No terceiro dia de outubro de 1226, em uma das velhas choupanas ao lado do leprosário, a morte trouxe alívio a seus padecimentos. Os Irmãos choravam quando um bando de andorinhas veio pousar no telhado, trinando, e farfalhando as asas. O truão do Senhor estava de joelhos aos pés do Trono.

Os pequenos prazeres da vida

Por J. B. Priestley

¶ Este mundo nunca foi de rosas—e certamente nunca o será—mas, uma vez por outra, temos os nossos momentos de alegria, como um perfume que passa, no meio do caminho. Não me refiro às grandes e embriagadoras venturas da existência—mas aos pequenos prazeres que nos proporcionam os fatos mais insignificantes. As ruas estão cheias de coisas interessantes e agradaveis—e o simples e quente aroma do café poderia, estou certo, acalmar o desespero de um homem à beira do suicídio. Certa vez, fiquei, durante longos minutos, completamente absorto, devaneando, diante de uma vitrine de pescados, porque, ao olhar um dos peixes expostos, exemplar magnífico da fauna marinha, pensava na grandeza do mar—nos vastos oceanos do mundo, em cujas profundezas misteriosas pulula uma infinita variedade de seres vivos.

Quem não se lembra da impressão que lhe deu o espetáculo inédito da primeira nevada, numa bela manhã de inverno, estranhamente azul e quieta, com a terra toda subitamente branca? Eu, até hoje, sinto o mesmo encantamento.

Os primeiros momentos de uma viagem são deliciosos: quando nos sentamos, acomodados, na poltrona de um trem, ou quando damos uma volta preliminar pelo tombadilho de um navio. Melhor ainda é o momento em que abrimos a porta da nossa casa, quando regressamos ao lar, depois de uma longa ausência. Outro instante fugitivo de delícia é o que sentimos no teatro, quando a orquestra executa a «ouverture» e os focos de luz se concentram no palco, sugerindo a aparição de toda espécie de encantamento artístico.

Há tantas coisas insignificantes que nos deliciam—uma criança que ri, o piano que se ouve numa casa estranha, o rosto de um amigo que se distingue no meio de uma multidão o cheiro da terra que se sente ao viajar numa estrada, depois de ligeira chuva... E é maravilhoso como uma dessas coisas, aparentemente sem importância, pode transfigurar todo um dia de nossa vida.

SIGA O SEU PALPITE

(*Condensado do «American Magazine»*)
Segundo narrativa a Frederick G. Brownell

Por C. G. Suits,
Diretor do Departamento de Pesquisas da General Electric

Todo o mundo tem seus palpites, mas poucos são os que os cultivam. Igualmente como os gênios, as crianças são dotadas de um espírito aberto, ávido de conhecimentos e sem inibições. À medida que crescemos, nossa mente vai-se recobrindo de uma crosta de idéias convencionais. É frequente encontrar-se um menino que aos seis anos revela verdadeiro talento inventivo, apenas para perdê-lo dalí a algum tempo.

Que é que apaga a centelha criadora? É possivel que o nosso sistema de educação mate a originalidade na criança. «Educar» quer dizer etimologicamente «trazer para fora» os potenciais inatos no indivíduo. Na maioria das escolas de hoje, educar é tudo menos isso. Em vez de ensinarem a criança a pensar, ensinam-lhe a repetir como um papagaio pensamentos ilustres das tais autoridades, os quais quase sempre nem sequer estão certos. Se quisermos mais inventores, nossas escolas precisam substituir os exercícios de memorização por aulas de intuição. Sim, porque ficou provado nos nossos laboratórios que é perfeitamente possivel ensinar intuição.

Antes da guerra, a General Electric iniciou um curso experimental de invenção para grupos seletos de vinte engenheiros por ano, afim de verificar se era possivel desenvolver neles a faculdade de inventar. Os rapazes faziam estágios nos vários laboratórios, o que lhes permitia receber a influência dos engenhos inventivos mais notaveis da companhia.

Organizaram-se discussões livres em que os rapazes analisavam e criticavam suas próprias idéias e as dos outros. O trabalho nas aulas consistia principalmente em projetos capazes de pôr à prova a capacidade criadora de cada um. As perguntas eram deste gênero: «Como abordar o problema de inventar uma máquina para dactilografar música?»

Um rapaz, que nunca tinha inventado coisa alguma antes de entrar para essa escola, inspirou-se a tal ponto durante os dois anos de curso que acabou apresentando treze idéias em condições de tirar patente. Entre os 200 diplomados desse curso não houve praticamente nenhum fracasso. Um deles foi o inventor de um aperfeiçoamento importante nos magnetos de aviões militares. Outro realizou notavel trabalho nos turbo-compressores.

Esses homens curiosos escolhem o assunto que querem estudar. Seguem o seu próprio interesse até o fim, de modo que a experiência não pode ser mais fascinante para eles. Na minha opinião, é esse um dos motivos por que tantas idéias fecundas brotam daqueles cérebros.

Como se dá o fenômeno da invenção? Geralmente o que põe o inventor na pista é um palpite, um simples pressentimento de que a solução do problema se encontra em determinada direção ou em certa categoria de fatos.

«A pessoa talvez pense que resolveu o

problema pelo raciocínio, ou seja, exclusivamente pela lógica,» diz o dr. Willis Whitney, deão dos cientistas da General Electric e inventor que vem contribuindo há quase meio século para o progresso da eletricidade. «Na verdade, é um palpite que indica a solução, e é só depois disso que o inventor raciocina e descobre as razões.»

Está claro que a faisca da inspiração é sempre precedida de um trabalho árduo. Como disse Pasteur, «a intuição é dada apenas àqueles que se prepararam para recebê-la através de um longo treino.»

A intuição pode manifestar-se quando menos se espera. Uma idéia que chegou a ganhar prêmio, uma verdadeira idéia-mãe, estalou na mente de um dos nossos pesquisadores enquanto ele limpava os degraus de sua varanda... Outro teve um desses lampejos criadores enquanto fazia a barba. No meu trabalho com arcos voltaicos e circuitos elétricos, os palpites surgem quando estou descansando na cama, viajando de avião ou olhando distraidamente a paisagem pela janela de um trem. Tenho sempre à mão uma caderneta e um lápis para tomar nota das idéias que me ocorrem à noite; e para os palpites diurnos trago sempre fichas no bolso.

Esteja sempre alerta e pronto para receber de braços abertos qualquer palpite que lhe bata à porta do cérebro. Mantenha a sua mente aberta e não confie cegamente na lógica. Trate de descobrir, atrás do cérebro, o lugar onde está escondido o tesouro das idéias.

Matéria para riso

(Excertos do livro *Laughing Stock*, de Bennett Cerf)

¶ Um rico negociante de certa grande cidade americana resolveu dedicar-se à agricultura nas horas vagas. Dois anos depois, um amigo perguntou-lhe como iam as coisas. —Nada mal... Fiz dez mil dólares na fazenda, o ano passado, respondeu o comerciante.

—Dez mil dólares? repetiu, incrédulo, o amigo.

—Sim senhor! disse, convicto, o interpelado. —Só perdí 22 mil. No primeiro, ano, tinha perdido 32 mil...

¶ Ao cômico George Jessel, perguntou um amigo: —Como vai sua mãe?

—Está ruim, coitada, respondeu George. —Está sofrendo de sinusite frontal crônica.

—Que coisa horrorosa! Onde foi que ela pegou isso?

—No Reader's Digest. Leu um artigo sobre isso no mês passado...

¶ A alta sociedade inglesa estava escandalizada porque um duque se casara com uma loura, ex-corista de teatro. E mais ainda se chocaram os granfinos quando uma famosa galeria de belas artes exibiu um retrato a óleo, em tamanho natural, da nova duqueza, em trajes paradisíacos. O duque não sabia esconder sua fúria, e a esposa disse-lhe então: —Você se amola atoa! Não houve nada de mais! O pintor fez o retrato de cor...

Em dois números anteriores de Seleções já apareceu uma condensação de «Anatomia da Paz» de Emery Reves. Esse livro, desde a sua publicação em junho de 1945, despertou geral atenção, sendo posto em foco pelas recomendações do prof. Einstein e pela carta aberta dirigida ao povo americano por iniciativa do antigo Juiz Owen J. Roberts e assinado por dignitários das igrejas católica, judia e protestante e por destacados representantes do comércio, operariado e organizações de ex-combatentes dos Estados Unidos.

Entretanto, os acontecimentos mundiais desenrolaram-se rapidamente. A redação pediu ao Sr. Reves que apresentasse um sumário das suas reflexões desde a publicação do livro e comentasse os argumentos que surgiram pela discussão das suas idéias. É isso que faz no artigo que se segue, manifestando-se principalmente sobre a possibilidade de aplicação de suas idéias basilares.

Um governo mundial é o primeiro passo

Por Emery Reves, autor de «Anatomia da Paz»

Mesmo aqueles que, impelidos pela lógica da história ou pela eloquência dos fatos, reconhecem a importância de se estabelecer um governo mundial, são capazes de abanar a cabeça e dizer: «Não há dúvida, o alvo em vista é um governo mundial. Mas não o podemos conseguir imediatamente. Temos de caminhar passo a passo.»

Tal parecer descura a urgência terrivel do problema criado pela introdução da bomba atômica na guerra. Não se trata agora de dar o primeiro passo que conduza a um governo mundial, pois este constitue, realmente, o primeiro passo— o passo que se deve dar antes de se enfrentarem os outros problemas econômicos e sociais. Esses problemas continuarão a existir, porem o primado da lei em vez de tratados, entre as nações, é essencial se queremos que haja alguma base pela qual essas questões possam ser atacadas.

De todos os setores surgem alvitres que aconselham «abolir», «controlar» ou «manter secreta» a bomba atômica. Em resultado de debates públicos entre cientistas, estadistas, industriais e articulistas, parece que se chegou às seguintes conclusões:

Dentro de muito poucos anos diversas nações virão a produzir bombas atômicas e não se prevê qualquer defesa eficaz contra elas. O controle internacional da investigação ou da produção de bombas atômicas não é prático. Só se as nações concederem umas às outras liberdade completa de espionagem industrial e militar (o que é dificilmente concebivel) é que esse controle pode ser efetivo; e sempre que exista o perigo de guerras entre as nações, alguns governos farão o possivel para evitar que organismos internacionais inspecionem e fiscalizem os seus laboratórios e indústrias.

Existe apenas um método capaz de

oferecer segurança contra a destruição pela bomba atômica. É o mesmo método que dá garantia aos estados de Nova York e da Califórmia (não produtores da bomba atômica, de não serem arrasados pelos estados de Tenessí e Novo México (produtores da bomba atômica). É a garantia dada por uma ordem soberana dentro da lei. Qualquer outra «segurança» não passa de pura ilusão.

Nem a bomba atômica, nem arma alguma que o gênio humano possa conceber, é perigosa em si. As armas só se tornam perigosas quando em mão dum estado soberano que não seja o nosso. Portanto, a fonte real do perigo provem, não da energia atômica, mas do estado.

Cinco mil anos de história demonstram que as guerras estalam quando grupos sociais de soberania igual entram em contacto. A paz entre os seres humanos tem sido possivel só quando as suas relações foram regulamentadas pela lei—um sistema legislativo único.

A opinião geral é que devemos ter «uma espécie de organização internacional» para evitar guerras. Durante séculos experimentamos toda espécie de organizações internacionais e ainda insistimos em que uma ordem mundial eficaz deve ter por alicerces uma «Lei de Direitos» sem uma «Lei de Deveres». A Carta de S. Francisco, longe de explicar a causa da catástrofe mundial e de indicar o caminho da verdadeira liberdade, mais uma vez ilude a humanidade com a miragem de paz entre as nações por meio de tratados entre os estados.

Paz pela Lei—Não pela ONU (Organização das Nações Unidas)

Numa sociedade sem qualquer sistema de lei, nenhum indivíduo confiaria jamais num juiz, num juri ou num tribunal, mesmo se fosse composto por cidadãos dos mais eminentes e altruistas. Os membros duma sociedade submetem-se a uma só coisa: a lei. Essa lei não existe entre as nações. Nunca existiu nas relações internacionais. Foi excluida da Liga das Nações e da Organização das Nações Unidas (ONU).

Basear a paz em decisões unânimes de certo número de governos nacionais soberanos—presentemente nas decisões unânimes dos cinco maiores poderes militares—é fazer castelos no ar. A história prova indiscutivelmente que qualquer perigo real contra a paz mundial emana sempre duma das maiores potências militares. É claro que uma potência militar não vai votar contra os seus próprios interesses numa reunião internacional. Consequentemente nunca será possivel obter voto unânime no conselho de segurança quando surja uma crise aguda. Sempre que tais conflitos apareçam, a única solução que resta às outras potências é fechar os olhos e deixar que se repitam os acontecimentos da Manchúria, Áustria, Etiópia, Espanha, Tchecoslováquia—ou ir para a guerra.

O problema fundamental de regulamentar as relações entre as grandes potências, sem o perigo permanente de grandes conflagrações, não pode ser resolvido enquanto o poder soberano absoluto continue a reinar nos estados-nações. A não ser que as suas instituições soberanas sejam integradas em outras mais elevadas que expressem diretamente a soberania dos povos, são inevitaveis os conflitos entre as unidades nacionais.

Em todos os planos, que ora se fazem, para uma organização mundial, todo poder, toda decisão, toda ação, toda fonte de lei, continuam nas mãos de governos nacionais. Uma organização de nações soberanas desse gênero, seja em pé de igualdade ou de desigualdade, nunca poderá evitar nova guerra.

De que serve se encontrarem em volta duma mesa redonda o Secretário de Estado dos Estados Unidos, o Comissário dos Estrangeiros da Rússia ou o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade, como membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas ou fora dessa organização, numa conferência de ministros dos negócios estrangeiros? Em qualquer dos casos não são mais que representantes legais de três estados-nações soberanos; em qualquer dos casos as decisões finais dependem de Washington, Moscou ou Londres. Esses representantes só podem conseguir acordos ou tratados e não têm o poder de criar legislação aplicavel aos indivíduos de seus respectivos estados-nações.

A crise mundial do presente não apresenta nenhum aspecto novo. A sua solução é a mesma que já se aplicou muitas vezes no passado, quando unidades sociais, em conflito e em guerra entre si, foram integradas numa ordem legal superior. Numa república federativa existem governos municipais para regulamentar as relações de homens nas vilas e cidades; governos estaduais para regulamentar as relações dentro dos estados; governo federal para regulamentar as relações dentro da união federal. Devido a esses três planos de instituições governamentais, existe paz nas cidades e vilas, entre elas e os estados, e entre os estados dentro da república.

Encontramo-nos agora diante da necessidade urgente de resolver conflitos iminentes entre americanos, russos, ingleses e outros povos. Segundo a experiência do passado, este problema só se pode resolver pelo estabelecimento dum governo num «quarto» nivel—pelo estabelecimento de organismos legislativos, executivos e judiciários, democraticamente controlados, afim de regulamentar as relações entre homens pertencentes a diversos estados-nações.

Quer queiramos, quer não, estabelecer-se-á uma regulamentação qualquer, porque o mundo industrial do século XX, altamente integrado e unificado, não se pode desenvolver dentro da configuração política actual de estados-nações, criada pelo século XVIII agrícola. Exatamente essa mudança da qual nos aproximamos foi, na grande maioria dos casos, uma operação extremamente dolorosa e sangrenta. Em regra foi imposta à força por conquista. Em muitos poucos casos foi alcançada pela persuasão, consentimento ou união.

É portanto provavel que a unificação política do mundo surja como resultado de conquista. No entanto, o fato de que em alguns casos a persuasão e o consentimento foram suficientes, prova que existe a possibilidade de atingir esse alvo sem outra guerra mundial. É, por isso, o único objetivo político pelo qual hoje se deve lutar.

Considere-se o objetivo—não as dificuldades

É muito natural que o pensamento humano recue diante dum conceito tão novo e tão pouco experimentado como seja a idéia dum governo mundial federal. Atendemos primeiro às dificuldades e depois ao fim em vista, e assim nos começamos a perder num labirinto de debates inuteis sobre os pormenores. Isso impede-nos de dar plena consideração ao ponto principal e obscurece o fato de que os pormenores devem ser tomados em conta só depois de haver acordo e consentimento entre os povos sobre o propósito central.

Apresentam-se estatísticas de população como espantalhos, para nos assustar e afastar do nosso objetivo. Como podemos admitir que os chineses ou os indús sejam mais numerosos que nós, constituindo maioria numa assembléia legislativa mundial?

Na verdade, nenhum chinês ou indú pediu jamais representação baseada na população do seu país. Em qualquer organização de governo universal, a representação deverá ser determinada por positiva responsabilidade e segundo o poder efetivo, potencial industrial, grau de educação. Existem vários métodos comprovados para resolver essa questão que é, afinal, puramente técnica.

Pergunta-se, porem, como podemos admitir a concessão de direitos aos estrangeiros para determinar se os nossos homens devem ir para o campo de batalha?

Essa pergunta vem completamente fora de propósito. Na nossa geração os moços de muitos paises foram efetivamente bater-se em duas guerras desencadeadas exclusivamente por duas nações: a Alemanha e o Japão. Não se pode dizer que os paises aliados tiveram a «liberdade de decidir» se os seus filhos haviam de ir para a guerra ou não. A verdade é que as nações são hoje fantoches impotentes, que atuam conforme são obrigadas, pelas ações de paises «estrangeiros». Nossa tarefa consiste precisamente em organizar o mundo sob a alçada da lei de modo que a existência pacífica dos cidadãos possa ser protegida. A criação de uma força policial é, naturalmente, automática e implícita. Só por coação se pode dar estatura a qualquer espécie de lei. Não faz sentido, porem, estabelecer uma força de polícia internacional sem se ter previamente estabelecido uma assembléia legislativa mundial.

Não irá um governo mundial destruir as nações?

Pelo contrário. É a estrutura do estado-nação que na verdade está hoje a destruir nações. Só uma ordem legal pode eliminar guerras internacionais e tornar segura a existência contínua de nações e de culturas nacionais. Uma ordem legal universal, longe de pôr em perigo, de qualquer modo, diferenças nacionais e culturais é, hoje em dia, a *primeira* condição para perpetuar tais diferenças. Sem união, ou os escoceses teriam exterminado os ingleses, ou estes os primeiros, tal como os romanos destruiram Cartago e os hunos destruiram Roma. Dentro do Reino Unido os escoceses são mais escoceses na sua tradição e carater, e os ingleses mais ingleses nas suas, do que jamais o foram antes da união.

Pode parecer paradoxal, porem é apenas dentro duma ordem legal universal que se pode dar satisfação a aspirações tais como o patriotismo ou o isolacionismo. Não há nada de mal no desejo de isolamento. Há porem qualquer coisa de profundamente errôneo naquilo que hoje se chama «política isolacionista». Onde é que um indivíduo pode viver uma vida isolada? Certamente não é no isolamento físico duma floresta tropical. Alí tem de estar alerta, dia e noite, para defender a vida contra os animais ferozes prontos a devorá-lo. É possivel a alguem viver vida isolada numa cidade civilizada onde a sua segurança está garantida, onde leis, tribunais e polícia velam pela sua existência física e direitos individuais. Uma nação não pode certamente viver em segurança a sua própria vida isolada na selva do mundo presente.

Outros incrédulos perguntam: «De que serve acabar com as guerras internacionais pelo estabelecimento dum governo internacional, se por outro lado teremos provavelmente de fazer face a revoluções e guerras civís?»

Isto é o mesmo que recusar a assistência do cirurgião a alguem que sofre de apendicite aguda, porque uma pneumonia pode sobrevir à operação.

Devemos sempre lembrar-nos de que não há panacéia para todos os problemas da vida e da sociedade. Podemos apenas curar doenças específicas com remédios específicos. A moléstia específica da nossa época é uma irritação aguda entre estados-nações soberanos, a qual se manifesta pelo sintoma doloroso de guerra internacional. Essa doença específica pode curar-se. E deve curar-se sem tomar em consideração males que no futuro possam surgir.

A mais insuportavel de todas as objeções é, sem dúvida a asserção apresentada por tantas «personalidades de destaque»: «O povo ainda não está maduro para uma federação mundial.»

Podemos perguntar como é que sabem tanto. Essas «personalidades» já patrocinaram alguma vez uma federação mundial? Acreditam nela? Já experimentaram explicar ao povo por que há guerras e qual é o mecanismo da paz no seio da sociedade humana? E, depois de ter compreendido o problema, porventura o povo rejeitou a solução e decidiu que não queria paz por lei e por governo, mas preferia a guerra por soberania nacional? Até que isso se produza, ninguem tem o direito de afirmar até que ponto o povo está ou não maduro para seja o que for.

A Rússia aderirá?

A ANSIEDADE por uma segurança dentro da estrutura dos estados-nações é a causa máxima do imperialismo. Ninguem em Roma queria um império, e ninguem desejava a guerra. Os romanos desejavam apenas manter seu modo de viver. Os bárbaros, no entanto, às fronteiras romanas, não os deixavam sossegados. Assim, seu profundo desejo de segurança forçou-os a expandir suas fronteiras para conquistar todo o mundo então conhecido.

Essa mesma força é o movimento impulsionador da política de hoje da União Soviética e dos Estados Unidos. Ambos estão convencidos da primazia das suas próprias civilizações. Possuem vastos territórios e não têm necessidade de se expandir. Seu desejo sincero é que os deixem viver pacificamente, à sua maneira.

O globo, porem, encolhe-se cada vez mais, e as estepes e os oceanos já não constituem barreiras seguras. Portanto, para conseguir segurança, esses paises se sentem obrigados a construir gigantescas forças armadas para derrotar e conquistar seus inimigos. Vemos assim forças americanas anexar ilhas, a milhares de quilômetros de distância do continente americano, por motivos de segurança. E por iguais razões defensivas vemos expandirem-se as fronteiras russas.

Não vale a pena acusar de imperialismo qualquer dessas nações. Ambas acreditam sinceramente que se trata apenas de medidas de segurança—tão sinceramente como estão convencidas de que a existência de forças armadas superiores em mãos de outro país seria perigosa para a paz, mas, em suas próprias mãos, garantiria, ao contrário, a mesma paz.

Alguns estadistas dizem que é criminoso falar na possibilidade de guerra entre a Rússia e as potências anglo-americanas. Eu penso que é criminoso *não* falar nisso. Os povos do mundo devem compreender as forças que se movem no sentido dum choque possivel.

Não é questão de conflito entre comunismo e capitalismo, individualismo e coletivismo. É o conflito inevitavel entre soberanias, não integradas, em contacto uma com a outra. Podíamos pôr um comunista na Casa Branca ou estabelecer a mais pura democracia Jeffersoniana na Rússia, que a situação não ofereceria a menor diferença.

Centenas de milhões de seres humanos civilizados—bem-humorados, honestos, inventivos, que poderiam colaborar pacificamente e gozar a vida dentro duma soberania—estão sendo vendados e arrastados para uma guerra insensata e absurda. Nem negociações, nem boa vontade, nem ilusões de espécie alguma poderão modificar este curso. Só se o povo tiver a conciência exata do que o está arrastando para esse conflito é que se poderá arrancar o mal pela raiz, de maneira definitiva.

Que possibilidades existem de criar um governo mundial antes de outra guerra? Não são muitas. Admitamos que seja possivel esclarecer o problema aos povos democráticos. Será *provavel* que a Rússia aceite a sugestão de entrar numa organização de governo comum? Julgo que não. Será *possivel*? Talvez. Mas a outra hipótese—nova guerra mundial resultando na destruição de todas as liberdades individuais e num governo totalitário, é uma perspectiva que não deixa margem para hesitações quanto ao caminho a seguir.

Se tem de haver guerra, uma guerra terrivel, entre dois grupos de nações dominadas pelos Estados Unidos e a U.R.S.S., pelo menos que seja uma guerra civil. Não queiramos combater para obter bases, territórios, prestígio, fronteiras. Tratemos pelo menos de planear uma federação mundial e de lutar por esse ideal.

Que podemos fazer agora?

Por que processo podemos procurar conseguir a paz por meio da lei?

Nada é mais vão do que delinear planos pormenorizados dum documento constitucional para um governo mundial. Esse procedimento apenas obstruiria o caminho. Se logo ao alvorecer da democracia um projeto específico duma constituição democrática tivesse sido identificado na própria democracia e apresentado para aprovação e aceitação geral, nunca teríamos tido um estado democrático em parte alguma do mundo.

Mas não é assim que sucede na História.

Os fundadores da democracia tiveram uma visão mais ampla. Começaram por formular pequeno número de princípios fundamentais, com os quais conseguiram acender a centelha e inflamar o entusiasmo dos povos que, na base dessas idéias, deram aos seus representantes poderes para tornar tais princípios em realidade e para criar o mecanismo necessário a uma ordem legal permanente.

As constituições, as leis fundamentais da nova ordem democrática, foram debatidas *depois* e não antes da aceitação dos princípios elementares e do mandato conferido pelo povo aos seus representantes. Assim hoje vemos a democracia expressa em sistemas de grande variedade em pormenor, derivando não obstante de princípios idênticos.

A democracia nos Estados Unidos é diferente da inglesa. A democracia francesa é diferente da holandesa, e o regime suiço tem instituições que diferem grandemente da democracia sueca. Apesar das suas diferenças em detalhes, são todas elas formas praticaveis de democracia, exprimindo o mesmo conceito fundamental social, a soberania do povo conforme era concebida há 150 anos.

No que se refere à criação duma ordem legal democrática universal, ainda não chegamos ao ponto de concepção. Ainda não formulamos os princípios. Cinco períodos estão claramente visiveis no caminho que vai do ideal à sua realização.

1. Concepção da idéia, e proclamação dos princípios.

2. A doutrina deve ser espalhada do mesmo modo que foram divulgados o cristianismo, a democracia e outras doutrinas auspiciosas.

3. Eleger representantes, delegando neles o poder de pôr em prática os novos princípios.

4. Compete a esses delegados eleitos debater programas, estudar minúcias, e chegar à solução para organizar o governo mundial afim de evitar guerras entre os estados-nações.

5. Depois de se ter dado esse primeiro passo constitucional, grande número de soluções será mais ou menos viavel.

É isso que se observa no decorrer da História. Dessa forma é que se estabeleceram, no século XVIII, as constituições democráticas.

Não devemos desanimar. Neste nosso mundo moderno, com jornais de grande circulação, películas cinematográficas e radiodifusão, capazes de alcançar toda a população civilizada do mundo, uma dezena de anos é tempo bastante para que um movimento consiga fazer triunfar os princípios de paz e de lei universal.

O movimento necessário para criar um governo mundial deve vir de muitas terras. O principal é encontrar gente de mais que um país, ardentemente desejosa de encarregar-se da sua propagação. Há provas de que essa gente existe. Num discurso histórico, pronunciado na Câmara dos Comuns, a 23 de novembro de 1945, o sr. Bevin, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, preocupado em saber «se mais uma vez o povo ficaria desiludido» pelo que se conseguiu em S. Francisco, declarou:

«Sinto que estamos sendo impelidos implacavelmente ao longo desta estrada: precisamos estudar novamente com o propósito de criar uma assembléia mundial eleita diretamente do povo do mundo, como um todo, perante a qual os governos que formaram as Nações Unidas sejam responsaveis, e que de fato faça a lei do mundo que ele, o povo, aceite então e se comprometa moralmente e de boa vontade a executar. Estou disposto a reunir-me a quem quer que seja, de qualquer partido, de qualquer nação, para tentar delinear um plano ou uma constituição duma assembléia mundial com um objetivo limitado—o objetivo da paz.»

Não há caminho mais curto. O *povo* deve compreender o problema; é *ele* que tem de resolver se quer paz ou não; é *ele* que deve impor a sua vontade aos seus representantes.

Sem dúvida que, se os habitantes de outro planeta descessem de repente sobre a terra e ameaçassem conquistar-nos, todas as nações do nosso pequeno mundo se juntariam imediatamente. Esqueceríamos então nossas ridículas discórdias internacionais e submeter-nos-íamos de boa vontade ao governo duma só lei, pois assim apenas poderíamos sobreviver. Poderemos ter a certeza de que a apocalipse duma guerra atômica mundial não constituirá, tanto para a nossa civilização como para a humanidade, ameaça idêntica à da invasão dos marcianos?

Resta-nos muito pouco tempo para evitar a próxima guerra. Todos os cidadãos que acreditam na lei para as relações internacionais, têm de persuadir dez outros e instigar cada um afim de

que, por seu turno, persuada outros dez—sem demora. Os peritos da física nuclear explicaram que a energia atômica se liberta pelo que se chama uma reação sucessiva. Estala um átomo. As partículas libertadas estalam outros átomos, e assim por diante. A força das idéias explode exatamente da mesma forma, em reações sucessivas.

Temos de persuadir o maior número possivel de jornais a adotar o objetivo da federação mundial como essência dos seus artigos de fundo. Esse princípio precisa ser constantemente divulgado pelas estações de rádio e pelo cinema. Urge conseguir que esse problema seja discutido em grupos, em reuniões e em comícios. O universalismo e a necessidade imperiosa duma lei universal devem ressoar em todos os templos. A perspectiva universal em questões políticas e sociais deve ser ensinada em todas as escolas. Não deveríamos eleger ninguem para cargos públicos que não se comprometesse de antemão a trabalhar incondicionalmente para evitar outra guerra pelo estabelecimento da paz por meio da lei. É preciso, quanto antes, dar expressão a um voto popular irresistivel. E quando, em dois ou mais paises, o povo tiver claramente exprimido o seu desejo, então deve principiar o processo da federação. Naturalmente a solução ideal seria se todos os povos do mundo fossem convencidos simultaneamente, o que é improvavel. O processo deve principiar quanto antes, mesmo com um mínimo de duas nações, porque não há argumento que se compare ao poder dominador e persuasivo dos acontecimentos. Não há dúvida alguma de que logo que o processo de integração internacional comece, sua atração será tão grande que mais e mais paises irão aderindo à idéia até que, finalmente, pela força dos acontecimentos, chegaremos a um governo federal mundial.

Se cada um de nós desejar sinceramente uma ordem legal universal e começar a trabalhar de alma e coração com o fim de criar instituições governamentais, não temos razões para admitir que a Rússia se recuse teimosamente a participar. Se, em caso algum, ela não quiser aderir, que seja feita sua vontade. Porem não devemos fazer depender as nossas ações do procedimento hipotético dos outros.

Não podemos conseguir a paz, se de repente nos considerarmos satisfeitos com «o primeiro passo». Cada vez que os nossos ministros dos negócios estrangeiros ou os chefes dos nossos governos se reunem e resolvem não resolver, adiam o inadiavel, não tomam compromissos, os jornais oficiais proclamam alegremente: «É um princípio auspicioso e o primeiro passo no bom caminho.» Nunca teremos paz se não quisermos compreender corajosamente o que isso significa, se não nos dispusermos a pagar o preço que custa.

Portanto o problema consiste no seguinte: até que ponto estamos dispostos a lutar pela divulgação nas escolas, templos, comícios, pelos jornais, pelo cinema e pelo rádio, de uma fé nova, duma nova perspectiva política? Essa fé não pode tomar forma prática senão quando muitas pessoas a compreendam, a desejem e acreditem nela.

¶ O MESMO vento que apaga uma vela vai abrasar a fogueira; é assim que a ausência, matando um pequeno afeto, é capaz de incendiar um grande amor.

—La Rochefoucauld

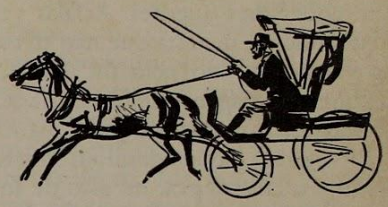
Retalhos do drama cotidiano

XIX

Apoteose de um médico humilde

(*Condensado do «Milwaukee Journal»*)

Por Lewis C. French



HÁ JÁ trinta anos vem o dr. George MacKinnon exercendo a medicina entre os fazendeiros, os lenhadores, os aldeões e os índios das florestas do norte do Wisconsin, nos Estados Unidos. Coseu os ferimentos de um lenheiro, percorreu trinta quilômetros sob verdadeira tempestade de neve para auxiliar o parto de uma índia, dirigindo-se, a 50 km mais adiante, afim de tranquilizar uma mãe cujo filhinho adoecera,—tudo isso sabendo que nunca havia de ser pago, e no espaço de um só dia. O dr. MacKinnon nunca se recusou a examinar um doente, e jamais mandou conta.

Contribuiu para que mais de dois mil e novecentos bebês—nem sabe, ao certo, quantos—fossem postos no mundo.

Uma quarta-feira, à noite, em novembro de ano passado, chamaram-no, na sua casa, para que fosse ter à fazenda de George Nollar, a boa distância dalí, para fazer um parto. Antes do amanhecer, trouxera outro bebê ao mundo, na maternidade da aldeia, já na madrugada de quinta-feira.

«Seu doutor» não sabia o que as gentes da aldeia estavam planejando. Àquela manhã, achava-se ele no consultório, como de costume, com uma dúzia de pacientes à espera, numa sala que cheirava a remédio. Pôs um curativo no dedo de um rapaz, furou o abcesso de um menino, fez alguns tratamentos, e, a seguir, foi à barbearia, para que lhe fizessem a barba depressa. Esqueceu-se de pagar, mas, afinal das contas, não havia mal nisso, visto que prestava tantos serviços a todos.

Foi por volta daquela hora que surgiu o chefe de polícia, com o delegado. Detiveram o doutor MacKinnon um segundo, colocando-lhe uma placa na lapela. Tinham resolvido, ao que disseram, nomeá-lo delegado, na esperança de que, revestido de sua nova autoridade, pudesse fazer com que não chegassem outros bebês, pelo menos naquele dia.

Nisto, começaram a chegar os ônibus das escolas, cheios de crianças, que traziam consigo suas merendas. As escolas haviam fechado em homenagem ao «Dia do Doutor MacKinnon». As meninas se achavam vestidas como para um dia de festa, com luvas de lã, redes e casacos de cores vivas, e os meninos traziam suas roupas de domingo. Os ônibus trouxeram dúzias deles. Cada qual levava, pendurado à gola do casaco, um cartão atestando que viera ao mundo com a assistência do velho médico. A seguir chegaram ônibus de outros pontos, inclusive da localidade em que o médico iniciara a sua vida profissional, num consultório que ficava por cima de um armazem de secos e molhados, em 1915.

A manhã de meados de novembro era de um frio cortante e as crianças pulavam para aquecer-se, enquanto punham laços de fita nas carroças e automoveis. Os

pais chegavam com os filhinhos menores, ainda de colo, cuidadosamente enrolados em cobertores quentes. A falar verdade, o menino ou menina que não tivesse sido posto no mundo pelo dr. MacKinnon, naquelas paragens, devia sentir-se quase como um proscrito, àquele dia.

A seguir a parada desfilou. MacKinnon passou-a em revista, do alto de uma pequena plataforma. A maioria dos meninotes que faziam parte da banda de música do ginásio, tinham sido postos no mundo por ele, assim como as belas balisas que, na segunda volta em torno à praça, já estavam com as pernas arrepiadas pelo frio.

Havia uma prancha de procissão, uma parelha de bois e um cavalo velho puxando um carro que o doutor costumava empregar nas suas visitas. O mais importante, porem, era o grande número daqueles que o bom do médico contribuira para dar entrada no mundo. Uns quinhentos desfilaram—garotinhos de pernas curtas, que mal conseguiam manter o passo, rapazes robustos de farda, de volta da guerra—todos a lhe fazerem continência, e casais de cujos filhos era ele, por assim dizer, o avô médico. Dezenas de meninos e meninas tinham enfeitado suas bicicletas com fitas coloridas.

E lá estava o doutor, recordando o passado—os sete anos de duro estudo na universidade, no Canadá; os meses das férias de verão que passava ensinando em escolas do interior, afim de ganhar o necessário para os cursos. A seguir, o tempo em que servira como interno, e a enfermeira com quem viera a se casar.

Lembrou-se dos velhos dias—de como mantivera dois cavalos, um para a manhã e outro para a tarde e a noite. Lembrou-se de como costumava abrir caminho na neve, com uma pá, certa feita sobre um percurso de uma légua, para chegar a alguma cabana perdida na floresta. Lembrou-se de 1918, durante a epidemia de gripe, quando não parava dia e noite, constantemente exhausto, até que, ao não aguentar mais, pusesse o cavalo por trás de algum monte de feno, e dormisse no carro, certo de que, ao chegar em casa, encontraria outro chamado.

Lembrou-se de ter salvo a vida de um garoto vítima de pneumonia, numa aldeia de índios, a trinta quilômetros dalí. Desde então, os índios passaram a chamá-lo frequentemente, e ele nunca deixara de atender-lhes. Nunca fora pago, mas um dia os índios apareceram com um garrano para seus dois garotos.

Enquanto isso, surgiram aviões sobre a aldeia, atirando cartões, com votos de felicidade. A parada continuou. Uma ou duas vezes o médico enxugou os olhos. Disse que era por causa do frio.

Ao deixar a plataforma, tudo o que disse foi: «Eles todos representam muito sono perdido—mas valeu a pena.»

Sem que o médico soubesse, fora enviada uma circular a seus amigos. O doutor sempre foi muito descuidado, no que diz respeito às contas, embora os moradores das cidades afirmassem que ele é tão bom médico quanto os que exercem a profissão por lá.

Por isso todos procuraram demonstrar a gratidão de que se achavam animados. Um lenhador da Costa do Pacífico enviou modesta quantia com um bilhete dizendo não se ter esquecido de como o «seu doutor» arranjava sempre uma refeição para os que não tinham como pagá-la. Ofertas de dinheiro foram chegando de vários pontos. As crianças das escolas juntaram, tambem, seus tostões, trazendo-lhe presentes.

Todas essas ofertas deviam ser entregues ao médico na sala da municipalidade da aldeia, depois do banquete. A sala pode acomodar cerca de mil pessoas, e duzentas ficaram de pé. O programa se foi desenrolando conforme o plano, e o presidente da Associação Comercial já estava no meio do discurso, quando o doutor foi chamado para um caso de emergência. Como de costume, atendeu prontamente.

Era um bebê que estava prestes a chegar numa fazenda. O décimo terceiro filho do fazendeiro, um menino, nasceu às 9 h 45, mas só às 11 conseguiu o médico regressar à aldeia. Seus amigos ainda estavam esperando, inclusive os que tinham ficado de pé. Mal o viram de volta, continuaram o programa, a partir do ponto em que este tinha sido interrompido, entregando os presentes que lhe destinavam.

Os bebês do dr. MacKinnon, já crescidos, nunca se esqueceriam dele. O velho médico não é, de modo algum, pobre. É um dos homens mais ricos de toda a região.

Invernada de borboletas

¶ Junto à Baía de Monterrey, na Califórnia, há uma floresta de pinheiros que é, há mais de cem anos, o ponto de reunião de milhares de maravilhosas borboletas que emigram do norte, durante o inverno. O acontecimento é tão notavel que se cobra multa pesada a quem perturbar as borboletas em seu refúgio hibernal. As «batedoras» chegam geralmente em meados de outubro, e escolhem as árvores em que a fabulosa assembléia da colônia alígera vai localizar-se. Muitos dias depois, por cima da Baía de Monterrey, as borboletas aparecem em massa, voando em gigantesca e compacta formação. À distância, a impressão que se tem é a de uma nuvem de fumo escuro; mas, pouco a pouco, à medida que se aproxima, a estranha nuvem se ilumina, com miríades de asas que surgem ao sol, como se acima da Baía se desdobrasse vasto tapete oriental de deslumbrantes cores, com mais de 400 metros de extensão.

Não importa, aparentemente, que o vento sopre na direção do seu vôo ou em sentido oposto: as borboletas chegam infalivelmente em seu horário usual, mais ou menos às quatro horas da tarde. Nunca se afastam da direção que tomam, desde os distantes sítios de onde vêm, passando por tuneis, janelas abertas ou através de choupanas, contanto que não mudem a orientação do seu vôo. As que vêm do Alasca começam a emigrar em fins de agosto, e a elas se vão juntando pelo caminho as que vivem na Colúmbia I glesa, em Washington, no Óregon, e na Califórnia do Norte. Todo o inverno elas passam no pinheiral, visitando os jardins da redondeza: e, pelos fins do mês de março, começam a voltar para as regiões onde vivem o resto do ano, porque chegou a época da reprodução. Desta vez, porem, partem em grupos, e quase não se nota sua partida gradual, até que, finalmente, já não há mais borboletas no pinhal.

—Blackburn Sims, no *Times* de Nova York

Algumas verdades sobre os alimentos que comemos, ainda desconhecidas do leitor

Verdades e mentiras sobre os alimentos

(*Condensado do «Today's Woman»*)

Por Donald G. Cooley

Os PROGRESSOS feitos de uns anos para cá em relação à ciência da nutrição têm retificado vários conceitos populares sobre os alimentos. Algumas descobertas surpreenderam os próprios cientistas. Ao ler outras, exclamará provavelmente o leitor: «Isso eu já sabia!»

O bife deve ser comido mal passado, pois o sumo da carne produz sangue.

O «sumo sangrento da carne» não tem nenhum mérito especial. Coma seu bife como lhe apetecer, desde que não esteja torrado.

Açucar dá energia.

Todos os alimentos, com exceção do sal e da água, dão energia nutritiva, medida em calorias, ou unidades de calor, que não significam energia no sentido popular, isto é, vigor e resistência. Açucar e outros hidratos de carbono são rapidamente digeridos; sua energia química integra-se rapidamente no sangue.

Os ovos brancos são mais nutritivos que os escuros.

Nem sempre. Seu valor nutritivo pode variar um pouco, porem somente de acordo com a alimentação da galinha.

Peixe é bom para o cérebro.

A carne de peixe contem fósforo, o que tambem se dá com os tecidos cerebrais. Nenhum alimento, porem, beneficia determinado orgão. O fósforo contido no peixe tanto pode ir para o cérebro como para os nervos, ou para os dentes, tal como o fósforo fornecido pelo leite, pela carne, etc.

Toda comida frita é nociva ao estômago.

Já se provou que esse conceito, tão difundido, não é verdadeiro. A gordura conserva-se no estômago mais tempo que outros alimentos, mas isso não quer dizer que seja indigesta. Um ovo estrelado é tão facilmente digerido quanto um cozido, e a gordura de um bolo ou de uma torta é tão prontamente absorvida quanto igual quantidade sob outras formas.

É perigoso misturar alimentos ácidos com leite—laranja com leite, por exemplo —porque a acidez talha o leite.

Quem ingere dois alimentos separadamente pode comê-los juntos. Se a acidez das frutas não talhar o leite, os ácidos do estômago o farão.

Se limitássemos nosso regime aos alimentos crus, seríamos todos mais sadios.

Em certas pessoas, o efeito seria justamente o oposto. Certos organismos sensiveis não suportam alimentos crus, ásperos e fibrosos, em excesso. As frutas frescas, os sucos e as saladas são muito recomendaveis, porem os alimentos cozidos são, em geral, de digestão mais facil. O cozinhar torna as nervuras da carne mais tenras e rompe os grânulos de amido dos vegetais, possibilitando neles uma ação mais eficaz dos sucos digestivos. Quanto aos minerais, não se «perdem» se forem utilizados os caldos e os sumos resultantes do cozimento. (Note-se que um cozimento prolongado pode destruir certas vitaminas.)

As vitaminas contidas nos alimentos naturais são superiores às sintéticas.

Quer obtidas de alimentos, quer de cápsulas, as vitaminas são quimicamente idênticas. Vários alimentos, entretanto, têm provavelmente vitaminas ainda não identificadas—alem de outros elementos essenciais a uma boa nutrição. As vitaminas sintéticas são, quando muito, suplementares.

Beber bastante leite evita a deterioração dos dentes.

Inúmeros apreciadores do leite, com cáries nos dentes, desmentem essa crença popular. Apesar do leite ser a nossa melhor fonte de cálcio e de fósforo, os minerais mais importantes para os dentes, pode ser que falte de outro modo, no regime, qualquer elemento aparentemente necessário para associá-los no benefício aos dentes.

A manteiga contem elementos nutritivos que não são encontrados na margarina.

O Conselho de Nutrição da Associação Médica Americana chegou à conclusão de que a margarina rica tem o mesmo valor em digestibilidade e energia que as outras gorduras, podendo, pois, substituir a manteiga na dieta comum sem qualquer desvantagem nutritiva.

O espinafre é superior às outras verduras

Apesar do espinafre ser rico em ferro e cálcio, verificou-se ultimamente que esses minerais existem nele em formas que não podem ser aproveitadas pelo corpo. O espinafre é boa fonte de vitaminas A e C, porem há outras verduras com tanto ou maior valor nutritivo; a despeito da propaganda do *Popeye*, não há motivo para se lhe dar preferência.

É mau o hábito de se beber água durante as refeições.

Apenas se for a água tomada para auxiliar a deglutição de alimentos mal mastigados, pois a água de nenhum modo dissolve os conteudos do estômago, sendo rapidamente absorvida pelo grosso intestino.

O pão integral é superior ao pão branco.

O pão branco é digerido mais facilmente; feito com fermento de leite e farinha de trigo fortalecida, é importante fonte de minerais, vitaminas, hidratos de carbono e calorias. O pão integral contem valiosos elementos do grão original, bem como o farelo que pode auxiliar a função eliminatória; o farelo, porem, não é bem aceito pelos orgãos sensiveis da digestão. Ambas as qualidades de pão são alimentos perfeitamente saudaveis.

¶ UM LADRÃO, do tipo *ventanista*, tendo entrado em um apartamento, deparou com uma moça recostada em um sofá, e ficou tão apalermado com a situação, que exclamou: «Se a senhora fizer qualquer movimento, eu grito!» E deu o fora.

—*New Yorker*

Enrico Caruso, o mais querido dos cantores que o mundo conheceu

O tenor da voz de ouro

Por George Kent

*Baseado na biografia escrita por sua esposa, Dorothy Caruso**

ANA CARUSO teve 21 filhos, tendo 18 deles morrido; o décimo-nono, porem, sobreviveu e tornou-se talvez o maior cantor de todos os tempos. Caruso estreou nos Estados Unidos em 1903, no palco do Teatro Metropolitano da Ópera em Nova York. Em 1920 cantou no mesmo palco a sua última ária: oito meses depois falecia. Milhões de pessoas choraram a sua morte em todo o mundo, e milhares chegaram mesmo a guardar luto. Não fora apenas um grande cantor, mas, tambem, uma esplêndida personalidade.

Nos dias de Enrico Caruso não havia rádio nem cinema falado; só podia ouví-lo quem comprasse uma entrada de teatro, ou então, como último recurso, desse corda numa vitrola para deleitar-se com sua voz impressa em discos. Seus admiradores formavam, no entanto, uma platéia bastante reduzida, comparada aos milhões de ouvintes de rádio nos tempos atuais. Nada, porem, se pode igualar em matéria de aclamação pública, à idolatria de que foi objeto a figura de Enrico Caruso.

Seu repertório consistia principalmente de árias das óperas italianas e francesas—consideradas então, como hoje, peças para «auditórios seletos»—mas seu poder e alcance eram tão extraordinários, e transmitia suas emoções de tal modo que dominava completamente a platéia, provocando lágrimas a muita gente. Ele próprio era tão sensivel que frequentemente, após um recital, se sentava, soluçando, no vestiário.

O palco onde Caruso mais se sentia a gosto era o da Ópera de Nova York; sua fama, porem, era igualmente grande em todas as capitais do mundo, desde Buenos Aires até Moscou. Onde quer que fosse, era rodeado por grupos de curiosos; nos restaurantes havia quem se levantasse para aclamá-lo quando entrava. Para evitar essas manifestações comia em casa, ou num pequeno restaurante italiano de Nova York, onde passava tardes inteiras jogando cartas com o proprietário. Recebia diariamente presentes pelo correio—doces, jóias, seu retrato bordado em seda ou lã, etc.

A milhares de artigos comerciais, desde charutos até sabonetes, deram o seu nome. Existe ainda, em Nova York, uma cadeia de restaurantes chamada Caruso, assim como uma marca de espaguete e outra de alimentos enlatados. Caruso foi tambem o nome dado a um cavalo e o

*«Enrico Caruso», por Dorothy Caruso, Simon & Schuster, ed.; preço $2,75.

cantor apostava fielmente cada vez que o animal corria; no entanto, este jamais sagrou-se vencedor.

Em matéria de lucros, naquela distante era anterior ao rádio, Caruso estabeleceu récordes, que jamais foram igualados; sua renda procedia unicamente de sua atuação no palco e de discos de fonógrafo. Nunca pediu ao Metropolitano mais de 2.500 dólares (Cr$50.000,00) por noite, mas em Cuba recebeu 10 mil dólares e no México 15 mil—récorde que ainda continua de pé. Por uma turnê de dois meses, em toda a América Latina, pagaram-lhe 250 mil dólares, e durante toda a sua vida ganhou cerca de dez milhões. Após sua morte, ocorrida há 25 anos, os direitos autorais sobre seus discos continuaram a ser pagos. Para a temporada de Natal de 1943, a Companhia Victor pôs a venda 18 mil albuns de discos de Caruso, a preço relativamente alto; pois desapareceram da noite para o dia.

A popularidade de Caruso era devida, pelo menos em parte, à sua personalidade superior. Tinha a simplicidade de um camponês, e seus gestos generosos tornaram-no ainda mais estimado do público.

Uma noite, em Bruxelas, ouvia-se forte rumor do lado de fora do seu vestiário. Caruso, abrindo a janela, descobriu que uma multidão de vários milhares de pessoas havia permanecido frente ao teatro, por falta de lugar. Tratava-se de um festival de gala, com a presença da realeza. O cantor, após alguns momentos de hesitação, decidiu cantar para a multidão as principais árias da ópera que iria interpretar no palco.

Certo dia estava assinando os cheques de mais de duzentas pessoas para cujo sustento contribuia, quando a esposa observou: «Muitas delas não o merecem.» «Você tem razão, Doro,» respondeu ele, «mas não se pode saber quais são as que merecem ou não.»

Em Cleveland, passeava uma manhã com Bruno Zirato, seu secretário, quando, subitamente, exclamou: «Isto não está certo. Chegamos aquí, levamos o dinheiro e vamos embora. Precisamos gastar alguma coisa nesta cidade.» Nesse momento passavam frente a uma vitrina de aparelhos de louça. Caruso entrou na loja, comprou o que havia a venda, e enviou tudo para ser distribuido entre os seus amigos necessitados de Nova York. Daí em diante sempre encontrou maneira de gastar, na cidade onde se achava cantando, um pouco do dinheiro que na mesma havia ganho.

Homem de estatura mediana, no pináculo da sua carreira, tornara-se um tanto corpulento, e seu cabelo começava a cair. Era um verdadeiro fanático por limpeza: banhava-se duas vezes por dia, e isso sem interromper os estudos: o material de que necessitava tinha-o numa estante adaptada aos lados da banheira. A porta do banheiro permanecia aberta e na sala vizinha um acompanhador tocava as partituras ao piano. Todas as manhãs passava pelas mãos do barbeiro, do massagista, do pedicuro, da manicura e depois voltava a estudar seu próximo papel.

Era de uma intolerância absoluta para com aqueles não tão exigentes quanto ele. Referindo-se a uma diva, com quem tinha que atuar numa cena de amor, queixava-se: «É horrivel cantar com uma pessoa que não toma banho, mas sentir-se emocionado ao lado de uma mulher que cheira a alho, é impossivel.»

NASCERA ele em Nápoles, filho de um pobre mecânico. Frequentou a escola

somente durante alguns anos. Seu pai queria fazer dele um mecânico e, à custa de surras, conseguia fazê-lo trabalhar um pouco. Mas Caruso tinha um único objetivo na vida: tornar-se cantor, e nesse sentido era constantemente estimulado pela mãe.

Sua primeira audição frente a um professor de música não foi coroada de êxito. Esse professor, Guglielmo Vergine, conhecido hoje principalmente por motivo desse episódio, disse-lhe após a audição: «Sua voz parece mais uma gaita rachada.» Mesmo assim Caruso obteve permissão para assistir às aulas. Relatando mais tarde à mulher esses tristes episódios de sua vida, dizia: «Tinha um terno preto que já estava ficando verde, e antes de ir para a aula eu o tingia. Para ter uma aparência melhor, fazia com papel o peito das minhas camisas. Precisava dos sapatos para ir à casa do professor, e comprava-os com dinheiro que obtinha cantando em casamentos e enterros. Mas os que eu podia comprar tinham solas de papelão. Uma ocasião a chuva me surpreendeu a meio caminho. Ao chegar à residência do mestre, coloquei os sapatos para secar junto ao fogão. Quando fui apanhá-los eles se tinham enrugado de tal modo, que voltei para casa descalço.»

Ao terminar o curso, Caruso implorou ao professor que lhe fosse permitido submeter-se aos exames. Vergine, concordando embora que ele realizara algum progresso, não se mostrou, de nenhum modo, entusiasmado. Por seu, intermédio, o cantor obteve, no entanto, um ou dois pequenos compromissos e finalmente um lugar como tenor substituto numa pequena companhia de óperas.

Certo dia a companhia chegou a uma cidade onde Caruso tinha uns amigos. Quase certo de que não seria chamado, procurou seus camaradas e, reunidos num bar, começaram a entoar velhas canções napolitanas, bebendo tambem vinho em grande quantidade. Enrico já estava um pouco tonto, quando um mensageiro veio chamá-lo para substituir o tenor que, afinal, caira doente. Caruso correu para o teatro. Cantou bem, mas enfureceu a gerência e deliciou a platéia, com a sua conduta no palco: tonto como se achava, foi de encontro aos outros atores, tropeçou várias vezes e provocou, em suma, terrivel confusão. O público o recebeu com alegres gargalhadas e com gritos de «ubriaco», que significa «bêbedo».

A gerência despediu Caruso logo que o ato terminou, e o jovem cantor voltou, desconsolado, para o camarim. Tinha jogado fora sua primeira oportunidade. Momentos depois, porem, o mesmo mensageiro entrava arquejante no camarim e, balbuciando, dizia-lhe que a platéia vaiara o outro tenor e estava agora pateando e exigindo a volta do «ubriaco». Caruso voltou, obtendo então enorme triunfo.

Daí em diante seu progresso foi constante; nos dez anos que se seguiram, tornou-se um dos mais conhecidos intérpretes de óperas italianas, cantando em vários paises da Europa. Convidado a atuar no Metropolitano de Nova York, fez a sua estréia em 1903, no *Rigoletto*.

Os REQUISITOS para ser-se grande cantor, dizia Caruso, são um grande torax, boca larga, 90 por cento de memória, 10 por cento de inteligência, muito trabalho e «algo no coração». Tinha ele todos esses atributos—o intelectual, o emotivo, o moral e o físico. Seu torax era enorme e podia ser dilatado 22 centímetros.

Antes de aparecer no palco, seguia um sistema de sua invenção: primeiro gargarejava com água quente e sal, e inhalava um pouco de rapé para dilatar as narinas. Em seguida tomava um cálice de uisque, um copo de água gasosa e finalmente comia um quarto de maçã. Nos bolsos de sua fantasia colocava sempre dois tubos de água quente com sal, que tomava caso precisasse limpar a garganta durante o espetáculo. Quando isso acontecia, virava-se de costas para o público, engulia rapidamente o conteudo de um dos tubos, e continuava a representação sem que nada se notasse.

Era extremamente sensivel à crítica. Quando os críticos de Boston censuraram uma execução sua, jurou que nunca mais voltaria a cantar naquela cidade, e seguiu à risca o juramento. No entanto, era de muito boa índole. Adorava fazer graças, e muitas das suas pilhérias são lembradas até hoje. Durante uma representação da *Tosca*, Antonio Scotti curvou-se para apanhar um pincel que havia caido ao lado do cavalete, e não conseguiu movê-lo. Caruso tinha pregado o pincel no chão.

David Ewen, no seu livro *Listen to the Mocking Words*, conta um incidente passado entre Caruso e Geraldine Farrar, quando ambos estavam gravando um dueto de *Madame Butterfly*. O trabalho de gravação era longo e árduo e, em dado momento, Caruso resolveu ir a um bar da esquina para tomar um estimulante qualquer. Quando voltou e recomeçou a cantar com Farrar, a *prima donna* maldosamente inseriu estas palavras na ária: «O, você tomou um uisque!» E Caruso respondeu: «Não, tomei dois!» Esse disco é hoje disputado pelos colecionadores.

A passagem mais terna dessa vida extraordinária talvez seja a história de seu casamento. Tinha 45 anos e se encontrava no pináculo da glória quando conheceu Dorothy Park Benjamin, jovem americana tímida, de pouco mais de vinte anos, recem-saida de um colégio de freiras. Fez-lhe a corte, e com ela se casou, a despeito da desaprovação da família da moça, de hábitos antigos e conservadores.

Viveram juntos três breves anos de constante idílio, e esse amor bem evidente se torna a quem ler a biografia de Caruso, escrita pela esposa, e especialmente as cartas que Caruso lhe escreveu. Aqui temos um trecho, escolhido ao acaso:

«Meu coração pulsa tão fortemente que parece querer voar em tua direção. Nunca mais, nunca mais te deixarei... Desejaria que estivesses em mim para saberes quanto te amo. Que posso fazer para afirmar-te meu amor? Creio ter feito o possivel para mostrar-te, mas continuo tratando de convencer-te cada vez mais. Estejas certa de que o teu Rico te adora... »

O casal levava uma vida calma, num hotel de Nova York. Caruso não gostava de sair, para não ser incomodado pelos curiosos que o seguiam. Costumava ficar em casa; ele, com seus óculos de aros de ouro, colando recortes de jornais, e ela, lendo. Frequentemente, cerca da meia-noite, sentindo fome, mandavam buscar um pão e alguns bifes. Enrico cortava o pão ao comprido, colocava os bifes no meio e comiam-nos como sanduiche.

Quando Caruso aceitava um convite para jantar fora, mandava invariavelmente um recado ao anfitrião, dizendo que fazia questão de sentar-se junto à mulher. «Diga-lhe,» instruia ele ao mensageiro, «que eu casei com minha mulher para ficar junto dela. A ter de me sentar longe dela, prefiro ficar em casa.»

Em dezembro de 1920, quando Caruso cantava uma ária no primeiro ato da ópera *L'Elisir d'Amore*, um vaso sanguíneo rompeu-se na sua garganta. Insistiu, porem, em continuar até o final do ato. Um reporter do *Times* de Nova York conta assim o trágico episódio:

«Caruso já havia ensopado de sangue o seu lenço e os outros atores iam-lhe entregando, furtivamente, outros lenços, sem que a platéia o percebesse. Enxugava constantemente o sangue que lhe afluia à boca, mas assim mesmo viam-se pequenas gotas vermelhas nos seus lábios.»

Da primeira fila, Dorothy Caruso implorava-lhe que deixasse o palco.

Na véspera do Natal voltou ao Metropolitano, mas aí sofreu uma recaida. Submeteu-se a sete operações de abcessos nos pulmões, porem nunca mais cantou. No verão do ano seguinte, embarcou para Nápoles. Aí, num pequeno hotel que dava para a linda baía, faleceu à idade de 48 anos.

No seu livro, Dorothy Caruso escreveu: «Estive sentada ao lado do rádio, ouvindo em discos as suas interpretações gloriosas, num programa organizado em sua homenagem. Caruso teria apreciado esse tributo, e teria dito: —Que gentileza a deles, de se lembrarem até hoje.»

Mensagem direta

¶ Na sala de uma Companhia de Navegação, os candidatos a uma vaga de telegrafista esperavam a sua vez para serem entrevistados—e conversavam tão animadamente que não prestaram atenção aos sinais emitidos no alto-falante da sala. Justamente nessa ocasião um homem entrou na sala e sentou-se, calado, à parte. Subitamente, levantou-se e se dirigiu para uma sala particular contígua, voltando pouco depois, sorridente.

—Que é isso?—disse-lhe um do grupo. —Como foi que você passou na nossa frente? Nós estávamos aquí primeiro.

—Um de vocês podia ter conseguido o emprego, replicou o outro, —se tivessem ouvido a mensagem, no alto-falante.

—Que mensagem? perguntaram, surpresos.

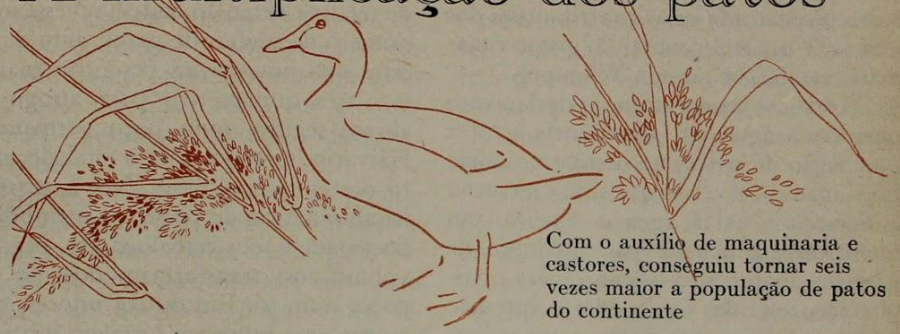
—Ora essa, o código, respondeu o estranho. A mensagem dizia: «O homem que estou procurando deve estar sempre alerta. O primeiro que ouvir esta mensagem e vier diretamente à minha sala será telegrafista de um dos meus navios.»

—Walter C. Mello

¶ Desde Pearl Harbor, nos Estados Unidos, 150 mil operários perderam as suas vidas em seu trabalho e fora dele; 69 mil pessoas foram vítimas de acidentes de automoveis; 112 mil outras morreram em acidentes, dentro de casa. O total representa um terço *mais* do que todas as perdas sofridas pelos Estados Unidos em combate, na Segunda Guerra Mundial.

—National Casualty Co., no *Record* de Philadelphia

A multiplicação dos patos



Com o auxílio de maquinaria e castores, conseguiu tornar seis vezes maior a população de patos do continente

(*Condensado de «Maclean's»*) *Por S. Kip Farrington, Jr.*

Há menos de dez anos, a vasta área de produção de patos selvagens da América, que se estende através de três províncias canadenses semeadas de vales e avança rumo ao norte, em direção ao Ártico, vacilava, à beira do esgotamento. As referidas aves devem sua renascença a uma organização chamada *Patos Ilimitada* que, a partir de 1938, fez com que a população de patos do continente aumentasse de quinhentos por cento.

Antes de apreciarmos este milagre, vejamos por que motivo a população de patos decresceu de cerca de 400 milhões, em 1875, a 27 milhões, em 1935.

Os proprietários de estâncias e fazendas que, em 1870 e nos anos seguintes, decidiram transformar os vales canadenses num império do trigo, conseguiram realizar tal projeto talvez bem demais. Drenaram os pântanos e capinzais onde a chuva e a neve costumavam acumular-se. Puseram por terra tudo quanto era madeira que conservasse umidade, e lançaram o arado em terras não destinadas ao cultivo. Cercaram os castores que existiam, por alí, em grande quantidade, destruindo os açudes por eles construidos. Mataram patos, tambem, a torto e a direito, mas a redução do suprimento de água causou um efeito mais decisivo que qualquer outra coisa pois, sem abundância de água, os patos não podem sobreviver. Por volta de 1929, a natureza pôs, tambem, mãos à obra, com uma seca terrivel que durou por toda a década de 1930 a 1940. As aves aquáticas, cujo número já se achava tão reduzido, estiveram prestes a ser completamente extintas.

Uma vez que setenta por cento dos patos selvagens da América do Norte são criados nos viveiros canadenses, o efeito da seca tornou-se evidente, com uma rapidez impressionante, aos caçadores de todo o continente. A caça, declararam os governos, era o único fato imediato que podia ser controlado pelos homens. Diante disso, reduziram os limites impostos a cada caçador, tomando outras medidas semelhantes. Mas o suprimento de patos continuou a reduzir-se.

Em 1937, finalmente, um grupo de esportistas, de visão mais larga, iniciou uma campanha para a coleta de fundos destinados a restaurar os viveiros do Canadá, atingidos pela seca. Sob o título de

Patos Ilimitada, constituiu-se na capital americana uma companhia sem fins lucrativos, mantida pelas contribuições dos sócios. O quartel-general do grupo canadense estabeleceu-se em Winnipeg.

Os críticos da organização declaravam que havia água em abundância para a população de patos, no oeste e no norte do Canadá. «É claro que sim,» retrucou a Sociedade. «Há água e viveiros em quantidade suficiente para o dobro de pássaros, e alimento bastante para o triplo, nas referidas áreas. Mas o que não podemos é fazer com que os patos se convençam disso!»

Eis o que acontece: cada primavera, quando os pássaros voam para o norte, encontram milhares de pequenos poços abertos nas rochas, covas, e lagos rasos, contendo de 15 centímetros a um metro de água, o que ficou das neves derretidas e das primeiras chuvas da primavera. A fêmea sabe que estes poços lhes fornecem uma quantidade de alimentos—algas, parasitas, crustáceos e larvas, com que alimentar os filhotes, quando nascerem, motivo pelo qual constroem os ninhos nas imediações. Os patinhos precisam alimentar-se de produtos animais, durante as primeiras seis semanas de vida, porque seu metabolismo é tão ativo que morreriam de fome com alimentação vegetal exclusiva.

Mesmo num ano normal, porem, 75 por cento destes poços secam completamente, antes que os patinhos possam voar. Estes vão de poço em poço, acompanhados pelas mães, à medida que a água vai desaparecendo. Em muitos casos, as mães morrem com os filhotes. Uma inspeção em áreas típicas, através da região ocidental do Canadá, em 1940, revelou uma perda de vinte e um milhões e oitocentos mil pássaros.

O projeto da sociedade *Patos Ilimitada* consistia em estabeleceram de cinco a oito reservatórios de água, em cada área de relativa extensão onde houvesse maior número de ninhos de patos, afim de que estes não precisassem percorrer mais de uns três quilômetros para atingir um abrigo seguro, num poço permanente. Há varios métodos para o estabelecimento destes reservatórios. Nas zonas onde há abundância de poços, os membros da Sociedade e seus trabalhadores, pagos ou voluntários, transformam dois ou mais poços num só. Em outros setores, constroem uma represa e instalam um reservatório bastante amplo para que centenas de poços fiquem no seu perímetro. Por vezes é necessário cavar a dinamite uma laguna, no leito de grandes lagos que secaram.

São impressionantes os resultados até agora obtidos. A partir da estação de 1939, notou-se um aumento de bom indício nos vôos de migração para o sul, o que se foi mantendo continuamente. No outono de 1944, cerca de 140 milhões de patos partiram do Canadá rumo ao sul. O resultado foi que os caçadores passaram a encher mais suas sacolas, e a estação de caça foi alongada, tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá.

«Já fizemos melhoramentos em vastas extensões, segundo 155 projetos,» informa-nos o diretor geral de *Patos Ilimitada*. «Quase todas essas regiões foram postas à nossa disposição, —sem que isto nos custasse coisa alguma ou apenas uma quantia nominal, —pelos governos do Domínio, dos estados ou das municipalidades, por firmas particulares e até indivíduos. Por cada dolar que os esportistas americanos nos enviaram, em dinheiro, os governos e o povo do Canadá investiram pelo menos dez, em terreno e serviços.»

Os mais valiosos destes serviços são prestados pelos chamados trabalhadores centrais. São 2.200 fazendeiros, donos de ranchos, caçadores, guias e homens de negócio. Voluntários, não recebendo pagamento algum, apresentam regularmente a *Patos Ilimitada* relatórios circunstanciados sobre as condições das aves aquáticas.

Alem de instalar reservatórios permanentes de água, *Patos Ilimitada* trava uma guerra constante contra verdadeiros batalhões de inimigos vorazes, aos quais nada é mais agradavel do que uma ninhada de ovos de pato ou um par de patinhos tenros. Entre tais inimigos, os quatro mais importantes são os corvos, as pegas, os esquilos e os lúcios, peixes vorazes muito comuns naquelas regiões. Calcula-se que, reunidos, são responsaveis por um número de vítimas oito vezes maior que aquele atingido pelo total dos caçadores. Milhões de corvos acompanharam as charruas dos lavradores para o oeste. Trabalhando juntamente com os caçadores e as agências do governo, e alistando crianças para que estas apanhassem ovos de corvo, a Sociedade conseguiu reduzir de dois milhões o número destes últimos. Por outro lado, quanto aos lúcios, a certa altura calculou-se que eles devoravam cerca de oito milhões de patinhos por ano. Com ótimos resultados abriu-se uma campanha de pesca desses assassinos de dentes curvos. E assim se vão liquidando todos os empecilhos a essa multiplicação de patos.

Talvez o exemplo mais impressionante quanto aos resultados obtidos pela empresa, seja o do lago da ilha Many, ao sul de Alberta. Santuário municipal de aves aquáticas, tornara-se esse lago verdadeira armadilha para seus alados habitantes. Na primavera, os patos lá se refugiavam aos milhares, morrendo quando as lagunas se evaporavam. Em julho de 1938, o vale ficou juncado de carcassas de cem mil patos e seus filhotes. Os fazendeiros e caçadores locais prontificaram-se a prestar auxílio, como voluntários. Construiram represas, cavaram baías artificiais e irrigaram lagos permanentes. Atualmente, sobre o mesmo lago se ouve o ruflar de asas vigorosas e sadias.

O principal fator do êxito alcançado por *Patos Ilimitada*, até agora, na opinião do director, tem sido o auxílio prestado pelos fazendeiros e proprietários de ranchos do Canadá. Mesmo os que, a certa altura, se mostraram duvidosos, quanto às possibilidades da companhia, demonstram, entusiasticamente, como os projetos da referida organização vieram auxiliá-los, de um modo indireto. Mais de cem mil cabeças de gado empregam, agora, os reservatórios de água das instalações de *Patos Ilimitada*. A irrigação do feno aumentou a produção para a forragem do inverno. Espalharam-se ratos almiscarados por alguns dos lagos e pântanos compreendidos no projeto, e uma das áreas em que a produção de peles se tinha tornado inexistente, já há muitos anos, está rendendo agora trinta mil peles de rato almiscarado por ano, o que constitue excelente fonte de renda.

Nas áreas que não podiam ser atingidas com máquinas de escavação elétrica, utilizaram-se os castores. Não foi necessário muito tempo para que estes construissem represas com pedaços de madeira e lama, capazes de manter de modo eficiente o nivel das águas. O número de castores aumenta continuamente e é possivel que, dentro em breve, seja permitido colocar armadilhas, pois, como se sabe, tambem a sua pele é muito disputada pelo comércio.

Patos Ilimitada está levando por diante seu trabalho. Ainda há muito que fazer na extensa região que constitue verdadeira fábrica de patos.

A revolução industrial em plena força

O México se industrializa

(Condensado da "Pan American")

Por Michael Scully

O TURISTA que for à Cidade do México, na expectativa de encontrar a velha capital romântica que os cartazes das companhias de transportes anunciam, terá provavelmente bom número de surpresas. Sem dúvida, encontrará lá alguns recantos tranquilos do século XVIII — uma igreja brandamente iluminada, uma sombria *plaza*, ou um pátio colonial. Mas à volta desses vestígios de antiguidade, fervilha uma cidade em pleno progresso, movimentada e moderna, com um tráfego intenso, cheia de edifícios em construção, retalhada de novas ruas e espraiando-se em novos bairros, como Detroit na segunda década deste século. E não só é a mais antiga como uma das seis maiores cidades da América, acima do Ecuador. Em 1930, sua população mal alcançava um milhão de habitantes, sendo hoje provavelmente de dois milhões.

O turista verá mexicanos que compram camisas por 7 dólares, chapéus por 20, e um simples terno de passeio por 50, mas verá tambem outros que vivem em «favelas» miseraveis, sem nenhum conforto; e se, por um lado, ler nos jornais que há greves de inquilinos, mercado negro, ou falta de trabalhadores, por outro lado se informará de que se está levantando grande centro médico, de que está quase terminado um custoso sistema de fornecimento de água, e de que os teatros, os cabarés e as corridas de cavalos estão em pleno florescimento.

Esses aspectos, aparentemente paradoxais, se explicam simplesmente: o México está sendo avassalado por uma revolução industrial retardada por longo tempo, revolução que se processa por uma desvalorização do dinheiro como poucas vezes se tem observado em outros paises. O fenômeno aparece claramente em Monterrey, em Guadalajara e em outros centros urbanos, mas seu ponto focal é a própria capital: 70% das novas indústrias do país, em número superior a 400, aí estão localizadas.

O efeito imediato dessa onda de súbito progresso material é uma inflação, altamente proveitosa para alguns poucos e onerosa para a grande maioria. Mas o resultado—se o México conseguir resolver os problemas com que ora luta—será a criação de uma moderna e poderosa nação, que servirá de exemplo a muitos outros paises.

O adiantamento do México é violento porque foi reprimido durante muito tempo, e depois provocado artificialmente. Em 1910, a industrialização do país se iniciava, quando foi interrompida, por uma década, pela revolução. Mais tarde foi detida pela crise mundial. Somente

poucos anos antes de 1940 é que a industrialização mexicana começou outra vez a fazer reais progressos. E, paradoxalmente, foi Lázaro Cárdenas, o mais discutido de todos os presidentes do México, que, ao mesmo tempo, forçou o crescimento das cidades e das indústrias e criou os obstáculos que dificultam atualmente o progresso natural do país.

O Presidente Cárdenas abalou a economia nacional mexicana até as suas raizes, expropriando em massa enormes latifúndios, e distribuindo-os, em forma de pequenas fazendas coletivas, entre os camponeses. A riqueza do México sempre se fundou na posse do solo, e os donos de terras desprezavam quaisquer outras fontes de renda—mas, vendo-se privados dos seus latifúndios, trataram de aproveitar o que puderam e investiram o seu capital em construções urbanas, no comércio e na indústria. Foi essa a semente do fenômeno do desenvolvimento assombrosamente rápido da Cidade do México.

O Presidente Cárdenas tambem nacionalizou as estradas de ferro, a indústria do petróleo e outras, estabelecendo uma vasta burocracia para administrá-las, o que atraiu milhares de empregados para a capital, os quais necessitavam de morada, alimentos, escolas, roupas e demais requisitos da existência citadina. Houve outro resultado imprevisto: os trabalhadores, apoiados pelo governo, conseguiram grandes melhorias de salários e de condições de trabalho, mas o programa de auxílio aos camponeses ficou prejudicado, porque os homens do campo começaram a afluir para as cidades, provocando excesso de mão de obra e crise de desemprego.

O México tem, todavia, o dom de se manter sempre equilibrado. Desta vez, foram as perseguições de Hitler e a Guerra Civil da Espanha que levaram para o solo mexicano grande número de refugiados europeus—muitos deles possuindo dinheiro ou dotados de habilidade técnica para estabelecerem novas indústrias, com as quais se resolveu o problema dos desempregados. Alem disso, em 1939, os turistas norte-americanos invadiam praticamente o México, gastando 53 milhões de dólares por ano, forçando assim a construção de mais hotéis e de melhores estradas de rodagem, ao tempo em que incentivavam a fabricação de artigos de prata e de outros gêneros.

QUANDO estalou a Segunda Guerra Mundial, o México foi obrigado a produzir muitas coisas que até então sempre havia importado. O governo do novo presidente Ávila Camacho, para estimular as indústrias, ofereceu aos manufatureiros, nos começos de 1941, uma isenção de impostos, inclusive de importação, pelo período de cinco anos.

Essa medida deu grande impulso à incipiente industrialização mexicana. Os capitais norte-americanos, para evitar os altos impostos domésticos, afluiram para o México. O dinheiro mexicano, desvalorizado no tempo de Cárdenas, subiu outra vez, e as aquisições de guerra por parte dos Estados Unidos concorreram com novos milhões de pesos para inversão de capital.

As terras de pastagens nos arredores da capital principiaram a desabrochar em subúrbios fabrís. O próprio governo tomou a iniciativa de financiar muitas indústrias de necessidade urgente, tais como uma usina de aço, uma refinaria de petróleo, e usinas elétricas e trabalhos de irrigação. Em 1944, o total dos capitais invertidos pelas empresas privadas era de 32 milhões de dólares; em 1945, foi de 60 milhões, aproximadamente. Em setembro do ano passado, foi anunciada a

maior organização industrial do México, formando-se uma corporação de 15 milhões de dólares de capital, com a participação da Westinghouse Electric e de um grupo de banqueiros norte-americanos e mexicanos. A nova entidade industrial, que já adquiriu um vasto terreno nas vizinhanças da capital mexicana, para aí instalar as suas usinas, estará produzindo, antes do fim de 1946, rádios, geladeiras, ferros de engomar, máquinas de lavar roupa, bem como uma longa série de artigos de iluminação. A mexicanos pertencem 51% das ações da empresa, e os 49% restantes a norte-americanos.

Inversões de capital de tal monta, reflexo da confiança reinante no estrangeiro sobre o futuro do México, não são mais significativos do que o recente desenvolvimento fenomenal das indústrias mexicanas. Em 1931, toda a produção cinematográfica local era feita por duas companhias de amadores. Em 1944, foram produzidas, por três estúdios mexicanos, 83 películas, que renderam 76 milhões de dólares em bruto, constituindo a terceira fonte de renda nacional. Do mesmo modo, a indústria do livro aumentou seis vezes mais, nos últimos dez anos. E a produção de artigos de prata, de texteis e de outras mercadorias alcançou um volume que parecia impossivel há uma década.

Entretanto, com a atual dificuldade para se obterem materiais, a capacidade de desenvolvimento da indústria e das construções não absorveu ainda a onda de dinheiro disponivel atualmente, nas finanças do México. Os turistas norte-americanos ainda lá estão gastando um milhão de dólares por semana, os operários mexicanos que trabalham nas usinas de guerra norte-americanas mandaram 55 milhões de dólares para o seu país, e as compras de material de guerra feitas pelos Estados Unidos contribuiram largamente para abarrotar de ouro as arcas dos bancos mexicanos. Atualmente, há no México pelo menos 350 milhões de dólares em depósitos bancários, inativos.

Com tanto dinheiro disponivel e com tão pouca coisa para se comprar, era inevitavel a inflação, apesar dos esforços do governo para controlá-la. As propriedades de imoveis estão dez vezes mais caras do que em 1935, e os artigos de luxo atingem preços fantásticos. Abaixo do nivel de vida dos novos-ricos, dos vendedores do mercado negro, e dos especuladores, as dificuldades têm-se multiplicado. Os salários não aumentaram proporcionalmente com o custo da vida, que subiu de 400% nos últimos dez anos. Na Cidade do México, mesmo os alimentos populares—feijão, milho, arroz e carnes baratas—custam duas vezes e meia mais do que em 1940.

Aquí se apresenta um dos aspectos dificeis da situação nacional: independentemente dos preços, não há produção de alimentos. Os lavradores não estão suprindo as cidades. Até o milho—base da alimentação mexicana—tem que ser importado, como o trigo, o açucar, a carne e outros gêneros.

Os críticos citam, como explicação, a reforma agrária do Presidente Cárdenas. Poucos discutem o seu objetivo—terra para os camponeses. Quando, há seis anos, ele colocou cinco milhões de camponeses em um conjunto grandioso de fazendas coletivas, nem o seu governo nem os lavradores estavam preparados para transformação tão drástica. O governo não podia financiar os *ejidos* ou preencher os quadros administrativos com pessoal competente; e os lavradores, analfabetos, outrora tão enganados e espoliados, não compreendiam as complexidades do sistema, e em muitos casos deixavam de cooperar. Alguns *ejidos*, bem administrados, deram resultado, mas o que se produziu, em suma, foi um caos agrícola.

A nacionalização das estradas de ferro, feita pelo governo Cárdenas, tambem concorreu para agravar o problema agrícola. As linhas começaram a ser objeto de controvérsia entre os políticos e os líderes trabalhistas, enquanto o equipamento ferroviário era mal cuidado, e os horários esquecidos. A ajuda dos Estados Unidos, fornecida com o fim de transportar os materiais de guerra necessários, serviu para restabelecer em parte a eficiência normal das linhas, mas os mexicanos não podem obter o equipamento que lhes faz falta para as exigências da sua crescente indústria.

Novos fatores, todavia, concorrem para que o México possa confiar muito no futuro. O país, pela primeira vez, dispõe de dinheiro para que o seu sonho de modernização se torne realidade. O governo vê com bons olhos o capital estrangeiro que deseje cooperar, e promete continuar com a mesma atitude, tendo, por outro lado, desde 1940, lançado os fundamentos de uma moderna agricultura, capaz de sustentar a indústria nacional. Há maior número de lavradores que se tornaram realmente proprietários de terras em lugar de simples dependentes do governo. A instrução pública melhorou muito, e foram iniciados projetos de irrigação que poderão mais do que dobrar a área das terras produtivas.

Outro elemento que vai ser decisivo para o progresso industrial mexicano é a eletrificação do país. O México possue poucos depósitos de carvão, e, embora tenha grandes recursos petrolíferos, as regiões montanhosas impedem a construção de oleodutos. Desse modo, as usinas hidro-elétricas representam o único meio para a obtenção de potencial fabril. A industrialização da Cidade do México se deveu, em grande parte, à recente construção de duas usinas desse gênero, as quais, com mais outra de Monterrey, aumentaram de 50% a energia elétrica até então disponivel. Isso foi apenas o começo. Agora, com o equipamento que se pode obter, está sendo posto em execução um plano de aproveitamento de seis bacias hidrográficas.

Os mexicanos reconhecem que o seu progresso tambem depende de novas estradas, de ferro e de rodagem. Nova linha ferroviária está agora ligando a região tropical do Iucatão com a porção principal do território mexicano, e outra, em construção, se estenderá para a região nordeste mexicana, até o Pacífico. O sistema rodoviário foi aumentado recentemente, com novas estradas, num total de mais de mil quilômetros.

Para apressar a transformação industrial, foram postas de lado leis que antigamente impediam a entrada de técnicos estrangeiros, e atualmente muitos peritos norte-americanos estão orientando os novos industriais, ao mesmo tempo que preparam jovens mexicanos para o mesmo fim. Grandes grupos de operários especializados estão sendo enviados às fábricas norte-americanas, para se aperfeiçoarem. Alem disso, aumenta o número dos engenheiros, técnicos e cientistas locais. As matrículas nos cursos de engenharia e de ciência, na Universidade Nacional, aumentaram consideravelmente, e acaba de ser estabelecido na capital um Instituto Politécnico Nacional.

Para os Estados Unidos, o avanço industrial do México apresenta vários aspectos vantajosos. Segundo o Escritório dos Assuntos Inter-Americanos, o México deverá adquirir, nos próximos dez anos, cerca de um bilhão de dólares em

equipamento pesado, para o seu programa de modernização, assim assegurando trabalho para milhares de trabalhadores nas fábricas americanas. À medida que subirem os salários dos operários e lavradores mexicanos, o México se tornará um mercado proporcionalmente maior para os artigos norte-americanos. A história da economia mostra que as importações de um país crescem na relação direta da sua industrialização. Por outro lado, o progresso do México estimulará a industrialização dos outros países latino-americanos—e calcula-se que a América Latina necessitará, na próxima década, de cerca de 10 bilhões de dólares em equipamento para preencher as suas necessidades básicas.

Finalmente, a desconfiança e a má vontade que muitos mexicanos manifestavam pelos Estados Unidos irão aos poucos se desanuviando, à proporção que as máquinas e os salários mais altos forem eliminando a disparidade entre os dois países, e os mexicanos forem tendo melhor nível de vida, criando assim no seio do povo um sentimento de respeito por si mesmos e de cooperação com os seus vizinhos.

Momentos embaraçosos

¶ Eu era de estatura pequena, nos meus tempos de colégio, e como reserva do primeiro time nunca tinha tomado parte em um jogo, nem esperava tomar parte em nenhum. Estávamos, então, jogando a partida decisiva da temporada. Subitamente, o juiz apitou, o jogo parou e o nosso time se juntou no meio do campo. O nosso capitão estava no chão, cercado pelos companheiros. O centro-médio correu até onde eu estava, e gritou: «Venha, Rose!» voltando logo para junto dos outros, no meio do gramado. Com as pernas trêmulas, mas disposto a não fazer feio, nem que me matassem, corrí pelo campo. A situação devia ser grave, do contrário não me teriam chamado.

«Tire o seu calção,» bradou-me ele. «E ponha o dele, que está rasgado,» explicou-me, apontando para o capitão. Protegidos pelos jogadores que nos faziam uma roda, eu e o capitão trocamos de roupa. E eu saí do campo agarrando o traseiro do meu calção, tendo o jogo continuado.

—Don Rose

O que há de melhor na Natureza

¶ Em seu livro «As florestas perdidas», diz Edwin Way Teale: «Se eu pudesse escolher os aspectos, os sons e as fragrâncias que, entre as coisas deliciosas da Natureza, eu mais gostaria de ver, de ouvir e de sentir, no meu último dia sobre a terra, acho que escolheria os seguintes: o claro e etéreo canto das andorinhas na madrugada; o perfume dos pinheiros ao meio-dia; o resplendor das asas de uma borboleta, voejando ao sol; a voz do tordo solitário e distante, na floresta sombria, ao anoitecer; e—a mais espiritual e comovida de todas as coisas—a alva catedral das nuvens flutuando serenamente no azul dos céus.»

Muitos milhões de dólares e uma publicidade magistral impulsionam as sociedades trabalhistas, no após-guerra, para a conquista do poder político

Sindicatos multimilionários

Condensado do «American Mercury»

Por Victor Riesel Redator de assuntos trabalhistas do *Post* de Nova York

Nas 60 mil sedes sindicais locais espalhadas pelos Estados Unidos, o trabalhismo tem concentrada sua nova força, conquistada durante a guerra; está pronto para lançá-la na luta pelo poder político assim como para a obtenção de um aumento de salários no valor de dez bilhões de dólares.

Para financiar a campanha, os líderes do trabalho dispõem de fortunas fabulosas e de uma perfeita e acabada máquina de propaganda.

A verdade é que hoje em dia o trabalhismo se transformou em grande negócio, frequentemente dirigido por administradores bem pagos, que são também técnicos em propaganda. Os sindicatos, que tiveram seus cofres recheados durante a guerra, possuem bens no valor de um bilhão de dólares, a que se acrescenta uma renda de mais de 25 milhões de dólares, proveniente das contribuições de cerca de 13 milhões de sócios.

Muitos dos grandes sindicatos possuem arranha-céus, bancos, jornais, estações de rádio, centros recreativos, hospitais, lugares de veraneio, asilos para velhos, firmas seguradoras. Eles podem negociar com outros sindicatos exatamente como o fazem os grandes empregadores. Há alguns anos, a Associação dos Foguistas e Maquinistas de Locomotivas viu-se envolvida em forte divergência com John L. Lewis, que havia sindicalizado os operários das minas de carvão, de propriedade da referida Associação. Essa união tem bens no valor de 30 milhões de dólares. A Associação dos Trabalhadores de Trens conseguiu acumular uns 41 milhões de dólares. Essas fortunas são típicas entre as associações de estradas de ferro—e não constituem pequeno recurso nas reivindicações para o aumento de salários.

A tesouraria da União dos Condutores, dirigida por Daniel Tobin, a qual faz parte da organização política do Partido Democrático, possue um total de 15 milhões de dólares. A organização liberal dirigida por David Dubinsky, denominada Trabalhadores Internacionais de Roupas de Senhoras, é proprietária de uma estação de veraneio na Pensilvânia, bem como do antigo Edifício Ford, em Nova York, do edifício-sede do antigo Tammany Hall e um centro de saude de 26 andares. Os Trabalhadores Reunidos de Roupas, chefiados por S. Hillman, representam mais de 4 milhões de dólares e possuem um banco próprio. O principal inimigo de Hillman, John L. Lewis, tem o controle da tesouraria da União dos Trabalhadores de Minas, no valor de 12 milhões, com a renda mensal de contribuições no valor de 900 mil dólares.

Não admira, pois, que os Condutores possam dar-se ao luxo de pagar a Daniel Tobin 30 mil dólares por ano, «incluindo despesas de viagem a negócio e ajuda de

custo para ele e a esposa», ou que a Federação Americana de Músicos pague anualmente ao «Pequeno» Cesar Petrillo a bagatela de 48 mil, e que os mineiros possam dar a Lewis os seus 25 mil, fora as despesas, naturalmente.

É significativo o fato de que esses três valorosos e bem pagos líderes do trabalho, talvez os mais poderosos chefes de sindicatos do mundo, sejam os agentes de sua própria publicidade. É assim que vemos Petrillo, em 1943, quando atacado fortemente pela imprensa, retirando 500 mil dólares da tesouraria da Federação Americana de Músicos para custear 570 concertos gratuitos pelas maiores orquestras da nação, os quais foram realizados nas cidades onde, por qualquer coincidência, era mais intenso o ataque.

Do mesmo modo, os chefes da CIO (Confederação dos Trabalhadores de Indústrias) têm tentado conquistar a boa vontade do público por meio de filmes e desenhos animados. É bem caraterística a recente filmagem, em Hollywood, de um desenho colorido a respeito da intolerância racial, o qual foi pago e distribuido pela União dos Operários de Fábricas de Automoveis. Em 1944, a União produziu, para apoiar Roosevelt, um desenho animado com o título de *Fadado a ser Eleito*, exibido diante de quatro milhões de operários de guerra. Atualmente a mesma organização está produzindo uma série de filmes de pequena metragem, para mostrar como se resolvem certas dificuldades e como dar emprego a militares desmobilizados, etc.

A própria CIO, que tem uns 72 filmes para sindicatos, todos eles com música apropriada, declara o seguinte acerca de seu programa cinematográfico: «Uma fita pode exprimir mais de mil palavras e o povo gosta de cinema. O filme oferece descanso e divertimento, preparando um ambiente adequado á recepção de idéias.»

Estamos, assim, muito longe da época do lampeão de querozene, quando as questões trabalhistas eram resolvidas a pancadaria. Há pouco tempo, em Hollywood, os sindicatos em greve contra os principais produtores de fitas revelaram nova técnica em demonstrações. Certa tarde de domingo, os membros do sindicato chegaram em grandes carros, postando-se diante dos cinemas de Los Angeles e oferecendo aos que para alí se dirigiam passeios gratuitos à praia. Alguns dias depois, ao passarem um film de mistério, eles gritaram aos frequentadores: «Não entrem, nós vamos contar-lhes como termina o filme.» E dessa maneira evitou-se que centenas de pessoas entrassem no cinema.

Quando os técnicos de rádio anunciaram que as estações transmissoras poderiam ser construidas por 50 mil dólares, essas uniões organizaram o Grupo de Rádio da Comunidade de Hollywood e requereram uma licença para uma estação desse tipo.

Muitos chefes trabalhistas consideram a solução como a resposta aos esforços empregados no intuito de se restringirem as irradiações trabalhistas através das grandes redes transmissoras. A União dos Operários de Fábricas de Automoveis pediu permissão para construir seis estações dessa natureza, «com fins não-comerciais, mas educativos» em Newark, Chicago, Detroit, Flint, Cleveland e Los Angeles, onde possue grande número de sócios. Sidney Hillman determinou que o seu sindicato obtivesse licenças idênticas em Nova York, Chicago, Rochester e Filadélfia, centros de produção de roupas para homens. Da mesma maneira o fez a união de David Dubinsky em Nova York, Boston, Filadélfia.

Enquanto isso, os velhos auxiliares de propaganda, como o jornal e o folheto dos sindicatos, a folha cômica e de aventuras, que veiculam mensagens, não são esquecidos. Há cerca de 800 jornais trabalhistas nos Estados Unidos, lidos conjuntamente por 15 milhões de famílias. Se a imprensa trabalhista algum dia se reunir numa campanha a favor ou contra algum programa econômico ou figura política, ela rivalizaria com qualquer combinação similar de jornais diários, e isso devido à contribuição disciplinada e regular dos seus membros.

Esses jornais não são mais aqueles pasquins, aquelas massudas publicações que os antigos chefes trabalhistas costumavam usar como instrumentos para anúncios ou para formar o seu próprio prestígio. Hoje são jornais aperfeiçoados e enérgicos, editados por uma imprensa associada que possue consideravel prática do jornalismo cotidiano. O colorido *CIO News*, de pequeno formato, provavelmente breve será posto nas ruas para venda geral numa tentativa de aumentar a sua atual circulação de 400 mil exemplares.

Um folheto da CIO relata as «Aventuras de Jim Barry, o Resolvedor de Encrencas», que é a história de um homem conciente dos problemas sociais, cuja função é esclarecer crimes num comitê de administradores do trabalho, ou enfrentar certas contrariedades nas fábricas. Antigamente os folhetos dos sindicatos começavam assim: «Irmãos do trabalho, a Companhia X está furtando o pão nosso de cada dia.» Hoje a CIO emprega a sua técnica de flagrantes humorísticos, coloridos, parecendo livrinho de historietas cômicas, mal se distinguindo de qualquer revista de aventuras. A mensagem do sindicato vem através de tal veículo.

Afim de distribuir com perfeição os jornais, folhas cômicas, livros e folhetos, a CIO ainda envia sua propaganda séria e de peso para os endereços de uma lista composta de 60 mil pessoas de opinião influente no país. O presidente da CIO, Philip Murray, chefe da União dos Trabalhadores do Aço, declara que essa lista inclue professores, educadores, prelados, cooperativas de consumidores, livrarias, jornais locais e distritais, imprensa religiosa e trabalhista, articulistas e comentadores de rádio e diversas organizações liberais.

A moderada AFL tambem está começando a trilhar o caminho da aperfeiçoada técnica de comunicação imediata com o público. Será brevemente publicada uma revista que é uma espécie de suplemento dominical, afim de ser incluida em 400 jornais da organização. Tendo em vista unicamente distrair, a seção terá tudo, menos propaganda do sindicato, publicando artigos de alguns dos mais conhecidos escritores, sobre diversos assuntos.

Atrás desse perfeito trabalho de propaganda, sob alta tensão, está a crença trabalhista de que, quando se apresentar qualquer ocasião decisiva na luta industrial, o público estará onde estiver a melhor publicidade.

¶ Um soldado ianque, mais ou menos bêbedo, chamado à presença de um oficial superior, desculpou-se deste modo: «Eu estava mal acompanhado. Tinha uma garrafa de uisque, e meus três companheiros não bebiam.»

—Gig Young, citado por Erskine Johnson

Uma menina de oito anos, acabrunhada pela adversidade, abriu com lágrimas o coração dos frequentadores do cinema

Hollywood descobre nova estrela

(Condensado de «Life») Por Noel F. Busch

CONTANDO agora oito anos, Margaret O'Brien entrou para o cinema com quatro apenas. Desde então, uma dúzia de películas, entre as quais grandes sucessos como *Journey for Margaret*, *Lost Angel*, *Meet Me in St. Louis*, dela fizeram definitivamente uma das doze maiores atrações femininas de bilheteria nos Estados Unidos.

A pequena O'Brien ganha por ano cerca de 50 mil dólares do seu contrato de cinema, e mais outros tantos pelas suas ocasionais apresentações em programas de rádio, gravações e outras atividades variadas. É considerada como o maior prodígio infantil do cinema desde Shirley Temple, com tempo de sobra para se tornar ainda maior.

Margaret O'Brien difere da maior parte das crianças do cinema em dois pontos importantes. Não é bonita nem possue certos dotes como o de cantar e dansar. Tem, entretanto, a seu favor uma inestimavel virtude: sabe representar com habilidade, setor no qual ela realmente começa onde os outros acabam. Margaret é uma comediante de recursos, perita em dialetos e uma virtuose no despertar simpatia como uma criança simples.

Um teste emocional clássico, mesmo para atrizes adultas, é a capacidade de chorar verdadeiras lágrimas quando se quer. A primeira vez que Margaret apareceu em *Journey for Margaret* foi numa cena em que ela choramingou e berrou sinceramente durante 4 minutos e meio. Sua personalidade causa espanto a atores adultos que com ela trabalham, e Lionel Barrymore, melhor que todos, assim a descreveu: «Ela é a única atriz, com exceção de minha irmã Ethel, que, em 30 anos, me fez tirar o lenço.»

Ainda mais surpreendente do que o seu talento artístico é a sua técnica em coisas práticas como decorar o seu papel. Raramente o esquece mais de quatro ou cinco vezes no curso de um filme inteiro, ao passo que adultos esquecem igual número de vezes numa simples cena. Na primavera passada, durante uma irradiação de uma peça, interveio 33 vezes sem consultar uma só vez o manuscrito. Os adultos que tomaram parte no mesmo programa ficaram maravilhados com a sua memória. Margaret, que aprende seu papel fazendo que a mãe o repita para ouvir, ficou, em compensação, humilhada por não ser capaz de ler o manuscrito. Ao lhe garantirem que a leitura não era tão dificil como parecia, pediu que lhe ministrassem um curso intensivo. Em 67 dias, a sua professora conseguiu fazer com que lesse

o primeiro, segundo e terceiro livros de leitura, coisa que leva dois anos para a maioria das crianças. E ela agora pode ler quase todo livro que apanha.

Margaret mora com a mãe—o pai morreu antes de ela nascer—numa casa modesta de uma rua secundária de Beverly Hills. Vai ao estúdio todas as manhãs, mais ou menos às nove horas, e aí passa o dia inteiro, trabalhando na filmagem, estudando papéis, ou então na escola que o estúdio mantem para os seus pequenos atores, e que ela frequenta durante três horas. Alem do descanso prescrito de uma hora, as outras quatro de seu dia de trabalho consistem principalmente em exercícios emocionais, de que ela gosta imensamente. Para conseguir a disposição de espírito próprio para cenas de emoção, Margaret, com ou sem a sugestão dos diretores, pensa numa coisa triste.

A metade de sua renda líquida, capitalizada para ela de acordo com disposição de lei estadual, está sendo empregada na compra de apólices federais. Ela vive com a maior parte do que resta e que é administrada pela mãe. Margaret mesma nada recebe, a não ser o que ocasionalmente ganha ajudando a mãe em tarefas domésticas.

A mãe de Margaret, em solteira Gladys O'Brien, trabalhou vários anos como dansarina num famoso circo, onde encontrou outro O'Brien, cujo primeiro nome era Larry. Casaram-se em 1934. Depois do nascimento da filha, Gladys fez uma viagem de dois anos pelos Estados Unidos, Canadá e Cuba com sua irmã Marissa, tambem bailarina. Enquanto a irmã dansava, Gladys passava grande parte do tempo no cinema, frequentemente acompanhada de seu pequeno rebento, que até então passara a maior parte da vida numa gaveta de secretária de um hotel, transformada em berço.

Estimulada pelas suas primeiras impressões do vasto mundo, que parecia consistir principalmente numa grande platéia e numa enorme tela, e encorajada pelos exemplos da mãe e da tia, Margaret, tão cedo começou a pensar, resolveu ser atriz de cinema. Antes dos três anos, havia aprendido com perfeição meia dúzia de papéis, que era capaz de representar ao menor estímulo. Em 1941, contando então quatro anos, achou que era tempo de ir para Hollywood. Madame O'Brien entregou os pontos.

Daí por diante, a carreira de Margaret O'Brien foi um triunfo sobre uma competição dura e circunstâncias hostís. Na tabela de preços cobrados pelo produtor Nunnally Johnson, aparece o seguinte item: «Para olhar criança talentosa, 500 dólares; para falar com a mesma, 50.000 dólares.» Isso mostra como a maioria dos produtores se sente em relação a esses fedelhos. Ademais, o Escritório Central de Elenco registra 2.400 menores anualmente, quase todos capazes de cantar, dansar, patinar e montar muito melhor que Margaret.

Um meio das crianças começarem carreira em Hollywood é tirar fotografias no fotógrafo profissional Paul Hesse. Na sala de espera de Hesse, Madame O'Brien perdeu a esperança, ante o enxame de crianças bonitas e talentosas já prontas, e quis levar Margaret para casa. A menina, porem, teimou em esperar, e assim decorreu uma hora. Senão quando Hesse saiu do estúdio. «Alí está o meu modelo,» disse ele apontando para Margaret, a qual lhe dava o seu olhar—uma versão de «mulher fatal» em miniatura.

As fotografias de Hesse transportaram Margaret à capa de várias revistas. Ela

tambem conseguiu uma ponta insignificante em *Babes on Broadway*, mas o seu verdadeiro começo no cinema foi quando se estava procurando formar o elenco de *Journey for Margaret*, no qual a heroina era uma pobre orfã de guerra em Londres. Uma vez que as crianças de Hollywood são gordas, de aparência fresca e alegre, poucas podiam sequer tentar o papel. Margaret, com a sua fisionomia esquálida e melancólica e suas tranças cismadoras, teria sido a naturalmente escolhida até sem a sua habilidade cênica. Quando os testes, excluindo sucessivamente as candidatas, deixaram apenas quatro para a escolha final, Margaret representou de tal modo que fez com que o diretor Harry Rapf exclamasse: «Faça parar, ela está me matando,» e lhe deu o papel. Desde então, sua carreira tem sido uma constante curva ascendente.

Talento como o de Margaret faria até uma criança embotada ter alguma idéia de sua própria importância. Muito longe de ser uma criança estúpida, Margaret dá-se todo o apreço. Quando Clark Gable voltou de seus dois anos no Exército, encontrou-a no estúdio e perguntou ingenuamente: «Então, minha pequerrucha, você tambem está no cinema?» «Ah, estou sim, muito obrigada,» respondeu-lhe Margaret com segurança. E voltando-se para a mãe: «Ele não sabe muito do que se passa por aquí, não é?» perguntou. O modo como Margaret faz tais observações não demonstra compenetração, mas simpatia para com os mais velhos. Quando pela primeira vez encontrou Glória Swanson, esta lhe disse: «Sabe, eu tambem já fui uma estrela importante do cinema.» «Foi?» perguntou Margaret. «E que foi que aconteceu então?»

Margaret explora inteiramente o seu talento. *Our Vines Have Tender Grapes*, seu último filme, começa por uma cena em que ela sofre remorso por haver matado casualmente um pequeno esquilo. O diretor Roy Rowland explicou-lhe a cena com todo o cuidado, pondo ênfase nos valores patéticos, e finalmente perguntou se ela ainda precisava de quaisquer outras explicações. «Preciso sim,» disse Margaret. «O senhor quer lágrimas até aquí,» apontando as pestanas, «ou quer lágrimas correndo até em baixo?»

O problema da bondade

¶ Um dos melhores sermões que até hoje ouví foi feito por um modesto padre, em uma pequena igreja. Disse ele: «Toda a gente fala do problema da maldade, mas eu lhes vou falar de um ainda mais importante: o da bondade. Como se explica que, num mundo como este, possa haver tanta abnegação, tanto espírito de sacrifício, tanto amor? Por que milagre o homem, que somente há alguns milhares de anos vivia no mesmo nivel dos animais irracionais, chegou ao ponto de realmente dar a vida pela família, por uma idéia, por um amigo?»

À medida que os anos passam, nós nos sentimos mais tolerantes e mais benevolentes, com maior apreço pela nobreza dos nossos semelhantes; tal é a prova da verdadeira madureza espiritual.

—Bruce Barton, no *American Magazine*

Fracassos do Governo Militar na Alemanha

Por Frederic Sondern, Jr.

O estabelecimento de um Governo Militar Americano sobre um quarto da superfície da Alemanha, abrangendo uma população de 15 milhões de almas, pôs sobre os ombros dos Estados Unidos a mais dificil e a mais importante de suas missões políticas no exterior. Essa tarefa não está sendo todavia desempenhada a inteiro contento. A ação dos americanos em Berlim está sendo dificultada por constantes desentendimentos com os aliados. Por outro lado, a desmobilização está privando o Governo Militar de seus elementos mais capazes, fazendo com que o mesmo seja atualmente objeto de ridículo no Reich, cuja população, tendo aprendido muito pouco com a derrota sofrida, não se mostra interessada nem pelos trabalhos da ocupação, nem pelo pessoal que a dirige.

«Adolf Hitler pode estar morto, mas o seu espírito permanece mais vivo do que nunca e cada dia se torna mais forte,» declarou o atual Chefe de Polícia de Berlim, tamborilando com os dedos a superfície de sua mesa de trabalho, como que procurando dar maior realce às suas palavras. Esse homem, aliás, foi escolhido pelo Governo Militar depois de meticuloso estudo. Trata-se de um dos poucos elementos que resistiram a todas as perseguições do nazismo, tendo passado seis anos num campo de concentração.

«Vocês meteram na cadeia centenas de milhares de chefes nazistas; liquidaram o Partido; desmontaram a sua máquina militar; mas não conseguiram eliminar o *Reich de Mil Anos* de Hitler. O fantasma do Fuehrer ainda vai dar muito que fazer...» acrescentou.

A apatia que se havia apossado da Alemanha logo depois de sua rendição está desaparecendo e o ódio dos alemães de todas as classes sociais pelos americanos cresce dia a dia de maneira alarmante. Alimentam eles o sonho de vingar-se do povo que, com os seus bombardeios aéreos, reduziu a cinzas as suas cidades, e contribuiu para pôr um fim à sua rendosa dominação da Europa. O militarismo arrogante, o anti-semitismo e outras ideologias medram ainda.

A frase «*Amerikanisches Schwein*» é ouvida constantemente nas ruas e se está tornando cada vez mais popular. Não faz muito tempo, estava eu em pé numa das esquinas de Berlim quando passou uma mulher acompanhada de dois meninos. Com um sorriso encantador pediu-me ela que lhe cedesse uns bombons de chocolate para as crianças. Prontamente entreguei-lhe minha ração de uma semana. A título de curiosidade, resolví seguí-los disfarçadamente. Mais adiante um dos meninos perguntou:

—Mamãe, aquele moço é soldado americano?

—É, respondeu ela, —é uma das feras que o nosso amado Fuehrer nos ensinou tão bem a odiar.

—Um dia eles vão se arrepender do que fazem com a gente, não é? interro-

gou o garoto com seriedade, ao que a mãe respondeu com um sinal afirmativo. Fatos idênticos na Alemanha têm sido presenciados por muitos observadores.

Centenas de milhares de jovens alemães, que acabam de sair dos campos de concentração dos prisioneiros de guerra e que regressam a seus lares, mostram-se profundamente irritados. Esses elementos provocadores postam-se nas esquinas e cospem ostensivamente à passagem dos americanos. Nota-se que eles se estão paulatinamente organizando para reações futuras. Esses ex-combatentes se reunem em pequenos grupos, geralmente sob a direção de um nazista ardoroso, e trocam saudações à moda hitlerista. A palavra de ordem que corre entre eles demonstra de maneira bem clara as suas tendências: «Hoje, sacrifícios e sofrimentos; amanhã, a vingança.» «Morte aos americanos, amigos dos judeus.» O recrutamento desses voluntários de desordem é feito em dois grandes mananciais: os pequenos funcionários nazistas dispensados de seus empregos pelo Governo Militar; e os adolescentes de ambos os sexos que cresceram sob o regime nazista e ora se encontram completamente à solta, sem escolas ou trabalho para mantê-los ocupados.

Até agora essas «células de resistência» se têm limitado a escrever dizeres nas paredes, furar os pneus dos carros militares americanos, amarrar arames transversalmente nas estradas afim de tentar decapitar os que, desprevenidos, passam nos jipes ou em motocicletas, ou agredir fisicamente os soldados americanos em lugares ermos e pouco iluminados. Esses elementos estão todavia se tornando cada vez mais audaciosos. Os policiais alemães mostram-se, via de regra, receosos ou mesmo solidários quando presenciam o corte de um fio telefônico ou um soldado americano sendo empurrado para dentro de um canal, e raramente depõem contra os seus autores. Os agentes experimentados do Serviço de Contra-Espionagem, a quem se deve a completa desarticulação do Partido Nazista, com um acervo de mais de cem mil prisões, não alimentam ilusões com respeito ao futuro. Numa recente batida policial, dos três mil alemães então detidos por falta de documentos de identificação e outras infrações, dez por cento se encontravam com armas de fogo, infração essa que pode acarretar a pena de morte. Um dos agentes do citado serviço de Contra-Espionagem, em palestra comigo, declarou textualmente: «Ao primeiro sinal de afrouxamento de nossa parte, estaremos todos em maus lençóis.»

Um terrorista em potencial, agarrado pela polícia no momento em que tentava vender conhaque envenenado a alguns soldados americanos, fez com a maior franqueza a seguinte declaração: «Lutei durante cinco anos; quando regressei encontrei minha casa arrasada pelos bombardeios americanos. A minha pequena estava vivendo com um oficial americano em troca da comida que o mesmo lhe dava. Não posso encontrar trabalho digno porque, como nazista, me encontro na lista negra do Governo Militar Americano. Como querem vocês que eu os estime? Na primeira oportunidade que tivermos, lhes pagaremos na mesma moeda! Disso vocês podem ficar certos...»

Aos alemães o grande desastre sofrido não serviu de lição. Numa cervejaria na região do Reno tive oportunidade de ouvir os comentários de dois operários típicos, de meia idade, quando os mesmos ouviam uma irradiação americana. —Que é que nos interessa essa liberdade que os americanos não se cansam de alardear? O que nós precisamos é de um homem forte que nos tire desta situação, dizia um deles. —Pois é, respondeu o outro. —Hitler não era tão mau como se quer fazer crer. Quem dera que a gente tivesse outro como ele agora.

Um industrial da região do Rur, apertando-me confiante a mão, declarou-me: «Temos que ter um exército novamente, pois somos os baluartes contra os russos. Hitler tinha razão quando se referia aos russos.» Num inquérito feito recentemente pelo Governo Militar Americano para sondar a opinião pública em Darmstadt — cidade que sofreu duros bombardeios durante a guerra—quase 70 por cento das mulheres consultadas declararam-se «inclinadas ao nazismo».

Na conferência de Potsdam, as três grandes potências traçaram as linhas gerais do futuro da Alemanha. Segundo ficou assentado, o seu Conselho Misto de Controle liquidará todas as organizações nazistas e militares. Os chefes nazistas, bem como os membros da Gestapo e das tropas de assalto, que formam ao todo cerca de 400 mil pessoas, terão que ser presos ou executados. Todos os alemães que tenham tido papel ativo no partido nazista serão afastados de qualquer posição de importância. A instrução pública sofrerá rígido controle afim de evitar-se que as escolas alemãs venham a produzir nova fornada de «super-homens» belicosos. Com a remoção de toda a sua indústria pesada, a Alemanha ficará reduzida economicamente a uma potência de terceira classe, limitando-se as suas atividades às fainas agrícolas e a certas indústrias leves.

Espera-se que, com essas medidas, os alemães venham finalmente a se convencer do erro dos seus processos, devendo o seu governo ser inteiramente reconstruido em bases democráticas.

Não há dúvida que os Protocolos de Potsdam, no papel, se apresentam magníficos. Todavia, a sua execução prática revelou desde logo o quão longa e árdua é a estrada que liga o Conselho Misto de Controle, em Berlim, através das sedes regionais, aos 284 Governos Militares distritais que se estendem por toda a zona sob o controle norte-americano. «Ao que parece, cada um desses governos locais tem idéias diferentes a respeito da missão que lhe compete,» declararam-me ironicamente alguns oficiais alemães.

Raros são os oficiais do Governo Militar que falam alemão, ou que tenham estado na Alemanha anteriormente, ou mesmo que tenham um conhecimento ainda que superficial da história, da política ou da psicologia do povo germânico. Quando se nomeou o Governo Militar para a Alemanha tinha-se em mente que a sua atuação cessaria logo depois dos primeiros meses de ocupação, devendo sua missão limitar-se a instalar os governos locais, restaurar os serviços de utilidade pública, livrar a população da fome e manter a ordem. Para isso o exército selecionou um grupo de especialistas de primeira qualidade—engenheiros sanitários, técnicos em serviços de utilidade pública e alimentação, chefes de polícia —fê-los frequentar um curso especial onde os mesmos aprenderam muito a respeito das caraterísticas físicas da Alemanha, mas muito pouco a respeito da mentalidade estranha e deformada do povo que iam governar. Os funcionários do Governo Militar que acompanharam as tropas invasoras da Alemanha desempenharam a contento a sua tarefa. As cidades de Munique, Augsburgo e Francforte, embora em escombros, tiveram os

seus serviços de bonde e águas funcionando num abrir e fechar de olhos; os departamentos de polícia e bombeiros foram rapidamente reorganizados; a distribuição de alimentos foi eficiente. Os alemães mostravam-se assombrados. No que se refere a assuntos políticos, todavia, o Governo Militar foi um fracasso.

Citemos um exemplo: o primeiro governador militar da Baviera, Coronel Charles E. Keegan, dispondo de tirocínio em administração municipal na qualidade de Conselheiro Municipal da cidade de Nova York, entregou sem delongas o governo da mais importante província da Alemanha aos líderes do Partido Popular da Baviera, conhecido como uma cidadela dos nazistas e militaristas. O coronel em apreço julgou que estava agindo acertadamente, pois lhe parecia que os chefes do tal partido eram pessoas respeitaveis, que haviam demonstrado ter na mais alta conta a democracia americana. Dentro de poucas semanas a *Rathaus* estava com o seu quadro de funcionários tão cheio de nazistas confessos que passou a ser conhecida do povo de Munique como a «Nova Casa Parda», isto é, a casa onde Hitler fundou o seu partido. As casas, empregos e racionamento especial de gêneros alimentícios passaram a ser distribuidas somente aos camaradas do partido. Os anti-nazistas que tentavam aproximar-se dos membros do Governo Militar eram barrados pelos «intérpretes» e «secretários», os quais habilmente se haviam infiltrado junto às autoridades militares. Isto deu lugar a que os bávaros ironicamente dissessem: «É preciso ser nazista para ir para a frente.» Este duro golpe no prestígio norte-americano não foi um caso isolado.

Depois da transferência do General Patton, o Quartel-General de Eisenhower, premido pela crítica candente da imprensa americana, começou a bombardear os governos militares distritais com ordens explícitas, peremptórias, exigindo a remoção imediata de todos os «nazistas ardorosos» das posições públicas e privadas de importância, sem se ter em consideração qualquer perturbação que isso viesse motivar na regularidade dos serviços. Houve então algumas semanas de «limpeza geral» e milhares de nazistas dos mais comprometidos foram demitidos. Contudo, o termo «nazista ardoroso» (a não ser as categorias automaticamente proscritas, tais como os membros do partido inscritos antes de 1933), é de interpretação muito elástica.

Certa vez assistí a um funcionário do Serviço de Educação dos Estados Unidos, um jovem capitão, entrevistar vários candidatos ao cargo de professor. Um dos candidatos feriu-me especialmente a atenção por apresentar todas as caraterísticas do *Schullehrer* germânico, que com tanta eficiência educou a infância do Reich no sentido do militarismo, primeiro a serviço do Kaiser, e depois do nazismo. Manteve-se ele rígido, perfilado, durante toda a entrevista, dando as suas respostas acertadamente, num tom incisivo, militar. Havia pertencido a uma organização do partido, mas nunca fora «seriamente» nazista, declarou.

«Trata-se do mais eficiente de todos os candidatos,» afirmou o capitão depois. «O fato de ter sido nazista não importa, pois terá que ensinar de acordo com os nossos livros. Ele não poderá causar-nos nenhum mal,» concluiu o capitão. Tentei então explicar a mentalidade da gente desse tipo, os seus métodos insidiosos e o perigo que isso representava. Mas o capitão respondeu impaciente: «Isso não passa de imaginação de jornalista.»

A maioria dos técnicos do Governo Militar parece que prefere ver o serviço

de bondes, as escolas e a organização policial funcionando com regularidade sob os nazistas, do que «perder tempo à cata de não-nazistas, os quais em geral não fazem o trabalho com igual perfeição», tal como asseverou um desses técnicos.

Os anti-nazistas enviaram, a princípio, grupos de representantes para se entenderem com as autoridades do Governo Militar, mas tiveram que desistir da idéia e encolher-se novamente. Em Leipzig, o comandante do destacamento do Governo Militar ameaçou prender *esses perturbadores da ordem pública*. «Eu não quero saber dessa canalha vermelha,» declarou-me um oficial, depois de haver rispidamente despedido uma delegação que havia ido à sua presença afim de protestar contra a nomeação de certo indivíduo para o cargo de chefe de polícia, o qual, segundo se descobriu depois, era nada menos do que um dos maiorais do nazismo. Os «vermelhos» não passavam de membros de um partido respeitabilíssimo, e podiam ser tudo neste mundo menos «comunistas».

Um alemão que eu havia conhecido antes da guerra ficara aterrorizado com a oferta que lhe fizera o Governo Militar para o cargo de prefeito de certa municipalidade. «Deus me livre,» exclamou. «Você julga que eu desejo ir para um campo de concentração novamente, e passar lá mais quatro ou cinco anos, quando os nazistas voltarem ao poder? Você pensa que eu estou disposto a aguentar com a responsabilidade daquilo que—com licença da expressão—o seu povo ignorante está fazendo atualmente?» E são inúmeros os que pensam dessa forma.

Muitos membros do Governo Militar se deixam levar, de maneira deploravel, pela propaganda solerte que os seus amigos alemães lhes preparam. A vida nas cidades em ruinas é aborrecida e triste, o que torna facil aos alemães entrarem em contacto com membros da força ocupante, mesmo os de alta categoria, desde que possam divertí-los com vinhos generosos e mulheres belas. Ora, os que dispõem desses meios são em geral nazistas, que puderam acumular tais recursos durante a guerra. Em Munique eu vi um casal fazer um trabalho altamente eficiente nesse sentido. Entre os seus «convertidos» havia um coronel muito influente, o qual, embora tivesse sido antes inimigo rancoroso do nazismo, teve as suas convicções inteiramente abaladas numa simples noitada. À nossa saida disse-nos ele: «É uma gente muito fina, não acha? E muita coisa que eles disseram tem fundamento.» É que uma linda loura o havia enchido com a melhor propaganda de Goebbels, a que nada faltava, desde a perversidade dos russos até o amor de Hitler pelas criancinhas, tudo entremeado de historietas alegres.

Mesmo entre os mais elevados representantes do Governo Militar se notam as mais desconcertantes manifestações, que muitas vezes se concretizam em atos. A afirmação famosa do General Patton de que «a diferença entre os nazistas e os anti-nazistas era a mesma que existia entre os membros do Partido Republicano e os do Partido Democrático dos Estados Unidos», eu ouví reproduzida em dezenas de formas diferentes. Um oficial afirmou com desenvoltura que, com a exceção de alguns presos políticos, a maioria dos indivíduos que haviam estado nos campos de concentração nazistas não passavam de bêbedos e dissolutos. Outro me asseverou que os judeus da Alemanha eram inteiramente diferentes dos judeus dos Estados Unidos, e que Hitler, a esse respeito, provavel-

mente sabia bem o que estava fazendo.

A maioria dos elementos do Governo Militar se mostra realmente interessada em fazer com que a Alemanha volte à normalidade o mais breve possivel afim de que possam regressar à pátria. O fato de uma fábrica estar sendo dirigida por um homem que procura transformá-la num novo arsenal de guerra é coisa que não os comove absolutamente. Alguns altos representantes do G.M., que em sua vida civil são eminentes homens de negócio, olham para a Alemanha como um futuro mercado lucrativo, e desejam fazer a menor destruição possivel. A dissolução das grandes empresas industriais, tais como Farben, Opel, Rheinmetall Borsig, e outras grandes unidades das indústrias bélicas nazistas, tem provocado violentas altercações na sede do G.M. de Francforte. Ainda é muito cedo para dizer-se se o Reich irá realmente ser reduzido à impotência ou não, mas o que é certo é que há vivos indícios de que grande parte de sua indústria pesada e média será poupada.

Há alguns elementos no Governo Militar que devotam ódio de morte a todos os alemães sem distinção, e que encaram a reforma desse povo como impossivel, sendo de opinião que os alemães deviam ser abandonados à sua própria sorte afim de que morressem de fome o mais depressa possivel. A esse grupo pertencem aqueles que acintosamente desrespeitam os inspetores do tráfego apenas para demonstrarem o sentimento que lhes vai na alma; provocam o mais que podem tanto os nazistas como os anti-nazistas e se portam em geral tão mal ou peor do que o peor tipo de burocrata alemão.

O comando do Governo Militar tem feito tudo para tornar homogênea a ação de seus subordinados, tal como ocorre com os governos similares dos russos e dos ingleses, os quais sabem perfeitamente o que têm que fazer e fazem-no. É possivel que isso ainda venha a verificar-se. Todavia, a desmobilização está afastando os funcionários com a mais alta contagem de tempo, isto é, justamente aqueles que pelo menos haviam adquirido certo conhecimento prático dos problemas em apreço. Esse pessoal está sendo substituido por outro com menor contagem de tempo, o qual em geral não tem nem preparo nem entusiasmo para a missão que o espera.

Os alemães estão observando atentamente o que se passa e já firmaram, de maneira positiva, o seu juizo a respeito dos americanos. A juventude germânica, acostumada às mirabolantes paradas nazistas, com os seus pomposos desfiles de bandeiras e estandartes, acham os parcos campos de futebol que lhes são postos à disposição e a maneira sem alma com que lhes é ensinada a ideologia democrática, um manjar sem sal e sem gosto. Os adultos, nazistas e não-nazistas, estão convencidos de que na realidade a América não está interessada na Alemanha e que não tem a menor intenção de quedar-se lá por muito tempo. A falta de tino do Governo Militar atirou os elementos realmente democráticos na mais completa apatia. Enquanto isso se passa por lá, o Ministério da Guerra, em Washington, alardeia com orgulho o estabelecimento na Alemanha de governos municipais e distritais «satisfatórios» em toda a zona de ocupação americana, e se prepara para retirar os oficiais do Governo Militar dessas jurisdições, numa ocasião em que qualquer alemão honesto, sendo consultado, informará que os americanos estão tentando levar a efeito agora uma medida que só poderia ser executada com segurança daquí a cinco anos.

Dois homens e uma matilha

(Condensado da «Southwest Review»)

Por Fred Gipson

EU QUERIA que déssemos logo início à caça ao lobo, mal chegamos à cabana do tio Dewey. Mas este pusera-se a rondar por alí, consertando o selim ou enrolando a palha dos cigarros, enquanto espairecia o olhar por entre os frondosos carvalhos do Texas.

O tio Dewey era um homenzinho exquisito, de cabelos negros e olhos azues, que dava enormes gargalhadas. Passava a maior parte do tempo procurando pregar uma peça à pessoa com quem estivesse. Mas, àquele momento, qualquer coisa devia preocupá-lo. Eu tivera que perseguí-lo com pedidos insistentes, todo o outono, para que ele resolvesse levar um garoto como eu, criado na fazenda, a uma caça a lobos. Fiquei com medo que já estivesse arrependido.

«Olhe, Bud,» disse ele, finalmente. «Daquí, a gente pode chegar em casa de Joe Fowler na horinha do jantar. Aqueles bolinhos quentes da Cora vão fazer um grande bem ao nosso estômago antes da caçada.»

Por conseguinte, montamos de novo, dando aos cães o sinal de partida. Estes eram tão lindos, que pareciam sair de uma gravura de folhinha. Pretos, com malhas brancas e, aquí e alí, uma mancha amarela, tinham pernas compridas, orelhas pequenas, e levavam os rabos enrolados, afim de que não ficassem presos ao matagal.

Seguimos até ao *Recôncavo dos Mortos* subindo, dalí, para a cabana do velho Fowler. O sorriso com que nos abriu a porta mergulhava pelas suiças que lhe cobriam as faces e o queixo. «Apeie, pessoal!» foi dizendo. «Cora está mesmo pondo a mesa.» Cora se pôs na ponta dos pés, para ver quem vinha, por cima dos ombros do pai, e desapareceu depressa, com o rosto enrubescido.

Entramos, e, como esperávamos, lá estavam os bolinhos quentes, tostados e cheirosos de fazer gosto. Alem disso, Cora serviu filés de veado com molho de creme e mel.

Nós, os homens, começamos a forrar o estômago, conversando animadamente. Joe Fowler lembrou o dia em que ele e alguns companheiros estavam apanhando abelhas e deram com uma pantera. Quanto ao tio Dewey, contou a história da vitela que enlouquecera e o atropelara, perto do rio Llano. Cá por mim, como rapazola de catorze anos nunca se cansa de ouvir histórias como essas, contentei-me em escutar calado, devorando

tantos filés de veado que minha mãe me teria repreendido pela falta de maneiras.

A pequena Fowler voltou, servindo o prato pela segunda vez, mas já com outro vestido e um laçarote vermelho nos cabelos. Tinha olhos grandes e castanhos que, ao pousarem sobre o tio Dewey, brilhavam como vagalumes na escuridão.

Tio Dewey continuava falando com Joe Fowler, mas não era para ele que olhava. Arreado sobre as costas da cadeira batia na coxa, dando gostosas gargalhadas, mas, enquanto isso, continuava olhando Cora Fowler, bem de frente. O que eu vi nos seus olhos lembrou-me o olhar faminto dos cães quando nos espreitavam a comer um pedaço de bolo, entre as refeições.

Depois da ceia, fui ajudar Joe Fowler a ordenhar as vacas. Tio Dewey ficou na casa, dizendo que ia lavar os pratos. Ao voltarmos, porem, não havia ninguem na casa e não tinham tocado num só prato. Foi então que demos com tio Dewey, debaixo de um velho castanheiro, abraçando Cora Fowler com força, como se estivesse com receio de que ela tentasse fugir, embora fosse evidente que fugir era realmente a última coisa que ela pretendia fazer.

Por trás de mim, ouví Joe Fowler arrear o balde com tanta força, que derramou um pouco de leite. Tirou uma espingarda de uma prateleira feita com chifres de veado. Tio Dewey voltou-se, com um sorriso amarelo, e caminhou em direção a ele, como se estivesse esperando um aperto de mãos. Mas Fowler não estava disposto a amabilidades dessa ordem, e foi dizendo: —Você jantou em minha casa, Dewey, mas não pense que isso lhe dá o direito de se meter com minha filha.

O sorriso do tio Dewey desmanchou-se. —Deixe de bobagem, Fowler. Não tenho más intenções. Acabei de mostrar a Cora os papéis de casamento que já estou preparando.

—Raios me partam! gritou Joe Fowler. —Então a coisa ainda é peor do que eu imaginava! Sacudiu um dedo nodoso quase na cara de tio Dewey.—Olhe, vamos pôr isso a limpo. Não tenho nada contra você pessoalmente, acrescentou, —mas sei que você é um caçador que vive da gratificação da municipalidade por cada lobo que mata. Isso não é vida para quem quer formar uma família decente. Não quero ver minha Cora carregada de aborrecimentos e esquecida, enquanto o marido anda por aí a fora esquadrinhando os matos com uma matilha de cães.

O tio Dewey começou a explicar a Joe Fowler que isto de caça a lobos era uma ocupação temporária, para juntar dinheiro às pressas, até que começasse a receber um salário regular, como seleiro.

—Tudo isso é conversa, Dewey, interrompeu Joe Fowler. —Quando um homem traz a caça no sangue, está perdido. Agora vamos, siga caminho. E não me deixe apanhar você de novo com minha Cora! Ao dizer isso, ergueu de novo a espingarda.

Tio Dewey parecia um cachorro a quem tivessem dado um ponta-pé sem motivo algum. Montamos e seguimos, passando em frente da cabana, e ouvindo os soluços abafados da moça que, provavelmente, procurava sufocá-los no travesseiro.

Já agora, a meia lua lançava longas esteiras de luz prateada por entre as árvores despidas pelo inverno. O vento frio da noite lembrou-me que eu devia ter posto os calções de lã, por baixo das calças de montaria. Antes não tivéssemos ido jantar com Joe Fowler. Procurei imaginar o motivo de tudo aquilo, mas quanto mais

andávamos, menos eu entendia o que sucedera. Que diabo de idéia era aquela de Joe Fowler de fazer pouco do tio Dewey, por ser ele um caçador? Recebendo, como recebia, 25 dólares por cada presa que entregasse à municipalidade, estava tendo uma renda razoavel.

«É louco,» pensei, com meus botões. «É louco varrido.»

Não sei se tio Dewey resolvera levar por diante a caça ou se, preocupado como estava com suas complicações sentimentais, deixara os cães partirem por distração. O que sei é que, de repente, um deles lançou um ganido tão forte que, na certa, tinha dado com uma boa pista. Era tarde demais para detê-los.

Meu cavalo desembestou, ao primeiro latido. Tomou o freio nos dentes e lá se foi, arrancando os galhos que lhe surgiam no caminho. Eu procurava em vão dominá-lo, quando tio Dewey, galopando atrás de mim, gritou: «Deixe correr, Bud! Segure as rédeas bem, que ele se encarrega do resto!»

Os latidos dos cães tinham desanuviado a mente de tio Dewey, o que era evidente, pelo som de sua voz, de súbito tornada, segundo me pareceu, até alegre. Agarrei-me ao cabeçote da sela, empunhando, ao mesmo tempo, a crista do cavalo.

A matilha ia seguindo o lobo, quase passo a passo. Não perderam os cães tempo em rondar-lhe em torno, mas, de vez em quando, um deles lançava breve latido, indicando-nos a direção da pista.

O lobo foi-se metendo por onde o mato era mais alto, entre os carvalhos e os vales estreitos, onde as sarças se emaranhavam. Enquanto isso, lá ia eu, às vezes à frente da sela, e às vezes atrás. Doia-me o assento e, alem disso, minhas pernas e meus braços iam sendo fustigados pelos ramos, com toda a violência. Percebí o que tio Dewey queria dizer, quando explicava que caçar lobos, à noite, era como montar num ciclone, sem rédeas.

Foi então que o lobo deixou a pequena cordilheira de colinas rochosas, que vinha seguindo, e partiu em direção ao rio Llano, que ficava a uns três quilômetros dalí. Tio Dewey passou por mim a tal velocidade que nem tive tempo para dizer-lhe que já não podia mais—que estava esfalfado. Mas como não conseguia fazer parar o cavalo, o jeito era aguentar de qualquer maneira, agarrado ao selim, hora após hora.

Já nem ouvíamos os latidos dos cães, quando chegamos à cabana de Doug Wilson. Doug pôs a cabeça para fora da janela: «Eles levam bem uns vinte minutos na sua dianteira, Dewey!» gritou de lá, «e vão comendo léguas como quem come mingau. O melhor é você trocar os seus cavalos por dois dos meus. Quero ver aquele assassino de bezerros liquidado. Já estou farto de vê-lo às voltas com meu gado.»

Escorreguei do cavalo com as pernas tão bambas que precisei agarrar-me ao cabeçote da sela, para não cair. «Você não é sopa,» disse tio Dewey. «Nunca vi um garoto de sua idade montar assim. Conheço muita gente que se gaba de ser bom cavaleiro, e não aguenta uma caça a lobos!»

Jamais ouvira coisa que me envaidecesse tanto. Firmei as pernas e resolví que havia de aguentar até o fim, nem que aquilo me arrancasse o fundo das calças e até a pele.

Tio Dewey estava procurando calcular em que direção o lobo seguiria, uma vez chegado ao rio. «Vai procurar, na certa, evitar a água fria,» deduziu. «Os lobos voltam sempre ao ponto de onde partiram, e por onde o mato for mais espesso.»

Pusemo-nos assim, novamente, no seu

encalço, e quando as primeiras luzes da alvorada surgiram, vimos de relance o seu vulto recortado no horizonte, quando atravessava a crista de uma pequena colina. Já mal podia correr. A menos de 50 metros vinham os cães, com as línguas de fora e a respiração tão curta que não conseguiam diminuir a distância. Atrás, vínhamos nós, eu e tio Dewey, num galope desenfreado. A caça nos arrastou por alí fora até chegarmos novamente ao *Recôncavo dos Mortos*. Demos então novamente com o lobo, que corria, em linha reta, em direção à cabana do velho Fowler. A porta da cozinha estava aberta. Eu mal podia acreditar no que via. O tio Dewey me dissera que um lobo exhausto procura qualquer abrigo, quando está a pique de ser alcançado pelos cães, mas nunca imaginei que resolvesse entrar assim por uma casa a dentro.

Tio Dewey ficou pálido como um lençol. Sacou da espingarda, mas já era tarde. O lobo desapareceu pela cabana, com a matilha atrás. Ouvimos um rosnado, um uivo, os gritos de Cora e os berros do velho Fowler. Todos estes ruidos formaram, afinal, um só clamor formidavel, que sacudiu a velha cabana.

Descemos dos cavalos a toda a pressa e corremos para a casa. A cozinha era um pandemônio. A luta se estava travando num dos quartos de dormir. Ouví tio Dewey gemer «Minha Nossa Senhora!» repetidas vezes, enquanto atravessávamos aquela confusão, a caminho do outro cômodo.

O lobo estava numa cama, com as costas de encontro à parede, rosnando e mordendo os cães.Um deles arrastou-se para debaixo de uma cadeira, com a carne arrancada de um dos flancos, e o osso exposto. Os que não estavam na cama, lutando com a fera, procuravam puxar pelas cobertas, afim de arrastá-lo para o chão, onde pudessem dominá-lo.

Tio Dewey visou o lobo com a espingarda e só parou de atirar quando esgotou a munição.

Da viga onde se tinha encarapitado, Joe Fowler deixou-se cair no chão. Estendeu as mãos para ajudar Cora que estava procurando fazer o mesmo, segurando a camisa de dormir em torno às pernas. A seguir perguntou, não sem certa tristeza: —Como é que você fez uma coisa dessas, seu Dewey?

Tio Dewey atirou-se numa cadeira, a única, no quarto, que não havia sido destruida, e começou a passar os dedos entre os cabelos: —Não tive outro jeito, não tive outro jeito, murmurou, numa voz um tanto amarga. —O maldito do lobo foi entrando pela casa com os cachorros atrás dele e eu... não tive outro jeito!

—Raios me partam, berrou Joe Fowler.—Não foi isso o que eu queria dizer. Você não tratou a cachorrada como devia. Uma vez que foram eles que cercaram o bicho, tinham o direito de matar o maldito.

Tio Dewey ficou de boca aberta. Joe Fowler abaixou-se para acariciar a cabeça do cão ferido. Ao erguer finalmente os olhos para a filha, que lá estava, tremendo, com a camisa de dormir, disse, com uma voz um tanto rouca: —Cora, você tem a mesma implicância com os caçadores que sua mãe tinha?

Os olhos de Cora ficaram redondinhos como duas bolas de gude. —Não, papai, respondeu.

—Então você era capaz de se casar com um caçador?

Ela ficou dois segundos com a respiração suspensa e respondeu:— Era, papai. Depois exclamou: «Ah!»—saiu correndo, jogou-se nos braços de tio Dewey, e desatou a chorar.

Joe Fowler pôs-se a andar de um lado para o outro, com as suas ceroulas de flanela vermelha: —Não é direito, resmungou. —Já tanto me metí com estes cães de caça que perdí um rancho e matei a minha mulher de tristeza.

De repente, parou de andar e bateu o punho cerrado de uma das mãos de encontro à palma da outra: —Mas francamente! Não sei passar sem o inferno dos cães nem que tenha que casar minha Cora para fazer com que eles entrem na família.

Uma briga de vez em quando pode contribuir para uma vida conjugal harmoniosa

Não faz mal que os casais rusguem

(Condensado de «When You Marry», Association Press, ed.)

Por Evelyn Millis Duvall e Reuben Hill

Se observarmos um casal «brigador», notaremos que depois de uma boa briga tanto ele quanto ela parecem mais felizes que nunca.

Há brigas que não constituem ameaça para o lar. Antes das coisas ficarem pretas, a esposa começa a chorar e dalí a pouco ambos se sentem muito melhor.

O sistema que tais casais adotam, de expandir suas emoções, é provavelmente a forma menos perigosa de discórdia doméstica. Não se acumulam rancores durante muito tempo, porque os problemas são discutidos periodicamente e assentados na hora.

Uma forma de conflito muito mais perigosa é o desentendimento que nunca é enfrentado e que, portanto, jamais chega a ser claramente compreendido por nenhum dos dois. A pessoa recalca sua raiva julgando com isso preservar a harmonia conjugal, mas no fim de contas o outro acaba sempre sofrendo, e o inibido acumula ressentimento que um belo dia se manifesta sob a forma de uma picuinha qualquer que nenhum dos dois entende. O marido que não diz uma palavra quando a mulher lhe passa um pito, e que acaba dando um ponta-pé no gato antes de sair de casa irritado, nada ganha com isso: não adquire compreensão melhor do problema, nem desabafa suas emoções satisfatoriamente.

Muitos ficam com a conciência pesada depois de uma briga conjugal. É que ainda temos do casamento aquela idéia do sistema patriarcal em que as crianças não tinham o direito de se exprimir e em que a esposa e mãe era um ente passivo e sofredor. Qualquer princípio de discussão tinha de ser imediatamente abafado, pois era um sintoma de desrespeito à autoridade patriarcal. Mas havia muito conflito recalcado, muito ressentimento oculto, muito de mórbido nesse sistema.

Já estamos começando a criticar o velho provérbio: «Quando um não quer dois não brigam,» e a substituí-lo por uma fórmula mais sadia: «Vamos pôr tudo em pratos limpos». É a melhor maneira de aliviar, pelo menos em parte, a sensação de culpa, e de eliminar o mal-entendido.

A vida cotidiana não permite a expressão franca das emoções que existem em toda pessoa normal—vaidade, ciume, rancor, ambição egoista, sentimentos esses tão naturais como a ternura e o amor. O indivíduo é obrigado a controlar seus aborrecimentos; se disparar com o patrão, perde o emprego. É preciso que haja um lugar qualquer em que possa dar livre curso às suas contrariedades, e esse lugar, tudo o indica, só pode ser o lar. Certo número de brigas entre esposos devia ser considerado como prova de que o casamento está perfazendo uma de suas principais funções: fornecer uma válvula de escape que permitirá ao casal manter o seu equilíbrio emocional. Se um matrimônio precisa, para sustentar-se, das regras de etiqueta que se usam com os estranhos, as suas bases são bem precárias.

Mas embora certa proporção de conflitos seja normal e até desejavel, é preciso distinguir entre os conflitos construtivos e os destrutivos. Os primeiros consolidam a união, graças a uma redefinição do problema que causou o conflito. São dirigidos contra o fato em si e não contra a pessoa, e conduzem a uma compreensão maior das coisas. Em princípio, tendem a diminuir em número e em violência à medida que o matrimônio progride, e que se estabelecem soluções básicas para os problemas comuns.

As brigas construtivas revelam ao casal como são fortes os laços que os prendem. Algumas pessoas, sob a ilusão romântica de que o amor acaba quando a monotonia se instalou, surpreendem-se com o vigor das emoções afetivas que se manifestam depois de um conflito. Brigas assim ajudam a estabilizar o casamento, fazendo que o casal se aperceba da solidez de seus sentimentos, quando fazem as pazes.

As brigas destrutivas, ao contrário, solapam os alicerces das relações conjugais. São dirigidas contra a pessoa e não contra o problema. Fechado no seu egoismo, o cônjuge procura espezinhar o outro e puní-lo. Essas querelas conduzem ao afastamento gradual. Tornam-se cada vez mais graves e acabam transformando o amor em ódio.

Numa briga, o cônjuge que está sendo atacado tem responsabilidade especial. Se suspeitar que a irritabilidade do agressor é causada por doença ou fadiga, não deve procurar pagar na mesma moeda; ao contrário, deve procurar ouvir as queixas com paciência e simpatia. A pessoa que foi ferida em seus sentimentos pelos contactos sociais diários pode precisar da mesma compreensão paciente. Um sentimento de humilhação e derrota pode desaparecer se houver um interesse compreensivo da parte do outro cônjuge. Mas é indispensavel que ele saiba em que terreno está pisando, pois quando alguem quer «comprar briga», se enfurece caso não encontre qualquer reação do outro lado. A necessidade de correspondência é geral, muito maior porem numa pessoa que está com suas emoções descontroladas.

As brigas seguem certo padrão, e seu curso pode ser predito. Na primeira fase nota-se uma irritabilidade petulante, certa impertinência da parte da esposa, se for ela a agressora. Se for o marido, os sintomas de tensão aparecem sob a forma de resmungos mal-humorados, reclamações contra a desordem da casa, a carne assada demais, a conta do cabeleireiro. O agressor está-se aprontando para descarregar nas costas do outro suas frustrações acumuladas. O outro começa então a reagir.

A segunda fase é a luta declarada. Consiste em pôr as cartas na mesa, trocar acusações, argumentos, ironias, piadas. Esse período pode não durar muito, uns minutos talvez, ou pode durar horas pela noite dentro em forma não violenta. Frequentemente os nervos se acalmam antes de se resolver o problema. Na manhã seguinte as coisas terão melhor aspecto e a solução poderá apresentar-se mais facilmente aos dois conjuges.

A terceira fase principia quando o agressor sente que sua tensão está cedendo e resolve oferecer conciliação e paz. Nessa altura, o outro é capaz de ter acumulado certa tensão por conta própria e recusar-se à reconciliação, o que pode prolongar a luta. Mas no fim estarão ambos aliviados e muito bons companheiros.

É preciso ter maturidade emotiva e fibra para atravessar com êxito as três fases. Mas uma boa briga, principalmente na terceira fase, traz relaxamento dos músculos, alívio da tensão nervosa e uma sensação maravilhosa de que o mundo está certo e de que não há nada como o casamento.

A brincadeira que deu certo

¶ ATUALMENTE as lâmpadas elétricas são muito mais baratas que há uns 15 anos, simplesmente porque os veteranos da Divisão de Lâmpadas Elétricas, da General Electric, costumavam dar um *trote* a todos os engenheiros novatos daquela divisão. Encarregavam o novato de uma tarefa «impossivel»: congelar o interior das lâmpadas. Uma lâmpada de tal gênero difundiria mais luz com menos absorção, mas todos sabiam que era «impossivel» conseguir isso. E todos os novatos, depois de insanos esforços, quando confessavam o seu fracasso, perdoavam os veteranos, que se divertiam com a brincadeira.

Um dia, entretanto, chegou a vez de Marvin Pipkin, que não só conseguiu descobrir um método para congelar o interior das lâmpadas, como tambem produziu novo tipo de ácido de gravação que contribuia para que a lâmpada fosse mais resistente. Como ninguem lhe advertiu que a tarefa era impossivel, Marvin tomou a sério a incumbência e a levou a bom termo.

—*Christian Science Monitor*

¶ A SACIEDADE constitue a suprema fonte de melancolia. O que nos excita e nos inspira são a carência e a luta.

—William James, *Essays in Popular Philosophy* (Longmans, Green, ed.)

Novo manancial de energia para todo o equipamento doméstico

Fogo líquido para uso caseiro

Por Frederick Tisdale

NA MAIORIA das residências modernas utiliza-se gás para cozinhar, carvão para aquecer as salas e a água, e eletricidade para acionar a geladeira e mais uma dúzia de utensílios domésticos. Todavia, há técnicos que afirmam ser este um processo antiquado e pouco econômico.

Nos lares perfeitos do futuro, dizem eles, a mesma fonte de energia térmica será capaz de aquecer as salas, cozinhar e acionar os diversos utensílios. Isto reduzirá o desperdício de calor e o consequente aumento dos custos, simplificando ao mesmo tempo os reparos e diminuindo o trabalho.

O «fogo líquido», nova substância química, constitue, segundo afirmam os seus defensores, a resposta ao sonho dos técnicos: um manancial de energia autônomo, para todo o equipamento doméstico.

Em média, as residências comuns não extraem mais que 55 por cento do poder calorífico do carvão introduzido na fornalha. Orion O. Oaks, engenheiro da American Radiator Company, preocupado com tal desperdício, decidiu resolver o problema—e criou um líquido que atua como veículo de calefação, capaz de suportar temperaturas elevadíssimas. Segundo afirma, esse líquido, «uma vez aplicado nos lares, terá uma eficiência de quase 100 por cento.»

A idéia de Oaks fascinou a imaginação de J. F. O'Brien, diretor-gerente da Fundação Pierce, cujas pesquisas visam ao aperfeiçoamento dos lares e residências. A Fundação colaborou nos estudos, e os laboratórios acabaram por encontrar a solução do problema. A fórmula do calor líquido é, naturalmente, um segredo. Sabe-se apenas que entre os seus ingredientes figuram duas substâncias vulgares: o petróleo e a areia, e conhece-se o nome técnico do produto: silicato de tetracresil.

Ao passo que a água se vaporiza a 100° C., o silicato de tetracresil somente se transforma em vapor ao atingir 436° C., ou seja cerca de duas vezes a temperatura a que é costume assar bolos no forno. Alem disso, ao contrário do que sucede com o vapor de água, o novo agente pode ser usado como meio condutor para altas temperaturas, sem necessidade de pressões elevadas e sem perigo de explodir. Para reduzir ao mínimo o desperdício de combustivel, o calor líquido circula através da tubulação e é distribuido pelas diferentes seções da instalação, mas em vez de se perder nestas últimas, regressa à caldeira, afim de ser reaquecido e utilizado consecutivamente.

À temperatura ambiente esta substância química é idêntica ao óleo lubrificante, tanto em aspecto como em comportamento. Cheira a ácido carbólico, o que constitue vantagem importante como meio de denunciar as fugas; não se inflama quando cai sobre carvão candente, não é tóxica e não corrói o metal. O calor

líquido permite obter temperaturas culinárias muito mais elevadas do que as proporcionadas pelos fogões elétricos ou de gás, contribuindo deste modo para melhorar o valor nutritivo e o paladar de muitos alimentos.

Nas instalações da Fundação Pierce têm-se cozido tortas, aquecido água, fabricado gelo e feito demonstrações perante técnicos industriais, durante vários meses. Como a Fundação é uma instituição sem intuitos lucrativos, o calor líquido só aparecerá no mercado quando os fabricantes autorizados a explorar as patentes possam vender o equipamento indispensavel.

O orgão vital das demonstrações de Oaks consiste em uma fornalha comum, própria para calefação, e a respectiva caldeira. O combustivel é antracita, mas pode ser qualquer outro. Em vez de água, tanto a caldeira como os tubos são carregados com cerca de 230 litros de silicato de tetracresil. O preço atualmente cobrado pelo líquido será com certeza reduzido com a maior produção comercial. Uma vez que a instalação não vaze, o proprietário da residência aquecida por este processo terá somente que compensar as perdas, uma vez em cada cinco anos, adicionando cerca de quatro litros do produto químico. A prática demonstra que as propriedades deste último melhoram com o uso.

Ao sair da caldeira, o calor líquido atravessa em primeiro lugar uma serpentina que produz água quente, instantânea e continuamente, sem necessidade de reservatórios ou depósitos. Após isto, passa por um desvio da tubulação, afim de acionar uma geladeira.

Para cozinhar no fogão, que possue grelha, chapa quente, assador, cinco receptáculos com panelas especiais, e dois fornos, a circulação do calor líquido é regulada por uma válvula que abre e fecha a sua passagem, de maneira semelhante à de uma torneira de água. O controle automático, porem, é tão simples como o que se usa atualmente nos fogões elétricos ou de gás. O isolamento concentra o máximo de calor no ponto adequado, reduzindo ao mínimo a dispersão.

O último aparelho ligado ao circuito de devolução, consiste em um radiador de calefação, que mede 25 por 30 centímetros. Um ventilador de pequenas dimensões distribue ar quente em volume suficiente para aquecer uma residência de cinco cômodos, em pleno inverno. As máquinas de lavar pratos ou roupa, os secadores de roupa, os resfriadores de ar e outros aparelhos domésticos, podem ser ligados, pela mesma forma, a esta verdadeira artéria de calor líquido.

Quanto ao preço, o equipamento de calefação por calor líquido custa sensivelmente o mesmo que o equipamento corrente, para as residências de tamanho médio. A grande economia está no consumo de combustivel. Oakes afirma que a instalação reduzirá à metade os custos de aquecimento de uma residência e de acionamento dos respectivos utensílios domésticos.

Confessa ele, porem, que o calor líquido ainda tem certos inconvenientes. Assim, por exemplo, não serve para ferros de engomar, almofadas térmicas, ou outros utensílios pequenos do mesmo tipo. O isolamento que seria necessário empregar nos tubos condutores flexiveis dos ferros de engomar, tornaria estes extremamente incômodos. Se o combustivel empregado for o carvão, será preciso conservar a fornalha acesa durante todo o ano. Contudo há muitas pessoas que já fazem isto mesmo, para obter água quente pelos métodos de aquecimento atuais. Finalmente, quanto à alimentação da

fornalha, um carregador mecânico simplificará o trabalho.

O inventor traçou planos que permitem imaginar lares inteiramente independentes dos serviços públicos de luz e força, e a utilização de todas estas vantagens ainda nos locais mais remotos, desde que disponham de combustivel. A instalação proposta para este fim consta de uma pequena turbina a vapor de 7½ c.v., para baixa pressão, ligada a um gerador elétrico de 5.000 vóltios. O calor líquido produz vapor para o turbogerador. Segundo Oaks, as centrais deste tipo são suficientes para atender aos requisitos de uma residência propriamente dita e da fazenda anexa, fornecendo corrente elétrica a preço muito módico.

No campo industrial, o calor líquido oferece excelentes perspectivas para padarias, lavanderias, restaurantes, fábricas de moldagem de plásticos e outras indústrias que exijam aquecimento constante, a baixo custo.

A estréia de Mr. Chrysler

¶ Quando Mrs. Edward Stotesbury, que foi durante anos a rainha sem coroa da sociedade de Palm Beach, convidou Walter Chrysler e sua esposa para jantarem, eles se sentiram um pouco sem jeito. Era como uma estréia na sociedade, e o antigo mecânico achava a perspectiva pouco atraente. Naquela tarde, passeando pela cidade, Chrysler viu uma banda de tambores e corneteiros passando, e acompanhou-a até o quartel. —Quanto vocês cobram, para tocar? perguntou-lhes.

—Cinco dólares por hora, informou-lhe o chefe da banda.

—Feito, declarou Chrysler. —Outra coisa. Vocês são capazes de me arranjar um uniforme?

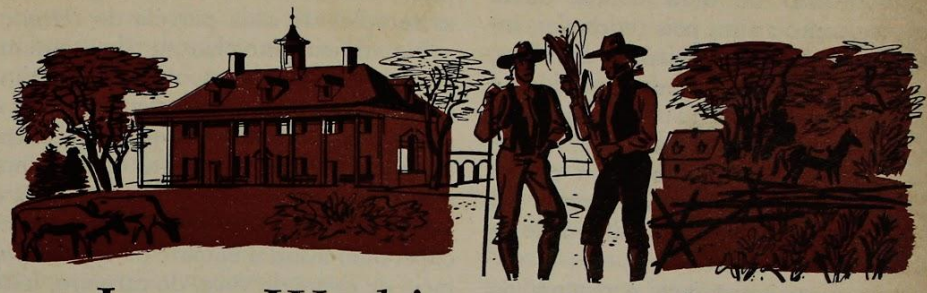
À noite, Mrs. Chrysler foi, com outros amigos, à residência de Mrs. Stotesbury. Seu marido chegou mais tarde: a sua entrada sensacional, ao bater das oito, uniformizado e tocando, à frente de uma banda de tambores e corneteiros, foi um sucesso completo. Porque o dono da casa, Mr. Stotesbury, fora tambor-mor durante a Guerra Civil, e estava sempre disposto a tocar, mesmo que fosse em cima da copa de um chapéu, tendo loucura por música marcial. Sem perda de tempo foi buscar o seu tambor—e o que começou como um jantar a rigor terminou numa folia louca, em que os donos da casa e os convidados se divertiram como nunca.

—Ignez Callaway Robb no *Cosmopolitan*

¶ Admoestado severamente pelo juiz, pelo fato de ter desertado a mulher, o marido redarguiu: «Seu juiz, se o senhor conhecesse aquela mulher como eu conheço, o senhor não dizia que eu sou desertor. Eu sou é refugiado!»

—*Pathfinder*

Um aspecto simpático e pouco conhecido do gênio de Jorge Washington



Jorge Washington agricultor

(*Condensado do «Country Gentleman»*) *Por Donald Culross Peattie*

Se nos tivesse sido possivel espreitar, por volta de 1780, pela vidraça duma casa rural, veríamos talvez o lavrador em pessoa, com uns óculos quadrangulares encavalados no nariz, a contar penosamente sementes de trevo, ou cevada. Jorge Washington, mais que ninguem no seu país, entregava-se à cultura da terra como um agricultor moderno.

Naquela altura queria verificar quantas sementes havia num quilo dos seus vários cereais, para assim poder calcular que quantia de semente deveria aplicar a um hectare para colher exatamente a espécie de grão que desejava—nem ralo, nem espesso. Descobriu que havia 8.925 sementes de cevada em meio quilo, e 71 mil de trevo.

Via-se na necessidade de proceder a esses cálculos, pois ninguem os fizera ainda. Não havia Ministério da Agricultura, nem podia ele consultar casas especializadas em sementes ou periódicos dedicados a assuntos agrícolas, com exceção de alguns na Inglaterra. Se quisesse saber quando havia de plantar, qual a profundidade dos sulcos, como pulverizar as árvores ou melhorar suas plantas, tinha que estudar, ele próprio, o assunto. Seus vizinhos cingiam-se à tradição e ao empirismo, mas as suas terras não rendiam como devia ser.

Jorge Washington amava com paixão a sua terra e teimosamente queria dominar a Natureza voluvel. Possuia perto de quatro mil hectares, dos quais menos de metade era terreno aravel, e todo ele precisava ser adubado. Tal como Tomas Jefferson se exprimiu acerca da agricultura no estado de Virgínia naquela época, era mais vantajoso comprar um novo pedaço de terra que adubar um terreno velho. Por essa razão é que os agricultores americanos se deslocavam continuamente «para o ocidente» que hoje se chama West Virginia.

Mount Vernon, a herdade de Washington, estava dividida em cinco quintas. Havia primeiro a quinta residencial, com magnífica mansão, terrenos relvados e árvores de sombra, de onde se avistava um lindo panorama sobre o rio Potomaque. Essa propriedade, contudo, ocasionava grande despesa ao homem mais procurado do país. Nas fazendas próximas, o solo aravel fora arrastado para o rio.

Em cada quinta havia de 20 a 100 escravos—mão de obra barata, dirão. Não era tanto assim, pois todos eles, inclusive as mulheres, crianças e velhos, tinham de ser alimentados, vestidos e alojados durante os 12 meses do ano, quer trabalhassem quer não. O lavrador Washington não concordava com a escravatura; herdara esses escravos tal como a terra e não tinha possibilidade de solucionar o problema.

Alem disso enfrentava o sistema da monocultura—o fumo. Havia um mercado firme para o produto, especialmente na Inglaterra, mas nada esgota mais o solo que essa planta. Hoje em dia todos sabem que o remédio é uma cultura variada. Quando, porem, o lavrador Washington se dedicou à cultura de novas plantas, era um dos primeiros.

Washington experimentou todas as plantas que pôde. Começou com alfafa, introduzida da Europa. Obteve bons resultados e trinta anos mais tarde ainda cultivava essa leguminosa. Ensaiou o sanfeno, trevo branco e vermelho e muitas outras forragens. Plantou trigo mourisco, um feno inglês e cânhamo, e tratou de cultivar algodão, mesmo sem esperança palpavel de obter resultado. Importou até algumas relvas chinesas e inscreveu no seu diário os seus nomes de sons estranhos.

O verdadeiro êxito que Washington conseguiu foi, entretanto, o da rotação das culturas. A única planta que os seus vizinhos substituiam por fumo era o milho e apenas de vez em quando; o seu método de restituir a fertilidade ao solo consistia em deixar as ervas invadir os campos e depois enterrá-las com o arado. A idéia de Washington era diferente, fruto de anos de experimentação. Com o auxílio de pena e papel, compasso e régua, como bom administrador que era, sentava-se diante do mapa das suas propriedades, dividia os campos e projetava as rotações de cada parcela de terreno.

No primeiro ano plantou trigo comum. Este cereal, porem, esgota o solo; assim, no ano seguinte semeou trigo mourisco e enterrou-o. Seguiu depois com outra colheita de trigo. Durante os três anos seguintes semeava essa terra com relva e trevo, que destinava à pastagem, recuperando assim o empate de capital por meio de carne de vaca, de carneiro, leite e manteiga. Tambem podia cortar a relva para feno. A rotação levava sete anos e a última cultura era milho e batata. Depois começava outra vez com o trigo.

O lavrador de hoje pode criticar tal programa; mas o fato importante é que Washington alternava as suas culturas. Foi ele quem abriu o caminho a esse sistema quando os vizinhos arrastavam seus terrenos para a ruina, devido à falta de conhecimentos científicos de agricultura. Washington tentou destronar a prática da monocultura e conseguiu-o. Em 1763 produziu perto de 45 mil quilos de fumo. Desde então foi diminuindo aos poucos essa cultura até que, por volta de 1789, já não colhia fumo senão para uso da casa. Para rendimento, tratou de estabelecer a cultura do trigo que ele podia reduzir a farinha no seu próprio moinho de água.

A Virgínia oriental não é, porem, uma região ideal para a cultura desse cereal. Washington ensaiou todas as variedades do país e do estrangeiro que conhecia; importou sementes da Polônia, da Sibéria e do Cabo da Boa Esperança. Experimentou a variedade «espelta» e o trigo de praganas compridas; ensaiou trigo em terrenos secos e em úmidos. Em 1764 obteve 257 alqueires; no ano seguinte 1.112 alqueires e em 1769 fornecia 6.241 alqueires a uma barcaça na sua doca.

Em anos gordos ou magros, através de secas ou inundações, com mercados altos ou baixos, Washington nunca deixou de cultivar trigo até ao fim da sua vida; e assim chegou o dia em que acrescentou espigas de trigo ao brazão do seu *ex-libris*. Exportava a maioria do trigo da sua lavra para as Índias Ocidentais e até se conta que os sacos marcados com «J. Washington» nunca eram inspecionados, mas, sim, vendidos ao melhor preço.

Washington tambem foi quem iniciou (na América) a plantação de trigo em regos em vez de espalhar a semente. Tambem inventou uma charrua que lavrava a terra e semeava ao mesmo tempo. A semente ia dentro dum barril perfurado; à medida que a pipa girava atrás da charrua, largava as sementes através de buracos. Essa invenção tinha, é claro, algumas imperfeições, mas Washington tratava pacientemente de as limar. Descobriu que não se devia encher demais o barril, senão as sementes entupiam os buracos. Verificou igualmente que, se os orifícios tivessem a forma de funil, com a abertura maior para fora, havia menos probabilidades de a semente bloquear a saida.

Como criador de gado, Washington era tambem metódico nas suas experiências. Necessitava de mais de cem suinos por ano para abastecer a fazenda com presuntos, carne e toucinho. Afim de substituir os porcos magricelas que abundavam nas florestas da Virgínia naquela época, Washington importou uns bácoros vermelhos de pernas curtas e de lombos côncavos, próprios para uma vida pachorrenta na pocilga e para produzir boa carne, o que não acontecia com os animais das florestas. A princípio tinha carneiros magros e pouco lanzudos; pela importação dum carneiro inglês e dum rebanho de gordos Bakewell, conseguiu ter lã e carneiros ótimos, até que um dia veio a possuir uma peça de pano tecido com o fio produzido na sua herdade.

O curioso Washington ouvira falar das virtudes das mulas espanholas como animais de carga. Pediu ao embaixador dos Estados Unidos em Madrí que lhe mandasse dois machos e duas mulas. Era proibida por lei a sua exportação de Espanha naquele tempo; o Rei de Espanha, porem, abriu uma exceção para o caso dum estrangeiro tão notavel. Assim sucedeu que Washington foi o primeiro a introduzir as mulas na agricultura americana.

Era tambem sistemático no que dizia respeito à pastagem de todos os seus animais, de modo a conseguir uma distribuição regular do estrume. Fez um estudo pormenorizado de todos os adubos de que podia dispor. Experimentou o estrume de cavalo, de boi, de carneiro, bolor das florestas, marnas e várias espécies de terra, em parcelas experimentais de trigo, cevada e aveia. Uma das suas propriedades prediletas era a que ele chamava «o poço lamacento» e de lá, ano após ano, extraia lama depositada nos seus terrenos pela erosão e transportava-a de novo para o local donde fora arrastada. Um processo dispendioso de melhorar o solo, qualquer lavrador o afirmará; no entanto, inúmeras vezes, segundo conta o seu visitante Noah Webster, Washington erguia o copo e bebia «pelo êxito da lama».

Washington plantava com entusiasmo todas as árvores vulgares de pomar e interessava-se pelos frutos da selva americana. Algumas plantadas pelas suas próprias mãos ainda vegetam na sua antiga propriedade de Mount Vernon.

Já muitas coisas, no entanto, desapareceram desse monumento histórico.

Não existem mais os estábulos nem o moinho onde Washington triturava seu belo trigo. Todo o esforço se concentra hoje em dia em manter a casa e os relvados de Mount Vernon, as suas sebes e labirintos, os jardins e as árvores de sombra. Mas há algo que nunca desaparecerá. É o próprio Washington que, na sua longa lista de títulos, não contava outro de maior destaque que o de lavrador; e, na realidade, o grande presidente elevou essa profissão à estatura duma ciência prática e duma arte fecunda e vivificante.

Chapéus de senhoras

¶ Uma granfina de Nova York entrou no salão de Walter Florell, chapeleiro de atrizes e granfinas, especializado em criações um pouco para lá de fantásticas, e anunciou, solenemente, que precisava imediatamente de um chapéu, para uma recepção à tarde. Walter, tomando de uns dois metros de fita, torceu esta de certo jeito, e colocou-a na cabeça da freguesa, dizendo:

—Aí está o seu chapéu, madame.

A dama foi ao espelho, e, em êxtase, exclamou:

—Ah, que amor!

—São vinte e cinco dólares, declarou Walter, imperturbavel.

—Vinte e cinco...? Mas isso é exorbitante, para um pedaço de fita!

Walter desenrolou a fita e a entregou à freguesa, explicando: —A fita, madame, é de graça.

—Erskine Johnson

¶ Na casa de chapéus, a vendedora dizia:

—Fica lindo este, na senhora, madame. Este chapeuzinho lhe tira dez anos de vida!

—Ah, é? Então não quero, retorquiu a freguesa. —Imagine: toda vez que eu tirar o chapéu, fico dez anos mais velha!

—The Watchman-Examiner

¶ Certa atriz de Hollywood, experimentando um chapéu, perguntou quanto custava. Ao receber a resposta, exclamou:

—Ora, mas que absurdo!

—Madame, retrucou a vendedora, a questão é que o chapéu tambem é absurdo...

—Hedda Hopper

Estes estudantes de ginásio dirigem sua própria companhia de seguros, banco, armazem . . . e, inclusive, pagam impostos

Uma república na escola

(*Condensado do «Saturday Evening Post»*)

Por Lawrence N. Galton

Há algum tempo, em Winnetka, nos Estados Unidos, os acidentes de bicicleta aumentaram em proporção alarmante. Como ninguem se decidisse a estudar o assunto, um grupo de estudantes do Ginásio Skokie tomou a si tal tarefa. Após um trabalho de investigação que pouco tinha de infantil, os moços chegaram à conclusão que cerca de 75 por cento das bicicletas dos estudantes tinham os freios em mau estado; que a maior parte dos ciclistas eram descuidados e conheciam mal os regulamentos locais; que não havia qualquer postura municipal relativa a bicicletas e, finalmente, que os regulamentos gerais de viação eram dificeis de encontrar e ainda mais dificeis de ser interpretados pelas crianças.

Os estudantes apresentaram tais conclusões aos chefes de família da cidade, e o presidente da comissão de segurança pública municipal, após tê-las examinado, estimulou-os a prosseguir: «Continuem; tratem de redigir o novo regulamento.»

Depois de terem visitado os departamentos de polícia das cidades próximas e de haverem estudado os diferentes riscos, conferenciando com as entidades competentes, os estudantes apresentaram o seu regulamento, que foi discutido na prefeitura, aceito e promulgado. Hoje são eles próprios que impõem o seu cumprimento, e Winnetka tem muito poucos problemas de trânsito provocados pelas bicicletas.

Contudo, esse episódio é somente um dos muitos que têm assombrado a população local e os educadores de todo o país. Na sua sombra está uma inovação pedagógica sensacional: o Plano Escolar Skokie.

Este ginásio não é uma escola simples; é uma verdadeira comunidade. Os estudantes, dos 11 aos 14 anos, não se limitam a assistir a aulas. Fazem negócios e administram. Suas empresas—fábricas, organização para criação e venda de gado, armazem cooperativo, companhia de seguros, banco, união de crédito—reproduzem as instituições semelhantes do mundo dos adultos.

O plano iniciou-se há seis anos, em uma reunião de 55 estudantes, que faziam parte da associação escolar. O presidente da comissão de lanches mencionou o caso de duas alunas que tinham quebrado acidentalmente os seus pratos durante a refeição. Correram lágrimas e ambas tinham tido que pagar a louça quebrada. Tratava-se, porem, de uma ocorrência comum.

Contudo, no fundo da sala houve alguem que gritou: «Precisamos de um seguro!» Os moços nomearam imediatamente uma comissão para estudar a possibilidade, escolheram um professor para patrocinar a idéia e selecionaram como

conselheiro o pai de um dos alunos, corretor de seguros. Após várias semanas de estudos e organização, o plano veio a realizar-se sob a forma de uma companhia de seguros mútuos.

Os prêmios eram baseados na estatística de louça quebrada da escola e em caso de acidente cada segurado tinha que entrar com 20 por cento dos prejuizos que causasse, sendo o restante pago pela companhia. Esta iniciou imediatamente um programa de prevenção contra a quebra de louça e, como os acidentes se tornaram menos frequentes, os prêmios foram reduzidos a metade. Hoje, cerca de metade dos estudantes estão segurados e a companhia paga a totalidade dos prejuizos. Apesar disto, porem, ainda distribue dividendos no fim do ano escolar.

Contudo, se a idéia foi boa, seus resultados foram ainda melhores. Os estudantes que até então tinham ligado pouca importância às matérias do currículo relacionadas com seguros e regulamentos oficiais, passaram a manifestar um interesse súbito por tais assuntos, e a própria linguagem, tanto escrita como falada, melhorou consideravelmente. Segundo parece, a redação de estatutos de companhias de seguros exige a seleção e a aplicação cuidadosa das palavras.

Os professores do ginásio e o superintendente de escolas de Winnetka compreenderam perfeitamente a significação de tais progressos, mas decidiram muito judiciosamente conservar-se na sombra. A idéia continuou pertencendo exclusivamente aos estudantes e somente estes intervinham no assunto, ainda que surgissem problemas complicados.

Outro caso, por exemplo, é a Companhia de Pesquisas e Produção. Fundada com o propósito de fabricar e vender tinta aos estudantes, confrontou vários problemas dificeis de resolver por moços dessas idades. Os professores tiveram muitas oportunidades para intervir com vantagem, mas nunca quiseram fazê-lo.

Um dos alunos, tesoureiro da Companhia, afirmou: «Nunca ninguem pensou em explicar-me quanto custavam os materiais, nem qual era a receita das vendas. Isto, naturalmente, não contribuia para a perfeição das contas, mas ainda assim conseguí equilibrá-las por milagre.»

Outros moços tambem tiveram suas dificuldades, inventando fórmulas, pondo-as em prática e iniciando métodos de produção. Hoje, porem, a Companhia já não produz apenas a sua marca de tinta; fabrica cola, creme para a pele, perfumes e outros produtos, e a sua produção é comprada com avidez pelos estudantes, professores, famílias dos alunos e pela cooperativa dirigida por estes últimos.

Outro empreendimento dos estudantes do ginásio Skokie consiste numa companhia de avicultura, dirigida com a assistência de um professor. Cria e vende pintos; cria, compra e vende coelhos e cobaias; fabrica, aluga e vende gaiolas; prepara e vende alimentos próprios para os animais domésticos; estuda e ensina a alimentação, criação e tratamento de animais. Possue atualmente sucursais em duas escolas primárias.

Alem disso tambem há uma Seção de Apicultura do Departamento de Biologia, sob a forma de uma organização «governamental,» dirigida sob o patrocínio do conselho escolar. Seu objetivo é o de promover o estudo da natureza e a produção de mel, em bases não lucrativas. Toda a receita é arrecadada pelo tesouro da escola. Existe ainda um Departamento de Serviços Botânicos, que iniciou há pouco um viveiro de árvores, com o qual pretende suprir os requisitos da escola e os da povoação.

Para conservar as crianças a par do que se passa em outros campos comerciais, os estudantes e professores do ginásio Skokie visitam cerca de 300 pontos nos subúrbios de Chicago. Em tais excursões, o ônibus da escola, equipado com um alto-falante, e devidamente condicionado sob o ponto de vista da acústica, funciona como uma sala de aulas ambulante.

Estes meninos são de fato cidadãos de um mundo autêntico, ainda que em miniatura. Para maior realismo, tambem eles têm seus impostos. Certo dia verificou-se que alguem utilizava ou mexia nas bicicletas depois de terminadas as aulas. Resolveu-se, portanto, pagar a um estudante para que este guardasse as mesmas desde as três e meia até às cinco da tarde. Afim de obter os fundos necessários, o comitê de bicicletas propôs um imposto de alguns centavos por ciclista, que o conselho de estudantes aprovou imediatamente.

Todas as organizações da escola depositam sua receita no banco do ginásio e seus negócios são efetuados por meio de cheques. A União de Crédito tambem foi criada pelos estudantes e o seu presidente, que é apenas um gurí de 11 anos, escreveu há pouco, para a revista da União de Crédito de Minesota, uma instituição de adultos, minucioso relatório sobre o funcionamento da União de Crédito do ginásio Skokie. Segundo afirmou, os membros recebem certificados de acionista por todo pequeno depósito, podendo realizar modestos empréstimos, sem fiador, ou pouco maiores com fiador. Não se exige qualquer outro tipo de caução e os empréstimos são feitos de acordo com o carater do mutuário.

De acordo com as palavras recentes do Professor Thomas D. Eliot, da Northwestern University, «a organização do Ginásio Skokie combina preceitos de elevado ideal cívico, com princípios práticos de valor incontestavel. Os alunos aprendem simultaneamente a considerar-se cidadãos responsaveis da sua cidade e do próprio Estado. O seu Código contem extratos de todos os regulamentos locais que os bons cidadãos devem conhecer e cumprir. Eu próprio aprendí muitos deles ao lê-lo.»

Todavia, nem tudo quanto se fez no ginásio Skokie foi alcançado sem luta. Alguns chefes de família mais teimosos levantaram objeções ao sistema, com o fundamento de que ele «era totalmente diferente da antiga escola, onde se observavam regras pedagógicas inflexiveis». Mas o valor real do Ginásio Skokie é precisamente o fato de ir *muito alem* dessas regras pedagógicas antiquadas, como aliás observa o Superintendente Logan. Acresce que os estudantes adoram o método. «No Skokie,» disse um deles, «as aulas não são soturnas nem aborrecidas, e os professores são amigos. Na verdade, as lições são divertidas.»

¶ *Sue*: «Será que Jack me ama?»
Mabel: «É claro que sim. Por que razão havia ele de fazer uma exceção para você?»

—*Kellogg News*

O MELHOR AMIGO DO HOMEM

DESDE os tempos remotos, quando o homem e o cão fizeram sua aliança, vem o povo contando histórias sobre os seus companheiros caninos: algumas engraçadas, outras extremamente tocantes, outras dificeis de explicar. As que se seguem foram selecionadas entre as recentes anedotas enviadas por nossos leitores.

Insinuação

Uns amigos meus têm um cão alsaciano chamado Jock. Todos os domingos, depois do chá, o dono da casa leva-o a passeio. Não faz muito tempo, num domingo à tarde, veio um rapaz visitar a família, ficando para tomar chá, e depois, como todos os jovens acanhados, não conseguiu juntar suficiente coragem para se despedir. Passaram-se minutos interminaveis sem ninguem tomar uma decisão, começando Jock a recear pelo seu costumeiro passeio.

Jock levantou-se, visivelmente inquieto, e pôs-se a dar voltas pela sala. Ninguem lhe dava atenção. Desapareceu então pela porta da sala, sumindo-se no vestíbulo.

Não demorou muito; voltou saltitando em direção ao visitante e, com verdadeiro desespero de todos os presentes, entregou-lhe o chapéu.

—Sra. I. M. Dunning, Inglaterra

«Cavalheirismo»

Nosso filhote de perdigueiro tinha justamente aprendido a trazer para casa os embrulhos e jornais quando fazíamos compras, o que era motivo de divertimento para os vizinhos. Carregando os embrulhos na boca, ia pulando na frente, de cabecinha erguida, compenetrado da sua responsabilidade. Chegando em casa, depositava os embrulhos no terraço e ficava de guarda, à nossa espera. Apanhando novamente os embrulhos, entrava conosco.

Certa vez, nada tínhamos para lhe dar, porem ele não se conformava e nos vinha importunando. Nesse momento encontramos uma vizinha que, percebendo nossa situação, ofereceu-nos um embrulho seu e acompanhou-nos até nossa casa. Quando lá chegamos, entretanto, não só não encontramos o cãozinho como tãopouco vimos o embrulho. Assobiamos, chamamos por ele, procuramos por toda parte, porem em vão: nem cão, nem embrulho.

Tendo recebido profusas desculpas

IV

Seleção de Alan Devoe

nossas, a senhora, desanimada, foi para casa. No seu terraço deparou com o nosso Gordon, sacudindo a cauda alegremente, esperando-a afim de lhe fazer condigna entrega do embrulho.

—F. C. Bennett, Nova York

Auxiliar inesperado

Chico, um cão da Dalmácia, era meu constante companheiro em giros pela fazenda. Era impossivel escapar-lhe e, a menos que estivesse preso, seguia-me resolvido a não ser deixado para trás.

Um dia fiquei realmente maravilhado com sua intuição. Havia no campo de batatas 52 válvulas de irrigação, as quais tinham ficado acidentalmente encobertas durante o amanho da terra. Descobrí-las ia ser para mim um trabalho consideravel. O meu método consistia em medir penosamente cerca de 6 metros entre elas, no que nem sempre era bem sucedido, afastando-me alguns centímetros dos meus objetivos.

Não tinha reparado no Chico, tão preocupado estava com o meu serviço. Depois de descobrir umas sete válvulas, notei que o cachorro tambem trabalhava, cavando energicamente. Para minha enorme surpresa, abriu um buraco bem onde se encontrava a próxima válvula. Assim que a descobriu, fuçou o terreno adiante, parou e tornou a cavar, descobrindo outra válvula. Continuou assim até completar a obra.

Ele me superou de maneira prodigiosa, pois não errou de uma polegada.

—Homer Pardue, Califórnia

Estrada privativa

Certa feita estava visitando uma residência em County Down. O caminho e o círculo em frente ao edifício eram pavimentados com agudas pedras brancas e achei estranho o que me pareceu ser uma série de pegadas pelo lado da casa, desde a porta de entrada, maculando sua bem cuidada alvura. Cada «pegada» era um círculo de cerca de 6 centímetros de diâmetro, deixando aparecer a terra pela remoção das pedras. Era tudo muito regular, o que não podia deixar de despertar minha curiosidade.

Explicou-me então o dono da casa: Vigour, o velho «collie», estava ficando gordo e preguiçoso em sua honrosa velhice, passando os dias a tomar sol no terraço. Para lá chegar, porem, tinha que caminhar de 5 a 6 metros sobre os pedregulhos—e suas velhas patas já se haviam tornado sensiveis. Ele próprio então retirou as pedras nos pontos onde tinha que pisar, descobrindo a terra macia. Enquanto eu o observava, levantou-se, espreguiçou-se, bocejou e foi para o quintal, seguindo cuidadosamente pela sua trilha.

«Ele pode fazer isso no escuro,» disse-me o meu amigo, «e não tocará numa pedra sequer. A princípio o jardineiro procurava disfarçar as aparências, ajeitando as pedras, porem Vigour as retirava novamente, até que decidimos não interferir com sua estrada privativa.»

—Robert C. McKimm, Irlanda

Milhares de pessoas, incapacitadas de movimentos por paralisia espasmódica, enfermidades congêneres, e acidentes, encontram agora esperanças de rehabilitação no uso da prostigmina

Contra os estragos da paralisia

Por Paul de Kruif

UMA MULTIDÃO de pessoas, que sofrem de dores terriveis, privadas de movimento, em virtude dos efeitos da paralisia infantil, apoplexia, artrite, paralisia espasmódica e males semelhantes, podem encontrar agora esperança de cura no uso da prostigmina, medicamento sintético que tem dado ótimos resultados nesses casos.

A prostigmina teve aplicação médica de pouca monta, logo após ter sido descoberta, na Suiça, faz uns 15 anos, quando se verificou que servia para aliviar os tão incomodos sofrimentos post-operatórios. Entretanto, observado o poder estimulante que ela tem sobre os músculos intestinais, pensou-se que contivesse maiores propriedades medicinais,—que pudesse mesmo ser o específico, há anos procurado, contra as deficiências de ação da acetilcolina, aquela substância química do nosso corpo, absolutamente indispensavel na transmissão de impulsos através dos nervos. Com efeito não podemos mover sequer a ponta de um dedo, sem a intervenção da importantíssima acetilcolina.

Suponhamos que temos a intenção de mover um pé. Não existe ligação direta entre o cérebro e os músculos que fazem mover os nossos pés. O cérebro, obedecendo à nossa vontade, emite impulsos por meio de uma série de células nervosas, as quais se acham desligadas umas das outras por pequenas soluções de continuidade, através das quais os impulsos não conseguiriam passar sem o auxílio da acetilcolina, que funciona à maneira de ponte de ligação. Essa substância é que transmite os impulsos nervosos de um nervo a outro, dos nervos aos músculos, e destes às glândulas.

Ora, uma experiência importante veio confirmar a suposição de que a prostigmina, dispondo de altas qualidades medicinais, servisse de agente químico normalizador da função da acetilcolina no corpo humano. Em 1935, na Inglaterra, coube à dra. Mary Walker, falando aos sócios da Real Sociedade de Medicina, demonstrar que a prostigmina restaura a força muscular em pessoas atacadas de uma doença misteriosa e terrivel, muitas vezes fatal, denominada *myasthenia gravis*, que se carateriza por um progressivo e grave cansaço muscular.

As pessoas atacadas de miastenia ficam de pálpebras caidas, em virtude da debilidade dos músculos faciais, o que lhes dá um aspecto sonolento e tétrico de máscara mortuária. Quando vão comer, os maxilares, afetados de cansaço, param às vezes em meio à mastigação do primeiro bocado. O mesmo se dá com o falar: começam uma frase e, antes de a terminar, a voz se lhes transforma num cochicho. Muitos dos miastênicos morrem quando o cansaço os impossibilita de respirar.

Pois bem: aplicando-se uma injeção de prostigmina, dentro de dez minutos os olhos cerrados do paciente começam a

abrir-se. Decorridos mais alguns minutos, o enfermo já pode suspender os braços cansados à altura da cabeça. A seguir, livre do perigo de sufocar por falta de fôlego, começa a respirar normalmente, sentindo então grande alívio com a restauração das forças. Observando essa demonstração feita pela dra. Walker, disse um dos médicos presentes que o efeito desse tratamento devia ser como o de se livrar um paciente das penas do purgatório, elevando-o ao paraiso.

Todo esse benéfico resultado se deve ao efeito restaurador da prostigmina, no corpo humano, quando a acetilcolina cessa sua função normal. Como no caso das aplicações de insulina nos diabéticos, as pessoas que sofrem de miastenia grave terão de fazer uso constante da prostigmina o que, aliás, não lhes apresenta grande dificuldade, visto como o remédio pode ser tomado pela boca, em forma de cápsulas.

A miastenia é geralmente fatal no decurso de alguns meses. Entretanto, o dr. Henry Viets, de Boston—um dos médicos que lutam contra esse mal—acaba de declarar numa memória que, em 8 anos, dos seus 125 casos de miastenia, tratados com prostigmina, se verificaram apenas 27 mortes.

MAIS TARDE, observou-se outra valiosa propriedade da prostigmina. Como se sabe, a menstruação é precedida de um aumento de sangue no corpo, e a acetilcolina tem por função dilatar os vasos sanguíneos, afim de facilitar a chegada do sangue ao útero. As preocupações e a fadiga mental causam às vezes a suspensão desse processo, e então as senhoras mais se preocupam, sob a impressão de que estão grávidas.

Pois bem, o uso da prostigmina traz pronta solução em tais interrupções. Três injeções em dias consecutivos constituem ótimo teste de gravidez e seguro tratamento nos casos de menstruação retardada. *A menos que de fato haja gravidez*, qualquer mulher normal pode contar de certo que suas regras reaparecem dentro de três dias contados da data da última injeção.

OS DOLOROSOS acessos de paralisia, nas vítimas de poliomielite, com espasmo muscular e falta de coordenação dos músculos, são tambem causados por deficiência funcional da acetilcolina. O espasmo muscular pode muitas vezes ser combatido (se bem que morosamente) por meio de tratamento a calor, e exercícios musculares. Mas, poderia a prostigmina acelerar a rehabilitação do doente? Quem nos dá a resposta são os drs. Herman Kabat e Miland Knapp, que em 1943 escreveram, no *The Journal of the American Medical Association*, apresentando 24 casos graves de poliomielite, tratados pela fisioterapia em combinação com a prostigmina.

Um dos casos mais graves era o de uma senhora de 30 anos, que fora atacada de poliomielite, tendo ficado paralisada dos braços e pernas, paralisia que atingia tambem outros músculos do corpo. A despeito do imediato e intenso tratamento físico, a enferma, decorridos três meses e meio do ataque, ainda não conseguia sentar-se. Começou então a usar a prostigmina, e os resultados foram positivos. Dentro de três semanas, já se sentava com facilidade e principiou logo a andar sem o auxílio de qualquer apoio.

Dos 24 pacientes, que se submeteram ao tratamento-teste acima referido, 22 se restabeleceram, graças aos efeitos da prostigmina. As mãos encaranguejadas de um dos pacientes começaram a se distender uma hora após a primeira injeção.

As promessas de cura com a prostigmina foram comprovadas ainda em mais 40 casos de poliomielite, tratados pelo dr. George J. Boines, segundo o qual esse preparado tem facilitado tanto o ataque a essa grave enfermidade, que três quartas partes das vítimas de espasmo muscular podem seguir o tratamento em suas próprias casas. Em 1945, grupos de médicos, nos Estados Unidos, que lutam contra a poliomielite, declararam que, com o uso da prostigmina e de fisioterapia, os pacientes começaram a sentir alívio do espasmo muscular às primeiras intervenções, quando a moléstia se iniciava, estando pois no seu período mais agudo.

Mas a prostigmina não pode, está claro, dar vida a células nervosas já fenecidas. E há grande diferença, de caso a caso, quanto à maneira como a poliomielite ataca a espinha vertebral. Entretanto, seja como for, o fato é que esse medicamento alivia sempre, em todos os casos, as dores causadas pelos espasmos musculares, e há esperanças de que, em quatro pacientes, pelo menos um reconquiste o seu lugar nos afazeres cotidianos.

A POLIOMIELITE contribue com um número relativamente pequeno para o total das pessoas afetadas de paralisia espasmódica e outras afecções musculares. As fraturas ósseas podem ser, e são, curadas, as juntas deslocadas são gessadas e as artrites agudas tornam-se crônicas; todos esses estados, porem, deixam centenas de vítimas incapacitadas devido à contração dos músculos, que se inicia como processo natural de defesa à dor, mas muitas vezes se torna habitual.

Os banhos, os exercícios, as aplicações de ondas curtas e de calor trazem alívio a muitos dos pacientes; entretanto, para milhares de vítimas, a fisioterapia não é de nenhum efeito. Foi precisamente em 430 casos dessa ordem que os drs. Kabat e Charles W. Jones começaram a usar a prostigmina num Ambulatório de Saude Pública. Quase todos os pacientes eram casos crônicos de avarias musculares, e muitos se achavam incapacitados havia anos. O próprio cartão, que lhes permitia submeterem-se a esse importante teste, era uma prova de que as terapêuticas física e cirúrgica, recebidas anteriormente, não lhes tinham trazido benefício. Portanto, era esse o momento em que a prostigmina ia passar pela prova suprema, pois, ao se iniciarem suas injeções, suspender-se-iam todos os outros tratamentos.

Um homem, que havia 14 meses tivera uma perna fraturada abaixo do joelho, vinha sofrendo caimbras terriveis, e não podia nem subir uma escada. Ao cabo de três semanas de injeções de prostigmina, as dores tinham desaparecido e ele voltava às suas atividades normais, não se tendo verificado nenhuma recaida. Em 51 casos de fratura, 39 revelaram melhoras significativas.

Os drs. Kabat e Jones verificaram que a prostigmina não cura a artrite no seu período ativo, mas é realmente de pasmar seu efeito sobre o conséquente espasmo muscular. Uma senhora, cujo reumatismo artrítico já «secara» havia anos, ainda se mantinha de cama ou numa cadeira de paralítica, sofrendo dores constantes. Pois bem, ao cabo de quinze dias de injeções diárias de prostigmina, a paciente já se sentava, e entrou logo a andar, pela primeira vez, após seis anos de completa imobilidade.

A maioria dos 430 pacientes, vítimas de lesões musculares, mostraram grandes melhoras com o tratamento bem orientado.

ENTRE AS muitas vítimas, salvas por este medicamento, os casos mais admiraveis eram os de apoplexia—hemorragia cerebral. Segundo hoje se calcula, cada vítima que morre deixa atrás de si de oito a dez pacientes que vivem longa existência, se bem que mais ou menos incapacitados.

Quando as células do cérebro são mortas por esses acidentes, não há maneira de as fazer ressuscitar; no entanto, a natureza encontra meios de abrir novos caminhos aos impulsos dos nervos, circundando essas zonas de lesões cerebrais, de sorte que, mesmo espontaneamente, há possibilidade de certa rehabilitação do paciente. Mas, perguntar-se-á, não conseguiria a prostigmina fazer que esse processo natural fosse mais rápido e eficaz?

Um dos casos mais desesperadores que os drs. Kabat e Jones tiveram em sua clínica foi o de um homem que, havia 17 anos, estava completamente paralisado do lado direito. Um pé lhe ficava a cinco centímetros do chão, tinha a espinha curva e o braço direito inteiramente imobilizado. Dentro de 24 horas do tratamento, já lhe era possivel, com a mão direita, levar um cigarro à boca Depois de um mês, conseguia ficar de pé, com ambos os calcanhares firmes no chão; a espinha ia perdendo a curvatura, e, com o revigoramento dos músculos, notava-se-lhe grande melhora no andar.

UM DOS GOLPES mais cruéis do destino é sem dúvida o que recai sobre milhares de crianças, vítimas de paralisia espasmódica, —que as ataca quando muito tenras ou ao nascer. Esses pequenos sofredores perdem de todo o controle dos músculos; enquanto a vida pode prolongar-se neles a muitos decênios de existência, as possibilidades de cura são mínimas.

Felizmente, segundo afirma o dr. Howard J. Schaubel, os seus experimentos clínicos, com esses pacientes infantís, muito prometem.

Durante dezoito meses, vem ele tratando e observando dez crianças, vítimas de paralisia espasmódica nas pernas e nos braços. Os tratamentos físicos e as intervenções cirúrgicas deram pequenos resultados. Todas tinham que ser alimentadas a mão pelas enfermeiras, e, embora pudessem emitir sons, estes eram de todo incompreensiveis. Três das crianças nunca tinham podido dar um passo, e as restantes só se atreviam a caminhar com os aparelhos de aço que traziam atados às pernas.

Durante dois meses, tomando prostigmina por via bucal, sete das crianças abandonaram os aparelhos e começaram a usar muletas. E as três restantes, que nunca haviam conseguido andar, começaram a usar aparelhos ambulatórios. Seis meses depois, seis tinham abandonado as muletas e as outras se estavam ainda servindo desses suportes. Ao cabo de oito meses, nove andavam perfeitamente, e a décima já conseguia manter uma conversação simples.

Antes do tratamento de prostigmina, as crianças tinham que ser alimentadas a mão, em virtude da trepidação espasmódica de seus movimentos. Depois de oito meses de uso de prostigmina (em combinação com exercícios musculares), nove podiam comer e beber sem auxílio de terceiro, e, das restantes, uma só precisava de ajuda, ao beber. Tais são os resultados do uso da prostigmina nas vítimas infantís da paralisia espasmódica. Mas, como vimos, os resultados obtidos pelos adultos são igualmente admiraveis.

Os benéficos efeitos da prostigmina têm-se feito sentir entre pessoas realmente paralíticas, como tambem entre

aqueles ligeiramente incapacitados. Mas esse medicamento é ainda de grande efeito nos casos de deslocamentos, nas torções de pescoço e nas dores das costas, sempre que isso provenha de causa muscular, como acontece na grande maioria dos casos.

E como há prostigmina em quantidade bastante para atender a todos os necessitados dos seus efeitos, pode-se dizer que grande quantidade de pessoas incapacitadas conseguirão por fim, livres do sofrimento, retomar o seu posto nas tarefas de cada dia.

O melhor da festa... é ir à festa

¶ Uma noite, não há muito tempo, mais de cem pessoas de destaque na sociedade de Washington participaram de uma festa em homenagem a Titus Oates, em uma das salas de recepção do Hotel Statler. Os ilustres convidados bebericavam os seus cordiais, aguardando a chegada do homenageado, quando foi distribuido a cada um deles uma folha de papel que dizia o seguinte:

«Mr. Oates lamenta muito não poder vir à festa em sua homenagem. Se desejam saber por que, citamos a página 1111 do *Dicionário Biográfico* de Webster, em que se lê: «Oates, Titus: 1649-1705. Impostor inglês e organizador da conspiração de Popish.» Seguia-se, na papeleta distribuida entre os convidados, a explicação de que Oates tinha inventado um complô, segundo o qual os católicos haviam jurado assassinar o Rei, massacrar os protestantes e incendiar Londres—resultando a mentira na morte de trinta e tantas pessoas. Oates, sentenciado à prisão perpétua, por crime de perjúrio, foi mais tarde perdoado por Guilherme de Orange.

A festa do Hotel Statler foi imaginada por George Dixon, jornalista de Washington, com o fim de provar que, na capital norte-americana, toda a gente vai a festas, não importa quem seja o homenageado.

—Sgto. Harold Helfer

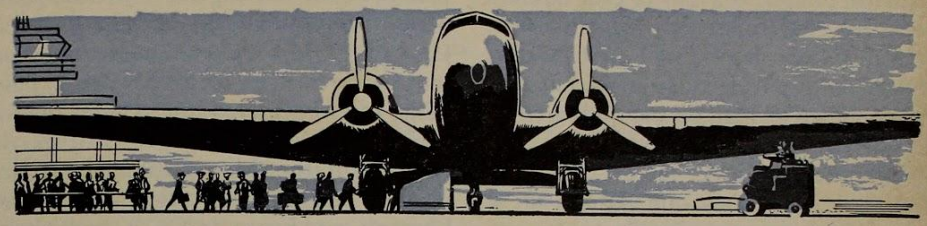
¶ Quando o Presidente Roosevelt era um jovem advogado que começava a fazer carreira em Nova York, teve que tratar de um caso dificil. O advogado da parte contrária tinha grande experiência e sabia argumentar—mas cometeu um engano fatal: falou, ante os jurados, durante várias horas. Enquanto ele atroava o tribunal com a sua oratória, Roosevelt observou que os jurados não se achavam muito interessados, e, ao ter a palavra, disse:

«Senhores jurados: já lhes foram apresentadas as provas, e já lhes falou o meu ilustre colega, que é um brilhante orador. Se os senhores acreditam nele e não nas provas, darão o veredito a favor dele. É só o que tenho a dizer.»

Os jurados não levaram mais de cinco minutos para decidir—a favor do cliente de Roosevelt.

—Drew Pearson e Robert S. Allen em *Washington Merry-Go-Round*

As viagens aéreas deveriam estar ao alcance de muitos milhões de bolsas; aquí está uma sugestão nesse sentido



Precisam-se aviões de tarifas baratas

(Condensado do «Saturday Evening Post») Por *C. R. Smith*

As viagens aéreas do futuro apresentam um quadro brilhante de grandes aeroplanos com bares, decolagens auxiliadas por propulsão a jacto e velocidade de cruzeiro superior a 600 quilômetros por hora. Tais inovações serão em realidade magníficas, mas a verdadeira revolução no transporte aéreo civil será feita por aviões mais lentos, muito menos complicados e de operação mais barata.

O de que todo o mundo precisa é transporte aéreo rápido e de baixo custo. Os diretores das companhias de aviação, os homens de negócios e as autoridades governamentais concordam em que haverá transporte aéreo em massa, se o preço das passagens for posto ao nivel das possibilidades financeiras do homem da classe média. Os Golias de luxo que cortarão o espaço a 600 quilômetros por hora servirão a centenas de milhares de viajantes. Milhões de pessoas, porem, poderão utilizar os aviões econômicos que ligarão as cidades a 320 quilômetros horários, por exemplo.

As linhas aéreas são hoje utilizadas quase exclusivamente por gente de posses; no entanto, deveriam ser facilitadas às donas de casa, aos pequenos negociantes e aos fazendeiros.

Não teremos passagens aéreas baratas este ano, nem no seguinte. O primeiro passo será dado no campo dos aviões maiores, mais rápidos e com mais lugares. Os velhos trimotores Ford, com 14 lugares apenas, voavam a uma velocidade de cruzeiro de 150 quilômetros por hora. Hoje os aparelhos DC-3 levam 21 passageiros a 300 quilômetros por hora e os lucros das companhias de aviação são maiores do que naquela época. E convem observar que esses lucros aumentaram apesar de ter sido reduzido o preço das passagens. Os transportes econômicos do futuro terão uma velocidade de cruzeiro entre 320 e 480 quilômetros por hora, transportando 50 pessoas.

Ao entrarem na guerra os Estados Unidos, C. R. Smith renunciou à presidência da *American Airlines* e entrou para o Comando do Transporte Aéreo do Exército. Recentemente reingressou na American Airlines como presidente do seu diretório.

É um mito pensar que o transporte aéreo tem que ser caro. Na verdade, nos Estados Unidos, o avião já está fazendo concorrência aos trens mais luxuosos. Não devíamos desprezar a idéia de que, algum dia, viajar de avião custará menos, em percursos de mais de 300 quilômetros, do que em qualquer outro meio de locomoção, excetuando-se, talvez, os ônibus.

Alguns dos cortes que reduziriam o preço das passagens não são postos em vigor por uma questão de orgulho das companhias. Consideremos o caso dos aeroportos. Se várias companhias utilizam a mesma estação terminal, aí poderemos ver várias escadas de desembarque, várias séries de equipamento automotor e várias turmas de terra—cada uma a serviço de uma só companhia. O público está pagando por uma multiplicação de equipamento e de esforço. Se uma só companhia terminal fosse organizada para se encarregar de todos esses serviços de manutenção, o seu custo seria substancialmente reduzido.

Em geral, cada aerovia tem os seus próprios meteorologistas, que naturalmente chegam a conclusões idênticas sobre o tempo. Os grandes aeroportos deviam ter um serviço meteorológico centralizado para cada área, o qual forneceria os seus prognósticos e informações a todas as aerovias e aos aeroportos intermediários.

Para que se possa vender transporte a preços razoaveis, é preciso que o avião fique lotado, sem que para isso sejam sacrificados nem a segurança nem o conforto. O Douglas DC-4, por exemplo, que ordinariamente leva 44 passageiros, pode transportar 58 sem maiores incômodos para os seus ocupantes. Para isso seria suficiente modificar o plano interior do aparelho, e a economia de espaço redundaria em barateamento das passagens.

Os regulamentos fixam para o DC-3 civil o máximo de 25.200 libras, como peso bruto de decolagem. O mesmo aeroplano, ligeiramente modificado, é o tipo C-47 da Força Aérea americana, que tem voado milhões de milhas com o peso de 29 mil libras. Não quero dizer que os aviões civís devam adotar padrões de carga militares. Mas a diferença é demasiado grande. Se adicionarmos mil libras ao peso bruto do DC-3, poderemos aumentar a sua capacidade de carga paga de quase 20%.

Tem-se falado muito a respeito de viagens aéreas em quaisquer condições de tempo, mas pouco se tem feito a respeito. Cancelam-se hoje, devido ao mau tempo, tantas viagens aéreas quanto há três anos passados. A desculpa habitual dada para encobrir o retardamento do progresso da aviação em más condições de tempo, é que temos de esperar até que o radar, a televisão e outras invenções misteriosas sejam cedidas, pelas autoridades militares, aos civís. Francamente, sou de opinião que não devíamos acreditar muito nisso. Poderíamos confiar mais nas viagens aéreas de hoje se utilizássemos todos os recursos da luz elétrica e do rádio, auxílios com que a navegação já conta ou pode contar.

Para que as viagens aéreas baratas sejam uma realidade dentro de cinco anos, em vez de dez, as aerovias terão que comprar grande número de aparelhos e procurar fazer transporte em massa. A todos advirão vantagens com essa medida. O público terá passagens a preço mais baixo, as aerovias empregarão mais gente, os governos arrecadarão mais impostos e as companhias lucrarão mais.

Parece-nos muito mais interessante viajar de avião sem gastar fortunas, do que voar em aparelhos de grande luxo.

Na República Dominicana, bem no coração do continente americano, prospera uma ditadura mais tirânica do que a de Hitler

«Deus e Trujillo»

(*Condensado do «Inter-American»*)

Por George Kent

A República Dominicana, ou São Domingos, fica situada na ilha de Hispaniola, que, por sua vez, se encontra entre Cuba e Porto Rico. País pequeno, seus dois milhões de habitantes provêem de acentuada mescla racial. Foi aí que Cristovão Colombo estabeleceu a primeira colônia de brancos na América, e é na capital, Cidade Trujillo, antiga São Domingos, que repousam os restos mortais do descobridor.

Vale a pena visitar o país, não só por ser bela sua paisagem, mas tambem, e principalmente, pela oportunidade de ver de perto uma ditadura mais absolutista que a de Hitler.

A «república» é gerida como uma fazenda, cujo proprietário fosse patrão absoluto. Quem a ele se opõe acaba desaparecendo misteriosamente, mesmo que só tenha manifestado essa oposição em termos suaves, numa carta particular ou em conversa telefônica. Por outro lado, os cidadãos que, espertos e oportunistas, o apoiam, podem tornar-se ricos, pois o homem é assaz generoso...

Trata-se do Presidente Generalíssimo Doutor Rafael Leônidas Trujillo y Molina, o qual, tendo iniciado a vida, paupérrimo, como empregadinho de fazenda, ganha agora, anualmente, em seu rendoso negócio, nada menos que cem milhões de cruzeiros. Sua fortuna é calculada em cerca de 500 milhões de cruzeiros, bem conservada, na sua maior parte, em bancos e propriedades em Porto Rico e nos Estados Unidos.

Seu nome tornou-se mais conhecido alguns anos antes da guerra, em seguida a um incidente na fronteira dominicana, incidente esse que passou a chamar-se «o massacre do Haití». O Haití, como se sabe, ocupa a parte menor, e menos fertil, da ilha de Hispaniola; tem um milhão de habitantes mais que a República Dominicana, sendo de notar que, há já bastante tempo, os haitianos, em grande número, entravam mais ou menos clandestinamente pela fronteira agreste, para trabalhar em plantações de açucar, furtar um porco aquí e outro acolá, ou instalar-se em pequenos terrenos afastados.

Evidentemente, isso não agradava aos dominicanos, e certa noite, num banquete de oficiais do exército, Trujillo sugeriu que conviria acabar com aqueles incômodos imigrantes. Deu-se, então, o massacre: milhares de homens, mulheres e crianças (entre 6 e 10 mil) foram fuzilados ou mortos de outras e bárbaras maneiras.

Na República Dominicana, não há margem para dúvidas sobre quem seja o chefe... Na rua mais importante da capital do país, instalou-se um anúncio luminoso a gás neon, o único da cidade, com estes dizeres: *Sempre Trujillo*. Mais adiante, num cartaz, estão as palavras:

Deus e Trujillo. E *Viva Trujillo!* é o que se vê, impresso, em todas as placas de automoveis.

Quem chegue à capital e se hospede no hotel, verá, numa pequena pilastra de pedra ao lado da porta, em letras de bronze, o dístico: *Era de Trujillo*, que tambem se encontra em todas as escolas e edifícios públicos. Pendurado à parede, por sobre o balcão de informações do hotel, há uma enorme fotografia do general em farda de gala salpicada de variadíssimas medalhas; no seu rosto, percebe-se vaga expressão de santidade. Essa mesma fotografia, variando apenas de tamanho, encontra-se nas quatro paredes de todos os escritórios de repartições públicas, e não há casa particular que não a exiba.

Os jornais, forçados a escrever o que se lhes ordena, imprimem o nome do generalíssimo inúmeras vezes, sendo que, após cada referência, se segue uma lista de títulos, entre os quais os seguintes: Benfeitor da Pátria, Restaurador da Independência Financeira, Libertador da Nação, Fundador e Chefe Supremo do Partido, Protetor das Artes e Letras.

A dansa nacional do país é o *merengue*, semelhante, aliás, à rumba. Baseadas nesse ritmo musical há, naturalmente, grande cópia de canções, e é bem típica a letra de uma delas: «Com Trujillo no poder, a corneta tem som mais puro, o violino soa mais doce, as moças dansam melhor. Rezemos pela sua reeleição eterna!»

O irmão de Colombo deu, em 1496, à cidade que é hoje a capital, o nome de São Domingos. O ditador mandou que passasse a chamar-se Cidade Trujillo. Três velhas províncias tiveram, tambem, seus nomes mudados para Trujillo, Benefactor e Libertador, respectivamente. Há cerca de cem povoações que atualmente se denominam Trujillo, ou levam um de seus títulos ou os nomes de pessoas de sua família. O congresso aprovou um decreto segundo o qual a genitora do ditador, dona Julia Molina, passou a ser designada, oficialmente, como Primeira Mãe da Nação.

Não cabe a Trujillo, todavia, a responsabilidade por *todas* essas adulações: elas são, em grande parte, obra do Partido Dominicano, único do país, e comparavel ao antigo partido nazista na Alemanha. Com o fito de agradar às democracias, Trujillo sugeriu, há pouco tempo, a criação de partidos de oposição, para que se desse, às eleições de 1947, um aspecto, ao menos, de verdadeiro pleito político; até agora, porem, não surgiu qualquer organização partidária disposta a aceitar tal convite....

O partido se incumbe de fazer publicidade em torno do chefe, fornecer capangas, e reunir multidões para bradar os *Viva!* A propaganda, aliás, nada tem de sutil. Para esse fim usa-se, por exemplo, o expediente do leite gratuito, da seguinte maneira: o presidente possue grande quantidade de vacas leiteiras de puro sangue; o partido compra, na mão dele, o leite, e o distribue, gratis, às mães, proclamando em altos brados que se trata de uma dádiva do Benfeitor. Este, é claro, retira largos proventos do negócio, o partido faz sua propaganda, os bebês ganham leite... e pronto: todos estão satisfeitos.

Certa porção do dinheiro gasto pelo partido provem dos funcionários públicos, obrigados a ceder uma percentagem de seus salários, deduzida na própria fonte; o resto são cotas impostas a negociantes estrangeiros, bem cientes de que, se recusarem, irão à bancarrota.

O ditador é um homem forte e até simpático, dotado de grande magnetismo pessoal: bem parecido, duro de músculos, atarracado, de meia altura, com mansos olhos castanhos. Trujillo é extremamente caprichoso em matéria de roupas. À maneira de Goering, adora os galões dourados e as condecorações, exibindo medalhas de uma dúzia de paises. Note-se, de passagem, que sua primeira medalha foi-lhe concedida por Mussolini.

É casado, atualmente, pela terceira vez; dos filhos, o predileto é um adolescente de 17 anos, conhecido como Ramfis. Quando o petiz completou cinco anos o extremoso pai fez dele coronel, com soldo integral, correspondente a 9 mil cruzeiros por mês. Mais tarde, o garoto tornou-se general.

Nasceu o ditador há 53 anos, perto da cidade de São Cristovão. O pai, negociante de gado, às vezes seu, às vezes alheio, foi conduzido certa feita, sob escolta policial e algemado, pela rua principal de São Domingos. Ao morrer o velho, seu filho ordenou que o féretro passasse pela mesma artéria, e mandou que o enterrassem na velha catedral, a pequena distância dos restos mortais de Colombo. Rafael, por sua vez, sempre se revelou um estroina, dizendo-se mesmo que já foi sentenciado sob a acusação de falsificar documentos. Já rapaz, obteve um emprego de capanga numa fazenda de açucar, e quando os fuzileiros navais americanos ocuparam a ilha, entre 1916 e 1924, Rafael pôs-se à disposição deles. Chegou, assim, Trujillo a capitão de polícia, especializando-se em descobrir e matar os patriotas dominicanos que lutavam, em guerrilhas, contra os invasores.

Nessa atividade, Trujillo foi competente e implacavel, tendo adquirido conhecimentos em matéria de construção de estradas, abastecimento de água, higiene pública e organização escolar. Não esconde, aliás, sua gratidão ao corpo de fuzileiros: há em Cidade Trujillo uma Avenida dos Fuzileiros dos Estados Unidos, e um dos seus auxiliares mais destacados é um ex-coronel desse mesmo corpo.

Quando, em 1925, Horacio Vásquez foi eleito presidente, em pleito livre, Trujillo subiu ao generalato, transformando então sua Força Policial num autêntico exército, bem equipado e disciplinado, responsavel perante ele e mais ninguem. Na revolução de 1930, contra Vásquez, o exército deixou-se ficar em seus alojamentos: e não tardou que Trujillo se fizesse presidente.

A eleição foi planejada lindamente. Basta dizer que Trujillo mandou reunir capangas para dar tremendas surras nos outros candidatos, intimidando-os de tal maneira que não mais ousavam prosseguir em suas campanhas, nem sequer realizar comícios. Nas zonas rurais, seus homens deram uma batida em automoveis armados com metralhadoras, sendo mortas, na ocasião, umas cem pessoas. A eleição foi, pois, unânime, pois a oposição se retirara. Com a idade de 37 anos, Trujillo penetrou no palácio presidencial.

Daí a dias, desencadeou-se tremendo furacão que destruiu 80 por cento das casas da capital, liquidando 5.000 pessoas. A catástrofe ofereceu ao novo chefe do governo a oportunidade para demonstrar sua habilidade em organizar e comandar, coisas que ele realmente sabe fazer. Sem perda de tempo, restabeleceu a ordem na capital, que foi reconstruida, sendo, hoje, uma bela e moderna cidade.

Quando Trujillo tomou posse, havia, em caixa, 140 milhões de cruzeiros, elevando-se a dívida aos acionistas americanos a 400 milhões; pagavam-se juros anuais à razão de 20 milhões, e a amortização importava em 35 milhões. Para dar solução ao problema, o ditador reduziu de 15% todos os salários do

funcionalismo, fechou centenas de escolas e decretou outras medidas de economia. Aproveitando-se da crise que assolou o mundo, informou, com audácia, ao Ministério do Exterior dos Estados Unidos, que não poderia amortizar sua dívida. A gente de Washington não gostou da história, é bem de ver; mas limitou-se a enviar uma nota comunicando a Trujillo que a situação estava sendo objeto de cuidadoso exame.

Politicamente, o Benfeitor agiu com deshumana frieza para liquidar seus inimigos; segundo cálculos baseados em testemunhos absolutamente fidedignos, Trujillo mandou matar três a cinco mil pessoas. Se bem que hajam diminuido as prisões e execuções, continuam ainda algumas a serem levadas a cabo «tranquila e silenciosamente», segundo a expressão de um representante diplomático estrangeiro em Cidade Trujillo.

A oposição reagiu com bombas e atentados. Em julho de 1945, os universitários criticaram a ditadura, e esta, em resposta, mandou proceder a um inquérito de que resultou serem presos todos os rapazes que haviam tomado parte nas manifestações, fuzilando-se dois deles. Atualmente se proibe a posse de armas de toda natureza.

No capítulo das finanças, Trujillo trouxe benefícios ao país, mantendo estaveis os pagamentos de juros e, graças aos mercados do tempo da guerra, conseguindo amortizar mais ainda do que estipulavam os contratos. No campo da educação houve, tambem, melhoras, pois, segundo as estatísticas oficiais do governo, o número de analfabetos foi reduzido de 10%, abriram-se centenas de escolas novas, formaram-se professores, e aumentou-se para 200 mil o número de crianças que frequentam as escolas.

Os escolares são obrigados a usar uniformes e a aprender marchas e exercícios de natureza militar. Exige-se delas, tambem, que cantem, todos os dias, o Hino do Partido, com o habitual elogio ao ditador. Nas aulas de instrução cívica, a base dos ensinamentos são as declarações dele sobre as responsabilidades do cidadão. Não encontrei, porem, nos estabelecimentos de ensino, propaganda ideológica de grande monta. A maioria dos livros aí usados são anteriores ao advento de Trujillo, contendo, portanto, boas referências à liberdade de imprensa e outras instituições democráticas.

O ditador faz questão de que, em cada escola, haja uma horta cultivada pelos próprios alunos, em que se plantam e se exibem os principais produtos agrícolas da ilha. Outra inovação do Benfeitor são os «professores ambulantes» que, percebendo um ordenado correspondente a 300 cruzeiros mensais, vão a lugares afastados onde não haja escolas permanentes.

Em conversa com um americano de destaque, cujas razões para detestar Trujillo são amplas, disse-me ele que «nos últimos 15 anos houve mais progresso em São Domingos que durante quatro séculos». É a velha história dos paises dominados por ditadores: Mussolini se celebrizou fazendo com que os trens, na Itália, corressem dentro do horário; Hitler construiu suas famosas «super-estradas»; Trujillo, estradas e sistemas de irrigação do solo, de maneira que há, hoje, vastíssimos terrenos, outrora áridos, sendo cultivados ativamente. Portos, onde só podiam ancorar barcos de pesca, foram dragados e estão em condições de acomodar grandes navios.

Do ponto de vista puramente estatístico, os resultados da administração Trujillo são, de fato, impressionantes. Vejamos, por exemplo, o arroz, produto que

a república importava, anteriormente, na importância de 30 milhões de cruzeiros. Graças, em grande parte, à irrigação, o país agora basta-se a si próprio quanto a esse cereal, tendo chegado a exportá-lo, no ano passado. Realiza-se, tambem, uma campanha contra a monocultura, podendo prever-se que a economia do país logrará emancipar-se de sua absoluta dependência em relação ao açucar.

Aí estão alguns sinais exteriores de prosperidade. Resta saber, porem, o seguinte: quais os benefícios que daí advieram para a população? E a resposta não pode ser outra: bem poucos, realmente. Antigamente o arroz, baratíssimo, constituia, com o feijão, o prato de sustância dos pobres. Agora o preço desses produtos quase triplicou, e não são todos os que o podem pagar. Na República Dominicana, o açucar é mais caro que em Nova York, o mesmo se dando com o café.

A razão não constitue mistério algum: tudo se explica pela série de manobras inescrupulosas pelas quais as indústrias e plantios mais lucrativos, foram entregues ao presidente como monopólio pessoal.

Cabe a Trujillo, por exemplo, em carater de exclusividade, o direito de extrair e vender sal; e o preço desse produto essencial quadruplicou. O fumo é outro monopólio de Trujillo, e assim, tambem, são os fósforos. Pude perceber o que isso significa certo dia em que, num pequeno armazem de secos e molhados em cidade do interior, vi dois fazendeiros que compraram *um* cigarro e o dividiram entre si.

Qualquer dos produtos essenciais—arroz, café, cacau, carne, leite, madeira, mobílias, óleos vegetais—é monopólio do Benfeitor ou de algum membro de sua família. Sua mulher é concessionária de todo o serviço de lavanderia da República, e vende ao governo as ferragens de que este precisa para suas construções. O irmão é dono da madeira. E há muitas outras coisas nessas condições, como sejam as agências vendedoras de automoveis, os seguros contra acidentes, e o transporte terrestre e marítimo.

Bem típico é o caso do seguro contra acidentes, iniciado por um americano chamado Victor Braegger. O Benfeitor o cobiçava, e subitamente Braegger soube que seus formulários não estavam sendo preenchidos em termos. Fê-los de novo, e outra vez se encontraram erros. Pediu audiência ao presidente, mas a conversa terminou em verdadeiro cheque-mate, e seu assistente foi jogado à cadeia. Braegger, que não era tolo, apercebeu-se do perigo que corria, e saiu do país, tendo porem perdido cerca de 600 mil cruzeiros. Foram inuteis seus protestos ao Ministério do Exterior dos Estados Unidos.

Todos os bons negócios da República Dominicana estão incorporados em tais monopólios, à exceção do açucar que, estando em mãos de grandes interesses americanos, permanece intocado pelo ditador; e os monopólios dão a Trujillo uma renda anual, líquida, de 100 milhões de cruzeiros. Parte de sua fortuna, aliás, teve origem nos gastos a que os Estados Unidos se viram obrigados durante a guerra. O Banco de Exportação e Importação desse país deu a Trujillo créditos no valor de 40 milhões de cruzeiros, dinheiro esse que ele usou para construir um hotel de primeira ordem e um matadouro moderno—ambos de sua propriedade exclusiva, podendo daí retirar, para si próprio, todos os lucros.

Com uma renda desse vulto, não admira que Trujillo se mostre rigoroso quanto à receita e à despesa do país. Não há peculato no governo, simplesmente porque as pessoas que dele se poderiam aproveitar já tiram vantagem dos monopólios. Estão perfazendo grandes lucros,

como nunca teriam julgado possivel, e ao fim de cada ano recebem um presente, em geral um sítio ou uma casa. São homens de certo relevo dos quais seria lícito esperar uma reação forte contra a ditadura; sentados, porem, em poltronas de veludo, ganhando e gastando a rodo, aceitam prazeirosamente a situação.

De toda essa riqueza, os pobres nada usufruem; mal nutridos, sofrem agora, mais que nunca, de tuberculose. A causa da propagação desta enfermidade é sobretudo econômica; assim, o mal não se remediará enquanto subsista o ruinoso sistema dos monopólios.

Os canais de irrigação, onde pululam mosquitos, têm sido causa de enorme aumento nos casos de impaludismo. A verminose, que em Costa Rica foi combatida eficazmente, dando-se calçados a todas as crianças, continua feroz em São Domingos, onde é preciso fazerem-se 300 mil tratamentos por ano. Há uma quantidade impressionante de vítimas de moléstias venéreas e, tanto quanto me foi possivel observar, poucas providências se tomam a tal respeito. A causa principal dessa trágica situação encontra-se nos prostíbulos, que tambem são monopólio de um irmão de Trujillo...

A esperança de redenção do país reside nos exilados, homens ativos e inteligentes que ora trabalham pela libertação, refugiados na Venezuela, em Cuba, na Colômbia, no México e nos Estados Unidos. Há, no próprio país, um movimento clandestino de resistência, mas a vigilância do ditador é tão rigorosa, e o país tão pequeno, que a reação não é eficiente.

Vários paises da América já não têm representação diplomática em São Domingos, principalmente por causa de atos injuriosos do ditador. Nem é segredo que o governo americano não vê, tãopouco, com bons olhos a situação. Falharam, porem, os esforços no sentido de conseguir a colaboração de alguns paises do Hemisfério para combater os governos não-democráticos do continente.

Para ser justo com Trujillo, convem fazer uma referência à sua atitude quanto aos refugiados europeus. Enquanto outras nações impediam sua entrada, ele os recebeu. Facilitou, por exemplo, a instalação de uma colônia judia, com cerca de 800 pessoas, em Sosua, na parte setentrional do país; embora essa colônia não tenha ainda o êxito que se esperava, é, contudo, promissora. A República Dominicana está isenta de preconceitos raciais ou religiosos.

Com outros refugiados ele tem sido menos generoso; no entanto, entram todos os que possam pagar o preço exigido (cerca de 10 mil cruzeiros *per capita*). Em um ano, os fugitivos judeus pagaram cerca de um milhão e oitocentos mil cruzeiros ao todo, quantia essa registrada, nos livros de contabilidade do país, como «Imposto dos Judeus». Os espanhóis, refugiados de Franco, foram abrigados em número de mil aproximadamente, em grande parte porque o ditador está interessado em trazer sangue branco para a república. Alguns se deram bem, mas a maioria partiu para outros paises.

A derradeira palavra sobre Trujillo foi pronunciada por Oswald Garrison Villard, conhecido jornalista americano, nos seguintes termos: «Há ainda muito a fazer antes que o país tenha boas escolas, hospitais em número suficiente, e outras instalações sociais da maior importância. Se bem que o povo não esteja morrendo de fome, a pobreza é enorme. E quanto mais instrução o ditador der, tanto maior será o número de descontentes. Afinal de contas, o povo não se satisfaz só com boas estradas, obras públicas, pão e circo, outorgados do alto por mãos ditatoriais.»

Flagrantes da vida americana

UM SITIANTE, que era novo na redondeza, e tinha anunciado em nosso semanário, havia mais de um mês, uma parelha de cavalos para vender, apareceu na redação, para pagar a conta do anúncio.

—Conseguiu vender a parelha, afinal? perguntei-lhe, ao receber o dinheiro.

—Não, respondeu-me.

—Quer continuar com o anúncio?

—Sim senhor, disse o homenzinho. —Já podia ter vendido a parelha há muito tempo, mais não é o que eu quero. Gosto um bocado daqueles cavalos, e gosto ainda mais de falar a respeito deles. O senhor sabe que eu sou novo aquí, e se botei o anúncio foi para outros fazendeiros aparecerem lá no sítio, olharem p'ros cavalos e conversarem comigo. Por causa do anúncio, já fiquei conhecendo uma dúzia de outros sitiantes, nessas bandas. Sim senhor, vamos continuar com o anúncio.

—NELSON D. BROWN

★ ★ ★

EU ESTAVA esperando que me servissem o almoço, em um apinhado restaurante, na zona ocidental do Texas, quando, por acaso, levantei os olhos para o teto. Tratei mais que depressa de olhar para outra parte—mas toda a gente no restaurante já estava rindo à minha custa. É que no teto, em letras bem claras, estava escrito: «PARA QUE, SEU IDIOTA, VOCÊ ESTÁ OLHANDO CÁ PARA CIMA?»

O dono do restaurante trouxe o meu almoço, e disse-me: «Não se importe, amigo. Na próxima vez, você terá a sua desforra.» Sorrindo, acrescentou: «Toda a gente volta aquí, e alguem acaba sempre olhando para o teto.»

De fato, três semanas depois eu estava entre aqueles que se riam.

—T. C. WATKINS

★ ★ ★

NÃO FAZ muito tempo, quando esperava um ônibus, junto de um cemitério, em San Antonio, no Texas, vi um soldado de infantaria, com distintivo de combatente, colocando reverentemente, na lápide de uma sepultura nova, uma rústica pistola de madeira. Notando o meu interesse, ele me disse:

«Esta sepultura é de minha avó, que faleceu na semana passada, e eu só cheguei ontem. Mas foi minha avó que salvou a minha vida, no inverno passado, lá na França. Vou lhe dizer como. Quando éramos crianças, eu e os outros garotos da vizinhança brincávamos de *cowboys* e de índios, e tínhamos armas de madeira com elásticos de borracha, para atirar pelotas de massa de pão. Uma vez, vovó viu que outro garoto me acertava uma pelota, quando eu ainda estava tratando de fazer a pontaria para atirar, e me chamou.

—Meu filho, disse ela, —sempre seja o primeiro a atirar. Se você errar, não faz mal, porque o outro fica atrapalhado e perde a pontaria. E você acerta nele no segundo tiro.

«Sempre me lembrei do conselho, e, no inverno passado, eu estava no combate da floresta das Ardenas, quando me vi face a face com um alemão. Ele tinha uma

pistola na mão, e a levantou para atirar. Eu, que tinha fuzil, nem sequer tentei levantá-lo—simplesmente apertei o gatilho e atirei. É claro que não acertei, mas o alemão saltou para um lado, e o seu tiro, sem pontaria, não me alcançou. E eu o abatí, com o tiro seguinte. Essa arma de brinquedo, que coloquei no túmulo de minha avó, é a mesma dos meus tempos de menino.»

—Ten. Hal J. Basham

★ ★ ★

Alguns amigos meus, que alugaram um bangalô para passar o verão, em uma pequena cidade da Nova Inglaterra, viram que não havia na casa o costumeiro vasilhame para o lixo. Indagando, souberam que os outros inquilinos sempre compravam um porco para dar cabo dos restos das refeições—e os meus amigos naturalmente fizeram o mesmo. O sistema deu ótimo resultado, e, quando estavam para voltar para Washington, fizeram saber que tinham um porco para vender. Apareceu um comprador, que, mostrando-se interessado, perguntou quanto custaria o animal.

«Bem,» disse a dona da casa, «pagamos 12 dólares por ele—mas o usamos todo o verão. Acha que 6 seria muito?»

—Edgar V. Saugstad

¶ —Acho que o senhor ficará bom, disse um médico ao seu paciente, —mas está muito doente realmente.

—Por favor, doutor, suplicou o enfermo, —faça tudo o que puder por mim. Se eu sarar, farei uma doação de 50 mil dólares para o seu novo hospital.

Meses mais tarde, o médico e o doente encontraram-se na rua.

—Como está? perguntou o clínico.

—Ótimo, doutor, ótimo! replicou o homem.

—Tenho pensado em falar com o senhor, continuou o médico, —a respeito daquela doação que o senhor prometeu para o meu hospital.

—De que é que o senhor está falando?

—O senhor prometeu dar 50 mil dólares para o meu hospital, se ficasse bom.

—Eu disse isso? exclamou o antigo doente. —Agora é que vejo como eu estava mal!

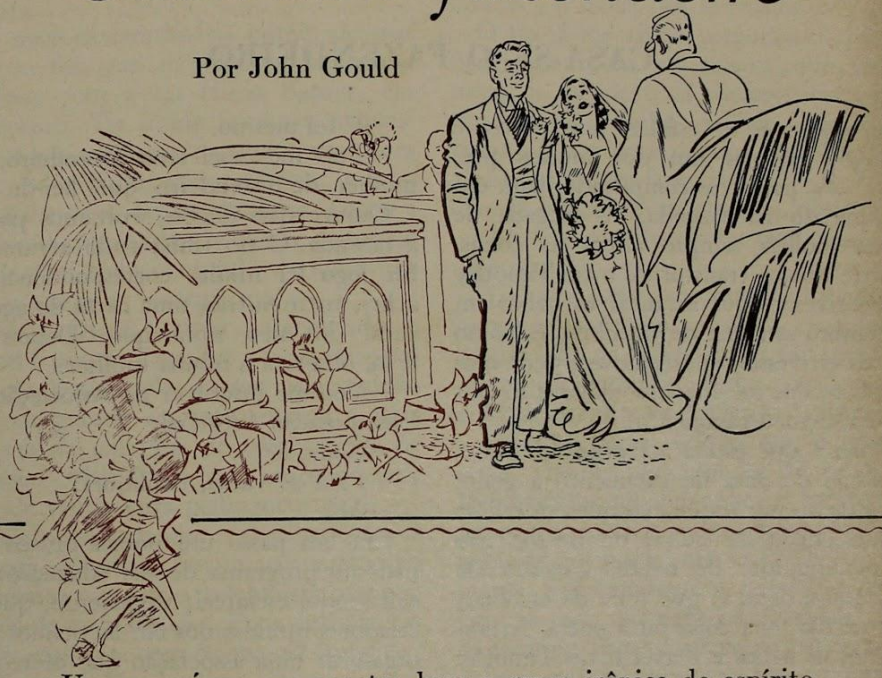
—Eddie Cantor

¶ O ministro do Exterior da União Soviética, Molotoff, durante uma sessão com os representantes da Grã Bretanha e dos Estados Unidos, inventou uma nova palavra. Observando que, para manifestar a sua aprovação, os anglo-americanos sacudiam a cabeça e diziam «Okay», Molotoff, para manifestar a sua desaprovação, sacudia a cabeça em sentido contrário e dizia «Nokay».

—Leonard Lyons

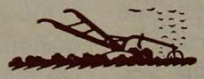
Casa-se o fazendeiro

Por John Gould



Uma história que mostra bem a graça irônica do espírito «yankee», isto é, do americano do nordeste. Tanto o Tio Timothy quanto o John achavam que a noiva que este fora buscar em Boston teria muito que aprender para se tornar uma verdadeira mulher de fazendeiro. Esta narrativa de como procederam constitue preciosa lição de compreensão humana, cheia de argúcia e ironia, e entremeada de anedotas típicas daquela região.

John Gould, o autor, é fazendeiro e tambem redator de um semanário no seu estado natal, o Maine.



(Condensação do livro «Farmer Takes a Wife»)

Copyright 1942-45, por John Gould, editado por William Morrow & Co., Nova York. Preço $2.00

CASA-SE O FAZENDEIRO

Matar e esfolar um porco é apenas um dos muitos preparativos complicados para um casamento na fazenda. A chegada de uma mulher sempre altera as coisas. Entre outros transtornos o tio Timothy e eu tivemos que arrancar os nabos em setembro em vez de outubro, e, como ainda estivessem muito novos, perdemos nada menos de duzentos dólares só por causa de meu casamento.

Não é que esteja arrependido. Nessa questão de data de casamento a gente tem de aceitar o que elas querem e uma moça criada na cidade de Boston não pode entender de nabos. Quando ela marcou a data, vi que teria de escolher, ou perdia uma coisa ou a outra. Arrancamos os nabos e deixei o tio Timothy sozinho na casa grande para ir buscar minha noiva.

Foi um casamento muito bonito. Tivemos seis damas de honra e a igreja fora toda enfeitada de plantas e flores. Algumas pessoas, ao nos cumprimentar, perguntavam onde iríamos viver. «John é fazendeiro no estado do Maine,» respondia minha mulher. A idéia de um fazendeiro lá do Maine vir arranjar uma esposa no bairro mais elegante de Boston deve ter espantado muita gente. Com olhos cheios de compaixão, contemplaram minha mulher pela última vez, e nunca mais os vi.

Ao sairmos de casa, depois dos festejos de praxe, ela comentou:—Esses bobos acham que foi loucura minha, casar com um fazendeiro.

—E foi mesmo.

—Pois me casei com fazendeiro, e é mulher de fazendeiro que hei-de ser.

Quinze dias depois, voltamos para a fazenda. O tio tinha tudo arrumado; fui logo ler minha correspondência, e achei, entre outras, uma carta do agente rural do meu município. Depois de lê-la, observei a minha mulher:

—Vou-me inscrever na Associação de Enseminação Artificial.

—Como é?

—Para as vacas, expliquei.

—Ah.

Era um passo um pouco brusco demais no programa de sua educação; assim sendo, esclarecí, vagamente, que os criadores interessados em lacticínios iam organizar uma associação que ofereceria muitas vantagens. —A anuidade é muito modesta, o que é sem dúvida mais barato que manter um touro.

—Ah, mas há coisas que nem têm preço!

—Ora, só a conta de telefone interurbano de meu touro sobe a mais que a anuidade!

—Onde é que se viu touro falar no telefone?

Contei-lhe então as façanhas do Oscar.

Oscar não era um touro como outro qualquer, e muitas foram as peripécias em que se meteu, como no dia em que avançou em cima do pique-nique do Clube Rural Feminino e comeu cento e vinte sete sanduiches de queijo e azeitona. Em outra ocasião, estavam-no usando para demonstração de um curral de

segurança para touros, e a única coisa que ficou demonstrada é que setecentas pessoas não podem subir na mesma pereira...

A mais extraordinária porem de suas proezas foi, sem dúvida, ter falado no telefone com a tia Hilda Banter, em Cleveland. Tia Hilda festejava naquele dia seus oitenta e oito anos e sua única filha, Mrs. Nute, nossa vizinha, ia telefonar-lhe para dar os parabens. Tocou a manivela chamando a central e gritou no fone: «Sai todo o mundo da linha que vou chamar o interurbano!»

Nisto Oscar, tendo arrebentado o curral e posto o tratador a fugir, veio em direção à casa dela, entrou pela cozinha e, com grande escarcéu, meteu a pata através da palhinha de uma cadeira de balanço. Mrs. Nute saiu correndo pela sala de visitas para pedir socorro.

Oscar, capengando, atrapalhado com a cadeira, pôs-se em frente ao aparelho no momento em que a telefonista avisava: «Está feita a ligação. Pode falar.» Tia Hilda esperava com o fone no ouvido.

Oscar, então, inspirou imensa quantidade de ar, e deu um urro que fez estremecer a casa toda.

Até hoje a tia Hilda está crente que naquele dia um raio caiu em cima dela.

Na fazenda não criávamos perús. O vovô tivera uma criação, mas sempre dizia que eram uns bichos muito estúpidos. Se os cachorros lhes corriam em cima, saiam voando e iam pousar lá no pomar, mas nenhum deles tinha a inteligência de voltar da mesma maneira para o terreiro; vinham andando, e levavam uma tarde inteira para chegar. Em geral, porem, lá pelo fim do verão, o tio comprava um perú de boa raça para engordar, deixando às vezes o bicho enterrado no milho até às coxas. Lá por meados de novembro minha mulher perguntou:—Vocês naturalmente hão-de querer perú assado para o dia de Ação de Graças*, à moda dos Peregrinos.

O tio já me tinha perguntado confidencialmente se eu achava que uma moça da cidade teria competência para assar perú. Minha mulher, que não tinha visto o perú do tio, quis saber se tínhamos um na fazenda.

—Já está aí um na engorda, disse ele.

—E seus pais devem vir para comê-lo, acrescentei.

Tinha-os convidado por minha conta, para que pudessem ver como era a vida de sua filha na fazenda; por isso mesmo, estava organizando tudo com muito cuidado. Bem antes das festas, já comecei a botar de lado tudo o que é necessário: separei uma porção de cebolas, todas do mesmo tamanho, e escolhí os nabos mais perfeitos; temos sempre uma abóbora especial e, quando colhemos as maçãs, reservamos num caixote as mais bonitas para tais ocasiões. Gosto de ter vasilhas de madeira cheias de frutas, que coloco pela sala de maneira a estarem bem à mão.

O tio guarda um saco cheio de nozes, que servem para o recheio do perú. Eu não teria paciência de juntá-las, mas ele espera a primeira geada e sai para disputá-las aos pássaros e esquilos.

Depenou o perú tão bem que o bicho parecia de mármore. Depois trouxe um carrinho cheio de lenha especial, madeira de faia, para assá-lo, e foi avisando: tudo que havia para se fazer fora de casa estava feito.

Fui com o carro até a estação para buscar a família de minha mulher e, a

*N. da R.—Festa tradicional norte-americana, celebrada geralmente na última quinta-feira de novembro. Comemora a data em que os colonizadores da seita dos Peregrinos, sentando-se à mesa para comer um perú, agradeceram a Deus por lhes ter dado sustento na nova terra.

não ser o frio, parece que gostaram de tudo mais. Não tinham imaginado que vivêssemos tão longe da estação, e expliquei, então, que, quando nossa fazenda fora roçada, ainda não se sabia onde seria a cidade. Gente da cidade sempre se admira de que numa casa de fazenda tambem se possa ter todo o conforto moderno.

No dia seguinte tivemos o nosso almoço de festa e minha mulher fez um bonito. O tio, todo orgulhoso, não lhe poupou elogios. Durante todo o tempo que o perú estivera no forno, ele rondara em volta, com vontade de dar sua opinião, mas achou melhor ficar quieto e não dizer uma palavra; e o perú saiu mesmo uma perfeição. Ao sentarem-se à mesa o velho ficou com lágrimas nos olhos ao ouvir minha mulher avisar:
—Olhe, pessoal, guardem um lugarzinho para a sobremesa, pois ainda temos um pudim e torta de três qualidades!

—Que Deus te abençoe! exclamou o tio. —Só uma mulher inteligente se lembraria de dizer uma coisa dessas. Em geral elas enchem a gente de comida, para depois trazer tortas e doces quando não se tem mais vontade de comer. Isso me faz lembrar o caso da dona Elisa, que teve uma torta de passas que lhe durou um inverno inteiro! Insistia com todo o mundo para que repetisse várias vezes a carne e as batatas, para depois dizer: «Se alguem quiser torta tenho uma lá dentro, mas do jeito que vocês se encheram não creio que possam comer mais nada.» Eu tinha passado o dia lá debulhando feijão, e resolví dizer que tinha sempre apetite para comer torta. Meio aborrecida, ela foi até a dispensa e trouxe uma miséria de torta, tão gelada que estava feito pedra. Só para implicar, comí assim mesmo.

Durante o almoço os pais de minha mulher não deixaram de elogiar o gosto especial do pirão de batata e o sabor delicioso das cebolas, e exclamavam: «Esta é a melhor abóbora que já comí na minha vida!» O tio explicou que eram o creme grosso e a manteiga fresca que davam aquele sabor ao pirão de batata, que o gosto da abóbora depende muito da época em que é colhida e que para conseguir cebolas como aquelas tinha um segredo que só ele e Deus sabiam,—e enquanto Deus não o revelasse ele tambem não iria contar a ninguem...

Assim que as mulheres acabaram de lavar a louça, fomos todos nos sentar na sala de visitas. O tio Timothy serviu um pouco de cidra e contou então a história do índio Samoset, pele-vermelha que todos os anos, no outono, vinha fazer uma visita e comer o almoço da festa de Ação de Graças com a família. Meu bisavô chamava-o Samoset, mas ninguem sabia seu nome verdadeiro.

Samoset apareceu logo no primeiro ano que a família passou na nova fazenda, e quando a vida ainda estava bem dificil. Minha bisavó mal tinha comida para a gente de casa, mas assim mesmo receberam Samoset com hospitalidade e puseram-no sentado confortavelmente perto da lareira.

O almoço no dia de Ação de Graças foi um tanto pobre. Uma seca fora do comum fizera murchar as batatas e ressecara todas as espigas de milho. As galinhas haviam caido nas garras de uma raposa, e a vaca, tendo-se emaranhado numa cerca de arame farpado, fora sacrificada para lhe comermos a carne. Minha bisavó salvara algumas galinhas, mas a carne da vaca se estragara ao defumar. Serviram ovos em vez de carne e os legumes eram oferecidos com muitas desculpas.

Samoset, tendo observado aquilo tudo, levantou-se, limpou os dedos nos fundos das calças de couro e, apontando para a mesa, fez com a boca um muchocho malcriado, querendo dizer que na sua opinião aquela comida era horrivel. Saiu pela porta da frente e desapareceu pela floresta.

Resolveram todos rir do incidente e a tia Debora e minha bisavó continuaram a insistir uma com a outra para ver quem comia o último ovo. Nisto ouviram uma barulheira do lado de fora e viram surgir o Samoset atrás de duas índias ofegantes, puxando um trenó. Entraram pela casa a dentro trazendo pacotes de carne de pato defumada, caça preparada com milho, saquinhos de farinha moida, peles de coelho cheias de nozes e frutas secas, coxas de perú selvagem e um cesto de iguarias variadas.

Aí, sim, é que tiveram um banquete de verdade. Meu bisavô rezou a benção de novo, e até as índias se sentaram à mesa enquanto tia Debora comia torta de perdiz com as lágrimas a lhe correr pelo rosto.

Durante muito tempo, todos os anos, no dia de Ação de Graças, o Samoset aparecia para fazer uma visita. Vinha então sozinho e já não trazia mais presentes, pois meu bisavô por essa época já começara a tirar proveito de suas terras, afastando a floresta cada vez para mais longe de casa. Por fim chegou um ano em que o índio não apareceu e nunca se soube dele. Tia Debora dizia achar muito engraçado como se podia sentir falta de um homem que nunca dissera uma só palavra; aliás, pensando bem, lembraram-se de que a única vez que ouviram um som da boca de Samoset fora quando este fizera o muchocho de desprezo naquele primeiro almoço na festa de Ação de Graças.

Foi uma surpresa para nós ver como minha mulher gostava de neve. Levava seu entusiasmo ao ponto de nos ler os poemas sobre neve que apareciam nos jornais e revistas. Fiquei sabendo assim que os poetas ganham muito dinheiro graças às primeiras neves que caem no inverno. Não há dúvida que os galhos de pinheiro recobertos de neve fofa e muito branca fazem um efeito admiravel.

Mas é preciso lembrar que a neve tambem quebra galhos de árvores, rebenta cercas, atola as rodas do trator, desce pelo pescoço da gente e esconde as peças da máquina de cortar grama que se ia armar de novo depois de pintadas. Não tenho nada contra os poetas; queria apenas chamar a atenção deles, como disse a minha mulher, para as outras coisas que acontecem, das quais parece não terem qualquer noção.

Meu poema predileto sobre neve é um que o tio Timothy compôs numa manhã muito fria:

Olha a neve, olha só!
Oh! Oh! Oh! Oh!

É preciso explicar que, quando se declama essa poesia, rangem-se os dentes de frio entre o primeiro e segundo «Oh!».

Este tipo de literatura é muito superior ao que nasce apenas de experiências imaginárias. Os poetas teriam, certamente, muito que aprender comigo. A primeira lição seria um pouco de exercício com o serrote para buscar lenha no mato. A beleza daquele manto de brancura imaculada fascinaria o versejador e, enquanto compunha umas estâncias bem cadenciadas a respeito, quebrar-se-ia um galho bem em cima de sua cabeça, jogando-o por terra atordoado.

Na lição seguinte dar-lhe-ia instruções sobre a melhor maneira de salvar uma vaca que, tendo-se afastado do bebe-

douro, caiu de um barranco e está enterrada na neve até o pescoço... Teria tambem que desenterrar a caixa do correio, que ficou debaixo de três metros de neve depois da passagem do trator de limpar a estrada. Acho que depois disso não escreveria mais poemas sobre a neve, ou então comporia coisas tão realistas que seria preciso pôr luvas de lã para lê-las.

Recordo-me de que, ao cair a primeira nevada, minha mulher quis saber que espécie de inverno iríamos ter, e o tio e eu resolvemos então prepará-la. Durante o outono os profetas da zona têm por costume discutir as probabilidades para o inverno. Sempre sustento que vamos ter o peor de que já se ouviu falar na história, e me preparo para tanto. Fui logo dizendo a minha mulher que este inverno seria o mais rigoroso dos últimos oitenta e dois anos, e o tio concordou com meu prognóstico.

Observou, por exemplo, que as mariposas tinham colocado seus ovos a grande altura, sinal infalivel de que as neves chegariam a mais de três metros. Chamou atenção para as moitas de framboeseiras, todas inclinadas em direção ao sul, prova de que esperavam ventos frígidos do norte. Os pés de abóbora, este ano, se alastraram a uma distância enorme, indício de que temiam o inverno e queriam afastar-se daquele lugar o mais possivel.

Com todos os nossos avisos, ela devia estar preparada, mas assim mesmo a impressão que teve de seu primeiro inverno no Maine foi provavelmente muito forte, pois no ano seguinte, pelo outono, era ela quem dizia que iríamos ter um inverno longo e rigoroso....

AO SE APROXIMAREM as festas do Natal, minha mulher perguntou:—Que é que vocês querem para o Natal?—Nada, disse o tio.—Natal é festa para crianças e para quem tem filhos. Só peço a Deus viver bastante para poder ver de novo um sapatinho de criança perto da árvore de Natal.

Minha mulher, colocando as mãos sobre os braços da cadeira, inclinou-se para a frente e murmurou:—Prometo, tio, que farei todo o possivel.

—Há muito tempo não temos uma festa de Natal, continuou este. —Quando os filhos de meu irmão Daví eram pequenos, pelo Natal, reuniam-se aquí todos os tios e tias que moravam na redondeza. Um ano tivemos uma nevasca forte por esta época, e até pensamos que por isso ninguem pudesse vir; ora, quando chegou o dia de Natal, éramos vinte e oito pessoas sentadas em volta desta mesa. Ainda me lembro que, das vinte e oito, vinte e sete me deram suspensórios. Você pode me dar um par este ano pois parece que já lá se vai o último...

O tio anunciou que não ia dar presentes a ninguem, mas nós sabíamos muito bem que já tinha ido à cidade e voltado com os braços cheios de embrulhos, que escondera no celeiro. Minha mulher arranjara umas lãs e, tendo conseguido decifrar a receita de ponto duplo da tia Sara, fizera para o tio umas luvas de quase dois centímetros de espessura. Ele iria ficar emocionado quando as visse, pois, desde que perdera a mulher, ninguem lhe fizera luvas de ponto duplo.

Matei uns patos selvagens e guardamos um faisão na geladeira para comermos no Natal. O tio insistiu que fôssemos à igreja naquele dia, mas ele mesmo não foi: dizia que se fôssemos e contássemos como tinha sido tudo, era como se estivesse estado lá. Só ia até a igreja uma vez no ano: era na primavera. Afiava bem o machado e ia cortar lenha para a igreja e para o vigário. Não começava sua pilha de lenha enquanto não visse que a igreja e o vigário estavam bem providos.

Tivemos, contudo, um bom Natal e creio que minha mulher ficou satisfeita. «Já se festejaram duzentos e dezoito Natais nesta velha fazenda, e acho que temos cumprido bem com todas as tradições», disse o tio a minha mulher. «Agora que temos você na família, estou certo de que esta festa não há-de ser a última.»

Sentou-se na sua cadeira predileta com as luvas calçadas nas mãos, e não as tirou senão para ir para a cama.

TÍNHAMOS andado muito ocupados o dia todo e eu estava agora sentado olhando para minha mulher que lia um livro. «Ouça isto,» disse-me ela, e nos leu um trecho em voz alta. Segundo o livro, a paisagem austera e rebarbativa da Nova Inglaterra seria insuportavel se não fosse o senso estético dos fazendeiros que pintam de vermelho os celeiros e as casas.

Discordei do livro e contei a minha mulher o que tinha descoberto a respeito dessa pintura.

A tinta usada pelos primeiros colonizadores era feita de ocra vermelha extraida de uma mina da vizinhança, e dissolvida em óleo de querosene ou em leite desnatado. Era a única tinta existente, e, por isso, sempre empregada. Se os depósitos fossem de ocra amarela e não vermelha, as casas teriam sido pintadas de amarelo.

A estética do caso me interessa menos do que a história do leite desnatado. Os colonizadores nada sabiam de química e não podiam adivinhar que no século vinte se iria fabricar muita tinta a base de caseina.

O tio, ouvindo-nos falar sobre essas coisas, lembrou-se de contar como tinha sido pintado nosso primeiro celeiro grande. Trouxeram uma carroça cheia de ocra vermelha que jogaram dentro de uma barrica com óleo de carvão; a essa mistura juntaram leite desnatado, mexeram bem e pintaram o celeiro. Protestei lembrando que leite e óleo não se misturam, mas o tio retrucou logo: ninguem dissera que se misturavam... Para pintar mexiam aquilo e iam jogando sobre a madeira. Precisavam de tinta e qualquer coisa tinha de servir.

Cincoenta anos depois o celeiro grande queimou sem ter tido outra pintura. Nesse meio século teria dado côr e alegria à paisagem acabrunhante da redondeza? Devia ser na verdade um monstrengo muito mal pintado e, na opinião de minha mulher, a paisagem agradavel em volta é que devia fazer esquecer a sua feiura.

Foi um prazer ver como minha mulher se ia apropriando das anedotas e histórias de minha família. Fomo-las contando pouco a pouco, uma de cada vez, e daí a tempos começamos a reparar que ela já as citava como se fizessem parte de sua vida. Era assim mesmo que eu queria que fosse.

O tio de vez em quando soltava as rédeas da imaginação e minha mulher se via atrapalhada para saber onde acabava a verdade e se iniciava a invencionice. Mostrei-lhe o lugar na floresta onde meu bisavô pegou a mão um pato selvagem. O pato estava na boca de uma enorme raposa quando ele, chegando perto, deu um berro. A raposa, assustada, largou a presa e meteu-se pelo mato. O velho pegou o pato e levou para casa. A história se resume nisto.

Mas o tio conta que o bisavô vinha da cidade na sua charrete quando um bando de patos selvagens voou muito abaixo acima de sua cabeça. Não tendo trazido

espingarda, pegou no chicote e, levantando-se, deu uma lambada no assento de couro do carro, fazendo um barulho como um tiro de fuzil. Naturalmente todos os patos pensaram que tinham sido atingidos e cairam aos montões à beira da estrada...

Tambem temos algumas histórias verídicas, como a do caldeirão de cobre de nossa bisavó. Era de tamanho bastante para se poder escaldar nele um porco e a bisavó tinha muito orgulho dele. Servia para mil coisas na fazenda: para dar banho nas crianças, para fazer sabão, para refinar açucar e tudo mais que fosse preciso... Um dia o dr. Babcock foi até lá em casa para pedir o caldeirão emprestado.

Como era médico, foi considerado pessoa idônea e, colocando o caldeirão sobre um ombro, levou-o consigo. No dia seguinte, meu bisavô, tendo ido até a floresta de pinheiros, foi dar com o dr. Babcock sentado num tronco, lendo um livro, enquanto alí ao lado, pendurado num tripé, estava o caldeirão com um fogaréu por baixo. Dentro fervia e borbulhava qualquer coisa.

O médico esquartejara um cadaver e estava fervendo as peças para tirar a carne dos ossos. Mais tarde montou o esqueleto e pendurou-o no seu consultório para poder mostrar aos doentes a localização de suas fraturas e moléstias! Minha bisavó é que nunca mais pôde gostar daquele caldeirão. Depois disso o doutor só era chamado lá em casa na mais premente das emergências.

É PROVAVEL que ninguem se tenha lembrado, jamais, de contar todas as peças de uma desnatadeira, mas devem ser muitas; alem das torneiras e outras coisas, há milhares de pequenos discos cônicos que encaixam uns nos outros. Se o disco número 35 estiver no lugar do número 28, está tudo perdido; caso os números estejam atrapalhados, o leite não sabe mais por onde se meter. Do que acontece lá por dentro, não tenho a menor idéia. Aquilo anda depressa demais para meus olhos e, se sai tudo direitinho, leite por uma torneira e nata por outra, estou satisfeito. Mas um dia toquei a manivela e, para dois baldes de leite, só tiramos uma chícara de nata. Daí por diante a desnatadeira não cumpriu as promessas de seus fabricantes.

Uma semana mais tarde minha mulher anunciou:—O Houghton tem uma desnatadeira para vender e acho que vou comprá-la.

—Não vai coisa nenhuma, disse o tio.

—E porque não?

—Porque só um ingênuo compra alguma coisa que pertence a um Houghton.

—Mas ele diz que a máquina está completa, que desnata bem!

O tio botou o chapéu na cabeça e foi até o celeiro para pensar sobre o assunto. Voltando para casa, sentou-se na cadeira de balanço e disse:—Bem, quero te contar como são esses fazedores de negócios daquí do estado. O Houghton é como um bêbedo que não é capaz de largar a bebida: não pode deixar de fazer negociata. E o pai dele já era conhecido nesta zona como o campeão dos bons negócios. Os Houghton têm dois olhos, um para ver se alguem está querendo tapeá-los, e outro para descobrir novas vítimas. E são assim há tantos anos, que todos os conhecidos deles só andam à espera de uma ocasião para tirar uma desforra. Você é nova aquí, e eles vêem assim uma oportunidade para um bom negócio sem perigo de levarem na cabeça.

Minha mulher comentou:—Não sabia que uma desnatadeira podia trazer tanta complicação.

—Não se impressione, pediu o tio.—Acho que lhe arranjo uma, mas primeiro quero prevení-la contra esse pessoal que tem mania de fazer trocas e negócios. Deve haver qualquer coisa nesta fazenda de que o velho Houghton precisa, e agora já sabe que queremos uma desnatadeira.

—Eu mesmo disse a ele.

—Aí é que está, continuou o tio,—por isso anda rondando por aí para ver qual é a troca que vai propor. Mas é bom não se meter com ele. Você precisa saber que um dia o pai do Houghton, o velho Henry, foi à Feira Estadual sem um vintem no bolso para começar, chegou-se a um vendedor de frutas e trocou o canivete por meia dúzia de pêssegos. Depois trocou os pêssegos por laranjas, as laranjas por outra coisa qualquer e dentro de meia hora tinha um balancim de carro e um metro de corrente. Continuou trocando isto por aquilo, sempre levando vantagem. Quando chegou em casa aquela noite tinha um par de cavalos ruços, que valeriam mais de três mil dólares, atrelados a uma carreta azul, puxando um touro por uma corda. Na carreta ele trazia de tudo, desde foice até uma geladeira. Tinha uma desnatadeira, ferramentas, cortiços para as abelhas, janelas duplas para o inverno, cadeiras e uma enorme gaiola de papagaio, de bronze, onde guardou um esquilo durante um inverno inteiro. Ainda levava nos bolsos dezessete dólares, o *pedigree* do touro, um folheto sobre as ceifeiras e oito canivetes, inclusive o dele...

O tio levantou-se e, pondo o chapéu na cabeça, repetiu:—E é assim que são esses sujeitos que têm mania de fazer negócios e trocas, e o Houghton é o campeão deles todos.

Dois ou três dias depois, ele atrelou a égua à charrete e saiu sacolejando pela estrada a fora; quando voltou trazia uma desnatadeira. Minha mulher ficou muito contente e perguntou logo:—Onde é que o senhor arranjou?

—Com o Houghton.

—O que! Seu tratante!

O tio riu.—Tive um trabalho danado para descobrir o que tínhamos aquí que o diabo do Houghton precisava. Eram as rodas de trás do espalhador de estrume.

Perguntei:—O senhor teve que entrar com algum dinheiro?

—Três dólares. Ele queria as rodas mais quinze dólares, mas o espalhador não vale um vintem sem rodas novas, e eles têm pelo menos uns cento e cincoenta carregamentos para transportar.

Na manhã seguinte experimentamos a nova desnatadeira e funcionava muito bem.

Não pude deixar de sorrir ao ouvir o tio dizer aquelas coisas todas sobre os tais tipos que têm mania de fazer negócios, porque nesse ponto acho que ninguem bate o próprio tio Timothy. Os Houghton, comparados com ele, são meros principiantes.

CERTA VEZ bateram à porta do nosso quarto no meio da noite. Era o tio que queria mostrar a minha mulher uma novidade: o primeiro cordeirinho a nascer! Minha mulher nunca tinha visto um cordeiro recem-nascido e não se pode culpá-la pelo que fez.

Qualquer pessoa acostumada aos carneiros sabe muito bem que a peor coisa que se pode fazer é mimar um deles, porque daí por diante não se pode dar mais um passo sem estar tropeçando no bicho.

Naquela noite, enquanto o tio voltava para o celeiro para saber que ovelha tinha dado à luz, minha mulher arranjou uma

garrafa com leite e deu de mamar ao cordeirinho. O tio, ao voltar, ficou furioso: «Você me estragou com o carneiro!» gritou ele. E era verdade. O resto da noite passou ele às voltas com a ovelha e o cordeirinho a ver se este aprendia a mamar, e, embora a ovelha ajudasse, o bicho não queria a mãe. Já sabia que leite saía de outro lugar...

Minha mulher teve que passar toda a primavera com uma mamadeira na mão e o verão procurando fugir do importuno filho adotivo. No princípio achou graça, mas quando o carneiro foi finalmente levado para o mercado para ser vendido, já não aguentava mais. Aprendeu por experiência própria a razão da atitude que os fazendeiros têm para com seus animais—gostam dos bichos, conversam com eles, dão-lhes todo o cuidado necessário mas, a não ser o cachorro, nenhum serve para animal de estimação.

Os poetas sempre se sentem inspirados pelas grandes ventanias; quanto a mim, prefiro muita poesia e pouco vento. Minha mulher, de início, costumava falar da alegria estimulante das fortes ventanias, e fomos obrigados a mostrar que nem todo o mundo se alegrava com o vento.

Anos atrás, lá pelas ilhas Salomão, o Jim Coombs ficou uma vez preso com seu navio numa calmaria. Durante quinze dias ficaram de braços cruzados à espera de uma brisa que lhes permitisse abalar dalí. Nisto o Jim retirou do fundo de um bolso uma prata de um xelim e, jogando-a por cima da amurada com um gesto teatral, gritou aos céus: «Dai-me um xelim de vento!» Quase logo depois, o navio era arrastado pelo peor furacão que ainda foi visto. Depois de serenada a tempestade, o Jim, de pé no meio do tombadilho cheio de destroços, comentou: «Se soubesse que vento era tão barato, não tinha comprado tanto!»

Lá pelo nosso nordeste, vento é muito barato. O tio diz que um dia uma rajada levou com seu chapéu até de encontro à parede do celeiro, e manteve-o lá durante uma semana inteira... Concordamos com minha mulher em que é graças ao vento que os veleiros singram os mares, que viram as rodas dos moinhos, que vêm as chuvas para molhar as flores ressecadas. Mas lembramos que mesmo uma coisa boa pode às vezes ser demais.

No dia em que fomos reformar o telhado do celeiro, quase que este voa pelos ares. As folhas de papel de alcatrão de dez metros de comprimento ficavam em pé com o vento! Costuma suceder que a porta do celeiro se feche de súbito na cara da gente, quebrando uma cesta cheia de ovos. Nos dias de ventania, o fio do telefone geme como se um gato estivesse sendo enforcado. Conforme a direção do vento, ouvimos às vezes pedaços de conversa de nossos vizinhos distantes. Um dia a vizinha que fica em cima do morro, a meio quilômetro de distância, passou um pito na empregada; esta, zangada, se despediu, e nós passamos um bom quarto de hora fascinados pela dramática troca de palavras.

Nesse mesmo dia em que, para cada passo que dávamos, tínhamos de lutar contra a força do vento, ninguem se lembrou de falar de ventania estimulante. Pelo contrário, quando nos sentamos para jantar, minha mulher declarou: «Como eu sei que vocês ficam exhaustos num dia de muito vento, fiz uma torta para alegrar os ânimos.»

Todos os habitantes do estado do Maine são mentirosos natos, o que afinal de contas não é tão feio quanto o ser por vício adquirido. Minha mulher ainda não se tinha habituado com isso quando, certo dia, o Henry Jorgen veio fazer-nos uma visita para se lamentar das chuvas contínuas. Em vez, porem, de dizer que já tínhamos tido chuva bastante para satisfazer todas as necessidades normais de uma pessoa, o Henry, que mora a uns trinta quilômetros do mar, começou contando que já aparecera uma cobra no pasto de sua fazenda.

Minha mulher ia revelar sua descrença, mas eu, não ignorando que o Henry estava apenas dando expressão ao aborrecimento que lhe causava aquela chuva, interpús-me perguntando:—Era grande?

—Não, não era lá muito grande, disse o Henry,—mas tinha cores bonitas.

Essa maneira de tornar os fatos verídicos mais interessantes nada tem a ver com os preceitos que mandam não levantar falso testemunho. Henry e outros como ele nunca dizem uma mentira. Contam certas inverdades saudaveis, porque para eles é a maneira mais «artística» de dizer a verdade.

Acho que minha mulher já está começando a se adaptar a esse costume. No outro dia o Jerry Turner estava a se vangloriar das galinhas que tinha, e ela, para tirar-lhe um pouco da prosa, acrescentou:—É, ouví dizer que suas galinhas põem ovos do tamanho de uma toronja...

Jerry fitou-a por um momento e respondeu:—Não, minhas galinhas não, mas meus pombos põem!

Se o sol surgisse de manhã usando chapéu coco, acho que poucos dos meus vizinhos se dariam ao trabalho de contar isso à mulher durante o café da manhã. Lembro-me que uma vez o Wadell resolveu pintar o silo com listas diagonais vermelhas, brancas e azues. O silo ficava bem no alto de um morro e, mesmo quando a tinta já estava gasta, ainda se podia vê-lo até o limite do horizonte. Pois nem um fazendeiro da redondeza comentou a pintura e o Wadell provavelmente não esperava outra coisa. Um sujeito que passava de automovel perguntou um dia ao Wadell porque pintara o silo assim, e ele respondeu que era para conservar a madeira.

Acho que caí na mesma fraqueza quando fiz minha serra de mão de nogueira preta. Todos os serviços reservados para os dias de chuva já estavam prontos, e chegou a hora de fazer uma armação para uma serra manual. Tinha uma tábua de freixo mas achei que ia desperdiçar muita madeira; tinha carvalho, mas as serras de mão ficam muitas vezes na chuva e o carvalho encharca-se de água como uma esponja. O pedaço de bordo parecia empenado. Levantei, então, uma tábua de pinho, e achei uma linda tora de nogueira preta. Acho que a havia separado para fazer uma caixa para talheres, mas, dentro em pouco, tinha-se tornado uma serra manual, pois era uma ótima madeira para se trabalhar. Quando estava tudo amarrado e a serra afiada, ainda chovia. Embutí no cabo umas rosetas de cerejeira e esculpí por cima.

Estava eu serrando madeira no mato, dias depois, quando o Charlie veio procurar-me para saber se queria comprar uma galinha da Angola, o que não me interessava. Larguei a serra no chão para colocar outro pedaço de pau sobre o cavalete e vi o Charlie abaixar-se e pegar na serra. Passou o polegar sobre a madeira embutida, alisou com a palma da mão a nogueira preta, experimentou os dentes da serra com a unha, e depois escolheu um galho de árvore e serrou. Entregou-me a serra sem um comentário, indicando, assim, que aprovava o trabalho, embora não compreendesse muito bem.

Pensando bem, porque havemos de esperar que se comente uma coisa como essa? Mas geralmente é o que se faz, e, por isso, as donas de casa não penduram roupa no jardim da frente e ninguem tem coragem de fazer carpintaria na sala de visitas, como fez toda a vida o Dyer do Olho Papudo. Devo ser talvez a única pessoa no mundo que tem uma serra de mão de nogueira preta com rosetas embutidas, mas não sei se será realmente uma grande distinção. Várias vezes já pensei em mostrá-la a minha mulher, mas ainda não tive coragem. No outro dia, entretanto, contei-lhe a história do Dyer do Olho Papudo.

—Nunca vi ninguem com um nome desses! comentou.

Mas assim mesmo é que se chamava. Sempre achei uma pena que o resto da humanidade não conhecesse sua história.

O primeiro acontecimento de que se tem notícia, na vida desse homem notavel, já é bastante significativo. Aos quatro anos de idade perdera-se um dia na floresta, e os vizinhos todos se reuniram, saindo a sua procura. Encontraram-no daí a dois dias, sentado num tronco, com um ar de desespero, mas, ao se aproximarem dele por trás, ouviram-no dizer: «Nosso Senhor! Meu nome é Delbert Dyer, e estou perdido na floresta. Minha mãe vai perder um ótimo filho.» Acabou provando de muitas maneiras como era justa essa avaliação.

Casou-se com Nellie Overton e trouxe-a um dia para casa para compartilhar de sua sorte. No dia seguinte pegou fogo o celeiro. Conseguiram salvar os animais, mas foi preciso pô-los na sala de visitas para que não ficassem expostos ao frio. A construção do novo celeiro levou três anos e aos poucos os animais se foram espalhando pelos três quartos do andar térreo, depois mais um quarto no andar de cima, enquanto os carneiros ficavam na varanda de trás. Alem do mais, Olho Papudo foi obrigado a fazer sua carpintaria na sala de visitas e a ferrar os cavalos alí mesmo na cozinha. Quando o dr. Dowd foi chamado para assistir Nellie no seu primeiro parto, disse que, se tivesse sabido, teria ido a cavalo até o primeiro andar.

O médico, ao tirar o casaco, pediu ao Olho Papudo que pusesse água para ferver. Daí a alguns segundos estava ele de volta com a água mais quente deste mundo. Parece que o homem tinha dado um jeito de colocar um fole no fogão da cozinha para poder soldar as ferraduras, e bastava soprar um pouco para se ter água fervendo imediatamente. E foi assim que nasceu Sylvanus. Ao dr. Dowd coube escolher entre receber dez dólares ou dois sacos de feijão miudinho. Habituado com essas coisas, o médico aceitou um saco de feijão e cinco dólares em dinheiro. Ao sair gracejou: «Espero que ao voltar, daquí a um ano, você já tenha ou um celeiro para a criação ou uma casa para sua família.»

Quando voltou no ano seguinte para assistir ao nascimento de Rufus, o celeiro estava pronto mas a casa fora destruida pelo fogo. Nellie esperava o médico deitada na sua cama de metal amarelo, no compartimento dos cereais. Olho Papudo, ao lado da esposa, balançava o berço do Sylvanus com um pé, dizia palavras de conforto à Nellie e, para não perder tempo, consertava uma rédea que a esposa firmava para ele com as mãos. Desta vez o dr. Dowd só levou o saco de feijão e não quis os cinco dólares, dizendo ao Olho Papudo que pagasse com o dinheiro parte da conta da madeira para a nova casa. Dowd era um bom homem.

Mesmo depois de pronta a casa nova, porem, o Olho Papudo continuou a não fazer muita distinção entre uma coisa e outra. Durante um inverno eles fizeram vinte e cinco cortiços para abelhas na sala de visitas, juntando a serragem num canto para os ninhos da criação. Na primavera seguinte Olho Papudo resolveu começar uma criação de patos. Acharam trabalho inutil estar transportando a serragem, de modo que criaram os patos alí mesmo na sala. Construiram uma rampa para que as aves pudessem entrar e sair pela janela da frente, cercaram o jardim e puseram os comedouros na varanda.

Quando os filhos já eram crescidos, teve vontade, um dia, de construir um barco. Moravam a uns cincoenta quilômetros do mar, numa elevação onde os riachos só tinham água na primavera e não havia realmente muita utilidade para uma embarcação. A madeira foi toda serrada e aparelhada na sala de visitas e o barco armado no quarto da frente. Tiveram, naturalmente, que derrubar a frente da casa para tirar o barco de dentro. Içaram-no por meio de cordas, colocaram sobre uma carroça e levaram-no para o celeiro. Um dia alguem perguntou ao Olho Papudo para que construira aquele barco. Respondeu que era ótimo para guardar feijão.

Ao reconstruir a frente da casa, resolveram prender a parte de cima apenas com dobradiças para quando quisessem fazer outro barco. Foi, sem dúvida, uma idéia muito prática, pois assim podiam guardar uma porção de coisas dentro de casa. Se quisessem, levantavam toda a fachada e punham os cavalos para dentro, aproveitando ao mesmo tempo para retirar de lá o trenó de lenha ou o disseminador de estrume.

As reações do Olho Papudo ao mundo exterior tambem eram dignas de nota. Saía raramente da fazenda, mas, quando o fazia, ia de olhos abertos e voltava sempre mais rico ou mais sagaz. Trouxe uma vez, da Feira Estadual, cinco dólares de açucar japonês, côr-de-rosa, para a Nellie. Ele nunca tinha visto aquilo e achou que seria uma novidade interessante para a mulher. Era tanto que enchia toda a parte de trás do carro. Ela empilhou tudo na despensa e agradeceu ao marido: «Obrigada, Delbert. Vou provar um pouquinho depois do jantar.»

EM OUTRA visita à cidade, vira numa vitrine um papagaio de papel em forma de caixa. Entrou na loja, comprou o papagaio e, com os meninos, estudou bem como era feito, para depois fabricarem um muito maior e aperfeiçoado, que soltavam com uns cinco rolos de cordão. O papagaio ficava pairando durante semanas bem em cima da vila e só quando mudava o vento é que, por meio de um guincho, puxavam-no para casa.

Brincavam assim com barcos e papagaios durante certo tempo, para em seguida trabalhar como uns mouros. Dizem que, quando recolhiam o feno, o cavalo ia a trote puxando a carroça enquanto eles jogavam dentro os feixes, e que assim enchiam de sete a oito carroças numa tarde. Cortavam em quinze dias lenha que chegasse para dois anos. Feito isso, largavam o trabalho e iam pescar durante três dias. Quando voltavam, era comum trazerem uma truta viva dentro de um balde, para jogar dentro do poço. As pessoas que passavam pela fazenda e viam Olho Papudo sentado à beira do poço com um caniço pensavam, naturalmente, que não estava «certo da bola», mas, na verdade, sempre que Nellie queria, tinha peixe para o jantar.

Nellie viveu apenas algumas semanas mais que o marido; só teve tempo de vender a criação e liquidar os negócios. Chegando já ao fim da vida, Olho Papudo costumava dizer que havia sido muito feliz. Sabia que era tido como meio maluco, mas não se importava. «Sempre fiz o que bem entendí e do jeito que me parecia mais prático. É verdade que sempre vi as coisas de uma maneira diferente dos outros. As pessoas têm tanto medo de cair no ridículo que nem têm coragem de gozar a vida.»

A PRIMEIRA vez que minha mulher tocou a corneta para o almoço eram só dez horas da manhã e ela não tinha nada pronto. O tio largou as abelhas e veio correndo para casa, onde ela disse: «Não é nada não, estou só experimentando.»

Uma corneta é coisa que fascina, e mesmo quem não conhece uma nota de música se sente tentado a tocar. Tínhamos antigamente uma feita do chifre de um novilho, e dizem que a tia Debora, que era um pingo de gente, quando tocava a tal corneta fazia tremer as folhas das árvores na floresta. O tio Timothy acrescenta que, tocando de frente para a borrasca, ela forçava o vento virar em sentido contrário. Devia ser desse tipo a corneta de Robin Hood, que fazia soltar a casca de um carvalho a uma distância de cem braças.

Essa corneta, porem, acabou desaparecendo, e, já antes do meu tempo, compraram para a fazenda uma corneta de nevoeiro, de ferro galvanizado, que os pescadores de lagosta usam nos dias de neblina espessa. Esta é facil de tocar, pois tem uma palheta de metal. Como estivéssemos fazendo um serviço longe de casa, mostrei a corneta a minha mulher e pedí que tocasse na hora do almoço.

Pareceu-me que a manhã tinha passado muito depressa. Quando cheguei perto de casa encontrei o tio sentado no tronco de cortar lenha: «São só dez e meia,» disse-me ele, «mas vou ficar sentado aquí mesmo, esperando o almoço. Consigo disfarçar a fome até ouvir a corneta, mas depois não posso mais, tenho que comer. Meu estômago começa a roncar e não há nada que o faça parar.»

Minha mulher estava preparando um cozido para o almoço e cozido é coisa que não se pode apressar. Fui buscar um martelo e comecei a pregar a tela de arame do novo cercado para os patos. O tio procurou ajudar-me mas estava distraido e sem entusiasmo. Ao ouvir a corneta, de novo, saiu como uma bala e, quando entrei em casa, já o encontrei comendo. Depois de ter devorado a metade do prato, parou, e dirigiu-se a minha mulher:—Olhe, enquanto eu viver não me faça mais isto!

Minha mulher se riu:—Vou confessar uma coisa, tio. Logo que vim para aquí não gostava nada do senhor.

O tio respondeu sorrindo:—Sou um velho idiota e, alem do mais, glutão. Você tinha toda a razão de não gostar de mim.

—Mas agora não o troco por ninguem, acrescentou ela.—Não há nada como um guloso para conquistar depressa o coração de uma mulher.

O tio ficou pensativo um momento e depois continuou:—É curioso: até hoje nenhum dos Goulds chegou a ser coisa alguma; mas sempre arranjam umas mulheres que valem ouro.

A CONDUTA das abelhas é, em geral, impossivel de prever; há dias em que são gentís, zunindo agradavelmente em volta da gente, outras vezes já saem da colméia à procura de «encrenca» e

obrigam muito inocente a correr para casa aos berros.

Não sou muito versado em apicultura, mas sempre tive abelhas que dão bastante mel para o uso de casa. Reparo que, de vez em quando, começam uma nova colméia, e é só o que sei. Mas o tio achou bom que alguem se dedicasse um pouco às abelhas e, durante um inverno inteiro, leu livros sobre apicultura. Os resultados de seus estudos só foram manifestar-se quando começaram a aparecer os primeiros enxames e ele descobriu um pousado numa macieira.

Quando cheguei ao local vi que contemplava qualquer coisa à distância, tendo a seus pés um cortiço novo mas vazio. «Foram-se embora,» disse-me sem explicar mais nada. Não fiz comentário algum a respeito, mas ele concluiu que o acusava de ter feito bobagem e, daí por diante, sempre que tinha tempo, rondava pela fazenda à procura de uma árvore oca onde houvesse abelhas.

Um dia anunciou: «Encontrei as tais abelhas que fugiram de mim naquela ocasião. Estão num freixo.» Fomos juntos até lá e cortamos a árvore, que rachamos ao meio, retirando quase uma bacia de mel. O tio ficou todo satisfeito e pontificava: «Quem conhece as abelhas faz o que quer com elas.»

Nisto vejo-o retirar as calças a toda a pressa e, quando ia elogiar sua destreza, começou a tirar as minhas tambem com grande urgência. Nunca me tinha acontecido ter abelhas a me subirem pelas pernas acima, por dentro das calças, mas é uma coisa contra a qual me procurarei prevenir daquí por diante. Tive oito ferroadas diferentes, sendo que o tio só admitia cinco porque, dizia ele: «Só conto ferroada de mais de dez centímetros de profundidade.»

Levamos a bacia para casa, e minha mulher, satisfeita com o achado, perguntou:—Vocês foram mordidos?

—Quase nada, disse o tio.—As abelhas são muito trataveis quando se sabe lidar com elas.

—E porque será então que vocês estão usando as calças um do outro?

UMA NOITE, em outubro, tendo carregado o caminhão, avisei a minha mulher que, se quisesse acordar no dia seguinte às duas da madrugada, eu a levaria para dar um passeio até Boston.

—Não estou com muita vontade de ir, disse-me.

—Já há quase um ano que você saiu de lá e talvez Boston esteja diferente.

—Este ano passou depressa e eu mudei muito. Alem do mais, no meu estado, talvez seja melhor ficar quieta em casa.

—Já perguntei ao médico, e ele me garantiu não haver perigo algum.

—Mas não tenho interesse em ir a Boston. Gosto mais daquí.

—Ninguem gosta de ir a Boston, mas se as pessoas que moram lá querem comprar o que temos para vender não nos podemos fazer de rogados!

Por fim decidiu-se a me acompanhar.

O tio a princípio ficou alarmado: «Vocês não podem fazer isto comigo, quando sabem que faço tanta questão de ser tio-bisavô!» Mas, quando dissemos que o médico tinha dado permissão, serenou logo e contou a minha mulher que o Hiram Ricker costumava dizer que em Boston encontrara os maiores idiotas do mundo. «E quando se ia ver, o homem era um fazendeiro do Maine que tinha ido morar na cidade.»

Antes de romper o dia estávamos rodando pela estrada de Newburyport. Queríamos fazer uma surpresa: chegar até a casa da família de minha mulher e, enquanto todos estivessem ainda dor-

mindo, deixaríamos uma porção de presentes à porta de entrada. Levávamos caixotes de maçãs, barrís com batatas, nabos, abóboras, ovos, uma caixa de manteiga e umas galinhas já depenadas e prontas para a panela. Iríamos então para o mercado e estaríamos de volta na hora do almoço para ver o efeito da surpresa.

Quanto a mim, estava curioso de saber que iria ela contar à família sobre a vida na fazenda; como sei que não se pode fazer um rapaz esquecer a vida de fazenda, penso tambem que deve ser dificil transformar uma moça da cidade em fazendeira.

Depois de deixar os presentes fomos para o mercado descarregar a mercadoria. Embrulhada num vasto capotão discreto do tio Timothy, minha mulher tomava nota das caixas que saiam. Parecia realmente que tinha vivido toda sua vida na roça. Um policial aproximou-se:

—Lá onde vocês moram, os carros estacionam assim na calçada?

—Quando temos calçada... Será que faz mal?

—Não, não se incomode. Essas maçãs parecem gostosas; posso provar uma?

Enchendo os bolsos, com toda a dignidade, foi andando. Um entregador de açougue chegou-se para indagar:

—Faz muito frio lá no Maine por esta época?

—Não, ainda não é nada demais. Tivemos só quinze graus abaixo de zero, mas o frio mesmo só vem mais tarde.

—Ainda estão ceifando feno?

—Só às terças-feiras, respondeu ela, e o assunto pareceu que ficou esgotado.

Depois de almoçarmos e recebermos os agradecimentos de família, nos despedimos e voltamos para a fazenda. Minha mulher dormiu quase toda a viagem de volta e o passeio não atrapalhou em nada a vinda do presente de Natal do tio Timothy.

Quando chegamos, este quis saber primeiro se tínhamos recebido o dinheiro da mercadoria, depois perguntou se víramos alguma coisa que valesse a pena. Minha mulher deu-lhe o cachimbo que trouxera de presente, e respondeu:

—Um sujeito disse isto uma vez a respeito de Nova York, mas tambem serve para Boston: está muito longe para ter importância.

O tio virou-se para mim:—Não há a menor dúvida, John: ela já está naturalizada.

Definições

¶ *Homem rico:* o que não tem vergonha de pedir ao caixeiro que lhe mostre um artigo mais barato.

—*Ladies' Home Journal*

¶ *Conciência:* a vozinha diminuta que nos faz sentir ainda mais diminutos.

—James A. Sanaker

¶ *Diplomacia:* a parte silenciosa do pensamento.

—Henry Van Dyke, no *Ladies' Home Journal*

Porque a Rússia não faz o mesmo?

(Condensado do «New York World-Telegram»)

Por William Philip Simms

EM NOVEMBRO do ano passado comemorou-se nos Estados Unidos o 28° aniversário da Revolução Bolchevista. O programa consistiu em uma espécie de semana soviética, com exposições, conferências, espetáculos teatrais e reuniões coletivas de natureza «educacional», que os amigos verdadeiros do povo russo, nos Estados Unidos, olharam com otimismo. Com efeito, ninguem poderá negar que a Organização das Nações Unidas seria um fracasso completo sem a colaboração da Rússia e dos Estados Unidos. Se tal houvesse, toda esperança de uma paz duradoura se converterá em simples ilusão.

Não é, porem, menos axiomático o princípio de que todos os entendimentos ou esforços de compreensão devem ser recíprocos. Não basta que os americanos compreendam os russos; é necessário que tambem estes compreendam os americanos. E é precisamente isto que parece ter escapado às vistas do Kremlin.

Nos Estados Unidos efetuam-se demonstrações pro-soviéticas durante todo o ano. Representam-se peças teatrais pro-soviéticas, publicam-se livros pro-soviéticos e imprimem-se livros e revistas pro-soviéticos. As escolas e universidades, os sindicatos operários, os governos municipais, estaduais e federais, as publicações e estações de rádio abrem suas portas aos comunistas, tanto nacionais como estrangeiros.

Os correspondentes dos jornais russos entram livremente nos Estados Unidos e podem viajar em ônibus, trem ou avião, quando desejarem. Não precisam de autorizações especiais para visitar ou residir em qualquer ponto do país e não lhes são impostos cicerones oficiais para que possam entrevistar quaisquer classes da população ou do funcionalismo público. Podem escrever sobre o tema que selecionarem e telegrafar para a Rússia suas impressões, sem que estejam sujeitos à censura.

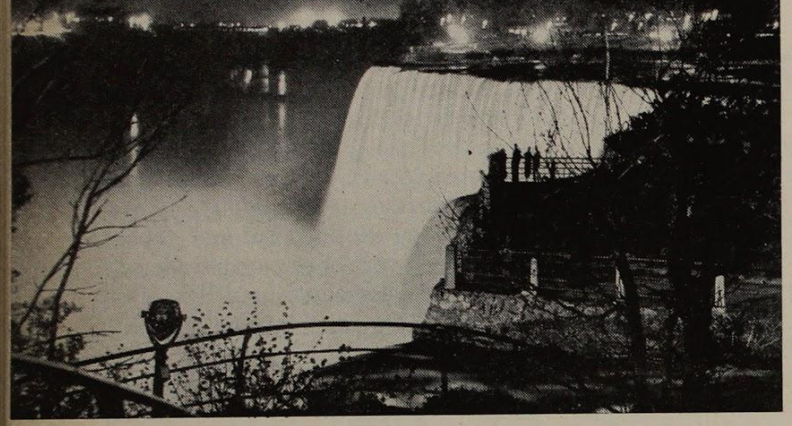
Contrastando com todos esses fatos, será em vão que se tentará descobrir na União Soviética qualquer coisa que se assemelhe a uma «semana dos Estados Unidos». Nenhum grupo de cidadãos russos poderia levar a cabo em Moscou reuniões coletivas de louvor à ideologia americana e nenhum russo ousaria criticar o regime soviético ou louvar as terras da livre concorrência. Se o tentasse, seria punido antes de poder balbuciar duas palavras.

A maior parte dos correspondentes americanos na Rússia vive com residência fixada em Moscou e a amplitude do que podem escrever é atrozmente limitada.

As manifestações e provas de boa vontade, por melhores que sejam, não conseguirão obter a compreensão mútua dos dois paises, se os gestos de simpatia forem somente unilaterais. Os Estados Unidos já têm, agora, sua mão estendida, mas é preciso que a Rússia faça outro tanto. O intercâmbio livre de notícias entre ambas as nações seria sem dúvida um bom princípio. Contudo, ainda mesmo esse passo preliminar parece coisa longínqua.

Para os americanos que simpatizam verdadeiramente com os russos, é uma pena que isso esteja sucedendo.

Fazemos Trabalhar os Rios Para Iluminar Cidades!



A ÁGUA é o recurso natural que mais abunda neste mundo. Sendo devidamente controlada, é capaz de produzir milhões de cavalos-de-força de corrente elétrica barata . . . ajuda a iluminar cidades, faz funcionar fábricas, produz milhares de artigos os mais diversos para uma vida melhor!

Hoje, a Allis-Chalmers não só produz as formidaveis turbinas hidráulicas que captam a energia das torrentes, mas tambem os grandes geradores que a transformam em eletricidade . . . os transformadores, os distribuidores e motores que transmitem a energia elétrica às máquinas, aos serviços de transporte e aos lares.

Fabricamos, aliás, equipamento para cada uma das indústrias básicas . . . trituradores e moinhos para as fábricas de cimento . . . guindastes para minas . . . bombas de irrigação e para esgotamento de águas— *o mais vasto sortimento de equipamento básico industrial no mundo inteiro!* Ponha tambem estas máquinas a trabalhar, para produzir artigos melhores e mais baratos no seu campo industrial!

ALLIS CHALMERS

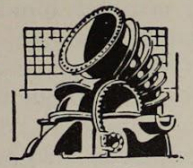
MILWAUKEE 1, WISCONSIN E.U.A.

MAIS de 1.600 Produtos para a Indústria

EQUIPAMENTO ELÉTRICO

TURBINAS HIDRÁULICAS E A VAPOR— CONDENSADORES

MAQUINARIA PARA ESMAGAMENTO, CIMENTO E MINERAÇÃO



BOMBAS CENTRÍFUGAS

EQUIPAMENTO PARA MOINHOS DE FARINHA E SERRARIAS

REPRESENTANTES NA AMÉRICA LATINA: ***Brasil:*** **São Paulo e Rio de Janeiro — Sociedade Técnica e Comercial Serva Ribeiro, S.A.** • *Argentina,* Buenos Aires — Allis-Chalmers Mfg. Co. (Argentina) • *Bolivia,* La Paz — Corporación Comercial Boliviana, S.A. • *Chile,* Santiago — Sociedad Manufacturera Allis-Chalmers, Engeniería Electrica, S.A.C. (Ingelsac) • *Colombia,* Barranquilla — Osorio & Cia. Ltda.; Bogotá — Alsoco Ltda.; Medellín — Peter Santa María & Cía., Ltda. • *Costa Rica,* San José — Distribuidora S.A. • *Cuba,* Habana — L.G. Aguilera & Co., S.A. • *El Salvador,* San Salvador — Hans Peter Pfeifer, Representante da Fábrica • *Guatemala,* Guatemala — East Asiatic Co., Ltd. • *México,* México D.F. — Allis-Chalmers de México, S.A. • *Nicaragua,* Managuá — Automotive and Industrial Equipment Co. • *Panamá,* Panamá — F. Icaza & Company Ltd. • *Perú,* Lima — Peruvian Trading Corp. S.A. • *Porto Rico,* Ponce — Porto Rico Iron Works, Inc. • *Venezuela,* Caracas — Compañía Anónima Tecnomat.

PONTES DE AÇO

As pontes construídas de aço Bethlehem—e, em muitos casos, pela Bethlehem erigidas—são vistas familiares em quase tôda a parte do mundo. A longa experiência no fabrico de aço e a alta qualidade dos seus aços estruturais têm conquistado à Bethlehem uma posição eminente nesse ramo de construções.

Quando houverdes de especificar materiais para vossas necessidades industriais ou atinentes a construções, não vos deveis esquecer de que os produtos de aço Bethlehem inspiram a mais completa confiança. Além de fabricar aço para pontes e edifícios, a Bethlehem—"um dos maiores produtores de aço do mundo"—manufactura aço estrutural, chapas, tubos, estacas, barras de reforço, arame e cabo de aço, fôlhas laminadas a quente, laminadas a frio, e galvanizadas, e muitos outros produtos de aço.

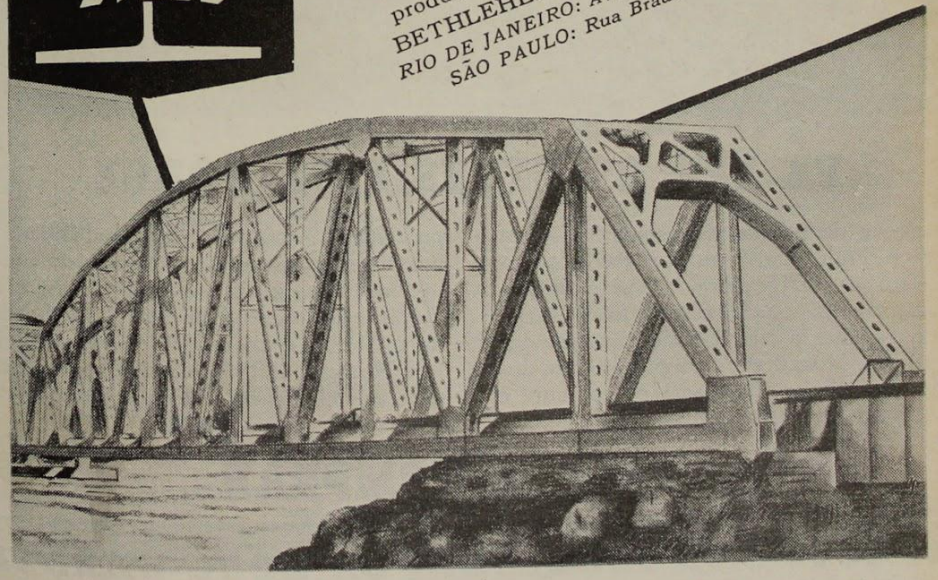
Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, Nova York, E.U.A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165-3° andar
SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415

BETHLEHEM STEEL



VÁ VER OS UTENSÍLIOS NORGE

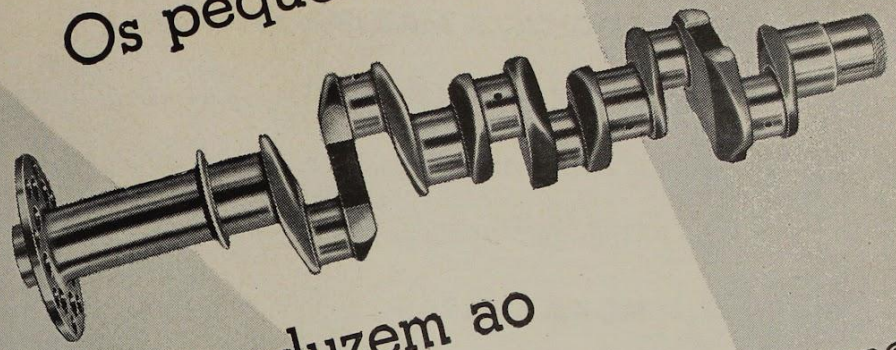
À cabeça da parada dos utensílios para serviço doméstico, vem a NORGE com o seu famoso refrigerador Norge Rollator, acompanhada dos elegantes fogões Norge para cozinhar a eletricidade ou a gás, das lavadoras Norge e dos aquecedores domésticos Norge—para serviço eficiente e ornato do lar. Os utensílios Norge são produtos da técnica e da habilidade de nossos engenheiros e desenhistas, e da produção em grande escala que lhe oferecem serviço sem rival. Por isso lhe dizemos: "Antes de comprar, vá ver os utensílios Norge". Pelo valor que representam, pela sua elegância e longa duração, vale bem a pena considerá-los.

ANTES DE COMPRAR

NORGE—*UMA INDÚSTRIA DA BORG-WARNER*

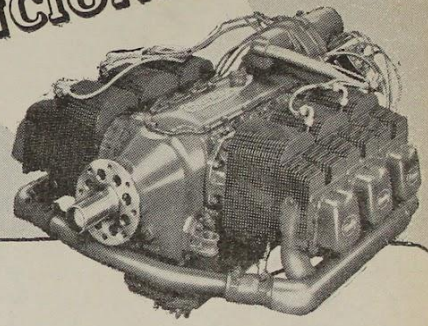
Detroit 26, Michigan, E. U. A.

Os pequenos detalhes



Conduzem ao

PERFEITO FUNCIONAMENTO



O eixo-manivela
de alta-potência reduz o custo de serviço

Um detalhe que contribue para o bom funcionamento dos motores Franklin de após-guerra, é o novo eixo-manivela de alta-potência. Bastante forte para suportar qualquer tarefa que lhe seja atribuida, o eixo, feito de liga de aço, é NITRIDADO para prestar serviço por tempo ilimitado, livre de marcas e sem sinais de desgaste nas grandes superfícies de rolamento.

Essa qualidade é característica de muitos detalhes de aperfeiçoamento que tornam a "*força-motriz Franklin*" seu guia seguro para fazer vôos sem incorrer perigo, gastando pouco, quando V. S. comprar seu próprio aeroplano.

AIRCOOLED MOTORS CORPORATION
SYRACUSE 8, N.Y.

MESBLA S/A Rua do Passeio 48-54
Rio de Janeiro, Brasil

Franklin
Excelentes Motores de Avião

COM A MÁXIMA LÓGICA, A MÁXIMA EFICIÊNCIA

E A MÁXIMA ECONOMIA, *o comércio de importação e exportação entre a América do Sul e os 22 Estados do Vale do Mississippi passa através do porto de*

NOVA ORLEÃS,

devido à situação ideal que ele ocupa.

ASSIM QUE ESTIVER CONCLUIDA, EM 1946, A CONSTRUÇÃO DOS NOVOS E MAIS RÁPIDOS BARCOS DE CARGA E PASSAGEIROS, HAVERÁ UM NAVIO DA

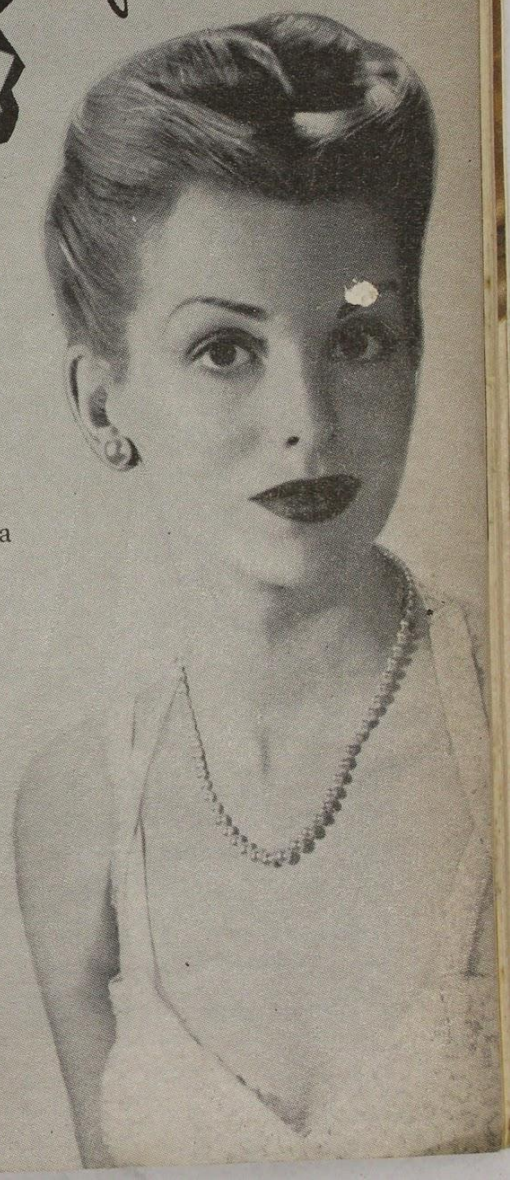
Delta Line

New Orleans, U. S. A.

a sair aproximadamente de oito em oito dias.

ARGENTINA — BRASIL — URUGUAI — NOVA ORLEÃS

Para Ela!



As Pérolas Marvella são conhecidas como as "mais adoraveis pérolas criadas pelo homem"—e escolhidas para adornar toda toalete que a mulher veste nas ocasiões que lhe ficam sempre na lembrança.

Pérolas

MARVELLA

PÉROLAS DE REVESTIMENTO NATURAL

383 Fifth Avenue, Nova York, E. U. A.

Antes de mais nada...

VEJA E ESCUTE UM

Majestic

COMPARE qualquer rádio, ou rádio-fonógrafo, com um Majestic... compare sua recepção perfeita, a fidelidade do seu tom e a beleza da sua caixa. Em nenhum outro rádio V.S. encontrará tanto mérito reunido como num Majestic—o resultado de muitos anos de experiência de nossos técnicos e desenhistas. Por isso, é prudente e vantajoso ver e escutar primeiro um Majestic, cujas qualidades não podem ser superadas.

Há tambem discos Majestic para seu rádio-fonógrafo Majestic, que lhe proporcionarão prazer a qualquer hora.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORP.
ST. CHARLES—CHICAGO, ILL., U. S. A.

Majestic

PODEROSO MONARCA DO AR

RADIO

DISCOS · TELEVISÃO · ELETRÔNICA

A COLHEITA DA FAMILIA

Para obter duplo resultado Ceifadeira-Trilhadeira "Colhe-Tudo" Modêlo 60, e Trator Modêl WC. A Colhe-Tudo é equipada com motor auxiliar e vem munida com bolsa.

O primeiro método de colheita inventado pelo homem consistia em debulhar os grãos de cereais entre as palmas das mãos. Dessa forma, talo por talo, êle sovava as sementes para alimentar sua família. Êsse processo primitivo tornou-se apenas um pouco menos trabalhoso quando o mangoal veio substituir as mãos do homem nessa tarefa.

Com a Ceifadeira-Trilhadeira "Colhe-Tudo" realizou-se um milagre. Um ou dois homens, em vez de colherem apenas algumas arrôbas de cereais por dia, podem fazer a colheita de centenas de alqueires de terra!

A barra cilíndrica revestida de borracha dessa máquina sova os grãos dos cereais, debulhando-os, como fazia o homem à mão com seu sistema rudimentar. Cada grão ou semente é separado, com limpeza e suavidade, sem causar o menor dano.

Esta moderna máquina de colheita multiplicou enormemente a capacidade produtora das fazendas agrícolas, grandes ou pequenas.

Distribuidores no Brasil:

Companhia Brasileira de Maquinaria, Recife — Pernambuco

Sociedade Técnica de Materiais, Ltda., São Paulo

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC), Rio de Janeiro

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD-546, Divisão de Tratores • Milwaukee 1, E. U. A.

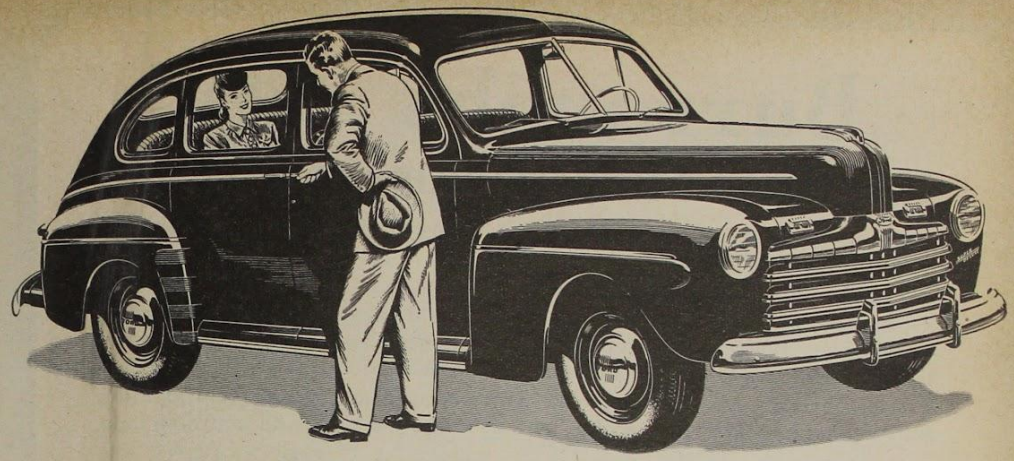
FESTEJAMOS CEM ANOS NA CONSTRUÇÃO DE MAQUINARIA

O presente mais apropriado para uma formatura

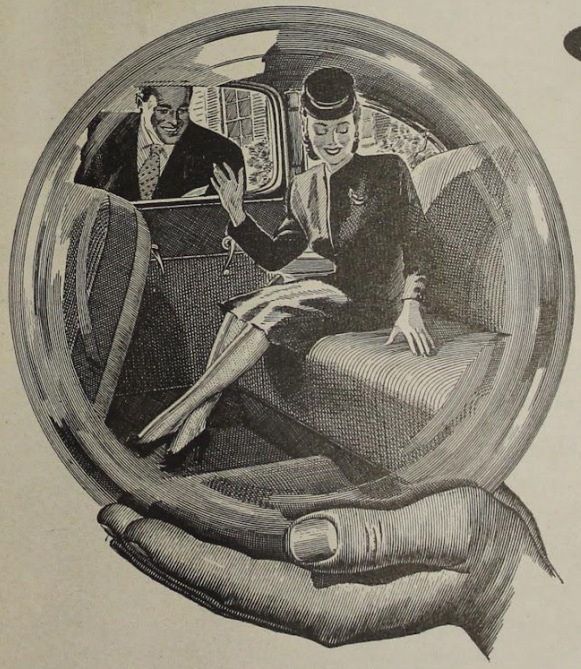
Hamilton

O ARISTOCRATA DOS RELÓGIOS

SEJA QUAL POR A OCASIÃO—ao celebrar um aniversário natalício ou de bodas, numa colação de grau ou formatura—o belo e exato Relógio Hamilton é o que há de mais apropriado para dar de presente a um ente querido. Se V. S. ainda não pôde encontrar um Hamilton de estilo que lhe agrade, lembre-se de que eles estão agora saindo da fábrica em quantidade sempre crescente. Hamilton Watch Company, Lancaster, Pennsylvania, E.U.A.



No interior ... elegância, comodidade, repouso



Ford Ei-lo aqui, o novo e suntuoso Ford: Tudo nele é belo e atraente. Interiores elegantes. Decorações plásticas. Guarnições de estilo. A ampla capota do motor estende-se desde a forte e maciça grade frontal. E que maravilha de funcionamento! O seu motor é mais econômico no consumo de óleo e gasolina. Freios hidráulicos de novo modelo—para proporcionar paradas repentinas, suaves e silenciosas. Escolha o motor que preferir: V-8, agora com 100 H.P., ou o 6 aperfeiçoado, de 90 H.P. Visite o seu vendedor. Há um Ford no seu futuro!

FORD MOTOR COMPANY

HÁ UM Ford NO SEU FUTURO!

Burroughs

MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

Nas repartições do governo, nos bancos e outras instituições financeiras . . . na indústria e no comércio do mundo inteiro . . . as Máquinas de Contabilidade Burroughs são desde longa data famosas.

A popularidade da Burroughs entre os homens de negócios, em toda parte, é devida a que sua fabricação obedece aos mais elevados padrões . . . e à constante liderança na criação de novos e mais aperfeiçoados modelos de máquinas.

Entre os que sabem avaliar e apreciar o melhor, as Máquinas de Contabilidade Burroughs são a primeira escolha para todos os requisitos da contabilidade.

★ ★ ★

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisbos.

ENTRE AS OUTRAS MÁQUINAS BURROUGHS CONTAM-SE
MÁQUINAS DE CALCULAR, FATURAR, SOMAR, DE ESTATÍSTICA. E CAIXAS REGISTRADORAS

Instale as Infaliveis CHAMPIONS AS VELAS DE IGNIÇÃO

Com Prestígio Aeronáutico.. e Conduza com Confiança

Por toda a parte os motoristas estão ao par das qualidades dominantes das Champion. Através de anos de serviço relevante, eles têm aprendido a confiar nas Champion para conseguir energia extra — funcionamento motor de confiança — economia constante.

É por isso que urge agora instalar no seu motor as novas Velas de confiança Champion, e renová-las a intervalos regulares. V.S. achará maior prazer na aceleração melhorada — se sentirá mais confiado, graças à maior segurança dum motor mais ágil e mais veloz.

CHAMPION SPARK PLUG CO. • Toledo, U. S. A. • Windsor, Can. • Feltham, Eng.

CHAMPION

Quando necessite pneumáticos..

EXIJA "U. S." E MANTENHA-SE À FRENTE!

Existem muitos fatores invisiveis — tais como o controle da produção desde as matérias–primas até o artigo acabado... a investigação científica... e mais de 100 anos de especialização — que determinam a superioridade dos pneumáticos "U. S.", sempre a par dos mais recentes progressos.

Pela sua resistência, quilometragem e segurança máxima... exija "U. S." e mantenha-se à frente.

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

Rockefeller Center, Nova York 20, E. U. A. *No Canadá:* Dominion Rubber Co., Ltd.

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

. . . em português são **"ovelhas"**

. . . em inglês, **"sheep"**

. . . em francês, **"brebis"**

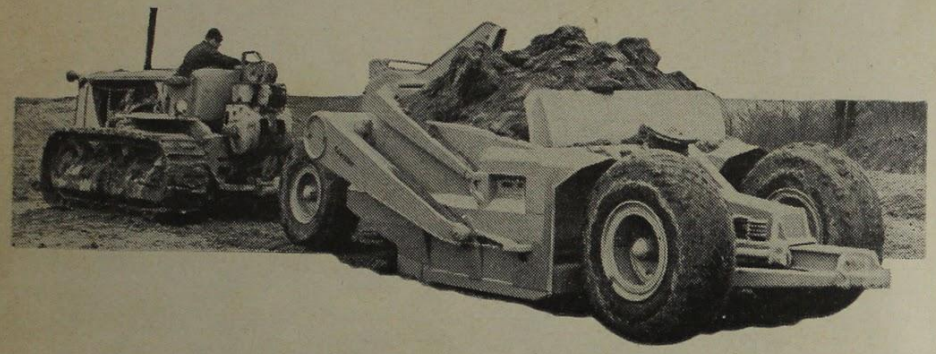
Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

***Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Kodak

APRESENTAMOS COMPLETA MAQUINARIA PARA MOÇÃO DE TERRAS



A "CATERPILLAR" está agora fabricando Bulldozers e raspadeiras de tipo de carga—para dar aos construtores, industriais e chefes de repartições do governo uma completa e ideal maquinaria para moção de terras e escombros.

Este novo equipamento para mover terras tem muitas caraterísticas mecânicas exclusivas, que tornam a sua operação mais eficiente e econômica. Esses implementos foram projetados e fabricados pela mesma empresa fabricante dos tratores que os acionam. São vendidos e mantidos em serviço por uma organização distribuidora que, no seu ramo, é a mais eficiente e de maior difusão no mundo inteiro.

Veja o seu vendedor "Caterpillar" e obtenha completas informações e todos pormenores sobre esses novos implementos para moção de terras.

CATERPILLAR TRACTOR CO., Peoria, Illinois, E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTO-NIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOÇÃO DE TERRAS

"Mais precioso que o ouro!"—diz um viajante, referindo-se ao cristal-de-rocha do Estado de Minas. "Mas o cristal-de-rocha é apenas um dos muitos recursos valiosos desta rica região, que tambem produz diamantes, ferro, circônio, cromo, tungstênio . . . minerais quase tão preciosos como é precioso o "Canadian Club"! Hoje as grandes rotas aéreas da "Pan American" encurtaram as distâncias, e o viajante pode saborear um copo de "Canadian Club" em Belo Horizonte . . ."

"E que hospitalidade nos espera! . . . Calorosas boas vindas no Iate Clube do Lago Pampulha . . . com um brinde de "Canadian Club" . . . cujo inimitavel sabor o tornou tão popular alí como no resto do mundo!"

Em cada país que visita, o viajante encontra sempre alguma coisa de novo—e porventura tambem alguma coisa de familiar. Assim, nos hotéis e clubes de toda a América Latina—um reconfortante copo de "Canadian Club"! Tão satisfatório só por si como em misturas e com soda, o "Canadian Club" é uma bebida para toda a noite—em coquetéis, antes de jantar; e no whisky-com-soda, depois.

Em 87 países—não há outro whisky com sabor igual ao do

"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS. Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá; Peoria, E.U.A.; Dumbarton, Escócia; e Buenos Aires.

Pela colaboração para o progresso

Uma indústria tem êxito quando melhora constantemente seus produtos e ao mesmo tempo oferece-os ao preço mais baixo possivel, para que os compre maior número de pessoas. Inspirada neste princípio se fundou a General Motors, há 37 anos. Hoje compreende más de 100 fábricas que colaboram entre si. Cada uma fabrica produtos que são usados pelas demais; estas, sem embargo, se facultam o direito de comprar iguais produtos fora do grupo, se os acham melhores.

Assim, pela competência, pelo empenho incessante de melhorar a qualidade, a General Motors realiza sua aspiração de produzir "melhores produtos acessiveis a mais pessoas". Aí está a chave do seu enorme desenvolvimento.

GENERAL MOTORS

Melhores produtos acessiveis a mais pessoas

GM

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet • Vauxhall • Caminhões GMC, Chevrolet e Bedford • Frigidaire • Motores Diesel • Peças e Sobressalentes

Já Pode Contar Com Isto . . .

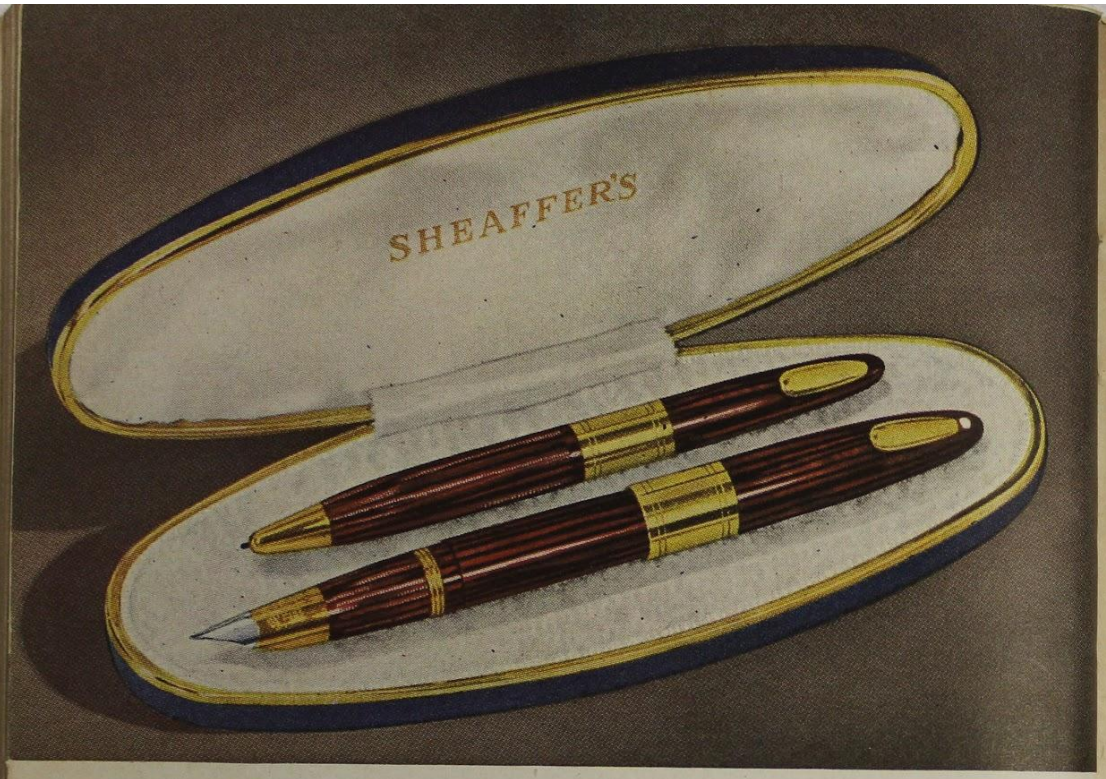
Os "serviçais elétricos" G.E. do futuro já aqui estão *hoje!* Novos refrigeradores, congeladores domésticos, rádios, lavadoras, lâmpadas fluorescentes de iluminação — todos os engenhosos utensílios com os quais V. S. vinha contando para modernizar seu lar e desempenhar-se com maior eficiência das suas tarefas caseiras . . . já são realidade! A G. E. está de novo produzindo para o conforto e conveniência de V. S.

O mais próximo distribuidor da General Electric poderá auxiliar V. S. a fazer os planos de "eletrificação" da sua existência — pelo processo da General Electric. Visite hoje a loja dele.

RD-6-2

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E.U.A.

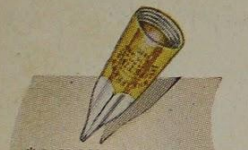


O PRESENTE QUE PERMANECE

ATRAVÉS DOS ANOS . . .

O presente que nunca é esquecido é a caneta que não envelhece—a "TRIUMPH" da SHEAFFER, com a famosa pena "*Lifetime*".*

Tome um dêsses incomparáveis instrumentos de escrever em suas próprias mãos e examine com atenção. Observe particularmente a invulgar construção da pena cilíndrica "*Lifetime*," de ouro de 14-K., platina e ponta de irídio. Observe também o soberbo acabamento de jóia finamente trabalhada, em todos os seus detalhes! W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U. S. A.



*A NOVA PENA *Lifetime*

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Novas Canetas "TRIUMPH" • Novas Lapiseiras "Fineline"

ZENITH

REG U S PAT OFF

NOVOS RÁDIOS INTERNATIONAL

COM *Reprodução Radiônica*

Os maiores fabricantes do mundo de equipamentos radiônicos exclusivamente.

Nem Todos os Rolamentos Cônicos são TIMKEN!

Somente porque um rolamento é cônico, não vá V. supor que a sua origem é de toda confiança. Existe somente um Rolamento TIMKEN, que é o fabricado pela The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E. U. A.

Para ter a certeza de que adquire Rolamentos Cônicos TIMKEN *genuinos*, quer para maquinaria nova quer para simples substituição, procure a marca registrada "TIMKEN" que deve ir estampada na capa e cone de todos os rolamentos que compre.

Só então poderá ficar seguro de obter tudo o que esta marca registrada de fama universal representa no ramo de rolamentos —os mais altos padrões de material e fabrico até hoje desenvolvidos, e que garantem a máxima resistência, precisão e solidez. Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo. The Timken Roller Bearing Company, Canton 6, Ohio, E.U.A.

TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS

"Tudo que existe em rolamentos"

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

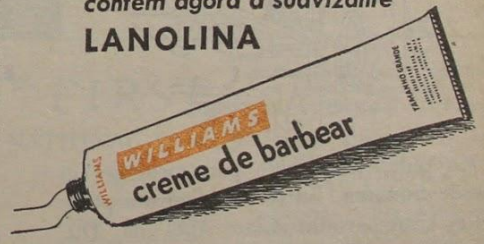
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

Consiga uma barba mais limpa, e melhor aparência. V. bem sabe quanto uma barba bem escanhoada e limpa contribue para melhorar a aparência. Isso mesmo é o que se consegue com o Williams, que contem Lanolina. A Lanolina contribue para evitar os arranhões da lâmina e a pele dorida.

O seu médico lhe dirá que a Lanolina é semelhante ao óleo natural da pele, e que é muitas vezes receitada para suavizar a irritação da epiderme. É este mesmo efeito da Lanolina que Williams lhe oferece.

A espuma cremosa e duradoura do Williams embebe as barbas duras como arame, tornando-as moles e faceis de raspar. O seu perfume distinto deixa-lhe na cara um fresco e delicioso aroma.

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante
LANOLINA



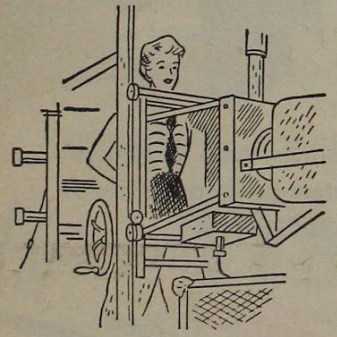
"Olhos" ambulantes que resguardam a saude

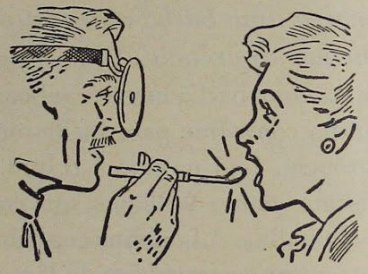
A química põe uma nova película de raios X ao serviço da humanidade

Milhões de pessoas, nos lugares mais remotos, desfrutam hoje dos benefícios dos raios X graças a uma película fotográfica especial concebida pela química, e a um equipamento portatil de raios X criado pela engenharia. Uma e outro podem-se transportar a qualquer lugar, ou a qualquer distância.

Tudo o que se requer é que o paciente se coloque atrás da habitual tela fluorescente; logo uma máquina impressiona as minúsculas películas retangulares de raios X. Deste modo, economicamente e sem incomodar muito o paciente, é possivel descobrir estados de saude anormais.

A película para este novo melhoramento na radiografía não é senão um dos inúmeros produtos com que o químico tem contribuido para proteger a saude humana. Entre êles figura a película transparente Clar Apel da Du Pont, para envolver instrumentos de cirurgia geral e dentária, e ligaduras que aceleram a cicatrização; fio para suturas cirúrgicas de mono-filamento de nylon sintético; matéria plástica cristalina "Lucite" para instrumentos médicos e dentários; sabão químico





que produz uma espuma copiosa para banhos em água salgada . . . e tantos, tantos outros!

A obra grandiosa de criação desses produtos para melhorar a saude e prolongar a vida, é uma das múltiplas tarefas que diariamente desempenham as hostes laboriosas da casa Du Pont, fabricantes de mais de 4.000 "coisas melhores para uma vida melhor . . . graças à química."

E. I. Du Pont de Nemours & Company (Inc.)
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT
Marca Registrada

"COISAS MELHORES PARA UMA VIDA MELHOR . . . GRAÇAS À QUÍMICA"

O Melhor Produto Da Nova Inglaterra

O mais precioso dos variados recursos da Nova Inglaterra é a perícia dos seus artífices. Mais de um século de experiência acumulada deu à Nova Inglaterra a primazia em texteis, máquinas-ferramentas, maquinaria para a indústria textil, máquinas de escrever, joalheria, relógios de todos os tipos, e dezenas de outros excelentes produtos. Gerência e mão-de-obra habilitada, em colaboração, fizeram da Nova Inglaterra um «atelier» de fama universal.

«The First National Bank of Boston» vem, de há muitas gerações, ajudando a expedir os produtos da Nova Inglaterra para todos os cantos do mundo, e a trazer de toda parte do mundo para a Nova Inglaterra as matérias primas e outros artigos que aquí se tornam necessários.

Situado no centro geográfico e financeiro da Nova Inglaterra, há mais de 160 anos que «The First National Bank of Boston» trabalha com importadores e exportadores. Possuidor dum vasto corpo de especialistas em comércio exterior, aquí e no estrangeiro, e dispondo de correspondentes em toda parte, este Banco está perfeitamente aparelhado para ajudar V.S. a negociar com a Nova Inglaterra e com o resto do mundo.

Os seus pedidos de informação serão com prazer atendidos em qualquer dos escritórios deste Banco.

The FIRST
NATIONAL BANK *of*
BOSTON

1784 ★ 1946

MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 100 Broadway.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Escritório de representação no Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

A Predileta da Favorita
...A CANETA EVERSHARP

As pessoas que se destacam na sociedade ou nos negócios, preferem a EVERSHARP "Skyliner" por suas qualidades únicas.

Suas linhas elegantes são realmente fora do comum. Mas é sobretudo por sua eficiência que ela se tornou preferida. A ALIMENTAÇÃO MÁGICA impede-a de extravazar tanto ao nível do mar quanto na mais elevada altitude. A PONTA MÁGICA registra em silêncio os pensamentos de quem escreve.

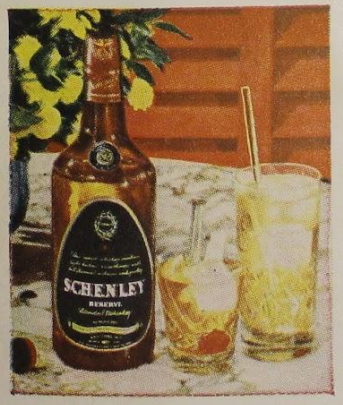
EVERSHARP, Inc., Chicago, E.U.A.

GARANTIDO PARA SEMPRE—O Serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras EVERSHARP é garantido *para sempre!*

Dê EVERSHARP *e dará a melhor!*

EM NOVA YORK . . . "El Morocco" é um cabaré elegante que certamente deve ser visitado pelas pessoas ansiosas de conhecer o que há de melhor em Nova York. O Whiskey Schenley Reserve está entre as coisas boas que alí se encontram.

para os entendidos em ambos continentes . . .



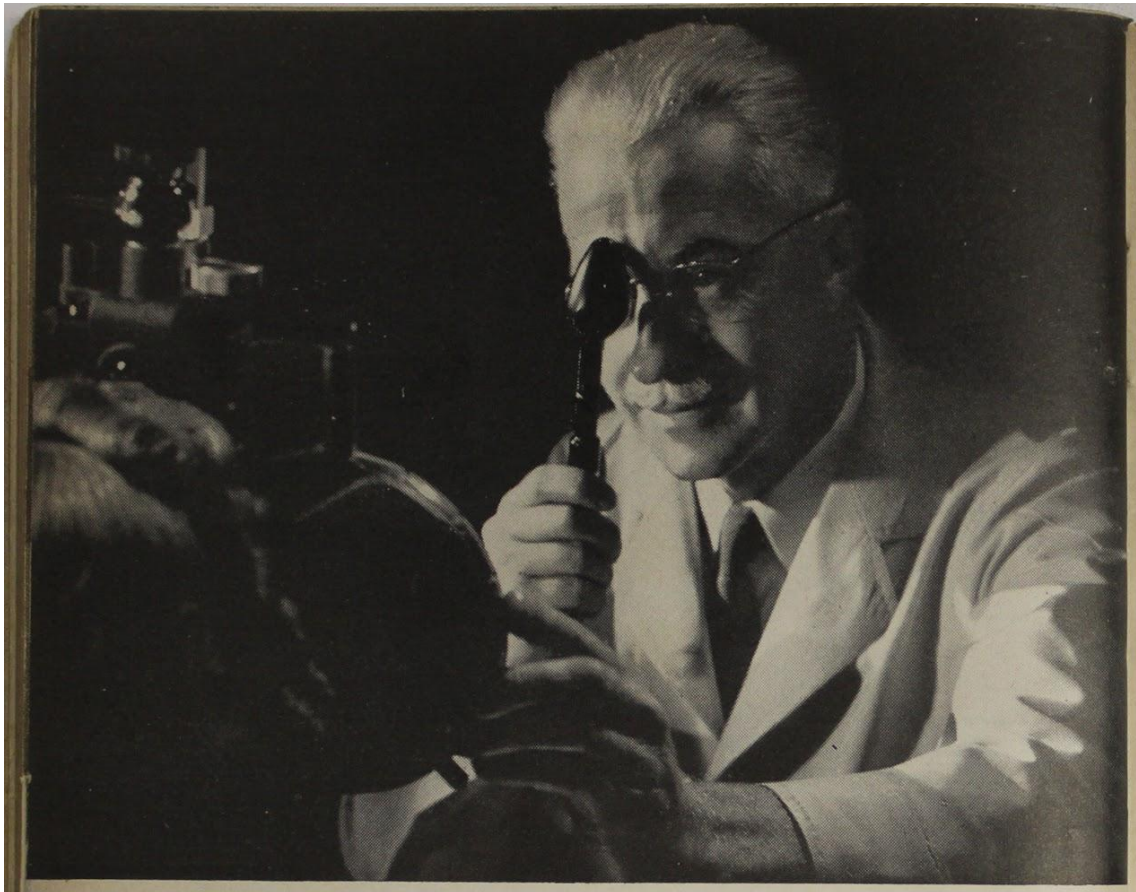
Gratis! *o livro de "Receitas Schenley". Peça-o a Schenley International Corp. Empire State Bldg., Nova York, E.U.A.*

EM TODA A AMERICA LATINA . . . Nos pontos de reunião da verdadeira elegância é muito natural entre os convidados pedirem Whiskey Schenley. Em toda a América, Schenley é o favorito dos entendidos.

• Prove Schenley, o whiskey leve, gostoso e suave . . soberbo com soda, ginger ale ou água; ideal para bebidas misturadas. Ele é rico de tradicionais qualidades *americanas*. Schenley International Corporation, Empire State Building, Nova York, E. U. A.

Os gran finos do mundo preferem o

SCHENLEY Whiskey Que Mais se Vende No Mundo



Uma Questão de Vida ou Morte

V. S. jamais poderia pensar que um exame da vista é uma questão de vida ou de morte. Porém os seus afazeres quotidianos—em casa, no seu emprego e no seu esporte—exigem vista eficiente e atenta que o proteja.

A ciência moderna tem provado que aqueles que não têm boa visão raras vezes se apercebem disso. O único meio que V.S. tem para tirar essa dúvida é consultar um oculista.

Se fôr necessária a correção, V.S., usando os novos e precisos óculos de Bausch & Lomb, gozará da vantagem de ter uma aparência distinta. Proteja o seu futuro conservando a sua vista perfeita.

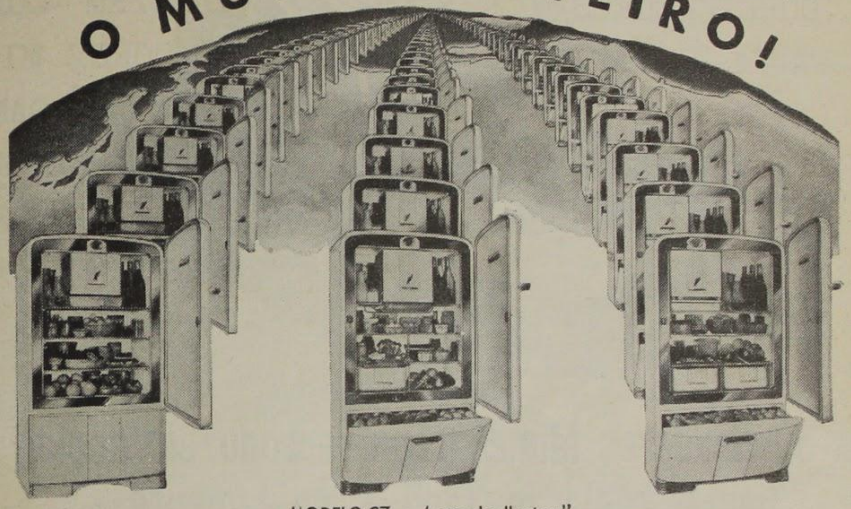
BAUSCH & LOMB

ROCHESTER 2, N. Y. RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO BUENOS AIRES

3 Grandes KELVINATOR Refrigeradores

já estão sendo exportados para

O MUNDO INTEIRO!



MODELO CS7 . . . Encerra todas as caraterísticas essenciais da Kelvinator. Capacidade—7 pés cúbicos . . . Superfície total das prateleiras—12,2 pés quadrados . . . Cubos de gelo—4 quilos . . . Grande espaço para alimentos congelados!

MODELO C7 . . . 4 grandes "extras"—O Kelvin "Crisper" corrediço . . . A Prateleira para 5 posições . . . A Gaveta para Verduras . . . A Caixa Corrediça para a Carne. Capacidade—7 pés cúbicos . . . Superfície total das prateleiras—12,2 pés quadrados . . . 4 quilos de cubos de gelo . . . Grande espaço para alimentos congelados!

MODELO CD7 . . . Tudo o que tem o C7, e mais: "Crispers" gêmeos com tampas de vidro. Capacidade—7 pés cúbicos . . . Superfície total das prateleiras—13,1 pés quadrados . . . 6 quilos de cubos de gelo . . . e espaço ainda maior para alimentos congelados!

ACABOU-SE a expectativa! Os navios já estão entrando. Para as pessoas que sabem conhecer o que é valor, esses navios são um feliz agouro de negócios prósperos, assentes em produtos Kelvinator de confiança que têm aceitação no mundo inteiro.

Sim, para milhões de clientes, o nome *Kelvinator* significa—*funcionamento permanentemente isento de desarranjos.*

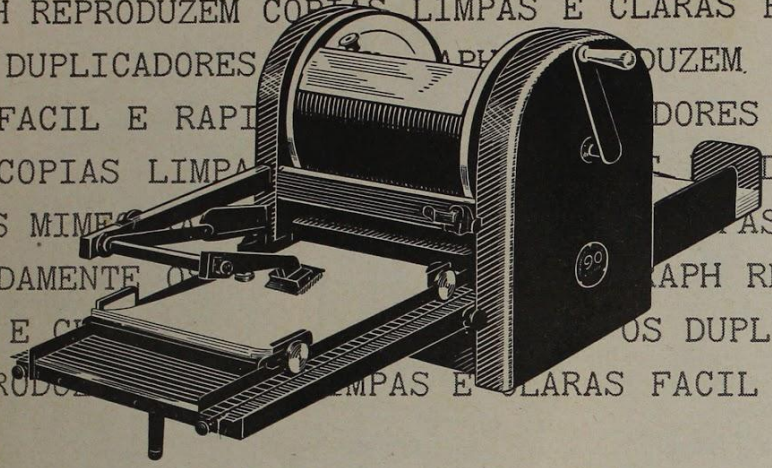
Nos novos refrigeradores Kelvinator para 1946, V. irá encontrar a já provada confiança da Kelvinator—combinada com novas caraterísticas, beleza nova e novas conveniências. Queira visitar a loja do mais próximo vendedor de Kelvinator.

Consiga Primeiro as Coisas Boas . . . Compre Kelvinator!

Kelvinator

Divisão da Nash
Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

GRAPH REPRODUZEM COPIAS LIMPAS E CLARAS FACIL E RAP
OS DUPLICADORES MIMEOGRAPH REPRODUZEM COPIAS LIMPAS
FACIL E RAPIDAMENTE OS DUPLICADORES MIMEOGRAPH REPR
PIAS LIMPAS E CLARAS FACIL E RAPIDAMENTE OS DUPLICA
MEOGRAPH REPRODUZEM COPIAS LIMPAS E CLARAS FACIL E
NTE OS DUPLICADORES MIMEOGRAPH REPRODUZEM COPIAS
CLARAS FACIL E RAPI DORES MIMEOGR
ODUZEM COPIAS LIMPA IDAMENTE
ICADORES MIME AS E CLAR
E RAPIDAMENTE O APH REPRODUZE
LIMPAS E C OS DUPLICADORES
APH REPRODU MPAS E LARAS FACIL E RAPID



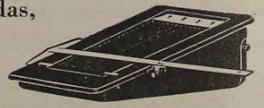
Os duplicadores Mimeograph reproduzem cópias limpas e claras, fácil e ràpidamente.

Duplicação fácil e rápida é automática e econômica quando se usa o duplicador Mimeograph.* Não há mais razão de não possuir êste tipo de duplicação ...os duplicadores Mimeograph *estão novamente no mercado.*

O duplicador Mimeograph Modêlo 90 ilustrado acima não tem igual. O papel de vários tamanhos é alimentado à máquina automáticamente. Este duplicador é de uma construção compacta e robusta, e prestará um serviço esmerado por muitos anos na reprodução de cópias nítidas, perfeitamente legíveis. Examine-o no estabelecimento de nosso distribuidor!

*MARCA REGISTRADA

Qualquer pessoa pode fazer esboços no papel stencil quando usa a mesa iluminada Mimeograph. Com ela poupa-se tempo e dinheiro na preparação de debuxos, ilustrações, formas pautadas, letras artísticas feitas à mão, etc.



duplicador Mimeograph

A. B. DICK COMPANY, CHICAGO 6, E. U. A.

Somente a A. B. Dick Company fabrica o duplicador Mimeograph. Exija o nome "Mimeograph", a marca de fábrica registrada pela A. B. Dick Company, de Chicago, E. U. A., originadores e fabricantes exclusivos dos duplicadores Mimeograph genuínos, e dos pertences que levam a marca Mimeograph.

Distribuidor Autorizado

KELLER WEBER, S. A.

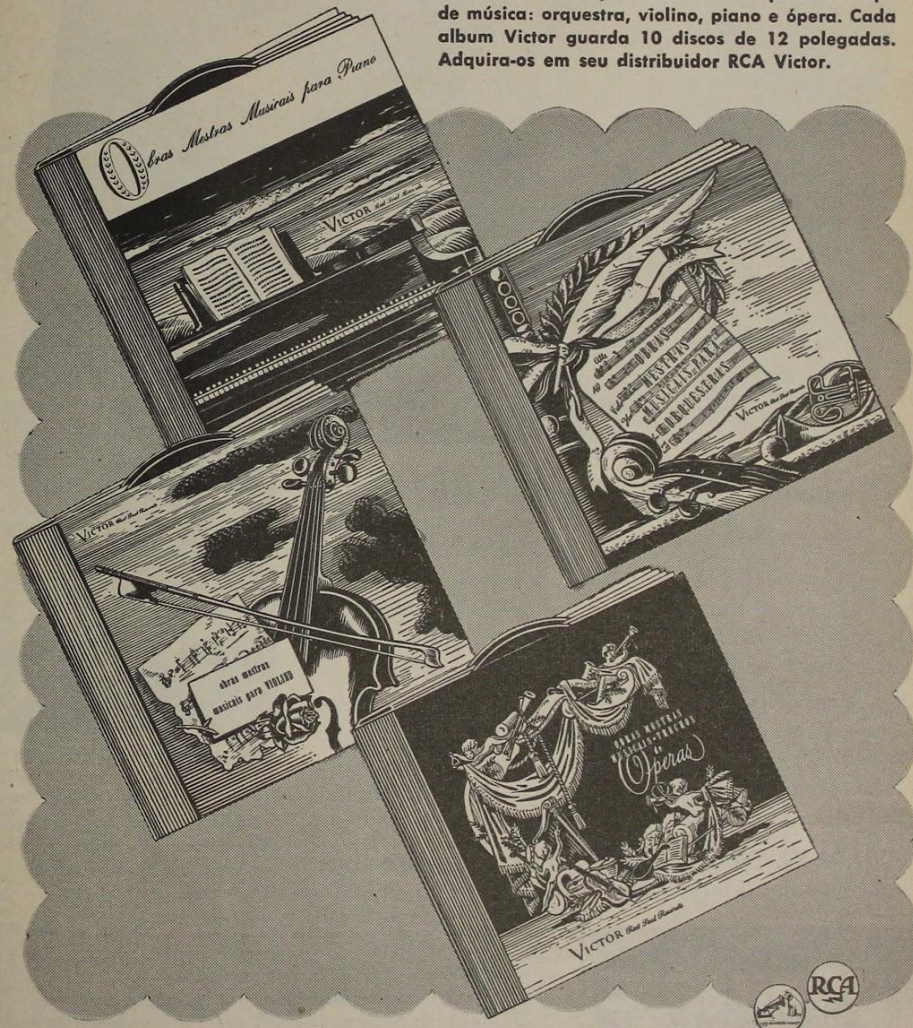
Máquinas Comerciais e Gráficas

Caixa Postal 2514, São Paulo — Caixa Postal 2364, Rio de Janeiro

A maneira ideal de guardar seus discos soltos

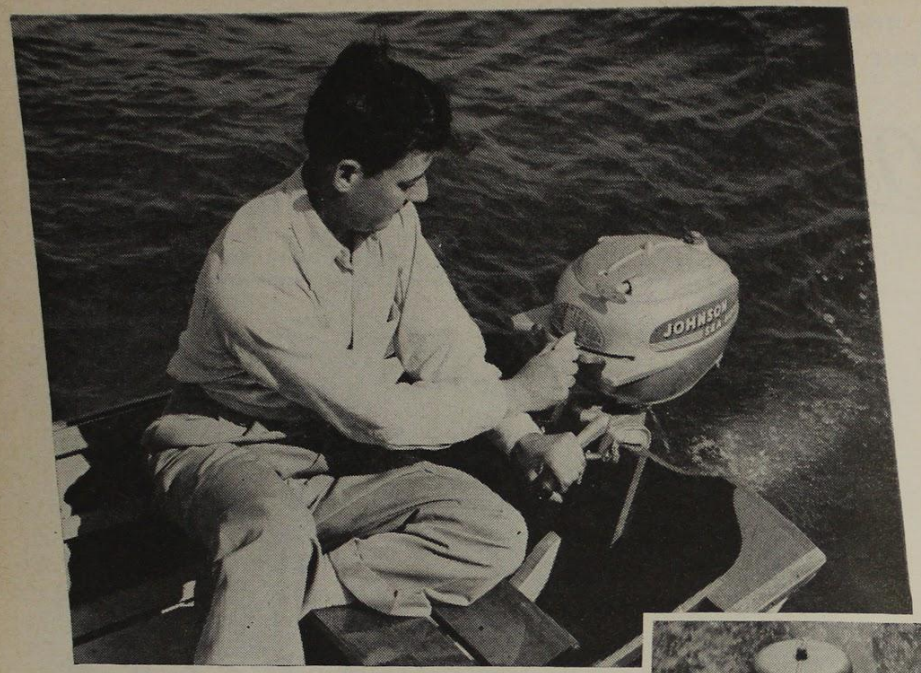
O ALBUM RCA VICTOR PARA DISCOS

Sua discoteca durará mais e parecerá mais atraente, si V. S. guardar seus discos soltos nos belos albuns RCA Victor para discos. Há um para cada tipo de música: orquestra, violino, piano e ópera. Cada album Victor guarda 10 discos de 12 polegadas. Adquira-os em seu distribuidor RCA Victor.



OS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO GRAVAM EM

DISCOS RCA VICTOR



Força-Motriz a Baixo Custo Para o Seu Barco

Graças ao "Johnson Sea-Horse," que é o motor de popa mais conhecido no mundo inteiro, qualquer casco de tamanho médio ou pequeno se pode converter instantaneamente num moderno e veloz barco a motor. Assegura-se assim funcionamento eficiente e de confiança—a custo módico.

Já se encontram novos motores de popa Johnson para todos os usos, recreativos ou comerciais, em água doce ou salgada. Escreva pedindo o Catálogo Johnson para 1946, juntamente com os planos de construção de um barco expressamente traçado para usar com motor de popa.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Export Division, Waukegan, Ill., E. U. A.

Ao seu dispor, num instante, um veloz e possante barco a motor—graças ao Johnson! Basta montá-lo à ré do seu barco com estes dois ganchos (seta). Muito leve, facil de carregar. O modelo aquí representado desenvolve 16 H. P.

JOHNSON SEA-HORSE

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING. CO., (J5P)
Export Division, Waukegan, Illinois, E. U. A.
Amigos e Srs.: Queiram remeter-me, sem onus para mim:
☐ Catálogo de Motores de Popa. ☐ Plano de embarcação.

Nome_____

Endereço_____

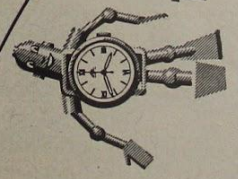
O relógio que permaneceu 40 anos à chuva...

...porque é 100% impermeável

FUNCIONANDO A 123 MTS. DE PROFUNDIDADE!

MIDO MULTIFORT, demonstrando sua absoluta impermeabilidade, suportou uma pressão equivalente à imersão a 123 mts. de profundidade! Esta prova irrefutável foi realizada pela Electrical Testing Laboratories Inc., de New York.

Standard



MIDO MULTIFORT é o relógio suiço realmente prático; tendo permanecido 1.250 horas sob a chuva, o que equivale a um banho diário de 5 minutos, durante 40 anos, provou ser 100% impermeável. Resistindo às quedas e aos movimentos bruscos, MIDO MULTIFORT dá corda a si mesmo, tirando dos movimentos naturais do braço, a energia para o seu funcionamento. MIDO MULTIFORT acompanha o homem nas mais diversas atividades. Verifique na prática as insuperáveis qualidades de MIDO MULTIFORT, o relógio mais avançado de nossa era!

Mido MULTIFORT

RELÓGIO SUIÇO COM 17 RUBIS

❶ 100% IMPERMEÁVEL ❷ SUPER-AUTOMÁTICO ❸ PARA-CHOQUES
❹ PRECISO ❺ LUMINOSO ❻ INOXIDÁVEL ❼ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

VOLTA REDONDA

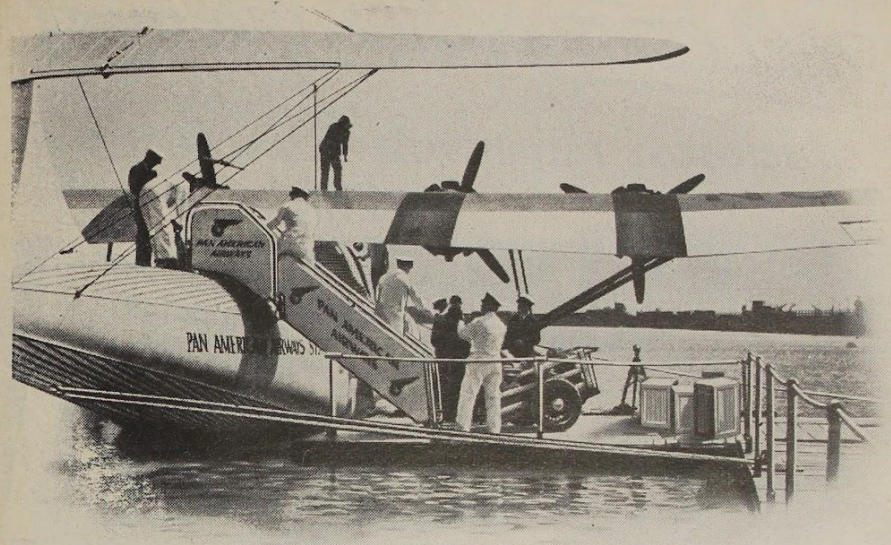
o milagre do Trabalho!

Melhoral, o amigo dos que trabalham!

Um sonho de muitas gerações — a grande siderurgia — é hoje uma realidade do presente. Engenheiros, técnicos, operários procedentes de todos os recantos do país, colaboram orgulhosos e incansáveis, para fazer de Volta Redonda um núcleo industrial sem paralelo na América do Sul. E em todos os momentos do seu esfôrço titânico pelo progresso, MELHORAL colabora com todos êles, livrando-os das dores e resfriados, e ajudando-os a manter a sua disposição entusiástica para essa obra gigantesca e imortal. O trabalhador brasileiro trabalha tranqüilo com MELHORAL!

Melhoral

CONTRA DOR DE CABEÇA



Montgomery Ward

EXPORTADOR PARA O MUNDO

E para V. S.! Há mais de meio século a Montgomery Ward vem fornecendo aos compradores do mundo inteiro as mercadorias de que precisam. Nossos caixotes são carimbados—"México City", "Cairo", "Sidney", "Calcutá"—e levam os artigos da Ward, para todos os paises do mundo.

Nossos fregueses sabem que a Wards é um grande centro fornecedor, de confiança. Os vastos recursos desta companhia permitem-lhe efetuar economias pela produção em massa, fabricando produtos melhores e a preços sem competidor. A Wards é proprietária de algumas fábricas, e está aliada a inúmeros fabricantes, com muitos dos quais tem acordos exclusivos para exportar seus produtos aos mercados do mundo.

Os principais artigos da marca Ward são vendidos nos mercados estrangeiros por intermédio de firmas distribuidoras que mantêm estoques permanentes. Escreva solicitando concessão para a sua praça à Montgomery Ward & Co., Chicago, Illinois, E.U.A.

PRODUTOS FORNECIDOS PELA MONTGOMERY WARD

Produtos automobilísticos • Pneus • Utensílios Elétricos • Maquinaria Agrícola Ferragens • Produtos Industriais • Rádio-Receptores • Aparelhos de Som • Tintas Materiais de Construção • Moveis e Acessórios para o Lar • Texteis • Modas Artigos de Esporte

MONTGOMERY WARD & COMPANY

Seção de Exportação **CHICAGO, E. U. A.**

Faça êstes pratos quentes!

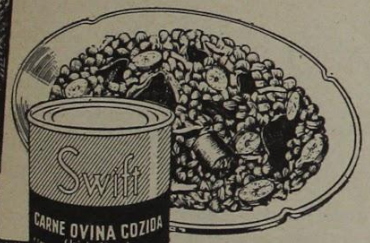
DELICIOSOS! NUTRITIVOS! ECONÔMICOS!

poupam horas de trabalho na cosinha

Presuntada Frita com Ovos e "Purée" de Batatas

A Presuntada Swift é feita de presunto e tenras carnes de porco escolhidas.

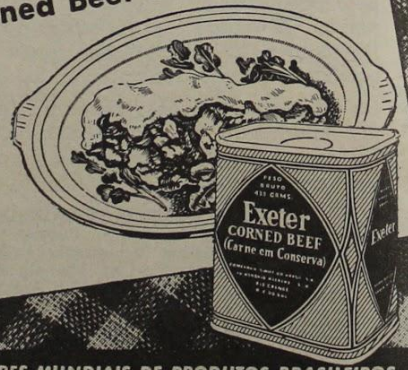
Carne Ovina com Legumes



Uma lata contém generosa porção de carne de carneiro e saborosos legumes.

Corned Beef em Omelete

Esta carne torna mais fácil e mais rápida a confecção de verdadeiros petiscos.



Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

Gostaria duma opinião segura sobre a escolha dum agente em Londres ou Nova York?

SERÁ que o Sr. está precisando de um homem que represente os seus interesses no estrangeiro—para compra de maquinaria nos Estados Unidos, venda de café na Inglaterra, ou qualquer outro gênero de transações em outro país do mundo? Pois talvez a filial mais próxima do City Bank lhe possa ajudar nisso.

O National City Bank of New York dispõe de representantes em todo o mundo. Desde que fundou, há 31 anos, a primeira filial ultramarina que teve qualquer banco nacional americano, foi-se expandindo até chegar a ter hoje mais filiais alem-mar do que todos os outros bancos norte-americanos juntos.

A filial da sua vizinhança acha-se em íntimo contacto com o mundo inteiro por intermédio da Sede em Nova York. E de muito bom gosto ajudará V.S. a fazer os seus planos de expansão comercial.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O Primeiro em Operações Bancárias Mundiais

Sede:
55 Wall Street
Nova York, E.U.A.

Bancos Correspondentes no Mundo Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai
Tientsin

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

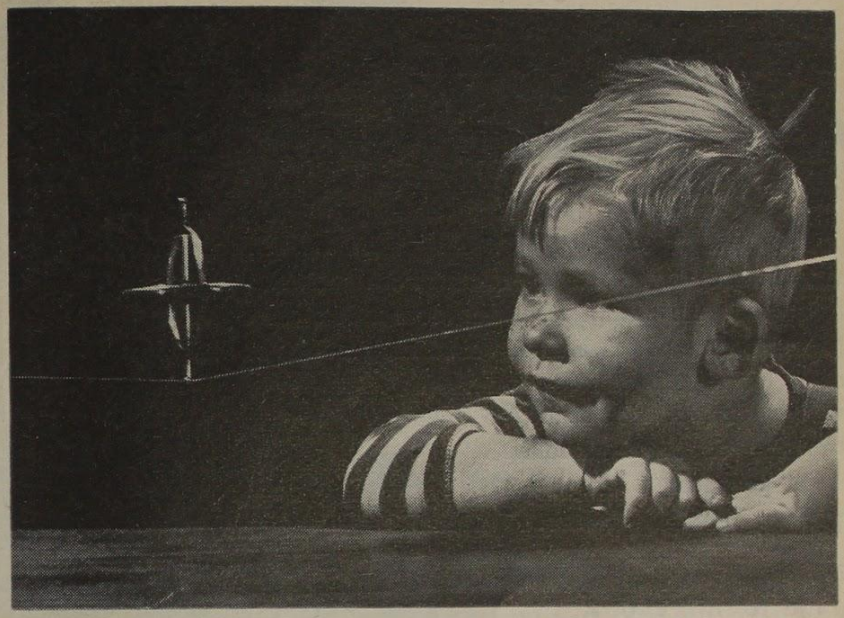
AO FECHAR-SE NO SEU DORMITÓRIO V. S. ESTARÁ SÓ NA NOVA CABINE CRIADA PELA BUDD

De dia, uma luxuosa poltrona; de noite, uma cama fôfa e confortável—além de instalações sanitárias individuais, lugar para a bagagem, guarda-roupa—tudo isso será seu, a um custo módico, na nova Cabine, criação da Budd.

A Cabine é um dos quatro novos tipos de instalações para carros-dormitórios da Budd, a emprêsa criadora dos modernos trens de aço inoxidável. Todos têm compartimentos de paredes sólidas, e são privativos—nada de beliches à vista do público. Eles incluem o *Budgette,* dormitório muito confortável e barato para o passageiro que prefere economizar. Há também o ultra-luxuoso *Double Bedroom* (Cabine Dupla), que pode ser combinado com um compartimento adjacente para formar o *Master Room,* o qual proporcionará seis lugares para a viagem diurna, e leitos para quatro passageiros. Cada *Double Bedroom* tem instalações sanitárias, banho com chuveiro e guarda-roupa. Todos os leitos estão já feitos e podem ser montados num instante para o repouso noturno.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING CO., FILADELFIA, E. U. A. *Budd*

Olhos que vislumbram novos mundos



IMAGINAÇÃO . . . a capacidade de crear idéias e a visão para dar-lhes aplicação prática. Estas são cousas muito importantes para Auto-Lite.

Pois apoiando o nome Auto-Lite em cada bujão, bateria, arranque, gerador ou outras peças automotrizes elétricas, está a perícia de seus engenheiros, que através de experiências e pesquizas conseguem sempre um grau mais elevado de eficiência automotriz.

Tanto os fabricantes como os proprietários de automóveis consideram a Auto-Lite como símbolo de liderança e de confiança em equipamento elétrico automotriz.

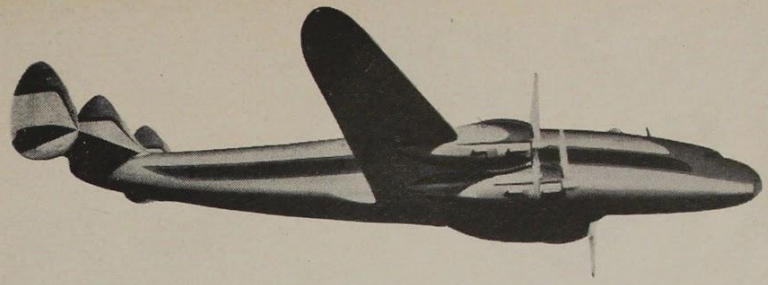
THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division
Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

AUTO-LITE EQUIPAMENTO DE IGNIÇÃO ARRANQUE E ILUMINAÇÃO

Quanto Mais Velho For Seu Carro . . . Mais Simoniz Necessita!

Simonize sem demora o seu auto! O Simoniz Kleener e o Simoniz protegem o esmalte contra as inclemências do tempo e do desgaste, e o tornam mais duradouro. Se o carro já estiver embaciado, uma rápida esfrega com Simoniz Kleener lhe restituirá o lustro primitivo, e para preservar esse lustro primitivo aplique-lhe depois o Simoniz. Peça-os ao mesmo tempo — Simoniz e Simoniz Kleener.

THE SIMONIZ COMPANY
Chicago 16, Ill., E. U. A.



Novo Padrão Mundial

Aquilo que se afirmava está provado. Os "Constellation" da Lockheed virão trazer a todos os paises do mundo, e a todos os continentes, novos padrões de transporte aéreo. Estão desde já ao serviço das seguintes grandes empresas de transporte aéreo:

AMERICAN AIRLINES OVERSEAS

EASTERN AIR LINES

FRENCH GOVERNMENT AIRLINES

ROYAL DUTCH AIR LINES (KLM)

NETHERLANDS INDIES AIRLINES (KNILM)

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAN AMERICAN-GRACE AIRWAYS (PANAGRA)

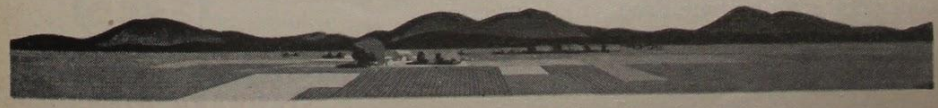
TRANSCONTINENTAL & WESTERN AIR (TWA)

O NOVO PADRÃO DAS CARREIRAS AÉREAS

O "Constellation" Lockheed

Com Lockheed Sempre na Vanguarda LOCKHEED *Muitos Anos Avante na Ciência do Vôo*

Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.



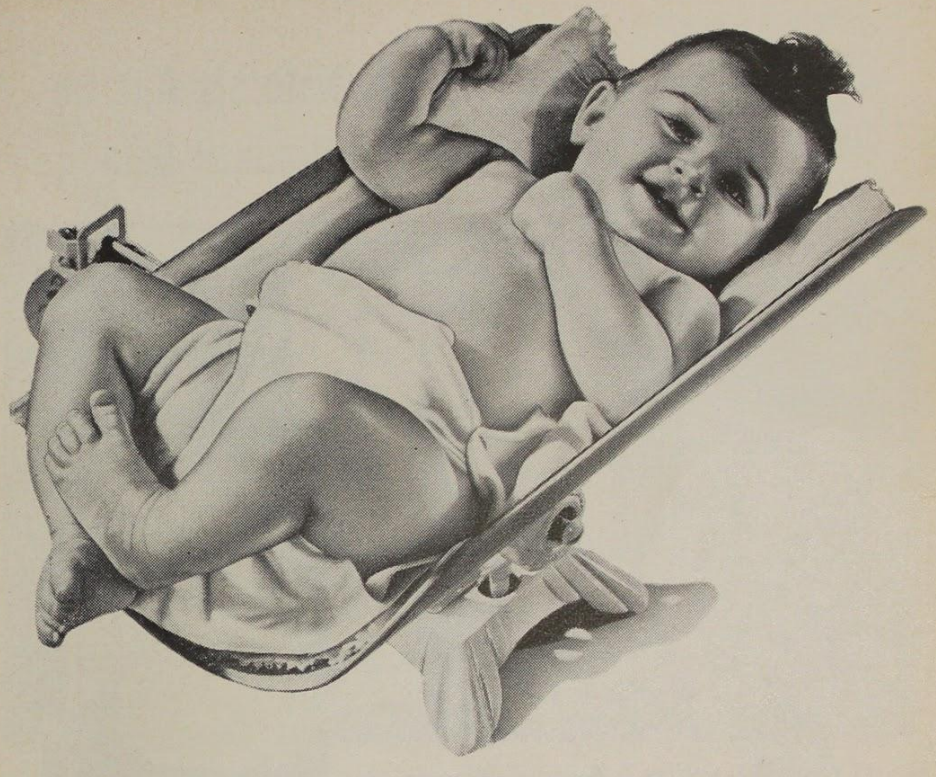
Petroleo... Produtor de Açucar e Café

Desde a lavoura até à mesa em que são servidos, o café e o açucar recebem o valioso auxilio do petroleo. Desde a ação dos tratores, caminhões e trens até o trabalho úmido e pegajoso das moendas e máquinas dos engenhos e usinas, o petroleo participa vitalmente— na forma de oleos especiais—protegendo pinos, mancais e engrenagens contra o atrito. Quanto ao café, os lubrificantes Esso protegem as máquinas que descascam, torram e moem o grão. Em ambas as industrias, os produtos Esso desempenham um papel importante... o mesmo que vem mantendo o nome Esso na liderança da industria petrolífera desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY
OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE



Pesando um campeão

Eis aquí um magnífico ser humano! É um dos campeões que estão destinados a viver num mundo novo e melhor.

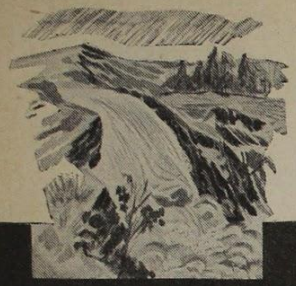
As crianças de hoje têm melhores possibilidades de viver uma vida mais longa e mais saudavel que qualquer de seus antepassados. Têm à sua disposição os melhores médicos que o mundo jamais conheceu, e estes médicos, por sua vez, têm ao alcance hospitais e laboratórios mais bem aparelhados, drogas novas e mais eficazes, novos descobrimentos no campo da nutrição, e melhores anestésicos para facilitar a cirurgia.

Por trás deste rápido progresso da medicina encontram-se os infatigaveis investigadores científicos. Durante os últimos 87 anos, a Casa Squibb tem tido o privilégio de trabalhar intimamente com homens de ciência os mais notaveis no campo da investigação médica, aperfeiçoando armas novas e importantes na guerra contra as moléstias e os sofrimentos humanos.

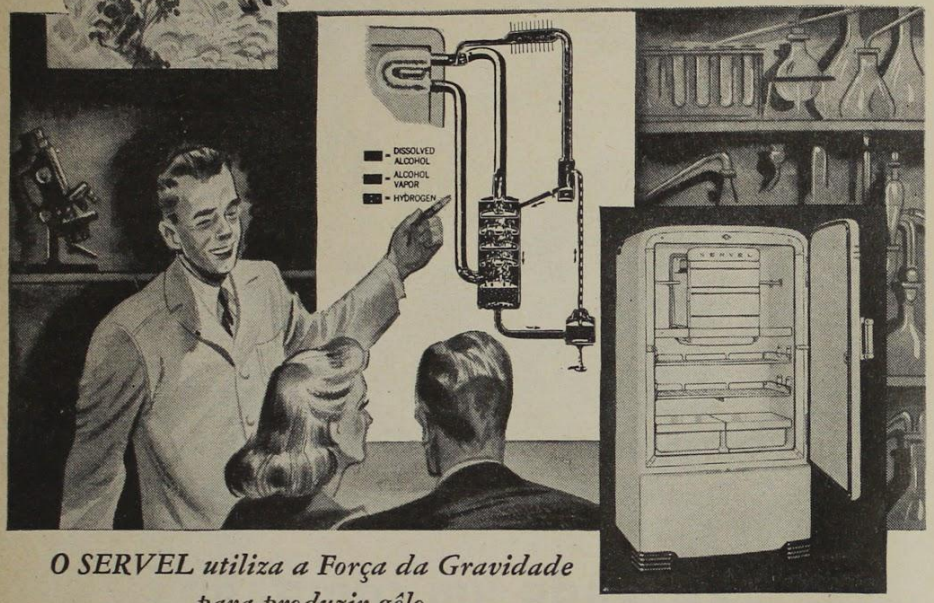
O trabalho incessante dos investigadores científicos nos imensos laboratórios da Squibb, seus minuciosos estudos e experiências, importantes descobrimentos e meticulosidade na escolha do que há de melhor, têm conquistado para a Squibb e todos seus produtos um reconhecimento mundial.

E·R·SQUIBB & SONS
Fabricantes de produtos químicos para a classe médica desde 1858

SQUIBB . . . FAMA MUNDIAL EM INVESTIGAÇÕES MÉDICAS



Como as Leis Naturais Ajudam ao Servel a Produzir Gêlo



O SERVEL utiliza a Força da Gravidade para produzir gêlo

NO MÁGICO refrigerador SERVEL o calor de uma pequena châma vaporiza o refrigerante que sobe ao condensador, onde, ao tornar-se líquido, torna a descer devido ao seu próprio pêso. Este ciclo contínuo produz gêlo sem necessidade de motor, maquinaria, válvulas ou mecanismos móveis que se desgastem. O funcionamento assombrosamente simples do SERVEL é a razão pela qual êste *permanece* econômico, dura mais.

É também a razão pela qual no campo, mesmo onde não haja corrente elétrica, se pode dispor de bebidas frescas, deliciosas sobremesas geladas, e proteger os alimentos . . . Pois o SERVEL funciona com a fonte de calor disponível e mais econômica, seja querosene, gas em líquido (butano) ou gás fabricado.

O mágico SERVEL serve hoje a mais de 2,000,000 de famílias. Devido a novos progressos na distribuição do gás em líquido e querosene, dentro em breve haverá um maior número de famílias, casas comerciais e hospitais que poderão aproveitar um SERVEL.

Servel um refrigerador milagroso

INTERNATIONAL DIVISION, 51 EAST 42nd STREET, NEW YORK CITY 17, N.Y., E.U.A.

A fascinação de uma joia rara,
a alegria de escrever sem esfôrço,
duas coisas que se reunem na Parker "51".
Escreve instantâneamente, desliza suavemente...
é de uma leveza de pluma. E é a única
entre as canetas especialmente desenhada
para usar a tinta Parker "51",
a tinta que *seca à medida que escreve.*

Representantes Exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Unicos distribuidores para Portugal
ANTONIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa

PARKER "51"

Escreve a sêco com tinta liquida!

UMA NOVA HIDROMÁTICA

. . . para os DC-6 da United Air Lines

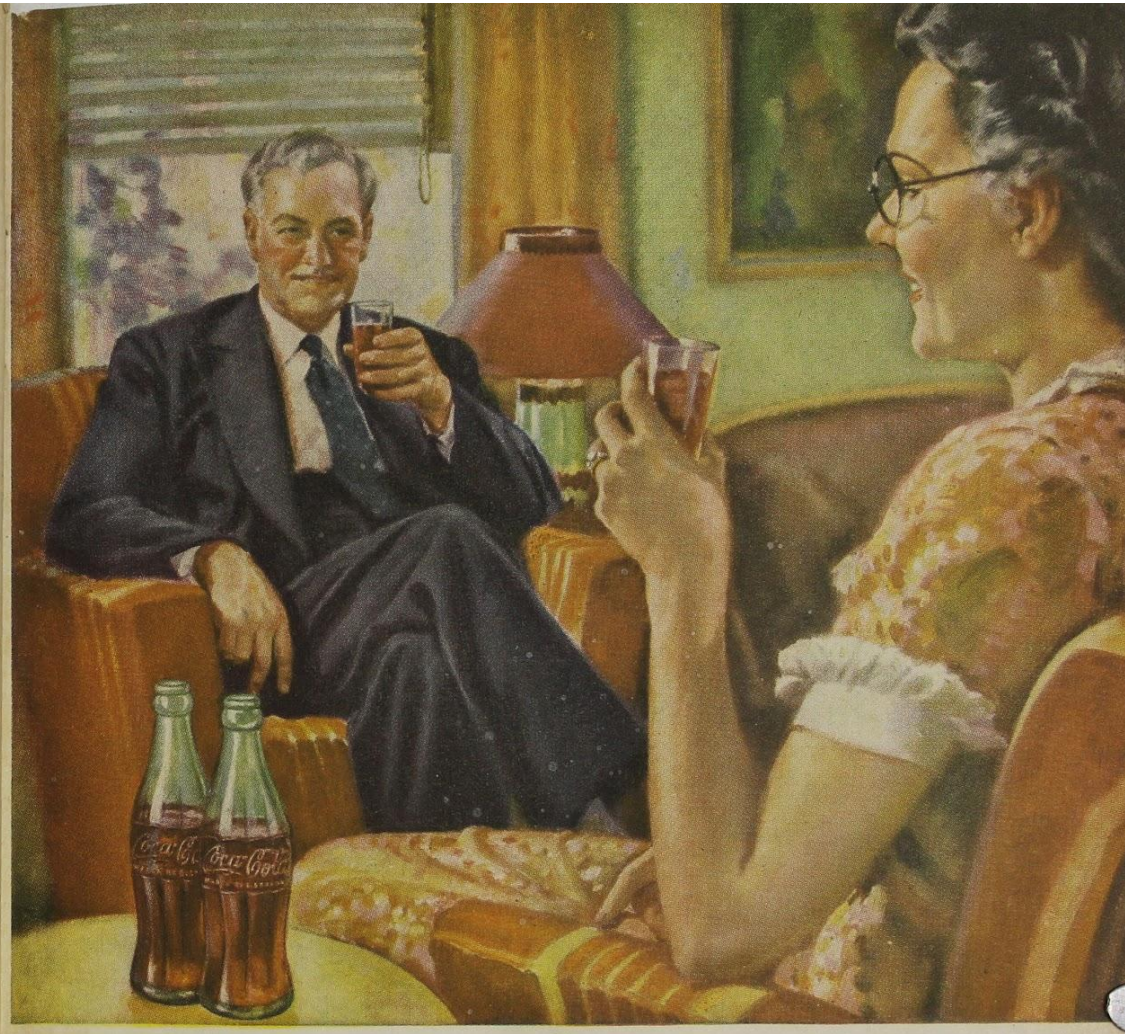
Os aviões DC-6 da United Air Lines sulcarão os ares pela "Rota Principal" com a máxima suavidade e melhor funcionamento, graças às novas hélices hidromáticas Hamilton Standard. Alem da rotação reversivel, estas hélices reunem três melhoramentos recentes e exclusivos; são eles: novas pás de dural, as mais leves, pelo seu tamanho, que já se produziram; amortecedores que reduzem ao mínimo os efeitos vibratórios da hélice; e um sincronizador que harmoniza com o maquinismo nos aviões multi-motores mediante ajustes diminutos no movimento das pás.

Forneceremos detalhes desses importantes melhoramentos de hélices às companhias de aviação e fabricantes que estejam interessados em obter funcionamento melhor e mais suave para aeronaves de alta potência.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY · HÉLICES HAMILTON STANDARD · AVIÕES CHANCE VOUGHT · HELICÓPTEROS SIKORSKY



A companheira de sempre

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946. THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Preço — Cr. $1,00

12 Maravilhosos Bolos

...todos feitos com a mesma receita ROYAL

Deslumbre seus hóspedes—sua família—com a variedade de suas sobremesas. É tão fácil! Tudo o que você necessita, é de *uma* receita básica Royal, para fazer êste primoroso **Bolo Ilusão,** êste **Bolo Regozijo**—e dez outras variações. O Fermento em Pó Royal ajuda-a a fazê-los bem, assegura uma extrema leveza e um sabor maravilhoso.

•

Peça hoje mesmo esta receita básica Royal e suas 11 variações! Escreva para: Standard Brands of Brazil, Inc., Depto. P-546—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

José de San Martín

Ricardo Rojas

(*Extratos do livro «El Santo de la Espada», Editorial Losada, Buenos Aires*)

Era San Martín homem de estatura mediana, embora seu porte marcial lhe emprestasse certa imponência. De tez morena, sua cabeça arredondava-se em linhas harmoniosas, fortes, destacando-se o nariz aquilino e as arcadas ciliares de feitio enérgico. Os olhos negros, profundos, moviam-se como emboscados à sombra das sobrancelhas expressivas. As mãos eram ossudas e grandes, de gestos eloquentes; a marcha desenvolvia-se a um tempo agil e firme; a atitude fazia-se cautelosa ou elegante, segundo as ocasiões; o gesto sóbrio estava sempre submisso à vontade vigilante; e tinha a voz cheia e varonil. Era de pouco riso; mas quando ria o sorriso era gracioso na boca pequena, bem talhada e com boa dentadura. Raspava o bigode e usava compridas suiças que penteava para a frente, tal como fazia com o cabelo negro e liso. Quando em conversa, procurava pôr-se no nivel dos interlocutores, escutando com interesse, mais atento a aprender que a impressionar. Cortês com as senhoras, sabia dansar, como cabia a um ex-aluno do Seminário de Nobres, o colégio de Madrí que cursara em menino. A vida militar endurecera-lhe um tanto as maneiras, e por vezes explodia em gestos de enfado; isso porem se passou nos quartéis, jamais nos salões, onde sempre se mostrava com ares de afavel e espontâneo cavalheirismo. Pouco propenso ao sentimentalismo e à sensualidade, guardava com pudor seus afetos. Não leu muito, apenas o necessário ao seu destino, podendo discorrer sobre história, filosofia, pintura, à parte naturalmente temas militares.

Acreditava em Deus, que invocava sempre, e sua filosofia era a de um estóico, tendo citado algumas vezes Epicteto, Sêneca e Diógenes. Pensava por conta própria, com clareza geométrica, e falava com precisão espartana, em frases breves, antes lapidares que líricas. Mostrava segurança em suas opiniões, baseando-se sempre nos fatos. Conhecia os homens, e não lhes pedia mais do que eles podiam dar. Não se exaltava no êxito, nem se lamentava na derrota. Submeteu a vida, desde moço, a uma severa disciplina e encontrou sua religião no dever. Em vinte anos de serviço militar espanhol, jamais pediu uma licença. E ao morrer nenhuma dívida pessoal deixaria. Era sóbrio no comer e no vestir. Com pertinácia não estudada, refugia de toda espécie de ênfase ou teatralidade. Em dez anos de serviço militar na América do Sul, suportou cruéis enfermidades, dominando tudo à força de vontade, até completar as mais árduas empreitadas. Bom esgrimista, bom cavaleiro, bom trabalhador, enfrentava com coragem suas tarefas. Não era dado a escrever, embora tenha deixado autógrafos que dêem para vários volumes. Para ele, a glória não era a pompa do triunfo clássico, mas a paz da alma na obra bem concluida, e uma serena confiança no juizo da posteridade. Em trinta anos de desterro, durante longa velhice coberta de adversidades, guardou um nobre silêncio, sem responder a seus caluniadores, numerosos e constantes.

Guerreiro, não sentia o prazer do combate, e planejou suas campanhas com precisão matemática ou com habilidade política, procurando alcançar seus objetivos com o mínimo derramamento de sangue. Não buscou o orgulho do triunfo nem o gozo do poder, tendo declarado que sua causa era a do gênero humano. Tais circunstâncias definem o conteudo moral de um novo heroismo. Ao sentido estético da guerra, criado por Alexandre, Cesar e Napoleão, tende-se a sobrepor o sentido ético latente nos mitos da epopéia. San Martín é o protótipo genial, particularíssimo, dessa nova sensibilidade heróica: serve-se das armas necessárias, porem sem arbitrariedade nem sensualidade. Sobre ele gravita um mandato moral; por isso sua figura de herói militar se projeta em uma silhueta de herói civil. Mais formosa ainda que seus feitos é sua conciência. Sua espada de Santo reflete a luz da justiça.

O retrato de San Martín que aparece na capa é reproduzido de uma miniatura em marfim pintada do natural por Wheeler em Londres, em 1824, e que se acha hoje no Museu Histórico Nacional de Buenos Aires.

IMPRESSO NOS E. U. A.

José de San Martín

JUNHO de 1946

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Um mundo—muitos povos . . . . . *Chatelaine* 1
Gasolina sintética: boa e barata . . . . . *Collier's* 5
A tremenda explosão do Cracatoa . . . . . *Nature* 7
Cofre de preciosidades . . . . . *New York Times* 12
A polícia montada do Canadá . . . . . *Harper's* 13
O que vale uma fraca memória . . *por Odell Shepard* 18
Meu tipo inesquecivel . . . . . *por Austin Strong* 21
A volta aos penates . . . . . *por Saul K. Padover* 26
Vida ingrata do campo . . . *Baltimore Sunday Sun* 28
Só assim se conseguirá um governo mundial . *Atlantic* 31
Não lhe agradaria trabalhar com música? . . . *Forbes* 35
Operários e industriais colaboram na Inglaterra
por Stanley High 37
Tratamentos novos para males antigos . *por L. M. Miller* 43
Tinha rodas na cabeça . . . . *por M. M. Musselman* 47
Catedrais da Natureza . . . . . *Holiday* 54
Novos aristocratas do galinheiro . *Country Gentleman* 56
Os cadáveres de Calcutá . . . *Asia and the Americas* 60
O soldado ianque prefere os alemães . *por R. Joseph* 63
O transformista da Floresta Branca *American Mercury* 67
As duas esposas do tio By . . *por Dorothy C. Fisher* 69
Flagrantes da vida americana 73
A nova "chama elétrica" . . *Popular Science Monthly* 75
O Cardeal Spellman . . . . . *Life* 79
Quatro cigarros . . . . . *This Week* 85
Cincoenta famílias construiram suas casas . . *Rotarian* 86
Seção de Livros — Meninice no Oeste . *por Marquis James* 91
Saltão—Vida dum cavalo siberiano
por Nicholas Kalashnikoff 108
Índice 117

Madeiras da América: o Mogno — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *terceira capa*

Duendes e dragões

Ruth Bryan Owen Rohde

Escritora de renome, e ex-ministra dos Estados Unidos na Dinamarca

SEGUNDO uma lenda popular dinamarquesa, certo dia uma serpente rogou a um lenhador que a adotasse como filha. Mal este aceitou o pedido, começando a tratá-la com a maior afeição, a cobra libertou-se de sua forma repelente, transformando-se em bela princesa. Conforme reza a história, o amor quebrara o malfazejo encanto.

Prefiro, porem, imaginar que o lenhador, em sua bondade, tivesse vislumbrado a princesa através de sua aparência repulsiva.

Ir alem dos aspectos superficiais, das divergências exteriores, é o maior problema das relações internacionais. As nações se entreolham desconfiadas, vendo, aquí e alí, duendes e dragões que verificam ser inexistentes, ao fazerem um sincero esforço por compreender as idéias e os objetivos de outro país.

Aplaudo as edições internacionais do Reader's Digest porque parecem dizer a seus leitores, no mundo inteiro: «Sabemos que por trás das diferenças de idioma e costumes, há entre nós as mesmas esperanças eternamente humanas, os mesmos interesses, desilusões e triunfos tantas vezes experimentados. Queremos conhecê-los e queremos, tambem, que vocês nos conheçam.»

Por conseguinte, é com a maior satisfação que dou as boas vindas à nova edição do Reader's Digest, recentemente aparecida* na Dinamarca, minha segunda pátria, onde manterá seus leitores—como em tantos outros paises em que circula—a par dos pensamentos e sucessos importantes de um mundo de que todos somos cidadãos.

*O primeiro número da edição dinamarquesa do Reader's Digest—*Det Bedste fra Reader's Digest*—apareceu em Copenhague, em março deste ano, com uma tiragem inicial de 160.000 exemplares.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IX, No. 53 [*Marca Registrada* *Reg. U.S. Pat. Off.*] Junho de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.

Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: Armando de Sá Pires

Administrador: Roberto C. Sánchez

Edições em português, árabe, dinamarquês, espanhol, finlandês, inglês e sueco.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários de Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. IX, No. 53, June 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A. San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

CMDPO-LA 1939

TOMO IX
No. 53

SELEÇÕES
do Reader's Digest

JUNHO
de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

Os problemas das nações não podem ser resolvidos aplainando-se-lhes as diversidades por um processo de uniformização, ou fundindo os pequenos Estados em Estados maiores

UM MUNDO— *muitos povos*

(*Condensado de «Chatelaine»*)

Rebecca West

MUITAS PESSOAS, hoje em dia, acreditam que todas as complicações internacionais deixariam de existir se os pequenos paises do mundo fossem fundidos para formar grandes Estados. A lógica dos argumentos é quase impecavel: quem faz as guerras são os Estados; logo, quanto menor o número de Estados, tanto menor o de guerras.

Ora, o peor dos crimes da inteligência é simplificar demais as coisas, apresentando como facil o que é, na realidade, dificil. Os pequenos Estados não podem ser eliminados para se tornarem simples pedaços de grandes Estados, porque são, em realidade, pequenos paises, pequenos grupos de população, que têm gerido seus próprios negócios e se sentem capazes de continuar a gerí-los. Não possuem, para com nenhum outro grupo, esse sentimento de comunidade capaz de fazê-los felizes trabalhando e vivendo juntos. Se forem absorvidos na estrutura de um grande Estado, qualquer que ele seja, ver-se-ão acossados pelo sentimento de injustiça, que deitará areia na engrenagem desse grande Estado, ou perderão a sua individualidade. Em qualquer caso, não serão mais o que eram quando viviam sós.

Terá havido país mais aprazivel e alegre que a Dinamarca? Copenhague, com seu palácio do século XVIII e edifícios de consumada beleza, era a capital européia mais próxima da perfeição. Um rei, que era um gigante e que amava as crianças, passeava pelas ruas com sua capa vermelha, seguido por uma multidão de meninos e meninas. Mas os dinamarqueses não eram apenas um desses povos de contos da carochinha. As docas penetravam como cunhas bem no coração da cidade, de forma que havia mastros aparecendo nas extremidades das ruas elegantes do comércio, e o povo adquiria certo ar marítimo ao contacto dos marinheiros bronzeados. Onde a cidade acabava, tinham início as fazendas tratadas

com todo o esmero, nas quais se têm realizado tantas descobertas no campo da agricultura, tendo-se logrado estabelecer um razoavel padrão de vida para os fazendeiros.

Na Dinamarca, ninguem é muito rico nem muito pobre, mas a maioria tem o bastante para viver, e leva uma vida compativel com seus meios modestos. Não se paga muito para ir ao campo, passear de barco a vela, comer num restaurante, dansar num cabaré. Visitar esse país pitoresco é como beber de um copo que ora parece conter cerveja, ora champanhe.

Mas aos olhos dos estrangeiros, os dinamarqueses muitas vezes dão a impressão de ser bastante aborrecidos—estreitos, absorvidos consigo mesmos, provincianos, escravizados a etiquetas enfadonhas. É essa exatamente a impressão dada, com frequência, por um casal que, não dispondo de muitos recursos, se esforça por fazer do lar um ponto de reunião ideal para a família.

Os dinamarqueses estão realizando uma tarefa muito dificil, na qual têm de se concentrar; e precisam controlar-se mediante uma rotina certa. Em consequência, a Dinamarca, pequeno país independente, dirige seus negócios com eficiência e serenidade. Se fosse, porem, incorporada a um grande Estado, seu povo não só irritaria aqueles com quem tivesse de conjugar seus esforços, mas ficaria, por sua vez, irritado, substituindo em breve a serenidade pela obstinação. A singular virtude dos dinamarqueses, uma dádiva para o resto do mundo, ter-se-ia perdido.

Mais ao norte, encontramos a Finlândia, pequenina terra de gente sólida e forte, que merece nossa admiração por fazer tudo aquilo que talvez se julgasse reservado a gente fina e elegante. Seu território se estende até as regiões árticas, onde tudo é monotonia de lagos e bosques. A luz branca do norte alveja o cenário; as cidades são de um tom cinza pálido. Quase não há flores. Alguns brotos verdes nas regiões dos bosques, na primavera, e umas poucas folhas escarlate, no outono, eis o que a natureza lhe oferece como côr.

Mas o viajante observa que os finlandeses desenvolveram um sentido da visão mais agudo do que o da vista preguiçosa que usamos nas latitudes de cores mais vivas e de contornos mais espetaculares. Quando a gente aprende a usar os olhos como eles o fazem, surgem novas e delicadas belezas. O estilo arquitetônico da Finlândia dir-se-ia bizarro em outras regiões, mas para o lugar e para o povo parece apropriado, dando tons claros e variedade onde, de outra forma, tudo seria pardacento e tedioso. Os finlandeses construiram tendo em vista não somente a beleza, mas tambem uma vida melhor e mais longa. Seus edifícios de apartamentos, hospitais, escolas, foram experiências revolucionárias, onde se procuraram novas fórmulas visando a utilidade.

Cicily Isabel Fairfield nasceu na Irlanda, educou-se na Escócia e viveu a maior parte de sua vida na Inglaterra. Sob o pseudônimo de Rebecca West, fez-se crítica literária e escritora de assuntos políticos para periódicos ingleses e americanos, e produziu uma série de romances e ensaios primorosamente elaborados, que se deixaram assinalar pelo espírito e observação crítica. Sua obra em dois volumes, *Black Lamb and Grey Falcon*, diário de uma viagem que fez pela Iugoslávia em companhia do marido, foi tida como «uma análise candente da grande crise do homem contemporâneo». Uma de suas tarefas durante a guerra foi a de superintender às irradiações da Inglaterra para a Iugoslávia. O nome de Rebecca West figurava entre os de súditos britânicos «procurados», na lista que os nazistas organizaram antes de sua projetada invasão da Inglaterra.

Povo pobre, os finlandeses aproveitaram melhor o dinheiro do que a maioria dos povos ricos. Lêem com sofreguidão, abeberando-se na cultura moderna. Helsinque teve a maior livraria do mundo. O camponês mais solitário sabia que os livros constituem companhias valiosas, e eles mesmos enriqueceram a literatura com o seu folclore musical.

Quando se elogiava a Finlândia aos próprios finlandeses, estes costumavam dizer: «Podíamos viver perfeitamente se não se intrometessem em nossa vida.» Mas sabiam que esse não seria seu destino. Desanimados pela previsão de que se veriam envolvidos no próximo conflito entre a Alemanha e a Rússia, não podiam distinguir diante de si um caminho que levasse à preservação de sua honrosa independência, na qual, precisamente, consistia sua única felicidade. Por isso, durante séculos, lutaram contra os suecos, e contra os russos; e tanto uns como outros os acharam, como componentes de seus impérios, antipáticos e intrataveis. Seu encanto estava condicionado à independência de sua pequena Finlândia.

No extremo oposto à Dinamarca e à Finlândia, no mapa tanto psicológico como geográfico, encontram-se os paises balcânicos. O povo luta arduamente para ganhar a vida, porque é, na maior parte, constituido de camponeses que trabalham um solo pobre e em clima inhóspito. Mas seus dotes são mais especulativos do que práticos, e isso faz deles gente sem método e impontual. Suas cidades parecem construidas ao acaso: não podem concentrar-se muito tempo numa coisa tão material como seja a construção de casas. Em consequência, as rodas da civilização não têm girado sempre com rapidez ou sem atritos, o que muito enerva alguns estrangeiros...

Mas em todos esses paises, tanto na Iugoslávia como na Bulgária e na Grécia, há uma atitude com relação à vida que reduz de importância essa inhabilidade mecânica. Tais povos gostam de tirar da vida tudo que esta pode dar. Amam seu cenário grandioso, seus mares de um azul intenso que fluem e refluem ao redor das ilhas gregas e da costa da Dalmácia, as flores arroxeadas das figueiras, a folhagem verde-ouro dos álamos que crescem à beira dos rios, e os capuzes de neve que sobremontam suas agressivas e esculturais cadeias de montanhas. Cantam essas belezas da natureza nos versos que entoam, e as mulheres a elas fazem alusão nos ricos e complicados desenhos que bordam nos seus vestidos e nas camisas dos maridos. Nos dias de festa, ceiam e dansam e cantam como se jamais a tristeza houvesse passado pela face da terra; quando se afligem, caem no mais profundo dos abatimentos.

Interessam-se por um estrangeiro porque este, como eles, se acha envolvido nessa extraordinária aventura, que é a vida. Ouvem-lhe as experiências, e lhe contam as suas, ao sabor do vinho e salsichas condimentadas. E trazem à conversa uma profunda simpatia que vem de seu verdadeiro amor pelo mundo, e um brilho intelectual, originário da crença de que o talento e a cultura devem ser considerados instrumentos para exprimir aquele amor.

Mas essa riqueza de carater depende da liberdade de que gozem esses paises, de não serem perturbados no direito de auto-governo. Alguns povos dos Balcãs, até a Primeira Guerra Mundial, faziam parte do Império Austro-húngaro; outros conquistaram sua independência à Turquia. Aqueles que os visitaram, nos dias em que ainda eram governados por estranhos, dão o testemunho de os haverem encontrado em condição miseravel

e carecedores de interesse. Obcecados pela idéia de conquistarem a liberdade, mal podiam desenvolver a personalidade no seu todo. Se essa liberdade lhes for agora retirada, perderão outra vez o encanto.

A verdade é que o mundo nunca poderá constituir uma unidade simples, como um indivíduo. Tem de ser uma unidade múltipla, como uma família. A família util e de que todos gostam é composta de crianças a quem se permite dirigirem-se por si mesmas dentro de um código de disciplina. Este é o modelo que se deve ter em vista ao se considerarem as relações internacionais, se não se quiser que a terra se torne um vasto deserto espiritual.

Parábolas modernas

¶ Certo dia um negociante rico e avarento foi ao encontro de um sábio rabino, e este o levou à janela, dizendo:

—Olhe através da vidraça, e diga-me o que vê.

—Vejo gente, muita gente... respondeu o ricaço.

O rabino conduziu-o, então, a um espelho, e indagou:

—Que vê agora?

—Vejo minha própria imagem.

E o sábio prosseguiu:

—Repare bem, e não se esqueça: tanto a janela quanto o espelho têm vidro. Mas no espelho o vidro é coberto com um pouco de prata, e quando há prata você deixa de enxergar os outros, vendo apenas a si mesmo...

—S. Ansky, *The Dybbuk* (Liveright Pub. Corp., ed.)

¶ *Fala a Morte:* Havia em Bagdá um negociante que enviou ao mercado um de seus empregados e este, daí a pouco, voltou ofegante, trêmulo, a dizer:

—Estive agora no mercado, meu senhor, e alguem me atropelou subitamente. Virei-me e percebí que era a Morte. Ela olhou para mim e fez um gesto ameaçador. Empreste-me, por favor seu cavalo, pois quero fugir para Samarra, onde a Morte não me há-de encontrar.

O negociante emprestou o animal, e o empregado montou, escapando, em rápido galope, para a outra localidade. Mal partiu ele, o comerciante se dirigiu, por sua vez, ao mercado e, vendo-me na multidão, aproximou-se e indagou:

—Porque fizeste ao meu criado um gesto de ameaça há pouco?

—Não o ameacei, respondí. —Mostrei-lhe apenas, com meu gesto, a surpresa que me causava sua presença em Bagdá, pois eu tinha um encontro marcado com ele, hoje à noite, em Samarra.

—*Somerset Maugham*

A mágica da ciência responde ao problema da diminuição das reservas petrolíferas: combustivel motor extraido de gás natural

Gasolina sintética: boa e barata

(Condensado do «Collier's»)

Por J. D. Ratcliff

Há muitos anos vêm os pessimistas inveterados asseverando que o fim do petróleo está à vista; eis porem que uma nova usina, em construção no Texas, projeta nova luz sobre esse quadro sombrio. Essa usina fará gasolina sintética de gás natural, a preços tão baixos que lhe permitirão concorrer com a gasolina de petróleo.

Chama-se P. C. Keith o homem que a idealizou. Conta agora 45 anos, nasceu no Texas, e é uma das maiores sumidades do mundo em química industrial. Quando, antes da guerra, esteve construindo na Alemanha uma refinaria de petróleo, Keith visitou alguns estabelecimentos industriais de produtos sintéticos que faziam gasolina pelo processo *Fischer-Tropsch*, processo esse consistente no tratamento do gás gerado do carvão. Comparado ao padrão americano, a gasolina obtida dessa forma era absurdamente cara e inferior, sendo apenas 40° o seu teor de octana. Os modernos motores de automovel não funcionariam com semelhante gasolina, e, para ser usada em tanques e outros veículos, seria mister um tratamento dispendioso. Mas Keith, voltou da Alemanha firmemente convencido de que, se se aproveitassem os avanços da ciência alemã nesse campo, talvez se viesse a descobrir uma fonte nova e barata de gasolina.

Keith organizou sua própria companhia, a *Hydrocarbon Research, Inc.*, e pôs uma dúzia de químicos industriais de alta categoria trabalhando na solução do problema. Como os alemães demonstraram, pode fazer-se gasolina de gases—monóxido de carbono e hidrogênio—gerados do carvão. Mas o gás natural não poderia constituir fonte mais barata?

O gás natural é formado de quatro outros: a metana, a etana, a propana e a butana. A metana é a mais abundante dos quatro, representando cerca de 90° de todo o gás natural. Quando se queima a metana numa atmosfera de oxigênio puro, produzem-se dois gases: o monóxido de carbono e o hidrogênio, elementos básicos da gasolina sintética. Mas, para tornar o processo economicamente viavel, seria preciso dispor de oxigênio em enormes quantidades, cujos preços, de tão baixos, fossem sem precedente. E essa não era a realidade, no momento.

Havia ainda outra dificuldade. O processo de conversão do monóxido de carbono e hidrogênio em gasolina e água gera quantidade tremenda de calor. Como evitá-lo?

Keith achou uma solução que resolveu ambos os problemas. A câmara de reação seria atravessada por uma compacta rede de tubulações de água; esta circulando absorveria o calor, convertendo-se em vapor para gerar energia, a qual, por sua vez, seria usada para movimentar compressores e outros equipamentos de uma usina destinada a extrair oxigênio do ar. Assim, com energia de graça, tornava-se possivel produzir o oxigênio a um preço espantosamente baixo.

A esse método de produzir gasolina, Keith deu o nome de *Hydrocol*. Para verificar se a prática confirmava a teoria,

construiu-se uma usina experimental, próximo aos campos petrolíferos da Pensilvânia. E tudo correu exatamente como se havia previsto. O oxigênio e o gás natural entraram de um lado e a gasolina gotejou do outro: cerca de 40 litros por dia. Alem de gasolina, produziram-se, ainda, em pequena quantidade: alcool, óleo Diesel e acetona.

Logo que a usina começou a funcionar com êxito, os engenheiros da *Hydrocarbon Research* construiram uma fábrica maior, que produziu dez barrís de gasolina por dia. Daí tambem se colheram dados sobre o custo, os quais provaram concludentemente que a gasolina sintética podia competir com a de petróleo. Já se começou a traçar o projeto de uma usina comercial, que deverá ser financiada por meia dúzia de companhias de petróleo, e que produzirá cinco mil barrís de gasolina e mil barrís de óleo Diesel por dia. A gasolina será pouco superior à de 80 octanas—podendo ser classificada no mesmo nivel dos melhores combustiveis atuais. A usina produzirá, tambem, alcool bruto. Esses valiosos produtos químicos serão usados como solventes de tinta e laca na manufatura de filmes fotográficos, e numa centena de outros processos industriais.

E o uso de gás natural como fonte de gasolina não esgotará em breve as suas reservas? De certo, não. Comparados tonelada por tonelada, há mais gás natural do que petróleo. E Keith acha que, muito antes de se chegar ao fim das reservas de gás natural, se recorrerá ao carvão como fonte de gasolina. A gasolina sintética feita de carvão podia ser produzida hoje nos Estados Unidos a baixo preço, tendendo ainda a maior redução com os progressos técnicos em andamento.

Em última análise, a gasolina pode ser obtida de qualquer coisa que contenha carbono. «Se não nos importarmos com o custo,» diz Keith, «poderemos fazer gasolina de feno, espiga de milho, e até de flores.»

Por um triz...

¶ O DRAMATURGO Wilson Mizner escreveu, certa vez, uma peça teatral patrocinada, financeiramente, por uma rica senhora da sociedade. Durante um dos ensaios Mizner perguntou, distraidamente, à referida senhora qual era sua idade.

—Porque é que o sr. quer saber? indagou ela, friamente.

—Bem, minha senhora, respondeu Wilson prontamente, —é que me interessava saber qual a idade em que uma mulher se torna mais atraente.

—Walter Winchell

¶ NA PEQUENA estação ferroviária de uma cidade balneária, um jovem, que iniciava sua lua de mel, foi ao guichê das passagens, acompanhado da esposa, e, por força de hábito, pediu um bilhete só.

—Mas você só comprou uma passagem! protestou a moça.

E ele, sem hesitação, consertou o erro diplomaticamente:

—É mesmo, meu bem! Imagine, eu tinha-me esquecido de mim próprio!

—David Gordon

Em matéria de explosões, ainda é a natureza que bate o récorde

A tremenda explosão do Cracatoa

(Condensado de «Nature Magazine»)

Por Ernst Behrendt

A TERRIVEL violência das explosões de Hiroxima e Nagasaqui deixou o mundo inteiro estupefacto e apavorado. Mas houve, certa feita, uma explosão de proporções incomparavelmente maiores. As bombas atômicas arrasaram duas cidades. No entanto, os que se achavam a uma centena de quilômetros dalí nem o suspeitaram, sequer.

Quando a ilha de Cracatoa, nas Índias Orientais, voou pelos ares, a 27 de agosto de 1883, o ruido se fez ouvir a três mil milhas de distância; as ondas gigantescas, provocadas pela explosão, atingiram as costas de quatro continentes e foram registradas 8 mil milhas alem; uma onda de ar, gerada pelo cataclismo, deu a volta ao mundo, não uma, mas várias vezes. No ponto em que se erguera uma montanha de quase mil metros de altura, só restava uma cratera gigantesca, de 300 metros de profundidade e quilômetros de largura.

Escombros rubros e em brasa cobriam uma área enorme, mergulhando, em certos pontos, 30 metros abaixo da superfície da terra. Durante o ano que se seguiu à explosão, o pó que voara pelos ares, a uma altura de 50 quilômetros, espalhou-se na atmosfera, sobre quase todo o globo. Embora não houvesse grandes cidades nas proximidades do vulcão, 36 mil pessoas perderam a vida.

Essa explosão, a maior que registra a história, não foi causada por algo de misterioso, mas, simplesmente, pela mesma força que faz balançar a tampa de uma chaleira. Neste caso, porem, o fogo que mantinha a ebulição era uma bolsa de lava efervescente, de quase dois quilômetros de extensão, que transformou grande massa de água oceânica em vapor superaquecido. A «tampa» voou pelos ares, e a «chaleira» explodiu com ela.

Cracatoa era uma ilha vulcânica do estreito de Sunda, nas Índias Orientais Holandesas, entre Java e Sumatra.

Nos primeiros meses de 1883, houve certos sinais, que eram como advertências: rolos de fumaça e vapor começaram a sair das fendas mais recentes do rochedo; um rio de lava, de largura consi-

deravel, rolou através das selvas. Mas os holandeses de Java e Sumatra não se mostraram, nem por isso, alarmados. O velho vulcão de Cracatoa já tinha resmungado outras vezes. Mesmo quando o capitão holandês Ferzenaar chegou a Batávia, em agosto, relatando que dois novos vulcões tinham aparecido em Cracatoa, seus compatriotas não se deixaram impressionar. Havia dezenas de vulcões na Indonésia; alem disso, Cracatoa ficava a quase cem milhas dalí.

«A terra estava tão quente que chegou a queimar as solas de minhas botas,» contou Ferzenaar. Pois se era assim, os que lá viviam não tinham outro jeito senão embarcar nos seus botes, e esperar que a ilha voltasse à temperatura normal.

Ferzenaar foi o último ocidental a pôr os pés em Cracatoa, antes da erupção. Naquela época, a navegação através do estreito de Sunda se ia tornando cada vez mais dificil. Vários capitães resolviam voltar, ao verem as estreitas passagens cobertas de cinzas. Mas o comandante de um navio americano, decidido a correr o risco, seguiu caminho, calmamente com uma carga de querosene!

Depois dele, ninguem mais tentou a travessia. É que, já então, os surdos roncos de Cracatoa se tinham transformado num fragor contínuo e violento, que podia ser ouvido em toda a costa oriental de Java. Em Buitenzorg, a 61 milhas de Cracatoa, todos buscavam abrigar-se do que julgavam ser tremenda tempestade, cada vez mais próxima. «Na tarde de 26 de agosto,» escreveu Verbeek, na sua descrição da catástrofe, «os surdos roncos foram interrompidos por detonações agudas e retumbantes, que se foram tornando cada vez mais altas e frequentes. Já agora, todos se achavam tomados de terror. A noite chegou sem que ninguem cogitasse de dormir; de manhã, o ruido incessante tornara-se ensurdecedor, anulando todos os outros sons. De repente, pouco antes das sete, houve medonha explosão. Os edifícios estremeceram, as paredes abriram-se em fendas, as portas foram escancaradas, como se mãos invisiveis as tivessem empurrado. Todos correram para as ruas. Houve outra grande explosão e, depois, um silêncio completo, como se o vulcão tivesse deixado de existir.»

E deixara, realmente, de existir: efervescendo com a expansão de seus gases, a lava branca e quente encontrara desaguadouros temporários nas duas crateras descobertas por Ferzenaar, que servira de válvulas de escapamento. Mas a pressão se tornara irresistivel: energias inconcebiveis lutavam contra centenas de metros de sólidos rochedos que lhes obstruiam o caminho. Essa massa de rocha pôs-se a tremer, e na noite de 26 de agosto, abriu-se numa fenda, como as que se abrem, por vezes, num caldeirão defeituoso.

Com a violência e a fúria de um cataclismo, uma torrente de lava jorrou, em meio a um estrondo de atordoar. Alguns segundos depois, as águas do oceano se lançaram pela abertura. Ao entrarem em contacto com a lava efervescente, transformaram-se em vapor superaquecido. Colossais blocos de granito foram lançados pelo espaço, como foguetes, em meio a uma nuvem de poeira e fumaça. O oceano arremessou-se, de novo, pela fenda a dentro, lutando contra a lava e transformando-se, ao expandir-se, em massas de vapor superaquecido, que iam quebrando, uma após outra, as barreiras do rochedo.

Ninguem sabe quantas vezes a lava empurrou o oceano, e quantas este voltou ao ataque. Finalmente, a água venceu. Às primeiras horas da manhã

de 27 de agosto, o oceano atingiu o centro vulcânico da ilha. A própria fúria das explosões anteriores não passara de leve prelúdio do cataclismo final, quando o centro de Cracatoa foi arrancado e vasta área rochosa voou pelos ares.

O sol viu-se encoberto por uma negra cortina rasgada, aquí e alí, pelos relâmpagos luminosos. A quilômetros de distância, as proezas de Cracatoa deixaram estupefactos os marinheiros de um navio britânico, o *Charles Bal*, os quais viram a ilha voar pelos ares, no horizonte, «tomando a forma de um pinheiro, brilhantemente iluminado por lampejos elétricos.» O mar ficou, imediatamente, coalhado de peixes a flutuarem, mortos, nas águas agitadas.

Muito tempo depois, ouviu-se o ruido,—o maior que jamais conheceram ouvidos humanos. «As concussões foram estonteantes,» escreveu o agente da Cia. Lloyd em Batávia, a cem milhas de distância. Martelaram os tímpanos de todos os habitantes de Java e Sumatra, enchendo de pavor os selvagens de Bornéu. Em Victoria Plains, na Austrália, 1.700 milhas a leste, julgaram tratar-se de fogo de artilharia. As ondas de som percorreram 2.968 milhas, na direção oeste, chegando à ilha Rodrigues, perto de Madagascar.

Juntamente com o ruido, ondas concêntricas de ar partiram à volta do globo. Um dia e meio depois da explosão, a primeira delas atingiu Londres, vindo do oeste. Uma segunda onda de som atravessou aquela capital, vindo de leste. Quatro vezes, essas ondas percorreram Londres, bem como Berlim, São Petersburgo e Valência, recuando três vezes. Esse vaivem estratosférico prosseguiu durante mais de dez dias, antes que a explosão viesse a perder força.

Muito mais violentas foram as consequências da erupção no mar. Em Anjer, na costa ocidental de Java, um capitão reformado da marinha viu de repente uma nova ilha subir à superfície do estreito. Um segundo depois, só conseguiu salvar-se correndo desabaladamente. O que lhe parecera uma ilha era uma muralha de água, de 15 metros de altura, avançando através do estreito a velocidade incrivel, arrasando os quebra-mares, lançando-se sobre Anjer, correndo pelas colinas acima, destruindo tudo que encontrava no caminho. A onda atirou um toro de encontro a ele, fazendo-o perder os sentidos. Ao voltar a si, estava no tôpo de uma árvore, um quilômetro terra a dentro, sem um fio de roupa, embora não tivesse sofrido ferimento algum!

Foi uma das poucas pessoas que viram a onda gigantesca e puderam sobreviver para descrever-lhe a fúria. Anjer tinha desaparecido. A vaga, subindo a uma altura de 30 metros, varreu dezenas de aldeias, matando milhares de habitantes. Na costa de Sumatra, arrancou o navio de guerra *Beroun* das amarras, arrastando-o com âncora e tudo, quatro quilômetros pela terra a dentro, e acabando por deixá-lo encalhado em plena selva, 9 metros acima do nivel do mar.

A onda percorreu toda a extensão do Oceano Índico, e ao atingir a Cidade do Cabo, a uma distância de 5.100 milhas, tinha ainda cerca de meio metro de altura. Deu a volta pelo Cabo da Boa Esperança, seguindo na direção norte, rumo ao Atlântico, ao longo da costa da África, vindo a morrer no Canal da Mancha.

Vários distritos da Indonésia foram completamente soterrados pelas cinzas, as selvas, destruidas, e os campos de arroz, transformados em desertos. Tal era a quantidade de cinzas espalhadas pelo ar que, durante algum tempo, em

Batávia, foi preciso usar iluminação artificial o dia inteiro.

Mas o que assim cobrira a terra e o mar era apenas pequena parte do vulcão. A maior parte do rochedo sólido de Cracatoa fora pulverizada, explodindo pelos ares até a altura de 45.000 metros. Nuvens de pó vulcânico ficaram suspensas na estratosfera durante vários meses. Correntes aéreas arrastavam-nas através dos oceanos e dos continentes. Os raios do sol, sobre o mundo inteiro, surgiram filtrados através de um véu que fora tecido nas profundidades do estreito de Sunda. Em París, Nova York, Londres e Cairo, o sol poente tornou-se azul, cinza escuro, verde e côr de cobre. Durante a noite, a terra era banhada pela luz de uma lua verde, e as estrelas tinham a mesma tonalidade.

O fenômeno durou até meados de 1884, quando esses matizes se foram apagando e a soberba mortalha do Cracatoa desapareceu. O capítulo final de sua história parecia terminado; Cracatoa extinguira-se para sempre. Dela só restava uma área reduzida, de rochedo, soterrada sob um monte de cinzas. Todas as plantas, todos os insetos, pássaros e mamíferos se tinham dissolvido numa nuvem de fogo.

Mas o milagre realizou-se—o milagre da ressurreição. Quatro meses após a erupção, um botânico encontrou uma aranha de proporções quase microscópicas, tecendo corajosamente sua teia naquela região desolada, onde não lhe seria possivel apanhar o que quer que fosse. Certamente, fora trazida pelo vento.

Alguns anos depois, foram aos poucos surgindo capim, arbustos, vermes, formigas, serpentes e aves. Vinham pelos ares: sementes lançadas por pássaros, nos seus vôos sobre aquela terra núa; pequenos lagartos trazidos pelos ventos, escaravelhos e borboletas, voando de Java para Sumatra. Outros chegavam por mar: ovos de vermes e repteis lançados à praia, de mistura a algas e a toda sorte de destroços. Caracóis e escorpiões atravessavam o mar em troncos flutantes; serpentes e crocodilos nadavam através do estreito. Esses animais carreavam toda espécie de parasitas.

As plantas e os animais alí vieram ter por acidente, mas nada houve de acidental na maneira como se foram estabelecendo. Era um verdadeiro plano cronológico, em que milênios foram reduzidos a meses. Certas formas de vida animal e vegetal precisavam aparecer primeiro, afim de que outras pudessem surgir.

Durante algum tempo, várias delas prosperaram devido à ausência de inimigos e competidores. Por volta de 1910, Cracatoa transbordava de formigas. Dez anos depois, quando já era grande o número de pássaros e repteis, as formigas tinham quase desaparecido. Em 1919, as primeiras árvores começaram a criar raizes, e em 1924 já formavam autêntica floresta. Alguns anos mais tarde, as lianas e parasitas tinham crescido tanto, que abraçavam os troncos e pendiam dos ramos, transformando a nova floresta em selva tropical, com orquídeas, borboletas, serpentes e inúmeras especies de pássaros e morcegos.

Cracatoa tornou-se um paraiso para os naturalistas, e os holandeses resolveram transformá-lo numa espécie de reservatório da natureza, não permitindo que ninguem, salvo cientistas de renome, pusessem os pés na ilha. Organizaram completo inventário da vida em Cracatoa. Contaram o número de espécimes adventícios, constantemente aumentado, e observaram como se entendiam com os

outros animais, e como uns e outros lutavam entre si. Chegaram a descobrir várias sub-espécies de pássaros e borboletas, com caraterísticas peculiares, que nunca tinham sido observadas anteriormente. Cracatoa não estava apenas chamando a si as várias formas de vida existentes nas próximas regiões; estava criando uma vida própria.

Foi quando, um dia, os cientistas descobriram outra forma de vida a palpitar em Cracatoa. O velho vulcão não se extinguira para sempre. Nas profundezas de seus fundamentos rochosos, fervia uma bolsa de lava procurando desaguadouro para suas energias. O fundo daquele misterioso mar interior começara a agitar-se novamente e, a 26 de janeiro de 1928, aflorou à superfície uma ilha pequena e feia, a poucas centenas de metros de distância, que as ondas varreram alguns dias depois.

Decorrido um ano, repentinamente, irrompeu um jato de vapor e cinzas. Vapores sulfurosos puseram-se a flutuar sobre o oceano. O mar ficou outra vez coalhado de peixes mortos.

O novo geiser ainda lá está. É uma parte da antiga cratera, com camadas de lama depositadas no cimo, e uma espécie de conduto aberto no centro—válvula de escapamento para a tremenda pressão da lava a efervescer subterraneamente. Os nativos chamam o novo vulcão de «O Filho de Cracatoa». Nenhum nome poderia conter mais sinistro augúrio.

Ligeira confusão

¶ Certa sapataria exibia moderníssimos calçados de material plástico, com um cartaz em que se lia: «Os sapatos de amanhã.» Uma senhora, bem velhinha, deteve-se a examiná-los durante muito tempo, e afinal, entrando, apontou para o cartaz e perguntou:

—Amanhã a que horas?

—A. Aaron Long, no *Philadelphia Record*

¶ Assistindo a uma partida de box, um dos fãs, irritado com a inércia dos lutadores, gritou para o ringue:

—Dá nele agora, *seu* burro! O vento está a teu favor!

—Bob Considine, na revista *Argosy*, citado em *Modern Digest*

¶ Newman Levy, escritor americano, tem uma filha de 13 anos que é louca pelo cinema, e aí passa horas esquecidas.

—Que tal o filme da matinê de hoje? perguntou-lhe o pai.

—Horrivel! foi a resposta. —Foi tão ruim, que eu nem conseguí ver o filme duas vezes.

—Bennett Cerf, *Try and Stop Me* (Simon & Schuster, ed.)

Cofre de preciosidades

Excertos da seção organizada por J. Donald Adams no suplemento literário do *Times* de Nova York

HÁ PESSOAS que não sabem conquistar amigos. E quem são? As que não têm capacidade de ser amigos. Não é de compreensão, índole amena, ou qualidades uteis que realmente carecem; pelo contrário—possuem, provavelmente, muitos atributos de simpatia, mas um dos traços de seu carater neutraliza os outros: não se preocupam com ninguem, nem se sentem melhor ou peor devido à opinião que delas fizermos. Nunca manifestam alegria ou prazer pela nossa presença e, quando partimos, dão-nos a impressão de que lhes somos indiferentes. Isto não resulta, em absoluto, de mau humor, indiferença ou distração. É que somente se interessam por suas próprias idéias e pensamentos, sendo as outras pessoas meros pretextos para os seus devaneios.

—William Hazlitt—*Selected Essays* (Random House, ed.)

A humanidade não é em absoluto tão materialista quanto se costuma afirmar continuamente em conversas superficiais. Assim como a água dos córregos é pouca em relação à que jorra sob a superfície da terra, o idealismo visivel é pequeno comparado ao que os homens trazem reprimido no coração. Libertar o que se acha acorrentado—trazer à periferia as águas subterrâneas—eis o por que anseia a humanidade, aguardando aqueles que conseguirem fazê-lo.

—Albert Schweitzer—*Out of My Life and Thought* (Holt, ed.)

Tenho pensado nessas ilhas misteriosas, explosões de experiências aparentemente inéditas, que ocorrem em certas vidas. A maior parte das pessoas que conhecemos parecem terrivelmente receosas de tais experiências, nessas ilhas desconhecidas. Quando vêem uma delas no horizonte, partem, a toda a pressa, na direção oposta. Todos os indivíduos civilizados receiam o que lhes parece pouco indicado para o que julgam ser. No entanto, é a única espécie de experiência realmente intensa, capaz de conduzí-los por caminhos dignos de ser trilhados. Uma nova experiência, estranha e totalmente ignorada, no momento propício, é, por vezes, tão necessária, na vida de um ser humano, quanto o arado nas terras por lavrar.

—Katharine Butler Hathaway—*The Little Locksmith* (Coward-McCann, ed.)

O homem é um animal sedento de conquistar novas habilidades, do corpo e do espírito. Só estará satisfeito quando tal sede for aplacada. A felicidade, que a natureza do homem exige, não pode ser atingida enquanto as faculdades criadoras não despertarem nele e for dessedentada a sua sede de novos conhecimentos. Não há prazeres, dos que se compram no mercado, em qualquer quantidade, nem interesses externos, por mais intensos, que possam jamais saciar essa avidez, caraterística essencial da natureza humana.

—L. P. Jacks—*Education Through Recreation* (Harper, ed.)

Sobre quase a metade de um continente, um punhado de bravos militares mantem suas honrosas tradições de representantes inflexiveis da lei e da ordem

A polícia montada do Canadá

Richard L. Neuberger (Condensado do «Harper's»)

A FAMOSA Polícia Montada do Canadá, três quartos de século após sua fundação, continua sendo a mais extraordinária de todas as organizações mundiais destinadas ao cumprimento da lei e da ordem. Desde os centros industriais do Canadá até as ilhas geladas que guardam o Polo Norte, ou em qualquer região que esteja sob sua exclusiva jurisdição, o coeficiente de criminalidade é sempre o mais baixo de toda a parte setentrional do continente americano. Embora um cabo dessa corporação perceba soldo modesto, e tenha que levar anos para obter sua segunda divisa, o número de candidatos a se alistarem é sempre grande.

Poucos, todavia, são os que conseguem ser aceitos, porquanto a Polícia Montada nunca manda, para determinada missão, dois homens, quando um seja suficiente. Dispondo de um efetivo de 4.470 homens, cabe-lhe executar um serviço que, nos Estados Unidos, exige os esforços conjugados de diversas organizações policiais especializadas.

A economia nos efetivos é considerada de máxima importância nessa corporação militar. É com orgulho que seus membros narram o caso de 450 índios selvagens, que, sob a escolta de uma coluna da cavalaria americana, estavam sendo conduzidos dos Estados Unidos para o Canadá, afim de ficarem internados num acampamento especial. Ao chegar à fronteira a poderosa força americana foi recebida apenas por um cabo e dois soldados da Polícia Montada canadense.

—Onde está a escolta para conduzir estes índios? perguntou o comandante da força americana.

—Aquí estamos, Coronel, respondeu o cabo.

—Sim, mas onde está o resto? Não há mais ninguem?

—Há, sim senhor, Coronel. Temos mais um rapaz que está preparando o almoço na retaguarda...

FAÇANHAS e explorações solitárias, levadas a efeito por um punhado de homens, fazem parte de sua tradição. Quando se descobriu a existência de ouro no Alasca e houve a famosa romaria de aventureiros em direção a Klondike, apenas alguns postos isolados da Polícia Montada, sob o comando de Zachary Taylor Wood, foram suficientes para manter a ordem entre os 40 mil turbulentos garimpeiros. Certa feita, em Dawson, após terem seus guardas arrecadado em

RICHARD L. NEUBERGER, autor de vários artigos e alguns livros sobre o noroeste do continente americano, pôde observar de perto a Polícia Montada do Canadá, durante a guerra, pois serviu como ajudante do general O'Connor no Alasca e no Iucão.

ouro a apreciavel quantia de 150 mil dólares, Wood vestiu sua blusa escarlate e viajou calmamente em trenó, atravessando, com a preciosa carga, o Passo de Chilcuque, inteiramente indiferente aos numerosos bandidos que então infestavam e aterrorizavam a fronteira do Canadá com o Alasca.

Tãopouco é esquecido pela Polícia Montada o episódio ocorrido com o Cabo Charlie Hogg, o qual, tendo-se dirigido à localidade de North Portal, na Planície de Sascachevão, verificou que a mesma estava sendo dominada pelo terrivel desordeiro Cowboy Jack. Em consequência da aversão que os esquimós e os índios votam àqueles que usam armas de fogo prematuramente, os membros da Polícia Montada raramente as sacam em primeiro lugar. O Cabo Hogg não teve dúvidas: arrebatou o revolver de grosso calibre a Cowboy Jack, deu-lhe um formidavel murro que o atirou, sem sentidos, ao chão, algemou-o e depois chamou um médico para tratá-lo. No relatório enviado a seu sargento, diz o Cabo Hogg o seguinte: «Durante a prisão foram registrados os seguintes danos: uma porta quebrada e uma cadeira escangalhada; a jaqueta pertencente ao Cabo Hogg inutilizou-se em virtude de ter ficado coberta de sangue, e as paredes adjacentes tambem ficaram manchadas.»

Aventuras que tais são ainda frequentes, embora a Polícia Montada esteja agora em grande parte motorizada e modernizada. Atualmente, sua cavalhada compõe-se apenas de 144 animais. Seu equipamento motorizado se compõe de 800 automoveis, uma flotilha de aviões e outra marítima composta de lanchas e de 31 botes. Nos vastos territórios de Noroeste e do Iucão, os membros da Divisão «G» percorreram, todavia, cerca de 100 mil quilômetros em trenós puxados por cães. Um guarda, usando calçado especial para neve, chegou a caminhar a distância de 2.250 quilômetros, atravessando regiões cobertas por gelos eternos, afim de prender um indivíduo que havia assassinado um esquimó.

A Polícia Montada é, por excelência, uma força federal que vela pelo cumprimento das leis no Domínio do Canadá. Alem disso, constitue a única autoridade nos Territórios de Iucão e Noroeste, cuja superfície é maior que metade dos Estados Unidos. Qualquer província canadense tem o direito de contratar seus serviços para garantir o fiel cumprimento das constituições estaduais e do código penal. Das nove províncias do Canadá, seis já assinaram contratos com a organização. Apenas três províncias—Ontário, Quebec e Colômbia Britânica—mantêm suas forças regionais de polícia.

É no extremo norte, entretanto, que a Polícia Montada mais se parece com aquilo que nos acostumamos a ver nos cinemas sobre suas aventuras.

Nos postos isolados, seus guardas são praticamente as únicas autoridades legais. Verificamos, por exemplo, que nos imensos desertos gelados da bacia do Rio Iucão o sargento era o juiz de direito, assistia e socorria os índios e esquimós em suas doenças, arrecadava os impostos sobre peles, transportava a mala postal, controlava os animais de caça e patrulhava as armadilhas dos caçadores. Esse sargento foi o mais exímio atirador que ainda me foi dado conhecer; sua argúcia era tão grande que certa vez praticou a façanha de capturar os assassinos de um caçador indígena bastando-lhe observar, nos entrepostos comerciais, quais os indivíduos de raça branca que alí apareceram tentando furtivamente vender peles

de animais curtidas à moda dos índios.

Durante cinco anos o atual Comissário da Polícia Montada do Canadá comandou os postos avançados do Oceano Ártico, com sede na ilha de Herschel, ao largo do delta gelado do Mackenzie. Uma ocasião, apenas acompanhado de seus cães, atravessou a pé os montes Richardson, vindo de Forte Iucão, numa temperatura de muitos graus abaixo de zero, feito esse que nem mesmo os veteranos caçadores de peles de raposa, que perambulam pela região, seriam capazes de realizar. Ao chegar a Herschel com uma carga de carne congelada, e perscrutando os horizontes desse posto que fica a 320 quilômetros para alem do Círculo Polar Ártico, o Comissário exclamou: «Acabo de realizar a única façanha de minha vida que considero realmente extraordinária!»

A missão da Polícia Montada do Canadá na região ártica é positivamente a mais isolada da América do Norte. Citemos como exemplo o que se passou com o guarda Cliff de Lisle, da Divisão «G», no Forte Ross, a 125 quilômetros do Polo Magnético. Certa vez, esse guarda avistou, de seu isolado posto, um navio carregado de suprimentos e da mala postal que, chegando perto do ponto de desembarque, foi obrigado a se fazer ao largo novamente, em virtude da grande quantidade de blocos de gelos. O fato se repetiu durante dois anos seguidos, sem que a almejada carga ou as malas postais fossem descarregadas.

Embora alguns guardas, que se perderam na imensidão ártica, tenham enlouquecido, o notavel explorador canadense Richard Finnie observou que muitos «Montados» recusam ser promovidos afim de continuar a servir na solidão dos seus postos da região polar. Verificou ainda aquele explorador que esses guardas, depois de alguns meses de licença, ficam ansiosos por volver à vida relativamente livre que desfrutam no Ártico.

A principal responsabilidade dos «Montados» naquelas paragens congeladas são os índios e os esquimós, que constituem a maior parte dos habitantes do Extremo Norte. Compete aos «Montados» conduzir as tribos nômades na direção das zonas de caça, para que não pereçam de fome, e estão os guardas de tal forma compenetrados de sua missão protetora, que penduram ao pescoço de cada esquimó um distintivo metálico.

Grande parte dessa tarefa consiste em defendê-los dos salteadores. Certa ocasião, uns curandeiros sacrificaram uma moça índia em cerimônia religiosa verificada numa tribo. Um jovem guarda da Polícia Montada, inteiramente só, penetrou na aldeia indígena, deteve o chefe da tribo e mais três guerreiros e levou-os para serem punidos.

Dois exploradores, Radford, americano, e Street, canadense, empreenderam uma excursão ao norte da baía de Hudson, à cata dos lendários «Esquimós Louros» de que Stefansson fizera menção. Esses exploradores desapareceram para sempre. O Inspetor French, da Polícia Montada, levou dois anos fazendo investigações e descobriu que Radford havia surrado a chicote os seus guias esquimós, porque um dos nativos se recusara a viajar, devido a sua esposa ter ficado impossibilitada de prosseguir. Depois de sofrerem essa humilhação, os esquimós assassinaram o policial com os seus arpões. Em vista disso, o inspetor recomendou, em relatório às autoridades superiores, que ninguem devia ser punido, pois se tratava de um assassinato instigado pela própria vítima. Essa notícia espalhou-se rapidamente entre os esquimós, aumentando entre

eles a convicção de que naquela força militar reinava o espírito de justiça.

Uma das razões por que a Polícia Montada do Canadá é tida como uma das maiores tradições do país é a de que a mesma existe desde o início da vida dessa jovem nação. Com efeito, a Confederação do Canadá surgiu em 1867; seis anos mais tarde 300 homens, com os seus brilhantes uniformes de túnica carmezim e culotes bem ajustados, conhecidos então como Polícia Montada do Noroeste, cavalgaram para oeste, vindos de Dufferin, na província de Manitoba. Sua missão era a de atingirem os contrafortes das Montanhas Rochosas, estabelecendo postos militares e fortificações à medida que fossem avançando. Mais tarde, quando as terras do Domínio se estenderam com o prolongamento da ferrovia para o Oeste, os «Montados» guardavam a ponta dos trilhos e auxiliavam as pesquisas para a descoberta de passagens faceis através do Divisor Continental.

O período das grandes explorações está presentemente quase extinto, mas a Polícia Montada continua a alargar as fronteiras do seu país. A mais importante exploração feita desde o início da guerra, na opinião do dr. Stefansson, foi a Passagem de Noroeste, por oito membros da Divisão «G», na escuna *St. Roch*. Essa viagem memoravel, feita do Alasca até a Groenlândia, passando pelos confins do hemisfério boreal, levou 27 meses. Um dos militares faleceu durante uma tempestade verificada no meio dos blocos de gelo, quando a temperatura caiu a 60° C. abaixo de zero. Depois de haver feito o levantamento de todos os canais, a *St. Roch* regressou ao porto inicial em menos de três meses. Estuda-se atualmente a possibilidade de adaptarem-se navios para fazer essa rota polar, que liga as bocas do Iucão, do Mackenzie e do São Lourenço.

Muitos facínoras turbulentos que viveram nas desoladas regiões do Ártico canadense, deixaram atrás de si um rosário de lendas e narrativas, mas nos acampamentos dos caçadores, à noite, em torno das fogueiras, as histórias favoritas mais frequentes são ainda os feitos dos homens que guardam aquela imensidão congelada.

Numa colônia do extremo norte ouvimos o relato das aventuras do Inspetor La Nauze e seus homens, na zona de Coppermine. Esse inspetor tornou-se uma figura legendária entre os habitantes daquela solitária região. Narraram-nos eles, entre outras coisas, a maneira pela qual La Nauze havia seguido o rastro dos assassinos de dois padres católicos nos desertos de gelo do Norte. Em sua missão, fora forçado a dormir nas cabines dos moradores. Alguns o conheciam e os seus hospedeiros o olhavam com o mesmo respeito, admiração e estima que teríamos ante a oportunidade de hospedar um Presidente ou Primeiro Ministro.

Falou-se igualmente a respeito da tragédia do Inspetor Fitzgerald, o qual, quando conduzia uma patrulha a meio caminho das perigosíssimas Montanhas Pelly, veio a descobrir que o guia estava completamente desorientado. Foi isso a cerca de 350 quilômetros do ponto de partida, em plena e desolada vastidão dos gelos. Eis senão quando, um súbito vento morno, denominado Chinuque, amoleceu a neve, e esses homens ficaram atolados até a cintura. Logo depois a temperatura caiu e os heróicos membros da patrulha, exhaustos, começaram a morrer de frio. Como não havia caça nem alimentos, tiveram que comer os cães. Mas o inspetor e um dos guardas, Carter continuaram a marchar. Quando faltavam 80 quilômetros para atingir o destino, Carter perdeu completamente as forças. Vendo que não podia continuar, e não desejando ser pesado ao companheiro, deu fim a seus sofrimentos com a carabina. Sessenta e cinco quilômetros! O inspetor continuava caminhando. Cincoenta quilômetros! As forças começaram a faltar-lhe, mas Fitzgerald, num esforço sobrehumano, continuava a avançar, usando os joelhos e as mãos. Eis que, a 35 quilômetros do ponto de salvação, todas as energias do bravo inspetor se esvairam. Compreendeu que chegara o fim. Utilizando-se da tênue força que ainda lhe restava, escreveu as iniciais gloriosas da Polícia Montada, acrescentando, como um último adeus, o seguinte:

«Todo o meu dinheiro que se encontra no saco, bem como os meus utensílios e roupas, deixo-os para minha estremecida mãe, Senhora Mary Fitzgerald, que se encontra em Halifax. Deus abençoe a todos. F. J. Fitzgerald, da Real Polícia Montada do Canadá.»

O velho e o novo

¶ Um jovem médico regressou um dia à aldeia onde nascera, e foi visitar o antigo esculápio que tratara dele em sua infância.

—Então, meu filho, você pretende especializar-se? indagou o velho.

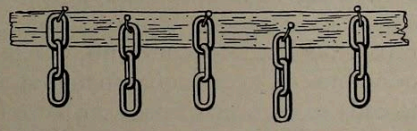
—Pretendo, sim, respondeu o visitante. —Vou ser especialista das doenças do nariz, porque os ouvidos e a garganta são complexos demais para serem tratados e estudados ao mesmo tempo que o nariz.

Pensativo, o mais idoso perguntou então:

—E qual das ventas você prefere?

—Charles Beard, no *Journal of Education*

Adivinhe quanto custaria



Aí temos uma corrente. Digamos que se rompa um dos elos, e esse rompimento custe 10 centavos de cruzeiro, sendo que a soldagem do mesmo elo custaria 20 centavos. Qual seria o preço mínimo se alguem quisesse juntar todos os elos, fazendo deles uma corrente só?

Um cruzeiro e vinte centavos? Não. Experimente outra vez. É menos que isso...

Aliás, a adivinhação tem uma moral: o caminho mais facil nem sempre é o mais econômico.

(Resposta à página 72)

—Adaptado de um anúncio de Jones & Lamson Machine Co., na revista *United States News*

O que vale uma fraca memória

(Condensado do livro «The Joys of Forgetting»)

Por Odell Shepard

NÃO HÁ FUNÇÃO em que a chamada lei das compensações se manifeste de maneira mais positiva, ou mais vantajosa, do que nessa faculdade do cérebro de «lembrar» e «esquecer». Quando não conseguimos recordar nomes ligados a certas relações amistosas, é certo que tambem esquecemos, e com idêntica facilidade, nomes de indivíduos cabulosos, que nunca nos deram o mínimo prazer. Por outro lado, se uma pessoa não consegue trazer à mente os pormenores de determinado período histórico, da mesma forma não se recordará dos repugnantes incidentes de uma reportagem de crime lida no jornal da véspera, pois, em relação a um e outro caso, seus pensamentos defluem livres e despreocupados como o fio cristalino de um regato que desce da montanha. Para tais pessoas, o ano que corre é mais interessante do que o recem-findo, o qual, sendo essencialmente o mesmo, já mergulha nas sombras do passado. Assim, quem sabe apreciar o que se denomina má memória leva grandes vantagens, porque nesse caso a vida está em perpétuo estado de mutação, apresentando sempre facetas de colorido novo e de nova e atraente frescura.

Esquecer é função tão legítima do cérebro como lembrar. Com efeito, não conseguiríamos relembrar nada se não nos esquecêssemos de uma porção de coisas. Por mais paradoxal que pareça, a memória humana funciona igualmente para reter e para esquecer. Ainda mais, nosso pensamento se processa quase tanto em virtude do que nos escapa como do que conseguimos acumular na mente. Os grandes escritores, ao que parece, dispõem de certo número de fatos, para as necessidades presentes; não carregam, por assim dizer, excesso de bagagem... Tanto a música original como a poesia pura, ao que parece, surgem do abismo do inconciente. As impressões de cada dia vão-se sedimentando nesses desvãos desconhecidos da mente, onde permanecem «esquecidos» durante certo tempo, e depois são trazidas à tona, com um brilho de coisa nova, tal o obscuro grão de areia que dentro da ostra serve de núcleo a uma linda pérola.

Nossa preferência instintiva pelas pessoas distraidas tem, portanto, sua razão de ser. Os que não sabem esquecer estão sempre a estragar as palestras, fazendo referências a fatos que nada têm que ver «com o peixe». Quando se espera que tragam algum pensamento próprio, lá vêm eles citando tópicos lidos nos jornais do dia. Ao contrário, temos os indivíduos de excepcional memória, que de nada se esquecem; parecem trazer na ponta da língua tudo o que sabem, não tendo, porem, reserva alguma de idéias, com que nos preguem uma surpresa.

Os esquecediços, por outro lado, sempre se nos afiguram inéditos, surpreendendo até a si próprios com o que dizem. Podem dispor de menor número de fatos,

mas têm geralmente mais idéias que os dotados de boa retentiva. É interessante observá-los, à cata de pensamentos, e a extraí-los do fundo do seu «eu», espantando-se de possuirem em si semelhantes conceitos. Essas «pessoas de quatro dimensões», cujos pensamentos nunca se esgotam, constituem os melhores palestradores e amigos. Suas mentes não são vitrines, onde todo o seu estoque de idéias esteja à mostra; mas podemos explorar-lhes os veios do espírito como quem penetra as galerias de uma mina. O próprio céu viria a ser coisa estafante, depois de alguns milênios, para o homem que sempre se recorda de tudo. Para o desmemoriado, porem, seria lugar delicioso, onde ele poderia reler velhos e queridos livros, reatar amizades antigas e apagadas; e, como tudo, apesar de antigo, seria reeditado com algo novo, a vida nessa mansão poderia defluir mesmo por toda a eternidade, sem lhe causar enfado.

Há neste mundo, realmente, muita coisa a que um homem prudente deve voltar o rosto, pelo menos durante certo tempo, —erros, misérias e loucuras, que ele nada pode fazer para remediar, mas que ferem sua sensibilidade sempre que se lhe deparam. É certo que fugir à evidência de tais fatos é uma prova de covardia; mas tambem é verdade que há tanta fortaleza num gesto de renúncia como numa arrancada heróica, e o guerreiro que às vezes despe a armadura não é por isso menos corajoso que outro, que não a deixa nunca.

As obrigações, como os prazeres, levam as pessoas a proteger sua independência intelectual numa fortaleza feita no íntimo do ser, onde possam permanecer em paz. E o melhor, para tal retiro, é o passado de cada um, depois de rearrumados e sublimados os acontecimentos pela alquimia das recordações.

Enquanto escrevia estas linhas, surgiu-me na lembrança, o quadro pitoresco de um albergue inglês, à margem do Adur, no Condado de Sussex, onde, durante o almoço, eu estivera anos atrás contemplando o lento fluir do rio. Nesse quadro, via as águas que, naquela manhã, não eram de um verde-prateado, mas, sim, bem barrentas. O fato é que a memória e o esquecimento, querendo reconstituir a antiga impressão pictórica, lhe tinham dado essa tonalidade mais brilhante e agradavel.

Essa animada reconstituição de impressões antigas é uma das melhores maneiras de esquecer; graças a isso, no caso presente, em vez das águas barrentas surgiam as verde-prateadas da fantasia. Ora, essa faculdade de retorno, pelas reflexões da mente, a quadros antigos, assim embelezados, constitue um modo sutil de felicidade.

Suponhamos que um dia, ao cabo de muito se lamentar da sua fraca memória, um esquecediço, por vingança dos deuses, tivesse uma pequena parte, do que ele havia olvidado, de súbito entornado no vórtice da sua natureza conciente. Haveria então um tatalar de asas de todo o seu passado; milhões de caras surgiriam da escuridão, colocando-se novamente em foco; enorme vozeada quebraria o silêncio, e aumentando de volume, viria atroar num pandemônio dentro do cérebro do coitado. E naquele mar de rostos ele não descobriria nenhuma de suas poucas feições amigas, e as vozes que lhe fossem queridas seriam abafadas pelo matraquear de tão dissonante conjunto. Os poucos livros bons, que houvesse lido, seriam dominados pela enormidade dos ruins. E o peor de tudo seria isto: ele procuraria em vão, entre essas trivialidades e projetos frustros, aquele seu tipo ideal, que uma memória deficiente lhe

mantivera diante dos olhos, como num sonho...

Na agonia desse momento, ansiaria pelos entorpecentes que ajudam a sonhar; e, passada a tortura, provavelmente começaria a erguer, com todo o entusiasmo, um novo altar aos deuses do esquecimento.

Até as moscas e minhocas são proveitosas...

Economia.—O cultivo de cogumelos comestiveis exige uma quantidade desusada de esterco, o que dá lugar, naturalmente, a abundantes enxames de moscas. Um engenheiro americano, porem, teve a idéia de aproveitar esses cacetes insetos, explorando-os para lucro próprio, da seguinte maneira: com um ventilador de sucção, atrai as moscas para dentro de um recinto onde são resfriadas e «perdem os sentidos», caindo, inertes, em enormes latas. Estas são fechadas e embarcadas para as fazendas onde se faz criação de sapos, animais que se deliciam, como se sabe, em comer moscas. Assim é que, pelo menos nos Estados Unidos, os plantadores de cogumelos fazem, com essa venda de moscas, quase tanto dinheiro quanto com o comércio de seu principal produto...

—Arthur Little, no *Industrial Bulletin*

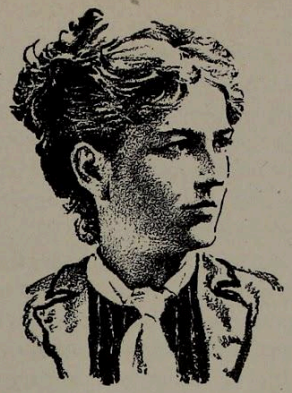
Safra... de minhocas. —Em vez de plantar legumes e hortaliças, o sr. Richard Bilkowski, americano, resolveu dedicar-se ao «plantio» de minhocas em sua fazenda perto da cidade de Alhambra, na Califórnia. Após arar e inundar o solo, enriquece-o com um preparado de milho e outras coisas, verdadeiros acepipes para as minhocas. Cada uma destas põe cerca de 400 ovos. Chegada a primavera, o sr. Bilkowski cava o solo, «colhe» as minhocas, seleciona as maiores, coloca-as em latas com ração de comida suficiente para quatro meses, e vende-as aos milhões nos Estados Unidos e no Canadá. Quem as compra, naturalmente, são os pescadores. Aos interessados, Bilkowski afirma que espetar uma minhoca viva no anzol não a prejudica em absoluto...

—Roma Miller, no *Country Home Magazine*

Moscas... cobaias. Há em Nova York um Laboratório de Testes Entomológicos, de propriedade de um tal sr. Powell, fabricante de inseticidas, onde se realizam experiências com seus produtos.

Os testes são feitos segundo um código de extremo rigor. Colocam-se cem moscas num compartimento cúbico de cerca de dois metros, e um operador, munido de uma dessas bombas de vaporização, ataca os insetos através de uma janelinha coberta de tela. Esse ataque leva dez minutos exatos, contados a cronômetro; ao fim desse período, 95 das 100 moscas têm a obrigação de estar mortas; e se 60 delas sucumbem dentro de 24 horas, então o inseticida é considerado bom. Tais moscas, verdadeiras e inocentes vítimas da ciência, têm todas cinco dias de idade apenas, achando-se, portanto, em pleno viço; na verdade, as jovens reagem com mais constância ao inseticida do que as adolescentes ou as senís. Realizam-se, diariamente, dezessete testes dessa natureza, e neles acreditam, piamente, os peritos em moscas que há pelos Estados Unidos inteiros.

—*New Yorker*



Meu tipo inesquecivel

Pelo teatrólogo Austin Strong

Como que ainda a vejo—pequena e franzina, com um vestido azul, sentada, de pés descalços, no toldo de uma escuna, nos Mares do Sul. O chapéu panamá, inclinado num ângulo audacioso, sombreava-lhe o rosto de singular beleza. Com um revolver niquelado em cada mão, alvejava em cheio os tubarões que iam sendo içados aos corrimões da popa pelos marinheiros ofegantes.

Recentemente, ainda, recebí uma carta de Booth Tarkington em que este me dizia: «Uma vez, atravessei com ela o saguão do Hotel Claypool, em Indianápolis. O proprietário da charutaria do hotel veio, curioso, ao meu encontro, quando minha companheira entrou no elevador em que a deixei, dizendo:—Com licença, sr. Tarkington, mas quem é esta senhora, pelo amor de Deus?! Tal impressão só poderia ter sido causada, visivelmente, por uma personalidade marcante.» Ela era, realmente, como uma protagonista, mas o mundo pouco a conhecia, porque sempre fugira às luzes da ribalta. Quando o marido, escocês, a levou a Edinburgo, para apresentá-la aos seus, advertiu-a de que o pai, famoso engenheiro, era um calvinista intransigente que chefiava a família com um pulso de ferro. Ela sabia que tinha de enfrentar uma situação dificil pois o velho não aprovara o casamento do filho com uma mulher que, alem de americana, era divorciada. Mas quando os dois se encontraram, face a face, o velho e obstinado escocês deixou-se capturar completamente pela sua beleza, surpreso, ao mesmo tempo, por encontrar um carater tão forte quanto o dele.

No jantar, àquela primeira noite, como o assado estivesse tostado demais, perdeu a paciência chamando a atenção das criadas em altos brados. A nora levantou-se da mesa, pálida e com os olhos chamejantes, pois nada era capaz de enfurecê-la mais que qualquer injustiça. «O senhor é um velho egoista,» disse, num tom de voz que era como o murmúrio de um riacho a rolar sob uma camada de gelo. «Está sendo extremamente cruel com estas pobres mulheres que não lhe podem sequer responder. Se levantar de novo a voz com criaturas tão dedicadas, sairei desta casa para nunca mais voltar.»

Estupefato e embaraçado, o velho olhou-a com uma expressão de espanto e admiração: «Sente-se, minha filha,» disse, rindo a bom rir. «Vejo que não é de brinquedo!» Desde então, a paz reinou na casa, e ele pôs-se a seguí-la, por toda parte, como um leão domesticado e manso.

Ela trazia no sangue o vinho forte da

coragem, que herdara de seus valentes antepassados—nove gerações de pioneiros americanos, de ambos os lados da família. O pai, Jacob, era descendente do ramo holandês, e trazia o honrado nome de Van Grift. Estabelecera-se na então pequena cidade de Indianápolis, onde construira sua casa, com as próprias mãos, tomando parte no desenvolvimento da cidade, e tornando-se um próspero mercador de madeiras. Um amigo seu, o escritor Henry Ward Beecher, fora padrinho da filha, batizando-a com o nome de Frances Matilda.

Depois do fracasso de seu primeiro casamento, Frances Van de Grift apaixonou-se por um jovem escritor desconhecido e tuberculoso, e com ele se casou. Percebeu, instintivamente, que o rapaz era um verdadeiro gênio e que, se conseguisse mantê-lo em vida, contribuiria para dar ao mundo um nome destinado à imortalidade. A partir de então, e durante muitos anos, sua vida foi uma luta contínua contra a negra foice da morte, a percorrer o mundo em busca de novos climas que pudessem fazer com que o esposo recuperasse a saude.

Perdeu, porem, a batalha em muitas das regiões onde foi ter, até que lhe recomendassem mantê-lo, constantemente, em contacto com o mar alto, onde o ar puro lhe seria extremamente benéfico. Com uma coragem que beirava o desespero, levou-o mar em fora, suportando anos de exílio, em que viveram afastados da civilização, e servindo-lhe de enfermeira, longe de qualquer assistência médica, enquanto erravam, infatigavelmente, em toda sorte de navios e embarcações, pelas vastidões do Pacífico. Atravessaram os perigosos arquipélagos, as ilhas Marshall, Marquesas e Gilberts, afrontando procelas e naufrágios.

Sensivel como era, teve que viver, certa feita, numa pequena escuna mercante, com os 15 homens que faziam parte da tripulação, exposta à indiscreção de todos eles, dormindo na cabine em que todos dormiam, lutando contra enormes baratas que pareciam decididas a comer-lhe as sobrancelhas, durante a noite, enquanto procurava conciliar o sono, entre as borrascas que ameaçavam devorar a pequena embarcação.

Dormia no chão, ao lado da cama do marido, afim de atendê-lo a qualquer momento, com o frasco de remédio que trazia sempre consigo. O cozinheiro passava às vezes por cima dela, ao atravessar a cabine aos tropeços, para proteger os pratos e as panelas que o jogo da pequena escuna, atirada da crista de uma vaga à outra, ameaçava lançar ao chão. Quando as chuvas inclementes dos trópicos jorravam pela cabine a dentro, em grossas goteiras, segurava um guarda-chuva sobre o leito do esposo adormecido; muitas vezes chamavam-na para atender a um marinheiro ferido, cortar os cabelos de uma cabeça que sangrava, ou amarrar uma atadura encharcada pela chuva, na mão estraçalhada de um de seus outros companheiros.

A despeito de todas essas privações, não perdia a coragem, por ver que o inválido ia, pouco a pouco, recuperando sua saude. Houve quem a visse, certa feita, no convés de uma dessas embarcações, durante uma linda manhã, olhando o marido que, de pés descalços, na extremidade da proa, ria alegremente, enquanto procurava cravar, nos flancos dos peixes que passavam, a seta que levava nas mãos. Depois de vários anos e longas e solitárias vigílias, conseguira, por fim, vê-lo de pé, cheio de vida, e por alguns segundos os olhos se lhe encheram de lágrimas. Através de toda sorte de lutas, atingira a vitória.

Conhecí-a melhor, num verdadeiro paraiso, onde tive a felicidade de acompanhá-los, nos últimos anos que viveram juntos. Regressando, afinal, dos mares, aquela errante e solitária existência veio a terminar na linda ilha de Upolú, no arquipélago de Samoa, cujo clima benéfico era muito promissor para a saude do rapaz. Alí viveram, entre as gentes simples e hospitaleiras de Samoa que ele denominou «o que Deus fez de melhor, e a mais doce de suas criações».

Construiram uma espaçosa vivenda numa clareira da floresta primeva, cercada de árvores gigantescas, entre cujos galhos cresciam avencas e lindas orquídeas coloridas. Havia no ar uma fragância de limoeiros selvagens, de jasmins e magnólias e das lindas flores que crescem nas selvas. Alí morávamos, ao pé daquelas árvores gigantescas, animadas pelo canto dos pássaros e pela música das torrentes que rolavam de cinco montanhas, aos borbotões, na ânsia de se lançarem no Pacífico, a uma légua abaixo. Por entre os cimos das árvores, podiam-se ver as águas do oceano, como um infinito azul por sob o azul do céu.

O sangue dos pioneiros, que palpitava nas veias de Frances Van de Grift, pôs-se a correr mais apressado, ao comprarem, eles, vasto terreno de floresta virgem, duzentos metros acima da cidade de Ápia, na costa. Como o marido estivesse ocupado com seus escritos, tomou ela a iniciativa de traçar os projetos para a nova casa, e fiscalizar a construção. Revelou possuir verdadeira vocação para a arquitetura.

Foram, aqueles, os quatro anos mais felizes da vida do casal. Enquanto a casa estava sendo construida, era um prazer vê-la chefiar os operários, subindo pelas escadas, ou, de pé, sobre os altos andaimes—sempre franzina, sempre vestida de azul, e com o chapéu panamá inclinado sobre um dos olhos. Sua simples presença estimulava os fiéis trabalhadores a maiores esforços.

Altos, esbeltos, aqueles gigantes seminus, talhados como deuses gregos, com colares de flores no pescoço e os cabelos, quase raspados, salpicados com pó de limão, formavam, por seu turno, um belo quadro. De quando em vez, um deles improvisava uma canção a ela dedicada, que os outros repetiam em coro, acompanhando o ritmo das serras e dos martelos.

«Vamos construir este palácio para nossa Rainha—tão linda quanto as pequenas nuvens que deslizam, de leve, no horizonte, entre o oceano e o céu, ao raiar a alvorada. Eia! atenção você, que arreou, preguiçoso, a picareta—pois o seu lindo rosto tem olhos que de fato tudo vêem, e é necessário obedecer-lhe às ordens.» Ela nem sabia que lhe estavam cantando tais elogios, pois desconhecia o idioma. Compreendendo isso, eles achavam graça, e a alegria de seus risos ecoava pela floresta.

Durante a construção, foram, os dois, morar numa pequena cabana construida às pressas. «Entre meus vestidos,» excrevia ela a uma amiga, «havia rédeas e cabrestos. Sobre a mala que me servia de toucador, ao lado dos pentes e das escovas, uma coleção de instrumentos de carpintaria. Pendurados às paredes: um revolver, uma lança, colares de dentes de peixe, animais selvagens e seres humanos, alem de outros feitos de conchas. Minha pequena cama de acampamento parecia estar alí por engano.»

Ela fizera construir um pequeno reservatório, em torno a uma fonte que brotava no flanco da montanha onde morávamos, e de onde a água descia, por meio quilômetro, até a casa, resultando

que já não dependêssemos da água das chuvas acumuladas nos tanques do teto de zinco. Embora os samoanos fizessem a maior parte do trabalho, cooperava com eles, e lembro-me de uma ocasião em que ela me pediu, sorrindo, que a ajudasse a limpar os dedos, ligados pelo cimento endurecido, quando estava ajudando os operários a construir as paredes do reservatório.

FRANCES era uma mulher cheia de contradições. Tímida diante de estranhos, por mais curiosa que pareça, enfrentava os maiores perigos com uma coragem imperturbavel. Extremamente simpática e atraente, tinha o dom de comandar, e era o gênero de pessoa para quem todos se volvem numa emergência. Enérgica e severa, quando a ocasião exigia, que o fosse, sua frase favorita era, no entanto: «Saber tudo é tudo perdoar.» Montava maravilhosamente bem, era ótima atiradora, escritora excepcional, marinheira, jardineira que não ignorava os aspectos científicos da jardinagem, sendo, alem disso, uma cozinheira como poucas e perfeita enfermeira. A lealdade era o mais brilhante de seus predicados—era leal para com aqueles a quem queria bem, nos bons como nos maus dias.

Dotada de um fino senso de humor, adorava conversas leves e humorísticas. Raramente ria alto, mas acompanhava a hilariedade geral com pequenos risos abafados. Se é verdade o provérbio: «dize-me com quem andase dir-te-ei quem és», o carater dela seria dificil de definir, pois entre seus amigos havia: vagabundos e duquesas; o filho de Shelley; o ex-proprietário de uma taverna; o rei Calacaua, do Havaí; o capitão Slocum, que circunavegou o globo, sozinho, numa pequena embarcação, afastando-se de sua rota, num percurso de 72 dias, afim de visitá-la em Samoa; o romancista Henry James; o escultor Rodin; John Sargent, que lhe pintou o retrato; o tímido escritor teatral J. M. Barrie, que tinha tão pouco a dizer a tanta gente, e tanto a dizer-lhe; o terrivel e violento rei Tembinoca, de Apamama, que matava os súditos mais rebeldes, afim de manter a ordem na sua ilhota, e chorou copiosamente ao despedir-se dela. Um jornalista de S. Francisco, que não a conhecia, depois de entrevê-la em meio a uma multidão, assim definiu a impressão que ela lhe causou: «Eu poderia reconhecê-la à luz de um relâmpago. Por ela, e por nenhuma outra mulher, eu acreditaria que um homem fosse capaz de morrer.»

LEMBRO-ME sempre de um jantar no dia em que Vailima—como vieram a chamar a casa—foi, finalmente, inaugurada. A linda mobília e as pratas tinham vindo da Escócia. Vejo, ainda a grande sala de visitas, com suas paredes de madeira vermelha polida, ostentando quadros de Sargent e Hogarth. Sem que o soubéssemos, sería aquela a última festa em que estaríamos reunidos. Para mim, era como o ponto culminante, o momento supremo de glória e recompensa da vida de sacrifício, aventura e romance daquela corajosa mulher.

Num vestido de veludo negro e rendas, com o brilho das jóias a refletir a felicidade que lhe brilhava nos olhos, era uma verdadeira imagem, radiante de beleza, à cabeceira da longa mesa ornamentada por candelabros de prata, finos cristais e lindas flores. Seu sonho se tornara realidade. Via o esposo, queimado de sol, saudavel, alto, forte e bem-posto, um alegre e brilhante anfitrião.

As velas acesas iluminavam os rostos em torno à mesa: oficiais de marinha nos seus uniformes brancos, comissários de

terras, cônsules e suas esposas. Os samoanos, com flores presas às orelhas e em torno aos pescoços, os corpos bronzeados e semi-nus, untados com óleo de côco e perfumados com pó de sândalo, serviam-nos com gestos tranquilos, cheios de dignidade.

Para ela era, na verdade, uma noite de triunfo. O marido atingira, agora, o auge da fama, e esta excedera tudo o que ela imaginara. Nos dez anos e meio de sua vida de casado, o autor da *Ilha do Tesouro* e de *O Médico e o Monstro* escrevera mais de trinta livros. Deu à esposa todo o crédito pela sua obra, na dedicatória de seu último livro: «Toma nas tuas mãos o que escreví; é teu. Pois quem poliu a lâmina da espada, soprou as brasas adormecidas do carvão, e ergueu meu alvo ainda mais alto; frugal em elogios e pródiga em conselhos... quem, senão tu?»

Poucos dias depois, o marido, aparentemente de boa saude, foi derrubado «como que pelos deuses, num momento de glória e luminosidade». Não morreu da moléstia contra a qual ela tanto lutara, mas de um ataque apoplético. Seu caixão foi amarrado ao tronco de uma árvore, e carregado pelos graves samoanos até ao cume da montanha que ele tanto amara, sendo alí enterrado.

Poucas noites depois, como eu chegasse à varanda, recuei, ao ver o vulto de Frances Van de Grift—minha avó. Estava de pé, à luz da lua, contemplando a montanha coberta pelas selvas, onde o esposo jazia, «sob o vasto céu estrelado». Tinham vivido juntos catorze anos, apenas.

Bem justo foi que enterrassem Robert Louis Stevenson no cume de uma montanha e que sua mulher se fosse reunir a ele, alí, vinte anos depois. Gravadas em bronze sobre a sepultura onde juntos repousam, lêem-se estas palavras, o tributo imortal que ele lhe prestou:

Mestra, mulher e doce companheira,
Ela, a existência atravessou, inteira,
Com um grande coração e uma alma ardente,
De que Deus, o Senhor, me fez presente.

Um príncipe em apuros

¶ QUANDO O REI Jorge V da Inglaterra era ainda príncipe, e tenente do Corpo de Fuzileiros Navais do seu país, teve de submeter-se um dia a um exame de matérias concernentes à instrução militar recebida e o fez sob a fiscalização de um sargento do exército. O exame teve lugar no convés de um couraçado, do qual se haviam removido as amuradas. Dirigindo seu pelotão em diversas manobras, o príncipe revelou a mais completa ignorância do assunto, o que provocou do sargento, discretas mas firmes expressões de desagrado... Afinal o príncipe deu ordens ao pelotão para que marchasse, em ordem unida, rumo à popa, e, por ter perdido a língua ou a faculdade de comandar, não deu aos soldados qualquer contra-ordem, de sorte que acabariam caindo ao mar. Com o rosto afogueado de comoção, o sargento, vendo a rapaziada a um metro do desastre total, correu ao príncipe e bradou-lhe: —Será que o sr. não vai ao menos dizer adeus a esses meninos?

—Harry Price, na *Review of Reviews*

A VOLTA AOS PENATES

Extrato do livro
«What the Germans Said»

Por Saul K. Padover

Como agente secreto na Divisão de Guerra Psicológica do Exercíto Americano, era-me permitido viajar livremente pela Alemanha, e durante oito meses Joe Dorflein, um soldado pequeno e taciturno, foi meu chofer. Logo em seguida à ligação com as tropas russas em Torgau, fui enviado para o sul da Baviera, afim de obter determinadas informações.

Deixei Wurzburg com Joe certa manhã e, por volta do meio-dia, percorríamos um atalho numa região que, ao que eu sabia, se encontrava ainda em poder da Wehrmacht. Indaguei de Joe sobre a sua carabina.—Está carregada, resmungou.

Achei-o mais silencioso que de costume, de olhar vago. Seus gestos eram mecânicos e não se preocupava em evitar os acidentes da estrada. Pareceu-me também um tanto apreensivo.—Mas que tristeza é essa, rapaz? gracejei. —Não sou eu, não, retrucou.—É a velha.

—Que velha?

—A minha velha.

—Escute aquí, homem, disse-lhe pacientemente,—isto aquí não é sua terra. É a Baviera.

—A minha velha não está lá na terra, explicou, não sem certa relutância.—Deve estar aquí na Baviera.

—Baviera! Aquí? E o seu pai?

—O velho deve estar com ela.

Fiquei deveras surpreendido com essa revelação sobre os pais de Joe. Sempre pensara, naturalmente, que estivessem nos Estados Unidos. Hesitante, explicou-me que havia deixado a Alemanha aos doze anos, viajando sozinho, com um bilhete preso à lapela. Foi ter com um irmão mais velho, Karl, nos Estados Unidos, onde imediatamente se pôs a trabalhar numa granja. Isso ocorrera há vinte e cinco anos e nunca escrevera aos pais; estes, por sua vez, jamais lhe haviam mandado uma carta. Desconfio que eram poucos os que, naquela família, sabiam escrever. Eis senão quando, com a guerra, tornara-se Joe soldado, indo parar na Baviera, terra de sua origem, onde seus pais talvez vivessem ainda.

—Por que nunca me contou isso? perguntei. —Vamos procurá-los. Onde é que V. calcula que eles estejam?

Os olhos do meu companheiro brilharam. —Riedenheim. Uma aldeiazinha atoa...

Nenhum dos meus mapas detalhados acusava a existência de Riedenheim e ninguem sequer havia ouvido falar no lugarejo. Passamos quase toda a tarde em esforços inuteis, até que, de repente, se

recordou Joe de que, vizinha a Riedenheim, existia uma vila maior, Ganzenheim, e um camponês nos indicou o caminho. De Ganzenheim seguimos afinal para o nosso destino, um pequeno grupo de miseraveis fazendolas, com estrume amontoado aquí e alí e gansos a gritar pelas ruelas lamacentas. Perguntei a Joe se reconhecia o lugar; sacudiu a cabeça negativamente. «Não me lembro de nada parecido com isto.» Decidimos então recorrer ao padre.

À medida que o carro prosseguia vila a dentro, víamos surgir cabeças às portas e janelas. Os moradores, muito excitados, faziam comentários no idioma bávaro. Não sei se sabiam que éramos americanos.

Quando paramos à porta da igreja, Joe apontou para um arco do edifício. «Disso eu me lembro!» exclamou. «Eu costumava brincar alí...»

Vários aldeões nos cercaram e, ao inquirir Joe sobre os Dorfleins, mostraram-lhe uma casinha branca, para onde prontamente nos dirigimos. Pediu-me Joe que entrasse com ele. Estava pálido, nervoso, hirto, o andar incerto. Empurrou a porta e entramos numa sala de teto baixo, cheia de imagens religiosas. Num canto havia um grande fogão. Numa das cadeiras de balanço estava sentado um velhinho enrugado, pitando um cachimbo. Defronte, balançando-se na outra cadeira, uma velhinha, de preto, fazia tricô.

Num silêncio, somente interrompido pelo tique-taque do relógio, apreciamos a cena. O casal fingia não ter percebido os dois indivíduos fardados que haviam invadido o seu lar: enquanto o homem continuava a dar atenção a seu cachimbo, a mulher prosseguia com o tricô. Joe adiantou-se até o fumante e, com o polegar direito, cutucou-o, falando-lhe em bávaro: —*Konnst mik nit?* («Não me conhece?») O velho lançou um olhar rápido para o capacete e o fuzil. —*Neh!*

Joe pegou-lhe carinhosamente o queixo grisalho e levantou-lhe a cabeça. —Olhe bem para mim, insistiu.—Quem sou eu?

Fez-se novamente silêncio ao examinar o velho, com dificuldade, a figura do soldado em sua frente. De súbito piscou e deixou cair o cachimbo. —*Der Karl!*

Joe protestou. —Não. Olhe bem. Sua voz tremia.

Desta vez o velho saltou da cadeira. —*Ist der Sepp, mein Josepp.* («É José, o meu José!») Curvou-se para a mulher que ainda tricotava. —*Onser Sepp ist hier*, repetia, *doss ist onser Sepp!* («Nosso Sepp está aquí, é o nosso Sepp!») A mulher largou as agulhas e tambem se levantou. Rompeu logo a chorar, gemendo: *O Jesu, mein kleiner Sepp, mein armer kleiner Sepp!* («Jesús! Meu pequeno José, meu pobre pequeno José!») Agarrou-lhe as mãos, que cobriu de beijos. —*Mein armer kleiner Sepp...* Saí, pois não suportava mais a cena.

Estava parado defronte da casa, meditando sobre o que havia de estranho em tudo aquilo, quando Joe saiu com o pai. Seus olhos estavam vermelhos, mas sorria. Nossa presença na aldeia já tinha então despertado a curiosidade geral e todos queriam ver-nos. Foi quando me ocorreu avisar a Joe que seu pai talvez não tivesse compreendido que éramos soldados americanos. —Com certeza ele está pensando que pertencemos à Wehrmacht. Uma boa risada sacudiu o velho ao lhe fazer Joe a pergunta: havia sido *Soldat* do Kaiser em 1883, e ninguem alí melhor conhecia o soldado alemão.

Servindo-se do capacete de Joe e de sua carabina que sopesou, imitou as posições de um soldado fazendo pontaria. Um verdadeiro perito... Joe não escondeu o seu orgulho. Abraçando o velhinho, exclamou: «É um velhote formidavel!»

Atribulações de um homem da cidade que, assustado pela situação do mundo, se meteu a lavrador

Vida ingrata do campo

(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por Frederic F. Van de Water

Sou desses indivíduos crédulos que acreditam em tudo o que lêem, principalmente quando se trata de artigos ou histórias que falam das delícias da vida rural.

Possuo, agora, uma fazendola modesta, que dá apenas para minha própria subsistência; e nela venho trabalhando há três anos. A princípio, meus dedos ardiam, cobertos de bolhas; estas porem deram lugar, pouco a pouco, aos calos que atualmente exibo. De começo, tinha uma entorse aquí, outra alí, incômodos que um osteopata certamente gostaria de estudar; mas já não sinto pequenas dores isoladas, pois fundiram-se todas numa só dor, surda, generalizada.

Dediquei-me, inicialmente, ao cultivo da terra nas horas que podia subtrair ao ofício de escritor. Agora, a situação é oposta: dedico-me a escrever nas poucas horas que me sobram após a labuta no campo. Se acaso houvesse uma seca prolongada, minha máquina de escrever haveria de cobrir-se de teias de aranha, porquanto o milho e as batatas exigem meu constante desvelo, o pomar pede pulverização e os espargos reclamam cal.

Amigos meus, que ainda levam vida sedentária acorrentados às mesas de trabalho, contemplam invejosos e nostálgicos, meus celeiros, meu gado, as pastagens de meu sítio. Declaram-se desejosos de trabalhar a terra, de manejar ativamente o machado e a pá. No entanto, eu que manejo desajeitadamente esses e outros instrumentos, tenho inveja deles...

O fato é que, ao cabo desses três anos, verifico estar cansado da lavoura. Aliás, meu cansaço é geral.

Neste nosso continente, todos, por assim dizer, descendemos de fazendeiros, e mesmo sentimos a nostalgia da vida do campo, desde que não passemos de meros expectadores da natureza. O carro de boi, carregado de lenha, tem sua poesia e seu encanto, mas a coisa é muito outra, quando somos nós quem corta a lenha e trata do boi...

Agora já sou capaz de acertar a machadada mais ou menos no ponto exato, e o faço, quase sem errar, seis vezes em cada dez golpes; isso, asseguro, constitue um progresso de 200% em relação à média que conseguira atingir há três anos. E, apesar de toda a prática adquirida neste período, minha destreza jamais se poderá comparar à de um garoto de 12 anos criado em fazenda, nem à do avô desse

mesmo menino, o qual, aos 75, sem muito esforço, é capaz de partir-me a espinha, quando estamos, os dois, manobrando uma serra dupla.

A sega do feno—que belo espetáculo! Belo, sim, para quem está tranquilamente sentado à sombra, observando o jovial lavrador na sua faina. Essa áspera tarefa tem sido decantada um sem-número de vezes, tanto na poesia quanto na prosa, por uma razão muito simples: é que poetas e prosadores nunca tiveram, em suas mãos delicadas, um ancinho, durante horas e horas, debaixo de sol. Quanto a mim, já o tive, e posso falar com segurança...

Transpiro com tal profusão, que minha pele se assemelha à de uma enguia; e, por mais refrescos que tome, ando quase sempre à beira da mais completa deshidratação. Minha roupa, devido aos gafanhotos e às sementes do feno, fica muitas vezes em petição de miséria.

Ora, a verdade é que um homem de 50 anos e pico nunca se poderá transformar em fazendeiro, e, aliás, duvido mesmo que um rapaz de 25, nascido e criado na cidade, fosse passivel de tal metamorfose. Fazer agricultura, com algum êxito, pressupõe certa destreza no manejo de variados instrumentos, desde a pá até a segadeira; a perícia, no assunto, vem de longa prática, iniciada na própria infância. Não creio que um adulto seja capaz de adquirí-la, ou de alcançar o vigor físico que ela exige. Isso não é como uma nova dansa, que se aprende facilment e em poucas horas.

Ao cabo de um dia de trabalho salutar, é agradavel voltar, do campo, para o interior de uma casa acolhedora. Os que escrevem livros sobre agricultura para amadores (bem como alguns romancistas) são unânimes em afirmá-lo. Esquecem-se, porem, de que, chegado o momento de regressar a casa, o lavrador ainda tem diante de si o serviço menos apetecivel: atender ao conforto e à higiene dos animais.

E por falar em animais, ocorre-me que a vaca, por exemplo, deve ser ordenhada duas vezes por dia, de 12 em 12 horas exatamente. De começo, pode-se escolher a hora (desde que o animal se mostre complacente); uma vez, porem, estabelecido o horário, urge seguí-lo sem quaisquer desvios. Se acharmos preferivel mungí-la às 18 horas, adeus descanso antes do jantar! O lavrador que, desesperado, marcar a ordenha para as 16 horas, não gozará mais sossego, lembrando-se de que terá de acordar cedíssimo na manhã seguinte.

Perguntar-se-á, então, porque continuo lavrador, se tais e tantos são os contratempos que esse trabalho acarreta. Respondo facilmente: é que, estando o mundo tão confuso e inquietante, eu e minha mulher, assustados, fomos buscar refúgio na lavoura; aí encontramos vida mais ampla, se bem que menos plácida. Quase tudo que comemos é de produção da nossa fazenda: os ovos, as galinhas, o leite, a manteiga, os legumes, e grande parte da carne de vitela e de porco. Consigo, alem disso, um pequeno lucro, se não debitar a mão-de-obra, que sou eu mesmo... Ora, debitá-lo seria sem dúvida indigno para qualquer noviço que se preza.

Quase todas as coisas que cultivamos poderíamos comprar por menos, se as achássemos no mercado; atualmente, estão escassas, como sabemos. E assim prossigo, um tanto aparvoado, na minha lavoura. Não é agradavel, não se justifica do ponto de vista econômico, e nem constitue, de fato, independência. No entanto, persevero e, graças a esta minha escravidão, julgo haver um pouquinho

mais de fartura para os outros, e bem mais para nós mesmos.

Às vezes me surpreendo a sonhar acordado, e, na imaginação vejo os animais abandonando a chácara, numa procissão que faria lembrar a Arca de Noé: lá se vão, lá se vão os cavalos, as galinhas, os gansos, o porco, as vitelinhas e (ó alegria!) as vacas leiteiras...

Vejo-me então a mim mesmo, acabado o êxodo; e regozijo-me! Regozijo-me e suspiro aliviado, pois, sempre que me dê na veneta, agora, poderei fazer o que quiser.

INSTANTÂNEOS DE HOLLYWOOD

Por Andrew B. Hecht

Por ocasião da última campanha para a venda de bonus de guerra nos Estados Unidos, Lon Chaney, Jr. encarou a platéia do teatro e puxou do bolso uma vasta papelada. —Tenho aquí um discurso imenso, disse, —que o Tesouro me pediu para ler. Querem ouví-lo?

A platéia em peso gritou: —Não!

—Ótimo, replicou Chaney, pondo a papelama no bolso. —E agora tratem de comprar bonus até mais não poder, pois do contrário, eu volto p'ra ler o discurso!

Comentando certo "mandão" do mundo do cinema, um ator disse a outro: —Ouví dizer que ele mudou de crença.

—Você quer dizer, replicou o segundo, —que ele já não acha que é Deus?

—Walter Winchell

—Querido, disse uma recem-casada de Hollywood, quando entrava com o novo marido em seu novo lar, —esta casa me parece muito conhecida. Você está certo de que nunca nos casamos antes?

—*Typo Graphic, em Coronet*

O produtor Harry Rapf, perito na diplomacia de Hollywood, respondeu a uma pergunta que lhe fizeram sobre uma nova fita: —É uma grande película, para quem gosta de filmes ruins!

Arthur Murray, conhecido professor de dansa, estava relatando uma áspera discussão havida entre marido e mulher, ambos grandes artistas de Hollywood. E acrescentou: —Afinal, o marido declarou que, pensando bem, a mulher tinha razão, e estava de acordo com ela. Mas a esposa o interrompeu: «Não adianta,» exclamou ela, «porque já mudei tambem de opinião!»

Em vez de desprezar a ONU, como querem alguns idealistas, eis uma sugestão no sentido de garantir seu êxito

SÓ ASSIM SE CONSEGUIRÁ UM GOVERNO MUNDIAL

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Sumner Welles

Presumir que os segredos da força atômica se encontram sob o controle exclusivo de três potências é envolver o mundo em uma atmosfera venenosa de desconfiança, temor e excitação, como, aliás, já está acontecendo. Tal crença veio intensificar a convicção dos isolacionistas americanos de que os Estados Unidos devem seguir uma política de supremacia armamentista e de expansão imperialista. Ainda levados pela mesma noção, alguns idealistas chegaram à conclusão apressada de que todas as grandes realizações, representadas pelo acordo de 51 nações de estabelecerem a Organização das Nações Unidas, deviam ser imediatamente desprezadas. Estão convencidos de que tudo precisa ser recomeçado sem demora. Para os idealistas é sempre preferivel recomeçar uma tarefa a enfrentar suas fases mais dificeis.

Num artigo do *Atlantic Monthly*, o professor Einstein nos faz recomendações drásticas e urgentes sobre como abordar essa questão.* Lamento ter de discordar de muitas de suas recomendações. Sou, no entanto, obrigado a fazê-lo porque, segundo creio, muita gente, reconhecendo sua autoridade no campo da ciência, poderá pensar que Albert Einstein é um guia igualmente competente em política internacional.

O que propõe Einstein pode ser encontrado, de modo sucinto, na seguinte parte do seu artigo:

> O segredo da bomba atômica devia ser confiado a um governo mundial, cumprindo aos Estados Unidos anunciar imediatamente que estão prontos a entregá-lo a esse governo mundial, inicialmente constituido pelos Estados Unidos, a União Soviética e a Grã Bretanha, por serem as três únicas potências que dispõem de grande força militar. As três nações deviam depor toda a sua força militar entre mãos do governo mundial.
>
> Uma vez que os Estados Unidos e a Grã Bretanha possuem o segredo da bomba atômica, de que a União Soviética se acha excluida, urgiria que esta última fosse convidada pelas outras duas a elaborar e apresentar o ante-projeto duma constituição para o governo mundial proposto.
>
> Depois de adotada a constituição pelas três grandes potências, as nações menores seriam convidadas a aderir ao governo mundial.

*Vd. *Einstein fala da bomba atômica*, Seleções, março de 1946.

Em todo caso, as três potências maiores deviam organizar o governo mundial, aderindo ou não as pequenas nações.

Segundo o grande físico, a solução é muito simples. Mas estou convencido de que, nas condições atuais, a realização de tal objetivo é totalmente impraticavel. Seu conceito se baseia na crença de que a União Soviética aceitaria um governo mundial com poder «sobre todas as questões militares», contanto que lhe coubesse a elaboração do primeiro ante-projeto da constituição desse governo.

Seria interessante fazer conjeturas sobre a natureza do anteprojeto de uma constituição, a ser elaborado pelo Governo Soviético.

Creio que a União Soviética concordaria em fazer parte de um governo mundial, caso sua constituição instituisse uma União Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com capital em Moscou. Mas não creio que a União Soviética viesse a participar de um governo mundial em nenhuma outra base.

Nenhum governo mundial da natureza do idealizado por Einstein poderia funcionar, a não ser que exercesse controle absoluto sobre o poderio militar de cada estado constituinte, e a menos que todas as nações se prontificassem a que cada polegada do seu território e cada um dos seus laboratórios e fábricas fossem submetidos a contínua inspeção por parte das outras nações. Esse governo só poderia existir se cada país participante estivesse igualmente disposto a submeter a minucioso exame todos os processos governamentais, incluindo a sua conduta em negócios estrangeiros e internos.

Qualquer desses requisitos destruiria por si o atual sistema soviético. E certamente a União Soviética não participaria em nenhum governo mundial, a não ser que fosse estabelecido de modo a excluir a possibilidade de enfraquecimento do controle pela Rússia da sua política exterior e interna. E seria fantástico admitir que tanto o povo norteamericano quanto o inglês estariam dispostos a fazer parte de uma União Mundial, cujo objetivo fosse a abolição inevitavel dos seus princípios sagrados de liberdade individual.

A principal ilusão do plano apresentado por Einstein reside na afirmação de que «para estabelecer um governo mundial com o monopólio da autoridade militar, não seria necessário alterar a estrutura interna das três grandes potências». Considero absolutamente impossivel que essas nações conseguissem encontrar, para os propósitos que o Professor Einstein examina, «a maneira de ajustar entre si as suas diferentes estruturas políticas, tendo em vista a colaboração».

Einstein declara ainda que seu governo mundial devia ter o poder de «intervir nos paises onde uma minoria estivesse oprimindo a maioria, e criando dessa maneira uma instabilidade prenunciadora de guerra». Admite ele que a União Soviética é governada por uma minoria, porem acrescenta que, se tivesse nascido na Rússia, poderia ter-se «adaptado» a essa condição.

Se não me engano, isso significa que os governos minoritários deviam ser considerados iníquos em todas as nações, exceto na União Soviética. O governo mundial que ele propõe teria, portanto, o direito de intervir em qualquer parte, exceto na União Soviética, com o propósito de estabelecer aí um regime que os

poderes dominantes, dentro do governo mundial, considerassem aceitavel.

A questão levanta um dos mais graves problemas com que se vêem hoje a braços os povos amantes da liberdade. Aceitarão povos tais como os de língua inglesa uma forma de ordem mundial, que entrega a um poder estrangeiro e superior a autoridade de determinar como eles serão governados, a que ponto as suas liberdades individuais podem ser reduzidas e se a voz das minorias ou maiorias dissidentes deve fazer-se ouvir? A intervenção indicada pelo sábio sujeitaria as nações do mundo a uma ditadura exercida pelas três maiores potências, com todos os outros povos colocados na situação de servos abjetos. Um mundo livre não pode ser baseado num conceito dessa natureza. Foi precisamente para evitar o estabelecimento de uma ordem mundial assim, que nos batemos nesta guerra.

Se na Organização das Nações Unidas o poder de corrigir uma violação da liberdade do indivíduo fosse colocado exclusivamente nas mãos da Assembléia, onde as nações menores estão em grande maioria, e não no Conselho de Segurança, controlado pelos grandes poderes, o perigo de que tal intervenção viesse a ser exercida no interesse exclusivo dos três poderes principais, ou no de qualquer um deles, poderia ser evitado.

Aqueles que tomaram parte na preparação da Carta das Nações Unidas reconhecem que o estabelecimento da Organização das Nações Unidas representa verdadeiro milagre. Encontravam-se em jogo preconceitos, ambições egoistas, e não raramente a desconfiança cega de cerca de 50 povos. Todos esses pontos de vistas divergentes foram finalmente conciliados. A máquina da organização internacional foi finalmente construida.

Essa máquina pode funcionar, se os povos do mundo estiverem decididos a evitar seu fracasso, sejam quais forem os progressos alcançados no campo da ciência.

Nenhum governo e poucos indivíduos considerarão satisfatória a Carta das Nações Unidas. A grande maioria, no entanto, tem a firme esperança de que, se a paz puder ser mantida, durante os primeiros anos de transição do após-guerra, a Carta das Nações Unidas poderá ser gradualmente melhorada para que a Organização das Nações Unidas se aproxime cada vez mais de um governo federal do mundo e de uma legítima fonte de democracia internacional.

Eu próprio estou convencido de que as nações do mundo devem procurar como objetivo último o estabelecimento, através das Nações Unidas, de um governo federal mundial, baseado na lei e representativo dos verdadeiros princípios de democracia internacional. Mas o modo como esse objetivo pode ser alcançado com mais certeza e rapidez é encontrado, não nas propostas de Einstein, e sim neste conselho do Senador Hatch, dos Estados Unidos: «Precisamos empregar esta máquina de que dispomos agora, aperfeiçoando-a o mais que pudermos, à medida que nos formos aproximando do objetivo final—um governo mundial pela lei em vez de pela força.»

Diz o Professor Einstein:

> Sei perfeitamente que há pessoas que aprovam a idéia do governo mundial, vendo nela, entretanto, uma etapa final da qual só pouco a pouco nos deveríamos aproximar. A dificuldade dessa solução de conta-gotas, de medidas progressivas tomadas uma a uma, reside em que, enquanto se tomam tais medidas, se vai con-

servando o segredo da bomba, sem se conseguir, ao mesmo tempo, tornar suficientemente convincentes, para aqueles que não a possuem, as razões desse sigilo. Isto só por si dá origem a medos e suspeitas, podendo ter como resultado que as relações entre os estados soberanos e rivais se prejudiquem perigosamente. Assim, enquanto as pessoas que querem dar apenas um passo de cada vez, podem pensar que se estão acercando da paz mundial, o que estão realmente fazendo, com todo o seu vagar, é contribuir para o advento duma nova guerra.

Einstein parece olvidar que os indivíduos têm que se mover lentamente até desaparecerem por completo esses temores e suspeitas, e tal só poderá acontecer quando todas as nações, especialmente as três grandes potências, começarem a trabalhar em conjunto dentro da Organização das Nações Unidas e descobrirem pouco a pouco que não há, realmente, razões válidas para seus temores e suspeitas.

As relações internacionais peoraram muito desde a derrota do Japão, principalmente porque não havia organização alguma através da qual os povos e governos do mundo pudessem trabalhar em conjunto. Se a Organização das Nações Unidas estivesse funcionando antes da vitória na Europa, o atual estado de coisas poderia certamente ter sido evitado. A única esperança real da humanidade repousa na Organização das Nações Unidas e na disposição e capacidade dos governos de fazê-la entrar rapidamente em funcionamento. Os anos de guerra mostraram que, em face ao dilema—cooperar ou perecer, os governos podem chegar a acordo.

Se a Organização das Nações Unidas for utilizada em toda a sua extensão pelos paises participantes, poderá lançar a base da reconstrução do mundo, do progresso humano e da paz entre nações. Se a abandonarmos, antes de dar-lhe oportunidade de vencer, estaremos rejeitando o único instrumento hoje existente, através do qual esses objetivos podem ser alcançados. Einstein recomenda, no entanto, que essa grande e importante realização, a Carta das Nações Unidas, seja desprezada, e que os governos do mundo tentem, em seu lugar, obter a aprovação de 51 nações para uma forma de governo mundial, acerca de cuja estrutura,—já devíamos estar certos,—a Rússia, os Estados Unidos e a Grã Bretanha nunca chegariam a entendimento.

A Organização das Nações Unidas não poderá ser abandonada sem que o mundo mergulhe definitivamente no caos. E do caos não poderá surgir nova confiança.

Para os olfatos mais apurados

PERFUMES cheirando a flor? Que coisa antiquada! Pelo menos é assim que os fabricantes franceses pensam atualmente, pois se dispõem a criar aromas artificiais que evoquem certas cenas: a impressão de uma floresta de pinheiros, um dia de chuva no campo, e assim por diante. Tais perfumes poderão, mesmo, imitar o cheiro dos legumes, das cascas de árvores, pepinos ou melões, cogumelos, fumaça, couro, e até, num *cachet* especial, a ilusão de água salgada ou doce.

—*The American Perfumer*

Segundo os empregados de alguns dos maiores escritórios dos Estados Unidos, a música aumenta o rendimento e diminue o cansaço do trabalho

NÃO LHE AGRADARIA TRABALHAR COM *MÚSICA?*

Por Doron K. Antrim

(*Condensado do «Forbes»*)

APÓS ter poderosamente contribuido para o aumento da produção industrial, diminuindo a fadiga e levantando o espírito, a música está sendo agora utilizada em bancos, companhias de seguros, casas editoras e outros escritórios. Muitas pessoas, cujo trabalho é cerebral, estão convencidas de que a música alivia a tensão de espírito, mantendo, em todos, uma sensação de bem-estar.

Várias foram as instituições e firmas comerciais nos Estados Unidos que puseram em prática o sistema, instalando fios fonográficos que difundem melodias suaves pelos recintos de trabalho.

Durante mais de três meses uma empresa de seguros fez uma experiência para verificar o efeito da música sobre a eficiência dos seus arquivistas, tendo averiguado que o rendimento, qualidade e precisão do trabalho desses empregados subiu de 19% mais ou menos. Outra empresa, em dúvida sobre se a música iria distrair um grande grupo de estenógrafas que trabalhavam numa única sala, chegou à conclusão de que o efeito foi antes favoravel: o serviço rendeu mais e elas se fatigaram muito menos. Idêntico resultado se obteve num banco, com a execução de música numa sala em que os funcionários trabalhavam em máquinas de calcular.

A firma que explora esse gênero de instalações submeteu os empregados a um questionário. Apenas 1,6% se queixavam de que a música perturbava o serviço. Por outro lado, 60% acusaram menos fadiga e 83% acharam o trabalho mais agradavel.

"A música que se toca em escritórios é mais suave que a das fábricas," diz certo especialista em acústica. "Os fatores que, nas peças musicais, poderiam distrair a atenção, tais como mudança de andamento, instrumentos ruidosos de metal, e canto, são eliminados. Predominam os conjuntos de corda, os instrumentos de sopro e as peças em que os tons se integram no ambiente, como as cores numa sala bem decorada. A música, como a boa iluminação, deve passar quase despercebida aos empregados. Os ritmos, chegando ao subconciente, criam uma sensação de bem-estar e eliminam a tensão do espírito." Em regra, liga-se a música durante períodos breves que vão de uma a duas horas e meia por dia. Música contínua é desaconselhada, não se devendo, por outro lado, tocar seguidamente muitas peças semelhantes. Os números conhecidos e os "semi-clássicos" são considerados os mais benéficos para o trabalho mental.

Os pesquisadores descobriram que os sons aguçam a percepção. Nas clínicas de algumas universidades americanas descobriu-se que a música aumenta a rapidez

e a compreensão da leitura. Numa experiência levada a cabo em certo estabelecimento de ensino superior, os estudantes de matemática resolveram seus problemas com maior rapidez e melhor, ao som de valsas. Certos atores julgam decorar mais facilmente seus papéis se dispõem de adequado acompanhamento musical.

A capacidade de concentração mental ao som da música varia muito. Indivíduos altamente dotados de pendor para a música não conseguem de todo aplicar o pensamento ao trabalho, pois as peças que lhes agradam os deixam absorvidos, enquanto as outras só lhes provocam irritação. Quem quiser pôr-se à prova, leia uma página ao som de uma valsa de Strauss, e, em seguida, leia outra sem música. Se a valsa emprestar côr à leitura e fizer ler mais depressa, está positivado que a música lhe é propícia. É mister, porem, que a música seja tocada em surdina.

"Estamos apenas começando a explorar as possibilidades do som para facilitar o trabalho mental," diz o engenheiro-chefe da firma instaladora. "Se colocássemos num compartimento fechado, com o som reduzido ao mínimo, as pessoas que se dizem incapazes de fixar a atenção, a não ser no silêncio absoluto, provavelmente elas perderiam o juizo. Estamos condicionados ao som, mas o que acontece é que a vida moderna exige uma proporção maior de sons que acalmem os nervos e menor dos que os excitem. A solução está na música."

Quando o rádio era novidade

¶ Pouco antes do Natal de 1928, os dois navios da expedição Byrd ao Polo Sul atravessavam penosamente as águas geladas. Pelo rádio de ondas curtas, estavam em comunicação mútua e constante com o jornal *New York Times*, que obtivera direitos exclusivos de reportagem sobre a expedição. Naquele tempo, há quase vinte anos, as transmissões radio-fônicas por ondas curtas mal haviam saído da fase experimental; e havia, na redação do *Times*, um especialista em tais assuntos, sr. Meinholtz, que passava horas, em casa, tentando «pegar» tais comunicações.

Nessa noite a que nos referimos, um redator do aludido jornal escrevera um pequeno artigo sobre o equipamento de rádio dos navios de Byrd, e precisou consultar Meinholtz sobre qualquer detalhe. Tentou, em vão, telefonar-lhe, pois—ao que mais tarde se soube—o filho do radiotelegrafista desligara, distraidamente, o telefone. O redator, decepcionado, contou o fato a outro telegrafista do jornal, e este, sem hesitar, enviou uma mensagem pelo ar, captada logo por um dos navios.

Nesse ínterim, Meinholtz escutava, em seu aparelho, todos os despachos enviados e recebidos por Byrd. Não tardou que ouvisse, pois, em código Morse, seu próprio nome, seguindo-se estas palavras: «Favor recolocar seu fone no gancho. O *Times* deseja falar-lhe.» Meinholtz, obedecendo à sugestão, telefonou ao jornal, que ficava a uns 35 quilômetros de sua casa. Entretanto, o recado viajara mais de 30 mil quilômetros para alcançá-lo...

—Robert Littel

Operários e industriais colaboram na Inglaterra

Por Stanley High

Fui à Inglaterra esperando ver como o operariado inglês preparava para o marxismo a economia livre do seu país. Em vez disso verifiquei que o proletariado britânico se tinha associado com os capitalistas para rejuvenescer a indústria nacional. Os operários aceitaram a tarefa de edificar o futuro da nação com o espírito de sócios responsaveis em uma empresa comum.

Como consequência desse fato, o ambiente industrial britânico não tem nada de lúgubre; pelo contrário, é extremamente animador. Os industriais não estão apavorados, nem pretendem liquidar seus negócios para fugir para o Canadá. Estão fazendo passar a indústria do seu país pelo período de renovação mais promissor dos últimos cem anos.

Esses fatos são mais surpreendentes e têm maior importância que a própria ideologia política trabalhista, pois representam para a Inglaterra um ativo mais valioso que os empréstimos, os créditos ou o regime de protecionismo imperial.

As indústrias algodoeira e do carvão, assim como a agricultura, negociaram voluntariamente novos acordos sobre salários e horas de trabalho, afim de permitir que a indústria nacional retomasse sua cadência acelerada. Os sindicatos operários modificaram preceitos fundamentais, e os regulamentos de trabalho ditados pela guerra estão sendo mantidos com a anuência dos operários, para assegurar a máxima produção em tempo de paz. As Comissões Mistas de Produção, estabelecidas em mais de cinco mil fábricas, reunem e colocam à disposição de ambas as partes os conhecimentos técnicos e os preceitos de trabalho dos empregados e empregadores.

Há, sem dúvida, uma tênue coluna vermelha, orientada pelo eloquente mas pouco ouvido professor Harold Laski, que estaria disposto a lançar-se diretamente no socialismo total sem olhar as consequências. Todavia, os sindicatos operários britânicos, que constituem o osso e a medula do partido trabalhista, consideram essas consequências mais significativas que o próprio socialismo.

A mais importante dentre elas, pois representa mais do que Marx para as esquerdas ou que o capitalismo para as direitas, é a possibilidade de um nivel de vida mais elevado. Segundo o trabalhismo inglês, só há um caminho para alcançá-lo: extinguir os métodos antiquados e as ineficiências da indústria inglesa e aumentar, pelo melhor e mais rápido caminho, a produção industrial.

Ninguem fala com maior autoridade que Herbert Morrison, lider do partido trabalhista na Câmara dos Comuns: «A nação pretende uma renda nacional muito mais elevada; deseja empregos para todos, grande volume de exportações e

produção eficiente... e havemos de obtê-los. Se for necessário, daremos ordem de marcha às grandes empresas, pois são os resultados que importam. Podemos abrir exceções para algumas companhias particulares, porem, as *más companhias* não poderão contar com idêntica concessão.

«Não defendemos a nacionalização somente pelo seu nome ou como um dogma partidário; fazemo-lo para que seja possivel utilizar os recursos do país com maior eficiência, em proveito comum. Se a nacionalização for o único meio de alcançar esse resultado, nacionalizaremos; mas se apenas a iniciativa privada for capaz de conseguí-lo, deixaremos que ela o faça.»

Um lider afirmou recentemente no Congresso dos Sindicatos Operários: «É provavel que o ensejo de castigar os patrões proporcione grande regosijo; mas é péssimo para a indústria e para a produção. Os requisitos do após-guerra exigem um esforço comum, e na minha opinião a melhor maneira de realizá-lo é mediante uma associação honrosa entre patrões e operários.»

NA INGLATERRA houve greves durante a guerra e já as houve depois disso, especialmente a greve ilegal do pessoal das docas. Mas a associação de interesses foi tão alem das simples discussões verbais que é possivel prognosticar o termo dos conflitos sobre salários e horas de trabalho.

Durante a guerra o proletariado britânico trabalhou sob um regime muito mais severo que o da primeira conflagração mundial. Teve mais horas de trabalho, as condições eram peores e as concessões que se exigiram aos sindicatos foram muito mais importantes. Contudo, o número de horas de trabalho por operário, que se perderam anualmente devido às greves, foi cerca de cinco vezes maior no primeiro conflito mundial. E o termo da última guerra não alterou a situação, pois desde 1.º de janeiro de 1945 a 1.º de outubro do mesmo ano o número de horas de trabalho perdidas em consequência das greves foi somente a terça parte das que se perderam no período correspondente de 1944.

Isso não significa que os operários tenham desistido de obter salários mais elevados e melhores condições de trabalho. Mostra unicamente que o proletariado aceitou sua cota-parte de responsabilidade na conservação da capacidade produtiva de uma galinha de que espera receber muitos ovos de ouro.

O Sindicato Único dos Maquinistas tem cerca de 870 mil sócios trabalhando nas indústrias metalúrgicas. Antes de terminar a guerra, esse sindicato efetuou três inquéritos minuciosos, destinados a recolher a opinião de seus filiados sobre o que seria necessário «para reconduzir a Inglaterra à categoria de nação industrial de primeira grandeza».

O fato de haver sido efetuado um inquérito desse tipo já é notavel em si mesmo, mas muito mais notavel foi a descoberta de que «apesar de muitas respostas conterem reclamações sobre salários, tais reclamações estavam em geral associadas com outros fatores negativos, tais como a má cooperação com os empregadores, processos técnicos defeituosos, falta de máquinas-ferramentas, ineficiência na maneira de utilizar os operários e paralisação de certas máquinas. O aumento de salários era considerado apenas como um estímulo, ainda que não o maior, para aumentar o entusiasmo dos operários pela produção».

Sir Stafford Cripps, Ministro do Comércio do governo trabalhista, declarou: «A época em que os operários sindicalizados tinham que ser inflexiveis na luta pelo aumento de salários e melhoria das condições de trabalho, pertence ao passado. Os sindicatos terão que aceitar um quinhão de responsabilidade cada vez maior na produção industrial. Sem essa comunidade de interesses verdadeiramente democrática não poderá haver produção eficiente.»

COMO PRIMEIRA medida para reanimar a indústria textil do Lancashire, abatida e quase paralisada, o governo nomeou uma comissão constituida por quatro proprietários de fábricas, quatro membros do sindicato respectivo e um jurista de nomeada, que funcionava como presidente. A comissão tinha como objetivo a preparação de uma nova política em matéria de salários, e suas conclusões foram aprovadas unanimemente pelos oito membros. Propôs aumentos de salários de 15 a 20 por cento; salários iguais para os homens e mulheres empregados no mesmo trabalho; redução no emprego de adolescentes; aumento dos meios de treinamento de pessoal especializado, e supressão dos empregos sem possibilidade de promoção.

Essa expansão da comunidade de interesses na indústria britânica não surgiu bruscamente com o fim da guerra. Amadureceu lentamente através de uma série de acontecimentos históricos.

Os primeiros líderes do movimento sindical inglês pertenciam quase todos às seitas religiosas não conformistas: Metodistas, Batistas e Congregacionais. Suas ambições estavam tanto à prova de censura como a sua moralidade, e o fim que tinham em vista era somente o de melhorar a situação da *massa operária* do país.

Nunca recorreram às sanções legais ou à intervenção do governo para conseguir a expansão dos sindicatos. O seu caso foi apresentado à nação como um problema moral, cuja solução dependia exclusivamente da inteligência crescente dos operários e da conciência do povo inglês.

A posição dos operários sindicalizados é muito mais forte na Inglaterra do que em qualquer outro país. Apesar disso, porem, não há contratos de trabalho que proibam o recrutamento de operários não sindicalizados ou que forcem estes a filiar-se nos sindicatos como condição para obter emprego. Tambem não existem restrições à saida.

Se excetuarmos o incidente que envolveu um funcionário sindical, há cerca de 25 anos, nunca houve escândalos entre os líderes operários ingleses. Os homens que dirigem atualmente o movimento operário recebem, como sempre receberam, salários apenas um pouco mais elevados que os operários filiados aos seus sindicatos.

Quase todos os sindicatos britânicos apresentam ao governo os seus balanços anuais. Todavia, não há quaisquer leis que os obriguem a fazê-lo.

As relações entre patrões e operários são dominadas por duas idéias: «voluntariedade» e «boa fé». O regime de negociação coletiva abrange praticamente toda a indústria britânica, apesar de não haver disposições legais que forcem os patrões a recorrer a tal regime ou que obriguem patrões e operários a respeitar os acordos desse tipo que tenham sido estabelecidos. A obediência ao regime de negociação coletiva firma-se unicamente na boa fé, e esta tem provado ser suficiente.

Ernest Bevin, que ascendeu da posição mais humilde à de Ministro do Exterior, diz que «em milhares de casos os acordos sobre salários se baseiam exclusivamente na palavra de dois homens,

muitas vezes sem qualquer confirmação por escrito. Tudo se passa entre o gerente ou contra-mestre e o representante do sindicato que conduz as negociações. Às vezes estas são efetuadas inteiramente pelo telefone, mas não deixam por isso de ser menos respeitaveis. Nenhum outro país chegou ainda ao ponto de resolver tais problemas com o mesmo espírito de confiança.»

Esse mesmo sistema se adota para a resolução dos litígios entre industriais e operários, sem intervenção da lei ou do governo. Não há organizações para arbitragem obrigatória dos litígios, mas a maioria das empresas britânicas criou voluntariamente suas próprias juntas de arbitramento. Dos anais destas últimas se depreende que tem havido cumprimento leal quase contínuo das decisões dos árbitros, por ambas as partes.

Como a posição de solidez e produtividade que o operariado inglês ocupa na sociedade do seu país é um fruto da evolução histórica, a indústria britânica não teme a expansão do trabalhismo. Ela aprendeu a conhecer o seu carater, muito bem e há muito tempo.

Vi em uma fábrica de Birmingham um gráfico afixado em local bem visivel, sobre a escrevaninha do delegado sindical. Ostentava o título: «Preceitos Sindicais para *Evitar Litígios*» e o diagrama indicava, etapa por etapa, quais as medidas apropriadas para conservar as boas relações entre empregados e empregadores. Havia oito medidas.

«Não haverá paralisação total ou parcial do trabalho sem que tenham sido cumpridas estas medidas.»

As quatro primeiras aludiam a normas de serviço interno. Na hipótese de falharem, a quinta preconizava uma reunião da Comissão de Operários, com a assistência de funcionários do Sindicato alheios à fábrica. «O Organizador Divisional do Sindicato poderá comparecer em tais reuniões, *mas neste caso deve igualmente estar presente um representante da associação patronal.*»

A B.B.C. irradiou há pouco uma discussão sobre «Empregos para Todos», de que participaram um industrial britânico e um lider sindical.

O industrial declarou: «Se conseguirmos obter empregos para todos, o empregador deve modificar radicalmente sua atitude. Os industriais não devem considerar-se mais como simples cidadãos explorando uma oportunidade particular, mas como verdadeiros servidores do público.»

E o lider operário afirmou: «Concordamos em que o governo deve usar seus poderes para controlar a localização das indústrias e as inversões de capital. E a mão de obra? Creio que o governo deve continuar a orientar e dirigir os operários. Os sindicatos prestarão a cooperação necessária.»

Eis outra declaração do mesmo industrial: «Os homens de negócio devem confiar um pouco mais no público, para que possam ouvir as críticas sinceras aos problemas dos custos da produção e dos preços, e para melhorar o entendimento entre patrões e operários. O conjunto de uns e outros deve constituir verdadeira associação ou equipe.»

Um lider sindical afirmou há pouco tempo: «Se nos dedicarmos inteiramente à expansão da indústria, os sindicatos desejarão ter voz ativa no problema de eficiência. Sob o regime de empregos para todos, os sindicatos não levantarão obstáculos ao aperfeiçoamento dos processos de manufatura. Pelo contrário, pedirão novos métodos e novas máquinas. E se os operários forem consultados sobre o que se pretende fazer e sobre os meios

a serem empregados, seu espírito dedicar-se-á totalmente à produção.»

A idéia de informar os operários sobre os objetivos e os métodos de trabalho constitue hoje um ponto de vista de boa administração, aceito sem discussão. Um inquérito recente, levado a cabo por um jornal, revelou que a maioria dos grandes industriais favorecia a conservação das Comissões Mistas de Produção em suas fábricas.

Coventry, a Detroit da Inglaterra, sofreu as consequências da guerra e atravessa atualmente o período de reconversão sem problemas ou litígios de importância. A gerência de uma das suas fábricas de automoveis expôs friamente aos operários, mediante a sua Comissão Mista de Produção, o problema da reconversão da produção de guerra para a de paz. Entre os trunfos que jogou sobre a mesa figuravam as encomendas de novos automoveis. Vi sair da linha de montagem o primeiro desses veículos e visitei o novo edifício da fábrica, cuja produção deve exceder o duplo da cifra máxima atingida antes da guerra.

Um dos diretores disse-me: «Não voltaremos a dirigir essa fábrica de cima para baixo. Não vale a pena correr tal risco.»

Em Manchester discutí o assunto das Comissões Mistas com o diretor regional do Ministério do Comércio. A assistência às reuniões de tais Comissões constitute parte das suas funções. Eis o que afirmou: «Em dezenas de casos o senhor pode assistir às discussões, durante várias horas, sem conseguir descobrir quem representa os operários e quem representa os patrões.»

Numa fábrica que visitei próximo de Manchester, o delegado do sindicato, que presidia à Comissão Mista conjuntamente com o gerente da fábrica, mostrou-me algumas máquinas: «Antigamente havia um operário para cada máquina e insistíamos em conservar as coisas nesse pé. Hoje, porem, os operários puseram em prática suas próprias idéias para economizar mão de obra e cada operário serve três máquinas em vez de uma.»

Nessa mesma fábrica os operários sindicalizados formularam reclamações contra três superintendentes, tambem filiados ao sindicato, a quem acusaram de ineficiência e de retardarem a produção. E os inspetores foram despedidos.

Tais incidentes são caraterísticos. O proletariado britânico está convencido de que, para obter maiores salários, melhores residências e viver com mais conforto é necessário que a indústria do seu país realize mais negócios e não hesita em admitir que, para alcançar tal fim terá, durante algum tempo, que dar mais e receber menos.

Os sindicatos aceitam a transferência de operários de um local para outro, onde quer que essa medida seja necessária para reanimar a economia nacional, e não se opõem à transferência de operários de uma indústria para outra, quando assim o exijam os requisitos da produção. Tambem não foram os industriais mas o Conselho Geral do Congresso das Uniões Operárias, quem propôs que se negasse emprego aos operários que recusam trabalhar mediante salários do respectivo sindicato, em qualquer indústria vital.

Atualmente a indústria inglesa está construindo casas desmontaveis como solução para a crise de residências. Os protestos levantados pelos sindicatos não são contra tal tipo de edificações, como seria lógico esperar, mas contra o fato do programa ser executado com lentidão. Por intermédio dos respectivos sindicatos, os pedreiros, marceneiros, carpinteiros, canalizadores, estucadores aban-

donaram sua atitude de oposição e concordaram em colaborar na fabricação das casas desmontaveis. A única condição imposta foi que lhes fossem pagos os salários correspondentes à sua categoria profissional.

Quando a Inglaterra teve que enfrentar a carência de material bélico, os operários e empregadores colaboraram na fiscalização e direção de dezenas de centros do treinamento para operários especializados. Os empregadores forneceram grandes quantidades de máquinas ferramentas e pagaram eles próprios aos instrutores; os sindicatos, pela sua parte, modificaram radicalmente os requisitos de aprendizagem exigidos até então. Esse mesmo plano mantem-se atualmente em vigor para o treinamento de operários essenciais à indústria de paz. Na indústria da construção, por exemplo, funcionam trinta e três centros dessa espécie e muitos outros serão, com toda a certeza, instalados em futuro próximo.

Um colaborador do jornal do Sindicato Único dos Maquinistas declarou considerar natural «que se fizessem concessões do lado dos operários, afim de remover certas medidas de proteção e preceitos sindicais antiquados e contrários à boa eficiência».

Samuel Courtauld, um dos maiores industriais da Inglaterra, avaliou recentemente a tendência trabalhista. Segundo suas palavras, o que se está praticando na Inglaterra não é socialismo, mas o resultado da descoberta de um meio termo entre os extremismos da esquerda e da direita, «suscetivel de proporcionar os maiores benefícios.»

A realização desse ponto de vista, caso possa ser levado a cabo, constituirá uma conquista tão decisiva como qualquer das grandes invenções da Era da Máquina. A fase a que assistimos presentemente já é promissora.

Apenas uma letra de menos

¶ Há pouco tempo entrou uma moça numa biblioteca pública da Califórnia, e perguntou ao encarregado das informações:

—Os srs. têm o livro *Mulher Imoral*, de Irving Stone?

Não sem certo embaraço o rapaz explicou, diplomaticamente, que o livro se chamava *Mulher Imortal*. A moça quedou-se pensativa um momento, e, com um encolher de ombros, declarou:

—Não, se é assim não me interessa.

—Hazel Wyngarden

Para os que viajam

¶ Quem viaja deve inserir, em seu diário, o momento mais significativo de cada dia, método sem dúvida preferivel ao de manter um diário completo. Pode ser que se trate de qualquer coisa mais bela vista naquele dia: um vaso de porcelana chinesa num museu, ou a Praça de São Marcos em Veneza, ao pôr do sol; talvez sejam as badaladas de um sino numa aldeola, ou a chegada a um hotel aconchegado e confortavel, após uma viagem incômoda e estafante. O importante é compilar lembranças da paisagem, do som ou da experiência singular de cada dia.

—Helen Dean Fish, *Invitation to Travel* (Ives Washburn, Inc., ed.)

Tratamentos novos para males antigos

Por Lois Mattox Miller

Amino-ácidos para úlceras

Sabe a ciência que os ácidos aminados são, nas proteinas, as unidades essenciais para o revigoramento de nosso corpo. Em geral, o aparelho digestivo do homem separa os amino-ácidos das proteinas para os distribuir pelas partes do corpo onde são mais necessários. Agora, porem, há laboratórios comerciais que «pre-digerem» as proteinas, produzindo amino-ácidos para alimentação direta nos casos em que se exige rápida reconstituição dos tecidos do corpo.

No ano passado, o dr. Co Tui, pesquisador chinês da Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York, estudava os efeitos duma forte alimentação de amino-ácidos em doentes que convalesciam de operações do estômago; nessa observação, ocorreu-lhe uma idéia nova. Porque não experimentar os aminados *antes* da operação?

Para essa experiência, o dr. Co Tui e seus colegas selecionaram quatro pacientes com úlceras do estômago. Os tratamentos convencionais tinham falhado e essas pessoas, em medíocres condições físicas, estavam prontas para uma intervenção cirúrgica. Deram-lhes doses frequentes de amino-ácidos essenciais, sob vigilância constante. As melhoras foram extraordinárias. Experimentando o tratamento em outros 26 doentes, os médicos convenceram-se de que dispunham dum novo processo de resolver o velho problema das úlceras do estômago.

Com altas doses dessas substâncias, aliviavam-se as dores em 24 a 48 horas e desapareciam outros sintomas aflitivos. Aumentavam de peso e ganhavam, consideralmente, força e vitalidade. O exame radiológico revelava que as úlceras desapareciam inteiramente em certos casos; noutros, os tecidos cicatrizavam.

Co Tui e seus colegas explicaram o que sucedia. Primeiramente os amino-ácidos reduziam a acidez do estômago. Depois, sem obrigar este órgão enfraquecido a excessivo esforço, o doente recebia três vezes a quantidade normal de proteinas, já «pre-digeridas». Essa nutrição concentrada (que não se aplica em geral nas dietas prescritas em caso de úlceras) fornecia a matéria necessária para a formação de tecido novo.

Desde então aplicou-se esse tratamento a centenas de doentes, em muitos hospitais, com uma percentagem elevada de bons resultados. Em alguns casos o médico prescreveu o tratamento, e o doente o seguia em casa. Os esculápios porem lembram aos doentes que se trata de medicação cujo êxito não está ainda assegurado. Não virá neutralizar os efeitos de um retorno aos velhos hábitos de beber e fumar, da alimentação imprudente ou de uma vida agitada, que poderiam ter sido a causa das úlceras.

Controle da coagulação

É a coagulação, como se sabe, que faz estancar o sangue. Evita a hemorragia e

concorre para a cura da ferida. Em certos casos, porem, a coagulação é nociva. Depois duma operação cirúrgica, desastre ou doença, formam-se às vezes coágulos nos vasos sanguíneos que fazem parar a circulação (é o que se chama trombose). A maior parte desses coágulos formam-se nas veias das pernas e muitas vezes, depois do parto, causam uma inchação dolorosa conhecida por tromboflebite. Quando se libertam, esses coágulos podem percorrer o sistema circulatório e alojar-se nos pequenos vasos do coração ou dos pulmões, ocasionando a morte por embolia.

Os médicos, procuraram uma droga que controlasse a coagulação do sangue. Durante algum tempo utilizaram a heparina, derivada de tecido do pulmão de animais. Mas a heparina era dispendiosa, dificil de aplicar e de controlar. Depois, quando o gado começou a sofrer hemorragias mortais por ter ingerido trevo deteriorado, os químicos conseguiram isolar a substância deletéria do feno, a que chamaram «dicumarina» e finalmente conseguiram fabricá-la sinteticamente. Resultou daí o dicumarol, nova arma contra a coagulação do sangue.

O dicumarol é um pó, sem cheiro nem sabor, que pode ser aplicado por via oral ou injetado em solução. Antes de o receitar, o médico determina o grau de coagulação do sangue do doente e regula a dose nessa conformidade. Na Clínica Mayo fizeram-se estudos de dois grupos de pacientes. O primeiro não recebeu terapia anti-coagulante; ao segundo, deu-se dicumarol. No grupo não tratado, produziu-se trombose e embolia pulmonar (obstrução da artéria que liga o coração aos pulmões) em mais de 43 por cento dos casos; a morte, causada por embolia pulmonar, ocorreu à razão de 18,3 por cento. No grupo tratado com dicumarol, apenas em 1,1 por cento dos casos ocorreu trombose post-operatória e embolia, e a morte por embolia pulmonar desceu à razão de 0,6 por cento.

Um hospital de Nova York apresentou em operações cirúrgicas e partos, durante um período de dez meses, 33 casos de trombose e nove de embolia pulmonar. O dicumarol, cuidadosamente aplicado, produziu resultados excelentes. Relataram os médicos que «as tromboflebites desapareceram rapidamente e nenhuma das embolias pulmonares foi fatal».

Hoje em dia, muitos cirurgiões não esperam que apareçam complicações; administram o dicumarol sempre que a idade ou o passado do doente, suas condições físicas ou a natureza da operação indiquem a possibilidade de coagulação.

Repressão do herpes

HERPES ZOSTER é o nome científico duma doença estranha e muito dolorosa popularmente conhecida como «zona», «cobreiro» ou «cobrelo». Aparece no corpo uma erupção vermelha, geralmente em volta do tronco e às vezes no pescoço ou extremidades, que em breve se transforma em empolas ou borbulhas. Algumas vezes o doente ainda sofre de fortes dores nevrálgicas, muito depois de desaparecida a erupção.

O herpes zoster não é simplesmente uma doença da pele. A erupção é o sintoma exterior dum mal muito mais profundo. Um virus (que se supõe relacionado ao da varíola) ataca certos gânglios da espinha ou feixes de tecido nervoso, estabelecendo uma inflamação aguda nos nervos sensoriais. Algumas crianças, que se aproximaram de adultos atacados por essa doença, têm contraido uma forma benigna de varíola.

Já se recomendaram vários tratamentos contra esse mal. Pós, loções e pomadas; calor, raios X, veneno de cobra, extrato de pituitária e vitaminas. Nada, porem, produziu resultado muito eficaz.

Há pouco tempo, dois médicos americanos anunciaram em *The Journal of the American Medical Association* a aplicação de «um tratamento que pode proporcionar alívio instantâneo e completo». Consiste em «obstruir» os devidos gânglios ou feixes nervosos, com injeções de cloreto de procaina. Os médicos descrevem o caso típico de uma mulher que sofria horrivelmente dessa erupção havia dez dias. «A dor desapareceu completamente e não foi preciso qualquer outro remédio,» afirmaram.

Até hoje, o tratamento pela obstrução do nervo tem provado sua eficácia apenas quando aplicado na primeira fase da doença; os médicos não tiveram sorte em casos mais antigos. E, não se sabe bem porque essa espécie de erupção não reage ao tratamento descrito quando se localiza no rosto ou na cabeça.

Alívio da enxaqueca

AS PESSOAS que tomam aspirina contra a dor de cabeça não calculam o que seja realmente uma terrivel cefaléia. Isso só o sabem, dizem os médicos, os milhões de vítimas de enxaqueca, cuja maioria é de mulheres. Essas dores de cabeça aflitivas são intermitentes e duram horas ou dias inteiros. Vêm acompanhadas de tonturas, náuseas e cegueira parcial. As pobres vítimas receiam esse mal como as torturas do inferno.

A enxaqueca é, desde há muito, um mistério para a medicina. Responsabiliza-se por ela a hereditariedade, alergia, ferimentos na cabeça. Fora, porem do recurso de sedativos ou narcóticos, que muitas vezes pouco ou nenhum alívio produzem, os médicos não encontram paliativo.

Durante algum tempo, tiveram esperança numa droga chamada tartrato de ergotamina, que produzia cessação rápida e completa da terrivel dor de cabeça em perto de 90 por cento dos doentes que a tomavam. Algumas vezes, porem, os maus efeitos eram maiores que os bons. As pulsações baixavam, a pressão do sangue subia; as mulheres sofriam dores e perturbações catameniais. Ocasionalmente produziam-se perturbações da circulação, resultando em trombose ou gangrena.

No entanto, durante os últimos anos, os químicos aperfeiçoaram um medicamento, a dehidroergotamina (DHE 45), que parece possuir todas as vantagens do tartrato de ergotamina e, para a maioria dos doentes, sem nenhum dos seus efeitos nocivos.

Na Clínica Mayo, onde o dr. Bayard Horton e seus colegas experimentaram a DHE 45 num grande grupo de vítimas de enxaqueca, que tinham tomado o tartrato de ergotamina havia já algum tempo; obtiveram com a nova droga resultados, de bons a excelentes, em 92 por cento dos casos, em comparação com 77 por cento com a droga antiga.

A diferença ficou demonstrada pelo caso duma mulher que tinha sofrido de enxaqueca típica havia vinte anos e tomara o tartrato de ergotamina diariamente, durante mais de cinco anos. Por muitas horas, depois de tomar o tartrato, a senhora não podia andar normalmente. Sofria de horriveis caimbras nas pernas. O fluxo normal cessara praticamente. Quando a DHE 45 lhe foi administrada, as dores nas pernas desapareceram. No mês seguinte teve fluxo normal, pela primeira vez em dois anos. E a enxaqueca desapareceu.

A nova droga ainda se encontra em ensaios, mas se as promessas atuais se

materializarem, poderá vir a tornar-se um alívio para as vítimas da enxaqueca, e será bastante, enquanto os médicos não determinarem a causa real e a cura dessas dores de cabeça tão misteriosas e cruciantes.

Bem feito!

¶ Na próspera cidade de Cleveland, nos Estados Unidos, uma senhora, muito jovem ainda, guiava seu carro num dia de muito frio quando, tendo parado diante do sinal vermelho, não conseguiu fazer com que o automovel «arrancasse» outra vez. Enquanto tentava sair, outro chofer atrás dela, impaciente, pôs-se a tocar furiosamente a busina. Afinal ela saiu do carro e dirigiu-se a ele.

—Sinto muito, mas não há meio do meu carro arrancar. Se o sr. quiser me ajudar, fique experimentando lá com o meu, enquanto eu fico no seu, tocando a busina...

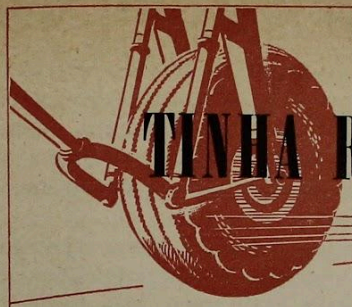
—Harriet L. Clark

¶ Poucas são as pessoas que olham seus relógios com a intenção de descobrir, na realidade, que horas são. Se virmos alguem que consulta o relógio, e lhe perguntarmos, então, a hora, quase invariavelmente terá que olhar outra vez o mostrador. Pois, de fato, à primeira olhada, não desejou saber, do relógio, que horas eram; fez, porem, outra pergunta, como, por exemplo: «Será que dá tempo?» ou então: «Quanto falta para a hora do jantar?» O relógio responderá «Dá, sim», ou «Falta meia hora», sem dizer, precisamente, a hora e o minuto. Assim é que, ao fazermos a clássica interrogação, obrigaremos o possuidor do relógio a consultar este mais uma vez.

—George Dyer, *The Long Death* (Scribners, ed).

¶ O emir Abdula Ibn Hussein da Transjordânia, lembrou-se de um sistema engenhoso para evitar que a gente de sua tribo ajudasse seus irmãos árabes a investir contra os judeus da Palestina. O truque consistiu apenas em mandar colocar, no vestíbulo do seu palácio, dois espelhos deformantes. Quando vinham os próceres beduinos pedir a sanção do emir para um ataque à Palestina, viam-se refletidos, logo à entrada, naqueles espelhos; imediatamente perdiam toda a dignidade, diante de suas próprias imagens torcidas e ridículas. Sucumbindo ao riso, esqueciam-se de suas queixas, e aceitavam, prazeirosamente, o café que se lhes oferecia, enquanto o emir, calmamente, prosseguia no seu jogo de xadrez.

—*Literary Digest*



TINHA RODAS NA CABEÇA

Condensado do livro de M. M. Musselman sob o título «Wheels in His Head» (Whittlesey House, ed.)

Quem viaja de avião deve parte do seu conforto e segurança a A. J. Musselman, inventor dos pneumáticos super-balão, sem os quais não poderiam existir os modernos aeroplanos. Musselman inventou tambem, com risco de quebrar a espinha, um freio para rampas que já foi aplicado em mais de cinco milhões de bicicletas. Estas e outras invenções acabaram por trazer-lhe uma fortuna.

Tem havido, sem dúvida, inventores mais famosos e mais ricos, mas é duvidoso que qualquer deles se tenha divertido tanto com suas invenções como Musselman. Suas aventuras e experiências, umas brilhantes e outras ridículas, mantinham-no a ele, à família e aos amigos num estado de excitação e hilariedade permanente. Seu filho mais velho descreve aqui a sensação de conviver com um gênio extravagante, que parecia ter «rodas na cabeça».

Nos meus dias de infância cheguei a lamentar que A. J., como chamávamos a meu pai, não tivesse realizado seu sonho: ser acrobata de circo. Estou convencido de que teria sido um excelente acrobata e creio que os maiôs de seda e as faixas lhe assentariam à maravilha.

Sua pretensão começou quando vovó levou os meninos a um pequeno circo de aldeia. Desde esse dia A. J. passou semanas inteiras treinando-se em cabriolas, até conseguir andar sobre as mãos, e dar cambalhotas. Certa manhã, à hora do café, perguntou, com um brilho estranho nos olhos: —Mamãe, como é que os acrobatas de circo aprendem a dar saltos mortais?

—Não sei, respondeu vovó, —mas se você se meter a experimentar essas bobagens, tomará uma surra que nunca mais há-de esquecer. Não quero meu filho com todos os ossos quebrados, justamente na época da colheita.

Vovó, porem, com certeza não se iludia, pois A. J. tinha que experimentar tudo quanto lhe passasse pela cabeça, e ela não o ignorava. Mal acabou o café, foi para trás do estábulo, apertou os dentes, deu um pulo... e caiu de costas no chão. Ficou sem fôlego durante uns momentos, mas ainda assim passou o resto do dia, enquanto trabalhava na seara, pensando como seria possivel aprender o salto mortal com relativa segurança. E acabou resolvendo o problema com auxílio de uma *invenção* simples.

A corda onde vovó punha a roupa a secar estendia-se entre a barraca que servia de privada e uma velha macieira. A.

J. afrouxou a corda de maneira a dar-lhe pela cintura, amarrou-se a ela e experimentou o salto mortal. Com grande satisfação sua, a idéia surtiu efeito.

Após várias semanas de exercícios constantes, concluiu que podia experimentar a cambalhota sem auxílio do cinto de segurança. Reconheceu, porem, com profundo desapontamento, que lhe faltava a coragem; tinha-se convertido em um escravo do cinto. Anos depois, sempre que contava essa história, acrescentava: «Muitas pessoas passam pela vida amarradas a um cinto de segurança. Nunca reunem a coragem suficiente para tentar um gesto ousado; conservam o mesmo emprego a vida inteira, calçam galochas em dias de chuva, e, um belo dia, acabam por descobrir que só lhes resta contratar o enterro. Morrem sem saber o que é um divertimento ou um prazer.»

A. J. não queria ter nada de comum com tal gente; certa manhã, resolveu experimentar o cinto pela última vez e, em seguida, tentar o salto mortal sem proteção, fossem quais fossem as consequências. Amarrou-se com toda a segurança e formou o salto. Todavia, por um motivo qualquer, não conseguiu dar mais que meia volta, no espaço, e caiu sobre a corda com todo o seu peso. Isso garantiu-lhe a integridade da espinha, mas a casinhola carcomida pelo tempo, a que estava amarrada uma das pontas da corda, não aguentou o empuxo. Caiu com um estrondo de tábuas quebradas, acompanhado pelos gritos de vovó.

Durante uns momentos ela ficou sentada entre os destroços estupefacta, mas dominou a situação sem perder tempo, lançando-se sobre A. J. com olhos chamejantes. Para cúmulo da infelicidade, estava ele preso ao cinto e não conseguiu escapar à mão inexoravel que lhe caiu em cima.

Depois da morte do marido, coube a vovó o encargo de administrar a fazenda e educar quatro filhos pequenos, todos levados da breca, segundo afirmava a vizinhança. Naturalmente, era o meu herói o peor.

Desde moço que A. J. tinha a paixão das coisas redondas e especialmente das que eram capazes de rodar. Sua primeira invenção foi inspirada por imensa roda, de uma das antigas bicicletas de rodas grandes, que descobrira num belchior. Colocou-lhe um longo eixo, ligou-a a dois tirantes de carroça e montou num dos selins improvisados em cada extremidade do eixo.

A caranguejola só funcionava se as pessoas, sentadas em cada selim, tivessem o mesmo peso, e ainda assim era preciso que sentassem ao mesmo tempo, para não desequilibrar o conjunto. Um dos condutores tomava conta da rédea direita e o outro da esquerda.

A. J. e seu irmão José decidiram experimentar o maravilhoso veículo num domingo de manhã, antes de ir à igreja. Vestiram-se com a roupa melhor, atrelaram aos tirantes o velho cavalo, e partiram a toda a pressa estrada abaixo, para escapar às vistas de vovó.

O veículo era sem dúvida o mais extravagante que tinha rodado pelas estradas do local, mas, apesar de sua aparência, conseguiu aguentar-se sem novidade durante o primeiro quilômetro. Em certa altura, porem, surgiu uma encruzilhada e A. J. puxou para a direita, enquanto seu irmão puxava para a esquerda.

Esse desacordo tornou a situação incompreensivel para o cavalo, que espichou o pescoço para trás, afim de estudar o assunto. Ao contemplar o espantoso veículo a que o tinham atrelado, convenceu-se de que era obra do diabo e disparou em corrida louca através dos campos.

Os rapazes não tiveram outro remédio senão largar as rédeas e segurar-se ao selim com unhas e dentes. Desde esse momento o cavalo ficou entregue a si próprio. Atravessou um milharal, voltou para o sul, saltou uma cerca de arame farpado e invadiu um pomar a toda a velocidade.

Entretanto o tio José tinha sido despejado durante o salto sobre a cerca, e a caranguejola, totalmente desequilibrada, pendia para boreste como um barco a vela em dia de vento, forçando a montaria a descrever círculos contínuous. A. J. conservava-se agarrado com todas as forças, mas a sensação de rodar sobre os melões verdes era idêntica à de viajar de carroça sobre os dormentes da estrada de ferro.

Felizmente o selim quebrou-se em certa altura com um estalido seco e A. J., depois de descrever o cubiçado salto mortal, caiu sobre um monte de gavinhas e talos. O cavalo, porem, continuou a carreira, desaparecendo na direção da costa do Pacífico...

Quando os dois irmãos regressaram a casa, vovó esperava-os no terraço, com seu vestido de domingo e touca preta. Seu primeiro gesto, ao contemplar o estado miseravel da roupa domingueira dos netos, foi precipitar-se sobre o cabo da vassoura.

Somente ao fim da tarde conseguiram encontrar o cavalo, que pastava tranquilamente junto à margem do rio. Já não estava atrelado ao carrinho, e foram infrutíferos todos os esforços de A. J. para encontrar os destroços de sua invenção.

Há INVENTORES ricos e há os que abrem falência. Durante muitos anos A. J. equilibrou-se entre os dois limites, mas, com surpresa geral, acabou por governar a vida.

Suas invenções mais famosas parece terem nascido da roda descomunal em que se inspirou para construir aquele espantoso veículo. Consistiam quase sempre em coisas redondas ou próprias para rodar. Seu pneumático balão, por exemplo, criou um princípio novo na construção de pneumáticos. Permitiu fabricar pneus chatos, de baixa pressão, capazes de possibilitar a aterragem ou a decolagem de aviões em terrenos ásperos ou lamacentos, sem saltos bruscos nem esforços. Infelizmente vendeu a patente antes que fosse possivel avaliar a formidavel produção de aviões imposta pela Segunda Guerra Mundial.

A invenção que teve maior êxito financeiro foi o freio de rampas para bicicletas. Disse-nos o inventor muitas vezes: «A idéia para o freio me ocorreu em 1894, quando eu descia a mais de cem quilômetros por hora os declives das Montanhas Rochosas».

A história começou da seguinte maneira: certa manhã, ao abrir a porta da loja de bicicletas de que era proprietário, descobriu ele que a janela da estrada estava aberta e averiguou que seu orgulho, uma bicicleta vermelha e branca, tinha desaparecido.

O inquérito preliminar na delegacia de polícia revelou que um desconhecido, que fugira do hotel sem pagar a conta, havia sido visto, na noite precedente, pedalando, a toda a velocidade, uma bicicleta igual à de A. J. Este correu ao banco, levantou modesta quantia para despesas de viagem e lançou-se no encalço do fugitivo, em sua bicicleta de corrida.

Nesse tempo ele era bom ciclista e, inclusive, campeão amador, mas não tardou em verificar que o ladrão não era menos rápido. Quando chegou à localidade mais próxima, pelas nove horas da noite, já não encontrou vestígios do me-

liante. Era obrigado a parar em todas as encruzilhadas para interrogar os transeuntes; contudo a pista continuava «quente», segundo ele nos contava.

Daí a dois dias, chegou a outra cidade, onde um polícia o informou de que tinha visto um ciclista pedalando na direção de tal localidade. Partiu sem demora, mas os últimos 18 quilômetros tinham rampas tão íngremes que ele teve de empurrar a bicicleta várias vezes. Quando chegou a seu destino, ninguem dava notícia do ciclista procurado.

Estava exhausto, deprimido e a centenas de quilômetros de casa. Restava-lhe, porem, um consolo: o caminho de regresso era sempre em descida...

Com efeito, antes de ter percorrido um quilômetro, sua velocidade já era tão grande como a de um mastim perseguido por abelhas. Nessa época os ciclistas costumavam travar as bicicletas colocando um pé entre a forquilha e a roda da frente. Experimentou o processo, mas a sola do sapato aqueceu de tal maneira que retirou o pé deixando o pequeno veículo seguir entregue à força de gravidade. Precisava descobrir imediatamente qualquer coisa que atenuasse a velocidade da descida, mas a única idéia que lhe ocorreu foi a de escorregar da bicicleta. Caiu com um baque surdo, rolou para a valeta e continuou pela encosta abaixo, até chocar-se contra um pinheiro a 15 metros da estrada.

Quando recuperou os sentidos tinha inventado seu primeiro freio. Cortou vários ramos de pinheiro, juntou-os num feixe e prendeu-os a uma corda cuja extremidade oposta amarrou ao selim. O feixe era arrastado pela bicicleta, sendo o atrito suficiente para moderar a velocidade. Foi assim que seguiu viagem, levantando tanta poeira como uma manada de gado.

Sua invenção encheu-o de orgulho durante cerca de dez quilômetros, até que um guarda municipal lhe deu a voz de alto.

É que ela era ilegal. As carroças tinham inventado o freio de arrasto havia muitos anos e como estragava as estradas, o Estado proibira seu uso. A. J. teve que telegrafar pedindo dinheiro para pagar a multa.

Sempre que contava essa história acrescentava: «E aí está como tive a idéia de fabricar um freio para rampas.» Contudo sua invenção germinou durante 13 anos, até que resolvesse requerer a patente. Desde 1908 até hoje se fabricaram mais de cinco milhões de bicicletas equipadas com o seu freio e até vovó reconheceu que pelo menos «uma das bobagens dele tinha dado bom resultado».

POUCO DEPOIS de minha vinda ao mundo inspirei uma das invenções mais extraordinárias de meu pai. Minha mãe recusava-se sistematicamente a fiscalizar meu comportamento entre a meia noite e as seis da manhã, dizendo ao marido: «Passo 18 horas cuidando nosso filho; é justo que você se ocupe dele durante outras seis.» Mas A. J. gostava de dormir e a idéia de passar a noite tremendo de frio, a balançar meu berço, despertou seu espírito criador.

Passados dias entrou em casa com sua invenção mais recente: a «Ama Elétrica», pequeno motor com transmissão de correia que acionava um dispositivo oscilante preso ao berço. Na sua opinião, a Ama Elétrica «liquidaria essa história de embalar crianças a mão». Os anúncios que já tinha planejado diriam: «Um simples ajuste permite regular o dispositivo de acordo com o temperamento de cada bebê. Feito o ajuste, a Ama Elétrica balança o berço com perfeita técnica e exatidão, durante o tempo que for necessário.»

Nessa noite berrei à hora habitual; meu pai abriu o interruptor e a Ama Elétrica iniciou seus serviços. Transcorridos três minutos, eu dormia serenamente.

No dia seguinte A. J. foi visitar seu amigo, redator de um jornal, e este ouviu a história com interesse crescente, esclarecendo que, segundo o último censo, nasciam nos Estados Unidos cerca de 2.500 mil bebês por ano. —É francamente espantoso! acrescentou. —Que é que você acha sobre a idéia de fundarmos uma companhia, aquí mesmo, para fabricar a Ama Elétrica?

—Se vendermos cada uma a 10 dólares, para um décimo dos bebês, teremos uma receita de 2.500 mil dólares! exclamou meu pai.

Vinte e quatro horas depois o jornal publicava na primeira página uma notícia sensacional: NOVA INVENÇÃO QUE EMBALARÁ O MUNDO. Transcorridos alguns dias a Ama Elétrica era o assunto de todas as conversas na cidade. O diretor do banco convidou A. J. para uma conferência e o prefeito atravessou a rua para felicitá-lo.

O entusiasmo foi, porem, de curta duração. Passadas algumas noites, quando eu pretendia iniciar a serenata habitual, A. J. abriu o interruptor. O berço começou a balançar, meu choro cessou, e ele suspirou de volúpia, pensando nos milhões que em breve nos entrariam pela porta.

Em certa altura, quando estava no melhor de seus sonhos, ouviu-se um estampido a que se seguiram meus gritos estridentes. A correia de transmissão tinha deslizado da polia e havia jogado no chão o berço e seu conteudo, quase me quebrando a cabeça.

No dia seguinte levou a Ama Elétrica para o oficina, donde não mais saiu.

MEU PAI tinha um amigo chamado Sid, que abandonara a cidade para seguir a carreira teatral. Certo verão, quando Sid regressou a nossa cidade depois de uma turnê, A. J. desvendou-lhe sua última criação, mas exigiu sigilo absoluto. —Não mostrei isto nem a minha mulher. O pessoal aquí é um tanto acanhado, mas você, que viajou bastante, pode avaliar as possibilidades de um artefacto como este!

Sid contemplou o modelo experimental com uma expressão mista de entusiasmo e surpresa.

—Será que é o que eu estou pensando?

—Justamente, respondeu A. J. cheio de orgulho. —Vou dar a isto o nome de «Colo Pneumático La Mode». Você acha que encontra comprador em Nova York?

—Ora se encontro... respondeu Sid. —Mas como é que essa geringonça funciona?

—Uma vez cheia, com bomba de bicicleta, toma todas as formas, desde as mais discretas às mais voluptuosas...

Sid abanou a cabeça desconsolado. —Você está traindo o seu sexo. Os homens nunca mais poderão enfrentar o futuro com confiança. Imagine a decepção post-nupcial dos pobres diabos ao descobrirem que as formas divinas de suas noivas não passam de ar comprimido insuflado a bomba de bicicleta... Vamos embora; venha comigo até ao bar, e não pense mais nisso!

Após duas garrafas de cerveja e prolongada discussão, A. J. concordou finalmente em abandonar a idéia.

A MAIOR parte de suas idéias nasciam da simples observação, ou da necessidade

de possuir determinados dispositivos para o trabalho. Assim, por exemplo, depois de verificar que a chave inglesa de que dispunha não era apropriada para o serviço de reparação de bicicletas, inventou outra, com vários orifícios fixos, que se adaptava perfeitamente a todas as porcas das bicicletas. Vendia-se barato, em quantidades espantosas. Algumas idéias eram remuneradoras, mas outras nunca passaram de autênticos fracassos, como o seu Descascador de Cebolas a Prova de Lágrimas, a Banheira de Segurança Não-Escorregadia e o Para-choque Pneumático para Automoveis. Fosse como fosse, passava meses ruminando cada uma delas, até pô-las em prática, ou abandoná-las como inuteis.

Certo dia, depois de Lindbergh ter feito sua viagem a París, almocei com A. J. e notei que estava preocupado com qualquer coisa.

—A forma ideal para os pneumáticos dos aviões, disse subitamente,—é uma esfera com os polos achatados.

—Então porque não se fazem dessa forma?

—Dizem que não é possivel. E A. J. ficou olhando para o espaço.

Tínhamos planejado jogar golfe à tarde, mas em vez disso fomos para casa.

—Que foi que aconteceu? perguntou minha mãe, receando que um de nós estivesse doente.

—Nada. Você terá aí um saco de aniagem?

—Para que?

—Quero fazer um pneumático.

Foram para o segundo andar e minha mãe coseu quatro sacos de farinha segundo as indicações de A. J. O resultado foi uma manga de grandes dimensões com pregas em cada extremidade. A. J. fez um buraco nas pregas e enfiou um atilho em cada buraco, de maneira que as extremidades pudessem ser fechadas puxando o atilho.

Em seguida pôs-se em campo para fabricar a câmara de ar. Cortou vários pedaços de pneumático em forma de cunha e ligou-os uns aos outros com cola de borracha. Esse trabalho monótono prolongou-se até às dez horas da noite e quando acabou a câmara de ar, com uma válvula de bicicleta saindo por um dos lados, tinha um aspecto horrivel.

Adaptou-a ao interior do forro de aniagem e puxou a válvula através de um orifício. Em seguida montou o conjunto sobre um cubo de roda de bicicleta e espichou os atilhos, para que o pneumático ficasse solidamente preso entre as bordas do cubo. A aparência do conjunto era positivamente ridícula.

Nisso minha mãe desceu para anunciar que eram horas de ir para a cama.

—Acabei, agorinha mesmo, respondeu meu pai, —mas creio que conseguí o que queria.

—Conseguiu o que?

—O primeiro pneumático-balão!

—Pneumático de balão? perguntou mamãe. —Para que é que um balão precisa de pneus?

A. J. explicou-lhe a idéia com a máxima paciência e entregou a mamãe uma bomba de bicicleta que tinha acabado de ligar à válvula do pneumático. Bombeie, que você vai ver.

A medida que o ar ia entrando, o pneumático aumentava de volume e o rosto de A. J. iluminava-se de satisfação.

Pouco depois a roda estourou e mamãe ficou contemplando os restos da invenção com o ar triunfante de quem já esperava a *tragédia*.

—Claro que rebentou, disse ele. —Mas isso não sucederá quando eu fizer outra com tela de pneumático coberta de borracha vulcanizada.

Passou meses fabricando um modelo experimental, próprio para provas de laboratório. Media 50 centímetros de diâmetro, tinha uma seção de 10 centímetros e as experiências demonstraram que dois desses pneumáticos podiam suportar um avião de 1.200 quilos, apenas com uma pressão de ar de quatro quilos e meio. Os pneumáticos que se usavam nos aviões desse tipo mediam 85 centímetros de diâmetro, tinham uma seção de 12,5 centímetros e exigiam pressões de 22 quilos.

A. J. parecia uma criança com um brinquedo novo. —É lindo, vocês não acham? Merece figurar no Museu de Arte.

Concluidas as formalidades necessárias para o pedido de patente, dirigiu-se à Companhia Goodyear. Era totalmente desconhecido, mas pediu para falar ao gerente da seção de pesquisas técnicas. Daí a alguns minutos estava rodeado por um grupo de engenheiros e técnicos que examinavam sua invenção com entusiasmo, e inveja. Na mesma semana assinou a autorização para a manufatura e um contrato como engenheiro de pesquisas, encarregado de aperfeiçoar seu próprio pneumático.

Quando chegou à casa e contou a mamãe o resultado financeiro do seu absurdo monstrengo de saco de aniagem e borracha, ela não quis, de modo algum, acreditar.

—Como é que essa gente sabe que o seu pneumático dará resultado nos aviões?

—E, você não acredita?

—Tomara que dê certo, disse ela, mas ainda estou preocupada porque o primeiro que você fez rebentou logo....

Todos temos nossos «narigões»...

¶ Quando eu era menino, mamãe comprou-me um terno de fantástica e imensa gola, obrigando-me a vestí-lo no domingo. Envergonhadíssimo, antes resvalei que andei pela rua, abraçado, por assim dizer, às paredes; se a «turma» me visse, estaria perdido para sempre... De repente, eis que me vi, refletido numa vitrine de loja. Contemplando a súbita aparição, comecei por sorrir, e acabei dando uma boa gargalhada. Nesse momento surgiu a minha «turma» de companheiros constantes, espantados, agora, com meu riso aparentemente sem motivo.

—Em que é que você está achando tanta graça? perguntou um deles.

—Em mim mesmo... E apontei para minha própria imagem. —Um sujeito com roupa de efeminado, e com cara de cavalo! Não tardou que todos rissem comigo, em sincera camaradagem.

Percebí então que, enquanto me restasse o riso, estaria livre das misérias do mundo; mais tarde vim a aprender que o riso me livraria, tambem, até de mim próprio. Todos temos nossos «narigões», isto é, nenhum de nós escapa de ser ridículo, de uma ou de outra forma. Admitamo-lo, pois, em vez de procurar disfarçá-lo; e o mundo, desarmado, há-de rir conosco e não de nós.

—Jimmy Durante, conhecido cômico americano, em *The American Magazine*

CATEDRAIS DA NATUREZA

(Condensado de «Holiday»)

Por André Maurois

O SERVIÇO DA PÁSCOA celebrado ao raiar da manhã é uma idéia, ao mesmo tempo, muito antiga e muito nova. Durante milhares de anos, ao chegar a primavera, os homens realizaram festivais destinados a celebrar a ressurreição da natureza, considerando o raiar do sol como seu símbolo. Mas só recentemente, nos Estados Unidos, celebraram os cristãos a ressurreição de Cristo, na madrugada do domingo de Páscoa, em meio ao cenário maravilhoso da natureza.

Acredita-se ter sido Jacob Riis, americano de origem dinamarquesa, quem primeiro sugeriu que tal serviço religioso viesse a ser realizado por ocasião da abertura de uma estrada, no alto do Monte Rubidoux, em Riverside, na Califórnia. Erigiram uma cruz no píncaro do monte, em honra ao reverendo Junipero Serra, fundador das missões da Califórnia, e, dois anos depois, em 1909, o primeiro serviço religioso da madrugada da Páscoa veio a ser celebrado. Só cem pessoas se achavam presentes, mas tal impressão lhes causou a cerimônia, que o número foi aumentando de ano em ano. Agora, mais de 15 mil crentes tomam parte nas peregrinações rumo ao cume da montanha, sendo que muitos passam a noite ao pé da cruz alí erigida.

Centenas de coletividades outras adotaram a idéia. Em nenhuma delas, porem, tem a cerimônia maior e mais profunda beleza religiosa que no Vale de Yosemite, no fundo do qual há uma montanha de granito, o «Half Dome» e, a seus pés, um lindo lago, o lago do Espelho. O celebrante e os membros do coro, nas suas túnicas negras, ficam de pé, numa pequena ilhota situada no meio do lago. De cada lado, as muralhas de granito cinza claro da montanha, que se erguem em direção ao céu, a uma altura de trezentos metros, refletem as vozes cristalinas, da mesma maneira que faria a nave de uma catedral.

Algumas cerimônias da madrugada de Páscoa têm constituido espetáculos realmente emocionantes, como, por exemplo, a de Hollywood Bowl, onde 300 crianças formam uma cruz viva, enquanto jovens, vestindo alvas túnicas, tocam clarins celestiais.

Em Zion, no estado de Utá, o espetáculo tem o mesmo significado e importância que a representação da Paixão e Morte de Jesús Cristo em Oberammergau tinha, para a Europa Central, antes das grandes guerras.

Na sua maior parte as cerimônias têm um carater simples, tornando-se sublimes devido à fé que as inspira e à natureza que as cerca. Uma linda paisagem contribue para inspirar aos homens a reverente adoração sem a qual não pode haver atos religiosos verdadeiros.

As altas montanhas, os céus estrelados, o ritmo das ondas, as florestas refletidas num lago compelem mesmo os mais cépticos a admitir que há uma ordem superior no mundo, e que sua divina harmonia não pode ser explicada em relação às leis do acaso. A natureza prega os melhores sermões.

Mais que qualquer outro momento do dia, a hora do raiar do sol é altamente inspiradora. As estrelas vão empalidecendo lentamente. De uma fonte ainda invisivel, uma luz difusa vai surgindo por trás de cumes nevoentos. Quando a harmonia dos hinos se mistura aos primeiros rubores das luzes da manhã, e a cruz no cume da montanha grava seu signo no céu, então o mundo se transforma, realmente, numa soberba catedral.

Para ler com um sorriso

Excertos do livro «Laughing Stock» de Bennett Cerf

CERTA senhora uma vez perguntou, indignada, ao dr. Gallup—famoso organizador de estatísticas sobre opinião pública—por que razão ela jamais fora interrogada sobre qualquer assunto. —Minha senhora, disse-lhe amavelmente,—sabe que a sua probabilidade de ser entrevistada é a mesma que a senhora tem de ser atingida por um raio?

—Mas eu já fui atingida por um raio, replicou ela.

UM PELINTRA, fazendo a barba numa barbearia, passou por um apuro que nunca esperou. A manicura que o servia era jovem e bonita, e o nosso Don Juan não perdeu tempo em convidá-la para jantar e ir a um teatro, na mesma noite. —Acho que não posso aceitar, respondeu a pequena, com ares de santidade. —Sou casada.

—Fale então com o seu marido, sugeriu o pelintra. —Ele não há-de se incomodar.

—Fale você mesmo, retorquiu a manicura. —É ele que está fazendo a sua barba.

UM SENADOR dos Estados Unidos, não conseguindo ser reeleito, mandou publicar no jornal da sua cidade natal o seguinte:

«Agradeço a todos aqueles que votaram em mim, e minha esposa agradece aos que não votaram.»

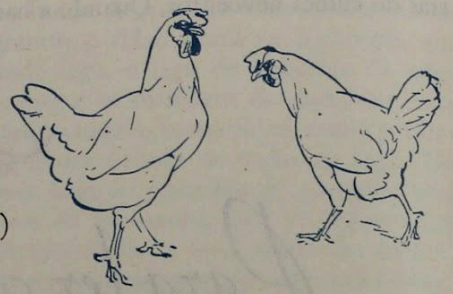
UM CIENTISTA, tendo visto um filme de Boris Karloff, imaginou um soro capaz de dar vida aos objetos inanimados, e foi experimentar sua invenção na estátua de um general, em certo parque da cidade.

A figura de pedra deu um estremeção e, um momento depois, o general, com as juntas estalando, descia do pedestal. O cientista estava simplesmente radiante. —Conseguí trazê-lo outra vez à vida! disse ele, exultante. —Agora, diga: qual é a primeira coisa que vai fazer?

—Quanto a isso não tenho a menor dúvida, respondeu o general imediatamente, sacando o revolver da cintura. —Vou passar fogo num milhão destes malditos pombos!

Henry A. Wallace foi um dos criadores do milho híbrido. Agora seu filho, Henry Browne Wallace, seguindo o mesmo princípio da hereditariedade controlada, produziu uma ave espantosa—a galinha híbrida

Novos aristocratas do galinheiro



(Condensado de «Country Gentleman»)

Por Paul de Kruif

FOI NO QUINTAL de uma casa particular que teve início verdadeira revolução na produção de alimentos pelo controle prático da hereditariedade. Com as experiências realizadas aí, Henry Wallace, antigo Vice-presidente e hoje Ministro do Comércio dos Estados Unidos, contribuiu grandemente para a criação da semente híbrida do milho, que dá produção melhor e mais abundante em terreno menor. Foi aí tambem que Henry Browne Wallace, seu filho, levado pelo mesmo espírito empreendedor, produziu agora a galinha híbrida, uma ave poedeira tão notavel que os fazendeiros americanos compraram mais de meio milhão delas o ano passado.

En 1927, ano em que foi organizada a Companhia de Milho Híbrido de Wallace, a idéia de controlar a hereditariedade das galinhas surgiu repentinamente. Havia tentado interessar o seu filho de 12 anos, Henry Browne, no milho híbrido, porem sem resultado. Mas por essa época a Sra. Wallace dera de presente às crianças uma dúzia de pintinhos. O pequeno Henry Browne manifestou grande entusiasmo e interesse pelas aves. No ano seguinte Wallace mandou construir uma incubadora no quintal da casa e deu ao filho cem galinhas White Rock para que iniciasse suas experiências.

Os primeiros meses de trabalho foram marcados por uma série de decepções. Muitas galinhas adoeceram em consequência da alimentação que lhes administrava o rapazola inexperiente. Mas, com medicamentos fornecidos pelo pai, cuidou das aves enfermas e tornou-se um estatístico rigoroso, observando e anotando todas as oscilações misteriosas que se verificam na postura das galinhas.

Wallace pai ajudava de vez em quando, bem como a mãe, nas horas de escola. Australorps pretas vieram reunir-se ao bando, assim como meia dúzia de galos aristocráticos, de alto preço.

Os primeiros resultados foram aparentemente negativos. Por melhor que fosse o sangue injetado naquele bando, diluia-se rapidamente e as caraterísticas de mediocridade persistiam. Havia falta de uniformidade na postura e no vigor geral das aves. Seu pai, no entanto, soube explicar-lhe a razão disso. Na criação de galinhas não pode haver correlação entre causa e efeito, sem que primeiro se purifique a hereditariedade pelo cruzamento consanguíneo, e depois se cruzem os produtos puros desse cruzamento. Fato

semelhante ocorre tambem com o milho.

Quando Henry Wallace partiu para Washington afim de assumir o cargo de Ministro da Agricultura, e seu filho seguiu para a universidade, não parecia existir a menor esperança de que o êxito do milho híbrido viesse a ser repetido no caso das galinhas. Alguns dos criadores de galinhas mais competentes dos Estados Unidos haviam fracassado em tentativas idênticas. Por muitas vezes tinham recomeçado, com ânimo, o cruzamento de galinhas consanguíneas. Mas apesar de conseguirem gerações de produtos consanguíneos, notava-se certo declínio em vigor, aumento de mortalidade entre os pintos, etc. Muitos dos pintos nem saiam dos ovos; e assim a maior parte das linhas consanguíneas iam pouco a pouco desaparecendo.

Henry Browne trabalhou com vários criadores durante as suas férias de verão. Com eles aprendeu logo a conseguir melhores galinhas do tipo *standard* de criação—pela rígida seleção das aves quanto ao seu vigor, rapidez de maturidade, boa postura e fertilidade dos ovos. Ficou impressionado ao ver galinhas campeãs que punham mais de 300 ovos por ano, e alguns bandos especiais com récordes de mais de 200 ovos por ano. Mas tambem aprendeu que, quando essas galinhas de tipo *standard* saiam das incubadoras para as mãos dos fazendeiros, sua média de produção de ovos baixava frequentemente. Em geral essas médias nos Estados Unidos eram baixas.

Mas os Wallace persistiram. Em 1930, apesar do cepticismo de muitos criadores experimentados, Henry Wallace aconselhou o emprego dos lucros da sua empresa em experiências de cruzamento de galinhas. Para ajudá-lo em suas experiências aí estava seu amigo Raymond Baker, autoridade em genética

Recem-formado em 1938, Henry Browne tambem foi trabalhar na execução desse plano de visionários. Cedo porem as coisas começaram a complicar-se. Com grande otimismo Henry Browne havia traçado um belíssimo plano que iria revolucionar a indústria avícola. O projeto consistia no seguinte: começariam com as melhores criações de Leghorns brancas e Rhode Island vermelhas, obtendo produtos de alta postura dos melhores procriadores *standards* de cada uma dessas raças. Em seguida passariam a cruzar irmãos e irmãs de cada criação por, digamos, quatro gerações, purificando-as o mais possivel. Os pintos mais fracos seriam postos de lado e sofreriam o mesmo destino as frangas que tardassem a atingir a maturidade, que fossem de fraca postura ou de muda precoce. Cruzariam então os melhores galos e galinhas Leghorn e separariam as aves que mostrassem mais vigor, o mesmo sendo feito com as Rhode Island vermelhas. Em seguida cruzariam os exemplares mais destacados desses cruzamentos consanguíneos, realizados entre Leghorns com produtos Rhode Island vermelhos tambem consanguíneos. Haveriam de obter galinhas campeãs.

E o resultado foi esse mesmo. Surgiram no entanto, várias complicações. Conseguir milho superior por processo semelhante foi um trabalho facil comparado à execução desse projeto; as sementes podiam ser armazenadas e esquecidas até o tempo da semeadura. Mas com as galinhas o caso era diferente. Desde o momento em que saiam do ovo, esses milhares de pintos eram uma constante dor de cabeça. Corriam como loucos pelos galinheiros, pelos campos e incubadoras. Tinham que receber alimentação e assistência contra os rigores do tempo e

doenças em geral durante todo o ano. Alem de exame de sangue para respectiva classificação, precisavam ser submetidos enfim a toda espécie de testes e observações, cujos resultados, reunidos, mostrariam o vigor e o valor econômico da ave. O que dava mais trabalho eram os fichários...

Se essas aves se portassem como galinhas de criação ordinária, não teria sido tão dificil. Mas o cruzamento consanguíneo fez com que se revelassem os caprichos mais estranhos da sua hereditariedade. Os produtos consanguíneos eram fortes e vigorosos, mas tinham tambem tendências mortíferas e as galinhas mais fracas eram destruidas pelas mais fortes. Algumas delas cacarejavam quando molestadas, e outras se recusavam a descer do poleiro para comer e beber, preferindo morrer de inanição.

Em seguida, vieram as enfermidades. Gripe, leucose e outras exterminaram cerca de metade da preciosa criação de Henry Browne.

Baker era, no entanto, de opinião que esse extermínio representava uma verdadeira benção disfarçada, pois dele somente subsistiriam os espécimes mais fortes. Henry Browne, em vez de cuidar dos seus produtos consanguíneos, seguiu o conselho de Baker e deixou-os entregues a si próprios, expondo-os às mesmas condições que os seus descendentes híbridos iriam encontrar nas fazendas dos compradores.

Finalmente conseguiu uma ave única na história, purificada no fogo experimental do cruzamento consanguíneo. Henry Browne chamou-lhe galinha Hy-Line. Era uma ave bem formada, pesada, de plumagem branca com algumas penas pretas e às vezes uma marca rosada em volta do pescoço. Antes de pôr a venda exemplares dessa galinha, Henry submeteu as suas Hy-Lines a toda sorte de provas. Durante quatro anos, 92 bandos de Hy-Lines viveram em diferentes fazendas, concorrendo com bandos de galinhas de criação ordinária, criadas naquelas fazendas, e sujeitas às mesmas rígidas condições. Fizeram-se estatísticas de postura durante oito meses.

O resultado constituiu absoluto êxito. As Hy-Lines puseram uma média de 54 ovos por dia para cada 100 galinhas, contra 35,4 ovos por dia para cada 100 galinhas de criação comum. As Hy-Lines mostraram oferecer notavel resistência às mais dificeis condições climáticas, desprezando ondas de calor e de frio e continuando normalmente a postura. Começavam a pôr cedo, produzindo 70 por cento mais ovos do que as de criação normal durante o mês de outubro, quando os preços dos ovos estão mais altos nos Estados Unidos.

Na temporada 1944-45, no concurso de postura de ovos pelo período de um ano, levado a efeito pela Secretaria de Agricultura do Estado de Ilinóis, as galinhas Hy-Line fizeram época. Três grupos de Hy-Lines, tiradas de um bando regular de fazenda, competiram com 47 grupos de galinhas de criação ordinária. As Hy-Lines assumiram a dianteira desde o início e mantiveram essa vantagem durante todo o ano, vencendo as suas competidoras por uma vantagem de 53,7 por cento.

Em 1944, fez-se uma prova entre as Hy-Lines e as Leghorns brancas. A média das Hy-Lines foi de 200 ovos contra uma média de 143, atingida pelas Leghorns.

De cientista de quintal, Henry Browne Wallace tornou-se gerente de um próspero negócio que muito breve se estenderá a todo o país. Sua organização produziu cerca de 550 mil Hy-Lines em 1945 e prevê-se para 1947 uma produção de quatro milhões. A produção total é vendida com grande antecipação. Henry Browne acredita que, dentro de dez anos, a grande maioria dos comerciantes de ovos, que possuem 300 galinhas ou mais, estarão usando aves híbridas de cruzamento consanguíneo.

Seus fregueses compram novos pintos Hy-Line todos os anos, porque se esses forem guardados para criação, a produção de ovos baixará rapidamente. O vigor híbrido está presente apenas na primeira geração de galinhas cruzadas de duas linhas de produtos consanguíneos. Mas isso não constitue objeção alguma ao emprego das Hy-Lines, como não o é no caso do milho—em ambos os casos, os fazendeiros voltam satisfeitos todos os anos às suas fontes de suprimento uniforme.

Aí está o motivo por que Henry Browne confia nas Hy-Lines. Dada a estabilidade de sua postura, o fazendeiro que comprar cem frangas poderá esperar, sem exagero, cerca de 18 mil ou mais ovos num ano, em condições normais.

Henry Wallace, que acompanhou de perto os trabalhos de ciência aplicada realizados pelo filho, acredita que o novo sistema de controle da hereditariedade deverá certamente ser adaptado aos porcos e ao gado em geral, com promessas de vasto aumento na produção econômica de proteina animal.

Esta pequena história de pai e filho se está tornando pouco a pouco conhecida de todos. O pai está recebendo galinhas Hy-Line do filho para novas experiências, a serem realizadas numa fazenda, que ele e sua irmã estão explorando.

Talvez as enfermidades mais exterminadoras de galinhas possam ser completamente eliminadas. Mas, apesar do triunfo enorme obtido no controle da hereditariedade, a família Wallace sabe que a exploração desse novo campo mal foi iniciada.

Ladrões originais

¶ Um velhote de 85 anos, preso recentemente em Nova York, ganhava a vida emprestando, aos ladrões, suas ferramentas de arrombar portas e janelas, porque isso de arrombar já estava muito pesado para ele.

—King Features

¶ Tambem em Nova York, um assaltante, de revolver em punho, entrou no consultório de um dentista, e «tranquilizou» este último com a seguinte admoestação:

—Feche a boca. Não vai doer nada...

—*Time*

¶ Um escritor de contos policiais, voltando das férias, verificou que seu apartamento fora visitado pelos ladrões. Sobre a mesa de trabalho havia um bilhete, escrito com sua própria máquina de escrever: «Como é: você que é *bamba* no assunto, veja se resolve este caso!»

—*Parade*

Os cadáveres de Calcutá

(Condensado de «Asia and the Americas»)

Por John Frederick Muehl

O mundo está novamente ameaçado por um período de fome. Não têm o bastante que comer, na Europa, 140 milhões de pessoas; na China 84 milhões, e no Sudoeste da Ásia 130 milhões. Não é menos premente a situação da Índia. A descrição realista a seguir é de um jovem norte-americano que presenciou a fome de 1943 a 1944 em Bengala, e constitue uma advertência ao mundo em 1946.

ERA QUASE noite quando nosso avião DC3 aterrou no aeroporto de Calcutá, pouco mais de três horas após termos deixado a frente da Birmânia. Suspirei de alívio; saíramos, afinal, da selva... Já não podíamos suportar o ar pegajoso da floresta e o xarque estragado que costumávamos comer.

Naquela primeira noite, Calcutá nos pareceu verdadeiramente fascinante. Havia sabão e água quente no banheiro. Havia o Restaurante Firpo, o Dragão Dourado e o Grande Hotel, cada um com seu sortimento de bifes e costeletas, doces e sorvetes.

Mas Calcutá era tambem uma cidade de fome e morte. Pois para aqueles que viviam nos tortuosos bairros de «favelas»; para os mendigos e doentes que vagavam sem fim pelas ruas, não havia nem arroz nem milho. Para eles a única realidade eram as calçadas nuas, onde mendigavam a comida, onde arrastavam seus ventres inchados e rastejavam atrás dos «sahibs», acabando finalmente por cair mortos na sarjeta.

Ninguem jamais saberá ao certo quantos morreram então de fome em Bengala. Por toda a província o arroz era caro e a vida de nada valia. Não se fazia contagem cuidadosa daqueles que eram queimados e muitos corpos ficavam apodrecendo no local onde caiam.

Para os cães famintos de Calcutá, eram tempos de festa. Erravam pelas ruas, beliscando carne humana e carregando ossos entre os dentes. Atacavam os corpos logo que terminava a resistência dos moribundos. Mais de uma vez presenciei cães lutando com mulheres histéricas pela posse do cadaver dos seus maridos.

Na primeira noite que passei naquela cidade, a escuridão ocultava os aspectos mais feios da miséria. Mas à medida que fui penetrando nas ruas silenciosas, comecei a ouvir um lamento contínuo em torno de mim. De vez em quando uma mão procurava agarrar a minha perna e uma voz murmurava «Sahib! Sahib!» À entrada do Restaurante Firpo dois corpos nus estavam estendidos na rua e o seu último suor ainda brilhava no semicírculo de luz. Um jovem capitão vinha caminhando pela calçada. Pedindo desculpas a uma moça que o acompanhava, aproximou-se dos cadáveres e empurrou-os para um canto obscuro. Em seguida entrou no restaurante, continuando a conversa como se nada tivesse acontecido.

Um homem, com seu turbante mal colocado sobre a cabeça cadavérica, surgiu lentamente da escuridão e arrastou-se até mim. Sua cabeça pendia para o lado, o

braço estava estendido. Movia-se com esforço, lenta e penosamente. Estávamos sós sob o arco de luz; sentia-me no entanto observado. Estaquei por um momento, confuso e atemorizado, até que finalmente ele chegou tão perto que podia tocar-me. Saí então correndo escuridão a dentro em direção ao meu hotel. Meu pavor se havia transformado em náusea.

No dia seguinte me disseram que eu tinha que passar uma semana em Calcutá. Um tenente chamado Crawford sugeriu em vista disso, que eu fosse ajudá-lo durante alguns dias no trabalho de que estava incumbido pelo governo de Bengala: a retirada dos corpos das ruas. Mas aconselhou-me a passar o primeiro dia olhando a cidade. «Você precisa de um estômago muito forte para poder trabalhar comigo.»

Fui então visitar o Iate Clube local, para cujo dirigente levava uma carta de apresentação. A maior parte dos homens estava ausente, passeando de barco nas lagoas, e fui sentar num salão onde as senhoras conversavam. Quando surgiu a oportunidade dirigí a conversa para o assunto da fome. «Um momento, rapaz!» explodiu logo uma delas. «Esta fome já causou muito incômodo. Somos perseguidas nas ruas e em nossas casas vivemos como sitiadas. Minhas latas de lixo foram pilhadas duas vezes esta semana, e segunda-feira passada descobriram no Clube que quase metade dos patos das lagoas haviam sido roubados. O sr. é provavelmente de fora, por isso lhe perdoamos, mas nós todas consideramos esse assunto cansativo e desagradavel.»

Na manhã seguinte fui de automovel até os crematórios para encontrar-me com Crawford. Ao aproximar-me dos portões, um cheiro estranho encheu-me as narinas. Os «coolies» estavam colocando os corpos em pilhas de madeira, derramando querosene por cima e ateando fogo com tochas.

Crawford já alí se encontrava e me disse que era hora de começar. Um mensageiro havia trazido uma série de informações relativas às zonas que necessitavam de evacuação urgente, e grande número de queixas, feitas por pessoas de relevo cujos jardins e parques não haviam sido evacuados. Em Calcutá, aqueles que não têm mortos nas suas propriedades mostram assim o sinal mais evidente do seu prestígio. Entre as reclamações trazidas pelo mensageiro, havia a de uma missão cristã, que ameaçava levar o assunto à justiça, caso a sua propriedade não fosse limpa. A queixa, porem, que mais me interessou dizia o seguinte: «Já presenciei vários períodos de fome em Calcutá e sempre os cadáveres foram removidos com apreciavel rapidez. A ineficiência da atual administração abala minha fé nas leis em vigor.»

Ao passarmos em frente a um Posto de Assistência, um saco de arroz estava sendo distribuido—um único saco para milhares de pessoas. Enquanto os vivos estavam sendo alimentados na frente, os mortos eram contados no páteo de trás.

Todos os dias, quando visitávamos os Postos, fazíamos uma contagem dos corpos à espera de remoção. Ao compararmos certa ocasião nossos algarismos com as estatísticas oficiais (que mostravam dez mil mortos por mês) Crawford observou: «Ao que parece, estamos carregando os mesmos corpos duas vezes.»

Aquela noite, quando Crawford me apresentou ao seu superior, perguntei-lhe quantas vidas os Postos de Assistência podiam salvar. Sua resposta foi franca. «Não se pode amenizar um período de fome com umas poucas sacas de arroz. Mas os Postos têm um duplo propósito: a possibilidade de conseguir um pouco de

arroz atrai aqueles que estão às portas da morte, e, mesmo se não pudermos dar-lhes de comer, pelo menos desse modo é mais facil reunir os corpos.»

A mente humana pode adaptar-se a quase tudo, mas eu jamais havia imaginado a que ponto dessa adaptação pode chegar, até o dia em que me pus a comer um doce, vendo ao mesmo tempo, de maneira desinteressada, uma mulher morrer a meu lado. Nosso espírito só pode abrigar certo número de emoções, e qualquer tentativa de sobrecarregá-lo redunda apenas na diminuição proporcional da intensidade de cada uma. Se eu pudesse transmitir aos outros com realismo todo o horror dessas cenas, o que aliás é impossivel, estaria tambem transmitindo meu olhar endurecido e minha despreocupação que surgiu de todo aquele sofrimento.

As marcas hediondas da fome crônica são vistas claramente por todas as partes de Bengala—metade da sua população parece aleijada ou doente. Mas o «sahib» bem alimentado exibe a marca mais hedionda de todas, no seu olhar brutificado, na sua amarga deshumanidade. O custo da fome, como o custo da guerra, é maior que as vidas perdidas, pois uma contaminação sutil entra no sangue de todos os que a presenciam.

E lembremo-nos de que, no mundo de hoje, entre os milhões que têm o que comer e os que morrem de fome, a distância é a mesma que vai dos jantares do Restaurante Firpo aos esfomeados das ruas de Calcutá.

Olhos de críticos

¶ Num debate sobre escritores ingleses contemporâneos, o humorista americano Irvin Cobb, hoje falecido, perguntou a Oliver Herford qual era sua opinião sobre Arnold Bennett.

—Para lhe dizer a verdade, Irvin, respondeu Herford, —uma vez eu escreví um rodapé de crítica sobre Arnold Bennett, e fui, na ocasião, tão mordaz, que desde então não tolero ler as coisas que ele escreve...

—Elisabeth Cobb, *My Wayward Parent* (Bobbs-Merrill, ed.)

¶ O talentoso Orson Welles, notoriamente exibicionista, olhava livros numa livraria quando um dos vendedores, aproximando-se, sugeriu que ele lesse a autobiografia de Salvador Dali. Irritado, Orson rejeitou a sugestão, entrando a dissertar durante cinco minutos.

—Mas se o sr. não leu o livro, como pode criticá-lo tão asperamente? insistiu o caixeiro.

Alto e de bom tom, para que todos o ouvissem, Orson respondeu:

—Não li nem quero ler, porque detesto os exibicionistas!

—Marshall Kester, citado por Erskine Johnson

«Está fadada a desastre a nação que não sabe distinguir seus inimigos de seus amigos»

Porque o soldado ianque prefere os alemães

Richard Joseph
(Com a colaboração de Waverley Root)

Quando regressei aos Estados Unidos, depois de haver servido muitos meses na Europa, pediram-me que assinasse um registro ou «livro de notas» da Cruz Vermelha, no qual havia uma coluna onde os soldados americanos, recem-vindos à pátria, deviam especificar o país estrangeiro da sua preferência.

Estudei essa coluna cuidadosamente, página após página, e pude verificar que, de cada cinco soldados vindos da Europa, quatro preferiam a Alemanha a qualquer dos paises aliados onde tinham servido. Esse fato talvez venha a espantar muitos dos americanos que nunca saem de casa, mas não será surpresa para os soldados que fizeram a guerra no teatro europeu.

Encontram-se, com frequência, soldados americanos que criticam os ingleses em Londres, ou que, em París, apontam defeitos nos franceses. Entretanto, raramente se vê um soldado americano na Alemanha, que tenha alguma coisa a dizer contra o ex-inimigo. Os poucos que se expressam contra os alemães, é que foram combatentes e testemunharam seus companheiros morrer nas linhas de fogo, tinham presenciado o fuzilamento de americanos que se rendiam, ou tiveram oportunidade de ver e sentir o horror de corpos em decomposição, nos presídios de Buchenwald ou Dachau. Esses soldados permaneceram irreconciliaveis; mas aqueles que os substituiram vieram a conhecer os alemães apenas como gente pacífica, capciosamente amiga e hospitaleira.

Passou de moda, desde esse tempo, entre os soldados americanos, odiar os «krauts», tendo essa palavra assumido uma acepção quase carinhosa. Os soldados, alí estacionados, que obtinham licença para ir gozá-la em París, ou na Riviera francesa, geralmente voltavam antes de concluir o prazo—saudosos do «sweet home», na Alemanha! Por mais paradoxal que isso possa parecer, muitos soldados americanos, em sua defesa dos alemães, chegaram a acusar as autoridades americanas de haverem inventado o acervo das atrocidades nazistas. E não era raro ouvir um soldado ianque dizer que, se houvesse outra guerra na Europa,

Quando o Sétimo Exército Norte-americano invadiu a Riviera francesa, em agosto de 1944, o sargento-intendente Richard Joseph desembarcou com os Comandos franceses. Serviu em diversas unidades francesas como intérprete, codificador e agente intermediário. O sargento Joseph esteve sete meses na Alemanha, e, antes de entrar para o Exército, era gerente do escritório da companhia de Walt Disney, em París. Waverly Root é autor do livro *The Secret History of the War*, do qual acabam de ser editados, nos Estados Unidos, dois volumes.

ele preferiria lutar como aliado da Alemanha!

De onde teria surgido tal onda de sentimento amistoso, que parece pôr em risco as bases da própria vitória?

Em primeiro lugar, os soldados americanos que servem na Europa sentem-se muito isolados, saudosos da família, e os alemães lhes parecem menos «estranhos» do que qualquer outro povo do Continente, sem excluir mesmo os ingleses. Ao chegar à Inglaterra, vinham sob a impressão de que estavam entre sua própria gente. Mas tiveram grande decepção ao notar as diferenças palpaveis que há entre americanos e britânicos. Por outro lado, esperavam encontrar grandes divergências entre si e os alemães; mas, ao contrário, notaram com prazer que muitas eram as semelhanças existentes.

Na Alemanha, os soldados americanos experimentaram a radical mudança de atitude que veio com o fim da guerra, e começaram a sentir-se mais à vontade que em outras partes. As grandes cidades, é certo, tinham sido reduzidas a ruinas; mas as menores, e as vilas e aldeias, haviam, na sua maioria, escapado intactas aos bombardeios. Mesmo no sul da França, as crianças pálidas e magras, mostravam os efeitos da guerra; na Alemanha, porem, de faces rosadas e bem nutridas, dava gosto olhar para elas. E os próprios adultos vestiam melhor do que em outras partes. Quanto às mulheres...

Tocamos aquí num dos motivos capitais responsaveis pela presente atitude dos soldados americanos para com a Alemanha, porquanto, desde que cruzaram as fronteiras, foram logo caindo nos braços de uma legião de dadivosas *Fräuleins*. Encontravam-nas usando os mais exíguos trajes de banho, postadas à margem dos rios e canais, ou sentadas à beira das estradas, de pernas tentadoramente

> Segundo um inquérito feito pelo Exército Americano, sobre os soldados estacionados na Europa, apenas 34 por cento, dos que não tinham estado na Alemanha, se manifestavam favoraveis aos alemães. Essa percentagem subia logo a 42 por cento entre os que haviam passado um mês na Alemanha, indo depois a 54 por cento entre aqueles que tinham vivido lá de um a dois meses, e a 59 por cento entre as tropas que estavam no país há mais de dois meses.
>
> (Do *New York Times*)

expostas a seus olhares. Aquilo era como um novo jardim de delícias, cujos frutos se achavam ao alcance da mão...

Por que seria que as alemãs se atiravam assim, tão sem-cerimônia, nos braços dos soldados ianques? Um motivo, talvez o mais facil, é que de há muito elas se achavam privadas de contacto com os homens. Outro funda-se na baixa moralidade que lhes impunha o sistema nazista, segundo o qual as mulheres nada deviam negar aos soldados de licença, e até mesmo a soldados estrangeiros ligados à causa alemã. E elas, no momento da invasão, tornaram essa prática extensiva aos americanos.

O exército americano, tendo proibido a seus homens que confraternizassem com os alemães de ambos os sexos, acabou revogando essa proibição, o que parece haver transformado as idéias do soldado americano para com o país. Tal regulamento se fundara no fato de que poderia ser perigoso para a tropa misturar-se com a população. O comando superior sabia que as moléstias venéreas estavam grassando em toda a Alemanha, e procurava assim resguardar os soldados.

Mas a multa imposta aos infratores não

impediu que os soldados continuassem a procurar as *Fräuleins*; sucedia apenas que os desobedientes ocultavam o fato e não se submetiam às medidas profiláticas a que os obrigava o regulamento de saude. Como resultado disso, em dois meses, as tropas de ocupação na Alemanha tiveram 13 mil novos casos de moléstias venéreas, o que forçou as autoridades a abandonar sua anterior proibição para salvaguardar a saude dos soldados.

A suspensão do tal regulamento modificou profundamente a atitude dos soldados e tambem a tática dos alemães. Do dia para a noite, desapareceu toda a tensão antes reinante, e os americanos tiveram a súbita revelação de que os alemães eram na Europa o povo mais amigo. Recebiam-nos com um sorriso nos lábios, ou faziam parar os soldados na rua para lhes contar histórias dos parentes que tinham nos Estados Unidos. As pequenas alemãs mostraram-se ainda mais camaradas e as crianças aplaudiam-nos sorridentes quando os viam passar. Os ingleses, italianos ou franceses tinham-nos tratado como estrangeiros que eram. Mas estes soldados nunca se deram ao trabalho de refletir em que os outros povos não tinham a necessidade de os agradar, de maneira tão frizante, como os alemães, depois da derrota.

O que lhes parecia mais natural era comparar esse povo com a sua gente que ficara em casa: e não conseguiam associar os alemães às histórias de massacres e de torturas, que haviam lido nos jornais. Por isso, achavam mais natural crer no que os próprios alemães não se cansavam de lhes dizer: que os nazistas eram os únicos responsaveis por tais crimes, e que eles, os bons alemães, na realidade tinham sido as primeiras vítimas desse sistema. Mas agora, que os americanos tinham batido os sequazes de Hitler, nenhum antagonismo devia restar entre ianques e alemães...

Nada mais facil, pois, do que acreditar piamente no sentimento de um povo sempre de pleno acordo com tudo que diziam os americanos, e estes não inquiriam dos motivos que levariam às vezes um inglês ou um francês a contrariar seus pontos de vista; notavam apenas, com simpatia, que um alemão não feria tais discussões, e, sempre obsequioso, nunca se lhes opunham. Sentiam que os alemães eram os únicos cujos interesses coincidiam com os seus, sendo o bastante para logo os tornar objeto de simpatia.

Alem das medidas tentadas pelos alemães, individualmente, com o fim de obter certa proteção e conforto, havia tambem na Alemanha, como sistema mais ou menos secreto, um esforço coletivo, cujo fim era advogar a causa de toda a nação e convencer os americanos de que os alemães, como povo, não estavam sendo tratados com a devida justiça.

Na verdade, os alemães agem com flagrante duplicidade. Eu os observei nessa campanha insidiosa de lançar os aliados uns contra os outros. Servindo numa unidade militar francesa, e usando um impermeavel que encobria minhas insígnias americanas, muitas vezes passava por francês. E assim pude observar o que os alemães diziam aos americanos e o que em outras ocasiões reservavam para ouvidos franceses. Tratando com americanos no território ocupado por franceses, era comum ouví-los dizer algo neste teor: «Quando é que vocês, americanos, virão nos livrar das garras destes franceses, que roubam nossos lares e desrespeitam nossas mulheres?»

Certa vez estava eu num bar, em companhia de soldados franceses, com o impermeavel a encobrir minha identidade americana. O garçon alemão serviu-nos

as cervejas pedidas, e depois, achegando-se confidencialmente ao nosso grupo, foi dizendo:

«Graças a Deus que tocou a vocês, franceses, governar o nosso burgo, e não a esses gângsteres americanos!» Olhou em torno, e continuou: «Na zona administrada por eles, estão roubando nossas casas e manchando-nos a honra...»

Eu me encontrava na Alemanha quando chegou a notícia da morte do presidente Roosevelt. A primeira impressão foi a de uma velada satisfação geral. Mas logo viram os alemães que essa tática era contraproducente, e, com fingido sentimento, começaram a nos dizer: «Que tragédia, a morte do seu presidente! Ele nos teria compreendido e ajudaria a Alemanha a obter uma paz mais justa.»

Dia após dia, os soldados americanos na Alemanha estão expostos a contínua propaganda, a um persistente e sutil artifício de amizade, com que esse povo os atrai para chegar aos seus fins. Simples por natureza, sem suspeitar do subterfúgio, e não tendo sido instruidos pelo Exército quanto à história alemã, os soldados recebem essa propaganda como uma manifestação de sinceridade, e isso está tendo sobre eles profundo efeito.

Agora, de regresso à pátria, trazem a impressão de que os inimigos lhes são mais afins e simpáticos que os seus camaradas de luta, os aliados. Aos milhões tais ex-soldados espalham essa opinião por todo o país. Muito breve, se organizarão em grupos e associações, que irão influir no ânimo de certos políticos, em Washington, os quais pensam exatamente como eles, e amanhã esses veteranos ajudarão outros americanos a estabelecer um ponto de vista internacional em perfeito acordo com a falsa noção que trouxeram da Europa.

Essa orientação pode ter trágico efeito sobre o destino dos Estados Unidos, chegando ao cúmulo de diminuir o esforço coletivo do povo na dificil tarefa de organizar sua cooperação com os elementos internacionais. Pode mesmo contribuir para que a Alemanha vencida, porem vingativa e rebelde, venha a ressurgir de suas cinzas para uma terceira tentativa de dominação do mundo.

É preciso que desde já se comece a defender a paz ganha com tanto sacrifício de vidas, e se expliquem a esses veteranos a verdadeira causa do conflito e os perigos de que nos salvaram seus camaradas caidos nos campos de batalha; é mister mostrar-lhes quão profundas são as raizes do mal que a todos nós assolou, fazendo-os ver quem são, no resto do mundo, seus verdadeiros amigos, e quais, a despeito dos sorrisos e falsas aparências, os persistentes inimigos.

É imperioso esclarecer esse ponto, porque está fadada a desastre a nação que não sabe distinguir seus inimigos de seus amigos.

¶ Minha avó tinha uma risonha filosofia da vida. Dizia ela: «Eu adoro me meter em situações dificeis, porque é sempre interessante ver como me saio delas.»

—Sra. P. A. Stevens

Símbolo de adaptabilidade à natureza

O transformista da Floresta Branca

(*Condensado do «American Mercury»*)

Por Alan Devoe

Tivesse um naturalista de escolher um símbolo das regiões invernais do norte—um ser que vivesse ao ar livre e cujo nome imediatamente evocasse o silencioso branco-azul das florestas do norte, os cedros e pinheiros curvados sob o peso da neve, o vapor da respiração humana em espirais na atmosfera glacial, o ranger de botas na neve fofa—provavelmente optaria pelo coelho-pata-de-neve.

É ele o habitante das solidões brancas, que salta sobre a neve tão rapidamente quanto os próprios flocos impelidos pelo vento. É um animalzinho alvo, alegre e bom companheiro, que anima as paisagens de sombrias florestas, sempre verdes, de pálido sol de inverno e de cinzentas névoas. Com as suas patinhas peludas parece usar, assim como as criaturas humanas, «calçado» adicional no inverno, locomovendo-se agilmente sobre a neve, em condições de tempo em que nenhum outro animal deixa o seu abrigo e quando quase todos os pássaros, entorpecidos pelo frio, se aconchegam, silenciosos, uns aos outros.

Os livros didáticos chamam-lhe «lebre variante», em razão das mudanças do seu pelo, de acordo com as estações, passando de tons cinzas e castanhos no verão a um branco de neve no inverno. É ele exemplo admiravel da força e do triunfo da vida, bem como da força e do triunfo da morte. Tão fantástica e a sua proliferação que, nas fases de maior fertilidade, periodicamente repetidas, é possivel matar uns quinhentos por dia sem ocasionar redução visivel. Na mesma proporção, epidemias os liquidam de tal forma que nos períodos intermediários, não sobra um só espécime em territórios inteiros.

Nos dias encobertos e tristes de pleno inverno, esse animalejo (ainda de côr castanha) é praticamente o único sinal de vida, a despertar atenção no silencioso mundo de neve. Não é de surpreender que tenham os índios, em todas as florestas do norte, criado lendas sobre um herói mítico, Gluskap ou Clote Scarpe, cuja qualidade essencial é a de um ardiloso transformador, sendo o coelho-pata-de-neve sua forma emblemática.

O coelho-pata-de-neve passa geralmente quase toda a sua curta existência num limitado espaço de terra. Desde que nasce, numa ninhada de três ou quatro, em sua toca forrada de folhas, até o dia

final, não empreende maiores viagens que as que lhe permite um pântano de lariços. Tãopouco essas restritas aventuras exigem qualquer esperteza maior: ele não é um estrategista arguto, escapando geralmente aos inimigos pela rapidez. Medra graças à sua coloração protetora, ao fato de ser onívoro e à sua fecundidade. Apesar de manso e brincalhão, os machos travam lutas ferozes nas épocas de procriação, em que procuram estripar-se entre si.

O «Wabasso» (nome que lhe foi dado pelos índios) não teme a fome, mesmo em épocas de grandes nevadas: subsiste não só de trevo, grama e folhas, mas de tudo que encontra, inclusive casca de álamo, de salgueiro e de vidoeiro. Em ocasiões de extrema necessidade, come até a do acre cedro—e em tais quantidades que se torna resinosa a sua carne, resultando por isso incomestivel para o homem. Sabe-se de casos em que rouba a carne congelada das armadilhas, feitas para animais carnívoros, devorando-a tambem.

A mudança de pelo é certamente a dádiva mais notavel que recebeu da natureza. É castanho no verão, afim de se confundir com a terra e «desaparecer», e branco no inverno, para se assemelhar à neve. Supunha-se antigamente que eram os próprios pelos que mudavam de côr gradualmente, com a passagem do outono para o inverno, da mesma maneira que os cabelos de uma criatura humana se tornam grisalhos com o decorrer dos anos. A mudança no «Wabasso», porem, é de fato a queda de uns pelos e o nascimento de outros. O processo é deveras estranho. Se, por exemplo, perder no outono um chumaço de pelo castanho, o novo que vier será branco em antecipação da completa mudança que se efetuará mais tarde. O mesmo fato se dá, em sentido oposto, na primavera.

As patas do «Wabasso» têm aproximadamente o dobro do tamanho das de outros coelhos. Os dedos, ao invés de juntos, espalham-se para fora. Com a chegada do inverno, novos pelos brancos começam a crescer abundantemente nas patas, tornando-as largas, leves e macias, o que lhe possibilita correr sobre a neve mais fofa sem afundar. Onde o veado fica preso, onde o grande galheiro de longas pernas se atola, o pequeno coelho pode prosseguir, dando saltos de três metros, apenas marcando levemente a neve. Tambem pode, em caso de necessidade, nadar velozmente, como se estivesse munido de um par de remos.

Vive o «Wabasso», entretanto, à mercê dos caprichos da natureza e esta trata sua espécie com medidas extremas, protegendo-a, multiplicando-a, matando-a excessivamente. Grande é o número de seus inimigos, entre os quais o falcão, a coruja, o lince e a raposa, a doninha, o homem e o cão. Muitos parasitos, internos e externos, causam, igualmente, sua destruição. Todas as garras e presas das florestas lhe são contrárias, e quando delas consegue livrar-se, multiplicando-se em larga escala, é certo que uma epidemia não tarda a vir.

Há certa propriedade no fato de ter o «Wabasso», símbolo do inverno do norte, uma íntima ligação com um pequeno pássaro de topete preto que é seu equivalente de penas, o qual, como ele, desafia as temperaturas gélidas e as rajadas de neve, e quando prepara seu ninho, procura forrá-lo convenientemente, e o pelo do coelho, tão incompreensivelmente mutavel, é usado para aquecer as pequeninas aves.

RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO—XXII

As duas esposas do tio By

Por Dorothy Canfield Fisher

Ele não era propriamente nosso tio; era apenas casado com uma parente distante. E só agora me ocorre que nunca soube o nome todo dele, nem quando era criança nem mais tarde. Recordo-me bem da tia Paulina, a primeira mulher do tio By. Alta, bonita, de temperamento reservado, lecionava numa escola municipal perto da casa de minha bisavó, quando o By a cortejou e se casou com ela.

O tio By era empregado numa fábrica de objetos de madeira. Ganhava bem, e creio que não teria tido quaisquer contratempos, sem a visita de uma amiga de sua mulher, poucos anos depois de se terem casado.

Já tinham duas lindas crianças nessa época, um menino e uma menina. Este era de minha idade. Mais tarde, durante umas férias de verão em que fomos companheiros de brinquedo, tive ocasião de conhecê-los bem. Foi para o lar confortavel desta família venturosa que a jovem amiga da tia Paulina entrou. Era, aliás, antes uma protegida que uma amiga. Tia Paulina havia-a conhecido paupérrima, trabalhando em casa de uma família de chacareiros em troca da pensão, e interessara-se por ela. Chegara a dar-lhe aulas particulares para compensar o seu atraso na escola. Quando a moça perdeu o emprego, tia Paulina arranjou-lhe outro. Depois, outro mais. E foi num intervalo entre dois empregos que nossa tia a recebeu em sua casa por algum tempo.

O que sei dessa parte da história não é de primeira mão; chegou-nos, apenas, ao ouvido que o tio By havia desaparecido da cidade durante o inverno. Na primavera seguinte tia Paulina foi lecionar noutra cidade, e levou os dois filhos.

Éramos crianças, e não pudemos deixar de notar—nenhum de nós jamais o esquecerá—o aspecto de tia Paulina antes de partir. Seus olhos mal se mantinham abertos de tão inchados, das lágrimas que ninguem a viu derramar. Continuou seus afazeres de cabeça erguida. Mas para poder falar era obrigada a engulir, respirar profundamente e enrijecer os músculos. Depois disso, as palavras saiam numa perfeita simulação de compostura e naturalidade.

«Ponha na estante perto do relógio,» dizia ela. Ou então: «Creio que um litro dá.» Pressentimos então o que hoje sabemos por experiência própria: com aquele tom natural ela queria dizer que certos sentimentos são sagrados demais para se exporem à vista do público.

Pouco depois soubemos que o tio By

se casara com a graciosa hóspede do ano anterior. Nunca voltaram à nossa cidade juntos, mas tia Paulina vinha de vez em quando em companhia dos filhos. Jamais se referia ao ex-marido. Falava na escola, nos seus projetos para o futuro das crianças, nos livros que estava lendo, na cidade grande (assim lhe parecia e a nós tambem) em que morava. Chegamos quase a esquecer a sua história. Pessoas assim, com um domínio tão absoluto de si mesmas, raramente despertam piedade. Nem precisam disso aliás. O que despertam é o sentimento de respeito e admiração que todos nós, em silêncio e com toda a alma, nunca deixamos de ter por tia Paulina desde aquela época.

A cidade ficou sabendo, dentro em pouco, onde o tio By e a segunda mulher moravam, e que ele tinha arranjado um bom emprego numa oficina mecânica. Depois ouvimos dizer que tinham tido três filhos, uma menina e dois meninos. Mas poucas vezes se mencionava o tio By em nossa casa, até que a segunda mulher morreu.

Então falou-se muito nele, por causa das crianças. Por vias indiretas, chegaram notícias muito tristes da luta do tio para dar conta da tarefa. Não era um homem sem escrúpulos, embora tivesse, certa feita, ultrapassado limites que ele próprio reconhecia serem lícitos; assim, tentou arranjar uma governante competente e de certa idade, para evitar comentários. Mas seu ordenado, suficiente no tempo em que a mulher tomava conta da casa e dos filhos, não dava para pagar o salário relativamente alto de uma governante de responsabilidade para cuidar das três crianças.

Cada vez mais aflito, acabou escrevendo para indagar se não haveria alguma família na cidade que quisesse tomar conta dos filhos. Isso provocou algum reboliço. Quem havia de querer crianças alheias? Os meninos tinham dois e cinco anos respectivamente, e a menina, sete— todos em idade de exigir muito cuidado. Mesmo que o pai pagasse a pensão, isso não daria para cobrir todas as despesas, sem falar no trabalho, na preocupação e nos aborrecimentos. Alem do mais, quase todos na cidade conheciam tia Paulina e lhe queriam bem.

Finalmente as circunstâncias forçaram a família a tomar uma resolução. Tio By sofreu um acidente na oficina e foi hospitalizado, com uma perna quebrada. Naturalmente nenhum parente que se respeitasse, e mesmo simples conhecidos, podiam deixar aquelas crianças entregues a si mesmas. Alguem foi buscá-las e a família assumiu o encargo provisoriamente e com muitos resmungos.

As três crianças, que se tornaram parte da nossa vida, nada tinham de atraente. Lucy Marian era pálida, nervosa e acanhada. O de cinco anos dizia nomes feios. O de dois, teimoso, nunca aprendera a obedecer, e não falava. Nós, crianças, não gostamos nada dos recem-chegados, e protestamos quando nos recomendaram que os convidássemos para brincar.

Foi então que tia Paulina voltou afim de passar conosco as férias de verão. Seus filhos tinham onze e oito anos respectivamente e eram risonhos, sadios, cheios de vida—dessas crianças de quem as outras gostam à primeira vista.

Aconteceu que eu estava na sala onde tia Paulina viu os filhos do tio By pela primeira vez. Ela tricotava com minha tia-avó, conversando ao ritmo das agulhas, quando as três crianças chegaram até a porta em busca de qualquer coisa.

Com a cabeça baixa, a menina murmurou algumas palavras. Minha tia-avó, que era meio surda, mas que não gostava

de reconhecê-lo, disse bruscamente: —Pelo amor de Deus, Lucy, fale mais alto! Não posso com crianças que resmungam. Lucy Marian tentou repetir a pergunta, mas a voz tremia-lhe tanto que ela se encolheu toda e ficou muda, enquanto seus mirrados irmãozinhos procuravam esconder-se por trás da menina.

Nisso, tia Paulina perguntou num tom indiferente: —Afinal, de quem são estas crianças? Pelo silêncio da outra, ela percebeu imediatamente; o novelo de lã caiu-lhe do colo e rolou pelo chão, e ela o deixou rolar. Olhou para minha tia-avó com olhos esgazeados: —Mas onde está a mãe? perguntou, num tom ainda mais baixo que a voz de Lucy Marian. Minha tia-avó não podia ter ouvido, mas adivinhou a pergunta: —Morreu há um ano e meio—respondeu.

Lembra-me ainda o estranho olhar que tia Paulina lançou sobre o minúsculo trio. Pousou o tricô no braço da cadeira, levantou-se e foi a eles. Ajoelhou-se para ficar com o rosto junto ao da pequena. Do meu canto só se ouvia a sua voz, mas não se distinguiam as palavras, a não ser algumas das respostas de Lucy Marian.

—Eu é que ponho os dois na cama. Não tem mais ninguem.

—Quando ele chega em casa abre uma lata de tomate e a gente come com pão.

—Às vezes, quando o leiteiro não se esquece.

—Uma vez ou outra. Eles não gostam de tomar banho e não me obedecem porque sou pequena.

Quando fecho os olhos, revejo aquela senhora alta, ajoelhada no chão, com os braços em volta da pequenita que imediatamente, com um suspiro profundo, encostou a cabeça naquele ombro firme.

Quando tia Paulina se levantou e apanhou de novo o tricô, tinha a expressão calma de sempre.

Anos depois Lucy Marian me contou o que aconteceu em seguida.

Assim que o pai saira do hospital, ainda mancando, as crianças lhe foram devolvidas. Endividado, arrimando-se às muletas, retornara então ao trabalho. À noite voltava mancando para casa, onde só encontrava desleixo; abria umas latas e repartia o conteudo com as crianças sem sequer aquecê-lo. Andava cansadíssimo, alem de desanimado por ter de trabalhar o dia inteiro, com a saude ainda abalada.

Certa manhã, tia Paulina abriu o portão e olhou para dentro, através da porta aberta. As crianças estavam beliscando na mesa da cozinha.

—Então, meninos, disse ela com toda a calma, —parece que já é tempo de alguem vir cuidar de vocês. Vamos ver que é que se pode fazer.

Tirou o chapéu, pôs o avental e começou a tirar os pratos da mesa. Nesse dia as crianças não fizeram outra coisa senão rodeá-la, de boca aberta, enquanto ela varria, esfregava e queimava lixo no quintal. Ao mesmo tempo que cozinhava e lavava as vidraças e tudo mais, contava-lhes histórias: um conto da Carochinha para o de dois anos, "A Galinha Carijó" para o de cinco e um conto de fadas com muitos episódios para Lucy Marian, que a ouvia fascinada.

—Querem levar isto lá fora para queimar? dizia ela às crianças nos intervalos. —Que é que vocês acham se pusermos as roupas neste armário? e —Lucy Marian, você, que já é maiorzinha, guarde os pratos, sim? Mas antes vamos limpar a prateleira.

Quando chegou a hora do jantar, todos tinham tomado banho, e trocado de roupa, sem choradeira, e com acompanhamento de canções. Sentaram-se à mesa, com guardanapos ao pescoço, e

foram devorando os bolinhos à medida que tia Paulina os cozinhava.

Lucy Marian viu o pai entrar pelo portão e parar diante da porta, contemplando a cena. Tia Paulina estava de frente para o fogão, pondo massa na frigideira, e o ruido da chaleira fervendo não a deixou ouvir os passos lentos e hesitantes do tio By. Foi então que ela se voltou e deu com ele.

—Papai estava com o braço cobrindo o rosto, Lucy Marian contou, —e tinha encostado a cabeça na geladeira. Só se viam as costas dele e os ombros sacudidos pelos soluços.

Nesta altura, cada vez que Lucy Marian nos contava a história, embora soubéssemos muito bem qual seria a resposta, nós lhe perguntávamos avidamente: —E que foi que tia Paulina fez?

—Ah, ela só disse isto, num tom alegre e simples: «By, o jantar está na mesa. É melhor você se sentar. Já servi as crianças, mas deixei o seu prato no forno para não esfriar. Linguiça com purê de batatas. O café fica pronto num minuto.»

Assim, tornaram a casar-se e juntos criaram todos os filhos. Enquanto os dois últimos eram pequenos a tia Paulina ficou em casa com eles, embora nunca deixasse de ajudar o marido com aulas particulares. Depois de algum tempo, ela teve uma menina. Lucy Marian costumava contar que a única vez que viu os dois discutirem foi a respeito do nome da filha. O tio By queria chamar-lhe Paulina e a mãe dizia que não, que esse nome era antipático e estava fora da moda. «Mas papai bradou que era o nome mais bonito do mundo e que a menina se chamaria Paulina, fosse como fosse.»

Quando o menino mais moço e a pequena Paulina entraram na escola, minha tia arranjou uma cadeira de professora. Com isso, e o ordenado do tio By, sustentaram os oito membros da família, puderam pagar uma empregada para fazer a limpeza e ainda economizaram alguma coisa para a educação das crianças.

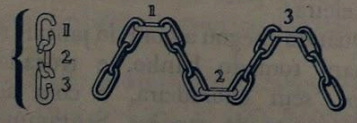
Quando tia Paulina voltou à nossa cidade com as crianças para as férias de verão, não tocou no assunto, de modo que ninguem se atreveu a fazer-lhe perguntas. Não tardou que todo o mundo deixasse de pensar nisso.

Depois que as crianças cresceram, muita gente pensou que os seis eram dela.

E eram mesmo. Todos foram felizes. E porque não?

Resposta a «Adivinhe quanto custaria»

(Vide pág. 17)



Resposta correta: noventa centavos. Tome um dos grupos de três elos e quebre cada um deles (custo total, trinta centavos). Use então cada um dos elos para, com eles, unir dois dos outros grupos (custo de três soldagens a vinte centavos, sessenta centavos).

flagrantes da vida americana

Achava-me em viagem pela estrada de ferro no Estado de Utá, quando apareceu o guarda do trem em nosso carro e disse, muito grave:—Senhores e senhoras, vamos passar agora, nesta região montanhosa, ante um famoso pico, coberto de neve, conhecido pela designação de «O salto dos amantes».

Toda a gente torceu o pescoço para ver melhor, e o homenzinho prosseguiu:—Há cerca de um ano, um casal que fazia viagem de lua de mel saltou do trem na outra estação para subir aquelas montanhas. Os recem-casados foram surpreendidos por terrivel tempestade de neve, e se perderam. Durante três dias, andaram sem rumo, enregelados e famintos, e então decidiram saltar do pico, para acabar com tanto sofrimento. Quando se preparavam para dar o salto da morte, abraçando-se, a jovem esposa exclamou: «Querido, que tens aí no bolso?» «Ora,» respondeu ele, «é um pacote de amêndoas que comprei no trem!»

—Assim, terminou o narrador,—eles tiveram o que comer, e puderam voltar à civilização... Eis aquí, damas e cavalheiros, amêndoas da melhor qualidade!

Houve mais vaias do que aplausos, por parte dos passageiros, mas todos compraram amêndoas.

—Gordon Haines

☆ ☆ ☆

Em Nova York, recentemente, vi um pequeno caminhão carregado de artigos de vidro, que saindo de marcha ré dos fundos de uma fábrica, se chocou com outro, muito maior, que passava pela rua. Quase todo o carregamento se partiu, e o chofer só faltava chorar. Um senhor, idoso e compassivo, adiantando-se da multidão que se juntara no local, perguntou:

—Será que o senhor vai ter de pagar o prejuizo?

—Parece... respondeu o chofer.

—Pois aquí está um dolar, disse o cavalheiro,—e dê-me o seu chapéu; há-de haver outros dispostos a ajudá-lo.

Em pouco tempo, o chapéu estava cheio de notas, dádivas de mais de uma centena de pessoas. O motorista, guardando o dinheiro, enquanto a multidão se ia dispersando, olhou com admiração para o bondoso senhor, que se afastava e me disse:

—Isso é que eu chamo ser esperto. Esse daí é o meu patrão!

—James P. Hodges

☆ ☆ ☆

Um conhecido meu, que negocia com a extração de petróleo, procurou um velho fazendeiro do Texas, com o fim de arrendar suas terras e extrair o precioso combustivel. O fazendeiro, conhecido pela sua criação de gado de raça, ao receber a proposta, contemplou por um momento as pastagens verdejantes, e respondeu:—Nada feito.

—Mas pense bem, insistiu meu conhecido, pense bem, e veja quanta coisa o senhor poderia fazer com esse dinheiro, em benefício da sua família: pôr luz elétrica na casa, comprar máquinas que

economizam tempo e esforço... Não seria formidavel?

—Não, resmungou o outro.

Sem desanimar, o homem do petróleo continuou:—Imagine só, uma floresta de torres de aço, extraindo ouro líquido, dia e noite! Imagine as luzes dos guindastes piscando na noite, como mil árvores de natal iluminadas... Existe alguma coisa mais bela que isso?

O velho fazendeiro sacudiu a cabeça, afirmativamente:—Existe, sim senhor, disse ele, apontando para a vastidão das pastagens. —Gado de raça comendo capim.

—Mildred Taber Clark

Desabafos...

¶ Entre meus alunos na aula de química dum ginásio, havia um menino com marcada tendência a monopolizar todos os debates. Decidí pôr um paradeiro a esse mau hábito, e chamei, para ele, a atenção dos pais do garoto, escrevendo no boletim o seguinte: «Seu filho é bom estudante, mas fala demais.»

Daí a alguns dias, voltou o boletim, devidamente assinado pelos responsaveis. Sob meu comentário, o pai escrevera: «O sr. precisa conhecer a mãe dele.»

—Harold R. Maurer

¶ Certo aldeão que conheço estava preenchendo um formulário do Imposto sobre a renda quando viu, a um canto da página, esta observação: «Não escreva neste espaço.» Furioso diante dessa restrição imposta à sua liberdade pessoal, escreveu a lapis, no quadradinho proibido: «Escrevo onde bem entendo e ninguem tem nada com isso.»

—Sra. A. H. Mansfield

¶ Tivemos, durante muitos anos, uma governante que cuidava de todos os assuntos domésticos lá em casa, inclusive de pagar as contas. Com a carestia da vida, achamos que seria justo aumentar-lhe o ordenado, embora ela nada houvesse pedido. Ao lhe comunicarmos nossa decisão, agradeceu-nos delicadamente, e voltou à cozinha. Daí a poucos minutos regressou, observando:

—Não podemos me dar aumento, não senhora, porque não temos dinheiro que chegue...

—Helen Somers

¶ Um velho sertanejo americano, acompanhado de um rapaz alto e de andar pouco firme, foi à presença do médico do lugar, dizendo:

—Eu trouxe aquí meu genro, doutor, para o sr. ver se trata dele. Dei um tiro na perna dele ontem e o moço ficou meio bambo...

—Ora essa! Então o sr. atirou no seu genro? repreendeu o médico.

—É que na hora do tiro, doutor, ele não era meu genro ainda...

—*The Wall Street Journal*

Mediante o emprego das penetrantes e invisiveis «chamas elétricas», as indústrias podem agora fabricar melhores produtos em menos tempo

A nova «CHAMA ELÉTRICA»

(Condensado de «Popular Science Monthly»)

Por J. D. Ratcliff

O mais radical progresso realizado nos sistemas de calefação, desde que o homem inventou o fogo, é o do aquecimento por meio das ondas de rádio.

Em alguns segundos apenas, as ondas de rádio podem aquecer o aço ao branco, e, usadas com menor intensidade, servem para «vulcanizar» a borracha, produzindo um tipo de pneumático capaz de durar tanto quanto um automovel. Mas o emprego das ondas de rádio atinge todas as indústrias, onde quer que o aquecimento seja necessário.

«O aquecimento produzido pelo rádio é um dos maiores acontecimentos verificados em toda a história da indústria,» diz um industrial americano. «Permitirá uma produção mais rápida e mais barata, com um trabalho mais limpo e mais agradavel, ao mesmo tempo tornando possivel a fabricação de inúmeros produtos que até então ninguem ousava manufaturar.»

As primeiras experiências elétricas revelaram que uma barra de ferro se aquecia, quando colocada dentro de uma bobina carregada de corrente alternada. A eletricidade da bobina era *induzida* na barra de ferro, cuja resistência à passagem da corrente gerava calor.

Mais tarde, novas experiências revelaram outra forma de aquecimento produzido pelo rádio. Descobriu-se que um material não condutor de eletricidade (como a madeira, o vidro, a borracha) tambem se aquecia quando colocada entre duas placas carregadas de corrente alternada. A corrente, indo e vindo, *empurrava* as moléculas do material de um lado para outro, produzindo uma fricção molecular, que resultava em calor.

Esse novo método—de aquecimento dielétrico—tinha uma caraterística notavel: gerava calor no âmago do material, em lugar de começar por fora como acontece com os demais métodos de aquecimento.

Durante muito tempo, as possibilidades dessas duas descobertas passaram despercebidas. Mas em 1921 uma grande empresa americana estava à procura de um processo para eliminar os gases que ficavam nos filamentos de metal dos tubos de vácuo, antes dos mesmos serem fechados. O aquecimento aplicado pela parte externa partia o vidro do tubo. A solução seria o calor *indutivo*, que poderia

aquecer os filamentos, sem esquentar o vidro.

Oito anos depois, os técnicos de rádio de ondas curtas notaram que se tornavam febrís, quando trabalhavam nas proximidades dos grandes tubos de vácuo. Um deles aventou a hipótese de que a febre era causada pelas radiações de ondas curtas que passavam através do corpo humano, hipótese essa que levou à invenção das máquinas para produzir febre artificial, atualmente utilizadas nos grandes hospitais.

Depois dessas duas aplicações, o aquecimento pelo rádio ficou esquecido, até a época da guerra. Realizaram-se, então, rápidos progressos, o mais sensacional dos quais foi o que serviu para aliviar a falta de estanho nos Estados Unidos. A folha de Flandres, usada comumente para a manufatura de latas, é fabricada pelo sistema tradicional de mergulhar delgadas folhas de aço em estanho candente. Os pesquisadores descobriram que poderiam, com os mesmos resultados, economizar dois terços de estanho, se este fosse aplicado à folha de aço eletroliticamente, mas havia uma dificuldade: o estanho não cobria a folha de aço numa camada uniforme, e, nos microscópicos pontos descobertos, as latas começavam cedo a enferrujar.

O aquecimento pelo rádio resolveu essa dificuldade, com a colocação de um «banco» de bobinas, de 4 m de extensão, ao longo das linhas de produção. Ao passar a tira de estanho eletrolítico entre as bobinas, à razão de 300 m por segundo, produzia-se o calor suficiente para fundir o estanho, que então se espalhava numa camada delgada e uniforme. Esse processo não somente triplicou o uso dos suprimentos de estanho nos Estados Unidos, como acelerou a produção de folha de Flandres. Sem essa descoberta, o consumo de artigos enlatados teria sido reduzido a pequeníssima fração.

O aquecimento pelo rádio é empregado igualmente para «aplicar» as gomas plásticas que mantêm unidas as folhas de madeira contraplacada, ou compensada. Antigamente, o método usado consistia em «curar» a madeira compensada em fornos, ou entre placas aquecidas a vapor. Esse sistema requer às vezes dias para que o calor penetre o material, e frequentemente as gomas plásticas no lado externo se curam antes que o calor atinja o interior, limitando assim a fabricação da madeira compensada a uma espessura de 3 cm ou pouco mais.

Com o processo dielétrico, o aquecimento penetra instantaneamente no interior da madeira, e desse modo as peças de madeira contraplacada para aviões puderam ser fabricadas sete vezes mais depressa. Os botes de madeira compensada, usados para salvar os aviadores caidos no mar, e cujo fabrico durava antes seis meses, passaram a ser feitos em 26 dias apenas. E os famosos bombardeiros britânicos «Mosquitos», construidos com esse material, puderam ser acabados em tempo muito mais curto. Atualmente, a madeira contraplacada pode ser fabricada com qualquer espessura ou em qualquer forma, e usada em construções de edifícios, de barcos e de moveis, o que antigamente não era possivel.

Os materiais plásticos modelados a seco apresentam problemas semelhantes aos da madeira compensada. O calor produzido pelas prensas a vapor penetra lentamente nos materiais, operando uma «cura», ou cozimento, desigual. Com o calor de rádio, a produção dos artigos plásticos se tornou maior, melhorando-se tambem a qualidade do produto. Até então, os objetos feitos de material plástico eram de pequeno tamanho, como

cinzeiros, botões, maçanetas, comutadores, etc., em virtude da dificuldade de penetração do calor no interior dos modelos de maior tamanho. Com o aquecimento de rádio, poderão ser fabricados objetos de grande tamanho, como portas, esquadrias de janelas, etc.

As indústrias de artigos de metal apresentam muitas perspectivas animadoras, com o novo sistema. Certa companhia de Detroit emprega um aparelho capaz de aquecer uma barra de aço de 1⅜ polegadas de espessura, a uma temperatura de 2.700 graus Fahreinheit, em 8 segundos. Outro aparelho da mesma empresa, do tamanho de um aparelho de rádio comum, aquece cinco toneladas de barras de aço por hora. As barras entram frias de um lado do aparelho e saem do outro lado aquecidas ao rubro. A máquina ocupa somente a terça parte do espaço exigido pelos fornos vulgares, e a usina em que funciona é muito mais fria durante o verão.

Uma vantagem notavel da indução térmica na manufatura do aço consiste em o aquecimento produzido poder ser aplicado a qualquer parte desejada. Quando qualquer parte do produto é resfriada com água, o aço adquire uma dureza especial, de modo que a indução térmica está sendo empregada para endurecer certas partes de produtos, como as cabeças de parafusos, os dentes das engrenagens, etc. Com tal sistema, tambem se obtem muito mais durabilidade para os aparelhos de uso doméstico, tais como máquinas de costura e outras semelhantes.

Certa vez, os isoladores de borracha de uma estação de rádio nos Estados Unidos, começaram a se partir, por causa do calor produzido pelas correntes de alta frequência; e um engenheiro da empresa teve brilhante intuição. Porque não usar o calor do rádio para vulcanizar a borracha? As experiências mostraram que o aquecimento conseguido com o rádio poderia vulcanizar os pneus de automoveis, caminhões e aviões, cinco vezes mais depressa do que pelo sistema a vapor. Alem disso, o cozimento resultante era muito mais uniforme, o que significa maior durabilidade para o pneumático.

Na fabricação de alimentos e de drogas, o calor do rádio tem vasto campo de aplicação. Outra firma americana aplica o novo método de aquecimento para secar a penicilina em dez minutos. O antigo método levava 24 horas.

Há tambem uma inovação interessante: um aparelho, do tipo caça-niqueis, para aquecer sanduiches. Coloca-se uma moeda, e o aparelho aquece o recheio do sanduiche, de carne ou de queijo, sem, entretanto, aquecer as fatias de pão, ou o papel do envólucro, porque a carne e o queijo oferecem maior resistência à eletricidade.

Cada conquista do calor representa nova etapa no progresso humano: fogo para aquecer o corpo, fogo para cozinhar, fogo para produzir energia mecânica. O calor do rádio constitue mais um elo nessa série, como um dos adiantamentos fundamentais da engenharia do nosso tempo.

¶ Para lisonjear uma mulher muito feia ou outra excepcionalmente bela, convem falar-lhes de sua inteligência; quando se trata de uma que seja medíocre, falemos-lhe de sua beleza.

—Lord Chesterfield

Pontos de vista

Os HOMENS são mais bonitos que as mulheres, mesmo em Hollywood. As mulheres *parecem* mais bonitas, mas na verdade não o são—fazem vista porque se pintam, vão ao cabeleireiro e usam roupas de colorido variegado. Em comparação, os homens parecem desprovidos de atrativos porque usam todos mais ou menos o mesmo corte de cabelo e roupas de talho idêntico ou côr semelhante. Vistam-se as mulheres de maneira igual à dos homens, cortem-se-lhes os cabelos do mesmo modo que o deles e veremos como ficarão muito menos interessantes do que os homens. Na realidade, quanto a pestanas, sobrancelhas e cutis, os homens, em geral, são muito mais favorecidos pela natureza do que as mulheres. Numa família grande, composta de moças e rapazes, encontraremos maior número de irmãos bonitos que irmãs.

Isso é lei da natureza; não é idéia minha. O homem, como os outros animais do sexo masculino, inclusive os pássaros, a princípio exercia atração sobre o sexo oposto e as mulheres escolhiam os companheiros. Logo que os homens compreenderam que eram eles os senhores e começaram a fazer eles próprios a escolha, as mulheres trataram de se tornar o mais atraentes possivel—e agora vejam...

—Willy Pogany

SOU de opinião que toda mulher deveria possuir pelo menos uma jóia bonita. Não precisa ser jóia de valor. Pode ser uma pedra semi-preciosa, que não custe grande coisa. Mas, se a dona a escolhe com cuidado, procurando saber algo sobre a sua composição, origem e lapidação, e gosta do seu brilho, côr e qualidade, sentirá, ao usá-la, certo estímulo espiritual. A jóia lhe trará muito maior prazer do que milhares de pedras preciosas usadas por mulheres que querem apenas mostrar-se. A terra—em seu processo laborioso de formação, terremotos e erupção—após milhões de anos tem produzido pedras de esplendor maravilhoso. Diziam os antigos que essas pedras vivem, respiram e têm alma. Duvido se eles erraram, pois, às vezes, sinto nelas algo de espiritual.

Creio que existem inúmeras mulheres de recursos modestos que poderiam usar lindas jóias de pouco preço, para seu benefício próprio, material e espiritual.

—Herbert Whitlock, no *American Magazine*

AS CENAS de amor mais apaixonadas, mais ternas e tambem as mais sérias são as que se apresentam à luz da ribalta, apenas por sugestão, sem real contacto físico. As mais afamadas cenas de amor são representadas sem aproximação de fato entre os personagens. Shakespeare teve conciência disso, e fez com que os dois amantes mais apaixonados do mundo apareçam numa cena—suprassumo de ternura—uma na varanda e outro no jardim, respectivamente.

—Da atriz Laurette Taylor, citada em *Daniel Frohman Presents*

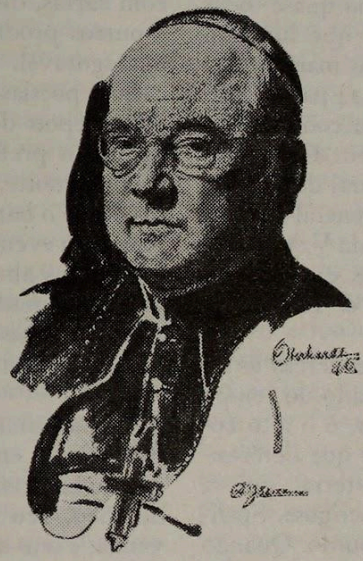
O pequeno eclesiástico que elevou o catolicismo americano a uma posição de prestígio e autoridade sem precedente

O Cardeal Spellman

(*Condensado de «Life»*)

Roger Butterfield

A CARREIRA extraordinária do Cardeal Francisco José Spellman, Arcebispo de Nova York, é impressionante, ainda quando examinada à luz da longa e brilhante história da Igreja Católica, e pode ser atribuida, em grande parte, à sua habilidade em escolher a melhor oportunidade para falar e as pessoas a quem deve dirigir-se. Esse talento, aliado a ardente fé cristã, extrema simpatia pessoal, conhecimento profundo dos homens e de seus objetivos temporais e ainda a várias outras qualidades espirituais, intelectuais e políticas, elevaram-no a um posto de grande realce entre os 350 milhões de católicos do mundo.



Semelhante posição, apesar de não ser oficial, é perfeitamente compreendida no Vaticano, e em algumas importantes capitais, como Washington. O primeiro posto pertence, sem dúvida, ao Papa Pio XII, Cardeal Eugênio Pacelli. O Cardeal Spellman é o enviado pessoal do Papa, seu informante e amigo íntimo e, possivelmente, seu conselheiro mais influente, e uma das poucas pessoas a quem o Papa recebe em seus aposentos particulares do Vaticano. Após suas entrevistas frequentes os dois prelados rezam juntos na capela privada do Papa, privilégio dos mais raros de que se pode orgulhar um católico.

Tem-se dito em Roma, com insistência, que Spellman pode vir a ser o primeiro americano nomeado para o cargo de Secretário de Estado Pontifício, segundo posto do Vaticano que, no caso do atual Papa, serviu de degrau para o Pontificado. Para Spellman, porem, tal nomeação teria inconvenientes, pois sua atividade como embaixador deambulatório e representante do Papa nos Estados Unidos é pelo menos tão valiosa e significativa como o trabalho que poderia realizar na Secretaria do Vaticano. Muitos católicos americanos supõem que ele preferirá continuar à frente da arquidiocese de Nova York.

Nas condições que o mundo atravessa, o Vaticano tem seus olhos fixados nos Estados Unidos e nos seus 24 milhões de católicos, de quem espera receber certo número de contribuições, tais como apoio moral, cooperação política e diplomática,

homens vigorosos e saudaveis, capazes de levar a cabo o esforço missionário da Igreja, alimentos para os povos famintos da Europa, e dinheiro. Tudo isso está sendo canalizado, oficial ou particularmente, através do Arcebispo Spellman. Durante os anos trágicos de guerra foi ele quem se encarregou de fazer com que o Papa e os vários milhares de residentes da neutra cidade do Vaticano não sentissem a fome.

Como Vigário Militar das Forças Armadas dos Estados Unidos, foi pastor de milhões de combatentes católicos e chefe de 5.370 capelães católicos. No exercício dessa tarefa visitou quase todas as frentes de combate em que lutavam soldados americanos e voou mais de 160 mil quilômetros, visitando 24 paises. Durante essas viagens realizou conferências prolongadas com Winston Churchill, General Eisenhower, General de Gaulle, Franco, Haile Selassié, General Smuts, Presidente Inonu, Eamon de Valera, Rei Farouk, Chiang Kai-xeque, e, evidentemente, com o Papa e o Presidente Roosevelt.

Em uma de suas viagens aéreas entre Roma e Nova York, o estado do tempo sobre o Atlântico era mau, e o alto comando americano ordenou que determinado general ficasse em terra, pois a travessia era considerada perigosa. Spellman, porem, continuou a bordo. Quando o general revelou sua indignação e quis saber porque só ele era excluido, Spellman respondeu com um sorriso: «É que não é preciso poupar arcebispos!»

O Cardeal-Arcebispo de Nova York, homem baixo, forte e cintilante, com um rosto ameno, é pessoa cheia de dinamismo e notavel sob muitos aspectos. É poeta prolífico e dos mais bem pagos do mundo. Escreveu quatro livros sobre a guerra, dos quais já se venderam mais de 500 mil exemplares, mas todos os seus lucros como escritor são distribuidos para fins de beneficência. É conhecido orador e escritor, colabora em programas radiofônicos, e foi o primeiro arcebispo que vendeu um dos seus livros para ser filmado (*The Risen Soldier*). Aprendeu a pilotar aviões na Itália e recebeu o brevê de piloto quando ainda bispo.

O fato de tambem ter sido o primeiro arcebispo a usar o ditafone, carateriza o modernismo com que conduz os negócios eclesiásticos. Noite após noite, em seu gabinete de trabalho, no centro de Nova York, Spellman enche vários cilindros com cartas, discursos, sermões, relatórios e outros produtos de sua mente fecunda e inesgotavel.

Suas poesias tambem vão para os cilindros, depois de muito buriladas a pena. Spellman prefere escrever versos depois da meia-noite, quando cessam os ruidos caseiros e o barulho da rua fica reduzido à passagem eventual dos taxis. As poesias já publicadas abrangem grande número de assuntos, desde a emocionante *Oração para Crianças*, reproduzida na revista *Collier's*, em 1944.

O Arcebispo Spellman passou a infância em Whitman, no Estado de Massachussets, onde nasceu em 4 de maio de 1889. Seu pai, William, possuia uma venda, e seus avós vieram da Irlanda para os Estados Unidos em um navio que, segundo as palavras de Spellman, «não era grande coisa».

Frank Spellman cursou a escola primária e o ginásio em sua pequena cidade natal. Não foi um estudante distinto, mas alcançou um prêmio com um ensaio, jogou o beisebol na turma do ginásio local e organizou lutas de box no estábulo da venda, estimulado por seu espírito combativo. Alem disso, distribuia jornais, atendia aos fregueses, transportava encomendas na carroça e chegou a trabalhar como condutor de bonde.

Em 1907 seu pai matriculou-o na Universidade de Fordham, famosa instituição jesuita de Nova York, onde foi bom estudante, posto não se distinguisse. Experimentou novamente o beisebol, mas como era demasiado baixo e leve não pôde fazer parte da equipe da universidade. Tomou parte em várias discussões, trabalhou em diversas comissões acadêmicas e pertenceu à redação do mensário da universidade. No dia em que colou grau comunicou a seus pais que desejava entrar para o Colégio Americano em Roma e seguir a carreira eclesiástica.

Chegou a Roma em setembro de 1911, aos 22 anos, com um chapéu preto derrubado sobre os olhos e uma máquina fotográfica e respectivo tripé a tiracolo. Recebeu, como todos os estudantes, um cubículo minúsculo com pavimento de tijolo, mobilado com uma tarimba e uma mesa. Os trabalhos diários começavam com uma missa às cinco e meia da manhã e terminavam com uma oração, às dez da noite. Toda a atividade era regulada pelo toque de sinos e o silêncio imposto com a máxima rigidez, exceto durante as aulas. As discussões escolares eram conduzidas em latim, e a título de exercício os estudantes passeavam em coluna dupla pelas ruas de Roma, vestidos com suas sotainas pretas.

O meio era totalmente diferente do de Fordham ou do ambiente de sua pequena cidade natal; contudo, Spellman suportou-o sem dificuldade, e pela primeira vez começou a revelar-se um estudante excepcional, até ao ponto de merecer a atenção especial de um dos seus professores, Monsenhor Francesco Borgonginí-Duca, que possuia excelentes ligações no Vaticano. Tomou ordens em 1916 e regressou a Boston como assistente da paróquia de Todos os Santos. Mais tarde foi nomeado redator de um jornal católico de Boston e, na qualidade de diretor da seção de literatura católica, visitou a maioria das igrejas da diocese, ensinando a distinguir entre boa e má literatura.

Em 1925 tomou parte na peregrinação a Roma, comemorativa do Ano Santo, onde voltou a reunir-se com o seu antigo professor, Borgongini-Duca, então auxiliar do poderoso Secretário de Estado, Cardeal Gasparri, que simpatizou com Spellman ao lhe ser este apresentado. Certo dia, durante uma visita de peregrinos americanos, Sua Santidade o Papa Pio XI dirigiu-se a estes em italiano, como de costume. Ao concluir sua alocução notou que o Reverendo Spellman estava presente e fez-lhe um sinal afim de que traduzisse para o inglês suas palavras. Spellman respondeu com uma tradução exata e o fato impressionou o Papa, que compreendia inglês, apesar de não o falar.

Estas oportunidades foram proveitosas para o eclesiástico americano. Graças à gentileza de seus amigos italianos foi convidado para tomar conta de certos trabalhos especiais na Secretaria de Estado do Vaticano, tais como a tradução dos documentos pontifícios do latim e italiano para o inglês e a recepção e guia dos visitantes americanos de maior relevo. Pela primeira vez um americano era nomeado para tais serviços, mas Spellman ficou em Roma sete anos e aproveitou a oportunidade para introduzir algumas notas de modernismo nas regras burocráticas do Vaticano.

Antes da sua chegada todos os documentos importantes subscritos pelo Papa eram publicados primeiro no jornal diário do Vaticano. Os correspondentes estrangeiros tinham que esperar essa publicação para traduzí-los e enviá-los para os outros

paises. Spellman adotou o sistema americano do mimeógrafo e passou a distribuir cópias de todos os documentos, já traduzidos nos mais importantes idiomas. O resultado foi um notavel aumento de publicidade para o Vaticano.

A época era de grande atividade diplomática e os melhores amigos de Spellman figuravam precisamente entre os diplomatas mais eminentes da corte pontifícia. O Cardeal Gasparri exerceu as funções de Secretário de Estado até 1930, data em que se aposentou por motivo de doença. Seu sucessor foi o Cardeal Pacelli, que veio a ser eleito Papa em 1939. Spellman e Pacelli tinham-se conhecido em 1928 e eram desde então amigos íntimos. O esporte favorito de Pacelli era o de escalar montanhas e ele e Spellman escalaram juntos os Alpes suiços.

Em 1929, durante as negociações do Vaticano com Mussolini, mediante as quais foi restaurado o poder temporal do Papa, abolido desde 1870, e reconhecida a soberania do Pontífice sobre os 44 hectares que constituem a atual Cidade do Vaticano, as discussões esbarraram contra um obstáculo representado pela divergência de pontos de vista sobre o casamento. A Igreja desejava conservar a autoridade sobre os nubentes católicos e o Estado insistia na prevalência da lei civil. Spellman sugeriu o sistema adotado nos Estados Unidos, segundo o qual os nubentes têm que obter licença da autoridade civil antes de efetuar o casamento religioso. Os funcionários mais antigos do Vaticano ficaram surpreendidos com a simplicidade e eficiência do método, e Spellman foi nomeado Monsenhor.

Seus préstimos voltaram a ser utilizados em 1931. O inventor Guglielmo Marconi tinha construido a rádio-emissora Papal na cidade do Vaticano e haviam sido feitos os preparativos para iniciar as emissões em 12 de fevereiro de 1931. Spellman, devido a seus antecedentes, foi nomeado perito de rádio do Papa e, na emissão inaugural, a alocução do Pontífice foi imediatamente seguida por sua voz lendo a tradução inglesa do original latino.

Foi pouco mais ou menos nessa época que o governo fascista intensificou sua campanha contra a ação católica e a atividade das juventudes católicas na Itália. Pio XI resolveu contra-atacar com a famosa encíclica que condenou a atitude do governo italiano. Esperava, naturalmente, que o documento ficasse preso em Roma por proibição da Censura de Mussolini. Pacelli, já então Secretário de Estado, sugeriu que se encarregasse Spellman de transportar a encíclica.

Dois ou três dias mais tarde, em París, um eclesiástico baixo, forte, de óculos, entrou nos escritórios da Associated Press e da United Press e apresentou um extenso documento com dez mil palavras dactilografadas. A frase que acompanhou a entrega, segundo as recordações do diretor do escritório, foi esta: «Eis uma dádiva de Deus.»

No dia seguinte, 3 de julho, o documento foi transmitido na íntegra, produzindo extraordinária sensação em todo o mundo. Como consequência desta reprodução, as perseguições fascistas na Itália foram suspensas durante certo tempo.

Entretanto os fascistas souberam quem tinha sido o mensageiro do Papa e Spellman passou a ser seguido constantemente por dois funcionários da polícia secreta. Estes nunca o atacaram, mas a sua presença era um aborrecimento permanente e a paciência de Spellman acabou por esgotar-se. Certo dia, voltando-se para trás, interpelou os dois beleguins com todo o ímpeto:

—Pronto. Aquí estou. Que querem de mim? Os polícias ficaram sem poder falar. Spellman avançou um passo e eles recuaram.

—Se quiserem começar qualquer coisa estou às ordens. Sei muito bem como me defender. Vão-se embora...

E desde esse dia não foi mais seguido.

SPELLMAN foi sagrado bispo em 8 de setembro de 1932, em Roma, durante uma cerimônia que não tem precedente entre as que se organizaram para a sagração de eclesiásticos americanos. O ato, que constituiu uma recompensa apropriada pelos brilhantes serviços prestados durante sete anos na Secretaria de Estado do Vaticano, realizou-se em São Pedro, no altar da cátedra, que se segue em importânica ao grande altar pontifício.

O Cardeal Pacelli oficiou durante a consagração e ofereceu as vestes rituais que adornavam o bispo eleito. Eram as mesmas que Pacelli tinha usado durante a sua consagração como bispo e já tinham sido antes usadas por dois bispos que ascenderam ao pontificado. Figuram hoje entre as relíquias históricas do museu da Universidade de Fordham.

Após sua consagração Spellman foi nomeado reitor da Igreja do Sagrado Coração, um subúrbio rico de Boston. A igreja era bonita, mas a paróquia estava sobrecarregada de dívidas. Spellman, porem, conseguiu equilibrar rapidamente a situação financeira e pagou todas as dívidas.

Sua atitude amavel e democrática conquistou a estima geral dos paroquianos. Ao contrário do reitor precedente, que tinha chofer, Spellman guiava seu Chevrolet em plena cidade e quase todos os dias percorria a paróquia a pé, fazendo visitas.

Quando Pacelli visitou os Estados Unidos em 1936, ainda na sua qualidade de Secretário de Estado Pontifício, ele e Spellman atravessaram duas vezes o país em um avião alugado.

Pacelli foi eleito Papa em princípios de 1939, em seguida à morte de Pio XI. Um dos seus primeiros atos foi nomear seu amigo íntimo americano, o Bispo Spellman, para o cargo vago de Arcebispo de Nova York.

Pouco depois dessa nomeação, Spellman foi novamente chamado para intervir numa delicada negociação internacional entre os seus bons amigos, o Papa e o Presidente Roosevelt. A guerra na Europa tinha começado e tanto Washington como Roma estavam empregando todos os esforços para localizar o conflito e limitar sua duração. Tais esforços precisavam, porem, ser coordenados.

O Presidente sabia que não podia nomear um embaixador oficial junto à Santa Sé sem provocar controvérsias graves e levantar suspeitas entre os 57 milhões de protestantes dos Estados Unidos. Todavia encontrou a solução de nomear um representante pessoal, sem categoria diplomática, capaz de trabalhar ao lado do Papa e de conservar ambas as partes informadas sobre o que se passasse. Spellman foi o intermediário na escolha de Myron Taylor, homem de negócios de grande vulto e protestante.

DURANTE os seis anos em que se encontra à frente da Arquidiocese de Nova York, Spellman tem empregado seus esforços para cristianizar o mundo. Sua tolerância, ainda que consideravel, não protege os que se pretendem encobrir com a Igreja para levar a cabo campanhas de discriminação racial. Seu desprezo para com os membros da chamada Frente Cristã, por exemplo, organização

fascista nos Estados Unidos, foi expressado nas seguintes palavras: «Esses não são católicos. Para ser católico é preciso antes ser cristão.»

Spellman sempre procurou evitar sua interferência em particularidades da política. Todavia, a posição que ocupa é tão relevante, que suas opiniões têm grande importância em muitos casos.

Spellman tem servido de intermediário para importantes comunicações entre a Santa Sé e o Departamento de Estado. Suas deambulações internacionais fizeram com que alguns protestantes americanos o olhassem com suspeita. *The Protestant*, orgão violento da ala esquerda do protestantismo, referiu-se uma vez às viagens de Spellman como sendo «os processos tortuosos do servo da intriga do Vaticano».

Apesar de ter discutido muitos assuntos e aprendido várias coisas durante essas viagens, o propósito de Spellman tem sido sempre o dos grandes estadistas e diplomatas da Igreja: difundir a religião mediante a ação favoravel dos governos.

Spellman nunca esqueceu que na sua mocidade distribuiu de porta em porta as compras dos fregueses de seu pai, que jogou o beisebol e que iniciou sua vida no ambiente de uma pequena comunidade americana. Seu amor pela América é profundo e genuino. Está longe de sentir qualquer conflito entre a forma de governo dos Estados Unidos e a sua Igreja, e expressou a convicção sincera de que ambos estão hoje unidos para a realização do mesmo propósito: a conquista da justiça e da democracia para todos os povos do mundo.

Uma promessa cumprida

¶ Certa noite, bem no início deste século, um jovem casal, em lua de mel, jantou num pequeno e obscuro restaurante de París. Chegado o momento de pagar a conta, o marido, embaraçado, percebeu que lhe haviam furtado a carteira; e a situação tornou-se ainda mais aflitiva quando o garçon, incrédulo, levou os dois à presença do gerente. Este viu, no rapaz, qualquer coisa que despertou sua simpatia, e, ao saber que haviam perdido, tambem, as passagens de volta para Viena, prontificou-se a emprestar-lhes o dinheiro que fosse preciso.

—O sr. não se há-de arrepender de sua generosidade, prometeu o rapaz. —Prometo-lhe que darei fama ao sr. e ao seu restaurante. Minha ambição é compor uma opereta, e nela estará esta casa.

Ouvindo isso, o gerente sorriu. Não esperava tanto... Queria apenas que se lhe devolvesse o dinheiro.

No entanto, esse rapaz, que se chamava Franz Lehar, cumpriu a promessa ao pé da letra. Daí a alguns anos, compôs *A Viuva Alegre*, com a famosa canção referente ao Café Maxim. E o amavel proprietário, Eugène Cornuche, tendo ajudado um compositor pobre, viu tornar-se famoso o seu estabelecimento, conhecido, desde então, no mundo inteiro.

—*Romance, Rhythm and Ripley* (Columbia Broadcasting System), na revista *Listen*

QUATRO CIGARROS

(Condensado de «This Week»)

Por Arthur Gordon

Confesso-me nada à vontade para contar esta história, porque, mesmo agora, tantos meses depois, ainda me sinto envergonhado do papel que nela representei. Mas o episódio serve para nos recordar que a França, malgrado a humilhação nacional por que passou, durante vários anos, e a atual confusão política que a envolve, é uma grande e nobre nação.

Pouco depois de terminada a guerra na Europa, eu e mais dois companheiros decidimos passar uma semana de férias na Riviera, onde as Forças Aéreas Americanas tinham um hotel de repouso. Não podia haver nada melhor. A diária, baratíssima, incluia as refeições e magníficos aposentos com janelas para a baía. A comida era boa, e fazia um tempo encantador. Quanto à disciplina militar, só vigorava, naquele período, a estritamente necessária.

Tratamos de nos divertir. E porque não? Tínhamos ganho a guerra, não é verdade? O fato de que os civís franceses ainda careciam de alimentos, e que os mais miseraveis lutavam entre si para conseguir nossas pontas de cigarros, não impedia que nos sentíssemos plenamente satisfeitos. Convidávamos as jovens francesas para compartilhar da nossa cozinha militar, atirávamos bombons à meninada, e tudo nos parecia correr às mil maravilhas.

Uma tarde, antes do jantar, estávamos sentados no terraço do hotel, contemplando o crepúsculo e a gente que passava, quando descobrimos, sob a nossa mesa, quatro cigarros americanos que alguem deixara cair por acidente. E um de nós sugeriu que puséssemos os quatro cigarros na calçada.

Foi uma coisa impensada, mas não maldosa, típica do carater ingênuo dos americanos. Cigarros bons eram objetos de luxo para os franceses, e valiam uma fortuna. Antecipávamos um espetáculo divertido, entre aqueles transeuntes mal vestidos.

Uma pequena vinha descendo a rua. Não era exatamente bonita, mas possuia aquele indefinivel encanto peculiar às francesas. Viu os cigarros, e parou bem em frente de nós. Por um momento, ficou imovel. Depois, pisando com a ponta do sapato um dos cigarros, destroçou-o completamente. E, sem se apressar, fez o mesmo com os restantes.

Acabando de esmagar os cigarros, voltou-se para nós, encarando-nos com um olhar selvagem e soberbo. Olhamos para outro lado, para nossos sapatos, para o alto, para toda parte. Finalmente, ela prosseguiu com calma o caminho rua abaixo—a *sua* rua.

Nós nos entreolhamos. Tínhamos procurado, e acháramos... Fomos então jantar. Aquela noite, no entanto, o vinho sabia a fel.

Conto o incidente como uma espécie de penitência. Talvez alguns dos meus amigos americanos tão inclinados à crítica da França, presentemente, leiam esta história. E, *mademoiselle*, se por acaso ler isto, aceite as mais humildes desculpas de três soldados americanos—e o preito de nossa sincera admiração.

Estes mineiros americanos, aproveitando a época de escassez de trabalho, ou trabalhando nas horas vagas, construiram suas residências

Cincoenta famílias que construiram suas próprias casas

(*Condensado do «Rotarian»*)
Por Don Wharton

Cada casa tem sua própria fisionomia

NUMA VELHA granja, situada sobre uma mina de carvão já abandonada, na Pensilvânia, cincoenta mineiros, usando de esforço coletivo, construiram ótimas residências para suas famílias.

Há uns nove anos, esses trabalhadores das minas viviam em míseras «favelas» enegrecidas pelo pó do carvão. Suas casas se compunham de quatro quartos, sem água e eletricidade. Hoje moram em elegantes casinhas de pedra, de dois andares, com seis peças, numa área de 370 metros quadrados.

Cada casa tem um banheiro, uma cozinha moderna, um porão com depósito para frutas e legumes e quarto de lavar roupa; há ainda fornalha para o aquecimento, soalho de madeira de lei, paredes bem rebocadas, uma varanda, um gramado, uma capoeira de galinhas, árvores frutíferas, e cerca de um hectare de terreno em redor da casa. Os mineiros estão pagando suas casas em módicas prestações mensais, em que se incluem juros, impostos e seguro, estendendo-se o prazo de amortização a 20 anos. Os compradores não efetuaram nenhum depósito inicial nem teve o governo de despender qualquer verba para as construções.

O segredo disso está em que, instigados e auxiliados por uma cooperativa, os mineiros foram os arquitetos e construtores de suas próprias casas. No início do serviço, vários tinham livres alguns dias em que não trabalhavam nas minas, e outros estavam mesmo sem trabalho, dispondo de todo o tempo. Resolveram então organizar um adjutório, coletivizando o serviço numa espécie de empreitada amistosa. Como resultado dessa boa lembrança, cada mineiro possue hoje uma casa, devendo apenas o custo da terra e dos materiais de construção.

Em certa comarca, em 1937, das suas 152 minas de carvão, 96 estavam exhauridas ou fechadas; 56 eram trabalhadas sem continuidade, e por isso 30 por cento da sua população vivia de pensões do governo; em consequência, a depressão moral era enorme. Foi no auge dessa situação de desespero que Clarence

Pickett e Homer Morris conceberam o plano e organização da sociedade, sugerindo que se levasse a efeito uma experiência em construção de casas. Alguns industriais da vizinhança se propuseram financiar o projeto. Compraram então uma velha granja de cem hectares de terreno e anunciaram aos interessados que poderiam construir aí sua futura morada.

Surgiram logo duzentas e cincoenta famílias candidatas à curiosa aventura. A organização, submetendo esses pretendentes a várias provas, reduziu consideravelmente o seu número. Quando um homem se apresentava para fazer parte do projeto, era experimentalmente posto a trabalhar na granja—roçando mato ou lavrando a terra. Um desses candidatos trabalhou até às duas e meia da tarde, e foi-se embora, dizendo que, nas obras estipendiadas pelo governo, não se exigiam mais de seis horas de trabalho por dia. Sete outros pretendentes deixaram o serviço sem ao menos esperar pelo pagamento.

Os futuros moradores tinham que ser mineiros—com serviço diário ou parcial nas minas. Os homens aceitos, variavam entre 35 e 45 anos de idade, representando uma média da população mineira da comarca.

Foram postos a trabalhar numa granja que o mato ia invadindo. Antes, porem, de começarem a cavar os alicerces de sua futura casa, precisaram de tratar do abastecimento de água e eletricidade, de transformar um velho estábulo em escritório—e todo esse tempo azucrinados pelos curiosos e vizinhos a lhes soprar ao ouvido que eram uns idiotas—«trabalhando de graça»—ou que «nunca seriam donos dessas casas»...

Ao fim de cada dia, o trabalhador enchia uma papeleta, na qual se apontava o número de horas de trabalho que lhe eram creditadas e por sua vez debitadas à pessoa ou granjeiro, em cuja propriedade tivesse prestado os seus serviços. Desde o princípio, ficou estabelecido que podiam permutar o trabalho como quisessem, sem referência à qualidade de serviço, eficiência do trabalhador, rapidez, e semelhantes detalhes. Se um trabalhador se mostrava indolente, os outros de certo o repreenderiam em público nas reuniões de quinzena, na sede da associação. Assim que se atacou a construção propriamente dita, os trabalhadores encontraram logo uma maneira de decidir quais as casas que deveriam ser terminadas em primeiro lugar: seriam as pertencentes aos trabalhadores que tinham a seu crédito o maior número de horas de serviço. Sempre que duas casas se achavam prontas para o reboco final, prevalecia o mesmo sistema, favorecendo-se os que houvessem trabalhado mais tempo.

Simples mineiros, esses homens não tinham naturalmente a necessária experiência ou perícia na construção de domicílios. A organização contratou então um mestre pedreiro e um bom carpinteiro para os dirigir no levantamento das obras. Depois de alguns meses de constante labor, viam-se grupos de oito e dez casas em diversas etapas da construção. Uma turma de escavadores era vista a cavar o porão da casa, um grupo de pedreiros levantava já os alicerces, enquanto os carpinteiros iam preparando e ajustando o madeirame. Alem desses, havia outros operários improvisados que estariam talhando pedras, peneirando areia, ou fazendo caixilhos para portas e janelas. Desta maneira, cada dono de casa contribuiu com cerca de 2.750 horas em trabalho conjunto e mais 1.250 por conta própria, para terminar sua moradia. Às vezes, um homem trabalhava todo

o dia, com os outros, na casa de um deles, e à tardinha, depois do jantar, ia tratar do esgoto, no porão de sua casa, ou colocar os caixilhos nas janelas...

Todo esse tempo, os homens ainda trabalhavam alguns dias por semana no fundo das minas. Quando rebentou a guerra na Europa, o trabalho dos mineiros aumentou, tornando necessária a organização de outras turmas de trabalhadores, rapazes de quinze ou dezesseis anos, que se ocupavam durante o dia no serviço das casas; seu trabalho era avaliado à razão de 75 por cento do rendimento em homem-hora, de maneira que um pai podia assim ser creditado nas obras por tantas horas de trabalho executado pelos filhos.

Cinco das casas foram planejadas por um bom arquiteto, mantendo-se num mínimo as alterações a serem feitas para satisfazer caprichos individuais; não obstante, nenhuma casa era idêntica a outra. Via de regra, as de pedra custam mais do que as de madeira. Mas, como acontecia haver boas pedreiras perto da granja, com o trabalho coletivizado e a um preço módico por caminhão pago à pedreira, toda a pedra necessária a uma casa ficava baratíssima, disto resultando construção mais bonita, mais duravel e de mais facil e econômica conservação.

O gerente das obras descobriu outro meio de baratear a construção. Levantadas a mão as paredes das quatro primeiras casas, ideou depois um sistema de plataformas moveis, feitas de madeira, onde as pedras eram colocadas, com o que se obteve um mais rápido trabalho dos pedreiros e uma redução de preço por casa.

Com o auxílio de outros trabalhadores, transformou uma antiga cocheira numa tenda de carpinteiro, onde instalou uma serra circular e, com o uso de um motor e outros petrechos, começou a aparelhar toda a madeira de que as obras necessitavam, comprada em caminhões completos. Aí os homens trabalhavam à noite, ou quando fazia mau tempo, preparando caixilhos para janelas, portais, etc.

Começaram-se os primeiros alicerces em agosto de 1937 e a primeira casa de pedra foi concluida e ocupada em novembro de 1939. No fim de 1940, já vinte famílias moravam em casa própria, e em meados de 1943 as 50 famílias estavam convenientemente instaladas. Enquanto isso, cada um dos moradores tinha dado cem horas de trabalho para a construção de uma pequena fábrica, de finalidade não lucrativa, para a fabricação de suéteres, pois era preciso tambem criar uma fonte de renda para os jovens da localidade. No ano passado, essa fábrica produziu seis mil dúzias de suéteres. Hoje a pequena fabrica emprega 65 operárias, das quais 21 são filhas dos moradores do vilarejo; seus salários já alcançam mais do dobro do que eram no início da empresa. Os empregados têm uma semana de férias com vencimentos e dispõem de serviço gratuito de hospitalização, seguro de vida e seguro-doença.

Essa experiência constitue eloquente prova de que, com a necessária ajuda e uma direção inteligente, os mais simples operários podem por si próprios solucionar os seus problemas.

¶ A MANEIRA mais facil e mais segura de viver honradamente neste mundo consiste em ser, na realidade, o que parecemos ser.

—Sócrates

ANEDOTAS DA ATUALIDADE

Da crônica diária de Leonard Lyons

QUANDO os alemães ocuparam Biarritz, alguns dos seus soldados foram tomar banho de mar em ordem inflexivel. Puseram-se em forma, em plena praia, despiram-se em obediência à palavra do oficial, e marcharam juntos para dentro da água. Sob os olhares de muitos habitantes do local, escondidos a certa distância, os 78 nazistas afogaram ao cair em fortíssima correnteza sobre a qual ninguem os avisara.

A população de Biarritz erige agora um monumento à sua aliada, matadora de alemães: uma onda de mármore, belamente esculpida.

HÁ EM Nova York um suntuoso palacete pertencente à milionária Sra. Cornelius Vanderbilt, que foi aberto à visitação pública antes de ser desocupado pelos proprietários. Entre os curiosos, contava-se uma senhora que tinha a mania de colecionar lembranças. Vendo um cinzeiro de pequeno tamanho, que poderia facilmente meter no bolso, não resistiu à tentação, e—zás!—surripiou-o furtivamente.

Imediatamente, porem, repôs o objeto onde o havia tirado, pois vira nele gravadas as palavras: «Hotel Biltmore».

NA INGLATERRA, há pouco tempo, o conhecido major De Seversky, perito em aviação, pilotou o primeiro aparelho de propulsão a jacto que decolou de bordo de um porta-aviões. Disseram-lhe que nada contasse da experiência, considerada ainda como segredo militar. Dias depois, achava-se ele num dos grandes hotéis de Nova York, onde a cantora Hildegarde o apresentou a seus amigos como sendo o primeiro homem a decolar, num avião do tipo citado, de um porta-aviões. Boquiaberto, Seversky perguntou-lhe como soubera, e Hildegarde replicou: —Ora, eu vi sua decolagem agorinha mesmo, no cinema da esquina...

O DRAMATURGO Ferenc Molnár usa dois sistemas diversos para se ver livre dos visitantes importunos. Àqueles que são apenas ligeiramente cacetes, sua secretária diz somente: —Sinto muito, mas ele não está. Mas às pessoas com quem ele antipatiza solenemente, a secretária repete aquela frase, acrescentando: —Ele saiu neste instante; se o sr. correr pela escada abaixo, é possivel que ainda consiga alcançá-lo.

O JUIZ americano Robert Jackson, promotor principal nos processos contra criminosos de guerra em Nuremberg, inspecionou o castelo da família Faber, o qual, segundo lhe haviam sugerido, talvez servisse para alojamento dele e de seus funcionários. Após cuidadoso exame, o magistrado resolveu que não moraria alí, explicando: «A imprensa me censuraria por viver com tanto luxo.» Afinal decidiu-se por uma casa de campo, bem mais modesta. E o castelo Faber acabou se transformando... em alojamento da imprensa.

DEPOIS de passar oito anos nos Estados Unidos, o dr. Hu Shih, ex-ambaixador da China em Washington, voltou ao seu país para reassumir seu posto na presidência da Universidade de Peipim. Doara à universidade sua coleção particular de caixas de fósforos, que é a maior do mundo, e que assim se iniciou: pouco depois de sua chegada aos Estados Unidos, num jantar em sua homenagem, distribuiram-se caixinhas de fósforos nas quais seu nome fora impresso. O embaixador guardou algumas delas. Mais tarde, um fotógrafo da revista *Life* foi à casa de Hu Shih e lá tirou retratos dele, em que se viam as caixinhas, esclarecendo a legenda que o embaixador era colecionador das mesmas.

Alguns leitores da revista passaram a enviar-lhe caixas de fósforos; outros, «maníacos», reconhecendo no ilustre diplomata um colega de estirpe, mandaram-lhe centenas delas. Todas as vezes que ele fazia conferências em estabelecimentos de ensino, ganhava mais caixas de fósforos. Houve até banquetes em sua honra, para os quais o preço de ingresso eram cem das tais caixinhas. Não tardou que o dr. Hu se tornasse o maior colecionador de caixas de fósforos no mundo inteiro.

Entre parênteses: o dr. Hu Shih sempre usa isqueiro...

Uma janela para o mundo

¶ NUMA IGREJINHA bem no sul da Irlanda, todas as janelas, exceto uma, são de vitrais coloridos. Através daquela que tem vidro comum, pode-se desfrutar deslumbrante panorama: um lago do mais belo azul, salpicado de ilhotas verdes, vendo-se, ao fundo, magnífica cordilheira com matizes roxos. Na parede, sob a janela, acha-se a seguinte inscrição:

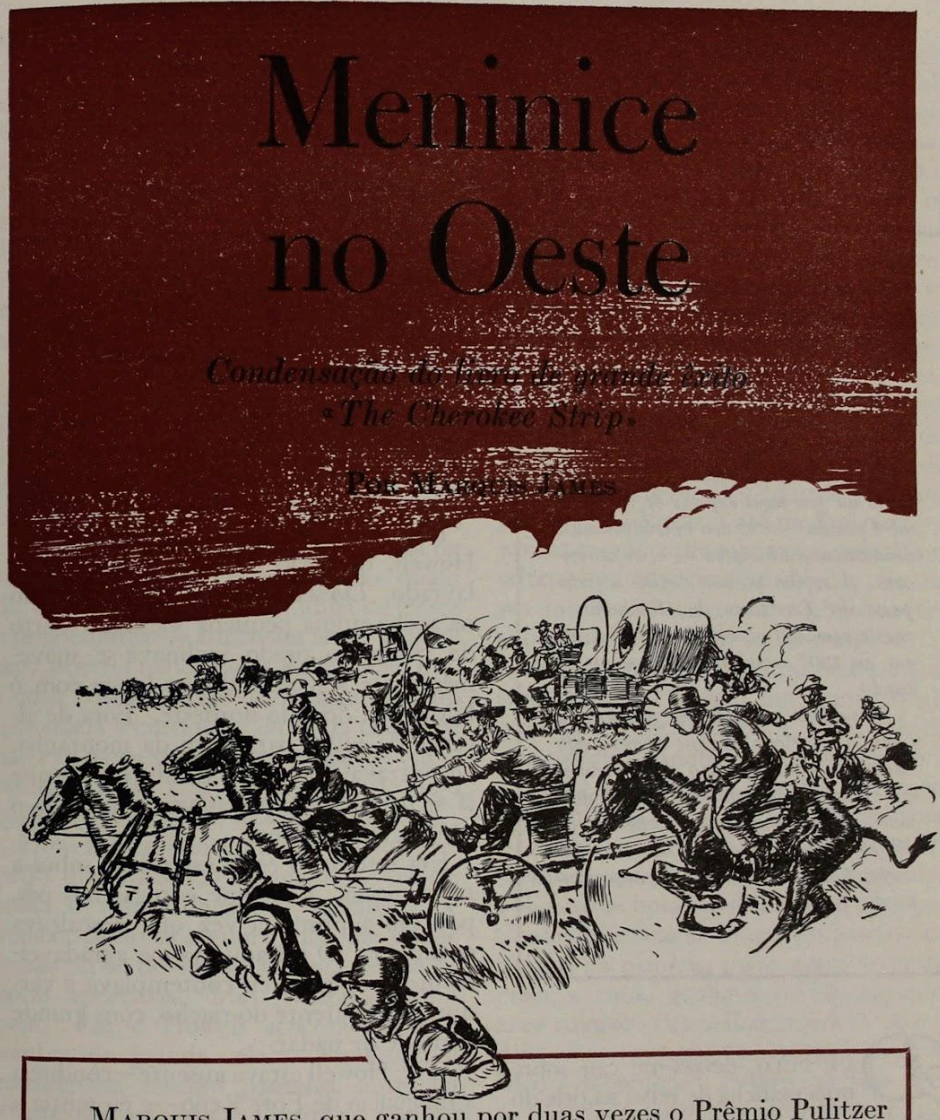
«Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento revela Sua arte.»

—Robert Gibbings, *Coming Down the Wye* (Dutton, ed.)

Saude a todo custo

¶ AS LONDRINAS adotam um sistema interessante com que acreditam conservar a beleza; trata-se de «caminhar no orvalho». De manhãzinha, as granfinas tomam seus automoveis no bairro de Mayfair e dirigem-se ao campo, onde seguem, com solenidade, o ritual da «orvalhoterapia». Tirando sapatos e meias, andam alguns passos sobre a relva úmida, antes de voltar a suas casas para tomar o café matinal. O inventor do sistema, especialista em assuntos concernentes à beleza feminina, explica que é uma velhíssima receita destinada a alcançar a saude.

—*Referee*



MARQUIS JAMES, que ganhou por duas vezes o Prêmio Pulitzer de biografia, conta-nos a história da sua meninice, passada numa vila de pioneiros. «Essas recordações,» diz Stanley Walker na Revista Semanal de Literatura do *New York Herald Tribune*, «são soberbas. Nenhum outro livro de reminiscências da infância, publicado nos Estados Unidos nos anos recentes—a não ser talvez *Happy Days* de H. L. Mencken—se lhe pode comparar em simplicidade, graça, bom gosto e riqueza de pormenor.»

Copyright 1945, *por Marquis James; editado pela Viking Press, Nova York.*

Preço: 3 dólares

MENINICE NO OESTE

O Território do Cherokee, três milhões e um quarto de hectares de relvado ao sul da fronteira do Kansas, foi aberto à colonização de brancos em 1893. *O terreno fora comprado à tribo Cherokee pelo governo dos Estados Unidos e dividido em parcelas de 80 hectares. A adjudicação desses lotes de terreno era decidida por uma espécie de concurso ou «Corrida»—um dos episódios mais dramáticos da história do oeste americano. A região passou depois a fazer parte do Território do Oklahoma e manteve-se sob governo territorial até que, em 1907, o Oklahoma passou a ser estado.*

No período animado que se seguiu à Corrida—período em que decorre esta narrativa—o Território do Cherokee era «uma região habitada por colonos, matizada de vaqueiros, cocheiros de diligência, advogados, proscritos, jogadores, taberneiros, lojistas, negociantes de cavalos e índios».

DUM PULO, deixei-me cair sobre uma mancha de relva na orla do rochedo e meu cachorro, Prince, saltou atrás de mim. Seguia-me ele sempre como uma sombra. De noite dormia aos pés da minha cama, sobre um velho roupão que todas as manhãs tinha de estender ao ar. Prince andara a correr atrás dum coelho bravo e agora resfolegava, com a língua de fora.

A orla desse rochedo era meu ponto predileto. O panorama que se avistava era dos mais variados: lá em baixo, a terra lavrada e escura de West Bottom, que algumas vezes chamávamos a Ferradura, por causa da curva que o ribeiro Boggy traçava em redor. As voltas graciosas do ribeiro eram definidas por uma fileira de ulmeiros e de algodoeiros, que se cobriam de botões dum verde pálido.

Para o norte ficava o terreno do sr. Howell, que não o tinha murado nem lavrado. Do seu modesto abrigo, cavado na rocha numa pequena elevação perto do riacho, o prado inclinava-se suavemente até se confundir ao longe com o horizonte, do lado nordeste. Fora de alcance da vista, para alem da montanha, encontrava-se a vila de Enid—e tudo que lá se passava. Algumas vezes se ouvia o silvo agudo do trem.

Era um gosto estar estendido sobre a relva macia. Fazia-me cócegas nos pés, pois era a primeira vez que descalçava os sapatos. O sol aquecia-me agradavelmente as costas, e eu contemplava a verdura transparente do riacho, com grande vontade de nadar.

O sr. Howell estava ausente—conduzia a diligência de Fort Reno—e eu sentia a sua falta. O tubo da lareira que saía pela janela da sua cabana, não estava fumaçando. O sr. Howell afirmava que a janela era o melhor lugar para o tubo da chaminé, pois, se saisse pelo telhado, deixaria entrar água quando chovesse. Por isso é que a chuva não entrava em sua casa. No inverno era aconchegada e confortavel e no verão tão fresquinha como a nossa adega na margem do ribeiro debaixo da Árvore Grande. Prince e eu íamos visitá-lo muitas vezes, mas agora a porta estava fechada a cadeado, e tudo silencioso em volta. Antes da partida do sr. Howell a porta nunca estava trancada. Prince e eu íamos e vínhamos quando nos apetecia, entrávamos e instalávamo-nos confortavelmente na cabana bem arranjadinha.

Howell era, entre as pessoas minhas conhecidas, a única que estava sempre fazendo qualquer coisa de interessante, e consentia que eu o ajudasse; caçávamos e pescávamos; armávamos ratoeiras para os ratos almiscarados, ao longo do ribeiro; cozinhávamos e comíamos, na cabana ou onde quer que nos encontrássemos quando tínhamos fome. Uma linha de pesca e uma espingarda bastavam ao sr. Howell para obter a maior parte do seu sustento. Comia com o auxílio duma faca de mato que trazia à cintura. Garfo era coisa que não existia na sua cabana, e quando vinha jantar à nossa casa a mamãe dizia que o garfo era um objeto desconhecido dele.

Howell e eu íamos visitar o velho tropeiro que trabalhava para o sr. Utsler; tinha o rosto vincado e macilento, e andava como se alguma coisa lhe doesse —não sei se devido às articulações ou às botas apertadas. Mas montava muito bem. Ele e Howell acocoravam-se à sombra do grande celeiro dos Utsler e recordavam tempos passados, antes da «Corrida», quando o Território não era mais do que uma estância de gado.

Falaram do preto Green, vaqueiro que percorrera a região do México ao Canadá. Green tinha vencido as barreiras de raça e adornara o nome de façanhas lendárias. Sem promessas prévias e sem se vangloriar depois, realizava as maiores proezas. «Você será capaz de montar neste animal?» perguntavam-lhe os companheiros, apontando para um cavalinho. «Talvez não seja capaz, mas não custa nada experimentar.» Green podia montar fosse o que fosse com um selim em cima.

Alem de presunções mais óbvias, os vaqueiros vangloriavam-se sempre da sua habilidade hípica, com grande exagero. Quando se pergunta a um vaqueiro se monta a cavalo, responde sempre: «Bem, mesmo, eu não monto não; mas lá de vez em quando, vai.» Responder doutra maneira seria o mesmo que confessar uma fraqueza. Bons cavaleiros, à moda do leste, apareceram no oeste á procura de trabalho, envergando o traje de vaqueiro por gracejo. Vinham até de Inglaterra—jovens caçadores de raposas que só sabiam saltar obstáculos de cinco barras. Se, na sua inocência, um novato admitisse ter experiência da sela, o capataz logo dizia: «Muito bem, pessoal. Aquí está um que sabe montar. Tragam um animal qualquer para experimentar.» Já se calcula que espécie de animal lhe apresentavam...

Tinha saudades do Howell sobretudo pelas histórias que contava. Se calhasse estar chovendo, ficava a consertar as ratoeiras, a carregar balas para a espingarda, a encebar as botas ou a remendar a roupa. Contava-me como foram numerosos os búfalos na planície, como era a areia da praia, e como ganhava a vida caçando esses animais: tirava-lhes as peles e abandonava as carcassas às centenas para os falcões devorarem. Falava-me dum peixe que dava saltos tão altos como a sua cabana, pulando mesmo sobre uma catarata, para chegar a seu destino. Só entendí o que era uma catarata, quando ele pegou numa vara e fez uma pequena queda d'água na nossa fonte para me explicar. Tambem me contou que os ursos eram capazes de pescar, agarrando o peixe com as patas.

Falou-me ainda das minas de ouro do Colorado e da Califórnia, e das árvores gigantes deste último estado. Certamente vira mais maravilhas que qualquer outro homem no mundo. Nossa Árvore Grande era um algodoeiro com a casca tão velha e tão enrugada que um garoto descalço seria capaz de trepar por ela como se subisse uma escadinha. O primeiro braço da árvore começava à altura da nossa chaminé e a distância à roda do tronco era de mais de quatro metros. Meu pai dizia que a Árvore Grande era o ser vivo mais antigo do Território de Cherokee. Nem o próprio Howell se lembrava de nenhuma outra árvore maior que a nossa; mas ao lado das grandes árvores da Califórnia, imaginava eu, a nossa não seria mais que um arbusto.

Enid

Depois que Howell se foi embora, parecia haver mais lobos que vinham roubar galinhas de noite. Era o que dizia mamãe. Howell dava cabo dos lobos, apesar de não gostar lá muito do ofício. Só disparava contra eles para fazer um favor a mamãe.

Esforçava-me tenazmente para conservar bem clara a imagem do Howell e o som de sua voz. Sentado sobre o feno, no sotão da cavalariça, punha-me a contar ao Prince as histórias do Howell, fingindo que eu era este, e que o Prince era eu.

«Naquele inverno de 75, Marquis, quando eu estava trabalhando para o Crook...»

Fiquei muito preocupado com uma observação de papai e perguntei a mamãe:—Será verdade o que papai diz a respeito do sr. Howell?

—O que é, Marquis?

—Que se ele fez tudo o que conta, devia ter hoje mais de cento e dez anos.

Mamãe pôs-se a rir. —O sr. Howell é um bom homem, um velhote simpático que tem levado uma vida árdua e solitária. As pessoas que vivem isoladas têm às vezes uma imaginação muito fecunda.

As suas palavras encheram-me de tristeza. Seria possivel que o sr. Howell inventasse parte das suas histórias? Era isso que mamãe queria dizer, embora fazendo-o veladamente. De repente sentí-me muito zangado com meu pai e minha mãe. Disse para comigo que não havia de acreditar, «de jeito nenhum,» no que eles diziam acerca do sr. Howell.

Mamãe devia ter reparado que eu não estava satisfeito.

—Não fique aborrecido com o que seu pai diz do sr. Howell. É por causa das escadas, sabe? Talvez seu pai tenha razão em dizer que o sr. Howell ficou atrapalhado sem saber como se constrói uma escada, depois dele se ter gabado tanto da sua arte de carpinteiro. Tambem pode muito bem ser que o sr. Howell tenha razão: ele garante que seu pai se esqueceu de pôr as escadas quando fez a planta da casa.

Desde pequenino que ouvia conversa de gente grande sobre as escadas que não existiam em nossa casa; apenas uns degraus na varanda de trás. Mas papai caçoava de tudo isso.

—Fui eu que fiz a planta da primeira escada de dois andares na comarca de Garfield. Comprei a madeira, que foi um bocado cara, e fiz o transporte dela. Não havia carpinteiros que chegassem porque todo o mundo queria construir suas casas ao mesmo tempo. Apareceu um dia o Howell. Eu já tinha ouvido dizer que ele havia sido conselheiro do general Sherman, na Guerra Civil, que tinha ganho quase todas as batalhas com os índios, e extraido quase todo o ouro do Oeste. Mas só fiquei sabendo que era tambem carpinteiro, quando fui contar

a ele os apuros em que me encontrava. Parece que ele acabava de chegar duma região próspera, onde tinha posto de parte o ofício de extrair ouro para construir palácios para a gente rica do lugar. Resolví incumbí-lo de todo o serviço, e partí para Guthrie afim de tomar parte num juri. Quando voltei, encontrei uma casa de dois andares, sem escada!

—Mas isso foi há três anos, dizia mamãe. —Há muitos carpinteiros por aí agora, mas continuamos sem a escada...

—Ando muito atarefado com a colheita de fumo: dez hectares do melhor fumo do Cherokee.

—O *único* fumo de Cherokee, se não me engano, emendava ela.

—A zona aquí é nova, Raquel. Dez hectares de fumo. Quando começar a vender, vou construir um anexo na casa, na fachada principal, e ponho lá uma escadaria.

A promessa da escada no novo anexo despertou meu interesse pelo assunto, em que não tinha, aliás, experiência alguma. A maioria das escadarias em Enid ficavam do lado de fora das casas, onde se podiam ver bem. Algumas, porem, ficavam no interior, como no Hotel Rex e no edifício onde papai tinha o seu escritório. Preferia que nossa escada ficasse do lado exterior. Dessa maneira toda a gente podia vê-la e não se falaria mais na casa do James que tinha um andar superior para onde não havia meio de subir...

Uma viagem a Enid era uma aventura maravilhosa e as escadas que lá se viam eram o menos importante. Logo a seguir à planície elevava-se uma casa aquí, outra acolá—e não havia muitas de colmo. Diversas eram até caiadas. Depois atravessava-se a estrada de ferro e às vezes com tanta sorte que se via passar o trem. «Pare, olhe, escute,» dizia o letreiro branco em forma de X. Nunca ninguem parava. Os habitantes de Enid não consentiam que a estrada de ferro lhes desse ordens. A seguir começavam as lojas, com os edifícios pegados uns aos outros e sem jardins à frente; apenas passeios largos protegidos por toldos de madeira. E assim se chegava à Praça.

Nessa altura já tinha a cabeça à roda, e seria dificil, realmente, descrever o que se passava na Praça. Nunca se viram tantos veículos, nem tanta gente junta. Carros de toda espécie: carros, carruagens, de capota arreada e de capota levantada; carroças de todas as formas e feitios, transportando mobília; carros de boi carregados de feno; tipóias fechadas; a velha diligência amarela que agora só fazia a carreira da Praça até à estação da estrada de ferro; e isso tudo sem falar na belíssima carruagem do Moore, com o seu cocheiro a conduzir uma parelha de baios e Miss Mabel, a filha do coronel, reclinada graciosamente e segurando um guarda-sol. Linda como uma estampa. Certo dia aproximei-me e reparei que Miss Mabel tinha sardas no rosto.

Em toda a volta da praça, que tinha perto de três hectares, havia argolas nas paredes para as pessoas prenderem os seus cavalos ou viaturas. Os mais cuidadosos faziam andar os animais dum lado para outro até encontrar um lugar à sombra dos edifícios. Quando mamãe ou papai me mandava mudar o lugar do nosso cavalo para a sombra, sentia-me muito importante. Assim me era dado fingir, durante alguns instantes ao menos, que viera a cavalo, sozinho, até Enid...

Atrás da carroça dum pioneiro seguia uma vitela, um touro ou um potro, atados a cordas. Dentro de engradados grunhiam bacorinhos, a caminho do mercado; ou galinhas, perús, frangos, com os pés atados. Outro caixote abarrotava de

melões, melancias, nabos ou espigas de milho para assar; lebres ou coelhos ostentavam seus abrigos de pele sedosa. Lembro-me de uma vez em que, tendo ido com meu pai a North Town, ele me deixou ficar sozinho no carro e me assustei terrivelmente quando vi passar um grande grupo de crianças. Pensei que se iam atirar a mim. Talvez porque raramente encontrava crianças na nossa região é que eu tinha tanto medo delas.

Gostava mais de ir a Enid com papai do que com a mamãe, porque ele consentia que eu escondesse o cabelo debaixo do barrete para não parecer menina. Mesmo assim papai não mandava cortar o meu cabelo.

—Sua mãe ficaria desgostosa, explicava. —Espere para quando você começar a frequentar a escola, filho.

A melhor maneira de ir à vila era esconder-me num cantinho da carroça de Ad Poak, que trabalhava na nossa propriedade. Descalço, com a mesma roupa que vestia em casa e com o Prince a meu lado, já não tinha tanto medo dos moleques que encontrava pelas ruas. Duma vez Ad e eu demos de cara com papai jogando malha à sombra do tribunal. Com demonstrações de alegria, ergueu-me até o ombro e disse:

«Meus senhores, tenho a honra de lhes apresentar meu filho.»

Grato por essa recepção, depois duma jornada proibida, e encantado de receber tantas atenções, apertei a mão a todos os presentes.

Dick Yeager

A mais memoravel das minhas primeiras excursões a Enid foi no dia em que apertei a mão a Dick Yeager, o proscrito. Dick foi capturado em 4 de agosto de 1895 e vi-o na prisão pouco antes de sua morte, um mês depois.

Dick Yeager personificava, para qualquer menino do Cherokee, o ideal do que um proscrito deveria ser e fazer: uma figura quase mitológica. A odisséia da sua captura devo tê-la ouvido uma centena de vezes—de Ad Poak, que disparou o último tiro; de outros participantes que não eram dificeis de encontrar, pois um milhar de homens tomou parte nessa caça; e de minha mãe, que conhecia provavelmente tantos atores do drama como qualquer outra mulher no território do Oklahoma.

O trágico fim de Dick resultou de várias circunstâncias, umas atrás das outras. Primeiro foi o assalto, na ponte do rio Cimarron, a um trem que transportava ouro para pagar os vencimentos do exército do Texas. Foi a quadrilha de Bill Doolin que realizou o assalto; isso, aliás, não causou grande indignação em Enid, porque os habitantes da vila tinham muitas queixas contra a companhia ferroviária, fato esse que deu bastante trabalho a Chris Madsen, Chefe da Polícia Federal.

Os funcionários federais, nomeados em Washington e enviados para nos dizer o que devíamos ou não fazer, não foram muito bem recebidos pelo povo. Por exemplo, não gostávamos nada da maneira como eles tratavam os cortadores de cedros, isto é, pioneiros que subiam até a colina Gyp Hills, cortavam uma porção de cedros queimados pelo fogo, transportavam-nos por mais de 56 quilômetros até Enid ou Alva, e vendiam tudo por oito ou dez dólares. Gyp Hills pertencia ao governo e ninguem ia lá, a não ser os cortadores de cedros ou os proscritos em fuga.

A lei impopular, que proibia o corte de lenha nas terras do governo, foi posta em vigor quando a polícia precisava de dinheiro. Os agentes eram pagos segundo a distância que percorriam com os prisioneiros depois de capturados. Alguns policiais subiam a colina a cavalo, prendiam derrubadores de cedros, levavam-nos à sede da comarca a 56 quilômetros dalí, e cobravam a quilometragem por homem preso. Os fiscais aprovavam a despesa e os prisioneiros eram postos em liberdade, depois de lhes ser confiscada a lenha e de terem perdido tempo. Essa indulgência não era, porem, apreciada: os prisioneiros não gostavam da maneira como os policiais conseguiam os seus rendimentos. De modo que, depois do assalto ao trem, se Chris Madsen quisesse capturar Bill Doolin, isso era lá com ele...Madsen aceitou o desafio e pôs mãos à obra. Mandou uma patrulha a Gyp Hills, onde por coincidência se escondiam dois outros proscritos, Dick Yeager e Ike Black.

Este último era um proscrito de tão ínfima categoria que quase nem valia a pena capturá-lo, a não ser para receber a quilometragem. Com Dick Yeager, porem, o caso era diferente. Assassinara um xerife do Kansas e fugira duas vezes da prisão, estando sua cabeça a prêmio. Assim, depois de abater Bill Doolin a tiro e dispersar o seu bando, os agentes continuaram a busca, em perseguição de Dick Yeager e Ike Black.

A caça de Dick Yeager poderia ter continuado como se iniciara a perseguição a Bill Doolin, isto é, dum modo muito pouco profissional, com a polícia federal dum lado e os proscritos do outro, enquanto o povo demonstrava um interesse limitado como espectador; o que não se deu apenas porque Dick e Ike fizeram a asneira de matar um pioneiro que se lhes metera no caminho, provocando, como sempre, a maior indignação. Por essa razão a caça a Dick Yeager atingiu proporções nunca vistas naquelas paragens. Contribuiu para isso a resistência quase inacreditavel de Yeager, a sua bravura, a sua astúcia.

O propósito de Yeager e Black era fugir de Gyp Hills para Cherokee. Repetidas vezes tentaram atravessar a planície intermédia, mas tiveram que lutar desesperadamente contra grupos completos de polícia. Não foram capazes de passar, mas as patrulhas tambem não os apanharam. Durante esses combates Dick parecia ter sete fôlegos. Várias vezes alguns dos homens afirmaram tê-lo visto cair, varado de balas. O selim de um dos cavalos, que lhe foram capturados, tinha nove buracos. Dick roubou outros cavalos e continuou a resistir. Mas de todas as vezes ele e Black eram repelidos para Gyp Hills.

Ad Poak acompanhava uma das patrulhas, deixando-nos sós, a mim e a mamãe, a maior parte do tempo. Mamãe não tinha medo; nunca ouvira dizer que um proscrito maltratasse uma mulher.

Não se passava um dia sem que chegassem notícias frescas da perseguição. A patrulha do Sam Campbell, depois de ter feito uma batida em Draw, passou pela nossa herdade, para dar descanso aos animais. Alguns dos homens sentaram-se a limpar as armas. Outros estenderam-se debaixo da Árvore Grande e adormeceram com os chapéus sobre os olhos. Pouco depois, numa noite de luar, essa patrulha avistou Dick e Ike que dormiam ao lado dos seus cavalos vigilantes. Um dos homens deu um tiro extemporâneo, que falhou; os proscritos acordaram e puderam fugir a tempo. Poucos dias mais tarde, um homem, guiando velha carroça puxada por um grande cavalo, e tocando uma gaita, atravessou uma fileira de guardas. Tarde demais vieram a saber que era o próprio Dick Yeager. Isso aconteceu no Córrego do

Esqueleto, não muito longe de nossa propriedade. Pouco depois, uma das patrulhas cercou ambos os proscritos quando desmontavam à porta duma cabana para pedir comida. Ike foi morto; Dick ficou ferido, mas só capturaram o seu cavalo.

De pistola em punho, Dick conseguiu obter o cavalo dum pioneiro, de quem soube que o fugitivo não devia ir muito longe. Em breve se encontrou o cavalo. O leito dum riacho seco revelou pegadas dum homem que se detinha frequentemente para descansar e que parecia estar coxo, e essa pista conduzia a uma plantação de milho. O xerife de Enid espalhou sua patrulha em volta do campo e mandou Ad Poak e Tom Smith seguir o rasto através do milhal.

Chegaram a um pequeno terreiro onde encontraram o corpo enorme de Dick Yeager, que parecia dormir. Seu vestuário estava rasgado e manchado de sangue. A seu lado jaziam uma pistola e uma espingarda. Ad e Tom Smith apontaram-lhe as armas, e o primeiro gritou:

—Mãos ao alto, Dick. Você está liquidado.

O bandido abriu os olhos e pestanejou. Com a mão direita procurava a pistola.

Ad e Tom Smith dispararam. Dick deu uma volta inteira com o corpo, mas apanhara a pistola. —Larga essa arma, gritou o homem.

Dick deixou-a cair e vagarosamente levantou a mão direita.

—As duas mãos!

—Não posso, disse Dick. —Meu braço está quebrado.

Quando Dick foi finalmente engaiolado na prisão da comarca, vinha gente de muito longe para ver o célebre bandido. Seus admiradores traziam-lhe cestas com galinha assada e cerveja. Dick dava audiência sentado na cama da cela e conversava com todos. Confessou-se autor de todos os crimes que se tinham cometido no Território desde o princípio. Troçou dos advogados, dizendo que nem valiam a pólvora que os fizesse saltar para o inferno. Os advogados ficaram desconsolados quando o médico disse, desde o princípio, que não haveria julgamento. Dick fora atingido em quase todas as partes de seu corpo de gigante. Nunca viria a restabelecer-se.

Ad Poak tornou-se guarda da cela e mordomo do famoso prisioneiro. Apresentava os visitantes, ajudava Dick a contar suas histórias e bazófias, e consumia parte das gulodices com que generosamente inundavam o prisioneiro.

Tinha eu ido à vila com mamãe, numa das suas viagens regulares, quando um garoto nos veio dizer que papai gostaria de se encontrar conosco na cadeia. Mamãe desconfiou que o recado fora enviado por Ad Poak. De fato, assim foi. Papai não estava na prisão à nossa espera. Aguardamos que uma multidão de curiosos desimpedisse a cela e Ad introduziu-nos alí. Cheirava a farmácia, e as paredes estavam cobertas de lençóis molhados para abater o calor. Dick, deitado em sua cama, chupava um limão.

—Está melhor, Dick? perguntou mamãe, depois de Ad nos ter apresentado.

—Estou menos mal, minha senhora, muito obrigado, respondeu ele.

Dick estendeu-me a mão; dirigí-me a ele e peguei nela. Mamãe ficou onde estava.

—Menino, disse Dick, pode contar a quem quiser que apertou a mão do maior proscrito que jamais existiu no Oklahoma.

Quando saimos, mamãe disse: —Que espectáculo trágico! Creio que muitas vezes os proscritos são levados a fazer o que fazem pela força das circunstâncias.

Na noite em que Dick Yeager expirava, o doutor disse-lhe: —Esta é sua última noite na terra, Dick. Há alguma pessoa a quem você tenha vontade de ver ou fazer declarações?

—Não quero ver ninguem, doutor, e nem tenho nada para dizer.

Na primeira gaveta da sua secretária, papai guardava a pistola de Dick Yeager, arma que trouxe sempre consigo durante os 125 dias que durou a perseguição. Um dia, depois de nos termos mudado para Enid, abrí a gaveta para mostrar a pistola a um camarada. Tinha desaparecido.

—Dei-a a uma senhora, aliás muito bonita, que eu nunca tinha visto, explicou papai. —Convenceu-me que era irmã de Dick Yeager, e queria ter uma recordação dele.

A pistola era uma Colt .45, de cano comprido, com cabo de cedro, de ação única, com o «cão» já puxado, pronta a disparar. A irmã de Dick levou-a embrulhada num papel de jornal.

O velho Howell

Andava ansioso pelo regresso do sr. Howell, embora soubesse de antemão que ele não me poderia auxiliar a resolver o meu maior problema. Tratava-se de cortar meu cabelo. Howell tomava o partido de mamãe, mas ele tambem usava o cabelo bastante comprido. Disse-me que antigamente os índios respeitavam os «faces-pálidas» que tivessem cabelos longos. Dois homens dos mais valentes que o sr. Howell conhecera usavam cabelo comprido.

Mas quando aparecí em Enid com o cabelo pelas costas, os moleques da rua não se lembraram dos valentões e de seus feitos gloriosos. Não fizeram senão exclamar:

—Olha a menina!

O argumento apresentado por mamãe era que menino «civilizado» usava o cabelo assim. —Marquis, dizia ela, — não quero que você fique com cara de índio Comanche.

Tratei de a convencer que se cortasse o cabelo me pareceria menos com um Comanche. Os Comanches usavam cabelos compridos. Mamãe vivia dizendo que não me portasse como um Comanche. Como ela abusava desse termo, fiquei a duvidar de seu critério.

Conseguí finalmente livrar-me do cabelo na estrebaria onde Ad aparava as crinas do cavalo. Quando acabou, aplicou-me a tesoura. Depois Ad e eu fomos à vila no carro. Ad não falou muito, mas comprou um saquinho de bombons e, depois de me dar um ou dois, disse que o resto era para mamãe. Quando regressamos o jantar estava pronto, mas a mamãe não quis comer. Ficou sentada, balançando-se na cadeira, e chorando. Pouco a pouco, Ad aproximou-se dela e pediu desculpas do que fizera. Disse-lhe que talvez fosse melhor que ele fizesse a trouxa e se afastasse por algum tempo.

—É mesmo, disse mamãe. —Acho que é melhor você ir.

Mamãe tinha visto o meu cabelo no chão do estábulo e apanhara algum. Sentou-se numa cadeira e começou a pôr de um lado as crinas do cavalo e do outro o meu cabelo, à luz do candieiro. Depois foi à escrevaninha e tirou uma caixinha de cadeado. Nunca me deixara brincar com aquela caixinha. Guardava dentro várias recordações, entre as quais as fotografias das minhas irmãzinhas que tinham morrido.

Foi nessa caixa das lembranças que mamãe guardou o meu cabelo.

O regresso do sr. Howell ocorreu, se não me engano, pouco tempo depois. Ad

tinha-se ido embora e mamãe e eu ficamos sozinhos, como sucedia de vez em quando. Então ajudava mamãe a mugir as vacas e dar cabo de outros trabalhos simples. O resto ficava por fazer.

Como a colheita de fumo não rendeu o que se esperava, não se construiu nem o anexo nem a escada. Mas nossa casa foi, mesmo assim, ampliada duma maneira muito mais estranha do que seria construir um anexo. North Town começava a desmembrar-se e muitas das suas casas vazias, de madeira, eram transferidas para Enid. Papai foi lá e comprou um edifício de lojas. Mandou-o agregar à nossa casa, deixando-lhe ficar a fachada simulada e as grandes janelas. Passou a ser nossa sala de jantar e cozinha. Achava muita graça na fachada fingida e nas janelas rasgadas. Ninguem morava noutra casa assim.

Papai plantou cana de açucar no lugar do fumo. Uma só colheita produziria o bastante para se construir o anexo, dissera ele. Uma noite, depois do jantar, ouví mamãe exclamar: —Acho que é o sr. Howell que vem chegando.

Era ele, com efeito, segurando na mão o seu chapéu de abas largas.

—Boa noite, minha senhora, disse, encostando a carabina à parede. Sem comentários, colocou sobre a mesa um perú que matara; considerava uma falta de etiqueta vir à nossa casa com as mãos vazias...

Howell era tão alto como meu pai, porem mais magro. Se andasse direito seria mais alto ainda, mas abaulava os ombros. Seu cabelo grisalho caia-lhe sobre a gola da jaqueta de pele de vitela, salpicada de manchas brancas e ruças, que ele geralmente vestia quando vinha à nossa casa ou ia a Enid. Em volta da boca, a sua barbicha curta e cinzenta estava amarelecida pela nicotina. Calculo que a água não podia lavar essa nódoa, pois Howell era muito asseado. Quando vinha visitar mamãe, punha uma camisa de côr, que ele mesmo lavava no ribeiro e secava na relva, — um pouco amarrotada, é clàro, pois ele não dispunha de ferro de engomar. As suas calças ficavam metidas dentro das botas que lhe chegavam aos joelhos e tinham saltos baixos, sendo bem engraxadas e macias. Howell não tinha o andar requebrado dos vaqueiros: dava longas passadas, como os índios, e só era percebido ao chegar à porta. Tinha uma voz baixa e quase meiga. Nunca lhe ouví rogar uma praga.

Depois de admirar o perú, mamãe começou a zombar do sr. Howell por ter trazido a espingarda. Ele, aliás, nunca saía de casa sem se munir duma arma de fogo, mesmo que fosse só para vir até a nossa casa.

—Não se lembra mais daquele gato montez que encontrei uma noite empoleirado num ulmeiro, na primavera? indagou o velho caçador.

—Nada disso! Foi no outono de 94.

—Pode ser que apareça outra vez...

Antes de aceitar uma cadeira, Howell disse:

—O melhor é eu tratar primeiro dos baldes.

A primeira coisa que um homem fazia, quando vinha a uma casa onde estivessem morando mulheres sozinhas, era encher os baldes de água. Até um estranho procedia assim. Geralmente tinha de ir tirar a água ao poço, que ficava distante da casa para uso dos animais. Utilizávamos uma nascente perto do riacho, a mais de 50 metros. Os baldes de água ficavam a meu cargo, quando mamãe e eu estávamos sós. Podia trazer apenas um de cada vez, e entornava parte da água quando içava o balde. Mamãe nunca me mandava buscar água depois de

escurecer; receava que eu caisse na fonte, onde a água tinha três metros de profundidade. Disso eu não tinha medo. A última parte do trajeto para a fonte era uma abóbada natural de ulmeiros enlaçados por trepadeiras, formando verdadeiro tunel que, à noite, era escuro como breu. Isso, sim, me assustava, pois receava ainda que o tal gato montez não tivesse desaparecido no outono de 94. O fato era que eu vira seus olhos brilhantes mais de cincoenta vezes.

Gostava, porem, imenso de ir à fonte de noite com o sr. Howell. Sentia a maravilhosa emoção de atravessar a salvo perigos enormes.

Quando regressamos da fonte, Howell contou-me as peripécias de conduzir a diligência através da zona dos Comanches. Confessou que esse ofício nada tinha de interessante.

Durante toda a conversa dessa noite, Howell nunca mencionou o motivo que o trouxera de Fort Reno; mamãe só veio a sabê-lo por intermédio de papai. Fora por causa do Claro, o «salta-concessões» que estava fazendo o possivel para se apoderar do terreno ocupado pelo sr. Howell.

—Escreví para ele uma porção de vezes, disse papai, —mas não há meio de me responder.

—Mas a demanda está quase ganha, não é? indagou mamãe.

—Longe disso. Mas podemos conseguir um acordo qualquer.

Mamãe alarmou-se. —Um acordo! Você não vai consentir que aquele malandro roube o lote do sr. Howell.

—Posso garantir que ninguem há-de roubar nada ao pobre velho. O fato é que Clark tem certa base.

Clark tinha uma choupana na outra extremidade do terreno onde ficava a cabana de Howell. Era um chefe de família; podiam ver-se a mulher e os filhos perto da choupana. Howell nunca fazia referências desagradaveis a respeito de Clark; apesar disso eu sabia que ele não gostava que Clark cultivasse a extremidade do terreno em volta da choupana e plantasse trigo.

—Ele está é dando um jeito de espantar a caça!

O litígio Howell-Clark já se prolongava havia quatro anos e agora parecia tomar um rumo desfavoravel para o cliente de meu pai.

Um «salta-concessões» era um homem que contestava o direito de outrem ao seu terreno; ou tratavam de resolver o caso entre si ou encarregavam um advogado do processo. Até aí entendia eu. Mas não podia admitir que Clark e os seus amigos tivessem bases para atribuir ao sr. Howell as mesmas intenções que nós atribuíamos ao sr. Clark. Mamãe andava muito preocupada. Mas essa nuvem escura desaparecia facilmente quando Howell e eu nos entregávamos juntos às nossas velhas ocupações. Ele nunca me falava no litígio, de modo que o esquecí completamente.

A cascavel

No terreno de West Bottom cultivávamos melancias e melões de cheiro para o mercado. Os melões para nosso consumo e as hortaliças cresciam por trás do celeiro, à beira do canavial. Um dia peguei num facão da caixa das ferramentas e fui apanhar uma melancia para comer. Estava proibido de mexer nos facões de cortar milho, que tinham a lâmina mais comprida que meu braço. Mas era a melhor coisa que havia para cortar melancia: dum só golpe ficava aberta ao meio.

Comecei a apalpá-las para ver qual estava mais madura, quando de repente

sentí uma picada no pé, como se tivesse pisado uma agulha, ou cacos de vidro.

Quando olhei, o que vi foi uma cobra. Sabia que esses reptís não atacavam sem aviso prévio; aprendera a distinguir o som dos seus guisos da mesma maneira que conhecia o grito das codornizes. Mais tarde conjeturou-se que essa serpente não tivera tempo de me advertir, pois eu a pisara mesmo na boca. Larguei a correr para casa, soltando gritos aflitivos. Tinha a certeza que ia morrer: era meu único pensamento.

Mamãe rasgou depressa o seu avental às tiras, atou minha perna por cima do joelho e deitou-me no sofá. Não havia um homem na vizinhança nem um cavalo à mão. A habitação mais próxima era a do sr. Howell, mas ele não tinha cavalo. A outra casa mais perto era a de Jim Utsler, à distância dum quilômetro, pelo atalho. Mamãe dirigiu-se para lá. Um dos filhos de Utsler saltou sobre um cavalo e galopou para a vila. Um filho de Clark, o «salta-concessões», trouxe mamãe para casa no seu cavalo, e ela ficou na varanda a perscrutar a estrada da vila.

Em breve viu chegar o carro de papai, a grande velocidade. Papai trazia a seu lado o dr. Fairgrieve e mamãe disse mais tarde que o médico estava tão assustado como eu próprio.

Fairgrieve lancetou meu pé, e nessa altura apareceu o sr. Howell, coberto de suor. Porque é que mamãe não o mandara chamar a ele, que nada ignorava quanto às mordeduras de serpentes?

Quando o dr. Fairgrieve mandou Howell ir perto da fonte e trazer um pouco daquela lama sulfurosa, Howell recalcitrou: —Você quer matar o menino?

Ainda bem que eu não ouví isso porque, em matéria de serpentes, tinha mais confiança no Howell do que em qualquer outra pessoa do mundo. Mamãe disse: —Senhor Howell, pelo amor de Deus, faça o que o médico disse.

Aplicaram a lama ao meu pé, mudando a compressa de vez em quando. Não tardou muito, felizmente, que me tirassem a ligadura feita do avental, que mamãe atara na minha perna. Fairgrieve declarou:

—Acho que, depois de correr tanto, senhor Luiz, eu merecia um trago...

—Salve meu filho do perigo, doutor; depois eu lhe compro todo o uisque que houver em Enid, implorou papai.

No dia seguinte parece que o perigo já tinha desaparecido, porque papai mandou pagar a Fairgrieve o que lhe devia. Mamãe afirmou nunca ter ouvido contar que uma pessoa se curasse duma mordedura de cascavel tão depressa como eu. Atribuia a rápida cura à sabedoria do dr. Fairgrieve acêrca das qualidades absorventes daquela lama sulfurosa e mal cheirosa.

Então é que comecei a gozar a vantagem de ter sido mordido por uma cobra. Tinha uma história para contar e havia muita gente adulta (sem falar no Prince) que me escutava com interesse. Com um pouco de prática, compús um conto muito comprido, segundo o qual papai descobrira um fato surpreendente: fora ao meloal e encontrara o facão proibido. Mas não era só isso, encontrara tambem a serpente cortada ao meio. Até essa descoberta, eu não sabia que tinha morto a serpente, nem mesmo que tentara matá-la. Foi decerto num espasmo de terror mortal que me atirei à cascavel com o facão. Papai levou as metades do reptil para o seu escritório afim de mostrá-las a toda a gente e para lhes contar que era a serpente que mordera o seu filho, mas que não me afastara do meloal sem primeiro matá-la. Foi assim que meu pai

me deu a inspiração para contar a história direito.

Pouco a pouco meu pé foi sarando. Certa noite o Howell disse:

—Besuntamos o menino até mais não poder, não foi?

—Foi mesmo, respondeu mamãe. —Aquela lama sulfurosa foi a salvação dele.

—Eu sabia disso muito bem, continuou Howell, com a sua voz suave e monótona que imprimia plausibilidade às afirmações mais extraordinárias. —Ainda me lembro da primeira vez que apliquei a lama para curar mordedura de cobra, lá no Texas, quando trabalhava com os guardas da floresta.

A maior corrida de cavalos do mundo

Encontrei no celeiro um selim todo rasgado e mostrei-o a Mamãe. —Nossa Senhora! exclamou. —Isto é o selim do seu pai. Quem será que fez esse estrago todo?

Veio a saber que um vizinho precisara de couro para a sola dos sapatos dos filhos e papai tinha-lhe dito que podia desmontar o selim.

Mamãe fez um grande escarcéu com papai.

—Vá já buscar outra vez o couro do selim. É o mesmo selim em que você montou na «Corrida». Será uma recordação de família para o Marquis, quando ele crescer.

Era tarde demais. O homem já tinha cortado a sola. Eu é que saí ganhando, pois papai contou-me a história da «Corrida».

Disse-me que a «Corrida» fora o maior concurso hípico de todos os tempos, em disputa do maior prêmio do mundo: todo o Território do Cherokee. Tomaram parte nessa corrida milhares de cavalos, cavaleiros e cocheiros que se estendiam em linha através do prado a perder de vista. A maioria dos cavalos estavam selados; os outros eram atrelados a toda espécie de viaturas. Os carros leves eram os melhores, mas tambem havia galeras, algumas delas cobertas, e até gente a pé.

Partiram todos soltando um grito ao mesmo tempo. A poeira que se levantava no ar não deixava ver nada. No meio dessa nuvem que cegava, as rodas de alguns veículos engataram-se e logo ao princípio houve acidentes. Quando os concorrentes atingiram o relvado, a poeira desapareceu, exceto na Pista Chisholm. Os corredores que iam à frente eram principalmente os que montavam cavalos velozes, seguindo-se os carros mais leves. E lá iam avançando. Não havia estradas nem caminhos, a não ser a Pista, nem pontes. Escorregavam pelas ribanceiras, subiam encostas, atravessavam ribeiros e ravinas, barrancos e covas, o melhor que podiam. Algumas viaturas ficavam presas na corrente, outras viravam; algumas despedaçavam-se na rapidez da corrida. Pouco a pouco os cavalos, que tinham sido muito puxados, começaram a ficar para trás. Outros, que haviam principiado mais devagar, passaram à frente.

O propósito era chegar a Enid em primeiro lugar e obter os melhores lotes da vila ou as parcelas vizinhas. Eram 27 quilômetros em linha reta do ponto de partida ao norte de Hennessey, no Velho Oklahoma, até a linha sul de Enid. Entre milhares que entraram na corrida, apenas uma centena seguia na dianteira depois dos 19 primeiros quilômetros. Esses cem ficaram reduzidos a 50, e quase todos montados em cavalos, apesar de alguns carros ainda continuarem a correr.

Um homem pequeno, montado num potro relâmpago, ultrapassava cavaleiro após cavaleiro. Era Walter Cook, vaqueiro de 22 anos da Nação Chikasaw. Em breve, tendo passado à cabeça de

todos, apresentou sua pretensão: os 80 hectares anexos à Praça do lado norte, o melhor prêmio de todo o Território do Cherokee.

Dois ou três minutos depois, surgiu Albert Hammer; saltou do seu cavalo esfalfado, e requereu o mesmo terreno. Chegou depois Ben Clampitt, num carro desconjuntado, atrelado a uma parelha espumante, envolta numa onda de poeira levantada pelo suão. Durante todo o trajeto a corrida de Clampitt fora um espetáculo digno de memória. Era um homem do Texas, magro e não muito jovem. Tinha apetrechado seu veículo com tiras de couro, como os carros leves de corrida, dum só cavalo. Montado atrás do condutor ia outro homem que, munido duma forquilha, conservava afastados, uma vez da esquerda, outra da direita, os outros competidores, abrindo assim o caminho a Ben.

A seguir veio Bill Coyle; e depois iam chegando outros, como um enxame. Antes do cair da noite, havia 300 concorrentes que pretendiam, todos a concessão pedida, em primeiro lugar, por Walter Cook.

—E depois, que foi que aconteceu, papai? perguntei ansioso, sabendo que geralmente os «salta-concessões» apanhavam uma carga de chumbo...

—Aconteceram várias coisas. Primeiro reuniram-se todos os pretendentes e começaram a dividir o terreno em vários lotes. Com alguma esperteza, pode-se eliminar um concorrente. Mas 300, é impossivel. Walter Cook poderia ter tido um quinhão dos lotes, mas fazia questão do conjunto. Houve demandas e mais demandas, e afinal quem ganhou foi um grupo organizado do pessoal da vila. Walter Cook, apesar de ter ganho a maior corrida de cavalos do mundo, nunca conseguiu nada.

Sempre me lembro de Walter Cook como uma vítima da lei do mais forte...

Foi minha mãe que me descreveu a participação de papai na corrida. Esta era, aliás, empresa para os jovens. Meu pai ia pela casa dos 49, vinte anos mais velho que a média dos concorrentes. Levou quase um mês a treinar-se a si e ao cavalo. Colocou-se no melhor ponto para a partida, mesmo na Pista Chisholm, que era o caminho mais simples e conduzia diretamente à vila.

Minha mãe acha que papai passou três dias e três noites guardando seu lugar para a largada. É para admirar que a espera não fosse mais longa, considerando a dificuldade que havia em ocupar um lugar perto da Pista. Ouví falar de homens que esperaram três semanas na linha de partida.

A linha era patrulhada por soldados, para evitar que alguem a atravessasse antes de soar o tiro de canhão. A região fora evacuada pelos proprietários de gado, que antigamente a alugavam aos índios. Com exceção dos funcionários, pessoal do correio e soldados que habitavam cada sede de comarca, o Território estava despovoado.

Os concorrentes do lado de Hennessey partiram cinco minutos antes do tiro oficial. Alguem disparara uma pistola por descuido. Meu pai estava a cavalo, pronto a partir, mas esperou para ver se alguem recuava; depois largou tambem, seguindo a Pista Chisholm; dirigia o cavalo a uma velocidade que calculava poder manter durante 24 a 25 quilômetros, economizando um pouco de energia para o que desse e viesse.

A princípio muitos cavaleiros e cocheiros passaram-lhe à frente, mas ele já contara com isso. Na devida altura, e sem aumentar a velocidade, por sua vez passou-lhes à frente. Quando calculou que já percorrera perto de 24 quilômetros, começou a sentir-se cansado, e a notar que o cavalo tambem fraquejava. Diante dele seguiam talvez 50 corredores que não lhe seria facil alcançar.

Para leste havia um grupo de árvores, indicando a presença de um rio, o que sem dúvida valorizaria muito qualquer terreno. Tirando o cavalo da pista, meu pai atravessou o leito seco dum riacho e obrigou o cavalo a subir. Do outro lado viu uma ribanceira pouco profunda. Talvez um local propício à caça de patos bravos? Avançou rumo à próxima elevação. Atravessava agora uma planície arrelvada, de superfície rugosa e com algumas manchas de solo vermelho: bom ponto para um cavalo tropeçar. O cume da colina seguinte deu-lhe esperança; encontrara as árvores que vira da pista, e para alem havia outras ainda.

Desiludido, encontrou apenas um riacho pequeno que regava as raizes das primeiras árvores e não tinha mais dum metro de largura. Mas para a frente avistava árvores mais frondosas; parecia mesmo verdadeira floresta, com uma silhueta verde e nobre—decerto a avó de todas as árvores do Território do Cherokee—que dominava as demais. Em breve alcançou a primeira dessas árvores. O ribeiro era, aí, mais largo, talvez três ou quatro metros. Atravessou-o uma vez e verificou que para chegar à Árvore Grande tinha de atravessá-lo outra vez ou dar uma volta. Principiou a contorná-lo e chegou a uma ravina íngreme. Não seria preciso muito esforço para atravessá-la, mas não se deu a esse trabalho. Tinha perdido um tempo precioso do caminho para as árvores. Na seguinte curva da planície, já se avistavam mais cavaleiros e outros, invisiveis, poderiam surgir subindo a colina. Papai queria ter esse ribeiro que corria em forma de S, com solo esplêndido entre as curvas; queria tambem a Árvore Grande. Seu cavalo mal podia escalar o outro lado da ravina. Alguns metros mais adiante, no ponto mais elevado do nosso prado coberto de relva abundante, papai desmontou e marcou o lugar de sua pretensão.

Era pouco depois de meio-dia de 16 de setembro de 1893. Como os concorrentes da linha de Hennessey tinham partido às 11 h 55, meu pai percorrera 27 quilômetros em 58 minutos e sem esfalfar o cavalo. Foi com ar de orgulho que minha mãe pronunciou as quatro últimas palavras.

Em seguida papai ergueu uma tenda de campanha e desfraldou a bandeira americana. Levando o cavalo devagarinho, de modo que fosse arrefecendo gradualmente, começou a dar a volta aos limites do terreno. No East Bottom encontrou um homem que se dispunha a marcar o seu quinhão. Desses encontros resultavam muitas vezes tiros e mortes, mas este homem não tencionava ser «salta-concessões». Acompanhou papai até um ponto mais alto, contemplou a tenda e a bandeira e disse:

—Você chegou primeiro, patrício. Vou continuar um pouco mais para leste.

Papai desejou-lhe boa sorte e nunca mais o tornou a ver.

A concessão

Embora a cana de açucar não desse para construir o anexo com a escadaria, nossas visitas afirmavam que nossa propriedade era muito bonita. Mamãe cuidava, com faceirice, de suas rodas de toucar. O jovem pomar tinha tambem um lindo aspecto, com os pessegueiros quase a frutificar.

Mamãe começava a dedicar-se à chácara. De fato o terreno era um dos mais

favorecidos pela natureza em toda aquela região. Havia perto de 25 hectares de terra excelente, irrigada pelas duas voltas do ribeiro Boggy. Numa região onde a fruta fresca era rara, tínhamos vinha brava e ameixas silvestres em abundância, alem de morangos, amoras e groselhas que cultivávamos. Mamãe preparava as conservas para todo o inverno. No outono, quando se matavam os porcos, nosso fumeiro ficava recheado: era um grande acontecimento. Assava rabos de porco nas brasas que serviam para fazer o toucinho e ferver o sabão. Comí tanto torresmo nessa época, que enfarei dessa delícia durante muitos anos. Nossa alimentação regular compunha-se de carne de porco, galinha e peixe; perú e caça, às vezes, para variar; aos domingos, bifes da vila, um autêntico deleite. Embora usássemos a expressão regional «pão leve» para distinguir o pão de farinha de trigo do simples «pão» feito de milho, parece-me que havia em geral «pão leve» na mesa.

A grande sombra natural da nossa Árvore Grande era a coroa de glória da propriedade. Abrigado sob seus ramos frondosos, não sabia apreciar a ternura que toda a gente demonstrava pelas árvores, especialmente por aquela. Ouví contar que às vezes enlouqueciam pessoas em propriedades onde faltava água, onde não se ouvia outro ruido senão o do vento da planície e sem outra paisagem que não fosse a relva dos prados.

Escutando por acaso o que diziam meus pais a respeito da demanda, fiquei sabendo que a situação do sr. Howell não era tão boa como desejava meu pai. Continuava a dizer que era um caso dificil.

Para mim, «caso dificil» era aquele que um advogado não pudesse resolver com facilidade; não me importava, na espécie, a noção do bem e do mal. Na vida prática, eu não tinha a justiça em grande consideração: reparava em que cães mais espertos eram, muitas vezes, os que desfrutavam maiores vantagens... A justiça do lado de Walter Cook não o ajudara muito, e tãopouco parecia ser util ao sr. Howell.

Um dia papai chegou com a notícia de que Howell perdera o processo. Mamãe ficou preocupadíssima, mas papai garantiu-lhe que Clark não «roubara» a concessão. «Eu sempre disse que era um caso dificil.» O que o tornara tão complicado era o que meu pai chamava «a atitude descuidada» do Howell no que dizia respeito à sua ausência prolongada da propriedade e ao cumprimento da lei que exigia o seu melhoramento. Mamãe disse que papai não devia consentir que o pobre velhote morresse de fome.

—O velho Howell morrer de fome? exclamou meu pai. —Raquel, o velho Howell tem de seu, como nunca teve, e mais que qualquer um de nós. Tem uma espingarda e uma linha de pesca e muitos lugares onde pode usá-las.

Papai adquiriu madeira e Howell construiu para si uma cabana no nosso terreno do lado de West Bottom, não longe de sua velha choça. Arranjou sua nova morada com muito gosto; tinha sobrado de madeira e janelas por onde entrava luz a jorros. Mesmo assim não era como a sua velha cabana.

Mamãe sofreu mais, com a perda do processo, que o próprio Howell. Ouví-lhe dizer que ele nunca mencionava o caso senão para fazer notar que afinal de contas não nascera para ser pioneiro.

Certo dia adoeceu. Parecia muito envergonhado e jurou que era a primeira vez que isso lhe acontecia em 40 anos. Mamãe queria que ele se mudasse para

nossa casa, mas o velho recusou-se terminantemente.

—Daquí a pouco a senhora é capaz de mandar chamar o médico.

Conservava-se na cama, e mamãe o via todos os dias, enquanto eu ia à fonte buscar água e lhe levava a comida. Contou-me algumas histórias fabulosas das vezes que estivera doente. Finalmente melhorou e já podia vir até nossa casa para comer.

—Garanto-lhe, minha senhora, que só a sua presença é capaz de ressuscitar um morto, disse ele.

—Sou filha de médico, respondeu mamãe.

—Não acredito em doutores, mas as mãos da senhora têm jeito para curar...

Já tinha 70 anos, e foi recuperando forças pouco a pouco. Andava dum lado para outro, cabisbaixo e melancólico. Era a falta de altitude, dizia ele, que não o deixava restabelecer-se. O de que precisava era o ar da montanha. Talvez fosse melhor regressar ao trabalho das minas.

Um dia Howell voltou de Enid, conduzindo dois respeitaveis cavalos, atrelados a uma carroça coberta. Havia, pois, mais dinheiro, do que ninguem suspeitava, naquele velho cinto de couro que o sr. Howell largava em último lugar quando se despia para nadar. Anunciou então sua partida para o Colorado.

Mamãe e papai não conseguiram demovê-lo dessa idéia. Vivera no Território durante seis anos, e já era tempo de mudar-se. Sim, senhor. Alem disso, não nascera para pioneiro. Havia homens que seguiam atrás das fronteiras como outros seguiam o mar...

Embora fraco e vagaroso, não levou mais de três ou quatro dias para reparar a carroça, emendar os arreios e arrumar suas provisões. Deixando-a carregada por trás da cabana, veio despedir-se de nós. Não se gastaram muitas palavras: a gente desse tempo não considerava o «adeus» uma palavra triste. Vi desaparecer o carro na volta da colina. Desviava-se assim do meu caminho alguem que tanta influência exercera na minha infância, talvez na minha vida inteira.

Como enrubescer cientificamente

¶ Havia em París um perito em beleza feminina que ensinava às clientes a delicada arte de enrubescer. As mulheres, ao que parece, estavam-se queixando de que, com ruge e pó de arroz, seus naturais rubores se tornavam invisiveis.

Dizem os especialistas que o rubor pode ser de duas categorias: o silencioso, e aquele que sobe ao rosto enquanto a mulher fala. Querendo enrubescer tacitamente, a mulher deve prender a respiração e contar até 55. Se preferir, porem, que o sangue lhe suba às faces durante a conversa, deverá brincar, disfarçadamente, com o colar, de maneira a apertar o pescoço, enfiando depois um dedo entre o colar e a carótida. Assim impedirá que se processe normalmente o fluxo de sangue para a cabeça, conseguindo um enrubescimento de aspecto perfeitamente natural, com a vantagem de ser suscetivel de controle, à vontade da freguesa...

—*New York Times*

História da vida dum cavalo, narrada pelo oficial do exército que foi o seu dono na Primeira Guerra Mundial

Saltão

Vida dum cavalo siberiano

Condensado do livro *Jumper*

DE NICHOLAS KALASHNIKOFF

Saltão, cavalo siberiano e meu amigo, era sobremaneira docil, corajoso, leal e compreensivo. Por felicidade, a sina aproximou-nos durante algum tempo para a defesa do nosso país. Ao narrar esta história, baseada em minhas recordações e nos depoimentos de outros que estimaram esse animal, pago uma dívida de gratidão, não só em relação a ele, mas tambem a inúmeros outros cavalos que sem queixa compartilharam as tragédias que o homem cria.—O autor.

SALTÃO nasceu pouco antes de despontar a aurora. Sua primeira sensação, foi uma dor aguda como se o cortasse uma faca. Aflito e sem compreender o que lhe acontecia, jazia quieto na palha macia, tremendo como varas verdes. Alguma coisa enorme inclinou-se, envolveu-o em algo suave e quente e ergueu-o. Esperneou. Mas braços fortes o aconchegaram e uma voz amiga o acalmava. Instintivamente sentiu que podia confiar no ser que o embalava.

Quando o seu corpinho fragil entrou em contacto com o calor que emanava da égua, voltou a cabeça e encontrou o brilho escuro e líquido dos olhos dela contemplando-o, à luz da manhã, com ternura e ansiedade. Depois o amigo que o tomara nos braços ajudou-o a pôr-se em pé nas suas patas pouco seguras e encaminhou-lhe o focinho para algo macio. Automaticamente o potro abriu a boca e sugou; logo um líquido doce desceu-lhe pela garganta, produzindo-lhe um prazer indizivel. Era disso que precisava. Enguliu o leite com avidez.

Gerasim Ozerov, o lavrador siberiano, contemplava-o satisfeito. Pôs-se a recordar o dia em que um rapaz assustado lhe trouxera o estranho garanhão pertencente ao proprietário duma mina de ouro

na vizinhança. «O sr. me ajude,» implorara o rapaz. «Vou perder o emprego se devolver ao patrão o animal estropeado. É um cavalo especial; tem sangue inglês e ganhou o prêmio nas corridas de Tomsk. O senhor é o homem mais entendido em animais por aquí. Trate dele, por amor de Deus; eu lhe pago do meu bolso.»

Não foi dinheiro que Gerasim aceitou quando o animal estava curado; pediu licença para o acasalar com sua melhor égua, Melindrosa. Que produto esplêndido, pensou Gerasim, olhando para o potrinho negro. Voltou-se para o filho que estava ao lado dizendo:—Que nome havemos de dar a ele, Denis? O potro é teu, filho, já te prometí. Acocorando-se ao lado do animal recem-nascido, Denis acariciou-lhe a cabeça sedosa e macia.—As pernas dele são compridas e finas. Vamos chamá-lo Saltão!

A educação do potro iniciou-se no próprio dia em que nasceu, quando aprendeu a diferença entre frio e calor, fome e bem-estar físico. Gradualmente seu ouvido começou a distinguir sons. Havia um que parecia ser-lhe especialmente destinado. «Saltão, Saltão». Cada vez que o ouvia, levantava a cabeça, estendia o pescoço magro e arrebitava as orelhas. Em breve compreendeu que grande amigo era o patrão.

Saltão era inteligente e já retribuia a ternura que se lhe demonstrava. Seguia fielmente o dono e o filho, acariciava-os com o focinho quando se aproximavam, como se quisesse dizer: «Sou de vocês; podem ter confiança em mim. Faço tudo o que quiserem.» Sua fé nos seres humanos era ilimitada; não os temia e nunca duvidava do seu saber.

Do valado para onde Saltão e a mãe eram conduzidos todas as manhãs, o potro contemplava com melancolia os outros cavalinhos dos cercados distantes. Sentia atração especial por uma poldra malhada, cuja atenção diligenciava atrair por meio de corridas e relinchos. Por fim ela começou a responder-lhe com timidez. Depois, à medida que se aproximavam os dias mais quentes, Saltão e a mãe pastavam à solta no grande pasto onde se encontrava a eguazinha malhada.

Com todo o vagar Saltão examinou a pequena égua da cabeça até à ponta da cauda retorcida. Depois, alegremente, ergueu-se nas patas traseiras e começou a rodopiar como um pião. O olhar da poldra brilhou de admiração. Mas os outros cavalos, interrompendo a pastagem, ficaram a olhar para ele, como se indagassem: «Donde viria este figurão?» Ameaçadoramente alguns dos potros, instigados por um alazão de mau gênio, começaram a aproximar-se dele. Saltão recuou até a cerca, assustadíssimo e sem ânimo para soltar qualquer som. O alazão, mostrando a dentuça, já quase o alcançara, quando se ouviu uma voz imperiosa.

«Alto lá! Que é isso?» Era o patrão. Ao som dessa voz os potros dispersaram.

«Como é, Saltão, que susto, hein? Seu malandro!» O homem passou a mão pela seda do pelo e a sua calma fez sentir a Saltão que o mundo voltara à normalidade.

—Ele vai ser um bichão e tanto, Denis! disse o velhote.

—É mesmo, concordou o rapaz. —É diferente dos outros potros. Porque? Será por causa do pai?

Gerasim conservou-se calado um momento. —Talvez, mas a Melindrosa tem muito bom gênio e é esperta. Cavalo é

NICHOLAS KALASHNIKOFF nasceu na Sibéria. Alistou-se no exército russo em 1915 e chegou à patente de capitão. Vive nos Estados Unidos desde 1924. Seu primeiro romance, «They That Take the Sword», foi editado há sete anos.

feito gente: tem do bom e tem do mau... Por exemplo, o poldro alazão é mal humorado e covarde. Vamos ter de castrá-lo. Pode servir para trabalhos pesados na fazenda, mas não para reprodutor. O potro branco e o Saltão, sim! Vamos treinando os dois pouco a pouco; primeiro eles têm que se acostumar com o freio, depois com o cabresto; depois vamos aparelhá-los com um cavalo mais velho. Cuidado, filho; trate o Saltão com bondade. É a única maneira dele aprender.

Todo contente, Saltão deixou que o homem lhe coçasse o ponto sensivel atrás da orelha. Quando a égua lhe chamou a atenção, respondeu alegremente com um rincho. Seus inimigos de há pouco pareciam-lhe agora de boa índole e inofensivos. Apenas o alazão ainda aparentava guardar-lhe certo rancor. «Pode ir esperando!» prometia seu olhar ameaçador. «Você vai apanhar a maior sova de sua vida.»

Os dias daquele verão foram bastante quentes. A frescura das noites, porem, espalhava o aroma excitante das plantas em crescimento e do feno acabado de ceifar, que secava nos prados. Certa manhã o patrão levou Saltão para um estábulo e fechou-o lá dentro. O potro ficou admirado, pois nunca o tinham separado da mãe. Começou a correr para cá e para lá, relinchando sua queixa. Em vão; a mãe não lhe veio acudir.

Mais tarde, quando os cavalos regressaram do pasto, pôs-se a rodopiar freneticamente, chamando a mãe e esperando ouvir a resposta. Nessa noite compreendeu que lhe acontecia qualquer coisa de grave—separavam-no da mãe.

Durante dias e dias seus queixumes ressoaram constantemente. Depois, noutra manhã, ouviu o relincho desesperado que vinha dum estábulo contíguo. Era a eguazinha malhada, e Saltão percebeu logo que ela tambem perdera a mãe. Saltando dum lado para o outro, exigia que o libertassem para correr-lhe em auxílio.

Finalmente apareceu o dono. —Ora essa, que barulho é esse? Você pensa que a «menina» está em apuros e quer consolá-la, não é? Pois então vá, pode ir... Fogosamente Saltão seguiu atrás do patrão até o pátio e correu para a poldra que Denis tirava da estrebaria. Começaram a fungar um para o outro, soltando pequenos relinchos. E assim foi que Saltão se armou em protetor da eguazinha.

Chegou um dia em que ambos foram levados para um prado cercado, atapetado de relva fresca, onde podiam correr à solta com os outros potros. Encontraram-se de novo com alguns dos seus antigos companheiros, entre os quais um potro branco e manso, bem como o alazão briguento. Quando este avistou Saltão, começou logo a manifestar seu mau gênio. Saltão, para evitar brigas, agregou-se ao potro branco.

Sua amizade com o cavalinho branco crescia sempre. Uma vez, quando o alazão começou a dar atenção indubitavel à poldra malhada, o potro branco veio defendê-la e fez afastar-se o importuno. Saltão, porem, nem sempre podia evitar seu velho inimigo, e os encontros tornaram-se cada vez mais frequentes. Um dia apanhou um coice do alazão; e outra vez este mordeu-o cruelmente no lombo e nos quadrís.

Certa manhã, quando voltava do bebedouro, Saltão encontrou-se de repente num canto onde o alazão lhe impedia a passagem. O que sucedeu naquele instante foi, para ele, tremendo. Parecia que uma bola de fogo lhe percorria as entranhas e ao longo de cada um dos nervos, até rebentar em qualquer parte da cabeça. Firmando-se nas duas pernas traseiras, ele ia arrepiar caminho, mas, antes que o alazão tivesse tempo de tomar fôlego, colocou-se-lhe bem de frente, com as orelhas espetadas, e avançou. Muito surpreendido verificou que o alazão virava as costas e fugia.

De agora em diante Saltão seria forte e sem temor; já não precisaria de ninguem para o proteger. O sentido da força era uma descoberta magnífica, mas não significava que fosse independente. Tinha necessidade da presença de seres humanos, tal como precisava do sol.

Durante sua segunda primavera e pelo verão, percorreu ele campos e florestas, na companhia dos seus amigos, a poldra malhada e o potro branco e centenas de outros. Encontrou uma vez a mãe, a Melindrosa, mas nenhum deles manifestou qualquer interesse. Afagaram-se um ao outro, numa saudação cortês, e seguiram cada um o seu caminho.

Um dia, o dono levou o Saltão e o potro branco para um grande cercado e colocou-lhes no lombo uma almofada que afivelou debaixo da barriga. O potro branco recuou e deu dois coices. Saltão, apesar de perplexo, não se alarmou. Uns dias mais tarde, o patrão fez-lhe a surpresa de lhe atirar para cima da almofada um pedaço de couro pesado e apertou mais a correia, não sem que Saltão sentisse calafrios. Aquilo era uma afronta. «Ora, ora,» ouviu a voz amigavel do amo, «que mal pode fazer um selim a um animal valente como você?»

Depois sofreu outro choque repentino. Num movimento agil Denis saltou-lhe em cima. Saltão ficou aterrorizado. Firmou-se nas patas traseiras, deu uma reviravolta e atravessou o pasto com a velocidade duma seta.

Agora já não levava ninguem às costas. Olhou em redor. Não muito longe, Denis estava sentado no chão, rindo e segurando um pedaço de pão. «Venha buscar o pão, seu medroso. Que surpresa, hein? Mas você me pagou na mesma moeda...»

Saltão não contava ainda dois anos, e já aprendera a ser montado e a puxar um trenó leve. Muitas vezes atrelavam-no ao trenó e deixavam-no deslizar através da superfície gelada e polida do lago Baical. Sabia que era o melhor discípulo entre os potros da sua idade, e orgulhava-se disso. Até mesmo o potro branco, que tinha bom gênio, às vezes oferecia resistência teimosa; o alazão, esse, não obedecia senão à força.

Na realidade, Saltão não era nem tão grande nem tão forte como o potro branco ou o alazão, mas parecia mais alto devido à sua forma comprida e delgada. Havia nele qualquer coisa que lhe dava superioridade aos olhos dos companheiros. Era diferente, devido talvez aos seus laços estranhos com seres humanos.

Na primavera em que Saltão completou três anos, começou a sofrer de ataques de desassossego; entre ele e o potro branco estabeleceu-se certo mal-estar. Enclausurados em valados diferentes, contemplavam outros potros no pleno gozo da sua liberdade e a vista das poldras que passavam deixava-os num frenesí extremo. Ao entardecer dum dia, observando os cavalos que regressavam dos campos, avistaram a poldra malhada numa cerca vizinha. Ao crepúsculo, seu corpo gracioso pouco mais era que uma sombra; mas seu relinchar suave e conhecido foi o bastante para os excitar intoleravelmente.

O potro branco, pesado demais para saltar, resfolegou e encostou-se pesadamente à cancela. Saltão, porem, ergueu-

se nas patas traseiras e embateu contra o gradeamento. Recuou depois para o extremo da cerca, levantou a cabeça e avançou como um relâmpago em direção à cancela. Levantou as dianteiras, dobrou as patas traseiras que o ajudaram a saltar, e num pulo estava do outro lado.

Correu para a poldra com relinchos de triunfo e explorou, com o focinho, seu corpo trêmulo. A poldra aceitou suas carícias desajeitadas, e à irreprimivel excitação seguiu-se o bem-estar e a calma. Quando o patrão e Denis chegaram na manhã seguinte, Saltão e a potranca malhada estavam de pé, tranquilamente, um ao lado do outro, tal como ficavam tantas vezes no passado.

Chegou à Sibéria a primavera e depois o verão de 1914. Um dia os sinos da igreja começaram a tanger, não alegres nem festivos, mas com solenidade e lentidão. Fora declarada a guerra. Funcionários fardados chegaram à aldeia para inspecionar os cavalos. Visitaram as estrebarias. Um deles abriu a boca de Saltão e examinou-a.

Quando o homem se foi embora, o dono rodeou com os braços o pescoço do cavalo e encostou o rosto ao pelo sedoso. «Saltão,» disse, com voz repassada de tristeza. Denis soluçou: «Ora, Saltão! O Czar vai levar você para a guerra e nunca mais você volta!»

Poucos dias depois, Saltão, o potro branco e o alazão sairam das estrebarias. Colocaram-lhe cordas à volta do pescoço e ataram-nos atrás duma carroça. Quando se afastavam do pátio, Denis não se conteve e gritou: «Saltão! Saltão!»

Reunidos os cavalos, foram transportados ao longo de ruas barulhentas. De repente Saltão viu grandes monstros fumegantes e estrondosos que arrastavam uma fileira de casinhas antiquadas. Nunca vira um trem. Arrebitou as orelhas e arregalou os olhos. Lá foram subindo, um cavalo após o outro, não sem protestos. Viu avançar o potro branco e a seguir o alazão. Após este, Saltão num pulo galgou a plataforma e subiu ao vagão.

Naquela noite, enquanto os animais dormitavam, o trem começou a mover-se. Saltão encontrou o olhar interrogativo do alazão e deu um relincho como a responder-lhe: «Não tenha medo, velho amigo.» Já não o considerava inimigo. A sorte comum era o elo da cadeia que os unia.

Numa sucessão enfadonha, os dias seguiam-se às noites. Pela primeira vez Saltão teve medo de seres humanos. Iam e vinham homens que traziam comida e água. Um deles tinha uma barba grisalha que lhe fazia recordar o dono, e Saltão relinchou alacremente, esperando uma carícia. O homem pegou numa vassoura e deu-lhe um golpe na cabeça.

Depois disso, Saltão, tal como os outros animais, afastava-se desconfiado quando o homem aparecia. Apenas o alazão demonstrava seu furor. Durante algum tempo o estrangeiro odiado teve o bom senso de se manter à distância. Uma noite, porem, chegou de mau modo e descarregou sua ira sobre o alazão. Este aceitou o desafio, descobriu os dentes e bufou. O homem recuou à pressa e desapareceu pela porta aberta do vagão, para nunca mais ser visto. Outros homens vieram, mas ele manifestava a todos indiferença igual. Depois, um dia, com grande surpresa, ouviu alguem repetir o seu nome: «Saltão... Saltão!» Impulsivamente estendeu o pescoço e foi recompensado com carícias. A seguir, esperava com impaciência a chegada do homem.

Era um sargento encarregado do trem de cavalos. Tinham-lhe fornecido documentos onde se mencionava o nome de

todos os animais. Era um típico aldeão russo. Para ele os animais faziam parte indispensavel da vida e quando encontrou este potro que tão bem o compreendia, despertou nele uma viva saudade. Passado algum tempo, por fantasia ou pela monotonia duma longa jornada, comprou um pequeno caderno e escreveu na capa: «Registo individual do potro siberiano Saltão.»

Logo na primeira página escreveu: «A pessoa que encontrar este livrinho fique sabendo que é o registo dos serviços prestados por Saltão, um cavalo muito docil. A quem couber a sorte de se encarregar do cavalo e deste livro, peço que continue o registo dos acontecimentos ao serviço da nossa pátria!»

A noite descia sobre as montanhas e florestas. Cintilavam faiscas e línguas de fogo fendiam a escuridão, deixando na atmosfera uma fumaça densa e fétida. Já havia uma semana que feroz batalha devastava as colinas da Galícia. Reinava o caos. Carroças, vagões e caixotes de munições estavam espalhados entre a vegetação, de mistura com cadáveres de homens e cavalos.

Saltão e o alazão nem pareciam mais os mesmos animais bem alimentados que eram quando se iniciou a campanha. A pele estava esticada sobre costelas salientes, e mantinham as cabeças recurvadas. Saltão perdera o sentido do tempo e do espaço.

Devido às tribulações e ao sofrimento aprendera a compreender seu novo dono, o tenente Radov. O treino ensinara-lhe a manter-se calmo. Aguçara seu instinto para localizar o perigo. Seu ouvido era tão apurado que podia distinguir entre o tiroteio inimigo e o russo; o faro indicava-lhe a proximidade de homens e cavalos dos adversários.

Agora, de pé ao lado dum carro de artilharia vazio, na base dum rochedo, percorria com o focinho os flancos do alazão, como se quisesse dizer: «Ânimo, irmão.»

Os olhos encovados do alazão respondiam: «Nem posso mais arrastar as pernas. Desta não escapamos, meu amigo.»

O tiroteio inimigo era incessante, enquanto a artilharia russa só respondia de vez em quando. Saltão voltou-se para saudar o dono que lhe limpou o suor e confortou-o com carícias. «Saltão,» disse o tenente, «você é um herói. Foi você que nos salvou hoje, farejando o inimigo e me desobedecendo quando eu quis atravessar o rio. Se você tivesse sido tão estúpido como eu, cairíamos todos numa ratoeira. O caso vai mal, camarada. O inimigo está nos cercando.»

Tiveram de recuar naquela noite. As sombras da floresta revelavam formas vagas de homens, cavalos e carros, e as baterias foram retiradas das posições expostas. Na escuridão, a caravana grotesca ia avançando.

Pouco antes do amanhecer, a divisão alcançou um planalto coberto de rochedos ponteagudos e de árvores enormes. Homens e cavalos deitaram-se no chão. Saltão, ainda selado, ficou amarrado à roda duma peça de artilharia, com o alazão ao lado. Bateu na terra para chamar a atenção do companheiro, mas este apenas olhava para ele com indiferença. Havia qualquer coisa de estranho e de terrivel no seu corpo emagrecido e sujo de pó e suor.

Ao ouvido de Saltão chegou o tremendo assobiar duma bomba e ele começou a agitar-se dum lado para outro, com os nervos retesados. Tanto os homens como os cavalos sabiam que, com a chegada da luz do dia, o horror começaria de novo e lhes cairia em cima uma chuva de

fogo e de destruição. As horas seguintes foram como um pesadelo; explodiam granadas e a terra tremia sob os animais apavorados. De cima, seguindo-se a uma explosão, veio uma avalanche de pedras e de lixo, arrastando consigo uma árvore enorme. Uma extremidade da árvore caiu sobre um cavalo, abraçando-o com os seus ramos, e ambos desapareceram no abismo.

Pelo meio dia, um sol abrasador iluminava a terra devastada. O disparar do canhão cessara quase, cedendo lugar a tiros de fuzil que vinham de todos os lados. Sob o tiroteio incessante, o tenente aproximou-se de Saltão e montou. O cavalo perdeu o medo. Atravessaram o planalto dum lado a outro e Saltão viu que cavalos e equipamento desciam a encosta dirigidos pelo seu dono.

O inimigo emboscado, vendo que desciam do planalto, disparou nova chuva de morte. Saltão notou que um dos seus amigos, um potro baio, tropeçava e caía junto com o cavaleiro. Estremeceu de ansiedade, mas um leve toque da mão do seu dono restituiu-lhe a calma; e apressou-se a alcançar os outros que desciam para a ravina, onde uma estrada conduzia à salvação numa floresta densa. Perto do sopé da montanha viu o alazão ferido, lutando para se levantar e abanando a cabeça dum lado a outro, desamparado. Parecia incapaz de compreender o que lhe acontecera. Saltão teria corrido em seu auxílio, mas o patrão deu-lhe uma esporada, desaparecendo assim para sempre a última oportunidade de acudir ao seu velho amigo.

Viu a cabeça da coluna desaparecer na floresta e ouviu troar a artilharia russa. Chegavam reforços. O tenente voltou-se e obrigou-o a colocar-se no fim da coluna. Rebentou uma granada perto dalí; a terra tremeu sob as patas de Saltão e qualquer coisa o fez erguer muito alto no ar.

Quando voltou a si, deu um salto rápido; sentiu uma fraqueza nas pernas e uma sensação de ardor. O tenente Radov jazia perto. Saltão esperava que ele montasse outra vez, mas em vez disso alguns homens estenderam o tenente sobre uma maca e levaram-no. Lá muito longe a artilharia ainda disparava, mas na floresta reinava a paz. Os homens que transportavam a maca seguiam lentamente, e Saltão, deixando um rasto de sangue atrás de si, fez o possivel para os acompanhar a passso.

Quando recuperou as forças, terminara a Primeira Guerra Mundial.

ATRAVESSANDO as calmas estepes russas, um trem militar dirigia-se para o oriente, carregado de soldados que seguiam para o interior da Sibéria com o fim de reorganizar e preencher as fileiras. Dois jovens oficiais, sentados a um canto, conversavam em voz baixa. Um deles envergava o uniforme de capitão tcheco; o outro era um tenente russo. Tinham estado a discutir a revolução russa, mas, num intervalo da conversa, escutaram o que dizia um vizinho a respeito das virtudes do seu cavalo.

—Sou tambem oficial de cavalaria, disse o capitão Malechek, o tcheco, ao tenente russo.—Não quero dizer que um cavalo tem o entendimento dum ser humano, mas possue um instinto de compreensão admiravel. Quero mostrar-lhe uma coisa, e passou-lhe às mãos um caderno gordurento.

«Foi escrito por soldados que nunca conhecí; é o registo dos serviços dum cavalo siberiano chamado Saltão, que viaja neste trem. Não tem nada de especial, apenas qualquer coisa no olhar... O mais extraordinário é que todos estes soldados e oficiais tomaram notas a respeito dele, como se se tratasse dum ser racional e dum amigo.

O tenente sorriu ao ler o título do livro: «Registo individual do potro siberiano Saltão.» Abrindo ao acaso o caderno, começou a ler:

«*Estamos na véspera da derrota... quase cercados. A não ser que cheguem reforços, pereceremos. Estou escrevendo no caderno do meu fiel amigo Saltão. Caso ele me sobreviva e caia em mãos de estranhos, peço que guardem este caderno. Quero que se saiba como ele é leal e compreensivo: sente-se feliz quando o dono está contente. Hoje ele está a meu lado. Os seus olhos seguem todos os movimentos que faço. Garanto que são como olhos humanos. Não me surpreenderia se o ouvisse dizer: —Coragem, amigo.*

«*Aquele que vier a ser dono de Saltão depois desta noite, lembre-se que ele tomou parte nas minhas atribulações. Peço que o trate como se fosse um ser humano. Se duvida do que escrevo, basta que se aproxime, dele, lhe faça uma festa e diga: —Saltão, você é um cavalo valente. Sirva-me tão fiel e honestamente como serviu todos os outros que foram seus amigos. —Tenente Radov.*»

O tenente Kolosov ficou profundamente comovido com essas palavras escritas a lapis e à pressa. Num impulso disse: —Este homem merece que se cumpra a sua última vontade. Que é que você propõe que se faça com o cavalo?

—Eu já tenho cavalo, respondeu o capitão.—Você gosta de cavalos; fique com ele e com o caderno. É justo que dois siberianos fiquem juntos.

Quando o trem parou, levaram Saltão para um abrigo. O tenente Kolosov aproximou-se dele, acariciou-lhe o pescoço e disse com ternura: «Saltão, você é cavalo valente. Sei bem que vai me servir fielmente.» A pronúncia familiar da língua russa encheu Saltão de alegria e, dando um relincho, chegou-se ao tenente.

Outrora Saltão viajou em direção ao ocidente para lutar na guerra. Agora, com seu último patrão, regressava outra vez a Irkutsk, para leste, onde principiara sua carreira militar. A guerra civil acabara. Os exércitos branco e vermelho uniam-se agora contra um inimigo comum no extremo oriente: o célebre Ataman Semenov e os seus aliados japoneses.

A marcha para leste, rumo ao lago Baical, decorreu sob o frio e tempestades de neve. Certa manhã, quando tudo estava coberto de gelo e o frio era cortante, dificultando a respiração, Saltão entusiasmou-se ao sentir a neve debaixo das patas. Resfolegou para desimpedir as narinas, ao mesmo tempo que se apoderava dele uma estranha ansiedade.

«Que é que há, Saltão?» perguntou o dono.

Confiantemente Saltão virou-se, como se quisesse dizer: «É que este gelo e esta região eu já conheço, já estive aquí outrora...»

No dia seguinte aproximavam-se da aldeia de Cabansque. Era já noite alta, mas as ruas regorgitavam sob grande excitação. Toda a população se preparava para dar as boas vindas aos soldados. Na estrebaria duma fazenda próspera, Saltão, irrequieto, recusava o feno, apesar de não ter comido havia muito tempo.

Quando ficou só, meteu o nariz em toda parte, inspecionando e cheirando tudo. De repente levantou a cabeça e ficou à escuta. Ouvia passos que se aproximavam do estábulo e uma voz juvenil que repetia: «Saltão, Saltão!» Abriu-se a porta.

Iluminados por uma lanterna, lá estavam um homem alto, barbudo e um rapaz franzino. Aproximaram-se dele e

examinaram a inscrição com seu nome. «Saltão... Saltão!» gritaram ambos. «Denis tinha razão, é você mesmo, soldado que volta da guerra. Benvindo seja!»

Na manhã seguinte o ambiente era festivo. Os aldeões estavam entusiasmados com a notícia de que Saltão fora milagrosamente restituido a Gerasim Ozerov. Um a um, todos se apressavam a verificar o acontecimento. Desde a manhãzinha foram-se juntando no pátio e todos concordaram que se produzira quase um milagre.

Saltão estava contente com todas essas atenções, mas perturbavam-no certos ruidos duma estrebaria próxima. Relinchou para se fazer notado duma poldra malhada que de longe exercia estranha atração sobre ele. Ela ergueu a cabeça e respondeu com um relincho tão ancioso como o de Saltão.

O ruido das conversas estacou de repente quando Gerasim Ozerov se dirigiu ao oficial.

—Camarada comandante, Saltão é nosso. Estas pessoas poderão confirmar que a marca é Ozerov. Nasceu naquele pequeno estábulo. No primeiro ano da guerra foi mobilizado, junto com outros cavalos. Aquela poldra malhada deu-lhe um filho. Deixe-me tirar o freio e vai ver como o cavalo corre para ela. Tenha dó do animal.

O oficial ficou comovido. Tirou o freio. Saltão pôs-se a correr para as estrebarias, não para a que ficava mais perto, dirigindo-se antes à poldra malhada que estava longe.

O oficial sorriu para Denis e depois voltou-se para Ozerov, piscando o olho: —Não tenho o direito de dispensar um bom cavalo; mas ultimamente observei que Saltão anda adoentado. Um cavalo enfermo não serve para a guerra. Se você me der um cavalo são, faremos a troca. Os camponeses rodearam o capitão e apertaram-lhe a mão radiantes, enquanto Denis e o pai choravam e riam ao mesmo tempo.

No dia imediato todos os aldeões se juntaram para se despedir dos soldados. Só Saltão observava tudo com ansiedade. Não podia compreender porque não o selavam.

«Adeus, Saltão. Adeus, velho camarada!» murmurou o oficial ao seu ouvido. «Tenho muita pena de te deixar, mas é para teu bem.» Deu-lhe uma palmadinha afetuosa, montou noutro cavalo que o esperava e partiu sem olhar para trás.

Saltão ficou dando voltas, desassossegado; desconfiava que alguma coisa estava acontecendo, mas quando ouviu o relincho da poldra acalmou-se. Respondeu-lhe de forma a confortá-la; parecia dizer-lhe: «Não se preocupe, não vou mais embora.»

O velhote e Denis, as suas carícias de ternura, os ruidos da fazenda, tudo isso era música para os ouvidos de Saltão, — tudo isso fazia parte dele próprio, como se nunca tivesse saido dalí. Este era o seu lar, adorado e verdadeiro.

¶ Fazer todos os dias duas coisas de que não gostamos—é um preceito que sigo escrupulosamente: todos os dias eu me levanto e me deito.

—Somerset Maugham

Índice de SELEÇÕES do Reader's Digest

Tomo IX — Janeiro a Junho de 1946 — Números 48 a 53

AGRICULTURA
Os algodoais se mecanizam ... *janeiro* 54
Ameaça-nos a fome latente? ... *março* 75
Jorge Washington agricultor ... *maio* 73
«Meus noventa acres» ... *fevereiro* 57
Vida ingrata do campo ... *junho* 28

ALCOOLISMO, Meu regresso das trevas do ... *abril* 59

ALEMANHA, Fracassos do governo militar na ... *maio* 57
Porque o soldado ianque prefere os alemães ... *junho* 63
Tunel para a liberdade ... *abril* 39
A vida numa cidade alemã ... *janeiro* 5

ALIMENTAÇÃO
Ameaça-nos a fome latente? ... *março* 75
Verdades e mentiras sobre os alimentos ... *maio* 36

ANIMAIS
Argúcia dos animais—VII ... *janeiro* 84
Argúcia dos animais—VIII ... *março* 89
Assim paga um cachorro ... *fevereiro* 12
Cascos na planície ... *março* 53
Como vivem as águias ... *abril* 76
Jardim zoológico de insetos ... *abril* 54
O melhor amigo do homem—IV ... *maio* 80
O mistério das migrações ... *março* 101
A morte do tigre ... *janeiro* 101
A multiplicação dos patos ... *maio* 43
Saltão. Vida dum cavalo siberiano ... *junho* 108
O transformista da Floresta Branca ... *junho* 67
A vida das abelhas ... *fevereiro* 109

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA
Não hesite nunca ... *fevereiro* 17
O verdadeiro valor do dinheiro ... *fevereiro* 15

ARTE DE VIVER
Arranje tempo para pensar ... *maio* 14
A fervorosa peregrina ... *janeiro* 34
«Meus noventa acres» ... *fevereiro* 57
O que dá beleza à mulher ... *março* 21
Pare e medite ... *abril* 15
Siga o seu palpite ... *maio* 23
Três fatores da personalidade ... *fevereiro* 61

ÁSIA, É preciso libertar a ... *março* 67

AVENTURA
A morte do tigre ... *janeiro* 101
Para o cimo do Evereste ... *março* 8
Três anos nos ermos glaciais ... *abril* 1

AVIAÇÃO
Precisam-se aviões de tarifas baratas ... *maio* 87
A propulsão a jacto revoluciona a aviação ... *janeiro* 19

AVICULTURA
Um fabricante de galinhas ... *abril* 95
Novos aristocratas do galinheiro ... *junho* 56

BIOGRAFIA
(Attlee, Clement R.) O sucessor de Churchill ... *janeiro* 14
(Caruso, Enrico) O tenor da voz de ouro ... *maio* 38
(Castle, Eugene W.) Filmes que se levam para casa ... *fevereiro* 64
(Francisco de Assis) S. Francisco, Santo de toda a gente ... *maio* 17
(Hastings, Margaret) Uma mulher em Shangri-La ... *fevereiro* 94
(Hersey, Rexford B.) Nossos bons e maus momentos ... *março* 5
(Jones, L. C.) Um mestre que honra sua raça ... *fevereiro* 71
Jorge Washington agricultor ... *maio* 73

BIOGRAFIA (*Cont.*)
(Kettering, Charles F.) Para o êxito através do fracasso ..... *fevereiro* 47
MacArthur—o homem e o mito .... *abril* 67
(Musselman, M. M.) Tinha rodas na cabeça ..... *junho* 47
(Oakes, Walter), «Meus noventa acres» ..... *fevereiro* 57
(O'Brien, Margaret) Hollywood descobre nova estrela ..... *maio* 54
(Princesa Elisabete) A futura Elisabete da Inglaterra ..... *fevereiro* 24
(Redshaw, John Spencer) O Rei da Barganha ..... *janeiro* 42
(Spellman, Francis Cardeal) O Cardeal Spellman ..... *junho* 79
(Spratling, «Silver Bill») Um bom vizinho em ação ..... *março* 92
Tito: Um retrato do natural ..... *março* 16
(Torres, Bodet) O México combate o analfabetismo ..... *fevereiro* 1
(Trujillo, Rafael) «Deus e Trujillo» ..... *maio* 89
(Twain, Mark) Ele apaixonou-se por um retrato ..... *março* 31
(Waksman, S. A., Dr.) Outra droga maravilhosa: a estreptomicina *fevereiro* 77
BOMBA ATÔMICA, Não é tão poderosa a ..... *maio* 7
Sejamos realistas acerca da bomba atômica ..... *março* 81
BOTÂNICA
Gigantes milenares do Novo Mundo ..... *março* 72
CANADÁ, A polícia montada do ..... *junho* 13
CASTIDADE, Defesa católica da ..... *março* 29
Em defesa da castidade ..... *janeiro* 76
Minha defesa da castidade ..... *fevereiro* 43
CHICAGO
A cidade da ventania ..... *abril* 63
CHINA, Será lenta a industrialização da ..... *abril* 31
Cidade da ventania, A ..... *abril* 63
CIÊNCIA
Amanhã poderemos ser mais jovens ..... *maio* 1
Coisas que convem saber sobre o DDT ..... *fevereiro* 21
Entramos na era das micro-ondas ... *abril* 24
Einstein fala da bomba atômica ... *março* 1
O fator Rh no sangue ..... *janeiro* 1
Gasolina sintética—boa e barata ... *junho* 5
Não é tão poderosa a bomba atômica ..... *maio* 7
A nova «chama elétrica» ..... *junho* 75
CIÊNCIA (*Cont.*)
Novidades em tecidos ..... *fevereiro* 90
Um pó que torna impermeaveis as paredes ..... *abril* 83
Sejamos realistas acerca da bomba atômica ..... *março* 81
Tinha rodas na cabeça ..... *junho* 47
Ventos que sopram para cima .... *janeiro* 37
CINEMATOGRAFIA
Filmes que se levam para casa ... *fevereiro* 64
Hollywood descobre nova estrela ... *maio* 54
Hollywood procura estrelas ..... *janeiro* 71
CLÍNICA RURAL, Modelo para a ..... *janeiro* 64
Cofre de preciosidades ..... *junho* 12
COLOMBIANOS remodelam suas cidades, Os ..... *janeiro* 25
COMÉRCIO
Um fabricante de galinhas ..... *abril* 95
O perigo dos saldos favoraveis .... *janeiro* 97
O Rei da Barganha ..... *janeiro* 42
CRIME
O conto que ele não chegou a escrever ..... *janeiro* 11
O mais tentador dos delitos ..... *abril* 8
Justiça perfeita ..... *março* 55
DDT, Coisas que convem saber sobre o ..... *fevereiro* 21
Dois homens e uma matilha ..... *maio* 63
ECONOMIA
Suiça: A bonança pela liberdade *fevereiro* 27
EDUCAÇÃO
É esta a escola de amanhã? ..... *março* 13
A hora dos pais na escola rural ..... *abril* 21
Um mestre que honra sua raça ... *fevereiro* 71
O México combate o analfabetismo ..... *fevereiro* 1
Os pais têm que mentir às vezes ... *março* 96
Um povo de músicos ..... *fevereiro* 36
O que o nosso filho aprendeu no lar ..... *fevereiro* 81
Uma república na escola ..... *maio* 77
Siga o seu palpite ..... *maio* 23
Einstein fala da bomba atômica ... *março* 1
ESPIONAGEM
Um entre oito milhões—Caça a um espião ..... *janeiro* 30
ESTADOS UNIDOS?, São tão ricos os . *janeiro* 74
FICÇÃO
O conto que ele não chegou a escrever ..... *janeiro* 11
Há muitas luas ..... *março* 85
Meninice no Oeste ..... *junho* 91
Flagrantes da vida americana ..... *fevereiro* 75
Flagrantes da vida americana ..... *março* 65
Flagrantes da vida americana ..... *maio* 95
Flagrantes da vida americana ..... *junho* 73

FLORIDA, Noite de horror na ..... *janeiro* 86
FOME
Os cadáveres de Calcutá ..... *junho* 60
Frases pitorescas e poéticas ..... *abril* 102
GUERRA
Dezoito palavras que venceram o Japão ..... *março* 23
Um governo para o mundo—ou o caos ..... *fevereiro* 6
A guerra silenciosa no fundo do mar ..... *março* 37
O homem que comerciou com Himmler ..... *abril* 17
Mac Arthur—o homem e o mito .... *abril* 67
Uma mulher em Shangri-La .... *fevereiro* 94
A ocupação militar não resolve o problema ..... *abril* 98
Porque o soldado ianque prefere os alemães ..... *junho* 63
Sapadores aéreos da sabotagem . *fevereiro* 39
Tunel para a liberdade ..... *abril* 39
Tito: Um retrato do natural ..... *março* 16
Um entre oito milhões—Caça a um espião ..... *janeiro* 30
A vida numa cidade alemã ..... *janeiro* 5
A volta aos penates ..... *junho* 26
HISTÓRIA
Noite de horror na Florida ..... *janeiro* 86
Paraiso dos baleeiros ..... *janeiro* 117
HUMORISMO
Anedotas da atualidade ..... *junho* 89
Casa-se o fazendeiro ..... *maio* 97
Meu amigo, o rato ..... *fevereiro* 32
Para ler com um sorriso ..... *maio* 5
O problema das fraldas na Rússia .. *março* 59
Você tambem pode segurar um bebê ..... *janeiro* 22
«Voici l'hippopotame!» ..... *janeiro* 95
ÍNDIA
Os cadáveres de Calcutá ..... *junho* 60
INDÚSTRIA
Filmes que se levam para casa .. *fevereiro* 64
Fogo líquido para uso caseiro ..... *maio* 70
Gasolina sintética—boa e barata ... *junho* 5
Novidades em tecidos ..... *fevereiro* 90
O perigo dos saldos favoraveis .... *janeiro* 97
Os sindicatos se democratizam ... *fevereiro* 67
Stáline lhes paga o que valem .... *janeiro* 91
Um bom vizinho em ação ..... *março* 92
INGLATERRA?, Aonde o trabalhismo leva a ..... *janeiro* 67
A futura Elisabete da Inglaterra ..... *fevereiro* 24
Operários e industriais colaboram na Inglaterra ..... *junho* 37
INGLATERRA! (*Cont.*)
O sucessor de Churchill ..... *janeiro* 14
Instantâneos pessoais ..... *março* 79
INVENÇÃO
A propulsão a jacto revoluciona a aviação ..... *janeiro* 19
JAPÃO, Dezoito palavras que venceram o ..... *março* 23
LEITURA
Você lê com rapidez? ..... *fevereiro* 54
Mary White ..... *março* 98
MEDICINA
Amanhã poderemos ser mais jovens *maio* 1
Aprenda a conhecer sua dor de cabeça ..... *abril* 91
Contra os estragos da paralisia ..... *maio* 82
Em defesa da castidade ..... *janeiro* 76
O fator Rh no sangue ..... *janeiro* 1
Meu regresso das trevas do alcoolismo ..... *abril* 59
Minha defesa da castidade ..... *fevereiro* 43
Modelo para a clínica rural ..... *janeiro* 64
Olhos que enxergam de novo .... *fevereiro* 9
Outra droga maravilhosa: a estreptomicina ..... *fevereiro* 77
Tratamentos novos para males antigos ..... *junho* 43
Meu tipo inesquecivel ..... *março* 61
Meu tipo inesquecivel ..... *junho* 21
MÉXICO combate o analfabetismo, O ..... *fevereiro* 1
O México se industrializa ..... *maio* 46
Um bom vizinho em ação ..... *março* 92
MÚSICA
Não lhe agradaria trabalhar com música? ..... *junho* 35
O tenor da voz de ouro ..... *maio* 38
Um povo de músicos ..... *fevereiro* 36
Não faz mal que os casais rusguem .... *maio* 63
OLHOS que enxergam de novo .... *fevereiro* 9
PAZ, Anatomia da ..... *março* 105
Anatomia da Paz—II ..... *abril* 103
Um mundo—muitos povos ..... *junho* 1
Só assim se conseguirá um governo mundial ..... *junho* 31
PESCA
Paraiso dos baleeiros ..... *janeiro* 117
POLÍCIA, montada do Canadá, A .... *junho* 13
POLÍTICA
Anatomia da Paz—I ..... *março* 105
Anatomia da Paz—II ..... *abril* 103
Aonde o trabalhismo leva a Inglaterra? ..... *janeiro* 67
Aprendendo a conviver com os russos ..... *abril* 79
É preciso libertar a Ásia ..... *março* 67

POLÍTICA (*Cont.*)
Os Estados Unidos da Europa.....*abril* 11
Fracassos do governo militar na Alemanha.....*maio* 57
Um governo mundial é o primeiro passo.....*maio* 25
Um governo para o mundo—ou o caos.....*fevereiro* 6
Um mundo—muitos povos.....*junho* 1
A ocupação militar não resolve o problema.....*abril* 98
Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia.....*janeiro* 45
Porque a Rússia não faz o mesmo?..*maio* 113
Só assim se conseguirá um governo mundial.....*junho* 31
O sucessor de Churchill.....*janeiro* 14
Tito: Um retrato do natural.....*março* 16
Pontos de vista.....*junho* 78
PSICOLOGIA
Arranje tempo para pensar.....*maio* 14
Em defesa da castidade.....*janeiro* 76
Nossos bons e maus momentos....*março* 5
O que vale uma fraca memória....*junho* 18
Quatro cigarros.....*junho* 85
Quatro meses numa casa mal-assombrada.....*fevereiro* 85
Que o homem nota primeiro na mulher, O.....*fevereiro* 19
Que sabe você de seu corpo?.....*abril* 37
Radiodifusão do futuro, Uma.....*abril* 57
RELIGIÃO
O Cardeal Spellman.....*junho* 79
Catedrais da Natureza.....*junho* 54
S. Francisco, Santo de toda a gente.....*maio* 17
«Só sei que foi assim que aconteceu».....*janeiro* 17
REPÚBLICA DOMINICANA
«Deus e Trujillo».....*maio* 89
RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO
XIX—A rixa dos irmãos Gonsett.....*janeiro* 61
XX—Desenlaces imprevistos.....*março* 35
XXI—Apoteose de um médico humilde.....*maio* 33
XXII—As duas esposas do tio By..*junho* 69
Rios mortos e mortíferos.....*janeiro* 57
RÚSSIA
Aprendendo a conviver com os russos.....*abril* 79
Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia.....*janeiro* 45
Porque a Rússia não faz o mesmo?..*maio* 113
Stáline lhes paga o que valem....*janeiro* 91
SANITARISMO
Rios mortos e mortíferos.....*janeiro* 57
Seja você o juiz.....*abril* 73
SOCIAL (ASSISTÊNCIA)
Cincoenta famílias que construiram suas próprias casas.....*junho* 86
SOCIAIS (RELAÇÕES)
Sobrevivem os preconceitos raciais..*abril* 28
SÚIÇA: A bonança pela liberdade..*fevereiro* 27
Talvez não saiba que.....*março* 119
TECIDOS. Novidades em.....*fevereiro* 90
TÉCNICA
Um pó que torna impermeaveis as paredes.....*abril* 83
TRABALHISMO
Operários e industriais colaboram na Inglaterra.....*junho* 37
Os sindicatos se democratizam..*fevereiro* 67
Sindicatos multimilionários.....*maio* 51
Tufão em Oquinava.....*abril* 85
URBANISMO
Os colombianos remodelam suas cidades.....*janeiro* 25
VULCÃO
A tremenda explosão do Cracatoa..*junho* 7

¶Não podemos evitar que os pássaros da amargura voem sobre as nossas cabeças, mas podemos evitar que eles façam ninhos em nosso cabelo.

—Provérbio chinês

¶Os EPIGRAMAS são meias-verdades ditas de forma a irritar aqueles que acreditam justamente na outra metade...

—Shailer Mathews

EQUIDADE

A EQUIDADE nas relações entre os homens é uma condição essencial da paz. Quando se perde a confiança nos outros, em vez da paz sobrevem o medo, a suspeição e a guerra. Mas quando a equidade preside os negócios humanos, então os homens podem aprender a entender-se mutuamente, a cultivar a cooperação, e a viver em paz.

A equidade é essencial à paz no seio da família. O favoritismo destrói a confiança e o equilíbrio da vida doméstica. Ao passo que a equidade para com todos, sejam grandes ou pequenos, restitue a confiança e robustece os laços de família.

E o que se passa com a família acontece tambem nas relações entre os homens. As regras de conduta e cortesia exprimem a equidade na vida social. As linhas que cruzam o campo de esporte e as regras que pautam o jogo baseiam-se no que é equitativo ou deshonesto nos desafios. A equidade é o alicerce da lei e a condição primária da justiça. Os contratos, acordos e tratados a que se chegou por livre vontade, expressam a equidade no exercício das atividades comerciais.

Uma das necessidades da paz são as práticas equitativas de tráfego, que permitem o livre curso das mercadorias precisas aos povos do mundo inteiro. A equidade se opõe à exploração dos fracos e às práticas isolacionistas. A paz mundial é possivel por meio do comércio mundial, quando os homens praticam a equidade.

Ser equitativo é ser justo, imparcial, reto e sem prejuizos. Estas são as atitudes que criam a paz.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

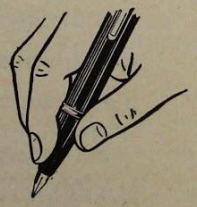
Fascinantes! Formosas!

as novas e esbeltas Taperite!

Julgue V. mesmo! Verifique por sua própria experiência com que facilidade a nova Taperite Waterman's escreve —como a tinta flue instantaneamente logo que a pena toca o papel. Veja tambem com que naturalidade a Taperite se adapta à mão, como as suas brandas linhas aerodinâmicas são uma fonte de infinito prazer. A Taperite é a mais recente criação da Waterman's, há 60 anos mestre inigualavel de todos os fabricantes de canetas.

Tenha presente:
Quando comprar tinta, compre Waterman's—com a tinta Waterman's V. pode escrever o triplo das palavras que lhe permite escrever qualquer outra tinta de preço popular.

Veja a Pena Trabalhada à Mão firme ou flexivel, consoante seu gosto pessoal, e com a vantagem de ser visivel, o que permite escrever logo sem hesitação.



Distribuidores Exclusivos para o Brasil
CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
Rio · São Paulo · Porto Alegre · Recife · Belém
Distribuidores Exclusivos para Portugal
ALFREDO LOPES DA SILVA, Lisboa

Waterman's

SÓ VIAJANDO POR ESTRADA

se pode ver realmente a América do Norte!

Há somente uma maneira de conhecer e desfrutar a América do Norte: é vê-la "cara-a-cara"—conhecer de perto a sua hospitaleira população—á sombra mesma de suas árvores e serranias. E para isso... só viajando em *Auto-Estradas.*

A Greyhound é a única empresa que serve quase todas as famosas Estradas Nacionais dos E.U.A. e do Canadá, *a um preço inferior ao de qualquer outro meio de transporte.* Guiado pelo prestavel conselho de agentes e motoristas os mais corteses, V. pode ir a qualquer lugar que esteja dentro da rede nacional da Greyhound, servindo-se para isso de um só bilhete—confortavelmente instalado nos almofadões dos assentos individuais de encosto—e desfrutando temperatura regulada que reina no interior desses ônibus azues e brancos, para auto-estrada.

Conduzindo V. pelas estradas que revelam o carater próprio de cada estado e região, a Greyhound o leva ao encontro da genuina América do Norte... uma sensação que só poderá experimentar *viajando por Estrada!*

GREYHOUND INFORMATION CENTER, DEPT. R6
1505 N. B. C. Building · Cleveland 14, Ohio, U. S. A.

GREYHOUND

-Eu experimentei!

E no fim de sete dias de experiência com a PASTA DENTAL PHILLIPS, ela verificou o quanto o seu sorriso havia perdido pela falta de um dentifrício rigorosamente moderno e científico, capaz de proporcionar a mais perfeita higiene bucal. Contendo mais de 75% do legítimo LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, o supremo anti-ácido, a PASTA DENTAL PHILLIPS neutraliza a acidez bucal, ao mesmo tempo que limpa, embranquece e embeleza os dentes. Durante 7 dias apenas, dispense uma pasta antiquada e experimente a PASTA DENTAL PHILLIPS, o dentifrício do presente e do futuro.

O SEU DENTISTA CONFIRMARÁ

PASTA DENTAL

PHILLIPS

BRILHO, BELEZA, BRANCURA!

ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL

• *Instituida por D. Pedro I, Imperador do Brasil, em 1822. Foi suspensa quando da proclamação da República e restaurada depois de 1930, por decreto do Govêrno.*

Cruz de cinco braços esmaltados de branco, assentando sôbre uma corôa de folhas de café e de cacáu.

Tem no centro, de um dos lados, a constelação Cruzeiro do Sul sôbre um campo azul com a inscrição em volta "Bene meretium praemium" e do outro, a efígie da República substituindo o perfil de D Pedro I com a inscrição República dos Estados Unidos do Brasil.

Sob o signo do Mérito

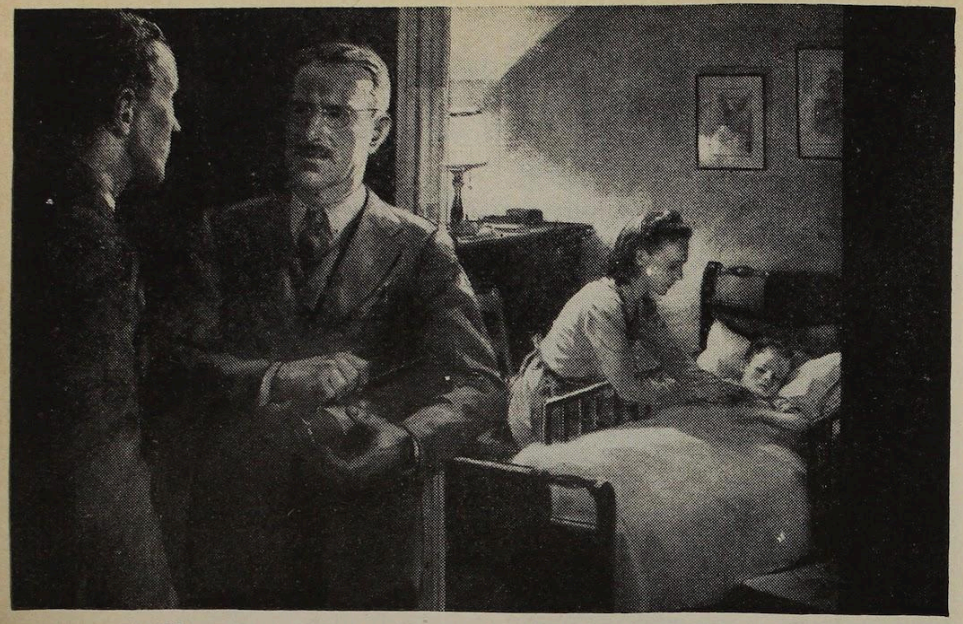
• Conferida a um cientista ou a uma artista famosa, o valor de uma condecoração não se limita apenas ao seu aspecto material de jóia de alto preço. É o justo prêmio ao mérito, a distinção máxima destinada a alguém pelos seus feitos. Utilizado por homens de negócios ou no pulso de uma dama da alta sociedade, o valor de LONGINES ultrapassa o seu aspecto primoroso para se impor pela insuperável precisão do seu maravilhoso mecanismo. LONGINES representa o máximo de perfeição a que já atingiu a relojoaria suiça. É o produto de 80 anos de continuos aperfeiçoamentos.

• Em 1866, Ernest Francillon, dedicado artífice relojoeiro — fundador da Fábrica LONGINES, na Suiça, realizou seus primeiros relógios de precisão, mais tarde consagrados na marca que é hoje um padrão em relojoaria!

LONGINES obteve sua primeira honraria em Paris, em 1867, e recebeu seu primeiro GRAND PRIX em 1885, na Exposição Internacional de Anvers. É o único relógio detentor de 10 GRANDS PRIX, a láurea máxima concedida ao relógio que, entre outras marcas já premiadas, alcança o maior índice de precisão e perfeição técnica.

LONGINES

Possuir LONGINES é ter o mérito de possuir um dos expoentes máximos da relojoaria suiça!



"É *Pneumonia*, MAS NÃO SE PREOCUPE"

Hoje, vai desaparecendo o mêdo da pneumonia. Amanhã, o caudal de conhecimentos que dia a dia a ciência vai adquirindo sôbre as aplicações que se podem dar à Penicilina, tornará possível qualificar a pneumonia pneumocócica como uma das tantas enfermidades que já não causam pavor.

Penicillin notatum é um cogumelo de temperamento peculiar. A temperatura tem que estar exatamente a seu gôsto, antes que consinta em produzir o líquido de côr âmbar, que finalmente se converte em um pó fino e cristalino conhecido sob o nome de Penicilina.

Mesmo depois que sua tarefa está terminada, a refrigeração continua em ação. Como uma parte do método de deshidratação por meio do vácuo com baixa temperatura, ajuda a transformar o líquido instável em um pó purificado e concentrado que se pode conservar por tempo indefinido.

Hoje em dia, a Penicilina pode-se adquirir fácilmente. Os Laboratórios Schenley, assim como as instalações de muitos outros fabricantes americanos—todas elas completamente equipadas com unidades de refrigeração York—produzem a Penicilina em grandes quantidades. Mas, serão precisas ainda maiores quantidades, não sómente em forma de sal de Penicilina, sódico ou cálcico, senão também como parte de muitos outros produtos novos, tais como pastilhas, cápsulas e ungüentos.

A casa York está preparada para cooperar com o pesquisador científico, facilitando-lhe os meios de refrigeração com que combater os inimigos ocultos do homem.

York Corporation, York, Penna., E.U.A.

york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

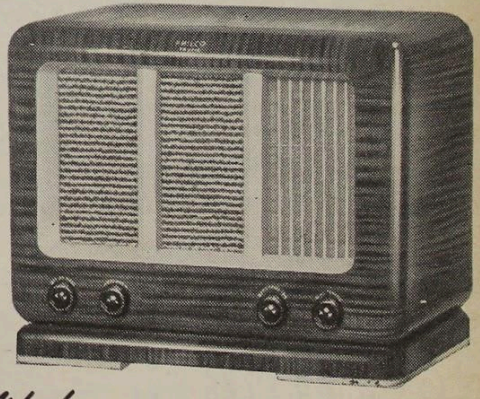
Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

Os Ultimos Melhoramentos em Radio de PHILCO *o Líder !!*

Basta pôr um disco na abertura . . . e toca!

PHILCO 1201. Faz automático o radio-fonógrafo dum só disco. Ponha um disco na abertura; o motor começa, o braço reprodutor coloca-se por si proprio no disco, a música toca, o motor pára . . . *tudo automáticamente.*

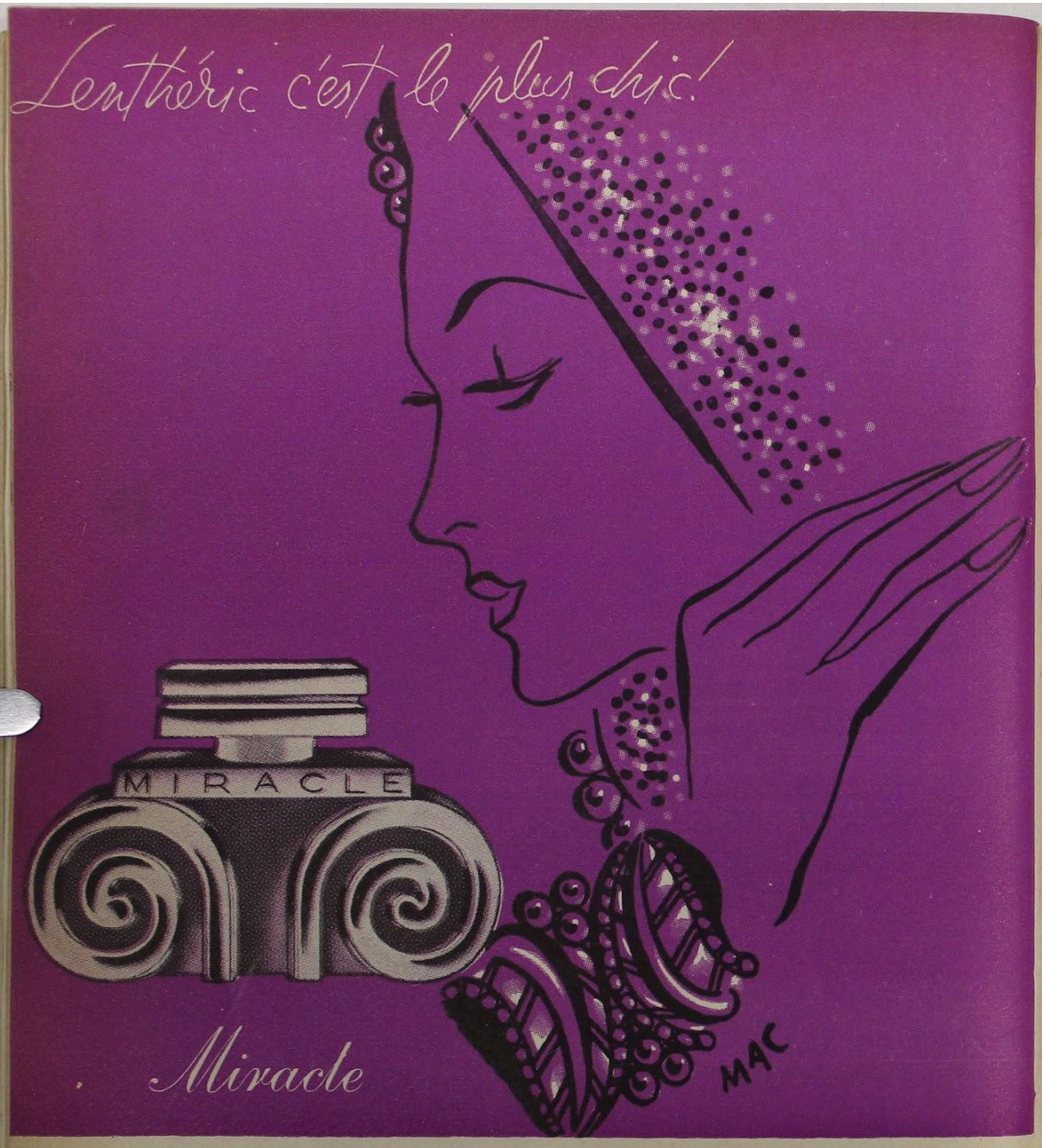


DEZ ANOS MAIS ÁVANTE QUE HÁ QUATRO ANOS!

PHILCO-TROPIC 860. Sintoniza estações longinquas de onda curta tão facilmente como as locais! Grande potencia, bela tonalidade, encantadora caixa luzidía. Sintonização Faixa-Espalhada. Onda longa e curta.

PHILCO

De Fama Mundial em Qualidade

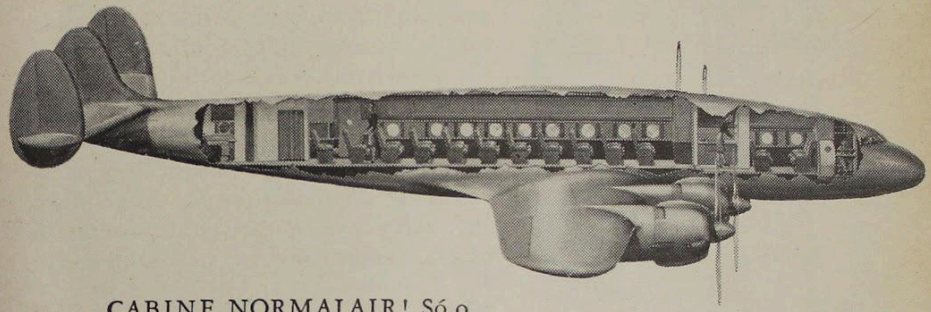


LENTHÉRIC
parfumeur-paris

V. pode enfim voar no famoso

CONSTELLATION

Uma economia de horas entre a Europa e as Américas



CABINE NORMALAIR! Só o *Constellation* possue a cabine Normalair: por muito alto que voe o avião, a "altitude" mantem-se baixa dentro da cabine, para máximo conforto do viajante.

AEROFREIOS! As aletas das asas —patente registrada da Lockheed— garantem ao *Constellation* a velocidade de aterragem mais reduzida entre todos os grandes transportes. Aterragens dignas dum carrinho de bebê!

SEGURANÇA DE POTÊNCIA DUPLA! O *Constellation* pode, de fato, voar apenas com dois dos seus quatro grandes motores. Tem assim uma formidavel margem de segurança no vôo!

ENGENHEIRO DE VÔO! Graças a este membro suplementar da tripulação, o piloto e o co-piloto, tendo que vigiar 60% menos mostradores e registros, podem-se concentrar melhor na veloz e suave navegação do aparelho.

MAIOR VELOCIDADE!
MAIOR CONFORTO!
MAIOR SEGURANÇA!

Quando quiser voar... especifique
CONSTELLATION

Consulte o agente local de viagens, ou uma destas grandes empresas de navegação aérea!

PAN AMERICAN • PANAGRA
AMERICAN OVERSEAS AIRLINES
EASTERN AIR LINES • TWA
AIR FRANCE • KLM • KNILM

Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

Às Suas Ordens

para produtos de petróleo de alta qualidade.

● Para que suas fábricas trabalhem com eficiência, economia e rapidez, as máquinas requerem a lubrificação adequada que proporciona a TEXACO. Os combustiveis e lubrificantes TEXACO, de alta qualidade, asseguram à sua maquinaria maior rendimento, mais longa duração e custo reduzido de manutenção. Alem disso, lhe oferece a garantia de fontes de abastecimento seguras e de fácil acesso.

THE TEXAS COMPANY

e seus distribuidores

TEXACO

MARCA REG.

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Smith-Corona

ESCRITORIO • Máquina de Escrever • PORTATIL

Smith-Coronas...por que são preferidas pelos dactilógrafos?

. . . porque as Smith Coronas possuem acionamento rápido e facil, que não cansa os dedos . . . e trabalha melhor.

Como sabemos que há grande procura dessas bonitas e bem fabricadas máquinas de escrever, estamos fazendo tudo ao nosso alcance para que o Sr. possa adquirir as Smith-Coronas no mais breve prazo possivel.

L C Smith & Corona Typewriters Inc
Syracuse 1 N Y

...para que possam desfrutar um mundo melhor

Nesta aula encontram-se os cidadãos, as mães e os pais do futuro. Aquí estão tambem nossos futuros médicos e homens de ciência. Em que espécie de mundo terão eles que viver e trabalhar? Viverão num mundo mais saudavel, num mundo melhor?

A resposta a essas perguntas encontrá-la-emos se passarmos em revista os progressos realizados durante os últimos anos pela ciência médica na sua luta contra as doenças e os padecimentos humanos. Nesse sentido a Casa Squibb tem tido o privilégio de fazer importantes contribuições ao rápido progresso da medicina.

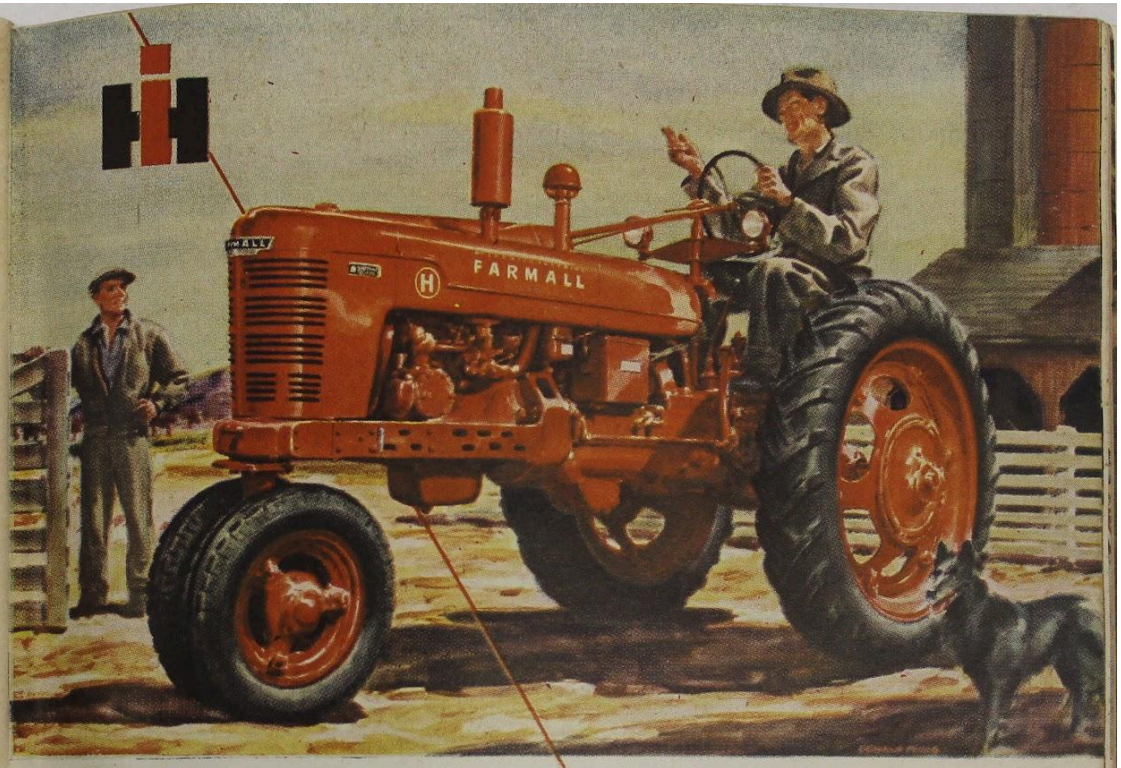
Por exemplo, os Laboratórios Squibb idearam um processo para a produção da penicilina em enormes quantidades para o consumo mundial . . . realizaram novos descobrimentos no campo vital da nutrição . . . melhoraram novas drogas para combater infecções virulentas . . . aperfeiçoaram anestésicos para facilitar a cirurgia . . . e trabalham incansavelmente no desenvolvimento de novas armas contra as doenças tropicais.

Estas são apenas algumas das contribuições da Casa Squibb em benefício da ciência médica. A Squibb põe a mesma visão, a mesma investigação minuciosa e os mesmos conhecimentos científicos na elaboração de todos os seus produtos. É por isso que eles são preferidos e usados, em tão alto grau, pelo seu médico, seu dentista e seu farmacêutico. V. tambem pode confiar no nome de Squibb!

E·R·SQUIBB & SONS

Fabricantes de produtos químicos para a classe médica desde 1858

SQUIBB . . . FAMA MUNDIAL EM INVESTIGAÇÕES MÉDICAS



O SISTEMA "FARMALL"

. . . PARA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

OS CAMINHÕES INTERNATIONAL

. . . PARA TRANSPORTES AGRÍCOLAS

Os Distribuidores da International Harvester estão tendo uma demanda sempre crescente por equipamento moderno. Até hoje o fazendeiro tem sido obrigado a usar o equipamento velho—mas agora poderá obter equipamento *novo* e *melhor!*

A International Harvester, como a maior fabricante de tratores e implementos agrícolas, tem uma grande responsabilidade. Por isso o fazendeiro pode depender destes implementos para obter resultados máximos do seu trabalho.

Comunique-se regularmente com o Distribuidor International Harvester. Êle, no decorrer do tempo, estará em melhor posição de obter, no futuro, um Trator Farmall McCormick-Deering International ou um Trator Com Rodas De Norma, do tipo e tamanho que V. Sa. necessitar.

Lembre-se!...A International Harvester é a única organização que fornece ao fazendeiro tanto suas necessidades de produção como as de transporte. Por quase 40 anos dos 115 anos de sua existência, a International Harvester tem fabricado Caminhões International.

Hoje, os Caminhões International, para uso civil, já estão sendo fabricados. Porem tomará algum tempo até que a fabricação chegue ao ponto de atender a demanda. Por isso boa atenção e cuidado com os caminhões presentemente em uso são ainda fatores *muito* importantes.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building Chicago 1, E. U. A.

INTERNATIONAL HARVESTER

SHEAFFER OFERECE MUITO MAIS AINDA !

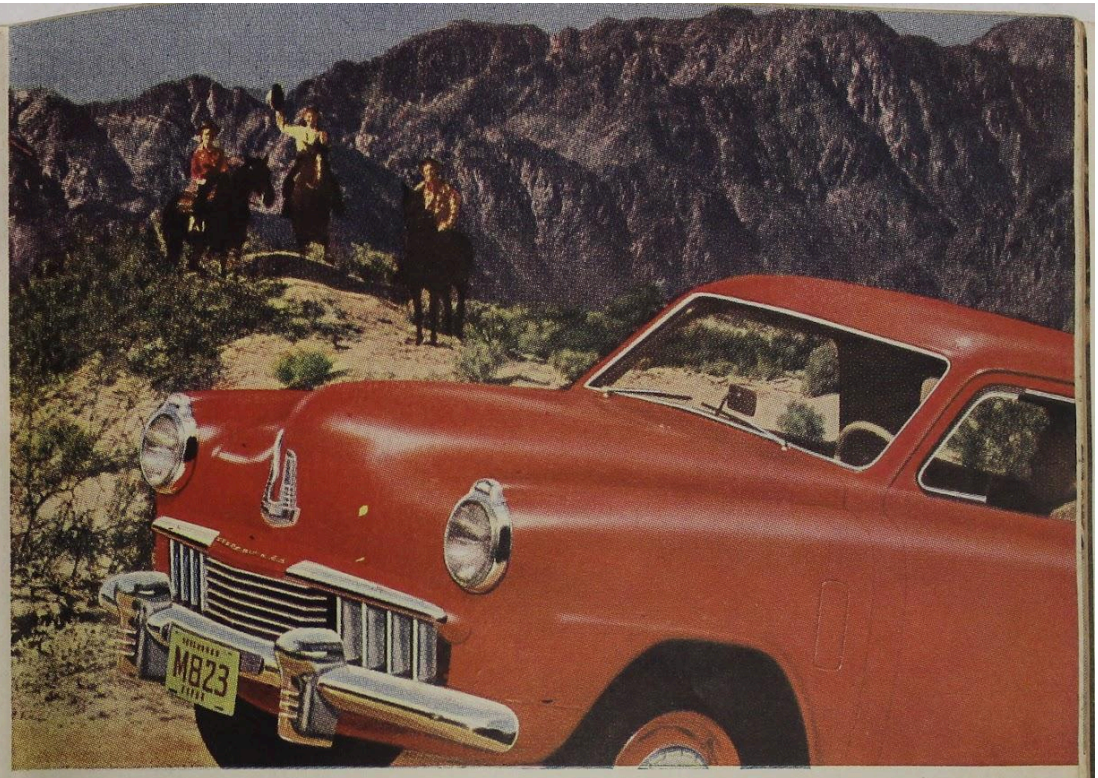
*A NOVA PENA *Lifetime*
O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

Os detalhes de fabricação encontrados unicamente nas penas cilíndricas "*Lifetime*"* de ouro de 14 quilates, da SHEAFFER, proporcionam novas maneiras de escrever, fácil e suavemente... Mas as novas canetas SHEAFFER'S TRIUMPH —com ponto branco— oferecem muito mais ainda... Espiral cobrindo a sua superfície... Depósito transparente... Novo "clip" que prende por si mesmo... Maior capacidade... W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U. S. A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Novas Canetas "TRIUMPH" • Novas Lapiseiras "Fineline"



Studebaker anuncia

Novos Carros para um Novo Mundo!

Novos na Concepção!

Surpreendentes na Execução! Brilhantes na Performance!

Extraordinarios na economia!

Já começou-se a exportação dos novos e belissimos Campeões Studebaker. Estamos fazendo tudo possivel para apressar as entregas á todos os estimados clientes da Companhia Studebaker, por todo mundo.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend 27, Indiana, E.U.A. Cables: Studebaker

STUDEBAKER
Synonymo universal de excelencia em automóveis e caminhões

BETHLEHEM STEEL

AÇO PARA CONSTRUÇÕES

Através de todo o mundo civilizado, pontes de estrutura de aço, edifícios, instalações industriais, dão testemunho da larga experiência da Bethlehem na produção de aço para construções. A Bethlehem produz todos os tipos do aço de que se trata, inclusive em perfís normais e de largos rebordos, vigas U, vigas L, como igualmente vigas de alma aberta.

Andareis acertados se escolherdes a Bethlehem—"um dos maiores produtores de aço do mundo"—como fornecedor de aço para as vossas obras de construção. A Bethlehem não produz sòmente aço estrutural, mas também chapas de aço, tubos, fôlhas, barras de refôrço, e muitos outros produtos de aplicação em edifícios — e fabrica e erige pontes, edifícios, e outras estruturas de aço.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, Nova York 4, E.U.A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à

BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO:
Av. Presidente Wilson, 165-3° andar
SÃO PAULO:
Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415.

Procure Sempre a Marca Registrada "TIMKEN"
MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.

Ela é o guia mais seguro na compra dos Rolamentos Cônicos Timken, originais e genuinos.

Agentes de venda no Brasil:
The Timken Roller Bearing Company of South America
Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

TIMKEN
TRADE-MARK REG. U. S. PAT. OFF.
TAPERED ROLLER BEARINGS

A BOA DIGESTÃO COMEÇA NA COZINHA...

• A pureza dos ingredientes e o sabor dos alimentos são fatores fundamentais para a boa digestão. Assegure aos seus alimentos êstes preciosos requisitos, usando sempre óleo "A Patrôa".

Puríssimo e super-refinado, o óleo "A Patrôa" torna os pratos mais saborosos, mais leves, mais digeríveis.

ÓLEO

A Patrôa

PRODUTO

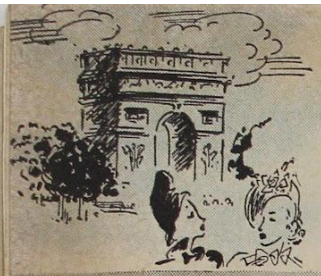
Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

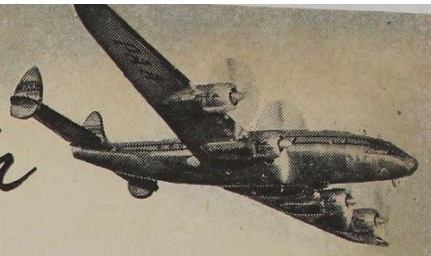
Nem joias, nem orquídeas...

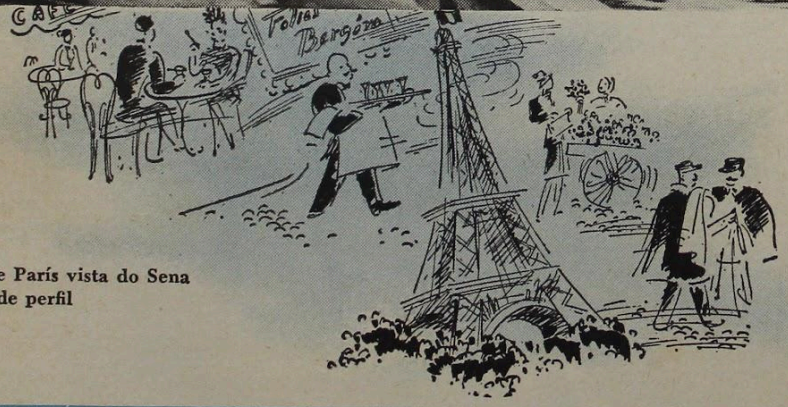
... mas, nem por isso, os seus cabelos deixam de atrair olhares de admiração e louvores entusiásticos. Porque, na sua encantadora simplicidade, têm o seu brilho soberbamente realçado por GLOSTORA, o preparado que fortalece os cabelos e os mantém impecàvelmente penteados, com tôda a expressão da sua beleza natural. As senhoras elegantes e os homens distintos preferem GLOSTORA, que *fixa sem empastar e amacia sem engordurar.*

Glostora DÁ VIDA E ESPLENDOR AOS CABELOS.



Vá à França de avião Clipper esta temporada



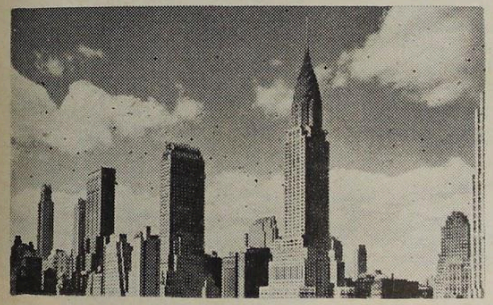


A Nôtre Dame de París vista do Sena
Nova York vista de perfil

Agora — há duas maneiras de fazê-lo com rapidez e o máximo conforto

A França continua a ser França . . . París é ainda a cidade das lojas elegantes, das modas *dernier cri,* dos cafés com terraço, e da alegre vida noturna. Em París é verão agora. E quando chegar a estação fresca do ano, há a Riviera francesa — a praia de Nice, o casino de Monte Carlo.

Via Nova York *e Ilhas Britânicas*



Por Clipper aos Estados Unidos, Inglaterra e França. Paragens, com estadias permitidas em qualquer dos pontos de escala, incluindo as Antilhas, Miami, Nova York, Irlanda, e Londres.

Via África Ocidental *e Lisboa*

O seu Clipper voa do Natal a Monróvia, a Lisboa e Marselha, que é o ponto final central para as linhas de ligação com Barcelona, Riviera, Norte da Itália, Alpes e París.

A Pan American está pronta a cooperar atenciosamente com V. ao fazer seus planos de viagem, e serão servidas no ar, por nossa conta, deliciosas refeições quentes. Para informações sobre preços e lugares reservados, chame a sua agência de viagens, ou dirija-se ao mais próximo escritório da Pan American World Airways.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAA

O Sistema dos Clippers

O primeiro a atravessar o Pacífico e o Atlântico
O primeiro a atravessar toda a América Latina

Agora V. pode voar em Clipper a 4 continentes

A Pequena Jóia
Tamanho mínimo ... recepção máxima

DELEITE-SE ouvindo o que há de melhor em rádio com a Pequena Jóia. Suas vantagens são incontáveis — desenho aerodinâmico... tom impecável... contrôle automático do volume... eliminação de interferência... compensação do tom... e muitas outras características que até agora eram privilégio dos modelos grandes e custosos.

A Pequena Jóia, com sua alça escamoteável, pode ser levada para qualquer lugar; funciona com corrente alternada ou contínua e sem antena exterior nem ligação a terra. A caixa, de linhas harmônicas, é completamente fechada, com acabamento de material plástico reluzente e metal de côr dourada assetinado. Na Pequena Jóia se juntaram um máximo de beleza e elegância, fidelidade de tom, capacidade e economia.

Convença-se, comparando as excelentes vantagens que lhe oferecem:

Superheterodino de seis válvulas, para C.A. ou C.C., com amplificador não sintonizado... Compensação de tons graves... Em alto nivel o efeito tonal é o de um aparêlho muito maior; em baixo nivel, reproduz sons que em outros rádios passam desapercebidos.

Antena de quadro com terminal para ligação, caso se deseje antena exterior.

"Tropicalizado"... e com bobinas especiais que asseguram recepção ideal em todos os climas.

Rádios e Rádio-Fonógrafos Westinghouse, todos inteiramente novos!

A supremacia da Westinghouse na Electrônica permite-lhe obter o máximo em beleza o fidelidade de tom, mesmo num rádio pequeníssimo, como êste.

A hora da refeição torna-se mais agradável com a Pequena Jóia, trazendo o melhor em notícias, teatro, música...

O contrôle automático do volume mantem o som no nivel desejado, baixo ou alto, porém sempre claro. Escute seu programa preferido sem receio de incomodar o resto da família.

Ouça... e Comprará um Rádio Westinghouse

ESCRITÓRIOS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO — FÁBRICAS EM 25 CIDADES

... em português é **"saltador de trampolim"**

... em inglês, **"a diver"**

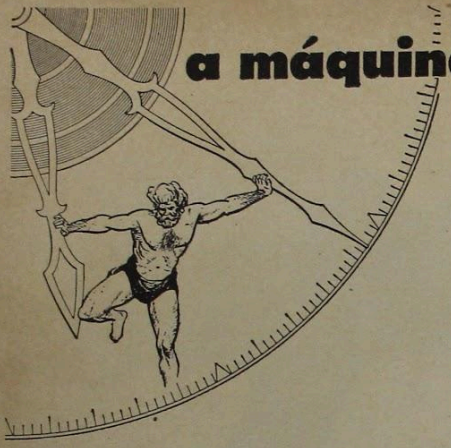
... em sueco, **"dykare"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

***Kodak** ... A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Kodak



a máquina do tempo

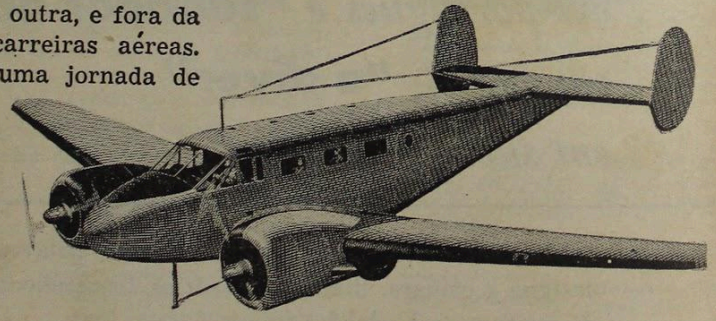
NESTES dias tão operosos, de "reconversão" industrial e de luta pelo regresso à produção plena do tempo de paz, seria de inestimavel valor uma máquina capaz de prolongar o dia util para os gerentes e o pessoal de direção de sua empresa.

O bimotor Beechcraft não pode, é claro, alterar a marcha do relógio — mas pode servir para expandir a utilidade de cada minuto relacionado com a coordenação e a ligação entre operações da mesma empresa separadas por longas distâncias.

Imaginemos duas fábricas a 600 quilômetros uma da outra, e fora da rota normal das carreiras aéreas. Por via terrestre, uma jornada de ida e volta e uma conferência absorveriam pelo menos umas fatigantes 36 horas. Mas, graças ao Beechcraft, o gerente pode passar uma ou duas horas da manhã à sua mesa de trabalho, transpor 600 km pelo ar em menos de 2 horas de confortavel viagem, almoçar e conferenciar durante 2 horas com o pessoal da outra fábrica; regressar de avião, e entrar no seu escritório antes de encerrado o dia de trabalho. Sendo necessário, pode ainda deter-se pelo caminho a conferenciar com outros, ou ditar suas cartas enquanto voa. Não só se expandiu o tempo util, como se eliminou tambem o desconforto das longas viagens fatigantes.

Se não existem aeroportos perto das suas fábricas filiais, seria conveniente criá-los; os Beechcrafts não requerem vastos campos nem pistas pavimentadas. Nós ensaiamos e entregamos milhares deles, no verão e no inverno, em um pequeno campo de capim.

Peça-nos informações, para que lhe enviemos um distribuidor apto a fornecer-lhe fatos e números, e a fazer-lhe uma demonstração sem compromisso.



Solicitamos pedidos de informação sobre o bimotor de fama universal Beechcraft D18S, e seu uso pelas empresas privadas. Fatos, números e demonstrações — sem compromisso.

BEECH AIRCRAFT CORPORATION
WICHITA, KANSAS, E. U. A.

Convidamos os distribuidores idôneos a nos consultar sobre a agência de vendas Beechcraft.

SUA MAQUINARIA

deve ser *protegida* para poder funcionar com *eficiência* e *regularidade*.

A *proteção* que dá um lubrificante perfeito é garantia de que esse desiderato será alcançado.

Há mais de 80 anos que os Lubrificantes *Gargoyle* estão na vanguarda e continuam sendo os primeiros no campo da

CIÊNCIA
EXPERIÊNCIA

lubrificação científica.

Aproveite os louros da nossa experiência adquirida em tantos anos de pesquisa e aperfeiçoamento. Todos esses conhecimentos estão a sua disposição e tem por fim proteger a *sua* maquinaria.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

GARGOYLE

ALTA QUALIDADE

Lubrificantes

estão ao seu serviço AQUÍ e em toda parte do MUNDO

NOVA! SUPREENDENTE! DIFERENTE!

A Pesquisa da General Electric no campo da iluminação faz "andar a roda" a branda e fresca luz fluorescente

A pesquisa da General Electric no campo da iluminação *marca* mais uma vez. A nova lâmpada fluorescente "Circline" da G-E vem assumir seu lugar entre as outras muitas inovações capitais que já devíamos aos mais amplos laboratórios mundiais de pesquisas em iluminação elétrica. Aquí temos por fim um tipo novo de lâmpada, cujo engenhoso traçado anular vem abrir um vasto e inexplorado domínio de aplicação — desde os abajures para o lar, aos inúmeros efeitos decorativos, os mais surpreendentes, para lojas e edifícios públicos. Quando comprar lâmpadas elétricas verifique sempre se elas apresentam o monograma GE.

RD-6-3

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E. U. A.

Parabens, jovens diplomados!
Seja ***EVERSHARP*** *a vossa companheira inseparável!*

Qualquer tarefa é mais fácil, quando a ferramenta é boa . . .

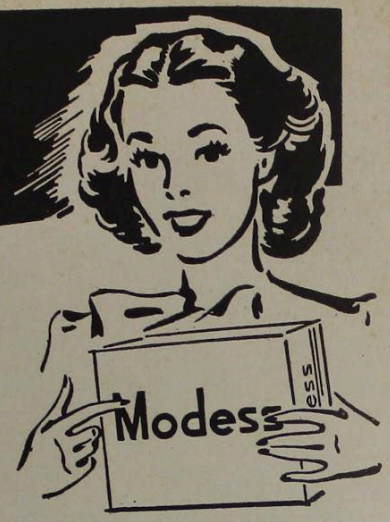
A EVERSHARP, como instrumento de precisão, é a Caneta indicada para os trabalhos intelectuais.

A Ponta Mágica EVERSHARP, têrsa e *flexível*, traça em silêncio os pensamentos de quem escreve.

O Alimentador Mágico, exclusivo da EVERSHARP, impede os derrames aborrecidos, passa a tinta para o papel na medida justa, e aproveita até a última gota, evitando que se encha a caneta frequentemente.

Dê
EVERSHARP
e dará a melhor!

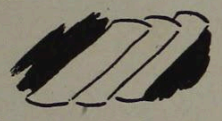
Seja moderna —use Modess!



— MODESS é mais higiênico, mais cômodo, mais seguro, mais discreto. É *mais higiênico* porque cada absorvente é usado uma só vez; *mais cômodo* porque é macio como uma pluma, não irrita; *mais seguro* porque tem enorme poder absorvente e face impermeável; *mais discreto*, porque é invisível mesmo sob os vestidos mais justos. É fácil de adquirir – basta pedir *Modess*.

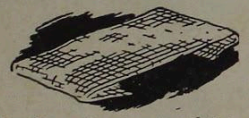
Veja porque MODESS é diferente!

1. *A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável – mais absorvente que o algodão!*



2. *Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódoas na roupa!*

3. *Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela macia, que evita que o fluido se espalhe!*



4. *Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!*

5. *Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior confôrto e evitam irritações!*

6. *Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!*

NOVO **Modess** ★ Produto da Johnson & Johnson

Vão Chegar Repousados e dispostos Viajando pelo Ar!

As Aeronaves de Hoje Adotam os Motores Provados na Guerra

A maior carreira aérea de todos os tempos foi o incessante serviço dos bombardeamentos de vaivém, que fêz chover a destruição sôbre as nações do Eixo. Êste esfôrço, somado a 25 anos de experiência, provou os Motores Wright "Cyclone" que dão velocidade e segurança às viagens da era da Paz.

Na azul transparência das alturas, muito acima dos meios de transporte que se arrastam à superfície da Terra, rasgam-se hoje as novas estradas de comércio. Viajando nas grandes e modernas aeronaves que percorrem essas rotas, V. desfrutará de um agradável repouso. Já não é mais preciso quebrantar a energia humana em longas e fatigantes jornadas. O vôo é rápido, limpo e repousante. Uma viagem de dias é hoje apenas um vôo de horas. Fazendo a viagem pelo ar, V. chegará repousado e disposto a seu destino!

Aguarde o aparecimento dos novos e melhores gigantes do ar, acionados a motores Wright, que vão entrar em serviço nas linhas aéreas internacionais.

Curtiss Wright

Export Division

30 ROCKEFELLER PLAZA, N. Y. 20, N. Y.

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

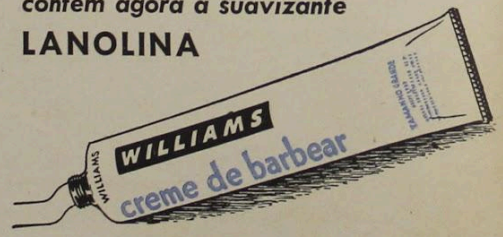
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

● *Para escanhoar-se melhor sem arranhar a pele.* Quer fazer a barba deixando o rosto mais macio e com melhor aparência? Nesse caso experimente o Creme Williams de Barbear, com Lanolina. A suavizante Lanolina ajuda a proteger-lhe a cara contra a irritação e o ardor da lâmina, e permite-lhe escanhoar-se tão bem quanto quiser.

Pelo fato de ser tão semelhante ao óleo natural da pele, a Lanolina é frequentemente receitada pelos médicos para refrescar e suavizar a epiderme irritada. Seu rosto já pode gozar agora os benefícios da Lanolina, todas as vezes que V. se barbear com Williams.

A espuma agradavelmente aromática de Williams, muito duradoura e ultra-penetrante, amacia *completamente* as barbas mais rijas . . . torna mais facil raspar a barba. Compre hoje mesmo um tubo de Williams com Lanolina. Veja pela sua própria experiência quanto mais agradavel é barbear-se com este creme—melhor que nunca.

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante
LANOLINA



ZENITH *International*
O NOVO RÁDIO-FONÓGRAFO

O Novo Método *ZENITH* de Tocar Discos com BRAÇO SONORO "COBRA" RADIÔNICO e Trocador de Discos RÁPIDO-SILENCIOSO

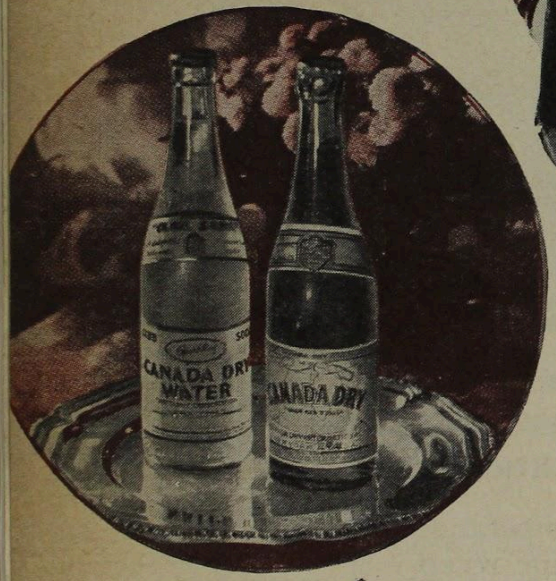
Um belo conjunto, à prova de temperatura e umidade. Proporciona excelente recepção de onda média e rádio de onda curta Internacional na extensão de 13 metros. O Novo Braço Sonoro "Cobra" suprime o ruido desagradavel de raspadura ou chiada; faz com que os discos se possam tocar centos de vezes mais.

Troca 12 discos de dez polegadas, ou 10 discos de doze polegadas em 3½ segundos cada um. O Braço Sonoro "Cobra" pode se deixar cair ou raspar nos discos, sem causar dano.

O Maior Fabricante Mundial de Aparelhos Radiônicos Exclusivamente

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

Para Reuniões Íntimas



. . . ou Festas

As bebidas Canada Dry são sempre vistas nas reuniões de gente elegante. É de bom gosto servir Canada Dry—"o Champagne dos Ginger Ales"—bebida refrescante para pessoas de todas as idades. E para o perfeito "highball" que satisfaça qualquer paladar, Canada Dry Ginger Ale e Canada Dry Water (Club Soda) são *os produtos que mais se usam no mundo inteiro para preparar bebidas mistas.*

Spur

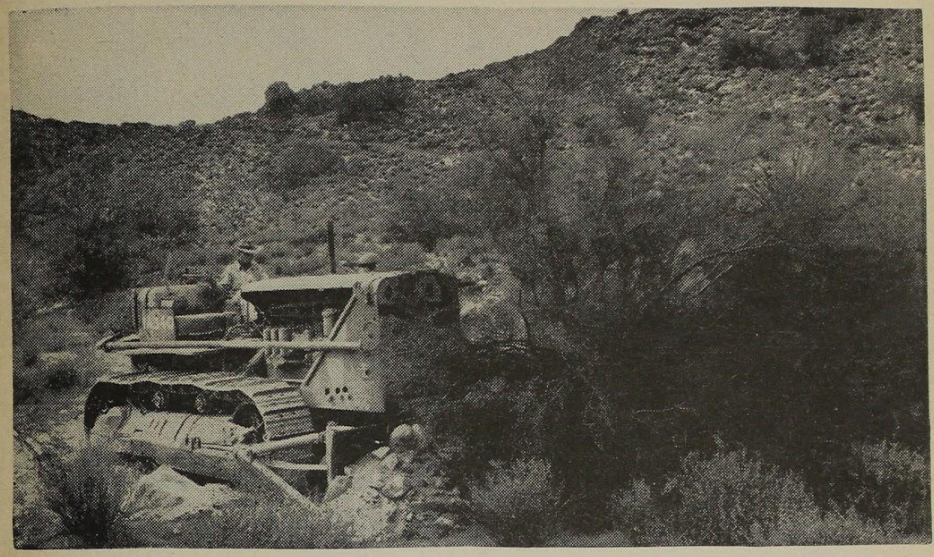
SPUR—A deliciosa Cola Canada Dry—é insuperável como refresco revigorante e gostoso, e também para fazer o mais fino "Cuba Libre" que se possa desejar.

REFRESCOS

CANADA DE FAMA MUNDIAL DRY

CANADA DRY INTERNATIONAL, INC., 100 E. 42ND ST., NEW YORK 17, N. Y.

A ESTRADA AVANÇA



Aquí temos agora o "Bulldozer", que a guerra tornou famoso, trabalhando no cenario novo que a paz oferece. As obras em vista ainda são árduas—novas estradas a construir . . . terras a desbastar . . . aeroportos a nivelar. Mas o Trator Diesel "Caterpillar" é fabricado para levá-las de vencida!

Este Diesel "Caterpillar" D8 com um Bulldozer No. 8A (lâmina de inclinação variavel) abre rasgões profundos ao trabalhar na selva tropical ou na encosta de altas serranias. Os empreiteiros que têm empregado estes tratores durante anos sabem que eles são econômicos, duradouros e de confiança — construidos para resistir ao trabalho.

A reputação mundial dos Diesel "Caterpillar" assenta no seu baixo consumo de combustivel, alta eficiência de operação, e maior rendimento em horas de trabalho. O seu excelente serviço de peças e reparos é acessivel no mundo inteiro. Pergunte a qualquer pessoa que emprega um Diesel "Caterpillar". Ou, de preferência, vá consultar o revendedor de "Caterpillar" na sua zona.

CATERPILLAR TRACTOR CO., Peoria, Illinois, E.U.A.

CATERPILLAR Diesel

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTO-NIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOÇÃO DE TERRA

BING CROSBY astro da Paramount

que breve veremos em
"DOIS MALANDROS E UMA GAROTA"

A F I R M A

1—Eu me barbeio com lâminas PERSONNA, porque meu rosto ("e o meu!" acrescentará cada leitor) merece o que há de melhor...

2—Talvez porque a sua têmpera "diamantina" torna o gume "côncavo" mais fino e duradouro...

3—O certo é que me escanhôo como nunca nenhum barbeiro me escanhoou... com tanta rapidez e suavidade.

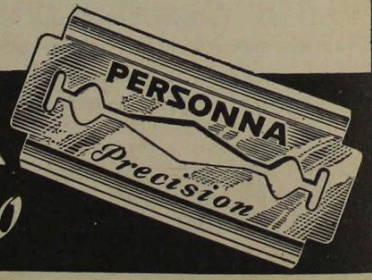
As lâminas PERSONNA barbeiam mais vezes com o máximo requinte:

1—Porque são de aço sueco ultra-refinado

2—Porque seu gume côncavo é muito flexivel

3—Porque seus gumes são afiados a óleo, assentados em couro, e refratários à oxidação.

RIBE LTDA., Av. Nilo Peçanha
26 sala 1112, RIO DE JANEIRO, Brasil

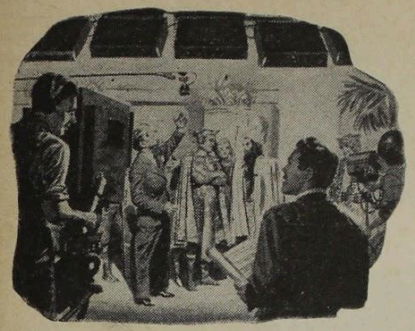


PERSONNA
Lâminas de precisão

PERSONNA BLADE CO., INC., 599 Madison Avenue, Nova York, E. U. A.

Os Triunfos do Palco Entram em Sua Casa

Pela Mão de Homens que Enxergam para Alem do Amanhã



Graças à televisão, V. poderá gozar tranquilamente em sua casa os melhores espetáculos do mundo. Mas a perfeição que se exige da televisão é fruto de infinita paciência e minuciosos planos.

Um espetáculo de televisão requer muitas horas de elaboração, de adaptação, revisão e retoque. São precisas longas horas de ensaio, durante as quais se estudam os ângulos e posições, se experimenta a luz, e se criam novas técnicas de "grande plano"—isto, antes que uma grande estrela resplandeça em todas as cores na intimidade do seu lar.

Acabado o espetáculo, os produtores fazem com legítimo orgulho um "brinde ao dia de amanhã"—que é uma promessa de tornar melhor ainda o espetáculo seguinte.

PARA HOMENS QUE PROJETAM PARA ALEM DO AMANHÃ

V. faz parte do auditório do Seagram's. Para seu prazer—esta noite, amanhã, ou alem de amanhã—consagramos toda a nossa habilidade e previsão a fazer do Seagram's V. O. o whisky mais superlativamente suave e de paladar o mais puro. Dê-se o prazer de prová-lo esta mesma noite, no mais leve *highball* do mundo—confie sempre na suavidade e satisfação que ele assegura a todos os apreciadores da sua invariavel qualidade e paladar.

Seagram's V.O. WHISKY CANADENSE

Procure já!

Vosso representante autorizado da REMINGTON RAND tem um Modêlo de Luxo 5 em exposição!

Examine...

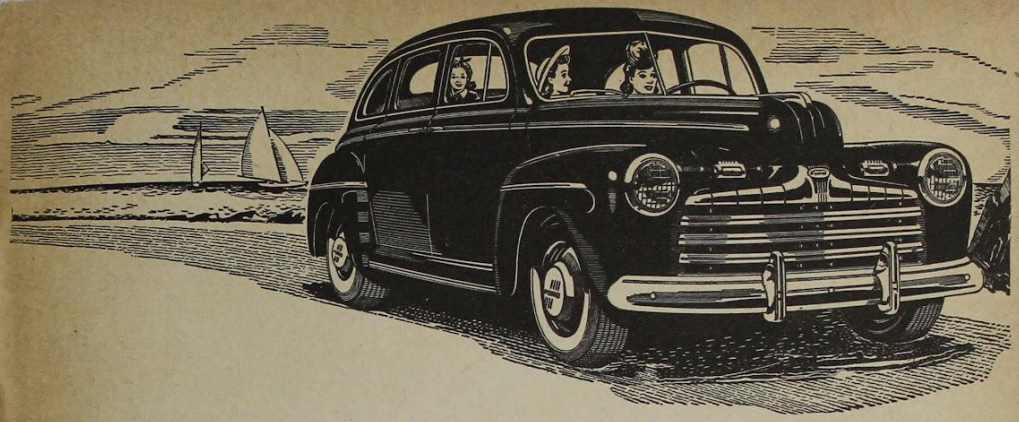
e verifique, pessoalmente, por que vale a pena esperar por êste soberbo Modêlo 5 de Luxo.

Aumenta ràpidamente a produção das máquinas portáteis "Remington Rand". A princípio, não haverá suficiente para atender a tôdos os pedidos, porém os técnicos da "Remington Rand" apressam o dia, quando milhares de pessoas que tão pacientemente esperaram, possam adquirir uma máquina portátil fabricada pela

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME
ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

Representada no **BRAZIL**
pela **S. A. CASA PRATT**
RIO DE JANEIRO • S. PAULO • RECIFE
PORTO ALEGRE • BÉLO HORIZONTE • BAIA



Deslisa mais suavemente que nunca

Ford Este moderno Ford, grande e de elegante estilo, tem mais aperfeiçoamentos que qualquer modelo de antes da guerra. As novas molas de lâminas múltiplas, de maior comprimento e de ação lenta proporcionam marcha suave e "almofadada"... Os freios são extra-grandes, de centralização automática, para fazer paradas rápidas e silenciosas. V.S. pode escolher um destes motores: o famoso V-8, de 100 cavalos de força, ou o de 6 cilindros, aperfeiçoado, de 90 cavalos... O interior do novo Ford é atraente, cômodo e luxuoso! Assentos amplos e confortaveis. Obtenha detalhes dirigindo-se ao Concessionário Ford.

FORD MOTOR COMPANY

HÁ UM Ford NO SEU FUTURO!

Os Controles HONEYWELL para Apartamentos Economizam Combustivel

Com um Sistema Honeywell de Controle de Zona é possivel manter diferentes temperaturas em diversas seções do mesmo edifício de apartamentos, em hotéis e outros prédios comerciais, consoante a cubagem ocupada. Por exemplo, as garages ou armazens não necessitam tanto aquecimento como os escritórios ou os cômodos de habitação. E tambem é possivel encontrar compensação para a exposição ao tempo lá de fora. Assim, nas partes do edifício habitualmente expostas à luz do sol, exige-se menos aquecimento. Pode-se deste modo evitar o desperdício do excesso de calor e conservar o combustivel, que é precioso. Para mais informações sobre reguladores de aquecimento ou de ar condicionado queira escrever ao mais próximo distribuidor indicado ao lado, ou à Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Export Department, 2691 Fourth Avenue South, Minneapolis 8, Minnesota (E.U.).

Distribuidores

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires —*Colômbia:* P. Porta, *Bogotá:* Hans Schultz, Edificio Continental, Barranquilla—*Brasil:* Comercial e Industrial WERCO, Ltda., Rio de Janeiro—*Perú:* Custer and Thommen, S.A., Lima—*Chile:* Thermic Ltda., Santiago—*Panamá:* The Electric Service Co., Panamá—*México:* Armando Vaquie, Cidade do México—*Cuba:* William P. Bryant, Havana—*Porto Rico:* Sucessores de Abarca, San Juan—*Trinidad:* Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

* * * CONTROLES AUTOMÁTICOS * * *

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

Como é que o pessoal do maior banco internacional da América pode ajudar V. S. a expandir suas transações externas?

QUANDO o Sr. compra ou vende em país estrangeiro, é sempre de grande ajuda ter alí um amigo experiente que o possa auxiliar a vencer as dificuldades de língua e costumes. É por isso que tanta gente que projeta expandir seus negócios alem-mar, está recorrendo ao City Bank para discutir os seus planos de negócio.

Há 31 anos que National City Bank of New York vem prestando serviços como guia de transações mundiais. Tendo sido o primeiro banco dos Estados Unidos que interveio em operações externas, ele mantem hoje mais filiais no estrangeiro do que todos os outros bancos norte-americanos juntos. E põe ao seu serviço um pessoal especializado em operações bancárias mundiais, muitas vezes maior do que o de qualquer outro banco dos Estados Unidos.

A frente das 35 filiais estrategicamente distribuidas por toda a América Central, do Sul e Antilhas, encontram-se homens de experiência, cada um deles com uma média de 24 anos de serviço em transações ultramarinas. Se V.S. projeta comprar ou vender fora do seu país, o pessoal da mais próxima filial do City Bank está pronto a aconselhá-lo e a assistí-lo.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes no Mundo Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellin

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

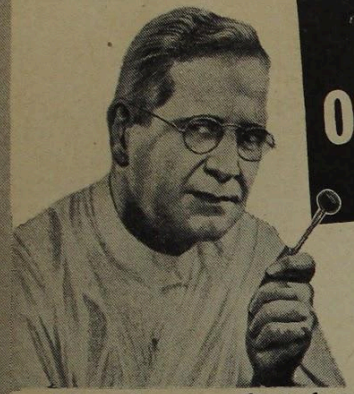
Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal



LIMPA OS DENTES ARTIFICIAIS sem precisar escová-los

Conserve sua Dentadura como nova, usando Polident

Mergulhe a sua dentadura postiça—ou "bridge" removivel—em um copo de água com um pouco de pó POLIDENT, e verá como as impurezas e detritos desaparecem como por magía. Sua dentadura ficará completamente limpa e perderá o máu cheiro característico das dentaduras postiças, sem necessidade de recorrer à prática inconveniente de escová-la ou esfregá-la.

Basta mergulhar as dentaduras e pontes removiveis numa solução de POLIDENT e logo se dissolvem o limo viscoso acumulado durante o dia e os detritos de comida que ficam em interstícios dificeis de limpar, desaparecendo tambem qualquer mancha. A ação purificante do POLIDENT restitui às dentaduras a sua aparência natural, sem o perigo de as arranhar ou de desgastar os seus bordos necessários ao bom ajustamento na bôca.

O banho em solução de POLIDENT significa menos manuseio da dentadura e portanto menor risco de danificá-la, como geralmente sucede com o uso antiquado da escova e das esfregadelas.

A venda nas perfumarias, farmácias e drogarias.

Ponha-se a porção de uma tampinha cheia de Polidente em um copo de água. Mexa-se bem. Coloque-se a dentadura ou "bridge" removível dentro dessa solução, durante 15 minutos ou a noite inteira. Enxagúe-se bem a dentadura em água fresca e está pronta para o uso.

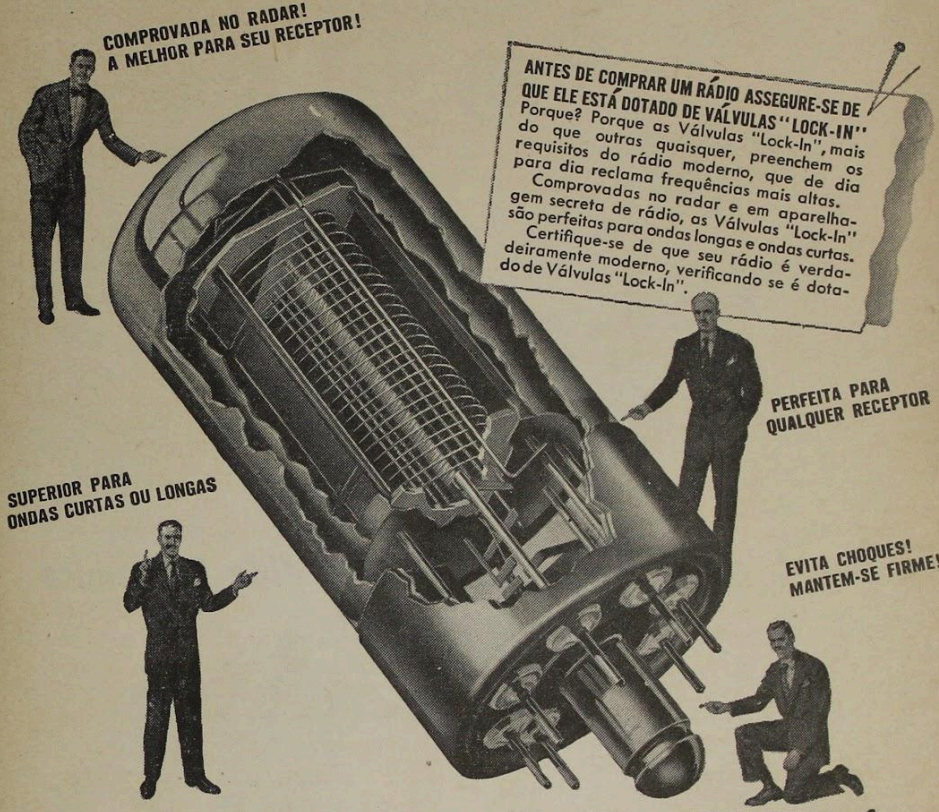
Não precisa escová-la, nem esfregá-la.

Mais de 25 milhões de latas foram vendidas nos Estados Unidos nos últimos cinco anos.

Limpa e purifica, sem escovar

POLIDENT

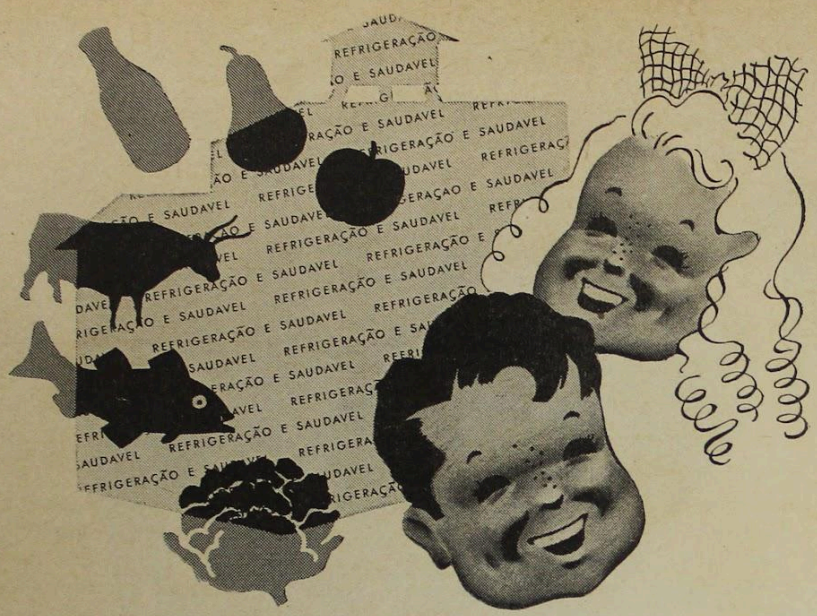
SEU NOVO RÁDIO PRECISA VÁLVULAS "LOCK-IN"



SYLVANIA ELECTRIC

International Division, 500 Fifth Ave., New York 18, N. Y., E. U. A.

FABRICANTES DE VÁLVULAS PARA RÁDIO-RECEPTORES, LÂMPADAS FLUORESCENTES, MONTAGENS, DISPOSITIVOS PARA CANALIZAÇÕES, LÂMPADAS ELÉTRICAS, APARELHAGEM ELECTRÔNICA



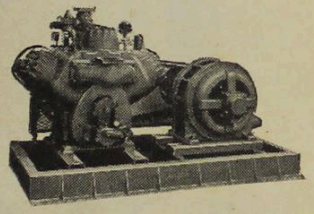
A Refrigeração é um Seguro de Vida Economico

Os higienistas estão de acordo em que as deficiencias de vitaminas se contam entre as causas primordiais da doença, e que o calor, durante o transporte e a armazenagem, reduz seriamente o teor vitaminico dos generos alimenticios. De sorte que a refrigeração deve constituir capitulo essencial em todo e qualquer projeto concernente a saude publica.

A refrigeração tem ainda outras vantagens: reduz o custo dos generos quando comprados em grande quantidade, restringe a deterioração dos mesmos, permite a armazenagem segura nas epocas de abundancia, como providencia contra a escassez.

O Sr. pode usufruir todos os beneficios da refrigeração, confiando-se ao equipamento desenhado e manufaturado pela Worthington ... com a sua experiencia de 60 anos na aplicação da refrigeração a todas as condições de clima.

Escreva-nos pedindo todos os dados. *Worthington Pump and Machinery Corporation, Harrison, New Jersey, E. U. A. Escritorios e Agentes no mundo inteiro.*



Este compressor de amonia, vertical e de ação singela é o "coração" de muitas instalações Worthington para refrigeração de alimentos e produção de gelo. A Worthington pode conceber e introduzir aparelhos identicos, para Freon ou cloreto de metilo, na instalação de refrigeração ou condicionamento de ar de que o Sr. precise.

WORTHINGTON

REFRIGERAÇÃO

CONDICIONAMENTO DE AR

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

A companheira preferida

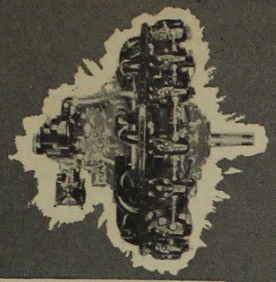
Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é *a pausa que refresca.*
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946, THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

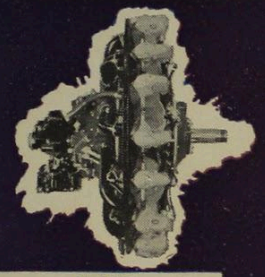
Os "WASPS"

Têm a Potência Necessária

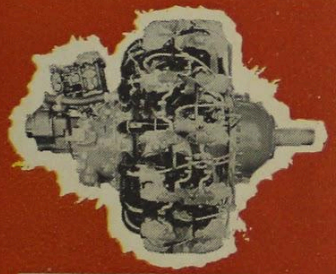
WASP MAJOR
3500 cavalos de força



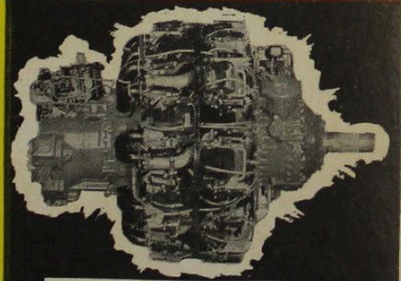
WASP JUNIOR
450 cavalos de força



WASP
600 cavalos de força



TWIN WASP
1200 cavalos de força



DOUBLE WASP
2100 cavalos de força

Os motores de confiança Pratt & Whitney desenvolvem a potência necessária para resolver todos os problemas da moderna aviação militar e de transporte. Desde o "Wasp Junior" de 450 H.P. para aviões de treino e de uso particular, ao possante "Wasp Major" de 3500 H.P. para os maiores aparelhos de carreira comercial e os mais velozes aviões militares — não há nada que ultrapasse a reputação mundial de qualquer dos motores da série "Wasp", no ponto de vista da confiança, potência e economia de funcionamento.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION
EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.
Endereço telegráfico: UNITEDAIR

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD
AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

Quink evita em tempo os desarranjos das canetas!

- ✓ **Evita a corrosão do metal e o apodrecimento da borracha causados pelas tintas excessivamente ácidas.**
- ✓ **Previne os entupimentos e as formações gomosas, possibilitando uma partida rápida—escrita uniforme.**
- ✓ **Limpa a caneta à medida que escreve . . . mantendo-a afastada das oficinas de consêrto.**
- ✓ **Dissolve e expele os sedimentos deixados pelas tintas comuns.**

PARKER
Quink

A única tinta que contém "solv-x" —o protetor das canetas!

Os entendidos dizem que 65% de todos os desarranjos das canetas são causados pelas tintas excessivamente ácidas. Mas, Parker Quink, com um novo ingrediente protetor, "Solv-x," evita a maioria dos desarranjos das canetas.

Só a brilhante e fluente Quink contém "Solv-x." 7 côres permanentes, 2 lavaveis. Vidro de 2 oz. Cr$ 7,50. Vidro de 4 oz. Cr$ 13,00. Também em litros e ½ litros.

Representantes exclusivos para todo o Brasil:
COSTA, PORTELA & CIA.,
Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Unicos Distribuidores para Portugal:
ANTÔNIO VIEIRA, LTDA.,
Rua do Ouro, 167—Lisboa

Temos 425.000 "patrões"

Com efeito, temos 425.000 "patrões" de diversas classes sociais e diversa posição economica em 72 paises. Entre esses "patrões" (ou acionistas) figuram muitos dos 350.000 empregados que, bem remunerados, trabalham na General Motors.

O interesse desses milhares de pessoas é que a General Motors prospere. Para isso é preciso que conserve sempre elevado o seu prestígio, fabricando produtos realmente bons, que o público prefira por sua excelente qualidade e preço módico.

Tudo isso a General Motors está realizando hoje e continuará realizando: é sua responsabilidade primordial perante seus 350.000 empregados e seus 425.000 "patrões."

Na linha de montagem de uma das nossas fábricas

GENERAL MOTORS

Melhores produtos acessiveis a mais pessoas

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet • Vauxhall • Caminhões GMC, Chevrolet e Bedford • Frigidaire • Motores Diesel • Peças e Sobressalentes

GM

Madeiras da América: o Mogno

(Ilustração na capa)

Em 1595, no navio de Sir Walter Raleigh, o carpinteiro de bordo fez cair, pela primeira vez, seu machado sobre um madeiro novo e desconhecido, descobrindo assim a rósea veia de um dos mais preciosos tesouros do novo mundo: o mogno.

Hoje, nas terras baixas da América Central, erguem-se esplêndidos espécimes dessa árvore, os quais, nos dias de Walter Raleigh, não passavam de simples vergônteas. É que só com a passagem dos séculos pode este monarca das florestas atingir seu pleno desenvolvimento. A opulenta beleza da madeira de mogno, que se pode admirar na capa deste número, é, verdadeiramente, a beleza dos tempos.

Entre os exemplos que de seu uso sobreviveram, o mais antigo é uma cruz tosca, de 1514, preservada ainda hoje na Catedral de São Domingos, da República Dominicana. Para cavername de navios, foi Cortez quem empregou, pela primeira vez, o mogno. A madeira foi introduzida na Europa, em 1563, quando Felipe II de Espanha deu início à construção do famoso palácio do Escorial, em Madrí. Aí se fizeram, de mogno, estantes para partituras, palcos para grupos corais, portas, e diversas peças de mobiliário na grande biblioteca. Sob a forma de uma mesa oferecida à Rainha Elisabete, essa nobre madeira chegou à Inglaterra em fins do século XVI.

No corte do mogno, em plena selva da América Central, há muito de encanto e aventura. A temporada começa em agosto, época em que o madeiro, ao cair, tem menos probabilidade de rachar. De um relatório antigo sobre essa operação, destacamos o seguinte trecho: «... e os lenhadores cortam as árvores quando a lua está no minguante, pois, por mais estranho que pareça, é fato, e os homens do campo não o ignoram, que, cortado antes da lua cheia, o mogno tem menos seiva, é mais vigoroso e seu colorido se apresenta mais vivo.»

A árvore é cortada, geralmente, num ponto a três metros do chão, erigindo-se antes um andaime para tornar mais facil o trabalho do lenhador. Derrubado um número suficiente de árvores, as turmas de trabalhadores iniciam a abertura de caminhos que levem ao rio mais próximo. O transporte por terra, até o rio, inicia-se em abril ou maio, quando já está bem adiantada a estação da seca, e muitas vezes são necessárias sete parelhas de bois para um único tronco de mogno!

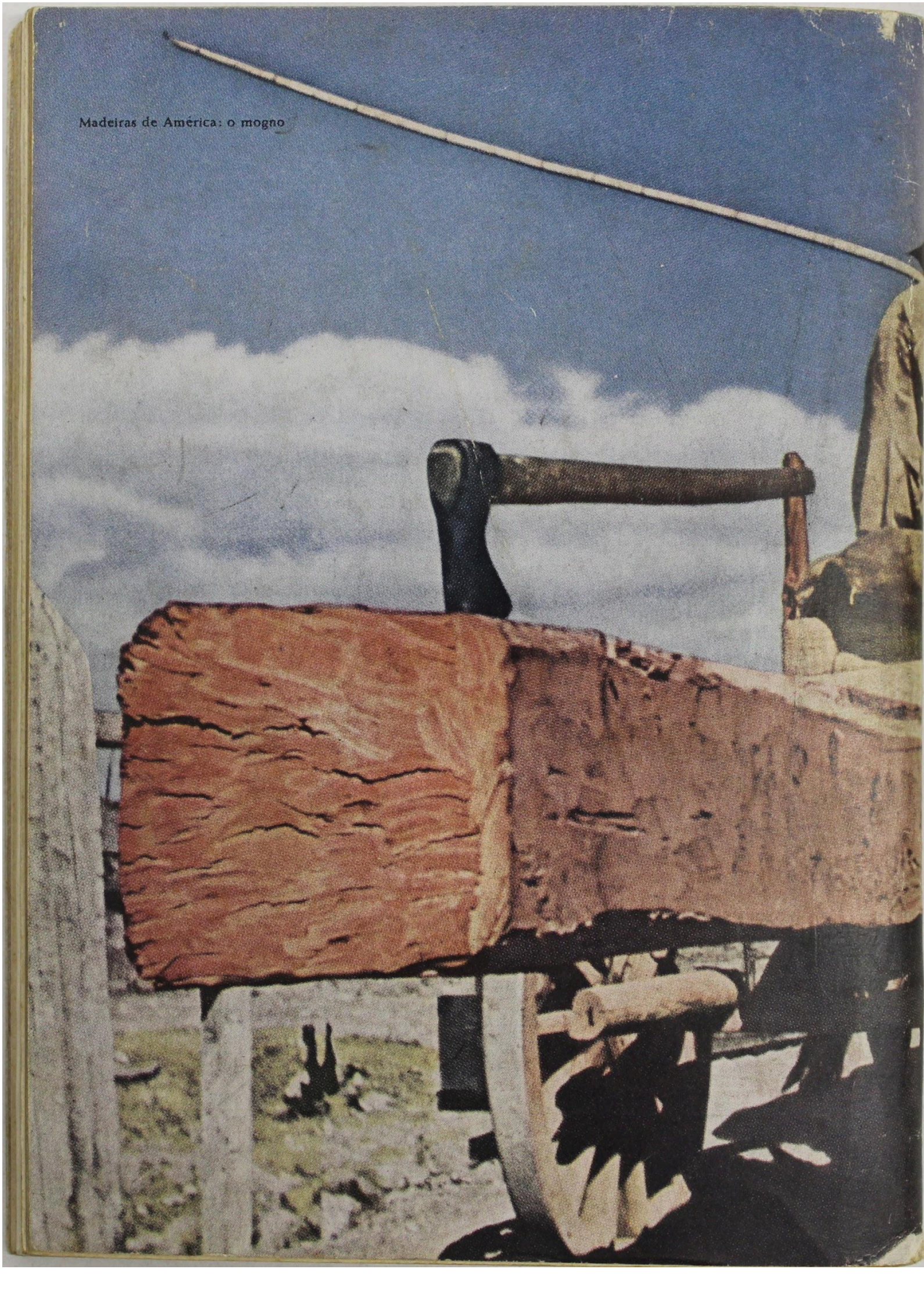
Para evitar o sol escaldante, o transporte é feito, via de regra, à noite, à luz de archotes, e pode imaginar-se o mistério e a beleza da cena: os bois em sua penosa faina, os tropeiros semi-nus, a escuridão da floresta rompida pela luz das tochas; o ranger das correntes e o estalar dos chicotes, a ecoar pelos obscuros cantos da selva adormecida, —tudo comunicando à cena, um aspecto de faustosa teatralidade.

As chuvas começam nos primeiros dias de maio, enchendo os rios onde flutuarão os toros, percorrendo às vezes centenas de quilômetros, a caminho de seu destino final. Guiam-nos barqueiros audaciosos e destemidos em fragílimas canoas, arrostando correntezas traiçoeiras, afim de afastar os troncos que, aquí e alí, se reunem e impedem a passagem dos outros.

Daí segue essa esplêndida madeira, que será trabalhada e esculpida para os palácios e igrejas, lares e fábricas do mundo inteiro.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Foto: Ivan Dmitri
Por gentileza de *The Condé Nast Publications, Inc.*



Madeiras de América: o mogno

JULHO de 1946

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

A obra-prima da espionagem alemã — *por J. Edgar Hoover* — 1
A divina Duse e a realeza — *por V. J. Bordeux* — 6
Helicópteros em 1946 — *Liberty* — 8
Flagrantes da vida real — 12
Moderno apóstolo dos negros — *por John A. O'Brien* — 13
Veja com seus próprios olhos — *American Magazine* — 18
Meu tipo inesquecivel — *por Sydney Greenbie* — 19
Planificação no estilo inglês — *por Stanley High* — 24
O manso filósofo da floresta — *Baltimore Sunday Sun* — 28
O que a civilização deve a John Ericsson — *Scientific Monthly* — 31
A guerra transformou o Canadá — *National Home* — 37
Para que tanta pressa? — *This Week* — 40
A Rússia ante um dilema — *Harper's* — 41
«Conte uma história, papai!» — *Holiday* — 46
Cavaleiro da selva — *por Donald C. Peattie* — 49
Invente seu próprio emprego — *Forbes* — 55
Como tornar efetivos os acordos internacionais — *por Walter Lippmann* — 57
Instantâneos de Hollywood — 65
Nova Revolução Francesa — *por André Visson* — 66
A democracia e Dom Mauro — *Inter-American* — 69
Você sabe o que quer dizer? — 73
As viuvas alegres da Alemanha — *McCall's* — 74
Para a plenitude da vida — *por A. C. Benson* — 77
Heraldo da federação mundial — *Christian Herald* — 79
A hora do destino — *Rocky Mountain News* — 83
O segundo Henry Ford — *Time* — 85
Seção de Livros — Os indomaveis — *pelo General Bor-Komorowski* — 89

Simón Bolívar, o Libertador — *Fotografia* — *quarta capa*; *Nota* — *terceira capa*

CMDPC-LR
1940

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr.$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr.$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Agências Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 221, 3° andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇOES DO READER'S DIGEST

Tomo X, No. 54 — [*Marca Registrada Reg. U.S.Pat. Off.*] — Julho de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho, *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia. *Det Bedste fra Reader's Digest:* edição em dinamarquês, publicada em Copenhague, Dinamarca.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários de Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. X, No. 54, July 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO X — No. 54 — JULHO de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

O serviço secreto alemão considerava insoluvel o mistério dos pontos...

A OBRA-PRIMA DA ESPIONAGEM ALEMÃ

Por J. Edgar Hoover
Diretor do Serviço Federal de Investigações dos Estados Unidos

CERTA MANHÃ, em princípios de janeiro de 1940, enquanto o navio entrava lentamente no porto de Nova York, um passageiro, de pé junto à amurada, contemplava os edifícios envoltos em bruma. Acabara de subir a bordo o prático, acompanhado dos funcionários costumeiros, um dos quais, aproximando-se daquele viajante, disse-lhe, num murmúrio:

—Seu nome vai ser Jenkins. Quando o navio atracar, vá diretamente para o Hotel Belvoir, e fique esperando no seu quarto.

À noite, após muitas horas de expectativa, Jenkins ouviu que abriam a porta de comunicação do seu com o apartamento ao lado; por ela entraram, então, dois agentes especiais do Serviço Federal de Investigações (o chamado «FBI»), ao qual Jenkins pertencia tambem. Cumprimentando os agentes, passou a dar-lhes notícias que por certo não lhes agradariam:

—Fui aluno da Escola Nazista de Espionagem, que funciona em Hamburgo, na Pensão Klopstock. Há dois anos, justamente, me formei, e no dia da despedida o diretor da escola, dr. Hugo Sebold, fez um discurso, dizendo mais ou menos o seguinte:

«Para os agentes do *Führer* na América do Norte e do Sul, o mais espinhoso dos problemas é a dificuldade de entrarem em contacto conosco. As polícias de diversos paises nos têm dado que fazer. Mas não tardará estabelecermos um sistema de comunicações no mundo inteiro. Não posso explicar-lhes ainda de que se trata, mas digo-lhes apenas isto: *reparem nos pontinhos, e não se esqueçam deles!*»

—Eles me mandaram aos Estados

Unidos, prosseguiu Jenkins, e me deram certas instruções, sem dizer mais nada.

Até então, tanto a espionagem alemã quanto a japonesa haviam estado literalmente acuadas devido à técnica, de que dispúnhamos, no sentido de impedir-lhes as comunicações. Eis uma das razões pelas quais nos fora possivel evitar verdadeiras catástrofes preparadas pela sabotagem. Havíamos identificado os mensageiros do inimigo, descoberto onde depositavam suas cartas, decifrado seus códigos e solvido suas tintas secretas; averiguáramos onde estavam seus transmissores de rádio, e chegamos a usá-los para despistar os adversários.

Certa feita encontramos, no bolso de um espião, uma caixa de fósforos. Quatro deles, embora idênticos aos outros, eram na realidade minúsculos lapis de escrita invisivel, que se revelaria mais tarde por meio de uma solução preparada de qualquer droga rara. Esse engenhoso dispositivo, que parece invenção de algum ficcionista, tornou-se inutil graças a nossas pesquisas; e o mesmo se deu com as cartas em microfilme, as quais, enroladas num carretel e cobertas com fio de seda, eram cosidas no dorso de revistas; aliás uma dessas películas fora escondida dentro de uma caneta-tinteiro, sendo-nos necessário quebrar esta para remover aquela.

Os leitores talvez se lembrem daqueles oito sabotadores que desembarcaram, há poucos anos, na costa leste dos Estados Unidos; pois esses agentes traziam lenços nos quais o Alto Comando alemão escrevera, com tinta invisivel, os nomes das pessoas que, neste país, eram simpatizantes dos nazistas. Um deles levava, no salto do sapato, a imagem fotográfica do projeto que a Marinha americana possuia para novo dispositivo de escape nos submarinos.

Tudo isso, e mais alguma coisa, deixara de constituir mistério para nós; restava, porem, saber em que consistiam esses «pontinhos».

A primeira providência tomada foi convocar, de nossos laboratórios, um jovem físico, autor de excepcionais trabalhos no campo da microfotografia colorida. Encarregamo-lo de proceder a experiências, baseadas em suposições nossas quanto ao significado das palavras de Sebold. Nesse ínterim, todos os agentes ocupavam-se em procurar, febrilmente, qualquer vestígio revelador dos tais «pontinhos», ainda enigmáticos.

Um dia, em agosto de 1941, fomos ao cais esperar um rapaz que, proveniente dos Balcãs, estaria chegando aos Estados Unidos. Dele sabíamos que era filho, um tanto estroina, de um milionário; e tínhamos razões para crer que fosse, alem disso, agente alemão. Com meticuloso cuidado, examinamos-lhe os pertences: escovas de dentes e roupas; sapatos e documentos... Um funcionário de nosso laboratório, erguendo um envelope diagonalmente contra a luz, viu de súbito, na superfície deste, um minúsculo foco de irradiação. Era um pontinho que refletira a luz; um pontinho, na face do envelope, do tamanho de um grão de pó.

Com infinita cautela, nosso agente enfiou a extremidade de uma agulha sob a orla do pequeno círculo negro, e conseguiu removê-lo. Tratava-se de um corpo estranho qualquer, que fora incrustado, por assim dizer, na própria fibra do papel, tendo todo o inocente aspecto de um sinal de pontuação, escrito a máquina. Ao microscópio, foi ampliado 200 vezes; pudemos então ver que era a imagem, em filme, de uma carta dactilografada, cujo teor nos gelou o sangue:

«*Ao que tudo indica, os trabalhos científicos para a utilização da energia atômica estão sendo levados avante, nos Estados Unidos, em determinada direção, graças, em parte, ao uso do hélio. É indispensavel que obtenhamos informações contínuas sobre tais experiências, principalmente quanto às perguntas que se seguem:*

(1) *Qual o processo empregado nos Estados Unidos para o transporte do urânio pesado?*

(2) *Onde estão sendo realizadas experiências com o urânio? (Universidades, laboratórios industriais, etc.)*

(3) *Que matérias primas se usam nessas experiências? Quanto a esta pergunta, convem confiar apenas nos melhores peritos.*»

Eis aí! O serviço alemão de espionagem conseguira fotografar uma carta inteira, reduzindo-a a minúsculo tamanho. Na verdade, era o que esperávamos, pois já havíamos tambem obtido imagens diminutas, embora nos faltasse a emulsão aperfeiçoada pelos alemães.

Essa invenção do micro-ponto era, de fato, incrivelmente engenhosa e eficaz, imitando perfeitamente um sinal de pontuação dactilografado ou impresso. O jovem agente balcânico, por exemplo, trouxera no bolso quatro formulários de telegrama, nos quais, pelo sistema dos pontos, se haviam inserido mensagens liliputianas; eram onze pontinhos nos quatro papéis. Colada ao verso de um selo postal, encontramos minúscula faixa de filme, que levava as imagens de 25 folhas de papel dactilografadas!

Estávamos, agora, cientes de que o rapaz recem-chegado tinha ordens não só de investigar os projetos referentes à energia atômica, como tambem de enviar relatórios mensais sobre a produção de aviões, o envio destes para a Inglaterra, o Canadá e a Austrália, e o número de pilotos americanos em treinamento. Submetido a interrogatório, mostrou-se afavel e calmo, e, compreendendo que já tínhamos conhecimento do sistema de pontos, não poupou informações.

Estudara no Ginásio Técnico de Dresden, sob a orientação do famoso professor Zapp, inventor do processo de micro-pontos. As mensagens eram impressas, primeiro, em folhas quadradas de papel, e em seguida fotografadas com uma câmara de minúsculo tamanho e de alta precisão. Por esse processo se obtinha uma reprodução com as dimensões de um selo, aproximadamente. Fazia-se então nova fotografia, desta vez através de um microscópio invertido, e a imagem, infinitésima, era retida e revelada sobre uma lâmina de vidro coberta com a referida emulsão secreta. O negativo revelado recebia agora uma mão de colódio, para que a emulsão pudesse deslizar, inteira, soltando-se do vidro. O técnico usava, nesse momento, curiosa adaptação de uma seringa hipodérmica, cuja ponta se serrava, aguçando-se a extremidade redonda. Colocava-se esse instrumento sobre o micro-ponto, à maneira de uma forma de pastel sobre a massa; e erguia-se, limpamente, o micro-ponto.

O processo seguinte consistia em arranhar ligeirissimamente, com uma agulha, o local, no papel, onde se houvesse de inserir o ponto. Com a seringa, comprimia-se o ponto de modo a imbutí-lo na própria contextura do papel. Outra agulha, de minúsculas dimensões, arranhava outra vez a fibra por sobre o ponto, e este, finalmente, era tratado novamente com o colódio, para que se mantivessem em seu lugar as fibras do papel.

Mais tarde, Zapp simplificou seu processo consideravelmente, passando a

À esquerda: *A mensagem ampliada.*
Abaixo: *A seta indica o ponto original.*

realizar todas essas operações dentro de uma caixa com as proporções de uma valise. Com o tempo, foram-se produzindo máquinas em quantidade, que iam sendo enviadas a agentes em diversos paises da América do Sul. De vez em quando faziam-se tambem remessas da emulsão. Para ler as missivas, os agentes nazistas levavam consigo um microscópio desmontavel, muito engenhoso.

Duvido que possamos algum dia revelar o método pelo qual logramos descobrir e interceptar centenas de mensagens em micro-pontos, escritas em alguns dos aludidos paises. Enfim, pelo exame constante dos micro-pontos, mantinham-nos a par das atividades de vários grupos, por dia. Eram eles, aliás, infatigaveis, conseguindo informar-se sobre o tráfego marítimo pelo Canal do Panamá, o mau estado de uma das comportas desse canal, e até mesmo a quantidade de óleo perdido pelos Estados Unidos por ocasião do ataque a Pearl Harbor. Berlim não se cansava de pedir cada vez mais informes e dados. Ao revistar um dos espiões encontramos um pedacinho de papel que parecia, em tudo e por tudo, um desses pequenos formulários usados, em hotéis, para recados telefônicos. No texto impresso, porem, havia dois pontos, e estes, ampliados, revelaram uma série de mensagens, entre as quais se lia isto:

«*Ordens especiais.*

«*Temos notícia de que se fabrica nos Estados Unidos uma pólvora de cartucho praticamente livre de fumaça, produzindo fogo debil. Detalhes de que precisamos: a côr do fogo e da fumaça. Se possivel, a composição da pólvora.*»*

Os japoneses faziam, tambem, o jogo dos pontinhos... A 12 de fevereiro de 1942, veio-nos às mãos uma mensagem de micro-pontos (a 90ª de uma série que estávamos investigando), embutida no envelope de uma carta enviada para o Brasil, proveniente de Tóquio e destinada a um Adido Naval japonês. Dizia:

«*Se for impossivel comunicar-se com Q., mande I. ou seu representante à Argentina para estabelecer contacto com o Adido Naval naquele país.*»

*Parte da mensagem extraida dos arquivos do FBI e reproduzida nesta página.

«Q» era um notório espião japonês, especializado em assuntos navais.

Os agentes forjavam comumente mensagens para dar a seus superiores a impressão de que dispunham de extraordinárias fontes de informações. Muitas vezes chegavam a extrair notícias inteiras de algumas revistas! Entre 20 de janeiro de 1942 e 5 de fevereiro de 1943, copiaram 16 notícias da revista *Time* e 72 do *Newsweek*. E os alemães em Portugal costumavam pagar a marinheiros de paises neutros, 300 escudos para cada exemplar de alguma revista que contivesse informes de natureza militar. Ora, seria impossivel continuarem impunemente com esse jogo, e não tardou que viesse da Alemanha, para todos os agentes, este pedido:

«Queremos justamente o que *não sai* nos noticiários.»

Graças a termos descoberto o código dos pontos, conseguimos prender grande número de espiões e dissolver muitos grupos. Um dia, em certa mensagem, vimos ligeira referência a uma senhora residente em Madrí. Dando busca em nossos volumosos arquivos, verificamos que essa mesma dama enviara dinheiro, anos atrás, a um homem nos Estados Unidos. Ao que averiguamos, vivia ele folgadamente em Washington, tendo cortejado, durante bastante tempo, uma moça americana. Esta mais tarde se alistara no Serviço Auxiliar Feminino do exército de seu país, e servia, então, na Califórnia. Como sempre, o exército cooperou conosco, e a jovem foi reenviada a Washington, onde logo a interrogamos.

Quando lhe perguntamos se conhecia bem o cavalheiro em apreço, respondeu-nos que, de fato, ele a procurara com muita frequência, mas não lhe agradara, por ser reservado e introvertido; e acabou por perdê-lo de vista inteiramente. Apresentamos então, à moça, nosso problema, com a maior franqueza: era necessário que alguem se aproximasse daquele indivíduo, investigando-o habil e disfarçadamente. Como militar, que era, a serviço de sua pátria, estaria disposta a tentar descobrir se se tratava, realmente, de um inimigo?

Arranjamos a coisa de maneira que ela desse com o rapaz na rua como se fosse por acaso. Nem lhe passou pela cabeça desconfiar, é claro; encantado por vê-la outra vez, entrou a cortejá-la como o fizera antes, e durante um mês nossa auxiliar improvisada cumpriu sua tarefa de modo impecavel. Hoje está o rapaz na cadeia, porque um dia, julgando vaidosamente que ela o amasse a ponto de querer tornar-se sua cúmplice, fez-lhe confidências que o incriminaram irremediavelmente.

É assim que se processa nosso trabalho: esperamos sempre que o inimigo cometa o erro inevitavel. Neste caso de que acabo de falar, ele errou ao mencionar, em carta, o nome da madrilena.

Entre os tramas de espionagem que conseguimos deslindar uma vez resolvido o problema dos pontos, o mais importante foi sem dúvida o seguinte: num dos paises do continente americano, estávamos encontrando cartas de todo gênero, eivadas de pontos, endereçadas a Berlim e escritas por várias pessoas diferentes: eram cartas de amor, missivas entre parentes, comunicações sobre assuntos comerciais, todas aparentemente inócuas, mas transmitindo mensagens ocultas que diziam respeito a explosões de navios do Eixo apreendidos e a certos pormenores da produção de guerra. A caligrafia variava, e, quanto às cartas dactilografadas, usavam-se máquinas diferentes; no entanto, os micro-pontos

eram todos produzidos por máquinas idênticas. A conclusão era óbvia: a fonte teria que ser a mesma, forçosamente. Em cooperação com nossos colegas em outros paises americanos, após demoradas buscas de cidadc em cidade, escritórios e residências, conseguimos finalmente capturar vasta rede de espionagem nazista.

Citei acima apenas alguns dos planos por nós frustrados, graças à informação sobre os pontos, obtida de um agente plantado, por assim dizer, sob o imenso nariz do dr. Sebold.

A divina Duse e a realeza

Extratos do livro «Eleonora Duse, The Story of Her Life»

Por Vahdah Jeanne Bordeux

ESCUDANDO-SE no que supunha ser um privilégio da realeza, o rei do Württemberg mandou um dia seu ajudante de ordens ao camarim de Eleonora Duse, com o pedido de que a grande trágica o recebesse imediatamente.

«Rogo-lhe,» respondeu a grande atriz «que agradeça a Sua Majestade, em meu nome, os cumprimentos que me mandou, e lhe diga que sinto profundamente não poder recebê-lo neste momento.»

O camarista insistiu, e a atriz replicou, com mais entono ainda, que no seu camarim só recebia os amigos íntimos, e que nem mesmo para agradar a um rei estava disposta a alterar seus hábitos.

Resolvido porem a vê-la, o rei veio em pessoa bater-lhe à porta.

—Quem é? perguntou ela.

—Sua Majestade, o rei do Württemberg! respondeu de fora o soberano.

—Lamento muito, tornou aquela doce voz que subjugou tantas platéias, — mas já disse ao ajudante de ordens que não posso receber Vossa Majestade. E acrescentou:—Tanto mais que neste momento estou me vestindo.

—Nesse caso eu espero, foi a resposta. Ao que a Duse retorquiu que não sairia do camarim enquanto Sua Majestade não se afastasse. O rei viu-se forçado a regressar ao camarote, onde se conservou, num estado de régio furor facilmente imaginavel, até o fim do espetáculo.

O rei da Suécia, esse, teve melhor sorte, porque tomou a precaução de mandar adiante uma carta cheia de tato diplomático: «Não é o rei,» escreveu «que lhe vem solicitar uma audiência, mas sim o mais humilde dos seus súditos.» Foi recebido sem demora, e mais de uma vez acolhido, depois disso, com a hospitalidade que se dispensa aos íntimos.

Doutra vez, em S. Petersburgo, com o teatro à cunha, estando presentes o czar e outros membros da real família, e os atores todos caraterizados e prontos a entrar em cena, a Duse chamou o gerente e com toda a calma fez-lhe saber que não estava disposta a representar naquela noite.

—Como! exclamou o homem, petrificado de pavor. —O Czar já chegou ao teatro. Não posso mandá-lo embora!

—E porque não? Ao menos, neste caso, você não tem que devolver o preço do bilhete, porque o espectador nem sequer pagou a entrada. Pôs o chapéu e foi-se encaminhando para a porta. —Arranje-se como puder.

—Meu Deus! Mas num caso destes não há solução! A senhora tem que entrar em cena! Não lhe é permitido ter caprichos como esse, quando na sala estão presentes numerosas cabeças coroadas.

—E você pensa então que para mim os cabeças coroadas têm mais importância do que a outra gente? Não estou com disposição para representar esta noite, e não iria ao palco nem que Deus ou o diabo em pessoa estivessem lá em baixo à minha espera!

O rei Eduardo VII, ainda então simples príncipe de Gales, encontrava-se uma vez em Cannes, quando a companhia da Duse estava dando alí uma série de representações. O gerente da artista, Schurmann, ao saber da presença do real visitante, correu a pedir-lhe desculpa das más condições em que se encontrava o teatro.

—Que importa? respondeu o espirituoso príncipe de Gales. —Para ver e ouvir a divina Duse, eu iria de bom grado a uma estrebaria. Não é a moldura que dá valor ao quadro, entende?

O Eterno Masculino...

ALFRED LUNT e Lynn Fontanne, famoso casal de atores do teatro americano e inglês, fizeram certa vez um filme em Hollywood. Pronta a película, foram convidados a vez as provas das primeiras cenas, e Lynn foi sozinha, ficando horrorizada com o que viu. Correu para casa, a procurar consolo com o marido.

—Então? perguntou este.

—Horrivel! exclamou Lynn, com ênfase. —Eu estou incrivel, horrorosa. Assim não posso continuar.

—E eu, como estava? indagou o marido.

—Ah, você está ótimo, como sempre. Esplêndido. Só a maquilagem é que é preciso alterar um pouquinho, porque no filme V. parece que está sem lábios. Mas eu não posso ir assim até o fim. Minha voz parece nem sei quê, estou inteiramente sem olhos, nem nada; minha cara não tem um «pingo» de expressão, e eu não tenho onde pôr meus pés e minhas mãos. Horrivel!

Houve uma pausa de alguns minutos.

—Alfred, murmurou Lynn. —Não aguento mais. Vou cancelar o contrato. Que é que V. acha?

—Sem lábios, hein? disse Alfred...

—Bayard Veiller, *The Fun I've Had* (Reynal & Hitchcock, ed.)

Qual será o futuro do «molinete voador»? Talvez nenhum como transporte de famílias, mas já está pronto para muitos outros serviços práticos

Helicópteros em 1946

(Condensado de «Liberty»)

Por Harland Manchester

ERAM HORAS de fechar a usina e Floyd Carlson, chefe dos pilotos de provas da companhia de aviões Bell, ofereceu-se para me transportar. Subimos para o seu helicóptero, alçamos vôo lentamente sobre a fábrica e começamos a pairar a cento e vinte metros de altura. Voávamos a 110 quilômetros por hora, enquanto a nossos pés os automoveis rodavam cuidadosamente sobre as estradas cobertas de gelo. Transcorridos alguns minutos Carlson começou a baixar a estranha máquina giratória até que pousasse no quintal de sua casa.

Havia tempo que vinha fazendo esses vôos diários entre a fábrica e o pequeno quintal, somente para demonstrar a viabilidade do aparelho. Não pretendia convencer ninguem de que daquí a alguns anos todos iriam para o emprego em helicóptero, pois não há a menor indicação de que o preço de tais veículos permita algum dia incluí-los na categoria dos transportes populares. As estimativas atuais para os «sedans helicópteros» oscilam entre 10 e 50 mil dólares, mas Lawrence Bell afirma que a produção em série permitirá reduzir o custo dos seus aparelhos de dois lugares a 4 e 5 mil dólares.

De qualquer forma o helicóptero foi submetido a intensas experiências durante os anos de guerra e hoje está preparado para os serviços comerciais. Após ter voado em numerosos veículos desse tipo e trocado impressões com dezenas de pilotos, engenheiros e industriais, estou convencido de que dentro de cinco anos haverá milhares dessas máquinas voadoras prestando serviço em toda parte.

Há cerca de meia dúzia de fabricante-americanos que já estão recebendo cons sultas de empresas mineiras e de transportes, grandes fazendeiros e outras organizações financeiramente idôneas, que confiam na utilidade dos helicópteros. Existem vários métodos para dispor os rotores giratórios, ou molinetes, que levantam e propulsionam a máquina. Todos, porem, lhe asseguram a mesma característica fundamental: o helicóptero é o único veículo de transporte aéreo, inventado até hoje, capaz de levantar vôo ou aterrar em qualquer pequeno espaço descoberto.* Pode ser dirigido com precisão

*O antigo e conhecido autogiro parece-se com o helicóptero pois tambem é sustentado no espaço pela rotação de um molinete; todavia é propulsado por uma hélice montada no nariz, como os aeroplanos comuns. Quando em vôo o molinete gira apenas pela ação do ar deslocado. Os autogiros tambem sobem na vertical, mas não fazem as *habilidades* dos helicópteros, e não se fabricam mais.

quase inacreditavel. Se se desenhar uma cruz de giz no chão, o helicóptero conseguirá pousar exatamente sobre ela.

Na primavera passada, quando chegou a notícia de que nove aviadores canadenses tinham sido forçados a aterrar nos bosques inacessiveis do Lavrador, enviaram-se em seu socorro dois aviões comuns equipados com esquís. Um destes regressou com dois canadenses, mas o outro quebrou e seus dois tripulantes ficaram no lugar dos que tinham sido salvos. Entretanto tinha começado a fundir a neve e era impossivel tentar novas aterragens. Pediu-se então o auxílio do Aeroporto Floyd Bennett, onde havia um helicóptero Sikorsky desmontado e arrumado a bordo de um grande avião de transporte C-54. Este levou-o até à Baía do Ganso onde se procedeu à montagem, e todos os aviadores tinham sido salvos.

Pouco depois desse episódio, um soldado, vítima de um acidente de aviação, havia ficado isolado no cume de uma montanha de 1.400 metros na Birmânia. Imediatamente expediu-se dos Estados Unidos, quase nos antípodas, um avião transporte com um helicóptero militar. Este último sobrevoou o cume da montanha, pousou onde nenhum avião poderia aterrar e trouxe o soldado.

Os helicópteros são insubstituiveis para os salvamentos no mar, pois podem descer sobre um navio batido pelas vagas e arrancar do convés os homens em perigo. Uma vez tomei parte em uma demonstração realizada no Aeroporto Floyd Bennett. O Comandante Frank Erickson pairou sobre o ponto em que eu me achava à espera de ser «salvo» e lançou do helicóptero um cabo com um gancho, que imediatamente enfiei numa das argolas dos suspensórios com que estava equipado. Em seguida, um guincho a motor levantou-me suavemente até junto da porta da máquina voadora. A ascensão foi tão simples como subir em um elevador. Alguns dias antes, o mesmo guincho tinha sido utilizado para salvar dois marinheiros de uma barcaça que havia encalhado em plena tempestade. Para os que não estejam em estado de sentar-se, tambem há uma padiola que pode descer sobre o convés de um navio ou sobre um barco salva-vidas e que é içada até à parte inferior da armação do helicóptero.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, as forças armadas usaram durante a guerra cerca de 400 helicópteros Sikorsky, para missões que nenhuma outra aeronave podia executar.

Assim, por exemplo, depois da explosão de um contra-torpedeiro o comandante Erickson conseguiu enviar pelo ar plasma de sangue, do porto de Nova York ao local, em 14 minutos. Os aviões comuns não tinham podido levantar vôo nesse dia e a viagem por barco ou automovel levava mais de uma hora. De outra vez, durante um incêndio em uma ponte de treliça, o equipamento dos bombeiros tinha dificuldade em chegar ao local. Um helicóptero voou sobre o incêndio e, com o auxílio de cabos, forneceu extintores.

Os helicópteros tambem parecem constituir o método ideal para pulverizar os campos com DDT ou outros inseticidas. Quando se pulverizaram com um helicóptero alguns campos de batata nos Estados Unidos, verificou-se que a corrente descendente, provocada pelo molinete, forçava o inseticida a penetrar sob as folhas e em volta do caule das plantas, matando todos os insetos nocivos. Os aviões comuns, que se utilizavam para pulverizar as safras, tinham que voar a altura suficiente para não colidir com as árvores e outros obstáculos; alem disso sua velocidade era demasiado grande para permitir aplicar com precisão o inseticida

A elevação é causada pelo aumento do «passo» das lâminas rotativas. Se, num determinado arco do círculo de rotação, o «passo» varia, o helicóptero voa para vante, ou aderna. A rotativa da cauda funciona como leme.

em campos pequenos. O helicóptero, porem, paira a sete ou oito metros do solo, pode reduzir a velocidade até oito quilômetros por hora e dá voltas sobre as alas de plantas como cavalo treinado.

Dentro de poucos meses estarão saindo, das linhas de montagem das fábricas americanas, helicópteros mais possantes, capazes de voar mais longe e mais depressa, transportando cargas mais pesadas. Essa modalidade nova e ainda pouco desenvolvida da indústria aeronáutica já quase não cabe nos limites estreitos da sua atividade do tempo de guerra, apesar de não contar mais que quatro anos. Hitler já tinha vencido a França quando Igor Sikorsky realizou seu primeiro vôo de 250 metros em helicóptero. Todavia, antes da derrota da Alemanha, seus modelos militares R-6 podiam efetuar vôos de 520 quilômetros sem escala. Recentemente um modelo Sikorsky R-5 bateu todos os récordes do mundo para aeronaves da sua espécie, subindo a 6.300 metros e voando a 183 km por hora.

Sikorsky sustenta que os vôos mais extensos e as velocidades mais altas devem ser deixados para os aviões comuns. Efetivamente, não se deve esperar que o helicóptero possa competir com os aviões. Sua missão é outra.

Numa fábrica desses aparelhos, vi uma estranha aeronave com molinete, capaz de transportar dez passageiros alem do piloto. Era o maior helicóptero construido até então e havia sido delineado por um rapaz que, apesar de seus 26 anos, já é o chefe de uma firma construtora de helicópteros. Sua máquina, quando voa a pouca altitude, parece um tubarão barrigudo cortando o espaço com o auxílio de asas giratórias no nariz e na cauda. Presentemente planeja construir um gigante com dois motores, para 24 passageiros.

Estão sendo estudados vários tipos de helicópteros para venda ao público. Seus modelos vão desde o lindo «sedan-helicóptero» de cinco passageiros, capaz de percorrer 640 quilômetros, a outro dotado apenas de um motor de 20 cavalos ligado a um rotor com pás, sendo o conjunto suspenso nas costas do próprio passageiro. As aterragens magoavam as pernas do inventor, como é de esperar, e ele acabou por fixar a máquina a uma cadeira. A maneira de conseguir que as pessoas se libertem do aparelho, uma vez em terra, ainda lhe dá enxaquecas, mas o «gafanhoto humano» não é impossivel...

Certa companhia revelou a existência de uma pequena máquina de grande agilidade, propulsionada por dois rotores cujas pás endentam uma na outra. Supõe-se que esse modelo estará em produção normal em 1947. Outra firma possue uma aeronave equipada com dois rotores de

duas pás montados no mesmo eixo, mas que giram em sentido oposto. Tambem está construindo um helicóptero de quatro lugares, com raio de ação provavel de 480 a 640 quilômetros e uma velocidade de 160 quilômetros por hora. Um inventor novo chamou igualmente a atenção com a sua máquina de dois rotores coaxiais, e planeja construir helicópteros de vários tamanhos.

Antoine Gazda, inventor austríaco residente nos Estados Unidos, construiu um helicóptero que é propulsionado por um motor de jacto instalado na cauda. Um motor a gasolina comprime o ar para o jacto e faz girar o rotor para o vôo ascensional. Uma vez no espaço o jacto executa todo o trabalho.

Quando a guerra terminou, os alemães estavam construindo um helicóptero de 16 toneladas, projetado para comportar cargas de cinco toneladas. Destinava-se a transportar carros de combate sobre os rios e a suspender e assentar pontes de vigas. Não é preciso muita imaginação para descobrir a utilidade desses verdadeiros guindastes suspensos nos trabalhos de mineração, corte de árvores, etc.

Lawrence Bell tem estudado com o máximo interesse os telhados dos edifícios dos correios. Durante um ano inteiro, com início em 1939, um autogiro Kellet transportou diariamente o correio aéreo, do edifício dos correios de Filadélfia ao aeroporto situado a nove quilômetros de distância. Bell tem confiança em que os serviços postais das cidades mais importantes adotarão o helicóptero e supõe que os edifícios maiores e mais modernos possuem telhados próprios para aterragens. Isto facilitará o transporte intermediário da correspondência até aos aeródromos suburbanos. Um dos principais entraves à expansão do correio aéreo é precisamente o tempo consideravel, fora de todas as proporções, que se perde ao atravessar as ruas congestionadas, entre o centro das cidades e os aeroportos. Os defensores dos helicópteros prevêem a criação de linhas de enlace, para as cidades que não possuem correio aéreo.

Aprender a pilotar um helicóptero é coisa relativamente facil. Como sucede com as aves que aprendem a esvoaçar, é possivel efetuar grande número de vôos do solo a pouca altura. Se o piloto encontrar um obstáculo e hesitar no manejo, pode sempre parar e estudar a situação. O helicóptero consegue alçar vôo e pousar com vento de mais de 60 quilômetros por hora, e nos salvamentos no mar já tem lutado com êxito contra tempestades que fariam recuar um avião de pequenas dimensões. Em compensação, sua extrema facilidade de manejo, em todas as direções, obriga o piloto a conservar-se continuamente vigilante e, por isso, um vôo de duas horas em helicóptero é muito mais fatigante que vôo idêntico em avião normal. Uma vez que se esteja na nacele, é indispensavel atender a uma infinidade de coisas. Assim, por exemplo, se o número de rotações do molinete for muito baixo, as pás perdem a força centrífuga que assegura sua horizontalidade e dobram-se.

Apesar disso, somente houve três acidentes desde que os helicópteros se converteram em coisa prática, há cerca de dois anos e meio. Na Birmânia um piloto esbarrou contra um fio de alta tensão e um dos passageiros morreu. Na Florida, quebrou-se uma pá do rotor, morrendo piloto e passageiro.

Não há memória de outra máquina que tenha passado tão depressa da prancheta de desenho para a linha de montagem. Todavia ainda há muito por fazer e é possivel que o Henry Ford dos helicópteros seja ainda hoje um desconhecido.

Flagrantes da vida real

O MAIOR preguiçoso que jamais conhecí fora, em sua mocidade advogado bastante promissor, num vilarejo ao norte dos Estados Unidos. Deixara, porem, a carreira, e havia trinta anos que vivia exclusivamente de biscates. Passava quase todo o tempo a prosear com os transeuntes, no verão, sentado na calçada ou dentro de um estabelecimento, quando fazia frio. Um dia perguntei-lhe porque abandonara a advocacia, e a resposta veio, lenta e expressiva:

—Ora, o sr. quer saber? Quanto mais eu trabalhava, mais aparecia serviço para fazer. Um dia eu refletí: se isso continua, vou ficar com muita coisa por fazer e muito pouca coisa feita. Então resolví parar, enquanto o saldo ainda estava a meu favor...

—Jeffery S. Thomas

Nosso ônibus interestadual parou numa pequena localidade, onde embarcou uma linda moça. Como houvesse muitos passageiros em pé, por falta de lugar, ela esforçava-se por alcançar o fundo do veículo. Foi então que um senhor lhe ofereceu seu lugar, dizendo:

—Não posso ficar sentado quando há uma moça em pé.

Lá da frente do carro ouviu-se uma voz de mulher:

—Sim senhor! Até que enfim, surgiu um cavalheiro! Vamos ver a cara dele.

—Ah! comentou o «cavalheiro». —A sra. precisava ver mas era a moça...

—C. D. Burgenmeyer

ERA NA HORA de maior movimento, e precisei fazer malabarismos para conseguir entrar no carro do trem subterrâneo em Nova York. No momento em que a porta já deslizava para fechar, ouví uma voz de mulher idosa que exclamava:

—Espera aí, seu condutor! Espera aí, que eu quero saltar!

O condutor não lhe deu a menor atenção, e prosseguiu tranquilo no seu trabalho, indiferente aos olhares de reprovação que os passageiros lhe lançavam. Ao mesmo tempo, procurávamos todos identificar a pobre velha. Na outra parada, deu-se a mesma coisa: a mulher querendo sair, e o condutor surdo às suas súplicas. Na terceira parada, quase todos os passageiros desembarcaram; entretanto, não vendo velha alguma, supús que ela houvesse saido sem que eu percebesse, e me dirigí ao condutor, dizendo-lhe coisas ásperas sobre o que acabara de suceder. Meus companheiros de viagem assistiam à conversa, interessados e solidários comigo, naturalmente apoiando a iniciativa que eu tivera. Mas o condutor, tranquilo, respondeu:

—Calma, moço, calma! Olhe aquí: este serviço é um bocado monótono, compreende? Por isso, para aliviar o tédio, estou mas é praticando ventriloquismo.

E soou então, outra vez, a voz esganiçada que havíamos ouvido minutos antes...

—E. Gordon Phillips

Moderno apóstolo dos negros

A história de um grande protestante, narrada por um sacerdote católico

Pelo Padre John A. O'Brien
Professor de filosofia na Universidade de Notre Dame

PARA REALIZAR a «pobreza de espírito,» de que fala o Evangelho, não há talvez melhor caminho do que o serviço do próximo. E outra coisa justamente não vem praticando, há quase quarenta anos, Albert Schweitzer.

A história começa na praça do mercado de Colmar, na Alsácia. Passando por alí, Schweitzer pôs-se a contemplar, com a fronte franzida, a estátua de um negro nu. A figura submissa, esculpida num monumento ao almirante Bruat e ao poder colonial alemão, tornou-se para Schweitzer como que um símbolo da crueldade dos homens para com seus semelhantes.

«Será realmente verdade, como ouví dizer,» murmurou ele, «que exploramos essas pobres criaturas e não lhes damos sequer a assistência médica ou os remédios de que necessitam?»

Na viagem de regresso para Estrasburgo, aquela figura negra continuou a atormentar-lhe o espírito.

«Mas por que motivo há-de me pesar a conciência?» perguntou a si próprio. «Sou professor de universidade, e não missionário.» Podia ter acrescentado a isto que, aos trinta anos de idade, já tinha adquirido renome em três terrenos diferentes: seus estudos sobre a Bíblia lhe haviam dado fama mundial; como organista, seus concertos eram os favoritos do público europeu; e escrevera uma esplêndida biografia de Bach.

Foi então que, por coincidência ou por destino, ao folhear uma revista, deu com um artigo sobre o Congo: «Enquanto pregamos nossa religião aos selvagens, estes sofrem e morrem, diante de nossos olhos, de toda sorte de doenças que nós, missionários, não podemos curar.»

O que Schweitzer sentiu, então, veio a descrever mais tarde: «Pesa-nos na conciência uma grande culpa pelo que os brancos de todas as nações fizeram aos povos de côr. Sermos bons para com os pretos não é benevolência, mas expiação.»

O erudito musicista fez a promessa de passar o resto

da vida expiando os verdadeiros crimes cometidos para com os selvagens, nas florestas. Seus amigos protestaram: se os aborígenes da África precisavam de auxílio, o que Schweitzer devia fazer era obter capitais para os vários serviços que lhes pudessem prestar assistência. O certo é que não lhe cabia cuidar dos leprosos com suas próprias mãos.

Schweitzer respondeu a isso citando Goethe: «No começo era a Ação!»

Sua ação inicial foi entrar para uma faculdade de medicina. Quase cinco anos depois, quando estava para obter diploma de médico e cirurgião, surgiu o que poderia ter sido uma complicação tremenda. O homem de propósitos heróicos apaixonara-se. Seus amigos ficaram radiantes: um casamento poria fim, certamente, àqueles projetos pouco práticos e tão absurdos.

Mas Helena Bresslau, filha de um historiador judeu da Universidade de Estrasburgo, fora desde o início posta a par de seus planos. O pedido, ele o fizera bruscamente:

—Estou estudando para servir de médico aos selvagens. Quer passar o resto de sua vida comigo em plena selva?

A jovem respondeu: —Estou terminando meu curso de enfermeira e, neste caso, você nao poderia ir sem contar comigo.

Ambos sabiam que, numa floresta tropical, o diploma de médico não seria suficiente. Era preciso levar remédios, material e instrumentais cirúrgicos. Ciente disso, Schweitzer pronunciou conferências, escreveu, fez o que pôde, afim de ganhar algum dinheiro, que custeasse a expedição. Na Sexta-feira Santa de 1913, os recem-casados partiram rumo ao Cabo Lopez, na África Equatorial Francesa. Alí os viajantes encontraram seu primeiro amigo africano, José, que trabalhara, certa feita, como cozinheiro de uma família européia. Instalando-os, com a bagagem, em canoas, José guiou o médico e a esposa numa viagem de três dias pelo rio Ogove acima, até Lambarené, onde se achava a missão. Era aquele o centro do território atingido por toda espécie de moléstias, onde a mortalidade aumentava cada ano. Na região pululavam as moscas tsétsé, formigas, cupim e mosquitos transmissores de doenças.

Quando chegaram, por fim, a Lambarené, Schweitzer voltou-se para a esposa, consternado. Tinham-lhe prometido aposentos para dormir, e um hospital de duas peças com paredes e teto de folha de Flandres. Não havia nem uma cabana pronta. Onde poderiam guardar os delicados instrumentos cirúrgicos que enferrujam tão depressa nos trópicos? Onde preservariam os remédios destinados a salvar tantas vidas?

Apressaram-se em instalar uma barraca, cobrindo os instrumentos com uma camada de gordura e enterrando os frascos na terra, perto de uma fonte, afim de resguardarem os preciosos remédios. Diante dessas atividades, os nativos deram mostras de suspeita. Homens nus, que lembravam o da estátua de Colmar, reuniram-se em torno a várias fogueiras, enquanto vinham surgindo, das profundezas da floresta, pigmeus, e outras tribos, de dentes limados até formarem presas aguçadas para os repastos de carne humana.

José avisou, com insistência que o assunto da confabulação era evidente: os mágicos das tribos estavam pregando o ódio e a desconfiança para com os recem-vindos. Mas Schweitzer, observando de longe, viu que muitos dos nativos eram portadores de doenças: febre dos pântanos, doença do sono e outros males tropicais.

«Vamos trabalhar!» disse o médico, e, chamando José, pediu-lhe: «Traga-me os doentes.»

À falta de melhor, instalou seu primeiro hospital num galinheiro abandonado. Uma cama velha de acampamento serviria de mesa de operação. Caiaram a cama e as paredes, que estavam imundas.

Os selvagens foram chegando, aos grupos, com a pele coberta de pinturas e tatuagens de toda especie. Os homens carregavam lanças e facões de lâmina grossa. Alguns traziam arcos e flechas envenenadas. Diante desse agrupamento ameaçador, Schweitzer confrontou seus primeiros pacientes: homens destemidos que se apresentavam como voluntários, decididos a ver que tal eram as mágicas do homem branco. Um deles, com uma dor crônica do lado direito, concordou em deitar-se na cama de lona. Fecharam as cortinas da sala de operação, mas, através de buracos no teto, olhos brilhantes observavam, naquele anfiteatro primitivo, todos os preparativos para a operação de apendicite.

E se o doente morresse? Qual seria a reação das várias tribos? Terminada a operação, porem, o paciente gemeu e abriu os olhos. Do ponto de vista dos selvagens, o triunfo fora instantâneo: pois não tinham visto, com os próprios olhos, o mágico branco matar a vítima, abrir-lhe as entranhas e fazer, depois, com que o corpo ressuscitasse? Diante disso mostraram-se dispostos a ajudá-lo a construir um hospital num dos flancos da colina, acima de qualquer perigo das enchentes, e preparar três peças: a sala de consulta, a enfermaria, e a sala de operações.

Ao espalhar-se a notícia, pelas selvas fora, começaram a surgir indígenas vindo de toda parte, ansiosos por morrer e ressuscitar, às mãos do homem branco. Schweitzer operou abcessos, hérnias, tumores e cuidou de velhas úlceras tropicais. O tratamento dessas últimas exigia muitas semanas, e até meses. Enquanto isso, os pacientes dormiam às portas do hospital, e alimentá-los constituia verdadeiro problema. Alguns parentes gratos traziam aves, ovos ou bananas, mas outros esperavam, pelo contrário, que se lhes fizessem dádivas. Acontecia, frequentemente, que, gostando do sabor de um remédio, roubavam o frasco, bebendo o conteudo de uma só vez.

Afim de garantir os alimentos necessários, Schweitzer abriu uma clareira na selva, plantando alguns legumes, frutas, e várias espécies de palmeira que produzissem óleo. Trocava contas e peças de algodão por bananas e tapioca. Mas viver só da terra era impossivel: havia que importar da Europa carne, manteiga e batatas, o que não custava pouco.

A despeito de muitas dificuldades, o médico começara a conquistar o afeto e a estima das várias tribos. Durante o primeiro ano, nem um só doente morrera, e milhares tinham sido aliviados de seus sofrimentos. Como um apóstolo, percorrendo as profundezas das selvas, Schweitzer partia, de vez em quando, a pé, para excursões de socorro a tribos instaladas a boa distância dalí.

O fato de se ter mantido calmo e sereno em meio a tais dificuldades foi devido, segundo Schweitzer, a um piano que lhe dera a Sociedade Bach de París. À noite, terminados os trabalhos do médico, o grande conhecedor de Bach sentava-se ao piano, e deixava os dedos correr pelo teclado, ouvindo as harmonias severas e puras da música, em contraponto com os sons que lhe chegavam aos ouvidos, da floresta selvagem. Perdido certa feita, em verdadeiros transportes de sublime enlevo, sentiu a mão da esposa pousar-lhe

sobre o ombro. Apontava, ela, para a janela aberta. Vultos se encaminhavam rumo à porta da enfermaria. O médico não pôde reprimir exclamação de horror. Eram os malditos canibais que pretendiam, talvez, roubar um dos doentes para dele se alimentar.

Tomando de uma espingarda, Schweitzer atirou para o alto. Os antropófagos, apavorados, sairam numa corrida desabalada...

Em agosto de 1914, oficiais franceses surgiram à porta do hospital. Vinham prendê-lo.

—A Europa entrou em guerra, declararam. —O senhor e sua mulher são alemães.

—Não, somos alsacianos. Estamos trabalhando aquí para reagir contra opressões, como a opressão alemã.

Mas a estupidez das autoridades era mais forte: os Schweitzer foram enviados de volta para a Europa e internados num campo de prisioneiros. Ao terminar a guerra, ambos seriamente doentes, foram aconselhados a não mais voltar à África.

Após três anos de convalescença, Schweitzer sentiu-se suficientemente bem para percorrer a Europa, dando concertos de orgão, e fazendo conferências, com o que pretendia reunir o dinheiro necessário para sua missão na selva. Viajou de terceira classe, hospedando-se em hotéis baratos, e economizando o que podia. Helena ainda não se tinha restabelecido por completo, mas seguiria logo que pudesse.

Durante sua ausência, de vários anos, o calor e as formigas brancas tinham destruido tudo o que Schweitzer construira em Lambarené. Era preciso começar de novo. Seria médico, de manhã, e construtor à tarde. Precisava, alem disso, habituar-se ao isolamento e ao calor terrivel, sufocante mesmo. Mas, como da outra vez, os indígenas, gratos, vieram ajudá-lo a reconstruir o hospital, e orgulho-me do fato de que a missão católica, situada muito mais acima, à margem do rio, enviou ao médico protestante um habil carpinteiro. Dentro em pouco, Schweitzer pôde anunciar aos que lhe prestavam auxílio, na Europa, que a mortalidade, nas selvas, decrescera. Mais tarde, anunciava que a lepra estava sendo vencida de um modo maravilhoso: só restavam cerca de 50 mil casos, um em cada 60! «Mandem remédios, mandem alimentos, pelo amor de Deus!» era seu constante apelo.

Finalmente, depois de longos anos, Helena foi reunir-se ao marido. Havia ótimas perspectivas para a missão. Tinham, agora, um hospital com 300 leitos, um dispensário, moderna sala de operações, laboratório, enfermaria e uma divisão especial para crianças.

Os últimos melhoramentos eram a eletrificação (tendo o próprio médico instalado os fios) e novas enfermarias para os alienados. Por ordem dos mágicos das tribos, estes costumavam ser lançados no rio, para que morressem afogados. Em Lambarené, Schweitzer começou a praticar psiquiatria, e chegou a curar alguns casos.

Foi quando a guerra explodiu, novamente, na Europa, colocando-os ante um dificil problema. Voltou-se para a esposa, que, como sempre, acudiu logo com a resposta indicada: «Não devemos procurar fugir. Eles aquí dependem de nós. É uma questão de conciência.»

Desta vez, porem, não foram perturbados. Conseguiram sobreviver aos anos de guerra, com todas as fontes de suprimento interrompidas e cortadas, graças à assistência de amigos e organizações religiosas que encontraram meios de fazer com que suprimentos lhes chegassem às mãos de vez em quando.

Atualmente, as cartas que chegam de Lambarené fazem crer que o casal está completamente exhausto. Para poder suportar as condições de um meio tão hostil, os europeus precisam voltar à Europa, pelo menos de dois em dois anos. No entanto, desde 1939, Schweitzer não deixou o hospital um só dia. Numa carta enviada por ocasião do Natal de 1945, disse que lhe seria impossivel deixar a missão agora, quando há tanto a fazer: «Eu precisava ter trinta anos em vez de setenta, mas, graças a Deus, ainda estou bastante forte e resistente.»

Os amigos insistem em que o casal Schweitzer venha aos Estados Unidos para um período de repouso, mas não há nada que convença o médico. Durante os últimos seis anos, extremamente ásperos, ainda encontrou tempo para escrever dois vastos volumes sobre filosofia, e pretende acabar o terceiro!

Qual será a filosofia de um homem como este? Apesar de toda a sua erudição, acredita no que há-de mais simples.

Escreve, por exemplo, isto: «Há uma pureza essencial na personalidade humana, quaisquer que sejam a raça, a côr e as condições de vida. Se esse ideal for abandonado, o homem pensante, intelectual, deixará de existir, e isto significa o fim da cultura, e mesmo da humanidade.»

Outra grande convicção—a bem dizer, o princípio básico que orienta a vida de Schweitzer—é a da supremacia do mandamento cristão de amor ao próximo.

«Só através do amor,» diz ele com toda convicção, «podemos entrar em comunhão com Deus.»

Há quase dois mil anos, S. Paulo se referiu aos néscios por amor de Cristo. Desde então, muitos homens e mulheres atravessaram a história, renunciando aos confortos da vida afim de servirem o próximo. É entre eles que figura, hoje, este ardente «pobre de espírito»—Albert Schweitzer.

Telefonista romântica

A BEM-AMADA acabara de repudiar violentamente o rapaz impetuoso, dizendo-lhe de modo veemente que nunca mais voltasse, sob pretexto algum. Ele, porem, inconsolavel, resolveu tentar nova aproximação e, já às três horas da madrugada, chamou-a por um telefone público. Quando se achava no auge do fervoroso apelo, metendo pelo fio doces palavras de amor e pedidos de perdão, a telefonista o interrompeu, cortês, mas inexoravel: se quisesse continuar com a conversa, era preciso pôr outra moeda no aparelho, para mais cinco minutos.

—Mas escute aquí, telefonista! implorou ele. —Essa pequena está me deixando louco!

E a telefonista, insensivel à dor, mantinha-se firme.

—Mas eu não tenho troco, telefonista! volveu o rapaz, plangente. —Eu amo esta mulher, e não tenho troco!

Pausa. Daí a segundos, voltou a telefonista, dizendo então, com voz mais suave: —Pode falar durante mais cinco minutos.

—*The New Yorker*

Veja com seus próprios olhos

Condensado do «American Magazine»

Pelo dr. Joseph Samachson

QUASE todos nascemos com visão normal; no entanto, há milhões de pessoas que sofrem de graves defeitos nos olhos, muitos dos quais evitaveis. Precisamos conhecer certos fatos relativos a nossos olhos, para que melhor possamos cuidar deles. Seguem-se alguns informes.

1. ***Em matéria de leitura, o peor hábito é o uso de luz insuficiente.***

Errado. A luz refletida, diretamente sobre os olhos, produz nestes maior cansaço, exigindo-lhes mais esforço que a luz insuficiente. Evitem-se, pois, os reflexos sobre paredes brilhantes ou superfícies lustrosas, e focos luminosos imediatamente defronte dos olhos.

2. ***Nas crianças, o estrabismo tende a desaparecer com o crescimento.***

Errado. Trata-se de uma ilusão que leva muitos pais à negligência a respeito da vista dos filhos. O estrabismo deve ser tratado logo que seja descoberto. Pode curar-se com certas operações, o uso de óculos corretivos e exercícios para os músculos dos globos oculares.

3. ***Ao examinar os olhos de um cliente, o oculista pode descobrir infecções em seus dentes.***

Certo. Os focos de infecção, frequentes na dentadura, podem produzir perturbações nos olhos. Aliás, certas infecções dentárias graves chegam mesmo, às vezes, a causar cegueira.

4. ***As doenças da vista podem ser meramente temporárias, curando-se sem deixar vestígios.***

Certo. Uma visão defeituosa, fadiga visual frequente e tensões constantes nos olhos podem resultar de alguma moléstia interna, fadiga geral, distúrbios nervosos ou má nutrição.

5. ***A acromatopsia (incapacidade de distinguir entre cores) é mais comum nos homens que nas mulheres.***

Certo. A mais comum das acromatopsias é hereditária, sendo que aparece, entre os homens, na proporção de um caso em 25 indivíduos, e, entre as mulheres, à razão de um caso em 250 indivíduos.

6. ***Para remover um cisco do olho, o melhor é assoar o nariz.***

Errado. Há, realmente, certo fundamento nessa teoria, pois ao assoar-nos provocamos lágrimas, nas quais poderá sair o corpo estranho. Mas o mais indicado é simplesmente fechar os olhos durante alguns segundos; assim vêm as lágrimas que geralmente lavam o globo ocular, removendo a incômoda partícula.

7. ***A visão exige uma quarta parte de nossa energia total.***

Certo, segundo o dr. Charles Sheard, especialista da Clínica Mayo. Assim se explica porque é que o estado dos olhos pode influir no estado geral.

Meu tipo inesquecivel

Por Sydney Greenbie

QUANDO FUI enviado à Nova Zelândia, pelo governo americano, para consolidar os laços da amizade que os soldados de tio Sam haviam travado com os neo-zelandeses, e resolver algumas das dificuldades surgidas após o primeiro terror da invasão japonesa, encontrei um auxiliar que tanto tinha de inesperado quanto provou ter de bom senso e tocante dedicação. Encontrei-o na pessoa de um escocês de idade avançada—o sr. William Begg, de 73 anos de idade, e corcunda.

Begg veio ter à nossa casa, ainda não mobilada, no flanco da montanha que fica por trás de Wellington, com um terno preto impecavel e um chapéu côco, acompanhado pela esposa, pequena e franzina, e vestida num pesado costume de lã. Ao nos dirigir a palavra, com a cabeça volumosa inclinada para a frente, devido à corcunda, percebemos logo, pelo seu modo de falar, tratar-se de alguem que conhecera melhores dias. Trazia uma carta de apresentação do Primeiro Ministro da Nova Zelândia.

William Begg desejava trabalhar para nós, fosse lá no que fosse. Isto a despeito do fato de que, se aceitasse um emprego, seria obrigado a renunciar à pensão que vinha recebendo por causa de sua idade avançada. Estaríamos dispostos a esquecer seus 73 anos e a deformidade de que era vítima? A ânsia por trabalhar de novo, nos seus últimos anos de vida, era de natureza a provar-nos que nenhum esforço lhe pareceria demasiado ou humilhante.

Eu queria instalar uma casa tipicamente americana. Não era representante de um governo e sim do povo dos Estados Unidos junto ao da Nova Zelândia. Não pretendia organizar as habituais recepções diplomáticas. Desejava, apenas, reunir as camadas mais altas às mais baixas, os empregadores e os operários, as autoridades e o homem da rua. Os neo-zelandeses não conheciam em absoluto os aspectos mais simpáticos da vida nos Estados Unidos. Conheciam apenas Hollywood e as histórias de gângsteres, e a nossa intenção era mostrar-lhes uma face diferente do nosso país.

Expliquei isto a Begg. Vi pela expressão dos seus olhos que me compreendera perfeitamente, e respondeu com visivel entusiasmo: «É uma bela missão, a sua. Eu e minha mulher queremos oferecer nossos préstimos para o que for

possivel.» E acrescentou, com grande delicadeza: «Ela cozinha muito bem, e eu sei perfeitamente quais são os deveres de um mordomo.» A sra. Begg confirmou, com um movimento de cabeça, o que o marido dissera. Naquele paraiso dos trabalhadores, onde são tão dificeis os auxiliares, era uma dádiva do céu.

DENTRO de poucos dias, o vulto do velho tornou-se uma presença indispensavel e preciosa em nossa casa. A princípio, mostrou-se tímido e um tanto desconfiado. Não tardou, porem, a revelar-se grande conversador. Descobrimos, depois, que o que trouxera Begg a ver-nos fora sobretudo seu grande interesse pelas coisas intelectuais. Lera nos jornais que éramos, ambos, jornalistas. Por isso, ao servir a mesa, parava, às vezes, com o prato na mão, dizendo: «Desculpem a interrupção mas há muitos anos li o seguinte...» ou «Não pude deixar de ouvir o que disseram, e...» E dava sua contribuição ao debate que estávamos travando, com alguma observação digna de nota. Trazia sempre, na ponta da língua, citações que demonstravam ser homem de alguma leitura. Citava Shakespeare, a Bíblia (declarou-nos ser ateu mas admitia, piscando os olhos, que o próprio Satanaz sabe de cor trechos das Escrituras), poemas, discursos políticos de Lincoln ou Roosevelt, e capítulos de Mark Twain.

Minha mulher e eu fazíamos, frequentemente, toda sorte de conjeturas sobre aquele velho que entrara a fazer parte da intimidade de nosso lar, sem tornar-se, entretanto, um intruso. Pensávamos, às vezes, como Shakespeare, que «tudo o que ele dizia, ou fazia, tinha o cunho de algo que o superava».

O pai de Begg, pregador escocês, fora missionário nos bairros pobres de Glasgow. Seu idealismo religioso fizera com que a família se visse destinada à maior pobreza. Begg, um dos dez filhos do missionário, mal-alimentado e vítima de tuberculose óssea, não pudera passar da escola primária. Ele e o pai tinham sido muito amigos. Mas ao caminharem, certa tarde, ao longo de um riacho, Begg, inclinado, como estava, a protestar contra as injustiças sociais, disse que não acreditava em religião alguma. Sem rancor, o pai procurou fazer com que o filho, levado por aquela correnteza de dúvidas, viesse a ancorar na sua própria fé. Como não exercesse, porem, sobre ele, nenhuma autoridade em matéria econômica, o jovem Begg acabou por fugir de casa.

Combateu na guerra dos Huguenotes, andou pelo mundo fora, passou um ano, mais ou menos, nos Estados Unidos, e instalou-se por fim—já lá iam quarenta anos—na Nova Zelândia, onde veio a casar-se. Uma vez resolvemos perguntar-lhe por que motivo, com o dom das palavras, que possuia, e os conhecimentos adquiridos, não escolhera o ensino, como carreira. Teria sido, observei, ótimo professor. Begg olhou-me com infinita melancolia nos olhos baços, e respondeu simplesmente: —De todas as palavras tristes que podem sair da pena ou da língua, as mais tristes são estas: «Poderia ter sido!»

Entre os homens com quem estivera em contacto, na sua longa vida, havia ministros ingleses do Trabalho, quase todos trabalhadores, como ele, que tinham subido às alturas da eminência política. Begg passava horas na galeria do pequeno Parlamento da Nova Zelândia, talvez a cogitar sobre o fato de que poderia estar metido nos sapatos do Primeiro Ministro.

Sua vida, toda ela, fora uma longa luta. Certa feita instalara uma livraria num cubículo, em Nelson, na Ilha Sul da Nova Zelândia. Durante três semanas só apareceu um freguês. O mais provavel é que Begg, absorvido, ele próprio, com seu estoque de livros, nem se preocupara em procurar vendê-los.

Apesar de seus 73 anos, mantinha, ainda, as ambições intelectuais de um jovem. Trazia em si, deprimida pela pobreza, e esterilizada em consequência de sua categoria social, ou do modo de ganhar a vida, uma vasta ilustração, misto de teorias e argumentos teológicos, canções, idealismo político e econômico, anedotas humorísticas, tudo isso envolvido por sadio senso poético e por um inveterado amor da vida.

Uma de nossas primeiras festas foi a da véspera de Todos os Santos. Como nos tivessem solicitado, dos estúdios cinematográficos da Nova Zelândia, uma descrição da festa, resolvemos ilustrá-la ao vivo, em casa, com velas, abóboras, etc., como se faz nos Estados Unidos. Convidamos cerca de cem neo-zelandeses. Begg lembrou-nos, prontamente, tratar-se de uma velha festa escocesa, e mostrou-nos um poema de Robert Burns descrevendo o chamado *Hallowe'en*. Pedimos-lhe que o lesse. Em vez disso, recitou-o de cor, encostado à chaminé, realçando a beleza dos versos com sua voz cheia e quente. Só uma vez lhe falhou a memória. Tropeçou nas palavras, murmurando entre os dentes: «Que diabo!» Os convidados não puderam reprimir o riso. Mas Begg prosseguiu, como se nada tivesse havido.

ENCONTRARA ele, finalmente, o palco onde podia viver o papel que sempre desejara desempenhar. Ia ao encontro de nossos convidados, à porta da casa, e punha-se a palestrar com eles, de modo que, às vezes, era dificil arrastá-los para a sala. Apesar disso nunca chegara a cometer uma falta. A naturalidade e a segurança de suas palavras e de seus modos impressionavam até os menos acessiveis de nossos visitantes, antes mesmo que Begg lhes tivesse tomado o chapéu ou anunciado a nome.

A própria maneira como carregava uma bandeja, tornava sua presença parte da festa. Embora, ao que ele mesmo confessara, tivesse sido, a certa altura, grande apreciador de uisque, nunca tomou, em nossa casa, uma gota da bebida. Suas histórias, e as palestras que travava, eram inspiradas, apenas, por um espírito de boa camaradagem. Tornava-se, invariavelmente, o centro de um grupo interessado de ouvintes, ao falar, com as mãos atrás das costas, por baixo do longo casaco de alpaca, tal como um primeiro ministro. Falava com quem quer que fosse, sobre qualquer assunto.

EMBORA Begg respeitasse a personalidade e as verdadeiras realizações, não tinha a reverência pelos títulos, que a maior parte dos neo-zelandeses professam. Quando o Duque de Gloucester chegou, como Governador Geral da Austrália, com um séquito de aviões particulares, cujos assentos eram forrados de setim, e uma série de Rolls-Royces,—tudo isto cercado de grande publicidade—Begg informava-nos laconicamente: «Vejo, pelos jornais, que Mr. Gloucester foi hoje às corridas no seu Rolls-Royce.»

No entanto, embora costumasse suprimir os títulos, dos que deles se orgulhavam, gostava de dá-los aos que não tinham pretensões. Certa vez, um

tenente da Marinha americana veio ver-nos. Begg examinou-lhe a farda e perguntou:—Qual é o título que lhe devo dar, senhor oficial?—Que lhe parece? respondeu o americano, de um modo amistoso. —Muito bem, disse Begg, —será então Almirante.

Nosso invulgar mordomo demonstrou, mais de uma vez, duvidar um tanto de que os americanos pouco ligavam, realmente, a diferenças de classe, como faziam crer. Ao aproximar-se o Natal, procurou, ao que parece, pôr isto à prova, pois, entre outros cartões e presentes, minha mulher recebeu duas lindas orquídeas, com um cartão que dizia: «Votos de Feliz Natal de William Begg.»

Provavelmente, nunca enviara flores a ninguem, em toda a sua vida. Era, de certo, uma ousadia de que nenhum criado britânico seria capaz. Havia um quê de ansiedade e apreensão, nos seus olhos cinzentos, quando minha esposa tirou as flores da caixa. Como agradecesse pregando as orquídeas ao vestido, o rosto expressivo de Begg iluminou-se com uma expressão de alegria que chegara tarde demais, a alegria de quem encontrou, já fora de tempo, qualquer coisa que lhe fizera falta a vida inteira.

POUCO DEPOIS começamos a notar que a energia da sra. Begg começara a ceder. Continuava a desempenhar as tarefas habituais mas, lá um dia, não pôde levantar-se da cama. Numa noite fria de inverno o médico e eu tivemos que carregá-la, pela alameda do jardim, até a ambulância que a levou ao hospital. Disseram-me que talvez não vivesse uma semana.

Begg andava pela casa como se a alma lhe tivesse deixado o corpo. Ele, que não tinha fé em nada, persuadiu-se de que os médicos estavam enganados a respeito da esposa. Falando-nos sobre seus problemas como nunca o fizera, disse que, se conseguissem salvá-la, compraria uma casinha, onde pudessem viver confortavelmente com os proventos da aposentadoria.

Mas onde havia de encontrar a casa? Era tal a falta de acomodações em Wellington que havia quem dormisse em barracas abertas. Pedí a Begg, o ateu, que tivesse fé e rezasse. Seus olhos agudos olharam-me com uma expressão de profundo cepticismo. Apesar disso, pôs um anúncio nos jornais: «Precisa-se de uma pequena casa decente para dois velhos decentes. Se não houver, *ora pro nobis.*»

Quando afinal encontrou uma casa, ficou decepcionado e eu satisfeito. Teria preferido não encontrá-la, creio, a ouvir-me advertí-lo, num leve tom de ironia, de que eu rezara por ele e minhas orações tinham sido ouvidas...

A senhora Begg começara a restabelecer-se. Quando fui visitá-la, no hospital, fiquei surpreendido, pois nunca a vira com tão boa aparência. Pela primeira vez, em meio século, tinha descansado, em vez de trabalhar incessantemente.

Mudaram-se para a nova morada. Mas vieram ver-nos duas vezes, pagando o taxi que os trouxera e recusando qualquer remuneração, afim de ajudar-nos, durante os últimos dias de preparativos para nossa viagem de regresso. Já então, nossas relações podiam ser o que realmente tinham sido—de amigos.

No último dia da nossa estada em Wellington, Begg veio despedir-se. Percorreu a casa já vazia, indo de quarto em quarto e de sala em sala, a lembrar, com palavras que eram quase poemas, os tempos felizes alí vividos. Ao sairmos, atravessando a alameda, sob a vegetação fragrante, com uma flor a desabrochar aquí e alí, olhou-nos tristemente, murmurando: «E pensar que dentro em pouco estarão alem mar, muito longe daquí! Este ano com os senhores foi o único realmente feliz da minha vida.»

Depois, tomamos pela estrada mais alta que leva a Wellington, através das colinas, e ele seguiu pela mais baixa, que leva à aldeia.

Cartas que não vão para a cesta . . .

A redação da revista americana *Collier's* recebeu, de pretensioso colaborador, uma carta nestes termos:

«Prezados Senhores,

Junto envio mais um de meus manuscritos, verdadeira obra-prima, das que lhes venho mandando desde 1930. Nunca me pagaram um tostão, embora hajam utilizado muitas de minhas idéias, plagiando até mesmo os manuscritos que não cheguei a remeter. É favor tomar imediatamente as providências que o caso requer.»

—W.D., em *Collier's*

EM CERTA companhia americana, um empregado de boa-vontade, mas sem instrução, foi promovido a posto de maior categoria, e daí a dias uma livraria recebeu dele a seguinte carta: «Prezados Senhores. (preciso de um deci) (Preciso de um dissio) Peço o favor de me mandar um livro que ensina a escrever as palavras e o que elas significam. Obrigado.»

—Mary Bowles

UM MINISTÉRIO dos Estados Unidos recebeu certa vez esta carta, deliciosa em sua simplicidade: «Prezados Senhores. Queiram enviar-me todas as informações que puderem. Obrigado.»

—*Time*

O ESCRITOR Gene Fowler, estando em Nova York, verificou que lhe haviam furtado a carteira. No dia seguinte recebeu uma carta que dizia: «Roubei o dinheiro do senhor. O remorso está me incomodando, por isso devolvo parte da quantia. Quando incomodar de novo, mando o resto.»

—Irving Hoffman, *King Features*

UM SUJEITO cauira foi assaltado por um ladrão que lhe disse o clássico: «A bolsa ou a vida.» Ao que o homem respondeu: —Pode levar minha vida. Estou guardando a bolsa para quando ficar velho.

—*Age-Herald*, de Birmingham, Alabama

Relato de uma experiência social de John Bull: a aliança dos poderes nacionais com a iniciativa local

Planificação no ESTILO INGLÊS

Por Stanley High

A QUINHENTOS quilômetros do norte de Londres fica a cidade industrial de Middlesbrough, que se tornou especialmente notavel agora devido à confiança que revela ter no seu futuro e no da Grã Bretanha, bem como por sua voluntária participação, com o governo nacional, num inteligente e produtivo plano para esse futuro. O plano é típico do esforço do país para restaurar sua economia e fortalecer sua liberdade com o emprego dos recursos governamentais no intuito de estimular a iniciativa individual e o livre empreendimento em cada localidade.

Há dois anos o governo de Middlesbrough reuniu uma equipe de arquitetos, urbanistas, sociólogos, geógrafos e desenhistas para descobrir as deficiências da cidade. Toda a comunidade cooperou nessa tarefa: a Associação Comercial, os industriais, donas de casa, médicos, sindicalistas e comerciantes, inclusive pequenos varejistas do mercado local. Opúsculos, fotografias, cartas, modelos e uma exposição pública evidenciaram os fatos, em toda a sua tremenda realidade, à população.

Verificou-se que, dos 140 mil habitantes de Middlesbrough, 46 mil vivem numa área cinco vezes mais congestionada do que as que apresentam o mínimo de requisitos de higiene e conforto para as habitações de baixo aluguer. Noventa por cento de suas casas não têm banheiro e duas mil nem sequer dispõem de suprimento de água. O ar é de cinco a nove vezes mais viciado que nos melhores bairros residenciais de qualquer cidade. No perímetro urbano, a 35 por cento de população corresponde apenas 3 por cento de logradouros. As escolas elementares, em número de dez e todas construidas antes de 1880, são sombrias, miseravelmente ventiladas e não têm campos de recreio.

Nessa área insalubre a mortalidade infantil é representada por uma percentagem duas vezes mais elevada do que em qualquer outra parte da cidade. Em cada grupo de 351 crianças que frequentam as escolas elementares somente uma consegue chegar até ao ginásio. A percentagem de acidentes em suas ruas é a mais alta da cidade. Middlesbrough chegou à conclusão de que não há lugar para tais condições de vida no seu futuro ou no da Grã Bretanha. Daí o plano delineado, segundo o qual, em três períodos, abrangendo o prazo de 30 anos, a cidade será inteiramente reformada. Sua execução compete a Middlesbrough. Mas visto que a nação se interessa pelo futuro da cidade, esse plano será auxiliado por quatro ministérios: o de Educação, o de Saude, o de Transportes e o de Planificação da Cidade e do País.

O QUE ESTÁ ocorrendo em Middlesbrough tambem se verifica em toda a Grã Bretanha. A confiança do povo britânico no futuro do país está sendo consubstanciada num dos mais gigantescos programas de construção jamais empreendidos por um povo livre. Há tambem um plano condicionado ao prazo de 50 anos para a remodelação de toda a cidade de Londres. Obteve verdadeiro êxito de livraria a obra em que esse plano foi divulgado de maneira acessivel. Há ainda planos de 15 e até 60 anos para Manchester, Coventry, Plymouth, Hull, Portsmouth, Southampton e outras cidades, inclusive na Escócia.

O governo nacional tem grande parte nesses planos, cuja execução, porem, quase sempre cabe às indústrias e ao governo locais. Seu objetivo fundamental atende justamente àquilo que foi estabelecido para Manchester: habilitar cada habitante da cidade a gozar real saude de corpo e espírito, facilitando, por outro lado, empregos vantajosos à população. Em cada caso a maior função do governo, alem do financiamento das obras, é orientar e estimular a iniciativa individual.

«De certo, nossa economia será dirigida,» disse Geoffrey Crowther, diretor do *Economist* de Londres, «mas acreditamos que a atividade do governo no campo econômico, em vez de restringir a iniciativa privada, poderá incentivá-la e esse plano nacional, longe de limitar a liberdade, virá antes expandí-la.»

Disse Oliver Lyttelton, membro conservador do Parlamento e Ministro da Produção no gabinete de Guerra: «Se eu fosse consultado sobre se deveria haver maior número de projetos governamentais ou de iniciativa privada, responderia que deve haver grande porção de ambos. A essência da democracia reside no equilíbrio entre o poder de organização do estado e a força individual livre.»

Assim, o Ministério de Educação preestabelece padrões gerais de ensino e fornece fundos para a construção de edifícios escolares. Mas não os constrói, não contrata professores, nem organiza programas pedagógicos. Ao contrário disso, sob a nova lei nacional de educação, cada autoridade local é responsavel pela manutenção de elevado nivel educacional em sua própria zona de jurisdição.

Os padrões nacionais de habitação tambem são estabelecidos pelo Ministério de Educação. Tratando-se de áreas bombardeadas, o ministério faz prontamente concessões e empréstimos a longo prazo para construções imobiliárias. Isso deu estimulo à padronização, levando enfim a indústria a reduzir de 680 a 60 os tipos de esquadrias existentes agora no mercado. Mas o Ministério de Educação não constrói casas em parte alguma. Cada coletividade se encarrega de suas construções, orientada pela autoridade local responsavel.

O Ministério de Planificação, o primeiro no gênero em qualquer país, realiza empréstimos, orienta estudos, auxilia a promover exposições e assiste as autoridades locais no sentido de manter o padrão adequado de planificação. Mas não fornece planos para outra cidade ou para o campo. A lei de planificação, decretada em 1941, teve, mesmo, por finalidade «conferir às autoridades locais de planificação novos e plenos poderes para o desenvolvimento e modernização das cidades».

QUANDO REBENTOU a guerra, somente um terço das toneladas de alimento que

se consumia na Grã Bretanha era cultivado nesse país; ao fim da guerra, a produção já se elevava a dois terços. Em 1939, havia cerca de 1.200 mil metros quadrados a mais de terra cultivada do que em 1914 e, embora durante a guerra muitos milhares de excelentes trabalhadores rurais fossem chamados às armas, a Inglaterra aumentou de 70 por cento sua produção de alimentos.

Para alcançar esse magnífico resultado, o governo teve os mais amplos poderes de ação. Mas tais poderes estenderam-se também aos lavradores. Os executores do plano rural foram o condado, a comarca e a paróquia. Os Comitês Agrícolas de Guerra eram compostos de lavradores, na sua maior parte modestos, escolhidos em razão de seus conhecimentos agrícolas e do bom conceito que desfrutavam no local.

Quase inteiramente por meio de consultas e acordo voluntário entre si conseguiram arar nada menos de 4.852.400 metros quadrados de terra. Pelos mesmos métodos, de propriedade em propriedade, realizou-se o aumento da produção agrícola. As propriedades foram classificadas em A, B e C. As integrantes da classe A exigiam pouca atenção. As da classe B eram coadjuvadas pelos vizinhos, pelos Comités e por técnicos agrícolas do condado. As propriedades da classe C ficaram sob a imediata fiscalização de seus vizinhos. Quando necessário, receberam auxílio na obtenção de equipamentos, fertilizadores, sementes e outras coisas. Pelo menos uma vez por mês, eram rigorosamente inspecionadas.

Ao cabo de um ano, as propriedades da classe B que não logravam sua inclusão na classe A, eram rebaixadas à Classe C e submetidas a fiscalização. Se as da classe C não conseguiam elevar-se à classe B, os Comitês podiam destituir os proprietários chamando a si a respectiva direção. Tais medidas, porem, raramente foram postas em prática.

«Doravante,» disse Lewis Silkin, Ministro de Planificação, «nem um hectare de terra deixará de ser trabalhado em nosso país.» Mas agora, como durante a guerra, os executores desse plano rural serão os proprietários. Seus Comitês Agrícolas tornaram-se permanentes.

O quartel general da planificação industrial britânica é o Serviço de Planificação da Câmara de Comércio, em Londres, sob a presidência de Sir Philip Warter, um dos jovens homens de negócio mais prósperos da Grã Bretanha. O alvo de Warter é tornar accessivel às indústrias os conhecimentos técnicos, particularmente no que diz respeito à localização de novas indústrias e à relocalização ou expansão das antigas. Warter e seus associados não têm poderes para compelir os consulentes a seguirem seus conselhos. Mas com uma ou outra exceção as 400 empresas, que procuraram o Serviço de Planificação em seus primeiros meses, seguiram a orientação que aí lhes foi ministrada.

Principalmente devido à sua dependência das minas de carvão e de certas indústrias pesadas, quatro zonas da Grã Bretanha, até bem pouco tempo, apareciam assinaladas nos mapas econômicos como zonas improdutivas. Somente de raro em raro eram atingidas pela prosperidade. O desemprego passara a ser um mal crônico, elevando-se algumas vezes a 60 por cento da população. A situação dessas zonas constituia um problema e o remédio indicado foi a diversificação industrial: muitas pequenas indústrias em lugar de algumas poucas, somente, de grande vulto.

Em outra tarefa conjunta de planificação, o governo e as indústrias diligenciam

encontrar a solução mais indicada, ao tempo em que procuram dar novo incentivo a centenas de pequenas fábricas. A lei de Distribuição da Indústria foi aprovada quando os conservadores ainda dispunham de maioria na Câmara dos Comuns. Estabelece que, desejando construir nova fábrica ou ampliar alguma antiga, o industrial deverá obter a prévia permissão da Câmara de Comércio. Essa instituição acha-se habilitada a dar valioso estímulo a qualquer fábrica para operar numa zona improdutiva. Através de sua Associação de Imoveis poderá oferecer-lhe uma fábrica já edificada, auxiliá-lo a conseguir energia e transportes, alugar dependências às indústrias e controlar a comunidade que se desenvolve em cada conjunto.

Quando visitei a Associação de Imoveis de Treforest, na Gales do Sul, pequenas fábricas, em que trabalhavam três mil pessoas, estavam instaladas em suas modernas edificações industriais. A expectativa era de que proximamente seriam empregadas 12 a 14 mil pessoas, elevando-se a 130 mil o número objetivado para toda a região.

Há instituições similares em cada uma das zonas improdutivas. Foi sobretudo por causa de sua eficiente contribuição, refletindo a ação conjugada do governo e das indústrias que, nos mapas econômicos, as áreas outrora denominadas improdutivas agora aparecem como áreas de desenvolvimento.

«O desafio à indústria,» afirmou Sir Clive Baillieu, presidente da Federação de Indústrias Britânicas, «reclama ininterrupta cooperação. É fato conhecido que, tanto o governo como a iniciativa privada, tiveram papel apropriado a desempenhar, no qual um e outro se completaram, e que não poderemos nutrir a esperança de vencer a batalha da reconstrução se ambos não atuarem em cordial aliança.»

Em consequência, usando os recursos do governo para animar a iniciativa individual, a Grã Bretanha converteu o seu vasto programa de planificação num instrumento de prosperidade e liberdade. É ainda muito cedo para se prever o resultado. Mas a experiência já realizada com tanto êxito merece cuidadosa observação.

Vive la différence!

Historieta contada por uma professora com alunos «sabidinhos»

Quando submetí os meus alunos a uma iniciação nos mistérios do idioma francês, expliquei claramente que «Madame» se aplica a uma senhora casada; «Mademoiselle» a uma senhorita; e «Monsieur» a um senhor. Para verificar se as crianças haviam compreendido, voltei-me para um menino com cara de enfadado, e perguntei:

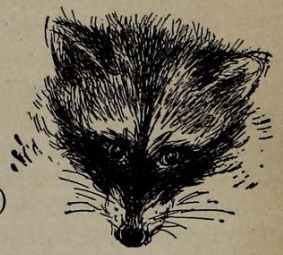
—Qual é a diferença entre «Madame» e «Mademoiselle»?

—«Monsieur», foi a resposta.

— «Samuel Pepys Teucer», na *Royal Gazette and Crown Daily* de Hamilton, Bermuda

O texugo é um animal manso e plácido; mas os cães que tratem de não provocá-lo...

O manso filósofo da floresta



(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por Archibald Rutledge

De todos os animais selvagens que conheço, o texugo é, sem dúvida, o de temperamento mais filosófico. Vagaroso, porem extremamente inteligente e habil, aceita as situações que se lhe apresentam com uma calma e uma sagacidade que lembram a sabedoria e o bom senso dos velhos filósofos.

Num dia de sol, encontrei um texugo dormindo, a bom dormir, no ramo mais baixo de um cipreste. Não protestou quando o levantei daquela cama confortavel, parecendo não se incomodar com coisa alguma, desde que não lhe interrompessem o sono, e aconchegou-se ao meu braço, como uma criancinha adormecida.

Por isso que aceita, com a melhor das disposições, os acasos e os caprichos da vida, o texugo pode ser domesticado facilmente e é, como animal doméstico, extremamente afetuoso. Criei vários, desde filhotes. Dormiam no meu colo ou metiam as patinhas pretas pelos meus bolsos a dentro, em busca de amendoins.

Quase todos os animais são muito cuidadosos, na maneira por que se alimentam, mas o texugo preocupa-se de modo excepcional em manter-se limpo e em lavar, ele próprio, os alimentos, escrupulosamente. Certa feita encontrei cinco filhotes de texugo num galho oco, lançado ao chão pelo vento. Construí uma casinha e um jardim em miniatura para eles, mas, durante vários dias, recusaram-se a tocar nos alimentos que eu lhes dava. Contentavam-se em olhar-me, com uma expressão pensativa, em que havia uma leve reprovação. Já estava quase decidido a levá-los de volta ao bosque, quando me ocorreu que esquecera de lhes dar água. Mal corrigí esta falta, cada um dos filhotes pegou cuidadosamente entre os dentes seu quinhão, levou-o até a lata de água e, depois de lavá-lo, comeu-o, com o melhor dos apetites. Ao que parece, tinham resolvido morrer de fome, se necessário, em vez de desobedecerem a uma lei de sua natureza.

Um dia dei-lhes biscoitos. Ao mergulharem um biscoito na água viram-no derreter-se, misteriosamente, diante de seus próprios olhos. Sentaram-se então em círculo, junto da lata de água, para uma verdadeira conferência, tendo deliberado, aparentemente, que não deviam lavar os biscoitos...

Os texugos se acham espalhados por toda a América do Norte, embora sejam mais comuns no sul. Podem ser encontrados, geralmente, onde há correntes, lagos, ou pântanos. São ligados à família dos ursos e parecem, realmente, uns ursinhos em miniatura. Tal semelhança

se manifesta, igualmente, nos hábitos alimentares dos dois animais, pois ambos são onívoros. Os ursos gostam imenso de açucar e mel, verificando-se o mesmo com os texugos. Uma vez amarrei um destes e pus um pedaço de açucar num ponto em que ele não poderia alcançá-lo com as patas dianteiras. O bicho voltou-se sobre si mesmo e, estendendo a pata traseira, foi arrastando o açucar até pegá-lo com a boca.

O texugo selvagem come qualquer espécie de peixe, bem como as aves e os pequenos animais que puder encontrar. Come tambem toda sorte de frutos secos e grãos de milho. Quando uma família inteira de texugos invade um milharal, durante a noite, pode causar consideraveis estragos. Puxando pela haste do pé de milho, o animalejo abre as espigas com suas patinhas chatas, que têm cinco pequenas garras agudas, e são tão destras quanto as dos macacos. É louco por caranguejos, moluscos e ostras. Às vezes abre as conchas com a maior habilidade; outras vezes, apalpa-as, debaixo da água, esperando encontrar alguma já aberta. Este hábito resulta, com frequência, em pequenas tragédias.

Certa manhã, durante a maré baixa, vi uma coisa preta num ponto da praia onde as ostras abundavam e que o mar, recuando, deixara a descoberto. Era um texugo morto, já grande, com a pata direita presa por gigantesca concha de ostra. Evidentemente, ficara seguro alí até ser surpreendido pela maré, morrendo afogado. Às vezes os próprios texugos cortam, com os dentes, uma das pernas, em acidentes semelhantes, e especialmente em alçapões. Nas florestas vi, frequentemente, texugos de três pernas, que aliás se arrumam muito bem, chegando mesmo a subir em árvores.

O texugo, em regra geral, tem cerca de 40 cm de comprimento e pesa de 6 a 8 quilos, embora alguns sejam maiores. Normalmente, o pelo é espesso, marron claro, e a cauda tem listas circulares brancas ou cinzentas. Alguns são albinos e outros pretos como azeviche. A côr mais rara é um tom dourado.

Corpulento e compacto, o texugo depende mais da astúcia de que é dotado, que da agilidade de seu corpo, para conseguir o que deseja. Sendo capaz de escalar as árvores, à procura de grãos e dos frutos de carvalho ou azinheira, prefere no entanto poupar-se ao esforço, se os esquilos sacudirem os galhos para ele...

É valente, em combates, chegando a ser formidavel lutador. Nas lutas de vida e morte, escolhe seu próprio campo de batalha, com sagacidade e deliberação. Os cães e os texugos são inimigos inveterados mas, a não ser que um cão, embora superior em tamanho e peso, saiba acautelar-se contra a sagacidade e a bravura selvagem de seu oponente, o mais provavel é que se surpreenda de verdade com a reação deste.

Quando um cachorro se lhe acerca, o texugo procura meter-se nalgum riacho, lago ou pântano de água rasa. Se possivel, sobe a um toco ou tronco submerso, afim de que o cão seja forçado a atacá-lo onde já haja bastante profundidade. Vi, certa feita, um texugo maltratar seriamente um cachorro, três vezes maior que ele, mantendo a cabeça deste debaixo da água, a ponto de quase afogá-lo.

Quando os texugos não encontram água para essas operações de defesa, sobem a algum tronco derrubado de modo que o cão, para aproximar-se deles, precise, primeiro, ir até o tronco, o que já representa uma desvantagem para o atacante. Este, preocupado em manter o equilíbrio, é surpreendido, nalgum momento estratégico, pelo texugo, que se

lança de repente sobre ele, mordendo e arranhando, até que, como se verifica na maioria dos casos, o cachorro pule ou caia do tronco.

No curso de lutas como essas, o pequeno animal parece aumentar de tamanho, arqueando as costas, eriçando o pelo, e grunhindo de modo selvagem. Seu ataque é sempre desconcertante e de grande precisão. Um texugo de tamanho consideravel pode matar um cão, em combates semelhantes. Mas, sendo manso e plácido por natureza, efetua verdadeira retirada, com tamanha dignidade, que, o intruso, se for um homem, tem a impressão de que deveria pedir desculpas...

A caça aos texugos é realizada, geralmente, por desporte, e raras vezes em busca de alimento. No entanto, é um bom petisco, muito melhor que o sarigué, cuja carne é oleosa.

Não creio que haja outro mamífero que viva, como este, tanto em terra quanto na água ou nas árvores. O texugo vive em troncos ocos, às vezes, a uma altura de quinze metros. Dorme, em geral, o dia inteiro. Vive oculto em seu abrigo, durante todo o inverno, mas, nos dias de sol, aparece, por vezes, deitando-se num galho da árvore e aquecendo-se ao sol, horas inteiras.

A inteligência dos animais pode ser calculada com relativa exatidão, segundo o êxito com que desafiam os perigos da vida selvagem. Desse ponto de vista, o texugo é de uma inteligência consideravel. Ao ser capturado, embora aceite o cativeiro com a maior boa vontade, conserva as recordações da vida livre de outrora. Meus texugos domesticados raramente notam quaisquer dos ruidos comuns que se fazem ouvir no quintal, em torno deles, por maiores que sejam. Ao lhes chegar, porem, aos ouvidos, algum som distante proveniente das florestas vizinhas, ou dos pântanos,—param subitamente, erguem a cabeça, atentos, e escutam, fascinados, os misteriosos murmúrios que parecem levá-los de volta à vida de outros tempos.

Testamentos originais

CERTO solteirão deixou toda a sua fortuna a três moças que, anos antes e em épocas diferentes, se haviam recusado a casar-se com ele, e no testamento assim explicou o gesto: «A elas devo toda a paz e toda a felicidade que pude desfrutar no mundo.»

—Charles L. Burgess

ANTES de morrer, Heine, o grande poeta alemão, legou todas as suas propriedades à esposa, sob a condição de que ela se casasse outra vez, o mais depressa possivel. E acrescentou: «... porque assim haverá pelo menos um homem que chorará minha morte.»

—Richard Hyman, em *Cosmopolitan*

A SEUS companheiros de farra, um francês deixou, em testamento, bela fortuna, estipulando apenas, como condição necessária, que eles carregassem seu corpo ao túmulo, parando pelo caminho para tomar um copo de vinho na mesma taverna modesta onde juntos haviam passado tantas horas agradaveis.

—Louis Sobol, *King Features*

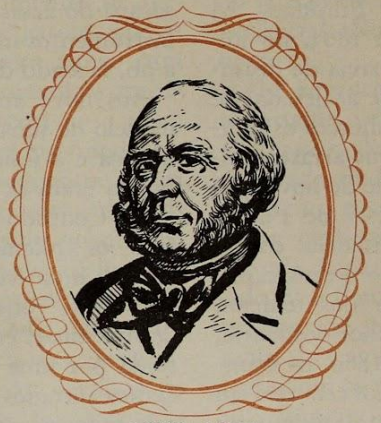
Famoso por causa de uma batalh —após vários anos de adversidade e de luta contra o conformismo e a incredulidade da época

O que a civilização deve a John Ericsson

(Condensado do «Scientific Monthly»)

Pelo romancista Owen Johnson

COMO AVALIAR a idade de um homem? Pelo número de anos que viveu, ou pelo que fez durante a vida? Aos 50 anos, os homens, em sua maioria, quase já não vivem; estão, por assim dizer, morrendo pouco a pouco. Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Darwin e outros da mesma envergadura, são exceções; seu imenso poder criador duplica ou triplica a margem normal da vida humana.



1803-1889

John Ericsson pertenceu a esse número de homens. Durante os últimos 40 anos de vida trabalhou 14 horas diárias, totalmente feliz e absorto em suas idéias. Morreu aos 86 anos, em plena posse de suas faculdades mentais.

Sua vida foi uma luta constante contra o tempo, em que cada hora roubada ao trabalho constituia um remorso. Não tinha ensejo para receber as altas personagens que suplicavam em vão uma entrevista ao inventor do *Monitor* e da hélice, nem sequer podia atender à esposa, companheira e admiradora até à morte, que acabou por abandonar a luta desigual para regressar à Inglaterra. «Tinha ciumes das máquinas,» dizia Ericsson aos amigos íntimos, referindo-se à mulher, durante os poucos minutos de conversa que lhes concedia. A maneira como terminava tais conversas era quase sempre a mesma: «Acabou-se a palestra. Preciso trabalhar.»

A sala de desenho era o castelo em que sua imaginação lutava contra os mistérios da ciência. A humanidade quase nada tinha produzido- havia ainda tanto que fazer e a vida era tão curta! Se pudesse viver mais 50 anos, mais 20, talvez mesmo mais dez! Os próprios minutos de repouso passava-os em sua cela monástica, deitado sobre a prancheta de desenho, com um livro servindo de travesseiro.

Nunca viu o Parque Central durante os anos que residiu em Nova York e só visitou a ponte de Brooklyn porque um amigo o entreteve para levá-lo até lá.

A outro amigo que tentou convencê-lo a visitar as cataratas do Niágara, Ericsson retorquiu: «Porque, que foi que lhes sucedeu?» Nenhuma razão era suficientemente forte para justificar a perda de um dia de trabalho.

Quando morreu, sua fama era mundial. Sua pátria adotiva, os Estados Unidos, prestou-lhe a homenagem de transportar seus restos mortais, com todas as honras militares, para a terra natal que, durante uma geração, tinha desejado recebê-lo como um herói nacional.

ERICSSON nasceu em Filipstad, na Suécia, em julho de 1803, no início de um século que se havia de distinguir como o da velocidade acelerada, de que ainda hoje não se conhecem os limites. Nessa época os homens arrastavam-se sobre o solo à velocidade de nove quilômetros por hora, e apesar de Fulton fazer suas primeiras experiências com o navio a vapor, o vento com seus caprichos, tal como na época dos fenícios, ainda era o verdadeiro senhor dos mares. Ao morrer Ericsson, em 1889, os transportes terrestres e marítimos estavam em plena expansão, devido em grande parte a suas descobertas.

Os quarenta anos de adversidade com que lutou nunca abalaram a confiança que tinha em si próprio. Os fracassos, a ingratidão das nações e o ridículo com que a sua própria profissão o cobriu, não conseguiram desviá-lo do caminho que se traçara. Somente a história de sua mocidade pode explicar a força inquebrantavel do seu carater.

Era filho de uma família de gente boa, que vivia com muitas dificuldades. Três circunstâncias, que lhe rodearam o nascimento, haviam de estimular-lhe a ambição: a pobreza extrema; o isolamento das multidões e a consequente tendência para o conformismo; e a necessidade de educar-se a si próprio.

Na idade em que outras crianças se entretêm com brinquedos, John Ericsson já vivia fascinado pelas máquinas. Aos sete anos vagueava pelos escritórios instalados junto às obras do grande Canal de Göta, de que seu pai era contramestre. Como não dispunha de dinheiro para comprar utensílios de desenho, fabricava-os ele próprio: fez um compasso com dois pequenos troncos de árvore e duas agulhas; um tira-linhas com uma pinça; e os pincéis, com pelos que arrancou à socapa do casaco de sua mãe. Com esses instrumentos improvisados passava horas a fio, fazendo desenhos em escala.

Aos nove anos resolveu construir o modelo de uma serraria. Nunca vira nenhuma e a única referência de que dispunha eram as descrições que o pai lhe fazia. Contudo concluiu os planos e fez logo os cálculos necessários. Usando apenas uma verruma, um canivete e uma lima, construiu um modelo capaz de funcionar, em que a serra era constituida por uma mola de relógio com os dentes cortados a lima. A instalação possuia todos os acessórios em miniatura: a mesa para transportar os madeiros, acionada por um cordel enrolado em um tambor; a roda de linguete e a alavanca para fazer girar o tambor; e o eixo de manivelas, improvisado com uma colher quebrada. É provavel que em toda a sua vida, e mesmo no auge da fama, nenhum momento o tivesse excitado tanto como aquele em que experimentou o modelo no ribeiro e viu que funcionava.

No ano seguinte construiu outro modelo ainda mais complicado: uma bomba para extrair água de uma mina, acionada por moinho de vento. Como da primeira vez, só contava com as descrições que lhe fizera o pai.

Muitos anos depois, quando lhe pediam que enumerasse a lista de suas invenções mais importantes, Ericsson colocava em primeiro lugar essas construções da infância. E não era sem razão. Foram essas primeiras vitórias que lhe permitiram adquirir a confiança inabalavel que depositava em si próprio.

Entretanto, começaram a circular histórias a respeito dele e algumas pessoas, em altas posições, manifestaram interesse pela sua educação. Aos 14 anos estava empregado nos trabalhos de construção do Canal já referido, onde sua missão consistia em fazer nivelamentos de terreno. Sob as ordens desse garoto, que às vezes precisava trepar num banco para alcançar a mira do instrumento, trabalhavam 600 soldados suecos!

Ao mesmo tempo, ia-se instruindo como bem podia. Nunca frequentou escola nem se matriculou em universidade, mas assimilava com avidez tudo quanto lhe ensinavam os que podiam auxiliá-lo. Teve explicadores de álgebra, química, geometria e inglês, e sempre se felicitou por ter escapado à influência perniciosa do ultraconservantismo das escolas técnicas da época. Toda a sua vida foi dominada pela idéia de desprezar o que os outros faziam, para pensar unicamente em seu trabalho.

APÓS uma juventude brilhante e precoce, Ericsson resolveu fixar-se definitivamente na Inglaterra, e nunca teria aportado aos Estados Unidos não fora ter sofrido dois fracassos sensacionais. Aos 26 anos, tendo passado três em Londres, época em que produziu quatro ou cinco invenções por ano, Ericsson enfrentou a primeira experiência dramática de sua carreira.

Nessa época, setenta e cinco anos após as experiências de Watt com o vapor de água, somente se tinham construido algumas locomotivas ineficientes. Serviam para rebocar pesadas cargas a pequena distância e à velocidade de quatro ou cinco quilômetros por hora. A estrada de Liverpool a Manchester oferecera um prêmio de 500 libras para a primeira locomotiva capaz de desenvolver a velocidade de dezesseis quilômetros por hora, pesando apenas 20 toneladas, e de transportar cargas do mesmo peso, a 110 quilômetros de distância. Ericsson foi informado do concurso quase dois meses antes do respectivo encerramento, quando já não tinha tempo para efetuar experiências. No entanto, lançou mãos à obra.

Houve cinco concorrentes iniciais, mas o certame veio a ser disputado entre *O Foguete*, de George Stephenson e *A Novidade*, de Ericsson. Este mostrava-se confiante, pois havia equipado sua máquina com um dispositivo de tiragem forçada, capaz de produzir grande velocidade, e descobrira um dispositivo engenhoso de montar a locomotiva sobre molas, graças ao qual a máquina não oscilava sobre os trilhos.

A locomotiva atingiu uma velocidade incrivel, superior a 48 quilômetros por hora—a coisa mais rápida que o homem tinha criado até então—e na primeira experiência *A Novidade* bateu *O Foguete* passando ao lado deste como verdadeiro projetil. Ericsson sentiu que ia triunfar, e teve a sensação de que viria a ser o inventor mais famoso do mundo. Na terceira viagem, porem, a caldeira que não tinha sido experimentada rebentou, devido a um defeito que podia ter sido remediado com facilidade.

A decisão do juri era, porem, irrevogavel. Não foi Ericsson, mas Stephenson que se imortalizou como o inventor da locomotiva de nossos dias. Contudo

Ericsson enfrentou a derrota com filosofia. Segundo suas próprias palavras, não teria de certo inventado mais nada se houvesse alcançado a fama aos 26 anos. Foi a derrota que o encaminhou para novas atividades.

CONSIDERAVA ele que os vapores de rodas eram totalmente ineficientes. É certo que sua velocidade excedia a dos barcos a vela, mas eram vulneraveis em combate, e lentos e dificeis de manejar no serviço comercial.

Ao atentar nesse problema, recordou-se do interesse que lhe tinha despertado em sua mocidade o efeito dos golpes oblíquos das asas das aves e da barbatana caudal dos peixes, e foi o estudo desses dois fenômenos que lhe permitiu aperfeiçoar gradualmente o princípio da hélice marítima. É fato que já outros haviam tido a mesma idéia, mas Ericsson foi quem primeiro logrou convertê-la em realidade.

Em 1837, aos 34 anos, estava apto a demostrar sua hélice, certo de que dessa vez o êxito não lhe escaparia. Convidou os lordes do Almirantado a assistir às experiências do *Francis B. Ogden*, um navio de 14 metros que equipara com duas hélices, e ao qual os marítimos haviam posto o nome de «Diabo Voador» devido a sua estranha habilidade para deslizar em silêncio sobre as águas do Tâmisa.

Os lordes, porem, não estavam dispostos a aceitar os resultados da experiência com imparcialidade. Segundo o parecer dos técnicos, essa «invenção ridícula baseava-se em princípios errados e possuia numerosos defeitos de ordem prática».

Apesar do *Ogden* ter subido e descido o rio levando a reboque uma barcaça, tais preconceitos não desapareceram, e as autoridades limitaram-se a agradecer ao inventor «a interessante experiência» a que tinham assistido. Nenhum deles teve a menor noção de que presenciara um acontecimento histórico. A decisão dogmática e solene foi orientada pelo princípio de que «é impossivel temonar um navio em que a energia propulsora seja aplicada na popa!» Pela segunda vez consecutiva, Ericsson estivera prestes a alcançar a fama que persistia em fugir-lhe.

Após esse segundo fracasso, sua vida atravessou um período de pobreza angustiosa, durante o qual chegou a ser encarcerado por dívidas. Sua coragem abandonou-o, e Ericsson deixou o país que lhe tinha recusado duas vezes o apoio. Em 1839, aos 36 anos, foi tentar sua carreira noutra nação que parecia disposta a acolher idéias novas.

Chegou aos Estados Unidos cheio de esperança. Alí se reconhecera a importância da hélice como meio de propulsão e os americanos haviam aludido com entusiasmo às possibilidades que o país lhe oferecia. Convenceu-se, por isso, de que os seus tormentos haviam terminado. Mas, infelizmente, isso não se deu.

As invenções de uma bomba de incêndio a vapor e de um motor térmico proporcionaram-lhe rapidamente independência financeira, e Ericsson naturalizou-se cidadão americano. Contudo, seu cérebro não abandonava a idéia de aperfeiçoar a hélice e essa obstinação causou-lhe novos dissabores.

Foi somente após cinco anos que o Ministério da Marinha consentiu nas experiências, e as condições que impôs para a construção do *Princeton*, o primeiro navio de guerra equipado com hélice, foram tão humilhantes que Ericsson sentiu ter sido traido. O valor da sua contribuição foi amesquinhado e o governo discutiu e recusou-se a pagar-lhe os serviços. Por

cúmulo, um dos canhões explodiu no correr da experiência, matando os Ministros do Exterior e da Marinha e vários outros personagens de destaque!

O FRACASSO, o desânimo e a adversidade perseguiram o inventor durante outros vinte anos e, em 1862, quando se aproximava o triunfo, Ericsson viu-se enredado em várias demandas judiciais sobre a prioridade da descoberta da hélice. Os imitadores europeus tinham copiado ou roubado seus mecanismos; havia um pequeno grupo que o considerava um gênio da técnica, mas, na sua maior parte, os cientistas o condenavam como charlatão ou visionário.

Nessa época sabia-se que as forças do sul dos Estados Unidos, envolvidas na Guerra da Secessão contra o norte do país, estavam terminando a construção de um navio blindado, o *Merrimac*. Apesar disso, as autoridades navais de Washington não tinham tomado quaisquer medidas para evitar a destruição dos navios de madeira da armada federal. Felizmente os planos do novo navio de guerra de Ericsson, o *Monitor*, estavam concluidos havia vários anos, e em 1854 o inventor oferecera a Napoleão III um modelo completo do seu barco. Esse modelo fora equipado com todos os aperfeiçoamentos que Ericsson considerava essenciais em um navio blindado: os orgãos vitais colocados sob a linha de água, e um convés chato, semelhante a uma jangada, com toda a artilharia concentrada em uma torre giratória, para que fosse possivel apontar os canhões sem mudar o rumo do navio—idéia verdadeiramente revolucionária, baseada nas jangadas de madeiros, cuja estabilidade ele verificara nos lagos tempestuosos da Suécia.

Apesar do tratamento pouco animador que lhe dera o governo americano, Ericsson escreveu ao Presidente Lincoln oferecendo seus serviços e afirmando que «não desejava benefícios ou pagamento de qualquer espécie». E foi essa a atitude que manteve até o fim.

Apresentou o modelo do *Monitor* ao Ministério da Marinha e conseguiu impressionar Lincoln, fazendo com que este interviesse em seu favor. Todavia a oposição continuava a ser forte, e a proposta foi rejeitada inicialmente. Ericsson compareceu perante a Junta Naval e tão veemente foi sua exposição que se revogou a primeira decisão. Ainda assim o Ministério fez incluir no contrato uma cláusula segundo a qual o inventor se obrigava a restituir ao governo o custo da construção em caso de insucesso!

O *Monitor* foi construido em cem dias, desde a colocação da quilha, apesar das dilações com que o governo fez os pagamentos, e da crítica e da interferência contínua das autoridades navais.

Ericsson fez os desenhos, respondeu pessoalmente às críticas, lutou contra todas as interferências e concluiu a construção no prazo estipulado, entregando o navio com cerca de 40 dispositivos patenteaveis, fruto de seu gênio criador.

Durante esse tempo o *Merrimac* já destruia certo número de navios federais no porto de Hampton Roads e o *Monitor* afrontou o inimigo na hora mais crítica.

Apesar de não terem sido usados projeteis de ferro forjado, que, segundo Ericsson, teriam perfurado a blindagem do navio inimigo, e não obstante o combate haver sido travado a distância, tambem contra as instruções do inventor, o *Merrimac* teve que abandonar a luta, bastante danificado, ao fim de quatro horas.

A conclusão, que imediatamente se tirou desse combate, foi que o *Monitor* tinha posto a pique, com os seus primeiros disparos, as armadas de madeira de

todos os paises do mundo. O próprio comandante do *Merrimac* afirmou mais tarde que o *Monitor* podia ter afundado seu navio em quinze minutos.

Hoje, a torre rotativa dos couraçados modernos constitue um tributo à memória de Ericsson, da mesma maneira que o princípio da hélice, que atualmente controla os navios e os aviões, coloca o seu inventor entre os grandes pioneiros, cujos trabalhos têm papel relevante na história da civilização.

À guisa de explicação

Perto da Universidade de Prínceton, onde leciona Einstein, mora uma senhora cuja filha, de oito anos, costumava visitar, todas as tardes, o ilustre cientista. Um dia, quando tais visitas já se haviam tornado um hábito, a mãe da garota dirigiu-se ao professor, para pedir-lhe desculpas pelas interrupções frequentes de sua filha.

—Não me incomoda em absoluto, minha senhora, assegurou-lhe Einstein. —Gosto muito que sua menina venha cá; nós nos damos muito bem.

—Mas que interesse o sr. pode achar numa criança de oito anos?

—É simples, respondeu o grande físico. —Adoro as jujubas que ela me traz, e em compensação eu a ajudo nas lições de aritmética...

—Leonard Lyons, no *New York Post*

Durante bastante tempo, Jack Dempsey não era simpatizado no mundo dos esportes nos Estados Unidos. Lembro-me, porem, com nitidez, do momento exato em que se transformou radicalmente esse ambiente desagradavel em torno ao campeão.

Deviam ser quase duas horas da manhã de 4 de setembro de 1926. Tendo lutado com Gene Tunney, este não só vencera, como produzira tristes efeitos sobre o rosto de Dempsey, que ficou quase irreconhecivel. Assim voltou ele ao seu quarto de hotel em Filadélfia, perdido o campeonato mundial que até então mantivera em suas poderosas mãos.

Atrás dele iam repórteres, amigos, aderentes... um punhado de admiradores fiéis. Mal entraram, aproximou-se de Dempsey uma mulher que o abraçou ternamente. Com a face de encontro à dele, a qual estava roxa, machucada, os olhos mal visiveis entre dobras de músculos inchados, perguntou-lhe:

—Como foi isso, querido?

Dempsey, com um largo sorriso, segurou-a um momento e, contemplando-a com doçura nos olhos, respondeu:

—É que eu esquecí de abaixar a cabeça, meu bem...

Desde esse instante, todos passaram a sentir por ele a grande simpatia que até hoje nutrem.

—Paul Gallico, *Farewell to Sport* (Knopf, ed.)

Uma das maiores conquistas do Domínio do Canadá durante a guerra foi sua própria maturidade política

A guerra transformou o Canadá

(*Condensado do «National Home Monthly»*)

Por Merrill Denison

Stephen Leacock, humorista e economista canadense, observou certa vez que seus patrícios levavam tanto tempo tratando de convencer os americanos de que não eram ingleses, e os ingleses de que não eram americanos, que lhes restava pouco tempo para se tornarem canadenses. Mais tarde—e não muito antes do início da guerra—o escritor francês André Siegfried chamou o Canadá Domínio híbrido e dividido —«uma criação precária, geográfica, histórica e politicamente.»

Após quase seis anos de guerra o Domínio do Canadá apresenta o mesmo quadro de contradições e conflitos. Trata-se de um país constituido de quatro ou cinco regiões separadas umas das outras, com diferentes perspectivas e interesses econômicos diversos. Seus onze e meio milhões de habitantes vivem numa estreita faixa ao longo dos 6.400 quilômetros da fronteira meridional. Os franceses e os ingleses, que conservam seus respectivos idiomas, costumes e modo de viver, não são mais unidos hoje do que antes. E a influência dos Estados Unidos penetrante e ubiqua, tem aumentado enormemente.

Apesar disso tudo, porem, a guerra trouxe ao Canadá maturidade política e psicológica, ou melhor, removeu todos os obstáculos para que essa maturidade fosse alcançada. Pelo menos, o Domínio conseguiu a independência não somente na opinião do seu povo, mas perante o mundo.

Um dos principais fatores que concorreram para esse objetivo foi o esclarecimento das relações entre o Canadá e os Estados Unidos. E apesar de todos os comentários elogiosos suscitados pelo fato de não ser fortificada a fronteira, a conciência dos canadenses esteve sempre profundamente impregnada de um vago temor pelo seu vizinho mais rico e mais populoso, do qual tambem desconfiavam. Havia, porem, pouca ou nenhuma justificativa histórica para esse temor. Se os canadenses não mostraram desejo de unir seu território aos Estados Unidos, os americanos tãopouco o fizeram. Na realidade, qualquer tentativa por parte do Canadá de unir-se aos Estados Unidos iria provavelmente encontrar violenta oposição entre os estados do sul, cuja situação minoritária, decorrente da anexação ao norte do país de um bloco de estados e um número correspondente de senadores e deputados, se tornaria insignificante.

Os rumores de anexação persistem, no entanto, possivelmente porque nenhum

governo norte-americano se preocupou em definir a situação. A primeira afirmação clara sobre a atitude dos Estados Unidos em relação ao Canadá foi feita pelo Presidente Roosevelt em discurso pronunciado na Universidade da Rainha, quando declarou que os Estados Unidos não ficariam de braços cruzados se o Canadá fosse ameaçado.

Depois de Dunquerque e da Batalha da Inglaterra, quando uma ameaça dessa natureza entrou no terreno das possibilidades reais, os dois paises, um com 132 milhões de habitantes e o outro com 11 e meio milhões, reuniram suas capacidades e amplos recursos no esforço comum de guerra. Tratava-se de uma união de partes iguais. Não se cogitou de quanto cada parte podia ou iria contribuir.

Essa união, reforçada pela declaração conjunta de Roosevelt e Mackenzie King, colocou o Canadá na posição de poder contribuir grandemente para a causa da Inglaterra e das Nações Unidas, e de elevar-se política e economicamente, pondo de lado, para sempre, qualquer temor de exploração por parte dos Estados Unidos. Quaisquer que sejam as futuras relações do Canadá com a Inglaterra, não mais terão que depender das suas relações com os Estados Unidos.

Em suma, o Canadá cresceu. Esta é a modificação mais importante trazida pela guerra. E à luz dessa modificação parece certo que os canadenses procurarão alcançar homogeneidade em vez de heterogeneidade. Assim procedendo encontrarão maneira de resolver suas divergências raciais e regionais, e esse aspecto mesquinho desaparecerá do cenário político do Canadá para ser substituido por unidade e coesão.

Alguns efeitos dessa maturidade já se fazem notar em Otava—na atmosfera sóbria e respeitavel das conferências entre províncias, na decisão de adotar uma bandeira canadense distinta e nas medidas tomadas para terminar com a confusão em torno da cidadania e nacionalidade canadenses. Pela primeira vez o Canadá está prestes a reconhecer o fato de que a maior parte do seu povo é canadense, e não uma mistura híbrida de franceses, ingleses, escoceses, irlandeses, gauleses e outros, segundo o país de origem dos imigrantes ancestrais.

Com a admissão, bastante atrasada, de uma nacionalidade canadense, os canadenses podem sentir-se norte-americanos sem serem naturais dos Estados Unidos, e podem desenvolver sua própria individualidade cultural, o que não representa forçosamente o advento de um nacionalismo perigoso. A posição do Canadá como país independente, membro do Commonwealth Britânico e, mais tarde, da União Pan-Americana, pode torná-lo capaz de afastar os aspectos mais estreitos do nacionalismo e vir a ser o país de espírito mais internacional do mundo.

Alem de ter trazido maturidade política ao Canadá, a guerra tambem preparou esse país para o emprego dessa maturidade na transformação de sua economia. De país predominantemente agrícola o Canadá passou a país industrial, com todos os efeitos nas suas relações comerciais com o estrangeiro, tornando-o o terceiro país do mundo no campo do comércio exterior. Mas esse intercâmbio comercial foi feito, em grande parte, com o seu vizinho do sul e consistiu de materiais e produtos destinados a fins de guerra. Esta ajudou a exploração do seu imenso «hinterland» e o desenvolvimento dos seus recursos naturais. Multiplicou sua capacidade produtiva e ampliou o carater das mesmas. Transformou-o de nação devedora em nação credora, fora da América do Norte. Hoje há emprego para todos no Canadá, e seu povo goza de um padrão de vida mais alto que nunca. A guerra veio revelar tambem aos canadenses suas grandes possibilidades e as riquezas do país. Sua contribuição para a vitória deu realce ainda maior à sua formidavel capacidade produtiva, apesar de que seu problema mais premente continua a ser o de encontrar os meios de aumentar o consumo.

Se a guerra demonstrou a dependência econômica do Canadá em relação aos Estados Unidos, veio tornar este último país mais dependente ainda daquele, em virtude da exhaustão de seus recursos naturais, inclusive os depósitos de ferro de Mesabi, estado de Minesota, outrora fabulosos. Alem disso, a atitude dos Estados Unidos para com o Canadá é hoje mais cordial que nunca e somente o movimento de turistas norte-americanos em cidades canadenses virá a tornar-se verdadeira compensação a grande parte das compras feitas durante a guerra. Alem de tudo isso, o país tem agora as fábricas, os materiais e a capacidade para fornecer ao mundo empobrecido os alimentos, os produtos e a maquinaria de que ele tanto necessita.

Seja qual for o futuro que o espera, o Canadá está bem preparado para enfrentá-lo. Sua integridade política acha-se assegurada e suas relações exteriores são colocadas em termos de paz e entendimento com outras nações. Poucos são os paises que têm tantos amigos entre as nações e nenhum é mais universalmente respeitado. O Canadá possue os recursos naturais e as facilidades de produção e fabricação para elevar os padrões de vida do seu povo e ainda repartir com outros parte de sua abundância. Com audácia e visão larga os canadenses poderão fazer de seu país um dos mais invejaveis do mundo.

Ser vencido sem render-se, é vitória.

Joseph Pilsudski

DURANTE a ocupação de seu país, o rei Cristiano da Dinamarca notou que tremulava uma bandeira nazista no prédio de uma repartição pública em Copenhague, observando então, a um oficial germânico, que aquilo contrariava dispositivos expressos de um tratado entre a Dinamarca e a Alemanha. O oficial respondeu que a bandeira fora posta alí segundo instruções de Berlim.

—Retirem essa bandeira antes do meio-dia; do contrário, mando um soldado para retirá-la, declarou o monarca.

Quando faltavam cinco minutos para as doze, o pavilhão nazista ainda lá se achava, e, diante disso, o rei anunciou que enviaria um soldado para removê-lo.

—O soldado será fuzilado, avisou o oficial nazista.

—O soldado serei eu, respondeu tranquilamente o rei.

Arriou-se então a bandeira...

—Overseas News Agency

PARA QUE TANTA PRESSA?

(Condensado de «This Week»)

Por Constance J. Foster

COMPRAMOS, há pouco tempo, uma fazenda, e a princípio estávamos inclinados a aplicar à vida do campo o mesmo ritmo apressado, da vida urbana. Mas foi nosso rendeiro que nos deu a primeira lição, quando lhe perguntamos se havia acabado de arar o campo de milho. Olhou para o sol, que já ia baixo, e respondeu placidamente: «Não, mas amanhã, a terra há-de estar no mesmo lugar.»

Essa filosofia simplória fez-me pensar sobre o valor real das coisas desta vida, das que *estarão amanhã no mesmo lugar*. Quase todos procuram satisfazer os interesses temporários de sua existência, com tanta ânsia que quase não lhes sobra tempo para fruir os interesses duradouros. Corremos, nas lojas, para que nos atendam primeiro; corremos, na rua, para conseguir um lugar no ônibus; corremos em tudo, para não ficar atrás dos outros. Enquanto isso, não percebemos nem apreciamos as verdades eternas sob nossas vistas.

O silêncio da noite, o brilho eterno das estrelas, as risadas das crianças, o sorriso de uma face amiga—essas são coisas que pertencem à eternidade. Do mesmo modo, o amor de alguem, o carinho materno, a afeição fraternal. Os cabelos enbranquecem, mas os seres que amamos são perenemente belos, vistos pelos olhos da nossa devoção. Dessa maneira, construimos uma fortaleza, dentro da qual ficamos de todo imunes aos ataques do tempo.

Em geral, apressamo-nos tanto porque temos um conceito errado do tempo. Acostumamo-nos a ouvir, desde pequenos, frases feitas como esta: «O tempo passa.» Na verdade, o tempo não passa. O tempo *fica*. Nós é que passamos, através do tempo. Os relógios são meros mecanismos com que procuramos debalde dividir o tempo. Sem os relógios, o tempo sempre *está no mesmo lugar*, como o campo de milho, da fazenda—ontem, hoje, amanhã.

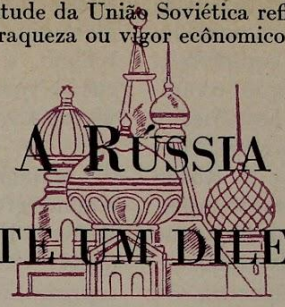
No interior, vivemos mais perto das coisas elementares da vida e em breve descobrimos que não temos tempo para viver apressados. Se nos apressamos ao longo das veredas da mata, podemos não perceber o perfume das flores escondidas; deixaremos facilmente de reparar no alto tronco da árvore morta que se tornou, no coração da floresta, a morada comum dos pássaros.

Nos armazens dos vilarejos, que vendem tudo, a gente se detem para matar o tempo. Perguntam pela saude de todos, indagam como vão os negócios. Sempre há tempo suficiente para o coração, para a bondade.

Essas são coisas de valor perene. São, talvez, o nosso ensaio para a Eternidade. Conservemos a fé, a esperança, o amor—principalmente o amor. Conservar—é uma bela palavra, num mundo em que tudo muda, os acontecimentos se sucedem, as faces se transformam de maneira vertiginosa. É a única serenidade de que dispomos e que coisa alguma poderá alterar.

Nosso rendeiro pode dormir com o espírito tranquilo. Na manhã seguinte, a terra estará lá, no mesmo lugar, serenamente, à espera de que ele termine a lavra para o milho.

A atitude da União Soviética refletirá fraqueza ou vigor ecônomico?



A RÚSSIA ANTE UM DILEMA

(*Condensado do «Harper's»*)

Por Peter F. Drucker

Reputado escritor de assuntos econômicos

AO EFETUAR-SE a rendição japonesa, a União Soviética anunciou, oficialmente, que um novo Plano Quinquenal—o quarto a ser por ela adotado—estava prestes a entrar em execução. O objetivo continua a ser a industrialização do país a passos acelerados. O referido projeto visa sobretudo desenvolver as indústrias de produtos essenciais. O consumidor russo, por mais baixo que seja seu padrão de vida, no momento atual, precisará esperar pelos produtos de que necessita.

Ao que parece, a mais alta prioridade caberá a um aumento de produção de aço, de 35 para 40 milhões de toneladas por ano, o que deverá ser realizado por volta de 1950, e representa uma expansão duas vezes maior que a de antes da guerra.* Entre os desenvolvimentos mais importantes figuram, em segundo lugar, a organização de uma poderosa marinha e a construção de grandes bases navais, sobretudo no Extremo Oriente. Constituem outros objetivos considerados essenciais a construção de uma grande frota mercante, projetos de proporções consideraveis para estradas de ferro, rodovias e canais, bem como sensivel aumento da produção de caminhões e tratores. Em resumo, a Rússia pretende nos próximos cinco anos, não só reparar as devastações causadas pela guerra, mas, por meio de esforços redobrados, atingir a capacidade industrial que teria tido, se a guerra não houvesse interrompido sua expansão econômica.

Alem disso, os relatórios oficiais já publicados insistem em assinalar que a Rússia deve tambem tornar-se capaz de suprir o equipamento principal de que necessitam os paises situados na zona de influência soviética, tanto na Europa quanto na Ásia. Tornou-se tema frequente dos debates políticos na Rússia o conceito de que a segurança da União Soviética se veria ameaçada, se os paises vizinhos—mesmo aqueles com cujos governos mantem «relações amistosas»—dependessem de outras fontes para seus suprimentos de produtos essenciais. Assim, o que garantiu à Alemanha o controle da Europa oriental foi justamente a sua posição de país exportador de produtos essenciais. Partindo desse ponto de

*No seu discurso pronunciado a 9 de fevereiro, Stáline aumentou o algarismo provavel para o de 60 milhões de toneladas, declarando que «talvez três novos Planos Quinquenais se tornem necessários».

vista, a cooperação política entre a Rússia e seus vizinhos, para que seja estabelecida sobre base sólida, carece completada por uma constante cooperação econômica, adquirindo a União Soviética a posição ocupada anteriormente pela Alemanha. Por volta de 1950, a Rússia deverá ser o centro de produtos essenciais, em toda a região fronteiriça que vai do Báltico aos Estreitos da Coréia.

Trata-se, sob todos os aspectos, do mais ambicioso projeto de após-guerra apresentado por qualquer das potências. Há nele indicações extremamente uteis para quem quiser compreender a futura política russa.

Os tremendos sacrifícios do povo russo, durante a industrialização forçada dos anos de antes da guerra, foram sempre justificados pela promessa de grandes melhoramentos econômicos, uma vez que o país se tivesse tornado bastante forte para suportar uma guerra. Mas agora, aparentemente, novos sacrifícios serão exigidos do povo soviético, afim de que a nação possa adquirir suficiente vigor econômico para desempenhar seu papel de grande potência.

Desde 1928, quando se iniciou o primeiro Plano Quinquenal, a União Soviética tem vivido sob uma economia de guerra levada ao extremo.

A maior prova da severidade do regime foi a impressão de farta abundância causada aos soldados russos—os elementos mais bem alimentados e equipados de todo o povo soviético—pela própria escassez reinante na Europa oriental. Em Bucareste, a primeira cidade estrangeira vista pela maior parte dos soldados russos, estes ficaram pasmados com o luxo dos rumenos. Em Viena, onde o desemprego representa terrivel problema, desde 1918, os operários causaram aos soldados russos a impressão de verdadeiros «burgueses». Possuir uma roupa alem das de trabalho, um rádio ou um relógio, é verdadeiro «luxo» para os russos que, há quase vinte anos, têm vivido sem tais artigos.

Os OPERÁRIOS industriais constituiam o maior grupo isolado de idade militar, na Rússia. Por conseguinte formaram o grosso das tropas de combate russas representando grande parte das tremendas perdas, em mortos e feridos. Alem disso os nazistas, ao deportarem russos para trabalhos forçados na Alemanha, deram sempre preferência aos operários industriais e aos agricultores treinados no uso de aparelhagem mecânica. Segundo cálculos russos, só 12 milhões do total, anterior à guerra, de perto de 20 milhões de operários, se acham disponiveis atualmente para emprego na indústria, nos serviços de transporte e em vários outros de utilidade pública.

Afim de reparar as perdas e estragos resultantes da guerra e realizar a nova expansão, cerca de 20 milhões de novos operários talvez sejam necessários. Não há pessoal disponivel nas fazendas. A destruição quase completa do equipamento mecânico, especialmente tratores, exige que os alimentos sejam produzidos, pelo menos por enquanto, por meio do trabalho manual. Por esse motivo, os prisioneiros de guerra russos, de regresso, foram enviados para as fazendas, mesmo os que haviam sido, anteriormente, operários industriais.

A guerra destruiu tambem muito das indústrias de produtos para o consumo comum. Restaurar essas indústrias ao nivel de antes da guerra não representará, provavelmente, grande problema. Pelos meados de 1947 a União Soviética deverá ser capaz de fornecer o

mínimo necessário para o consumo de sua população.

Mas o grande problema é o seguinte: «Mostrar-se-á o povo russo satisfeito com os suprimentos mínimos imprescindiveis à sua subsistência? Estará disposto a aceitar que a vida de abundância, prometida há tanto tempo, seja adiada outra vez, afim de que a União Soviética se torne uma super-potência?»

É dificil dizer se os russos estão realmente dispostos a viver dentro de severa economia de guerra; talvez não estejam na verdade em condições de fazê-lo como seria de desejar. Viveram durante trinta anos em estado de tensão extrema. Os últimos cinco anos constituiram verdadeiro pesadelo que só puderam suportar empregando tudo o que tinham em reservas físicas e nervosas. Não parece provavel que lhes seja possivel aceitar novas privações. Agora, alem disso, pela primeira vez em 25 anos, possuem uma organização através da qual podem expressar seus sentimentos: um exército vitorioso. E esse exército conservou profunda impressão de seu primeiro contacto com os mais altos padrões de vida no mundo exterior, especialmente os dos soldados americanos e britânicos.

Os recentes atos do governo soviético refletem claramente uma pressão cada vez maior no sentido de que o suprimento de artigos de consumo aumente o mais depressa possivel. Nas declarações oficiais da desmobilização, prometeram aos oficiais e soldados roupas em quantidade e habitação, assim que retornassem à vida civil. Antes mesmo da rendição da Alemanha, a imprensa russa começou a publicar os pedidos de artigos de consumo provindos do público. Campanhas que tais são, geralmente, o prelúdio de medidas oficiais. O índice mais revelador é um decreto do Supremo Soviete, de setembro passado, proibindo a exportação de artigos de consumo da província em que forem fabricados ou produzidos. Isto, é claro, não resolve o problema. Pelo contrário—torna a situação ainda peor para a população da Rússia européia, onde as indústrias foram destruidas. Mas demonstra que os operários já não se mostravam dispostos a dispensar os artigos que eles própios produziam.*

Embora não seja uma prova concludente, tal fato sugere, sem dúvida alguma, que a Rússia não poderá pôr em efeito o novo Plano Quinquenal, com seus próprios recursos, apenas. Carece da mão de obra necessária para fabricar os produtos essenciais (inclusive armamentos), que está resolvida a produzir em quantidades cada vez maiores, e os artigos de consumo que seu povo exigirá.

Só HÁ uma verdadeira solução para o problema de artigos de consumo: um grande empréstimo americano. A Rússia já mencionou um empréstimo importante—talvez de seis bilhões de dólares.

Mas não é certo, de modo algum, que pretende levar avante este projeto, pois um empréstimo estrangeiro em tais proporções representaria um afastamento radical dos princípios da política econômica e externa da Rússia. Tornou-se um axioma do pensamento comunista—desenvolvido, em grande parte, por

*Stáline reconheceu esta situação e prometeu, no seu discurso de 9 de fevereiro, que «num futuro muito próximo o sistema de racionamento será abolido, merecendo especial atenção o desenvolvimento da produção de artigos para o consumo em massa e o melhoramento do padrão de vida dos trabalhadores, pela redução sistemática do custo de todos os produtos».

Stáline—o conceito de que um empréstimo estrangeiro significa intervenção e controle estrangeiros. Verdade é que tal empréstimo seria, essencialmente, uma transação política. É muito provavel que o governo americano exigisse, em troca, concessões políticas, especialmente no que diz respeito às relações da Rússia com os paises que se encontram em sua zona de influência. Fazer um empréstimo de seis bilhões de dólares é admitir certa dependência. Indicaria a gravidade de sua situação econômica.

Mesmo com um empréstimo americano para a compra de artigos de consumo nos Estados Unidos, o problema de mão de obra na Rússia seria dificil. De certo, apresentaria à Rússia outra questão urgente, pois teria que escolher entre utilizar operários estrangeiros forçados, ou permitir a imigração de operários livres, dos Balcãs.

A União Soviética deve estar empregando, agora, para os trabalhos de reparação, cerca de cinco milhões de prisioneiros de guerra nazistas vindos da Alemanha oriental, bem como grande número de anti-russos e fascistas dos territórios anexados, na Polônia e nos estados bálticos.

O julgamento espetacular dos líderes do Exército Metropolitano Polonês, há cerca de um ano, não tinha por objetivo apenas exercer maior pressão sobre o governo polonês em exílio. Segundo comentários russos, àquela altura, as convicções anti-russas e fascistas destes líderes puseram, automaticamente, todos os membros do velho grupo polonês de resistência sob a ameaça de prisão ou trabalho forçado.

O emprego de tão grandes massas de trabalhadores compulsórios alienaria forçosamente quaisquer simpatias dos povos da Europa oriental, durante várias gerações futuras, tendendo a criar o próprio bloco anti-russo que a União Soviética tanto receia. Seja lá como for, será esta, ao que é provavel, a escolha da Rússia. Por que motivo? Porque a outra hipótese—a livre imigração dos Balcãs—apresentaria maiores problemas.

À PRIMEIRA vista, dir-se-ia ser a imigração a melhor solução. Os paises balcânicos precisarão industrializar-se, se seus operários não puderem emigrar. A Rússia, atualmente, é incapaz de suprí-los com equipamento industrial. E tambem, como já fez ver a imprensa russa, não está disposta a permitir que isto seja feito por qualquer país ocidental. Sem a possibilidade de industrialização nem de emigração, surgirá, fatalmente, o desassossego entre os povos balcânicos. A Rússia, no entanto, no interesse de sua própria segurança, precisa impedir uma explosão da caldeira balcânica. Porque, então, não admitir a imigração daqueles povos?

A dificuldade está em que seria necessário conceder, aos imigrantes, direitos políticos e econômicos que são negados aos russos. Nenhum camponês balcânico emigrará voluntariamente, se não lhe garantirem liberdade religiosa, e se não lhe prometerem a possibilidade de adquirir seu pedacinho de terra. Seria necessário permitir que os imigrantes enviassem dinheiro para seu país, fossem visitá-lo quando quisessem, mantendo contacto com a terra natal. O que mais é—como as ditaduras balcânicas nunca foram muito eficientes ou estaveis—os camponeses estão habituados a uma liberdade de palavra muito maior que a Rússia, a partidos políticos, em grau consideravel, e a verdadeiras eleições, embora violentas e muitas vezes corruptas.

Talvez a Rússia decidisse garantir-lhes liberdade religiosa, na Igreja Ortodoxa controlada pelo Estado, e o direito à propriedade. Mas poderá garantir tais direitos aos imigrantes, sem garantí-los aos russos? E estarão os sovietes dispostos a abandonar fatores básicos do seu regime—ou ser-lhes-á possivel fazê-lo? Parte da propaganda pan-eslávica provinda, recentemente, de Moscou, parece indicar que os russos estão cogitando de estimular a imigração balcânica. Seria, porem, um último recurso—mais ainda que um empréstimo americano. O mínimo dos requisitos seria o completo controle, pela Rússia, dos paises balcânicos, de onde os imigrantes devem vir.

A UNIÃO SOVIÉTICA terá, por conseguinte, que enfrentar uma alternativa. Deverá manter a autarquia absoluta, com o risco de pôr em perigo sua expansão industrial, ou atingir seus objetivos industriais ao preço de uma dependência consideravel do mundo capitalista? Qual a direção que escolherá, é o que ninguem ousaria predizer. A decisão dependerá das pressões econômicas e políticas dentro do país, e das possibilidades de paz mundial, que a Rússia julgar existir durante a próxima década.

Seu principal interesse, no período que tem diante de si, deve ser a manutenção da paz mundial. Os próximos anos serão críticos—quase tão críticos quanto os que se seguiram à última guerra, ou os do primeiro Plano Quinquenal. O programa econômico da Rússia absorverá por completo todos os seus recursos. Desempenhar papel agressivo, num mundo de super-potências, excederia, totalmente, seu poder econômico. A atitude intransigente da Rússia, nas recentes negociações internacionais, mormente quando em jogo problemas da sua zona de influência, poderia mesmo, talvez, ser atribuida a um reflexo da conciência dessa fraqueza econômica.

O novo Plano Quinquenal demonstra claramente que a tendência básica da Rússia, na política econômica, continuará a ser a de independência industrial, não só para si própria, mas para os paises que se encontram em sua esfera de influência. É possivel que a Rússia venha a ser, nestes próximos anos, um grande comprador de artigos estrangeiros. Mas, se assim for, o objetivo final dessas compras será, com o tempo, tornar de novo a Rússia independente dos suprimentos de outros paises.

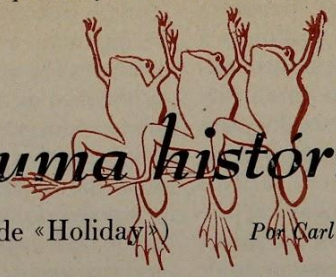
Tudo indica que procurará conjugar sua preocupação com a paz mundial e a obstinação em seguir seu próprio caminho, sem depender de ninguem, conservando-se à parte, e, tanto quanto possivel, fazendo com que seus vizinhos se inclinem diante de suas decisões.

ENTRE as histórias de choferes de taxi filósofos, esta nos pareceu realmente saborosa. Uma senhora, bastante jovem, aproximou-se de um auto de praça e perguntou ao motorista se estava livre, ao que ele respondeu cortêsmente:

—Minha senhora: segundo disse Platão, nenhum homem é livre.

—*The New Yorker*

Eis aquí uma fórmula infalivel para algumas noites divertidas em seu lar



«Conte uma história, papai!»

(Condensado de «Holiday») *Por Carl L. Biemiller*

HÁ QUATRO meninos em minha casa e, desde que puderam compreender algumas simples palavras, tenho mentido como um louco para os divertir. É uma lufa-lufa para ver quem possue mais chiste: se os garotos, se o pai, se a mãe, que encontra nas histórias a confirmação de algumas idéias suas a respeito do marido.

Qualquer pai pode fazer isso. Basta estar em meio de um grupo de garotos. Porque o «Conte uma história!» é estribilho comum de todas as crianças. A história não tem que ser épica, nem tão-pouco rebuscada, e, graças a Deus, não precisa ter lógica.

Em minha casa, por exemplo, há quatro submarinos nazistas que foram capturados por peixes. Há um delirante pássaro azul voando para o norte em pleno inverno sob a impressão de que já é primavera. Temos minhocas com casacos vermelhos e ursos polares que odeiam o tempo invernal. Há corvos que deixam na rua as suas bicicletas e estas são roubadas por esquilos. E, quando necessário, podemos dispor de uma personagem sumariamente chamada «Umbigo» que surgiu certa noite de complicação anatômica em socorro da autoridade paterna.

De modo geral, as excursões paternais no reino da fantasia são de dois gêneros. Há histórias disciplinares que constituem lições disfarçadas e há os amalucados contos incriveis para simples entretenimento. Frequentemente, os dois podem ser combinados. Em qualquer caso, a única substância básica é o incongruente. Os meus garotos são meninos de 5 a 9 anos. É grande o alarido que fazem quando lhes conto a história de um pequeno polvo que patina e de outro cujo pai tinha oito braços e oito escovas para bater nele quando guardava os patins. A algazarra sobe de ponto quando ouvem a história do gato que tinha quatro pés esquerdos e que sempre cai contra a mesa do café causando aborrecimento a sua mãe. (Se interessar, o gato poderá fazer uma troca com um amigo que tem quatro pés direitos.) Outro processo de efeito infalivel para uma história de êxito é o que chamarei multipluralidade de cognomes com tantas aliterações quanto possivel. O urso que odeia o frio é Paulo, o Belo Urso Polar Prateado, ao passo que o delirante pássaro azul é Bopo.

Um terceiro fator de êxito consiste em admitir a colaboração das crianças. Isso poderá livrar-nos de muitos escorregos quando a imaginação falhar. Por exemplo, suponhamos que temos um filhote de águia que não quer aprender a voar porque, desejando ser piloto de avião, acha que as asas dos pássaros não obedecem a especificações aerodinâmicas.

Diremos simplesmente: «Ora, muito bem, que é que vocês pensam que sucedeu a esse pássaro?»

A resposta deixa a gente sem respiração: o pássaro salvou simplesmente o desgraçado piloto que não gostava de aeroplanos porque desejava possuir asas de pássaro...

A colaboração da criança tambem dá alguns estranhos resultados à construção de nossas histórias. Vamos supor que estamos inteiramente mergulhados numa cadeira, a dizer:—Filho, que é que você gostaria de ouvir hoje?

—Uma história de lagarta, responde ele.—Quero uma história de cavalo, pede outro. —Ora, isso é uma coisa boba! diz o terceiro. —Que tal um grande combate entre aviões?

É obvio que o programa está traçado. Para ser agradavel a todos, começaremos com um cavalo que tinha por amiga uma lagarta. Ambos eram patriotas e, quando veio a guerra, se alistaram no exército. Naturalmente, ainda não havia fardas para todos e, em consequência, os dois recrutas foram incorporados ao serviço secreto para misteres de espionagem.

A lagarta viajou para o Japão como passageira clandestina (explique-se o que vem a ser *clandestina*) num transporte marítimo de ameixas para os soldados. O cavalo foi para o Alasca e atravessou a nado o Estreito de Bering (defina-se o estreito e mostre-se onde fica o Alasca no mapa). Afinal, os dois se encontraram mais tarde na corte do Micado, a lagarta disfarçada num bicho de seda e o cavalo passando por ser primo do cavalo branco do Imperador.

Numa noite em que se achavam escondidos foram descobertos pelos japoneses. A lagarta pulou nas costas do amigo e correu a toda para um aeroporto, de onde escaparam voando dalí num aparelho roubado (aquí estala uma discussão sobre os diferentes tipos de avião, B-29, Zero de combate e outros).

O momento culminante chegou com o combate entre aviões. Evidentemente, deve-se tambem dar uma palmadinha nas costas da mulher para acabar com o riso abafado que a sufoca... Mas é claro que todos tiveram um instante maravilhoso.

Há outros benefícios diretos em permitir que os garotos tenham papel ativo na construção de uma história. Não importa o resultado, mas os minutos que se ganham enquanto eles urdem seus enredos são de preciosa tranquilidade, interrompida apenas pelo bum-bum-bum-bum dos canhões e de outras armas. Às vezes, conseguimos ler um jornal, findo o jantar. E, de certo, economizamos algum dinheiro por não ter que adquirir livros de histórias para as crianças. Não sei como as coisas se passam noutras casas, mas, na minha, há dias em que não se pode andar direito, tal a profusão de revistas ordinárias que os garotos deixam ficar sobre o tapete. Se os subornarmos com as nossas próprias histórias, podemos habituá-los a ler só um livro de histórias por semana.

Mas, muito mais importante do que nossa paz de espírito e os niqueis que podemos economizar é o desenvolvimento daquilo que se convencionou chamar carater. Compete aos pais estabelecer o devido equilíbrio entre o conceito que a criança tem do mundo e a realidade, acentuando a distinção entre o truncamento dos fatos e a verdade nua e crua. Contar histórias é um maravilhoso meio de realizar esse processo, pois toda história é apresentada como uma simulação. Uma vez que o elemento concreto de simulação seja estabelecido, até o trabalho disciplinar se torna mais facil.

—Pendurei minha capa, sim! diz Carl, visivelmente zangado.

—Está certo disto? Ou é só fingimento? pergunta-lhe sua mãe. O casaco estava caido no chão, bem distante do cabide, o que mostra não ter caido deste, e a conclusão é óbvia.

Há indubitavelmente outras virtudes no velho costume de contar histórias. Tivemos em casa, certa noite, um senhor que se dedicava a trabalhos de psicologia social. Depois que os garotos foram deitar-se ele começou a falar sobre a solidariedade da família e as inibições infantís libertadas. Nessa noite eu havia contado aos garotos uma história sobre a Velha Minhoca que caminhava, saltando aquí, saltando alí, em cima da relva seca ou chapinhando no lamaçal. A velha Minhoca casualmente comera um pedaço de borracha, de modo que tinha elasticidade excepcional em suas lutas com o Pintarroxo.

É claro que todo o conhecimento do homem foi por água abaixo quando ele se pôs a pensar sobre a minhoca, sobrevindo-lhe um frouxo de riso que o fazia esguichar a bebida que tinha levado à boca. Donde se conclue que, apesar da complicada terminologia dos psicólogos, nada é mais eficaz que o simples divertimento.

Contar histórias a garotos é um divertimento ao alcance de qualquer pessoa. Acreditem-me, pois tudo o que se faz preciso para isso é ter língua. As crianças estão num mundo que as confunde, e se deliciam em ouvir uma voz que as entretenha. Assim, contemos-lhes histórias e teremos uma dose a mais de diversão no lar.

A natureza irreprimivel...

VIAJANDO de automovel pelo deserto do Arizona, onde a água cantava docemente na represa do sistema de irrigação bem ao lado da estrada, notei que as árvores, à beira desta, tinham altura uniforme e eram separadas por espaços iguais. Achando estranho o fenômeno, pedí explicação dele a um habitante da localidade, que me informou: —É que essas árvores eram, antes, postes de uma cerca.

Pensei que estivesse caçoando, mas mais tarde me confirmaram o que ele acabara de dizer: naquela região a terra é tão rica, e brilha o sol com tamanho esplendor, que, iniciando-se a irrigação, com água abundante, a «cerca» absorveu, gratamente, o líquido, criou raizes, ramos e flores, e se transformou naquela esplêndida fila de choupos.

—Frank Case, *Do Not Disturb* (Stokes, ed.)

DURANTE o *Blitzkrieg* na Inglaterra, faltou areia, certo dia, num hospital, para os sacos com que se protegia o prédio, e estes foram então cheios com terra e areia de jardins públicos. Os sacos de areia cumpriram sua missão por todo o inverno. Ao chegar a primavera, porem, eis que surge uma transformação. Por pequenas soluções de continuidade nos sacos, começaram a aparecer brotos, e daí a pouco toda a barricada florescia com narcisos amarelos dos mais lindos.

—V. Sackville-West, *Country Notes in Wartime* (Hogarth Press, ed.)

Cavaleiro da selva

Por Donald Culross Peattie

RENÉ ROBERT CAVELIER, *Sieur* de La Salle, contava apenas 23 anos quando, ao aproximar-se do Novo Mundo o seu navio, viu pela primeira vez erguer-se acima das espumas do oceano o agreste litoral da Nova França ou Canadá. Da nobre família de que provinha, tinha recebido como herança uma bela aparência, as boas maneiras e a robusta saude —em suma, todos os bens que possuia neste mundo, se excetuarmos a lâmina nervosa e reluzente da sua espada de fino aço. Foi com esta exígua bagagem, sem nada de seu nem o patrocínio de nenhum maioral da terra, que ele se propôs lançar um desafio à selva norte-americana. Essa espada era a mesma que havia de abrir caminho através da cerrada floresta que era a América de então, duzentos anos antes que o machado dos pioneiros viesse enfim talhar uma nação no seio de um continente ainda primitivo.

Em 1670 a França tinha um pé no continente americano, e seus missionários e caçadores de peles estavam rompendo caminho para oeste e para o sul, ao longo dos Grandes Lagos. Mas, para poder consolidar seu império do Novo Mundo, a França necessitava de exploradores-soldados e de praças fortes, porque os ingleses sonhavam tambem empreender conquistas para alem dos Aleganis, e a Espanha já alongava a mão-de-ferro de seus conquistadores para reclamar vastos territórios a norte e a este do México.

Foi assim que o governador Courcelle, aquartelado em Quebec, confiou ao jovem aventureiro La Salle, fazendo-o acompanhar de um grupo de padres e «corredores dos bosques», a delicada missão de inserir uma cunha por obra a um tempo da cruz e da espada, entre os territórios cobiçados pela Espanha e pela Inglaterra. Estando já a caminho, a expedição esbarrou de cara com Louis Joliet, que retornava das solidões interiores trazendo na sua mão bronzeada o primeiro mapa dos Grandes Lagos. Esse encontro foi decisivo para a carreira de La Salle e para a história da América do Norte, porque deu em resultado dividir sua expedição em dois grupos. Inflamados de zelo missionário, os sacerdores resolveram encaminhar-se para a região de Maquinaque, onde iriam pisar terreno já conhecido; mas La Salle, ansioso de des-

bastar virgens impérios, enveredou para o sul, através das grandes florestas da região que mais tarde viria a chamar-se Ohio. Tinha como objetivo nada menos que atingir o lendário «Pai das Águas», o caudaloso Mississipi, e por esse meio riscar do mapa as vagas pretensões que os espanhóis nutriam quanto ao mesmo.

Durante os dois anos seguintes de deambulação, nem La Salle saberia dizer ao certo onde se encontrava: a julgar pela descrição que depois deu, eram talvez as pradarias do Ilinóis. Mas onde quer que ele se encontrasse, a verdade é que a travessia da selva ia temperando o jovem explorador, forjando nele uma lâmina de aço, verdadeira arma de império que só esperava a mão do estadista competente que soubesse brandí-la.

Essa mão seria a de Frontenac, pouco depois nomeado para suceder a Courcelle no governo da Nova França. A Frontenac relatou La Salle, no seu regresso, aquilo que vira no coração do continente: florestas suficientes para reconstruir todas as cidades e esquadras da Europa; peles em quantidade capaz de bater o tráfico de peles da Rússia; humus negro e profundo à espera da charrua; tribos de índios aguerridos, que era possivel exercitar para transformá-los em barreira atravessada no caminho dos ingleses. E com isto, algures, para alem dos horizontes da planície, desenrolava-se um rio de águas poderosas, verdadeira estrada posta alí por Deus para que o homem pudesse penetrar nas solidões do imenso continente... La Salle já imaginava um império rico de trigo, madeiras, peles, cidades. Da sua estatura de profeta ou sonhador de império, podemos ajuizar ainda hoje pelos nomes das cidades que se haviam de erguer mais tarde nos pontos onde ele foi o primeiro europeu a assentar arraiais: Búfalo, Louisville, Detroit, Milwaukee, Chicago, São Luiz, Nova Orleãs, Gálveston, Houston... ou seja, toda a extensa faixa de terras que se desdobra do Canadá ao delta do Mississipi e ao Texas.

Guardando só para si o segredo de seus planos, La Salle embarcou para a França, e aí, assumindo o papel de cortesão, que execrava, obteve uma audiência com Luiz XIV, em quem foi encontrar um homem capaz de ombrear com ele em amplitude de vistas e em decisão. La Salle saiu do gabinete de audiência com um título de nobreza e o posto de comandante do Forte Frontenac, à margem do lago Ontário. Conseguira, alem disso, que o rei lhe concedesse, com exclusividade, todo o tráfico de peles das regiões abrangidas na sua exploração.

Os grandes mercadores de peles de Quebec não ficaram nada satisfeitos quando souberam da notícia: se consentissem que La Salle se metesse mais uma vez pelas terras do Ilinóis a dentro, iria quebrar o monopólio de que eles eram detentores no comércio das peles e os preços destas iriam por água a baixo. A esses honrados negociantes pouco importava que Luiz XIV conquistasse ou não um império—contanto que eles não perdessem o seu. De acordo com isto, não houve recurso de que não lançassem mão para obstar à partida de La Salle. Persuadiram os credores deste a executar-lhe as propriedades por dívidas. Um dia o explorador encontrou veneno na comida. Quando andava construindo um navio perto do sítio onde hoje é Búfalo, alguem subornou um punhado de índios iroqueses para pegar-lhe fogo. O pessoal da expedição foi secretamente infiltrado de homens propositadamente engajados para fazê-la fracassar—entre outros, o próprio piloto do navio de La Salle. Mas, tendo falhado todos os atentados contra a expedição, em 1679 a *Griffin* desfraldou enfim as velas sobre as águas do Érie, sendo assim o primeiro navio de guerra que sulcou os Grandes Lagos. Na companhia de La Salle jornadeava um maneta, o soldado italiano Henri de Tonti, seu irmão de armas e amigo da vida inteira; apesar de pouco dado a expansões sentimentais, La Salle consagrava a Tonti um carinho tal como nunca dedicou a mais ninguem.

Chegados que foram a Maquinaque, último posto avançado da civilização na imensidade de um continente escassamente povoado de índios, La Salle recambiou o *Griffin* carregado de peles, que viera comprando pelo caminho, para pagamento das suas dívidas. Como todas as suas outras expedições, esta aventura fora financiada por amigos, parentes e negociantes moradores no Canadá. No entanto, da mesma maneira que Colombo, La Salle estava condenado a nunca tirar qualquer proveito comercial das suas viagens. As impertinentes exigências de liquidação das dívidas o perseguiam por toda parte como cachorros, rosnando-lhe nos calcanhares onde quer que ele fosse; os embaraços de dinheiro pareciam apostados em acompanhá-lo mesmo aos recantos mais remotos da selva.

O outono já tingia as folhagens de escarlate e ouro quando La Salle, com suas quatro canoas bem atulhadas de carga, iniciou o avanço para o sul, bordejando ao longo da praia oriental do Lago Míchigan. Lutando contra a floresta primitiva e os pântanos, Tonti marchava paralelamente, em terra, com a sua expedição pedestre. Enquanto esperava por Tonti e pelo regresso do *Griffin*, La Salle edificou o Forte Miami na embocadura do rio São José. Tonti acabou chegando, mas do *Griffin* nem notícia. O gelo ia-se acumulando nos rios e ribeiros, e nada de chegarem as provisões nem os reforços cuja necessidade se tornava mais premente com a aproximação do inverno. Quase privados de tudo, La Salle e seus homens meteram-se através da selva em direção ao rio Ilinóis. A grande distância avistavam-se aquí e alem os incêndios circulares postos pelos índios da planície, que desse modo cercavam e batiam a caça. Mas para La Salle e sua gente a selva nada oferecia senão frio e fome, intermináveis carretos e pavorosos chavascais. Os índios tratavam-nos bem e deixavam-nos seguir, mas, ao mais ligeiro passo em falso, a precária hospitalidade dos naturais podia transformar-se em raivosa hostilidade. O caso é que os traficantes de Quebec tinham mandado alguns índios miamis para o Ilinóis, incitando-os secretamente a degolar os franceses, se os pegassem dormindo. Mas La Salle tinha um condão especial para tratar com os selvícolas: pródigo em presentes, impante e soberbo de oratória, nunca deixava transparecer indícios de fadiga ou sofrimento. Graças a seu talento e energia, conseguiu converter toda a confederação dos ilinóis em baluarte ao serviço da França.

Apoiando-se na aliança com os indígenas, La Salle erigiu à margem do Ilinóis o segundo elo da sua cadeia de fortalezas: o Forte Crévecoeur. Mas faltavam-lhe quase todos os recursos para o manter. Resolveu deixar Tonti na guarnição do posto com alguns homens, e partiu de regresso ao Canadá, onde o esperavam as notícias mais desanimadoras: o *Griffin* desaparecera como por encanto, perdendo-se com ele todas as peles do seu carregamento, e os credores de La Salle, para se pagarem das suas dívidas, tinham-se apoderado do armazem de peles que ele possuia no Forte Frontenac. Daí a pouco chegava um mensageiro de Tonti: os homens da guarnição do Forte Crévecoeur tinham desertado! Logo nas pega-

das do primeiro, chegou outro estafeta para anunciar que os desertores haviam assaltado o Forte Miami, ateando-lhe fogo e fugindo com as peles alí acumuladas por La Salle. Agindo com a rapidez do raio, o explorador pegou os facínoras numa cilada, quando eles já se dispunham a assaltar de surpresa o Forte Frontenac, e foi entregá-los à dura justiça do governador.

E lá voltou mais uma vez este homem inquebrantavel, a caminho do Ilinóis, munido de fundos em parte mendigados, em parte tomados de empréstimo, e em parte arrancados a saca-rolhas ao governo e às pessoas gradas de Quebec. Mas foi dar com o Forte Crévecoeur reduzido a um montão de escombros: por toda parte os cadáveres retalhados e carbonizados denunciavam a vitória dos bravos iroqueses. O próprio Tonti levara sumiço. Transbordante de dor e de raiva, La Salle bateu os escaninhos da floresta em busca do amigo, jurando encontrá-lo ainda que para tanto tivesse que reduzir a pó todas as aldeias iroquesas do continente. Já tinha quase perdido as últimas esperanças quando, finalmente, conseguiu encontrar o amigo em Maquinaque: selaram com um abraço a alegria desse encontro, que marcou o renascimento exuberante dos seus planos e ambições de conquista.

O irresistivel magnetismo pessoal do explorador provocou nova onda de entusiasmo e lealdade entre os índios ilinóis, desencorajados pela derrota. Em dezembro de 1681, La Salle mergulhou mais uma vez na selva, acompanhado dos seus audazes capitães Tonti e La Forreste, de 23 franceses, uma horda variegada de peles-vermelhas, o bom padre Zenóbio Membre, e Nica, seu fiel guia indígena. Instalaram as canoas, os instrumentos, provisões e munições nos trenós, e partiram para o sertão inteiriçados de frio, deslizando sobre a estrada de cristal que o Ilinóis, gelado, lhes oferecia. Quando o gelo cedia sob o peso, lançavam-se as canoas à água; até que, a 6 de fevereiro de 1682, o Mississipi os acolheu na sua corrente côr de barro, e os arrastou rapidamente para o sul.

Para o sul se deixaram ir à deriva; passaram em frente da boca do Missuri, depois do Arcansas, ponto extremo das explorações de Marquette e Joliet, o imenso rio sempre se alargando, com os melancólicos ciprestes alinhados ao longo das margens. A 9 de abril desse ano desenrolou-se enfim, em frente deles, a radiosa perspectiva do mar, e os expedicionários viram que era chegado o termo da sua longa jornada. O padre Membre entoou o *Te Deum*, as armas de fogo salvaram, e os índios deram gritos de júbilo. La Salle ergueu um padrão inscrito à maneira dos navegadores, e crismou toda aquela terra com o nome de Luiziana, como preito ao rei da França, em nome do qual tomou posse de todo o Pai das Águas.

Sabendo que para firmar a posse, bastante discutivel, de tão vastos territórios, lhe seria necessário uma colônia guarnecida de tropas e artilharia, La Salle regressou a Quebec com o plano de recrutar os homens e reunir os materiais indispensaveis para edificar e guarnecer essa nova posição. Mais uma decepção o esperava alí: foi encontrar seu amigo Frontenac destituido do governo e, no lugar dele, um funcionário hostil, que se dera pressa em escrever a Luiz XIV, intrigando contra o explorador. O desastre não ficara aí: o novo governador, para dar-lhe o golpe de misericórdia, rematara sua obra de perseguição apreendendo todos os bens que La Salle possuia no Canadá.

Arruinado, vendo seus esforços coroados de ingratidão, La Salle embarcou uma vez mais para França. Aí, tendo conseguido fazer-se escutar pelo rei, virou este por seu turno contra os inimigos que tinham tentado cavar-lhe a desgraça. Com sua persistência e poder de convicção, conseguiu levantar verdadeira fortuna em subsídios para a expedição colonial ao delta do Pai das Águas. Persuadido uma vez pelo fervor comunicativo de La Salle, o Rei Sol confiou-lhe a fundação de uma colônia francesa na embocadura do Mississipi, a abertura duma estrada de comércio entre os Grandes Lagos e o Golfo do México, e o estabelecimento duma aliança com todas as tribos índias da região, na hipótese, claro está, da submissão das mesmas pela força. Confiou ainda a La Salle a missão de organizar expedições na direção do Oeste, com o fim de arrancar o Novo México aos espanhóis. A grandeza esmagadora desse plano de ação era de jeito a fazer vacilar mesmo um homem da estatura de La Salle. Com efeito, a partir desse momento, a sua faculdade de julgamento deu sinais de fraqueza; talvez conciente disso, La Salle hesitou, duvidou de si mesmo e ainda mais dos outros, tornando-se áspero e inabordavel.

A grande expedição colonial e militar constava de quatro navios, 100 «soldados» (na maioria mendigos profissionais), alguns mecânicos e braçais de má morte, «gentís-homens» para quem a espada constituia o único recurso de vida, o eterno padre Membre, um bando de meninos orfãos, e uma caterva de moças que iam à cata de marido. Acrescente-se a tudo isso um número excessivo de missionários, na sua maior parte irremediavelmente mal apetrechados para servir em terras de infiéis.

A fortuna de La Salle tinha virado no momento supremo: devido ao seu erro de cálculo, a esquadra foi parar a uns 700 quilômetros para oeste das bocas do Mississipi. Por muito espantoso que pareça, o fato é que o explorador, embora houvesse sido capaz de tomar a latitude no delta do grande rio, não soubera como determinar a respectiva longitude. A armada andou assim, cega e perdida, tateando ao longo das dunas e lagunas do litoral texano, até que num dia de má sorte, tomando a baía, que hoje se chama de Gálveston, pela embocadura ocidental do Pai das Águas, La Salle mandou desembarcar alí a colônia. Um dos navios foi logo a pique nos bancos de areia, e o comandante naval da expedição, um tal Beaujeu, receoso daquela costa traiçoeira, levantou ferro com o navio-capitânia, deixando somente a La Salle o pequeno *Belle*, que daí em diante ficou sendo o único traço-de-união da colônia com o resto do mundo.

Foi nesta costa hostil e selvagem que La Salle ergueu os símbolos valorosos do seu sonho—um forte, uma capela, uma paliçada com seteiras para oito canhões, cuja munição, à falta de melhor, eram zagalotes de mosquete. A colônia, crivada de doenças contraidas nos paues e nos lupanares das Índias Ocidentais, minguava pouco a pouco. Morreram umas 30 pessoas, e enquanto La Salle andava por fora na sua primeira tentativa para encontrar de novo a boca do Mississipi, o *Belle* foi a pique tambem, perdendo-se quase todas as reservas de comestiveis, vestuário e munições que estavam a bordo. Quando, meses depois, após muitas marchas forçadas e combates com os índios, La Salle regressou à colônia com suas hostes dizimadas, e o grande rio ainda rolando, enigmático e oculto, para alem do horizonte sem fim, a notícia da perda do *Belle* deu-lhe um violento choque, e o explorador tombou sob um ataque de febre cerebral.

Em breve, porem, estava de novo em pé e a caminho, mais uma vez batendo os trilhos do continente para ir buscar socorros no Canadá. Entretanto, os descontentes que ele deixara atrás de si, na colônia, levavam o melhor do seu tempo provocando desordens. À rebelião que já lavrava vieram somar-se, pouco a pouco, o negro desespero e a hostilidade dos naturais.

Correram meses neste estado de coisas, até que certa noite uma sentinela ouviu bradar, através da escuridão da selva, a voz de La Salle que enfim regressava. Mas regressava mais pobre do que partira: não trazia consigo as tropas que contara recrutar no Canadá, e em vez delas acompanhavam-no apenas, mais mortos que vivos, oito sobreviventes do bando que partira na sua companhia. Chegou aquele triste Natal de 1686, e a colônia viu-se reduzida a beber água fria, em vez do vinho da consoada. Até os mais confiantes devem ter percebido que La Salle estava perdido sem remédio num vasto continente inexplorado, e que as suas sortidas eram tão erráticas e baldadas como era desanimador permanecer no forte, esperando que o fim chegasse.

Não obstante, só havia uma coisa a fazer: tentar e tornar a tentar. Desta vez La Salle decidiu levar consigo os peores malfeitores e descontentes da colônia. Mas os conjurados, ao abrigo da selva, degolaram no sono os sobrinhos de La Salle e o guia indígena, Nica, que expirou sem ter sequer o ensejo de se defender. Em seguida os celerados emboscaram-se entre o capim, armando uma cilada ao próprio La Salle, e quando o viram acercar-se, crivaram-no de balas. O mais empedernido dos miseraveis lançou nos ombros a maravilhosa capa escarlate do chefe, com as suas bandas bordadas a ouro. Desvestido e conspurcado, o cadaver foi levado de rastos para o mato e abandonado alí. Nem sequer a terra vegetal da selva recobriu os restos mortais do maior dos homens que o continente norte-americano tinha então.

Assim, a colônia do Texas, sonho supremo de La Salle e seu mais heróico fracasso, ficou abandonada à sorte. Quando mais tarde alí chegaram para destruí-la, os espanhóis encontraram apenas ruinas enegrecidas pelo incêndio e os cadáveres esquartejados dos antigos moradores—testemunho horrivel de que os índios tinham passado por alí primeiro.

Ao penetrar d'Iberville, 14 anos depois, na embocadura do Mississipi com uma esquadra francesa para fundar Nova Orleãs, um chefe dos índios fiéis foi entregar-lhe um papel, que era uma carta esmaecida pelo tempo: dirigida a Robert Cavelier, *Sieur* de La Salle, nela se relatava como o dedicado Henri Tonti percorrera debalde todo o caminho até à foz do rio fatídico, em busca do companheiro e amigo para sempre perdido.

Espelho da natureza humana

Os ANIMAIS refletem o meio em que vivem; suas fisionomias cobrem-se de inteligência ou estupidez, segundo as pessoas com quem vivem. Os animais domésticos tornam-se bons ou maus, francos ou manhosos, sensiveis ou obtusos, refletindo não só o que lhes ensinem os donos, mas a própria personalidade destes.

—Romain Rolland, *Jean-Christopher*

Com uma idéia e a iniciativa para pô-la em prática, o candidato a um emprego elimina 99 por cento dos concorrentes

Invente seu próprio emprego

(Condensado de «Forbes»)

Por James D. Woolf

Ex-Vice-Presidente da J. Walter Thompson Co.

A NÃO SER que o empregador a quem solicitamos um emprego tenha um trabalho específico a ser executado, é provavel que nos responda: «Sinto muito, mas não precisamos de ninguem, no momento.»

Quando isso acontece, é bom não esquecer que o empregador pode estar enganado, porque muitas vezes acontece haver trabalho à espera de alguem dotado de imaginação bastante para *criar* um emprego.

Aprendí isso quando menino. Ansioso por ganhar algum dinheiro mais, procurei serviço em todas as três confeitarias da minha pequena cidade natal. Queria qualquer trabalho, e não conseguí nada. Mas daí a poucos dias uma das casas tinha empregado outro rapazola. Enchendo-me de coragem, quis saber o motivo, e o gerente me explicou: «Quando você me perguntou se havia algum emprego aquí, eu achei que não havia. Mas é que esse outro rapaz apareceu com uma idéia nova: ele tem bicicleta, e sugeriu que eu iniciasse um serviço de entregas a cargo dele. É uma novidade na terra, e vai dar resultado.»

Eu tambem tinha bicicleta, mas a mim faltara o que o outro havia usado: uma idéia.

Certo amigo meu, que durante muitos anos dirigiu, com grande êxito, a seção esportiva de um jornal, tambem criou a oportunidade para seu primeiro emprego. Seu ideal era trabalhar num jornal, e o único que havia na vila não tinha vagas. Começou então a estudar o jornal, para observar suas deficiências, e acabou verificando uma falta quase completa de notícias esportivas e de informações sobre coisas da lavoura.

Uma semana depois, apareceu novamente na redação, com duas idéias, e um monte de jornais para justificá-las. Naquela semana ocorreram diversos acontecimentos esportivos e ele apresentou ao redator uma resenha desses fatos, como amostra para uma crônica esportiva, sugerindo em seguida tambem a criação de outra seção, «O que vai pelo campo», com uma série de pequenas notícias que ele havia obtido entre os lavradores. Foi colocado no mesmo instante.

Recentemente, um rapaz, que havia trabalhado numa fábrica de material de guerra na Califórnia, obteve trabalho de maneira semelhante. Bom mecânico, apresentou-se ao dono de uma garage. Não havia trabalho! Mas o jovem não desanimou: ofereceu-se para ajudar o serviço, sem remuneração, e o homem concordou. A garage só tinha um caminhão para consertos de urgência, e por essa razão muitos chamados não podiam ser atendidos. O nosso rapaz viu uma motocicleta quebrada e encheu o «sidecar» com ferramentas de consertos, para chamados de emergência. O dono da garage ficou tão satisfeito que lhe deu

emprego permanente e bem remunerado.

Simples idéias? Talvez. Mas considerem o seguinte: durante mais de trinta anos, como gerente de uma agência de publicidade, conversei pelo menos com cinco mil pessoas que procuravam trabalho, e não chegou a cincoenta o número das que tinham sequer uma simples idéia que se aplicasse ao nosso serviço.

Para ter idéias, é preciso observar sempre, com espírito crítico, os trabalhos que estão sendo mal feitos. A indiferença alheia pode significar oportunidade para nós. Veja-se, por exemplo, o caso de um homem que começou a vida como jornaleiro; observou que os rapazes que distribuiam as papeletas as desperdiçavam.

«Que resultados se poderiam obter,» pensou ele, «se essas circulares fossem entregues pessoalmente às donas de casa!» Tendo apresentado sua idéia ao dono de uma nova loja que se ia abrir, conseguiu o trabalho de fazer a distribuição das circulares.

Foram-lhe necessários quatro dias para executar o serviço, que outro qualquer teria feito em um só. Mas no dia da inauguração houve tal afluência de pessoas à loja, que esta quase precisou cerrar as portas. O rapaz das circulares foi empregado, e, acredite-se ou não, quatro meses depois era nomeado gerente de outra casa da mesma cadeia de lojas. E tinha somente 16 anos!

Outra coisa que é preciso ter sempre em mente é o uso de idéias já levadas a efeito por outros, com êxito. As idéias só precisam ser originais no que se refere às possibilidades dos negócios do nosso patrão em perspectiva. Observando-se os anúncios dos jornais, podem-se encontrar novos métodos de serviço para as casas comerciais; ou, estudando-se o catálogo de telefones, vêem-se muitos anúncios de negócios especializados, com novas facetas, em que certa habilidade ou experiência pode vir a calhar.

O rápido desenvolvimento dos novos campos de atividades—televisão, ar condicionado, aviação civil, e tantos outros—apresenta vasto horizonte à imaginação e aos espíritos empreendedores. Os que buscam trabalho, hoje em dia, deparam em toda parte com novos problemas ainda não solucionados, e com velhas questões que exigem soluções mais adequadas. As necessidades do período de após-guerra, em constante processo de transformação, oferecem oportunidades sem conta—aos que são capazes de compreender e aproveitar essas oportunidades.

O fardo do orador . . .

Quando me fiz pastor protestante, fui convidado a pregar num pequeno colégio no interior dos Estados Unidos. Era jovem, e a ambição ainda suplantava, em mim, a prudência; assim, sobrecarreguei minha oração de imagens e comparações, e só terminei quando já passava do meio-dia.

Ao fim do serviço religioso, o diretor do colégio, chamando-me a um canto, murmurou: —Você falou com clareza, e seu pensamento é bom; mas aceite um conselho: antes de fazer entrega do algodão, é sempre melhor enfardá-lo...

—*Albert C. Griffin*

Como tornar efetivos os acordos internacionais

Por Walter Lippmann

*Condensado da coletânea «One World or None»**

Para o sr. Lippmann, um dos comentadores políticos mais argutos da América, as Nações Unidas não foram organizadas concientemente como utopia, sendo antes produto natural das alterações profundas, introduzidas recentemente no capítulo das relações humanas. Walter Lippmann sustenta a opinião de que o direito de veto das cinco grandes potências, longe de ser uma deficiência funesta da ONU, constitue a garantia da sua força e capacidade de realização. Ele vê consubstanciada na ONU a idéia de uma verdadeira república mundial, a cuja execução compete aos Estados Unidos abrir caminho.

Não há, em nenhum país, muitas pessoas que acreditem na possibilidade de regular ou proibir a guerra ou o emprego de certas armas, mediante tratados internacionais. Durante os vinte anos que transcorreram entre 1919 e 1939 assinaram-se e ratificaram-se numerosos tratados desse tipo. Contudo, nenhum deles conseguiu evitar, ou sequer atenuar, a violência e o horror da Segunda Guerra Mundial. As nações agressoras não respeitaram suas cláusulas e os demais países aderentes não conseguiram impor seu cumprimento. Hoje é impossivel depositar confiança em novos tratados do mesmo tipo.

Apesar disso é evidente que o único caminho para *iniciar* o estudo do problema consiste na execução de tratados internacionais de qualquer espécie. Somente mediante um tratado, que as nações soberanas se obrigam a ratificar, será possivel adotar uma proposta de carater mundial. Teremos, portanto, que investigar as causas da deficiência dos tratados anteriores, e, se o diagnóstico for correto, talvez nos permita descobrir a cura.

O cumprimento de quase todos os tratados e preceitos de direito internacional, sob a forma contemporânea que conhecemos, dependia essencialmente do desejo e capacidade que tinham as nações soberanas de impor sua execução a outras

*Editada por McGraw-Hill Book Co., Inc., 330 W. 42nd St., Nova York 18, N. Y.

nações soberanas. Não havia outros métodos de infundir o respeito pelas obrigações contraidas e os paises signatários deviam estar preparados e dispostos a declarar guerra às nações transgressoras. Isso mesmo se observava com certas medidas de *quase beligerância*, tais como a ruptura de relações diplomáticas, os embargos e o bloqueio. A eficiência de qualquer sanção depende exclusivamente do seu valor como exemplo e aviso de futuras sanções mais graves. O mundo teve disso o exemplo nos casos do Japão e da Manchúria, da Itália e da Abissínia e da Alemanha e da Áustria. As sanções iniciais não produziram o efeito necessário porque os paises que as aplicaram não estavam preparados para recorrer à penalidade mais grave—a guerra—nem a desejavam.

A imposição do cumprimento dos tratados internacionais, por nações soberanas contra outras nações tambem soberanas, tem o nome de segurança coletiva. Todavia, nenhuma nação pode ou deseja confiar em tratados internacionais dessa índole. E porque? A explicação é simples: porque o remédio é peor que a doença. Os paises pacíficos têm que estar dispostos a recorrer à guerra para evitar a própria guerra! Essa solução é de tal modo brutal, dispendiosa e repelente, que as nações pacíficas, a quem compete aplicá-la, não querem recorrer a ela.

É essencial que sejamos claros nesse ponto, pois é dele que depende tudo mais. Tem-se afirmado muitas vezes que a simples ameaça do emprego da força coletiva é suficiente para evitar que um país pratique atos suscetiveis de causar a guerra. A afirmação é verdadeira se a ameaça tambem o for, isto é, se não consistir apenas em um gesto sem valor ou em um blefe. Os líderes das nações agressoras não devem ter a mínima dúvida de que os outros paises estão dispostos a recorrer à guerra, e totalmente preparados para ela.

Quando se enumeram essas condições, deve-se ter presente a extrema improbabilidade da sua existência em tempo de paz. Com efeito, os problemas em litígio, durante as primeiras fases de qualquer campanha de conquista, são geralmente obscuros e não têm grande importância para os paises a quem cabe o maior esforço no sentido da segurança coletiva. Mencionaremos como exemplos a conquista da Manchúria em 1931-32, a ocupação da Abissínia em 1935, a guerra civil espanhola em 1936 e o episódio da canhoneira *Panay*, em 1937. Para evitar a guerra é indispensavel que a segurança coletiva seja eficiente nessas fases iniciais da agressão. Contudo, é precisamente nesse período que ela tem menores resultados, pois não é possivel esperar que as nações pacíficas declarem imediatamente a guerra devido a problemas que não passam, aparentemente, de simples disputas. Isso mesmo é visivel ao agressor e leva-o a desprezar como blefes todas as ameaças de ação coletiva.

A ameaça da guerra coletiva não é realmente um meio de impor o cumprimento das obrigações internacionais. É antes medida de desespero, a ser usada apenas quando se tenha perdido a confiança nos tratados, quando a paz do mundo já tenha sido destruida sem remédio e quando as nações pacíficas forem compelidas a recorrer às armas para defender sua própria existência.

Enquanto o problema em causa não afeta a existência das grandes nações, estas não adotam o método da segurança coletiva. Portanto, não se trata de um processo vulgar de coação latente, como, por exemplo, o que se pode adotar para

assegurar a fiscalização dos laboratórios e fábricas em que se estuda a desintegração do átomo. Nas grandes cidades seria dificil considerar como medidas destinadas a fazer respeitar a lei as que a polícia adotasse contra os criminosos, e em virtude das quais tivesse que começar pela destruição do tribunal, da cadeia e das residências dos cidadãos.

A segurança coletiva pretende alcançar a paz pela aplicação da lei, exigindo que grandes massas populares inocentes se aprestem para exterminar grandes massas de população tambem inocentes. Certamente não é possivel fundar um regime de ordem baseado em semelhante princípio. Faltar-lhe-ia o apoio dos homens civilizados e, principalmente, dos democratas que respeitam o indivíduo e que consideram como preceito elementar de justiça a distinção entre inocentes e culpados.

O princípio político fundamental capaz de solucionar essas dificuldades torna-se visivel por si mesmo, uma vez que se compreendam com clareza os motivos que fazem da segurança coletiva um péssimo método de impor o cumprimento das leis e tratados. *Esse princípio consiste em considerar os indivíduos—e não os estados soberanos—como os objetos dos tratados internacionais; em fazer com que as leis atuem sobre os cidadãos.*

Tal doutrina não é nova no próprio campo das relações internacionais contemporâneas, em que o domínio da soberania nacional tem sido tão absoluto. Há vários casos de responsabilidade individual estabelecida por tratados ou pelo direito internacional: o Tratado de Supressão do Tráfico de Escravos Africanos, de 1862; a Convenção Internacional para a Supressão do Tráfico de Mulheres e Crianças, de 1921; a Convenção Internacional para a Supressão do Comércio de Publicações Obcenas, de 1923; e a Convenção Internacional para a Supressão da Moeda Falsa, de 1929.

Ao examinar o efeito da aplicação desse princípio sobre os problemas mundiais de hoje, devemos evitar todas as confusões a que pode dar lugar a palavra «governo». Esta sugere a existência de poderes legislativos, executivos e judiciários mundiais e de um exército internacional, e é possivel que essas instituições, ou algumas delas, não sejam desejaveis. Em todo caso não temos que discutí-las *agora*, pois o princípio de que as leis internacionais devem atuar sobre os cidadãos pode ser aplicado imediatamente, em bases construtivas, sem necessidade de assumir compromissos sobre a organização de quaisquer instituições de um governo mundial.

Tal princípio é particularmente adequado ao problema que na Conferência de Moscou, de dezembro de 1945, os ministros das Relações Exteriores da Rússia, Inglaterra e Estados Unidos resolveram apresentar à Comissão de Controle da Energia Atômica, a ser criada, tambem a seu pedido, pela Assembléia Geral das Nações Unidas. A Comissão deve tomar as medidas necessárias para assegurar «a permuta de informações básicas de carater científico, para fins pacíficos», destinadas a permitir «o controle da energia atômica em termos que limitem o seu uso a aplicações pacíficas» e a «suprimir da lista de equipamento bélico das nações as armas atômicas e outras armas de destruição sistemática».

É evidente que esses preceitos afetarão a atividade de um número consideravel de cidadãos de todos os paises, e terão que ser respeitados por cientistas, industriais, funcionários públicos, inspetores, magistrados, comandantes militares,

diplomatas e chefes de estado. A eles incumbirá fiscalizar o seu cumprimento.

PARA QUE a humanidade possa ter confiança no cumprimento da lei por tão grande número de pessoas, é necessário que esses preceitos constituam lei suprema em todos os paises. A simples enunciação desse princípio permite estabelecer imediatamente um critério definido sobre a eficiência das medidas de segurança. Assim, por exemplo, pode-se estipular que nenhuma nação terá direito a ratificar um tratado sem que tenha expressado a sua adesão ao mesmo, mediante a incorporação das respectivas cláusulas nas suas leis nacionais.

Isso, porem, não basta. Como o tratado exigiria que as leis de controle da energia atômica fossem uniformes em todo o mundo, as Nações Unidas poderiam afirmar que todos os cidadãos tinham direito à proteção concedida por essas leis e podiam, tambem, ser perseguidos e punidos pelo poder judiciário de qualquer das Nações Unidas. Nessas condições, os transgressores da lei já não podiam invocar a proteção das autoridades do seu país e seriam considerados como criminosos foragidos, suscetiveis de ser presos e castigados por qualquer nação signatária.

Os cientistas, industriais ou funcionários que desejassem cumprir a lei, mas que fossem coagidos a violá-la por imposição de seu governo, podiam reclamar a proteção das Nações Unidas. Estas teriam direito a exigir explicações caso tais pessoas fossem encarceradas ou conduzidas a campos de concentração. Ninguem seria forçado a obedecer às autoridades do seu país, se tal obediência constituisse violação da lei internacional. Semelhante princípio estaria longe de ser menos patriótico; pelo contrário, as pessoas que denunciassem os transgressores ou conspiradores contra a lei internacional e a lei do seu país praticariam um ato de verdadeiro patriotismo. Os verdadeiros criminosos, os traidores e os transgressores da lei seriam certamente estes últimos e não os seus denunciantes.

Os acordos que foram propostos sobre a energia atômica visam limitar a sua expansão e uso às aplicações pacíficas. Consequentemente, não se pode admitir em nenhuma fase dos trabalhos, desde as pesquisas científicas à extração do minério e à manufatura de armas, a existência de segredos técnicos que permitam a um governo, ou a um grupo de conspiradores, o emprego da energia atômica para fins proibidos por esses acordos.

Felizmente o sigilo absoluto é coisa quase impossivel. Todos os segredos de estado, especialmente os relacionados com a produção de material bélico, têm que ser conhecidos de numerosas pessoas. Uma destas é suficiente para divulgá-lo e sua indiscreção não precisa ir alem da simples informação de que se estão efetuando trabalhos secretos, cuja natureza é conveniente averiguar.

Não devemos partir do princípio de que os paises signatários serão forçados a confiar em quaisquer inspetores das Nações Unidas adornados com placas de identificação ou munidos de carteiras de identidade. Eles poderão dispor dos seus agentes diplomáticos e consulares, do seu próprio serviço secreto e dos jornalistas, negociantes, turistas, missionários e estudantes distribuidos pelo mundo.

As perspectivas de criar medidas eficientes de segurança são ainda mais animadoras no capítulo da energia atômica, porque os depositários do segredo são precisamente os cientistas mais notaveis de cada país, homens eminentes, relativamente pouco numerosos, que se conhecem uns aos outros. É pouco provavel que um país possa recrutar e treinar, em segredo absoluto, um corpo de técnicos em física nuclear, capazes de trabalhar clandestinamente para equipar exércitos com armas atômicas. Os conhecimentos científicos, especialmente neste novo ramo, são quase um assunto de família para os sábios. Estes têm necessidade de trocar idéias e discutir o resultado de suas pesquisas e os homens mais novos devem começar como alunos e discípulos dos mais experientes na matéria.

Tudo indica, portanto, que a família internacional dos cientistas será um dos esteios mais fortes dos tratados internacionais. Sua posição é estrategicamente dominante, por isso que a energia atômica não se pode desenvolver sem o seu auxílio. É certamente entre eles e os seus alunos que será recrutado o corpo de inspetores.

Os tratados repousarão em princípios mais sólidos, não só porque seu propósito é bom, mas porque permitem que os cientistas e técnicos sirvam simultaneamente seus interesses e seus ideais profissionais. É mais facil regular a aplicação de leis como esta, que asseguram a liberdade de ação de massas humanas, do que a de leis que a restringem. Os acordos desse tipo utilizariam a liberdade individual como meio de regular o absolutismo das nações.

Tudo isto será possivel, se os tratados que nos propusermos ratificar forem baseados no princípio fundamental de que os direitos e obrigações que neles se consignam não são aplicaveis somente aos governos, mas tambem aos indivíduos.

ESTAS conclusões, por mais persuasivas que sejam, não teriam todavia valor prático se fossem apenas uma demonstração teórica de que as armas atômicas podem ser devidamente controladas mediante certo processo. É necessário adotarmos outro plano para a limitação dos armamentos baseado nas lições do passado, as quais nos revelaram que o desarmamento parcial não evita a guerra. Não nos devemos preocupar apenas com a guerra atômica, mas com a guerra em geral, pois não é possivel ignorar que outro conflito armado de grande envergadura reduzirá a farrapos os tratados restritivos da produção de material bélico.

Consequentemente, é necessário averiguar como esse princípio do controle da energia atômica afeta as Nações Unidas, considerando estas como uma sociedade internacional. A coerência é o fator primordial: não pode haver um tipo exclusivo de lei internacional para regular a energia atômica e outro, diferente ou contraditório, para preservar a paz.

Atualmente, porem, não existe qualquer conflito. As Nações Unidas rejeitaram de fato o método da segurança coletiva, e como ainda não adotaram outro processo para impor o cumprimento dos acordos e tratados, será necessário basear a ordem internacional sobre as leis que governam os cidadãos.

Sem dúvida a Carta das Nações Unidas declara que uma das finalidades em vista é a de «tomar medidas coletivas.... para a supressão de.... atos contra a paz». Contudo semelhante afirmação é anulada pelo requisito da unanimidade de votos entre as cinco grandes potências, comumente chamado o privilégio de veto. O método da segurança coletiva não pode ser empregado legalmente contra qualquer das grandes potências sem o seu consentimento prévio. Na prática isso equivale a dizer que ele nunca pode ser usado, pois nenhuma nação estará dis-

posta a autorizar que o resto do mundo lhe declare guerra sem quartel. Alem disso, o princípio da unanimidade protege igualmente os outros paises contra a coação coletiva, a menos que se trate de um país tão pequeno, tão isolado e tão pouco importante que não seja cliente ou aliado de uma das grandes potências.

Muitas pessoas afirmam que se devem empregar todos os esforços para abolir o direito de veto e estabelecer o princípio da segurança coletiva. Minha opinião, porem, é que tais pessoas terão que modificar o seu ponto de vista. Em 1919 os Estados Unidos recusaram o Pacto da Sociedade das Nações porque não queriam assumir o compromisso de declarar a guerra. Tanto no caso da Itália, em 1936, como no do Japão, em 1931, os paises membros da Sociedade das Nações não revelaram o menor desejo de respeitar o compromisso que assumiram. Desta vez, em 1945, a Rússia Soviética, com toda a certeza, e os Estados Unidos, muito provavelmente, teriam recusado a ratificação da Carta das Nações Unidas se esta autorizasse a aplicação do princípio da segurança coletiva.

O FATO de as grandes potências terem recusado tal princípio não significa deverem elas ser consideradas anarquistas contra a ordem internacional. Sua recusa, possivelmente, não resulta de um ponto de vista errôneo; talvez o método é que esteja errado—porque demasiado brutal, dispendioso e injusto para ser usado como medida geral.

Na realidade, as Nações Unidas, apesar da sua rejeição do método da segurança coletiva, assumiram compromissos definidos quanto a outro método, o de responsabilizar os cidadãos pelas violações dos tratados e do direito internacional.

A circunstância de as Nações Unidas terem tomado parte na pronúncia, julgamento e condenação dos criminosos de guerra vincula-se definitivamente a esse princípio, contra o qual nenhuma protestou. Pelas suas palavras e atos se acham todas ligadas à doutrina enunciada pelo Juiz Jackson no discurso com que abriu a sessão inaugural dos julgamentos de Nuremberg: «Desejo tornar bem claro que esta lei, apesar de se aplicar pela primeira vez contra os agressores alemães, inclue igualmente as agressões por qualquer outro povo, inclusive os que hoje fazem parte deste tribunal.»

As Nações Unidas aderiram ao princípio de que «os crimes são sempre cometidos por pessoas» e que «somente as sanções que atingem os indivíduos podem ser impostas pacificamente e com eficiência». Esses compromissos tomados em Nuremberg não são improvisações súbitas surgidas do vácuo; têm suas raizes na história contemporânea. Como todas as leis consuetudinárias na fase inicial, são empíricos e não se acham codificados, mas nem por isso têm menos autoridade que a própria Carta. O fato dominante é que as Nações Unidas reconheceram o princípio da responsabilidade individual no quadro do direito internacional. Hoje estão ligadas indissoluvelmente ao preceito geral de que todos os agressores futuros—e não apenas os alemães—são responsaveis perante a mesma lei.

O exame retrospectivo dessa situação permite-nos concluir que durante a segunda guerra mundial se consumou uma fase verdadeiramente revolucionária no capítulo das relações humanas, fase essa que levou a humanidade a transpor as fronteiras do que até agora se considerava idade moderna, em que os homens viviam em um amálgama de estados soberanos e possessões ultramarinas. Deram-se

os passos iniciais, indispensaveis, para a formação de um governo mundial. Já não se trata de propor ou preconizar a adoção de simples medidas. Como todos os grandes acontecimentos históricos, essa evolução não surgiu inicialmente como o fruto de planos concientes; nasceu de uma série de decisões inevitaveis, tomadas por motivos empíricos.

As Nações Unidas não constituem uma nova Sociedade das Nações reduzida à impotência pelo direito de veto de alguns membros. São o organismo constituinte de um estado mundial consagrado à tarefa de criar uma ordem universal em que a lei, destinada a assegurar a paz, tem como objeto os cidadãos. Os homens descobriram que não há outro meio que permita punir os crimes de guerra; outro método do qual possam lançar mão para criar medidas de segurança contra o uso indevido de armas de destruição em massa; ou outro sistema que imponha o cumprimento dos tratados e obrigações internacionais. A idéia de que as bases de um governo mundial se acham incorporadas nas Nações Unidas é uma conclusão de notavel importância.

Não é necessário admitir que todos os paises e todos os povos se tornarão subitamente entusiastas unânimes deste novo estado mundial. É possivel que seja necessário convencê-los pouco a pouco e que os negócios mundiais, segundo as condições previsiveis, continuem durante muito tempo a ser dominados por competições, ajustes e dificuldades de equilíbrio entre as nações mais poderosas. Todavia, na situação atual do mundo, pode intervir—e deve fazer-se o possivel para que intervenha—um novo elemento: a decisão do povo americano de fazer com que a criação desse estado mundial constitua o principal objetivo da sua própria política exterior.

Isso pode conseguir-se, pois o povo dos Estados Unidos, que verificou a impossibilidade do isolamento, não tem tendência nem simpatia pela carreira de grande potência entre potências mundiais, e não acredita nas suas vantagens. Tanto por intuição como por tradição, acredita que a segurança, a serenidade e os grandes progressos exigem um regime universal de leis uniformes, impossivel de alcançar em uma situação de equilíbrio duvidoso entre as nações. Portanto, a idéia de consagrar o poder e influência dos Estados Unidos ao patrocínio e fomento da constituição desse estado mundial seria consentânea com os ideais e interesses do povo americano.

Se o núcleo da política exterior dos Estados Unidos fosse esse, a influência de tal decisão sobre a humanidade atingiria proporções enormes. Os Estados Unidos estão hoje no auge do seu poder e são, pelo menos por agora, os únicos possuidores da arma mais destruidora que se fabricou até hoje. Não há dúvida que se erguessem o estandarte neste momento histórico, muitos paises se lhe reuniriam imediatamente, conquistando a adesão de massas populares cada vez maiores das outras nações.

Os Estados Unidos podem empregar a preeminência do seu poder militar para fazer com que um ideal comum da humanidade domine e conquiste o mundo. Os problemas territoriais e de matérias primas, assim como outros quebra-cabeças legados pela guerra ou inerentes à consolidação da paz, terão certamente que ser negociados. Jamais terá fim a luta dos homens civilizados contra o que neles mesmos existe de primitivo, intolerante, mau e estúpido. Mas como seriam diferentes as condições e expectativas da diplomacia se os Estados Unidos, e as outras nações que sem

dúvida os acompanhariam, estivessem resolvidos a esforçar-se pela formação de uma nova ordem mundial baseada em leis universais! O simples início desta empresa, por pesados e dificeis que fossem os primeiros passos, forneceria nova orientação para o estudo e decisão dos problemas internacionais e insuflaria no espírito dos homens um propósito estimulante.

Maravilhas da Natureza

QUANDO a famosa lhama do Perú antipatiza com a pessoa que a esteja montando, para, de repente, torce o pescoço para trás, e lança, com excelente pontaria, forte cusparada. No jardim zoológico de Londres, um desses animais tinha verdadeira alergia por homens de cartola, e toda vez que um deles se aproximava, recebia uma descarga de saliva mal-cheirosa, lançada com a força de uma mangueira de jardim, bem de encontro ao chapéu...

—Frank W. Lane, *Nature Parade* (Jarrolds, ed.)

UM CAMALEÃO com vinte centímetros de comprimento é capaz de capturar uma mosca a uma distância de quase quarenta centímetros, sem se mover. Sua artilharia consiste na língua, maior que ele próprio: arma semelhante a um raio, com ponta pegajosa, lançada para fora da boca mais ou menos da mesma maneira que uma criança atiraria um caroço de melancia a vários metros de distância.

—*Natural History*

HÁ UMA espécie de caranguejo pequeno que, quando está com fome, segura uma anêmona, erguendo-a acima de si mesmo. A anêmona, agitando seus delicados tentáculos, daí a pouco capta qualquer migalha. O caranguejo arrebanha, então, o pequenino pedaço de comida, come-o, e repete o processo até satisfazer a fome.

—Frank W. Lane, *Nature Parade*

O CHAMADO peixe-arqueiro, da Melásia, atira bolhas de água contra o inseto de que quer fazer presa. Ao longo do céu de sua boca há uma depressão profunda sob a qual o animal coloca a língua, formando-se assim um canudo, que permite ao peixe lançar água às gotas ou em um jacto único. Sua visão é de tal forma aguda, que consegue perceber a presença de pequeníssimos insetos ocultos na vegetação à beira de um riacho; dois ou três rápidos jactos de água derrubam a minúscula vítima...

—Frank W. Lane, *Nature Parade*

CERTOS lagartos foram dotados, pela Natureza, de curiosíssimos sistemas de defesa. Quando sentem a aproximação do perigo, esses lagartos fazem funcionar uns músculos e tendões especiais, os quais executam perfeita mutilação sem derrame de sangue, ficando a cauda multicor do animal a agitar-se no chão, solta. Essa cauda pode permanecer assim, movendo-se, durante uma hora, e, enquanto o perseguidor do lagarto se ocupa em examinar o atraente objeto, seu dono escapa e não tarda que lhe cresça nova cauda.

—Frank W. Lane, *Nature Parade*

INSTANTÂNEOS DE HOLLYWOOD

Compilação de Andrew B. Hecht

JACK HALEY, cômico do rádio e do cinema, conta que, achando-se na aldeia onde nascera famoso astro de Hollywood, perguntou a um velho habitante da mesma:

—Ele costuma vir aquí?

—Costuma, sim. Já veio cinco vezes.

—Trouxe a mulher alguma vez?

—Trouxe, sim. De todas as vezes. E todas as cinco eram lindas!

—Erskine Johnson

QUANDO lhe disseram que vinha instalar-se em Hollywood um conhecido «ledor de pensamentos», Monty Woolley, sempre sarcástico, comentou: «Prevejo que ele irá à bancarrota».

—Charles B. Rothman

DIZEM que um médico de Hollywood recebeu certo dia um chamado urgente pelo telefone; tratava-se de um «produtor» de cinema, cujo filho engulira uma caneta-tinteiro.

—Que providência o sr. tomou? indagou o médico.

—Bem, por enquanto estou usando o lapis...

—Jimmy Starr, no *Herald and Express* de Los Angeles

SOBRE Hollywood, assim se exprime o comediante Phil Silvers: «É um lugar onde todos gastam mais do que ganham, para agradar as pessoas de quem não gostam».

UMA ATRIZ, moça e bastante ingênua, estava sendo alvo das atenções impetuosas de um ator, já maduro, que um dia não podendo mais conter a paixão que o dominava, lhe confessou:

—Mas você não está compreendendo. Eu quero me casar com você; quero que você seja a mãe de meus filhos!

—É? E quantos você tem? perguntou ela.

UM ADMIRADOR de Edmund Lowe, chamado Philbin, nunca fora apresentado ao ator, mas um dia, vendo-o num restaurante, pôs-se a olhá-lo insistentemente, até que Lowe, com um gesto de cabeça, cumprimentou-o muito amistosamente.

—Imagine só! exclamou Philbin. —De tanto eu ver filmes desse sujeito, ele até já me reconhece...

—Earl Wilson, no *New York Post*

CERTO magnata de Hollywood, novo rico, comprou há pouco uma belíssima chácara, pondo-lhe instalações de luxo em todos os cantos, inclusive nos celeiros, estábulos e galinheiros. Era mesmo uma chácara granfina.

—E as galinhas, põem ovos? perguntou um amigo.

—Homem, elas põem, sim, mas você sabe, não é? Na minha situação, elas não precisavam botar ovos.

—*Kansas City Record*

A formação de novo partido político francês indica o colapso de uma esteril política de anticlericalismo e denota o retorno à religião como força de progresso social

Nova Revolução Francesa

Por André Visson

Iniciou-se nova revolução na França. Enquanto a de 1789 deu a democracia ao povo francês—como a muitos outros povos da Europa—abrindo, porem, as portas da França a uma forte corrente de materialismo, a nova revolução tem por objeto salvar a democracia, por meio de uma restauração da fé religiosa, erguida em barreira contra o materialismo. É esse um movimento que, parece, vai ter profunda significação não só no futuro da França, como no de todo o mundo ocidental.

O mais curioso, neste movimento de reorientação espiritual, é que ele não surgiu das direitas; pelo contrário, veio à luz no seio do próprio esquerdismo. Seu iniciador foi a *Mouvement Républicain Populaire*, ou MRP,—novo partido político que já se fez um dos mais poderosos da França, e que se denomina a si próprio de «movimento democrático de orientação cristã». O credo político do MRP vem situá-lo mais ou menos entre o Partido Radical Socialista, outrora muito influente e conciliador, e os partidos da extrema esquerda, dos Socialistas e Comunistas, notando-se que os da direita só dispõem hoje de um pequeno número de adeptos.

Esclareça-se de começo que o MRP não tem por objetivo transformar a Igreja numa potência política, e a esse respeito não difere em nada dos partidos da esquerda; mas insiste, sim, em que um novo espírito religioso faça parte do conceito político da França e das suas cogitações de progresso social. E, ao contrário dos propósitos de outras correntes esquerdistas, o MRP não se opõe à Igreja em si.

A oposição política à Igreja tem o seu quê de paradoxal na França, que é um país preponderantemente católico. Entretanto, cabe observar aquí que, se 36 milhões do total de 40 milhões de franceses são católicos de nascimento, apenas uns 12 milhões podem ser considerados católicos por convicção. Aquela frase—«Sou ateu, mas... naturalmente católico,»—é muitas vezes usada, na França, não como gracejo, mas como afirmação séria. Convem notar ainda que, durante os 65 anos de existência da Terceira República (1875-1940), a França caminhou persistentemente para a esquerda, enquanto a Igreja, intimamente ligada à extrema direita, justificava o conceito geral de que apenas os franceses anticlericais podiam ser considerados como «bons republicanos».

Mantendo esse ponto de vista, os liberais franceses chegaram a extremos positivamente desfrutaveis. Assim, durante uma campanha eleitoral, a mais elevada difamação que se podia levantar contra um candidato esquerdista não era expô-lo nos jornais, por meio de instantâneos

tomados com câmara secreta, aos beijos com alguma moça, mas, sim, publicar uma fotografia sua, com a mulher e os filhos, assistindo a uma missa dominical. Jean Jaurès, o famoso lider dos Socialistas, teve, certa ocasião, que se defender no seu partido da «acusação» de que sua senhora era assídua frequentadora da igreja. E Edouard Herriot, o grande chefe do partido Radical Socialista, foi asperamente criticado por seus correligionários por haver-se atrevido, em viagem no Oriente, a visitar escolas e hospitais que são mantidos, há muitas gerações, por algumas ordens religiosas francesas.

Essa luta contra a Igreja existia em quase toda vila ou cidadezinha da França. O professor local, pago pelo Estado e comumente anticlerical, de um lado, e o padre da freguesia, do lado oposto, representavam os dois campos ideológicos em que a França se achava tragicamente dividida.

Tal cisão foi causada pela Revolução Francesa de 1789. A França medieval fora profundamente religiosa. Seus reis, mesmo quando não viviam como bons cristãos, tinham orgulho do seu título—«Príncipe cristianíssimo, filho estremecido da Santa Madre Igreja». Os franceses levavam o zelo religioso a tal ponto, que no século XVI tiveram quatro guerras sangrentas de causas religiosas. Os protestantes foram vencidos, mas a vitoriosa Igreja Católica, que se esforçava por exercer censura sobre todos os atos da vida, nada pôde fazer contra a crescente atitude crítica dos filósofos franceses. Longa série de escritores brilhantes, de Rabelais a Voltaire, puseram em jogo seu gênio satírico para desprestigiar o clero francês, pondo em ridículo desde os «príncipes da Igreja» até o mais humilde cura de aldeia. Foram esses pensadores que prepararam o terreno psicológico para a Revolução.

O objeto desta era estabelecer uma «democracia francesa» para cidadãos livres, não mais sujeitos a quaisquer «instituições de privilégios», fossem de natureza monárquica ou eclesiástica. Mas na sua luta contra a Igreja essa «democracia nacional» perdeu sua religião. O Estado puramente secular degenerou numa instituição materialista que começou por negar à Igreja o lugar que lhe compete na sociedade.

Já em 1830, o grande analista francês da democracia americana—Alexis de Tocqueville—lançava uma admoestação aos democratas anticlericais da França. «O materialismo,» dizia ele, «é o maior dos perigos para uma sociedade democrática!» E concluia aconselhando um acordo ou entendimento entre o cristianismo e a democracia na Europa, ao mesmo tempo que chamava a atenção dos franceses para o papel de salutar importância que a religião vinha desempenhando na democracia norte-americana, que ele acabava de visitar.

O povo francês levou mais de um século para dar resposta adequada ao eloquente apelo de Tocqueville, pois só recentemente, em outubro de 1945, é que 4 milhões e meio de homens e mulheres, se bem que ainda pedindo a fundação de uma república, se colocaram em firme oposição ao materialismo tradicional da democracia francesa, e corajosamente inscreveram na bandeira do seu partido a legenda «Cristianismo e Democracia» como lema fundamental da sua política.

Os próprios líderes do *Mouvement Républicain Populaire* se surpreenderam com o êxito obtido. Novatos nos bastidores políticos da França, sem o apoio da máquina política de nenhum dos partidos

existentes, e praticamente sem o auxílio dos jornais, mesmo assim conseguiram aliciar cerca de 25 por cento dos votos, concorrendo numa corrida ombro a ombro, com Socialistas e Comunistas e deixando muito atrás os candidatos de outros partidos.

Vários foram os fatores responsaveis pela vitória do MRP. As mulheres obtiveram o direito do voto, pela primeira vez, na eleição de 1945, e muitas delas foram atraidas pela importância que o novo partido dava à religião. Por outro lado, muito ajudou tambem o prestígio pessoal do General De Gaulle. Embora o MRP não seja o «partido de De Gaulle», aproxima-se mais, ideologicamente, do herói francês, que qualquer outro dos partidos existentes. Daí, pois, que muitos «direitistas» votassem no MRP, em preferência aos partidos Socialista ou Comunista. Mas, não há negá-lo, a força principal desse partido lhe veio do próprio valor do seu programa de progresso político, moral e social.

Os não-marxistas do grupo de Resistência, que arriscaram suas vidas, e sofreram perseguições e torturas na luta surda contra os nazistas da ocupação, queriam agora, por meio do MRP, combater a desintegração moral que seu país vinha sofrendo sob a égide da Terceira República. E cooperam com Socialistas e Comunistas, com o fim de obter certas reformas sociais, mas seu programa tem escopo bem mais amplo. Querem provar ao povo francês—como tambem aos cidadãos de outros paises que aceitaram os ideais anticlericais da República Francesa—que a religião não só é compativel com a democracia, mas tambem indispensavel ao seu progresso; e demonstrar igualmente que a Igreja não se alia às «classes privilegiadas» para ir contra os que lutam em prol da justiça social. Aí temos uma diretriz realmente rara na França, onde o lema da esquerda sempre fora: «Liberdade para todos, mas olho vivo com os padres!» Do êxito dessa diretriz virá talvez a depender o futuro da civilização em todo o ocidente europeu.

A Igreja, como todas as facções francesas, incluindo os próprios comunistas, teve seus elementos de cooperação com os alemães, durante o período de ocupação. Mas muitos prelados, e o clero comum, assim como as ordens religiosas em geral apoiavam em tudo os seguidores da «Résistance» ou chegavam mesmo a participar de suas atividades. Georges Bidault, cronista de política internacional do diário católico *L'Aube*, que durante a ocupação foi o misterioso «Monsieu X», diretor do Conselho Nacional da «Résistance», depois da libertação da França viu-se elevado a lider do MRP e Ministro do Exterior do governo francês.

Foi, aliás, essa atitude dos líderes católicos que facilitou ao MRP lançar seu programa, no qual se procura conjugar a justiça social com a fé religiosa—mas uma fé religiosa livre da influência política da Igreja. François Mauriac, grande escritor católico da França, ainda há pouco escrevia: «O Papa é infalivel apenas quando decide da verdade relativa à fé; não da verdade política. Somos adversários do cristianismo político.»

Dissociar a política da religião, afim de restituir à França o seu conceito de religião pura, é o que desejam os líderes espirituais do MRP. Se se conseguir esse desiderato, ter-se-á escrito novo capítulo não só na história da França, como na de todos os paises do hemisfério ocidental, que durante um século e meio se têm orientado pelos ideais que dimanam da Revolução Francesa.

Dotado de magnífica visão, este homem deu excepcional oportunidade a Costa Rica

A democracia e Dom Mauro

(*Condensado do «Inter-American»*)

Por Michael Scully

NA VIZINHANÇA de paises sujeitos a intermitentes guerras civís e governos ditatoriais, a Costa Rica, no entanto, durante várias gerações, tem exercido o auto-governo, cultivando os tabuleiros verde-rubros de seus cafezais e dirigindo os seus próprios negócios. Essa república da América Central conhece e pratica as quatro Liberdades. Expressão? Sua imprensa e os seus comícios públicos são válvulas para debates incandescentes sobre qualquer matéria. Religião? Embora predominantemente católico, o país mantem zelosamente o direito à prática de todos os credos. Penúria? Não existem lá grandes riquezas mas tambem não há pobreza extrema. Medo? O pequeno exército é apenas um símbolo de soberania, sendo dirigido por um civil, o Ministro da Segurança Pública, e não da Guerra. O país concede asilo a muitos milhares de exilados políticos de outras nações mas não expatriou ainda nenhum dos seus filhos.

E desdenha a hipocrisia dos palácios de mármore. O edifício do Congresso impõe-se antes por seu aspecto de limpeza. O jovem presidente, professor e advogado, o mais recente de longa série de governantes civís, mora numa casa modesta. Mas há nesse país genuino sentimento de cidadania e cultura. S. José, a capital, com as suas filas de pequenas e coloridas casas, é tão limpa como uma cidade holandesa. Os carros de boi, que trafegam de permeio com os veículos motorizados, exibem pinturas alegres e os bois conduzem flores em suas guampas. O orgulho dos 90 mil habitantes de S. José é um belo teatro nacional, com orquestra sinfônica, o qual poderia servir de ornamento a qualquer cidade de um milhão de almas. Nessa pequena cidade circula meia dúzia de diários, e tambem o singular periódico *El Repertorio Americano*, cuja influência cultural, de fundo democrático, envolve inumeraveis leitores hispano-americanos.

O real prodígio de Costa Rica é que todas essas coisas têm vindo do povo. E foram realizadas sob as mais desanimadoras condições. Durante os seus primeiros três séculos, Costa Rica viveu entre pobreza e discórdias. A educação era somente para a elite. Sua pequena universidade produzia anualmente um punhado de juristas, padres e poetas. Mas só um, entre cada dez habitantes, sabia ler. Ainda em 1860, a parte iletrada era orçada em cerca de 90% constituindo presa facil para os políticos inescrupulosos e os amotinadores de quartel.

Surgiu então um homem cuja ardente fé não tinha limites. «Não pode haver democracia sem cidadãos inteligentes e a cidadania só pode ser criada nas escolas.»

Com esse lema um pequeno profeta, resoluto e de boa aparência, Mauro Fernandez, pôs-se a caminho, por volta de 1860, para propiciar educação ao povo, —mas a todo o povo. A campanha que encetou fez de Costa Rica presentemente o país tropical onde vigora o mais elevado índice de alfabetização do povo—superior mesmo ao da Espanha, Itália, Grécia e muitas outras nações européias. Aproximadamente um quinto do seu orçamento nacional é aplicado na educação, sendo que 84 por cento dessa verba assegura o funcionamento de um dos mais notaveis sistemas de instrução primária do mundo. Numa área tão reduzida, o país tem 850 escolas elementares com um corpo de 3.500 professores e frequência de 80 mil crianças. Noventa por cento dessas escolas são públicas e gratuitas.

Quando Mauro Fernandez nasceu, em 1843, somente algumas poucas mulheres eram alfabetizadas, dentre as quais estava sua progenitora. Mercedes de Fernandez ficara em estado de viuvez com duas filhas e um filho, não dispondo de qualquer recurso. Ensinava, trabalhava em costuras e não media sacrifícios para a educação de Mauro. Aos 16 anos tinha ele um emprego e, nas horas vagas, ensinava às crianças vizinhas e aprendia literatura e música com a mãe. E, o que é mais importante, de noite, passava horas com um advogado inglês, a quem ensinava espanhol, enquanto aprendia inglês e rudimentos de direito.

Antes de convencer à universidade que havia absorvido bastante conhecimento padronizado para obter o grau de doutor, Mauro contava 26 anos, era auxiliar do gabinete ministerial e o jovem mais instruido do país em questões políticas. Em contacto com os círculos governamentais, aprendeu como uns poucos homens podiam manipular as massas iletradas em proveito de seus próprios interesses e como o povo pagava para viver mergulhado na ignorância, através de desordens, crimes e miséria. Ajudado por seu amigo inglês, Mauro passou um ano em Londres para observar como funcionava a democracia desde as escolas até a Câmara dos Comuns, e regressou com a decisão de fazê-la medrar em seu país.

Mauro Fernandez precisava de ação, pois era pequeno, fragil e estava sempre enfermo. Antes de completar 30 anos perdera o uso da mão direita em consequência de uma paralisia temporária. Aprendeu a escrever com a esquerda e exerceu uma carreira que misturava direito, política e negócios. Aos 42 anos, estava com a sua independência financeira assegurada, e era o homem que inspirava maior confiança entre os seus compatriotas. Nessa altura, quiseram levá-lo à presidência, mas sua ambição política tinha apenas um alvo: ajudar um amigo, Bernardo Soto, a galgar aquele posto. Quando isso se deu, Mauro foi investido no cargo de Ministro da Educação.

Logo empreendeu ele a reforma do que era chamado, com humildade, sistema educacional. Teoricamente havia então cem escolas de todos os gêneros, mas, na verdade, algumas só existiam por constar: os prédios eram alugados para favorecer a políticos deshonestos. Outras haviam sido fechadas por falta de verba Os professores destreinados, com ven cimentos baixos, dedicavam parte do seu tempo a outras atividades para garantir a própria subsistência. A frequência não era obrigatória. E mesmo esse fraco e caótico sistema só servia a um quarto da população. Cerca de metade da verba destinada à educação era aplicada na manutenção de duas escolas secundárias e da universidade, nas quais, ao todo, cursavam apenas 240 estudantes.

Fernandez capacitou-se de que as meias medidas não dariam resultado compensador. E, planejando uma reconstrução cabal, cujo custo era cinco vezes superior à verba orçamentária destinada ao ensino, desfechou, perante o Congresso, um ataque contra a hipocrisia nacional: uma democracia que, no entanto, negava ao povo o direito de educar-se para exercer sua cidadania. «A cidadania é o amor do país baseado sobre o conhecimento de suas instituições, uma compreensão da dignidade do trabalho e do hábito deste. E o que as escolas devem ensinar,» disse ele dirigindo-se à nação.

Sua lógica simples e incisiva convenceu a muitos que estavam satisfeitos com a velha ordem e ele lançou no seu pequeno e isolado país o que foi provavelmente a mais ousada reforma educacional da época.

Para começar, a universidade foi suprimida. Fernandez mostrou que o país não podia suportar esse pesado ornamento e ainda por cima lançar os alicerces da educação popular. Os jovens que procuravam somente a educação clássica eram bastante ricos e, portanto, podiam recebê-la no estrangeiro, de onde voltariam trazendo consigo idéias capazes de beneficiar o país.

A necessidade vital para Costa Rica era de professores. Fernandez fundou escolas normais para ambos os sexos e designou um amigo para contratar professores na Suiça, país escolhido por causa de suas progressistas idéias educacionais e tambem porque, devido a seu tamanho e situação, tinha problemas similares àqueles de Costa Rica. Como núcleo experimental para o novo corpo docente, Fernandez escolheu a rigor 50 rapazes e moças para treinarem às expensas do estado.

A seguir estabeleceu uma escola primária modelo, onde os velhos professores de aptidão comprovada podiam assimilar os novos métodos por meio de observação e prática. Um periódico dirigido por professores—*El Maestro*—transplantava as idéias dos mais eminentes educadores do mundo. A elevação de vencimentos e, pela primeira vez na América Latina, a instituição de pensão e assistência médica levaram os professores a se sentirem mais seguros em sua profissão.

O número de escolas primárias foi mais que duplicado. A frequência tornou-se obrigatória. Novas leis foram decretadas, uma delas proibindo que os menores tivessem qualquer trabalho durante o horário escolar, distribuiram-se livros gratuitamente entre os pobres, instituindo-se o serviço de inspeção médica e vacinação para todos. Nas escolas secundárias, Mauro introduziu os estudos de ciência, tecnologia e inglês de modo a produzir homens aptos a contribuir para o progresso material do país.

Mas o verdadeiro padrão de glória de Fernandez foi o programa estabelecido para as escolas primárias. Eficiência e imaginação—eis os elementos que fazem realmente grande esse programa. Não se

insere nele nenhum exercício enfadonho; cada hora aplicada em sua execução se carateriza por uma util aventura. Em geografia, por exemplo, a criança começa por explorar e descrever a escola, seu lar e o caminho que separa este daquela. Em seguida *descobre* sua cidade, as indústrias, o comércio, as fontes de energia e os reservatórios de água, e aprende como os auxiliares são escolhidos e remunerados.

Isto feito, passa o aluno a organizar um mapa de Costa Rica, com as suas serranias cobertas de cafezais, os frutais da orla marítima, e as zonas açucareiras, as estradas e ferrovias que levam ao mercado. Localiza o Canal do Panamá e traça as rotas pelas quais são transportados os produtos de Costa Rica para outros países. Posteriormente, estuda esses paises utilizando-se de extratos de jornais e revistas que ilustrem os seus costumes e outros aspectos. Em poucos anos desse fascinante jogo o aluno absorve um conhecimento de economia e ciência administrativa que fará dele um cidadão conciente. Tambem aprende história e fisiologia, e até matemática, por essa mesma maneira pitoresca. No quinto ano, o aluno de escola primária conhece o dolar e a libra inglesa, e usa-os para exercício de importação e exportação entre os seus condiscípulos através da sala de aula. Seus jogos incluem ainda cheques, tarifas e o sistema tributário. As meninas não aprendem somente a cozinhar e coser; mas tambem a realizar compras destinadas a esses misteres, anotando o valor de cada coisa comprada e esclarecendo a razão do seu preço.

«A educação não precisa terminar na escola,» sustentava Fernandez. Ele inaugurou a primeira biblioteca pública com volumes tirados de suas próprias estantes, e um museu nacional onde qualquer pessoa poderá conhecer facilmente a história, a geografia e os recursos de Costa Rica. Como ramos daquela biblioteca central, existem agora em S. José 200 bibliotecas públicas, cada qual intensamente utilizada como centro de informação.

Quando, em 1905, morreu Mauro Fernandez, 60 por cento da população estava alfabetizada, em contraste com os 10 por cento do tempo de sua meninice. A cifra eleva-se presentemente a quase 85 por cento. Existem agora 12 escolas secundárias, com um curso de 5 anos, tão completas, que permitem a seus alunos ingressar nas melhores universidades norte-americanas. E à medida que a universidade foi ganhando vulto, o governo fundou escolas especiais de ciência, engenharia, fisiologia e letras, economia e odontologia. Em 1941, foram todas instaladas num estabelecimento moderno da universidade nacional.

Nenhum homem ou grupo pode explorar um povo que conheça a razão das coisas. E em simples mas práticas condições, os costarriquenses conhecem atualmente a razão tanto de seus problemas nacionais como individuais. Foi isso que Mauro Fernandez teve em mente quando, há 60 anos, se pôs a caminho para dar à sua pátria estabilidade, conforto, e cultura desenvolvida através de educação democrática.

O maior defeito da educação contemporânea consiste em que, abrangendo imenso terreno, nada cultiva nele.

—Dr. E. N. Ferris

VOCÊ SABE O QUE QUER DIZER?

—V—

As VINTE palavras que publicamos abaixo são, em sua maioria, bastante usuais. Não obstante, é frequente empregarmos erroneamente esse ou aquele vocábulo, e talvez este teste sirva para avivar a memória e desenferrujar o conhecimento.

A cada uma das vinte palavras seguem-se quatro definições. Marque a que lhe parecer mais apropriada, e compare sua seleção com as definições que aparecem na página 88, que são as do dicionário. E classifique depois seu vocabulário.

(1) marrar—A. *unir com cordel.* B. *jogar a marra.* C. *arremeter e bater de frente.* D. *insistir.*

(2) romanche—A. *jíria dos romanos.* B. *idioma românico falado na Suiça.* C. *língua dos ciganos nos Balcãs.* D. *antigo alfabeto romano.*

(3) precatar—A. *procurar de antemão.* B. *respeitar.* C. *investir.* D. *acautelar.*

(4) ronceiro—A. *pachorrento.* B. *lavrador.* C. *fanfarrão.* D. *mancha arroxeada no corpo.*

(5) adstringir—A. *acrescentar ao que está escrito.* B. *envergonhar.* C. *tornar ácido.* D. *limitar.*

(6) amovivel—A. *imovel.* B. *emotivo.* C. *obstinado.* D *suscetivel de remoção.*

(7) vasculhar—A. *relativo aos vasos sanguíneos.* B. *esquadrinhar.* C. *ter náuseas.* D. *limpar cuidadosamente.*

(8) laia—A. *centopéia africana.* B. *ama seca.* C. *feitio.* D. *qualidade inferior.*

(9) negaça—A. *falta de vocação.* B. *pessoa de pouca estatura.* C. *escassez.* D. *engodo.*

(10) valeta—A. *pequeno canal de escoamento.* B. *criada de quarto.* C. *recibo.* D. *vale entre colinas.*

(11) sapa—A. *gênero de batráquios.* B. *abertura de fossas e trincheiras.* C. *balaio para diversos usos.* D. *conspiração.*

(12) lufada—A. *azáfama.* B. *grande sorvo de água.* C. *rajada de vento.* D. *bafio.*

(13) casamata—A. *subterrâneo abobadado.* B. *mulher casamenteira.* C. *fortim medieval.* D. *espécie de canhão antiquado.*

(14) tarântula—A. *música e dansa napolitana.* B. *cunha para segurar a retranca dos navios.* C. *espécie de aranha venenosa.* D. *tartaruga australiana.*

(15) heráldico—A. *arauto.* B. *jornal hebdomadário.* C. *referente aos brasões.* D. *herdeiro.*

(16) patear—A. *aplaudir ruidosamente.* B. *bater com as patas.* C. *imitar o canto dos patos.* D. *demonstrar cabalmente.*

(17) envergadura—A. *a parte mais larga duma vela.* B. *estatura física.* C. *vestimenta para ocasiões solenes.* D. *ato de dobrar.*

(18) solapar—A. *esconder engenhosamente.* B. *abalar.* C. *caçar à tocaia.* D. *iludir.*

(19) currículo—A. *curral pequeno.* B. *perambulação.* C. *rotina.* D. *parte de um curso literário.*

(20) suserano—A. *espécie de lagarta.* B. *vassalo.* C. *febre tropical.* D. *senhor feudal.*

Estas jovens mães, nazistas fanáticas, exercem uma influência política que ameaça o futuro da Alemanha e do mundo inteiro

As viuvas alegres da Alemanha

(Condensado do «McCall's Magazine»)

Por Sigrid Schultz

Estendida alí, na viçosa relva, uma criança de cabelos dourados brincando a seu lado, ela estava linda em seu maiô de escasso pano e vivo colorido. Atrás, o lago Tegern coruscava ao sol, espelhando, em toda a sua majestade, os Alpes da Alemanha meridional.

—Pequena muito decente aquela, observou o jovem sargento, ao passarmos por alí num jipe. —Dou-me muito com ela; estamos juntos sempre que eu tenho uma folga. O garoto tem a idade do meu...

Calei-me. Ele me olhou com certa agressividade, e prosseguiu: —Ela é direita, mesmo, pode crer. Imagine que nem sabe se o marido está vivo ou morto, coitada. Há oito meses não tem notícias dele.

Na verdade, porem, aquela moça sadia, a pele tostada tentadoramente após muitas horas à beira do lago, não dava qualquer impressão de tristeza. E o mesmo se poderia dizer das outras, tão bonitas e «decentes» como essa, que tambem se ofereciam ao sol naquela faixa de areia, bem perto, aliás, dos alojamentos de soldados americanos.

—Você não acha que ela tem sorte, perguntei, —de poder ficar assim com o filhinho, tomando banho de sol, num ambiente destes? Ela deve ser rica.

O sargento coçou a cabeça. —É, parece que tem dinheiro, sim. Anda sempre bem vestida, e tudo mais... Ela veio para uma das maternidades que há por aí, porque com os bombardeios tinha perdido tudo; depois que o menino nasceu, foram ficando...

Em Munique, contei esse incidente à dra. Margarete Schwartz que, tendo sobrevivido a um ano e sete meses em campos de concentração, conhecia os nazistas de perto. E ela me perguntou: —Mas então você, morando num alojamento bem no meio do território do *Lebensborn*, cercada de casos idênticos e de alemãs fanáticas, não tinha ouvido falar dessas coisas?

Só mais tarde fui averiguando que, embora muita gente soubesse da existência do *Lebensborn*, poucos gostavam de se referir a isso, fato, aliás, que não me surpreende. Em qualquer cidade do mundo, os cidadãos respeitaveis evitam aludir à zona de bordel, como se não existisse; e, afinal de contas, a um observador desprevenido o *Lebensborn* poderia facilmente parecer apenas isto: uma zona de lupanares organizada pelo Estado nazista. Na realidade, era, e é, infinitamente, mais que isso.

O *Lebensborn* (que significa, literalmente, «fonte da vida») foi organizado pelos nazistas com o fito de perpetuar sua influência sobre os jovens alemães, de ambos os sexos, dotados de excepcionais predicados físicos, e de invulgar audácia. Era uma espécie de agência oficial de uniões raciais para «purificação» da raça,

promotora de super-prostíbulos, organizadora de creches e maternidades modelo, centro de disseminação de ideologia política.

Sua tarefa principal consistia em fornecer «esposas», por algum tempo, aos jovens «super-homens» da Guarda de Elite (a notória SS), possuidores daquelas qualidades que, segundo os peritos etnólogos de Hitler, eram boas para a preservação da raça... Seriam preservadas tais qualidades pelas uniões desses rapazes com moças igualmente prendadas, as quais passavam, antes, por longa preparação no credo nazista.

Verdadeiras mansões, que outrora pertenceram a judeus, delas expulsos, foram transformadas pela SS em luxuosos lares destinados a tais uniões. Durante a guerra, quando para a maioria dos alemães os alimentos eram rigorosamente racionados, os hóspedes do *Lebensborn* viviam à farta, servidos do que havia de melhor não só na Alemanha mas tambem nos paises ocupados. Caminhões da SS traziam iguarias, champanhe, roupas finas, peles e jóias, tudo confiscado. O que não se usava era mais tarde vendido no mercado negro, e o dinheiro proveniente dessas transações era empregado em melhorias no *Lebensborn*.

Era bem facil recrutar candidatas. Os nazistas passaram anos a incutir nas moças a idéia de que a esterilidade é algo de profundamente vergonhoso. À medida que os homens iam morrendo na guerra, as alemãs receavam, cada vez mais, envelhecer solteiras.

O *Lebensborn* tratava de enviar folhetos elucidativos a professoras, moças de família e outras. Nesses folhetos se descreviam convidativas casas de campo para soldados de licença, nas regiões mais pitorescas da Alemanha, oferecendo-se especiais vantagens às mães: durante três meses, antes e depois do parto, dava-se assistência médica de primeira ordem à mãe e ao filho, em maternidade modelo, escolhida por ela mesma.

Às candidatas se fornecia ainda certa quantia para a compra de um enxoval, algum curso especializado, ou tratamentos de beleza. A importância em dinheiro variava segundo as qualidades de cada uma, do ponto de vista racial e político. Em seguida recebiam uma coleção de fotografias de rapazes da SS, em licença, entre as quais escolheriam o que mais agradasse. Caso a moça temesse a condenação da família, o *Lebensborn* adotaria a criança, entregando-a «a um casal idoso da SS, em condições de educá-la num bom meio nazista». Se quisesse manter-se em contacto com o filho, bastaria pagar 45 marcos por mês para o sustento dele, até poder dar-lhe um ambiente doméstico aceitavel.

Ao *Lebensborn* afluiam, fanáticas, aventureiras, mulheres a quem parecia irresistivel o apelo daquela vida de luxo tão aprazivelmente oferecida. O resultado psicológico dessa aventura era claro: essas mulheres, ao gerar espécimes segundo o padrão nazista, estavam indissoluvelmente ligadas ao nazismo pela própria maternidade. Consideravam-se altas sacerdotizas do credo racial vigente na Alemanha. E o peor é que, no caos atual em que o nazismo parece pulverizado, continuam elas consagradas.

A maioria das que pude ver são de beleza fora do comum, e andam bem vestidas e elegantes. Se já não sabiam inglês, estão aprendendo o idioma agora, e com a maior rapidez. Em suas casas, ensinam alemão aos americanos. Muitas procuram emprego nas várias repartições administrativas do seu país, e não lhes é dificil conseguí-lo, possuidoras, que são, de óbvios encantos, e apresentando as lindas

crianças louras para quem, ao que dizem, precisam trabalhar. Uma delas me disse com a maior franqueza que é muito mais facil obter certas vantagens na zona de ocupação americana e inglesa, levando-se pela mão uma criança engraçadinha. E veja-se mais esta observação, feita por outra dessas jovens: «O nazismo me libertou dos tabús do cristianismo. Não quero mais saber dessa tolice de religião; vou criar meu filho da maneira como bem entender.»

Mesmo entre os alemães, há muito quem deplore a influência exercida por essas intérpretes do nazismo nos meios americanos da Alemanha. São elas que decidem, muitas vezes, quais os alemães que se devam aproximar dos americanos para um pedido qualquer. Aqueles que não sabem inglês estão invariavelmente à mercê delas.

Quantas mulheres há com essa mentalidade? «Pelo menos 250 mil,» é o que diz Frau Hildegard K., membro, ela tambem, do *Lebensborn* e arquivista da organização antes das fichas haverem sido destruidas. Quase todas se acham nas zonas de ocupação americana e inglesa; muitas são «refugiadas de cidades bombardeadas», dispondo de boa verba e de documentos falsos, tornando-se dessa maneira relativamente simples iniciarem nova vida.

Quando Frau Hildegard falava da missão das mães do *Lebensborn* e do papel que desempenhariam no futuro do país, seu rosto se iluminou.

—As armas secretas que o Fuehrer nos prometeu não ficaram prontas a tempo, disse ela. —Mas isso foi mero acidente. A bomba atômica dos americanos demonstra o que se pode fazer com aquelas armas.

Palavras idênticas eu ouví ao entrevistar a viuva de Reinhard Heydrich, nazista fanático e fundador do *Lebensborn*. E a mesma coisa me foi repetida por uma jovem elegante e desempenada, com quem conversei no centro do *Lebensborn* em Steinhöring, perto de Munique. Será possivel duvidar que tais mulheres transmitirão aos filhos essa mesma convicção de que a queda de Hitler foi devida a um simples acidente?

Com um olhar altivo, assim me falou a secretária de um antigo centro de maternidade do *Lebensborn*: «Os delegados da UNRRA, quando vieram aquí, disseram que nossas crianças eram as mais sadias que encontraram na Europa. Mas isso não é novidade para nós, porque durante a guerra tínhamos uma situação privilegiada.»

O *Lebensborn* é uma organização rica. Alem das mensalidades pagas pelas sócias, todos os médicos alemães eram obrigados a contribuir com cinco marcos por mês «em prol da raça». Certos capitalistas, que haviam caido no desagrado oficial, doavam grandes somas para voltar às boas graças do governo. Quando as autoridades americanas apreenderam a conta de banco do *Lebensborn*, seu depósito subia a 20 milhões de marcos, dos quais um terço em dinheiro, e o resto em ações belgas, holandesas e tchecas, confiscadas a judeus e estrangeiros.

Mais tarde voltei a procurar o sargento que me mostrara, pela primeira vez, uma dessas jovens. Já o encontrei convencido de que ela não passava de nazista fanática, trabalhando nas horas vagas para infiltrar, no espírito dos americanos, a sua propaganda. E ele então me perguntou:

—Será que nós vamos continuar assim muito tempo, incapazes de distinguir entre os alemães decentes e essas garotas bonitas que são verdadeiras armadilhas?

Para a plenitude da vida

(Condensação de um ensaio)

Por Arthur Christopher Benson

QUEDO-ME a observar daquí as canoas de corrida dos estudantes de Oxford, que sobem e descem o Tâmisa no seu treino; ouço de longe os brados agudos dos patrões da tripulação, e o rítmico bater dos remos na água. Há de haver vinte e cinco anos, tambem eu estava alí remando... E dou comigo a contemplar aquela cena, tão cheia de vida, com a sombra de uma saudade, porque me sinto longe e privado de alguma coisa que era minha então, uma agilidade de corpo, e talvez de espírito tambem. Que tenho hoje em lugar disso? Que força me resta?

Então, há coisas que ganhamos com o andar do tempo e nos compensam bem da juventude que perdemos. Há, por exemplo, a ausência daquela timidez que tão fundo sofrimento produz na gente moça. Quantas vezes nos sucede, na mocidade, ver afundar-se, destroçada, nossa paz de espírito, só porque fizemos um gesto mais desajeitado, ou porque não encontramos nada que dizer, ou—peor ainda—porque nos ocorreu dizer precisamente a palavra que não tinha cabimento. E isto, quando dentro de nós a mocidade reclamava aos brados que causássemos boa impressão.

Pois bem, todo esse inquieto anseio me deixou para sempre. Já não espero mais causar «impressão» nas pessoas. Tendo conseguido ver-me livre desse vício de espiar-me, olhando para dentro, não só me sinto hoje muito mais à vontade, como acho tambem infinitamente mais interessantes as outras pessoas. Em vez de ambicionar a conquistas, já me dou por satisfeito se os outros me toleram. Ouso até dizer o que penso, perfeitamente conciente de que meu ponto de vista é apenas um entre muitos, e razoavelmente predisposto a sujeitá-lo, sendo necessário, a revisão. Nos dias de outrora eu entendia que todos deviam concordar comigo: agora, a própria discordância me diverte. Não me envergonho mais de confessar em voz alta que ignoro completamente tudo quanto se relaciona a determinado assunto; no verdor da mocidade era meu hábito passar por oniciente, e ficava irritado quando me forçavam a depor a máscara.

A tirania das convenções sociais se atenua com o correr dos anos. Fui pouco a pouco descobrindo que meus semelhantes não quebravam a cabeça a pensar no que eu fizesse; que as pessoas «bem consideradas» são frequentemente as mais cacetes, e que as únicas coisas em que vale a pena tomar parte são aquelas em que a gente se diverte. Hoje, se me convidam para ficar em uma casa onde sei que me vou aborrecer, recuso-me, muito simplesmente, a aceitar. Declino todos os convites para festas e jantares de gala, porque sei de antemão que me aborrecerei.

Ao contrário do que dantes me acontecia, não estou mais à mercê de pequenos preconceitos. Noutro tempo, se o talhe da barba de um cavalheiro ou o corte do seu terno me desagradava, ou suas maneiras se me afiguravam antipá-

ticas, eu o classificava logo de «intoleravel». Sei hoje que esess detalhes são meramente superficiais, e que um coração sensivel e uma personalidade interessante não são absolutamente incompativeis, nem mesmo com as antiquadas «suiças». Chego a pensar, aliás, que as pequenas originalidades têm certo valor de distinção, e contribuem para introduzir na existência uma aprazivel variedade. Tenho notado muitas vezes que, se os modos de uma pessoa são menos atraentes, isso é apenas fruto do acanhamento, e desaparece com este, tão depressa se estabelece certa medida de intimidade entre as pessoas.

É bem verdade que a juventude me proporcionava mais agudos êxtases, percepções mais finas, e mais apaixonadas emoções. Mas, paralelamente, meu espírito tambem se deixava arrastar mais depressa ao desânimo, à melancolia e ao desespero. Minha vida pode não ser hoje tão suscetivel de arroubos, mas em compensação é incomparavelmente mais interessante que outrora. Moço, obstinava-me em descobrir exquisitas, empolgantes, sobrenaturais encarnações do belo, coisas que me pudessem comover e agitar até as entranhas; mas, ano após ano, fui-me tornando sensivel a mais simples e mais saudaveis formas de beleza: como aquela que nos inspira uma encosta despojada de ornamentos pelo inverno, apenas vagamente tingida de um verde pardacento, tão diverso da luxuriante riqueza do estio, mas por isso mesmo tão pura e tão austera. Fui aprendendo a exigir menos do mundo, da natureza e dos homens, e eis que toda uma cadeia de emoções mais sutís e mais doces foi-se-me desdobrando ante os olhos da alma.

Fui ganhando ao mesmo tempo uma espécie de paciência. Na juventude, os erros se nos afiguram sem remédio, intoleraveis as calamidades, e insuportaveis as decepções. Os anos me ensinaram que o torto se pode muitas vezes endireitar, que os peores desastres trazem por vezes consigo uma alegria compensadora, e que uma decepção é, com frequência, por si mesma, fecundo incentivo para renovadas tentativas. Acabamos aprendendo que a esperança é uma fortaleza mais inexpugnavel que o sofrimento. E que muitas das amarguras da existência são mais fruto da imaginação que outra coisa: resultam antes do nosso pendor a evocar os dias bons que não voltam mais, e de nossa aptidão tambem de prever o lento avançar de sombras que arrasta consigo o declínio da vida. Lord Beaconsfield (Disraeli) disse um dia que o peor dos males que afligem o homem é a antecipação das calamidades que nunca se produzem.

Houve tempo em que o só pensamento da conversa que eu ia ter com uma pessoa antipática, bastava para envenenar a perspectiva das minhas horas. Hoje, encontro requintado sentimento de prazer nos dias de paz que me separam do inevitavel encontro. Assim que desperto, digo comigo mesmo: «Bom, o dia de hoje ainda me pertence, posso utilizá-lo como bem quiser.» Suponho que este pensamento encerra o segredo desse plácido contentamento que tantas vezes se vê raiar no rosto dos velhinhos. Encontrando-se já tão perto dos pórticos do grande enigma, eles se revelam, não obstante, indiferentes à idéia da morte, tão absorvidos parecem estar nos simples passatempos do bem ganho ócio de quem já viveu.

Os AMIGOS são presentes que damos a nós mesmos.
—Robert Louis Stevenson

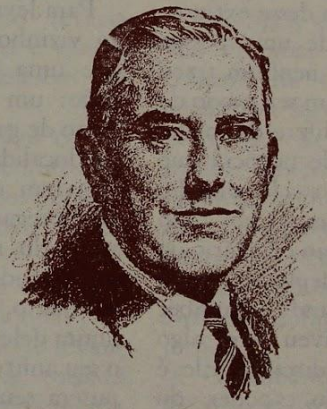
Em vez de opinar: «É preciso tomar uma providência», este advogado preferiu aplicar, ele próprio, as medidas necessárias

Heraldo da federação mundial

(Condensado do «Christian Herald»)

Por O. K. Armstrong

NA CIDADE americana de Jefferson, em 1945, estando em pleno funcionamento a Câmara Legislativa do Missuri, um estranho de meia idade irrompeu na sala e se apresentou à assembléia dizendo chamar-se Robert Lee Humber, advogado, e revelando que, autor de um projeto sobre a federação mundial, desejava vê-lo apoiado por aquela câmara.



Robert Lee Humber, que lutou sozinho por uma federação mundial

Os legisladores não puderam ocultar seu ceptiscismo. Quem era esse cavalheiro, e em que consistia seu ambicioso projeto? Quando lhe perguntaram que entendia por federação mundial, rápida mudança se operou na amavel fisionomia do visitante. Seus olhos brilharam com ardor de fé e ele passou a explicar que seu projeto importava numa solicitação à câmara no sentido de prescrever um governo mundial baseado na lei.

Sendo encaminhado ao presidente interino, Thompson, desabrido isolacionista, Humber foi avisado por um congressista: «Se o senhor conseguir convencê-lo, convencerá todo o mundo.»

Alguns dias depois, o próprio Thompson declarava, com grande espanto para seus pares, que seria fiador, na câmara, do projeto de federação mundial. «Esse homem,» disse Thompson, «convenceu-me de que a paz e a segurança em nossas comunidades são baseadas na lei. Isso é verdadeiro em relação a nosso estado e a nosso país. Porque não o seria entre as nações?»

Antes do fim do mesmo ano o projeto foi aprovado na Câmara do Missuri. Nesse meio tempo, Humber apressara-se em visitar outras cidades importantes. Depois de 1940, compareceu perante 40 das 48 câmaras legislativas estaduais americanas, em algumas, várias vezes, numa ostentação de verdadeiro heraldo. Até o momento, 14 estados aprovaram seu plano e em 19 outros, se já não obteve aceitação, está sendo objeto de exame.

Humber procurou justificar seu programa dizendo: «*Existe uma comunidade internacional, abrangendo o mundo inteiro, a qual está sem direção, podendo ser dominada pelo totalitarismo ou federada pela democracia sob o princípio da liberdade para todas as nações e indivíduos. Todos os seres humanos são cidadãos desta*

comunidade mundial, que exige leis, e não tratados, para o seu governo.»

O que Humber refere como «federação» é uma organização dentro da qual cada país conservaria sua soberania interna, delegando a um governo mundial somente aqueles poderes necessários para manter a lei e a ordem entre as nações. A seu ver, essa é uma finalidade vital superior à da ONU e para a defender já percorreu mais de 500 mil quilômetros discorrendo a respeito em centenas de clubes cívicos, instituições femininas, colégios e auditórios públicos, durante os últimos cinco anos.

A impressão que se tem desse extraordinário batalhador é a de uma pessoa inteiramente vulgar: sem nenhum traço de distinção no trajar ou em seu modo de exprimir-se ou agir, não difere da média comum de um homem de negócio que passa despercebido fora de sua localidade.

No entanto, já se fez notar em todo o país. A razão é simples: ao contrário da maioria, que se limita a deplorar apenas as coisas erradas do mundo, Humber captou uma delas e resolveu fazer algo por si mesmo para a endireitar. Ele é uma afirmação viva do «poder do homem»; sendo um simples indivíduo tem, no entanto, a convicção de que, como tal, pode realizar o que quer.

Durante a primeira Guerra Mundial, serviu numa companhia de artilharia, em solo francês, e presenciou aterrorizado os horrores da guerra de destruição. Assim ocorreu com milhares de outros soldados aliados. Mas esse decidiu consigo mesmo que se as guerras devessem ser evitadas, a ele, Robert Humber, tocava a obrigação de trabalhar nesse sentido.

A obsessão o seguiu através de seus estudos nas universidades de Harvard e Oxford. Na Inglaterra e na França, leu bastante sobre história e política administrativa, analisando um por um os vários planos até então sugeridos para a cooperação internacional.

Durante anos viveu em París como advogado de uma companhia de petróleo, e viajou por toda a Europa estudando os problemas sociais e políticos. Acompanhou de perto os trabalhos da Liga das Nações e observou o seu declínio. Quando as legiões de Hitler se lançaram sobre a França, Humber retornou a Greenville. Agora, dispunha de meios suficientes para iniciar sua cruzada, pois sentia que a opinião pública estava em condições de compreendê-la.

Para levar adiante sua idéia, convidou 39 vizinhos seus, que formavam como que uma pequena síntese da coletividade: um juiz, o encarregado de um posto de gasolina, o redator de um jornal da localidade, o proprietário de um armazem, o agente do correio, o médico, dois pregadores e um porteiro. No dia aprazado, reuniram-se todos à sombra de uns grandes carvalhos e, no primeiro momento, a devorar sanduiches, nenhum deles podia atinar com a idéia que o seu anfitrião tinha em mente. Humber pusera seus convidados a poucos passos da praia, com as ondas do mar chofrando perto. Passando a falar, explicou que os convidara para submeter à apreciação de todos os presentes algo que podia revestir-se de grande importância histórica: uma declaração sobre a federação mundial. Em seguida, leu um documento, esclarecendo sua significação, e por fim, solicitou comentários a respeito.

O primeiro a emitir opinião foi o juiz: «Pelo que me diz respeito, considero um privilégio estar aquí hoje. Nunca me passou sequer pela mente que fora convidado a proferir julgamento sobre o que considero a mais importante decisão que enfrenta a humanidade.»

Falaram a seguir outros e, finalmente, todos se manifestaram favoraveis à idéia de Humber, pronunciando-se unanimemente pela federação mundial.

Esse comício campestre estimulou Humber a fazer de sua cruzada um movimento popular. Sabia que os congressistas davam pouca atenção às coisas enquanto não houvesse a prestigiá-las um impulso de interesse público. Escreveu a amigos e colegas. Visitou todas as localidades de seu estado, falando em média duas vezes por dia em tribunais, escolas e até vestíbulos de hotéis—onde quer que lograsse encontrar uma dúzia de ouvintes. Cada converso levaria adiante sua palavra e o fato é que o ardor de sua fé promovia adesões em cada grupo.

Humber suplicava sempre aos ouvintes que escrevessem aos membros de seus congressos estaduais encarecendo-lhes a conveniência de apoiar o seu projeto.

Finalmente, Humber levou o projeto à Câmara Estadual, no seio da qual provocou vigoroso debate. Foi então levantada uma objeção que já se tornara familiar a Humber: «Essa matéria requer melhor estudo.» A tal declaração, um dos senadores fez uma réplica que Humber achou admiravel: «O progresso da civilização não pode esperar pelo desenvolvimento intelectual de meus colegas.» Afinal, o projeto foi aprovado por consideravel maioria.

Adeptos da federação mundial inundaram Humber de congratulações. Insistiram nessa altura com ele para chefiar uma organização nacional destinada a trabalhar para a ordem mundial. Mas Humber preferiu continuar seu trabalho junto às câmaras legislativas estaduais para a adoção de seu projeto. E, voltando à tática desenvolvida em 1941, percorreu outros estados, atraindo novos adeptos.

O ex-presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos, lendo na declaração de Humber, que «a época dos tratados acabou; a das leis é que prevalece agora», referiu-se a essa frase como sendo a mais significativa que lera de muitos anos até então. O sr. Butler, presidente emérito da Universidade de Colúmbia, confessou a Humber: «Se eu fosse jovem não me dedicaria à educação, e sim à realização do plano de federação mundial durante toda minha vida.» Wendell Willkie adiantou-lhe: «Subscrevo irrestritamente seu projeto.»

Em 1942, conhecido clérigo, incentivou Humber a submeter seu plano à Câmara de outro estado, onde aliás encontrou forte oposição por parte dos políticos e da imprensa, sendo que um jornal desferiu cruel ataque contra Humber insinuando que ele era instrumento do governo inglês. Humber falou perante as escolas locais sem dar, aparentemente, nenhuma atenção a esse ataque. No dia seguinte, procurou a redação do jornal.

—Realmente, senhor Humber, disse-lhe o jornalista, —nós o tratamos duramente. Mas porque o senhor não reagiu?

Os amaveis olhos cinzentos de Humber reluziram. —O senhor leu porventura o meu projeto? O jornalista viu-se obrigado a confessar que não. Por duas horas, Humber discorreu sobre suas idéias e durante esse tempo o redator só fez ouvir e articular uma ou outra pergunta. No outro dia, os leitores viam atônitos no jornal uma nota que aprovava integralmente a idéia da federação mundial.

Foram precisos cinco meses de pacientes e persuasivos esforços, como esse, para organizar o apoio que deu vitória ao seu projeto no referido estado.

Decorridos dois anos, só lograra conquistar por completo à sua causa dois estados.

Humber iniciou vertiginosa turnê através do país, exclusivamente às próprias expensas, esclarecendo sobre a federação mundial as pessoas de todas as condições, desde os círculos governamentais até os assalariados mais humildes. Quatro estados adotaram sua declaração em 1943; dois, em 1944, e seis, em 1945. Humber possue notavel vigor físico. Pode atravessar a meio o continente num ônibus superlotado e, com um intervalo de tempo apenas necessário para trocar de camisa, produzir os seus argumentos com facilidade e precisão perante uma comissão legislativa. Quando o projeto estava sendo examinado na Virgínia, dirigiu-se pessoalmente a cada um dos 100 deputados e 40 senadores do estado. Em outro estado, usou da palavra sucessivamente durante 45 noites.

Em suas alocuções públicas, não faz nenhuma tentativa de impressionar pela eloquência; mas suas palavras têm sempre intenso poder de sinceridade e convicção. Em certo estado, sua tarefa tornou-se particularmente árdua. Quando principiou a falar perante o senado vários membros deste abriram os seus jornais. Em desafio a essa atitude, Humber mostrou-se ainda mais ardoroso na defesa do seu idealismo. Após alguns momentos, os senadores deixaram de lado os jornais e, inclinando-se para a frente, passaram a ouví-lo com atenção. Quando Humber terminou, todos os senadores se levantaram e fizeram-lhe grande ovação. Seu projeto foi em seguida aprovado por 35 contra 8 votos.

O projeto de Humber é de teor muito simples. Ele acredita que a educação do povo para aceitar a idéia da federação mundial deve vir primeiro; os pormenores do plano poderão ser ultimados quando a nação estiver preparada para estabelecer e desenvolver a ONU em algo baseado mais sobre a lei do que sobre acordos.

A conferência das Nações Unidas em S. Francisco deu retumbante oportunidade a Humber para verificar que muitos representantes de outras nações estavam tambem meditando sobre a federação mundial. Durante oito semanas de entrevistas, Humber conversou com delegados de 40 das 45 nações representadas. Muitos deles, segundo afirma, prefeririam uma organização mundial mais forte do que a representada pela ONU. Tem recebido milhares de indagações relativamente à sua atitude em face da Carta das Nações Unidas e da ONU. «Eles não irão até onde deveriam chegar,» respondeu, «mas deram um passo na direção acertada. Em consequência, devemos apoiá-los e trabalhar para o próximo e inevitavel passo: a federação mundial. A oportunidade dessa idéia já chegou.»

COM DINHEIRO se consegue a casca de muita coisa, mas nunca o miolo. Traz-nos alimento, sem nos dar fome; remédio, mas não a saude; conhecidos, mas nunca amigos; servidores, e não a própria lealdade; dias de alegria, mas não a paz ou felicidade.

—Henrique Ibsen

Uma tragédia emocionante
da imprensa cotidiana

A HORA DO DESTINO

(Condensado do «Rocky Mountain News»)

Por Jack Foster

ERA QUASE meia-noite quando Gene Lowall, redator-chefe do jornal pegou o receptor do telefone, chamando Thornton, redator dos obituários, para dizer-lhe:

—Temos um bom desastre de automovel. O chofer morreu. Corra, que ainda pode sair na última edição.

Thornton pegou por sua vez o fone: —Alô, Beck? É, sou eu mesmo. Vá falando... Sim... Walter Hinton. Está bem: trinta anos—arquiteto... Sim. Foi de encontro à cerca da escola, indo a 100 km por hora. Não diga! Morreu às onze e trinta e um. É só? Bom—obrigado.

Em seguida, Thornton deu uma busca nos arquivos do jornal, e descobriu um envelope, coberto de pó, com a inscrição: «Hinton, Walter. Arquiteto.» Enquanto lia às pressas os papéis, foi anotando os detalhes principais. «Formado na universidade de Yale. Estudou arquitetura em París. Construiu alguns dos mais belos edifícios da cidade. Muito conhecido nas rodas de jovens da alta sociedade. Casado.»

Willie leu com mais cuidado as informações relativas ao casamento. A crônica fora escrita ao regressar o casal da lua de mel. Ela era a linda Kitty Turner, ex-modelo de fotógrafos.

O cronista social dizia: «A sra. Hinton pareceu-me ainda mais bonita que nas fotografias. Contou-me que tinham ficado numa pequena cidade chamada S. Bruno, na ilha Christophe. Moravam num estúdio, no alto de uma colina, de onde a vista abrangia o vale.—Foi uma lua de mel perfeita! disse a sra. Hinton.»

Thornton meteu os recortes no envelope. O que alí estava era romântico, e sentimental, mas não servia para o obituário. Foi lendo outras notícias sobre a vida social do casal, os jantares que costumavam dar, o êxito cada vez maior de Walter. Chegou finalmente à história do divórcio, dois anos depois; a sra. Hinton acusara o marido de maus tratos e abandono, declarando que tão absorvido andava no trabalho e na vida social noturna, que não tinha tempo para ela.

Thornton redigiu o obituário clássico, de praxe, e o lançou sobre a mesa de Lowall. Este correu os olhos pela folha e perguntou: —A que horas ele morreu? Willie revistou as notas que tomara: —Às 11 h 31.

—Porque será que estava guiando com tanta velocidade? E para onde ele ia? Você não averiguou nem metade da história, Thornton. E a mulher?

—Estavam divorciados.

—Pois então a ex-mulher. Telefone a ela e pergunte o que tem a dizer sobre o acidente. Talvez ela chore. Talvez diga qualquer coisa interessante. Seja lá como for, dará mais vida à notícia.

Não sem certa relutância, o redator dos obituários procurou o número de Kitty Turner no livro de telefone. Dalí a alguns minutos, uma voz sonolenta respondeu:

—Não senhor, dona Kitty não está. Está doente no hospital S. José.

Willie conhecia um interno do referido hospital, e chamou-o. —Claro que conheço a moça a quem você se refere. Mas não está mais aquí. Morreu.

—O que é que você está me dizendo?

Pois foi. Apendicite, meu caro, com peritonite e não sei quantas complicações. Nos últimos momentos começou a chamar o ex-marido; sabe quem é, não? Walter Hinton. Batia na cama gritando o nome dele sem parar. Chamei-o pelo telefone e ele disse que vinha imediatamente, mas não chegou aquí.

—Pois fique sabendo, retrucou Thornton, —que ele se espatifou com o carro de encontro à cerca da escola.

—Não é possivel! disse o interno.—Ora essa! Mas talvez tivesse sido melhor assim. Embora eu já esteja calejado com essas coisas, não pude deixar de ficar impressionado, lá para o fim. Ela só falava num lugar chamado S. Bruno, soluçando e dizendo coisas sem nexo... um estúdio, um vale. e não sei mais o que.

«Foi mesmo de impressionar, Thornton. Pouco antes de morrer, ela esboçou um sorriso e disse: —Meu bem... afinal estamos em S. Bruno de novo. Segure minha mão. Quero descansar a cabeça no seu ombro. Assim... É outra lua de mel, meu amor. Foi o que ela disse, Thornton. Fiquei arrepiado!

Lowall, debruçado sobre a mesa de Thornton, procurava ler as notas que ele ia tomando. Thornton, cobrindo o telefone com a mão, contou o que o interno dissera.

—Isso é que é uma boa história. Formidavel! exclamou Lowall. —Pergunte a que horas ela morreu.

Ao ouvir a resposta no telefone, o lapis de Thornton foi escrevendo os números, vacilante, e Lowall, ao lê-los, gritou ao chefe:

—Guarde um lugar na primeira página para uma notícia de três colunas. Uma linda mulher cujo ex-marido era muito conhecido. Uma história que despertará o maior interesse.

Ela morrera às 11 h 31.

Para ler e meditar

As mulheres são mais sábias que os homens porque, sabendo menos, compreendem mais.

—James Stephens

Ao homem apressado falta um quê de civilização.

—Will Durant

Prefiro sentar-me numa abóbora, que seja apenas minha, a estar apertado, entre muitos, num cômodo divã de veludo.

—Henry Thoreau

Para cada mulher que faz de um homem um tolo,
há uma que faz de um tolo um homem.

Um Henry Ford da terceira geração resolve fazer com que a companhia volte ao que era, quaisquer que sejam os riscos a enfrentar

O segundo HENRY FORD

(*Condensado de «Time»*)

NUMA NOITE de janeiro passado, já tarde, Richard Leonard, diretor da União dos Operários de Indústrias Automobilísticas na companhia Ford, homem de voz suave e boa disposição, pegou o telefone e chamou John S. Bugas, chefe do departamento de relações industriais da companhia Ford, cuja voz é tambem suave e cuja disposição é igualmente afavel.

—Olhe John, disse Leonard. —Vamos resolver isso de uma vez.

—E porque não? respondeu Bugas.

Isso eram as negociações entre Ford e a União dos Operários de Indústrias Automobilísticas. Num período de duas horas, à manhã seguinte, Bugas e Leonard resolveram a intrincada questão sobre que vinham discutindo de bom humor, mas com a maior intensidade, havia já dois meses e pouco. A companhia concordou em aumentar, de 18 centavos por hora, o salário básico usual. A união concordou em conceder a Ford a segurança que exigira: a garantia de que o trabalho não voltaria a ser interrompido. Isto era muito importante para a Ford, que sofrera enormes prejuizos devido a 773 greves, em quatro anos e meio.

A companhia Ford já estava pagando os mais altos salários da indústria automobilística, e atualmente o neto de Henry Ford, do mesmo nome, que é presidente da companhia, comprometeu-se a aumentar extraordinariamente os salários de seus empregados. Segundo os próprios cálculos da companhia, esta já estava perdendo em cada carro que construia. Então, por que motivo aceitara tais condições, pleiteadas pela União de operários?

Em 1914, o Henry Ford da primeira geração atingira os píncaros da indústria, lançando a cartada do salário de cinco dólares por dia, com seu verdadeiro gênio industrial. Agora, o Henry Ford da terceira geração decidira correr outro risco formidavel. Tratava-se, realmente, para o jovem Ford, de fazer com que a companhia voltasse a ser a primeira, ou então perder a cartada. A companhia vem baixando de nivel há vários anos. Em 1930, produzia 40 por cento dos carros existentes no mercado. Por volta de 1941, esta percentagem fora reduzida a 18,8. Os lucros diminuiram na mesma medida.

Os anos de guerra modificaram essa tendência. Os lucros aumentaram. Surgiram, porem, novas dificuldades, com as greves, que diminuiam a eficiência da produção. Enquanto Tio Sam pagou as contas, tudo foi indo bem. Mas, terminada a guerra, as greves bastavam para aniquilar a companhia. Foi então, menos de dois meses depois do dia da vitória,

que a União dos Operários da Indústria Automobilística começou a exigir um aumento de 30 por cento nos salários. O jovem Henry Ford resolveu a questão por meio de entendimentos em que demonstrou à União o estado precário da companhia. Se é que resolveu, igualmente, o problema do aumento de produção, o custo da manufatura dos carros Ford deverá, normalmente, decrescer.

Uma de suas primeiras medidas foi varrer tudo o que se tinha acumulado nos escritórios da companhia. Perto de um milhão de dólares por ano estavam sendo retirados das listas de pagamento da tesouraria. Preparou novo grupo para a produção colocando, ele próprio, em várias fábricas, jovens que lhe pareceram capazes. Quando dispunha de algum tempo, percorria o país, injetando novos elementos de vida em tantas quanto fosse possivel das seis mil e duzentas agências existentes nos Estados Unidos.

Seus esforços foram recompensados por encomendas de um milhão de carros. A produção atual já subiu a 2.800 automoveis e caminhões, por dia—Fords, Mercuries e Lincolns—alem de cerca de 300 tratores. Dentro em pouco Henry Ford espera que esse número suba a 5.400 por dia. Por essa ocasião é provavel que a companhia deixe de perder dinheiro em cada carro fabricado. No ano que vem, instalará novas fábricas e depósitos de suprimento, através dos Estados Unidos, subindo sua capacidade de produção a oito mil por dia.

Dentro em breve, seus concorrentes terão outra surpresa. No canto de uma das fábricas, os primeiros modelos 1947 já foram construidos. Em outubro, começarão a sair das fábricas. Em Detroit corre toda sorte de boatos sobre os novos modelos e seus aperfeiçoamentos. Seja lá como for, o jovem Ford espera poder vendê-los por um preço mais baixo que o de qualquer outro automovel.

Todas essas atividades estão fazendo com que os fabricantes de automovel dos Estados Unidos estejam de novo examinando atentamente o robusto representante da nova geração de Fords, que pouca semelhança tem com seu avô, o velho Ford, franzino e de olhos vivos e agudos. Até agora, não revelara o neto possuir a menor dose da astúcia do velho. Atualmente, porem, os outros magnatas da indústria automobilística já começam a ter dúvidas quanto a isso.

O jovem Henry aprendeu os fatos básicos da indústria muito mais depressa do que deixara prever, a princípio. Seu credo—o de que os empregados devem ter tanta responsabilidade quanto os empregadores—não é novo. Os fabricantes de automoveis vêm procurando fazer com que as uniões partilhem de todas as responsabilidades, há já vários anos. O que é novo é o fato de que o jovem Ford decidiu tornar esse credo uma realidade, de modo extremamente habil. Conseguiu transformar o próprio trabalho numa espécie de instrumento de concorrência. A um dos fabricantes de automoveis, que pretendera persuadí-lo, a que formassem uma frente unida contra os aumentos de salário, replicou, bruscamente: «Cuide de seus problemas que eu cuidarei dos meus.»

Poucos dos habitantes de Detroit o conhecem bem. Passou, a bem dizer, a maior parte de sua vida, até agora, à sombra do avô e do pai. Em pequeno foi mantido em reclusão quase completa, juntamente com seus irmãos mais moços, devido, principalmente ao receio, bem fundado, da família Ford, de que alguma das crianças viesse a ser raptada. Os jornais raramente conseguiram fotografá-las. Não iam a parte alguma, com raras

exceções, sem que fossem acompanhadas, discretamente, por guarda-costas.

Ao ingressar na escola, o jovem Ford pouco interesse revelou pelos livros. Seu guarda-costas passava despercebido, como professor de natação da escola. Henry, porem, impressionou seus colegas, desde cedo, pelo bom senso que não tardou a revelar.

Na universidade, que passou a cursar em 1936, começou por estudar engenharia. Mas, depois de um ano, desistiu—era monótono demais. Passou à sociologia, em parte devido ao fato de que todos os Fords dão para sociólogos amadores, mas principalmente porque o professor de sociologia era o famoso Albert Keller. O jovem Henry gostava de suas aulas «por não empregar ele a linguagem profissional, mas a própria linguagem do povo».

No curso de quatro anos de estudo, não alcançou, porem, notas suficientes para poder formar-se, e deixou a universidade. Àquele verão, em 1940, casou-se com uma jovem nova-yorquina, católica e extremamente piedosa. Henry começou a estudar catecismo com um conhecido pregador americano, convertendo-se ao catolicismo na véspera do casamento. O casal instalou-se na casa que o pai dele oferecera como presente de casamento.

O jovem Henry começou a estudar o mecanismo do império Ford, de cima abaixo, descansadamente. Aprendeu a examinar motores, a lubrificá-los, e a executar uma série de tarefas semelhantes. Mas não havia pressa. Aos quarenta e sete anos seu pai, Edsel Ford, magro e sempre apressado, gozava de tão boa saude que, ao que tudo parecia indicar, seria presidente da companhia por muitos anos ainda. Em abril de 1941, o jovem Henry alistou-se na Marinha Americana. Como oficial, regressou à fábrica para ensinar matemática na escola que a Marinha lá instalara.

Da noite para o dia teve que tomar a si uma tarefa muito mais importante. O pai veio a falecer depois de breve moléstia. Não havia tempo a perder. Já não podia aprender coisa alguma sistematicamente. Havia que pôr mãos à obra. O velho Henry Ford tomou a si ensinar-lhe, pessoalmente, o necessário. Mas a mão de ferro com que dirigira, outrora, seu império, tornara-se fraca e trêmula. Em setembro, foi forçado a deixar a presidência sendo substituido, incontinenti, pelo jovem Henry.

O neto pôs-se a agir como o avô sempre agira—sem perda de tempo. Harry Bennett que era, a certa altura, a menina dos olhos do velho Henry, e protegera o patrão contra o que quer que fosse, foi despedido. Com ele, dezenas de outros, varridos de uma só vassourada. A obsessão de fazer com que Ford volte a ocupar o primeiro lugar, mantem, agora, o jovem Henry, por seu turno, em constante ebulição, a andar de um lado para o outro, a passos apressados. No edifício da administração, seu escritório é pequeno, mobilado simplesmente e cercado, como os outros, por paredes de vidro.

Levanta-se, geralmente, às seis horas da manhã. Indo de casa para a fábrica e de volta, o que representa um percurso de cerca de 20 km, costuma pôr à prova seus próprios carros. No caminho, fecha e abre os vidros, dá pulos nos acolchoados, experimenta todos os pequenos detalhes, sem que nada lhe escape, o que mantem os técnicos da produção em constante estado de alerta.

Certa feita, ao bater a porta do carro, notou que o som era um tanto metálico. Irritado, convocou imediatamente todo o corpo de técnicos da produção.

—Vocês não sabem por acaso, pergun-

tou em alta voz, —que os agentes da Chevrolet, ao levarem panfletos de propaganda às agências Ford, batem a porta do carro? Quando ouvem um ruido como este, dizem logo: «Está vendo? É de estanho.» E vendem um Chevrolet. Dito isso, percorreu toda a fábrica batendo as portas dos carros e marcando a giz todas aquelas em que notou o mesmo ruido.

Nestes últimos dois anos, o império Ford sobreviveu ao choque da morte de Edsel e do afastamento do velho Henry Ford. Não há motivo para supor-se que não sobreviverá, igualmente, aos tremendos riscos que o jovem Henry não se recusa a correr. Não lhe falta confiança, pois acredita firmemente que as relações pouco satisfatórias, entre empregadores e empregados, que vinham prejudicando o império Ford havia muitos anos, chegaram ao seu termo. Pode aliás basear essa crença num fato indiscutivel e importante. Desde o dia da Vitória não houve uma só interrupção do trabalho, provocada por questões semelhantes, em qualquer das fábricas Ford.

Um clube original

Nos Estados Unidos, país dos clubes, organizou-se mais um, cujos sócios recebem pelo correio, todos os meses, uma caixa ou cesta contendo as melhores frutas ou nozes cultivadas em diferentes regiões. Cada uma delas é colhida quando está bem «no ponto». Em abril vem uma caixa de tâmaras, de três espécies, de uma qualidade nunca vista em armazens; maio é o mês dos figos, madurinhos e deliciosos; em janeiro, os sócios recebem cinco quilos de peras, das chamadas d'Anjou, consideradas pelos entendidos como as melhores do mundo. Em outros meses chegam caixas de nozes, bolos feitos com 15 variedades de frutas, laranjas sem caroço e tangerinas japonesas das mais saborosas.

—W. W. Wheatly, em *The Family Circle*

Respostas a «Você sabe o que quer dizer?»

(Vide pág. 73)

(1)—C. *arremeter e bater de frente*
(2)—B. *idioma românico falado na Suiça*
(3)—D. *acautelar*
(4)—A. *pachorrento*
(5)—D. *limitar*
(6)—D. *suscetivel de remoção*
(7)—B. *esquadrinhar*
(8)—C. *feitio*
(9)—D. *engodo*
(10)—A. *pequeno canal de escoamento*
(11)—B. *abertura de fossas e trincheiras*
(12)—C. *rajada de vento*
(13)—A. *subterrâneo abobadado*
(14)—C. *espécie de aranha venenosa*
(15)—C. *referente aos brasões*
(16)—B. *bater com as patas*
(17)—A. *a parte mais larga duma vela*
(18)—B. *abalar*
(19)—D. *parte de um curso literário*
(20)—D. *senhor feudal*

Os INDOMAVEIS

Condensação do livro «The Unconquerables»

PELO GENERAL T. BOR-KOMOROWSKI

Comandante-chefe das Forças Armadas Polonesas, que dirigiu o levante de Varsóvia em agosto e setembro de 1944

Os indomaveis

A LUTA por Varsóvia, levada a efeito pelas Forças Polonesas de Resistência em 1944, constituiu uma das batalhas mais desesperadas da última guerra. Apresentamos aquí um relatório pormenorizado, ainda inédito, do que foi essa campanha heróica, embora fadada, desde o início, ao fracasso.

Sob as barbas dos alemães, por assim dizer, as Forças Polonesas de Resistência haviam mobilizado e armado trezentos mil homens. Quando o Éxercito Vermelho, vitorioso, iniciou sua marcha pela Polônia, as Forças de Resistência atiraram-se contra os alemães segundo os planos de operações designados pela senha «Tormenta». A ação-chave dessa campanha consistiria na tomada de Varsóvia. A 1º de agosto os soldados da Resistência nessa cidade, em número de 40 mil, deram começo à revolta que levou 63 dias de sangrentas lutas de casa em casa, tendo perecido ao todo 250 mil poloneses, entre civís e militares.

Eis a história daqueles 63 dias trágicos, narrada pelo general Bor, comandante-chefe das Forças de Resistência.

Começa a Tormenta

«POLONESES, está próxima a hora da libertação! Às armas, poloneses! Que cada casa polonesa se transforme num fortim, para a luta contra o invasor! Não há um momento a perder!»

Essas empolgantes palavras, exaltando à ação toda a gente polonesa, foram irradiadas pelos russos em fins de julho de 1944, e haviam sido subscritas pelo Comissário Molotov e por Osubka-Morawski, chefe, em Moscou, do Comitê de Libertação Nacional. Era óbvio o que daí se podia depreender: estava iminente o ataque do Exército Vermelho a Varsóvia. De outra maneira não se compreende fosse o povo incitado a uma luta que, na falta de apoio exterior, resultaria certamente numa hecatombe, sem qualquer vantagem para o avanço russo.

A 30 de julho, um de nossos oficiais do Serviço de Informações encontrou em Radosc, a 20 quilômetros de Varsóvia, uma coluna de tanques soviéticos, tratando-se evidentemente de poderosa patrulha. Em conversa com os oficiais russos, percebeu que todos esperavam chegar a Varsóvia muito breve. Dos arrabaldes de Praga, subúrbio de Varsóvia, a leste do Vístula, nossos postos de informações enviavam relatórios contínuos em que diziam ter-se avistado com patrulhas russas bem perto da cidade, já dentro, mesmo, de seus limites. No subúrbio de Legionovo, as tropas alemãs, em pânico, haviam abandonado seus alojamentos.

No dia seguinte, 31 de julho, um comunicado russo veio anunciar que as tropas soviéticas haviam capturado o comandante da 73ª Divisão alemã, que defendia Praga. E no mesmo dia soubemos, pelo rádio, que Mikolajczyk, o primeiro-ministro de nosso governo exilado em Londres, deixara a capital inglesa, rumo a Moscou. Não poderíamos ter tido melhor notícia. Em abril de 1943 o governo soviético rompera relações diplomáticas com o governo polonês, e desde então havia-nos sido impossivel restabelecê-las ou coordenar nossas operações militares com as do Exército Vermelho. A presença do primeiro-ministro em Moscou induzia-nos, pois, a esperar que se estabelecesse afinal a coordenação militar entre o Exército Vermelho e nossas Forças de Resistência; ao mesmo tempo, nossas operações ajudá-lo-iam a reencetar as relações diplomáticas entre os dois governos.

Nessa mesma tarde tivemos notícia de que andava bem adiantado o movimento do Exército Vermelho no sentido de cercar Varsóvia pelo norte. A nordeste, os sovietes combatiam o Segundo Exército alemão, abastecido através de Varsóvia; enquanto isso, em Praga, a resistência dos alemães restringia-se quase exclusivamente à referida 73ª Divisão. A Divisão Hermann Goering estava sendo transferida como reforço às tropas alemãs em Praga, mas o grosso dessa divisão ainda não passara pela capital.

Imediatamente chamei o representante do governo, sr. Jankowski, expondo-lhe rapidamente a situação.

As operações das Forças de Resistência em Varsóvia, naquele momento, fariam da derrota alemã um desastre total. Os alemães estariam impedidos não só de reforçar sua 73ª Divisão diante de Praga, mas tambem de abastecer as tropas que lutavam em toda a frente de Varsóvia; assim não encontrariam obstáculos no movimento de cerco iniciado a partir do leste, nordeste e norte.

Todas essas considerações aconselhavam a que agíssemos sem demora. Por outro lado, embora os comunicados soviéticos mostrassem, fora de quaisquer dúvidas, que Moscou desejava ação militar imediata em Varsóvia, não pudéramos ainda coordenar nossas forças com o comando do Exército Vermelho, e ignorávamos os resultados da missão que levara Mikolajczyk à capital soviética.

Supondo que nosso primeiro ataque tivesse, realmente, como resultado a conquista da cidade aos alemães, nossas reservas, tanto de armas quanto de alimentos, chegariam apenas para manter Varsóvia durante quatro ou cinco dias—digamos uma semana, no máximo. Tanto quanto nos seria possivel prever, nosso êxito dependeria de um ataque no tempo justo, sem precipitação. Era imprescindivel que o Exército Vermelho entrasse em Varsóvia dentro de uma semana após nosso golpe inicial.

Jankowski, tendo ouvido minhas ponderações, fez diversas perguntas a outros membros do Estado-Maior. De posse de um apanhado geral da situação, voltou-se para mim e disse:

—Bem. Visto isso, podem começar.

Dirigindo-me ao coronel Monter, comandante, em Varsóvia, das Forças de Resistência, ordenei:

—Amanhã, às 17 horas em ponto, o sr. inicie a Operação «Tormenta» em Varsóvia!

No dia seguinte, a caminho de uma reunião secreta do Estado Maior, vi, pelas ruas, milhares de rapazes e moças que se dirigiam, apressadamente, a seus postos. Quase todos levavam maleta ou valise, ou algum embrulho de bom tamanho. Nos bolsos, as granadas de mão eram protuberâncias reveladoras; e eu adivinhava neles tambem, embora bem ocultos, fuzís e fuzís-metralhadoras. Apesar de saber que só uns poucos conhecedores do segredo reconheceriam, naqueles jovens, nutrida e enérgica tropa, fui presa de uma ansiedade positivamente irracional. A cada passo percebia a presença de patrulhas alemãs, e os carros blindados trafegavam constantemente pela via pública.

Os postos das Forças de Resistência haviam sido cuidadosamente selecionados; a maioria eram casas de esquina, pontos estratégicos donde se dominavam importantes cruzamentos de ruas, estações de estrada-de-ferro, alojamentos do inimigo, centros de abastecimento, serviços públicos; enfim, todos os pontos a tomar no primeiro ímpeto da luta.

Os soldados tinham ordem de tocar as campainhas das casas de apartamento; ao serem atendidos, entregariam aos moradores uma ordem de requisição, assinada por alguma alta patente das Forças de Resistência. Os civís, assim abordados em suas moradas, mostravam-se geralmente excitados, mas nunca recalcitrantes; invariavelmente cooperavam conosco como podiam, ajudando os homens a assumir suas posições junto a janelas, nos sotãos, nos telhados. Embaixo, no térreo, uma sentinela impedia a saida de qualquer pessoa, de modo a poder manter-se sigilo absoluto, à prova de possiveis indiscreções.

Pela primeira vez desde a ocupação, viam-se símbolos indisfarçados de que lutava, em terra polonesa, um exército polonês: eram as faixas brancas e vermelhas, usadas pelos soldados nos braços. Durante cinco anos haviam eles esperado esse momento. E agora eram forçados a esperar mais alguns minutos... Às 17 horas deixariam de ser uma organização clandestina, para tornar-se, outra vez, tropa militante, lutando às claras.

À hora marcada, sem nenhum atraso, abriram-se repentinamente milhares de janelas. De todos os lados choveram balas sobre os postos alemães e suas tropas em marcha. Quanto aos civís, desapareceram das ruas. As Forças de Resistência, emergindo de seus postos, acorreram ao ataque. Dentro de quinze minutos a cidade inteira, com seu milhão de habitantes, estava engolfada na luta. Cessara todo o tráfego, quer em rodovias e estradas de ferro, quer de pedestres; como centro vital de comunicações para a frente alemã, já não existia a capital da Polônia. Começara a batalha de Varsóvia.

No subúrbio de Vola, porem, onde se estabelecera, na fábrica Kamler, nosso novo quartel-general, a luta, devido a uma inadvertência, iniciara-se três quartos de hora antes do tempo fixado. Tratava-se de um arrabalde do maior valor para nós; composto de fábricas, casas de cômodos e pequenas lojas, dominando a estrada do oeste e as estradas de ferro que davam acesso a Varsóvia.

Pouco antes das 16 horas, chegara eu a Vola e me dirigia à referida fábrica, onde nada de anormal chamava a atenção. Sobre o calçamento irregular das ruas, rodavam ruidosamente os caminhões germânicos; nas lojas via-se o movimento normal de compras. Percebia-se tambem a presença de ninhos de metralhadoras, arame farpado e barricadas alemãs, e as patrulhas nazistas eram constantes, como

se dava, aliás, em todos os bairros e subúrbios da cidade.

Na fábrica Kamler, uma sentinela armada me deu passagem. Logo à entrada, o tenente Kamler, dono da indústria, informou-me que 33 membros do pelotão da guarda se achavam, naquele momento, no edifício, esperando-se a chegada de 95 outros. Todos eram operários da fábrica, transformados hoje em soldados. Nosso armamento consistia de 15 fuzís, 40 granadas e seis *filipinki* (granadas de grande poder explosivo, manufaturadas em nossas oficinas secretas).

Acabara de subir ao segundo andar, onde já se encontrava meu Estado Maior, quando ouví o pipocar de fuzís, seguido de metralha, sons esses que vinham de um ninho de metralhadoras próximo dalí.

Descí outra vez, apressadamente. Kamler explicou que os nazistas haviam recentemente retirado, da fábrica, alguns fardamentos alemães. Viera, minutos antes, outro caminhão para o mesmo fim, e o chofer do veículo, ao ver a sentinela armada, dispôs-se a fazer fogo; a sentinela, sem hesitar, atirou primeiro.

Fosse como fosse, havíamos revelado nosso plano; e agora não havia outro remédio senão improvisar uma barricada nos portões da fábrica e defender-nos como pudéssemos até que tivesse início a verdadeira batalha.

A polícia alemã, atraida pelo tiroteio, atacou-nos com metralhadoras, fuzís e granadas. Os dois lados da fábrica eram alvo de intensa fuzilaria dos ninhos de metralhadoras postados em duas ruas adjacentes. Do edifício em frente, uma metralhadora começou a lançar fogo contra nossas janelas, a uma distância de 15 metros. Um de nossos homens a silenciou com uma *filipinka*. Os alemães tentaram, mesmo, alcançar-nos pelo telhado, mas não nos foi dificil repelí-los.

Às 17 horas o tenente Kamler avisou que se aproximava de nós, através das ruinas do Gueto, consideravel força alemã. Por isso que contávamos apenas com reduzido número de homens e armas, não nos seria possivel deter tal ataque. Mas daí a pouco chegou-nos ao ouvido o som do tiroteio em plena cidade. Iniciara-se, em toda Varsóvia, a batalha; e os alemães, perturbados provavelmente pelo estrépito da luta incipiente e generalizada, cessaram todas as tentativas de tomar-nos a fábrica.

Pelas 20 horas veio-me, do telhado, o som de brados joviais. Um dos soldados desceu excitadíssimo, e pediu-me que me aproximasse da chaminé. Assim fiz, e quando lá cheguei fui saudado pelo observador com estas palavras:

—É a bandeira, general! O pavilhão nacional!

Na torre do mais alto edifício de Varsóvia, de 16 andares, e dominando todo o centro da cidade, via-se, com efeito, uma grande bandeira vermelha e branca. Durante cinco anos não haviam tremulado na capital as cores polonesas...

O clarão que reluzia sobre a cidade, a fumaça erguendo-se dos prédios incendiados, talvez mesmo a bandeira naquele edifício—todas essas coisas deveriam estar visiveis às forças soviéticas da vanguarda, segundo julgava eu. Ouvíamos nitidamente o constante rugir de sua artilharia, revidada pelos alemães aquem do Vístula.

Descí afim de preparar duas mensagens a ser enviadas a Londres. Na primeira, dizia:

«Começamos a luta por Varsóvia a 1.° de agosto às 17 horas. Providenciem imediatamente remessa armas e muni-

ções, deixando-as cair em paraquedas nas seguintes praças: (seguia-se uma lista).»

Quanto à segunda, seu texto era este:

«Considerando que já se iniciou a luta por Varsóvia, vimos pedir auxílio soviético sob a forma de um ataque imediato à cidade.»

Redigí então minha primeira mensagem aos soldados das Forças de Resistência que lutavam abertamente na capital; e o fiz nos seguintes termos:

«Soldados de Varsóvia,

«Hoje dei a ordem, de há muito esperada, para que se iniciasse o ataque ao invasor alemão, inimigo, de longa data, da pátria polonesa. Após quase cinco anos de lutas árduas e contínuas, levadas a efeito clandestinamente, hoje vos ergueis às claras, impávidos, armas na mão, dispostos a conquistar a liberdade para nossa pátria!

«Bor, comandante das Forças Polonesas de Resistência.»

No dia seguinte, as diversas unidades das Forças de Resistência começaram a enviar-nos seus relatórios. Tudo indicava que, de um modo geral, apanháramos os alemães de surpresa. Nossas manobras, cuidadosamente coordenadas, estavam com um adiantamento de quinze minutos, e tínhamos, de resto, a nosso favor a vantagem da ofensiva. Restava apenas saber se nossos homens conseguiriam manter essas vantagens durante o segundo dia de combate.

Depois de nossa investida inicial, os grupos *Panzer*, dos alemães, já não nos pareciam tão temerosos. A princípio os *Panzer* constituiam para nós motivo de séria preocupação, pois não dispúnhamos de armas contra tanques. Ora, os alemães haviam colocado, em pontos estratégicos pela cidade, enormes formações de tanques «Tigre», acreditando, evidentemente, que seriam capazes de esmagar qualquer tentativa de revolta em poucas horas. De fato, um quarto de hora após nosso primeiro ataque, os tanques entravam em ação.

Às 17 h 15 precisamente, o oficial encarregado da Praça Unia Lubelska viu 18 tanques «Tigre», de quarenta toneladas, avançando para o centro da luta, com suas metralhadoras a vomitar fogo. Seus homens, porem, obedecendo sem pânico, esperavam nos umbrais das portas, ou ocultos em outros pontos, até o último momento. Em seguida entregaram-se à tarefa de destruir as esteiras dos tanques com as *filipinki*, enquanto, de portas e janelas, os civís bombardeavam os «Tigres» com garrafas de gasolina inflamada. Em poucos minutos os 18 monstruosos engenhos de guerra jaziam inermes.

Das primeiras notícias recebidas, depreendemos que dentro de vinte minutos toda a população da cidade avaliara, claramente, a extensão do ataque a que se atiraram as Forças de Resistência; e de toda parte acorria gente para ajudar-nos. O ímpeto da primeira investida mostrara-se tão forte que não se podia comparar ao de um exército regular, só por si. Percebia-se, alí, todo o irresistivel impulso de uma revolta popular, sustentada por ação militar organizada. Inegavelmente, o êxito verificado nas primeiras horas era devido, em grande parte, ao corajoso ataque dos civís sobre o inimigo; no entanto havia, tambem, nesse ataque certas desvantagens.

No furor da batalha, nossos comandantes mal podiam distinguir entre soldados e civís. Em primeiro lugar, nossos rapazes não tinham fardas; alem disso, era-nos impossivel impedir que os paisanos usassem, nos braços, as faixas vermelhas e brancas. Assim, tanto uns quanto

outros capturavam armas aos alemães, o que tornava dificil poupar munições. Os civís comumente esperdiçavam, sobre um único alemão, toda uma saraivada de balas e granadas. Os primeiros comunicados recebidos eram unânimes em chamar a atenção para o excessivo gasto de munições.

Esses comunicados iniciais vinham, em sua maioria, do setor central da cidade. Nossas tropas haviam ocupado o Correio Geral, o gasômetro, o serviço de abastecimento de água e a estação central da estrada de ferro. Na usina de eletricidade, prosseguia a luta.

Esta era, aliás, decisiva, pois a principal usina elétrica constituia, em Varsóvia, a única fonte de força e luz, e dela dependiam tambem não só nosso contacto com o mundo exterior pelo rádio, como o funcionamento de nossas pequenas fábricas de munições. Havíamos organizado, nas Forças de Resistência, uma unidade de trabalhadores, técnicos e engenheiros poloneses, empregados na referida usina, e os incumbíramos de capturá-la.

Durante vários meses a usina vinha tendo o aspecto de um posto de defesa em plena linha de frente. Os alemães a haviam cercado de ninhos de metralhadoras, barricando-a com arame farpado por fora e até por dentro. Mais tarde melhoraram, febrilmente, suas defesas, dobraram a guarnição da usina e armaram seus homens da cabeça aos pés. Sabíamos que a instalação nos sairia um osso duro de roer.

Entretanto, às doze horas desse primeiro dia, já nossos homens tinham em mãos toda a usina elétrica principal. Sua luta durara 19 horas. Às 17 horas, precisamente, deram o sinal de batalha, fazendo explodir uma mina sob um dos ninhos de metralhadoras dos alemães. A guarnição nazista, atacada por dentro, lutou com incrivel ferocidade. Nossos homens haviam distribuido suas tarefas; enquanto uns mantinham a usina em funcionamento, os outros combatiam. Não houve um alemão que cedesse; todos tiveram que ser mortos, ou feridos e desarmados.

Tivemos, naquele dia, chuva torrencial e constante. Pela manhã o Batalhão Kedyw e a Milícia do Partido Socialista Polonês completaram nossa ocupação do subúrbio de Vola. Durante a noite, os primeiros comunicados de êxitos isolados precediam notícias de ocupação, pelas nossas forças, de bairros inteiros. A 3 de agosto, de manhã cedo, já se esboçava a situação mais nitidamente.

Após quarenta horas de luta, alcançáramos nosso objetivo: dois terços de Varsóvia estavam em nossas mãos. Na cidade propriamente dita, os alemães sustentavam ainda alguns pequenos focos de resistência, tais como o palácio do Governador e o quartel-general da Gestapo. Mas as Forças de Resistência estavam ainda na ofensiva.

Inspecionando o subúrbio de Vola, encontrei todos—soldados e civís—em ótimo estado de espírito. Apesar da chuva, comemorava-se jubilosamente nossa vitória inicial: até que enfim, depois de cinco anos de opressão, respirava-se o ar da liberdade! Ao som do tiroteio vinha misturar-se o canto de regozijo do povo. Na praça Kercelego, os civís puseram-se espontaneamente a construir barricadas. Atiravam, pelas janelas, mesas, cômodas, divãs,—tudo, enfim, que fosse movel. Desmanchavam os calçamentos, empilhando as pedras. E em todas as casas havia pelo menos uma bandeira desfraldada.

Em dado momento, o comandante de

uma unidade pediu-me que fosse ao seu quartel afim de ouvir pessoalmente um relatório invulgar, trazido por um cabo; este me repetiu, com dificuldade, a sua comunicação.

Sua metralhadora protegia o cruzamento com a rua Powazkowska, apontando diretamente ao alvo, a 600 metros de distância. Subitamente surgiu, do outro lado da rua, um grupo de civís, que se postou alí, ombro a ombro. A princípio o cabo julgara que estavam loucos. Através, porem, do binóculo, percebeu de que se tratava: os paisanos estavam amarrados a uma escada de mão, e esta ia sendo empurrada pelos alemães de maneira a fechar a rua; atrás dessa barricada humana, os nazistas se aproximavam. Não havia outra alternativa: nossos homens se viram forçados a atirar. Disse-me então o cabo:

—Foi duro, seu general, mas não havia outro jeito. Se a gente não tivesse atirado, amanhã vinham esses canalhas outra vez, atrás de paisanos poloneses. O sr. acha que a gente podia ter agido de outra maneira?

No quartel-general fui encontrar relatórios semelhantes. Na Ponte Poniatowski, os alemães atacaram nossa barricada, obrigando civís a caminhar diante deles. Não confiando mais na blindagem de seus ataques, o inimigo os cobria com verdadeiras ondas de civís. Houve, até, casos em que se viam mulheres atadas aos tanques. Eis aí a guerra total, estilo alemão, em Varsóvia, no ano de 1944.

Ouvíamos ainda a artilharia incessante, no lado do Vístula onde se achavam os russos. A distância fora reduzida a alguns quilômetros. Não duvidávamos, pois, que o Exército Vermelho entraria em Varsóvia nos próximos dias, bem antes de se esgotarem nossos suprimentos.

Desde a noite de 1.° de agosto nenhum avião soviético sobrevoara Varsóvia, fato que logo atribuimos ao tempo chuvoso, impróprio para a navegação aérea; aliás, a Luftwaffe tambem estava ausente dos céus da capital. Mais dificil de explicar era, porem, o silêncio do rádio soviético em relação a Varsóvia. Lutávamos, afinal de contas, às vistas dos russos; e os incêndios na cidade, alem das bandeiras polonesas, não podiam escapar aos olhos das patrulhas avançadas soviéticas. Tambem a B.B.C. e outras estações de rádio, de paises neutros, mencionavam nossa batalha. Mas de Moscou nem uma palavra nos chegava.

A 2 DE AGOSTO, já depois da meia-noite, deitei-me, para repousar durante algumas horas, no soalho de um dos prédios da fábrica. Caí logo em profundo sono, e despertei com súbita e vaga apreensão. Olhei em torno. Nada de anormal, nenhuma explicação para meu brusco despertar. Não seria o contínuo estrugir da batalha que me arrancara ao sono; já me acostumara até mesmo ao ruido incessante da artilharia.

Não haviam chegado mensagens de importância. Perto, prosseguia sem alterações o pipocar de metralhadoras, fuzís e *filipinki*. De repente percebí que cessara o fogo da artilharia.

Fiquei à escuta, durante alguns minutos. Dentro de Varsóvia não diminuira o fragor da batalha; mas da artilharia russa e alemã, alem do rio, não vinha um som sequer. O silêncio não foi interrompido e atravessou toda a madrugada, tornando-se muito mais significativo que qualquer ruido.

Todos começavam agora a sentir-se incertos quanto à duração da luta. Das conversações do primeiro-ministro Mikolajczyk com Molotov e Stáline, nenhuma notícia recebêramos. Com que

ansiedade e impaciência esperávamos, desse setor, alguma palavra!

Disso se aperceberam os alemães, que procuravam explorar nossa incerteza. Na noite de 3 de agosto, aviões da Luftwaffe lançaram folhetos sobre a cidade, levando minha assinatura: «Bor, Comandante das Forças de Resistência.» Em meu nome os folhetos informavam aos leais filhos da Polônia que, das conferências de Mikolajczyk em Moscou, nada resultara, tendo os russos adotado, em relação a ele, uma atitude hostil; por conseguinte, eu me via forçado a pedir aos patriotas poloneses que cessassem a luta e regressassem a suas casas.

Como seria de esperar, foi nulo o efeito desse sistema de propaganda, como de outros que a ele se seguiram. As falsificações dos alemães eram pouco inteligentes, não sendo dificil reconhecê-las como tais. Certo dia, por exemplo, chegaram a dizer, por meio de um folheto, que meu quartel-general entrara em negociações com o comando alemão no sentido de agir de comum acordo contra a Rússia: absurdo dos mais flagrantes, recebido por nós com bom humor.

No dia 3 de agosto, às 14 horas, 24 aviões *Junker*, escoltados por caças, lançaram bombas, inclusive as do tipo incendiário, sobre Vola e o centro da cidade. Era o primeiro bombardeio aéreo dos nazistas contra Varsóvia desde 1939.

Ataque semelhante ocorreu tambem às 16 horas.

Em todos os espíritos havia a mesma pergunta: onde estarão os aviões soviéticos? Os russos dispunham de aeroportos a uma distância de 20 minutos de vôo. Desde 24 de julho, seus aparelhos haviam sobrevoado Varsóvia quase todas as noites. Mas desde o início de nossa batalha, nenhum deles aparecera mais.

Durante o terceiro dia de luta franca, isto é, 4 de agosto, chegara eu a uma decisão realmente dificil quanto ao uso das munições.

Cabia-nos, ainda, a iniciativa, e expandíamos cada vez mais, hora por hora, nosso domínio da cidade. No entanto, os suprimentos que apreendíamos não davam para compensar a munição gasta; essa discrepância tornava-se inegavel à medida que surgiam novos comunicados.

Nossas oficinas funcionavam noite e dia; os operários estavam-nas aumentando, aliás, com material e equipamento improvisados. Sua produção, porem, continuava diminuta. Caso a luta prosseguisse na intensidade que ora se verificava, nossa munição se esgotaria dentro de quatro ou cinco dias. Ora, realmente eu não podia contar com a entrada do Exército Vermelho em Varsóvia no referido prazo; nem sequer esperar que as forças aéreas soviéticas nos trouxessem abastecimento em quantidade suficiente. Portanto, mandava a prudência que se reduzisse a veemência da luta, poupando munições.

Foi, pois, com o coração amargurado que mandei uma ordem aos oficiais de comando no sentido de observarem rigorosa economia em matéria de munição. Daí em diante, só se tomaria novamente a ofensiva em casos de necessidade tática. Ao mesmo tempo repetí meu pedido anterior a Londres, insistindo em que mandassem, com urgência, munições e armas de defesa contra os tanques.

A Real Força Aérea abastecera as Forças Polonesas de Resistência durante três anos; primeiro, a partir de bases no próprio Reino Unido, e depois da Itália Meridional. Toda vez que condições meteorológicas o permitiam, aviões *Liberator* e *Halifax*, tripulados por ingleses e

poloneses, deixavam os referidos campos para levar suprimentos à Polônia, lançando-os de paraquedas em locais indicados pelo nosso quartel-general e protegidos por unidades das Forças de Resistência.

Esse serviço, de suave eficiência, baseava-se em um sistema singularmente bem organizado. De Londres, a B.B.C. dava regularmente aviso de tais operações de abastecimento em seu programa especial para a Polônia; e o aviso era transmitido por meio de certas peças de música. Enquanto determinada canção significava «Não haverá vôos hoje», outra nos dizia justamente o oposto. Em seguida, a rádio-emissora, por meio de outra melodia, indicava-nos o ponto onde cairiam suprimentos. Sempre que fazia bom tempo tripulações especiais guarneciam, à noite, nosso sistema de iluminação para os aviadores, colhiam os pacotes e os despachavam a seus destinos finais.

No dia a que me refiro, 4 de agosto, nosso rádio, na fábrica Kamler, recebeu a transmissão de uma peça musical cujo significado era «Enviaremos armas esta noite». A canção seguinte indicava um local distante, no interior, fato que nos provocou ansiedades e inuteis conjeturas. No entanto, pouco depois da meia-noite, dois *Halifaxes* apareceram sobre Varsóvia, deixando cair, ao todo, doze pacotes, bem pouco, tratando-se de 40 mil soldados. A chegada dos dois aviões, porem, teve feliz efeito sobre o estado de espírito geral.

FELIZMENTE não nos faltava o que comer. Havíamos acumulado provisões secretas de grande monta, suficientes, na verdade, para manter os soldados durante dez dias; e mais tarde apreendemos vultosos suprimentos alemães em Stawki.

Entretanto não nos saía do espírito a escassez de armas; tornara-se fonte de insistente angústia, dificil de reprimir.

Com as restrições que eu ordenara quanto ao uso de munição, o ímpeto de nossa ofensiva abateu-se um pouco, é bem de ver; e foi então que os alemães levaram a efeito sua primeira tentativa no sentido de arrancar-nos a iniciativa da luta, sendo provavel que procurassem abrir caminho para o rio através de nossas posições, afim de dar aos seus veículos passagem livre pela cidade.

Ainda não havíamos tomado as pontes, mas em todo caso dominávamos a nossa margem do rio, bem como todas as estradas que davam acesso às referidas pontes. Desse ponto para trás, salvo alguns locais isolados, a cidade propriamente dita estava conosco, representando sólido obstáculo contra o progresso do inimigo.

Redundaram em fracasso os primeiros esforços dos nazistas para tomar a ofensiva, porque havíamos minado com eficiência os cruzamentos de ruas mais importantes. Nossas minas, porem, não eram em número suficiente; em vista disso, os soldados pintaram, no calçamento, avisos em polonês, nestes termos: «Cuidado! Minas.» Assim se conseguiu deter a marcha de muitos tanques. Toda uma formação deles, aliás, parou certa vez numa rua central ao deparar com uma simples garrafa de cerveja pendurada em um fio cujas extremidades haviam sido amarradas de cada lado da rua.

Houve um menino de 12 anos que alcançou notavel récorde. Um enorme tanque do tipo «Tigre», a que aludí acima, avançava em direção a uma barricada, com todas as metralhadoras a atirar. O garoto esperou, rente a uma parede, até o momento justo, e atirou

então uma garrafa de gasolina a uma distância de três metros. O tanque explodiu e incendiou-se logo; sua tripulação saltou e rendeu-se ao povo, de mãos ao alto. A multidão, aplaudindo com entusiasmo, apelidou o menino de «Tigre», e carregou-o em triunfo; não eram, porem, aplausos que ele ambicionava; em matéria de recompensa, era bem mais específico seu desejo: queria um capacete de aço... Ficamos embaraçados, pois não dispúnhamos de capacetes. Felizmente, porem, alguem se lembrou de que possuia, guardado nalgum canto, um velho capacete francês da guerra de 1914, que foi solenemente entregue ao adolescente. Usando, orgulhosamente, o prêmio recebido, ainda revelou iniciativa e coragem em outras proezas. E acabou sargento.

Em Vola, no entanto, ia-se tornando mais dificil nossa situação. Desde a manhãzinha a Luftwaffe vinha bombardeando o subúrbio, sendo que, desta vez, seus aviões apareciam sem escolta de caças, lançando suas bombas de pouca altura. Toda a zona se achava envolta em densa fumaça, e o povo emergia das casas, carregando os pertences que fora possivel colher, para sair sem direção fixa, em busca de abrigo.

E ainda não ouvíamos, nos programas de rádio de Moscou, a menor referência a Varsóvia, nem nos chegavam sons de batalha para lá do Vístula. O mais dificil de entender, porem, era a ausência de aviões soviéticos, pois alguns de seus caças poderiam facilmente destruir os bombardeiros da Luftwaffe, que vinham desprotegidos.

A 5 DE AGOSTO deu-se o que parecia ser um início de ligação com o Exército Vermelho. Dois dias antes, nossos soldados do setor central haviam capturado «um estrangeiro», o qual foi levado ao Serviço de Informações e aí interrogado. Disse chamar-se Konstantin Kalugin, e era russo, com a patente de capitão sob as ordens do Marechal Rokossovsky. Credenciais, não as trazia; possuia porem uma carteira de identidade segundo a qual o Capitão Konstantin Kalugin era oficial do Exército Vermelho adido ao Grupo Czarny, unidade soviética de guerrilha que operava na retaguarda das linhas alemãs.

Declarou que descera de paraquedas, com um companheiro, a 15 de julho a sueste de Varsóvia. Haviam sido incumbidos de entrar em contacto com o comandante da organização revolucionária em Varsóvia. Chegando à capital polonesa a primeiro de agosto, haviam-se perdido um do outro em plena batalha das Forças de Resistência. Estando seu companheiro com o transmissor de rádio e o código, ficara impossibilitado de se comunicar com seus superiores. Pediu permissão para usar nosso rádio afim de entrar em ligação com o quartel-general de Rokossovsky. Afirmando, com ênfase, que os exércitos soviéticos tinham esmagadora superioridade numérica e deveriam chegar a Varsóvia nos próximos dias, pediu-nos tambem informes sobre a situação geral da cidade, sugerindo que o coronel Monter lhe desse licença para enviar uma mensagem direta a Stáline.

Conquanto eu não duvidasse que Mikolajczyk mantinha Stáline plenamente a par do que sucedia em Varsóvia, não me passou despercebido o valor de uma confirmação que emanasse de um oficial soviético no local. Dei, pois, instruções a Monter no sentido de fornecer a Kalugin todas as informações possiveis, quanto às posições nossas e dos alemães, informações essas que ele deveria então transmitir ao seu país.

A mensagem de Kalugin a Stáline pedia que se lançassem armas em locais estipulados, que certos pontos onde se concentravam os alemães, em Varsóvia, fossem metralhados, e finalmente, que se bombardeassem determinados campos de aviação. A comunicação foi redigida nestes termos: «O bravo povo de Varsóvia confia em que V. Excia. enviará todos os auxílios possiveis dentro das próximas horas. Rogo-lhe facilitar minha ligação com o Marechal Rokossovsky.» Assinado: «Capitão Konstantin Kalugin, do Grupo Czarny, Varsóvia.» O coronel Monter mandou tambem uma mensagem de Kalugin para Londres, pedindo que a transmitissem, através de Moscou, para o Marechal Rokossovsky na frente de batalha. Não recebemos resposta dos sovietes.

Em Vola, a situação peorava. Os alemães lutavam agora desesperadamente afim de reabrir a entrada ocidental de sua linha de comunicações através de Varsóvia.

De resto, a defesa de Vola constituia espinhosa tarefa, pois o subúrbio era cercado de espaços descampados, tais como a área devastada do Gueto e os cemitérios protestante e semita. A 6 de agosto, em acesa luta, nossas forças se viram obrigadas a abandonar a região dos cemitérios, e os grupos de tanques do inimigo ocuparam a Praça Kercelego, a 500 metros de nosso Quartel-General; este ficava assim em plena linha de frente, tornando extremamente dificil a execução de todas as nossas indispensaveis tarefas. Se bem que as corajosas mensageiras nunca houvessem baqueado, as ligações com o coronel Monter iam sendo cada vez mais dificultosas.

Era-nos tambem imprescindivel defender nossos rádios, único meio que nos restava para as comunicações com o exterior e especialmente com o comando soviético. Após cuidadoso exame da situação, decidí que nos transferíssemos para Stare Miasto, a Cidade Velha.

QUANDO DEIXAMOS a fábrica Kamler rumo a Stare Miasto, andei pela primeira vez no Gueto; até então, víramos suas ruinas apenas de longe, das janelas da fábrica.

Em 1942, 400 mil judeus haviam sido aprisionados aí, inteiramente impedidos de comunicar-se com o exterior, devido ao alto muro que os isolava. Desse recinto, os alemães os levavam, aos mil, para destinos desconhecidos. Pouco a pouco fomos adquirindo a certeza de que os enviavam para matadouros humanos.

Em abril de 1943, os judeus do Gueto atacaram os alemães, lutando com as poucas armas de que dispunham, alem de pedras, facas, pedaços de pau. Entraram então, no recinto, tanques em grande número, e não tardou que subissem, de dentro da prisão, espessas nuvens de fumaça. Durante vinte e um dias, os judeus lutaram com uma bravura e uma resistência admiraveis, não se salvando um sequer.

E o Gueto era, agora, uma desolação de ruinas silenciosas e sem vida, de deprimente melancolia. Caminhamos em fila individual ao longo de uma vereda entre paredes sem janelas e sem telhados, ladeadas por pilhas de lixo e escombros. Levamos duas horas para alcançar de novo a vida, na Cidade Velha.

Stare Miasto era um bairro de vetustas casas, altas e estreitas, construido na Idade Média, quando as cidades da Europa Central eram comprimidas em pequenas áreas dentro de muralhas fortificadas. Casas e igrejas erguiam-se em grupos compactos, com pavimentos superiores projetando-se por sobre a rua.

O bairro escapara aos incêndios e bombardeios, conservando ainda o aspecto que havia séculos o caraterizava—perfeito exemplo de arquitetura medieval.

A defesa de Stare Miasto era levada a efeito, agora, pelas Forças de Resistência instaladas em fortificações tais como a Casa da Moeda no lado do Vístula, a Prefeitura ao sul, em direção ao centro da cidade, e o Banco da Polônia, entre outros edifícios. Nosso novo quartel-general estava na Praça Krasinski, ocupando parte de uma escola que os alemães haviam transformado em hospital.

O primeiro oficial que se apresentou a mim em Stare Miasto foi o coronel Wachnowski, homem de excepcional competência designado por Monter para dirigir aquele setor. Na opinião dele, a situação era de extrema gravidade. Em números cada vez maiores, iam chegando refugiados civís, e unidades de todos os tipos, vindas de outros setores, retiravam-se para Stare Miasto. Tudo estava sendo feito em boa ordem, e os refugiados recebiam assistência médica à altura de suas necessidades; mas continuava deveras séria a escassez de munições.

Tornei a fazer meus urgentes pedidos a Londres: que me enviassem suprimentos e defesa aérea. Todas as noites, a irradiação polonesa da B.B.C. repetia a canção que significava «Não haverá vôos hoje». De Moscou tambem não vinha resposta; e o capitão Kalugin não lograra comunicar-se com o marechal Rokossovsky.

A 8 de agosto, perdemos Vola.

A Fúria Despertada

9 de agosto

ALTERARA-SE agora a natureza da luta. Em uma série de ataques de incrivel ferocidade, auxiliados pelas ondas, sempre renovadas, de bombardeiros *Stuka*, e pela artilharia e tanques; incendiando, alem disso, sistematicamente, os edifícios diante de si, um por um, os alemães conseguiram, a 9 de agosto, romper através de Stare Miasto e do centro da cidade, abrindo caminho, violentamente, até o Vístula, no local em que ficava a ponte Kierbedz. Assim Stare Miasto ficou inteiramente isolada do centro.

Logo que isso sucedeu, o coronel Monter enviou-me uma mensagem através de Londres (não havia outro meio de comunicação), pedindo que se abrissem todas as bocas de esgoto em Stare Miasto. No dia seguinte da boca que ficava na Praça Krasinski, emergiu uma figura coberta de imundície. Era uma mensageira que me trazia relatórios do coronel Monter. Por toda a cidade, o serviço de ligações andava explorando o sistema de esgoto para por aí restabelecer o contacto entre os diversos setores.

11 de agosto

NO UNDÉCIMO DIA, a pressão, sempre crescente, de armas pesadas dos alemães havia forçado os defensores de Stare Miasto a sair de suas barricadas em diversos pontos, mas em todo caso ainda mantínhamos os principais. A usina elétrica funcionava ainda, e nosso serviço de rádio prosseguia sem interrupção. Moscou ainda não dera notícias, mas naquele dia a BBC irradiou a canção que significava «Operação hoje», seguida de outra que indicava o local: Varsóvia.

Foi à meia-noite que chegaram os aviões, e imediatamente os holofotes alemães vasculharam o céu, ao mesmo tempo que suas baterias anti-aéreas e metralhadoras pesadas abriam fogo; no entanto, os aparelhos prosseguiram sem desviar de seu curso. Daí a pouco, quinze mulheres da chamada Milícia PPS acen-

deram outras tantas lâmpadas de grande alcance de radiação, formando com elas enorme cruz iluminada. Os aviões—contamos sete deles—desceram quase ao nivel dos telhados, deixando cair os suprimentos. Toda a cidade vibrava de entusiasmo e alegria, e o povo bradava, aplaudia e demonstrava, de todas as formas, seu alívio e gratidão; mas esse contentamento esfriou tristemente quando um dos aviões, levando atrás de si longa faixa de fogo, foi explodir alem do Vístula.

Na cidade inteira rugia agora a batalha com redobrada intensidade, pois alguns dos pacotes de suprimentos haviam caido entre as nossas e as posições do inimigo. Um deles desceu sobre a cúpola da Igreja de Santo Alexandre, a uns 200 metros do posto alemão instalado no Banco de Economia Nacional. Quatro bravos escalaram a cúpola; e todos os quatro foram mortos. Outros tentaram então a mesma façanha, mas pelo lado de dentro; abrindo grande brecha no telhado da cúpola, conseguiram alcançar o pacote.

Nas duas noites seguintes—de 12 e 13 de agosto—recebemos novos suprimentos. Conseguimos colher 80% dos pacotes, e essa prova de apoio aliado melhorou consideravelmente nosso estado de espírito, dando-nos soberba confiança. Agora podíamos não só prosseguir em nossa luta defensiva, como tambem reassumir a ofensiva em operações localizadas.

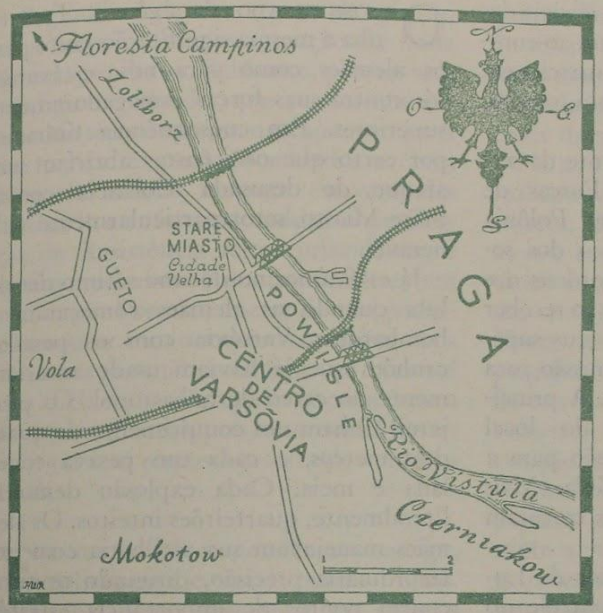
No curso desses dois dias, nossas unidades atacaram e liquidaram, com êxito completo, uma série de «bolsas» alemãs isoladas; não lográramos porem rehaver ainda a ofensiva. Nosso serviço de informações comunicara a aproximação de novas forças alemãs. Era evidente que a diminuição de ímpeto na ofensiva russa, de tão infelizes consequências, contribuia agora para que fossem lançadas contra nós as forças alemãs não mais necessárias na outra frente.

No dia 14 de agosto, Moscou rompeu afinal o silêncio. Tanto o rádio oficial dos sovietes quanto a BBC em Londres irradiaram uma declaração proveniente da agência soviética de informações, a Tass, nos seguintes termos:

«Vários jornais estrangeiros vêm dando notícias, de origem polonesa, concernentes à rebelião que se iniciou em Varsóvia a primeiro de agosto por ordem dos emigrados poloneses em Londres. A imprensa e o rádio do governo polonês emigrado, em Londres, asseveraram que os insurrectos de Varsóvia estavam em contacto com o Alto Comando Soviético e, mais, que este comando não lhes enviara qualquer auxílio. Tais notícias devem provir de algum malentendido, se não se tratar de afirmações caluniosas contra o Alto Comando.

«Tass está de posse de informações seguras segundo as quais os meios poloneses de Londres, responsaveis pela insurreição de Varsóvia, não realizaram qualquer tentativa no sentido de coordenar essas operações com o Alto Comando Soviético. Em tais circunstâncias os únicos responsaveis pelos resultados dos acontecimentos em Varsóvia são os emigrados poloneses em Londres.»

Essa irradiação, como era de esperar, causou estupefação em Varsóvia, despertando, no povo, profundo ressentimento e desconfiança. Ainda estava fresco em nossa memória aquele apaixonado apelo de Moscou: «Às armas poloneses! Não há um momento a perder!» Não nos esquecêramos, tãopouco, das acusações de que os chefes das Forças de Resistência colaboravam secretamente no sentido de manter «inativas», em Varsóvia, essas forças.



O comunicado da agência Tass coincidiu com a notícia de que Mikolajczyk regressara a Londres, vindo de Moscou. De seus entendimentos com Stáline e Molotov, nada se dizia; era de concluir, portanto, que haviam sido baldados os esforços dos dois governos para maior cooperação entre si.

No quartel-general estávamos cientes de que, no presente momento, não podíamos contar com assistência soviética em matéria de suprimentos ou proteção pelo ar. Restava-nos apenas nossa própria força. Necessariamente, cabia-nos manter Varsóvia sem ajuda russa, até que o Exército Vermelho recomeçasse seu avanço contra os alemães. Sabíamos que esse avanço agora dependia da ocupação de Varsóvia pelos russos. Permanecia sem resposta, pois, esta pergunta: quando irão iniciar seu movimento?

Estando a ofensiva russa em plena força contra tropas inimigas em desintegração e moral baixo, parecia lógico que os russos chegassem a Varsóvia muito breve, levados simplesmente pela própria oportunidade de sua investida. Competia-nos resistir, aguardando a chegada deles.

Logo que, com a notícia da agência Tass, nossa situação se esclareceu, os próceres de diversos partidos políticos vieram ao quartel-general trazendo planos para um aumento progressivo em seu trabalho. Dois deles, do Partido Camponês, sugeriram que eu ordenasse a todas as unidades clandestinas das Forças de Resistência no interior que marchassem em auxílio da capital.

Eu sabia que essas unidades de camponeses, mal armadas, não estavam em condições de trazer grande ajuda. Por outro lado, poderíamos talvez ganhar tempo com um desvio eficiente de forças na retaguarda do inimigo; e o tempo era justamente o fator essencial. Lembrei-me tambem de que as unidades vindas do interior poderiam trazer estoques de armas e fazê-los passar, de contrabando, para dentro da cidade. Aceitei, pois, a sugestão do Partido Camponês, pedindo a Londres que irradiasse uma mensagem na qual se ordenasse a todas as unidades disponiveis, e bem-armadas, que seguissem incontinenti, rumo a Varsóvia.

Concomitantemente, por intermédio de Londres, pedí aos lavradores na vizinhança de Varsóvia que considerassem seu primordial dever o fornecimento de alimentos à capital. Esse serviço de fornecimento fora, aliás, organizado pelo Partido Camponês.

Através de toda a Polônia, oficiais das Forças de Resistência acorreram ao cumprimento de minha ordem de marcha em socorro da cidade. Encontraram, porem, obstáculos.

O major Zegota, comandante da 27ª Divisão de Infantaria das Forças de Resistência, que lutara na Polônia oriental sob o comando tático dos sovietes e estava ainda sob as ordens dos russos, fez o que lhe competia: ao receber minha ordem, mostrou-a aos seus superiores soviéticos, pedindo permissão para partir em defesa de Varsóvia. A princípio, o comandante russo do local concordou em enviar a Divisão para a frente de batalha em Varsóvia. Mais tarde, porem, forças soviéticas cercaram e desarmaram a 27ª Divisão.

Notícias análogas vinham-nos de Lublin, e demais regiões sob controle do Exército Vermelho. Eram unânimes os relatórios: estavam sendo desarmadas todas as unidades das Forças de Resistência que se dispusessem a marchar rumo a Varsóvia.

Foi só quando cheguei a Londres, em maio de 1945, após a derrota da Alemanha, que vi um telegrama de Lublin, datado de 24 de outubro de 1944, no qual era citada uma ordem dada pelo comandante do 16º Regimento de Infantaria dos sovietes, por sua vez, transmitindo minha ordem geral às Forças de Resistência, por intermédio da BBC, a 14 de agosto de 1944. A ordem soviética estabelecia que os oficiais do Exército Vermelho ficavam incumbidos de interromper todo e qualquer movimento das Forças de Resistência em direção a Varsóvia, desarmando-as e desviando-as para diversas circunscrições militares. Essa ordem referia-se às nossas forças como sendo «o exército polonês nacionalista apoiado pelo governo polonês exilado».

O COMUNICADO da agência Tass tinha a mesma significação tanto para os alemães como para nós: estávamos sós contra suas forças esmagadoramente superiores. Em consequência tínhamos por certo que os nazistas abririam um ataque de desusada violência contra Stare Miasto, setor particularmente vulneravel.

Já estávamos no décimo-sétimo dia de luta quando os alemães começaram a bombardear Varsóvia com os pesados canhões que já haviam usado anteriormente no cerco de Sebastopol. Os projeteis tinham um comprimento de quase dois metros, e cada um pesava tonelada e meia. Cada explosão demolia, literalmente, quarteirões inteiros. Os alemães manejavam sua artilharia com extraordinária precisão, dirigindo os tiros contra pontos de importância estratégica, tais como os comandos regionais e os postos de radiocomunicação, bem como os depósitos de munições que já haviam estado em suas mãos.

O bombardeio prosseguiu durante toda a manhã, e em seguida houve uma trégua, durante a qual alguns emissários alemães se aproximaram de nossas posições no Parque Saxônio protegidos por uma bandeira branca. Um oficial polonês foi ao encontro deles fora dos limites da linha de batalha, e os nazistas lhe entregaram uma carta assinada pelo general von dem Bach, comandante das forças alemãs em Varsóvia. O documento exigia nossa rendição, oferecendo aos soldados das Forças de Resistência todos os direitos de combatentes quando feitos prisioneiros; caso fosse recusada essa proposta, o signatário ameaçava-nos aniquilar a cidade e seus habitantes.

Ao recebê-la, nenhum membro do Estado Maior de Monter ou do meu próprio demonstrou a menor hesitação.

Segundo todas as regras de guerra, uma força militar na situação da nossa deveria render-se. Sabíamos, porem, sem sombra de dúvida, que render-nos aos alemães seria o mesmo que nos entregar a um massacre geral de soldados e civís. Naquele mesmo instante estavam eles fuzilando e enforcando soldados das Forças de Resistência feitos prisioneiros, e queimando civís sistematicamente, em suas casas. Por isso, apesar de não podermos contar com o socorro soviético, nada nos restava senão continuar na luta até que o Exército Vermelho recomeçasse a avançada. Instruí, pois, o coronel Monter a deixar sem resposta a carta de von dem Bach.

FOI-NOS DADO responder ao inimigo, explicitamente, por outros meios. Monter lançou uma série de ataques contra alguns dos seus pontos fortificados, a começar pelo edifício da Companhia Telefônica, no centro da cidade. O prédio, de sólida construção e um dos mais altos de Varsóvia, era ainda um ninho de resistência do inimigo. Nossas tropas tinham-no cercado, mas a guarnição o defendia, mantendo as ruas adjacentes sob constante tiroteio a partir das elevadas janelas.

Nosso ataque sobre esse fortim foi renovado mediante a ajuda de um velho de mais de 60 anos, que mostrara, anteriormente, desejo de alistar-se, tendo sido, naturalmente, recusado.

Era, porem, teimoso, e tomava parte na luta à sua maneira. Na mocidade, fora técnico de telefones, conhecendo perfeitamente o edifício da companhia, ao lado do qual havia algumas casas em ruinas. Trabalhando à noite, só, o velho cavou uma passagem sob essas ruinas, através dos porões das antigas casas. Após um esforço insano que durou quinze dias, conseguiu alcançar o porão do referido edifício, e mandou informar, sobre esse fato, o comandante da região. Baseado nesse informe, Monter resolveu ceder munições para um ataque.

Na noite seguinte, às 2 da madrugada, realizou-se o ataque através da passagem secreta. Dentro do edifício foi levada a efeito, então, violentíssima batalha, estando os alemães protegidos por barricadas em cada andar e cada corredor. Nossas tropas usavam minas para abrir passagem através das paredes. No meio de nuvens de fumaça e poeira, os alemães resistiam furiosamente, defendendo as posições sala por sala.

Dez horas durou a luta; mas logramos expulsar o inimigo daquela posição. Durante a batalha, o velho herói ficou ligeiramente ferido; recompensamo-lo com um revolver e dez balas...

Nos dias que se seguiram, a ofensiva, no centro da cidade, havia adquirido novo impulso e alcançado êxito em diversos pontos, liquidando posições isoladas dos nazistas e apreendendo preciosas munições. Não era bastante, porem, pois faltava-nos ainda fazer chegar nossos triunfos até o grosso das forças do inimigo. A 19 de agosto, os alemães iniciaram um ataque concêntrico sobre Stare Miasto.

Daí a dias encontramos, no cadaver de um soldado nazista, uma ordem onde se viam dados estatísticos precisos sobre as forças que o inimigo usava naquele ataque, numa região em que tínhamos, ao todo, só 5 mil homens, munidos, em sua maioria, de armas improvisadas. O golpe principal proveio de dez batalhões de infantaria, apoiados por dois de engenharia, uma companhia de tanques «Tigre», 20 canhões pesados, 50 dos chamados «Golias», duas baterias de canhões de 75 milímetros e uma de 380 mm (das que

foram usadas pelos alemães para bombardear Dover sobre o Canal da Mancha, um pelotão de lança-minas e um trem blindado. Alem disso, aviões *Stuka* realizavam bombardeios de mergulho a intervalos regulares—a princípio de hora em hora, e depois de 15 em 15 minutos.

Esse fogo concentrado havia sido focalizado sobre uma parte da cidade inferior a um quilômetro quadrado. Nesse espaço tão reduzido, a população fora aumentada, pelo afluxo de refugiados, subindo agora a 200 mil. As velhas casas medievais não constituiam proteção alguma contra o fogo da artilharia de cerco; iam-se desmoronando como castelos de cartas, soterrando em vida milhares de pessoas em seus porões; quando se iniciaram os incêndios, os prédios ardiam como paus de fósforos.

Nas primeiras horas do ataque, quatro soldados vieram ao quartel-general carregando o corpo do tenente Kamler. Fora ele um de meus colegas mais diletos. Havia sido ferido, no fragor da batalha, e sua mulher e filha, fardadas ambas (uma era enfermeira e a outra mensageira), deixaram seus postos para estar presentes à inhumação. Na falta de um ataude, pusemos-lhe o cadaver entre tábuas e assim o enterramos. Não houve salva de tiros, pois era preciso poupar munições. Na cruz de madeira colocaram-lhe o capacete com as cores polonesas, no qual era visivel funda brecha na frente. A mulher e a filha voltaram imediatamente às suas tarefas.

EM TODA VARSÓVIA havia agora inúmeros soldados anônimos—homens e tambem mulheres—que se punham a explorar os esgotos a ver se conseguiam estabelecer ligação entre nossas posições isoladas. A rede de canais de esgoto, construida havia 60 anos, formava complicado labirinto subterrâneo, perigoso e desconhecido, estendendo-se por vários quilômetros.

Os canais variavam, naturalmente, de tamanho. Entre os que ofereciam passagem, os menores teriam um metro de altura por sessenta centímetros de largura. Seu fundo curvo estava sempre coberto não só de imundície como de cacos de vidro e outros despojos, o que tornava impossivel a um homem locomover-se, no interior dos canais, sobre mãos e joelhos. O menor arranhão teria como resultado a morte por septicemia. Os que por aí andassem precisavam usar dois pauzinhos para apoiar-se, avançando aos pequenos saltos, como sapos. Evidentemente todo avanço era não só demorado como exhaustivo. Um dos trechos, entre Stare Miasto e o centro da cidade, exigia nove horas de viagem, embora a distância não passasse de dois quilômetros.

Caminhar dentro de um canal nessas condições, sob completa escuridão, com sujidade até a cintura,—é sacrifício que muitas vezes causa autêntico terror. Conhecí homens da maior firmeza e bravura, capazes de atacar um tanque com uma garrafa de gasolina, e que, no entanto, perdiam a coragem e desistiam da tarefa após algumas centenas de metros em um desses canais estreitos e sobretudo fétidos.

Havia canais—poucos, aliás—em que cabia uma pessoa de pé; neles, porem, corria-se grande risco, embora de outro gênero; sendo construidos de maneira a receber esgoto de diversos bairros ao mesmo tempo, não só o nivel de imundície, neles, era excepcionalmente alto, como tambem ocorriam fortes e perigosas correntezas; em tais circunstâncias, só por meio de cordas de segurança é que se podia avançar. Qualquer corrente súbita, de algum dos canais tributários, poderia derrubar a pessoa que alí se achasse no momento, levando-a de roldão, irremediavelmente.

Assim se perderam muitas vidas no tunel que ligava Stare Miasto a Zoliborz; no primeiro grupo que transportava suprimentos nesse trecho, morreram 36 dos 60 homens. No entanto, sempre apareciam voluntários dispostos a esse serviço para auxiliar os defensores de Stare Miasto. Quando chegavam ao fim do trajeto e alcançavam, então, a boca do canal, achavam-se muitas vezes tão exhaustos, que se fazia necessário erguê-los.

Por mais tolo e absurdo que pareça, nosso centro de comunicações entre os canais de esgoto encontrava-se em Londres: para entrar em contacto com alguem que estivesse a algumas centenas de metros de distância, era necessário enviar um recado por intermédio de Londres! Mas a dificuldade estava na falta de fios para ligações telefônicas, e no fato de que nossos aparelhos de rádio de ondas curtas já se achavam enfraquecidos demais para prestar serviço eficaz; ao passo que, através das estações de grande potência da capital inglesa, as inter-comunicações se tornavam faceis.

Houve um caso em que uma patrulha de exploração, enviada de Zoliborz afim de encontrar caminho mais direto para o centro da cidade, conseguiu atingir o objetivo após 19 horas de esforço mas, ao chegar, verificou que a boca do esgoto estava fechada! Era impossivel abrí-la pelo lado de dentro. Num esforço supremo, um dos homens regressou a Zoliborz, ainda no canal, e de lá se transmitiu uma mensagem a Londres, pedindo que dessem ordens ao setor central no sentido de abrir a boca do canal. Assim se fez, e libertaram-se os homens, exhaustos, após esforço sobrehumano.

TORNARA-SE quase impraticavel manter o serviço de rádio. A 25 de agosto, nosso oficial de sinalização veio anunciar que três de nossos quatro aparelhos de rádio se achavam soterrados em destroços, em tal estado que já não cabiam consertos. O único que ainda restava tinha funcionamento apenas esporádico, podendo cessar a qualquer momento.

Ora, isso constituia perigo mortal para nós. O rádio era não só o único meio de que eu dispunha para cumprir meus deveres de Comandante das Forças de Resistência em toda a Polônia; era tambem nossa única esperança de estabelecer ligação com os sovietes no momento em que reiniciassem, afinal, seu avanço. Não havia remédio senão transferir meu Estado Maior para o centro da cidade, onde as estações de rádio funcionavam normalmente, não estando ainda expostas a perigo constante. Marquei nossa partida para a noite de 27 de agosto.

Nessa noite subí pela última vez ao posto de observação afim de lançar uma derradeira vista de olhos sobre Stare Miasto, e o que vi foi uma vastidão de escombros irreconheciveis, esqueletos de casas enegrecidas pelo fogo e, aquí e alem, uma ou outra chaminé solitária. Em dez dias de furioso e incessante ataque e contra-ataque, os mais belos e tradicionais monumentos da cidade haviam desaparecido. Jaziam agora, em ruinas, seis séculos de trabalho de muitas gerações. Pelo direito de sobreviver, Varsóvia pagara oneroso tributo...

Automaticamente voltei meu olhar para a direção do Vístula, escutando o silêncio que dalí nos chegava, como fizera em todos aqueles 23 dias. Quando viriam socorrer-nos? Não era crivel que fossem totalmente vãos os ingentes sacrifícios do povo de Varsóvia.

Às 23 horas saimos. A entrada do canal

de esgoto ficava na Praça Krasinski, a 200 metros das posições alemãs, e ao alcance de suas granadas e metralhadoras. Tivemos que caminhar uns duzentos metros à luz de edifícios em chamas. Formando fila ao longo de um muro protetor, íamos correndo, um por um, a intervalos de duração variada, para atingir o mais depressa possivel a boca do canal, defendida por sacos de areia.

Quando comecei a descer o estreito poço de cimento que levava ao tunel, o insuportavel mau-cheiro causou-me horrivel náusea, e o ar ambiente, acre e picante, trazia-me lágrimas aos olhos. Obriguei-me a descer até o canal, e aí me achei, imerso até a coxa, no lodo gorgolhante e pútrido. Era preciso vigoroso esforço para dominar um arrepio de nojo; e a corrente, de tão forte, exigia prodígios de equilíbrio sobre o fundo curvo. Agarrando a corda escorada pelo guia, avancei alguns passos afim de dar lugar ao companheiro que vinha logo após.

Correu uma hora inteira para reunir-se no canal todo o grupo de umas quarenta pessoas. Nesse ínterim, esperávamos na mais completa escuridão. Não nos era dado, aliás, acender qualquer luz, nem mesmo falar, durante todo o trajeto, pois passaríamos sob bocas de canal bem no centro de posições alemãs. Até a respiração se tornava dificil, devido ao mau cheiro reinante. Caso um de nós se sentisse mal, a ponto de não poder prosseguir, deveria puxar três vezes a corda; o guia faria então parar imediatamente todo o grupo. De hora em hora nos permitiríamos fazer pequena pausa para descanso.

O trajeto era de dois quilômetros mais ou menos. Se tudo corresse bem, em cinco horas chegaríamos ao fim da jornada.

A COLUNA seguia para a frente, precedida de dois soldados com fuzís-metralhadoras. Em dado momento a corrente aumentou, e nosso apuro era duplo, pois havíamos alcançado um ponto em que o canal não tinha mais de metro e meio de altura. Subitamente ouví, atrás de mim, um lancinante grito de mulher; era minha mensageira, Basia, que escorregara, sendo levada pela corrente.

Felizmente Jankowski conseguiu segurá-la e pô-la outra vez de pé. Mas o eco daquele grito, ressoando pelo tunel às escuras, era qualquer coisa de sinistro e sobrenatural, a exprimir terror e desespero superiores às forças humanas.

De vez em quando éramos obrigados a passar por torrentes de água, nos pontos em que o teto do tunel fora rompido por bombas. Sucedia, tambem, em uma ou outra ocasião, que víssemos luz à nossa frente, a penetrar por alguma boca de canal que estivesse aberta; eram os trechos mais perigosos, pois os alemães podiam ouvir-nos e atacar-nos com granadas. Quando já íamos a bom caminho, o nivel do esgoto propriamente dito apresentava-se mais baixo, mas nem por isso se nos tornara menos penoso o avanço, pois a imundície era agora mais densa, e o mau cheiro ainda mais dificultava a respiração. Só ao passar sob as bocas de canal, por acaso abertas, é que parecíamos, na verdade, levar oxigênio aos pulmões.

Afinal avistei, longe, o impreciso lampejo de uma lâmpada azul de sinalização. Faltavam-nos ainda uns duzentos metros, e essa foi a peor etapa. Doiam-nos, de modo intoleravel, os músculos das pernas e das costas, e aquele pontinho azul dava a impressão de retrair-se, à medida que nos aproximávamos. Mas lá o atingimos finalmente, e minha mão encontrou uma corda pendente, que me levaria à boca do canal da saida.

Ao emergirmos através do estreito poço, o ar livre embriagou-nos, e todos cambaleamos. A entrada do canal, alem de camuflada, estava protegida por sacos de areia. Os soldados, que aí montavam guarda, atiraram-nos perguntas uma atrás da outra: «Como está a rua Bonifraterska—muito prejudicada?» «A casa tal, na rua Dluga, ainda está de pé?» Suas famílias e suas casas achavam-se ainda em Stare Miasto, e todas as nossas respostas eram poucas para saciar-lhes a curiosidade.

QUANDO VIMOS, pela primeira vez, o centro da cidade, tivemos forte e estranha impressão. Parecia que me achava em outro planeta. Havia casas inteiras de pé, algumas até com vidraças intactas; as calçadas, em vez de esburacadas e cobertas com destroços, apresentavam aspecto quase normal; e aparentemente o povo podia ainda tomar banho! À primeira vista, seria razoavel acreditar que Varsóvia estivesse vivendo dias de paz.

Com a lama imunda a pingar-nos da roupa, dirigimo-nos ao Quartel General do coronel Monter, onde eu e Grzegorz, chefe de meu Estado-Maior, ocuparíamos juntos um quarto. Deram-nos imediatamente aquilo que, para nós, representava o suprassumo do luxo: um balde de água para cada um. Aliás, a água era escassa mesmo no centro; só nas torneiras dos porões é que se obtinham algumas gotas. Foi com indizivel prazer que me despí, livrando-me daquela roupa de onde se desprendia um fétido intoleravel; em seguida deitei-me, já limpo, para descansar um pouco.

Daí a algumas horas Monter chegou e descreveu a situação dentro da cidade. Tornava-se realmente grave a falta de alimentos; todas as padarias haviam sido destruidas e o estoque de pão acabaria a 8 de setembro no máximo. Por causa de seu estado nervoso e da falta de leite, as mães se viam impossibilitadas de amamentar seus filhos e, em consequência disso, subia assustadoramente a mortalidade infantil. Mesmo entre as crianças mais crescidas registravam-se óbitos em número crescente. O tifo e outras epidemias constituiam ameaça real; e espalhava-se tambem a disenteria.

Um ar de grande decepção e tristeza se observava no povo ao ser ouvida pelo rádio a notícia de que os russos haviam recusado permissão à Força Aérea dos Estados Unidos para usar aeródromos soviéticos. De resto, nada tinham de animadores os comunicados que nos chegavam do outro lado do Vístula, pois todos falavam em calma absoluta, sem novidades.

Cabia-me, antes de mais nada, salvar os 1.500 de Stare Miasto que ainda mantinham sua posição naquele malfadado posto. Nosso primeiro plano consistia num ataque combinado que tivesse como resultado abrir uma brecha na linha inimiga. Marcou-se para a noite de 30 de agosto essa operação, que exigia coordenação cuidadosa e exata entre as duas forças.

Em Stare Miasto, a tarefa do coronel Wachnowski era extremamente dificil. Sem chamar a atenção do inimigo, tinha que retirar todas as suas tropas de frente e dar-lhes novas posições para o ataque final.

Ao verem, porem, a retirada das tropas, os civís cairam em pânico; em frenética tentativa de se manterem próximos aos soldados, começaram a surgir de porões e outros abrigos com tal ruido e confusão, que os alemães, alar-

mados, puseram-se a atirar contra as barricadas abandonadas. Pode imaginar-se o esforço que custou a Wachnowski para levar novamente as tropas a suas posições afim de rechassar a investida alemã.

Só uma de suas unidades, o batalhão Zoska, deixou de receber ordens a tempo, atacando, segundo as primeiras ordens, a cunha alemã, sem qualquer apoio. E foi tal a intensidade do fogo inimigo, que o batalhão se viu forçado a procurar refúgio nos canais de esgoto. Sem um guia para orientá-los, os homens perderam-se sob a superfície da terra, emergindo de uma boca de canal aberta no Parque Saxônio, posto alemão. Felizmente já estava escuro, e o capitão Jerzy, comandante do batalhão Zoska, era um jovem capaz de decisões rápidas.

Acontecia que seus soldados usavam restos de fardas alemãs, encontradas em depósitos apreendidos em Stawki. Ordenando aos soldados, em voz baixa, que retirassem dos braços as fitas vermelhas-e-brancas, alinhou os homens em coluna de dois, colocando, à frente deles, quatro que, graças a Deus, falavam alemão perfeitamente. Dando-lhes ordens em alemão, e sem nem se preocupar em disfarçar-se ou manter silêncio, fê-los marchar a bom passo em direção às posições polonesas, a 200 metros de distância.

Não tardou que uma patrulha alemã lhe desse ordem de «Alto!» O chefe da patrulha, mui respeitosamente, pediu ao capitão Jerzy que fizesse marchar os homens com o menor ruido possivel, para não provocar tiros por parte dos poloneses... Jerzy perguntou-lhe então qual o caminho que deveria tomar para evitar as minas e, de posse dessa informação, deu ordem de marcha aos soldados, seguindo, sem maiores incidentes, até a barricada polonesa. Ao chegarem, os compatriotas os receberam com tiroteio, matando um homem e ferindo dois. Afinal de contas, não poderiam ter adivinhado que uma de suas próprias unidades viesse das posições alemãs no Parque Saxônio!

De modo geral, porem, falhara a tentativa de libertar os defensores de Stare Miasto. Restava, pois, um único meio de retirada: o esgoto.

Eis aí uma das resoluções mais dificeis a que me foi dado chegar em Varsóvia. Afim de pôr em prática esse projeto, era preciso que todas as barricadas ficassem desprovidas de defensores; e, uma vez nos canais de esgoto, os homens não poderiam voltar. Enquanto isso, no esgoto, estariam ao desamparo mais completo, e o fato de descerem tantos ao mesmo tempo poderia contribuir para que os alemães descobrissem a trama. Se o inimigo atirasse algumas bombas de gás por uma boca do canal, ou se, por acaso, houvesse pânico nos canais, era provavel que ninguem saisse vivo das passagens subterrâneas.

Não me aparecia, porem, outra solução. Claramente côncio de minha grande responsabilidade, pedí a Wachnowski que tentasse esse meio de retirada, como melhor lhe parecesse.

Felizmente os alemães enviaram emissários para sugerir que iniciássemos uma trégua até a meia-noite, afim de que pudessem remover seus mortos. Wachnowski, aceitando a proposta alemã, ordenou que se preparasse imediatamente a retirada através dos canais.

Foi então que começou o movimento mais arriscado de toda a batalha de Varsóvia. Pouco a pouco, nossas unidades iam-se afastando de todas as posições mantidas até aquele momento. À meia-noite, terminada a trégua, não havia mais um soldado sequer na defesa de Stare Miasto.

Um por um, os 1.500 homens desceram pela boca do canal na Praça Krasinski.

Iam carregando os feridos; até hoje não entendí como o fizeram, mas o fato foi que lograram carregá-los. No canal, a fila ia avançando paulatinamente, sem pausa, afim de dar lugar àqueles que ainda esperavam para descer. Quando a cabeça da fila alcançou o centro da cidade, a cauda ainda se achava na praça Krasinski. Durante um tempo enorme aquela passagem subterrânea esteve repleta de gente, inclusive 500 civís e 100 prisioneiros alemães. O último soldado entrou no canal às 5 h 30 da manhã, logo antes da alvorada. Atrás dele vinham os guardas das barricadas, entre os quais Wachnowski.

Nesse ínterim, nem mesmo o silêncio absoluto que vinha das barricadas conseguiu fazer com que os alemães alterassem seu horário: às 7 horas começaram o ataque habitual a Stare Miasto—Stukas de 15 em 15 minutos, artilharia, tanques, e afinal, ao meio-dia, a infantaria. Quando esta percebeu que atirava contra posições indefesas, os oficiais desconfiaram de algum truque... Suas unidades avançadas pararam e recuaram. Nesse instante, a retaguarda de nossas tropas, com o coronel Wachnowski, emergia bem no centro da cidade. Ele pudera evacuar 1.500 pessoas com toda a segurança.

Os alemães haviam planejado tomar Stare Miasto de assalto, a 19 de agosto. Ganháramos 13 dias, graças aos incomensuraveis sacrifícios e às angústias e sofrimentos de seus defensores. E cada dia ganho aproximava-nos do inevitavel avanço soviético que viria salvar Varsóvia.

O Cataclisma

Meu novo Quartel-General foi instalado num edifício recentemente capturado aos alemães, a cerca de 300 metros de um de seus postos avançados. Eu já aprendera, por experiência própria, que o lugar mais seguro é sempre o que fica tão próximo quanto possivel da linha de combate: os alemães não ousariam bombardear-nos quando estivéssemos tão perto de suas próprias posições...

O Conselho de Unidade Nacional se reunia regularmente na vizinhança, e, como autoridade militar, eu comparecia às sessões diariamente. Os debates se realizavam sobre um contraponto de explosões; o assunto, que no momento prendia todas as atenções, eram as propostas, chegadas de Londres, no sentido de incluirmos comunistas em nosso governo—isso seria uma concessão feita à Rússia, concessão essa que, segundo esperava Mikolajczyk, poderia levar a melhor entendimento com aquele país. O problema, no entanto, apresentava aspectos realmente dificeis.

Sobre os comunistas, não havia dúvida quanto à atitude dos poloneses em geral. Na Polônia, o Partido Comunista não era tido como uma organização política de carater nacional, e, sim, como um instrumento de país estrangeiro. Nessas circunstâncias, trazer para o governo polonês membros do Partido Comunista provocaria do povo uma reação francamente hostil.

Nas sessões do Conselho, porem, o que se discutia não era propriamente a inclusão de comunistas no governo. Todos os membros percebiam claramente a necessidade de chegar a acordo com a Rússia, não ignorando que qualquer entendimento exigiria, da Polônia, certas concessões. O Conselho sabia, de resto, que o povo aceitaria qualquer solução razoavel ao problema de restabelecer relações diplomáticas entre os dois governos e de conseguir auxílio russo. Os conselheiros eram unânimes em sua convicção de que seria necessário dar aos comunistas um

lugar no governo; mas, por outro lado, importava, acima de tudo, preservar a independência da Polônia. Após cinco anos de luta em prol de um governo polonês livre, não era, certamente, nosso desejo renunciar a ele.

Discutia-se, sim, sobre se se deveriam fazer concessões imediatas à Rússia, segundo aconselhava Mikolajczyk, ou se, atendendo aos avisos insistentes dos socialistas, caberia, antes, pedir à Rússia que reabrisse as relações diplomáticas antes de se tratar da questão de concessões.

Alguns dos membros do Conselho receavam que quaisquer concessões feitas naquele momento fossem tão ineficazes quanto outras anteriores, antes estimulando os russos a apresentar novas exigências; e lembravam que a princípio a condição imposta pela Rússia para a reabertura das relações diplomáticas era nada mais nada menos que a aceitação, por parte da Polônia, da chamada Linha Curzon como fronteira definitiva entre nosso país e a União Soviética. Ora, isso significaria cedermos quase metade do território da Polônia.

Sob pena de perder o apoio do povo polonês, o governo concordara em discutir o assunto da divisão do país, mas nesse ínterim o governo soviético apresentara outra exigência: estaria disposto a entrar em entendimento apenas com um governo polonês que fosse «amistoso» em relação à União Soviética, alegando que o governo atual, bem como as Forças de Resistência, eram «inativos» e colaboravam com os alemães.

Quando Mikolajczyk declarou que seriam afastados do governo aqueles de seus membros que fossem hostís à União Soviética, os russos responderam-lhe com um *fait accompli*, estabelecendo em Moscou o chamado «Comitê de Liberação Nacional», que mais tarde se transferiu para Lublin, considerado pelos sovietes como governo da Polônia.

E já agora a União Soviética exigia que, antes de se reencetarem as relações diplomáticas, alguns representantes desse comitê passassem a fazer parte do governo polonês.

Nos debates do Conselho, realizados ao som de um ataque de tanques «Tigre», aqueles que discordavam dessa concessão apresentaram duas perguntas: (1) O governo polonês poderia aceitar esses representantes do Comitê de Libertação Nacional, obedientes a Moscou e apoiados em terra polonesa pelo Exército Vermelho, sem comprometer a reconquista da independência da Polônia? (2) Caso fizéssemos essa concessão imediata, que outras exigências não viriam de parte do governo soviético?

O Conselho de Unidade Nacional chegou por fim à sua decisão suprema: seus membros resolveram, com unanimidade de votos, apoiar o primeiro ministro na outorga dessa última concessão. Se cedêssemos agora às exigências do governo soviético, poderíamos salvar, afinal, boa parte da capital e as vidas de seus defensores.

Nossa esperança, porem, não foi justificada pelos acontecimentos subsequentes. À oferta do primeiro-ministro, os russos responderam com outra exigência: que Mikolajczyk reformasse seu governo, reservando nele lugares para cada um dos quatro maiores partidos políticos poloneses, ficando os outros 14 postos à disposição do Comitê de Lublin.

5 de setembro

NUNCA DEIXEI de pedir suprimentos por via aérea; mas já agora duvidava que viessem. A artilharia e os bombardeios haviam dado cabo de quase todos os nossos armazens e depósitos. Em 2 de setembro acabou o pão, e de nosso estoque de munições só restavam doze cartuchos para cada soldado. Felizmente as granadas, feitas de explosivos apreendidos, eram menos escassas.

Finalmente, a 4 de setembro, a usina elétrica foi destruida por completo. Isso significava que nos era impossivel qualquer comunicação pelo rádio com o resto do mundo e, alem disso, que as oficinas de munições eram obrigadas a suspender seu funcionamento. Encontraram-se alguns motores a gasolina para pôr os dínamos em movimento; dentro de alguns dias produzíamos corrente elétrica bastante para fazer funcionar de novo os aparelhos de rádio, e as oficinas continuaram a produzir granadas, embora em muito menor quantidade.

O povo já quase não suportava mais os sofrimentos a que estivera exposto durante um mês e uma semana, vivendo e morrendo em úmidos porões, onde agora nem luz havia. Todos andavam emaciados, com fundas olheiras e faces empalidecidas. Sede, fome, falta do mais corriqueiro conforto, o barulho crescente e o perigo constante eram causa de uma tensão nervosa intoleravel.

O estado de espírito dos soldados continuava bom, e eu me orgulhava deles ainda mais que nos primeiros dias em que nos sorriam vitórias e nos empolgava o entusiasmo. Apesar de todas as privações, da alimentação insuficiente, da sede, dos ferimentos e do sono escasso, portavam-se briosamente. No rosto de cada um deles eu via sinais de fadiga, mas via tambem a disposição para futuras pelejas e o inquebrantavel ânimo de vencer. Era, porem, a escassez de munições e de suprimentos de boca, aliada ao compreensivel abatimento da população civil, que me proibia quaisquer ilusões quanto ao fim inexhoravel que se aproximava.

Só um pensamento renovava, cada dia, minha decisão de prosseguir na luta: a qualquer hora veríamos, talvez, o início da nova ofensiva soviética na frente de Varsóvia. Era inevitavel, e poderia começar no dia seguinte.

De manhã cedo, a 5 de setembro, os alemães abriram cerrado e violento ataque, com artilharia e aviões, sobre Powisle, posição que mantínhamos entre o centro da cidade e o Vístula. Pretendiam, evidentemente, abrir caminho para o rio, através de nossas linhas.

Esse bombardeio continuou durante dois anos, convertendo Powisle num inferno semelhante àquele que já observáramos em Stare Miasto. Depois, na madrugada de 7 de setembro, a infantaria alemã reuniu as mulheres polonesas capturadas em Stare Miasto, conduzindo-as até Powisle. Ao ver o grande grupo de compatriotas movendo-se em sua direção, nossas tropas não atiraram. Quando perceberam a natureza da manobra, procuraram alvejar os alemães que avançavam por trás das mulheres. Mas já era tarde: as mulheres se lançaram de encontro às barricadas e os alemães, atacando imediatamente, forçaram-nas a entrar.

Ao anoitecer nossas tropas haviam conseguido deter os alemães à entrada da importante avenida de Nowy Swiat. Perdêramos Powisle. Mas detínhamos ainda o centro da cidade; e obrigáramos o inimigo a interromper sua avançada.

NO DIA 10 de setembro ouví o som que, 41 dias antes, fora substituido por sinistro silêncio: para lá do Vístula a poderosa artilharia russa troava outra vez. E ao mesmo tempo surgiram aviões soviéticos sobre a cidade. Lampejos de esperança, um tanto retraida ainda, apareceram para substituir, nas faces de todos nós, a apatia dos últimos dias.

Passamos toda a noite num estado de alta tensão nervosa, receando que a barragem de artilharia russa, do outro lado do rio, caisse novamente em silêncio. Mas continuava, e com ela a nossa excitação. Já agora, não restavam dúvidas; era afinal a ofensiva soviética em grande escala! Dentro de poucos dias, Varsóvia seria finalmente socorrida.

Acreditei ter chegado o momento em que o comando do Exército Vermelho julgasse conveniente estabelecer contacto conosco tendo em vista a mútua cooperação no terreno militar. Por conseguinte, enviei uma mensagem, a esse respeito, ao marechal Rokossovsky, pelo único meio possivel: através de Londres. E pedí ao coronel Monter providências no sentido de que houvesse patrulhas de prontidão afim de atravessar o Vístula logo que as tropas do Exército Vermelho alcançassem a margem oposta, tornando assim possivel um contacto rápido com o comando soviético.

Reinava uma alegria geral, tanto entre soldados como entre os civís. As tristezas e a indiferença pareciam ter desaparecido como por milagre. Dos porões emergiam grupos maltrapilhos, aplaudindo e cantando. Que importava agora a fome, a sede e o cansaço, que importavam os alemães com sua artilharia, seus tanques e metralhadoras que ainda soavam em nossos ouvidos, que importava tudo isso, se a libertação final se afigurava tão próxima?

Quanto a mim, não posso negar que minha ansiedade era ainda grande. Os alemães aumentavam sempre a violência de sua pressão, com tanques e infantaria, sobre nossas restantes posições na margem ocidental do rio: Zoliborz, Czerniakow e Mokotow. Eu sabia que a situação de nossas tropas exhaustas, naqueles setores, não estava longe de ser desesperada. A história era sempre a mesma: fome, fadiga, falta de munições. De todos os pontos recebíamos pedidos idênticos: mandem munições! Não me passava despercebida a possibilidade de um colapso em nossa resistência, justamente no momento em que se antevia o objetivo final. Os referidos setores eram precisamente as cabeças-de-ponte do exército russo em Varsóvia. Urgia mantê-los a todo custo, até que os russos, capturando Praga, pudessem trazer-nos alívio.

A Londres enviei mais um «S.O.S» — aliás nem sei quantos mandei ao todo — rogando que remetessem armas e munições, e acrescentei: «Há 12 dias estamos sem pão.»

Responderam-me que os russos haviam consentido em permitir aos americanos o uso de aeroportos russos, e, mais, que teria lugar nos próximos dias uma operação em grande escala, na qual tomariam parte cerca de cem Fortalezas Voadoras. Meu desejo e minha esperança eram que esse auxílio não viesse tarde demais. Pensar que, há quinze dias, essa operação poderia ter salvo Stare Miasto e Powisle, seria inteiramente inutil. A hora decisiva estava iminente.

TUDO INDICAVA que a principal ofensiva soviética estava em bom andamento. Ao anoitecer de 12 de setembro, unidades soviéticas ocupavam a parte sul de Praga, do outro lado do Vístula; e a artilharia russa começou a bombardear as posições alemãs em Varsóvia, no lado de cá do rio.

A 13 de setembro, aviões soviéticos voaram em círculo sobre nossas posições centrais, deixando cair avisos que anunciavam uma operação experimental de abastecimento por via aérea. Pediram-nos que indicássemos, por meio de luzes em forma de estrelas, os pontos onde tais suprimentos deveriam ser lançados. Ao crepúsculo nossos grupos de sinalização ficaram a postos, e, na verdade, chegaram os primeiros suprimentos a nós enviados pelos russos por via aérea: sacos contendo mantimentos enlatados, de origem americana, e munição para fuzís. Lamentavelmente, porem, foram lançados sem paraquedas, e assim se espatifaram, em grande parte, ao cair.

Naquela mesma noite, um avião alemão lançou sacos de biscoitos entre os suprimentos russos. Entre os que os comeram, deram-se muitos casos de intoxicação fatal, pois os biscoitos haviam sido envenenados! Os alemães queriam, evidentemente, fazer pensar que os russos nos mandavam alimentos em tais condições.

Daí em diante, todas as noites os aviões russos nos traziam abastecimentos. A 15 de setembro recebemos, deles, duas metralhadoras pesadas, cincoenta fuzís-metralhadoras, onze lança-granadas com 500 granadas, e vários sacos de cevada. A ausência de paraquedas prejudicou tambem as armas, que, em alguns casos, ficaram inutilizadas ao atingir o solo.

A técnica usada pelos sovietes para a guerra aérea diferia sensivelmente daquela que empregavam nossos aliados ocidentais. Enquanto as operações da R.A.F. duravam doze minutos, no máximo, as russas prosseguiam a noite inteira, em curtos vôos com aparelhos pequenos. Havia nisso certo inconveniente, porque era necessário manter acesas as luzes, e estas atraiam o fogo do inimigo, o que chegou a causar baixas entre os membros de nossos corpos de sinalização.

Mas embora essas ligeiras imperfeições técnicas prejudicassem de certo modo o valor dos abastecimentos soviéticos, ainda assim estava demonstrada a boa-vontade dos russos e seu desejo de cooperar conosco; e o efeito moral desse fato foi magnífico, como bem se poderá imaginar.

A 14 de setembro as tropas russas ocuparam quase toda Praga. Nos arrabaldes mais para o norte, os alemães faziam explodir moinhos, fábricas, e seus próprios alojamentos.

Às 20 horas nossos radiotelegrafistas captaram um apelo dos russos, irradiado de Moscou por intermédio do Comitê de Lublin:

«Aos combatentes de Varsóvia. Está próxima a hora da libertação da heróica Varsóvia. Está próximo o fim de vosso martírio. Os alemães pagarão caro pelas ruinas e pelo sangue de Varsóvia. A Primeira Divisão Polonesa, denominada Kosciuszko, entrou em Praga, e luta lado a lado com o heróico Exército Vermelho. Em breve tereis auxílio. Lutai, pois, com o mesmo denodo! Quaisquer que tenham sido os motivos que levaram ao início prematuro da vossa luta, sem acordo prévio com o Alto Comando do Exército Vermelho, estamos convosco de todo coração. Prosseguí na luta!»

A BATALHA de Praga, tendo durado três dias, terminou a 15 de setembro, dia em que os russos ocuparam a margem leste do Vístula. Após um período de seca, as águas estavam baixas, havendo trechos em que sua largura não excedia 250 metros. Agora, só esse rio, mais estreito e mais raso que sempre, separava o Exército Vermelho de nossas tropas em Zoliborz e Czerniakow.

Já ouvíamos nitidamente os alto-falantes dos russos, irradiando propaganda em alemão, de Praga, através do rio. Não havia ainda, porem, qualquer contacto entre nós e os russos.

Segundo minhas instruções, Monter enviara três patrulhas separadas pelo rio afim de se apresentarem ao quartel-ge-

neral soviético. A primeira não conseguiu atravessar, e voltou. A 14 e 15 de setembro, o segundo e terceiro grupos lograram atingir a outra margem do rio sem contratempos, levando relatórios pormenorizados de nossas posições, a localização das forças inimigas, as posições da artilharia, e assim por diante.

Nas primeiras horas de 16, dois oficiais russos desceram em paraquedas na rua Wilcza. Um deles caiu sobre uma grade, morrendo em consequência dos ferimentos recebidos. O sobrevivente informou a Monter que o marechal Rokossovsky os enviara para entrar em contacto com o comando das Forças de Resistência. Tinha ordens de descrever a Rokossovsky a situação em que nos achávamos, sem nos prestar informações. Via-se, porem, agora impedido de fazer o relatório que lhe havia sido encomendado, pois o companheiro morto era justamente o radiotelegrafista, e o aparelho de ondas curtas não funcionava, devido ao choque da queda.

Nossos técnicos o consertaram, e Monter emprestou-lhe uma de nossas moças treinadas em radiotelegrafia; os relatórios foram transmitidos no código por eles usado, naturalmente, o que nos impediu de conhecer seu conteudo.

Todos em Varsóvia despertavam, cada manhã, esperando que fosse aquele o dia da libertação final. Nesse ínterim, eu contava com a aludida operação americana em grande escala, prometida por Londres, a qual nos deveria trazer suprimentos médicos, munições e alimento.

Ao terminar o programa polonês das 21 horas, no dia 17 de setembro, a BBC irradiou a canção «Outra mazurca», significativa de que haveria operação aérea pela madrugada. Concomitantemente veio de Londres uma mensagem segundo a qual a formação de aviões deveria alcançar Varsóvia entre 11 horas e meio-dia, a 18 de setembro.

Aquele dia outonal veio ensolarado e lindo, e o céu estava límpido e sem nuvens. O povo de Varsóvia, é claro, não sabia da aproximação de aviões americanos. Mas percebí que chegavam, ao ouvir, na cidade inteira, um grito geral de alegria.

Não tardou que todo o céu se cobrisse de aviões que, vindos do oeste, voavam a grande altura, em formação perfeita, quase como numa parada. Atrás deles ia surgindo uma série de pequenos pontos brancos, paraquedas com suprimentos. E agora toda Varsóvia delirava de entusiasmo: vinha gente de todos os lados, dos porões, dos montes de escombros, e a vibração era um gosto ver.

Contudo, após os primeiros minutos de infinito alívio e júbilo, comecei a sentir-me deprimido, quase desesperado; pois os pacotes, em sua maioria, iam caindo bem alem de nossas linhas, em Vola, em Stare Miasto, em Powisle, justamente nos lugares que, uma semana antes, estavam em nossas mãos. Os aplausos cederam lugar a um dolorido silêncio, e víamos os aviões afastar-se em direção aos campos soviéticos, para lá do Vístula. E o povo voltou, com os corações pesados, para seus porões. O que víramos fora apenas o auxílio, em grande escala, que poderíamos ter recebido...

NÃO NOS CHEGARA ainda qualquer notícia das duas patrulhas que haviam conseguido atravessar o rio a 14 e 15 de setembro. Afim de tentar estabelecer contacto direto, pelo telefone, com o comando russo, enviei outra patrulha. Os cabos telefônicos passavam por baixo do leito do rio até Praga, e nossos engenheiros fizeram um desenho indicando onde estavam as ligações. Em minha carta, informei ao comando soviético que meus telefonistas estariam de prontidão constantemente, a partir das 20 horas no dia 18.

Querendo dar outra prova de boa-vontade em relação aos sovietes, decidí tomar outra providência. As estações russas de rádio, ou pelos russos controladas, viviam a me acusar de ser criminoso de guerra, anunciando que eu seria submetido a julgamento por ter provocado prematuramente o levante em Varsóvia. Em todo caso, embora se esperasse para qualquer dia a entrada do Exército Vermelho em Varsóvia, resolví revelar meu verdadeiro nome, bem como os dos comandantes que combatiam em Varsóvia para provar que não tinha a menor intenção de me entregar a atividades clandestinas contra os russos, nem de ocultar-lhes qualquer informe.

Todos esses esforços no sentido de entrar em contacto com o comando soviético resultaram em silêncio. Pelo cabo telefônico de Praga, não nos chegou nenhum sinal; nem foram respondidas nossas constantes chamadas pelo rádio.

Após o vôo dos americanos, os suprimentos russos haviam diminuido consideravelmente, e já agora se falava, mais e mais abertamente, no quartel-general, que havia dúvidas sobre se os russos pretendiam, realmente, atravessar o Vístula e tomar Varsóvia. Eu, porem, ainda acreditava.

Seria dificil crer que a política dos sovietes fosse oposta aos próprios interesses do governo russo, os quais deviam fundar-se, sobretudo, no estabelecimento de fronteiras seguras. Os russos, peritos em propaganda, conheciam muito bem até que ponto ia o profundo amor dos poloneses à sua velha capital. Assim, a libertação da Polônia muito contribuiria para que se anulassem quaisquer atritos entre os russos e poloneses, ficando estes como vizinhos e amigos.

Às 12 h 15 de 24 de setembro, o rádio dos sovietes respondeu, pela primeira vez, às nossas chamadas, pedindo certas informações sobre posições da artilharia alemã. Monter não perdeu tempo em enviar tais informes, propondo ao mesmo tempo que cooperássemos uns com os outros em matéria de tática.

Daí em diante, houve um intercâmbio constante de mensagens, várias vezes ao dia. As russas se limitavam à apreciação de detalhes técnicos, sem referências às nossas sugestões quanto à cooperação.

Os alemães nos puseram em gravíssima situação ao atacar, pesadamente, Czerniakow, nossa cabeça-de-ponte isolada, a 250 metros dos russos, do outro lado do Vístula. Quando vimos que Czerniakow era esmagada sem que os russos realizassem qualquer travessia do rio em grande escala, só podemos chegar a uma conclusão. A queda dessa cabeça-de-ponte sobre o Vístula, mantida com tanto esforço durante tão longo tempo, acabava com todas as nossas esperanças de que o auxílio soviético viesse a constituir algo de realmente eficaz. Na verdade, cessou todo o auxílio no dia em que caiu Czerniakow.

Até hoje não pude compreender porque foi que os russos enviaram aqueles primeiros suprimentos, que tanta esperança nos deram, pois, ao contrário do que pensávamos, não se tratava de um preâmbulo a um ataque concertado ou a uma tentativa para a tomada de Varsóvia. Talvez houvesse boas razões, não reveladas até o presente momento.

AS OPERAÇÕES na frente soviética foram diminuindo de intensidade e agora era de novo o silêncio, rompido apenas pelo raro troar de canhões. Em

questão de alimentos, nossa situação passara de grave a desesperada. No centro da cidade, tivéramos até então uma última fonte de abastecimento, um armazem onde havia trigo e cevada, que milagrosamente escapara ao fogo. Assim nos era possivel distribuir um pouco de cereal a cada pessoa, por dia. Mas já em 20 de setembro esgotaram-se essas derradeiras reservas.

Todos os cavalos disponiveis em Varsóvia tinham sido mortos e sua carne comida havia muito tempo, e se organizara caçada sistemática aos cães, gatos e pombos. Poucos ainda restavam. Nos porões, onde os cidadãos já chegavam ao ponto de compartilhar um punhado de trigo, houve quem se rebaixasse a exigir ouro e jóias por uma migalha. Bem raras eram as crianças pequenas que conseguiam sobreviver.

A falta de água constituia, tambem, grave problema. Os granadeiros alemães encontraram excelente alvo nas filas de homens e mulheres diante dos poucos poços, onde havia ainda um resto de água lamacenta. Nos hospitais, os médicos faziam operações sem anestesia; faltando ataduras e gaze, usava-se papel para estancar hemorragias! O povo já se tornara indiferente até mesmo aos gritos daqueles que jaziam soterrados sob escombros. Já não havia quem tivesse força suficiente para remover destroços de alvenaria...

A 27 de setembro, ao termos notícia da queda de Mokotow, convoquei uma reunião do estado maior, recapitulando então nossos esforços sem conta no sentido de conseguir a cooperação dos russos em assuntos militares. Só podíamos concluir que o comandante soviético não tinha intenção alguma de atravessar o Vístula num futuro próximo, pois permitira aos alemães liquidar a cabeça-de-ponte de Czerniakow, numa batalha que se desenrolara praticamente sob as vistas dos russos. Ora, era forçoso nos convencermos de que nossa situação se tornara insustentavel. Assim ponderando, enviamos uma última mensagem ao marechal Rokossovsky. Da resposta dele dependeria continuarmos a lutar ou render-nos aos alemães.

Naquela mesma noite, de 27 de setembro, foi transmitida nossa mensagem, tendo o telegrafista russo, no quartel-general soviético, acusado seu recebimento. Nela eu dizia que nossa situação era desesperada, não nos sendo possivel suportá-la mais de 72 horas. Se, ao cabo desse prazo, não tivéssemos recebido auxílio nem promessa de assistência, eu seria obrigado a desistir da luta. E ficamos aguardando a resposta, todas as nossas esperanças nela focalizadas.

A 28 de setembro, irromperam sobre Zoliborz cerrado fogo de artilharia e bombardeios em *Stukas*. Todo o dia e a noite inteira esperamos resposta de Rokossovsky. Nada veio.

No dia 29, mandei emissários ao comandante alemão, general von dem Bach, o qual apresentou-nos condições de rendição, garantindo aos nossos soldados todos os direitos de combatentes em detenção. Ainda não quis eu, no entanto, dar a resposta final, na expectativa de qualquer mensagem do marechal russo.

Diante disso os alemães iniciaram um ataque geral contra Zoliborz. Esperamos toda a noite de 29, sem que viesse qualquer resposta à minha mensagem; no dia seguinte, o mesmo silêncio, forçando-me a crer, embora com relutância, que Rokossovsky jamais responderia. Não havia esperança para os defensores de Zoliborz e, impossibilitado de lhes enviar qualquer socorro, ordenei que cessassem

a luta. Minha ordem alcançou-os às 18 horas, e às 20 horas de 2 de outubro foi redigido e assinado o acordo de rendição. Pela segunda vez nesta guerra, Varsóvia teve que ceder a pressão mais forte. No princípio como no fim da guerra, a capital da Polônia combateu sozinha. No entanto, as condições sob as quais havíamos lutado em 39 eram bem diferentes das de 44. Naquela ocasião, os alemães se achavam no auge de sua força, e os aliados, enfraquecidos, não poderiam ter-nos ajudado.

Em 1944 a situação era muito outra. Os alemães se precipitavam em direção à sua própria derrota, e todos sentíamos, amargamente, que a queda de Varsóvia seria a última vitória nazista antes do final triunfo dos aliados...

NAS PRIMEIRAS horas da manhã de 3 de outubro, reinava sobre a cidade o mais completo silêncio. Após 63 dias de luta incessante, a quietude punha em todos os corações um frio de morte. Pela alvorada o povo pálido e faminto, movia-se lentamente, saindo dos porões rumo às barricadas. Mulheres, crianças e pessoas idosas levavam às costas o que restava de seus pertences, caminhando debilmente para qualquer destino ignoto. Sabíamos apenas que os alemães os conduziam a um campo de concentração em Pruszkow.

Depois de assinado o documento de rendição, o general von dem Bach me mandara convidar para uma reunião em seu quartel-general, afim de discutirmos os últimos pormenores. Concordei em falar com ele no dia 4 de outubro, ao meio-dia.

Pouco depois das 11 partí com meu ajudante e o tenente Sas, em direção a determinado ponto onde nos esperavam dois automoveis alemães. Daí a meia hora paramos em frente a uma casa construida no estilo polonês rústico. Com meus dois oficiais, entrei.

O general von dem Bach era o protótipo de um *Junker* prussiano. Desdenhoso, certa polidez estudada procurava esconder, nele, a arrogante confiança em si mesmo. Falava alto e com grande clareza. Abriu a conversa com uma série de elogios aos bravos defensores de Varsóvia, lamentando conosco o malogro de nossa empresa. Em seguida declarou-se ciente da amargura que os patriotas poloneses deviam estar sentindo em relação à Rússia. Já agora, continuou, os poloneses não mais poderiam duvidar das intenções hostís da Rússia Soviética. Na verdade, a Alemanha e a Polônia enfrentavam um único inimigo, e, portanto, as duas nações precisavam prosseguir juntas, ombro a ombro.

Minha resposta foi breve. Esclarecí que a rendição das Forças de Resistência em Varsóvia não mudava, em absoluto, a atitude da Polônia perante a Alemanha, país com que estivéramos em guerra desde 1º de setembro de 1939. Não importa qual fosse nosso sentimento em relação à Rússia, mas considerava absurdo falar-se em «inimigo comum», de vez que o único inimigo da Polônia era ainda a Alemanha.

Von dem Bach, ainda assim, não desistiu. Estava de acordo em que os alemães haviam cometido graves erros ao tratar com os poloneses; acreditava, no entanto, que ainda havia tempo de reparar esses erros tão deploraveis, podendo chegar-se talvez a um entendimento, entre poloneses e alemães, para fazer oposição à Rússia Soviética.

Respondí-lhe pedindo que nossa conversa se limitasse ao objetivo que alí me trouxera, isto é, as condições para a evacuação da população civil.

O general propôs então, hospitaleiramente, que eu ocupasse uma vila que ele mandara preparar de propósito para mim. Num ambiente que permitia repouso e tranquilidade, disse ele, eu poderia ajudá-lo a fiscalizar a evacuação dos civís.

Quando recusei essa oferta, Bach fez outra proposta: sugeriu que o armistício assinado com referência a Varsóvia se aplicasse a todas as unidades das Forças de Resistência que estivessem operando na parte da Polônia ocupada pelos alemães, afim de que se evitassem inuteis derrames de sangue.

Tornei a recusar, dizendo-lhe que, tendo nós cumprido todas as nossas obrigações de nação aliada durante cinco anos, não iríamos agora deshonrar-nos às vésperas da vitória.

«Mas, meu caro general,» replicou ele, realmente convicto, «o sr. está exagerando, baseado apenas em um ou outro revez sofrido por nós... A vitória alemã é absolutamente certa, não se esqueça. Lembre-se do que hoje lhe digo: a vitória final será nossa!» Estava aparentemente persuadido de que a Alemanha dispunha de muitas armas secretas capazes de provocar mudanças radicais nos acontecimentos.

Disse-lhe apenas que minha opinião divergia totalmente da dele, e assim acabou a discussão.

A despedida de Bach foi muito mais fria do que seus cumprimentos ao entrarmos. Afastando, enojado, um grupo de fotógrafos alemães, entrei no automovel que me levou de volta a Varsóvia. A marcha das Forças de Resistência estava marcada para as 9 h 45 da manhã de 5 de outubro.

As últimas horas foram as peores para todos nós. Não era facil deixar a última parte da cidade em que vivêramos 63 dias como homens livres, e onde, sob as ruinas e os escombros, jaziam tantos de nossos camaradas.

Pela última vez, nossa estação de rádio, em Varsóvia, se fez ouvir. Embargada pela emoção, dizia a voz do locutor: «Durante dois meses fomos livres; hoje voltamos ao cativeiro. Mas na verdade os alemães não tomarão Varsóvia outra vez, pois Varsóvia já não existe.»

Aproximava-se a hora marcada. Comecei a cantar o hino nacional polonês, que se intitula «A Polônia ainda não está perdida». Logo todos me acompanhavam, e cantamos até o fim.

Quando soou, tremulante, a última nota, marchamos em fila única, pelos atalhos, através das ruinas que nos separavam das barricadas do inimigo. Um capelão, erguendo o Sagrado Sacramento, abençoou-nos ao passarmos pela barricada, e marchamos rumo à guarda alemã através das ruas poupadas.

Duas definições

Solteirão inveterado: Ele acredita que o único matrimônio perfeitamente justificavel foi aquele que o trouxe ao mundo.

—Harlan Miller

Amor platônico: Arma de fogo que, sem o sabermos, estava carregada...

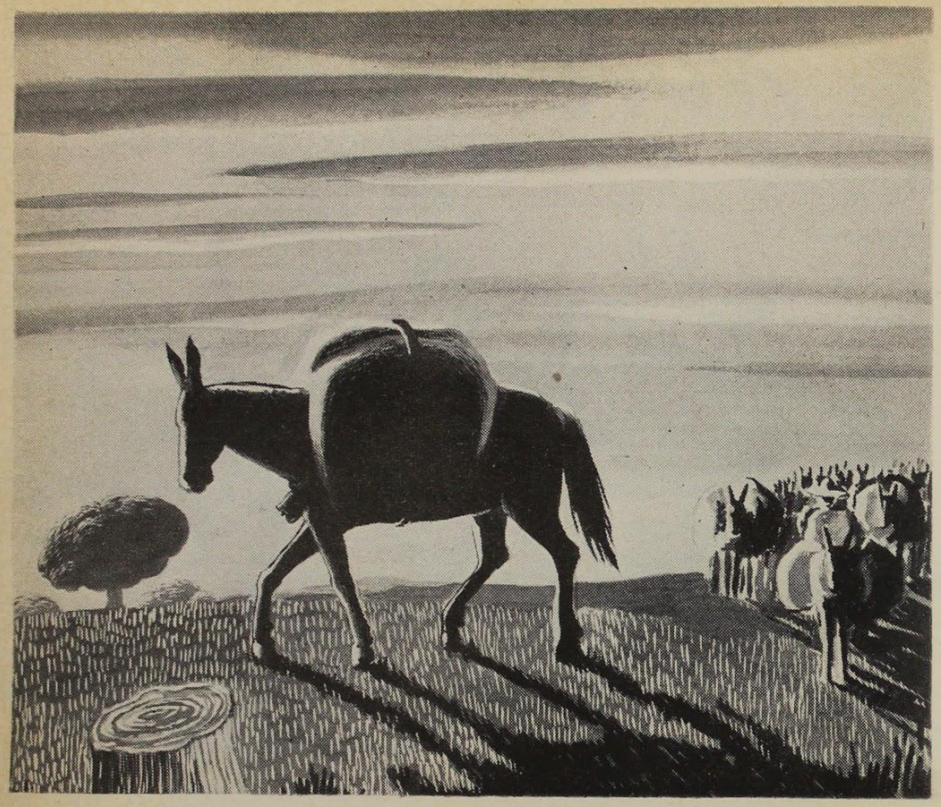
O Ford Sportsman-Conversível para 1946!

Por dentro e por fora, nunca houve, antes, um carro como êste! Pois o Ford Sportsman-Conversível é, realmente, dois carros em um : um modêlo esportivo, com as conveniencias de um conversível!

Basta apertar um botão . . . e em 30 segundos ei-lo transformado em um confortável *sedan*, completamente ao abrigo das intempéries! E, com a capota armada ou arriada, nada há mais gracioso que este automovel com suas linhas modernas e joviais.

Espaço de sobra . . . tanto no compartimento para bagagem, extraordinàriamente amplo, quanto nos confortáveis assentos de couro, que acomodam, folgadamente, seis pessoas adultas!

HÁ UM Ford EM SEU FUTURO!

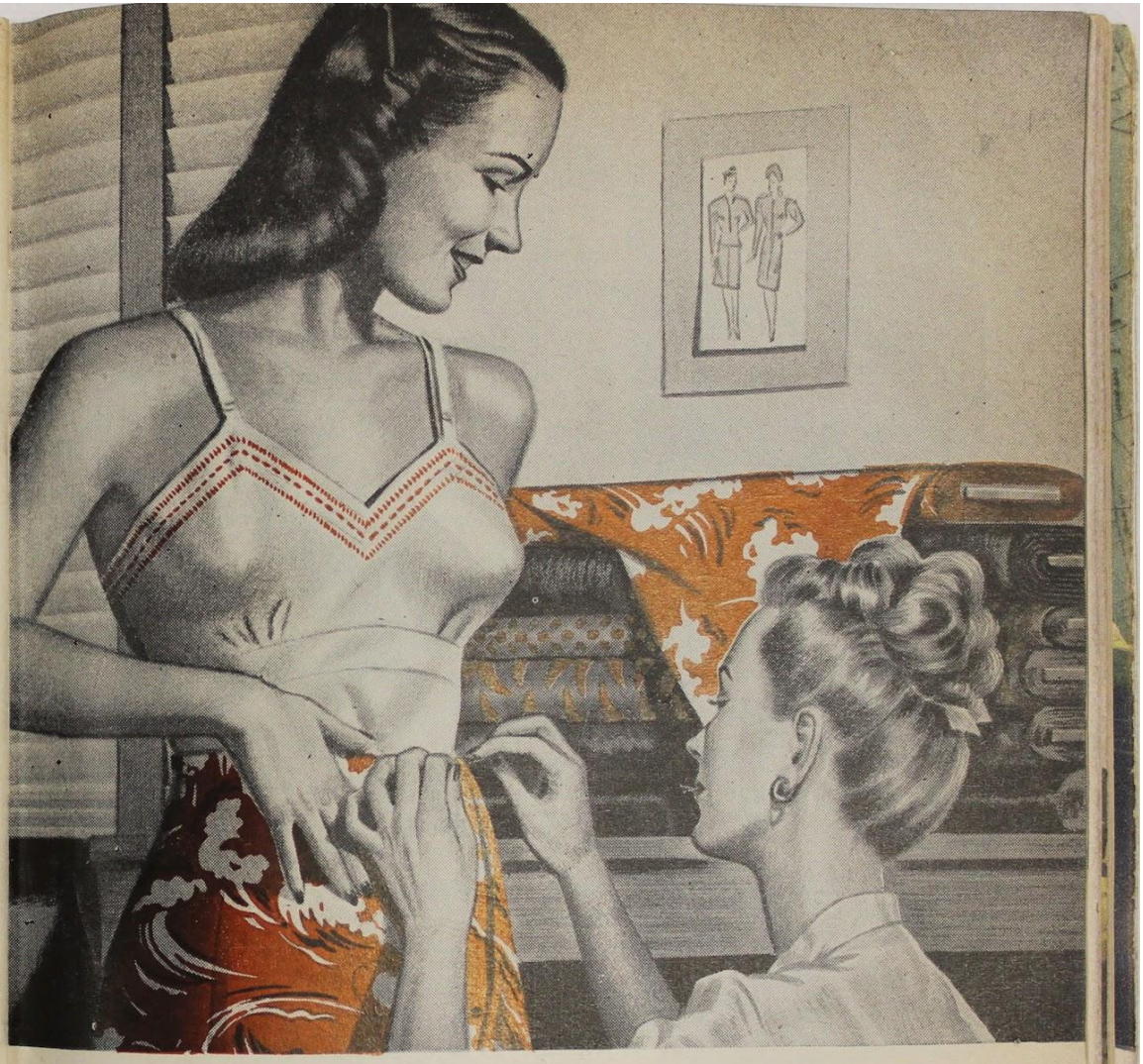


Também nos sertões longínquos...

• Nos distantes rincões do Brasil, os sertanejos que avançam até as fronteiras, desbravando com seu comércio territórios desconhecidos da Nação, encontram no xarque Swift uma alimentação altamente nutritiva, em regiões desprovidas de qualquer recurso. Mantendo em sua moderna linha de produtos alimentícios, a tradição da indústria do xarque, que remonta às próprias origens de nossa história, a Swift serve, assim, aos brasileiros dos sertões longínquos, como serve aos filhos das grandes metrópoles. Porque, para uns e outros, Swift é uma garantia de produtos alimentícios da mais alta qualidade, fabricados dentro dos mais rigorosos princípios de higiene.

Swift do Brasil

Rua Dr. Falcão Filho, 56 - 10.º andar
São Paulo, Brasil



Petroleo..Colaborador da Elegancia... Uma luva! E a jovem, satisfeitíssima ao experimentar o novo vestido, nem sabe que, alem dos dedos ageis da costureira, o petroleo contribuiu tambem para sua elegancia. Sim, pois é grande a intervenção do petroleo no industria textil moderna. Um solvente de nafta limpa a graxa da lã bruta. O rayon e a lã são tecidos com maior perfeição quando suas fibras levam uma leve camada de oleo. E as fazendas, depois de prontas, apresentam então melhor aparencia, com mais fino acabamento. São estas algumas das muitas contribuições da Organização Esso para o conforto quotidiano... e tambem uma das muitas razões porque Esso lidera a industria petrolífera desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY
(OF BRAZIL)

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

Esteja entre as mulheres mais belas de todo o mundo...

Senhora Neysa Assunção

Destacado elemento de nossa sociedade, a sra. Neysa Assunção sabe quanto representa uma cútis bem cuidada. E êste delicado predicado de sua feminilidade, ela protege com os embelezadores cremes Pond's. Traduzindo os esplêndidos resultados obtidos, diz a sra. Neysa Assunção: "Minha cútis tornou-se suave e delicada desde que adotei os Cremes Pond's". Esteja entre as mulheres mais belas de todo o mundo, adotando também os cremes Pond's para a perfeição da cútis.

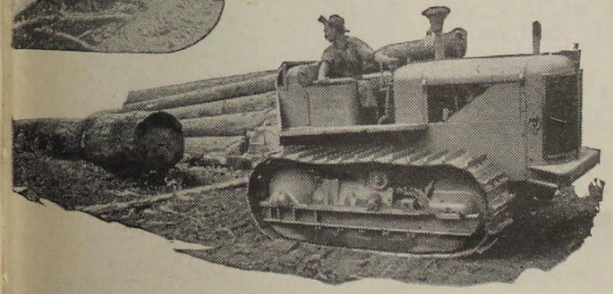
Experimente também êstes novos produtos Pond's: ***MAKE-UP-PAT*** *— Novo "cake" para "maquillage", de fácil aplicação e de longa durabilidade.* ***BATON*** *- côres especiais para dia e noite.* ***ROUGE*** *- 5 tonalidades atraentes.*

CARRÊTO DE TOROS COM TRATORES

Penetrar nas florestas, e carregar para fora os toros, constitue problema capital na indústria madeireira.

As estradas especialmente construidas e mantidas por meio de modernos bulldozers e escavadores de trilhos a trator são essenciais ao rápido e econômico transporte de toros saidos da floresta. O trator é também uma unidade ideal para as tarefas de desbasto e nivelação, e quando equipado com um guincho ou "tenaz" própria, carrega fàcilmente grandes toros, com pouca despesa.

O trator Diesel de esteiras Allis-Chalmers, de dois ciclos, tem demonstrado seu mérito para êstes difíceis trabalhos em muitas obras grandiosas de corte de madeiras—do mesmo modo que mostrou o caminho para a maior eficiência em outros ramos de atividade, tais como remoção de terras e deslocação de materiais.



Trator Allis-Chalmers HD-10 na construção de uma estrada para carrêto de toros. A lâmina do bulldozer mostra-se inclinada para escavar uma vala de drenagem.

Equipado com um guincho, o HD-7 arrasta grandes toros para fora da floresta, com rapidez e pouca despesa.

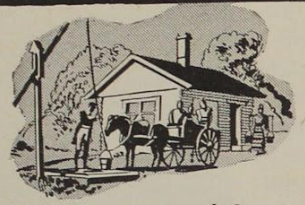
Distribuidores no Brasil:
Companhia Brasileira de Maquinaria, (COBRAMA)
Recife, Pernambuco
Soc. Técnica de Materiaes, Ltda., (SOTEMA), São Paulo
Cia. de Propaganda, Administração o Comércio (PROPAC)
Rio de Janeiro

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD-746, Divisão de Tratores — Milwaukee 1, E. U. A.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1847

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL



Tenciona levar seus negócios a novos mercados, como a Suécia?

TALVEZ o Sr. esteja considerando a Suécia —ou outros paises de alem mar—como um mercado em perspectiva. E há de haver coisas e fatos que o Sr. precisa conhecer primeiro a respeito das pessoas e dos costumes desse país . . . O City Bank dispõe de elementos excepcionais para assistí-lo nesse trabalho.

Dispondo de bancos correspondentes em todas as cidades de importância comercial do mundo, e possuindo mais filiais ultramarinas do que outro qualquer banco nacional dos Estados Unidos, a rede do National City Bank of New York cobre o mundo.

Se o Sr. anda pensando em alargar seus negócios no estrangeiro, agora ou mais tarde, venha consultar-nos e discutir conosco os seus planos, em qualquer das 44 filiais do City Bank estrategicamente situadas em toda a América Central e do Sul, e nas Antilhas. Será benvindo.

Proteja seu dinheiro com os Cheques de Viajante NBC—aceitos em toda parte

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes no Mundo Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellin

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

Uma Vida Melhor e Mais Longa

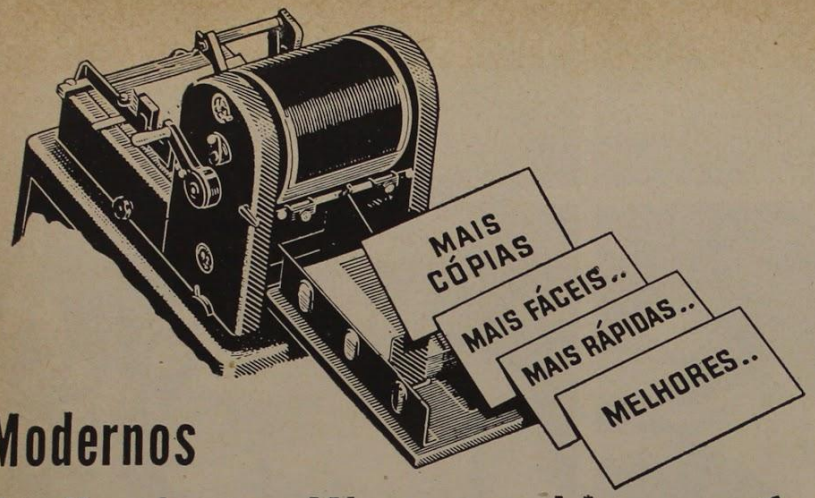
USANDO os instrumentos ópticos da Bausch & Lomb, os homens de ciência de hoje nos ajudam a desfrutar duma existência mais longa, mais saudavel e melhor. As crianças nascidas no dia presente têm probabilidades de viver muito mais tempo do que as que nasceram em 1900.

Uma das ciências que criam vida é a bacteriologia. Nas mãos de milhares de trabalhadores de laboratório, os microscópios de precisão Bausch & Lomb possibilitaram o descobrimento de novas drogas inimigas da doença, bem como de novos métodos para a proteção da saude. Outros instrumentos ópticos da Bausch & Lomb estão ajudando a elaborar novos produtos químicos suscetiveis de poupar vidas, e novos processos para a conservação dos alimentos.

A proteção da sua vista e da vista dos seus entes queridos depende dos especialistas dos olhos. Estes oculistas usam instrumentos ópticos e óculos de precisão Bausch & Lomb para salvaguardar sua vista.

BAUSCH & LOMB

ROCHESTER 2, N.Y. RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO BUENOS AIRES



Modernos duplicadores Mimeograph*

JÁ PODEM SER OBTIDOS

Sim! . . . Estas máquinas duplicadoras de utilidade e economia bem provada *já podem ser obtidas*. Elas colocam V. Sa. em posição de poder competir econômicamente na luta por mais negócios.

O duplicador Mimeograph Modêlo 92 ilustrado acima é o campeão dos duplicadores para serviço pesado. Com sua linda aparência e sua enorme capacidade reprodutiva, êle é o meio mais fácil e mais rápido de reproduzir cópias permanentes, limpas e perfeitamente legíveis. Sugerimos que V. Sa. examine êste e outros modêlos de duplicadores Mimeograph e os pertences que levam o nome Mimeograph no estabelecimento do Distribuidor Mimeograph mais próximo.

*MARCA REGISTRADA

SÒMENTE a A. B. DICK COMPANY FABRICA O DUPLICADOR MIMEOGRAPH

Exija o nome "Mimeograph", a marca de fábrica registrada pela A. B. Dick Company, de Chicago, E. U. A., originadores e fabricantes exclusivos dos duplicadores Mimeograph genuínos, e dos pertences que levam a marca Mimeograph.

duplicador Mimeograph

A. B. DICK COMPANY, CHICAGO 6, E. U. A.

Distribuidor Autorizado

KELLER WEBER, S. A.

Rio de Janeiro—Caixa Postal 2364 São Paulo—Caixa Postal 2514

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

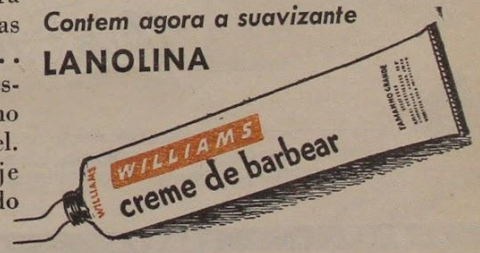
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

● *Para uma barba mais limpa, confortavel e atraente.* Agora já V. pode ficar com o rosto mais macio ao barbear-se—escanhoando-se quanto quiser—graças ao Creme Williams com Lanolina. Porque a suavizante Lanolina ajuda a protegê-lo contra a irritação da pele dorida, e deixa no rosto uma sensação de maior frescura e conforto.

A Lanolina é muito semelhante ao óleo natural da pele. De há muito conhecida dos médicos, eles receitam-na com frequência para suavizar e refrescar as epidermes irritadas. Esta mesma suavizante Lanolina ajudará V. a barbear-se com mais facilidade quando usar o Creme Williams.

A espuma abundante e duradoura do Williams embebe *completamente* as barbas mais rijas, amolecendo-as . . . e permite à navalha trabalhar depressa e suavemente. Alem disso, deixa no rosto um aroma fresco e agradavel. Faça a experiência. Compre hoje mesmo um tubo de Williams contendo Lanolina.

O mesmo tubo de sempre—
Contem agora a suavizante
LANOLINA



O CURSO NATURAL

O comércio entre os 22 estados do Vale do Mississippi e a América do Sul passa todo, com o máximo de lógica, eficiência e economia, pelo porto de Nova Orleãs, que ocupa uma situação verdadeiramente ideal para esse fim.

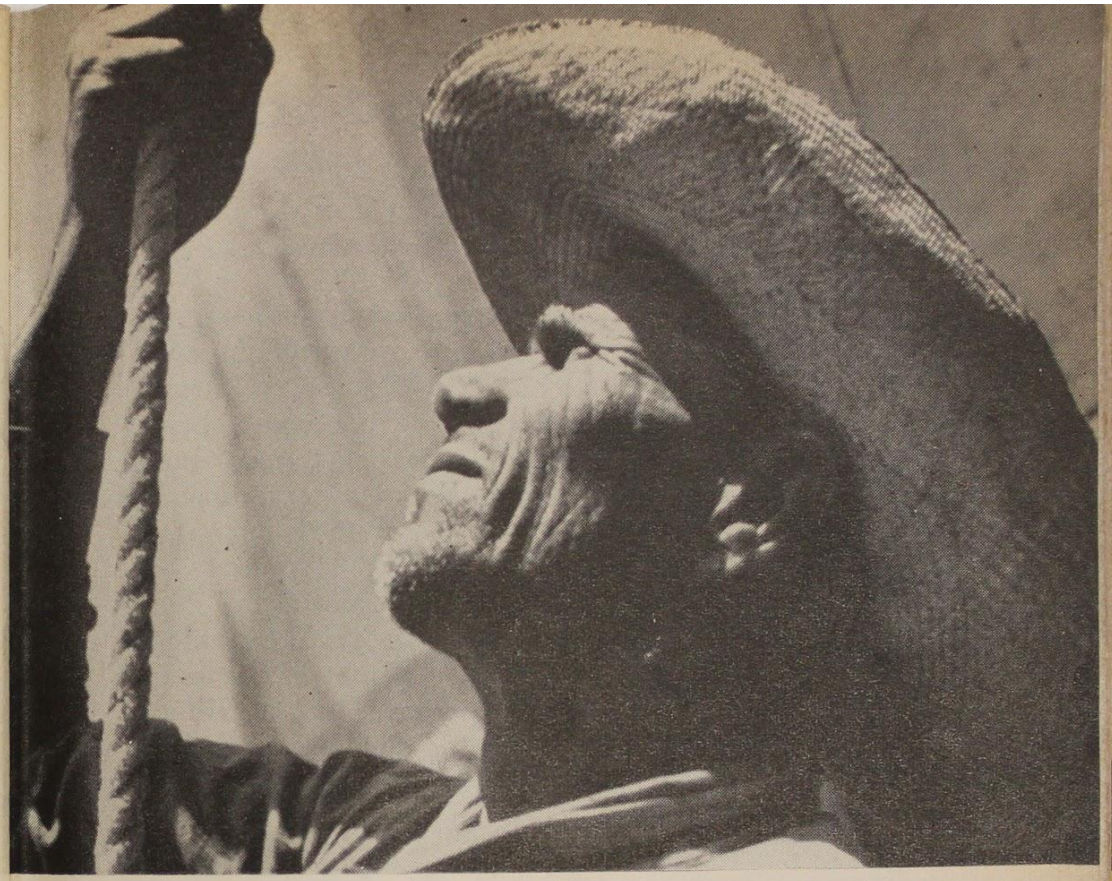
Delta Line

MISSISSIPPI SHIPPING COMPANY, INC. • NEW ORLEANS

UMA VEZ CONCLUIDA, EM 1946, A CONSTRUÇÃO DE NOVOS E RÁPIDOS NAVIOS DE CARGA E PASSAGEIROS, A SAIDA DOS NAVIOS DA DELTA LINE TERÁ LUGAR APROXIMADAMENTE

DE 8 DIAS EM

ARGENTINA • URUGUAI • BRASIL • NOVA ORLEÃS



. . . em português é **"um pescador"**

. . . em inglês, **"a fisherman"**

. . . em finês, **"kalastaja"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

***Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Kodak

QUAL É O FEITIO DO SEU ROSTO?

Um rosto acentuadamente longo indica o homem próspero, viril, empreendedor, o homem que julga bem e ao mesmo tempo com precisão, e que sente bem fundo o gosto da vida.

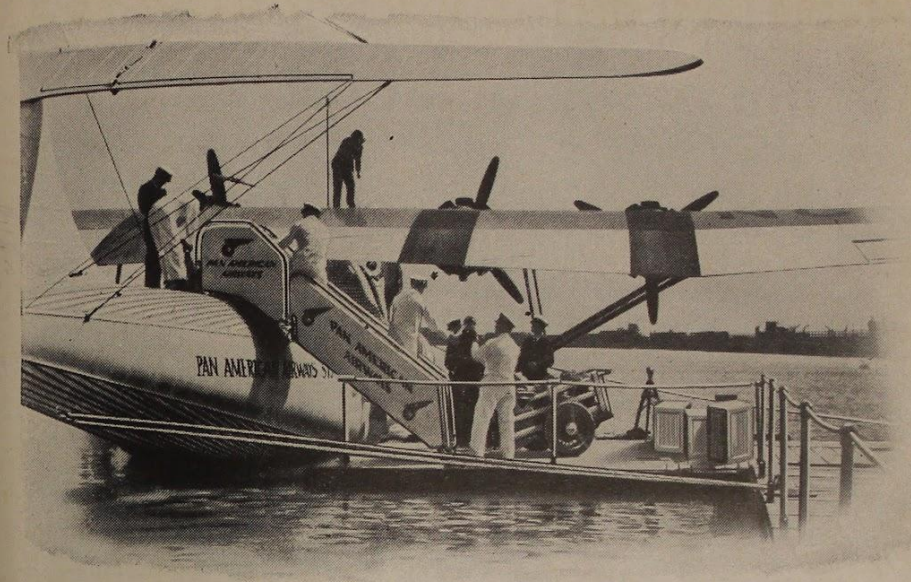
MAS quer o seu rosto seja redondo, quadrado ou oval, a Lâmina Gillette-Azul passara sobre ela leve como a brisa, ceifando os pelos mais duros sem puxar nem arranhar. O gume da Lâmina Gillette-Azul é afiado por 84 metros de superfície de amolação, rolos de afiar que giram à velocidade de 1.610 metros por minuto. É por isso que a Gillette Azul é tão eficiente e afiada—e dura tanto tempo!

GUME INVISIVEL

Nenhum olho humano, nem que recorra ao mais poderoso microscópio, pode ver o fio de uma Lâmina Gillette-Azul. É preciso um aparelho foto-elétrico de testes—um "raio de luz," para verificar se o fio da lâmina acabada de fabricar está à altura dos padrões da Gillette.

GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS



Montgomery Ward

EXPORTADOR PARA O MUNDO

E para V. S.! Há mais de meio século a Montgomery Ward vem fornecendo aos compradores do mundo inteiro as mercadorias de que precisam. Nossos caixotes são carimbados—"México City", "Cairo", "Sidney", "Calcutá"—e levam os artigos da Ward, para todos os países do mundo.

Nossos fregueses sabem que a Wards é um grande centro fornecedor, de confiança. Os vastos recursos desta companhia permitem-lhe efetuar economias pela produção em massa, fabricando produtos melhores e a preços sem competidor. A Wards é proprietária de algumas fábricas, e está aliada a inúmeros fabricantes, com muitos dos quais tem acordos exclusivos para exportar seus produtos aos mercados do mundo.

Os principais artigos da marca Ward são vendidos nos mercados estrangeiros por intermédio de firmas distribuidoras que mantêm estoques permanentes. Escreva solicitando concessão para a sua praça à Montgomery Ward & Co., Chicago, Illinois, E.U.A.

PRODUTOS FORNECIDOS PELA MONTGOMERY WARD

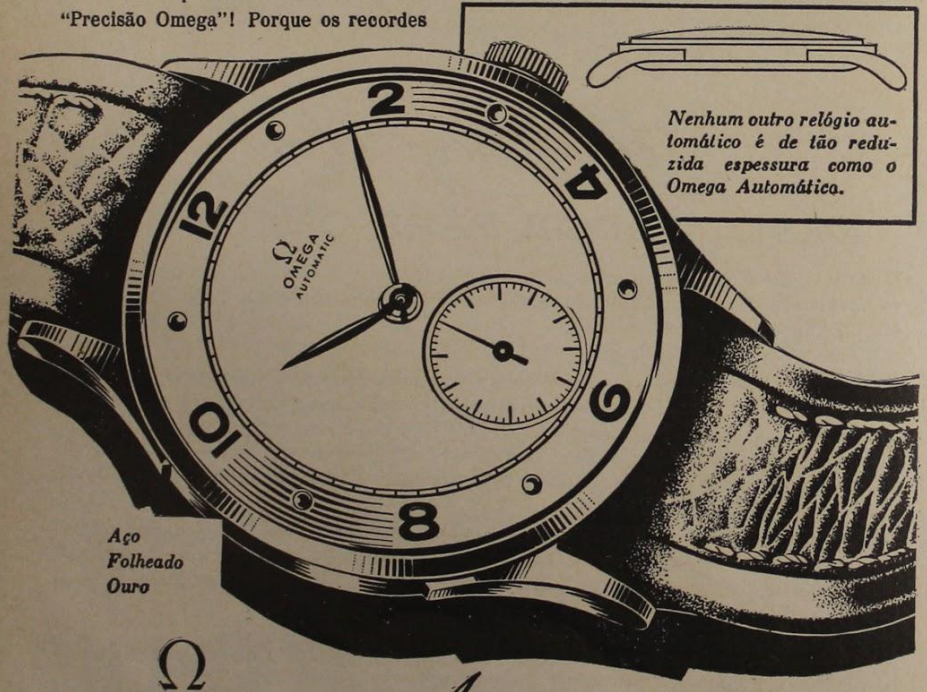
Produtos automobilísticos • Pneus • Utensílios Elétricos • Maquinaria Agrícola
Ferragens • Produtos Industriais • Rádio-Receptores • Aparelhos de Som • Tintas
Materiais de Construção • Moveis e Acessórios para o Lar • Texteis • Modas
Artigos de Esporte

MONTGOMERY WARD & COMPANY

Seção de Exportação CHICAGO, E. U. A.

A ÚLTIMA PALAVRA:
- um relógio automático "Precisão Omega"

Ao correr de longos anos fizeram-se as experiências... E quando concluídas, elas produziram mais um triunfo: — o Omega Automático! Sendo definitivo como relógio cuja corda é renovada com o movimento do pulso, não se trata, porém, só e só, de um relógio automático. Êste apresenta ainda a famosa "Precisão Omega"! Porque os recordes de precisão conseguidos por Omega, no célebre Observatório de Teddington, na Inglaterra, estão atrás de cada relógio Omega Automático! Conheça-o hoje mesmo! Automático — Impermeável à água, pó e suor — À prova de choques — Antimagnético — Extra-chato — Inoxidável — Vidro inquebrável.



Nenhum outro relógio automático é de tão reduzida espessura como o Omega Automático.

Aço Folheado Ouro

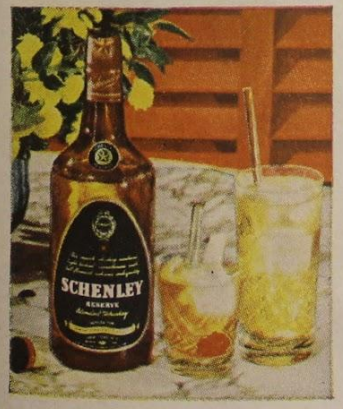
Ω OMEGA *Automático*

OMEGA — PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE ORLOGÈRE GENEBRA - SUÍÇA

TISSOT

EM NOVA YORK ..."El Morocco" é um cabaré elegante que certamente deve ser visitado pelas pessoas ansiosas de conhecer o que há de melhor em Nova York. O Whiskey Schenley Reserve está entre as coisas boas que alí se encontram.

para os entendidos em ambos continentes . . .



Gratis! *o livro de "Receitas Schenley". Peça-o a Schenley International Corp. Empire State Bldg., Nova York, E.U.A.*

EM TODA A AMERICA LATINA . . . Nos pontos de reunião da verdadeira elegância é muito natural entre os convidados pedirem Whiskey Schenley. Em toda a América, Schenley é o favorito dos entendidos.

• Prove Schenley, o whiskey leve, gostoso e suave .. soberbo com soda, ginger ale ou água; ideal para bebidas misturadas. Ele é rico de tradicionais qualidades *americanas*. Schenley International Corporation, Empire State Building, Nova York, E. U. A.

Os gran finos do mundo preferem o

SCHENLEY Whiskey Que Mais se Vende No Mundo

"A EVERSHARP não estravaza tinta" — dizem os pilotos da Pan American

É um fato — porque o Alimentador Mágico, exclusivo da EVERSHARP, mantém sempre a tinta controlada, tanto nas alturas como ao nível do mar.

A Ponta Mágica da EVERSHARP, pena flexível de 14 quilates, têrsa como a seda, desliza suavemente sôbre o papel, traçando em silêncio os apontamentos vitais do navegador.

O modêlo "Skyliner", que se vê à margem, tem um prendedor e aneis de ouro chapeado de 14 quilates. Côres: Negro-Mate, Azul Lapislazuli, Vermelho Dubonnet, Verde-Musgo, Cinza-Pérola, e Café Torrado. Em belo material plástico moderno. EVERSHARP, INC., Chicago, Ill., USA.

Dê EVERSHARP e dará o melhor!

Podemos Ajudar A Expandir A Produção da Sua Mina!

PEDRA calcárea para materiais de construção! Metais para fazer máquinas e utensílios domésticos! Matérias-primas para produtos médico-farmacêuticos e sintéticos! Tudo isto junto quer dizer mais negócio . . . melhores lares . . . melhor saude . . . existência melhor para toda a gente!

Para auxiliar as indústrias mineiras a produzir materiais de mais elevada qualidade, e em maiores quantidades por menos custo, a Allis-Chalmers fabrica hoje o mais vasto sortimento de maquinaria de processamento no mundo inteiro. Fabricamos trituradores e moinhos para minérios de todos tipos . . . uma enorme variedade de crivos, peneiras, bombas, motores e transmissões de correia em V . . . formidaveis guindastes para minas e condutores de baldes para acelerar qualquer operação mineira!

Mineração, alimentos, texteis, energia elétrica . . . a Allis-Chalmers serve a *todas* as indústrias básicas — fabrica o maior sortimento mundial de equipamento básico industrial, para ajudar a humanidade a produzir mais e a viver melhor!

ALLIS AC CHALMERS

MILWAUKEE 1, WISCONSIN E.U.A.

REPRESENTANTES NA AMÉRICA LATINA: *Brasil:* **São Paulo e Rio de Janeiro — Sociedade Técnica e Comercial Serva Ribeiro, S.A.** • *Argentina,* Buenos Aires — Allis-Chalmers Mfg. Co. (Argentina) • *Bolivia,* La Paz — Corporación Comercial Boliviana, S.A. • *Chile,* Santiago — Sociedad Manufacturera Allis-Chalmers, Ingeniería Electrica, S.A.C. (Ingelsac) • *Colombia,* Barranquilla — Osorio & Cia. Ltda.; Bogotá — Alsoco Ltda.; Medellín — Peter Santa María & Cía., Ltda. • *Costa Rica,* San José — Distribuidora S.A. • *Cuba,* Havana — L. G. Aguilera & Co., S.A. • *El Salvador,* San Salvador — Hans Peter Pfeifer, Representante da Fábrica • *Guatemala,* Guatemala — East Asiatic Co., Ltd. • *México,* México D.F. — Allis-Chalmers de México, S.A. • *Nicaragua,* Managuá — Automotive and Industrial Equipment Co. • *Panamá,* Panamá — F. Icaza & Company Ltd. • *Perú,* Lima — Peruvian Trading Corp., S.A. • *Porto Rico,* Ponce — Porto Rico Iron Works, Inc. • *Venezuela,* Caracas — Compañia Anónima Tecnomat.

MAIS de 1.600 Produtos para a Indústria

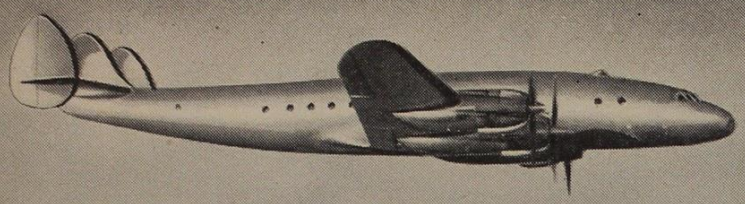
EQUIPAMENTO ELÉTRICO

TURBINAS HIDRÁULICAS E A VAPOR — CONDENSADORES

MAQUINARIA PARA ESMAGAMENTO, CIMENTO E MINERAÇÃO

BOMBAS CENTRÍFUGAS

EQUIPAMENTO PARA MOINHOS DE FARINHA E SERRARIAS



O LOCKHEED "*CONSTELLATION*" já está em serviço. As empresas de navegação aérea mais importantes, como a AIR FRANCE, AMERICAN AIRLINES, BRITISH OVERSEAS, EASTERN AIR LINES, KLM, KNILM, PANAGRA, PAN AMERICAN e TWA, vão oferecer aos seus passageiros a reconhecida superioridade do "*Constellation*" Lockheed que acima se vê. A grande velocidade, conforto e segurança do "*Constellation*" estão estabelecendo novos padrões para a navegação aérea transoceânica e intercontinental. Reserve sua passagem numa agência de viagens ou no escritório local das linhas aéreas. Lockheed Aircraft, Burbank, California, E.U.A.

CONSTELLATION

PERNAMBUCO

Onde cresce o alto canavial
e onde a vida é melhor com Melhoral

Pernambuco, a terra da cana de açúcar, a antiga Mauricéia do tempo dos holandêses, surgiu com a predestinação da liberdade. Alí caldeou-se a nacionalidade na luta contra os invasores da terra brasileira... Recife, a Venesa do Nordeste, com os seus rios e suas pontes, com o seu progresso trepidante que enche de orgulho os pernambucanos, prefere Melhoral, o rei dos analgésicos. Melhoral surgiu com a predestinação de nos libertar da dor, combatendo rápida e eficazmente os inimigos do nosso bem-estar. Melhoral é um amigo dos pernambucanos e de todos os brasileiros.

Melhoral

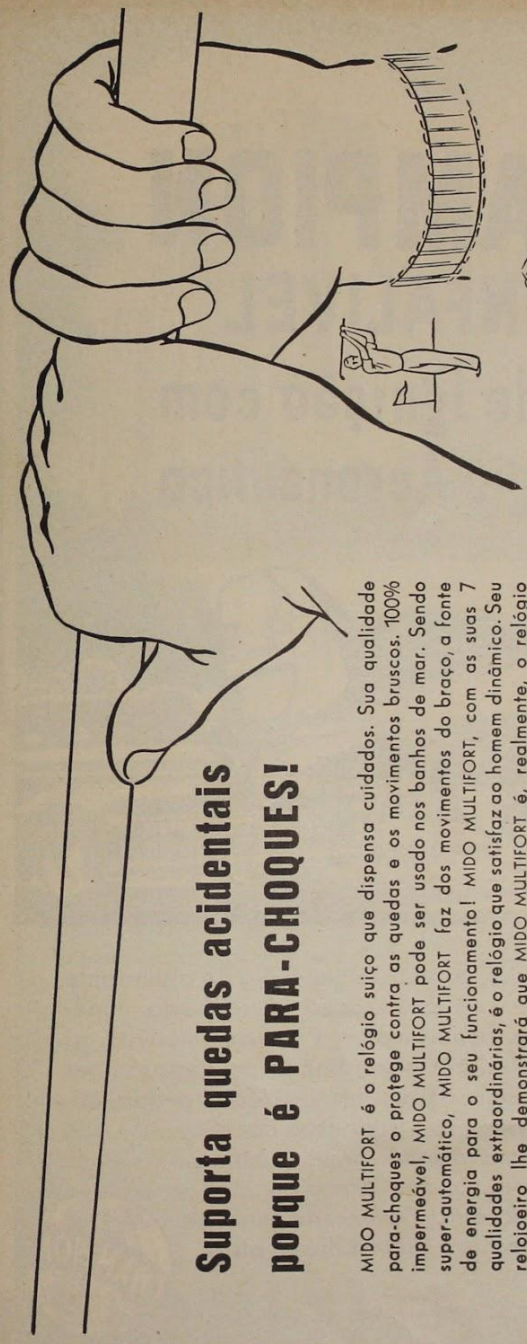
CONTRA DOR DE CABEÇA

O Presente Perfeito
Para as Noivas

Perolas
Marvella

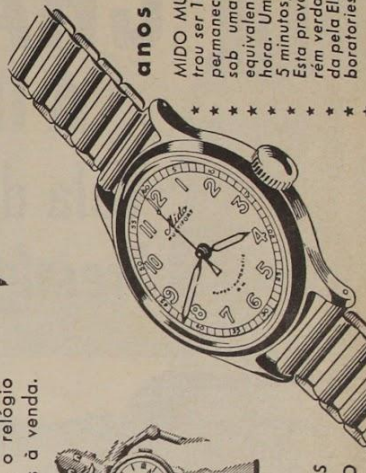
PEROLAS ARTIFICIAIS DE REVESTIMENTO NATURAL

383 Fifth Avenue, Nova York, E. U. A.



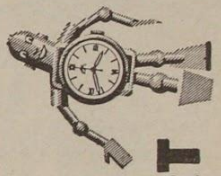
Suporta quedas acidentais
porque é PARA-CHOQUES!

MIDO MULTIFORT é o relógio suiço que dispensa cuidados. Sua qualidade para-choques o protege contra as quedas e os movimentos bruscos. 100% impermeável, MIDO MULTIFORT pode ser usado nos banhos de mar. Sendo super-automático, MIDO MULTIFORT faz dos movimentos do braço, a fonte de energia para o seu funcionamento! MIDO MULTIFORT, com as suas 7 qualidades extraordinárias, é o relógio que satisfaz ao homem dinâmico. Seu relojoeiro lhe demonstrará que MIDO MULTIFORT é, realmente, o relógio prático que V. S. precisa. Limitada quantidade de relógios à venda.



40 anos à chuva

MIDO MULTIFORT demonstrou ser 100% impermeável, permanecendo 1.250 horas sob uma chuva artificial, equivalente a 152,4mms. por hora. Um banho diário de 5 minutos, durante 40 anos. Esta prova assombrosa, porém verdadeira, foi realizada pela Electrical Testing Laboratories Inc., de New York.



Mido
MULTIFORT
RELÓGIO SUIÇO COM 17 RUBIS

❶ 100% IMPERMEÁVEL ❷ SUPER-AUTOMÁTICO ❸ PARA-CHOQUES
❹ PRECISO ❺ LUMINOSO ❻ INOXIDÁVEL ❼ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

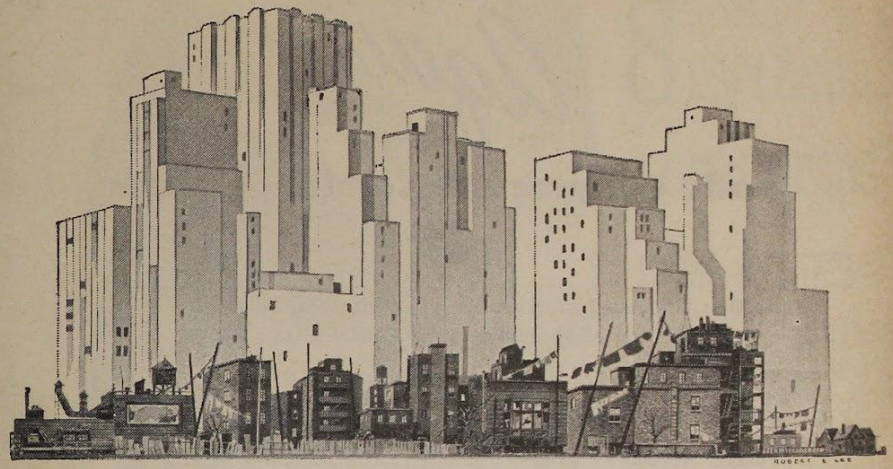
CHAMPION
A INFALIVEL
Vela de Ignição com Prestígio Aeronáutico

Para ter êxito, a aviação necessita de abundante velocidade — de aceleração rápida — de impecavel desempenho motor. Por estes motivos, as Velas Champion de confiança se tornaram as prediletas dos aviadores, os quais dependem da sua provada eficiência para vencer as condições mais perigosas do vôo.

O mesmo se dá com os donos de automóveis, caminhões e tratores: preferem tambem as Champion, por virtude da energia infalivel — da duração excepcional — e de economia certa que representam no uso diário através dos anos.

CHAMPION SPARK PLUG CO. • Toledo, U. S. A. • Windsor, Can. • Feltham, Eng.

CHAMPION



Donde É que a Água Há-de Vir?

PARA o grande bairro moderno que se erguerá no lugar dos bairros condenados . . . para as piscinas municipais de natação . . . para novas indústrias—para as incontaveis exigências que, já acabada a guerra, virão sobrecarregar a rede de águas municipais, vai ser necessária melhor água, e provavelmente tambem *mais* água.

A água ideal para usos industriais e domésticos é, naturalmente, a água macia . . . límpida . . . isenta de ferro. O equipamento Permutit* permite que tenhamos água dessa qualidade. E quando o espaço vale ouro, os *Precipitators* ou *Spiractors* Spaulding não só aplicam o mais moderno processo de tratamento pela soda cáustica, como ocupam apenas metade ou mesmo *um quarto* do espaço que exigiam as antigas instalações de tratamento de águas.

Informe-se de que modo é que a Permutit pode servir sua municipalidade. Fornecemos com prazer todos os pormenores a V.S. ou a seus clientes. Escreva a The Permutit Company, Depto. M3, 330 West 42nd St., Nova York, E. U. A., ou à Permutit Co. of Canada, Ltd., Montreal.

*Marca Regist. U.S. Pat. Off.

PERMUTIT QUARTEL-GENERAL DO CONDICIONAMENTO DE ÁGUA

Aqui

pode comprar um Caminhão Mack

BAHIA: Oficinas Luz, Avenida Tiradentes 45, Salvador
Cia. de Melhoramentos de Ilhéos Ltda., Ilhéos

BELEM: Martins Da Silva, Padre Eutíquio 113

FORTALEZA: A. Fiuza Filho & Cia., Rua Major Facundo 265

PORTO ALEGRE: Figueras & Homs, Ltda., Caixa Postal 245

RECIFE: Máquinas Equipamentos Gerais, Ltda., Av. Marquês de Olinda 296

RIO DE JANEIRO: Cia. Auto-Lux Importadora, Largo da Carioca 14

SÃO PAULO: Mario Barros Do Amaral, Rua Onze de Agosto 212

e em Portugal

LISBOA: União De Transportadores Para Importação E Comércio, Ltda., Avenida Da Liberdade 76

Observe este espaço onde lhe serão dados informes completos sobre os Caminhões Mack

CAMINHÕES
Mack
PARA TODAS AS TAREFAS

MACK TRUCKS, INC.
EMPIRE STATE BUILDING
NEW YORK 1, N. Y.

Fabricantes dos mundialmente famosos caminhões, ônibus, carros para o corpo de bombeiros e motores de marinha—funcionando a gasolina e a óleo diesel. Mack tem distribuidores nas capitais de todos os países da América.

8 ESPLÊNDIDAS SOBREMESAS... COM A MESMA RECEITA ROYAL

Pense nisto! Com *uma* receita básica Royal, você pode fazer, além dos magníficos bolos que aqui vê, mais seis sobremesas "diferentes." Tenha o cuidado de usar sempre o Fermento em Pó Royal para garantir-lhe a leveza da contextura, um melhor sabor.

•

Peça hoje mesmo a receita básica Royal do Bolo Rubro, com variações! Escreva para: Standard Brands of Brazil, Inc.—Depto. P-746 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

Deixe que a General Electric lhe abra a porta que leva a uma vida melhor através do uso mais difundido destes servidores elétricos: os novos fogões, refrigeradores, relógios, torradeiras, batedeiras, artigos de iluminação, rádios com Tonalidade Natural e rádio-fonógrafos, todos da General Electric, alem de uma quantidade de outros produtos, todos desenhados de maneira a apresentar a V.S. novos panoramas de uma vida melhor. Fale hoje mesmo com o distribuidor da General Electric.

RD-6-4

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E.U.A.

A Rociada dos Campos...
Uma das Muitas Aplicações

A rociada e polvilhação sistemática das sementeiras, grandes ou pequenas, é extremamente simples com o helicóptero Sikorsky, de tão grande adaptabilidade.

Os modelos atuais — da era de paz — colocarão ao alcance da indústria a valiosa experiência adquirida pelos Sikorsky precedentes, durante o extenso período de serviço com as fôrças armadas.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

Endereço telegráfico: UNITEDAIR

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

"Dar um mergulho inesperado no Amazonas não é brincadeira,"—diz este bom amigo do "Canadian Club"—"como eu logo descobrí, quando me vi rodeado dum ameaçador cardume de piranhas, que me fez nadar para a canoa mais depressa do que um avião" . . .

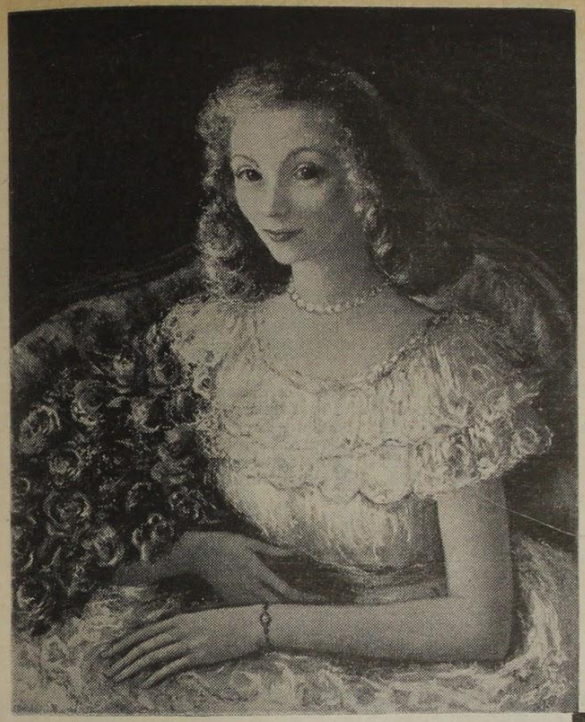
"Mas não vamos supor agora que tudo na região do Amazonas é estranho e diferente! Em Belem do Pará, verifiquei, por exemplo, que nos hotéis e clubes—o "Canadian Club" goza da mesma estima que em Nova York ou em Buenos Aires!"

Em cada país que visita, o viajante encontra sempre alguma coisa de novo—e porventura tambem alguma coisa de familiar. Assim, nos hotéis e clubes de toda a América Latina—um reconfortante copo de "Canadian Club"! Tão satisfatório só por si como em misturas e com soda, o "Canadian Club" é uma bebida para toda a noite—em coquetéis, antes de jantar; e no whisky-com-soda, depois.

Em 87 países—não há outro whisky com sabor igual ao do

"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS. Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá; Peoria, E.U.A.; Dumbarton, Escócia; e Buenos Aires.

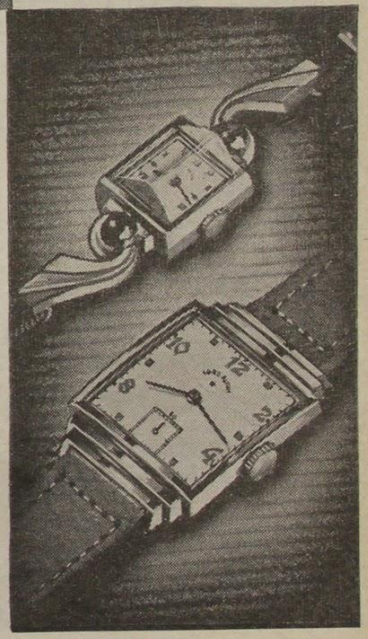


A Formatura—reproducção de um quadro a óleo pintado expressamente para a Elgin por Gladys Rockmore Davis, conhecida pintora americana.

Alegre esses corações

★ Os Relógios Elgin, famosos de há muito pela sua regularidade, já se encontram de novo no mercado. Mais belos do que nunca. Certos como as estrelas! Vá vê-los na sua relojoaria—os Elgin JÁ ESTÃO LÁ!

ELGIN NATIONAL WATCH COMPANY
Elgin, Illinois, E. U. A.



Os belíssimos "Lord Elgin" e "Lady Elgin"—novos

Burroughs

MÁQUINAS DE CALCULAR

★ ★ ★

Rapidez e Eficiência sem Rival

Há mais de três décadas que a Burroughs vem na dianteira do desenvolvimento de novas máquinas e caraterísticas destinadas a tornar as operações de cálculo mais faceis, mais simples e mais velozes. Em resultado deste progresso constante, os *Burroughs Calculators* são em toda parte os preferidos. Com um Burroughs, todos os cálculos se operam mais depressa e com menor esforço físico . . . as teclas respondem com suavidade, não exigem esforço, e são de infalivel rigor.

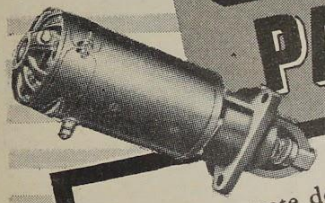
Os *Burroughs Calculators* são fabricados de acordo com os mesmos padrões inexcediveis das outras máquinas Burroughs. Engenharia habilidosa, mão-de-obra precisa, e o emprego de materiais de alta qualidade, asseguram longa duração e funcionamento de confiança, imune aos desarranjos. Para todas as necessidades e tipos de operações numéricas—insista pelas Burroughs.

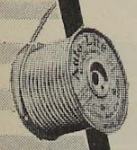
★ ★ ★

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisbos.

ENTRE AS OUTRAS MAQUINAS BURROUGHS CONTAM-SE
MÁQUINAS DE FATURAR, SOMAR, DE CONTABILIDADE, DE ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

Serviço AUTO-LITE PARA SEU CARRO





Quer se trate de substituir uma simples vela do motor, quer duma reparação geral da instalação elétrica que se desarranjou, o Sr. pode estar certo de que, recorrendo à Auto-Lite, conseguirá serviço da maior confiança. Sendo a Auto-Lite a maior firma independente do mundo na fabricação de equipamento elétrico para automoveis —como velas de ignição, baterias, arranque elétrico e geradores, arames e cabos—todos podem verificar que o nome Auto-Lite simboliza engenharia eficiente. Procure sempre o nome Auto-Lite quando quiser adquirir equipamento de arranque, iluminação e ignição.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division
Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

AUTO-LITE EQUIPAMENTO DE IGNIÇÃO ARRANQUE E ILUMINAÇÃO

Não Daquí a Alguns Anos . . .
Mas Agora!

O Sr. gostaria de viajar 800 a 900 quilômetros, gastando apenas a gasolina suficiente para encher uma só vez o tanque de seu carro?

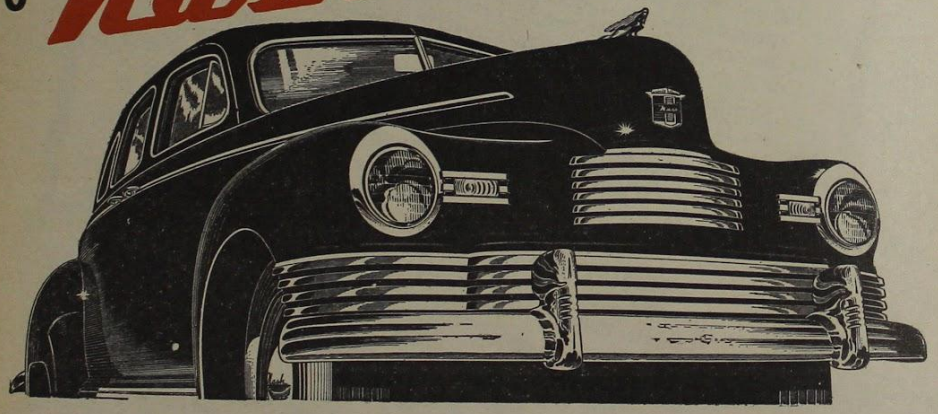
Gostaria de ter um carro tão grande e espaçoso, que o assento fronteiro fosse um verdadeiro sofá, e cujo assento posterior pudesse desdobrar-se, à noite, em cama de casal?

Gostaria de um carro dotado dos aperfeiçoamentos técnicos que, segundo cremos, virão transformar todos os carros futuros . . . que adotou os princípios básicos de traçado das aeronaves e substituiu a carrosseria e chassí que antes eram separados, por uma estrutura de uma só peça, inteiramente soldada e com vigas de aço—tornando-o mais leve, mais resistente, mais seguro?

Pois tudo isso o Sr. pode ter . . . neste novo Nash "600" de baixo preço . . . *hoje e aquí*, no salão de vendas Nash. Funcionamento surpreendente, economia sensacional, empolgante desempenho na estrada . . . e, alem de tudo isso, grandes caraterísticas tais como molas helicoidais às quatro rodas, e Instalação Nash de Condicionamento de Ar.

Vá ao Salão de vendas Nash hoje mesmo para ver o novo Nash "600" de baixo preço, e o Nash Ambassador de preço médio.

O Nash O LEVARÁ NA VANGUARDA!

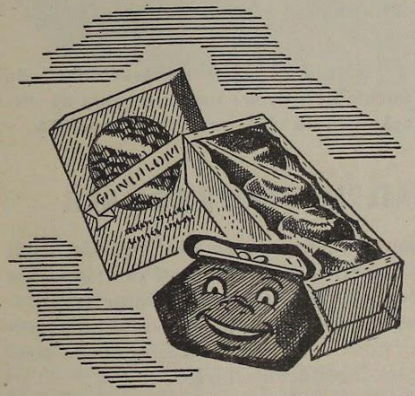


NASH EXPORT DIVISION, Nash-Kelvinator Corporation
Detroit 32, Michigan, E. U. A.

SABERÁ V. QUE . . .

. . . os químicos batem o porco na produção de serdas?

Pois é um fato! Graças aos químicos, os suinos orientais estão vivendo hoje muito mais satisfeitos. Durante longos anos, os porcos da China forneceram as melhores serdas para pincéis. Veio a guerra, cortando cerce este suprimento, e a Du Pont pôs logo mãos à obra. Após 5 anos de pesquisa intensa, acharam a maneira de imprimir aos fios de *nylon* o adelgaçamento próprio das serdas naturais. É assim que os filamentos cônicos de nylon estão hoje tomando ràpidamente o lugar das serdas de porco... e duram muito mais, embora custem muito menos.



. . . um envólucro para alimentos protege sua bolsa?

Hoje, quando V. vai comprar gêneros alimentícios e muitos outros, encontra-os embrulhados em um envólucro. Esse envólucro foi criado pelos químicos, e serve para lhe poupar despesas. É o "Clar-Apel", o filme transparente de celulose, que permite ver claramente os artigos para escolher acertadamente o que se compra. O "Clar-Apel" tambem ajuda a conservar a frescura e pureza dos gêneros pereciveis. É, sem dúvida, o *guardião da qualidade.*

. . . a Du Pont produz 4.000 destas "coisas melhores"?

Exato: na verdade, mais de 4.000 interessantes produtos, que figuram na sua vida cotidiana, são fabricados pelos milhares e milhares de trabalhadores que, coletivamente, constituem a Companhia Du Pont. E cada um desses produtos que eles fabricam é expressamente concebido e criado para poupar tempo e dinheiro a V., para tornar sua vida mais facil, mais folgada e agradavel . . . Eis aí as "coisas melhores para uma vida melhor . . . graças à Química", hoje tão estreitamente ligadas ao nome Du Pont.

E. I. Du Pont de Nemours & Company (Inc.)
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT
Marca Registrada

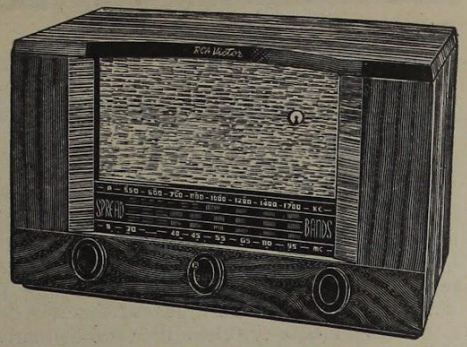
"COISAS MELHORES PARA UMA VIDA MELHOR . . . GRAÇAS A QUÍMICA"

São os Melhores...São RCA

A Superioridade da RCA VICTOR Produziu estes Rádios Superiores

26 anos de pesquisa e experiência da RCA nos domínios do rádio e da aparelhagem de som, adicionando-se aos 47 anos de supremacia musical da Victor, produziram a primazia da RCA Victor. Estes novos Rádios RCA Victor, feitos para a melhor das recepções em qualquer país ou clima, são o fruto dessa primazia! O Rádio Mais que Perfeito,—produzido pela empresa de rádio *Número Um* do mundo inteiro.

V. ficará contente de ter comprado um novo rádio RCA Victor . . . de ter sabido esperar o que há-de melhor. Por isso, antes que compre . . . veja—e ouça—os novos Rádios RCA Victor.



MODELO Q34 . . . Linda caixa de acabamento em nogueira. 8 válvulas. 5 faixas, inclusive sintonização de faixa extensiva para ondas curtas. Alto-falante de 20 centímetros. Encaixe para ligar o fonógrafo.

Os rádios RCA aquí representados são somente dois dentre um sortimento de distinção . . . vá vê-los na loja Victor RCA.

MODELO QB5 . . . Rádio de bateria que também pode funcionar com a corrente elétrica da casa, usando-se um transformador de corrente alternada. 4 válvulas. 3 faixas. Encaixe para ligar o fonógrafo.

BATERIAS PREFERIDAS RCA

Consiga mais horas de audição com as baterias RCA Tipo Preferido. Os rádios de bateria RCA Victor levam o deslumbrante mundo novo dos passatempos de rádio aos lares que não possuem instalação elétrica.

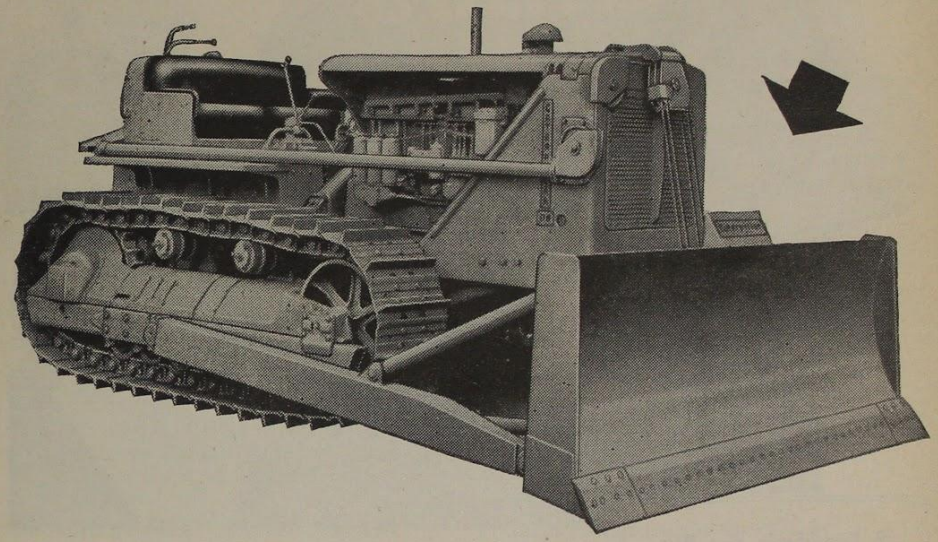
Os modelos RCA Victor são inteiramente dotados de válvulas RCA Tipo Preferido, para cúmulo de bom funcionamento e recepção melhorada.

RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

DIVISÃO INTERNACIONAL DA RCA, 745 5th AVENUE, NEW YORK, N.Y., E.U.A.

OS NOVOS BULLDOZERS "CATERPILLAR"



Hoje encontra-se um sortimento completo de *bulldozers* fabricados por "Caterpillar" para se equiparar, em qualidade e em funcionamento de primeira ordem, aos Tratores Diesel "Caterpillar". Estas novas máquinas apresentam todas as vantagens ganhas em muitos anos de experiência na fabricação de maquinaria para remoção de terras.

Os que têm feito uso destes novos *bulldozers* afirmam ser êles os mais simples, os mais fáceis de governar e os mais eficientes entre todos os instrumentos do seu tipo até agora produzidos. Não apresentam qualquer superestrutura que possa prejudicar a visão do condutor ou aumentar o peso-morto. Sua lâmina possante e de curva especial os habilita a manipular maiores cargas, e, quando trabalham associados aos seus fortes companheiros, os Tratores Diesel "Caterpillar", a executor mais trabalho em menos tempo e a menos custo.

Governos, empreiteiros e agricultores, todos acharão que estes novos productos "Caterpillar" vêm ao encontro de uma importante necessidade—no desbaste de terras, na construção de estradas, reservatórios e canais de irrigação, e em muitas outras tarefas.

Obtenha mais completa informação, dirigindo-se ao vendedor "Caterpillar" na sua zona.

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Illinois, E. U. A.

CATERPILLAR Diesel

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MONTONIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOVER TERRA

Chegado Agorinha da Capital das Modas...Pelo Ar a tempo de ir ao baile desta noite!

Essa jóia de vestido de que V. se enamora hoje no jornal de modas de Paris, Nova York ou Hollywood, pode ser seu amanhã—na era dos transportes aéreos internacionais que ora se está inaugurando.

O pouco pêso do vestuário e de tantos artigos de uso doméstico facilita em extrêmo as entregas pelo ar. Uma torradeira de tipo novo ou uma máquina eléctrica de barbear podem ser remetidas pela Via Aérea a um custo incrìvelmente módico.

Recomende à sua loja preferida que utilize os transportes aéreos, tão depressa os novos serviços de aviação forem sendo inaugurados.

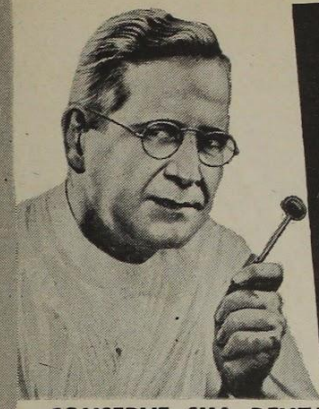
A Engenharia que Deu Provas na Guerra Serve Agora as Linhas Aéreas

Durante a guerra, os Motores Wright "Cyclone" e as Hélices Curtiss atingiram novos cimos de potência e de eficiência, realizando provas equivalentes a mil anos de experiência. Êste desempenho tornou possíveis os transportes de alta velocidade, que hoje vão servindo as carreiras aéreas internacionais.

Curtiss Wright

Export Division

30 ROCKEFELLER PLAZA, N. Y. 20, N. Y.



LIMPA OS DENTES ARTIFICIAIS

sem precisar escová-los

CONSERVE SUA DENTADURA COMO NOVA, USANDO POLIDENT

Ponha-se a porção de uma tampinha cheia de POLIDENT em meio copo de água. Logo mergulhe a sua dentadura postiça e verá como as impurezas e detritos desaparecem como por magia. Sua dentadura ficará completamente limpa e perderá o máu cheiro característico das dentaduras postiças, sem necessidade de recorrer à prática inconveniente de escová-la ou esfregá-la.

Basta mergulhar as dentaduras e pontes removiveis numa solução de POLIDENT y logo se dissolvem os detritos de comida que ficam em intersticios dificeis de limpar, desaparecendo o limo viscoso e qualquer mancha. A ação purificante do POLIDENT restitui às dentaduras a sua aparência natural, sem o perigo de as arranhar ou de desgastar os seus bordos necessários ao bom ajustamento na boca.

O banho em solução de POLIDENT significa menos manuseio da dentadura e portanto menor risco de danificá-la, como geralmente sucede com o uso antiquado da escova e das esfregadelas.

A venda nas perfumarias, farmácias e drogarias.

Coloque-se a dentadura ou "bridge" removivel dentro dessa solução de POLIDENT durante 15 minutos ou a noite inteira. Enxagúe-se bem a dentadura em água fresca e está pronta para o uso.

Limpa e purifica sem escovar

Mais de 25 milhões de latas foram vendidas nos Estados Unidos nos últimos cinco anos.

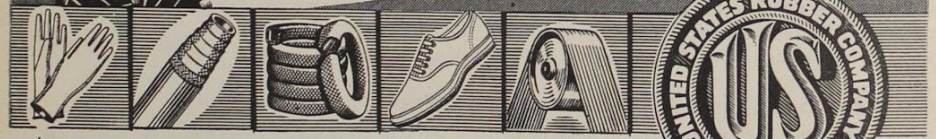
POLIDENT

Projetado e Desenhado Cientificamente

Todo pneumático U.S. ROYAL é projetado para um fim determinado. E todas as suas partes se fabricam cientificamente para tal fim. Homens experimentados o inspecionam, submetem-no a prova, e assim mantêm sua excelente qualidade.

Por isso o pneumático U.S. ROYAL render-lhe-á quilometragem máxima com segurança máxima. Para o seu automovel de passeio, seu caminhão, seu trator—não importa qual...

Exija "U.S." e siga para a frente



Luvas para Cirurgiões | Mangueiras para gasolina e ar | Gachetas Industriais | Sapatos "U. S." Keds | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U.S."

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

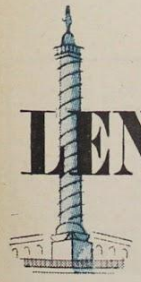
Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., New York 20

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

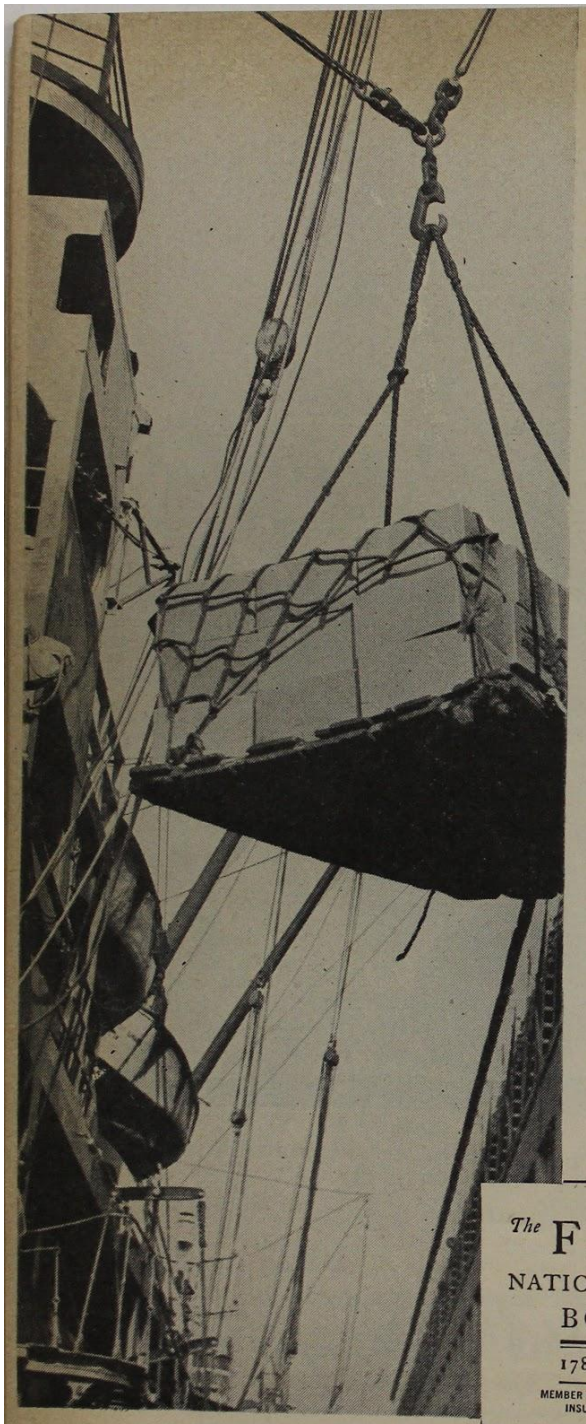
Lenthéric c'est le plus chic!

Bouquet Lenthéric • Anticipation

Fragrancia para de dia . . . complemento de seu perfume



LENTHÉRIC *parfumeur-paris*



Caixinha de Surpresas
Chegada da Nova Inglaterra

Na mais antiga região industrial dos Estados Unidos estão-se produzindo coisas tão inéditas quanto empolgantes. Aos seus produtos tradicionais—tecidos, couros, maquinaria e instrumentos de precisão de fama mundial—a Nova Inglaterra vem juntar agora as mais recentes maravilhas da eletrônica e da óptica, e outras criações saídas, durante a guerra, dos laboratórios científicos.

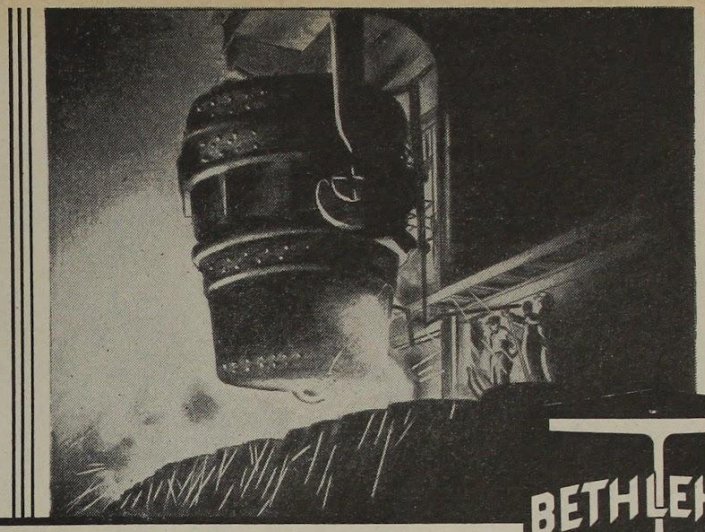
É bem natural que a Nova Inglaterra viesse assumir a liderança na manufatura de coisas que exigem a mais rigorosa aptidão e talento industrial. Porque alí está o maior reservatório de perícia técnica e de experiência industrial dos Estados Unidos. Mas a Nova Inglaterra não é menos experiente na distribuição e intercâmbio de mercadorias à escala mundial.

Situado no coração geográfico e financeiro da Nova Inglaterra, «The First National Bank of Boston» vem trabalhando com importadores e exportadores faz mais de 160 anos. Dispondo dum vasto corpo de especialistas em comércio exterior, na sede e no estrangeiro, e de correspondentes em todo o mundo, este banco encontra-se maravilhosamente equipado para cooperar com V.S. nas suas transações com a Nova Inglaterra e com o resto do mundo.

Qualquer das filiais ou agências deste banco atenderá com prazer os seus pedidos de informação sobre problemas de negócio com a Nova Inglaterra ou outra região do mundo.

The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON
1784 ★ 1946
MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 100 Broadway.
Filiais além-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Escritório de representação no Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*



BETHLEHEM STEEL

AÇO

Todos os anos, das imensas instalações da Bethlehem, saem milhões de toneladas de aços de liga e ao carbono, num fluxo sempre crescente de lingotes, barras, chapas, barras em perfís para construções, fôlhas, arame, fôlha de Flandres, e outros produtos de aço.

Muito das pesquisas e aperfeiçoamentos que têm ajudado a produzir aços modernos de alta qualidade se deve à iniciativa e ao espírito pioneiro da Bethlehem. E a metalurgia e a engenharia de que tais produtos resultam, nunca permanecem de braços cruzados, porque a política da Bethlehem é de melhoramento incessante, de constante atenção aos problemas, que por seu turno evoluem, dos consumidores de aço.

Para suprimento de produtos de aço — desde pregos a pontes gigantescas — podeis confiar na Bethlehem, "um dos maiores produtores de aço do mundo."

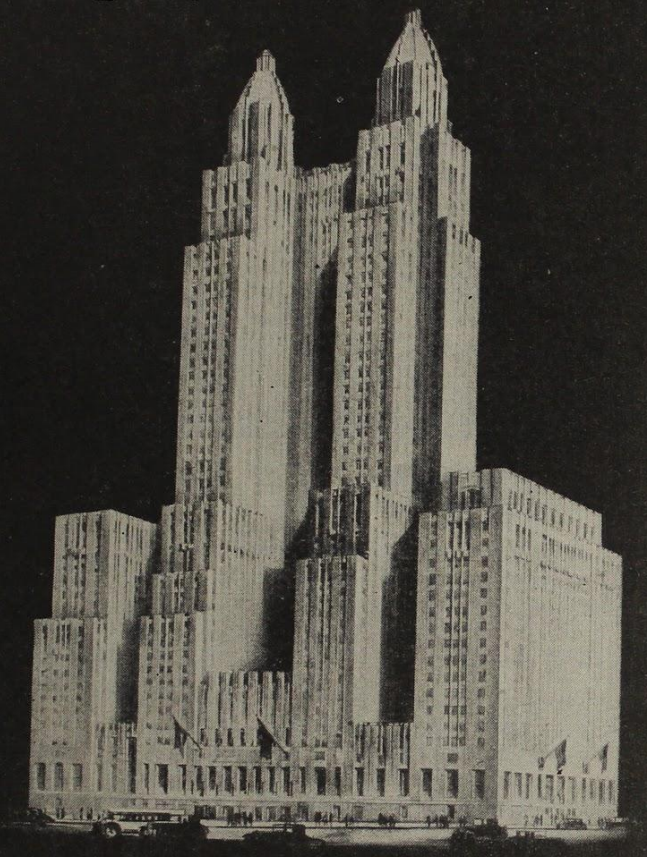
Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, Nova York 4, E.U.A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165-3° andar
SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415

De Renome Internacional



O hôtél Waldorf-Astoria se propõe a manter a preferência que sempre tem dispensado à sua antiga clientela e solicita a sua cooperação no sentido de que as reservas sejam feitas com a maior antecedência possivel, com indicação das datas de chegada e partida. A reserva só se considera feita quando por nós confirmada.

O WALDORF-ASTORIA

BLANCA LAZO STEINMAN
DEPARTAMENTO LATINOAMERICANO

PARK AVENUE • RUA 50 • NOVA YORK

Essa Marca Registrada Quer Dizer "Produto de THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY"

Se o rolamento que o sr. compra não apresenta a marca de fábrica "TIMKEN" estampada no casquilho e no cone, é porque não se trata de um rolamento Timken genuino—diga o vendedor o que disser, ou mesmo que o rolamento se pareça com um Mancal Timken.

Para ter certeza de que adquire o Rolamento Cônico Timken genuino, respaldado por cerca de cincoenta anos de experiência e progresso técnico, o rolamento feito de Aço de Liga Timken — que é o mais fino material até hoje criado para rolamentos contra o atrito — verifique se tem a marca de fábrica "TIMKEN".

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South América, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

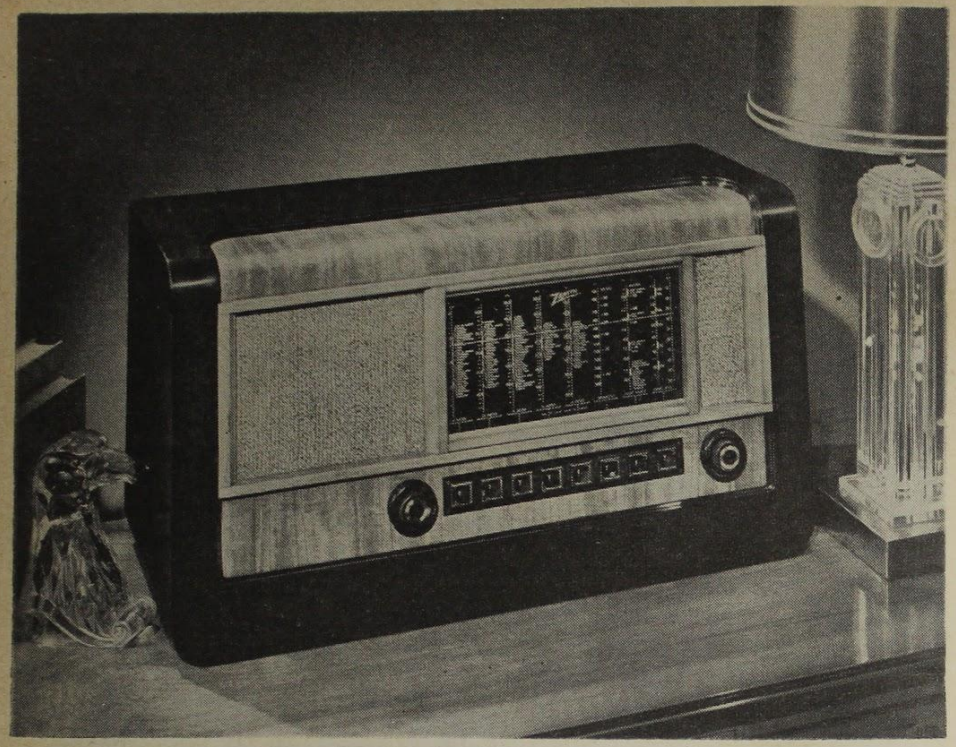
THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

"Tudo que existe em rolamentos"

TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS



Escute O Mundo!

Êste ZENITH INTERNACIONAL de luxo representa o apogeu da perfeição. Compreende recepção de onda longa e completa onda curta de grande alcance. Sua super-sintonização por «banda expandida» põe cada banda de onda curta numa escala de sintonização individual.

Gabinete Movel Continental de mogno acabado em cordovão polido.

ZENITH

Novos Rádios INTERNATIONAL com Reprodução Radiônica

Os maiores fabricantes mundiais de aparelhos radiônicos exclusivamente

PARKER "51"

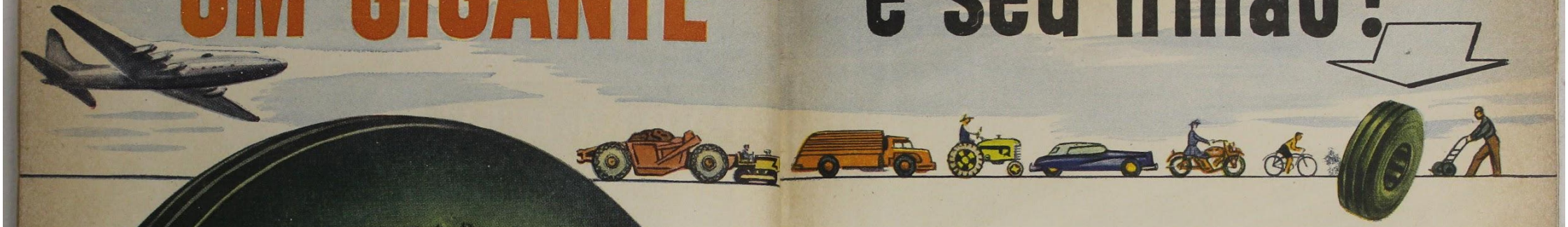
Escreve seco com tinta líquida!

Eis aqui a caneta que lhe oferece o milagre de *escrever sêco!* Porque é a única desenhada e construida para usar a tinta de mais rápida secagem no mundo, a Tinta Parker "51"! Sua pena sempre úmida começa a escrever instantâneamente . . . e é valorizada pela ponta de raro e precioso Osmirídio para uma escrita macia e aveludada.

Representantes Exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Representantes exclusivos para Portugal e Posto Central de Reparações
ANTONIO VIEIRA, Lda. 167, Rua do Ouro, 173, Lisboa

UM GIGANTE — e seu irmão!



HÁ NO MUNDO INTEIRO MAIS GENTE E MAIS CARGA RODANDO SÔBRE PNEUS GOODYEAR DO QUE SÔBRE PNEUS DE QUALQUER OUTRA MARCA

ANTECIPANDO-SE ao dia em que veremos aviões imensamente maiores do que tudo que hoje cruza os céus, a Goodyear já tem pronto êste pneu de avião — *o maior* até hoje fabricado.

Ainda assim, êste gigante Goodyear, com os seus 700 quilos de pêso e os seus 2,80 m. de altura, é irmão do anãozinho que acima se vê — o pneu Goodyear usado nas vagonetas de mão para despacho de pequenas cargas na indústria.

Entre um e outro existem pneus Goodyear para bicicletas, motocicletas, automóveis, caminhões, tratores, transportadores de terra — em uma palavra, para *tudo* quanto no mundo anda em cima de rodas.

Esta ampla variedade na fabricação de pneus é o que torna cada um dos pneus Goodyear tão esplendidamente adaptado à sua tarefa. Porque a técnica e experiência sempre crescente adquirida nesta variedade de produção entram na estrutura de *todos* os pneus Goodyear—pondo-os em condições de render extra quilometragem, segurança máxima, e a maior economia.

É por isso que V. — quando escolhe pneus Goodyear — pode ficar certo de que as rodas vão calçadas com pneus da máxima confiança, seja qual for o serviço em que os empregue.

GOODYEAR
PNEUS

A MAIS ALTA RELEVÂNCIA

ADQUIRIDA POR MÉRITO PRÓPRIO !

As canetas e lapiseiras SHEAFFER escrevem melhor e o modo mais fácil de provar tal coisa é pela comparação. Escreva com uma nova caneta ou lapiseira SHEAFFER. Observe como se adaptam à sua mão, como têm o peso equilibrado, como escrevem rápida, suave e silenciosamente. Examine a pena patenteada "*Lifetime*"* tôda feita à mão, de ouro de 14 quilates e veja como é diferente de tôdas as outras . . . Faça as comparações que desejar—e saberá então porque as canetas e lapiseiras SHEAFFER alcançaram *a mais alta relevância*. W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U. S. A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do. Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Novas Canetas "TRIUMPH" • Novas Lapiseiras "Fineline"

BOLÍVAR

Por Baldomero Sanín Cano

A CADA geração que passa, a personalidade de Bolívar é mais bem compreendida, e a par do melhor conhecimento avulta, com sua figura moral, a admiração da posteridade.

Da memória de outros conquistadores a história deve cuidar zelosamente para que a indiferença dos homens não deixe cair no olvido seus feitos e suas glórias reais ou aparentes. De Bolívar cuida afetuosamente essa posteridade, representada por cinco repúblicas, que nasceram do prestígio de seu pensamento e da força e tenacidade de seu braço.

É sempre crescente o número de obras que aparecem com o objeto de fixar sua posição na história. Mais de um século já decorreu após sua morte, e ainda a civilização, a ciência, a experiência dos grandes observadores da conciência humana se empenham ansiosamente em resolver os problemas por ele apresentados a um mundo a que faltavam o saber, a disciplina e a virtude necessários para organizar-se e funcionar com a elevação moral indicada pelas suas palavras.

Teve a visão profética do mundo americano, ao qual dedicou toda sua vida e pensamento. Adiantou-se ao tempo, dominou os homens e as circunstâncias. Desconheceu o desalento e soube, mais de uma vez, sobrepor-se às provas mais amargas da fortuna. Derrotado na Venezuela, fugitivo, sem direção, falava a seus fiéis seguidores das futuras campanhas com que daria remate a sua tarefa libertadora. Já realizada mais de metade dessa tarefa, ameaçado de possiveis defecções, rodeado de amigos indecisos ou satisfeitos, quando a obscuridade cobria os caminhos do futuro, a fé em si próprio e nas necessidades da América só lhe permitiam pensar nos triunfos situados para alem das dificuldades presentes. Em cidades abatidas moral e materialmente sua presença era bastante para alçar os ânimos às alturas do sacrifício. Sua palavra aliciava exércitos. Dele se disse que tinha a faculdade sobrehumana de ajustar os fatos à vivacidade e eficácia de suas palavras.

Ao contrário de outros criadores de nações, teve ele a excelsa recompensa do êxito. Conquistadores seus contemporâneos viram esvair-se em segundos a obra de quinze ou dezesseis anos. A de Bolívar dura ainda incólume e tem caracteres indeleveis de eternidade. O êxito em seu caso não era satisfazer uma ambição pessoal; significava antes a realização de certa idéia em benefício de um mundo. Havendo completado sua obra, teve a grandeza de dar por findos seus esforços, deixando a outrem a luta com os apetites, a liquidação da conquista por entre as aspirações justas ou desmedidas de alguns conquistadores.

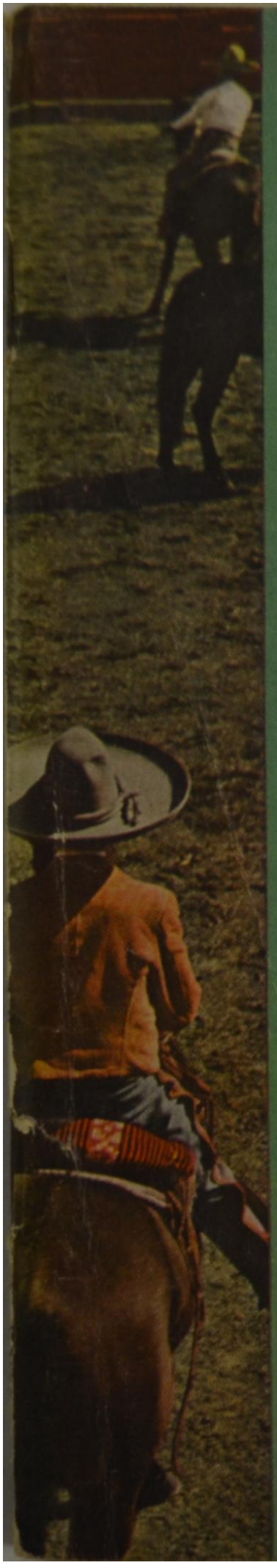
Sua obra de escritor e de homem de pensamento surpreende a quem quer que não dê atenção à qualidade de sua inteligência e poder de observação perante o panorama da época em que lhe tocou medir a alma com as eventualidades do mundo. Em face a um ambiente amplo e mutavel, tendo tido um mestre excepcional, profundamente céptico, observador e copiosamente versado, para seu tempo, em várias disciplinas, o Libertador formou o espírito para as armas e para as letras em proporção admiravelmente adequada à realização da obra a que lhe impulsionavam seus sentimentos e as necessidades da época.

O retrato de Bolívar que aparece na capa deste número é reprodução do que se exibe no Palácio de Miraflores, em Caracas (Venezuela), obra do grande pintor venezuelano Tito Salas.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Foto: Luis Noguera

Simon Bolivar, o Libertador
(Vide nota no verso)



AGOSTO de 1946

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERESSE PERMANENTE

Leonardo de Vinci: o primeiro dos modernos . . . . *Catholic World* 1
O que pode fazer uma bomba atômica . *Robert Littell* 8
Você sabe o que quer dizer? 12
O menino diante da máquina . *por Albert E. Wiggam* 13
Truman encara os ossos do ofício . . . . . *Fortune* 17
Os cultos da Califórnia . . . *por Carey McWilliams* 21
Aviões para todos . . . . . *Life* 27
A guerra secreta na Escandinávia . . . . . *Collier's* 31
Nova vacina para os cães . . . *Country Gentleman* 36
Meu tipo inesquecivel . . . . . *por Karin Michaëlis* 39
Os trabalhistas ingleses afastarão a Europa do comunismo? . . . . . *por Stanley High* 43
Podemos ensinar os meninos a viver 47
Vias luminosas do ar . . . . . *Scientific American* 49
Paz de espírito . . . . . *por Joshua Loth Liebman* 53
No mundo maravilhoso dos pássaros . . . *Audubon* 62
Estarão os Estados Unidos aptos a liderar o mundo? *Maclean's* 64
Um capitalismo que interessa o operário . *N.Y. Times* 69
Para compreender os russos . *Narrado a André Visson* 72
Então, até logo . . . . . *Atlantic* 77
Westinghouse, o inventor irreprimivel . . . *Coronet* 80
O novo remédio de Deus . . . . *por Paul de Kruif* 85
Triunfos e fracassos da espionagem . *Washington Post* 88
Meu amigo Jan . . . . . *Christian Herald* 93
Flagrantes da vida real 119

Seção de Livros — Autobiografia de Benjamin Franklin 97

Vaqueiros do México — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*; *Nota* . . . . . *terceira capa*

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha de Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 221, 3º andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo X, No. 55 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Agosto de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os países hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Bästa ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo; Suécia redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia. *Det Bedste fra Reader's Digest:* edição em dinamarquês, publicada em Copenhague, Dinamarca.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os países signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os países que o exigem. Proibe-se reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. X, No. 55, August 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A. San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U.S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

CMOP-LA 1941

TOMO X
No. 55

SELEÇÕES
do Reader's Digest

AGOSTO
de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

Sua sombra de gigante ainda se projeta sobre nós

LEONARDO DE VINCI: o primeiro dos modernos

(Condensado do «Catholic World»)

Por Donald Culross Peattie

«*Uma vida bem vivida é uma vida longa.*»

Quem tais palavras deixou escritas viveu, de acordo com elas, vários séculos, e não apenas uma vida, mas dez, pois Leonardo de Vinci, alem de ter sido um dos maiores pintores, na idade de ouro da pintura, foi sob múltiplos aspectos, um gênio da ciência. Era um moderno, nascido ao amanhecer do que chamamos Renascença. Previu ou inventou grande parte do que a ciência, a partir de então, levou 400 anos para comprovar.

Entre as descobertas de de Vinci, as de mais fundas repercussões permaneceram desconhecidas, em seus cadernos de nota. Esparsos depois de sua morte, só recentemente foram estes compilados e publicados. É de crer que talvez mais de metade estejam perdidos para sempre, porquanto os colecionadores consideravam seu valor, não pelo que continham, mas devido ao autógrafo do grande homem. Isto, já por si, foi bastante estranho, pois o escritor era canhoto e, alem do mais, escrevia excentricamente, da direita para a esquerda. Para ler seus escritos é necessário colocá-los diante de um espelho. Outro fato simbólico: mais tarde, veio a tornar-se ambidextro.

Em dotando essa criança de dons brilhantes e suficientes para lhe encherem ambas as mãos, a Natureza fez a escolha de seus pais recair em dois seres igualmente imprevistos. A mãe, Catarina, de 16 anos de idade, pertencia a uma família de camponeses. O pai, Piero de Vinci, era advogado. A Natureza tomou nas suas mãos de escultora esse homem e essa menina, num verão da Toscana, e modelou sua obra prima, a qual nasceu em Anchiano, a 15 de abril de 1452.

Afim de evitarem que Piero desposasse Catarina, cuja origem era extremamente humilde, seus pais se apressaram em casá-lo com uma jovem de recursos. Segundo um costume dos tempos Piero de Vinci contribuiu com certa quantia para ficar como responsavel pela criação do filho, mais tarde reconhecendo-o legalmente. Durante os primeiros anos de sua infância, Leonardo, filho único, foi mimado como tal. Sua beleza extraordinária e sua viva inteligência tornavam facil desculpar as faltas de que nunca se libertou: certo egoismo prático, uma confiança ilimitada em si próprio, e o fato de ue vivia a sonhar acordado.

O menino, à medida que foi crescendo na propriedade da família, perto de Florença, passou anos de lazer, a errar pelos lindos campos que a cercavam, até que os pinheiros, os córregos, os rochedos e as delicadas flores silvestres lhe mergulhassem na alma, emergindo, mais tarde, nas jóias das paisagens com que viria a adornar suas telas. Adorava a música e tocava de modo encantador. Os versos pareciam subir-lhe aos lábios naturalmente. A vida era seu mestre.

Nunca lhe permitiam ver a mãe, embora soubesse que ela existia. A falta que lhe fazia obcecou-o sempre, até que se viesse a expandir nos mais perfeitos tributos ainda colocados aos pés da Madona. Ele, que nunca pudera conhecer o amor materno, roubou ao mundo seus maiores tesouros, e tudo—flores, cordeiros, árvores nobres e vetustas, e montanhas—colocava a seus pés, para o deleite do Menino Deus, aconchegado aos braços da Mãe Santíssima.

Quando Piero de Vinci descobriu os primeiros desenhos do filho, colocou-o, como aprendiz, num estúdio de Verrocchio, em Florença. Verrocchio era um homem de sete instrumentos, no que Leonardo tambem se tornou mestre. Dedicava-se, a um tempo, à pintura, à escultura, à arquitetura, à música, à geometria, e à história natural—de modo que mestre e discípulo se deram à maravilha um com o outro. Circulavam pelo estúdio de Verrocchio outros jovens artistas, entre os quais um, que se chamava Botticelli, e foi enfim o melhor amigo de Leonardo. Juntos desafiavam o mundo, planejavam as mais audaciosas burlas, metiam-se em brigas ou amansavam cavalos—um dos desportes favoritos de Leonardo. Ao que dizem, este era tão forte que podia quebrar uma ferradura, com uma só mão.

Outras vezes, de Vinci errava pelas cortes e igrejas de Florença, estudando seus tesouros artísticos, palestrando com matemáticos, astrônomos, e geógrafos, no afã de assimilar todos os conhecimentos que lhe estivessem ao alcance. Gostava de lançar-se em longas perorações, e percorria a praça do mercado expandindo-se em gabolices e sonhando acordado, diante da multidão, que acolhia, atônita ou sorridente, suas declarações sobre espantosos projetos de cavar tuneis e transportar edifícios, de um ponto para outro da cidade.

A matemática, a física, a botânica e a anatomia eram familiares a Leonardo e tais conhecimentos ele os adquiriu não alem da sua arte, mas como parte dela. Para ele, não havia diferenças essenciais entre a arte e a ciência. Ambas eram instrumentos por meio dos quais se descrevia o universo criado por Deus.

Na pintura, jogava sobre a realidade nua e fria o manto resplandescente da beleza. Seus profundos conhecimentos, sua técnica de artesão, sabia ocultá-los com a maior perícia, pintando como um homem apaixonado pela vida. O quanto a amava é evidente, ao se fo-

lhearam as centenas de páginas de seus cadernos de esboços. Aquí, os traços contorcidos de soldados a matar e a morrer. Acolá, uma jovem orando, de joelhos no chão. Desenhava a ansiedade dos nervos crispados, entre os tendões do pescoço de um velho mendigo, ou a alegria inconciente de uma criança a brincar. Dizem que seguia o dia inteiro qualquer pessoa que encontrasse na rua, de aspecto grotesco ou de traços perfeitos, afim de observá-la e estudá-la, em diferentes posições. Visitava os hospitais para fixar a expressão de um velho agonizante, e corria depois a assistir ao enforcamento de um criminoso. Detinha-se a observar a inocente voracidade de um infante, ao ser amamentado pela mãe, e a seguir ia dissecar algum cadaver, secretamente, por ser ato mal visto, afim de que seu pincel pudesse pintar com fidelidade «as proporções divinas».

Não houve ciência, na verdade, a que Leonardo tivesse dedicado tão largo tempo quanto a anatomia. Revelou que nossos músculos eram, como são, autênticas alavancas e os olhos verdadeiras lentes. Provou que o coração é uma bomba hidráulica, demonstrando que o ritmo do pulso se acha sincronizado com o bater do orgão cardíaco. Suas inúmeras observações, colhidas em hospitais, levaram-no à descoberta da arteriosclerose como causa de morte, na idade avançada.

Foi no entanto como tocador de lira que Leonardo, por volta dos trinta anos, veio a ser recomendado por Lourenço de Medici, o Magnífico, a Ludovico Sforza, o Mouro. Este último, pérfido, de espírito prático e violento, era o tirano que se erguia por trás do trono de Milão. Ao ler a carta de Leonardo, fez um aceno afirmativo com a cabeça. Aquele homem podia ser-lhe util. O tal de Vinci dizia ser inventor de uma ponte portatil e leve, capaz de prestar grandes serviços em combate. Dizia, ainda, ter inventado bombas de sucção que poderiam esvaziar os fossos em torno a um castelo sitiado. Era alem disso técnico em planos para canhões gigantescos e projetara, igualmente, um carro blindado de auto-propulsão, que poderia abrir caminhos para as forças de infantaria!

Seus cadernos de notas provam que, em matéria de ciência militar, de Vinci estava quase pronto para a Segunda Guerra Mundial... Era capaz de desenhar um canhão com 33 bocas das quais 11 poderiam abrir fogo ao mesmo tempo. Desenhara balas cônicas e granadas. Fabricara fusos de retardamento e granadas de mão, tendo projetado bombas de gás e máscaras contra gás. Colocou suas peças de artilharia sobre rodas, e inventou um canhão que podia ser carregado pela culatra, destinado a substituir os de então, inconvenientemente carregados pela boca.

Quando Leonardo partiu da risonha Florença para a grave Milão, averiguou que entre seus deveres estava a instalação de águas para o quarto de banhos da Duquesa, alem da incumbência de pintar o retrato da orgulhosa e fria amante do Mouro. Construiu, tambem, intrincado sistema de canais para a cidade, desenhando projetos, nunca adotados aliás, para ruas construidas sobre dois niveis, utilizaveis para diversos tipos de tráfego. Como técnico em fortificações, foi enviado aos Alpes, afim de projetar a defesa dos vales contra qualquer invasão pelo norte. Alí, na linda Engadine, admirou a poeira irisada que as cascatas lançavam ao ar, ao descerem dos vales suspensos; examinou as várias camadas das rochas, erguendo dos seus nichos as flores e as

plantas, com dedos reverentes que haviam de colocá-las nas telas onde vivem para sempre.

Dessa experiência e das recordações da meninice, nasceu a *Virgem dos Rochedos*, onde a paisagem e a flora exaltam, com sua doçura selvagem, a santidade da adoravel Madona, o Anjo tão lindo quanto aqueles com que sonhamos, e o Menino Deus, com seus dedinhos rechonchudos a abençoar o companheiro de folguedos—S. João.

Essa tela foi encomendada por uma irmandade religiosa de Milão, pela soma de vinte miseraveis ducados. Ao terminar o quadro, porem, julgou Leonardo que este valia cem. Os monges insistiram no contrato original. Leonardo não cedeu a tela, sendo processado pelos frades, contra os quais combateu em várias cortes durante vinte anos. Finalmente, o rei da França comprou o quadro, colocando-o no seu palácio, o Louvre, em París, e Leonardo, com seus assistentes, pintou outro, virtualmente, a cópia do primeiro, para os monges. Este ainda se encontra, hoje, na Galeria Nacional de Londres.

O quadro, que é um dos mais lindos do mundo, a *Última Ceia*, pintou-o de Vinci na parede do refeitório de um convento cuja cal não era apropriada para certas tintas. Ao fim de vinte anos a umidade fez com que a cal, descascando em vários pontos, alterasse a pintura. Mais tarde abriram uma porta na parede com a mais absoluta inconciência, e, quando os soldados de Napoleão chegaram, praticaram tiro ao alvo atirando no Cristo e em seus Apóstolos. A seguir, gerações de restauradores desfiguraram o afresco. A última e a melhor dessas restaurações terá, talvez, conseguido aproximá-lo mais do original. Não fossem, porem, os esboços preliminares e as cópias feitas por outros artistas, quando o quadro ainda não tinha sofrido alterações, mal saberíamos, hoje, com que exaltação a *Última Ceia* fora concebida, e com que perfeição soubera o artista executá-la.

Cada perda de um quadro de de Vinci —e muitos se perderam—representa verdadeira calamidade, pois chegara a terminar muito poucos de seus trabalhos, embora tenha deixado milhares de esboços e estudos. Quando, finalmente, começava a pintar uma tela, trabalhava, às vezes, dias seguidos, durante os quais, mal se alimentava. Sentava-se, não raro, o dia inteiro diante do quadro, acrescentando apenas umas três pinceladas. À manhã seguinte apagava, frequentemente, tudo o que já pintara, começando de novo. É duvidoso que jamais tivesse considerado qualquer de seus trabalhos como completo. Terá sido por isso que assinou muito poucas de suas obras.

Enquanto assim pintava, qual um deus, ousava sonhar, como o fizeram poucos mortais, com a conquista do mundo pela ciência. O céu não oferecia limite a suas crescentes especulações, nem era o mar, tãopouco, demasiado profundo para elas. Mergulhava em ambos, pela imaginação, certo de que o corpo humano havia de poder acompanhar um dia o espírito, em tão audaciosas peregrinações.

Antes de sua tentativa de conquistar o espaço por meio da locomoção aérea, de Vinci descobriu como os pássaros alçam vôo, percebendo por que motivo a conformação das asas contribue para que possam voar mais alto. Fazendo toda sorte de experiências com modelos de papel, conseguiu prever a possibilidade das várias formas de manobras aéreas—do vôo em parafuso, dos «mergulhos», etc., redigindo instruções minuciosas para cada caso.

Seus primeiros projetos de uma espécie de máquina volante lembram, pela forma, um morcego. Como imaginasse que as asas deviam ser moveis, batendo no espaço como as dos pássaros, projetou uma fuselagem articulada, de couro. Não contando com outro poder senão o do homem, na máquina, imaginou o aviador deitado de bruços, a bater, no espaço, as asas do aparelho.

Depois disso, foi ele o primeiro entre os homens a conceber a idéia de uma hélice para locomoção. No modelo que traçou, a hélice é horizontal, ficando a fuselagem mais abaixo, como num helicóptero. Primeiro, imaginou que o aviador pisasse em pedais, para que as pás da hélice se mantivessem em rotação. Mas no modelo de papelão, que veio a construir, empregou uma espécie de mola muito firme e destinada a dar propulsão. Ao que de Vinci previa, a máquina deveria erguer-se no espaço em linha reta. Suas teorias tinham sólida base mas, como não dispusesse de máquina bastante leve, nunca pôde vê-las realizadas.

Tentou, contudo, um vôo, no que era, provavelmente, uma espécie de planador. Com infinitas precauções e dentro do maior segredo, o aparelho foi construido num edifício alto e, consoante a única informação que possuimos a respeito da experiência, foi lançado, afinal, com de Vinci a dirigí-lo, possivelmente. Este primeiro vôo fracassou, e o inventor não repetiu a tentativa.

Desenhou Leonardo projetos para casas pre-fabricadas e portateis, moinhos sobre rodas, uma espécie de máquina destinada a cortar parafusos, outra, niveladora, um fuso automático e uma draga para portos. Foi o primeiro homem a instalar uma agulha magnética em eixo horizontal, dando-nos, assim, a bússola, tal como a conhecemos hoje. Foi, igualmente, o inventor do que chamamos engrenagem diferencial, e de um anemômetro ou indicador da força e da velocidade do vento.

Desenhou um sino de mergulhador e um salva-vidas. Projetou grandes submarinos capazes de cruzar os mares, mas destruiu os projetos, alegando que há perversidade demais no coração dos homens para que tal segredo lhes pudesse ser confiado, pois seriam capazes de «praticar assassinatos no fundo dos mares»!

Foi o primeiro cientista a chegar à conclusão de que os fosseis eram vestígios de animais extintos que viviam quando os rochedos, onde são encontrados, eram apenas sedimentos existentes no fundo dos mares. É que a terra, dizia ele, não tem apenas cinco mil anos. Seus estudos de geologia, em que foi verdadeiro pioneiro, persuadiram-no de que o rio Arno deveria ter levado 200 mil anos para cavar as planícies que inunda.

Um século antes de Galileu, ocorrera a de Vinci que a terra não é o centro do universo, pois se move em torno do sol, numa órbita elíptica; que a terra, alem disso, não passa de um planeta, cujo tamanho, em relação ao sistema solar, não é superior ao da lua em relação à própria terra; que os astros são «mundos» longínquos, bem mais vastos do que parecem; e, finalmente, que o sol é apenas um desses mundos.

Chegou até a sugerir a teoria atômica da matéria. Ao que isto nos poderia levar foi, igualmente, capaz de prever, escrevendo estas palavras: «Surgirá de sob a terra algo de tão terrivel que, ao serem informados a seu respeito, os homens ficarão estupefatos. Com um simples sopro poderá fazer que estes caiam mortos por terra, e que sejam devastados cidades e

castelos. Haverá a impressão de que surgiram dos céus novas forças de destruição e chamas descerão do espaço.»

Não é de surpreender que esses olhos, tão argutos e percucientes, parecessem fatigados. A julgar pelo seu auto-retrato de 1510, Leonardo era um ancião, aos 58 anos, veneravel e grave mas um tanto desiludido. Era como se as muitas vidas, que procurara viver numa só, lhe tivessem consumido o corpo.

O que mais é, teve que fugir para Milão, ao ser aquela cidade invadida pelos franceses, e os Sforzas expulsos. Nas suas peregrinações, refugiou-se em Mântua, errou por Veneza, regressando a Florença, depois de estada infeliz em Roma, e, logo que lhe foi possivel fazê-lo sem maiores riscos, retornou a Milão. Durante os últimos anos que passou naquela cidade, como o Mouro se tivesse descuidado de pagar-lhe o salário habitual, teve que aceitar encomendas de toda sorte, como engenheiro, e tarefas de biscate, como artista.

Uma dessas encomendas foi o retrato de Lisa Gherardini, esposa de Giocondo, de Florença, motivo pelo qual essa tela ficou sendo conhecida até hoje pelo nome de *Mona Lisa*, ou *La Gioconda*. Embora pertencesse a família abastada e fosse conhecida por vestir-se com apuro, Mona Lisa, no quadro, traz severo vestido negro e os dedos despidos de anéis—sinais de luto pelo filhinho pequeno, pouco tempo antes falecido. Tinha 21 anos quando começou a posar para o retrato, mas, ao terminá-lo o artista, seis anos haviam decorrido. Sendo menos o retrato de uma mulher que a encarnação de um dos sonhos de de Vinci, a *Mona Lisa* sorrí enigmaticamente, diante de alguma visão que se diria estar por trás do ombro direito de quem contempla o retrato.

É igualmente misterioso o fato de que a tela nunca tivesse sido entregue. De Vinci levou-a consigo, como o que tinha de mais precioso, ao aceitar o convite do rei Francisco I para que fosse residir em França. Sucedeu que este veio a comprar o quadro por 12 mil francos, colocando-o no Louvre.

Nos seus dias gozou de Vinci de extrema popularidade, sem que fosse tido, contudo, em tão alta consideração quanto aquela em que hoje o temos. O grande respeito que sentimos pelos seus conhecimentos científicos não teve paralelo naqueles tempos. Como artista, claro está, sua fama era imensa. Não deixava de ter rivais, porem. Afinal de contas, vivia nos tempos de Botticelli, Rafael e Miguel Angelo. Mas a população da Florença do século XV, que tanto amava a arte, seguia-o aonde quer que fosse, formando verdadeiras multidões, e, ao exibir o mestre um de seus esboços, disputavam entre si a primazia de admirá-lo. Sua pessoa era motivo de querelas entre os ricaços e os poderosos, bem como os seus cobiçados trabalhos, e os reis lhe rogavam ao menos que ele lhes adornasse as cortes, pois Leonardo se transformara num verdadeiro culto.

No entanto era, no íntimo, um solitário. Provavelmente jamais conhecera ser humano à sua medida. Seu vulto parece avançar, sempre adiante de nós, através dos séculos, enquanto corremos para alcançar a sombra que vai deixando atrás de si.

Os últimos anos de vida, passou-os de Vinci, tranquilamente, perto de Amboise, no centro da França. Os visitantes que acorriam a vê-lo procuravam desviar os olhos de suas mãos paralisadas. Encontravam-no com o espírito brilhante de sempre, absorvido nalgum projeto para a construção de um canal, com poderosas comportas, e várias pequenas inovações, já indicadas aliás nos seus cadernos de apontamentos. Sua palestra nunca fora mais variada, sua presença mais amavel, nem seu sorriso mais compreensivo.

Talvez mesmo a própria morte sorrisse assim—com aquela espécie de luminosidade a pairar sobre lábios de mistério e sabedoria que só de Vinci soube capturar—talvez a própria morte sorrisse assim ao vir ao seu encontro, a 2 de maio de 1519.

Observando a natureza de perto

Certo dia ouví como que um grunhido no mato, e logo depois o grito surdo de um coelho enfurecido. Agachado junto a um ninho de coelho, achava-se um grande gato amarelo. Tendo descoberto os filhotes, e vendo-os apetitosos, assustou-se com o protesto da mãe-coelha. Deixou-se ficar naquela posição, ouvido atento, cauda crescida, pelo arrepiado, enquanto a coelha pulou por cima dele—numa finta, é claro, afim de avaliar quanto de perigo o gato representava.

O bichano, amedrontado, mal pôde refazer-se e a coelha, pulando outra vez, golpeou-o com fúria, derrubando-o. Num instante ele se pôs de novo nas quatro patas, recebendo outro tremendo golpe na orelha, que o atirou pela pequena ribanceira abaixo. Isso se repetiu ainda algumas vezes—a coelha saltando por cima do gato, dando-lhe golpes vigorosos com suas patas traseiras.

Ao terceiro golpe, o felino já não aguentava; em seus olhos brilhava o verde lampejo do terror. Conseguiu atingir um arbusto, e daí pôs-se a correr o mais que pôde. Não fora isso, e creio bem que a velha coelha o teria morto a pancadas.

—Dallas Lore Sharp, *A Watcher in the Woods* (Appleton-Century, ed.)

«O silêncio, mais musical do que uma canção.»
—Christina Rossetti

Estavam os dois sentados bem no cimo de uma colina, de onde podiam ver uma pequena aldeia de pesca no Mediterrâneo.

—Que noite sossegada! observou ele.

—Nem tanto, respondeu ela. —O sino da capela está tocando, há pescadores gritando ordens nos seus barcos, um cachorro latindo, e até patos grasnando lá em baixo...

—É verdade! Mas não se esqueça dos pássaros voando, nem dos gafanhotos que nos cercam; alí adiante um automovel roncou quando o chofer fez a mudança para subir a colina; as crianças brincam tambem, com bastante algazarra; mais alem, canta uma bigorna... A noite está tão tranquila que se ouvem todos os sons. Em geral o barulho é demasiado para que se possa ouvir tudo tão bem.

—Margaret Kennedy, *The Constant Nymph* (Doubleday, Doran, ed.)

«Frenesi próximo da histeria... simples fantasia desapoderada!» Estas foram as palavras com que o Major de Seversky definiu a reação do público perante a ameaça da nova bomba. Eis como lhe respondem os peritos mais notaveis

O que pode fazer uma bomba atômica

Robert Littell

QUE TERIA sucedido se uma das bombas atômicas lançadas sobre o Japão tivesse caido sobre Nova York ou, mais precisamente, sobre o *Empire State Building*?

Perguntei isto ao General de Divisão Thomas Farrel, que trabalhou no projeto da bomba atômica e inspecionou oficialmente os destroços catastróficos causados em Hiroxima e Nagasaqui.

«Se devidamente espoletada,» disse o General Farrel, «uma dessas bombas poderia reduzir a cinzas o *Empire State Building*. É possivel que as ruinas dos primeiros andares ficassem em pé, mas seriam totalmente inhabitaveis. Tambem é provavel que a bomba, uma vez que explodisse no ponto selecionado, fizesse voar toda a parte superior do edifício.» Nem o maior tipo de bomba explosiva conseguiria resultado comparavel.

As ruinas de Hiroxima e Nagasaqui foram visitadas por numerosos peritos, médicos, cientistas e militares e por 114 técnicos da Inspeção de Bombardeio Estratégico dos Estados Unidos, que durante dois meses interrogaram a população, fizeram medições e tiraram fotografias. O resultado desses estudos permite-lhes avaliar, com maior ou menor exatidão, o que uma bomba atômica faria a qualquer outra cidade. *Todos esses peritos, alguns com violência, criticam a afirmação do Major de Seversky* de que uma de tais bombas, se lançada em Nova York ou Chicago, não causaria, absolutamente, prejuizos maiores que os de uma superbomba explosiva de dez toneladas.*

Segundo crêem, o artigo do Major de Seversky subestimou perigosamente a ameaça do bombardeio atômico e contribuiu para criar falso ambiente de segurança em uma época verdadeiramente crítica.

Tanto em Hiroxima como em Nagasaqui fizeram-se explodir as bombas propositadamente no espaço, afim de sujeitar ao impacto das ondas de pressão uma zona tão vasta

*Vide: *Não é tão poderosa a bomba atômica*, Seleções, maio de 1946.

quanto possivel. A altura exata da explosão é segredo militar, mas o centro achava-se provavelmente a uns 600 metros acima do solo. Mesmo a essa distância, alguns edifícios de concreto armado, como o de uma prisão com muros de vinte centímetros de espessura, foram totalmente destruidos, e outros edifícios mais distantes, tambem de concreto, sofreram o esmagamento dos andares superiores. Os edifícios de tijolo, de vários andares, foram arrasados num raio de 1.600 metros e o mesmo sucedeu aos de um único andar, num círculo de 2.400 metros. Em Nagasaqui as chaminés das fábricas foram deslocadas, fendidas ou derrubadas em um raio de 1.200 metros e alguns galpões, a mais de 7 quilômetros, ficaram totalmente destruidos. Quebraram-se dez por cento das vidraças dos prédios situados a 11 quilômetros do centro da explosão e houve algumas vidraças estilhaçadas a mais de 20 quilômetros.

Se considerarmos os majestosos arranha-céus das cidades americanas, não teremos dificuldade em reconhecer que são muito menos vulneraveis que as periclitantes construções japonesas; mas não podemos esquecer que nove décimos, ou mais, dos edifícios americanos, inclusive nas maiores cidades, consistem de construções baixas de tijolo, alvenaria ou madeira, pouco mais resistentes que as destroçadas em Hiroxima e Nagasaqui.

O General Farrell, que regressou agora ao seu cargo de Engenheiro Chefe do Departamento de Obras Públicas do Estado de Nova York, foi construtor durante quase toda a sua carreira. Quando lhe pedí que descrevesse o que sucederia em Nova York, respondeu: «Se uma única bomba atômica explodisse, na altitude adequada, sobre um bairro de Nova York, estou convencido de que somente o raio dos efeitos mais violentos excederia a 1.600 metros.» Isto significa que uma zona urbana com mais de 7,8 quilômetros quadrados ficaria totalmente arrasada e inhabitavel para os seus poucos sobreviventes.

Poderiam os grandes edifícios comerciais resistir à explosão? Discutí o assunto com Philip Morrison, um dos físicos do laboratório de Los Alamos, no Novo México, onde se completou e foi montada a bomba atômica. Tínhamos diante de nós uma das ruas centrais de Nova York, com seus prédios gigantes. «Os arranha-céus americanos,» disse Morrison, «parecem mais fortes do que são na realidade. São construidos com painéis de pedra ou tijolo de paramento, colocados uns sobre os outros, sendo cada painel montado em uma armação de aço. Se uma bomba atômica, do modelo de Nagasaqui, explodisse nas cercanias, esses edifícios perderiam seus painéis de paramento, do mesmo modo que as árvores perdem suas folhas, e matariam ou feririam todos os habitantes, obstruindo as ruas com os destroços. Alem disso, se a bomba rebentasse mais próximo do solo, as pedras e tijolos se converteriam em projeteis de artilharia.»

Alguns senadores americanos perguntaram ao General Groves quais seriam as consequências de uma bomba atômica em Washington. Eis a sua resposta: «Se fosse lançada no centro do novo edifício do Ministério da Guerra, este desapareceria.» E o general devia saber o que estava dizendo, pois foi ele quem dirigiu a construção do edifício. «Se caisse na zona mais provavel de ser alvejada pelo inimigo, de maneira a abranger todos os edifícios e departamentos federais, a área destruida poderia ter 5,2 quilômetros de diâmetro.»

Noutras palavras, podia causar tantos destroços e fazer tantas vítimas que o governo americano se veria na necessidade de abandonar a zona.

No seu artigo, o Major de Seversky refutou a idéia de que se tivesse produzido uma revolução na ciência militar, afirmando que o efeito das bombas de Hiroxima e Nagasaqui tinha sido *consideravelmente exagerado*. A grande discordância entre o que esperava ver, devido aos relatórios «histéricos» não oficiais, e o que realmente presenciou, chocou-o profundamente. O tal ponto «escalvado», em que *tudo se tinha vaporizado de um instante para outro*, não existia. O sopro da explosão não podia ter sido «desusado», pois os edifícios estavam «estruturalmente intactos»; os prejuizos e as vítimas haviam sido causados por incêndios, *simples incêndios secundários* que não tinham sido ateados diretamente pelo calor oriundo da explosão.

A esta última crítica os técnicos respondem: «E daí? É possivel que os incêndios não sejam novidade, mas deram o resultado desejado. A bomba foi lançada depois de cálculos meticulosos, baseados no estudo do alvo e na natureza das construções japonesas. O resultado que decepcionou o Major de Seversky foi precisamente o que se pretendia obter. A espoleta da bomba de Hiroxima estava regulada para explodir, como explodiu, na altura mais conveniente para *achatar* o maior número possivel de casas de madeira, que em seguida foram devoradas pelas chamas. Se se tivesse feito explodir a bomba mais próximo do solo, ter-se-iam obtido resultados extraordinários como a vaporização; os edifícios de concreto seriam destruidos em maior número e o calor da explosão podia ter incinerado totalmente uma pequena zona. Mas tudo isso não passaria de simples desperdício, pois o que se tinha em vista não era a tonsura da paisagem japonesa nem a formação de zonas *escalvadas*, mas o próprio fim da guerra. Foi isso mesmo que conseguimos com duas bombas apenas. Não é possivel que tal fato não impressione o Major de Seversky.»

Os técnicos estão convencidos de que Seversky examinou muito superficialmente a devastação que levou um império a capitular. Afirmam, por exemplo, que ele parece não ter visto o extenso edifício de concreto de uma escola, a cerca de 750 metros do centro da explosão, em que a metade dos andares superiores havia sido inteiramente desmantelada pela explosão. Tambem não viu outro edifício de concreto, em cujas paredes se haviam produzido amplas fendas sinuosas que patenteavam o empuxo violento a que tinha sido submetido. Seversky não mencionou os 21 prédios de concreto, próximos ao ponto da explosão em Nagasaqui, dos quais quatro foram destruidos e dez sofreram prejuizos graves. Suas conclusões omitiram o fato de que muitas construções orientais são mais resistentes do que as ocidentais, para poderem resistir aos abalos sísmicos frequentes. Ele viu mastros, sereias de alarme anti-aéreo e outros pequenos objetos intactos, mas não viu os outros vinte mastros que haviam sido dobrados como simples vergas; a pintura vitrificada pelo calor direto da bomba, em um tanque de gasolina, a 1.900 metros do centro da explosão; nem a vegetação carbonizada, nas colinas a mais de 2.100 metros.

A opinião do Major de Seversky de que uma dessas bombas, lançada sobre uma das grandes cidades americanas, não causaria maiores prejuizos que os de uma super-bomba de dez toneladas, é classificada como irrisória pelos peritos. Uma destas últimas bombas não contem mais que cerca de cinco toneladas de T.N.T., ao passo que a energia libertada pela bomba atômica corresponde à da explosão de 20 mil toneladas de T.N.T.

Quando vi a fotografia da imponente escola de Nagasaqui, com seus andares superiores arruinados pela explosão que ocorrera a 750 metros de distância, perguntei ao General Farrell qual seria o resultado da explosão de uma super-bomba sobre os prédios de Nova York.

«Uma super-bomba,» disse Farrell, «é capaz de demolir um quarteirão, isto é, 16 mil metros quadrados. Podemos, porem, ser condescendentes e admitir que a super-bomba caisse em um cruzamento, numa zona de edifícios baixos, destruindo ou danificando gravemente uma área de 64 mil metros quadrados, ou menos da décima-quinta parte de um quilômetro quadrado. Ora, uma bomba atômica, explodindo no solo, entre um grupo de edifícios da mesma natureza, causaria pelo menos 80 vezes mais prejuizos do que a super-bomba; e isto falando em termos comedidos. Se explodisse na altura adequada, os prejuizos seriam 120 vezes maiores.»

Morrison considerou que a bomba atômica produziria pelo menos 100 vezes, ou talvez 300 ou mil vezes, o efeito da super-bomba. Um engenheiro civil, em serviço na Inspeção do Bombardeio Estratégico, avaliou a potência da bomba atômica em 100 a 200 vezes a da super-bomba, ainda quando lançadas sobre uma zona de edifícios frageis como Hiroxima. O vice-presidente da mesma Inspeção considerou a afirmação do Major de Seversky como «inteiramente desproporcionada em relação aos fatos».

Em contraste com os milhares de horas de trabalho despendidas pelos 114 técnicos da Inspeção do Bombardeio Estratégico, em Hiroxima e Nagasaqui, o Major de Seversky admite que não fez cálculos e que só esteve dois dias em cada cidade, o que, como ele próprio declarou à Comissão do Senado, «não foi suficiente para proceder a um estudo minucioso».

O artigo do Major de Seversky aconselhava que se tomassem decisões «sem desvirtuar os fatos suscetiveis de serem provados». Os peritos respondem a isto, afirmando que foi o próprio Major de Seversky quem violou os fatos, o que é particularmente perigoso em assunto dessa natureza. Efetivamente, se a bomba de Hiroxima—como ele afirmou—não causa mais prejuizos nem é mais perigosa que uma super-bomba, o público pode abandonar seus receios, tornar-se indiferente e perder o interesse pela criação de um sistema internacional que permita controlar eficazmente esta arma terrivel.

«Hoje há homens que sabem como é possivel fabricar uma bomba tão potente como um milhão de super-bombas de dez toneladas. Uma dessas bombas, lançada sobre uma cidade importante, pode destruir todos os seus edifícios ou aniquilar completamente a sua população.»—*Dr. Edward U. Condon, Consultor do plano da bomba atômica e Diretor do Departamento Nacional de Normas Técnicas dos Estados Unidos.*

Os homens não experimentaram o Cristianismo para achá-lo deficiente; na verdade, acharam-no dificil e por isso não o experimentaram.

—G. K. Chesterton

VOCÊ SABE O QUE QUER DIZER?

—VI—

Não procure enriquecer seu vocabulário com muita pressa; o mais aconselhavel é fazê-lo gradual e regularmente. Comece por prestar atenção, em tudo que ler, às palavras cuja definição precisa não lhe seja conhecida; depois, procure-as no dicionário. Quem adquirir esse hábito cotidiano não tardará a aumentar, de maneira surpreendente, seu vocabulário. Respostas à página 118.

(1) infligir—A *desobedecer*. B *causar tristeza*. C *cominar*. D *influir*.

(2) escalvar—A *tornar esteril*. B *perder o cabelo*. C *dissecar*. D *tomar de assalto*.

(3) dossel—A *coluneta*. B *passivo*. C *escudeiro antigo*. D *cobertura ornamental*.

(4) truão—A *verdade banal*. B *bobo*. C *espertalhão*. D *dogma*.

(5) hibernal—A *relativo à Hibérnia*. B *que se afasta das leis naturais*. C *relativo ao inverno*. D *estufa para plantas*.

(6) mirabolante—A *eloquente*. B *ruidoso*. C *espalhafatoso*. D *mentiroso*.

(7) picuinha—A *alusão picante*. B *debate azedo*. C *espécie de rolinha*. D *reboco de argamassa de cimento*.

(8) calefação—A *ato de calafetar*. B *produção de calos*. C *derretimento*. D *aquecimento*.

(9) bácoro—A *bom augúrio*. B *leitão*. C *chapéu de feltro duro*. D *pelo de gado vermelho-amarelado*.

(10) candente—A *em brasa*. B *que tem cadência*. C *aparelho de pesca*. D *ingênuo*.

(11) laca—A *resina ou fécula vermelha*. B *tinta densa*. C *veículo oriental*. D *presunto*.

(12) carrear—A *atrelar o cavalo*. B *confrontar*. C *abrir picada*. D *conduzir em carro*.

(13) adventício—A *neófito*. B *improvisado*. C *chegado de fora*. D *coincidente*.

(14) tatalar—A *falar sem pausa*. B *rumorejar*. C *borbulhar*. D *classificar*.

(15) defluir—A *manar*. B *impressionar*. C *solver*. D *desenwolver*.

(16) primevo—A *relativo a primos*. B *da idade da pedra*. C *inicial*. D *primitivo*.

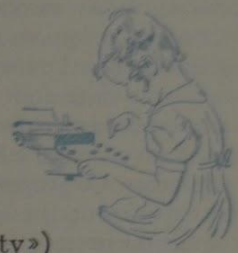
(17) anuência—A *consentimento*. B *reunião de gabinete*. C *pagamento anual*. D *obediência cega*.

(18) preconizar—A *preceder*. B *julgar de antemão*. C *preferir*. D *recomendar*.

(19) embolia—A *cilindro movel das seringas*. B *obliteração dum vaso sanguíneo*. C *embaraço*. D *tumor cerebral*.

(20) cruciante—A *que tortura*. B *que tem forma de cruz*. C *decisivo*. D *oblíquo*.

O MENINO DIANTE DA MÁQUINA



(Condensado de «School and Society»)

Por Albert Edward Wiggam

Não faz muito tempo, o trânsito das ruas centrais de certa cidade dos Estados Unidos ficou um belo dia «engarrafado», porque a Secretaria de Educação, da Prefeitura local, houve por bem instalar provisoriamente, numa loja com fachada toda de vidraça, um grupo de gurís em idade de frequentar o primeiro ano elementar. Em frente, na rua, ajuntou-se grande multidão admirando o inédito espetáculo duma sala cheia de meninos satisfeitíssimos de se verem sentados à máquina de escrever para realizar suas tarefas escolares.

Se a multidão conhecesse os antecedentes daquela cena nunca vista, decerto seu interesse teria sido ainda mais vivo. Com efeito, aqueles meninos eram apenas uma fração das 14 mil crianças abrangidas por uma das mais fecundas e curiosas experiências pedagógicas que já se fizeram, e que se vinha desenrolando discretamente sob a direção de dois dos mais eminentes psicólogos dos Estados Unidos. Essa vasta experiência conduziu a sensacional descoberta no campo da pedagogia: que o antiquado processo de ensinar primeiro a escrever a mão, letra a letra, alem de dispensavel, pode na realidade retardar o ritmo do desenvolvimento escolar.

O significado e alcance dessa conclusão pode escapar-nos se a não analisarmos miudamente: por que razão quase todos detestamos escrever cartas, e adiamos escrevê-las sempre que podemos e o mais que podemos? Porque é que a criança, ao escrever, contorce o rostinho em tão penosas expressões? A resposta é que o processo de expor pensamentos por escrito, no papel, impõe à criança uma coordenação verdadeiramente árdua, que lhe é dificil em extremo adquirir, e lhe deixa um desgosto subconciente pela escrita, capaz de prolongar-se pela vida fora, mesmo na idade adulta.

Haverá alguns anos, os referidos psicólogos resolveram submeter a provas uma teoria, segundo a qual a máquina de escrever poderia ser grande auxiliar da criança na sua aprendizagem. Quatro dos maiores fabricantes dessas máquinas anuiram à solicitação que lhes foi dirigida, fornecendo a verba necessária à experiência, e emprestando 2.100 máquinas portateis, que foram distribuidas entre 30 escolas de oito cidades, situadas a consideravel distância umas das outras. Em cada uma dessas cidades as escolas, abrangidas na experiência, foram repartidas em dois grupos: num grupo, as escolas cha-

madas «experimentais», ou seja aquelas onde se adotaram as máquinas de escrever; no outro, as escolas de «testemunho», onde as máquinas não entraram. A experiência, na qual tomaram parte crianças de cinco a doze anos de idade, durou dois anos, tendo-se gasto ainda um terceiro ano no paciente labor de avaliação dos resultados. Os grupos de crianças das escolas experimentais e das de testemunho equiparavam-se, tanto quanto possível, no ponto de vista da idade, aptidão, classificação escolar, e situação doméstica e social.

As crianças aprenderam por si mesmas a bater à máquina pelo método «de dois dedos». Diga-se de passagem que os escolares que tinham aprendido durante um ano a usar a máquina por esse método, vieram depois a aprender seu uso pelo método do tato (que é o normal), muito mais depressa do que os alunos da mesma idade e adiantamento escolar, que nunca tinham tocado numa máquina. Fato de eminente significação é tambem que, enquanto as crianças dos grupos de testemunho não revelavam entusiasmo algum pelas lições de escrita, os das máquinas de escrever reclamavam em altos brados a sua vez de sentar à máquina.

Recomendou-se aos professores que conservassem todos os trabalhos escritos das crianças—tanto à mão como à máquina—*exceto no concernente a aritmética*. Qualquer leigo, mesmo um néscio, podia prever logo que a máquina não seria de nenhuma ajuda para os meninos no estudo da aritmética. Mas aí, precisamente, é que toda a gente se deixou lograr. Efetivamente, não tardou muito a verificar-se que as crianças, sem nada lhes ser recomendado, se dispunham a resolver seus problemas de cálculo com a máquina de escrever. Assim, daí em diante, passaram a ser arquivados tambem os trabalhos de cálculo; e veio a concluir-se, finalmente, que em muitas classes o progresso era maior na aritmética do que em qualquer outro ramo do ensino, chegando mesmo a atingir em certos casos uma superioridade de 30 por cento.

Os testes efetuados ao fim do primeiro ano de experiência revelaram as percentagens médias do avanço das crianças «experimentais», em relação às crianças «testemunhas». Essas percentagens eram, *grosso modo*, as seguintes: Leitura 9, Literatura 14, Geografia 19, Ortografia 23, Redação 38, Cálculo aritmético 31.

Mas, como quase sempre, os frios algarismos pouco nos esclarecem aquí. A primeira pergunta que o caso parece sempre sugerir é esta: «Este método não premunirá as crianças contra o uso da pena, levando-as a aborrecer a escrita manual?» A resposta é um «Não» redondo. Os meninos ensinados à máquina de escrever revelaram gostar *mais* de escrever à mão do que os meninos que serviam de testemunho, e escreviam tão bem como estes últimos.

Damos agora a palavra a um dos responsaveis pelo plano, para que nos exponha as conclusões gerais da experiência: «Penso,» escreve ele «que chegamos a dois resultados ainda mais importantes do que a rapidez relativamente maior com que as crianças dominaram as matérias escolares: primeiro, o estímulo que a facilidade da escrita à máquina oferece à capacidade de expressão da criança; e, segundo, o melhoramento da atitude em relação ao trabalho escolar em geral.»

Durante o primeiro ano, as crianças experimentais do primeiro ano letivo registraram, em média, um total de 3 mil palavras escritas (por criança), das quais cerca de metade foram escritas à mão, em contraste com as crianças exclusivamente exercitadas na escrita manual, as quais

registraram em média menos de 500 palavras por criança. No segundo ano letivo, as crianças experimentais perfizeram a média de 5.500 palavras, ao passo que as crianças testemunhas alcançaram em média apenas 2.500 palavras. Esses resultados levam-nos a pensar que grande parte do penoso exercício caligráfico imposto às crianças de menos de 10 e 12 anos de idade é, provavelmente, inutil. Pode ser até que nós as forcemos assim a um exercício para o qual seus músculos e nervos ainda não estejam suficientemente amadurecidos, de modo a executarem as complexas coordenações que o escrever reclama.

Ambos os orientadores dessa experiência consideram, contudo, que o achado capital de todo o inquérito foi a extraordinária quantidade de escrita voluntariamente executada pelas crianças experimentais. Tratando-se, por exemplo, de *composição original*—histórias, poemas e cartas—sua produção foi muito maior que a das crianças testemunhas. Essa acentuada tendência, por parte das crianças, no sentido de expressar por escrito seus pensamentos, devida em parte à facilidade de escrevê-los, é o ponto crucial dos evidentes benefícios da máquina de escrever, aplicada à educação elementar das crianças.

Tudo isso nos leva a compreender, sob nova perspectiva, os maus tratos a que sujeitamos a infância quando a forçamos ao aprendizado da escrita com lapis ou caneta. Basta atentar na tortura que um gurizinho tem de aguentar para aprender a traçar a palavra «gato». Começa, naturalmente, por copiá-la de um modelo, esforçando-se laboriosamente, antes de mais, por desenhar a parte superior do *g*. Vemo-lo com a mãozinha enclavinhada no lapis, como se deste dependesse a salvação da sua vida, sentado numa posição incômoda, forçando a vista, e com a maior parte dos músculos, desde a cabeça aos dedos dos pés, tensos de ansiedade para bem executar sua tarefa. Às alturas, porem, em que consegue formar a parte superior do *g*, já se esqueceu completamente do resto da letra, e tem que tornar a olhar para o modelo do seu caderno de cópia afim de saber como acabar a letra. Repete-se o processo e, mais uma vez, quando terminou o *g*, já se não lembra do resto da palavra! Querendo escrever uma frase, ao tempo em que acabou de traçar a primeira palavra, o resto da frase evaporou-se por completo da sua tenra memória.

É facil perceber porque: o processo de coordenação de todos os músculos e o esforço requerido para chegar a delinear corretamente as letras, são tão absorventes que a criança, ao executá-los, se esquece do que ao começo tencionava escrever. O pensamento só por si já é um obstáculo mental, e o problema de transcrevê-lo corretamente é, ao mesmo tempo, um obstáculo nervoso e muscular. A criança vê-se pois sujeita a transpor dois ou três obstáculos simultaneamente.

Compare-se agora o que acabamos de descrever com o facil processo de «bater» a palavra «gato» na máquina de escrever. Logo à primeira pancada sai a letra *g* acabada e perfeita. Não se produz quebra alguma no curso dos pensamentos da criança, e esta vê com deleite o seu esforço coroado de êxito instantâneo. Sua vontade seria talvez exclamar: «Olha, é igualzinho a letra que tem no livro!» Nessa sensação jubilosa do êxito sabem os psicólogos que reside um estímulo a progredir, desconhecido da criança que se sente conciente a cada momento do insucesso dos seus esforços desajeitados.

Assim se explica por que motivo quase todos gostamos tão pouco de lançar no papel, servindo-nos da pena ou do lapis,

nossos pensamentos. Essa repugnância é sem dúvida, em grande parte, um resíduo do desconforto que sofremos na meninice, quando nos obrigavam a aprender a escrever. A maior parte das pessoas são capazes de falar o dia inteiro umas com as outras sem o mínimo esforço; o pensamento escorre-lhes tão naturalmente da língua como a própria saliva. Não obstante, quando se trata de lançar no papel esse mesmo pensamento, o caso muda muito de figura. O lapis que a criança segura entre as polpas dos dedos, constitue uma barreira à expressão. Mas já quando colocamos um teclado sob os dedinhos dum gurí, ele fica aparelhado a exprimir seus pensamentos quase tão espontaneamente como quando fala. E tal facilidade de expressão sem dúvida anima e estimula todo o processo da aprendizagem.

Entre outros aspectos da experiência, devemos ainda mencionar que as crianças experimentais aprenderam a pontuar, a usar corretamente as maiúsculas, a deixar um pequeno espaço em branco à entrada de cada parágrafo, e todas as outras caraterísticas mecânicas da boa escrita, muito mais prontamente do que as crianças do grupo testemunha.

Diga-se de passagem que os volumosos depoimentos dos mestres indicam que as crianças retardadas, tímidas ou menos dispostas a cooperar com a professora—problema eterno das classes escolares—se sentiram muito mais senhoras de si em frente da máquina de escrever, graças a isso ganharam confiança em si, fizeram maiores progressos na escola, e passaram a adaptar-se melhor à vida de grupo.

Resumindo agora os resultados, a experiência prova abundantemente que a máquina de escrever se pode tornar instrumento de grande ajuda na educação fundamental, a partir do jardim-de-infância. Pode ser introduzida em qualquer aula escolar, bastando uma só máquina para cada quatro ou cinco alunos.

Mais de 90 por cento dos professores declararam que o uso da máquina de escrever por grupos de crianças, cada uma das quais espera a sua vez de usá-la enquanto observa o trabalho dos seus companheiros, tende a «desenvolver a cooperação e o auxílio mútuo», e que os cuidados a dispensar à máquina, aos livros, papéis, etc., com ela usados, «aumentam o sentido da responsabilidade pessoal». Mais de três quartos dos professores expressaram a convicção de que a máquina de escrever «alarga o escopo dos interesses e da compreensão das crianças», «desenvolve a autonomia pessoal na elaboração e execução de planos», «oferece boa prática no emprego de ferramentas, utensílios e mais material, que será muito util mais tarde na vida», e dá ainda «maior ensejo ao exercício das melhores tendências naturais da criança».

CERTA VEZ perguntaram à doce sra. Haggard, mãe do conhecido escritor Rider Haggard, como conseguia fazer-se ouvida em casa, sendo notória a algazarra que faziam seu marido e oito filhos. E ela, delicadamente, respondeu:

—É muito facil. Basta falar num sussurro. Em nossa família um sussurro é coisa tão rara, que todos param para escutá-lo, profundamente surpresos...

—Princesa Kropotkin, em *Liberty*

O Presidente dos Estados Unidos, inexperiente dos problemas e responsabilidades sem precedentes do seu cargo, apela para o patriotismo e ajuda do povo.

Truman encara os ossos do ofício

(*Condensado de «Fortune»*)

QUANDO, ao assumir a presidência dos Estados Unidos por morte do Presidente Roosevelt, o sr. Harry Truman prestou juramento solene de defender e manter a Constituição do seu país, a vocação natural era nele tão reduzida como as suas aptidões para o alto cargo que a sorte lhe confiava, não sendo de modo nenhum maior a sua experiência na gestão de grandes negócios.

Senhor da Casa Branca, confrontavam-no agora problemas e pressões verdadeiramente sem precedentes: em primeiro lugar este homem, que nunca fora convidado a assistir às reuniões dos altos comandos, assumia agora as pesadas responsabilidades de comandante supremo das forças armadas duma grande nação em guerra; ele, que saira dos Estados Unidos apenas uma vez, em 1917, como simples oficial do Corpo Expedicionário Americano na França, tinha agora entre as mãos os fios condutores de vastos e complexos negócios internacionais; sobreveio logo a bomba atômica com seu cortejo de complicações; e assim por diante, até o infinito, através da imensa teia dos problemas internos—dívida pública, desmobilização, unificação do comando das forças de defesa nacional, os problemas da lavoura, etc. A única coisa que militava em seu favor era o Comitê Parlamentar de Investigação das Indústrias, que lhe dera, como seu criador e presidente, vasto panorama do potencial e das ramificações da formidavel economia de guerra dos Estados Unidos. Nessas circunstâncias, não seria de todo inesperada da sua parte, uma série de decisões desastrosamente errôneas, que implicassem mesmo a falência do atual governo.

Pois não obstante, Truman tem sido um dos presidentes mais populares que já passaram pela Casa Branca. Deu entrada alí na crista duma grande vaga de simpatia geral. Em meio de acontecimentos de transcendente alcance histórico, que culminaram no dia da vitória sobre o Japão, Truman soube conduzir-se bem; um inquérito então realizado atribuiu-lhe uma popularidade que se situava três pontos acima do mais alto favor popular concedido a Roosevelt. Após a rendição dos japoneses, que ele aproveitou rapidamente para jogar no ferro-velho todas as causas de irritação que a guerra justificara e em que ele conseguiu pôr a mão—

tais como racionamento, controles, prioridades—sua popularidade atingiu as raias do absoluto.

Esta imensa voga do presidente, está claro, não é prova cabal de que o rol das suas decisões durante esse período seja, todo ele, um documento de sábia e corajosa liderança. Para tornar-se popular, bastou que Truman nada houvesse feito de monumentalmente errado. As responsabilidades que sobre ele pesavam eram tais que, ao pé delas, as tarefas de Roosevelt em 1932 quase parecem brinquedo. Truman mostrou-se sensato, firme e estavel, modesto e prudente; recorreu ao melhor conselho como e onde soube encontrá-lo, e esforçou-se por atuar pelo bem do país em geral. Um estadista de maior estatura facilmente poderia ter praticado maiores erros.

Na terceira quadra de 1945, porem, vemos que o sr. Truman começou a ser criticado. A nação americana havia saudado a paz como se o termo das hostilidades representasse a solução de todos os problemas; mas de semana para semana novas desilusões foram surgindo: sérias complicações internacionais, conflitos entre o capital e o trabalho, e o debate sobre o que fazer com a bomba atômica. A ocupação da Alemanha revelava-se verdadeira enrascada. O Congresso opunha-se sistematicamente a todas as propostas do novo presidente. Parecia que este se debatia no vácuo. A imprensa liberal desatou a criticá-lo com aspereza; os jornais conservadores, por seu lado, reclamavam mais clara e firme liderança; os republicanos do Congresso, embora sem programa próprio, batiam palmas jovialmente.

É positivo que, se da Casa Branca emanarem decisões errôneas, os resultados podem ser bastante sinistros; os tempos que correm são tão graves quanto possa conceber a imaginação mais fatalista e sombria. A bomba atômica, só por si, levou alguns dos homens de maior coragem a ver no tempo presente, com apreensão, um imenso e temeroso caldeirão de bruxas onde se processa a gestação de monstruosas incertezas futuras. É positivo tambem que, num cenário de tão terriveis perspectivas, a figura do sr. Truman é de proporções apagadas e modestas—como a caricatura do homem do povo recortando-se sobre o tumultuoso pano-de-fundo do *Crepúsculo dos Deuses*. As primeiras semanas da presidência foram para o sr. Truman um pesadelo, atravessado destas e outras pavorosas visões, porque o presidente é em verdade homem modesto. Os terrores associados ao seu cargo ainda agora estão presentes, mas com a atenuante de que passaram a ser uma coisa corriqueira—que ele pode reduzir às dimensões do trivial cotidiano. E à medida que foi cumprindo os deveres do ofício, a sua estatura vem crescendo de maneira notavel. É que a personalidade de Truman é suscetivel de desenvolvimento e aperfeiçoa-se sem desfalecimentos.

Os HOMENS mais chegados ao presidente, aqueles que definem os vários aspectos da sua orientação política e administrativa, de certo não constituem uma galeria de figuras dignas de impressionarnos. Truman é suficientemente arguto para pedir e obter o conselho desinteressado dos homens, mas quando se trata de fazer nomeações para cargos de importância, não sabe como distinguir nem escolher. Com uma única exceção—a de ter mandado o general Marshall para a China—ainda está por fazer uma nomeação audaciosa, como seja a escolha de algum especialista eminente para um cargo de grande relevo. O sr. Truman ainda se não deu até hoje ao trabalho de demitir ou nomear em grande escala funcionários de confiança; não sendo um juiz profundo dos homens, tem entretanto a virtude de saber que o não é. Esse assunto constitue um dos problemas capitais que lhe dominam o espírito, e a maneira como vier a resolvê-lo será da maior importância para a nação americana. No ínterim, continuam a ouvir-se em Washington os conhecidos gracejos a respeito do longo rosário de nomeações que ele fez entre gente do seu estado natal, o Missuri.

A TÉCNICA de que o sr. Truman se socorre, para receber visitantes, é francamente admiravel. Escuta-os com inteligência e paciência, e em seguida toma uma das suas prontas decisões. Um dos membros e orientadores políticos do governo de Roosevelt comenta a tal respeito: «Quando éramos recebidos pelo presidente Roosevelt, este fazia sete oitavos da despesa da conversa; saía-se dela inspirados e confiantes—mas sem a desejada decisão. Com Truman, ao contrário, somos nós que falamos; saimos bastante preocupados—mas com a decisão!» Diz outro: «Roosevelt detestava enfrentar as decisões dificeis, tais como demitir pessoas, e coisas dessa ordem. Todas as manhãs púnhamos os casos mais dificeis no alto do maço de processos que ele tinha na sua mesa de trabalho. Mas tão depressa o presidente se sentava, logo os passava para baixo da pilha de papéis... Depois levava o dia todo navegando através dos casos faceis, sempre de muito bom-humor—e assim que chegava à altura dos casos dificeis, parava de trabalhar. Truman é exatamente o oposto: insiste sempre em se atirar primeiro aos assuntos complicados.»

O atual presidente odeia as obras inacabadas, e quer sempre terminar todas as tarefas, sinal este inconfundivel do homem com muita experiência das coisas pequenas, e pouca experiência das grandes... Vai aprendendo aos poucos, penosamente, que muitos dos problemas da presidência nunca se acabam: conflitos de trabalho, política externa, impostos, defesa nacional, economia, questões legais... Desta sua atitude perante o trabalho proveio um golpe consideravel para Truman, e uma fonte de enganos. Por exemplo, quando acabou a guerra na Europa, ele notou que o regime de empréstimo e arrendamento não tinha mais validade legal, e deu-se pressa em pôr-lhe termo um tanto abruptamente. Feito isso, esperava ouvir só louvores, e ficou consternado quando lhe demonstraram que, precisamente, a maneira brusca e unilateral como ele suspendera o regime era bem falha de diplomacia e realmente prejudicial. Não foi tanto o ato em si, como o *modus faciendi*, que o comprometera.

A teoria do governo do presidente Truman é muito singela: dê-se a um indivíduo o posto para que ele mostra aptidão, com os poderes correlativos, chamando-o depois a contas pela sua gerência. É uma concepção talvez excelente da maneira de gerir por exemplo uma grande empresa, mas não será decerto suficiente para o presidente duma nação, cujas maiores funções consistem em assentar na orientação geral do governo e, depois, em coordenar os vários departamentos para a melhor aplicação dos princípios dirigentes. Até agora, o presidente ainda não deu aos seus ministros, ou chefes dos vários departamentos do governo, aquela unidade de inspiração ou plano de objetivos comuns que eles possam subscrever e pelos quais possam guiar-se. Suas «decisões» fragmentárias pouca re-

lação mostram ter entre si, e nenhuma relação com qualquer plano ou orientação central.

As relações do presidente com o Congresso são hoje peores do que nunca foram no tempo de Roosevelt, mesmo nas épocas de luta mais renhida. Mas deve dizer-se que as culpas deste estado de coisas não cabem todas a Truman; não resta dúvida que se pode articular um tremendo libelo acusador contra a atitude do Congresso. Durante doze anos os membros deste espernearam contra a idéia de serem considerados como «carimbos de borracha» do sr. Roosevelt, opuseram-se às suas propostas imperativas de legislação, e reclamaram a independência do Poder Legislativo. Hoje, que têm a sua independência, os mesmos congressistas resmungam contra a «falta de liderança» por parte do sr. Truman!

MAS O PRESIDENTE não é nenhum tolo. Alguns dos seus conselheiros estão convencidos de que, se ele for capaz de vencer as dificuldades do dia a dia com êxito suficiente para se aguentar por alguns meses, o inevitavel retorno ao regime de trabalho para todos virá trazer ao país um surto de fabulosa prosperidade, suscetivel de solucionar os problemas internos e até externos. Não é Truman, porem, tão credulo que não tenha podido chegar pouco a pouco a compreender as responsabilidades do seu cargo e as do seu país, num mundo que a guerra reduziu ao caos.

Se a era de Coolidge vai longe, tambem é certo que os tempos de hoje não são mais os de Franklin Roosevelt—fato que por vezes temos tendência a esquecer, vivendo como vivemos ainda na grande sombra que o falecido presidente projetou pelo futuro em fora.

Vivemos hoje, ou assim supomos, em uma hora de paz idílica, e ao avaliarmos o presidente Truman em face do seu tempo, devemos ter presente que ele não crê nem no predomínio do poder central, nem no predomínio da Casa Branca. Vistas as coisas através desse prisma, oferece-se agora uma boa e rara oportunidade para que o povo que constitue a democracia norte-americana retome o governo de si mesmo. Muitos entre os admiradores de Roosevelt sentiram certo alívio quando Truman assumiu a presidência, convencidos, como estavam, de que a democracia prospera melhor sob o governo dum homem modesto. Já agora, porem, não se sentem tão seguros de si: falta-lhes a antiga mão robusta a amparálos. Mas, de momento pelo menos, o Congresso vai legislando com carta-branca, e cabe ao povo americano, naturalmente, manter-se atento a seus próprios interesses.

★★★★★

—É tão estranho o Congresso americano, observou Boris Marshalov, ator e teatrólogo russo, após uma visita à galeria dos espectadores no Senado de Washington. —Um homem se levanta para falar, e não diz nada. Ninguem escuta... e depois todos discordam!

—Leonard Lyons, no *New York Post*

Os solitários, os enfermos, os pássaros de arribação constituem o humo fertil de que se têm nutrido legiões de funambulescos «evangelistas», mais numerosos no «Estado do Ouro» do que em qualquer outra parte do mundo

Os cultos da Califórnia

(Condensado do livro «Southern California Country»)

Por Carey McWilliams

O PRIMEIRO excêntrico de que rezam memórias na Califórnia meridional era um escocês, William Money, que foi bater em Los Angeles lá por 1841. Casado com uma mexicana, o nosso Money foi curandeiro (diriam outros: charlatão), economista teórico, e fundou o primeiro culto ou seita da região, sob o nome caudaloso de «Igreja Reformada do Novo Testamento de Nosso Senhor Jesús Cristo», da qual, logicamente, se fez bispo. O *bispo* Money era o excêntrico mais típico da Califórnia meridional: nascera longe dalí, viera parar na região já bem avançado em anos, sofria das mais diversas aberrações, e fundou um «culto».

No carater de excêntrico, porem, ele adiantou-se de muitos anos à sua época. À parte Money, que veio a falecer em 1880 com «uma imagem da Virgem Santa à cabeceira, um esqueleto de engonços aos pés da cama, e um exemplar bem gasto de qualquer clássico grego ao alcance da mão», a Califórnia Meridional evidenciou raros sinais de cultismo antes de 1900. As legiões de imigrantes que alí chegaram depois de 1880 eram, no conjunto, tementes a Deus, altamente respeitaveis, e de sentimentos assaz conservadores. Mas, à medida que foi crescendo em riqueza e em fama, a região começou a exercer uma espécie de atração magnética sobre os mais estranhos personagens.

A primeira profetisa de categoria que por alí apareceu foi uma Katherine Tingley, nascida em 1847 na Nova Inglaterra, onde se criou, três vezes contraiu o sagrado matrimônio e viveu na obscuridade os primeiros 40 anos de sua existência. Entrada que foi na casa dos 40, porem, mudou os penates para Nova York, onde a certa altura travou conhecimento com um teósofo de marca, William Quan Judge, sobre quem não tardou a exercer uma influência a todos os respeitos consideravel. Em breve começou a correr nos círculos teosóficos a nova do advento de uma discípula misteriosa, a quem Judge se referia sempre sob os nomes de «Luz da Loja» e «Mãe Roxa». Pouco após a morte do teósofo, Katherine Tingley revelou-se como sendo a «Mãe Roxa». A boa senhora vinha sonhando desde menina com a edificação «de uma Cidade Branca, em uma Terra de Ouro, junto a um Mar do Poente». Tendo amealhado no Leste, por subscrição, verdadeira fortuna, a Mãe Roxa foi em 1900 fundar, perto de San Diego, na Califórnia, a Comunidade Teosófica de Point Loma.

Materialmente, a comunidade constava de quarenta edifícios cujas linhas arquitetônicas «formavam uma harmo-

niosa fusão de estilos egípcio e mourisco, acrescentando-se-lhe qualquer coisa que não era nem de um nem de outro». O edifício principal contava 90 divisões e era coroado por imponente zimbório de um verde opalescente. Quando algum visitante se acercava da colônia, o trombeteiro, metido no seu invisivel posto de observação do pórtico egípcio, soltava uma série de notas belicosas, sinal de que se avizinhavam estranhos.

Não tardou muito que alí viessem assentar morada uns 300 bizarros devotos, oriundos de 25 diferentes nacionalidades. Todo novo residente que dava entrada na colônia, segundo era de regra, presenteava a Sra. Tingley com uma avultada «oferenda de amor». Com isso, a Mãe Roxa exercia sobre os seus fiéis um poder verdadeiramente despótico.

Nas formosas terras que ocupava a Comunidade de Point Loma, em pouco tempo foram surgindo: uma Escola de Antiguidade, uma Universidade Teosófica, um Teatro Grego, e o Colégio Raja Yoga. A atmosfera desse conjunto era descrita como «semelhante ao ozona —a um champanhe com perfume de papoula». Os residentes, envoltos em estranhas roupagens, consagravam-se à criação de galinhas e bicho da seda, e ao cultivo de hortaliças.

Ora, o aparecimento dessa comunidade exótica não podia deixar de inquietar profundamente aqueles que andavam empenhados no desenvolvimento da Califórnia meridional, a cujos olhos a prestimosa instituição era um artigo de «propaganda infamante» para a novel região. O General Harrison Gray Otis estava mesmo convencido de que em Point Loma se celebravam as mais fantásticas orgias, e o *Times* de Los Angeles cedo começou publicando uma série de sensacionais artigos a respeito. Otis afirmava que Point Loma era um «centro de assombração»; que os peregrinos, «envergando apenas as camisas de dormir e segurando cada um deles um archote na mão», se dirigiam à meia noite em solene cortejo para um lugar sagrado onde «se praticavam imoralidades de grosso tomo». A Sra. Tingley processou o *Times* por difamação, e finalmente arrecadou bonita soma a título de indenização.

Infelizmente, apesar de sua idade, a Mãe Roxa não era de todo insensivel aos encantos do amor humano, e em 1923 viu-se envolvida num escândalo com o marido de uma das suas discípulas. A consequência foi que se viu forçada a abandonar Point Loma e a partir para a Europa.

Em seguida ao advento da Sra. Tingley, a California meridional adquiriu a reputação de refúgio do ocultismo, e os teósofos começaram a afluir alí, vindos dos quatro cantos do planeta. Um dos primeiros colonos dessa família foi Albert Powell Warrington, advogado de Norfolk (Virgínia) que se retirara das lides forenses para consagrar-se ao aperfeiçoamento espiritual. Chegado alí em 1911, adquiriu logo uma propriedade no coração do que é hoje Hollywood, onde fundou Krotona, «lugar de promissão».

Na época do seu fastígio, Krotona orgulhava-se de possuir um Templo Ocultista, um lago do lotus psíquico, um restaurante vegetariano, e alguns pequenos tabernáculos. Warrington alugou um edifício no bulevar de Hollywood, onde se davam cursos de Esperanto, de Interpretação Esotérica da Música e do Drama, e sobre a Aura Humana.

Por volta de 1920, a Hollywood do cinema já tinha começado a roer as

fronteiras de Krotona, e o dr. Warrington viu-se compelido a levantar a tenda, e lá se foi, pastoreando o rebanho dos discípulos, até o Vale de Ojai, região toda ela impregnada das mágicas influências do ocultismo e da metapsíquica. Ojai é hoje o valhacouto de Edgar Holloway, o Homem de Lemúria, continente lendário do Oceano Índico, de onde afirma ter vindo pelo ar, alguns anos passados, refestelado num grande peixe voador.

Entre outros teósofos que foram instalar-se em Ojai, conta-se a famigerada Annie Besant, que, «em obediência às ordens do Mestre», adquiriu terra nesse vale. Para alí levou depois Krishnamurti, «o novo Messias».

De 1920 a 1930, organizaram-se todos os anos no Vale de Ojai uns acampamentos a que concorriam milhares de pessoas, na sua maioria mulheres já de certa idade, e neuróticas ainda por cima, com o fim de prestar culto ao Messias. E Ojai virou assim o centro, que hoje é, de todas as influências esotéricas da região.

A PAR da teosofia, migraram para a Califórnia Meridional o masdeismo e outras estranhas incarnações da Fé. Em Los Angeles assistí aos serviços religiosos da Igreja Ocultista Agabeg, cuja sacerdotisa se apresentava com o cabelo tingido de côr de violeta e as pestanas pintadas de verde; da Grande Irmandade Branca, cujos adeptos celebram com ritos muito especiais, envergando amplas túnicas amarelas, o plenilúnio de maio; da Antiga Ordem Mística de Melquizedequi; do Templo da Cruz de Jóias; do Centro Mundial da Fé Bahai; da Fraternidade Americana da Auto-Realização, que se propõe construir o Eremitério do Sonho Ioga do Lotus de Ouro pela bagatela de 400 mil dólares.

A Califórnia Meridional, no dizer de Michael Williams, é uma «vertiginosa confusão de moderna idolatria, e superstição».

Dado um ambiente dessa natureza, era bem de ver que algum dia surgisse alí um messias. O primeiro, de origem local, foi uma pobre viuva sem educação, mas exasperadamente ambiciosa: Aimee Semple McPherson. Aimee, que «tinha menos de mulher do que de assalto fulgurante», fez a sua primeira aparição em San Diego, correndo o ano de 1918. Começou logo a atrair as atenções, servindo-se umas vezes de avião para lançar prospectos religiosos, outras promovendo assembléias numa arena de pugilismo.

A Sra. McPherson mudou-se em 1922 para Los Angeles, com o seu Evangelho Quadrangular, ou das Quatro Verdades: conversão, cura física, segunda vinda, e redenção. Chegou alí em um velho automovel, e com cem dólares em dinheiro no bolso. Em menos de quatro anos reunira contribuições no valor de um milhão de dólares e era senhora de 250 mil em propriedades diversas.

Construiu o Templo Angelus com uma despesa, ao que se afirma, de milhão e meio de dólares: auditório com cinco mil lugares, estação rádio-emissora, e uma universidade de cujas aulas chegaram a sair todos os anos 500 moços evangelistas diplomados; organizou uma banda musical «maior e mais estrondosa do que a de John Philip Sousa, um coro feminino maior e mais belo que o da Metropolitan Opera, e um guarda-roupa comparavel ao da companhia do grande Ziegfeld».

A Sra. McPherson fundou 240 «faróis», ou igrejas locais, filiadas no Templo Angelus. Em 1929 tinha 42 mil fervorosos adeptos. «Soror» Aimee oferecia à sua gente os mais fantasiosos en-

tretenimentos teológicos: um dia eu a vi no palco, de forquilha em punho, correndo atrás dum diabo horroroso; doutra vez pôs em cena um episódio da Guerra de Independência Americana, envergando ela mesma a farda do General Washington; e tambem a vi desempenhar o papel principal em um sermão «dramatizado» sobre o sugestivo tema de Sodoma e Gomorra.

Embora a Sra. McPherson nunca se afirmasse capaz de curar os enfermos, o certo é que estava sempre disposta a orar por eles, e tornou-se largamente conhecida como «curadora pela fé». Seu admiravel senso dramático permitia-lhe proporcionar às massas, reunidas no Templo Angelus, um arrepio de transcendência e um sentimento de alívio espiritual que, provavelmente, não deixavam de ter seu valor terapêutico.

A 18 de maio de 1926, «Soror» Aimee levou sumiço! Viram-na pela derradeira vez em maiô de banho, em uma praia, e o mais provavel era que tivesse morrido afogada. Reuniram-se no areal milhares de crentes, erguendo preces pela sua salvação e regresso. Um avião, expressamente alugado para esse fim, voou sobre as águas do mar esparzindo flores... A 23 de maio um discípulo ultra-fervoroso afogou-se enquanto procurava o corpo. Poucos dias depois realizava-se no Templo Angelus uma sessão monstro em memória da sacerdotisa: só nessa ocasião, os donativos entrados em caixa orçaram por 35 mil dólares. Três dias depois a misteriosa Aimee reaparecia no México, da banda de lá de Douglas, na fronteira do Arizona.

Seu regresso a Los Angeles foi uma verdadeira apoteose. Cem mil pessoas a vitoriaram ao longo do percurso nas ruas, acompanhada da sua banda de metais brancos e uniformes alvos, escoltada por 20 *cowboys*, e brigadas de polícia.

As demonstrações de júbilo foram, porem, sol de pouca duração: os jornais começaram a vasculhar na história de «rapto» com que ela, de regresso, procurou explicar seu desaparecimento, e depressa conseguiram provar que era tudo invenção de alto coturno. Foi possivel reconstituir todos os passos da sacerdotisa, a partir do momento em que sumiu, até reaparecer no México—passando pela «cabana de amor» de Carmel, onde a pitonisa passara um intermezzo lírico na companhia de um antigo perito em rádio do Templo. Foi presa e arguida de haver dado falsas informações «com a intenção de perturbar os processos ordeiros da lei»! A acusação foi suspensa mais tarde. Ainda conseguiu a sacerdotisa manter um número de adeptos razoavelmente constante, até que em 1944 deu a alma ao Criador, por ter tomado um soporífico em excesso—mas o fervor dos bons tempos tinha-se evolado para sempre.

Ao Evangelho Quadrangular sucederam-se, entre 1930 e 1940, outros cultos ainda mais mirabolantes. Seja qual for o termo de comparação, a seita «I AM» (eu sou) pode considerar-se como a mais bizarra salgalhada mística que ainda brotou do abençoado terreno da Califórnia meridional. Propalou-se através dos Estados Unidos, formando núcleos em uma dúzia de cidades; chegou a contar no seu rol uns 350 mil prosélitos, e depôs nas mãos dos seus criadores a bela quantia de 3 milhões de dólares.

Guy Ballard e sua esposa, dona Edna, médium de profissão, foram dar em Los Angeles por volta de 1932. Ganhando a vida sucessivamente como forrador de paredes a papel, agente de venda de

ações e empresário de negociatas, Ballard vivia perseguido desde a infância por visões de ouro e pedrarias. Pronunciado judicialmente no Ilinóis, em 1929, por ter promovido a venda duma hipotética mina de ouro, vira-se forçado a escapulir para o Oeste. Instalado em Los Angeles, deu à estampa em 1934, sob o pseudônimo Godfrey Ray King, um tratado intitulado *Unveiled Mysteries* (Mistérios Desvendados), em que assenta a doutrina

começaram a chover tão co[illegible] casal adquiriu um vasto e imponente tabernáculo, de cujo topo um fulgurante letreiro a gás neon passou a anunciar a Poderosa Presença «I Am».

Daí, os Ballard passaram a vender outras coisas: uma revista mensal, livros, discos de fonógrafo com música das esferas, um «Mapa da Mágica Presença». Forneciam, por preço que oscilava, conforme as posses do freguês, um dispositivo elétrico especial—a «Chama em Ação»; e finalmente puseram à disposição dos crentes o cosmético «Era Nova».

Quando, tempos depois, a Sra. Ballard foi condenada pelo crime de fraude pos[illegible], os peritos contabilistas declararam [illegible]e, segundo os livros da Poderosa [illegible]esença, entre vendas e contribuições, [illegible]caixa recolhera mais de 3 milhões.

Em 1875, um grupo de indivíduos, [illegible]jos nomes ficarão para sempre na [illegible]nbra do olvido, conseguiu estabelecer [illegible]ntacto com uma raça sobrehumana de [illegible]gmeus com cabeça de metal, que [illegible]moram lá bem no centro do globo [illegible]ráqueo... Com a ajuda desses super[illegible]mens, os promotores de um novo [illegible]ovimento se propunham abolir da face [illegible] Terra as guerras e a pobreza, esses [illegible]gelos. Tal é a revelação básica da *[illegible]ankind United* (Humanidade Unida), [illegible]vo culto lançado em 1934 por um tal [illegible]thur Bell. Quando tiverem aderido à [illegible]ganização 200 milhões de pessoas ape[illegible]s,... a Humanidade Unida ficará em [illegible]ndições de assegurar que nenhum [illegible]ortal precisará trabalhar mais de 4 [illegible]ras ao dia, quatro dias por semana, e [illegible]o meses no ano. Todos aqueles que [illegible]verem trabalhado um total de 11 mil [illegible]ras, ou atingido o limite de idade, [illegible] anos, entrarão a perceber pensões [illegible]ensais bem acima do salário mínimo.

Bell prometia ainda a todos os seus adeptos uma confortavel casa de morada, dotada de rádio, televisão, e «máquina de correspondência automática do tipo vocal». Todas essas casas seriam igual-

tretenimentos teológicos: um dia eu a vi no palco, de forquilha em punho, correndo atrás dum diabo horroroso; doutra vez pôs em cena um episódio da Guerra de Independência Americana, envergando ela mesma a farda do General Washington; e tambem a vi desempenhar o papel principal em um sermão «dramatizado» sobre o sugestivo tema de Sodoma e Gomorra.

Embora a Sra. McPherson nunca se afirmasse capaz de curar os enferm... o certo é que estava sempre disposta orar por eles, e tornou-se largamen... conhecida como «curadora pela fé». S... admiravel senso dramático permitia-l... proporcionar às massas, reunidas ... Templo Angelus, um arrepio de tra... cendência e um sentimento de alív... espiritual que, provavelmente, não d... xavam de ter seu valor terapêutico.

A 18 de maio de 1926, «Soror» Aim... levou sumiço! Viram-na pela derradei... vez em maiô de banho, em uma praia, ... mais provavel era que tivesse morri... afogada. Reuniram-se no areal milhar... de crentes, erguendo preces pela s... salvação e regresso. Um avião, expres... mente alugado para esse fim, voou sob... as águas do mar esparzindo flores... A ... de maio um discípulo ultra-fervoro... afogou-se enquanto procurava o corp... Poucos dias depois realizava-se no Te... plo Angelus uma sessão monstro ... memória da sacerdotisa: só nessa ocasiã... os donativos entrados em caixa orçara... por 35 mil dólares. Três dias depois... misteriosa Aimee reaparecia no Méxic... da banda de lá de Douglas, na fronte... do Arizona.

Seu regresso a Los Angeles fo... a verdadeira apoteose. Cem mil ... as a vitoriaram ao longo do per... nas ruas, acompanhada da sua ... da de metais brancos e uniform... os, es-coltada por 20 *cowboys*, e brigadas de polícia.

As demonstrações de júbilo foram, porem, sol de pouca duração: os jornais começaram a vasculhar na história de «rapto» com que ela, de regresso, procurou explicar seu desaparecimento, e depressa conseguiram provar que era tudo invenção de alto coturno. Foi possivel reconstituir todos os passos da sacerdotisa, a partir do momento em que sumiu, até reaparecer no México, nos...

O PRÓXIMO NÚMERO DE SELEÇÕES!

Seleções enviará a V. S., ou a um amigo seu, um exemplar gratuito do próximo número, desde que V. S. marque e nos envie o cartão anexo. Basta indicar-nos os SEIS artigos de que GOSTOU MAIS, dentre os que leu neste número, e responder às perguntas sobre a nova capa de Seleções.

Tenha a bondade de nos devolver o cartão dentro de um mês no máximo, mesmo que não tenha acabado de ler a revista toda. Escolha os artigos entre os que TENHA LIDO.

Sua opinião nos ajudará a selecionar o gênero de artigos e o tipo de capa que V. S. prefere. Isso lhe tomará apenas alguns minutos. Marque os seus artigos prediletos e responda às perguntas sobre a capa, enviando-nos o cartão. Logo que recebermos sua resposta, enviar-lhe-emos seu exemplar gratuito.

Antecipam seus agradecimentos
Os Redatores de Seleções

LEIA A CONTINUAÇÃO DESTE CARTÃO

Guy Ballard e sua esposa, dona Edna, médium de profissão, foram dar em Los Angeles por volta de 1932. Ganhando a vida sucessivamente como forrador de paredes a papel, agente de venda de

ações e empresário de negociatas, Ballard vivia perseguido desde a infância por visões de ouro e pedrarias. Pronunciado judicialmente no Ilinóis, em 1929, por ter promovido a venda duma hipotética mina de ouro, vira-se forçado a escapulir para o Oeste. Instalado em Los Angeles, deu à estampa em 1934, sob o pseudônimo Godfrey Ray King, um tratado intitulado *Unveiled Mysteries* (Mistérios Desvendados), em que assenta a doutrina da seita.

Andava um dia em excursão pedestre pelo Monte Shasta, conta-nos o herói, quando, surgindo do nada, lhe apareceu a deidade do culto, o Ascenso Mestre São Germano, que, depois de dar uma palmadinha no seu ombro, lhe ofereceu uma taça transbordante de «pura essência eletrônica». Bebida esta e deglutida uma hóstia de «energia concentrada», Ballard sentiu-se rodeado de «uma Chama Branca que formava um círculo com bem 15 metros de diâmetro».

Envolto nessa chama e acompanhado de São Germano, Ballard lançou-se numa jornada pela estratosfera, no curso da qual visitou «as cidades submersas do Amazonas», Karnak, Luxor, as cidades fabulosas dos Incas, e... o Parque Nacional de Yellowstone. Em todos os lugares que juntos visitaram, os dois jornadeantes descobriram tesouros sem fim. Por muito fantásticas que pareçam semelhantes revelações, os «Mistérios Desvendados» venderam-se lindamente. Daí a pouco já o casal Ballard estava em condições de desafogo que lhe permitiam organizar seu próprio programa de rádio-emissão. As «oferendas de amor» começaram a chover tão copiosas, que o casal adquiriu um vasto e imponente tabernáculo, de cujo topo um fulgurante letreiro a gás neon passou a anunciar a Poderosa Presença «I Am».

Daí, os Ballard passaram a vender outras coisas: uma revista mensal, livros, discos de fonógrafo com música das esferas, um «Mapa da Mágica Presença». Forneciam, por preço que oscilava, conforme as posses do freguês, um dispositivo elétrico especial—a «Chama em Ação»; e finalmente puseram à disposição dos crentes o cosmético «Era Nova».

Quando, tempos depois, a Sra. Ballard foi condenada pelo crime de fraude postal, os peritos contabilistas declararam que, segundo os livros da Poderosa Presença, entre vendas e contribuições, a caixa recolhera mais de 3 milhões.

Em 1875, um grupo de indivíduos, cujos nomes ficarão para sempre na sombra do olvido, conseguiu estabelecer contacto com uma raça sobrehumana de pigmeus com cabeça de metal, que demoram lá bem no centro do globo terráqueo... Com a ajuda desses superhomens, os promotores de um novo movimento se propunham abolir da face da Terra as guerras e a pobreza, esses flagelos. Tal é a revelação básica da *Mankind United* (Humanidade Unida), novo culto lançado em 1934 por um tal Arthur Bell. Quando tiverem aderido à organização 200 milhões de pessoas apenas,... a Humanidade Unida ficará em condições de assegurar que nenhum mortal precisará trabalhar mais de 4 horas ao dia, quatro dias por semana, e oito meses no ano. Todos aqueles que tiverem trabalhado um total de 11 mil horas, ou atingido o limite de idade, 60 anos, entrarão a perceber pensões mensais bem acima do salário mínimo.

Bell prometia ainda a todos os seus adeptos uma confortavel casa de morada, dotada de rádio, televisão, e «máquina de correspondência automática do tipo vocal». Todas essas casas seriam igual-

mente providas de aparelhagem automática para registro de notícias e telefonemas; teriam suas árvores frutíferas, hortas, estufas, e piscinas de natação. Viajando pela China, pelo Japão e em «certos países da Europa», alguns anos antes da guerra, Bell tinha «descoberto» cem milhões de jardineiros e hortelãos que se confessavam prontos a passar o resto da vida nos Estados Unidos, fazendo horticultura e jardinagem para a Humanidade Unida.

Em troca de tantos luxos prometidos, que é que Bell esperava dos membros da sua igreja? Esperava somente que eles renunciassem a todos os bens mundanos em favor da Ordem secreta, no ato de adesão. Pelas alturas de 1941, mais de 14 mil californianos de ambos os sexos haviam aderido, na sua vasta maioria, «pessoas de idade, ou as que tivessem sofrido severas perdas financeiras».

Bell gabava-se de possuir uma máquina radiante tão poderosa, que seus raios eram capazes de fazer saltar os olhos das órbitas de pessoas postadas a muitos quilômetros de distância. Utilizando o mesmo princípio, declarava-se ele apto a erigir grandes centrais de energia, capazes de exterminar um milhão de almas com uma simples descarga. Arrogando-se, assim, verdadeira onipotência, Bell declarava depois a uma comissão de inquérito parlamentar do estado da Califórnia, que, se o quisesse, podia cair em transe e fazer-se transportar num abrir e fechar de olhos, aos derradeiros confins do globo. Com a guerra, os líderes da seita, na sua maioria contrários à guerra, foram condenados como infratores das leis referentes à sedição.

Tanto o movimento «I AM» como a Humanidade Unida apresentam certos traços fundamentais em comum. Em ambos os cultos se atribue acentuada importância à «energia» e à «força». Ambos refletem uma preocupação mórbida com os símbolos da riqueza material, do luxo, da boa-vida. Esplendor e despreocupação, poderio e riqueza, são dons que podem alcançar-se por intervenção de um messias detentor da fórmula mágica. Ambas as seitas denunciam seus vilões, ovelhas negras da felicidade humana: dominadores ocultos, forças destrutivas que urge rechaçar para a eternidade a golpes de magia. Atiçadas pelas aventuras sobrenaturais de personagens fictícios, as aspirações manifestadas por esses grupos são, não obstante, profundamente sintomáticas da inquietação, da fúria reprimida, da obsessão de violência e poderio, latentes em certos estratos da sociedade americana.

A migração oferece a explicação básica à multiplicação de cultos na Califórnia Meridional. «A história está repleta de casos de degradação dos cultos religiosos entre os povos migratórios,» escreve o dr. William W. Sweet. No processo da migração para o Oeste, os costumes, práticas e hábitos religiosos do povo foram sofrendo notaveis alterações.

Um inquérito há tempos realizado entre as igrejas de Los Angeles conclue pela definição do problema real: «Pela maior parte,» lê-se no seu relatório «os pregadores religiosos, que vão surgindo, revelam o sincero desejo de bem servir os seus prosélitos, e acabam tornando-se elementos de forte influência, porque *os hábitos tradicionais não atingem a gente desta comunidade*. Até as igrejas mais antigas vêm ultimamente adotando medidas não sancionadas em outras partes do país, para desse modo poderem exercer influência mais efetiva—ou não perderem a que tenham—sobre os respectivos fiéis.»

Um fabricante de aviões que gostaria de ver toda a gente voando...

Aviões para todos

(Condensado de «Life») *Por Lincoln Barnett*

O sr. William Piper, fabricante dos aviões *Piper Cub*, está absolutamente convencido de que quase todos somos capazes de aprender a voar; e, afim de persuadir os mais receosos, chama-lhes a atenção para o seu caso pessoal: sendo, ele próprio, piloto, não se atem a muitas das regras de navegação aérea, e insiste mesmo em dizer que a coordenação, que lhe falta, não é elemento essencial, desde que o piloto seja, como ele, seguro. Já era quinquagenário quando aprendeu a dirigir um aeroplano; e hoje, aos 64 anos, é com enorme satisfação que demonstra em sua fábrica, aos visitantes, como se pode manejar pessimamente um avião sem que sobrevenham resultados catastróficos.

Em geral inicia tais demonstrações com uma palestra em que prova ser contrário à idéia de «coordenação», isto é, da habilidade em manobrar o «manche» e o pedal com precisão. Insiste em que não há necessidade alguma de se exigir essa qualidade aos pilotos novos. Em seguida aponta, com uma expressão de tristeza, para o indicador de curvas, que é um tubo de vidro dentro de qual se vê uma bolinha preta. Numa curva perfeitamente coordenada, a pequena esfera mantem-se bem no centro do tubo. Piper, no entanto, quando leva um convidado para «dar uma voltinha» pelos ares, glissa de propósito nas curvas, pouco se importando com as cambolhotas que dê a bolinha.

—Estão vendo? rosna ele, em tom de desafio. —Coordenação é bobagem! Fizemos a curva direitinho, não fizemos? Pois então! Desde que a esferazinha não pule para fora da nacele, vai tudo muito bem...

Se Piper se refere desdenhosamente à perfeição em matéria de pilotagem, é simplesmente porque tem solene antipatia por tudo que possa contribuir para arrefecer, no público, não só o desejo de voar, como o de comprar aviões, naturalmente... Fabricante, que é, de aparelhos pequenos e relativamente baratos, interessa-se, antes de tudo, pelo grande mercado. Antes da última guerra fabricava ele metade do número total de aviões para fins civís nos Estados Unidos. Foi em seus *Cubs* que aprenderam a voar três quartas partes dos aviadores civís americanos, alem de inúmeros militares. Note-se, ainda, que são tambem desse tipo quase todos os aviões leves usados pelo exército dos Estados Unidos para serviços de observação, ligação e ambulância.

Segundo Piper, não se vê ainda, no horizonte, sinal algum de que estamos na era da aviação. Em sua opinião, ninguem comprará avião a não ser depois de já possuir rádio, geladeira elétrica, automovel e talvez, até, um iate... Esse estado de coisas só se alterará, diz Piper, quando

os instrutores não mais insistirem na necessidade de «coordenação», e quando as viagens aéreas estiverem livres de mil restrições de ordem burocrática que hoje as dificultam. O maior obstáculo, porem, à disseminação do hábito de voar consiste, para ele, na escassez de instalações para aterragem. Dos 15 mil centros de população dos Estados Unidos, por exemplo, só 2.208 são dotados de aeroportos. É para Piper motivo de grande irritação o fato de que se gaste muito dinheiro em construir rodovias, embora não se despenda um niquel em preparar uma faixa de grama, sequer, para pequenos aviões.

Sua campanha, no sentido de tornar a aviação cada vez mais popular, talvez não tenha resultados senão em futuro remoto; em todo caso, Piper já alcançou bastante êxito, no território em que exerce jurisdição mais direta. Seus três filhos são todos pilotos, e de primeira ordem, aliás. Dos 1.538 operários, de ambos os sexos, que ora trabalham em sua fábrica, mais de 400 são sócios do clube de aviação da companhia, onde se alugam aviões a uma taxa módica por hora. Qualquer dos trabalhadores pode voar dentro do horário de serviço, desde que recobre, mais tarde, o tempo gasto nessa atividade. Há, à disposição desses pilotos amadores, quatro instrutores permanentes e doze aviões. Essa iniciativa de Piper, ditada pelo que poderíamos chamar sua «aerofilantropia», custa bom dinheiro à companhia; ele, porem, acredita que é quantia muito bem empregada.

Piper tem, em relação aos elementos, uma atitude curiosa: parece acreditar que eles não passam de cúmplices na geral conspiração contra a aeronáutica... No ano passado, em temerário desafio às intempéries, foi de avião, por ele mesmo pilotado, à cerimônia de inauguração de certo aeroporto, e lá conseguiu aterrar, apesar de medonha tempestade que impediu a chegada de outros convidados, entre os quais vários aviadores militares, personalidades oficiais que vinham a bordo de um grande aparelho de passageiros, e certo aviador cujos vôos acrobáticos o haviam tornado célebre.

Tendo-se formado, pela Universidade de Harvard, em 1903, Piper passou vários anos subsequentes em atividades que nada tinham a ver com aviação. Empregou-se, primeiro, como operador de poços de petróleo na Pensilvânia. Mais tarde, em 1929, um tal sr. Taylor, fabricante de aviões, mudou-se para a cidade onde se achava Piper, e lá iniciou a produção de um aeroplano razoavelmente barato. Piper comprou parte do negócio de Taylor, e este, pouco depois, faliu. Sem desanimar, o futuro fabricante de *Cubs* decidiu empregar mais dinheiro no negócio. Reorganizada a companhia, tornou-se seu tesoureiro, sendo então completado o desenho de um monoplano de tipo novo, a baixo preço e de manutenção pouco custosa. Seria esse o primeiro *Cub*, fragil e pequeno predecessor dos atuais.

Aliás, o *Cub* quase morreu na infância mais tenra... Nos primeiros três anos, produziram-se e se venderam menos de 60 aparelhos, e Piper muitas vezes pagou aos operários com dinheiro ganho nos poços petrolíferos. Foi em 1934 que a sorte dos *Cubs* começou a mudar; venderam-se, nesse ano, setenta, e no seguinte 228. Em 1936 surgiu um modelo mais aperfeiçoado, produzindo-se então tanto quanto 541 aparelhos. Cheio de entusiasmo, Piper comprou a parte do sócio, tornando-se assim presidente da Piper Aircraft Corporation.

Mal se sentara, porem, na poltrona presidencial, quando um incêndio destruiu todas as instalações da fábrica. Infelizmente, embora houvesse seguro, este era caro na ocasião em que fora feito e, por isso, não cobria mais que cinco por cento dos prejuizos, que foram totais. No entanto, foi com perfeita calma que Piper declarou, ao ser informado do desastre: «Bem, pelo menos assim temos um pouco de publicidade.» Numa fábrica de seda, abandonada, que encontrou nos arredores, ao lado do aeroporto local, reconstruiu seu negócio, dando-lhe tudo o que tinha em dinheiro e energias.

Daí em diante, passou a vender, de ano para ano, mais aviões que todos os concorrentes juntos. Em 1938, seus desenhistas projetaram o atual *Cub* de treino, ou seja, o J-3, e no ano seguinte o de tipo *Cruiser*, de três lugares. Em 1940, tendo sido criado, nos Estados Unidos, um curso de treinamento para pilotos civís em grande escala, a produção de *Cubs* subiu a três mil.

A princípio, as autoridades militares americanas, quer do Exército quer da Marinha, não viram, no *Cub*, as suas qualidades. Chegaram mesmo, aliás, a aconselhar a Piper, no período de preparativos para a defesa do país, que fizesse cessar a produção de aparelhos leves, aceitando, em vez disso, subcontratos dos fabricantes de aviões de guerra. A resposta de Piper foi típica: fez presente, ao Exército, de doze *Cubs*. Estes foram usados no serviço de observações da Artilharia durante certas manobras levadas a efeito em 1941; sua eficiência foi notada por diversos oficiais, inclusive pelo próprio Eisenhower, que lá estava. Pouco tempo depois, o exército americano encomendou quatro *Cubs;* em seguida quarenta, e mais tarde algumas centenas. Desde o dia em que os Estados Unidos entraram na guerra, até o fim desta, Piper forneceu às forças armadas de seu país sete mil *Cubs*, ao todo.

Durante toda a guerra, os *Cubs* foram como os olhos da artilharia, pairando sobre as linhas do inimigo, descobrindo defesas ocultas e dirigindo o fogo dos canhões americanos por meio do rádio. Oficialmente, os pequenos aparelhos eram designados L-4, e os soldados os apelidaram de «gafanhotos», «pula-poço», «jipes voadores», etc. Tanto Eisenhower como Clark utilizaram *Cubs* em viagens de inspeção à frente. No Pacífico, os *Cubs* transportaram plasma de sangue, correspondência e suprimentos a contingentes profundamente metidos na selva. Ageis, podendo aterrar em pequenas clareiras e delas decolar, eram usados como aviões-ambulância, onde se levavam, para lugar seguro, os feridos. No que se refere à Marinha, eram tambem usados como correios, entre os navios e a terra, nos períodos em que era forçoso silenciar os rádios a bordo das belonaves.

Em virtude da baixa velocidade de aterragem (60 k.p.h.), os *Cubs* podiam entrar em lugares inacessiveis a aparelhos maiores, e de lá sair, sem dificuldade. Seus aeroportos nada mais eram, muitas vezes, que vastos lamaçais, colinas desprovidas de vegetação ou planícies rochosas. Em Salerno, dois *Cubs* decolaram de uma pista de 73 metros instalada provisoriamente no tombadilho de um lanchão de desembarque. No quartel-general americano em Caserta, *Cubs*-correio, munidos de flutuadores, erguiam vôo do lago no jardim do palácio. Pouco velozes, e destituidos de armamentos, os *Cubs* constituiam alvo extremamente vulneravel no céu. Poucos, porem, foram derrubados a tiro; quando eram atacados por aviões de caça inimigos, os pilotos limitavam-se a mergulhar rapidamente,

escondendo-se atrás de celeiros ou entre árvores e barrancos. Um deles chegou a ludibriar nove aparelhos alemães do tipo Me-109, e outro, ao que se diz, destruiu um Messerschmitt, da seguinte maneira: voando em direção a uma estreita várzea, o piloto do *Cub* fez de súbito uma curva de 180 graus, enquanto seu perseguidor, impossibilitado de dar virada semelhante, glissou contra a colina e explodiu em chamas.

Não obstante toda a glória conquistada pelos *Cubs* em plena batalha, Piper espera impaciente, qual pai ansioso pelo futuro dos filhos, o dia em que lhe for dado trocar a farda verde-oliva dos pequenos aviões pelo amarelo vivo dos tempos de paz. Sendo, como é, inimigo de toda burocracia e toda papelada, detesta trabalho sedentário, e passa a maior parte do seu tempo de trabalho a vagabundear, encantado, pela fábrica. Com o terno sempre amarrotado, esgarçada a camisa e o cabelo em desalinho, não admira que seus próprios empregados muitas vezes deixem de reconhecê-lo. Certo dia, entrando despreocupadamente num dos departamentos de embalagem, viu uma pilha de caixas, contendo partes de aviões, prontas para embarcar. Observou, então, a quem o quisesse ouvir: «Vocês não acham melhor a gente tirar essas caixas daí?» Um operário, que estava alí perto examinando uma fatura, respondeu, tranquilamente: «É mesmo. Pega aquí esta lista, e vamos conferir. E vou te entregando as caixas.» E assim concluiram os dois o serviço.

A indústria norte-americana de aviões cresceu enormemente durante a guerra, e assim, à medida que as fábricas se vão convertendo a obras de paz, Piper vai enfrentando o mais poderoso grupo de rivais de toda a sua carreira. Seus antigos concorrentes, Aeronca e Taylorcraft, preparam novos modelos na mesma base de preços dos *Cubs*. De outras fábricas virão o Ercoupe à prova de parafuso, e os helicópteros Bell e Sikorsky. A Republic já está produzindo um anfíbio de quatro lugares, de baixo custo, e outras firmas, tais como Lockheed, North-American, Grumman e Boeing, fazem atualmente experiências com diversos tipos de pequenos aparelhos, ao passo que a Consolidated Vultee se ocupa com algo de bem estranho: um novo avião cujas asas se recolhem para transformá-lo num automovel...

No desejo de defender sua posição de produtor máximo de pequenos aviões em série, Piper trabalha numa nova versão, mais elegante, do biplace *Cub Trainer* e de um de três lugares, o *Super-Cruiser*, ambos de preço bastante acessivel. Enquanto isso, seu departamento experimental dedica-se a estudar três outros modelos: o *Skycycle*, monoplano de um lugar; um *Skycoupé* de dois lugares com hélice atrás, e um *Skysedan* que espera vender por menos de três mil dólares (ou sejam, Cr$ 60.000,00).

Entre os operários da fábrica Piper, costuma-se dizer que «ninguem se machuca num *Piper Cub*». É claro que se pode morrer num *Piper Cub*... Mas, apesar disso, pode considerar-se defensavel a afirmação dos trabalhadores. Os *Cubs* são aviões que perdoam os erros do piloto, por assim dizer; e Piper tem consigo mesmo um compromisso de jamais construir outro tipo.

O maior obstáculo ao casamento consiste em que, se toda mulher é, no fundo, mãe de família, todo homem é, no fundo, solteirão.

—E. V. Lucas

Conhecido aviador revela surpreendentes atividades na Suécia neutral

A guerra secreta na Escandinávia

(Condensado do «Collier's»)

Pelo Coronel Bernt Balchen
Da Força Aérea Norte-Americana

Ainda não foi devidamente estudado o papel que a Suécia desempenhou durante a guerra. Está claro que oficialmente era neutra; mas, graças à sua cooperação, ainda que secreta, em prol da causa dos Aliados, logo se nos tornou possivel usar esse país como base de operação contra as forças alemãs que ocupavam a Noruega.

Durante a maior parte do tempo, a Força Aérea Americana desenvolveu duas espécies de operações na Suécia e na Noruega. Consistia uma em dar saida, em nossos aviões, a cadetes noruegueses de aviação, como a aviadores nossos, que se achavam alí internados; a outra visava suprir as forças clandestinas de resistência na Noruega. Os suecos colaboravam conosco transportando, em seus trens, armas e explosivos, sabotadores e tropas norueguesas bem treinados, que iam agir em determinadas missões. As forças suecas, que operavam nas proximidades das fronteiras com a Noruega, transportavam armas e outros materiais bélicos, levados pelos nossos aviadores, para serem usados pelos noruegueses contra os seus opressores nazistas. Em certa ocasião, o guia de um carro da polícia sueca se encarregou de levar e entregar aos seus destinatários uma porção de detonadores, que eram realmente muito perigosos para serem transportados por trem.

Surpreende-nos ainda hoje verificar que os alemães nunca descobriram o sistema curioso e seguro de que nos servíamos para enviar pessoal e petrechos de guerra a Oslo, usando vagões-tanques da estrada de ferro Oslo-Estocolmo. Personagens importantes realizaram muitas vezes essa aventurosa travessia, entre os quais podemos agora citar Jens Christian Hauge, atualmente Ministro da Defesa, na Noruega, e que era, então, chefe das forças clandestinas do seu país.

Viajar num vagão-tanque não é lá tão incômodo como à primeira vista parece,

Os soldados das forças clandestinas operavam atrás das linhas alemãs, e eram eles que, como este rádio-telegrafista, informavam os Aliados e os suecos das atividades nazistas.

pois o viajante só tem de estar de fato trancafiado no seu esconderijo, quando o trem faz parada nas estações ou vai cruzar a fronteira. Mais interessantes ainda eram as viagens feitas nas caixas-de-água das locomotivas. Para evitar que o viajante se congelasse ou morresse afogado, tinha ele que ir metido num escafandro, tendo porem o capacete descoberto, afim de que pudesse respirar. Esse invulgar sistema deu seguros resultados e os alemães nunca suspeitaram de nada. Ao chegar a Oslo, o trem entrava num desvio, onde o viajante desembarcava e ia levar a cabo sua missão.

Quando fizemos a primeira incursão aérea na Suécia, meus homens usavam um avião desarmado e sem nenhuma insígnia de identificação; as fardas estavam bem cobertas, para ocultar nossa nacionalidade. Mas, em menos de um ano, já se podiam observar fardas americanas, inglesas e mesmo norueguesas nos aeródromos militares da Suécia; por esse tempo já estávamos usando abertamente dois dos seus campos de aviação e havia projetos no sentido de nos utilizarmos de cinco.

Nossas operações começaram em princípios de 1944. Cerca de dois mil rapazes norueguesses tinham recebido instruções na Suécia, parte deles sob a direção de oficiais suecos. O governo norueguês queria mandá-los para a base aérea da chamada «Pequena Noruega», perto de Toronto, no Canadá, afim de completarem o curso. O general Spaatz, chefe do Serviço de Estratégia da Força Aérea Americana, encarregou-me dessa missão, pois, sendo eu naturalizado americano, tinha a vantagem de ter nascido na Noruega e servido na sua marinha e exército; alem disso, voara muito em toda a Escandinávia e desempenhara antes da guerra o lugar de diretor das Linhas Aéreas do meu país de origem.

Ora, a primeira coisa a fazer era conseguirmos do Ministério do Ar da Suécia — que conhecia nosso plano e desejava cooperar conosco — as necessárias marcas para os nossos aviões, um código de identificação, e uma onda de rádio destinada ao mesmo fim. Conseguimos que o Estado-Maior da Suécia fosse informado do nosso próximo aparecimento, cruzando a fronteira, para que seus canhões anti-aéreos não nos metessem fogo. Isso feito, os suecos nos avisavam ainda quando os caças alemães subiam para patrulhar, como recebíamos pelo rádio clandestino, em Estocolmo, constantes notícias de todo o movimento de navios saidos de portos noruegueses.

Desta sorte, antes de levantar vôo sabíamos da posição dos comboios e dos navios de bateria anti-aérea que havia ao longo da costa. Tínhamos informes sobre as peças montadas na costa norueguesa, sobre a posição das forças alemãs, e quantos aviões havia em cada campo de aviação e de que tipo eram.

Não creio que houvesse na Europa nenhum sistema de informes clandestinos tão bem organizado como o da Noruega, onde despejamos agentes em paraquedas, encarregados de determinadas missões, que eles, invariavelmente, executavam e muito bem.

Uma das nossas estações mais importantes foi montada numa maternidade, em Oslo, em cujas vizinhanças tínhamos lançado um rádio-telegrafista e o seu aparelho; um médico, amigo nosso, conseguiu-lhe logo emprego no hospital, como eletricista. Enquanto ele andava pelo telhado, fingindo cuidar da instalação elétrica da casa, conseguiu montar a antena do seu transmissor, de uma maneira que ninguem a poderia descobrir. Ligou depois o aparelho e em pouco

estava em comunicação com Londres.

Os alemães, como era de esperar, interceptaram algumas mensagens em código e, por meio de rádio-localizadores, determinaram que a estação clandestina devia estar no hospital, cercando então este com soldados da sua força de assalto.

Nosso rádio-telegrafista estava transmitindo mensagens secretas, quando dois guardas da Gestapo entraram no quarto. O operador quis escapar pela escada do telhado, mas encontrou essa passagem tomada. Resolveu voltar; atirou contra os dois alemães, e os matou, dirigindo-se à saida dos fundos, onde estavam mais dois guardas. Matou-os tambem. Depois saltando um muro, conseguiu cruzar uma rua, e passando por um edifício, foi sair numa rua distante, com a sua pistola no bolso, e aparentando toda a calma possivel. Quinze dias depois, estava a caminho de regresso a Estocolmo.

Se bem que a espionagem ocupasse a maior parte da minha atividade, havia outro objetivo fundamental na nossa «invasão» da Suécia. Sentia-se sempre latente a possibilidade de virem os alemães a estabelecer uma frente de batalha na Noruega, e era preciso que estivéssemos em condições de desalojá-los, quando isso se desse. Uma empresa dessa ordem não se poderia realizar em solo norueguês propriamente dito, pois apenas em Stavanger havia lugar para um possivel desembarque; para alem desse ponto, tudo eram montanhas impenetraveis. Portanto, nos nossos planos estivera sempre em consideração a possibilidade de levarmos tropas paraquedistas à Noruega por via da Suécia, tendo para tanto nos certificado de que os suecos não só apoiavam esse programa de ação, como nos ajudariam a levá-lo a efeito.

Tinha-me sido confiada a missão de estabelecer uma base aérea, como precedente, e localizar outros campos utilizaveis na eventualidade de um assalto. Descobrimos dois apartamentos, perto do aeroporto de Estocolmo, que nos permitiram usar e onde montamos uma receptora de rádio. Nossa estação transmissora ficava em outro local. Tínhamos nosso próprio meteorologista e até dispúnhamos de um oficial na torre de controle no aeroporto de Estocolmo.

Não era, aliás, uma empresa puramente unilateral. Os suecos há muito pretendiam estabelecer uma linha aérea entre o seu país e os Estados Unidos, com escala na Islândia, onde já dispúnhamos de uma base. Surgia agora, portanto, uma oportunidade para o início desse serviço comercial aéreo no após-guerra. Alem do mais, os suecos temiam que os alemães viessem a passar por dentro do país. A presença de aviadores aliados, nos seus aeroportos, era pois uma ligação dos suecos com esse mundo exterior que eles prezavam e compreendiam e do qual estavam completamente isolados desde quase o começo da guerra.

Foi por esse motivo, talvez, que nos permitiram estabelecer uma sucursal da American Air Transport, no Hotel Estocolmo, afim de transportar internados e cadetes para fora do país. Uma empresa inglesa de navegação aérea tambem tinha agência na cidade. Por outro lado, os transportes alemães eram feitos pelas linhas aéreas suecas, que mantinham serviço com Berlim.

Em fins de 1944, tornou-se necessário enviar por avião, da Suécia para Quirquenes, ao norte da Noruega, uma companhia de tropa policial e duas unidades hospitalares, que deveriam agir contra os alemães em retirada da Finlândia.

Tratava-se portanto de uma operação puramente militar. Os aviões chegaram a Estocolmo com as insígnias americanas, e as listas indicadoras de invasão pintadas sobre a fuselagem e peças de direção da cauda. A tripulação vinha rigorosamente fardada. A aterragem deu-se à noite e era imperioso que tomássemos o pessoal e partíssemos sem demora. Mas aconteceu que o tempo estava mau, e levantar vôo naquelas condições seria impossivel. Em vista disso, fui falar com o chefe de polícia, a quem expliquei a dificuldade.

—Por que não lhes dão passes de internados? sugerí.—O sr. pode mandar tirar as impressões digitais deles, e fotografá-los.

—Boa idéia, disse Olson. —Às oito da manhã estarei lá.

Depois disso, telefonei ao Ministro dos Estrangeiros. —Eles estão fardados, expliquei,—porem desejam ir à cidade.

—Deixe-os ir, respondeu o ministro.

Em abril, todos já usávamos fardas em Estocolmo, e, se tivéssemos entrado na Noruega, os suecos teriam ido conosco. Muitos patriotas noruegueses, que fugiam dos alemães, foram salvos pelos soldados suecos, ao cruzarem a fronteira, os quais os abrigaram no quartel, onde receberam comida e instruções para prosseguirem na fuga. Em certa ocasião, um dos nossos agentes foi ferido quando procurava fugir à Gestapo. Guardas suecos estavam observando a luta. O agente deitava-se no chão e disparava contra os alemães, depois corria, e novamente se agachava fazendo outro disparo sobre seus perseguidores. Estava já a um quilômetro da fronteira, quando uma bala o atingiu, e não pôde mais correr.

Os soldados suecos não esperaram mais. Alguns deles sairam de baioneta calada contra os alemães e trouxeram o fugitivo para o lado sueco da fronteira. Os alemães foram queixar-se ao comandante do posto, porem o protesto de quase nada serviu.

Durante todo o período da ocupação alemã na Noruega, havia uma linha constante de comboios terrestres com rumo à Suécia, e era realmente facil para os noruegueses colocarem dois ou três caminhões vazios num desses comboios. Adiante, a certa altura da estrada, esses caminhões eram retirados da linha e outros carros, cobertos de toldo, e cheios de refugiados, tomavam seus lugares no comboio. Os alemães apenas contavam os carros. Creio que em toda a guerra perdemos apenas três caminhões.

A PATRULHA aérea da Suécia, que guardava a fronteira do lado Norte, era mais um contingente de socorro do que outra coisa. Durante o inverno de 1944-45, quando os alemães vinham recuando por dentro da Noruega, grande número de prisioneiros russos, e mesmo lapões e noruegueses, receberam auxílio dessa força, que os ajudou a fugir.

Às vezes, os refugiados não conseguiam alcançar o ponto indicado, e caiam exhaustos, de pés e pernas gelados, em território ocupado pelos alemães. Centenas deles eram vistos de cima, por aviadores da patrulha sueca, e o piloto descia para lhes dar passagem no avião ou então ia notificar os guardas terrestres do paradeiro dos pobres fugitivos. Os aviões-ambulância, desse serviço de patrulha, salvaram mais vidas do que se sabe.

Durante a guerra, pelo menos uns 60 mil noruegueses fugiram para a Suécia, abandonando tudo que possuiam. Eram registados pela legação da Noruega, em Estocolmo, sendo depois acantonados em Cjeseter, na parte central do país. Dentre essa gente foi escolhida uma grande força, treinada por oficiais noruegueses e suecos, para ser depois atirada contra os alemães na própria Noruega. Em 1945, havia já 15.500 soldados noruegueses bem treinados nesses acantonamentos.

Cerca de 250 mil pessoas—noruegueses, dinamarqueses, estonianos, letões e lituanos—encontraram refúgio na Suécia ao escaparem dos campos alemães de trabalhos forçados e das execuções em massa. Os suecos ministravam auxílios, mesmo fora de suas fronteiras. Somente em Oslo, alimentavam, diariamente, 50 mil escolares, e no período final da ocupação alemã, 70 mil crianças finlandesas eram alimentadas, por dia, pela Cruz Vermelha Sueca.

UMA DAS MAIS curiosas demonstrações de quão parcial era a neutralidade sueca, está no fato de haver o seu governo mandado para a Inglaterra a primeira bomba automática V-2. Essas bombas começaram a cair sobre Londres em outubro de 1944. Pois bem, em julho desse ano, recebia eu um telefonema da capital inglesa pedindo-me para arranjar o transporte por ar de grandes caixões que se achavam em Estocolmo e que pesavam cerca de duas e meia toneladas. Seu conteudo—era segredo...

O Tenente-Coronel Keith Allen chegou à Suécia num C-47 desarmado, modelo antigo; tomou a bordo as pesadas caixas e bateu as hélices de volta para a nossa base de Leuchars, na costa leste da Escócia. Daí, coube-me pilotar o avião, com sua carga, até Farnborough, a grande base experimental da Inglaterra, onde entreguei as caixas ao Professor Alexander, tendo aí a confirmação do que eu suspeitava: elas continham uma bomba V-2, sem a cabeça explosiva. A bomba havia caido em território sueco, durante as experiências que os alemães estavam fazendo com essa arma secreta.

Segundo consta do nosso registro de serviço, arreamos em paraquedas, na Noruega, 1.442 homens e 120 toneladas de suprimentos; e levamos a efeito 67 missões aéreas, das quais 41 tiveram bom êxito.

Por ocasião do nosso primeiro vôo, afim de lançar suprimentos em paraquedas, o rei Haakon da Noruega e o príncipe herdeiro Olav se encontravam em Leuchars, em visita de inspeção ao nosso esquadrão aéreo. Coube-me sentar junto ao príncipe, durante o jantar, e, ao comunicar-lhe nossa missão naquela noite, perguntei-lhe se não desejava enviar qualquer mensagem para a Noruega. O príncipe aceitou meu oferecimento e tanto ele como o rei escreveram. Depois acrescentei algumas palavras explicando como havia obtido essas mensagens. Quando me desculpei, saindo da mesa, «por ter serviço importante a realizar,» Sua Majestade piscou-me um olho com preconcebida intenção.

Na manhã seguinte, às dez horas, o rei, o príncipe e o Almirante Riiser-Larsen, chefe das forças aéreas da Noruega e mais oficiais do seu estado-maior, achavam-se presentes ao nosso regresso. Ao fazer continência a Sua Majestade, perguntou-me:

—Então, como correu tudo?

—Muito bem, respondí. —A mensagem foi entregue, Majestade.

Ele meneou suavemente a cabeça. —É incrivel. Ontem à noite jantamos juntos; depois disso já o senhor esteve na Noruega e aquí está de volta!

Estávamos almoçando, quando chegou um rapaz com um radiograma para mim, que dizia: «Tudo entregue, inclusive a mensagem de Sua Majestade.»

Passei o despacho ao rei. Lendo-o, ficou a olhar para o papel, meditando...

Os caçadores de micróbios venceram finalmente o maior algoz do melhor amigo do homem

Nova vacina para os cães

(Condensado de «Country Gentleman»)

Por Paul de Kruif

ENTRE TODOS os micróbios, do cão ou do homem, não há mais diabólico assassino que o da esgana. Traiçoeiro e terrivelmente contagioso, dizima anualmente assustador número de vítimas. Felizmente, porem, já existe um soro capaz de proteger os cães com uma única injeção.

Embora pareça estranho, não foi o afeto do homem pelos cães que conduziu às pesquisas de que resultou esse preventivo mágico. Elas começaram porque os irmãos Fromm, grandes criadores de raposas prateadas nos Estados Unidos, temiam que a esgana viesse a destruir sua indústria. Nas alturas de 1925, os irmãos Fromm consultaram o dr. Robert Green, professor de bacteriologia da Universidade de Minesota.

Nessa época todas as doenças das raposas eram consideradas esgana, apesar de o dr. Green não ter encontrado um só caso de verdadeira esgana entre as raposas dos irmãos Fromm, durante um período de cinco anos. Em 1932, porem, a doença conseguiu infiltrar-se nos viveiros Fromm proveniente de outra fazenda dos subúrbios, e matou vinte e cinco por cento das raposas adultas e cincoenta por cento das crias.

Que fazer? O responsavel não era um micróbio vulgar, mas um virus infinitesimal, um quase-nada que não podia ser visto ao microscópio. Alem disso, e, ao contrário do que sucedia com os cães, as raposas somente apresentavam sintomas da doença alguns dias antes de morrer; a propagação do virus era tão rápida que todo o bando talvez já estivesse infectado no momento em que se descobrissem as primeiras raposas mortas.

Existia uma vacina inglesa que tinha salvo alguns cães. Os animais tratados por esse método eram primeiramente inoculados com o virus da esgana neutralizado com formol e em seguida com o próprio virus ativo. Infelizmente algumas inoculações tinham transmitido a esgana aos cães, em vez de imunizá-los e, em geral, a imunização era excessivamente lenta. Green constatou que essa lentidão não era compativel com a extrema rapidez de propagação da doença entre as raposas, e resolveu por isso experimentar outro método.

Os descobridores da vacina inglesa haviam observado que os furões eram suscetiveis à esgana canina. Todavia esta observação tinha apenas valor científico. Suas consequências práticas eram nulas, uma vez que o virus da esgana, recolhido nos furões e neutralizado com formol, não imunizava os cães.

Apesar disso Green decidiu infectar

furões com o virus das raposas, e logo que um dos animaisinhos estava prestes a morrer em consequência da inoculação, ele anestesiava-o, extraia-lhe o baço, e inoculava este último, depois de triturado, em outro furão sadio. Efetuava assim aquilo que se denomina «transmissão sucessiva do virus». Isso trouxe-lhe, porem, uma decepção. Estava ele tentando provar que a esgana das raposas é idêntica à dos cães. Contudo, quando tentou inoculá-lo novamente nas raposas, o virus afetou apenas um pequeno número de animais.

«Não se preocupe,» disse ele a seu assistente. «Se esta pouca sorte continuar é possivel que cheguemos a obter uma vacina autêntica!» Com sua rude filosofia, acreditava que o que lhe saía mal lhe dava nova oportunidade de aprender.

Assim, ele e o assistente aprenderam muito durante os quatro anos de experiências em que exterminaram milhares de furões e raposas. Verificaram, por exemplo, que o virus se tornava cada vez mais violento à medida que era transferido de um furão para outro, matando os primeiros animais em 19 dias, os outros em doze e finalmente os últimos em oito. Contudo, apesar de sua virulência aumentar extraordinariamente para os furões, seus efeitos nas raposas eram cada vez mais fracos. Após ter passado por 50 furões, no período de um ano e meio, podia ser injetado nas raposas sem qualquer consequência para estas.

Em 1937, Green demonstrou aos irmãos Fromm uma verdadeira revolução no estudo da esgana e aliás no dos virus em geral. As raposas prateadas, inoculadas com o virus inócuo colhido nos furões, eram totalmente imunes à esgana comum. A descoberta veio no momento mais oportuno. No inverno declarou-se uma epidemia de esgana na fazenda Fromm, onde havia milhões de dólares em raposas prateadas. Todas as manhãs os empregados descobriam quatro crias mortas e o casal adulto morto ou moribundo, em dois cercados distantes.

Um dos irmãos chamou Green: «Tome conta disto, doutor. De hoje em diante tem carta branca para fazer o que quiser na fazenda.»

Green, seu assistente e uma turma de empregados começaram a trabalhar nos dois cercados infectados, inoculando soro em mais de 1.200 crias, nos cercados mais próximos, afim de evitar a expansão do mal, e concluiram por vacinar todas as raposas, no total de 12 mil.

Antes de transcorrido um mês, as perdas haviam sido reduzidas ao mínimo, justamente no período em que as consequências deviam ser mais graves e mais elevado o número de mortes. Pouco depois os vestígios da esgana acabaram por desaparecer totalmente da fazenda. Desde então vacinaram-se mais de 500 mil raposas com as injeções simples do soro dos furões e não se tornou a registrar nem um só caso de esgana.

O resultado das experiências foi, porem, ainda mais completo, e um dos Fromm comunicou ao dr. Green uma observação que transcendia os limites da ortodoxia científica: —Os empregados afirmam que a vacina não só imuniza as raposas como tambem *as cura* da esgana.

—Impossivel, respondeu Green.—Não hesito em reconhecer os efeitos imunizantes, mas não acredito na cura; as vacinas não curam.

Todavia Green resolveu visitar os cercados das raposas e conversar com os empregados. No auge da epidemia, estes últimos não tinham tido tempo para separar as raposas doentes das sãs. —Ouça, doutor, disse um deles, —em muitos cercados havia grande número de crias

mortas e por isso resolvemos inocular tambem as doentes, embora estivéssemos seguros de que viriam a morrer. Mas *não morreram!* Alem disso resolvemos não vacinar umas cem crias recem-nascidas, pensando que fossem muito novas, e, em consequência, morreram 75. Hoje as vacinamos antes de abrirem os olhos, pois alem de tolerarem perfeitamente a vacina, não morrem.

Green resolveu experimentar nos cães o seu soro, precisamente na época em que alcançou o triunfo na campanha contra a esgana das raposas, e, em vista dos resultados satisfatórios que obteve, enviou algumas amostras da vacina aos veterinários, para que estes a experimentassem na prática. Outro médico as aplicou em alguns cães já infectados, e os resultados foram idênticos: a inoculação *curou* os animais.

Green, porem, ainda protestou. «Por favor,» escreveu ao colega, «não diga mais que a vacina cura, pois acabará por desacreditar a sua ação preventiva.» Mas o outro era teimoso. «Os veterinários da província quase não se dedicam a tratamentos preventivos. Os clientes pagam-nos para tratar a esgana e desde que aplico a sua vacina os cães regressam por si mesmos a seus donos, em vez de serem transportados em caixotes pela porta dos fundos.»

O dr. Otto Stadder (inventor da famosa tala Stadder para cães feridos) tambem recebeu algumas amostras da vacina e suas observações vieram confirmar o que parecia impossivel: a aplicação de grandes doses de vacina curou todos os cães com princípio de esgana. Em vista disso, Green regressou aos trabalhos de laboratório afim de realizar novas experiências. Começou por introduzir o virus da esgana nas narinas de 40 raposas vermelhas e em seguida vacinou 30 destas raposas, após deixá-las sujeitas aos resultados da infecção durante períodos que variaram de meia hora *a doze dias depois de se declararem os primeiros sintomas de doença*. Todos os animais sobreviveram, mas os dez que não tinham sido vacinados foram vítimas da infecção.

Isso acabou por convencer Green e fê-lo rir da sua própria ignorância: «Os empregados da fazenda Fromm e os veterinários *não sabiam* que as vacinas *não podem* curar. Foi por isso que descobriram que a minha vacina curava...»

Eis como o soro atua. Quando o virus da esgana infecta um cão e se propaga de célula em célula, da mesma maneira que uma epidemia se transmite de casa para casa em uma cidade, é preciso inocular o animal antes de haver muitas células afetadas, antes do organismo ter sido prejudicado irremediavelmente. É nesse momento que se injeta grande quantidade da «vacina de virus modificado», como lhe chama Green. A vacina invade as células sãs, às quais não prejudica, e imuniza-as contra o ataque.

Antes de ser posta à venda a vacina de virus ativo modificado fizeram-se numerosas experiências sobre o seu poder e segurança de aplicação. Atualmente já existe no comércio, tendo sido autorizada a sua produção em grande escala. E assim, hoje em dia, a esgana já não constitue ameaça para nenhum cão com dono.

Murros exigem liberdade de palavra apenas no que se refere a assuntos sobre os quais não tenham fortes convicções.

—Edmund B. Chaffee

MEU TIPO INESQUECIVEL

A reforma de H. P., ladrão extraordinario

Por Karin Michaëlis

Na Dinamarca, antes da guerra, havia muitos pequenos gatunos mas poucos verdadeiros criminosos. Por isso causou grande agitação no país o fato de Hans Petersen tornar-se conhecido como «o ladrão mais perigoso da Dinamarca». Contudo, embora ele tivesse passado na prisão a metade de seus quarenta anos, não era tão perigoso quanto diziam, pois, orgulhando-se, como se orgulhava, da perícia e habilidade de que era capaz, desprezava os métodos empregados nos crimes vulgares e o uso da violência.

Petersen especializou-se em antiguidades. Saqueava uma casa e no dia seguinte enviava detalhado relatório, aos jornais e à polícia, mencionando, exatamente, o que roubara e o valor de cada objeto. Ao entrar numa residência cujo dono tivesse mau gosto, descrevia de que modo procurara melhorar o arranjo dos moveis, ou denunciava como falsas supostas antiguidades.

A mais escandalosa de suas façanhas foi passar um fim de semana em casa do chefe de polícia, que partira para o campo com a família. Petersen, como de costume, descreveu suas impressões, declarando que a casa era agradavel mas os colchões não tinham boas molas e várias peças da louça estavam rachadas.

Os dinamarqueses são capazes de perdoar muita coisa a quem souber fazê-los rir. Diante disso, o país inteiro divertia-se, visivelmente, com as aventuras do curioso gatuno. Ninguem queria que H. P., como o chamávamos, caisse nas mãos da polícia. Todos tínhamos, aliás, no fundo, a impressão de que a polícia só o perseguia por uma questão de prestígio, entretendo-se, tanto quanto os outros, com as façanhas do famoso larápio. Tratara sempre as autoridades com extrema cortesia, e estas usavam, para com ele, da mesma gentileza. Mas finalmente foi preso.

Comparecendo ao tribunal, para defender-se sem advogado, declarou que, quando estivera preso anteriormente, alguem prometera ajudá-lo se decidisse regenerar-se. Mas, ao sair da penitenciária, tudo o que lhe tinham dado, em matéria de auxílio, fora um velho par de calças. Não podia haver dúvida quanto à sinceridade desse depoimento, e ao fato de que, profundamente desiludido, resolvera reagir, daquela forma, contra

Karin Michaëlis, que nos conta essa história real, nasceu na Dinamarca e está vivendo, atualmente, nos Estados Unidos. É uma das principais figuras literárias de sua pátria, e vários de seus quarenta livros constituiram autêntico êxito literário em muitos paises.

a sociedade que tanto o decepcionara.

H. P. confessou ter levado o fruto de seus roubos para Londres, abrindo, alí, uma casa de antiguidades, cuja direção confiara a um homem competente, que ignorava como tinha ele adquirido todos aqueles objetos. Ao ser preso, é claro, fecharam a loja.

Resolví oferecer ao curioso gatuno o apoio moral de que ele, evidentemente, tanto necessitava, e escreví-lhe prometendo auxiliá-lo a começar vida nova, logo que deixasse a prisão.

As cartas que dele recebí revelavam que o sonho de H. P. era uma existência calma e organizada. Dirigí-me ao Rei, pedindo-lhe que perdoasse o prisioneiro. Sua Majestade perguntou-me se eu avaliava bem os riscos resultantes de tal ato. «Majestade,» respondí, «nada receio. Hospedarei este homem na minha própria casa, até verificarmos qual será sua conduta.»

O Rei não me prometeu nada. Mas ao comemorar o país seu próximo aniversário, o ladrão foi perdoado.

Petersen escreveu-me dizendo que não chegaria à minha casa na ilha de Turo, senão dalí a uma semana, porque tinha algumas coisas a fazer na vizinha cidade de Svendborg. Quando chegou, finalmente, ao vê-lo descer do automovel, bem vestido, magro, com as costas ligeiramente curvadas, minha mãe não podia acreditar nos seus próprios olhos: «Esse homem é ladrão?» exclamou. «Parece mais um professor.»

Depois do almoço levei nosso hóspede a um dos bangalôs situados no espaçoso jardim que cerca minha casa. Era pequeno, mas agradavel e inundado de sol. Olhou em torno e sorriu, observando: «É um verdadeiro lar.» Começou a abrir várias valises elegantes de crocodilo e morroquim, explicando que as malas chegariam depois. E chegaram mesmo— várias malas de ferro, de tamanho respeitavel, com lindos tapetes persas, vasos e livros.

Um dia lembrei-me de que os candeeiros da casa de H. P. já deviam estar quase vazios, e fui até lá com uma lata de querosene. Quando batí à porta ele respondeu, mas fez-me esperar um pouco. Enquanto isso, ouví marteladas e o ruido de peças da mobília sendo arrastadas de um lado para outro. Finalmente, fez-me entrar. O arranjo da peça tinha sido transformado e havia vários objetos de arte dispostos com o maior bom gosto.

—Eu tinha colocado uma verdadeira barricada de encontro à porta, explicou meu estranho hóspede, com a maior naturalidade.

—Mas porque?

—A senhora é mesmo ingênua, replicou. —Vê-se logo que não conhece aquele pessoal da prisão. Só fui a Svendborg para fazer seguro contra roubos. Logo que receber a apólice não precisarei mais de tantas precauções. Mas, por enquanto, qualquer larápio é capaz de entrar aquí, sorrateiramente, e roubar minhas primeiras edições!

H. P. tinha uma personalidade cativante, e dentro em pouco passou a ser convidado por todos na ilha, e até para os chás de domingo, no clube da paróquia. Serviu de padrinho em vários batizados. Nas festas, contava histórias maravilhosas sobre os mais audaciosos de seus roubos. Demonstrava como abrir fechaduras com um grampo e como era capaz de passar por uma abertura que só dava, aparentemente, para a cabeça.

Durante a semana H. P. ficava, geralmente, no bangalô, escrevendo memórias. Infelizmente, redigia num estilo tão pomposo, e com vocabulário tão limitado, que o manuscrito era monótono e

sua leitura dificil. Como eu me oferecesse uma vez para auxiliá-lo, replicou, com a incomparavel confiança em si próprio de que era capaz: «Minha senhora. Sei que sua intenção é boa. Mas tem seu estilo, que eu nunca ousaria corrigir, e eu tenho o meu!» Era exigente, muito metódico e asseado em tudo que faziam mas extremamente vagaroso. Atribuia isso ao fato de só ter feito, na prisão, trabalhos mecânicos.

Passados alguns meses, H. P. realizou uma de suas mais velhas ambições, abrindo uma livraria atraente, de livros raros e antigos, em Copenhague. O dinheiro que ganhara na prisão não era suficiente, mas vários advogados, autoridades da polícia, juizes e outros, que se tinham interessado por ele, reuniram o capital necessário.

Era de uma cortesia especial para com os fregueses, mas não podia furtar-se ao hábito de tentar educá-los. Quando alguem procurava uma novela de leitura leve, fazia verdadeiros sermões sobre o quanto é lamentavel «perder tempo com tais bobagens». Recusava-se terminantemente a vender histórias policiais. «Minha conciência não me permite vender livros que contribuem para brutalizar o povo,» explicava.

Um dia H. P. encontrou uma linda jovem empregada em importante escritório de advocacia de Copenhague, e apaixonou-se por ela. Seu passado duvidoso não prejudicou em nada o namoro, e o casamento, que se lhe seguiu, teve o carater de verdadeiro acontecimento social. Realizou-se na casa de um juiz da Suprema Corte, com a presença de vários de seus colegas. O casal foi muito feliz.

Todos os anos, pela passagem da data em que fora perdoado, H. P. enviava-me um pequeno presente e um bilhete. Às vezes, no verão, ele e a mulher vinham ter à minha ilha, e passavam um mês no bangalô. Notei que H. P. se tornara não só negociante diligente, mas um marido atencioso, e homem tranquilo e modesto. Nosso ex-gatuno sofrera, realmente, uma transformação completa.

Foi por aquela altura que os alemães chegaram à Dinamarca.

Estavam muito bem informados sobre Petersen. Ele figurava na lista de pessoas que lhes poderiam ser uteis. Dentro em pouco passou a ser visto em toda parte, com oficiais alemães, e até comendo e bebendo com eles. Envergava uma farda alemã muito bem talhada e na sua atitude havia a arrogante altivez de outrora.

Seus velhos amigos se sentiam revoltados com tudo isso. Haviam-se alistado no movimento clandestino de resistência, mantendo íntimo contacto com a Inglaterra e recebendo instruções e suprimentos para os trabalhos de sabotagem.

Na ilha de Refshaleö, os alemães capturaram uma importante fábrica de aviões que passou a funcionar sob sua direção. A Resistência decidiu fazê-la explodir. Centenas de pessoas tomaram parte no projeto. Muitas conseguiram empregos na fábrica; outras organizaram «acidentes» de automovel, tumultos e falsos alarmes de incêndio, que pudessem distrair a atenção da polícia alemã, em Copenhague, na noite escolhida para a explosão.

Deliberaram executar o projeto à meia noite, quando a lua estivesse encoberta. Vários membros foram designados para a vigilância das sentinelas alemãs, que mantinham guarda à fábrica. A dinamite, que tinham conseguido carregar para o interior da fábrica, já estava preparada para ser posta em uso. O momento aproximava-se.

Foi então que o projeto, aparentemente tão perfeito, pareceu prestes a

falhar. Por mais que tentassem fazê-lo, os membros da Resistência não conseguiam abrir as fechaduras especiais das gigantescas portas de aço, à entrada da fábrica.

Dois dias antes da data fixada, um dos chefes do movimento recebeu um bilhete. Antes, vários outros já lhe haviam chegado às mãos, escritos com a mesma letra, dando informações sobre os planos alemães; mas ninguem sabia quem fosse o autor. Daquela vez, no entanto, o bilhete vinha assinado: «Estarei na entrada da fábrica à meia-noite, depois de amanhã, envergando farda alemã. Abrirei as fechaduras.» A assinatura era «H. P.».

Ousariam confiar nele? Desesperados, resolveram correr o risco.

No momento indicado, o ex-gatuno chegou, vestindo um uniforme nazista. As sentinelas alemãs já tinham sido reduzidas ao silêncio, com a maior eficiência. O grupo de sabotadores, reunido nas trevas em torno às portas da fábrica, tinha alguns momentos para agir.

«Vim cumprir minha promessa,» disse H. P. tranquilamente. «Só lhes peço uma coisa. No caso de qualquer acidente, que meu nome não seja envolvido nisto. Minha mulher...»

Interrompeu-se a si próprio e, curvado sobre a fechadura, começou o trabalho. Três minutos depois a porta abriu-se.

Já então poderia afastar-se são e salvo. Mas insistiu: «Quero acender eu mesmo um dos fusiveis.»

Tudo estava pronto. A um sinal, os homens se dispersaram rapidamente, indo cada qual para seu posto. Houve um momento de espera e de tensão nervosa. A seguir, um por um, os dinamiteiros sairam, a correr, do edifício. De uma distância segura viram a tremenda explosão sacudir a terra e iluminar o céu, quilômetros em torno. Nada restava da fábrica, senão ferros torcidos e um montão de ruinas.

Mas Hans Petersen, que soubera abrir a porta tão depressa, retardou-se demais com a dinamite. Foi o único que não saira a tempo. A vida de aventuras do ex-gatuno teve, portanto, um fim grandioso. Tenho a impressão de que H. P. seria capaz de escolhê-lo, entre quaisquer outros. E quem sabe se não o fez?

As uvas estavam verdes...

NUMA reunião de gente do cinema, Robert Benchley, conhecido cômico americano recentemente falecido, achava-se entre duas lindas moças, e parecia fazer sucesso com elas, até o momento em que surgiram dois galãs da tela. As pequenas passaram a contemplar, suspirosas, os dois recem-chegados, e uma delas exclamou:

—Ah, aqueles é que são homens de fato!

—H'm, fez Benchley, num muchocho. —Homens, hein? Pois olhem. Garanto que os pelos do peito dos dois juntos não davam para fazer uma peruca nem para uma uva...

—Olga Swanson

Uma questão de importância extrema: a tendência da Europa para a revolução

OS TRABALHISTAS INGLESES AFASTARÃO A EUROPA DO COMUNISMO?

Por Stanley High

ACREDITO que o futuro do comunismo, como força universal, dependerá do êxito ou do fracasso do governo trabalhista da Grã Bretanha. Se o governo trabalhista prosperar, o comunismo internacional pode declinar em prestígio e poder. Se o sistema e os chefes trabalhistas falharem, a força do comunismo tenderá a aumentar.

Acredito nisso por duas razões. Primeiro, porque os comunistas assim o julgam. Desde que a política trabalhista de reformas moderadas e democráticas começou a tomar forma, o comunismo internacional, através da imprensa e por meio de estratagemas, tem dado provas crescentes da sua convicção de que é o trabalhismo britânico que os comunistas têm de combater. Segundo, porque isto já começou a suceder. O governo trabalhista da Inglaterra está no poder há onze meses, o que foi suficiente para auxiliar a enfraquecer o comunismo internacional e a dar vigor aos partidos políticos moderados da Europa.

Pouco depois da vitória dos trabalhistas, William Hard escreveu: «Uma Inglaterra semi-socialista, mas não comunista, pode, pelo exemplo que apresenta e pela influência que exerce, contribuir grandemente para moderar todas as convulsões do desespero popular no sentido do comunismo aberto no ocidente europeu em geral.»*

O governo trabalhista assumiu as suas funções em 5 de julho de 1945. As consequências foram relevantes. «Quase instantaneamente,» escreve C. Sverre Norberg, ex-funcionário da UNRRA e sutil filósofo político, «as nações libertadas da Europa acolheram com entusiasmo o programa do governo trabalhista inglês como uma fórmula feliz,» em vez do comunismo. Seis meses após a vitória do trabalhismo britânico, Vera Micheles Dean, diretora de pesquisas da Foreign Policy Association, importante organização americana, concluiu assim um relatório: «As nações do continente europeu têm demonstrado forte tendência para a estabilização sob a direção de partidos políticos moderados.» Esses partidos pleiteiam, como o trabalhismo inglês, reformas sociais e econômicas ordeiras, democráticas. «Estão convencidas,» diz a senhora Dean, «de que empreender reformas, muitas das quais já deveriam ter sido adotadas há muito tempo, é o melhor processo de reprimir exigências extremistas da parte dos comunistas.»

Os comunistas não ganharam nem uma

*Vide: *Aonde o trabalhismo leva a Inglaterra?* Seleções, janeiro de 1946

das eleições livres realizadas em seis países libertados da Europa, desde que o governo trabalhista subiu ao poder. As suas vitórias foram notavelmente menores do que previam os observadores mais abalisados.

No princípio do verão passado, as vantagens dos comunistas na Noruega eram consideradas tão seguras que o partido trabalhista norueguês, ansioso por manter a unidade trabalhista no seu país, votou por uma coalisão com os comunistas. Após a vitória do trabalhismo britânico, porem, a ação foi rescindida. As eleições norueguesas realizaram-se a 8 de outubro. Os comunistas elegeram 11 em 150 membros. O partido trabalhista, com 41 por cento dos votos totais, conseguiu 76 lugares. «Uma derrota retumbante para os comunistas,» disse o conservador *New York Times*. O *New Times*, jornal dos comunistas, declarou: «Nas mãos das direitas, graças ao esforço do trabalhismo inglês.»

Porque a guerra tinha aparentemente elevado seu prestígio, os comunistas foram incluidos no governo provisório que se formou na Dinamarca, depois da libertação. As eleições de outubro, porem, inclinaram-se para a direita. O novo governo dinamarquês não inclue membros do partido comunista.

A Bélgica votou a 17 de fevereiro. Entre 202 membros da Câmara dos Deputados, os partidos do centro e os moderados da esquerda ganharam 178 lugares, os comunistas 24.

Uma comunicação do jornalista Drew Middleton, em agosto de 1945, predizia que em qualquer eleição na zona de ocupação dos Estados Unidos na Alemanha, os comunistas conseguiriam de 30 a 45 por cento dos votos. Mas em janeiro, entre 3 milhões de votos, os comunistas ganharam apenas 110 mil, menos de quatro por cento. O maior número de votos foi obtido pelos sociais democratas—«os do meio termo», partido que mais se aproxima do trabalhismo inglês. Em princípios de março, os representantes berlinenses desse partido rejeitaram, por votação de cinco contra um, uma proposta, apoiada fortemente pelos comunistas, para uma coligação social democrata-comunista.

Antes da guerra, o partido comunista francês, que contava perto de um milhão de membros, era mais forte que em qualquer outra nação, a não ser a União Soviética. Era opinião geral que a guerra tinha aumentado grandemente a sua força. Mas a vitória trabalhista na Grã Bretanha inspirou o partido liberal e não o comunista.

Nas eleições gerais na França, de 21 de outubro, os comunistas ganharam 151 lugares na Assembléia Constituinte, mas o partido comunista, como tal, apenas obteve 13 por cento dos votos totais; 27 por cento se acrescentarmos os votos dos grupos afiliados.

O êxito do Movimento Republicano Popular (MRP) foi absolutamente inesperado. Trata-se dum partido completamente novo, fortemente religioso, que advoga medidas políticas e econômicas quase idênticas às dos socialistas franceses e trabalhistas britânicos.* Tal como os socialistas, e contra uma oposição pertinaz dos comunistas, o MRP lutou vigorosamente por uma ligação mais estreita com a Grã Bretanha. Embora esse partido nunca tivesse tomado parte numa eleição nacional, ganhou quase tantos lugares—140—como os comunistas. Juntando esses aos 143 dos socialistas e partidos afiliados, o total foi de 283 lugares para os partidos anglófilos, de progresso ordeiro e liberal.

*Vide: *Nova Revolução Francesa*, Seleções, julho de 1946.

A França, como o fez notar o jornal *The Christian Science Monitor*, moveu-se «para a esquerda», mas não para o comunismo.

Esse desvio europeu do comunismo para a democracia autêntica, provocado pelo êxito do trabalhismo na Inglaterra, tem alastrado da Europa ocidental para a Europa meridional e oriental, onde se considerava que os comunistas estavam enraizados. A revista *Time* disse «que era a mais importante notícia política da Europa. Era o raiar duma nova oposição—a oposição ao comunismo—e surgia nos países onde qualquer oposição era um milagre: na Hungria, Áustria, Rumânia, Bulgária, Polônia, Iugoslávia».

Segundo telegrama de Budapeste, publicado na imprensa americana, as declarações dos trabalhistas ingleses «produziram aquí um grande efeito». Nas eleições húngaras em 4 de novembro, o partido comunista obteve 15 por cento dos votos totais; o partido dos pequenos proprietários, considerado como «progressista e moderado», ganhou perto de 60 por cento dos votos. Assim, escreve a senhora Dean, a Hungria aderiu à «tendência para regimes políticos moderados».

A Áustria ocupada pelos russos foi às urnas em 26 de novembro. «O público mundial,» disse um posto de radiodifusão de Moscou, pouco antes das eleições, «espera que a Áustria rompa vigorosa e claramente com o passado.» Apesar dessa insinuação no sentido de votar nos comunistas, 3.500.000 eleitores austríacos deram a estes apenas cinco por cento dos votos totais; o partido social democrata, que mais se aproxima do trabalhismo inglês, obteve mais de 40 por cento dos votos.

Na Itália, escreve Herbert L. Matthews no *New York Times*, «o comunismo parece que está perdendo terreno.» Os partidos não-comunistas tornaram-se no momento tão vigorosamente ativos na Rumânia que o governo, dominado pelos comunistas, teve de abrir-lhes lugar no ministério. Na Tchecoslováquia, segundo estudo recente do *Christian Science Monitor*, «as forças do centro e da direita estão a ganhar terreno firmemente». Até mesmo na Polônia, onde a ascendência comunista era tida geralmente como certa, o partido camponês não-comunista «está-se tornando cada vez mais um fator influente».

Sem dúvida que outras influências, alem do triunfo do trabalhismo inglês, contribuiram para esse desvio do comunismo internacional. Uma dessas influências em alguns países é a presença do exército de ocupação russo; outra, as convicções e atividades anti-comunistas de grupos religiosos europeus—tanto católicos como protestantes.

A tendência atual na Europa, no entanto, não é somente anti-comunista. Tal como o declara o *New York Times*, é «o ressurgimento da democracia num mundo que já tinha começado a desesperar.» O governo trabalhista inglês, como os fatos o indicam, foi o instrumento principal desse ressurgimento. Segundo a profecia do sr. Hard, o governo trabalhista oferece «o meio-termo» àquelas forças, outrora desmoralizadas, que, dedicadas ao progresso econômico e social, se dedicavam igualmente à liberdade e, cujo propósito é fazer funcionar as reformas por métodos democráticos, dentro dum sistema autenticamente democrático.

Isto não é surpresa para os comunistas

internacionais. Marx e Lênine usaram de muitos milhares de palavras para prevenir a sua posteridade comunista de que a maior de todas as ameaças contra o comunismo não era o capitalismo desenfreado. O capitalismo, diziam eles, contem o germe da sua própria desintegração. Os principais inimigos do comunismo eram os socialistas, sociais democratas, liberais—quem quer que rejeitasse o programa comunista de revolução violenta e de ditadura, e se dedicasse a conquistar «as massas» com um programa democrático de reformas econômicas.

Em toda parte onde o comunismo internacional não pôde evitar o avanço desses movimentos, resolveu aderir a eles, insinuar-se no seu seio, e adquirir influência, para depois, quando fosse oportuno, tentar destruí-los de dentro. Temos, por exemplo, uma das doutrinas do comunismo, elaborada pelo próprio Lênine, para minar o primeiro governo trabalhista inglês, em 1924:

«Primeiro temos de auxiliar Henderson e Snowden a derrotar Lloyd George e Churchill; em seguida, obrigar a maioria da classe trabalhadora a convencer-se de que os Hendersons e Snowdens são personagens inteiramente desprezíveis, burgueses insignificantes e traiçoeiros, cujo fracasso é inevitavel; depois, fazer aproximar o momento em que, com a desilusão da maioria dos operários, será possivel, com probabilidades de êxito, deitar abaixo o governo.»

Os comunistas previram consequências idênticas para a vitória trabalhista nas eleições do ano passado. Afim de se colocarem em posição de agir, duas vezes tentaram convencer o partido trabalhista a permitir a sua afiliação. Duas vezes lhes foi recusado. Depois das eleições, apelaram pela terceira vez para aderir ao partido trabalhista. Pela terceira vez foram repelidos. A carta do partido trabalhista dizia: «Os acontecimentos dos últimos 25 anos não deixaram dúvidas ao Comitê Executivo Nacional, de que, tanto o programa imediato como os objetivos antigos do partido comunista, diferem fundamentalmente dos do partido trabalhista.»

«Arrogância», «respostas estereotipadas», «uma indiferença assombrosa para com as realidades políticas», foram os comentários irritados da imprensa comunista.

«Bevin,» escreve o *Daily Worker*, orgão do partido comunista nos Estados Unidos, «é o mordomo da aristocracia inglesa.»

Esses ataques, e o alarme que os provoca, são prova evidente das proporções atingidas pela geral tendência para uma moderação não comunista.

Assim, quando Ernest Bevin e Andrei Vishinsky se encontraram face a face na reunião do Conselho de Segurança da O.N.U. em Londres, não representavam apenas duas potências mundiais, mas—o que é mais importante—duas concepções de vida basicamente diferentes. O verdadeiro debate, diz conhecida comentarista americana, era «entre o socialista e o comunista. Qualquer pessoa a par das correntes que impelem o mundo do após-guerra compreende que a antítese política e ideológica mais aguda é a que existe irremissivelmente entre estas duas filosofias.»

É bem certo que a linhagem de ambas é marxista. Como declara o citado Herbert Matthews, porem, «a diferença esmagadora é que o socialismo tem avançado com firmeza para o liberalismo, enquanto o comunismo se tornou totalitário.»

Podemos ensinar os meninos a viver

XVI

Para que cresça o amor...

Tínhamos um *factotum*, Mr. Wicks, dado a filosofar de vez em quando; e um dia, estando a separar cuidadosamente as sementes de ruibarbo, explicou: —O ruibarbo sufoca se não for dividido de vez em quando... E perguntou: —Como vai o irmãozinho?

Ao ouvir isso, não pude reter as lágrimas: era penoso o ciume que sentia do novo bebê, a quem meus pais pareciam dar o melhor de suas atenções. Mas Mr. Wicks prosseguiu, como se lhe tivesse passado despercebida a minha emoção: —Seu pai e sua mãe devem estar ocupadíssimos com o garotinho... Você até pode pensar que eles gostam mais dele. Mas escute, minha filha: carinho é feito ruibarbo, precisa ser dividido para crescer melhor...

—É isso, continuou. —Eu gostava muito de minha mãe. Mas um dia gostei duma moça, casei com ela, tivemos um filhinho. Daí a tempos veio outro. Mas cada um que vinha não tirava nem um pouquinho dos outros... Amor vai crescendo, vai crescendo...

Contemplando o ruibarbo, belo e exuberante, pareceu-me sentir nova alegria no meu coraçãozinho ciumento. O carinho de mamãe, dividido, crescia apesar disso, e florescia como aquela planta vermelha.

Muitas vezes depois, quando me perturbava o desejo de posse exclusiva, se repetiam em meu espírito as palavras de Mr. Wicks, dando-me nova perspectiva e nova serenidade.

Sra. H. A. Winner

O furo no jornal

Em menino, fui sempre dado a entusiasmos de fogo-de-palha, atirando-me com vigor a determinadas tarefas, para depois largá-las, desanimado. Certo dia de verão, meu pai fez para mim uma experiência com uma lente e um jornal: movendo a lente sobre o jornal de um lado a outro, nada sucedia; se, porem, a mantivesse imovel sobre um único ponto durante algum tempo, focalizando os raios solares, surgiria, dentro em pouco, um furo.

Escusado é dizer que aquilo me fascinou, mas não entendí logo todo o significado da experiência. Meu pai explicou-me, então, que o mesmo princípio se aplicava a tudo que fazemos: para alcançar qualquer êxito na vida, é indispensavel concentrar todos os nossos esforços na tarefa do momento, até que esteja plenamente terminada. Às vezes, quando estamos prestes a desistir de alguma coisa, aparece-nos a solução do problema, justamente como no caso do furo no jornal.

Desse incidente me recordei inúmeras vezes em minha vida, o que me deu sempre mais coragem para perseverar até o fim.

John Louis Feliciello

Trabalho de equipe

Meus dois irmãos viviam a brigar pela primazia em brincar com o carrinho, que a ambos pertencia. Não podendo adquirir um carrinho para cada filho, meu pai declarou, certo dia, que um deles poderia brincar com o pequeno veículo durante uma semana, sob a condição porem de

ficar responsavel, nesse mesmo período, pelo depósito de lenha na cozinha, enchendo-o regularmente. Enquanto isso, o que não estivesse com o carrinho poderia aproveitar seu tempo como melhor lhe aprouvesse. A princípio, meus irmãos acharam magnífico o plano. Não tardaram a descobrir, porem, que brincar sem companheiro era tão monótono como trabalhar sozinho. Pouco a pouco começaram a usar juntos o carrinho, auxiliando um ao outro no trabalho da lenha. Acabaram-se assim as brigas, e até hoje eles mantêm vivo esse espírito de cooperação e camaradagem.

Lucile Sebeson

A caixinha de economias

CERTO AMIGO meu tinha sete irmãos, e o pai, homem de vida modesta, era obrigado a prestar atenção ao gasto de todos os niqueis. Quando algum dos filhos lhe pedia dinheiro para uma ou outra compra—uma bola de futebol ou um calção de banho—o pai tirava do bolso a quantia necessária, mas, em vez de a entregar ao menino, dizia: —Vou pôr este dinheiro nesta caixa que fica na minha mesa. Durante uma semana, você está proibido de tocar no dinheiro. Se, acabada a semana, você ainda quiser a bola, pode tirar o dinheiro para comprá-la. Se verificar que não a deseja mais tanto quanto julgava, leve e o deposite na Caixa Econômica.

Assim se fez através de toda a adolescência dos meninos. E eles, ao atingir a maioridade, já tinham uma conta bem respeitavel na Caixa, formada exclusivamente com a quantia que seria gasta em coisas supérfluas. Todos se orgulhavam de suas contas, e, ao mesmo tempo, tinham gosto dobrado em adquirir qualquer coisa que quisessem.

Alison Quinn

O «cavalinho» de pau

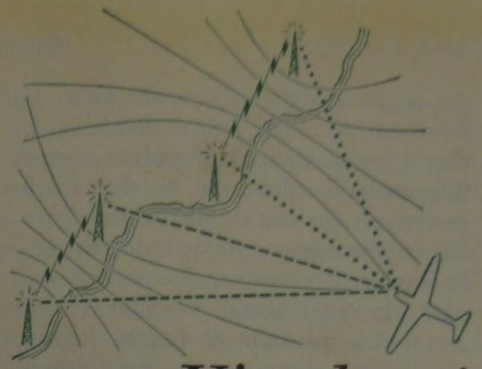
CERTA TARDE meu pai saiu a passeio comigo e com minha irmã Helena, de quatro anos. Em determinado momento, ela pediu a papai que a carregasse, pois estava, dizia, exhausta. Ele respondeu que se achava tambem muito fatigado, e, diante disso, minha irmã começou a chorar. Sem dizer palavra, papai cortou, com o canivete, um raminho de árvore que entregou a Helena, dizendo: —Olhe aquí um cavalinho para você montar. Encantada, pôs-se a «cavalgar» o raminho, a galope, chegando em casa bem antes de nós.

Papai riu, dizendo-me: —Assim é a vida: às vezes a gente está física e mentalmente cansado, certo de que é impossivel continuar. Mas encontra-se então um «cavalinho» qualquer—um livro bom, um amigo, uma canção... —e o galope é facil.

Isso mesmo tenho eu dito várias vezes a meus três filhos: há sempre um «cavalinho» para cada momento de aperto.

Sra. Edward Brown

Num hospital nos Estados Unidos vê-se o seguinte aviso:
«Durante o aual período de temperaturas excessivamente baixas, e devido à escassez de carvão para aquecimento, avisamos a nossos clientes que não faremos operações desnecessárias.»



Os oficiais navegadores da aviação e da marinha dispõem hoje dum autêntico «mapa de estradas»—o Loran

(Condensado do "Scientific American")

Por Harland Manchester

Vias luminosas do ar

O NOSSO aparelho, um C-47, decolou do campo de Floyd Bennett, perto de Nova York, e dentro em pouco vimo-nos envoltos em espesso nevoeiro que não permitia avistar lá em baixo um palmo de terra. Aproamos a um aeroporto mais para o norte, sem outro guia alem duma rede de riscas verdes que se desenhavam, saltitando, na tela de vidro duma pequena caixa negra, em frente ao navegador. O piloto tinha ordem de obedecer exclusivamente às instruções ou diretivas de vôo que lhe fossem dadas por meio daquela caixa.

Sentado à mesa de navegação, o primeiro-tenente Read ia-me mostrando o seu «mapa aéreo de estradas», coisa para mim inteiramente nova, a tela coberta duma rede de linhas entrecruzadas, cada uma delas identificada pelo seu próprio número. Não se tratava, porem, das linhas imaginárias de latitude e longitude, que estamos habituados a ver nos mapas; eram antes linhas reais pintadas no ar pelas pulsações do rádio. Os dedos invisiveis da eletrônica, partindo do interior da misteriosa caixa, como que se estendiam para palpar e identificar essas estradas, e as riscas verdes, saltando daquí para alí, iam indicando os números respectivos.

«Estamos seguindo agora esta linha,» disse Read tocando o mapa com a ponta do lapis. «Quando chegarmos a esta interseção ao largo de Block Island, viramos à esquerda para seguir aquela linha até o aeroporto.»

E lá fomos voando por aquela linha abaixo, tão naturalmente como se estivéssemos rodando em uma das amplas auto-estradas que dão acesso a Nova York. A certa altura Read fez girar uns comutadores, e eu vi aparecerem, lado a lado na tela, duas curvas apertadas como grampos de cabelo, que se foram acercando uma da outra.

«Quando se juntarem,» explicou o tenente, «quer dizer que chegamos na interseção.»

Daí a pouco as linhas coincidiam uma com a outra, e Read ordenou ao piloto que virasse de rumo. Passados poucos minutos, baixávamos através da névoa à altitude de uns 150 metros... e o aeroporto desenrolou-se debaixo de nós! Depois de havermos corrido 200 km ao longo daquelas ruas invisivelmente talhadas no ar, envoltos num nevoeiro, eis que nos encontrávamos apenas a 90 metros para a esquerda da pista, com um erro insignificante de direção.

Chama-se este novo instrumento de navegação «Loran»—por abreviatura de LOng RAnge Navigation (Navegação de Longo Curso)—e é um dos maiores

triunfos dos físicos aliados que puseram os seus talentos em ação conjunta para dar combate ao Eixo. Antes de ter aparecido o Loran, os navegadores, tanto de navios como dos aviões transoceânicos, eram obrigados a tomar a posição do sol e das estrelas por meio do sextante, e a calcular a rota segundo os processos tradicionais. Tudo isso levava tanto tempo que, dada a rapidez de deslocação dum avião moderno, se tornava pouco prático. E quando a nebulosidade ocultava os astros, nem mesmo esse recurso lhes restava. Gastava-se em vão o combustivel, os aparelhos ficavam em perigo, e tornava-se limitado o âmbito das operações. Diversos sistemas, entre os quais o radar e os focos de rádio, se têm empregado para determinar a posição, mas nenhum outro processo eletrônico oferece a um tempo a precisão, o alcance e a segurança de que o Loran se mostra capaz. Alem disso, este revela ao navegador, em três minutos ou menos, onde ele se encontra, e funciona 24 horas por dia em todas as condições de tempo.

Dez anos atrás o Loran havia sido tecnicamente impossivel, e há cinco anos ninguem teria acreditado na sua realidade. Não obstante, antes do fim da guerra, cerca de 3 mil navios e 30 aviões navegavam ao longo da vasta rede de rádio-estradas do Loran. Linhas idênticas às que seguimos no percurso acima descrito cobrem hoje mais de 40 milhões de milhas quadradas do Atlântico e do Pacífico. As companhias da marinha mercante, e bem assim as da aviação, estão adotando rapidamente o Loran. O *Queen Mary*, o *Queen Elizabeth* e o *Gripsholm* empregam-no regularmente, e todos os aviões transoceânicos de diversas companhias se confiam hoje à sua utilização.

O princípio fundamental do Loran é facil de expor com extrema simplicidade: o Loran diferencia-se do radar por fazer uso de ondas longas de rádio, que têm a propriedade de envolver a superfície curva do globo por via de refrações sucessivas, em vez de dispararem para a frente pelo espaço fora quando atingem o horizonte. Ao passo que o serviço ordinário do radar atinge um raio de umas 250 milhas, os sinais do Loran chegam a alcançar 800 durante o dia, e o dobro durante a noite. As estações de emissão funcionam aos pares. Experimente o leitor mergulhar as pontas dos dois dedos indicadores na água, à distância de alguns centímetros, e verá que desencadeia duas séries de ondulações circulares que, ao deslocar-se, se alargam continuamente. Mas os pontos onde as rugas dessa ondulação se encontram e interceptam, afigura-se ficarem estacionários. Ora, as ondulações projetadas pelas pulsações do rádio Loran conduzem-se de forma exatamente idêntica, e as «estradas» numeradas são, muito simplesmente, linhas hiperbólicas traçadas em ligação desses pontos de interseção aparentemente estacionários.

Cada uma das «parelhas» de transmissão Loran é constituida por uma estação «matriz» e uma estação «filial», situadas à distância de 300 a 400 milhas uma da outra. A estação «matriz» emite rajadas de energia de rádio com a pequeníssima duração de 40 milionésimos de segundo, e a estação «filial», posta a funcionar sob o impulso da primeira, segue-lhe o exemplo dentro de determinada fração de segundo. Essas rajadas aparecem como uma procissão de linhas verdes na tela, representando cada uma delas uma estação diferente de Loran.

Pouco depois de termos decolado do campo de Floyd Bennett, o tenente Read escolheu uma «parelha» que irradiava de dois pontos mais ou menos distantes um

do outro. Servindo-se duma escala projetada sobre a tela, pôde computar a diferença entre os dois sinais de tempo, que era de 3.878 milionésimos de segundo. A estrada mais próxima dessa leitura no mapa Loran era a 3.880, e achávamo-nos exatamente um pouco ao norte dela. Read escolheu então o Cabo Háteras e uma segunda estação, cujas linhas se cruzavam a certo ângulo com a 3.880. Podia agora marcar no mapa, com todo o rigor, a nossa posição. Essa operação durou, toda ela, menos de um minuto.

O que torna possivel o Loran é a assombrosa precisão do seu equipamento de tempo. É um verdadeiro escalpelo eletrônico que corta o tempo em «fatias» de milionésimos de segundo, e uma máquina de projeção que transforma essas frações quase incriveis de tempo em símbolos visiveis que qualquer homem, devidamente treinado, pode interpretar. É tão rigoroso que os pilotos do Pacífico, ao regressarem a S. Francisco, sabiam que, seguindo a linha Loran 2.055, iriam passar por cima do extremo norte da Ponte de Golden Gate. No entanto, se pulassem para a linha 2.075, iriam sobrevoar o extremo sul da mesma.

Durante a guerra, uma das linhas Loran corria duma base area nas Marianas, a umas 1.400 milhas de Tóquio, até esta cidade, e os B-29 voavam ao longo dela, à ida e à vinda, nas suas missões de bombardeio em vai-vem. Tendo assim uma rota rigorosamente marcada a seguir, podiam deixar na base a reserva habitual de combustivel, o que lhes permitia adicionar tonelada e meia à sua carga de bombas. Os porta-aviões que pairavam ao largo de Oquinava, encontrando-se envoltos em espessas névoas por três dias, serviram-se das linhas verdes e vibratórias do Loran para se manter em posições acessiveis aos aviões de combate que regressavam às suas bases flutuantes. Meia dúzia de estações Loran guiavam tambem os aviões na travessia da corcova montanhosa que separa a Birmânia da China.

O Loran teve o seu ponto de partida em novembro de 1940, quando, nos Estados Unidos, a Junta Nacional de Pesquisa para a Defesa decidiu experimentar a aplicação duma idéia sugerida pelo dr. Alfred Loomis. Estabeleceu-se uma cadeia de quatro estações desde o Delaware até a Groenlândia, e iniciaram-se as operações em meados de 1942. O êxito foi imediato, e a Marinha americana organizou logo cursos de treino para navegadores. Entretanto, na Inglaterra, R. J. Dippy fazia as suas experiências iniciais independentemente das americanas, servindo-se duma versão inglesa do sistema, e os pesquisadores americanos aproveitaram muito com essas experiências.

O mérito supremo do Loran revela-se na orientação de navios e aviões através ou sobre trechos dos oceanos ainda não devidamente marcados de rotas. Mas o dia da vitória sobre o Japão veio encontrar os investigadores em plenas experiências com um novo sistema de Loran, concebido para abranger simultaneamente grandes áreas terrestres e marítimas. Foram instaladas três estações experimentais na costa do Atlântico, e os testes de navegação foram coroados de êxito.

No gabinete do grupo de cientistas que criaram o Loran, tive eu ensejo de ver um mapa-mundi no qual se encontravam espetados setenta alfinetes vermelhos, cada um dos quais representava uma estação de Loran, constituindo assim verdadeira malha de linhas de navegação, a envolver praticamente o mundo inteiro. No período de transição da guerra para a paz, algumas dessas estações estão sendo desmanteladas, ao mesmo tempo que outras vão sendo instaladas nos pontos onde me-

lhor possam servir para o tráfico da paz.

Uma das caraterísticas que mais impõem o Loran é o seu custo relativamente baixo; calcula-se que uma rede de 150 estações seria suficiente para cobrir todas as áreas de navegação marítima e aérea do globo. A instalação de cada uma dessas estações custaria aproximadamente cem mil dólares, e a manutenção de todo o sistema poderia vir a custar uns 20 milhões ao ano. É mais um caso em que a cooperação internacional se mostra indispensavel, e com efeito já em março último se discutiram os problemas da padronização mundial do sistema, em uma conferência que se efetuou em Dublin.

Como o progresso não se detem, já hoje existe material Loran ainda mais aprimorado e facil de usar do que aquele que fora criado para a guerra. Uma fábrica americana já começou a entregar instalações inteiramente automáticas, que eliminam todas as probabilidades de erro humano na soma de números. O navegador limita-se a escolher um par de estações, e o aparelho executa os cálculos, acabando por mostrar um «número de estrada» que se pode encontrar imediatamente no mapa Loran.

Mas o Loran tem o seu lado negro e pode igualmente contribuir para tornar mais devastadora qualquer guerra futura. Um dos cientistas ocupados nestes estudos causou há pouco sensação ao descrever de público, em termos vívidos, de que modo se podem orientar aviões sem piloto, carregados de bombas, em direção aos seus objetivos, seguindo rigorosamente as estradas Loran. Explicou que é possivel projetar durante a noite uma linha capaz de atingir qualquer alvo à distância de 1.600 milhas, e traçar uma linha de interseção por cima do alvo, de modo que, ao chegar ao cruzamento delas, os aparelhos larguem automaticamente os seus projeteis. Os aviões carregados de bombas seriam despachados de centenas de centros de lançamento, em direção àquela linha, a que os seus receptores seriam sensiveis. Ao alcançarem a «estrada», os aparelhos mudariam de rumo, passando a voar direitos ao objetivo.

O grande futuro do Loran está, porem, na sua missão como guia do tráfego da paz. Envolvendo o globo na malha das suas invisiveis estradas, ele está destinado a tornar as viagens futuras mais rápidas, mais seguras, e mais econômicas.

Dizem que são assim os irlandeses . . .

QUANDO perdí dinheiro, assim me consolou um velho amigo irlandês: «Dê graças a Deus. Pelo menos, você tinha o que perder!»

—AH, MAS para corrigir os meninos na escola, é preciso falar no inferno, sim senhora, exclamou uma solene irlandesa a alguem que desaprovava o método pedagógico local. —Se não fosse o inferno, meu irmão estaria lá há muito tempo!

—Kathleen Norris, em *Cosmopolitan*

Qual é o maior bem da vida? E como alcançá-lo?

Paz de espírito

Por Joshua Loth Liebman

Rabino do Templo Israel de Boston

ERA EU muito moço, quando um dia decidí levantar um rol dos bens da vida mais geralmente acatados como tais, e comecei a organizar por escrito o meu inventário das coisas que me pareciam mais desejaveis nesta nossa vida terrena: *saude*, *amor*, *talento*, *poder*, *riqueza* e *glória*. Fui depois, muito orgulhoso e lampeiro, mostrar minha obra a um respeitado ancião que me distinguia com sua estima.

«É uma lista excelente,» observou meu amigo depois de a haver lido, «e disposta em uma ordem que não deixa de ter sua lógica. Mas parece-me, moço, que você omitiu aquele ingrediente, único verdadeiramente importante, sem o qual a sua lista de bens terrenos se tornaria um fardo insuportavel!»

E com mão firme traçou uma cruz sobre a minha lista. Depois, em baixo, escreveu estas três palavras: *paz de espírito*, e, olhando para mim, continuou:

«Esta é a dádiva que o Senhor reserva aos seus eleitos. Talento e saude, Ele dá a muitos. A riqueza é coisa comum, e a glória não é rara. Mas a paz de espírito... essa Ele só confere com muita parcimônia.

«Não lhe estou dando minha opinião pessoal,» explicou meu velho amigo. «Estou apenas parafraseando os Salmos, Marco Aurélio e Lau-tsé: *Deus, Senhor do universo*,—dizem esses poços de sabedoria,—*amontoai os bens mundanos aos pés dos homens insensatos. Quanto a mim, concedei-me o dom do Espírito Tranquilo.*»

Como era próprio da minha pouca idade, comecei por achar essa teoria dificil de aceitar; mas hoje, corrido mais de um quarto de século de experiência pessoal e de observação profissional, creio ter chegado a compreender que a paz de espírito é o verdadeiro norte e guia da vida sensata. Sei hoje que a soma de todas as outras posses ou bens nem sempre chega a equiparar-se à paz de espírito; por outro lado, tenho notado que essa tranquilidade vinda de dentro pode florescer sem os amparos materiais da propriedade, e até sem o reforço da saude física. A paz de espírito tem a virtude de transformar a mais humilde cabana em um espaçoso solar nobre; e a carência dela é capaz de fazer de um palácio real uma espécie de concha que nos aprisiona.

Analisemos as preces de todos os credos e todas as épocas da humanidade, e veremos que todas elas, os rogos e súplicas que elas exprimem, se reduzem em última instância a estes denominadores comuns:

o pão nosso de cada dia, e a paz interior. Mas não devemos identificar essa petição de serenidade espiritual com o escapismo da tebaida, com a fuga para a torre-de-marfim em protesto contra o turbilhão da existência cotidiana; o que pedimos com a serenidade de espírito é, antes, um equilíbrio interior que nos habilite a suportar e vencer os revezes da vida.

A paz de espírito não é, porem, coisa que se possa alcançar por meio de um esforço breve ou superficial. O convívio das obras nobres do espírito—literatura, música, artes plásticas—de certo contribue muito para promover a paz interior; mas não basta, só por si, para preencher inteiramente as dimensões de nossa alma. Tambem não é, estou convencido, na caça furiosa à riqueza (suscetivel de se escapar como o azougue por entre nossos dedos crispados), que iremos achar essa paz inestimavel. E não é sequer, enfim, na sublime compartilhação do amor humano—essa emoção que, mais do que todas as outras, acarreta consigo a ilusão da perfeita felicidade—que iremos encontrar a genuina paz de espírito.

Onde é que devemos então procurá-la? A chave do problema está toda, para mim, nos versos de Matthew Arnold, segundo os quais, *gostaríamos de imergir na paz interior, mas recusamos olhar para dentro...*

Mas recusamos olhar para dentro! Nessas simples palavras fica posta a nu toda a nossa obstinação no erro.

A CHOCANTE ironia do caso é que, enquanto os ensinamentos religiosos acentuam as obrigações do homem para com seus semelhantes, pouco é o que nos dizem a respeito das obrigações do homem para consigo mesmo. Uma das grandes revelações da moderna psicologia é que as atitudes que assumimos para conosco são ainda mais complicadas do que as nossas atitudes em relação aos semelhantes. O grande mandamento religioso que nos ordena «amar o próximo como a nós mesmos», poderia melhor interpretar-se hoje assim: «Ama a ti mesmo como deve ser, e só *depois* amarás o próximo.»

Um eminente filantropo recebeu certo dia uma carta de senhora da alta sociedade, que desejava aderir à cruzada por ele empreendida para socorrer os pobres de Nova York. Depois de se referir com certo desembaraço às suas imperfeições pessoais, a missivista concluia por dizer que o zelo com que se dedicaria à causa, talvez viesse ajudá-la a compensar suas próprias faltas. O cavalheiro escreveu-lhe esta lacônica resposta: «Prezada Senhora. Suas grandes faltas são mesmo grandes demais. Nada podia impedí-la de as prodigalizar às vítimas da sua humildade. Aconselho-a a amar-se um pouco mais a si mesma, antes de desbaratar qualquer parcela de amor sobre o próximo.»

Poderão algumas pessoas objetar que essa doutrina tem seus perigos; dirão que «os seres humanos já sofrem de se amar demasiado a si mesmos: e que o verdadeiro fim da vida é a rejeição do Eu, para serviço e bem do próximo». Ora, esse modo de julgar a natureza humana assenta num conceito errôneo, pelo qual somos espontaneamente bons para nós mesmos. Será isso verdade? Todos os fatos parecem tender a provar exatamente o contrário. Muitas vezes nos tratamos a nós mesmos com mais inflexibilidade e maior espírito punitivo do que reservamos aos outros. O suicídio e outras formas mais sutís de auto-degradação, tais como o alcoolismo, o vício dos estupefacientes e o desregramento sexual,

são provas extremas do que afirmo. Mas por essas ruas da vida vai um formigueiro de gente, homens e mulheres que vivem mutilando-se espiritualmente a cada passo, por meio da auto-crítica; que vão pela vida fora suicidando-se por contagotas—corroendo e aniquilando seu próprio talento, sua energia e qualidades criadoras.

As ações dessa natureza constituem crime, não só contra nós mesmos, mas contra a própria sociedade. Aquele que não tem na devida consideração suas próprias qualidades, tambem não é capaz de saber respeitar as alheias. Note-se bem que quando falo de amor por si mesmo, não quero dizer que nos devamos estragar com mimo, ou que nos entreguemos a um delírio de louvor próprio. Insisto, contudo, na necessidade de uma razoavel medida de auto-consideração, requisito essencial da vida moralmente sadia.

NÃO SÃO uma nem duas, são miríades, as maneiras por que mostramos desprezo por nós mesmos, em vez do respeito que nos devemos. Considerem-se, por exemplo, os chamados «sentimentos de inferioridade»: quantas vezes não atribuimos a nossos vizinhos poderes superiores aos nossos; exageramos suas aptidões, e abandonamo-nos a autênticas orgias de auto-crítica. Nosso grande engano, em casos desses, reside no fato de que não passa muitas vezes de aparência aquilo que, nos outros, nos parece segurança e firmeza. Pudéssemos espiá-los mais fundo, e ver que todos os homens e mulheres levam, ocultas as cicatrizes de muita batalha perdida, e já seríamos menos implacaveis no julgamento de nossas próprias fraquezas e deslizes!

Àquele que atravessa a vida como hipnotizado pelo pensamento da sua própria inferioridade, gostaria eu de falar assim: «Ao contrário do que pensas, és bastante forte, sensato e bem-sucedido. Teu êxito não tem sido nada desprezivel, ao conseguires fazer, dos materiais em bruto que encontraste disponiveis, uma existência humana e toleravel. Tem presente a lembrança daqueles que te estimam e te veneram como és, e pelo que és realmente. Joga fora esses óculos negros com que vens olhando a vida, vem assumir teu lugar de igual aos mais no mundo dos adultos, e convence-te de que tua força é bastante para dar solução aos problemas que esse mundo te apresenta.»

Outro caminho que leva ao respeito devido a nós mesmos, é a aceitação de nossas imperfeições, tão franca como a de nossas possiveis perfeições. Quase todos como que possuimos duas imagens de nós próprios, guardadas em compartimentos separados: em um destes conservamos o retrato das nossas virtudes, executado com cores brilhantes e espaventosas; no outro, guardamos a tela da auto-condenação, pintada esta com negros e mórbidos tons, que correspondem tão pouco à verdade quanto os do primeiro retrato.

Ora, em vez de conservarmos separados esses dois retratos, devíamos antes procurar vê-los juntos, juxtapostos, e gradualmente esforçar-nos por fundí-los em uma só imagem. Quero dizer que devemos começar por conhecer-nos e aceitar-nos tais como somos e pelo que valemos—isto é, como um sistema de forças e fraquezas combinadas. Já seria bastante se aprendêssemos a respeitar-nos com todas as nossas fraquezas e realizações, com nosso ativo e o passivo; e a saber que o genuino amor de nós mesmos nem exagera nossos poderes, nem amesquinha nossos méritos.

Nossa grande força consiste em que, enquanto vivos, nos é dado o privilégio de crescer, de desenvolver-nos e cultivar-nos. Podemos sempre adquirir novas aptidões, empreender novos gêneros de ocupação, consagrar-nos a novas causas, travar novas amizades. Aceitando, assim, esta fecunda verdade: que somos capazes em certos sentidos, e limitados em outros; que o gênio é raro, e a mediocridade a cota-parte que coube em sorte à maioria de todos nós—tenhamos tambem presente que podemos e devemos *modificar-nos*. Até o dia da nossa morte podemos continuar crescendo, isto é, revelar e explorar recursos e possibilidades ocultas no subsolo da nossa personalidade.

TODA PESSOA que deseje alcançar a paz de espírito, deve aprender a arte de renunciar a muitas coisas, de maneira a poder possuir melhor, ou mais completamente, outras que estão ao seu alcance. Quando éramos crianças de berço, nossos desejos reinavam soberanos. Bastava que soltássemos um vagido, para que o mundo dos adultos corresse a dar satisfação ao nosso mínimo desejo. Nessa fase de nosso desenvolvimento, tínhamos bem pouca experiência do que significa o adiamento de uma satisfação, ou a necessidade imperiosa de renunciar a qualquer coisa. Mas, ao progredir em anos e conhecimento, vamos aprendendo, paralelamente, que toda fase do desenvolvimento humano nos impõe a obrigação de pesar e distinguir entre diversos bens, e a de sacrificar alguns deles por causa dos outros.

O pensador Santayana faz notar algures que a grande dificuldade da vida não está tanto na escolha entre o bem e o mal, como na escolha entre um bem e outro bem. Mas no começo de nossa vida, está visto que não compreendemos como um desejo pode ser perfeitamente incompativel com outro. O adolescente pode vacilar na escolha de um entre doze diferentes planos de futuro; mas o homem maduro terá que saber renunciar a muitas carreiras, para poder pronunciar-se firmemente por uma só, e realizá-la. A mesma verdade é aplicavel ao domínio dos sentimentos. É próprio do adolescente transferir seu interesse amoroso de um para outro objeto de afeição, mas quando é um adulto, que assim pretende ainda desempenhar o papel de adolescente, a coisa se torna trágica. O homem maduro que tenta envergar as vestes descuidosas do adolescente, a mulher que disfarça suas emoções vestindo-se de boneca—eis duas figuras que nos inspiram verdadeira piedade! São assim as pessoas que ainda não aprenderam que o crescimento humano implica a necessidade de fecharmos muitas portas, antes de nos ser possivel abrir a grande porta do amor maduro e das obras próprias da maturidade.

A PRIMEIRA verdade basilar acerca da nossa vida individual é esta: o amor é indispensavel a todos os seres humanos. Por «amor» entendo o estado de relação com alguma pessoa ou grupo de pessoas que nos são caras, o sentimento de fazermos parte de um todo que nos ultrapassa, e o de sermos de algum valor para os mais.

A interdependência dos seres é o fato mais geral e compreensivo da realidade humana: nossa personalidade faz-se, modela-se e evolve ao contacto de nossos semelhantes. É assim que um menino pode, por contágio, adquirir a coragem de seu pai, ou assimilar o medo angustioso que persegue a mãe. No sentido espiritual, «digerimos» nossos heróis e heroinas, e incorporamos seus modos de viver à nossa própria substância emocional. É dessa maneira que todos os santos e todos os pecadores influem sobre tantas pessoas a quem nunca viram, nem verão talvez nunca, porque suas palavras e seus atos se gravam ou imprimem no barro mole que é, em toda parte, a natureza humana. Um dever há que recai, assim, sobre todos nós—o de nos tornarmos personalidades livres, amoraveis, calorosas, cooperantes, afirmativas. Se bem compreendermos esse estado de relação com os nossos semelhantes, veremos claramente melhorar nossas relações com a família, os amigos, os companheiros de trabalho—e, o que não é menos importante, conosco mesmos...

Depois da fome de pão, a de que mais sofre a maioria dos mortais é a da pura e simples bondade. Em épocas de desastres e catástrofes, a bondade encontra sempre os meios de expressar-se naturalmente, e é grato e consolador contemplá-la nas ações dos homens. Mas é com demasiada frequência que sentimos sua falta em nossa existência cotidiana. Somos muitas vezes ditatoriais, ou simplesmente bruscos, no tratamento que damos ao próximo, quer seja ao caixeiro da loja onde compramos, quer a nosso próprio empregado. «Não poderei chamar de caridoso aquele,» escreveu Thoreau, «que esquece que o seu barbeiro, cozinheiro ou estalajadeiro é feito do mesmo barro humano de que ele saiu.» Sempre que deixamos de ser gentís para com todos os homens, estamos cavando a ruina da nossa paz de espírito. O eixo de rubí, sobre o qual nossas vidas devem girar como as peças do relógio, é a compreensão de que toda pessoa que encontramos durante o dia é uma alma humana, e como tal essencial e dotada de eminente dignidade.

O segredo da verdadeira felicidade conjugal—que no melhor dos casos é um mútuo estímulo—consiste na troca de simples carinho. Quando nos sentimos aceitos e aprovados por aqueles que de nós tudo conhecem, e apesar disso nos amam e chegam a julgar-nos *necessários*, começamos a ter o primeiro vislumbre de uma paz que transcende a nossa compreensão.

Amar o próximo é atingir um estado de íntima tolerância para com as peculiaridades alheias; é resistir à tentação de uma espécie de «imperialismo particular». Entre as muitas coisas a que devemos renunciar, conta-se o excessivo desejo de posse, que chega por vezes ao exercício da tirania sobre nossos amigos, nossos filhos—e mesmo sobre nossos amores. O mundo está cheio desses imperialistas de chinelos—o pai que força o filho artista a empregar-se no seu negócio, ou a mãe que se serve das cadeias da piedade para aferrolhar a filha ao seu serviço, sutilmente lhe recusando assim o direito a viver sua própria vida.

Quando insistimos em que os outros se conformem com a nossa própria idéia do que é bom, decente e aceitavel, damos mostras de que não estamos lá muito seguros da justeza do nosso próprio paradigma interior. Aquele que está realmente bem seguro de si, há-de sentir-se sempre inclinado e disposto a consentir que os outros sejam o que são, como são. Por outro lado, quem sofre de inconstância de carater sente-se a cada passo na necessidade de confirmação, e para isso força os mais a entrar nos moldes da sua maneira pessoal de ver. Nessas condições, só damos provas de verdadeiro amor quando desistimos de fazer dos nossos entes queridos, pura e simplesmente, uma «edição revista e aumentada» de nós mesmos.

TODAS as pessoas normais estão sujeitas a sofrer ocasionalmente as mais variadas formas de medo ou preocupação. Mas esses inimigos da serenidade humana podem tambem ficar sujeitos a nosso controle.

Em certo sentido pode dizer-se que a capacidade de temer é, para o homem, abençoada função da alma: com efeito, o medo é muitas vezes o estímulo do crescimento, o acicate que desperta nossa inventiva. Mais ainda, o medo que experimentamos, em presença de um perigo real, deve considerar-se normal e desejavel. Entretanto, não serão porventura destituidos de fundamento quase todos os pavores de que sofremos? Esmiucemos um por um os medos dessa longa cadeia que se desenrola sob o nome de «inquietação pessoal». Épocas há em que vivemos num terror constante por causa da saude: preocupados com o coração, com os pulmões, com a pressão arterial, com a insônia... Começamos por tatear o pulso para descobrir nos mais inocentes ou insignificantes sintomas os sinais de uma doença implacavel. Ou, se não isso, aborrece-nos nossa «personalidade»; sentimo-nos inseguros, choramos nossos fracassos, e chegamos a imaginar que os outros nos reprovam ou desprezam.

Devemos, está claro, ter sempre presente que o medo nos pode assaltar de mil maneiras, as mais ínvias ou disfarçadas: certa forma de desconfiança de si mesmo, por exemplo, pode revelar-se sob o cariz de um medo insensato dos lugares altos ou dos espaços confinados. Outras vezes nossos medos se mascaram sutilmente sob a aparência das mais variadas dores físicas. A moderna medicina psicossomática vem demonstrando que toda uma escala de doenças, desde o banal resfriado até a artrite paralisante, podem ser muitas vezes atribuidas a perturbações ou dificuldades de ordem mental, e não a causas orgânicas. Se é tão mais facil ser doente do que viver com coragem! A saude precária de que «gozam» tantos inválidos crônicos não é mais que um disfarce complicado de certos medos profundamente enraizados.

Muitos desses sentimentos de insegurança são sobrevivências do tempo em que, meninos ainda, nos sentíamos realmente inferiores, e sabíamos ser longa a distância que mediava da nossa fraqueza à força dos adultos. Essa diferença vai desaparecendo à medida que crescemos; porem, nossa infância é como um chantagista que nos faz pagar e tornar a pagar pelos erros ou fraquezas que há muito foram, na realidade, compensados e vencidos.

Vejamos agora outro aspecto da questão: é porventura o medo de morrer que nos obceca, ou o receio dos castigos que nos esperam no alem? Tenhamos a paciência de meditar, e chegaremos talvez à conclusão de que esse pavor é apenas a distante projeção de alguma experiência infantil, como seja aquele dia em que nossos pais nos puniram, trancando-nos a sós num quarto escuro. Sentimo-nos, acaso, continuamente perseguidos pela reprovação dos nossos semelhantes? Ou apavorados com a idéia de que a sociedade nos rejeita? Examinemos essas formas de angústia à luz da idade madura, e já veremos que nossos semelhantes não são em nada menos faliveis do que nós, e compreenderemos melhor que não era de esperar do mundo dos adultos tanto mimo e atenção quanto na infância.

No fato de que todos os nossos estados de espírito são efêmeros, reside tambem uma fonte de esperança. Mas essa é

uma lição dura de aprender. Quando nos sentimos fatigados, qualquer picada de alfinete nos parece uma facada. Mas é perfeitamente normal que atravessemos de vez em quando uma zona de depressão, e aquilo de que nos devíamos lembrar sempre, em tais casos, é que depressa voltaremos à luz e à bonança. O organismo humano é dotado de incrivel resistência, capaz de suportar muitos choques, de derramar muitas lágrimas, de sobreviver a muitas tragédias, sem se deixar abater. Isso posto, aprendamos a não tomar a nuvem por Juno, melhor dito, a não considerar a passageira depressão do dia de hoje, ou deste mês, como uma condição permanente, uma fatalidade da nossa existência.

É PERFEITAMENTE natural que nosso futuro econômico e social dê aso a crises de receio da nossa parte: e infinito o número das pessoas que vivem no pavor do desemprego, ou no receio de ver desabar de um dia para o outro uma carreira laboriosamente edificada. Os receios dessa ordem são bem reais e justificados; mas não há negar que lhes estão associados certos resíduos altamente neuróticos. Hoje em dia, é grande o número daqueles que se empenham numa espécie de corrida de maratona, em que cada um dos corredores se sente extremamente ansioso com o progresso dos que lhe correm, anelantes, nos calcanhares, e ao mesmo tempo com inveja daqueles que lhe vão na frente. Essa impiedosa correria ao êxito econômico é causa de muitas crises nervosas e da morte prematura de muitos cardíacos.

O anseio de realizar obras, de alcançar o êxito, é sem dúvida um dos admiraveis atributos da natureza humana. Onde está, então, o nosso erro? Ou onde é que ele começa? Nosso erro capital está no excesso de energia que despendemos, não tanto a realizar obras, quanto a travar um duelo neurótico com os nossos concorrentes. Pode um homem ser possuidor de uma casa e de bens diversos, ter uma família encantadora, —e, não obstante, achar todas essas regalias detestaveis ou insípidas, só porque se viu ultrapassado por concorrentes na corrida à posse dos bens materiais. Não é que ele não possua o bastante para a satisfação das suas próprias necessidades e as de sua família: a questão é outra—é que os seus rivais possuem *mais* do que ele. É este *mais* que o persegue como um fantasma, e o arrasta a subestimar e até a considerar insignificantes as suas autênticas realizações.

Chegou então a hora de dizer a seus botões: «Não vou estar mais me interessando em quanta riqueza ou poder aquele sujeito desfruta, desde que eu possa ganhar o suficiente para manter a dignidade e segurança de minha família e as minhas próprias. Daquí em diante, vou determinar meus próprios objetivos, em vez de os pedir emprestados aos outros. Recuso continuar a destruir minha paz de espírito com esta correria obsessiva ao dinheiro; passarei tambem a julgar-me equitativamente na escala da cultura e das boas qualidades.»

Temos aprendido que as emoções não-expressas, ou reprimidas, acabam vingando-se sob o disfarce da doença ou desconforto físico ou mental. Essa verdade ilumina sob nossos olhos todo o problema da luta pela paz de espírito, em face da perda dum ente querido ou de outra qualquer desgraça.

O dr. Erich Lindemann, no curso de trabalhos clínicos em que lhe serviram de matéria-prima centenares de sofredores, chegou à verificação deste fato básico:

a repressão dos desgostos reais pode levar-nos mais tarde a sofrer reações mórbidas. Entre os pacientes do ilustre clínico contavam-se algumas pessoas nas quais se desenvolveram doenças ou depressões severas, anos após a perda duma pessoa querida. Mas sempre que era possivel persuadir os doentes a externar a mágua e a dor que normalmente deviam ter-se manifestado muito antes, na ocasião oportuna, — verificaram-se curas verdadeiramente assombrosas, tanto das enfermidades mentais como das físicas.

Tudo isso revela bem quanto é absurda a noção, tantas vezes erigida em regra de conduta na nossa sociedade moderna, de que os seres humanos devem reprimir suas expansões sentimentais. Não são as explosões emocionais, mas precisamente o seu oposto, a repressão, o que causa na textura da alma humana cicatrizes por vezes indeleveis.

Assim, a primeira lei a que devíamos dar cumprimento, ao tempo em que nos fere a sorte com a perda de um ente querido, é esta: *dar expresão a toda a mágua que realmente sentimos*. Não nos envergonhemos da nossa comoção: liberta hoje, ela será mais tarde o instrumento da nossa cura.

As descobertas dos psiquiatras—de quanto é essencial externar em vez de reprimir a dor, falar aos amigos e companheiros da perda que sofremos, e regressar passo a passo da inatividade para a ação—fazem-nos pensar que os mestres antigos do judaismo possuiam uma sabedoria intuitiva do que é a natureza humana, que a época em que vivemos, mais sofisticada, infelizmente esqueceu. Registra a Bíblia de que maneira aberta, sem rebuços nem vergonha, Abraão, Jacó e Daví exteriorizavam suas máguas. Nossos antepassados choravam em público, vestiam-se de serapilheira, rasgavam as vestes e jejuavam, tudo em sinal de dor. É coisa lamentavel que nos dias de hoje a expressão das mais justificadas emoções se tenha tornado *tabú*. Saibamos compreender que a experiência não reprimida do sofrimento tem função de certo modo curativa, e que os desvios e evasivas na expansão da dor poderão arrastar-nos mais tarde a um abismo trágico.

Armados desse conhecimento, se formos resolutos e corajosos, poderemos viver exatamente como os entes queridos que perdemos desejariam que vivêssemos: nem vazios e tristonhos, nem egocêntricos e limitados, chorando nossas dores e infortúnios, mas como bravos e indefectiveis servidores de uma Vida Maior.

O que não é frequente, porem, é que tenhamos a bravura necessária para olhar de frente a perspectiva da nossa própria mortalidade. No entanto, o homem não pode sentir-se livre na vida, se não se sentir igualmente isento do medo da morte.

No que respeita, agora, ao problema de nosso passamento, devíamos ter presente o que a ciência nos ensina a respeito do processo da morte. É sem motivo que nos enchemos de pavor ao antever horrores que, na realidade, nunca se verificam. Conforme o expressou um médico famoso, Sir William Osler: «No correr da minha longa experiência clínica, verifiquei que a maior parte dos seres humanos morrem sem na verdade dar mostras de dor ou de medo. O olvido que envolve as horas derradeiras é quase tão profundo quanto o das primeiras horas da vida.»

Montaigne fez a esse respeito observação profundamente sensata: «Sempre

me sentí muito mais apavorado com a doença quando estava de perfeita saude, do que quando me sentia realmente doente... Não devemos temer a morte: ela é nossa amiga.»

Não, a morte não é inimiga da vida, mas sua amiga, pois o que torna os nossos dias tão preciosos é a noção de que estão contados. Platão falou direito quando disse que a vida infinita neste mundo não era coisa desejavel, porque uma existência sem limites tambem não teria altos e baixos, nem estímulos nem obras. É profundamente verdadeiro que a alegria de nosso esforço e o ardor de nossas aspirações se desvaneceriam por completo, se a sorte nos condenasse à imortalidade terrena.

Ao mesmo tempo não ousamos desprezar a aspiração—sempre presente no coração humano—a alguma forma de sobrevivência para alem desta nossa breve passagem pelo mundo dos vivos. É quase universal a crença de que Deus não podia ter fechado completamente a porta ao anseio das almas cujos talentos desabrocharam vagarosamente em vida, à custa de tanto esforço; de que deve existir outro plano de vida onde possamos fazer uso dos poderes que neste mundo laboriosamente acumulamos. Não devemos desprezar à ligeira o pensamento de tantos filósofos, que insistem em que nada há de inerentemente impossivel na idéia de uma vida ampla; que, do mesmo modo que os raios infra-vermelhos são invisiveis a nossos olhos, assim tambem um universo criador, de ilimitada expansão, poderia bem ter ocultado insuspeitados continentes para alem da percepção dos nossos limitados sentidos.

Devíamos alem disso lembrar sempre que há outras formas de imortalidade, que não a da sobrevivência pessoal. O homem manifesta talvez a faceta mais notavel e mais desinteressada do seu gênio, quando volve seu olhar da eternidade individual para a imortalidade da raça humana. Quanto mais nos concentramos na imortalidade da espécie, por estranho que pareça, mais rica parece tornar-se nossa própria vida pessoal. À medida que nos sentimos relacionados com os heróis, os sábios e os mártires, os poetas e os pensadores de todas as raças, vamos compartilhando paralelamente dos mais sábios pensamentos, dos mais nobres ideais, da imperecivel música dos séculos. Pobre, de verdade, é o homem que só sabe viver no seu próprio tempo. Rico, sim, é aquele que partilha das riquezas do passado e das ilimitadas promessas do futuro.

Tanto a ciência como a religião nos ensinam, por último, que os obstáculos que se opõem à nossa serenidade não são de ordem externa: erguem-se antes dentro de nós.

Se adquirirmos a arte de nos amarmos como é devido; se, ajudados pela religião, nos libertarmos de medos espetrais e aprendermos honestamente a encarar a dor e a transcendê-la; se fugirmos da imaturidade e corajosamente erguermos nos ombros nossa responsabilidade de adultos; se soubermos avaliar-nos e aceitar-nos tais como realmente somos, —como é que poderemos deixar de criar para nós próprios uma vida boa e sã? Sim, porque então, e só então, nos veremos senhores dessa tão sonhada e tão preciosa paz interior.

Não sou político; quanto a meus outros hábitos, são bons.
—Artemus Ward

No mundo maravilhoso dos pássaros

(Condensado do «Audubon Magazine»)

Por Alan Devoe

OS PÁSSAROS vivem uma vida tão intensa quanto o brilho de suas cores e a vivacidade de seus trinados. A temperatura do corpo de um pássaro é, normalmente, de 40 a 45 graus, e quem os haja observado de perto deverá ter notado como o corpo inteiro das aves vibra com o mesmo ritmo apressado de seus corações.

Um motor tão possante precisa de boa dose de combustivel—e é o que os pássaros conseguem. Ao aspirarem o ar, este não só lhes enche os pulmões mas, através de miríades de tubos minúsculos, vai ter a pequenos sacos de ar que cobrem todas as partes do corpo não ocupadas pelos orgãos essenciais. Alem disso, os sacos de ar se acham ligados a muitos de seus ossos que, em vez de serem forrados por medulas, como os de todos os animais, são ocos. Esses tanques de reserva de ar fornecem o combustivel necessário para a vida intensa dos pássaros, e ao mesmo tempo dão maior impulso a seus vôos.

¶ AS FÊMEAS dos pássaros, de qualquer espécie, põem, em geral, mais ou menos o mesmo número de ovos numa só postura —as pintarroxas de três a cinco—mas se alguns dos ovos forem removidos, é capaz de substituí-los. A reserva de fecundidade de que a fêmea dá mostras, em tais casos, é quase incrivel. Um exemplo clássico, citado por ornitologistas, foi narrado pela primeira vez há perto de 50 anos. Todos os ovos—à exceção de um—foram removidos do ninho de um picanço. Fez-se o mesmo, diariamente, a ver o tempo que a fêmea levava para pôr outros ovos em substituição aos subtraidos. Profundamente intrigada, ao que é provavel, com o que se estava passando, mas com firme decisão, pôs 71 ovos em 73 dias.

¶ OS PAIS, ao criarem seus filhotes, precisam realizar verdadeiras façanhas, para lhes obter os alimentos necessários. Os filhotes, durante o período de crescimento, consomem mais que seu próprio peso, em cada período de 24 horas. Certo ornitologista narra o caso de uma carriça cujas viagens, à busca de alimentos para os filhotes, foram cuidadosamente contadas, entre a madrugada e o pôr do sol, de um dia. Alimentou-os 1.217 vezes.

¶ COMO decide a fêmea qual dos filhotes deve alimentar de cada vez? A natureza resolveu esse problema fazendo com que o mecanismo da garganta dos filhotes torne a deglutição mais lenta à medida que seus estômagos vão ficando mais cheios. A fêmea coloca o alimento num dos bicos abertos, e fica a observar os resultados. Quando o petisco não desce imediatamente, tira-o de novo, colocando-o num dos outros bicos. O que engulir mais depressa, é o que estará com o estômago mais vazio.

¶ POR QUE motivo os pássaros não perdem o equilíbrio quando adormecem pousados sobre um galho? A resposta é que são dotados de um mecanismo especial, dos mais perfeitos da natureza. Os tendões, que fazem com que as patas formem uma garra, passam por trás da junta de seus tornozelos. No momento em que o peso do corpo de um pássaro faz com que essa junta se incline, ao pousar ele sobre um galho para dormir, os tendões levam as patas a se curvarem, segurando o ramo firme e automaticamente.

¶ POR ISSO que os pássaros não têm dentes, precisam *mastigar* os alimentos numa parte do estômago chamada moela, que realiza verdadeiras proezas, trabalhando em conjunto com os poderosos sucos gástricos dos pássaros. Estes engolem pequenos cascalhos que agem, na moela, como dentes, triturando tudo o que passa por alí. Os patos, por exemplo, engolem moluscos e crustáceos, transformando as cascas em areia fina.

¶ COMO a maior parte das criaturas selvagens, os pássaros têm vários sentidos de que os seres humanos carecem, ou que são, neles, extremamente deficientes. Talvez o mais extraordinário de todos seja o sentido de orientação. Já foi sugerido que possivelmente os pássaros, captando as correntes magnéticas da terra, se orientem, mais ou menos, como bússolas aladas.

Numa experiência realizada nesse sentido, sete andorinhas foram apanhadas perto de seus ninhos, em Bremen, na Alemanha, e marcadas com pequenos traços de tinta vermelha. Depois, foram levadas de avião para Croydon, na Inglaterra, e postas em liberdade. No dia seguinte pela manhã, cinco das sete andorinhas estavam de volta a seus ninhos, em Bremen, perfeitamente tranquilas, como se nada de diferente lhes houvesse sucedido.

Maneira engenhosa de comerciar

O FARMACÊUTICO americano Charles Walgreen detestava a farmácia que abrira para ganhar a vida e, afim de distrair-se enquanto trabalhava, resolveu transformar seu negócio numa espécie de jogo. Assim conta ele a história: «Quando alguem, que morasse perto, fazia uma encomenda pelo telefone, eu fazia com a mão um sinal para meu empregado, e repetia a encomenda em voz alta, enquanto ele a escrevia rapidamente num pedaço de papel. Feito isso, eu continuava a conversa com a freguesa, falando de diversos assuntos; e nesse ínterim, o empregado preparava a encomenda, fazia o embrulho, e saía correndo para entregá-la. Daí a pouco, a freguesa dizia: —Com licença, sr. Walgreen, a campainha está tocando. Vou ver quem é. E voltava logo, admirada, exclamando: —Imagine o sr. que era o seu empregado, já com a encomenda pronta! Como é que o sr. consegue tanta rapidez? Estou gostando de ver! Vou contar a meu marido, e ele vai ficar surpreendido.

«Assim foi-se formando nossa reputação. A vizinhança, passando por outras farmácias, vinha direta à nossa.»

As farmácias Walgreen estão hoje entre os maiores estabelecimentos do gênero, nos Estados Unidos.

—John J. B. Morgan e E. T. Webb, *Making the Most of Your Life*, (Long & Smith)

Um jornalista canadense examina
e julga os Estados Unidos

ESTARÃO OS ESTADOS UNIDOS APTOS A LIDERAR O MUNDO?

(Condensado da revista canadense «Macleans»)

☆ ☆ ☆

Por Bruce Hutchison
Redator-secretário do «Winnipeg Free Press»

Se um cidadão romano do século V da era cristã pudesse visitar Washington nos dias que correm, chegaria à conclusão de que nada, em essência, se alterara no mundo desde a sua época.

Superficialmente, o paralelo entre a capital dos Estados Unidos e a do Império Romano logo antes da queda tende quase a causar-nos pânico: a burocracia centralizada, cambaleante sob seu próprio peso; problemas novos e insoluveis que parecem surgir após todas as soluções; a embriaguez do luxo, e até mesmo a tentativa de distribuir pão e circo pela técnica romana de acumular sempre dívida sobre dívida.

Se a nação americana está prestes a sucumbir no caos, então será impossivel, pelo menos em nosso tempo, reunir novamente os fragmentos do mundo. Mas Washington não é a nação americana, nem esta se acha em vias de desmoronar-se.

Pelo contrário, começa agora a encontrar a plenitude de sua força e a usá-la pela primeira vez. E o futuro imediato da civilização dependerá, em grande parte, do uso que se der a essa força.

Quem lançar o olhar para alem da camada exterior de confusão, verá em Washington, hoje em dia, um dos movimentos políticos mais promissores de toda a História. Acha-se, porem, apenas no início, e pode ainda falhar antes mesmo de ser lançado em seu apogeu.

A civilização que conhecemos, o tipo de civilização em que é dado aos homens viver como homens, e não como escravos, foi inventada na Grécia, passou a Roma, floresceu por toda a Europa ocidental, e acabou por emigrar para o novo mundo. Desmoronado se encontra o berço da civilização européia. A tocha, que primeiro se acendeu em Atenas, está agora nas mãos do povo americano. Eis aí o fato político mais importante de nossos tempos.

Mas para que o povo americano traduza esse fato em realidade dinâmica será

preciso que enfrente a tarefa mais árdua jamais posta diante dele, bem como a terceira grande crise de sua história. A primeira ocorreu quando, guiado por Washington, o povo americano conquistou sua independência. A segunda veio com Lincoln, quando a União foi salva numa guerra fratricida. E a terceira consiste, nada mais nada menos, na liderança moral do mundo.

Por mais complexa e invulgar que se afigure hoje a nova tarefa, constitue, essencialmente, um prolongamento das duas anteriores. É, na realidade, uma extensão, aplicavel a todo o mundo, daquelas verdades tidas como evidentes pelos fundadores da nação americana, isto é, o direito de todos os homens a viver, a ser livres e a buscar a felicidade.

A confusão que ora se observa em Washington, o espetáculo de duas alas de governo que se degladiam, as improvisações de cada dia e as secretas incertezas de homens que precisam, de público, dar a impressão de certeza quanto a suas ações—tudo isso não é, apesar das aparências, prova de que estamos assistindo a um processo de desintegração. Ao contrário, é testemunho de nova força, nova vitalidade. Observamos neste instante uma nação, a mais poderosa jamais criada pelos homens, torcendo-se num espasmo de construção, e não na agonia da degenerescência. Vemos o povo americano a ajustar seu sistema político e econômico e, acima de tudo, seu espírito, a este mundo que esse mesmo povo, inadvertidamente talvez, ajudou a inventar.

Quem fundou a nação americana foram homens que procuravam fugir ao mundo; e, através de todas as vicissitudes e ameaças, triunfou sempre a idéia central da política americana, isto é, os Estados Unidos tinham que preocupar-se, primordialmente, com o que sucedia dentro de suas próprias fronteiras. No entanto, e aquí temos uma das grandes ironias da história, foi o próprio povo americano que, criando a bomba atômica, destruiu uma vez por todas, da noite para o dia, essa teoria isolacionista.

Resta saber—e aí está a questão suprema de nossos tempos—se dará resultado a teoria oposta, segundo a qual o mundo estaria diante desta alternativa: alcançar a união dentro da liberdade, ou dissolver-se em átomos. Essa teoria será praticavel apenas se os Estados Unidos tomarem a dianteira, pois só esse país está atualmente em condições de tomar a si a responsabilidade da orientação, graças ao seu poderio militar, suas técnicas industriais e, por fim, o mais importante, suas idéias políticas.

O país é, pois, capaz dessa liderança, dadas as suas qualidades. Mas saberá usá-las? E para que fim?

Essas perguntas se nos sugerem num momento assaz dificil e inoportuno,—num momento, aliás, que não nos é desconhecido, pois já o tivemos ao terminar a Primeira Guerra Mundial. É o instante em que a paz traz consigo um geral desencantamento, em que a humanidade toda parece desejar aquele ideal de normalidade ultra-conservadora, com que sonhava, inutilmente, o presidente Harding. Essas perguntas nos ocorrem no momento em que aquele, aceito pelo povo como seu guia, à maneira de Lincoln e de Wilson, sucumbe antes de finalizada sua tarefa, passando esta a mãos menos experimentadas e habeis. Se, porem, sobrevier novamente o colapso espiritual que se verificou na era de Johnson após Lincoln ou na de Harding após Wilson, não haverá, no mundo, povo algum que escape às consequências.

Os Estados Unidos poderão servir de orientadores de um mundo livre, pelo menos durante algum tempo, e segundo suas próprias condições. Nesse caso, de duas uma: ou o país seguirá o exemplo de outros impérios novos-ricos do passado, que entraram no mundo apenas para dominá-lo e enriquecer-se ainda mais à sua custa,—ou então assumirá no mundo o seu posto para servi-lo e salvá-lo, servindo-se e salvando-se, a si próprio, ao mesmo tempo.

Que ninguem subestime a força dos americanos que prefeririam a primeira das hipóteses acima apresentadas. O isolacionismo, sob nova forma, a teoria da defesa própria mediante uma extensão do poder militar americano para alem das fronteiras da nação, está longe de morrer, contando, até, com poderosos adeptos.

Por outro lado, o imperialismo (aliás essa forma da defesa própria nada mais é que imperialismo) sempre encontrou, por parte do povo americano, a maior repulsa, em seguida a todas as breves tentativas do país nesse sentido. Alem disso, os Estados Unidos são a primeira potência dominante na história que, graças a seus próprios recursos, não precisa controlar outras nações, nem carece de ir buscar, ao estrangeiro, território, recursos outros, ou mão-de-obra. A História nunca nos deu antes uma oportunidade assim, que permitisse, à potência fisicamente maior, tornar-se tambem moralmente maior.

Supondo que os Estados Unidos usarão sua força em benefício do mundo, em vez de estabelecer um império americano, fica ainda de pé a questão da moral americana. É a maior das questões, sobrepondo-se a todas as outras, porque o grande problema da humanidade, em nosso tempo, é de natureza moral, e não política ou econômica.

Qual é, em suma, a ética que orienta o povo americano? Que significa, afinal de contas, na vida do homem do povo, a civilização americana?

Quando se fundou a república dos Estados Unidos da América, o papel que se propunha desempenhar, acima de quaisquer ambições econômicas, consistia em garantir a todo indivíduo sua liberdade sob a proteção divina. De início, os princípios por que se pautava a democracia americana eram inseparaveis não só de profunda fé religiosa, como tambem de uma virtuosa vida individual.

A maior ameaça que surgiu nos Estados Unidos nas últimas gerações, e talvez o acontecimento mais profundo, foi justamente o ataque a esses princípios básicos. Vida e liberdade continuam ainda, nos Estados Unidos, intactas e sagradas, como o eram ao tempo da declaração de independência. Mas o princípio de busca da felicidade foi deturpado de tal maneira, que seus criadores não mais o reconheceriam.

O povo americano é o primeiro, na História, a quem foi dada uma oportunidade para alcançar geral abundância e ampla distribuição de fartos bens. Antigamente essa oportunidade era restrita a poucas e pequenas regiões aquí e alí, e a algumas classes privilegiadas. O povo americano tinha para si toda a metade de um vasto continente, repleto de recursos essenciais, num momento em que as novas invenções tornavam possivel converter esses recursos em bens uteis. Devido a essa rara combinação de elementos, alcançou-se o mais alto padrão de vida jamais conhecido, e o povo americano chamou a isso a busca da felicidade.

No entanto, o mais alto padrão de vida do mundo não acarretou consigo o mais alto padrão de felicidade. Há muitas nações que, mais pobres, são bem

mais felizes; e podemos concluir, por todos os índices da vida americana, que fracassou a busca da felicidade a que aspirava o povo dos Estados Unidos. Basta que examinemos a literatura, a criminalidade, a proporção de divórcios, os desesperados esforços do povo no sentido de escapar à vida através de uma imensa e vulgar indústria de entretenimento, e finalmente a inquietude e a insatisfação que levam esse povo ao nomadismo dentro de seu próprio país, viajando sempre para longe de seus lares iniciais.

A razão disso está, certamente, em que a idéia central de que surgiu a nação, a profunda crença religiosa e a fé interior, vêm-se diluindo pouco a pouco. Ao invés de procurar a felicidade dentro de si, os americanos se deixaram deslumbrar pelo mirabolante espalhafato de uma felicidade exterior, pelas pobres e resplendentes satisfações de um luxo sem precedente, que ameaçam narcotizá-los.

De um punhado de obscuros lavradores e pioneiros, ergueu-se uma nação com um dinamismo vital que acreditava nos homens, e não nas coisas. Hoje, porem, a vida e a política americana se acham orientadas principalmente no sentido de criar mais e mais coisas, como se estas fossem capazes de produzir homens melhores. Os partidos políticos e os políticos de êxito, os negociantes e os operários, todos parecem crer que, se se produzir mercadoria em profusão, todos os problemas da vida estarão resolvidos. Os algarismos astronômicos da receita nacional, de que os primeiros americanos jamais ouviram falar, estão sendo glorificados, transformados em índice do carater nacional, considerados como a suprema medida do êxito. Ora, todos sabemos, por experiência própria e pessoal, que esse índice é o que há de mais falso, é a medida mais falaz...

Para os americanos, alcançar a verdade consiste em obter novo tipo de banheira, fazendo lembrar aquela que Calígula usou em Roma logo antes de chegarem os bárbaros imundos. Os deuses, que ora se idolatram nos Estados Unidos, são muito semelhantes às divindades romanas, criadas, então, pelo Senado, e, agora, por Hollywood...

Será esta, então, a filosofia, a maneira de viver, que os Estados Unidos exportarão para o mundo? Então os grandes ideais da vida americana não passam de coisas incidentes, embarcadas com indiferente encolher de ombros, junto com as cargas de máquinas e engenhosos utensílios?

Esses objetos de exportação já atingiram muitas partes de um mundo que os recebe com avidez; e o padrão de vida americano aparece como o ideal de salvação para a humanidade, a resposta a todos os enigmas, o segredo da vida eterna.

O «padrão de vida», do ponto de vista material, é apenas o início de um verdadeiro padrão para a vida. A prosperidade só é util se consegue criar um clima onde possa florescer a felicidade do espírito e da alma; geralmente, porem, em todas as civilizações do passado, essa felicidade começa a murchar justamente quando surge a prosperidade.

O enigma da civilização americana, portanto, não se encontrará nas atuais controvérsias da política, quer interna quer externa, e sim na vida do americano médio. E o problema pode ser posto nestes termos: o primeiro povo a quem foi dada a oportunidade de uma riqueza quase sem limite, saberá dominar essa riqueza, usando-a para a felicidade e o desenvolvimento do espírito? Ou esse

mesmo povo, como sucedeu com outros anteriormente, se deixará corromper e arruinar por essa riqueza?

Já agora o dilema não é mais exclusivamente americano. É universal, porque as técnicas e os hábitos mentais dos americanos se difundiram pelo mundo, e porque o mundo livre não poderá sobreviver sem contar com a liderança americana.

Se, neste século que parece ser o dos americanos, pudermos criar uma civilização mundial toleravel e viavel; se a civilização que conhecemos puder continuar, os ideais a seguir serão os da nação americana em início, e não os de mera abundância. Não há civilização que perdure, se for baseada no ideal de dois automoveis em cada garage, pois uma civilização dêsse tipo não passará de cenário de Hollywood, com o esplendor de muitas coristas bonitas no palco, e, nos bastidores, nada...

A questão primordial não consiste em saber se o povo americano é capaz de resolver os problemas políticos e econômicos do mundo; consiste, sim, em verificar se esse mesmo povo é capaz de resolver o problema de sua própria vida, o problema de manter a antiga integridade dessa vida contra a doença do luxo, que sempre corrompeu os homens por ela vitimados.

Não é em Washington que encontraremos a resposta a tais perguntas. É nos milhões de lares desconhecidos dos Estados Unidos, entre os homens e mulheres, obscuros e esquecidos, que constituem esta nova e extraordinária experiência da coletividade humana, e que, hoje, quase sem o perceber, são a esperança do mundo.

A imaginação—seguro contra acidentes

Carl Akeley, que se metera pelas florestas de bambús do monte Quênia para tirar fotografias de elefantes, conta qual foi seu maior susto. «Subitamente,» escreve ele, «percebí que um elefante se achava quase por cima de mim. Lembro-me de enorme presa bem perto de meu peito. Segurei-a com a mão esquerda, pegando a outra presa com a mão direita; assim, balançando-me entre elas, deixei-me cair no chão, de costas. Agí de maneira absolutamente automática—aí estava o resultado da reflexão, pois muitas vezes me pusera a imaginar que providências tomaria, se um elefante me atacasse.

«O animal enfiou suas presas no chão, estando meu corpo entre elas, e a grande tromba roçando-me o peito. Vendo de repente um olho cheio de maldade, eu sabia que dalí não podia esperar misericórdia... Ouví um grunhido meio asmático; o elefante mergulhou... e eu desmaiei.

«É verdade que a sorte me ajudou tambem, pois as presas, tendo encontrado algo duro na terra, não puderam prosseguir nem soltar-se imediatamente. E o elefante, talvez julgando que eu estivesse morto, deixou-me alí.

«Mas apesar desse elemento de sorte no caso, ainda creio firmemente que foi minha imaginação que me salvou a vida. Quem imagina e planeja o que faria em período de crise, pode estar certo de que, chegando o momento crítico, fará automaticamente o que havia planejado.»

—Mary L. Jobe Akeley, *The Wilderness Lives Again* (Dodd, Mead, ed.)

Um plano para dar aos operários a «oportunidade de arriscar a sorte» no próprio regime capitalista

Um capitalismo que interessa o operário

(*Condensado do «New York Times Magazine»*)

Por Eric A. Johnston

Em teoria, no regime socialista os cidadãos trabalham para o Estado, do qual recebem garantias de segurança contra as vicissitudes da vida. O Estado é o seu amo perpétuo, e eles, seus servos leais e felizes.

No regime capitalista, pelo contrário, a teoria é de que os homens são cidadãos livres, ainda que trabalhem para outrem. Ninguem tem o direito de impor-lhes um emprego ou fixar limites à sua duração. Significa isso não ser possivel impedir que um empregado se converta em patrão.

Nos Estados Unidos, que simbolizam a plena expansão do regime capitalista, todos afirmam com solenidade a sua crença no capitalismo. Todavia, ninguem ignora que ele está longe da perfeição. Suas lacunas permitem que uma minoria rebelde ataque os pontos mais sensiveis da anatomia capitalista, e isto parece assustar alguns defensores do regime que têm receio de contra-atacar. Nesse ínterim, a maioria dos paises europeus seguem velozmente a caminho do socialismo.

Para quem acredita realmente no capitalismo, este é o momento próprio para demonstrá-lo. Até agora, apesar dos êxitos assombrosos do capitalismo americano —alguns dos quais foram resultantes de uma boa estrela—seus defensores pouco mais têm feito do que louvar o regime com simples palavras.

Uma vez que o capitalismo implica a existência de um sistema de livre iniciativa, é possivel recorrer ao governo para que o proteja e desenvolva, porquanto esse é o caminho do estatismo. Por outro lado, como o indivíduo é o orgão supremo e livre do regime capitalista, compete aos próprios capitalistas providenciar afim de que essa liberdade seja privilégio geral e não apenas de um grupo. Tanto a liberdade de ação como os seus benefícios devem ser distribuidos com igualdade.

Costuma-se dizer que no regime capitalista todos têm ocasião de tentar a sua oportunidade, mas a verdade é que nem todos podem fazê-lo, pois muitos não recebem o seu quinhão de lucros.

Em geral, o simples cidadão é vítima da sua incompetência para contar consigo mesmo. Sabe que vive em um regime capitalista, mas não está convencido de que *faz parte* dele. Não conta com coisa alguma alem do seu salário, e nas épocas más nem mesmo com isso. Trabalha para receber uma quantia fixa e suas ambições não excedem esse limite; vive sem estímulos ou espírito de aventura. Em tais condições, não é justo censurar, pela sua frieza para com o regime capitalista, o

simples cidadão que não tem ensejo de receber mais do que um ordenado do sistema em que vive.

É evidente que nem toda a gente pode ter negócios próprios, mas isso não invalida seu direito de possuir um quinhão maior nos lucros e benefícios do regime. Se não podem estabelecer-se por sua conta, devem pelo menos ter o direito de associar-se a seus empregadores e partilhar das suas probabilidades de êxito.

As quatro companhias americanas a que estou associado têm procurado há muito tempo uma solução para esse problema. Hoje estamos convencidos de que a concessão de um dividendo adequado, e a adoção de uma gerência mista, podem criar uma situação em que os nossos operários tenham o direito de dizer «nós», em vez de aludir a «eles», como hoje fazem.

Queremos que nossas empresas comerciais se convertam em organizações conjuntas, em que os interesses dos patrões e operários estejam fundidos em um interesse único; desejamos que nossos operários possam decidir conosco quais os riscos que devemos aceitar, partilhando seguidamente dos lucros correspondentes. A aceitação dos conselhos e sugestões dos operários não significa que os patrões renunciem a seu direito de gerência. As decisões finais devem pertencer aos patrões —pelo menos essa é a minha opinião— mas nenhum patrão tem monopólio de idéias, e estas são os trunfos mais preciosos de qualquer negócio.

Este programa não é altruista. Estamos convencidos de que a distribuição de dividendo aos operários, bem como a gerência mista, são soluções práticas, realistas e comercialmente salutares. Não temos a pretensão de que tal plano seja a solução ideal para os conflitos entre patrões e operários, nem ousamos afirmar que a idéia seja nova. Os homens de negócio progressistas procuram há muitos anos o método de dar a seus operários uma voz ativa nos seus problemas e uma cota adequada nos frutos de seu trabalho. O que propomos não é mais que a aplicação desse método às nossas próprias empresas, mediante processos especiais. Cremos que tal programa reduzirá o atrito entre as duas classes, mas tambem estamos convencidos de que ele somente produzirá frutos se os patrões trabalharem na sua execução com o mesmo ardor com que trabalham para produzir artigos de primeira qualidade e vendê-los com lucro elevado.

Como já dissemos a nossos operários, o dividendo não é um substituto dos salários justos e dos ordenados adequados. Tencionamos manter o regime de negociação coletiva para os salários, horas de trabalho e respectivas condições.

O dividendo é apenas uma recompensa pela contribuição prestada para o bom êxito do negócio, e baseia-se em uma percentagem de 25 por cento dos lucros líquidos, antes de deduzidos os impostos e os dividendos ao capital. Pensamos pagá-lo anualmente de uma só vez e já criamos um sistema de pontos, mediante o qual cada operário receberá sua cota parte de acordo com o tempo de serviço, sua responsabilidade pessoal e a importância do seu salário fixo. O princípio a que este sistema obedece é o de demonstrar aos operários a relação direta entre a sua produção e o dividendo.

Há outros meios de oferecer incentivos, tais como a distribuição de ações, os bonus de produção, individuais e por grupos, as recompensas por mérito excepcional, etc., mas todos convergem para o mesmo fim.

O maior volume de lucros resulta sempre de uma gerência mais eficiente, e esta

exige que todas as pessoas competentes, dentro de uma mesma empresa, contribuam com suas idéias. Na nossa opinião o melhor processo de realizar isto é através de gerência mista. Em nossas fábricas ela será exercida por um conselho de subdiretores, composto de sete representantes dos escritórios, departamento de vendas e oficinas. Após a seleção inicial, o próprio conselho elegerá os novos membros. De seis em seis meses pode haver uma substituição de dois membros, de acordo com a decisão do conselho, do qual não podem fazer parte os gerentes principais e os administradores da companhia.

O conselho de sub-diretores serve a dois fins principais: fornece idéias para melhorar o negócio e constitue um estágio de treinamento para os postos de gerência, possivelmente para o conselho de administração.

Essa estrutura não interfere de modo nenhum com a missão das comissões sindicais, que representam as organizações operárias nas negociações com a gerência das nossas fábricas.

A ambição e o espírito de iniciativa dos indivíduos constitue a seiva do regime capitalista. Quanto mais eles se conservarem ativos, tanto melhor para todos nós. Os sistemas capitalista e socialista competirão entre si no cérebro de todos os homens. Ambos estão sendo submetidos a julgamento, e a decisão final aprovará o que assegurar maiores benefícios a maior número de pessoas. Eu jogo no capitalismo.

De coração jovem

¶ Minha avó, que tem 93 anos, tomou seu lugar na fila para comprar selos no Correio. Vendo-a alí, um rapaz bem-intencionado exclamou:

—Como é, pessoal, vamos deixar a velhinha comprar seus selos primeiro! Afim de ver quem era a «velhinha», todos se voltaram... inclusive minha avó.

—John Sirignano

¶ Em St. Moritz, na Suiça, reparei num bispo da Igreja Anglicana, que teria no mínimo 75 anos, o qual todas as manhãs, bem cedinho, entregava-se à patinação no gelo, só descansando ao escurecer. Perguntei à senhora dele se não achava aquele exercício um pouco excessivo para o bispo, e ela respondeu:

—Eu acho tambem. Mas ele tem tanta vontade de ser campeão de patinação antes de morrer...

—André Maurois, na *Encyclopedia of Modern Thought* (Droke, ed.)

¶ Meu sogro tem oitenta anos, mas vive tão inconciente de sua idade, como se tivesse apenas vinte. Um dia entrou em casa todo molhado e enlameado dos joelhos para baixo, e explicou:

—Eu queria atravessar o córrego para dar uma espiadinha na vaca. Antigamente eu pulava o riacho sem dificuldade, mas agora, toda vez que tento saltar, caio no meio. O diabo do riacho alargou, e eu não tinha percebido...

—Pauline Blackwell

Para compreender os russos

Narrado a André Visson

O que se segue é o registo de conversas com peritos, cuja experiência e posição lhes permitem exprimir-se com excepcional autoridade sobre um dos problemas mais confusos do nosso tempo. Por motivos óbvios, preferem manter-se incógnitos.

A Rússia Soviética não é uma prisão, ainda que o possa parecer aos visitantes de outros paises onde vigore a liberdade política. Para compreender o que os russos pensam do seu sistema, seria preciso voltar atrás e visitar um colégio interno do século passado, com sua disciplina extremamente severa, suas inúmeras proibições e as palmatórias dos professores.

Os meninos dessas escolas eram mal alimentados e alojados em dormitórios frios. Seu modo de viver era-lhes ditado pelos mestres e nenhum dos alunos se atrevia sequer a sonhar em seguir seu próprio capricho. Trabalhavam às horas marcadas; brincavam quando assim se lhes ordenava; tinham de estar na cama a uma hora certa.

Praticamente toda a região que os rodeava estava fora de seu alcance; o contacto com estranhos era proibido ou, pelo menos, desaconselhado. Publicavam um jornal escolar, mas seus jovens redatores nunca se atreviam a criticar os professores ou o reitor, da mesma forma que os russos nunca sonham em criticar seu governo nos jornais. Esses rapazes podiam manifestar-se sobre a arte ou as vozes do coro do colégio, ou pedir dormitórios sem correntes de ar. Do mesmo modo, os russos sentem-se com o direito de criticar os transportes ineficientes e pedir melhor material rodante.

Os colegiais nunca pensariam em trazer à baila, no seu jornal, problemas sexuais. Um russo tãopouco pensaria em discutir política na imprensa. Se o estudante fosse apanhado a falar sobre questões sexuais com um colega, já podia prever o castigo. Os russos teriam experiência semelhante ao discutir política livremente demais.

Quererá isso dizer que os russos são infelizes no seu país? Não. Tambem não era infeliz a maioria desses meninos nas suas escolas severas. É certo que alguns jovens excepcionais, de temperamento não-conformista, sofriam; mas a maioria adaptava-se. De vez em quando tinham saudades de casa, da ternura dos seus, do conforto do lar. Nesse sentido, a maior parte dos russos nunca teve um «lar». As pessoas de menos de 45 anos pouco ou nada se lembram da vida na Rússia antes da revolução.

O erro que muitos estrangeiros cometem é colocar-se a si próprios no lugar dos

russos. Quando uma pessoa está sentada confortavelmente na embaixada do seu país ou no hotel, a discutir acerca dos russos com outros estrangeiros, não pode deixar de os lastimar. Contudo, quando vai para a rua, se mistura com a multidão e fala com o povo, fica admirada de descobrir que os russos não parecem lamentar-se da sua sorte. São pacientes, amaveis e alegres. Ainda mais: é impossivel deixar de gostar deles como povo.

Para os compreender temos, é claro, de falar russo; se desconfiam, porem, que seu interlocutor é estrangeiro, sentem-se pouco à vontade. Têm dos estrangeiros uma idéia pouco agradavel: dizem-lhes que, para alem das fronteiras, existe uma sociedade decadente, condenada a desaparecer. Estão convencidos de que esse mundo os hostiliza e têm receio dele.

No entanto, desperta-lhes uma curiosidade intensa. A revista ilustrada «América», publicada em russo pelo governo dos Estados Unidos, é limitada pelas autoridades soviéticas a uma circulação de dez mil exemplares; no entanto vende-se a preço caro, e os números atrasados atingem mesmo preço fabuloso no mercado negro, que poderia facilmente absorver mais cincoenta vezes o número de exemplares. Existem com certeza muitos russos que desejam ardentemente saber o que se passa no mundo exterior.

Os indivíduos mais interessantes na Rússia são os escritores, dramaturgos, atores, pintores, cientistas. Mas poucos diplomatas estrangeiros ou jornalistas têm oportunidade de conversar com eles, em particular. Apenas é possivel entrar em contacto com aqueles cuja reputação já se encontra tão bem estabelecida que o convívio com um estrangeiro não os pode comprometer perigosamente. Mesmo os astros mais brilhantes do meio intelectual russo, quando se lhes pergunta se não se sentem embaraçados de passar algumas horas com um estrangeiro, sorriem gentilmente e respondem: «Não se preocupe. As esferas competentes sabem que você veio hoje a nossa casa.»

No horizonte psicológico russo não se avista revolução alguma. Muitos observadores estrangeiros acreditam ter descoberto rebeldes potenciais na classe dirigente do exército vermelho. Isso são castelos no ar. Do alto comando do exército vermelho foram cuidadosamente afastados, em 1937 e 1938, os elementos indesejaveis. Esse exército, aliás, encontra-se muito disperso, e seus chefes têm poucas ocasiões de se reunir. Os marechais foram bem treinados para se tornarem máquinas militares. Mas não se lhes consente iniciativa política. Júcove é um dos melhores exemplos destes autômatos militares. Sem instruções de Moscou, nem lhe passaria pela cabeça tomar uma decisão da mais ínfima importância política.

Os observadores estrangeiros demonstraram a sua completa falta de compreensão, tanto da Rússia como de Stáline, quando declararam crer que este se retiraria gradualmente do poder. Stáline só abandonará o poder quando morto.

É temido por todos os seus subordinados; sabem que, com uma palavra, ele pode decidir de sua sorte. Mas é respeitado, e até mesmo venerado pelo povo. Pensam dele o mesmo que pensavam os russos do século XVI em relação ao Czar Ivan, o Terrivel. Talvez seja terrivel, mas é tambem seu escudo e seu protetor. Se há alguma coisa que corre mal, a culpa deve ser dos funcionários sob as ordens de Stáline. Todo o bem é a ele que se deve.

O poder de Stáline mantem-se supremo e ilimitado. Provavelmente as únicas pessoas que lhe podem exprimir abertamente a opinião são os treze membros do *Politbureau*. Nenhum observador estrangeiro em Moscou jamais conseguiu descobrir se esses homens professavam teorias políticas discordantes. O *Politbureau* é talvez a única «democracia» que funciona dentro da União Soviética e seus membros são as únicas pessoas a quem se permite reunir para uma discussão verdadeiramente livre.

Enquanto conversam, Stáline passeia de cá para lá, em volta da mesa. De repente para e diz: «Parece-me que o camarada fulano tem razão.» E assim acaba o debate. Stáline toma em consideração os diferentes pontos de vista expostos e, em geral, a sua decisão é a da maioria. Mesmo, porem, quando decide pela opinião da minoria, ninguem pensa em contestar.

Hoje em dia não se pode formar um grupo de oposição no *Politbureau*. Seus membros podem às vezes discordar, em minoria; no caso, porem, de os mesmos homens discordarem muitas vezes, seu destino ficaria marcado. Seriam com certeza substituidos.

Um dos homens menos conhecidos, porem mais influentes, no *Politbureau*, é G. M. Malenkov. Como secretário gerente do partido comunista, ocupa o mesmo cargo que Stáline exerceu durante mais de vinte anos. Passam-lhe pelas mãos todas as promoções e nomeações, o verdadeiro destino dos altos funcionários da União Soviética. Molotov não participa diretamente no ajustamento da política interna, mas pode influenciá-la pelos seus relatórios sobre os acontecimentos externos. Um dos membros menos influentes é o Marechal Voroxílove, geralmente considerado um néscio. Contudo, a simples estupidez não é castigada na Rússia mais severamente do que noutros paises. Homens como Voroxílove podem exercer pouca influência; se, porem, são leais a Stáline e ao partido, podem reter seus cargos, as honrarias, os postos militares.

Ultimamente, muitos observadores estrangeiros têm-se inclinado a admitir a teoria de que os chefes soviéticos se tornaram mais nacionalistas que comunistas. Isso não é verdade. Mantêm-se fundamentalmente marxistas. Utilizam-se do nacionalismo como da religião; reconhecem a inevitabilidade de ambos e por isso os aproveitam ao serviço do marxismo. A propósito, até recentemente a posição da igreja na Rússia podia comparar-se à do partido comunista nos Estados Unidos. Era legal; qualquer pessoa podia aderir. No entanto, se alguem o fizesse, ficava banido do funcionalismo público. Agora, a igreja na Rússia encontra-se sob a mais rigorosa fiscalização do estado.

SERÁ QUE os dirigentes soviéticos suspeitam dos americanos? Não é exatamente suspeita; é simplesmente falta de confiança. Realistas apaixonados e marxistas convencidos, nunca julgam os outros pelo que dizem, senão pelo que fazem. E não gostam das ações dos americanos. É bem certo que algumas foram erradas. No entanto, os chefes soviéticos pouco confiariam neles, mesmo que os seus atos fossem invariavelmente bons e acertados.

Como marxistas, estão convencidos de que ninguem é um agente livre, de que todos os seres humanos devem agir de acordo com as leis inexoraveis da história econômica. Podem acreditar que Roosevelt era bem intencionado e que tambem

o Ministro Byrnes tem boas intenções a seu respeito. Mas estão profundamente convencidos de que tanto um como outro quer o soubessem quer não, tinham de agir de acordo com a lógica da economia capitalista.

A interdição geral que acompanha, de cima abaixo, toda a vida russa é esta: «Ninguem deve ter idéias próprias. Deixem isso conosco.» A um conhecido escritor russo sucedeu que, tendo entregue um manuscrito ao censor, este, depois de o ler, lhe disse: «Há idéias no seu livro. Muitas idéias.» Interrompeu-se e encolheu os ombros. «As idéias fazem pensar e quando o povo começa a cogitar, nunca se pode saber qual é a corrente dos seus pensamentos. Este livro, tal como está, não pode ser publicado.»

Tal interpretação totalitária da filosofia marxista domina toda a vida soviética e é uma das razões por que os chefes russos têm tanta dificuldade em compreender o mundo exterior. A noção de uma opinião pública livre, da liberdade de imprensa, é-lhes repelente. São capazes de fazer referência a um artigo de fundo de há seis meses, publicado num jornaleco americano, como se fosse inspirado pelo Departamento de Estado revelando as mais recentes tendências da política externa americana. Quando alguem tenta explicar-lhes o que é a liberdade de imprensa americana, ou não acreditam e pensam que esse alguem é um hipócrita, ou acreditam e perguntam: «Que confiança podemos ter num governo tão fraco que nem ao menos pode fiscalizar a sua própria imprensa?

Quererá isto dizer que vai haver em breve uma guerra contra a Rússia? Admitamos essa possibilidade, mas podemos permitir-nos a liberdade de acreditar que a guerra não é inevitavel. Pelo contrário; temos todas as razões para pensar que, se há de haver ou não uma conflagração, isso será determinado, não tanto pela atitude da Rússia, mas pela atitude de outras nações.

Na sua posição atual, a Rússia não deseja conquistar o mundo. Os dirigentes soviéticos sabem com certeza que isso seria impossivel. O que desejam é a segurança máxima. Nesse afã, empurram seu país em qualquer direção onde lhes pareça que não vão encontrar resistência. Andam constantemente à procura de «pontos fracos» ao longo das suas fronteiras; estão sempre preparados para preencher qualquer vácuo que encontrem. O único processo para evitar a guerra é não permitir que haja quaisquer vácuos, sociais ou políticos, quer na Europa, quer na Ásia.

O maior perigo para a paz é que nem os americanos, nem os ingleses, estabeleceram ainda qualquer «linha de resistência» bem definida. Continuam a discutir problemas com os russos na base de «Um mundo só».

Podem cooperar com a Rússia? Entendido que cooperação significa estreita colaboração como a que os americanos têm com os ingleses, ou os ingleses com os franceses, ou os franceses com os belgas, a resposta, infelizmente, é negativa. Mas podem «comerciar» com a Rússia. Não podiam «comerciar» com a Alemanha, porque a Alemanha ambicionava dominar o mundo. O povo russo não é isso que hoje deseja. Seus líderes estão convencidos de que o comunismo dominará o mundo um dia, por simples lógica da história. Se puderem, não deixarão passar nenhuma oportunidade para precipitar o movimento da história. Não julgam, porem, que seja preciso uma guerra para atingirem os seus objetivos.

Enquanto a política soviética não se modificar, não podemos ter a esperança

de manter qualquer contacto intelectual ou cultural com a Rússia. Aquele mesmo interesse que os russos demonstraram por periódicos americanos e ingleses de propaganda, levou seus dirigentes a reduzir ainda mais os contactos com o mundo exterior. O plano americano de estabelecer um intercâmbio de estudantes, entre as duas nações, praticamente não produzirá resultados. Os poucos estudantes russos que terão autorização de vir aos Estados Unidos ou à Inglaterra, serão comunistas super-convencidos, cuja fé não poderá ser abalada pela observação do mundo capitalista.

Muitos observadores militares meditam no caos, que acreditam se produzirá na Rússia, depois da morte de Stáline. Naturalmente, há-de seguir-se alguma confusão. Mas tanto Stáline como o *Politbureau* já devem ter pensado muito no assunto. Depois da morte de Stáline, o poder fica nas mãos do *Politbureau*. O exército será dispersado pela vastidão do país, de modo a torná-lo politicamente impotente. É possivel que se desencadeie uma luta pelo poder, dentro do *Politbureau*. Mas estes treze homens não são idiotas. Sabem que qualquer dissenção grave pode ser fatal, tanto para o país como para eles.

Dentro da Rússia não existe descontentamento organizado. O único ponto da União Soviética onde, de vez em quando, ligeiros «tremores de terra» demonstram uma contra-corrente de divergência, é a Ucrânia. Mas os chefes soviéticos estão bem a par desse ponto perigoso e mantêm-se vigilantes. A ameaça constante de expurgo está suspensa sobre a Ucrânia; quaisquer chefes descontentes que apareçam serão rapidamente removidos.

Os líderes soviéticos justificam seus processos radicais pela fé na missão que têm de cumprir. Um grupo de comunistas finlandeses, ansiosos de obter um método de conduta, perguntaram a Stáline quais eram os seus objetivos principais. Respondeu ele que desejava transformar os 180 milhões de habitantes da Rússia, tão incultos e abandonados antes da revolução, em seres humanos capazes de construir uma nova civilização e de a defender.

O fardo que os dirigentes soviéticos colocam às costas do seu povo é talvez o mais pesado que jamais existiu. Mas os chefes conquistaram a vitória para a Rússia. Agora prometem segurança e uma vida melhor. Enquanto os russos acreditarem nessa promessa, continuarão a marchar confiantemente atrás dos seus líderes.

O bandido, invadindo o bar, e dando tiros a torto e a direito, gritou:

—Dêem o fora, seus patifes!

Os fregueses, assustados, sairam todos—exceto um inglês, que continuou calmamente sentado, sorvendo sua bebida.

—E você? bradou o ladrão.

—Eu? perguntou o inglês, sereníssimo. —Estava apenas observando quantos patifes havia aquí...

—*Tit-Bits*, de Londres

Então, até logo...

(Extraido do «Atlantic Monthly»)

Por William F. H. Godson Jr.

Todas as vezes que fazemos uma visita, vemos chegar o momento da despedida. Em muitas outras ocasiões, aliás, torna-se indispensavel partir; alem das visitas, há na vida circunstâncias em que se torna indispensavel às pessoas separarem-se. Mas quem tomará a iniciativa? Trata-se de uma pergunta cuja resposta é mais dificil do que pode parecer a princípio, e não tentaremos aquí respondê-la. Suponhamos, logo de início, que nos caiba, a nós, a iniciativa da despedida. O problema imediato consiste, pois, em saber como fazê-lo.

Todos nos lembramos de visitantes que em geral vão ficando incapazes (ou temerosos) de despedir-se. E nossa tendência é perder a paciência com gente desse tipo. Mas talvez fosse mais justo reconhecer que a situação pode ter aspecto embaraçoso, exigindo tratamento especial... Com esse pensamento, dei voltas ao bestunto, e creio ter encontrado a solução já confirmada pela experiência. Quero apresentá-la dividida em sete fases.

Primeira: levantar-se. Segunda: estender a mão. Terceira: dizer adeus. Quarta: dirigir-se para a porta. Quinta: abrir a porta. Sexta: atravessar o umbral. Sétima: cair fora. Pronto. Só isso. Parece até simples demais para ser verdadeiro, e aí está, mesmo, um dos defeitos de minha solução. Lembre-se, pois, o neófito de que é necessário o controle mais rígido, pois, segundo prova a experiência, qualquer das fases desse ritual está sempre prenhe de perigos. Passarei a enumerá-las.

Primeira: levantar-se. Não é sempre facil a gente levantar-se. Como acontece quando estamos prestes a mergulhar na água fria, há dentro de nós qualquer coisa que resiste à idéia de largar a cadeira... O mais cômodo, naturalmente, seria a gente mexer-se desajeitadamente na poltrona, murmurar qualquer coisa sem nexo, contemplar nostalgicamente a porta, e desejar que o tapete fosse mágico, transportando os aflitos para longe da angustiada situação. Torna-se, porem, imprescindivel um heróico esforço de vontade. Convem ter em mente que o importante é ir embora, e para tanto há que soltar-se da cadeira. A não ser que, no auge da aflição, fingindo, por exemplo, um desmaio, fôssemos carregados para fora da sala. Essa manobra, porem, tem suas delicadezas, e só se recomenda na maior das emergências. Em ocasiões comuns, o ato de levantar-se é, pois, essencial. Encarando de frente o inevitavel, fiquemos de pé. Mas consolem-se os principiantes, porque com um pouco de prática a coisa se faz sem grandes obstáculos.

Segunda: estender a mão. Aquí há outra fonte de tortura mental. Vale a pena meter as mãos nos bolsos? Será preciso esperar que termine a anedota daquele outro conviva? Convem dizer, ao estender a mão, alguma banalidade tal como «Bem, preciso ir-me embora»? Não, na-

da disso é essencial. São tudo coisas supérfluas. Basta estender a mão, simplesmente. Em geral as pessoas de boa educação sabem interpretar o sinal. Mas digamos que a dona da casa, distraida, não veja nossa mão. Afinal de contas, é mister estarmos preparados para todas as contingências. Pode ser que a anfitriã esteja distraida, ocupada, cega, ou seja grosseira... Minha regra se ajustará a tal situação? Claro que sim. Abstive-me, muito de propósito, de sugerir um aperto de mão. É verdade que em geral esse aperto ocorre; sendo assim, tanto melhor. Caso contrário, porem, sentiremos que nossa mão está subitamente pesada e incômoda, e não há outro remédio senão deixá-la cair. Está completo o gesto, e eis-nos prontos para tomar o passo seguinte.

Terceira: dizer adeus. Porque dizer adeus? Muita gente me fez essa pergunta, e responderei com franqueza. Do ponto de vista meramente utilitário, não é rigorosamente indispensavel dizer adeus. Mas serve para impedir que nos julguem esquisitos. Depois que criei meu sistema, diversas pessoas têm procurado deter-me, aliás sem êxito algum, o que provoca sempre, da sua parte, certa admiração e surpresa; ninguem desconfia de que as despedidas, para mim, obedecem a um ritual especialmente criado. É preciso dizer que esse desejavel estado de coisas é devido exclusivamente ao ato de dizer adeus. Recomendo-o, pois, sem restrições.

Quarta: dirigir-se para a porta. Não pensem, leitores, que é facil a gente dirigir-se para a porta. Basta examinarmos uma autêntica vítima da inércia que, ansiosa por partir, é capaz de passar horas entre o levantar-se e o sair; pode mesmo, até, sentar-se outra vez, no auge do embaraço... Não subestimemos, pois, as dificuldades que ocorrem neste momento decisivo. Lembremo-nos de que, para chegar à porta, é imprescindivel movermos os pés. Pois bem: movamos os pés.

Quinta: abrir a porta. Ah! Aquí temos um verdadeiro frêmito de triunfo. À semelhança dos primeiros raios da alvorada, que trazem júbilo às pessoas soterradas numa mina, o simples fato de vermos a porta já nos enche de coragem, pois vemos alí a esperança concreta de uma fuga. Há casos, evidentemente, em que alguem se interpõe entre nós e a saida. O melhor é circundar o obstáculo. Pode tambem suceder que alguem atinja a porta antes de nós, segurando então firmemente a maçaneta sem virá-la. Note-se que isso acontece com certa frequência, e devemos estar preparados para tomar as providências que tais casos requerem. Se for necessário, nada de cerimônias: golpeemos o incômodo indivíduo sem dó nem piedade. Sendo uma mulher, e se tivermos escrúpulos de atacar o sexo fragil, um empurrãozinho talvez seja suficiente. Tendo escolhido o método que melhor se adapte às circunstâncias do momento, abramos a porta.

Sexta: atravessar o umbral. O princípio, que aquí se aplica, é exatamente o mesmo que se deve observar na regra quarta, acima enunciada. Lembremo-nos dos grupos de gente, que certamente já vimos, encostados às portas em diversas fases de exhaustão e enfado. Ora, isso é uma vergonha; não nos devemos prestar a espetáculo tão degradante. Se acaso perdermos, nesse instante, a coragem, é muito provavel que a dona da casa diga, docemente: «Porque não se senta outra vez, seu Fulano?» Eis o sinal a que não se pode fugir; eis o toque de alarme, diante do qual só nos resta uma coisa: debandar o mais depressa possivel, sem olhar para trás.

Sétima: cair fora. Para que este passo se processe com suavidade, não deixemos nada atrás de nós, nem permitamos que nossa esposa assim faça. Caso tenha ficado alguma coisa, o melhor é abandoná-la para sempre. Afinal, que é uma simples cigarreira de prata, ou um colar de pérolas? Deixemos que fiquem onde estão. Digo sem medo de errar, e o digo com intensa ênfase: em todo o meu sistema, a parte mais importante é justamente a que consiste em... cair fora.

Histórias «verídicas»

—Os índios me perseguiam, disse o coronel, notório mentiroso.

—Meu cavalo era bom corredor e me mantinha tão longe dos índios, que as setas não me alcançavam; enquanto isso eu ia atirando neles, derrubando um a um os seus cavalos. Quando acabou minha munição, dei com uma bruta montanha a me interceptar a corrida. Estava mesmo numa armadilha, com doze imensos índios logo atrás de mim. E não me restava sequer um canivete para me defender!

—Então, coronel, que aconteceu?

—Eles me mataram, filho. Me mataram!

—Peter B. Kyne

No Alasca, trocavam-se histórias de ursos, e esta foi a melhor:

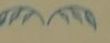
—Fui caçar pato bravo, quando de repente apareceu na minha frente um urso marron, dos grandes, de duas toneladas. Atirei nele, e feri a ponto dele ficar com raiva; quando ia dar outro tiro, a carabina emperrou. Então dei uma corrida para a árvore mais próxima, que ficava a uma meia légua dalí. O diabo era que a árvore só tinha um galho, e esse ficava a uns dez metros de altura. Em todo caso, cheguei antes do urso; e enquanto eu preparava o pulo para o galho, o bicho me pegou por trás. Arrancou minhas calças, porem não conseguiu nem morder minha pele. Mas fiquei com tanto medo, que nem consegui segurar no galho da árvore.

Silêncio.

Alguem perguntou: —E depois?

—Fui até o céu, e peguei o galho na descida...

—Peter B. Kyne



Diante da taverna parou um homem com uma carroça em péssimo estado, puxada por um cavalo raquítico. Enquanto o garçon preparava o chope, observou ao recem-vindo:

—Aquele cavalo do senhor está de boa saude? Me parece bem ruinzinho...

—Nada... Ele está bem de saude. O que ele tem é pouca sorte, respondeu o homem. —Imagine você que tenho tirado «cara-e-coroa» todo dia para ver se compro forragem para ele ou chope para mim. E o diabo do cavalo há dez dias que perde!

—Donald MacGregor

Mais de 400 inventos saíram deste cérebro privilegiado, para dar vida a 60 companhias e a quatro novas indústrias

WESTINGHOUSE, *o inventor irreprimivel*

(Condensado de «Coronet»)

Por William A. Lydgate

Os Estados Unidos celebram este ano o centenário do nascimento de George Westinghouse, cujos inventos nos domínios da eletricidade e fora dela estão ainda hoje quase todos em pleno uso. Para fazer idéia da fecundidade da sua inventiva técnica, bastará dizer que, no lapso de 48 anos, Westinghouse registrou patentes à razão de uma cada mês e meio! Estas patentes deram existência a sessenta empresas distintas e a quatro indústrias novas. Os utensílios elétricos, que se encontram hoje em tantas casas, e a própria distribuição de luz elétrica, tornaram-se possiveis graças a este homem: foi ele o primeiro a demonstrar—aliás, em face da mais viva oposição por parte de outro gênio inventivo, Thomas A. Edison—que a eletricidade podia transportar-se com a maior eficácia a grandes distâncias.

Westinghouse viveu toda a sua vida num fervor quase amoroso pelas invenções em geral. Um de seus sócios ainda se recorda de o ter visto na sua oficina particular, tinha ele 45 anos, vestido de casaca, trabalhando num motor rotatório durante o curto intervalo entre uma assembléia de diretoria e uma recepção.

Esse motor rotatório foi, aliás, o único fracasso real dentre as 400 invenções de Westinghouse. Mas nem por isso se pense que o inventor pôs de parte a sua idéia: «Conheço um garoto,» tinha por hábito dizer, «que um dia fez o retrato dum eclesiástico, e achou que não estava parecido. Então, acrescentou-lhe um rabo e declarou, sem cerimônia, que era um cachorro.»

Westinghouse fez o mesmo com seu motor rotatório: deu-lhe uma viravolta, e transformou-o num excelente hidrômetro—dando assim origem a uma nova indústria!

Westinghouse nunca fez estudos superiores. A única escola que sempre amou foi a oficina mecânica de seu pai. Apesar disso, a fama cedo recompensou seus esforços, quando tinha 22 anos, e pode-se dizer que por acaso. Um dia, o trem em que viajava sofreu um atraso devido ao choque de dois outros, de carga. Nessa época os choques de trens eram frequentes, porque os freios, ainda primitivos, não consentiam a parada súbita dos carros: era preciso apertar, um a um, os freios de cada carro, e à mão. Westinghouse tirou-se dos seus cuidados, foi

examinar os destroços dos trens, interrogou o respectivo pessoal, e foi para casa decidido a descobrir um dispositivo por meio do qual o maquinista pudesse apertar os freios de todos os carros do trem ao mesmo tempo.

Outros homens vinham, entretanto, trabalhando na mesma ordem de idéias. Alguns haviam experimentado instalar caixas de vapor em cada carro para fazer funcionar os freios, mas esse processo revelara-se menos prático. Um dia, o jovem inventor leu numa revista que, para perfurar na rocha o famoso tunel do Monte Cenis, através dos Alpes que separam a Itália da França, se tinham empregado brocas acionadas a ar comprimido.

Foi como se um raio de luz lhe atravessasse o cérebro: lançou-se imediatamente a desenhar um tipo de freio a ar comprimido—o hoje famoso freio de ar comprimido que se usa em quase todos os paises do mundo.

Westinghouse veio a verificar mais tarde que já outros haviam pensado na utilização dessa mesma força, mas o fato é que sua patente apresentava duas caraterísticas inteiramente novas, que a fizeram sair vitoriosa de inúmeras demandas judiciais por parte dos seus concorrentes: uma delas era a conexão das mangueiras que ligavam os tubos de ar entre os carros; a outra, um jogo de válvulas automáticas de tal modo disposto que, quando as conexões se desligavam, as válvulas se fechavam hermeticamente. A importância desse pormenor residia nisto: se por acidente um trem se dividisse bruscamente em dois segmentos, a parte da retaguarda pararia imediatamente, visto que os respectivos freios de compressão estariam automaticamente em ação. E os freios dos outros carros continuariam a funcionar só por si porque, ao fechar-se, a válvula montada na mangueira de conexão, apesar da interrupção desta, retinha a pressão de ar.

Westinghouse empenhou-se então numa luta incessante, e que para outro qualquer teria sido desanimadora, com o fim de levar os potentados das empresas ferroviárias a admitir as vantagens do seu invento. O famigerado Cornelius Vanderbilt, um dos «reis» da estrada de ferro, comentou desdenhosamente: «Você quer então convencer-me, sem pestanejar, que um sopro de vento é capaz de fazer parar um trem em marcha?» Mas Westinghouse conseguiu finalmente convencer os donos duma pequena estrada a experimentar o seu freio de ar comprimido. Aconteceu que, mesmo no momento em que a locomotiva começava a acelerar a marcha, os freios fecharam de repente e o trem se deteve de maneira tão violenta e inesperada, que os passageiros foram cuspidos dos assentos. Furiosos com o acidente, já se viravam contra o inventor, que desatara a correr para o locomotiva com o fim de averiguar o que acontecera. Viu então que poucos metros adiante da locomotiva, nos trilhos, estava estendido um carroceiro, que o cavalo, tomado de susto, sacudira da boléia abaixo. Se não fossem os freios de ar comprimido, o homem teria morrido!

Logo no ano seguinte, 1869, o novo freio começou a ser fabricado por sua própria companhia. A marcha dos trens, mais segura agora graças a esse invento, tornou-se mais acelerada, e exigia um bom sistema de sinalização e de agulhas, capaz de funcionar tambem muito mais depressa. Westinghouse volveu sua atenção para esse domínio, comprando logo diversas patentes que foi combinando com os seus próprios inventos, até que acabou por criar um sistema completo de

sinais e uma rede mecânica de agulhas de aço. Desse invento nasceu outra fábrica, que ainda hoje predomina no respectivo campo de atividade.

Os problemas de sinalização ferroviária polarizaram o espírito do inventor em torno de um novo centro de interesse, a eletricidade. A partir de 1880 falava-se muito, entre os especialistas, dos recentes inventos de Gaulard e Gibbs, em França, graças aos quais um novo tipo de corrente, dita alternada, se podia transmitir a grandes distâncias, coisa que não era possivel com o tipo de corrente então exclusivamente usado, ou seja a contínua. Westinghouse mandou à Europa um homem de confiança com instruções para comprar «fosse por que preço fosse» a patente de Gaulard e Gibbs. Westinghouse refez o desenho da aparelhagem deles, criou novos e melhores transformadores para acelerar e afrouxar as altas voltagens, e instalou pequena estação experimental.

Iniciou-se então uma histórica luta que duraria dez anos, entre Westinghouse, paladino da corrente alternada, e aqueles para quem a corrente contínua era o evangelho sagrado. A «guerra das correntes» girava toda em volta deste fato: que a corrente alternada, quando intensificada até as altas voltagens necessárias para a sua transmissão a grande distância, se torna mortífera para quem entre em contacto com os cabos transmissores. Quando um dia, por acaso, um menino tocou em um dos fios de alta tensão da corrente alternada, morrendo instantaneamente, os jornais desencadearam violenta campanha contra a inovação Westinghouse, e muitas cidades e vilas dos Estados Unidos promulgaram éditos e posturas proibindo a instalação de fios de alta tensão nas respectivas ruas.

Thomas Edison, que era então a figura de maior relevo no mundo da eletricidade, escreveu: «Nenhum argumento pode justificar o emprego da corrente alternada de alta tensão, nem para fins científicos, nem comerciais, e meu desejo é que seu uso seja proibido.»

Westinghouse retrucou vivamente: «Está claro que a corrente alternada há-de matar gente. Tambem a dinamite, e o uisque, e uma porção de outras coisas matam gente; mas dispomos de um sistema pelo qual se consegue que a mortífera corrente alternada se torne perfeitamente inofensiva.»

A confiança de Westinghouse nesse tipo novo de corrente foi largamente recompensada na ocasião em que ele saiu vitorioso do concurso, a que Edison acudira tambem, para adjudicação da iluminação elétrica da Feira Internacional de Chicago, em 1893. A questão era que o amigo Edison controlava então o fabrico das únicas lâmpadas elétricas consideradas como boas! Mas para a frente, através de todas as dificuldades, ao cabo de três meses de febrís tentativas e esforços de imaginação, Westinghouse conseguia produzir uma lâmpada que inundou de luz o local da exposição, e conquistou os aplausos do público para o seu sistema elétrico.

Nesse mesmo ano lhe coube um segundo triunfo: foi-lhe concedida a exploração da grande fonte hidro-elétrica das cataratas de Niágara. Westinghouse instalou três geradores que ainda hoje prestam serviço alí. Na noite de 10 de novembro de 1896 a multidão apinhava-se nas ruas de Búfalo, à distância de uns 45 quilômetros das majestosas cachoeiras, para assistir à inauguração do serviço de iluminação. À meia-noite em ponto o prefeito da cidade puxou a alavanca dum comutador, e Búfalo ficou alagada de luz—produzida pela eletricidade vinda do Niágara. Desde então, foram tais os progressos da corrente alternada, que cerca de 95 por cento de toda a energia elétrica é hoje transmitida por esse tipo de corrente. A energia muito mais barata, que a «corrente Westinghouse» vinha pôr ao alcance do público, aumentou para alem de todas as expectativas a capacidade produtiva de fábricas e usinas. Deu-se assim princípio a uma segunda revolução industrial, a era da energia elétrica.

Antes mesmo de ter «domesticado» o Niágara, já Westinghouse havia encontrado outro grande tema para absorver seu interesse: o chamado *gás natural*. Em volta de Pitsburgo, onde ele vivia, tinham-se descoberto grandes «lagos» subterrâneos, muito profundos, desse gás. Encantado com a idéia desse novo motivo de entretenimento, Westinghouse mandou abrir um furo no quintal da casa. A 450 metros de profundidade as brocas deram com o gás, que jorrou por alí acima num jacto formidavel, arremessando por ares e ventos a estrutura de revestimento, e rebentando os maquinismos do poço. O gás incendiou-se, e durante muito tempo toda aquela região ficou intensamente iluminada por um gigantesco archote que rugia até 30 metros de altura, para grande desconforto dos vizinhos.

Ao cabo de muitos e penosos esforços, foi afinal possivel dominar o gás e recobrir a boca do poço; e Westinghouse encontrou-se senhor dum novo domínio técnico e econômico, a exploração do gás natural. Meteu ombros à empresa com o grande vigor que lhe era caraterístico, e dentro de um ano tinha requerido 28 patentes relacionadas com esse gás. Graças ao seu engenho, o gás natural acabou tornando-se um combustivel eficiente e seguro. Até então, quando o suprimento de gás se esgotava ou falhava, muita gente se esquecia de fechar as torneiras, com o resultado de que, quando o gás voltava, se produziam frequentes casos de asfixia, explosões e incêndios. Westinghouse tambem encontrou a solução para esse problema: concebeu um regulador de segurança que automaticamente fechava a corrente de gás, tão depressa a pressão deste caía abaixo do mínimo determinado. Inventou um sistema de canalização cujos tubos aumentavam progressivamente de diâmetro, de modo a baixar a pressão e a transportar o gás com regularidade desde o poço até o consumidor.

Homem de imponente presença, o inventor media mais de 1 m 80 de altura, era musculoso e robusto, tinha o cabelo grisalho assim como as suiças, então muito em moda. Dispunha de grande encanto e magnetismo pessoal. No curso de não sabemos que complicadas negociações financeiras alguem se lembrou de sugerir ao banqueiro Jacob Schiff um encontro com Westinghouse: «Não desejo absolutamente ver o sr. Westinghouse,» respondeu o financista. «Tenho certeza que ele me convenceria logo.» Este incansavel trabalhador gostava tanto da boa companhia, que durante muitos anos teve todas as noites convidados à sua mesa de jantar.

Trabalhava sem descanso, em casa como no escritório, e seus hábitos de trabalho maravilhavam aqueles que tiveram a dita de o ver em atividade. Quando trabalhava em casa, era sentado à mesa de bilhar, incomodamente curvado por cima do rebordo saliente, que ele traçava os seus esboços e executava os desenhos. Quando passava pela sala de desenho de suas fábricas, tinha por costume parar de surpresa junto de qualquer das mesas, pondo-se a desenhar muito

sossegadamente, qualquer que fosse o trabalho que estivesse na prancheta.

Pouco passava dos 50 quando empreendeu o derradeiro dos seus grandes trabalhos: o aperfeiçoamento da turbina a vapor, que durante oito anos absorveu o melhor das suas atenções. A turbina não era tãopouco invenção dele, mas foi Westinghouse quem primeiro a adaptou à navegação e à geração de energia elétrica para serviço público.

Sobreveio-lhe em seguida um golpe esmagador: durante o «pânico» financeiro de 1907, suas companhias ficaram sujeitas ao regime de administração de falência, e Westinghouse, que nunca foi tão habil financista quanto era inventor, perdeu o controle delas, para nunca mais o recuperar. Essa triste experiência o amargurou. Uma noite, poucos anos decorridos, um dos seus antigos sócios atravessava Pitsburgo na companhia do inventor: «Quando chegamos à vista da brilhante tabuleta luminosa da companhia,» relata ele, «Westinghouse virou a cara para as desoladas colinas que ficavam do lado oposto, com uma expressão tão patética e trágica que era de cortar o coração. Durante muito tempo não tornamos a trocar palavra.»

Um dia, no verão de 1913, o inventor andava pescando quando de repente se lhe virou a canoa. Westinghouse apanhou um resfriado sério, e o seu coração começou a dar sinais de fraqueza. Seguiram-se alguns meses de confrangedor padecimento, mas nem por isso o seu espírito deixou de estar ativo até o último momento. A 12 de março de 1914, sentado numa cadeira de rodas, e tendo ao lado os desenhos que estava no momento executando para uma cadeira a motor, George Westinghouse exalava o último suspiro.

Fala a minoria, ou...?

No MUNDO em que nos havíamos acostumado a viver, algo de muito lamentavel está ocorrendo. Há vinte e cinco anos, toda a gente detestava trabalhar; o trabalho era mesmo considerado inimigo natural do homem. Hoje, todos se apaixonaram por ele. Verifico entre meus amigos, por exemplo, que se afastam da cidade durante uma semana, não porque desejam tirar férias, mas para trabalhar melhor na volta. Conheço um homem que dá longas caminhadas pelo campo todos os domingos; não é que goste do campo, mas afirma que, com esses passeios, fica com a cabeça mais leve para o trabalho da segunda-feira. Outro conhecido meu usa sapato largo, porque trabalha melhor assim; outro prefere camisas de tecido macio, pelo mesmo motivo. Há atualmente muitos homens que seriam capazes de usar coleira de cachorro, se isso contribuisse para trabalharem melhor.

Deve ser magnífico, tudo isso. Permitam-me apenas que diga, humilde e sossegadamente, que sou contra. Não me atrevo a criticar o trabalho em si. Mas às vezes me pergunto se estou sozinho nesta posição. Será que sou o *único* a detestar o trabalho?

Stephen Leacock, em *Laugh Parade* (Dodd, Mead, ed.)

O poder sedativo do demerol é tão milagroso como o da morfina, sem os inconvenientes de qualquer opiáceo

O NOVO REMÉDIO DE DEUS

Por Paul de Kruif

EXISTE agora um novo produto químico chamado demerol, pronto a acalmar as dores de milhões de seres humanos. A morfina era a única arma contra dores extremas, apresentando porem o perigo de viciar o doente. O demerol é quase tão eficaz como a morfina; entre muitos milhares de pessoas aliviadas pelo seu efeito, não se registou nem um doente que adquirisse o hábito do demerol, a não ser que se tivesse acostumado a opiáceos anteriormente.

Sempre sob a vigilância do médico, o demerol é aplicado para dominar crises de asma e o tormento da enxaqueca; para aliviar a angústia da ciática e das nevralgias; para tornar os partos mais rápidos, livres de perigo e menos dolorosos.

Embora a morfina seja tão milagrosa contra as dores, a ponto de o célebre dr. William Osler tê-la apelidado «Medicamento de Deus», apresenta vários perigos. Deprime as partes do cérebro que controlam a respiração, de modo que os doentes cardíacos ou os asmáticos, quando tomam morfina como calmante, ficam sujeitos a um enfraquecimento ainda maior da respiração. A anemia e as doenças do fígado tornam a ação da morfina ainda mais forte e perigosa. Aplicada para acalmar pacientes durante operações, tende a parar o movimento dos intestinos; e às vezes coloca os doentes num estado de torpor que impede a sua cooperação post-operatória com enfermeiras e médicos.

A morfina tem oferecido enormes vantagens para pessoas nos últimos estados de doenças crônicas, mas mesmo nesses casos sua ação não é perfeita. O médico precisa ir aumentando sempre as doses para manter seu efeito. Se a droga se acumula no corpo, pondo em perigo a respiração, e forçando assim o médico a interromper as injeções, podem surgir os terriveis sintomas da interrupção da morfina. O doente não só é acometido de dores, como de acessos de choro, arrepios e caimbras musculares.

Assim as desvantagens da morfina são, muitas vezes, maiores que seus benefícios. Os químicos lutaram, durante muitos anos, para eliminar esses defeitos, mas seus esforços foram baldados.

A história do demerol data de 1939, quando dois químicos alemães, Eisleb e Schaumann, deram com qualquer coisa que não procuravam, no curso de experiências para obter uma melhor atropina, produto químico que relaxa os músculos involuntários. Seguindo a rotina, experimentaram o novo produto em ratos, até que um dia uma das atropinas sintéticas se distinguiu das outras por um efeito fantástico. Injetada nos ratos, fez com que suas caudas se elevassem, formando a letra S. Era o «fe-

nômeno de Straub»—*até então só resultante de opiáceos como a morfina.*

E foi assim que nasceu, cientificamente ilegítimo, o produto químico hoje chamado demerol. Pouco antes da guerra, o dr. J. Mark Hiebert trouxe para os Estados Unidos pequena quantidade desta droga misteriosa. Em laboratório, alguns cientistas, sob a direção de Hiebert, realizaram um ensaio maravilhoso.

Apesar de os macacos se tornarem rapidamente escravos da morfina, um grupo de símios, que recebeu doses enormes de demerol, todos os dias, durante dez meses, nunca adquiriu o vício. O demerol tornava os animais menos sensiveis à dor; porem, ao contrário da morfina, não os entorpecia nem deprimia sua respiração.

Depois, numa noite, esses cientistas e técnicos ofereceram-se como voluntários para uma experiência sem precedente em seres humanos. Estavam todos bastante preocupados. Iam expor-se a uma droga nova; quem sabia se o produto, inofensivo para os macacos, seria perigoso para o homem? Antes do demerol, passaram pela experiência-padrão da dor, feita pela incidência intermitente dum raio quente sobre a fronte. Tomaram depois demerol. Quinze minutos passados, as «cobaias humanas» descreveram estranha sensação de bem-estar. Quando o raio quente os atingira, reconheceram que doia, mas não era propriamente desagradavel.

Tratava-se apenas, porem, de uma dor superficial. Poderia o demerol rivalizar com o maravilhoso efeito da morfina contra dores profundas e angustiosas? Certa manhã Hiebert encontrou um de seus colaboradores, todo dobrado no chão, atacado por uma cólica do rim, extremamente dolorosa. Injetou-lhe demerol. Dentro de poucos minutos, o homem levantou a cabeça e sorriu. A dor já não o atormentava.

Outro homem, sofrendo atrozmente dum ataque de cálculos da vesícula biliar, recebeu demerol. Apenas acabou de tomar a injeção, o paciente, espantado pelo desaparecimento da dor, suspirou: «Não sei o que se passou comigo.»

Num hospital de Nova York, jazia uma mulher quase asfixiada, devido a uma crise de asma que durava havia quatro dias. Todos os remédios tinham falhado; a morfina fora posta de parte, visto deprimir ainda mais a respiração. Uma injeção de demerol permitiu-lhe recuperar a facilidade de respirar.

O demerol está sendo agora submetido a comparação científica com o efeito sedativo da morfina, em diversas faculdades de medicina nos Estados Unidos. Em março de 1941, num grande hospital de Nova York, aplicou-se essa droga a todos os doentes que sofriam de dores agudas, sem atender ao tipo ou à duração. Em 85 por cento de 881 casos, a dor desapareceu completamente dentro de três a quatro horas depois da injeção; em outros 10 por cento, o alívio foi moderado. Entre 164 pacientes que sofreram operações abdominais, os médicos verificaram que o demerol dava alívio completo em 85 por cento dos casos. O poder sedativo do demerol estava a par do da morfina.

Entre as dezenas de milhares de tratamentos com demerol efetuados em muitos hospitais, nunca se registou um único caso primário de hábito à droga. Existe, é claro, a possibilidade de a ação calmante do demerol provocar no doente o desejo de continuar a usá-lo. Mas isso nada significa, pois, quando se suspende a aplicação do demerol, não surgem maus resultados. Libertos dessa antiga

ameaça, os médicos começam agora confiantemente a utilizar a droga sem restrições.

Em geral, guardavam-se os opiáceos para os últimos tormentos do cancro incuravel, porque a dor se habitua tão depressa a eles. Com o demerol, porem, na maioria dos casos, não importa o período em que seja administrado, a mesma dose mantem o mesmo poder calmante.

Tanto para o fim, como para o começar da vida, o demerol oferece alívio e segurança. Em 1941, uma jovem parturiente, ao dar à luz seu primeiro filho, tornou-se histérica de medo, não estando em condições de cooperar com as enfermeiras e médicos. Aplicaram-lhe demerol. Em poucos minutos reinava o silêncio na sala de parto.—Acabaram as dores? perguntaram-lhe. Olhou, sorriu e disse:—Não senhor, doutor, mas são suportaveis. Este remédio me dá coragem.

Utilizando-se o demerol pela primeira vez para esse fim, foi experimentado em 150 parturientes de certo hospital. Verificaram que encurtava o trabalho de parto, era sem perigo para os bebês e fortificava emocionalmente as mães.

Na Universidade de Harvard, alguns médicos combinaram o demerol com escopolamina, como substituto do sistema de semi-sonolência nos partos. A morfina com a escopolamina, como anteriormente se empregava, produzia a insensibilidade à dor; mas esse processo foi abandonado devido ao perigo da morfina sobre a respiração da criança. Em experiências sucessivas com mil parturientes, o demerol dominava a dor e o medo; a escopolamina fazia esquecer o tormento; setenta por cento não se lembravam do parto, a não ser um ou dois incidentes isolados. Nenhuma se lembrava das dores.

A duração do parto diminuia de duas horas e meia, em média, para as primíparas. Não se notou efeito algum na respiração dos recem-nascidos, nem qualquer complicação pulmonar em nenhuma das mães. Os médicos acreditam que o demerol-escopolamina é superior a qualquer outro método de aliviar as dores do parto.

A readoção do processo de semi-sonolência em partos, graças à segurança do demerol, está-se difundindo atualmente. Um médico americano, que ajudou a trazer ao mundo mais de 2.700 crianças utilizando o demerol, em três hospitais, declara: «Creio que nos encontramos mais perto que nunca dum método analgésico ideal em obstetrícia.»

Existem muitas razões para que o demerol nunca seja tomado sem receita médica. Sua ação poderosa no domínio da dor, se for utilizada sem discriminação (por exemplo na fase inicial da apendicite), pode mascarar os sintomas pelos quais os médicos fazem o diagnóstico. Doses grandes e sem vigilância médica são perigosas.

A produção de demerol é agora bastante grande para permitir uma luta mais assídua contra o sofrimento humano. Não poucas vezes se receita a morfina nos hospitais como verdadeiro medicamento de Deus; pois o demerol é tambem um remédio santo, modelo 1946.

—Faça a corte a toda mulher que encontrar, aconselhou-me um tio meu. —Se seu esforço lhe valer cinco por cento que seja, já terá sido uma boa inversão de capital...

—Arnold Bennett, Journal (Viking, ed.)

Um bom Serviço Secreto é indispensavel tanto na paz como na guerra

Triunfos e fracassos da espionagem

(Condensado do «Washington Post»)

Por Thomas M. Johnson

HÁ UMA tendência, em certas publicações sobre as atividades, em tempos de guerra, do serviço secreto americano, a deixar transparecer que a guerra secreta foi uma série ininterrupta de vitórias. A verdade porem é que, embora se registrassem brilhantes triunfos, houve tambem grande número de derrotas, muitas das quais poderiam ter sido evitadas, e que muito custaram em tempo, dinheiro e vidas.

Um bom serviço secreto representa os olhos e ouvidos dos estadistas, exércitos e marinhas. No entanto é de escandalizar o quanto se desconhecia, quando a fúria de Pearl Harbor se desencadeou sobre os Estados Unidos. O sr. Dean Acheson, Sub-secretário de Estado, para as Relações Exteriores, admite que a técnica de colher informações, usada pelo seu ministério, pouco diferia em essência daquela aplicada há dois séculos. Infalivelmente errôneos eram os dados coligidos pelo Serviço Secreto da Marinha Americana sobre o paradeiro dos porta-aviões japoneses que se acreditava estarem em águas territoriais do Japão. De todos os departamentos americanos encarregados de colher informações—Ministérios do Exterior, Guerra, Marinha e outros—nenhum desempenhava a tarefa com eficiência; nenhum sabia o que esperar dos outros, e raramente trabalhavam em conjunto.

Instruções de Washington, que deviam ter sido entregues a oficiais do Serviço Secreto da Marinha, com o objetivo de auxiliá-los, foram encontradas num cofre depois do ataque a Pearl Harbor. Um diplomata pacifista exclamou certa vez em atitude de protesto: «Mudar meu código? Mas este código é ótimo! Eu o venho usando há vinte anos!» O Departamento de Estado levava dias para decifrar mensagens e distribuí-las entre 127 repartições diferentes. Não existia um centro de mensagens. Uma comissão conjunta dos Serviços Secretos, criada três meses antes de Pearl Harbor, começou a funcionar três dias depois da manhã fatal—data aproximada em que se decifraram algumas mensagens japonesas, interceptadas seis dias antes, que revelavam os planos do inimigo.

Não obstante a ameaça da guerra pairar havia muito tempo sobre o Pacífico, o que se sabia, a respeito de algumas ilhas ocupadas pelos japoneses, não ia muito alem da sua latitude e longitude. O Departamento de Estado, julgando que isso pudesse irritar uma «nação amiga», prejudicara as tentativas da Marinha de investigar essas ilhas antes de Pearl Harbor. Mais tarde o Serviço Secreto da Marinha passou a interrogar freneticamente qualquer praieiro, pescador de pérolas e de baleias ou missionário que algum dia houvesse visto uma ilha japonesa, mesmo que fosse vários anos antes.

Quando os americanos concentraram navios e tropas para o ataque a Quisca, os japoneses já haviam abandonado aquele local. Em Guadalcanal, os fuzileiros americanos tiveram que depender de mapas japoneses capturados. Apesar de os japoneses terem treinado as suas tropas durante anos e anos para o combate na selva, e aprendido uma série de ardís, os americanos desconheciam tanto esse fato como os ardís.

Na África os americanos sofreram sua primeira derrota em terra, em parte porque quando apreenderam uma ordem do inimigo sobre o contra-ataque de Rommel, através do Passo de Faide, não havia ninguem naquele importante quartel general que pudesse traduzir a mensagem. Os peritos do Serviço Secreto americano, que haviam sido cuidadosamente treinados, eram mantidos demasiado na retaguarda. A lição nos custou caro. Funcionários especializados foram imediatamente trazidos de avião para a África, vindos do Campo Richtie, em Maryland, e daí em diante todas as unidades do Serviço Secreto norte-americano passaram a trabalhar perto da frente de combate, com excelentes resultados.

Quase nada se sabia acerca dos alvos vulneraveis do inimigo tanto na Europa como na Ásia. Dezessete por cento dos motores de avião japoneses eram feitos em duas fábricas, que jamais haviam sido vistas por um norte-americano. O Serviço Secreto Aéreo afirmou que o sistema de distribuição de eletricidade da Alemanha não podia ser seriamente danificado pelo bombardeio das usinas de força, e, em consequência, isto não foi tentado. Agora se sabe que podia e devia ter sido feito.

É dificil crer, hoje, que os americanos houvessem sido tão parcimoniosos no que se refere à colheita de informações secretas. Uma seção do Serviço Secreto do Extremo Oriente—abrangendo o Japão, a China, o Sueste da Ásia e a Sibéria—consistia de um oficial e uma funcionária. Um oficial do Serviço Secreto, que pagou 500 dólares por diagramas de aeródromos de uma nação hostil, foi repreendido por sua extravagância. Washington obrigou um adido militar em Berlim a pagar do seu bolso um cabo submarino em código, advertindo que Hitler marcharia sobre Praga.

O Departamento de Estado, o Exército e a Marinha dos Estados Unidos colhiam a maior parte de suas informações secretas do modo mais barato—através de diplomatas e representantes consulares, abertamente acreditados, e de voluntários ocasionais. Mas os adidos viam e ouviam em maioria aquilo que lhes era permitido. Alguns embaixadores proibiram os seus adidos de viajar, ou de procurar informações em bibliotecas, para não dar a impressão de estarem espionando.

Quando um adido americano em uma das capitais efervescentes da Europa descobriu em seu próprio escritório dois espiões nazistas e um russo, todos americanos natos, Washington proibiu que fossem demitidos, por terem ótima classificação na sua carreira funcional. Os americanos não possuiam correio em condições, para transportar e proteger as malas diplomáticas em que se enviavam relatórios secretos a Washington; tanto os nazistas como os japoneses abriram algumas malas e leram o seu conteudo.

Aceitava-se prazeirosamente o trabalho de voluntários, mas estes eram inconstantes e disparatados. Um espião amador descobriu um novo «submarino» japonês com um canhão de 16 polegadas,

que mais tarde se soube não passar de um guindaste. Outros apontaram em seus relatórios mais belonaves japoneses do que os nipônicos realmente possuiam.

Gradualmente a improvisação foi substituida por trabalho científico. Empregaram-se cientistas e analistas nessa tarefa e tambem funcionários incumbidos de colher informações de várias maneiras óbvias. Dados topográficos e meteorológicos sobre as Aleutas foram obtidos na Biblioteca do Congresso. Uma fotografia publicada numa revista alemã foi a primeira a informar os americanos a respeito de um novo canhão anti-aéreo de 40 milímetros. Fotografias publicadas em jornais germânicos, de um avião estacionado em frente a uma fábrica, indicaram onde aquele tipo de aeroplano era feito. A fotografia de um tunel, encontrada num guia nazista, sugeria a existência alí de uma fábrica subterrânea; e fotografias aéreas vieram confirmar tal suposição.

O SERVIÇO SECRETO americano tentou todos os métodos, por mais dificeis que fossem. Para localizar refinarias de petróleo e rotas de transporte, centenas de funcionários examinaram relatórios de tarifas de frete, relações de carros de carga completa e conhecimentos de embarque. Por meio do confronto de uma relação dos residentes da cidade de Tóquio, onde se podiam encontrar os endereços dos escritórios de metalurgistas e químicos, com fotografias aéreas, várias fábricas bélicas camufladas foram descobertas.

A primeira idéia que se teve sobre os aviadores *Kamikase* foi sugerida por uma irradiação. Outras indicações foram fornecidas por prisioneiros. Um deles declarou que dois couraçados japoneses tinham sido transformados em porta-aviões híbridos, com a construção de plataformas de aterragem na sua popa. Um fotógrafo aéreo encontrou um desses couraçados. Mas os peritos do Serviço Secreto ficaram estatelados diante da fotografia.

«Os aviões desses couraçados não podem regressar,» protestaram. «Esses canhões anti-aéreos estão bem no caminho!»

Depois surgiu a explicação. Os aviões não eram feitos para regressar. Os aviadores-suicidas eram um fato. Advertidos, os americanos começaram a preparar-se.

Um prisioneiro alemão ajudou a solver o mistério de uma das defesas mais ardilosas do submarino, o *Pillenwerfer*, que lançava pílulas químicas pela popa do submersivel. As pílulas causavam bolhas de água que, através dos instrumentos de escuta, soavam como o próprio submarino. Enquanto os americanos atacavam as borbulhas com cargas de profundidade, o submarino tentava escapar.

Os americanos foram enganados desse modo até abril de 1942, quando a explosão de uma carga de profundidade trouxe à superfície bolhas de um vermelho vivo. Oficiais do Serviço Secreto colheram amostras e as analizaram. Mais tarde o comandante de outro submarino foi capturado. Um oficial do Serviço Secreto observou de modo displicente, dirigindo-se ao alemão: «Desta vez as bolhas não deram certo.»

O alemão pulou.

«Nós sabemos tudo que existe a esse respeito.» O americano começou então a dar detalhes, parte dos quais era pura adivinhação, mas o fez de modo tão convincente, que o alemão relatou o resto da história. Os experimentos mostraram que existia uma diferença entre o som das borbulhas e o do submersivel— e os caçadores de submarinos foram

treinados de modo a poderem identificar essa diferença.

Um general alemão, capturado nos começos de 1943 na Tunísia e habilmente interrogado, jactou-se de ter visto os primeiros experimentos realizados com a bomba voadora V-2. Pouco tempo depois uma fotografia aérea chamou a atenção de uma intérprete de fotografias do Serviço Secreto Aéreo Anglo-Americano. Descobriu ela uma marca branca em forma de T, numa pequena rampa situada perto de grandes escavações e outras misteriosas instalações em Peenemünde. Peenemünde foi bombardeada, a maior parte dos cientistas que alí trabalhavam foi exterminada e as pesquisas, para a fabricação de grande número de novas armas de guerra, foram retardadas de seis meses. Muitos acreditam que a Inglaterra se salvou e a guerra foi ganha devido a esse retardamento de meio ano.

No Pacífico, cerca de quatro mil nipo-americanos arriscaram-se a ser capturados e submetidos a tortura trabalhando na linha de frente para o Serviço Secreto. Desse trabalho resultaram cerca de dois milhões de relatórios, ordens, mapas e diários, encontrados em poder de japoneses mortos ou capturados, ou em instalações nipônicas. Uma folha de carbono, cuidadosamente examinada, revelou a rota de um navio, uma tábua de efetivos dos regimentos e tratamentos contra a malária; um esboço mostrava como os transportes de tropas eram camuflados.

Em todos os desembarques de invasão do território europeu, as primeiras ondas de tropas foram acompanhadas de oficiais do Serviço Secreto que, quando os quartéis generais do inimigo eram capturados, arrombavam os cofres e remetiam para a retaguarda documentos valiosos. Assim foi encontrado um mapa de campos de minas da Sicília. A captura de Cherburgo foi mais rápida e menos custosa porque agentes secretos norte-americanos conseguiram um plano das defesas dessa cidade. Somente esse feito justificaria o treinamento especial a que o exército submeteu o seu Pessoal do Serviço Secreto.

Para dar ao Serviço Secreto um cunho mais científico, desenvolveram-se várias invenções. Grande progresso foi conseguido no aperfeiçoamento do rádio e do radar, no sistema de intercepção e decifração de mensagens inimigas, na previsão do tempo. Criou-se a máquina de ângulo «tri-metrogon» que fotografa no mesmo ângulo em que o aviador vê o terreno, com absoluta clareza, dando assim mais precisão às missões de bombardeio e de reconhecimento. Vastas áreas foram assim, pela primeira vez, completamente levantadas em mapas.

Reconhecendo o enorme valor de espiões que podem ser lançados de paraquedas na retaguarda das linhas inimigas para enviarem informações por ondas curtas, muitas repartições do governo americano passaram a fazer uso do Serviço Secreto. Uma delas, o Departamento de Serviços Estratégicos (OSS), foi criada especialmente para esse fim. Os feitos do OSS foram ora espetaculares, ora importantes, não raro ambos.

Assim deixou-se cair, em pontos indicados pelas organizações clandestinas nos paises ocupados, 27 mil toneladas de armas e suprimentos, e milhares de agentes. Estes últimos não somente colheram informações preciosas mas tambem organizaram um trabalho util de sabotagem. Outros agentes salvaram mais de cinco mil aviadores americanos. As perdas do OSS atingiram a um total de cem, o que não representa muito em

relação aos êxitos obtidos. Essas operações secretas foram as maiores do gênero na história dos Estados Unidos.

Um pouco menos espetacular, a Organização Cooperativa Sino-Americana de guerrilhas e operadores de rádio (SACO) exerceu suas atividades no litoral da China e na maior parte do seu interior. Seu diretor, General Tai-li, chefe do Serviço Secreto de Chiang Kai-xeque, tambem chefiou, com o auxílio dos Estados Unidos, uma escola onde mulheres chinesas aprendiam a se insinuar entre oficiais e generais japoneses, arrancar-lhes informações e envenená-los caso fosse necessário.

Entre os agentes da SACO havia operadores de rádio da Marinha norte-americana e do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos que, disfarçados de chineses e protegidos por guerrilheiros, atacaram instalações japonesas, enviaram informações acerca da sua localização e destruiram centenas de depósitos, pontes e locomotivas. Mas de especial utilidade foram as informações transmitidas através do rádio pela SACO sobre o tempo e movimento de navios—importantes para o bloqueio que estrangulou o Japão.

Construiu-se finalmente o maior e melhor Serviço Secreto que os Estados Unidos jamais tiveram, cuja contribuição para a vitória foi muito mais importante do que se crê. Um departamento tão eficiente quanto esse poderá contribuir para a consecução da paz se o país souber tirar partido da experiência que tão caro lhe custou e não cair novamente na letargia. Como o general Arnold advertiu, isto seria suicídio numa época em que foguetes atômicos poderão ser lançados em minutos através de continentes e oceanos sem aviso prévio.

Ataque de flanco . . .

O Presidente Lincoln, durante a Guerra Civil americana, dera ordens para que se enviassem relatórios detalhados, das linhas de frente, à Casa Branca. Impaciente com a ordem, que lhe pareceu exagerada, o general McClellan enviou ao presidente um telegrama nestes termos:

Presidente Abraão Lincoln
Casa Branca, Washington
Capturamos seis vacas pt Favor comunicar que devemos fazer com elas pt George McClellan

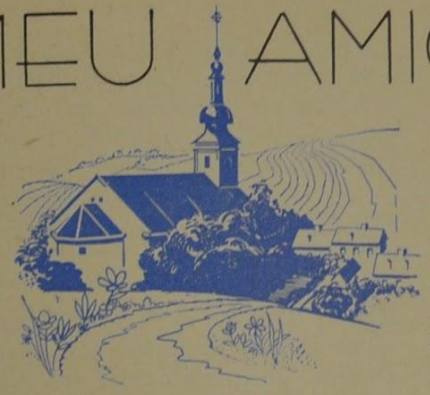
Sem hesitar um momento, o presidente respondeu:

General George McClellan
Exército do Potomaque
Referência seis vacas capturadas aconselho mungí-las pt A Lincoln

—*Coronet*

História verídica e comovente de um tchecoslovaco

MEU AMIGO JAN



(*Condensado de «Christian Herald»*)

Por William Chapman White

Era tcheco, e seu corpo atarracado dava-lhe certa semelhança com as montanhas Tatra de seu país natal. Sobre a cabeça quadrada e sólida, mantinha o cabelo sempre cortado rente; e a acentuada miopia obrigava-o ao uso de uns óculos espessos. Muitas e fundas eram as rugas que lhe sulcavam a testa, e ainda mais se pronunciavam com o hábito, que tinha, de franzir os sobrolhos. Em suma, Jan Smetka parecia a perfeita caricatura do que era na realidade—um estudante. Foi meu colega num curso de extensão universitária.

Da Universidade de Praga, veio ter aos Estados Unidos, à nossa escola, onde a princípio se mostrou reservado, pouco disposto a fazer amigos. Um dia, porem, modificou-se quase abruptamente essa atitude. Chegando atrasado a uma aula noturna, foi repreendido pelo professor, que observou:

—Está vindo de algum chá elegante, sr. Smetka?

—O sr. me desculpe, respondeu Jan. —Havia muitos pratos a lavar, lá onde eu trabalho... Essa declaração, na sua simplicidade ingênua, provocou risadas que tiveram a virtude de aproximar o rapaz de seus colegas. Um sorriso, que se diria haver começado perto dos óculos, espalhou-se por todo o seu rosto, iluminando-o.

Depois nos contou que estivera entre os soldados tchecos que em 1918 haviam atravessado a Rússia e a Sibéria para chegar de volta à pátria, viajando, rumo a leste, em redor do mundo. Em viagem passou pelos Estados Unidos, e gostou do que viu, decidindo vir algum dia estudar neste país. Revelou-me então:

—Meu pai, que é general, não aprovava a idéia. Mas nós, tchecos, somos teimosos... Por isso acabei vindo mesmo. Agora trabalho na lavagem dos pratos nas três refeições de cada dia, sete dias por semana.

—E você ainda acha tempo para estudar?

—Ora, quando a gente quer mesmo fazer uma coisa, sempre dá um jeito...

Nunca perdia uma aula. E tudo que fazia era parte de um plano geral: conhecer bem os Estados Unidos. Assim, matriculou-se em cursos sobre direito constitucional americano, contabilidade e métodos de comércio, sociologia do país. Durante as poucas horas livres que lhe restavam, visitava tribunais especiais para delinquentes juvenís, asilos, clínicas, escolas noturnas, lojas, almoxarifados, onde quer que houvesse um pouco de

vida americana que lhe interessasse ver de perto.

Passado o primeiro semestre, o pai começou a enviar-lhe dinheiro, e Jan pôde então libertar-se de seu emprego de lavador de pratos. Agora, sim, podia aventurar-se para fora de Filadélfia, estudar as regiões adjacentes, explorar tudo aquilo «com meus próprios pés», segundo dizia. Aproveitava os sábados e domingos para percorrer pequenos lugarejos em zonas industriais ou mineiras, indo a presídios, escolas reformatórias, fazendas de criação. Seu inglês foi melhorando. Costumava dizer: —Sempre que encontro alguma novidade, penso logo em aproveitar para a Tchecoslováquia, e anoto as providências que seria preciso tomar. Ao fim do primeiro ano, já enchera uma dúzia de grossos cadernos com seus comentários.

Pouco depois do encerramento das aulas, recebí dele uma carta em que pedia humildemente «... o maior dos favores. Você poderia dar referências sobre minha situação financeira?» Conseguiu o emprego que ambicionava na ocasião: vender mapas e atlas de porta em porta, de cidade em cidade.

Quando se reabriram os cursos, fui procurá-lo, e ele me disse então:

—Dinheiro, não fiz lá grande coisa. Mas todo o mundo me tratou tão bem! Trabalhei em chácaras, lavei pratos num hotel e nunca me faltou o que comer. E fique sabendo que aprendí muita coisa util...

No segundo e último ano letivo, matriculou-se em grande número de cursos, mais que anteriormente. Apesar disso, porem, encontrava tempo para comparecer às reuniões do Conselho Deliberativo municipal, aos debates na câmara estadual, e a outras funções. Terminado aquele ano, seus conhecimentos práticos da organização administrativa dos Estados Unidos eram sem dúvida superiores aos de muito doutor no assunto, nascido e criado no país.

Chegara a época de regressar à pátria, e foi despedir-se dos amigos, dizendo:

—Vou me aperfeiçoar na ciência de governo. Se algum de vocês vier a Praga um dia... Fez uma pausa e sorriu pela última vez aquele sorriso caraterístico. —Já me americanizei tanto, que vocês se sentiriam em casa.

Daí a três anos tive a oportunidade de visitar Praga. Telegrafei a Jan, e este, em resposta, pediu-me fosse a seu encontro numa aldeia na parte leste da Tchecoslováquia. Foi esperar-me na estação, com um aspecto de professor alemão preparado para qualquer aventura alpinística, munido de meias de lá e calções presos nos joelhos. Nos lábios trazia ainda aquele sorriso bom. E me crivou de perguntas sobre coisas e gente distantes.

Assim como quem pede desculpas, explicou: —Não tenho automovel. Temos que ir a pé mesmo, mas a distância é pequena. Na verdade, eram duas léguas mais ou menos e, enquanto andávamos, esclareceu-me que alí se achava em férias, passando um período com seus pais. E acrescentou, orgulhoso: —Eu me casei, e quero que você conheça minha mulher.

Atravessamos alguns vilarejos de impecavel limpeza, onde se viam gansos a cada encruzilhada. Ao passarmos, as crianças sempre cumprimentavam Jan, e este me observou: —Os meninos me chamam de tio americano, porque vivo contando histórias dos Estados Unidos, dizendo como é que os americanos cuidam de suas casas e de suas fazendas... Em dado momento um velho camponês se dirigiu a Jan, com quem conversou em tcheco.

—Ele se interessa pelos métodos de agricultura dos americanos, disse-me Jan. —Há algumas coisas que eu tenho contado a eles e que são aproveitaveis... Desde que voltei, estou trabalhando no Ministério da Fazenda, mas ainda me interesso por uma porção de coisas.

Passei dois dias em sua casa, e percebí o a que ele se referia.

Moravam seus pais numa casa muito agradavel, cercada de jardim e situada no flanco de uma colina. O pai de meu amigo, jardineiro-amador dos mais entusiastas, era um homem rijo, alto, erecto; fora general do exército austríaco na Primeira Guerra Mundial e ao mesmo tempo lider clandestino do movimento de libertação da Tchecoslováquia. A mãe de Jan, senhora cheia de simpatia, só falava tcheco. E sua esposa era uma linda camponesa nascida numa aldeia perto de Praga.

Jan e o pai levaram-me a olhar o jardim e a horta. Era evidente o orgulho do velho general pelo rapaz. Apontando para um canteiro de tomates, disse:

—Está vendo que bonitos? Tudo isso foi o Jan que plantou...

Antes do escurecer foram aparecendo vizinhos. Fizeram comentários elogiosos ao capricho e à fertilidade dos canteiros, pedindo que lhes reservassem sementes. À noite vieram muitas visitas, que se deixaram ficar em palestra com Jan na sala espaçosa e aprazivel de sua casa.

Entre eles vi um campônio rubicundo, que reformara sua chácara segundo idéias sugeridas por Jan. Outro, lojista corpulento e alegre da aldeia, teceu comentários em torno ao sistema de contabilidade que Jan lhe ensinara. Um padre apareceu tambem, e pôs-se a falar sobre as colônias tchecas em diversas cidades americanas. E assim tivemos uma conversa animada e interessante.

Quando, já tarde, os visitantes se haviam retirado, a esposa de Jan lhe disse que ele devia estar cansado e conviria descansar mais um pouco nas férias.

—É sempre assim, acrescentou o pai. —Mas em Praga é peor. Lá ele anda numa roda-viva de editores, advogados...

Jan interrompeu. —Só porque eu viajei, e eles são curiosos...

O general, voltando-se para mim, observou:

—Algumas das nossas maiores firmas industriais ofereceram empregos a Jan para ele ir morar nos Estados Unidos como representante delas, mas prefere ficar aquí mesmo.

—Aquí posso ser mais util, replicou Jan. —Comecei muita coisa que quero ver acabada.

—Eu gostaria de viajar tambem... disse a mulher, com um ar nostálgico.

—Você ainda há-de viajar comigo, respondeu Jan. —Alem do que eu já fiz, ainda preciso trabalhar muito. Uma das minhas tarefas será conseguir um pouco mais de harmonia aquí entre os tchecos, os eslovacos e os alemães. Eles não se gostam... Mas a mesma gente, quando se muda para o Novo Mundo, vive em perfeita concórdia.

No sábado daquela semana, voltamos a Praga, e o casal fez questão de me mostrar toda a cidade. Era alguns anos antes de 1939; o país era feliz, e Jan, com sua jovem companheira, olhava para o futuro com esperança e otimismo.

Nos anos seguintes tive frequentes notícias de Jan, pelas cartas que me enviava. Uma destas me alcançou poucos dias antes do início da guerra. Assim dizia ele:

«Eu e minha mulher não moramos mais em Praga. Estou agora trabalhando na fábrica de aço em Cladno, e vivemos

numa aldeola aí perto—lugarejo sossegado e belíssimo, com duas ruas apenas, e uma igrejinha no topo de uma colina. Aquí vive uma gente boa, afavel, interessante, destacando-se a personalidade do dono da hospedaria local. Minha mulher é professora na escola primária, e creio que, para nossos três filhos, a aldeia é ideal. Quando estiverem crescidos, pretendo levá-los um dia aos Estados Unidos. Nesse ínterim, venha ver-nos outra vez.»

Foi sua última carta. Durante a guerra muitas vezes me pus a refletir sobre o possivel paradeiro de Jan e sua família, preocupado com sua segurança. Terminada a guerra, continuou o silêncio dele. Tendo perdido seu endereço, pedí a um funcionário da Legação Americana em Praga que indagasse de alguem onde era possivel encontrá-los. Mas nada soube.

Um dia, porem, lembrei-me subitamente daquela carta de 1939. Relendo-a, percebí que seria inutil escrever.

A aldeia, para onde se mudara Jan, chamava-se Lídice...

Explicação cabal

Uma senhora pediu certa vez a Einstein que lhe explicasse, «em poucas palavras», a teoria da relatividade, e o cientista assim respondeu:

«Um dia, minha senhora, eu passeava no campo com um amigo cego; fazia muito calor, e eu disse que gostaria de beber um copo de leite.

—Leite? perguntou meu companheiro. —Sei o que é beber, mas leite, que significa?

—É um líquido branco, respondí.

—Líquido eu conheço, disse o cego. —Mas branco, que é?

—É côr das penas de um ganso.

—Penas eu sei o que são. Mas ganso, que é?

—Ganso? Uma ave com pescoço torto...

—Pescoço eu conheço. Mas torto, que é?

«Foi aí que perdí a paciência. Segurei o braço dele, e o endireitei; e expliquei: —Isto é reto. Depois, curvando-o ao cotovelo, acrescentei: —Agora está torto.

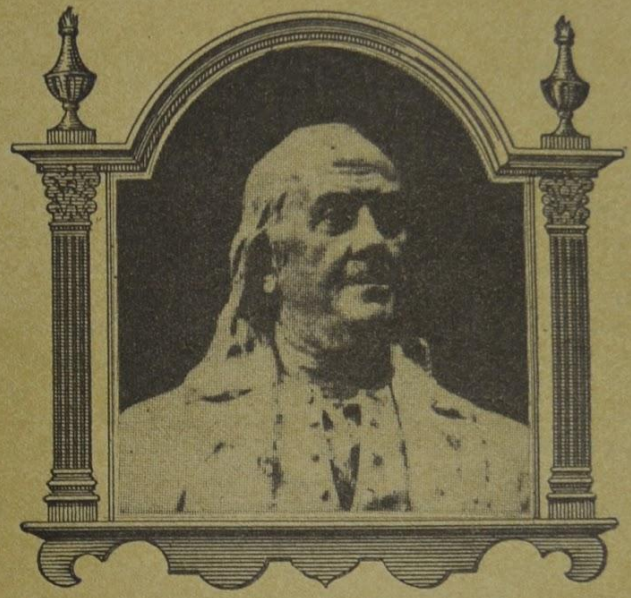
—Ah! exclamou o cego. —Então já sei o que é leite...»

—Robert Graves e Alan Hodge, *The Long Week-end* (Ryerson, ed.)

Um pastor protestante de Nova York, conhecido pela sua oratória, foi convidado para fazer uma palestra durante um almoço oferecido a ele por um clube feminino; estipulava-se que o assunto da palestra deveria ser a China e a filosofia desse país. Um tanto desconcertado, pois pouco sabia da China, mas desejoso de agradar a suas anfitriãs, ele passou cerca de uma quinzena estudando o assunto com a maior aplicação.

Logo antes do almoço, perguntou a uma delas porque era que o assunto escolhido havia sido logo a China. E a resposta não se fez esperar: —Ah, é porque queríamos que estivesse tudo de acordo. Vamos comer pratos chineses...

—Oscar Schisgall



AUTOBIOGRAFIA

DE

Benjamin Franklin

Condensado do livro

"Benjamin Franklin's Autobiographical Writings"

Com um prefácio de Carl Van Doren, autor da obra *Benjamin Franklin*, que obteve o Prêmio Pulitzer de 1939. Os *Autobiographical Writings*, sequência pormenorizada do primeiro volume, é um êxito literário da atual temporada nos Estados Unidos.

Benjamin Franklin e *Benjamin Franklin's Autobiographical Writings*, por Carl Van Doren, Copyright 1938 e 1945, vendidos a 5 dólares cada um, ou por 10 dólares os dois reunidos em caixa, são public ações da Viking Press, 18 East 48 Street, New York, N.Y.

PREFÁCIO DE CARL VAN DOREN

Quando Benjamin Franklin faleceu em Filadélfia, em abril de 1790, era o cidadão mais célebre do mundo. Ao chegar em París a notícia de sua morte, Mirabeau declarou na Assembléia Nacional: «A antiguidade teria erigido altares em memória desse homem genial que, englobando no seu espírito os céus e a terra, soube do mesmo modo acalmar tempestades e conter tiranos.» Na Inglaterra, antes da revolução americana, Chatham comunicou à Câmara dos Lordes que Franklin, como cientista, enfileirava ao lado de Newton e que «não era somente uma glória para a nação inglesa, mas tambem para a humanidade». Jefferson disse que Franklin era «o homem mais eminente e o ornamento de qualquer época ou país em que vivesse».

As experiências científicas de Franklin tinham feito dele um herói. Outrora o raio era uma ameaça incalculavel, evidência mortífera duma cólera divina e inexplicavel. Franklin, o primeiro a descobrir os princípios básicos da ciência da eletricidade, provara que o raio era simplesmente a eletricidade em ação, segundo leis que se podiam estudar. Demonstrou isso por meio dum instrumento tão simples como um brinquedo de criança. Para o mundo em geral, aquilo era mais do que ciência. Era magia.

Se parecia ter qualquer coisa de feiticeiro, era tambem dotado de um espírito muito vivo e sutil. Foi Franklin quem disse que as únicas coisas certas do mundo eram «a morte e os impostos» e que «é dificil um saco vazio manter-se de pé». Alem de centenas de provérbios dessa categoria atribuidos ao «Bom Homem Ricardo», os gracejos de Franklin eram dos mais espirituosos. Muito antes de Mark Twain, já ele tinha parodiado todas as histórias absurdas ao narrar que nos Estados Unidos as baleias perseguiam os bacalhaus pelas quedas do Niágara acima.

Se bem que nele vissem geralmente um realizador de milagres e um homem de espírito fino, Franklin tornara-se melhor conhecido como um autodidata. Não que se vangloriasse disso, como fazem certos homens que se instruiram a si próprios. O «Bom Homem Ricardo» dissera: «Aprende com os capazes; o que a si próprio se ensina, tem um professor néscio.» E: «A experiência é uma escola que sai cara, e os néscios não aprendem noutra.» Deixou a escola aos dez anos e assinou seu contrato de aprendiz aos doze. Retirou-se dos negócios aos 42 anos e dedicou outros 42 inteiramente ao serviço do público, como homem de ciência, filantropo e estadista.

Alem do para-raios, inventou um tipo de fogão, tiragens para chaminés, óculos bi-focais, a cadeira-escadote que se encontra na maioria das cozinhas

americanas, a vara comprida que se usa nos armazens e lojas para alcançar objetos nas prateleiras altas—recusando-se a requerer patentes, com que poderia ter ganho uma fortuna. Foi pioneiro valioso no estudo científico da Corrente do Golfo, da previsão do tempo, dos resfriamentos vulgares, da boa ou má condução do calor por diversas substâncias e do aumento da população humana. Foi ele que imprimiu, e certamente traçou, a primeira caricatura americana, fundou o Departamento de Cartas Extraviadas no correio, e organizou o serviço postal dos Estados Unidos. Ajudou a redigir a Declaração da Independência e a Constituição do seu país, e colaborou nos tratados de aliança com a França e de paz com a Inglaterra. Previu as possibilidades duma guerra aérea assim que apareceu um balão capaz de transportar gente. «Para que serve um balão?» alguem lhe perguntou em París. Franklin respondeu: «Para que serve uma criança recem-nascida?» Longe de desprezar as belas artes, deu-se ao trabalho de aperfeiçoar seu próprio estilo, prestou grande atenção ao melhoramento das artes tipográficas, escreveu memoravelmente sobre música e, quando lhe era possivel, protegia poetas e pintores.

Estava sempre muito ocupado com a coisa pública para poder entregar-se à fantasia de escrever sua vida particular; por isso nunca completou a autobiografia que iniciara. Mesmo assim, foi o primeiro autodidata que contou a história simples dos princípios da sua carreira. Recordando tranquilamente sua juventude ativa e ambiciosa, escreveu em linguagem despretensiosa e acessivel, lançando assim a moda por que se pautaram todas as autobiografias realistas modernas.

Sua autobiografia destinava-se a ser uma espécie de herança filosófica para a juventude. Morreu sem ter chegado a saber se essas páginas seriam publicadas; contudo, a Autobiografia veio a lume em quase todos os paises onde havia um prelo. É, sem dúvida alguma, o mais célebre livro do gênero.

Autobiografia de

BENJAMIN FRANKLIN

Querido filho. Sempre tive grande prazer em conhecer quaisquer pequenas anedotas referentes aos meus antepassados. Imagino que lhe será igualmente agradavel conhecer as circunstâncias da minha vida e por isso aquí estou a escrevê-las para você. Tendo subido, da pobreza e obscuridade em que nascí e fui criado, para um estado de opulência e de alguma celebridade no mundo, meus descendentes gostarão de saber de que meios me serví; e talvez venham a encontrar algumas noções que lhes possam ser uteis.

Se me fosse dado escolher, não hesitaria em recomeçar a mesma vida desde o princípio; contentar-me-ia apenas com a vantagem, que certos autores gozam, de corrigir os erros da primeira edição quando publicam a segunda. Embora isso me fosse negado, aceitaria a tarefa da mesma maneira.

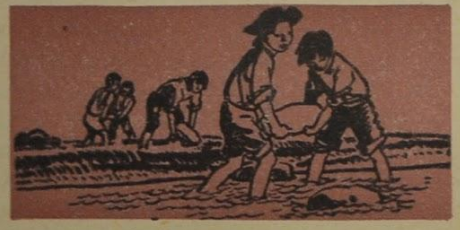
Permito-me tambem obedecer à tendência, tão natural nos velhos, de falar de si e dos seus atos passados; mas isso sem enfastiar ninguem, pois depende da vontade de cada um ler ou não o que escrevo. E (mais vale confessá-lo desde já, pois ninguem acreditaria se negasse) penso que tratarei de dar bastante satisfação à minha vaidade. Com efeito, nunca ouví nem li as palavras de introdução: «Modéstia à parte, direi que...» etc., sem que se seguisse imediatamente uma expressão de vaidade. A maioria das pessoas não gosta da vaidade nos outros, por mais vaidosas que sejam elas próprias; mas não me aborreço com isso, pois estou convencido de que a vaidade muitas vezes é produtiva; assim, em muitos casos, não seria de todo absurdo que uma pessoa agradecesse a Deus a vaidade que lhe deu, entre os outros bens da vida.

Josiah, meu pai, casou cedo e levou sua mulher e três filhos para a Nova Inglaterra, em 1682. Dessa primeira mulher teve mais quatro filhos e da segunda, outros dez; dezessete ao todo. Eu era o mais novo e nascí em Boston.

Meus irmãos mais velhos entraram como aprendizes de vários ofícios. Matricularam-me na escola primária aos 8 anos de idade e depois frequentei uma escola de caligrafia e aritmética, onde aprendí depressa a escrever menos mal; quanto à aritmética, falhei. Aos dez anos, voltei para casa afim de ajudar meu pai no seu ofício de fabricar velas de sebo. Cortava as torcidas, enchia os moldes, atendia os fregueses, levava recados, etc.

Não me agradava nada esse trabalho; o mar é que me atraia. Meu pai, porem, contrariava minha inclinação. No entanto, como morávamos perto da água, lá passava o tempo que podia; aprendí cedo a nadar bem e a pilotar barcos. Em geral, era o chefe dos meus companheiros e algumas vezes os coloquei em situações embaraçosas. Vou descrever uma delas, porque demonstra um espírito empreendedor precoce, ainda que o projeto não tivesse sido devidamente posto em prática. Dum lado do lago havia uma espécie de salina, à beira da qual nos instalávamos para pescar. De tanto espezinhar, o local transformou-se num pântano. Propús aos rapazes construir um pequeno cais e mostrei-lhes grande monte de pedras, destinadas à construção duma casa nova, que serviriam muito bem para o fim que tínhamos em vista. Nessa mesma tarde, pois, logo que os operários se foram embora, reuní meus companheiros e pusemos mãos à obra. Acarretamos toda a pedra e construimos nosso pequeno cais. No dia seguinte, os trabalhadores ficaram surpreendidos com o desaparecimento das pedras, que depois foram encontrar no nosso cais. Procederam a um inquérito, descobriram a façanha e apresentaram queixa. Muitos de nós apanharam uma sova dos pais; apesar de eu ter defendido com calor a utilidade da obra, os meus persuadiram-me de que nada era util que não fosse honesto.

Você desejará com certeza saber pormenores a respeito do meu pai e do seu carater. Era de constituição sólida, de estatura média, bem proporcionado e muito forte; engenhoso, sabia desenhar, entendia um pouco de música e tinha voz clara e agradavel; quando tocava melodias de salmos no seu violino e cantava,



como às vezes fazia depois do jantar, era verdadeiro prazer ouví-lo. Tinha tambem jeito para mecânica e manejava com facilidade ferramentas de outros ofícios; uma das suas mais excelentes qualidades era uma compreensão profunda e uma opinião sólida em questões de prudência. Gostava de reunir à sua mesa amigos ou vizinhos sensatos, para conversar, e tratava sempre de iniciar uma discussão util e interessante que tendesse a aperfeiçoar o espírito dos filhos.

Desta forma, fazia convergir a atenção para o bem, justiça e prudência no modo de proceder; pouco ou nenhum caso fazia dos alimentos, fossem bem ou mal preparados, frescos ou de conserva, salgados ou ensossos. Criado assim, num ambiente de tão profundo desprezo por assuntos culinários, tornei-me completamente indiferente ao que me punham à frente para comer. Isso me foi proveitoso durante as viagens, enquanto meus companheiros às vezes se aborreciam muito por não poderem satisfazer seus gostos e apetites mais requintados.

Minha mãe era igualmente dotada de excelente constituição; amamentou seus dez filhos. Meus pais nunca tiveram doença alguma, senão aquela da qual faleceram, ele com 89 anos de idade, ela, aos 85. Foram enterrados em Boston, lado a lado.

CONTINUEI a ser ajudante de meu pai durante dois anos, isto é, até chegar aos doze; tudo levava a crer que meu destino era ser fabricante de velas. Mas como continuava a não gostar do ofício, meu pai receava que, se não encontrasse ocupação que me satisfizesse, eu fugisse um dia para ser marinheiro. Por isso, afim de estudar minhas inclinações, levava-me a passear com ele para observar os marceneiros, pedreiros, torneiros, caldeireiros, etc., nas suas oficinas de trabalho. Por esse motivo é que, desde então, sempre tive prazer em ver bons operários manejar suas ferramentas; foi-me muito util e assim aprendí tantas coisas que fiquei habilitado a fazer pequenos consertos e objetos na minha casa e a construir pequenas máquinas para minhas experiências.

Gostava de ler desde criança (nem me lembro de quando não sabia ler) e todo dinheirinho que me davam era sempre aplicado na compra de livros. Li, com grande prazer, o *Pilgrim's Progress* e minha primeira coleção foram as obras de John Bunyan em pequenos volumes. A modesta biblioteca de meu pai compunha-se, principalmente, de livros de polêmica religiosa; li a maioria deles e muitas vezes deploro não ter encontrado obras mais apropriadas, numa época em que a minha sede de aprender era tão intensa. Tambem li muito das *Vidas* de Plutarco e ainda hoje penso que foi um tempo muito bem empregado.

Essa inclinação pela leitura induziu finalmente meu pai a fazer de mim tipógrafo, apesar de já ter um filho (o James) nesse ofício. Tal profissão agradava-me muito mais do que a de meu pai, sem no entanto diminuir minha tendência pela vida marítima. Para evitar o temido efeito de tal inclinação, meu pai estava ansioso por me ver ligado a meu irmão. Resistí durante algum tempo; finalmente convencí-me e assinei o contrato; tinha apenas doze anos de idade. Ficou estipulado que trabalharia como aprendiz até os vinte e um anos, e só durante o último ano receberia salário de jornaleiro. Em pouco tempo fiz progressos e tornei-me bom auxiliar de meu irmão. Podia agora encontrar livros melhores. As minhas relações com aprendizes de livrarias permitiam-me algumas vezes pedir empres-

tado um livro, que tinha o cuidado de devolver sem demora, e limpo. Para que não dessem pela falta do volume, lia às vezes no meu quarto durante toda a noite.

Nessa altura, a poesia despertou meu interesse e escreví alguns versos; meu irmão, pensando que minhas estrofes poderiam ter algum valor, deixou-me compor algumas baladas. Uma chamava-se *The Lighthouse Tragedy* (A tragédia do Farol) e relatava o naufrágio do Capitão Worthilake com suas duas filhas; a outra era uma canção de marinheiro, a respeito de *Teach* (ou Barba-preta), o pirata. Tratava-se sempre de desgraças e seu mérito literário era inferior; depois de impressas, meu irmão mandou-me vendê-las pelas ruas da cidade. A primeira teve muitos compradores; a tragédia era recente e fizera grande barulho. Isso lisonjeou minha vaidade; meu pai, porem, escarneceu e ridicularizou minhas proezas, afirmando que os que faziam versos acabavam geralmente em pedintes. E foi assim que escapei de ser poeta, provavelmente mau poeta; mas como a prosa me foi muito util na vida, quero contar-lhe como adquirí o pouco que tenho de habilidade nessa arte.

Havia outro rapaz livresco na vila, chamado John Collins, meu amigo íntimo. Algumas vezes discutíamos e gostávamos imenso de debates, o que se pode tornar hábito muito aborrecido e desagradavel, sobretudo na presença de visitas. Tinha adquirido esse costume ao ler os livros de meu pai sobre polêmicas de religião. Pessoas de bom senso, já o tenho observado, poucas vezes se deixam arrastar a isso, exceto os advogados e universitários, e homens de todas as categorias, quando criados em Edinburgo.

Uma vez, Collins e eu começamos a discutir sobre as vantagens e desvantagens de educar o sexo feminino e sobre o talento das mulheres para os estudos. Ele pretendia que isso era impróprio e que as mulheres não tinham, por natureza, habilidade para aprender. Eu era de opinião oposta, talvez um pouco por espírito de contradição. Collins tinha o dom da eloquência, e usava vocabulário abundante e variado; por vezes venceu-me, mais pela fluência do seu discurso, pensava eu, do que pelas razões apresentadas. Como nos separássemos sem resolver o problema, pus-me a escrever meus argumentos, passei-os a limpo e lhos enviei. Ele respondeu e eu repliquei. Já tínhamos assim trocado três ou quatro cartas, quando meu pai encontrou esses papéis e os leu. Sem tomar parte na discussão, aproveitou a ocasião para me dizer o que pensava da minha maneira de escrever; observou que, apesar da vantagem sobre o meu antagonista no que se referia à ortografia (que eu aprendera na tipografia), eu lhe era muito inferior na elegância de expressão, método e lucidez, coisa de que meu pai me convenceu por meio de diversos exemplos. Compreendí a justeza das suas observações e desde então prestei maior atenção à maneira de escrever, resolvendo aperfeiçoar-me.

Veio parar-me às mãos, nessa altura, um volume avulso do *Spectator*. Li-o e relí-o muitas vezes, com enorme interesse. Considerava excelente o seu estilo; ambicionei imitá-lo, se pudesse. Com esse fim em vista, escolhí certos trechos, escreví algumas notas sobre o sentido de cada frase e pus tudo de parte alguns dias. Depois, sem olhar para o livro, experimentei completar os trechos outra vez, desenvolvendo cada idéia o mais completamente possivel. Em seguida, comparava a minha prosa com o *Spectator* original, descobria os erros e corrigia-os. O tempo de que dispunha para esses exercícios e para ler, era à noite ou aos domingos, quando diligenciava ficar sozinho na tipografia, esquivando-me tanto quanto podia de ir à missa, como meu pai costumava exigir; eu ainda considerava isso um dever, apesar de que não me parecia sobrar tempo para praticá-lo.

Quando atingí os 17 anos, dei com um livro, escrito por um tal Tryon, que recomendava o regime vegetariano. Resolví adotá-lo. Meu irmão, que não se casara ainda, não tinha casa, mas alojava-se com seus aprendizes, numa hospedaria. A minha recusa de comer carne ocasionava incômodos, e era repreendido muitas vezes. Estudei o modo de preparar alguns dos pratos de Tryon, e então propús a meu irmão que me desse, por semana, metade do que pagava pela minha comida; eu próprio trataria da minha alimentação. Concordou imediatamente. Em breve verifiquei que podia economizar metade do que me dava.

Mas eu ainda gozava de outra vantagem. Como meu irmão e o resto do pessoal tinham de sair da oficina para comer, eu ficava só. Despachava rapidamente minha leve refeição, composta apenas de um biscoito ou uma fatia de pão, uma mancheia de passas ou uma empada, e um copo de água. O resto do tempo dedicava-o ao estudo. Progredí assim imenso, devido à maior clareza de espírito que se consegue, em geral, quando se come e bebe com frugalidade.

Enquanto me dedicava ao aperfeiçoamento do estilo, encontrei um livro que tratava da discussão pelo método de Sócrates. Encantou-me logo e o adotei, abandonando meu sistema de contradição abrupta e argumentação positiva, e tornei-me investigador humilde e sempre pronto a duvidar. Foi daí que conservei o hábito de me exprimir com mais modéstia, sem nunca usar, quando dizia qualquer coisa que podia ser discutivel, as palavras «com certeza» ou «sem dúvida» ou quaisquer outras que dessem tom decisivo a uma opinião; preferia empregar as expressões «suponho» ou «calculo», «assim me parece» ou «imagino que assim é» ou «se não me engano». Esse hábito, estou convencido, me foi muito vantajoso quando tive ocasião de inculcar minhas opiniões e persuadir pessoas a agirem em favor de certos propósitos que me encarregara de promover. Gostaria que os homens bem intencionados e sensatos não diminuissem seu poder de fazer bem, adotando um modo categórico, que raras vezes falha em desgostar e tende a criar oposição e a frustrar todos os fins para os quais nos foi dado o dom da palavra.

Meu irmão principiara, em 1720 ou 1721, a publicar um jornal. Era o segundo que aparecia no nosso país e chamava-se *New England Courant*. Alguns dos seus amigos quiseram-no dissuadir dessa idéia, afirmando que não poderia ter êxito, pois já havia um jornal, o que era bastante para o país, na opinião deles. Depois de trabalhar na composição e na impressão das folhas, era eu quem ia entregar os jornais aos fregueses.

Ele tinha alguns rapazes inteligentes, entre os seus amigos, que se divertiam a escrever pequenos artigos para o jornal. Ouví-os falar no bom acolhimento dispensado a esses artigos, e quis experimentar tambem; mas, como era ainda muito jovem, e suspeitando que meu irmão se opusesse à publicação de qualquer prosa da minha lavra, disfarcei a caligrafia e escreví um artigo anônimo que, uma noite, fiz deslizar por debaixo da porta da oficina. Quando os colaboradores de meu irmão apareceram, à hora

habitual, leram meu artigo e fizeram comentários favoraveis; tive o delicioso prazer de verificar que o aprovavam.

Estimulado por esse acontecimento, escrevi assim vários outros artigos que foram igualmente publicados. Quando finalmente confessei meu segredo, os amigos de meu irmão passaram a considerar-me melhor, e duma maneira que não lhe agradava muito, pois pensava, e talvez com certa razão, que isso me tornaria muito vaidoso. Talvez fosse esse o motivo de algumas divergências que nessa altura começaram a surgir entre nós. Apesar de nosso parentesco, considerava-se meu patrão; eu era seu aprendiz e nada mais. Nossas incompatibilidades eram sempre apresentadas a meu pai; parece-me que, em geral, eu tinha razão ou talvez soubesse defender melhor a minha causa; o fato é que o julgamento era quase sempre a meu favor. Meu irmão, porem, era arrebatado e batia-me muitas vezes, o que me ofendia em extremo. Considerava pois a minha aprendizagem aborrecida e estava sempre à espera de poder encurtá-la, o que finalmente aconteceu, de modo bastante inesperado.

Um dos artigos do nosso jornal, sobre qualquer questão política de que agora já me não lembro, ofendeu a Assembléia. Meu irmão foi censurado e metido na prisão durante um mês. Enquanto esteve detido, assumí a direção do jornal; tive a ousadia de atacar nossos governantes, o que satisfez meu irmão, enquanto outros começaram a considerar-me desfavoravelmente como um jovem de talento que tem o topete de escrever libelos e sátiras. Meu irmão foi solto, acompanhado duma ordem (muito estranha) da Câmara dizendo que «*James Franklin não pode mais publicar o jornal chamado* New England Courant».

Consultou seus amigos sobre o que deveria fazer. Alguns propuseram burlar a ordem mudando o título do jornal; meu irmão, porem, resolveu finalmente publicá-lo sob o nome de Benjamin Franklin. Para evitar a censura da Assembléia, que podia atingí-lo por publicar ainda o jornal em nome do seu aprendiz, o plano era que o meu velho contrato me fosse devolvido, inscrevendo-se nas costas que estava despedido, afim de poder mostrá-lo quando a ocasião o exigisse. Para garantir a meu irmão os meus serviços, eu assinaria novo contrato para o resto do prazo, que ficaria secreto. Era uma fragil combinação, mas foi imediatamente posta em prática e assim continuamos com o jornal, em meu nome, durante alguns meses.

Por fim surgiu novo desacordo entre mim e meu irmão. Resolví retomar minha liberdade, presumindo que ele não se atreveria a invocar o novo contrato. Não era decente da minha parte aproveitar-me da ocasião; mas, melindrado pela pancadaria que o seu mau gênio fazia desencadear frequentemente sobre mim, isso pouco me pesava na conciência.

Quando compreendeu que me ia embora, tratou de evitar que eu obtivesse emprego em qualquer outra tipografia, falando mal de mim a todos os patrões. Pensei então em ir para Nova York, que era o local mais perto onde havia imprensa; meu pai, porem, colocava-se agora ao lado de meu irmão e sentí que, se tentasse partir abertamente, todos os meios seriam empregados para me reter. Meu amigo Collins resolveu vir em meu auxílio. Tratou da passagem com o capitão duma falua que ia para Nova York,

dizendo-lhe que se tratava dum jovem amigo em situação embaraçosa; uma moça de má conduta estava grávida dele e, se não fugisse, seria obrigado a casar com ela; por isso tambem não podia aparecer em público. Vendí pois alguns dos meus livros, para arranjar dinheiro, e seguí para bordo com todo o sigilo; o vento soprava a nosso favor e três dias depois cheguei a Nova York, a cerca de

480 quilômetros de casa. Contava apenas 17 anos de idade, não trazia recomendação alguma, nem conhecia ninguem na cidade; e tinha pouco dinheiro no bolso.

Desvanecera-se, por essa época, completamente minha fantasia pelo mar; se assim não houvesse sucedido, seria agora a ocasião para realizar meu sonho. Mas como tinha um ofício e me considerava bom operário, oferecí meus serviços ao tipógrafo da cidade, o velho sr. William Bradford. Não me podia ele dar trabalho, porque já tinha bastantes empregados; mas disse-me: «Meu filho, em Filadélfia, perdeu há pouco o seu melhor operário, que morreu; se você quiser ir para lá, julgo que lhe poderá dar trabalho.» Filadélfia ficava a mais 160 quilômetros de distância; no entanto, pus-me a caminho, por via fluvial, num barco para Amboy, e mandei seguir a minha bagagem por mar.

Ao atravessar a baía, fomos surpreendidos por uma tempestade que rasgou nossas velas remendadas e nos arrastou para Long Island. Ainda por cima, um holandês bêbedo, passageiro tambem, caiu ao mar; quando já estava prestes a afogar-se, conseguí deitar a mão à sua cabeça e içá-lo para bordo. O mergulho o curara da bebedeira, e dormiu.

Quando nos aproximamos da ilha, as ondas da maré alta erguiam-se ameaçadoras perto dos rochedos da praia. Assim, lançamos a âncora. Quando desceu a noite, não tivemos outro remédio senão esperar que o vento abrandasse. Entretanto, o barqueiro e eu agachamo-nos no fundo do barco com o holandês e as ondas que varriam a embarcação, passando sobre nós, deixaram-nos tão encharcados como o holandês. Assim passamos a noite, sem poder dormir; no dia seguinte sossegou o vento e avançamos para Amboy, diligenciando lá chegar antes de escurecer. Já navegávamos havia trinta horas, sem comida nem bebida, a não ser uma garrafa de rum ordinário.

À noite, estava eu febril e fui para a cama; tinha lido em qualquer parte que água fria, ingerida em grande quantidade, era bom para abater a febre; seguí essa receita, transpirei bastante durante a noite, a febre desapareceu e, na manhã seguinte, atravessei o rio. Continuei a viagem a pé. Tinha de percorrer 80 quilômetros até Burlington onde, assim me diziam, poderia encontrar barco que me levasse todo o resto da viagem até Filadélfia.

Choveu torrencialmente durante todo o dia. Estava molhado até aos ossos e já bastante cansado por volta de meio-dia. Parei numa hospedaria miseravel onde passei a noite, começando agora a lastimar ter saido de casa. Oferecia um aspecto tão miseravel que me tomavam por um criado evadido e corria o perigo de ser considerado suspeito. Mesmo assim,

no dia seguinte continuei meu caminho e em Burlington encontrei um barco que seguia para Filadélfia, cheio de gente. Fui admitido a bordo, mas como não havia vento, tivemos de remar durante todo o trajeto. Perto das oito ou nove horas da manhã de domingo, chegamos e desembarcamos no cais de Market Street.

Envergava minha roupa de trabalho. Estava sujo da jornada, com meus bolsos recheados de camisas e meias, e não conhecia viv' alma, nem sabia onde procurar alojamento, fatigado da viagem, de remar, da falta de descanso e ainda por cima esfomeado. Todo o meu dinheiro era um dolar holandês e perto dum xelim em cobre. Dei o xelim ao barqueiro para pagar a viagem, o qual a princípio o recusou porque o ajudara a remar. Mas eu insistí que aceitasse. Um homem, às vezes, é mais generoso quando tem pouco dinheiro do que quando tem muito, talvez receando que o tomem por pobre.

Comecei a andar pela rua acima, olhando para um lado e outro, até que perto do mercado encontrei um rapaz com pão. Indaguei onde o comprara, dirigí-me imediatamente à padaria que me indicou e pedí um biscoito, pensando nos que havia em Boston; mas parece que não se fabricavam em Filadélfia. Depois pedí um de certo tipo; responderam-me que não havia. Sem saber o nome do pão que alí se vendia, nem qual era mais barato, expliquei que queria pão no valor de três centavos. Recebí então três padas, bastante grandes. Fiquei surpreendido com a quantidade, mas peguei nelas e, como já não tinha espaço nos bolsos, coloquei uma debaixo de cada braço e passei a comer a terceira. Fui assim por Market Street acima, passando à porta de minha futura esposa; quando ela, de pé, encostada à porta, me viu, certamente pensou que eu tinha uma aparência ridícula e acanhada, como de fato era. Dei meia volta, continuei a comer o meu pão e fui parar outra vez no cais de Market Street. Já tendo satisfeito o estômago com um dos pães, dei os outros dois a uma mulher que atravessara o rio no mesmo barco e trazia uma criança nos braços.

Mais bem disposto, subí outra vez a rua, pela qual, a esta hora, já passavam pessoas asseadamente vestidas, que seguiam o mesmo caminho. Juntei-me a elas e fui assim parar à grande casa de reunião dos Quakers, perto do mercado. Sentei-me num banco e, depois de olhar em volta, como ninguem falava, adormecí profundamente devido ao cansaço da viagem. Continuei a dormir até o fim da reunião, quando um senhor amavel me acordou. Foi pois essa a primeira casa onde entrei e dormí em Filadélfia.

Andando outra vez em direção ao rio encontrei um Quaker, cuja aparência me atraiu. Acerquei-me dele e perguntei-lhe onde poderia encontrar alojamento. Levou-me à hospedaria *Crooked Billet*, em Water Street. Enquanto comia o jantar, fizeram-me várias perguntas; parece que desconfiavam, pelo meu aspecto, que era um fugitivo.

Na manhã seguinte, arranjei-me o melhor que pude e fui apresentar-me a Andrew Bradford, o tipógrafo. Encontrei na oficina o pai, aquele bom velhote que vira em Nova York e que, viajando a cavalo, chegara a Filadélfia antes de mim. Apresentou-me a seu filho, que me recebeu amavelmente e me deu de almoçar; disse-me ao mesmo tempo que não precisava de ajudante, mas que havia outro tipógrafo na cidade, estabelecido recentemente, chamado Keimer, que talvez me desse trabalho; se assim não acontecesse, de bom grado me hospedaria na sua casa e me daria trabalho de vez em

quando até que me pudesse empregar definitivamente.

A oficina de Keimer consistia numa velha máquina desengonçada e numa coleção de tipos já muito gastos. Tratei de reparar o prelo (do qual Keimer nada entendia) de modo a poder funcionar, e regressei à casa de Bradford que me deu um pequeno trabalho para compor. Poucos dias depois, Keimer tinha um panfleto a imprimir, do qual me encarregou.

Verifiquei que esses dois tipógrafos eram pouco competentes. Bradford não tinha grande prática do ofício e era ignorante. Keimer, apesar de bastante culto, nada sabia do trabalho de imprensa e, como mais tarde descobrí, era muito velhaco. Não me podia alojar, mas arranjou-me um quarto em casa do sr. Read, que atrás mencionei. Entretanto chegara a minha roupa e agora já Miss Read podia ter de mim uma idéia mais lisonjeira do que quando me viu, pela primeira vez, comendo pão rua acima.

Começava agora a arranjar conhecimentos entre a juventude da cidade que se interessava por livros, com quem passava horas muito agradaveis à noite. Ganhava minha vida e era sóbrio. Vivia contente, fazia por esquecer Boston e não desejava que ninguem soubesse onde residia. Finalmente, devido a um incidente inesperado, voltei para casa mais cedo do que calculava. Um dos meus cunhados, Robert Holmes, era patrão dum barco que navegava entre Boston e Delaware. Encontrava-se ele uma vez em Newcastle, a perto de sessenta quilômetros de Filadélfia, quando ouviu falar em mim; escreveu-me uma carta contando as preocupações dos meus amigos de Boston pela minha partida repentina. Agradecí-lhe o cuidado e descreví as razões que me levaram a sair de Boston, de modo a convencê-lo de que não agira tão mal, como ele suspeitara.

Sir William Keith, governador da Província, estava nessa altura em Newcastle; aconteceu que o capitão Holmes se encontrava na sua companhia quando recebeu minha carta, e mostrou-lha, explicando quem eu era. O governador leu-a e pareceu surpreendido quando soube a minha idade. Disse que eu parecia ser um jovem muito promissor e que por isso me deviam ajudar e amparar; os tipógrafos de Filadélfia não prestavam para nada, e, se eu me estabelecesse alí, não tinha dúvida alguma que seria bem sucedido; pela sua parte, obteria para mim trabalho oficial e me ajudaria em tudo quanto pudesse. Só mais tarde soube dessa conversa, em Boston, pelo meu cunhado. Mas um dia, Keimer e eu estávamos trabalhando, quando pela janela vimos o governador e outro cavalheiro, muito bem vestidos, atravessar a rua, dirigir-se à oficina e bater à porta.

Keimer foi abrir apressadamente, convencido de que a visita era para ele. O governador, porem, perguntou por mim, subiu e, com uma cortesia a que não estava habituado, fez-me muitos elogios; disse-me que gostaria de me conhecer de perto e censurou-me por eu não ter ido visitá-lo logo que cheguei. Insistiu em que o acompanhasse à taberna, onde ia provar um vinho da Madeira, especial. Fiquei deveras surpreendido com tudo isso, mas Keimer, esse, estava furibundo. Acompanhei o governador e, diante dos copos de Madeira, propôs-me que me es-

tabelecesse por minha conta. Quando lhe disse que não estava certo se meu pai me ajudaria ou não, Sir William prometeu dar-me uma carta expondo-lhe as vantagens; tinha a certeza de o persuadir.

Lá para fins abril de 1724, apareceu um pequeno navio para Boston. Despedí-me de Keimer, como se fosse visitar os amigos. O governador entregou-me uma longa carta, onde dizia a meu pai coisas lisonjeiras a meu respeito e recomendava com firmeza o projeto de me estabelecer em Filadélfia, o que me proporcionaria fortuna certa. Chocamos contra um banco de areia ao descer a baía e o barco sofreu um rombo. Tivemos que lutar com um temporal violento e baldear a água sem descanso. No entanto, chegamos a Boston sãos e salvos, no fim de quinze dias. Estivera ausente sete meses e meu regresso inesperado surpreendeu a família. Todos, porem, ficaram radiantes de me ver, exceto meu irmão. Fui visitá-lo na tipografia. Eu estava mais bem vestido que quando trabalhava para ele. Tinha um terno novo, um relógio e perto de cinco libras em prata. Não me recebeu com cordialidade; olhou para mim dos pés à cabeça e voltou a trabalhar.

Os jornaleiros, cheios de curiosidade, queriam saber onde estivera, que espécie de região era e se me tinha agradado. Elogiei-a imenso e exprimí-lhes minha intenção firme de voltar para lá; quando um deles me perguntou qual era a moeda lá corrente, mostrei-lhe um punhado de prata, ao que não estavam acostumados, pois o dinheiro em Boston era de papel. Aproveitei a oportunidade para lhes fazer admirar meu relógio; e por fim (meu irmão continuava carrancudo e rabugento) a cada um dei uma moeda para vinho e despedí-me. Essa minha visita inesperada ofendeu extremamente meu irmão.

Meu pai recebeu a carta do governador com certa surpresa, mas não se manifestou por alguns dias, até que chegou o capitão Holmes. Mostrou-lhe a carta, perguntando se conhecia Keith e que espécie de homem era; acrescentou que o considerava com pouco critério visto aconselhar um rapaz, a quem faltavam ainda três anos para ser maior, a estabelecer um negócio por conta própria. Holmes defendeu a idéia o melhor possivel, mas não conseguiu convencer meu pai, que se recusou terminantemente a apoiá-la.

Meu amigo e camarada Collins, empregado agora nos correios, entusiasmado com o que lhe contei da região onde estivera, decidiu ir para lá. Partiu antes de mim, por terra, para Rhode Island.

Apesar de não aprovar a proposta de Sir William, meu pai estava bastante satisfeito com as elogiosas referências feitas a meu respeito por um homem de tal categoria, e com a minha habilidade e cuidado em me equipar tão bem e em tão pouco tempo; viu que não poderia haver reconciliação entre mim e meu irmão e resolveu consentir que regressasse a Filadélfia. Recomendou-me que me portasse bem, tratasse de obter a estima geral e evitasse discussões e libelos, para o que ele me considerava com tendências. Embarquei de novo para Nova York, desta vez com a sua benção.

Como o barco passasse por Newport, em Rhode Island, fui visitar meu irmão John, que estava alí estabelecido havia alguns anos. Recebeu-me com demonstrações de carinho, pois sempre fora muito meu amigo. Um seu conhecido, chamado Vernon, tinha alguem na Pensilvânia que lhe devia perto de trinta e cinco libras; pediu-me que cobrasse essa quantia e a guardasse até novas instruções. Deu-me uma ordem por escrito para esse efeito, o que aliás veio a causar-me, mais tarde, muitos aborrecimentos.

Em Nova York encontrei meu amigo Collins, que chegara algum tempo antes de mim. Enquanto vivia em Boston, a maior parte das minhas horas vagas eram passadas com ele, que sempre foi um rapaz sóbrio e trabalhador. Porem, durante a minha ausência, adquirira o hábito de beber aguardente; verifiquei que se tinha embriagado todos os dias desde que chegara a Nova York. Tambem jogara e perdera tudo quanto tinha, de modo que me vi obrigado a pagar o seu alojamento e as suas despesas para Filadélfia e lá tambem, o que me incomodou bastante.

Partimos para Filadélfia. Pelo caminho cobrei o dinheiro de Vernon, sem o qual não poderíamos ter chegado ao fim da jornada. Collins procurava emprego como guarda-livros; mas, talvez porque descobrissem que bebia, pelo seu hálito ou pelo seu porte, não conseguiu arranjar trabalho e continuou a viver e a comer comigo e à minha custa. Sabendo que eu tinha aquela soma do Vernon, estava sempre a pedir-me dinheiro emprestado, prometendo pagar logo que começasse a trabalhar. Por fim já lhe tinha cedido tanto, que comecei a preocupar-me intensamente sobre o que deveria fazer se solicitado a remeter o dinheiro.

Continuava a beber e por isso tínhamos discussões frequentes. Quando ingeria alguns copos, provocava desordens. Uma vez, estávamos todos num barco com alguns amigos e ele recusou-se a remar quando lhe tocou a vez. «Os outros que remem,» disse ele. «Não vamos remar para você,» disse eu. «Não há outro remédio, senão você ficar toda a noite parado na água,» retorquiu; «faça o que quiser.» Os outros disseram: «Vamos remar; que significa isto?» Mas como eu estava indignado com o seu procedimento, continuei a recusar. Então ele jurou que me havia de obrigar a remar ou me lançaria à água; quando se dirigiu a mim ameaçadoramente, saltando sobre os bancos e dando-me uma pancada, agarrei-o por debaixo dos braços e atirei-o à água. Sabia que era bom nadador e por isso não me preocupei com ele; mas antes que pudesse deitar a mão ao barco, já nos encontrávamos fora do seu alcance; mesmo quando chegou a aproximar-se e lhe perguntamos se estava resolvido a remar, teimosamente respondeu que não e não. Preferia morrer afogado. No entanto, vendo que já estava cansado, puxamo-lo para o barco e levamo-lo a casa, todo encharcado. Mal trocamos uma palavra amavel depois disso. Um capitão das Índias Ocidentais, encarregado de arranjar um preceptor para os filhos dum cavalheiro de Barbados, encontrou-o por acaso e levou-o consigo. Foi-se embora prometendo enviar-me o primeiro dinheiro que ganhasse, para saldar a sua dívida. Nunca mais tive notícias dele.

Foi um dos maiores erros da minha vida ter tocado no dinheiro de Vernon; isso provou que meu pai tinha toda a razão em me considerar muito novo ainda para estar a cargo dum negócio importante. Mas Sir William, quando leu a carta dele, disse que meu pai era prudente demais. O discernimento nem sempre condizia com a idade, nem à juventude faltava prudência muitas vezes. «Visto que ele não o quer ajudar,» disse Sir William, «eu o ajudo. Dê-me uma lista das coisas de que você precisa da Inglaterra e eu mando buscá-las. Pague-me quando puder. Estou resolvido a ter um bom tipógrafo aquí, e tenho a certeza de que você há-de ser bem sucedido.» Essas frases foram pronunciadas com tal

expressão de cordialidade, que nem por um instante duvidei da sua oferta. Mais tarde ouví contar que Sir William era muito liberal em fazer promessas que nunca tencionava cumprir. No entanto, naquela época, considerava-o um dos melhores homens que existiam na terra.

Apresentei-lhe o inventário duma pequena tipografia que custaria cerca duma centena de libras esterlinas. Ficou satisfeito e perguntou se eu não julgava vantajoso ir à Inglaterra e escolher os tipos mais convenientes. Concordei. «Então,» disse, «prepare-se para embarcar no *Annis*,» que era o navio anual. Mas como ainda faltavam alguns meses para o *Annis* seguir viagem, continuei a trabalhar para Keimer.

Creio ter esquecido de contar que durante minha primeira viagem de Boston, ao passar por Block Island, os que iam a bordo se entretiveram em pescar bacalhau e conseguiram enorme quantidade. Até então, mantinha firme a minha decisão de não comer alimento animal e naquela ocasião considerei a pesca como um crime sem provocação, visto que os peixes não nos podiam fazer mal algum. Esse modo de pensar parecia-me muito razoavel. Outrora, porem, tinha gostado imenso de peixe e quando este vinha quentinho e saltando da frigideira, o cheiro era realmente tentador. Hesitei durante algum tempo entre meus princípios e minha inclinação; depois lembrei-me de que, quando se abria a barriga do peixe, havia dentro peixes menores, e pensei: «Se eles se comem uns aos outros, não sei porque não os havemos de comer.» E assim comí o bacalhau com grande prazer e só de vez em quando é que seguia o regime vegetariano. É muito conveniente ser-se uma pessoa razoavel, pois assim se pode encontrar justificação para tudo que se deseja fazer.

Keimer e eu vivíamos como em família e tolerávamo-nos muito bem, pois ele nada suspeitava do projeto de me estabelecer por conta própria. Usava uma barba muito comprida, porque está escrito na lei de Moisés: «Não desfearás os cantos da tua barba.» Tambem guardava o sétimo dia. Ligava muita importância a esses dois preceitos. Eu não gostava nem de um nem de outro, mas consentí em admití-los, com a condição de ele adotar minha doutrina vegetariana. «Duvido,» disse ele, «que meu organismo possa suportar esse regime.» Assegurei-lhe que seria ótimo para sua saude. Era, em regra, muito comilão e eu já me divertia de antemão com a idéia de o fazer passar fome. Consentiu em experimentar e aguentou durante três meses. Uma mulher da vizinhança, a quem eu dera uma lista de quarenta pratos, variados, trazia-nos a comida. Nunca incluia peixe, carne ou galinha e sentia-me muito satisfeito por nos custar tão barato, nunca acima de dezoito *pence* por semana. Continuei muito bem disposto, mas o pobre Keimer sofria amargamente quando se lembrava dos opíparos guisados de carne à moda do Egito. Uma vez encomendou um leitão assado e convidou duas moças para jantar conosco; mas como a travessa foi posta na mesa antes da nossa chegada, ele não foi capaz de resistir à tentação e comeu tudo.

Entretanto, eu começara a namorar Miss Read. Sentia por ela grande respeito e afeto e tinha razões para crer que era correspondido; mas como eu estava em vésperas de empreender longa viagem e ambos não contávamos mais de dezoito anos de idade, resolvemos que, se nos quiséssemos casar, seria melhor aguardar meu regresso, quando me estabelecesse por conta própria, como era de esperar.

Meus principais amigos nessa época

eram Charles Osborne, Joseph Watson e James Ralph; todos gostavam muito de ler. Os dois primeiros trabalhavam para um escrivão ou notário da cidade, chamado Charles Brogden; o outro era escriturário numa casa comercial. Watson era um jovem devoto, sensato e muito honesto; os outros eram bem menos firmes no que dizia respeito a princípios religiosos, sobretudo Ralph que, igualmente como Collins, saira de casa a meu exemplo. Tanto um como outro me fizeram sofrer por isso. Mais tarde falarei de Ralph.

O governador parecia apreciar minha companhia e convidava-me com frequência a sua casa. Sempre falava no meu futuro estabelecimento, como de assunto certo. Ia dar-me cartas de recomendação para muitos amigos, alem da carta de crédito para o pagamento da prensa, dos tipos, do papel, etc. Mandou-me chamar várias vezes para me entregar essas cartas, mas nunca estavam prontas. Dizia-me sempre que viesse outro dia, até que o navio, cuja partida fora tambem adiada, ficou afinal pronto a seguir viagem. Então, quando me fui despedir e receber as cartas, o secretário disse-me que o governador estava extremamente ocupado, mas que chegaria a Newcastle antes da largada do navio, e que lá me seriam entregues as prometidas cartas.

Ralph, apesar de casado e já com um filho, resolvera acompanhar-me. Pensava-se que ele tencionava ir à Inglaterra para obter alguma mercadoria que venderia em comissão; mais tarde descobrí que, devido a certos dissabores com os parentes de sua mulher, tencionava abandoná-la nas mãos deles e nunca mais voltar. Despedí-me dos meus amigos, troquei algumas promessas com Miss Read e partí de Filadélfia no navio. Perguntei ao capitão pelas cartas que me deveriam ser entregues. Disse-me que estavam todas dentro dum saco e que não podia buscá-las ainda; mas antes de desembarcar na Inglaterra eu teria ocasião de tomar posse delas. Fiquei descansado e seguimos viagem.

Quando chegamos à Mancha, o capitão deixou-me procurar no saco as cartas do governador. Não encontrei nem uma com o meu nome. Escolhí seis ou sete que, pela caligrafia, me pareciam ser as minhas, especialmente porque uma era dirigida a Basket, o tipógrafo do rei, e outra a um dono duma papelaria. Chegamos a Londres em 24 de dezembro de 1724. Fui à papelaria entregar a carta, dizendo que vinha do governador Keith. «Não conheço ninguem com esse nome,» disse o proprietário; mas quando abriu e leu a carta exclamou: «Ah! é do Riddlesden.» Fiquei surpreendido ao descobrir que não eram as cartas do governador. Depois de pensar no assunto e de comparar as circunstâncias, comecei a duvidar da sua sinceridade. Encontrei o sr. Denham, que se tomara de amizade por mim, durante a viagem, e contei-lhe toda a história. Desvendou-me o carater de Keith; disse-me que não havia a mínima probabilidade de ele ter escrito qualquer carta de recomendação; riu-se da idéia de o governador me dar uma carta de crédito e disse que não podia dar aquilo que não tinha. Quando me viu um tanto preocupado e sem saber que fazer, aconselhou-me a procurar emprego. «Entre os tipógrafos daquí,» disse, «você pode aperfeiçoar sua arte e, quando regressar à América, estará em melhores condições

para se estabelecer por conta própria.»

Que se deve pensar dum governador que assim engana um pobre rapaz ignorante? Era um hábito que adquirira; queria agradar a todos e, como pouco tinha para dar, distribuia esperanças.

RALPH e eu éramos companheiros inseparaveis. Hospedamo-nos na mesma casa, por três xelins e meio por semana—nossas posses não davam para mais. Ele encontrou alguns parentes, mas muito pobres para o ajudar. Não trouxera dinheiro algum e eu tive que fazer-lhe empréstimos.

Conseguí imediatamente trabalho na casa de Palmer, que era nessa época uma tipografia célebre em Bartholomeu Close, onde me conservei perto dum ano. Trabalhava com grande zelo, mas gastava com Ralph grande parte do meu ordenado em teatros e outros divertimentos. Ambos consumimos meu magro pecúlio e agora sustentávamo-nos com dificuldade.

Palmer encarregara-me de compor a segunda edição de *Religion of Nature* de Wallaston. Como alguns dos seus raciocínios não me parecessem bem fundamentados, escreví um pequeno artigo metafísico em que fazia reflexões a respeito, sob o título de «A Dissertation on Liberty and Necessity, Pleasure and Pain» («Dissertação sobre a liberdade e a necessidade, o prazer e a dor»). Devido a isso, subí na consideração do sr. Palmer, que era um rapaz bastante inteligente; no entanto, censurou-me asperamente pelas idéias do meu panfleto, que lhe pareciam abominaveis.

Na nossa casa morava tambem uma jovem modista de chapéus. Tinha sido bem educada e era sensata e muito viva. Ralph lia-lhe à noite peças de teatro; estabeleceu-se entre eles certa intimidade. Ela mudou de casa e ele a seguiu. Viveram juntos durante algum tempo, mas como ele não tinha trabalho e ela não ganhava o suficiente para o sustento de ambos e dum filho, Ralph resolveu empregar-se como professor numa aldeia, para o que se julgava habilitado. No entanto, considerava que essa posição não estava à altura da sua pessoa; confiando em melhor sorte no futuro, quando não quereria que se soubesse que exercera cargo tão mesquinho, mudou de nome e fez-me a honra de adotar o meu. Em breve recebí uma carta; comunicava-me que se instalara numa pequena aldeia, recomendava-me a Senhora T____ e pedia-me para lhe escrever, endereçando a carta para o sr. Franklin, mestre-escola.

Entretanto a Sra. T____, tendo perdido seus amigos e negócio por causa dele, estava sempre em embaraços e mandava-me chamar para me pedir dinheiro emprestado. Comecei a ter prazer na sua companhia e, como naquela época meus sentimentos religiosos não eram muito profundos, tentei certas familiaridades (outro grande erro) que ela repeliu, muito ofendida, contando tudo a Ralph. Este ficou zangadíssimo e quando voltou a Londres disse-me que o meu procedimento o libertara de todas as obrigações que me devia. E assim desiludí-me de algum dia receber o que lhe emprestara.

Comecei então a pensar em fazer economias e, contando obter emprego mais interessante, deixei Palmer e fui trabalhar para Watt, uma tipografia ainda maior. Alí continuei durante o resto do tempo que passei em Londres.

A princípio, comecei a trabalhar no prelo, imaginando que precisava do exercício físico a que estava habituado na América. Só bebia água; os outros operários, que eram perto de cincoenta, bebiam cerveja. Às vezes transportava, abaixo e acima, grandes formas de tipos em cada mão, quando outros levavam apenas uma, com ambas as mãos. Ficavam admirados de verificar que o «Americano da Água», como me alcunhavam, era mais forte do que eles que bebiam cerveja! Meu companheiro de prelo bebia, todos os dias, meio litro de cerveja em jejum, meio litro com o café da manhã, meio litro antes do almoço, meio litro durante o almoço, meio litro à tarde e outro meio litro ao terminar o trabalho. Eu considerava isso um costume detestavel. Mas ele dizia que era necessário beber cerveja afim de ganhar força para o trabalho. Tentei convencê-lo de que a única força que podia vir da cerveja era apenas na proporção da farinha de cevada dissolvida na água, de que era feita; e que havia mais farinha num pãozinho do que num litro de cerveja. Continuou a beber da mesma e tinha de pagar, por esse líquido turvo, quatro ou cinco xelins cada vez que recebia a féria, ao sábado. Era despesa que eu não tinha. E assim esses pobres nunca levantavam a cabeça.

Como algumas semanas depois Watts quis que eu passasse para a sala de composição, deixei o prelo; como boas-vindas, os compositores pediram-me cinco xelins para bebidas. Achei isso uma imposição, pois já tinha pago lá em baixo. O patrão concordou e proibiu-me que desse o dinheiro. Resistí durante duas ou três semanas; meus companheiros excomungaram-me e pregaram-me várias peças: misturavam-me os tipos, transpunham as minhas páginas, partiam o meu material, etc., etc. Se saisse da sala por alguns instantes, diziam que era um fantasma que me obrigava a isso e que perseguia todos aqueles que não tinham sido admitidos segundo a tradição; de modo que, não obstante a proteção do patrão, não tive outro remédio senão submeter-me e dar os cinco xelins, convencido de que era loucura continuar em más relações com pessoas com quem tinha de lidar constantemente.

Depois ficamos bons amigos e em breve adquirí influência consideravel. Seguindo meu exemplo, muitos deles deixaram de tomar ao almoço aquele líquido turvo, com pão e queijo, quando viram que, como eu, podiam comprar, numa loja vizinha, uma grande tijela de sopa fumegante, polvilhada de pimenta, com pedaços de pão torrado e manteiga, ao mesmo preço de meio litro de cerveja, isto é: um *penny* e meio. Era um almoço mais reconfortante e mais barato e mantinha o espírito mais esclarecido. Aqueles que continuavam a beber cerveja o dia inteiro, muitas vezes ficavam devendo na taberna e vinham pedir-me dinheiro emprestado. Isso e o fato de me julgarem amigo de gracejar, manteve minha influência naquela sociedade. Minha assiduidade e pontualidade conquistavam o patrão; e a minha rapidez invulgar na composição deu o resultado de me encarregarem do trabalho urgente que, em geral, era melhor pago.

NA TIPOGRAFIA de Watt, travei relações com um rapaz bastante trabalhador, chamado Wygate que, como tivesse parentes ricos, recebera educação mais esmerada que a maior parte dos tipógrafos. Ensinei-o, e a um amigo dele, a nadar no rio, em duas lições apenas. Em breve se tornaram bons nadadores. Apresentaram-me a alguns senhores da província que iam, por mar, a Chelsea, visitar a universidade e as curiosidades de Don Saltero. Quando regressamos, e a pedido dos companheiros, cujo interesse fora despertado por Wygate, despí-me e

atirei-me ao rio; nadei de perto de Chelsea até Blackfryar, executando muitas habilidades, tanto debaixo da água como à tona, que surpreenderam aqueles para quem isso era novidade.

Desde criança, deliciava-me com esse exercício, que estudara e praticara com o fim de adquirir movimentos graciosos e naturais, assim como uteis. Aproveitei para exibí-los nessa ocasião diante dos amigos e sua admiração envaideceu-me. Wygate, desejoso de se aperfeiçoar em natação, afeiçoou-se a mim cada vez mais. Por fim, propôs-me irmos viajar por toda a Europa, ganhando o sustento pelo nosso ofício. Estava prestes a pôr a idéia em prática; mas, conversando com o meu bom amigo o sr. Denham, a quem muitas vezes dedicava as horas vagas, ele dissuadiu-me desse propósito e aconselhou-me a só pensar em regressar à Pensilvânia.

Disse-me que em breve partiria para Filadélfia, levando grande quantidade de mercadoria para lá abrir um armazem. Propôs empregar-me como escriturário e guarda-livros, para copiar cartas e atender os fregueses. Acrescentou que, logo que eu me familiarizasse com o negócio, me faria subir de categoria. Agradou-me a proposta e aceitei imediatamente o ordenado de cincoenta libras por ano, moeda de Filadélfia; era, de fato, menos do que agora ganhava como tipógrafo, mas a perspectiva apresentava-se mais brilhante.

Despedí-me do ofício de tipógrafo, para sempre, pensei eu. Estava todo o dia ocupado no meu novo trabalho; acompanhava o sr. Denham na compra de vários artigos; tratava do seu empacotamento, fazia recados, despachava a mercadoria, etc. Quando tudo estava a bordo, restavam-me alguns dias de folga. Passei assim ano e meio em Londres, a maior parte do tempo trabalhando com afinco; poucas horas gastei comigo, a não ser para ir ao teatro e ler alguns livros.

Embarcamos em Gravesend, a 23 de julho de 1726, e aportamos em Filadélfia a 18 de outubro. Keith já não era governador. Encontrei-o a passear pelas ruas como simples cidadão. Parecia um pouco envergonhado quando me viu, mas passou sem dizer nada. Eu deveria sentir-me da mesma maneira envergonhado ao encontrar Miss Read, se os seus amigos, já não contando com o meu regresso, não a tivessem persuadido a casar com um tal Rogers, oleiro de ofício. No entanto, ela nunca foi feliz com esse marido e em breve se separou dele. Apesar de bom operário, era um indivíduo desprezivel. Fez muitas dívidas, fugiu para as Índias Ocidentais e por lá morreu. Keimer estava melhor instalado, tinha uma papelaria bem provida, tipos novos e parecia fazer bom negócio.

O sr. Denham alugou uma loja em Water Street, onde vendíamos nossas mercadorias. Dediquei-me ao negócio, estudei as contas e em breve cheguei a ser habil vendedor. Morávamos juntos; ele era para mim como um pai e estimava-me sinceramente. Eu respeitava-o e venerava-o. Poderíamos ter continuado felizes; porem, em princípios de fevereiro, quando atingí a idade de 21 anos, ele adoeceu gravemente e morreu. Deixou-me uma pequena herança, mas os testamenteiros tomaram conta da loja

e assim foi que fiquei sem emprego.

Meu cunhado Holmes, que agora se encontrava em Filadélfia, aconselhou-me a retomar meu ofício; Keimer fez-me uma oferta tentadora, que aceitei. O ordenado anual era elevado e eu ficava com a direção da tipografia. Encontrei lá, trabalhando: Hugh Meredith, de trinta anos de idade, acostumado à faina do campo; honesto, sensato, gostava de ler, mas entregava-se às bebidas; Stephen Potts, rapaz provinciano, tambem preparado para a agricultura, com um talento natural pouco vulgar, muito espirituoso, mas um tanto dado à preguiça. Keimer tinha-os admitido com salários semanais muito baixos, prometendo-lhes o aumento de um xelim de três em três meses, à medida que fossem praticando. Percebí logo que a intenção de me contratar por um ordenado elevado era para que eu ensinasse a esses trabalhadores baratos; logo que eu os instruisse no ofício, Keimer já me poderia dispensar. Mesmo assim, continuei de boa vontade, pus em ordem a tipografia, onde tudo era confusão e, pouco a pouco, fui conseguindo que os operários aprendessem e fizessem o trabalho cada vez melhor.

A oficina não abria aos sábados, que eram dias de descanso de Keimer. Isso me permitia dois dias para ler. O número de meus amigos aumentava. Keimer, a princípio, tratava-me com grande afabilidade. Verifiquei, porem, que meus serviços se tornavam cada dia menos importantes, à medida que os outros se iam aperfeiçoando no ofício. E quando Keimer me pagou o ordenado do segundo trimestre, disse-me que era muito dinheiro e que eu devia fazer-lhe um abatimento. Tornou-se, gradualmente, menos amavel; encontrava defeitos com frequência, fazia-se cada vez mais exigente e parecia prestes a explodir. Para isso bastou uma bagatela. Uma vez ouví grande ruido do lado do tribunal; pus a cabeça de fora da janela para ver o que se passava. Keimer que estava na rua, começou a gritar, em voz alta e zangado, que voltasse ao meu trabalho, acrescentando alguns termos ofensivos. Fiquei muito aborrecido, sobretudo porque todos os vizinhos estavam à janela e ouviram tudo. Keimer subiu depois e continuou a algazarra, estabelecendo-se violenta altercação com palavras ásperas de ambas as partes. Despediu-me, dando-me um trimestre de prazo, arrependido de se ter obrigado por contrato a um aviso com tanta antecedência. Respondí-lhe que não precisava de cumprir essa cláusula, pois eu me ia embora naquele instante. Peguei no chapéu e saí porta fora, pedindo a Meredith que me levasse em casa os objetos que me pertenciam.

Meredith apareceu à tardinha e conversamos sobre o incidente. Tinha-se afeiçoado a mim e disse-me que com certeza o seu pai nos emprestaria dinheiro para nos instalarmos por conta própria, se eu quisesse entrar como sócio. «Sei muito bem que não sou bom técnico,» disse ele. «Se estiver de acordo, você entra com a sua perícia e eu com o capital, e assim dividimos os lucros ao meio.»

Era uma proposta decente e aceitei-a. O pai dele estava na cidade e concordou com os nossos planos, sobretudo porque observou a boa influência que eu tinha sobre o filho no que se referia às bebidas; acalentava a esperança de eu conseguir afastá-lo completamente desse mau hábito. Entreguei uma lista ao pai de Meredith; ele levou-a a um importador que mandou vir os apetrechos de Londres.

Quando chegaram os tipos novos, encontramos uma casa para alugar, perto do mercado. Apenas acabáramos de abrir as letras e de instalar a prensa, quando

apareceu George House, um conhecido meu, para me trazer um rapaz do interior que ele encontrara na rua à procura dum tipógrafo. Tínhamos aplicado todo o nosso capital, e os cinco xelins pagos por esse homem pelo nosso primeiro trabalho proporcionaram-me maior alegria que qualquer outro dinheiro que eu ganhara; e a gratidão que senti por House inspirou-me a auxiliar prontamente todos os jovens principiantes.

Em todos os paises há pessimistas que andam sempre a profetizar a ruina da sua terra. Havia um homem assim em Filadélfia; um velhote, com ar de sábio e maneira grave de falar. Esse cavalheiro, que eu não conhecia, parou um dia à minha porta e perguntou se era eu o jovem que abrira recentemente uma nova tipografia. Quando lhe respondí afirmativamente, disse-me logo que tinha grande pena de mim, porque minha empresa se ia perder; Filadélfia estava prestes a desmoronar-se, metade da população já estando quase arruinada. Contou-me tantos pormenores sobre as desgraças que existiam ou que apareceriam em breve, que me deixou um pouco melancólico. Esse homem continuou a tagarelar da mesma maneira, recusando-se durante muitos anos a comprar uma casa, porque tudo ia ser destruido. Afinal de contas, tive o prazer de vê-lo adquirir uma casa por preço cinco vezes maior que o da época em que começara a resmungar.

Já devia ter contado que, no outono do ano antecedente, eu reunira todos os meus amigos estudiosos e fundara um clube para aperfeiçoamento mútuo, que denominamos de «Junto»; encontrávamo-nos às sextas-feiras à noite. O regulamento, redigido por mim, estabelecia que cada membro, por sua vez, devia apresentar um ou mais quesitos sobre moral, política ou filosofia natural, para serem discutidos pela assembléia; e que, de três em três meses, devia escrever e ler um ensaio sobre qualquer assunto à sua escolha. Um presidente dirigia os debates, num espírito desapaixonado e sincero em busca da verdade. E para evitar discussões acaloradas, algum tempo depois foram proibidas, sob pena duma pequena multa, todas as expressões de absolutismo ou contradição direta.

Naquela época eu fora encarregado pelos Quakers de imprimir 40 folhas acerca da sua história. Foi um trabalho insano. Compunha uma folha por dia e Meredith trabalhava no prelo. Muitas vezes, só depois das onze horas da noite é que eu acabava de preparar a tarefa para o dia seguinte, pois os nossos outros amigos mandavam-nos tambem pequenos trabalhos de vez em quando. Estava firmemente decidido a fazer uma folha por dia. Uma tarde, quando pensava ter acabado a minha faina, quebrou-se um molde e duas páginas ficaram inutilizadas. Imediatamente comecei a compô-las de novo antes de me ir deitar. Essa dedicação pelo trabalho, visivel aos nossos vizinhos, começou a dar-nos boa reputação e crédito. Contaram-me que uma vez, no clube dos mercadores, a opinião geral era que minha empresa devia falhar, porque já havia dois outros tipógrafos na cidade, Keimer e Bradford. O dr. Baird, porem, foi de parecer contrário: «A persistência desse Franklin,» disse, «é superior a tudo quanto tenho visto; quando volto para casa à noite, ainda vejo luz na oficina dele e, de manhã, já está trabalhando antes que os seus vizinhos saiam da cama.»

George Webb encontrara uma amiga, que lhe emprestou dinheiro para poder resgatar as suas obrigações na oficina de

Keimer, e veio oferecer-me seus serviços como jornaleiro. Não o podíamos empregar nessa altura; mas fiz o disparate de lhe confiar, em segredo, que em breve tencionava publicar um jornal e que então talvez tivesse trabalho para lhe dar. Minhas esperanças de êxito, disse-lhe eu, beseavam-se no seguinte fato: o único jornal da terra, publicado por Bradford, muito ordinário, mal dirigido e nada divertido, mesmo assim dava lucro; por isso estava convencido de que um bom jornal seria certamente bem acolhido. Pedí a Webb que nada dissesse a respeito, mas ele foi logo descobrir o segredo a Keimer que imediatamente, para me passar à frente, publicou propostas para imprimir um jornal, onde Webb ficaria empregado. Melindrei-me bastante com isso e, como não podia ainda iniciar nosso jornal, escreví vários artigos, para entrenimento dos leitores, no jornal de Bradford, sob o título de «Busy Body» (O Bisbilhoteiro). Por esse processo, conseguí fixar a atenção do público naquele jornal.

No entanto, Keimer começou a publicar o seu e, depois de o manter durante nove meses, com perto de noventa assinantes apenas, ofereceu-me vendê-lo por uma bagatela. Como nessa ocasião já a minha situação o permitia, comprei-lhe o jornal e em poucos anos obtive bons lucros. Era um dos primeiros resultados de eu ter aprendido um pouco a escrevinhar. Por outro lado, os influentes da cidade, vendo um jornal dirigido por um homem que sabia manejar a pena, julgaram conveniente serem amaveis comigo e apoiar-me.

Entretanto surgiu uma dificuldade com que não contava de forma alguma. O pai de Meredith, que se tinha proposto pagar a instalação da tipografia, só pudera adiantar cem libras; devíamos outras cem. O credor impacientou-se e iniciou cobrança judiciária. Depositamos fiança, mas receávamos que, se não arranjássemos o dinheiro a tempo, o caso seria julgado e as nossas esperanças ficariam arruinadas, pois o prelo e os tipos teriam de ser vendidos, talvez por metade do seu custo, para saldar a dívida.

No meio dessa aflição, vieram ter comigo, separadamente e sem saber um do outro, dois verdadeiros amigos cuja bondade nunca me foi possivel esquecer. Ambos se ofereceram para adiantar todo o dinheiro necessário para eu poder tomar por minha conta a oficina inteira.

Esses dois amigos eram membros do «Junto»: Robert Grace, rapaz de alguma fortuna, generoso, vivo e de espírito perspicaz que adorava trocadilhos e era muito amigo dos seus amigos; e William Coleman, então escriturário dum comerciante, da minha idade, dotado de espírito esclarecido e calmo, com o mais belo coração e o melhor conjunto de faculdades morais que eu jamais encontrara.

O meu sócio Meredith disse-me então: «Vejo que não sou capaz de me adaptar a este ofício. Nascí para trabalhar na terra e foi uma loucura vir para a cidade. Prefiro continuar na agricultura. Se você quer tomar a seu cargo as dívidas da firma, devolver a meu pai as cem libras que nos adiantou, pagar as minhas pequenas dívidas pessoais e dar-me um selim novo, desisto da sociedade e deixo tudo nas suas mãos.» Aceitei a proposta.

Logo que ele partiu, recorrí aos meus amigos e assim continuei com a tipografia em meu nome.

Algum tempo depois, abrí pequena papelaria e comecei a pagar gradualmente a dívida da tipografia. Com o fim de assegurar meu crédito e minha repu-

tação de bom comerciante, diligenciei não somente ser de fato trabalhador assíduo e moderado, mas tambem evitar qualquer aparência em contrário. Vestia modestamente; jamais era visto em divertimentos ociosos. Nunca ia à pesca ou à caça. Algumas vezes deixava-me conquistar por um livro, mas era raro, às escondidas e não escandalizava ninguem. E para demonstrar que não me envergonhava do meu ofício, era eu mesmo quem transportava, num carrinho de mão, o papel que comprava nos armazens para a oficina.

Era, pois, considerado rapaz trabalhador, sério e diligente. Os mercadores que importavam artigos de papelaria, solicitavam-me como freguês. Outros propunham fornecer-me livros e tudo corria às mil maravilhas. Entretanto, o crédito e o negócio de Keimer iam declinando dia a dia; finalmente viu-se forçado a vender a tipografia para pagar aos credores.

Pensava agora em constituir família e procurava uma noiva; mas em breve verifiquei que o ofício de tipógrafo era, em geral, considerado pouco produtivo e não podia esperar uma esposa com dote, a não ser que não me agradasse sob os outros pontos de vista. Nesse meio tempo, aquela paixão da juventude, difícil de retrair, levava-me com frequência a aventuras com mulheres de baixa reputação que surgiam no meu caminho, o que me ocasionava despesas e grandes inconveniências, alem de me arriscar a contrair uma doença que me aterrorizava; tive muita sorte de escapar. Mantinha correspondência amistosa, com amigos e velhos conhecidos, com a família Read, que continuava a estimar-me desde que pela primeira vez lá me hospedara. Lamentava a situação da pobre Miss Read, que andava sempre deprimida, triste e isolada de todos.

Considerava que a minha frivolidade e inconstância, enquanto estivera em Londres, tinham sido, em grande parte, a causa da sua infelicidade; a mãe, porem, teve a bondade de reconhecer que ela tivera mais culpa do que eu, quando insistira em adiar o nosso casamento para quando eu regressasse. Renasceu a nossa mútua afeição e casamos em 1 de setembro de 1730. Foi uma companheira fiel e dedicada e auxiliava-me imenso na loja; juntos lutamos e juntos prosperamos, diligenciando sempre fazer a felicidade um do outro.

Respostas a «Você sabe o que quer dizer?» (Vide pág. 12)

Segundo o número de casos em que acerte, poderá classificar seu vocabulário da seguinte maneira: de 16 a 20, *excelente;* de 12 a 15, *bom;* de 8 a 11, *regular;* abaixo de 8, *deficiente.*

(1)—C *cominar*
(2)—A *tornar esteril*
(3)—D *cobertura ornamental*
(4)—B *bobo*
(5)—C *relativo ao inverno*
(6)—C *espalhafatoso*
(7)—A *alusão picante*
(8)—D *aquecimento*
(9)—B *leitão*
(10)—A *em brasa*
(11)—A *resina ou fécula vermelha*
(12)—D *conduzir em carro*
(13)—C *chegado de fora*
(14)—B *rumorejar*
(15)—A *manar*
(16)—D *primitivo*
(17)—A *consentimento*
(18)—D *recomendar*
(19)—B *obliteração*
(20)—A *que tortura*

Flagrantes da vida real

PERDIDO numa estrada bem no interior dos Estados Unidos, e desejando saber como se chegava a determinada cidade, dirigí-me, para pedir informações, a um velho fazendeiro sentado calmamente em sua cerca, mascando fumo. Ouvindo minha pergunta, coçou a cabeça, contemplou longamente a estrada, e em seguida me deu uma complicada série de direções a tomar.

Daí a meia hora, tendo seguido escrupulosamente as informações recebidas, imagine-se minha surpresa ao deparar novamente com o velho, no mesmíssimo lugar! Bastante irritado, parei meu automovel e exclamei: —Escute aquí, meu amigo. O sr. até parece que esperava me ver outra vez. Que negócio é esse? —Eu lhe explico, moço. —É que eu não queria esperdiçar meu tempo lhe ensinando como se vai lá na vila, antes de saber se o sr. era capaz de seguir minhas explicações direitinho...

—G. C. GOTTFRIED

★ ★ ★

ACHAVA-ME na sala de espera do médico havia muito tempo. Todas as cadeiras estavam ocupadas, havendo até alguns doentes de pé. Alguem iniciou uma tentativa de conversa, mas não deu grande resultado; daí a pouco caía sobre nós um daqueles pesados silêncios, e nos deixamos ficar esperando, esperando, esperando... Afinal um senhor idoso levantou-se com ar cansado, e observou: —É... Eu acho que vou para casa morrer de morte natural mesmo.

—SRA. PAUL DAVIS

NO MEU DESEJO de aprender o idioma russo, não poupei esforços, e um dia resolví comprar discos de canções russas para acostumar o ouvido ao som da língua falada. Após diversas tentativas, encontrei afinal uma pequenina loja onde havia esplêndido estoque de gravações, partituras e livretos, parecendo realmente destinados a facilitar o trabalho de quem desejasse viajar pela Rússia. O proprietário, homenzinho solene, ficou radiante quando lhe revelei meu projeto. —Sou diplomado pela Sorbona, explicou, orgulhoso. —Passei 15 anos em París, e estou nos Estados Unidos há seis anos. Mas nasci na Rússia. Ah, que país! Nunca vi coisa igual! O sr. faz muito bem. Estude. Vá visitar a Rússia!

—O sr. gostaria de voltar, não é?

Antes de responder, quedou-se silencioso um minuto, e depois observou:

—O diabo é que *adoro* este corrompido sistema capitalista de vocês...

—DAVID FORREST

★ ★ ★

EQUILIBRANDO-ME dificilmente no trem subterrâneo em Nova York, meus braços pesando sob vários embrulhos, não pude deixar de aborrecer-me com os homens que se deixavam ficar sentados, sem um gesto cavalheiresco para ajudar-me. No entanto, descobrí que pelo menos um deles, sentado à minha frente, tinha ainda resquícios de cavalheirismo. Baixando o jornal que lia, examinou-me com ar solícito, e observou: —Olho vivo na rua 42, moça. É lá que eu vou descer...

—ESTHER T. RILEY

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

Tenciona levar seus negócios a novos mercados, como a Suécia?

TALVEZ o Sr. esteja considerando a Suécia —ou outros paises de alem mar—como um mercado em perspectiva. E há de haver coisas e fatos que o Sr. precisa conhecer primeiro a respeito das pessoas e dos costumes desse país . . . O City Bank dispõe de elementos excepcionais para assistí-lo nesse trabalho.

Dispondo de bancos correspondentes em todas as cidades de importância comercial do mundo, e possuindo mais filiais ultramarinas do que outro qualquer banco nacional dos Estados Unidos, a rede do National City Bank of New York cobre o mundo.

Se o Sr. anda pensando em alargar seus negócios no estrangeiro, agora ou mais tarde, venha consultar-nos e discutir conosco os seus planos, em qualquer das 44 filiais do City Bank estrategicamente situadas em toda a América Central e do Sul, e nas Antilhas. Será benvindo.

Proteja seu dinheiro com os Cheques de Viajante NBC—aceitos em toda parte

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes no Mundo Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

TRACTRACTOR *International* COM BULLGRADER...

O Mais Versátil Conjunto para Movimentação de Terra

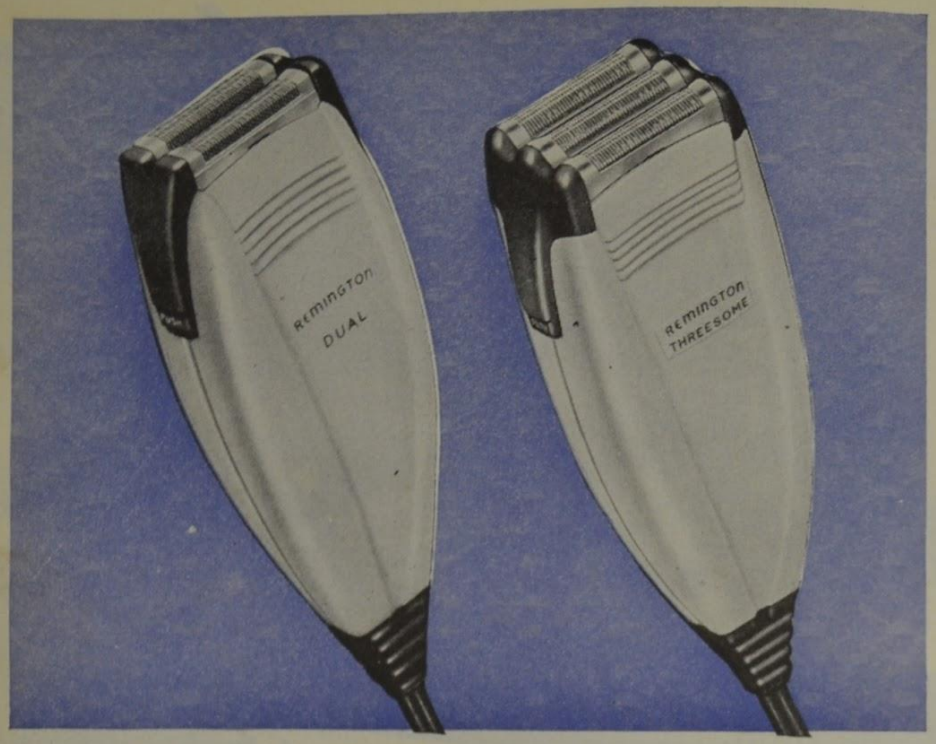
O BULLGRADER é o "homem dos sete instrumentos" em qualquer serviço de movimentação de terra ou trabalho de construção. A lâmina pode mover-se verticalmente e inclinar-se para os lados para fazer um corte. . . e o grande Trator de Esteiras International fornece a fôrça necessária para um serviço rápido e econômico sob as condições mais difíceis.

As máquinas industriais International têm economizado tempo e dinheiro em *tôda classe de trabalhos de construção.* Sugerimos visitar o concessionário International Harvester mais próximo . . . êle lhe mostrará como êsses tratores de esteiras podem fazer o mesmo para V.S.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago 1, E. U. A.

INTERNATIONAL HARVESTER

TRATORES E MÁQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL — CAMINHÕES INTERNATIONAL • FÔRÇA INDUSTRIAL INTERNATIONAL



A BARBA MAIS RÁPIDA, MAIS BEM FEITA QUE V. JÁ VIU!

No Aparelho de Barbear REMINGTON Elétrico, V. vai encontrar a força e a rapidez que assegura o jogo múltiplo de raspadores—uma série de chapas afiadas a rigor, trabalhando todas ao mesmo tempo para raspar o pelo do rosto.

A Remington Rand foi a primeira a descobrir o princípio do jogo múltiplo de raspadores, que marcou época, e os homens de todos os países sabem hoje por experiência que as Remington de raspadores múltiplos levam de vencida as barbas mais rijas, mais depressa e escanhoando melhor do que qualquer outro instrumento de barbear até agora inventado.

Veja por experiência própria porque é que se pode barbear com um Remington muito melhor do que por outro qualquer meio. Quer escolha o "Dual" de jogo duplo, quer o "Threesome" de jogo tríplice, verá que a barba lhe sai perfeita. Vá hoje mesmo ver as novas Remington na loja da especialidade. Remington Rand Inc., Divisão de Exportação, Nova York 10, N. Y., E. U. A.

REMINGTON APARELHOS ELÉTRICOS DE BARBEAR

BARBEIAM A SECO — SEM PINCEL — SEM LÂMINAS

TORNOS SOUTH BEND

TORNOS MECÂNICOS • TORNOS OFICINA DE FERRAMENTEIRO • TORNOS-REVOLVER

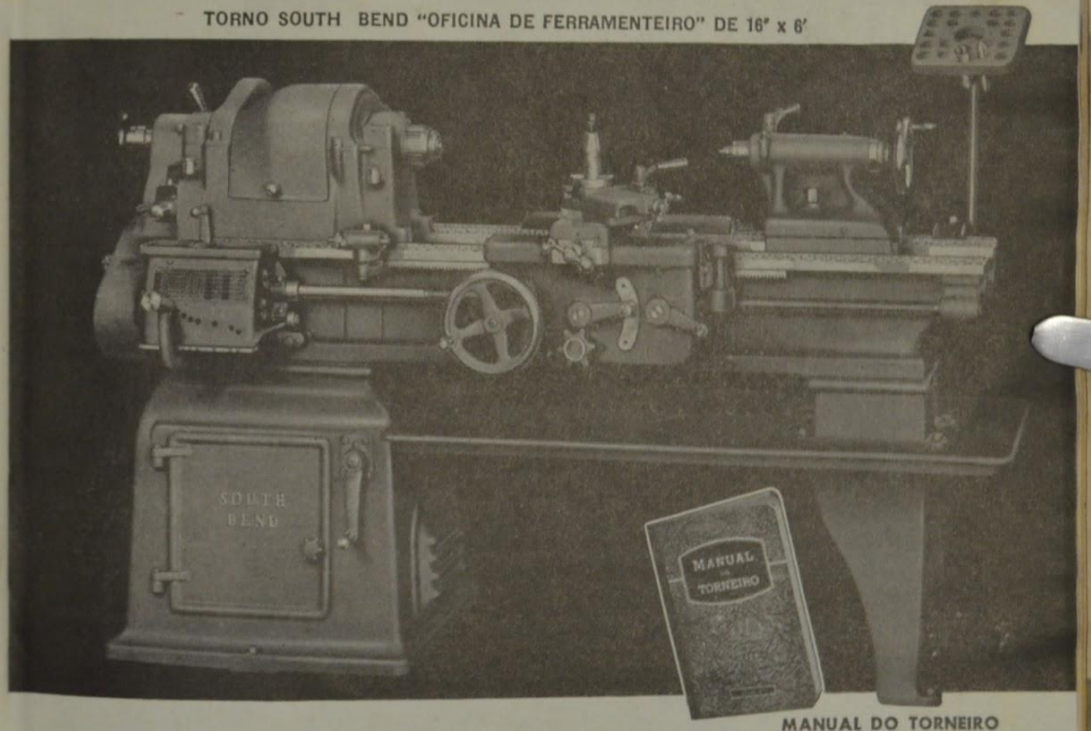
TORNO DE PRECISÃO DE 9" (229 mm.)

Representantes Gerais no Brasil
BERT KELLER S.A.
Máquinas Modernas
Caixa Postal 1975
São Paulo, Brasil

Os tornos South Bend são construidos para satisfazer as exigências da indústria moderna. A sua precisão digna de confiança e facilidade de operação simplificam os trabalhos difíceis que requeiram tolerâncias mínimas. A respectiva adaptabilidade, aliada a uma linha completa de acessórios práticos, fá-los igualmente populares para trabalhos de produção, de oficina e serviços de manutenção.

Os tornos Mecânicos South Bend e aqueles Oficina de Ferramenteiro são feitos em 9", 10", 13", 14½" e 16" de diâmetro torneável e 3 a 12 pés de comprimento do barramento. Os Tornos-Revolver de precisão são feitos com capacidade de pinça de ½" e 1".

TORNO SOUTH BEND "OFICINA DE FERRAMENTEIRO" DE 16" x 6'



SOUTH BEND LATHE WORKS

497 East Madison Street • SOUTH BEND 22, INDIANA, E.U.A.

Fabricantes de Tornos desde 1906

MANUAL DO TORNEIRO

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sobre a operação e maneja de tornos para trabalhar metais. Este livro é impresso em português. O preço de cada exemplar é de 25 centavos (em moeda americana).

As históricas margens do Tamisa, vendo-se (da esq. para a dir.) a Abadia de Westminster e a Casa do Parlamento, com a torre do famoso "Big Ben" ao fundo. A Inglaterra está hoje apenas a 13¼ horas de Nova York pelo Clipper.

O célebre perfil dos arranha-céus de Nova York representa, para o viajante conhecedor, o que há de mais recente em modas, de melhor em diversões, e bem assim o centro dos negócios na América do Norte.

Londres via Nova York

Novo e mais rápido serviço de Clippers

Visite duas das maiores cidades do mundo no curso da sua viagem de negócios ou de turismo à Europa.

● Os homens de negócios e os turistas podem agora fazer a viagem a Londres pelo ar, com escala em Nova York. Os Clippers da Pan-American entram nos Estados Unidos por cinco aeroportos, igualmente convenientes para toda a América Latina, e os novos e gigantescos Clippers quadrimotores saem diariamente de Nova York para Londres, segundo um horário regular.

A sua passagem no Clipper inclue deliciosas refeições quentes servidas a grande altitude, e permite-lhe transportar 25 kg de bagagem. Para reservar passagem queira entender-se com a Agência de Viagens local, ou com o mais próximo representante da Pan American.

PODEM-SE AGORA VISITAR 4 CONTINENTES NO CLIPPER

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

O Sistema dos Clippers

PAA

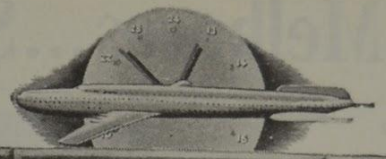
A PRIMEIRA através do Pacífico
A PRIMEIRA através do Atlântico
A PRIMEIRA em toda a América Latina

"ABRE-TE, SÉSAMO!"

Conta a lenda que era essa a expressão mágica que abria aos olhos atônitos de Alí Babá, a caverna fantástica, iluminada pelos seus proprios tesouros. Na vida moderna, a alegoria dessa frase misteriosa foi substituida pela esplêndida realidade de uma palavra triunfante: "GLOSTORA". Em vez de "Abre-te Sésamo," o homem dêste século diz: "GLOSTORA" e as portas da oportunidade se abrem para êle, iluminadas pelos tesouros do sucesso, que são um direito do homem que se apresenta bem... e, principalmente, bem penteado! Fixando sem empastar e amaciando sem engordurar, GLOSTORA realça a beleza expontânea dos cabelos. E a sua magia é esta: *naturalidade*.

Glostora

DÁ VIDA E ESPLENDOR AOS CABELOS



De Nova York a . . . A. Valparaíso **B.** México **C.** Panamá **D.** Bogotá **E.** Rio de Janeiro **F.** Buenos Aires

Viagens Aéreas sem Incômodos nem Esforço — Projetadas para V. por "Homens com Visão do Futuro"

Eis o que são as viagens elevadas à máxima potência: homens, máquinas e planos antecipadamente traçados, tudo se combina para que V. possa embarcar num hotel voador, como se fosse num trem. Serão apenas horas, e não dias, desde sua casa até quase todas as capitais do mundo, porque os novos gigantes do ar, serenos e majestosos, o levarão a toda parte em suave e deleitoso vôo.

Da mesma forma, suave e deleitoso é o Seagram's V.O. Canadian, porque este uisque deliciosamente *diferente* foi tambem projetado para o futuro—anos e anos atrás. Excepcionalmente leve e de paladar puro, funde-se à perfeição com todas as ocasiões e lugares em que se encontre a boa companhia. Prove-o hoje mesmo!

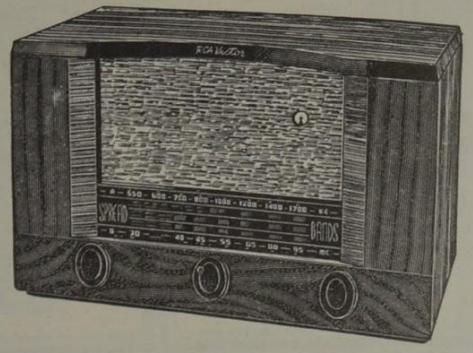
Seagram's V.O. WHISKY CANADENSE

São os Melhores...São RCA

A Superioridade da RCA VICTOR Produziu estes Rádios Superiores

26 anos de pesquisa e experiência da RCA nos domínios do rádio e da aparelhagem de som, adicionando-se aos 47 anos de supremacia musical da Victor, produziram a primazia da RCA Victor. Estes novos Rádios RCA Victor, feitos para a melhor das recepções em qualquer país ou clima, são o fruto dessa primazia! O Rádio Mais que Perfeito,—produzido pela empresa de rádio *Número Um* do mundo inteiro.

V. ficará contente de ter comprado um novo rádio RCA Victor . . . de ter sabido esperar o que há-de melhor. Por isso, antes que compre . . . veja—e ouça—os novos Rádios RCA Victor.



MODELO Q34 . . . Linda caixa de acabamento em nogueira. 8 válvulas. 5 faixas, inclusive sintonização de faixa extensiva para ondas curtas. Alto-falante de 20 centímetros. Encaixe para ligar o fonógrafo.

Os rádios RCA aqui representados são somente dois dentre um sortimento de distinção . . . vá vê-los na loja RCA Victor.

MODELO QB5 . . . Rádio de bateria que também pode funcionar com a corrente elétrica da casa, usando-se um transformador de corrente alternada. 4 válvulas. 3 faixas. Encaixe para ligar o fonógrafo.

BATERIAS PREFERIDAS RCA

Consiga mais horas de audição com as baterias RCA Tipo Preferido. Os rádios de bateria RCA Victor levam o deslumbrante mundo novo dos passatempos de rádio aos lares que não possuem instalação elétrica.

Os modelos RCA Victor são inteiramente dotados de válvulas RCA Tipo Preferido, para cúmulo de bom funcionamento e recepção melhorada.

RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA VICTOR RADIO, S.A., RIO DE JANEIRO

Caminhão Mack abastecendo de combustivel um "Clipper" da Pan American Airways

PARA CADA ESPÉCIE DE TAREFA HÁ UM MACK

Os Caminhões Mack apresentam-se em muitos tipos . . . *cada um* deles adaptado a determinada tarefa, e *todos* construidos para desempenhar tarefas essenciais. Mais uma vez, estas tarefas são as de paz . . . e mais uma vez o propósito supremo da Mack é servir o comércio e a indústria moderna. Atualmente, a Mack está ajudando a satisfazer as necessidades sempre crescentes da aviação. Desde o instante em que se começam as excavações para construção de um novo aeroporto, até o dia em que os aviões começam a chegar, exigindo serviço rápido e eficiente, veremos os Mack a serviço. Para *qualquer* tipo de trabalho, por mais dificil que seja, haverá sempre um Mack para fazê-lo.

Há 46 anos que os caminhões Mack vêm sendo fabricados com este objetivo em mente: executar dia a dia trabalhos duros, exigentes. Quando se precisa acima de tudo robustez e confiança . . . aí tem os Mack para *provê-las!* Porque são as tarefas duras que deram aos Mack a reputação que eles têm—de serem *os primeiros caminhões do mundo!*

SE V. TEM UM

Mack

TEM MUITA SORTE . . .
SE PROJETA COMPRAR UM,
TEM MUITO JUIZO

MACK TRUCKS, INC., EMPIRE STATE BUILDING, NEW YORK 1, E. U. A.

Fabricantes de caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores navais de fama universal—a gasolina e diesel. A Mack tem distribuidores em todas as capitais da América Latina.

A SUAS ORDENS

para melhores produtos de petróleo

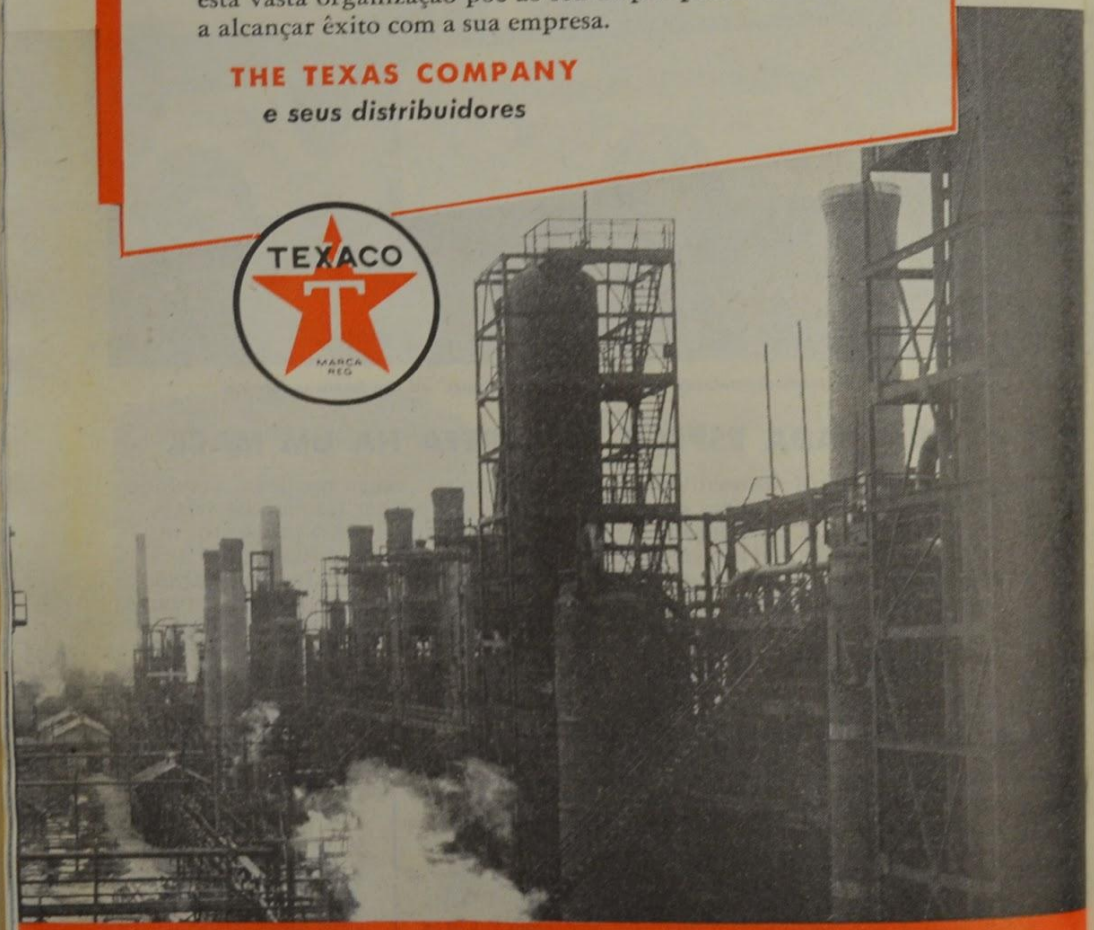
• Exija "Texaco" quando precisar de petróleo, se deseja que as suas instalações e equipamento funcionem com economia e eficiência. A Texaco lhe assegura não só combustiveis e lubrificantes de qualidade uniformemente superior, mas tambem uma fonte de abastecimento acessivel, constante, e de confiança. Tais são os fatores que esta vasta organização põe ao seu dispor para o auxiliar a alcançar êxito com a sua empresa.

THE TEXAS COMPANY

e seus distribuidores

TEXACO

MARCA REG.



TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Peça Este Livro —É GRATIS

Para informação dos Srs. Industriais da América Latina, estamos distribuindo gratuitamente este livrinho onde se descrevem e ilustram os Instrumentos e Reguladores Automáticos de Precisão Brown, para as indústrias. Nele se encontram exemplos específicos que mostram os diversos tipos e processos de aplicação às mais variadas indústrias. Caso a indústria ou o gênero de processamento a que o Sr. se dedica não esteja incluido no livro, rogamos-lhe nos escreva sobre o seu caso especial. Há mais de 75 anos que os instrumentos Brown vêm sendo internacionalmente reconhecidos como indispensaveis auxiliares no fomento da produção, no melhoramento da qualidade, e na redução do custo.

Escreva hoje mesmo ao distribuidor mais próximo, pedindo esse livrinho de inestimavel valor.

The Brown Instrument divisão da Minneapolis-Honeywell Regulator Company, International Department, 2691 Fourth Avenue, South, Minneapolis 8, Minnesota, E.U.A.

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—*Colômbia:* Hans Schultz, Edificio Continental, Barranquilla—*Brasil:* Comercial e Industrial WERCO, Ltda., Rio de Janeiro—*Perú:* Custer and Thommen, S.A., Lima—*Chile:* Thermic Ltda., Santiago—*Panamá:* The Electric Service Co., Panamá—*México:* Armando Vaquie, Cidade do México—*Cuba:* William P. Bryant, Havana—*Porto Rico:* Sucessores de Abarca, San Juan—*Trinidad:* Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

* * * CONTROLES AUTOMÁTICOS * * *

MINNEAPOLIS **Honeywell**

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

A Diferença Que Faz o Correio Aéreo na Correspondência de um Ano

Uma simples troca de cartas entre dois continentes demorava dantes, em geral, de três a dez semanas, consoante os vários países. O número de respostas possivel no decurso de um ano era apenas de cinco ou dez, quer se tratasse de expandir um negócio, quer de manter relações já encetadas.

Agora, graças às carreiras aéreas mundiais equipadas com material americano do mais moderno, a troca de correspondência faz-se, pelo menos, dez vezes mais depressa. Uma carta pela via aérea é o meio mais veloz de dizer *completamente* por escrito aquilo que se tem a dizer.

Use portanto os selos do Correio Aéreo—insista pelo serviço universal de Correio Aéreo.

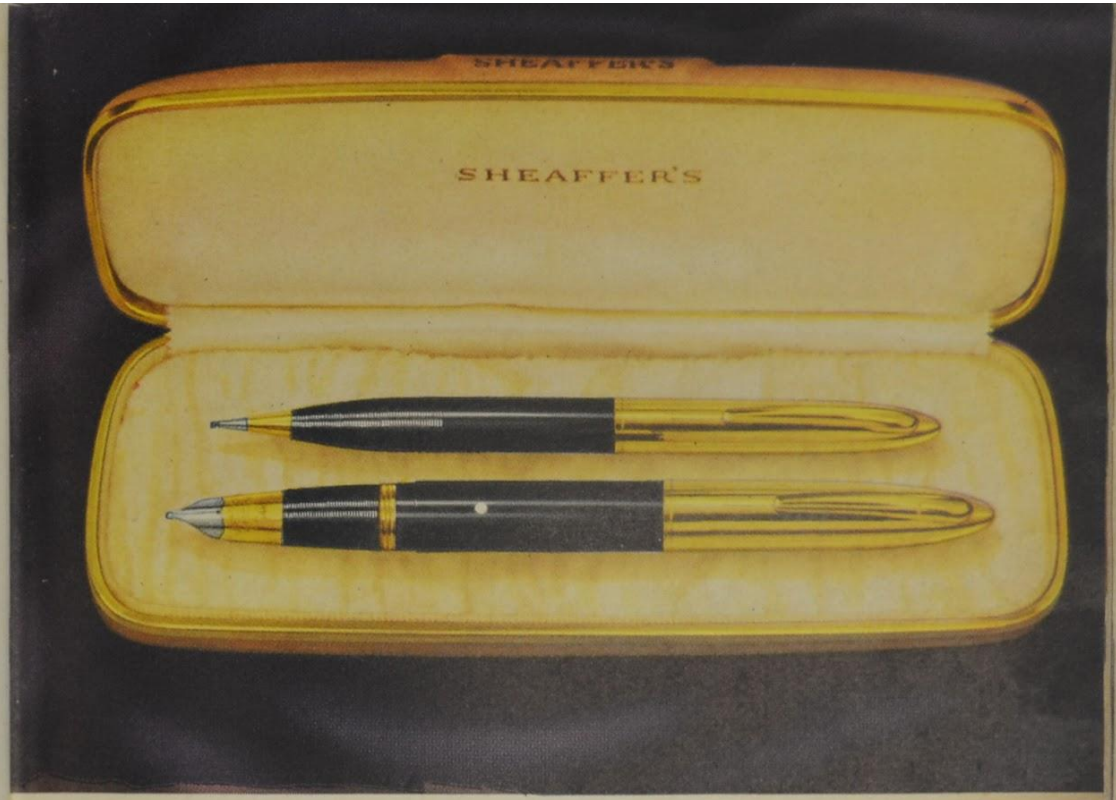
Hélices Elétricas Curtiss para as Modernas Linhas Aéreas Mundiais

À medida que as linhas aéreas do mundo inteiro recebem seu novo equipamento, torna-se evidente a preferência geral pelas Hélices Elétricas Curtiss. Os passageiros apreciarão o repouso maior que as Hélices Curtiss Sincronizadas introduzem no vôo, e as aterragens mais curtas e mais suaves que só a Hélice Elétrica Curtiss, Reversivel, torna possiveis.

Curtiss Wright

Export Division

30 ROCKEFELLER PLAZA, NEW YORK 20, N. Y.



SEJA VOCÊ MESMO O JUIZ...

DO MAIS GRACIOSO DOS PRESENTES!

Com instrumentos de escrever acontece o mesmo que com todos os produtos: certos fabricantes são melhores que outros e *só um* é melhor que todos!

Para uso próprio ou quando desejar oferecer um presente—algo que represente VOCÉ junto a alguem, durante muitos anos—faça antes um teste. Só V. mesmo poderá fazer o julgamento—principalmente pela comparação com outras marcas—escolher e decidir qual a marca *melhor* e *mais adaptável* ao seu uso pessoal ou para um presente invulgar! Quando o valor é real, pode ser pesquisado.

W. A. Sheaffer Pen Co., Ft. Madison, Ia., U.S.A.

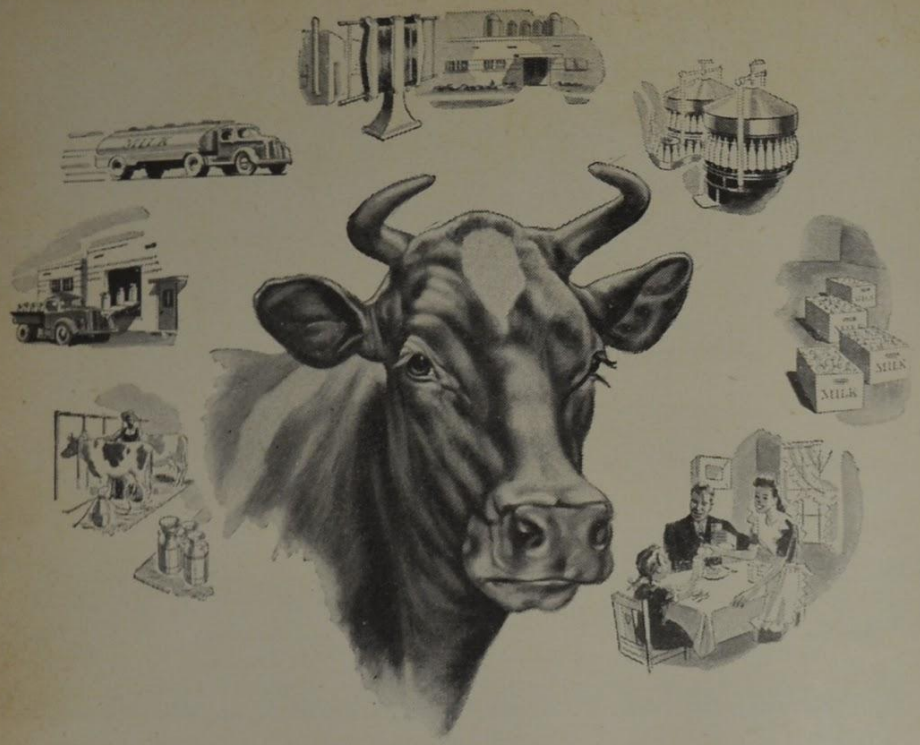
*A NOVA PENA *Lifetime*

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

Novas Lapiseiras "Fineline"
Novas Canetas "TRIUMPH"

SHEAFFER'S



O Anel em Volta de "Faceira"

Êsse anel que se vê em volta de "Faceira" é um anel protetor que resguarda o leite desde o momento em que se recebe até que chega aos umbrais dos lares ... leite delicioso e fresco como se tivesse acabado de sair da granja!

A Borden, Scheffield e muitas outras companhias leiteiras americanas acodem ao "Centro da Refrigeração Mecânica," não sòmente em busca de um equipamento de confiança, como, também, para obter essa perícia técnica especializada e íntimo conhecimento da indústria do leite, tão característicos da York.

Por exemplo, a Pasteurização a Alta Temperatura e em Breve Tempo é uma das contribuições da York que mais concorreram para que a indústria leiteira alcançasse a sua eficiência máxima dos nossos dia. Êste processo é o fruto de intenso estudo, investigações e experiências que datam de muitos anos.

Por todos os Estados Unidos, êste equipamento York está produzindo o enorme total de 9.772.540 litros de leite diários.

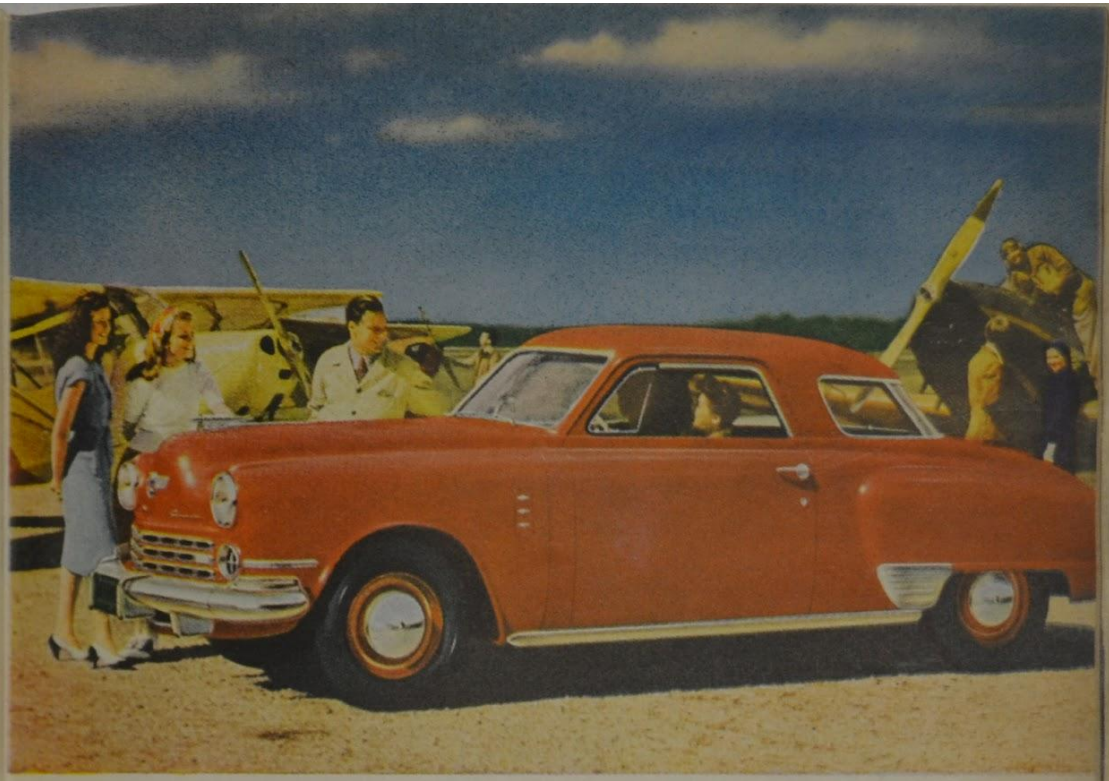
E não somente na indústria leiteira, como, também, no ramo da rápida congelação e no de armazenamento e distribuição de comestíveis refrigerados, a York está proporcionando a necessária habilidade técnica e manufatureira para fazer o nosso país mais são e melhor alimentado.

York Corporation, York, Penna., E.U.A.

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO



NOVOS STUDEBAKERS—1947

Os Primeiros no Mercado!
Os Primeiros no Estilo!

SÃO baixos—são compridos—são lindos—são os novos e arrebatedores Studebaker "Commander" e "Champion" para 1947—os primeiros autos inteiramente novos do após-guerra.

Beleza que é uma verdadeira melodia em metal—a grade nova e inconfundivel do radiador acentua a inspiração das linhas aerodinâmicas em que os para-lamas integrais se estendem a todo o comprimento da ampla carrosseria fuselada.

E não há nada no mercado que rivalize com estes luxuosos Studebakers novos para 1947, em excelência de desempenho e conforto. As inovações de engenharia vão desde os possantes freios de auto-ajustamento até a posição dos assentos, que asseguram extraordinário conforto aos passageiros.

STUDEBAKER

Sinônimo mundial de excelência em autos e caminhões

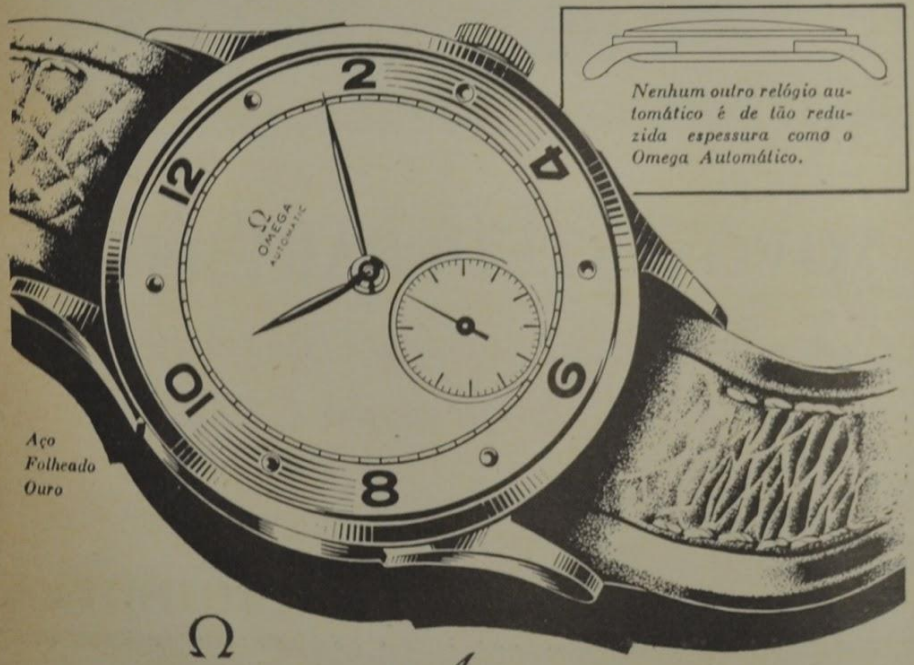
THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION

South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Telegramas: Studebaker

ISTO É NOVO!

A "Precisão Omega" num relógio automático

Os anos de experiência foram muitos... Mas, finalmente, assinalou-se mais um triunfo Omega, com a apresentação do Omega Automático. Neste momento, isto quer dizer que já está a seu alcance, não apenas um mero relógio automático... Não! Está a seu alcance um relógio que não só apresenta corda permanente como, ademais, possui a famosa "Precisão Omega". Tal fato é mais um êxito resultante dos famosos recordes de precisão ganhos por Omega no célebre Observatório de Teddington, na Inglaterra! Procure conhecer hoje o Omega Automático. *Impermeável à água, pó e suor — À prova de choques — Antimagnético — Extra-chato — Inoxidável — Automático — Vidro inquebrável.*



Nenhum outro relógio automático é de tão reduzida espessura como o Omega Automático.

Aço Folheado Ouro

Ω

OMEGA *Automático*

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE GENEBRA - SUÍÇA **Tissot**

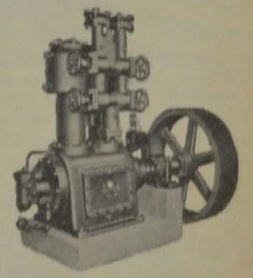
A Refrigeração é um Seguro de Vida Economico

Os higienistas estão de acordo em que as deficiencias de vitaminas se contam entre as causas primordiais da doença, e que o calor, durante o transporte e a armazenagem, reduz seriamente o teor vitaminico dos generos alimenticios. De sorte que a refrigeração deve constituir capitulo essencial em todo e qualquer projeto concernente a saude publica.

A refrigeração tem ainda outras vantagens: reduz o custo dos generos quando comprados em grande quantidade, restringe a deterioração dos mesmos, permite a armazenagem segura nas epocas de abundancia, como providencia contra a escassez.

O Sr. pode usufruir todos os beneficios da refrigeração, confiando-se ao equipamento desenhado e manufaturado pela Worthington ... com a sua experiencia de 60 anos na aplicação da refrigeração a todas as condições de clima.

Escreva-nos pedindo todos os dados. *Worthington Pump and Machinery Corporation, Harrison, New Jersey, E. U. A. Escritorios e Agentes no mundo inteiro.*



Este compressor de amonia, vertical e de ação singela é o "coração" de muitas instalações Worthington para refrigeração de alimentos e produção de gelo. A Worthington pode conceber e introduzir aparelhos identicos, para Freon ou cloreto de metilo, na instalação de refrigeração ou condicionamento de ar de que o Sr. precise.

WORTHINGTON

F6-3

REFRIGERAÇÃO
CONDICIONAMENTO DE AR

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

PRESUNTO Swift

num instante cativa para sempre o paladar!

Sim! Basta prová-lo uma vez para se ter a certeza de que é incomparàvelmente tenro, suculento, delicioso! O Presunto Swift é feito com pernis selecionados e é saborosamente temperado como só a Swift sabe fazê-lo. Pode ser servido frio ou quente e ainda dá ensejo à preparação de inúmeros pratos que enriquecem a mesa e surpreendem o paladar!

PRODUTO DA

Swift do Brasil

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

As ferramentas Collins são as preferidas PELA SUA RESISTÊNCIA ÀS TAREFAS MAIS ÁRDUAS

"Sim, a Collins resiste a tudo!"—dizem os agricultores no mundo inteiro. "Para escardear ou abrir passagem entre as ervas daninhas...para derrubar cana hora após hora...para cortar as fibras mais duras...não há como uma Collins!" E é natural que assim seja! As ferramentas são fabricadas com aço de superior qualidade—mais duro e resistente. E, com os últimos progressos da metalurgia, seus clientes verificarão que a qualidade dos machetes Collins é hoje melhor do que nunca. Aço mais resistente...gume mais perfeito e durável...desenho cientificamente equilibrado...tornam as ferramentas Collins a melhor compra que V.S. pode fazer.

LEGITIMUS

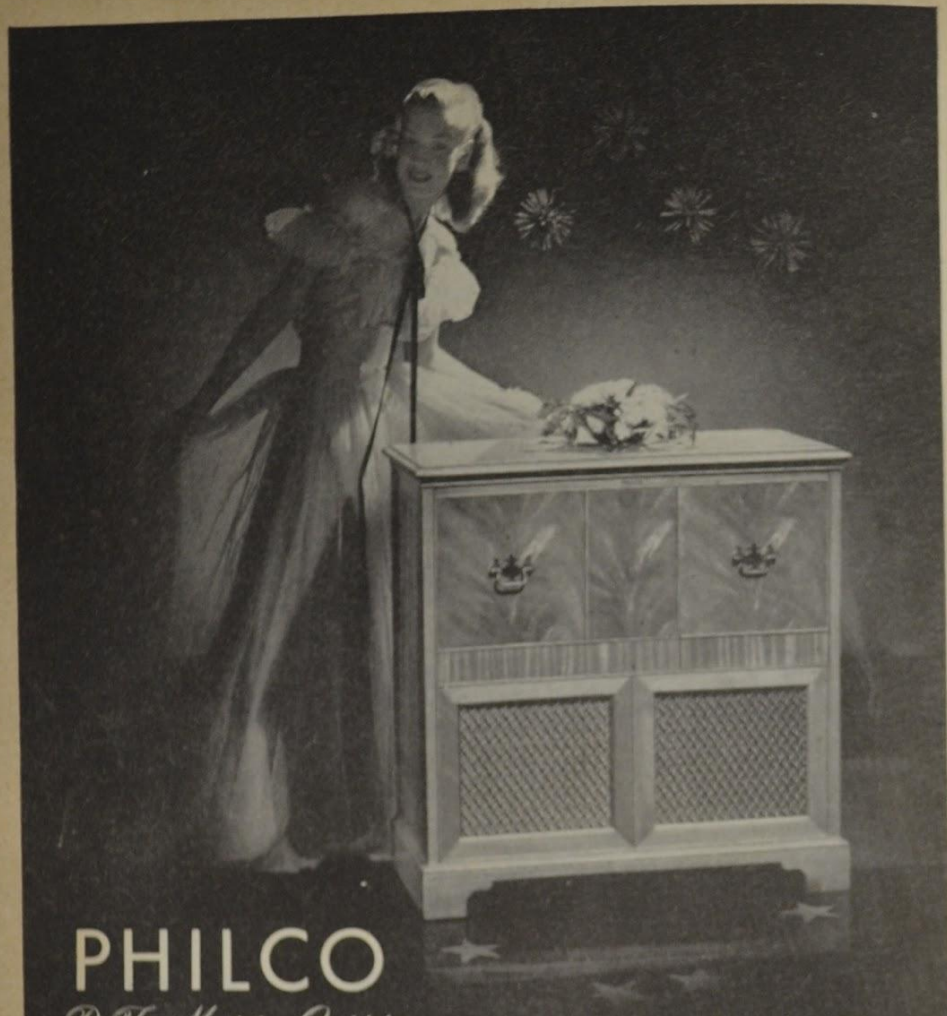
COLLINS

"SEU AMIGO DE CEM ANNOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Braulio Gomes No. 25—Sala 1007
Caixa Postal No. 2068, São Paulo

O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade



PHILCO

De Fama Mundial em Qualidade.

Reprodutor Dinâmico Philco com Patente... Sintonização Faixa-Expandida Philco... entre outros são êstes os sensacionais e exclusivos desenvolvimentos por meio dos quais Philco lhe traz aquilo que o Snr. tem aguardado para maior e novo prazer em radio e discos.

Philco International Corporation, 230 Park Avenue, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

... em português é **"um pombo"**

... em inglês, **"a dove"**

... em francês, **"une colombe"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a camara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

***Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Kodak

Com uma pressa confortavel—

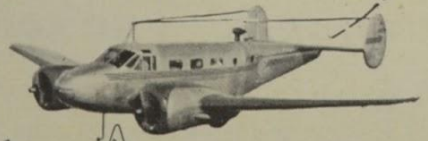
e sem interrupções

Sentados com todo o conforto no seu Beechcraft Modelo 18, o Sr. e seus funcionários têm tempo de sobra para passar em revista os planos da conferência para a qual o seu avião os está arrebatando suavemente a mais de 300 km por hora. O tempo que duram as viagens torna-se tempo produtivo.

Com um Beechcraft 18, o tempo e a distância ganham nova significação. O Sr. e mais três a seis pessoas (consoante o número e tipo de assentos que escolher) podem transpor 640 km, assistir à conferência, e regressar a casa — tudo isto dentro de um dia normal de trabalho. Um programa assim, pelos meios ordinários de transporte, absorveria pelo menos dois dias fatigantes.

Um Beechcraft é o complemento ideal para a moderna organização do seu negócio. Tornando possiveis as decisões *in loco*, poupa muitas horas que dantes se perdiam nas viagens.

Escreva-nos hoje — Fatos, números e demonstrações ao seu dispor, sem compromisso



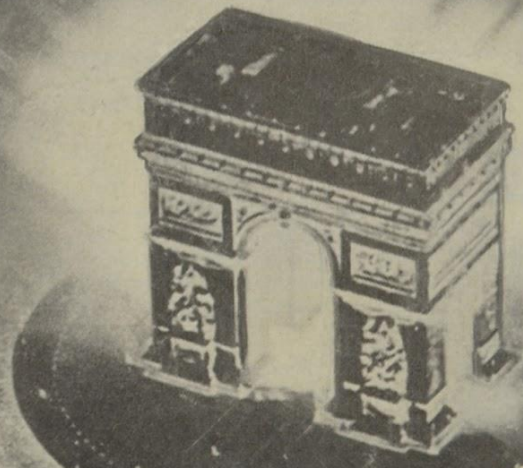
Beech Aircraft

O MUNDO É PEQUENO QUANDO SE VIAJA NUM BEECHCRAFT

CORPORATION
WICHITA, KANSAS, E.U.A.

TABU

O perfume dos sorrisos, dos beijos e das saudades.



Famosa creação dos PERFUMES Dana

FÁBRICAS EM: NOVA YORK - ARGENTINA - CUBA - COLÔMBIA - COSTA RICA - CHILE - MÉXICO - PERÚ - URUGUAY - VENEZUELA

Se usa toalhas higiênicas comuns...

UM PRODUTO JOHNSON & JOHNSON

Veja o que dizem 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras consultadas sôbre o assunto!

RECENTE inquérito, feito entre 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras, afirma que três entre quatro mulheres consideram o novo Modess a mais segura proteção para os dias críticos, por ser *mais absorvente, mais macio, mais higiênico.* Se ainda não usa o novo Modess experimente *êste mês* êste novo confôrto e proteção! Ideado e feito, ponto por ponto, para atender às necessidades femininas, Modess é sua garantia nos dias críticos.

★ **MAIS ABSORVENTE**
★ **MAIS HIGIÊNICO**
★ **MAIS MACIO**

AMOSTRA GRÁTIS — Envie-nos Cr $ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 5020 — São Paulo.

6-AAAA-25

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

N. B. — Êste cupom e a importância de Cr $ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados. As amostras só serão fornecidas para o Brasil

Leia instruções de como obter um exemplar gratis, na continuação deste cartão

INQUÉRITO ENTRE OS LEITORES

..AFIM DE MELHORAR A REVISTA..

Marque abaixo os SEIS artigos que mais lhe agradam e responda às perguntas sobre a capa — obtendo assim, GRATIS, O PRÓXIMO NÚMERO DE SELEÇÕES!

- ☐ Leonardo de Vinci: o primeiro dos modernos
- ☐ O que pode fazer uma bomba atômica
- ☐ Você sabe o que quer dizer?
- ☐ O menino diante da máquina
- ☐ Truman encara os ossos do ofício
- ☐ Os cultos da Califórnia
- ☐ Aviões para todos
- ☐ A guerra secreta na Escandinávia
- ☐ Nova vacina para os cães
- ☐ Meu tipo inesquecivel
- ☐ Os trabalhistas ingleses afastarão a Europa do comunismo?
- ☐ Podemos ensinar os meninos a viver
- ☐ Vias luminosas do ar
- ☐ Paz de espírito
- ☐ No mundo maravilhoso dos pássaros
- ☐ Estarão os Estados Unidos aptos a liderar o mundo?
- ☐ Um capitalismo que interessa o operário
- ☐ Para compreender os russos
- ☐ Então, até logo
- ☐ Westinghouse, o inventor irreprimivel
- ☐ O novo remédio de Deus
- ☐ Triunfos e fracassos da espionagem
- ☐ Meu amigo Jan
- ☐ Flagrantes da vida real
- ☐ Seção de Livros — Autobiografia de Benjamin Franklin

TENHA A BONDADE DE MARCAR:

Sexo:..... Idade:.....

Indique a seguir uma pessoa a quem deseja que enviemos o EXEMPLAR GRATIS de Seleções:

Nome.....

Endereço.....

8-46

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

BOM PARA TÔDA A FAMÍLIA

Se usa toalhas higiênicas comuns...

Veja o que dizem 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras consult...

CARTÃO
Autorização N.° 94
RIO DE JANEIRO

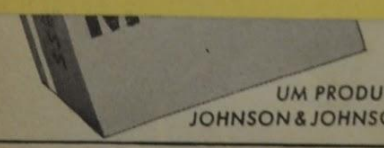
CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ESTE CARTÃO

O SELO SERÁ PAGO POR

FERNANDO CHINAGLIA

RUA do ROSÁRIO, 55-A—2.° ANDAR

RIO DE JANEIRO, BRASIL



UM PRODUTO
JOHNSON & JOHNSON

CIDADE .....

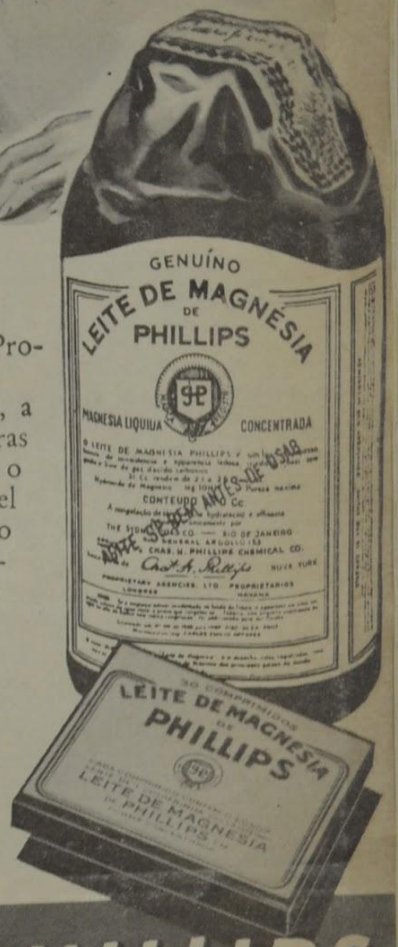
ESTADO .....

N. B. — Êste cupom e a importância de Cr$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados. As amostras só serão fornecidas para o Brasil

O Culto da Verdade

...É uma outra maneira de se dizer: "A Profissão Médica".

Sabendo que, através de tôda a sua carreira, a saúde, a vida e a felicidade de tantas criaturas dependem da sua palavra e da sua ciência, o médico eleva a verdade acima de tudo. E fiel ao espírito de sinceridade e de saber que é o supremo Culto da Verdade, o médico é a figura que mais prestigia o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, receitando-o e reafirmando as suas altas qualidades como o mais completo antiácido e laxante que, até o presente, a ciência conheceu. Na garantia do médico está a confiança de que o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS é o laxante ideal para as crianças, o antiácido perfeito para as gestantes; o supremo normalizador das funções digestivas..



LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

BOM PARA TÔDA A FAMÍLIA

Momentos Históricos
COM A CANETA EVERSHARP

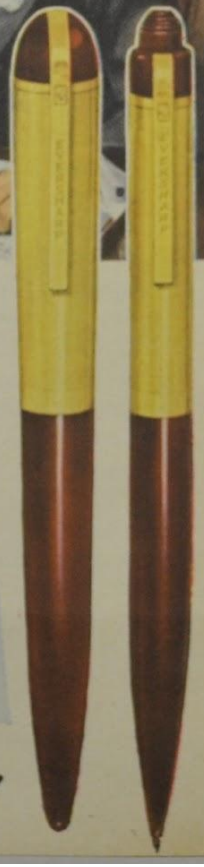
Garantida para sempre

Agil e macia, sua *Ponta Mágica* desliza sem ruido . . . dizendo *em silêncio* os seus pensamentos. . . .

Sua *Alimentação Mágica* torna-a à prova de estravazamento, tanto ao nível do mar, como nas grandes altitudes.

Conheça também, a linda Lapiseira de Repetição EVERSHARP, cujo Botão Mágico, a um leve toque, dispara pontas com a rapidez de uma metralhadora! EVERSHARP, INC., Chicago, E.U. DA A.

GARANTIDO PARA SEMPRE – O serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras de Repetição EVERSHARP – é garantido, não por anos ...não por vida...*mas garantido para sempre!*

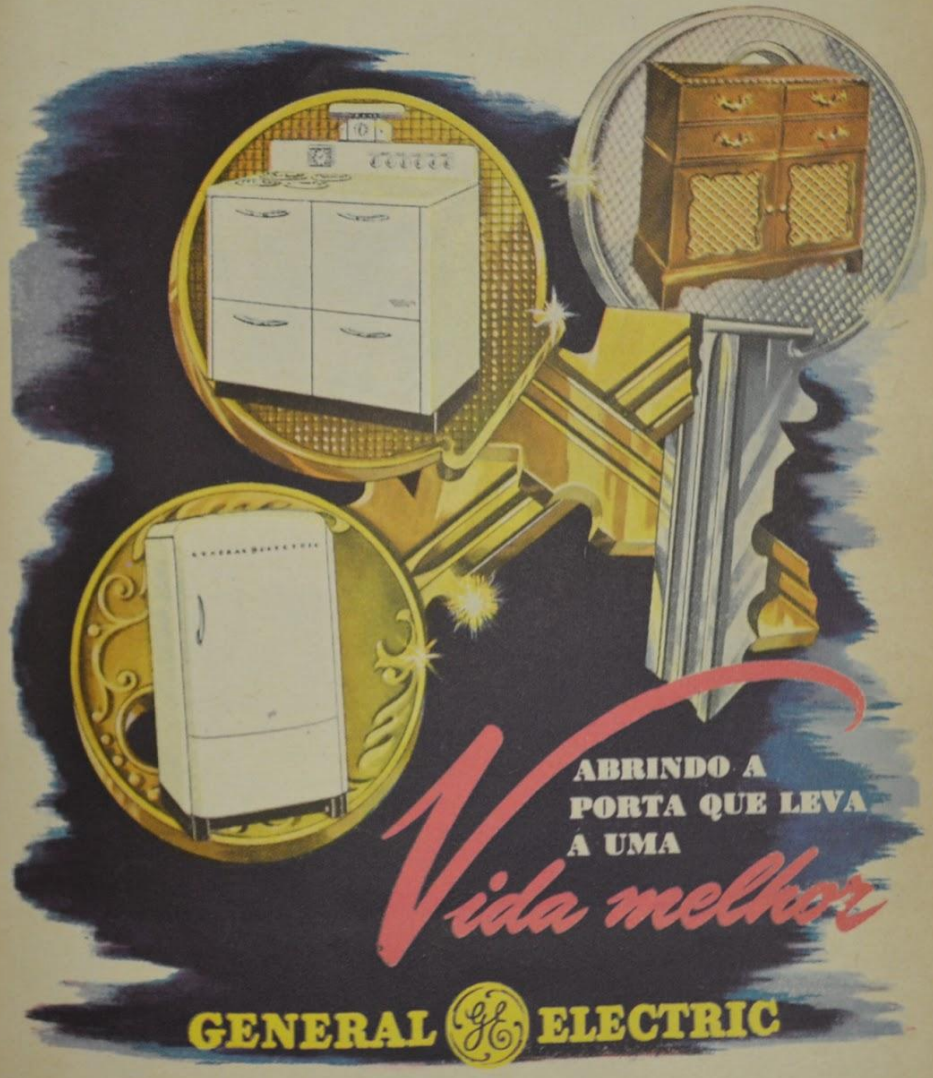


Dê
EVERSHARP *e dará a melhor!*

PERMITA que a General Electric lhe abra de par em par a porta que dá entrada a uma vida melhor. O orgulho que V. sentirá em possuir qualquer dos lindos e novos "serviçais elétricos" só pode ser igualado pelo maior conforto, a higiene e o descanso que eles podem representar para V. e sua família. A GENERAL ELECTRIC é sua garantia de mais alta qualidade, de duração ultra-longa, e de serviços de primeira ordem. Peça ao revendedor da General Electric que lhe mostre hoje mesmo o novo fogão elétrico, a nova geladeira, os rádios e rádiofonógrafos "Tom Natural", e toda uma legião de utensílios e aparelhos novos, da maior confiança, concebidos para uma vida moderna.

RD:6-5

PRODUTOS DA GENERAL ELECTRIC CO., E. U. A.



"O achado de minha primeira pepita de platina"—diz um mineralogista norte-americano—"foi para mim verdadeira sensação . . . platina quase pura, salpicada de ouro! Mas não tardei a verificar que aquilo não era nada raro na Colômbia. Aqui, no vale do Rio San Juan, vi permutar uma pepita de platina por uma garrafa de 'Canadian Club'! O que prova a estima que goza este afamado whisky em toda parte!"

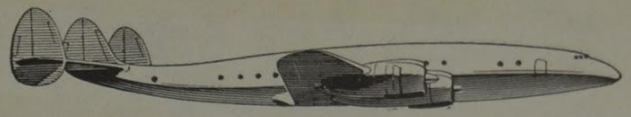
"Ainda ontem, esta região era quase inacessível. Hoje, sem embargo, uma rede de vias aéreas associadas à 'Pan American Airways' vincula o vale do Rio San Juan com toda a Colômbia . . . e com o mundo inteiro."

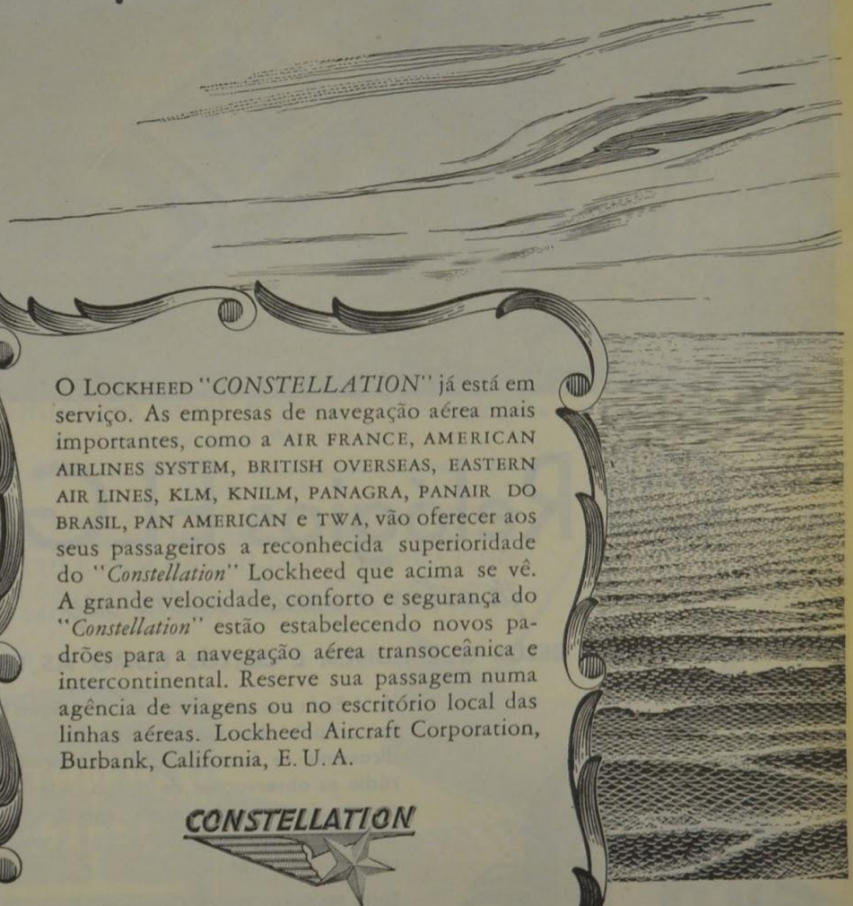
Em cada país que visita, o viajante encontra sempre alguma coisa de novo—e porventura também alguma coisa de familiar. Assim, nos hotéis e clubes de toda a América Latina—um reconfortante copo de "Canadian Club"! Tão satisfatório só por si como em misturas e com soda, o "Canadian Club" é uma bebida para toda a noite—em coquetéis, antes de jantar; e no whisky-com-soda, depois.

EM 87 PAÍSES—NÃO HÁ OUTRO WHISKY COM SABOR IGUAL AO DO

"Canadian Club"

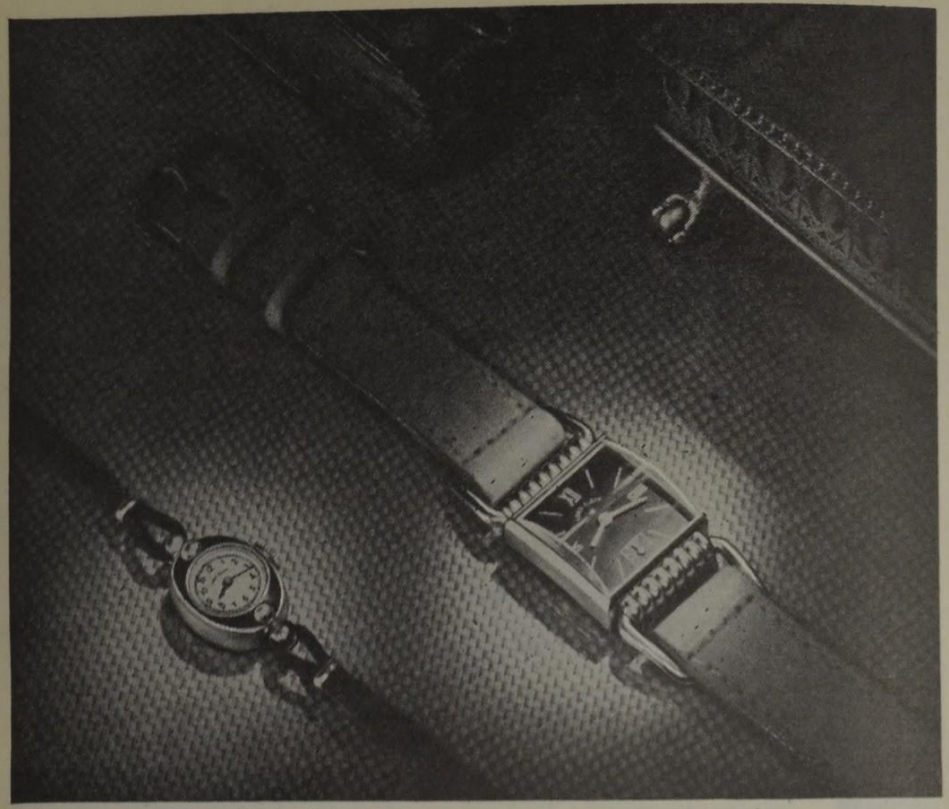
Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS. Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá; Peoria, E.U.A.; Dumbarton, Escócia; e Buenos Aires





O LOCKHEED "*CONSTELLATION*" já está em serviço. As empresas de navegação aérea mais importantes, como a AIR FRANCE, AMERICAN AIRLINES SYSTEM, BRITISH OVERSEAS, EASTERN AIR LINES, KLM, KNILM, PANAGRA, PANAIR DO BRASIL, PAN AMERICAN e TWA, vão oferecer aos seus passageiros a reconhecida superioridade do "*Constellation*" Lockheed que acima se vê. A grande velocidade, conforto e segurança do "*Constellation*" estão estabelecendo novos padrões para a navegação aérea transoceânica e intercontinental. Reserve sua passagem numa agência de viagens ou no escritório local das linhas aéreas. Lockheed Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

CONSTELLATION



Belíssimos novos modelos Lord Elgin e Lady Elgin

Os Relógios ELGIN

já estão a venda outra vez

MAIS BELOS QUE NUNCA E CERTOS COMO AS ESTRELAS!

★ A Elgin é a única fábrica de relógios que possue seu próprio observatório astronômico, onde periodicamente se fazem, registram e transmitem pelo rádio as observações de tempo pelas estrelas . . . com um rigor que chega aos centésimos de segundo. A regularidade dos relógios Elgin é conferida pela marcha dos astros.

Elgin National Watch Company, Elgin, Ill., E. U. A.

CABO DE AÇO

O cabo de aço BETHLEHEM FORM-SET (preformado) é mais flexível porque a sua tensão interna foi aliviada. O efeito desta diminuição de tensão é a melhor resistência dos cabos à fadiga provocada pela flexão, por isso duram mais tempo em qualquer das suas aplicações.

A BETHLEHEM que é "um dos maiores produtores mundiais de aço," também oferece outros artigos tais como arame, chapa, fôlha de Flandres, aço de ferramentas, aço de construção, aço para uso em caminhos de ferro e estradas, etc.

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única nos Estados Unidos da América produzindo aço, que está situada à beira-mar. Os embarques de mercadorias para exportação fazem-se directamente da fábrica para o navio, do que resulta um custo mais baixo de embarque e maior rapidez no carregamento.

Bethlehem Steel Export Corporation

25, Broadway, Nova York 4, E.U.A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION

RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165-3º andar
SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415

Que Atraente! e que Perfeita!

A Nova Aerodinâmica

Taperite!

Linhas de fluida beleza para deleite de seus olhos—eis a nova Taperite Waterman's. Escreve sem esforço logo que roça o papel . . . e a pena é visivel, do tipo que melhor se ajeita ao seu modo de escrever, firme ou flexivel consoante V. desejar. Francamente—em beleza, qualidade e desempenho, nenhuma outra caneta-tinteiro lhe oferece tanto quanto a nova Taperite Waterman's aerodinâmica.

É fato demonstrado que V. pode chegar a escrever 3 vezes mais palavras com um frasco de tinta Waterman's do que com qualquer outra tinta de preço popular.

Veja isto — levanta-se a alavanca uma só vez, e a caneta fica cheia! É o processo mais simples e seguro, e o tempo tem provado sua facilidade e eficiência.

Waterman's

Distribuidores Exclusivos para o Brasil CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
Rio · São Paulo · Porto Alegre · Recife · Belém
Distribuidores Exclusivos para Portugal ALFREDO LOPES DA SILVA, Lisboa

ESCUTE O MUNDO!

Com o Novo ZENITH Portátil e Transoceánico de Onda Curta. Tem seis "bandas" de onda—5 "bandas expandidas" (abrangendo de 49 a 16 metros) mais a sintonização normal... Botões de depressão para a seleção automática de "banda" de onda... Funciona em qualquer lugar, a qualquer hora, com C.A., C.C., ou acumuladores.

É o que há de mais moderno em REPRODUÇÃO RADIÔNICA.

Novos Radios INTERNATIONAL

ZENITH RADIO

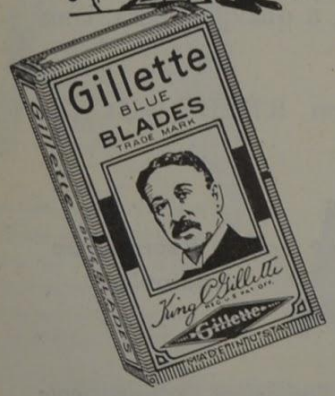
Com Reprodução radiônica

O Maior Fabricante Mundial de Aparelhos Radiônicos Exclusivamente

DE QUE FEITIO É O SEU ROSTO?

Um rosto acentuadamente quadrada indica inteligencia do tipo lógico e direto — própria do homem disposto a assumir responsabilidades, sincero e fiel aos seus amigos e que gosta da boa mesa.

MAS, seja qual for o feitio do rosto, a Lâmina Gillette-Azul raspará a barba com rapidez e conforto todos os dias. As fornalhas Gillette de recozimento do aço, reguladas a eletricidade, produzem um aço de lâminas de dureza uniforme, predeterminada. É por isso que todas as lâminas que chegam às suas mãos, no conhecido envelope azul, são iguais entre si —com o seu gume macio, que serve para barbear muitas vezes, com rapidez e suavidade.



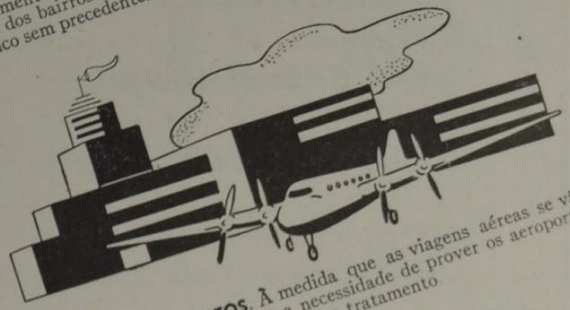
INSPECIONADAS COM MICROSCÓPIOS

Com microscópios se fazem muitas das 70 provas da Gillette. Só chegam ao consumidor as lâminas perfeitas. Quem usa a legítima Lâmina Gillette-Azul pode estar certo de fazer a barba melhor e mais vezes com uma lâmina só.

GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS

PARA OS BAIRROS NOVOS. As exigências de consumo de água pura nas povoações aumentou muito nestes últimos anos, devido à demolição dos bairros condenados e a um crescimento demográfico sem precedentes.



PARA OS AEROPORTOS. À medida que as viagens aéreas se vão tornando coisa banal, cresce a necessidade de prover os aeroportos com águas municipais submetidas a tratamento

Será que esta ÁGUA é pura?

Que papel tem a água nos projetos de melhoramento da sua cidade? Será ela suficientemente *boa* para preencher as muitas exigências *novas* que pesam sobre o abastecimento municipal—por parte de construtores e industriais?

A água condicionada pela Permutit* entra no lar, no hospital, no campo de jogos, na fábrica... macia... límpida... isenta de ferro. É o melhor tratamento que uma cidade pode dar à sua água.

Não admira, pois, que tantas municipalidades se tenham dirigido à Permutit para conseguir a boa água que reclamam os planos de melhoramento urbano do após-guerra. Para sua informação, escreva a The Permutit Company, Depto. X8, 330 West 42nd Street, New York 18, E.U.A., ou à Permutit Co. of Canada, Ltd., Montreal, Canadá.

*Marca Registrada. Reg. U.S. Pat. Off.

PERMUTIT

QUARTEL-GENERAL DO CONDICIONAMENTO DE ÁGUA

SYLVANIA

O MAIOR NOME DA ATUALIDADE EM ILUMINAÇÃO, ELETRÔNICA E EQUIPAMENTO DE RÁDIO

As Lâmpadas Fluorescentes Sylvania fornecem-lhe a *luz fluorescente* no seu máximo esplendor. Com os novos modelos 20-W e 40-W, V. obtem *mais 10% de luz!* As placas de Luz Fluorescente Sylvania para casas de família, lojas, escritórios e fábricas, apresentam-se em vasto sortimento de formas as mais modernas, para instalação contínua ou em separado.

Todos os Arranques, Tomadas de Corrente e Acessórios Sylvania obedecem às mais modernas especificações de traçado. Em Válvulas de Rádio e Equipamento Eletrônico, os tipos inovadores da Sylvania asseguram-lhe melhor funcionamento.

V. encontrará na sua localidade um revendedor de artigos Sylvania pronto a serví-lo. Sylvania Electric Products, Inc., Divisão Internacional, 500 Fifth Avenue, New York 18, N. Y., E. U. A.

SYLVANIA ELECTRIC

Fabricantes de Lâmpadas, Placas, e Material para Instalações Fluorescentes; Lâmpadas Elétricas Comuns; Válvulas de Rádio; Dispositivos Eletrônicos.

Mais Estilo

Interiores em dois tons, podendo-se escolher entre luxuosos tecidos e côres alegres.

Mais Economia

Nova carburação equilibrada e novos pistões de quatro anéis, que poupam gasolina e óleo.

Mais Arranque

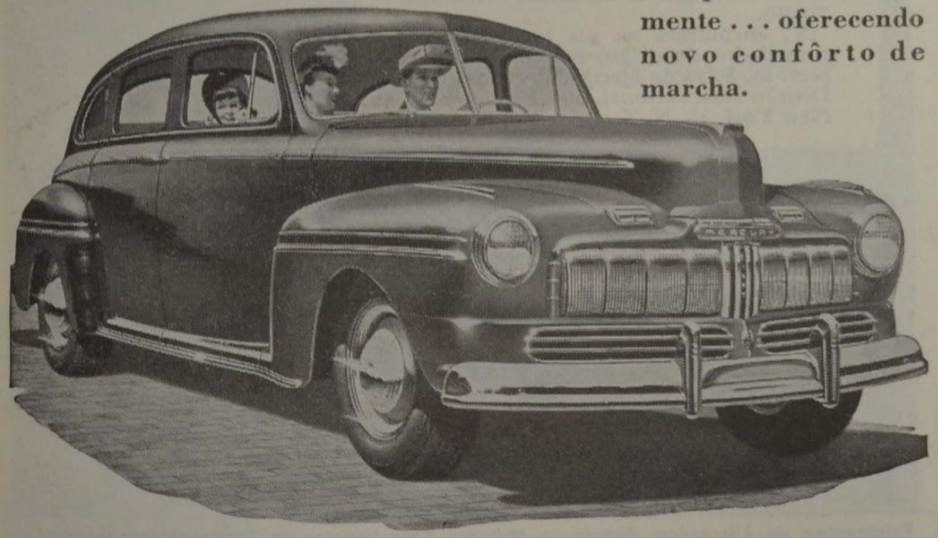
19 aperfeiçoamentos no motor permitem arranques rápidos, que o colocam sempre na dianteira.

Mais, EM TODOS OS SENTIDOS!

—OFERECE *Mercury*

Mais Confôrto

Os assentos, macios e espaçosos, comportam seis pessoas cômodamente . . . oferecendo novo confôrto de marcha.



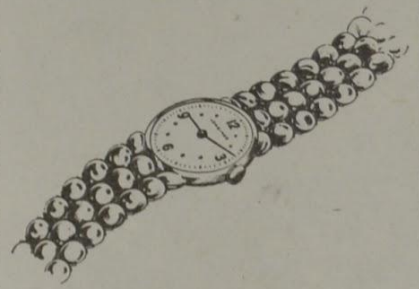
MERCURY—DIVISÃO DA FORD MOTOR COMPANY

LEGIÃO DE HONRA

• Ordem nacional francêsa, criada por Napoleão I, pela lei consular de 29 floreal, ano X (19 de Maio de 1802) para recompensar serviços militares e civis. O presidente da República é o grão-mestre. A ordem é administrada por um grande chanceler nomeado pelo chefe de Estado e por um Conselho da Ordem compreendendo 10 membros.

Sob o signo do Mérito

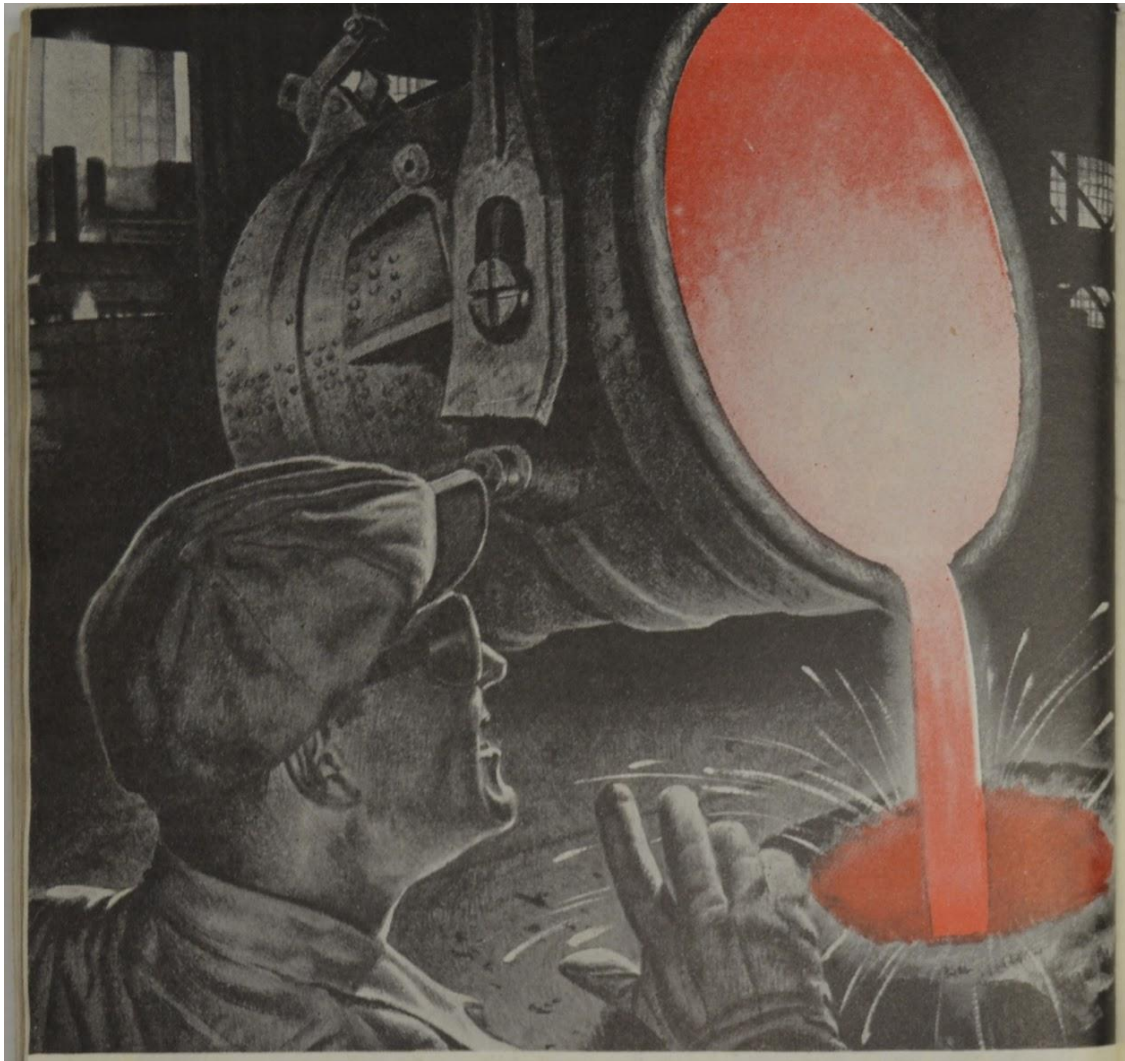
• Cada país tem a sua condecoração máxima. Nela estão gravadas, em forma simbólica, as qualidades superiores de um povo, transmitidas de geração a geração.
LONGINES é a expressão máxima da arte relojoeira suiça, mantida e aperfeiçoada através de várias gerações de artífices. Representa 80 anos de contínuos aperfeiçoamentos e sua precisão irrefutável vem sendo consagrada em exposições internacionais. LONGINES é a maior distinção que se pode conferir ao homem moderno, o mais perfeito instrumento de marcar o tempo.



• Em 1866, Ernest Francillon, dedicado artífice relojoeiro — fundador da Fábrica LONGINES, na Suiça, realizou seus primeiros relógios de precisão, mais tarde consagrados na marca que é hoje um padrão em relojoaria !
LONGINES obteve sua primeira honraria em Paris, em 1867, e recebeu seu primeiro GRAND PRIX em 1885, na Exposição Internacional de Anvers. É o único relógio detentor de 10 GRANDS PRIX, a láurea máxima concedida ao relógio que, entre outras marcas já premiadas, alcança o maior índice de precisão e perfeição técnica.

LONGINES

Possuir LONGINES é ter o mérito de possuir um dos expoentes máximos da relojoaria suiça !



Petroleo...Modelador de Metais... É um fato bem sabido que a maquinaria pesada das grandes fundições deve ter eficientes lubrificantes petrolíferos. Entretanto, o petroleo tambem auxilia a produção de metal de numerosas outras formas menos conhecidas: o petroleo faz o cobre flutuar livre de impurezas; o coke de petroleo retira o ferro do minerio. Além disso, uma variedade de parafinas extraidas do petroleo serve de modelo para os moldes de fundição, enquanto é ainda o oleo que liga a areia de que esses moldes são feitos. Assim, através da fabricação de milhares de peças de metal para uso diario, os produtos Esso contribuem para o conforto, a comodidade e o progresso humano... outra razão para a reputação do nome Esso como lider da industria petrolífera desde 1870.

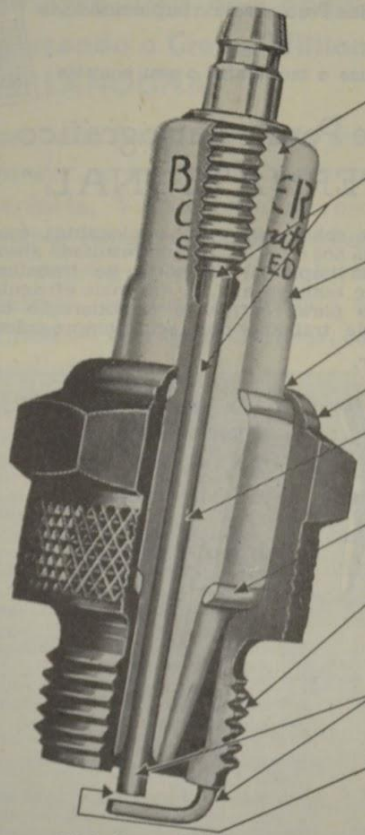
Esso

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Velas de Ignição "Bowers" Vedadas com Ceramite

Construidas para o Departamento Federal de Especificações Padronizadas



- Possuem isolantes de porcelana da mais alta qualidade, que resistem as rápidas e extremas mudanças de temperatura.
- São vedadas com "Ceramite" que elimina a perda de compressão, realizando uma perfeita vedação do eletrodo central e de peça isolante de porcelana, por meio de uma alta concentração de cimento de "Ceramite", o que é feito na bolsa, na base das roscas.
- A moderna construção, tipo "Detour", da porcelana, evita as tendências para as descargas externas.
- O conjunto, que é hermeticamente FECHADO A QUENTE, proporciona mais uma garantia contra a perda de compressão, mandendo uma temperatura uniforme.
- A construção simplificada,—em uma só peca—é feita com aço da mais alta qualidade, moldado a frio.
- Somente as velas de ignição "Bowers" apresentam electrodos positivos de maior tamanho, e de maior resistencia, em todos os seus tipos para um maior e mais eficiente rendimento.
- Posseum gachetas de cobre, de grande resistencia, que dissipam admiravelmente o calor da porcelana, para manterem a temperatura adequada.
- Roscas de tamanho exato (segundo as especificações da S. A. E.—(Sociedade de Engenheiros da America do Norte)), que evitam as deformações por elas produzidas nas cabecas de aluminio, dos cilindros existentes nos modernos motores.
- É usada uma perfeita liga de aluminio e manganês, para os eletrodos positivo e negativo, para resistirem as variações bruscas de temperatura, sem se queimarem.
- As velas de ignição "Bowers", proporcionam uma facil e segura partida no motor, duram muito mais, e apresentam uma nova técnica de construção nos terminais dos eletrodos, tanto no central como no lateral, o que é feito com um moderno e seguro sistema de soldagem.

Fabricados nos. E. U. A.
BOWERS BATTERY & SPARK PLUG CO
READING, PA.

Distribuidores para o Brasil

BIANCHI, ROSSI & Cia. Ltda.

Rua das Marrecas, 43 Rio de Janeiro

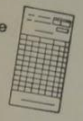
End. Telegr: "Sugarloaf"

Contrôle imparcial de horas de Trabalho com o

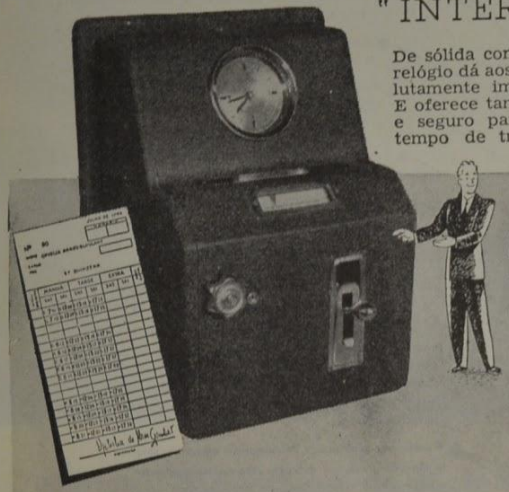
RELÓGIO DE PONTO CARTOGRÁFICO *"INTERNATIONAL"*

Os "livros de ponto" ou registros, a mão, são sempre discutíveis, e, geralmente,

provocam desagráveis e intermináveis disputas entre empregado e empregador, acêrca de salários. Para absoluta imparcialidade



e maior confiança entre os empregados e V. S., mecanize e modernize o seu contrôle de horas de trabalho instalando um Relógio de Ponto Cartográfico "INTERNATIONAL"



De sólida construção e linhas elegantes, êsse relógio dá aos empregados um resultado absolutamente imparcial de horas de trabalho. E oferece também a V. S. um meio eficiente e seguro para contrôle e remuneração do tempo de trabalho dos seus empregados.

O Relógio de Ponto Cartográfico **"INTERNATIONAL"** oferece as seguintes vantagens:

1) **AUTOMÀTICAMENTE,** imprime em azul o tempo regulamentar, e, em vermelho, os atrasos.
2) **AUTOMÀTICAMENTE,** registra na coluna de entrada e saída.
3) **AUTOMÀTICAMENTE,** coloca o cartão na posição correspondente a cada dia.
4) Permite ajuste manual à coluna de impressão.
5) Equipado com motor elétrico síncrono, ou corda para 7 dias, onde há instabilidade da corrente.
6) Mostrador de relógio comum.
7) Imprime horas, minutos, mês e dia da semana.
8) Manêjo fácil, para operação exata.
9) Equipado com dispositivo que permite a regulagem desejada dos horários de trabalho.

Relógios de Ponto Cartográficos • Relógios de Ponto Autográficos • Relógios de Mão-de-Obra • Relógios-Carimbo • Relógios-Mestre • Relógios-Sincrono • Relógios para Vigia. Fechaduras Registradoras e Aparelhos para Programas.

SERVIÇOS HOLLERITH S.A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANIZAÇÃO

AV. GRAÇA ARANHA, 182 — TEL. 22-8111 REPR. NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

SH - 26

INTER-AMERICANA

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

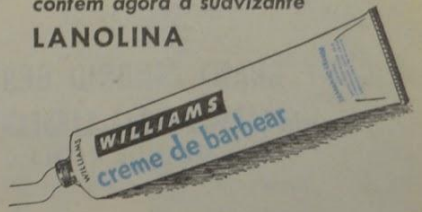
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

Para uma barba mais bem feita, sem dor, e macia. Para ter boa aparência, V. necessita de escanhoar-se bem, com asseio. E é isso o que consegue—sem o doloroso arranhar da lâmina—quando usa o Creme Williams de Barbear, com Lanolina.

Muito semelhante ao óleo natural da pele, a Lanolina é de há muito conhecida dos médicos pelos seus efeitos suavizantes sobre as epidermes irritadas. A Lanolina do Creme Williams refresca-lhe o rosto, deixando-o mais macio e mais confortavel.

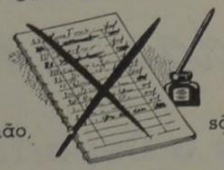
Deliciosamente perfumada, a abundante espuma do Creme Williams conserva por mais tempo a umidade—penetra os pelos mais rebeldes, tornando-os doceis à lâmina. Compre hoje mesmo um tubo de Williams. Veja se não lhe permite barbear-se com o máximo apuro e conforto de toda a sua vida!

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante **LANOLINA**



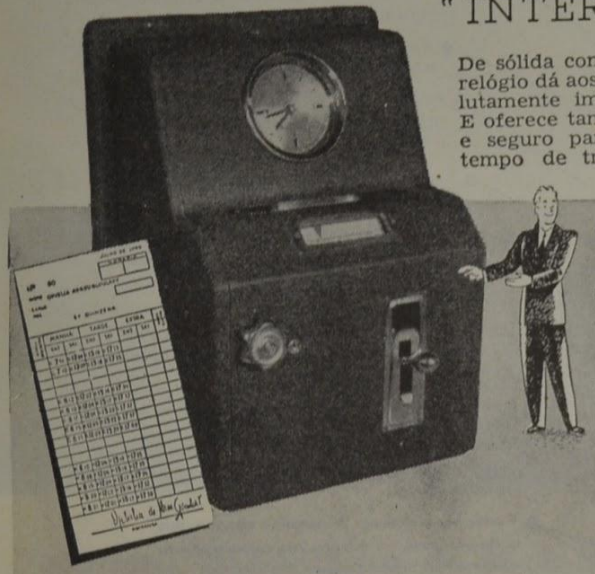
Contrôle imparcial de horas de Trabalho com o

RELÓGIO DE PONTO CARTOGRÁFICO *"INTERNATIONAL"*



Os "livros de ponto" ou registros, a mão, são sempre discutíveis, e, geralmente,

provocam desagráveis e intermináveis disputas entre empregado e empregador, acêrca de salários. Para absoluta imparcialidade e maior confiança entre os empregados e V. S., mecanize e modernize o seu contrôle de horas de trabalho instalando um Relógio de Ponto Cartográfico "INTERNATIONAL"



De sólida construção e linhas elegantes, êsse relógio dá aos empregados um resultado absolutamente imparcial de horas de trabalho. E oferece também a V. S. um meio eficiente e seguro para contrôle e remuneração do tempo de trabalho dos seus empregados.

O Relógio de Ponto Cartográfico "INTERNATIONAL" oferece as seguintes vantagens:

1) **AUTOMÀTICAMENTE,** imprime em azul o tempo regulamentar, e, em vermelho, os atrasos.
2) **AUTOMÀTICAMENTE,** registra na coluna de entrada e saída.
3) **AUTOMÀTICAMENTE,** coloca o cartão na posição correspondente a cada dia.
4) Permite ajuste manual à coluna de impressão.
5) Equipado com motor elétrico síncrono, ou corda para 7 dias, onde há instabilidade da corrente.
6) Mostrador de relógio comum.
7) Imprime horas, minutos, mês e dia da semana.
8) Manêjo fácil, para operação exata.
9) Equipado com dispositivo que permite a regulagem desejada dos horários de trabalho.

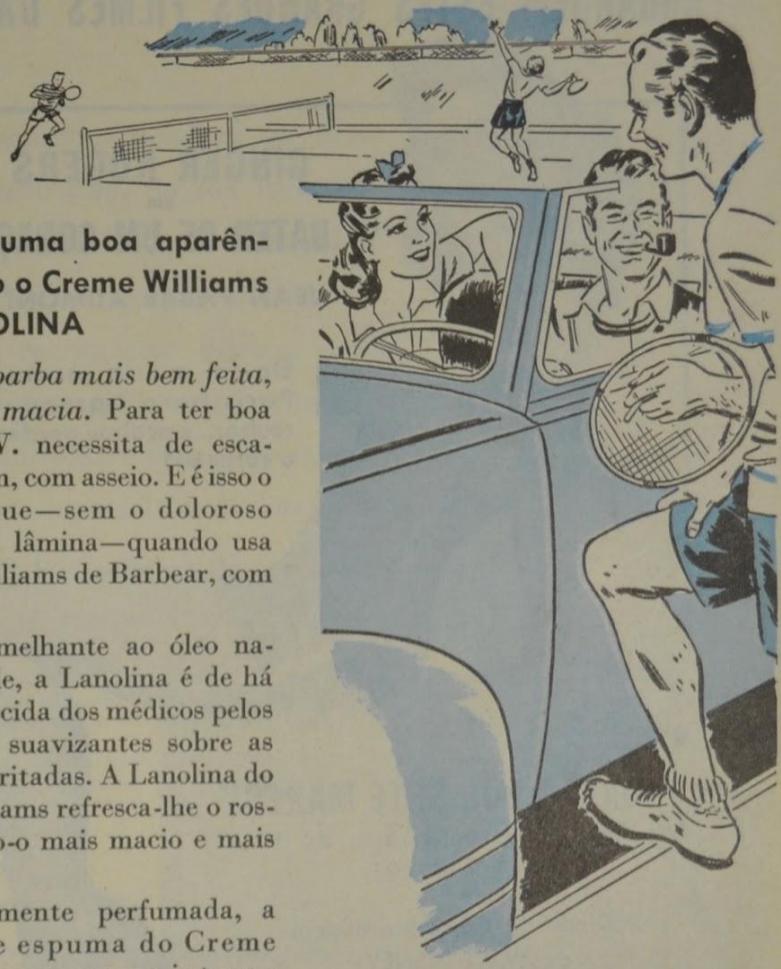
Relógios de Ponto Cartográficos • Relógios de Ponto Autográficos • Relógios de Mão-de-Obra • Relógios-Carimbo • Relógios-Mestre • Relógios-Sincrono • Relógios para Vigia. Fechaduras Registradoras e Aparelhos para Programas.

SERVIÇOS HOLLERITH S. A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANIZAÇÃO

AV. GRAÇA ARANHA, 182 — TEL. 22-8111 REPR. NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—



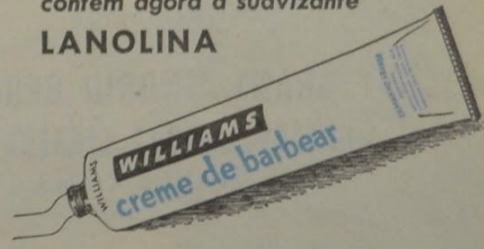
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

Para uma barba mais bem feita, sem dor, e macia. Para ter boa aparência, V. necessita de escanhoar-se bem, com asseio. E é isso o que consegue—sem o doloroso arranhar da lâmina—quando usa o Creme Williams de Barbear, com Lanolina.

Muito semelhante ao óleo natural da pele, a Lanolina é de há muito conhecida dos médicos pelos seus efeitos suavizantes sobre as epidermes irritadas. A Lanolina do Creme Williams refresca-lhe o rosto, deixando-o mais macio e mais confortavel.

Deliciosamente perfumada, a abundante espuma do Creme Williams conserva por mais tempo a umidade—penetra os pelos mais rebeldes, tornando-os doceis à lâmina. Compre hoje mesmo um tubo de Williams. Veja se não lhe permite barbear-se com o máximo apuro e conforto de toda a sua vida!

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante **LANOLINA**



AGUARDEM ÊSTES GRANDES FILMES DA RKO

GINGER ROGERS
em
"O BATER DE UM CORAÇÃO"
com
JEAN PIERRE AUMONT

Ela foi a uma escola de Paris para aprender a roubar...e acabou perdendo o coração!

Aguardem também

"O PIRATA DOS SETE MARES"
Uma Emocionante História do Mar
em Tecnicolor

•

A Divertida Comédia Musical
de WALT DISNEY
"MÚSICA, MAESTRO!"
em Tecnicolor

•

CARY GRANT · INGRID BERGMAN
em **"INTERLÚDIO"**
com CLAUDE RAINS

RKO RADIO PICTURES

Nos mínimos detalhes do desenho, da construção, do seu funcionamento, há uma coisa que sobressai: o trabalho individual de precisão. Partida automática, escrita sem esfôrço, pena encerrada e protegida, com a ponta de precioso Osmirídio. E esta, entre as canetas, é a única especialmente desenhada e construida para usar a tinta de mais rápida secagem no mundo, a Parker "51".

Representantes exclusivos para todo o Brasil e
Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA.,
Rua 12 de Março, 9-12, Rio de Janeiro

Representantes exclusivos para Portugal e
Posto Central de Reparações ANTONIO VIEIRA, Lda.,
167, Rua do Ouro, 173, Lisboa

Escreve seco com tinta líquida!

Parker "51"

Vôo mais Suave . . .
e mais Seguro

O vôo dos aviões modernos é mais suave e seguro porque as hélices hidromáticas Hamilton Standard possuem características extraordinárias. A hélice hidromática é a hélice que usam invariàvelmente quase tôdas as grandes companhias de transporte aéreo . . . porque seus fabricantes esforçam-se constantemente por aperfeiçoá-la e comprová-la... e porque os vários milhões de horas de vôo, sôbre todos os países do mundo, são o testemunho mais eloquente de suas qualidades excepcionais.

O último progresso realizado no equipamento hidromático para aviões multi motores consiste em um sincronizador automático que mantem todos os motores sincronizados, contìnuamente e com a máxima precisão, em quaisquer circunstâncias. Os que empregam aviões multimotores podem obter atualmente informações de grande valor sôbre as numerosas vantagens exclusivas dêste mecanismo.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

Endereço telegráfico: UNITEDAIR

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

Dupla satisfação

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946, THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Preço — Cr. $1,00

350.000 homens cônscios da sua importância

Cada um dos empregados da General Motors—desde o especialista até o aprendiz—tem uma clara noção do que significa a respectiva tarefa. O seu trabalho está de tal forma organizado, que lhe desperta interesse e o faz sentir-se orgulhoso do fruto de seus esforços. Provam-no a grande assiduidade voluntária aos cursos internos gratuitos, em cada fábrica, e o número de valiosas sugestões apresentadas pelos próprios operários, para melhorar a qualidade ou reduzir o custo da produção. O resultado é obterem melhor retribuição. Ao mesmo tempo, os produtos que chegam às mãos do público são de qualidade superior: "melhores produtos acessiveis a mais pessoas".

GENERAL MOTORS

Melhores produtos acessiveis a mais pessoas

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet • Vauxhall • Caminhões GMC, Chevrolet e Bedford • Frigidaire • Motores Diesel • Peças e Acessorios

GM

Vaqueiros do México

(Ilustração no verso)

UMA DAS FIGURAS mais interessantes e típicas da América espanhola é o «charro» ou vaqueiro do México, impropriamente comparado, às vezes, com o «gaucho» da Argentina e do sul do Brasil e o «cowboy» do oeste dos Estados Unidos.

A origem do «charro» remonta à época colonial. O gado, que os conquistadores espanhóis levaram, multiplicou-se rapidamente nas imensas pradarias da Nova Espanha e aos grandes administradores tornou-se indispensavel o cavalo afim de dominar as manadas de animais que, em estado selvagem, abundavam em suas vastas propriedades. Tiveram que encurralar, ferrar, amansar e levar, de terreno a terreno, grandes manadas de animais não-domesticados. Naquelas perigosas fainas, a que se entregavam patrões e empregados, adestraram-se gerações inteiras de cavaleiros, iniciando-se assim as proezas que realizam os modernos «charros» com o gado bravio. Vários vice-reis foram excelentes «charros».

É de então que provem a tradição democrática, nitidamente nacional, da «charreria» mexicana. Dá-lhe carater a pitoresca indumentária, já mundialmente conhecida. A roupa de trabalho é adequada e prática para as duras fainas do campo. A de gala é rica e de viril elegância: jaqueta curta de couro, com botões de prata e adornos trançados de seda, de prata ou de ouro; camisa aberta ao peito, cingida por uma gravata de laço de cores vivas; calção justo de camurça, com abotoaduras de prata e bordados a cores; *chaparreras*, espécie de sobrecalças abertas, de camurça ou pele de bode; chapéu de larga aba e altíssima copa, com vistosos adornos e desenhos a ouro e prata.

Os «charros» cuidam de seus cavalos com singular esmero e afeição. Após inúmeros cruzamentos, o corcel árabe produziu um cavalo «charro» de tipo especial. De estatura média, é largo, com ossada rija, resistente mas tambem leve. Predominam os alazães, embora abundem tambem os baios, pretos e tordilhos.

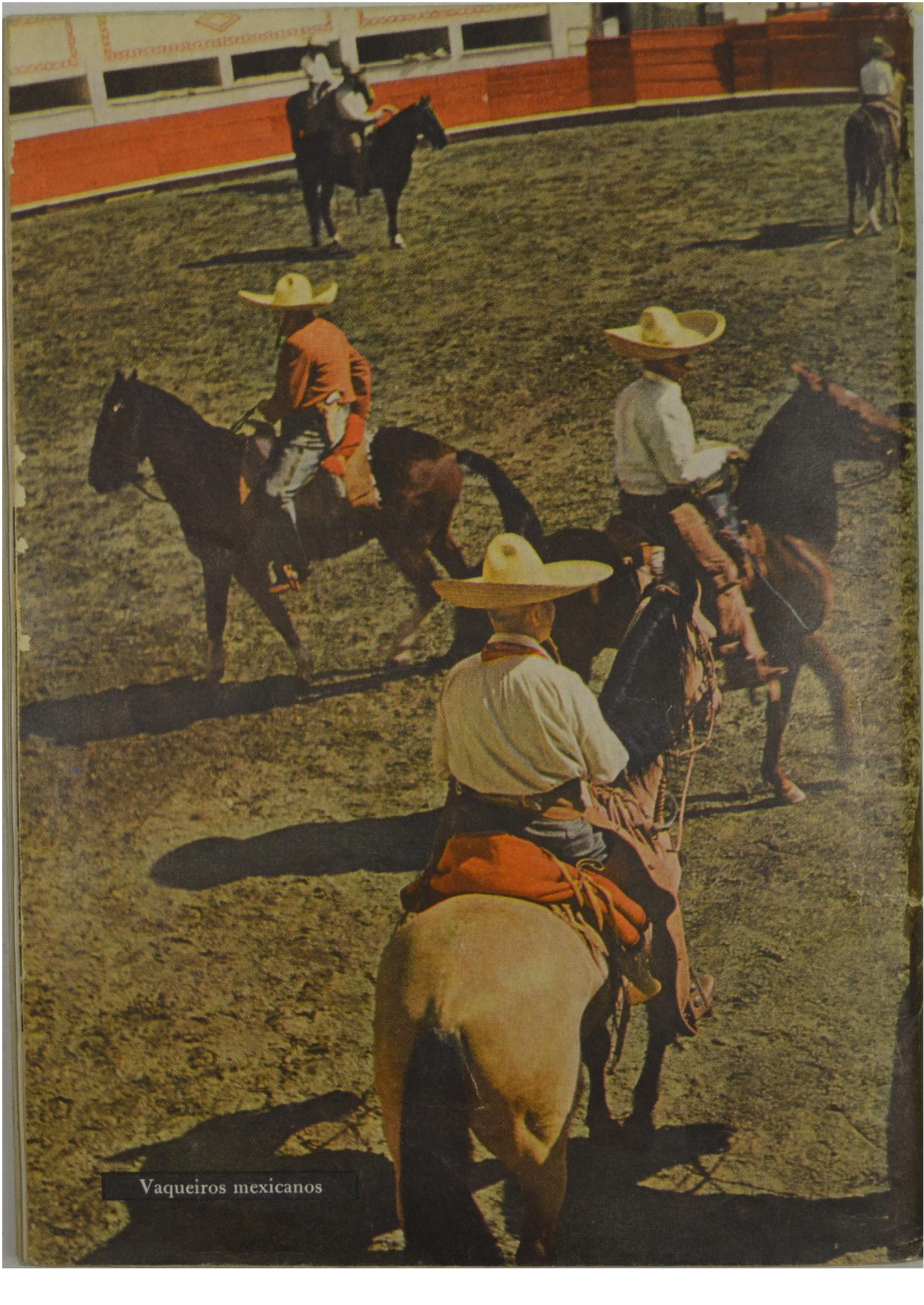
A sela do «charro» se carateriza pelo cabeçote, onde fica amarrado o laço. Os estribos, feitos para proteger os pés, soem ser de prata lavrada, como as esporas. Entre os arreios da sela leva o «charro» o machete, não só para abrir caminho no mato, como tambem para defender-se; a faca e a pistola; os cantís, cobertos com pele de bode e fitas vistosas; e o *sarape* multicolor, manta de agasalho, enrolada atrás da sela quando o cavaleiro não o está usando. O laço, feito de fibra de pita, fica do lado esquerdo. É o elemento principal da arte do «charro», que com ela faz, a pé e a cavalo, incriveis proezas; uma destas consiste em derrubar rezes quando o cavalo está em plena corrida, coisa arriscadíssima, para a qual não se usa, aliás, o laço.

Em todo o México existem hoje Asociaciones de Charros, às quais dá carater inconfundivel a classificação democrática dos sócios. Como em suas origens coloniais, o interesse nas fainas do campo, o amor à «charreria» e os perigos constantes de sua prática, tudo isso os une. Descendentes de velhas famílias, pequenos e grandes latifundiários, empregados de fazendas, artistas, militares, banqueiros, reunem-se semanalmente em singular fraternidade. A admissão dos sócios é decidida após duras provas de competência, em jogos nos quais os «charros» concorrem uns com os outros sob os olhos de um juri de absoluta idoneidade e apurada ética profissional.

No rancho da Asociación Nacional de Charros da capital da república mexicana, foi tirada recentemente a fotografia que aparece em nossa capa.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Foto: Fritz Henle



Vaqueiros mexicanos

SETEMBRO de 1946

Cr$ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

Rondon, o civilizador da selva	*Desmond Holdridge*	1
Defeitos de maridos e mulheres	*William A. Lydgate*	7
Tragédia no Evereste	*James Ramsey Ullman*	10
O espião que atraiçoou Hitler	*J. Edgar Hoover*	17
Que fazer em caso de incêndio	*Paul W. Kearney*	21
Os moços aprendem e ensinam	*Blake Clark*	23
Médicos ou charlatães?	*Albert Q. Maisel*	28
O primeiro ano do novo Japão	*Henry F. May, Jr.*	31
Talvez não saiba que	*Freling Foster*	35
Já chegou a televisão?	*Alva Johnston*	37
Refúgio de vagabundos	*Walter B. Pitkin*	42
Como a «democracia» chegou ao Azerbaijã	*Edwin Muller*	45
A última doma do Afogueado	*Tom Mulvany*	51
Você sabe o que quer dizer?		54
Um círio em Viena	*A. J. Cronin*	55
A indústria rende mais em pequenos povoados	*Roger W. Riis*	58
Um leitão para o tio	*Edison Marshall*	62
Entrevista com minha filha adotiva	*Pearl S. Buck*	63
Perguntas e respostas sobre a saude	*C. F. McKivergan*	68
Memórias de um funcionário soviético	*V. Kravchenko*	70
Nossa fonte inesgotavel de vitalidade	*H. E. Fosdick*	75
Terremoto e incêndio em S. Francisco	*Jo Chamberlin*	78
Cuidado com os óculos escuros	*George W. Kisker*	83
Na pista da vertigem	*Paul W. Kearney*	85
Seção de Livros — O fosso das víboras	*Mary Jane Ward*	89

Um monumento brasileiro de arquitetura moderna — *Fotografia* ..... quarta capa; *Nota* ..... terceira capa

Edição japonesa do Reader's Digest

Acaba de surgir em Tóquio a edição do Reader's Digest em idioma japonês, com uma impressão inicial de 120 mil exemplares. Esta é a sétima edição internacional do Reader's Digest, e contem a mesma matéria selecionada que vem sendo lida em inglês, português, espanhol, sueco, árabe, finlandês e dinamarquês.

O aparecimento do Reader's Digest em japonês teve o mais cordial acolhimento por parte do público em geral. A notícia se espalhou com tal rapidez que, antes mesmo de se inaugurar o escritório do Digest em Tóquio, surgiram diversos pedidos de assinatura, metidos sob a porta ou lançados através da bandeira desta. Devido à escassez de papel, foi preciso limitar, provisoriamente, o número de assinaturas.

«Agrada-me sobremaneira saber que o Reader's Digest se edita agora no idioma japonês,» escreve o sr. Joseph Grew, ex-embaixador dos Estados Unidos em Tóquio. «Reunindo seu material tão rico, de revistas e livros de várias origens, o Reader's Digest constitue, creio bem, um quadro constante e definitivo da vida e dos ideais ocidentais. E em parte alguma esse quadro se torna tão necessário quanto no Japão hodierno.»

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo X, No. 56 — [Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.] — Setembro de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

Edições em outros idiomas—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest*: edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Bästa ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest*: edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat*: edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia. *Det Bedste fra Reader's Digest*: edição em dinamarquês, publicada em Copenhague, Dinamarca.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Essas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários de Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. X, No. 56, September 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

CMDPC-LR
1942

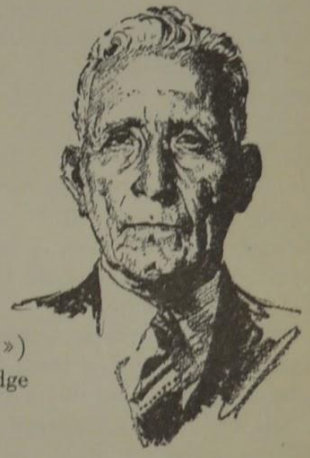
SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO X
No. 56

SETEMBRO
de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

Soldado de carreira, ele consagrou sua longa existência à demonstração prática da superioridade da razão sobre a violência



Rondon, o civilizador da selva

(Condensado de «Pan American»)
Por Desmond Holdridge

Em um simples escritório situado entre os modernos arranha-céus do coração do Rio de Janeiro, e diante duma escrevaninha sem pompas, está sentado um dos homens mais notaveis que hoje vivem no Novo Mundo. De baixa estatura mas largo de ombros, tem as costas direitas como um prumo, e em seus olhos, habituados a esquadrinhar a selva, surpreende-se logo uma inteligência cintilante e viva a que nada escapa e que nada esquece. Suas mãos se movem em gestos rápidos e incisivos, e é duma cortesia cavalheiresca inalteravelmente mantida, quer ele fale com um ministro quer dite uma simples carta à sua secretária. Logo à primeira vista se percebe que lhe corre sangue índio nas veias. A julgar pelas aparências, atribuimos-lhe uns bem conservados 60 anos: na realidade já vai nos 80...

Chama-se este homem Cândido Mariano da Silva Rondon, e é o general a quem o Brasil deve a penetração e conquista pacífica de enormes extensões de inexploradas selvas. Rondon fez mais do que isso: delimitou rigorosamente uma das mais longas fronteiras terrestres do mundo, e adicionou ao mapa da América do Sul uns quinze rios. Desenrolou milhares de quilômetros de fios telegráficos através das ermas solidões do sertão brasileiro, pacificou muitas tribos de índios bravios, que havia três séculos vinham recebendo os emissários da civilização com o silvo aterrador dos seus dardos de dois metros, e encheu o Museu Nacional de milhares de espécimes até então desconhecidos da ciência. Tem sido homenageado por quase

todas as sociedades geográficas mais importantes do mundo.

Essa carreira prodigiosa teve os começos mais humildes que imaginar-se possa: Rondon nasceu em 1865 perto de Cuiabá, filho duma índia bororó, e neto, por parte de pai, dum bandeirante paulista e duma índia terena. Aos dois anos de idade ficava orfão.

Aprendeu as primeiras letras com a avó materna, que adquirira algum saber na leitura de livros pertencentes às famílias de fazendeiros a quem servira. Mais tarde, um tio o ajudou a seguir estudos na escola. O rapaz revelava talentos fora do comum, em especial para a engenharia, e aos 16 anos colava grau. Cheio de ambição, concorreu aos exames de admissão à Escola Militar, e enquanto aguardava, cheio de esperança, a sua classificação, foi servir como secretário da Circunscrição regional de Cuiabá.

Não era pouca coisa o que Rondon estava pedindo—orfão sem recursos nem pergaminhos de família, a querer entrar assim, sem mais nem menos, em uma orgulhosa escola militar, em competição com centenas de moços mais afortunados ou favorecidos. Mas os oficiais do quartel onde servia, impressionados com a lealdade e eficiência do jovem oficial, mandaram cartas de recomendação a seu favor, e Cândido foi admitido à Escola.

No decorrer dos estudos militares, o aspirante entretinha-se a percorrer e a estudar com a vista o mapa do Brasil, marcado aquí e alem com legendas deste gênero: «Região desconhecida, habitada por índios selvagens.» Fronteiras interminaveis, tambem mal definidas, dependiam de vagos tratados firmados há centenas de anos...Este último fato, sobretudo, era uma autêntica fonte de perigos. Admitindo, por exemplo, que se descobrisse ouro numa dessas vagas zonas fronteiriças, o Brasil e algum dos seus vizinhos interessados se veriam imediatamente envoltos em sérias disputas, um e outro aptos a demonstrar, de documentos em punho, que o ouro jazia adentro do seu próprio território. Em todo o continente não existia mais fecundo viveiro de conflitos, do que essas fronteiras à espera de demarcação.

Não era menos agudo o problema das populações aborígenes. A borracha do Amazonas, que no bom tempo fizera de Manaus a cidade do mundo com o maior coeficiente de riqueza individual, atraia gentes ambiciosas e sem escrúpulos que não se detinham diante de nenhum obstáculo para arrancar à selva os seus tesouros. Esses aventureiros faziam assaltos às aldeias dos índios, para raptar os homens válidos, que depois sujeitavam pela força ao trabalho da borracha, e as mulheres mais bonitas, que se tornavam objetos de entretenimento nos seus acampamentos solitários.

Rondon meditava em todas essas coisas, e seu espírito se conturbava. O momento por que ansiava veio finalmente em 1889, com a proclamação da República: o novo regime decidiu estender o telégrafo pelas selvas e sertões a dentro. O major Gomes Carneiro, encarregado da instalação de 650 quilômetros de fios telegráficos entre Cuiabá e Araguaia, escolheu para seu ajudante o tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, que acabava de receber os galões.

TÃO DEPRESSA começou o trabalho, surgiram dificuldades com os índios bororós. Foi preciso elaborar e aplicar minucioso programa de relações pacíficas, a que não faltaram nem os presentes nem as palavras de amizade, e só então é que os índios perceberam: aqueles homens de farda não eram a mesma praga de «civilizados» que haviam pilhado e devastado as suas aldeias; firmou-se a paz, e treze meses depois a linha telegráfica estava instalada, completa, sendo a primeira a atravessar o enorme território de Mato Grosso.

Durante os dez anos seguintes Rondon trabalhou na montagem de linhas telegráficas, e de região em região foi pondo termo a hostilidades que datavam de havia 300 anos. Cerca de 3.200 quilômetros de fios telegráficos se foram desenrolando através de regiões até então consideradas impenetraveis. O general fez-se rodear, para esse fim, de leais colaboradores, homens de têmpera, capazes de andar meses e meses sem ver outra coisa que não fosse a selva. Para eles, como para o chefe, a atitude ante o problema índio era uma só: nunca fazer fogo, por maior que fosse a provocação; e nunca tirar qualquer coisa duma aldeia, nem sequer a folha de uma árvore. Para os velhos batedores do sertão, experimentados e conhecedores, essa política era pura e simples bobagem...

Mas o certo é que ela foi dando resultado entre as tribos, umas após outras. A pacificação e amizade com os Nhambiquaras, índios ferozes que viviam na região do fabuloso Juruena, é um exemplo típico da estratégia de Rondon: o primeiro contacto que teve com eles foi através dum ataque de surpresa; os índios emboscados atiraram contra ele, e a terceira flecha, depois de haverem falhado as duas primeiras, atingiu-o, indo espetar-se no boldrié da carabina mesmo sobre o seu coração. O embate fê-lo cambalear na sela, mas o explorador recobrou o equilíbrio, e continuou a bradar palavras de paz e amizade, dirigidas aos invisiveis atacantes. Isso, para os selvagens, passava do comum: alí estava um homem com uma seta cravada no peito, e que continuava insistindo em se declarar amigo. Fugiram. E a coluna, depois de deixar presentes de machados, facões e panos no lugar do ataque, pôs-se de novo em marcha, e não tornou a ser molestada.

Alguns anos depois a coluna de Rondon voltou a encontrar-se com os Nhambiquaras: a certa altura da selva, uma trilha bem batida indicava a vizinhança de grande aldeia. Acompanhado de dois homens apenas, Rondon afastou-se da coluna e avançou pelo estreito atalho. Repentinamente deram de cara com cinco corpulentos selvagens, que vinham desarmados e os conduziram incontinenti à sua aldeia, onde reinava tremenda animação.

Os índios serviram comida aos forasteiros—milho, fruta, carne de macaco defumada, e outros quitutes. Havia tambem grandes cabaças de aluá, e uns charutinhos negros, compridos, medonhos! Rondon nunca em sua vida havia fumado, mas era evidente que, se recusasse, teria que arrostar com as consequências da descortesia. Aceitou e fumou. No dia seguinte, de regresso à coluna, Rondon cavalgava à cabeça dum bando de índios; houve trócas de presentes e manifestações de amizade.

Hoje, os Nhambiquaras têm suas escolas, igrejas e assistência médica; veneram o estandarte auri-verde do Brasil, que Rondon lhes levou como símbolo de paz e de progresso livremente aceito. A propriedade de suas terras é-lhes reconhecida e garantida, assim como o direito de manterem as crenças, tradições e modo de vida da tribo; mas, sob a influência benigna de Rondon, a existência tribal vai-se desintegrando e evoluindo, e a civilização brasileira imperceptivelmente se insinua na vida dos índios. O português se torna a língua dominante; a agricultura e a criação de gado vêm tomando o lugar

da existência nómade de outrora. Está dessa maneira aberto o caminho para a vida moderna.

Os índios alcunharam o telégrafo, pitorescamente, de «língua de Mariano». O general ri-se ao enunciar essa alcunha, e comenta: «Eles tinham por hábito roubar o arame dos primeiros postes telegráficos, para fazerem adornos. Mas quando perceberam que utilizávamos os arames para nos comunicar uns com os outros, deixaram-nos em paz. Como vê, foi preciso convencê-los com uma figura de retórica muito pessoal...»

O instrumento de que Rondon se tem servido, para ir estabelecendo e consolidando os laços de amizade com tribos sucessivas, é uma incomparavel organização por ele criada em 1910: o Serviço de Proteção dos Índios. Toda uma série de leis foram promulgadas para dar aos selvícolas as necessárias garantias contra a exploração e usurpação de suas terras; por todo o imenso sertão se erigiram postos de pacificação, e pouco a pouco os índios se deixaram atrair para eles.

A par dessa conquista pacífica, a Comissão Rondon (como o grupo era vulgarmente conhecido) foi procedendo à correção dos mapas. Havia rios que apareciam desviados cem e duzentos quilômetros da sua situação real, e seu traçado foi retificado nas cartas; determinou-se tambem o curso de outros rios, ainda desconhecidos. O mais famoso de todos estes, o rio da Dúvida, foi registrado quando Teodoro Roosevelt andava pelo Brasil, à cata de novas e autênticas experiências. Rondon fez o possivel por satisfazê-lo: passaram quatro meses explorando o grande curso de água, até a sua confluência com outro rio, este já conhecido. E hoje, em todos os mapas, o rio da Dúvida figura sob o nome de Roosevelt.

Impelido pela energia dinâmica do General Rondon, o governo brasileiro foi prosseguindo seu programa de delimitação de fronteiras. Os governos das nações vizinhas, um após outro, foram persuadidos a nomear comissões de limites para colaborar com a Comissão Rondon. Centenas de homens passaram a explorar e demarcar a selva, de tal modo que hoje a fronteira terrestre mais longa da Terra, com exceção da russa, está quase completamente projetada no mapa.

Em 1932, a Colômbia e o Perú, como se sabe, quase chegaram a um conflito devido a uma série de escaramuças na selva, determinadas por desacordo relativo a limites. Se o caso, conhecido pelo nome de «incidente de Letícia», não teve peores consequências e se liquidou sem derramamento de sangue, deve-se isso em grande parte ao prestígio e sensatez das decisões do General Rondon, que era o delegado do Brasil, e presidente da Comissão Mista Internacional. As partes contendoras tinham direito a apelar de todas as decisões da comissão para a Sociedade das Nações, mas nem uma só vez isso se tornou necessário.

Rondon pagou seu triunfo diplomático com a vista de um olho, e quase ia perdendo a do outro, porque contraiu tracoma durante os quatro anos de árduo trabalho que passou nessa comissão. Só a sua incrivel robustez o salvou de peores coisas. Para um homem que levou cincoenta anos nas selvas e sertões, ele possue, aos 80 anos, um físico magnífico. Deixou sempre moidos, exhaustos, os homens que com ele viajavam, sem exclusão dos próprios índios. Aconteceu uma vez, que comandando ele uma coluna de

cavaleiros já completamente esgotados de cansaço, o general os fez marchar até as onze da noite, e então desmontou, sem o mais ligeiro sinal de fadiga, declarando: «Agora vamos cear, e à uma hora continuamos caminho.» Ergueu-se um clamor angustioso dentre seus companheiros de jornada: «Como é que a gente pode seguir caminho, dormindo só uma hora?» perguntavam. Rondon olhou-os com espanto: «Ora essa, será possivel que os senhores não saibam dormir na sela?»

Entre os homens que tomaram parte nas suas expedições, alguns houve, por vezes, que duvidaram da veracidade do que se dizia sobre a lendária resistência física do general Rondon. Um deles, atleta bem treinado, de 28 anos, gabou-se nestes termos: «O general tem o dobro de minha idade; vou fazê-lo andar até ficar com a língua pendurada.» Chegou isso, como é natural, aos ouvidos do general, que um dia convidou o atleta citadino a ir inspecionar com ele uma trilha recentemente aberta na selva. O convidado anuiu prontamente, e iniciaram a marcha a um passo terrivelmente acelerado; de começo o atleta sorria de si para consigo. Mas, duas horas depois, não vendo sinais de que afrouxasse o ritmo da marcha, deixou de sorrir. Depois de terem andado seis horas aos trancos e barrancos, o jovem atleta tartamudeou que talvez não fosse má idéia se parassem para comer qualquer coisinha. «Ah, não!» redarguiu Rondon. «Eu nunca como quando estou inspecionando uma trilha!»

Era a derradeira esperança do atleta, que, uma hora depois ou coisa parecida, perdendo o medo das formigas, se jogou no chão com forças apenas para balbuciar: «Não posso dar nem mais um passo!»

Rondou lançou-lhe um olhar repassado de frieza e disse: «Bem se vê que não pode. Isto aquí é o sertão, e não um ginásio; você tem que aprender a conhecê-lo bem, antes de se meter a fazer promessas precipitadas aos seus amigos!»

Outro exemplo dessa resistência física, quase sobrenatural, foi o que se deu ao terminar a expedição do rio da Dúvida. Rondon, atingido o limite da jornada, viu partir toda a gente—inclusive Teodoro Roosevelt—a bordo dum confortavel vapor; depois, em vez de ir para o Rio pelo mar, como os outros, voltou a mergulhar na selva e regressou por terra, numa travessia de mais de três mil quilômetros de sertão.

Rondon sofreu de quase todas as doenças tropicais; tem tido inúmeros ataques de paludismo, alguns tão violentos que teriam dado cabo dum homem menos excepcionalmente dotado. Estando uma vez a explorar o traçado proposto para certa linha de telégrafo, adoeceu e sobreveio-lhe tão violenta febre, que o médico da expedição lhe ordenou que regressasse logo ao Rio. «O senhor regressa, doutor,» replicou o militar, «mas eu fico aquí para guiar esta expedição até que ela tenha atingido o seu objetivo.»

A região que ele explorou por tantos anos oferece vastas possibilidades para a agricultura, a criação de gado e a exploração mineira. Nas suas orlas ocidentais encontra-se petróleo; o ouro e os diamantes estão surgindo em quantidades sempre crescentes. Vastas florestas, de algumas das mais preciosas madeiras duras do mundo, estão alí pouco devassadas. Existem por lá grandes quantidades de seringueiras e de balatas.

A tendência do Brasil é levar a civilização para o oeste. As estradas já começam a alongar-se através do que era a selva ao tempo em que Rondon a atacou. As estradas de ferro estendem suas garras

de aço, e as cidades começam a erguer-se em obediência a planos, onde um dia foram terras ermas. Milhões de novos povoadores irão encontrar um lar e ocupação util na terra domesticada—muitos deles restos, ruinas patéticas da população da Europa. «Nós os receberíamos de braços abertos,» diz-me Rondon. «Deixem-nos vir; há lugar para todos os que queiram trabalhar.

«Todos os que conhecem o Brasil sabem que somos um povo inimigo da violência. Eu sou militar, e apesar disso consagrei minha vida à demonstração prática da superioridade da razão sobre a violência. A matança dos índios! Matar gente é coisa facil: mas resolve alguma coisa? Mais dificil, está claro, é usar a razão. E exige mais coragem. Quando os meus homens diziam: —Podemos morrer, mas nunca mataremos, —decerto davam provas duma coragem mais alta do que os ignaros sangradores de borracha, que costumavam abrir fogo sobre quem não usasse calças!

«Esse mesmo espírito o Brasil tem levado às suas relações com o resto do mundo. Dessa crença na paz nos vem uma força que nenhum idólatra da violência poderá jamais possuir!»

Mark Twain e Churchill

DURANTE um jantar em Londres, em 1907, falava-se no jovem estadista Winston Churchill, que já se achava bem adiantado em brilhante carreira. Eu o havia conhecido sete anos antes, e Sir Gilbert Parker me perguntou:

—Lembra-se do banquete que houve aquí há sete anos?

—Lembro-me, sim, respondí.

—Pois bem. Quando você subiu ao segundo andar com Churchill, para fumar e conversar, sir William Vernon Harcourt disse que aquele dos dois que conseguisse iniciar a conversa, falaria até o fim; ele acreditava que você, mais velho e experimentado, seria o primeiro, e por isso os pulmões de Churchill descansariam durante uma meia hora, coisa que há anos eles não faziam... Mais tarde, quando os dois desceram de novo, Sir William perguntou a Churchill se a prosa tinha sido interessante, e ele respondeu, com entusiasmo, que sim. Sir William então fez a você a mesma pergunta, e lembra-se da resposta? Você hesitou, e afinal disse: «Bem, eu tirei uma boa cachimbada.»

—*Mark Twain in Eruption*, compilado por Bernard de Voto (Harper, ed.)

CHURCHILL, reconhecido hoje como o maior entre os oradores ingleses contemporâneos, não tinha, no início da carreira, nenhuma facilidade para falar em público. Certo dia, a caminho de Manchester, onde iria fazer um discurso, lorde Salisbury, que o acompanhava, voltou-se e perguntou:

—Então, Winston, está nervoso?

Ao que o futuro primeiro-ministro respondeu que sim.

—Não faça caso! aconselhou o veterano estadista. —Faça como eu. Toda vez que me levanto para falar, meu primeiro gesto é examinar bem o auditório. Feito isso, digo com meus botões: «Que súcia de tolos!» E me sinto infinitamente melhor...

—*Daily Star*, de Montreal

Os defeitos que maridos e mulheres descobrem mais frequentemente uns nos outros

Defeitos de maridos e mulheres

(*Condensado do «Redbook»*)

Por William A. Lydgate

AS FALHAS e os defeitos dos maridos e das esposas foram o tema de recente investigação realizada pelo Instituto Gallup através dos Estados Unidos. Perguntou-se às esposas quais eram os principais defeitos de seus maridos, e a estes, quais os de suas esposas. Os resultados indicarão, talvez, aos casais, o que não devem fazer, afim de que sua vida através do matrimônio seja para sempre plácida e feliz.

Dez defeitos das esposas

1. *Reclamações constantes.* Isso faz com que conjeturemos sobre se as mulheres, involuntariamente não estarão levando os maridos ao vício da bebida, apresentado como o principal defeito dos homens americanos. Disse, certa feita, obscuro filósofo que os caminhos do êxito estão cheios de mulheres a empurrarem os maridos para diante. Mas nem um só dos milhares de maridos entrevistados atribuiu a mais ínfima parte do êxito de sua carreira às reclamações das mulheres.

2. *Extravagância.* «Querem gastar tudo que os maridos tiverem, com o simples fito de manter o mesmo padrão de vida dos vizinhos e amigos.» «Não compreendem o que é preciso fazer para vencer na vida. Dificultam a existência da gente, gastando até ao último tostão do que se ganha.»

3. *Negligente dona de casa.* «Minha mulher não mantem a casa limpa.» «As mulheres de hoje já nem pregam mais um botão na camisa do marido. Vão pondo de lado as tarefas caseiras, com uma promessa ou uma desculpa, e só querem saber de passear.»

4. *Vida social intensa demais.* «Andam a se divertir e descuidam-se dos filhos.» «Minha mulher procura arrastar-me para os clubes e festas quase toda noite.»

5. *Intrigas e tagarelices.* «Não dão descanso à língua.» «Falam demais pelo telefone. As histórias que elas contam sobre as amigas são de arrepiar os cabelos.» «Minha mulher tem o verdadeiro dom de deturpar o que as pessoas dizem.» «As mulheres deviam ser melhores escritoras que os homens, pois vivem contando histórias o dia inteiro.»

6. *Egoismo.* «Só sabem dizer: me dá, me dá, me dá... o dia inteiro.» «Minha mulher leva um tempo enorme para vestir-se e está sempre atrasada quando marcamos algum encontro.» «Nunca pensa no meu conforto e bem estar; só no dela.»

7. *Muitas atividades fora de casa.* «Clubes de costura, de literatura, de bridge, de chá — tornaram-se clube-maníacas.» «Vivem tão ocupadas em obras de caridade o dia inteiro, que nem têm tempo para o marido.»

8. *Autoritárias e mandonas.* «Minha mu-

lher governa a casa, governa minha vida, vive dizendo aos vizinhos o que eles devem fazer, e agora, chegou ao cúmulo de querer governar o país, explicando, o dia inteiro, as decisões que o presidente deveria tomar.» «Procuram dirigir os negócios dos homens como os delas, e fracassam em ambos.»

9. *Mal cuidadas e mal amanhadas.* Essa acusação inspirou aos maridos as mais sarcásticas observações: «As mulheres se casam, engordam e já nem cuidam mais de si.» «Minha mulher nem procura mais enfeitar-se.»

10. O décimo defeito das mulheres: «Interessam-se demais por *outros homens.*»

Eis aí portanto as críticas mais comuns dos maridos às mulheres. Mas a idade do cavalheirismo ainda não morreu de todo. Em cada cem homens interrogados, oito disseram que suas mulheres não tinham defeitos. Um deles disse: «Se todas forem como a minha, são perfeitas.» Outro declarou: «Minha mulher trabalha demais. É o único defeito que ela tem. Deus a abençôe.»

Dez defeitos dos maridos

1. *Vício de beber:* É o que domina de longe todos os outros defeitos dos maridos americanos, segundo os resultados da investigação. No entanto, coisa curiosa, num inquérito idêntico, há dez anos passados, só algumas esposas se queixaram disso.

2. *Falta de atenção e consideração.* «Com o tempo, vão-se tornando menos galantes para com as mulheres, e não procuram ajudá-las como antes.» «Não se vestem mais com apuro.» «Nunca pensam no trabalho que dão às mulheres quando sujam as toalhas de rosto inutilmente, entram em casa com os sapatos enlameados, deixam o jornal no chão e não colocam as roupas no lugar.» «Não dão a menor importância aos pequenos detalhes.»

3. *Egoismo.* «Quando estão bem de saúde são verdadeiros reis; quando adoecem, querem ser tratados como recem-nascidos.» «Meu marido chega em casa tarde para o jantar, mas, quando me atraso, me passa logo um carão.» «Meu marido faz sempre o que lhe dá na cabeça, sem se importar conosco.»

4. *Autoritários demais.* «Querem sempre mandar. Têm a impressão de que ninguem sabe coisa alguma, a não ser eles.» «Essa história de bancar o patrão, dentro de casa, é muito aborrecida.»

5. *Caprichos e teimosia.* O fato de que os maridos são caprichosos ou teimosos tem servido de tema a inúmeros livros e peças teatrais, através dos séculos, mas esse defeito não é o motivo das principais queixas das mulheres.

6. *Avareza.* As mulheres declaram: «Os maridos não têm a menor noção do que custa manter uma casa, hoje em dia.» «Os homens gastam para seu próprio prazer, mas queixam-se de qualquer despesa que as mulheres façam.»

7. *Falta de interesse pela casa.* As esposas acham que as tarefas caseiras não devem ser confiadas exclusivamente a elas. Querem que os homens partilhem das mesmas responsabilidades. «Confiam às mulheres a educação dos filhos.» «Meu marido nunca endireita ou conserta coisa alguma, em casa.»

8. «Logo que passamos a usar o anel de aliança, eles acham que têm direito a tudo.» «Vivem tão preocupados com os negócios, que nem dão atenção às mulheres.» «As mulheres não se importariam de fazer o necessário para a casa, se os maridos as surpreendessem, de vez em quando, com um elogio, um agrado, ou um convite para qualquer diversão.» «Deixam de cortejar as esposas muito depressa.»

9. Não só deixam de cortejá-las, mas *queixam-se demais.*

10. O último, na lista de defeitos dos maridos, é *jogar* e *fumar.* «Tocos de cigarro, que cheiram mal, espalhados por toda a casa.» «Meu marido vive jogando cinzas nos tapetes.» «Meu marido perde no poquer tudo o que ganha.»

Aí está, senhores maridos, a opinião das mulheres, tal como foi confiada a investigadores imparciais. Não haverá alguma que ache os maridos perfeitos? Sim, algumas. Quatro mulheres, em cada 100, declararam que seus maridos não têm defeitos.

Um dos fatos averiguados é o de que os homens do campo parecem mais satisfeitos com suas mulheres que os da cidade. Nem um só se queixou de que a mulher é «negligente dona de casa» na lista dos fazendeiros; «nenhum defeito», vem em terceiro lugar. Deve haver qualquer coisa na vida do campo que torna os casamentos mais felizes...

Curiosidades

CERTA tribo da África do Sul tem tal ojeriza pelos discursos longos, que se limita compulsoriamente o tempo destinado a cada orador, estipulando-se que este só poderá falar enquanto conseguir manter-se sobre um pé só. No momento em que o outro pé toca o chão, pode continuar a falar, mas oficialmente seu discurso já terminou...

—*Religious Digest*

EM XANGAI, os motorneiros e condutores de bonde, querendo reivindicar para si um aumento de ordenado, usaram de uma técnica de greve toda especial: continuaram a fazer funcionar os veículos, mas os condutores não cobravam passagens. Quando se espalhou a notícia do «bonde de graça», milhares de pessoas acorreram aos bondes. Essa original greve custou à companhia francesa de bondes cerca de 150 milhões de dólares chineses, em passagens, *por dia!*

—U.P.

DAS SETENTA nações do mundo, quarenta e uma têm menos habitantes do que Nova York, onde se calcula morarem 7.677.000 pessoas.

—*Time*

Tragédia no Evereste

(Condensado de «High Conquest»)

Por James Ramsey Ullman

O autor de *The White Tower* (A Torre Branca), um dos romances de maior êxito do ano corrente, nos Estados Unidos, dá-nos a emocionante narrativa dos titânicos esforços do inglês Leigh-Mallory para atingir o mais alto pico montanhoso da Terra.

A HISTÓRIA do Monte Evereste data realmente de certo dia de 1852 em que um obscuro funcionário do Serviço Trigonométrico Indiano, erguendo os olhos de sobre uma página coberta de algarismos, exclamou com justificada excitação: «Acabo de descobrir a montanha mais alta do mundo!» Da cuidadosa revisão e contraprova dos seus cálculos veio a concluir-se que esse remoto pico, que coroa a cadeia gigantesca do Himalaia, media 8.882 metros de altura acima do nivel do mar—ou seja, cerca de 300 metros mais do que o seu mais próximo rival. Marcado até então nos mapas com a designação «Pico XV», recebeu mais tarde o nome por que é conhecido em homenagem a Sir George Everest, primeiro cartógrafo-mor da Índia Inglesa.

O Monte Evereste ficou ainda envolto em mistério por mais de meio século após a sua descoberta, porque o Tibete e o Nepal, estados asiáticos em cujas fronteiras ele se ergue, estavam então completamente vedados ao acesso de forasteiros. Depois, quase em fins do século, alguns aventureiros, disfarçados em mercadores indús e maometanos, começaram a penetrar nos grandes desfiladeiros e gargantas onde o homem branco nunca pusera o pé. Os escaladores de montanhas tinham ouvido o canto de sereia do misterioso desconhecido, e não havia mais obstáculos naturais nem humanos que pudessem detê-los; mas se um ou outro viajante solitário lograva insinuar-se no maciço do Himalaia sem autorização oficial, outra coisa era uma expedição numerosa e organizada, que já não podia dispensar a autorização do governo tibetano. Ora, essa autorização não veio a ser concedida senão muitos anos depois.

Foi só em 1920 que a Real Sociedade de Geografia, de Londres, e o Clube Alpinista Inglês, em esforços conjugados e após demoradas negociações, conseguiram obter a permissão do Tibete para escalar a serrania. Deu-se imediatamente início aos preparativos, com toda a minúcia e amplitude que exigia uma expedição de tamanhas proporções e tanto risco. Foi resolvido mandar ao Evereste duas expedições consecutivas—a primeira para explorar a região, e a segunda, um ano depois, para consumar a ascensão propriamente dita. Pelo caminho que as coisas tomaram, organizaram-se três expedições, a terceira das quais, empreendendo o ataque final, iria acabar, com tragédia e mistério, a poucas dezenas de metros do triunfo completo.

A expedição de reconhecimento compunha-se da fina-flor dos alpinistas e exploradores ingleses. Um dos seus membros mais novos era George Leigh-Mallory, mestre do Charterhouse College, de Cambridge, que, sendo o único a participar das três expedições, viria a tornar-se o escalador de montanhas mais célebre do seu tempo. Conquanto nunca houvesse assumido a chefia oficial de nenhuma dessas expedições, as extraordinárias proezas de alpinismo e o indomavel espírito de Mallory fizeram dele a figura primacial e dominante de todas elas.

Leve e delgado de corpo, com um semblante quase infantil, Mallory estava muito longe de corresponder ao conceito popular do homem robusto que passa a vida ao ar livre, entre os perigos da aventura. Para ele, escalar montanhas era uma devoção apaixonada, quase uma religião, e não simples exercício físico ou passatempo; menos proeza física do que aventura espiritual. A explicação que deu um dia, das razões por que o homem escala montanhas, é a mais simples e, não obstante, a mais profunda talvez que já se deu. Perguntando-lhe um amigo porque é que ele tentava escalar o Evereste, Mallory retrucou com ingênua simplicidade: «Ora essa! Porque o Evereste está aí!»

A EXPEDIÇÃO de reconhecimento, quer dizer, a primeira, saiu de Darjilingue, na Índia, em meados de maio de 1921. Após difícil e longa jornada através das selvas tropicais, sufocantes de umidade e calor, e depois subindo já para as desoladas vastidões do planalto tibetano varrido pela ventania da Ásia Central, chegaram enfim à vista do objetivo da excursão. Foram rompendo caminho, dias e dias seguidos, em territórios os mais agrestes que se possa imaginar, a cada passo colhidos pelas tempestades de areia e pelas pavorosas torrentes glaciais da montanha, atravessando plainos semeados de enormes penedos, e seguindo as grandes gargantas e desfiladeiros do Himalaia.

Em fins de junho, a expedição chegava ao Mosteiro de Rongbuque, situado a uns 35 quilômetros ao norte do Evereste. Dalí conseguiram avistar enfim, em toda a sua ciclópica majestade, a montanha que buscavam: «Paramos,» escreveu Mallory, «tomados de puro assombro; ninguem fez perguntas nem comentários, todos se limitaram a olhar...»

Os exploradores começaram incontinenti a estudar a massa colossal de rocha e gelos que diante deles se erguia como uma torre para o céu, e a tatear a selva na esperança de encontrar a vereda que os levasse até o cume do gigante. Encontravam-se já então a uma altitude de 5.486 metros—muito acima, portanto, do mais alto pico dos Alpes. Ao mais ligeiro esforço, a rarefação do ar os obrigava a arquejar, pondo-lhes o coração a bater como um tambor. Ainda tinham pela frente três mil e tantos metros de montanha a escalar, medidos na vertical,

e a neve e o vento vinham rugindo com a fúria dum ciclone desde as nunca atingidas alturas.

Explorando vagarosamente o terreno em volta da base do grande pico montanhoso, descobriram que o Evereste era uma pirâmide quase perfeita, praticamente toda ela em prateleiras, autênticos precipícios que nenhum homem poderia jamais sonhar em escalar; só da banda do nordeste eles descobriram algumas possibilidades de ataque. Desse lado, com efeito, rematando a falésia de 3.000 metros de altura da face norte, descia uma aresta denticulada, que vinha desde uma grande espalda rochosa situada perto do cume, até um «estribo» de neve a leste do glaciar de Rongbuque. A aresta apresentava um ângulo de inclinação muito acentuado, mas não tanto que nela não pudessem subir escaladores experimentados; da espalda para cima, o pico do Evereste não parecia oferecer qualquer obstáculo insuperavel.

Só para achar um caminho que desse acesso ao estribo das neves, consumiram eles dois longos meses de planos e trabalhos. A Garganta Setentrional, conforme o estribo ficou sendo conhecido, erguia-se como uma muralha quase vertical de gelo a 1.200 metros de altura, e até o próprio Mallory, apesar de destemido, reconheceu que nunca seria possivel dar o assalto daquele lado. Sua única esperança era que a proeza fosse viavel pelo lado mais afastado.

Ao cabo dum circuito de mais de 160 quilômetros em volta da montanha, os exploradores atingiram uma garganta selvática que o nevão tremendo fustigava, e da qual o estribo dos gelos se alteava a uns 600 metros, apenas, acima da superfície do glaciar. Os três mais robustos escaladores romperam caminho até o cimo, ou seja à altitude de 7.000 metros. O pináculo do Evereste encontrava-se ainda, porem, a 1.800 metros acima deles, e a quatro quilômetros de distância...

Estava-se agora em fins de agosto, e o breve estio do Himalaia acercava-se do termo, de sorte que essa partida exploradora houve por bem regressar à Inglaterra. O trilho da montanha estava em todo caso desbastado, e tinha-se encontrado o ponto fraco na armadura da enorme cadeia de serranias.

NO DIA primeiro de maio de 1922 a expedição que se destinava a escalar o Evereste assentou seu acampamento de base à vista do remate do Glaciar de Rongbuque. Compunha-se ela de treze ingleses, sessenta montanheses do norte da India, uns cem carregadores tibetanos, e trezentos animais de transporte.

Essa tentativa de assalto ao Evereste ia durar somente o breve lapso de um mês e meio. Até os começos de maio toda aquela região estava sepulta num inverno feroz, assolado de medonhos nevões; e a partir dos meados de junho, a monção do Índico tornava o Himalaia oriental um verdadeiro campo de morte, devido à neve, à chuva gelada e à fusão dos gelos que por toda parte armavam traiçoeiras ciladas.

Durante quinze dias, escaladores e carregadores arrastaram-se dum lado para outro ao longo de vastas geleiras, transportando víveres e equipamento, e estabelecendo uma cadeia de quatro acampamentos a cerca de um dia e de facil caminho uns dos outros. Ficaram para trás os membros mais velhos do grupo, afim de manter as comunicações entre as três estações inferiores, enquanto os mais robustos foram assentar o acampamento IV no cimo do estribo, a quase 7.000 metros de altitude.

Mallory foi escolhido, com mais três

dos seus companheiros, para dar o primeiro assalto ao cume do Evereste, e ao amanhecer do dia 20 de maio, acompanhados por um grupo de carregadores, puseram-se todos a caminho das alturas nunca visitadas pelo homem. O alvo de seus esforços, remoto e tentador, encontrava-se ainda a 1.600 metros acima deles.

Horas e horas seguidas, os escaladores labutaram e penaram montanha acima, seguindo a crista do nordeste. O vento, frio como os gelos eternos, fustigava-os impiedosamente, sem tréguas, e o peor era que, à medida que subiam, a respiração se lhes tornava cada vez mais dificil. A 7.500 metros de altitude a fadiga e o frio obrigaram-nos a fazer alto. Recambiaram os carregadores para o Acampamento IV, armaram duas pequenas barracas no lugar mais abrigado que puderam encontrar, e meteram-se nos sacos de dormir.

No dia seguinte puseram-se em marcha logo ao raiar da aurora, subindo sempre através dum espesso nevoeiro e de rajadas de neve puxadas pelo vento. Após uma hora de ascensão, um dos homens atingiu o limite da resistência e foi preciso mandá-lo para baixo; mas Mallory e os outros dois continuaram subindo, sempre em luta com os elementos. Avançavam devagar e a custo, durante 15 minutos, e tomavam um longo descanso; depois marchavam outros 15 minutos seguidos de novo repouso, e assim por diante. Antes de corrido muito tempo, sentiram as mãos e os pés dormentes, e iam de boca escancarada, arquejando com a falta de ar. Segundo mais tarde referiram, a carência de oxigênio chegou a afetar-lhes a inteligência e os sentidos. Perderam a ambição, a capacidade de discernimento e a força de vontade, e avançavam mecanicamente, como autômatos ou como mediuns em transe.

Pelo meio da tarde encontravam-se a uma altitude de 8.100 metros. Tinham vencido assim dois terços da distância, na vertical, entre o estribo e o cume do Evereste, e achavam-se 720 metros acima da maior altitude até então atingida pelo homem. Continuar avançando àquela hora tardia, sem víveres nem abrigos convenientes, teria sido puro e simples suicídio: esgotados demais para se sentirem decepcionados ou se aperceberem de qualquer outra sensação, os ascensionistas viraram costas ao objetivo que resplandescia lá em cima.

No dia seguinte fez-se segunda tentativa, e instalou-se novo acampamento a 7.650 metros de altitude. Desta vez os homens iam munidos de tanques de oxigênio como auxiliares da respiração, mas a vantagem desse fato foi mais que anulada pelo peso de 15 quilos da aparelhagem que cada um deles era forçado a carregar nas costas. Dois dos escaladores atingiram um ponto que ficava somente a 800 metros de distância do cume, e a uns escassos 580 metros abaixo dele na vertical. Mas com isso atingiam a extremidade da sua «corda»... Apoderou-se deles uma invencivel dormência física e mental; os membros já se recusavam a mover-se, e os olhos perdiam a capacidade de ajustamento das imagens. Regressaram vencidos, como os camaradas que os haviam precedido, mas tendo, apesar disso, estabelecido novo récorde mundial da ascensão: 8.170 metros.

Resolvidos a tentar uma última escalada, três dos ingleses, acompanhados de 14 carregadores que levavam as provisões, iniciaram a subida, partindo dum dos acampamentos mais baixos em direção à base avançada do estribo. De súbito ouviu-se um rugido surdo, que abalou violentamente as neves e o gelo, e formidavel avalanche abateu sobre eles...

Sete dos carregadores foram cuspidos por cima da crista para o abismo, de envolta com as neves, e desapareceram para nunca mais.

Assim, terminou, em derrota e desastre, o ataque de 1922 ao Monte Evereste.

Em março de 1924 partiu de Darjilingue nova expedição, incluindo, é claro, o infatigavel Mallory. As operações preliminares foram executadas com tal método e rapidez, que a expedição ganhou quase um mês inteiro no início da ascensão. O infortúnio, porem, desferiu-lhes sério golpe ainda antes de terem alcançado as faldas do Evereste: mal tinham instalado o Acampamento III abaixo do estribo, quando se desencadeou um nevão que transformou num caos acampamentos e comunicações. Os alpinistas, que tinham por dever reservar todas as suas energias para o esforço supremo da ascensão, gastaram-nas em operações de salvamento de homens e provisões. Quinze dias após a vanguarda ter saido da base, transbordante de força e de confiança, ei-la que estava de regresso, combalida e extenuada, sofrendo muitos dos homens a tortura dos membros congelados.

Era um golpe tremendo nas probabilidades de êxito da expedição, mas os seus componentes fizeram das fraquezas forças e atiraram-se uma vez mais para a frente. Novas dificuldades lhes sairam a caminho na grande muralha de gelo situada abaixo do estribo. As tempestades e avalanches daqueles dois últimos anos tinham transformado a imensa fachada de 304 metros de altura em um pavoroso plano inclinado, entrecortado de falésias e abismos. Todos os vestígios da vereda, que anteriormente haviam seguido, pareciam ter desaparecido.

Seguiram-se então dias de trabalho arrasador. Entre outras coisas, foi preciso talhar milhares de degraus na muralha de rocha e neve; instalar cabos e escadas de mão, para que os carregadores pudessem marinhar por alí acima com os seus fardos. Durante essas operações, a morte e o desastre estiveram muitas vezes iminentes. Em uma delas, Mallory, ao descer sozinho o paredão de gelo, afundou-se numa «ponte de neve» sob a qual um boqueirão se escancarava. Foi uma sorte que o seu machado de cortar gelo tivesse encalhado de través nas paredes do buraco, aguentando-o ao fim duma queda de três metros; de outro modo o audaz escalador ter-se-ia sumido no insondavel espaço azul-negro que se lhe abria sob os pés. Os companheiros estavam demasiado distantes para poder ouvir seus gritos de socorro, e ele teve apenas forças para subir até à superfície, agarrando-se com as unhas às paredes escorregadias do boqueirão; mas salvou-se!

Por fim, conseguiram talhar uma vereda pela muralha de gelo acima. Nessa mesma noite o mercúrio desceu para 30°C. abaixo de zero, e ao alvorecer começou a cair um pesado nevão. Pela segunda vez em quinze dias, os ascensionistas eram forçados a bater em retirada para o acampamento de base, com o fim de tirarem alguns dias de repouso a uma altitude menos hostil.

A expedição tencionava alcançar a crista nordeste do Evereste em meados de maio, mas já corria junho, e ninguem conseguira até então pôr pé na montanha propriamente dita. Mais dez dias, e a monção começaria soprando do Índico... Era imperioso trabalhar rijamente e andar depressa.

Na semana seguinte pôs-se em prática uma operação de alpinismo como o mundo nunca tinha visto. O plano previa um assalto desencadeado em vagas sucessivas, sendo cada um dos grupos de assalto formado por dois homens; cada vaga tentaria lançar-se ao ataque no dia seguinte ao da tentativa precedente. Ia agora ser instalado um sexto acampamento, tão próximo do cume quanto pudessem aguentar os carregadores indígenas.

Mallory e o capitão Geoffrey Bruce foram os escolhidos para a primeira vaga, mas, a 7.600 metros de altitude, a noite de intensíssimo frio e de vento uivante, era mais do que os carregadores podiam suportar: não houve súplicas nem promessas que os demovessem de recuar. Desesperados, Mallory e Bruce não tiveram remédio senão descer com eles.

Entretanto, a segunda vaga, formada pelo tenente-coronel E. F. Norton e o dr. T. Howard Somervell, partira já do estribo à hora prevista nos planos. Cruzaram-se no caminho com a primeira vaga que descia. Anelantes com falta de ar, gelados, debatendo-se contra a inclemência dos elementos, arrastando os pés que pesavam como chumbo, lá foram subindo a encosta—até que por fim o Acampamento VI ficou instalado à assombrosa altitude de 8.040 metros. Cumprida a sua missão, os carregadores desceram, deixando lá em cima os dois intrépidos exploradores.

Essa noite, Norton e Somervell dormiram ambos na mesma barraca minúscula. Ao nascer do sol já estavam a caminho. O frio era de rachar, e ambos tossiam e arquejavam penosamente no ar gelado e rarefeito. Só podiam avançar doze passos de cada etapa, e eram forçados a parar para descansar; a cada passo que davam, vagaroso, tinham que tomar de quatro a dez inspirações. Assim mesmo, conseguiram continuar a subir durante cinco horas—a 8.000... a 8.250... a 8.400 metros!

Ao meio-dia, Somervell sucumbiu: só a custa de violentos esforços conseguia respirar. Sufocado por violento ataque de tosse, deu a entender ao companheiro, por meio de gestos, que continuasse sozinho.

Mais uma hora de ascensão, e Norton encontrou-se, só como ia agora, em uma ravina cheia de neve solta e mole, onde uma escorregadela equivalia a mergulhar mais de 600 metros até em baixo, ao glaciar de Rongbuque. Conseguiu atravessar a salvo o perigoso acidente, mas, agarrando-se debilmente às saliências do lado superior da encosta, em breve compreendeu que perdera a partida. Sentia latejar a cabeça e o peito com violência, julgando a cada momento que iam explodir. Alem disso já começava a ver as imagens dobradas, e os pés recusavam mover-se na direção que a vontade lhes indicava. Insistir em subir mais, nestas condições, seria o mesmo que pedir a morte.

Norton deixou-se ficar alguns momentos imovel, suspenso quase sobre o abismo, refazendo as forças. Encontrava-se então a 8.450 metros de altitude. Alguns metros somente acima dele principiava a pirâmide culminante do Monte Evereste, —escassos 300 metros de rocha inclinada e quase limpa de neve, tentando-o a marinhar até o cimo, seu objetivo, que brilhava ao sol...

Norton e Somervell conseguiram, só Deus sabe como, descer dos terriveis resvaladouros e voltar sãos e salvos às mãos solícitas dos companheiros que os esperavam ansiosamente. Ambos tinham dado tudo o que podiam.

Quem se não dava por satisfeito era Mallory, amargamente decepcionado com o fracasso do primeiro esforço, e resolvido a dar mais um ataque ao monstro de pedra e gelo. O Evereste era a *sua* montanha, pertencia-lhe mais do que a outro qualquer homem. Ele tinha des-

bravado os caminhos que alí conduziam, e fora ele tambem quem rasgara a vereda até às cumiadas mais próximas do topo; seu espírito ardente fora a determinante principal de todas as tentativas de escalada do Evereste; a conquista daquele cûme era o sonho maior de sua vida.

E meteu-se a subir mais uma vez, com a rapidez que o caraterizava. Levando por único companheiro um jovem remador da Universidade de Oxford, Andrew Irvine, iniciou a escalada partindo do estribo. Na segunda noite alcançava o Acampamento VI. Tencionava servir-se de tanques de oxigênio somente na etapa final. Os últimos carregadores que, nessa noite, desceram do acampamento situado a maior altura, trouxeram recado de que ambos os alpinistas se encontravam em boas condições, e cheios de confiança no êxito da tentativa...

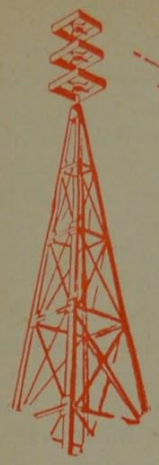
UM SÓ HOMEM voltaria, porem, a enxergar vagamente os dois conquistadores do Evereste. A 8 de junho, N. E. Odell, o geologista da expedição, tendo passado a noite sozinho no Acampamento V, pôs-se a caminho do Acampamento VI com uma mochila de víveres. Um leve nevoeiro acinzentado suspendia-se como uma cortina das faldas superiores da montanha, e pouco era o que Odell podia avistar do que ficava acima dele. A certa altura escalou um penhasco relativamente pequeno, a cerca de 8.800 metros de altitude, parou e olhou para o alto: por instantes a névoa se dissipou; o pico ficou a descoberto, e lá em cima, subindo a caminho dele, Odell enxergou duas silhuetas minúsculas recortadas no céu, a menos talvez de 25 metros do pináculo que remata a formidavel montanha... Ficou olhando as duas insignificantes manchas escuras, dois homens que subiam vagarosamente para o topo da Terra ... Depois o nevoeiro voltou a fechar-se em silêncio, velando o cume e, com ele, as duas silhuetas.

No correr das 48 horas seguintes Odell praticou verdadeiros prodígios de resistência e obstinação: subiu até o Acampamento VI com a sua carga de provisões, e depois foi ainda mais acima, sempre espiando, de ouvido atento, e a alma numa expectativa ansiosa. Mas a serrania mantinha-se velada na sua névoa silenciosa, e dos dois alpinistas nem sinais de regresso. Na manhã seguinte tornou a escalar penosamente até o Acampamento VI, pesquisando e chamando aos brados, até onde lhe consentiram os limites da resistência humana. Só lhe respondeu o sinistro uivar da ventania da serra solitária. Por cima, misterioso e invencivel, batido de luz pálida, avultava o grande pico, envolto no silêncio e solidão de outras eras. Por último, perdidas as esperanças todas, o geologista baixou até o campo mais elevado, e dalí, por sinais, transmitiu as novas da tragédia aos que, em baixo, mantinham uma angustiosa ronda.

Nunca foi possivel nem sequer encontrar os corpos de Mallory e de Irvine. Jazem algures na bruteza de rochas e neves que ainda guardam o acesso à cúpula do mundo. Como e quando a morte os venceu? Teria a vitória coroado seus esforços, antes de prostrados para sempre no frio eterno das alturas?... Mistério que o Monte Evereste guardará talvez por toda a eternidade.

¶ ANTES de sair de casa, um homem dirá: «Que vou dizer?», enquanto a mulher reflete: «Que vou usar?»

—Metternich



(Condensado do «American Magazine»)

O espião que atraiçoou Hitler

Por J. Edgar Hoover

O HERÓI — ou bandido — deste drama, chamemos-lhe Albert Van Loop, vive atualmente numa cidade americana, onde reparte o tempo entre o seu lar e um pequeno negócio de ourives que comprou após a guerra. Seu antigo chefe declarou aos oficiais do serviço secreto americano em função na Alemanha que ele havia sido o melhor espião nazista desta guerra. Ignorava, porem, que Van Loop era um agente de contra-espionagem que, estando a serviço dos Estados Unidos, fingia auxiliar os nazistas.

Em 6 de abril de 1942, Van Loop, súdito holandês, apresentou-se ao consulado americano em Madrí, pedindo um visto de entrada nos Estados Unidos, para ele e a esposa. Contou então que havia sido enviado pelo serviço secreto alemão, afim de espionar as tropas americanas e a indústria bélica. Sua incumbência principal consistia em montar uma estação rádio-transmissora secreta, com a qual devia estabelecer contacto regular com Hamburgo. Para provar isso, apresentou microfotografias com instruções sobre a maneira de construir e manipular uma estação de rádio de onda-curta, lista dos materiais necessários, planos de montagem, tabelas de frequência, cifras e códigos. Exibiu tambem mais de 15 mil dólares em dinheiro e vários cheques.

Van Loop insistiu em que se tinha associado aos nazistas, frequentando um curso de espionagem, apenas como um meio de sair da Europa. Segundo afirmou, desejava servir os aliados e, se o deixassem entrar nos Estados Unidos, estava disposto a trabalhar como americano, ainda que fingindo servir a Alemanha.

O consul prometeu estudar o requerimento, e informou-nos imediatamente. Nossos arquivos de Washington continham a seguinte ficha de Van Loop: nascido na Holanda há cerca de 50 anos, casado com uma alemã, engenheiro e ourives e espião em duas guerras.

«Deixe vir o homem,» foi a nossa resposta.

Entretanto Van Loop estava sendo vigiado cuidadosamente e sabíamos que antes de partir tinha recebido esta mensagem: «Os cientistas americanos estão trabalhando na desintegração do átomo de urânio. O estado destes trabalhos tem a máxima importância para nós.» A mensagem continha igualmente os nomes de numerosos cientistas ocupados em tais pesquisas. Tudo isso em princípios de 1942, numa época em que somente pequeno grupo de membros do governo sabia que os Estados Unidos estavam trabalhando na bomba atômica.

Nossa primeira entrevista com Van Loop foi a bordo do navio português em que chegou aos Estados Unidos. Mediante um interrogatório rigoroso conseguimos arrancar-lhe a confissão de que havia

sido espião alemão na Primeira Guerra Mundial e de que tinha cumprido uma pena de prisão por ter furtado dinheiro a um amigo. Alem disso apanhamo-lo em muitas mentiras e deixamo-lo seriamente confuso.

Apesar de tudo instalamos o casal Van Loop em um hotel e permitimos que circulasse em liberdade, ainda que sob estrita vigilância. Nosso plano era construir a estação transmissora e comunicar-nos com o serviço secreto alemão em nome de Van Loop. O mais pequeno deslize de nossa parte deitaria tudo a perder. Por exemplo, os alemães tinham um homem chamado Vizetum, capaz de identificar o tipo de sinais de qualquer operador rádio-telegráfico com quem se tivesse comunicado previamente, e ele conhecia perfeitamente o pulso de Van Loop.

Gravamos discos fonográficos com sinais emitidos por este último e tomamos providências para que três agentes do Serviço Federal de Investigação praticassem o estilo até conseguirem imitá-lo com perfeição. A principal caraterística desse estilo era o tamanho dos pontos, quase tão prolongados como os traços. Em seguida tivemos que estudar a fraseologia de Van Loop, assinalada pelo uso de formas idiomáticas holandesas em língua alemã.

A estação transmissora foi instalada finalmente em uma propriedade isolada perto de Nova York e em 7 de fevereiro de 1943 estabelecemos o primeiro contacto com a Alemanha:

«Estou pronto para trabalhar. Preciso proceder com cuidado, mas creio que estou a salvo. Estarei de escuta às dezenove horas.» A resposta chegou cinco dias mais tarde: «Tio muito satisfeito. Transmite-lhe o seu apreço e deseja felicidades.»

Ficamos entusiasmados, e conseguimos manter esse contacto com Hamburgo durante mais de dois anos, até 1.º de maio de 1945. Fornecemos aos alemães informações militares e industriais, quase todas verdadeiras. Transmitimos boletins meteorológicos, nomes de navios em portos americanos, navios de guerra sofrendo reparos, e notícias dos jornais sobre a concessão de verbas para construções navais e compra de material bélico.

Não podíamos exagerar muito os conhecimentos de Van Loop, pois os alemães sabiam que as fontes de informações de um espião solitário eram forçosamente limitadas. Contudo inventamos dois operários alemães trabalhando em estaleiros, que informavam Van Loop com regularidade. O crédito deste último, junto do alto comando nazista, subia de mês para mês.

Todavia, não fazíamos tudo isso, é claro, por simples divertimento. Pretendíamos saber se havia outros espiões alemães nos Estados Unidos e esperávamos que, mais cedo ou mais tarde, Hamburgo desse instruções a Van Loop para avistar-se com eles. Tambem queríamos saber como os alemães pagavam a seus agentes nas Américas e, sobretudo, desejávamos iludir o alto comando, fornecendo-lhe informações falsas.

Transmitimos com insistência os queixumes de Van Loop sobre a sua situação financeira, que impedia a continuação do trabalho. Seu chefe, um general alemão, quase ia perdendo o juizo para tentar tranquilizá-lo. Primeiramente os nazistas ofereceram-lhe a remessa telegráfica de dois mil dólares, a ser feita por um banco suiço. Para ver até onde os alemães chegavam, recusamos a proposta como demasiado perigosa, e o general tentou então enviar selos raros por intermédio de certo país da América do Sul. Durante dois anos Van Loop recebeu apenas duas coleções de selos, cujo valor não excedeu a 150 dólares. Se os alemães tinham tanta dificuldade para enviar dinheiro a um espião com o auxílio do Serviço, que poderiam eles fazer sem essa assistência?

Entretanto continuávamos a pedir dinheiro e finalmente conseguimos que os nazistas enviassem aos Estados Unidos um personagem de destaque da indústria cinematográfica holandesa. Uma de suas incumbências era a de entregar a Van Loop seis mil dólares de jóias. Nossas preocupações começaram logo que recebemos a notícia de tal visita. Efetivamente, se prendêssemos o homem (suponhamos que se chamava Shubert) Berlim podia ter suspeitas de que ele viesse a trair Van Loop; mas se consentíssemos que Shubert falasse com Van Loop e regressasse à Holanda, tínhamos receio que ele fosse revelar aos alemães que Van Loop era um contra-espião.

O fato interessante é que Shubert tambem foi ao consulado americano em Madrí oferecer-se para servir os aliados... Tenho a impressão de que era sincero, pois cooperou conosco em todos os sentidos.

Segundo as instruções transmitidas pelo rádio, Van Loop devia telefonar a Shubert no seu hotel. Em vez disso, foi um dos nossos agentes quem telefonou, dizendo: «Aquí fala Kliemann. Trago saudações do Tio. Tem alguma coisa para mim?»

Shubert disse que sim, que tinha, e preparamos as coisas para que os dois se encontrassem no saguão do hotel. As jóias seriam entregues em troca da senha: «Kliemann.» Shubert comunicou-nos todos os detalhes, para que pudéssemos vigiar e prender o homem quando ele se apresentasse.

O saguão estava repleto de gente, o que causou a Shubert decepção e alarme. Alguem murmurou «Kliemann» junto de seu ouvido, mas arrancou bruscamente o pacote de jóias e desapareceu por entre a multidão.

Shubert quase chorou. Nem ele nem os agentes do Serviço, segundo ele supunha, tinham podido ver Van Loop. Todavia, ainda que Shubert tivesse logrado ver o homem que murmurou «Kliemann», suas idéias não seriam muito mais nítidas, pois somente teria visto um rapaz com uniforme de chofer. Nunca conseguiria dizer aos alemães que tinha estado com Van Loop.

O desfecho aproximava-se gradualmente. Os alemães haviam pedido a Van Loop que concentrasse seus esforços nos planos americanos para a invasão da Europa. Pretendiam a descrição das insígnias das tropas estacionadas em Nova York, o número de série dos caminhões militares e outras informações semelhantes. Naturalmente atendemos ao pedido, e pouco a pouco começamos a deixar passar referências à Islândia. Entretanto Van Loop trabalhava na sua loja de ourives.

«Um amigo disse-me hoje na minha loja que seu filho tinha partido para a Islândia.»

E insistiamos em transmitir constantemente fatos banais cujo tema era sempre o mesmo: Islândia... Islândia... Islândia.

Em 3 de março de 1944 transmitimos a seguinte mensagem para Hamburgo:

«No domingo ouví um grupo de oficiais que conversavam em um bar. Um deles declarou, em resposta a certo gracejo, que nenhum dos presentes devia brincar com o serviço na Islândia, pois era bem possivel que todos fossem parar lá. Ele próprio tinha visto na ilha, antes de seu regresso aos Estados Unidos, os preparativos que estavam sendo feitos para a chegada de muitos soldados.»

Nos últimos meses nem um único avião alemão tinha voado sobre a Islândia. Todavia apareceu um sobre a ilha, no dia seguinte ao dessa emissão. Seu observador pôde constatar que os campos da Islândia estavam cobertos com barracas de campanha—falsas, já se vê—e que o porto estava coalhado de navios. De acordo com essa informação, o alto comando alemão começou a precaver-se contra a invasão da Noruega.

Demos-lhe muito tempo para isso e de quando em quando transmitíamos notícias revelando que a invasão havia sido adiada. Por fim, quando as forças nazistas na França estavam suficientemente enfraquecidas, as tropas aliadas desembarcaram na Normandia. Seu caminho não estava livre; pelo contrário, tiveram que conquistar o terreno palmo a palmo. Mas que teria sucedido se todo o exército alemão tivesse ficado na França à espera?

Ainda que pareça extravagante, Van Loop nunca foi censurado pelos seus relatos falsos. Esse fato foi aproveitado para a transmissão de mais informações, quase todas relacionadas com a expansão do poderio naval americano, pois tínhamos a certeza de que os alemães acabariam por transmití-las para o Japão.

Em 27 de abril de 1945 recebemos a seguinte mensagem de Hamburgo:

«Devido à situação presente somos forçados a interromper nossas comunicações. Continue, porem, de escuta uma vez por semana. O Tio protegerá seus interesses no futuro, como fez até hoje.»

Continuamos à espera, dia após dia, mas as transmissões cessaram por completo. O Tio tinha fugido; a Alemanha estava destroçada. Restava apenas Van Loop—um pequeno ourives holandês que percorria cabisbaixo o caminho entre a sua casa e a loja, pensando na perfídia que tinha praticado.

Deixamo-lo em paz. Ainda que com uma pistola apontada às suas costas, cooperara conosco.

Amigos de verdade

No sul dos Estados Unidos há determinada estrada de ferro cujos trens muitas vezes param, durante alguns minutos, perto de uma ponte. Há mais de três anos maquinistas e foguistas se acostumaram a ver, nesse local, uma garotinha a lhes acenar amistosamente da varanda de uma casa que dá frente para a linha férrea. Acontece que, no ano passado, o chefe-de-trem resolveu saltar do vagão para cumprimentar pessoalmente a menina, e descobriu então que se tratava de uma pequena paralítica, incapacitada de locomover-se, e obrigada a passar o dia inteiro naquela cadeira da varanda.

A notícia se espalhou entre os ferroviários, e não tardou que a garota fosse transformada em mascote da rapaziada. Maquinistas, foguistas e guarda-freios muitas vezes lhe atiravam presentes—bonecas, bombons, brinquedos. E um dia, há alguns meses, o mesmo chefe-de-trem, que primeiro a conhecera, apeou-se outra vez do vagão e foi entregar à garota uma cadeira de rodas que ele e os colegas haviam comprado para ela.

—*Daily Tribune* de Chicago

Se conhecessem estes fatos simples, inúmeras vítimas de dois flagelos—chamas e fumaça—poderiam ter escapado

Que fazer em caso de incêndio

(Condensado do «Redbook»)

Por Paul W. Kearney

Disseram sempre os bombeiros que «só são boas as casas de onde se pode sair». Podemos acrescentar que os bons donos de casa sabem como sair, em caso de emergência.

Isso não é palavreado. Basta citar o caso de dois meninos que morreram mesmo à porta do seu quarto de dormir, quando a casa pegou fogo. Do quarto, no segundo andar, só tinham de dar uns passos para chegar a uma varanda de onde podiam saltar com segurança para o jardim. Tomados, porem, de pânico, fizeram o que praticamente toda a gente faz nas mesmas circunstâncias: dirigiram-se para a escada principal, mas nem chegaram a alcançá-la.

Em incêndios de casas de habitação, a maioria das fatalidades ocorrem nos *andares superiores*, quando o fogo começava no *pavimento de baixo*, simplesmente porque o calor sobe. Quando as chamas alastram, o ar super-aquecido e a combustão dos gases, que atingem de 450 a 550 graus centígrados, rapidamente inundam a parte superior da casa. Os moradores acordam estremunhados e saem para o vestíbulo, onde muitas vezes perecem antes mesmo de as chamas lá chegarem.

Um pouco de ponderação e de treino salvariam numerosas vidas. Quem, ao despertar, sente cheiro de fumaça, não deve jamais abrir a porta do quarto. O melhor é colocar primeiro a palma da mão sobre a porta, acima da cabeça. Se a madeira estiver quente, *não se abra a porta*; já é tarde demais. A madeira quente (ou mesmo a maçaneta da porta) significa que o vestíbulo está invadido de calor mortífero e não é possivel chegar à escada.

Convem deixar a porta fechada, saltando pela janela se possivel, ou pelo menos gritar por socorro através da janela. Com a porta fechada a separar-nos do fogo, teremos todas as probabilidades de aguentar até que nos venham salvar.

Se a porta não estiver quente, é aconselhavel abrí-la com cuidado, e encostar-se a ela, preparando-se assim para fechá-la depressa, se for preciso. Colocando a palma da mão na fenda, acima da cabeça, abra-se então a porta uns dois centímetros. Se houver pressão exterior contra ela,—ou se vier um sopro de calor à mão, é melhor fechá-la com força imediatamente e ir para a janela.

Alem da destreza em abrir portas em habitações incendiadas, é preciso *saber fechar a porta*. Muitas vezes, a pessoa que descobre o fogo sai a correr do quarto, muito excitada, e deixa a porta aberta de par em par. Dessa forma, o calor acumulado e a fumaça podem alastrar-se pelo resto da casa sem impedimento. Se essa porta tivesse sido fechada imediatamente, o fogo e a sua guarda-avançada de calor e de gases ficariam ainda engarrafados durante alguns minutos e talvez se pudesse ter salvo o prédio.

O exemplo clássico a mencionar é o

seguinte: uma jovem dona de casa tentava atiçar a lenha do fogão com um pouco de gasolina; os vapores explodiram e pegaram fogo na cozinha inteira.

Desmaiou e, quando recuperou os sentidos, as línguas de fogo lambiam tudo. Seu primeiro pensamento foi para o filhinho que dormia em cima. Subiu a correr, agarrou a criança e tentou descer pela escada.

Entretanto, os vizinhos tinham dado alarme pelo telefone. Os bombeiros apareceram sem demora, dum posto a menos de um quilômetro e meio de distância. Quando chegaram, porem, encontraram mãe e filho sem vida no vestíbulo superior.

A jovem excapara às chamas que a rodeavam na cozinha, mas sucumbiu aos vapores mortíferos que a seguiram pela escada acima, *porque não fechou a porta* quando saiu da cozinha.

Os bombeiros concordam em que milhares de pessoas estariam hoje vivas se tivessem sabido e praticado essas simples técnicas de abrir e fechar portas.

Na mesma moeda

Há pouco tempo, alguns marinheiros e oficiais americanos foram convidados pela Aviação Militar dos Estados Unidos para uma «voltinha» num avião. Uma vez em vôo, verificaram que se tratava de uma brincadeira, pois os «amaveis» pilotos passaram a fazer *loops*, mergulhos, picadas, e outras façanhas incômodas para os não-iniciados. Quando finalmente desembarcaram, pálidos e meio cambaleantes, os homens da Marinha convidaram seus colegas do Exército para um mergulho em submarino.

Aceito o convite, e instalados no corpo do submarino, convidados e anfitriões ouviram os ordens de partir para o ponto de mergulho. À medida que se fechavam as escotilhas e se guarneciam todos os postos, os experimentados navegantes explicavam a seus irmãos de armas tudo que se fazia. Daí a pouco os convidados perceberam que alguns membros da tripulação olhavam, visivelmente preocupados, para o indicador de profundidade: em vez de parar nos 15 metros, a agulha descia a 20, 30 e depois até 45!

E o comandante explicava, de maneira assaz consoladora: «Estes submarinos, aguentam, teoricamente, até 60 metros de pressão; mas eu acho que eles podem suportar até 90.» Ao alcançarem 60 metros, porem, soou repentinamente, no silêncio, a sirene de alarme: uma colisão? Imediatamente se fecharam todos os anteparos e se apagaram as luzes, ficando o interior da embarcação escuro como breu. Naquele ambiente impressionante, começaram a distribuir-se os chamados «pulmões Momsen» de emergência, dando-se tambem instruções para o seu uso, tudo isso feito às pressas. Já agora, a agulha indicava 80 metros. Sem dúvida o barco estava em grande perigo. De súbito, porem, como por milagre, a agulha se firmou, e, com enervante lentidão, o submarino começou a subir. Os visitantes não tiravam os olhos do indicador. Afinal, graças ao bom Deus, a agulha marcou «superfície», e se abriram as escotilhas. Aliviados, os aviadores subiram ao tombadilho. E averiguaram então que o submarino estivera o tempo todo ancorado; não se movera um centímetro sequer...

—Kendall Banning, *The Fleet Today* (Funk & Wagnalls, ed.)

Os alunos desta escola no interior dos Estados Unidos transformaram seus sonhos em realidade

Os moços aprendem e ensinam

(Condensado do «Rotarian»)

Por Blake Clark

Os adolescentes são capazes de verdadeiros milagres por iniciativa própria. Podem necessitar algum auxílio na modelagem dos seus planos iniciais—mas depois disso, o professor que tenha cuidado, senão eles passam à sua frente.

Essa é a opinião do sr. James Chrietzberg, cuja escola é tão ativa como uma colméia. A Escola de Holtville, no sul dos Estados Unidos, se destaca por uma série de empreendimentos estudantís. Na localidade os estudantes auxiliam os fazendeiros em muitas atividades, desde a de magarefe à de cabeleireiro. Introduzindo novos métodos agrícolas, decorando residências, fomentando os bons hábitos de higiene e proporcionando grande número de diversões, esses jovens incutiram novo espírito de iniciativa à comunidade. Ao mesmo tempo estão aprendendo a tornar-se cidadãos responsaveis, sem deixar de lado os estudos.

Há seis anos a localidade de Holtville era constituida de apenas cem casas que se estendiam ao longo da estrada, oferecendo pouca inspiração à sua juventude ambiciosa. Suas casas de madeira sem pintura tinham marcas negras, onde as tábuas expostas à intempérie haviam apodrecido. A um canto dos terreiros se inclinavam as inevitaveis «casinhas». Nos campos, corroidos pela erosão, viam-se algumas plantações de algodão infestado pelo gorgulho, alem de galinhas magras e porcos mal-nutridos. As mulheres dos fazendeiros suavam ao pé de fogões de lenha e as refeições consistiam, com demasiada frequência, de pão de milho, toucinho e papa de milho grosso. As comunidades vizinhas, de onde cerca de 300 estudantes vinham de ônibus todas as manhãs para a Escola de Holtville, apresentavam o mesmo aspecto.

Certa manhã de primavera, no ano de 1938, seis alunos de Holtville confiaram suas máguas ao reitor Chrietzberg, homem de rosto másculo e voz macia.

Com o uso de tratores, dois colegiais trabalharam esta terra para evitar a erosão

«Será que daquí a dez anos,» perguntou um aluno, «ainda estaremos trabalhando nas colheitas, terminando o ano sem ter conseguido nada em troca de nosso esforço?» Uma menina observou: «Gostaria de fazer outras coisas alem de apanhar lenha e buscar água no poço.» Todos queriam saber porque o município não podia ser um lugar onde se pudesse viver de modo mais moderno e confortavel.

Chrietzberg compreendeu o que se passava, pois tambem havia sido criado nas fazendas da região. Com raro tato, evitou dar aos jovens conselhos específicos; porem falou com sentimento sobre o que podia ser alcançado mediante recursos individuais. Os estudantes deixaram-no convencidos de que cabia a eles não só decidir qual o programa capaz de trazer melhoras, mas tambem executá-lo.

Sem demora, Chrietzberg conseguiu que o sr. Formby, técnico em assuntos agrícolas da escola, discutisse na assembléia a situação da carne vendida anualmente pelos fazendeiros locais. A percentagem anual de carne estragada era, na região, de 25 a 50%. Perdia-se dinheiro, disse Formby, e as famílias deixavam de receber carne fresca. Em seguida referiu-se de modo indiferente aos novos meios de preservar a carne: depósitos para alimentos congelados

Cinco minutos após a reunião da assembléia, um grupo de meninos procurou Chrietzberg. —Porque não podemos matar os porcos e ter uma usina de refrigeração e compartimentos refrigerados aquí mesmo no terreno da escola? perguntaram ansiosos.

—Algum de vocês conhece o trabalho de magarefe? perguntou Chrietzberg.

—Não, mas gostaríamos de aprender. O sr. Formby pode nos ensinar.

—Daria muito trabalho, retorquiu Chrietzberg.

—Se o sr. conseguir o dinheiro, nós ajudaremos!

Era isso que Chrietzberg queria ouvir. Tratou logo de convencer os fazendeiros a subscrever um empréstimo. Obteve então um empréstimo vultoso, para ser pago em cinco anos a juros de três por cento. Dentro de quinze dias os garotos estavam colocando os alicerces do novo matadouro.

Um engenheiro foi chamado para auxiliar os estudantes na instalação da usina de refrigeração. Sob a direção de Formby, os aprendizes de açougueiro estavam em pouco tempo empenhados na salgadura de presuntos, quartos e lombos, preparando salsichas e derretendo toucinho. Os estudantes alugavam aos fazendeiros os compartimentos refrigerados, mantidos a uma temperatura de 21 graus abaixo de zero, onde estes armazenavam carnes, aves, vegetais e frutas. Somente em 1944 os alunos arrecadaram tão bom dinheiro que puderam pagar o empréstimo.

Não esquecendo o elemento feminino da escola, Chrietzberg convidou uma perita a demonstrar como as fábricas de enlatamento das escolas, que ela havia visitado em outras regiões, tinham beneficiado as comunidades rurais.

Novamente Chrietzberg foi procurado por uma comissão. As meninas queriam abrir uma fábrica de enlatamento. Depois de obter delas o compromisso de trabalharem com afinco, Chrietzberg conseguiu que o equipamento de uma fábrica estadual, paralisada na época, e situada a cerca de cem quilômetros, fosse cedida à escola.

As meninas publicaram um livro de instruções sobre enlatamento e pediram às senhoras da região que lhes trouxessem seus vegetais recem-colhidos. «Duas horas entre o jardim e a lata,» era o seu lema. Cobravam somente o custo das latas e uma reduzida taxa de enlatamento. Em um ano a classe de economia doméstica colocou, nas estantes das cozinhas de 125 donas de casa, 8 mil latas de milho, quiabos, tomates, pêssegos, ameixas e peras.

Em outra reunião, o coletor municipal convenceu os estudantes de agronomia de que as poucas e raquíticas galinhas que existiam nos pátios das fazendas locais estavam produzindo somente metade do número de ovos, necessários para a alimentação adequada de suas famílias.

A classe de agronomia enfrentou o problema imediatamente, com a instalação de uma chocadeira. Encomendando grande número de galinhas de raça, revenderam-nas aos fazendeiros à base de um acordo segundo o qual a escola compraria os ovos, desses bandos especiais, acima do preço de tabela. Em 1944 os estudantes criaram e venderam 80 mil galinhas, obtendo excelente lucro.

Estabelecido um sistema padrão, novos projetos surgiram, com tamanha rapidez que se tornou dificil encontrar pessoal treinado para dirigí-los. Às vezes os estudantes prosseguiam por conta própria. Jovens encanadores fizeram o aproveitamento de sete nascentes de água, construiram um reservatório de 54 mil litros e encanaram água para a escola. Auxiliaram os proprietários de casas a instalarem as suas bombas, trazendo assim água corrente e banheiros modernos a um sem número de moradias. Eletricistas da escola, em grande parte autodidatas, fizeram instalações em muitas residências locais e igualmente numa igreja. Tambem instalaram um sistema completo de focos elétricos no palco da escola. Outros alunos, com habilidade para a decoração, deram nova vida aos interiores sombrios das casas de Holtville, pintando as suas mobílias, renovando os assentos das cadeiras e transformando de modo engenhoso sacas de cereais em cobertores felpudos.

Estudantes de dietética acrescentaram saladas às refeições de suas famílias e substituiram o infalivel pão de milho pelo pão integral.

Quando os estudantes da Escola de Holtville começaram a revitalizar o município, era grande a escassez de maquinaria. O governo recomendara um suprimento maior de óleos de amendoim, mas não havia quem pudesse pagar o preço de uma máquina de colher amendoins. Graças aos lucros obtidos com a chocadeira, a escola comprou uma dessas máquinas e passou a alugá-la a quem dela necessitasse. Quase todos os fazendeiros começaram a plantar amendoim, conseguindo bom lucro.

Com a renda da primeira, os garotos compraram outras máquinas de colher amendoins. Manejavam tambem uma segadora para ceifar aveia, e uma prensa para enfardar feno.

Muitos fazendeiros, depois de armazenarem o feno de que necessitavam para o inverno, venderam o excedente por bom preço. Em breve os fazendeiros estavam arando as suas terras com tratores manejados por estudantes, debulhando e enfeixando o seu trigo em trabalho de equipe, e triturando a sua forragem num moinho.

Empregando tratores naquela localidade pela primeira vez, dois rapazes terraplenaram largos terrenos, para salvá-los da erosão, e ajudaram o município a terraplenar muitas outras terras. As raizes de 65 mil árvores, doadas pela Companhia de força e luz, e plantadas pelos estudantes, solidificaram essas terras.

O município, que havia seis anos só se prestava à monocultura, está hoje transformado numa série de lindos pomares. Convencidos de que o cultivo da pera era mais proveitoso do que o do algodão, os estudantes de agronomia auxiliaram os fazendeiros a plantar mais de 50 mil pereiras, que são constantemente borrifadas com um vaporizador elétrico e protegidas contra as lagartas.

A carpintaria e a oficina da Escola de Holtville estão produzindo camas de madeira, patinetes de metal, balanços, equipamento para ginástica ao ar livre e postes para cercas. Os rapazes tambem fabricam distribuidores de adubo, que em dez segundos se podem transformar em rápidos semeadores de grão.

Sob a marca registrada «Novo Sistema», que bem poderia designar o curso que a escola lhes oferece, jovens químicos de idéias práticas produzem e vendem creme para a pele, dentifrício em pó, e sabonete líquido. Um grupo de moças, interessadas no cultivo da beleza, dirigem um salão muito bem instalado, que serve a cerca de 50 fregueses. O salão de beleza rende pequena quantia por semana, empregada na compra de novo equipamento.

Os oito rapazes que queriam aprender a profissão de barbeiro não foram tão bem sucedidos. Tendo conseguido uma cadeira profissional e uma pia de porcelana que haviam pertencido a antigo salão, começaram por treinar nos garotos da escola primária a dez centavos por cabeça. Como, porem, não tinham mestre, seu progresso era desanimador. Finalmente, por meio de dansas com entrada paga e venda de doces, conseguiram reunir pequeno capital e enviaram o mais habilidoso a cursar uma escola de barbeiros. O rapaz voltou, mas ofereceram-lhe numa barbearia um emprego bom demais para ser recusado. Devolveu o dinheiro, mas a barbearia fracassou.

Um corpo de jovens e eficientes banqueiros—moças e rapazes que seguem o curso comercial—controlam todas as organizações que lidam com dinheiro, encarregando-se da parte de contabilidade, aceitando depósitos, fazendo empréstimos e calculando juros.

Os alunos dessa escola trouxeram grande variedade de diversões a uma comunidade em que havia absoluta carência delas. Todos os sábados à noite, 200 a 500 pessoas apreciam uma película de longa metragem, pequenas comédias e um jornal falado, por dez centavos. Às noites de quarta-feira, fazendeiros em mangas de camisa, acompanhados de suas esposas, vão à escola jogar boliche, pingue-pongue ou voleibol. A escola mantem alem disso uma biblioteca que empresta livros, revistas e jogos caseiros, organização essa de grande movimento.

Afim de abrigar tantas atividades, a escola teve de expandir-se. Utilizando seus próprios recursos financeiros, comprou casebres e barracões desertos e os converteu em 25 edifícios de estrutura de madeira, que se espalham por uma propriedade de bom tamanho.

As múltiplas atividades dos alunos longe de prejudicar-lhes os estudos, chegam a estimulá-los. O número dos que abandonam a escola, antes de completar o curso, diminuiu de 45 para 25 por cento. Uma estatística comparada dos estudantes, que se formaram nas escolas secundárias da mesma região, e que passaram às universidades, mostra que os rapazes da escola de Holtville se colocaram uma vez em primeiro lugar, e sempre se classificam em posição superior. Nenhum deles jamais perdeu uma matéria do curso superior.

Hoje novo espírito reina em Holtville. Os fazendeiros gostam de passear pela região que foi terraplenada, pelos campos de trigo, de aveia e de algodão, os pomares de peras, e os currais cheios de porcos gordos, gado puro-sangue e galinhas de raça. Suas esposas se orgulham de suas casas recem-pintadas, que se erguem em meio aos gramados verdes. As famílias locais gozam mais saude porque comem melhor e suas refeições são mais variadas. Os moços têm grande entusiasmo pela cidade. Sabem que se trata de uma coletividade próspera e progressista, porque eles próprios a tornaram assim.

A prova do alfinete

John Barrymore perguntou certa vez ao grande teatrólogo russo Constantin Stanislavski como escolhia seu elenco.

—Seleciono meus artistas da seguinte maneira, explicou Stanislavski, munindo-se de um alfinete. —Passe à outra sala, por favor.

Barrymore saiu, e daí a pouco Stanislavski lhe disse que entrasse, e procurasse o alfinete.

Sob as vistas do russo, Barrymore ergueu os copos que estavam sobre uma mesa, examinando-os bem, levantou os pratos um por um, passou a mão lentamente pela toalha da mesa, e, levantando uma ponta desta, encontrou afinal o minúsculo objeto.

Stanislavski, aplaudindo, exclamou:

—Ótimo! Um verdadeiro ator sabe fazer, com naturalidade, as coisas mais simples. Os maus atores entrariam no quarto com uma «pose» falsa, fingindo refletir seriamente, procurando o alfinete nos lugares mais absurdos—enfim, exagerando de maneira lastimavel...

—Alma Power-Water, *John Barrymore* (Messner, ed.)

Observação... mordaz

A famosa comediante Beatrice Lillie estava presente numa festa de gente «da alta», e usava, na ocasião, magnífico colar de pérolas. Em dado momento aproximou-se dela uma granfina que, maliciosamente, observou:

—Que pérolas lindas, Beatrice. São verdadeiras?

Beatrice fez que sim com a cabeça, e a outra prosseguiu:

—Aliás basta mordê-las para verificar se são autênticas. Você dá licença...?

—Pode morder, respondeu a atriz, oferecendo o colar. —Mas a sra. se lembre, Duqueza, de que é impossivel distinguir pérolas verdadeiras, com dentes postiços...

—Frank Chase

Médicos ou charlatães?

Milhões de pessoas o acreditam. Contudo os cientistas consideram pura charlatanice esta invenção dum peixeiro

Por Albert Q. Maisel

(*Condensado de «Hygeia»*)

Existem hoje em dia, nos Estados Unidos, perto de 30 mil quiropráticos — homens que tratam de toda espécie de doenças sérias, baseando-se na teoria de que a origem dos nossos males está na espinha. Se uma pessoa sofre de tumores ou de bronquite, de disenteria ou de difteria, encontra sempre um quiroprático disposto a «curá-la», comprimindo-lhe a coluna vertebral, «ajustando» assim uma suposta «sub-luxação» de qualquer vértebra.

Os acontecimentos que levaram à descoberta dessa «profissão» ocorreram em 1885, quando um jovem vendedor ambulante de peixe, D. D. Palmer, se fez cliente dum «curandeiro magnético», tambem ambulante, numa pequena vila. Pouco tempo depois, deixando seu negócio, Palmer anunciou que tambem possuia «magnetismo animal». Abriu um consultório e durante dez anos tratou dos seus vizinhos, isto é, daqueles que não o consideravam um desavergonhado charlatão...

Passado tempo, um porteiro, chamado Harvey Lillard, veio tratar-se e assim nasceu a «grande ciência» da quiroprática. O filho do antigo peixeiro, B. J. Palmer, alguns anos depois, ao depor perante um tribunal, descrevia o maravilhoso acidente: «Este senhor, entrou no consultório completamente surdo. Meu pai descobriu-lhe uma grande sub-luxação nas costas. Harvey descreveu como ensurdecera minutos depois de aparecer a inchação, havia 17 anos. Meu pai refletiu que se qualquer distúrbio surgia nas costas de uma pessoa e causava surdez, com o desaparecimento de tal sub-luxação, deveria restabelecer-se a audição. Reduziu a saliência e logo Harvey deixou de ser surdo.»

O jovem Palmer não se atrapalhou no interrogatório, nem teve dificuldades em provar que uma protuberância na espinha podia causar cegueira ou surdez, embora nenhum dos nervos da visão ou da audição passe pela coluna vertebral. Simplesmente fez notar que os quiropráticos tinham descoberto uma ramificação do sistema nervoso que «não é mencionada em nenhum tratado de anatomia».

B. J. Palmer assemelhava-se à maioria dos primeiros quiropráticos—e de muitos outros mais recentes—pelo fato de ter pouca ou nenhuma instrução da que é essencial a todos que se intitulam «doutores». Sua educação não foi alem da escola primária; isso porem não impedia que se vangloriasse dos títulos de Doutor em Quiroprática ou Filósofo em Quiroprática. O segundo título foi-lhe conferido pela Escola Palmer, da qual, por mera coincidência, era ao mesmo tempo presidente e proprietário...

A escola começou—em 1895—por um curso de quinze dias, de matrícula caríssima. Gradualmente, à medida que iam aparecendo escolas da mesma espécie, o curso aumentava em duração e o preço descia, até que, em 1910, o estudante podia obter um ano de instrução por menos da metade do preço inicial. Centenas de quiropráticos, que frequentaram esses cursos de preço reduzido, ainda hoje exercem o ofício. Mesmo agora, a escola Palmer forma quiropráticos com apenas ano e meio de estudos.

A rapidez e o custo módico do curso eram apregoados francamente pelos anúncios mirabolantes do próprio Palmer. Descrevia habilidosamente, para os que tinham pouca instrução mas ambição de progredir, um modo econômico de adquirir depressa prestígio e boa fonte de renda. «A nossa escola,» explicava, «apóia-se numa base comercial e não profissional. *Fabricamos quiropráticos.*»

Em breve, os doutores fabricados por Palmer descobriram que ensinar era ainda mais lucrativo do que exercer a profissão. Surgiram, por todo o país, centenas de escolas de quiroprática. Muitas até ofereciam cursos por correspondência. Para a matrícula, poucas exigiam quaisquer conhecimentos sérios. Idade, experiência comercial ou simplesmente «maturidade» bastavam, muitas vezes, para os alunos que pagassem logo as propinas.

Certa testemunha, perante uma comissão do Senado dos Estados Unidos, afirmou que existiam mais de 200 escolas de quiroprática só num estado. «Havia um homem,» declarou, «que anunciava o ensino da quiroprática em 30 dias, por 10 dólares.»

Já perto de 1930 os diplomados dessas escolas, encontrando-se em face duma concorrência cada vez mais forte, formaram associações e apresentaram requerimentos aos legisladores estaduais, pedindo que fosse exigida mais ampla instrução para os novos quiropráticos. O que eles queriam, é claro, era a legalização do seu ofício. Centenas deles tinham sido processados e condenados por praticarem medicina sem diploma.

Os médicos consideram-nos charlatães ignorantes e fazem-lhes guerra; no entanto, os quiropráticos continuam a fazer seu negócio «reduzindo sub-luxações» das vértebras para curar quase todas as doenças possiveis e imaginaveis. Muitos caem no erro de querer curar qualquer caso que se apresente e assim contribuem para encher os registos oficiais com uma longa lista de mortes e de lesões.

Tenho diante de mim um grupo de registos do Departamento Médico da Prefeitura de Nova York. Num se relata o caso dum garoto de dez anos, atacado de apendicite. O quiroprático tratou-o como se sofresse de «dor de estômago». Morreu naturalmente. Outro caso é duma menina de cinco anos de idade a quem o quiroprático «ajustou a espinha» para curar «dores de garganta». Tambem morreu, vítima da difteria.

Mais outro desastre foi o dum advogado eminente, sofredor de enxaqueca, que a autópsia revelou ser proveniente de pequena hemorragia na base do cérebro. Não morreu, porem, dessa hemorragia. O óbito foi devido a uma fratura resultante do «ajustamento» quiroprático.

Contudo o registo dessas mortes representa apenas uma fração mínima dos danos causados. Milhares de doentes, que não morrem, são prejudicados pelo tempo perdido à procura de alívio junto a homens que fazem apenas um só tratamento para todas as doenças—a «redução de sub-luxações». A essência da teoria quiroprática consiste na idéia de

que a doença é causada por uma «pressão ou constrição exercida nos nervos ou na medula», pressão essa causada por uma vértebra «sub-luxada», isto é, levemente deslocada. Os quiropráticos tratam sem drogas, rejeitam o uso de soros, vacinas, inoculações, sulfamidas e penicilina.

Palmer e muitos outros de seus «colegas» já declararam repetidas vezes não ser necessário ao quiroprático diagnosticar a doença, o conhecimento do mal que ataca um doente podendo até constituir desvantagem. No entanto, existem perto de cincoenta maneiras diferentes de aplicar os tratamentos quiropráticos. Alguns adotam o «impulso direto»; outros preferem o mais sutil «impulso universal». Em certa região até descobriram um método especial para ajustar a espinha, o qual exige o uso dum martelo.

É para admirar que milhares de quiropráticos ainda consigam arranjar clientes. No entanto, muitos têm as salas de espera cheias de gente e ganham muito dinheiro.

Em parte, isso é devido à ignorância. Muitos doentes consideram o quiroprático como uma espécie de «doutor», a par do médico autêntico. Outros são enfermos desesperados que se agarram a qualquer palhinha, afirmando que «os médicos tinham desistido de curá-los». Ainda outros—hipocondríacos, neurastênicos, solitários—obtêm, de fato, algumas melhoras com o tratamento. O quiroprático demonstra-lhes solidariedade e compaixão, e, apesar de rude, presta-lhes até certo ponto um serviço psiquiátrico eficaz. Encontramos, por exemplo, o doente que declarou—em anúncio de quiroprático num jornal—que «antes de fazer os tratamentos quiropráticos e elétricos me sentia tão nervoso que só podia dormir sozinho. Após seis tratamentos, qualquer pessoa já podia dormir no meu quarto...»

Se os quiropráticos só tratassem desses casos—não se poderia considerá-los uma ameaça pública. Quando, porem, aplicam suas doutrinas de bruxedo a indivíduos portadores de moléstias curaveis—cancer no estado inicial, tumores e todas as doenças transmissiveis—a imunidade do público em geral, pois tais casos, não sendo tratados imediatamente, ameaçam todos os que entram em contacto com o paciente.

Até certo grau, disposições legislativas podem diminuir esse perigo. Nunca, porem, se promulgou uma lei capaz de impedir o público de consultar os quiropráticos, quiromantes e os feiticeiros.

O único processo de eliminar esse perigo para a saude de todos nós, seria talvez educar o povo—e tomar medidas para que haja mais e melhores médicos à disposição de todos os que deles necessitam, especialmente os desprotegidos da sorte.

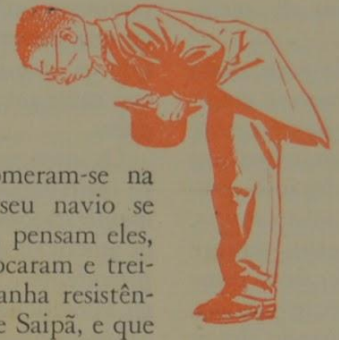
Outra dos nazistas

AS FAMOSISSÍMAS tulipas holandesas foram tambem vítimas dos nazistas; estes, durante a ocupação da Holanda, torravam essas lindas flores e, misturando-as com bolotas de carvalho trituradas, distribuiam-nas pelo país como se fosse café.

—*Overseas News Agency*

Por que razão o povo japonês se mostra agora humilde e disposto a cooperar?

O primeiro ano do novo Japão



Pelo Tte. Henry F. May, Jr.

(Condensado do «Harper's»)

OS AMERICANOS aglomeram-se na amurada quando seu navio se aproxima do Japão. Então, pensam eles, este é o país onde se convocaram e treinaram os homens que tamanha resistência ofereceram nas selvas de Saipã, e que mergulhavam os seus aviões em chamas sobre os tombadilhos dos porta-aviões? Todos fazem conjeturas sobre a conduta dos japoneses em seu país, principalmente em relação aos hóspedes indesejaveis. E todos ficam surpreendidos com o que descobrem.

Quando alguem desembarca na grande base naval de Tóquio, depara logo com o anúncio amistoso de uma grande companhia de taxis: «Alô, cavalheiro, faça uma alegre visita a Iocosuca, dando-nos preferência.» Vê-se cercado por uma multidão de garotos, com olhos brilhantes, gritando: «Alô, Joe, chocolate, cigarro?» Nas proximidades, homens da marinha japonesa, submissos, limpam o terreno da sua antiga base, sujeita agora à nova administração.

Ninguem entende essa transformação súbita, da ferocidade à mais abjeta rendição da história. Durante o tempo em que, a serviço da Marinha americana, permanecí no Japão, visitei a maioria das principais cidades da ilha de Hondo e muitas aldeias desocupadas. Dominando o idioma japonês, pude conversar com donos de lojas, trabalhadores desempregados e donas de casas nas cidades em ruinas; camponeses das vilas medievais, soldados desmobilizados e muitas outras pessoas. Em toda parte predominava a mesma cordialidade inesperada e desconcertante.

Nagóia, por exemplo, um homem morando numa cabana coberta de zinco, em cujo redor se estendiam quilômetros de cinzas, convidou-me para tomar chá. Quando nosso jipe encalhou num alagadiço de um metro de profundidade, cerca de doze homens desencalharam-no, enterrando-se na lama até a altura do peito. Em outra cidade, um lojista fez questão de vender-nos, a crédito, quimonos de seda no valor de 1.500 ienes, dizendo-nos que poderíamos pagar na próxima visita.

Ninguem consegue aquilatar o real valor dessa amizade. Muitos soldados americanos, recordando-se de Pearl Harbor e Bataã, consideram-na extremamente embaraçosa. Em quase todas as cidades, os imensos terrenos devastados fazem-nos sentir ser impossivel a amizade entre japoneses e americanos. Muitos japoneses admitem, com um sorriso polido de arrepiar cabelo, terem perdido pais ou filhos nas chamas. Ocasionalmente encontra-se um antigo jornal do tempo da

guerra, narrando a história espetacular do massacre, pelos americanos, de mulheres e crianças japoneses, em Saipã. Os sentimentos dos japoneses modificaram-se totalmente nesses poucos meses, ou será a nova propaganda de boa-vontade tão falsa quanto as histórias de terrorismo?

Não há duvida que grande parte dessa propaganda é oficial e não merece crédito. O Japão oficial, apenas ligeiramente alterado, deseja somente causar boa impressão e libertar-se o mais depressa possivel. No Japão, os policiais, inumeraveis, com os seus uniformes pretos, sempre limpos e brilhantes, e inofensivos espadins, mostram-se extremamente solícitos para com os americanos. Quando algum destes se perde no emaranhado de bairros, distritos e quarteirões de um subúrbio de Tóquio, o guarda mais próximo oferece-lhe uma chávena de chá e gasta uma hora examinando a lista telefônica, à procura do endereço desejado. O japonês que se atreve a fazer a mesma pergunta é considerado um importuno.

Os ferroviários tambem conhecem os ditames da nova era. Os trens estão quase sempre repletos, mas se não houver um carro especial para os soldados aliados, o chefe da estação instala-os confortavelmente no carro-correio ou na cabine do maquinista. Se necessário, desaloja duas famílias e arranja prontamente quatro lugares. (Verifica-se, com satisfação, que essa espécie de cortesia não impressiona a todos os americanos.)

O *Times* japonês, jornal liberal redigido em inglês, apresenta um exemplo marcante desse desagradavel pro-americanismo oficial. Nele se encontra tudo quanto os americanos costumam dizer dos japoneses, exceto críticas ao Imperador. Dá a entender que a democracia é um ideal muito elevado para os japoneses o assimilarem de uma só vez. A imprensa japonesa, na sua quase totalidade, emprega a mesma linguagem humilde.

A campanha oficial do «seja gentil com o conquistador» é mais eficiente no Japão do que em qualquer outro país. Os japoneses estão habituados a dar crédito ao que ouvem e a atual afirmativa é de que os americanos são bons. Até agora essa campanha tem beneficiado os vencedores.

Os interesses comerciais têm igualmente contribuido muito para incentivar as manifestações de cordialidade para com os americanos. Os japoneses, pobres mas previdentes, descobriram uma «mina» na verdadeira mania que têm os americanos de colecionar lembranças. Os negociantes já perceberam que os americanos estão dispostos a comprar tudo quanto pareça japonês. Em Vacanura, cidade libertada pela marinha americana, as casas residenciais, na sua maioria, transformaram-se em lojas. As crianças saem às ruas rindo sem motivo, excitadas, apregoando quimonos, numa algaravia de inglês e japonês, puxando pelas mangas os indecisos. No interior das lojas as mulheres expõem ornamentos de louça, pedaços de brocado autêntico ou de imitação para centros de mesa, leques de papel ou livros antigos, absolutamente ilegiveis para os fregueses a que se destinam.

Tais negócios prosperaram, considerando-se que um maço de cigarros americanos vale vinte ienes em quase toda parte, o mesmo acontecendo com uma barra de chocolate. Esse processo de transação por permuta acarreta resultados desastrosos para a moeda japonesa, e é proibido tanto pelas autoridades japonesas quanto pelas americanas. Proibição alguma, porem, é eficaz contra a avidez dos japoneses por cigarros e contra o fato de que, entre as tropas de ocupação, o

prestígio de um homem está na dependência do que ele consegue reunir.

Outra espécie de pro-americanismo provem da franca admiração pelo poderio e riqueza dos Estados Unidos. Há duas gerações que este país representa, para o japonês moderno e ambicioso, a última palavra em progresso material.

Hoje em dia, indícios do luxo e da abastança americanos encontram-se por toda parte. Os agasalhos forrados de peles, os resistentes sapatos de couro dos soldados e outros artigos do equipamento americano deslumbram os japoneses das vilas. Certa vez um velho pediu-me licença para ver-me comer a minha ração regular de militar. Dei-lhe um pedaço de queijo, do qual nunca provara, e expliquei-lhe que era feito de leite (artigo de luxo no Japão). Manifestou-me o mais profundo reconhecimento e embrulhou o queijo cuidadosamente num pedaço de pano afim de mostrá-lo aos netos.

A mais impressionante exibição de poderio talvez seja, porem, a quantidade e a variedade de equipamento motorizado. Veículos de todas as espécies circulam diariamente pelas ruas das cidades e pelas estradas das vilas. *Jiipi* passou a figurar como palavra usual do novo vocabulário japonês, assim como *souvenia*. Um bulldozer derrubando um muro desperta a mesma curiosidade em Osaca quanto em Nova York. Frequentemente os japoneses comentarão com desprezo a insensatez dos chefes que desafiaram a capacidade de produção dos Estados Unidos.

Observam-se, às vezes, manifestações espontâneas de amizade para com os americanos. Os japoneses esperavam uma repetição das atrocidades e raptos verificados em Nanquim. As tropas que chegaram a Quioto, por exemplo, encontraram as lojas fechadas e as mulheres trancafiadas. Pouco a pouco, os japoneses se aperceberam de que os americanos raramente molestavam qualquer pessoa, tratavam as crianças com carinho e estavam mais interessados em recordações do que em vingança. Agora todas as portas de Quioto acham-se escancaradas. Nas estradas das montanhas, caminhões americanos carregam famílias inteiras que conseguiram uma «carona» dos pracinhas americanos.

Alguns críticos censuram essa espécie de confraternização; alegam que dá uma impressão errônea dos americanos, fazendo-os parecer pouco enérgicos e tolos. Mas quase todos os japoneses que encontrei demonstraram ardorosa admiração pela camaradagem das tropas de ocupação e acham que o seu proceder constitue grande lição para os japoneses.

Mas, no que diz respeito à democracia, o exemplo mais impressionante é o dos soldados Nisei, americanos de origem japonesa. Durante a guerra os jornais japoneses espalhavam histórias sobre campos de concentração, a animosidade da população da Califórnia e outras notícias. No entanto, o grande número de soldados Nisei que transitam nas ruas das cidades japonesas possuem as mesmas fardas das demais tropas americanas; aparentam ótima saude e pesam vinte quilos mais que qualquer japonês. E, principalmente, mantêm os mais estreitos laços de amizade com os demais soldados americanos. Muitos japoneses, ao contemplarem esses Nisei capacitam-se de que a América cumpre o que professa em matéria de democracia.

O argumento mais sólido em prol da cooperação, e superior a qualquer reação à atual ocupação, é a sobrevivência do sentimento liberal, pró-Ocidente, que resiste à perseguição das autoridades japonesas. A verdade é que a oposição antimilitarista mostrou-se impotente nos úl-

timos anos, sendo, portanto, impossivel estimar-se seu poderio.

Longe de mim procurar sugerir que a ocupação é recebida com geral boa vontade e cooperação. Muitos japoneses não gostam dos americanos e alguns o demonstram claramente. Em muitas cidades encontram-se indivíduos em idade militar que fingem não entender as perguntas que lhes dirigem os ocupantes. Mas tais indivíduos constituem, ao menos no momento atual, minoria fraca e impopular.

O Japão de hoje é um país amoldavel numa extensão sem paralelo na história. Após a sua ruina crescente de dez anos de guerra, encontra-se emocionalmente esgotado. Grande parte dessa docilidade, creio eu, é produto de puro traumatismo. Toda a estrutura das tradicionais idéias japonesas ruiu. O exército invencivel desapareceu, a indústria laboriosamente construida, foi derrubada, e invadido o país inviolavel. Tudo aquilo em que os japoneses acreditavam degenerou em mentira. Nada mais lhes resta senão esperar que os conquistadores lhes mostrem nova senda.

Os japoneses, em geral, são falhos de idéias sobre o futuro de sua pátria. Preocupam-se com a alimentação, concientes de que, por longo tempo, havia em sua sociedade algo de fundamentalmente errado, e mostram-se dispostos a obedecer às ordens de MacArthur.

Há muitos oficiais japoneses inteligentes e ocidentalizados, dispostos a dirigir o Japão e, no desempenho de sua função, prontos a lisonjear os americanos. A verdade, porem, é que esse país abalado e sub-nutrido constitue no momento atual um problema americano. Ignora-se como agirão esses doceis instrumentos após se ter efetuado a retirada das tropas de ocupação.

Não resta outra solução senão recorrer-se à administração japonesa por uma maioria que nunca experimentou as vantagens da ocidentalização. O povo que vive nas favelas de Tóquio ou nas aldeias medievais japonesas, teve agora uma visão de outra concepção de vida. A ele cabe a dificil tarefa do expurgo e da reconstrução, animado paciente e inteligentemente pelos aliados. A estrada será árdua, mas quando essas pessoas estiverem na direção do governo, creio eu, os nipões terão abandonado seus sonhos de conquista da Ásia em favor de um programa destinado a conseguir melhor abastecimento de água e um decréscimo no índice de tuberculosos.

Brincando de guerra

Nas manobras, os recrutas usavam cabos de vassoura à guisa de fuzís, tendo ordens de bradar *bum!* quando «dessem um tiro»; *bum-bum!* quando usassem a «metralhadora»; e *zing!* significaria ataque a baioneta.

Um dos recrutas, entrando bem no espírito das singulares manobras, atacou outro num bosque, bradando primeiro *bum!* depois *bum-bum!* e em seguida *zing*. Pediu então à «vítima» que desse o sinal de estar morto, mas o outro respondeu, furioso:—Seu burro, você não me ouviu dizer *tchuc-tchuc*? Eu sou tanque...

—*Colvin W. Brown*

Talvez não saiba que...

(Excertos de uma seção do «Collier's»)

Por Freling Foster

Muitos dos homens famosos da História jamais souberam escrever legivelmente. Das obras de Shakespeare, por exemplo, há ainda trechos que nunca foram satisfatoriamente decifrados. Dos manuscritos de Hawthorne, vários ainda não foram ao prelo pela mesma razão. Destacam-se, neste capítulo, as cartas de Napoleão, tão mal escritas, do ponto de vista de caligrafia, que algumas chegaram a confundir-se com mapas de campanha...

Na Inglaterra do século XVIII, a corrupção política era coisa corriqueira, e muitos se entregavam francamente a ela. Quem quisesse *comprar* cargos no governo, e aqueles que, ocupando um desses postos, o desejavam vender, chegavam a anunciar nos jornais!

Os suecos ainda mantêm, embora o deplorem, seu velho sistema de usar títulos de profissões ou negócios, ao dirigir-se a uma pessoa de cerimônia. Dizem por exemplo: «O sr. Advogado Gustafson quer jantar conosco?» ou «E o sr. Redator Svenson deseja mais alguma coisa?» ou «E como vai hoje o sr. Açougueiro Erickson?»

Em matéria de «sururús» em seguida a disputas esportivas, o maior que jamais se registrou foi o que ocorreu em Constantinopla no ano 532 da era cristã, depois de uma corrida de bigas no hipódromo local. A luta durou vários dias; parte da cidade ficou destruida, e morreram nada menos de 30 mil pessoas.

Uma das mais extraordinárias empresas do início do século XIX, antes do navio a vapor e da refrigeração artificial, foi o transporte de gelo de Boston para Calcutá, numa distância de cerca de 12 mil milhas.

Sendo proibido, nas colônias francesas, matar macacos, os fazendeiros da Cabília livram-se dos incômodos animais da seguinte maneira: prendendo um deles, vestem-no com uma sunga de flanela vermelha adornada com guizos. Soltam-no depois e o animal, livre enfim, corre a juntar-se aos companheiros na mata; estes, apavorados com seu aspecto, fogem desatinadamente, abandonando o palhaço involuntário à própria sorte.

Há muitos séculos, e em diversos paises (particularmente na Pérsia), quando morria algum personagem ilustre sua família e seus amigos não se contentavam em carpir entre si. «Convidavam» também os cavalos a fazer o mesmo, o que era conseguido por meio de um pouco de mostarda nas narinas dos animais.

Em 1924, na cidade de Nápoles, erigiu-se, em homenagem a Caruso, a maior vela da história, ao que se sabe. Com perto de seis metros de altura, tinha mais de dois de circunferência e pesava três toneladas. Acesa durante vinte e quatro horas todos os anos, no Dia de Todos os Santos, espera-se que dure 1.800 anos.

Em 1880, o czar Alexandre II da Rússia quase foi morto por uma bomba em seu imenso palácio de inverno em S. Petersburgo. Os guardas deram uma busca rigorosa no edifício, que tinha mais de mil quartos, mas não encontraram o anarquista. Acharam porem, num aposento abandonado, um camponês com sua vaca. Havia anos que moravam alí...

O mais famoso santuário da velha Inglaterra era a Catedral de Durham. Qualquer pessoa, perseguida por ter cometido um crime, por mais grave que fosse este, estaria ao abrigo dos perseguidores uma vez que chegasse à porta da catedral e pegasse a Aldraba do Santuário. Durante 37 dias davam-lhe cama e comida e depois, no caso de que não tivesse obtido perdão do Estado, facilitavam-lhe a fuga.

Entre as várias formas de duelo registradas nos anais da história, a mais mortífera é sem dúvida o velho «duelo da cinta», praticado na Escandinávia. Os homens se despiam, armavam-se com punhais curtos e eram depois amarrados um ao outro por meio de uma cinta espessa, enfrentando-se a uma distância de meio metro.

No homem, o paladar é o sentido que mais varia de indivíduo a indivíduo. Isso se demonstra dando-se a várias pessoas, a provar, papel tratado com feniltiocarbimureto. Alguns dirão que não percebem gosto algum no papel; outros, porem, afirmarão que está salgado, amargo, doce ou azedo.

Há flores que não têm o mesmo perfume a todas as horas. Essa variação de aroma, causada por alterações metabólicas, é bem exemplificada pela orquídea, na qual se poderá sentir o cheiro do heliotrópio de manhã, de cravo durante o dia e de lilaz à noite.

Feras às soltas

No jardim zoológico de Nova York foram retiradas, recentemente, muitas das grades que obstruiam a vista dos visitantes, e estes têm a impressão de estar passeando em plena selva africana ou asiática, cercados de leões, antílopes, girafas, avestruzes e zebras. Até tambores primitivos se fazem ouvir, à guisa de acompanhamento musical... Separando, porem, os espectadores dos animais, há canais, habilmente disfarçados, onde se afogariam os bichos que tentassem pular.

Antigamente havia aí avisos que proibiam dar-se comida aos animais; hoje, porem, o jardim zoológico até vende aos visitantes, por preço módico, saquinhos contendo alimento devidamente preparado, de maneira científica, e quem quiser pode ter o «gostinho» de alimentar feras. Aí se consomem, mensalmente, cerca de duas toneladas de carne e peixe, ingerida principalmente pelas focas. E o visitante que conseguir atirar, a um desses animais aquáticos, um peixe sem errar o alvo, receberá, de graça, outro, para repetir a façanha...

—John O'Reilly, em *Popular Science*

Já chegou a TELEVISÃO?

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por Alva Johnston

Os entusiastas da televisão profetizam que dentro em breve ela colocará os campos de esportes, parques de diversões, teatros e universidades ao alcance de todos os lares. Prevêem as casas do futuro construidas em volta de uma sala central, destinada à recepção das transmissões de televisão. De sua parte, os decoradores já planejaram um mobiliário que permitirá dispor os membros da família e seus convidados em frente da tela, formando semi-círculos, e as empresas de construção de imoveis tencionam expandir as construções nas zonas em que a recepção da televisão é mais favoravel e reduzí-las nos pontos em que as colinas ou os edifícios elevados possam prejudicá-la. O diretor de uma das companhias de televisão afirmou que a nova arte proporcionará milhões de empregos novos.

Esse otimismo, porem, não impede que haja detratores. Dentro da própria indústria há pessoas competentes segundo as quais a televisão continuará a marcar passo como até hoje, pelo menos durante mais dez anos.

A televisão transmitida por fios foi experimentada pela primeira vez em Londres, em 1912, nos armazens Selfridge. As instalações para a rádio-transmissão de filmes foram comprovadas em 1920, e em 1926 a Agência William Morris levou a cabo a sensacional televisão de um espetáculo de variedades, mas o prodígio técnico foi interrompido bruscamente, quando o palco desabou sob o peso do equipamento de televisão. Em 1928 a General Electric televisou o primeiro acontecimento político de importância: o discurso de Alfred Smith, aceitando sua candidatura à Presidência dos Estados Unidos. A reprodução era pouco nítida e o número de aparelhos receptores não excedia a dois.

O maior progresso foi alcançado depois de 1930, quando Vladimir Zworykin e Philo T. Farnsworth substituiram por pequenas válvulas de raios catódicos a imensa maquinaria rotativa que se usava até então. Zworykin, que trabalhava nessa época, como trabalha ainda hoje, para a R.C.A., mostrou o seu transmissor improvisado a David Sarnoff, presidente da companhia, e desde então esta vem realizando extensas pesquisas nesse campo.

Em 1935, a válvula emissora de televisão estava suficientemente aperfeiçoada para despertar entusiasmo, mas ainda possuia uma série de defeitos desconcertantes. Às vezes as imagens desapareciam encobertas por uma tempestade misteriosa e noutros casos as costas dos atores continuavam unidas às cadeiras em que estavam sentados, ao passo que o resto do seu corpo começava a passear pelo palco exibindo um fantástico efeito de fole entre a parte sentada e a que se locomovia

A televisão ainda não é perfeita. As imagens oscilam frequentemente. Em um jogo de futebol a máquina pode acompanhar com a máxima fidelidade a trajetória da bola, mas durante uma partida de pingue-pongue, devido à proximidade da máquina, os jogadores aparecem batendo em três ou quatro bolas ao mesmo tempo. Os atores, prevenidos de antemão, retardam seus movimentos nas cenas a serem transmitidas pela televisão, para evitar que pareçam simples gestos nervosos. Tambem é necessário que permaneçam no centro do palco, pois as telas de muitos receptores têm ângulos levemente abaulados, que deformam as pessoas e fazem-nas apresentar aspectos semelhantes às imagens dos espelhos convexos ou ondulantes.

Os defensores da televisão acentuam suas caraterísticas de «instantaneidade ou espontaneidade». Embora a reprodução cinematográfica de uma luta de boxe seja tecnicamente superior à respectiva televisão, o filme perde grande parte do interesse porque o espectador já sabe qual é o resultado. Na televisão, pelo contrário, o espectador ignora totalmente o que se vai passar no segundo imediato.

Isso mesmo se aplica aos outros espetáculos transmitidos pela televisão. Os erros involuntários dos atores, quando apanhados pela máquina, constituem motivos de atração. Numa transmissão da cena da sacada, de *Romeu e Julieta*, a máquina de televisão começou a funcionar cedo demais e o resultado foi ter focalizado Julieta compondo a cinta; mais tarde, na cena do túmulo, não foi desligada a tempo e apanhou o cadaver de Julieta afastando de si o cadaver de Romeu.

Muitos entusiastas do futebol preferem assistir aos jogos em sua casa, pois o televisor acompanha o encontro com auxílio de três tele-câmaras: uma para a parte do campo reservado a cada time e outra para as cenas a curta distância. Isso, naturalmente, dá aos espectadores que ficam em casa uma superioridade incontestavel sobre os que estão sentados nas arquibancadas. Durante um desafio o comentador pediu aos ouvintes que o desculpassem por uns instantes, pois desejava certificar-se se a jogada tinha terminado em gol. Entretanto os que acompanhavam o desafio pela televisão podiam ver distintamente a bola que se achava parada, fora das balizas.

O aspecto econômico da televisão é absolutamente extraordinário, quando comparado com o dos demais negócios. Apesar de terem sido gastos muitos milhões em pesquisas técnicas, os espetáculos de televisão propriamente ditos não exigem mais que um orçamento modesto. O custo de um espetáculo de televisão é mil vezes menor que o de um filme! O contraste é sem dúvida significativo. Alem disso, os que têm acompanhado a evolução da televisão e podem comparar seus programas atuais com os do passado, não hesitam em manifestar seu entusiasmo.

Alguns desses programas estão muito longe de representar o ideal de qualquer empresário teatral. Em um dos casos a tele-câmara focalizou uma aula e transmitiu uma cena comum que os técnicos classificaram de excelente, possivelmente porque lhes recordou a mocidade. Outro primor técnico consistiu na televisão de uma cena em que um homem contava histórias a três crianças. A parte sensacional do programa era a análise das transformações das crianças, à medida que a história prosseguia.

Os fantoches tambem estão fadados a ser extremamente populares na televisão. Em vez de atores a maioria dos anunciantes usa ventríloquos com fantoches animados. No conceito dos amadores de televisão eles terão mais êxito que os atores de carne e osso. Já houve quem prometesse televisões de ópera, com fantoches cantores...

Os jardins zoológicos são igualmente uma fonte inesgotavel de talento artístico barato. Se os empresários de televisão constatarem que suas finanças estão quase exhaustas, seu recurso consistiria em mandar uma turma de operadores para um jardim zoológico afim de utilizar o serviço gratuito dos animais. Os patos e as serpentes são estrelas da televisão e ainda há pouco tempo um dos programas americanos teve como fulcro um pato chamado Pedro, representando diversas celebridades humanas que às vezes tomam parte nos espetáculos de televisão para familiarizar-se com a nova arte.

As serpentes, especialmente as venenosas, têm grande valor porque irradiam espontaneidade, que é a alma da televisão. Uma companhia de televisão de Filadélfia afirma que nunca viu tanta emoção natural em faces humanas como no dia em que um desses animais conseguiu fugir e começou a deslizar na direção dos atores. Em Los Angeles, um amador de serpentes exhibiu uma cascavel, colocando a estremidade da cauda junto do microfone e as duas presas mortíferas quase coladas à lente da tele-câmara. Os que acompanhavam o espetáculo em suas casas agacharam-se instintivamente, como faziam outrora os espectadores de cinema diante das locomotivas que avançavam sobre a platéia.

Algumas das agências de publicidade mais importantes já inauguraram departamentos de televisão, anunciando espetáculos com som e imagens, intercalados com publicidade. A despesa é considerável e a receita atual, microscópica. Os anunciantes esperam perder dinheiro no início, mas desejam conquistar uma posição na indústria, prevendo a hipótese da sua futura expansão.

Segundo as estimativas mais otimistas, a televisão deve adquirir a maioridade dentro de um ano ou dois. Os céptico, porem, afirmam que ela não sairá jamais deste círculo vicioso: «Os patrocinadores dos programas de publicidade não ousam financiar programas de primeira classe sem que tenham sido vendidos ao público milhões de receptores de televisão. De outra parte, o público não comprará receptores antes que se transmitam programas de primeira categoria.» Afirmam igualmente que a televisão não tem utilidade prática durante o dia, pois as donas de casa raramente estão dispostas a sentar-se ao lado de um receptor para contemplar sua tela.

Como resposta a esses argumentos os entusiastas declaram que a televisão é tão boa que nada poderá impedir o público de comprar receptores, e acrescentam que o poder de cem mil receptores de televisão em força de anúncio corresponde ao de 1 milhão de rádios. Na opinião de alguns peritos, o resultado de certos testes demonstra ser a televisão um meio de publicidade cerca de 80 vezes mais potente que as transmissões vulgares de rádio.

Segundo os atores, um dos maiores inconvenientes da televisão contemporânea é o calor intenso dos estúdios. A maior parte das tele-câmaras exige uma iluminação positivamente deslumbrante. As velas, com que algumas vezes se decoraram os cenários, derreteram-se totalmente à vista do auditório. O gelo seco, com que se produzem efeitos de nevoeiro, evapora-se tão depressa que não tem

tempo de libertar vapores, e a baixela de prata, com que é costume guarnecerem-se os cenários domésticos, reflete a luz com tal intensidade que já tem causado nas estrelas de televisão queimaduras só comparaveis à de um ferroquente.

Certa companhia americana usa atualmente no seu estúdio um método de iluminação resfriada a água, que não tem o inconveniente de queimar os intérpretes. Alem disso, estão sendo produzidas telecâmaras cujos requisitos de iluminação são inferiores aos das atuais. Outra empresa recentemente fez demonstrações de uma câmara que transmite cenas de televisão apenas com a luz de um fósforo. Tais máquinas têm sido usadas na transmissão de acontecimentos desportivos e notícias, que não necessitam de tanta luz. Sua eficiência quanto à transmissão de pormenores é inferior à das máquinas antigas e isso faz com que os atores tenham provavelmente que suportar o clima *tropical* dos estúdios durante mais algum tempo.

Devido às radiações invisiveis ou infravermelhas que acompanham quase toda luz visivel, o olho da televisão vê as coisas de maneira diferente da do olho humano. Os objetos vermelhos são quase sempre transmitidos como brancos. Durante certa transmissão, uma das artistas, usando uma faixa vermelha na cintura, dansou contra um fundo branco. Na tela do receptor a faixa apareceu exatamente da mesma côr do fundo e o bailado parecia estar sendo efetuado por uma artista serrada ao meio.

Uma transmissora americana exibiu alguns programas de televisão em cores, que os técnicos, inclusive alguns de companhias rivais, classificaram de «magníficos». Seus especialistas asseguram que é possivel resolver em um ano ou dois todos os problemas ainda pendentes, mas os diretores dos três laboratórios, onde têm sido efetuadas quase todas as pesquisas sobre a televisão, afirmam peremptoriamente que serão necessários pelo menos quatro anos.

Essa transmissora usa um filtro de cores que reproduz imagens em vermelho, azul e amarelo. Tais cores são intercaladas sucessivamente com tanta rapidez que os espectadores somente vêem uma cor muito próxima da natural.

Outros laboratórios trabalham em televisão eletrônica colorida, sem auxílio de filtros de cor. O método, porem, exigirá de cinco a doze anos de trabalho antes que possa ser considerado perfeito. Os laboratórios trabalham igualmente na reprodução de imagens em três dimensões, o que introduzirá na televisão o elemento espaço, proporcionado pelas imagens estereoscópicas.

A televisão dos próximos anos será tecnicamente superior aos filmes de amadores. Se a cadência dos aperfeiçoamentos se mantiver, será superior aos filmes normais e, o que é mais, aos próprios filmes em tecnicolor.

O principal inconveniente na expansão comercial da televisão é a divergência de interesse entre as estações transmissoras e os fabricantes de equipamento. Estes últimos, podem contar com lucros certos vendendo receptores de televisão a preços módicos, mas as estações terão que funcionar com prejuizo até que alcancem a «circulação» adequada, isto é, até que haja suficiente público para televisão de modo a atrair o patrocínio dos grandes anunciantes.

Por esse motivo é possivel que as estações estejam condenadas a perder dinheiro durante muitos anos, havendo até quem diga que nunca poderão ganhá-lo. Entretanto, os otimistas asseguram que as emissões e os programas de categoria aparecerão rapidamente, em havendo número razoavel de pessoas que estejam interessadas e disponham de receptores de televisão.

Coisas que vale a pena imitar

Em París muitos senhorios, ou donos de casas de apartamento, fazem inserir nos contratos de aluguel uma cláusula segundo a qual cada inquilino tem o direito de dar uma festa ruidosa por mês, com licença para cantar, dansar, tocar piano ou outro instrumento qualquer, brigar, e realizar touradas, até as oito horas da manhã seguinte, com absoluta impunidade. Há, porem, uma condição: o inquilino se compromete a dar aviso, por escrito, de suas intenções, dois dias antes da festa. Diante disso, o senhorio manda avisar os outros inquilinos, e estes têm assim tempo para se retirar na noite estipulada, comprar algodão para os ouvidos ou então, se lhes parece interessante, tentar obter um convite para a festa...

—Lee Cooley

Nas estradas de ferro do Chile não há discussão sobre as idades das crianças. Junto de cada guichê, na parede, está afixada uma viga à altura exata de 1m25 a partir do chão. A criança cuja altura ultrapassar à da viga terá de pagar passagem integral.

—The Wall Street Journal

Na Suécia as donas de casa levam em consideração o fato de que os convidados muitas vezes não entendem bem os nomes dos que lhes são apresentados. Assim sendo, coloca-se à porta um diagrama mostrando os lugares em que se sentará cada conviva, vendo-se os nomes nitidamente escritos. Se, terminado o jantar, um convidado não se lembra do nome da senhora com quem conversou durante a refeição, pode lançar uma olhadela para o diagrama, e num instante verificará.

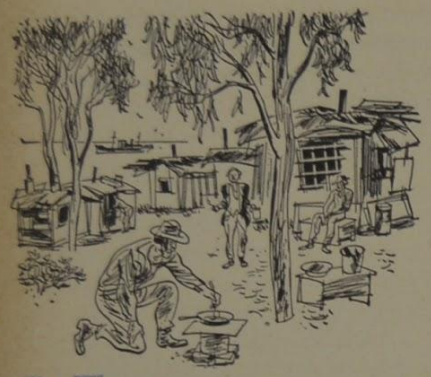
—Barclay Acheson

Encontrando um camponês extraordinariamente bem humorado, cuja vida, no entanto, fora cheia de tristezas e decepções, um escritor perguntou:

—Como é que você conseguiu manter esse otimismo, essa alegria?

—Sabe como foi? replicou o outro. —Aprendí a cooperar com o inevitavel...

—Matthew N. Chappell, em *Forbes*



Verdadeiro albergue à beira-mar

REFÚGIO DE VAGABUNDOS

(Condensado do «Coronet»)

Por Walter B. Pitkin

Autor de «A vida começa aos quarenta»

NUMA SOBERBA propriedade que ocupa vários hectares de terra à beira do Oceano Pacífico, em Santa Bárbara, na Califórnia, há um estranho refúgio para vadios ou os que erram èm busca de trabalho. Esse refúgio foi criado há trinta anos pela sra. John Howard Child, dona de bela fortuna, cuja mansão côr de rosa, situada no alto de uma colina, domina a propriedade inteira.

Um dia, em 1915, a sra. Child viu um agente de polícia afugentando alguns vagabundos, dos trilhos da estrada de ferro que ficam ao norte da propriedade.

—Que foi que eles fizeram? perguntou ao policial.

—Nada. Mas as mulheres da redondeza têm medo que esses vadios roubem alguma coisa ou carreguem as crianças.

—Já fizeram isso alguma vez?

—Estes não, que eu saiba.

—Pois traga-os para a minha propriedade, ordenou a sra. Child. —Podem ficar na chácara do fundo.

Os vagabundos entraram timidamente. A sra. Child olhou-os e disse:

—Podem ficar aquí quanto tempo quiserem. Construam algumas cabanas debaixo dessas árvores. Mas não quero saber de aborrecimentos nem complicações. Nada de roubos, bebedeiras, ou brigas. Se não conservarem a chácara limpa, serei obrigada a mandá-los embora. Compreenderam?

Os vagabundos acenaram que sim.

—Pois então diga aos outros que forem chegando, que é este o regulamento.

A polícia fez maus prognósticos. Os técnicos em assistência social advertiram que seria necessário exercer vigilância constante, pois os homens podiam tornar-se perigosos, de uma hora para outra. Mas, através dos anos, mais de dez mil homens acamparam pacificamente naquela estranha comunidade—alguns por uma noite, outros por uma semana, e outros, ainda, por vários anos.

Os primeiros visitantes construiram meia dúzia de cabanas com o material que puderam encontrar, entre o que os habitantes da cidade tinham jogado fora. Quando a sra. Child percebeu que estavam realmente decididos a seguir-lhe os conselhos, instalou um serviço de encanamento e um fio elétrico que ia da garage da casa, a 15 metros de distância, até a chácara. Os homens trouxeram uma coleção de latas de lixo amassadas e vassouras velhas. Cavaram um fosso onde queimavam o lixo, mantendo a plantação de eucaliptos tão limpa quanto o mais limpo dos parques. Da meia dúzia de cabanas iniciais, vieram a formar uma coletividade de cerca de sessenta habitantes.

Embora estejam tão próximos da casa da sra. Child, esta desfruta, como seus estranhos visitantes, por seu turno, da mais completa liberdade. —Nunca me intrometo na vida deles, diz ela. —Nunca entro em nenhuma das cabanas. Acho que têm tanto direito à independência e à liberdade de suas vidas privadas, quanto eu.

Alguns desses homens, como já dissemos, são vagabundos de estrada, porem muitos andam, sem rumo, em busca de trabalho. Quase todos os que passaram pela propriedade de Santa Bárbara andavam à procura de emprego. O escritor James Tully lá esteve todo um inverno. E lá estiveram, entre outros, um afinador de pianos, um carpinteiro, um pintor, um copeiro, um dentista, um médico, um jardineiro, um pastor, um advogado e dois professores.

Muitos encontram empregos nas suas próprias profissões. Outros executam toda sorte de tarefas na redondeza, até que possam seguir viagem. Um dos habitantes da colônia foi tão bem sucedido que abriu um escritório em Santa Bárbara, de que é, hoje, um dos habitantes mais respeitaveis. Entre os que já estão velhos demais para correr mundo, há dois de perto de 80 anos que vivem, ambos, à custa de pequenas pensões. Quando aparece algum camarada sem um centavo, os outros fornecem o essencial para sua subsistência, até que as coisas melhorem.

Muitos trabalham na propriedade, cortando a relva, aparando os arbustos, lavando as vidraças e exercendo a tarefa de guardas-noturnos. A sra. Child nunca aceitou as ofertas dos que querem trabalhar de graça, por gratidão, e paga o preço de costume, por todos esses biscates.

Ela compreende bem o que há de infecundo na caridade propriamente dita, e seus hóspedes têm o mesmo parecer. Às vezes expressam essa compreensão de modo realmente inesperado. Certa feita, a sra. Child viu um velho despedir-se dos outros e partir rumo à estrada com sapatos tão gastos que os dedos dos pés já estavam de fora.

—O Natal vem aí. Compre um par de sapatos, disse ela, entregando-lhe dinheiro. Ele devolveu a metade, sugerindo: —Pois compre um presente para a senhora tambem.

Até há poucos anos, a sra. Child costumava sempre distribuir presentes de Natal na chácara. Mas a notícia espalhou-se e um dia ela teve que enfrentar 300 pessoas, à espera de presentes, a maior parte das quais vindas da vizinhança. Os vagabundos, indignados, pediram à sua benfeitora que suspendesse a distribuição de presentes. Preferiam sair perdendo a vê-la assim explorada.

Poucas cidades podem orgulhar-se de uma percentagem de crimes menor que a dessa estranha comunidade. Nos trinta anos de sua existência, não houve um crime grave nem criminosos que fossem procurar refúgio na chácara. Os vagabundos de estrada, ou os que erram por aí fora em busca de trabalho, não são criminosos. Pobres são, e esfarrapados. Mas, em regra geral, nada têm de perversos.

A sra. Child é tida em alta consideração pelos que dela ouviram falar, entre os vagabundos do país; e a polícia local tem igualmente por ela o maior respeito. Quando um dos membros da «colônia» vai até a cidade e bebe alguns tragos, um agente da polícia pega-o pelo braço, e leva-o de volta à chácara. A polícia conhece as leis da comunidade e sabe que aquele que tiver violado essas leis pela segunda vez, recebe enérgicas advertências de um comitê especial, na manhã seguinte, e, se reincidir pela terceira vez,

é expulso para sempre do «Paraiso de Santa Bárbara». O mesmo se verifica com os que não mantêm o asseio exigido pelo regulamento.

Quando um dos habitantes deixa a colônia, o que toma seu lugar encontra, na cabana, um cartaz com os seguintes dizeres: «Deixe este lugar como o encontrou.» Ao sujar a cabana ou permitir que o lixo se acumule, está oferecendo o motivo para sua própria expulsão.

Uma vez por ano, a sra. Child vai ter à chácara, com uma expressão grave, põe todo o mundo para fora e fecha o portão da propriedade, pois as leis da Califórnia determinam que quem abrigar adventícios na sua propriedade um ano inteiro, pode perder o direito a esta. A expulsão anual se realiza dentro da maior ordem, sendo dirigida por um comitê organizado entre os próprios vagabundos. Antes da data indicada, estes procuram abrigos para os doentes. Ao chegar o dia da expulsão, os outros vão saindo da chácara em fila. Passam a noite do lado de fora das grades, dormindo por alí, ao relento. À manhã seguinte regressam a suas cabanas. E assim a soberania da lei foi respeitada.

Terminada enfim a febre da vida...

Muita gente acredita que a perspectiva da morte amedronta qualquer moribundo, por menos assustadiço que tivesse sido em vida. É errônea, porem, essa crença. Tenho comigo cuidadosos registros de cerca de 500 cenas de agonia, onde se indicam, especialmente, as sensações dos moribundos. Noventa deles sofreram fisicamente, de uma ou outra forma; onze revelaram certa apreensão; dois mostraram-se positivamente apavorados; um exprimiu uma espécie de exaltação espiritual, e outro deixou ver um amargo remorso. A grande maioria, porem, não revelou nada: sua morte, como o nascimento, foi como sono e olvido.

—Sir William Osler, *The Student Life and Other Essays* (Houghton, Mifflin, ed.)

Oxigênio para a alma

Não há vidas sem seus momentos de triunfo, embora efêmeros e raros; e esses momentos quase sempre se tornam possiveis apenas devido ao estímulo que nos dê outra pessoa. Por mais fama e êxito que haja alcançado um homem ou uma mulher, todos anseiam pelos aplausos e louvores alheios.

O estímulo, vindo de fora, é como se fosse oxigênio para a alma. Ninguem trabalha com entusiasmo, se lhe falta esse elemento. Sem ele, não há quem suba a grandes alturas espirituais. Não há quem viva, realmente...

Quando temos ocasião de incentivar um amigo em alguma empresa, que bem-estar sentimos! E não bastará esse argumento para justificar o que ficou dito acima?

—George Matthew Adams

Como a «democracia» chegou ao Azerbaijã

(Condensado do «American Mercury»)

Por Edwin Muller

Percorri as praias meridionais do Mar Cáspio a bordo dum avião militar dos Estados Unidos. Ao longo da costa serpenteava a estrada. Vigiamo-la atentamente e em breve avistamos os caminhões, em longa fila, regularmente espaçados. Voamos em círculo e a baixa altitude, de modo a poder ver os rostos dos homens e a reconhecer suas fardas russas.

Pouco depois, chegávamos ao porto de Paleví. Atracados às docas, encontravam-se três transportes russos. Soldados subiam pela prancha dum desses navios. Na área de estacionamento, por trás das docas, vimos caminhões, tanques e baterias anti-aéreas, que aguardavam sua vez para entrar a bordo. O exército soviético estava evacuando o Irã.

Findava assim, por enquanto, a primeira ameaça contra a paz recente do mundo. Nunca mais—assim o esperamos—nenhuma das grandes potências penetrará, por força militar, outro território, para dominar um dos estados soberanos vizinhos.

Contudo, fica de pé outra questão. E quanto à penetração política? Há outros processos de conquistar um país que não sejam os da força.

Sob esse ponto de vista, o Irã é ainda um caso experimental. O que lá se passa está acontecendo em muitas outras partes do mundo. Mas a questão, no que se refere ao Irã, é se a nova província autônoma de Azerbaijã vai ficar sob regime comunista ou outro.

Pela primeira vez, torna-se agora possivel relatar o que sucede naquele remoto mas importante rincão do universo.

O Azerbaijã, situado na parte noroeste do Irã, perto da fronteira russa, tem uma população de dois milhões ou pouco mais. O idioma alí falado assemelha-se muito ao turco. Tabriz, a capital, contando perto de 200 mil habitantes, é uma cidade sórdida e poeirenta. Há só uma rua calçada; todas as outras são lamaçais. Existem três ou quatro cinemas onde, antes da guerra, se exibiam películas de terceira classe, vindas de Hollywood; bazares com suas lojinhas escuras e semelhantes a tocas; poucas fábricas, de pano e de couro, onde os operários labutam horas infindas sob condições pouco higiênicas.

A região é principalmente agrícola, mas com poucas fazendas individuais. Os agricultores vivem aglomerados em aldeias de cem a três ou quatro mil almas. Todos os dias vão trabalhar no campo.

A aldeia de Calivana é típica. O que sucedeu em aldeias de toda a região,

aconteceu ou poderia ter acontecido alí. Calivana está situada num vale, árido e vasto, entre colinas povoadas de floresta. Para alem, avistam-se as montanhas Savalã, cobertas de neve durante a maior parte do ano.

Nas suas casinhas baixas de colmo e tijolo de barro, vivem perto de 600 pessoas, nenhuma da quais possue qualquer parcela de terra. Toda a aldeia, assim como a região de muitos quilômetros que a rodeia, pertence a um só homem, cuja família a herdou de geração para geração. É o sistema feudal que existe em todo o Irã. Os camponeses não são exatamente servos; devido, porem, às rendas elevadas das terras, à ignorância e à falta de oportunidade, ficam praticamente escravizados para a vida inteira. Ainda há pouco tiravam o barrete e se curvavam quando o patrão se aproximava.

Noutras épocas o proprietário costumava viver na região e vigiava ele próprio os trabalhos. Atualmente mora numa linda casa em Teerã e encarrega um fiscal de cobrar as rendas.

Os métodos de lavoura não se modificaram muito nos últimos mil anos. Lavra-se a terra com um arado tosco de madeira, puxado a bois.

Não há uma escola em Calivana. A mais próxima fica a perto de sete quilômetros, na aldeia vizinha. Entre os habitantes, somente quinze ou vinte homens e duas mulheres sabem ler e escrever. A higiene ainda não chegou ao ponto de haver privadas. De cada cinco recemnascidos morrem quatro.

As condições econômicas peoraram durante os últimos vinte anos. O camponês não chega a ver dinheiro; ao fim de cada ano, sua dívida para com o proprietário aumenta cada vez mais.

Quando o superintendente tem dificuldade em cobrar as rendas, como acontece amiude, requisita o auxílio da polícia que é recrutada geralmente entre os homens expulsos do exército do Irã, gente de baixo padrão, que ganha uma ninharia. Aliás, durante um ano inteiro, o antigo Xá Riza não lhes pagou o ordenado. «Que arranjem o seu sustento da terra,» dissera ele. Foi o que fizeram. Quando iam cobrar para o patrão, era-lhes simples cobrar tambem para si próprios. Alguns tiraram o maior proveito disto.

No entanto, até 1941, não havia muito descontentamento ativo ou tumultuoso em Calivana. O povo mantinha-se fiel ao Xá, apesar de este pouco ou nada fazer por ele. Os moços foram chamados a servir no exército novo do Xá. Ficavam pasmados de admiração diante dos generais que se pavoneavam pelas ruas de Teerã. Pouco se falava na Rússia, que ficava do outro lado da fronteira.

Veio a guerra. De princípio, pouco afetou a aldeia de Calivana; apenas os preços começaram a subir.

Em 1941, corriam boatos de que os russos e os ingleses iam invadir o Irã. Os homens de Calivana foram chamados apressadamente às fileiras e marcharam para a fronteira russa. A gente da aldeia ficou ansiosa, à espera de notícias.

Chegaram informações lamentaveis. Os russos dispararam alguns canhões, largaram algumas bombas ligeiras, e o magnífico exército do Xá rendeu-se. O efeito foi profundo. O povo de Calivana começou a pensar dum modo diferente no que dizia respeito aos seus «patrões». Alguns dos homens apanharam espingardas que os soldados tinham largado na fuga, e esconderam-nas para o que desse e viesse. Nem todos eram aldeões pacíficos em Calivana: havia tambem alguns tipos rudes.

Chegavam outras notícias. O Xá fora deposto e banido. Reinava agora o filho. As tropas russas acampavam não muito longe de Calivana.

O povo estava preocupado e assustado —especialmente as mulheres. Falava-se muito de violências e de roubo. As tropas russas, porem, mantinham-se à distância e portavam-se com correção. Estabeleceram um posto de sentinela na estrada de Calivana a Tabriz e todos os que por lá passavam eram interrogados demoradamente. Fora disso, a aldeia não era incomodada pelos russos.

À medida, porem, que a guerra continuava, ia peorando a situação no Irã. As compras efetuadas pelos aliados, com o fim de impedir que as mercadorias fossem parar às mãos dos alemães, desequilibraram a economia do país. Os aliados apoderaram-se da maioria dos transportes, num esforço desesperado de enviar abastecimentos para a Rússia. A inflação era terrivel; os preços subiam cada vez mais, multiplicando-se por dez.

Os senhorios, incluindo o dono de Calivana, exerciam pressão ainda mais forte sobre os inquilinos. A polícia fazia o seu negócio. Nem uma ovelha, nem um jumento lhes escapava.

Nessa altura, os russos começaram a manobrar, aproveitando o descontentamento que fervia em Azerbaijã. A fronteira entre essa província e o resto do Irã estava parcialmente fechada, tornando dificil o contacto entre as duas zonas. Entretanto, a fronteira entre o Azerbaijã e a Rússia mantinha-se aberta de par em par. Para alem dessa fronteira ficava o Azerbaijã russo, onde se falava o mesmo idioma.

Fizeram-se os maiores esforços para que os dois Azerbaijãs se sentissem unidos. Quando a gente de Calinava ia a Tabriz, via películas russas em vez de fitas de Hollywood. Distribuiam-se folhetos ilustrados que realçavam o contraste entre a situação de pobreza do Irã e as cenas idílicas na Rússia.

Surgiu depois o partido Tudé. Era um partido comunista, ou muito parecido, que existia no Irã desde 1920. Sob o reinado do velho Xá, era ilegal mas operava clandestinamente. Os membros pertenciam a várias classes. Alguns eram proletários. Uns poucos líderes faziam parte da fina flor do Irã. Eram idealistas que tinham perdido a esperança de melhorar as miseraveis condições sociais do Irã em colaboração com o grupo dirigente, mesquinho e corrupto.

Um desses idealistas, Jafar Pishevari, é o atual presidente do conselho do estado «autônomo» de Azerbaijã e o lider do Tudé, agora denominado Partido Democrático. Pertence a uma família da aristocracia persa. Na década de 1920 a 1930 passou alguns anos na Rússia. Quando de lá regressou, começou a fazer propaganda das idéias que aprendera. O velho Xá meteu-o logo no calabouço. Em 1941 os russos libertaram-no, e ele e seu partido vieram à superfície.

Aqueles que tiveram ensejo de falar com Pishevari dizem que é uma pessoa agradavel, de índole mansa e reservado, um dos poucos democratas que têm instrução e cultura e um dos poucos comunistas marxistas verdadeiros que ainda existem na vida pública.

O partido Tudé não teve muito êxito a princípio. As primeiras reuniões atraíram poucas pessoas e o aplauso foi limitado. O povo de Azerbaijã é material fraco. Quase todos são muçulmanos que, como os católicos, antipatizam com o comunismo. Por outro lado, o camponês iraniano possue certa independência e individualismo, resistindo a quaisquer esforços que tendam a arregimentá-lo.

De início os russos não estavam em contacto direto com o partido Tudé. Talvez eles julgassem possivel conquistar o país sem outro auxílio ativo, ou estariam porventura muito ocupados na luta desesperada da guerra. Em meados de 1945, porem, parece terem reparado que o comunismo em Azerbaijã não progredia muito, e, certamente, decidiram tentar outro método.

Eis o que foi posto em prática em Calivana.

Numa tarde, quando os homens regressaram do campo e acabaram de jantar, um caminhão russo rodou até lá. Os passageiros eram do Tudé, mas não os mesmos que já tinham tomado a palavra em comícios políticos. Pararam numa praça, diante do tosco café, centro social da aldeia. Fizeram ressoar a buzina e logo uma multidão se aglomerou em volta.

O que disseram foi completamente diferente dos discursos políticos e teóricos das reuniões anteriores. A palestra era direta e concentrava-se num só ponto: «Não pagueis ao senhorio de hoje em diante. Quando chegarmos ao poder, a terra pertencerá a todos vós.»

Os aldeões de mais idade abanaram a cabeça, incrédulos. Diversos, especialmente os endividados, concordaram.

Logo que o fiscal apareceu, muitos não pagaram. Quando protestou, alguns dos rapazes lhe bateram. No entanto, a maioria não era movida por idéias políticas. Consideravam-se ainda fiéis ao seu Xá.

Em Tabriz os novos métodos eram adaptados às conveniências dos operários. «Não se sujeitem a trabalhar tantas horas por tão pouca remuneração. Quando subirmos ao poder, as horas de trabalho serão reduzidas e os salários aumentados. Enriqueçam-se a si próprios em vez de enriquecer o patrão.»

Os russos mantinham-se ostensivamente à distância. Poucos sabiam que Pishevari conferenciava todos os dias com o consul soviético em Tabriz. Muitos dos que trabalhavam para o Tudé eram do Azerbaijã russo, treinados na técnica da agitação.

Para justificar-se perante o mundo—e para incitar os camponeses—o partido desencadeou uma campanha de propaganda de atrocidades. Publicava nos jornais relatórios minuciosos de crueldades cometidas pelos encarregados dos senhorios e pela polícia, nas aldeias. Não há dúvida de que muitos fatos eram autênticos. Numa aldeia, os policiais tinham amarrado às árvores algumas pessoas para melhor roubar suas casas. Noutra aldeia mataram a tiro dois homens.

O partido anunciou a eleição para a escolha duma Assembléia Nacional que declararia a independência e elaboraria uma constituição. Em Calivana, as eleições decorreram do seguinte modo: chegaram caminhões para transportar os eleitores às urnas, que se encontravam numa vila a alguns quilômetros de distância. Muitos dos camponeses mais idosos hesitavam em votar e diziam uns para os outros: «Será melhor esperar para ver o que acontece.» Mas quando os caminhões chegaram às suas portas, a atitude dos homens do partido era de tal modo imperativa que os velhotes não tiveram outro remédio senão ir votar.

Quando se dirigiram às urnas, havia lá outros partidários para ajudar os analfabetos—perto de 95 por cento dos eleitores—a preencherem as folhas. A eleição resultou numa vitória retumbante para os candidatos do partido.

O ambiente revolucionário começou a penetrar em Tabriz. Um número crescente de pessoas deixava em casa os chapéus de feltro e usava bonés de operários e camponeses. Aqueles que se atreviam a usar chapéu, eram ridicularizados e às vezes até apedrejados nas ruas. Os patrões e seus fiscais começaram a abandonar o Azerbaijã.

Nos jornais apareciam listas de funcionários e de senhorios que deviam ser «liquidados». Alí Validí, chefe da polícia de Tabriz, foi morto a metralhadora por dois homens, numa ruela escura.

Pishevari e outros líderes trataram logo de condenar esses crimes, mas a polícia via-se impedida, por vários processos, de proceder a investigações. E poucos agentes queriam tomar parte numa investigação ativa, receando que seus nomes aparecessem nas listas.

No campo, bandos armados de camponeses patrulhavam as estradas. Aquí e alem, um proprietário que tentava fugir era arrancado do seu automovel e abatido a tiro. Os postos da polícia eram atacados de noite. Se um caminhão com tropas iranianas se dirigisse à localidade onde um posto de polícia tinha sido liquidado, um soldado russo, colocado no meio da estrada, fazia parar o carro e mandava-o retroceder.

Quando os democratas dominavam inteiramente as aldeias, forças armadas começaram a convergir para a capital, Tabriz. Chegavam dos arredores caminhões repletos de homens, vestidos de operários, armados de fuzís.

O governador iraniano em Tabriz não opôs resistência; entregou os edifícios públicos e foi autorizado a partir. Subia, assim, ao poder o governo autônomo de Azerbaijã.

O simulacro de não-participação, por parte dos russos, ia-se desfazendo. Tropas russas guardavam os edifícios públicos e a sede do partido democrático. Automoveis russos transportavam os líderes pela cidade.

O novo governo fez grande alarde em torno da restauração da lei e da ordem. Organizou um exército e uma polícia nova, compostos de camponeses andrajosos, de fuzil ao ombro. Pishevari enviou um convite especial ao consul dos Estados Unidos para assistir, na praça pública, ao enforcamento de dois condenados, um por crime de roubo, outro por atentado ao pudor.

Terminava agora, para o partido Tudé, o período das promessas; tinham de começar as realizações, o que era mais dificil. O governo precisava de dinheiro—para pagar por exemplo a polícia e o exército, recentemente formados, de modo que não tivessem de se sustentar de roubos.

Iniciou-se uma campanha vigorosa para cobrar impostos. A cobrança de contribuições, especialmente entre os camponeses, sempre fora frouxa. O antigo grupo dirigente considerava que, em primeiro lugar, se deviam cobrar as rendas.

Apareciam agora em Calivana cobradores que apresentavam longas listas de impostos atrasados. Os camponeses ficaram aterrados. Era verdade que não tinham mais de pagar ao senhorio; agora, porem, deviam pagar impostos sobre as terras, assim como as outras contribuições. Os impostos eram mais elevados que os antigos aluguéis. Os novos cobradores usavam métodos quase tão bruscos como os antigos policiais.

Surgiam outras dificuldades. Muitos camponeses, que tinham gasto seu dinheiro em vez de o pagar aos senhorios, viram-se a nenhum para comprar semente. A perspectiva das novas colheitas apresentava-se lúgubre.

Em Tabriz tambem surgiam dificuldades. Os lojistas ouviram dizer que, se não pagassem os impostos, o governo tomaria conta dos seus estabelecimentos.

Poderiam continuar a trabalhar lá como empregados.

Os operários das fábricas obtiveram salários mais elevados e redução de horas de trabalho. Muitos contramestres, porem, tinham fugido e não havia quem soubesse dirigir as fábricas, a não ser duma maneira imperfeita e pouco eficaz. Por outro lado, os salários elevados e as horas de trabalho mais reduzidas, fizeram subir os preços dos produtos, de modo que o mercado começou a decair. Muitas fábricas tiveram de fechar; outras funcionavam com pessoal reduzido. O governo tinha de fazer face ao seríssimo problema de alimentar os operários desempregados.

O futuro de Azerbaijã, na hora presente, é incerto. A opinião pública está confusa. Observadores competentes dizem que, no caso de se realizarem agora eleições livres com voto secreto, 90 por cento se manifestariam contra a anexação pelos sovietes. Por outro lado, uma percentagem igual opor-se-ia a regressar aos tempos antigos—aos senhorios, à polícia e ao grupo dirigente de Teerã.

Os jornais iranianos estão agora cheios de planos novos do governo para reformas sociais, destinadas a reduzir a indigência, a ignorância e as doenças, e para estabelecer enfim verdadeira democracia. Se essas intenções são sinceras, só merecem apoio para a sua realização. A paz do mundo tem melhores probabilidades de perdurar se os governos se firmarem na base sólida e ampla da democracia em vez de em grupos dirigentes—quer compostos de proletários, quer de proprietários aristocráticos.

Sabedoria em cápsulas

Muita gente, vendo diante de si uma bela oportunidade, não a reconhece, e isso se dá muitas vezes porque as oportunidades, quando surgem diante de nós, costumam levar macacões e uma cara de trabalho pesado...

—*Christian Science Monitor*

A natureza deu muita força à mulher, e assim a lei,
sabiamente, pouca força lhe outorga...

—Dr. Samuel Johnson

A santa paixão da Amizade tem uma natureza tão mansa e firme, tão leal e duradoura, que não acaba nunca, a menos que surja um pedido de empréstimo.

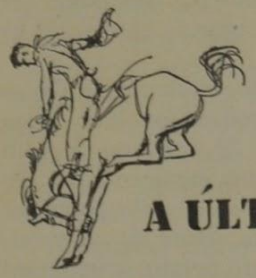
—Mark Twain, *Pudd'nhead Wilson* (Harper, ed.)

O otimista erra tantas vezes quanto o pessimista, mas
é certamente mais feliz.

Quando Woodrow Wilson pediu que o mundo se tornasse livre de ameaças à democracia, Chesterton retorquiu:

—Impossível! A democracia já é perigo e risco em si mesma.

«O homem que jamais caiu de um cavalo»



(*Condensado da «Southwest Review»*)

A ÚLTIMA DOMA DO AFOGUEADO

Por Tom Mulvany

Poucas pessoas atentavam no velhote magro e tostado do sol, com a cara cheia de cicatrizes, que nessa tarde de 1924 subia lentamente as escadas da arquibancada durante uma exposição pecuária no Texas. O espetáculo já havia começado e os melhores cavaleiros da zona estavam empenhados em fazer triunfar sua coragem e perícia contra os novilhos bravos e os potros selvagens. Contudo os cavaleiros iam caindo um após outro e a demonstração ameaçava tornar-se monótona, quando alguem que reconheceu o velhote começou a gritar:

—Venha o Afogueado!... Venha o Afogueado!

Um homem no meio da multidão ouviu o grito e perguntou: —Onde está ele?

—Alí adiante!

Centenas de espectadores, que conheciam o nome do famoso cavaleiro de outra época, torceram seus pescoços na direção indicada. Quando o velhote se levantou e a multidão pôde ver sua face grotesca, os gritos multiplicaram-se até fundir-se em um único: —Afogueado!

Transcorridos alguns momentos um grupo de rapazes foi buscar o Afogueado, levantou-o e desceu com ele nos ombros até à arena, no meio de um ruido ensurdecedor. Afogueado despiu o capote e trocou algumas palavras com os organizadores da exposição. Em seguida, «o homem que nunca tinha caido de um cavalo» se dirigiu para o curro com um passo extravagante que as pernas cambadas tornavam ainda mais ridículo.

O cavalo selvagem, que tinha cuspido fora e maltratado o cavaleiro precedente, estava de novo na arena, espumando e escoiceando. Afogueado, sem preocupar-se com os sacões e corcovas, assentou a mão na garupa do animal, fez um sinal aos rapazes que seguravam as rédeas e montou de um pulo, com uma agilidade que a sua idade não deixava prever. Durante um segundo o potro conservou-se imovel como uma estátua, mas Afogueado, em vez de esperar o inevitavel, cravou o polegar nas cruzes e acenou junto aos olhos do animal com um grande chapéu de vaqueiro.

O potro deu imediatamente um pulo tremendo e caiu sobre as quatro patas, com uma violência que teria posto fora do combate qualquer cavaleiro menos experiente. Durante alguns minutos deu coices, fez corcovas, empinou-se, mergulhou o focinho e deu sacões para a esquerda e para a direita. Todavia o cavaleiro parecia adivinhar-lhe os golpes e quase não se mexia na sela. Quando terminou a luta entre ambos e as nuvens

de poeira desapareceram, Afogueado continuava firme no seu posto, com uma naturalidade positivamente assombrosa.

A ovação que irrompeu das arquibancadas quase não acabava mais. Alguns espectadores davam palmadas nas costas de pessoas desconhecidas e outros berravam nos ouvidos dos vizinhos. Quando Afogueado trouxe o cavalo domado ao longo da arena e desmontou junto do curro, nem uma só pessoa na assistência negaria que ele era «o melhor cavaleiro do Texas e adjacências».

Durante muito tempo a população do Texas recordou seus feitos precedentes. Afogueado nascera em 1864, numa fazenda, e aos dez anos começou a montar potros bravos, já sendo conhecido, dois anos mais tarde, como Cabelo de Fogo, domador de cavalos selvagens.

Perdeu seus pais antes de atingir os 15 anos e teve que ganhar a vida na profissão de que mais gostava: «quebrar» cavalos bravos. Seus amigos costumavam dizer: «Ele é capaz de olhar para um cavalo e dizer o que é que o bicho está pensando.»

Uma vez aceitou o emprego de «quebrar» cavalos para o governo. O homem com quem tinha que discutir as condições, olhou para a face grotesca do rapaz, mediu com a vista a sua pequena estatura e tentou uma pechincha: —Vou fazer-lhe duas propostas; escolha a que lhe agradar mais—um ordenado fixo ou um dolar por cavalo.

—Prefiro um dolar por cabeça, respondeu Afogueado. No primeiro dia de trabalho «quebrou» 83 potros e no dia seguinte já estava trabalhando com ordenado fixo.

Não foi preciso muito tempo para que Afogueado tornasse famoso o seu nome em toda a região, onde todos os homens válidos são peritos em «quebrar» cavalos. Não bebia e nunca jogava, exceto nas probabilidades de ser lançado a terra por um cavalo. Isso, porem, não podia ser considerado jogo, segundo afirmavam os amigos...

De outra vez, Afogueado e mais alguns homens foram recolher novilhos numa fazenda próxima. A conversa incidiu sobre um dos potros selvagens que, segundo os homens diziam, não podia ser montado. Em certa altura da conversa, Afogueado não pôde resistir à tentação! «Se vocês me pagarem, vou montar o cavalo com a cara voltada para a garupa.» E de fato cumpriu a promessa logo que os outros reuniram o dinheiro. Não só cavalgou virado para a garupa, como domou completamente o animal. Os companheiros pagaram a aposta sem discutir e alguem que assistiu ao feito afirma ainda hoje: «As pernas de Afogueado eram mais fortes que as dos outros mortais; quando ele se firmava na sela não havia forças capazes de o arrancar.»

Em 1895, casou-se com uma moça chamada Mollie Webb, que era quase tão boa cavaleira como ele próprio. Comprou um terreno vago e um negócio de compra e venda de cavalos em San Angelo, tratando de esquecer seus hábitos de nômade. Seu nome era tão popular que os donos de cavalos ou potros bravios não hesitavam em levá-los a Afogueado, para que este os domasse. A notícia de cada experiência espalhava-se com rapidez entre a população da cidade e passado pouco tempo as proezas equestres do rapaz constituiam uma das maiores atrações locais.

Certo dia, na feira de San Angelo, cavalgou um famoso cavalo selvagem. Seu dono tinha percorrido todo o oeste dos Estados Unidos em busca de alguem que fosse capaz de conservar-se na sela e apostou bom dinheiro em como Afogueado não era capaz de quebrar o animal. Ele aceitou a aposta.

O cavalo era em exemplar lindo, melado, com uma tira negra ao longo da espinha. Afogueado aproximou-se lentamente (pois esta era a sua técnica) e pulou bruscamente para a sela, gritando ao mesmo tempo para a multidão: «É pessoal, este diabo veio até aquí procurando cavaleiro, mas acabou encontrando!»

A batalha iniciou-se logo que Afogueado cravou o polegar no pescoço do animal e quando acabou o rapaz continuava firme na sela. Não hesitou, porem, em confessar que o cavalo era o mais dificil que ainda cavalgara. Contudo utilizou o dinheiro da aposta para comprar o animal, a que pôs o nome de Cigano. Durante 23 anos foram companheiros inseparaveis, apesar da primeira batalha ter sido apenas o início de uma briga constante, renovada sempre que Afogueado montava o animal. A sua persistência nunca conseguiu vencer a rebeldia do Cigano.

Foi depois de ter comprado esse cavalo que Afogueado concebeu a idéia de organizar um espetáculo ambulante. Sua esposa consentiu em exibir-se com ele, pois a educação de seis filhos não tinha afetado sua destreza, usada aliás por ela para ensinar aos meninos a arte que dera fama ao marido. Este treinou um potro negro, o Príncipe, especialmente para seus filhos, que preenchiam um dos atos do espetáculo. O conjunto familiar não tinha rival entre as organizações semelhantes.

Alem do Cigano e do Príncipe, o inventário constava de dois potros bravos, um grande carro coberto, duas carruagens pequenas, uns poucos cavalos de tiro e algumas barracas. Sua primeira exibição realizou-se em um campo de futebol, com entradas baratas. O êxito coroou o «circo» desde o início, e à medida que seu prestígio ia aumentando, ele adquiria audácia e anunciava os espetáculos com grande antecedência, convidando os fazendeiros a trazer seus potros mais selvagens. O espetáculo mais sensacional era aquele em que Afogueado cavalgava esses animais, após ter oferecido consideravel quantia ao proprietário do cavalo que conseguisse desmontá-lo. É claro que nunca teve de pagar coisa nenhuma e pode-se afirmar que ninguem montou tantos cavalos como Afogueado; este avaliou o seu total em cerca de 25 mil.

Em 1917, abandonou a profissão para viver com sua esposa e filhos em uma fazenda que tinha comprado, onde se conservou durante sete anos.

Provavelmente foi a saudade que o forçou a tomar o trem nesse outono de 1924, impelindo-o até à exposição do Texas. Tambem é possivel que tivesse sido o pressentimento de que essa seria sua última oportunidade de regressar, ainda que por momentos, à vida que tanto adorava. Fosse como fosse, alguns meses após essa visita os jornais noticiaram a sua morte, causada por uma doença de rins. Afogueado, o cavaleiro mais famoso do Texas, tinha dado o último espetáculo quando a doença já estava produzindo seus efeitos.

—Não desanime. Ninguem morre de resfriado, disse o padre ao bispo.

—Não morrerei de resfriado, meu filho, sorriu o velho. —Vou morrer de ter vivido...

—Willa Cather, *Death Comes for the Archbishop* (Knopf, ed.)

VOCÊ SABE O QUE QUER DIZER?

—VII—

O ESTUDO dos sinônimos é uma das melhores maneiras de enriquecer o vocabulário. Aliás, embora os sinônimos sejam, teoricamente, palavras de sentido igual, há muitas vezes sutís diferenças de significado entre uns e outros, facetas diversas em torno de uma idéia central. Assim se dá, por exemplo, com palavras tais como *odiar, detestar, desprezar, abominar*. Damos abaixo uma lista de vinte vocábulos, extraídos de números recentes de Seleções seguindo-se a cada um deles quatro definições, das quais uma só é correta. Assinale a que lhe parece mais justa, comparando depois sua escolha com as definições que aparecem na página 82, que são as do dicionário. E classifique assim seu vocabulário.

(1) refugo—A *resto*. B *fugitivo*. C *contestação*. D *escape*.
(2) retículo—A *com forma de rede*. B *ligação da semente ao fruto*. C *em linha reta*. D *pequena rede*.
(3) calandra—A *máquina para lustrar papel*. B *planta da família das gramíneas*. C *instrumento de sopro*. D *cegonha*.
(4) pragana—A *terreno árido*. B *erva daninha*. C *porção de pragas*. D *barba de espiga de cereais*.
(5) desvão—A *telhado liso*. B *depressão na estrada*. C *depósito de lixo*. D *recanto esconso*.
(6) breca—A *freio*. B *toga*. C *má conduta*. D *caimbra*.
(7) forquilha—A *armadilha para animais*. B *confluência de dois rios*. C *forcado de três pontas*. D *ancinho*.
(8) capcioso—A *voluntarioso*. B *ardiloso*. C *meticuloso*. D *ligeiro*.
(9) vulcanizar—A *dar maior voltagem*. B *combinar borracha com enxofre*. C *fazer explodir*. D *irromper*.
(10) chumaço—A *peça de couro para jogo dos remos*. B *tampão*. C *processo de embalsamar*. D *substância com que se almofada qualquer coisa*.
(11) acre—A *dez metros quadrados*. B *picante*. C *terreno árido*. D *argila alaranjada*.
(12) deambulatório—A *pavilhão de hospital*. B *sonâmbulo*. C *galeria que circunda o coro de certas igrejas*. D *excursionista*.
(13) sotaina—A *compartimento na armadura do telhado*. B *exagero de economia*. C *mulher astuciosa* D *batina de padre*.
(14) beleguim—A *tipo de carruagem antiga*. B *agente de polícia*. C *miliciano que defende as fronteiras*. D *espécie de botina*.
(15) tipóia—A *aparelho de gesso para fraturas*. B *serpente venenosa do deserto*. C *carruagem velha*. D *tipo de muletas*.
(16) meloal—A *terreno onde crescem meloeiros*. B *pé de melão*. C *melão gigante*. D *melancia venenosa*.
(17) axioma—A *dogma*. B *proposição evidente*. C *aparelho náutico para verificar a posição do leme*. D *hipótese*.
(18) impante—A *petulante*. B *pálido*. C *agressivo*. D *assustador*.
(19) ombrear—A *comparar*. B *levar ao ombro*. C *apagar*. D *vencer*.
(20) chavascal—A *bordoada* B *grosseria*. C *forma para bolos*. D *chiqueiro*.

UM CÍRIO EM VIENA

Por A. J. Cronin

HÁ VÁRIAS semanas antes vinha eu antegozando minha visita a Viena que tão bem conhecera e amara tanto, no passado. Todavia, desde o momento em que o avião aterrara, de manhã, meu mau humor se fora tornando cada vez maior. Não havia acomodações no hotel que eu já conhecia, e o quarto que, finalmente, tinham conseguido encontrar para mim, numa casa sombria da rua Karner, era pobremente mobiliado e sem calefação alguma. No almoço serviam apenas sopa de legumes e um pedaço de carne dura e sem sabor.

Quando, à tarde, saí, afrontando o vento frio e cortante, para uma ronda de observação, e passei pela catedral destruida e pelas ruinas do Teatro da Ópera, meu coração se me apertou ainda mais. Era aquela a cidade festiva e linda onde eu outrora conhecera dias tão risonhos e noites inesqueciveis? Onde ouvira Lotte Lehmann, depois de cantar em *La Bohème*, ser levada numa carruagem aberta, através das ruas apinhadas de alegre multidão, às cerimônias do *Heurige*, o festival do vinho novo? Claro está que eu viera preparado para ver a devastação material, as casas destruidas, os montes de escombros, os edifícios bombardeados, e mesmo até para o espetáculo melancólico das pontes do Danúbio, arrancadas por fortes explosões. Mas não tinha previsto aquele desalento silencioso e vazio que era como um miasma, a penetrar as ruas taciturnas e desertas.

À medida que essa sensação indescritivel foi mergulhando em mim, cresceu no íntimo do meu ser uma raiva intensa e cega—uma espécie de ressentimento contra a Providência que permitira tudo aquilo. Como se fosse de propósito para agravar tais sentimentos, ao surgir o crepúsculo daquela fria tarde de inverno, começou a chover. Dentro em pouco, a geada enregelante ameaçava penetrar o grosso impermeavel que eu vestira sobre a roupa de lã.

Achava-me, então, num dos subúrbios da zona leste da cidade, e resolví procurar refúgio num edifício próximo—uma pequena igreja que escapara à destruição. Estava deserta e quase em plena escuridão, tremulando apenas, em meio às trevas, a luz vermelha e vacilante da lamparina do santuário. Mal conseguindo dominar a impaciência de que me achava possuido, sentei-me a esperar que passasse a peor fase do aguaceiro.

Súbito, pareceu-me ouvir um ruido de passos, e, ao voltar-me, vi um velho entrar na igreja. Não trazia agasalho algum e sua figura alta e erecta, numa roupa de

fazenda fina remendada muitas vezes, revelava uma dolorosa miséria. Quando foi caminhando em direção a um dos altares laterais, observei, não sem surpresa, que ele levava nos braços uma criança, uma menina de cerca de seis anos de idade, vestida, como ele, com as roupas da pobreza. Ao aproximar-se do altar, pôs a pequena no chão com infinito cuidado. Percebí, então, pelos movimentos vacilantes das pequenas pernas, que era paralítica. Segurando-a, ainda, com grande paciência, o velho fez com que se ajoelhasse, pondo-lhe as mãosinhas na grade do altar, afim de que se pudesse firmar contra aquele apoio. Isso feito, animou-a com um sorriso, como que a felicitar a pequena inválida pela façanha, e depois ajoelhou-se ao seu lado, com a cabeça erguida e o tronco firme.

Assim ficaram alguns minutos, até que o ancião se erguesse. Ouví o ruido de uma pequena moeda caindo na caixa de madeira, e vi-o acender uma vela e entregá-la à criança. Ela segurou-a numa das frageis mãos, durante longo momento em que o reflexo da chama lhe iluminou, como um halo, a expressão de contentamento, no semblante pálido e torturado. A seguir, colocou a vela num dos pequenos castiçais de ferro, diante do altar ensombreado, admirando, alguns segundos, sua pequena oferta e dedicando-a a Deus, com um movimento da cabeça que lhe voltava o rosto para o alto.

Foi então que o velho se levantou novamente e, erguendo a criança nos braços, carregou-a para fora da igreja. Durante todo o tempo em que estivera a observá-los, sentí-me como um intruso a imiscuir-se na vida privada daqueles dois seres, e responsavel por uma espécie de sacrilégio. No entanto, embora tal impressão persistisse, um impulso irresistivel fez com que me levantasse, seguindo-os.

No adro da igreja havia, de um lado, uma espécie de caixa de madeira armada, visivelmente, por mãos inhabeis, e colocada sobre duas rodas cuja borracha fora gasta havia muito tempo. O velho instalou a pequena inválida naquele carrinho rústico, cobrindo-lhe as pernas com um velho saco de farinha. Agora, que me achava ao lado deles, pude comprovar o que já suspeitara. Todos os traços e cada ruga do rosto do ancião, o bigode grisalho e aparado, o belo nariz, os olhos altivos, sob sobrancelhas cerradas, demonstravam tratar-se de uma pessoa realmente fina, —um daqueles nobres vienenses que a guerra arruinara totalmente. A criança, cujos traços lembravam os dele, era, com certeza sua neta. Quando acabou de aconchegar-lhe às pernas o saco de pano grosso, olhou-me de relance. Ocorreram-me várias perguntas, mas a expressão de espiritualidade daquele rosto restringiu-me a curiosidade. Só conseguí dizer, e não sem certo embaraço:

—Está muito frio.

Ele respondeu com polidez:—Menos que outros dias deste inverno.

Houve uma pausa. Meu olhar voltou-se para a menina, cujos olhos azues não se afastavam de nós um só momento.

—A guerra... murmurei, olhando ainda para ela.

—É isso... a guerra, respondeu-me. —A mesma bomba matou-lhe a mãe e o pai.

Outra pausa —desta vez ainda mais longa.

—O senhor costuma vir sempre a esta igreja?

Mal fiz a pergunta, arrependí-me da indiscreção. Mas ele não se ofendera.

—Venho, todos os dias, para rezar, disse, acrescentando com um leve sorriso: —E tambem para provar ao bom Deus que não estamos, de modo algum, zangados com Ele.

Não encontrei palavras para prosseguir a conversa. Alí fiquei, em silêncio, enquanto ele, abotoando o casaco e puxando o carrinho, com aquele mesmo pálido sorriso, pôs-se a caminho, com a criança, por entre as trevas da noite, que se iam acumulando cada vez mais.

Mal desapareceram, sentí, de novo, um desejo irresistivel de acompanhá-los. Queria ajudá-los, oferecer-lhes dinheiro, tirar meu capote e pô-lo nos seus hombros, fazer qualquer coisa de espetacular. Mas sentí-me como que preso ao chão. Sabia que não era possivel pensar em «fazer caridade,» naquele caso, e tudo que eu pudesse oferecer seria recusado. Pelo contrário—eles é que me tinham dado algo de precioso. Tinham perdido tudo, sem ceder ao desespero: ainda podiam ter fé. Dominavam-me confusas emoções. Já não havia ódio no meu coração, nem preocupação alguma com meus pequenos dissabores, mas apenas uma sensação, cada vez maior, de piedade e vergonha.

A chuva cessara. Mas, em vez de sair, hesitei um pouco e voltei rumo à pequena luz, trêmula e vacilante, junto ao altar lateral da igreja, ainda vazia, mas que já não me pareceu deserta. Um círio, na cidade em ruinas. Mas, enquanto alí brilhasse aquela chama, ainda parecia haver esperança.

Jornalismo... tímido

NUMA turnê pelos Estados Unidos, Sara Bernhardt foi entrevistada por um jovem redator, de nome Davis, representante de três ou quatro jornais de pequena circulação, e tambem da *Associated Press*. À atriz agradaram os modos do rapaz, e, já na hora de partir o trem que a levava, pôs as mãos nos ombros dele, beijou-o em cada uma das faces e depois na boca, explicando:

—O primeiro beijo para um dos jornais, outro para o segundo, e o terceiro, meu amigo, para você.

Sem se perturbar, Davis exclamou:

—Madame: saiba que represento tambem a *Associated Press*, que fornece notícias a centenas de jornais!

—Oliver Gramling, *AP, The Story of News* (Farrar & Rinehart, ed.)

DURANTE o reinado da Rainha Vitória, Sara Bernhardt apareceu no palco de Londres representando o papel de Cleópatra. Uma noite, em que ela resplandescia mais do que nunca, havia acabado de apunhalar o pobre escravo que trouxera notícia da derrota de Antônio em Actium, estava excitada, quebrando tudo à sua frente, e afinal, ao cair o pano, tombou prostrada sobre os escombros...

Durante uma pausa nas ovações que se seguiram, ouviu-se o seguinte comentário por parte de uma burguesa britânica típica, de meia-idade, dito à companheira:

—Mas como é diferente a vida da nossa própria rainha!

—*The Christian Science Monitor*

A descentralização das indústrias torna muito mais agradavel a vida dos operários

A indústria rende mais em pequenos povoados

(Condensado de «Forbes»)

Roger William Riis

EXISTEM nos Estados Unidos importantes empresas industriais, que não vêem nem sentem a necessidade de possuir grandes fábricas.

Uma delas, com volume anual de negócios ascendendo a cem milhões de dólares, é uma das duas ou três maiores produtoras de válvulas de rádio e de lâmpadas elétricas que há no país. A despeito, entretanto, do seu tamanho e importância, tem suas fábricas em cidades relativamente pequenas, distribuidas em mais de vinte dessas localidades. Contando hoje 44 anos de existência, essa empresa sempre evitou as fábricas demasiado grandes. Em vez de agregar novos edifícios, conforme fazem outros industriais, sempre preferiu construir fábrica nova em alguma pequena coletividade, onde o povo sabe gozar a vida melhor.

Os fundadores da empresa criaram-se em pequenas localidades rurais e nunca se esqueceram da eficiência, da saude e da felicidade alcançadas pelos operários em cidades pequenas, perto do campo.

Os professores de economia dão isso como exemplo de descentralização da indústria. Mas os operários não querem ser apontados como amostras indicadoras da crescente má vontade contra as fábricas colossais—esses compactos formigueiros humanos. O que eles sabem é que seu método de vida e trabalho é mais conveniente e tem dado constantes e ótimos resultados.

Prezam a maneira de viver nessas pequenas cidades, onde todos se conhecem e a existência deflue sem grandes contratempos. Gostam tambem do trabalho nas pequenas fábricas, cuja administração é humana e acessivel, e onde não sejam meras fichas numeradas, mas, sim, legítimos seres humanos. E, no tocante a problemas de trabalho, a companhia sabe, por experiência própria, que a maior parte desses problemas desaparece quando a administração trata com vizinhos e conhecidos.

Na maioria dos grandes centros industriais—impressionantes Bastilhas que se elevam, com seu poderio deshumanizado, em bairros e favelas por elas próprias empobrecidos—é impossivel encontrar-se felicidade coletiva à sombra de suas fuliginosas chaminés. Compare-se isso com uma fábrica situada em distrito rural, toda ajardinada. Em certa cidade, o edifício da companhia, de moderna construção, limpo e bem iluminado, acha-se circundado de gramados, onde rapazes e moças jogam tenis à hora do almoço, ou descansam calmamente à sombra de bonitos guarda-sóis de praia...

Tanta importância dá a companhia aos benéficos efeitos da vida rural, que a isso não pôde fugir quando teve de fundar seu estabelecimento de pesquisas, em Nova York. Os edifícios ficam aí um pouco fora da cidade, situados entre um campo municipal de golfe e uma grande propriedade florestal, que foi adquirida pela empresa para lhe servir de anteparo ou proteção.

Há uns dezenove anos, certo chofer de cidade pequena obteve emprego de mecânico na fábrica mantida por essa companhia naquela localidade. Hoje, é ele gerente da mesma. Ao lado desse cargo, tem outra intensa absorção na vida: sua oficina mecânica, instalada em casa e equipada para quaisquer trabalhos, em metal ou madeira.

—Moramos a um quarteirão da fábrica onde trabalho, explicou o antigo chofer ao autor deste artigo, e estamos a meio quarteirão da igreja e a igual distância da escola que os meninos frequentam. O tempo que o pessoal da cidade gasta em ir para o trabalho e voltar deste, eu aproveito com vantagem trabalhando em casa, na minha oficina. A cadeira em que o senhor está sentado, arrematou ele com satisfação, foi feita por mim.

O laborioso pessoal da empresa dispõe de lazeres para ocupações e passatempos tão variados e agradaveis como as próprias flores dos seus jardins. Alguns criam pombos e galinhas, outros dão-se ao cruzamento de cães ou fazem modelos de aeroplanos; trabalham outros em matérias plásticas, pintam óleos e aquarelas, estudam línguas estrangeiras, empinam papagaios ou se divertem com pombos-correio.

Pelo sistema seguido nas fábricas dessa empresa, os empregados sobem de categoria com bastante rapidez. Há mesmo mais oportunidade de promoção em vinte de suas pequenas fábricas do que em qualquer das grandes manufaturas. Ao abrir uma nova fábrica, a empresa envia para lá homens dos mais competentes—e até mulheres—já experimentados nos seus métodos de trabalho, afim de administrarem experimentalmente a nova filial. E assim, assistentes de capataz passam a superintendentes, operadores de máquinas são promovidos a capatazes. Sessenta e cinco por cento do pessoal empregado pela companhia se compõe de mulheres e mocinhas.

Os maiores entusiastas do sistema de trabalho em pequenas localidades rurais são os operários destacados para suas fábricas nas grandes cidades, como está sempre acontecendo. Um deles, muito se envaidece de ter sido promovido para o escritório da companhia em Nova York, mas não esconde sua saudade da pequena fábrica onde antes trabalhava.

—As flores do meu jardim—margaridas, verbenas—cresciam por si, como mato, explicou com tristeza. —Aquí, em Nova York, não há lugar nem para as crianças brincar, quanto mais para plantar flores! Não temos nem uma varanda! Dois mecânicos-torneiros foram tentados por salários mais altos, e deixaram a fábrica na aldeia para ir trabalhar numa cidade grande. Pouco depois estavam de volta. —Não podemos viver daquele jeito, explicaram. —Não estamos acostumados a essas ruas atulhadas de gente e a morar em pequenos quartos de pensão.

E quanto ao custo da vida, nada se compara às pequenas localidades, às «vilas industriais», onde é mais natural que vários membros de uma família trabalhem na mesma fábrica. O custo da vida sai assim mais em conta para todos, resultando tambem que a economia que fazem vai refletir-se na posse das moradias, pois os empregados, em sua quase

totalidade, são donos das casas em que moram. Essa prosperidade se reflete igualmente no alto nivel da instrução pública.

Ora, os homens e mulheres que trabalham em fábricas que lhes facultam tais vantagens, não podem ser considerados meros «proletários» ou membros do chamado «rebanho industrial». São, pelo contrário, cidadãos independentes, que resolvem de espontânea vontade trabalhar em fábricas de pequenas cidades e vilas. Fazem parte da comunidade, tal como a fábrica, com suas árvores e jardins, faz parte da aprazivel paisagem local. A companhia e a cidade formam um todo, de maneira que o povo,—os contribuintes de imposto, os proprietários de suas casas e os antigos empregados da fábrica—está profundamente radicado em ambas. Numa dessas pequenas cidades, dois empregados da companhia fazem parte do conselho municipal; outro é o prefeito local, sendo que, com o presente mandato, já foi reeleito quatro vezes consecutivas. O cargo, simplesmente honorífico, só lhe dá canseiras.

Encontrei o prefeito a dirigir uns trabalhadores que estavam decorando uma esquina da rua principal. Ele muito se desvanece da sua cidade, principalmente da conduta extremamente ordeira de seus habitantes.

—Só temos um guarda-civil, explicou-nos, —e esse mesmo tem muito pouco que fazer... Crime? A nossa maior dificuldade aquí é com os carros dos visitantes, que os estacionam onde bem entendem.

A empresa tem trabalhado muito, durante anos, em benefício de seus operários, como hoje se pode verificar pelo seu plano de previdência, que tão bem se aplica ao método de vida das pequenas localidades. Adicionado aos benefícios do seguro social, esse plano permite a um operário comum aposentar-se, depois de 25 anos de serviço, com uma pensão mensal de 75 por cento do seu salário. A Associação dos Empregados, mediante uma pequena contribuição semanal, garante a cada empregado um pequeno pecúlio como tambem hospitalização e auxílio pecuniário em casos de doença.

São óbvias as vantagens que a empresa tem auferido do seu sistema. As falhas dos operários são em menor número aí do que nas grandes fábricas, pois o povo das localidades rurais tem mais entusiasmo pela vida,—seja ele expresso em trabalho ou em diversão. Tudo lhes parece mais interessante, mesmo sua labuta diária, que é executada com maior cuidado segundo afirmam os diretores da empresa, do que em fábricas de maior porte. São raros os casos de rejeição de um trabalho por imperfeito, e se dá ainda que os operários requerem menos fiscalização durante o serviço.

A firma de que falamos não é exemplo único, mas forma na primeira linha desse grande movimento, que vai por todo o país, e cuja finalidade é encaminhar as indústrias para as pequenas localidades.

«Uma pequena descentralização nas manufaturas, com seus consequentes e salutares efeitos sobre o elemento humano, dá como resultado melhor trabalho a um custo mais baixo,» diz a Ford Company, que tem já 27 anos de vantajosa experiência com o seu sistema de vilas industriais. «Os nossos operários já não aceitariam voltar para uma fábrica situada na cidade,» acrescentou o representante daquela empresa.

«Não é de interesse geral ter uma grande quantidade de operários trabalhando num mesmo local,» concordou a General Motors, e já reservou enorme verba para a expansão de suas atividades, principalmente na construção de pequenas fábricas.

«As fábricas de maior eficiência são as de 300 a 500 operários,» diz a General Electric. «Aumentando-se o tamanho, aumenta-se tambem a morosidade nas decisões. Afinal de contas, o trabalho coletivo compõe-se de casos íntimos e pessoais. Produz-se melhor em pequenas comunidades. É nosso intento trazer a direção para mais perto do pessoal a dirigir.»

Questão de grau . . .

Quando terminei meu curso de doutorado, minha vaidade, a respeito, era sem limite, e me comprazia em assinar-me «Dr. Leacock», sem mais nem menos. Certa vez, em viagem, assim pus meu nome na lista de passageiros do vapor. Mal acabara de arrumar minhas coisas no camarote, entrou um camareiro perguntando:

—O sr. é o dr. Leacock?

—Sou; porque?

—O capitão manda perguntar, doutor, se o sr. pode vir examinar a perna de uma das camareiras.

Disparei como um coelho por alí fora, pois não ignorava as obrigações de um «médico». Mas estava sem sorte, pois outro chegou antes de mim. Tratava-se de um... doutor em teologia!

—*Stephen Leacock*

Obstetrícia rural

Falávamos de cinema, e, havendo conosco um jovem médico, perguntei-lhe se, para trazer ao mundo uma criança na própria casa da parturiente, é necessário usar todas aquelas panelas de água fervendo que aparecem invariavelmente nos filmes em cenas de parto em regiões rurais. E assim me respondeu ele:

—Eu tambem me fiz essa pergunta várias vezes, porque sei que a gente só precisa de um pouquinho de água, para ferver a seringa da injeção. Mas certo dia um dos professores da faculdade, com longa prática de clínica no interior, me deu uma explicação que reputo satisfatória. «Se os srs. tiverem ocasião de servir de parteiros na roça, o problema mais espinhoso é o futuro pai, sempre nervoso e aflito,» disse-nos o professor numa aula. «Se a gente não tomar alguma providência, o pai fica aborrecendo o médico, fazendo mil perguntas, e é preciso ocupá-lo com qualquer coisa. Digam a ele, por exemplo, que traga muita água fervendo. Ora, o fogão é de lenha, e ele terá um trabalho imenso para ferver umas três panelas de água. Enquanto isso, a gente cuida da mulher, sem interrupções. Quando a criança nasce, o pai fica radiante, e já estará pronta a água para umas belas chícaras de café...»

—Sra. T. R. Weis

Um leitão para o tio

(*Condensado do «Red Cross Courier»*)

Por Edison Marshall

Nesse dia, já o frio dera às videiras um tom acastanhado e, depois de caçar algumas codornizes, resolví fazer uma visita ao velho Sadler, fazendeiro, que fui encontrar na tarefa de matar porcos. Na fazendola bem arrumada, era um grande dia. Haveria mais tarde um bom assado, seguido de doce e queijo, e a encher o ar sentia-se delicioso cheiro de presunto e toucinho. Fiquei a observar o meu amigo, enquanto cortava grossas fatias, das pernas e do lombo de um porco. A mulher, risonha e sadia, e as crianças, andavam de cá para lá, ocupadas e ativas.

A julgar por sua renda em dinheiro, teríamos que concordar em que Sadler era pobre. No entanto, sobre seus pequenos campos não pesava nenhuma hipoteca, sendo abundante o leite e a manteiga, os ovos e os legumes; e os porcos, gordos e fortes, davam prova de receber muito bom trato.

Nem todos os bons pedaços, que ia cortando, se destinavam a sua própria cozinha. Este era destinado a um tio; a cabeça e a espinha para a viuva do primo; os dois quartos dianteiros prestariam um bom serviço ao irmão, cuja mulher adoecera e não havia jeito de sarar. Mas o favorito entre os parentes era o tio Sam; para este o Sadler pôs de lado um porco inteiro—o maior e o mais gordo de todos.

—Como é que você pode dar tanta carne de presente? perguntei.

—É que eu tive sorte, respondeu ele. —Os outros vivem cheios de encrenca, mas eu não.... Às vezes é assim: numa família uns estão sempre enguiçados, e outros passam bem de vida. É verdade que eu trabalhei duro tambem, mas isso é outro caso.... Quando eles vêm me pedir alguma ajuda, eu não reclamo. Falava com modéstia, mas percebia-se que se orgulhava.

—Então quer dizer que o tio Sam é o mais encrencado de todos?

—Não... Essa história de tio Sam é brincadeira aquí da minha mulher. O porco não é para ele, não: é para os parentes pobres que ele tem... Você compreende: nós estamos melhor de vida que os outros parentes; com o tio Sam é a mesma coisa. Ele tambem tem parentada pobre. É isso mesmo... O tio Sam de que eu falo é os Estados Unidos, e os parentes pobres são os paises da Europa. O pessoal anda faminto, e nós resolvemos mandar para eles o melhor. Esse negócio de tio é invenção dela...

E uma invenção, acrescento eu, bem digna de se passar adiante.

Conselhos de notavel escritora, que adotou cinco crianças

Entrevista com minha filha adotiva

(Condensado de «Cosmopolitan»)

Por Pearl S. Buck

Há vinte anos adotei o primeiro dos meus filhos. Com o correr do tempo, adotamos mais quatro. Antes de escrever este artigo, perguntei à mais velha o que me aconselharia a dizer àqueles que tambem pretendam adotar crianças.

—Em primeiro lugar, disse minha filha, que tem agora vinte anos,—acho que não é qualquer pessoa que deve adotar crianças. E não é questão de riqueza ou pobreza. Dinheiro nada tem que ver com o caso!

Discutimos que gênero de pessoas são indicadas para pais adotivos. Ela observou:—Creio que os pais não devem ser muito moços. Gente moça em geral só quer saber de se divertir e levar uma vida agradavel. Talvez não se preocupassem muito com a criança.

—Mas muita gente moça tem seus próprios filhos, protestei.

—É diferente... Nesse caso há o instinto natural. Mas quando os filhos são adotivos, esse instinto não basta, explicou.

—É claro que os pais não devem tambem ser velhos demais, porque então é muito possivel que não se acostumem ao barulho inevitavel. Quem gosta realmente de crianças é que devia adotá-las.

O que ela queria dizer com isso constitue uma de minhas profundas convicções. Muitos pais, extremamente afetuosos com os próprios filhos, mostram-se indiferentes às crianças em geral. Só aqueles que se dão bem com todas as crianças seriam, na verdade, indicados para pais adotivos. Ao planejar uma adoção, os homens, como as mulheres, devem, antes de mais nada, procurar analisar-se a si mesmos. Simpatizam com a humanidade em geral? Serão capazes de gostar sinceramente de um bebê que não seja seu próprio filho?

Mas os bebês crescem. Será o casal capaz de amar, igualmente, meninos e meninas travessos e irrequietos? De sorrir diante de uma traquinice sem maiores consequências? De amar uma criança percebendo, ao mesmo tempo, seus defeitos? Quem gosta de crianças, e não se deixa irritar por elas, pode adotá-las.

Depois de refletir um pouco mais sobre o assunto, minha filha acrescentou:—Outra coisa: nada de tratar os filhos adotivos de maneira especial. Os pais devem ser afetuosos com eles, educá-los, e punílos, como fariam com seus próprios filhos. Se as crianças forem tratadas de modo diferente, ou com mais indulgência, nunca hão-de sentir-se inteiramente ambientadas na família.

Agradou-me ouví-la dizer isso. Nossos filhos precisam aceitar-nos tal como somos. Partilham da boa fortuna que nos cabe, como das fases inevitaveis em que a sorte não nos é favoravel. Ao trabalharmos demais, como sucede muitas vezes quando se tem uma família numerosa e muitas contas a pagar, têm eles que suportar nossa impaciência involuntária e nossa fadiga. Mas com uma coisa contam sempre: nossa constante afeição.

Os pais, por seu turno, precisam aceitar os filhos tais como eles são. Por mais que certas circunstâncias possam influir, parece-me haver algo de imutavel em cada criança. A educação e o exemplo inspiram e desenvolvem o que ela já traz em si. Esperar muito é provocar decepções e infelicidade para todos. Esperar muito pouco é igualmente nocivo.

Como poderemos saber se encontramos o filho adotivo que realmente queríamos? Será importante que a criança tenha olhos azues ou pretos? Tudo é importante, se assim o julgarmos, porque tais impressões representam apenas o que sentimos, e os sentimentos são evidentemente da maior importância nas relações entre pais e filhos. As emoções devem ser consideradas em primeiro lugar, porque têm o mais alto significado nas relações a serem estabelecidas com a criança.

Escolhí apenas um traço físico, como exemplo. Os traços de carater e temperamento são, é claro, ainda mais importantes. Se um casal alegre e expansivo adotar uma criança tímida, sensivel e introvertida, o conflito é inevitavel para ambos. Mas como averiguarmos, então, quais as caraterísticas realmente indicadas? Mesmo admitindo que não haja regras absolutas, podem-se traçar certas definições. As origens raciais da criança, os próprios elementos básicos de nacionalidade, devem ser tão próximos quanto possivel dos que os pais apresentam. Os que tiverem sangue italiano, por exemplo, não devem adotar uma criança cujos antepassados sejam escandinavos, a não ser que o pai ou a mãe se tenha casado, por amor, com uma pessoa dessa nacionalidade.

As bases culturais são tambem importantes. As pessoas que não gostam de livros, ou abandonaram os estudos desde cedo, não devem pois adotar uma criança cujos pais eram professores, ou vice-versa.

A maioria das pessoas desejam adotar meninas em vez de meninos, baseando-se na teoria de que é mais facil lidar com as meninas. Segundo minha experiência, no entanto, é mais facil criar meninos, por serem estes, de modo geral, mais independentes, e mais francos, por natureza. É necessário porem considerarmos uma futura criança adotiva mais como indivíduo que como menino ou menina.

—Ninguem deve ter um filho só, disse minha filha num tom positivo.—O filho adotivo precisa ter irmãos e irmãs que vivam com ele, alem dos pais, para que possa sentir uma impressão de maior segurança.

É verdade. Todos precisam do conforto de mais de um afeto no lar. Quando há apenas um laço afetivo, as relações se tornam extremamente tensas. As esperanças são excessivas e agitadas demais, ao serem focalizadas numa só criança. Esta sofre os efeitos da tensão, o mesmo se dando com os pais. As crianças deveriam ter sempre, em torno de si, uma família. Talvez isso represente mais trabalho para a subsistência, e exija uma vida mais simples. Será, porem, mais feliz. As crianças se auxiliam umas às outras, assim como o fazem no que diz respeito aos pais.

Fiz outra pergunta a minha filha: —Você acha que tive razão em lhe dizer desde o início que você fora adotada?

Quando a adotamos, era ainda de colo. Ao atingir, porem, a idade em que eu lhe podia contar histórias de adormecer, disse-lhe como a tinha encontrado e escolhido, especialmente, entre todos os bebês que poderia ter adotado. Repetí essa narrativa inúmeras vezes, à medida que os anos foram passando.

Uma noite, quando tinha sete anos, pôs-se a bocejar, mal comecei de novo a mesma história, e protestou:—Essa, eu já sei. Conta uma história nova! Dei um suspiro de alívio. Era uma história já velha, que ela aceitara totalmente. Podíamos, por conseguinte, esquecê-la. Tínhamos confiança uma na outra.

Já agora, aos 20 anos, respondeu-me com ar pensativo:—Foi bom você me ter dito tão cedo que nem me lembro mais. Sempre achei que não havia diferença entre os filhos de fato e os adotivos. Nunca vi nada de extraordinário nisso. Mas se eu não tivesse sabido desde cedo, talvez tivesse um choque mais tarde.

—Mas suponhamos que você nunca viesse a descobrir?

—Alguem teria dito, mais cedo ou mais tarde. Prefiro ter sabido por você, mamãe.

Não tive mais receio algum depois daquela noite em que ela tanto me tranquilizara, inadvertidamente, aos sete anos de idade. Dois anos depois, fui visitá-la num acampamento, durante as férias de verão. Correu ao meu encontro, quase a perder o fôlego, e foi logo dizendo:—Ah, mamãe, que bom você ter vindo! Venha falar com uma das minhas amigas. Tenho tanta pena dela, coitada. Foi adotada!

Disfarçando um sorriso, observei:—Mas você sabe, meu bem, que isso não tem importância alguma?

—Ah, mas, de fato, ela é mesmo adotada, minha filha protestou, energicamente.—Sabe como é: não tem mãe. Vive com a tia!

Foi aquele um dos momentos mais felizes da minha vida. Minha filha não se julgava adotada; tinha mãe.

Minha caçulinha perguntou-me uma noite, antes de dormir, quando eu estava aconchegando as cobertas em torno dela: —Mamãe, nós todos aquí em casa nascemos de mães diferentes, não foi?

—Nasceram, respondí, o mais naturalmente possivel.

—Mas não tem importância, porque você é mãe de todos nós, observou.

—Não tem importância alguma, concordei. Dalí a alguns minutos, ela dormia a sono solto.

Só há uma regra para as respostas a tais perguntas: sinceridade.

Quanto menor a criança, tanto mais naturalmente devemos responder, e em poucas palavras. Ao chegar à adolescência, há que considerar essas perguntas sob todos os seus aspectos e responder detalhadamente, com as explicações que forem necessárias. Já nessa idade, devemos dizer à criança adotada que, se quiser obter informações sobre seus antepassados, tem o direito de obtê-las. Em regra geral, quando as relações familiares são satisfatórias, e a criança não sofreu um choque ao ser informada sobre sua origem, não manifesta desejo algum de averiguar quem são seus pais.

Creio que a adoção desde muito cedo, tão perto quanto possivel do nascimento, é a melhor base para a futura felicidade da criança. Ela, como os pais, precisam partilhar as experiências dos primeiros meses de sua vida.

Sei que algumas pessoas se sentem

mais seguras ao adotarem uma criança já submetida, com êxito, aos testes físicos e mentais do primeiro ou do segundo ano. Mas os pais correm sempre certos riscos com todas as crianças, tanto seus próprios filhos como os que adotarem. Uma criança com defeitos mentais ou físicos pode nascer em qualquer família. A falar verdade, os pais não correm tantos riscos ao adotarem uma criança, quanto ao terem um filho. A maior parte dos defeitos físicos são aparentes desde o nascimento. Quanto aos mentais hereditários, os de carater mais evidente podem ser observados desde as primeiras horas de vida, ao passo que os menos evidentes passam, por vezes, despercebidos, até que a criança atinja a idade escolar.

Adotar uma criança ignorando completamente sua hereditariedade, é tão grave quanto um casamento feito às pressas, em que a pessoa, que vai partilhar conosco a paternidade, nos é totalmente desconhecida, do ponto de vista de seus antecedentes.

Poderão ser tão íntimas as relações entre os pais e o filho adotivo quanto se este fosse congênito? Podem ser ainda mais íntimas. O próprio fato de que os pais escolheram, por sua própria vontade, aquela criança, faz com que essas relações sejam o que devem ser, desde o início. A afeição, muitas vezes, se transforma, através do sentido de responsabilidade dos pais e da reação da criança, em qualquer coisa de muito mais real e mais íntimo que os próprios laços de sangue.

Se os pais escolherem uma criança mais crescida, o bom senso deve servir de guia às novas relações. Não deve haver ciumes inspirados pelas relações anteriores. Os novos pais precisam, simplesmente, aceitá-las, tal como a criança as considera, permitindo que esta possa referir-se a elas livremente. Recalcar tais recordações só fará torná-las ainda mais profundas.

A criança já crescida terá, tambem, certos hábitos estabelecidos. Estes talvez não se adaptem ao ambiente do novo lar. É preciso, então, usar de paciência. Novos hábitos só podem ser formados quando a própria criança deseja formá-los. Esta precisa confiar na segurança de seu novo lar, ter a certeza de que é querida e de que sua presença é desejada. Só então desejará, ela própria, tornar-se parte da família, abandonando seus antigos hábitos.

—Já esgotamos o assunto? perguntei a minha filha, quando cheguei a este ponto do artigo.

—Ainda há uma coisa, disse-me ela. —Quando a criança é adotada, é preciso respeitar a origem dela como coisa confidencial. É necessário proporcionar-lhe todas as oportunidades de começar vida nova.

Minha filha tem razão. Às vezes, é necessário, para o bem da criança, explicar certas circunstâncias de seu passado a uma professora, por exemplo, o que contribue para que esta use de maior paciência e mais compreensão. Mas isso deve ser mantido em segredo.

—É claro, continuou minha filha,—que não se trata apenas dos pais,—há o resto da família tambem....

Nossa família é numerosa. Ela referia-se, com isso, às tias, tios, primos e à avó. Tivemos muita sorte, desse ponto de vista, pois eles acolheram nossos filhos adotivos com afeto e carinho. Mas nem sempre é assim. Os pais precisam insistir em que seus filhos adotivos se tornem, realmente, membros do círculo familiar, como de fato o são.

—É só isso, mamãe, concluiu minha filha.

Mas o pai, que se tinha reunido a nós, fez-lhe então esta pergunta:

—Você seria capaz de adotar uma criança?

A pergunta era oportuna. Nossa filha respondeu com um entusiasmo confortador:—Claro que sim. Se eu não tiver filhos, hei-de adotar todos os que puder.

Diante disso, talvez, de fato, já não haja mais nada a acrescentar.

Cenas de rua

Após esperar quinze minutos numa rua de Chicago, o homem afinal conseguiu um taxi, mas no momento em que este parou junto à calçada, surgiu uma imponente granfina, toda coberta de peles e jóias, que, saracoteando em direção do veículo, entrou nele triunfantemente.

O cavalheiro, mantendo-se friamente sereno, dirigiu-se ao chofer:

—Você parou aquí porque eu o chamei?

—Foi, sim senhor.

—Então, tome este dinheiro, disse o homem, e dê voltas ao quarteirão até o valor da importância que lhe estou dando.

Dito e feito. Depois da terceira volta em torno do quarteirão, o chofer parou de novo no ponto onde o cavalheiro esperava. A granfina saltou, furiosa, e o paciente sujeito, tirando galantemente o chapéu, entrou no taxi e desapareceu.

—Dale Harrison

Uma americana bonita achava-se em Bogotá e um dia, passeando na rua, notou que estava sendo seguida por um colombiano mais afoito. Apressou-se, e ele tambem, passando a murmurar-lhe coisas amaveis. A moça, cada vez mais aborrecida, dirigiu-se afinal a um guarda-civil numa esquina, reclamando:

—Aquele homem alí anda me seguindo!

O guarda olhou para o homem, contemplou a «garota», e, tirando o boné, mostrou que sabia tambem ser amavel: —Pois olhe, senhorita, se não estivesse de serviço, eu tambem a seguiria!

—*Inter-American*

Na Inglaterra, a prefeitura de uma pequena cidade pôs anúncio no jornal: precisava-se de um homem para ajudar a dar cabo dos ratos. Ninguem respondeu ao anúncio. Um dia, porem, alguem teve a idéia de redigir o anúncio de outra forma, e assim se conseguiu o funcionário desejado. Eis o que dizia o novo anúncio: «Precisa-se, na Prefeitura, de um Encarregado Municipal de Roedores.»

—W. E. Farbstein no *New York Times Magazine*

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A SAUDE

(Condensado de «Better Homes & Gardens»)

Pelo dr. Charles Frederick McKivergan

NO CAMPO da saude pública, embora haja ainda inúmeros problemas a resolver, temos visto grandes progressos e aperfeiçoamentos, dos quais nem todos estão a par. Apresentamos aquí um pequeno teste, mediante o qual cada leitor poderá avaliar até que ponto chegam os seus conhecimentos do assunto. Conquanto um médico talvez responda bem a todos, os leigos estarão excepcionalmente bem-informados se alcançarem um total de 66 pontos, segundo a classificação que se verá abaixo.

1. Qualquer pessoa pode imunizar-se com êxito contra todas as doenças abaixo, menos *uma*. Qual é essa doença?
   varíola — sarampo
   febre tifóide — difteria
2. Qual é a doença que, nos dois primeiros anos de vida, causa atualmente mais mortes do que o sarampo, a difteria, a paralisia infantil e a febre escarlate, combinadas, durante o mesmo período?
   escorbuto — coqueluche
   bronquite — gripe
3. A penicilina—droga maravilhosa—constitue:
   (a) a glória da medicina norte-americana;
   (b) uma descoberta do dr. Alexander Fleming, cientista inglês;
   (c) um subproduto da manufatura da aspirina.
4. Das doenças seguintes, qual é a *única* que *não* se transmite de indivíduo a indivíduo?
   cancer — impetigo
   pé de atleta — cachumba
5. Qual destas caraterísticas é comum à malária, à febre amarela, à varíola e à febre tifóide?
   (a) todas são causadas por mordida de inseto;
   (b) todas são sempre fatais;
   (c) todas são, de modo geral, evitaveis.
6. Hoje em dia as mulheres, entre os 35 e os 55 anos, morrem mais frequentemente por causa de:
   nefrite — apoplexia
   cancer — acidentes
7. Uma criança que nasça hoje terá vida mais longa que as nascidas há cem anos. Em quantos anos, aproximadamente, consiste essa diferença?
   7 — 27
   17 — 37
8. O raquitismo, segundo os médicos, é uma doença causada por:
   falta de sono
   deficiência de vitamina D
   um micróbio não identificado
   hereditariedade
9. Qual a doença que costuma causar mais óbitos *entre as crianças de idade escolar?*
   febre reumática — apendicite
   pleurisia — febre ondulante
10. Está provado pela ciência que a fonte mais comum de tuberculose é:
    (a) o contacto com pessoas portadoras do germe;
    (b) o leite infectado;
    (c) falta de exercício.
11. Há pelo menos seis doenças contra as quais se costuma, hoje em dia, dar vacinas. Cite cinco delas.

12. Damos a seguir uma lista de nomes gloriosos da medicina mundial, e, abaixo, o motivo de sua glória. Qual o autor ou autora de cada uma dessas descobertas?
    1. Louis Pasteur
    2. Bela Schick
    3. Madame Curie
    4. Wilhelm Roentgen
    a. descoberta do rádium
    b. imunização contra a hidrofobia
    c. descoberta dos raios X
    d. invenção do teste que determina a imunidade contra a difteria.

Certo ou Errado?

Certo *Errado*

13. ——— ———
    As preocupações ou atribulações prolongadas podem causar úlceras ou contribuir para seu desenvolvimento.
14. ——— ———
    A única fonte *natural* de vitaminas são os alimentos.
15. ——— ———
    O germe causador do tétano só se encontra onde haja ferrugem.
16. ——— ———
    Os ossos são a substância mais dura do corpo.
17. ——— ———
    O número de vítimas da diabete *tende a aumentar* de ano para ano.
18. ——— ———
    A febre tifóide se espalha tanto através do leite quanto da água contaminada.
19. ——— ———
    Num dente, que se conserve sempre limpo, nunca aparecerá uma cárie.
20. ——— ———
    É mais comum nas mulheres a incapacidade para distinguir cores.
21. ——— ———
    A paralisia infantil nunca ataca os adultos.

Respostas à página 88. Conte 5 pontos para cada resposta correta às perguntas de número 1 a 10, inclusive; 3 pontos para cada um dos itens respondidos corretamente às perguntas 11 e 12 e 2 pontos para cada resposta correta às perguntas de número 13 a 21 inclusive.

«Humorismo» germânico

DURANTE a guerra, os alemães, gente notoriamente séria, resolveram investigar as causas do bom estado de espírito em que sempre se achavam as tropas inglesas, chegando à conclusão de que o humorismo era um dos principais fatores desse moral elevado. Decidiram então imbuir de «sense of humor» o espírito de seus soldados, e para isso distribuiram ordens-circulares, contendo, como ilustração, uma anedota tipicamente inglesa, em que aparecia um londrino sentado no vestíbulo de uma casa em cuja parede se via enorme buraco produzido por bomba. Alguem pergunta ao londrino:

—E esse buraco, como foi feito?

—Foram os ratos, respondeu ele.

Nas instruções alemãs, aparecia, depois da anedota, uma soleníssima explicação, nestes termos: «Evidentemente não foram os ratos: foi uma bomba.»

—General Sir Archibald Wavell

Memórias de um funcionário soviético

(Condensado do livro «I Chose Freedom»)

Por Victor Kravchenko

Em 4 de abril de 1944, Victor Kravchenko demitiu-se da Comissão de Compras da União Soviética nos Estados Unidos, alegando que a U.R.S.S. mantinha propósitos incompatíveis com a sua colaboração com a América e a Inglaterra durante a guerra. Esta condensação do seu livro, "I Chose Freedom" (Eu Escolhí a Liberdade), publicado recentemente, descreve como o governo russo seleciona—e vigia—os cidadãos que o representam no estrangeiro.

A IDÉIA de minha partida para os Estados Unidos, como membro da Comissão de Compras da União Soviética, começou a materializar-se em janeiro de 1943. A expansão dos negócios relacionados com a Lei de Empréstimos e Arrendamentos havia tornado indispensavel o envio de centenas de especialistas para o estrangeiro, e eu, dada minha qualidade de engenheiro metalúrgico encarregado da gerência da «Glavmetal», um agrupamento de fábricas distribuidas por vários pontos da Rússia, possuia os predicados necessários para tal posto. Alem disso, meu cadastro político era impecavel, pelo menos oficialmente.

Contudo, teria sido má estratégia tomar a iniciativa na matéria. Quanto maior era meu desejo de partir para o estrangeiro, tanto mais cuidadosamente procurava escondê-lo. Certa noite, durante uma palestra com um funcionário do comércio exterior, manobrei as coisas de maneira a incutir em seu espírito a idéia de que tinha na sua frente o homem indicado para tal missão, e foi ele quem se ofereceu para apresentar a sugestão às entidades competentes.

Durante os seis meses seguintes, todas as energias do governo onipotente convergiram sobre minha humilde pessoa, procurando explorá-la minuciosamente. O exame começou no Comissariado do Comércio Exterior, onde um pequeno funcionário de aspecto vulgar, com pesados óculos, percorreu minha história desde o nascimento, anotou cuidadosamente a de meus pais, avós e outros parentes, estudou a família de minha mulher e examinou a vida de meus amigos e demais pessoas com quem tinha convivido no passado.

Esta era possivelmente a décima segunda vez que eu passava por semelhante prova. Todos os fatos já tinham sido registados pelo Partido Comunista, pelas Forças Armadas e pelos vários comissariados. Todavia, em cada interrogatório, as respostas deviam ser coerentes entre si e não podiam discordar das que tivessem sido dadas anteriormente. Uma falha de memória ou uma pequena contradição seriam suficientes para despertar suspeitas. Numerosos cidadãos soviéticos tiveram suas carreiras destruidas por causa de uma simples confusão de datas.

Três meses depois desse exame fui chamado novamente ao Comissariado, para ser inquerido por um burocrata mais hábil e mais importante. Durante três horas passou em revista o meu passado, parando de tempos a tempos para discutir minhas opiniões políticas. Fez perguntas capciosas para tentar enredar-me, deu indicações falsas, e voltou várias vezes aos pontos já discutidos, para descobrir possiveis contradições.

Feito isso, intimaram-me a apresentar cartas de recomendação das organizações do Partido Comunista com quem tinha trabalhado. Quando as obtive, convocaram-me à presença do Camarada Lebedev, Comissário Adjunto para o Comércio Exterior, que me interrogou desde o início, folheando o volumoso processo organizado a meu respeito.

—Camarada Kravchenko, disse finalmente com solenidade,—o senhor avalia o grau de responsabilidade do seu posto no estrangeiro? É necessário que justifique a confiança que o Partido deposita na sua pessoa.

—Farei o possivel, Camarada Lebedev, afirmei com humildade.

Transcorridos cinco dias fui chamado ao Comitê Central do Partido Comunista Unido, onde um funcionário me examinou dos pés à cabeça, durante algum tempo.—Estou interessado em conhecer suas idéias políticas, disse ele.—Duvidou alguma vez da sabedoria política do partido?

—Nunca, foi a minha resposta.

—Mas o senhor passou maus pedaços durante os expurgos de 1936 e 1937; foi investigado e submetido a inquéritos. Qual foi sua atitude?

—Fiquei surpreendido, como é natural, e talvez tivesse sentido alguma indignação, pois tinha a certeza de que estava inocente.

—Conserva alguns vestígios dessa indignação?

—Nenhum, absolutamente. E sorrí por causa de tão monstruosa pergunta.

Provavelmente o meu inquiridor decidiu que eu era um homem de poucas idéias, ainda que respeitaveis, não muito brilhante, mas de confiança, e a decisão do Comitê Central foi favoravel.

Pouco depois recebí dois folhetos confidenciais que enumeravam as regras de conduta a serem observadas pelos membros do partido no estrangeiro. Ambos continham advertências contra as fraquezas da vida nos paises capitalistas, descrevendo um mundo estranho e hostil, consagrado unicamente à tarefa de infamar os cidadãos soviéticos e roubar-lhes segredos de estado.

Os que estavam prestes a mergulhar em tão temeroso lodaçal eram proibidos de discutir política e de falar com tais pessoas sem necessidade. Se lhes fossem feitas perguntas sobre a vida na União Soviética, deviam partir do princípio de que os seus interlocutores eram espiões.

As regras davam a entender que o capitalismo, apesar de putrefacto no seu âmago, tinha aspectos brilhantes e sedutores. Enquanto viajássemos no estrangeiro nunca devíamos consentir que uma mulher, especialmente se falasse russo, conversasse conosco. Tambem não podíamos entrar em bares ou cabarés, exceto para tratar de negócios autorizados. Finalmente, os folhetos preveniam-nos de que nos Estados Unidos nossa bagagem seria revistada, os passaportes apreendidos para fins de espionagem e nossos telefonemas censurados.

No dia seguinte regressei à sede do partido, onde era esperado por um funcionário de categoria superior.

—Camarada Kravchenko, afirmou, —sua melhor proteção contra a prática de erros nos Estados Unidos reside no espírito de vigilância bolchevista e na devo-

ção inquebrantavel ao Partido. O senhor vai seguir para o país em que o capitalismo se acha mais desenvolvido. Não acredite nos que pretendem ser amigos da Rússia. Isso tanto se aplica aos emigrados russos, como aos banqueiros, industriais e outros capitalistas que seguem a moderna tendência de admirar a U.R.S.S.

Outro funcionário discutiu minhas obrigações como engenheiro. Uma das minhas incumbências principais, disse ele, era a de reunir informações econômicas e militares. Devia habituar-me a anotar dados técnicos, os planos das fábricas, as inovações introduzidas no equipamento e os novos processos industriais.

Em Vladivostoque, donde devia partir para a América, fui revistado minuciosamente por três funcionários da alfândega que abriram minhas malas, inspecionaram os forros e sacudiram a roupa. Em seguida, voltaram meus bolsos pelo avesso, apalparam o forro e as lapelas do casaco e, finalmente, acabaram por deixar-me passar.

Dezenove dias mais tarde, quando o nosso cargueiro chegou a Vancouver, os funcionários alfandegários canadenses apenas verificaram nossos passaportes como simples formalidade. Ninguem nos revistou e, mais espantoso ainda, ninguem nos interrogou sobre coisa alguma. Onde estava a hostilidade?

Em Washington a Comissão de Compras tinha alugado um quarto para mim. A residência pertencia a uma família americana que parecia satisfeitíssima por hospedar um estrangeiro. Não pediram meus documentos e creio que não tiveram que comunicar minha presença a nenhum comitê domiciliar.

Em contraste, a nossa sede de Washington, onde me apresentei no dia seguinte, tinha um ambiente misterioso, quase de conspiração, que era caracteristicamente soviético. O Camarada Serov, a quem fiz minha apresentação, recebeu-me desconfiado. Quando entreguei o cupon que comprovava a minha filiação no partido, perguntou bruscamente.

—Número?

Tive que responder quase sem respirar —2486475—pois um comunista que esquece seu número no partido dá indícios de pouca lealdade.

Como plenipotenciário direto do Comitê Central do Partido, Serov era o emissário comunista de maior categoria nos Estados Unidos. Não obstante sua posição oficial ser apenas a de ajudante da Comissão de Compras, era o agente soviético mais poderoso dos Estados Unidos e, como falava em nome do partido, sua palavra valia como lei, ainda para os funcionários militares e econômicos mais importantes.

Nossa Comissão, de todos os pontos de vista, era um verdadeiro núcleo totalitário transplantado de Moscou. Apesar de vivermos e trabalharmos entre gente livre, não tínhamos liberdade de palavra ou de imprensa, nossa conciência não era livre e não estávamos isentos de medo. Vivíamos como súditos aterrados de um governo-policial, e nossas palavras ou atos mais insignificantes estavam à mercê da espionagem mais completa. Aquí mesmo, nos Estados Unidos, tínhamos um Comitê do Partido e um Departamento Especial ou Secreto que constituiam os meios de intimidação política direta e de vigilância da NKVD.

A restrição mais insuportavel era a que pesava sobre as nossas relações com americanos. Estávamos rigorosamente proibidos de cultivar sua amizade, exceto para negócios. Devíamos apresentar relatórios minuciosos sobre cada pessoa com quem travávamos relações, analisando

sua personalidade e sua opinião e sentimentos para com os sovietes. A possibilidade de conservar essas relações dependia exclusivamente da autorização dos funcionários superiores da Comissão.

Conhecí dezenas de pessoas nas repartições de Washington que tratavam da administração da Lei dos Empréstimos e Arrendamentos, e sua cordialidade era um verdadeiro embaraço. A qualquer funcionário soviético, a franqueza e ausência de suspeita, com que éramos recebidos, pareciam quase infantís.

A fiscalização das nossas relações com os americanos era levada tão longe, que se tornava necessário consentimento oficial para enviar cartões de Boas Festas às pessoas com quem tínhamos contactos comerciais. Devíamos preparar uma lista das entidades a quem desejávamos enviar cartões e submetê-la a exame, juntamente com o texto respectivo. Tanto a lista como o texto eram estudados e emendados, e para que houvesse a certeza de que não violávamos as recomendações feitas, a própria Comissão assumia o encargo de pôr no correio os cartões de Boas Festas.

Não é facil justificar nossas atitudes perante os americanos. Certa vez, numa viagem de trem, estava folheando uma revista americana quando um de meus colegas na Comissão veio sentar-se a meu lado. Aludí a um artigo da revista que criticava o governo e afirmei:—Estes americanos não hesitam em dizer o que pensam sobre as suas autoridades, desde Roosevelt até o funcionário menos graduado.

Foi uma alusão inteiramente acidental e depressa a esquecí. Todavia, transcorridos alguns dias fui chamado ao escritório do Partido.

—Que tal foi a sua viagem? perguntou.

—Excelente.

—Você encontrou o Camarada B...?

—Encontrei, sim senhor.

—Sobre que assunto discutiram?

—Discutiram? repetí perplexo. —Não me recordo de haver discutido!

—Camarada Kravchenko, receio que não esteja sendo franco comigo. Certamente esqueceu-se de que criticou a imprensa soviética, lamentando que ela não atacasse o Camarada Stáline.

—Não é verdade! gritei. —Insisto em que chame o Camarada B...!

O Camarada B..., porem, não teve coragem de confirmar o seu relato sobre as minhas observações e o assunto foi abandonado. Em todo caso, isso convenceu-me ainda mais da necessidade de refrear minha língua.

A complexidade da rede de espionagem a que estão sujeitos os funcionários soviéticos no estrangeiro é verdadeiramente assombrosa. Cada funcionário, como membro leal do Partido, tem a obrigação de comunicar todas as palavras e atos suspeitos de seus colegas. Alem disso, o Partido mantem vários agentes especiais dispersos na Comissão, aparentemente encarregados de certos serviços técnicos, mas dedicados, de alma e coração, à tarefa de espiar os demais. Noutro nivel mais elevado havia tambem a rede de agentes da NKVD, cuja missão de espionagem era efetuada em bases mais profissionais. Nem o general-chefe da Comissão nem o próprio Camarada Serov escapavam a esse super-controle policial.

Fosse qual fosse a missão específica de qualquer representante financeiro dos sovietes, sua incumbência principal consistia em reunir o maior número possivel de informações sobre as firmas comerciais americanas, assuntos militares, processos científicos e outras matérias semelhantes. Certo dia, os membros do Partido que faziam parte da Comissão (quase noventa

por cento dos funcionários superiores) foram convocados para uma reunião confidencial. Durante a mesma o Camarada Serov leu um extenso documento no qual se indicava a espécie de informações que devíamos obter, a maneira de conseguí-las, a forma de ocultar nossos esforços e o modo de enviá-las para a Rússia. Isso constituia um meio de recordar-nos que as altas autoridades esperavam de nossa parte o cumprimento integral do dever nesse capítulo.

Entretanto eu só encontrava franqueza e sinceridade nos meus contactos com americanos, tanto negociantes como funcionários públicos. Visitei dezenas de fábricas e em todas os respectivos gerentes mostraram-me o que desejava ver: instalações, custos, processos, materiais, etc. Meus anfitriões americanos, aparentemente ignorantes de que eram meus «inimigos de classe», excederam suas obrigações formais para procurar auxiliar-me. Para um russo, essa absoluta ausência de sigilo era uma coisa na realidade inacreditavel.

Não sei quando pela primeira vez decidí despojar-me da camisa de força totalitária. Contudo a decisão foi o resultado de sentimentos que evoluiram gradualmente em meu espírito. Sabia que tinha que tomá-la, um mês antes de dar o passo decisivo, e não comuniquei minha intenção aos colegas ou amigos, pois conhecia o que me esperava se a NKVD encontrasse a mais tênue suspeita na minha «história» pessoal.

Num sábado à noite escapei de Washington, fui para Nova York e aluguei um quarto em um hotel medíocre. Foi alí que preparei a declaração em que me demitia e expunha minhas razões. Quando foi publicada na imprensa, a Comissão principiou por afirmar que não me conhecia, possivelmente para ganhar tempo enquanto esperava instruções de Moscou. Mais tarde acabou reconhecendo a minha existência e fez declarações em que tentava manchar meu carater e reputação.

Entrementes, apesar dos esforços que empreguei para evitá-lo, os espiões soviéticos tinham conseguido descobrir o meu refúgio. Por mais de uma vez tive que correr para os trens subterrâneos, tomar taxis de assalto e mudar de hotel e de pseudônimo. Às vezes convencia-me de que tinha conseguido despistá-los, mas pouco depois os mesmos homens voltavam a rondar na minha porta.

Uma ocasião, quando partí para o interior afim de visitar uns amigos americanos, cheguei a pensar que tinha conseguido tomar o trem sem ser visto. Ao chegar, porem, não eram só meus amigos que estavam na estação; havia mais três desconhecidos à minha espera. Quando entramos no automovel eles entraram noutro e continuaram a seguir-nos. Somente quando paramos junto da delegacia de polícia seu automovel aumentou a velocidade e desapareceu. Rabiscamos às pressas o número da placa, mas infelizmente a chapa tinha sido furtada de outro veículo.

Durante a minha estada no interior recebí numerosos telefonemas de Nova York. Vozes misteriosas, que se intitulavam amigos, preveniam-me de que minha vida corria perigo e aconselhavam a que me escondesse. Sem dúvida o plano era encaminhar-me para qualquer local ignoto onde pudessem liquidar-me com mais facilidade.

É possivel que consigam o seu fim e que logrem suprimir-me. A minha hora poderá soar em breve. Mas não conseguirão, de modo algum, suprimir o meu testemunho.

NOSSA FONTE INESGOTAVEL DE VITALIDADE

(*Palestra pelo rádio*)

Harry Emerson Fosdick

Afligimo-nos a pensar sobre o mundo de após guerra, as condições econômicas, nosso trabalho cotidiano, nossas relações pessoais e inumeraveis outros esforços e perigos. Mas, refletindo melhor, veremos que, na verdade, cada um se aflige antes a respeito de si mesmo e de sua própria capacidade vital. Todos sentimos às vezes que não estamos à altura das pressões externas.

Nesse particular, encontram-se nossa mais profunda necessidade e a mais profunda realidade da religião, de modo que se uma e outra jamais se separassem, o resultado podia mudar a direção de muitas vidas. Há indivíduos que são como cisternas—bons enquanto não se esgotam,—mas suas fontes de abastecimento são superficiais, suas reservas limitadas, e por isso não podem suportar uma estiagem muito prolongada. Outros, porem, são como poços artesianos, com mananciais que fluem profundamente e não à mercê de circunstâncias transitórias.

Todos necessitamos desse seguro suprimento interior. E a mais profunda realidade na religião—o climax interno, final e restaurador—é a presença de Deus em nós, constituindo o garantido recurso para o labutar cotidiano.

Quando nos indagam se acreditamos em Deus, quase todos respondemos afirmativamente. Mas algumas vezes, quão pouco isso significa! Raros seriam capazes de acrescentar a afirmação que faz do Novo Testamento um livro de vitalidade triunfal nos tempos de desespero: Deus é uma presença espiritual em nós, que proporciona recursos, apoio, capacidade eficaz para a luta diária, fazendo-nos poços, e não cisternas.

Observemos algumas experiências humanas mais típicas. Há pessoas, por exemplo, que, nos tempos mais faceis e simples, vivem estreitamente ligadas entre si e mantêm seu moral sem maior dificuldade. Desfrutam de segurança e harmonia no seio da família, conseguiram uma sólida posição social e, como um feixe de trigo bem atado, conservam-se unidas.

Súbito, ocorre algo. Falham as seguranças anteriores, que representavam o amparo da família, e o indivíduo, remetido a si mesmo e não podendo arcar com o peso, baqueia definitivamente. Em regra, dizemos que o fracasso da segurança determina nossa desintegração, mas a verdade é que ele apenas revela uma desordem anterior. Em nossa vida íntima, nunca fôramos profunda e solidamente organizados. Éramos como um

feixe de trigo e, quando os laços que nos atavam se partiram, ficamos desamparados porque nunca estivéramos integralmente unidos.

Através de inumeraveis gerações, jamais como agora tantas pessoas tiveram que se voltar para si mesmas. A guerra converteu-as em milhões. Não admira que o número de casos de doenças mentais supere atualmente o de qualquer outra moléstia.

Não se pense que a psiquiatria, só por si, possa resolver esse problema. Tenho bastante conhecimento dessa especialidade. Algumas vezes, chego a supor que se não fora ministro, seria psiquiatra, mas a percepção daquela profunda necessidade do homem exige algo mais que o conhecimento da psiquiatria, pois de outro modo alguns psiquiatras estariam em melhores condições do que aquelas em que os vemos. Vêm até ao sacerdote inúmeras pessoas já tratadas por muitos psiquiatras que conhecem seus diagnósticos de cor, e não obstante, todas se apresentam inquietas e desordenadas. Não têm apoio interno ou recursos adequados e não sabem onde encontrá-los. Não são poços, mas cisternas prestes a se esvaziar, o que torna inutil todo e qualquer bom conselho que lhes pudesse ser dado.

É uma coisa terrivel para o homem sentir que está realmente só. E isso é a mais devastadora consequência da falta de religião. Devolvido a si mesmo e mergulhado na profundidade de sua alma, ele defronta uma vasta solidão inhabitada. Entretanto, a primeira coisa que uma grande religião diz a um homem não é que ele está só, porque lá, da invisivel profundidade de sua alma, os mananciais de água pura poderão erguer-se para prover de recurso adequado o consumido espírito.

Figuremos um homem que sempre fosse bem ajustado à vida. Dinâmico, de vontade forte, apto a realizar uma vida árdua, jamais se apercebeu da falta de qualquer faculdade vital. Sua qualidade predominante consistia em que tratava de alcançar diretamente o objetivo, à maneira do leopardo, só de um pulo.

Não sei de ninguem desse feitio que mais cedo ou mais tarde não viesse a enfrentar uma situação em que tal método de vida é tão ineficaz como malhar na água.

Uma grande atribulação, por exemplo. Certo amigo meu tinha linda filha de cinco anos que morreu atropelada por um automovel defronte de casa e ele mesmo carregou o pequeno corpo despedaçado até seu lar. Que se pode fazer por um amigo numa emergência dessa natureza? De certo não iremos dizer apenas «Controle seus nervos! Tenha ânimo!» Há um grande vocábulo que, em regra, é muito desprezado: resistência. Sem dúvida, é preciso ter ânimo, mas não apenas isso. Precisamos de reservas internas que tornem possivel a resistência.

Há muitas experiências comuns que exigem algo mais profundo que o ânimo. Digamos, por exemplo, um grande malogro. Em certa altura, no correr de sua existência, cada um acaba por se ver ante uma nova visita: o malogro. Em semelhante transe de vida, quando o homem clama, como Beethoven, com a sua audição perdida: «Ó Deus, dai-me forças para vencer a mim mesmo,» quão futil é um mero apelo aos estímulos da força e do ânimo! Quem quiser subsistir, sem amargura, como pessoa verdadeira, em seguida a uma áspera experiência, terá necessidade de profundos recursos.

Pensemos, não somente em tais experiências, mas sobre a falta dos requisitos espirituais indispensaveis a uma

vida satisfatória. Paz interior, por exemplo, alguma serenidade de alma que se encontra ao chegar à noite em casa e se deixa ao sair desta pela manhã. Quem não precisa disso? Mas ninguem pode adquirir paz interior somente por se lançar a ela ou desejar obtê-la impetuosamente. Paz é uma margem de poder em torno de nossas necessidades de cada dia. Paz é uma percepção de primavera demasiado profunda para ser crestada pelo estio terrestre. Paz é uma dádiva que não resulta de esforço, e sim de receptividade espiritual. As cisternas são fontes de ansiedade; os poços, de paz. Aí, tambem, a profunda necessidade do homem encontra a mais profunda realidade na essência do Cristianismo.

Outros apresentam problema diferente. Têm sua vida organizada, isto é, assentada em conformidade com determinado padrão, no qual se integram vigorosamente, com o correr do tempo. Mas lá um dia acabam verificando que sua vida foi erroneamente organizada, que o padrão seguido é um embuste e que precisam adaptar-se a outro princípio mais sólido.

Ninguem escapa inteiramente a essa experiência, representada pela necessidade de transformar-se a si mesmo ou, como se diz no Novo Testamento, «nascer de novo». Brahms disse uma vez, a respeito de suas composições musicais: «De modo geral, minhas peças são melhores e precisam menos de ser endireitadas do que eu.» Isso é uma confissão humana que mesmo o mais irreligioso dos homens poderia fazer. Somos nós mesmos que precisamos de nos endireitar.

Nenhum abismo neste mundo é mais aterrador para tantas almas como o abismo existente entre as duas afirmações: «Preciso» e «Posso». Preciso transformar-me. Preciso ser mudado. Preciso refazer a falsa organização de minha vida. Preciso renascer sobre nova base. Milhões de pessoas dizem isso. Mas dizer: —Posso refazer-me,—é coisa diferente e, nesse ponto se encontram de novo a mais profunda necessidade do homem e a mais profunda realidade da religião.

O que a religião leva o homem a compreender, antes de tudo, é justamente isto: que está ao seu alcance poder. «A tantos quantos O receberem, Ele concede a graça de tornar-se filhos de Deus.» Se, na profunda solidão interior de uma luta moral, o «preciso» parece distante e o «posso» ainda mais afastado, não há dúvida de que o homem se encontra realmente só.

Mas se o que é verdadeiro no mundo físico tambem o é no espiritual; se, com as nossas próprias mãos impotentes, não conseguiríamos jamais fazer eletricidade e, no entanto, podemos libertá-la de modo a produzir luz e força, está visto que tambem alcançaremos liberar os recursos de nosso espírito para levá-lo a emitir luz e força. Aquí está de fato o cerne da diferença entre religião e irreligião e tambem o triunfo da mensagem do Novo Testamento segundo a qual o homem, primeiro «precisa» e, logo após, «pode», isto é, pode ser transformado mediante a renovação completa do seu espírito.

Restituido a si mesmo e na falta daquilo que a vontade somente não pode lograr, erroneamente organizado e precisado de renovar-se, o homem, enfrentando cada dia os empuxões e os pavores do mundo desordenado, acaba inevitavelmente por se convencer de que a vida é um teste de recursos pessoais. Ser cisterna, não basta; é de todo modo indispensavel ser poço. «Em Deus, que me dá energia, poderei tudo.»

Dupla desgraça que envolveu S. Francisco há quarenta anos

Terremoto e incêndio em S. Francisco

(Condensado do «St. Louis Post-Dispatch»

Por Jo Chamberlin

NUNCA S. Francisco fora mais próspero do que nas alturas de abril de 1906. As lojas regorgitavam de fregueses, os teatros funcionavam superlotados e os hotéis, de tão repletos, recusavam hóspedes. Essa cidade de 400 mil almas estava na plenitude de sua tradicional euforia, desde os bairros residenciais dos milionários em Nob Hill até os cortiços de Market Street.

Enrico Caruso havia cantado a *Carmen* no teatro da Ópera, na terça-feira, 17 de abril. Nessa noite os retardatários tinham apenas começado a dormir quando foram violentamente atirados fora de suas camas. As casas oscilavam, as chaminés ruiam e as mobílias espatifavam-se ao fragoroso desabamento de tetos e paredes. A terra estorcia-se como se estivera presa de agonia; as ruas abriam-se em fendas.

O terremoto mais devastador que ainda ocorrera nos Estados Unidos deflagrou em S. Francisco, com terrivel estrépito e barulho, às 5 h 13 de quarta-feira, 18 de abril. Os peores abalos duravam cerca de 48 segundos; no entanto, pareciam durar uma eternidade. No correr do dia, sucederam-se tremores menores, causando geral devastação: inúmeras casas vieram abaixo, partiram-se os cabos de eletricidade e os encanamentos de gás e trens de ferro saltaram fora dos trilhos.

Outras localidades da Califórnia tambem sofreram estragos. A área atingida representava uns 500 km de extensão, ao longo da costa, e, em alguns lugares, tanto quanto 60 km de largura. Aí estava a conhecida falha de Sto. André, antiga brecha na superfície da terra. O deslocamento vertical do chão media 1m20; o horizontal, cerca de 3 metros. Gigantescas árvores, sequóias, cujas raizes estavam solidamente presas à rocha da ribanceira, foram lançadas no ar

como paus de fósforos, enquanto casas, celeiros e estradas se desfizeram numa nuvem de pó. No cabo Mendocino, situado a mais de 300 km da cidade, o navio *Argo* estremeceu da popa à proa.

Em S. Francisco os edifícios de estrutura de aço, construidos sobre sólidas bases, foram abalados, mas permaneceram de pé. Assim tambem os prédios de concreto reforçado. Mas as construções frageis tiveram os seus arcabouços de impostura completamente desmantelados em poucos e terriveis segundos. O palácio da Prefeitura, avaliado em sete milhões de dólares, ruiu. O da Justiça, onde funcionava a prisão, foi severamente danificado. No primeiro momento, os presos tiveram a impressão de que se estava fazendo uma tentativa para dinamitar o prédio e, por esse meio, libertar um detento condenado à morte.

Durante os primeiros abalos um gráfico, do último andar em que funcionava a sua oficina, lançou-se a descer rapidamente a escada para alcançar a rua. Nisto, os pesados prelos despregaram-se, caindo através dos soalhos rotos, e, a um só tempo, o tipógrafo e o prelo vieram ter no chão.

Uma centena de internados encontraram a morte ao desabar o casarão de um asilo de alienados perto de S. José. E, fato ainda peor, os loucos mais perigosos erravam entre os escombros do asilo, em grande algazarra, falando atabalhoadamente uns com os outros ou lutando com os guardas, numericamente impotentes para os conter.

Enrico Caruso estava hospedado no Pálace Hotel e disse mais tarde: «Despertei com minha cama balançando como se fosse num navio. Pela janela, vi os edifícios se movendo e grandes blocos de alvenaria caindo. Ouví gritos de homens, mulheres e crianças. O forro de estuque do hotel abateu com grande estrondo. Corrí à rua. Rapidamente, toda a cidade parecia envolvida num incêndio. Errei atoa o dia inteiro. Uma vez, tentei evadir-me, mas os soldados não me deixaram passar. De noite, dormí sobre o duro chão, e ainda tenho o corpo doido dessa áspera dormida.»

No dia seguinte, o mordomo de Caruso conseguiu alugar um carro a peso de ouro para os levar, com as bagagens, até Oakland, onde tomariam o trem para leste.

Estava tambem em S. Francisco, nessa ocasião, o ator John Barrymore, em seus 24 anos, às vésperas de embarcar para uma turnê na Austrália. Seu biógrafo, Gene Fowler, conta que Barrymore tinha assistido ao espetáculo de Caruso, no correr do qual travara conhecimento com uma encantadora dama, sentada a seu lado. Às 10 horas da manhã de quarta-feira, Barrymore surgia imperturbavel numa praça central, com o traje de gala da ópera. Seu empresário sugeriu-lhe que voltasse ao hotel para trocar de roupa. Barrymore assim fez, reaparecendo em seguida com um terno comum. Mais tarde, porem, lembrou-se de que deixara na outra roupa todo o dinheiro de que dispunha, uns duzentos dólares tomados por empréstimo. Correndo ao hotel, já o encontrou em chamas.

A um correspondente que transmitia pelo telégrafo um relato da catástrofe para o seu jornal em Nova York, Barrymore persuadiu a incluir um recado para sua irmã, Ethel, pois os primeiros relatos da catástrofe o haviam dado como perdido. E, num transporte de sua imaginação fantasiosa, escreveu que tinha sido jogado fora da cama pelo terremoto e perambulava, semi-conciente, pelas ruas, quando um soldado, pondo-lhe uma pá entre as mãos, o obrigou a trabalhar durante 24 horas nos escombros. Ethel Barry-

more, mostrando esse dramático lance de ficção a seu tio, John Drew, perguntou-lhe se acreditava naquilo, ao que ele respondeu: « Creio em tudo o que aí está dito. Era mesmo preciso um ato de Deus para o tirar da cama ou o poder do exército americano para o fazer trabalhar. »

O povo de S. Francisco aceitou filosoficamente o descalabro produzido pelo terremoto, mas o verdadeiro desastre estava ainda por vir. As chamas se propagavam em consequência dos encanamentos de gás arrebentados, e dos consecutivos curtos circuitos. Os bombeiros inutilmente procuravam líquido para encher as mangueiras. O terremoto tinha esfacelado a canalização de água. Noventa por cento das casas da cidade foram reduzidas a carcassas, incendiando-se como palha seca. Por fim, os incêndios esparsos juntaram-se, tornando-se uma conflagração.

Homens trabalhavam furiosamente para retirar os feridos dentre os escombros antes de serem alcançados pelo fogo. Em situação desesperadora, sob as ruinas fumegantes de sua casa, um indivíduo suplicava que o matassem. Somente depois de estarem já bem queimados, os que procuravam em vão salvá-lo atenderam a essa súplica, desfechando-lhe um tiro na cabeça.

Após incendiarem um populoso bairro residencial pobre, as chamas mudaram implacavelmente de direção para a zona comercial, atingindo as casas de negócio, os centros de diversão e os hotéis. O bairro chinês, a mais densa comunidade chinesa da América, foi destruido pelo incêndio. Pela primeira vez em anos os antros de narcóticos foram esvaziados. Italianos, residentes em Telegraph Hill, quebravam barrís de vinho e batiam com sacos ensopados de vinho as fagulhas que caiam sobre o teto.

Durante o dia inteiro de quarta-feira, o incêndio lavrou em toda a cidade, estendendo-se até a noite de quinta-feira. Na sexta-feira, a parte velha de S. Francisco estava quase completamente destruida e as chamas ainda ardiam desenfreadamente.

Um vasto conjunto de residências, na parte ocidental da cidade, permanecia incólume, e para lá os fatigados bombeiros se dirigiram, para prosseguir no combate às chamas. Uma fila de casas, na extensão de quase dois quilômetros, foi dinamitada, transformando-se em escombros inuteis. Era de esperar que o fogo não passasse alem. A água do mar foi bombeada e os soldados do fogo, as cabeças envoltas em cobertores umedecidos, diligenciavam extinguir o incêndio, com um jorro, utilizando-se de outro para encharcar a si mesmos e refrescar as máquinas. Não era possivel que o fogo vencesse tal barreira.

Outra batalha decisiva foi travada ao longo do cais, por soldados, marinheiros, e voluntários. A estação das barcas, e praticamente todos os cais e docas, foram salvos. Com as barcas trafegando, a cidade pôde ser abastecida de alimentos, roupas e produtos médicos, procedendo-se regularmente à evacuação dos refugiados.

Nessa emergência, os habitantes da cidade apresentavam o aspecto de um exército em retirada. Lançavam mão de carroças, carrinhos de mão, trenós—tudo que servisse para transportar mercadorias e objetos das casas ameaçadas pelo fogo. Entre os salvados, viam-se coisas curiosas: um canário, um relógio, uma máquina de costura, um quadro ou um vaso. Uma viuva só teve tempo de salvar a espada de oficial do finado marido. Havia, porem, um homem que estava resolvido a não perder a calma naquela confusão.

As casas vizinhas já ardiam, mas sobroulhe tempo para trocar de roupa, barbear-se, pentear os cabelos e arrumar a mala. A poucos passos de sua casa alguem lhe fez ver que ele esquecera de enfiar as calças...

A maioria das famílias desalojadas acamparam em Golden Gate Park ou no Presídio, cozinhando ou dormindo ao relento. Alguns, mais felizes, dispunham de barracas de campanha e víveres. Durante uma única noite, nasceram vinte crianças no referido parque.

Circulavam os boatos mais desconcertantes: que um maremoto havia engolfado Nova York no mesmo momento em que S. Francisco fora abalada pelo terremoto; que Chicago estava submersa no Lago Míchigan; que o terremoto tinha libertado as feras do Jardim Zoológico e estas devoravam os refugiados no parque.

Contavam-se histórias tenebrosas de larápios trazendo dedos de mulheres em seus bolsos, por não terem tido tempo para sacar os anéis. Em conformidade com tais histórias, esses bandidos estariam pendentes dos lampeões mais próximos. Na verdade, nem um saqueador foi enforcado. Dois homens foram mortos, possivelmente em erro, e outro fuzilado por uma guarda improvisada.

Tão pressurosos estavam os habitantes de S. Francisco em reconstruir a cidade que um deles queimou as mãos num tijolo quente quando procurava tirá-lo de sua casa incendiada. Os jornais voltaram a circular prontamente. Milhares de voluntários procederam à limpeza da cidade. Comerciantes reencetaram os seus negócios em barracas, choças e mesmo ao relento. O dito mais generalizado era: «Não fale no terremoto. Trate de seus negócios. »

O primeiro negócio a ser explorado não foi o de artigos de primeira necessidade e vestuários, mas o de cartões postais com fotografias que fixavam aspectos da catástrofe. Alcançavam preços elevados as moedas fundidas pelo fogo, os objetos chamuscados e outras lembranças dessa natureza.

A.P. Giannini, que contava então 35 anos, tinha inaugurado o Banco da Itália dois anos antes do sinistro. Encheu uma carroça com dinheiro e valores em títulos, cobriu os pacotes com uma grande pilha de legumes e viajou 30 km em direção de S. Mateus, onde escondeu em sua casa o precioso carregamento. Fora uma medida sensata, pois o fogo arrasou inteiramente o edifício do banco. Voltando a S. Francisco, Giannini improvisou outro banco, na zona do cais, entrando a fazer empréstimos antes do fogo estar completamente dominado. Tais empréstimos se processaram—e todos foram liquidados até a ultima fração—com poucas exigências, salvo a idoneidade de cada cliente. Atualmente, o Banco da América, do mesmo Giannini, é um dos três maiores do mundo.

Raphael Weill, comerciante, sofreu grande prejuizo. «Sou velho,» disse jovialmente, «mas construiremos de novo S. Francisco quanto antes e meu dinheiro será aplicado em sua reconstrução. » Foi mais adiante. Forneceu cinco mil vestidos para serem distribuidos entre as mulheres necessitadas.

Organizaram-se comitês cívicos para coordenar as medidas de reparação, financiamento, reconstrução e transportes. Outras cidades e nações, o congresso americano e particulares, prestaram generosa ajuda. As perdas de vida limitaram-se a 452, com várias centenas de feridos.

Os prejuizos em propriedade foram estimados em cerca de 500 milhões de dólares. O terremoto causou quase 15% de danos, e o fogo, o resto. Foi uma das peores catástrofes do mundo e dos desastres

de que reza a história foi dos que maiores prejuizos causaram. O incêndio espalhou-se numa área de quase 8 km quadrados; em 500 quarteirões, destruiu 28 mil casas, deixando sem teto 200 mil pessoas.

O trabalho de reconstrução foi espantosamente rápido. Deu-se novo traçado à cidade e, ao serem reconstruidos os serviços de abastecimento de água, foi este provido de sistemas separados, um, para utilidade pública, e, outro, para a extinção de incêndios. Se muitos encanamentos viessem a arrebentar em algum futuro terremoto, a cidade ainda teria água suficiente para dominar o fogo, graças a um sistema especial de válvulas. Instalaram-se estrategicamente reservatórios em torno da cidade e foram introduzidos novos dispositivos para bombear água do mar. Muitos edifícios ficaram providos de reservatórios, novos sistemas de bomba e cisternas cavadas em seus próprios fundamentos.

As companhias de seguro, na Europa e nos Estados Unidos, viram-se profundamente abaladas em suas reservas com a indenização dos prejuizos. Algumas não puderam honrar seus compromissos. O terremoto e o incêndio afetaram as condições do seguro contra fogo, pois as companhias elevaram as taxas de contribuição, dada a possibilidade de um desastre semelhante, restringindo o número de apólices a cargo de cada companhia seguradora em determinada área geográfica ou por meio do processo de resseguro para efeito de dividir os riscos.

Enquanto a cidade ardia, um veterano de S. Francisco, Will Irwin, sentando-se à sua mesa de trabalho, na redação do jornal *Sun*, de Nova York, durante oito dias, escreveu meticulosa narrativa da catástrofe, baseada no seu conhecimento da cidade e nos documentos que lhe chegavam às mãos. Foi um triunfo jornalístico, e parte da narrativa, intitulada *A Cidade Que Foi*, teve larga circulação. Três anos depois os locais podiam referir-se à sua metrópole, orgulhosa e carinhosamente, como *A Cidade Que É*. S. Francisco fora substancialmente reconstruida e retomara seu caminho para conquistar novos e mais importantes triunfos.

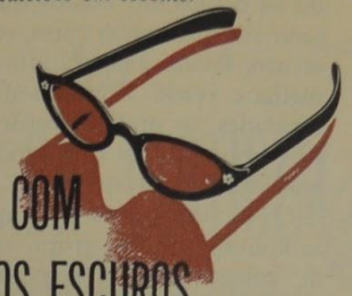
Respostas a «Você sabe o que quer dizer?»

(Vide pág. 54)

Segundo o número de casos em que acerte, poderá classificar seu vocabulário da seguinte maneira: de 16 a 20, *excelente;* de 12 a 15, *bom;* de 8 a 11, *regular;* abaixo de 8, *deficiente*.

(1) A *resto*
(2) D *pequena rede*
(3) A *máquina para lustrar papel*
(4) D *barba de espiga de cereais*
(5) D *recanto esconso*
(6) D *caimbra*
(7) C *forcado de três pontas*
(8) B *ardiloso*
(9) B *combinar borracha com enxofre*
(10) D *substância com que se almofada qualquer coisa*
(11) B *picante*
(12) C *galeria que circunda o coro de certas igrejas*
(13) D *batina de padre*
(14) B *agente de polícia*
(15) C *carruagem velha*
(16) A *terreno onde crescem meloeiros*
(17) B *proposição evidente*
(18) A *petulante*
(19) B *levar ao ombro*
(20) D *chiqueiro*

Para evitar o estrago da vista e até mesmo a cegueira, seja cauteloso em escolher os seus óculos



CUIDADO COM OS ÓCULOS ESCUROS

(*Condensado de «Hygeia»*)

Pelo dr. George W. Kisker

TODO ANO milhões de pares de óculos escuros são vendidos com a ostensiva finalidade de prover a vista de conforto e proteção. E todo verão encontra crescente número de pessoas que apresentam olhos inflamados, distendidos e irritados, muitas das quais se queixam de estar enxergando menos. A propósito, disse eminente oftalmologista: «O conforto dos olhos, proporcionado por óculos escuros é um logro; na maioria dos casos, eles não asseguram nenhuma proteção.»

A radiação do sol compõe-se de diferentes espécies de raios: alem dos raios visiveis de luz, existem os invisiveis, ultra-violeta e infra-vermelhos, de calor. Como qualquer peça de vidro esfumaçado ou colorido, os óculos baratos contra o sol atenuam os raios brilhantes e visiveis e o resplendor da luz solar, mas não filtram os raios invisiveis e possivelmente nocivos. Normalmente, sob a ação da luz solar, a iris se contrai de modo a só admitir a porção de luz realmente necessária a produzir uma imagem clara sobre a retina, no fundo do globo ocular. Mas os óculos escuros reduzem a luz visivel, levando a iris a dilatar-se e expor o interior sensivel dos olhos.

O olho naturalmente se aprovisiona com moderada porção de radiação infra-vermelha e ultra-violeta que alguns oftalmologistas acreditam ser benéfica. Entretanto, uma excessiva radiação ultra-violeta pode causar conjuntivite. Alguns dos mais longos raios ultra-violeta podem atravessar a córnea e atingir o cristalino fazendo-o fluorescer e interferir na visão normal.

Os raios infra-vermelhos podem mesmo produzir dano mais profundo. Se alguem encara diretamente o sol e desvia a vista em seguida, notará um ponto negro a persistir por algum tempo, ainda que os olhos venham a se fechar. Isso é a imagem ulterior do sol ligeiramente impressa na retina pelos raios ardentes. Após alguns momentos, o ponto negro desaparece. Mas se se encara demoradamente o sol—mesmo através de óculos escuros—uma persistente mancha negra pode obstruir inteiramente o campo de visão. A despeito dos óculos escuros (e com sua ajuda!) o cristalino, que é uma espécie de lente dos olhos, concentra os ardentes raios infra-vermelhos, os quais irão queimar um ponto da membrana que cobre o fundo do aparelho visual.

Desde que até os óculos sem côr absorvem algumas das vagas de radiação ultra-violeta, qualquer tipo de óculos contra o sol só oferece proteção *parcial* contra essas radiações. Mas os óculos escuros comuns—tal como os que são comumente vendidos—não bastam para garantir essa proteção, segundo afirmam os especialistas.

«Cientificamente falando,» disse uma sumidade em oftalmologia, «os melhores óculos contra o sol são aqueles que absorvem os raios ultra-violeta e infra-vermelhos e parcialmente as cores do espetro solar de modo a não haver mudança na gama de cores da natureza».

Tais óculos podem ser obtidos nas casas especialistas de óptica; muitos são feitos de vidro óptico talhado e polido, absorvendo a um tempo os raios ultra-violeta e infra-vermelhos e reduzindo a radiação visivel a um limite satisfatório.

As lentes «polarizadas», para óculos contra o sol, contêm uma lamina entre os aros que filtra muitos dos brilhos reflexos, tal como aqueles da água ou de um pavimento molhado. Alguns especialistas afirmam que essa vantagem é reduzida pelo fato de muitos óculos «polarizados» terem vidros planos, ao invés de convexos, razão por que tendem a refletir certa porção de luz nos olhos. As lentes recurvadas, desse tipo de óculos, são mais recomendaveis e estarão brevemente acessiveis.

Quanto à côr dos óculos contra o sol, a Força Aérea dos Estados Unidos adotou as lentes esverdeadas porque não alteram as cores naturais. Isso é importante quando os óculos são usados durante o vôo, uma vez que certas cores, como o ambar escuro, levam a confundir as luzes vermelha e verde. Segundo afirmam as autoridades, os matizes verde e amarelo e vice-versa, são os que produzem menos modificação nas cores.

O oftalmologista em apreço colheu as opiniões de um grupo representativo de colegas seus, a respeito dos óculos contra o sol. Todos foram acordes em afirmar que somente devem ser usadas as lentes talhadas e polidas e, estas mesmas, apenas *durante o tempo em que a pessoa estiver exposta à luz solar*. Desse grupo metade é de opinião que tais lentes resultariam nocivas se usadas de outro modo. É essa a única diretiva segura e aconselhavel, embora talvez sejam mais caros as lentes da qualidade a que nos referimos.

É a fama que eles têm...

CERTO escocês ouviu do médico a afirmação de que sua mulher deveria ter sido operada das amígdalas quando era criança. Encomendou a operação e, feita esta, enviou a conta... ao sogro!

—*Scotch*, compilado por Gregory Hartswick (Simon & Schuster, ed.)

UM LONDRINO, em viagem para Edimburgo, ia no trem ao lado de um escocês idoso, de aspecto carrancudo. Na primeira parada o escocês precipitou-se para a estação, correu pela plataforma e tornou a embarcar, ofegante. Repetindo-se isto nas duas paradas seguintes, o londrino afinal não pôde mais, e perguntou ao companheiro porque agia daquela maneira.

—Bem, é que fui a Londres para consultar um especialista, pois meu coração anda meio fraco. Ele me disse que o caso é grave, que se eu não tiver cuidado posso morrer duma hora para outra; por isso vou comprando a passagem de estação em estação...

—Leigh Mitchell Hodges

A sensação das corridas de automovel

Na PISTA DA VERTIGEM

(Condensado do «Esquire»)

Por Paul W. Kearney

O MAIOR acontecimento automobilístico dos Estados Unidos é a corrida clássica dos 900 quilômetros, realizada anualmente na famosa pista de Indianápolis, desde 1911. Interrompida durante a guerra, a sensacional competição esportiva, que atraia uma assistência de 150 mil pessoas antes do conflito, foi reiniciada este ano, com mais entusiasmo do que nunca.

Nos últimos 30 dias antes da corrida, cerca de cem mil torcedores pagam meio dolar cada um, unicamente para ver o treino dos concorrentes, crescendo de outros milhares esse número nos dias em que a entrada é livre. Vinte e quatro horas antes da abertura do estádio, no grande dia, começa a se formar a fila dos espectadores ante a bilheteria. E quando as portas finalmente se abrem, às 6 horas da manhã, os carros que esperam para entrar formam uma massa compacta que se estende por muitos quilômetros, quatro a quatro, em todas as direções.

Esses entusiastas vão atraidos por um imã: a sensação violenta. A pista de Indianápolis é um palco vertiginoso de quatro quilômetros, onde os dramas e as provas de coragem se sucedem espetacularmente. Certa vez, o corredor Ira Hall, perdendo o controle, chocou-se contra o parapeito exterior de uma das curvas, ferindo-se seriamente. Mas, compreendendo que seu carro resvalaria para o meio da pista, à frente dos outros, causando desastres mais graves, saltou do automovel e, com um esforço hercúleo, sopitando as dores, manteve a máquina junto do parapeito, até passar o perigo.

Outra vez, com o carro incendiado bem em frente das arquibancadas, Norman Batten não o abandonou logo, para não pôr em perigo os espectadores: continuou a guiar e, quando as chamas o alcançaram, passou a manobrar o volante com o pé, erguido sobre o assento, até sair da pista, indo dalí para o hospital, em estado grave. Em 1937, Wilbur Shaw conseguiu finalizar em primeiro lugar, apesar de receber sobre as pernas um jorro de água fervendo que escapava do radiador, nos últimos 90 quilômetros da corrida.

Porque realizam tais proezas? Porque são homens com nervos de aço, loucos de audácia, ávidos de velocidade, empolgados pela febre da competição esportiva. Para alguns, é simples amadorismo; mas para quase todos é rendosa profissão. E assim vão—ano após ano—vivendo de milagres.

Na última corrida, por exemplo, Everett Sailor sofreu um acidente incrivel: seu carro virou três vezes no ar, caindo por cima de dois automoveis que se achavam estacionados na área interior da pista, e ninguem ficou seriamente ferido. Chet Miller (que em 1928 já havia fraturado o crânio, o braço e seis outras partes do corpo) saltou o parapeito numa curva, «aterrando» sobre as rodas, e ainda pôde voltar para a garage com o seu carro, cujo mecanismo de mudanças se havia inutilizado.

Talvez o mais notavel desses «milagres» foi o que aconteceu com Babe Stapp, quando o automovel que ia adiante dele se desgovernou, e seu carro o atingiu em cheio. Numa fração de segundo, o que vinha atrás se chocou com os dois primeiros, arremessando o carro de Babe para o outro lado da pista, onde foi colidir com outros quatro; todavia, ninguem saiu ferido! Como contraste irônico, o famoso Wild Bill Cummings perdeu a vida estupidamente, em 1939, desviando o seu automovel particular numa rua coberta de gelo, para não atropelar um transeunte.

Alem das peripécias, em que os corredores se comprazem, há tambem cem mil dólares na balança. São oferecidos prêmios de 50 mil dólares, desde 20 mil para o vencedor até 1.400 para o colocado em décimo lugar. Os demais recebem, em proporção ao número de vezes que deram volta à pista, uma parte do prêmio de consolação, de 500 dólares no mínimo. Finalmente, os comerciantes locais, as empresas de publicidade, e simples ricaços entusiastas, oferecem vários outros prêmios para os que estiveram à frente em determinadas fases da corrida. Frequentemente, concorrentes que não chegam sequer ao fim da competição obtêm 3 ou 4 mil dólares dessa maneira.

Mas há tambem inúmeros desenganos, nessa corrida vertiginosa de Indianápolis. É decepcionante, por exemplo, passar seis meses preparando o automovel para o grande acontecimento, e a embreagem do carro quebrar-se na linha de saida, como aconteceu certa vez com o malogrado Wild Will Cummings. Triste foi tambem o que se passou com Wilbur Shaw em 1941: estando numa dianteira de muitos quilômetros, e na iminência de ganhar a corrida pela quarta vez, uma roda se partiu, e não somente teve que abandonar a pista como tambem ficou hospitalizado durante muito tempo.

Ralph de Palma ia à frente, na curva final, quando o motor do seu carro deixou de funcionar. Não houve tempo para consertos, e, quando o carro parou, Ralph pulou fora e começou a empurrar o veículo. Faltavam-lhe somente uns oito metros para alcançar a meta final, quando Joe Dawson passou por ele como um relâmpago; mas Ralph recebeu uma ovação muito maior do que o vencedor.

Na competição de 1939, houve uma série de azares desse jaez. Lou Meyer corria na frente e só lhe faltavam duas voltas, quando foi de encontro ao parapeito, saindo da pista e perdendo a corrida. Os dois carros que vinham imediatamente atrás abalroaram na penúltima curva, amassando-se. Chet Miller, que estava em quarto lugar, tinha praticamente a vitória assegurada, mas, ao fazer a curva, viu os autos amassados e um dos automobilistas caido na pista, semi-inconciente. Ser-lhe-ia facil desviar-se dos carros, mas isso o levaria perigosamente para perto do motorista caido, o qual de repente se levantou, cambaleando. Sem um segundo de hesitação, Chet virou o volante bruscamente, rompeu pela cerca interior da pista, e deixou assim de ganhar 20 mil dólares!

Que espécie de homens são esses? Profissionalmente, são de todas as classes; motoristas de caminhões, médicos, milionários, alfaiates. Muitos já passaram dos 40, mas a corrida de automovel requer um esforço tão grande que um homem de constituição comum não aguenta o volante depois de duas voltas na pista. Quase todos os competidores que chegam ao fim da prova de Indianápolis —são 900 quilômetros, não se esqueçam —ficam com as mãos horrivelmente esfoladas, apesar da gaze com que se envolvem os volantes, e só depois de três dias desaparece o efeito que o ruido ensurdecedor deixa nos ouvidos.

Nesse torvelinho vertiginoso, o maquinismo dos carros de corrida se gasta tanto como o de um automovel comum em trajeto cem vezes maior. Dos 33 competidores qualificados para a corrida, é raro chegarem mais de dez ao fim da prova. A qualificação exige uma velocidade média de 180 quilômetros horários,— isto é, 230 quilômetros nas partes retas da pista—numa competição preliminar de 40 quilômetros. Os novatos têm que fazer a «prova dos aprendizes», que consiste em dar várias voltas na pista, nas velocidades sucessivas de 130, 140 e 180 quilômetros, ante uma «banca» examinadora de corredores veteranos. A metade não consegue «passar». O récorde de velocidade média da corrida de Indianápolis ainda pertence a Floyd Roberts, que fez 235 quilômetros, em 1939, incluindo-se na contagem o tempo gasto para reparos e reabastecimentos de gasolina.

Geralmente os automoveis de corrida são lubrificados com uma mistura de óleo de rícino, e foi com alcool-motor, em lugar de gasolina, que dois deles triunfaram em Indianápolis. Não são equipados com paralamas, ventiladores, distribuidores, baterias ou velocímetros, e suas rodas dianteiras são um pouco menores que as trazeiras. Os ventiladores são inuteis em tão grandes velocidades, e, mediante o uso de um magneto para obter a ignição do arranque, eliminam-se a bateria e os geradores, economizando-se assim uns 30 quilos no peso do automovel.

Os pneumáticos usados nas pistas de corrida são lisos, e as câmaras de ar são cheias de hidrogênio, o qual não se infiltra na borracha nem aumenta a pressão. Hoje em dia, os automoveis corredores poderiam terminar a prova dos 900 quilômetros com os mesmos pneumáticos, e as substituições são feitas somente como medida de precaução. Nos últimos dez anos, não houve um só acidente realmente motivado pelos pneumáticos.

Os motores dessas máquinas de velocidade têm a metade do tamanho daqueles que se vêem nos automoveis comuns, e só possuem quatro cilindros. A pista de Indianápolis é o maior campo experimental da engenharia de locomoção em todo o mundo. Com os resultados alí obtidos, não somente tiraram proveito os motoristas em geral, como se fizeram melhoramentos radicais em matéria de lubrificantes, de combustiveis e motores, para aviões, tanques e lanchas de guerra.

É coisa sabida que o governo germânico financiou a construção de motores para automoveis de corridas, aproveitando-os depois, com os aperfeiçoamentos conseguidos, nos aviões de combate *Messerschmitt*. Por outro lado, o motor que concorreu para a derrota dos *Messerschmitts* foi o Rolls-Royce-Merlin, dos aviões *Spitfire* britânicos, motor esse tambem aperfeiçoado em competições automobilísticas.

O mesmo aconteceu nos Estados Unidos. A companhia que construiu os motores de alguns dos mais velozes aviões de

guerra, é simplesmente o desenvolvimento de uma oficina mecânica estabelecida na pista de Indianápolis, por um dos fundadores desta, há 35 anos. A aviação militar dos Estados Unidos, depois de experimentar todas as marcas de pneumáticos, para os aviões de caça, escolheu um tipo de pneumático «para alta velocidade», especialmente construido para as competições de Indianápolis.

Os automoveis comuns, em consequência dos experimentos feitos nessa pista, têm sido melhorados com diversos dispositivos novos, como sejam os espelhos para ver atrás, os pneumáticos do tipo «balão», as rodas de aros desmontaveis e os freios aplicaveis às quatro rodas.

Podemos agora esperar novos aperfeiçoamentos, muitos dos quais estavam sendo experimentados quando a guerra estalou, tais como uma transmissão para quatro velocidades, o motor na retaguarda, o emprego de inúmeras peças de alumínio para economia de peso, o arranque de «cápsula», e um novo sistema de freios com alumínio que promete ser o melhor até agora obtido.

Um motorista, com longa experiência nas pistas de corrida, recentemente aperfeiçoou um «detector» que indica, com sinais luminosos, quando um pneumático está em perigo de estourar. Outro corredor veterano, preocupado com o desgaste violento dos pneus nas curvas fechadas, sugeriu um novo desenho para rodas com bordas mais largas, o que contribuirá para dar muito maior duração aos pneumáticos.

Indubitavelmente a maior corrida de automoveis dos Estados Unidos, na Pista de Indianápolis, não é somente um espetáculo de sensações fortes, com grandes prêmios para os competidores. Consiste tambem num laboratório, onde os engenheiros da locomoção podem submeter aos rigores dos 900 quilômetros da corrida as suas criações mecânicas, que, nessas quatro horas vertiginosas, provam as suas possibilidades práticas para o benefício de toda a gente.

Respostas ao teste da página 68

1. sarampo
2. coqueluche
3. uma descoberta do dr. A. Fleming
4. cancer
5. todas são, de modo geral, evitaveis
6. cancer
7. 27 anos
8. deficiência de vitamina D
9. febre reumática
10. o contacto com pessoas portadoras do germe
11. febre tifóide, varíola, tétano, tifo, febre amarela, difteria.
12. 1—b; 2—d; 3—a; 4—c
13. Certo
14. Errado (a vitamina D se adquire pela luz solar)
15. Errado
16. Errado (o esmalte dos dentes é mais duro)
17. Certo
18. Certo
19. Errado
20. Errado (é dez vezes mais comum nos homens)
21. Errado

Uma moça que perdeu temporariamente a razão relata os horrores da vida num asilo de alienados

O fosso das víboras

Condensado do livro *The Snake Pit*
Por Mary Jane Ward

EIS AQUÍ um dos romances mais impressionantes jamais condensados por Seleções. Revestido embora da forma de ficção, constitue comovente narrativa do que é a vida num hospital de doentes mentais. Nascidas da confusão, aclarada aquí e alí por farrapos de memória, aparecem-nos simultaneamente duas narrativas: o sombrio patos da experiência subjetiva de uma pessoa vitimada por grave perturbação nervosa e—em nítido esboço marcado por bem vivos episódios—o aspecto exterior da existência num asilo de dementes. Para alguns, haverá aí um refúgio a protegê-los do mundo; para outros, pode ser nada mais que um «fosso das víboras», como os da antiguidade aonde se atiravam os loucos para procurar curá-los pelo choque.

Descritos, assim, em dois niveis—por um espírito às vezes lúcido, outras vezes confuso—os habitantes do cinzento meio-mundo do hospício parecem-nos misteriosos ou trágicos, mas antes, neste ou naquele ponto, profundamente humanos. Neste livro invulgar, encontramos inspirador exemplo de coragem moral.

Copyright 1946, por Mary Jane Ward. Editora Random House, Nova York. Preço: $2.50

O FOSSO DAS VÍBORAS

Virgínia não se lembrava de ter visto antes aquela moça loura sentada a seu lado no banco do parque. Não haviam sido apresentadas, mas a outra lhe falava como se fossem velhas conhecidas. Era bonita; seu cabelo claro e ondulado formava-lhe, na testa, anéis que lhe davam um ar infantil; e suas pestanas eram espessas. Poderia mesmo ser linda, não fora a palidez. E parecia pobre. Só uma moça pobre se sentaria num banco de parque com seu avental de cozinha.

Virginia Stuart Cunningham, jovem escritora vinda de uma cidade de gente bem comportada e inteligente, não era dada a conversas com desconhecidos, em lugares públicos. Lançou um olhar de desprezo ao seu próprio vestido. Logo este molambo! pensou, admirada. Onde é que eu estava com a cabeça, na hora de sair? Só uso este trapo quando faço trabalhos de casa.

—Virgínia, disse a moça do banco, —quando foi que você trabalhou em jornal?

—Eu nunca trabalhei em jornal, respondeu. —Colaborei em jornais algumas vezes.

A luz do sol era como um banho morno, quase quente, de ouro grosso. Anormal para aquela época do ano. Os olhos lhe pregavam peças; talvez o parque fosse conhecido, mas o sol tirava o brilho às cores e misturava as formas. Era como se tivesse esquecido de pôr os óculos. Levando as mãos aos olhos, verificou que de fato estava sem óculos.

Era uma imprudência sair sozinha sem óculos. Com aquela miopia progressiva, não via um palmo diante do nariz.

—Eu não entendo não, sabe? observou a moça ao lado. —Você é tão menina...

—Nem tanto, disse Virgínia. —Eu tenho... Quantos anos eu tenho? Em que ano estamos? Que mês? Afastou o cabelo da testa. Estando sem óculos, era como se o cérebro não funcionasse. Seus pensamentos pareciam tão misturados como a visão. Ao baixar as mãos, notou que tremiam. Estou com medo. Porque será? *Onde é que eu estou?*

Virgínia fechou os olhos. É o fato de não enxergar que me convence de que não estou pensando. Sem óculos, tudo fica com um aspecto diferente; quase sem aspecto... Procurou a bolsa; não podia ter saido sem ela. Agora era preciso esperar até que a outra parasse de falar; depois, pediria informações.

A moça estava tagarelando sobre as aulas de inglês no ginásio. Nota Dez. Tudo Dez. Na faculdade, tudo Dez. Emprego em jornal. Reporter, tinha tempo de escrever de fato, e sem emprego não havia dinheiro. —Não admira que eu esteja aquí, você não acha?

Essa frase dava arrepios! —Não perca a esperança, disse Virgínia.

—É muito melhor assim. Ao menos eu agora acredito que não é mal de família.

Essa sentença não tinha sentido algum. Realmente, não surpreendia que ela tivesse perdido o emprego. Ela parecia não ser... —Escute, disse Virgínia. Ia convidar a outra para jantar. Roberto é muito gentil com os mais prejudicados. —Você gostaria...?

Foi interrompida por nova voz. Era estridente, uma faca bem afiada, cortando os laços que a uniam ao sol. Sentiu-se

envolvida pelo medo, como se a embrulhassem em lençóis úmidos e frios.

—Vamos embora, meninas.

A moça saltou do banco e puxou Virgínia. —Vem depressa!

Dos outros bancos ergueram-se manchas que se juntaram para formar uma só, espalhada—um grupo de mulheres em algodão desbotado, formando, desajeitadamente, uma fila dupla.

—Onde é que a gente vai? Porque é que precisamos ficar aquí ao lado delas?

—Psiu! Falar é proibido, disse a moça.

Roberto vai achar graça quando eu lhe contar isso. Estávamos cercadas de mulheres esquisitas, contaria ela, e essa moça com quem eu falava insistia para que ficássemos em pé na fila. Era um jardim zoológico. A princípio não reparei na jaula, mas depois conseguí vê-la e sentí o cheiro dos bichos.

Abriu-se a porta da jaula e surgiu uma criatura azul-e-branca para recebê-las.

—Gostou do banho de sol, Virgínia? Azul-e-branco solidificou-se, transformando-se numa mulher corpulenta vestida de enfermeira.

—Gostei sim, obrigada, disse Virgínia. Como é que ela sabe meu nome? Que engraçado: me chamou Virgínia em vez de Mrs. Cunningham. Atrevida. Que nome eu dou a ela?

O grupo não permaneceu alí atoa. A enfermeira disse para entrar, meninas. Falava como se esperasse obediência. Embora parecesse respeitosa, não era gentil.

Dentro do prédio, a gente esperava encontrar jaulas; mas o que havia era uma sala grande com mobília de vime, o chão coberto de linóleo marron. O cheiro de jardim zoológico era inconfundivel. Qualquer pessoa reconheceria aquele cheiro úmido, fétido, de palha.

—Está sentindo falta dalguma coisa? perguntou a moça.

—Queria minha bolsa.

—Fique aquí. Quando eu for buscar a minha, trago a sua.

—Grace, espere sua vez, veio a voz de navalha, da enfermeira.

—É isso que eu estou fazendo, disse a moça. —Só estou vendo se acho a bolsa de Virgínia. Francamente, Miss Hart...

Dois nomes. A moça é Grace. A enfermeira é Miss Hart. Mais parece um antílope.

Grace entregou-lhe uma bolsa que Virgínia não esperava. Era a grande de toalete, que a mãe lhe dera. Enorme. Devo ficar com cara de tola, com esse trambolho na mão.

Abrindo o fecho ecler da bolsa, passou a procurar os óculos. Descobriu uma pilha de cartas. Mrs. Cunningham. Letra de Roberto. Para que me escrever, se estamos juntos todos os dias?

—Não fique olhando as cartas não, disse Grace. —Senão eles tomam, e não deixam ele escrever outra vez, porque você chora sempre que chega uma carta.

—Chorar com carta do Roberto? perguntou Virgínia, com frieza. Nosso endereço deve estar no envelope. Quando ela não estiver olhando peço que me expliquem como chegar lá.

—Então deixa... disse Grace, fazendo uma carícia em Virgínia. —Daquí a pouco eles transferem você. Não queria te dizer, mas eu vou ser transferida. Para a casa ao lado. Talvez depois eu saia de lá. Antes, eu pensei que eles fossem colocar você na Primeira Enfermaria, mas parece que não...

Nesse momento Virgínia se lembrou de onde estava. Era uma espécie de escola de aperfeiçoamento para moças desvalidas e delinquentes, e ela viera estudar a organização. Acho que estou escrevendo um romance de Importância Social. Tomara que Roberto me impeça. Fico entusias-

mada com uma coisa dessas, mas é sempre fogo de palha.

—Jantar, meninas, chiou a enfermeira.

—Daquí a pouco, disse Grace, —eu vou ter que cuidar de mim mesma lá fora, sem ter nem dinheiro para o jantar.

Dirigiram-se ao ponto onde as mulheres formavam fila.

—Meninas! disse Miss Hart. —Vamos acabar com essa empurração.

Acabaram com a empurração. Miss Hart destrancou a porta. Marcharam por um corredor, parando diante de uma porta guardada por outra enfermeira. Esta esperou até que houvesse um silêncio respeitoso. Só depois é que abriu a porta. Virgínia teve a sensação de estar prestes a entrar numa capela para ver os restos mortais de um grande santo.

A nova enfermeira, sem ser bonita, tinha uma expressão doce, muito melhor que Miss Antílope Hart.

—Não empurrem, meninas! pediu a de rosto suave, falando por um canto de sua boca bem pintada.

No refeitório havia quatro filas, cada uma com quatro mesas; em torno a cada mesa, havia seis cadeiras.

—Não! exclamou Grace, quando Virgínia se pôs a seguí-la. —Pelo amor de Deus, Virgínia, obedeça às regras. Você tem de ir para a sua mesa.

Obedecer às regras? Ir para a minha mesa? Virgínia encolheu os ombros. Grace precisava era de um psiquiatra, isso sim. Naquele momento, o melhor seria tratá-la como criança. Ah, uma cadeira vaga. Enquanto Virgínia parava, hesitante, diante da cadeira, uma mulher a empurrou grosseiramente. —Solta minha cadeira! gritou.

—Ah, desculpe. Não sabia que era sua.

Dirigiu-se a outro lugar, mas ouviu novo berro. —Miss Hart! Virgínia já foi para o outro lado novamente!

—Desculpe, disse Virgínia. —Não enxerguei... estou sem óculos.

—Ela sempre arranja uma desculpa, interrompeu a mulher. —Óculos!

Virgínia tomou a única cadeira que restava. Ninguem protestou. A moça à esquerda até sorriu. —Boas tardes! saudou.

—Boa tarde, respondeu Virgínia.

—Boa tarde, repetiu a outra. —O inferno é em baixo, e o céu é em cima.

—Ah, é? observou a que dissera que Virgínia arranjava desculpas. —É o que você pensa, minha filha. Eu é que sei!

—Doutora sabe-tudo, comentou a primeira, e repetiu: —Boa tarde, outra vez!

Miss Hart apareceu de novo, com a outra azul-e-branca, empurrando um carrinho com os pratos. Colocaram duas terrinas em cada mesa. Em uma delas havia uma espécie de cozido, e na outra mingau de beterrabas dentro dum molho gelatinoso e rígido. No momento em que puseram o cozido na mesa, a mulher à direita de Virgínia começou a retirar, da terrina, grandes pedaços de carne.

Afinal a terrina chegou a Virgínia. Sobravam ainda um pouquinho de molho, uma batata, duas fatias de cenoura e sete favas. Virgínia contou tudo, para que parecesse mais. Pelo gosto do molho, supôs que a carne fosse de carneiro.

—Calma, meninas, berrou Miss Hart.

Se a comida fosse melhor, melhoraria tambem nosso estado de espírito, mas com certeza não há verba. O que não custa dinheiro é Miss Hart gritar «*Meninas*» toda hora.

Encontrar um telefone para falar com Roberto. Sabe, meu bem, você tinha razão. Não quero mesmo escrever o livro não. Querido, você quer comprar um quilo de carne de vaca, no caminho?

Quando se abriu de novo a porta, marcharam pelo corredor até uma sala grande e bem iluminada. O chão era de ladrilhos, octogonais e pequeninos, bem juntos, limpos e branquinhos.

—Virgínia, pediu Grace, você quer me dar um cigarro? Tenho até vergonha de estar sempre pedindo, mas é que...

—Deixe de bobagem, protestou Virgínia, abrindo a bolsa. —Tenho cigarros, mas o que falta são os fósforos.

—É por isso que eu gosto de você, observou Grace. —Está sempre com uma piada qualquer...

As duas, mais algumas outras, se aproximaram de Miss Hart. Quando esta riscou um fósforo, as mulheres aproveitaram para acender seus cigarros. Cada uma tinha direito de fumar três cigarros, mas só havia um fósforo.

Agora Miss Hart estava empurrando algo que parecia um desses cabides coletivos de loja de vestidos. Daí pendiam vários sacos brancos. Parando de fumar, as meninas começaram a despir-se.

—Quarenta e três, murmurou Grace. —Não se esqueça. Não sei o que você vai fazer quando eu for embora. Você nunca se lembra de seu número!

Os cabides individuais eram numerados. Virgínia procurou o 43. O saco branco era uma enorme camisola de dormir, feita de uma fazenda que parecia lona. O decote era profundo e largo, e as mangas amplas.

A regra era pendurar a roupa no cabide e colocar o sapato sob o local marcado com o número 43. Havia quatro pias, e era necessário esperar em fila para escovar os dentes e lavar o rosto. Virgínia encontrou sabão na bolsa, e assim não teve que usar o de mau aspecto que havia ao lado da pia.

—Remédios, meninas, anunciou Miss Hart.

Caminhando pelo corredor, alcançaram a sala designada como escritório. À escrevaninha estava uma senhora com uniforme de enfermeira, servindo qualquer coisa em copinhos. A mulher que precedia Virgínia atirou o copo ao chão, mas a enfermeira, impassivel, encheu outro, dizendo: —Beba isto. E a mulher bebeu.

Virgínia tambem ingeriu o que lhe deram. Era peor do que esperava. —Que é isto? perguntou a Grace no corredor, daí a pouco. —Formol, disse Grace.

—Nossa Senhora! exclamou Virgínia. Se não estivesse tão cansada, iria até o banheiro e meteria o dedo na garganta.

Foi com Grace para um espécie de dormitório. Grace se instalou em um dos catres, e Virgínia escolheu outro ao lado. Ninguem a expulsou dalí; tratava-se, com certeza, do catre que lhe era mesmo designado. Pusera a bolsa sob a cama, mas agora inclinou-se e puxou-a para fora, tirando uma carta de Roberto.

—Grace! Há quanto tempo nós estamos aquí?

—Na Terceira Enfermaria?

—Não, aquí nesta casa.

—Eu entrei em janeiro. Você veio no dia primeiro de fevereiro.

Fevereiro? —Em que mês estamos?

—Agosto.

Sem mais nem menos. De fevereiro para agosto! Agora era inutil procurar iludir-se. Fora do dormitório, alguem estava gritando. Não havia porta no dormitório.

Aquí nos catres, nas camisolas numeradas, jaziam mulheres dementes, entre as quais estava ela.

MRS. ROBERT CUNNINGHAM. Juniper Hill Hospital. Tudo isso assim no envelope, não havia dúvida; e era a letra de Roberto. Bastava olhar; justamente aí é que estava o busilis; não queria olhar, de tanto pavor e vergonha.

Virgínia tentou pescar alguma coisa na memória, mas esta se achava envolta em gazes cinzentas e molhadas, que aderiam firmemente aos lugares que ela mais queria investigar. Era bem facil recordar o que acontecera *antes*.

No aniversário de nosso casamento, Roberto me deu a echarpe. 20 de janeiro. *Você veio em fevereiro*, dissera Grace. Eu estava com Roberto quando ele me deu aquele lindo presente, e fiz questão que ele me dissesse o preço.

Entregara-se a um regime de escrever oito horas por dia. Às vezes de noite, quando Roberto estava trabalhando. Procurava ajustar-se ao horário dele, mas não conseguia dormir de dia.

Tanto ela quanto Roberto se haviam metido em uma série de comitês, conhecendo muita gente interessante, dando reuniões em casa, indo a diversos lugares. Roberto garantia que o que gastavam era mais ou menos o que ele ganhava.

Passou meses sem dormir direito. Em alguns dias sentia-se tão exhausta que nem trabalhar podia; ficava sentada ou deitada, contemplando o espaço.

Roberto estava preocupado. Vivia a dizer que ela emagrecera demais, não comia que chegasse, e devia abandonar a literatura um pouco. Quanto à falta de sono, ela nada dissera ao marido.

Então veio, em fevereiro, aquela manhã em que acordei às cinco horas e comecei a trabalhar no meu novo livro. Quando o despertador tocou, pus o manuscrito de lado para que Roberto não percebesse que estava escrevendo.

Nesse instante eu sabia que era preciso dizer a ele; chegara a hora. Estava tonta, e precisei apoiar-me na cômoda. Expliquei: —Roberto, eu acho que estou com alguma coisa na cabeça.

Por mais que tentasse, não conseguia lembrar o que sucedera depois disso. Era impossivel imaginar; para isso precisaria de uma base, que lhe faltava. Na sua cidade natal costumavam falar do Jackson, mas ninguem parecia saber exatamente o que acontecera antes de o levarem. Diziam que ele perdera a razão, coitado, e fora necessário afastá-lo. A princípio julgavam que fosse melhorar, mas isso não se deu.

Virgínia lembrava-se de como ele era antes, tão simpático e ótimo estudante. Logo antes de o levarem, será que ele sentiu tambem alguma coisa na cabeça? Teria tido aquele aviso instantâneo? Talvez eu tivesse tido aviso; quem sabe se a falta de sono não era o aviso? Agora durmo. Dormiria mais, se não me acordassem ao amanhecer. Durmo, mas ainda estou com alguma coisa na cabeça.

—Bom dia, meninas.

Quem entrara no quarto? Procurou Roberto, mas a cama era estreita, e ela estava só. Alguem pronunciou seu nome e ela se recordou de que não estava em casa. Fevereiro a agosto.

—Que é? perguntou.

—Vamos, ande!

—Já vou. Sempre aquela ordem exigindo pressa, mas não se ia a parte alguma. Seguiu Grace pelo corredor, encontrou o cabide, e começou a vestir-se.

—Virgínia! Hoje você não vai tomar café não.

Então porque não me deixaram na cama? Voltou-se e viu outra enfermeira; não era Miss Hart, mas uma menor, com voz ressonante.

—Está bem, disse. Continuou a vestir-se.

A enfermeira, aproximando-se, segurou-a pelos ombros e a sacudiu. —Bote a roupa de novo no cabide. Você sabe muito bem que hoje é dia de choque.

Como se ela tivesse que ir a outro lugar para o tratamento de choque. Virgínia repôs o vestido no cabide e tornou a envergar a camisola grotesca.

—Não deixe de se concentrar, disse Grace. —Ela fica uma fera, quando a gente esquece. E no fim as esquecidas são prejudicadas.

No corredor a enfermeira entregou-a a outra de azul-e-branco. Foi conduzida a uma pequena sala e, ao entrar, percebeu que já recebera, antes, o tratamento de choque, e não lhe apetecia uma repetição da dose. O recinto tinha um cheiro parecido com o daquele velho batedor de ovos, elétrico, que ela possuia, e na parede via-se um olho de vidro vermelho escuro. —Eu acho que vou voltar lá para baixo, anunciou.

—Não vai coisa nenhuma. Entre aí, disse a enfermeira.

Havia uma mesa alta, parecendo as que se usam para operações, e ela sabia que seria preciso instalar-se aí. Assim fez, e outra enfermeira iniciou os preparativos.

—Então, Joaninha. Como vai minha Joaninha hoje?

Era o médico, usando casaco branco. Subitamente, lembrou-se dele. Tinha olhos azues e um nariz de gavião; um rosto magro e cabelo louro e ondeado.

—Como é, gostou do passeio no parque ontem? Ele falava com ligeiro sotaque, que Virgínia não conseguira identificar.

Já estive nesta sala muitas vezes. Existe um divã preto. O couro é bem esticado, fazendo covinhas. Eu me deitava aí enquanto ele, sentado atrás de mim em atitude de emboscada, fazia infinitas perguntas. Roberto disse que Carlos disse que o médico de nome esquisito era um dos melhores. No escritório havia uma plaquinha com o nome dele em letras douradas, quase todas consoantes. No fim o nome era mais ou menos este: dr. «Kik.»

Puseram um calço sob as costas dela, coisa extremamente incômoda. Forçava-a a uma posição pouco natural. Fitou o olho de vidro imbutido na parede e se recordou de que daí a pouco ele brilharia e ela não veria o brilho.

Agora a mulher estava colocando, sobre as têmporas de Virgínia, uma pasta fria, de mau cheiro, alem de tenazes em sua cabeça; depois surgiu outra que se inclinou sobre os seus pés. As mãos amarradas, as pernas bem seguras. Abriu a boca para protestar, mas a mulher a abafou com uma mordaça, dizendo: —Obrigada, meu bem.

Havia dias, lá fora, em que desejara ardentemente esvaziar por completo o espírito. Aquí, no hospital, alcançou esse desejo, aprendendo que ter o espírito vazio, sem estar dormindo, é algo de apavorante. Ficava sentada na sala grande (que chamavam «sala-de-estar»), de manhã cedo, e de repente era hora de dormir. Que ocorrera entre o amanhecer e a noite? Era incapaz de se lembrar de ter ido ao refeitório, embora soubesse que estivera lá tanto quanto duas vezes.

Estava sentada numa cadeira de vime, disposta a continuar naquela posição. Sentia-se sempre cansada. Mas Miss Hart dirigiu-se a ela. —Você gostaria de manejar o polidor, Virgínia?

Virgínia não tinha a menor vontade de usar o polidor. Tratava-se de um dispositivo de cabo comprido, com um peso em uma extremidade, envolto em pano de cobertor, cinzento. Servia para limpar o linóleo, e era preciso empurrar lentamente o tal polidor, tarefa essa considerada verdadeiro privilégio.

Toda vez que alguem a substituia nesse trabalho, Virgínia ficava satisfeita. Mas Miss Hart parecia fazer questão de que Virgínia tivesse direitos exclusivos sobre

o polidor. Se alguma outra doente lho tomasse, a enfermeira exclamaria: —Entregue o polidor a Virgínia! e recomeçava a exhaustiva limpeza.

Eles prometeram há dias que me devolveriam os óculos. —Será que vão me dar os óculos logo? perguntou a Miss Hart.

Esta, com fala grosseira, disse-lhe que fosse até o escritório, e aí lhe deram os óculos.

Dantes ela considerava grave inconveniente a semi-cegueira. Neste hospital, era uma benção. Aquela sala de estar era tão feia! Em comparação com as meninas, porem, a sala era linda.

Tomavam banho duas vezes por semana. Era preciso fazer fila diante dos chuveiros. Havia apenas dois para cada grupo de 40 ou 50 mulheres e, para apressar, elas tinham ordem de ensaboar-se antes de chegar ao chuveiro propriamente dito. Molhava-se o sabonete apenas para enxaguar o corpo. Nem sempre era possivel enxaguar-se inteiramente, antes da enfermeira chamar para sair. Virgínia ainda não conseguira banho individual nem uma vez. Aliás, quase sempre havia mais de uma mulher no chuveiro com ela.

Uma vez por semana, havia a noite do pente-fino. Sentadas aos pés de Miss Hart, esta lhes passava um pente fino no cabelo. Ao lado dela, num tamborete, ficava uma tijela contendo certo fluido ralo, que, com otimismo, seria um desinfetante forte. A enfermeira mergulhava o pente no líquido, e usava o mesmo para todas as cabeleiras.

NO DIA seguinte, ao meio-dia, correu o boato de que se realizaria uma sessão de cinema para as doentes. Nem todas seriam convidadas, mas Virgínia constava da lista. Umas quinze, mais ou menos, receberiam doses de paraldeido e iriam para a cama.

As que iam ao cinema para aí se dirigiram. Era um quase-crepúsculo muito agradavel. O sol se aproximava do horizonte, e as colinas distantes, naquela luz de ouro vermelho, mostravam-se lindas. O teatro era uma vasta sala num prédio situado no terreno do próprio hospital. Havia filas e filas de cadeiras desmontaveis, e algumas enfermeiras, em pontos intervalados, a dirigir o tráfego. Uma vez sentadas todas as mulheres, só metade das cadeiras fora ocupada. Depois vieram os homens.

Virgínia não pensara na possibilidade de haver, naquele hospital, pacientes do sexo masculino. E eles chegavam, em longas filas, arrastando os pés, comovendo-a. Talvez tivesse mais pena deles do que das mulheres, porque os homens não apresentavam aspecto tão desagradavel. É preciso a gente se lembrar disso ao lamentar, nos homens, a monotonia de suas roupas. Quando perdem a razão, não parecem tão aniquilados como as mulheres. Davam a impressão de ser homens comuns, não se diria desempenados, mas pelo menos capazes de andar pela rua sem chamar atenção. Quanto às mulheres, seria impossivel confundirem-se na multidão, sem chapéus para pôr e tirar, cabelos bem penteados para arrumar, lencinhos para abanar...

Apagadas as luzes, começou a projeção do filme. Virgínia nem lhe prestou atenção. Provavelmente era comédia, pois a platéia dava frequentes risadas, aplaudindo de vez em quando. Na tela, viu caras que lhe pareceram conhecidas, mas não lhe ocorriam os nomes dos atores. Isso, aliás, não é anormalidade minha, pois sempre fui incapaz de me lembrar dessas coisas.

Era um filme curto. Acenderam-se as luzes e as enfermeiras começaram a conduzir os doentes para fora da sala. Os homens permaneceram sentados, enquanto as mulheres saiam em fila.

O sol se pusera; já era noite. Virgínia inspirou profundamente. Olhando para alem dos edifícios, viu que o céu estava estrelado.

As estrelas brilhavam pela primeira vez desde fevereiro. Posso passar dias, até meses, sem sequer pensar nas estrelas. Lá estão elas, em noites claras; às vezes reparo e vejo por exemplo a Grande Ursa, ou procuro as Plêiades; mas é raro pensar nelas. Sempre estão lá no céu, visiveis.

Visiveis, até o momento em que a gente adoece e é levada à reclusão, como se tivesse cometido um crime. Proibem-me a noite. Dão-me remédios e me põem na cama antes do escurecer. No entanto, inadvertidamente, ao me levarem a ver um filme, haviam-me dado tambem a oportunidade de espiar as estrelas. Durante uns dez minutos, caminhara sob o céu salpicado de estrelas.

OBSERVANDO que Miss Hart se aproximava, Virgínia tomou o polidor das mãos de Gladys. Esta era uma das que viviam tentando usar o aparelho. —Gladys, fique você com o polidor, disse Miss Hart. —Virgínia, você se esqueceu de que dia é hoje?

Claro que esquecera. Não tinha a menor idéia do dia da semana ou do mês, nem mesmo do ano.

Miss Hart levou Virgínia pela mão. —É hora da gente se aprontar. Depois, eu sou capaz de não ter tempo.

A enfermeira levou-a por uma porta que não vira antes, dando para uma saleta cujas paredes eram cobertas de vestidos e armários.

—Que é que você quer usar hoje? perguntou Miss Hart.

Virgínia olhou, espantada, os cabides, reconhecendo muitos de seus vestidos. Não podiam ser realmente os dela; com certeza o hospital mandara fazer duplicatas, para iludí-la.

—Hoje está fazendo menos calor, acrescentou a enfermeira, com ar misterioso. —Que acha do costume cinzento?

—Está apertado, disse Virgínia. —Foi uma amiga que me deu, e ela é muito menor que eu.

Miss Hart retirara o costume do cabide. Como sucede no mundo real, a pessoa que oferece uma alternativa já fizera, *a priori*, a escolha. Virgínia despiu-se e a enfermeira a ajudou a vestir a saia, fechando o ecler de uma vez só. Que força tinha ela!

—Pronto, declarou Miss Hart. —Agora me dê seu pente. E o ruge, onde está? Passou o ruge nas faces de Virgínia. —Está linda!

Na sala de estar, Virgínia se lembrou de que a nova elegância significava a chamada Terapêutica de Indumentária. Hoje é meu dia. Seria até divertido, se me dessem um aperitivo antes. Um aperitivo de paraldeido. Coquetel de Hospital. E diga uma coisa, enfermeira: cadê a azeitona?

Dirigindo-se a uma das janelas, olhou o panorama. A vista, daquele lado, era agradavel, tão agradavel que imaginou ver Roberto lá em baixo, na calçada. Convem olhar de outra janela, senão começo a imaginar uma porção de coisas...

—Virgínia, chamou Miss Hart. —Ele está aquí.

—Ah, está? Foi até a enfermeira, que abriu a porta, e lá dentro estava Roberto.

Claro que não era Roberto, mas eles haviam conseguido uma semelhança espantosa.

—Como vai? perguntou o homem.

—Como vai? respondeu.

—Vão indo, vocês dois, disse Miss Hart. —Agora, não vá comer demais,

senão perde o apetite para o jantar. Seu Roberto, não deixe que ela se empanturre!

—Não há perigo. A voz era de Roberto.

—Ah, você está com os óculos. Ótimo, disse ele.

Levou-a a um canto, e sentaram-se num sofá.

—Falei com o dr. Kik agora mesmo, começou ele.

—Falou?

—É, e ele disse que você está muito melhor.

—Disse mesmo?

—Sim senhora. E que breve você estará boa. Não me diga que almoçou bem, porque eu trouxe umas coisas gostosas.

A cesta tinha lindo aspecto. Ela não pôde ocultar seu interesse; de resto, que mal podia haver em conversar com aquele homem? —Que é que tem aí dentro?

—Você vai ver. Quer ir agora? Não está um pouco fraca?

—Quero, sim, naturalmente.

—Ainda bem que você está de costume, porque o dia esfriou um pouco.

—O costume não é meu não, explicou.

—Mas assenta muito melhor em você do que na Alice, retorquiu ele.

Com que cuidado o haviam preparado!

—Muito obrigada, disse. —Eles espicharam um pouco a saia. Está grande demais para mim.

—Será...? perguntou ele, pigarreando. —Bem, em todo caso, vamos indo. Agora os dias estão mais curtos e depois das três horas o sol dá mais luz que calor. Ele parecia ter qualquer coisa na garganta. Tossiu.

—Ah! disse ela. Quem sabe se era Roberto mesmo? Se fosse outro, fingindo de Roberto, seria incapaz de pigarrear só porque o costume estava grande. Não entendia porque Roberto se emocionava tanto só por causa duma saia grande; mas, de um modo ou outro, ela já não acreditava que se tratasse de um impostor. Ele tinha segurado sua mão, como sempre fazia, com os dedos entrelaçados.

—Você é Roberto mesmo? perguntou. —Eu preciso ter certeza, compreende?

Ele apertou-lhe os dedos até machucá-los. Era estranho que não respondesse à pergunta, e mais estranho ainda que, com esse silêncio, as últimas dúvidas dela se dissipassem.

—Não faça caso de mim, disse ela. —Eu às vezes digo coisas sem sentido.

—Todo o mundo é assim... Ele a conduzira a um parquezinho donde não se viam as dependências do hospital, graças a uma cerca viva, que o outono tingira de amarelo e vermelho. Havia três pequenas instalações de tijolo, para churrascos, e alguns bancos. Roberto espalhou um cobertor no chão e, abrindo a cesta, daí extraiu um belo frango assado.

—Tomate, disse ele. —Cheio de vitaminas. Torta de maçã e uma garrafa termos com café. Desta vez eu me lembrei do sal.

Foi um banquete. Parecia os bons tempos de outrora. Mas nos piqueniques de antigamente, nunca levávamos frango assado de confeitaria. —Você não devia ter gasto tanto dinheiro, Roberto.

—Se eu tenho, é para gastar.

—Quanto é que você paga para eu ficar aqui?

—É conforme o salário de cada um... Mas não se preocupe.

—Preocupar? Mas eu nem penso direito... Que é que há comigo? É tumor no cérebro?

—Que tumor, que nada! exclamou ele. —Que idéia! Como é que você foi pensar nisso?

—Sei lá. Pensei, só.

—Você teve um abalo nervoso, explicou.

—Isso não é coisa grave não, é?

—Não. É só questão de tempo. Precisamos ter muita paciência, meu bem. Você... você fica vegetando uns tempos, descansando bastante...

Lembrando-se das horas laboriosas que passara empurrando e puxando o polidor, ela baixou os olhos e examinou a franja do cobertor. Terapêutica ocupacional... Alem disso, o hospital assim não precisava de mais um empregado. —Você já esteve na nossa sala de estar?

—Não, respondeu. —Lá não entram as visitas. Porque?

Ela sorriu. —Nada, não. Só estava perguntando.

EU IMAGINEI O piquenique com ele? Lembro-me claramente, mas às vezes me lembro, com clareza tambem, de um simples sonho. Lembro-me do que comemos, e sei que foi divertido. Lembro-me dele me envolvendo no cobertor, segurando minha mão... Mas não tenho mais certeza de nada.

Talvez eu não esteja, afinal de contas, no hospital; talvez esteja em casa, na cama, tendo um longuíssimo pesadelo. Será que a gente pode sonhar com o gosto do paraldeido?

Seria no dia seguinte ou no outro, ou mesmo na próxima semana; pode ser, até, que tivesse havido mais um piquenique com Roberto, nesse intervalo. Ela nunca sabia, depois, com segurança. Mas houve um dia que foi especial.

—Bom dia, Virgínia, disse Miss Hart. —Hoje vai ser feriado para você. É dia de transferência para a Primeira Enfermaria.

Virgínia pôs-se a tremer. —Meu marido sabe? Ele será capaz de me encontrar?

—Claro que sim. O dr. Kik disse a ele. Estamos todos satisfeitos por sua causa, Virgínia.

—Então é uma espécie de promoção?

—Isso mesmo! É muito raro a gente mandar alguem para a Primeira Enfermaria sem passar pela Segunda. Mas o dr. Kik deu ordem.

—Mas eu não estou preparada... disse Virgínia. —Para casa, sim; mas para a Primeira Enfermaria, não.

—Que bobagem! Garanto que você ouviu suas companheiras falando alguma asneira.

—Ouví, sim. Não me lembro do que elas disseram, mas sei que a Primeira Enfermaria é horrivel.

—Ora, você não deve prestar atenção ao que elas dizem. São todas doentes. Quase todas vão para casa depois da Primeira Enfermaria. Isso nem se discute. Miss Hart usava a voz altissonante e firme de quem fala sem muita certeza.

—Ainda bem, disse Virgínia.

—Faça tudo que Miss Davis disser. Não procure pensar. Basta fazer. Vai ver como se dá bem.

Logo que ouviu aquele nome, Virgínia se recordou do que tornava tão desagradavel a Primeira Enfermaria. —Miss Davis é a enfermeira-chefe?

—Ora se é... murmurou Miss Hart. E, com voz mais alta: —Uma das melhores enfermeiras do país, se não for a melhor.

Virgínia e uma enfermeira-estudante, muito jovem, vestida com listas azues e brancas, desceram o corredor rumo a uma porta onde se via escrito, em letras negras: Primeira Enfermaria. No escritório estava uma enfermeira toda de branco, bela mulher de seus trinta anos, sentada à mesa de trabalho. Reparando na estudante, franziu os sobrolhos, como se lhe repugnasse ver estudantes; notando a presença de Virgínia, fez uma careta. —Virgínia Cunningham, da Terceira?

—É ela mesma, Miss Davis, respondeu a estudante.

Miss Davis ergueu a cabeça e bradou: —Miss Gold!

Ouviu-se uma enfermeira que se aproximava rapidamente. Esse era um dos poucos pontos em que Juniper Hill se assemelhava a outros hospitais: enfermeira chegando fazia sempre o mesmo ruido...

—Miss Gold, disse Miss Davis à enfermeira que acabara de entrar, —esta é a doente do dr. Kik.

Virgínia contemplou Miss Gold e depois voltou o olhar em direção à estudante, que lhe pareceu apavorada.

—Leve esta moça para o quarto dela, Miss Gold. É só isso. Espere no seu quarto, que eu vou até lá, acrescentou, dirigindo-se a Virgínia. Depois, à estudante, disse: —Você está esperando alguma coisa?

—Eu? Não, senhora. A senhora ainda precisa de mim?

—Volte às suas obrigações, sim? retrucou com rispidez.

Desajeitadamente, Virgínia e a estudante atravessaram juntas o umbral da porta.

—Aquí é o seu quarto, explicou Miss Gold. Não havia linóleo no chão, e o piso era de cimento, dando a sensação de areia sob os pés. Havia um catre e uma mesa. O catre era como os da Terceira Enfermaria, de ferro, mas preparado com correção verdadeiramente aritmética. O cobertor cinzento, que servia de colcha, estava liso, isento de quaisquer rugas ou protuberâncias.

—Espera aquí que Miss Davis já vem, ouviu?

—Posso sentar na cama?

—Acho melhor não sentar, disse Miss Gold. —Mas pode descansar a bolsa na mesa.

Quando Miss Gold saiu, Virgínia foi até a janela e examinou o panorama. A vários metros da janela havia um muro de tijolos vermelhos, sem solução de continuidade.

Passados alguns minutos, sentou-se no chão; e acabou deitando-se. Ao despertar, viu que Miss Davis se achava, de pé, perto da porta, dizendo-lhe que se erguesse. —Aquí na Primeira Enfermaria, esclareceu Miss Davis, ninguem deita no chão.

—Eu tive medo de amarrotar a cama... disse Virgínia.

—Todo dia, depois do almoço, há um período de descanso. Aquí na Primeira Enfermaria há umas regras bem diferentes das que você conhece. Arrumamos nossos quartos e fazemos nossas camas, nós mesmas.

Virgínia olhou a cama e suspirou.

— . . . e mantemos tudo em ordem. Você coopere conosco, ouviu?

—Eu sou incapaz de fazer uma cama tão bem assim.

Miss Davis ergueu as sobrancelhas. —Você verá que as moças da Primeira são todas sérias e se ajudam umas às outras. Agora vou levá-la à sala de estar. Pode deixar a bolsa aquí mesmo. Aquí na Primeira, ninguem furta nada.

—Há umas coisas de que posso precisar, disse Virgínia pegando a bolsa. A princípio chegou a temer que a enfermeira não lhe permitisse levá-la.

Ela não tem direito de me tratar dessa maneira, e não preciso ter medo.

Evidentemente Miss Davis sentiu cheiro de revolta. —As moças que estão dispostas a cooperar se sentem muito à vontade na Primeira, disse.

—Eu vou fazer o possivel, sorriu Virgínia.

O sorriso foi um erro. Logo a expressão da enfermeira azedou. Quem visse Miss Davis na rua, por exemplo, teria forçosamente a impressão de que era uma pessoa

anormal. Havia em seus olhos algo que se vê com prazer nos olhos de um gato.

Na Primeira, a alimentação parecia pelo menos comida de verdade. Havia carne que exigia faca, e facas para cortá-la. Havia salada. Os pratos não eram de metal, e quem quisesse podia tomar café sem leite. Quatro das mulheres conversavam animadamente.

—Desculpem a interrupção, disse Virgínia quando houve uma pausa—mas as senhoras conheceram por acaso uma moça chamada Grace? Era bem bonitinha, e tinha sido jornalista.

—Grace? indagou uma delas. —Não me lembro de Grace nenhuma.

—Só se foi Grace Jenks... sugeriu outra.

—Mas ela disse «bonitinha».

—Ah, é verdade.

—Alem disso, Grace Jenks não era jornalista. Todas riram.

—Quem era Grace Jenks então?

—Minha filha! Você quer saber mesmo?

Até parecia reunião das granfinas de sua cidade natal...

Mas a Primeira Enfermaria tinha regras mais rigorosas que quaisquer outras que Virgínia jamais vira. Miss Davis fazia questão de demonstrar que, em sua opinião, o dr. Kik errara ao enviar Virgínia para essa enfermaria. Parecia ansiosa por provar que o médico era um néscio. Naturalmente, Virgínia sofria de alguma mania de perseguição. Mas estava convencida de que Miss Davis se esforçava por tornar confusa toda aquela história dos espanadores secos e molhados.

Certa manhã, Virgínia foi incumbida de uma tarefa relacionada com espanadores molhados e secos e uma série de baldes incrivelmente pesados. Era proibido empurrá-los, e quase impossivel erguê-los. E ela recebera ordens de lavar o chão com o espanador molhado e dar o toque final com o seco. Toda vez que Miss Davis se aproximava, era para dizer que Virgínia usava, no momento, o espanador errado. Miss Davis afirmava, de mais a mais, que os espanadores eram inconfundiveis.

Virgínia empurrava os baldes, e Miss Davis acusava-a de estar estragando o linóleo. Virgínia perguntou se fora assim que seu quarto perdera o linóleo, e Miss Davis disse que não era de sua conta.

DAÍ A UMA semana mais ou menos, Miss Davis trouxe uma máquina de escrever para o quarto de Virgínia, dizendo: —Seu médico diz que você pode escrever uma hora por dia.

—Então eu preciso de uma cadeira, retorquiu Virgínia. —E papel tambem.

—Eu sei perfeitamente o que é necessário. Você só pode usar a máquina na hora de descanso. Com certeza vai fazer um barulho infernal.

—Não quero incomodar ninguem, não. Não faço questão de escrever.

—O dr. Kik acha que é bom para você. É favor não discutir.

Assim foi que Virgínia passou a escrever. Mas era dificil lembrar-se de assuntos... Se parasse mais de um minuto, Miss Davis chegava à porta para verificar qual era a causa do silêncio.

Uma tarde Miss Davis perguntou-lhe o que escrevia.

—É um livro.

—Que espécie de livro?

—Um romance.

—Ah. Você já tem obras publicadas, não é verdade?

—É... Uns dois romances.

—Admira que você não escreva coisa séria.

—Há muita gente que acredita que romance pode ser coisa séria...

—Ora, o mundo exige trabalho. Para que histórias? comentou Miss Davis. —Para ficar boa depressa, você precisa encarar a realidade. Vejo que não escreve com os dez dedos.

—Não. Mas mesmo assim consigo escrever bem depressa.

—Mas seu sistema peca pela ineficiência... Você devia esquecer, Virgínia, que já publicou livros, sabe? Afinal de contas, não é uma coisa tão extraordinária assim. Você não é melhor que as outras moças, só por ter escrito dois romances...

Virgínia ergueu-se. —Escute aquí, Miss Davis, disse ela. —Eu alguma vez já tentei ensinar a sra. a ser enfermeira?

Esta sorriu; conseguira tirar sangue... Voltou-se e saiu pelo corredor, a saia frufruando, com ar de segura competência.

De certo modo, fizera um elogio a Virgínia. Uma enfermeira normal não se permitiria falar daquela maneira a uma pessoa doente. Não é que ela me deteste pessoalmente; há-de ser qualquer coisa entre ela e o dr. Kik. Tenho que sair da Primeira. Não aguento mais esses aborrecimentos, e dela não posso esperar outra coisa.

Lembrou-se de Jackson. *A princípio pensamos que ele fosse melhorar—mas depois peorou...*

JACKSON, diga uma coisa, alguma vez você viu, como se fosse no fim de um corredor comprido, a luz vinda de fora? Alguma vez você sentiu que estava equilibrado precariamente e que um simples empurrão, deste ou daquele lado, determinaria a sorte de sua vida? E nesse instante de oscilação, Jackson, você teve pela sua frente uma Miss Davis, a lançá-lo de novo à escuridão com sua risota, seu desprezo, sua frieza?

A delicadeza da sanidade, quando exposta, aberta e vulneravel, aos especialistas... O tecido estremece como se pairasse sobre ele uma faca, e a vítima, anestesiada apenas em parte, vê a luz do restabelecimento e a sombra da morte que se chama vida, a vida feliz, a longa vida feliz do idiota.

—Roberto, disse. —Roberto Cunningham. Assim rezava pelo menos uma mulher...

Quando Roberto veio, não lhe falou de seus problemas; tinha vergonha de dizer que era incapaz de distinguir entre um espanador molhado e outro seco. Ele falou sobre os planos que tinha para ambos, quando ela saisse do hospital. Afirmou que não tardaria. Citou o dr. Kik.

Ao ser chamada à porta da Enfermaria, Roberto lá estava, conversando com a enfermeira-chefe. —Quem era essa megera? perguntou quando se sentaram juntos os dois, na sala de visitas.

—É Miss Davis. Eu a acho bonita, você não acha?

—Bonita? Em absoluto! exclamou Roberto. —Ela me parece ruinzinha. Não me agrada.

Quando terminou o tempo da visita, Miss Davis aproximou-se da porta, chamando Virgínia. Sua voz dava a entender que Virgínia procedera mal.

Roberto levantou-se e dirigiu-se a ela. —A sra. chamou minha mulher? perguntou.

Aquilo não fora nada; apesar disso, porem, Virgínia teve a impressão de que, desse dia em diante, suas relações com Miss Davis foram de mal a peor. Parecia pouco provavel que pudesse sair da Primeira Enfermaria, a menos que fosse pela porta dos fundos. Por isso começou a fazer planos e tramas.

Disse a Miss Gold que estava sentindo uma dor do lado direito. Já tivera apendicite, e sabia, portanto, o local exato para onde apontar. Miss Gold alarmou-se imediatamente, e daí a poucos minutos Virgínia estava no consultório do dr. Kik.

—Então, Joaninha. Resolveu ter outro apêndice?

—Eu precisava falar com o sr., e inventei essa desculpa. Doutor, eu não posso ficar na Primeira Enfermaria.

O médico ergueu as sobrancelhas. —Não pode?

—Não sou capaz. Confundo até os espanadores.

—Mas você não está escrevendo?

—Estou, a máquina. Ela vem perguntar o que é que há, toda vez que eu paro. É verdade, não é, que a gente pode ir para casa, estando na Primeira?

—É, sim. Você não se considera ainda pronta para a Primeira?

—Não. Não estou ainda suficientemente bem.

—Pois sim. Vamos tomar providências.

Ela levantou-se. —Muito obrigado.

E ele sorriu. —A dor do lado já desapareceu, não foi?

—Foi, disse ela rindo.

SEGUNDA ENFERMARIA. Parecia a Terceira e a Primeira. Sentada à mesa estava uma pequena enfermeira grisalha. De um salto, ergueu-se ao ver Virgínia e Miss Gold. —Você aquí? exclamou, dirigindo-se a esta última. —Que houve? Foi despedida?

Miss Gold riu, dizendo: —Deixe de brincadeira! Mrs. Fledderson, esta aquí é Mrs. Cunningham.

Virgínia fez como se lhe fosse entregar a bolsa, mas percebeu que a mão de Mrs. Fledderson, estendida para ela, significava outra coisa.

—Seja benvinda, Mrs. Cunningham. O dr. Kik me falou a seu respeito.

Miss Gold afastou-se, e Mrs. Fledderson levou Virgínia à sala de estar, explicando: —Não é uma sala granfina como a da Primeira, mas a gente se arranja assim mesmo. Ninguem quer ficar neste hospital. Até eu gostaria de cair fora. Mas é preciso estar por aquí algum tempo, e é melhor aproveitar o melhor possivel, descansar, viver mais ou menos. O dr. Kik me contou que você é escritora.

—Pois é. Mas aquí eu prefiro não escrever.

—Como queira. Aliás aquí seria dificil mesmo.

Na Segunda Enfermaria, as «meninas» não tinham a boa aparência e a viveza das que vira na Primeira; pareciam porem mais repousadas. De manhã havia sempre uma algazarra com a arrumação das camas e a limpeza, mas afinal era até divertido. Umas auxiliavam as outras. A enfermaria de Mrs. Fledderson não tinha a impecavel ordem que se observara na de Miss Davis. A triste verdade é que, em qualquer lugar, as mulheres gostavam de aproveitar...

—Atenção, pessoal, diria por exemplo a enfermeira-chefe. —Hoje eu quero uma limpezinha mais caprichada, porque vem aí um dos chefões, e não quero perder meu emprego.

Naquela manhã o «pessoal» redobraria de cuidados no varrer e no espanar, e no dia seguinte Mrs. Fledderson traria uma lata de biscoitos.

Quando Roberto veio, foi apresentado a Mrs. Fledderson e se conformou com a mudança. O dr. Kik lhe explicara tudo. A Virgínia, ele disse: —O médico achou esplêndida a sua desculpa.

—Eu precisava encontrar alguma coisa para dizer...

—Ele me garante que você está quase boa. Daquí a pouco levam você à Conferência.

—Que negócio é esse?

—É um grupo de médicos. Eles falam

um pouco com você antes de te darem alta.

—Deve ser horrivel!

—Não! É só rotina, afirmou Roberto. —O dr. Kik vai tambem. Promete que não tem medo?

Virgínia sorriu. Ultimamente tinha que usar aquele sorriso muitas vezes.

—Mrs. Fledderson me deu licença de levar você para tomar um refresco.

—Mas eu estou sem casaco, disse Virgínia. —Você não disse que está fazendo frio?

Mas eis que surge Mrs. Fledderson com o casaco e o chapéu verdes.

—Você fica um brinco com essa toalete! exclamou ela.

—Está frio mesmo! observou, ao sairem. —Já estamos no inverno, então?

—Você devia ter posto a echarpe, disse Roberto, aborrecido. —Da próxima vez eu trago.

—Não. É bonita demais para trazer aquí. Podia estragar...

—Mas na hora de ir embora, você vai precisar de echarpe.

—Então faça o seguinte: no dia em que eles me derem alta, você traz a echarpe. É um sinal...

—Ótimo. Será breve, você vai ver. O Kik disse hoje que brevemente você irá à conferência.

—Será que eu posso fingir? A ação reflexa quanto tempo dura?

O que diziam sobre a Conferência não era tranquilizador. Todas tinham medo da Conferência; muitas haviam passado por ela, e tremiam só de lembrar. À medida que os dias iam passando ela ia vivendo num nevoeiro cada vez mais denso, e a Conferência se aproximava.

Mrs. Fledderson reuniu as candidatas e deu-lhes uma despedida bem-humorada. —Vocês são minhas estudantes de honra. Olhem lá, hein? São meu primeiro time... Em seu rosto um músculo estremeceu, e aquele sorriso mais parecia um esgar de moribundo.

Uma enfermeira-assistente levou-as pelo corredor até uma saleta, onde se sentaram, em fila, sobre cadeiras desmontaveis. Afinal a enfermeira chamou um nome. Ouviu-se um soluço abafado, e uma delas, erguendo-se, saiu. Daí a longos minutos voltou, dizendo: —Eles não dizem nada à gente... Ficam só escrevendo. Não sei de nada!

—Calma, calma, disse a enfermeira. —Assim você acaba impressionando as companheiras.

Chamaram Virgínia afinal. Levantou-se. Pusera os óculos, mas não via bem. Tropeçou, seguindo a enfermeira, que a conduziu a uma sala onde estavam sentadas seis ou oito pessoas, em frente a uma cadeira vazia. Procurou o dr. Kik, mas não o viu. Alguem a convidou a sentar-se.

—Sim, senhora, Mrs. Cunningham, disse uma voz um pouco perturbadora. —Vamos só fazer-lhe umas perguntinhas. Não era o dr. Kik. Era um homem pequeno e gordo, com voz áspera.

Perguntou como se chamava ela. Segurava um papel, e ela sabia que seu nome estava escrito alí. —Virgínia Stuart Cunningham, disse.

Sua visão clareou um pouco, e pôde ver que todos, naquele pequeno grupo, tinham lapis e papel. Quando ela falava, usavam seus lapis. O dr. Kik, porem, não estava lá.

O homem perguntou-lhe onde nascera e quando. —Onde vivia quando adoeceu?

—Em Nova York, respondeu.

—Em Nova York onde?

—Na própria cidade de Nova York.

—Sim, mas em que parte?

—Na ilha de Manhattan.

—Diga, Mrs. Cunningham: qual era seu endereço?

—Me esquecí, disse. —Moramos na rua Waverly, depois na Nona e na Décima, e houve tambem uma chamada Christopher, se não me engano.

—Seu marido ainda mora no mesmo apartamento?

—É claro que sim.

—Tem certeza?

—Não, mas ele teria dito alguma coisa, se tivesse mudado.

A pequena platéia escrevia nos seus papéis.

—Quantas vezes o seu marido vem vê-la?

—Sempre que o regulamento permite.

—E quantas vezes o regulamento permite?

Olhou-o, surpreendida. —Mas o sr. não sabe?

A platéia fez qualquer ruido, e o homenzinho se irritou, porque fora ela, e não ele, quem provocara o riso. —Eu conheço o regulamento, sim senhora. Só quero verificar se a sra. sabe.

—Não sei porque. O sr. seria capaz de mudar o regulamento?

—Quer fazer o favor de responder às perguntas?

—Meu marido tem licença de vir uma vez por quinzena.

—Qual é a profissão dele?

—Contador.

—Contador, não é?

—É.

—Continue!

Porque é que o sr. não fala com clareza, seu velho tolo?

—Continue o que?

—Fale do trabalho de seu marido.

—Não posso. Não entendo nada do assunto.

O homenzinho enrubescia. —Onde é que ele trabalha?

—Na companhia de Hotéis Alden.

—Hotéis Alden? Tem certeza?

—Claro! respondeu ela. —Talvez o sr. não conheça, porque são hotéis pequenos.

—A sra. quer fazer o obséquio de examinar isto? Estendeu-lhe um pedaço de papel e apontou para uma linha escrita com a letra de Roberto. —Que é que a sra. está vendo?

—Está escrito que ele trabalha nos Hotéis Kraft, Sociedade Anônima.

—E a sra. continua afirmando que é nos Hotéis Alden?

—Não, ora essa. Se ele diz que é Kraft, então é porque é Kraft mesmo. Evidentemente eu me enganei. Sinto muito.

Ela sabia que não se enganara. De uma maneira ou de outra, eles haviam conseguido que Roberto escrevesse outro nome qualquer. Sentiu-se mal disposta. Pensou que fosse desmaiar. O homúnculo agitava um dedo diante de seu nariz.

—Ouví dizer que a sra. ficou aborrecida com a falta dos óculos, disse ele.

—Sou muito míope.

—Ah, é?

Isso com certeza significava que ela devia prosseguir. Disse então: —Menos cinco vírgula sete cinco menos vírgula 25... cinco. Isso mesmo. Menos cinco...

—Que é que a sra. está dizendo?

—Pensei que o sr. quisesse a receita de meus óculos.

Uma das mulheres da platéia fez um sinal para o homem sentado a seu lado. A sessão podia estar indo bem para a platéia, mas ia pessimamente tanto para a doente como para o examinador. Este tinha no rosto um matiz quase roxo, agora.

—Mrs. Cunningham, disse, se a sra. adotar uma atitude menos hostil, terminaremos mais depressa. Voltando ao seu marido, que trabalha nos Hotéis Kraft, a sra. tem certeza de que ele mora atualmente no mesmo apartamento?

—Eu tinha certeza, respondeu. —Mas agora evidentemente o sr. está dando a entender que ele se mudou.

O homenzinho tornou a sacudir o dedo. E o fazia tão perto do nariz dela, que quase a tocou.

—Você conhece Mrs. Fledderson? perguntou Virgínia à mulher de pé junto dela.

—Conheço sim. Ela é da Segunda.

Virgínia relanceou o olhar pela sala de estar. Quem sabe se estava na Segunda? Mas não parecia a mesma. Viviam alterando o aspecto de todas as coisas naquele hospital, mas agora eram as mulheres que tinham fisionomia diferente.

Estive na Segunda. Eu e várias outras doentes saimos para a Conferência, mas aconteceu alguma coisa. Que aconteceu na Segunda? Na porta estava escrito *Quinta Enfermaria*. Quando Roberto viesse, seria obrigada a dizer-lhe que fora reprovada na Conferência.

Antes que ele viesse, sucedeu uma coisa bem estranha. Virgínia estava sentada na sala de estar, pensando em nada, quando surgiu um homem à sua frente. —Mrs. Cunningham, disse. Era um senhor gordo e de pequena estatura.

Não havia enfermeira alguma na sala de estar. As outras doentes estavam longe, na outra extremidade do recinto. —Hein? perguntou. Como teria ele fugido de seu alojamento?

—Mrs. Cunningham, disse o homem, porque foi que a sra. me mordeu?

—Eu? Mas eu... eu não mordí o sr. não!

—Mordeu sim.

—Para que eu havia de mordê-lo? O sr. é tão simpático... É preciso evitar que ele pense em violências. —Se emagrecesse um pouquinho... Pareceu a Virgínia que acertara referindo-se ao peso dele. Todas as pessoas gordas gostam de falar nos seus regimes alimentares.

O homenzinho examinou-a atentamente.

Acho que não devia ter dito aquilo. Ele é sensivel a esse respeito. —Não estou criticando, não, explicou. —Aliás, eu até gosto de gente mais gorda que magra. Mas dizem que quando a pessoa envelhece...

Afastando-se dela, dirigiu-se à outra extremidade da sala e começou a falar com um grupo das outras mulheres. Não tardou que viesse uma enfermeira para levá-lo dalí.

Os joelhos de Virgínia tremiam e suas mãos estavam cobertas de suor. Sobre esse incidente, não direi nada a Roberto. Coitado! Já tem tantas preocupações, e não vou aborrecê-lo com essa história de loucos perigosos soltos no pavilhão das mulheres.

Mas no dia em que Roberto veio, estavam caminhando para um café, quando ela novamente viu o homúnculo gordo, andando em direção a eles. —Ih, Roberto! exclamou ela. Não houve tempo para aviso mais claro.

—Boa tarde, doutor, cumprimentou Roberto.

O homenzinho resmungou e passou pelo casal como se estivesse com muita pressa.

—Doutor? perguntou Virgínia. —Mas eu pensei que ele fosse um dos doentes!

—Ele é chefe do serviço de Recepção no pavilhão feminino. Chama-se Curtis.

—Bem, talvez seja médico; mas é um sujeito muito esquisito. Imagine que ele entrou ontem na enfermaria e me perguntou porque eu o tinha mordido. Não é o cúmulo? Com certeza é uma espécie de contágio... Eles vivem cercados de gente doente.

—O Kik consertou a coisa um pouco, disse Roberto. —Ele me disse que não é por isso que você precisa ficar mais uns tempos. Mas olhe aquí, meu bem, convem tratar o Curtis com delicadeza, sabe? Eu acho que ele é meio rabugento.

—Mas ele é doido! protestou ela. —Dizer que eu o mordí! Olhou para Roberto, mas este evitou corresponder ao olhar. —Diga, Roberto. Eu o mordí mesmo?

—Bem... parece que sim. Pelo menos foi o que eles disseram.

—Mas quando?

—Na hora do interrogatório.

Instalando-se bem na cadeira, ela refletiu. —Eu me lembro que ele estava sacudindo o dedo na minha frente...

—Ele fez muito mal de aborrecer você. Claro que eu não tinha dito nada a você a respeito de ter saido do apartamento e estar trabalhando com a Kraft. Não queria te amolar com essas coisas. Mas o Kik quase chegou a dizer que o Curtis é um velho maluco.

—Eu mordí o dedo dele?

—Ora, é coisa passada. Não tem importância.

—Não posso deixar de rir... Desculpe. Que foi que o Kik disse?

—Que ele próprio às vezes gostaria de fazer mais do que morder o velho... Mas escute, Virgínia. Curtis é superior hierárquico de Kik. Lembre-se disso. Da próxima vez que você quiser morder alguem, querida, escolha uma pessoa menos importante.

Ela parou de rir. —Eu sei que não tem graça nenhuma. Eu não costumo morder ninguem...

—Ora, esqueça-se do incidente.

—Eu gostaria era de me lembrar, emendou ela.

Na Quinta Enfermaria, a vida cotidiana se assemelhava à das outras. A gente tomava banho; pelo menos, tinha licença de partilhar o chuveiro com outras, duas vezes por semana. Uma vez por semana penteavam-nos com pente fino, e noutro dia podia-se fazer alguma encomenda na loja.

Quem se encarregava de receber as encomendas era Miss Torrel, enfermeira-chefe. Uma tarde Virgínia foi até o escritório para encomendar qualquer coisa e, no momento em que ia falar com Miss Torrel, esta foi chamada a algum lugar, e saiu, dizendo: —Volto já.

Após esperar algum tempo junto à mesa, Virgínia pôs-se a caminhar pela sala. Havia uma porta em que não reparara antes. Experimentou a maçaneta e a porta cedeu, revelando um minúsculo banheiro, com todas as instalações de porcelana branca, simples. Havia toalhas num cabide ao lado da pia. Nesta, via-se um sabonete limpíssimo, com agradavel aroma de vegetação fresca.

Mal pusera o sabonete no lugar quando ouviu alguem que entrava no escritório; sem se precipitar, fechou a porta do banheiro, e daí a pouco Miss Torrel falou, junto à porta. —Virgínia! Nós sabemos que você está aí dentro. Abra a porta e venha cá imediatamente. Está ouvindo?

Virgínia estava com a mão na maçaneta, pronta para sair, mas na voz de Miss Torrel percebeu qualquer tonalidade que a desagradou.

—Virgínia!

Olhou para fora da janela. Jamais seria capaz de se meter pela esquadria, demasiado estreita; nem eles poderiam fazer o mesmo.

—Ora, Virgínia, não fique aí nesse lugar abafado. Vamos, minha filha. Saia daí... Era a outra enfermeira, Miss Anderson, usando o método psicológico.

Virgínia sorriu. —Só saio quando Roberto chegar. Inspiração! Roberto, vindo, me leva embora daquí.

E deu resultado. As enfermeiras discutiram um pouco, mas acabaram se retirando do escritório. Foram buscar Roberto. Foi o que disseram.

Voltaram logo, porem; quase depressa demais. E afirmaram que ele lá estava. Só se já estivesse a caminho... Abriu a porta. Onde estava ele? Passando rapidamente por entre as enfermeiras, nem ouviu o que disseram. Procurava Roberto. Devia estar aí. Elas haviam dito... —Roberto! Tinha que estar nalgum lugar.

Pegaram-na, naturalmente. Alguem a fez tropeçar, e ela caiu. Daí a segundos haviam colocado um saco em sua cabeça e alguem se sentara sobre suas pernas. O saco foi amarrado em torno ao seu peito, e ela não conseguia respirar.

Era como se estivessem injetando ar dentro de mim, como se eu fosse um pneumático; mas na realidade não era ar, era vácuo. Vou rebentar, vou rebentar, vou...

A ÚNICA peça de mobiliário na cela era uma cama estreita onde ela se deitara, e as paredes eram nuas, havendo apenas uma janela. Podia mover os dedos dos pés e das mãos, mas o resto do corpo se achava envolto e apertado em panos frios e úmidos.

Logo à frente a montanha se erguia em ângulo reto com relação à estrada. Os passageiros do automovel não podiam deixar de vê-la. Erguia-se quase até o céu e estava a poucos metros de distância. Virgínia firmou bem os pés no fundo do carro, como se alí houvesse freios. O veículo derrapou, e escaparam, por um triz, de colidir. O carro parou e quem o guiava —uma mulher—examinou-o.

—Mas que sorte! exclamou Virgínia.

A motorista desenrolou os cobertores.

—Está muito bem, disse.

Virgínia tentou levantar-se, mas sentiu o chão rodar. —Devo estar tonta.

A motorista segurou-a. —Encoste-se em mim, para poder caminhar.

—Está bem.

Foram em direção ao barulho de água corrente e chegaram daí a pouco a um recinto cheio de vapor. Pareciam fontes termais. Será estação de águas? É sim; aí está uma enfermeira.

—Bom dia, disse esta.

—Cuidado, disse a motorista. —Houve um enguiço hoje cedo. Isso aí dá pontapés e morde... —Ora pipocas! exclamou a enfermeira. —Nós nos damos muito bem. O seu defeito, Kate, é não saber lubrificá-las direito...

—Estou enfarada disto tudo, disse a motorista. —Estou com meu nome na lista. Nem tenha dúvida, minha filha. Quando eu sacudir o pó de Juniper Hill...

Juniper Hill. Era a Montanha da Morte. —Eu tambem, observou Virgínia.

—Está vendo? perguntou a motorista. —Vai indo muito bem, e de repente fica inteiramente doida...

—Amarre uma lata aí, ordenou bruscamente a enfermeira. —Vamos embora, Virgínia.

Levou-a a um cubículo onde havia uma banheira. —Tem uma coisa aí dentro. Uns panos... fez Virgínia.

—Não faz mal não. Deita aí direitinha.

Virgínia deitou-se na rede de lona que pendia na banheira. Para a cabeça haviam colocado um travesseiro duro. E a banheira estava cheia de água, mas a torneira ainda pingava. —Eu gostaria do banho um pouquinho mais quente...

A enfermeira retirou, da banheira, um dispositivo qualquer de madeira, examinando-o. —Está justinho: temperatura do corpo.

—A pessoa cujo sangue eles mediram para aprender a esquentar esta água, disse

Virgínia, —era um peixe. Um bacalhau morto. Detesto aquela motorista que chama todo o mundo de maluco.

—Parabens, menina! Assim sim! disse a enfermeira, alegremente.

Bem que ela podia estar alegre; pois se tinha um sueter sobre o uniforme! Dobrou o robe de Virgínia e afastou-se. Ao voltar, trazia uma bandeja. —Trouxe seu almoço.

—Obrigada, agradeceu Virgínia. —Mas estou inteiramente sem fome.

—Ora, deixe disso! A enfermeira lhe entregou uma chícara, quase à força.

Virgínia fechou a boca e virou a cabeça. Miss Johnson passou longos minutos tentando empurrar-lhe a comida pela boca. Uma vez conseguiu pegá-la de surpresa, mas Virgínia cuspiu o pedacinho de batata.

Quando abriu os olhos, viu outra vez um homem. Ele insistia sobre um assunto só: comida. Ela vomitaria na cara dele. Não havia mais água na banheira, mas os lençóis estavam encharcados. Haviam retirado as paredes de azulejo e ampliado o cubículo, de maneira que parecia um quarto. Chegaram mesmo a pôr-lhe uma janela. Não se contentavam em asfixiar a gente; era preciso embrulhar o corpo em panos gelados, e continuar naquela tortura da comida.

—Joaninha, você precisa comer... Estava bem pronunciado o sotaque. As mãos descansavam sobre os ombros dela. —Vamos! É preciso comer.

Vamos! Ora essa! Vamos para o poço profundo. Não era o mesmo que uma queda. Primeiro ela se sentia ausente, e depois presente, alí mesmo, na escuridão. Queria dizer ao homem onde estava. Mas como é que se pode falar do fundo de um buraco escuro? Estou cansada e não posso gritar; e esta areia me entra até nas ventas.

Abriu os olhos diante daquela luz deslumbrante. Saira do poço, mas a areia continuava a lhe invadir as narinas. Tentou falar, perguntar a ele, pelo amor de Deus, o que fazia com esse tubo enfiado no seu nariz, empurrando qualquer porcaria para dentro. Engasgou e começou a tossir, mas o mingau descia ainda pelo tubo.

Mal equilibrando-se à beirada, caiu afinal, outra vez, no poço. Quando emergiu de novo, o círculo de luz intensa se misturara à geral palidez e o homem parecia dar corda ao tubo. —Aí está, Joaninha, está vendo? Já acabou...

Uma vez ou outra tinha conciência de que a levavam de uma banheira à cama. De uma rede úmida a uma cama úmida. Aquela história do tubo se repetiu muitas vezes e afinal compreendeu que assim a alimentavam. Depois começou a livrar-se daquilo, e os períodos de liberdade iam-se tornando gradualmente mais longos. E chegou finalmente o dia em que foi a um pequeno quarto com uma mesa e dois bancos, onde, com várias criaturas vestidas de túnicas, comeu uma espécie de papa com molho.

Após a refeição, as enfermeiras as conduziam para fora. Em geral vinham duas enfermeiras para Virgínia. Grandes mulheres com braços musculosos, que a erguiam e a levavam à cama como se fosse um bebê; e a envolviam, destramente, no casulo frígido. —Vocês estão fazendo uma maldade comigo, protestou uma noite. —Uma maldade horrivel.

As enfermeiras trocaram um olhar. —Em todo caso, disse uma delas, você afinal falou alguma coisa...

Quando as duas sairam, ela procurou livrar-se dos panos que a embrulhavam. Levou muito tempo.

A princípio torceu-se sob a larga cinta metida entre o colchão e as molas da ca-

ma. Durante uns minutos, quando sua cabeça se achava sob a cinta, pareceu-lhe impossivel sair; era o mesmo que fazer um esforço para soltar-se de sua própria pele. Livre, enfim, da cinta, retorceu o corpo até conseguir que a parte inferior deste estivesse fora da cama. Em seguida, foi relativamente facil. Com os dentes desapertou as cordinhas que lhe prendiam os ombros, e movendo o corpo de um lado a outro, soltou-se afinal dos lençóis.

Estava de pé, nua e livre, e o ar morno a acariciou. Levando o lençol seco ao aquecedor, fez uma espécie de barraca. Quando sobreveio o sono, voltou à cama.

Na manhã seguinte uma voz estridente: —Virgínia! Como foi que... Quem te amarrou ontem?

—Não sei.

—Como é que você saiu?

—Estava com frio.

Na noite seguinte espalharam grande lona sobre a cama, prendendo-a de qualquer modo sob as molas. Na lona havia um buraco, para a cabeça. Sair daquela camisa de força, era impossivel. Durante algum tempo as enfermeiras admiravam Virgínia, em tom de troça, afirmando que na Enfermaria Doze ninguem jamais conseguira livrar-se daquelas amarras.

Os dias eram de uma monotonia inexprimivel. Quase todas deixavam-se ficar sentadas, olhando para nada, ou pelo menos para nada que Virgínia pudesse ver. Afinal pediu a uma enfermeira qualquer coisa para ler. A reação foi como se tivesse encomendado uma espingarda.

—Mas vou falar com o dr. Kik, prometeu a enfermeira. —Eu estou achando mesmo que é hora de você ser transferida.

—Ótimo, disse Virgínia. —Será mesmo? duvidou. Tentou ler nos olhos da enfermeira.

—Acho que desta vez dá certo. Você está muito melhor do que das outras vezes que esteve aquí.

Outras vezes? Ora, será que estive aquí num lugar como esta Doze, e me esquecí depois?

Um dia, pela manhã, a enfermeira trouxe uma pilha de casacos para a sala de estar, atirando-os ao chão. Leu depois uma lista de nomes, dizendo que as moças, cujos nomes cantara, deveriam vestir os casacos. Houve certa precipitação, mas afinal Virgínia pôde chegar à pilha, verificando que lá não se achava o seu casaco.

—Pode levar qualquer um, explicou a enfermeira. —Não tem importância. Suas coisas já foram, aliás. Ande, vamos depressa.

Fora, esperava-as uma camionete, cujos assentos ficavam uns em frente aos outros, como num carro da polícia. O trajeto percorrido foi bem curto. Cá estamos, já de volta. Mas não era o mesmo lugar. Embora atravessassem uma varanda de aspecto familiar, entraram numa sala-de-estar diferente. Não havia mobília propriamente dita. Quando as mulheres entraram no recinto, as que já estavam alí reuniram-se como se fossem formar um auditório. Tratava-se de mulheres estranhas, vestidas com uma indumentária simples, sem formas, azul-cinzenta, cortada no mesmo molde das camisolas do hospital. Seus cabelos eram extremamente curtos.

À hora do jantar a nova enfermeira, que se chamava Miss Vance, abriu a porta e as moças correram pela escada abaixo. Virgínia mal pôde seguí-las. Entraram precipitadamente no porão e daí passaram a um tunel.

Este parecia cenário de horripilante conto policial. Havia luzes, mas seu brilho era de tal modo pálido que se diluia nos poços de trevas entre as lâmpadas. As paredes eram de cimento fendido. Por uma das fendas mais largas infiltrava-se, lentamente, um fio de água, havendo, no chão desigual, poças de água escura.

O tunel era dividido em dois caminhos estreitos por uma espécie de tela de galinheiro; do outro lado, viam-se as mulheres a correr como se fossem ratazanas azul-cinzentas. Virgínia não conseguiu manter a mesma velocidade delas, e já se sentia muito só, quando divizou Grace do outro lado da tela.

Grace, aquela loura do avental, aquela que estava quase boa e ia voltar ao emprego de jornal... —Ah, Grace... gemeu Virgínia.

A outra parou ao ouvir seu nome. Muito quieta, olhou-a através da tela de arame.

—Mas eu pensei que você tivesse ido para casa, disse Virgínia. —Há meses e meses atrás...

Grace continuava olhando, olhando...

—Eu sou Virgínia. Não se lembra? Fomos boas amigas. Ficávamos sentadas ao sol, conversando. Está lembrada? Você me dizia onde era minha cama, e qual era o número do meu cabide, e coisas assim. Eu vivia esquecendo, e você sempre sabia.

Na semi-penumbra do tunel, eram quase negros os olhos de Grace, fixados sobre Virgínia, sem expressão, como se nada vissem.

—Que pena, eles cortaram seu cabelo todo! lamentou Virgínia, erguendo a mão ao rosto para enxugar as lágrimas. —Que pena! É tão bom ver você outra vez. Quer dizer, eu... seria melhor você já estar em casa, é isso que eu queria dizer.

Grace não disse absolutamente nada.

Foi então que Virgínia reparou: sua amiga usava uma daquelas camisas de lona, com os braços cruzados e amarrados às costas. Toda a vestimenta era ligada nas costas.

Grace começou a afastar-se da tela.

—Não vá embora não, pediu Virgínia.

—Volte, Grace. Vire as costas para mim; talvez eu consiga meter as mãos pela grade e desamarrar isso. É um absurdo que eles... Nunca vi uma pessoa mais bondosa, de maior ternura. Como se você fosse capaz...

Grace então fez uma pausa e olhou para Virgínia de tal maneira, que esta se alegrou de haver a tela e a camisa de força. Ela seria de fato capaz... Nem mesmo o prazer de esperar a visita de Roberto conseguiu afastar de seu pensamento a imagem daquele olhar de Grace ao despedir-se.

Depois do jantar elas se reuniram no banheiro, onde uma mulher de cara de papelão se aproximou de Virgínia com caderno e lapis na mão. —Mrs. Cunningham?

—Isso mesmo. A mulher não usava uniforme como os delas. Estava de sueter e com uma saia de lã azul, muito comprida; o cabelo era arrumado em coques sobre as orelhas.

—Mrs. Cunningham: seus intestinos funcionaram hoje? perguntou aquele fossil.

—Ora, que pergunta! protestou Virgínia.

—Eu preciso saber, para pôr na ficha. Sou Miss Sommerville. Olhou para Virgínia ansiosamente. —Vamos, responda.

—Funcionaram sim. Não se lembrava bem, mas Miss Sommerville pareceu gostar da resposta. Pondo uma marca qualquer no caderno, dirigiu-se a outra.

Enviaram Virgínia a um dormitório com sete leitos. Na camisola de dormir aparecera novo número.

Ela sabia que a nova transferência deveria tê-la deprimido e assustado. O pa-

vilhão, em que agora se achava, era muito peor que os outros. No entanto, parecia haver diminuido a sensação de angústia que a atormentava. Tratamentos de choque. Para que esse trabalho todo de insulina, metrazol ou eletricidade? Antigamente os loucos eram atirados a fossos de víboras; nessa época acreditavam que uma coisa tão torturante, capaz de enlouquecer uma pessoa normal, teria força para curar um alienado. Por coincidência, ou de propósito, hoje em dia «eles», mais modernos, haviam dado a Virgínia um tratamento de choque muito mais drástico do que o conseguira o dr. Kik com seus calços e suas cintas. Haviam-na atirado a um poço de serpentes e, graças ao choque, ela sabia agora que ficaria boa.

DURANTE uma semana tinha-se a impressão de que a única diversão oferecida às moças daquela enfermaria eram as corridas ao café. Às vezes, quando o tempo permitia, iam a um café pertencente ao próprio hospital.

Todas as refeições eram semelhantes às primeiras de que Virgínia se recordava. O café da manhã variava um pouco, havendo às vezes um mingau qualquer ou ovos cozidos. Nos dias em que havia ovos, sempre a algazarra aumentava, pois invariavelmente algumas delas se divertiam atirando ovos.

Não havia tempo para hesitações. Era preciso comer depressa. Virgínia engolia o mais possivel, não porque estivesse faminta, mas por saber que era indispensavel engordar um pouco.

Embora houvesse polidor na sala de estar, ninguem se importava muito com ele. Quem quisesse podia usá-lo. As enfermeiras não eram das mais exigentes; davam a impressão de perceber claramente o limite de sua força. Raramente erguiam suas vozes, exceto para anunciar as refeições ou impedir este ou aquele pequeno surto de violência.

No hospital havia escassez de tudo: de médicos e enfermeiras, de comida e cobertores para as noites frias. Caso o empregado da lavanderia não chegasse a uma ou outra enfermaria, faltariam fronhas e lençóis. E Virgínia sabia, por experiência própria, que nem camas havia em número suficiente. A única coisa que não faltava eram doentes.

—Não há meio-termo, dissera Roberto recentemente. —Fui contra, mas que jeito? Andei examinando a possibilidade de um hospital particular, mas todos eles são caríssimos, muito acima de minhas posses. Aqui, pelo menos a gente paga o que pode. Quem não tem nada, não paga nada; e os médicos são os melhores do país. Todo o mundo sabe disso. O diabo é o meio... A maioria das pessoas age como se doença mental não existisse. Os políticos que se encarreguem do problema; faz-se uma propaganda louca sobre tuberculose, cancer, lepra... Mas ninguem se incomoda com o número cada vez maior de casos de perturbação mental.

—HOJE você vai com as outras ao refeitório especial, Virgínia, disse Miss Vance.

Três vezes por dia, durante muitos dias, Virgínia fora ao refeitório especial com as outras; pelo menos, assim pensava. Lembrava-se, porem, de que, em geral, a chamada dizia: «Café, meninas.» E só uma meia dúzia delas respondia ao chamado para o refeitório especial.

Acompanhou, pois, as outras ao refeitório, sem enfermeira; só elas seis, através do tunel. Era como se alguem lhes tivesse dado uma chave-mestra. Caminharam tranquilamente e, ao alcançar o refeitório, atravessaram-no para chegar à cozinha. A mais velha de todas disse a Virgínia que pendurasse o casaco no cabide junto a um armário. —Agora venha conosco tomar café, disse ela.

O café foi esplêndido. Havia um balcão sobre o qual se viam diversas coisas gostosas, e era só escolher: ovos cozidos e fritos, em quantidade; café com e sem leite; chocolate e leite puro. Havia tempos que Virgínia andava sedenta. Talvez houvesse algum bebedouro na Enfermaria, mas nunca o vira. Hoje resolveu tomar um copo de leite alem da chícara de café. A manteiga, cortada em quadradinhos, ficava sobre um receptáculo cheio de gelo. Mas que opulência! Havia até facas, pratos e chícaras de louça.

Pediram a Virgínia que ajudasse a fazer sanduiches. Depois colocou-se diante de uma prateleira e foi entregando pratos sujos a outra, que os lavaria. Naquela tarefa, e em outras semelhantes, ficariam o dia inteiro, na cozinha. Quando não estivessem preparando ou servindo uma refeição, limpavam e esfregavam panelas e pratos, mas de vez em quando havia uns minutos livres. Era uma delícia permanecer dias inteiros longe da sala-de-estar. Pelo menos aqui havia comida em abundância, e tempo para comê-la.

Virgínia verificou que, à medida que o tempo ia passando, aumentavam seus períodos de concentração serena. O rosto de Roberto perdera aquela expressão de ansiedade, e ele lhe falava como se se tratasse de duas pessoas normais conspirando para iludir a burocracia do hospital.

—Foi dificil conseguir lugar para você aqui, comentou ele, mas tirá-la ainda é mais complicado... Mas acho que já encontrei uma solução. Por acaso, falei que levaria você para ficar com seus pais, e só vendo como eles se animaram! Vendo essa reação, tenho insistido no assunto ultimamente.

—Mas que é que uma coisa tem a ver com a outra?

Ele riu. —É que seus pais moram noutro estado, com legislação diferente, compreende? Nesse caso o hospital não seria mais responsavel. Ideal para eles...

—HOJE É DIA de Conferência para você, disse Miss Vance. A confiança, que Virgínia conquistara nos últimos dias, evaporou-se de repente, e a palavra «conferência» transformou-a de novo numa inválida, trêmula, desamparada. Não conseguia lembrar-se do nome da firma onde Roberto trabalhava agora; nem tãopouco seu endereço atual. Ele lhe dissera, mas não escrevera.

Após o café da manhã, Miss Vance levou-a à sala de vestir. —Talvez convenha você usar o costume cinzento. Não custa nada ficar bonita para a Conferência...

—Tem algum efeito?

—Pelo menos você se sentirá melhor, estando bem vestida. A Sommerville sempre insistia nesse ponto, dizendo que se as meninas tivessem roupas melhores, se pintassem, se arrumassem...

—A sra. quer dizer essa Miss Sommerville que trabalha aqui? A que tem fichas sobre os intestinos...? Era impossivel imaginar Miss Sommerville dizendo alguma coisa sensata.

—Ela já foi enfermeira, explicou Miss Vance secamente.

—Ah!

—Mas neste hospital ela era sensivel demais a certas coisas... Não, minha filha. Quem trabalha num serviço destes, precisa ter pele de rinoceronte...

Daquela enfermaria, Virgínia foi a única submetida, naquele dia, à Conferência. Esta foi diferente da anterior. Não se lembrava bem da outra, mas sabia que a de hoje tinha aspecto menos formal. Os médicos se achavam sentados em tor-

Ainda Trabalham Noite e Dia

DURANTE os anos de guerra, o pessoal da Bausch & Lomb trabalhou dia e noite para ajudar a trazer-nos a Vitória. E ainda hoje continua trabalhando noite e dia— para ajudar V. a prover-se dos artigos ópticos que necessita.

V. tem esperado com exemplar paciência por muitos de nossos produtos. Creia que apreciamos a compreensão e a paciência de que cortêsmente deu provas.

A produção da Bausch & Lomb atinge agora o máximo de todos os tempos, devido à expansão das instalações e às novas técnicas que a guerra tornou possiveis. No Brasil uma nova fábrica de lentes Bausch & Lomb está contribuindo para suprir as necessidades de todos. Dois escritórios filiais estão instalados no Brasil tambem para serví-lo.

Antecipamos o dia em que poderemos de novo satisfazer suas encomendas com a prontidão habitual de antes da guerra. No ínterim, estamos despachando a mercadoria tão velozmente quanto nos é possivel.

BAUSCH & LOMB

ROCHESTER 2, N. Y. RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO BUENOS AIRES

no a uma mesa perto das janelas. Era preciso atravessar a sala para falar com eles. Sentiu-se observada.

—Mrs. Cunningham? perguntou um rapaz moreno com cachimbo na boca. —Quer sentar-se, por favor?

Estudou-a brevemente, e começou dizendo que, segundo fora informado, seu marido pretendia levá-la para a casa dos pais, noutro estado.

—É isso mesmo, respondeu Virgínia. Ele dissera «noutro estado» com bastante ênfase.

Tirando o cachimbo da boca, voltou-se para os colegas. —Querem fazer alguma pergunta? Creio que já temos informações suficientes. Basta, não é verdade? Mrs. Cunningham, eu quero vê-la antes de sair. Quer dizer alguma coisa?

Ela engoliu em seco. —Não... É preciso dizer alguma coisa?

—Não, não, replicou o médico sem hesitar. —Pode ir.

—Agradecida. E voltou à sala de espera.

Ninguem lhe dissera que havia passado no teste, mas estava certa de que o homem do cachimbo não a decepcionaria. Nunca o vira antes, mas via nele um amigo eterno.

Não é que não esteja grata ao sr. pelo que fez, dr. Kik, mas há neste rapaz uma simpatia que lhe falta. Ele tem uma compreensão intuitiva, e reconhece que um problema está solucionado, muito embora não entenda o problema, e ignore qual foi a solução. Pelo menos é o que acho; é o que espero...

—SEU MARIDO vem hoje, anunciou Miss Vance.

—Mas é domingo. Ele trabalha aos domingos.

—Só sei que o nome dele está na lista. Só se tem pistolão...

Antes da correria do almoço, Miss Vance ajudou Virgínia a vestir o costume cinzento, comentando que estava linda. Linda a ponto de poder tomar o ônibus para a cidade? Linda e sadia?

—Para um dia como o de hoje, você devia usar luvas mais grossas, disse Miss Vance quando Virgínia estava pronta, de chapéu na cabeça. —Está fazendo muito frio.

Se hoje é O Dia, ele trará a echarpe... Mas Roberto estava no saguão, de mãos vazias. Preciso sorrir, sorrir. Ele não pode saber.

—Abotoe o casaco, disse ele. —A temperatura desceu quase a zero.

Perto da entrada havia um cubículo onde as visitas podiam guardar seus casacos e outros pertences, e Roberto, dirigindo-se a esse canto, pediu o embrulho que alí deixara. —É melhor eu te dar agora mesmo, disse ele a Virgínia. Era a echarpe...

—Precisamos falar com três pessoas, explicou Roberto. —Conversei com o Gifford pelo telefone, hoje de manhã. Ele disse que tudo estava pronto.

Entraram no prédio onde se realizara a Conferência, mas agora tinha um aspecto diferente. —Você fica comigo, ouviu? disse a Roberto, tomada subitamente de pânico.

—Ora, que dúvida! respondeu ele. —Ânimo. Agora é só questão de rotina.

Ah, meu Deus, permití que eu fique com cara inteligente. Não deixeis que eu morda ninguem. Isso é até mais importante do que ter cara inteligente.

Gifford era o rapaz do cachimbo. Colocando-o de lado, cumprimentou-os de mãos estendidas. —Então, Mrs. Cunningham. Vai nos deixar?

Ele é que está perguntando? —Espero que sim, respondeu.

O rapaz indicou-lhes duas cadeiras.

AGORA que a Norge já recomeçou a fabricar Máquinas de Lavar Roupa, Refrigeradores Rollator, Fogões de Cozinha a Gás e Eletricidade, e outros utensílios domésticos, V. vai achar os novos modelos melhores do que nunca.

Compare os Norge com os outros, peça por peça! Verá que, como sempre, os Norge se distinguem pela sua arte, engenho e excepcional valor prático.

ANTES DE COMPRAR, VÁ VER OS NORGE!

DIVISÃO NORGE DA BORG-WARNER CORP., DETROIT 26, MICH., E. U. A.

UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS **NORGE** E REFRIGERAÇÃO COMERCIAL

* UMA INDÚSTRIA DA BORG-WARNER *

—A ficha está mais que completa, observou, batendo com a mão numa grossa pasta sobre a mesa. —Sua ficha. O dr. Kik presta atenção a todas as minúcias.

—Ah, meu Deus! murmurou Virgínia.

—Pois é, eu sei... respondeu, em voz alta.

Roberto perguntou se havia algum inconveniente em irem a festas, mas o dr. Gifford balançou a cabeça num sinal de negativa. —Mais tarde, sim; podem convidar um ou outro amigo para uma prosinha, e pouco a pouco vão começando a ampliar a vida social, compreende? Para falar com franqueza, Mrs. Cunningham, não considero a senhora inteiramente curada ainda não...

—Disso eu sei, replicou ela.

—Está mais perto da cura do que pensa, continuou o médico. —Sempre foi assim, aliás. Mas nada de precipitar as coisas. Calma.

—E haverá possibilidade de... de uma recaída? perguntou Roberto. Uma pergunta desse gênero, na vista da pessoa enferma, só mesmo Roberto é que faria.

—Não conhecendo a causa... começou o dr. Gifford. E prosseguiu: —É difícil dizer com segurança. Às vezes sabemos exatamente; outras vezes, damos um palpite. Confusão da vida urbana? Glândula tireóide? Há qualquer distúrbio glandular, sem dúvida, mas me parece muito ligeiro. Em todo caso... Francamente, não sei. Mas quer saber duma coisa? Eu, pessoalmente, não acredito que vá haver recaída. O importante é um regime bem-equilibrado, trabalho, descanso, diversões. Bem, aquí está a papelada.

—O sr. já tinha assinado? perguntou Virgínia.

—Assinei logo depois da Conferência... Não é atoa que trabalho nisto há anos; embora não seja um sabe-tudo, quase sempre acerto quando chega a época de dar alta a um doente.

Só depois de deixarem o dr. Gifford foi que Virgínia se pôs a pensar no que significaria aquela papelada. Sacudiu-a súbito terror do mundo que já não lhe era familiar; uniu, aflita, as mãos... Como posso me aventurar lá fora? Não me lembrarei do que se diz às pessoas, ou da expressão que é preciso fazer quando elas falam. Já me esquecí das coisas mais simples do trato social, e passei tanto tempo sem julgar as coisas por mim mesma, que perdí a faculdade.—Ah, Roberto...

—Imagine, querida. Só uns minutinhos mais. Com que alegria ele falava!

—Acabou, meu bem. E nunca mais vai acontecer isso. Eu não deixo.

Não, ele nada temia. Conhecia-a melhor que ninguem, e apesar disso não tinha medo. Sentiu-se tão mais tranquila...

Quando se aproximaram da enfermaria, Miss Vance os procurava.

Roberto perguntou se podia ajudar Virgínia a arrumar seus pertences, mas Miss Vance disse que era proibida a entrada. —Mas não faz mal, ela não demora.

Estava quase pronta, quando Miss Sommerville entrou, vinda da sala de vestir. —Procurei a sra. por toda parte, disse. —Extraviei sua ficha de...

—Ela vai para casa, interrompeu Miss Vance.

—Ah. Então vai haver uma vaga... comentou Miss Sommerville. —Mas com certeza eles nos mandam mais de uma. É sempre assim. E já estamos tão mal alojadas! Não sei onde isso vai terminar.

Miss Vance fechou a mala grande. —Eu sei onde vai terminar. Quando houver mais doentes do que gente sã, os doentes é que fecham os sãos debaixo de chave...

Miss Sommerville franziu o sobrolho. —Mas eles é que não gostariam daquí, sabe? comentou, com ar de dúvida.

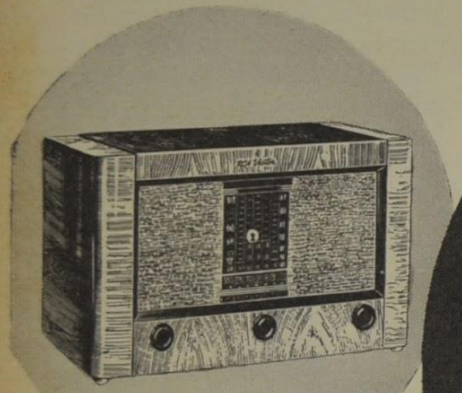
Emocionante! —INGRID BERGMAN

no filme Selznick da International

"QUANDO FALA O CORAÇÃO"

Verdadeiramente eletrizante! Ingrid Bergman, estrela de primeira grandeza e eminente personalidade de Hollywood—ao lado de Gregory Peck—no seu último e grande filme!

Modelo Q36. Linda caixa de nogueira Velvetone. 11 válvulas. 7 faixas de recepção, incluindo sintonização de faixa amplificada em onda curta. Dois alto-falantes de 8 polegadas. Sintonização eletrônica com o Olho Mágico. Tomada para fonógrafo.



Os novos e brilhantes radios

RCA VICTOR

Você tambem pode esperar uma grande emoção . . . quando vir e ouvir os novos Rádios RCA Victor NÚMERO UM . . . e Mais. Estes novos aparelhos são o fruto de muitos anos de experiência e pesquisa da RCA Victor—anos de primazia em rádios, rádio-fonógrafos e discos de música.

Gravações magníficas nos Discos RCA Victor! V. S. tambem achará nos Discos RCA Victor as mais soberbas interpretações dos melhores artistas do mundo.

RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA VICTOR RADIO, S. A. Rio de Janeiro

Flagrantes da vida real

DURANTE disputada partida de futebol, achava-se a meu lado um velho, com aspecto de lavrador, que me chamou a atenção pelo entusiasmo com que «torcia» por ambos os times. Afinal não pude conter minha curiosidade e perguntei-lhe porque assim fazia.

—É que, respondeu,—eu só posso assistir a um jogo de futebol por ano. E faço questão de torcer pelo time vencedor...

—Phyllis Butler

★ ★ ★

VIAJANDO pela Califórnia no ano passado, de automovel, fui surpreendido pelo espetáculo de uma manada de vacas, em cada uma das quais se via a palavra VACA pintada dos dois lados do animal. Perto encontrei um lavrador e lhe perguntei que história era aquela.

—É por causa desses homens da cidade que vêm caçar por aquí, e nem sabem distinguir uma vaca de um veado, rosnou ele. —Já deram tiro em muita vaca. Parece incrivel! Frequentam escola até nem sei que idade, e ainda fazem uma asneira dessas.

—O. H. Fiddes

★ ★ ★

MEU TREM só chegaria daí a meia hora, e por isso, estando perto do cemitério da pequena cidade, resolví dar uma vista d'olhos pelas sepulturas. No momento havia alí apenas uma pessoa, um senhor idoso, que examinava cuidadosamente a inscrição de uma das lages.

Quando me aproximei, empertigou-se, cumprimentando-me afavelmente. Apontando com a bengala para uma lage nova, sem inscrição, explicou:

—É aí que eu serei enterrado um dia. Estava travando conhecimento com meus futuros vizinhos...

—Joseph Brennan

★ ★ ★

MEU TIO Horácio, fazendeiro, tornou-se conhecido na região onde mora devido à sua aversão a tratores, preferindo empregar cavalos, exclusivamente, em toda a sua extensa propriedade. Um dia, porem, certo vendedor mais esperto conseguiu que meu tio aceitasse uma demonstração do trator.

—Sim, senhor, muito bom! comentou o velho fazendeiro depois. —Quer saber duma coisa? Se o sr. conseguir que os 200 cavalos dessa máquina me dêem estrume, eu compro uma...

—Wayne Bloomberg

★ ★ ★

DE VISITA ao Kansas, sempre árido e soprado por furiosa ventania, um forasteiro fazia comentários desfavoraveis ao clima local, e seu interlocutor, oriundo do lugar, nada dissera. Afinal o forasteiro perguntou:

—Mas será que nunca chove por aquí?

—Chove, sim! replicou o outro, com a maior seriedade. —Inda na semana passada houve uma chuvinha bem boa a umas três léguas daquí. Mas eu estava ocupado, e não pude ir lá espiar...

—Wendell Morris

Burroughs

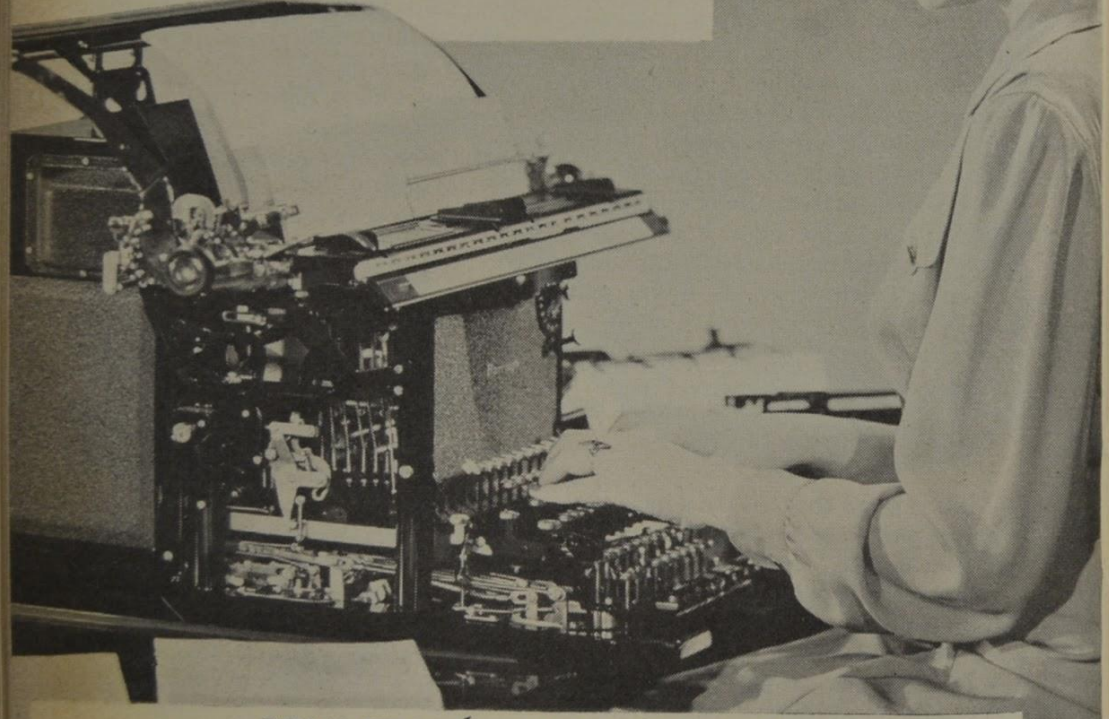
MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

Em todo o mundo—onde quer que cheguem as estradas de comércio—as Máquinas Burroughs de Calcular aceleram o intercâmbio de mercadorias e serviços, graças ao seu rápido e rigoroso processo de contar e registrar. Estas máquinas são usadas, pode dizer-se, em todos os países, para todas as operações de finanças, comércio e indústria.

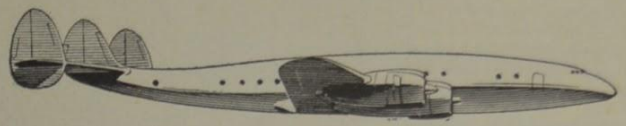
Sua universal aceitação por parte dos homens de negócio é a resultante de muitos fatores. As Máquinas Burroughs são fabricadas segundo os mais altos padrões de precisão . . . construidas com os melhores materiais . . . e vão sendo constantemente melhoradas e refinadas, para assegurar aos seus possuidores as caraterísticas mais modernas e eficientes. Para rapidez, exatidão e confiança, V.S. não pode escolher melhor do que uma Máquina Burroughs.

★ ★ ★

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.



ENTRE AS OUTRAS MÁQUINAS BURROUGHS CONTAM-SE
MÁQUINAS DE CALCULAR, FATURAR, SOMAR, DE ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS



O *Constellation Lockheed* superior em velocidade, conforto e segurança, está estabelecendo novos padrões nas viagens transoceânicas e intercontinentais. As principais viagens aéreas das seguintes grandes companhias apresentarão, em lugar de destaque, o *Constellation:*

AIR FRANCE - FRENCH AIRLINES SYSTEM
AMERICAN AIRLINES SYSTEM
BOAC - BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
EASTERN AIR LINES
KLM - ROYAL DUTCH AIRLINES
KNILM - ROYAL NETHERLANDS INDIES AIRWAYS
PANAGRA - PAN AMERICAN - GRACE AIRWAYS
PANAIR do BRASIL
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
TWA - THE TRANS WORLD AIRLINE

Lockheed Aircraft Corp., Burbank, Calif., E.U.A.

Lembre-se do nome—

CONSTELLATION

Este Trator Diesel "Caterpillar" D7, equipado com "Angledozer" LaPlant-Choate, está trabalhando nos alicerces de uma nova fábrica de cerâmica em Porto Rico.

NOVAS INDUSTRIAS para a América Latina

Os Tratores Diesel "Caterpillar" que, durante a guerra, praticaram tão altos feitos, impelem agora para a frente as obras da paz.

Em muitas regiões da América Latina vemos estes robustos deslocadores de terra trabalhando na construção de novas instalações industriais—em novos aeroportos e estradas—que virão trazer emprego remunerador para milhões de pessoas.

Os revendedores da "Caterpillar", estrategicamente situados no mundo inteiro, podem fornecer-lhe informações completas sobre o desempenho e a economia do equipamento Diesel "Caterpillar". Alem disso, têm as peças sobressalentes e dispõem das instalações de serviço para manter essas máquinas de alta confiança em excelentes condições de funcionamento.

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Illinois, E. U. A.

CATERPILLAR Diesel

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTONIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOVER TERRA

LIMPA os DENTES ARTIFICIAIS

sem precisar escová-los

CONSERVE SUA DENTADURA COMO NOVA, USANDO POLIDENT

Ponha-se a porção de uma tampinha cheia de POLIDENT em meio copo de água. Logo mergulhe a sua dentadura postiça e verá como as impurezas e detritos desaparecem como por magia. Sua dentadura ficará completamente limpa e perderá o máu cheiro característico das dentaduras postiças, sem necessidade de recorrer à prática inconveniente de escová-la ou esfregá-la.

Basta mergulhar as dentaduras e pontes removiveis numa solução de POLIDENT y logo se dissolvem os detritos de comida que ficam em intersticios dificeis de limpar, desaparecendo o limo viscoso e qualquer mancha. A ação purificante do POLIDENT restitui às dentaduras a sua aparência natural, sem o perigo de as arranhar ou de desgastar os seus bordos necessários ao bom ajustamento na boca.

O banho em solução de POLIDENT significa menos manuseio da dentadura e portanto menor risco de danificá-la, como geralmente sucede com o uso antiquado da escova e das esfregadelas.

A venda nas perfumarias, farmácias e drogarias.

Limpa e purifica sem escovar

Coloque-se a dentadura ou "bridge" removivel dentro dessa solução de POLIDENT durante 15 minutos ou a noite inteira. Enxagúe-se bem a dentadura em água fresca e está pronta para o uso.

Mais de 25 milhões de latas foram vendidas nos Estados Unidos nos últimos cinco anos.

POLIDENT

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

Tenciona levar seus negócios a novos mercados, como a Suécia?

TALVEZ o Sr. esteja considerando a Suécia —ou outros paises de alem mar—como um mercado em perspectiva. E há de haver coisas e fatos que o Sr. precisa conhecer primeiro a respeito das pessoas e dos costumes desse país . . . O City Bank dispõe de elementos excepcionais para assistí-lo nesse trabalho.

Dispondo de bancos correspondentes em todas as cidades de importância comercial do mundo, e possuindo mais filiais ultramarinas do que outro qualquer banco nacional dos Estados Unidos, a rede do National City Bank of New York cobre o mundo.

Se o Sr. anda pensando em alargar seus negócios no estrangeiro, agora ou mais tarde, venha consultar-nos e discutir conosco os seus planos, em qualquer das 44 filiais do City Bank estrategicamente situadas em toda a América Central e do Sul, e nas Antilhas. Será benvindo.

Proteja seu dinheiro com os Cheques de Viajante NBC—aceitos em toda parte

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes
no Mundo
Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

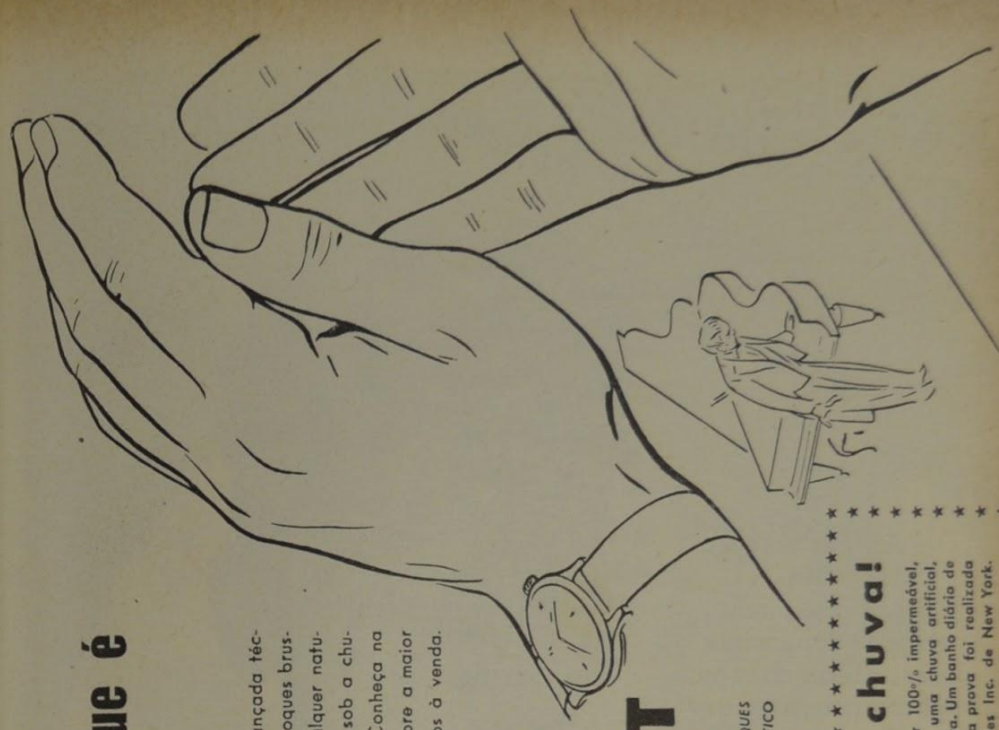
Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal



Dá corda a si mesmo... porque é Super-Automático!

MIDO MULTIFORT é o relógio suiço que reune todos os requisitos da mais avançada técnica. Funciona com o próprio movimento do braço. Resiste às quedas e aos choques bruscos porque seu mecanismo é especialmente protegido contra choques de qualquer natureza. Além disso, MIDO MULTIFORT é 100% impermeável, podendo ser usado sob a chuva ou em banhos de mar sem o menor prejuizo para o seu funcionamento. Conheça na prática as super-qualidades de MIDO MULTIFORT o relógio que lhe dará sempre a maior satisfação tanto no trabalho quanto nos esportes. Limitada quantidade de relógios à venda.

Mido MULTIFORT

RELÓGIO SUIÇO COM 17 RUBIS

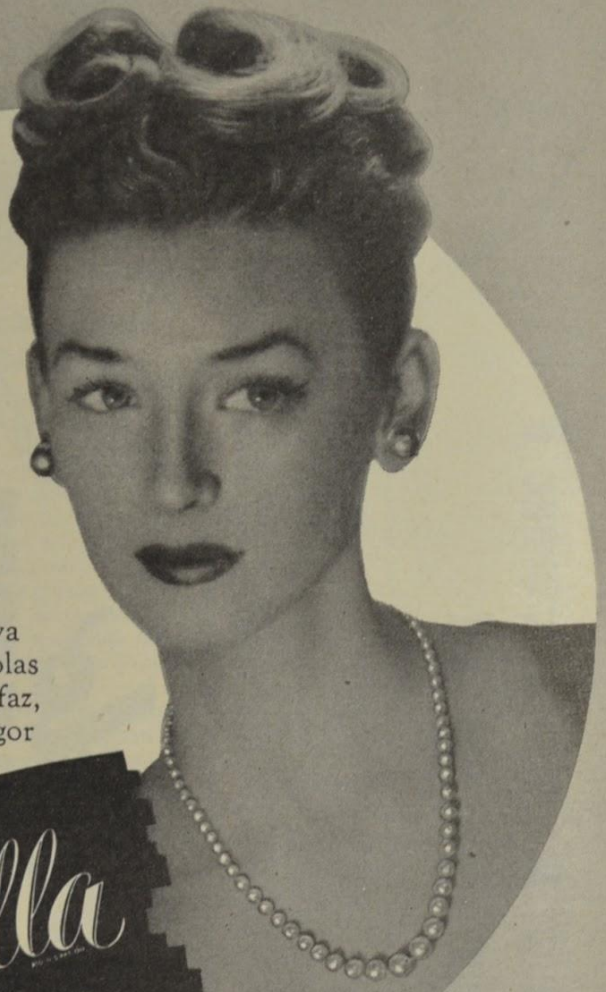
○ 100% IMPERMEÁVEL ○ SUPER-AUTOMÁTICO ○ PARA-CHOQUES
○ PRECISO ○ LUMINOSO ○ INOXIDÁVEL ○ ANTI-MAGNÉTICO

40 anos à chuva!

MIDO MULTIFORT demonstrou ser 100% impermeável, permanecendo 1.250 horas sob uma chuva artificial, equivalente a 152,4 mm por hora. Um banho diário de 5 minutos, durante 40 anos! Esta prova foi realizada pela Electrical Testing Laboratories Inc. de New York.

★ O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

As Pérolas mais lindas que o homem faz



As Pérolas Marvella . . . imaculadas, reluzentes, eternamente belas . . . lisonjeiam na mulher o desejo inato e profundo de possuir o adorno preferido da elegância — um fio de pérolas! E, ao saber que seu colar leva o nome de Marvella, as pérolas mais lindas que o homem faz, ela terá nos olhos um fulgor de orgulho!

Marvella

Marvella Pearls Inc.
383 Fifth Avenue, Nova York 16, N.Y., E.U.A.

Agentes Distribuidores: Nilzo Pinto Russio, Avenida Calógeras 12, Rio de Janeiro

O Aristocrata dos Whiskies

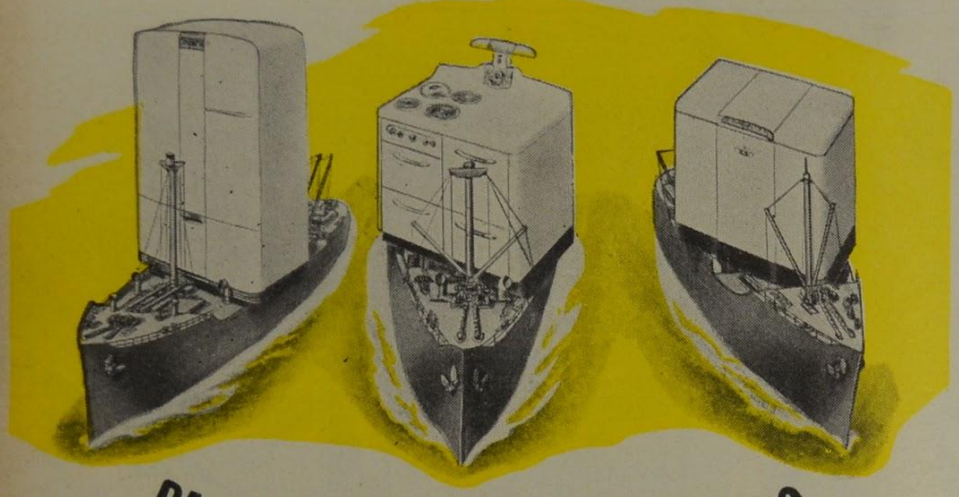
A qualidade do "Kentucky Tavern" tem constituido o timbre e orgulho duma família cujos conhecimentos em matéria de fabrico de finos whiskies são uma tradição que dura há já três gerações.

Glenmore Distilleries Company
Incorporated
Louisville, Kentucky, E. U. A.

ENGARRAFADO NA DESTILARIA

ESTES TRÊS GRANDIOSOS PRODUTOS KELVINATOR

já estão a caminho



PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO

PARA os milhões de pessoas que em todo o mundo se servem dos utensílios *Kelvinator*, este nome representa absoluta segurança de *funcionamento constante, isento de interrupções e desarranjos*. Agora, os Refrigeradores Elétricos, os Fogões Elétricos, e os Congeladores Domésticos da Kelvinator saem à conquista de *nova* aceitação e de *novos* amigos, porque alem da segurança de funcionamento, conhecida de quantos possuem utensílios Kelvinator, os modelos de 1946 apresentam novas caraterísticas adicionais, beleza nova, e novas conveniências.

Em cada um destes três grandiosos produtos Kelvinator irá V. encontrar a soberba técnica, o consumado desenho e a escrupulosa fabricação que há muitos anos tornaram o nome Kelvinator sinônimo de impecavel funcionamento e segurança. Os primeiros modelos já vão a caminho!

Convidamos V. a ir inspecioná-los na agência Kelvinator da sua localidade, e antes de tudo compre o melhor . . . compre Kelvinator!

REFRIGERADORES . . . 3 novos e grandiosos Refrigeradores Elétricos Kelvinator cheios de conveniências para mais facil venda.

FOGÕES ELÉTRICOS . . . 3 fogões, inclusive a "Cozinheira Automática" Kelvinator, que faz a comida só por si.

CONGELADORES DOMÉSTICOS . . . com todas as inovações mais recentes, e todas as caraterísticas Kelvinator que asseguram serviço isento de interrupções e desarranjos.

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation, Detroit, Michigan, E. U. A. Departamento de Exportação

Smith-Corona

ESCRITÓRIO • Máquina de Escrever • PORTATIL

Smith-Coronas . . . estimadas no mundo inteiro!

Menor fadiga para as secretárias e melhores resultados para a gerência, eis o que se consegue destas velozes e modernas máquinas de escrever, as Smith-Corona. A produção ainda está muito atrasada em relação às encomendas—mas as remessas já começam a chegar aos nossos estimados clientes de alem-mar, embora em quantidades ainda limitadas. Visite o vendedor das Smith-Corona.

L C Smith & Corona Typewriters Inc
Syracuse 1 N Y

Há em todos os estados do Brasil vendedores autorizados

Herbert N. Cohn

Superintendente de vendas—Machinas—Importadora, Ltda.
Rua do Rosário 104, Rio de Janeiro

SÍMBOLO DE MELHOR FUNCIONAMENTO PARA MAIS DE 8 MILHÕES DE AUTOMOBILISTAS

● Os Srs. Motoristas, cujos carros estejam equipados com sistemas elétricos Auto-Lite, encontram sempre a mais pronta assistência quando procuram mantê-los em condições de serviço.

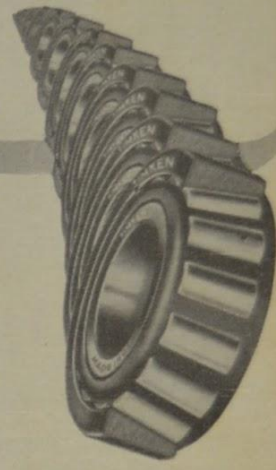
As peças e sobressalentes Auto-Lite são acessiveis em toda a parte do mundo. Quer isto dizer que V.S. pode conseguir que o posto de serviço Auto-Lite ponha seu carro a funcionar como novo, porque o encarregado de reparações da Auto-Lite emprega somente peças novas, diretamente vindas da fábrica, para as substituições que tiver a fazer.

Para a reparação do sistema elétrico do seu carro —procure o emblema da Auto-Lite.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division
Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

AUTO-LITE EQUIPAMENTO DE IGNIÇÃO ARRANQUE E ILUMINAÇÃO

771.000.000 DE ROLAMENTOS TIMKEN desde 1910!



Há 48 anos que The Timken Roller Bearing Company lançou o inovador rolamento cônico.

Desde então, sairam das fábricas da Companhia Timken para entrar a serviço setecentos e setenta e um milhões de Rolamentos Cônicos Timken!

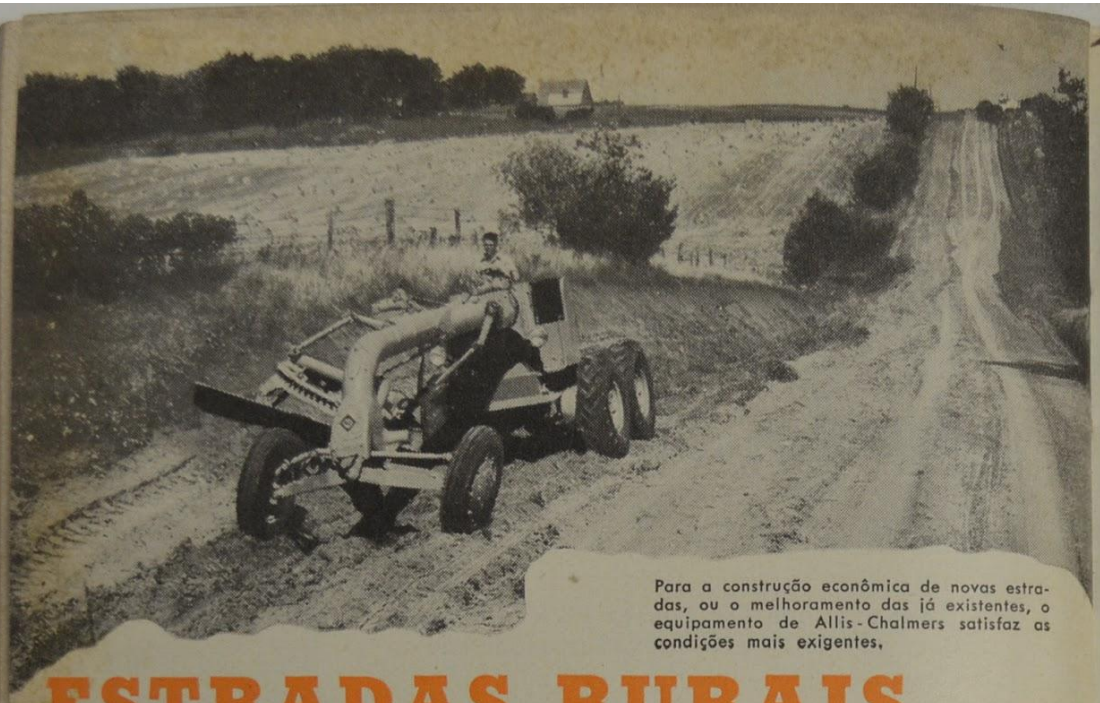
A experiência metalúrgica e de engenharia adquirida no desenvolvimento, manufatura e aplicação desses rolamentos aos automoveis e a todos os gêneros de equipamento para indústrias e transportes, é uma das mais importantes razões por que V.S. deve exigir sempre, expressamente, os Rolamentos Cônicos Timken para a sua maquinaria.

Para ter certeza de que adquire o produto original e genuino, procure a marca de fábrica "TIMKEN" que vai sempre estampada em todo rolamento que V.S. compra, e recuse qualquer outro.

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz, 396, São Paulo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E.U.A.

TIMKEN
MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.
ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS
"Tudo que existe em rolamentos"



Para a construção econômica de novas estradas, ou o melhoramento das já existentes, o equipamento de Allis-Chalmers satisfaz as condições mais exigentes.

ESTRADAS RURAIS . . .

Rodovias para uma Existência Melhor

ESTRADAS RURAIS — rodovias da fazenda ao mercado . . . linhas de suprimento de cidades, vilas e aldeias! Por onde passam rodando os alimentos que vão ter à sua mesa, os fios e as fibras que o vestem, os materiais que vão erguer o teto que abriga sua família. Todo o negócio se nutre e prospera graças a esse trânsito!

Quando estas estradas estão intransitaveis, ou dificeis de percorrer, a nação inteira — e não somente o lavrador — há de sofrer! Do trânsito *diário* de gêneros alimentícios e de matérias primas depende a vida e saude da Nação . . . e os seus niveis de existência.

Uma boa rede de estradas, para ser completa, deve abranger estradas da fazenda ao mercado, bem conservadas, acessiveis a todos os lavradores, e em comunicação com todas as rodovias principais. Tal devia ser o fim em vista — precisa, mesmo, ser — para a todos levar melhores condições de vida.

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD-946 DIVISÃO DE TRATORES MILWAUKEE 1, E. U. A.

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria, (COBRAMA)
Recife, Pernambuco
Soc. Técnica de Materiaes, Ltda. (SOTEMA) São Paulo
Cia. de Propaganda Administração e Comércio (PROPAC)
Rio de Janeiro

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1847

OBRA DE CONSTRUÇÃO . . . É "SOPA"?

Pergunte a qualquer empreiteiro . . . ele lhe dará como resposta um "Não!" redondo. E a veemência da resposta exprime a sua convicção de que os *carretos* pesados . . . para serem feitos com o mínimo de despesa . . . exigem caminhões *robustos*.

Há 46 anos que os Caminhões Mack vêm sendo fabricados com *robustez* desde as rodas ao teto. Seja qual for o modelo, o tamanho, ou a tarefa para que um Mack foi traçado . . . cada uma das suas peças é fabricada para dar o *máximo* de uso, a *mais longa* duração, e o *mínimo* de interrupções de serviço.

Fale com alguem que possua um Mack: ele lhe dirá que um Mack carrega mais com menos custo líquido. *E depois verifique por si mesmo!*

SE V. TEM UM
Mack
TEM MUITA SORTE . . .
SE PROJETA COMPRAR UM,
TEM MUITO JUIZO

MACK TRUCKS, INC., EMPIRE STATE BLDG., NEW YORK 1, E. U. A.

Fabricantes de caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores navais de fama universal—a gasolina e diesel. A Mack tem distribuidores em todas as capitais da América Latina.

A Predileta da Favorita

...A CANETA EVERSHARP

As pessoas que se destacam na sociedade ou nos negócios, preferem a EVERSHARP "Skyliner" por suas qualidades únicas.

Suas linhas elegantes são realmente fora do comum. Mas é sobretudo por sua eficiência que ela se tornou preferida. A ALIMENTAÇÃO MÁGICA impede-a de extravazar tanto ao nível do mar quanto na mais elevada altitude. A PONTA MÁGICA registra em silêncio os pensamentos de quem escreve.

EVERSHARP, Inc., Chicago, E.U.A.

GARANTIDO PARA SEMPRE—O Serviço de consêrtos das Canetas e Lapiseiras EVERSHARP é garantido *para sempre!*

Dê **EVERSHARP** *e dará a melhor!*

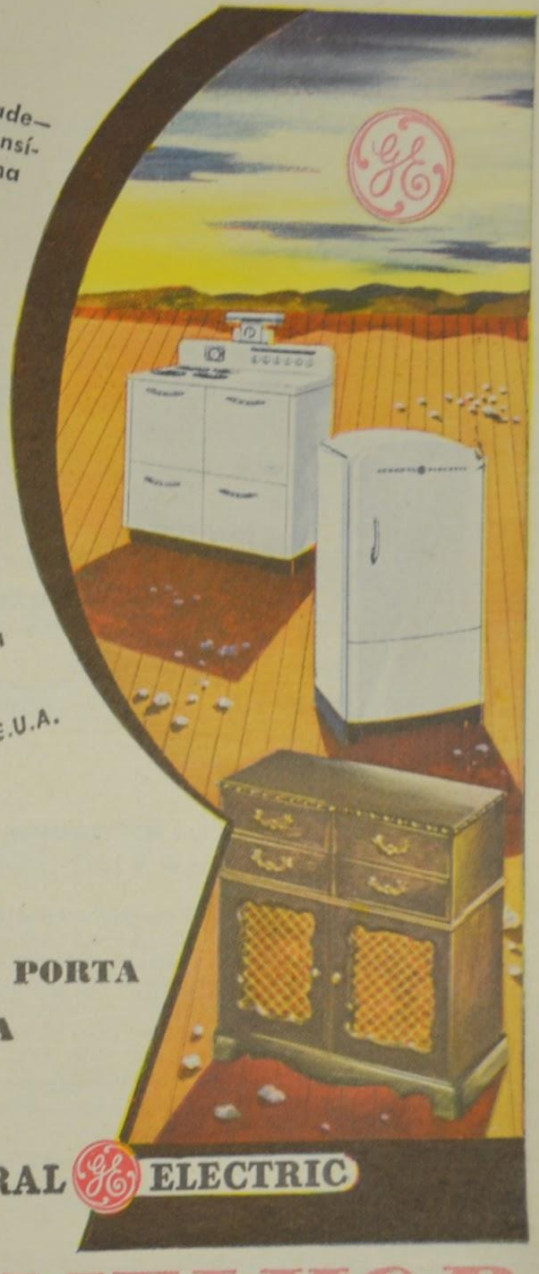
Maior conforto para maior felicidade—tal é a palavra-de-ordem dos utensílios General Electric para uma existência melhor.

Os novos refrigeradores, fogões, máquinas de lavar roupa, rádios Tom Natural e outros artigos menores da General Electric, vêm de há muito servindo as pessoas mais exigentes, não só no carater de "serviçais elétricos" da maior utilidade, mas tambem como graciosos atributos do lar na vida moderna.

O distribuidor da General Electric na sua localidade é o "consultor técnico" para o melhoramento da sua existência . . .

Visite-o hoje mesmo!

Produtos da General Electric Co., E.U.A.



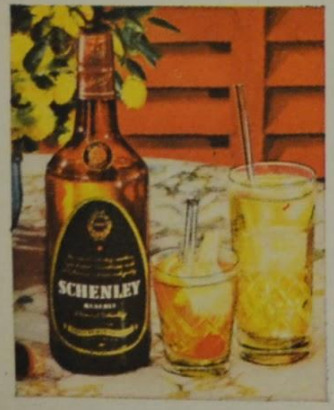
ABRINDO A PORTA QUE LEVA A UMA

GENERAL ELECTRIC

VIDA MELHOR

EM NOVA YORK . . . O "Salão Flamingo" do Hotel Waldorf-Astória, famoso no mundo inteiro, é o ambiente incomparavel para os encontros mais excitantes. Alí o Whiskey Schenley dá maior relevo, às horas de divertimento.

para os conhecedores de ambos os continentes . . .



EM TODA A AMERICA LATINA . . . Nos clubes, hotéis, restaurantes e cabarés mais conhecidos, a popularidade do Schenley Reserve aumenta de dia para dia. As pessoas mais exigentes apreciam a distinção do seu paladar e brandura.

• Experimente Schenley Reserve, o leve e suave whiskey *americano*, criado para satisfazer seu paladar. Ele imprime tão branda qualidade a um whiskey-com-soda, assim como a coquetéis e outras bebidas misturadas! Schenley International Corporation, Empire State Building, Nova York, E. U. A.

No mundo da elegância, é só . . .

SCHENLEY O Melhor Whiskey Americano

SÓ VIAJANDO POR ESTRADA

se podem ver as belezas dos Estados Unidos

Só a Greyhound pode levar V. a percorrer quilômetro por quilômetro os imponentes corredores da Estrada das Sequóias (Redwood Highway) na Califórnia, onde irá encontrar esta assombrosa Casa-na-Árvore! O mesmo se pode dizer com verdade de todas as famosas estradas dos Estados Unidos e do Canadá.

Os milhões de passageiros da Greyhound que desfrutam estas maravilhas da beira-de-estrada, sabem reconhecer uma verdadeira "pechincha": apreciam os horários com saidas frequentes, a agradavel companhia de viajantes amistosos, e a atenciosa cooperação dos choferes da Greyhound. E já verificaram que os ônibus Greyhound têm assentos cômodos e bem estofados, e é um prazer viajar neles.

GREYHOUND INFORMATION CENTER, DEPT. R9
1505 N.B.C. BUILDING • Cleveland 14, Ohio, U.S.A.

GREYHOUND

Tubagem de Aço

A tubagem de aço BETHLEHEM é de qualidade uniformemente superior. É fácil de cortar e de filetear e solda-se prontamente. A tubagem Bethlehem é de tôda a confiança e instala-se com facilidade. Pode-se contar com ela para longo serviço sem necessidade de consertos.

A BETHLEHEM que é "um dos maiores produtores mundiais de aço," oferece um sortimento completo de artigos de aço, incluindo arame, chapa, fôlha de Flandres, aço de construção, aço para uso em caminhos de ferro e estradas, etc.

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

25, Broadway, Nova York 4, E.U.A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165-3° andar
SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415

BETHLEHEM STEEL

"MASTERCRAFT é o cachimbo que mais me satisfaz, de quantos tenho fumado"—

diz BING CROSBY

Poucos homens sabem e compreendem tão bem o que significa um bom cachimbo, como o aplaudido astro americano do cinema e do rádio. Pode portanto o ilustre fumante pôr toda a confiança em Crosby, quando êle afirma: "MASTERCRAFT é o mais suave, fresco e deleitável dos cachimbos; cada baforada revela a qualidade de sua madeira leve e especialmente tratada."

BING CROSBY
protagonista de
"ROMANCE INACABADO"
("Blue Skies")
Um filme da Paramount em Technicolor.

Preços fixos de retalho:

CR $75.00 CR $100.00 CR $225.00 CR $300.00

Agentes Exclusivos da Mastercraft Pipes no Brasil:
DISTRIBUIDORA de
CHARUTOS SUERDIECK, Ltda.
Rua Buenos Aires, 177 — Rio de Janeiro

Manufaturados pela
MASTERCRAFT PIPE CO.
New York 19, N. Y., E. U. A.

Mastercraft Pipes

Srtas. Helena e Laura Valladão de Azevedo

JOVENS, bonitas, finas flores de nossa sociedade, as Srtas. Helena e Laura Valladão de Azevedo usam, pela manhã e à noite, os embelezadores Cremes Pond's. Veja o que dizem sôbre êste verdadeiro tratamento de beleza: "Graças ao uso diário dos Cremes Pond's nossa cútis se mantém sempre saudável e bonita". Siga-lhes o exemplo, tornando-se ainda mais cativante, com uma pele adoràvelmente sedosa e linda. Comece a usá-los hoje mesmo.

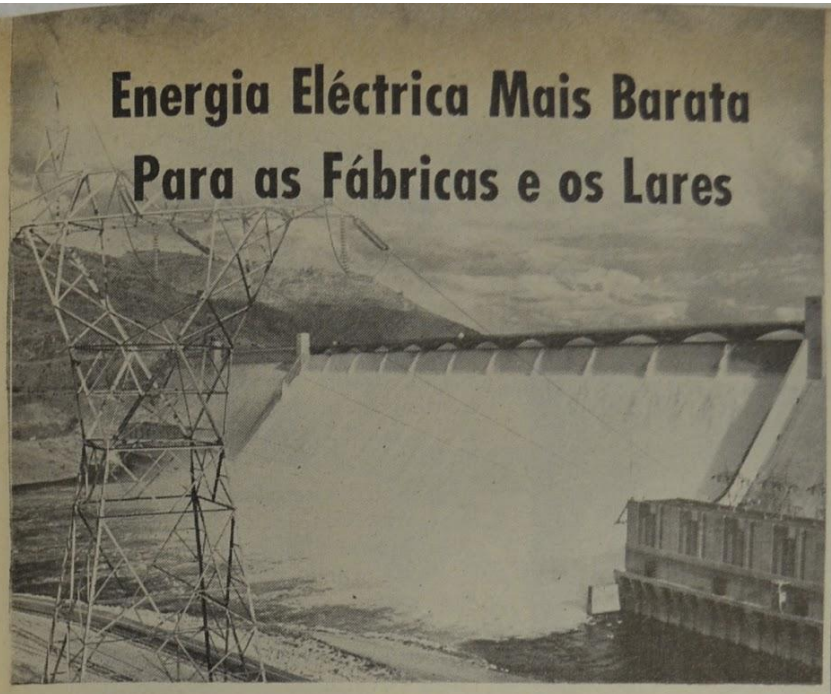
Experimente também êstes novos produtos Pond's:

MAKE-UP-PAT — *novo "cake" para maquillage, de fácil aplicação e longa durabilidade*

BATON — *côres especiais para dia e noite.*

ROUGE — *5 tonalidades atraentes.*

Energia Eléctrica Mais Barata Para as Fábricas e os Lares



A CHAVE da melhoria de existência é hoje—mais do que outro qualquer fator isolado—a eletricidade. É ela que aciona as máquinas modernas—e ilumina as modernas cidades. É ela a força impulsora de milhares de produtos modernos, para a nossa comodidade e conforto!

Qual seja a melhor maneira de produzir eletricidade, eis um problema a cujo estudo e solução a Allis-Chalmers de há muitos anos se consagra. Aprendemos a construir eficientes turbinas hidráulicas e a vapor, que produzem energia mecânica para fazer girar formidaveis geradores. Construimos os próprios geradores—os transformadores, reguladores e distribuidores necessários para controlar a energia elétrica . . . e para transmití-la economicamente aos seus destinos essenciais.

E a indústria elétrica é somente um dos muitos campos que nós servimos! Em suas 8 enormes fábricas, a Allis-Chalmers fabrica o maior sortimento mundial de equipamento básico industrial. Consulte o nosso representante na sua região, se necessita de ajuda na solução mecânica dos seus problemas industriais!

ALLIS CHALMERS

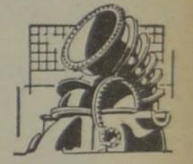
MILWAUKEE 1, WISCONSIN E.U.A.

MAIS de 1.600 Produtos para a Indústria

EQUIPAMENTO ELÉTRICO

TURBINAS HIDRÁULICAS E A VAPOR— CONDENSADORES

MAQUINARIA PARA ESMAGAMENTO, CIMENTO E MINERAÇÃO



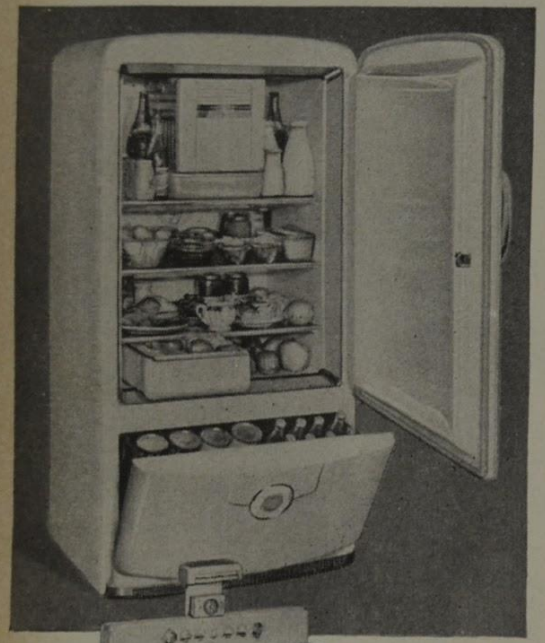
BOMBAS CENTRÍFUGAS

EQUIPAMENTO PARA MOINHOS DE FARINHA E SERRARIAS

REPRESENTANTES NA AMÉRICA LATINA: *Brasil:* **São Paulo e Rio de Janeiro — Sociedade Técnica e Comercial Serva Ribeiro, S.A.** • *Argentina,* Buenos Aires — Allis-Chalmers Mfg. Co. (Argentina) • *Bolivia,* La Paz — Corporación Comercial Boliviana, S. A. • *Chile,* Santiago — Sociedad Manufacturera Allis-Chalmers, Ingeniería Electrica, S.A.C. (Ingelsac) • *Colombia,* Barranquilla — Osorio & Cia. Ltda.; Bogotá — Alsoco Ltda.; Medellín — Peter Santa María & Cía., Ltda. • *Costa Rica,* San José — Distribuidora S. A. • *Cuba,* Havana — L. G. Aguilera & Co., S. A. • *El Salvador,* San Salvador — Hans Peter Pfeifer, Representante da Fábrica • *Guatemala,* Guatemala — East Asiatic Co., Ltd. • *México,* México D. F. — Allis-Chalmers de México, S. A. • *Nicaragua,* Managuá — Automotive and Industrial Equipment Co. • *Panamá,* Panamá — F. Icaza & Company Ltd. • *Perú,* Lima — Peruvian Trading Corp., S. A. • *Porto Rico,* Ponce — Porto Rico Iron Works, Inc. • *Venezuela,* Caracas — Compañía Anónima Tecnomat.

Aparelhagem Elétrica Ward

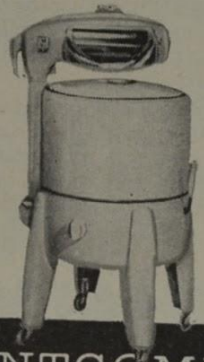
E SUPRIMENTO COMPLETO DE RÁDIOS

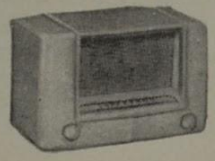


Os desenhos belíssimos e modernos . . . novos aperfeiçoamentos elétricos . . . muitas caraterísticas exclusivas . . . asseguram clientes satisfeitos.

Conhecidos pelo fino material, cuidadoso confeccionamento e excepcional desempenho—por razão do grande volume de vendas, perícia em engenharia, e facilidade para produção em quantidade, elementos com que conta a Ward.

Coda unidade ilustrada constitue apenas um dos muitos modelos no ramo. Vendidas no estrangeiro pelos nossos distribuidores exclusivos. Ainda há oportunidades para novos contratos em certos territórios. Escrevam hoje mesmo pedindo informações.





MONTGOMERY WARD

Uma grande fonte central de fornecimento

SEÇÃO DE EXPORTAÇÃO CHICAGO, E.U.A.

Sòmente Tissot lhe oferece esta

Garantia Contra Acidentes

Além de ser um relógio antimagnético, de alta precisão e evidente beleza, Tissot oferece esta vantagem preciosa: é vendido com um Certificado de Garantia Contra *Qualquer* Acidente pelo prazo de um ano. Seja qual fôr o acidente que por acaso o prejudique, êle será reparado sem qualquer despesa, desde a substituição de um simples vidro ao consêrto mais sério. E será mesmo trocado por um Tissot inteiramente novo, se o acidente fôr irreparável. Prefira, pela Confiança que merece, pelas vantagens que apresenta, o relógio Tissot.

★ ★ ★

Ao adquirir o seu Tissot, exija o Certificado Exclusivo de Garantia.

Tissot

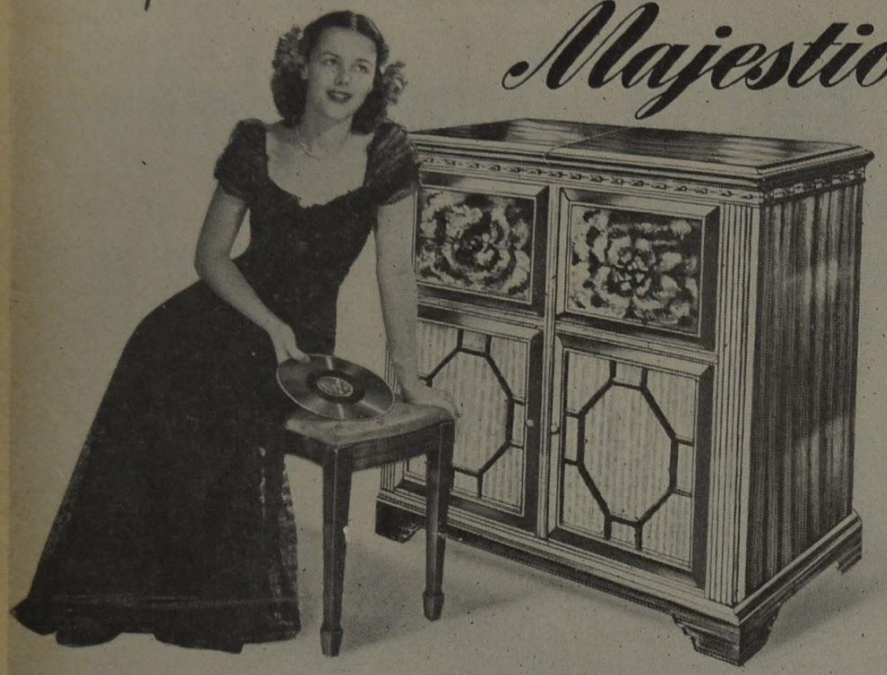
OMEGA

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE
GENEBRA-SUIÇA

Tissot

Espere... ATÉ TER OUVIDO UM

Majestic



NÃO se precipite na compra de qualquer rádio ou rádio-vitrola,— veja e ouça primeiro um destes novos Majestic! São positivamente maravilhosos pela fina qualidade de seu tom, e pela maneira tão clara, exata e perfeita como reproduzem sua música favorita. O estilo e o acabamento dos respectivos moveis são duma beleza surpreendente.

Majestic lhe oferece mais, porque no Majestic encontra V. não só o resultado de longos anos de experiência técnica, mas tambem os mais recentes progressos eletrônicos. Daí, a grande vantagem em esperar até ver e ouvir primeiro um Majestic.

Tambem já temos prontos os Discos Majestic para seu rádio-vitrola.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORP.
St. Charles, Illinois, E. U. A.

Majestic
PODEROSO MONARCA DO AR
RÁDIO
DISCOS · TELEVISÃO · ELETRÓNICA

Kodak

FOTOS A TODAS AS CORES
com a sua maquina-miniatura

Quando V. carrega sua câmara-miniatura com Filme Kodachrome, fica tendo ao seu alcance todas as cores deste mundo. Por meio desse filme V. pode produzir lindos diapositivos Kodachrome para projeções, e com estes fazer radiosas Fotos Kodachrome (antes chamadas Minicolor) que vão desde o tamanho aquí representado até 28 x 36 cm. *Vá a loja Kodak.*

Filme KODACHROME para fotos e projeções

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.

Irresistível!

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

Preço — Cr. $1,00

COPYRIGHT 1946. THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Não é sòmente a beleza

QUE TORNA ESTA CANETA—
A "MAIS DESEJADA"!

★ É a "mais desejada"! E é natural. Porque a sua ponta encerrada está protegida contra o ar e a poeira. Está sempre úmida, pronta para escrever instantâneamente... e, terminando em precioso Osmirídio, escreve com suavidade de sêda. Mais ainda: esta caneta é a única especialmente desenhada e construida para o uso da tinta de mais rápida secagem no mundo, a Parker "51"!

Representantes exclusivos para todo o Brasil e
Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA.,
Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Representantes exclusivos para Portugal e
Posto Central de Reparações: ANTONIO VIEIRA, Lda.,
167, Rua do Ouro, 173, Lisboa

Parker "51"

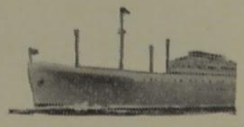
Escreve seco com tinta líquida!

A DELTA LINE é a *Rota Lógica* ENTRE ESTES GRANDES MERCADOS

DE EM 8 DIAS

A ROTA LÓGICA—porque o comercio entre o Brasil e o Vale do Mississippi se canaliza com a máxima eficiência e a maior economia através de NOVA ORLEÃS, que é o porto deste vale.

Delta Line



ARGENTINA • URUGUAI • BRASIL • NOVA ORLEÃS

Nova

Força-Motriz com as infaliveis VELAS DE IGNIÇÃO CHAMPION

Quer se trate dum automovel, dum caminhão ou dum trator—por toda a parte os donos exigem o máximo de energia—de infalibilidade—de economia no funcionamento. É por estes padrões que se avalia o desempenho—caraterísticas que tornarão supremo o seu motor, quando munido das infaliveis Velas de Ignição Champion.

As Champion gozam duma decidida preferência, porque atingem novos cumes de rendimento—novas baixas nas despesas de manutenção—assegurando continuamente o máximo de serviço eficiente, isento de preocupações.

CHAMPION SPARK PLUG CO. • Toledo, U. S. A. • Windsor, Can. • Feltham, Eng.

Amazonas

A Terra da Borracha

MELHORAL — O Analgésico do Amazonas

O Amazonas é a terra dos seringais imensos... dos grandes rios e das lendas cheias de sugestiva beleza... O esfôrço do homem amazonense está vencendo a selva bravia e construindo, alí, uma admirável civilização em plena zona equatorial... O homem amazonense escolheu o seu rumo na estrada do progresso. E escolheu também o analgésico da sua predileção: MELHORAL. Como o homem amazonense, vencedor na luta pela evolução, prefira também MELHORAL para aliviar a dôr, baixar a febre e cortar os resfriados.

MELHORAL é o amigo do amazonense e de todos os brasileiros.

Melhoral

CONTRA DOR DE CABEÇA

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

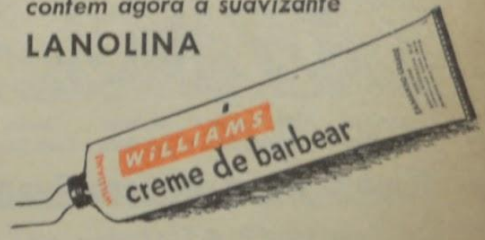
Uma barba mais macia e atraente. Se deseja barbear-se ficando com a face limpa e uma aparência elegante, use o Creme Williams de Barbear, com Lanolina. A suavizante Lanolina ajuda-o a escanhoar-se melhor sem arranhar nem irritar a pele. Deixa-lhe na epiderme uma sensação de frescura.

A Lanolina assemelha-se muito ao óleo natural da pele. De há muito conhecida dos médicos, é frequentemente receitada para suavizar as epidermes irritadas. É essa mesma Lanolina que hoje, para seu prazer, V. encontra no Williams.

O Williams foi sempre conhecido pela sua espuma rica e duradoura. Embebe *completamente* os pelos da barba mais dura, amolecendo-os, e deixa-lhe no rosto um aroma discreto e fino, que lhe dá distinção. A suavizante Lanolina torna hoje ainda melhor o Creme Williams. Compre hoje mesmo um tubo.

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante

LANOLINA



U. S. ROYAL

PARA TRATORES AGRICOLAS

Com suas fortes gretaduras, agarra-se firmemente no terreno. Evita o resvalamento lateral. De maior tração. Menor desgaste. Economiza combustivel.

O pneumático U.S. ROYAL para tratores é fabricado— como todo produto "U.S." —para corresponder a um objetivo determinado.

Para Agricultura Científica

EXIJA 'U.S.' E SIGA PARA A FRENTE

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Luvas para Cirurgiões | Mangueiras para gasolina e ar | Gachetas Industriais | Arames e Cabos Eletricos | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • Nos E. U. A., New York 20

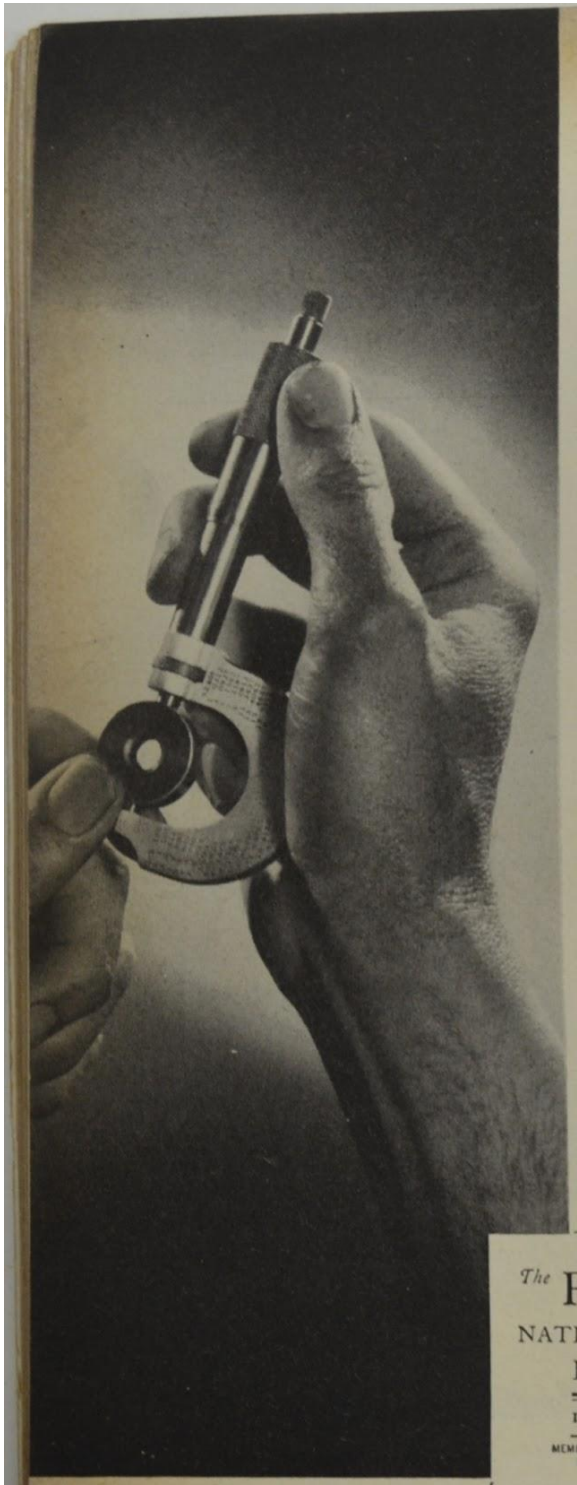
PROGRESSO PELA CIÊNCIA

Lenthéric c'est le plus chic!

Shanghai

Um perfume provocador... sempre lisongeiro

LENTHÉRIC *parfumeur-paris*



Produtos Leves
Para a Indústria Pesada

Duas palavras descrevem o trabalho das famosas oficinas da Nova Inglaterra: precisão e diversidade. Não sendo uma região de indústria pesada, à Nova Inglaterra acodem as indústrias pesadas em busca de especialidades metálicas, equipamento elétrico, plásticos, couros, texteis, e uma infinita variedade de peças e acessórios indispensaveis às modernas manufaturas!

O brilhante desempenho da indústria dessa região, sob as prementes condições da guerra, quando a indústria pesada confiava os sub-contratos de produção às fábricas da Nova Inglaterra, tornou possivel executar as maiores tarefas com economia, lucro, e rapidez sem precedentes. Essa tendência para a decentralização da produção em massa está-se acentuando e acelerando em tempo de paz—gerando um brilhante futuro para a indústria da Nova Inglaterra e uma procura universal de seus produtos.

O «First National Bank of Boston», situado no coração geográfico e financeiro da Nova Inglaterra, vem contribuindo há várias gerações para facilitar o intercâmbio de produtos da região com os do resto do mundo. O seu Departamento Exterior, nos E. U. A. e no estrangeiro, dispõe de numeroso corpo de especialistas em comércio, com correspondentes em toda parte.

Com mais de 160 anos de prática em assistência a importadores e exportadores, The First National Bank of Boston está pronto a assistir V.S. nos seus planos de negócio com a Nova Inglaterra ou qualquer outra região do mundo. Sempre que deseje informações, será cordialmente acolhido em qualquer filial ou agência do Banco.

The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON

1784 ★ 1946

MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 100 Broadway.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Escritório de representação no Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

Tão Novo! Tão Moderno!
Tão Lindo!

Todo o Rádio ZENITH
se distingue pela qualidade do
som e pelo funcionamento.

ZENITH

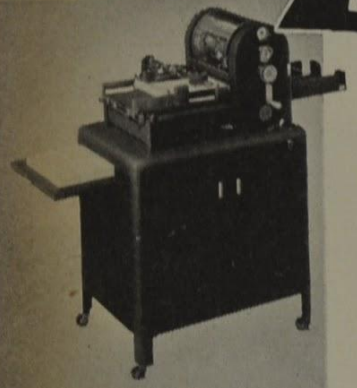
Rádios INTERNATIONAL

Com *Reprodução Radiônica*

O maior fabricante mundial de aparelhos radiônicos exclusivamente.

DUPLICADOR MIMEOGRAPH 90

JÁ SE PODE OBTER DE NOVO O GRUPO COMPLETO DE DUPLICADORES MIMEOGRAPH



DUPLICADOR MIMEOGRAPH 91

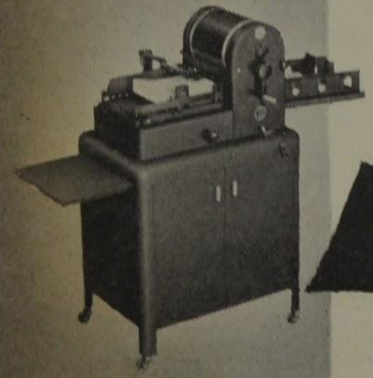
Sim! . . . V.S. pode agora resolver fácilmente seus problemas de duplicação, escolhendo um modêlo do grupo completo de duplicadores Mimeograph.* Agora pode escolher a máquina que deseje e necesite, com a capacidade exata para seu trabalho manual o mecânico.

Sugerimos que consulte o distribuidor dos duplicadores Mimeograph, e obtenha imformações completas—Encontrará que êle está hoje em melhores condições do que nunca de o servir a seu inteiro contento.

*MARCA REGISTRADA.

PERTENCES DE MARCA MIMEOGRAPH

● A mesa de desenho iluminada do Mimeograph permite ilustrar as fôlhas do estencil fácil e econômicamente ● Nas fôlhas do estencil, de marca Mimeograph, é fácil escrever á máquina e desenhar ● As tintas, traçador, guias de letras, guias de círculos e páginas de ilustraçôes de marca Mimeograph aumentam a utilidade, os lucros e o valor que V. S. obterá de seu duplicador Mimeograph.



DUPLICADOR MIMEOGRAPH 92

DUPLICADOR MIMEOGRAPH

A. B. DICK COMPANY, CHICAGO 6, E. U. A.

SOMENTE A. B. DICK COMPANY FABRICA O DUPLICADOR MIMEOGRAPH . . . Exija o nome "Mimeograph," a marca de fábrica registrada pela A. B. Dick Company, de Chicago, E.U.A., fabricantes dos duplicadores Mimeograph e dos pertences que levam a marca Mimeograph.

SABERÁ V. QUE . . .

. . . *os lavradores convidam os insetos para jantar?*

Parece incrível, não? Mas é assim mesmo . . . Depois de regar os estábulos e currais com uma solução do inseticida DDT de Du Pont, os lavradores abrem as portas de par em par e convidam a bicharia a jantar. Os insetos aceitam . . . comem . . . e morrem, não um nem dois, mas aos montões! Ficam assim muito reduzidas as hostes que atacam o gado e as aves. Os lavradores tambem usam DDT de Du Pont em pó e em líquido, para proteger suas culturas contra o ataque dos insetos.

. . . *a chuva pode embelezar sua casa?*

Se sua casa está pintada por fora com as lindas tintas da Du Pont, V. deve-se alegrar quando chove. Com o tempo, essas tintas desenvolvem uma película microscópica à superfície. A chuva arrasta essa película, e com ela o pó e a sujeira. Deste modo, graças às tintas Du Pont, sempre que o sol brilhe após a chuva, sua casa resplandecerá com caracteristica beleza.

. . . *estes são apenas dois dos 4.000 produtos que devemos aos químicos da Du Pont?*

Com efeito os químicos da Du Pont têm criado uma infinidade de produtos notaveis para enriquecer a vida de todos nós. Beleza, conveniência, economia — nisso se traduz a obra da Du Pont. Seus empregados, que são hoje uma legião de homens e mulheres, estão sempre atarefados para o prover dessas coisas que o beneficiam. São precisamente as "coisas melhores para uma vida melhor . . . graças à Química" que se associam tão intimamente com o nome Du Pont.

E. I. Du Pont de Nemours & Company (Inc.)

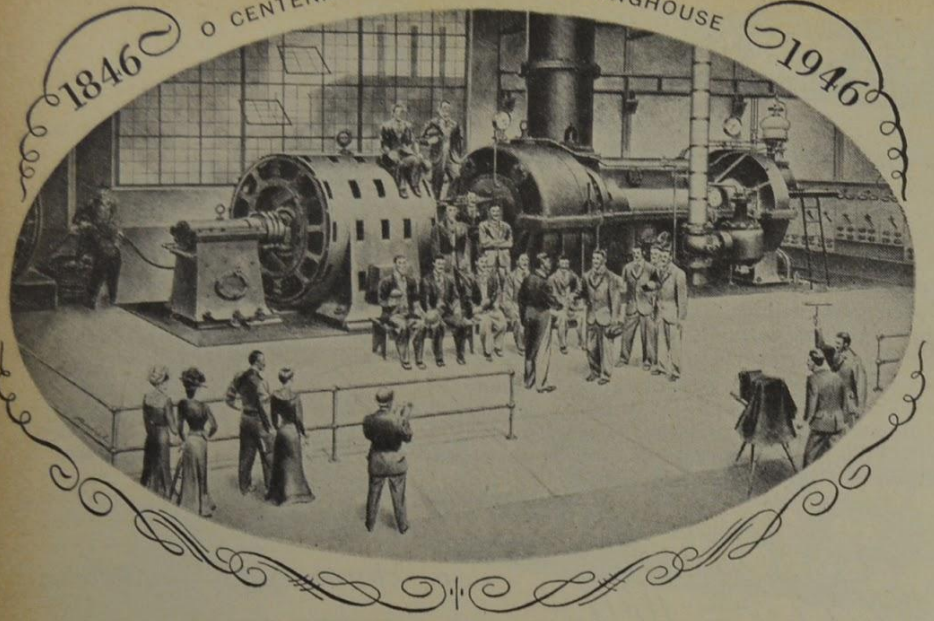
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT

Marca Registrada

"COISAS MELHORES PARA UMA VIDA MELHOR . . . GRAÇAS À QUIMICA"

1846 O CENTENÁRIO DE GEORGE WESTINGHOUSE 1946



O Jato de Vapor Que Deu Ímpeto ao Progresso

Muito moço, já George Westinghouse sonhava em descobrir um novo e melhor manancial de energia . . . algo que relegasse ao passado a volumosa máquina a vapor de movimento alternado.

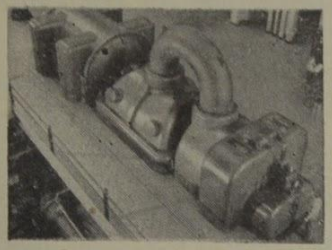
Apesar de seus poucos anos lutou com o problema e, logrou obter a primeira patente de uma máquina de tipo rotativo contando apenas 19 anos de idade. Tempos depois circulava a assombrosa notícia de que, na Inglaterra, Sir Charles Parsons havia desenvolvido um novo tipo de máquina rotativa . . . era a turbina a vapor em que se empregavam jatos para impulsionar velozes palhetas giratórias.

Tinha sido encontrada a solução para o problema que havia fascinado Westinghouse . . . o qual, logo em seguida, obteve os direitos de fabricação para os Estados Unidos.

Os anos subsequentes foram de atividade febril para Westinghouse. Com a energia que sempre lhe foi característica, consagrou por completo seu gênio ao aperfeiçoamento daquela rudimentar turbina a vapor, com o fito de convertê-la em um manancial concentrado de energia elétrica. Seus esforços foram coroados de êxito em 1900, ano em que Westinghouse instalou uma turbina geradora a vapor de 2.000 kw. em Hartford, Connecticut, a maior então em existência.

Foi o primeiro turbo-gerador prático para central elétrica nos Estados Unidos—nova aplicação da energia rotativa que levaria os benefícios de eletricidade a todos os povos do mundo.

HOJE, produzem-se diàriamente, no mundo, milhares de milhões de quilowatts hora de eletricidade. A Westinghouse continua sendo atualmente o que tem sido durante os últimos sessenta anos, uma das primeiras empresas empenhadas no desenvolvimento da eletricidade. Nos grandes centros populosos, assim como nos lugarejos mais afastados da terra, o equipamento Westinghouse é reconhecido como o mais eficiente para a produção de luz e energia.

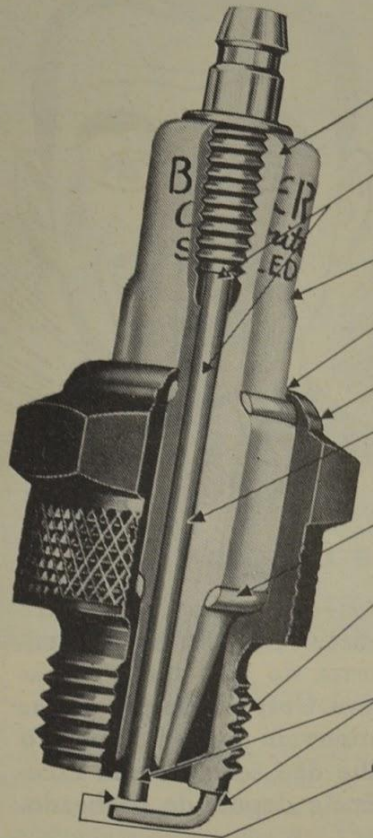


TURBINA Westinghouse compound em tandem, típica do equipamento moderno que se está instalando por todo o mundo para acelerar a expansão industrial. Algumas dessas turbinas produzem mais de 200 HP cada uma. Se desejar detalhes completos acêrca de qualquer tipo de turbina, queira consultar o Distribuidor da Westinghouse em sua localidade, ou escreva-nos diretamente.

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY
40 WALL STREET NEW YORK 5, E. U. A.

Velas de Ignição "Bowers" Vedadas com Ceramite

Construidas para o Departamento Federal de Especificações Padronizadas



- Possuem isolantes de porcelana da mais alta qualidade, que resistem as rápidas e extremas mudanças de temperatura.
- São vedadas com "Ceramite" que elimina a perda de compressão, realizando uma perfeita vedação do eletrodo central e de peça isolante de porcelana, por meio de uma alta concentração de cimento de "Ceramite", o que é feito na bolsa, na base das roscas.
- A moderna construção, tipo "Detour", da porcelana, evita as tendências para as descargas externas.
- O conjunto, que é hermeticamente FECHADO A QUENTE, proporciona mais uma garantia contra a perda de compressão, mandendo uma temperatura uniforme.
- A construção simplificada,—em uma só peça—é feita com aço da mais alta qualidade, moldado a frio.
- Somente as velas de ignição "Bowers" apresentam electrodos positivos de maior tamanho, e de maior resistencia, em todos os seus tipos para um maior e mais eficiente rendimento.
- Posseum gachetas de cobre, de grande resistencia, que dissipam admiravelmente o calor da porcelana, para manterem a temperatura adequada.
- Roscas de tamanho exato (segundo as especificações da S. A. E.—(Sociedade de Engenheiros da America do Norte)), que evitam as deformações por elas produzidas nas cabecas de aluminio, dos cilindros existentes nos modernos motores.
- É usada uma perfeita liga de aluminio e manganês, para os eletrodos positivo e negativo, para resistirem as variações bruscas de temperatura, sem se queimarem.
- As velas de ignição "Bowers", proporcionam uma tacil e segura partida no motor, duram muito mais, e apresentam uma nova técnica de construção nos terminais dos eletrodos, tanto no central como no lateral, o que é feito com um moderno e seguro sistema de soldagem.

Fabricados nos. E. U. A.
BOWERS BATTERY & SPARK PLUG CO
READING, PA.

Distribuidores para o Brasil

BIANCHI, ROSSI & Cia. Ltda.

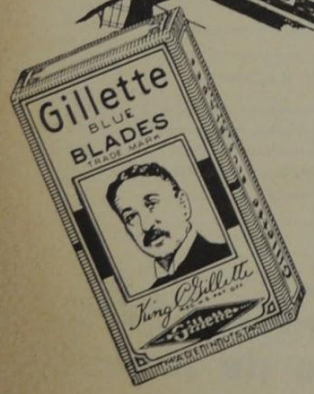
Rua das Marrecas, 43 Rio de Janeiro

End. Telegr: "Sugarloaf"

DE QUE FEITIO É A SUA CARA?

Um rosto oval indica carater sociavel, simpático—rapidez em se aperceber do ponto de vista alheio, franqueza, tendências impulsivas. Em geral favorecido pelo êxito.

Mas seja qual for o feitio da sua cara, as lâminas Gillette Azues são as mais próprias para raspar depressa e sem dor a sua barba. Feitas do mais fino aço, todas as Gillette são afiadas em máquinas de ajustamento tão delicado como a maquinaria do relojoeiro. É por isto que estas famosas lâminas de barbear prestam tão bom serviço, e por tanto tempo. Experimente-as, e verá como elas escanhoam bem, deixando a cara macia e limpa, com uma bela aparência.

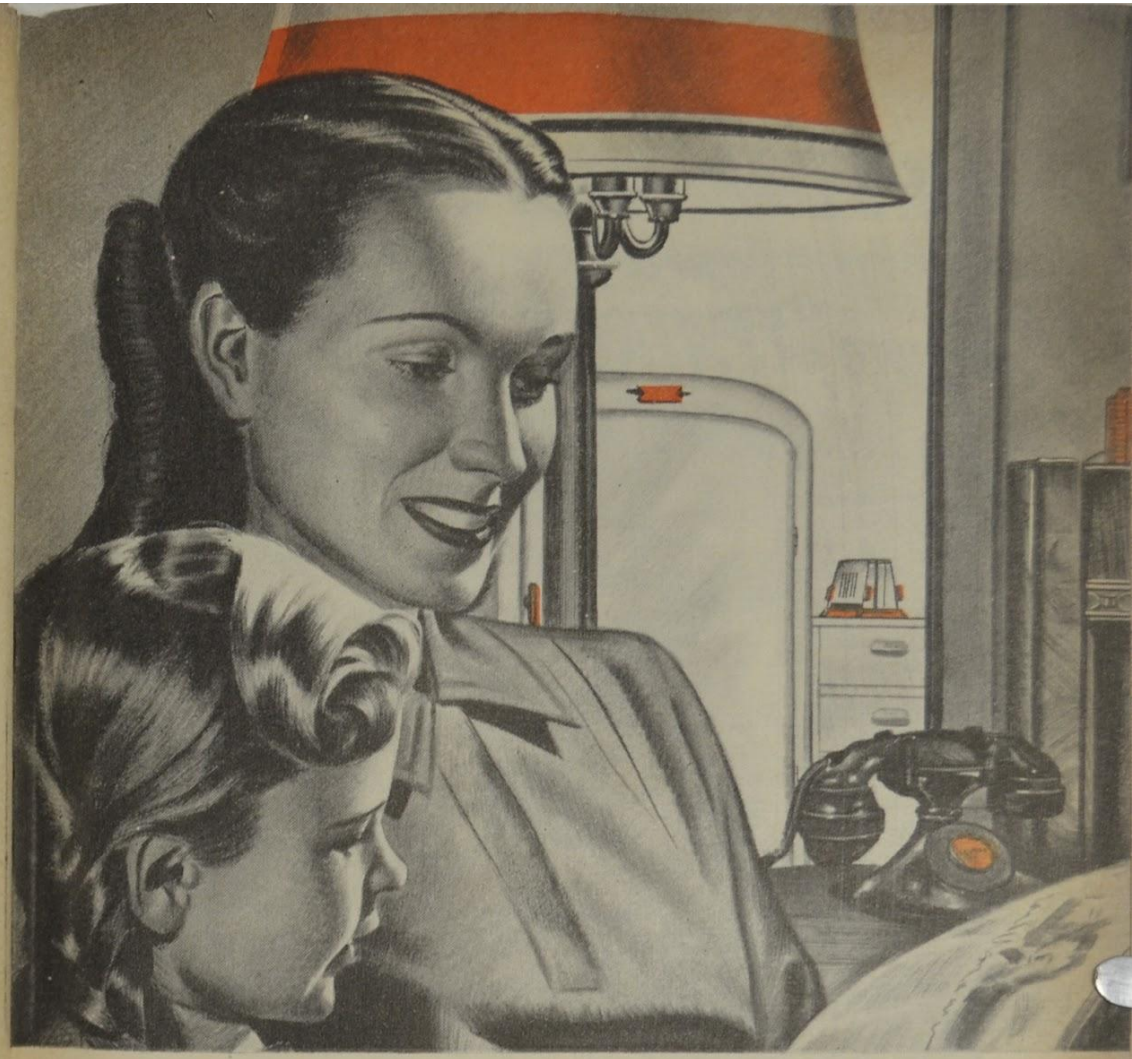


TESTE DO DIAMANTE

Os diamantes—a substância mais dura que se conhece—são usados para ensaiar a dureza do aço das Lâminas Gillette Azues. Outra razão por que as Gillettes conservam por tanto tempo o seu fio, e lhe dão sempre uma excelente aparência depois de barbeado.

GILLETTE-AZUL

CUSTA MENOS PORQUE DURA MAIS



Petroleo...Guardião da Electricidade . . . Qualquer pessoa está em condições de dizer-lhe que o petroleo lubrifica os mecanismos elétricos que desempenham milhares de trabalhos em casa, no escritorio ou na fábrica. Poucos, porém, imaginam os outros grandes papeis que o petroleo desempenha na industria elétrica. Como parafina e asfalto, ele isola os extensos cabos que transportam a força elétrica. Como oleo, protege os interruptores e os transformadores. E, como coke, produz os carvões para uso elétrico. Desse e de muitos outros modos, os produtos petrolíferos Esso especializados, auxiliam a industria que tanto contribue para a riqueza, o conforto e a comodidade do povo em toda parte . . . sendo isso uma sucinta demonstração porque Esso lidera a industria do petroleo desde 1870.

Esso

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Para acertar tôdas as receitas Faça o Seguro "A PATRÔA"!

Diz a BENEDITA

Para bolos deliciosos . . . empadinhas leves... frituras apetitosas... use sempre Composto "A PATRÔA". Porque já vem batido duas vêzes, o Composto "A PATRÔA" torna fácil misturar os ingredientes e assegura uma massa maçia, sem bôlhas nem caroços.

COMPOSTO ***A Patrôa***

PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

QUANDO SEU FORD NECESSITAR DE SERVIÇO

PROCURE ÊSTE LETREIRO

Conserte sempre
SEU FORD EM UM ESTABELECIMENTO FORD. SEUS MECÂNICOS SÃO ESPECIALIZADOS EM CARROS E CAMINHÕES FORD E SÓ USAM PEÇAS FORD LEGÍTIMAS.

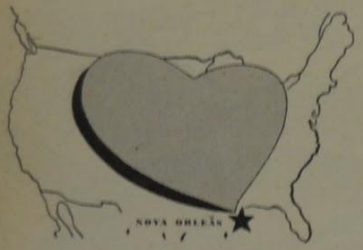
QUANDO SEU FORD precisar de qualquer reparo, leve-o a um Estabelecimento Ford e será atendido prontamente, e por um preço razoável. Seus mecânicos especializados usam peças Ford *legítimas* e ferramentas criadas especialmente para reparar carros e caminhões Ford. Faça com que seu Ford seja examinado cada 30 dias e verá como sua duração será maior, o combustível e o óleo renderão mais e a quilometragem aumentará. Conserve seu Ford bem cuidado, e êle lhe proporcionará maior satisfação e positiva segurança.

FABRICAÇÃO ESMERADA — PEÇAS Ford LEGÍTIMAS — AJUSTE PERFEITO — MAIOR DURAÇÃO

Quanto V.S. tem a ganhar servindo-se do porto de

NOVA ORLEÃS

—Porta Aberta a Um Comércio Mais Próspero

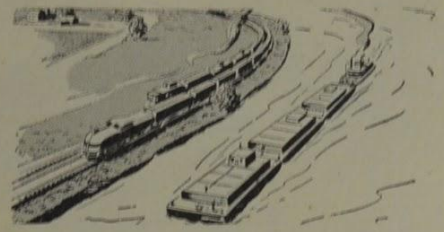


Um Mercado Pronto a Comprar Seus Produtos

Os carregadores servem-se do porto de Nova Orleãs como duma porta naturalmente aberta sobre este mercado de 60 bilhões de dólares que é o riquíssimo Vale do Mississipi! Nele demoram 78.000 fabricantes que compram e processam matérias primas, cerca de um milhão de armazenistas e retalhistas, e mais de metade da população dos Estados Unidos!

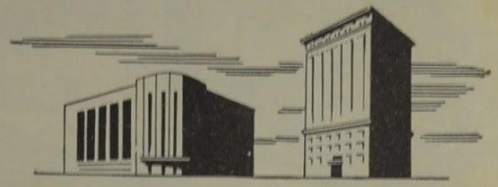
Segundo Porto dos Estados Unidos— Mas o Primeiro em Eficiência!

O porto de Nova Orleãs tem mais de 11 quilômetros de cais de aço e concreto, com comunicações coordenadas entre os navios, as estradas de ferro e as barcaças fluviais, para mais rápido despacho de seus carregamentos—elevador de grão, transportadores de fruta, e um dos melhores "terminais cafeeiros" de todo o mundo! Instalações bancárias completas ao seu dispor,— a par de despachantes, corretores, expedidores, representantes de importação e exportação.



Taxas Favoraveis de Frete Terrestre Asseguram Importações Mais Econômicas

Muitos importadores aumentam seus lucros pelo fato de utilizarem as baixas taxas de frete, por estrada de ferro ou via fluvial, entre Nova Orleãs e todos os pontos do Vale do Mississipi. V.S. pode economizar de 60c (Cr$12,00) a $5 (Cr$100,00) por tonelada, conforme o artigo e sua procedência.



Mercado Internacional—e Casa Internacional!

Estas duas instituições não-lucrativas, consagradas ao fomento do comércio, estão ao seu dispor em Nova Orleãs, onde V.S. se sentirá perfeitamente à vontade para negociar com pessoas que têm tambem cultura e tradições latinas.

Para informações completas (e confidenciais) especialmente aplicaveis ao seu ramo de negócio, queira escrever a

GREATER NEW ORLEANS, INC.

NEW ORLEANS, LA., U.S.A.

10 diferentes apresentações da mesma receita ROYAL

Eis uma boa-nova para as donas-de-casa! Os tentadores bolos apresentados são *apenas* duas das deliciosas variações desta fácil receita Royal. Há *mais oito!* Cada uma é feita com o Fermento Royal, de modo que a senhora pode estar certa de obter uma textura leve, um delicioso sabor.

•

Para obter esta receita básica com variações, escreva a: Standard Brands of Brazil, Inc.—Caixa Postal: 3215—Rio de Janeiro.

MOTORES "WASP MAJOR" PARA AVIÕES ESTRATOSFÉRICOS

Agora que milhares de pessoas viajam diàriamente a altas velocidades, com um luxo e confôrto exuberantes, os novos aviões estratosféricos Boeing alçarão vôo propulsionados por uma potência extraordinária, de nada menos de *catorze mil* cavalos.

Esta enorme fôrça é fornecida por quatro modernos motores Pratt & Whitney "Wasp Major" — os mais possantes que hoje se fabricam em todo mundo.

PRATT & WHITNEY DESENHA E FABRICA OS FAMOSOS

Wasp Jr.	Wasp	Twin Wasp	Twin Wasp	Double Wasp	Wasp Major
450 H.P.	600 H.P.	1200 H.P.	1450 H.P.	2400 H.P.	3500 H.P.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

QUANDO V. ADQUIRIR UMA CANETA, OBSERVE O SEU *Valor* ... EXAMINE A "*TRIUMPH*"...

A seleção de um fino instrumento de escrever — valioso tanto para você como para presentear — requer meditação e cuidado . . .

Os fabricantes das canetas SHEAFFER sugerem, antes de qualquer aquisição, um exame detalhado, uma crítica imparcial das canetas "TRIUMPH", comparando-as com outra qualquer marca e com outros preços. Com isso, V. terá a certeza de que descobriu aquilo que a ciência tem provado:—que "TRIUMPH" é a caneta melhor fabricada, a mais bela, a que escreve melhor e a que ultrapassa, em *valor*, o seu preço! W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Representantes Gerais para o Brasil — M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843 — Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal — Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76 — Lisboa, Portugal.

*A NOVA PENA *Lifetime*

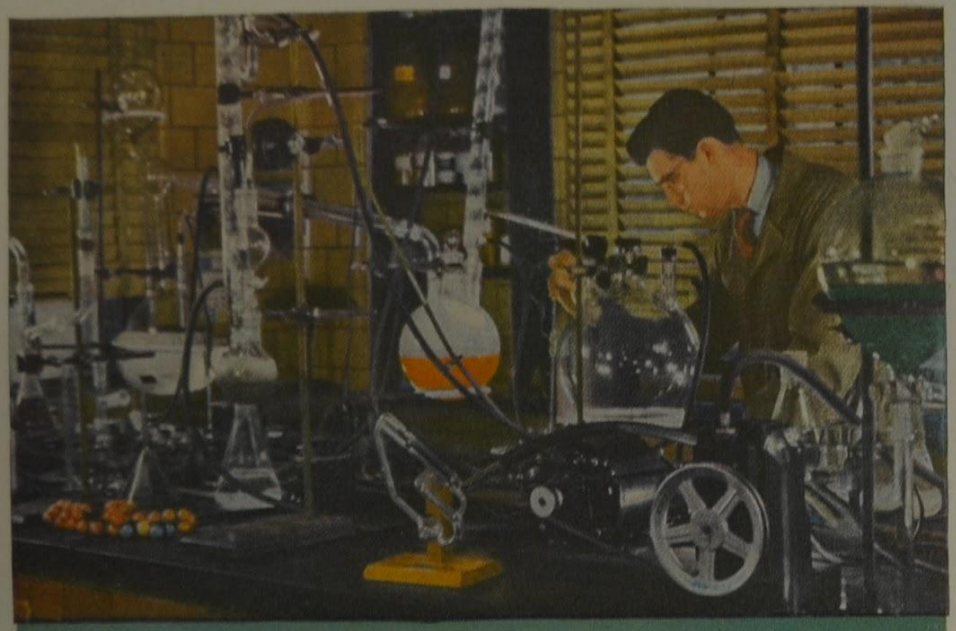
O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

A NOVA *Fineline*

Maior superficie de apôio reduz as quebras ao minimo.

SHEAFFER'S

Novas Canetas "TRIUMPH" • Novas Lapiseiras "Fineline"



PRODUTOS NOVOS PARA NOVOS USOS—
PRODUTOS NOVOS PARA VELHOS USOS

O nosso sortimento de *Produtos de Processamento* oferece à Indústria, e a todos os outros domínios da atividade humana, os meios de produzir os artigos mais perfeitos e mais econômicos, dando simultaneamente aos homens a solução de antigos e muito debatidos problemas:

Ceras microcristalinas . . . Parafinas . . . Emulsões aquosas de ceras e parafinas . . . Produtos para processos de acabamento na indústria textil . . . Óleos para têmpera de metais . . . *Derivados do petróleo usados como fluidos de corte e para amolação de metais . . . E grande número de produtos para todos os tipos de aplicação e processos.

Consulte o nosso departamento especializado. Possuimos com certeza, em qualquer de nossos produtos acrescido da nossa experiência, uma solução para o seu problema, ou os meios de melhorar sua produção.

*Solventes Plastificadores para a indústria da borracha.

GARGOYLE

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

A CIÊNCIA A EXPERIÊNCIA **Lubrificantes** ALTA QUALIDADE

a seu serviço, AQUÍ e em toda parte do MUNDO

Um monumento de arquitetura moderna

Rodrigo Melo Franco de Andrade
Escritor, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Um grupo de arquitetos e urbanistas australianos, que desembarcou recentemente no aeroporto do Rio de Janeiro, vinha com a especial incumbência de estudar o edifício do Ministério da Educação e Saude e outras realizações da nova arquitetura brasileira, afim de utilizar suas observações em grandes obras de remodelação arquitetônica e urbanística no seu país. O edifício do ministério é um dos monumentos de arquitetura moderna que têm despertado maior interesse entre os especialistas estrangeiros, porquanto representa um marco assinalado na história da arquitetura.

O genial inovador de nossos dias, Le Corbusier, nunca tinha tido oportunidade de ver realizado nenhum de seus projetos de construção e de urbanização, os quais permaneciam apenas nos livros que compôs. Tendo sido, porem, convidado a visitar o Rio de Janeiro para estudar o problema da construção da cidade universitária, Le Corbusier elaborou, a pedido do Ministro Gustavo Capanema, um ante-projeto para a nova sede do Ministério, que deveria ser localizada na proximidade do mar.

Esse trabalho, adaptado a outro local, serviu de base para a construção do atual edifício, projetado por um grupo de jovens arquitetos brasileiros adeptos das idéias de Le Corbusier: Oscar Niemeyer Soares, Lúcio Costa, Afonso Reidy, Carlos Leão, E. Vasconcelos e Jorge Moreira. Assim, com a contribuição pessoal ponderavel dos técnicos brasileiros na elaboração do projeto definitivo, o prédio representa a primeira concepção monumental de Le Corbusier executada efetivamente.

A forma clara e pura do edifício destaca-se da massa indisciplinada e incaraterística das construções do centro da capital brasileira. Sua fachada sul, voltada para o mar, é envidraçada em toda a extensão, abrindo do interior a vista para o deslumbrante panorama da baía de Guanabara e suscitando a quem o observa do exterior uma impressão muito viva de leveza e transparência do conjunto. A fachada norte, castigada pelo sol violento da região, embora tambem largamente aberta, é provida de engenhoso sistema de quebra-sol, que não só permite proteger com facilidade, da luminosidade e do calor excessivos, aquela parte da edificação, mas tambem contribue fortemente para o efeito plástico visado pelo arquiteto.

As colunas ou *pilotis* sobre que se apóia a construção, e o paramento da parte inferior dessa fachada norte, que se prolonga em dois pavimentos para abrigar um vasto auditório e outras dependências, são revestidos de bela cantaria do país. Do lado oposto, em saliência correspondente, foi instalado um vasto e excelente salão destinado a exposições culturais temporárias, e sobre a sua cobertura estendeu-se um jardim suspenso, com plantas tropicais, com o qual se comunicam diretamente o Gabinete do Ministro e o seu salão de audiências. Este é enriquecido por afrescos do grande artista moderno brasileiro Cândido Portinari, que pintou tambem um enorme painel na sala de espera do pavimento ministerial e dois outros no auditório, tendo desenhado igualmente, com o mais afoito espírito moderno, os largos quadros de azulejos que revestem alguns dos paramentos da parte inferior do edifício. O exterior deste é ornado ainda com uma estranha escultura de Lipchitz, representando a luta de Prometeu com o abutre e, internamente, com obras dos escultores brasileiros Celso Antônio e Bruno Giorgi.

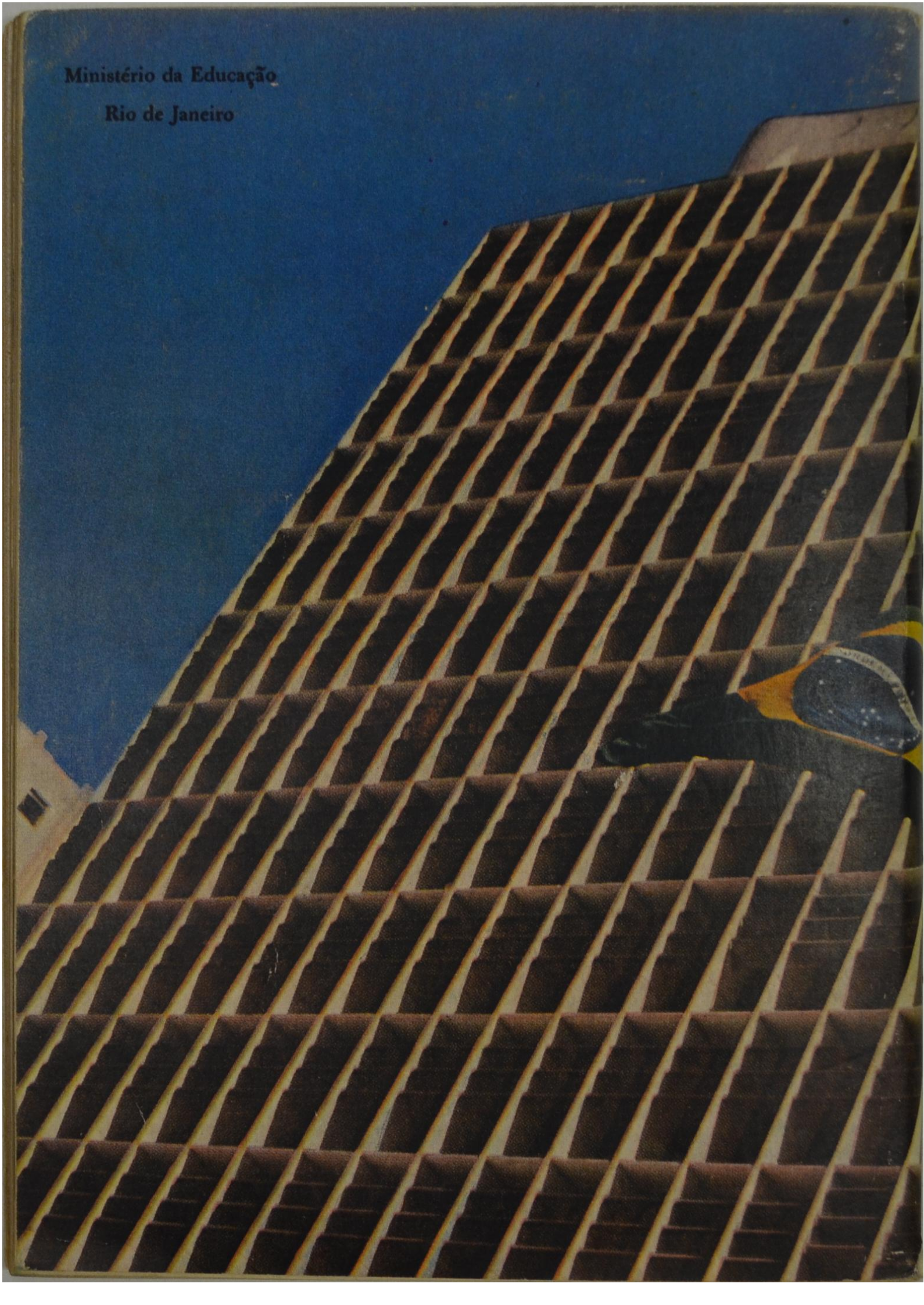
A importância do edifício do Ministério da Educação e Saude avultou sem demora, a partir de sua construção, pela influência que passou a exercer no Brasil, alastrando-se pelo país as mais audaciosas e mais belas realizações da arquitetura contemporânea.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Ilustração no verso, foto de D. Holdridge

Ministério da Educação

Rio de Janeiro



OUTUBRO de 1946

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

Impressões de quem recobra a vista . *Daniel Schwarz* 1
Afastemo-nos do caminho que leva à guerra *William Hard e André Visson* 3
Pombos e pessoas . . . . . *T. McKean Downs* 12
Alá ajuda os que se ajudam . . . . . *Edwin Muller* 15
Pontos de vista 19
A voz do trovão . . . . . *George Kent* 21
O tesouro no túmulo . . . . . *J. Edgar Hoover* 28
Ah... os pobres índios! . . . . . *J. P. McEvoy* 33
Carga de inocentes . . . . . *Laurence Kirk* 37
Super-sentidos dos animais . . . . . *Alan Devoe* 41
Há dois mares . . . . . *Bruce Barton* 44
Para o bem-estar da humanidade . . . *Edwin Muller* 45
Prejuizos que causam os soldados . *Nathaniel Gordon* 49
Calma e digestão . . . . . *Howard Vincent O'Brien* 55
Outra vez a paz a todo transe? . . . . *Stanley High* 56
Meu tipo inesquecivel . . . . . *Hiram Haydn* 60
Frangos aerodinâmicos e outras maravilhas *F. G. Brownell* 67
Sete remédios para as greves . . . . *Eric Johnston* 71
Motores a carvão pulverizado . . *Harland Manchester* 76
Como a Suécia observou a neutralidade *Ralph Wallace* 79
Frases pitorescas e poéticas 88
Objetivo X: salvar vidas . . . . . *Albert Q. Maisel* 89
O novo capitalismo: oportunidades para todos *Eric Johnston* 93
Flagrantes da vida real 96
Seção de Livros — Em face ao problema da União Soviética *William C. Bullitt* 97

As cataratas do Iguassú — *Fotografia* . . . . . quarta capa; *Nota* . . . . . terceira capa

CMDPC-ER
1943

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 221, 3º andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo X, No. 57 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Outubro de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba
Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho, *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Basta ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia. *Det Bedste fra Reader's Digest:* edição em dinamarquês, publicada em Copenhague, Dinamarca. Edição em japonês publicada em Tóquio, Japão.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. X, No. 57, October 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO X
No. 57

OUTUBRO
de 1946

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

Não há gesto mais simples nem mais generoso que o de legarmos nossos olhos, ao morrermos, àqueles que não podem ver

Impressões de quem recobra a vista

(Condensado do «New York Times Magazine»)

Por Daniel Schwarz

DURANTE 17 anos Russell Criddle, fazendeiro americano especializado na produção de lacticínios, esteve cego. Sua cegueira parecia incuravel. Mas há um ano, uma operação relativamente nova—o transplante da córnea—foi realizada no seu olho esquerdo, recuperando ele a visão.

Ver novamente, depois de longos anos de cegueira—que impressões causará?

Russell Criddle era um menino normal e ativo, de 12 anos de idade, quando uma bola de neve, lançada por um de seus companheiros, o atingiu no olho esquerdo. A inflamação não tardou a desenvolver-se, atingindo o olho direito. Ambas as córneas—as janelas redondas e transparentes que cobrem as pupilas e a iris—traziam tais cicatrizes, que a luz mal podia atravessá-las. Estava cego.

O conceito comum da cegueira é a impossibilidade de distinguir a luz das trevas. Mas os médicos estabelecem que uma pessoa é cega quando não pode descortinar a seis metros de distância, mesmo com óculos, o que um indivíduo normal vê a 60 metros. Russell mal podia distinguir a 2 metros de distância o que nós todos veríamos a 60. Distinguia uma janela num quarto e podia contar os dedos de alguem que os erguesse a cerca de meio metro de distância, em frente a seus olhos. Conseguiu, apesar disso, completar o curso e aprendeu a andar com a cabeça erguida, como se pudesse ver. As complicações surgiram quando saiu do ginásio e começou a procurar emprego. Tinha 19 anos, era forte e robusto, e estava ansioso por encontrar qualquer trabalho. Afinal arranjou um lugar de revisor, num jornal. «Mas só fiquei três dias,» conta ele. «Tudo foi correndo muito bem até que me mandaram entregar uns telegramas ao diretor. Não vi um espeto de ferro para papéis, que ele tinha na mesa, e ao fazer um gesto, o espeto atravessou meu pulso. Quis continuar meu trabalho, mas o chefe ficou com

medo de que outro acidente viesse a suceder.»

Depois disso, foi difícil. Russell tornou-se cada vez mais pessimista, à medida que ia passando de um emprego para o outro, ficando aquí e alí uns poucos dias, até que descobrissem como enxergava mal. Finalmente, decidiu experimentar outro gênero de trabalho, numa fazenda de lacticínios. O pai, ferroviário, adiantou-lhe algum dinheiro, com que pôde comprar uma pequena fazenda «completa, com hipotecas e tudo», explica Russell. Comprou, depois, algumas vacas, e pôs mãos à obra.

«Fiquei sozinho alí durante três meses,» conta ele. «Aprendí onde se achava cada rochedo, na fazenda, tropeçando por cima deles. Mas já estava habituado a esses acidentes. Minhas canelas estavam cobertas de cicatrizes desde que perdí a vista. Andava por alí afora, confiando no meu cavalo. Fosse lá como fosse, a fazenda prosperou.»

Nunca ocorrera a Russell que talvez ainda pudesse voltar a ver normalmente. Foi quando, um dia, o ano passado, a mãe falou-lhe num artigo que lera numa revista sobre o «Banco de Olhos» para a restauração da vista, que fora organizado em Nova York.*

Pediu ao farmacêutico do lugar que se informasse a esse respeito, na sua próxima viagem àquela cidade. Pouco depois, Russell foi ter a Nova York para um exame, registrando-se para a operação de transplante, a ser realizada logo que uma córnea estivesse disponivel, e nas condições ideais.

Nessa operação, uma parte da córnea do olho perfeito é transplantada para a córnea do paciente. O olho de que removem o tecido da córnea pertence, na maioria dos casos, a alguem que prometeu legá-lo, ao morrer, ao Banco de Olhos. O Banco, por seu turno, confia estes olhos a cirurgiões capazes de realizar a delicada operação.

«Eu estava armazenando cereais,» conta Russell, «quando me chamaram. Minha noiva—com quem eu ainda não tinha casado por causa da cegueira—veio correndo dizer que eu precisava tomar o primeiro trem para Nova York. Fiquei tão nervoso que mal podia falar. Mudei a roupa depressa, enquanto mamãe e minha noiva preparavam a valise. Mamãe decidiu ir comigo.

«Quando tiraram as ataduras, daí a três dias, para fazer curativo, vi a cara do médico, não muito bem, mas muito melhor que dantes. Quando tiraram as ataduras de vez, tive que aprender a ver. Com certeza o olho precisava ficar acostumado com a novidade...

«Foi daí a uma semana mais ou menos que se deu o verdadeiro milagre. Estava com mamãe, num trem subterrâneo, e quando saimos de um tunel, olhando pela janela eu percebí que estava enxergando perfeitamente. Podia até ler as placas com os nomes das ruas.

«Na volta, minha noiva foi à estação nos esperar, mais linda do que eu próprio tinha imaginado. Vi a placa com o nome de uma rua que eu nem sabia que existia. Vi minha fazenda, mas só soube que era a minha porque me disseram.

«As coisas mais simples me pareciam maravilhosas. Uns gravetos no chão, por exemplo. É engraçado... até os gravetos são bonitos! Antigamente, um cinzeiro para mim era uma mancha, sem feitio. Agora já posso examiná-lo, e ver como foi fabricado. Mas a impressão melhor de todas foi quando eu olhei lá de cima do morro na fazenda e vi tudo—as árvores, os campos, o céu...»

*Tratava-se do artigo *Olhos que enxergam de novo*, que Seleções publicou em fevereiro de 1946.

Afastemo-nos do caminho que leva à guerra

Por

William Hard e André Visson

PREOCUPAÇÃO dominante nas assembléias das Nações Unidas parece serem as controvérsias internacionais isoladamente consideradas: mas isso é apenas a fachada da realidade, pois todos nós renunciamos a ver o fio condutor que liga entre si todas essas questões. Esse fio é a luta que cada uma das três maiores potências empreende para alcançar aquilo que consideram como sua «segurança». Somente vendo as coisas por esse prisma se pode compreender bem a atual situação.

Tenha-se presente, antes de tudo, que a organização das Nações Unidas não pode, só por si, originar coisa alguma; sendo meramente uma agência de numerosos governos, ela, como tal, pode apenas dar, e, em medida equivalente, aquilo que dos vários governos receber. Ora, tudo o que, presentemente, esses governos lhe têm confiado é muita conversa a respeito da paz—e o exemplo duma conduta que não seria muito melhor do que é, se eles considerassem inevitavel a guerra.

Vejamos: a União Soviética convoca todos os seus filhos e começa a treiná-los logo na escola primária para o serviço militar universal e obrigatório. O Exército Vermelho tem hoje um efetivo de 6 milhões de homens. A União Soviética está, paralelamente, iniciando a construção de alguma coisa que os czares jamais conseguiram realizar: uma marinha de guerra de primeira ordem. E, pela voz autorizada de Stáline, a Rússia vem anunciando que o Exército e a Marinha estão aptos a elevar a arte da guerra a niveis cada vez mais altos de eficiência e poder destruidor.

Os ingleses aguentam-se tão obstinadamente quanto lhes é possivel, nas suas condições atuais de força, em todos os «baluartes de império», desde Gibraltar no solo da Espanha, a Hong-Kong, em terras da China. Contra todas as tradições nacionais, a Inglaterra mantem hoje o serviço militar obrigatório. Alem disso, conserva a Real Marinha pronta a desfraldar a insígnia branca aos ventos incertos da política internacional.

Quanto aos Estados Unidos, não vemos que eles tenham sugerido até agora nenhum meio de impedir que as 51 Nações Unidas se transformem em outros tantos arsenais em via de expansão indefinida, aparentemente para defesa da respectiva nação, mas na verdade como bases potenciais de agressão. Ainda não houve esforços no sentido de levar os 51 membros das Nações Unidas a subir juntos a íngreme ladeira por onde possam arrancar-se ao fosso de perigos em que se encontram: os Estados Unidos mais não fizeram até hoje do que ir muito simplesmente juntar-se a elas nesse ninho de serpentes. Assim é que os Estados Unidos estão hoje fazendo planos para um exército e capacidade sem precedentes—e para o treino obrigatório e universal que necessariamente o acompanha. Planeja-se uma marinha de guerra 50 por

cento mais poderosa do que as forças navais combinadas da Inglaterra, da França, e da União Soviética. Está alem disso em projeto a maior aviação militar de todo o mundo. Já se fabricam bombas atômicas maiores e mais nocivas, maiores e mais eficazes monstros aéreos de propulsão a jacto e a foguete, para destruição de distantes posições inimigas.

Finalmente, o país propõe-se entrar em concorrência com a Grã Bretanha e a União Soviética—aliás já começou a fazê-lo—para se apossar de longínquas bases estratégicas; para exercer pressão sobre outras nações com o fito de as levar a reger-se por «governos amigos»; para mandar «missões militares» a esses «governos amigos» afim de, por meio delas, promover e espalhar mais a arte da guerra; e para organizar e manter um serviço de informações capaz de mandar seus espiões a todos os paises do mundo, onde possam recolher, sem atentar para os meios, sejam eles legais ou ilegais, todos os dados econômicos e militares que possam vir a ser de utilidade.

Mas então, foi para isto que se criou este país? Para que ele fosse somente mais uma grande potência, orientada segundo as maneiras antigas e pelos mesmos padrões morais? Será então este o «internacionalismo» que, segundo nos prometiam, viria transfigurar o velho «isolacionismo» americano em algo novo, tão nobre quanto alevantado?

No íntimo de seus corações, os americanos sabem que tudo quanto se está passando é baixo e vil. A cabeça diz-lhes, porem, ao mesmo tempo, que só por si os Estados Unidos não podem escapar ao grande enredo. Não poderão fugir-lhe senão quando as três grandes potências quiserem—todas três unidas—escapar-lhe. E as três grandes potências nunca poderão querer, unidas, escapar-lhe, até o dia em que se juntarem na compreensão de que a sua rivalidade na luta por uma «segurança» puramente nacional é duma suprema inutilidade.

Passemos agora a examinar aquilo que os ingleses, os americanos e os russos consideram como a «segurança» das suas respectivas nações. De todas elas, e graças ao fato de que a sua expansão imperial é uma coisa do passado, que se iniciou com os espetaculares piratas da Rainha Elisabete, a Grã Bretanha é hoje a única a poder jactar-se de ser, na aparência, a menos agressiva. Para fazer idéia de como é vetusto o Império, basta lembrar que Gibraltar é inglesa desde 1704 e, Hong-Kong, desde 1842. A atitude dos ingleses pode definir-se aproximadamente assim:

Todas as nações cometeram, *no passado*, os seus atos de agressão. Se fôssemos meter-nos agora a reparar as agressões *do passado*, ver-nos-íamos forçados, por exemplo, a dizer aos nossos amigos russos:

«Esses riquíssimos mantos petrolíferos que possuís na região de Bacú ao pé do mar Cáspio, vós os arrancastes pela força à Pérsia, hoje Irã, em 1806. Ora, tende agora a bondade de os restituir aos persas!»

Toda argumentação desse gênero é, no entender dos ingleses, improfícua. Seu único resultado seria, manifestamente, destroçar até os alicerces o mundo em que vivemos. O melhor que hoje podemos fazer, é tomar as precauções necessárias para evitar *futuros* atos de agressão. Bem entendido—dizem ainda os ingleses—à guisa de gesto conciliatório, podíamos renunciar desde já ao fruto de alguns dos nossos atos de rapina, e fazer entrega dele ao que virá a ser o Conselho de Fideicomissos (ou Mandatos), já proposto como parte das Nações Unidas. Mas disso estamos nós impedidos por um fator estratégico implacavel: todos e cada um dos frutos da nossa passada agressão são hoje peças de essencial importância para a segurança e preservação da Inglaterra!

Este último argumento é que não parece satisfazer por completo os russos, que retrucam: vós, ingleses, vos esforçais por estabelecer uma crua e dura distinção entre o passado, o presente e o futuro. Mas o fato é que o *tempo* histórico chega em diversas alturas aos diversos povos, em consonância não só com o respectivo desenvolvimento histórico, mas tambem com Karl Marx. O tempo atual é a vez dos russos. Ora, iremos deixar que nos privem da nossa segurança, só porque vossa segurança, ingleses, se consumou antes da nossa?

Em nome, portanto, da segurança russa, desde 1939, e violando abertamente os pactos de não-agressão, vimos anexando partes da Finlândia e da Polônia, e toda a Estônia, Letônia e Lituânia—territórios que, aliás, em tempo, fizeram parte da coroa dos czares. Reconquistamos tambem os privilégios especiais de que os nossos imperadores gozavam na Manchúria, e readquirimos certos territórios da Tchecoslováquia e da Rumânia que nunca tinham sido propriedade dos czares.

Ademais, a experiência nesta guerra adquirida nos ensinou, para nossa própria segurança, não devermos consentir outra vez que, sob qualquer pretexto e seja onde for, à nossa porta se constituam governos hostís à URSS. Em conformidade com o exposto, servindo-nos de nossos soldados vermelhos e dos agentes fiéis a Moscou, mas naturais dos paises em causa, já conseguimos formar «governos amigos» na Rumânia, na Bulgária, na Polônia, na Iugoslávia e na Albânia; e muito mais tranquilos nos sentiríamos se houvera tambem «governos amigos» no Irã e na Turquia.

Se nos sentíssemos perfeitamente seguros, é natural que fôssemos perfeitamente pacíficos. É por isso que tiramos a Prússia Oriental aos alemães e o arquipélago das Curilas ao Japão, violando assim o compromisso anti-anexionista da Carta do Atlântico, à qual aderimos na qualidade de membro das Nações Unidas, em 1.º de janeiro de 1942.

Tudo isso, caros amigos ingleses, não passa porem de mero prólogo—continuam os russos. Tendo presente o vosso exemplo, reparamos que uma nação não pode sentir-se segura senão quando dispõe de bases estratégicas a imensas distâncias do território metropolitano. Singapura, por exemplo, que é vossa, fica bem do outro lado da Terra, nos antípodas da Grã Bretanha. Não seremos nós, de começo, assim tão ambiciosos! Só pedimos, por enquanto, bases no Mediterrâneo e no Mar Vermelho, realmente nas vizinhanças da Rússia: nas ilhas do Dodecaneso, perto da vossa base na ilha de Chipre; na Tripolitânia, que era da Itália, perto da vossa base de Malta; e na Eritréia, tambem dos italianos, não longe da vossa base de Adem.

Contra isso protestais com toda a energia, afirmando que tais bases, nas mãos dos sovietes, seriam constante ameaça à vossa segurança, isto é, às «linhas vitais» do Império Britânico. Permitínos então esta pergunta:

Que é que dá à nação inglesa o direito de possuir «linhas vitais»? Com a maior franqueza vos dizemos: estamos resolvidos a garantir-nos a posse de «linhas vitais» tão seguras quanto as vossas! E isso sem embargo da veemência com que procurais contestar nossas reclamações.

Assim falam, mais ou menos, os sovietes. E tal é, voltando agora ao nosso ra-

ciocínio, o preito que ingleses e russos prestam ao soberano conceito de «segurança». Trata-se, como é facil perceber logo, dum conceito de que somente as potências fortes se podem permitir o luxo. Ninguem imagina que uma fraca e pequena potência como a Suiça viesse agora reclamar a anexação de quaisquer territórios alheios, em nome da sua segurança nacional. Se a Suiça se erguesse a reclamar umas quantas fatias de território da Itália, da França, da Alemanha e da Áustria, sob o pretexto de consolidar a sua segurança, é positivo que o mundo inteiro cairia na gargalhada. Só as grandes potências precisam de se tornar maiores e mais fortes, para se sentirem seguras. Depois, suas zonas de segurança entram em atrito e colisão, e viram zonas de discórdia e conflito. Em seguida, as «linhas vitais» enredam-se umas nas outras, e transformam-se em cabos de alta tensão por onde corre a perigosa eletricidade que, dum momento para outro, pode soltar a faisca das guerras.*

PROPÕEM-SE agora os americanos tomar parte nesse jogo de empurra precursor da guerra, e levá-lo, por sua influência, a propagar-se aos últimos confins do mundo.

Podem em boa verdade dizer aos russos:

Andais à procura de bases somente no hemisfério norte: que modéstia a vossa! Pela nossa parte, andamos tratando de obtê-las tanto no hemisfério norte como no sul... Pretendeis novas bases somente no vosso próprio hemisfério oriental: são duma timidez a toda prova! Nós esforçamo-nos por obtê-las no nosso hemisfério ocidental, e tambem, o que é mais, no hemisfério oriental, que vos pertence.

Os americanos pretendem, no Pacífico, assentar bases nas ilhas Marshall e nas Marianas, bem como em Ivo Jima e Oquinava. Essas tentativas de consolidação da segurança nacional americana são, bem entendido, contrárias em tudo ao compromisso anti-anexionista, que os Estados Unidos assumiram ao firmar a Carta do Atlântico. Todas essas ilhas, adquiridas ao preço do sangue e que os americanos estão resolvidos a conservar, ou eram território japonês, ou território internacional, entregue simplesmente por via de mandato ao Japão pelo seu autêntico dono, a Sociedade das Nações. Os americanos são hoje o que se chama «internacionalistas». A moralidade internacional exige que respeitem o seu compromisso: mas querem, ao mesmo tempo, gozar de segurança. E para se sentir seguros, entendem que devem manter-se bem nas vizinhanças da China.

A União Soviética, com a anuência dum presidente dos Estados Unidos, adquiriu uma base naval em território chinês, a de Porto Artur, na Manchúria. Agora, com a ajuda de outro presidente dos Estados Unidos, é preciso procurar a maneira de contrapor alguma coisa a essa base. A Casa de Representantes do Congresso dos Estados Unidos acaba de aprovar um projeto de lei pelo qual o Presidente Truman fica autorizado a doar à China 271 pequenos vasos de guerra, pondo simultaneamente à sua disposição 100 oficiais da Marinha de Guerra Americana, para treinar os chineses nos modernos combates navais. Os oficiais do Exército Americano já muito têm feito para ensinar os chineses a arte de combater em terra, e é muito provavel que ainda levem mais longe o seu fervoroso auxílio aos militares chineses.

Em um mundo «internacionalizado» não há treino de guerra que se possa dizer excessivo, nem bases que se possam considerar demasiadas, quando se trata de lançar nos ares os mortíferos enxames de bombardeiros. Senhores da base de Oquinava, em caso de guerra é facil aos americanos despachar seus bombardeiros contra Porto Artur, ou contra o porto marítimo de Vladivostoque, na Sibéria Oriental. Não obstante, se os russos pretendessem, por exemplo, montar uma base na ilha francesa de Clipperton, ao largo do México, e que está tão longe de S. Francisco quanto Oquinava de Vladivostoque, os protestos dos Estados Unidos seriam tão prontos quanto veementes!

A mesma coisa se passa, aproximadamente, no outro grande oceano do mundo, o Atlântico. Nesse oceano possuem os Estados Unidos as nove bases de recente aquisição, cedidas pelos ingleses na hora dos apertos em troca do magro óbulo de 50 destróieres usados e antigos.

Ainda não se dão por contentes com isso, e querem mais. Tendo em vista que a região do Ártico é, de fato, o centro do mundo na era da aviação em que a humanidade deu entrada, estão exercendo pressão diplomática no sentido de conseguir bases permanentes na Groenlândia e na Islândia.

A base da Islândia é de especial interesse para os sovietes: o avião que voe diretamente de Nova York a Moscou passa mesmo por cima da Islândia, faltando-lhe então vencer apenas dois terços do caminho para chegar à capital soviética; torna-se facil compreender, assim, a razão por que os bombardeiros americanos gostariam de poder levantar vôo da Islândia...

Está claro que o avião que voasse em linha reta de Moscou a Nova York, passaria em cheio sobre o Labrador, estando então apenas a dois terços do percurso de Nova York; mas (em contraposição) é por isso mesmo que os Estados Unidos não poderiam consentir que os russos tivessem bases aéreas na península do Labrador!

Os russos porem, são, um povo inclinado à retaliação; já andam construindo novas defesas no litoral do Ártico, ao longo dos seus vastos territórios europeus e asiáticos; e ainda não desmentiram o boato segundo o qual estariam considerando exigir à Noruega a concessão de bases nas ilhas de Spitzberg e Jan Mayen, que ela possue no Oceano Ártico. Jan Mayen não fica a muitas milhas de distância da Islândia... A persistirem na sua atual disposição, não tardarão os russos a cercar o Polo Norte com um anel de ferro, verdadeiro perigo de guerra em potencial.

Leitor amigo, não seremos então capazes de nos aperceber de que cada novo impulso no sentido duma nova «segurança», por parte de qualquer nação, representa sério golpe na antiga «segurança» de certa e determinada nação? Não saberemos ver que, a cada gesto de «defesa» que uma nação esboça junto de outra, esta última é levada a interpretá-lo como um gesto de «ofensa»? Não saberemos ver que, quando uma nação robustece sua própria posição em um lugar distante, está inspirando a algum estado dessa região a necessidade de se dar a si mesmo um novo impulso defensivo, de que a primeira nação é o alvo?... Não saberemos então ver que se cada nação insistir em firmar sua segurança, resultará insegurança crescente para todas as nações? Já se ouviu alguma vez falar tanto de segurança, ou já se viu na história da humanidade tanto esforço por parte das grandes nações a favor da respectiva segurança? E já se terá sentido alguma vez soprar sobre a Terra inteira um vento mais negro de insegurança e medo?...

*Vide *Buscamos a paz pelo caminho errado?* —Seleções, janeiro, 1945.

Vistas essas circunstâncias, não seria tempo de elaborar-se um programa positivo, capaz de transformar esta corrida à falsa segurança em uma autêntica luta pela paz? Nesta ordem de idéias nos aventuramos agora a esboçar aquí tal programa.

IMAGINE-SE que os americanos se virassem para os russos e lhes falassem assim:

Vamos coibir-nos de obter uma base militar na Islândia, se vós, por vossa parte, renunciardes à idéia de conseguir bases militares no Spitzberg e em Jan Mayen. Evitaremos militarizar as ilhas Aleutas que se enfileiram em direção às Curilas, se evitardes fortificar estas últimas, que por sua vez se alinham em direção às Aleutas.

Ora, vejamos: ficaria sentindo-se assim *menos* seguro qualquer dos dois paises? Ou, pelo contrário, não ficariam ambos a sentir-se *mais* seguros?...

Imaginemos agora que os americanos dissessem aos russos e aos ingleses:

A Segunda Guerra Mundial começou realmente quando os japoneses invadiram a China, em 1931. A força militar que tornou os japoneses aptos a invadir as nações vizinhas está hoje aniquilada, graças à vitória dos Aliados. As grandes potências que atualmente se encontram na China, ou perto dela, são a Rússia, a Grã Bretanha e os Estados Unidos. Posto isto, nós, americanos, resolvemos pela nossa parte não militarizar Ivo Jima nem Oquinava, se vós, os russos, decidirdes não militarizar Porto Artur e Vladivostoque, e se vós, ingleses, por vosso lado, concordardes em não fortificar Hong-Kong.

Assente o que acima dizemos, poderá alguma das três grandes potências sentir-se menos segura? E não ficará a China em maior segurança, sentindo-se ao mesmo tempo menos necessitada de se apetrechar para a guerra em terra ou no mar?

Mas vamos mais longe ainda: imaginemos que os estadistas das três grandes potências, graças a um incomensuravel esforço moral, se persuadissem a crer naquilo que subscreveram ao firmar as cláusulas do Sistema de Fideicomissos da Carta das Nações Unidas. Suponha-se que, tendo assinado um programa de internacionalização, os estadistas passassem de fato a cumprí-lo e a honrá-lo. Suponha-se mesmo que fossem ao ponto de acordar no seguinte:

Os Estados Unidos fazem entrega de todas as ilhas ex-japonesas e dos mandatos ex-japoneses ao Conselho de Fideicomissos das Nações Unidas, para que este tome conta da respectiva administração.

Os russos concordam em que a administração das bases situadas nas antigas possessões italianas da Tripolitânia e Eritréia seja confiada a qualquer agência à escolha do Conselho de Fideicomissos das Nações Unidas.

Os ingleses, finalmente, transferem ao Conselho de Fideicomissos todos os territórios coloniais que a Inglaterra recebeu por mandato da Sociedade das Nações, após a outra guerra, e concordam em que o administrador a ser nomeado por aquele Conselho, para os referidos territórios, em caso algum seja a Inglaterra.

Nenhuma das grandes potências deve assumir a administração de quaisquer territórios sujeitos à autoridade do Conselho de Fideicomissos. Todos esses territórios devem passar a ser governados pelas potências menores, tais como a Dinamarca, a Suécia, a Noruega, ou a Suiça, às quais nem de longe se podem atribuir quaisquer desígnios imperialistas. Nada poderia fomentar melhor o sentimento duma comunidade internacional, do que

o espetáculo de grandes regiões da terra governadas num verdadeiro espírito não-imperialista, e com autêntico sentido internacional, para benefício do mundo inteiro.

Passemos agora a internacionalizar as negociações que hoje assumem a forma de pressão diplomática, por parte das grandes potências sobre as nações mais fracas, com o objetivo de pôr à cabeça destas últimas os tais «governos amigos».

Por exemplo: se a União Soviética, forte dos seus 180 milhões de cidadãos, receia que a Rumânia, com a sua população de 16 milhões, se torne sua inimiga, ameaçando sua segurança, a solução está em a Rússia apresentar os fatos ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, pedindo-lhe ao mesmo tempo o socorro que entenda necessário. Deixemos à Inglaterra a iniciativa de fazer a competente sugestão à URSS, dando-lhe ao mesmo tempo a oportunidade de se preparar para fazê-lo. O governo inglês começaria assim por aliviar a pressão que vem exercendo sobre os estados árabes, no sentido de os levar a firmar com ela, Inglaterra, tratados que incluam «cláusulas de amizade» pelos quais o Império ficaria com privilégios de natureza militar nos respectivos domínios.

Consigamos que os Estados Unidos, pelo seu lado, comecem por apresentar-se de mãos limpas, para poder então falar com autoridade à Grã Bretanha e à União Soviética: deixemos antes de mais de aplicar a nossa força de grande potência a qualquer nação, submetendo os motivos de divergência ao julgamento da União Pan Americana, e, falhando este, ao das Nações Unidas.

Sob esse mesmo signo, podia-se fazer muito bom uso do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. Uma das mais fortes causas determinantes da pressão que se exerce para conseguir «governos amigos» em nações vizinhas, é a luta pelo livre acesso, digamos sem rodeios, ao petróleo. Os vastos recursos petrolíferos do Médio Oriente têm sido largamente explorados e utilizados pelos interesses ingleses, holandeses, americanos e franceses, mas nunca por quaisquer interesses soviéticos. Essa injustiça é das que podiam ter sido facilmente retificadas por intermédio do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, sem se tornar necessário que a URSS chegasse a exercer pressão sobre o Irã para que este se fizesse gerir por um «governo amigo», e o mesmo Conselho poderia dar satisfação à União Soviética, quando esta reclama portos de águas quentes, que lhe faltam, permitindo aos navios russos que utilizassem um porto do Golfo Pérsico com carater de «porto-franco», embora proibindo concomitantemente aos Sovietes a construção de quaisquer bases militares naquela zona.

Passaríamos seguidamente à internacionalidade das «missões militares». Os Estados Unidos têm despachado missões militares para dezesseis das nações da América Latina. O Congresso dos Estados Unidos está considerando atualmente uma série de leis por via das quais o país poderia enviar missões militares à Síria, à Arábia Saudi, ao Iemen, e a outros estados cujos territórios se desenrolam entre as queixadas da tenaz de atrito anglo-soviética no Médio Oriente. Haverá alguem capaz de crer realmente que o Médio Oriente necessita, para ter paz, *mais* treino militar? Melhor seria que todos deixassem de abrir ou sustentar escolas onde se cola grau na arte de matar. Ponha-se termo à desenfreada concorrência entre as três grandes potências, que só procuram saber qual delas, por meio de missões militares, é mais capaz de

agregar o maior número de pequenas nações à sua já longa lista de satélites militares.

Internacionalizemos igualmente — em tempos de paz, ao menos — os serviços de informações do mundo inteiro, isto é, para falar com rude franqueza, as organizações de espionagem. Sucede a cada passo que os espiões perdem aquelas supostas virtudes de invisibilidade, e se deixam pegar com a mão na combuca, praticando atos que são clamorosas violações da hospitalidade internacional. Ainda não há muito despertaram alarido universal alguns atos desse gênero, praticados no Canadá por agentes da União Soviética, e essas manobras de espionagem vieram, sem a menor dúvida, envenenar as relações entre os dois paises envolvidos no caso.

As Nações Unidas, entre outros esforços para evitar o uso da bomba atômica, planejam para breve a montagem dum serviço de inspeção atômica. Esse serviço, composto conjuntamente de homens de ciência e de militares, terá que ir de país em país, metendo o nariz em toda parte, para obstar ao fabrico de bombas atômicas. Ao fazê-lo, ver-se-á forçado a observar todos os preparativos e instalações militares e navais, sejam eles quais forem — ficando a saber, assim, tudo o que um genuino serviço de espionagem de qualquer país procuraria observar. Nessas circunstâncias, os serviços de informações de qualquer país passarão a ser meramente uma impudente provocação intencional, que está pedindo represálias hostís. É, pois, imperativo, que os serviços de informações de cada nação cedam completamente a palma à inspeção internacional dos armamentos.

Temos por último a mais dificil de todas as operações de internacionalização, e ainda por ocorrer, se é que realmente as três grandes potências estão resolvidas a atribuir funções pacificadoras às Nações Unidas, e a desenredar das malhas da novíssima organização internacional a pomba inocente da Paz.

Os jornalistas que, há cerca de 12 anos, estiveram em Genebra, fazendo a reportagem da Conferência do Desarmamento da defunta Sociedade das Nações, nunca poderão esquecer os comoventes apelos que o delegado da URSS, Máximo Litvínove, repetidas vezes dirigiu à França, à Inglaterra e aos Estados Unidos (então ausentes), no sentido de aceitarem, de mãos dadas com os sovietes, o princípio do desarmamento total. Os delegados americanos às Nações Unidas poderiam hoje muito bem dizer:

Senhores da União Soviética, tomamos a liberdade de lembrar-vos os dias do vosso idealismo, em que vos declaraveis dispostos a renunciar aos antigos privilégios especiais do Czar em terras estrangeiras, e vos confessaveis prontos a depor todas as armas. Não podereis porventura voltar a ser o que então ereis? Ou será que vos transformais tambem em grande potência?...

São na verdade tremendas as dificuldades técnicas de redação dum acordo internacional sobre a redução universal e progressiva dos armamentos. Não obstante, o fracasso das tentativas para sobrepujá-las levaria o mundo, inevitavelmente, ao plano inclinado do rearmamento em massa. Se tal é o caso, por que razão não se há-de expandir a jurisdição do Comitê de Armas Atômicas das Nações Unidas, de maneira a submeter à sua vigilância todas as outras armas de guerra? Ou se cometerá a hipocrisia de considerar horrivel a destruição instantânea duma cidade, devastada por uma só bomba atômica, para já não se achar condenavel a sua morte lenta sob o fogo da artilharia e as bombas comuns dos aviões?

A renúncia à aquisição de bases longínquas, a renúncia à manipulação de «governos amigos», ao envio de missões militares, à manutenção de serviços de espionagem; um passo em frente no sentido de internacionalizar todas essas coisas, e outro passo no sentido de impor limites internacionais aos armamentos e às forças armadas: não seriam porventura estas medidas como que os primeiros degraus duma escada ascensional que, visivelmente, conduziria à paz e à harmonia entre os povos da terra?

As nações não podem continuar a tratar-se mutuamente nesse estado de espírito belicoso, e a considerar-se aptas, depois, a edificar a paz por meio de conferências periódicas, fraternalmente sentadas em volta duma mesa. A condição preliminar da paz é a confiança, mas a confiança sem obras é coisa morta. E, para se arrancar aos tremedais do medo e do desespero, o mundo precisa ver o espetáculo das três grandes potências pondo mãos à obra para realizar alguma forma de paz, mas que seja uma *paz positiva e progressista*.

Não nos passa pela cabeça sugerir que os Estados Unidos se metam a realizar semelhantes obras só por si. Nossa esperança é que a nação americana não volte mais a cometer o erro em que incidiu deixando-se desarmada enquanto a Alemanha e o Japão se apetrechavam febrilmente para a guerra. Somos de parecer que a política internacional americana devia começar por erguer nas mãos o clássico ramo de oliveira, mas que, se este fosse rejeitado pelas outras potências, devia estar a espada pronta a sair da bainha. Entendemos que os delegados dos Estados Unidos à Assembléia Geral das Nações Unidas deviam falar a linguagem seguinte:

Nós, americanos, estamos prontos a oferecer ao mundo estes e outros atos de paz. Pedimos a todas as outras nações que cooperem conosco nessas obras, dirigindo-nos em particular à União Soviética, por ser ela a única potência que pode pensar em rivalizar conosco em poderio. E aos delegados soviéticos em particular dizemos:

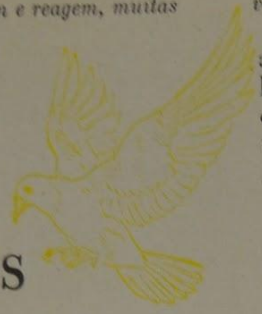
Vós tendes mais, muito mais reservas humanas do que os outros paises; mas os Estados Unidos possuem muito maiores reservas industriais, e muito mais aptidão técnica do que vós. Eis aí. Agora, escolhei!

Estareis dispostos a participar numa grande marcha ascensional das grandes potências combinadas, a caminho duma fase de menor agressividade e de menor capacidade agressora? Sereis sem dúvida benvindos.

Ou, pelo contrário, recusais partilhar dela? Desejais, ao fazê-lo, dar a entender que ainda preferís recorrer à prova ancestral das armas? Falai sem rodeios. Os outros povos saberão o que se lhes impõe fazer. E o mundo inteiro ficará sabedor de quem tem a responsabilidade dos futuros acontecimentos.

Assim julgamos que deviam falar ao mundo os delegados dos Estados Unidos. Desse modo devia este país averiguar se precisa preparar-se para assumir o seu posto na trágica e velha rivalidade das grandes potências da Terra. Mas antes disso, conforme acima deixamos indicado, este nosso Novo Mundo deve oferecer-se para abrir caminho à Humanidade inteira, conduzindo-a e iniciando-a num gênero de vida que realmente criasse um mundo novo para todos.

Agem e reagem, muitas vezes, como os seres humanos



Pombos e pessoas

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por T. McKean Downs

A PRIMAVERA chegara. Durante o inverno, meus pombos de corrida pouco se importavam uns com os outros. Ao regressarem dos exercícios diários, cada qual voava diretamente para seu próprio poleiro. Mas, já agora, arrulhavam no pombal, quase continuamente. Os vôos diários se tornaram mais breves, e já não se demoravam, como outrora, a passear pelo telhado. As aves voltavam a toda a pressa, para a importante tarefa de escolher seus companheiros ou companheiras, e preparar os ninhos.

Sua atitude era, às vezes, extraordinariamente semelhante à dos seres humanos. Alguns, de ambos os sexos, eram barulhentos e brigões; outros mansos e quietos. Alguns teimosos e outros doceis. Alguns prudentes e esforçados, outros preguiçosos e indiferentes. Havia de tudo —aventureiros, galanteadores e pudicos. Alguns dos filhotes eram precoces, como verdadeiras «crianças prodígio», outros, de inteligência retardada.

Os pombos conservam, a vida inteira, a mesma companheira. Os pares começam a cuidar da casa—ou, melhor, do ninho—logo que os dias se tornam mais longos, e os pombos mais novos preparam-se, então, para escolher suas companheiras. Arrulham e incham o pescoço, afim de exibir as cores brilhantes e iridescentes de suas penas, passeando, de cá para lá, com atitudes cômicas, a arrastar a cauda pelo chão. Mas as pombas dão mostras da mais completa indiferença. Quando as demonstrações do pretendente se tornam impetuosas demais, a pomba cortejada resolve, enfim, dar por ele, limitando-se, porem, a bater as asas depressa, duas ou três vezes, como se estivesse a dizer: «Seu atrevido!»

Mas, na realidade, deve estar prestando alguma atenção aos galanteios, apesar das aparências, porque acaba escolhendo um dos ansiosos candidatos. Como os seres humanos, os pombos, muitas vezes, escolhem um «mau partido». Sucede, por exemplo, com bastante frequência, que um pombo das ruas venha a reunir-se a uma colônia de pombos de raça. Aos olhos dos criadores, não passa de uma pobre ave que é só penas, com um corpinho raquítico, e sem elegância alguma. No entanto, não terá dificuldade em encontrar companheira.

Uma vez formado o par, os pombos se comportam como recem-casados. Vivem constantemente juntos, tão pertinho um do outro quanto possivel, e a quantidade de beijos e carícias que trocam entre si é francamente escandalosa...

Raramente permití que meus pombos de corrida fizessem sua própria escolha, quando eu desejava conservar os filhotes. Sempre achei melhor escolher, nesse caso, duas aves de raça. Geralmente basta prendê-los na mesma gaiola, mas só depois de «apresentá-los» um ao outro.

De outro modo poderão tomar-se de mútua antipatia dificilmente reprimivel.

Para essa apresentação de dois pombos, costumava eu tirar todas as outras aves do viveiro, deixando apenas o macho e a fêmea em questão. Quase sempre os dois estabeleciam relações, dentro de pouco tempo, sendo então possivel fechá-los na gaiola.

Nem sempre é facil fazer, depois, com que se interessem por outra ave. Tive, por exemplo, a certa altura, um pombo de primeira ordem, cujos filhotes eram da mesma classe. Um avicultor pediu-me que lhe emprestasse o pombo durante uma temporada. Acedí ao pedido, e enviei-o para o endereço indicado.

Meses depois, recebí uma carta informando-me que a ave me fora enviada de volta, pois recusara-se a contribuir para a fecundação de um só ovo. Uma meia dúzia de pombas, de várias raças, lhe tinham sido apresentadas, sem que ele desse atenção a nenhuma delas, contentando-se em ficar encarapitado no seu poleiro, mergulhado em incuravel nostalgia.

Chegou-me pelo expresso, cansado, faminto, sedento e triste. Mal coloquei-o no pombal, sua alegria, ao reconhecer a habitação, foi indescritivel. Antes que eu abrisse a porta, conseguiu, encolhendo-se todo, passar através da grade, voando logo em direção ao antigo ninho. Expulsou o intruso que lá se achava, acolhendo a antiga companheira com as mais afetuosas demonstrações. Só depois disso, decidiu-se a comer e beber.

Embora seja a pomba quem escolhe seu companheiro, ele é que escolhe o ninho, tendo ela, porem, o direito de desaprovar a escolha. Por vezes ele sugere vários lugares, antes que ela se decida por algum. Tomada a decisão, é extremamente dificil afastá-los dalí.

Ambos cooperam na preparação do ninho. Ele reune o material necessário, encarregando-se, ela, de arrumá-lo. Alguns pombos são mais eficientes que outros, e trazem para casa verdadeiras pilhas de material. Outros se satisfazem com alguns pedaços de palha. Mas tragam o que trouxerem, cada contribuição é recebida com arrulhos e gestos afetuosos. O pombo não se contenta em largar no ninho o que conseguiu encontrar, mas passa alguns momentos a «explicar» que trabalho lhe deu descobrir tudo aquilo e que lindo ninho sua companheira está construindo. Esta, por seu turno, «elogia» o companheiro pelos esforços que fez e pelos resultados obtidos.

Alguns dias antes daquele em que a pomba deverá pôr um ovo, seu companheiro se mostra obcecado pelo receio de que este não seja depositado num lugar próprio. Seriamente preocupado quando a companheira sai do ninho, vai a seu encontro, obrigando-a a voltar. Alguns pombos ficam em tal estado de ansiedade que mal deixam a companheira comer. O meu pombo fazia, invariavelmente, com que a sua quase morresse de fome, tal a vigilância que exercia sobre ela.

Ambos tomam parte no período de incubação, seguindo um horário regular. A pomba toma a si a tarefa, pelos fins da tarde, aquecendo os ovos até a manhã seguinte. O pombo vem substituí-la durante o dia. Mas não permanece tão fiel ao seu posto quanto a companheira, e, à primeira oportunidade, sai a passear um pouco.

Frequentemente há mais de uma pomba sem companheiro, num pombal, o que representa grande tentação para os consortes. Várias vezes, divertí-me a ver um pombo, encarregado de cuidar dos ovos, revelar interesse por uma dessas pombas, nas horas vagas... Mas raramente

consegue levar a aventura por diante. A esposa não o perde de vista e, quando o galanteio vai longe demais, desce do ninho como um raio e ataca a tentadora com violentas bicadas.

Ao nascerem os filhotes, precisam ser alimentados, como os bebês, com alimento especial. Os pais secretam, ambos, o chamado «leite de pombo», que passam aos filhotes pelo papo, por meio de uma espécie de regurgitação do que comeram. A princípio, os filhotes mal podem erguer as cabeças suficientemente, para receber a comida. Desenvolvem-se, porem, rapidamente.

Ao cabo de quinze dias, já estão cobertos de penas, podendo andar um pouco, embora as pernas ainda sejam fracas demais para suportá-los por mais de alguns minutos de cada vez. Por volta dessa época, a mãe começa a desinteressar-se deles. Só se preocupa com os filhotes recem-nascidos, e, mal crescem um pouco, já está pronta para produzir nova prole. O pai, porem, assume plena responsabilidade pelos filhos mais velhos, o que não representa pouco trabalho, pois estes comem prodigiosamente.

Mal completam um mês de vida, aventuram-se a sair de casa. Às vezes vêm a perder-se, e não conseguem encontrar o ninho. Quando entram noutro, por engano, metem-se em maus lençóis, pois o dono da casa não leva em consideração a idade ou as intenções do intruso. O pai não vem em seu auxílio, tãopouco, pois os pombos respeitam a propriedade dos vizinhos e são incapazes de invadí-la, mesmo que seja para proteger seus filhos.

Quando os filhotes chegam a mais de um mês de idade, estão realmente prontos a deixar o ninho para sempre. Aos poucos, o pai lhes ensina a reconhecer os alimentos e a apanhá-los. Mal aprendem a fazê-lo, adquirem completa independência.

As aves de ambos os sexos são igualmente indicadas para pombos de corrida, mas só os que já tiverem sido emparelhados, podem realmente tomar parte numa corrida mais longa. As pombas voam melhor e são capazes de maiores esforços quando estão chocando os ovos ou cuidando dos recem-nascidos. Os pombos, por seu turno, são mais rápidos durante o período de um ou dois dias antes de começar a postura da companheira. Às vezes, acrescentamos o ciume à ansiedade, engaiolando outro pombo com a companheira do primeiro, afim de que este, ao partir, se lembre de que há um rival a ser expulso do seu ninho. Um de meus pássaros ganhou uma corrida depois que recorrí a semelhante truque.

Conhecer a conduta dos pombos auxiliou-me muito a compreender a maneira por que os seres humanos se comportam.

Piadas do rádio americano

Ele só conheceu a felicidade quando se casou; mas aí já era tarde...

—NBC

O sargento me repreendeu por não estar em posição de sentido. Mas respondí: —Não sou eu não, sargento. É a farda que está à vontade.

—NBC

A remodelação de uma aldeia egípcia, realizada por seus próprios habitantes, sugere novos métodos para a reconstrução do mundo

Alá ajuda os que se ajudam

(Condensado do «Rotarian»)

Por Edwin Muller

A FOME mundial ocupa, agora, como sempre acontece, os cabeçalhos dos jornais. Mas estes nunca procuram lembrar as condições permanentes que prevalecem entre estas crises periódicas—o fato de que, dos dois bilhões e tantos de seres humanos que povoam a terra, dois terços, pelo menos, se acham condenados a um nivel de existência sub-humano.

Eis aquí a história de uma verdadeira ofensiva realizada num pequeno setor desta vasta frente da miséria humana. A idéia que inspirou essa campanha pode ser aplicada aos esforços no sentido de auxiliar as populações sofredoras a reconstruir as regiões devastadas pelo flagelo da guerra.

As ALDEIAS que pontilham a brilhante faixa verde do Vale do Nilo acham-se situadas na terra mais fecunda do mundo inteiro, do ponto de vista agrícola. Mas os lavradores dessas terras são tão mal nutridos, que os ossos quase lhes saem da pele encarquilhada. Descendentes de uma das mais antigas civilizações da terra, não sabem ler nem escrever. Vivem num clima famoso pela sua salubridade e, no entanto, andam cheios de doenças, mal se podendo arrastar através de um dia de trabalhos que até uma criança executaria facilmente.

Manail talvez fosse um pouco peor que as outras aldeias, em geral. Em sulcos abertos nas ruas estreitas, toda sorte de imundícies se acumulavam. Três lagoas de águas estagnadas eram fossos abertos onde se lançavam o lixo e toda sorte de resíduos. Não havia uma só escola. Noventa por cento, quase, dos habitantes da aldeia achavam-se atingidos por uma doença infernal causada por vermes, que vivem, como parasitos, nos organismos humanos, enfraquecendo e estupidificando suas vítimas. Mais de 50 por cento sofriam de pelagra, malária, e outras moléstias. Oitenta e três por cento eram analfabetos. Quanto à miséria geral, a percentagem era de 100 por cento.

A Associação Egípcia de Estudos Sociais, cujos membros eram, na sua maioria, muçulmanos de educação ocidental, decidiu fazer uma experiência em Manail.

Os esforços ocasionais do governo, no sentido de pôr em vigor medidas sanitárias e educativas, tinham sempre fracassado em face à invencivel apatia dos camponeses. Um membro da referida Associação, professor da Universidade Americana do Cairo, sugeriu um método que nunca fora experimentado. Talvez os aldeões pudessem ser levados a se auxiliar a si próprios.

A Associação enviou a Manail dois muçulmanos egípcios. Um deles, Maomé Xalabi, formado na Universidade Fuade, do Cairo, é um jovem de voz suave, sempre com um sorriso nos lábios, muito simpático e excepcionalmente competente. A outra, Aida Caibil, enfermeira diplomada, é uma moça alegre e jovial, muito dada e amistosa.

Duas das casas miseraveis da aldeia foram alugadas por Xalabi e Aida que, depois de limpá-las de cima abaixo, se instalaram nelas sem quaisquer outros melhoramentos. Alguns bancos e cadeiras de madeira foram colocados para os visitantes. Mas estes não apareceram. Os habitantes da aldeia observavam os recem-vindos com uma hostilidade visivel. Eram estranhos, gente do governo.

Xalabi teve uma idéia. Pediu aos que o tinham enviado àquela missão que lhe mandassem, do Cairo, um aparelho de rádio. Não havia um só na aldeia. Todas as noites ligava o rádio para uma das estações do Cairo que transmitiam programas em árabe e especialmente cânticos e orações do sagrado Alcorão. Alguns homens começaram a aproximar-se para ouvir melhor. Xalabi não os convidou a entrar, contentando-se em colocar alguns bancos e cadeiras na varanda.

O primeiro contacto que conseguiu estabelecer foi com Hassan Abou en Nasr, velho de pele enrugada que conseguira manter-se em vida, em Manail, até aos 70 anos. Uma noite entrou pelo casebre, para ouvir o rádio e conversar um pouco.

Hassan tinha sete filhos e seis filhas, na sua maior parte casados, que viviam na aldeia. Começou a trazer os filhos e os genros e noras. Tornaram-se aos poucos o núcleo de uma espécie de Clube Masculino, em Manail, constituindo a primeira oportunidade que alí surgira para a formação e a expressão da opinião pública.

Enquanto isso, Aida, por seu turno, conseguira travar relações com as crianças. Pusera-se a ensinar-lhes vários jogos e, finalmente, através delas, pôde estabelecer contacto com as mães. Dentro em pouco formara, entre as mulheres, algo de equivalente ao Clube Masculino.

No princípio, não efetuaram a menor tentativa no sentido de fazer ver aos habitantes da aldeia como poderiam melhorar suas condições de vida. Xalabi e Aida aguardaram pacientemente uma boa oportunidade,—qualquer manifestação de descontentamento que pudessem utilizar como a primeira centelha para a futura fogueira. Encontraram-na, por fim, sob a forma de um dos esforços do governo no sentido de tornar obrigatória a educação primária. As crianças de Manail teriam que frequentar a escola de uma aldeia situada a certa distância dalí. Não iam, porem. Certo dia um agente do governo apareceu alí e fez com que alguns dos pais pagassem multas de 15 piastras cada, o máximo que um homem era capaz de ganhar naquelas regiões, por três dias de trabalho. No Clube Masculino não havia outro assunto de conversa.

Xalabi arriscou-se a fazer uma sugestão. Manail não poderia ter sua própria escola? Talvez o governo decidisse construí-la. Os homens não aceitaram de pronto a sugestão como plausivel. Mas, lá um dia, entregaram-lhe um documento impressionante—metade de uma folha e meia de assinaturas, que eram impressões de polegares calcadas no papel.

Xalabi enviou o documento para Cairo. Tomaram-se certas providências para apressar o despacho, que afinal veio: o governo encarregar-se-ia de construir e manter uma escola em Manail, se seus habitantes fornecessem o terreno.

A notícia deixou-os estupefactos. Havia, na aldeia, 430 famílias, que moravam em espaço relativamente exíguo, estando, portanto, todo ocupado por casas ou plantações. Não havia um só terreno baldio.

Xalabi fez, diante disso, uma segunda sugestão: aterrarem a maior das lagoas de águas estagnadas, usando alem de terra, cascalho e gravetos, que obteriam nivelando as ruas da aldeia. Conseguiriam, assim, o terreno e, embora Xalabi não mencionasse essa circunstância, seria eliminado um dos principais focos de doença do lugar.

A proposta foi adotada e os homens iniciaram o trabalho nas horas vagas. Era preciso um ânimo de ferro para que indivíduos como aqueles, enfraquecidos por toda sorte de moléstias, trabalhassem algumas horas a mais, para um projeto da coletividade. Mas, pouco a pouco, a tarefa foi sendo executada.

Nesse ínterim, Xalabi e Aida haviam começado a avançar rumo ao outro objetivo: o estado sanitário da aldeia. As necessidades materiais e físicas eram evidentes: poços de água potavel e para banhos, que substituissem os fossos de águas estagnadas, em uso; a remoção das imundícies e a introdução de novos hábitos de higiene entre os aldeões. Mas o primeiro passo que tinham a dar era persuadí-los da *necessidade* dessas medidas,—o próprio obstáculo contra o qual todos os departamentos de saude do Egito haviam fracassado.

Xalabi arranjou um microscópio e permitiu que os homens da aldeia viessem examiná-lo. Mostrou a Hassan, e a alguns outros, as larvas dos vermes que os perseguiam, a nadarem numa gota da água dos fossos. Com detalhes pitorescos, descreveu a maneira por que essas larvas cresciam, transformando-se em vermes que vivem nos intestinos ou nas vias urinárias de suas vítimas, de que vão, aos poucos, consumindo todas as energias.

Era uma tarefa extremamente árdua convencer qualquer deles. Tinham sempre bebido a água do Nilo naqueles fossos. Alá pusera a água alí e os vermes dentro dela. Finalmente, porem, conseguiu Xalabi realizar algumas conversões. Cavaram o poço e Manail teve, assim, pela primeira vez, água potavel.

Através de pacientes esforços, Aida, por outro lado, transformara sua casa num centro para o tratamento de crianças e num hospital. Todos os bebês de Manail tinham vindo ao mundo, até então, aos cuidados de duas parteiras velhas e imundas. A mortalidade infantil era de 295 por mil. Era dificil modificar aquele sistema. Aida conseguiu fazê-lo, por fim, contratando as duas parteiras e pagando-lhes o necessário para que trabalhassem com ela.

A encruzilhada decisiva na experiência de Manail surgiu, porem, quando os próprios aldeões começaram a apresentar sugestões e a executá-las. Por exemplo, o Clube Masculino, que já então se transformara na Cooperativa da Aldeia, decidiu organizar, por sua iniciativa, um concurso da casa mais limpa da cidade. Na casa do vencedor, as paredes de terra batida tinham sido pintadas em branco, rosa e azul, o que é considerado, numa aldeia egípcia, da mais alta distinção.

Estabeleceram, alem disso, uma organização de caridade—pois há vários graus de miséria, mesmo em Manail. Compraram um tear, bem como fios de algodão, e os indigentes passaram a trabalhar para sua própria subsistência.

Já se chegara ao ponto em que, sem estímulo externo, os aldeões contribuiam, com seu dinheiro, para projetos e melhoramentos que eles mesmos concebiam e executavam.

VISITEI Manail seis anos depois de iniciada a experiência. A verminose fora reduzida de quase 90 por cento a menos de 30 por cento. O analfabetismo ia diminuindo com regularidade. Os programas limitados das escolas de aldeia tinham sido desenvolvidos, alí, compreendendo cursos de agricultura moderna, criação de aves domésticas, carpintaria, tecelagem, costura e preparo de conservas. Visitei o Centro da Comunidade, o Centro para o Bem-Estar das Crianças, a Enfermaria da Maternidade e os chuveiros públicos. Entrei em choupanas de terra batida, cuja limpeza fazia gosto. Não era, claro está, o que se poderia considerar ideal. Não havia calçadas nas ruas, nem água corrente nas casas. Na maioria delas, nem sequer mobília alguma, exceto um forno de terra batída, um pote de barro e uma espécie de caçarola, grande e redonda, em que amassavam o pão e lavavam a roupa. Eram, ainda, gente muito pobre—nem podia ser de outro modo, com as terras limitadas de que dispunham. Mas, em comparação à média das aldeias egípcias, Manail era um verdadeiro paraiso.

Mais animador, ainda, era o aspecto de seus habitantes—ativos, vigilantes, com o ar de quem tem um objetivo em vista. E, de fato, o tinham.

Ao tornar-se evidente que a experiência de Manail estava sendo bem sucedida, a Associação Egípcia de Estudos Sociais aplicou os mesmos métodos a outras aldeias. Preparou homens e mulheres para as tarefas que Xalabi e Aida tinham executado. Hoje em dia, 40 das 4 mil aldeias do Egito estão sendo desenvolvidas graças a projetos semelhantes ao de Manail. Os resultados já se evidenciam.

O mais importante, porem, foi o efeito exercido sobre o governo egípcio, cujos elementos de espírito reformador tiveram sempre que lutar contra uma tradição de 50 séculos, segundo a qual é melhor erigir monumentos, que melhorar as condições de vida do povo. Já agora, os elementos progressistas do governo estão agindo com mais confiança. Conseguiram aumentar o número de escolas, estabelecer centros de demonstração dos novos métodos agrícolas. Inaugurando, alem disso, um sistema de hospitais ambulantes que, dentro em pouco, levará assistência médica a grande parte da população.

Duas das posições-chave do gabinete egípcio foram confiadas a membros da Associação Egípcia de Estudos Sociais. Esperam obter, oportunamente, vultosa verba, que tornará possivel o desenvolvimento de mil aldeias, segundo o projeto de Manail.

Tais atividades libertarão, talvez, forças explosivas nas massas dos camponeses, até agora inertes, que representam 16 milhões na população egípcia total de 17.287.000. Se conseguirem torná-los sadios e fortes, e se aprenderem a ler e escrever, talvez venham a não mais tolerar o atual sistema de divisão de terras, sob o qual a maior parte das famílias lutam por ganhar a vida numa fazenda minúscula, sendo forçadas a empregar três quartos da colheita em aluguel.

Alá ajuda os que se ajudam.

Pontos de vista

DE TODAS as noções modernas a peor é aquela que considera insípida a vida doméstica. Diz-se que, dentro de casa, tudo é decoro, rotina e monotonia; enquanto fora tudo é aventura e variedade. Mas, na verdade, o lar é o único lugar onde se goza a verdadeira liberdade e o único ponto sobre a terra onde o homem pode alterar de repente as suas disposições, fazer experiências e entregar-se a seus caprichos. O lar não é o único lugar suave num mundo de aventuras; é, sim, o único lugar agreste num mundo de regras e tarefas rotineiras.

G. K. Chesterton

TODO homem digno desse nome coloca seu trabalho acima de qualquer outra coisa no mundo, mesmo acima da mulher que ama. Se esta procura distraí-lo de suas responsabilidades, de modo a monopolizar a sua devoção, ele poderá ceder de início, e não sem um profundo remorso. Mas dia virá em que ele pertença à mulher que ponha mais arte no seu jogo.

André Maurois, no *This Week Magazine*

OUTRORA, as notícias da Europa levavam três meses para atravessar o oceano e muitas delas já eram história antiga quando chegavam ao seu destino. Muito da excitação já se acabara até que nossos pais conhecessem alguma coisa a respeito delas, e a importância das notícias, reduzida pelo tempo, moderava consideravelmente suas ardentes vagas.

A divulgação de notícias em nossos dias é instantânea—as notícias saltam sibilando do rádio e do telégrafo—e, a menos que tenhamos algum laboratório interno para examinarmos sua significação, o mundo já estará em ruinas para nós, a cada divulgação dos jornais ou do rádio. Seria bom se tentássemos fixar a importância das notícias diárias trasladando os «três meses da Europa» em «três meses a partir de agora».

W. J. Cameron, pelo rádio

A MÁQUINA é um grande educador moral. Quando um animal empaca, o homem perde a calma e o espanca. Se uma máquina enguiça, porem, não se costuma bater-lhe. O que se faz é pensar um pouco e empregar todos os esforços até encontrar a causa do desarranjo. E aí está um verdadeiro processo de educação.

Alem disso, a máquina tornou a presente geração de homens comuns mais cuidadosa e conciente do que seria possivel prever na época medieval. Senão, pensemos nos milhões de máquinas, motores e aviões, em tráfego diariamente, dos quais dependem tantas vidas humanas. Pensemos nos milhões de trabalhadores que, com a maior

naturalidade, exercem vigilância diária sobre tais máquinas, a ver se as suas inumeráveis partes se encontram em ordem. E afinal todo o mundo confia suas vidas a elas, sem o mínimo receio, na persuasão de que nenhum daqueles trabalhadores cometeu qualquer engano mais importante. Eis o que me enche de admiração.

Gilbert Murray, em *The Listener*

O BOM gosto não é instintivo, mas adquirido. Todos os gostos congênitos são maus. O gosto dos adolescentes em música é abominavel e, em literatura, execravel. Nosso gosto se desenvolve lentamente graças ao esforço para compreender o que está alem de nós e apreciar o que não podemos ainda entender. Podemos educar nosso gosto de modo a repelir o que é mau e, consequentemente, exigir algo melhor. Em suma, o gosto nasce da fé, a fé de que o reino da beleza não pode ser comprado, nem atingido de supetão, e sim através de torturas e erros, vontade de aprender e humildade aparelhada para aceitar sob a fé e o julgamento de outrem o que ainda não se ousa rejeitar por si mesmo.

C. E. M. Joad, no *Scribner's*

Perguntas e respostas

(Compiladas por Bruce Chapman)

Em 1937 inaugurou-se nos Estados Unidos um programa de rádio a cargo de Albert Mitchell, o qual se prontificava a responder quaisquer perguntas enviadas por seus ouvintes, desde que fossem passiveis de resposta.

Antes de iniciar seu programa, Mitchell era maestro, tendo por hábito ler dicionários, almanaques e enciclopédias. Os amigos, sabedores disso, viviam a fazer-lhe toda classe de perguntas, e assim lhe ocorreu transformar em profissão o que antes lhe valia como passa-tempo. Possue excelente coleção de livros de referência, um fichário completo de fontes autorizadas de informações, e outro em que registrou as 20 mil perguntas mais frequentes (a maioria delas, aliás, ele é capaz de responder de cor).

Damos abaixo dez das perguntas mais comuns. Vide respostas à página 87.

1. Porque é que se costuma dizer «Deus te ajude», quando alguem espirra?
2. Quando é exatamente que um rapaz entra na maioridade?
3. Porque é que os cavalos correm para dentro do estábulo, quando este se incendeia?
4. Porque é que, na Inglaterra, os automoveis rodam no lado esquerdo da rua?
5. Porque é que o medo faz empalidecer?
6. Qual o maior corredor—o homem ou o cavalo?
7. Que é que faz a pipoca estalar?
8. Com que frequência nascem gêmeos?
9. Como pode uma mosca manter-se de cabeça para baixo no teto?
10. Porque é que um passarinho pode pousar sobre um fio elétrico sem morrer eletrocutado?

Perfil do venerando Times *de Londres, entre cujas muitas e brilhantes realizações se conta a conquista da liberdade de imprensa na Inglaterra*

A VOZ DO TROVÃO

(*Transcrito do «Christian Science Monitor»*)

Por George Kent

UM DOS mais rasgados encômios que um jornal já recebeu, foi o que o *Times* de Londres ouviu durante a guerra, da boca dos próprios alemães. Aconteceu que, no correr do ataque aéreo de 25 de setembro, sobre Londres, o edifício do *Times* apanhou em cheio uma bomba, e o rádio nazista proclamou logo triunfantemente aos quatro ventos que a «voz da Inglaterra» estava enfim silenciada. Os alemães, porem, se enganavam redondamente, porque o jornal continuou aparecendo com a regularidade habitual, e nem uma só vez, durante a guerra, interrompeu sua publicação.

Episódios dessa natureza não têm sido tão raros no curso da já longa existência do venerando jornal. Por exemplo, durante a greve geral do operariado inglês, em 1926, alguem se lembrou de regar com gasolina, à mangueira, a sala de impressão, pegando-lhe fogo em seguida; nem por isso o jornal deixou de publicar-se, embora durante algum tempo sob a forma duma pequena folha multigrafada. Aliás, quando, faz poucos meses, o *Times* festejou o seu número 50.000, significava isso que durante 160 anos—com exceção dos domingos e, nestes últimos anos, do dia de Natal e Sexta-feira Santa—o *Times* nunca deixou de visitar seus leitores.

Mas o *Times* distingue-se por alguma coisa mais do que a simples infalibilidade na publicação: sua história é a dum jornal que se bateu vitoriosamente pela liberdade de expressão, e fez uso dessa liberdade para servir a nação inglesa. Dirigido sempre com rara coragem e integridade, o *Times* se tornou o jornal mais influente do mundo inteiro: amado de uns, odiado de outros, mas sempre por todos respeitado. Lincoln disse um dia a seu respeito: «O *Times* de Londres é a coisa mais poderosa que existe no mundo, com exceção talvez do rio Mississipi...»

Seus próprios rivais no campo jornalístico lhe concedem a preeminência. Na Inglaterra, país relativamente pequeno e concentrado, qualquer jornal londrino pode chegar facilmente à mesa de todas as famílias, à hora do café matinal. É bem verdade que a circulação do *Times*, muito modesta, pouco passa dos 200 mil exemplares, mas estes chegam às 200 mil famílias mais influentes. Graças a isso é que o *Times* tem podido fazer e desfazer gabinetes ingleses, e derrubar reis e chefes do governo de nações estrangeiras. Esforçando-se constantemente por ser equitativo e imparcial, tem fustigado, sem distinção, operários e patrões, quando entende que eles o merecem. E a impopularidade nunca o assustou...

Ao tempo da Primeira Guerra Mundial, o *Times* atacou muito, pelas suas gafes, o então comandante supremo do exército britânico, Lorde Kitchener. O herói de Cartum, já então avançado em anos, era o ídolo popular dos ingleses, e não faltou quem aplaudisse com calor a queima de um exemplar do *Times*, na Bolsa de Valores em Londres, em sinal de protesto contra as críticas do eminente jornal. Mas este manteve-se galhardamente na brecha. Algum tempo depois Lloyd George era elevado à categoria de primeiro ministro, organizava-se um estado-maior em condições, e preparava-se assim um mais pronto e vitorioso desenlace da guerra. O *Times* deve-se ter sentido bem vingado!

Essa disposição para afrontar deliberadamente as iras da opinião pública, quando se julgava na posse da razão, é caraterística do venerando jornal londrino, a cuja orientação editorial se podem atribuir inúmeras reformas sociais e parlamentares na Grã Bretanha. Logo nos seus primeiros anos de existência já lutava para publicar e comentar livremente as notícias, sem interferência por parte do governo. Essa prolongada guerra pela liberdade de imprensa acarretou campanhas prodigiosas contra estadistas das dimensões de William Pitt, e contra instituições tão respeitaveis como o Departamento de Correios da Inglaterra.

Nos primeiros tempos do jornalismo, a imprensa inglesa vivia de subsídios do governo e de verbas especiais que lhe eram pagas pela publicação de certos materiais de informação, e tambem pela supressão de outros. John Walter, fundador do jornal, aceitou essas condições de existência—mas com ressentimento: e de vez em quando saía dos seus cuidados para atirar frechadas certeiras nos homens de governo. Chegou um dia a ser condenado à vergonha pública, no pelourinho, e ainda por cima a 16 meses de cadeia. Dessa dura lição saiu ele mais acautelado, mas nem por isso menos decidido a persistir em seus intentos. O filho e sucessor de John Walter compareceu tambem em juizo sob acusação de desacatar a autoridade do governo sobre a imprensa.

Nos seus esforços para subjugar o *Times*, o governo inglês recorreu a subterfúgios tais como o poder tributário e a lei das licenças. O Departamento de Correios chegou a reter a correspondência do jornal, e a ameaçá-lo com a denegação dos privilégios postais! No fim de contas, porem, o *Times* obteve ganho de causa, e a sua vitória definiu para todo o sempre, na Inglaterra, o princípio da liberdade de imprensa.

O *Times* tambem se meteu a cruzado para servir causas menos transcendentes. Assim, por exemplo, em 1840, conseguiu desmascarar e aniquilar, não sem grande despesa, uma quadrilha internacional de criminosos que vinham forjando letras de crédito e já tinham extorquido muitos milhares de libras a bancos e companhias de seguros. Os mercadores de Londres apreciaram tanto esse serviço do *Times*, que ofereceram reembolsá-lo das suas despesas. Declinada a oferta, o dinheiro foi aplicado, em nome do jornal, à criação de bolsas de estudo para escolares pobres.

O Times foi alcunhado de «Trovão» porque «troveja» por quantas palavras consegue encontrar e utilizar, a favor dos interesses de seus leitores. O brazão de nobreza que a nação lhe conferiu em 1929—sendo ele ainda hoje o único jornal que já recebeu tamanha honra—inclue

muito justamente, à guisa de timbre heráldico, um braço que brande um feixe de raios.

À primeira vista, um exemplar do *Times* não constitue espetáculo muito impressionante: a página de abertura é um ermo deserto de anúncios classificados—obituário, compra-se e vende-se, pede-se e precisa-se, notícias pessoais—tudo isso composto em caracteres minúsculos. Os assuntos de importância não começam a aparecer antes da página quatro, e mesmo então sob cabeçalhos muito comedidos, que nunca se desdobram em mais de duas colunas de largura. Com a escassez de papel que a guerra ocasionou, a maioria dos jornais londrinos preferiram reduzir-se a quatro páginas de leitura, para que, dentro das disponibilidades de papel, pudessem alcançar o maior número possivel de leitores; o *Times*, ao contrário, com caraterística dignidade, saiu sempre com seis páginas, reduzindo assim intencionalmente de um terço o número de exemplares que poderia vender.

Seus redatores partem do princípio de que escrevem para um leitor que é ao mesmo tempo sério, maduro, instruido, e suficientemente interessado para ler todas as notícias do começo ao fim. Ao invés de certos jornais sensacionalistas, a notícia não vem logo toda concentrada, com a força dum murro, nos primeiros parágrafos: desenrola-se antes num ritmo lento e ponderoso. Para dar um exemplo da fleuma inconfundivel deste jornal, basta recordar que, ao noticiar o assassínio dos reis da Sérvia, em 1903, o *Times* abriu a reportagem com uma sinopse da dinastia Dragavitch em trezentas palavras... e só a meio da coluna mencionou o regicídio!

O jornal não estampa caricaturas, seus artigos só rarissimamente são assinados, e falta-lhe a instituição dos «colunistas», como nos Estados Unidos se chamam os articulistas periódicos. O jornal só faz aos gostos da atualidade uma concessão: é o seu famoso enigma de palavras cruzadas. As notícias dos tribunais são redigidas por advogados, e com tal rigor e fidelidade, que são aceitas nas cortes de justiça como equivalentes aos próprios autos.

A vida financeira do jornal correu sempre precária, muito embora nestes anos mais recentes ele se tenha tirado razoavelmente de embaraços. Está instalado num edifício sem pretensões, e mantem-se alheado, com escrúpulos de donzela pudica, entre os outros jornais da Fleet Street, bem mais estridentes. O ascensor, que é uma verdadeira antiguidade (lotação máxima: 3 pessoas), ainda arrasta a sua ronqueira asmática entre os andares do edifício. Ao tempo em que era seu diretor, Geoffrey Dawson ficou um dia engaiolado no poço do ascensor, devido a uma pane, durante duas horas. Como era a ocasião do jornal entrar nos prelos, foi preciso levar as provas ao diretor aprisionado, mas assim mesmo o Trovão saiu em tempo para a rua.

Por trás da sua fachada sonolenta, o *Times* possue uma organização competente, eficiente e veloz, que tem marchado na vanguarda de quase todos os ramos do jornalismo. Foi ele com efeito o primeiro jornal a ser impresso em máquina a vapor, a usar prensas rotativas, e a transmitir notícias pelo rádio. Foi ele o primeiro a reservar uma página especial, a editorial, para a expressão das suas próprias opiniões. Foi ele que deu origem, durante a guerra franco-prussiana, às «micro-edições», ao fazer fotografar duas páginas, reduzindo-as às dimensões de selos do correio, para intro-

duzí-las como contrabando em París, cercada que estava então pelas tropas de Bismarck; uma vez chegadas a destino, eram ampliadas para ser lidas por meio de lanterna mágica. Ainda outra inovação do *Times* foi que, para conseguir um tipo de letra facil de ler, confiou o estudo da questão a um grupo de oculistas que durante três anos estiveram em experiências: o resultado foi um gênero de caracteres que são autêntico modelo de legibilidade.

O Times conheceu sempre a maneira de obter notícias, e de obtê-las exatas e depressa. Muito antes dos mais notórios e ricos jornais americanos, já o *Times* se servia de navios, de espiões e de pombos-correio para a reportagem, e realizava milagres de engenho e velocidade para servir o noticiário aos seus leitores. Do seu quadro de honra pendem mais troféus de triunfos jornalísticos, do que aqueles de que se possa gabar qualquer outro diário do mundo.

O primeiro correspondente de guerra de que há memória, foi um reporter do *Times*, um irlandês cordial, irreverente, grande contador de anedotas, chamado William Howard Russell. Seu terreno de operações foi a Criméia, durante a guerra de 1854. O exército inglês não o queria na frente de batalha. O reporter levava sua própria barraca e instalou-se nela, mas derrubaram-na. Passou a maior parte do tempo com frio, esfaimado e insone... Mas nenhuma dessas dificuldades o impediu de narrar ao público inglês que seu exército era uma perfeita desorganização em pé de guerra; seus oficiais, um corpo de *snobs* e de incompetentes; os soldados achavam-se subalimentados, grande parte das rações estavam contaminadas, faltavam bons calçados e cobertores, e os feridos e doentes morriam à míngua de todos os cuidados devidos. O reporter Russell previa o desastre, se não fossem introduzidas reformas urgentes naquele exército.

As reportagens causaram escândalo. O governo desmentiu tudo, mas Russell não se deu por vencido, e continuou despejando seu saco de verdades, firmemente apoiado por um diretor enérgico. Os artigos de Russell emocionaram a tal ponto o público inglês, que de todos os lados começaram a surgir subscrições para socorrer a soldadesca. E a famosa Florence Nightingale, com recursos supridos pelo *Times*, inaugurou os hospitais de sangue e, com eles, métodos de higiene até então nunca vistos nem sabidos. O gabinete britânico acabou por cair sob os golpes implacaveis do Trovão, e o novo governo reformou e modernizou o exército, ganhando a guerra.

Ainda hoje os leitores continuam mandando dinheiro ao *Times*, quando as notícias são de natureza a agitar os sentimentos do público. Verbas de enorme vulto foram entregues pelo *Times*, como contribuição para as obras de restauração da famosa Abadia de Westminster e da catedral de S. Paulo, ambas em Londres. Em 1929 o jornal levantou nova e vultosa quantia para a compra de rádium destinado aos hospitais britânicos. No curso desta última guerra recebeu o *Times*, para o fundo da Cruz Vermelha, contribuições que atingiram formidavel cifra.

Mas voltemos aos seus triunfos de reportagem. A partir de 1870, o *Times* teve a seu serviço em París um espertalhão de estranha aparência, a que não faltava sequer o ornato das suiças: Henri de Blowitz não dispensava o chapéu alto e a bengala, atributos de elegância na

época, mas era um homem singularmente bem informado, sempre a par de quanto se passava, aliando ao seu faro de reporter uma memória fenomenal. Acompanhado do diretor, estava certo dia na Câmara dos Deputados, para ouvir um discurso do chefe do governo, M. Thiers. O diretor lamentou não ter alí um reporter estenógrafo que tomasse nota do discurso. Blowitz não disse palavra, e de regresso ao escritório telegrafou para o *Times* três sólidas colunas—o discurso de Thiers palavra por palavra, rigorosamente trasladado de memória!

Mas a grande proeza de Blowitz foi a reportagem da Conferência de Berlim em 1878, onde se lavrou o tratado de paz entre a Prússia vencedora e a França republicana. Tinha ele um amigo entre os delegados à conferência que, durante as sessões, tomava notas e as escondia dentro da copa do chapéu alto—reprodução exata da cartola de Blowitz. Encerrada a sessão, o cavalheiro dirigia-se para o restaurante onde o jornalista estava jantando, e pendurava o chapéu ao lado do dele. Para não despertarem suspeitas, nem sequer se cumprimentavam. Acabado o jantar, Blowitz levantava-se da mesa, pegava no chapéu (do amigo), e saía do restaurante... com a reportagem na cabeça! A informação diária e pormenorizada da conferência, para todos os efeitos considerada secreta, trazia a tal ponto irritado o chanceler Bismarck, que um dia este chegou a levantar o pano que cobria a mesa da conferência e, espreitando por baixo dele, comentou com acidez: «Quero apenas verificar se o correspondente do *Times* não estará escondido debaixo da mesa!»

Blowitz chegou a conseguir uma cópia do tratado, mas sem o respectivo preâmbulo, que era a parte mais importante do documento, e que o amigo se recusou a entregar-lhe, anuindo entretanto a lê-lo para ele em voz alta. Blowitz não queria nem precisava mais nada: tendo ditado o texto do preâmbulo ao secretário, coseu o texto do acordo no forro do casaco dum assistente e meteu-se com este no trem de Bruxelas, onde chegava uma hora depois. Para despistar seus rivais, voltou imediatamente para Berlim. O assistente telegrafou o texto do acordo de Bruxelas para Londres, e no dia seguinte, sábado, ao meio-dia, o *Times* lançava nas ruas um suplemento com o tratado completo! Ainda as assinaturas dos diplomatas não tinham tido tempo de secar no pergaminho do original, e já este estava sendo lido pelos londrinos...

A espinha dorsal do noticiário do *Times* foi desde sempre a sólida reportagem dos acontecimentos econômicos, políticos e culturais. Ao mesmo tempo que se dá a grandes trabalhos para bater os concorrentes na exclusividade duma notícia, apresentando verdadeiros «furos», não tem hesitado—e isto com uma altivez digna da sua incomparavel posição—em imprimir uma notícia com uma semana de idade. É que os redatores do *Times* são a um tempo jornalistas e eruditos, e não há nome, data ou lugar geográfico que não verifiquem com exigente apuro... Graças a isso, quem ler o *Times* tem pelo menos a certeza de ficar bem informado. Tudo que tem importância ele relata, e com a maior exatidão.

Muitos de seus correspondentes no estrangeiro têm sido homens de meios, quase tão bons conhecedores do país onde vivem e sobre o qual escrevem, como os próprios naturais. Sir Wilmot Lewis, que de há longos anos vem sendo o correspondente do *Times* em Washington, passa por ser o embaixador extra-

oficial da Grã Bretanha nos Estados Unidos. Muitas vezes convidado para consultas na Casa Branca, suas reportagens são lidas com avidez pelos membros do Congresso americano. Quanto aos colaboradores do *Times*, na própria Inglaterra, têm-se contado entre eles celebridades tais como Dickens, Thackeray, Tom Moore, Hazlitt e Carlyle...

Uma das seções mais importantes do jornal são as Cartas ao Diretor, em que os missivistas atacam a tagarelice oficial inglesa, pedem que os lojistas deixem os toldos das lojas descidos nos dias de chuva para servirem de abrigo a quem passa, referem incidentes da natureza e vida animal, etc.

A coluna chamada da «Agonia» é outra famosa seção do *Times*. Aparece esta na primeira página, e serve como uma espécie de posta-restante às pessoas que estão impedidas de se comunicar umas com as outras pelas vias ordinárias. Alguns dos anúncios pessoais deixam transparecer um sutil humor genuinamente inglês: «Major inválido solicita empréstimo de corneta, para tirar uma pequena vingança.» Outros dão sinais de delicadeza britânica: «Ao motorista que no domingo à noite podia ter-me atropelado em King's Road, meu agradecimento.»

O *Times* não tem partido político: apóia geralmente, nos seus artigos de fundo, o governo que estiver no poder, mas nunca hesita em atacá-lo quando ele se desvia do que, para o Trovão, é o caminho direito. Seu primeiro grande diretor foi Thomas Barnes; primeiro tambem a servir-se dos editoriais como duma arma, Barnes dispunha de tal poder, que as autoridades muitas vezes o mandavam ouvir, antes de tomarem uma decisão.

Sob a direção de George Earle Buckle, o *Times* combateu o liberal Gladstone na questão da *Home Rule* (autonomia) da Irlanda, e, por sinal, no decorrer dessa campanha, cometeu uma de suas raríssimas gafes. Foi o caso que o grande jornal deu à estampa uma série de cartas atribuidas ao lider irlandês Parnell, em uma das quais se incitava abertamente o povo da Irlanda a recorrer à violência. As cartas eram apócrifas, segundo veio a provar-se em juizo, e o Trovão foi intimado a pagar cerca de um milhão de libras de indenização... O caso feriu sua reputação de infalibilidade, e deixou-o a bem dizer sem reservas, praticamente em estado de insolvência.

A ESSA ALTURA, cerca de 1898, dois americanos foram salvá-lo da ruina: eram eles Horace Everett Hooper e William Montgomery Jackson, e tinham ido para Londres com o fim de organizar uma agência de anúncios e publicidade no gênero americano. Enquanto observavam por aquí e por alí, deram com as chapas de impressão da nona edição da Enciclopédia Britânica, que estava então esgotada. Descobriram ao mesmo tempo que o maior jornal da Inglaterra se encontrava em crítica situação financeira. Hooper fez ao *Times* uma proposta que foi imediatamente aceita: ele e o sócio dispunham-se a fazer uma nova impressão da Britânica sob a égide do *Times*; este comprometia-se a fazer a publicidade da enciclopédia, sem qualquer encargo financeiro, e sobre cada coleção que se vendesse nas Ilhas Britânicas teria determinada comissão.

A subsequente campanha de venda intensiva abalou a Inglaterra até os alicerces. Os ingleses compraram milhares de coleções da Enciclopédia Britânica, todas elas «completas, incluindo uma

caixa de sólido carvalho». A receita bruta de Hooper e Jackson, só na Inglaterra, foi surpreendente. O *Times* estava salvo, pelo menos no momento.

Hooper teria de bom grado adquirido o Trovão, mas os proprietários do jornal receavam que esse americano, impetuoso como um ciclone, transformasse o *Times* numa folha de escândalo e sensação, e chegasse mesmo, supremo insulto, a pôr gordas manchetes na primeira página. Compreendendo essa atitude, Hooper persuadiu Lorde Northcliffe a fazer a compra. Quando este último faleceu, o *Times* encontrava-se mais uma vez na primeira linha, e em próspera condição financeira. Em 1922, as ações da empresa foram todas adquiridas por John Walter, trineto do fundador, e pelo coronel John Jacob Astor.

O Trovão desfruta, entre todos os jornais, da distinção única de ser uma verdadeira instituição nacional. Para ficar seguros de que o jornal nunca seria considerado «como uma simples coisa de comércio a ser transferida para quem mais desse, ou em risco de cair entre mãos indignas», John Walter e o coronel Astor organizaram um comitê provido de autoridade para dar ou negar aprovação a qualquer plano de venda. Desse comitê faziam parte, entre outros, o Lorde Presidente do Supremo Tribunal, o Presidente da Real Sociedade e o governador do Banco da Inglaterra.

O *Times* tem dado muitas lições ao mundo, e este projeto de assegurar a independência dum grande jornal por meio dum comitê representativo da opinião pública imparcial, não é por certo das menos importantes que lhe ficamos devendo.

...*E assim se casaram*

(Lauritz Melchior, grande tenor wagneriano)

¶QUANDO jovem ainda, e estudando música com muito esforço, morava eu numa pequena pensão em Munique, onde certo dia me sentei no jardim para decorar os versos de uma nova ópera. Cantava—«Vem a mim, meu amor, nas asas da luz...»—quando ouví um frufru, meus olhos captaram uma rápida imagem branca, e eis que surge, a meus pés, uma linda criaturinha que caira, literalmente, de alguma região celeste.

Era Maria Hacker, minúscula atriz da Baviera. Num truque de publicidade para um filme de aventuras, descera de um avião, em paraquedas, e pousara praticamente em meus braços.

Era Ela... Naquele momento pensei que ela tivesse vindo do céu. E disso estou convencido até hoje.

—Contado a Peggy McEvoy

OS IDEAIS são como as estrelas; tocá-los com a mão, não o conseguireis. Mas, como os navegantes no deserto do oceano, podeis escolhê-los como guias, e seguí-los até alcançardes vossa meta.

—Carl Schurz

O cúmulo da impudência em criminalidade . . .

O TESOURO NO TÚMULO

Por J. Edgar Hoover

(*Diretor do Serviço Federal de Investigações, dos Estados Unidos*)

NINGUEM alí estava para vê-los quando, naquela noite de verão, dois vultos—um alto, o outro baixo—caminhavam em silêncio por entre os túmulos de soldados. O mais corpulento carregava, de encontro ao peito, um embrulho volumoso; no seu andar havia algo de nervoso, e muitas vezes relanceou o olhar para trás. O outro, pequeno e magro, tinha nas mãos instrumentos para excavação, e marchava tranquilamente, sem olhar para os lados. Atrás da tumba de um legionário morto há muitos anos, meteram pá e enxada na terra macia e úmida e aí enterraram o embrulho, numa cavidade de mais de um metro de fundo.

—Mesmo que eles me matem, nunca hei-de dizer onde fica este esconderijo, murmurou, num tom arrogante, o menor dos dois.

—Nem eu! prometeu o companheiro.

Antes do amanhecer, haviam pulado uma alta cerca de arame, desaparecendo na cidade adormecida. No cemitério deixaram, assim, um tesouro; mas à polícia, o que deixaram foi uma série de dores de cabeça. Atrás daquele túmulo, na noite de 30 de julho de 1945, haviam enterrado cem mil dólares, resultado de um assalto a mão armada a um banco, assalto esse dos mais audaciosos de que tivemos notícia em nossa longa experiência policial.

Encontramo-los, afinal, a eles e ao tesouro, apesar dos votos de silêncio que se fizeram um ao outro. E eis como o conseguimos.

NA CIDADE de Hollywood, na Califórnia, às sete horas daquela manhã, haviam sido colocados, no assento traseiro de um automovel, seis sacos cheios de moedas de prata e uma caixa de papelão contendo notas, tudo no valor de cento e poucos mil dólares. Esse dinheiro se destinava ao pagamento dos operários de grande fábrica vizinha. Dois funcionários de um dos bancos de Hollywood haviam-se sentado na frente: o sr. Patterson ao volante e o sr. Victor Lohn, ao lado dele, como vigia.

Entre eles achava-se um revolver de calibre 38, carregado.

O carro ia deslizando pelo chamado Passo de Cauenga, em direção ao local da fábrica. Para atingir o portão desta, era necessário tomar por uma estrada secundária. Subitamente viram, à sua frente, um homem com a farda da Polícia Militar, de mão erguida.

Ao reduzir a velocidade do carro, disposto a parar, Patterson percebeu, assustado, que aquela mão erguida lhes apontava uma pistola automática, 45. Maior foi ainda sua surpresa, ao verificar que o policial, tão absurdo naquele local, àquela hora matutina—desalinhado, de barba grande, emaciado—tremia como se estivesse extremamente nervoso.

—*Dêem o fora desse carro!* exclamou em voz estridente. Nesse momento surgiu, de seu esconderijo atrás duma árvore, outro homem armado, mais cheio de corpo, baixo, e infinitamente mais calmo. Ambos enfiaram seus revólveres pela janela do automovel, obrigando Lohn e Patterson a obedecer-lhes.

—Passem para o assento de trás. Abaixem a cabeça. Fiquem olhando para o chão, com as mãos atrás da cabeça.

Assim os dois funcionários foram raptados e levados para um lugar distante, na colina. Após rodar, aos trancos e barrancos, durante uns vinte minutos, por uma estrada não pavimentada, o veículo parou à orla de uma ribanceira isolada, e os bancários foram empurrados para baixo. Ataram Patterson, pelo pescoço e pelas mãos, a uma pequena árvore; e Lohn, com os punhos amarrados atrás das costas, foi lançado, de rosto para baixo, contra uma vegetação baixa que alí havia. Ambos tiveram os olhos vendados com esparadrapo. Os bandidos, voltando ao automovel onde ainda estavam a caixa e os sacos de dinheiro, ameaçaram suas vítimas de terriveis represálias, se gritassem pedindo socorro.

Logo que adivinhou estarem longe os atacantes, Patterson pôs-se a esfregar a face direita de encontro à casca áspera da árvore. Não tardou que lhe sangrasse o rosto, mas persistiu até conseguir soltar o esparadrapo que lhe cobria o olho. Deu então instruções ao companheiro, que se esforçava por erguer-se.

—Fique de pé e venha cá! Coloque-se atrás de mim, de maneira que eu possa tirar a faca do seu bolso de trás. E tenha muito cuidado...

Daí a pouco estavam livres as mãos de Victor Lohn. Arrancando o esparadrapo, cortou as cordas que prendiam Patterson, e os dois subiram penosamente a ribanceira, alcançando a estrada.

ESSE assalto constituia verdadeiro desafio ao Serviço Federal de Investigações, pois os meliantes haviam infringido tanto as leis estaduais como as federais: rapto, uso ilegal da farda militar e furto dessa mesma farda; alem disso, os depósitos daquele banco estavam sob a garantia de uma repartição do governo. Urgia prendê-los sem tardança, porque, de outro modo, a cínica simplicidade e a audácia da façanha haviam de animar os bandidos a novas proezas.

Dispúnhamos de um vestígio: enquanto os olhos de Lohn estavam sendo vendados, ele pôde ver, na camisa do bandido mais baixo, o distintivo da fábrica a que nos referimos. Evidentemente o ladrão o usara justamente para nos dar a impressão de ser operário da empresa. Em todo caso, já era um pequeno indício.

Ao mesmo tempo que eram interrogadas, pela polícia estadual e federal, centenas de pessoas, seguíamos todas as pistas que nos parecessem significativas. Sabíamos, por exemplo, graças à nossa

experiência, que os autores de semelhantes façanhas muitas vezes chegam à cena do crime num automovel roubado. Assim sendo, examinamos cuidadosamente todos os casos de furto de automovel, de que tivéramos notícia mais ou menos naquela ocasião. Um desses veículos, legítimo calhambeque, havia sido abandonado num posto de estacionamento, e nele encontramos, alem da placa falsificada, uma caixa de papelão com nome e endereço rabiscados na tampa. Já íamos proceder a uma busca nesse endereço, quando uma sra. Abelar, que aí morava, chamou a polícia para dizer que encontrara, em sua casa, algo que, por certo, nos interessava.

Atrás da casa havia algumas garages para aluguel, e recentemente dois rapazes tinham alugado uma delas. Na noite anterior ao assalto, uma bola de borracha, pertencente a uma criança, rolara para dentro da garage, através do espaço entre a porta e o chão; os filhinhos da sra. Abelar, querendo rehaver a bola, abriram a porta da garage e aí penetraram, encontrando seis sacos de moedas, uma túnica de farda com as insígnias da Polícia Militar, uma pistola automática calibre 45, outra 38, pertencente aos dois bancários, e, por fim, uma camisa onde se via, preso com alfinete, o distintivo da fábrica acima referida.

Escusado é dizer que o número do distintivo era falso; o número original havia sido retirado, sendo postos outros algarismos em seu lugar, com um lapis bem preto e gorduroso. No entanto, os peritos do Serviço de Investigações levaram o distintivo ao laboratório. À luz do dia, nada revelou; posto, porem, sob uma lâmpada de raios ultra-violeta, na superfície do distintivo, coberto de celofane aparentemente nua, subitamente apareceram imagens. Os algarismos iniciais, impressos no distintivo, não haviam sido inteiramente obliterados, restando ainda alguns traços praticamente invisíveis.

Dentro de uma hora, nossos agentes em Los Angeles passavam uma busca rigorosa nos registros da fábrica. As fichas dos operários provaram que aquele velho número havia sido dado uma vez a um rapaz alto e nervoso, de nome John Joseph Uckele, cujo melhor amigo na fábrica era Stanley Matysek, homúnculo gordo, particularmente conhecido, na companhia, por sua calma inalteravel. Já nos parecia certo havermos encontrado os nomes e os antecedentes, pelo menos parciais, dos meliantes.

Conquanto os dois tivessem deixado a fábrica havia muito tempo, foi-nos facil acompanhar suas atividades recentes até a Universidade da Califórnia, onde, mediante documentos falsificados, se haviam matriculado num curso especial de verão. Moravam na própria faculdade, no dormitório de rapazes, e em seus quartos, já abandonados, fomos encontrar verrumas e limas, chaves da garage da sra. Abelar, diagramas de um sistema de alarme contra ladrões, uma baioneta, uma perfuratriz elétrica—e, finalmente, dando àquilo um toque bizarro, um manuscrito, de doze páginas, da autoria de Uckele, homem nervoso e dotado de certa imaginação; escrevera um conto, em que certo soldado, pedindo «carona» a um negociante em plena estrada, acabou por matá-lo.

Onde, porem, encontraríamos Uckele e Matysek? Antes de organizar nossa busca, tentamos adivinhar quais seriam os seus projetos. Acreditavam, provavelmente, que houvessem cometido o chamado «crime perfeito»; por isso haviam de voltar, após uma ausência de algum tempo. Sendo assim, não tínhamos necessidade de ir muito longe. Munidos de fotografias deles, que obtivéramos da circunscrição militar onde haviam servido, passamos a procurá-los pelos bares de Los Angeles.

Por mais estranho que pareça, logo achamos o Uckele. Dois de nossos agentes, entrando casualmente numa taverna, deram com ele, tomando seu chope. Quando já mergulhava o nariz na espuma, os policiais o seguraram, cada qual por um dos cotovelos, ergueram-no e o levaram, tendo-o antes despojado da pistola automática 45, carregada.

Na rua, o ladrão gritou desesperadamente, implorando a todos que o ajudassem, apontando parentes e amigos em cada grupo de malandros—querendo, enfim, dar a impressão de estar louco varrido. Pegando-o desprevenido, um dos agentes perguntou-lhe de supetão: —E o Stanley, onde está? Uckele caiu na armadilha, respondendo sem hesitar: —Há meses que não vejo o Stanley. Percebendo então que se traira, caiu num silêncio nervoso e melancólico.

Menos de uma hora depois fomos surpreender Stanley rondando aquele mesmo bar. Em seu automovel pudemos confiscar um dispositivo de folha de Flandres envolta em gazes, com todo o aspecto exterior de uma armação de talas e tipóia para um braço e mão quebrados. Dentro, porem, estava uma 45 carregada, pronta para uso imediato. Se Matysek tivesse colocado as «talas» no braço, em posição ideal para atirar, não teria hesitado um segundo...

No gabinete do Serviço de Investigações, os acusados procuraram incriminar um personagem mítico, por eles inventado, chamado «Nick». Fora ele quem, obrigando-os por chantage a agir, ordenara que cometessem o roubo, ficando com todo o produto deste. Para tornar a história mais plausivel, abalando nosso cepticismo, Uckele chegou a bradar o nome do tal Nick durante a noite. Em pleno tribunal, onde compareceram para os trâmites iniciais do processo, o réu berrou novamente o nome, caindo em seguida ao chão, com a boca espumando. Verificamos, porem, que a espuma fora causada pelo velho truque de colocar um pedacinho de sabão na boca...

Nos meses anteriores ao julgamento, tentamos, naturalmente, extorquir aos dois informes mais detalhados sobre o dinheiro. «Não adianta,» haviam-nos dito. «Nós havemos de morrer sem contar nada.» Alem disso, segundo afirmavam, só o Nick sabia.

Entretanto encontrou-se, sob a cama de Uckele, um objeto bastante sugestivo: uma caixa de papelão, cheia de água, sobre a qual boiava uma cédula de dolar. Tratava-se de uma pequena experiência de Uckele: tendo enterrado o roubo em terra úmida, queria saber em quanto tempo apodreceria o dinheiro-papel.

Nesse ínterim, Matysek, preso na «solitária», começou a passar recadinhos escritos a seu companheiro; este os recebia afinal, mas sempre os víamos antes. Assim nos inteiramos da verdadeira significação da palavra «Nick»: era um plano, pelos dois elaborado, para tentar defender-se sob a alegação de terem agido em estado de privação dos sentidos e da inteligência—de irresponsabilidade, em suma. Haviam tambem formulado excelente projeto de fuga, a ser usado caso o juiz os sentenciasse a longos anos na prisão.

Nessas notas, por nós interceptadas, fomos descobrir precisamente o que queríamos: comentários e observações sobre o dinheiro, ao qual se referiam misteriosamente como «18» ou então «o papel». Eis alguns trechos: «Se formos mandados

a uma penitenciária federal, o papel vai apodrecer rapidamente com as chuvas do inverno.» Mais um: «Minha irmã tem a vantagem de estar com 17 anos, e eles não podem processar uma menor. O diabo é que não sei se ela consegue ir a...»

Matysek tivera, naturalmente, o cuidado de não usar a verdadeira designação do local, mas por essa frase sua ficamos sabendo que o dinheiro estava oculto não só em terra úmida, como tambem num lugar provavelmente inacessivel a uma mocinha.

Procedemos a extensa busca na região onde os dois haviam morado, na universidade, ao pé das Montanhas de Santa Mônica, que separam a parte ocidental de Los Angeles da fábrica a que aludimos. Graças a confissões dos meliantes, encontramos, num canteiro do jardim da faculdade, cinco mil dólares enterrados. Mas os dois continuavam a jurar que Nick levara o resto...

Tivemos informação de que Uckele e Matysek costumavam passear a pé, longamente, pelos bairros residenciais naqueles arredores; de mais a mais, averiguamos, por um mapa da região, que havia por alí várias veredas, todas numeradas. E os policiais mais empedernidos sentiram forte emoção ao pôr o dedo sobre a Vereda No. 18, a qual, sinuosa e isolada, ligava o jardim da universidade à ribanceira onde os bancários haviam sido abandonados. Estávamos tão perto de nosso objetivo... Para onde ir, agora? Colocando-se num ponto alto, a oeste do dormitório da escola, nossos agentes examinaram as veredas, procurando reconstituir os acontecimentos que, sabíamos, tinham ocorrido naquele dia... e adivinhar o resto. Os delinquentes só podiam ter dirigido seu automovel da ribanceira pela Vereda No. 18 e, após deixar o produto do roubo na garage, abandonado o veículo a cerca de dois quilômetros dalí. À noite haviam enterrado as notas em terreno úmido. Perscrutando a região, os agentes perceberam que uma das veredas ia dar numa cerca de arame que marcava os limites do Cemitério de Veteranos. Então, o que seu raciocínio lhes dizia parecia coincidir com alguns dos fatos conhecidos. Uma lápide de sepultura é esplêndido ponto de referência, facil de identificar. E, para uma mocinha de 17 anos, escalar aquela cerca seria quase impossivel!

Minuciosamente os agentes percorreram as longas fileiras de sepulcros, em busca de algum vestígio sugestivo. Daí a pouco chegaram à sepultura de um soldado que morrera em 1922. Atrás da lage via-se uma inexplicavel saliência de vegetação.

Começaram a cavar e logo exhumaram um saco de aniagem e uma mochila. Abrindo-os, encontraram pilhas de notas: cem mil dólares em dinheiro!

Uckele foi informado dessa descoberta, e o tribunal lhe deu mais uma oportunidade para confessar. Em vez disso, tentou fugir, à força, quando o levavam no elevador do nosso edifício. Tendo lutado com os guardas, e estando machucado e enfraquecido, voltou ao tribunal para aceitar a responsabilidade de tudo. Por ter confessado, sua sentença foi comutada de 35 para 20 anos. Matysek foi um osso mais duro de roer, mas afinal acabou seguindo o exemplo do outro, sendo condenado a 21 anos.

Há quinze anos, não dispondo dos recursos que hoje temos, talvez não conseguíssemos resolver o problema. Este foi, de fato, resolvido pelos raios ultravioleta aliados à persistente paciência de nossos homens, e tambem à sorte, elemento com que muitas vezes são recompensados os policiais esforçados...

Talvez não seja progresso... mas que importa?

Ah... os pobres índios!

(*Condensado de «Travel»*)

Por J. P. McEvoy

Nos bons tempos da Idade Pre-atômica, havia uma instituição que tendia a aumentar e a expandir-se cada vez mais: refiro-me ao turismo. O mundo andava cheio de turistas, que viajavam, quase sempre, para fugir à monotonia ou às aflições de sua vida cotidiana. Hoje já começam a aparecer turistas outra vez, tomados porem, agora, de novo e diferente desejo: trata-se de fugir não à monotonia e às aflições, mas a algo de mais específico—a bomba... Seus olhos descansarão, talvez, sobre a paisagem, mas em seus espíritos conturbados há uma pergunta nervosa: «Será que estarei a salvo aquí, quando eles começarem a atirar bombas atômicas a torto e a direito?»

O local teria que ser, naturalmente, salubre, belo de panorama, e tão insignificante, do ponto de vista político e econômico, que ninguem se lembraria de esperdiçar alí uma bomba caríssima. Quanto aos habitantes, conviria que fossem homens duros e empedernidos, já tendo sobrevivido a inúmeras catástrofes no passado, e dotados de uma atitude filosófica capaz de triunfar sobre os imprevisiveis horrores do futuro.

Embora correndo o risco de dar lugar a uma espécie de «estouro da boiada», permito-me anunciar que, segundo creio, já encontrei o lugarzinho—pelo menos para mim. É a aldeia chamada Chichicastenango, situada num remoto planalto da Guatemala, a dois mil metros de altura, cercada, por todos os lados, de íngremes precipícios e protegida por um círculo de serranias hostís.

Grande parte de seus habitantes são índios Quiche, sobreviventes de um ramo da grande raça dos Maias. Por mais que tentassem, os conquistadores espanhóis não puderam exterminá-los, nem os frades conseguiram apaziguá-los. Terremotos houve, e eles não se abalaram; vieram inundações, e lá estão eles; medonhas erupções vulcânicas cobriram de lava as suas aldeias, mas, cavando, furando, penetrando, alcançaram outra vez a luz do dia e, num nobre desafio, plantaram milharais até quase a orla das crateras fumegantes, como fazem ainda hoje.

Para fugir à bomba atômica, é um esconderijo ideal, para onde irei um dia; e, quando for, meu vizinho favorito será certo índio Maia-Quiche que, sem possuir chapéu nem sapatos, vive confortavelmente em Chichicastenango com um gasto mínimo de energias. Aprendeu a

viver à custa das orquídeas: pela manhã —de vez em quando, bem entendido— caminha até a ribanceira mais próxima e aí colhe algumas «irmãs brancas», o nome que dão às orquídeas. Dirige-se então ao portal da Hospedaria Maia, onde oferece as flores à venda com a mais altiva indiferença. Quando o turista lhe pergunta quanto quer por elas, sorrí, balbuciando então qualquer algarismo fantástico que lhe dê na veneta; em geral alguns tostões... Certa vez cometí o gravíssimo erro, próprio dos forasteiros, de lhe dar imediatamente os 50 centavos que me pedia. Levou-os, mas saiu cabisbaixo, macambúzio; considerava estragado o seu dia, pois já agora não tinha mais pretexto para se deixar ficar por alí, rondando o hotel dos turistas, espiando aqueles esquisitos estrangeiros que lá chegavam com suas vestimentas estrambóticas, máquinas fotográficas a tiracolo, camisas de manga curta por fora de umas calças com fundilhos mal ajustados... Para ele, o gostoso é permanecer nas imediações do hotel o dia inteiro, orquídeas em punho, regateando, até conseguir vendê-las por 15 centavos, seu último preço, absolutamente o último.

O índio guatemalense é talvez o ser humano mais quieto que existe, e sempre achei divertido contemplar as faces espantadas dos turistas ao defrontar, pela primeira vez, a bela e granítica dignidade desses solenes sobreviventes de priscas eras. De minha janela, numa manhã de domingo, vejo a feira livre em pleno funcionamento. A velha praça, fronteira à igreja, está repleta de índios—uns 5 mil talvez—e mal ouço suas vozes. Aproximemo-nos de um grupo onde se regateia à vontade, e não ouviremos mais que um murmúrio discreto; aquí e alí, entre longos silêncios, uma espécie de grunhido monossilábico...

Faz-se comércio, aí, sem ruido nem espalhafato; o meio de comunicação mais comum, ao que pude perceber, é um erguer de sobrancelhas, um encolher de ombros ou um olhar furtivo entre um marido de pé e sua mulher agachada. Ocorre-me comparar isso a uma guerra de nervos primitiva... Daí a não sei quanto tempo, mediante qualquer processo sutil, imperceptivel mesmo, desmorona-se afinal a última muralha de resistência mercantil, a oferta é aceita, a transação completada.

SE O ÍNDIO guatemalense é o ser humano mais sossegado do universo, o turista americano é sem dúvida o mais barulhento. Chego, mesmo a arriscar uma teoria; quando o americano se dispõe a virar turista e abandona enfim sua terrinha natal, com os mexericos, a censura de parentes e vizinhos, convence-se de que, graças a algum bruxedo, se tornou invisivel. Movimenta-se então num maravilhoso e estranho país estrangeiro cheio de gente que não compreende o que ele diz, não se interessa pelo que pensa, e se mostra indiferente ao que ele esteja fazendo. Liberta-se de seus recalques acumulados; e —ó alívio! —consegue, pela primeira vez na vida, dizer e fazer o que muito bem lhe vem à cabeça...

Do americano burguês, que alcançou certo êxito na vida, alguem já disse que, tendo nascido na roça, ele se esforça loucamente para conseguir morar na cidade, onde passa a esforçar-se mais loucamente ainda, para conseguir morar na roça. Mas o índio de Chichicastenango é muito mais esperto que o turista, o qual lá um dia obtem umas férias, fugindo à gaiola do êxito para desfrutar uns quinze dias de ociosidade e gozar a delícia de se sentir superior aos índios «civilizados». Talvez sejam incivilizados, realmente; mas vejamos as observações que fez um cientista, após examiná-los durante anos:

«Entre estes índios são raríssimas as lesões cardíacas e inexistentes os distúrbios mentais. O homem branco parece ter perdido a confiança em si próprio, e nos semelhantes. O nervosismo generalizado, que vemos atualmente, é, no fundo, o medo de não poder comer três vezes por dia. O índio, se está de barriga vazia, faz com suas próprias mãos um cinto e nele se cinge. É perfeitamente capaz de ser feliz apesar da fome. Tendo comido sua última migalha, vai dormir ainda cheio de confiança em si e na benevolência da Natureza.»

Ah... o pobre índio! Eis aquí o indivíduo mais independente que existe. Com suas próprias mãos planta o que precisa para comer, tece sua roupa e faz o que possa vender. Tem seu negócio bem dele, livre de notas promissórias e de fiscais do imposto de renda. Quer haja turistas quer não, tem sua *milpa* (pequeno milharal) onde planta e colhe o suficiente para seu sustento, sobrando-lhe ainda bastante para levar à feira e trocar por sal e pimenta ou uma esteira das que se tecem nas aldeias próximas ou ainda um cobertor tambem feito a mão.

Satisfeitas assim suas necessidades materiais, compra um pouquinho de incenso para queimar em homenagem a seu deus pagão à porta da igreja; e queima um pouco tambem dentro da capelinha, em homenagem aos santos, porque seguro morreu de velho... Arrumando no chão um desenho bonito de pétalas de rosa e grãos de milho, acende velinhas no meio e, enquanto sua mulher e seus filhos se ajoelham em silêncio, ele canta monotonamente os nomes de vários apóstolos e santos. Feito isso vai-se embora, reforçado em sua fé e serenamente convencido de que fez tudo o que se pode esperar de um homem...

O ÍNDIO volta à aldeia por ocasião das festas. Algumas duram apenas um dia, mas é preciso reservar um dia para os preparativos e dois outros para a convalescença... A melhor de todas, em honra de S. Tomás, santo-padroeiro de Chichicastenango, estende-se por quase todo o mês de dezembro, exigindo longos preparativos e ensaios para as dansas, as procissões e os fogos de artifício. Segue-se o Natal, sem solução de continuidade; e depois vem o Ano Bom, segundo o calendário cristão, e o Ano Bom do calendário Maia. Em suma, graças à tradição, aos vários projetos e à religiosidade, o índio consegue enfiar, pelo ano a dentro, uma boa dose de feriados...

—O diabo é que esses índios são tão preguiçosos! observou o turista à medida que caminhávamos pela praça da feira, esforçando-nos por não ser atingidos por foguetes, dansarinos mascarados e procissões de vários santos. Havia uma semana que tinham começado os festejos, e os índios dansavam pelas ruas noite e dia. Mal o turista fizera aquela observação, parou perto de nós um velho e minúsculo índio, com pesado turbante na cabeça e levando às costas um grande feixe de lenha. Livrando-se por um momento de sua carga, deixou-a no chão e pôs-se a dansar com os outros.

—Veja se consegue levantar isso, disse eu ao turista. Este tentou, mas não conseguiu erguer a pesadíssima jeringonça. Observei-lhe então: —Esse homem carregou a madeira desde o outro lado da montanha, só para vir dansar em honra de S. Tomás. Enquanto falava, vimos outros índios que se aproximavam da praça com verdadeiros montes de cerâ-

mica nas costas, trazidas de aldeias longínquas, donde haviam caminhado a pé, durante três dias, para tomar parte na festa. O turista corrigiu-se, dizendo que talvez a palavra «preguiçosos» fosse exagerada; mas porque era que esses homens não se reuniam para comprar um caminhão, por exemplo?

—Lembre-se, meu amigo, comentei, —de que caminhão significa pneumáticos, gasolina, acessórios, consertos, seguro... Para que plantar mais, trabalhar mais, esforçar-se mais, só para manter um caminhão? Assim como estão agora, não têm nem as despesas nem as preocupações do homem da cidade, e quando querem podem até libertar-se das preocupações de seus negócios, como fez aquele velhote ao deixar no chão a sua carga. Você conhece muitos homens de negócio bem sucedidos, que tenham tanta organização em suas vidas?

—Mas isto não é progresso! exclamou o turista indignado. —Quem vive deste jeito, não alcança nada...

Mil índios passavam por nós, às piruetas e passos de dansa, parando apenas para soltar mais foguetes.

—Quem sabe? Talvez você tenha razão, concordei. —Talvez o progresso consista em lançar bombas atômicas; talvez isto de atirar foguetinhos ao ar, só por gosto, não seja progresso. E pode ser que os índios não alcancem nada, como você diz. Mas alcançar o que? Não estão bem assim?

Nos olhos do turista via-se uma luz nova... Observou:

—Será... será que eles é que têm razão?

—Parece-me que sim, respondí. —Tudo se resume nisto, meu caro: esta gente não parece sentir falta de uma vida melhor...

Absoluta imparcialidade...

UM JUIZ americano, famoso por suas decisões um tanto inesperadas, e talvez bruscas, tinha certo dia, a resolver, um processo qualquer, e fez esta observação:

«Meus amigos. Foram apresentados a este tribunal dois cheques: um do autor, na importância de 10 mil dólares; o outro, do réu, no valor de 15 mil. O tribunal devolverá 5 mil ao réu, e procuraremos entrar imparcialmente no mérito da questão.»

—*The Wall Street Journal*

EM WASHINGTON, uma jovem e bela funcionária do governo federal americano chegava ao trabalho atrasada, todos os dias, um minuto ou dois. O chefe da seção já a admoestara repetidas vezes, sem êxito algum. Um dia, finalmente, desesperado, declarou:— Olhe, dona Fulana, estou cansado de falar nos seus atrasos. Vou por isso suspendê-la por um dia, sem vencimentos. Qual é o dia que a sra. prefere?

—Bem, se o sr. não se importa, respondeu ela hesitante, gostaria de continuar chegando atrasada até completar o dia...

—Celia Carpentar

Um navio em apuros, com jardim de infância a bordo...

Carga de inocentes

(Condensado de «Ken»)

Por Laurence Kirk

O NOVO e magnífico destroier inglês *Tremendous* errava, em serviço de patrulha, ao largo da costa norte da Espanha, em meados de 1937, quando entregaram ao Comandante uma mensagem telegráfica:

PREPARE-SE ESCOLTAR TRAINEIRA FRANCESA ARGONNE COM CARGA REFUGIADOS ESPANHOIS

Quarenta e oito horas depois, nova mensagem:

TRAINEIRA FRANCESA EM ATRASO PT PREPARE-SE RECEBER QUARENTA E DOIS REFUGIADOS DE MADRUGADA

Muito antes do amanhecer, o *Tremendous* achava-se no lugar indicado, com todos os canhões prontos para entrar em ação, no caso de qualquer surpresa. De súbito, dois barcos de pesca deslizaram silenciosamente através do nevoeiro e, em poucos minutos, abeiraram-se do navio. Um mensageiro subiu à ponte de comando.

—Os cumprimentos do sr. Canning, *sir*. Eis a cópia da lista dos refugiados.

Os olhos do Comandante esbugalharam-se ao começar a leitura da lista:

1. José Ramón Esquerra. Idade—sete meses. Orfão.

2. Maria Dolores Carrión. Idade—um ano e dois meses. Orfão.

3. Manolo Juan Uscavilla. Idade—onze meses. Orfão.

O Comandante ergueu o olhar e acompanhou a entrega de um bebê após outro, cada um identificado pelo contra-mestre, sendo passados, a seguir, com a maior solenidade, aos braços de um dos experientes marinheiros que se achavam perfilados. O jovem tenente, que estava de quarto, lançava um olhar agoniado à ponte, de vez em quando, como se estivesse à espera de que caisse um raio. Mas o Comandante perdera a fala. Aos vinte e dois bebês que contou, seguiu-se uma triste procissão de dez mulheres, que tambem, exceptuando-se três, carregavam criancinhas.

Se uma nuvem de gafanhotos baixasse sobre o navio e se pusesse a devorar as peças metálicas, o Comandante não teria ficado mais surpreendido. Enquanto as fitava, uma das crianças mais crescidas fugiu da ama seca improvisada, tropeçou no tombadilho e, instantaneamente, rompeu num choro tremendo! Isso serviu de diapasão para as outras crianças. De uma extremidade a outra do navio só se ouvia estridente berreiro.

O Comandante chamou o mestre e perguntou:

—O que se passa, Huggins? Quem cuidará dessas crianças?

—Creio que seremos nós, Comandante.

—Hum! Conferiu a lista? Estão todos

presentes, sem novidade? É bom ver...

—Bem, estão e não estão, Comandante...

—Que quer dizer com isso?

—Bem, é que... três das crianças ainda não nasceram.

—Mas, valha-me Deus, Huggins, não é possivel nascerem crianças neste navio!

—O sr. tem razão, Comandante, mas se a traineira francesa demorar muito a chegar, creio que teremos de resolver o problema.

O Comandante botou a mão na cabeça, apavorado. Huggins conservou-se em posição de sentido.

—Mais alguma ordem para estam anhã, Comandante?

—Não, não, —respondeu o Comandante exhausto, é só.

Durante toda aquela manhã, o eter vibrou com as mensagens ansiosas do *Tremendous*.

RECOLHEMOS A BORDO DEZ MULHERES E 32 RECEMNASCIDOS PT PERGUNTO QUE FAZER COM ELES

O navio-almirante, a uma distância segura e conveniente, deu a desagradavel resposta:

ALIMENTE-AS E AGUARDE TRAINEIRA FRANCESA PT SUPONHO HAJA A BORDO SUFICIENTE SUPRIMENTO LEITE CONDENSADO PT RAÇÃO DE RUM CONTRAINDICADA.

O *Tremendous* respondeu com um apelo ainda mais angustiado:

INCLUIDAS ENTRE REFUGIADOS 3 MULHERES PRESTES DAR LUZ PT PEDIMOS CONSELHOS

Desta vez a resposta foi um pouco mais animadora:

CORPO TREINADO ENFERMEIRAS A BORDO TRAINEIRA FRANCESA PT DEVE CHEGAR DENTRO QUARENTA E OITO HORAS PT SE POSSIVEL RETARDE NASCIMENTO

O Comandante compreendeu então que nenhum auxílio podia esperar do navio-almirante. A ponte de comando e seus alojamentos privados pareciam ser as únicas partes do navio não invadidas por crianças aos berros. Ele relutou em abandonar seu refúgio, mas não pôde deixar de fazer uma inspeção extra-oficial. Deparou com os mais inesperados espetáculos: o velho lobo do mar, MacIlroy, tentando fazer continência com um bebê em cada braço; uma mulher apalermada, automaticamente catando parasitos nos andrajos da criança que aconchegava ao peito; uma garota de três anos, firmemente agarrada ao irmão de dois anos fazendo-se de valente, não demonstrando ter medo deste estranho mundo de ferro; e, por fim, um marinheiro, Farrier, procurando consolar, de melhor forma, uma infeliz mulher. —Ouça, dizia ele em voz alta, que tal se eu lhe arranjasse uma chícara de chá?

A mulher limitou-se a olhar para ele de modo abstrato. O Comandante tropeçou numa criança que engatinhava e continuou a inspeção.

Todas as mulheres pareciam ter o olhar perplexo e desesperançado. E os olhos castanhos, arregalados, das crianças eram grandes demais para suas faces encovadas. O Comandante passou por elas silencioso, empertigado, mas, ao voltar à ponte de comando, explodiu violentamente, dirigindo-se ao marinheiro de plantão:

—Meu Deus, como eu odeio todas as pessoas que começam guerras!

O marinheiro retrucou: —É isso mesmo, Comandante, no mesmo tom com que respondia a tudo quanto o chefe dizia.

O Comandante mandou novamente chamar o mestre.

—E alojamento para essas mulheres, Huggins?

—Elas vão ficar no alojamento dos homens. Eles dormem no tombadilho.

—E... as outras três?

—Os oficiais cederam as cabines deles...

—Está bem. E estas crianças? Elas precisam ser lavadas e cuidadas.

—Não se incomode, Comandante.

—Ordene que se apresentem, imediatamente, todos os homens casados.

—Sim, senhor.

Poucos minutos depois o Comandante passava revista aos homens casados, enquanto Huggins entregava a cada um dois bebês e uma bacia de folha de flandres, dando-lhe instruções.

Nas vinte e quatro horas seguintes, as crianças foram submetidas a uma singular combinação de disciplina naval e regime de creche. O grande momento do dia consistia na parada do banho, às seis horas, quando todas as bacias eram enfileiradas no tombadilho. Um apito, e os homens casados avançavam com um bebê em cada braço. Outro apito, despiam os bebês. Mais um apito, o banho começava, e isso era pretexto para um berreiro geral, mas de pequena duração. O Comandante, a observar da ponte, verificava com prazer que algumas das crianças riam gostosamente.

Fizeram um cercado de recreio no centro do navio, com as cápsulas dos torpedos, e os homens casados passaram a dar plantão alí, ao invés de ser nos seus primitivos postos. Havia, porem, assuntos mais sérios a resolver. Durante toda aquela noite o Comandante recebeu uma série de recados do carpinteiro de bordo, que fora destacado para a maternidade, por ser casado com uma parteira... O Comandante, por sua vez, mantinha-se em contacto com o navio-almirante. Este transmitia mensagens tranquilizadoras, e as notícias vindas de baixo, do quarto das parturientes, ainda não eram alarmantes, segundo as informações embaraçosas do tenente de olhos azues: —As três mulheres estão se aguentando, Comandante.

Mas de madrugada apareceu um mensageiro.

—Cumprimentos do Sr. Canning, Comandante. A sra. Perez deu à luz um menino. Mãe e filho passam bem.

O Comandante encostou-se contra um anteparo, aliviado. Todavia, quase no mesmo instante, chegou uma mensagem da cabine do telegrafista,

TRAINEIRA FRANCESA ENCALHOU PT LAMENTAMOS NÃO PODER MAIS PRESTAR QUALQUER ASSISTENCIA PT EM CASO DE GRANDE URGENCIA RUME PARA BORDEUS DESEMBARQUE PARTURIENTES PT CASO CONTRARIO PROSSIGA DIRETAMENTE PORTLAND COM TODOS OS REFUGIADOS PT FELICIDADES

O navio vibrava com ordens de «a todo o vapor» para Bordéus, quando chegou novo recado.

—Cumprimentos do Sr. Canning, Comandante. A sra. Cheverra deu à luz uma menina. Mãe e filha passam bem.

A facilidade e simplicidade com que tudo acontecia desvaneceram as apreensões do Comandante. Ele começou a pensar que se fazia barulho demais, em torno do nascimento de uma criança. Para ele a Armada de Sua Majestade resolveu este caso, assim como muitos outros, da maneira mais satisfatória. Alem disso, ele era um homem que não deixava nada incompleto, e agora estava convencido de que seu navio e seus homens eram capazes de sair-se bem de qualquer emergência. Daí, depois de uma consulta apressada ao contra-mestre Huggins, as ordens foram alteradas e o *Tremendous* navegou diretamente para Portland.

No primeiro dia tudo correu às mil maravilhas. O sol brilhou, as crianças

acomodaram-se satisfeitas no cercado, e não protestaram contra a parada do banho. Até alguns dos adultos começaram a demonstrar certo prazer em viver. De repente, às oito badaladas do segundo dia, iniciaram-se os trabalhos de parto da terceira senhora. Este caso foi bem diferente dos dois anteriores.

Durou dezesseis horas. Toda a tripulação do navio sabia que se tivessem ido para Bordéus não haveria complicações. Era como se a honra do navio estivesse comprometida, e os cento e vinte cinco oficiais e a guarnição, exceto quando estavam de serviço, andavam de um lado para outro no tombadilho, com as mãos nas costas, parecendo maridos aflitos.

Durante longo tempo chegaram notícias angustiosas do improvisado parteiro. Afinal, depois de uma noite em claro, o mensageiro veio correndo à ponte de comando.

—Vai tudo bem, Comandante, vai tudo bem! gritou ele.

De repente, caindo em si, retificou:

—Queira desculpar, Comandante. Os cumprimentos do Sr. Canning. A sra. Escarmota deu à luz um menino. Mãe e filho passam bem.

O Comandante criou alma nova, Impassível, respondeu:

—Meus cumprimentos ao Sr. Canning. Peça-lhe que sirva uma ração especial de rum a toda a tripulação do navio, imediatamente.

A entrada no porto de Weymouth foi um triunfo. Metade da esquadra alí estava concentrada, e a história já era sabida. As sirenes apitavam, e os sinaleiros transmitiam mensagens de congratulações à passagem do *Tremendous*. O Comandante estava satisfeito com a tarefa cumprida naquela semana; encarregaram-no de uma missão e ele a cumprira sem auxílio, e sem perdas de vida. Ao passar pelo navio-almirante, colocou todo o bando de crianças maltrapilhas diante da tripulação em continência.

Posteriormente o Almirante, sem dúvida instigado pela esposa, dirigiu-se, com a maior seriedade, ao Almirantado, sugerindo que os nomes Perez, Cheverra, e Escarmota fossem para sempre incluidos entre as glórias do *Tremendous*.

A petição foi indeferida, um tanto precipitadamente, pelo Estado Maior, que, na opinião de muita gente, incorreu em grave erro.

Ilusão óptica

Maurice Ravel, o grande compositor francês, era um colecionador entusiasta de livros raros, porcelanas finas, e outros objetos de arte. Em seu escritório, ocupando lugar de honra num pedestal, achava-se seu tesouro mais precioso: uma bola de cristal enegrecido, que ele invariavelmente apontava, vaidoso, aos amigos.

—Maurice! exclamavam os convidados. —Mas que maravilha! Onde é que você encontrou isso?

—Acham mesmo bonito? diria ele modestamente. —É apenas uma lâmpada elétrica queimada...

—E. E. Edgar, em *The Woman*

Super-sentidos dos animais

Por Alan Devoe

Muitos dos atos surpreendentes dos animais podem ser explicados pela extraordinária agudez de seus sentidos. Apesar dos grandes dons da inteligência humana, há várias espécies de «intuições» em que os animais são muito superiores aos homens, devido à extrema sensibilidade de suas reações sensórias e à capacidade de «sentir» muita coisa que nos passa despercebida

Se o leitor não tiver visto um relógio já há algumas horas, antes de iniciar a leitura deste artigo, procure adivinhar que horas são. Agora, veja se acertou. Enganou-se de quinze ou trinta minutos? Uma simples abelha teria calculado melhor. Por meio de experiências de grande exatidão realizadas na Inglaterra, os cientistas descobriram que, ao colocarem alimentos para as abelhas em determinado ponto, diariamente e sempre à mesma hora, estas aprendem a voar para aquele ponto no momento indicado, com tal pontualidade, que raramente chegam cinco minutos antes ou depois. Têm uma capacidade perfeita de perceber, por meio dos sentidos, a passagem das horas, a ponto de envergonhar a nós, homens, com todos os complicados mecanismos de que dispomos para marcar o tempo.

As abelhas e as formigas podem ser até anestesiadas, durante várias horas consecutivas, e, apesar disso, obedecer ao horário que aprenderam a seguir. Mal recuperam os sentidos vão ter ao lugar indicado, no momento exato.

Quase todos nós usamos, no mínimo, uma colher de açucar numa chícara de café. Se puséssemos muito menos, mal poderíamos perceber o gosto do açucar. O limite extremo em que o paladar humano consegue distinguir um gosto adocicado, é o de uma solução em que houver uma parte de açucar e 200 de qualquer alimento. O delicado paladar das moscas nos deixa muito longe. Algumas percebem o gosto adocicado quando há uma parte de açucar para 40 mil de outro alimento. No entanto as próprias moscas não parecem ter um paladar muito sensivel em comparação ao de muitas borboletas que conseguem descobrir uma parte de açucar em 300 mil de um alimento qualquer.

Se um de nós pegasse a fêmea de uma traça, das maiores, seria capaz de erguê-la a três ou cinco centímetros do nariz e jurar que não tem cheiro algum. Mas se colocássemos essa fêmea do lado de dentro de uma janela coberta por uma tela e esperássemos alguns minutos, veríamos um punhado de machos da mesma espécie reunir-se, aos poucos, do outro lado da tela. Talvez até nunca tivéssemos visto traças naquela redondeza. Mas, atraidos pelo cheiro da fêmea, surgiram misteriosamente, não se sabe de onde. Henri Fabre, no curso de experiências realizadas com traças de certa espécie, descobriu que os machos são capazes de per-

ceber o cheiro das fêmeas, mesmo quando se acham a mais de dois quilômetros de distância, sendo que as narinas humanas não percebem a três centímetros. Como suprema vitória desse olfato prodigioso, averiguou que muitos machos denotaram saber, pelo cheiro, se a fêmea estava ou não, fecundada.

Até que ponto irá nossa sensibilidade, como termômetros humanos? Em regra geral só percebemos uma variação na temperatura quando esta é de vários graus. No entanto, vários animais possuem sentidos extremamente aguçados, no que diz respeito à temperatura. Alguns cientistas do Museu Americano de História Natural realizaram experiências com serpentes da família dos crotalídeos, de que fazem parte víboras e cascaveis. Estes repteis têm no rosto pequenas depressões denticuladas, sendo estas, segundo descobriram os referidos cientistas, os orgãos através dos quais as serpentes percebem as modificações da temperatura.

Numa série de experiências, os investigadores empregaram duas lâmpadas suspensas, aparentemente idênticas, uma delas sendo porem pouco mais quente que a outra (as cobras atacam sempre, entre dois objetivos, o mais quente). Aos poucos, foram diminuindo a diferença de temperatura entre as duas lâmpadas. Descobriram que os repteis continuavam a atacar a mais quente das duas, embora a diferença de temperatura entre ambas tivesse sido reduzida a *menos de dois décimos de um grau centígrado*. Estupefactos, os cientistas tentaram novas experiências, empregando os corpos, ainda quentes, de ratos mortos. Cobriram os olhos e arrolharam as narinas das serpentes afim de verificar se eram capazes de descobrir os corpos dos ratos simplesmente pelo calor que irradiavam. Averiguaram que os repteis não só sentiam o calor a uma distância à qual nenhum ser humano seria capaz de percebê-lo, mas até quando os mais delicados termômetros, empregados pela ciência, não registravam a menor modificação.

Quando um pintarroxo começa a saltitar pela relva, no verão, à procura de vermes subterrâneos, para de vez em quando, e fica imovel, com a cabeça inclinada, como se estivesse examinando a terra mais de perto. Os ornitologistas descobriram, porem, que está realmente *ouvindo* os ruidos quase imperceptiveis feitos pelo verme, ao abrir caminho debaixo da terra. A toupeira cega executa igual façanha, ao procurar descobrir os insetos de que se alimenta. Esperando tranquilamente na escuridão de seu abrigo, *ouve* o ruido abafado da passagem de qualquer inseto em dado ponto do labirinto, por mais distante que seja.

Os cães, tambem, possuem sentido auditivo extremamente sensivel, segundo foi confirmado por várias experiências. Os estudiosos da vida animal descobriram que, quando um relógio bate baixinho, a ponto de um homem, de reduzida audição, mal poder ouví-lo a um metro de distância, qualquer cachorro é capaz de perceber o ruido a 10 metros. Em suma: os cães vivem num mundo em que os sons podem ser ouvidos com uma clareza dez vezes maior que no nosso.

Os naturalistas e os caçadores têm a certeza de que os animais são capazes de «sentir» e «perceber» qualquer coisa, de um modo que nem somos capazes de imaginar. O que já averiguamos, cientificamente, sobre os super-sentidos da Natureza, é o bastante para compreendermos parte da maravilhosa agudeza física dos animais. Os cientistas descobriram que a chamada «linha mediana»—que atravessa todos os peixes, de cada lado—possue orgãos microscópicos capazes de medir, com incrivel delicadeza, a pressão da água. O vairão, ao nadar, em plena treva, nunca vai de encontro a um rochedo, pois percebe, de antemão, sua presença. Quando uma abelha ou uma mosca da família *Orosophila* voa de flor em flor, tem a guiá-la principalmente raios de luz ultra-violeta, que não são em absoluto perceptiveis aos olhos humanos. O salmão, que vem do mar alto para a boca do rio, onde desova, segue, pelo menos em parte, um sentido extremamente aguçado, que lhes permite perceber a diminuição do sal na água. Não há esforço da imaginação que nos permita compreender o mundo maravilhoso em que vive o mais modesto dos caracóis. Um caracol «vê», com todo o corpo. Mesmo se perdesse os olhos, por ser sensivel à luz e à escuridão, poderia perceber, na própria pele, a sombra de uma nuvem passageira.

O apogeu da fama

Paul Cézanne, que foi chamado «o pai da pintura moderna», lutou durante trinta e cinco anos sem que se reconhecesse nele o mestre, e ignorando ele mesmo, talvez, sua própria e profunda influência. Tímido e já velho, costumava distribuir gratuitamente, em Aix, verdadeiras obras-primas a vizinhos a elas indiferentes.

Um dia, certo proprietário de galeria, em París, reunindo algumas dessas telas, organizou a primeira exposição de obras de Cézanne. E os críticos e entendidos não tardaram em ver e proclamar, nessas obras, o gênio que as criara.

Cézanne chegou à galeria apoiado no braço do filho. Contemplando, admirado, seus quadros, os olhos se lhe encheram de lágrimas, e ele murmurou ao ouvido do filho:

—Veja! Estão todos emoldurados!

—Robert Offergeld

Agora e antigamente

A época em que vivemos deve distinguir-se por alguma empresa gloriosa; assim, aqueles que viveram tanto tempo oprimidos poderão, em algum período de suas vidas, conhecer o que é ser feliz. Esta geração tão infeliz já pagou seu justo tributo à miséria. Que calamidades não sofreu? Muitos pereceram em sua própria terra; outros foram forçados a perambular, com mulher e filhos, por paises inhóspitos.

«É preciso que os governantes ponham termo a nossas desgraças atuais. Os tratados de paz não são suficientes para esse fim; podem retardar, mas não impedirão o advento de maiores desastres. Faz-nos falta um plano mais duravel, capaz de dar cabo das hostilidades, uma vez por todas, unindo-nos pelos laços eternos de mútua afeição e fidelidade.»

Tais palavras não são de nenhum dos modernos apologistas de um governo mundial, mas do *Panegyricus* de Isócrates, que viveu no ano 400 A.C.

HÁ DOIS MARES

(*Extraido do «McCall's»*)

Por Bruce Barton

Há dois mares na Palestina. Um é de água doce e piscosa, sendo suas margens adornadas de grandes manchas de verdura. Sobre as águas, árvores espalham seus ramos, estendendo suas raizes sedentas para sorver um pouco daquela água limpa e boa.

Ao longo da praia há crianças brincando, como brincavam as crianças quando Ele lá estava. Ele amava esse mar. Contemplando a amplidão por sobre a superfície prateada, dizia Suas parábolas. E numa planície mui suave, não longe dalí, alimentou cinco mil pessoas.

O rio Jordão faz este mar, com a água borbulhante que vem das colinas. E ele sorrí, acariciado pelo sol. E os homens constroem suas casas perto do mar, e os pássaros alí instalam seus ninhos; e toda coisa viva é mais feliz, por estar aí.

O rio Jordão continua a fluir para o sul, indo desaguar noutro mar.

Aquí não há a silenciosa agitação dos peixes, nem folhas trêmulas beijadas pelo vento, nem canto de pássaros, nem risos infantís. Os viajantes escolhem outra estrada, quando isso lhes é dado. Sobre essa água o ar é pesado, e aí não vêm a beber nem os homens, nem as feras, nem as aves.

Porque são tão diferentes os dois mares vizinhos?

A causa não é o rio Jordão, que despeja em ambos a mesma água boa. Nem o solo onde jazem, nem a terra em redor.

Eis a diferença: o mar da Galiléia recebe a dádiva do Jordão, sem conservá-la; para cada gota que alí vai ter, há outra que se afasta; o dar e o receber têm idêntica medida.

O outro mar guarda, avaramente, tudo que ganha.

Não é movido por impulsos generosos; o que lhe é dado é seu, e assim continua sendo.

O mar da Galiléia dá e vive. O outro não dá, e se chama Morto.

Há no mundo gente como esses dois mares...

Há dois mares na Palestina.

Em 88 nações do mundo inteiro, a Fundação Rockefeller gasta milhões de dólares pelo progresso pacífico da humanidade

Para o bem-estar da humanidade

(Condensado do «Forum»)

Por Edwin Muller

No curso de um dia, dois papéis foram colocados sobre a mesa do tesoureiro da Fundação Rockefeller. Um deles, era um cheque de 74 mil dólares a ser assinado,—parte de um milhão de dólares prometidos ao Japão para que pudesse ser fundado em Tóquio um Instituto de Saude Pública. O outro era um recorte de jornal anunciando que a Universidade de Nancai, instituição chinesa a que a Fundação tinha doado 200 mil dólares, fora completamente destruida por bombas japonesas.

Havia em Munique um grande Laboratório de Psiquiatria, ao qual a Fundação ofereceu 300 mil dólares. Nele, cientistas de todas as raças e de todos os credos trabalhavam infatigavelmente, afim de adquirir novos conhecimentos sobre o cérebro humano. Isso antes de Hitler. Depois os cientistas judeus foram enviados para campos de concentração e a principal ocupação dos que continuaram no laboratório foi procurar provar a superioridade do cérebro teutônico-ariano.

Notícias como essa não podem deixar de entristecer os homens cujo único proposito é «promover o bem-estar da humanidade através do mundo inteiro».

Com tal objetivo em vista, desde que foi inaugurada, em 1913, por John Rockefeller, a Fundação gastou 320 milhões de dólares em 88 paises. Para que tão alta quantia seja gasta criteriosamente, é necessário um misto de evangelista convicto e homem de negócios de espírito prático, capaz de encarar as coisas de um ponto de vista internacional. Eis aí, justamente, um bom retrato de Raymond Fosdick, presidente da Fundação.

Esta dispõe hoje de representantes em todas as partes do globo. Alguns, nas ilhas Fiji, ensinam medicina à gente local. Outros, por trás das linhas de frente da China, durante toda a guerra, trabalharam incansavelmente pela reconstrução rural. Num laboratório em plena selva na África Ocidental, um médico da Fundação disseca mosquitos. Outro, no Ártico, disseca as glândulas pituitárias das baleias. Combatem a febre amarela no Brasil, a malária na Albânia, a tuberculose na Jamaica, a anemia tropical em Porto Rico e a gripe em Nova York.

Em guerras semelhantes, as linhas de defesa dos Estados Unidos podem ser situadas em qualquer parte do mundo. Tomemos, como exemplo, uma batalha travada, há poucos anos, no continente americano.

A malária é uma das maiores pragas da humanidade. Mas até recentemente a peor forma de malária se achava confinada principalmente na África onde

prevalece o mais eficiente dos agentes transmissores da moléstia, o mosquito *Anopheles gambiae*. O Oceano Atlântico era, ao que se julgava, proteção suficiente.

Foi quando os aviadores das forças armadas aliadas começaram a sobrevoar o Atlântico Sul.

Em Natal, onde o Brasil fica mais próximo da África, um cientista da fundação, em busca de terrivel mosquito transmissor da febre amarela, descobriu certo dia, em pequeno lago, perto do ponto em que os aviões aterravam, um espécime de larva do *Anopheles Gambiae*. Fora trazida, inquestionavelmente, da África. Dentro de pouco tempo, surgiu em Natal a maior epidemia de malária de que a América do Sul já foi vítima. As autoridades brasileiras de Saude Pública espalharam querosene, destruindo as larvas. Mas o *Anopheles Gambiae* provou ser de uma espécie extremamente resistente. Quando necessário, é capaz de voar quase uma légua em busca de depósitos de água. Começou a avançar rumo ao interior, partindo da costa, deixando atrás de si toda uma área devastada, onde uma em cada dez vítimas morria de malária e as outras, de tão doentes, já não podiam cuidar de suas plantações ou atividades habituais.

Se o mosquito conseguisse atingir os vales onde a água é abundante, seria quase impossivel controlá-lo. Verificado isso que fosse, espalhar-se-ia pela maior parte da América do Sul e Central chegando até, talvez, à América do Norte. E os técnicos da Fundação Rockefeller, com a experiência adquirida na África, puderam colaborar com as autoridades brasileiras para dar solução a esse gravíssimo problema.*

*Vd. *Como o Brasil abateu um invasor*, Seleções, fevereiro de 1942.

Durante toda uma geração, a fundação desempenhou um papel de destaque na histórica luta contra a febre amarela. Em Lagos, uma cidade da Nigéria onde o calor é sufocante, sendo, alem disso, muito insalubre, dois médicos da Fundação, Stokes e Bauer, levaram por diante perigosa tarefa com o virus da febre amarela. O menor contacto desse virus com a pele é capaz de causar infecção. Esses dois cientistas acreditavam que certa espécie de macacos era suscetivel à febre, mas, afim de prová-lo, precisavam infectar os macacos do mesmo modo por que os homens são atingidos, preferivelmente fazendo com que eles fossem mordidos por mosquitos infeccionados.

Uma noite, Stokes adoeceu subitamente. Era febre amarela. Com o auxílio de Bauer, amarrou uma caixa, coberta por uma tela, em torno ao pé e ao tornozelo, colocando dentro uma nuvem de mosquitos. Stokes ficou a observar o que se passava, enquanto era mordido por 40 mosquitos. A experiência teve o maior êxito. Os mosquitos infectados transmitiram a doença aos macacos, e os cientistas obtiveram, assim, uma prova concludente. Tinham iniciado novo método no estudo da doença. Mas Stokes não pôde colher os frutos de sua tarefa. Morreu no quarto dia.

Alem de suas atividades diretas em prol da saude pública internacional, a Fundação financia outras organizações que executam toda sorte de trabalhos em ciências médicas, ciências naturais, ciências sociais e humanidades. Ofereceu, alem disso, mais de 6 mil bolsas de estudo a médicos e cientistas de carreira promissora, bem como aos estudantes de outros campos da ciência, no mundo inteiro, enviando-os onde quer que suas especialidades pudessem ser estudadas.

Há 15 anos, por exemplo, quando as operações do cérebro ou da espinha eram, em quase todos os casos, fatais, havia no *London Hospital* um cirurgião assistente, Hugh Cairns, que dava mostra de possuir grandes aptidões para essa especialidade. Em Boston, o dr. Harvey Cushing desenvolvera, com extrema habilidade, uma técnica nova e brilhante em tais operações cirúrgicas. Mais de 80 por cento de seus pacientes sobreviviam a operações do cérebro. A Fundação enviou Cairns a Boston, onde este trabalhou, durante dois anos, com Cushing. Ao regressar a Londres, mais de 70 por cento de suas operações no cérebro foram bem sucedidas, desde o início, e essa percentagem foi, aos poucos, aumentando. Agora o dr. Cairns é uma das principais autoridades nesse terreno e outros cirurgiões têm sido enviados pela Fundação Rockefeller a trabalhar com ele, espalhando, por seu turno, os maravilhosos conhecimentos técnicos capazes de salvar tantas vidas.

O mesmo se verifica em muitos outros terrenos. Sem levar em conta as fronteiras nacionais, a Fundação só faz duas perguntas: em que parte do mundo se encontra o homem cuja carreira e capacidade são mais promissoras, em determinado terreno, e onde poderá ele aperfeiçoar melhor seus conhecimentos?

Em qualquer canto do globo, a Fundação Rockefeller financia toda sorte de estudos sobre o prolongamento da vida humana, fenômenos meteorológicos, novos remédios para uso médico, curas para os viciados em narcóticos, sobre as causas da surdez, os meios de melhorar os projetos de habitação, o rádio e a arte cinematográfica.

Alem das bolsas de estudo, fornece auxílio a certas instituições, quando acredita em alguma idéia concebida por um homem, ou por um grupo de homens. Representantes da Fundação visitam colégios, hospitais e laboratórios, no mundo inteiro, fazendo perguntas e inquéritos: «Confidencialmente, que acha o senhor fulano de tal, como bioquímico? Que há de verdadeiro sobre este novo processo que ele inventou?» Nos arquivos assim organizados, figuram os nomes de quase todos os indivíduos de mérito, nas várias ciências e terrenos de atividade por que a Fundação se interessa.

Eis alguns dos trabalhos da Fundação Rockefeller atualmente. Na Universidade de Colúmbia, em Nova York, há 2 mil ratos. São os sobreviventes de 45 gerações, representando 900 anos da vida humana. Algumas dessas famílias de roedores foram submetidas à mesma dieta—farinha, leite, sal e água destilada através dessas 45 gerações. Noutros casos, as proporções de leite, gorduras e outros alimentos, sofreram variações. Os resultados, em matéria de longevidade, são arquivados. Em consequência desses estudos, é possivel que nossos filhos venham a viver, em média, cerca de sete anos mais que nossos pais. Numa das salas do Instituto de Tecnologia do Massachussets, há certa máquina de 30 toneladas, com dúzias de motores e milhares de eletro-imãs e tubos de vácuo. Os técnicos chamam essa máquina de «analisador diferencial». Trata-se, na realidade, de um cérebro mecânico. Um problema matemático que um exército de computadores só poderia resolver depois de anos de estudo, é confiado a esse gênio de aço que apresenta a solução em poucos minutos. O capital da Fundação contribuiu para que essa máquina fosse construida.

A Fundação Rockefeller garante verba, igualmente, para o estudo dos astros,

gigantes do universo. Mas ainda revela maior interesse pelo estudo dos organismos microscópicos, e das coisas detalhadas e minúsculas. Na Universidade de Nova York, um psicólogo, trabalhando alí sob os auspícios da Fundação, conseguiu preparar agulhas de vidro tão finas que só podem ser vistas com lentes de aumento muito grossas. Com essas frageis agulhas, que operam mecanicamente, e um microscópio muito possante, conseguiu ele separar minúsculas células humanas, separando o núcleo, depois de puncioná-las.

Foi a Fundação que financiou a famosa máquina de «esmagamento dos átomos», enorme contribuição aos conhecimentos científicos sobre as menores unidades a que a matéria pode ser reduzida.

Afim de promover o bem-estar do homem propriamente dito, a Fundação vem promovendo toda sorte de estudos sobre administração e governo, seguro social, a origem e a distribuição das rendas, os problemas de habitação e sua legislação, e a agricultura dirigida. A Fundação não procura influenciar qualquer dos projetos que resolve pôr em execução. Diz apenas: «Aquí estão os recursos de que precisa. Ponha mãos à obra. E agora só queremos ouvir falar nisso quando der o trabalho por terminado.»

A Fundação tem cooperado com os governos de várias maneiras, sem envolver-se em política. As universidades são visitadas anualmente, em busca de estudantes recomendados pelos professores para carreiras de administração e governo. Esses estudantes são enviados pela Fundação a Washington, onde trabalham durante um ano em vários departamentos, sem receber salário algum, passando de um para outro. Depois de um ano de aprendizado, quase todos são empregados permanentemente nalgum serviço do governo.

O objetivo da Fundação Rockefeller é procurar conhecimentos sólidos, num ou noutro terreno, onde quer que possam ser encontrados, e aplicá-los em benefício dos homens, em toda parte. Ao procurar os homens mais capazes ou o lugar mais indicado para certos estudos, pouco lhe importa que se trate de um país democrata, ditatorial ou comunista.

Mas o tesoureiro da Fundação não hesitou em assinar um cheque de 74 mil dólares para o Instituto de Saude Pública em Tóquio, quando o Japão ainda se achava sob um regime militarista, certo de que, muito depois que este deixasse de existir, o referido Instituto continuaria a salvar milhares de vida.

E assim foi que, mesmo quando tiranos e aventureiros de várias denominações ocupavam, na cena internacional, lugares de destaque, a Fundação Rockefeller conseguiu levar por diante, tranquilamente, como continua a fazer, sua infatigavel tarefa, em prol de um futuro melhor para toda a humanidade.

John Barrymore, assistindo a disputadíssima partida de futebol, tinha a seu lado um sujeito muito incômodo, que se gabava nestes termos: —Na mocidade, eu ajudei a universidade de Harvard a vencer a Yale três vezes seguidas.

—Ah, é? replicou o sarcástico Barrymore. —Em qual dos times o sr. jogava?

A exuberância dos soldados americanos na Europa tem às vezes, mas nem sempre, cômicas consequências.

Prejuizos que causam os soldados

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por Nathaniel Gordon

Um francês franzino e baixo entrou pela seção de reclamações do Exército Americano em Reims, sem ocultar o nervosismo de que se achava possuido. Na noite anterior, dizia, ele e a mulher iam passando no seu automovel, quando foram detidos por alguns soldados americanos que se achavam, visivelmente, sob a influência de uma boa dose de conhaque. Depois de lhe fazerem algumas observações pouco amaveis e outras um tanto maliciosas a «madame», os soldados empurraram o casal para fora do carro e lá se foram com este. À manhã seguinte, «monsieur» veio a encontrá-lo todo amassado, de encontro a uma árvore.

Quinze minutos depois, deixava ele a seção de reclamações com um sorriso nos lábios. *Le gentil capitaine américain* ouvira a história atentamente, prometendo que, uma vez o caso investigado, todas as despesas de conserto do automovel seriam pagas pelos americanos.

Na Europa inteira, Tio Sam não tem mãos a medir para desfazer e remediar as consequências da exuberância excessiva, e dos abusos, por vezes criminosos, praticados pelos seus soldados. Atendendo a todas as reclamações justificadas, tem procurado acalmar o ânimo dos que foram ou julgam ter sido prejudicados pelo exército americano.

Pagaram-se de 50 centavos por uma vidraça partida a 5 mil dólares por uma casa que dois americanos decidiram incendiar, simplesmente porque não tinham visto um bom incêndio havia muito tempo. Pagaram-se 150 dólares a uma igreja belga por um cálice de ouro roubado, e 4 mil dólares a um homem cuja mulher morrera em certa aldeia, onde um soldado americano, embriagado, passara a atirar a esmo.

A seção de reclamações já pagou cerca de 5 milhões de dólares a uns 30 mil europeus cujas queixas eram justificadas. Outros 5 milhões, pelo menos, foram pagos aos interessados, pelos governos aliados, em resgate de empréstimos americanos.

Ninguem imagine, porem, que o Tio Sam esteja distribuindo dólares a torto e a direito. Não paga coisa alguma, por exemplo, por quaisquer estragos causados por combates ou resultantes deles. Alem disso, a cada dolar que lhe pedem, paga apenas cerca de 30 centavos e isso mesmo relutantemente. A falar verdade, tem sido até um tanto avaro, em benefício dos Estados Unidos.

Durante a maior parte da Primeira Guerra Mundial, qualquer reivindicação, mesmo de 2 dólares, só podia ser paga por meio de uma ação especial do Congresso. Mas, de acordo com a Lei de Reivindicações Estrangeiras, de fevereiro de 1942, o país paga qualquer reivindicação até 5 mil dólares por prejuizos e avarias que não resultem de combate, causados à vida e à propriedade estrangeira por membros de suas forças armadas, estejam eles ou não em serviço. Atualmente, em quase todas as cidades de certo tamanho, da Europa Ocidental, há uma seção de reclamações, sendo as áreas menos povoadas percorridas por equipes moveis. Em regra geral, esse serviço é afetuado por homens eficientes e capazes. São, na maioria, advogados ou agentes de seguro, que seguiram um curso militar intensivo de reivindicações estrangeiras.

Uma das primeiras reclamações recebidas foi a de um fazendeiro da Inglaterra, profundamente irritado porque uma de suas vacas de raça, segundo afirmava, ia ter um bezerro devido ao exército americano... Apurou-se que um caminhão do exército tinha derrubado a cerca

Na Alemanha nazista, certos indivíduos tinham que usar uma estrela amarela sobre o peito.

Na zona americana de ocupação, há outras pessoas que usam, agora, um distintivo no braço. Ambos os emblemas significam que ninguem se deve aproximar delas. Hitler fez com que os judeus usassem a Estrela de Davi, para que os outros alemães se afastassem deles. O exército americano faz com que as esposas e filhas de soldados americanos, recem-chegadas, usem um distintivo na manga, com pequenas bandeiras americanas, afim de que não sejam molestadas por outros soldados americanos.

Talvez surpreenda aos americanos, nos Estados Unidos, e aos estrangeiros, saber que muitos dos soldados de tio Sam, no estrangeiro, se comportam tão mal, que é necessário proteger assim as esposas americanas, contra assobios, gracejos e pilhérias mais insultuosas. A situação é tão lamentavel que muitos americanos receiam fazer com que as esposas sigam ao seu encontro na Europa.

A atitude dos soldados para com as mulheres, em plena luz do dia, e nas ruas mais frequentadas de comunidades importantes, fez com que muitos europeus viessem a formar um péssimo juizo dos americanos, em geral. Em vez de se lembrarem da coragem e da generosidade das tropas dos Estados Unidos, é provavel que se lembrem mais de sua má conduta.

O distintivo a que nos referimos representa uma tentativa no sentido de fazer-se com que as americanas estejam mais protegidas, na Alemanha; mas o prestígio dos Estados Unidos só será restaurado quando o exército americano tornar a Alemanha e toda a Europa seguras para as mulheres de todas as nacionalidades.

—Carroll Binder—do *Minneapolis Tribune*

que separava a vaca de um boi, de qualidade muito inferior, da fazenda vizinha, aproveitando-se este da oportunidade para travar relações com a vaca. Os agentes americanos pagaram a diferença entre um bezerro de raça e um bezerro comum.

Mas nem todas as reivindicações são insignificantes ou cômicas. Tem havido maior número de casos de violação, homicídio e pilhagem, do que o próprio público americano imagina. Um dos peores verificou-se na França, onde sete soldados americanos invadiram uma fazenda, amarraram o fazendeiro e violaram a mulher e a filha do pobre homem, diante de seus olhos. Infelizmente, nem os regulamentos do exército americano nem a *lei* francesa permitem reivindicações por «sofrimento ou dor». O exército teria enforcado, de boa vontade, todos os sete, se os tivesse podido apanhar. Só se conseguiu pagar a modesta conta do médico.

A embriaguez e a posse de armas de fogo constituem uma perigosa combinação, e os soldados americanos mataram um número suficiente de inocentes, na Europa, convencendo dessa maneira os europeus de que os filmes de gangsteres nada têm de exagerado. Uma noite, um grupo de americanos embriagados foram expulsos de um café francês, onde tinham resolvido destruir o que encontrassem. Voltaram com fuzís. Os franceses, amedrontados, empunharam, igualmente, suas armas. No curso da luta que se travou, a seguir, em frente ao café, um inocente transeunte foi ferido e morreu, por sinal que de uma bala francesa. O exército americano pagou tudo, pois os fatos demonstraram que a luta resultara da atitude dos americanos.

O serviço de reivindicações adapta-se, em regra geral, às leis e aos costumes locais dos vários paises. Por exemplo, quando um americano embriagado, na França, matou uma dona de casa que ia passando, empregou-se o duro sistema do exército francês, fixando a quantia de acordo com o valor atribuido à vítima. Este baseia-se no que ganharia, na localidade, uma criada. Consultaram-se várias estatísticas afim de verificar quanto tempo ela ainda teria podido trabalhar, normalmente.

Na Holanda, certa vez, o serviço de reivindicações estava prestes a acrescentar 100 dólares para as despesas do enterro de uma vítima, cuja morte fora avaliada em 4 mil dólares, mas o oficial holandês de ligação aconselhou os americanos a não fazê-lo. «Nunca pagamos despesas de enterro, na Holanda,» explicou. «Nossas leis consideram a morte de uma maneira inteiramente realista. Todos os homens têm que morrer algum dia. Por conseguinte, a família não tem despesa alguma extraordinária, quer morram hoje ou daquí a cincoenta anos.» Por esse motivo, não se pagou o enterro, embora isso se fizesse na maioria dos paises.

Os saques e as pilhagens efetuados pelas tropas do tio Sam são já motivo de pilhéria, no exército. Mas nada têm de engraçado para os povos aliados, cujas casas as forças alemãs em retiradas deixaram, muitas vezes, intactas, vindo elas a ser saqueadas pelos americanos vitoriosos. Quando uma senhora francesa, já idosa, regressou ao seu castelo em ruinas, onde alemães e americanos se tinham hospedado, não pôde conter o pranto e disse, entre soluços: «Vejam o que os malditos boches fizeram da minha linda casa!»

Os soldados americanos, que ainda se achavam no castelo, não ousaram confessar-lhe que os alemães o tinham deixado em boas condições. Os próprios ameri-

canos é que tinham levado quase tudo o que lhes foi possivel carregar.

Devido a tal conduta, o exército americano deixou atrás de si uma onda de má vontade que os agentes do serviço de reivindicação estão procurando modificar da melhor maneira. Mas é uma tarefa extremamente dificil e, alem disso, o sistema está longe de ser perfeito. Os americanos acham-se tão decididos a não desperdiçar, que acabam tendo grande prejuizo, sem falar no que perdem em boa vontade. O principal motivo disso é o mecanismo, por demais lento e cauteloso, que empregam para o pagamento das pequenas quantias de menos de 100 dólares, que constituem a grande maioria das reivindicações.

Os agentes britânicos, levando o dinheiro no bolso, visitam todas as pessoas que pedem compensações de menos de cem dólares. Discutem a questão, chegam a uma solução justa, entregam o dinheiro, redigem um relatório simples—e eis o caso encerrado. Isto pode ser feito, muitas vezes, em quinze minutos.

Pelo sistema americano, uma compensação de 5 dólares exige, mais ou menos, o mesmo tempo, as mesmas investigações e a mesma atenção, que outra de 5 mil, para a qual seriam necessários, provavelmente, um mês e meio, alem de centenas de dólares, em despesas administrativas. Depois de encherem não sei quantos requerimentos e passarem por toda sorte de interrogatórios, os requerentes saem, enfim, com o dinheiro no bolso, mas resmungando sobre a «eficiência dos americanos». Os ingleses, alem disso, pagam cerca de 50 por cento mais que aqueles, por toda compensação.

O segundo defeito desse sistema é responsavel pela triste situação dos requerentes que apresentam reivindicações, perfeitamente justas, de mais de 5 mil dólares. O serviço de reclamações não tem permissão para pagá-las, mas realiza as necessárias investigações. Quando os casos são dignos de atenção, enviam os relatórios para Washington, afim de que o Congresso se encarregue de resolvê-los. Mas, segundo os europeus já averiguaram, nunca chega a resultado algum.

Um desses europeus, por exemplo, tinha uma casa, herança de seus antepassados, que fora destruida a meio por balas disparadas por soldados americanos numa noite de festa. Gastou 40 mil dólares para reparar os estragos, mas o serviço de reclamações achou que 12 mil eram suficientes. O relatório sobre o caso foi enviado a Washington e o requerente ainda espera até hoje uma resposta.

Um francês, Pierre Piedagnel, ainda está esperando, por seu turno, os 6 mil dólares que os investigadores americanos julgaram constituir quantia razoavel, como compensação pela morte de sua esposa, ferida à bala por um americano embriagado, nos fins de 1944. Só lhe disseram, não sem um embaraço cada vez maior, que o Congresso ainda não resolveu o caso.

O terceiro defeito do sistema será menos tangivel, sendo, embora, talvez, o mais importante de todos. O exército americano não conseguiu persuadir os funcionários do serviço de reclamações de que não são apenas guardiães dos fundos públicos, mas agentes de boa vontade. Ninguem quer que façam o papel de idiotas, mas, por outro lado, se tratassem os requerentes com um pouco mais de generosidade, seriam bem pagos em boa vontade e gratidão. Muitas vezes cria-se um antagonismo evidente em regiões inteiras, simplesmente porque esses funcionários recusaram uma compensação de 10 dólares, por mera lentidão burocrática. A maior parte dos aborrecimentos

resultaram da decisão de não se pagar compensação alguma por estragos ou prejuizos resultantes de combates. É uma regra sólida, basicamente, mas resolveu-se pô-la em prática usando de uma rigidez excessiva.

Um desses casos despertou muita antipatia contra os americanos em toda uma região da Bélgica. Durante uma batalha, dois jovens belgas, de cerca de 16 a 17 anos de idade, voltavam às pressas para casa, antes do toque de recolhida que havia sido adiado para a meia noite, por ser a véspera do Natal. Tomaram por um atalho que atravessava um acampamento americano, e uma sentinela, que guardava o acampamento, irritou-se com aquilo, e abriu fogo sobre ambos, matando-os incontinenti. O acidente foi ainda mais trágico porque o pai dos rapazes, um velho fazendeiro, tinha sido o lider do movimento de resistência naquela área, e eram, os dois, seus únicos filhos. A comissão do serviço de reclamações alegou que o soldado, embora culpado, estava nervoso devido às condições prevalecentes no «front» a légua e meia dalí. Por conseguinte, tratava-se de uma causa de combate, e não havia motivo para se pagar o que quer que fosse. O pai, desolado, não poderá recorrer senão ao Congresso dos Estados Unidos, e é muito provavel que nem venha a ser ouvido.

Noutro caso, dois soldados americanos, que conduziam um caminhão de gasolina, deixaram o comboio de que faziam parte, e decidiram passar a noite numa pequena aldeia francesa, afim de se divertir um pouco. À manhã seguinte os imprudentes resolveram aquecer água para o café, no próprio caminhão. Este pegou fogo e explodiu, matando vários civís, ferindo muitos e queimando a metade da aldeia.

Não se pagou coisa alguma. A comissão do serviço de reclamações alegou que a gasolina contida no caminhão estava sendo enviada para tanques que iam entrar em combate, tratando-se, portanto, de uma «causa de combate».

A aldeia ficava a 280 km da frente.

Há, sem dúvida, reivindicações falsas ou exageradas em número suficiente para justificar, por parte dos agentes, a firme decisão de não se deixarem ludibriar. Numa cidade francesa, por exemplo, um dos agentes do serviço de reclamações pediu ao prefeito que reunisse, numa conferência, os 40 cidadãos que tinham apresentado requerimentos contra o exército americano, por motivo de pilhagens. O agente começou a interrogá-los. Ao chegar a uma velha, esta abriu no choro. Ele desculpou-se, explicando que não pretendera ofendê-la.

«Não é por isso,» protestou a pobre mulher, entre soluços. «Eu tenho é vergonha porque todos nós estamos querendo cobrar dos senhores por aquilo que os próprios franceses, sentados nesta sala, roubaram. Inclusive, seu doutor, o prefeito.»

Finalmente os requerentes concordaram em que a situação era demasiado confusa e decidiram renunciar às reivindicações.

Em regra geral, porem, nos casos que envolvem quantias limitadas, são honestos e de grande exatidão. «Quando começo a me sentir irritado com os estrangeiros por exigirem compensações excessivas,» disse-me um dos agentes americanos, «lembro-me do meu escritório de advocacia nos Estados Unidos—todos os constituintes que levantam processos de 10 mil dólares e ficam perfeitamente satisfeitos quando recebem 100—e convenço-me de que este pessoal aquí não é mais nem menos honesto que o nosso.»

Na Noruega, no dia da vitória sobre o

Japão, assistí a uma festa comemorativa do acontecimento, no terraço do clube dos oficiais, onde alguns americanos exuberantes tinham decidido improvisar «fogos de artifício» com seus revólveres. Um velho, norueguês, de 65 anos de idade, ia deitar-se, quando resolveu pôr a cabeça para fora da janela e ver o que estava acontecendo. Uma bola de fogo esverdeada atingiu-o na cabeça e, desviando, incendiou as cortinas. O quarto pegou fogo e o velho sofreu graves queimaduras. Quando o agente do serviço de reclamações foi visitá-lo, recusou-se a exigir mais de 20 dólares. «Foram os mais lindos fogos de artifício que já vi na Noruega,» observou sorrindo.

De outra feita, na França, um soldado americano, que ia guiando um caminhão, pôs abaixo pequena casa. O fazendeiro pediu uma compensação de 150 dólares. O Serviço considerou a quantia razoavel e enviou-lhe o cheque. Dois dias depois, este foi devolvido com uma carta: «Estive refletindo sobre o caso,» escrevia o fazendeiro, «e decidí que 150 dólares é um preço insignificante que eu posso pagar pela libertação da França.»

Esta carta, o Serviço colocou numa moldura...

O prodigioso cão-de-pastor

Robert H. Davis
no livro *Bob Davis Abroad*

NADA na Escócia é mais maravilhoso que o cão-de-pastor, da raça «collie». O pastor, de pé à beira de um largo pasto, lança ao ar dois assovios longos e agudos. De um barracão alí perto, surge o «collie» negro, aos saltos pela relva. A vinte metros do dono, o cão para e o contempla atentamente, procurando os seus olhos.

No declive da colina, vê-se um rebanho de carneiros, aos pares, ou em grupos de três ou mais, numa extensão de talvez 4 ou 5 mil metros quadrados. O pastor me pede que escolha, dentro de um raio de 500 metros, três carneiros que estejam pastando juntos. Seleciono três que se acham perto de grandes rochedos de granito; a um observador desprevenido, carneiros e rocha mal se distinguem, podendo os primeiros confundir-se com a paisagem.

Sem dizer palavra, o pastor, por meio apenas de gestos, envia o «collie» morro acima, através de vários outros grupos de carneiros, e faz com que o cão traga justamente os três carneiros até a uma distância de 20 metros de onde estamos. Nenhum dos outros animais foi sequer perturbado pelo cão. Em seguida, o pastor manda o «collie» outra vez, com os mesmos carneiros, ao ponto exato de onde vieram. Afim de experimentar ainda mais as qualidades do cão, faz com que este vá buscar, até o barracão, um único carneiro, tambem por mim escolhido. Aí chegando, o «collie» abre a cancela de um pequeno curral, guia o carneiro para dentro e torna a fechar a cancela.

Um cão-de-pastor bem treinado é capaz de interpretar os sinais de seu dono a uma distância até de uma légua. Às vezes o pastor manda que o cão vá buscar um carneiro, ou mais, destacado entre os outros por meio de binóculo!

(Appleton-Century, ed.)

Calma e digestão

(Transcrito do «Chicago Daily News»)

Howard Vincent O'Brien

HÁ DIAS, tive oportunidade de ver, num laboratório, os intestinos de um polido e sossegado bichano. Tinha este acabado de ingerir um generoso repasto de fígado e outras iguarias felinas, e, enquanto repousava estirado e rosnando no seu sono, a ciência espreitava suas vísceras com o auxílio de um fluoroscópio.

A digestão parecia processar-se sem a mínima dificuldade. O felino estava tão tranquilo como o mar num dia de verão. Mas, de repente, um fonógrafo oculto começou a tocar um disco reproduzindo o ladrido de um cão. O gato despertou imediatamente. Seu dorso arqueou-se, os pelos se arrepiaram, os olhos ficaram dilatados e suas garras crisparam-se num gesto instintivo de defesa.

Essa reação externa, porem, não foi nada em face ao que, no mesmo momento, se passava no interior do felino. Suas glândulas suprarrenais jorraram um fluido e o estômago inundou-se de suco gástrico. O peristaltismo se fez no sentido inverso e, por maior prazer que o fígado lhe tivesse dado ao mastigá-lo, não era diferente agora de um pedaço de tijolo.

Observando tudo isso, refletí tristemente sobre um engano em que laborava e em que tambem incidem muitos pais.

Ninguem pode duvidar, agora, que uma atmosfera de serenidade à mesa é essencial à boa digestão. A alimentação deve ser ingerida com toda a calma se não se quiser que produza mais dano do que benefício. Mas, em nossa curiosa rotina de vida, a hora das refeições é a única fase do dia em que os pais encontram os filhos. E, geralmente, é a oportunidade escolhida para pregação e admoestações paternas.

Assim, em vez de ingerir o seu alimento com entusiasmo normal, o pobre pequeno fica em sobressalto porque inevitavelmente, entre a sopa e a sobremesa, terá que ouvir severos comentários em torno de seu último boletim escolar.

Se se pudesse aplicar um fluoroscópio sobre o garoto, os seus intestinos apareceriam como se estivessem amarrados em nó duplo e o estômago alagado de ácido muriático.

Sua irmãzinha, com um apetite de adolescente vitalidade, mordisca negligentemente a comida esperando a vez do papai fazer alguns reparos sobre as maneiras das mocinhas modernas.

Mesmo a mamãe, já endurecida por anos de submissão às criticas de suas fraquezas, secreta perigoso excesso de adrenalina, preparando-se assim para defender-se de censuras ao seu modo de controlar o orçamento doméstico.

A parte interna dessas pessoas se exibe exatamente como a do gato no momento em que lhe chegou aos ouvidos o ladrar do cão. O chefe da família não é uma exceção, aliás. O pobre homem tambem sofre o resultado de suas extemporâneas preocupações, à mesa. Suas refeições não lhe assentam bem e uma vez ou outra ele se queixa de estar sentindo algo que lhe dá a impressão de úlcera ou coisa peor.

Pouco poderíamos fazer para a solução dos maiores problemas do mundo. Mas se se tivesse por hábito evitar assuntos desagradaveis à hora das refeições, não há dúvida de que o mundo teria menos problemas a resolver.

OUTRA VEZ A PAZ A TODO TRANSE?

Por Stanley High

«Nosso objetivo,» diz, nos Estados Unidos, o Secretário de Estado Byrnes, «é paz permanente.»

«A Divina Providência,» reza um recente documento eclesiástico, «deu aos povos da terra a oportunidade de estabelecer um mundo livre de guerras.»

«Os Estados Unidos,» diz Walter Lippmann, conhecido jornalista americano, «são chamados a exercer uma influência conciliante e estabilizadora,» e assim cumprir o seu destino do tempo presente, «restaurando a paz entre as potências.»

Sou de opinião que a «paz permanente» não deve ser o principal objetivo da humanidade; que «um mundo livre de guerras» não é a oportunidade imediata que a Divina Providência concedeu aos povos; que «restaurar a paz entre as potências» não é destino suficiente para os Estados Unidos.

Sou de opinião que a «paz», como causa da democracia, é tão contraproducente agora como o foi em Munique; que as tentativas para a conseguir no pós-guerra já nos ameaçaram com uma sucessão de Muniques; que, a não ser que as nações democráticas descubram, declarem e se preparem para defender qualquer propósito mais nobre, as Nações Unidas seguirão nas pegadas da Liga das Nações, os males que quisemos destruir pela guerra vão renascer e o nosso mundo, tal como o mundo de Munique, terá que fazer face a um desastre.

A paz não é necessariamente uma situação boa. A história da luta moderna pela liberdade prova que a paz às vezes pode ser um flagelo ainda mais intoleravel que a guerra.

A questão de a paz ser boa ou má depende inteiramente dos princípios que a estabelecem e mantêm, sejam eles bons ou maus. Colocar a paz adiante dos princípios é o mesmo que pôr a consequência antes da causa, expondo ambas ao perigo.

Só vale a pena lutar por uma paz *boa*. Não é a paz simplesmente, mas sim os princípios para se poder estabelecer uma boa paz que oferecem um objetivo suficiente aos povos livres do mundo.

Já experimentamos o outro sistema.

A questão entre nós e Hitler não era a «paz». Hitler queria paz. Prometeu ao seu povo mil anos de sossego. O que ele queria, porem, era uma paz produzida pela expansão e estabelecimento dos seus princípios sinistros.

As democracias eram presa facil. Não

mantinham crenças ardentes. Mais até do que fisicamente, encontravam-se desarmadas moralmente.

«Paz» era a causa democrática; «restaurar a paz» era o papel dos estadistas democráticos; «consolidar a paz» o objetivo da política democrática. Nada conviria melhor aos intentos do Eixo.

Houve, pelo menos, sete ocasiões em que as democracias—se em vez de paz, o seu objetivo mais importante tivessem sido os princípios—poderiam talvez ter evitado a guerra. Em setembro de 1931, os japoneses apoderaram-se da Manchúria. Foi mais um desafio moral do que militar. Se as democracias tivessem cumprido o seu juramento de resistir a qualquer agressão—apoiadas, como o teriam sido, pela Rússia—haveriam conseguido mais do que a salvação da China. Teriam obtido o sossego da sua conciência. Teriam aprendido a agir eficazmente em conjunto, com o fim de manter firmes os seus princípios. Teriam assim prevenido os subsequentes agressores de que continuariam a agir dessa forma enérgica.

Não cumpriram suas promessas. Trocaram-nas por «paz». Foi uma permuta que saiu muito cara. Abreviou o declínio da vitalidade moral da democracia e abriu o caminho para novos sacrifícios de princípios.

Em 16 de março de 1935, Hitler repudiou as cláusulas de desarmamento do Tratado de Versalhes. A 3 de outubro de 1935, Mussolini invadiu a Etiópia. A 7 de março de 1936, Hitler marchou sobre a Renânia. Em julho de 1936, os japoneses renovaram a sua agressão contra a China. A 12 de março de 1938, os nazistas anexaram a Áustria. Em 19 de setembro de 1938, enviaram um ultimato à Tchecoslováquia.

Cada uma dessas crises sucessivas violou princípios que nações democráticas tinham a obrigação moral de defender. Não os defenderam. Mantiveram a «paz».

Desde então, a retirada da convicção para a concessão tornou-se íngreme. Três vezes Neville Chamberlain, o primeiro ministro inglês, foi de avião à Alemanha. «Se da primeira vez você não conceder,» dizia uma canção cínica, «voe, voe outra vez.» Por fim, triunfantemente, ele trouxe de Munique «a paz em nosso tempo».

Winston Churchill disse: «A Inglaterra e a França tinham de escolher entre a guerra e a deshonra. Escolheram a deshonra. Terão a guerra.»

Observamos o presente drama do após-guerra com o sentimento: «Aquí é que eu entro.» O cenário é diferente. As personagens mudaram. A situação é ameaçadoramente conhecida.

Regressando de Londres, depois da primeira reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o sr. Vandenberg, senador americano, disse: «Sentí a ausência do verdadeiro desejo de elevar e manter uma causa moral sublime e vigorosa.»

A crítica do senador não era dirigida aos russos. Estes desejavam, de fato, salvaguardar uma «causa moral sublime e vigorosa», e assim ameaçaram o primeiro encontro do Conselho de Segurança das Nações e quase derrubaram o segundo. E isto não obstante o fato de a organização comunista internacional parecer pacífica. A imprensa que solta mais altos gritos de «paz» no mundo é, sem dúvida, a comunista. Pessoas simpatizantes do comunismo que, em Nova York, comentaram discursos recentes de Winston Churchill, transportaram letreiros de paz que faziam lembrar aqueles

do tempo em que o partido exigia uma paz com Hitler por qualquer preço: «Queremos paz, e Churchill guerra.» «Não queremos mais sangue, nem suor, nem lágrimas.»

A QUESTÃO entre democracia e comunismo não é paz—mas sim qual a espécie de paz que deve prevalecer. Os comunistas não querem uma paz qualquer. Declaradamente desejam uma paz baseada sobre a expansão e estabelecimento de seus princípios. Acreditam apaixonadamente que esse objetivo é mais importante do que a paz e representa a sua garantia única.

Têm o direito de acreditar no que quiserem. Se se trata tambem dum perigo, a responsabilidade é tanto dos democratas como dos comunistas. As nobres palavras da Carta do Atlântico, tal como as elevadas expressões da Liga das Nações, eram consideradas, pelas democracias, como uma declaração de princípios mais importantes que a paz. «Nada de expansões.» «Nenhuma modificação de territórios que não esteja de acordo com os desejos livremente expressos dos povos em questão.» «O direito, de todos os povos, de escolher a forma de governo que prefiram.» «Para todas as nações os meios duma existência segura dentro das suas próprias fronteiras... que todos os homens em todas as terras possam viver as suas vidas libertos do medo e da indigência.»

Eram princípios duma boa paz. As democracias não os apoiaram como devia ser. Permutaram-nos por «paz». É evidente que foi uma troca dispendiosa.

Os comunistas—que colocam os princípios em primeiro lugar—não podem ser censurados se exploram o fato de os democratas se estarem assim desarmando moralmente; se lutam para manter as democracias «pacíficas»; se obrigam a estar cedendo lugar aos seus princípios, sacrificando os da democracia só por causa da «paz».

Já não restam dúvidas quanto ao mecanismo e procedimento necessários para uma ordem mundial melhor. Estamos todos de acordo em que a organização das Nações Unidas é indispensavel; que as relações entre as nações devem ser regulamentadas, duma forma crescente, por leis e não por tratados; que, gradualmente, a soberania nacional absoluta deve ser modificada.

Nossa incerteza não é mecânica, e, sim, moral. Se a Organização das Nações Unidas é fraca, não é devido a um mecanismo imperfeito, mas somente porque os seus construtores e operadores não determinaram decisivamente a natureza moral do produto que a máquina deverá criar. A modificação da soberania nacional não virá a realizar-se antes de se ter determinado decisivamente que valores morais essa modificação promoverá.

Talvez haja pouca esperança imediata de unanimidade entre as nações nessas questões morais. Esse facto é menos aziago do que a possibilidade de as nações democráticas falharem em declarar e apoiar seu próprio acordo.

«Por toda a Europa,» disse um correspondente americano em recente transmissão radiofônica de París, «democratas tímidos manifestam os seus receios do comunismo. Há um século e meio, a democracia era um perigo esplêndido em toda parte. Porque será que hoje não é perigo para ninguem senão para si mesma»?

Porque? Porque a democracia perdeu o sentido da sua missão e os democratas o seu zelo missionário. As convicções evangélicas, vigorosas, que fizeram da democracia «um perigo esplêndido», desapareceram. Os democratas são «tímidos», «receosos», devido à sua própria incerteza moral e espiritual.

Pouco antes de sua posse na presidência dos Estados Unidos, Lincoln disse: «Nosso grande princípio é esse sentimento pela Declaração da Independência que deu liberdade não apenas ao povo desta nação, mas tambem, assim o espero, a todo o mundo e para todo o futuro; que deu a promessa de que o peso seria levantado dos ombros de todos os homens. Antes prefereria ser assassinado aquí do que renunciar a isso.»

Os democratas já não têm a certeza de que essa seja a sua fé; que seja essa fé o que têm para oferecer ao mundo; ou que representa ainda a melhor esperança do mundo. E porque não têm a certeza, o mundo não confia neles e a perspectiva dum mundo melhor fica na sombra.

Para abolir essa incerteza, as nações democráticas não precisariam de assumir quaisquer novos compromissos. Seria suficiente declararem e apoiarem os princípios que em muitas declarações, solenemente ratificadas, prometeram cumprir.

Esse procedimento não poderia destruir o mecanismo das Nações Unidas. Tornaria esse mecanismo uma força moral poderosa.

«Oh! Quem dera um Isaias ou um S. Paulo,» disse recentemente o Presidente Truman, «que reanimasse as responsabilidades morais deste mundo doente.»

Um Isaias ou um S. Paulo podem tardar em aparecer. O mundo não pode esperar.

«A revolução americana,» escreveu John Adams, «efetuou-se antes que a guerra começasse. A revolução estava no espírito e no coração do povo.»

Talvez hoje, de novo, não seja a voz dum homem, mas sim a voz do povo que está à espera de ser escutada.

Ao concluir o seu relatório, no Senado dos Estados Unidos, sobre a reunião das Nações Unidas em Londres, o senador Vandenberg disse: «Talvez me venham dizer que me refiro ao milênio. Responderei com as palavras da Santa Escritura:—Onde não haja visão, o povo perecerá.»

Não é a falta de utensílios que obscurece o futuro. É a falta duma visão aguda entre os povos que amam a liberdade.

Assim é facil ter coragem...

O REDATOR-CHEFE de um jornal novaiorquino mandou certa vez um reporter novato entrevistar um «cow-boy» que fugira com a filha do fazendeiro. O neófito foi encontrar o jovem casal numa pensão de segunda ordem, e, quando lá chegou, interrompendo a lua-de-mel, foi recebido por um formidavel pontapé do noivo, o qual lhe declarou que, se ousasse voltar a incomodá-los, levaria tiro nos fundilhos das calças... O reporter, desconsolado e humilde, arrastou-se até o telefone mais próximo e confessou ao chefe a sua fragorosa derrota.

O chefão, imperturbavel, replicou: —Olhe, você volte lá e diga àquele «cow-boy» senvergonha que eu não tenho medo dele não, está ouvindo?

—Alexander Woollcott

MEU TIPO INESQUECIVEL

Por
Hiram Haydn

Todos o chamavam de *Toughy* — mas poucos saberiam seu verdadeiro nome. Até que se deu um dia este pitoresco incidente: os pais de um aluno estiveram ausentes durante os três primeiros meses que o menino passara na escola, e, quando vieram um dia visitá-lo e ver o lugar, o filho apresentou-os orgulhosamente a diversos membros do corpo docente: «Este é Mr. Watson... Miss Graham... E este é o nosso diretor, Mr... Mr... *Toughy!*» Escusado será dizer que o menino ficou vermelho como um tomate—nem admira, pois não era capaz de se lembrar do nome do diretor do colégio! A verdade, porem, é que nunca o tinha ouvido pronunciar desde que alí dera entrada, três meses antes... Conhecia-o, como toda a gente, só pelo apelido.

Para mim e dois outros membros do corpo docente, que éramos novatos na arte do ensino, a influência que *Toughy* exercia sobre os alunos daquela escola particular para rapazes era um fenômeno incompreensivel. Não havia maneira de entendermos como é que ele podia mantê-los na ordem só por meio de «conversa». Parecia não ter nunca um problema disciplinar, ao passo que nós, até então, não tínhamos feito outra coisa senão inculcar ou impor a disciplina! E apesar de termos um programa tão restrito, eu, pela minha parte, ainda não havia conseguido resultados que se vissem. Ao cabo dos três primeiros meses de ensino, peguei um dia um gurí malcriado e levei-o no ar, esperneando, até o gabinete do diretor.

—Pegue esse menino, exclamei, —antes que eu perca a cabeça e o mate!

Minha intenção era pedir demissão nessa mesma tarde; o incidente encherame as medidas. Mas, coisa de meia-hora depois, esse mesmo garoto voltou à minha aula, tão calmo e bem comportado, tão docil, que me obrigou a mudar de intenção. Quando depois perguntei a *Toughy* o que se passara, ele replicou com os olhos cintilando: «Tivemos uma conversinha...»

O diretor exercia sua autoridade de maneira tão discreta, que raras vezes nos dava o ensejo de observar como conseguia tão bons resultados. O dia chegou em que não pude mais conter-me, e fiz-lhe a pergunta redondamente. *Toughy* explicou de bom grado o seu método:

—A primeira regra é não deixar que a crise se declare. É sempre muito mais dificil resolver satisfatoriamente uma crise, quando ela atingiu a fase em que se torna imperioso castigar o rebelde. Nunca deixe um garoto se colocar em posição que lhe permita desafiar ou desobedecer suas instruções, e na qual, se ele diz o que não deve dizer, você terá que acabar por chamá-lo à ordem. Nunca lhe pergunte se fez alguma asneira, quando você tem a certeza de que ele fez, porque dessa maneira o estará convidando a mentir para se livrar do castigo.

A regra era clara e concreta, e, mais, cheia de bom senso. —Mas o que eu ainda não consigo compreender, insistí— é como o sr. pode sempre ver a tempestade antes dela se desencadear!

—É preciso conhecer o menino, replicou *Toughy*. —O problema está sempre presente, muito antes mesmo de vir à superficie. A indisciplina não surge assim de repente, sem dar sinal, por parte dum garoto sofrivelmente adaptado. E numa escola pequena como é a nossa, há sempre a possibilidade de conhecermos bem os alunos.

Toughy exigia que de mês em mês nós, professores, apresentássemos um relatório sobre cada um dos nossos dez ou doze alunos, fazendo uma apreciação do carater de cada qual, salientando, por exemplo, se tinha iniciativa, se era adaptavel, veraz, e digno de confiança. Se, após a leitura dum «relatório de carater», os pais dum menino que estava pedindo correção se mostravam indiferentes, não vendo o caminho indicado, *Toughy* lhes fazia saber, com tato mas com firmeza tambem, qual a crise que se estava tornando iminente, e o que eles, pais, poderiam fazer para ajudar a prevení-la. O trabalho de cooperação que daí resultava, entre alunos, professores e famílias, era uma coisa digna de se ver.

Havia sempre um comitê de estudantes que se reunia ao meio-dia para almoçar na companhia de *Toughy* ou de algum dos professores, com o fim de esboçar programas e combinar diversas atividades. Um desses comitês, chamado «executivo», era na realidade uma fachada, um disfarce para as operações que Toughy empreendia contra as dificuldades de ordem pessoal. Nenhuma recompensa, na escola, equivalia à honra de pertencer a esse comitê. Uma vez que dele fosse parte, o aluno entrava no segredo dos deuses: estava trabalhando com *Toughy* para o fim de oferecer a cada um dos camaradas o estímulo e a oportunidade de que ele precisasse para se descobrir a si mesmo. Nenhum membro do comitê desmentiu jamais a confiança que o diretor nele depositava: manter secretos todos os problemas alí discutidos.

Positivamente, *Toughy* não merecia o nome que lhe deram, pois era o homem mais gentil que já conhecí. Mas sua gentileza era a do homem que se sente na posse da genuina força. Era incrivelmente exigente consigo mesmo e com os outros, porque esperava que todos vivessem na plena medida das suas próprias capacidades; o que ele reclamava era que cada qual descobrisse no íntimo aquilo que tinha de melhor, e passasse a viver ao ritmo e segundo o paradigma desse «melhor».

À primeira vista nada havia nele que parecesse invulgar; de estatura abaixo de mediana, sempre bem cuidado, de aspecto inteligente, seu único traço menos comum era uma mecha de cabelo todo branco na cabeleira precocemente grisalha. Mas, à medida que o íamos vendo melhor, íamo-nos tornando mais e mais concientes do calor e espírito que

Hiram Haydn foi professor de escolas primárias e secundárias antes de passar ao corpo docente da Universidade da Carolina do Norte. Atualmente dirige a revista literária *The American Scholar*, tendo escrito diversos livros, inclusive dois romances.

seus olhos irradiavam, da força de suas mãos bem modeladas que nunca se mostravam impacientes nem enfáticas, e da riqueza de timbre da sua voz grave. Depois de havermos trabalhado ao lado dele durante um ano, admirava-se a gente de que um homem daquele quilate se resignasse a ser diretor duma pequena escola atribulada de embaraços econômicos, e instalada num banal edifício de madeira. Porque não havia dúvida de que se ele pedisse, logo lhe teriam dado o melhor lugar de dirigente que pudesse ambicionar. Não atinávamos, tambem, com sua procedência, —isto em um sentido mais do que meramente geográfico. *Toughy* nunca falava de si nem da sua vida; mas, pouco a pouco, conseguí ir reunindo os elementos da sua biografia...

Quando Henry Mortimer regressou da França e o exército americano o desmobilizou em 1919, a primeira coisa que fez foi matricular-se numa escola de belas-artes. Desde a infância que os dedos lhe pulavam para agarrar um lapis de desenho ou um pincel. Chegado quase ao fim da casa dos vinte, via-se enfim na posse dos recursos necessários e com a oportunidade desejada para adquirir o treino artístico que lhe faltava.

Foi para Chicago e estudou pintura durante seis meses; os mestres viram claramente que diante desse homem se abria uma brilhante carreira artística. Nas férias da Páscoa, indo visitar os pais, fervia de entusiasmo pelo trabalho.

De regresso à escola, porem, deteve-se em Cleveland para ver um tio, que tinha aberto nessa cidade uma escola particular para meninos. Visita, essa, feita sob uma decisão impulsiva, cujos efeitos iam perdurar por toda uma vida!

Foi encontrar a nova escola em tristes embaraços: um dos membros do corpo docente, que constava ao todo de quatro pessoas, retirara-se para ir assumir outro emprego. Um segundo mestre acabava de dar entrada no hospital, e estava fora de combate para o resto do ano letivo. O tio de Mortimer, esforçando-se para fazer o trabalho de três homens, estava positivamente arrasado de fadiga.

Henry Mortimer olhou em volta de si. Alguma coisa pairava na atmosfera da pequenina escola, que era a um tempo atraente e estimulante: o quer que fosse transparecia nos dois professores que restavam a serviço; manifestava-se vivamente nos alunos, que não tinham pela escola a repulsa por ele próprio nutrida em garoto, quase sendo preciso forçá-los a irem para casa ao fim do dia; e brilhava nos olhos de seu tio.

Teve como a súbita revelação de que o ar alí respirado tinha o mesmo poder criador que ele fora encontrar na escola de belas-artes. Só com a diferença que, naquela, em vez do lapis e do pincel, as «ferramentas» eram a inteligência e o coração; e os «meios» não eram tintas e telas, mas vidas humanas em flor.

—O sr. está cansado, disse ele um dia ao tio. —Deixe que eu me encarregue das suas aulas hoje. Pode ser que os meninos não aprendam muita geografia comigo, mas garanto que não se hão-de aborrecer. Havemos de nos dar bem!

Deram-se bem... E essa noite, no apartamento do tio, Henry Mortimer disse de supetão: —Se o sr. quiser, eu estou disposto a ficar.

A coisa, porem, não era assim tão simples. Durante algumas semanas, momentos houve em que ele se sentiu com vontade de abandonar tudo e regressar ao cavalete e às tintas, horas amargas em que lhe parecia ter cometido um erro grave. Mas as semanas foram-se somando

em meses, e os meses em anos... E quando ele, certa noite, num jantar de festa, encontrou a moça dos «olhos azues e risonhos», sua decisão se fez irrevogavel.

Casou com Helen Gallagher, e pela altura em que eu entrei para a escola, já tinham um herdeiro com seis meses de idade. Viviam numa casinhola das vizinhanças do colégio, que fora prosperando de modo a se permitir mudar para um arrabalde varrido pelos ares puros e frescos do campo aberto. O tio se reformara, e o ex-aprendiz de pintura tomara a seu cargo o curso elementar. Assim, Henry Mortimer era agora *Toughy!*

Fui pouco a pouco aprendendo quais os princípios determinantes do êxito que ele encontrava entre os meninos. Em primeiro lugar, tinha por eles um amor sem limites nem reservas. E, visto que os amava, confiava e acreditava neles. Mais de uma vez o vi, com calma e confiança, tomar conta de alunos de quem os próprios pais, os amigos, e até mesmo os psicólogos haviam desesperado. Tinha sempre este simples comentário:—A questão é que até agora ninguem soube lidar com eles.

Mas *Toughy* sabia encontrar sempre o caminho apropriado. Se, por sorte, um aluno era indolente e irresponsavel, *Toughy* procurava cumulá-lo de responsabilidades. Por exemplo, deixava a próxima reunião entregue a ele, e virava as costas como se nem sequer lhe passasse pela cabeça a idéia de que as coisas podiam deixar de correr à maravilha. Se outro aluno era um bobalhão de quem todos faziam troça, *Toughy* mandava-o vir à sua presença e pedia-lhe que servisse como presidente do comitê de recepção, cujas funções consistiam em receber e acompanhar os visitantes que vinham à escola.

Por vezes, como é natural, aparecia um tipo particularmente dificil, capaz de dar trabalho ao mais paciente e de gorar os esforços do próprio *Toughy*. Um desses casos foi o de um garoto de dez anos cujo pai falecera quando ele estava nos primeiros meses de vida, e cuja mãe o habituara a satisfazer todas as vontades e caprichos. O garoto, ao mesmo tempo que fisicamente destemido, era destituido de senso da responsabilidade social. Certo dia em que andava pela casa como um vivo demônio às soltas, aconteceu-lhe enfiar um braço pela vidraça duma janela, rasgando a carne do cotovelo ao pulso. Sem fazer caso do sangue que jorrava em borbotões da ferida exposta, veio direito a mim, calmamente, e disse sem o menor sinal de medo: —O sr. não acha bom a gente fazer alguma coisa para estancar este sangue?

Sabendo que os métodos ordinários não davam resultado com esse menino, por muito tempo *Toughy* não fez mais do que esforçar-se por cimentar os laços de amizade com ele. Conseguiu descobrir o que o interessava, e compartilhou dos seus interesses; teve a força de fazer vista grossa mesmo a certas ofensas que normalmente teria punido com severidade.

Para nós, que observávamos as coisas de fora, eram invisiveis os enormes progressos que *Toughy* estava fazendo nas suas relações com o pequeno rebelde. Mas uma coisa éramos forçados a admitir: o menino tinha pelo diretor uma estima e um respeito que não consagrava a mais ninguem. Assim foram andando as coisas durante alguns meses, até que um dia se produziu o grande desenlace. O aluno começou a mostrar-se muito senhor do seu nariz, e a maltratar abertamente os colegas. Parecia só que dessa vez o nosso *Toughy* ia, enfim, perder a paciência e a partida...

Mas, um belo dia, fui encontrar o

menino descendo a escada lavado em lágrimas. Fiquei de olhos arregalados: não era possivel! Custou-me dez minutos para o convencer a dizer-me a causa do choro, mas afinal conseguí fazê-lo falar: —Fui expulso da aula! balbuciou. —O professor me mandou à presença de *Toughy*, e ele me disse que... que estava decepcionado comigo! Disse que um amigo... um amigo verdadeiro não faria isso com o outro!

A crise estava passada, e *Toughy* triunfara dela após demorada campanha. Entrevi de relance até que ponto era heróica a paciência do diretor.

Quando, uma hora depois, o encontrei e reparei em como estava cansado e tenso, compreendí subitamente até que ponto ele empenhava todas as suas forças nessa dificil missão de refazer as almas jovens.

O amor que *Toughy* tinha pelos alunos, e a fé que neles depositava, só encontravam equivalente no amor e fé com que ele se entregava ao apostolado do ensino, à excitação do processo de aprender. Tornava-se isso evidente em todas as aulas que dava. Sob sua direção, a geografia e a história dos últimos anos adquiriam o encanto romântico que os rapazes habitualmente só encontram nos folhetos de aventuras interplanetárias e no tipo de programas de rádio a que os pais opõem objeções.

Toughy ensinava a história dos primeiros tempos dos Estados Unidos, por exemplo, fazendo de cada um dos seus alunos «governador» de um dos estados primitivos. Durante algumas semanas, orientado pelo mestre, o aluno dava-se à tarefa de recolher dados e informações sobre a «sua» colônia. Se achava que a biblioteca do colégio era insuficiente, ia trabalhar aos sábados na biblioteca pública.

Vinha então a safra. Numa aula eletrizada de entusiasmo, cada um dos estudantes tinha que responder, com todos os pormenores, a quaisquer perguntas pertinentes, sobre a «sua» colônia, que ocorressem aos companheiros ou a *Toughy* —e não há dúvida que às vezes lhes acudiam perguntas desconcertantes! Ainda me lembro daquele «governador» do Connecticut, com seus dez anos, que ficou um dia durante 40 minutos dando respostas umas atrás das outras, a respeito de colheitas, ataques de índios, administração... Sentindo-se perfeitamente à vontade à distância de 250 anos dos acontecimentos, começava todas as respostas por estas palavras: «Bem, esse caso nós resolvemos assim e assim...»

Era nessas aulas que a «fórmula mágica» de *Toughy* se revelava e desdobrava. Todos nós, os que ensinamos ou fomos algum dia professores, forcejamos conciente ou inconcientemente por conseguir a quase impossivel combinação que é, a um tempo, estar com os nossos alunos—isto é, falar a jíria deles, viver no seu mundo—e não cair ao nivel da imaturidade, deixando assim de ser a mão firme que os guia. Todos os bons professores se aproximam desse equilíbrio instavel; mas *Toughy* foi o único que eu já visse, capaz de manter o equilíbrio sem o mais leve deslize. No jogo da História, por exemplo, era digno de ver-se—como um deles, perfeitamente à vontade, dando e recebendo com a maior naturalidade, tão entusiasmado e absorvido como qualquer dos seus alunos... Entretanto, bastava que ele dissesse: —Você tem a certeza do que afirma? para que um silêncio atento pesasse sobre o grupo.

Os jogos de geografia eram à hora do almoço, e tão empolgantes, que com frequência os concorrentes se esqueciam de pedir segunda dose de sobremesa. Houve um ano em que alguns dos pequenos renunciaram ao recreio da tarde, durante meses, para se entregarem no terreiro de jogos à construção em cimento dum grande mapa em relevo da América do Norte. Só um menino que fosse obtuso de todo poderia sair das aulas de *Toughy*, ao fim de um ou dois anos de ensino de geografia, sem possuir abundante conhecimento de fronteiras, recursos naturais e topografia.

Sempre que tentávamos congratular o diretor pelo seu êxito no ensino, ele limitava-se a dizer-nos um modesto «obrigado», e acrescentava logo: —Mas diga-me uma coisa: você já notou que esplêndidos resultados o professor Fulano está tendo com o seu curso de Ciência Geral? Ou então, —Não acha que o Gil teve uma idéia genial em mandar os meninos decorar a biblioteca com ilustrações tiradas dos seus livros preferidos? Um dia, inevitavelmente, o professor, Gil, ou fosse lá quem fosse, contava aos colegas onde é que tinha ido buscar os «esplêndidos resultados» ou a «idéia genial» a que *Toughy* se tinha referido: eram o fruto de alguma conferência com o chefe...

O entusiasmo de *Toughy* pela sua obra de educador tornava-se contagioso: comunicava-se a todo o corpo docente da escola. Quando andávamos longe desta, sentíamo-nos inquietos; demos para voltar alí depois do jantar, para fazer planos e discutir assuntos de interesse. O resultado foi que chegamos a ter reuniões fora do programa do corpo docente, noites e noites seguidas, nas quais discutíamos os casos pessoais, os métodos e programas.

Os professores desse grupo estão hoje dispersos, mas nenhum de nós esqueceu *Toughy*, como tambem o não esqueceram os alunos mais velhos; porque ele fez tanto por nós, mestres, como fazia pelos meninos. Ao ensinar-nos a conhecer e a revelar o que havia de melhor na alma dos alunos, ele nos ensinou a conhecer e revelar o que de melhor em nós havia tambem.

Toughy recebia com frequência ofertas tentadoras para ir dirigir outras escolas, e por ordenados bem mais altos. Quando um dia lhe perguntei por que recusara uma dessas ofertas, mostrou-se embaraçado e respondeu: —Ora essa, então eu podia agora abandonar isso tudo! E nunca o vi tão perto de se zangar como quando acrescentou: —Você não vê que minha vida é aquí?

E assim era. Queria ele dizer, em primeiro lugar, que se sentia pessoalmente comprometido com o tio. Depois, essa escola seria sempre *dele*, muito mais e melhor do que nenhuma outra o poderia ser. Mas suas palavras continham uma verdade ainda mais geral e profunda: toda pessoa pertence à obra ou tarefa ou lugar onde pode utilizar ao máximo as suas naturais capacidades; onde pode tornar cada dia que passa mais estimulante e mais rico de experiência para si mesmo e para os outros, para aqueles com quem trabalha.

Se até aquí tenho escrito a seu respeito como se sua carreira houvesse findado, é porque para mim as memórias de *Toughy* estão íntima e claramente associadas aos dias que passei no colégio instalado no pequeno prédio de madeira. Na verdade, porem, a escola continuou expandindo-se, está hoje em plena atividade, e *Toughy* ainda é o diretor das classes elementares. Quando lhe ofereceram a direção da escola toda, recusou a proposta decididamente, alegando que traba

lhava melhor com os alunos mais novos.

O edifício de madeira foi demolido; os alunos das primeiras classes estão hoje instalados em um grande prédio de tijolo vermelho, tal como os estudantes mais velhos; o número de matrículas tem crescido muito, e o corpo de professores é bem mais numeroso. Tudo tem mudado—só *Toughy* é que não muda!

A última vez que o vi, tentei levá-lo a dizer-me se lhe agradavam as modificações por que passara a escola, e se ainda se sentia contente com o seu velho emprego em um ambiente completamente novo. Mas o meu nobre amigo recusou-se, como de costume, a falar de si mesmo.

—A propósito, exclamou, e nos seus olhos vi brilhar mais uma vez a mesma luz de outrora. —Quero que você conheça o nosso novo professor de trabalhos manuais. Pôs os meninos a trabalhar num projeto para a festa de Natal, que só vendo! O homem tem idéias que são um verdadeiro achado!

Era *Toughy*, o mesmo de outro tempo...

Espíritos irmãos

«Quando eu tinha cinco anos, meu pai e minha mãe foram viver na Índia, e me mandaram provisoriamente a morar com meu avô, na Inglaterra. Tratava-se de um velho oficial de marinha, reformado, já com 84 anos de idade, homem rigoroso em matéria de cerimônias e disciplina. Quando cheguei, cumprimentou-me como se eu fosse um adulto, e assim se iniciou, entre nós, sólida amizade.

«Não só permitiam que eu jantasse com a família, mas esperavam de mim que comparecesse à mesa vestido a rigor, tomando parte no ritual. Tanta honra muito me desvaneceu. Toda noite se repetia o mesmo cerimonial, e, ao fim da refeição, as senhoras deixavam a mesa e os dois cavalheiros: um de 84, o outro de 5 anos. O mais velho começava então a falar, ora de política ora de filosofia, e estendia a mão para alcançar a garrafa de vinho do Porto. Com o maior cuidado media duas colheres pequenas do vinho e as esvaziava num cálice, enchendo para si uma taça. Empurrava o cálice sobre a superfície da mesa, em direção ao mais jovem, e ambos os cavalheiros se erguiam.

Inclinando-se para a frente, estendiam os braços até se chocarem ligeiramente cálice e taça, e o cavalheiro de 84 anos, curvando-se, dizia ao cavalheiro de 5:

—Meu filho: bebamos à saúde de Sua Majestade a Rainha!»

—Reginald Birch, citado por Joseph C. Chase em *My Friends Look Good to Me* (Dodd, Mead, ed.)

O grande pintor e desenhista inglês Sir Edward Burne-Jones tinha uma neta, Angela, criança de excepcional altivez, que uma vez ficou de castigo, a um canto da sala, de rosto para a parede. Contristado ao vê-la assim, naquela posição humilhante, enquanto a família tomava chá, o artista foi buscar, à noite, quando todos dormiam, sua paleta e sua caixa de tintas, deixando-as onde a menina os visse. Na manhã seguinte o «canto do castigo» era o mais bonito da sala; pintados na parede, nas cores mais vivas, achavam-se vários pássaros em vôo e um gatinho brincando com a mãe-gata.

—Sra. Patrick Campbell, em *My Life and Some Letters* (Dodd, Mead, ed.)

Um estabelecimento fantástico, onde praticamente se criam animais sob medida, para melhor e mais farto abastecimento do mercado

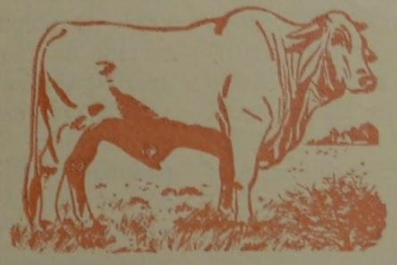
Frangos aerodinâmicos e outras maravilhas

(*Condensado do «American Magazine»*)

Por Frederick G. Brownell

Descrevia eu, um dia destes, a um amigo do Ministério de Agricultura dos Estados Unidos, os automoveis que no futuro teremos; dizia que seriam carros aerodinâmicos, de ar condicionado, à prova de choques e de corrosões, e tão leves, que uma pessoa poderá empurrá-los com uma mão, e chegarão a fazer o dobro dos quilômetros, por litro de gasolina, que fazem agora os nossos carros. E quanto a estilo, serão manufaturados segundo os caprichos do comprador, havendo-os de modelos variados, para todos os gostos.

«Ora, isso é coisa velha,» comentou o meu amigo. «Pois veja, no Ministério de Agricultura, em Washington, estamos dando caraterísticas mais ou menos assim a simples animais de cria. Agora mesmo estamos *produzindo*—é bem o termo—perús *estilizados*, alfaces em ar condicionado, tomates à prova de murchidão e de míldio, e melancias de tamanho padrão, para caberem nas geladeiras. Já produzimos porcos que suprem o dobro de toucinho e presunto por litro da ração consumida. Produzimos também carneiros «sob medida», para atender as especificações dos criadores, e se o amigo quiser coisa de lhe causar espanto, procure ver os nossos últimos *modelos*.



Mestiço de gado Brâmane

O Ministério da Agricultura dos Estados Unidos mantem o maior centro que se conhece para o desenvolvimento de plantas e animais. Estive uma semana nesse posto experimental, numa cidade chamada Beltsville, tendo percorrido detidamente os 20 mil hectares de sua área e me demorado nos seus laboratórios, onde famosos geneticistas se empenham em alterar a seu bel prazer os antiquíssimos «padrões» criados pela natureza. Andei ao longo de amplas galerias, literalmente cobertas de plantas novas, e me extasiei diante de animais «feitos sob medida», que nunca tomaram passagem na velha arca de Noé...

E Beltsville é um apenas dos seis maiores centros de experimentação biológica do Tio Sam, onde a ciência se aplica a cruzamentos com um determinado fim. Mas alem desses, há postos experimentais nos 48 Estados da União, onde se estão engendrando variações de plantas e hortaliças e novos tipos de animais híbridos, para os hortos e fazendas de criação de um futuro bem próximo. Regressei há pouco de uma visita a esses fantásticos centros de

pesquisas biológicas, onde tive ocasião de ver espécimes de morangos gigantescos, cebolas desaciduladas, pêssegos sem pelugem, e centenas de outros prodígios científicos. Mas, os cruzamentos mais notaveis, eu os encontrei no estábulo de bovinos, nas criações de galinhas e nos campos de cereais.

No primeiro caso, mostraram-me uma vaca de grande porte, muito robusta, um tanto parecida com uma Holstein. «Note essa mestiça,» disse-me o encarregado, «é a campeã de um novo cruzamento. Não é nenhum tipo de beleza para as exposições de pecuária, mas, para dar leite, é um colosso!»

De feito, no ano passado, essa vaca deu 15 mil litros de leite, com uma produção de manteiga realmente fenomenal, quase três vezes maior que a de uma vaca de leite comum. É um animal docil, de forte constituição, e ao que parece irá ter longa vida.

Não distante dalí, encontrei o boi de talho para as futuras manadas. É corpulento, de ancas retangulares, verdadeiros açougues ambulantes de macios churrascos e suculentos entrecostos para assados. Num pasto vizinho, estava outro novo tipo de gado, de «duplo efeito», assim chamado porque as vacas dão tanto leite e manteiga como uma «jersey» da melhor espécie, enquanto os bois suprem mais carne do que o gado de talho corrente nos mercados. Os criadores atuais andavam à procura de rezes que, em lugar de exigir de quatro a seis anos para chegar à maturidade, pudessem aos 18 meses entrar para os matadouros, onde assegurassem bom preço. Por outro lado, os fazendeiros queriam gado que lhes desse duas rendas seguidas—de leite e carne—em uma única manada. Pois bem, os geneticistas, ou «cruzadores», deram solução satisfatória a ambos os problemas.

Os boiadeiros do sul procuravam um tipo de gado que resistisse ao clima e aos parasitas que infestam suas paragens. Os pecuaristas do governo meteram cara ao problema e logo o solucionaram com um boi de biga, de aparência esquisita, que a seguir me foi mostrado. «Aí está ele,» disse-me o guia. «É produto de cruzamento com o gado sagrado dos Brâmanes. A sua pelugem negra protege-o contra a intensidade do sol e o oleoso da pele atua como um reagente contra os insetos.» Enquanto o resto do gado descansava resfolegando à sombra das árvores, esse boi ia pastando desencalmadamente, com o que aumentaria de peso, dando assim maior lucro ao seu dono e indo futuramente suprir os açougues de melhor carne para a mesa.

Mais um exemplo: os criadores das Antilhas estão à procura de novo tipo de vaca leiteira. As vacas alí existentes dão pouco leite e as que são importadas dos Estados Unidos, de melhor qualidade, enfermam logo que chegam àquelas regiões tropicais. No sul do Pacífico tambem há necessidade urgente de boas vacas leiteiras, que sejam imunes ao clima tórrido e às moléstias que grassam por alí. Pois bem, segundo me informaram, os cientistas do governo americano estão a ponto de atender satisfatoriamente a mais essa exigência dos criadores.

No tocante à criação de aves, pode-se dizer que as galinhas que, em futuro próximo, nos servirão de repasto, se acham a metade do caminho do seu processo de aperfeiçoamento.

«Observe essas capoeiras,» disse-me o encarregado. «Aquí está um bando de galinhas poedeiras—que põem de 260 a 290 ovos cada uma, ou seja o duplo de produção do vulgar das galinhas. Alí adiante estão outras que põem ovos do tamanho de uma tangerina. Na próxima capoeira estão galinhas cuja especialidade é porem ovos para serem escalfados—ovos de clara bem grossa, que circunda toda a gema quando são postos na água a ferver. Esses ovos conservam-se tambem com maior facilidade.

«Vê aquele bando de frangas? Têm muita carne tenra e deliciosa. Aqueles pintainhos alí, de asas listadas de escuro, são todos machos e se destinam a galos ou capões. Têm por igual sua história. Os criadores de galinhas queriam aves que pudessem de começo ser identificadas, para a seleção das poedeiras. Os nossos peritos criaram esse tipo, cujos machos nascem todos com essas listas, o que os distingue das futuras frangas.»

Os prodígios que se estão operando no gado e na criação de aves vão se aplicar tambem na esfera dos cereais. O milho híbrido foi um dos primeiros triunfos da genética aplicada.* No começo da guerra, certa variedade de milho, criada pelo Ministério de Agricultura dos Estados Unidos, veio ao encontro de uma situação que parecia insoluvel. Quando os japoneses invadiram as Índias Holandesas, fecharam-se para os americanos os centros de produção de polvilho de mandioca e já escasseava o elemento adesivo para os selos de correio. O polvilho comum não servia para esse fim, por conter diminuta quantidade de cera. Mas um dos policultores do governo logo conseguiu um tipo de milho híbrido, que dispunha de boa camada cerosa. E fazendo-se uso das estufas do posto agrícola de Beltsville, logo se tornou possivel fazer mais uma colheita desse milho entre as safras anuais. Dessa forma, puderam os técnicos de agricultura produzir bastante sementeira desse milho para suprir toda a mucilagem requerida pelos selos postais...

*Vide: *Assim se cultiva hoje o milho*, Seleções, dezembro de 1945.

Os milharais americanos foram invadidos por um inimigo secreto—um pequeno verme conhecido como «broca do milho». Essa praga apareceu primeiro nas plantações de milho da Nova Inglaterra, espalhando-se com rapidez, a despeito das precauções tomadas. As aplicações de líquidos venenosos não penetravam o centro da haste do milho, onde a broca se abrigava. Somente quando se quebrava o pendão de um pé de milho, ou uma espiga banguela, é que se verificava a presença do voraz parasita. Pois bem, nessa minha visita pude ver belos milharais pendoados, sem se achar numa grande área uma única broca para remédio! É que os geneticistas do posto agrícola tinham criado uma variedade de milho refractário à broca. É dessa nova espécie que serão feitas as futuras plantações.

Outros cereais experimentaram tambem o efeito da varinha de condão desses taumaturgos agrícolas. Tive ocasião de me colocar, no posto experimental, entre dois campos de aveia. O do lado direito estava raso por terra, com todas as plantas atacadas de míldio. Do lado oposto, a aveia vicejava alta e bonita, como se não houvesse sinal de míldio por muitos quilômetros em derredor. A ciência aplicada havia engendrado esse tipo de aveia resistente àquela enfermidade da planta. Aliás, esse novo tipo de aveia produz dez por cento mais por hectare do que a variedade antiga.

Mostraram-me depois outro cereal talhado «sob medida», que veio solucionar um problema do trabalho agrícola durante a guerra. Havia nos Estados Unidos uma variedade de sorgo, resistente às secas, que crescia mais alto que um homem. Sua colheita, feita a mão, era penosa e ronceira. Os agricultores pediram o auxílio do Ministério de Agricultura. «Queremos um sorgo que possa ser colhi-

do como o trigo,» diziam os granjeiros. Em pouco os geneticistas criaram uma variedade de sorgo que chegava apenas à metade da altura do outro.

Coube-me ainda ver lá uma variedade de trigo muito resistente e inteiramente nova. A polia não o ataca e é tão árduo que chega a resistir a temperatura de 15 graus centígrados abaixo de zero. Os agricultores do Alasca podem cultivá-lo agora em regiões batidas pelos frios do Norte, onde só crescem liquens e pinheirinhos rasteiros.

Esses geneticistas têm operado milagres de ciência aplicada em todos os setores da vida do campo. Conseguiram o cruzamento de abelhas mansas, de porcos que não se afrontam ao sol mais intenso e criaram uma variedade de algodão mais apropriada à colheita por meio das máquinas de apanhar essa fibra. Devem-se-lhes tambem novas variedades de feijões e repolhos mais vitaminosos, alfaces que não se desmancham em sementes, mesmo nas épocas de calor mais tórrido, e batatas à prova de pragas e assaduras.

Os geneticistas americanos podem auxiliar a restauração agrícola na Europa e na Ásia. Plantas e animais, vindos de lá, contribuiram para as variantes e cruzamentos levados a cabo pelos cientistas do Ministério de Agricultura dos Estados Unidos. É chegado o momento de pagarem eles essa dívida ao Velho Mundo, mandando-lhe plantas e animais novos, para um mais proveitoso abastecimento do seu povo e melhor solução de seus problemas rurais.

Os apuros de uma sueca

Num elegante bangalô perto de Nova York morava, com a esposa, um jovem escritor, sendo o casal eficientemente ajudado por uma empregada sueca, descrita por todos como sendo um verdadeiro encanto, uma espécie de Ingrid Bergman doméstica. Mas lá um dia a empregada-modelo apresentou-se à patroa em prantos, anunciando: —Tenho que ir embora no dia primeiro.

—Porque? perguntou a dona da casa, surpreendida. —Você não se sente feliz aqui? Não, não era isso, soluçou a moça. É que ela conhecera um belo soldado havia alguns meses, e agora... e agora... —Espere aí. Vou consultar meu marido, replicou a patroa. Daí a pouco voltava, declarando: —Você pode ficar conosco. Nós estamos dispostos a adotar seu filhinho.

No devido tempo, de fato, apareceu em cena um lindo bebê do sexo masculino que foi logo adotado, segundo os trâmites legais, pelo jovem casal. Tudo serenou durante um ano, até que um dia a empregada tornou a anunciar que se ia embora. Dessa vez havia conhecido um marinheiro. Marido e mulher refletiram bastante, e depois comunicaram à moça: —Fique conosco. É uma injustiça a gente criar um menino só. Adotamos tambem seu outro filhinho.

E daí a alguns meses a sueca deu à luz uma garotinha muito bonita, e o bangalô se encheu de risos e felicidade. Mas eis que cai outro golpe. A empregada tornou a demitir-se. —Não me diga que você conheceu um fuzileiro! exclamou a patroa.

—Não, senhora. É que fico muito cansada trabalhando para uma família tão grande!

—Bennett Cerf, na *Saturday Review of Literature*

O ex-presidente da Associação Comercial dos Estados Unidos põe-nos de sobreaviso contra medidas legislativas improvisadas para a cura do que, no fundo, é simples questão de relações humanas

Sete remédios para as greves

Por Eric Johnston

A nação americana já anda apavorada com tanta greve, e francamente já são demasiadas as que temos sofrido. Os prejuizos materiais por elas causados em bens e serviços atingem hoje proporções colossais. Mas, muito peores ainda do que as perdas materiais, são as nuvens negras de má vontade e suspeição que as greves têm fomentado no país. Ora, aquilo de que a nação americana agora necessita, mais do que de outra qualquer coisa, é de paz e harmonia industrial.

Seria tolice falarmos de «paz perpétua» na esfera das indústrias, uma vez que as relações entre o capital e o trabalho são relações de ordem humana, e em todas as relações entre os homens se encontra, em potencial, um estado de conflito. Nosso propósito, ao traçar estas linhas, não é por certo achar a maneira de abolir todas as greves, coisa de que só um estado de organização totalitária se poderia ufanar. A verdade, porem, é que o público espera, tanto por parte do capital, como por parte do trabalho, um esforço no sentido de melhorar as técnicas e os modelos que lhes permitam caminhar lado a lado como colaboradores e não como inimigos.

Todas as vagas de «guerra industrial», como a que recentemente se desencadeou nos Estados Unidos, despertam na conciência do público o sentimento de que se torna necessária uma legislação industrial mais eficaz do que a existente. Em tempos como o atual, de todos os lados se levantam vozes em grita, pedindo que se promulguem leis—muitas leis. Essa idéia de *lei* faz parecer as coisas tão faceis, tão simples, tão convenientes! Uma boa lei (ouve-se dizer a cada passo) «obrigaria» o proletariado a fazer isto, e «obrigaria» o capital a fazer aquilo. Mas a legislação que se carateriza pelo excesso das medidas de carater obrigatório é sempre de mérito altamente duvidoso. O fato real e verificado é que ninguem pode transformar, por meio de leis, a natureza humana.

A legislação só por si não poderá trazer a paz industrial, mas esse fato não obsta a que se torne necessário legislar duma maneira ou de outra. Pela minha parte, sou a favor de um mínimo de legislação capaz de estabelecer um regime de lealdade no jogo de interesses entre o capital e o trabalho, que inclua penalidades para os violadores das respectivas regras. O que se torna necessário é um

sistema capaz de proteger ao mesmo tempo, e em proporções idênticas, os direitos do trabalho e os do capital. É preciso estabelecer-se um regime que declare fora da lei todas as práticas industriais que se hajam revelado prejudiciais para ambas as partes interessadas.

Seja-me permitido, agora, definir a minha posição com meridiana clareza. O direito à greve deverá sempre ser respeitado; mas o que é preciso atenuar ao mínimo são as *causas* ou fatores das greves.

Muita gente pensa que qualquer greve é apenas uma greve. Ora, na realidade, há greves e greves, e empreendemos por isso classificá-las em sete categorias bem diferenciadas. Passemos pois a examinar, um por um, todos os tipos de greves mais comuns, nos Estados Unidos e em outros paises, e os remédios que nos parecem aplicaveis a cada um deles.

Primeira: a greve de organização

Admitamos que uma bela manhã aparece em frente das porteiras duma serraria, por exemplo, uma fila de homens e mulheres que alí estão postados para impedir a entrada aos operários que desejem trabalhar na fábrica. Os componentes da fila são membros do sindicato dos operários madeireiros, mas o resto do pessoal que trabalha nesta fábrica ainda não se encontra filiado ao respectivo sindicato. A intenção duma greve desse gênero é, pois, levar os outros operários a entrar para o sindicato, e forçar a gerência da fábrica a aceitar o contrato coletivo de trabalho proposto pelo mesmo sindicato.

Aquí temos, sumariamente descrito, um tipo de greve que não tem defesa possivel, seja em que terreno for: uma greve que recusa a muitos trabalhadores o direito de decidir se desejam, ou não, aderir ao sindicato da respectiva indústria.

Primeiro remédio: O remédio consistiria em declarar ilegal a greve desse tipo, como contrária ao sentimento público, e punir as uniões que obstem ao funcionamento normal do aparelho de eleições sindicais. Os sindicatos irresponsaveis podem ser punidos, por exemplo, com a denegação dos privilégios de segurança sindical—tais como o recrutamento de membros e a cobrança antecipada das cotas sindicais, que se faz descontando-as no salário dos trabalhadores.

Segunda: a greve jurisdicional

Esse tipo de greve resulta da rivalidade entre dois sindicatos que simultaneamente reclamam o direito de representar os trabalhadores—isto é, o de mencionar a quem incumbe fazer determinado trabalho, e quem é que pode cobrar cotas a determinados grupos de trabalhadores. A greve desse tipo não tem, tãopouco, qualquer justificação moral. Devia haver maneira de decidir a que é que um operário há-de pertencer, sem que para tal seja necessário entrar em greve. Este gênero de greves deixa o empregador e o público entalados entre os dois partidos, e expostos aos golpes de ambos.

Segundo remédio: O operariado devia organizar comitês inter-sindicais de jurisdição. Devia tambem concordar em introduzir nos contratos cláusulas pelas quais se tornasse obrigatória a arbitragem em todos os conflitos de jurisdição. Quando o sindicato se recusasse a fazer uma ou outra coisa, o governo teria por obrigação intervir e impor sua decisão.

Terceira: a greve de «solidariedade»

Neste caso, os trabalhadores declaram-se em greve como demonstração de «solidariedade» ou «simpatia» com

outros operários que estão em greve em qualquer outra parte ou ramo de indústria, e isto sem nenhuma justificativa. A greve de simpatia ou solidariedade é uma contradição em termos. Não é somente injustificavel: não merece sequer um grão de simpatia por parte do público.

Terceiro remédio: Declarem-se estas greves ilegais, por meio de cláusulas insertas nos contratos de trabalho. Para bem dos próprios trabalhadores, o operariado devia evitar as greves desse tipo, que só podem prejudicar a causa que pretendem servir. Dado um ambiente em que as uniões operárias são aceitas e reconhecidas, os operários não precisam fazer greve só por motivo de solidariedade com os seus camaradas que noutra indústria ou região se encontrem em parede.

Quarta: a greve política

Aquí temos um exemplo do que é a greve política: admitamos que o conselho municipal de certa cidade está em vésperas de aprovar uma proposta no sentido de subordinar, a determinados interesses particulares, os serviços públicos de eletricidade ou gás, que até aquí eram propriedade da prefeitura. Esforçando-se para conseguir que os vereadores votem contra essa proposta, os operários organizados da cidade declaram-se em greve. Ora, tal greve não tem desculpa possivel, visto que, nas democracias, os vereadores podem ser eleitos ou destituidos, segundo a vontade do eleitorado local. Enquanto estiver em vigor o sistema do voto livre, não há nada que justifique greves de semelhante categoria.

Quarto remédio: Em casos como esse, o antídoto é o mesmo que já aconselhamos para as greves de solidariedade: declarálas ilegais por meio de cláusulas insertas nos contratos de trabalho.

Quinta: a greve dos serviços de utilidade pública

As greves declaradas nas indústrias que interessam a saude ou a segurança dos cidadãos—como sejam os serviços de gás, água, eletricidade, comunicações e transportes—não se podem comparar com as greves que se produzem em empresas de outro gênero. O interesse do público em geral está imediata e positivamente envolvido no funcionamento regular dessas indústrias. É por esse motivo que as respectivas empresas estão em geral sujeitas ao controle governamental. A gerência dessas indústrias, quer elas sejam de propriedade pública, quer de propriedade particular, é sempre responsavel perante o governo ou outras autoridades. Os preços, os lucros, e a própria organização e o gênero dos serviços que elas prestam, são pautados de acordo com regulamentos e outras medidas de carater administrativo.

Quinto remédio: Deve promulgar-se legislação destinada a solucionar, por meio de arbitragem, todos os conflitos que surjam nesta esfera de serviços, evitando-se desse modo a interrupção do funcionamento dos mesmos, de interesse vital para as populações. Se a gerência de tais serviços estiver sujeita a regulamentos oficiais, os trabalhadores respectivos só deveriam aceitar emprego neles sob a condição expressa de ficarem tambem sujeitos aos regulamentos do governo.

Sexta: a greve de interpretação

Abrangemos sob essa designação as greves que resultam dum conflito de interpretação da linguagem ou dos termos dum contrato. É perfeitamente lógico e humano que o operário e o

patrão divirjam ocasionalmente de parecer sobre o que significam certas palavras ou frases dum contrato. Mas já não é admissivel que se feche a fábrica a cada desacordo dessa ordem. Se tal fosse o caso, a maioria delas estariam cerradas boa parte do tempo.

Sexto remédio: Todos os acordos entre o operariado e a gerência das empresas deviam incluir cláusulas de arbitragem para os casos de desacordo na interpretação dos termos do contrato, e ao mesmo tempo proibir as greves e os locautes determinados pela interpretação de contratos. Nenhum contrato de trabalho pode *garantir* relações industriais indefinidamente harmoniosas: a harmonia é sempre o resultado de esforços de parte a parte. O primeiro passo nesse sentido consiste em concordarem, ambas as partes, em submeter-se a arbitragem. É aconselhavel que as indústrias mantenham árbitros assalariados, com horário idêntico ao dos operários.

Sétima: a greve contratual

Uma greve «contratual» é a que resulta de divergências surgidas durante as negociações para elaboração dum contrato de trabalho. Uma das partes interessadas apresenta reclamações que a outra rejeita, relativamente a salários, horários e condições de trabalho. Trata-se da greve, entre todas, mais facil de compreender. Ela é tambem, ao mesmo tempo, a mais dificil de solucionar, visto como em tantos casos pode ser justificada. De todos os sete tipos de greve aquí descritos, é este o único que pode ser tolerado como *moralmente* legítimo, ainda quando *economicamente* trágico. A maior parte das greves estão subordinadas a esta classificação: a ela pertencem, por exemplo, as greves de recente data nas indústrias norte-americanas do automovel, do aço, do carvão e de aparelhagem elétrica.

Sétimo remédio: Estabeleça-se a discussão e adie-se o deflagrar da greve antes que seja tarde demais para evitá-la. Prossiga-se nas conversas de concessões mútuas, até que ambas as partes se ponham de acordo nos termos do contrato. Os representantes do trabalho e da gerência conferenciam, por vezes permanentemente, trocam opiniões e discutem reclamações, enquanto as oficinas continuam a funcionar normalmente, sem interrupção do trabalho. É o que se chama «continuidade de negociações».

Com o fim de alcançar essa continuidade, alguns sindicatos e empresas industriais têm organizado comitês de mediação industrial, compostos em partes iguais pelos representantes dos trabalhadores e dos empregadores. Na Suécia está em vigor uma lei de mediação por via da qual, antes de declarada uma greve ou locaute, se impõe avisar tanto a parte contrária quanto a junta de mediação do governo, com sete dias de antecipação. Esse aviso deve sempre incluir o articulado das razões por que se propõe a paralisação do trabalho. Qualquer infração dessa medida faz incorrer o transgressor em pagamento de multa. A idéia consiste, é claro, em conseguir que as duas partes entrem em conferência antes de ser declarada realmente a greve. O sistema tem sido coroado dum êxito consideravel.

Toda legislação reguladora das relações industriais deve ser dominada por um ponto de vista de largo alcance. É bom ter presente que, uma vez promulgadas, é dificil alterar ou rever as leis. Toda legislação que for preparada ou promulgada de afogadilho, e portanto meio crua, pode vir a tornar-se em anos futuros verdadeira praga e maldição.

Ora, temos entre mãos o antídoto das greves, e tudo está em sabermos fazer uso dele: referimo-nos ao que nos Estados Unidos se chama *collective bargaining*, ou seja, um sistema honesto e eficiente de negociações coletivas. Há pois, assim, uma só maneira básica de abordar legislativamente todo e qualquer aspecto do problema das relações industriais: será que essa legislação vem produzir um funcionamento mais eficaz das negociações coletivas? Irá ela contribuir para que o trabalho e o capital, ou gerência, alcancem o auto-domínio na esfera respectiva? Uma greve—seja ela qual for—é um sintoma alarmante de que a instituição das negociações coletivas sofreu algures um acidente, ou que o seu mecanismo deixou de funcionar como era legítimo esperar.

Inclinamo-nos muitas vezes a pensar que o capital e o trabalho têm objetivos diversos. Na realidade, seus objetivos são idênticos, como tambem o são seus princípios e suas crenças básicas. Todos queremos mais ou menos as mesmas coisas. Em suma, o que desejamos é isto: distribuição mais equitativa dos bens. Concordamos nos objetivos, e não discordamos quanto aos melhores meios de alcançá-los.

Essa comunidade de interesses e esses objetivos comuns só podem ser atingidos onde houver produção de tudo que contribua para uma vida melhor. O consumidor, o operário e o capitalista precisam compartilhar, todos, dos frutos dessa produção acelerada. Seus quinhões se traduzem, respectivamente, em preços mais baixos, salários mais altos, lucros mais sólidos.

Só a produção ininterrupta pode dar-nos essas coisas.

Funcionários macabros

Quando a cidade de Nova York era governada por ingleses e holandeses, havia, na administração local, uma repartição de sinistro nome, a dos Consoladores dos Enfermos e Encarregados de Convites para Enterros, nomeados e licenciados pela primeira vez em 1690.

Quando alguem adoecia, os Consoladores, cujos honorários eram garantidos pela família do doente, sentavam-se à cabeceira da cama durante as longas horas da noite, lendo as passagens mais lúgubres das Sagradas Escrituras, cantando hinos religiosos preparando-o, enfim, de todas as maneiras, para uma possivel viagem ao Reino dos Céus.

Quando morria o doente, os Consoladores se retiravam, dando lugar aos Encarregados de Convites para Enterros. Pregando às cartolas longas serpentinas de crepe negro, e levando nas mãos compridas listas, iam eles de casa em casa recitando as virtudes do falecido e convidando seus amigos e parentes a comparecer ao enterramento. Enquanto marchavam solenemente pela cidade, um deles fazia soar um sino, e outro, batendo com a bengala pesadamente no chão, anunciava o óbito em voz alta e melancólica...

—Herbert Asbury, *All Around the Town* (Knopf, ed.)

Esse combustivel pulverizado promete mover trens e navios

MOTORES A CARVÃO PULVERIZADO

(Condensado do «Scientific American»)

Harland Manchester

HÁ CINCOENTA anos que alguns dos principais inventores do mundo vêm idealizando alimentar uma máquina de combustão interna com carvão pulverizado e barato, em lugar de gasolina ou óleo. Mas não haviam conseguido transformar essa idéia em realidade. O combustivel era duro e a cinza arenosa danificava a máquina. Contudo, representava uma brilhante esperança para os engenheiros que previam uma revolução industrial se se pudesse extrair o pó diretamente do carvão barato, em vez de ser este queimado menos eficientemente numa caldeira a vapor.

Isso é que foi agora obtido. No pavimento inferior de um laboratório da Universidade de Johns Hopkins, em Baltimore, nos Estados Unidos, a primeira experiência bem sucedida, no mundo, de carvão pulverizado para máquina, foi levada a efeito em dezembro último. O carvão betuminoso e de preço baixo entra por uma das extremidades. Reduzido, por um engenhoso mas simples mecanismo, a pó tão fino como o açucar refinado, é, em seguida, projetado numa câmara de combustão violenta. Purgado de cinzas nocivas por meio de um novo dispositivo, o gás combustivel, superaquecido, faz girar as lâminas de uma turbina. Em breve, esse novo gás estará desafiando a propulsão a óleo Diesel e a potência de vapor, não somente nas estradas de ferro como nos navios e usinas elétricas.

A importância de uma máquina que receba carvão e o faça atuar como óleo é realmente inegavel. Em contraste com a diminuição das reservas de óleo, existe carvão suficiente para durar milhares de anos. A gasolina e o óleo Diesel podem ser fabricados com esse carvão por meio de intrincado processo químico, mas é mais vantajoso queimar o carvão diretamente.

Há somente dois anos, essa nova máquina não passava de simples centelha nos olhos de um grupo de dirigentes de estradas de ferro e companhias de carvão, atiçada pelo presidente de uma empresa ferroviária americana. O grupo tinha que considerar um problema comum. As estradas de ferro auferem vultosa parte de sua renda do transporte de carvão, cujo consumo é portanto de seu interesse fomentar. Mas a maioria das locomotivas que consomem carvão são anacrônicas. Convertem em força motriz menos de oito por cento das unidades de calor do carvão; gastam tempo em se abastecer de água; sacodem os passageiros quando dão o arranque inicial; estragam o leito das estradas e maculam os campos de fumaça e cinzas. A macia locomotiva Diesel a óleo, de tamanha eficiência tornou antiquado o «cavalo-de-ferro».

Importantes companhias de estradas de ferro dos Estados Unidos, juntamente com algumas empresas de carvão, levantaram um milhão de dólares sob penhor e, em seguida, procuraram descobrir o homem capaz de construir a melhor locomotiva para queimar carvão.

Encontraram-no na pessoa de John Yellott, um dos principais engenheiros mecânicos do país e diretor do Instituto Tecnológico do Gás, em Chicago. Pouco mais de um ano atrás, Yellott transferiu-se para Baltimore afim de iniciar sua nova e empolgante tarefa. Viera preparado para despender nada menos de cinco anos na solução do problema, mas o fato é que sua turbina já estava funcionando antes do Natal do mesmo ano.

Na Universidade de Johns Hopkins, Yellott fez-me uma demonstração do seu trabalho, desde a carvoeira até a turbina giratória. A rigor—disse-me ele—não é bem uma invenção, senão o resultado de conjugarem-se coisas já inventadas.

O carvão brando, uma vez na carvoeira, é lentamente triturado num pulverizador que o reduz à expressão de café em pó. Por ser ainda demasiado grosseiro, passa em seguida por um processo de «atomização» em um aparelho que Yellott projetou e patenteou quando ensinava em Chicago. Nesse aparelho, o carvão filtrado é impulsionado a alta pressão através de um tubo de descarga onde a pressão do ar é subitamente descarregada. O ar entranhado nos poros do carvão tenta sair rapidamente e, em consequência, milhões de pequenas explosões fazem saltar as partículas de carvão em fragmentos microscópicos.

O carvão «atomizado» é um pó brando e penugento que dá a impressão de fuligem, quando esfregado entre os dedos. E é tão fino que se inflama instantaneamente como o óleo combustivel, quando introduzido numa câmara de combustão, criando o furioso fogaréu que o gás de turbina exige. Essa pulverização de carvão gasta apenas cerca de 2% da potência produzida.

O mais árduo problema que apresentava uma máquina desse tipo, e que vinha iludindo os inventores, era o de evitar a ação corrosiva das partículas impalpaveis denominadas «cinzas voadoras» sobre as lâminas da turbina giratória. Yellott resolveu esse problema removendo tais cinzas antes de atingirem as lâminas. O aparelho Aerotec, que precipita o pó, veio exatamente a tempo. Esse invento do tempo da guerra, utilizado em tanques, caminhões e aviões reduz consideravelmente o estrago produzido em tais máquinas pela areia. Funciona por meio de força centrífuga e limpa o ar como nenhum filtro o faria melhor.

Yellott instalou uma bateria desses precipitadores entre a câmara de combustão e a máquina. Em consequência, disse ele, o ar que a máquina rejeita é mais límpido que o ar absorvido. E se as experiências que estão sendo feitas forem coroadas de êxito, as cinzas retiradas pelos precipitadores serão espalhadas sobre os trilhos, substituindo as duas tonalidades ou mais de areia, transportadas presentemente pelas locomotivas para esse fim.

As vantagens oferecidas por essa nova máquina parecem a realização do sonho de um ferroviário. Calcula-se que a locomotiva de Yellott, ora em projeto, tão depressa seja construida, será três ou quatro vezes mais eficiente que as atuais locomotivas movidas a carvão. Não precisará de água, e isso representa extraordinária vantagem para as zonas áridas. Sem caldeiras a inspecionar e limpar e tendo poucas peças movediças, sua conservação será extremamente econômica. Será tão sólida que uma locomotiva, com

Dupla desgraça que envolveu S. Francisco há quarenta anos

Terremoto e incêndio em S. Francisco

(Condensado do «St. Louis Post-Dispatch»

Por Jo Chamberlin

NUNCA S. Francisco fora mais próspero do que nas alturas de abril de 1906. As lojas regorgitavam de fregueses, os teatros funcionavam superlotados e os hotéis, de tão repletos, recusavam hóspedes. Essa cidade de 400 mil almas estava na plenitude de sua tradicional euforia, desde os bairros residenciais dos milionários em Nob Hill até os cortiços de Market Street.

Enrico Caruso havia cantado a *Carmen* no teatro da Ópera, na terça-feira, 17 de abril. Nessa noite os retardatários tinham apenas começado a dormir quando foram violentamente atirados fora de suas camas. As casas oscilavam, as chaminés ruiam e as mobílias espatifavam-se ao fragoroso desabamento de tetos e paredes. A terra estorcia-se como se estivera presa de agonia; as ruas abriam-se em fendas.

O terremoto mais devastador que ainda ocorrera nos Estados Unidos deflagrou em S. Francisco, com terrivel estrépito e barulho, às 5 h 13 de quarta-feira, 18 de abril. Os peores abalos duravam cerca de 48 segundos; no entanto, pareciam durar uma eternidade. No correr do dia, sucederam-se tremores menores, causando geral devastação: inúmeras casas vieram abaixo, partiram-se os cabos de eletricidade e os encanamentos de gás e trens de ferro saltaram fora dos trilhos.

Outras localidades da Califórnia tambem sofreram estragos. A área atingida representava uns 500 km de extensão, ao longo da costa, e, em alguns lugares, tanto quanto 60 km de largura. Aí estava a conhecida falha de Sto. André, antiga brecha na superfície da terra. O deslocamento vertical do chão media 1m20; o horizontal, cerca de 3 metros. Gigantescas árvores, sequóias, cujas raizes estavam solidamente presas à rocha da ribanceira, foram lançadas no ar

como paus de fósforos, enquanto casas, celeiros e estradas se desfizeram numa nuvem de pó. No cabo Mendocino, situado a mais de 300 km da cidade, o navio *Argo* estremeceu da popa à proa.

Em S. Francisco os edifícios de estrutura de aço, construidos sobre sólidas bases, foram abalados, mas permaneceram de pé. Assim tambem os prédios de concreto reforçado. Mas as construções frageis tiveram os seus arcabouços de impostura completamente desmantelados em poucos e terriveis segundos. O palácio da Prefeitura, avaliado em sete milhões de dólares, ruiu. O da Justiça, onde funcionava a prisão, foi severamente danificado. No primeiro momento, os presos tiveram a impressão de que se estava fazendo uma tentativa para dinamitar o prédio e, por esse meio, libertar um detento condenado à morte.

Durante os primeiros abalos um gráfico, do último andar em que funcionava a sua oficina, lançou-se a descer rapidamente a escada para alcançar a rua. Nisto, os pesados prelos despregaram-se, caindo através dos soalhos rotos, e, a um só tempo, o tipógrafo e o prelo vieram ter no chão.

Uma centena de internados encontraram a morte ao desabar o casarão de um asilo de alienados perto de S. José. E, fato ainda peor, os loucos mais perigosos erravam entre os escombros do asilo, em grande algazarra, falando atabalhoadamente uns com os outros ou lutando com os guardas, numericamente impotentes para os conter.

Enrico Caruso estava hospedado no Pálace Hotel e disse mais tarde: «Despertei com minha cama balançando como se fosse num navio. Pela janela, vi os edifícios se movendo e grandes blocos de alvenaria caindo. Ouví gritos de homens, mulheres e crianças. O forro de estuque do hotel abateu com grande estrondo. Corrí à rua. Rapidamente, toda a cidade parecia envolvida num incêndio. Errei atoa o dia inteiro. Uma vez, tentei evadir-me, mas os soldados não me deixaram passar. De noite, dormí sobre o duro chão, e ainda tenho o corpo doido dessa áspera dormida.»

No dia seguinte, o mordomo de Caruso conseguiu alugar um carro a peso de ouro para os levar, com as bagagens, até Oakland, onde tomariam o trem para leste.

Estava tambem em S. Francisco, nessa ocasião, o ator John Barrymore, em seus 24 anos, às vésperas de embarcar para uma turnê na Austrália. Seu biógrafo, Gene Fowler, conta que Barrymore tinha assistido ao espetáculo de Caruso, no correr do qual travara conhecimento com uma encantadora dama, sentada a seu lado. Às 10 horas da manhã de quarta-feira, Barrymore surgia imperturbavel numa praça central, com o traje de gala da ópera. Seu empresário sugeriu-lhe que voltasse ao hotel para trocar de roupa. Barrymore assim fez, reaparecendo em seguida com um terno comum. Mais tarde, porem, lembrou-se de que deixara na outra roupa todo o dinheiro de que dispunha, uns duzentos dólares tomados por empréstimo. Correndo ao hotel, já o encontrou em chamas.

A um correspondente que transmitia pelo telégrafo um relato da catástrofe para o seu jornal em Nova York, Barrymore persuadiu a incluir um recado para sua irmã, Ethel, pois os primeiros relatos da catástrofe o haviam dado como perdido. E, num transporte de sua imaginação fantasiosa, escreveu que tinha sido jogado fora da cama pelo terremoto e perambulava, semi-conciente, pelas ruas, quando um soldado, pondo-lhe uma pá entre as mãos, o obrigou a trabalhar durante 24 horas nos escombros. Ethel Barry-

fatos que corroboram essas afirmações.

O primeiro testemunho da clarividência da diplomacia sueca ocorreu logo no princípio da guerra. A Suécia era impotente como possivel aliada das potências ocidentais. Suas fábricas dependiam inteiramente do carvão alemão. Suas forças armadas não poderiam ter mobilizado mais de 300 mil homens parcialmente treinados. Alem disso, 75 por cento de sua importação dependia do tráfego marítimo e a Alemanha podia, se quisesse, bloquear a Suécia.

Os nazistas insistiam em que podiam absorver toda a exportação sueca. A Suécia, porem, pugnava pelo seu direito de comerciar com ambas as partes. Os nazistas exigiam mais minério de ferro do que antigamente compravam; a Suécia recusou e, aliás, até reduziu a importação alemã de minérios de 25 por cento durante os anos de guerra.

No princípio de 1940, a Suécia teve de fazer face à sua primeira crise diplomática. Nessa altura—ano e meio antes do ataque nazista à Rússia—tanto a Rússia como a Alemanha faziam alarde da indissolubilidade do seu pacto de não agressão. Mas os diplomatas suecos mantinham certas dúvidas. Consideravam o tratado russo-alemão como uma aliança pouco natural, sujeita a um rompimento com o decorrer do tempo. Os serviços suecos de informação assim o confirmavam; os alemães sentiam-se sobretudo pouco à vontade sobre a possibilidade de as minas de niquel finlandesas passarem para as mãos dos russos, no caso de a Rússia derrotar a Finlândia. E, nessa ocasião, a Finlândia não estava longe da derrota.

Ao mesmo tempo, os franceses e ingleses apresentaram um pedido que abrigava possibilidades explosivas. Se a Suécia permitisse o trânsito de tropas aliadas, a França e a Inglaterra iriam em auxílio da Finlândia. Numa série de conferências secretas, o sr. Gunther, ministro dos negócios estrangeiros da Suécia, tentou dissuadir os aliados. Poderiam eles fornecer auxílio militar suficiente para salvar a Finlândia, em face das longas rotas de abastecimento? Gunther duvidava. Ainda mais importante era o fato de que qualquer ataque contra a Rússia, por tropas francesas e inglesas, ligaria a Rússia à Alemanha até que a França e a Inglaterra ficassem completamente esmagadas. Ousariam os aliados correr tal risco? Os franceses e ingleses, porem, teimavam. A 2 de março de 1942, pediram formalmente que a Suécia lhes permitisse irem em auxílio da Finlândia, em trânsito pela Suécia. O gabinete deste país reuniu-se à pressa e resolveu—por unanimidade—recusar o pedido. O rei concordou. Naquela mesma noite, Gunther expediu uma recusa formal aos franceses e ingleses.

Um dos jogos mais arriscados da história—uma nação ameaçada e cercada, por um conquistador furioso, auxiliou, por muitos meios, as nações que lutavam para sobreviver.

Desde então, tanto representantes da França e da Inglaterra, como tambem da Finlândia, admitiram que a decisão da Suécia salvara os aliados de serem aniquilados por uma coligação russo-nazista. É certo que, de outra forma, talvez as democracias estivessem ainda hoje a combater numa das maiores guerras da história.

Os astutos comerciantes suecos

Desde o princípio, o serviço de espionagem sueco deu provas de ser um dos mais perfeitos da Europa. Alguns dos agentes mais importantes eram comerciantes eminentes que tinham vivido na Alemanha durante anos e podiam circular livremente através daquele país, observando com tranquilidade. Em 1942, por exemplo, bombardeiros ingleses atingiram uma fábrica de gasolina sintética em Bentheim. Por acaso encontrava-se alí um comerciante sueco; vinte e quatro horas depois chegava à Inglaterra a notícia de que os bombardeiros tinham deixado ilesa a fábrica, cuidadosamente camuflada, e atacado uma instalação fingida. Dias depois, os aviões ingleses reduziram a cinzas a verdadeira fábrica.

A obra clandestina da Suécia ganhava cada vez mais força devido ao fato de que muitos alemães de alta categoria desprezavam Hitler e temiam que ele provocasse a destruição permanente da Alemanha. Nesse grupo dissidente encontravam-se: o almirante Canaris, chefe do serviço de informações do Estado-Maior alemão; W. Keppler, conselheiro econômico principal junto de Hitler e suposto nazista ardente; almirante Meisel, chefe das operações navais; e Karl Goerdeler, governador de Leipzig e chefe do controle de preços do Reich.

Em Berlim, na madrugada de 31 de março de 1940, bateram com insistência à porta do comerciante sueco S... O visitante era um médico que contava amigos íntimos entre o pessoal de Hitler. Arriscava a vida ao fazer essa visita, e revelou ter recebido naquele momento a comunicação de que fora marcado para 9 de abril um ataque à Escandinávia. Não sabia se esse ataque incluiria ou não a Suécia, mas certamente seria dirigido contra a Noruega e a Dinamarca. Em Estetin já estava concentrada a marinha.

Algumas horas depois reunia-se na legação sueca um grupo de funcionários nervosos. Teria mais alguem ouvido falar no caso? Não, mas houvera certas insinuações—alusões que pareciam não ter sentido, mas que agora se apresentavam bastante significativas. Tornava-se imperiosa uma providência imediata. Mas como? Havia um membro eminente da igreja sueca em Estetin em quem se podia ter confiança.

Naquela tarde um número de eclesiásticos—cidadãos pacatos gozando seu passeio domingueiro ao sol—infiltrou-se no porto de Estetin. Seu relatório foi palpitante. Os estivadores estavam carregando 40 navios com material de guerra. Em Berlim mensageiros levaram rapidamente a notícia aos ministros da Noruega e da Dinamarca; comunicações urgentes, cifradas, acumularam-se em Estocolmo. Ao fim da tarde o sr. S., por intermédio de amigos no quartel general de Hitler, descobria que a Noruega e a Dinamarca—mas não a Suécia—estavam condenadas à conquista.

Os ministérios dos negócios estrangeiros, porem, tanto em Oslo como em Co-

penhague, não podiam acreditar em tal notícia. Quando a Suécia os preveniu de que a invasão era mais que certa, o ministro dos negócios estrangeiros norueguês telefonou ao ministro alemão, e este lhe assegurou—muito em segredo—que os navios se preparavam para invadir a Holanda e a Bélgica! Os dinamarqueses voltaram a descansar. E no domingo acordaram ao troar do canhão das tropas invasoras.

Do ponto de vista emocional, o ataque à Noruega e Dinamarca foi como um Pearl Harbor sueco.

Depois dessa invasão, o tom violentamente anti-germânico da imprensa sueca despertou suspeitas no ânimo de Hitler quanto às intenções da Suécia. Em particular, amigos da Suécia no círculo íntimo de Hitler aconselharam-no a enviar uma delegação semi-oficial a Estocolmo para assegurar ao *Fuehrer* que a Suécia se manteria neutra. Essa garantia foi dada—mas ao mesmo tempo se declarava categoricamente que, se Hitler atacasse a Suécia, todas as fábricas estratégicas, todas as minas e todos os transportes ferroviários seriam destruidos instantaneamente.

Aumentou a fúria de Hitler contra a Suécia. Por intermédio de Goering, exigiu o trânsito, por estradas de ferro suecas, de alimentos e produtos medicinais para o setor de Narvique. Foi-lhe concedido com relutância. Alem disso, os alemães propuseram que alguns vagões adicionais, com material de guerra, fossem engatados aos trens, com a promessa de os suecos não os examinarem. Isso foi recusado terminantemente. Logo os nazistas se tornaram ameaçadores, enviando uma porção de aviões através da Suécia meridional. Os suecos, indignados, abateram sete aparelhos.

Entretanto os aliados tinham desembarcado em Narvique e repelido os alemães da cidade. A posição do exército alemão na Noruega norte-central era crítica. Num ataque furioso, von Ribbentrop comunicou a Arvid Richert, ministro da Suécia, que nova recusa para o trânsito de armas seria considerada como um gesto hostil; que Hitler não levaria em conta os meios, indo até à invasão, para salvar suas tropas.

Naquela noite—17 de maio—o gabinete reuniu-se durante as trevas do primeiro blecaute em defesa contra ataques aéreos. Parte da cidade fora evacuada; a fronteira estava guarnecida de tropas; fizeram-se saltar as pontes entre a Noruega e a Suécia. Na sala do conselho, o primeiro ministro Hansson tomou a palavra para relatar as exigências alemãs. Com ar digno, feições tensas e olhar frio, Hansson era, de modo geral, uma pessoa calma. Sua voz, porem, tremia ao terminar o discurso. «Se recusarmos, seremos provavelmente invadidos e conquistados; se acedermos, a Noruega tornar-se-á nossa inimiga figadal.» Fez uma pausa e continuou: «Quanto a mim, julgo que mais vale uma nação perecer com honra do que viver na deshonra. Temos de recusar!»

Sem uma voz dissidente, o gabinete concordou.

Se Hitler não cumpriu a sua ameaça de invasão, foi provavelmente em virtude da sua preocupação com a guerra-relâmpago através da França e dos Paises Baixos.

Ao findar do ano de 1940, surgiu um novo problema. Durante meses, não obstante os protestos alemães, a Suécia expedira milhares de toneladas de mercadorias para a Inglaterra, via Petsamo. Agora a marinha de guerra nazista bloqueava Petsamo, assim como o Escagerraque. No porto de Gotemburgo, na costa ocidental da Suécia, havia cinco

navios de guerra noruegueses, acabados de construir. Sob pressão da Alemanha, os noruegueses exigiam sua entrega; os suecos responderam evasivamente que os barcos não estavam acabados. Entretanto a Inglaterra necessitava desesperadamente de aço sueco, rolamentos de esferas e máquinas. Tinha recrutado cinco tripulações completas em Gotemburgo para furar o bloqueio. Permitiriam os suecos a partida dos navios para a Inglaterra, onde o governo norueguês em exílio tomaria posse deles?

Serenamente as autoridades suecas concordaram e forneceram barcos de patrulha para guardar os navios à medida que navegavam a todo o vapor pela costa sueca, carregados com 25 mil toneladas de carga preciosa. Perto de Lisequil—onde deviam iniciar sua corrida para furar o bloqueio—os navios ancoraram. Aquele inverno fora dos mais severos da Escandinávia; com os ventos frigidíssimos de janeiro, em breve se formou uma camada de gelo que rodeou os navios. O comandante George Binney, da Inglaterra, oficial-chefe da flotilha, mantinha-se imperturbavel. Conhecia a potência dos seus navios novos de 16 nós; calculava, e com razão, que os alemães a ignoravam. Durante vários dias, aviões alemães de reconhecimento cruzaram os ares. Depois, convencidos de que os barcos ficariam presos no gelo durante o inverno, abandonaram a vigilância. Naquela mesma noite a flotilha atravessou para o alto mar, escapando ao bloqueio. Todos chegaram sem novidade à Inglaterra, com aço bastante para manter a indústria inglesa de rolamentos durante muitos meses. Mais tarde, os ingleses construiram cinco cargueiros «de algibeira»—pequenos vapores com uma velocidade quase igual à dos destróieres—e com o auxílio da Suécia transportaram, em cada semana, carga valiosa para a Inglaterra durante toda a guerra.

Em princípios de 1942, circulou outra vez a notícia de que a Alemanha se preparava para invadir a Suécia. Agentes de espionagem na Alemanha e do movimento clandestino dinamarquês anunciaram um importante movimento de tropas alemãs em direção ao norte.

Durante meses Hitler hesitara: atacar a Suécia ou não? A princípio convencera-se de que a Suécia aderiria à causa alemã, por ser tambem um país nórdico. Agora chegava finalmente à conclusão de que a Suécia era fria e irrevogavelmente antagônica. Com a aproximação da segunda campanha de primavera contra a Rússia, precisava das linhas ferroviárias suecas para assegurar suas linhas de comunicação. Tomou então a decisão—a Suécia tinha de morrer.

Por todo o mês de janeiro, o plano geral do proposto ataque emergia peça por peça. O almirante Canaris, Keppler e Goerdeler contribuiram com informações preciosas. Da Dinamarca, Noruega e norte da Alemanha seriam lançados ataques por terra e mar, com uma força de 45 divisões. A data da invasão estava marcada para fins de fevereiro e o marechal de campo von Bock seria o comandante do exército invasor. Em fins de janeiro, o exército sueco estava mobilizado em peso e as tropas avançavam para as fronteiras.

Em Berlim, von Bock entrou irritado no quartel-general de Hitler, vociferando que «alguem preveniu os suecos»—mesmo as suas palavras textuais foram transmitidas pelo serviço de informação sueco—e exigiu mais 20 divisões. Hitler, porem, não podia desviar essas divisões da frente russa, ainda pendente. Foi devido à sua própria vigilância que a Suécia escapou.

A guerra clandestina

A NÃO ser os melodramas de capa e espada, poucas narrativas se podem comparar à história dos movimentos clandestinos dinamarqueses e noruegueses, de colaboração com os suecos. Uma das primeiras proezas sueco-dinamarquesas foi a passagem, em contrabando, de Niels Bohr, célebre físico dinamarquês, do seu país para a Suécia, e depois para a Inglaterra, donde seguiu de avião para os Estados Unidos afim de se tornar um valioso perito no desenvolvimento da bomba atômica.

No verão de 1943, os nazistas decidiram enviar os 8.500 judeus da Dinamarca para campos de morte. O serviço sueco de informação, com dez dias de antecedência, descobriu que se preparava o crime. Passou-se palavra aos judeus para se aglomerarem o mais furtivamente possível, todas as noites, na praia oposta a Malmö, ao sul da Suécia.

À luz das estrelas, a cena de libertação assemelhava-se aos tempos bíblicos, quando o mar vermelho se afastou para dar passagem às tribos de Israel. Em botes de remos fornecidos pelo movimento clandestino dinamarquês, em jangadas improvisadas, em portas despegadas das casas, lá iam os judeus, batendo os remos, nadando contra a maré; pálidos de terror, mudos, receando que um simples murmúrio acordasse as patrulhas alemãs. Durante sete noites, mais de mil pessoas se evadiram de cada vez; mulheres descarnadas, rabinos de longas barbas grisalhas, crianças a tremer de medo. Para alem das ondas escuras, esperavam inúmeros barcos nas águas suecas; em constante patrulha—com a artilharia em posição para qualquer interrupção alemã—deslizavam navios suecos completamente às escuras. Em silêncio, os judeus iam sendo retirados para a praia e numa semana quase toda a população judaica da Dinamarca alcançou a Suécia.

Quando a Gestapo descobriu a evasão dos judeus, reforçou as patrulhas e lançou à água cães amestrados, em perseguição dos refugiados que ainda por lá pudessem estar escondidos. Os suecos, com o auxílio do movimento clandestino dinamarquês encontraram um remédio para isso—um pó escuro, fabricado por um químico sueco. Composto de plasma de sangue humano, e cocaina, o pó foi espalhado pelos capitães dos navios em todos os portalós quando sentiam a aproximação das patrulhas. Atraidos pelo cheiro de sangue, os cães farejavam e seu faro desvanecia-se com a primeira lufada de cocaina. Depois disso, nunca mais encontraram passageiros escondidos.

A aliança formal da Suécia com o movimento clandestino dinamarquês realizou-se cerca de um mês depois. Leif Hendil, jornalista dinamarquês muito conhecido, que escapara de Copenhague, teve uma conferência secreta em Estocolmo com o sr. Gunther, ministro sueco dos negócios estrangeiros. Os judeus dinamarqueses e suecos, disse Hendil a Gunther, ofereciam-se para dar dinheiro, navios e equipamento para um correio, serviço de evasão e espionagem entre a Dinamarca e a Suécia, se esta garantisse abastecimentos regulares de gasolina. E o que era ainda mais importante, deviam-se mandar armas e munições para o movimento clandestino dinamarquês. Era essencial o auxílio secreto da polícia para falsificar documentos e dar proteção contra a Gestapo; as patrulhas do exército sueco no porto receberiam instruções para fechar os olhos. Com os alemães mal dispostos contra os suecos, havia razão para hesitar; porem Gunther e Hansson concordaram logo.

Hendil comprou uma dúzia de pequenos vapores. Navegando de noite, encontrar-se-iam com navios do movimento clandestino dinamarquês para trocar ordens secretas, tomar passageiros e passar armas e munições.

Durante a guerra, foram transportados mais de 1.800 passageiros entre a Suécia e a Dinamarca pelo movimento clandestino com o apoio da Suécia; só três pessoas foram capturadas por barcos alemães de patrulha. Entre os passageiros, contavam-se dezenas de aviadores americanos, cujos aparelhos tinham sido abatidos na Dinamarca. O serviço de transportes tornou-se tão perfeito que um refugiado, tendo esquecido os dentes postiços em Copenhague, os recebia na Suécia no dia seguinte!

As notícias diárias da Dinamarca eram colocadas sobre a mesa de Gote Friborg, comissário da polícia sueca em Helsingborg, às 10 da manhã, todos os dias—tal como os jornais. Friborg enviava-as depois para as legações aliadas. Eram transportadas pelo avião diário Copenhague-Malmö, num tubo escondido no motor. Outras mensagens, em código, eram transmitidas diariamente entre a Suécia e a Dinamarca através duma estação secreta de ondas curtas, fornecida pelo exército sueco. Um perito em telefones, arriscando a vida, provocou uma avaria no sistema telefônico de Copenhague e, quando o chamaram para fazer o conserto, ligou os fios da Gestapo de modo a que o movimento clandestino pudesse ouvir as conversas da Gestapo durante o resto da guerra. Por esse meio, foram interceptadas várias informações importantes, dificeis de obter.

Um dos maiores feitos do movimento clandestino foi realizado em princípios de 1944, quando uma bomba voadora V-I caiu numa ilha dinamarquesa, ao sul de Copenhague. Os agentes clandestinos rapidamente desmontaram o projetil, empacotaram-no em caixotes marcados «Equipamento de proteção aérea civil» e expediram-no por um barco costeiro para a Jutlândia. Alí foram os caixotes descarregados e transportados para a Suécia onde o primeiro-ministro Hansson os mandou enviar de avião para Londres. Se a Inglaterra teve a possibilidade de «improvisar» sua notavel defesa contra as bombas V-I—defesa que salvou Londres da destruição—foi devido ao fato de a Inglaterra ter pormenores da V-I inclusive sua velocidade exata, muitos meses antes da primeira bomba desse tipo rebentar no solo inglês.

Embora os aliados soubessem que as armas V estavam sendo aperfeiçoadas na Alemanha, não conseguiram descobrir onde ficavam situados os laboratórios, cuidadosamente camuflados. Um trabalhador do estaleiro sueco de Gotemburgo que cuidadosamente ia combinando o que ouvia ao longo do porto, descobriu que carregamentos de areia e cimento desembarcavam regularmente em Peenemünde, na costa setentrional da Alemanha. Alguns marujos contaram-lhe que se erguiam edifícios novos, quase acabados, nas densas florestas de pinheiros da região.

Fotografias de reconhecimento provaram a existência da nova e estranha cidade alemã na floresta. Em breve alguns agentes descobriram seu verdadeiro objetivo. Na noite de 17 de agosto, 600 bombardeiros ingleses atacaram a baixa altitude, provocando explosões tão terriveis que causaram a morte de cinco mil dos sete mil operários de Peenemünde, juntamente com a maior parte dos principais cientistas do laboratório.* A destrui-

*Vide: *Quarenta minutos que decidiram a guerra*, Seleções, janeiro de 1945.

ção de Peenemünde atrasou todo o programa das armas V por um período calculado em seis meses, o que poderia ter sido a causa de séria mudança no curso da guerra, alterando talvez de maneira irremediavel seu desfecho.

Os dias finais

Em 1943, a força militar e econômica da Suécia tinha atingido um ponto em que já podia demonstrar, mais claramente, sua simpatia pelos aliados. Em julho, o governo sueco mandou parar todo o tráfego alemão para a Noruega e Finlândia. E nos fins de 1944 acabou todo o comércio com a Alemanha pela recusa dos suecos de renovar os tratados comerciais com os nazistas. No entanto, mesmo antes disso, o comércio com a Alemanha tinha efetivamente cessado, por estar proibido não só o uso de portos suecos por navios estrangeiros, como o seguro contra os riscos de guerra de embarcações suecas que seguissem para portos alemães.

A repatriação de aviadores americanos realizava-se com certa impudência. Segundo a lei internacional, os soldados internados dos paises beligerantes só podem ser repatriados em número igual. Durante o último ano da guerra a Suécia tinha internado mais de mil aviadores americanos, e menos de cem alemães. Os suecos libertaram os americanos com a explicação de que estavam estabelecendo uma conta «de crédito» a favor da Alemanha; logo que mais 900 aviadores nazistas descessem em território sueco, seriam imediatamente repatriados para o Reich!

A Suécia, alem de auxiliar militarmente os aliados, tambem prestava assistência humanitária aos refugiados e às nações necessitadas em toda a Europa. Ao todo, só para a Noruega foram perto de cem milhões de quilos de víveres logo após o término da guerra; durante a guerra, cerca de 325 mil noruegueses, a maioria crianças, recebiam uma refeição por dia por meio de ofertas voluntárias da parte de um comitê sueco de assistência. Para a Holanda seguiu um carregamento de 15 mil toneladas de alimentos quando a população urbana corria o risco de morrer de fome em janeiro de 1945; para a Polônia foram enviadas ambulâncias, medicamentos e pessoal médico treinado. Contando com os créditos para reconstrução, o auxílio sueco para a Europa devastada já atingiu perto de 500 milhões de dólares ou mais.

Durante toda a guerra, a Suécia demonstrou um interesse profundo e contínuo pelos refugiados. Por meio de negociações pessoais com Henrich Himmler, o Conde Folke Bernadotte salvou dez mil pessoas dos campos alemães de concentração no início de 1945 e trouxe-as para a Suécia, sãs e salvas. Quando, em 1944, as vidas dos judeus húngaros corriam perigo devido à retirada alemã, a Suécia concedeu passaportes e proteção a mais de 40 mil indivíduos. Raoul Wallenberg, não-judeu, de 30 anos de idade e membro duma família de banqueiros suecos muito conhecidos, foi enviado para auxiliar a legação da capital húngara a proteger os judeus. Não obstante acusações clamorosas de «ilegalidade», ele desviou para Budapeste trens que seguiam para os campos de morte da fronteira da Hungria, escondeu milhares de judeus em edifícios alugados com recursos suecos e auxiliou outros a fugir do país. Um dia ou dois antes de os russos chegarem a Budapeste, Wallenberg desapareceu, presumidamente assassinado. Não se encontraram vestígios dele.

Saí da Escandinávia convencido de que a Suécia se portou com valentia e inteligência durante a guerra. Se a Suécia tivesse aderido à letra da sua neutralidade, nunca teria corrido perigo algum. Em vez disso, deliberadamente correu os mais graves riscos devido à sua crença moral nos princípios—de liberdade, justiça, respeito mútuo e verdade—pelos quais lutaram os aliados.

Belo exemplo

Dois humildes chineses discutiam acaloradamente no meio da rua, havendo em torno grande multidão de curiosos, entre es quais um estrangeiro surpreso por ver que não se trocavam bofetões. A isso, respondeu-lhe um amigo chinês: «O homem que dá o primeiro soco confessa que já lhe acabaram as idéias!»

—*Colorado Medicine*

Respostas ao teste da página 20

1. Devido a antiga superstição segundo a qual, quando alguem espirrava, a alma lhe saia do corpo momentaneamente, através das narinas, e o demônio poderia entrar, impedindo que a alma voltasse. E a benção afastaria o demônio.
2. No dia anterior àquele em que completa vinte e um anos.
3. Porque, assustados, procuram instintivamente o lugar em que já se acostumaram a encontrar refúgio e segurança.
4. Parece que esse costume se originou nos dias em que se viajava a cavalo, quando todo homem desconhecido era, potencialmente, um inimigo. Quando dois cavaleiros se aproximavam um do outro, cada qual se movia para a esquerda para que o braço direito, pronto a pegar sabre ou pistola, ficasse mais perto do estranho, pronta a vibrar um golpe.
5. O medo estimula as glândulas produtoras de adrenalina, que segregam então essa substância a qual faz contrair os pequenos vasos capilares da epiderme de modo que o sangue é, literalmente, espremido, afastando-se da pele. A raiva pode produzir reação semelhante; daí dizer-se «branco de raiva».
6. Num trecho pequeno, é o cavalo que corre mais. Num trecho mais longo, o homem. Em 1924, o cavalo Chidio II fez 200 quilômetros em 12 horas. E o atleta J. Saunders percorreu 230 quilômetros em pouco menos de 23 horas, em 1882. Mas os índios Taraumare, do México, conseguem fazer uma média de 160 quilômetros por dia, durante vários dias seguidos. Em 1924 organizou-se em Londres uma corrida de seis dias, entre um cavalo de corrida e um atleta. No quinto dia o cavalo, exhausto, precisou ser retirado. E o homem, ainda bem disposto, achava-se adiantado de quase 30 quilômetros.
7. Vapor. O miolo da pipoca contem umidade suficiente para causar uma pequena explosão de vapor ao ser aquecida.
8. Uma vez em cada 87 nascimentos.
9. Com cola. A mosca segrega uma quantidade pequeníssima de certo líquido viscoso, na parte membranosa de suas patas, e é esse líquido que lhe permite firmar-se assim nos tetos.
10. Porque não toca nada senão o fio, isto é, não tem «terra» para a eletricidade.

Frases pitorescas e poéticas

Quando o sol nas matas virgens a fogueira da tarde acendia (Castro Alves-1)... O murmúrio do rio encharcava as trevas (Afrânio Peixoto-2)... As árvores faziam um sussurro de sedas amarrotadas (Coelho Neto-3)... Anda lá fora o luar garoando no jardim (Olegário Mariano-4).

Olhos côr de serra ao longe (Humberto de Campos-5)... Teimoso como goteira em casa velha (Álvares Rubião-6)... Voz doce e lenta como um escorrer de mel (Eça de Queiroz-7)... Um bigode grisalho, tipo escova de dentes (Somerset Maugham-8).

Bacalhau: peixe passado a ferro (*A Manha*-9)... *Jipe:* automovel que assentou praça (Jararaca e Ratinho-10)... *Farofa:* alimento que se introduz no estômago como se lá houvesse uma placa: aceita-se aterro (*Careta*-11).

Com um gosto whisquisito na boca (Aporelly-12)... Cócegas de curiosidade (Machado de Assiz-13)... Um paletó de casimira ex-marron (Raquel de Queiroz-14)... Música com gosto de lua (Raul Bopp-15).

Hipótese: uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver o que seria se fosse (Anônimo-16)... *Fazer a corte:* um homem perseguir uma mulher até que ela o apanha (*Baslen Nachrichten*-17).

A multidão se dispersou como tinta em mata-borrão (Cezar Guimarães-)... Aquí não se dansa com, dansa-se contra (Érico Veríssimo-18)... A mocidade suga o domingo com todas as forças que tem (Rosalpina Orsini-19).

Debulhando um risinho de pouca vergonha (Raul Pompéia-20)... Cara de voto secreto (Patsy McClelland)... Hostil como a folha de uma figueira brava (João Corrêa)... Muito alem do equador da vida (B. Camacho-21)... Espalhando o olhar em leque pelos assistentes (A. de Figueiredo-22).

O medo fazia-me parecer um copo de refresco: gelado por dentro e suado por fora (João E. Machado)... A vitaliciedade da enxaqueca deu-lhe a aparência comprimida e seca de um frango assado de confeitaria (Emílio de Menezes-23)... Seis ou sete lugares comuns, que lhe tinham ficado dependurados na memória (W. Fernandez Flores-24).

Grandes batatais, como remendos verdes na planície (Miguel Torga-25)... Sobre as cercas rasas, os girassóis espiam como girafas (Mário Quintana-26)... Já o inverno abria cedo os portões da noite (Aluízio de Azevedo-27).

SELEÇÕES pagará cem cruzeiros por cada frase digna de publicação que os seus leitores lhe remeterem. As frases podem ser originais, ou extraidas de algum livro ou periódico, devendo sempre indicar-se a respectiva origem. No caso de duas ou mais pessoas nos remeterem a mesma frase, será publicada a que primeiro tiver sido enviada. Dirigir-se a: Seleções do Reader's Digest—Seção de Frases Pitorescas—230 Park Avenue, New York ou a Fernando Chinaglia, Rua do Rosário 55, Rio de Janeiro. Não se acusará recebimento das colaborações.

As colaborações que aparecem numeradas acima foram enviadas por: 1-Martins do Couto; 2-Laïs de Freitas; 3-Francisco Luiz de Oliveira Ribeiro; 4-Antonio Martins Eredia; 5-Antonio de Campos Gonçalves; 6-Camilo Garrido; 7-Maria Manuela Gonçalves; 8-Mário de Cerqueira Leite Jr.; 9-W. Barroso Leite; 10-Cezar Guimarães; 11-Lydia Mahfuz; 12-Stelio C. Boabaid; 13-Argentino Andreazza; 14-José Carlos Borba; 15-Geraldo Mateus; 16-Francisco Haddad; 17-Teofilo Barbosa; 18-Stelio C. Boabaid; 19-João Batista de Souza; 20-Iêda do Monte Teixeira; 21-Manuel Maria de Pimentel Teixeira; 22-Pe. Pedro Adrião; 23-Ajax Almada Junior; 24-Antonio Raúl Simões Neto; 25-Sra. Pereira da Camara; 26-Leopoldino Vieira Cidade; 27-José Edgard Migueis.

Agora já a população civil se poderá aproveitar da «Operação X», investigação médica que até aquí se manteve secreta e que salvou milhares dos feridos de guerra.

Objetivo X: salvar vidas

(Condensado de «Hygeia»)

Por Albert Q. Maisel

QUASE TODA a gente sabe que milhares de cães heróicos salvaram na guerra a vida de centenas de combatentes. No entanto, apenas um pequeno grupo secreto de médicos investigadores conhece a história de algumas dezenas de incisões que tornaram possivel o restabelecimento de dezenas de milhares de feridos. A imprensa não publicou artigos laudatórios. Os fotógrafos nunca penetraram nos bem-guardados canís. A investigação prosseguia, envolta no mais hermético segredo.

O silêncio, que rodeava essa obra de experimentação animal das Forças Armadas aliadas, não se destinava a esconder do inimigo os fatos. Era necessário, afim de proteger esse grande projeto da ira de um grupo de anti-vivisseccionistas americanos, ativos e bem organizados.

O procedimento misterioso que esses cientistas voluntários tinham de adotar pareceria divertido, se o propósito fosse menos sério. Médicos militares, de elevada categoria, eram forçados a despir suas fardas e a percorrer certa região rural dos Estados Unidos, num carro de aparência vulgar, à procura de alguns cães que os amigos lhes dessem de presente, comprometendo-se a guardar o maior sigilo. Essas «patrulhas» de peditório de cães efetuavam-se, em geral, de noite e às escuras, de preferência quando chovia, afim de evitar que alguem pudesse descobrir o conteudo do caminhão. E assim—ao mesmo tempo que na região se destruiam por semana centenas de cães vadios, com a aprovação dos anti-vivisseccionistas—a «Operação X» gradualmente ia juntando sua pequena cota de animais para experiências, sem os quais o projeto teria sido virtualmente impossivel.

Para se poder avaliar o magnífico resultado dessa obra, basta observar o caso do fuzileiro naval americano Robert Hall, transportado de Oquinava para os Estados Unidos com um estilhaço de granada no cérebro. Em três hospitais, os cirurgiões lutaram para lhe salvar a vida. Mesmo assim, quando chegou a um hospital de Washington, num avião-ambulância, estava moribundo, com uma meningite e abcessos no cérebro.

Desta vez os cirurgiões aplicaram um método novo. Injetaram doses maciças

de penicilina no canal raquidiano, por onde podia permear rapidamente para o cérebro ferido. Dentro de poucas horas, Hall recuperou os sentidos, saindo do estado comatoso; normalizou-se a respiração ofegante e rápida. Hoje é um homem saudavel. No entanto, nem ele nem centenas de outros feridos poderiam manter a menor esperança de salvação, se alguns animais não tivessem fornecido o meio de experimentar os novos milagres da medicina.

Para essa mesma enfermaria veio o marujo J. L. Sanders, de 22 anos. Um gigantesco abcesso do cérebro paralisara-lhe todo o lado direito. Dessa vez a penicilina foi injetada diretamente na cavidade do cérebro, antes de lhe fecharem a abertura do crânio. Mais uma vez a morte foi roubada duma vítima certa.

Nenhum desses homens sabia que a técnica a que deviam a vida tinha sido aperfeiçoada num laboratório de investigação da «Operação X», que custara dois milhões de dólares. E se por acaso se tivessem lembrado de pensar nisso, talvez se demorassem a calcular quantos homens teriam morrido antes que os cirurgiões chegassem a descobrir a quantidade de penicilina exatamente necessária para injetar no cérebro. O fato, porem, é que os cirurgiões do exército e da marinha nunca tiveram de experimentar cegamente em homens. Os seus colaboradores na «Operação X» resolveram esse e muitos outros problemas por meio de ensaios sobre um número de cães relativamente mínimo.

O marujo Harold Hirsch foi condecorado com a Estrela de Prata por heroismo; expôs-se a um pesado tiroteio do inimigo, em Ivo Jima, para salvar um camarada ferido. Hirsch foi retirado dessa batalha sangrenta com o braço esquerdo completamente esmagado. Os cirurgiões dispunham de métodos já muito experimentados, pelos quais podiam reparar os músculos e as artérias cortadas. Mas, nesse caso, havia tambem seccionamento dos nervos. A não ser que se conseguisse juntá-los, o braço ficaria paralisado para toda a vida. Há cinco anos, esse paciente não teria uma probabilidade em cinco de se curar. Hoje está recuperando tanto a sensação como o uso da mão, porque os cirurgiões da Marinha Americana foram capazes de reunir as pontas dos nervos cortados com uma folha delgada de tântalo.

Os médicos conheciam esse metal antes da guerra; mas só depois duma série de ensaios em cães, nos laboratórios secretos, eles aprenderam que o tântalo, envolvendo um nervo cosido, agiria como uma moldura inerte, protegendo as fibras delicadas até que estas se juntassem.

Cirurgiões europeus já usavam havia muito tempo pedaços de ossos de animais para reparar feridas do crânio humano, frequentemente com êxito espantoso. No entanto, muitas vezes tambem falhavam quando, depois de alguns meses, o osso inserido «morria», criando assim complicações que requeriam longos tratamentos. Tambem se usavam placas de prata ou de outros metais, mas estas causavam comumente reações indesejaveis.

Os cirurgiões militares americanos acreditavam que a inserção de placas de tântalo, metal espantosamente inerte, seria seguida por um crescimento progressivo de osso natural em volta do metal, até que o tântalo se tornasse virtualmente uma parte do crânio. Mas entre «acreditar» e ter a certeza havia grande diferença; não podiam aplicar o método em combatentes feridos sem efetuar primeiro experiências em animais. Hoje em dia, nos canís da «Operação X» existem muitos cães com «placas de tântalo», cujo ladrar feliz e ações normais testemunham o resultado satisfatório dessas experiências. E nas listas dos desconvocados das forças armadas americanas há nomes de centenas de homens com «placas de tântalo», que agora regressaram às suas vidas civís normais e que, de outro modo, estariam sob a ameaça constante de degeneração dos remendos de ossos, de longos estágios nas salas de operações e, em muitos casos, da morte.

Foram precisos apenas dezoito cães—todos anestesiados antes da operação—para resolver um problema de ferida do rim que, havia muito, preocupava os cirurgiões. O problema consistia no período de tempo que o ferido podia aguentar uma interrupção da circulação do sangue para o rim. Submeteram-se doze cães à suspensão da circulação do sangue do rim por um tempo máximo de duas horas. Todos escaparam. Seis, que foram sujeitos a uma interrupção de quatro horas, morreram. Foi assim provado que, quando se prolonga a esquemia renal por mais de três horas, há perigo iminente.

Imediatamente os regimentos de saude do exército americano, em todo o mundo, receberam instruções para dar prioridade especial aos que tinham sofrido feridas do rim e das costas e para operar esses homens no espaço de três horas. Graças ao sacrifício sem dor de seis animais, que de outro modo teriam sido asfixiados nas câmaras de cães vadios, salvaram-se centenas de feridos.

O choque—colapso respiratório e circulatório que se segue a feridas ou queimaduras graves—ceifou a vida de milhares de pessoas. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, a técnica de transfusão de plasma e de sangue já estava bastante aperfeiçoada. Os americanos, porem, não possuiam dados precisos sobre a quantidade exata desses fluidos, necessária para dominar o choque; uma dose pequena seria fatal; em demasia, poderia ser desastrosa. Os ensaios em cães forneceram bases seguras sobre a quantidade exata de plasma, por unidade de peso do corpo, necessária para evitar o choque em feridos ou queimados.

Alem disso, essa série de ensaios forneceu a base para a invenção da pomada contra queimaduras usada pela Marinha dos Estados Unidos com resultados espantosos, tendo salvo a vida e o rosto de mais de vinte mil marujos queimados por explosões.

Várias técnicas novas, aperfeiçoadas por meio de ensaios em animais, são frequentemente combinadas para salvar vidas humanas. John Pierson, forçado a saltar do quinto andar dum edifício incendiado, foi apanhado com uma fratura de compressão duma vértebra dorsal e outras fraturas sérias. Produziu-se a paralisia imediata da cintura para baixo, inclusive o funcionamento dos intestinos e da bexiga.

Transportado ao hospital, recebeu plasma e sangue, pelos métodos aperfeiçoados nos laboratórios secretos. A medula espinhal foi descomprimida e protegida por uma membrana animal—mais um método desenvolvido durante a guerra por meio da experimentação em animais. Aplicou-se espuma de fibrina para estancar o sangue—processo que não se poderia ter aperfeiçoado sem ensaios em animais. Hoje Pierson está vivo e leva uma vida normal.

A obra dos laboratórios secretos da «Operação X», durante a guerra, no que se refere a salvamento de vidas,

amputações evitadas e manutenção do equilíbrio nervoso, atingiu um total surpreendente. Agora, todos os resultados dessas descobertas da medicina de guerra servirá, é claro, para salvar vidas no tempo de paz.

Esses resultados conseguiram-se à custa de pouquíssimos animais. Em cada ano, os 70 especialistas da «Operação X» utilizaram alguns 20 mil ratos, 2.500 coelhos, 150 macacos, 100 cães, 45 ovelhas e 10 porcos. Apenas uma pequena fração desses animais foi à mesa de operações. Mais de nove, entre dez ensaios, não requerem senão inoculações ou processos semelhantes. Menos de quatro experiências numa centena acarretam a morte do animal, e nesses casos sempre se usa anestesia.

Segundo os regulamentos severos nos laboratórios da «Operação X», exige-se que «os animais sejam primeiramente anestesiados e se mantenham nesse estado até que termine a operação».

Apesar desses cuidados, e não obstante o valor há muito demonstrado dos ensaios em animais, os anti-vivisseccionistas profissionais continuam a sua propaganda insana. Somente agora, quando passou o estado de emergência, e mesmo até com certo temor, ousam os militares tornar pública a natureza dos métodos que serviram de base para tantas das mais retumbantes vitórias da medicina.

Liberdade de palavra

Em Berlim, um soldado russo e um americano conversavam sobre seus respectivos governos. O americano contou ao russo que, em seu país, podia, se quisesse, ir até a Casa Branca, bater na porta, mandar chamar o presidente Truman e depois «sacudir o dedo na cara dele e dizer justamente o que é que eu penso do sr. Harry Truman».

E o russo respondeu: «Pois eu tambem posso ir ao Kremlin, mandar chamar o generalíssimo Stáline, sacudir o dedo na cara dele e dizer justamente o que é que eu penso do sr. Harry Truman».

—Leonard Lyons

Liberdade relativa

Neste mundo, os felizes nunca são livres. Só os jovens querem, realmente, a liberdade, ou então aqueles que opõem à vida uma rija defesa, pois viver é sofrer. Os mais velhos e mais sábios não ignoram que só tem valor aquilo que se reparte, e o coração humano deseja eternamente pertencer a alguem. É sua maneira de escapar à solidão, seu apoio na fraqueza, um consolo para seu orgulho. Mesmo a juventude deveria refletir bem, antes de clamar por liberdade. Ser feliz não será melhor que ser livre? E somente nos aproximaremos da felicidade se formos bons para todos, se gostarmos de muitos e amarmos alguns, se formos necessários às pessoas queridas, e por elas benquistos.

—Mary Roberts Rinehart

O NOVO CAPITALISMO: *oportunidades para todos*

Condensado de uma alocução de despedida de Eric Johnston, ao deixar a presidência da Associação Comercial dos Estados Unidos

Nós, os homens de negócio, possuimos a chave para a construção de um novo capitalismo progressista. Somos por um padrão econômico mais elevado para a classe média, de modo a ficarem menos pessoas em baixo, menos em cima e mais no meio. Então porque não se deve aceitar a idéia de um salário mínimo razoavel? Isso não importaria em levantar o padrão de vida daqueles que estão em baixo? E não seria tambem um meio de levar mais gente para a classe média?

Dizemos lamentar os tempos de lassidão e as épocas de desemprego. Dizemonos favoraveis a empregos mais estaveis. Então, porque não adotar o sistema de salários anuais? Não seria um meio de conferir estabilidade aos empregos?

Costumamos dizer que desejamos realmente ver maior difusão de boas coisas no mundo. Então o remédio seria, logicamente, a participação nos lucros. Não seria justo dar aos trabalhadores um legítimo incentivo afim de produzirem mais para seu próprio proveito e tambem para o dos empregadores?

Estamos igualmente habituados a afirmar que desejamos melhores habitações e melhor educação para todos; que é preciso estabelecer mais alto padrão de saude e proteção à velhice, para todos; que anelamos por todas as coisas que exprimem verdadeira prosperidade geral.

Se, na verdade, queremos tais bens, é indispensavel que haja meios eficazes para sua obtenção. Não direi que os meios por mim sugeridos sejam o remédio completo. Direi que representam coisas a respeito das quais nós outros, os homens de negócio, deveríamos pensar se quisermos encarar o futuro por nós mesmos em termos de futuro para os outros.

O velho capitalismo é encarado como um sistema inteiramente automático— uma espécie de máquina de motu-contínuo acionada pelo interesse de lucro. Essa concepção é demasiado primitiva para as realidades modernas. Todo o processo de nossas idéias deveria ser elevado a um nivel conciente onde a responsabilidade perante o interesse público fosse a palavra de ordem. Já atingimos uma fronteira de desenvolvimento onde devemos modelar a história ao invés de nos resignarmos a ser por ela modelados.

Hoje somos chamados a optar entre a velha e a nova sociedade capitalista. Aquela está eivada de preconceitos empedernidos contra o trabalho organizado, contra a atividade do governo e contra a planificação coletiva. A nova e progressista defende o princípio de que o capitalis-

mo é uma instituição humana, vibrante e revolucionária, capaz frequentemente de ajustar-se por si mesma às novas condições, constituindo um instrumento maleavel a ser manejado para o bem de todos.

Quando assumí a presidência da Associação Comercial há quatro anos passados, a palavra «capitalista» era quase pejorativa. Sugeria inchação, protuberância. Os capitalistas engordavam sugando o sangue dos pobres e calcando-os sob os pés.

Mas dizer-se alguem socialista era moda e isso podia impressionar os melhores círculos. O capitalismo tinha que safar-se do melhor modo possivel.

Tudo isso estava errado há quatro anos e ainda hoje está. Lembro-me de haver afirmado que nós outros, homens de negócio, vivíamos intimidados em virtude das críticas que se faziam contra nós. Vivíamos tão sobressaltados que nos refugiamos numa pequena frase ociosa: «o sistema da livre concorrência», e algumas vezes, arrastando-nos até ás pontas da bandeira nacional, discorremos sobre «o sistema democrático de vida». Tudo que não fosse capitalismo...

Disse eu então: «Não podeis tomar um hausto de livre concorrência ou de um sistema democrático de vida e abrir uma fábrica com tais elementos. Para abrir uma fábrica e proporcionar empregos é preciso ter capital. A palavra adequada para exprimir a mentalidade nacional é pura e simplesmente capitalismo».

Devemos ter orgulho do sistema capitalista. O capitalismo de concorrência vem de vencer a maior guerra de todos os tempos. Não sejamos modestos a esse respeito. Nem a Inglaterra nem a Rússia teriam sobrevivido sem a infindavel torrente de mercadorias produzidas pelos Estados Unidos capitalistas.

De agora por diante, iremos empregar nossos esforços através de imensuraveis possibilidades do futuro sob uma nova rama do capitalismo. Assegura-nos esse direito a razão conjugada com recursos físicos, naturais e espirituais.

A definição de capitalismo em qualquer glossário é tão morta como um dinosauro: «Capitalismo—A concentração do capital. O poder de influência do capital quando este é retido em mãos de poucos.» Essa definição só se adapta à época dos monopolizadores.

Vamos arriscar outra definição: «O capitalismo é um sistema econômico de concorrência destinado ao enriquecimento de muitos, e não apenas de alguns poucos.»

Devíamos ser capazes de optar entusiasticamente por essa espécie de capitalismo. Aliás teremos de fazê-lo, se não quisermos que se percam as melhores coisas.

Mas é preciso *aplicar* essa definição. Haverá inevitavelmente algumas mudanças, indispensaveis diante dos novos conceitos, novas condições e novas idéias.

Poderá o capitalismo erguer-se contra o clamoroso desafio dos sistemas coletivistas em outras partes do mundo? Em uma época que tende para o mais vasto agrupamento de interesses econômicos—imensas sociedades anônimas, grandes sindicatos trabalhistas e autarquias do estado—poderemos conservar e fortalecer nossa mimada liberdade individual e as nossas instituições livres?

Afirmo que sim. E afirmo que não somente poderemos conservá-las mas tambem fazê-las florescer como nunca floresceram.

Sob o regime do capitalismo progressista, o indivíduo é um agente livre que tem o direito de agir de acordo com a sua própria vontade. Mas não tem a prerrogativa de avançar arrogantemente sobre o direito alheio. O homem é mais importante do que a máquina: a preponderância e a dignidade do homem se sobrepõem naturalmente à máquina. Esse é o conceito americano. E é um conceito bem recente, a contrastar com o antigo conceito totalitário da primazia do estado.

Aí reside a diferença entre a economia da Rússia e a das democracias ocidentais. Numa democracia capitalista, se um indivíduo cai no desagrado de seu patrão, poderá encontrar novo patrão em outra parte. Num regime totalitário, porem, o indivíduo não escolhe onde deve trabalhar. Só há um patrão, o estado.

O novo capitalismo reconhece a supremacia do indivíduo. Mas tambem admite que a moderna sociedade de produção em massa tem levado os indivíduos a se associar em grupos econômicos para seu bem-estar. Presentemente, os indivíduos pertencem ao sindicato, à sociedade comercial, à organização agrícola, e à sociedade profissional. Há indivíduos que transferiram algumas de suas liberdades a essas associações voluntárias de maneira a agir e trabalhar mais eficientemente na sociedade de produção em massa.

Essas modernas agregações econômicas, que constituem o fulcro do novo capitalismo, existem aquí e estão a caminho de adquirir grande solidez. Mas não podemos deixá-las agir precipitadamente. Porque, se não vierem a ser regulamentadas, se tornarão mais poderosas que o própio estado. E a menos que essa providência seja tomada, o novo capitalismo não poderá prosperar.

O novo capitalismo exige outro ingrediente básico: oportunidade igual para todos. Mas não pode haver essa oportunidade sem concorrência leal. O velho capitalismo foi monopolizador; estrangulou a concorrência e, portanto, asfixiou a oportunidade para os pequenos. O novo capitalismo deve estimular a concorrência e, consequentemente, abrir caminho à oportunidade. O objetivo é fazer de cada homem um capitalista.

A concorrência, a que me refiro, é a que proporciona oportunidade por meio de idéias, liderança e pensamento. Isso manteria os preços a um nivel razoavel, ensejando a todos uma vida melhor.

Reconhece esse novo capitalismo a supremacia do indivíduo, exige responsabilidade de ação de grupo e exalta a oportunidade?

Estamos enfrentando uma década decisiva. A maioria deve sentir a necessidade de participação nos lucros. De outro modo, terá um dia que se decidir por outro sistema que não o da democracia capitalista.

Veja-se o que aconteceu fora dos Estados Unidos. O velho capitalismo desapareceu virtualmente. Foi liquidado na Rússia. Está agonizando no continente europeu. E mal pode respirar na Inglaterra.

Durante os meus quatro anos de aprendizagem na Associação Comercial, fui levado a percorrer o mundo, e vi a morte do capitalismo com meus próprios olhos. Viajei inúmeras vezes pelos Estados Unidos. E isso me deu ensejo a falar, perante milhares de pessoas, do alto de plataformas públicas ou em seus locais de trabalho e até em redor de tornos mecânicos. E aprendí uma lição: a de que, em negócios, é preciso ceder ou fazer face à ameaça de liquidação econômica. A lei da vida tambem se aplica a esse caso: adaptar-se ou morrer.

Os homens de negócios têm a chave adequada para abrir a porta a esse novo capitalismo. E não devem destruí-lo. A responsabilidade é sua. Sua, a oportunidade e sua tambem, a decisão.

Flagrantes da vida real

Uma jovem californiana, casando-se, mudou-se com o marido para a recatada Nova Inglaterra e notou que, embora já estivesse instalada havia meses, nenhum dos vizinhos mostrara qualquer sinal de hospitalidade ou de acolhida amistosa. Afinal queixou-se à lavadeira, que lhe deu esta explicação:

—Mas tem que ser assim mesmo, dona, devido ao que andam dizendo da senhora...

—Dizendo de mim? exclamou a recem-casada, cuja conciência de nada a acusava.

—É, sim senhora. É por causa da roupa de baixo, que a senhora lava em casa. Pode ser que na Califórnia seja diferente, mas aquí não se usa botar calcinhas na corda para secar, à vista de todo o mundo. Aquí o costume é pôr essas coisas para secar *dentro das fronhas*, compreendeu?

—Lois Hanscom

* * *

Estava eu esperando meu trem na estação, quando vi uma menina, quase adolescente, que, aproximando-se de uma jovem mãe, visivelmente cansada de carregar dois bebêzinhos irrequietos, lhe perguntou, com um sorriso amigo;

—Quer que eu tome conta das crianças para a senhora poder descansar?

Durante quase uma hora a menina brincou com as criancinhas, ajudando depois a mãe a embarcar. Isso feito, passou a auxiliar outras mães em circunstâncias semelhantes, com eficiência e ternura. Em dado momento, não resistí à curiosidade e perguntei-lhe se estava tambem esperando a hora de algum trem.

—Não senhora. Eu moro aquí perto com a minha tia, e depois do colégio fico com o tempo livre e venho p'ra cá. É porque... (hesitou, emocionada)... nós éramos cinco, e quando viajávamos mamãe ficava tão cansada... Papai estava na guerra. Mamãe morreu há pouco tempo. Ela sempre dizia que eu tenho jeito para cuidar de crianças. Por isso eu venho para a estação ver se posso ajudar um pouquinho.

—Hazel Dannecker

* * *

Num dia de verão, com um calor abrasador, certo amigo meu viajava de automovel por desolada região, quando um dos pneumáticos do carro furou, e ele, irritadíssimo, viu-se obrigado a desembarcar para colocar o sobressalente na roda. Daí a pouco surgiu um velhote numa carrocinha puxada a burro, e parou diante do rapaz.

—Precisa de alguma coisa, moço? perguntou.

Enxugando o suor que lhe pingava da testa, meu amigo ergueu o olhar e, enervado, respondeu secamente: —Não! continuando na sua faina.

O velho, longe de se aborrecer, lá ficou olhando para ele, e depois apeou-se da carroça. Daí a pouco meu amigo percebeu que o sol não mais brilhava sobre sua cabeça. Erguendo novamente o olhar, viu então que o outro o abrigava com um imenso guarda-sol...

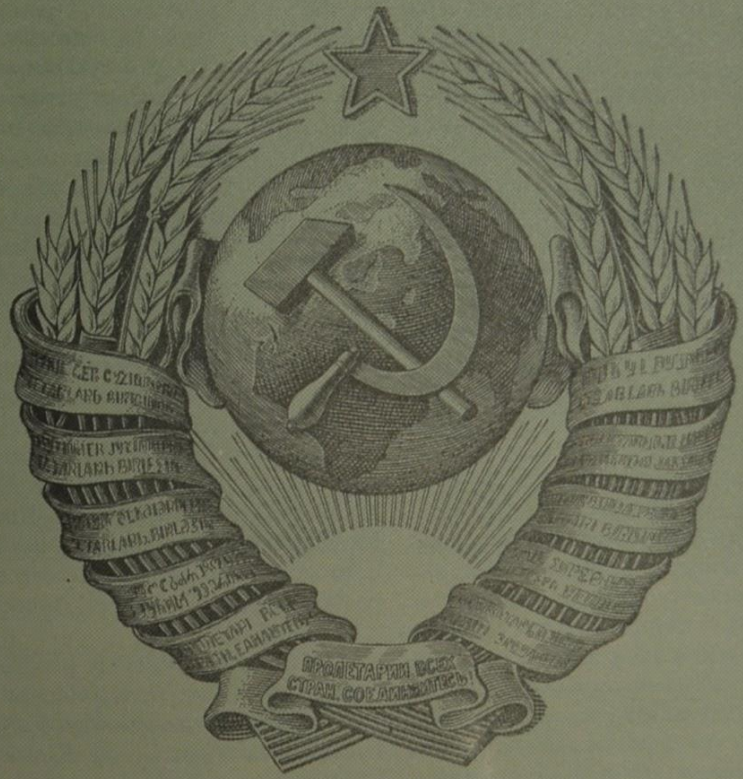
—Bem, pelo menos posso refrescar o ambiente um bocadinho, observou com bonhomia.

—Benjamin Fortson

EM FACE AO PROBLEMA DA UNIÃO SOVIÉTICA

Excertos do livro

The Great Globe Itself



Por William C. Bullitt

Ex-Embaixador dos Estados Unidos na Rússia Soviética e na França, tendo tambem ocupado o posto de Emissário Especial do governo americano no Oriente Médio.

Copyright 1946, William C. Bullitt, publicado por Charles Scribner's Sons, Nova York. Preço $2,50.

PARA se evitarem guerras futuras, é indispensavel que todos os indivíduos pensantes compreendam o fenômeno soviético. Ao contrário de muitos livros sobre as relações internacionais, este é escrito com brilhante lucidez e concisão. Alem de empolgante, contem preciosas informações construtivas. Tornar-se-á, sem dúvida alguma, objeto de muitas controvérsias. As páginas que se seguem constituem uma condensação do Capítulo II da referida obra.

O PROBLEMA DA UNIÃO SOVIÉTICA

«A UNIÃO SOVIÉTICA, como sabem todos os que têm a coragem de encarar os fatos, é regida por uma ditadura tão absoluta como qualquer outra neste mundo,» afirmava o falecido presidente Roosevelt a 10 de fevereiro de 1940. Pouco mais de um ano depois, quando Hitler já pisara toda a Europa e acabava de atacar a União Soviética, os Estados Unidos, em obediência a seus próprios interesses, deram aos russos toda a ajuda possivel na luta contra a agressão nazista. E, através dessa colaboração com os sovietes, o presidente Roosevelt esperava chegar a um *modus vivendi* com eles, destinado a garantir ao mundo uma paz estavel.

«O grande plano do presidente Roosevelt, no sentido de se estabelecer no mundo a paz baseada na lei, consiste em acolher a União Soviética como colaboradora sincera e pronta a cooperar nos acordos de após-guerra.» Assim escrevia Forrest Davis depois de uma palestra de duas horas com o sr. Roosevelt em seguida à Conferência de Teerã, acrescentando: «Interessado em alcançar esse objetivo, o sr. Roosevelt evitou tudo que pudesse melindrar o Kremlin. Em essência, sua política consistia em tranquilizar Stáline.»

Roosevelt esperava atingir esse alvo de três maneiras: (1) concedendo a Stáline tudo o de que este precisasse para a guerra, sem lhe pedir nada em troca; (2) persuadindo Stáline a apoiar as declarações de objetivos gerais, tais como a Carta do Atlântico; e (3) encontrando-se pessoalmente com Stáline para convencê-lo a aceitar os princípios democráticos.

Aqueles que criticaram essa política perguntaram na época: «Digamos que Stáline, apesar de todas as concessões, se mostre inflexivelmente decidido a manter sua própria política em face ao Ocidente?» Segundo Forrest Davis, a resposta estava em que «o sr. Roosevelt, jogando alta cartada, acredita que a União Soviética precisa de paz e está disposta a conseguí-la pela colaboração com o Ocidente».

Infelizmente Roosevelt perdeu a cartada, embora tivesse falecido antes dos atos do governo soviético na Polônia, na Hungria, na Áustria, na Rumânia, na Bulgária, na Iugoslávia, na Alemanha, no Irã, na Manchúria e na Coréia. Stáline não se converteu. Os acontecimentos de 1945 vieram provar que tanto a Carta do Atlântico quanto a Declaração de Ialta constituiram para ele uma espécie

de pele de carneiro a ser usada até o momento em que o disfarce se tornasse desnecessário. Acabara a guerra, mas não havia sinais de paz. O «grande plano» de Roosevelt falhara. Stáline, sim, ganhara uma alta cartada.

Os povos da União Soviética vivem numa região de imensas riquezas, escassamente povoada e mal desenvolvida; tão extensa que compreende um sexto da terra. Esses povos andam ansiosos por um padrão de vida mais elevado e principalmente pela paz. Agora que se desarmaram a Alemanha e o Japão, as grandes potências só desejam a amizade da União Soviética. Em tais circunstâncias, qualquer governo do mundo deveria logicamente querer a paz, e nada mais. Se assim é, porque então o governo soviético parece desejar ainda a expansão?

Encontraremos a resposta nas próprias fontes da história dos sovietes. Algumas dessas fontes acham-se na história da civilização russa; outras, na doutrina comunista. A União Soviética tem isto de *sui generis* entre as grandes nações: alem de ser um Estado, é tambem a sede de uma doutrina internacional. Compreendê-la como Estado é importante. Compreender o credo comunista é vital, pois é daí que emana a política exterior soviética. Vejamos, pois, de início, como cresceu a Rússia czarista.

A origem da desconfiança russa

OS RUSSOS entraram na História como habitantes das planícies ucranianas e das florestas da região Novgorod-Moscou. Sua terra era plana, sem a proteção de qualquer fronteira natural: vasta área mal-defendida, indefesa, na grande planície que se extende da Mongólia até Bordéus.

Nessa longa e fertil planície asiático-européia, desde a alvorada da História, tribo após tribo de nômades selvagens migraram para o oeste, movendo-se sem dificuldade através das estreitas gargantas dos Montes Urais que, em grande parte, são menos montanhas que colinas. Foi por esse mesmo caminho, provavelmente, que os russos alcançaram as terras onde se instalaram. Contra as hordas selvagens que os seguiram, mal podiam proteger-se. Alem disso tinham tambem, pelo norte, sul e oeste, outros vizinhos hostís. Muitas vezes foram subjugados. Sua história é trágica pela frequência com que nela ocorreram a guerra, a fome, a tortura, o assassínio e a escravidão. Na dura escola da experiência, aprenderam a ver em todo estrangeiro um inimigo que tentaria matá-los e lhes roubar as terras. De vez em quando os russos, alcançando um armistício temporário com seus vizinhos, davam-lhe o nome de paz. Jamais, porem, conheceram a existência pacífica de estados vizinhos vivendo lado a lado, com fronteiras fixadas e aceitas sem discussão.

Forçados, pela terrivel contingência de sua história, a uma atitude de suspeita e desconfiança, os russos viram-se tambem obrigados a aprender a arte da simulação ao mesmo tempo que aprendiam a da guerra. Tornou-se, neles, uma segunda natureza essa preocupação de sorrir aos estrangeiros, acolhê-los hospitaleiramente, sem abandonar, no entanto, a cautela e a discreção.

Os russos estão entre os grandes povos mais fortes e enérgicos da Europa, e era forçoso que assim fosse, para que pudessem sobreviver. Atravessaram penas e sofrimentos atrozes sem que diminuisse sua rijeza. É uma gente de grande força física, intelectual e emotiva, sendo de notar que a mulher russa ultrapassa o homem nesses predicados. Sempre tra-

balhou mais que o marido, alem de dar-lhe filhos; e assim ocorre até hoje. Já houve quem vencesse os russos no campo de batalha; nunca, porem, no plano da natalidade.

Sete séculos de despotismo

Através de toda a sua história, salvo em momentos de anarquia incipiente, os russos foram governados por ditadores. Nunca souberam o que significa viver em liberdade, dentro da ordem.

A forma despótica do estado russo consolidou-se quando, em 1240, os russos foram derrotados por Batú, neto de Gengiscão, fundador do grande império mongol. Durante dois séculos os russos viveram sob o jugo dos mongóis. Os poucos príncipes russos que escaparam à morte foram forçados a reconhecer sua própria submissão ao Cão da «Horda Dourada». Eis o que diz o historiador Vernadsky: «A influência mongólica encontrou expressão em muitos aspectos da estrutura de governo e da sociedade russa. O estado mongol era construido sobre o princípio de submissão total do indivíduo ao clã e, através do clã, ao estado. Pouco a pouco o povo russo se foi imbuindo desse princípio, que levou ao serviço universal obrigatório, exigido de todas as classes sociais. Tomadas em conjunto, tais idéias equivalem a um gênero, todo especial, de socialismo do estado.

«Os mongóis trouxeram tambem um conceito novo sobre os poderes do príncipe. O poder ilimitado do Cão era implacavel e autocrático, e todos tinham de submeter-se a ele incondicionalmente. Ao terminar o seu reinado, esse conceito da autoridade do príncipe foi transferido aos seus sucessores.»

Desde a época dos mongóis até hoje, os russos têm sido forçados a viver em estados totalitários sob a tirania de um ditador absoluto.

A conquista da Rússia pelos mongóis teve sobre a Igreja russa influência idêntica àquela que exerceu sobre o Estado. O cristianismo chegara tarde à Rússia. Em 987, Vladimir, Grão-Duque pagão de Quieve, enviou emissários para estudar as religiões das nações vizinhas. Baseado em seus relatórios, escolheu a Igreja Ortodoxa Grega, deixando-se batizar, ele próprio, em 988. Converteu então seus súditos pagãos ao cristianismo, dando assim ao povo russo a maior fonte de consolação que jamais teve através de sua trágica história.

Os Cães mongóis não tentaram destruir a Igreja; pelo contrário, tornaram-se seus protetores, garantindo-lhe os direitos e a integridade de seus bens. Era tão selvagem, porem, o seu domínio, que muitos homens, desejosos de fugir ao mundo material, passaram a viver nas florestas como eremitas. Aos poucos foram sendo erigidos grandes monastérios, que se tornaram os principais centros da vida cultural russa. Em toda parte, desde as cidades às menores aldeias, a Igreja tornou-se o símbolo da decência humana e da esperança num mundo de horrores.

Os russos logo demonstraram ser um dos povos cristãos mais profundamente religiosos, e seus dirigentes não tardaram em usar essas emoções religiosas para fins políticos. Quando os turcos capturaram Constantinopla em 1453 e destruiram o Império Romano de leste, o Grão-Duque de Moscou, Ivã III, começou a propagar a idéia de que ele se tornara o sucessor de Constantino, o único protetor legítimo da Igreja Ortodoxa acrescentando que Moscou era agora «a terceira Roma». Para dar maior colorido, por assim dizer, às suas reivindicações, casou-se

finalmente com a sobrinha do último imperador de Bizâncio.

Assim se originou a crença mística dos russos segundo a qual «Moscou é a terceira Roma», donde emanam luz e poder para guiar todos os homens à probidade e à decência. É facil a qualquer povo acreditar que é superior aos outros povos, atribuindo-se a missão de trazer a luz aos que vivem na escuridão. E os russos, fundamente religiosos, convenceram-se de que eram o instrumento eleito por Deus para salvar o mundo. A partir da captura de Constantinopla pelos turcos, esse ideal messiânico jamais se ausentou do espírito russo. Os czares utilizaram-no para desencadear suas guerras não só contra os muçulmanos como tambem contra as nações cristãs; e mesmo os comunistas, anti-religiosos por excelência, utilizam-no para melhor alcançar seus objetivos expansionistas.

A polícia secreta—tradição czarista

Assim, ao cabo de dois séculos de domínio mongólico, emergiram duas noções que ainda constituem forças vitais na União Soviética:

1. A idéia de que é natural viver sob uma ditadura num estado totalitário;
2. A idéia de que Moscou está fadada a governar e salvar o mundo.

Ivã IV, chamado «O Terrivel», czar de 1547 a 1584, introduziu na vida russa outra idéia, incorporada numa instituição *sui generis* que ainda hoje existe: a polícia política secreta. Ivã deu-lhe o nome de *Oprichina*, sendo seus membros *Oprichniki*. Competia-lhes descobrir os súditos infiéis e puní-los com a crueldade mais selvagem que se possa imaginar. Seu emblema era uma cabeça de cão e uma vassoura, simbolizando a missão de farejar os desleais e varrer os inimigos do czar.

Ivã o Terrivel era um sadista de grande força física e imensa energia. (Matou o filho com suas próprias mãos.) Não era estimado pelos nobres russos, que se chamavam «*boyars*», e decidiu «liquidá-los». Dessa tarefa foram incumbidos os *Oprichniki*, com plenos poderes para matar todos os *boyars* que quisessem, violentar suas mulheres e apoderar-se de suas propriedades. Aos *Oprichniki* muito agradou essa missão, e, quando os *boyars* já se iam tornando escassos, resolveram os policiais ir à cata de outras vítimas. Em certa ocasião massacraram sistematicamente a maioria dos habitantes de Novgorod. Na Praça Vermelha, em Moscou, Ivã o Terrivel ordenou que se assassem vivos centenas de cidadãos que já não lhe eram *personae gratae*. Quando se passou tudo isso, Shakespeare era vivo, a rainha Elisabete ocupava o trono da Inglaterra e a Magna Carta já vigorava havia 350 anos. Eis o espaço de tempo que separa os russos da civilização ocidental.

A instituição da *Oprichina*, por Ivã o Terrivel, nunca mais desapareceu do aparelho de governo na Rússia. Mudou-se seu nome—no tempo do último czar chamava-se *Okhrana* e era menos cruel que a *Oprichina*—mas seu carater fundamental não se alterou.

Lênine e Stáline chamaram-lhe, a princípio, a Cheka, depois a OGPU e mais tarde a NKVD, herdeiras diretas da *Oprichina*, cujos métodos violentos amedrontaram e intimidaram o povo russo. O curioso é que, embora Ivã fosse considerado, durante séculos, a personificação do mal, pelos russos de todas as classes, Stáline propôs-se, há poucos anos, desmentir a fama do antigo déspota.

Ivã distribuiu as terras, aldeias e cidades de suas vítimas aos seus *Oprichniki*,

organizando novo tribunal composto desses eficientes assassinos. Assumindo o título de czar (que, como se sabe, significa Cesar), criou no entanto um tribunal fantástico à semelhança de monastério, onde os *Oprichniki* usavam túnicas negras e misturavam orgias e preces. Os *Oprichniki* perceberam que suas propriedades seriam mais lucrativas se proibissem os lavradores, que lá viviam, de mudar-se para outros sítios. Já se restringira extraordinariamente a liberdade dos camponeses, mas Ivã decretou, em 1581, para agradar a seus policiais, que os campônios e suas famílias não tinham permissão de transferir-se; assim se estabeleceu nova espécie de escravidão. No ocidente, escravizavam-se os negros, com uma diferença: na Rússia os servos pertenciam, não ao proprietário, mas à terra, e só podiam ser vendidos se a terra tambem o fosse.

Visto que os camponeses constituiam, na época, a maioria da população, quase todos os cidadãos se tornaram escravos. Só foram liberados dessa servidão a 3 de março de 1861, e assim, durante 280 anos as massas russas viveram em estado de terrivel opressão.

Foi Ivã o Terrivel que iniciou a verdadeira expansão da Rússia, até fazer dela um enorme território que compreende um sexto da superfície da terra. Em 1552, Ivã capturou Cazã aos tártaros e em 1554 tomou Astracão. Assim a maré humana começou a voltar por sobre a longa planície através da qual os mongóis haviam penetrado na Europa. Nos últimos 400 anos os russos conquistaram 168 povos e tribos diferentes. Em 1935, a União Soviética imprimia cartilhas de ensino primário em 165 idiomas e dialetos!

O estabelecimento do controle russo sobre a Sibéria e a conquista dos povos muçulmanos que habitavam grande parte do sueste russo, da Criméia, do Cáucaso e da Ásia Central foi um processo longo e lento, mas constante; e finalmente os russos consolidaram sua posição nas praias setentrionais do Oceano Pacífico.

Os planos quinquenais dos czares

Quando tentaram atingir o Atlântico, encontraram oposição muito mais forte. Aí estavam os baluartes vanguardeiros da civilização ocidental, em estado mais avançado que eles, e assim não conseguiram prosseguir.

Pedro o Grande, habil czar que governou de 1682 a 1725, decidiu trazer novo surto de progresso ao país, introduzindo-lhe a indústria européia. Visitou a Europa ocidental e estudou aí a técnica industrial. A civilização européia achava-se em elevado nivel. Na França reinava Luiz XIV que, de seu palácio em Versalhes, dirigia um estado cujo nivel de cultura e bem-estar era mais alto que qualquer outro após a queda do Império Romano.

Pedro, alem de implacavel, era dotado de excepcional energia e inteligência, e estava decidido a europeizar a todo custo a vida econômica da Rússia afim de desenvolver o poderio de seu país para a guerra. No entanto, como escreveu Klyuchevsky, grande historiador russo: «Seus atos benéficos eram executados com violência revoltante. A reforma, que Pedro empreendeu, era nada mais nada menos que uma luta de déspota contra o povo, contra a inércia deste. Esperava que, pela ameaça de sua autoridade, pudesse despertar a iniciativa daquela sociedade escravizada, e que, através da nobreza proprietária de escravos, conseguisse propagar a educação popular, como condição necessária à iniciativa

social. Queria que o escravo, apesar de continuar escravo, soubesse agir conciente e livremente. O entrelaçamento de despotismo e liberdade, instrução e escravatura—eis a quadratura política do círculo, o enigma que vimos tentando resolver há dois séculos desde o tempo de Pedro, e ainda sem solução.»

O próprio Stáline procura essa solução. Os projetos de Pedro foram os precursores dos planos quinquenais de Stáline. E aquele, como este, impôs tais planos aos cidadãos mais ou menos relutantes. Pedro introduziu certas indústrias, modernizou o exército e conseguiu criar a primeira Armada russa. À sua semelhança, Stáline tornou-se «um apóstolo da civilização com pulso de ferro».

Pedro buscava, como primeiro passo rumo ao Oeste, «uma janela sobre a Europa». Mudando a capital de Moscou para as charnecas que ladeiam o rio Neva, construiu, sobre colunas, S. Petersburgo, que é hoje Leningrado. Para manter e ampliar essa «janela sobre a Europa», derrotou os suecos, e, em 1721, anexou a Estônia, a Lituânia e partes da Carélia e da Finlândia.

Pedro revelou, em relação à Igreja, menos boa vontade que os Cães mongóis. Quando o patriarca de Moscou, chefe espiritual da Igreja Ortodoxa, se lhe opôs, o czar aboliu o patriarcado, colocando em seu lugar uma repartição de governo, o Santo Sínodo. Assim foi que Pedro passou a dominar a Igreja, da mesma forma que Stáline a controla através do Comitê dos Assuntos da Igreja Ortodoxa.

O trabalho de Pedro, no sentido de reforçar seu despotismo e seus exércitos pela ciência e pela indústria européias, foram continuados por seus sucessores; e a corte russa, no reinado de Catarina a Grande, de 1762 a 1796, tinha todo o aspecto exterior da vida ocidental; no entanto, atrás dessa fachada, o camponês russo ainda vivia na mais negra escravidão e miséria.

Catarina, ambicionando a glória militar, preparou em segredo um audacioso plano de agressão. Seu primeiro objetivo consistia em apoderar-se das praias do Mar Negro, dos Balcãs e de Constantinopla. Atacou a Turquia, obtendo grandes territórios, mas não atingiu Constantinopla. Seu segundo objetivo era a Polônia.

A Polônia, naquela época com cerca de 11 milhões de habitantes, vivera em regime parlamentar desde 1493. Desejosos, porem, de dar aos cidadãos toda a liberdade pessoal possivel, levaram os poloneses tão longe a execução desse ideal que o Legislativo se tornou excessivamente forte, em detrimento do Executivo, e este, debilitado, não pôde organizar a proteção do Estado. Por isso foi facil, para os agentes e as tropas de Catarina, conquistar a Polônia. Como medida de precaução contra a guerra com a Prússia e a Áustria, ela fizera desses países cúmplices em seu atentado, repartindo com eles os espólios: primeiro em 1772, outra vez em 1793, e finalmente em 1795, depois que os poloneses de todas as classes haviam combatido heroicamente pela liberdade. O nome da Polônia foi varrido totalmente do mapa da Europa.

A Rússia, partindo e repartindo, ficou com a maior fatia. Mas a Polônia foi um osso duro de roer. Seus cidadãos adotaram como lema estas palavras de seu hino nacional: «A Polônia não morrerá enquanto vivermos.» Quando um povo já conheceu a liberdade, por mais exígua que tenha sido, não se deixará facilmente subjugar por uma tirania do gênero da dos Cães mongóis. E o neto de Catarina,

Alexandre I, viu-se forçado a acatar as reivindicações dos poloneses no sentido de uma constituição. Em 1815, Alexandre deu-lhes um estatuto que unia a Polônia à Rússia na pessoa do czar, concedendo porem aos poloneses uma entidade política distinta, um parlamento, liberdade de imprensa e o direito ao uso do pavilhão nacional.

Os súditos russos do czar, contudo, receberam com ressentimento a notícia de que aos poloneses vencidos eram outorgados direitos de que eles próprios não desfrutavam. Era, de fato, uma contradição bem estranha, e os russos passaram a exigir os mesmos direitos. Em 1832, em seguida a uma revolta na Polônia, a autocracia russa solucionou aquela situação contraditória, e o fez de maneira caraterística. Em vez de conceder aos súditos russos os mesmos direitos dos poloneses, suspendeu-os tambem na Polônia. Assim se equilibrava tudo num só nivel; o nivel russo, mais baixo do que aquele que os poloneses conheciam.

Bem verdadeiras são as palavras que escreveu Sir Bernard Pares, ao tratar dos acontecimentos de 1832: «A Polônia caiu inteiramente sob o governo burocrático da Rússia... Era como se a Rússia só pudesse manter a Polônia descivilizando-a.» Em 1918, a Polônia reconquistou sua independência. Em 1939, foi de novo varrida do mapa pelas hordas de Hitler e de Stáline. Os dois governos totalitários abraçaram-se sobre o corpo do país tombado, e Stáline telegrafou a von Ribbentrop nestes termos: «A amizade que liga os povos alemão e russo, cimentada pelo sangue, só pode ser firme e duradoura.»

Hoje há tropas russas na Polônia. Instalado em Varsóvia, acha-se um governo títere controlado por Moscou. Infelizmente tudo indica que os russos não estarão mais dispostos agora, do que há 114 anos, a conceder aos poloneses direitos ainda não outorgados aos russos. A autoridade russa, baseada na polícia secreta, aplica-se igualmente à Polônia, e os poloneses só se livrarão desse jugo por meio de medidas que os russos considerariam provocadoras e hostís a eles. O mesmo se dirá em relação à Estônia, à Lituânia, à Letônia, à Hungria, à Bulgária, à Tchecoslováquia, à Áustria e à Alemanha. O vigilante olho do Kremlin vê servos ou inimigos em torno de si; e os vizinhos da Rússia, não querendo ser uma coisa, vêem-se obrigados a ser outra. Realmente, por diversas circunstâncias, a Rússia precisa fazer baixar o padrão de vida dos paises por ela conquistados, e é o que sucede no momento.

Tentativas de democracia

O PRIMEIRO sinal exterior do interesse dos russos pela democracia política e pela liberdade individual surgiu em seguida à invasão de Napoleão na Rússia. Derrotando Napoleão, os exércitos russos marcharam rumo a París. Na França e na Alemanha os oficiais russos viram um padrão de vida, de cultura, de liberdade e felicidade muito mais alto que o seu, e, ao voltar à pátria, alguns deles se puseram a promover sociedades secretas destinadas a alcançar a reforma social. De seus programas constava a abolição da servidão, e a de S. Petersburgo preconizava mesmo a adoção de uma constituição democrática baseada naquela que já vigorava nos Estados Unidos.

Quando morreu o czar Alexandre em dezembro de 1825, a disputa quanto à sucessão ao trono deu aos conspiradores uma oportunidade de agir. Organizaram um motim em S. Petersburgo, mas o governador militar sufocou a revolta facilmente com alguns tiros de canhão. Cento e vinte «dezembristas», como eram chamados os conspiradores, foram processados, e cinco deles condenados à morte.

No entanto, as ondas democráticas desencadeadas pelos dezembristas continuaram a varrer a Rússia através do século XIX; em 1905, atingiram as proporções de um maremoto e finalmente, em 1917, submergiram o czarismo. Durante esses 92 anos borbulhava na Rússia um fermento político, econômico, intelectual e artístico. Nessa época surgiram soberbos escritores, tais como Pushkin, Dostoievsky, Turguenev, Tolstoi e Tchecove; compositores notaveis, como sejam Glinca, Tchaicovski, Mussorgski e Rimski-Korsakov; e o balê subiu ao nivel de uma grande arte. Mendelieve, Pavlove e muitos outros cientistas russos realizaram extraordinários trabalhos de pesquisa. A estrada de ferro e a indústria começaram a transformar a economia que, até então, fora essencialmente agrícola. A população cresceu enormemente, atingindo 170 milhões em 1914.

Só os czares pareciam insuscetiveis de desenvolvimento. Apegavam-se a sua autocracia e toda vez que faziam esta ou aquela concessão às forças progressistas, era com parcimônia e em geral tarde demais. Aliás, só se dignavam a tais concessões quando, após qualquer derrota nos campos de batalha, seus súditos não mais reprimiam a fúria que os empolgava. Quinhentas e cincoenta e seis revoltas locais dos camponeses tiveram lugar durante o reinado de Nicolau I, de 1825 a 1855; no entanto, a única medida que ele teve a capacidade de tomar foi a supressão da liberdade de pensamento. Ao cabo de seu reinado, porem, meteu-se na Guerra da Criméia contra a França e a Grã Bretanha, legando a seu sucessor, Alexandre II (1855-1881), terrivel derrota. Alexandre II, homem vacilante, embora bem intencionado, libertou os escravos em 1861, sob a pressão do ardor patriótico e da energia democrática provocados por sua derrota na guerra. Em 1864, estabeleceu o julgamento por juri, mais de 650 anos após sua instalação na Inglaterra. Foi assassinado.

Alexandre III, que reinou de 1881 a 1894, voltou à política de repressão, perseguindo as igrejas oposicionistas, asfixiando a imprensa e caçando os reformadores políticos e os revolucionários. Sucedeu-o o último dos czares, Nicolau II, homúnculo debil, puerilmente incapaz de orientar as imensas energias do povo russo. Entretanto, anunciou, pouco depois de sua ascensão ao trono, que defenderia o princípio da autocracia «da mesma maneira inflexivel empregada por meu pai».

Em 1905, as derrotas sofridas na guerra com o Japão somaram, a todas as emoções do povo russo, o ressentimento patriótico. A 10 de outubro desse ano, uma greve geral, de uma extremidade da Rússia à outra, forçou Nicolau II a ceder um pouco de sua autocracia absoluta; e a 17 de outubro outorgou aos súditos uma Declaração de Direitos parcial e um parlamento, a *Duma*.

Foi com a maior alegria que os russos receberam tais medidas e teve-se mesmo a impressão de que talvez o país chegasse gradualmente a uma monarquia constitucional do tipo inglês. Mas ao czar aborrecia a simples existência da *Duma*, e, nos doze anos subsequentes, a revolução foi tomando forma. No entanto, os russos nunca haviam, antes desse tempo, desfrutado tanta liberdade.

A Primeira Guerra Mundial uniu os russos durante breve espaço de tempo,

na chamada «União Sagrada». O ódio à Alemanha tornou-se intenso, mas as derrotas infligidas pelo exército do Kaiser logo começaram a despertar verdadeira fúria patriótica contra a criminosa negligência e corrupção da burocracia czarista. Em meados de 1916, os exércitos do general Brusílove lançaram uma ofensiva de tremendo êxito contra os austríacos e alemães, mas desmoronou-se o serviço de abastecimento dos russos. Os soldados russos muitas vezes passavam sem alimento durante três ou quatro dias, faltando-lhes tambem, quase sempre, assistência médica adequada. Apesar de tudo, porem, continuaram a atacar com denodo e energia. Ao terminar a ofensiva, em setembro daquele ano, o exército de Brusílove sofrera um milhão de baixas; e, à medida que os feridos iam sendo transportados, aos poucos, para a retaguarda, foi crescendo um apaixonado ressentimento contra o flácido czar, sua mulher dominada pelo sinistro Rasputin, e sua burocracia corrupta.

Mataram Rasputin e em seguida lançaram um aviso a todos os que tivessem acesso ao czar: aproximava-se a revolução. Tanto os Grão Duques como até mesmo os embaixadores das nações aliadas tentaram persuadir o czar a reformar o governo, dando maiores poderes à *Duma*. Mas, em vez disso, a 11 de março de 1917 ele dissolveu a *Duma* e ordenou o fuzilamento de alguns grevistas que, nas ruas de Petrogrado, reclamavam pão.

A Revolução Russa

No dia seguinte começou a revolução. Na manhã de 12 março de 1917, Petrogrado estava apinhada de gente faminta e enraivecida; e daí a três dias o czar abdicou. Ele e a família foram exilados e mais tarde mortos. Assim desapareceu o título de czar das páginas da história russa.

Ao correr a notícia de que o czar havia abdicado, todo o mundo vibrou de alegria ao ver despertar uma nova era de liberdade para o povo russo. Enquanto os próprios russos se abraçavam nas ruas, o mundo ocidental, ignorando as circunstâncias especiais que caraterizavam a história russa, supôs que o vasto império do czar se transformasse sem demora numa república democrática, com parlamento livre, liberdade de palavra, de imprensa e de religião, segundo os padrões das democracias constitucionais do oeste.

O governo provisório, instalado após a saida do czar, fez o possivel para introduzir no país um regime democrático, mas seus esforços não podiam ser muito eficazes. O primeiro-ministro desse governo provisório, o príncipe Lvov, era um tolstoiano, crente na «não-resistência ao mal». Alem disso o governo provisório achava-se, desde o início, mais ou menos à mercê do Conselho de Deputados dos Trabalhadores e Soldados de Petrogrado.

Esse Conselho, ou Soviete, de Petrogrado, era composto de operários e soldados escolhidos das fábricas e quartéis da cidade, alem dos chefes dos vários partidos socialistas. Excluiam-se os partidos que não fossem socialistas, e desde o início os representantes que apareciam em maior número eram os Revolucionários Socialistas, delegados dos camponeses. O Partido Social Democrático, forte entre os operários de indústria, dividira-se em dois grupos: os mencheviques, em cuja opinião o socialismo somente seria alcançado por meios democráticos e só se poderia estabelecer com êxito quando a Rússia se industrializasse; e os bolcheviques, que preferiam introduzir o socialismo imediatamente, quaisquer que fossem os métodos a empregar. Aliás, os bolcheviques só começaram a denominar-se Partido Comunista quando o Alto Comando alemão, supondo com razão que Lênine retiraria a Rússia da guerra, o enviara de novo a Leningrado em abril de 1917.

O Soviete de Petrogrado constituia uma agremiação por demais inflexivel, o que o impedia de agir desembaraçadamente numa revolução; assim, o controle das atividades passou rapidamente para o Comitê Executivo Central, composto de líderes socialistas e de alguns operários e soldados. Sem demora, outro grupo, ainda menor—o Presídio do Comitê Executivo Central—tomou as rédeas da autoridade. Lênine era incomparavelmente superior aos outros próceres em inteligência, força de vontade e intuição política; assim passaram, ele e seus adeptos, a dominar gradualmente o soviete. Pouco a pouco a chamada «ditadura do proletariado» foi-se transformando numa ditadura da elite dirigindo os destinos não só do proletariado como de toda a Rússia.

Sem Lênine talvez jamais houvesse o bolchevismo ou o Partido Comunista. Nascido de pais burgueses, Lênine era um homem de grande cabeça e pernas curtas, dotado de magnífico senso de humor e extraordinário encanto pessoal; e seu destino foi definitivamente marcado quando seu irmão mais velho, Alexandre Uliânove, foi preso por estar implicado num complô contra a vida do czar Alexandre III. Lênine nutria pelo irmão afeto profundo e a maior das admirações, e foi intensa sua amargura e sua revolta, quando o enforcaram. Daí em diante, nos momentos dificeis de sua vida, Lênine sempre encontrava em si mesmo uma implacavel rijeza, que contrastava flagrantemente com sua costumeira mansidão e sua grande simpatia humana. Nem o perigo, nem a razão, nem a piedade puderam romper aquele duro cerne que se lhe enquistara na alma após o enforcamento do irmão. À semelhança do irmão, Lênine não hesitava em recorrer, como último argumento, às medidas mais radicais. Em 1901, escrevia ele: «Em princípio nunca renunciamos ao terrorismo e não podemos renunciar a ele. É um ato de guerra... indispensavel em determinada fase da luta.»

Mais que as palavras de Lênine, seus atos têm a maior importância se quisermos compreender a União Soviética; no entanto, algumas de suas palavras tornaram-se realidades nos dias de hoje. Em 1900, deixou a Rússia e, com diversos correligionários, fundou em Munique um orgão do Partido Social Democrático dos Trabalhadores, orgão esse a que deu o nome de *Iscra*, ou seja, a Centelha.

O primeiro artigo seu nesse jornal contem o germe do Partido Comunista atual. Eis suas palavras: «Precisamos educar homens prontos a dedicar à revolução não só suas horas vagas, mas todas as suas vidas... A luta contra a polícia política exige qualidades especiais, revolucionários de profissão... Quando tivermos destacamentos de trabalhadores revolucionários, especialmente preparados por longo treino, não haverá polícia no mundo capaz de dominá-los... O sigilo mais rigoroso, uma seleção minuciosa dos membros e, finalmente, uma confiança fraterna e absoluta entre os revolucionários... necessitamos de uma organização militar.»

Lênine conseguiu estabelecer essa «organização militar» baseada em «minuciosa seleção dos membros» e «sigilo rigoroso»; e, até o fim de sua vida, sempre tratou os membros da elite do

partido com «fraterna confiança». Criticavam-no livremente, e ele aos demais. Sendo, porem, tão superior aos outros, em inteligência e vontade, quase sempre vencia nos debates travados. E não resta dúvida de que houve tais debates. Stáline, cujo prestígio era menor que o de Lênine, só alcançava a concórdia «liquidando» aqueles que a ele se opunham, inclusive a maioria dos velhos companheiros de Lênine.

Volta à polícia secreta czarista

A ORGANIZAÇÃO revolucionária de Lênine, rígida e eficiente, conseguiu reunir soldados e armas, e, aproveitando o caos provindo da desintegração do exército, a 7 de novembro de 1917. Reuniu-se imediatamente o Congresso dos Sovietes, e os comunistas, tendo as forças armadas à sua disposição, logo dominaram os outros partidos socialistas. Fundou-se novo governo sob o título de Conselho dos Comissários do Povo, sendo Lênine seu presidente, Trotzki Comissário de Assuntos Estrangeiros e, no fim da lista, o «Diretor das Nacionalidades»: I. V. Dzugashvili (Stáline).

O governo soviético tratou de movimentar-se com rapidez, afim de estabelecer por toda a Rússia a sua autoridade. Após uma semana de conflito, dominou a oposição em Moscou, passando então a estender seu controle às cidades menores e às aldeias. A oposição foi forte. A 20 de dezembro de 1917, Lênine fez renascer o velho instrumento a que Ivã dera o nome de *Oprichina*. Lênine o batizou com o título de Comissão Extraordinária para a Supressão da Contra-revolução—a *Checa*. Os chequistas meteram mãos à obra, mostrando-se tão inexoraveis como os *Oprichniki*; a esse propósito, vejamos novamente o que diz o historiador Vernadsky: «As atrocidades cometidas nesse período não constituiram apenas abusos acidentais de autoridade. O terrorismo era um elemento integrante no processo de submeter a nação à vontade dos bolcheviques. O próprio Lênine declarou que a ditadura do proletariado exige forçosamente o terror e a violência. A Checa trabalhou de maneira implacavel. Oficialmente, suas atividades eram dirigidas apenas contra a burguesia. Na realidade, porem, ela liquidava, sem distinção, todos contra os quais houvesse suspeita de oposição ao governo soviético. Entre as vítimas contavam-se camponeses e, de vez em quando, até operários... Tirando o máximo partido da Checa, do exército vermelho e de quaisquer outros instrumentos que pudessem dobrar à sua vontade, os bolcheviques lograram, em fins de 1917 e princípios de 18, submeter totalmente a máquina governamental ao seu controle direto.»

Os democratas russos, desde a revolta dos dezembristas em 1825, sonhavam com o dia em que o povo da Rússia pudesse eleger os membros de uma Assembléia Constituinte destinada a promulgar um estatuto democrático. O governo provisório instalara a máquina burocrática para tal fim, e as eleições foram realizadas em 25 de novembro de 1917, dezoito dias depois que os comunistas haviam assumido o poder em Petrogrado. Para uma câmara de 703 deputados, só 168 comunistas foram eleitos. Os deputados à Assembléia Constituinte reuniram-se em Petrogrado a 18 de janeiro de 1918, e sem tardança os comunistas detiveram todos os deputados não-socialistas. Mas os Revolucionários Socialistas, que ainda contavam com a maioria na Assembléia, elegeram para a sua presidência Chérnove, que se opunha aos comunistas. A 20 de janeiro, Lênine

enviou tropas armadas de fuzís e metralhadoras à Assembléia Constituinte, dissolvendo-a. Assim desapareceram as perspectivas de um regime democrático na Rússia. Daí por diante, o governo da União Soviética passou a ser, manifestamente, uma ditadura encabeçada pelo chefe do partido comunista. Masaryk assim se exprimiu a esse respeito: «Eles conseguiram livrar-se do czar, mas não do czarismo. Ainda usam a farda czarista, embora pelo avesso.»

Caos e guerra civil

Os PROBLEMAS de natureza prática, com que Lênine se viu a braços, aumentaram consideravelmente de vulto devido ao fato de estar ele convencido de que a humanidade só encontraria a salvação através do comunismo, e de que, assim sendo, sua missão não consistiria em estabelecer o comunismo apenas na Rússia, mas no mundo inteiro. Seus objetivos imediatos, portanto, eram entrincheirar primeiro o comunismo em sua pátria e, feito isso, procurar espalhá-lo pela Europa. Tinha confiança em que as revoluções socialistas se seguissem em muitos paises do continente europeu, notadamente na Alemanha.

Isso, porem, não sucedeu. O único governo comunista que se instalou em país europeu durante um período mais longo foi o de Bela Cun, na Hungria, o qual se conservou no poder de 21 de março de 1919 a 1.° de agosto desse mesmo ano. Lênine fez o que pôde para ajudar esse governo a sobreviver, enviando fundos e jóias por intermédio de correios secretos, e dando constantes conselhos e instruções a Cun, pelo rádio. Mas a União Soviética, não tendo fronteira com a Hungria, não podia enviar auxílio militar direto. Na falta de comunicações terrestres diretas, o governo soviético da Hungria caiu. Aliás sua realização principal consistiu em ensinar ao governo soviético que lhe seria dificil sustentar, com êxito, revoluções comunistas nos paises não-limítrofes; e, alem disso, que seria estrategicamente aconselhavel procurar ampliar a região controlada por Moscou mediante a conquista de regiões adjacentes, antes de tentar controlar outras mais remotas.

Para salvar o governo soviético da destruição pelo exército do Kaiser, Lênine concluiu um armistício com a Alemanha a 15 de dezembro de 1917, e uma paz em separado, com aquele mesmo país, a 3 de março de 1918—isso apesar dos tratados da Rússia com seus aliados no sentido de não fazer paz em separado. Afim de resguardar seu regime contra as multidões famintas, Lênine enviou seus Guardas Vermelhos e os chequistas para apreender cereais aos lavradores, trazendo-os para alimentar as cidades esfaimadas. Distribuiu pão por meio de cartões de racionamento, e o fez de tal maneira que isso se tornou excelente arma política. Sendo quase impossivel obter alimentos no câmbio negro, os cartões de racionamento constituiam, na realidade, licenças para viver... Deu-os aos chequistas, Guardas Vermelhos, membros do Partido Comunista e operários de fábricas, concedendo mais, aos artesãos e aos desempregados, alimentação suficiente para que não morressem de inanição. Todos os outros—quer fossem homens, mulheres, ou crianças—foram declarados «elementos improdutivos», e não receberam cartões.

Tais medidas vieram realmente salvar a ditadura de Lênine; mas provocaram reações imediatas que quase a extinguiram. Os camponeses, enraivecidos por se verem espoliados do fruto de seu trabalho, puseram-se a resistir, a mão

armada, aos chequistas e Guardas Vermelhos. Todos os elementos democráticos da Rússia já se haviam enfurecido ao ver dissolvida a Assembléia Constituinte e ao perceber que o governo condenava sistematicamente à inanição aqueles que se lhe opunham. Seguiu-se a guerra civil.

Alem disso, a paz em separado, que Lênine assinara com a Alemanha, despertara violenta hostilidade contra seu governo nos paises aliados, pois permitiria à Alemanha enviar grandes forças de encontro aos exércitos francês, inglês e americano na frente ocidental. Arsenais imensos de armas e munições, que os aliados enviaram ao exército russo, haviam sido armazenados em Murmansque e Arcangel, bem como no porto de Vladivostoque, no Pacífico. Os aliados não queriam que tais provisões caissem nas mãos dos alemães, nem tãopouco nas dos sovietes. Em abril de 1918, pequenas forças aliadas desembarcaram em Murmansque, depois em Arcangel, e Vladivostoque. Não tentaram os aliados chegar até Leningrado e Moscou. No entanto, forças russas, sob a direção de vários chefes militares, e apoiadas sem entusiasmo por alguns dos aliados, atacaram as tropas comunistas com tal êxito que, durante breve período em fins de 1918 e princípios de 19, o governo soviético dominava, na Rússia, território pouco maior do que o de Ivã o Terrivel.

A posição do governo parecia tão desesperada que, a 14 de março de 1918, entregou a um emissário americano, em Moscou, uma oferta escrita, válida até 10 de abril daquele ano, no sentido de se chegar a um acordo de paz baseado no *status quo* reinante nas frentes de combate, embora os governos anti-comunistas controlassem, na ocasião, mais de três quartos da Rússia.

A oferta não foi aceita pelos líderes das nações aliadas, reunidos na Conferência de Paz em París. Acreditavam eles que o governo soviético perderia sem demora o domínio até de Moscou e Leningrado, instalando-se então, na Rússia, um regime democrático. Não obstante, esses mesmos líderes, se recusaram a enviar tropas para intervir decisivamente contra o governo soviético. Eis o que disse Lênine posteriormente: «Algumas centenas de milhares de soldados, entre os milhões de que dispõe a *Entente*, poderiam ter-nos esmagado por força militar.» Tal força não se usou e, após terriveis conflitos entre os russos, o governo soviético derrotou a oposição, estabelecendo sua autoridade sobre todo o império do czar à exceção da Finlândia, da Estônia, da Letônia, da Lituânia, da Bessarábia e da Polônia.

Por todo esse período Lênine não ocultava que o movimento comunista era dirigido pelo governo soviético. Era, ele próprio, presidente do Conselho de Comissários do Povo, no governo soviético; mas tomava parte, abertamente nos Congressos da Internacional Comunista —ou seja, o Comintern—de que se tornara chefe e alvo de toda a reverência. Aliás a convocação para o primeiro Congresso do Comintern, cuja função manifesta consistia em organizar e dirigir a revolução mundial, foi transmitida, por intermédio do rádio, pelo Comissariado Soviético de Assuntos Estrangeiros.

O Comintern

Desde essa ocasião, os partidos comunistas em outros paises têm sido orientados pelo governo soviético. Mas após a morte de Lênine, a 21 de janeiro de 1924, quando o governo soviético, conciente de sua debilidade, tentava chegar a acordos de não-agressão com os estados vizinhos, tornou-se bastante embaraçosa

a revelação de que a Rússia mantinha contacto com as organizações comunistas nesses mesmos estados. Stáline, em seguida à renhida luta que tivera com Trotzki, instalara-se no poder. Era absoluto o domínio que exercia sobre o governo soviético, o partido comunista e o Comintern. Comparecia aos Congressos do Comintern e os controlava. Não se podendo negar suas atividades nessa organização, procurou-se afirmar, então, que ele nenhum papel desempenhava no próprio governo soviético. Essa afirmação só foi desmentida a 6 de maio de 1941, quando Stáline abertamente tomou as rédeas do Conselho dos Comissários do Povo.

«Retirada na frente econômica»

A vitória na guerra civil deixara o governo soviético em plena posse de uma sexta parte da superfície terrestre do globo—vasta extensão de riquezas minerais e soberbas regiões agrícolas, habitadas por 169 povos vigorosos.

Mas todo o sistema econômico desse enorme império havia-se desequilibrado de tal forma com a Primeira Guerra Mundial, a revolução comunista e a guerra civil, que Lênine teve à sua frente uma tarefa gigantesca de reconstrução. Em 1920, a produção industrial não passava de um oitavo do que fora em 1913. O movimento de fretes em 1920 era um terço da cifra de 1916. A safra de 1919 subiu apenas a 30 milhões de toneladas de cereal, contra 74 milhões no ano de 1916.

«Achamo-nos num estado de tal pobreza, ruina e esgotamento do poder produtivo de trabalhadores e camponeses,» afirmava Lênine na Convenção do Partido Comunista em março de 1921, «que precisamos pôr de parte tudo mais, e aumentar a produção.»

Sob a pressão de tais circunstâncias, Lênine criou a Nova Política Econômica, aconselhando uma retirada estratégica a partir do ponto mantido pela economia comunista desde 1917. O governo soviético recebera até então, dos lavradores, todo o cereal que estes produziam, menos a pequena quantidade necessária ao sustento deles próprios. Em consequência disso, os lavradores haviam passado a produzir muito pouco alem do que necessitavam pessoalmente. Para dar-lhes um incentivo, Lênine decretou que os lavradores poderiam vender livremente, no mercado, as sobras de sua produção depois que o governo houvesse recebido um tanto, à guisa de taxa. Mantinha-se, porem, o monopólio do governo quanto ao comércio exterior. Ao mesmo tempo, a direção das indústrias, por parte do estado, foi substituida por um sistema de «trustes» dominados pelo estado, ficando este com o controle de grandes unidades produtivas, mas permitindo que as menores permanecessem nas mãos de indivíduos. Ofereceram-se concessões ao capital estrangeiro e, em 1921, abriu-se um banco de estado. (O regime econômico introduzido pelos governos-satélite da União Soviética na Polônia, Rumânia, Bulgária e Iugoslávia é surpreendentemente semelhante àquele que Lênine instalou na Rússia sob o nome de Nova Política Econômica.)

Todas essas medidas constituiam expedientes provisórios tendentes a aumentar a produção. Mas muitos estrangeiros, ignorando o estado real das coisas, interpretaram-nas como indicadoras de uma volta ao capitalismo na Rússia. Na verdade, nem Lênine nem qualquer outro membro do partido as consideravam senão como uma retirada estratégica de uma posição que seria retomada no devido tempo.

Essa retirada foi seguida de outra, no campo da política exterior. A União Soviética, ensaiando ainda seus primeiros passos, precisava de uma política exterior pautada pela prudência. Entretanto, não se alterou o objetivo real do governo soviético no exterior, como não se modificara, pela Nova Política Econômica, seu objetivo no próprio país. E tomava-se como certo que, quando o governo soviético se sentisse outra vez com força suficiente para recomeçar a propagação do comunismo, aquem e alem das fronteiras russas, não hesitaria em fazê-lo.

Progride na Rússia o comunismo

A NOVA Política Econômica teve tal êxito que a produção, tanto agrícola quanto industrial, subiu constantemente até 1927, época em que Stáline achou oportuno coletivizar a agricultura e dirigir toda a indústria e o desenvolvimento econômico na União Soviética, em conformidade com um Plano Quinquenal.

Só uma ditadura abundantemente equipada com meios restritivos poderia ter imposto a um povo a redução de padrão de vida que se seguiu. Um governo democrático precisa manter razoavelmente alto o padrão de vida dos eleitores, senão será derrotado nas urnas. Uma ditadura, porem, pode impôr um padrão de vida baixo, usando toda a produção-saldo, descontados os meios de sustento do povo. Stáline empregou o poder produtivo da nação, não em fabricar bens de consumo para o povo, mas na manufatura, na mais larga escala, de ferro e aço.

À medida que se sucediam os planos quinquenais, a União Soviética foi-se transformando, de país essencialmente agrícola, num grande país industrial, onde apenas metade da população trabalhava na agricultura. Para coletivizar a agricultura, foi necessário consolidar as pequenas fazendas em grandes blocos socializados. Entre os camponeses, os mais pobres receberam de muito bom grado tais medidas; a elas se opuseram apenas os mais prósperos, dos quais muitos haviam sido soldados do Exército Vermelho durante a guerra civil, fato, aliás, que não teve nenhuma influência nas ações do governo contra eles. Passaram a chamar-lhes «Kulak»; suas fazendas foram confiscadas. Os que protestavam eram condenados a trabalhos forçados na Sibéria.

A primeira consequência dessas novas providências na «frente agrícola» foi a escassez de alimentos. Entre 1929 e 1933, o número de cavalos na Rússia caiu de 34 milhões para 16 milhões; as vacas, de 68 a 38 milhões; carneiros e cabras, de 147 a 50 milhões; porcos, de 20 a 12 milhões. E no inverno de 1932 o governo apreendeu tantos cereais aos camponeses da Ucrânia e do Cubã, que houve mesmo numerosos óbitos por inanição. Foi bem alto o preço a pagar; mas assim Stáline conseguiu socializar a agricultura e por alturas de 1939 já cessara de existir, por assim dizer, o fazendeiro individual.

Dessa forma, antes do pacto de Stáline com Hitler a 23 de agosto de 1939, haviam sido eliminados da Rússia os últimos vestígios da Nova Política Econômica de Lênine. E Stáline anunciava em 1939: «Acabaram-se os exploradores; e não há mais necessidade de restrições.» Não ficou na União Soviética interesse econômico algum, fosse individual, fosse coletivo, que conseguisse manter a menor parcela de independência em relação ao Estado. Apesar disso, ainda se conservou intacta a polícia política, com todos os seus poderes discricionários e inexoraveis. Não se chamava *Oprichina* nem OGPU; agora era a NKVD. Mas a tarefa era a mesma: farejar e varrer toda a oposição ao ditador. Era onipresente; seu exército próprio, de 250 mil homens, era mais bem pago, alojado e alimentado que o Exército Vermelho, possuindo sua artilharia e suas prisões. Em 1937, seu orçamento foi de 3 bilhões de rublos. Não sabemos qual é o orçamento atual; mas já houve notícia de que o exército da NKVD subiu agora a 600 mil homens.

A vida sob a NKVD

ATÉ o Exército Vermelho está sujeito ao escrutínio da NKVD. Nas casas de apartamentos, fábricas e fazendas coletivas, sociedades científicas e teatros há agentes da NKVD, prontos a escutar qualquer palavra de crítica. Todos os membros do Partido Comunista são obrigados a denunciar à NKVD o que ouvirem e que possa ter qualquer interesse para a organização.

As emoções utilizadas por Stáline para curvar os homens à sua vontade são o medo da NKVD e a esperança de alcançar altas posições. Na ciência e nas artes uma pessoa de real competência pode chegar, na Rússia, a um nivel de verdadeira distinção, sem ser membro do Partido Comunista; em outros campos, porem, ser sócio do Partido já é uma credencial que muito aumenta as probabilidades de promoção, sendo que os cargos de real poder econômico ou político são reservados aos membros do Partido.

Stáline segue a fórmula elaborada por Lênine em 1901, segundo a qual o Partido não deveria ser político, no sentido ocidental da palavra, mas, sim, uma organização militar. «O Partido orientará o proletariado para a ofensiva, guiando as retiradas exigidas pelas circunstâncias.» Em outra ocasião, assim descreveu ele a «organização militar» do Partido: «Três ou quatro mil homens do alto comando—os generais do nosso Partido. Depois 30 ou 40 mil comandantes intermediários, que constituem o seu corpo de oficiais. Alem disso, 100 a 150 mil elementos orientadores do mesmo—que são, por assim dizer, os seus oficiais subalternos.» Os outros membros do Partido, que ora conta com 6 milhões deles, têm que se limitar à obediência mais cega.

Num regime democrático, o lider de um partido político precisa satisfazer as necessidades do eleitorado, pois, de outro modo, os eleitores passam para outro. Na União Soviética, os membros do partido não têm para onde ir, pois não há outro partido. As eleições consistem apenas em votar na chapa de um único partido, chapa esta que é naturalmente preparada pelo governo.

Enquanto o ditador controlar tanto o Partido Comunista como a NKVD, só poderá ser deposto por um levante do exército. Stáline, em seu posto de marechal, é Comandante-Chefe do Exército. Alem disso, não só os oficiais do exército pertencem à aristocracia soviética, estando assim livres de queixas em matéria de conforto e bem-estar, como tambem todos eles, inclusive os generais, estão sujeitos à vigilância da NKVD, de modo que a menor crítica ao regime pode comprometê-los de maneira definitiva e irremediavel.

A supremacia biológica da Rússia

NO GOVERNO de Stáline, como no regime czarista, o povo russo apresenta alto nivel de natalidade. Em 1914, a população do império do czar era de 170 milhões de almas aproximadamente. As

perdas durante a Primeira Guerra Mundial, acrescidas às populações que deixaram de pertencer à Rússia após aquela guerra, subiram a cerca de 26 milhões. Nas alturas de 1939, porem, já a população da União Soviética subira outra vez a perto de 170 milhões, apesar das baixas ocorridas na guerra civil de 1918-20, da fome de 1921-22, da de 1922-23, e da extraordinária mortalidade que se observou entre milhões de trabalhadores forçados.

Hoje a população da Rússia é provavelmente inferior a 170 milhões, com a exclusão dos territórios anexados a partir de 1939. Não obstante, não há negar que o crescimento da população na União Soviética é tão mais rápido, em relação, por exemplo, aos Estados Unidos, que, em tempo de paz, daquí a cerca de 30 anos a União Soviética (sem contar seus territórios anexos) possivelmente conterá 100 milhões de pessoas mais que os Estados Unidos.

Os algarismos concernentes às mudanças de índices de população na União Soviética, na Grã Bretanha e na França ainda são mais surpreendentes, indicando que, em 1955, a União Soviética contará com 36.900.000 homens entre as idades de 15 e 34 anos; em 1970, esse número subirá a 43.300.000. Quanto à Grã Bretanha, esses números serão 6.900.000 em 1955 e apenas 5.700.000 em 1970; e na França haverá 6.100.000 jovens entre as aludidas idades em 1955, e 4.800.000 em 1970.

Se a governo soviético retiver as enormes regiões, na Europa e na Ásia, sobre as quais, desde 1939, estendeu seu domínio—quer por anexação, ocupação ou governos títeres—serão acrescentadas as seguintes populações aos seus já em si mesmos extraordinários recursos humanos:

Europa:

Polônia	35.000.000
Alemanha Oriental	25.000.000
Rumânia	20.000.000
Iugoslávia	15.700.000
Hungria	10.000.000
Bulgária	6.300.000
Lituânia	2.000.000
Letônia	2.000.000
Estônia	1.000.000
Albânia	1.000.000
Total	118.000.000

Ásia:

China Setentrional (território ocupado pelo Exército Vermelho da China).	75.000.000
Manchúria	45.000.000
Coréia Setentrional	10.000.000
Total	130.000.000

Se o governo soviético puder consolidar o domínio que exerce presentemente sobre esses 118 milhões de europeus e 130 milhões de asiáticos, terá à sua disposição 418 milhões de pessoas. Alem disso, o poderio industrial da União Soviética será aumentado pela região industrial da Silésia, responsavel por 30% da produção industrial alemã; pela região industrial da Manchúria, responsavel por 70% da produção industrial da China; e, finalmente, pelos campos petrolíferos da Rumânia.

O combate à religião

Mesmo dentro de suas fronteiras anteriores a 1939, o governo soviético terá à sua disposição um número de rapazes vigorosos muito superior àquele que um estado democrático poderá reunir. Serão, alem do mais, jovens imbuidos das

idéias mais fantásticas sobre os paises não-capitalistas. Sua instrução, seus livros, o rádio e o cinema, tudo é censurado tão cuidadosamente, que a mocidade só recebe conhecimentos favoraveis ao comunismo.

Note-se ainda que o governo soviético muito aumentou o analfabetismo moral de seus cidadãos. Se bem que haja incomparavelmente mais alfabetizados do que no tempo dos czares, há muito menos pessoas capazes de distinguir entre o certo e o errado. Estimula-se, neles, a crença de que os fins justificam os meios, e de que a religião não passa de um conto de velhas comadres. O moto usado pelo governo soviético em 1917 era: «A religião é o ópio do povo.» Desde então, as perseguições à Igreja têm sido entremeados com períodos de relativa tolerância, toda vez que qualquer reação mais forte, no estrangeiro, tornava prudente essa transigência. Mas, por alturas de 1940, havia na Rússia 90% menos padres da Igreja Ortodoxa do que em 1917, e das 46.475 igrejas ortodoxas que existiam em 1917, ficaram apenas 4.225.

Quando Hitler atacou a União Soviética em 1941, Stáline teve que lançar mão de toda a força não só do patriotismo, como tambem da religião, para pedir ao povo os maiores sacrifícios na guerra contra a Alemanha. Em recompensa pelo apoio público que lhe deu, durante a guerra, o maior dignitário da Igreja, Sérgio, (Arcebispo) Metropolitano de Moscou, Stáline permitiu que este fosse eleito Patriarca, dando-lhe depois uma audiência. No dia seguinte o Patriarca executou sua primeira tarefa política internacional, que consistiu em pedir publicamente, aos aliados, a segunda frente na Europa.

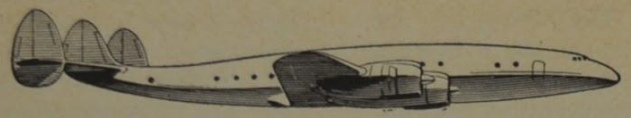
Instalou-se um comitê, no governo, para controlar os atos do Patriarca, um ancião de 75 anos. Assim, tendo reduzido a Igreja a uma repartição do governo, Stáline passou a transformá-la num instrumento eficiente. Os seminários, proibidos anteriormente, tiveram licença para funcionar livremente. Permitiu-se, alem disso, a fundação de um Instituto de Teologia Ortodoxa. Bem diferente, tudo isso, daquilo que se observara antes em tantos cartazes na Rússia: «A religião é o ópio do povo.»

Quem venceu afinal—a Igreja ou o Partido Comunista? Stáline controla a Igreja, usando-a como um instrumento de política nacional e internacional. No entanto, por mais que transijam seus líderes políticos, a Igreja dispõe de pequeno núcleo de padres fiéis, cuja fé lhes permitiu atravessar, incólumes, todos os sofrimentos e perseguições. Propagam a noção de que Deus é nosso Pai e todos somos irmãos. Quando os russos se encontram na manhã de Páscoa, saudam-se com as palavras: «Cristo ressuscitou!» Não pode haver compromisso entre esses ensinamentos e o credo de Stáline.

A Igreja é fraca na Rússia. Está nas mãos de Stáline. Mas é forte a palavra de Deus. E a religião sempre dura mais que os ditadores. No futuro—se é que teremos algum futuro nesta terra—nada poderá contra ela.

O credo comunista e a política exterior soviética

O governo soviético acredita na teoria comunista e prepara seus cidadãos a viver e, se preciso for, morrer por ela. E o credo marxista, adotado por Lênine e Stáline, é baseado, segundo seus adeptos, em fatos científicos; alem disso se baseia tambem na idéia, pouco provavel, de que o estabelecimento do comunismo no mundo, e a liquidação da proprie-



O *Constellation Lockheed* superior em velocidade, conforto e segurança, está estabelecendo novos padrões nas viagens transoceânicas e intercontinentais. As principais viagens aéreas das seguintes grandes companhias apresentarão, em lugar de destaque, o *Constellation:*

AIR FRANCE - FRENCH AIRLINES SYSTEM
AMERICAN AIRLINES SYSTEM
BOAC - BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
EASTERN AIR LINES
KLM - ROYAL DUTCH AIRLINES
KNILM - ROYAL NETHERLANDS INDIES AIRWAYS
PANAIR do BRASIL
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
TWA - THE TRANS WORLD AIRLINE
Lockheed Aircraft Corp., Burbank, Calif., E.U.A.

Lembre-se do nome—

CONSTELLATION

dade individual dos meios de produção, trarão consigo o fim de todas as guerras, quer civís, quer internacionais; na idéia de que o comunismo transformará os homens para melhor, de tal modo que, segundo dizia Lênine, «o estado murchará aos poucos», e a humanidade viverá perfeitamente livre e feliz.

Lênine, homem de imensa simpatia humana, grande inteligência e coragem, justificou, pelo seu credo, a criação da ditadura na Rússia. Acreditava que o estado era, inevitavelmente, um instrumento de violência; mas que, vivendo dentro do comunismo, os homens poderiam ser preparados para a liberdade perfeita. «Enquanto houver estado,» dizia ele, «não haverá liberdade. Quando houver liberdade, não haverá estado.»

O misticismo inerente a essa crença é talvez a razão pela qual provocou um devotamento tão exaltado quanto o de muitos credos religiosos. O verdadeiro comunista é capaz de oferecer sua vida tão valorosamente quanto os primeiros cristãos. Acredita que está combatendo para emancipar a humanidade de todos os seus males. Crê que trabalha a serviço da verdade eterna. O Partido Comunista é, para ele, uma união de fiéis. Seu Velho Testamento são os livros de Marx e Engels; seu Novo Testamento, as obras de Lênine e Stáline. Em sua idolatria, é ele profundamente religioso. A União Soviética, ele a considera a Igreja Militante.*

Posto que o objetivo moral supremo, segundo o credo comunista, reside em alcançar a destruição do estado em seguida à fundação do comunismo no mundo, o supremo dever moral do homem é auxiliar a propagação da doutrina comunista. Esse fim moral supremo, ao que acreditam os comunistas, justifica todos os meios empregados para atingí-lo, inclusive a guerra, o homicídio, a palavra dada e mais tarde traida. Ouçamos Lênine: «É necessário... usar qualquer embuste, qualquer método ilegal, a evasão, o disfarce da verdade.» As restrições impostas, pelo escrúpulo moral, aos governos democráticos (chamados pelos comunistas de «burgueses», «capitalistas» ou «imperialistas»), não desempenham, portanto, papel algum nas decisões do governo soviético.

O credo comunista exige que o objetivo maior da política exterior soviética, bem como de todos os governos comunistas, seja o estabelecimento do comunismo em todo o globo. A estratégia e a tática usadas pelo governo soviético para chegar a esse fim são alteradas de acordo com a situação mundial. Mas o objetivo, propriamente dito, nunca muda. Ninguem teria a menor dificuldade em entender a política exterior da União Soviética, se todos pensassem como os comunistas, isto é, em termos militares. O governo soviético segue a estratégia e a tática usada por qualquer exército: ataca quando o Alto Comando considera possivel a vitória; e se retira apenas quando vê a derrota pela frente.

O credo da «guerra inevitavel»

A SEGUINTE declaração de Lênine contem a tese fundamental sobre que se baseia a política exterior soviética: «Vivemos não apenas num estado, mas num sistema de estados; e é inconcebivel que a República Soviética continue por

*Nos partidos comunistas fora da União Soviética, há uma proporção muito maior de verdadeiros crentes, do que no próprio Partido russo. Os comunistas russos têm que viver dentro da realidade, da qual faz parte a NKVD; ao passo que, no estrangeiro, os comunistas ainda crêem num paraiso, apenas existente na propaganda soviética.

Tôdas as mães sabem o quanto os meses de gravidez são rigorosos e difíceis: o organismo abalado pela gestação; as perturbações do aparêlho digestivo; a descalcificação deixando os dentes à mercê da acidez, que é a maior inimiga da gestante... Entretanto, a ciência médica, oferecendo o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, oferece alívio constante e proteção segura contra todos êsses males. Antiácido poderoso, o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS neutraliza a acidez ameaçadora; laxante suave e eficaz, normaliza todo o aparêlho digestivo, combatendo as perturbações gastro-intestinais, evitando os enjôos, afastando as indisposições, devolvendo e mantendo o bem-estar. Senhora, espere tranquilamente o seu lindo bebê.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

O ANTIÁCIDO E LAXANTE IDEAL

muito tempo a viver ao lado dos estados imperialistas. Mais cedo ou mais tarde, aquela ou estes acabarão por vencer. Nesse ínterim, é inevitavel uma série de terriveis colisões entre a República Soviética e os estados burgueses.» (Lênine, *Obras*. Citada, com aprovação do autor, em *Problemas do Leninismo*, por Stáline.)

O governo soviético acredita serem inevitaveis os conflitos entre a União Soviética e os estados burgueses ou capitalistas.

A 9 de fevereiro de 1946, Stáline, falando em Moscou pelo rádio, reiterou novamente seu pensamento de que as guerras são «inevitaveis» desde que exista o «sistema capitalista». Atribuiu a Segunda Guerra Mundial não aos nazistas, nem aos fascistas, nem aos militaristas japoneses, mas à «economia capitalista mundial», acrescentando: «Seria incorreto pensarmos que a guerra rebentou acidentalmente, ou por culpa de alguns dos estadistas. Embora existam tais culpas, a guerra foi, na verdade, o resultado inevitavel do desenvolvimento das forças econômicas e políticas do mundo baseadas no capitalismo de monopólio. Nossos marxistas declaram que o sistema capitalista de economia mundial oculta elementos de crise e guerra, que o desenvolvimento do capitalismo não segue um curso constante e uniforme, passando, antes, através de crises e catástrofes... Assim, em consequência da primeira crise no desenvolvimento da economia mundial capitalista, surgiu a Primeira Guerra Mundial. A Segunda Guerra Mundial resultou da segunda crise.»

No mesmo discurso, Stáline anunciou o lançamento de planos quinquenais para o desenvolvimento de uma produção de aço de 60 milhões de toneladas por ano. Isso representa o triplo da produção de aço na Rússia em 1940, sendo maior que toda a produção de aço da Alemanha, Japão e Grã Bretanha, naquele mesmo ano. Alem disso, Stáline agora controla a produção de aço da Silésia, da Manchúria, da Tchecoslováquia, da Áustria e da Hungria. A produção de aço é a medida básica da capacidade industrial para a guerra.

Desde que Stáline continua a crer, como sempre acreditou, que só a destruição do capitalismo e a propagação do comunismo pelo mundo podem trazer-nos a paz, e desde que decidiu produzir aço em tal quantidade, não resta dúvida de que sua política de agressão continuará.

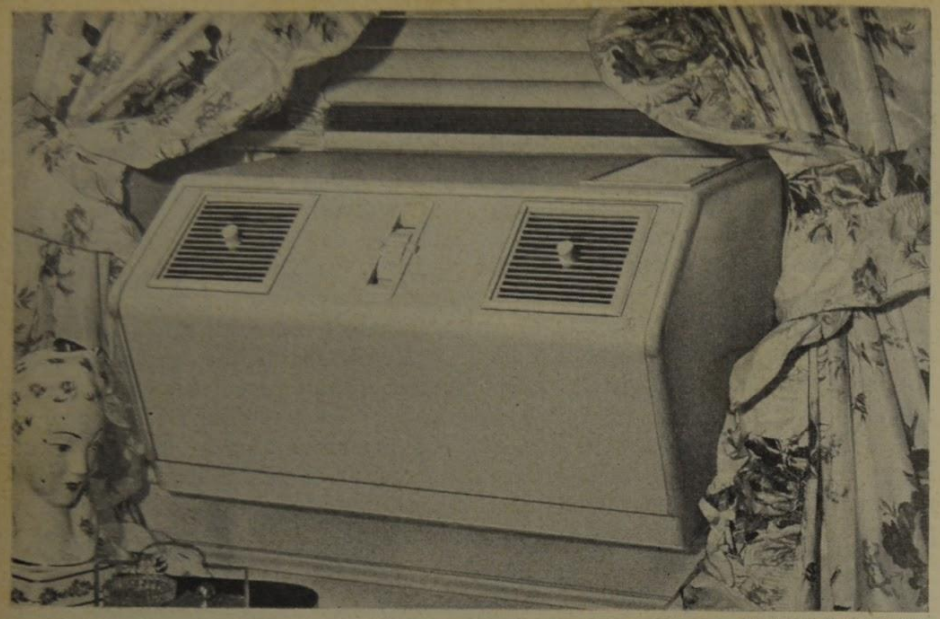
Objetivos finais versus estratégia a curto prazo

Aqueles que se queixam de que a política exterior soviética é incoerente, e imprevisiveis suas manobras, confundem estratégia e tática com objetivos. O governo soviético progride firmemente em direção ao seu objetivo, mas altera sua estratégia e sua tática como o faz qualquer bom quartel-general; avalia cuidadosamente suas forças e suas fraquezas comparadas às forças e às fraquezas dos estados capitalistas. Quando sente que é chegado o momento oportuno, lança um golpe.

O estabelecimento do comunismo através do mundo, segundo os ensinamentos comunistas, pode ser conseguido por dois meios:

1. Guerra de classes, isto é, revoluções dentro dos estados não-comunistas e afastamento de todas as classes exceto o proletariado.

2. Conquista, pela União Soviética, dos estados vizinhos não-comunistas, seguida pela anexação ou pela instalação



PHILCO 76-C (MARFIM)

TEMPERATURA CONFORTAVEL

em qualquer sala de sua casa ou escritório

Todo o mundo pode viver confortavel durante o ano com um Condicionador de Ar Philco, de um compartimento. Instalação facil em qualquer sala de sua casa ou escritório, para temperatura sempre à vontade de cada um. Agora estão a venda para casas particulares, medicos e escritórios comerciais . . . para todo o mundo que se queira deleitar com uma temperatura aprazivel, sempre confortavel.

Veja o revendedor Philco. Conheça a facilidade com que o Condicionador de Ar Philco pode ser instalado . . . a facilidade com que pode ser tratada a compra.

PHILCO LHE TRAZ VERDADEIRO AR CONDICIONADO . . . . . .

- Refresca e condiciona o ar
- Suga para dentro e purifica o ar exterior
- Filtra a poeira, pó e pollen
- Extrai a umidade do ar
- Limpa e purifica o ar o ano inteiro
- Remove o ar sediço interior

Philco International Corp., 230 Park Ave., Nova York 17, N. Y., E. U. A.

PHILCO

De Fama Mundial em Qualidade

de governos títeres orientados por Moscou.

Em sua qualidade de quartel-general do exército mundial comunista, o governo soviético, portanto, emprega como armas de ofensiva não só o enorme poderio militar, político e econômico da União Soviética, mas tambem agentes em todas as nações que permitam sua presença. Nos paises democráticos, os agentes soviéticos apresentam-se geralmente camuflados em forma de partido político—o Partido Comunista, na maioria dos casos. Faz uso de todas as liberdades democráticas, inclusive da liberdade de imprensa, de palavra e de reunião, para tentar destruir, por dentro, o estado democrático.

As súbitas mudanças em estratégia e tática desses agentes são ditadas pelo governo soviético. O domínio da União Soviética pelo comunismo é a principal fonte de poder do comunismo mundial; por isso, os interesses dos partidos comunistas nacionais, fora da União Soviética, estão subordinados aos interesses da União Soviética. Muitas vezes recebem ordens de mudar sua estratégia e sua tática, assumindo posições que frequentemente os tornam ridículos, da mesma forma que um batalhão, no exército, recebe ordens, às vezes, de se sacrificar exclusivamente em benefício do resto da força.

Porque a conquista do mundo para o comunismo é o objetivo do governo soviético, nenhuma nação está fora do escopo de suas ambições.

Os paises mais próximos da Rússia são os mais imediatamente visados. A conduta da União Soviética faz lembrar, em escala mil vezes maior, a da ameba, animálculo unicelular que consiste de um núcleo cercado de protoplasma, sem boca, alimentando-se através de qualquer ponto em sua superfície. A ameba vive a estender, para um ou outro lado, o seu protoplasma e se este toca em alguma coisa digerivel, ela a cerca e a digere; mas se encontra algum grão de poeira, indigesto, o protoplasma se contrai, e a ameba vai buscar alimento noutra direção. Assim, do núcleo moscovita o governo soviético examina cuidadosamente as regiões adjacentes; se encontra resistência, retira-se e experimenta outro ponto. Se topa com algo digerivel, impreterivelmente o digere.

A história da estratégia soviética

Antes de terem os comunistas passado a dominar o governo da Rússia, a 7 de novembro de 1917, tinham diante de si o mundo, e, como única arma, a guerra de classes. Após essa data, tinham já o poderio de uma grande nação e um grande povo. Usaram então suas novas armas segundo o cálculo, que faziam, da situação mundial. De uma coisa estão certos: nunca cessarão a luta no sentido de propagar o comunismo pelo mundo. Seu combate aos estados burgueses, portanto, só terminará quando o comunista prevalecer na terra. Os tratados de paz, os pactos de não-agressão, tudo isso é considerado por eles como instrumentos, convenientes em dado momento.

Conforme os estudos, que fazia, da situação mundial, o governo soviético alterou sua estratégia e tática internacional seis vezes a partir de novembro de 1917. Senão vejamos:

I—1917-1920. Baseado no cálculo de que irromperiam revoluções comunistas por toda a Europa, o governo soviético lançou uma ofensiva apoiada na arma da guerra de classes, enquanto lutava defensivamente contra a oposição, na guerra civil russa.

II—1920-1933. Baseado no cálculo de

Feitos um
para o outro

As lâminas Gillette tem os gumes afiadíssimos e duraveis, que permitem fazer a barba com suavidade e conforto. O aparelho Gillette, de absoluta precisão, e a lâmina Gillette, foram feitos um para o outro: fazem a barba como uma carícia ao rosto. E economizam dinheiro.

Insista na combinação

Gillette...

o aparelho e a lâmina, juntos satisfazem!

que a União Soviética se achava em estado de extrema fraqueza em relação aos estados não-comunistas, podendo ser atacada por estes, o governo soviético manobrou uma retirada estratégica, assinando pactos de não-agressão com muitos de seus vizinhos: a Turquia em 1925, a Alemanha em 1926, a Lituânia tambem em 1926, o Irã em 1927, o Afganistã em 1931, a Polônia, a Finlândia, a Letônia e a Estônia em 1932. Os sovietes continuaram a denunciar a Liga das Nações, alegando que se tratava de uma conspiração capitalista contra eles; no entanto, enviaram Litvínove a Genebra para advogar o desarmamento mundial completo, em março de 1928.

III—1934-1939. Baseado no cálculo de que a União Soviética estava ameaçada de ataque duplo pela Alemanha e pelo Japão, o governo soviético tentou chegar a um acordo com Hitler. Falhando nessa tentativa, lançou outra campanha estratégica afim de mobilizar os «estados burgueses» contra a Alemanha e o Japão. Associou-se à Liga das Nações em 1934, assinou tratados de aliança com estados burgueses (França e Tchecoslováquia em 1935), e deu instruções a seus agentes no estrangeiro para que conseguissem o apoio dos povos para a União Soviética, contra a Alemanha e o Japão.

IV—23 de agosto de 1939 a junho de 1940. Baseado no cálculo de que o Pacto Hitler-Stáline de 23 de agosto de 1939 produziria uma guerra longa e exhaustiva entre a Alemanha, a França e a Inglaterra, de que a União Soviética nada teria a temer da Alemanha enquanto durasse essa guerra, e de que a miséria produzida pela guerra poderia permitir à União Soviética o estabelecimento de regimes comunistas na Europa, o governo soviético reverteu ao ataque. Violou seus tratados com a Finlândia, a Estônia, a Letônia, a Lituânia, a Polônia e a Rumânia e anexou partes da Finlândia, todos os estados bálticos, e partes da Polônia e da Rumânia.

V—Junho de 1940-1944. Baseado no cálculo de que o rápido colapso da resistência francesa e britânica diante dos exércitos alemães na Europa poderia pôr em perigo a União Soviétcia, o governo tentou manter suas boas relações com a Alemanha, chegando ao mesmo tempo a acordo com o Japão, a 13 de abril de 1941. Quando a Alemanha atacou a União Soviética a 22 de junho de 1941, o governo soviético adotou uma estratégia e tática defensivas, tanto no país como no estrangeiro, fazendo o possivel para obter o apoio dos estados burgueses, tais como os Estados Unidos. Para tanto, aboliu ostensivamente o Partido Comunista Americano e a Internacional Comunista (Comintern). Subscreveu a Carta do Atlântico e todas as outras expressões de boas intenções, propostas pela Grã Bretanha e pelos Estados Unidos.

VI—1945-1946. Baseado na ocupação pelo Exército Vermelho, ou controle por governos títeres, da Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Rumânia, Bulgária, Hungria, Iugoslávia, Albânia, partes da Áustria e da Tchecoslováquia, a Alemanha até o rio Elba, a Manchúria e a Coréia Setentrional, o governo soviético esforçou-se por dominar essas regiões.

A política exterior do governo soviético hoje em dia baseia-se na consideração, do ponto de vista militar, de que precisa de tempo para consolidar seu poderio nas vastas áreas que ora controla; de que precisa reconstruir sua economia interna e desenvolver os estudos da bomba atômica. Não pode nem quer entrar em conflito armado com os Estados Unidos. Mas pode permitir-se certos

Feito para as pessoas queridas

HAMILTON

O ARISTOCRATA DOS RELÓGIOS

OFEREÇA a uma pessoa querida o mais perfeito de todos os presentes—um Hamilton! Já se encontram alguns a venda. E de mês para mês irão chegando mais. A Hamilton estará em breve de regresso à plena produção da paz, depois de se ter exclusivamente consagrado, durante anos, à produção de relógios para a guerra.

gestos com que experimentará a resistência da Grã Bretanha e dos Estados Unidos, ambos cansados de guerra. Se a resistência for pequena, passará a controlar outras terras, como por exemplo o Irã, a Turquia e a China Setentrional. Mas precisará recuar antes que surja qualquer resistência mais intensa por parte de um dos dois paises de língua inglesa, pois não deseja a guerra com os Estados Unidos, e sente que esta nação iria em defesa da Grã Bretanha.

O arsenal do comunismo

QUALQUER tentativa no sentido de julgar a política exterior dos sovietes, com base em sua estratégia e tática de curto prazo, redundará em conclusões absurdas. Mas não há mistério algum na política exterior soviética. Stáline diz, com muita razão: «Nossa política é simples e clara.» O objetivo da política exterior dos sovietes é constante: estabelecer o comunismo na terra. Considera-se, por isso, o governo soviético, em permanente guerra, aberta ou não, com os estados não-comunistas. E quando o governo soviético abraça amigavelmente qualquer governo não-comunista, é sempre com segundas intenções. Por isso é que o «grande plano» do presidente Roosevelt estava fadado ao fracasso. Isso significa que são inevitaveis as guerras entre a União Soviética e os estados não-comunistas? Não!

O ditador soviético tem à sua disposição o poderio físico da União Soviética, o crescimento enorme de suas populações, a fé dos comunistas, a velha tradição do imperialismo czarista, o auxílio dos governos títeres instalados na Europa e na Ásia, a dedicação dos Partidos Comunistas no estrangeiro, e a assistência de liberais cansados que desesperaram de encontrar solução para os problemas humanos nos princípios cristãos e democráticos.

Eis um formidavel arsenal nas mãos de um homem cujo credo exige que ele propague o comunismo pelo mundo. Uma política de constantes concessões à União Soviética levaria certamente à guerra. Seguindo-se tal política, o governo soviético um dia passará dos limites dessas concessões. Mas a política soviética é francamente baseada em considerações de ordem militar. Lênine não hesitava em retirar, quando via pela frente forças superiores. Stáline seguirá esse exemplo. O uso mais legítimo que se poderá fazer da força, neste mundo, consiste em ganhar tempo para permitir o desenvolvimento das idéias morais. Levará tempo até que se desenvolvam tais idéias na União Soviética. O único meio de impedir que a União Soviética conquiste os estados não-comunistas, nesse interim, é, sem nenhuma dúvida, um equilíbrio de forças.

Hoje todos os governos, exceto o soviético, estão trabalhando pela paz. O governo soviético trabalha para a conquista. Naturalmente prefere conquistar sem guerra, e impôr o comunismo ao mundo sem luta. Os povos querem, desesperadamente, a paz. Mas não perderam seu instinto de conservação; e, por maior que seja sua relutância, têm que se armar para reforçar a paz contra todas as ameaças.

PARA descobrir os pontos mais fracos de um homem, basta observar quais os defeitos que ele próprio descobre mais depressa nos outros.

—J. C. e W. A. Hare, em *The Pathfinder*

ANÚNCIO

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ALIMENTO— esteio de uma Nação

★

Entre os elementos em que se alicerçam a eugenia dos povos e a grandeza das Nações, a alimentação ocupa um papel de significativo relêvo. E a História comprova que a capacidade de realização de uma coletividade, seu progresso, seu vigor, sua felicidade econômica e social, estão em função direta de sua situação alimentar.

A indústria alimentícia assume, dêste modo, um papel primordial na vida das sociedades. E é por isto que, dedicando todos os seus esforços no sentido de produzir sempre mais e melhores gêneros alimentícios para o consumo do público brasileiro, a Cia. Swift do Brasil sente-se muito orgulhosa do papel que lhe está reservado na vida nacional.

Para melhor desempenhar esta missão, a Cia. Swift do Brasil, valendo-se de sua longa experiência, estabeleceu suas fábricas em locais estratègicamente situados, junto às fontes naturais de matéria prima, reduzindo, assim, o custo de produção, em benefício de artigos não só mais baratos como tambem mais sãos.

Suas fábricas de óleo vegetal "A Patrôa," situados em Campinas e Rio Preto, modelarmente aparelhadas com a mais moderna maquinária e os mais avançados processos de produção, foram, assim, erigidas nas zonas de maior plantação de algodão no Estado de São Paulo, facilitando a obtenção da matéria prima — o caroço de algodão. E seus frigoríficos, pelo mesmo critério, estão situados em Rio Grande, Rosário e Utinga, cidades bem próximas às zonas ricas em rebanhos de gado de toda a região.

Estas grandes fábricas, por sua produção de alimentos, pela qualidade dos artigos que oferecem ao consumo público, pelo estímulo que proporcionam às fontes produtoras de matéria prima, representam uma fôrça viva ao serviço da Nação, uma fôrça de que extremamente se orgulha a Cia. Swift do Brasil.

CHAPA de AÇO

BETHLEHEM STEEL

A chapa de aço BETHLEHEM para cascos de navios e para tanques de óleo, água, gás, etc., é produzida com grande precisão, para tornar a construção fácil e econômica, resistente à tensão, e para durar muito, dando o máximo serviço.

A BETHLEHEM que é "um dos maiores produtores mundiais de aço," oferece um sortimento completo de artigos de aço, incluindo arame, tubagem, fôlha de Flanders, fôlha, aço de construção, aço para uso em caminhos de ferro e estradas, etc.

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

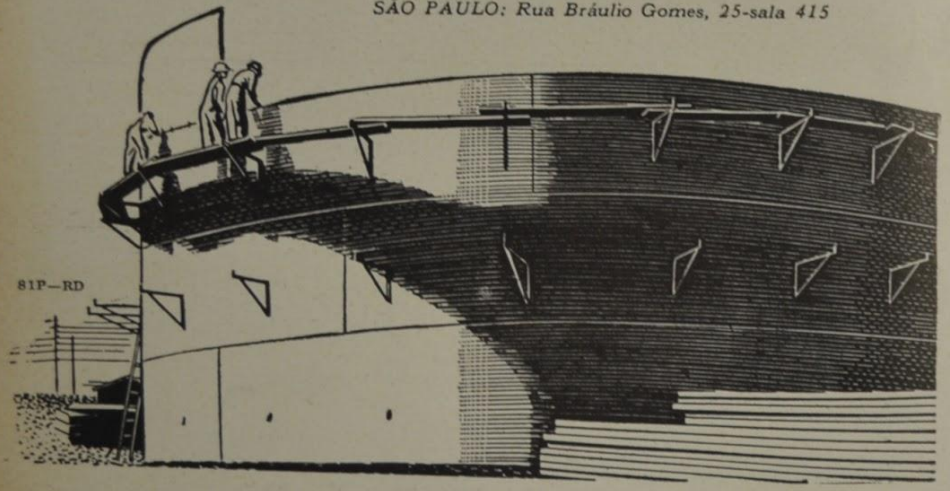
25, Broadway, Nova York 4, E.U.A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à

BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION

RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165-3° andar
SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415



81P—RD

Um NOVO ASTRO Gira AO REDOR DO MUNDO

●A Esferográfica BIROME não é um novo aperfeiçoamento das antigas "canetas tinteiro", mas uma invenção real:

porque

- Sua ponta esférica substitue a pena.
- Sua carga de tinta concentrada equivale a vários frascos de tinta comum.
- É manejavel com uma das mãos apenas; apertando-se o botão aparece a ponta e pressionando o clip ela retrocede.

ESFEROGRÁFICA **Birome** RETRÁTIL

BUENOS AIRES — MONTEVIDEO — RIO DE JANEIRO — SANTIAGO DO CHILE — LIMA — BOGOTA — CARACAS — ASSUNÇÃO

Serviço sempre em dia

com o registro de

DATA, HORA E MINUTOS

Chegou a primeira remessa dos Relógios-Carimbo fabricados em 1946!

O êxito de uma grande ou pequena organização não depende, exclusivamente, do volume de seus negócios, mas, principalmente, de sua boa administração de serviços. A falta de um registro rigoroso no recebimento ou na expedição de uma simples carta, pode acarretar sérios transtornos e prejuízos! Para evitar falhas dessa natureza, foi criado o "Relógio-Carimbo International." Imprimindo a data, hora e minutos, em quaisquer documentos, o "Relógio-Carimbo International" é indispensável às organizações modernas, para um contrôle exato de providências inadiáveis. Leve, de manêjo simples e suave, e de linhas atraentes, o "Relógio-Carimbo International" tem sido adotado por inúmeras organizações, como um auxiliar inestimável nos serviços de administração.

O "Relógio - Carimbo International" é indicado para tôdas as cidades ou localidades onde haja corrente alternada, de ciclagem controlada, de 50 ou 60 ciclos.

RELÓGIO - CARIMBO

INTERNATIONAL

Bancos, escritórios, fábricas, hotéis, companhias de transporte e de seguros, hospitais, repartições públicas, e, enfim, quaisquer organizações que necessitem de um contrôle preciso, terão plena satisfação como o uso do "Relógio-Carimbo International."

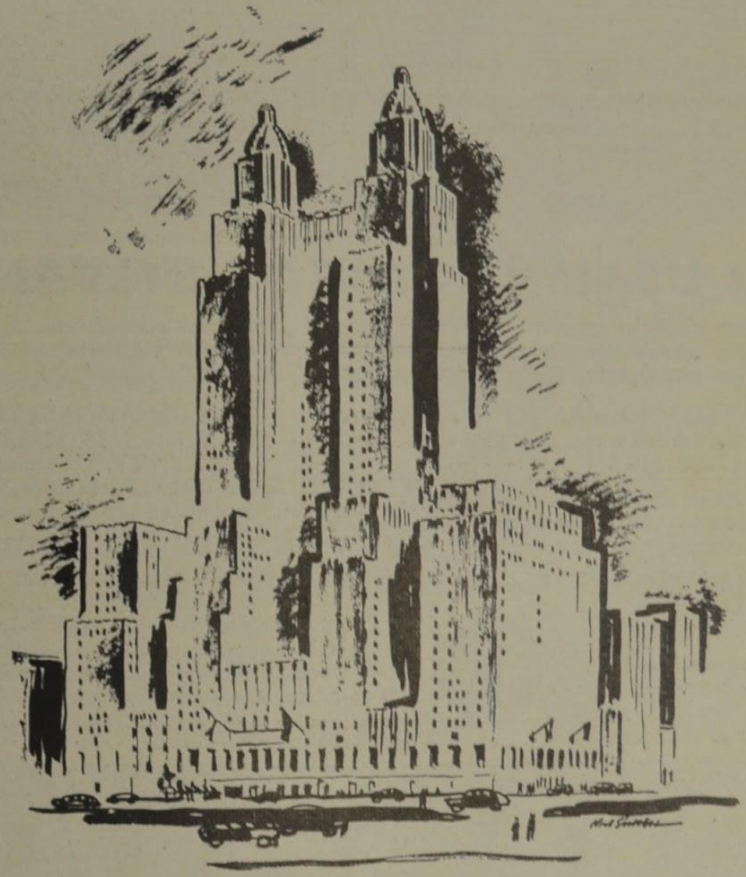
Peça-nos uma demonstração sem compromisso.

SERVIÇOS HOLLERITH S. A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANIZAÇÃO
REPRESENTANTE EXCLUSIVO NO BRASIL
da
INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

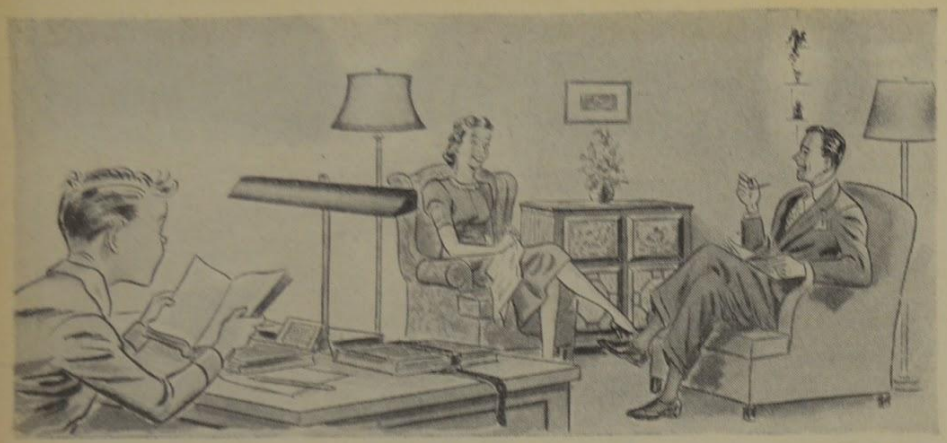
Matriz: Av. Graça Aranha 182, Rio de Janeiro — Representantes nas principais cidades do Brasil

De Renome Internacional



O Waldorf-Astoria

PARK AVENUE NOVA YORK



Todos USAM PRODUTOS SYLVANIA

Sim, gente de todas as idades, em toda parte . . . Nos lares e escritórios, lojas e fábricas, escolas e institutos, homens, mulheres e crianças usufruem as vantagens da iluminação, rádio e equipamento eletrônico da marca Sylvania.

LÂMPADAS FLUORESCENTES. Lâmpadas dos tipos miniatura, regular e especial, para tudo que diz respeito à iluminação.

INSTALAÇÕES FLUORESCENTES. A luz fluorescente no seu apogeu para fábricas, lojas, escritórios e lares.

LÂMPADAS INCANDESCENTES. Duraveis e com alta capacidade de luz.

VÁLVULAS DE RÁDIO. Completo sortimento das famosas válvulas "Lock-In" e tambem válvulas de raios catódicos.

ACIONADORES DE ARRANQUE E TOMADAS DE CORRENTE. Os acionadores Sylvania são mais rápidos, seguros e duram mais que os de tipo comum.

VÁLVULAS E DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS. Estroboton, diodos de cristal, tiratrons, magnatrons, lâmpadas de luz negra, válvulas moduladoras de grade incandescentes e outros dispositivos eletrônicos inclusive equipamento para teste em consertos e nos laboratórios.

Sylvania Electric Products, Inc., Divisão Internacional. 500 Fifth Avenue, Nova York 18, N. Y.

SYLVANIA ELECTRIC

Fabricantes de Lâmpadas Fluorescentes; Placas, Materiais para Instalações; Lâmpadas Elétricas; Válvulas de Rádio; Dispositivos Eletrônicos.

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

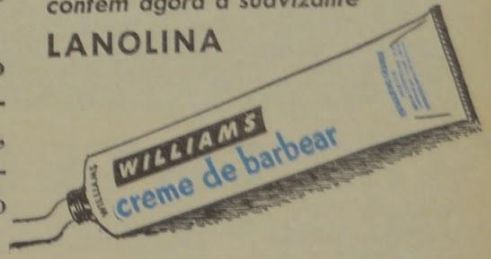
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

Barbeie-se bem sem conservar as desagradaveis marcas da navalha. Está claro que V. tambem gostaria de se escanhoar melhor e de ficar com uma bela aparência! Nesse caso, experimente o Williams, que contem Lanolina. A suavizante Lanolina ajuda-lhe a barbear-se muito rente, sem a penosa irritação que a lâmina produz.

Visto assemelhar-se muito ao óleo natural da pele, a Lanolina é receitada pelos médicos para suavizar as irritações. Agora todas as vezes que V. se barbear com o Williams, a sua cara gozará os benefícios da Lanolina.

O Williams deixa-lhe no rosto um aroma tão fresco como agradavel. E a sua famosa espuma, muito duradoura e ultra-penetrante, amolece os pelos, permitindo raspá-los com facilidade.

O mesmo tubo de sempre— contem agora a suavizante
LANOLINA



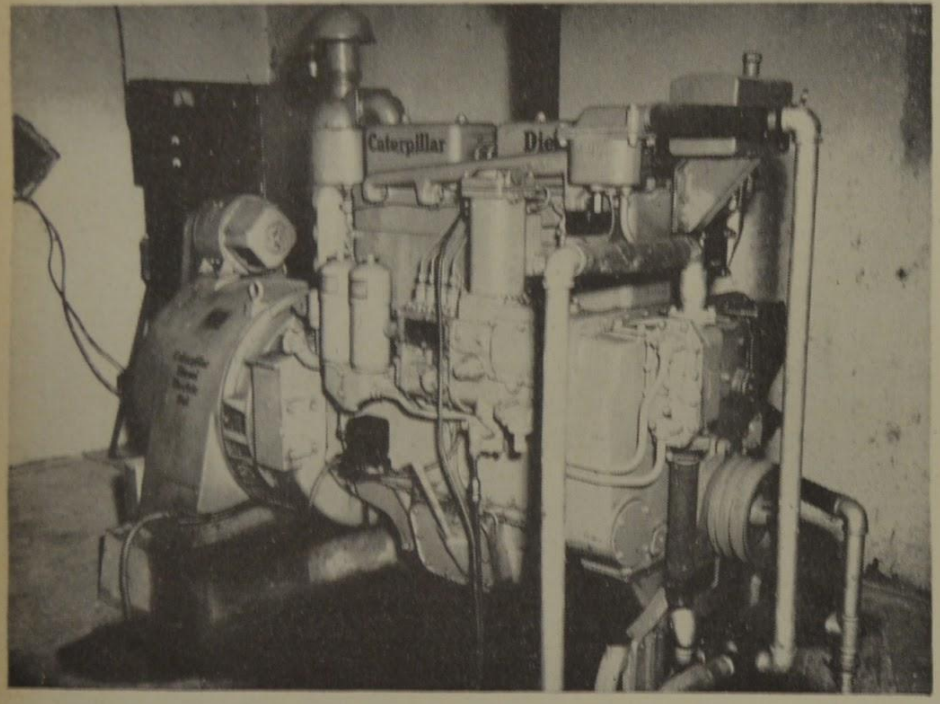
SEGURA CONTRA FALHAS DE ENERGIA

para estações de rádio que o temporal ameaça

Os TEMPORAIS e os furacões constituem sempre séria ameaça para as estações de rádio e as linhas de alta tensão elétrica. A Emissora WNEL de São João de Porto Rico, por exemplo, tem-se visto com frequência privada do seu suprimento principal de energia elétrica. Mas, graças à instalação de Eletro-Geradores Diesel "Caterpillar", sempre de reserva e prontos a assumir dum instante para outro as funções de uma central elétrica, *a WNEL nunca foi forçada a suspender suas transmissões!* Dessa maneira, foi-lhe possivel continuar a prestar este grande serviço público—a transmissão de avisos aos navegantes e de outras mensagens essenciais, durante o mau tempo.

Os Geradores Elétricos Diesel "Caterpillar" são admiraveis no carater de centrais de energia elétrica, normais ou de emergência, não só para o rádio como tambem para muitas outras indústrias que necessitam de corrente elétrica para iluminação ou força. Cada unidade constitue em si mesma uma "usina elétrica" completa . . . compacta, facil de instalar, facil de fazer funcionar — e de autêntica economia. Consulte o revendedor da "Caterpillar" na sua zona.

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Illinois, E. U. A.



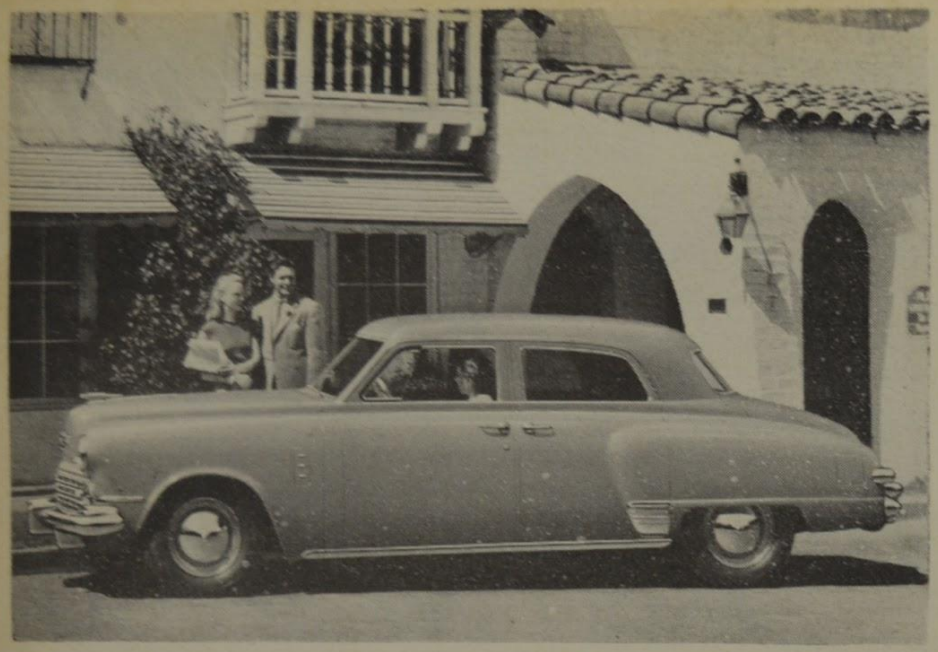
MOTORES DIESEL CATERPILLAR

MARCA REGISTRADA

TRATORES • MOTONIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOVER TERRA

Complemento perfeito de seu perfume

LENTHÉRIC *parfumeur-paris*



O NOVO STUDEBAKER 1947

Satisfaz ao seu gosto pela distinção!

EFETIVAMENTE V.S. causará inveja quando se tornar o orgulhoso possuidor deste belíssimo Studebaker 1947.

É o primeiro carro inteiramente novo do após-guerra. Sua beleza é uma verdadeira melodia em metal—é de pouca altura—muito comprido—e inquestionavelmente o mais avançado modelo em aparência e inovações que se pode encontrar no mercado de automoveis.

Guiá-lo é um prazer, viajar nele é como viver num sonho—graças ao seu desenho progressista. V.S. pode estar certo de que esse Studebaker proporcionará brilhante desempenho, gastando pouco, apesar de rodar muito.

Este novo Studebaker 1947 está sendo apresentado em 23 diferentes estilos, tanto no modelo *Champion* como no *Commander*. Faça todo o possivel para examiná-lo antes de se decidir a comprar seu automovel.

STUDEBAKER

Sinônimo mundial de excelência em autos e caminhões

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
End. Tel. "Studebaker"

Ouça as notícias e veja os esportes enquanto come ... Pelos que planejam para alem do dia de amanhã

Seu camarote de amanhã poderá ser o restaurante seu preferido, onde V. poderá ver, em telas sonoras de grandes dimensões, as corridas de cavalos consecutivas. A televisão irá levar-lhe as notícias mais sensacionais . . . a representação dramática das maiores estrelas. Tudo isto em telas dispostas de tal maneira, que V. poderá ver tudo sem mudar de posição.

. . .

DO mesmo modo, V. poderá desfrutar as delícias dum whisky que não se pode comparar com nenhum outro que já tenha provado . . . uma delicada combinação dos mais finos whiskies canadenses! Verifique hoje mesmo o que milhares de pessoas, no seu país e no estrangeiro, têm descoberto nestes últimos dez anos—que o Seagram's V.O. Canadense é o preferido para "high-ball" o mais suave do mundo.

Seagram's V.O. WHISKY CANADENSE

AGORA!

Beba os Vegetais

—8 de uma vez!

Toda a família se servirá do V-8 com verdadeiro prazer. E isso porque o V-8, o primeiro "suco de vitaminas," constitue incomparavel combinação dos sucos de 8 vegetais puros e frescos: alface, aipo, cenouras, beterrabas, espinafre, tomates, salsa e agrião. Contém as vitaminas A, B_1 e C, alem de cálcio e ferro.

Sirva V-8, quente, frio, em forma de geléia—sempre dará, a qualquer refeição, novo sabor. Peça-o ao seu fornecedor e em restaurantes. Preço bem moderado.

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc.
Rio de Janeiro

Escolha suas côres... com a

EVERSHARP

de sua côr favorita

Seis Ganhadores!—Dubonnet, Azul, Marron, Verde, Cinzento ou Negro!—Escolha a seu gôsto e escreva com prazer!

Flexível e macia, a Ponta Mágica EVERSHARP, em ouro de quatorze quilates, desliza suave e silenciosa.

O Alimentador Mágico EVERSHARP assegura e controla o fluxo contínuo da tinta, a qualquer altitude e a todo instante. Serviço de consêrtos da pena e lapiseira—GARANTIDO PARA SEMPRE.

Dê **EVERSHARP**

e dará a melhor!

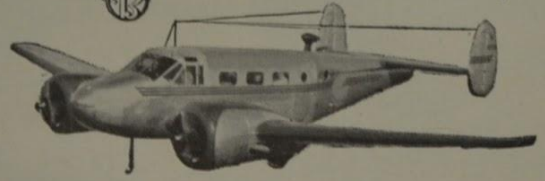
PRESSA CONFORTAVEL—A 200 MILHAS POR HORA

O TEMPO que se gasta viajando pode tornar-se util e produtivo para o homem de negócios que possue um Beechcraft Modelo 18, ou que viaje num desses aviões. Não é necessário adiar nem atrasar seus trabalhos; V.S. pode considerá-los com toda a calma enquanto o Beechcraft o leva suavemente a 200 milhas por hora, com destino a outros compromissos.

A distância em milhas é medida em minutos, em vez de horas. Pode-se normalmente viajar 800 milhas diárias, e V.S. verificará que é possivel nessas viagens tomar decisões de grande valor. Suas viagens podem ser relacionadas com as tarefas de cada dia, sem ter que depender dos horários rigorosos de outros meios de transporte.

No fim de um dia de muita atividade, servindo-se de um Beechcraft que complementa outros modernos métodos comerciais, V.S. se sentirá bem disposto e pronto para reunir-se à noite com amigos e divertir-se.

Beech Aircraft
CORPORATION
WICHITA, KANSAS, E.U.A.



Escreva-nos solicitando dados e demonstrações, sem compromisso da sua parte.

O MUNDO É PEQUENO QUANDO SE VIAJA NUM BEECHCRAFT

Cristovão Colombo...1946

Os mapas e os instrumentos são outros, mas a mesma infatigavel e corajosa exploração da verdade continua. Assim como as velhas fronteiras do mundo eram geográficas, as novas fronteiras pertencem à ciência—e a ciência trabalha para que seja mais agradavel e mais saudavel viver neste mundo.

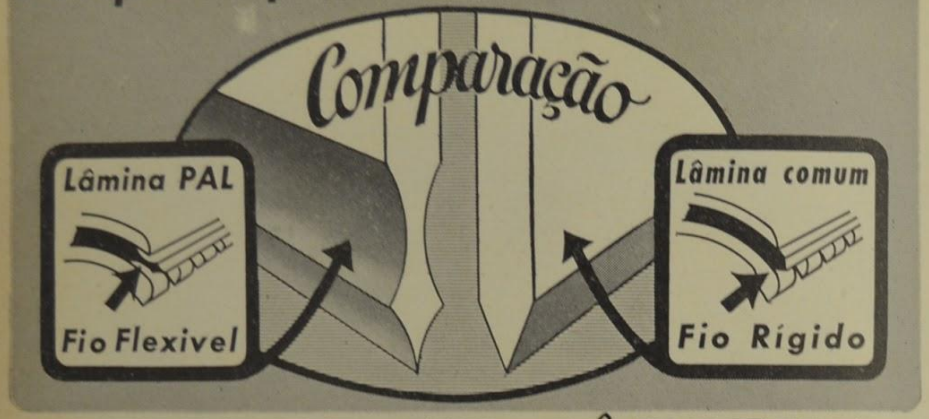
No entanto, muito antes da descoberta há a pesquisa sem fim, a análise ininterrupta e a auto-crítica. Pois estes homens da ciência e da medicina trabalham com vidas, vidas alheias, vidas de milhões. Nos grandes Laboratórios Squibb realizam-se pesquisas incessantes desde 1858. Aquí se encontram médicos e cientistas do mundo inteiro afim de colaborar para produzir anestésicos novos e aperfeiçoados para uma cirurgia melhor, novas e eficazes armas contra as moléstias tropicais e outras infecções microbianas, maiores desenvolvimentos no importantissimo campo da nutrição. O escopo de suas descobertas demonstra a largueza do escopo de seus estudos e pesquisas.

A Casa Squibb orgulha-se em ajudar os médicos, dentistas e farmacêuticos do mundo em sua campanha contra a doença e o sofrimento humano.

E·R·SQUIBB & SONS
Químicos e fabricantes, servindo a classe médica desde 1858

SQUIBB SIGNIFICA PESQUISA EM MEDICINA

Porque é que PAL barbeia MELHOR



AFIADAS EM CÔNCAVO

O maior aperfeiçoamento desde que foram inventados os aparelhos de barbear

O Fio Côncavo—como o das navalhas de barbeiro—fez da lâmina PAL um instrumento novo que barbeia com perfeição profissional (sem prejuizo do fator "segurança") por ser flexivel no aparelho. O Fio Côncavo, embora mais fino, é mais duravel, porque ao seguir flexivelmente as sinuosidades da cutis não é preciso empregar força. Nem irrita a cutis, deixando-a escanhoada à perfeição. Até a barba mais rebelde desaparece ao "toque de pluma" da lâmina PAL! Experimente para se convencer.

Agência no Brazil: RIBE LTDA., Caixa Postal 3054, RIO DE JANEIRO

Agência em Portugal: Max Nachman, 174 Rua dos Correeiros, Lisboa

DE DOIS FIOS — DE UM FIO

LÂMINAS **PAL** DE FIO CÔNCAVO

PAL BLADE CO., INC., NOVA YORK

De cada 10 colherinhas de sorvete que V. S. toma, 7 foram congeladas pela York!

Em todo o seu tempo de extraordinário incremento, a indústria norteamericana de sorvetes vem sendo assistida no "Centro de Refrigeração Mecânica," a tal ponto que hoje, de cada dez litros de sorvete que se fazem, sete são congelados pela refrigeração York.

Porem não termina aí a contribuição da York às indústrias do laticínio e alimentícias. De cada duas garrafas de leite que chegam aos lares americanos uma é preparada com auxílio do equipamento York.

A refrigeração e condicionamento de ar York prestam serviço em mais de metade dos frigoríficos públicos e particulares dos Estados Unidos, protegendo os alimentos da nação contra as avarias que as mudanças de temperatura e a umidade exterior poderiam ocasionar.

A primazia e experiência da York estão ao dispor de quantos desejem melhorar a qualidade e aumentar a distribuição com verdadeira eficiência de produção. A York está preparada para recomendar e proporcionar o equipamento *exato* para a função que se tenha em vista.

York Corporation, York, Pennsylvania, E. U. A.

YORK REFRIGERAÇÃO E CONDICIONAMENTO DE AR

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

1. Para Vender em Todo o Vale do Mississipi

Aquí, mais de 70 milhões de pessoas proporcionam-lhe um mercado de 60.000.000.000 de dólares. O sr. deve aderir agora aos exportadores que expedem anualmente quase 3 milhões de toneladas de carga através dessa estratégica porta de entrada do comércio inter-americano.

O Porto de

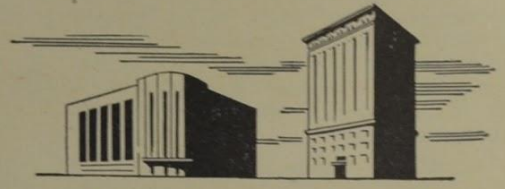
NOVA ORLEÃS

Convida-o

A Beneficiar-se de Suas Vantagens Sem Par

2. Para Receber a Preço Razoavel Matérias Primas e Artigos Industriais

As fábricas do Vale do Mississipi produzem equipamento agrícola, para tração e vias férreas; materiais de indústria e construção; mercadorias de toda espécie. As tarifas por vias férrea e marítima dos diversos pontos desta região a Nova Orleãs podem redundar, neste porto marítimo, em economias de 60 centavos até 5 dólares por tonelada.



3. O Segundo Porto dos E.U.A.— O Primeiro Porto em Eficiência!

Nova Orleãs conta com mais de 11 km de docas construidas de aço e concreto, que se coordenam por meio de linhas de vapores, vias férreas e batelões, para maior rapidez das remessas—e conta com elevador de cereais, transportadores de frutas, e grandes armazens para café. Há serviços bancários completos, despachantes aduaneiros, agentes embarcadores e representantes de importadores e exportadores.

4. Um Empório de Comércio Internacional —A Casa Internacional

Há em Nova Orleãs duas organizações, que não procuram lucros, e estão ao dispor dos interessados em comércio, onde é propício travar conhecimento com homens de negócio de tradições e de raça latina.

Para maiores detalhes e outros particulares que se apliquem especialmente ao seu ramo de negócios, escreva a

GREATER NEW ORLEANS, INC., NOVA ORLEÃS, LA., E. U. A.

Que Elegância! Que Perfeição!

As Belas Canetas-Tinteiro

Taperite

Não importa a maneira como V. julgue as canetas-tinteiro Waterman's. Há de convir sempre em que são de bela aparência e que com elas se escreve facil e suavemente. As penas das Waterman's são visiveis, e escrevem de acordo com o gosto e estilo de cada um, flexivel ou firme, para a escrita fina ou pesada. Há 60 anos que a Waterman's fabrica canetas-tinteiro de superior qualidade, de tanta perfeição que hoje ainda ocupam a dianteira nesse campo.

Waterman's

Faça uma prova! Escreverá 3 vezes mais palavras com um vidro de tinta Waterman's que com um vidro de qualquer outra tinta de preço popular. Isto já foi demonstrado na prática.

Veja a tampa com fecho de embutir que firmemente aperta o cabo de modo absolutamente seguro.

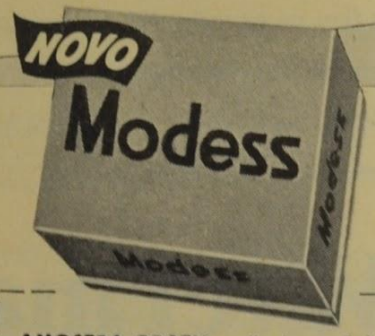
Distribuidores Exclusivos para o Brasil CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
Rio São Paulo Porto Alegre · Recife · Belém

Distribuidores Exclusivos para Portugal ALFREDO LOPES DA SILVA, Lisboa

3 entre 4 mulheres afirmam que o *novo* Modess oferece a mais segura proteção!

– Recentes estudos, feitos entre 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras, confirmam que o Novo Modess é

★ MAIS ABSORVENTE
★ MAIS HIGIÊNICO
★ MAIS MACIO



UM amplo inquérito, realizado recentemente entre 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras, revelou que 75 % delas acham o novo Modess melhor do que qualquer outro protetor para os dias críticos, porque o consideram mais absorvente, mais higiênico, mais macio! Se ainda não usa o novo Modess, não deixe de experimentar êste novo confôrto e proteção — *êste mês.*

Peça, simplesmente, *Modess* — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.

AMOSTRA GRATIS — Envie-nos Cr$ 1.00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 5030 — São Paulo.

6 - BBBB - 25

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

N. B — Êste cupom e a importância de Cr$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados. As amostras só serão fornecidas para o Brasil.

OUTRA PRIMAZIA DA REMINGTON RAND

Keyboard Margin Control*

KMC

***Controle Marginal no próprio teclado**

KMC

PELA PRIMEIRA VEZ NUMA MÁQUINA DE ESCREVER

"Toque na Tecla — Fixe a Margem!"

Agora simplificamos a regulação das margens — incorporando esta nova caraterística Remington no teclado, onde realmente deve ficar. Esta caraterística — último triunfo dos engenheiros da Remington Rand no campo da pesquisa e dos melhoramentos — vem incorporar-se a caraterísticas tais como a Tecla Destravadora, a linha de escrita mais longa, construção unitária e retrocesso do carro com maior suavidade e rapidez. Os referidos melhoramentos, um Toque Pessoal e uma ação mais rápida e leve, são apenas algumas das muitas razões pelas quais se têm comprado mais máquinas de escrever Remington do que qualquer outra marca. Veja essa nova Remington nas lojas dos distribuidores.

Direitos Reservados em 1946 pela Remington Rand Inc.

S. A. CASA PRATT

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • RECIFE
PORTO ALEGRE • BELO HORIZONTE • BAIA

"KEYBOARD MARGIN CONTROL" E "KMC" MARCAS DE FABRICA

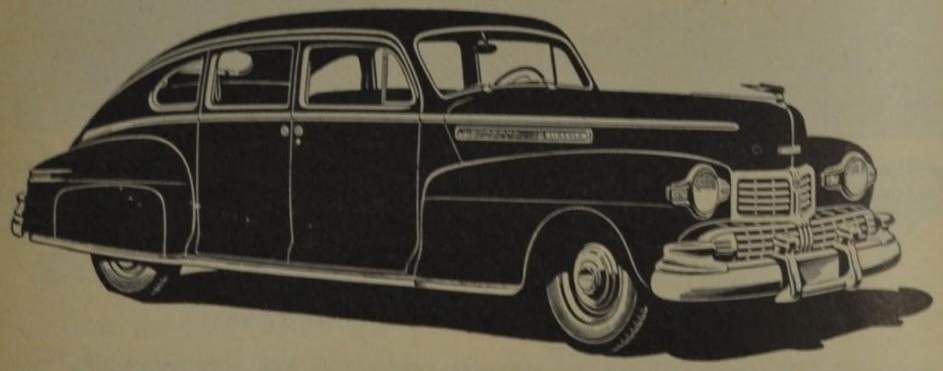
Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MAQUINAS DE ESCREVER

TUDO QUE POSSA IMAGINAR...

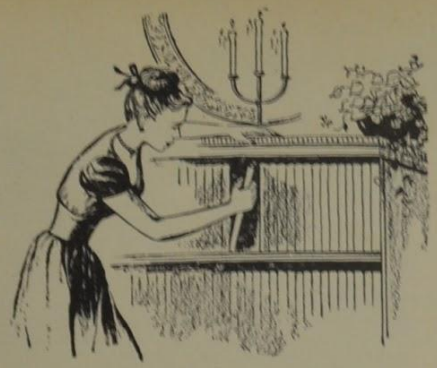
Basta experimentar a direção de um Lincoln, para que a excelência dêste carro famoso se manifeste evidente e insuperável. Porque o Lincoln é um carro de classe—de individualidade única, que se expressa em sua beleza distinta, em seu suave desempenho, em seu luxo aristocrático. Possuí-lo é uma evidência de bom gosto, pois Lincoln é, indiscutìvelmente, o melhor entre os melhores carros.

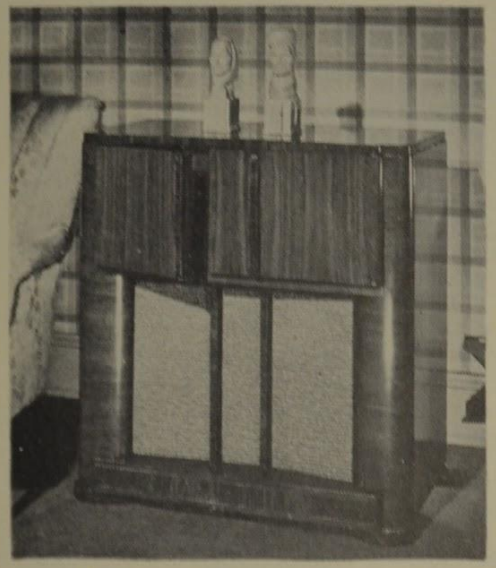
"Nenhum carro o supera"



DIVISÃO DA FORD MOTOR COMPANY

Lincoln





MODÊLO QU6I Rádio-fonógrafo Victrola* com mudança de disco "Roll-out" (sistema expelidor) com capacidade para discos de 25 cm e 30 cm. Dois alto-falantes de 30 cm. 5 faixas de recepção com mostrador horizontal e com sintonização de onda-curta. Belíssima caixa de estilo moderno.

Feliz combinação

—Uma coleção de discos RCA Victor e uma nova Victrola*

V. proporciona encanto e alegria a toda reunião de pessoas amigas quando as diverte tocando discos RCA Victor. Fará do seu lar o ponto onde convergem os maiores artistas do mundo—com uma discoteca RCA Victor.

Ouça discos RCA Victor que se sobressaem no rádio-fonógrafo Victrola,* aperfeiçoado nos grandes laboratórios da RCA. A música, seja ela irradiada ou tocada em seus próprios discos, chega aos ouvintes com toda a côr e brilho da execução original do artista.

*Victrola
Marca Registrada

RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA VICTOR RADIO, S. A. Rio de Janeiro

V. pode jantar em Nova York amanhã — se for de avião

A potência que encurta as distâncias

Quase todos os jornais dão frequentes notícias sobre os novos records de vôo que o "Constellation", esse rei dos ares, vem estabelecendo através de oceanos e continentes. A força-motriz que respalda esses records brota dos grandes motores que acionavam os gigantes da Aviação Militar dos E. U. A. — os incomparaveis Wright Cyclones 18.

Os esplendores de Broadway, a empolgante emoção que é olhar lá de cima as torres da maior cidade do mundo — são coisas não mais distantes no tempo, hoje, do que uma simples excursão de fim-de-semana.

A viagem a Nova York, que normalmente representava semanas de preparativos — fazer as malas! tomar providências para meses de ausência de casa e dos negócios! — é hoje a coisa mais simples deste mundo... graças ao avião.

Porque Nova York é hoje um desses sítios onde se pode ir com uma simples maleta de mão. Qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, se utilizar uma das modernas carreiras aéreas, pode voar a Nova York e estar de regresso a sua casa dentro de uma semana — em um "Constellation" acionado a Motor Wright Cyclone e Hélices Elétricas Curtiss.

Curtiss Wright

Export Division

30 ROCKEFELLER PLAZA, NEW YORK 20, N. Y.

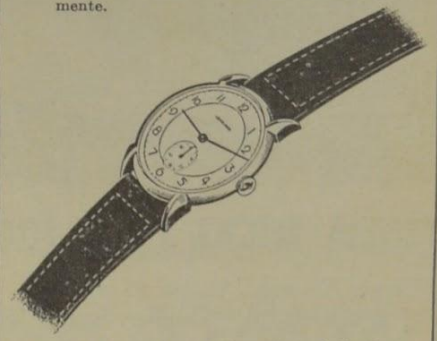
ORDEM DO DUPLO DRAGÃO

• *Ordem instituida na China, em 1861, pelo Imperador Tsai-Tien (Kusangu). Dividida em duas categorias. A primeira reservada para os chinêses, e a segunda destinada aos estrangeiros.*

Sob o signo do Mérito

Uma condecoração é uma obra de arte, uma delicada jóia destinada a premiar o merito. Nela se espelham, fielmente, a personalidade, as tradições de cultura e as virtudes heróicas de um povo.

LONGINES é um relógio de alta classe trabalhando com os requintes de uma jóia. Nêle se reflete a personalidade vigorosa de um povo que elevou a arte relojoeira aos mais elevados padrões de beleza e perfeição técnica. É o resultado de 80 anos de continuos aperfeiçoamentos. Sua precisão irrefutável tem sido comprovada oficialmente.

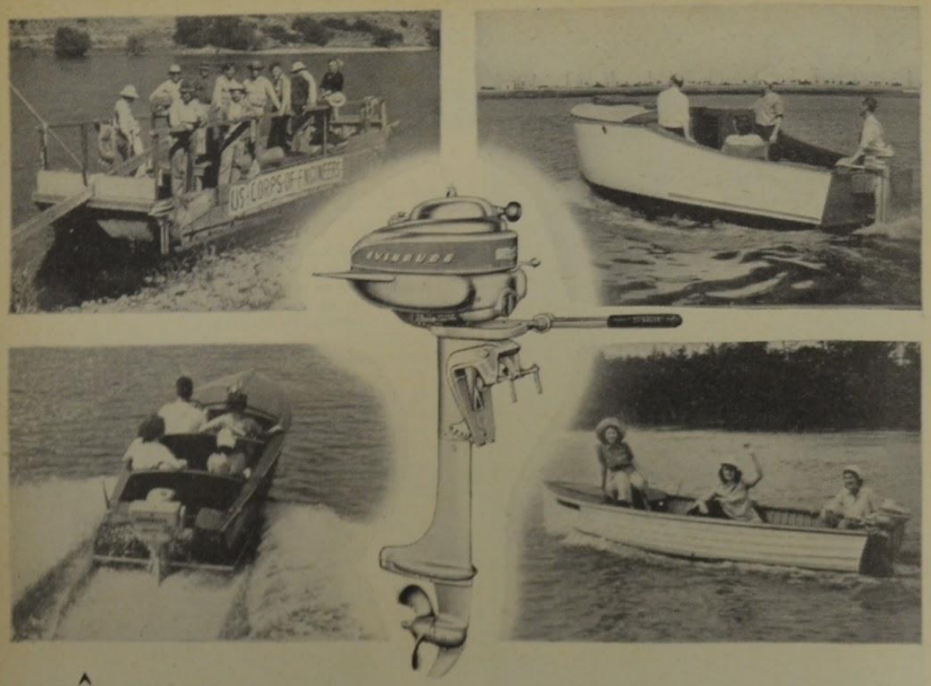


• Em 1866, Ernest Francillon, dedicado artífice relojoeiro — fundador da Fábrica LONGINES, na Suiça, realizou seus primeiros relógios de precisão, mais tarde consagrados na marca que é hoje um padrão em relojoaria!

LONGINES obteve sua primeira honraria em Paris, em 1867, e recebeu seu primeiro GRAND PRIX em 1885, na Exposição Internacional de Anvers. É o único relógio detentor de 10 GRANDS PRIX, a láurea máxima concedida ao relógio que, entre outras marcas já premiadas, alcança o maior indice de precisão e perfeição técnica.

LONGINES

Possuir LONGINES é ter o mérito de possuir um dos expoentes máximos da relojoaria suiça!



POTÊNCIA EFICAZ PARA TODO TIPO DE EMBARCAÇÃO

Até os mais diminutos barcos de recreio são acionados por motores de popa Evinrude. O modelo Evinrude mais leve pesa *menos* de 9 quilos, e acelera barcos pequenos com excelente velocidade.

Para maiores embarcações de recreio, e para cargas pesadas e transporte comercial, a Evinrude fabrica uma completa série de modelos. Todos os modelos Evinrude oferecem a superior vantagem de *ser portateis* . . . adaptam-se rapidamente a qualquer embarcação . . . não acarretam despesa de instalação . . . não ocupam lugar dentro do barco . . . e permitem navegar entre recifes e baixios.

O moderno Evinrude representa 37 anos de constantes aperfeiçoamentos no fabrico de motores de popa . . . alta potência com peso leve . . . arranque suave e funcionamento sem ruido . . . segurança e durabilidade. Escrevanos pedindo o Guia Evinrude de Motores e Barcos . . . Veja a oferta.

EVINRUDE
MOTORES DE POPA

GRATIS! Peça-nos o "Boat & Motor Selector" da Evinrude, que indica o motor adequado para cada tipo de barco, e fornece uteis indicações sobre botes, velocidades, etc. Sirva-se do cupom apenso a este anúncio.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
Divisão de Exportação, E10P **Waukegan, Illinois, E. U. A.**

Queiram remeter-me um exemplar do "Boat & Motor Selector" da Evinrude.

Nome: .....

Endereço: .....

O Encanto e a Qualidade Inigualáveis da Sheaffer's

"TRIUMPH" TUCKAWAY

A NOVA PENA *Lifetime**

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

A encantadora e nova SHEAFFER'S "Triumph" Tuckaway, com ouro de 14 quilates e pena cilíndrica "*Lifetime*"*—garantida por tôda a vida—é a caneta ideal para a mulher! "TRIUMPH" Tuckaway da SHEAFFER possue um "clip" de forma especial, que se ajusta perfeitamente a qualquer bolsa ou bolso e está sempre "à vontade" onde quer que seja transportada.

W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Novas Canetas e Lapiseiras **"TRIUMPH"**

ABRINDO A PORTA QUE LEVA A UMA VIDA MELHOR

Os utensílios e aparelhos da General Electric oferecem uma vida mais amena.

A beleza inerente aos novos utensílios domésticos e aos rádios Tom Natural torna os produtos da General Electric preferidos dos milhões de pessoas que se orgulham do seu lar.

As modernissimas lâmpadas fluorescentes e incandescentes de General Electric dão melhor luz.

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E.U.A.

RD-6-7

Os Produtos da INTERNATIONAL HARVESTER

A INTERNATIONAL HARVESTER tem visto crescer a agricultura e a indústria . . . e tem contribuido imenso para seu desenvolvimento. E os produtos da International Harvester prestarão maior ajuda ainda na era nova que se está inaugurando.

Estes produtos que a International Harvester fabrica—Tratores e Maquinaria Agrícola McCormick-Deering International, Caminhões International, Força Industrial International—encontram-se hoje trabalhando em todas as localidades! Manufaturados por uma organização que conta *115 anos de contínuo serviço e a decisão de fabricar produtos de qualidade duradoura* . . . eles demonstram repetidamente sua robustez, capacidade de bem desempenhar-se e despertar confiança, na agricultura, no transporte por caminhões, e na indústria.

Sugerimos-lhe que considere o emblema "IH" como seu guia, ao adquirir tais produtos. Como a milhares de outros compradores do mundo inteiro, eles hão-de render-lhe maior economia e satisfação.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, 1, E. U. A.

Pescaria em ACAPULCO

"Ganhei muitas garrafas de 'Canadian Club', pescando no porto de Acapulco" —escreve um admirador desse famoso balneário mexicano. "Mas este ano Acapulco brindou-me duas estupendas aventuras de pesca. A primeira foi ter pescado com arpão um peixe-espada voador—90 centímetros de fúria! . . . A outra foi uma hora de combate mortal com uma arraia de tonelada e meia de peso! . . .

"Íamos em busca de pesca menor, quando observei uma arraia sacudindo seu mortífero rabo. . . . Lancei-lhe o arpão! . . . O gigantesco peixe, enfurecido, atacou. Durante uns instantes afrouxei—até vê-la desaparecer na água."

Em cada país que visita, o viajante encontra sempre alguma coisa de novo—e porventura também alguma coisa de familiar. Assim, nos hotéis e clubes de toda a América Latina—um reconfortante copo de "Canadian Club"! Tão satisfatório só por si como em misturas e com soda, o "Canadian Club" é uma bebida para toda a noite—em coquetéis, antes de jantar; e no whisky-com-soda, depois.

EM 87 PAÍSES—NÃO HÁ OUTRO WHISKY COM SABOR IGUAL AO DO

"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS. Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá; Peoria, E.U.A.; Dumbarton, Escócia; e Buenos Aires

Não ha sorriso feio!

Sim, tôdas as pessoas podem sorrir com encanto! Os dentes amarelados, sem brilho e sem graça são, quase sempre, uma consequência do uso ineficiente dos dentifrícios antigos, sem os modernos aperfeiçoamentos científicos que possam proporcionar uma higiene bucal adequada e perfeita. Milhares de pessoas, que nunca haviam estado satisfeitas com a aparência dos seus dentes, fizeram uma experiência de sete dias, apenas, com a PASTA DENTAL PHILLIPS e, ràpidamente, obtiveram resultados maravilhosos! Viram seus dentes ganharem alvura, brilho, vida e encanto. Contendo mais de 75 % do legítimo LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, o antiácido ideal, a PASTA DENTAL PHILLIPS é o dentifrício completo, que neutraliza a acidez bucal, derrotando a cárie, e embranquece os dentes, embelezando e alegrando o sorriso.

O SEU DENTISTA CONFIRMARÁ:

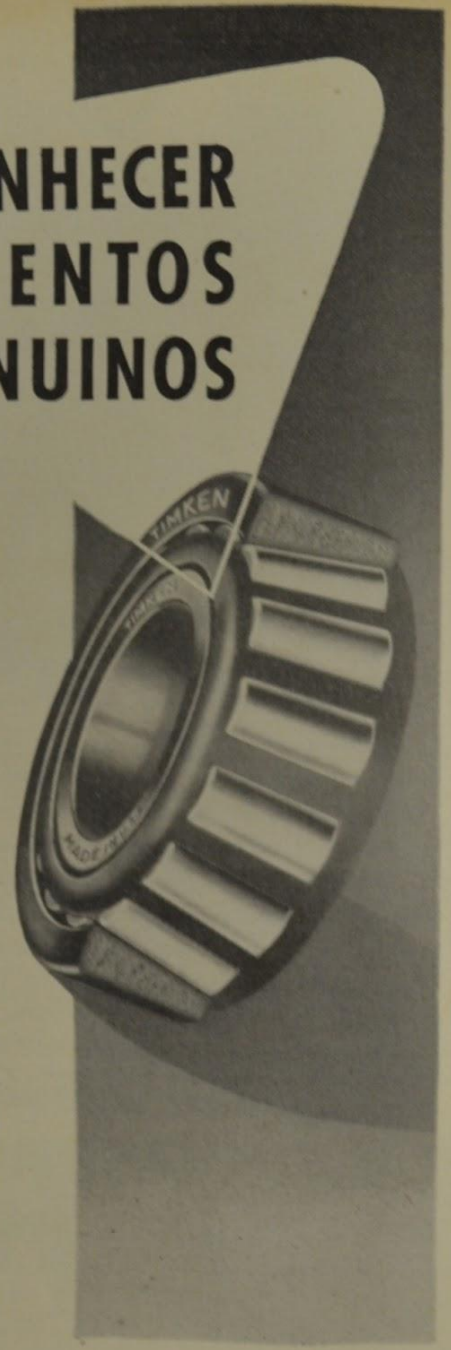
PASTA DENTAL

PHILLIPS

BRILHO, BELEZA

BRANCURA

COMO RECONHECER OS ROLAMENTOS TIMKEN GENUINOS



A primeira coisa a ter em mente é que nem todos os rolamentos cônicos são Rolamentos Timken. Só a Timken Roller Bearing Company e suas filiadas fabricam os Rolamentos Timken. Esta companhia foi a pioneira no fabrico de rolamentos cônicos, há quase 50 anos, e desde então vem desenvolvendo e melhorando a sua fabricação.

Os Rolamentos Cônicos Timken são os únicos que podem ter estampado o carimbo "TIMKEN", marca registrada da The Timken Roller Bearing Company. Sendo assim, quando comprar rolamentos cônicos, assegure-se de que têm essa marca registrada, para não se enganar; essa marca qualifica o que há de melhor em rolamentos — conhecidos e preferidos no mundo inteiro.

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E.U.A.

TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS

"Tudo que existe em rolamentos"

ÀS SUAS ORDENS

melhores produtos de petróleo

Os produtos certos, entregues no devido tempo e no lugar devido. Eis o que permite que V. possa utilizar suas fábricas e equipamento com a máxima eficiência e economia. A Texaco lhe oferece tudo isso—uma fonte conveniente de abastecimento de produtos de petróleo de alta qualidade.

THE TEXAS COMPANY

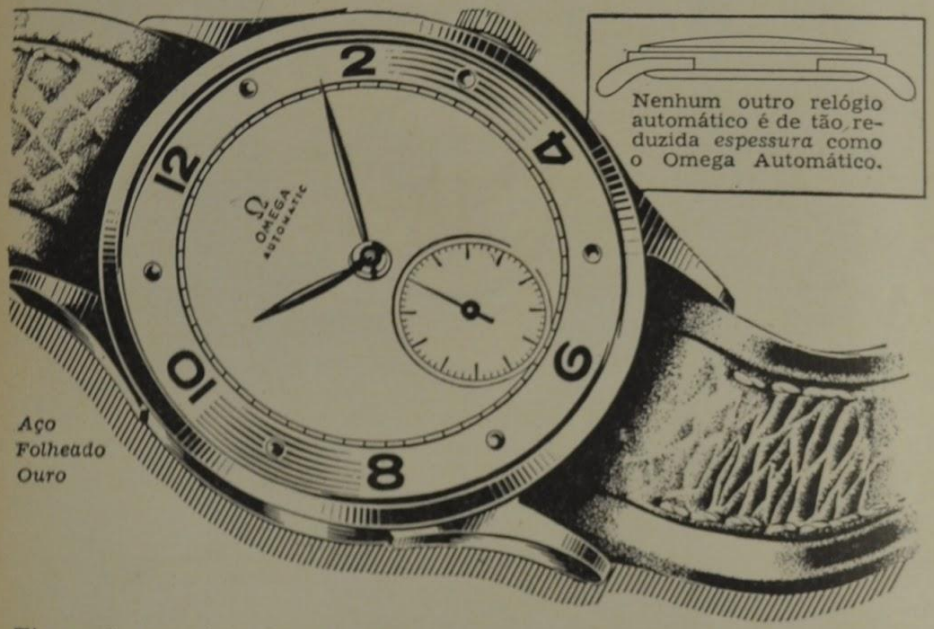
e seus distribuidores

TEXACO

MARCA REG.

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

AGORA EXISTE
um relógio automático
com a "Precisão Omega"



Eis mais um triunfo Omega: o Omega Automático. Não é sòmente um simples relógio automático... Êle possui ainda a famosa "Precisão Omega"! É que o Omega Automático constitui mais um resultado dos famosos récordes de precisão conseguidos por Omega no célebre Observatório de Teddington, na Inglaterra! Examine êsse maravilhoso relógio nas boas relojoarias. Impermeável à água, pó e suor — À prova de choques — Antimagnético — Extra-chato — Inoxidável — Vidro inquebrável.

OMEGA *Automático*

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE GENEBRA-SUIÇA Tissot

A PENA MAIS PRÓPRIA PARA O SEU TIPO DE LETRA

Isto é o TUBO duma caneta-tinteiro

Não tem pena no tubo

Tem 33 PENAS ESTERBROOK diferentes

Seja qual for o seu tipo de escrita, v. pode conseguir a PENA MAIS PROPRIA para êle

O MAIS IMPORTANTE—

Primeiro: escolha a pena que se ajeite melhor a sua maneira de escrever

Depois—ESCOLHA o tubo da côr que preferir

VERMELHO VERDE MARRON CINZENTO PRETO AZUL

Aparafuse a PENA no TUBO

simples—
fácil—
veloz!

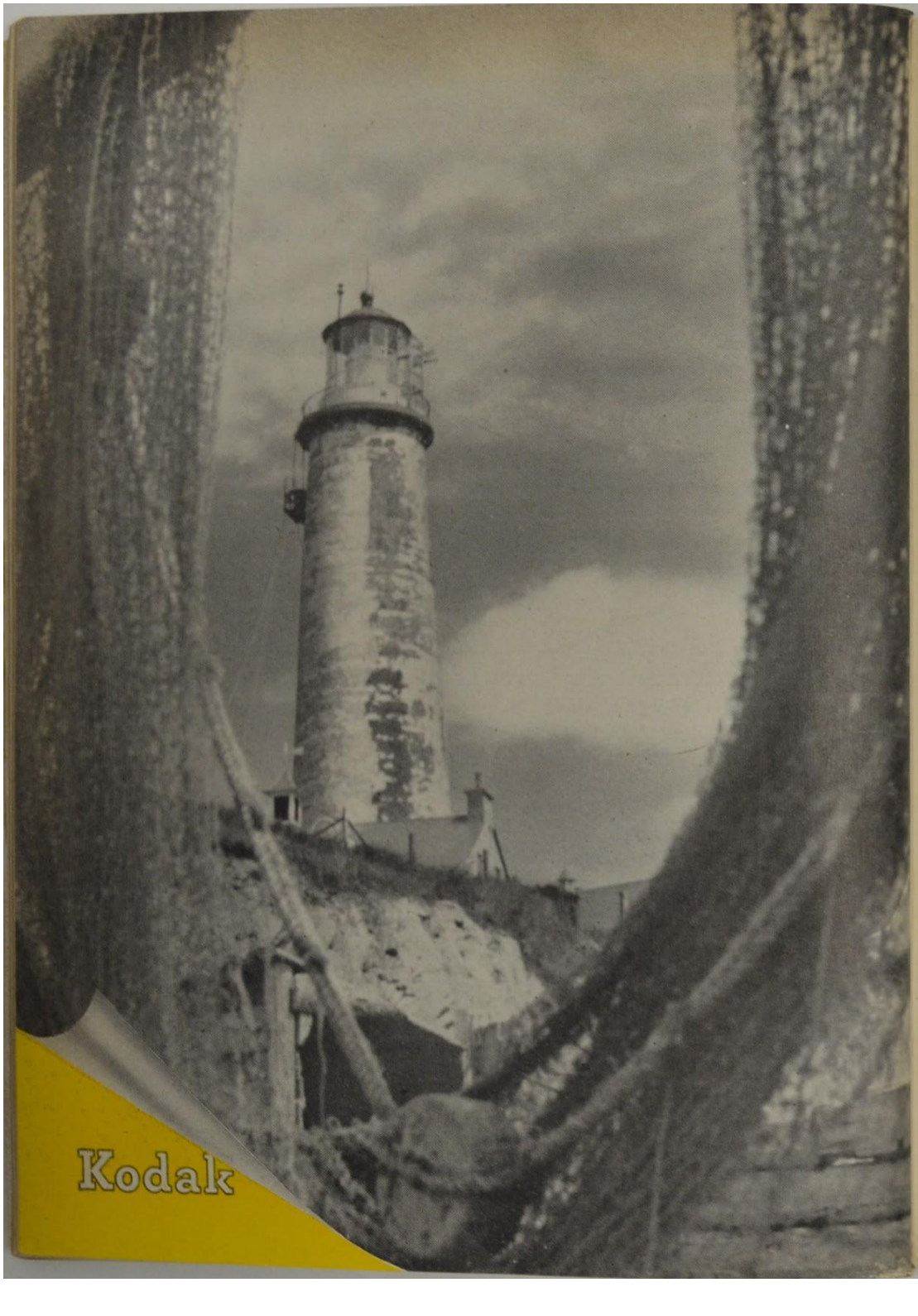
E aí tem a caneta-tinteiro ideal para a sua mão

TEM 33 Penas Diferentes

O PRIMEIRO FABRICANTE DE CANETAS DA AMÉRICA

Esterbrook

CAMDEN, N. J., E. U. A.

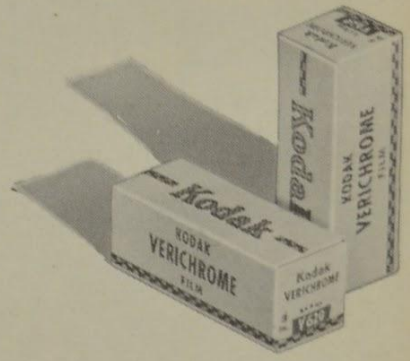


...em português é **"um farol"**

...em inglês, **"a lighthouse"**

...em dinamarquês, **"et fyrtaarn"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak



* **Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existência, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermédio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo. No Brasil se distribuem por intermédio de Kodak Brasileira, Ltd., Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

O Aristocrata dos Whiskies

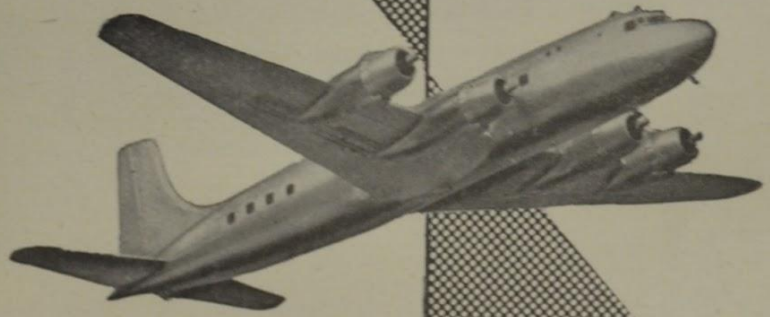
A qualidade do "Kentucky Tavern" tem constituido o timbre e orgulho duma família cujos conhecimentos em matéria de fabrico de finos whiskies são uma tradição que dura há já três gerações.

Glenmore Distilleries Company
Incorporated
Louisville, Kentucky, E. U. A.

ENGARRAFADO NA DESTILARIA

O PREFERIDO

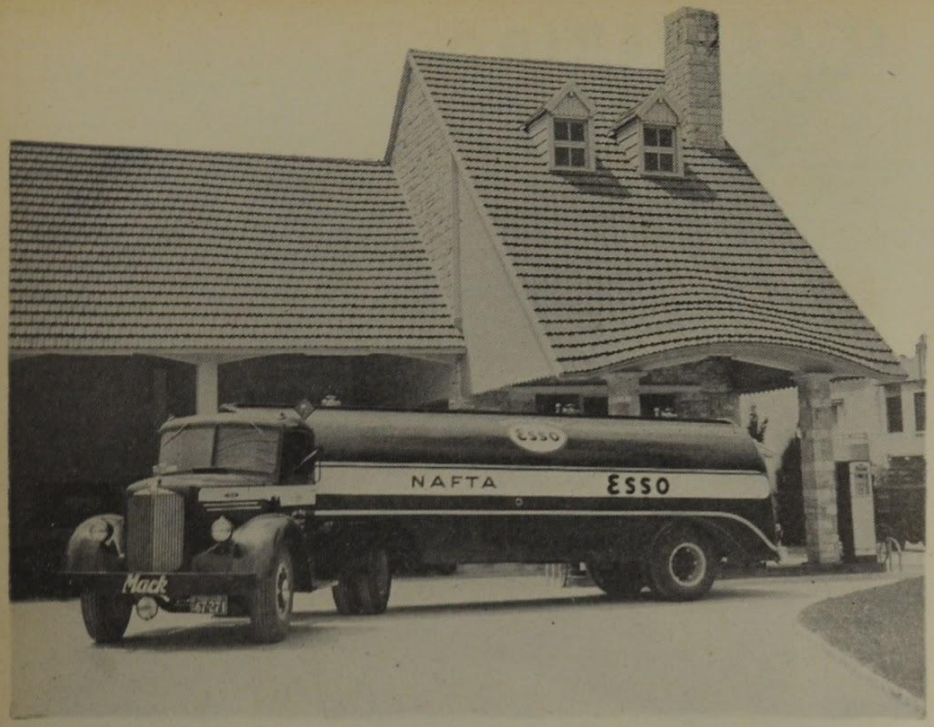
Os aviões de transporte Douglas foram escolhidos pelos Exércitos Aliados para transportar os elementos que produziram a Vitória. Eles foram escolhidos também por mais de 85 das principais Linhas Aéreas do Mundo.



DOUGLAS

Mais Gente por Toda Parte Viaja em Aviões Douglas

Usados em Todas as Principais Linhas Aéreas



O SEU CAMINHÃO LHE BASTA PARA TODAS AS TAREFAS?

Para adaptar um caminhão a cada tarefa não é o tamanho que importa: é o *trabalho* que êle possa executar . . . e as *despesas* em que se incorre com esse trabalho. Nisso é que se justifica a posse dum caminhão.

Quando se põe um Mack a trabalhar, vê-se logo porque é um *caminhão de verdade*. Note-se as qualidades que o tornam valioso: resistência ao trabalho, longa duração, menos interrupções do serviço.

E isso tudo porque os caminhões Mack são fabricados com rigidez em todos os detalhes . . . e assim vem sucedendo há 46 anos. Por exemplo, as engrenagens de distribuição do caminhão Mack, protegidas por armaduras, são por tal modo duradouras que *nunca* houve necessidade de substituí-las por desgaste.

Se o sr. pensa que não pode melhorar o seu sistema de transporte, gastando menos, **o certo é que ainda não experimentou um Mack!**

SE V. TEM UM
Mack
TEM MUITA SORTE . . .
SE PROJETA COMPRAR UM,
TEM MUITO JUIZO

MACK TRUCKS, INC., EMPIRE STATE BLDG., NOVA YORK 1, E. U. A.

Fabricantes de caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores novais de fama universal—a gasolina e diesel. A Mack tem distribuidores em todas as capitais da América Latina

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

Tenciona levar seus negócios a novos mercados, como a Suécia?

TALVEZ o Sr. esteja considerando a Suécia —ou outros paises de alem mar—como um mercado em perspectiva. E há de haver coisas e fatos que o Sr. precisa conhecer primeiro a respeito das pessoas e dos costumes desse país . . . O City Bank dispõe de elementos excepcionais para assistí-lo nesse trabalho.

Dispondo de bancos correspondentes em todas as cidades de importância comercial do mundo, e possuindo mais filiais ultramarinas do que outro qualquer banco nacional dos Estados Unidos, a rede do National City Bank of New York cobre o mundo.

Se o Sr. anda pensando em alargar seus negócios no estrangeiro, agora ou mais tarde, venha consultar-nos e discutir conosco os seus planos, em qualquer das 44 filiais do City Bank estrategicamente situadas em toda a América Central e do Sul, e nas Antilhas. Será benvindo.

Proteja seu dinheiro com os Cheques de Viajante NBC—aceitos em toda parte

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes
no Mundo
Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellín

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

Petróleo... Colaborador da Mineração... O petróleo serve de combustivel e lubrifica as gigantescas pás mecânicas que extraem da terra as riquezas minerais, bem como os navios e trens que o transportam para qualquer parte. Mas os especializados produtos de petróleo Esso tambem executam outras tarefas, menos conhecidas, da produção de metais. A parafina, por exemplo, acondiciona a dinamite que arranca o minério da terra, enquanto que, por seu turno, o óleo destaca o metal do minerio. Na mineração, os produtos Esso estão constantemente aplainando caminhos para esta indústria básica, da qual dependem milhões... reafirmando, assim, diariamente, a reputação da Esso como lider da indústria petrolífera desde 1870.

Esso

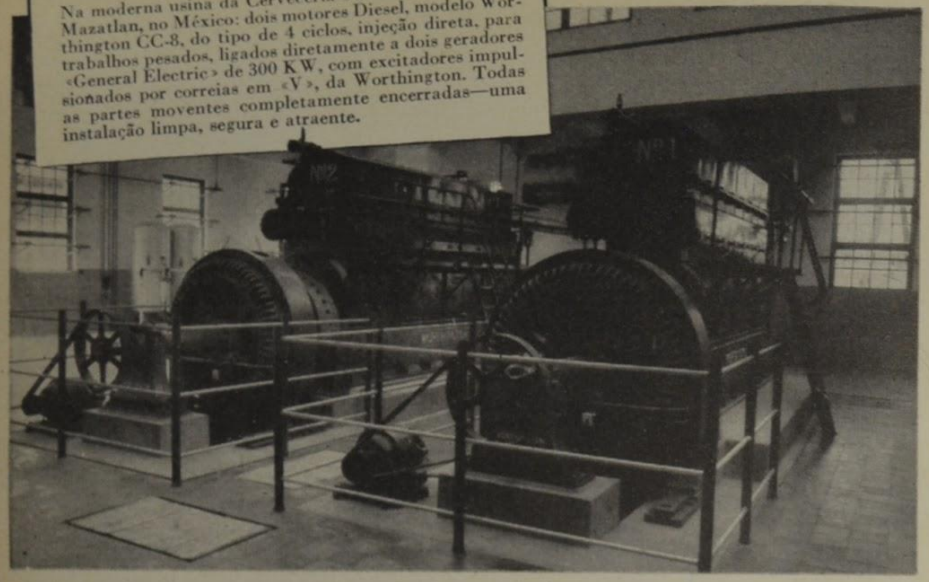
ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

MICHEL...

O mais suave entre os suaves

Quando é que V. achará em qualquer outro baton essa base cremosa e úmida, caraterística tão destacada do baton Michel? . . . Ou essa delicadeza e essa facilidade com que ele se espalha uniformemente sobre os lábios? Em que outro baton é que V. encontra essas excepcionais qualidades de permanência e esses feiticeiros tons naturais que convidam ao beijo? . . . e tão delicado aroma que deleita os sentidos?

BATON · PÓ DE ARROZ · RUGE · MASCARA · SOMBRA · CREME PARA MAQUILHAGE



Na moderna usina da Cerveceria del Pacifico, S.A., em Mazatlan, no México: dois motores Diesel, modelo Worthington CC-8, do tipo de 4 ciclos, injeção direta, para trabalhos pesados, ligados diretamente a dois geradores «General Electric» de 300 KW, com excitadores impulsionados por correias em «V», da Worthington. Todas as partes moventes completamente encerradas—uma instalação limpa, segura e atraente.

TANTA FORÇA.... COM TÃO POUCO COMBUSTIVEL!

Os notaveis resultados obtidos com os Motores Diesel «Worthington» são *garantidos*

Trabalhando continuamente, a máxima capacidade, os motores CC-8 Diesel, da Worthington, geram nada menos do que 12 kilowatt-horas de energia elétrica por galão de óleo de combustivel. Quando equipados com superalimentadores impulsionados por turbinas e com escapamento de gás, podem produzir mais 50% de força.

A Worthington garante essa produção de energia, na proporção citada, bem como garante que os motores CC-8 podem funcionar a máxima capacidade continuamente, e com um excesso de 10% alem dessa capacidade máxima durante 2 horas em qualquer período de 24 horas.

É facil imaginar o que esse notavel desempenho representa em economia de custo de combustivel diariamente, ano após ano. Alem de produzirem força barata, com funcionamento sempre garantido, os motores Diesel «Worthington» são solidamente construidos, com modernos desenhos, razão pela qual são usados vastamente, tanto em serviços públicos como em empresas particulares, em todo o mundo.

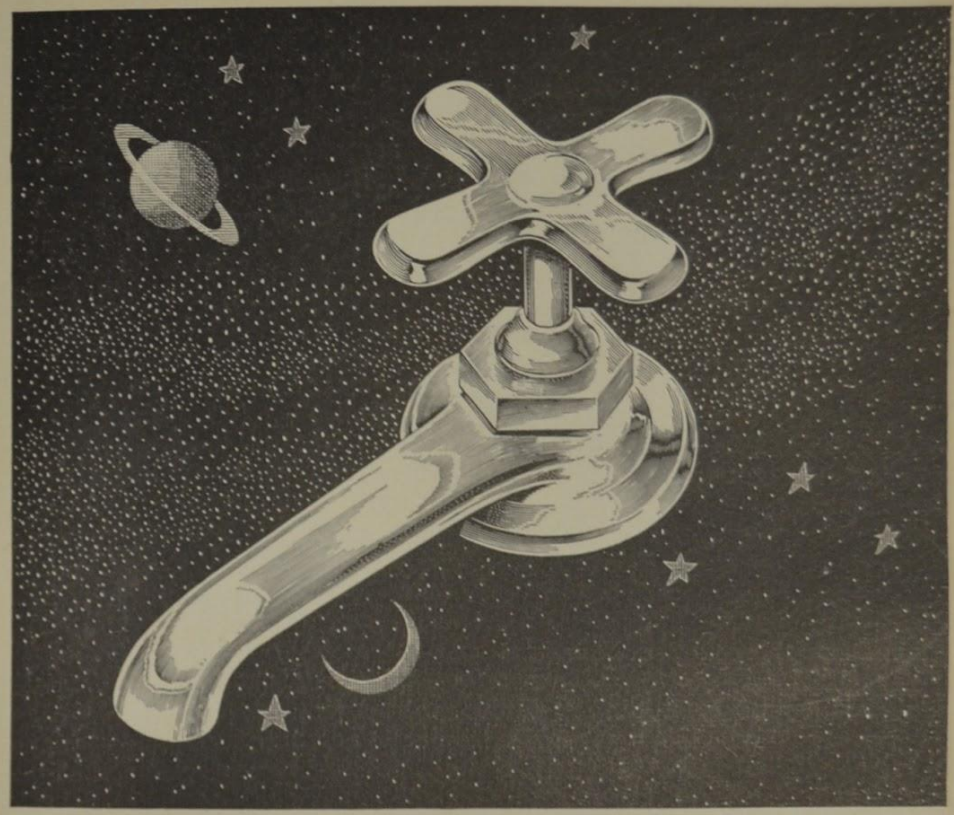
Para informações mais completas, dirijam-se a: *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Division, Harrison, New Jersey, U.S.A. Escritórios e representantes em todo o mundo.*

F6-5

WORTHINGTON

Emblema de Valor no Mundo Inteiro

CARTOMANTE para cidades e municípios



PARA saber a sorte da cidade onde V. reside, abra a torneira. A água está espessa? Então a cidade não é próspera como merece. As indústrias e os cidadãos preferem a água macia com todas as suas vantagens e economias.

O governo progressista de uma cidade, por indicação dos engenheiros municipais, pode assegurar um bom suprimento de água com o emprego do sistema Permutit* de Condicionamento de Água. O equipamento Permutit garante tornar a água macia, límpida e livre de ferro, para o lar e para a indústria.

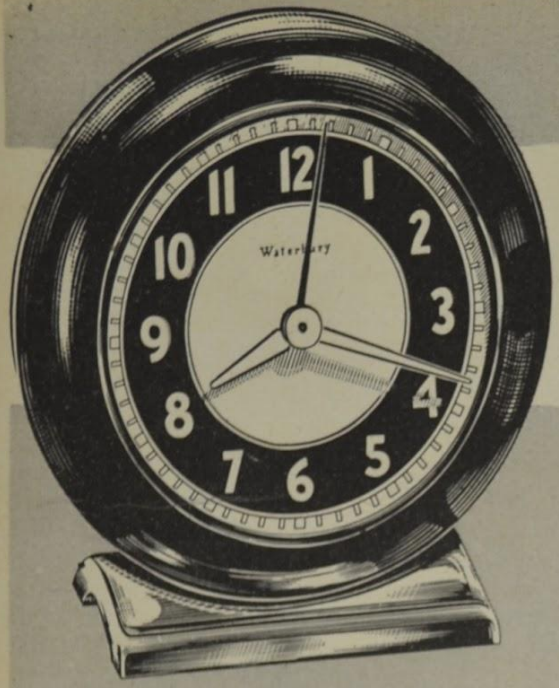
Nestes dias em que tudo progride, o suprimento de boa água é não só benefícial ao plano de uma cidade, mas tambem essencial. O melhor tratamento que uma cidade pode dar hoje ao seu reservatório de água é o sistema Permutit de Condicionamento de Água.

Para obter maiores detalhes escreva a The Permutit Company, Depto. RD10, 330 West 42nd Street, New York 18, N. Y., ou Permutit Co. of Canada, Ltd., Montreal. *Marca Registrada

REPRESENTANTES NO BRASIL
Parson, Crosland & Cia., Ltda.
Av. Graca Aranha 416, 1st.
Rio de Janeiro
(Caixa Postal 1382)

Parson, Crosland & Cia., Ltda.
Rua Barao de Itapetininga 273, 11°
Sao Paulo
(Caixa Postal 5120)

PERMUTIT QUARTEL-GENERAL DO CONDICIONAMENTO DE ÁGUA



MAIOR PRECISÃO

Durma confiando no Despertador

Waterbury

Entre os muitos melhoramentos recentes contam-se: Em uma só operação dá-se corda tanto à hora como ao despertador—campainha de som melodioso que desperta sem sobresaltar —tem corda para 40 horas.

Tambem relógios de bolso e pulseira

★ *Ingersoll*
★ KELTON ★ Waterbury

US TIME

Fabricados por THE UNITED STATES TIME CORPORATION, E.U.A.

"Eu convido..."

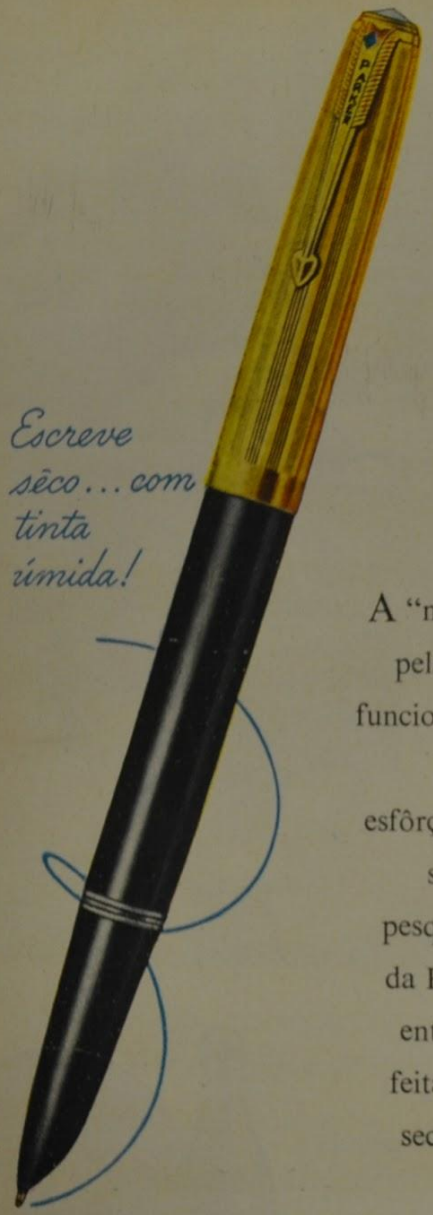
Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946, THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Preço—Cr. $1,00

Parker "51"

Escreve sêco... com tinta úmida!



A "mais desejada" entre as canetas . . . pela impressionante beleza . . . pelo funcionamento impecável . . . Sua partida automática, sua escrita sem esfôrço e sua pena encerrada e protegida são o resultado das inovadoras pesquisas e da manufatura de precisão da Parker. E esta é, também, a única, entre tôdas as canetas, desenhada e feita para usar a tinta de mais rápida secagem no mundo, a Parker "51"!

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Representantes exclusivos para Portugal e Posto Central de Reparações: ANTONIO VIEIRA, Ltda. 167, Rua do Ouro, 173, Lisboa

O juri que não se equivoca

Ninguem pode impor um produto pela força, nem mesmo a força de propaganda. Nas democracias, ante a livre concorrência, o veredicto da superioridade é ditado pelo público consumidor, que nunca se equivoca, visto ajuizar pelos resultados.

Para triunfar na árdua luta, a General Motors impôs-se inflexivelmente a norma de oferecer a mais alta qualidade ao preço mais baixo possivel. A preferência do público no mundo inteiro só se pode obter mediante o cumprimento rigoroso dessa norma.

Por isso, confiada no critério público, a General Motors continuará esmerando-se em produzir sempre mais e "melhores produtos acessiveis a mais pessoas".

GENERAL MOTORS

Melhores produtos acessiveis a mais pessoas

GM

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet • Vauxhall • Caminhões GMC, Chevrolet e Bedford • Frigidaire • Motores Diesel • Peças e Acessorios

DE APLICAÇÃO MÚLTIPLA

no Transporte de passageiros

O helicóptero S-51, pela variedade de aplicações a que se presta, é ideal para o transporte rápido e direto de passageiros, em viagens de negócio ou de recreio, a qualquer local e em qualquer momento . . . indiferente às condições atmosféricas. Hoje, os helicópteros Sikorsky, precursores dêste meio de transporte — o mais recente e fascinador da época — permitem confrontar as múltiplas oportunidades do ramo. O transporte de funcionários superiores de emprêsas comerciais, turmas de conservação, pessoal médico ou de primeiros socorros . . . fretamentos completos, serviço de ônibus, particular e de taxímetro . . . são apenas algumas das aplicações a que se adapta o Sikorsky S-51.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.
Endereço Telegráfico: UNITEDAIR

MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

As cataratas do Iguassú

Por Juan Pablo Echague
Escritor argentino

Do coração do Brasil, abrindo caminho através da emaranhada floresta central, chega o rio Iguassú até o limite extremo do território das Missões, na República Argentina. Mais abaixo, o «ouro verde» dos campos de mate ganha terreno à mata bravia; os laranjais prodigalizam a riqueza de seu dourado fruto, ou os campos de fumo, nas quebradas propícias, expõem a graça de suas folhas morenas, amplamente beijadas pelo sol.

O rio alcança o limite argentino sobre um leito de basalto. Nesse ponto, suas águas encontram espaço aberto, e se estendem em ondas brilhantes por um corredor de mil e duzentos metros de comprimento. De súbito, afunda-se a terra, diante da torrente que despenca em fragorosa avalanche, sobre um paredão de sessenta metros de altura subdividido em dois batentes. Com violência destruidora, salta o rio de um para outro, até que, embaixo, o leito se estreita ficando reduzido a menos de uma centena de metros. «Garganta do Diabo» é o nome que dão a esse estreito roncador onde as águas, enfurecidas pelo violento salto do início e pela inesperada contenção imediata, se debatem em uma névoa policroma de espumas. Esse prodígio da natureza americana, enquadrado pela selva, sob um céu de esmalte, é o que denominamos as Cataratas do Iguassú: colunas líquidas alçadas entre penhascos negros e verdejante mataria, dentro de um hemiciclo de dois quilômetros e meio de extensão. Aquele magnificente arco de luz e côr pertence, meio a meio, ao Brasil e à Argentina.

A voz das águas entoa alí um cântico de selvagem grandeza que enche os âmbitos da floresta com sua poderosa polifonia. De muito longe, ela anuncia ao viandante a presença do milagre, e depois o impressionante espetáculo permanecerá fixado para sempre no espírito de quem o contemplou. As gamas infinitas da côr e da luz, a audácia da linha na água que salta e se choca no fundo, entre flores de espuma, o negro contorno das arestas de basalto a emergir da poalha líquida, a música da corrente como que embriagada com sua própria pujança, e o luxuriante cenário dos contornos, constituem uma suprema obra de arte da natureza virgem.

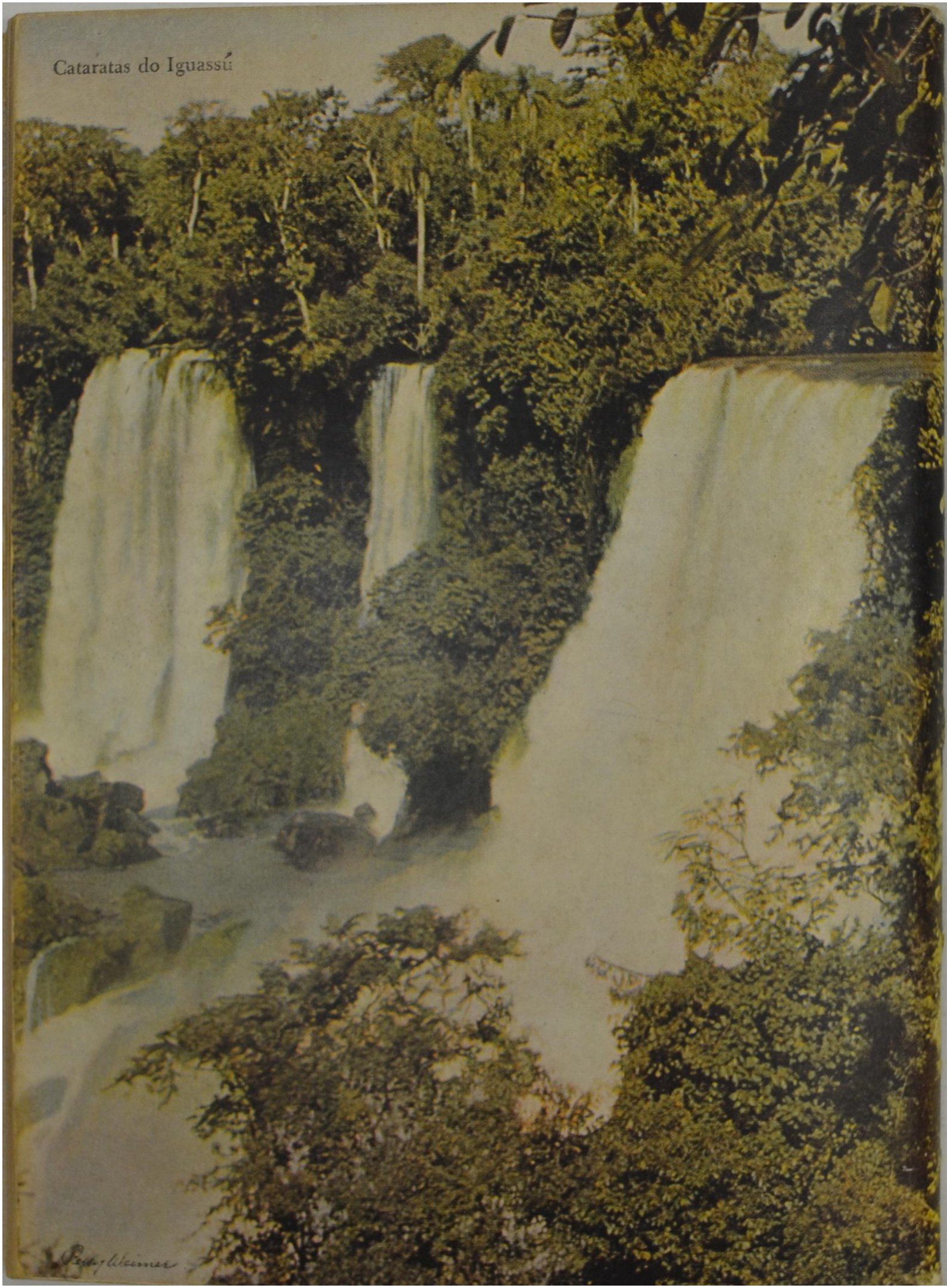
Ressoando há séculos naqueles ermos, essa voz parece trazer uma mensagem de harmonia e fraternidade internacional. O rio, nascido nas entranhas da América, ata, com os laços do seu curso, as terras irmãs e abre caminhos fraternais aos homens de boa vontade. Um pedaço de cada margem e de cada céu, que reflete de passagem, ficou em suas águas. Transpõe distâncias, aproximando-as, e, em verdade, não separa os países fronteiriços, antes os reune e confunde.

Tal é o significado do hemiciclo de cataratas que compartem o Brasil e a Argentina. Naquela natureza está o espírito da América ensinando aos homens uma lição de solidariedade e harmonia.

Do mesmo modo que a grande Cordilheira unifica a tripla extensão do Continente, as Cataratas do Iguassú traçam um arco-iris de concórdia entre duas repúblicas irmãs.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Foto: Charles Perry Weimer



Cataratas do Iguassú

NOVEMBRO de 1946

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

LUIZ MARTINS

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

Andradina, a cidade na selva	*Desmond Holdridge*	1
«Estávamos à sua espera em Dacar»	*Donald Coster*	5
Os médicos velam... e o rei morre	*Howard Haggard*	10
Panoramas que jamais esquecerei	*Donald C. Peattie*	11
A mais mortífera das guerras	*Sidney Shalett*	17
O sofisma da vitrine quebrada	*Henry Hazlitt*	21
Porque falham tantos casamentos	*Philip Wylie*	24
Não quis dar-se por vencido	*Paul de Kruif*	27
Caminho velho para uma vida nova	*Fulton Oursler*	34
A seca que assolou meio mundo	*Frederic Sondern, Jr.*	37
A vingança custa caro	*John Barker Waite*	40
Meu tipo inesquecivel	*Signe Toksvig*	45
A grande loteria de gelo do Alasca	*Pegge Parker*	49
Será esta a casa futura?	*Fortune*	51
«Eu tenho tudo!»	*Dorothy Walworth*	54
É são o leite que bebemos?	*Holman Harvey*	59
Esposo da Primavera	*John K. Lagemann*	62
É realmente eficaz o DDT?	*Anthony Standen*	66
O amigo dos animais selvagens	*Ralph Wallace*	69
Isso é vida?	*Damon Runyon*	74
A natureza da telepatia	*Ernest H. Wright*	75
Pontos de vista		79
Porque não acabar com a sífilis?	*Thomas Parran*	81
Podemos ensinar os meninos a viver		88
Estarão superlotadas as rotas aéreas?	*Wolfgang Langewiesche*	90
Não há raças superiores	*Ethel J. Alpenfels*	95
Dois gordos impõem a lei seca	*Herbert Asbury*	97
Seção de Livros — Aventura no Ártico	*Peter Freuchen*	101

Atletas da Colômbia — *Fotografia* ..... *quarta capa*; *Nota* ..... *segunda capa*

Mocidade esportiva

Aparece em nossa capa um grupo de jovens desportistas das universidades da Colômbia, desfilando diante da tribuna presidencial no estádio da Cidade Universitária de Bogotá.

Pode tomar-se este grupo como um galhardo símbolo do entusiasmo pela cultura física e os desportes, que anima as novas gerações latino-americanas, e que mui eficazmente as está preparando para as lutas do mundo moderno. A esse entusiasmo se deve o fato de que as repúblicas de nosso hemisfério hajam organizado luzidas competições esportivas entre si, enviando seus representantes aos torneios internacionais de maior importância.

Naturalmente a guerra mundial pôs freios a esse movimento, o qual, porem, parece agora renascer com ímpeto maior. Uma de suas primeiras manifestações será o próximo reinício dos *Jogos Desportivos das Antilhas e América Central.* O primeiro desses certames teve lugar na Cidade do México, em 1926; o segundo, em Havana, em 1930; o terceiro em S.Salvador, em 1935; o quarto, no Panamá, em 1938; o quinto, que devia ter-se celebrado em 1942, foi adiado por causa da guerra e será realizado no próximo mês de dezembro, em Barranquilha, Colômbia. Aguarda-se o comparecimento das delegações do México e Venezuela, das repúblicas centro-americanas e paises das Antilhas, todas convidadas a tomar parte no torneio.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo X, No. 58 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Novembro de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho, *Co-redator*: Armando de Sá Pires

Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest*: edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Basta ur Reader's Digest*: edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest*: edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat*: edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia. *Det Bedste fra Reader's Digest*: edição em dinamarquês, publicada em Copenhague, Dinamarca. Edição em japonês, publicada em Tóquio, Japão.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. X, No. 58, November 1946. Published monthly by Selecciones de Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

CMD PU-GR 1944

SELEÇÕES

TOMO X No. 58 — do Reader's Digest — NOVEMBRO de 1946

Condensações de artigos de interesse permanente

ANDRADINA

A CIDADE NA SELVA

(*Condensado do «Inter-American»*)

Por Desmond Holdridge

UM PEQUENO grupo de homens plantou uma cruz de madeira na terra vermelha e fecunda de uma clareira, numa das vastas florestas do Brasil, e alí ficou de pé, em atitude reverente, enquanto um padre invocava as bençãos de Deus para a colônia que acabava de ser fundada. Por isso que aquele empreendimento fora o sonho de um homem que se chamava Antônio J. Moura Andrade, o lugar foi denominado Andradina.

Aquelas terras do interior do estado de S. Paulo eram um verdadeiro mar de vegetação hostil e ininterrupta, há oito anos. Por mais de cem quilômetros em torno à nova cruz alí erguida, havia menos de mil seres humanos. A Estrada de erro do Noroeste do Brasil atravessava a verde selva, sem uma só parada. Se algum dos pioneiros espalhados por alí fora reunisse uma colheita maior que o necessário para seu próprio consumo, era pouco provavel que tentasse levá-la até ao mercado.

E agora ergue-se uma cidade de quase 10 mil habitantes na área em que a cruz foi plantada em 1938. Na mesma distância de 100 km em torno há, atualmente, mais de 100 mil pessoas e 200 mil cabeças de gado. As ricas plantações, conquistas na luta contra a floresta, produzem arroz, café, laranjas, açucar, milho, algodão e hortaliças.

Dispõe ela de dois hospitais modernos, um cinema, igrejas de vários cultos, escolas, seis bancos, um jornal florescente, 32 hotéis e pensões, uma excelente biblioteca, um campo de aviação, um clube com 400 sócios, uma rede de rodovias e, conta, sem dúvida alguma, com o grupo

DESMOND HOLDRIDGE fez muitas viagens à América Latina durante os últimos 15 anos, frequentemente como membro de missões científicas ou educacionais dos Estados Unidos. Publicou quatro livros e numerosos artigos, em diversas revistas, baseados nas suas observações sobre a vida latino-americana. Este artigo foi um dos últimos que escreveu, antes de seu recente falecimento num acidente de automovel.

mais próspero de pequenos fazendeiros de toda a América Latina.

Tudo isso foi obra de Antônio Moura Andrade. À sua larga visão se deve a concepção do audacioso projeto, a que seu idealismo prático deu forma, tendo sido com seu próprio capital que o financiou. Trata-se de uma empresa privada que lhe trará, fatalmente, lucros. Mas significa, ao mesmo tempo, muito mais que isso. É a expressão concreta da fé de Antônio Moura Andrade na terra, nos homens, e na liberdade.

Antônio Moura Andrade é um brasileiro que se fez por si próprio. Começou a trabalhar para um comerciante sírio, aos doze anos de idade. Possue, agora, enorme fortuna, baseada na terra, no café, no gado, e no seu verdadeiro gênio para a organização. É dono de 16 grandes fazendas, estando a par de seu funcionamento, nos menores detalhes.

Com a fé inabalavel que tinha na terra, comprou, em 1939, vastos terrenos em plena floresta. Pagou cerca de 50 cruzeiros por hectare. No curso de vários anos, limpou grandes áreas da selva, plantando nelas capinzais. O resultado, como forragem para o gado, foi fantástico. As terras de Andrade alimentam o gado sete vezes mais, por cabeça e por quilômetro quadrado, que os pastos naturais do estado vizinho de Mato Grosso. Andrade prosperou. Mas ainda possuia grande parte da floresta que não conseguira utilizar, por falta de mão de obra.

É este o terrivel problema de toda a América Latina. As cidades têm excessiva população. Oitenta e cinco por cento, talvez, de todos os americanos do sul, vivem à beira-mar, e as ricas terras do interior permanecem desertas, na sua imensidade.

A. J. Moura Andrade

Moura Andrade possuia terras de uma soberba riqueza, que desafiavam a energia e o espírito pioneiro de seus compatriotas. Mas um pioneiro morreria de fome, antes que conseguisse conquistar boa porção da selva, para plantar o necessário à sua subsistência. Precisava contar com o que viver, enquanto travasse sua batalha contra a natureza, de que sairia vencedor.

«O comunismo está crescendo no Brasil,» diz Moura Andrade, «e ninguem faz coisa alguma senão sugerir o fascismo como preventivo. É o mesmo que envenenar um doente para curá-lo de cancer. Quando os nossos ricaços investem todo o seu capital em empresas não produtivas,—os imensos arranha-céus, por exemplo, —e deixam a massa do povo viver miseravelmente nas grandes cidades, ao passo que a terra, num país agrícola como este, permanece abandonada, —é claro que o comunismo cria raizes. Pela teoria em que baseei meu projeto de Andradina, os homens, possuindo seu próprio pedaço de terra, produzem mais que os que trabalham nas grandes plantações de um patrão ausente, ou numa fazenda que funcione sobre base coletiva, marxista. Os pequenos fazendeiros prósperos são imunes ao comunismo, porque as condições de sua vida atual não são propícias ao desenvolvimento do germe comunista.»

Ocorreu-lhe a idéia de dividir a terra em lotes e pô-los à venda, sob condições acessiveis a qualquer pessoa. Os que não pudessem pagar de uma vez, podiam adquirir títulos, a uma simples promessa de pagamento. Moura Andrade tinha uma fé inabalavel nos homens. Estava disposto até a adiantar capital a juros razoaveis, para a compra de sementes, ferramentas, comida e roupa, enquanto o colono aguardava sua primeira colheita. Só impunha duas condições: o candidato precisava ter mãos calejadas de trabalhador e não podia ser alemão nem italiano ou japonês.

De várias partes de S. Paulo foram ter a Andradina rendeiros que, naquelas terras podiam manter a cabeça erguida e, em troca do trabalho, obter a vida e a liberdade, para si próprios e suas famílias. Não havia um vestígio sequer, do velho regime feudal. Eram, realmente, proprietários da terra, dispondo, ainda, dos meios necessários para pagar a dívida insignificante que contraiam inicialmente.

Subiu a mais de mil famílias a primeira leva de colonos. Estenderam encerados entre os ramos das árvores, ergueram barracas e casinhas de sapê que lhes pudessem dar algum abrigo, enquanto executavam a tarefa de limpar a floresta, o que representa, em selvas como aquelas, um dos mais laboriosos empreendimentos de que os homens sejam capazes. Os músculos doidos precisam manter o machado em constante labuta, sob o sol chamejante e as enxurradas. Há que serrar os grossos troncos das árvores, afim de utilizá-los como material de construção. Há que destruir toda a vegetação daninha. Não é um gênero de trabalho que os homens se disponham a executar em troca do pão cotidiano. É mister que se sintam estimulados por um ideal mais elevado.

Aos poucos, os abrigos provisórios foram substituidos pelos modestos esboços de futuras casas, e as primeiras sementes foram plantadas. Alguns colonos julgaram proveitoso prestar serviços aos outros, contanto que estes, em troca, os ajudassem a limpar suas próprias terras. Um deles, por exemplo, fabricava tijolos para as casas, formando o núcleo das construções futuras. Outros se encarregavam de serrar a madeira das árvores derrubadas, pois todos precisavam de assoalhos e mobílias.

Amigos e parentes dos primeiros colonos começaram a saltar do trem, na nova estação de Andradina. Vendedores ambulantes decidiram estabelecer-se alí, abrindo lojas permanentes. Foram surgindo sacerdotes, bem como médicos—estes, em pequeno número, porque o clima da região é excelente, sendo escassos os doentes.

Claro está que foi preciso reduzir o rigor da lei das mãos calejadas, à medida que foram surgindo novos elementos, vindos das cidades. O primeiro alfaiate de Andradina, por exemplo, era um comunista espanhol que se envolvera numa rixa política, em S. Paulo, e, vendo-se às voltas com a polícia, decidira escapar, refugiando-se em Andradina.

Andrade e o espanhol tiveram longa conversa, debatendo a fundo o ponto capital—isto é, se o alfaiate estava realmente decidido a trabalhar. O fato de que era estrangeiro, comunista e refugiado político não queria dizer coisa alguma. Finalmente Moura Andrade declarou: «Bom. Vamos andando pela estrada, e o senhor escolherá o lote de terra que quiser. Prometo fornecer-lhe o necessário até que limpe a terra, construa sua casa e recolha a primeira colheita. É um trabalho duro. Mas precisamos de alfaiate e, uma vez isso feito, poderá abrir uma loja na cidade.»

Hoje em dia o primeiro alfaiate de Andradina (já há outros) divide o tempo entre coser as roupas e cuidar do cafezal na sua excelente fazenda, obtendo natural-

mente lucros de ambas as tarefas. Já não tem mais nada de comunista. Thomas Jefferson, a dizer verdade, seria capaz de considerá-lo um verdadeiro democrata.

«Vê o senhor,» observou Moura Andrade, «dei cabo da cultura e o micróbio morreu.»

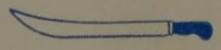
Um trecho da floresta virgem foi cuidadosamente escolhido para os projetos da «zona industrial». Alguns anos depois, várias serrarias, moinhos, fábricas de tijolos e outras, menores, já estavam funcionando naquela zona, para lá da estrada de ferro. O «bairro comercial» desenvolveu-se aos poucos de alguns pequenos armazens e armarinhos a várias ruas espaçosas, com lojas muito semelhantes, de todos os pontos de vista, às das modernas cidades do mesmo tamanho.

As casas são bonitas e confortaveis. Todas são pintadas, têm tetos de telha e eletricidade e pertencem, sem exceção alguma, a seus moradores. O número dos que abandonaram seus lotes de terra é de menos de dois por cento, e outros continuam chegando constantemente. Já formaram nove povoações de 1.000 a 1.500 habitantes.

Os colonos cultivaram 2 milhões de metros quadrados de terra, cujo valor atual é duas mil vezes maior que ao serem compradas por Andrade. Cerca de 60 por cento já pagaram completamente as hipotecas. Estão, quase todos, prósperos, comprando as mercadorias à vista. Quando precisam de dinheiro emprestado vão a um dos seis bancos, contraem um empréstimo nas condições habituais e compram o que querem, onde lhes aprouver. Eliminaram, assim, o velho sistema de crédito que, em tantas terras, mantem o pequeno fazendeiro constantemente em dívida.

O sistema de latifúndios, que cria relações lamentaveis entre os pequenos trabalhadores e os grandes fazendeiros, é uma das profundas causas do abandono do interior da América do Sul. Onde quer que haja possibilidades de transporte, a fórmula adotada em Andradina poderá ser aplicada a outras terras.

«A realização de um projeto como este dá muita dor de cabeça,» confessa Moura Andrade, «porem, uma vez realizado, torna-se ainda mais fascinante e só se tem vontade de repetir a experiência. Poderíamos ter muitas outras Andradinas.»



Contando com a natureza humana

ANDAVA eu por Nova York com o falecido escritor Bolton Hall, quando uma mendiga lhe pediu dinheiro. Hall tirou do bolso várias moedas, das quais a maior era de meio dolar, e estendeu a mão à mulher, com o dinheiro na palma. A pobre espantada, hesitou um segundo e afinal escolheu uma moeda de um quarto de dolar, murmurando humilde «Deus lhe pague—».

—Você deixa sempre que eles escolham? perguntei.

—Deixo, respondeu. —É lisonjeiro à dignidade deles ter a oportunidade de resistir à tentação da moeda maior. Nunca houve um que escolhesse o meio dolar. Alem disso, livro-me da responsabilidade de me sentir mesquinho. Porque, afinal de contas, acrescentou sorrindo, sinceramente prefiro ficar, eu próprio, com a maior moeda!

—*E. Harlan*

Prelúdio não celebrizado da invasão da África do Norte:—de como um jovem «vice-consul» ianque excedeu em astúcia a um poderoso espião nazista

«Estávamos à sua espera em Dacar»

(*Condensado do «American Legion Magazine»*)

por Donald Coster

Prefácio de Frederic Sondern, Jr.

Uma noite, em fins de 1942, o formidavel exame de submarinos alemães no Atlântico Sul recebeu ordem urgente de seguir a todo o vapor para Dacar. Dentro de poucos dias, muito mais de uma centena de submarinos nazistas navegavam ao largo da ponta mais ocidental da África. Em terra, as tropas francesas de Vichy ocupavam as poderosas defesas costeiras que, dois anos antes, haviam repelido o assalto anglo-francês, dirigido pelo general de Gaulle. A invasão americana, atravessando o Atlântico, ia de encontro a uma emboscada que lhe seria desastrosa, segundo pensava o Alto Comando alemão.

Contudo, na noite de 7 de novembro, as estações alemãs de rádio transmitiam as notícias: «Achtung! Achtung! (*Alerta! Alerta!*) *Grande exército inimigo na costa setentrional da África...*» *As forças aliadas de invasão tinham surpreendido os alemães, desembarcando a perto de 3.200 quilômetros de distância de Dacar, onde eram esperadas. Dera ótimo resultado o Plano Disfarçado de Dacar, estratagemas dos mais eficazes desta guerra.*

Um dos elos mais importantes na cadeia desse plano foi forjado por Donald Coster, jovem novaiorquino, de aspecto tímido, que fora diretor duma agência de anúncios.

Em 1940, Coster conduzia uma ambulância de campo dos serviços americanos, para o exército francês. Foi capturado, passou alguns meses desagradaveis em poder dos alemães, foi solto e regressou à pátria para se alistar na Marinha. Seus conhecimentos da língua francesa levaram-no para a Divisão dos Serviços Estratégicos dos Estados Unidos sob a direção do Coronel William Donovan. Deixemos, porem, que Donald conte a sua história:

NUM DOMINGO fui chamado ao gabinete do Coronel Donovan.

—Você vai para a África; para Casablanca, disse-me.

«É o local mais importante do mundo neste momento.

«A África Francesa vai ser invadida um destes dias, continuou ele, —ou pelos

alemães ou por nós. Você tem de auxiliar nos preparativos de qualquer uma destas eventualidades. Temos de conhecer o plano alemão logo que eles o saibam.

—Sim, senhor, respondí, quase sem poder respirar.

—Está em Casablanca uma comissão alemã de armistício, fazendo cumprir os termos que os nazistas impuseram aos franceses em 1940. Você pode tentar convencê-los de que, se e quando invadirmos, entraremos por Dacar. Deixo ao seu critério a escolha do método de conseguir isso.

Engolia em seco à medida que ia compreendendo o alcance das palavras do Coronel, pronunciadas com toda a simplicidade.

—É melhor que você passe por Londres, Lisboa e Gibraltar, para colher dos ingleses todas as informações que puder. Pode ir.

Sentia-me como a Menina do Chapelinho Vermelho, ao atravessar a floresta povoada de lobos—à meia noite. Pela minha imaginação desfilava um cortejo de agentes da Gestapo, de super-espiões e de engenhosos métodos nazistas de suplício e de morte.

Poucos dias depois, vi-me transformado em «vice-consul» com ordenado pago pelo Departamento de Estado de meu país. Donovan usava desse disfarce para dissimular seus agentes que agiam no território oficialmente neutro da França de Vichy.

Em Washington seguí um curso rápido de instruções sobre o código que havia de utilizar, e pouco mais. Ainda não estava organizada a escola complicada de espiões, que mais tarde ensinou aos agentes americanos desde o arrombamento de cofres fortes até a técnica dificil de se dirigir a outro agente na esquina duma rua, num país hostil, com o mínimo dos riscos de chamar a atenção. Eu nem sequer sabia como abrir uma simples gaveta de secretária. Quando seguí para Londres, de avião, tinha plena noção da minha pouca experiência.

Ocorreu, então, a primeira das minhas coincidências curiosas. Uma pequena inglesa, a quem fora apresentado por amigos, descobriu, não sei como, que eu ia para a África do Norte. Pediu-me encarecidamente que tentasse encontrar e auxiliar um bom amigo dela—um austríaco chamado Freddy—que estivera na Legião Estrangeira Francesa e que se encontrava provavelmente agora num campo de concentração, perto de Casablanca. Sentí-me muito atrapalhado. Ninguem devia saber para onde eu ia. No entanto prometí, sem entusiasmo, fazer o possivel para achar o tal austríaco.

Em Londres, Lisboa e Gibraltar encontrei-me com os principais agentes do serviço inglês de informação. Eram homens calmos, de aspecto formidavel, cuja presença de espírito me aumentava o sentimento de incompetência para a missão. Mantinha completo silêncio quando os maiores falavam. Contaram-me fatos sobre o General Theodor Auer, chefe da comissão alemã de armistício—evidentemente um adversário sinistro. O seu sistema de contra-espionagem era bem organizado e executado sem escrúpulos.

Os cavalheiros ingleses abanaram a cabeça, incrédulos; duvidavam da probabilidade de eu convencer o General de qualquer coisa importante que não fosse verdadeira; ele conhecia todas as manhas. Recomendaram-me cuidado com minha integridade física. Os alemães tinham sistemas para se desfazerem de pessoas incômodas: levavam-nas para ruas escuras e apunhalavam-nas. Pouco antes da partida do meu avião de Gibraltar, um inglês de ar severo deu-me umas pancadinhas no ombro: «Boa sorte, meu velho. Havemos de nos lembrar de você.» Pareceu-me notar um tom fúnebre na sua voz...

Em Casablanca, apenas alguns dos principais diplomatas americanos sabiam o que estavam fazendo os homens do Coronel Donovan. O pessoal regular dos consulados vivia constantemente irritado com os jovens e enigmáticos assistentes que pouco interesse demonstravam pelos seus deveres consulares e tinham um modo muito pouco diplomático de falar com contra-mestres das docas, pescadores e outros tipos estranhos. Era-nos tambem bastante dificil esconder de alguns dos nossos colegas indiscretos os transmissores de rádio com os quais enviávamos relatórios.

Com a *Croix de Guerre* na lapela e sabendo falar francês, não me foi dificil fazer amigos e colher informações. Algumas pessoas de confiança, contrárias a Vichy, auxiliaram-nos a verificar a fidelidade das nossas fontes. O dono duma empresa de pesca desenhou uma carta dos pontos da costa de Marrocos que fossem abordaveis. Um arquiteto francês, que escapara de trabalhos forçados na Alemanha, seguiu-me dois domingos à igreja e ao abrigo duma coluna entregou-me os desenhos das mais modernas torres antiaéreas alemãs—torres que ele fora obrigado a construir. Tudo isso era de grande valor; não havia, porem, meio de encontrar o General Auer.

Então, certa tarde, ocorreu a segunda das coincidências curiosas. Outro «vice-consul» e eu estávamos sentados num café de má fama, à beira-mar, onde nos mantínhamos à escuta de informações sobre o movimento de navios. Dois jovens passaram pela nossa mesa.

—Walter, chamou meu companheiro. O recem-chegado parou.

—Quero apresentar-lhe um amigo, Donald Coster, tambem empregado no consulado. Os rapazes sentaram-se. Eram austríacos; encontravam-se em França quando da invasão alemã. Tinham-se alistado na legião estrangeira; foram internados num campo de concentração de Vichy e de lá conseguiram evadir-se para Casablanca.

—Quando, de repente, um dia, contava Walter,—quem havia de encontrar na rua? Teddy Auer, o general que chefia a comissão alemã de armistício. Eu o conhecí em París antes da guerra.

«Bem, concluiu Walter alegremente, fizemos um contrato com ele. Daríamos informações em troca de ele nos manter fora da prisão. Somos ambos anti-nazistas violentos, é claro, e só queremos a pele dos alemães.»

O meu espírito começou a girar depressa. Ou Walter e seu companheiro tinham sido encarregados de me encontrar e aquilo era uma armadilha; ou tratava-se dum acaso extraordinário. Continuava a pensar nisso, quando o austríaco, cujo nome não fixara, se voltou para mim e disse:

—Então você acaba de chegar de Londres? Suspirou. —Conheço lá uma pequena encantadora. Se pudesse ir vê-la... Eu tirara minha carteira para pagar a conta. De repente o austríaco quase galgou a mesa para o meu lado.

—É a letra dela! exclamou, apontando para um envelope na minha carteira. Era uma carta que recebera daquela londrina de caligrafia longa e distinta. Este rapaz era portanto o Freddy que ela me pedira que procurasse!

Nessa noite estudei um plano bem definido. Fingiria ser um rapaz tagarela e estúpido e, enquanto bebesse copo após copo, transmitiria aos austríacos informações precisas, mas sem importância, que

eles passariam a Auer. Tinha lido isso em livros e não acreditava que houvesse a mínima probabilidade de êxito. Mas não era capaz de inventar outra coisa.

Poucos dias depois, verifiquei que Auer não só acreditara quando os austríacos lhe relataram sua nova aquisição, mas tambem abrira uma garrafa de champanhe.

—É isso! Todos uns idiotas, esses americanos, dissera o general.—Basta embebedá-los, para que comecem a falar.

As primeiras informações exigidas por Auer não eram dificeis. Aparentemente o general estava experimentando a precisão da nova fonte de informações, em assuntos de menor alcance.

Depois, um dia, os dois homens estavam muito preocupados quando os encontrei. O General estivera muito irritado na noite anterior.

—Porcos austríacos, vociferara. —Vocês não conhecem esse americano, e estão roubando meu dinheiro. Freddy e Walter juraram que conheciam muito bem o americano e podiam prová-lo. —Então provem e bem depressa. Senão vão já saber o que significa enganar um general alemão.

Vi ameaçado o meu plano. Auer já desconfiava. Lançaria na nossa pista a contra-espionagem, e todo o nosso trabalho—que progredia com surpreendente falta de interferência por parte dos alemães—ficaria exposto aos maiores perigos. De repente, o horizonte desanuviou-se. Era só dizer ao general que, se quisesse certificar-se das nossas relações de amizade, viesse àquele restaurante do mercado negro, à beira-mar, na noite seguinte, e ver-nos-ia cear todos juntos.

—Vou representar uma comédia que há-de convencê-lo, acrescentei.

Os rostos dos austríacos retomaram a côr natural.

—E o general há-de pagar o jantar, disse Walter gravemente.

Nunca mais esquecerei aquela noite. Todos igualmente nervosos, estávamos para comer os nossos bifes do câmbio negro, quando entrou o governador extra-oficial da África do Norte francesa, magro e louro, acompanhado dos membros principais da comissão alemã de armistício; com modos arrogantes, tomaram lugar junto de nós. Sentia o olhar agudo do general a espicaçar-me a nuca.

Comecei então a mostrar-me exuberante. Batí em cima da mesa, contei algumas histórias indiscretas sobre o Departamento de Estado, gritei pedindo mais vinho, discutí com os garçons, dei pancadinhas nas costas do Walter e do Freddy, dirigí de vez em quando um olhar beligerante aos alemães, embora com a respiração suspensa.

Gradualmente os austríacos começaram a respirar com mais calma. —Muito bem, murmurou Walter. —O general está satisfeito. Conheço os sintomas. Está aliviado e bem impressionado.

Para maior ênfase, estacionamos depois o nosso automovel à porta do consulado alemão e começamos a cantar em voz roufenha.

No dia seguinte Freddy apresentou ao general a conta do jantar, de vários milhares de francos. Auer não cabia em si de contente quando entregou o dinheiro, com uma gratificação por cima. —Ótimo, rapaz, disse, rindo. Agora você trate de extrair desse idiota coisas importantes a respeito dos americanos.

Mal podia acreditar na minha boa estrela. O general convidava agora os austríacos para todas as recepções suntuosas que dava. Ouviam assim muitas conversas sobre assuntos que nos interessavam profundamente. Os químicos alemães estavam produzindo em massa um gás

novo. O alto comando desistira da idéia de invadir a África francesa através da Espanha. Transmitíamos todas as noites essas informações pelo rádio ou pelo correio.

Periodicamente ia comunicando a Freddy e Walter que se preparava uma invasão americana. Em julho, Auer estava evidentemente preocupado e exigiu que os austríacos se dedicassem inteiramente a descobrir quando e onde os americanos atacariam.

—Diga ao Auer, sugerí,—que o plano de invasão está definitivamente estabelecido. Vamos desembarcar em Dacar lá para o fim do outono. Passei uma noite sem poder adormecer. Seria o Auer capaz de acreditar? E se Freddy e Walter estivessem fazendo comigo o papel que eu queria que eles representassem? Se me enganasse, seria responsavel pela perda de muitas vidas aliadas.

Na manhã seguinte os austríacos estavam radiantes. O general exclamara satisfeito: —Muito bem, vou caçar os americanos. Vão cair numa linda ratoeira. Esta notícia vai ser transmitida sem demora ao Alto Comando!

Premira botões e gritara pelos auxiliares. Uma longa mensagem fora transmitida para Wiesbaden. Abriram-se depois muitas garrafas de champanhe e fizeram-se muitos brindes: a Hitler, à glória do exército alemão, aos «sinceros amigos austríacos» de Auer e até ao «estúpido americano». Freddy e Walter foram recompensados com uma quantia avultada.

Minha contribuição para o Plano Disfarçado de Dacar fora completa. Foi, é claro, apoiada por outros artifícios e «indiscreções» intencionais, tudo com o fim de convergir as suspeitas inteiramente para Dacar.

Poucos meses depois passei pelos momentos mais palpitantes da minha vida. No dia do ataque desembarquei em Orã, a três mil quilômetros de Dacar. A «Operação Facho» subjugou a África do Norte francesa com poucos tiros; nem um único dos navios da gigantesca armada aliada fora afundado. A caminho do aeródromo de Tafaroui, onde se tinham tomado 600 prisioneiros, recebí ordens de me avistar com o oficial comandante de Vichy. Ficou vermelho de cólera quando me aproximei. Apontando para mim um dedo acusador, explodiu:

—Como é que vocês aparecem aquí? Estávamos à sua espera em Dacar!

O progresso do telefone

Eis o primeiro anúncio de companhia telefônica, surgido em 1877 nos Estados Unidos.

Os proprietários do Telefone, inventado por Alexandre Graham Bell, estão prontos, agora, a fornecer telefones para a transmissão da voz humana através de aparelhos que não estejam a mais de 30 quilômetros de distância um do outro. Pode-se conversar bem, após pequena prática, tornando-se apenas necessário, às vezes, repetir uma ou outra frase. Na primeira vez em que se fala num desses aparelhos, a voz do interlocutor poderá aparecer pouco nítida; gradualmente, porem, o ouvido se acostuma, e já não haverá dificuldade em compreender as palavras.

Os médicos velam... e o rei morre

De «*Devils, Drugs and Doctors*»

Por Howard W. Haggard
Professor de Fisiologia da Universidade de Yale

Na manhã de 2 de fevereiro de 1685, estavam fazendo a barba do rei Carlos II da Inglaterra, nos seus aposentos particulares. Súbito, foi ele acometido por violenta convulsão. Perdeu os sentidos, voltou a si uma ou duas vezes e poucos dias depois veio a falecer. Provavelmente fora vítima de uma embolia, o que se verifica quando uma partícula do sangue coagula, obstruindo uma das artérias e fazendo com que parte do cérebro deixe de ser irrigada pelo sangue. Ou talvez o estado dos seus rins não fosse bom.

O primeiro tratamento consistiu numa sangria em que lhe tiraram do braço boa quantidade de sangue. A seguir, deram-lhe uma lancetada no ombro, colocando ventosas que sugaram mais alguns gramas de sangue. Depois dessa verdadeira carnificina, aplicaram os remédios: um emético e dois purgativos, seguidos de uma enema contendo antimônio, amargos, sal, folhas de malva, violetas, beterraba, flores de camomila, sementes de funcho, linhaça, canela, sementes de cardamomo e aloés. Repetiram a enema dentro de duas horas, e administraram outro purgativo.

Rasparam a cabeça do rei, fazendo com que uma ampola se formasse no seu couro cabeludo. Deram-lhe, a seguir, uma espécie de rapé feito com pó de heléboro e um pó de flor do cardeal, destinado a «estimular o cérebro». Receitaram-lhe, ainda, vinho branco, absinto e anís, bem como extratos de folhas de cardo, hortelã pimenta, arruda e angélica.

Quanto ao tratamento externo, aplicaram aos pés do rei um emplastro de vinho de Borgonha e estrume de pombos. Continuaram com as sangrias e os purgativos, acrescentando aos remédios sementes de melão, maná, folhas de olmo e pérolas dissolvidas. Depois, administraram raizes de genciana, noz moscada, quinino e cravo da Índia.

O rei não melhorou; pelo contrário— seu estado agravou-se e, em face à emergência, administraram 40 gotas de extrato de crânio humano para aliviar as convulsões. Recorreram, ainda, ao chamado antídoto de Raleigh, que continha uma quantidade de extratos de ervas e animais. Finalmente, deram-lhe um antídoto de bezoar. Scarburgh, um dos doze médicos a serviço do rei, assim descreve os resultados: «Ai de nós! Depois de uma noite malfadada, a resistência de Sua Majestade pareceu esgotada e toda a junta médica, perdendo as esperanças, mergulhou no desânimo. Todavia, para não parecer que tinham faltado ao seu dever em qualquer detalhe, aplicaram, ainda, o mais ativo de todos os cordiais.»

Como epílogo desta formidavel orgia farmacêutica, prepararam uma beberagem com o antídoto de Raleigh, um julepo de pérolas e amônia, fazendo-o escorregar pela garganta do rei agonizante...

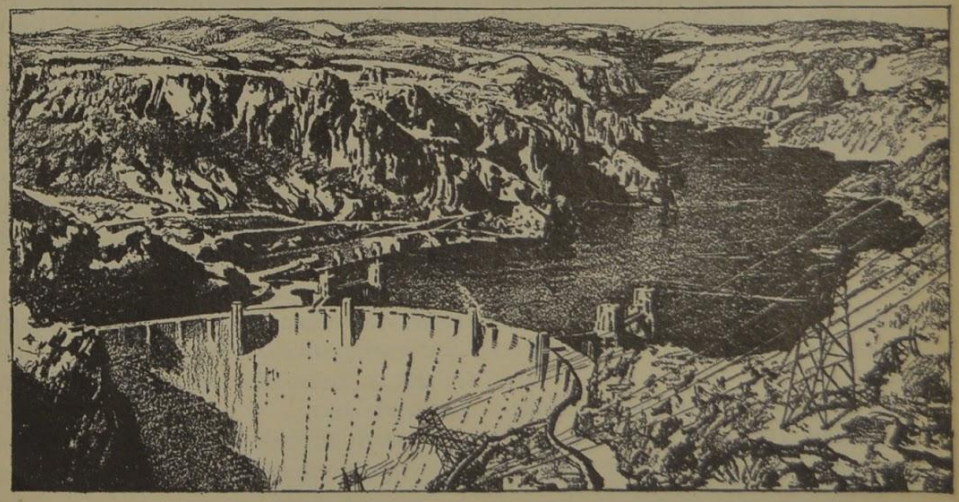
Poucos lugares haverá no mundo tão interessantes quanto o Boulder Dam e o Grand Canyon...

Panoramas que jamais esquecerei

por Donald Culross Peattie

Diante de nós estende-se um gigante que, outrora, se arrogou direitos de ilimitado domínio sobre uma área equivalente à décima terceira parte de todo o território dos Estados Unidos: é o Rio Colorado. Duas boas dezenas de outros gigantes, seus irmãos relativamente menores, trabalham para ele em seis estados da União, contribuindo para engrossar o volume de suas águas. A força-motriz combinada destes colossos de água anda, em números redondos, por cinco milhões de cavalos-vapor. Essa espantosa reserva, de que o pigmeu humano fez uma docil escrava, impondo-lhe o freio da técnica, era dantes um desvairamento de energia rugidora, pulando e redemoinhando à solta no deserto de pedra.

Convem que se saiba desde já que o Colorado era o curso de água mais turbulento e perverso do mundo inteiro: basta lembrar que, numa extensão superior a 1.600 quilômetros, ele corre muito abaixo do nivel das terras marginais, mordendo e escavando a rocha de tal modo que, se a vida dum forasteiro sedento dependesse dum sorvo daquela água turva, o desgraçado poderia caminhar até cair exhausto de sede e cansaço, antes de ha-



ver encontrado, na muralha altíssima de rocha que dum lado e outro veda o rio, uma aberta por onde pudesse baixar até cair de bruços na torrente. Pois, apesar disso, o Colorado perdia com frequência a tramontana, e pulava para fora do leito em formidaveis, devastadoras inundações. Depois de haver corrido muito tempo emparedado a baixo nivel, entre as inexpugnaveis falésias, podia erguer-se no espaço breve de uma noite às alturas duma pororoca enraivecida, capaz de levar de roldão ou destruir tudo quanto encontrasse pela frente. Tendo crescido e subido até transpor as muralhas em que ele mesmo se aprisionou, essa torrente devastava áreas imensas do Arizona e da Califórnia, de ano para ano ampliando e elevando mais o delta desolado e nauseabundo que lhe serve de escoadouro, e sem repouso nem mercê flagelando todo esse dilatado território baldio, até que a sua raiva inutil se afogava e extinguia no Golfo da Califórnia.

Muito longe desse delta lamacento, a 2.700 quilômetros de distância, encontra-se a fonte primária e pura do rio Colorado. Este primeiro trecho, matriz de águas, é o Rio Verde, filho alto nascido, e que alto mora, das Montanhas Wind River, no estado de Wyoming. É nos seios de neve imaculada desta serrania que o Rio Verde se nutre e adquire força para dalí descer, correndo e folgando, através de florestas de pinheiros, até que, mais volumoso e tumultuário, alcança enfim as planuras onde só cresce a artemísia. Daí em diante desliza furtivamente, até chegar o momento em que lhe há-de ser preciso, com muito esforço, romper caminho por entre as montanhas do Utá.

Depois, ao transpor os 1.600 quilômetros seguintes, o curso do rio é um inextricavel misto de beleza e horror. Nesse trecho do seu percurso, o Colorado foi criando, através das idades, uma das grandes obras-primas da natureza—o *Grande Canyon*, o Grande Canhão do Colorado. O viajante que se ergue de pé na crista desse abismo devorador, talhado no ilimitado deserto de pedra, sente-se pequeno, esmagado de mudo assombro, verdadeiro eco interior do silêncio eterno que parece brotar e crescer lá dos fundos, para alastrar-se na paisagem crestada pelo sol inexoravel. Alí, o rio, rebrilhando distante como um retroz de prata numa fenda das rochas, chega a parecer um pormenor quase insignificante da imponente paisagem. E, não obstante, foi ele que tenazmente entalhou na rocha essa voragem de 1.500 metros de profundidade, 16 quilômetros de largura, e 350 quilômetros de extensão...

Foi tambem aquí que o Colorado abriu de par em par o Livro da Vida, para tornar possivel ao homem moderno a leitura da história da Terra gravada naquela imensa página de pedra. Na vagorosa, multi-secular acumulação desses estratos, outrora sedimentos de mares e de lagos que vieram e se foram repetidas vezes, estão perduravelmente representados milhões de anos da história da Terra. O rio foi talhando, cortando a fundo na rocha, pondo a descoberto o rastro prehistórico, fossilizado, dos repteis que outrora alí tiveram guarida. Assim foi, durante milênios, sulcando mais e mais profundamente a grande «muralha vermelha» do calcáreo mississipiense, velho de 300 milhões de anos, e hoje vai já limando furiosamente os duros xistos negros e granitos rosados do Arcaico—rochas tão antigas, que antecedem o dealbar da Vida, de qualquer forma de vida, à superfície do nosso globo.

As profundidades do *Canyon* permaneceram por longo tempo virgens de presença humana, e o rio inabordado e desconhecido, embora muitos famosos exploradores e caçadores de peles se houvessem esforçado, uns após outros, por vencer a intransponivel torrente. O tempo foi assim correndo. A América cresceu, descobriu-se o ouro da Califórnia, travou-se o debate sanguinolento da Guerra Civil, as estradas de ferro trespassaram de lado a lado o continente como espadas—mas o Colorado permanecia inexplorado e virgem em grande parte do seu curso, dos mais misteriosos e aterradores rios da Terra. Até que, a 24 de maio de 1869, ante o pasmo de uma malta de espectadores um punhado de nove homens ousou lançar quatro botes à torrente do Rio Verde. O chefe desse grupo era o major John Wesley Powell, veterano do Ilinóis que, tendo perdido o braço direito na batalha de Shiloh, estava resolvido a bater o Colorado com a única mão que lhe restava. Mestre-escola, botânico, geólogo e agrimensor, Powell tinha mais de erudito que de explorador, quando, aos 35 anos, conseguiu arrancar ao Congresso uma pequena verba que lhe permitisse cobrir os gastos de exploração dos bilhões de anos geológicos do *Canyon*.

Os homens que levava sob suas ordens eram todos jovens, mas apesar disso temperados e enrijecidos pela áspera existência do Oeste americano. As embarcações mediam seis metros de comprimento e eram feitas de sólido carvalho, com caixas de ar que lhes permitiam manter-se flutuando, se acaso a torrente as virasse. Carregadas até a borda, de víveres para dez meses, roupas, armas de fogo e instrumentos científicos, desceram velozmente o curso de água. Chegados ao *Canyon* de Lodore, um dos botes desfez-se em estilhas contra a rocha: o lugar ficou-se chamando Cachoeiras do Desastre. Os três botes restantes lá continuaram rodopiando no *Canyon* do Redemoinho, enfronharam-se depois no *Canyon* da Desolação e no interminavel Labirinto, depois venceram o *Canyon* das Cataratas e o Ribeiro do Diabo Sujo.

Dias e dias seguidos, impelindo-se para diante com inquebrantavel vontade, e servindo-se do seu único braço, o major escalava com risco de vida as empinadas muralhas de rocha do *Canyon*, carregando conforme podia os instrumentos que lhe serviam para fazer observações, determinar a posição e traçar a carta da expedição. Robustos como eram, seus companheiros sentiam-se exhaustos com o trabalho insano da viagem; era preciso com frequência içar ou arriar os botes, ensopados em água, por meio de cabos, ou carregá-los quilômetros e quilômetros a pau-e-corda por sobre o terreno pedregoso, no que alcançavam fazer por vezes a miséria de uma légua por dia! Avançando assim, encontraram-se a certa altura nas profundezas graníticas, imensas, do *Grande Canyon*. Os trabalhos e os perigos haviam-lhes derrancado os nervos, e começaram surgindo entre eles as divergências e os conflitos; já as rochas e rápidos, que não eram decerto mais agrestes ou dificeis do que tantos até alí por eles vencidos, começavam a lhes parecer insuperaveis. A verdade é que todos os exploradores dos *Canyons*, que já conseguiram sobreviver para contar sua aventura, são unânimes em falar do estranho «medo do rio» que sempre se apodera dos homens, mesmo dos mais bravos, por vezes inesperadamente, e após muitas semanas de intrépido combate contra os peores obstáculos.

Foi talvez num desses arrebatamentos de medo invencivel que três dos subordinados de Powell, quase em fins de agosto, tomaram a sua cota-parte das provisões da expedição e uma duplicata das obser-

vações do chefe (caso ele perecesse no caminho), e se puseram a escalar as escarpas do *Canyon*, para ir embora. O grupo de Powell emergiu finalmente do *Grande Canyon*, a 29 de agosto, para dar de cara com uma brigada de exploradores que, por ordem do governo, já inquieto com o destino da expedição, andavam sondando as águas do rio em busca dos cadáveres dos expedicionários, ou de fragmentos, porventura, das embarcações despedaçadas... É certo, em todo caso, que dos três desertores da expedição nunca mais houve notícia.

Powell meteu-se dois anos depois a repetir a excursão, e saiu dela carregado de observações científicas as mais completas e acuradas. Como prêmio merecido de tantos trabalhos, foi mais tarde nomeado chefe do Serviço Geológico dos Estados Unidos, então recentemente criado, e de que se tornou o animador e organizador.

Mas explorar o Colorado era uma coisa, e dominá-lo era outra, e muito mais séria! Só em 1929, tantos anos corridos, é que Glen Sturdevant, naturalista do Parque Nacional do *Grande Canyon*, e o guarda-florestal Fred Johnson perderam a vida numa excursão de estudo ao *Canyon*. Nunca foi possivel identificar alguns esqueletos que foram encontrados à margem do impetuoso rio.

O Colorado tem ocasionado muitos outros desastres: assim, transbordou vezes sem conta, inundando o Vale Imperial, na Califórnia, que está situado abaixo do nivel do mar. Em 1905, irrompeu através duma barragem que custara o melhor de um milhão de dólares, expulsando milhares de pessoas de seus lares, arruinando fazendas, devastando comunicações, e deixando no seu caminho, vômito imenso da sua raiva destrutiva, o Salton Sea, lago sem saida que ainda hoje submerge 445 milhas quadradas de território.

Mas a Califórnia é que não podia permitir-se o luxo de abandonar esse vale às fúrias e caprichos do grande rio; graças ao inverno benigno da região, o Imperial chega a produzir sete colheitas de alfafa por ano, sem contar os vegetais e as frutas. Tudo o que é preciso alí, para conseguir tanta fertilidade, é a água, precisamente a água do Colorado, que dantes corria, inaproveitada e veloz, para o seu delta fétido e estagnado. Para alem das montanhas, as cidades da Califórnia do Sul, em vias de rápido crescimento, estavam tambem arquejantes por falta de água, não lhes sendo menos necessárias a luz e a força-motriz.

Foi em face disso que, em 1918, Arthur Davis, diretor dos Serviços de Recuperação de Terras dos Estados Unidos, concebeu a idéia grandiosa duma barragem a erigir no *Boulder Canyon*, que tornaria possivel refrear o desvario da torrente. Antes que essa idéia se tornasse efetiva por força da lei, em junho de 1929, foram precisos onze anos de batalhas no Congresso, e de complicados ajustamentos jurídicos que envolviam os direitos de sete estados e do México. Vencidas as dificuldades legais, o contrato foi adjudicado a uma empresa de S. Francisco, que se propunha levar a cabo a construção pelo custo de 48.890.000 dólares—ou seja, a maior verba que já se despendeu numa obra de engenharia.

Para alojar o exército de trabalhadores que a obra exigia, o governo fez edificar Boulder City, a uns 15 quilômetros do local da represa. Afluiram alí os engenheiros para rasgar estradas e assentar vias férreas, e não tardou que as pontes e formidaveis cabos de aço galgassem aquí e alem por sobre o boqueirão iante do *Canyon*; chegou-se mesmo a construir uma fábrica de aço laminado no próprio lugar das obras.

A grande batalha iniciou-se com o tiro de dinamite com que os engenheiros começaram a escavar na rocha viva quatro grandes tuneis, dois de cada lado do *Canyon*, no intuito de desviar do seu leito a grande massa de águas do rio. Medindo cada um 17 metros de diâmetro, e com a altura dum edifício de quatro andares, ao fim de um mês os tuneis tinham alcançado quilômetro e meio de extensão. Afim de que esses tuneis fossem suficientemente amplos para dar vasão às águas do rio, foi preciso gastar 585.500 quilos de dinamite nas minas.

Mas o problema era agora forçá-lo a desviar-se para esses quatro leitos artificiais, com tanto trabalho e estrondo abertos na rocha viva. Resolveu-se o problema começando por cravar transversalmente, no leito do rio, grande número de enormes estacas verticais; em seguida, essas estacas foram ligadas entre si por um taboleiro, espécie de viaduto sobre o qual começaram logo a correr os caminhões carregados de grandes pedregulhos, que eram despejados lá do alto para dentro do rio. Assim, no lapso incrivelmente curto de vinte e quatro horas, se formou um dique, que pouco a pouco forçou as águas a sair do seu leito, velho de um milhão de anos, e a arremeter, num tumulto de espumas, pela passagem que lhe abriam os quatro canais artificiais de desvio. Logo a montante das embocaduras dos canais construiu-se um dique idêntico ao primeiro, de margem a margem do rio, de maneira a impedir que as águas refluissem ao leito superior. Entre esses dois diques provisórios foram instaladas inúmeras bombas de sucção, que procederam à drenagem do segmento intermédio do leito. Era nesse segmento, agora seco, que se ia erguer a colossal barragem.

Entraram depois em ação os «escaladores», ou seja os operários que, retidos por cintos-de-salvamento suspensos de cabo de aço, atravessavam o abismo vertiginoso, com risco de vida (e por vezes ao preço dela), e iam alisando os paredões da rocha aberta a dinamite, servindo-se de brocas mecânicas por meio das quais se removeu quase um milhão de metros cúbicos de material. Em seguida, apoiando-se em arco contra as duas paredes de rocha eterna, começou a erguer-se a Represa Boulder.

O primeiro balde de cimento foi lançado no dia 6 de junho de 1933. Desde então, a estrutura foi-se erguendo bloco por bloco, em gigantescos degraus ou socalcos simétricos. Tendo na base a espessura de dois quarteirões de casas urbanas, alí onde a água viria a exercer sua mais formidavel pressão, e, no topo, com largura suficiente para uma rodovia de quatro pistas de rodagem—a Represa Boulder ergue-se vertiginosamente à altura de 220 metros, disfarçando perfeitamente sob a sua graça aérea e quase fragil, o peso e a robustez gigantesca que a caraterizam. Mais pesada do que a Grande Pirâmide do Egito, que cem mil escravos levaram vinte anos a construir, a Represa Boulder ficou pronta em vinte e um meses, pelo esforçado labor de 1.200 homens livres.

Em condições normais, o cimento da massa imensa da barragem teria precisado de cem anos para arrefecer, e, contraindo-se à medida que se resfriasse teria certamente aberto brechas. Mas, prevenindo esse desastre irreparavel, os engenheiros haviam instalado, por entre os blocos de que é feito o paredão, um verdadeiro «favo» de tubos de aço, pelos quais iam fazendo passar continuamente um jorro de água fria de neve. Cada um desses blocos era arrefecido em separado, rapidamente, e em seguida inamovivelmente fixado aos blocos vizinhos por meio duma

colossal injeção de cimento líquido, dado ro interstício. Conseguiu-se por esse processo que a barragem se encontrasse arrefecida no próprio dia em que a obra terminou, e alí ficasse lisa e sem defeito, constituindo o maior monolito do mundo.

O rio, obstruido e impedido de seguir o seu curso, começou a subir a montanha da represa, transbordando e espalhando-se numa vasta bacia de rocha para formar a maior massa artificial de águas que se conhece: o Lago Mead. Este lago, que se desdobra em meio dum deserto flamejante, reflete hoje na frescura incomparável das suas águas a imagem dos vizinhos picos montanhosos, roxos e vermelhos, e tem um perímetro marginal de uns 800 quilômetros.

Cada um dos eletro-geradores desta formidavel estação hidro-elétrica—dos 17 que o projeto prevê, 13 já estão instalados— é do tamanho dum pequeno prédio de apartamentos, e pode desenvolver toda a energia elétrica de que necessitaria uma grande metrópole, levando luz barata a um milhão de consumidores, e força-motriz econômica aos ricos depósitos minerais que se encontram esparsos por todo aquele deserto que foi. O rendimento em energia de Represa Boulder já atingiu seis bilhões de kilowatt-horas por ano.

Mas o Tio Sam ainda se não deu por satisfeito com essa tarefa realizada. A juzante da primeira já hoje se desdobra a Represa Parker que por sua vez formou o Lago Havasu, donde a água do Colorado, agora pura e cristalina, é transportada através do Deserto Mojave pelo aqueduto mais extenso de todo o mundo. Esse aqueduto transpõe, com efeito, 92 milhas de território, minando ao longo de tuneis que perfuram cadeias de montanhas, para ir dar de beber a sua água pura aos três milhões de bocas de Los Angeles e povoações satélites. Mais longe e mais abaixo ainda, a 480 quilômetros da Boulder, a Represa Imperial diverte as águas de irrigação que vão dessedentar o Vale Imperial, na Califórnia, e o Deserto de Gila, no Arizona, correndo ao longo de canais que serpeiam a perder de vista na paisagem verdadeiramente «marciana» do Sudoeste americano.

Onde quer que se constrói uma barragem, a terra se transfigura ao toque mágico das águas do rio, e de todos os lados surgem ridentes hortas e culturas. Onde outrora crescia apenas a vegetação inutil e rasteira do deserto, pode-se hoje cultivar o algodão de fibra comprida e a beterraba açucareira. A luz, quase tão barata como a própria água, irrompe hoje em cidades que, não há muito, se agachavam envoltas em trevas nas faldas de áridos picos montanhosos; e graças à abundância e barateza desta imensa e nova fonte de energia, a vasta riqueza mineral dos estados do Sudoeste pode entrar enfim em exploração.

Assim, o homem a quem é dado contemplar do alto das rochas milenárias a obra de conquista audaz que foi a domesticação do Colorado, pode bem encarar com esperança e coragem os desafios que a Natureza lhe lança à face.

Toda grande verdade científica passa por três fases. Primeiro, dizem os leigos que vai de encontro à Sagrada Escritura. Segundo, que fora descoberta anos antes. Terceiro, que sempre acreditaram nela.

—Louis Agassiz

A perfeiçoando o uso diabólico dos germes mortíferos, a guerra biológica promete mais horrores

A mais mortífera das guerras

(Condensado do «Collier's»)

por Sidney Shalett

Suponhamos que, a 5 de dezembro de 1958, um homem viesse a falecer num hospital de Nova York, depois de doença violenta e breve, no curso da qual a pneumonia o levasse ao delírio e ele ficasse com o corpo coberto de feridas de mau aspecto. Após a necrópsia, os médicos fariam o diagnóstico da moléstia como sendo a «Peste Negra» do século XIV. Mostrar-se-iam, porem, extremamente surpresos por não ter sido registrado um só caso de peste, nos Estados Unidos, havia grande número de anos.

Digamos, tambem, que esse incidente coincidisse com um acontecimento sem relação aparente com o caso, na agitada situação internacional. Digamos, por exemplo, que os embaixadores de um novo Eixo tivessem acabado de regressar a seus paises, depois de uma conferência pouco satisfatória com o Secretário de Estado americano. Alguns observadores, por essa altura, teriam começado a advertir o público de que a guerra poderia surgir de um momento para outro, sob a forma de um catastrófico ataque atômico.

Admitamos ainda que mais tarde, àquele mesmo dia, outro homem morresse vítima da peste, em Nova York, e os médicos alarmados começassem a registrar vários casos, através de toda a cidade, com os sintomas da Peste Negra. No dia seguinte, digamos que seis homens já tivessem falecido da misteriosa moléstia e óbitos semelhantes se verificassem em outras cidades americanas.

De súbito, eis a nação nas garras de uma trágica epidemia. Talvez em Pitsburgo as autoridades da Saude Pública viessem a reconhecer, no que a princípio julgavam casos comuns de intoxicação alimentar, uma epidemia de rara e terrivel violência. Os cientistas e funcionários, empregados nos laboratórios subterrâneos de pesquisa atômica e nos arsenais do deserto do Novo México, iriam sendo vítimas de ataques de cólera e psitacose. Nas regiões agrícolas do Texas, uma sarna epidêmica atacaria o gado —sendo estes os primeiros casos de semelhante epidemia no continente americano.

Tudo isso representa um quadro imaginário do que poderia suceder no caso de uma Terceira Guerra Mundial. O primeiro golpe teria sido desferido, não com a bomba atômica, mas por meio da «guerra biológica».

A sabotagem atingiria imediatamente os suprimentos de água e leite. Dentro em pouco, aviões, balões e bombas-foguetes do inimigo lançariam nuvens de germes sobre as cidades, juntamente com ataques de gases venenosos e bombardeios. Os próprios fragmentos das bombas estariam envenenados. Bastaria que uma bala ou um fragmento raspasse ligeiramente uma pessoa, para que esta

morresse de uma doença misteriosa.

Talvez o quadro tenha sido um tanto exagerado. Mas tudo isso é possivel, na base de conhecimentos científicos, não daquí a doze anos, mas *hoje mesmo*.

A guerra biológica foi oficialmente definida como sendo «o uso das bactérias, cogumelos, virus, e outros organismos microscópicos transmitidos pelos piolhos ou carrapatos, bem como agentes tóxicos derivados de organismos vivos, para produzir doenças nos homens, nos animais e nas plantas». Algumas autoridades consideram a guerra biológica um instrumento horrivel e deshumano que só deveria ser empregado em defesa própria. Mas o Chefe do Serviço de Guerra Química dos Estados Unidos é o porta-voz da outra corrente de opinião.

«Considero esta uma forma prática de guerra que oferece grandes potencialidades,» declara. «Não é lógico nem inteligente falarmos nos horrores da guerra biológica ou de gases, e defendermos a guerra atômica. Não concordo em absoluto com teorias semelhantes sobre a humanidade ou a deshumanidade de determinada arma. O que é realmente deshumano é a própria guerra.»

A maior parte das autoridades civís e militares estão de acordo sobre o fato de que a guerra biológica representa uma ameaça real e do mais alto significado. Estão, igualmente, persuadidas de que se trata de qualquer coisa que mesmo as pequenas nações podem preparar clandestinamente, servindo-se, para isso, dos laboratórios das universidades e até de refinarias e destilarias que seriam empregadas como fábricas secretas.

Durante a ultima guerra, várias experiências foram realizadas nos Estados Unidos em torno à guerra biológica, em cooperação com a Grã Bretanha e o Canadá, e dentro do maior segredo, para a melhor compreensão das possiveis medidas de defesa. Mais tarde, o exército americano divulgou uma série de relatórios sobre essas experiências, cujas lições podem ser assim resumidas:

Eis aquí uma lista formidavel das moléstias que seria lícito esperar, se fôssemos jamais vítimas de uma guerra biológica:

Botulismo—Forma de intoxicação alimentar, mil vezes mais mortífera que os gases venenosos, e geralmente fatal.

Brucelose—febre ondulante extremamente severa.

Psitacose—a chamada «doença do papagaio», muito mortífera.

Tularemia—a «febre de coelho», que deforma suas vítimas.

Cólera—doença, muitas vezes mortal, que ataca repentinamente, causando um estado de grande fraqueza e reduzindo a vítima a uma sombra do que era.

Peste Negra—a velha maldição da humanidade, espalhada por parasitas roedores que, ao que se supõe, matou 25 milhões de pessoas no século XIV.

Encefalite letárgica—doença causada por virus, extremamente infecciosa, que ataca o sistema nervoso, geralmente chamada «doença do sono». Atinge o cérebro, causando a morte ou a invalidez permanente.

Sarna epidêmica—uma doença que ataca o gado, capaz, quando não controlada, de destruir todo o suprimento de carne de uma nação.

Ao estudar o emprego de germes mortíferos para fins de agressão, por meios artificiais, é claro que os cientistas escolhem os elementos mais virulentos dos agentes mais prejudiciais, aumentando sua virulência pelo que poderá ser denominado «composições não-naturais». A febre tifóide, por exemplo, que é geralmente contraida pelos alimentos ou pela água, pode adquirir caraterísticas de maior permanência e generalização, se for disseminada artificialmente. Por esse processo, basta que a vítima respire o germe. O terrivel anaeróbio, que espalha, normalmente, o botulismo, através dos alimentos, pode ser tornado mais mortífero, quando transmitido por uma ferida aberta, ou pelos pulmões. Em consequência, porque não colocá-lo numa bala, ou difundí-lo pelo ar?

Nem todos os agentes da guerra biológica deixam suas vítimas agonizantes, ou produzem morte instantânea. Ao organizar uma guerra biológica, a nação agressora poderá, por conseguinte, teoricamente, adaptar suas táticas aos propósitos que tiver em vista. Poderá, por exemplo, se assim desejar, escolher um agente capaz de tornar inválida uma população, temporariamente, tais como os da disenteria ou os estafilococos que produzem a intoxicação alimentar comum. Nesse caso, um exército invasor poderia encontrar os soldados e a população civil enfraquecidos demais, do ponto de vista físico, incapazes de resistência, embora não em perigo de vida. Os estrategistas da guerra biológica poderiam, outrossim, escolher doenças capazes de produzir resultados mais lentos e tambem sem consequências fatais, como a febre ondulante.

Por fim, se desejassem obter resultados realmente terriveis e decisivos, bastaria que atacassem com os germes «mortíferos», epidêmicos ou não, tais como os da cólera, peste, botulismo ou psitacose.

Como fez ver uma autoridade no assunto, é possivel formar composições com germes «mil vezes mais mortíferos» que os gases venenosos. É impossivel vê-los, cheirá-los, ou perceber sua presença de qualquer modo, a não ser por meio de culturas; e antes que surjam as primeiras suspeitas e se façam as primeiras culturas, metade da população já poderá ter morrido.

Em dezembro de 1943, o Departamento de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos informou ao Estado Maior Aliado sobre as suspeitas de um próximo ataque alemão às Ilhas Britânicas por meio de bombas-foguetes, que carrearíam elementos microbianos. Essa informação fez com que os aliados se lançassem de corpo e alma às pesquisas bacteriológicas.

Nos Estados Unidos, todos os comandos das forças armadas receberam ordens de pôr em efeito operações de guerra anti-biológica, tanto nas áreas metropolitanas quanto nas bases de alem-mar. O Havaí e a Zona do Canal foram considerados particularmente vulneraveis ao envenenamento dos suprimentos de alimentação, água e leite, pelos agentes de sabotagem, e os médicos do exército impuseram severos controles.

O Serviço de Guerra Química, operando através da chamada «Divisão de Projetos Especiais», já tinha estabelecido quatro instalações de guerra biológica, por meados de 1944. Os «detectives dos germes» cooperaram com a Força Aérea do Exército, na realização de experiências extremamente realistas, com bombas germicidas «simuladas». Lançaram grande número de bombas borrifadoras, carregadas de organismos inofensivos que produzem manchas e se espalhariam exatamente como substâncias virulentas. Esses organismos deixaram um rastro atrás de

si, à medida que se foram disseminando, o que permitiu aos pesquisadores acompanhar os resultados.

De um modo bastante paradoxal, como geralmente sucede quando os homens experimentam novos métodos de aumentar os horrores da guerra, a civilização já foi beneficiada, e ainda o será mais, por algumas das descobertas realizadas no curso dessas experiências com a guerra bacteriológica. A Marinha dos Estados Unidos, estudando o problema da disseminação das epidemias por meio de bombas, adquiriu uma série de preciosos conhecimentos sobre a gripe, conhecimentos estes que já contribuiram muito para o desenvolvimento de uma vacina promissora.

Os cientistas americanos alcançaram uma anatoxina do botulismo, extremamente eficaz, e aumentaram consideravelmente nossos conhecimentos para a cura do antraz, da brucelose, da psitacose, da tularemia e de outras moléstias. No terreno vegetal, procurando um meio de produzir a destruição total das fontes de alimento do inimigo, descobriram alguns preciosos germicidas. No terreno animal, há novo método de produção em larga escala de uma vacina que controla completamente a sarna—uma das mais custosas pragas que atacam os animais,— método esse que já representa uma compensação suficiente por tudo o que se gastou em tais pesquisas.

O custo das pesquisas realizadas no último conflito, em torno à guerra biológica, foi avaliado em menos de 50 milhões de dólares. A arma biológica, comparada com outras—como, por exemplo, a bomba atômica, que já custou dois bilhões de dólares—é, relativamente, pouco dispendiosa.

É este, igualmente, o grande perigo da guerra biológica, pois dela poderiam lançar mão nações pobres, impossibilitadas de fazer face às despesas de um projeto atômico.

Um beijo na escuridão

Cena: Um vagão de trem na Rumânia, durante a guerra.
Personagens: Um oficial alemão, um oficial rumaico, uma senhora idosa e uma bela moça.

O trem entra num tunel. Os passageiros ouvem, primeiro, um beijo, e depois o ruido de vigorosa bofetada. O trem sai do tunel. Todos mantêm-se em silêncio, notando-se que o oficial alemão tem uma mancha preta no olho.

A senhora idosa pensa:—Gosto de ver uma moça direita, capaz de reagir assim e defender sua virtude.

A moça pensa: —É engraçado que o alemão tenha procurado beijar a velha, e não a mim!

O alemão pensa: —Esse rumaico é esperto: rouba um beijo, e eu é que levo a bofetada.

E o rumaico pensa: —Dei um golpe de mestre! Beijei minha própria mão, esbofeteei o alemão, e escapei impunemente...

—*Skyscrapers*

Uma ilusão custosa que prejudica a todos

O sofisma da vitrine quebrada

Condensado do livro «Economics in One Lesson»

Henry Hazlitt

Um molecote atira um tijolo contra a vitrine de uma confeitaria. Um grupo de pessoas se reune em frente ao local e algumas comentam que o incidente tambem apresenta o seu lado feliz, pois dará trabalho ao vidraceiro. O vidraceiro terá mais dinheiro para gastar com outros negociantes, e, estes, por sua vez, com mais outros. Portanto, dizem eles, a vitrine quebrada irá proporcionar dinheiro e empregos a um grande número de indivíduos.

Consideremos, porem, o caso sob outro ângulo. O ato de vandalismo significará mais negócio para o vidraceiro, mas o dono da padaria terá perdido um dinheiro que, digamos, projetava aplicar na compra de um terno. Em vez de ter uma vitrine alem do dinheiro, tem agora somente a vitrine. O aumento de negócio para o vidraceiro representa meramente a perda do alfaiate e, na realidade, nenhum novo emprego foi criado.

Esse raciocínio absurdo quanto à «capacidade aquisitiva» podia ser igualmente aplicado ao gatuno que rouba uma pessoa. Quando o ladrão se apodera de certa quantia, seu poder aquisitivo aumenta. Mas a cada emprego que ele cria com os seus gastos, corresponde um que deixou de ser proporcionado pela sua vítima, a qual terá menos para gastar.

Sob mil e um disfarces, o sofisma da vitrine quebrada é o mais persistente que se conhece na história da economia. Mais em evidência hoje do que em qualquer época do passado, é solenemente reafirmado todos os dias por capitães de indústria, líderes trabalhistas, escritores, articulistas e professores de economia. Persiste em grande parte em virtude da tendência do homem de enxergar somente os efeitos imediatos de certa norma de ação, ou somente os seus efeitos sobre determinado grupo, *e tambem devido ao seu desinteresse em investigar quais os seus efeitos ulteriores sobre o povo em geral.* Nove décimos dos sofismas econômicos, que trazem tremendos prejuizos ao mundo hodierno, resultam da ignorância deste fato: enquanto certas normas irão beneficiar a todos ao fim de certo tempo, *outras normas beneficiam somente um determinado grupo à custa de todos os outros.*

Consideremos por exemplo essa fé generalizada nos dispêndios do governo. Em toda parte esses gastos são encarados hoje como uma cura para todos os males econômicos. Há falta de empregos? Isto, é claro, se deve ao poder aquisitivo insuficiente por parte dos cidadãos, e, para remediar essa situação, é suficiente que o

Henry Hazlitt é membro do corpo de redatores do *New York Times* desde 1934, e seus artigoss obre economia têm atraido grande atenção. Anteriormente havia sido redator-chefe de «The American Mercury» e redator literário de «The Nation».

governo despenda o bastante para cobrir a chamada «deficiência».

Na verdade, porem, tudo aquilo que recebemos, com exceção dos presentes da natureza, tem que ser *pago* de algum modo. O mundo está cheio de pseudo-economistas, que por sua vez têm a cabeça cheia de esquemas para conseguir algo em troca de nada. Dizem-nos que o governo pode gastar e gastar, sem instituir quaisquer impostos; que o Governo pode aumentar sua dívida sem nunca saldá-la, porque «ficamos devendo a nós mesmos».

Tais sonhos, por mais agradaveis que sejam, sempre foram destruidos no passado pela insolvência das nações ou uma inflação desenfreada. Cada tostão despendido pelo Governo tem que ser pago eventualmente por meio de impostos; e, quanto mais se adiam os ajustes finais, mais aumentará a seriedade do problema.

Não me estou referindo a serviços públicos necessários, mas àqueles considerados como meios de «proporcionar empregos» ou de «adicionar riqueza a uma coletividade que de outro modo não a poderia conseguir». Constrói-se, por exemplo, uma ponte. Se assim se resolve um problema de transporte ou de tráfego, não pode haver objeções à sua construção. Mas uma ponte construida somente «para proporcionar empregos» é caso diferente, porque se o objetivo é criar empregos, a necessidade real torna-se uma consideração secundária. Em vez de indagar somente onde é necessário construir pontes, os perdulários do Governo começam a perguntar a si próprios onde se *poderão* construir pontes. Serão plausiveis os seus argumentos em prol da construção de uma ponte adicional entre a cidade *x* e a cidade *y*? No fim de algum tempo conseguem fazer com que a obra pareça essencial, e aqueles que duvidam da necessidade da mesma são qualificados de obstrucionistas e reacionários.

A ponte proporcionará, digamos, 500 empregos durante um ano. Disso se deduz que de outro modo esses empregos não teriam surgido. Mas a ponte tem que ser paga com impostos. Para cada tostão despendido numa ponte desnecessária, arrecadar-se-á outro ao contribuinte. Se a ponte custar um milhão, os contribuintes terão perdido um milhão, que de outro modo teriam empregado em artigos de maior necessidade.

Por conseguinte, para cada emprego público criado pela ponte, um emprego particular terá sido destruido alhures.

O que aconteceu foi simplesmente uma diversão de empregos. Enquanto surgem mais operários para a construção de pontes, menos operários estarão empregados na indústria particular. Os gastadores do governo podem ver a ponte. Mas se se tivessem acostumado a estudar as consequências tanto diretas como indiretas dos fatos, tambem poderiam ver as casas que não foram construidas e os produtos que deixaram de ser fabricados.

Do mesmo modo, sempre que se faz uma tentativa para cortar o número de funcionários públicos desnecessários, a reação será certamente a de que, se o poder aquisitivo desses funcionários for eliminado, a renda nacional sofrerá uma redução. Aquí temos novamente o sofisma da vitrine quebrada. Esquecem eles que se os burocratas forem despedidos, os contribuintes terão o dinheiro que de outro modo teria sido arrecadado para sustentar os mesmos burocratas. A renda e o poder aquisitivo do contribuinte aumentarão de pelo menos tanto quanto diminuirem a renda e o poder aquisitivo dos ex-funcionários públicos.

O assunto não termina aquí. A situação do país não somente é tão boa quanto antes, sem funcionários superfluos, mas muito melhor. Pois aqueles ex-funcionários públicos terão que procurar empregos particulares—o que conseguirão somente em troca de serviços necessários. Em vez de continuar como parasitas, tornar-se-ão naturalmente homens e mulheres produtivos.

Quando estudamos portanto os efeitos de propostas e normas, não somente em relação a determinados grupos por um curto espaço de tempo, mas tambem a todos os grupos, por longos períodos de tempo, as conclusões a que chegamos correspondem geralmente àquelas que o bom senso nos indicaria. Não ocorreria a ninguem, exceto àqueles ligados à atual semi-cultura econômica, que quebrar vitrines é proveitoso; que criar projetos públicos desnecessários não é jogar dinheiro fora; que é uma ótima medida conservar burocratas parasitas por conta do Governo, e assim por diante.

Muitas coisas que parecem verdadeiras, quando nos concentramos num simples grupo econômico, vêm a ser simples ilusões quando se consideram os interesses de todos.

Nem tudo na vida é passageiro...

NA CORÉIA, os rapazes da Polícia Militar norte-americana receberam ordens de acabar com o sistema dos «pingentes» nos bondes, e um dia saíram no seu jipe pelas ruas, pondo-se a arrancar, desses veículos, os passageiros que teimavam em viajar dependurados. Os pingentes protestaram energicamente, mas suas objeções não tiveram efeito, pois os robustos ianques os obrigaram a saltar à rua. Afinal todos se conformaram em seguir viagem a pé—isto é, todos menos um, que correu atrás do bonde e pongou de novo. Os militares, sem perder tempo, alcançaram outra vez o veículo e tornaram a arrancar, de lá, o teimoso pingente. Isso se repetiu três vezes.

Já aborrecidos com as vaias que lhes chegavam aos ouvidos, de ruas e calçadas, os soldados agarraram o pingente, puseram-no à força no jipe, e levaram-no ao quartel-general, onde pediram a um intérprete que descobrisse a razão por que, afinal de contas, ele se mostrava tão obstinado em voltar ao bonde. Logo tiveram sua resposta: o homenzinho era o condutor...

—John Henry, no *Saturday Evening Post*

O FAMOSO General Grant, da Guerra Civil americana, estava na Escócia quando teve seu primeiro contacto com o jogo de golfe. Certo dia, a convite do dono da casa onde estava hospedado, foi assistir a uma demonstração. O anfitrião, colocando a bola na relva, atirou contra ela o taco, com toda a força, mas só conseguiu levantar uma nuvem de pó e pedaços de terra. A bola continuou imovel. Fez nova tentativa, com o mesmo resultado.

Enquanto isso Grant olhava a cena pensativamente. Após a sexta tentativa, tambem baldada, virou-se para o anfitrião e observou:—É, parece que o jogo é mesmo bom para fazer exercício. Mas não vejo é a utilidade da bola.

—*Read*

(Condensado do «Cosmopolitan»)

PORQUE FALHAM TANTOS CASAMENTOS

Por Philip Wylie

Os jovens românticos precisam compreender que o objetivo do matrimônio é a procriação.

OS CASAMENTOS modernos estão sendo dissolvidos por uma filosofia ridícula caraterizada pelo amor romântico e pela importância exagerada atribuida ao sexo. Que tipo de mulher estarão os rapazes solteiros idealizando para esposa—a dona de casa, companheira e mãe, ou a sereia provocante e de aspecto lascivo?

O simples fato de haver tais dúvidas faz com que a maior parte dos homens não se sintam à vontade. Os filhos virão depois, argumentam, e, de qualquer maneira, isso é lá com as mulheres! O amor sexual ou romântico já atenuou tanto o profundo instinto da paternidade que, para muitos homens, a única impressão causada pelo nascimento de um filho é a de terem oferecido charutos aos amigos para festejarem o acontecimento.

Uma das causas fundamentais do fracasso de tantos matrimônios já se tornou evidente. Ninguem procura exaltar a paternidade, e, no entanto, é esse o motivo básico da própria existência dos homens!

Os exemplos que inculcam esse profundo instinto nos rapazes devem provir da experiência, da observação, do contacto do filho com o pai, na infância e na adolescência. Mas, depois do nascimento de um filho, o pai moderno desaparece da cena, a bem dizer. Passa o dia no escritório, na loja ou na fábrica. De noite,—quando ele e a esposa não vão ao cinema, enquanto alguem se encarrega das crianças,—estarão, provavelmente, recebendo visitas, em casa, ou o pai está cansado demais para ocupar-se com os filhos. Para estes, é quase um estranho. O afeto, a compreensão, os exemplos, a orientação e a vigilância atenta que deve a seus filhos, é quase inexistente.

Afim de substituir os cuidados paternos e, até certo ponto, os maternos, nossa sociedade inventou várias formas de distração para as crianças—programas de rádio, livros infantís, cinemas, jardins de infância, substitutos de toda sorte.

O pai moderno é tão inconciente de seus deveres e ignora seus privilégios tão completamente, que nem sequer aceita as responsabilidades gerais da paternidade. Quantos homens, em cada localidade, dedicarão energia, tempo e dinheiro a um esforço criador em prol da *paternidade coletiva*? Quantos exercerão vigilância inteligente e constante sobre as escolas para onde mandam seus filhos? Quantos tomarão parte ativa nas tentativas realizadas para a solução dos problemas da delinquência juvenil? Quantos procuram, realmente, melhorar a sorte das crianças pobres ou desafortunadas?

No entanto, esse é o papel que a natureza confiou aos homens, no lar e na comunidade. São esses os deveres da pater

nidade. A falta de conciência de seus deveres, por parte dos pais, é que tem levado tantas esposas ao desespero, e tantas outras ao divórcio.

Aos homens, aliás, cabe apenas metade da responsabilidade pela decadência do matrimônio e do lar. A atração física não é, em regra, a norma principal das mulheres para a escolha de um marido. Mas o amor romântico—que não passa de uma infantilidade entre os adultos—faz vibrar o coração da maioria das jovens. Em quase todas as histórias publicadas nas revistas, e em quase todos os filmes, a heroina anda à procura de um romance. Ao encontrá-lo, o que resulta é o casamento e um «fim feliz». As jovens modernas são levadas a crer que, ao se casarem, serão automaticamente felizes daí por diante. Alem disso, nesses «romances» que se vendem em toda parte, o herói é sempre rico...

Esse mito deixa que vários fatos evidentes passem despercebidos. Em primeiro lugar, a quantidade de dinheiro que um homem possue não tem a menor influência sobre seu carater ou sobre o que venha a ser como companheiro. Não obstante, quando tem muito dinheiro, é geralmente caprichoso e voluntarioso. Em segundo lugar, a idéia de que o casamento por si é uma finalidade—e especialmente uma garantia de felicidade—é inteiramente falsa, por isso que, na verdade, o matrimonio, parecendo ser uma formatura, é apenas o início de um curso... Em terceiro lugar, o casamento só pode ser romântico para aqueles que sempre encontram algo de romântico em tudo o que os cerca, por mais duras que sejam as suas condições de vida.

Há grande número de noivas que esperam encontrar no casamento uma continuação dos tempos de namoro. Para elas o casamento é um noivado a que se acrescentam o amor físico e os confortos materiais; os filhos são uma possibilidade a ser realizada mais tarde. Tudo isso não passa de uma ilusão.

O casamento na maturidade substitue o namoro e a corte, serenamente. Há, nesse caso, a compreensão de que a família não deve ser considerada como uma aventura ou uma tentativa possivel, no futuro, mas como a própria finalidade da união. O amor sexual não é um fundamento adequado para o casamento. E o marido que escolheu sua esposa por achá-la fisicamente atraente, e nada mais, não tardará a descobrir, se ela for apenas isso, que a beleza, apenas, pode tornar-se monótona.

A infidelidade é o motivo apresentado para a maior parte dos desquites e divórcios. Mas qualquer casamento que termine em divórcio, devido a adultério, já estava talhado para isso, antes mesmo que o adultério fosse praticado, devido aos falsos propósitos de algum dos cônjuges.

Há outra ilusão sobre o casamento que é partilhada por grande número de jovens, de ambos os sexos: o mito do «único amor». Claro está que é absurdo. Se houvesse apenas um homem capaz de inspirar tal afeto a cada jovem, a possibilidade de que se viessem a encontrar seria quase nula.

Essa teoria do «único amor» exerce, tambem, influência nociva sobre o casamento, porque seus adeptos sonham com o futuro cônjuge, casam-se com ele, e a seguir procuram adaptar o sonho à realidade. Quando a mulher ou o marido se mostram aquem do ser romântico imaginado, surge logo um motivo para que o outro considere o casamento um erro, e o fracasso da tentativa de conquistar o herói ou a heroina de seus sonhos. Por essa razão o casamento é suportado por milhões de pessoas que acreditam ter come-

tido um erro. Na verdade, sua filosofia é que era errada.

Todas essas atitudes em face ao casamento revelam apenas uma falta absoluta de madureza. Os homens que cresceram sem a intenção primordial de se tornarem pais, não cresceram, realmente. As mulheres que esperam conservar o romantismo dos tempos de noivado—e se tornarem mães sem que continuem a ser esposas—ainda não sairam da adolescência. A esposa é, antes de mais nada, *a companheira de um verdadeiro pai*, e não sua namorada, sua mãe, sua amiga ou seu patrão.

Sendo o lar o alicerce do país e da sociedade, é imprescindivel que tratemos de construir verdadeiros lares e verdadeiras famílias. Tornou-se cada vez mais geral o conceito de que as crianças são cacetes, e é preciso aproveitar todas as oportunidades possiveis para fugir à sua companhia. As crianças educadas por casais semelhantes sentir-se-ão inevitavelmente mais tarde, caceteadas por tudo, no casamento, a não ser os prazeres. Mas a vida digna de ser vivida não é uma simples caça aos prazeres. Se desejarmos ser felizes, precisamos andar em busca da felicidade, e não do prazer. O que dá a medida exata de uma pessoa feliz é sua capacidade de ser severa para consigo e indulgente para com os outros.

Se quisermos garantir aos casamentos o ponto de partida indicado, precisamos transformar as idéias e os valores dos que se vão casar. O rapaz não deve perguntar a si próprio: «Qual é a mais bonitinha de todas as pequenas que eu conheço?» Nem a moça: «Qual deles será capaz de tratar-me como noiva, para sempre?» A pergunta cuja resposta tem um valor real e duradouro é a seguinte:

Será ela a melhor mãe que eu poderia encontrar para meus filhos? Será ele o melhor pai? Ou podemos redigí-la da seguinte maneira: gostaria eu de tê-lo por pai, ou de tê-la por mãe?

Engano de observação...

Recebendo notícia de que seu filho de 16 anos fora hospitalizado após um acidente, o pai aflito correu à Casa de Saude, indo encontrar o menino com uma perna fraturada e várias contusões e escoriações. —Que foi, meu filho? Você foi atropelado, voltando da casa da namorada?

—Não! gemeu o garoto.

—Então como foi? persistiu o pai.

—Nós estávamos dansando, explicou o adolescente. —O pai dela entrou e nos viu alí; mas ele é surdo, não ouviu a música... e me atirou pela janela.

—Ken Norton, em *Pageant*

Em Hollywood, onde tudo é enorme e exagerado, dizem que certa vez um pai recebeu do filho o boletim escolar, no qual o professor escrevera, em vez do costumeiro «Fraco, Regular, Bom e Excelente», o seguinte: «Sensacional, Magnífico, Estupendo, Colossal.»

—Andrew Hecht

A empolgante biografia dum grande cientista, cujo penoso triunfo espalhará benefícios às mãos-cheias.

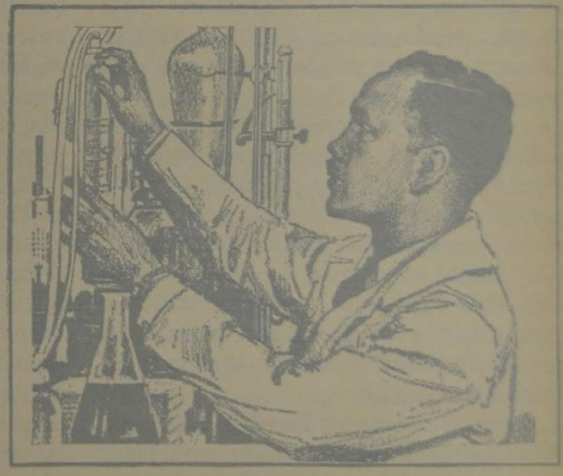
Não quis dar-se por vencido

Por Paul De Kruif

Percy L. Julian é hoje respeitado no mundo da ciência como um dos grandes químicos da América do Norte. No carater de diretor de pesquisas de uma grande empresa produtora de tintas, vernizes e artigos de alimentação, a ele se deve a criação de importantes processos industriais, que vão desde um novo tipo de acabamento para papéis, até um sistema tambem novo de extinção rápida de incêndios de gasolina e óleos inflamaveis. Não se dando por contente com esse pouco, Julian pôs o hormônio feminino, conhecido sob o nome de progesterone, ao alcance de todas as futuras mães que se viam ameaçadas de perder, por via de aborto espontâneo, os bebês que esperavam; a ciência deste homem tornou igualmente possivel a produção em larga escala do hormônio masculino, a um preço que o coloca adentro das possibilidades orçamentais de todos os que o necessitam. E tudo isso é obra dum homem, dum negro—cujo avô foi outrora escravo.

A seu pai deve o químico Julian um grande ensinamento, quando ele fez ver que, se queria tornar-se um autêntico homem de ciência, precisava começar por erguer bem alto o seu próprio padrão de êxito. O caso passou-se assim: Julian vivia ao tempo no sul dos Estados Unidos, e era gurí, quando um dia voltou da escola para casa, agitando orgulhosamente na mão a folha de papel almasso do seu exame de aritmética, na qual o professor marcara a nota «80». O pai de Julian, de seu natural bondoso e manso, irritou-se, e recompensou a alegria do filho com uma observação séria: «Filho meu não há-de se contentar assim com qualquer coisa, não,» disse ele. «Depois disto não me torne a aparecer com menos de 100!»

O pequeno Julian conservou bem viva a memória da advertência que havia de guía-lo à posição de primeiro classificado do seu curso numa escola de magistério. Mas nem assim o pai se deu por satisfeito; se o filho queria, de fato, tornar-se homem de ciência, e triunfar em sua



carreira, teria de aprender a competir com os melhores, e para tal era necessário que recebesse a melhor educação possível... Foi assim que o jovem Percy deu entrada no curso superior. Na universidade, começou ele sonhando tornar-se um pesquisador de vanguarda em química orgânica. O reitor da universidade, William Blanchard, tentou bondosamente levá-lo a desistir de tamanha ambição, mas Julian insistiu tenazmente, com ardor, e especializou-se em química. Colou grau em 1920, mais uma vez à cabeça da classe, com todas as honras de orador.

Carecia porem dos recursos pecuniários para seguir estudos mais desenvolvidos, e resolveu requerer bolsa de estudos de extensão universitária; mas quando as bolsas e outros auxílios foram distribuidos aos graduados em química pela universidade, Julian viu-se excluido delas, relegado à obscuridade... Tratando-se de um negro, pensaram caridosamente os professores que não era justo estimular aquele moço, dar-lhe esperanças de vir a fazer carreira na química. Recluiu-se pois ao sul onde nascera, para ir ensinar química numa universidade local. Mas foi aí, precisamente, que o contacto diário com a juventude da sua raça reacendeu nele o fogo da ambição. A curiosidade audaz dos estudantes fê-lo sentir-se insatisfeito com suas próprias lições de química orgânica, e o professor pôs-se a escrever uma série de preleções inteiramente novas. Quando Blanchard as leu, não resistiu a confessar ao seu ex-aluno: «As lições que você escreveu são tão claras, que eu vou rasgar muitas das minhas, e passar a usar as suas em vez delas.»

Julian, entretanto, formara a decisão de requerer bolsa de estudo para fazer pesquisas na Universidade de Harvard, e um dia, avistando-se com Blanchard, a quem expôs o seu plano, perguntou-lhe:

—Poderei contar com o seu apoio?

O mestre respondeu: —Naturalmente!

—Nesse caso, redarguiu vivamente Julian, —porque é que o sr. não fez esforços para me obter uma bolsa quando eu colei grau?

—Ora, Julian! respondeu Blanchard. —Eu sempre considerei você um estudante excelente, mas pareceu-me que o único caminho que lhe estava aberto, era dedicar-se ao ensino lá no sul. Ainda hoje não tenho a certeza de que as portas da química se abrirão para você; mas se tem coragem bastante para tentar, pode contar com o meu apoio.

JULIAN causou merecida sensação em Harvard. Trabalhando como garçon do restaurante, dedicava as noites, até muito tarde, a experiências de química, e conseguiu arrancar o seu grau de doutor em um só ano, distinguindo-se uma vez mais como o primeiro da classe. Em casos dessa ordem a Universidade de Harvard costumava nomear logo o estudante laureado para um cargo de professor assistente; mas, tratando-se de Julian, as autoridades universitárias esquivaram-se de fazê-lo, pretextando o receio de que os estudantes brancos, oriundos do sul, reagissem, recusando-se a acatá-lo como professor.

Julian passou assim mais quatro anos na Harvard, sem se dar por vencido, ocupando-se em trabalhos menores de pesquisa subsidiada, e depois regressou ao Sul para de novo ir ensinar, desta vez numa faculdade estadual, tambem só para estudantes de raça negra. O laboratório que puseram alí à sua disposição pouco mais tinha do que nada em matéria de aparelhagem. Alem de constituir só por si todo o corpo docente de química, o professor viu-se forçado a desempenhar simultaneamente, as funções de auxiliar de laboratório e bedel. Com todas as dificuldades, esse posto deu-lhe porem a oportunidade única de travar relações com um grande e inspirado educador, John Davis, a esse tempo presidente da instituição. Estimulado por Davis, Julian mergulhou em pesquisas de química orgânica absolutamente originais. Seu sonho era descobrir certos compostos orgânicos nos produtos naturais, e em seguida retraçar o caminho que a natureza seguia ao transformá-los em substâncias químicas essenciais à vida, tais como as vitaminas e os hormônios; e depois—por aquí se vê a sua audácia—reconstituir esses compostos por meios artificiais, em quantidades illimitadas, no laboratório.

Para treinar-se, Julian começou repetindo as delicadas experiências de Ernst Spath, o sábio vienense que se celebrizara pela sua síntese da nicotina e da efedrina. Ao cabo de um ano, o rol dos trabalhos de Julian era tal, que o nomearam logo chefe do departamento de química da Universidade de Howard (tambem para negros), em Washington. Nessa universidade traçou ele, por sua própria mão, os projetos, e dirigiu a edificação dum laboratório que custou um milhão de dólares. Mas nem ainda assim a sua fome de saber se deu por satisfeita.

O professor Kohler, da Harvard, tinha-o instruido bem na teoria da agrupação dos átomos de carbono em cadeias, pentágonos e hexágonos, para constituirem os milhares de produtos orgânicos de que são feitos todos os seres vivos. Mas copiar a natureza, *fazer* realmente por meios artificiais esses produtos, já era mais do que ciência, era uma arte exigente, de suprema sutileza. Ah, se ao menos ele pudesse, pensava, fazer o seu aprendizado sob a direção do grande Ernst Spath!...

Foi por essa época que um antigo colega de curso e filho dum eminente banquiero e industrial, veio em socorro de Julian e graças ao apoio financeiro de Julius Stone Jr., e a uma bolsa do governo, o químico partiu para Viena.

Spath o recebeu e tratou com a afabilidade que se dispensa a um autêntico colaborador, e introduziu-o em sua própria casa. Em 1931, Julian recebia o grau de doutor em química orgânica, sob o patrocínio de Spath. Regressou em seguida à Universidade de Howard, para se lançar na realização dum projeto científico que havia muitos anos vinha frustrando os esforços de alguns dos mais brilhantes químicos contemporâneos.

A FISOSTIGMINA é um remédio de grande eficácia no tratamento do glaucoma, a sinistra doença dos olhos; e ao mesmo tempo a progenitora, pode-se dizer, duma outra droga, a prostigmina, que hoje está dando alívio a milhares de pessoas estropiadas ou inutilizadas pelos espasmos musculares resultantes de certas doenças e acidentes. A estrutura química da fisostigmina já era conhecida dos homens de ciência, mas nenhum deles ainda fora capaz de realizar no laboratório a respectiva síntese.

Pouco tempo depois de ter iniciado a execução desse projeto, Julian foi convidado pelo reitor Blanchard, a voltar à antiga Universidade, com o fim de treinar os estudantes dos cursos mais adiantados nos métodos mais modernos de pesquisa. Blanchard, já então pelnamente convencido da capacidade incomparavel do seu antigo aluno, ousou fazer alguma coisa que anos atrás nem se teria atrevido a tentar: lançou uma campanha, em todo o país, para o efeito de recolher

fundos destinados às pesquisas de Julian, pedindo dinheiro aos gerentes e antigos alunos da universidade, a cidadãos de todas as categorias, brancos e de côr. E, a partir de 1930, o mundo da química começou a alvoroçar-se com a leitura duma série de trabalhos científicos altamente originais, vindos a público em publicações especializadas. Segundo se depreendia desses sóbrios ensaios, Julian ia-se aproximando paulatinamente, em sucessivas experiências, da síntese da fisostigmina...

O momento culminante da experiência final de Julian sobre essa síntese foi uma cena memoravel: alí estavam, num tubo de ensaio, os cristais da fisostigmina natural, extraida do feijão Calabar; em outro tubo, encontravam-se os cristais provenientes da síntese química realizada por Julian—o fruto de três anos de labor, de persistentes tentativas! Para se provar irrevogavelmente que as duas substâncias eram idênticas, só faltava verificar se seus pontos de fusão se produziam à mesma temperatura. O momento era decisivo, e a operação emocionante; se os pontos de fusão fossem diferentes, todo aquele ingente trabalho teria sido inutil. O assistente de Julian, um alemão de nome Josef Pikl, começou aquecendo o tubo que continha os cristais naturais; Julian, pelo seu lado, aquecia o tubo dos cristais sintéticos. Presente, seguindo o ensaio, com a respiração quase suspensa, estava o professor Blanchard.

«Estão fundindo!» exclamou Pikl a certa altura. «Os meus tambem!» bradou Julian, contendo a custo a emoção. Olharam os termômetros; as temperaturas eram rigorosamente iguais nos dois tubos de ensaio. A síntese era um êxito!

Os três homens, —Blanchard, o branco do Sul, Pikl, o colega alemão, e o negro Julian, —abraçaram-se radiantes.

A ciência ergueu brados de entusiasmo no mundo inteiro e Percy Julian recebeu mensagens de congratulação de toda a Europa e de toda a América. O moço que sonhara fazer carreira na química estava enfim prestes a ver seu sonho realizado. Talvez nesse momento lhe tivesse acudido à memória aquele dia em que, ao deixar pela primeira vez a sua terra, a caminho da universidade, se debruçou da janela do trem em que embarcara, para ver, reunida na estação, a família que alí viera despedir-se dele. O trem arrancou, e Julian avistou sua bisavó, velhinha mirrada, que outrora chegara a colher 150 quilos de algodão em um só dia, num récorde, e agora lhe acenava adeus com a mão encarquilhada por 99 anos de existência; o avô erguera, acenando, a mão a que faltavam dois dedos, prêmio do dia já distante em que seu amo e senhor soubera que ele aprendera a escrever sem autorização... E a mão do pai, erguida no ar, parecia lembrar-lhe que, para o então jovem estudante, a nota mais baixa devia ser sempre a perfeição.

Em pleno triunfo, agora, Julian deve tê-los recordado, tais como nesse outro dia lhe haviam aparecido: três gerações alí reunidas, em expectativa e oração. O químico sentia bem que lhes não fora ingrato, que era digno dessa esperança fervorosa. O reitor Blanchard, completamente convertido ao triunfo do discípulo, queria que ele fosse chefiar o departamento de química da sua universidade; teria sido, assim, o primeiro professor negro de química de qualquer instituição norte-americana de ensino superior para brancos. Ao mesmo tempo, a universidade se teria tornado a Meca da Química americana. O espírito esclarecido de Blanchard não encontrou, porem, o eco que esperava em alguns dos seus colegas,

e a nomeação de Julian recebeu voto desfavoravel...

Foi nessa hora, nesse ponto-morto da vida de Julian, que o vice-presidente da Companhia, a que aludimos acima, chamou o químico ao telefone. A companhia vinha vasculhando o mundo científico, em busca do químico melhor habilitado a empreender pesquisas capazes de desentranhar o feijão de soja no que se suspeitava ser uma riqueza fabulosa de produtos naturais. Esse industrial era, manifestamente, o tipo do homem que pensa que, se um negro campeão de boxe pode conquistar o agrado do público americano, não há motivo para que um negro campeão de química não reuna os sufrágios da grande indústria.

A primeira tarefa de Julian, na companhia, consistiu em procurar um processo para preparação da proteina do feijão de soja, que viria a ter larga aplicação no fabrico de papéis.

—Que pensa o sr. do nosso processo atual? perguntaram os gerentes da firma ao cientista, depois de lhe terem mostrado as instalações em funcionamento. Ele respondeu sem rodeios:

—Acho, meus senhores, que é simplesmente sórdido!

Durante meses e meses Julian trabalhou numa atmosfera pesada de putrefação. Punha uma dose de soja a ferver nas caldeiras, à segunda-feira, e quando chegava na fábrica, pela quarta-feira de manhã, o mau-cheiro era tal que se sentia fortemente nauseado. A pequena quantidade de proteina, que se obtinha por esse processo de deterioração, era tão negra, que tornava pardo o papel que devia sair côr de neve.

Os longos dedos de artista do químico meteram-se a fazer experiências para conseguir vencer os micróbios da putrefação. Seu cérebro, recheado de conhecimentos e de sagacidade em materia de química, soube achar truques para filtrar, dissolver e tratar quimicamente a proteina, a mais caprichosa de todas as substâncias, do ponto de vista da manipulação. Ao cabo de um ano de incessante labor, tinha transformado um avultado prejuizo anual em lucros muito mais avultados para a empresa. Exerceu em seguida funções de direção pessoal no traçado e construção duma fábrica de proteina. O resultado de todos esses esforços é que a companhia poderia vender, hoje, cinco vezes mais do que a sua atual produção de proteina de soja, mais barata do que a caseina (extraida do leite), e tão boa como esta para o fabrico de papéis.

Mas não era só isso. Nos dias mais negros da guerra no Pacífico, a proteina de soja, produzida pelo processo inovador de Julian, desempenhou tambem papel relevante na luta contra os japoneses; os engenheiros de outra companhia, atraidos pelo novo produto, verificaram que um cobertor embebido em proteina, e por isso impenetravel ao oxigênio, ao ser lançado sobre um fogo de gasolina ou óleo combustivel o abafava como por obra e graça de magia. Foi esse o ponto de partida do processo conhecido pelos combatentes sob o nome familiar de «sopa de feijão», que salvou a vida a milhares de marujos e aviadores americanos, e muitos navios dos Estados Unidos.

Enquanto, por um lado, alcançava o triunfo com a sua proteina, por outro, Julian continuava engendrando novos derivados da soja, que ofereciam muito boas probabilidades de vir a exercer papel de importância fundamental na preservação do vigor humano. Queremos referir-nos aos esteróis da soja. Trata-se de alcoóis derivados dum composto químico-orgânico que se orna do arrevezado

nome de ciclo-pentano-perhidro-fenantrene, cuja ciência é tão sutil quanto é longo o seu nome.

À data em que sua equipe sempre crescente de químicos começou a trabalhar nesse domínio, tanto os hormônios masculinos como os femininos eram produzidos a partir dum esterol *animal*, o colesterol, que se extraia em limitadas quantidades do cérebro e da medula espinhal dos bovinos. Os químicos alemães, é certo, já tinham extraido esteróis do feijão de soja, mas em quantidades ainda não suscetiveis de entrar no comércio; e o esterol de soja, obtido às gotinhas, cotava-se no mercado a um preço elevadíssimo.

Esses inestimaveis compostos químicos jazem ocultos no óleo de soja, que é necessário transformar em sabão, a certa altura do seu processamento para outros usos; a dificuldade estava, porem, em que o sabão de soja solidificava-se, transformando-se em massa dura que baldava todos os esforços no sentido de obter o esterol por meio de dissolução. Foi então, por acaso (como sucede na maioria das descobertas importantes), que Percy Julian tropeçou de supetão na simples resposta química ao problema: certo dia, assistindo ao trabalho dum inventor seu amigo que andava produzindo um composto destinado a retardar a solidificação do gesso, viu que o inventor misturava cal viva em sua massa; e que esta crescia instantaneamente, tomando a aparência duma substância espumosa *e completamente porosa*.

Sem perda de tempo, Julian aplicou esse recurso elementar ao tratamento do sabão de óleo de soja. Tendo conseguido transformá-lo assim numa espécie de esponja, fez passar através dela, gota a gota, as substâncias químicas capazes de arrastar consigo os esteróis dissolvidos. Julian e seus assistentes podiam deste modo preparar agora os esteróis, dantes quase impossiveis de obter, em quantidades até então nunca vistas.

O primeiro resultado desse processo foi uma verdadeira benção do céu para as futuras mães que se viam em riscos de perder seus filhos antes de nascidos, por via do aborto espontâneo. Os clínicos vinham verificando que o progesterone, hormônio feminino, se mostrava capaz de impedir esse trágico acidente; mas era dificílimo de conseguir. Graças, porem, ao tratamento do químico Julian, os esteróis de soja rendiam tanto progesterone, que todas as mulheres grávidas podiam doravante ficar ao abrigo do mal.

A escassez de colesterol tinha, igualmente, constituido o máximo obstáculo à produção abundante do hormônio masculino chamado testosterone, que ajuda os homens de meia-idade, e para alem dela, a continuar trabalhando com vigor, prolongando neles essa fase de existência correntemente chamada «força da vida». São milhões os homens de 45 anos de idade, e mais, que formam a clientela potencial dessa preciosa substância. Julian e seus colaboradores puderam demonstrar que, quilo por quilo, os esteróis de soja podem render, pelo menos, tanto testosterone quanto se pode extrair do colesterol, e talvez mais ainda. Daí, ser hoje possivel a produção praticamente ilimitada de testosterone; quanto mais feijão de soja, mais óleo, e quanto mais óleo, mais esterol e mais hormônio.

Devido aos brilhantes resultados do seu trabalho, a referida companhia concede a Julian uma liberdade de ação que dificilmente ele poderia ter encontrado em qualquer estabelecimento de ensino superior. No seu laboratório de Chicago, o grande pesquisador encontra-se à cabeça dum corpo de mais de cincoenta químicos altamente treinados, brancos e de côr, a quem ele guia pelas veredas acidentadas e penosas da investigação. Andam agora tentando preparar nos seus filtros e retortas o pregnenolone, a substância que elimina a fadiga e que pode vir a tornar-se um autêntico hormônio contra o envelhecimento. Andam preparando igualmente os amino-ácidos essenciais, que combatem as infecções, e que são hoje um salva-vidas de emergência em casos de inanição. A companhia vai agora prestar homenagem às altas qualidades do seu químico-chefe, pois se prepara para erigir em sua honra um imponente instituto de pesquisa, consagrado não só à ciência aplicada, como tambem à ciência pura. Basta conhecer Percy Julian para nos convencermos de que, aos 47 anos de idade, está apenas iniciando uma carreira gloriosa, cujo alvo supremo é contribuir para a transfiguração da existência humana por meio da química.

Desde Adão e Eva...

O HOMEM nunca é tão fraco como no momento em que a mulher lhe está louvando a fortaleza.

—Steve Hannagan

CREIO que a verdadeira diferença entre os homens e as mulheres está no modo de sofrer. A mulher aprende a aceitar o sofrimento, em corpo e espírito. Mas o homem luta sempre, e sua luta vai-se tornando menos enérgica, até o momento em que se confessa vencido. O sofrimento jamais debilita ou vence uma mulher; torna-se, antes, parte dela, aproximando-a da vida. No homem é bem outra a reação; o sofrimento o aproxima da morte.

—Frederic Prokosch, *The Conspirators* (Doubleday, ed.)

AS MULHERES têm um senso moral muito elevado, desde que não amem; apaixonadas, quase perdem por completo esse senso. No homem verifica-se o oposto. Quando não ama uma mulher, falta-lhe todo e qualquer escrúpulo. Se, porem, está apaixonado, é provavel que se desenvolva nele um sentimento de pureza só comparavel ao dos anjos...

—Mark Reed, *Yes, My Darling Daughter* (French, ed.)

A MULHER preocupa-se com o futuro até o momento em que encontra marido; enquanto o homem, só se preocupa com o futuro a partir do momento em que encontra esposa.

—*Woman's Home Companion*

SE UM HOMEM faz alguma asneira, os outros homens dirão: «Esse sujeito é um néscio!» Se uma mulher faz alguma asneira, os homens dirão: «As mulheres são assim mesmo!»

—H. C. L. Jackson

Caminho velho para uma vida nova

(Condensado do «Christian Herald»)

Por Fulton Oursler

UM CHOFER uniformizado dirigiu-se ao vigia, no pequeno escritório à entrada do cemitério.

—Minha patroa está doente e não pode andar, explicou. —Quer ter a bondade de vir falar com ela?

Uma senhora de idade, cujos olhos fundos não podiam ocultar um profundo sofrimento, esperava no carro.

—Sou a sra. Adams, disse. —Nestes últimos dois anos mandei-lhe cinco dólares por semana...

—Para as flores, lembrou-se o vigia.

—Justamente, para que fossem colocadas na sepultura de meu filho.

—Vim aquí hoje, disse a sra. Adams suavemente,—porque os médicos me avisaram que tenho pouco tempo de vida. Quis vir até aquí para uma última visita e para agradecer-lhe.

O funcionário teve um momento de hesitação e suas pálpebras bateram levemente. Depois confessou, com um sorriso um tanto forçado:

—Sabe, minha senhora, eu sempre lamentei que continuasse mandando o dinheiro para as flores...

—Como assim?

—É... porque as flores duram tão pouco tempo... E afinal, aquí, ninguem vê...

—O senhor sabe o que está dizendo?

—Sei, sim senhora. Pertenço a uma Associação de Serviço Social, cujos membros visitam os hospitais e os asilos. Aí, sim, é que as flores fazem muita falta... Os internados podem vê-las e apreciar o perfume. Minha senhora—nos asilos e hospitais, há pessoas vivas...

A velha deixou-se ficar em silêncio alguns segundos. Depois, sem dizer uma palavra, fez sinal ao chofer para que partissem.

Meses depois, o vigia foi surpreendido por outra visita. Duplamente surpreendido porque, desta vez, era a própria senhora que vinha guiando o carro.

—Agora eu mesma levo as flores aos doentes, explicou-lhe, com um sorriso amavel. —O senhor tem razão; ficam radiantes e fazem, assim, com que eu me sinta feliz. Os médicos não sabem a razão da minha cura. Mas eu sei. É que tenho motivo para viver.

Descobrira ela o que quase todos não ignoramos mas muitas vezes esquecemos. Auxiliando os outros, conseguira auxiliar-se a si própria. A compreensão desse fato é o principal instrumento de um médico, amigo meu, que parece possuir um poder milagroso de curar seus doentes. Sem remédios ou bisturís, consegue fazer com que muitos de seus pacientes recuperem a saude e a felicidade. Alguns até são casos dificeis, em que não se trata apenas de problemas e dificuldades pessoais, mas de doenças do coração, alcoolismo ou paralisia. Seus colegas, muitas vezes, ficam estupefactos, mas ele insiste em que o sistema que emprega é de uma simplicidade infantil:

«Meus doentes se restabelecem com uma prescrição que foi recomendada há muitos séculos, na Galiléia. Ponho-me às vezes a conjeturar sobre o que aconteceria se o Sermão da Montanha fosse tomado ao pé da letra pelos médicos... É

indiscutivel que Jesús nos deu conselhos preciosos para o bem-estar mental e físico. O desinteresse é a maior das salvaguardas contra as lamentações inuteis, o ódio e o medo; por conseguinte, é uma espécie de remédio contra muitas formas de insanidade.»

Esse amigo contou-me o caso de uma jovem, chamada Emily, e de sua luta em busca da felicidade.

Certo dia apareceu ela no consultório do professor Ernest Ligon, chefe do departamento de psicologia de certa universidade. Queria que o especialista lhe indicasse o rumo que deveria dar à sua vida. Era uma figurinha deselegante, demasiado alta e ossuda. Ao apertar-lhe as mãos, o professor percebeu que suas palmas estavam úmidas e frias de nervosismo. Faltava-lhe até gosto para vestir-se; usando a expressão do próprio professor, «o vestido dela era um horror!»

Disse-lhe então: —Escute, Emily, vá a uma boa loja e compre um vestido novo. Peça à moça da loja que escolha um para você, que melhor lhe assente. Depois visite um salão de beleza e mande fazer um penteado novo, conforme o gosto do cabeleireiro. Arrume-se direito, e compareça à festa de caridade terça-feira que vem.

Emily sacudiu a cabeça.

—O vestido eu compro, e vou ao cabeleireiro. Mas à festa, não.

—Já sei! exclamou o professor. —Você não quer ir porque acha que vai ser cacete. Mas ouça: quando chegar, em vez de ficar alí em pé com cara de encabulada, esperando que alguem lhe diga qualquer coisa amavel, apresente-se com dignidade e mostre-se à vontade, sem constrangimento. Se vir algum rapaz que lhe pareça interessante, e que esteja só, dirija-se a ele e inicie conversa, pergunte onde ele trabalha, faça-se conhecer. Depois venha me dizer o resultado, que eu estarei lá tambem. E assim continue, falando com uns e outros, como se tivesse sido paga para ser amavel com todos... E me prometa que fica até o fim da festa.

Ora, afinal Emily compareceu à festa e divertiu-se enormemente. Chegou, mesmo, a ser disputada. Ninguem poderia fazê-la bela, mas pelo menos fazia-se estimada. E, graças à sua simpatia e à sua sadia juventude, daí a seis meses estava casada com um rapaz que conheceu na reunião.

Esse médico, amigo meu, é um famoso neurologista de Nova York e muitos dipsomaníacos vieram consultá-lo, depois que outros especialistas os haviam declarado incuraveis.

—Sabe o que faço com eles?, perguntou-me. —Pois vou contar-lhe o caso de um homem chamado Bill Wilkins.

Bill Wilkins, agente de seguros em Wall Street, acordou, certa manhã, num hospital para alcoólatras. Com um profundo desânimo perguntou ao médico da enfermaria: —Doutor, quantas vezes já estive neste *buraco?*

—Cincoenta! Já se tornou um de nossos mais velhos fregueses!

—Este vício acaba me matando, o sr. não acha?

—Bill, respondeu o médico com voz grave,—você, no caminho por onde vai não há-de durar muito.

—Então, que tal se me deixasse tomar um *tragozinho?* sugeriu Bill, com o rosto iluminado.

—Está bem, concordou o médico. —Mas vamos fazer uma combinação. Há um rapaz, no quarto do lado, que está em más condições. É a primeira vez que vem aquí. Se você se mostrar a ele, como um horrivel exemplo do que o espera, talvez consiga fazer com que renuncie à bebida para o resto da vida.

Em vez de zangar-se, Bill mostrou-se interessado.

—Está bem, respondeu. —Mas não se esqueça da garrafa, quando eu voltar.

O rapaz estava mesmo em péssimas condições e Bill, que se considerava um agnóstico, mal pôde acreditar na sua própria voz, quando começou a insistir com ele:

—O alcool é uma força externa que conseguiu vencê-lo. Só outra força poderá salvá-lo. Se não quiser chamá-la de Deus, poderá denominá-la—*a verdade*. O nome, pouco importa.

Fosse lá qual fosse a reação do rapaz, Bill acabou por impressionar-se a si próprio. Ao voltar à enfermaria, esqueceu a combinação que fizera com o médico. Isto passou-se há mais de 12 anos, e Bill ainda não bebeu o trago prometido.

Interessando-se finalmente por outra pessoa, permitiu que a lei do desinteresse e da generosidade viesse em seu próprio auxílio. Os resultados foram tão eficazes que se tornou o fundador de um movimento muito util, para os que perderam a fé em si próprios, e cujo nome é *Alcoólicos Anônimos*.

Frangos, galinhas, e gente

CERTO amigo meu tinha um galinheiro de onde tirava aves para seu próprio consumo doméstico. Gostava muito delas, tanto vivas quanto mortas, e as galinhas o seguiam, «cantando», ao vê-lo aproximar-se.

Há pouco tempo ele trouxe para casa uma máscara, bigode postiço, etc., —enfim, um disfarce que julgava perfeito. Colocando-o sobre o rosto, perguntou à mulher: —Você acha que as galinhas me reconhecem?

—Ora, que pergunta! Você acha que tapeia alguem?

—A questão é que tenho de matá-las, e não quero que elas saibam quem é o assassino...

—Ruby Wertheimer

APESAR de nossos insistentes pedidos, o vizinho não dava a menor providência para impedir que seus galináceos viessem ciscar em nosso jardim. Durante três anos lutei debalde contra a invasão, mas um dia, já quase desesperada, tive uma inspiração.

Quando estava trabalhando no jardim, levava um saquinho cheio de milho e deixava cair grãos à medida que ia caminhando. Não tardou que as aves me seguissem até o fundo do quintal, esperando seu quinhão. Tendo-as acostumado a essa trajetória, instalei, naquele local, um ninho. As galinhas o examinaram cuidadosamente, e daí a dois dias tive minha recompensa: um ovo. Sem demora, «a moda pegou», e as galinhas chegavam a fazer fila diante do ninho para alí depositar seus ovos. Evidentemente o vizinho sabia de tudo...

Confesso que quase me entristeceu ver a cerca que ele, depois de tantos anos, afinal se resolveu a erigir, separando-nos. Bem que eu gostara das quatro dúzias de ovos postos no meu quintal...

—Sra. Harry Beach

Por fatal coincidência, a Natureza ultrapassou a obra do homem, provocando o estado atual de fome desesperada

A seca que assolou meio mundo

(Condensado de «Future»)

Por Frederic Sondern, Jr.

EM CADA cem anos, pouco mais ou menos, devido a razões que os meteorologistas há muito procuram desvendar, a Natureza resolve desequilibrar o estado do tempo e, com isso, o abastecimento de víveres do mundo. Nunca, porem, na história moderna, o tempo causou tanto dano às culturas, animais e homens, de Calcutá ao Cabo Horne, como nos dois últimos anos.

A Segunda Guerra Mundial e suas consequências agravaram a escassez atual pela interrupção de transportes normais, pela mobilização de centenas de milhares de agricultores, pela destruição de gigantescas partes de terreno fertil. No entanto, outra série de desastres, que não se notaram durante a excitação da guerra, libertaram os Cavaleiros do Apocalipse que andam a atropelar e a empurrar para a morte esqueletos exhaustos, em muitas partes do mundo. «Até parece,» disse um perito em alimentos, amargamente, «que a Natureza está decidida a castigar-nos segundo um plano metódico e completo.»

Já em princípios de 1944—os aliados ainda não tinham invadido a Europa—a primeira das grandes secas assolou quase toda a América Latina. Agricultores e rancheiros, desde Cuba até ao extremo sul da Argentina, acostumados a estações pontuais, olhavam em vão para o céu, procurando sinais de chuva. O trigo e o milho secaram na haste. O gado não encontrava senão erva ressequida e pardacenta e perecia em grande número. Era a peor seca no hemisfério sul, em 86 anos.

Até hoje ainda não se sabem prever as causas meteorológicas da estiagem. Não se dá o mesmo com a reação inevitavel da agricultura, que começa quando a chuva não vem no devido tempo, e provoca tantas vezes a fome. O trigo torna-se escasso. Sobe o preço do milho, trigo e outros cereais usados nas forragens para alimentar o gado bovino e suino e as aves de capoeira. Um rancheiro tem de calcular 3,5 quilos de cereal para produzir um de carne. Um lavrador tem de dar às galinhas 5 quilos para conseguir um de ovos. São precisos seis quilos de cereais para conseguir um de carne de porco.

Como se torna mais econômico utilizar os cereais em pão, pois se pode alimentar assim mais gente, o lavrador e o rancheiro têm de matar seus animais. O resultado imediato é carne em abundância, mas é contra-producente, pois logo desce a produção de leite, manteiga e ovos. E em breve se interrompe a produção de carne e de vitais sub-produtos—banhas e outras gorduras. O peor ainda é que, nos

paises onde o gado faz o trabalho do cavalo e do trator, a morte desses animais significa—como no norte de África, Índia e China, ainda hoje—que o camponês esfomeado tem de puxar a charrua atada aos seus magros ombros. Por isso semeia cada vez menos terreno.

No espaço dum ano, na Argentina, a produção de trigo desceu 60 por cento do normal, e o milho atingiu apenas um terço. A maioria dos porcos do país teve de ser abatida. Como o governo de Buenos Aires cortou drasticamente a exportação de carne de vaca, de porco, banhas e cereais, a Inglaterra, comprador principal dependente desse fornecimento, sofreu um duro golpe. Por motivos de segurança em tempo de guerra, a imprensa não discutiu essa situação e o Ministério dos Abastecimentos em Londres viu-se obrigado a diminuir as rações.

Ao mesmo tempo, baixou a produção de açucar em Cuba, abalando completamente o abastecimento daquele gênero de primeira necessidade. O México e alguns paises da América Central e do Sul, vendo as suas reservas a diminuir, pediram à Argentina e aos Estados Unidos maiores quantidades de alimento. A Natureza, porem, apenas começara o seu ataque.

A milhares de quilômetros de distância, no norte da África, tambem se instalara uma enorme seca: na Algéria, Tunísia e Marrocos. Esses paises, normalmente ferteis, não só se abastecem a si mesmos, como exportam para a França e paises do Mediterrâneo, trigo, cevada, azeite, gado ovino, frutas e vegetais. As chuvas de outono chegaram tarde em 1944 e o agricultor árabe viu seus campos alagados quando quis fazer as sementeiras de outono; logo que deitou as sementes à terra —sob as peores condições—toda a umidade desapareceu da atmosfera.

Em fins de 1945, a produção de trigo para pão nesses paises norte-africanos desceu de 4 milhões de toneladas para pouco mais de 1 milhão. Um milhão de toneladas de trigo é bastante para alimentar, num ano, aproximadamente 10 milhões de pessoas. A péssima colheita resultou em que 30 milhões de homens, mulheres e crianças, nos paises do Mediterrâneo, ficaram sem pão, a não ser que o recebessem de outras origens. Alem disso, perto de metade do gado da África do Norte tinha morrido ou fora abatido; a produção de amendoim e azeitona, que fornecia óleos comestiveis, ficou reduzida ao mínimo, e as exportações de gêneros alimentícios ficaram suspensas inteiramente.

A mesma paralisia já invadia quase toda a União Sul-Africana. Perdeu-se a metade da produção de milho que, em geral, abastece a numerosa população com a maior parte das suas modestas necessidades. Falhou metade da colheita de trigo; a maior parte da batata e do feijão. Em fins de 1945, a África do Sul teve tambem de comprar alimentos no estrangeiro.

Na outra extremidade do mundo, na Austrália—um dos mais importantes paises produtores de cereais, açucar, carnes, lacticínios e frutas para um vasto número de nações dos oceanos Pacífico e Índico —alastrava-se uma peste de insetos. A primavera de 1944 só trouxe céus ardentes e sem nuvens. Os carneiros, cuja carne vai para as Ilhas Britânicas, começaram a morrer. Faltava trigo e a Austrália, pela primeira vez na sua história, teve de instituir cartões de racionamento. Aquilo que se podia economizar, seguia para a Inglaterra, bem pouco aliás.

Depois de paralisar a América do Sul, a África e a Austrália, a grande seca transportou-se para a Europa. Na bacia do Danúbio—principal celeiro da Europa Central—precisamente nos dias críticos da plantação de outono e de inverno, a chuva caiu em dilúvio. A esse desastre, seguiu-se uma estiagem que durou todo o verão de 1945—o peor que jamais caiu sobre a Europa moderna.

Na Hungria, a colheita de trigo diminuiu e a do milho desceu mais de metade. Por toda a Europa Central, a colheita de batata tambem ficou muito reduzida. Como o pão e a batata são os principais alimentos dos europeus do centro, era um golpe muito duro para todos os habitantes, já exhaustos pela guerra. Na Itália, Espanha, França e Paises Baixos, aconteceu o mesmo. A quantidade de mantimentos decrescia rapidamente.

A Natureza, porem, ainda não acabou sua obra funesta. O último desastre desencadeou-se sobre a Índia, Ceilão e Birmânia. As chuvas que, em geral, caem entre dezembro e março sobre essa parte do mundo, não apareceram nem em 1944, nem em 1945. No inverno passado a Índia produziu menos 3 milhões de toneladas de colheita usual de arroz. E a Birmânia, o maior país exportador de arroz do mundo, do qual dependem muitos dos seus vizinhos—o arroz é tão importante no oriente como o trigo no ocidente—não teve nada que exportar este ano. Isso representa muitas mortes. Para agravar a situação, grassou uma epidemia violenta de peste nos animais da Birmânia, que matou enorme porção do gado de trabalho necessário para a agricultura.

Os Estados Unidos, o Canadá e parte do Próximo Oriente, ficaram ilesos. Em Washington, estão trabalhando desesperadamente os peritos em víveres do Conselho Internacional de Alimentação que, por acordo mútuo, distribue a exportação dos paises que dispõem de excessos, e trata de equilibrar as existências globais de mantimentos, afim de fazer face a essa emergência. No entanto, muitos anos terão de passar antes que o mundo se restabeleça inteiramente desse ataque da Natureza inclemente.

A poderosa arma do ridículo

IA REALIZAR-SE um comício dos fascistas ingleses, cujo chefe era o famoso Sir Oswald Mosley. Com todo o aparato, ia ele se aproximando da tribuna, cercada de Camisas Negras, e claramente visivel sob forte holofote. Alcançando a tribuna, voltou-se com grande solenidade, erguendo então o braço para fazer a saudação fascista. E no silêncio que se seguiu ouviu-se, nitidamente, uma voz esganiçada que dizia:

—Está bem, Oswaldinho. Pode sair da sala.

—R. Ellis Roberts, no jornal *PM*

QUANDO o capitão Cook descobriu a Austrália, seus marujos lhe trouxeram para bordo um animal nunca dantes visto, cujo nome desconheciam. Enviados novamente à terra, para indagar dos aborigenes «que bicho era aquele», voltaram dizendo que se chamava «cangurú». Só muitos anos depois é que se verificou o seguinte: «cangurú», no idioma desses indígenas, significa simplesmente: «Que é que o sr. disse?»

—*H. Allen Smith, Low Man on a Totem Pole*

A punição, como princípio tradicional da lei penal, deve ser abolida: tal a tese revolucionária deste artigo

A VINGANÇA CUSTA CARO

Condensado do «Harper's Magazine»

Por John Barker Waite
Professor de Direito na Universidade de Michigan
e autor de «*Criminal Law in Action*»

CHARLES RIZZO tinha um jeito especial para escolher o pagador bem carregado de notas, que se prestasse a um golpe rendoso; Tony Dório sabia onde arranjar o automovel indispensavel à operação; Tom Milo e John Tomasello eram ambos especialistas no manejo da pistola. Estes quatros filhos do crime juntaram-se, resolveram conjugar suas aptidões particulares, e puseram-se em campo para ir buscar o dinheiro onde sabiam que ele se encontrava... Mas as coisas não lhes correram como esperavam, o plano falhou, e a polícia os pegou quando se encaminhavam para o lugar do golpe.

Conduzidos ao tribunal, o juri deu como provado o crime de «tentativa de roubo à mão armada», e três deles foram acabar na famosa penitenciária de Sing Sing, às portas de Nova York. Rizzo, porem, recorreu da sentença, e com tanta sorte, que o Tribunal de Apelação de Nova York, admitindo embora que o réu formara a «intenção» de praticar um crime de gravidade, e chegara mesmo a preparar-se para a execução do mesmo, reconheceu que ele não fora formalmente, tecnicamente, ao ponto de «tentar» o roubo. E o Tribunal resolveu mandá-lo em paz.

Quanto aos companheiros de Rizzo, o juiz relator acrescentou no acordão: «Dois destes homens mostram-se culpados do porte de arma de fogo sem licença, o que é contrário à lei. Dois deles já sofreram condenações anteriormente. Contudo, a Justiça renegaria aos seus altos propósitos, se permitisse que esses três homens cumprissem pena por um crime que os tribunais declaram não chegou a ser cometido. Sugerimos pois ao digno promotor público que leve o caso à atenção do Governador do Estado, para que, à luz deste parecer, ele o decida conforme julgar mais acertado.»

Escusado será dizer que os três meliantes foram prontamente restituidos à paz e à liberdade dos justos.

Ora, —e aquí é que desejo chegar— esta decisão judicial simboliza à maravilha as funções do Direito Penal do nosso tempo: o código não pergunta se determinado indivíduo representa um perigo para a paz e a segurança da sociedade, mas, apenas, se merece ser punido por

haver formalmente incorrido num ato previsto e punido por certo artigo da lei. Hoje que, devido às condições criadas pela guerra, as autoridades em matéria penal predizem um pesado recrudescimento da criminalidade, impõe-se-nos sujeitar a séria meditação a sabedoria que inspira a lei. A essa meditação consagramos as breves linhas deste artigo.

Se, à primeira pessoa que passe na rua, perguntarmos qual a razão por que a lei pune os criminosos, a resposta será quase invariavelmente do teor seguinte: «Para evitar o crime, claro!» E, sem embargo, o castigo, como medida de prevenção contra o crime, é pura e simplesmente uma farsa.

Certo Eddie Murphy andou, não faz muito tempo, nos cabeçalhos dos jornais americanos muito celebrado pela sua centésima condenação num tribunal criminal de Detroit. Este operoso cidadão certamente não teria tardado em encetar a segunda centena de suas condenações, se, por infelicidade sua, a última delas não fora imposta por haver arrancado a bolsa de uma senhora—crime de *roubo*, pelo qual forçoso foi sentenciá-lo a umas «férias» prolongadas, que o alhearão do crime por alguns anos. A maior parte das suas infrações anteriores não foram graves; Eddie era somente um elemento perturbador da sociedade. Mas seu cadastro (e isto é o que à nossa tese importa) revela bem que nem mesmo os delitos mais triviais podem ser prevenidos pela ameaça do castigo ou «reparação» social.

Levando mais longe nossa indagação, vemos porem que a punição repetida por crimes sérios tambem não obsta à repetição dos atos delituosos. Se não, veja-se o cadastro de James Griffnor: em 1907, foi condenado a dois anos de prisão por furto; em 1908, a dois anos por furto; em 1910 a cinco anos por furto (até aquí, todas as suas penas de prisão foram reduzidas, graças à «boa conduta» na cadeia, ou porque foi posto em liberdade sob palavra); em 1914, por homicídio, de 10 anos a prisão por toda a vida (evadiu-se); em 1915, a doze anos por crime de estupro; em 1923, por furto, sentença «indeterminada»; em 1929, por ofensas corporais (pena não registada); em 1933, por furto, de um ano a prisão por toda a vida.

Os casos dessa natureza são mais frequentes do que se julga. Sheldon e Eleanor Glueck deram-se ao trabalho de estudar os registos criminais, escolhidos ao acaso, de 422 condenados que andavam legalmente à solta, para chegarem à conclusão de que 333 deles tinham praticado 1.014 novas infrações dentro dos cinco anos seguintes à soltura. Thorsten Sellin, nos estudos a que procedeu por encargo do Instituto do Direito Americano, verificou que mais de metade dos indivíduos encerrados nas penitenciárias dos Estados Unidos—para onde vão apenas os autores de crimes de maior gravidade—já antes tinham sido hóspedes, uma ou mais vezes, das penitenciárias! Não surpreende, nessas condições, que de tais números o sr. Sellin tire a conclusão, justificadamente pessimista, de que o castigo, longe de evitar o crime, torna os condenados *sete vezes mais aptos a infringir a lei, do que aqueles que nunca foram castigados*.

Não é dificil compreender a razão por que o castigo se torna impotente para evitar ou prevenir o crime: ninguem, ao praticar um delito, *espera* ser pegado e condenado. Até onde chega a memória dos homens, não consta que a ameaça do sofrimento, ou mesmo a da morte, tenha podido intimidar os indivíduos ao ponto de os levar a desistir de locupletar-se. A prevenção eficaz do crime reclama alguma coisa diversa da punição, —não algu-

ma coisa que se acrescente ou adicione ao castigo, mas a radical substituição deste. A verdadeira prevenção do crime só poderá verificar-se quando assentar em quatro princípios fundamentais, todos eles superlativamente incompatíveis com a idéia ou a prática do castigo, que não é nem mais nem menos do que a incarnação moderna da vingança. Esses princípios são:

Certos delinquentes nunca deviam ir para a cadeia;
Outros, uma vez presos, nunca deviam voltar a gozar da liberdade;
Devia-se procurar determinar e, sendo possível, abolir as causas da criminalidade de todos os delinquentes;
Os delinquentes restituídos à liberdade, para não reincidirem, não se deviam manter sob simples vigilância, mas antes deviam ser ativamente assistidos, para se absterem de delinquir.

Expliquemos nosso pensamento. Muitas vezes, como medida *preventiva*, pode tornar-se desnecessário, e até contra-indicado, meter o infrator na cadeia. A passagem pela prisão acarreta sempre o perigo de que um indivíduo relativamente são se deixe contagiar pelas más companhias, sempre abundantes em tais lugares.

Por outro lado, por muito perigoso que o delinquente possa ser para a sociedade, o castigo não pode, logicamente, prolongar-se para além do prazo que a lei determina como pena merecida pelo seu delito. O exemplo de Dominick Piccone é bem esclarecedor: condenado a quatro anos de prisão pelo crime de estupro, quando chegou ao termo da pena, os psiquiatras pronunciaram-se contra a soltura dele, alegando, com base na observação mental, que ele era «francamente agressivo, e um homicida em potencial.» Mas Piccone tinha cumprido a sentença, e as autoridades, embora contra a vontade, não tiveram remédio, e abriram-lhe as portas do cárcere. Decorrida uma quinzena sobre a soltura, confirmando as predições dos psiquiatras, Dominick havia assassinado três honrados cidadãos...

Passemos ao terceiro princípio. Quando um criminoso se encontra preso, manda o bom-senso que se façam todos os esforços no sentido de eliminar a causa da sua criminalidade, coisa que, se nem sempre é possível, o é pelo menos em certos casos. Veja-se, por exemplo, este episódio: a polícia de certa cidade americana viu-se um dia a braços com uma série de furtos misteriosos, completamente destituídos de caráter profissional. Passado pouco tempo constou às autoridades que um adolescente de 16 anos—sejamos discretos e chamemos-lhe Joel—vinha-se gabando alto e bom som das suas façanhas; não tardou que fosse detido. Uma busca passada em casa dele permitiu encontrar todo o produto dos furtos guardado num armário de roupas.

Joel teve a sorte de comparecer perante um juiz dotado da perspicácia necessária para ver onde é que estava a origem do mal; o rapaz era calvo como uma bola de bilhar, o que provocava dos companheiros caçoadas e brincadeiras humilhantes. O caso era, no fundo, muito simples: Joel andava procurando demonstrar pelo furto que, se tinha menos cabelo do que os seus amigos, era, sem dúvida alguma, muito mais temerário do que eles. Nessas condições, «punir» o jovem delinquente seria equivalente a franquear-lhe o caminho da criminalidade por toda a vida. O juiz ordenou que fosse dado ao jovem uma cabeleira postiça, capaz de passar por autêntica, e que ele fosse viver em casa duma tia, a alguma distância dalí, onde ninguem o pudesse conhecer. Remédio santo, pois nunca mais se ouviu dizer que Joel cometesse qualquer furto.

Citemos ainda outro caso, o dum menino que, a despeito de castigos repetidos, teimava em roubar dinheiro para comprar doces; veio a descobrir-se que ele sofria de grave deficiência de açucar no sangue. O remédio, aquí, consistia simplesmente em submetê-lo a um regime alimentar capaz de aumentar-lhe o teor de açucar do sangue. Assim se fez, e a cleptomania desapareceu como por encanto... Ninguem saberia dizer até que ponto tantos outros casos semelhantes de delinquência habitual podem ser reduzidos pela psiquiatria, a cirurgia e outras ciências; porque a teoria da «punição» ou da «reparação» não se ocupa de tais ninharias e nenhuma tentativa se faz geralmente no sentido de averiguá-lo.

Na verdade o castigo é impotente para restituir as suas vítimas à liberdade, tornando-as ao mesmo tempo capazes de recomeçar a vida com mais honradez do que antes. Pelo contrário, quando elas saem das suas garras, é para ressurgir na vida social mentalmente tão atrasadas, e tão suscetíveis a todas as causas ou tentações do crime, quanto o eram antes de sofrerem a punição. Regressam de fato à vida ainda menos equipadas do que anteriormente para suportar as pressões da concorrência econômica: o mecânico, ignorante dos progressos verificados na sua arte enquanto esteve preso; o contabilista, com a sua aptidão enferrujada pela inatividade; o trabalhador braçal, sem a «fibra» que antes possuia para uma jornada de trabalho árduo.

Passando agora ao quarto e último princípio: o período que se segue ao livramento do delinquente é uma fase crítica, durante a qual a abstenção criminal pende dum fio. A prevenção do crime exige que se tomem todas as medidas aconselhadas pela razão, para ajudar o ex-delinquente a abster-se de voltar ao caminho do crime. Mas o «castigo» é que com certeza não o pode ajudar.

Com efeito, onde é que o preso, uma vez restituído à liberdade, pode ir achar abrigo e auxílio? Com as roupas surradas e a palidez típica de quem viveu por trás das grades; sem dinheiro com que possa comprar as ferramentas do seu ofício, se é que o tem; impedido de obter emprego em muitas indústrias, que indagarão se ele tem ficha na polícia, e em toda parte acolhido com desconfiança—é fatal que acabe voltando ao ambiente deletério donde originalmente saiu para a prisão, e que provavelmente para ela o vai de novo empurrar.

É o cidadão comum, o homem-da-rua, o eleitor a quem os legisladores pedem votos e procuram agradar, será ele capaz, algum dia, de dar seu assentimento às medidas de prevenção que é tão urgente promulgar? Até agora ele tem declinado aprová-las, ao que nos parece, porque os paladinos da prevenção do crime têm tido o cuidado excessivo de preconizar novos métodos *capazes de se integrar no sistema da punição*, tais como o regime de liberdade sob palavra como simples isenção ao castigo; o treino profissional como parte do regime penitenciário; a rehabilitação penal, e a correção penal. Tudo isso, bem vistas as coisas, constitue verdadeiro contra-senso do ponto de vista criminológico, porque punição e prevenção não cabem no mesmo saco, são sistemas incompatíveis entre si.

Pode-se opor à onda do crime um dique mais eficaz do que até hoje, mas não, por certo, aplicando remendos no Código Penal! O que é preciso é que este seja corajosamente posto de parte. O crime não deve mais ser definido como um ato formalmente previsto e punido por lei,

mas sim como alguma coisa que revela, na pessoa do delinquente, um perigo para a sociedade.

De acordo com o atual sistema penal em quase todo o mundo, uma vez feita a prova, o juiz da causa determina quem é que deve ficar preso, onde, e por quanto tempo. Quando se trata de indivíduos já encarcerados, cumpre determinar, dentro dos limites da sentença, se o preso deve ficar encerrado por mais ou menos tempo. Mas ninguem assume por dever de ofício a responsabilidade de averiguar *porque* o condenado transgrediu a lei, e *como* se pode evitar que a infrinja de novo.

Sob um sistema preventivo, essencialmente os mesmos atos que, no regime punitivo, dão lugar à aplicação duma pena, tornarão o delinquente legalmente passivel de estudo e tratamento por uma comissão bem paga e altamente treinada. A função dessa comissão seria investigar e pôr a nu a causa dos malefícios de cada condenado, e as possibilidades da respectiva correção; organizar todos os recursos necessários ao uso da medicina e da psiquiatria preventiva, e ao treino e ensino dos condenados em vista da sua independência econômica; e, finalmente, assistir os condenados, após a soltura, nos esforços que façam para viver em boa harmonia com a lei e a sociedade.

Até onde lhe parecer que a liberdade dum preso pode ser inconveniente ou perigosa para a sociedade, a comissão continuaria a exercer jurisdição sobre seus pupilos, por meio dum regime de liberdade vigiada, ou, sendo necessário, mantendo-os em lugar seguro. Pode-se objetar que um poder dessa ordem, em mãos duma comissão, daria lugar a abusos, arbitrariedades ou injustiças. É legítimo supô-lo. Mas não seria muito dificil escorar o seu exercício com todas as cautelas necessárias, decerto muito mais do que as que atualmente limitam o poder dos juizes criminais!

Muito embora haja 4.000 anos que a sociedade vem procurando no castigo a «reparação» ou satisfação que o crime exige—e, até hoje, estamos descontentes com o sistema—não hesito em crer que saberemos repudiar o princípio e a aplicação do castigo, quando pudermos avaliar em toda a sua extensão e alcance o significado da prevenção do crime, e o quanto nos sai caro o regime da vingança—sobrevivência do «olho por olho, dente por dente» da Bíblia—que outra coisa não é o espírito que ainda hoje anima as modernas instituições penais.

Vale a pena viver tanto?

Em Londres há um clube, o dos Centenários, destinado a ajudar as pessoas a atingir os cem anos; seu fundador, o dr. Maurice Ernest, acredita que o importante é gozar a vida o mais possivel, e a esse propósito conta, com prazer, esta história: certo dia um homem, desejando alcançar um século de vida, ouviu de seu médico o conselho de abandonar a bebida, o fumo e as mulheres.

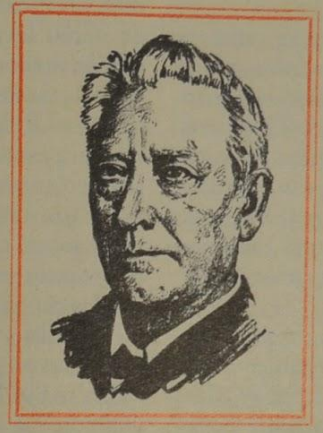
—Assim o sr. acha que eu posso viver cem anos? perguntou o consulente.

—Não. Mas seus dias serão tão longos, que vem a dar na mesma.

—*UP*

Meu tipo inesquecivel

Por Signe Toksvig



Meu pai não permitiu que seus filhos entrassem para a escola, embora, mesmo há meio século, as escolas da Dinamarca fossem muito boas. Dizia que, nas classes onde há grande número de alunos, as crianças têm que aprender quase tudo de cor, sem que nada, do que assim aprendem, lhes fique realmente gravado na memória. Fora ele um professor de renome, antes de tornar-se redator-chefe de um jornal diário, em pequena cidade dinamarquesa, e, apesar de suas inúmeras ocupações, encarregou-se de nosso ensino.

«Vocês não precisam decorar coisa alguma, a não ser o alfabeto e a taboada,» costumava dizer-nos, «porque acharão tudo nos livros, se souberem servir-se deles.»

Quando eu ainda era tão pequena que ele me erguia no espaço, montada sobre um de seus pés, já aprendera a ler e, pouco tempo depois, papai pôs-se a guiar meus dedinhos curtos e rechonchudos, entre as páginas de seus livros de notas e arquivos. Nenhum filho será mais grato de que sou a meu pai, por ter feito com que eu me entregasse, desde cedo, ao delicioso hábito de consultar dicionários e arquivos.

Tinha ele verdadeira mania de travar amizade com pessoas e animais. Por exemplo, ao entrar num trem, encontrava outro viajante, mergulhado em profundo silêncio. Ao cabo de algum tempo, se o estranho não tivesse correspondido a seu amavel sorriso, papai fazia algum comentário sobre qualquer coisa de extraordinário que vira da janela. O outro talvez resmungasse a princípio algumas palavras ininteligiveis, mas, por meio de um processo sutil, papai não tardava a descobrir qual o assunto que mais o interessava ou em que era mais versado.

A partir daquele ponto, a conversa tornava-se animada. Percebendo que estava sendo ouvido com interesse, o desconhecido conversava à vontade, enquanto papai aproveitava a oportunidade para adquirir uma compreensão maior de outro aspecto da vida ou da natureza humana.

Antes de adormecermos, contava-nos sempre histórias, e a que preferíamos era sobre os dias em que, menino ainda, ele trabalhava no campo como guarda do gado. Sozinho o dia inteiro, aprendera,

Signe Toksvig, mulher de Francis Hackett, biógrafo e novelista de renome, veio da Dinamarca, onde nasceu, para os Estados Unidos, em 1906. Depois de formar-se na Universidade de Cornell, em 1916, passou a trabalhar na redação do hebdomadário liberal *The New Republic*. Autora de quatro novelas e uma biografia de Hans Christian Andersen, está escrevendo, agora, a biografia do teólogo sueco Emanuel Swedenborg.

então, a observar os animais, descrevendo sua vida e seus atos de modo tão pitoresco, que nós nos divertíamos a valer com as façanhas das raposas, das curricacas e das aranhas.

Éramos pobres, com certeza, mas o mesmo se verificava com todos aqueles que nos cercavam. Era modesto o salário que meu pai recebia do jornal. Tínhamos uma empregada e aquelas moças do campo gostavam de trabalhar em nossa casa. Uma delas explicou-me, mais tarde, que não só era uma casa alegre, mas tambem aprendiam muita coisa enquanto lá se achavam.

A comida era simples, sadia e abundante. As roupas novas e elegantes eram raras, bem como tudo o que fosse regalia. Não era frequente laranja em nossa mesa; mas, quando houvesse alguma, antes que fosse dividida, meu pai costumava marcar a casca com uma série de riscos, afim de ilustrar, para nossa instrução, as longitudes e latitudes do globo.

Os principais prédios da nossa pequena cidade de dois mil habitantes eram de linhas simples e serenas, sendo todos cercados por jardins. As crianças cresciam, protegidas contra qualquer perigo, os velhos eram respeitados e tratados com carinho e a miséria absoluta não existia.

Claro está que nossa cidade não era um paraiso e meu pai atacava todas as injustiças locais, grandes ou pequenas, que fossem cometidas. Uma velha, que fazia bolos e vendia doces num cesto de vime, veio vê-lo, quando os padeiros fizeram com que ela perdesse a licença, sem a qual não podia vender as guloseimas. Papai obteve que lhe devolvessem a licença e, alem disso, iniciou uma campanha contra um dos padeiros, acabando por forçá-lo a fechar a padaria. De outra feita, dois pescadores, condenados injustamente, foram postos em liberdade, graças a ele.

A geografia era a matéria favorita de papai, bem como nossa. Nunca nos levava a qualquer coisa de monótono, como a uma simples caminhada: partíamos sempre em «expedição». Num dia de verão levava-nos ao centro da África. No inverno percorríamos de trenó as terras geladas da Groenlândia, chegando quase ao Polo Norte... Nunca tive medo de tempestades porque, pequena ainda, papai carregou-me para fora de casa, durante um temporal, afim de dar-me uma lição sobre os mistérios da eletricidade, mostrando-me como eram lindos os raios verdes ou azues dos relâmpagos.

Quando viajava a negócio do jornal, costumava levar um dos filhos para mostrar-lhe locais históricos. Certa vez chamou-me a atenção para o túmulo de um herói. Contou-me a vida dele de maneira tão vívida que naquela noite, já deitada para dormir, conheci pela primeira vez o desespero: convencera-me de súbito que um dia a morte havia de separar-nos.

Assim pensava porque era essa a crença de meu pai. Através das teorias darwinistas do século XIX, ele se libertara de certos preconceitos religiosos rígidos. «Se a gente der ouvidos a esses padres,» (observava papai) «e acreditar que há mesmo um outro mundo, eles daquí a pouco começam a tomar conta da vida da gente em preparação para a morte...»

Sendo, como era, um viajante, de coração, foi sempre especialmente indulgente para com os vagabundos. Compreendia que aquela vida errante lhes era tão necessária quanto o ensino para ele. Insistia sempre em que não se devia prendê-los, motivo pelo qual organizou uma associação de «Amigos dos Sem Lar», destinada a encontrar trabalho para eles nas fazendas, onde pudessem ganhar o sustento continuando a viver ao ar livre. Segundo se tem verificado com a maior parte dos projetos sociais criados por iniciativas privadas, na Dinamarca, a associação passou a contar com o apoio do governo, logo que sua utilidade foi comprovada.

Aos 55 anos de idade, o viajante inveterado, que meu pai sempre fora, dominou-o outra vez, e decidiu deixar a Dinamarca. Partiu para os Estados Unidos porque Thoreau e Emerson eram seus deuses (não seguia religião alguma, mas não lhe faltavam deuses). Conseguira emprego num jornal dinamarquês-americano, mas, ao averiguar que este dependia do que ele considerava uma política de corrupção, renunciou ao lugar, mergulhando na vida dos Estados Unidos sem contar com qualquer assistência.

Um ano depois, fez com que a mulher e os quatro filhos viessem a seu encontro, não tanto porque já pudesse com tal despesa, mas devido à falta que a família lhe fazia. Não sabia inglês suficientemente para tornar-se jornalista nos Estados Unidos, nem contava com relações ou conhecimentos que lhe pudessem ser uteis, motivo pelo qual teve que ganhar a vida por meio de trabalhos manuais. Spinoza, o filósofo do século XVII (um de seus maiores deuses), ganhara a vida polindo lentes. Papai resolveu aprender o mesmo ofício numa fábrica, onde ganhava salário modestíssimo.

Como não fosse bastante para manter a família, tentou outros trabalhos. A certa altura, como lavador de pratos num hotel, trabalhava 14 horas por dia, só conseguindo terminar a tarefa à meia-noite. Tinha, então, 60 anos de idade. Um dos empregados que trabalhavam na mesma cozinha era um jovem italiano chamado Felipe. Papai folheou uma gramática italiana e surpreendeu o rapaz, dirigindo-se a ele nessa língua. Pouco depois disso, Felipe disse a meu pai: «O senhor pode sair às dez, que eu me encarrego das outras duas horas.» Papai protestou, mas o outro insistiu. Anos depois, ele ainda nos falava, com lágrimas nos olhos, nas horas que Felipe lhe dera de presente.

Lembrei-me desse episódio ao encontrar, na Dinamarca, um homem que conhecera papai na universidade. Disse-me ele: «Em cada um de nós há um rei e um mendigo. Seu pai dirigia-se sempre ao rei e este surgia invariavelmente.»

Papai experimentou, depois, trabalhar numa fazenda, perto de Nova York. Não havia mobília, a bem dizer, mas numa estante de madeira rústica lá estava a *Enciclopédia Britânica*, comprada a prestações. Papai continuava fiel a si mesmo.

Certa feita os vizinhos pediram-lhe que deixasse de torturar o porco. É que, de vez em quando, ouviam os grunhidos lancinantes do animal, conforme explicaram, sempre à mesma hora. A explicação, ao que descobriram, era simples. De passagem por alí, quando ia cuidar das vacas, papai costumava acariciar o porco atrás das orelhas. Quando se esquecia de fazê-lo, o animal protestava com grunhidos de cortar o coração...

Por isso que não conhecia o inglês suficientemente, não podia ele explicar aos americanos o que sabia sobre as escolas populares para adultos, da Dinamarca, graças às quais os fazendeiros dinamarqueses e suas mulheres tinham conseguido tal êxito para as cooperativas. Papai contribuira para a fundação de uma dessas escolas. Num quarto modesto, por cima de um estábulo, ele e outro redator, seu companheiro de trabalho, tinham feito conferências de graça, estimulados pelo desejo sincero de promover a instrução do povo.

A senha da Dinamarca não é *revolução*

mas *evolução através da educação*. Os alicerces desse ideal foram construidos por homens como meu pai que, durante vinte anos, puseram o jornalismo a serviço da justiça, do esclarecimento e da cooperação. Ambições, no sentido comum de adquirir riqueza e poder, ele não as tinha. Talvez mesmo nunca tenha chegado a realizar muita coisa, de um ponto de vista específico. Mas haverá estatísticas que indiquem as verdadeiras influências capazes de contribuir para melhores dias? Só trabalhadores desinteressados poderão promover um futuro melhor, e meu pai era um deles.

Depois de quinze anos na América, quando os filhos estavam bastante crescidos para auxiliá-lo, já não teve que passar por dias tão penosos.

Aos 70 anos voltou para a Dinamarca com um de meus irmãos, e este escreveu-nos contando que seu regresso fora triunfal, sendo festejado com bandeiras, guirlandas, jantares, e rios de café!

Papai fez conferências, em toda parte, sobre as maravilhas da América, sem queixar-se uma só vez do fato de que seus talentos tinham passado despercebidos nos Estados Unidos. Seus conterrâneos reuniam-se em torno dele, para ouví-lo. Sabiam o quanto ele lhes fora util. Em discursos pronunciados em sua honra, declararam: «Preparaste o terreno para nossa democracia social.»

Teve uma velhice serena e feliz. Por isso que novos horizontes de conhecimento continuavam a desdobrar-se diante dele e faziam vibrá-lo como antes, conservou um aspecto de mocidade até aos 80 anos. Na realidade, o tempo só fez tornar mais evidente o quanto seus traços eram finos e seus cabelos brancos fortes e sadios. A idade não conseguira, tão pouco apagar o brilho malicioso de seus olhos.

«Não tenho do que me queixar,» disse ele, aos 81 anos, já na cama de onde não se levantaria mais. «Tive uma vida longa e conheci muitos afetos verdadeiros.»

Pedí-lhe que refletisse sobre o fato de que talvez tudo não acabasse com a morte, mas isso fez com que quase franzisse o sobrolho, o que era extremamente raro. A sinceridade era a principal caraterística de meu pai. Mesmo que fosse apenas para agradar-me, e embora me quisesse tanto bem, era incapaz de dizer: «É... talvez haja alguma coisa... Como havemos de saber?» Uma vez que *não sabia*, era incapaz de dizê-lo.

Foi então, quando eu ainda estava sentada ao lado de seu leito, que se verificou uma terrivel transformação. Do sono leve parecia ter passado a um estado de coma, perdendo o rosto o aspecto natural que conservara através de toda a doença. A respiração parou. A enfermeira, entrando na ponta dos pés, examinou-o brevemente. Vi, na sua expressão, a peor das respostas à pergunta que eu não chegara a fazer. Deixou-nos sós.

Não sei quanto tempo alí fiquei sentada. Chorei talvez meia hora,—não mais que isso. De repente, ao contemplá-lo, vi novamente seu rosto cheio de vida, expressivo e claro, como sempre. Abrira os olhos, maravilhosamente azues, cuja luminosidade diminuira naqueles últimos dias. Fixou-os em mim com uma ternura imensa e ouví-o dizer, com voz firme: «Não chore, minha pequena Signe, pois já agora *sei* que havemos de nos encontrar novamente!»

Depois fechou os olhos, e a vida se lhe apagou do rosto, deixando, dentro em pouco, uma espécie de máscara vazia, que pouco tinha a ver com meu pai.

Como explicar esse «regresso» inesperado e as palavras que pronunciou? Não sei, porque desconheço a verdade. Mas acho que *ele* sabe.

A grande loteria de gelo do Alasca

Condensado do
«National Home Monthly»

Por Pegge Parker

ESTAVA cinzento e frio aquele 5 de maio de 1946, em Nenana, no Alasca. Um vento ríspido chicoteava a chuva sobre o dorso do rio Tanana, tributário do poderoso Iucão. Apesar disso, as margens estavam apinhadas de espectadores, cujos olhares se concentravam avidamente num mastro pintado de vermelho e branco fincado no lençol de gelo que cobria o rio. Perto, um homem tiritava ao pé de um microfone; achava-se alí, havia dois dias, à espera desse momento.

«São 4h30,» dizia ele, «e o principal lençol de gelo está começando a se mover como o tombadilho de um navio sacudido pela tempestade. Enormes pranchas estão saltando para cima. Uma onda de água lamacenta acaba de espraiar-se sobre o gelo. Vai-se o gelo. A parte central desapareceu. Senhoras e senhores, o gelo fundiu-se! São precisamente quatro horas, quarenta minutos e quarenta e dois segundos.»

Assobios e ensurdecedores apitos de sirene encheram o ar. Perante a multidão excitada, que celebra ruidosamente o seu mais empolgante jogo anual, o Alasca realizava pela 29ª. vez a grande «loteria de gelo» de Nenana.

Neste ano, as apostas elevaram-se a uma soma jamais alcançada anteriormente. Os portadores de quatro bilhetes tinham adivinhado o dia, a hora e o minuto exatos em que o mastro, assentado no gelo, se moveria, partindo um arame e fazendo parar o cronômetro oficial.

Um dos contemplados fora certo octogenário que dividiu parte do seu ganho com antigo companheiro de mineração de ouro.

Outro bilhete premiado pertencia a seis empregados de bar, um crupiê, quatro barbeiros e um varredor de rua.

Esse fantástico jogo de adivinhação é praticado todo ano por milhares de garimpeiros, proprietários, dansarinas, marítimos e outros nativos do Alasca, que se espalham das orlas do oceano Ártico às fronteiras sulinas do território do Iucão.

A loteria de gelo de Nenana já pagou somas consideraveis aos vencedores. Começou em abril de 1917, quando um ferroviário assegurou ao patrão, depois governador do Alasca, que o gelo se fundiria antes do dia do pagamento de sua turma. Outro trabalhador, ouvindo isso, deixou de lado sua ferramenta e, sacando dinheiro do bolso, disse a ambos: «Aposto que o gelo quebra, como espelho alcançado por uma pelota, sábado que vem, à hora da bóia.» A febre do jogo se propagou rapidamente e um «bolo» não pequeno de apostas foi logo levantado.

Cada ano a seguir o «bolo» foi-se tornando maior. Estabeleceu-se regulamentação, sendo escolhidos, todo ano, o diretor, o cronometrista e os ajudantes respectivos.

A loteria é franqueada a todos os residentes do Alasca e do território de Iucão. Seus diretores têm-se recusado a estendê-la alem desses limites, embora centenas

de pedidos de bilhetes cheguem frequentemente de todos os pontos dos Estados Unidos, do Canadá e mesmo da Europa. É proibido enviar bilhetes por via postal, de modo que as remessas são feitas pelo expresso ferroviário, trenós, esquís ou barcos.

Quando chega a época de se fazerem palpites, a gente do Alasca não pensa, não fala, não come e não sonha outra coisa que não seja a loteria de gelo. Todo palpite é logo anotado: a hora em que nasce uma criança, uma proposta de casamento, um aumento de salário, tudo isso é considerado como sinais seguros. Certa vez, um joalheiro inadvertidamente escreveu em seu bilhete «da manhã», em vez de «da tarde». Esse descuido lhe valeu ganhar grande soma, estabelecendo-se como uma tradição. Desde então se considera contra-indicado desfazer qualquer engano porventura cometido no preenchimento do bilhete. As correções devem ser feitas em outro.

Em certa época, alguns engenheiros tiveram a idéia de fazer sondagens e tomar medidas do gelo e, após uma série de complicadas deduções, encontraram o que lhes pareceu ser uma fórmula científica para ganhar na loteria. E correram a adquirir grande número de bilhetes. Mas perderam. Ordinariamente são os simplórios que acertam. Os mais velhos perdem quase sempre, por excesso de cálculos e deduções. Um conjeturador decepcionado, que experimentara inutilmente todos os métodos durante cerca de 25 anos, acabou declarando um dia: «O único meio de ganhar é encher os bilhetes com os olhos fechados!»

É questão do ponto de vista

Meu vizinho, mecânico de profissão e perito no ofício, acabara de voltar do exterior, onde servira no exército dos Estados Unidos. Um dia encontrei-o ativo, consertando o automovel do cunhado, e saudei-o:

—Então, já de volta, hein? Prazer em vê-lo! Mas as coisas por aquí não andam boas: vida cara, muita greve...

—Está tudo magnífico! respondeu-me inesperadamente. —Todos os carros precisam de conserto!

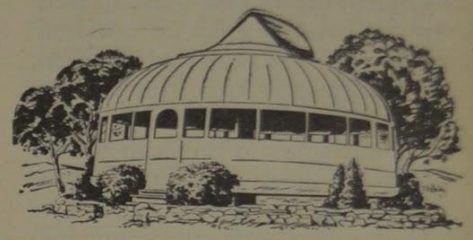
—Audrey Burns, no *Saturday Evening Post*

Os chineses dão aos filhos um *nome de leite*, isto é, um primeiro nome que os próprios filhos, mais tarde, poderão modificar, trocando-o por outro de sua predileção. Eis aí um sistema muito mais civilizado do que o nosso. Tantas vezes nós, ocidentais, vivemos toda a vida detestando os primeiros nomes que os pais nos impingiram! Porque não adotar esse costume chinês do nome provisório, que as crianças poderão trocar quando crescerem?

—Princesa Alexandra Kropotkin, em *Liberty*

Será esta a casa futura?

(Condensado de «Fortune»)



«Quem penetra na casa circular, leve e barata, de Buckminster Fuller, tem a sensação de entrar, pela primeira vez, no século XX.»

Richard Buckminster Fuller Jr. é um homem pequeno e forte, que só tem uma ambição nesta vida: remodelar o mundo. Em 50 anos apenas, conseguiu aprender tantos ofícios técnicos, que seria capaz de ensinar todas as disciplinas numa importante escola de engenharia. No entanto, suas proezas podem vir a desvanecer-se por completo se seu projeto atual—uma casa—der resultado, pois que esta «máquina residencial» é suscetivel de provocar consequências sociais mais vastas que o automovel.

Um funcionário de Washington, cansado de ouvir seus subordinados falar da extraordinária casa de Fuller, tomou um avião para ver uma delas construida por certa companhia industrial; levaram-no a um edifício, cuidadosamente fechado, onde se esconde o protótipo. «Meu Deus! Esta é a casa do futuro!» exclamou. Mais tarde, quando recuperou a presença de espírito, declarou que a casa precipitaria uma revolução industrial ou o fracasso mais monumental da história; mas apostava na primeira hipótese.

A casa de Fuller estava sendo aperfeiçoada desde 1920, quando falhara o seu Sistema de Edifícios com Barreiras, uma combinação de blocos de fibra isolante e de concreto. Nos primeiros cinco anos, teve de fazer face às inúmeras dificuldades que se apresentam sempre que alguem quer introduzir quaisquer melhoramentos na construção, por pequenos que sejam. Andava sempre a tropeçar com regras estabelecidas, ignorância dos mestres-de-obras e preços elevados. O que mais o impressionou foi o fato de não haver meio de pôr uma boa casa ao alcance da bolsa de um comprador de renda modesta.

Depois desse insucesso, Fuller mudou-se com sua família para Chicago, num bairro de habitações que mais pareciam espeluncas, e resolveu não pensar mais em ganhar a vida, até pôr suas idéias em ordem. O resultado, atingido em 1927, foi o desenho da casa «Dymaxion», construção hexagonal colocada sobre um mastro de metal, tal como uma maçã espetada num palito. Teria ar condicionado, mobília, cozinha e máquina automática de lavar roupa. Muita gente disse que ele era um visionário maluco; houve, porem, quem lhe desse ouvidos. Algumas universidades convidaram-no a fazer conferências e bom número de arquitetos apoiou o projeto.

Após a divulgação de sua idéia, durante muitos anos, Fuller concluiu que a casa tinha de esperar; precisava de alumínio, novos materiais plásticos e ligas de aço muito fortes; não havia nenhum desses materiais a preços razoaveis.

Fuller, sem perder a coragem, apresentou em 1940 um desenho de casa temporária, feita de placas de aço corrugado, usadas em armazens circulares para cereais. Construiram-se algumas, mas a guerra interrompeu o fornecimento de aço. Tanto a casa de aço, como a «Dymaxion» de 1927, parecem agora ficar atrás muitas décadas da casa de alumínio e materiais plásticos a que já fez referência neste artigo; no entanto, a idéia basilar é sempre a mesma.

Se quisermos que toda a gente possua alojamentos de alta qualidade, diz Fuller, essa casa tem de ser produzida industrialmente em quantidades enormes. A produção em massa significa mobilidade. Mobilidade exige um mínimo de peso. Nessa conformidade, a casa de Fuller é feita de alumínio, aço inoxidavel e matérias plásticas, em vez de tijolo e madeira. Pesa cerca de três toneladas, em vez das cem usuais. Está suspensa em vez de assente. É redonda em vez de quadrada, porque a forma redonda dá o máximo de resistência para cada quilo de material usado.

Não existe nenhuma outra casa que se pareça, nem de longe, com esta. É a única desenhada para uma completa produção em massa. Foi construida numa fábrica de aviões, ao lado dos próprios aviões, utilizando-se os mesmos materiais, as mesmas ferramentas, os mesmos operários. Só essa fábrica poderia construir 60 mil casas como estas por ano.

Como a casa Fuller é tão completamente radical, não existe termo de comparação com as habitações tradicionais— faz antes lembrar as cabines de aviões, camarotes de navios, ou o interior de trens aerodinâmicos. A sala de estar é espaçosa, com quase 31 metros quadrados, e ocupa cerca dum terço da área total. A parede exterior é composta duma janela de vidro isolado Plexiglas, e de folha de alumínio. A janela rodeia a casa toda. Cabos finos, que suportam o sobrado, passam em frente da janela. Nas vigas interiores estão suspensas placas de material plástico da côr de pele de porco. O chão é feito de pranchas de madeira encaixilhadas em tiras de alumínio. Respiradouros exteriores aspiram o ar das salas e tornam a impelí-lo através das tiras de alumínio para o aparelho de condicionamento de ar, localizado no centro.

Alem da sala de estar, há três quartos, dois banheiros, fogão, máquina de lavar louça, geladeira, incinerador para o lixo e três armários rotativos. A forma circular, que a princípio suscita dúvidas, não dá nenhuma aparência estranha ao interior, sendo até bastante agradavel. O mais inesperado é talvez o aspecto luxuoso, devido em parte à beleza do material, mas sobretudo ao teto, indiretamente iluminado, tendo, ao centro, uma altura de perto de cinco metros.

Desde que esse tipo de casa foi construido, em outubro de 1945, tem passado por lá muita gente, sendo a reação, em geral, entusiástica.

Isso, porem, não prova que todas as famílias vão querer uma casa Fuller. A gente está tão ligada emocionalmente à idéia do lar tradicional, que muitas pessoas não aprovam essa construção. Mas quer gostem, quer não, todos respeitam o esforço profundo de Fuller pelo problema do alojamento de boa qualidade para famílias de rendimento mínimo, e a lógica com que enfrentou o problema.

A primeira pergunta é, quase sempre:

«Porque será que a casa é redonda?» Fuller responde que as casas refletem a natureza dos seus materiais. Um abrigo de esquimó é abobadado, porque não há outro processo de fazer um telhado com blocos de gelo; as casas convencionais são retangulares porque a madeira vem em peças direitas. A casa circular de Fuller permite usar materiais leves e assim reduzir seu peso.

A casa, tal como uma roda, é suportada apenas num ponto central. As paredes não sustentam nada; elas próprias são sustentadas. Do mastro central, que descansa numa fundação compacta, partem blocos que suportam o telhado, as paredes e o sobrado, colocado a perto de 30 centímetros do terreno. As pontas dos cabos firmam-se na terra, de modo que a casa não se pode inclinar, nem voltar. Um circo de cavalinhos de madeira é uma estrutura bonita e leve, porque está suspensa; uma ponte pensil é leve pela mesma razão, e do mesmo modo a casa circular. Uma vez estabelecida, a forma circular apresenta outras vantagens. Proporciona mais espaço, com menos paredes, do que qualquer outra forma. Seu contorno aerodinâmico reduz a corrente de ar e, portanto, a perda de calor; e, devido a essa economia, o fogão de aquecimento fica reduzido a menos de 50 quilos de peso. A casa pode usar eletricidade como combustivel econômico.

Devido ao seu exterior brilhante, ela reflete quase toda a irradiação solar e deve ser fresca no verão; alem disso, destaca-se do telhado um enorme ventilador que se agita à menor brisa e pode produzir dez mudanças de ar completas numa hora.

A produção em massa está marcada para começar, com toda a força, em princípios de 1947.

Quando se fabricar certo volume de casas o preço para o consumidor pode baixar para cerca de um dolar por quilo, ou sejam 3.700 dólares por uma casa com o peso do modelo atual. Calcula-se que a construção da casa precise de 16 dias-homens. Como a casa é armada por meio de cavilhas e rebites, não se precisam de máquinas volumosas, a não ser o caminhão que transporta as partes, equipado com um guindaste para erigir o mastro.

Só a idéia de se construir meio milhão de casas por ano, por poucos operários, é como uma vertigem. Os 200 tipos de partes serão marcados, empacotados num caixote que será posto no caminhão, e no fim da linha de montagem será colocado o guindaste.

Fuller nunca esperou que suas idéias dessem um resultado comercial instantâneo. Deseja apenas construir uma obra social e acredita, como uma vez escreveu em letras maiúsculas, que «NÃO PODEMOS MELHORAR O MUNDO, SOMENTE COM SIMPLES CONVERSAS. PARA A FILOSOFIA SER EFICAZ, É INDISPENSAVEL APLICÁ-LA MECANICAMENTE».

Já não se admira que hoje até os banqueiros não o consideram um visionário. Sempre calculou que, mais cedo ou mais tarde, todos compreenderiam o seu propósito.

¶O EFEITO mais valioso da educação talvez seja a faculdade, que adquirimos, de nos obrigar a nós mesmos a fazer qualquer coisa quando deve ser feita, quer nos agrade quer não; é a primeira lição a aprender; e, por mais cedo que se inicie a educação, é provavelmente a última lição que aprendemos bem.

—Thomas Henry Huxley, em *Good Housekeeping*

«EU TENHO TUDO!»

por
Dorothy Walworth

Conheci Marta quando andava a procura de rãs frescas para comprar. Nosso local de pescaria no interior dos Estados Unidos, era um belo lago situado ao sopé de verdes montanhas. A cidade ficava a alguns quilômetros dalí e, às bordas de um córrego lamacento, havia um grupo de casebres com letreiros dizendo: «Isca». Nosso guia chamou minha atenção e a de meu marido: «É melhor comprar suas iscas nas mãos da Marta. Ela tem as melhores rãs. Mas, cuidado! Ela é independente que é um caso sério!»

Deixamos nosso carro parado na estrada e meu marido, conduzindo um balde coberto por grosseira tela de arame verde, encaminhou-se para o casebre. Achava-me impaciente para voltar ao lago. Naquele local, o ar estava saturado de um cheiro fétido, proveniente de resíduos que o moinho próximo despejava no córrego. Os casebres tinham o feitio de embarcações, com os seus fundos chatos à tona da água lamacenta, os tombadilhos usados como alpendres e os cômodos, propriamente ditos, ocupando apenas um andar, haviam sido construidos na parte correspondente à popa.

Sem demora, Marta surgiu e veio vindo, seguida por meu marido. Era uma franzina garota de doze anos, de olhos pretos e pés descalços, metida num vestido muito limpo feito de saco de farinha. Havia algo de vivamente enérgico naquela pequena e grave fisionomia que me levou a pensar no retrato das pioneiras dos tempos coloniais americanos. Era uma face positivamente fora de tempo. Ela deixara o balde cuidadosamente atrás do carro. «Aí tem cincoenta rãs,» disse, numa voz clara.

Enquanto ela punha o dinheiro na bolsa preta, apareceram, a tropeçar na estrada, sete outras crianças que aparentavam ter entre três e dez anos de idade. Todas sorriam, carregando punhados de cravos vermelhos.

—Não quer comprar? gritaram todas, a um só tempo.

—A moça pode levar de gráça o que quiser, disse Marta, firmemente. Três dos sete garotinhos continuavam a sorrir

Dorothy Walworth, autora do romance de grande sucesso no momento, *Nicodemus*, recorda tipos da vida real com a mesma aguda percepção que caracteriza sua ficção.

e a oferecer flores. Marta voltou-se para mim. —Nós somos da família Sylvester. Estes são meus irmãos. Desculpe a aparência deles. É muito dificil manter as crianças limpas.

Ao voltarmos para casa, permanecemos algum tempo silenciosos.

—O casebre de uma favela da cidade é um palácio comparado com aquele do córrego, comentou em certa altura meu marido.

—E não impressionou a você o fato de aquelas três crianças estarem sempre sorrindo?

Balancei a cabeça afirmativamente.

—Vi a mãe delas, continuou ele. —Estava sentada no chão, fazendo sinais na lama com os dedos. E sorria, tambem.

No dia seguinte, ferí-me na mão com o anzol e fui à cidade para me submeter a um tratamento. Em conversa com o médico, tive ocasião de mencionar os casebres do córrego.

—A senhora quer se referir aos ribeirinhos, não é verdade? disse ele. —É uma gente esquisita. Já agora só existem uns quarenta deles. Os ancestrais chegaram aquí há aproximadamente trezentos anos. Pertencem a uma velha cepa de autênticos americanos. Combateram em mais de uma guerra. Tomaram parte nas lutas da Guerra da Independência. Sempre foram os primeiros a lutar em todas as guerras. Há uma porção de troféus antigos aí nos casebres, mas é dificil vê-los. Não os mostram nunca, salvo quando a gente pede. Coisa engraçada, falam um inglês magnífico, e costumam dar nomes bem soantes aos filhos. Manifestam gosto pela educação. Talvez já tivessem desfrutado certa posição, mas agora não passam de um pobre rebutalho.

—E porque vieram a levar essa vida? perguntei.

—Por não quererem capitular, respondeu o doutor,—uma tolice, porque afinal de contas todos precisamos ceder e transigir, aquí e alí. A independência já não significa o mesmo que em 1876, por exemplo. Há cerca de cem anos atrás, os córregos eram uma espécie de canal navegavel e os homens dalí trabalhavam todos na navegação fluvial.

Mas surgiu o trem de ferro e, pouco tempo depois, já não havia transporte de mercadorias pelo canal. Em consequência, os embarcadiços ribeirinhos fizeram encalhar naquele ponto as suas embarcações e os descendentes passaram a viver aí desde então. E aí vão ficando, concentrados entre si, não querendo misturar-se com estranhos. E que altivez! Eram sem dúvida bem apresentaveis, mas devido a sucessivos casamentos entre parentes, alguns dos filhos nasceram dementes. Alguem gracejando perguntou certa vez a um ribeirinho porque é que se fizera a guerra. E ele respondeu: «Para esmagar aqueles que disseram que não possuimos liberdade.» Liberdade naquelas choças! Liberdade sem o suficiente para comer e vestir. É uma vergonha para a cidade.

—E como é que eles vivem? perguntei.

—A rigor, não vivem. Existem. Nunca se esquecem de que a estrada de ferro os deixou sem trabalho e não se conformam em trabalhar para a companhia. Tambem odeiam o moinho, porque emporcalha o córrego com os resíduos fétidos. Quando o moinho foi construido, eles todos dirigiram uma carta à autoridade local dizendo que nossos rios deviam ser conservados como Deus os fez. Foi uma carta muito bem escrita. Mas os ribeirinhos não conseguiram nada. Dedicam-se à caça, à pesca, constroem armadilhas, e assim vão vivendo. É uma gente mesmo sem jeito... E curioso é que nenhum deles pede auxílio ao governo.

—Mas ninguem tentou ainda amparálos? perguntei.

O doutor sacudiu a cabeça, e prosseguiu:

—Penso que algumas pessoas fizeram tentativas nesse sentido. Mas não deu certo. E pode-se imaginar porque. Se aparecesse aí uma senhora da cidade, bem intencionada, bem nutrida e bem posta, que fosse até aqueles casebres falar sobre as condições de vida e higiene, e depois oferecer comida e roupa velha, os ribeirinhos recusariam na certa... Diriam que nasceram livres, e que ninguem tem nada a ver com sua vida.

—Mas as escolas...

—Bem, eles frequentam a escola, não há dúvida. Todos, exceto os dementes. Mas não se misturam com os garotos da cidade. Ao meio dia, quando as outras crianças abrem seu embrulhinho de almoço, os ribeirinhos ficam de lado, fingindo que não querem comer, porque, coitados, não têm comida mesmo... Alguns chegam até a cursar o ginásio. Mas depois... eles não se adaptam mesmo à civilização.

—Vi lá uma menina chamada Marta... disse eu.

—Marta? Ah, sim, creio que é a garotinha que ganhou um prêmio escolar no ano passado por haver declamado o preâmbulo da Constituição Americana. Mas não adiantou nada. Ela acaba se casando com outro ribeirinho e o resultado será o que a senhora já viu.

DURANTE o resto de nossa estada de mês e meio no lago, desejei muito fazer alguma coisa por Marta. Mas o que, não sabia. Toda vez que precisava de iscas, eu lhe falava. E sempre era eu, e não ela, quem se sentia desajeitada. Temia representar a cena da dama elegante, oferecendo comida e roupas velhas, enquanto ela não parecia mesmo temer coisa alguma.

Com o propósito confuso e vacilante de retirá-la dalí, eu lhe falava sobre as delícias dos lugares que conhecia e das cidades que tinha visitado. Ouvia-me atentamente, mas não dava sinal de estar interessada por nenhum desses lugares, nem mesmo quando lhe disse que havia estado em Hollywood.

—Já fui ao cinema, disse, com o ar superior de quem já houvesse percorrido três vezes o orbe terrestre. —As mulheres pareciam umas patetas. E os homens tambem. Nem pareciam gente de verdade...

Os irmãos de Marta não eram tão reservados quanto ela. Mostraram-me seus brinquedos, uma bola, uma roda de bicicleta e coisas que haviam feito com restos apanhados no moinho. Não brigavam entre si como muitas crianças que conheço. Tinham desvelo pela mãe, que se sentava algumas vezes sobre o chão e outras numa embaladeira em cima do tombadilho, sempre sorrindo. Muitas vezes as crianças deixavam seus brinquedos e corriam a abraçá-la. Nunca vi uma família cujos membros fossem tão carinhosos uns com os outros.

Algumas vezes, o pai de Marta voltava da floresta justamente quando estávamos no casebre. Era um homem espigado e de tez morena, sempre a caminhar rapidamente, com a cabeça bem erguida. Ouví-o falar apenas uma vez. Certo dia, vimolo chegar com um pesado saco às costas. Marta disse:

—Meu pai está nos trazendo um belíssimo presente. A família logo o cercou.

—Batatas, disse ele. —Não haverá fome este mês, principalmente se eu conseguir trazer tambem alguma carne de veado.

Foi ele que arranjou uma caixa para as rãs. Um dia Marta fez ver que o balde era

inconveniente. Quando voltamos, apresentou-nos uma pequena caixa de madeira com um puxador cravado nesta. Os lados eram de bela e sólida malha e um deles era como uma espécie de gaveta de mesa, pela qual se podiam tirar as rãs.

—Foi meu pai que fez essa caixinha, disse Marta. —Levou muito tempo para encontrar uma boa qualidade de malha e o puxador para a gaveta. Ele teve de ir ao moinho para conseguir essas coisas.

—Muito bem, disse meu marido. —Apenas, se você permite...

—É presente, atalhou Marta rapidamente. —Meu pai teve grande satisfação em fazer essa caixa.

NA TARDE em que vi Marta pela última vez, verifiquei que nada poderia fazer por ela. Sentia-me franca e terrivelmente derrotada. Desejava dar-lhe um presente de despedida, mas receava que qualquer dádiva pudesse ofender seu orgulho. Acabei por presentear cada um de seus irmãos com figuras de confeitaria representando soldados da Guerra da Independência.

Marta não se mostrou melindrada. Na verdade, já estávamos mais familiarizadas uma com a outra, talvez porque ela não esperasse encontrar-se comigo novamente. Chamou os irmãos e entregou-lhes os soldados. Olharam-me e sorriram. E assim tambem fez sua mãe, sentada no tombadilho.

—Eles só vão comer estes soldados depois de amanhã, disse então Marta. —Agora querem ficar admirando o presente.

—Espero que você obtenha o melhor resultado na escola, disse-lhe eu.

—Ganhei com as iscas o bastante para nos prepararmos para a escola, respondeu.—Comprei vestidos, sapatos e capas, e uma caixa de lapis para cada um. E reservei o resto para comprar tinta côr de rosa para pintar as venezianas. Não queremos que nossa casa se arruine.

E continuou, após ligeira pausa:

—Afinal, somente quatro de meus irmãos podem frequentar a escola. O pequeno ainda não tem idade e os outros dois são doentes. Mas vão melhorar, tenho certeza. Naturalmente, a senhora viu que minha mãe não está em boas condições. Depois que o caçulinha nasceu, ela não teve mais saude. Mas está melhorando dia a dia.

—Marta, disse-lhe eu, num ímpeto de desespero—que é que você deseja fazer quando estiver crescida?

—Gostaria de ser professora, respondeu. —É a profissão que mais me agrada. Não penso em me casar. Como a senhora viu, há muitos doentes em minha família, e isso vem desde o tempo do meu avô. Por isso, gostaria de ser professora. Mas acho que não consigo realizar esse desejo. Eles precisam de mim aquí em casa.

Em seguida, ela fez a coisa mais infantil que eu jamais a vira fazer. Metendo a mão no bolso, tirou de lá uma pequena e brilhante ferradura e disse: —Veja o que encontrei hoje.

—Você sabe o que é isso? perguntei-lhe, alteando a voz, num tom vacilante. —Creio que é um sinal de sorte...

Sua fisionomia deixou transparecer um ar de desdem e perspicácia. —Não existe sorte! afirmou.

—Mas suponha, continuei, —que essa ferradura fosse portadora de felicidade e que você, tendo três desejos, os visse realizados por influência dela. Que é o que você desejaria? Uma última esperança me fez bater mais forte o coração. Talvez Marta desejasse alguma coisa que eu pudesse enviar-lhe de casa. —Desejo é tolice, respondeu, —mas eu gostaria de ter um lindo cavalo como o do meu avô.

Eu havia de correr, correr, correr, como ele fazia, com toda a liberdade.

—Falta agora você dizer quais são os outros dois desejos, disse eu.

Marta pôs-se a considerar sisudamente nisto, alisando com as mãos a frente do seu vestido de saco. —Eu, nem quero saber o que desejaria. Seus olhos voltaram-se com soberbo orgulho para o casebre, a mãe e os irmãos. —Não sei bem o que desejo, disse. —A senhora mesma pode ver; eu tenho tudo!

Perfumes "masculinos"

Os HOMENS sempre mostraram pelos perfumes uma antipatia mais ou menos intensa, e com isso os anunciantes não se conformavam; em consequência, vêm realizando, de algum tempo a esta parte, uma campanha enérgica no sentido de apresentar os aromas em vidros de aspecto viril, descrevê-los em termos másculos e dar-lhes nomes que não sejam efeminados.

Há, por exemplo, uma nova água de Colônia, chamada *Camisa Branca*, que vem—é o cúmulo! —num vidro «vestido» de camisa branca com botões de pérola artificial, sem gravata, bem entendido. Querem saber de uma coisa? Na minha opinião, seria maior a impressão de virilidade se eles houvessem envolvido o perfume numa camisa bem aberta, mostrando pelos varonís no peito de um vidro rijo e áspero... Outro fabricante resolveu vestir seu produto num terno de casimira inglesa legítima. O diabo é que, em ambos os casos, o conteúdo sempre tem cheiro de colégio de freiras.

Os anúncios empregam frases descritivas, tais como «uma fragrância fina e limpa como o ar da floresta»; «assimila a maresia fresca dos sete mares»; e «essências que vibram com o calor de um raro conhaque, de cedro e de couro russo».

Eu gostaria de conhecer o homem que desejasse cheirar a conhaque, cedro e couro russo—tudo de uma vez, ou separadamente. Quando quero cheirar a conhaque, conheço uma tavernazinha simpática, onde o efeito seria o mesmo. Dizem que cedro é bom para afastar as traças; mas, como loção para depois da barba, tenho cá minhas dúvidas. E, quanto a mim, não me apetece, em absoluto, andar por aí cheirando a poltrona.

Em relação aos perfumes femininos, todo o mundo conhece seus nomes: *Chocante*, *Indiscreta*, *Surpresa*, e coisas semelhantes. Em contraste, os títulos que eles arranjam para os perfumes *soi-disant* masculinos são francamente debeis. Senão, vejamos: *Maresia*, *Aventura*, *Sportsman*, *Só Para Homens*, *Comando*... Só tenho um comentário, senhores: água de rosas, qualquer que seja seu nome, tem sempre um aroma tão agradavel quanto esses.

No ano que vem haverá no mercado, possivelmente, perfumes chamados *Estivador*, *Porco-Espinho* e *Tarzã*. Mas não nos iludamos: todos nos deixarão com cheiro de petúnia em pleno viço. Agora, com licença: vou alí dentro lavar as mãos com um bom sabonete sem cheiro.

—Jack Cluett, no *American Legion Magazine*

Suprimento de leite livre de contaminação? Poucas as cidades disso se podem gabar

É são o leite que bebemos?

(*Condensado do «Progressive»*)

Holman Harvey

DURANTE anos a fio, a população dos Estados Unidos vem presumindo que o seu suprimento de leite é cuidadosamente protegido contra enfermidades, graças aos processos mecânicos, empregados na ordenha das vacas em fazendas modelo, e graças aos trens de leite refrigerados e ao engarrafamento higiênico.

Estive porem trocando impressões com inspetores federais de saude e bromatologistas, cuja função é estudar o leite que se bebe no país da higiene. Esses peritos me declararam que, ao visitar muitas das localidades americanas, preferem evitar o uso de leite.

Não é possivel garantir que o leite esteja livre de elementos patogênicos, exceto quando pastorizado. Outrossim, uma alta percentagem das pessoas que bebem leite está sujeita a contrair uma ou outra das enfermidades fatais encontradas no leite cru contaminado—doenças tais como difteria, infecções estreptocócicas da garganta e das amígdalas, disenteria, escarlatina, tifo, paratifo e febres ondulantes. Centenas de outras pessoas poderão ser vítimas de desarranjos gástricos ou intestinais, que serão provavelmente classificados em geral como intoxicações alimentares. Milhares de crianças serão acometidas de diarréias mais ou menos sérias.

Bactérias nocivas podem reunir-se ao leite por meio de uma vaca doente ou por contaminação durante a ordenha, ou ainda por contacto posterior. Esses germes se multiplicam com rapidez, especialmente se o leite não for imediatamente refrigerado e mantido a baixa temperatura. Existem três enfermidades conhecidas, do gado, que podem ser transmitidas através do leite aos seres humanos: tuberculose, infecções estreptocócicas e a doença de Bang, que produz febre ondulante.

Após uma luta que durou trinta anos, a tuberculose bovina foi quase totalmente eliminada dos rebanhos norte-americanos. Para executar essa tarefa, todos os estados adotaram uma lei, exigindo que o gado fosse submetido à tuberculino-reação e abatido quando infectado. Mais de 300 milhões de animais foram submetidos a exame e milhões deles sacrificados, e hoje a tuberculose bovina está reduzida a dois décimos de um por cento.

As infecções estreptocócicas do gado não podem ser controladas do mesmo modo. Em geral as infecções desse tipo são virulentas e de pouca duração. Uma vaca sadia poderá estar afetada no dia seguinte e curada ou morta em poucas semanas.

A doença de Bang, no entanto, constitue um problema diverso. Já existe uma vacina contra a mesma, cuja inoculação está sendo feita nos bezerros. Mas essa en-

fermidade está tão disseminada que sua exterminação terá progresso lento. Segundo algumas autoridades, em cada vinte vacas, uma sofre da doença de Bang.

As autoridades consideram a febre ondulante como a mais perigosa de todas as doenças trazidas pelo leite. Não é facilmente diagnosticavel, pois seus sintomas podem ser confundidos com os de várias outras enfermidades, que variam desde a tuberculose a graves desordens mentais. As estatísticas indicam que é muito mais comum do que se calcula geralmente. Em mais de sete mil escolares de um grupo submetido a exame, nove por cento estavam infectados. Entre as crianças provenientes de famílias que possuiam vacas, a proporção atingiu 18 por cento.

É dificil proteger o leite. Sai do ubre a uma temperatura de 38,3 graus centígrados, que permite a multiplicação rápida de bactérias. É geralmente mantido no curral por uma hora ou mais antes de ser refrigerado, e, não sendo resfriado rapidamente, muitas horas podem passar até que se torne demasiado frio para evitar a multiplicação de bactérias. Em tránsito da fazenda para a cidade em dias de verão, não é sempre facil conservar o leite frio, e, apesar de manter um bom paladar, muitos germes poderão ter proliferado antes que chegue a seu destino.

É tambem impossivel ter a certeza de que todas as fazendas de lacticínios estão livres de águas poluidas. As vacas podem ter passado através de um córrego ou de um pântano, contaminados pelo tifo ou outra enfermidade qualquer. Ainda um perigo surge quando não se lavam os flancos e os ubres do animal antes da ordenha. Uma experiência realizada nos Estados Unidos provou que o leite fresco, proveniente de vacas sujas, em média tem 55 milhões de bactérias por litro, contra 5 milhões quando as vacas são limpas.

Os empregados das fazendas, que ordenham as vacas e transportam o leite de um ponto para outro, podem ser os próprios agentes portadores da febre tifóide ou de outras enfermidades, e é possivel tambem que suas roupas não estejam isentas de germes.

A grande maioria dos médicos concorda em que a pastorização «não tem influência de vulto» no valor alimentício do leite. Em experiências realizadas há alguns anos entre 3.700 crianças, aquelas que tomavam leite pastorizado ganharam mais em peso e altura do que as que se alimentavam de leite cru. Observou-se tambem que as doenças contagiosas eram mais frequentes no grupo que bebia leite cru. No caso da escarlatina, por exemplo, a proporção era de 73 contra 43.

O leite é pastorizado mediante aquecimento a 62,8 graus centígrados, temperatura em que é mantido por 30 minutos—ou 71,1 graus por 15 segundos—sendo em seguida rapidamente resfriado até atingir uma temperatura abaixo de 10 graus. A pastorização não faz diminuir o volume da nata, e a única vitamina afetada, no caso, é a C, que as crianças podem obter em quantidade em sucos de fruta.

Sempre que, nalguma cidade, se substitue o leite cru por leite pastorizado, pode notar-se surpreendente melhora na saude pública. A província de Ontário, no Canadá, fora tomada de assalto por febre ondulante, tifo, e outras doenças infecciosas quando, em 1938, a pastorização foi tornada compulsória, estabelecendo-se multas pesadas pela «venda, oferta ou entrega» de leite cru. No primeiro ano a febre ondulante foi reduzida de 45 por cento, e a mortalidade pelo tifo diminuiu de metade. A mortalidade infantil quase desapareceu.

Numa instituição de crianças, situada em Nova York, o índice de mortalidade, de 44 em 100 mil, devido a causas diversas, foi imediatamente reduzido para 20, devido à pastorização de todo o leite servido às crianças. Em 1918, frequentes casos fatais de disenteria e tifo, causados pelo leite cru, levaram os cidadãos de pequena localidade americana a se revoltar contra os produtores de leite que se recusavam a tomar medidas corretivas. A prefeitura instalou uma usina municipal de pastorização e organizou um serviço de entrega que até hoje não foi ultrapassado. E há 28 anos não se registra um só caso de epidemia veiculada pelo leite.

Seria um grande passo a frente se a pastorização fosse tornada obrigatória. Na falta de legislação para reger o assunto, os próprios cidadãos deveriam exercer pressão sobre os conselhos municipais para que se pusessem em vigor disposições locais nesse sentido. As autoridades médicas das cidades e municípios de quase todas as partes apoiariam um movimento de tal natureza. O leite é o alimento mais precioso que temos e, submetido a uma pastorização comum e transportado de modo razoavelmente higiênico, é o menos perigoso dos alimentos diários.

Tempo para divertir-se

No verão veio morar na casa ao lado da nossa uma senhora que me surpreendia pela maneira com que trabalhava. Nas manhãs, quando o calor ainda não começara, deixava-se ficar tranquilamente na varanda—lendo, costurando, escrevendo, às vezes até cochilando. Depois do almoço, porem, quando o sol já ia alto e o calor era abrasador, ela se entregava ativamente aos trabalhos domésticos, lavando e passando roupa, varrendo e limpando a casa.

Afinal, um dia, perguntei-lhe porque fazia assim, e me respondeu: —Quase todo o mundo trabalha de manhã e quando chega a hora do descanso, depois do meio-dia, o cansaço é tanto, que nem pode aproveitar a leitura ou a costura com prazer. E o calor aborrece muito mais. Pois eu detesto meu trabalho e abomino o calor; por isso escolho as horas da manhã para as coisas de que gosto. Quando começa a fazer mais calor, estou tão ocupada com minhas tarefas, que nem reparo...

—Zona Stone

Certa manhã de verão fui à casa de uma amiga e encontrei-a no quintal, brincando com seus gemeosinhos. Provavelmente fiz uma expressão de surpresa, pois não ignorava que, alem de várias tarefas domésticas e dos cuidados com os gêmeos e mais um filhinho, ela estava com a casa em reformas.

—Pois é, eu sei disso, explicou. —Minha obrigação era estar cuidando da roupa suja, do almoço, e tudo mais. Mas os gêmeos me pediram para brincar um pouco enquanto o outro está dormindo! E eu sei que quando eles crescerem nem vão saber se eu passei as roupinhas a ferro; mas hão-de se lembrar das horas que passamos juntos brincando...

—Sra. Richard Wolcott

O idílio do grande romancista Nathaniel Hawthorne

ESPOSO DA PRIMAVERA

(Condensado de «The Christian Science Monitor»)

Por John K Lagemann

NA ANTIGA cidade de Salem, na Nova Inglaterra, duas luzes tardias mantinham-se acesas.

Atrás das janelas da mansão Peabody, a fragil, loura e amoravel Sofia sustentava mais uma das suas solitárias batalhas contra a dor. Apanhou o diário e escreveu:

«Ah! que a luz que arde dentro de mim jamais se extinga!»

Pouco mais alem, outra lâmpada ardia na sombria casa de Hawthorne. Sentado à escrevaninha, um belo jovem de cabelos negros lutava, não menos desesperadamente, contra um sentimento de fracasso.

«Nesses últimos dez anos,» escrevia Nathaniel Hawthorne, «não viví, apenas sonhei que viví. Meus contos são puros devaneios. Sou um ignorante das profundas e ardentes realidades da vida...»

Noite após noite, sem se conhecer, esse homem e aquela mulher meditaram e desesperaram. Certo dia, encontraram-se, e foi como se duas pequenas luzes, afinal reunidas, resplandescessem com o fulgor do Sol.

Quando, cedendo a reiterados convites, Nathaniel e suas irmãs visitaram os Peabody, foi um acontecimento. Em Salem, ninguem se recordava de que os orgulhosos e excêntricos Hawthorne tivessem jamais feito ou recebido uma visita. A irmã mais velha de Sofia correu ao seu quarto e exclamou: «Ah, Sofia, você deve vestir-se e aparecer! Os Hawthornes estão aquí e ele é mais bonito do que Lorde Byron!»

Sofia achou graça, mas recusou-se a aparecer, alegando que àquela se seguiriam outras visitas.

Poucos dias depois ele voltou sozinho. Desta vez Sofia desceu, paramentada em longo vestido branco.

Sua irmã recorda a cena, dizendo: «Ele levantou-se e olhou fixamente para ela. Todas as vezes que Sofia falava, com sua voz doce e compassada, ele mirava-a com o mesmo olhar penetrante. Ocorreu-me a idéia: E se ele se apaixonasse por ela?»

Mas isso tinha já acontecido.

Aos vinte e cinco anos, Sofia considerava inconcebivel a idéia de apaixonar-

se. Na infância, um engano médico causara-lhe uma doença nervosa, que a sujeitava a ataques quases diários de dores insuportaveis e, muito cedo, ela afastara por completo de si qualquer pensamento de matrimônio.

A severa disciplina da dor dera-lhe uma sabedoria, misto de bondade e senso de humor, que lhe permitiam encontrar plena satisfação na felicidade alheia, atraindo ao seu quarto as crianças e transformando o lar no centro da atividade intelectual da cidade, frequentado por vasto círculo de amizades.

De volta ao seu «quarto sob as goteiras», Nathaniel sentiu-se, de súbito, libertado do maligno encantamento que o perseguia desde a meninice e que lhe arrebatara o poder criador. Há muito tempo, um dos seus antepassados, o famoso e perverso juiz de Salem, fora amaldiçoado ao morrer por uma das suas vítimas—maldição essa que, desde cedo, pesara sobre Nathaniel. Suas primeiras recordações eram da mãe, viúva, confinada no seu quarto sombrio. Elisabete, sua irmã, voluntariosa e dominadora, interditava a casa às visitas e dela só saía, à noite, para passeios solitários nas calçadas escuras de Salem. Uma velha tia, envolta num capuz preto, esgueirava-se silenciosa através dos quartos fechados, seguida de um gato preto chamado Belzebú.

Este era o «Castelo Triste» em que se encerrara Nathaniel, em 1825, após quatro anos de estudos superiores, e do qual, até conhecer Sofia, tinha poucas esperanças de escapar.

«Somos apenas sombras,» escreveu-lhe, «e aquilo que parece mais real reduz-se apenas à ínfima partícula de um sonho, até que o coração seja tocado. Esse toque nos dá a vida!»

Então, aos trinta e cinco anos, Nathaniel sentiu-se como se tivesse começado a viver. Repetiam-se as visitas do belo jovem aos Peabody. Assim como Nathaniel, Sofia apaixonara-se à primeira vista. As idéias para os escritos ocorriam a ele, agora, frescas e vívidas, decorrentes da observação do mundo que o circundava, e as dedicava a ela.

Mas Sofia era mais do que uma inspiração. Era uma mulher com a qual desejava compartilhar sua vida. Arranjou emprego como fiscal da Alfândega de Boston, com modesto salário. Pesar carvão em chatas era um trabalho grosseiro e pesado, mas já que ganhava o suficiente para a subsistência, podia enfim sentir-se livre. Depois de um ano, seus sentimentos cederam à longa tensão.

«Quão pouco sabia eu o que é comungar com outro ser! Antes de sua vinda eu vivia apenas para saber que não estava vivo.»

«Que ano foi este!» respondeu Sofia. «A terra terá mesmo continuado a sua rotação? E as coisas não parece que são todas novas?»

Mas persistia um grande obstáculo—a doença.

E ainda havia outro empecilho. Sem que Nathaniel soubesse, Elisabete, sua estranha e atribulada irmã, adorava-o como uma espécie de homem ideal, um deus familiar, a ser venerado em segredo e em silêncio. Ela não podia admitir a idéia de que o irmão jamais deixasse a casa. «Ele nunca se casará,» explodiu ela certa vez, em conversa com Sofia.

Elisabete lançou mão da única arma que lhe restava: o amor materno. O choque do seu casamento com uma «inválida incuravel», declarou ao irmão, provavelmente mataria sua mãe, que, afirmava ela, se opunha com veemência à afeição do filho por Sofia. Nathaniel jamais discutira seus problemas pessoais

com a mãe e, portanto, não dispunha de meios para descobrir se a irmã falara verdade.

Sofia achou o argumento bastante satisfatório. Diante de uma decisão da qual dependia toda a sua vida, pôs o destino nas mãos de Deus.

«Se for vontade de Deus que nos casemos, Ele me curará. Caso contrário, será uma advertência.»

Nathaniel nunca duvidou de que o seu amor realizasse o milagre.

«Oh, minha amada,» escreveu do seu escritório, num armazem de carvão de Boston, «deixa que nosso amor tenha força bastante para que teu coração, cheio de saude, afaste a doença de teu corpo. Compartilha da minha saude e da minha força. Não são elas tão tuas quanto minhas?»

Pouco a pouco, quase imperceptivelmente, no decorrer dos três anos do seu compromisso secreto, Sofia curou-se por completo. Quando a cura não deixava dúvidas, reuniu as irmãs de Nathaniel e lhes falou com tão infinita doçura e tato que elas acabaram por congratular-se com a escolha do irmão.

A mãe de Nathaniel, ao ter notícia de suas intenções, respondeu-lhe tranquilamente: «Mas há anos que eu já sabia. E Sofia Peabody é, dentre todas as mulheres, a esposa que eu escolheria para você.»

Cinco anos depois de se encontrarem, estavam casados. Nathaniel conduziu a esposa para a casa que alugara em Concord, afastada da estrada, junto ao rio, açoitado pelo vento.

Durante aqueles primeiros e radiosos anos «tudo quanto era necessário à vida e à felicidade advinha naturalmente, assim como do céu cai o orvalho.» Os trabalhos intelectuais de Nathaniel não lhe ocupavam mais de quatro a cinco horas por dia. De vez em quando, recebiam visitas—Emerson, Alcott, Channing, Thoreau,— que Nathaniel e Sofia nunca retribuiam. Não podiam roubar tempo à felicidade que juntos desfrutavam.

No inverno, bem agasalhados, iam patinar no rio ou passeavam pelos bosques. No verão, pescavam ou nadavam no rio e exploravam suas margens num bote. Os campos e as colinas verdejantes que rodeavam a velha casa formavam o cenário do seu amor, e seu passeio favorito era «Sleepy Hollow», onde Nathaniel descreveu a Sofia «o zimbório de prazer» que construiria algum dia naquele declive gramado.

«Numa tarde de domingo,» escreveu Sofia num dia primaveril, o primeiro que passavam na Velha Mansão, «os pássaros cantavam enebriados e o ardor da canção embalava-os e inflava-lhes os peitos de entusiasmo. Era uma torrente de maviosa música.»

Sofia correu a chamar o esposo, da janela aberta do escritório. E Nathaniel pôs de lado o trabalho para escrever: «Penso que minha mulherzinha é gêmea da primavera, daí o se cumprimentarem com tanta ternura. Ambas são viçosas e frescas; ambas têm vozes de pássaros, sempre dando expansão a seus corações. Casei-me com a Primavera! Desposei o mês de maio!»

No primeiro aniversário de casamento, quando Sofia lhe revelou que esperava uma criança, Nathaniel escreveu: «Querido amor, nunca fomos mais felizes do que agora. Este primeiro aniversário da nossa vida de casados é como um cabo que acabamos de transpor, para nos depararmos com um oceano de amor estendido diante de nós.»

No entanto, depois do nascimento da primeira filha, Nathaniel observava «uma sombra esvoaçante de labor terreno e cuidados, de mistura com nossas realidades». Os editores, alem de pagarem mal, atrasavam-se. Uma revista, que lhe devia um ano de trabalho, faliu. Nathaniel viu-se em dificuldade, sem a menor esperança de aumentar sua renda.

Tiveram de trocar a velha casa, o rio, os pomares e os campos, as colinas verdejantes, por um quarto único na lúgubre e antiga casa dos Hawthorne, em Salem. Para Sofia, que ainda amamentava a primeira criança e esperava uma segunda, as perspectivas eram sombrias. Mas seu amor reagiu à altura da situação.

«Sinto-me infinitamente grata e abençoada por ter encontrado um abrigo com meu esposo, seja onde for. Quanto mais negra vier a ser a sombra que pairar sobre ele, mais radiosa se tornará para mim a sua figura.»

Nathaniel conseguiu, enfim, um lugar de fiscal na Alfândega de Salem, que acabou perdendo em consequência de manejos políticos.

«Sofia ainda não sabe,» escreveu ele. «Mas receberá a notícia como uma mulher, isto é, melhor do que um homem.»

Ao inteirar-se do fato, Sofia, exultante, apresentou-lhe uma caixa cheia de moedas e notas que economizara do dinheiro da casa. «Agora, afinal,» disse-lhe ela, «você poderá escrever o seu livro.»

E Nathaniel pôs-se a trabalhar no seu primeiro romance, *The Scarlet Letter* (A Carta Escarlate). Mal começara a escrever, a doença e a morte da mãe absorveram por completo as pequenas economias de Sofia. Ela, às ocultas, fabricava e vendia abajures e pequenos enfeites, para que o marido continuasse a trabalhar no romance.

Até mesmo quando não sabia o que teriam para comer, Sofia achava forças para escrever: «Nenhuma arte ou beleza suplanta a minha vida cotidiana com tal marido e tais filhos.»

A fama chegou tarde para Nathaniel Hawthorne. Mas com a publicação de *A Carta Escarlate*, em 1850, ele passou a ser considerado o maior romancista americano. Os dias de luta intensa tiveram termo.

Mas o êxito súbito e estonteante poucas alterações trouxe à vida familiar dos Hawthornes. Os filhos rejubilaram-se porque os pais podiam consagrar mais tempo aos passeios, às diversões e às histórias. Julian, o filho do casal, lançando mais tarde um olhar ao passado, só conseguia ver os pais como companheiros de folguedo e «não podia imaginar melhores».

Nathaniel e Sofia não admitiam uma separação, nem mesmo por dias.

«Se ela não chegar hoje—não sei o que farei de mim.» (Sofia e as duas filhas estavam de visita à família, em Boston.) «São quase seis horas e ainda não chegaram. Não podem deixar de vir esta noite.»

«Um quarto de hora depois de escrever as linhas acima, chegaram. Tudo está bem! Graças a Deus!»

Certa vez, a caminho de Concord, Nathaniel e Sofia fizeram parar o carro e subiram, a pé, até «Sleepy Hollow», contemplando a Velha Mansão na qual tinham vivido havia tanto tempo. Permaneciam calados, mas Sofia conta-nos o que estava pensando:

«Este solo é sagrado para mim, pela inexprimivel felicidade que nele desfrutei. No entanto, nunca senti tamanha felicidade quanto neste momento... E ainda não cheguei ao fim, porque meu marido permanece para mim um mistério encantado alem da região que já descobri e de que tomei posse.»

O perpassar dos anos jamais ofuscou esse «mistério encantado». Talvez tivesse razão Nathaniel: «A felicidade

não se fragmenta, porque faz parte da eternidade. E desde que nos casamos vivemos na eternidade.»

Após vinte e dois anos de casada, Sofia voltou à Velha Mansão pela última vez e acompanhou o esquife do amado à sepultura, em «Sleepy Hollow», onde deveriam erguer o seu «zimbório de prazer». «Se eu pudesse confortar todo aquele que sofre,» escreveu ela, «se pudesse suportar todos os sofrimentos, sentir-me-ia contente, porque agora tenho a certeza de que o amor pode abolir a morte.»

Seu amado esperava por ela, que não tardaria. Reunir-se-iam pressurosos, tal como sempre o tinham feito após qualquer separação. «Tudo bem! Louvado seja Deus!»

As últimas informações sobre o famoso inseticida

É realmente eficaz o DDT?

(Condensado de «Life»)

Por Anthony Standen

DESDE que o inseticida DDT foi lançado, a imprensa passou ora a elogiar ora a atacar suas propriedades. A grande número de artigos entusiásticos de revistas, com títulos sensacionalistas, seguiram-se advertências sóbrias, que teriam o efeito de água na fervura. Já é hora de estudarmos o assunto a fundo. Uma vez por todas, qual é o verdadeiro valor do DDT?

Encarando primeiramente os seus aspectos negativos, são três as objeções ao seu emprego: é venenoso ao homem; destrói os bons insetos tanto quanto os perniciosos; e, finalmente, alguns insetos nocivos resistem ao DDT.

O DDT é venenoso para o homem quando ingerido, mas o mesmo acontece com a maioria dos inseticidas. O remédio é não ingerí-los. É possivel tembem que o homem seja afetado ao respirar poeira ou um jacto contendo DDT, mas se forem tomadas precauções comuns, o perigo é mínimo. Em algumas formas o DDT pode ser absorvido através da pele. Isso não acontece com o pó seco de DDT, nem tãopouco com os diversos produtos de pulverização à base de água, mas devemos tomar cuidado quando se tratar de produto à base de um líquido semelhante ao querosene. Estes mesmos, porem, requerem contacto prolongado com uma zona maior do corpo para tornar-se perigosos, e isto pode ser facilmente evitado lavando-se a pele com água.

Por outro lado, o DDT é extraordinariamente venenoso para muitos insetos. Um mosquito, pousado sobre um trilionésimo de uma onça desse inseticida, absorve DDT em quantidade suficiente para fazê-lo cair e morrer em poucas horas. Infelizmente, às vezes o DDT mata mais do que se deseja. Espalhado em

grandes quantidades pelo campo, com a finalidade de destruir os insetos, pode tambem causar a morte de peixes, rãs, sapos e tartarugas, seja diretamente ou pela eliminação de insetos de que esses animais se alimentam. Os amantes da natureza ficaram alarmados com a possibilidade dos pássaros serem envenenados pela ingestão de insetos mortos pelo DDT. Isto é possivel, mas pouco provavel, a não ser que se usem doses excessivas do inseticida.

No momento atual, parece possivel, em alguns casos, empregar uma quantidade de DDT suficientemente forte para matar as larvas dos mosquitos nos charcos onde proliferam, sem prejudicar outras formas de vida. Mas as esperanças iniciais de poder-se espalhar DDT à vontade pelo campo, afim de eliminar para sempre todas as espécies de insetos, eram demasiadamente otimistas. Tal processo, mesmo se fosse prático, prejudicaria seriamente o equilíbrio da natureza e poderia ter resultados nocivos.

Alguns insetos, infelizmente, não se deixam afetar, mesmo quando atacados com fortes doses de DDT. Um deles é o gorgulho do algodão, inseto que causa prejuizos de enorme vulto à lavoura. O inseticida atua contra certos parasitas das plantas, mas é em geral menos eficaz do que o líquido à base de nicotina, empregado com o mesmo fim. Tambem fracassou contra os esfingídeos—que atacam o fumo,— o gorgulho que destrói o pericarpo da semente do repolho, o ácaro vermelho do tomate, o lepto, o ácaro da galinha e diversos outros insetos.

Mas o notório besouro japonês é uma vítima do DDT, assim como o «inseto do Colorado», parasita da batata, a mariposa cigana e a lagarta oriental, que ataca as frutas. Entre os insetos menos incômodos que sucumbem à ação do DDT, encontram-se a lagarta da locusta, o verme lepidóptero da família *Anisopteryx*, o besouro da folha do olmo, a lagarta do pinho branco (*Pissodes Strobi*) e o hemíptero saltador, que se alimenta de folhas em geral.

O DDT talvez seja o primeiro inseticida prático contra a lagarta européia do milho (*Pyrausta Nubilalis*). É de seguro resultado contra a lagarta da maçã, verme profundamente destruidor. Ótimos efeitos foram tambem obtidos no combate com DDT aos insetos transmissores de malária, do dengue, da disenteria e de outras enfermidades.

A primeira vitória do DDT foi conseguida na proteção dos soldados aliados contra as enfermidades transmitidas por insetos, que habitualmente são mais mortíferas do que os projeteis do inimigo. Um pó contendo dez por cento de DDT foi espalhado na roupa dos soldados, protegendo-os completamente dos piolhos, e os casos de tifo foram reduzidos a tal ponto, que essa enfermidade deixou de constituir uma ameaça. No Pacífico, os mosquitos transmissores de malária, e as moscas tropicais, foram tambem atacados com DDT. Lançado por aviões sobre Saipã, Peleliu, Ivo Jima e algumas regiões das Filipinas e de Oquinava, o DDT provou que pode facilmente converter um inferno de vermes em verdadeira estação de saude. No entanto, ao contrário do que geralmente se crê, não destruiu todos os insetos que existiam nessas ilhas, e os tratamentos tiveram que ser repetidos a certos intervalos.

Nos anos de paz que temos à nossa frente, está assegurado grande futuro ao DDT. Por mais estranho que pareça, o gado será tão beneficiado por ele quanto os seres humanos. Grande percentagem da produção de paz de DDT irá para as fazendas de gado, onde, borrifado nas

paredes, manterá as instalações quase completamente livres de moscas. Tambem será usado diretamente no gado, contra os piolhos e as mutucas. Já foi provado que o DDT reduz a porção de mutucas de 4 mil a duas ou três por animal. Como resultado disso, as vacas engordam e produzem mais leite.

Os malariologistas estão tambem grandemente interessados nas novas perspectivas que se lhes deparam. Nos Estados Unidos somente, há mais de quatro milhões de casos de malária por ano, e mais de quatro mil mortes. Hoje qualquer comunidade que deseja incomodar-se um pouco, pode reduzir grandemente os casos de malária em centros populosos, pelo emprego do DDT. Os distritos campestres constituem problema diverso, pois os grandes espaços ao ar livre são demasiado vastos para que seja prático submetê-los a tratamento concentrado.

Na agricultura, o DDT é de grande utilidade, sem no entanto anular o valor dos inseticidas comuns. Apesar da grande quantidade de produtos de DDT existentes no mercado, os jardineiros das casas particulares não devem esperar resultados definitivos em todos os casos, pois muitas pesquisas ainda terão que ser feitas, antes que se encontre a melhor maneira de empregar o DDT contra cada tipo de inseto. Será util na maioria dos vegetais, especialmente a batata, e na maioria das flores. Não obstante ser venenoso para as abelhas, é no entanto menos venenoso do que os inseticidas previamente empregados, constituindo verdadeira benção para os apicultores.

As casas residenciais gozarão dos benefícios do DDT mais ainda do que o jardim. Não somente é estupendo contra as moscas e os mosquitos, mas, tambem, sob a forma de pó finíssimo ou vaporizante, à base de água, pode ser usado nos cães, contra pulgas e carrapatos. (Não é recomendavel para ser usado nos gatos, pois estes, ao lamber-se, podem ingerir parte do DDT.) Se impregnarmos paredes ou telas de arame, ou a mobília do jardim com um produto de DDT, à base de querosene, tornar-se-ão fatais às moscas e mosquitos por vários meses.

Contra os insetos que infestam as casas, alem das moscas e mosquitos, o êxito do DDT varia. É de eficácia moderada contra as baratas, mas pouco mais do que o fluoreto de sódio, produto comumente empregado no combate a esse inseto. Os fabricantes aconselham o uso do DDT no combate às traças que destroem as roupas. Dizem eles que um tratamento completo torna uma roupa imune às traças, e os efeitos do DDT permanecem depois de várias lavagens, com exceção da lavagem a seco. Contra as formigas, o DDT pulverizado pode ou não dar resultado, dependendo da espécie de formiga. As pulgas que se alojam nos tapetes parecem extraordinariamente resistentes ao DDT. Quanto ao percevejo, as autoridades já declararam que o DDT é a mais perfeita solução recomendavel.

Os químicos norte-americanos estão fazendo modificações na molécula do DDT, as quais tomaram o nome de DD, TDE e DFDT, e todas elas prometem muito no combate a diversos tipos de inseto. De qualquer forma, as perspectivas para os insetos são as peores possiveis.

PRECISAMOS estar dispostos a pagar pela liberdade, pois, por mais dispendiosa que seja, custa menos que a sua falta. —H. L. Mencken, *Prejudices* (Knopf, ed.)

Esboço da vida plena de um naturalista que hoje, apesar dos 86 anos, continua firme em sua util faina

O amigo dos animais selvagens

Ralph Wallace

PERTO da cidade de Santa Fé, no Novo México, e um pouco afastado da estrada real, acha-se imponente castelo de torres quadradas, onde mora o grande naturalista inglês Ernest Thompson Seton. Este homem, que hoje tem 86 anos, completou há meses seu quadragésimo-segundo livro, deu os últimos toques a um quadro encomendado pelo museu de Belas Artes da localidade, e refez destramente o teto de sua biblioteca de 50 mil volumes. Dedica-se, ainda, a turnês de conferências, que o levam às vezes a percorrer milhares de quilômetros.

Desde há meio século vem ele sendo um dos autores mais lidos na América do Norte, e alguns de seus livros alcançaram tiragens de quase 2 milhões de exemplares. Foi inspirado por ele que Kipling escreveu suas imortais Histórias da Selva, e o próprio Seton era dotado de tais méritos literários que Tolstoy, referindo-se a um conto dele, afirmou: «É a melhor história de lobos que já li.» É caraterístico de Seton o fato de ter dedicado dez anos de sua vida a uma obra científica monumental, em quatro volumes, com 1.500 ilustrações da autoria dele mesmo; trata-se de *Game Animals in North America* (Animais de Caça da América do Norte). Previu que, dessa obra gigantesca, não se venderiam mais que 2.500 exemplares. Enganou-se, pois, na realidade, houve 2.651 compradores.

Belo tipo de homem, alto e desempenado, Seton tem hoje a cabeça coroada de uma melena côr de prata; e seus inteligentes olhos castanhos, sempre a brilhar, dir-se-ia que suavizam a agressividade de um respeitavel bigode. Costuma reunir, em torno de si, algumas crianças para contar-lhes histórias. Seu auditório, composto em geral de sua filhinha adotiva de sete anos e os pequenos amigos dela, fica a ouví-lo, boquiaberto, enquanto ele narra as aventuras do Cavalo Bravo; ou a triste saga de Wahb, o urso pardo; ou então as vicissitudes de Pescoço Vermelho, a perdiz. Para essas crianças—e muito adulto a lutar com a calvície e as hipotecas—Seton é o grande mestre, o primeiro a ensinar que os animais selvagens têm vidas, amores e tragédias não muito diferentes dos nossos...

Este escritor, que é tambem naturalista e pintor, nasceu de pais escoceses numa tranquila aldeia inglesa. Seu amor pelas coisas da selva foi produto de reação a uma infância infeliz: seu pai, um beato de feroz egoismo, castigava seus dez filhos brutalmente, a chicote, pelos motivos mais insignificantes. Tão desprovido era de carinho paternal que, atingindo cada filho a maioridade, apresentava-lhe uma conta das despesas que tivera com sua educação!

O egocêntrico escocês havia alcançado certa prosperidade como dono de alguns navios. Mas quando seu filho Ernest completou cinco anos de idade, começaram a surgir os revezes que acabaram levando a família à bancarrota. Conseguindo reunir ainda algum dinheiro, o velho Seton partiu com a família para o Canadá. Aí, vivendo numa fazenda de fronteira na província de Ontário, o jovem Ernest foi encontrar inexprimivel alegria na vida selvagem, que os cercava de todos os lados na floresta sem limite.

Daí a quatro anos, porem, a família mudou-se para Toronto, e a vida urbana, longe de sufocar em Ernest o amor pela natureza, mais o exacerbou. Juntando, com muito custo, alguns centavos, comprou de segunda mão um exemplar de um livro sobre os pássaros canadenses, no qual veio saber de fatos científicos relativos às criaturas aladas que ele já tão bem conhecia.

O pai, escusado seria dizer, franziu os sobrolhos diante da inutilidade de tais estudos, não vendo, alí, «futuro» algum. Restava, então, a Ernest dedicar-se furtivamente à sua vocação, indo ter a uma cabana oculta que ele próprio construira laboriosamente num vale próximo, ou então visitando os novos proprietários de uma fazenda nas imediações. Aí aprendeu a construir tendas como as dos índios, a caçar com arco e flexa, e, enfim, a viver a vida de um pequeno índio, descrita mais tarde num seu livro, *Two Little Savages* (Dois Pequenos Selvagens), lido em todo o mundo.

Mal se lhe iniciara a adolescência—pois tinha, na ocasião, 15 anos—viu-se a braços com uma tragédia: a tuberculose. No bosque onde vivia, lutou lenta e desesperadamente contra a moléstia, conseguindo por fim recuperar o viço e a saude.

Tendo Ernest demonstrado um pendor natural para o desenho, seu pai insistiu em que ele seguisse um curso de Belas Artes. Aproveitando a oportunidade que se lhe oferecia, Ernest persuadiu o pai de que, nesse caso, o melhor seria viajar para o estrangeiro, onde houvesse melhores escolas. Embora com relutância, concordou o pai em enviá-lo a Londres, prometendo remeter-lhe modestíssima mensalidade. Durante dois anos e meio Ernest viveu quase só de pão e um «café» por ele inventado, o qual consistia em uma mistura torrada de farelo, feijão e melado... Nesse regime estudou com afinco, e, apesar de forte concorrência, obteve uma bolsa de estudos de sete anos, na Real Academia.

Em Londres, Ernest, já agora com 19 anos, descobriu um dia a imensa biblioteca de história natural do British Museum, talvez a melhor do mundo, no gênero. Quando se dispunha, todavia, a estudar aí, verificou que era proibida a entrada a menores de 21 anos, e quanto a uma licença especial, foi informado de que só a obteria se conseguisse convencer os bibliotecários. «Como se chamam eles?» indagou. E veio a resposta, acompanhada de um sorriso sardônico: «Disraeli, o Príncipe de Gales e o Arcebispo de Canterbury.»

Nessa mesma noite, Ernest escreveu aos três ilustríssimos personagens uma carta comovedora. Alguma coisa em suas palavras—seu tom, talvez, de ardente ambição—teria sensibilizado o príncipe, o arcebispo e o primeiro-ministro, pois daí a poucos dias vinham cartas dos três—amaveis, aliás, e carinhosas—enviando-lhe cartões de sócio vitalício da biblioteca!

Ante o estímulo das obras dos grandes naturalistas, desenvolveu-se rapidamente o eclético e extraordinário talento de Ernest Seton. Na década que se seguiu, distribuindo seu tempo entre o selvagem Canadá ocidental, as escolas de arte parisienses e o trabalho em Nova York, ganhava a vida com seus desenhos, enquanto se ia firmando sua reputação de artista e naturalista.

Após estabelecer seu direito a um terreno baldio, plantando alí seu marco de propriedade, em Manitoba, no Canadá, descobriu ovos e ninhos de numerosos pássaros ainda desconhecidos da ciência. Surpreendeu os zoologistas com sua teoria (mais tarde comprovada) segundo a qual os pequenos animais canadenses chamados *gophers* (*Spermophilus Franklini*) desempenham a mesma função que as minhocas, isto é, transformam a terra vegetal em abundante marga, no solo canadense isento de vermes. Enquanto isso, seu quadro intitulado «Lobo Dormindo» era aceito pelo Grande Salão parisiense—honra assás disputada—e Seton era convidado a fazer as mil e poucas ilustrações de animais para o *Century Dictionary*. Ao mesmo tempo Frank Chapman, famoso ornitologista, mandou perguntar a Seton se lhe interessava ilustrar seu notavel livro *Handbook to the Birds of America* (Manual dos Pássaros da América).

Verificando ser impossivel encontrar um volume onde pudesse estudar as formas e as proporções dos animais vivos, inclusive os feitios das penas dos pássaros e o ponto de ligação muscular das peles de vários animais, Seton resolveu criar um livro que viesse atender a essa necessidade. Dissecou e mediu, com meticulosidade, centenas de animais, vindo a tornar-se na época um dos grandes anatomistas de animais. Em seguida, às suas próprias custas, fez editar seu esplêndido livro *Art Anatomy* (Anatomia na Arte), cuidadosamente documentado e repleto de magníficas ilustrações, volume esse que é hoje um dos mais procurados no gênero, no mundo inteiro. Então foi que, escrevendo à noite, entre esboços ou durante excursões pelo campo, iniciou suas primeiras histórias de coisas da natureza.

Certa vez, Seton perseguiu e matou um alce, após uma expedição de 19 dias, através de 500 quilômetros de floresta e pântano. De outra feita, gravemente enfermo e febril, e armado apenas de um arpão, conseguiu matar enorme lince que lhe invadira a barraca.

Na floresta, nada escapava a seus olhos. Sua narrativa dos «assassinatos» entre animais selvagens pode ser lida com o mesmo fascínio com que se saboreiam as aventuras de Sherlock Holmes. Vejamos uma dessas narrativas: sob um pequeno arbusto instalou-se confortavelmente um coelho da América (*Lepus sylvaticus*); são inconfundiveis as pegadas na neve. Seton percebeu que outro animal, o «assassino», teria subitamente imobilizado de terror o coelhinho. Como pôde o naturalista saber disso? Simplesmente: as pegadas do coelho indicavam que este dera formidavel salto, sugerindo portanto terror. Em seguida o animalzinho correra desesperadamente (as duas marcas longas, feitas pelas patas traseiras, achavam-se bem adiante daquelas feitas

pelas patinhas dianteiras). O inimigo mortal do coelho não poderia ter sido um animal dos que normalmente usam as pernas para se locomover. Porque? Ora, caro leitor, é óbvio: não havia pista marcando o progresso do animal perseguidor. Ocorre, então, pensar numa ave de rapina. Águia não seria, pois Seton descobriu os restos mortais do coelhinho, em triste estado; ora, a águia o teria carregado vivo. Que ave, então? Evidentemente uma coruja, pois, junto ao cadaver do coelho, havia uma pegada de duas garras, e um gavião, por exemplo, teria deixado marca de *três garras*. Que espécie de coruja? Ah, eis uma pena com três listas marron! Só podia ter sido, então, uma das grandes corujas norte-americanas chamadas «listadas» (*Strix varia*). Eis o assassino...

A observação constante, aliada a uma inteligência um tanto romântica, deram a Seton certa filosofia em relação às criaturas da floresta. «Há muitas semelhanças,» escreveu ele, «entre os animais e os homens. O homem nada tem de que os animais não possuam pelo menos um vestígio; e os animais, por sua vez, nada têm que falte absolutamente ao homem.» Uma a uma, foi Seton contando as histórias dos animais selvagens que estudara—Pinta Prateada era um corvo; Orelha-de-Farrapo era um coelho; e assim por diante, apresentando o naturalista vários detalhes sobre as criaturas, seus fracassos e triunfos, seu padrão cotidiano de existência, sempre caraterístico em todos os casos.

Não obstante seu crescente prestígio, Seton levou anos a lutar pela vida. Durante uma viagem que fez a Manitoba, num trem de carga, em meio a terríveis tempestades de neve, foi obrigado, por falta de dinheiro, a comer exclusivamente os ovos postos pelas galinhas que levava consigo para a fazendola do irmão; em Nova York como em París, tornara-se para ele comum morar nas condições do mais completo desconforto. Afinal, em 1898, após excursões de estudos e de caça no Novo México e outras regiões menos exploradas, Seton ofereceu timidamente, a uma editora, meia dúzia de suas histórias da vida animal. Foi com grande surpresa que teve a notícia de haverem sido aceitas, vindo à lume sob forma de livro; era o *Wild Animals I Have Known*, que havia de tornar-se famoso.

Daí a menos de um mês já Seton era o escritor mais falado dos Estados Unidos, tendo sido vendidos, de sua obra, 500 mil exemplares—número inaudito, quase sem precedente. Seguiram-se outros volumes, todos extraordinariamente bem acolhidos, e ilustrados pelo próprio autor. Contando, dentro da forma de ficção, fatos verdadeiros da vida dos animais, Seton criou, nesse gênero, uma nova escola literária.

Achando-se Seton, afinal, financeiramente independente, teve início uma realização que foi talvez a maior por ele conseguida. Sempre acreditara que fazia falta, na sociedade moderna, uma organização que permitisse aos meninos sair para o ar livre, canalizando, para atividades sadias, algumas das tendências normais de todo garoto: o instinto de agremiação, o culto do heroismo e da glória, o gosto das cerimônias rituais e dos códigos secretos. Assim, em 1902, anunciou ele a fundação de um grupo a que deu o nome de *Woodcraft Indians*, que significa, aproximadamente, «índios habeis na selva».

Não tardou que surgissem várias filiais da organização, não só no continente americano, como na Inglaterra, na África do Sul, na Tchecoslováquia, na Polônia e em outros paises. Em um livro de 400

páginas, *The Birch-Bark Roll*, Seton apresentou em todos os seus detalhes a organização que imaginou, sugerindo a criação de um sistema de distintivos de mérito para os mais aplicados, e ensinando jogos, culinária ao ar livre, ciências naturais e um novo método de auto-governo.

Lorde Roberts, Chefe do Estado-Maior do exército inglês, interessou-se grandemente pelo plano de Seton, e ordenou a um dos seus oficiais, o general Baden-Powell, que auxiliasse o cientista a difundir o movimento nas Ilhas Britânicas. Baden-Powell, tendo-se familiarizado com o livro em que Seton expunha seus planos, iniciou longa correspondência com o naturalista e, em 1908, anunciou a fundação do movimento que se chamaria Escotismo. O que, no método de Seton, se chamara «bandos, tribos e homens-da-medicina», passou a denominar-se «patrulhas, tropas e chefes». Enquanto Seton dizia «Sê amigo de todas as criaturas selvagens e inofensivas», Baden-Powell criou este mandamento: «O escoteiro é amigo dos animais;» onde Seton pedia aos meninos «pelo menos um ato de serviço altruista cada dia», seu sucessor disse: «O escoteiro pratica todos os dias uma boa ação.» Quase todos os jogos de Seton reapareceram sob nomes diferentes.

Julgando que o movimento crescera demais para dar lugar a polêmicas, Seton não quis disputar as glórias a Baden-Powell, apesar das insistentes sugestões que nesse sentido lhe fizeram Lorde Northcliffe e outros ingleses ilustres. Em vez disso, prontificou-se a dirigir a fundação dos «Boy Scouts of America» (a associação de escotismo nos Estados Unidos) em 1910, tornando-se o Chefe Geral da organização, bem como o autor do primeiro Manual do Escoteiro da América do Norte. Saibam, pois, os que hoje são escoteiros (e note-se que há mais de 20 milhões em todo o mundo), que todo o seu treinamento em coisas da Natureza devem a Seton.

Na sua enorme propriedade de Santa Fé, em terreno quase inculto, Seton possue grande número de troféus de seu empolgante passado. Aí estão as duas metades do laço que um lobo cortou com as presas, ao ver-se imobilizado na armadilha que Seton lhe preparara; sobre a mesa do cientista brilha a Medalha de Ouro da Academia de Ciências dos Estados Unidos, com que foi condecorado em 1928; vêem-se tambem outras medalhas de diversas associações e governos estrangeiros, em reconhecimento de suas contribuições aos estudos de zoologia.

Apesar de viver agora com menor intensidade (escreveu apenas cinco livros nos últimos dez anos, em vez de um por ano como antigamente fazia), Seton tem todavia dez obras em preparo atualmente, alem de inúmeros desenhos da vida animal, e isso sem falar nas conferências, que em geral lhe rendem bons honorários. —É que eu sempre gostei de trabalhar! explica, falando sério.

Esse naturalista, tocado pelo gênio, vem levando uma vida extraordinariamente rica e plena. Lá ao norte da Rússia pastam hoje rebanhos de uma espécie de caribú (*Banifer Setoni*) descoberta recentemente, cujo nome representa uma homenagem a Seton. Em uma exploração do Ártico, descobriu ele, tambem, o Rio Earl Grey. Os índios norte-americanos vêem nele uma das maiores autoridades mundiais em religiões indígenas. Mais que tudo isso, porem, Ernest Thompson Seton será lembrado por seus esforços no sentido de mostrar a todos nós que é preciso reconhecer, nos animais, verdadeiros amigos do homem, capazes de grandezas e de misérias...

Isso é Vida?

(Extraido do livro «Short Takes»)

Por Damon Runyon

EU ANDAVA sentindo qualquer coisa de anormal assim por baixo das costelas, na região da fivela do cinto, e o médico diz que parece ser...

—Bem, não é nada demais. Tenha cuidado com o que come, e tome este pozinho.

—Está bem, doutor. Dagora em diante vou ter muito cuidado. Agradecido.

—Um momento. Nada de laranja nem laranjada.

—Mas, doutor, eu gosto tanto...

—Não. É proibido.

—Está bem, doutor. Vai ser dificil, mas afinal de contas eu acabarei me acostumando com limonada.

—Limonada tambem não pode. Nada de ácidos.

—Limonada tambem não? E quando estiver fazendo um calor danado, doutor?

—Chá gelado...

—Detesto!

—... sem açucar.

—Sem açucar? Nem no café, doutor?

—Café é proibido tambem.

—Ó, doutor. Nem um bocadinho?

—Nada, nada. Café nenhum.

—Sem açucar passo, mas sem café!...

—Sem café.

—Nem uma chicrinha em cada refeição? Um golinho atoa...

—Não. Nada de café.

—Ora, doutor, que deshumanidade!

—Nada de doces nem balas.

—Nem um saquinho pequenininho, no cinema?

—Não, nada disso. Nem sorvete.

—Nem sorvete de creme, daquele que escorrega tão depressa pela garganta abaixo?

—Nem desse. Nada doce. Nada muito apimentado. Nada de sardinha.

—Que espécie de sardinha, doutor?

—Qualquer delas.

—Nem a mais fresquinha?

—Não.

—Então eu como bacalhau, não é, doutor?

—Bacalhau tambem não. Nem cozido de carne.

—Cozido de que jeito, doutor?

—Qualquer cozido. Não coma salame. Nada de comida italiana muito condimentada.

—Ora, isso... Só umas duas vezes por semana é que eu gosto dum bom prato de macarrão com queijo.

—Nada disso.

—Esse negócio de sardinha, doutor. O sr. tem certeza? Há umas sardinhas inofensivas...

—Nada de sardinha.

—É o cúmulo! Onde já se viu sardinha fazer mal? Ora, doutor, todo o mundo come sardinha, e ninguem adoece só por isso.

—Nada de sardinha.

—Está bem, está bem. E essa lista aí, doutor, que é isso?

—É o regime que o sr. deve seguir.

—Mas as coisas gostosas estão proibidas, todas elas! Que maldade! Aquilo que o sr. disse do café é brincadeira, não é? Quem é que pode viver sem café? Diga, doutor. Quem é que pode?

—E nada de cigarros.

—Ouça, seu doutor: isso é vida?

A natureza da telepatia

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Ernest Hunter Wright

PODE uma pessoa «ler» no pensamento de outra? Pode alguem «ver» o que está oculto de seus olhos e de todos os seus outros sentidos? Existirá mesmo a telepatia ou clarividência?

A esse respeito, não tenho nenhum argumento a apresentar, nem muito menos uma crença individual a influir no meu ânimo. O que desejo é simplesmente relatar uma série de fatos, deixando o leitor à vontade para tirar suas conclusões. Como tais fatos poderão causar espanto, e isso aliás sucedeu comigo, devo assegurar que, antes de os expor, eu me inteirei seguramente de sua veracidade.

Não é pequeno o número de pessoas, dignas de confiança, que falam a respeito de sonhos seus tornados realidade. Cada um de nós terá pelo menos um amigo que viu alguma aparição sobrenatural e, talvez, dois ou três outros, convencidos de terem pressagiado acontecimentos verificados em algum lugar distante. Recente inquérito, procedido entre dez mil indivíduos de ambos os sexos, deixou positivado o fato de que um, em cada grupo de quatro, tivera uma experiência pessoal dessa natureza. De modo geral, pusemos simplesmente de lado muitas dessas histórias por estarem em tal desacordo com a experiência de cada dia, que acabariam tornando-se improvaveis e, ainda, pela melhor razão de que não eram passiveis de severa investigação.

Entretanto, existe algo que passaremos a relatar como coisa verídica e que é muito diferente de qualquer história não autenticada. É o resultado de longa série de experiências, simples mas puramente científicas, e mais rigorosas e completas de quantas a que já assistimos.

Numa universidade americana, senteime certo dia no lado oposto da banca de uma jovem, que fez algo cuja explanação me parece realmente dificil. Entre nós dois, no centro da mesa, havia um anteparo de madeira tão alto e largo que nenhum de nós podia ver o outro. Eu tinha em mão um baralho especial contendo 25 cartas que acabara de embaralhar. Tão depressa quanto pude verificar, ela mencionou o nome de todas as cartas do baralho, desde a primeira à última. A seguir, repetí a experiência, embaralhando as cartas vinte vezes, e ela disse o nome exato de quinhentas cartas. E isso se processou tão rapidamente que tudo durou apenas meia hora. Ao terminar, verifiquei que ela havia mencionado corretamente um número desconcertante de cartas, tantas que, somente num caso em 600 milhões poderia ser levado a conta de coincidência.

Há cerca de seis anos, o Professor Joseph Banks Rhine, da mesma universidade, iniciou esses testes com o objetivo de apurar, uma vez por todas, se existe telepatia ou clarividência ou qualquer

outra espécie de percepção extra-sensorial. Os testes não sofreram interrupção, elevando-se a mais de 100 mil os casos registados até agora.

Os vários testes são todos realizados com um baralho de 25 cartas, cada uma trazendo em sua face um de cinco diferentes desenhos: um círculo, um retângulo, uma estrela, uma cruz ou uma sequência de linhas ondulantes. Quem quer que tenha sido submetido a tais testes, sob qualquer condição, foi simplesmente solicitado a mencionar tantas cartas quanto pudesse, sem vê-las e sem outro acesso sensorial às mesmas. Por mera sorte, é claro, um indivíduo poderia acertar numa carta em cada cinco. A finalidade que se tem em vista, com esse processo, é apenas verificar se alguem conseguiria acertar mais vezes do que seria admissivel por sorte. Metade dos testes foi para clarividência e a outra metade para telepatia.

Por exemplo, se o experimentador separa as cartas uma por uma sem vê-las, até que o examinando as mencione, e se este consegue acertar em tais condições, o caso é de pura clarividência, uma vez que nenhuma pessoa viu as cartas. Se, porem, o experimentador imagina uma carta após outra e a pessoa submetida ao teste menciona o nome de cada uma das cartas em que aquele estiver pensando, será caso de pura telepatia.

O resultado de tais experiências foi surpreendente. Por esse meio, encontraram-se cerca de vinte pessoas, de um sexo e outro, capazes de mencionar corretamente o nome de tantas cartas, em tal variedade de testes, que não se admite uma possibilidade em bilhões de o fazerem por casualidade; e os seus êxitos, considerados em conjunto, foram tão consideraveis que são de natureza a estontear nossa imaginação, induzindo-nos enfim a uma pequena e aparente opção entre acreditar em clarividência e telepatia ou levar tal fenômeno à conta de simples absurdo.

O primeiro número de pontos, realmente extraordinário, foi obtido pelo estudante A. J. Linzmayer. Em seus testes preliminares, mencionou direito 21 cartas em 45, onde a lei das probabilidades não permitiria número superior a 9. Durante os dias seguintes, designou 600 cartas, acertando em 238. A possibilidade desse resultado por simples acaso representa 1 em 100 decilhões ou 1 seguido por 35 zeros. Em uma sequência de 25 cartas, Linzmayer acertou em 21, quinze das quais consecutivamente.

Outro estudante, Hubert Pearce, submeteu-se a 11.250 testes e, computando-se as vezes em que se achava enfermo ou dominado por qualquer preocupação eventual, conseguiu realizar a média de 9 em cada 25 cartas, através de uma sequência completa. George Zirkle, em 3.400 testes, obteve a média de 11 em 25. Assinale-se que a sorte daria a tais pessoas uma média de 5 em cada 25 cartas, sendo para notar que o número de pontos conseguido por ambos está acima do que seria permitido por mera sorte. Se os indivíduos submetidos a testes operassem apenas sob o influxo da sorte, haveria tantas probabilidades de seus pontos subirem acima do normal como de baixarem deste.

Em muitos casos, o fato de colocar-se o examinando a certa distância do baralho parecia fazer pequena diferença em seu êxito. Em 600 testes, por trás de um anteparo, Pearce teve a média de 9 em 25 e, em 300 outros, num edifício separado, tambem em cada 25 cartas obteve 9,9. Em 200 testes, à distância de 450 km, as senhoritas Sara Ownbey e May Frances Turner apresentaram a média de 10, 1 em cada sequência de 25 cartas.

Em várias ocasiões, Zirkle mencionou corretamente 22 em 25 cartas e, certa vez, numa série de 50, tambem acertou em 26, consecutivamente. Pearce chegou mesmo, certa feita, a acertar totalmente em uma sequência de 25 cartas. A probabilidade de obter alguem tal resultado é de 1 em 298.023.223.876.953.125. Se se mencionassem as cartas à razão de uma em cada meio minuto, durante dez horas por dia, no correr do ano, seriam precisos 600 bilhões de anos para designar simplesmente tantas cartas como as que performam aquele número. Desse jeito, somente em cada 600 bilhões seria lícito esperar uma duplicata do êxito de Pearce, por sorte.

O resultado desses 100 mil testes constitue formidavel evidência. O dr. Rhine e seus assistentes acham-se tão seguros de que a clarividência e a telepatia são agora uma parte do domínio científico, que se desinteressaram por algum tempo de realizar novos testes somente para efeito de comprovar os casos. Entretanto, ainda estão empenhados em verificar, não se tais poderes do espírito existem, mas o que são, sua frequência, até onde podem ser cultivados e, sobretudo, como operam.

Se tomássemos os poderes da clarividência e da telepatia por verdadeiros, aceitando a opinião de Rhine, como explicá-los? Continuarão sendo, como até agora, outro mistério para nós, como o fenômeno da gravitação ou se conduzem no sentido de permitir a revelação de sua natureza? Ainda estamos mergulhados em plena treva neste particular e, assim, não nos cabe falar com certeza; mas existem algumas idéias que devemos sugerir, embora a título de tentativa.

Em primeiro lugar, aqueles poderes pareciam ser verdadeiramente extra-sensoriais. Mas não parece constituirem um sexto sentido. Os indivíduos detentores de dons excepcionais neste concernente são unânimes em afirmar que não conseguiriam situar o poder em virtude do qual agem de maneira tão surpreendente. Tambem não poderíamos explicar a clarividência ou a telepatia mediante qualquer teoria de radiação. Devem ser tomados como dons mentais, aparte dos sentidos.

Tais poderes, ao que tudo indica, não são um fator passivo. E isso deixa de lado a velha noção segundo a qual o primeiro dever de um bom clarividente é abandonar-se ao sono, parcial ou inteiramente, após o que será capaz de «ver» coisas à medida que elas aparecem de algum modo na tela vazia do seu espírito. Ao contrário disso, é indispensavel que o perceptivo esteja alerta. Em quase todos os casos, já se observou sensivel declínio, de alto número de pontos, quando o perceptivo se achava indisposto ou simplesmente preocupado, quando muito fatigado, ou ainda quando havia qualquer motivo para excessiva distração. Várias vezes, em meio de uma longa sequência de testes, tem sido dada a pessoas submetidas a tal experiência, ora uma cápsula de narcótico, ora outra contendo estimulante, a ver se isso podia afetar seu número de pontos. Frequentemente, as pessoas não sabiam qual das duas haviam ingerido, nem qual seria o resultado. Em cada caso, o narcótico ocasionou notavel declínio no número de pontos, fazendo-o descer à média comum de mera sorte; ao passo que o estimulante agiu em sentido contrário, contribuindo para elevar a contagem, mesmo quando esta já se apresentava fora do normal.

Tais dons parecem uma função ativa do espírito, mais sutil que muitos outros poderes mentais, mas é de crer que constituam tambem um poder inteiramente

normal, que não tem relação com qualquer enfermidade do corpo ou do espírito. Isso dá a impressão de estar antes aparecendo do que desaparecendo em nossa espécie e, desde que o poder extra-sensorial é de mais alta categoria que o sensorial, provavelmente surgiu mais tarde no processo evolutivo.

A clarividência e a telepatia devem ser um único e mesmo dom, que se manifestaria em dois diferentes meios. Até agora os dois fenômenos têm sido encontrados em todas as pessoas que aparentemente só apresentavam um deles, e ambos são de igual intensidade. O número de pontos alcançados por um indivíduo submetido a testes é sempre o mesmo, tanto para a simples clarividência como para a simples telepatia.

Mas, a ser verdade, isso deve levar-nos a uma final e vigorosa conjetura. Através da história e de todo o mundo do nosso tempo existiram e existem inumeraveis indivíduos possuindo experiências mentais de vários gêneros, que eles mesmos não puderam ou não podem compreender. O que aconteceu, por exemplo, a Joana D'Arc e a Savonarola, assegurando a ambos tamanha celebridade, dizem ter acontecido a inúmeras pessoas demasiado humildes para que a gente tenha conhecimento de tais fatos. Essas experiências receberam a denominação de parapsicologia, significando apenas uma qualidade de experiência psicológica que ainda não podemos explicar. Foi o reino da parapsicologia que o professor Rhine tomou para seu domínio. Ele e seus assistentes estão examinando com a maior avidez essas espécies de experiência, submetendo-as a todas as provas que a ciência exige. Aquele cientista pensa já haver deixado suficientemente esclarecido que possuimos meios de descobrir um pouco mais acerca do mundo externo sem o uso de qualquer dos nossos sentidos. Embora suas experiências tenham sido realizadas principalmente com indivíduos altamente bem dotados, tem ele razões para crer que todos evidenciaremos um pouco ou talvez mesmo uma parte desse poder tão depressa venhamos a estar familiarizados com as delicadas condições que favorecem o seu desenvolvimento.

É um fato merecedor de especial realce o de que todos os oito indivíduos mais dotados de percepção extra-sensorial, até agora encontrados, procedem de famílias de que um ou mais membros se tornaram conhecidos por várias outras experiências parapsicológicas. Um deles tem dois parentes, mãe e tio, dotados da capacidade de presságio. De outro se sabe que o pai costuma ter sonhos proféticos, mui comumente confirmados pela realidade, e, mais, que, uma vez, em duas noites successivas, seu pai e sua mãe sonharam antecipadamente com acontecimentos verificados a seguir. Quanto ao terceiro, sua mãe é dotada de excepcional poder de clarividência, acreditando-se por isso em ligação constante com vários «espíritos». Não havendo nenhum perceptivo de primeira classe sem pelo menos um parente dado a tais experiências, desconfia-se que os dons desse carater sejam comuns a determinadas famílias.

Nossa conjetura é a seguinte: se as duas experiências mais vulgares de parapsicologia, até aquí vistas em plano diverso, são finalmente indicadas como um único fenômeno, e se os indivíduos que revelaram mais altos poderes têm parentes próximos dados a todas as outras várias experiências, no mesmo campo, parece que, nesses dois fenômenos, se encontra a chave de algum ou de todos os outros mistérios do reino do espírito, por tão longo tempo causadores de tamanha confusão.

Pontos de vista

As mulheres em geral desprezam a «outra», considerando-a realmente como a maior responsavel pela desintegração do lar; quanto a mim, vejo na «outra», isto é, na amante do marido, grande elemento moralizante. E isso porque o medo que ela desperta, o pavor que têm as esposas de se verem relegadas a um plano secundário, contribue para que elas se mantenham sempre alerta e procurem conservar seus atrativos a todo transe. A «outra» terá sido capaz de seduzir o marido por sua elegância, a paciência com que ouve as queixas dele, a bondade que lhe demonstra. É claro que a «outra» destruiu a paz de inúmeros lares; mas são mais numerosos aqueles que ajudou a manter intactos...

Dorothy Dix, em *Woman's Day*

A vaidade não merece os adjetivos desagradaveis que se lhe apõem comumente. Penetrando em todas as ações humanas, tem um fim util. Não fora a vaidade, e a raça humana teria desaparecido há muito tempo. Há indivíduos cuja vida nos parece tão indesejavel como a dos repteis; entretanto, dão a impressão de viver contentes e satisfeitos.

É no escudo da vaidade que o homem apara os golpes da vida. A vaidade é o padrinho no duelo da vida, confortando e estimulando após os mais rudes choques. A vaidade é, para o homem, equivalente às secreções oleosas com que os pássaros lubrificam e embelezam sua plumagem, porventura desalinhada devido a causas externas.

Aliás, mesmo em campo menos vasto, a vaidade é tambem a grande suavizadora da vida social. De um homem, a vaidade faz um cavalheiro. Se o homem orgulhoso é frio, e o egoista agressivo, o vaidoso, por outro lado, deseja apenas brilhar, agradar, tornar-se estimado; e esse desejo se traduz na amabilidade e polidez do trato cotidiano.

Alexander Smith, *Dreamthorp* (Doubleday, Doran, ed.)

Nunca tive pena dos animais cativos, porque foram vários os casos, que presenciei, de animais selvagens sofrendo fome e outras misérias.

Lembra-me ter visto, por exemplo, ursos polares emaciados e semi-mortos de fraqueza devido ao fato de que o gelo se derretera, impossibilitando-os de ir em busca de alimento. Vi caribús exhaustos de medo, cercados por lobos uivantes que os forçavam a correr, correr sempre, até perder os sentidos e as energias, transformando-se em presas faceis. Na natureza, os animais não têm mercê uns para com os outros.

No cativeiro, porem, vi certos animais, crescidos e pujantes, que, soltos na selva,

haviam de viver assustados a cada passo—animais que, presos na jaula, aprendiam a conviver com os homens e a comer o que estes lhes traziam nas mãos. Nos jardins zoológicos vemos comumente leões a fazer exercício, andando de um lado para outro em suas jaulas, e despertando, assim, a compaixão de muitas pessoas que passam logo a comparar-se aos animais, convencidas de que, se estivessem na situação do leão enjaulado, seriam tragicamente infelizes. No entanto, é sabido que os animais de jardins zoológicos bem organizados não só se alimentam melhor, como tambem têm vida muito mais longa do que teriam se houvessem ficado na selva.

Peter Freuchen. *It's All Adventure* (Farrar & Rinehart, ed.)

Disto devem lembrar-se as mulheres: permanecendo de pé, terão aparência mais jovem do que teriam se se sentassem. Uma pessoa sentada—principalmente em se tratando destas longas poltronas modernas—não só se deixa seduzir pelo conforto, adotando uma posição deselegante, como tambem se acha em estado passivo e, mentalmente, menos alerta. É, alem disso, uma posição fisiologicamente desvantajosa. De pé, estamos sempre alerta, positivos, prontos a agir. Uma mulher inteligente deve deixar que sua rival mais jovem fique sentada, enquanto ela permanece de pé.

Gelett Burgess

Bem, está resolvido...

A diretoria de certa escola chegou à conclusão de que o estabelecimento merecia e exigia novo prédio. Após acaloradas discussões, a diretoria alcançou a seguinte resolução:

Resolve-se que seja construido novo prédio para esta escola; que, em vista da carestia dos materiais de construção, o novo prédio seja construido com os materiais ora existentes no prédio atual; e que, finalmente, para evitar quaisquer interrupções no funcionamento da escola, o atual edifício continue a ser usado até que fique pronto o futuro prédio.

—William Morgan MacAllen

Há algum tempo houve, numa pequena cidade americana, um incêndio de grandes proporções, o qual não se pôde dominar por falta de água, devido a estar entupido um encanamento. Os vereadores reuniram-se em assembléia afim de tomar as medidas necessárias a evitar nova catástrofe.

Após horas de ardoroso debate, um deles se levantou e bradou: «Proponho que os encanamentos sejam examinados três dias antes de cada incêndio!»

Não houve hesitação: a proposta foi aceita e registrada em ata...

—Eva M. Unitis

Porque não acabar com a sífilis?

(Condensado de «Survey Graphic»)

Pelo dr. Thomas Parran

Diretor-Geral de Saude Pública nos Estados Unidos

O dr. Parran, oficialmente ligado aos serviços de saude pública do governo dos Estados Unidos desde 1917, sempre se revelou infatigavel batalhador na campanha contra a sífilis, tendo, aliás, dirigido durante dez anos a Divisão de Moléstias Venéreas do Serviço Federal de Saude Pública dos Estados Unidos

Uma praga que torna inválidos milhões de seres humanos todos os anos; que dá lugar a cem vezes mais estragos que a temida paralisia infantil; que destrói vidas e leva a dor e a desgraça aos lares, enchendo, com suas incontaveis vítimas, tanto os asilos de alienados como os asilos de cegos, as casas de saude e os hospitais—eis o que é a sífilis.

E pensar que seria possivel eliminar virtualmente, essa doença, não fossem os obstáculos impostos pelos tabús em virtude dos quais as pessoas «decentes e bem-educadas» não se referem à sífilis, não têm sífilis, e fingem desconhecer a existência daqueles que dela sofrem.

Até data muito recente, pouco ou nada se falava da sífilis como séria ameaça à saude pública. Nas palestras radiofônicas sobre saude e doenças, enquanto havia alusão livre a outras moléstias, as próprias companhias proprietárias das estações de rádio proibiam que houvesse a menor referência à palavra sífilis. Só nos últimos anos começaram a aparecer, em alguns jornais metropolitanos dos Estados Unidos, cabeçalhos em que havia menção clara e honesta da doença.

Em 1933, a Associação Americana de Higiene Social adaptou um esplêndido filme alemão afim de instruir os ginasianos dos Estados Unidos nos perigos das moléstias venéreas. Não se tratava, absolutamente, de uma película ofensiva, quer ao bom gosto, quer aos princípios de uma sã pedagogia; no entanto, sua exibição ao público foi proibida no estado de Nova York pela chamada Junta de Regentes, encarregada não só de censurar o cinema, como tambem de fiscalizar a educação. Só em pouquíssimas regiões foi o filme exibido livremente.

Ora, impedidos dessa e de outras maneiras os debates francos em torno à doença, é dificílimo ensinar o povo a evitar a sífilis, reconhecer-lhe os primeiros sintomas, e procurar tratamento. Sempre foi quase impossivel conseguir verba para o combate à sífilis, e relativamente facil obtê-la para a tuberculose; no entanto, os problemas apresentados pela tuberculose, do ponto de vista médico, são na verdade mais espinhosos do que os da sífilis. O que se gasta para tratar um único caso de tuberculose seria suficiente para o tratamento de cinco casos de sífilis.

Devido a essa atitude, infelizmente tão generalizada, os filantropos têm hesitado em contribuir financeiramente para o combate à sífilis, muito embora estejam sempre dispostos a ajudar, liberalmente, muitas outras campanhas da medicina.

Outro grande fator dessa inércia geral em relação à sífilis é a atitude de muitos cidadãos mal-orientados, sinceramente convencidos de que o problema só concerne às meretrizes e aos frequentadores de bordéis.

Enganam-se redondamente os que consideram a sífilis um corolário do meretrício, pois este, na verdade, é responsavel apenas por uma quarta parte do flagelo total. Admitindo-se, mesmo, que seja a sífilis um foco de doença caraterístico de certa e determinada classe social, a ciência afirma que a moléstia se infiltra por *todas* as camadas sociais. De minhas próprias observações, sou forçado a concluir que, das vítimas da sífilis, metade foram infectadas inocentemente, a maior parte das quais no casamento ou de forma congênita. Muitos casos se devem a contactos puramente casuais, pelo uso de uma chícara recentemente contaminada, um cachimbo ou um cigarro, por exemplo; outras vezes é um barbeiro ou uma manicura que transmite o germe; e ocorre tambem, com certa frequência, que um médico ou dentista receba a infecção ao tratar algum cliente. Note-se, mais, que, segundo o parecer de inúmeros sifilólogos, nos outros 50 por cento dos casos, ou seja, naqueles em que o contacto se deu durante as relações sexuais propriamente ditas, é provavel que a infecção se dê tanto nas uniões clandestinas quanto nos bordéis.

Estudemos, pois, friamente o problema. Todas as circunstâncias estão a indicar que nos é infinitamente mais facil dominar a sífilis do que a tuberculose, eliminando-a de maneira mais radical que a febre tifóide. O espiroqueta, causador da sífilis, é um delicado micro-organismo que só sobrevive em superfícies úmidas. Não pode subsistir em ambiente seco, significando isso que, fora do corpo, não poderá existir durante muito tempo. Não dispõe de um veículo, como no caso da malária, transmitida por mosquitos, ou do tifo exantemático, transmitido por piolhos. Aparece em uma série de epidemias esporádicas, através de infecções individuais mediante o contacto pessoal de vítima para vítima. E temos recursos suficientes para tornar não-infecciosos os casos acima mencionados.

O primeiro sintoma da sífilis é uma pequena ulceração que aparece no ponto em que houve o contacto com o foco infeccioso. Apresenta-se de doze a quarenta dias após o referido contacto, período esse que se denomina de incubação. Às vezes, é indolor ou levemente dolorosa, lisa e não-supurante, e pode ter desenvolvimento bastante vagaroso, tardando, às vezes, três a oito semanas a cicatrizar. Esse é o período que se chama «fase negativa», durante a qual o sangue ainda não revela reação positiva ao exame de Wassermann. O diagnóstico propriamente dito pode, no entanto, ser feito rapidamente, em qualquer laboratório idôneo, por meio do exame do sangue no campo escuro do microscópio, onde se vê o espiroqueta, em forma de saca-rolhas, movendo-se como um verme. Desde que se inicie, nessa fase primária, o tratamento adequado, pode curar-se a doença em 86 por cento dos casos. Atrasando-se o tratamento, ainda que por alguns dias ou semanas, até a reação positiva ao Wassermann, as curas caem de 86 para 64 por cento.

A segunda fase carateriza-se geralmente por erupções na pele ou sifílides, roséolas com o aspecto aproximado do sarampo ou da urticária, acompanhadas às vezes por queda de cabelo, febre, placas mucosas na boca, dores de cabeça e perturbações intestinais. É de notar, porem, que, pelo menos em um de cada cinco infectados do sexo masculino, e um de três do sexo feminino, tão leves e fugazes se apresentam todos os primeiros sintomas, que podem passar despercebidos. Mas a reação, mesmo em tais casos, será positiva, e se a reação de Wassermann

fosse usada pelos médicos em todos os exames clínicos, descobrir-se-iam muitos casos de cuja existência não havia a menor suspeita.

Em quase todos os casos, mais cedo ou mais tarde, o mal acaba por tornar-se latente, isto é, passa a corroer o organismo ocultamente, como o cupim na madeira. Não há, então, quaisquer sintomas alem da reação positiva ao Wassermann, e mesmo o melhor dos tratamentos só produz resultado satisfatório em menos da metade de tais casos.

É na sua fase já avançada que a sífilis se transforma naquilo que o dr. Osler chamou «a grande imitadora», pois é capaz de simular ou complicar quase todos os estados mórbidos conhecidos da medicina. Onde quer que o germe se haja multiplicado dentro do corpo, os tecidos serão destruidos nesse ponto, sendo que as artérias, o cérebro e os ossos constituem locais favoritos. Quando, em 1915, as estatísticas de óbitos na Grã Bretanha atribuiam à sífilis apenas uma décima parte das mortes, já o dr. Osler calculava que, na verdade, ela fora responsavel por maior número de baixas do que qualquer outra moléstia.

Dois tipos de casos, na sombria história da sífilis, são os mais tristes: um é o do rapaz que, desconfiando de se ter contaminado, se dirige prontamente ao médico para um exame; o Wassermann dá resultado negativo; o exame do campo escuro do microscópio não é feito; e o paciente volta a casa, convencido pelo médico de estar isento de sífilis. O outro é o caso do homem ou da mulher com sintomas tão leves que escapam à observação. Em ambos os casos a trágica certeza só surge quando começam a aparecer os sintomas secundários,—talvez por haver nascido um bebê sifilítico, ou porque a companhia de seguros se recusou a dar seguro de vida, alegando a presença de uma lesão cardíaca orgânica. Quantas vezes a vítima da sífilis só se apercebe de sua desgraça quando começa a caminhar com o passo cambaleante da ataxia locomotora, mais conhecida como tabes, a experimentar a irascibilidade e as alucinações da paralisia geral, e a notar que se lhe falha a visão, num aviso de cegueira total! E aí está, firmemente instalada, a doença terrivel que transformará sua presa em um inválido em constante sofrimento, uma ruina, com o rosto carcomido por grandes feridas, quando não se torna um maníaco homicida.

Em tais casos, a ciência só pode oferecer paliativos, embora tenha havido curas completas em 25 a 30 por cento das ocorrências, mesmo em se tratando de vítimas da paralisia geral. Do ponto de vista da saude pública, porem, o importante não é *curar* cada indivíduo assaltado pela sífilis: nossa esperança consiste em romper a cadeia de *infecção* em seu elo mais debil, isto é, ao apareceram os primeiros sintomas.

Felizmente é facil diagnosticar a sífilis desde o momento em que se torna infecciosa; e, mediante o tratamento, pode-se eliminar rapidamente a periculosidade da doença, impedindo que se transmita de uma vítima a outras pessoas. Compete-nos, pois, fixar prontamente todos os casos, impedindo que se tornem não infecciosos, e tratar todas as mulheres grávidas sifilíticas, pois é possivel evitar a transmissão da doença de mãe para filho. Dessa maneira poder-se-á controlar a moléstia no seu aspecto epidêmico, o que constitue responsabilidade primordial dos governos.

Se compararmos o trabalho levado a efeito nos Estados Unidos no combate à sífilis, com os esforços, nesse sentido, feitos na Inglaterra e nos paises escandina-

vos, veremos que os Estados Unidos levam manifesta desvantagem, pois nesse país é bem pequeno o número de sifilíticos que recebem tratamento durante a fase sero-negativa, aquela em que as curas são mais faceis. Metade desses casos só são reconhecidos um ano, ou mais, após a infecção; e, mesmo quando diagnosticados, em 84 por cento deles, o tratamento é interrompido antes de produzir todo o efeito.

Visto, portanto, que nos Estados Unidos a luta contra a sífilis tem sido tão pouco eficaz, consideremos as providências tomadas com grande êxito na Escandinávia e na Grã Bretanha. São estas as normas principais que se observam nos paises escandinavos: (1) Comunicação obrigatória, às autoridades, de todos os casos; (2) Tratamento compulsório; (3) Tratamento gratuito à disposição de todos os infectados; (4) Hospitalização compulsória do enfermo, caso essa medida seja considerada necessária à saude pública.

No que concerne ao diagnóstico, o sr. John Stokes, da Universidade da Pensilvânia, já declarou que o importante é elevarmos o «índice de suspeita» por parte dos médicos. Tal teoria foi amplamente comprovada, pelo menos em Filadélfia, mediante um estudo realizado nas clínicas de obstetrícia dessa cidade. Um grupo de hospitais realizou reações de Wassermann apenas quando a história ou o exame médico do paciente levava à desconfiança de que era sifilítico. Resultado: entre 19.411 pacientes, descobriram-se 12 casos de sífilis. Noutro grupo de hospitais, cujos clientes eram mais ou menos da mesma categoria que os do primeiro, realizaram-se reações de Wassermann em todos os doentes, encontrando-se então 112 casos entre 2.559 pessoas.

Se se levar a sério o controle da sífilis, a reação de Wassermann deve ser adotada rotineiramente pelos hospitais ao dar entrada qualquer doente, mesmo que se trate apenas de um caso de apendicite, perna fraturada ou o que for.

Na maioria das clínicas de obstetrícia, já se faz o Wassermann rotineiramente; e isso se deveria aplicar tambem a todas as maternidades particulares. Se se indicar o tratamento de uma mulher grávida, com sífilis ativa, antes do quinto mês de gestação, ela terá nove probabilidades em dez de dar à luz uma criança sadia. Sem o tratamento, o mais provavel seria que a criança nascesse morta ou tão enfermiça que exigisse cuidados constantes. Mais infelizes ainda, porem, são aqueles que, aparentemente normais à época do nascimento, revelam posteriormente medonhos sintomas. Recentemente examinei paralíticos na adolescência, os quais, em crianças, haviam sido normais, degenerando depois até chegar a uma existência quase vegetativa. Um dos casos mais tristes era o de uma mocinha de lindas feições—alem de inteligente e simpática—que ia perdendo lentamente a visão, porque sua mãe não fora tratada dezesseis anos antes. Tais casos congênitos reagem mal ao tratamento. Um tratamento de cinco meses durante a gravidez é melhor que cinco anos de tratamento depois de nascida a criança. Mãe alguma protestaria contra a injeção de nitrato de prata nos olhos de seu bebê, afim de evitar a cegueira causada pela blenorragia. Nem tãopouco protestaria contra a reação de Wassermann ou o tratamento da sífilis, se compreendesse claramente como essas coisas são importantes para o seu filhinho. Aliás, na própria mãe teria sido possivel prevenir a infecção, se fosse compulsório o Wassermann pré-nupcial na localidade onde vivia.

Quando falo destas coisas, não falta quem observe: «Bem, seria ótimo se houvesse dinheiro para tanto; mas a questão é que todas essas medidas custariam caro!»

Se eu fosse incumbido de combater a sífilis durante os próximos vinte anos, afirmo que seria capaz de fazê-lo gastando muito menos do que se tem despendido até hoje, durante as últimas duas décadas, na luta contra uma única doença dos animais: a tuberculose bovina.

Fui chefe do Serviço de Saude Pública do Estado de Nova York durante muitos anos. No papel de carta da repartição, vê-se esta frase: «A saude coletiva é passivel de compra.» Está certo, e aplica-se melhor à sífilis do que a qualquer outra moléstia. Podemos libertar-nos da sífilis pelo dinheiro. Mais cedo ou mais tarde, o dinheiro do povo é gasto conforme os desejos desse mesmo povo. Por meio de legislação adequada e de uma intensa campanha educativa e de assistência social, a tuberculose nos Estados Unidos foi reduzida de quase dois terços a partir de 1900. Há boas razões para crermos que se poderá chegar, no caso da sífilis, a um nivel pelo menos igual.

No entanto, a luta contra a sífilis não compete exclusivamente aos departamentos de Saude Pública, nem aos médicos ou associações de assistência social. É tarefa para todo o povo. Apoiar tais medidas é, para os governos responsaveis, o primeiro passo para a solução do problema que diz respeito ao bem-estar geral.

São bem claras e simples as providências a tomar:

1. Encontrar a sífilis. Os casos obscuros só serão descobertos a tempo por meio da reação de Wassermann.
2. Tratar a sífilis prontamente. Uma demora de poucos dias poderá redundar no fracasso do tratamento.
3. Examinar a família e todos os outros contactos da pessoa que se haja contaminado.
4. Evitar o nascimento de bebês sifilíticos, bastando para isso que se tornem obrigatórios os exames de sangue pré-nupciais e no início da gravidez.
5. Difundir os conhecimentos sobre a sífilis, pois todo o mundo deve estar informado a respeito.

Os métodos podem, naturalmente, adaptar-se a este ou aquele problema em um ou outro local. Busquemos nossos próprios métodos, ou adotemos aqueles cuja eficácia já se comprovou na Europa.

O essencial é que se elimine a terrivel praga representada pela sífilis. Nossos filhos hão-de responsabilizar-nos por criminosa negligência se, dispondo de tantos recursos, fracassarmos no combate à sífilis nesta geração. Eis aí um modo prático de contribuirmos para que as crianças de hoje possam crescer num mundo mais feliz e mais sadio.

Diversos fatores contribuem para que seja eficaz tal sistema. Em primeiro lugar, o povo está amplamente alertado quanto à natureza da moléstia, ninguem receia referir-se a ela, e todos percebem a necessidade do tratamento. Faz-se propaganda constante em relação aos locais e às horas de tratamento. Em Copenhague, por exemplo, antes da guerra, havia na praça principal, junto aos anúncios de lojas e cinemas, uma lista de clínicas para moléstias venéreas.

Na Grã Bretanha, por outro lado, não há obrigatoriedade de tratamento, mas faz-se notar, de maneira enfática, que existe o tratamento, sendo este abundante e gratuito. São de tal modo acessiveis os locais de tratamento, e este se revelou

tão eficaz, que a doença, na Inglaterra, vai perdendo terreno. O número anual de doentes hospitalizados foi reduzido de 40 mil a menos de 20 mil desde 1920.

Em vista de tais fatos, quais os métodos específicos mediante os quais podemos esperar, em outros paises, redução semelhante?

Se conseguirmos afastar do espírito o conceito medieval de que a sífilis é castigo para quem pecou, se pudermos debater o problema e tratá-lo como faríamos com qualquer outra doença altamente contagiosa, creio que não há dúvidas quanto ao método a seguir. Como lidamos com um caso de peste bubônica, por exemplo? Ou febre amarela? Varíola? Paralisia infantil? Em cada uma dessas doenças, as autoridades de saude pública, assim como os médicos, agem com a maior rapidez no sentido de isolar o doente, protegendo a coletividade, e iniciar tratamento imediato. Não se recrimina a vítima por ter sido infectada; não se mostra indiferença quanto à fonte de contacto ou em relação às pessoas a quem teria transmitido a doença antes de ser diagnosticada; e, enfim, não se cogita de poder ou não o paciente pagar o tratamento. Tudo isso se ajusta depois.

A sífilis faz todos os anos estragos cem vezes maiores do que os da paralisia infantil, apesar de ser curavel na maioria dos casos. Todavia não existe cura conhecida da paralisia infantil. Até mesmo na Idade Média, a sífilis era chamada a «grande varíola», em contraste com a «pequena varíola». No entanto, os departamentos de Saude Pública, em toda parte, concentram, hoje em dia, seus melhores esforços nas calamidades de menor vulto. Uma vez que os médicos e as autoridades de saude pública se compenetrem da urgência de tratar a sífilis em seu início não será dificil traçar, em todos os pormenores, uma norma de conduta.

No que se refere à adoção de métodos alheios, permito-me destacar o princípio escandinavo que obriga o paciente a tratar-se, da mesma forma que compele o Estado a fornecer o tratamento. O perigo da sífilis para a coletividade exige de nós essas medidas, já adotadas em relação à lepra e à cólera. Afim de pôr em prática tal sistema, teremos de ir às fontes de infecção com o mesmo vigor com que buscamos o foco da febre tifóide ou da varíola.

É razoavel, naturalmente, que sejam enviados a seus médicos aqueles doentes que estejam em condições de pagar o tratamento particular; mas é igualmente justo que o estado forneça aos médicos particulares todos os custosos recursos necessários à cura radical do morbo venéreo.

No entanto, lembremo-nos de que muitos doentes não terão dinheiro suficiente para pagar a conta do médico, forçosamente alta em caso de tratamento completo. Se os médicos, em conjunto, não quiserem tomar a si a responsabilidade da terapêutica anti-sifilítica em tais enfermos (fronteiriços, mas não indigentes), a outra solução provavel seria multiplicarem-se as clínicas gratuitas, ou de pagamento parcial, que ora existem em alguns hospitais.

Não há dúvida de que os enfermos «fronteiriços» (isto é, pobres, mas não indigentes) estão a exigir tais serviços organizados; senão, veja-se o que sucede no Instituto de Saude Pública de Chicago, que é uma clínica particular, onde já se trataram 250 mil pacientes durante os 16 anos de existência da instituição; desses, apenas 5 por cento estariam em condições de pagar os honorários comuns de um médico naquela cidade. Muitos desses doentes procuraram a clínica por terem lido anúncios onde se fazia ver o perigo das moléstias venéreas. E é bastante significativo o fato de que só uns 11 por cento desses pacientes desistiram do tratamento antes do fim.

Nas regiões rurais, onde há menos doentes, seria desejavel que tanto os indigentes quanto os fronteiriços recebessem tratamento às mãos de um médico idôneo, estabelecido no local, e remunerado pelo governo.

Sejamos verdadeiramente reservados para com todas as pessoas, e reservados, na aparência, para com algumas apenas; pois é desagradavel parecer reservado, e perigoso não o ser.

—Lord Chesterfield

As opiniões particulares criam a opinião pública. A opinião pública por sua vez, acaba transformando-se na conduta de uma nação, e a conduta de uma nação, nas condições atuais do mundo, pode fazer ou desfazer outras nações. É por isso que as opiniões privadas, a conduta particular de cada um, e até as conversas íntimas, têm uma importância fabulosa.

—Jan Struther, *A Pocketful of Pebbles* (Harcourt, Brace, ed.)

Em relação a nossa pátria, devemos proceder como as mulheres perante os homens que amam. Uma esposa amorosa tudo fará pelo marido exceto deixar de criticá-lo, esforçando-se por aperfeiçoá-lo. À pátria deveríamos lançar os mesmos olhares, a um tempo de crítica e de afeto. Devemos amá-la, mas fazer questão de lhe apontar seus defeitos. O cidadão perigoso é o «patriota» ruidoso e vazio; nunca o crítico.

—J. B. Priestley, *Rain upon Godshill* (Harper, ed.)

A principal caraterística que distingue os homens dos animais é a capacidade, que têm os primeiros, de amar frivolamente.

—Heywood Broun

Há muita gente parecida con aquele velho teólogo que, dizendo-se francamente suscetivel de conversão, duvidava, no entanto, que alguem fosse capaz de convertê-lo...

—Ernest R. Trattner, *Architects of Ideas* (Carrick & Evans, ed.)

A principal caraterística que distingue os homens dos animais é, talvez, o desejo, que têm os primeiros, de tomar remédios.

—Harvey Cushing, *Life of Sir William Osler* (Oxford, ed.)

Na Europa, toda mulher é, instintivamente, inimiga das outras. Nos Estados Unidos, as mulheres se reunem em clubes, comparecem em bando a toda sorte de conferências e chegam a dar-nos a impressão de que gostam umas das outras.

—C. E. M. Joad, no *London Mercury*

PODEMOS ENSINAR OS MENINOS A VIVER

O conhecimento, quando é pouco, é perigoso

Todo ancho por ter ganho uma medalha na escola como o aluno que melhor sabia ler, fui contar prosa à minha velha governante: —Aposto que sei ler melhor que você!

Tomando meu livro, ela o examinou cuidadosamente e acabou por gaguejar: —Bem, meu filho... Eu... eu não sei ler.

Atônito, corrí a meu pai. —A Babá não sabe ler! anunciei. —E eu, que ainda sou pequeno, já ganhei até medalha. Deve ser horrivel não saber ler, não é, papai?

Com toda a tranquilidade, meu pai foi a uma estante e me trouxe um livro.

—Leia isto, disse.

Era um livro chinês.

E até agora, toda vez que me sinto tentado a jactar-me de qualquer coisa, lembro-me do quanto ainda me falta aprender, e digo de mim para comigo: —Não se esqueça de que você não sabe ler chinês!

J. A. Carrasco D., *Puerto Cortés, México*

Não é só a rosa...

No jardim da casa de minha avó certo botão de rosa demorava tanto a abrir, que fiquei impaciente, aflita para ver as pétalas e a côr. Querendo resolver o caso, dirigí-me à vovó, que me mandou abrir as pétalas. Entusiasmada, atirei-me à tarefa, mas logo verifiquei, decepcionada, que eu própria contribuira para destruir a beleza da flor. Esta daí a pouco murchava por completo, e morria antes de desabrochar. Minha avó explicou-me então que assim é preciso fazer em tudo na vida: deixar que as coisas se desenvolvam por si, tudo em seu devido tempo.

Dorothy Minck

A cada um, sua música

Perto de nossa casa havia um restaurante feio e desarrumado, pertencente a um italiano que trabalhara muitos anos como jardineiro, para poder economizar o bastante afim de abrir aquele negócio. Muitas vezes, passando por onde morávamos, o italiano observava a meu pai que seu restaurante era uma maravilha. E papai sempre concordava. Certa noite, quando o italiano saiu, perguntei a meu pai: —Porque é que você diz que o restaurante dele é bonito? É uma coisa horrorosa!

Meu pai, sorvendo o fumo de seu cachimbo, pensou um instante e depois me disse: —Minha filha, nunca prive um homem da sua música.

Marcella Dyer

A cesta de queixas

Éramos seis crianças em casa, e frequentemente «dávamos parte» umas das outras, o que muito desgostava meu pai. Certo dia, trouxe-nos um embrulho, explicando: —Tenho uma cestinha aquí para vocês. Toda vez que tiverem qualquer motivo de queixa, escrevam num pedaço de papel, e ponham na cesta. Quando ela estiver cheia, leiam as coisas escritas, e vejam se vale a pena guardar todas.

A princípio a idéia nos pareceu divertida. Mas não tardou que aprendêssemos a deslindar, por nós mesmos, nossos pequenos problemas, acabando por esquecê-los. Mais tarde explicou-nos papai: —Esta cestinha deve servir de símbolo para vocês. Nunca tragam da escola ou do trabalho alguma queixa de seus colegas, nem espalhem boatos levianamente. Vocês verão que quando a cesta estiver vazia, nem vale a pena enchê-la outra vez.

Alma Anderson

Os «desvios» da vida

Eu e meus irmãos mais novos vivíamos brigando uns com os outros, quando éramos crianças. Teimosos e obstinados, cada qual queria as coisas a seu modo.

Um dia papai levou-nos à estação de estrada-de-ferro para assistir à chegada de um trem de passageiros. Mal chegamos, ouvimos o apito de um trem de carga que vinha na direção oposta.

—Estão vendo? Dois trens vêm chegando, em direções contrárias, observou papai. —Que é que vai acontecer?

Deixamo-nos ficar alí, mudos de espanto e medo, à espera da colisão que julgávamos inevitavel. Mas daí a pouco o trem de carga entrou num desvio, e o outro pôde passar sem dificuldades.

—Agora escutem, comentou papai. —Nós todos tentamos seguir em direções diversas, no mesmo leito de estrada, e se ninguem usar desvios, é desastre na certa. Há muitos desvios à nossa disposição: chamam-se paciência, amor fraterno, tolerância e bom-senso. Não só as crianças, mas os adultos tambem, e até os paises, haviam de entender-se muito melhor, se se lembrassem de usar os desvios.

Sra. F. J. Miller

O primeiro tiro deve ser decisivo

Meu pai me permitira comprar minha primeira arma de fogo, e escolhí um rifle de calibre 22. Passei vários dias a estudar o catálogo da fábrica, acabando por escolher um modelo inteiramente automático, capaz de dar 15 tiros sem necessidade de carregar de novo. Corrí ao Benjamin, nosso empregado, para pedir sua aprovação. Contemplando a fotografia da arma, Benjamin sorriu e observou:

—Pois eu não escolhia essa, não.

—Porque? exclamei, já decepcionado.

—Espingarda de um tiro só é melhor, respondeu ele. —Com a espingarda na mão, e o olho na mira, você sabe que se perder aquele único tiro, está «frito»... Com a automática, o sujeito fica tranquilo, quase sem fazer esforço de pontaria.

Era irrefutavel a sua lógica. Muitas vezes na vida lembrei-me de suas palavras, agindo sempre como se tivesse nas mãos uma espingarda de um tiro só.

William Walsh

Felicidade oculta

Certo dia, quando eu tinha onze anos, cheguei em casa em prantos, porque, no espetáculo da escola, haviam escolhido para mim um papel sem importância, dando à minha melhor amiga o desempenho principal. Calmamente, minha mãe pegou o relógio de pulso e pô-lo em minha mão.

—Que é que você está vendo?

—Um relógio de ouro, com mostrador e ponteiros...

Em seguida, mamãe abriu a parte traseira do relógio e repetiu a pergunta. Aí só vi minúsculas rodinhas e parafusos.

—Este relógio seria absolutamente inutil, disse mamãe, se faltasse qualquer parte, mesmo uma insignificância...

Essa pequena lição ajudou-me a ser mais feliz em toda a vida. Percebí como são essenciais os deveres mais ingratos, que nos cabem a todos, e que é preciso cumprir, haja ou não aplausos.

Sra. Floyd Crook

O problema cada vez mais sério do tráfego aéreo, e as possibilidades de sua solução pelos milagres da eletrônica

Estarão superlotadas as rotas aéreas?

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Wolfgang Langewiesche

Todos sabem que as linhas de aviões se tornam cada vez mais dignas de confiança, e, quando alguem compra uma passagem para viajar por via aérea, espera fazer o percurso em horários regulares de partida, de vôo e de regresso.

Mas, a rigor, não é assim. As linhas de aviões se tornam cada vez menos *dignas de confiança*, no que se refere a horários; e estão-se tornando, em compensação, cada vez mais *seguras*. As possibilidades de acidentes são tão remotas atualmente, que nem pensamos nelas. Mas as possibilidades de fazer as viagens aéreas em horários exatos estão ficando cada vez mais exíguas. Isso se deve principalmente aos problemas do tráfego, com o aumento constante de aviões e de vôos, com especialidade nas áreas circunvizinhas das grandes cidades, onde o sistema de transportes aéreos já alcançou grande grau de congestionamento. Esses problemas se apresentam de forma ainda mais aguda durante os períodos de mau tempo, embora este não constitua, por si só, o maior obstáculo à navegação aérea. Com a ajuda do rádio moderno e dos novos instrumentos, inclusive os descongeladores, os pilotos civís e militares já demonstraram, em programas experimentais, que não há mais, praticamente, mau tempo para a aviação. Mas as condições meteorológicas complicam os problemas do controle do tráfego aéreo.

Nos Estados Unidos, quando um avião realiza um vôo «cego», entre as nuvens, cabe ao ATC (Air Traffic Control), que é um serviço do Governo, a responsabilidade de evitar colisões aéreas. O método empregado pelo ATC se assemelha ao dos trechos ferroviários—com a distribuição de porções de espaço para cada avião, de cada vez. E, ao longo das rotas estabelecidas, nenhum avião pode penetrar em uma região coberta de nuvens ou obscurecida por espessa fumaça, sem que o permita, pelo rádio, o ATC.

Tal sistema funciona perfeitamente, e *até hoje nenhum avião, fazendo um vôo cego sob o controle do ATC, jamais se chocou com outro*. Todavia, é um sistema que somente serve para alguns aviões de cada vez. Quando há mau tempo, o ATC não pode atender a todos os vôos tabelados, e os aviões têm que esperar pelo seu turno.

Certo dia, no inverno, o «teto» estava baixo em Nova York, enquanto em Boston o céu se achava límpido. Teria sido facil decolar do aeroporto de Nova York, com o auxílio de instrumentos, e voar para Boston. Entretanto, naquele dia

foram cancelados 18 vôos para Boston, porque não havia maneira segura de dirigir a rota dos aviões que deveriam partir, em meio ao tráfego daqueles que chegavam. Frequentemente o piloto de um avião transcontinental tem que usar medidas de emergência, quando o «teto» na costa atlântica é inferior a 600 metros, uma vez que, nas vizinhanças da área metropolitana, os sinais de aproximação se confundem, e os céus, até uma altura de 3.500 metros, estão apinhados de outros aviões à espera de poderem aterrar. Quando chegasse a sua vez, o avião transcontinental já não teria mais gasolina, de modo que seu piloto tem de se dirigir para um campo situado fora de Nova York, de onde os passageiros tomam um trem para essa cidade.

O que torna tão irritante o problema do tráfego aéreo é o fato de que o espaço é sempre tão imenso, impossivel de se tornar fisicamente povoado como uma rua de intenso movimento. Enquanto nos é dado ver e ser vistos, podemos voar em linha reta a qualquer altitude, desviando-nos até 10 ou 15 quilômetros da nossa rota, sem que por isso esta nos pareça muito mais longa. Assim, com o céu desimpedido, há uns 10 mil «caminhos» aéreos utilizaveis entre, por exemplo, Nova York e Cleveland.

Mas, no momento em que o tempo começa a ficar ruim, somente podem ser aproveitados alguns estreitos «tuneis» em todo o espaço—«estradas do ar», com roteiros marcados pelo rádio, campos de emergência para aterragem e outros dispositivos que facilitam a navegação aérea. Essas estradas do ar são denominadas «caminhos aéreos civís», e seu uso requer a aplicação de métodos altamente complexos.

Eis aquí um exemplo típico de vôo cego—entre Nova York, com um «teto» de 240 metros, e Cleveland, com um «teto» de 210 metros. Em todo o trajeto sobre os montes Alleghenies as nuvens coroam a crista das montanhas, de modo que o avião, para voar entre as nuvens, tem que seguir, a «linha» do rádio. Imagine-se agora as 10 mil estradas «aéreas» entre Cleveland e Nova York, reduzidas, a *três!*

Para evitar que os aviões se choquem, seguindo a mesma «linha», a lei exige que os aparelhos mantenham uma altitude de 300 metros de separação entre si: sendo a altitude mínima para passar os Alleghenies de 1.200 metros, os aviões entre Cleveland e Nova York, e vice-versa, têm que voar, respectivamente, nas altitudes de 1.200, 1.500, 1.800 e 2.100 metros, alternadamente, de uma cidade para a outra. Mas suponhamos que, à altitude de 2.100 metros, segundo as informações disponiveis, haja congelação, nas nuvens, e tal altitude não possa ser usada. Alguns dos grandes aviões poderão elevar-se acima da camada de congelação, e voar diretamente sob o sol; mas os aparelhos de tipo médio não poderão fazer isso—de modo que quase todo o tráfego terá que ser feito nas três altitudes restantes—1.200, 1.500 e 1.800 metros—duas delas numa direção e somente uma na direção contrária.

E mesmo essas três «estradas» não podem ser usadas à vontade. Os aviões que seguem a mesma altitude, acompanhando uma «linha de rádio», devem estar separados por um intervalo de 10 minutos, o que corresponde, para um avião, de velocidade média, a uns 45 quilômetros de distância. Por isso é que muitas vezes se vê um avião parado na pista de decolagem, com os motores trabalhando; seu piloto está simplesmente esperando pelo intervalo necessário, para iniciar o vôo.

O tráfego aéreo é controlado do se-

guinte modo: o piloto que vai de Nova York para Cleveland, em condições de tempo como acima descrevemos, telefona para o ATC, indicando a hora em que deseja partir, a velocidade e a altitude a que vai voar, bem como outros dados necessários; recebe então os seus passageiros, e leva seu aparelho para a pista, pronto para decolar. O chefe do serviço de controle e seus assistentes, em uma sala cheia de máquinas de teletipo, observam um grande quadro, ao longo da parede, em que se acham representados os chamados «caminhos aéreos civís» e as várias estações de rádio que se encontram ao longo da rota. Nesse quadro, correspondendo a cada avião que se acha nos ares, há uma folha de papel na qual se indicaram, por cálculo, a hora e a altitude em que o aparelho deverá passar sobre cada uma das estações de rádio. Assim, o encarregado do controle, com seu olhar experimentado, tem uma visão clara de todo o tráfego aéreo, com uma previsão de duas horas. Nesse conjunto ele trata de colocar o vôo do aparelho que se acha na pista, pronto para decolar—algumas vezes imediatamente, outras depois de uma hora de espera, sendo que, em muitos casos, não o consegue.

Em vôo, quando o piloto ouve o sinal caraterístico da «linha» de rádio em seus audifones, indicando que o avião está passando sobre Newark, chama: «Rádio Newark, aquí é o NC 41366, sobre a estação, às 9 h 17, a 1.200 metros.» A estação de rádio de Newark transmite por teletipo a informação ao ATC, e o controlador fica sabendo que o caminho aéreo, àquela altitude, está livre, podendo dar sinal de saida a outro avião que se achar na pista, pronto para partir.

Todos os pilotos, acompanhando a «linha» do rádio, quando em vôo cego, não vêem nada senão nuvens cerradas, à frente do avião. Seguindo a «linha» de Philipsburg, o piloto pode ouvir a voz do controlador que, de Nova York, lhe diz: «Suba imediatamente a 1.800 metros... informe quando passar os 1.500, e quando chegar aos 1.800.» A ordem indica que à altitude de 1.500 metros, o ATC está preparando o caminho para outro avião que vem em sentido contrário, avião esse situado em certo ponto adiante da mesma rota, de modo que os dois aparelhos, quando cruzarem, tenham a distância estabelecida de 300 metros entre si.

Nas vizinhanças de Cleveland, o tráfego é intenso. O avião que se aproxima recebe instruções de se manter à altitude de 1.800 metros, em Elyria, aldeia situada a 40 quilômetros de Cleveland, e a ordem significa que naquele ponto há uma interseção de duas «linhas» de rádio, entre as nuvens. O piloto encontra-se, então, em dificuldades. Somente uma «linha» de rádio pode conduzir seu avião na aterragem do aeroporto, mas há quatro «linhas» orientando o tráfego para Cleveland—de Nova York, de Chicago, de Detroit e de Pitsburgo. Nas alturas de Elyria está o local onde os aviões que se aproximam de Cleveland têm que esperar sua vez para usar a «linha» de rádio de aterragem. Naquele ponto, a 300 e a 600 metros abaixo do avião que se encontra a 1.800 metros de altitude, outros aviões tambem se acham, circundados de espessas nuvens. Os aviões são colocados uns em cima dos outros pelo ATC, isto é, os que chegam por último ocupam os «caminhos» aéreos mais elevados; ao passo que os controladores do aeroporto de Cleveland vão dando a vez de aterragem aos aparelhos que, sucessivamente, ocupam as altitudes inferiores, e, assim, cada vez que um avião aterra, os que estão por cima baixam mais 300 metros. Desse modo, o avião que estava a 1.800 metros de altitude passa por todas as altitudes intervaladas de 300 metros, até receber as instruções de aterragem.

Tal é o sistema empregado para a navegação aérea nos Estados Unidos, quando há mau tempo. É um sistema que oferece segurança, mas que impede o uso livre do espaço, tornando incertos os horários dos aviões. As companhias de transportes áereos acham-se descontentes com os serviços limitados que podem oferecer ao público, o que tambem torna menores os seus lucros, e têm patrocinado vastos programas de estudos. Os fabricantes de equipamentos eletrônicos estão contribuindo com os enormes recursos da sua especialidade, para solucionar o problema, e vários grupos de pesquisadores, organizados durante a guerra para o desenvolvimento do radar, estão igualmente cooperando. Mas até agora todos esses esforços têm produzido resultados inapreciaveis.

A causa de todas as dificuldades do tráfego aéreo é, em última análise, a invisibilidade através dos nevoeiros. Mas, e o radar, então? O radar usado pelos aviões durante a guerra é altamente dispendioso, ocupa muito espaço e pesa consideravelmente—o que tiraria aos aviões comerciais quase toda a sua capacidade para levar passageiros ou carga, deixando pouca margem para lucros. Acresce que um radar pequeno seria impraticavel para localizar um simples avião a grande distância. Afim de evitar colisões em qualquer direção, um aeroplano teria que ser equipado com vários aparelhos de radar e seus respectivos operadores, os controladores do tráfego aéreo, ficariam sem as informações de que necessitam.

Haveria a hipótese de se colocar o radar em terra firme e, através dele, o controlador do tráfego daria instruções verbais aos pilotos. Desse modo, o radar poderia ser usado, apesar do seu peso. Mas as instruções verbais poderiam acarretar frequentes mal-entendidos. Finalmente, parece que o radar apenas poderá ser empregado com eficiência se for descoberto um fator adicional capaz de eliminar suas desvantagens atuais. Mas, que fator?

A solução talvez seja encontrada mediante o emprego de um dispositivo que está sendo aperfeiçoado por duas companhias americanas, uma das quais, a RCA, designa o seu sistema com a palavra «Teleran», ao passo que outra, International Telephone & Telegraph, o denomina «Navar». Os dois sistemas são semelhantes, quanto aos princípios fundamentais em que se baseiam: uma estação de radar que registra a presença de qualquer avião dentro de um raio, digamos, de 70 quilômetros, e que automaticamente os localiza, como pontos de luz, no mapa especial da sala de controle do tráfego. Esse mapa por sua vez é continuamente transmitido ao receptor-visual de todos os aviões. «Teleran» reproduz o mapa luminoso por meio da televisão, ao passo que «Navar» faz o mesmo por meio do radar.

O controlador do tráfego, com tais sistemas, obtem uma visão completa e acurada da área a seu cuidado. Nenhum avião pode passar por essa área sem ser notado, e nenhum piloto «perdido» pode declarar que ouviu mal, como por exemplo, «três» em lugar de «seis», ao receber instruções.

Assim, exceto talvez nos pontos de tráfego excepcionalmente intenso, os pilotos poderão orientar-se sem depender de indicações individuais de qualquer espécie. No sistema «Teleran», uma seta mostra ao piloto qual é o seu avião na

tela que reproduz o mapa de controle; no «Navar», o que indica o seu avião é uma côr diferente. Desse modo, cada piloto sabe o ponto em que se encontra em relação a todos os aviões que trafegam na mesma área, e com maior clareza do que se pudesse ver sua rota, em bom tempo, porque não precisa incomodar-se com a névoa ou com o resplendor do sol, sem ter, sequer, que olhar para um lado ou para outro.

Mas não terminam aí as vantagens do sistema de televisão. Poder-se-á combinar um mapa geográfico com o do tráfego, e o piloto não terá mais que limitar sua rota a uma estreita «estrada aérea», uma vez que, onde quer que esteja, sabe como localizar sua posição. O radar, usado do mesmo modo, poderá permitir que, por meio de instrumentos, se aproveitem, em qualquer tempo, os 10 mil «caminhos do ar» que somente se acham disponiveis quando faz bom tempo, entre duas cidades como Nova York e Cleveland.

«Teleran» e «Navar» constituem provavelmente o que há de mais engenhoso em matéria de eletrônica aplicada. Com o «Teleran», basta ao controlador do tráfego apontar, em seu mapa, um avião que não se dirige adequadamente, e seu dedo admoestador aparecerá na tela do próprio avião, em frente do piloto. Com o «Navar», o controlador tem um dispositivo especial, o «Navamander», mediante o qual, apertando simplesmente um botão, ele faz aparecer na tela de determinado avião o aviso: «suba 300 metros!», se o avião em questão estiver voando em direção a um arranha-céu ou outro obstáculo semelhante.

Ambos os sistemas distribuem os aviões de acordo com as altitudes, havendo para cada altitude um mapa de tráfego particular. Quando um piloto deseja passar para uma altitude inferior, sintoniza seu aparelho na frequência do mapa correspondente, e baixa na área que estiver desimpedida.

No sistema «Navar», o controlador do tráfego pode de fato «ver» o futuro. Apertando um botão, todas as imagens de aviões em seu mapa-tela imediatamente se movem com mais velocidade, e, se dois aviões voam no sentido de uma provavel colisão, esta somente se realiza imaginariamente, porque o controlador de tráfego terá tempo de sobra para pôr em funcionamento o «Navamander» e fazer com que um dos aviões mude de rota.

Mas haverá qualquer imperfeição nesses sistemas, o «Teleran» e o «Navar»? Há, sim. É que estão ainda na fase experimental, e não serão postos em uso senão daquí a alguns anos. Alem disso, ambos são dispendiosos. Mas, de qualquer modo, o tráfego aéreo se tornará tão complexo em futuro próximo, que serão necessárias medidas drásticas, afim de que a aviação comercial não sofra a menor solução de continuidade quando houver mau tempo.

SOFREMOS muitas vezes pelo fato de resvalarmos passivamente pela vida. Se ao menos fizéssemos, para a vida, os mesmos projetos entusiasmados que fazemos para nossas férias, com que espanto verificaríamos a falsidade de nossos critérios, a triste falta de direção de nossas vidas diárias!

—Dorothy Canfield, *The Squirrel-Cage* (Henry Holt, ed.)

Denunciado o mito da «inferioridade» ou «superioridade» dos povos

Não há raças superiores

(Condensado do «Catholic World»)

Ethel J. Alpenfels
Antropologista

O COLAPSO da Alemanha nazista marcou o fim do maior mito de superioridade racial jamais imposto a um mundo excessivamente crédulo. Tudo indica que o «ariano puro» jamais reaparecerá numa sociedade respeitavel.

Entretanto, esse super-homem alto e louro nunca teria alcançado o ponto onde chegou, não fossem a ignorância e os preconceitos que influenciam quase todos nós, quando se trata das relações entre raças. As diferenças que cremos ver entre raças—as quais geralmente ampliamos—são, na maior parte dos casos, diferenças em educação e oportunidade. Não existem raças «superiores» e sim indivíduos superiores, e estes são encontrados em todas as raças. Como disse Franz Boas, pai da antropologia norte-americana, «se fôssemos escolher um terço da população do mundo, composto dos mais inteligentes, imaginativos, enérgicos e emocionalmente estaveis, todas as raças estariam representadas.»

Há, naturalmente, diferenças entre raças. A côr da pele, a obliquidade dos olhos, a forma do nariz e outros traços distinguem as três grandes raças—a mongolóide ou «amarela», a negróide ou «negra» e a caucásica ou «branca». Sim, há diferenças, mas nós as encaramos de um modo errôneo. Essas distinções são encontradas no esqueleto, que é idêntico em todo o mundo.

Em todas as caraterísticas físicas importantes, o homem é exatamente igual em toda parte. Por «importantes», neste caso, queremos mencionar o cérebro, o coração, os pulmões e o sistema nervoso. A religião e a ciência estão hoje acordes em que todos os homens são membros de uma só família, são na realidade de um mesmo sangue. A ciência reitera o grande ensinamento religioso—a fraternidade dos homens.

Isso é uma verdade. Mas, apesar desse fato, a crença nas diferenças raciais é profunda e disseminada. Tomemos por exemplo a diferença no tamanho do cérebro. Que importância tem isso? Os esquimós têm, em média, cérebro maior em proporção ao resto do corpo do que os indivíduos de outras raças. O japonês tem o cérebro maior do que o homem branco. No entanto, o cérebro menor jamais registrado pela ciência pertenceu a Dante Allighieri. Os cérebros maiores são geralmente encontrados nos idiotas.

A diferença na côr da pele é uma das distinções raciais menos dignas de confiança. A raça branca é chamada caucásica porque assim se chamavam os habitantes das montanhas do Cáucaso—considerados pelos estudiosos como exemplos típicos da raça branca. E que teremos a dizer então dos peludos Ainus que, em número de 30 mil, vivem em terras delimitadas pelo governo, em uma das ilhas setentrionais do Japão? Tambem pertencem à raça branca. Em virtude do

seu atraso, constituem verdadeiro problema para os japoneses. Nunca se banham, por exemplo, acreditando que poderão construir uma ponte de odor, que os levará ao céu...

Bem, então, há diferenças no sangue. Pelo menos podemos basear o nosso orgulho nessa distinção. Mas podemos mesmo? Existem quatro tipos de sangue: A, B, AB e O. Todos os quatro são encontrados em todas as raças. Nenhuma diferença, portanto.

«Mas,» continuam aqueles que acreditam no mito, «há uma vasta diferença nas realizações dos diversos povos.» Seria melhor examinarmos tambem esse ponto.

T. T. Waterman, em um livro sério*, organizou uma lista, verdadeiramente empolgante, do aparecimento histórico de certas invenções. O cobre, o bronze, o trigo, o arado, o alfabeto, o vidro e o tijolo foram trazidos pelos egípcios. As rodas e os pesos foram deixados pelos sumerianos, o direito codificado, o dinheiro em moeda e a abóbada nos foram legados pelos babilônios.

Os assírios desenvolveram o algodão, os bancos e o sistema postal. Os caldeus nos deram a astronomia, a semana, os graus do círculo; os persas—o monoteismo, as galinhas e as calças. Dos árabes herdamos o cálculo, a álgebra, os números árabes, o zero; dos gregos, a geometria euclideana e o parafuso. E devemos aos chineses a porcelana, a pólvora, a seda, os óculos, a máquina de imprimir, a bússola, o dinheiro em papel.

Muitos historiadores estão convencidos de que a civilização desceu o Nilo, tendo-se instalado depois no Egito. Três grandes reinos negros, Gana, Melestine e Songai, já tinham desenvolvido, na Idade Média, uma civilização comparavel à que existia na Europa naqueles tempos. Devíamos conhecer algo a respeito da Universidade de Timbuctú, que há 800 anos mantinha intercâmbio de professores com as principais escolas do mundo. Ahmed Baba, professor negro, a caminho de sua execução, queixava-se de que não vivera o bastante para juntar tantos livros quanto alguns de seus amigos possuiam. Sua biblioteca contava 1.600 volumes. Tal atividade intelectual tinha lugar na região «mais negra» da África, enquanto os povos nórdicos prestavam culto a altares de pedra nas florestas.

Altares de *pedra*? Acredita-se que o negro tenha desenvolvido a arte de fundir os minérios, e contribuiu, mais do que qualquer outra raça, para o desenvolvimento da indústria do ferro. Começando cedo a trabalhar com utensílios de ferro, atingiu um alto grau de perfeição artística no cinzelamento da madeira. Seus altares do mesmo período representam o trabalho manual de uma cultura muito superior.

Em certa época da história, uma raça parece ser «superior» à outra, porque se encontra à frente do que chamamos civilização. Em um período diverso, outra raça toma a dianteira. Somente os ignorantes consideram essas condições como indício de uma superioridade predestinada.

Somos responsaveis hoje em dia pela avaliação verdadeira e generosa das realizações das várias raças e nações do mundo. Dois bilhões de indivíduos só podem viver juntos, num mundo que de repente teve o seu tamanho reduzido, se levarmos nosso conhecimento das relações humanas ao nivel da ciência física. Não baseemos nosso orgulho na falsa presunção de que somos superiores a outro povo qualquer, e sim no conhecimento amistoso de todos os outros povos do mundo.

**Essays in Anthropology*, lançado pela Universidade da Califórnia, 1936.

Estes dois humildes judeus alcançaram um récorde na luta contra o crime

Dois gordos impõem a lei seca

(*Condensado do «American Mercury»*)

Por Herbert Asbury

Foi a 16 de janeiro de 1920 que entrou em vigor, nos Estados Unidos, a chamada «lei seca», isto é, o estatuto que proibia a fabricação e a ingestão de bebidas alcoólicas em todo o país. E o povo, tão acostumado ao uisque, parecia conformado. Afinal de contas, existira o problema do alcoolismo; agora viera a lei nova; evidentemente já não havia problema algum... Afim de tornar eficaz o cumprimento da lei, o Congresso determinou que se nomeassem 1.500 agentes especiais da Proibição, a quem competiria evitar que 125 milhões de pessoas bebessem qualquer coisa mais forte que cerveja. Os agentes não o conseguiram; dois deles, porem, destacaram-se por sua energia e denodo.

Num modestíssimo apartamento da parte mais pobre de Nova York, morava certo homem simpático que se chamava Isadore Einstein e vivia de um empreguinho numa loja qualquer. Quando soube, pelos jornais, que o governo se dispunha a estancar as fontes de alcool do país, convocou a família para um solene conclave.

—Vou deixar meu emprego, anunciou. —De agora em diante vou ser detective, encarregado de pôr na cadeia esses bandidos contrabandistas de uisque.

—Ah, é? comentou sua senhora. —Isso é conversa para um pai de quatro filhos?

—O ordenado é o dobro do que eu ganho agora, com direito a aumento!

—Ah, bom. Nesse caso, a conversa é outra...

Quando Isadore foi falar com o representante do governo na cidade de Nova York, este não se mostrou muito entusiasmado.—Mas escute aquí, sr. Einstein: o sr. não tem cara de detective, nem aquí nem na China! Isadore era quase inteiramente calvo, um homúnculo de pouco mais de metro e meio de altura, pesando cerca de cem quilos. Quando andava, sua respeitavel pança, movendo-se levemente de um lado para outro, dava-lhe o majestoso aspecto de um pombo super-alimentado.

—Ele com certeza nunca viu um tipo como eu, comentou Isadore mais tarde. —Garanto que ficou admirado. Disse que eu não tenho cara de detective, mas aí é que está: justamente por isso é que os bandidos nem desconfiam de mim.

A primeira tarefa que coube a Isadore consistia em «limpar» certo restaurante onde a polícia tinha ligeira desconfiança de existir vasto contrabando de bebidas, pois já haviam sido vistos bêbedos a sair dalí cambaleantes, notando-se, tambem, forte cheiro de alcool por toda a redondeza... Isadore era totalmente ignorante

em matéria de métodos policiais. Assim sendo, aproximou-se simplesmente do restaurante e bateu na porta. Abriu-se nesta uma janelinha e uma voz, lá das profundezas, perguntou de que se tratava.

—Eu sou o Isadore Einstein, veio a resposta. —Quero um gole.

—Que gracinha! Quem mandou você aquí, parceiro?

—Meu chefe, explicou Isadore calmamente. —Sou agente da Proibição... Acabo de ser nomeado.

Diante disso a porta foi amplamente aberta, e o outro recebeu Isadore jovialmente, com uma pancada no ombro. —Pois entre! exclamou. —Nunca ouví piada tão gozada! E Isadore viu-se num recinto onde meia dúzia de tipos sorviam suas beberagens de pé, diante de um bar improvisado.

—Olhe aquí, chefe! exclamou o porteiro. —Tem aquí um agente da Proibição, pedindo um gole. Cadê o distintivo, parceiro?

—Aquí está, replicou Isadore, mostrando-o.

—Ora, sim senhor! manifestou-se o indivíduo atrás do bar. —Será que é mesmo?

Despejou uma dose de uisque num copo, e Isadore o tragou sem mais delongas. Fez mal, porque agora já não lhe restavam provas. Tentou pegar a garrafa, mas o garçon foi mais esperto, e carregou-a para outro local ao fundo do bar.

—Aquilo foi uma lição para mim, observou Isadore depois. —Fiquei sabendo que uisque tomado em bar clandestino pode ser gostoso, mas no estômago da gente, não é prova.

Em casa, naquela mesma noite, Isadore inventou um dispositivo para colher provas. Colocando um pequeno funil no bolso superior do colete ligou-o, por um tubo de borracha, a uma garrafa chata, escondida no forro da roupa. Daí em diante, quando lhe serviam um drinque, Isadore tomava um gole, e, em seguida, quando o garçon ia buscar o troco, derramava o resto do uisque no funil.

Passado algum tempo, Isadore persuadiu seu velho amigo Moysés Smith a se candidatar tambem a um lugar de agente. Moysés parecia-se a Isadore fisicamente, sendo um tipo estimavel e gorducho, para quem toda a gente sorria afetuosamente. Conseguindo o emprego, Moysés passou a trabalhar em cooperação com Isadore.

Naqueles dias tudo que se relacionasse com a Proibição constituia excelente assunto para reportagens, principalmente quando houvesse dois agentes tão pitorescos; aliás, os dois cooperavam lindamente com a imprensa, marcando suas «caçadas» de maneira que coincidissem com os horários dos repórteres e fotógrafos.

Durante cinco anos as grotescas aventuras de Isadore e Moysés apareciam, nas primeiras páginas da imprensa americana, quase tão frequentemente quanto as atividades do Príncipe de Gales. Em sua carreira de policiais sem treino, os dois chegaram a confiscar 5 milhões de garrafas de uisque, no valor de 15 milhões de dólares, alem de milhares de litros de cerveja e outros líquidos, em barrís e outros recipientes. Detiveram 4.392 infratores, dos quais 95 por cento acabaram sendo condenados. Não houve, na história da Proibição, agente algum que se lhes comparasse em eficiência.

Em certa ocasião o dono de um bar, enraivecido, apertou um revolver de encontro às costelas de Isadore. Este, afastando a arma tranquilamente, observou:

—Deixa disso, rapaz. Assim não estás sendo justo com tua família...

Felizmente aconteceu que o rapaz tinha família mesmo, e as palavras de Isadore fizeram-no meditar antes de agir. Enquanto meditava, Isadore deu-lhe tremendo bofetão, atirando-o desmaiado ao solo. Note-se, de passagem, que Isadore era contrário ao uso de armas, e nunca as levava consigo. Moysés de vez em quando brandia um revolver, mas, por todo o prazo de cinco anos, só deu dois tiros: uma vez para destruir uma fechadura, e de outra feita para esburacar um barril de uisque.

Uma das brilhantes idéias de Isadore era andar sempre pela rua carregando qualquer coisa, conforme o bairro em que se achasse. Na parte mais pobre da cidade, apresentava-se em mangas de camisa com uma garrafa de leite na mão, disfarçado de honesto munícipe burguês, voltando para sua casa após uma rápida visita ao armazem da esquina. Certa vez deixaram-no entrar num bar clandestino, pelo simples fato de carregar consigo um balde repleto de legumes. Comentou depois: —Quem é que seria capaz de desconfiar de um sujeito gordo carregando legumes?

O que mais deleitava os repórteres era aquilo a que Isadore chamava «coisa de ópera cômica». Os disfarces usados pelos dois agentes eram simplesmente fantásticos. Só em duas ocasiões esses disfarces fracassaram. Certo domingo de Ramos, Isadore saiu pela rua todo coberto de raminhos: um em cada lapela, outro na fita do chapéu, mais outro na mão; ao entrar num bar clandestino, o garçon recebeu-o com estrepitosa risada...

De outra feita, Isadore resolveu «disfarçar-se» de si mesmo, entrando numa casa clandestina de vinhos, de propriedade de um correligionário. O dono, porem, recusou-se a vender-lhe qualquer bebida, por achar que Isadore não tinha aspecto semita. Este pediu então a um colega irlandês que tentasse a mesma coisa, e, com grande surpresa de ambos, o proprietário dessa vez acedeu, sendo preso imediatamente. Aliás, Isadore fez questão de detê-lo pessoalmente, com toda a solenidade.

Isadore dirigiu-se um dia a certa universidade famosa, por haver suspeitas de que no restaurante dos alunos serviam-se bebidas alcoólicas furtivamente. Quis disfarçar-se de estudante, e apareceu no restaurante com um boné e diversos livros debaixo do braço, gritando, em altos brados, várias expressões de jíria colegial. Tomando-o por um palhaço, o garçon vendeu-lhe o uisque sem hesitar.

Não tardou que Isadore e Moysés passassem a ser considerados praticamente infaliveis, sendo, por isso, enviados a diversas outras cidades onde os agentes locais haviam produzido resultados decepcionantes.

Em uma de suas expedições a diversas localidades, Isadore organizou uma estatística do tempo que lhe era necessário, em diferentes lugares, para conseguir um «gole». Em geral, era preciso um quarto de hora ou trinta minutos no máximo. Mas Nova Orleãs foi a cidade que bateu o récorde nesse assunto. Quando Isadore chegou aí, tomou um taxi e perguntou ao chofer onde poderia obter um golezinho.

—Aquí mesmo, chefe, respondeu o motorista, apresentando-lhe uma garrafa.

Tempo total: 35 segundos...

Em meados de 1925, eram tais e tantas as histórias que os jornais publicavam a respeito dos dois agentes, que os altos funcionários encarregados da Proibição acabaram por irritar-se, annunciando oficialmente que seria suspenso todo e qualquer agente que tivesse publicidade jornalística por seu trabalho. Du-

rante algum tempo, Isadore tentou sinceramente agir em sigilo, atraindo um mínimo de atenção; isso, porem, não foi possivel.

Finalmente, já em novembro de 1925, a repartição federal a cargo da Proibição declarou que Isadore e Moysés haviam sido demitidos «a bem do serviço público». Extra-oficialmente, eis o que disseram as autoridades: «Este serviço precisa ser feito com certa dignidade. Infelizmente, Isadore e Moysés são muito teatrais...»

Para falar verdade, a maioria dos jornais acreditava que a própria Proibição era uma simples palhaçada.

Razões para divórcio...

UMA AMERICANA, processando o marido e requerendo divórcio, explicou: —Bem, ele nunca chegou a bater em mim. Mas vivia pela casa batendo com o punho nas portas e berrando: «Ah, se fosse você! Ah, se fosse você!»

—*Time*

UM TAL William Wilson divorciou-se de sua esposa porque ela um dia lhe furtou a dentadura postiça, guardando-a como refem, e pedindo dois dólares pela mesma.

—*Time*

NO TRIBUNAL de Divórcios de Paris, os juizes tiveram que resolver um caso dificil: certa senhora processou o marido, pedindo indenização por perdas e danos, em vista de ela ter tido seis filhos...

—*Herald Tribune* de Nova York

OUTRA americana requereu divórcio porque o marido a golpeara na cabeça com uma galinha viva e, vendo que a galinha morrera com o golpe, fez com que a mulher recobrasse os sentidos e lhe ordenou que cozinhasse a ave...

—*Time*

UMA SRA. Ada Leonard, cuja profissão de bailarina de cabaré a obrigava a aparecer quase nua em público, pediu divórcio porque, segundo explicou seu advogado, «ela ofendeu-se com o marido porque o marido não está ofendido pelo fato de ela se dedicar a tal profissão. Está claro, sr. Juiz?»

—*Newsweek*

MME. Pierre Riendeau, de 79 anos, requereu desquite de seu marido, que andava pelos 86. Surpreso, o juiz perguntou:

—Há quanto tempo se casaram?

—Sessenta anos, foi a resposta.

—Mas porque a sra. quer desquite, depois de tantos anos?

—É que para tudo há um limite, sr. juiz.

Conseguiu o desquite...

AVENTURA NO ÁRTICO

CONDENSAÇÃO DO LIVRO

My Life in the Frozen North

POR PETER FREUCHEN

HOMEM de estatura quase gigantesca, Peter Freuchen é tambem um dos grandes aventureiros modernos: traficante, cientista e explorador, levou durante muitos anos uma existência de perigos e alegrias na intimidade dos esquimós.

A descrição que ele nos dá, neste livro, dos usos e costumes dos esquimós, não tem, como é óbvio, o propósito de ferir as suscetibilidades do leitor, mas apenas o de lhe oferecer a imagem honesta e fiel do que é a existência dum estranho e valoroso povo, cujas regras de conduta são fruto dum ambiente natural tão esteril como hostil à vida humana. Das suas façanhas pessoais, o autor só fala com modéstia.

Freuchen desfruta, como explorador, duma sólida reputação. Às suas viagens deve a Dinamarca, em grande parte, o domínio que depois veio a exercer sobre o norte da Groenlândia. Foi ele que, na companhia de Rasmussen, atravessou pela primeira vez os gelos eternos dessa região, até então considerados inacessiveis. O rei Cristiano da Dinamarca o condecorou pelos relevantes serviços por ele prestados ao seu país.

Os episódios aquí condensados representam somente pequena parte das inúmeras aventuras—bem-humoradas, imprevistas, por vezes trágicas—que recheiam as 500 páginas da sua movimentada narrativa.

Copyright 1935, Peter Freuchen. Editores: Farrar & Rinehart, Inc. Nova York

PETER FREUCHEN era ainda um jovem estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de Copenhague, quando presenciou um acidente que o chocou profundamente, revelando-lhe a ironia da vida civilizada, e determinando nele o primeiro impulso conciente no sentido de escapar-lhe.

«Um dia,» narra ele, «estava eu no hospital, quando nos trouxeram um pobre homem que fora vítima de grave acidente nas docas; sofrera tais contusões que estava irreconhecivel, apresentando alem disso o crânio fraturado e algumas costelas contusas. Os médicos que durante meses o trataram estavam firmemente convencidos de que nada o poderia salvar. Não obstante, seis meses depois o homem estava completamente curado! Foi um verdadeiro milagre, e acorreram médicos de todos os cantos da Europa a Copenhague, para o examinar. Embora com grande relutância, não houve remédio senão dar-lhe alta e restituí-lo ao mundo donde viera. Fomos todos à janela para vê-lo sair: parou a uma esquina, e em seguida vimo-lo atravessar a rua. Um automovel, a cuja veloz aproximação assistimos da janela, num pavor impotente, derrubou-o e matou-o no mesmo instante...

«Esse acidente me fez arder em uma fúria desesperada. Concluí logo que não fora fadado para a medicina, e abandonei a Universidade para me juntar à expedição Mylius-Erichsen, que se estava aprestando para explorar a Groenlândia.»

Essa expedição deu a Freuchen suas primeiras experiências reais sobre as condições de vida no Ártico. Familiarizou-se logo com os esquimós, aprendeu a remar num caique e a conduzir os cães, e finalmente ofereceu-se como voluntário para passar seis meses sozinho nas trevas do Ártico, metido numa cabana minúscula, fazendo e registando observações meteorológicas. Nessa longa fase de solidão, era frequente os lobos virem farejar e uivar em volta da cabana; para enxotá-los, Freuchen costumava servir-se de — «um dom especial que Deus me outorgou, e que até então ninguem tinha apreciado devidamente»: «Eu gostava de cantar; e tenho uma intonação tal, que nenhum ser vivo, nem mesmo um lobo esfaimado, é capaz de suportá-la. Em face disso, nunca punha o pé fora da cabana que não fosse a cantar com toda a força dos meus pulmões. E assim andava, de lugar em lugar, berrando em voz de estentor a minha alegria de viver, por sobre os gelos e dentro da noite ártica. Os lobos perderam a partida. Posso pois dizer, em pura verdade, que ganhei a vida com a minha voz, afirmação que nenhuma pessoa que me conheça, ou me tenha ouvido cantar, seria capaz de acolher sem espanto ou cepticismo.»

Quando a expedição regressou à Dinamarca, Freuchen já tinha adquirido uma dose suficiente de conhecimentos práticos sobre o Ártico. Passado algum tempo travou conhecimento com Knud Rasmussen, filho dum missionário da Groenlândia e de sua mulher, mestiça de esquimó, e fizeram-se grandes amigos. Resolveram fundar, juntos, uma feitoria ou posto de comércio na parte habitada do extremo norte da Groenlândia. Ajudados pelo apoio financeiro dum eminente cidadão dinamarquês, fretaram um navio que os levou, fartamente supridos de mercadorias, até o remoto porto de Tule, bloqueado pelos gelos.

AVENTURA NO ÁRTICO

O NAVIO nos deixou, dois europeus que éramos, sozinhos, naquele pequeno mundo dos esquimós da Groenlândia do Norte. Construimos uma casa na praia: não era nem muito espaçosa nem muito confortavel. Mesmo assim, durante os interminaveis meses de inverno, quando a neve se acumulava em volta dela até o telhado, lá dentro havia sempre calor, e a casa estava a toda hora repleta de visitantes esquimós—essa gente admiravel em cujo convívio eu ia fazer inúmeros amigos para o resto da existência.

Nosso primeiro problema, uma vez instalados em terra, era conseguir comida para os cães: é sempre esse o mais dificil dos problemas no Norte gelado. Os esquimós têm muito orgulho de seus cães, e sustentam-nos sempre em grande número. Seres humanos e cães comem exatamente a mesma comida, mas devo acrescentar que estes comem muito melhor do que aqueles.

Entre os esquimós, quando há caça, é de tradição presentear toda a gente com um bom corte de carne. Essa prática tornou-se-me familiar logo no primeiro dia em que fomos à caça de morsas no fiorde vizinho. Os pescadores esquimós, nos seus caiques, lançam-se em perseguição dos enormes anfíbios, arremessando-lhes seus arpões ligados a enormes bexigas ou flutuadores, que têm por função manter as morsas à superfície do mar. Procede-se então à matança por meio de lanças, operação essa que exige bravura, perícia e tempo; se a lança se espeta na morsa sem a matar, o pescador vê-se forçado a remar até junto da presa, aproximando-se dela o bastante para poder arrancar-lhe de novo o ferro, e esta manobra oferece os maiores perigos.

Logo que a morsa é arrastada para a praia, passam a esquartejá-la; o homem que lhe meteu o primeiro arpão recebe a cabeça, a barbatana esquerda, as entranhas, e muito especialmente o coração. (Os esquimós têm maneiras habeis de aproveitar as vísceras dos animais que caçam, e o estômago da foca, por exemplo, recheado de ostras e amêijoas segundo a praxe, é geralmente considerado petisco assaz delicado e nutritivo.) O segundo remador leva o quarto direito da frente, o terceiro fica com o quarto traseiro esquerdo, e assim por diante. Tive muita sorte logo à primeira vez que entrei na matança, e peguei o quarto anterior, porque tinha baleado o bicho logo depois de alguem lhe ter metido o primeiro arpão.

Achando-me assim, de repente, senhor de alguns centos de quilos de carne, apresentei agradecimentos ao arpoador, o qual mais adiante me disse que eu não devia agradecer: «Aquí nesta região a gente não gosta de ouvir ninguem agradecer o auxílio mútuo. Se eu consigo hoje alguma coisa, amanhã será porventura a vez do senhor. Há homens que têm menos sorte, outros não são capazes de remar ou correr tão depressa como os companheiros. Imagine a tristeza deles se tivessem que estar constantemente dizendo *obrigado* aos outros! O próprio caçador se sentiria desgostoso se visse que humilhava a cada passo os seus companheiros.»

Essa maneira de viver encantou-me logo pela sua simplicidade.

Os cães, que tínhamos trazido da Groenlândia dinamarquesa, ainda possuiam dentaduras completas. Os naturais da região vieram pedir-nos que lhes limássemos os dentes para não roerem as correias de pele de foca que serviam para mantê-los amarrados. É outro costume dos esquimós. Ora, é muito facil eliminar as arestas dos dentes dum cachorrinho, por meio duma lima ou mesmo duma pedra; mas os nossos cães eram bichos adultos, e foi preciso lançar mão dum martelo para executar a dificil operação. O costume é começar por «anestesiar» o pobre cão, o que se consegue pendurando-o pelo pescoço até ficar inconciente; depois, a toda a pressa, antes que volte a si, é posto por terra, abrem-se-lhe as mandíbulas e achatam-se-lhe os dentes à martelada. É, evidentemente, uma operação das mais cruéis, mas os cães não se mostram muito doidos com ela. Vezes e vezes me tem acontecido vê-los erguer-se de um salto logo após a operação, sacudir um pouco a cabeça, e partir correndo para comer ou lutar.

Quando ficam com os dentes embotados, os cães não podem comer carne gelada no inverno, e é sempre um motivo de grande preocupação descongelá-la primeiro, para os alimentar. A maior parte das vezes, o que se faz é nutrí-los com couro de morsa cortado em grandes talhadas; atira-se a comida para o meio da matilha, e cada animal, para conseguir a sua ração, não tem remédio senão tragá-la depressa. Não podendo mastigar o alimento, por falta de arestas nos dentes, a digestão dura um tempo imenso, e a comida fica-lhes no estômago durante muitos dias, dando-lhes a perfeita ilusão de se terem alimentado em época muito recente.

Durante as excursões em trenó, que os cães puxam, estes comem dia sim dia não; em casa, durante o inverno, quando não fazem trabalho algum, de três em três dias apenas. E no verão não é preciso dar-lhes de comer mais de uma vez por semana.

O sol descaiu e desapareceu no horizonte no dia 19 de outubro desse ano: era o inverno que principiava! A primeira vista, o forasteiro poderia esperar que os naturais se entristecessem com o ocaso do sol, mas na realidade é o contrário que se passa; o verão, com o sol sempre girando em volta e acima do horizonte, é longo e cansativo. Os esquimós vivem durante essa estação em tendas de peles, ou couro, dentro das quais não há maneira de conseguir uma obscuridade completa. É sempre dia claro, e os olhos doem de tanta luz, saudosos da escuridão. Assim, tão depressa desaparece o sol, as mulheres começam a gritar: «Oh, alegria e felicidade! O sol foi embora! Vem agora o inverno, não tardam as boas notícias dos fiordes, e já podemos sair a visitar nossos amigos. Agora as focas vão entrar todas nos buracos que encontram no gelo, para respirar.»

Impõe-se, logo desde o início, tirar partido da estação invernosa. Durante curto lapso de tempo, antes de cairem as primeiras neves, os caçadores, com os seus sapatos de pele de urso, podem marchar sobre o gelo sem fazer o mais leve rumor, o que lhes permite aproximarem-se das focas nos buracos do gelo, suficientemente perto para lhes meterem os arpões, sem previamente despertar a atenção dos animais.

Assim que o gelo se apresentou bem formado e endurecido, os esquimós foram chegando a Tule, vindos dos pontos mais distantes, com o fim de visitar amigos e de fazer transações comerciais. Vinham às vezes famílias inteiras encaixadas e em

um só trenó. Chegavam a qualquer hora do dia ou da noite, porque, quando a escuridão é permanente, como no inverno polar, os naturais não têm hora marcada para dormir: dormem quando se sentem cansados.

Havia sempre em nossa casa uma pessoa pronta a recebê-los: alguns destes recem-chegados começavam simplesmente por se recusar a entrar, afirmando que estavam alí somente de caminho para outra aldeia, em rápida excursão. Mas sempre acabavam entrando, e eu dava começo às formalidades do meu negócio, que o Cnud me ensinara. Depois de muita conversa a respeito de caçadas, cães e meninos, eu perguntava, como quem não quer nada, se o caçador trazia algumas peles de raposa. Meu interlocutor fazia-se muito espantado:

—Raposas? Quem, eu? Não! Sucede que o homem aquí presente é bem fraco caçador. Para pegar uma raposa é preciso um caçador muito habil!

—Ora, a pena que eu tenho, tornava eu. —Acho-me tão precisado de boas peles de raposa, e estava convencido de que você era pessoa para ter o que há de melhor no gênero.

—Ah, até que enfim vou ter uma coisa digna de contar aos meus! Acontece que um pobre homem teve a audácia de entrar nesta casa, iludindo o senhor. Ora, que pena eu não ser caçador de raposas!

—Que coisa, fico mesmo desconsolado com isso. E que é que você tem então naqueles seus sacos, alí fora?

—Ora, nada que valha a pena falar, nesta casa de tanta grandeza. São uns trapos de peles que trouxemos conosco para limpar as mãos com eles.

—Em todo caso, talvez não fosse mau eu dar uma olhadela. É que não estou habituado a ver peles realmente finas.

—Não, senhor! De maneira nenhuma! respondia o meu comparsa.—Essas peles nós devíamos era ter jogado fora, antes de chegarmos a esta terra.

Depois de muitas teimas e cerimônias desse jaez, eu afinal conseguia persuadir o sujeito a trazer os sacos para dentro de casa. Um só desses fregueses podia descarregar porventura cincoenta peles finas, ou mais, alí no soalho! A esposa dele tinha-se dado ao trabalho de extrair toda a gordura por forma que as peles se apresentavam lustrosas e ricas de aspecto. A essa altura eu sentava-me e esfregava os olhos como se nem pudesse acreditar no que eles viam, uma riqueza assim de peles de primeira qualidade.

Depois de gastas, às vezes, muitas horas neste palavreado, eu acabava pedindo ao homem que tornasse a meter tudo aquilo no saco; não era (dizia eu modestamente) que não as quisesse comprar, mas onde havia de buscar o *dinheirão* com que pagar aquela incomparavel mercadoria?...

—Ora, o sr. não é pessoa para caçoar comigo, ou fingir agora que me julga capaz de aceitar seja o que for por um montão de lixo como esse! Aceite isto como um presente.

Por fim conseguíamos chegar à questão essencial dos preços. Dizia eu:—Fico louco de alegria de me ver na posse destas excelentes peles, e teria o maior gosto em lhe oferecer alguma coisa aí dessas mercadorias sem valor que trouxemos conosco.

Aquí, o tom da conversa alterava-se ligeiramente: —Teríamos muito orgulho em aceitar qualquer coisa que o sr. nos oferecesse.

—Aquí tem a chave do armazem, retorquia eu. —Abra a porta e corra tudo, veja o que temos aí. Eu tenho até vergonha de o acompanhar, não quero nem ver a sua cara de desapontamento!

Era esse o ponto culminante da demo-

rada barganha. O freguês e a esposa pegavam na chave, e desapareciam pela porta do armazem. Alguns dos esquimós do local, que já conheciam a mercadoria, entravam com eles e explicavam-lhes o valor dos diversos artigos. Sabia eu, de antemão, que todos os gêneros alí armazenados iam ser submetidos a meticuloso exame. Se houvesse 50 carabinas, seriam todas manejadas uma por uma. Não havia sequer uma caçarola que escapasse à inspeção. Os naturais sabiam perfeitamente o que queriam, e examinavam tudo sem precisar de informações. Ficavam às vezes mais de meio dia no armazem, mas que se demorassem muito ou pouco não fazia diferença: eu já tinha avaliado as peles, e sabia quanto podia permitir-me pagar por elas.

Acontecia por vezes dizer-nos algum esquimó que estávamos pedindo muito pouco pelos nossos artigos de comércio. Houve mesmo um velho esquimó que certo dia me ofereceu cinco peles de raposa em troca dum facão.

—Não, disse eu,—um facão custa menos do que uma raposa.

Respondeu-me então com muita brandura:

—Pode ser que a língua me caia da boca, por eu me atrever a protestar contra o que diz um homem branco. No entanto, devo falar. O sr. não pode saber que faz mais de um ano eu ando sem facão. É por esse motivo que eu lhe ofereço todas estas peles. Esse velho já tinha visto gente morrer de frio, por falta dum facão com que pudesse escavar um buraco de abrigo no gelo; ou de fome, ao lado duma morsa, por não a poder esquartejar. Na lógica dos esquimós, os bens econômicos têm mais ou menos valor consoante as necessidades do comprador, e por isso o comprador é quem deve determinar o respectivo preço.

Ficou resolvido que eu atravessaria a Baía de Melville, nesse inverno, para obter provisões no posto que o governo dinamarquês mantinha em Tassiussaque. Fui de trenó, acompanhado de quatro homens também com seus trenós. A não ser que houvesse algum temporal, dormíamos as noites ao ar livre, nos nossos sacos de dormida. O truque que permite dormir bem aconchegado e aquecido num desses sacos, é meter-se todo nu dentro dele. Se uma pessoa se mete no saco com as roupas do corpo, a neve ou o gelo que estas levam, sempre aderentes, começam a derreter com o calor, e umedecem o interior do saco. À temperatura de 40°C. abaixo de zero, um saco leva muito tempo a aquecer, e ainda que não se possa dormir por causa do frio, pelo menos sempre se pode estar quieto e sentir-se um pouco mais repousado pela manhã, quando chega a hora dura de se tornar a vestir ao ar livre... Esta operação é que é realmente bastante dificil.

O vestuário consta de dois ternos de pele, ficando o interior com o pelo voltado para o corpo, e o exterior com o pelo voltado para fora. O primeiro gesto a fazer, ainda dentro do saco, é tirar as calças que ficaram debaixo do mesmo. É frequente a gente encontrá-las quentes e confortaveis, visto o calor do nosso corpo, metido no saco, ter irradiado através deste. Em seguida calçam-se as botas, que estão de ordinário geladas e duras como pedra; mas não é dificil calçá-las, embora se torne às vezes necessário andar batendo com os pés no chão durante algum tempo para reanimar a circulação do sangue. Vem por último a mais dura de todas as operações—especialmente para mim—que é a de enfiar o casaco.

Tenho um nariz protuberante, e quase invariavelmente o encontro gelado pela

manhã. Um casaco de pele de caribú já de si é bastante pesado, e é preciso enfiá-lo pela cabeça abaixo como um sueter amplo. Todos os dias, enquanto dura a marcha, o casaco vai pegando um pouco mais de gelo, até que, a certa altura, quando roça pelo rosto, ao vestir, produz a sensação duma folha de lixa grossa. As mangas acham-se em geral duras como tábuas, e é preciso martelá-las para as amolecer, ou então faz-se passar através delas o cabo dum arpão para abrir passagem aos braços. A despeito de todas essas dificuldades, as excursões do inverno não deixam de apresentar seus encantos. Temos à noite o cheiro bom da carne que assa sobre o fogo alimentado a gordura; em volta os naturais trabalham com desenvoltura e em silêncio, recortando-se no céu o grande vulto de seus corpos, que fazem parte da paisagem dos gelos; os cães ficam solidamente amarrados alí perto, e, erguendo-se majestosamente numa gigantesca silhueta branca, o perfil dum *iceberg* protetor forma o pano de fundo. Nesse ambiente as nossas noites decorriam em paz e beleza.

Certo dia, indo nós em marcha, reparamos que, sobre o solo coberto de gelo, passava uma lufada de neve de mau agouro, do gênero a que os naturais dão o nome de «varredura de chão». Daí a pouco o vento fustigava-nos o rosto. Era o início dum sério temporal. Amarramos os cães tão depressa quanto pudemos, puxamos das navalhas e das serras, e entramos a talhar blocos de neve a toda pressa, para construir nosso abrigo.

Na costa oriental da Groenlândia, onde estávamos habituados a viver em tendas, o temporal de neve era por todos considerado como um irmão do diabo. Mas, desta vez, ouví os meus homens dizerem que fora «uma sorte» termos sido colhidos num nevão, que nos obrigaria a construir uma casa dentro da qual poderiam secar ao fogo os nossos mitenes e meias. O nosso iglú, ou cabana de neve gelada, não tardou a ficar pronto. Carregamos toda a nossa bagagem lá para dentro, cobrimos as banquetas em redor com peles, e acendemos as nossas lâmpadas de azeite de foca. A regra é que o último homem a entrar no iglú talhe na neve um grande bloco, para tapar a entrada. Uma vez calafetada esta, os moradores encontram-se num cômodo bastante confortavel, e os uivos do temporal lá fora como que reforçam por contraste o agradavel conchego que reina dentro da cabana. Os cães, que se deixam fora da porta, fazem-se numa bola, enroscando-se com os narizes metidos na cauda, e deixam que a neve, caindo espessa, os recubra dum manto ao mesmo tempo quente e cômodo.

Depois de ter aprendido todos esses meios de defesa contra o temporal, aquela demora inesperada chegou a parecer-me agradavel em comparação com a rotina da viagem. Deixamo-nos ficar confortavelmente instalados no iglú durante três dias, à espera que o temporal amainasse. Findo ele, voltamos ao ar livre, desenterramos os nossos trenós, enquanto os cães pulavam de sob a neve como estranhos seres subterrâneos, espreguiçando-se e correndo em volta, presos às cordas, para desentorpecer os corpos entanguidos de frio.

Tinham repousado bem, e, embora esfaimados, mostravam-se cheios de energia que lhes deu para correr vertiginosamente sobre a neve. Pobres bichos; toda a sua esperança está em chegar depressa à refeição seguinte, na ingênua crença de que quanto mais depressa correrem, mais depressa são alimentados... Mas a Baía de Melville é muito larga, e mais larga ainda parece na escuridão do inverno,

visto a gente nunca saber se pode confiar na camada de gelo sobre a qual nos arrasta a correria. Levamos, assim, alguns dias para vencer a mesma distância que poderíamos ter transposto numa questão de horas se, em vez de noite, fosse dia.

Detivemo-nos a repousar durante uns dias no acampamento esquimó do Cabo York, e enquanto alí estávamos fomos um dia convidados para comer *giviaque* na casa de Angutidluarsuque. Encontramos reunidos alí todos os moradores da aldeia. As mulheres tinham descalçado as botas, e estavam sentadas na saliência da parede que serve de banco, em volta da sala. À medida que a casa foi aquecendo graças ao numeroso ajuntamento, cada qual foi-se aliviando das roupas, até que por fim estavam todos nus da cintura para cima. Era agradavel contemplar aquela coleção de corpos esplendidamente musculados, reluzindo à luz das lâmpadas de óleo. Depois de termos conversado durante algum tempo, o dono da casa teve uma idéia verdadeiramente inspirada: e se comêssemos qualquer coisinha?

Apesar de ser essa a razão que nos trouxera alí, declaramos todos em uníssono que nem tal nos ocorrera, que idéia!, mas que se ele nos oferecesse de comer tínhamos antecipadamente a certeza de que seriam os manjares mais apetitosos deste mundo.

O ancião riu a bom rir:

—Bem, meus caros amigos, tem muita gente que não faz melhor porque não sabe. Eu nunca tenho nada que preste para oferecer. Dito isso saiu, voltando com um grande saco de pele de foca, congelado e todo coberto de neve, e pôs-se a abrí-lo e a fazê-lo em pedaços com um machado. Todo o conteudo estava como uma pedra de gelo. Depois de ter reduzido a torrões bem metade do pacote, pegou com as mãos em um pedaço daquela mixórdia—pássaros e penas tudo à mistura—cortou-o em migalhas, extraiu-lhe a maior parte das penas, e começou a comer.

—Como era de prever, disse ele, —está uma desgraça. Nem o meu pobre cão haveria de querer!

A essas palavras, os convivas saltaram à uma sobre o saboroso petisco, e por toda a casa reinou um silêncio augusto, somente interrompido pelo estalar de ossos partidos entre os dentes vorazes.

É conveniente explicar que o que estávamos comendo eram *auks*. Estes pássaros, pouco maiores do que estorninhos, vivem em tais quantidades nas falésias da região, que as montanhas dão muitas vezes a impressão de mexer de vida. A carne do *auk* é uma preciosidade. Mas o que alí estávamos comendo então é um petisco delicioso, muito especial: *auks* conservados em óleo! Este quitute prepara-se da seguinte maneira: pega-se uma foca acabada de matar e tiram-se-lhe as entranhas e a carne toda pela boca, sem rasgar a pele. Deixa-se, porem, a maior parte da gordura lá dentro, aderente ao couro. Temos, pois, assim, um saco hermético, bem forrado de gordura.

A pessoa que tenciona encher o saco com pássaros, leva-o consigo até um lugar onde eles são mais abundantes do que peixe num viveiro, e depois, servindo-se duma rede presa à ponta dum pau comprido, dá caça aos *auks* que passam em denso bando, podendo pegar num dia a quantidade suficiente para encher o saco de foca que, em seguida, se ata firmemente e se deposita sob um monte de pedras. É indispensavel que não seja atingido pelo sol, pois do contrário o óleo ficaria rançoso. Durante o verão, o óleo vai embebendo os pássaros, que lentamente se decompõem sem interferência do ar atmosférico.

Dessa maneira se cozinha só por si uma iguaria como não há outra no mundo, e que é tão apreciada pelos moços como pelos velhos. O gastrônomo conhecedor pega na ave pelas pernas, e corta-lhe os pés com os dentes; em seguida, com um destro movimento de mão, arranca-lhe as penas, ou a maior parte delas. Depois esfola-a do bico para trás e, tendo virado a pele do avesso, sorve-lhe com delícia a gordura mais gostosa que já provei. Por fim, engole a pele toda duma vez, e só então se atira à carne.

Assim que foi aplacada a nossa fome, um dos convivas, certamente dotado de talento especial para a cerimônia, soltou uma erutação que quase ia atirando com o teto da casa pelos ares; e todos os demais o imitaram (na medida das suas aptidões) para assim demonstrar ao anfitrião quanto tinham saboreado o seu banquete...

Nas regiões árticas não há viagens faceis ou sem incidentes. Em uma só excursão, e relativamente curta, escapei por um triz de morrer gelado, de cair numa fenda ou de me afogar no oceano em companhia dos meus cães. Mas a jornada sempre se completou sem peores acidentes, e de regresso a Tule voltamos a instalar-nos, com a maior satisfação, em nossa casa. É natural que, na sua maior parte, os homens não pudessem aguentar tamanha solidão, mas a mim não me faltava nada do que eu desejava: amizade, confiança, e uma existência ativa e ocupada. Nunca procuramos ludibriar os esquimós, que eram nossos amigos verdadeiros. Todos os moradores da aldeia nos faziam visitas diárias, e se algum dos homens não aparecia, era certo que andava na caça.

Um dia, em conversa com um dos caçadores, fiz-lhe sentir que, havia já alguns dias, não via a sogra dele, a velha Cruli.

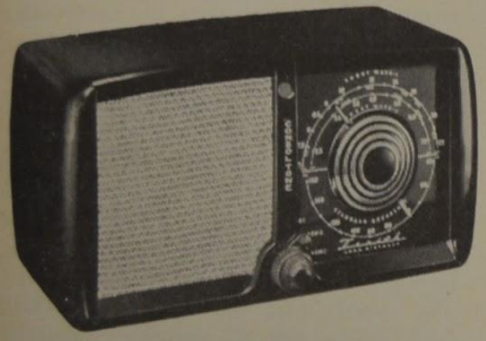
—Ah, é claro, fez ele. —Fui deixá-la aí numa ilha, para que ela apanhe *auks*, e se ela ainda estiver viva, nós a veremos por aquí no outono que vem. Estava bastante gorda, e é capaz de aguentar muita privação. Vai-se dar muito bem na caverna.

Fiquei de boca aberta! Alí estava na minha frente um excelente rapaz, e que se dispunha a deixar morrer a sogra, se ela não fosse capaz de se haver com a fome e o mau tempo! Não podíamos, pelo menos enquanto alí estivéssemos morando, consentir que os anciãos fossem tratados de forma tão cruel, e resolvemos pregar uma lição aos nossos amigos. Atrelei meus cães ao trenó e metí-me a caminho da tal ilha. A jornada era coisa para uns poucos dias, e durante ela estive a ponto de perder a vida à beira duns gelos que estavam mal seguros. Mas afinal conseguí chegar aonde a velha se encontrava desterrada.

A mulherzinha pensava que eu tinha parado alí somente para lhe fazer uma visita, mas quando eu lhe disse que se fosse arranjando para regressar a casa, estampou-se-lhe no rosto a expressão de espanto de quem, à última hora, se visse salvo da forca; começou batendo com as mirradas mãos uma na outra, e cantando de alegria, por saber que voltava a ver os seus netinhos. A pobre não tinha muita bagagem para carregar até a casa: «Minha panela!»—e era apenas uma lata vazia de conservas. «Minha chaleira!» —uma latinha de leite condensado. Os cobertores em que se embrulhava para dormir eram umas velhas peles de caribú, já sem cabelo, reduzidas ao couro. Mas havia um objeto para ela tão precioso, que nunca dele se separava: uma chícara

PARA O MELHOR EM RÁDIO

RECEPÇÕES DE ALTA PRECISÃO — «BANDA SUPER-EXPANDIDA»



8W045: Recepção de onda longa e ondas curtas internacionáis de grande distância, por meio de sintonização de «banda super-expandida» sôbre 13, 16, 19, 25 e 31 metros. Selecionador automático de «bandas.»

5D012: Compacto; ótimo para audições deleitosas de onda longa e onda curta de até 13 metros sôbre 3 escalas de sintonização. De matéria plástica branca e prêta.

ZENITH

NOVOS RÁDIOS INTERNACIONAL COM *Reprodução Radiônica*

de esmalte genuino, que o meu amigo Cnud lhe havia oferecido, e que ela trazia sempre pendurada do pescoço por um cordel. No meio dos seus preparativos, a velha lembrou-se de repente que ainda não podia partir: «O senhor está vendo, meu genro me deixou aquí com três peles de foca para encher de passarinhos. Até agora eu só enchí uma e meia, e antes de voltar para casa tenho pelo menos que acabar de encher a segunda.»

Não tive coragem para lhe recusar isso. Esquecí minha própria fadiga, e passei todo aquele dia pegando os pequenos *auks*, a serviço do homem que abandonara alí a sogra à morte quase certa, determinando-lhe, ao mesmo tempo, como tarefa derradeira, que enchesse três peles de foca. Com isso, no curso do inverno à porta, ficaria ele aparelhado para oferecer aos seus amigos lautos banquetes como aquele acima descrito!

A caminho de casa, a velhota foi-me falando dos pensamentos que entretivera durante aquele isolamento. Tinha chorado algumas vezes, mas só para ajudar a passar o tempo, e da sua boca não saiu nem uma palavra de queixa contra o genro que a condenara sem clemência à morte.

Boa velha Cruli! Eu teria a lamentar uma mentira, se descrevesse como «entusiástica» a recepção que o genro lhe dispensou...

AS EXPEDIÇÕES de caça ofereciam oportunidade para a aquisição de esposas —costume que resulta, não da ausência de moralidade, mas simplesmente dum código diferente daquele por que se regula a nossa raça.

O amor que o esquimó consagra à esposa é um fenômeno marcadamente distinto das necessidades da sua vida sexual. Quando um homem que não possue esposa sente maior necessidade de companheira, toma emprestado a mulher de outro esquimó. Tratando-se duma raça de caçadores como são os esquimós, o sistema não deixa de apresentar suas vantagens. O caçador necessita de ter sempre a seu lado uma mulher que mantenha quente o iglú onde mora, que lhe aqueça a comida, que lhe remende e ponha a secar os calçados. A mulher pode cuidar das peles, o que permite ao caçador regressar à aldeia com o triplo da mercadoria que levaria se andasse só. Ora, se a sua própria mulher está doente ou grávida, por exemplo, quanto melhor não é para ele deixá-la na companhia dum amigo, e levar consigo a mulher do seu amigo!

Acreditam os esquimós que o animal humano é merecedor de confiança em todos os aspectos do convívio social, menos no que respeita ao sexo. Uma vez aceita essa idéia, organizam de acordo com ela a sua existência. Quando os caçadores regressam a casa, as esposas retornam cheias de felicidade aos seus maridos. Na maior parte das grandes comunidades existem casas especialmente reservadas para a gente moça, onde os jovens dos dois sexos se misturam livremente, e vivem juntos sem que isso provoque qualquer censura. Os esquimós pensam com notavel sabedoria que nenhum matrimônio pode ser feliz se entre os dois esposos não existe afinidade sexual, e por essa razão consideram da máxima importância, assim para o homem como para a mulher, que eles façam a experiência da sua afinidade e coordenação amorosa antes de se abalançarem a uma união permanente.

Vivendo tanto tempo entre os esquimós, nunca ouví conversas obscenas nem histórias pornográficas, e isto se explica porque, para eles, tudo que é humano é

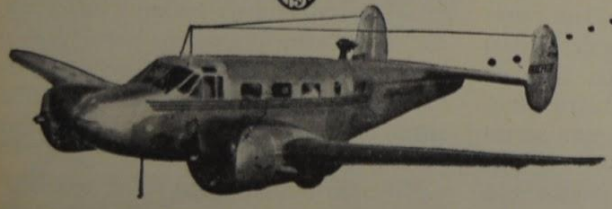
FÓRMULA

PARA UMA PRESSA COMFORTAVEL

Na grande concorrência no sentido de se realizarem mais negócios, o BEECHCRAFT Modelo 18 representa o meio que mais se destaca para o transporte pessoal rápido. É veloz; percorrendo 200 milhas por hora e até mais, o sr. alcança o «seu objetivo» em menos tempo. Esse avião foi projetado e construido para dar bastante conforto, e o tempo que se gasta de viagem torna-se «tempo produtivo», permitindo-lhe trabalhar ou fazer planos enquanto vai a seu gosto numa luxuosa cabine. O Beechcraft Modelo 18 é o perfeito complemento para a moderna organização do seu negócio. Essas viagens permitem-lhe tomar decisões de valor quando suas operações abarcam um largo campo de atividade. Isso recompensa enormemente aos que assim viajam. Se o sr. está interessado em multiplicar seus afazeres reduzindo o tempo e a fadiga das viagens, acrescentando desse modo mais horas à sua jornada de trabalho, mais dias ao seu trabalho mensal, então, permita-nos aconselhá-lo a que—nos escreva hoje—Fatos, números e demonstrações ao seu dispor, sem compromisso.

Beech Aircraft

CORPORATION WICHITA, KANSAS, E. U. A.



O MUNDO É PEQUENO QUANDO SE VIAJA NUM BEECHCRAFT

natural, e os refinamentos e perversões da sexualidade, tão comuns entre outras raças, nunca lhes ocorreram.

Certo dia, durante uma excursão em grupo, vimo-nos forçados a regressar a toda a pressa a casa, para que Atitaque chegasse a tempo de dar à luz um filho, quando um vendaval do Ártico nos fustigou com tamanha violência que derrubou os cães, forçando-os a ajuntar-se num novelo em volta dos trenós. Estávamos todos encolhidos e agarrados uns aos outros, para nos proteger do temporal, quando o marido de Atitaque nos anunciou que a hora dela estava chegando. O momento exigia medidas supremas. Era impossivel erguer um iglú porque a neve estava ainda demasiado macia para que a pudéssemos cortar em blocos. Despir Atitaque sob um frio daqueles, nem pensar. Assim, resolvemos finalmente deitá-la ao lado dum trenó, ao abrigo da ventania, enquanto alguns homens se agruparam do outro lado, formando um paravento. Atitaque se pôs de joelhos e cortamos-lhe as calças quando se tornou necessário. O parto fez-se rapidamente, e Atitaque meteu logo o menino dentro do casaco, onde ele ficou bem aquecido e aconchegado. Entretanto o temporal amainara um pouco, e Cnud partiu à frente levando mãe e filho para a aldeia, no mais ligeiro dos nossos trenós. Quando chegamos por nossa vez, a mãe mostrava-se alegre e bem disposta, e o menino já se achava metido em seu capuz de pele macia.

Nossa existência entrara numa suave rotina de caçadas, trocas de peles, e longas e frequentes jornadas a outras comunidades esquimós, onde éramos sempre recebidos com a maior hospitalidade e diversões de toda ordem. Durante uma dessas recepções, após o banquete de pele de narval, recostamo-nos confortavelmente para ouvir música nativa. Essas canções do Ártico, acompanhadas do rufar surdo do tambor, parece que têm bruxedo: exercem sobre nós uma ação hipnótica, muito embora sejam desprovidas de palavras, nem soem como música para nossos ouvidos, porque os ritmos sempre repetidos vão subindo gradativamente até culminarem num guincho exasperante. O cantor só se detem quando, sentindo-se exhausto, não pode mais conservar-se em pé; logo salta outro cantor respondendo ao desafio. E, à medida que a sala vai aquecendo mais, os esquimós vão-se desvestindo até ficarem completamente nus, deixando à mostra seus belos corpos curtidos, de magnífica musculatura, e as longas cabeleiras escorrendo pelos ombros. Na festa a que me estou referindo, a certa altura, duas mulheres pularam de pé para retomar o fio da canção, e gradualmente o auditório inteiro entrou a cantar, num estado emocional que atingia um vértice de assustadora excitação. Ninguem poderia jamais supor que estas mulheres tão silenciosas e submissas, habituadas a passar os dias sentadas e cosendo, fossem capazes de tal exaltação emotiva.

Assistimos uma vez, durante o inverno, a um acidente desolador: um esquimó saiu para caçar, acompanhado da mulher, deixando em casa o filho, que era um adolescente de treze anos. Acontece que uma das brincadeiras preferidas dos meninos esquimós é pendurarem-se uns aos outros pelo capuz da vestimenta, até perderem os sentidos. Tão depressa a cara do pendurado começa a pôr-se roxa, os outros meninos o despenduram e estendem no chão até que volte a si. Essa brincadeira é muito frequente, porque as crianças acham que o estado de inconciência é uma coisa deliciosa. Foi este o

Quando necessite pneumáticos..

EXIJA "U. S." E MANTENHA-SE À FRENTE!

Existem muitos fatores invisiveis — tais como o controle da produção desde as matérias-primas até o artigo acabado... a investigação científica... e mais de 100 anos de especialização — que determinam a superioridade dos pneumáticos "U. S.", sempre a par dos mais recentes progressos.

Pela sua resistência, quilometragem e segurança máxima... exija "U. S." e mantenha-se à frente.

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Luvas para Cirurgiões | Mangueiras para gasolina e ar | Gachetas Industriais | Sapatos "U. S." Keds | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

UNITED STATES RUBBER COMPANY · US · TRADE MARK

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

Rockefeller Center, Nova York 20, E. U. A. *No Canadá:* Dominion Rubber Co., Ltd.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., New York 20

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

folguedo a que os meninos se entregaram no dia de que estou falando, com sinistras consequências.

O menino, que era o mais velho do grupo, foi pendurando os amigos um após outro, e, quando os via ficar roxos, apeava-os do gancho e deitava-os na banqueta do iglú, até que recuperassem os sentidos. Depois de todos terem passado pela experiência, o garoto içou-se com a ajuda deles para ficar pendurado. A certa altura começou a ficar tambem roxo, e esperneou para dar sinal de que o deviam apear; mas como era muito pesado, e os meninos não tiveram forças para o desenganchar, alí ficou suspenso até deixar de espernear; então os companheiros, espavoridos, correram porta fora deixando-o pendurado. Quando os trenós voltaram a casa, o pai, ao rastejar ao longo do tunel que dava acesso à cabana, viu os pés do filho pendentes por cima da porta. Estava morto. Seguiram-se cinco dias de luto geral, durante os quais ninguem saiu da povoação, e todos os trenós ficaram de proa voltada para as cabanas, não fosse alguem suspeitar que os respectivos donos se preparavam para sair do povoado.

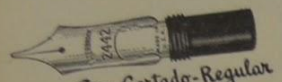
Foi mais ou menos por essa época que um dos meus vizinhos esquimós começou a instar comigo para que eu me casasse; dizia ele que nenhum homem devia viver sem mulher, e que ele tinha em vista a moça que estava mesmo a calhar para mim. Sem dar ouvidos aos meus protestos foi buscá-la para a trazer à minha presença, despiu-a, e pôs-se a apontar uma por uma as suas qualidades, tal qual um mercador de escravos. Eu estava francamente embaraçado, por mim e por ela, e esforcei-me por oferecer algumas razões inofensivas para não me casar. Por fim decidí fingir que adormecia. Mais tarde ouví a moça dizer num sopro a Maiarc: «Acha que eu devo ficar, ou que me devo ir embora e esperar que ele venha ter comigo?» Mas acabou indo embora, e não fui ter com ela.

Anos depois, tambem no inverno, estando o Cnud longe dalí, na caça ao urso branco, fiquei morando com Minique e a mulher dele. Por sua vez Minique partiu tambem para a caça, deixando-me só na companhia da esposa, que era muito jovem. Para evitar murmurações, convidamos uma pequena chamada Navarana para passar as noites na companhia da mulher de Minique. Navarana apresentava-se deselegantemente vestida, mas estava sempre de tão bom-humor, que nossa cabana, assim que ela entrava, se enchia de graça e animação. A pequena falava sempre revelando aquele dom de exprimir as idéias com o máximo de rodeios e atenuantes, que é tão peculiar aos esquimós, como quando, por exemplo, dizem: «O urso é constituido de tal forma, que não gosta de sentir uma lança espetada no corpo»; ou, quando uma excursão de inverno dá lugar a murmúrios maliciosos: «Ela é do gênero das que se zangam quando se encontram num bloco de gelo à deriva, com filhos pequenos.» Ou quando o avô de Navarana, desejando exprimir o sentimento da morte próxima, dizia com a maior dignidade: «Não é de todo impossivel que alguem adormeça e continue dormindo...»

Cheguei ao ponto de esperar todos os dias com impaciência que Navarana entrasse em casa. Por fim, uma noite ela chegou na ausência da mulher de Minique, e eu lhe disse que o melhor seria ela ficar comigo. Navarana fitou-me um momento, e limitou-se a dizer com a maior simplicidade:

—Eu não posso decidir só por mim,

Justamente para V.S.!

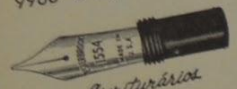


2442 Bico Cortado-Regular

A PENA EXATA

PARA A SUA MANEIRA DE ESCREVER

9968 Traço Grosso

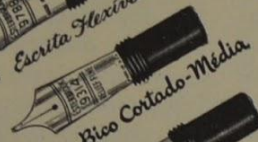


1554 Escriturárias

1555 Taquigrafia

2284 Bico Cortado-Grossa

9788 Escrita Flexivel

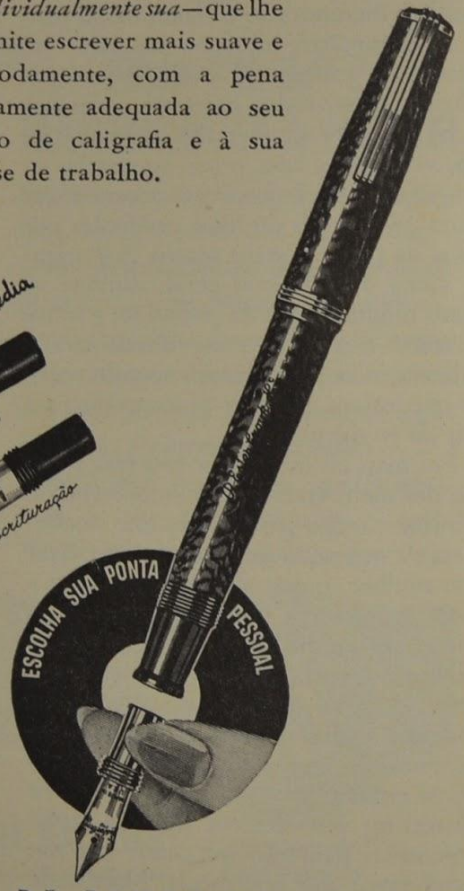


9314 Bico Cortado-Média

2556 Uso Geral

9550 Escrituração

Escolhendo entre os 33 variados estilos de penas renováveis Esterbrook, V. S. obtém uma caneta-tinteiro que é *individualmente sua*—que lhe permite escrever mais suave e comodamente, com a pena exatamente adequada ao seu estilo de caligrafia e à sua classe de trabalho.



TEM 33 PENAS DIFERENTES

Esterbrook

CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. A.

PRIMEIRO FABRICANTE DE PENAS DA AMERICA

porque não passo de uma mocinha muito fraca.

Mas os olhos dela diziam o que sempre dizem os olhos de quem ama. Limitei-me a rogar-lhe que passasse do lado oposto da banqueta para o meu lado—e isso foi tudo quanto era necessário às núpcias nessa terra da inocência.

NO DIA seguinte Navarana quis saber se devia voltar para sua casa ou não; e quando eu disse «não», o caso ficou arrumado. Algumas horas depois, um dos seus irmãos veio perguntar por que razão ela não tinha regressado a casa, e Navarana explicou:

«Uma pessoa está ocupada cosendo para si mesma nesta casa!»

O rapaz ficou assombrado, mas não disse nada, deu meia volta nos calcanhares e saiu correndo de casa em casa para anunciar a boa-nova.

Tive então, mais uma vez, o ensejo de admirar a discreção desse povo encantador. Ninguem disse a qualquer de nós uma só palavra que desse a perceber que a moça nem sempre tinha vivido em nossa casa. As visitas continuaram a vir como sempre, e falavam como se ela fosse de há muito minha mulher.

Abria-se agora para mim uma nova fase da existência, que viria prender-me mais intimamente do que nunca às terras frias do Ártico. Nunca me veio à mente a idéia de que eu estava «virando esquimó». Uma coisa eu sabia: meu casamento com uma mulher esquimó vinha cortar a última amarra que me prendia ao mundo do meu passado; mas esse mundo havia já tempo que eu deixara bem longe, para trás. Arranjamos muito bem o nosso aposento, mandamos fazer bonitas roupas para Navarana, e sempre que eu matava uma foca, convidávamos todos os vizinhos para a festa. Navarana era inteiramente feliz. Passara a ser a mulher mais bem vestida da tribo, guiava o seu próprio tiro de cães, ia vistoriar de vez em quando as suas armadilhas de raposas, tendo aí uma sorte digna de inveja.

Os esquimós detestam todas as manifestações públicas da emoção pessoal. Os casais nunca dizem adeus quando se separam por qualquer motivo, e as esposas nem sequer mencionam o nosso nome quando nós, homens, estamos ausentes, por muito tempo que a separação dure, porque externar qualquer preocupação relativamente ao ausente é coisa que se considera de mau gosto chocante. No ano seguinte ao do meu casamento, Cnud e eu empreendemos uma expedição através dos gelos do norte da Groenlândia, na esperança (infelizmente baldada) de encontrar o explorador Mickelsen que por lá se perdera. Foi uma verdadeira fortuna que tivéssemos conseguido escapar com a vida duma expedição como ninguem antes de nós ousara empreender. Estivemos ausentes durante alguns meses e no regresso, quando entrei em minha casa, não vi sinais de Navarana. Então gritei:

—Navarana, cheguei em casa!

A sua voz me respondeu lá de cima:

—Ah, já chegou? Uma pessoa está limpando umas peles!

Só depois de ter saido toda a gente ela se dignou aproximar-se para me saudar. Confessou-me então que receara embaraçar-me na presença de tantas pessoas estranhas.

VIVENDO e viajando na sua companhia, fui aprendendo muitas coisas que, de outro modo, ficaria desconhecendo no que respeita à natureza dos esquimós. Um dia, por exemplo, quando nos esforçávamos por atravessar uma garganta acidentada, vimo-nos os dois colhidos por

OS MOTORES DE MAIOR REFINAMENTO!

Os novos motores de popa Johnson "Sea-Horse" são os mais possantes que jamais produzimos em todo o tempo da nossa atividade como fabricantes. Eles têm todas as qualidades e melhoramentos mecânicos que trouxeram fama ao "Johnson" —e inúmeros aperfeiçoamentos lhe foram incorporados nos anos da guerra. Sendo um motor possante, eficiente, compacto, com ele se converte, num instante, um casco pequeno ou médio, em um veloz, moderno barco a motor. Escreva pedindo o catalogo Johnson. Enviar-lhe-emos, tambem a pedido, planos de barcos.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Divisão de Exportação, Waukegan, Illinois, E. U. A.

Johnson Sea-Horse

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO., Divisão de Exportação, Waukegan, Illinois, E. U. A.
(J11P)

Senhores: Sirvam-se enviar-me, gratuitamente:

☐ Catálogo de Motores de popa.
☐ Planos para construir barcos.

Nome_____

Endereço_____

um tufão tremendo. Perguntei-lhe se estava com medo: «Porque é que uma mulher havia de ter medo quando viaja na companhia de seu marido?» retrucou ela. Por mais esforços que eu fizesse, praguejando, gritando e dando chicotadas, os nossos cães estavam tão fatigados que não podiam avançar. Propús então que regressássemos a casa, pois era evidente que os cães não estavam em condições de atravessar aquele desfiladeiro. Navarana ergueu timidamente para mim seus olhos: «Não é de todo impossivel que alguma coisa os convença a tentar.» Pediu-me que não fizesse mau conceito dela, e, tomando o chicote das minhas mãos, encaminhou-se para os cães. Ao ouvirem a voz da nova autoridade, os cães arrebitaram as orelhas, e não tardou que Navarana conseguisse pôr todos eles de pé. Minha mulher parecia uma fúria desencadeada: da criaturinha tímida e terna que era momentos antes, vi-a transformar-se numa virago enfurecida. O chicote estalava como o gelo quando se quebra; a voz dela ecoava por sobre o deserto gelado, e os cães entraram logo a pular trilho acima. Partimos como um raio, direitos ao trecho mais alto da garganta, como se fôssemos nas pegadas dum urso. Minha mulher me pareceu então mais bela do que nunca, e na minha admiração embevecida, tudo o mais esqueci.

Quando alcançamos o ponto mais alto da passagem, Navarana parou os cães e restituiu-me o chicote: «Eles correram bem depressa, porque ficaram envergonhados de sentir-se conduzidos por uma fraca mulher. Mas você nunca conte a ninguem. As mulheres da nossa terra eram capazes de ir dizer que meu marido não é o melhor condutor de cães deste país!»

Passado certo tempo, noutra excursão que fizemos juntos, ficamos durante alguns dias numa cabana, bloqueados pela tempestade, sem quaisquer recursos alem dos nossos sacos de dormir e meia dúzia de velas. Acabara-se-nos a comida, e eu saí da cabana numa baldada tentativa de matar a tiro algum coelho. Quando regressei, com as mãos abanando, Navarana correu ao meu encontro:

—Ah, que mulher tão má que você tem, exclamou. —Não tenho ceia para lhe dar! Uma esposa que não se lembra de trazer consigo comida bastante, não presta para nada.

O dia seguinte não foi melhor—nem o outro. Na noite imediata, ao regressar duma caçada infrutuosa, fui encontrar Navarana fazendo esforços para fritar não sei o que numa latinha, em cima de cinco velas acesas. Explicou-me então que, ao botar abaixo o velho poial de pedra que em tempos tinha servido naquela cabana para guardar a carne fora do alcance dos cães, havia encontrado duas barbatanas de foca. —Aquí está uma pra você, disse ela.

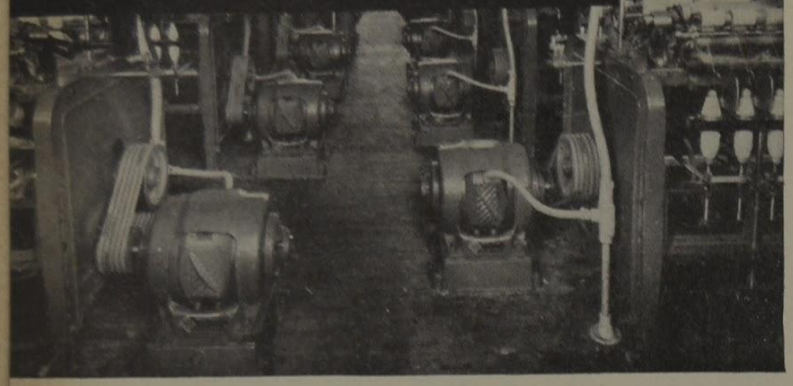
Eu estava esfaimado como um lobo, e engulí-a num abrir e fechar de olhos. A carne não estava nada fresca, mas era comida, e eu me sentí muito melhor. Depois de ter acalmado a fome, olhei para Navarana e perguntei:

—E onde está a outra barbatana?

—Ora, eu já comí!

Compreendí logo que ela estava mentindo, e sentí-me tão envergonhado e humilde, que disparei porta fora, resolvido a não voltar à cabana sem trazer carne. A lua brilhava agora sobre os gelos, e a sorte me bafejou. Peguei dois coelhos e, quando voltei com eles, Navarana correu atabalhoadamente ao meu encontro, gritando de alegria, como se nunca tivesse ouvido falar de caça tão fina. Passamos largo tempo comendo, e só então nos sentimos com forças para prosse-

Como Usar A Eletricidade Para Fazer Melhor Vestuário!



NESTES últimos anos, são grandes os progressos que se têm realizado na manufatura de artigos texteis. Há máquinas que fiam mais depressa e com mais precisão . . . novos métodos de produção tornam possiveis tecidos de mais alta qualidade a mais baixo preço . . . *levando assim vestuário melhor e mais barato a muito mais gente!*

A Transmissão Múltipla de Correia em V, invenção da Allis-Chalmers, é um dos progressos mais importantes nesse domínio: porque permite a cada máquina textil ter seu próprio motor e transmissão, para maior eficiência e menos consumo de energia. Tem ajudado a reduzir o custo de produção em centenas das maiores fábricas texteis do mundo . . . e a elevar os padrões de qualidade no mundo inteiro!

A Allis-Chalmers fabrica Correias em V de todos os tipos para as indústrias texteis . . . motores elétricos e equipamento de controle. Aliás, fabricamos o maior sortimento mundial de grande equipamento industrial —podemos auxiliar muitas indústrias a produzir artigos melhores e mais baratos que virão trazer melhores condições de vida na era de paz!

ALLIS (AC) CHALMERS

MILWAUKEE 1, WISCONSIN, E.U.A.

MAIS de 1.600 Produtos para a Indústria

EQUIPAMENTO ELÉTRICO

TURBINAS HIDRÁULICAS E A VAPOR— CONDENSADORES

MAQUINARIA PARA ESMAGAMENTO, CIMENTO E MINERAÇÃO

BOMBAS CENTRÍFUGAS

EQUIPAMENTO PARA MOINHOS DE FARINHA E SERRARIAS

REPRESENTANTES NA AMÉRICA LATINA: *Brasil:* **São Paulo e Rio de Janeiro — Sociedade Técnica e Comercial Serva Ribeiro, S.A.** • *Argentina*, Buenos Aires — Allis-Chalmers Mfg. Co. (Argentina) • *Bolivia*, La Paz — Corporación Comercial Boliviana, S.A. • *Chile*, Santiago — Sociedad Manufacturera Allis-Chalmers, Ingeniería Electrica, S.A.C. (Ingelsac) • *Colombia*, Barranquilla — Osorio & Cia. Ltda.; Bogotá — Alsoco Ltda.; Medellín — Peter Santa María & Cia., Ltda. • *Costa Rica*, San José — Distribuidora S. A. • *Cuba*, Habana — L. G. Aguilera & Co., S. A. • *El Salvador*, San Salvador — Hans Peter Pfeifer, Representante de Fábrica; Jaime D. Hill y Cia • *Guatemala*, Guatemala — East Asiatic Co., Ltd. • *México*, México D. F. — Allis-Chalmers de México, S. A. • *Nicaragua*, Managuá — Automotive and Industrial Equipment Co. • *Panamá*, Panamá — F. Icaza & Company Ltd. • *Perú*, Lima — Peruvian Trading Corp., S. A. • *Porto Rico*, Ponce — Porto Rico Iron Works, Inc. • *Venezuela*, Caracas — Compañía Anónima Tecnomat.

REPRESENTANTE EN PORTUGAL: Lisboa-Estabelecimentos Herold, Ltd.

guir nossa jornada a caminho duma povoação.

INAUGURAVA-SE agora nova fase da minha existência: a família estava em vésperas de contar um novo membro. Nosso bebê nasceu às três da madrugada dum dia de junho. Às oito da manhã Navarana se levantou, arrumou a casa e saiu levando o menino às costas. À noite houve baile, e foi ela que iniciou a dansa, com Cnud por seu par. Dansou com entusiasmo a noite toda! Ao quinto dia subiu ao cume da montanha, levando o menino Mecusaque metido no capuz, e lá de cima, apontando o vasto território de caça, num pequeno discurso, disse-lhe que se fizesse «grande caçador e provedor de carnes».

Quando nosso menino começou a dar os primeiros passos, fiz-lhe por minha mão alguns rudes brinquedos; toda a minha vida parecia estar cheia dele. Ao tempo em que nasceu a nossa filhinha, Pipaluque, infinitamente meiga e muito mais branca do que seu irmão, este já falava um bocado e parecia ter o diabo no corpo. Eu levava-o para toda parte comigo, às costas, acomodado num saco improvisado com correias.

No CURSO dos anos subsequentes, Freuchen e Navarana compartilharam muitas aventuras e dificuldades, mas nunca perderam a alegria que os animava, nem o profundo amor e respeito que mutuamente se consagravam. O grande acontecimento da vida de Navarana foi a visita à Dinamarca, aonde o marido a levou acompanhada dos filhos. Foram recebidos em Copenhague com grande interesse e respeito, apresentados ao rei, e festejados com bailes e diversões de toda ordem. As maravilhas da civilização, porem, não impressionaram muito Navarana. Duas coisas somente lhe causaram surpresa: que o sol estivesse fora, sendo inverno, e que um cavalo pudesse comer a ração com o focinho metido num saco enquanto puxava a carroça; isso era, para ela, a prova irrefutavel da inteligência do homem europeu. Quando certo dia lhe ofereceram um perfume de qualidade, Freuchen foi encontrá-la a banhar com ele os pés, inchados e doridos de andar, contra o costume, metidos em sapatos. —Esta água fede, explicou ela, —mas é uma maravilha para refrescar os pés doridos!

Acabada essa breve visita, o casal regressou com o filho à Groenlândia, deixando a menina Pipaluque com os pais de Freuchen, na Dinamarca, para que pudesse frequentar a escola.

NO ANO seguinte, Navarana caiu doente com gripe, e ficou de cama muito tempo. Não a abandonei um só instante, mas tudo quanto fizemos foi impotente para salvá-la. Era horroroso estar alí sentado ao seu lado, vendo-a sumir aos poucos, e sem nada poder fazer por ela. Falava muitas vezes da visita que fizemos à Dinamarca, e que fora o momento culminante da sua vida.

Um dia, agarrou-me a mão e confessou-me quão feliz se sentia de ter tido um marido que falava com ela como de igual para igual. Fui à cozinha preparar um pouco de chá para ela, pensando ao mesmo tempo no amor que lhe tinha.

Voltei logo ao quarto andando nas pontas dos pés, e fiquei a olhá-la um momento: seus lábios estremeceram de leve, e foi tudo. Navarana morrera...

Petroleo..Conservador de Qualidade.. Muitas pessoas sabem que se usa acondicionar geleias com o auxilio de parafina. Embora menos conhecidos, há, porém, incontaveis outros trabalhos feitos pela parafina e outros produtos de petroleo, para proteger a pureza, a qualidade e o sabor dos alimentos. O ar e a umidade são "barrados" dos recipientes pelas parafinas Esso, nem o tempo nem o descuido podem causar danos aos produtos conservados em embalagens impregnadas de outro derivado petrolífero: o asfalto. Outros produtos Esso entram na composição de pinturas, lacas e polimentos que protegem o metal, a madeira e o couro, para assegurar conforto, segurança e comodidade a milhões... reafirmando assim a liderança da Esso na industria petrolífera, desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

A FASE que então se abriu para Cnud e para mim prolongou-se por alguns anos. Nossa expedição à Baía de Hudson foi talvez a última das grandes expedições de exploração que se embrenharam nas solidões, sem contacto com o resto do mundo; sem rádios para ir transmitindo o progresso dos exploradores, sem noticiário de jornais, sem prêmios pecuniários nem o patrocínio de qualquer firma comercial exploradora de publicidade. Durante essa jornada, que empreendemos em 1923, encontrei-me sujeito a maiores dificuldades e privações do que nunca.

Partimos debaixo dum frio pavoroso, com a temperatura oscilando à volta dos 50° abaixo de zero, e um vento que nos crestava a pele do rosto. Uma noite vi-me sozinho, longe do acampamento, quando o vento passou a temporal, e o temporal se transformou num tufão. Não tardou muito que me sentisse completamente exhausto, e que um desejo inelutavel de dormir se apoderasse de mim. Pensei então que, se fosse capaz de cavar uma espécie de sepultura por baixo do meu trenó, talvez conseguisse pôr-me assim ao abrigo do tufão. Depois de ter aberto uma cova na neve, atapetei-a com uma pele de urso, puxei o trenó para cima dela, como um telhado, e entrei de rastos por uma das extremidades. Tinha o espaço exatamente necessário para me estender, de face para cima, e mergulhei imediatamente no sono.

Quando despertei, percebí que tinha o pé esquerdo completamente insensivel, o que era mau sinal. Efetivamente, enquanto o membro gelado nos dói, o perigo é relativamente pequeno, mas quando se perde a sensibilidade, então o caso é sério!

Meu primeiro pensamento foi arrastar-me para fora da cova, e pôr-me a correr na neve para despertar de novo a circulação do sangue. Mas era tanta a neve acumulada em volta do trenó, que não me foi possivel abrir passagem para fora. Assustei-me, como é natural, e comecei a agitar-me conforme podia, no buraco, até que me sentí um pouco mais aquecido. Tentei depois virar-me de costas para cima, para erguer o trenó nos ombros, mas era evidente que o pesado nevão o sobrecarregara demasiado para as minhas forças, já combalidas. Estava enterrado em vida!

Pouco a pouco foi-se-me tornando claro o desespero da minha situação, a neve acumulada em volta da minha sepultura endurecera com o frio, e as mãos, embaraçadas nos mitenes, não podiam escavá-la para abrir passagem. Resolví então sacrificar uma das mãos, deixando-a congelar, para me servir dela como duma pá. Não foi sem grande pena que assim decidí, porque não me faltava trabalho em que empregasse as duas mãos. Mas essa mesma tentativa fracassou. A mão, apesar de endurecida pelo frio, era uma ferramenta imprópria, e para conseguir salvá-la, descongelando-a, metí-a sob as roupas, contra o corpo.

Ocorreu-me então a feliz idéia de tentar a mesma coisa com um pedaço da pele de urso, e desatei a mastigar a orla do couro, que gelou instantaneamente, ficando dura como vidro. Assim já me era possivel cavar na neve. De vez em quando tornava a metê-la na boca para a umedecer de saliva, e conseguir que voltasse a congelar.

Metido alí, deitado de costas, continuei a raspar na neve e conseguí fazer progressos, mas tão lentos que era de desesperar. Persistí no esforço, e, passando algum tempo, já tinha podido abrir um orifício de comunicação com o exterior.

ÉPOCA DE FÉRIAS . . .

distância de apenas algumas horas!

Voe acionado pelos motores Wright em todo o percurso!

Quando entrarem em operação os novos aviões acionados pela potência do Wright Cyclone 7, centenas de novas localidades irão figurar no mapa aéreo mundial. Ligando-se com os gigantescos aviões aéreos intercontinentais movidos a motor Wright, estas aeronaves tornarão o resto do mundo mais acessível aos que de toda parte viajam.

A fúria majestosa do Niágara . . . a beleza empolgante do Grand Canyon . . . as luzes e torres arquitetônicas de Nova York . . . todas as atrações dos Estados Unidos, para as suas férias, estão apenas a algumas horas de viagem quando é o motor Wright Cyclone que aciona.

A nova era das viagens áereas internacionais, encolhendo o mundo até transformá-lo num grande bairro, tem muita significação para os que vão desfrutar suas férias. Agora os americanos visitarão, por avião, em número cada vez maior, o resto do mundo . . . e os bons vizinhos de outros paises, em grandes levas, visitarão as maravilhas da América do Norte.

Para ir mais longe com mais rapidez e ver mais, gozando cada minuto de uma viagem . . . não deixe de voar durante suas férias, de agora em diante!

Curtiss Wright

Export Division

30 ROCKEFELLER PLAZA, N. Y. 20, N. Y.

À vista de meu êxito, cresceu-me a impaciência; aquele buraco me pareceu tão tentador, que procurei à cabeçada abrir caminho através dele para sair. Mas era ainda demasiado estreito, e fiquei encaixado, com metade da cara somente de fora.

Infelizmente a minha barba, muito comprida, ficou metida mesmo por baixo do patim do trenó e, como em volta da boca há sempre a umidade da respiração que rapidamente se condensa e congela às baixas temperaturas, o que sucedeu foi que o gelo soldou as minhas barbas de encontro ao patim, e fiquei aderente a este, sem poder mexer-me! Estava numa posição tão pouco confortavel, preso pelas barbas, que me sentí sem forças para fazer um gesto. Pegado como a raposa na armadilha, fiquei convencido de que chegara meu fim.

Não sei quanto tempo estive nessa incômoda posição. Devo ter perdido os sentidos. Nisso, a neve cobriu-me os olhos e o nariz e, quando voltei a mim, compreendí que não podia durar muito. Meu pensamento dirigiu-se para minha casa na Dinamarca, e para a amiga querida que eu tinha lá, Madalena, cujas cartas tantas vezes me tinham dado coragem depois da morte de Navarana. Veio-me uma onda súbita de furor contra o absurdo da minha situação, e, em um esforço desesperado e supremo, dei um puxão no afã de recolher a cabeça para dentro da cova.

Foi um alívio indescritivel. Estava outra vez bem no conforto do buraco. Limpei dos olhos a neve que os cobria, e esfreguei o rosto com força para o restituir à vida. Foi então que sentí alguma coisa de quente e pegajoso que me escorria pelo pescoço abaixo: era sangue. Ao dar o puxão à cabeça, deixara parte da minha barba aderente ao patim do trenó, e com ela um bom retalho da pele do rosto... Desde então, juro, que não deixei crescer tanta barba.

Mas não havia tempo a perder: trabalhando aos impulsos de energia nervosa, dentro em pouco tinha conseguido abrir um buraco que me pareceu suficientemente amplo para dar passagem ao meu corpo. Sentia-me excitado como uma atriz na noite da estréia. Arremetí de cabeça contra o buraco—e novamente fiquei entalado, desta vez pelos ombros!

Já tinha ouvido dizer que o moribundo é capaz de um derradeiro esforço sobrehumano para se salvar. Exalei todo o ar dos pulmões, e encaixei-me um pouco mais na estreita abertura. Em seguida respirei tão fundo quanto podia, e à força dos pulmões. Percebí que, por cima de mim, o trenó cedia um pouco. E repetí o processo, expelindo todo o ar do arcabouço e respirando fundo, progredindo centímetro a centímetro, até que consegui libertar o braço direito. Mais um esforço, e estava livre!

Foi então que vi, espetada verticalmente no trenó, a minha faca de neve. Se ao menos tivesse tido a necessária previsão para levá-la comigo quando me pus na cova, nada disto me teria acontecido. Na minha precipitação, cheio de sono, deixara-a alí por esquecimento.

Pus-me de pé, mas tombei imediatamente na neve. Voltei a erguer-me só para cair mais uma vez. Agora não era somente o pé esquerdo que estava gelado —era a perna toda! Como não podia dobrar as articulações, fui forçado a rastejar neve fora...

Procurei primeiro certificar-me de que os cães ainda lá estavam, enroscados debaixo da neve. Nosso acampamento não ficava longe, e decidí arrastar-me até lá. Duas horas e meia depois vi um cão, de pé, um pouco adiante de mim. Deu meia

volta e lançou-se a correr. Seguindo-lhe as pegadas, cheguei daí a pouco ao nosso iglú.

Meus amigos concordaram que o meu pé se apresentava em tão má condição quanto eu previra. No dia seguinte iniciei o regresso à nossa base, deitado num trenó, e procurando conservar o pé gelado. Por essa altura ainda não me doía. Mas aquela semana foi dura, e durante alguns meses fiquei de cama, deitado de costas.

A gangrena dói—e exhala muito mal... Seu fétido era de bradar aos céus, e não havia maneira de lhe fugir. À medida que a carne se ia despegando, os ossos iam aparecendo de fora. Só de olhar aquilo meus nervos ficavam destrambelhados. Passei todo esse tempo num verdadeiro inferno em vida, sentindo sempre que o fantasma sinistro de Morte andava atrás de mim com a sua foice.

Quem está doente, e ao mesmo tempo sofre de frio e solidão, tem idéias divertidas; um belo dia resolví que queria ver decepados aqueles dedos gelados e podres. A curandeira do lugar tambem achou que era o melhor que havia a fazer, e sabia perfeitamente como fazê-lo: era cortar os dedos pelas articulações... *à dentada!* Agradecí-lhe muito o conselho, mas com o seu método cirúrgico é que eu não concordei; servindo-me dum escopro apliquei-o à raiz de cada um dos dedos, e duma martelada apenas decepei-os um por um.

Seria ocioso tentar descrever o que foi essa dor física; mas sofrí tambem dores morais, porque não é sem custo que um homem joga fora uma parte preciosa do seu corpo, mesmo que esteja completamente inutilizada.

Mais tarde fui transportado para uma aldeia onde havia um médico, que me amputou parte do pé. Sentado a convalescer da longa doença, assaltou-me a nostalgia, e sentí um imenso vazio dentro de mim. Escreví uma carta à minha querida amiga Madalena, pedindo-lhe que casasse comigo. Sabia perfeitamente que a resposta levaria mais de um ano a chegar-me às mãos, mas... sempre era alguma coisa que me permitia olhar o futuro com mais esperança.

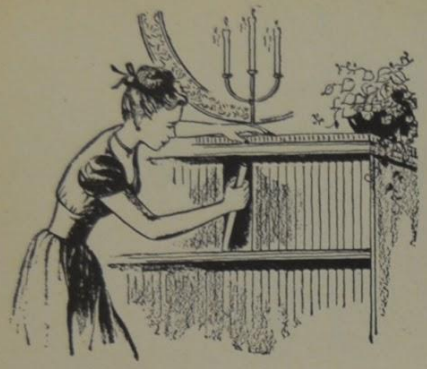
Foi só meses mais tarde, após uma nova e demorada viagem de exploração, que o estado do meu pé me forçou a regressar a Dinamarca. Não tinha eu, até essa data, quaisquer notícias de Madalena. Até que um dia, finalmente, meu navio deu entrada no porto de Copenhague. O capitão fez-me a honra de embandeirá-lo em arco, e instalou-me a seu lado na ponte de comando.

Esperava-me no cais uma grande multidão, no meio da qual o meu olhar ansioso conseguiu lobrigar meu pai e minha mãe, acompanhados da Pipaluque, agora menina de oito anos, que eu mal podia reconhecer. Estavam presentes dúzias de jornalistas, e Madalena tambem. Descendo pela prancha de desembarque, fui direito a ela. Desde aí não voltamos a separar-nos um momento.

Meu filho, Mecusaque, não tardou a vir de Tule para reunir-se a nós. A partir de então ele tem vivido metade do tempo na Groenlândia, e a outra metade na nossa companhia, na fazenda que possuimos na Dinamarca.

Não compete aos governos dar felicidade aos governados, e, sim, a oportunidade de conquistar por si mesmos a felicidade.

—William Ellery Channing



O Presente Perfeito

—Uma coleção de discos RCA Victor e uma nova Victrola*

MODELO QU61 Rádio-fonógrafo Victrola* com mudança de disco "roll-out" (sistema expelidor) com capacidade para discos de 25 cm e 30 cm. Dois alto-falantes de 30 cm. 5 faixas de recepção com mostrador horizontal e com sintonização de onda-curta. Belíssima caixa de estilo moderno.

"Perfeito" porque é um presente que se renova... é uma fonte de prazer que dura sempre, para os amigos e a família, um símbolo constante de afeição e amizade do doador.

Lembre-se tambem que com os Discos RCA Victor *toda* a grandiosa música do mundo estará ao seu alcance e seleção—árias de inspiração gloriosa, sinfonias emocionantes, brilhantes exemplos de virtuosismo surpreendente—executados pelos maiores artistas do universo.

Toda a côr e brilho da execução é captada quando se toca um rádio-fonógrafo Victrola*. Tanto a irradiação como a música em discos têm o realismo da execução de "sala de concerto", segundo aperfeiçoamentos realizados recentemente nos grandes Laboratórios da RCA.

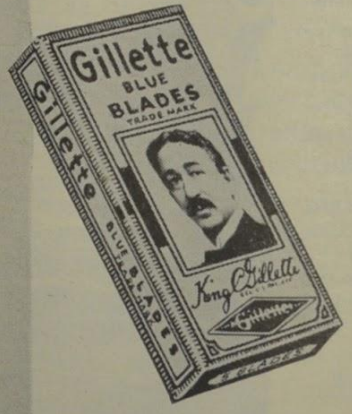
*Victrola
Marca Registrada

RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA VICTOR RADIO, S. A. Rio de Janeiro

TÔDAS SÃO IGUAIS... TÔDAS SÃO BOAS



● A lâmina ***Gillette-Azul*** é a preferida pela maioria dos homens no mundo inteiro, por sua reconhecida qualidade inigualável. Seus fios são agudíssimos. Para melhor proteção do gume, cada lâmina é cuidadosamente fixada no centro do envelope. Faz barbas suaves, bem escanhoadas . . . e dura muito mais. Compre hoje mesmo um pacote das famosas lâminas Gillette-Azul!

CUSTAM MENOS PORQUE DURAM MAIS

O Inestimavel Ingrediente

NA cidade de Bagdá vivia outrora Hakim, o Sábio, e muita gente o procurava para pedir-lhe conselho, que ele a todos dava gratuitamente, sem nada pedir em troca.

Veio um dia até ele um moço que se lamentava de gastar muito para conseguir pouco, e falou nestes termos: "Dize-me, ó Sábio Hakim, que é que eu hei-de fazer para receber o melhor a que tenho direito pelo muito que gasto?"

Respondeu Hakim: "Toda a coisa que se compra ou se vende é sem valor, se não contiver aquilo que não se pode comprar nem vender . . . Procura sempre o Inestimavel Ingrediente!"

"Mas que vem a ser isso de Inestimavel Ingrediente, ó Sábio Hakim?" perguntou o moço.

O Sábio Hakim falou então assim: "Meu filho, o Inestimavel Ingrediente de todo e qualquer produto posto no mercado, é a Honra e Integridade daquele que o fabrica. Antes que compres, vê sempre o nome de quem fez o que compras."

E·R·SQUIBB & SONS

FABRICANTES DE PRODUTOS QUÍMICOS PARA A CLASSE MÉDICA DESDE 1858

Há mais de 85 anos que a Casa Squibb vem trabalhando em estreita colaboração com a classe médica, no preparo de produtos medicinais destinados a minorar a dor, a evitar ou destruir a infecção, e a prevenir a morte prematura. O Selo da Casa Squibb é, em milhões de lares, um símbolo de confiança, que identifica produtos de autêntico valor.

Lenthéric c'est le plus chic!

Pink Party

Uma fragrância que sugere vibrante juventude

LENTHÉRIC *parfumeur-paris*

O *Constellation Lockheed* superior em velocidade, conforto e segurança, está estabelecendo novos padrões nas viagens transoceânicas e intercontinentais. As principais viagens aéreas das seguintes grandes companhias apresentarão, em lugar de destaque, o *Constellation:*

AIR FRANCE - FRENCH AIRLINES SYSTEM
AMERICAN AIRLINES SYSTEM
BOAC - BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
EASTERN AIR LINES
KLM - ROYAL DUTCH AIRLINES
KNILM - ROYAL NETHERLANDS INDIES AIRWAYS
PANAIR do BRASIL
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
TWA - THE TRANS WORLD AIRLINE
Lockheed Aircraft Corp., Burbank, Calif., E. U. A.

Lembre-se do nome—

CONSTELLATION

Gira TRIUNFALMENTE!..

A Esferográfica BIROME não é um novo aperfeiçoamento das antigas "canetas tinteiro", mas uma *invenção real:*

Porque...

- *Sua ponta esférica substitue a pena.*
- *Sua carga de tinta concentrada equivale a vários frascos de tinta comum.*
- *É manejável com uma das mãos apenas: apertando-se o botão* **aparece** *a ponta e premindo o clip ela* **retrocede.**

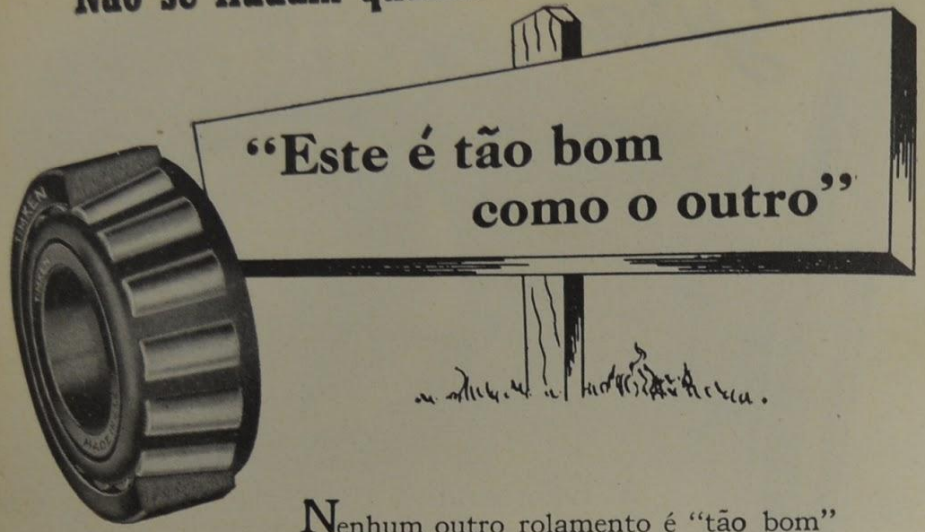
Lazlo Biro, inventor das Esferográficas, supervisiona pessoalmente a fabricação e o laboratório experimental. Por isso, BIROME será sempre a primeira a aplicar tôdas as novas descobertas aos seus modêlos e também a primeira a assegurar a fabricação das esferográficas de melhor qualidade. E... BIROME oferece também garantia eterna.

Escreve tão suavemente que lembra o veludo.

ESFEROGRAFICA **Birome** RETRACTIL

Buenos Aires - Montevideo - Rio de Janeiro - Santiago do Chile - Lima - Bogotá - Caracas - Assunção

Não se iludam quando lhe disserem que



Nenhum outro rolamento é "tão bom" como um Rolamento Timken — a não ser outro Rolamento Timken, porque 48 anos de pesquisa e engenharia metalúrgica, experiência e aperfeiçoamento da sua manufatura, fizeram do Rolamento Cônico Timken o produto superior, inigualavel, que se tornou na atualidade.

Por isso a marca registrada "TIMKEN" deve ser importante a todos que usam rolamentos; a menos que essa marca registrada esteja estampada em cada rolamento cônico que o sr. comprar, estará recebendo um produto que, dizem-lhe, "é t o bom" — enfim, uma imitação. E para não ser ludibriado, procure sempre a marca registrada "TIMKEN".

Agentes de venda no Brasil: The Timken Roller Bearing Company of South America, Rua Senador Queiroz 396, São Paulo.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

"Tudo que existe em rolamentos"

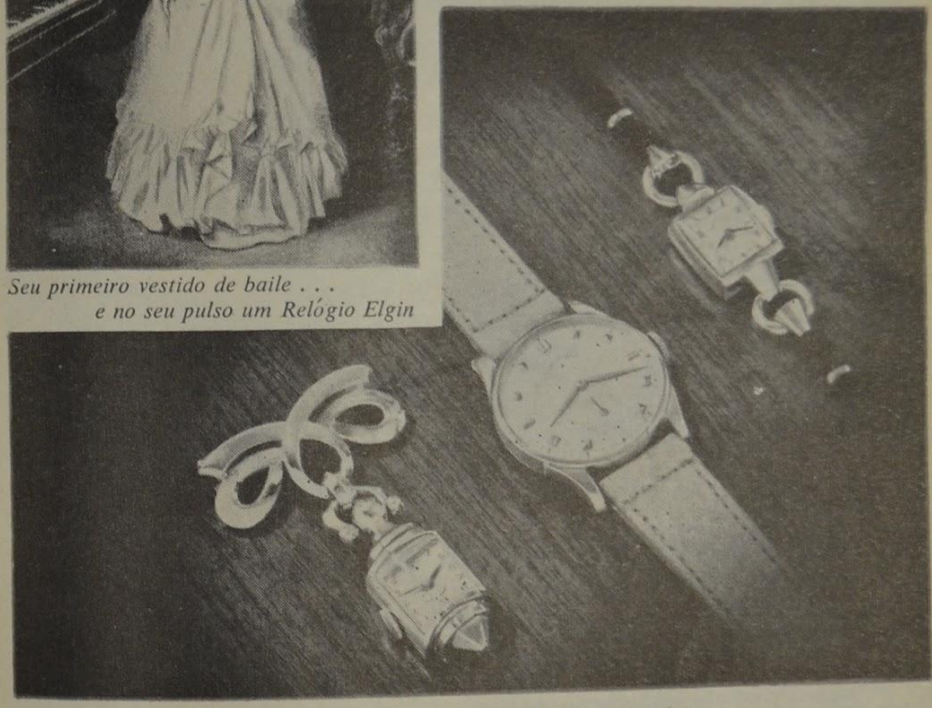
TIMKEN

MARCA REGISTRADA
REG. U. S. PAT. OFF.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS

Seu primeiro vestido de baile . . .
e no seu pulso um Relógio Elgin

Sonhos que se tornam realidade... com um Elgin



Novos Relógios Modelos Lord e Lady Elgin

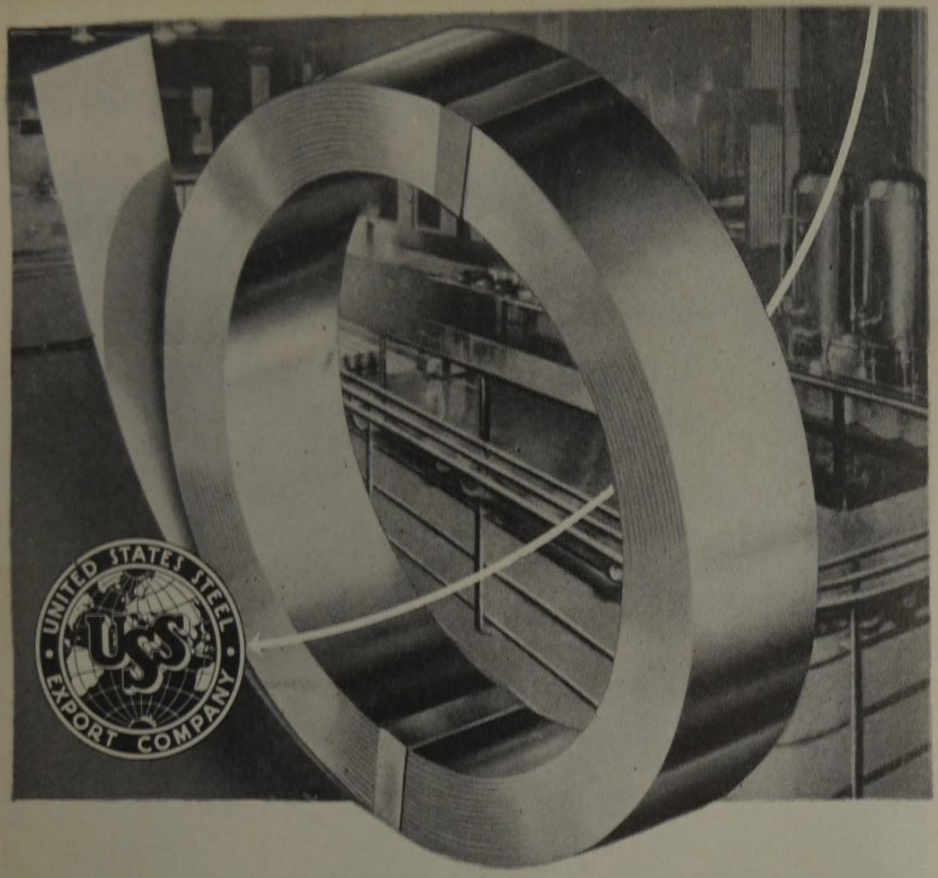
Momentos preciosos, grandes ocasiões inesqueciveis quando lhe fazem presente de um Elgin. É uma tradição antiga que agora se pode renovar.

Tudo o que se pode aspirar em matéria de relógios—assim são os novos Elgin. Modelos para homens em estilos distintíssimos. Modelos para senhoras, estilizados, de modo que atraem olhares de admiração.

Veja estes novos Relógios Elgin na sua relojoaria favorita. Sua exatidão é marcada pelos astros!

ELGIN NATIONAL WATCH COMPANY
Elgin, Illinois, E.U.A.

Já há novos **ELGINS!**



AÇO para o mundo de amanhã

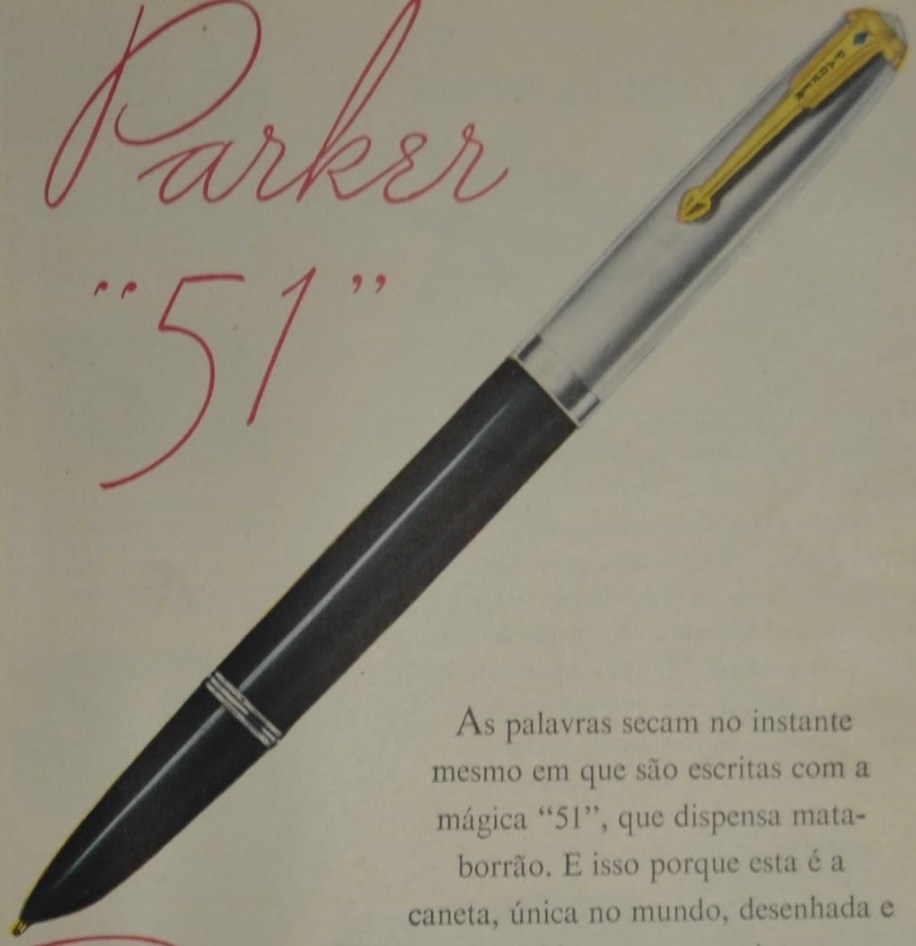
EM NENHUM aspecto da existência humana a ciência moderna realizou contribuições mais vitais que no enriquecimento e conservação de gêneros alimentícios que diariamente nos nutre. Nas grandes cozinhas comerciais — produção de laticínios, fábricas de alimentos em conserva, etc.—mantêm-se os mais elevados padrões de higiene com o equipamento feito de aço inoxidavel da U•S•S.

E isso porque as qualidades sanitárias inerentes a esse aço são inexcediveis em resistência à ferrugem e à corrosão. O aço inoxidavel U•S•S é um produto da pesquisa e dos vastos recursos do maior fabricante de aço do mundo, a UNITED STATES STEEL. Os produtos desta grande empresa são acessiveis onde quer que o sr. viva por intermédio da United States Steel Export Company.

UNITED STATES STEEL EXPORT COMPANY
★ ★ 30 CHURCH STREET, NEW YORK 8, U. S. A. ★ ★

FORNECEMOS AO MUNDO aços superiores do maior fabricante de aço do mundo

Parker "51"



Escreve sêco... com tinta úmida!

As palavras secam no instante mesmo em que são escritas com a mágica "51", que dispensa mata-borrão. E isso porque esta é a caneta, única no mundo, desenhada e construida para usar a tinta que seca mais ràpidamente, a tinta Parker "51". Mais do que isso, é uma caneta desenhada para satisfazer plenamente àqueles que sòmente aceitam o que há de melhor.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 12 de Março, 9-12, Rio de Janeiro

Representantes exclusivos para Portugal e Posto Central de Reparações: ANTONIO VIEIRA, LTDA., 167, Rua do Ouro, 173, Lisboa

MAIS, EM TODOS OS SENTIDOS

COM Mercury

As mulheres julgam um carro pela sua beleza, confôrto, segurança, facilidade de manêjo e perfeição de detalhes. Para os homens é mais importante a potência, desempenho, economia e construção. Não admira, pois, que tantas mulheres e homens considerem Mercury—o carro do ano! Porque, seja o que fôr que se exija de um carro, Mercury apresenta *mais!*

MERCURY—DIVISÃO DA FORD MOTOR COMPANY

Mais confôrto. Espaçoso, com seis lugares, Mercury oferece a elegância de um coupé. Suas portas extra-largas e seus assentos de encosto inclinável, facilitam as entradas a saídas.

Mais segurança. Visibilidade completa, em tôdas as direções. Seus freios hidráulicos, extra-grandes, poderiam parar incontinenti um carro duas vezes mais pesado.

Mais prazer no guiar. Grande, mas tão simples de dirigir! Fácil nas manobras de trafego e estacionamento. Veja, por si mesmo, porque Mercury lhe oferece *mais*, em todos os sentidos.

AS HÉLICES MAIS MODERNAS...

...para os aviões mais modernos

O novo Consolidated-Vultee 240 e Martin 202 e 303 são os primeiros dentre os novos aviões comerciais a serem providos do mais moderno em matéria de hélices: a nova hélice Hamilton Standard Hydromatic de passo reversível e com eficientes pás ocas de aço de pontas retangulares. O equipamento facultativo compreende o sincronizador multimotor mais preciso e seguro até hoje aperfeiçoado...outra contribuição das hélices Hamilton Standard à suavidade e à segurança do vôo.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

Endereço telegráfico: UNITEDAIR

MOTORES PRATT & WHITNEY · HÉLICES HAMILTON STANDARD · AVIÕES CHANCE VOUGHT · HELICÓPTEROS SIKORSKY

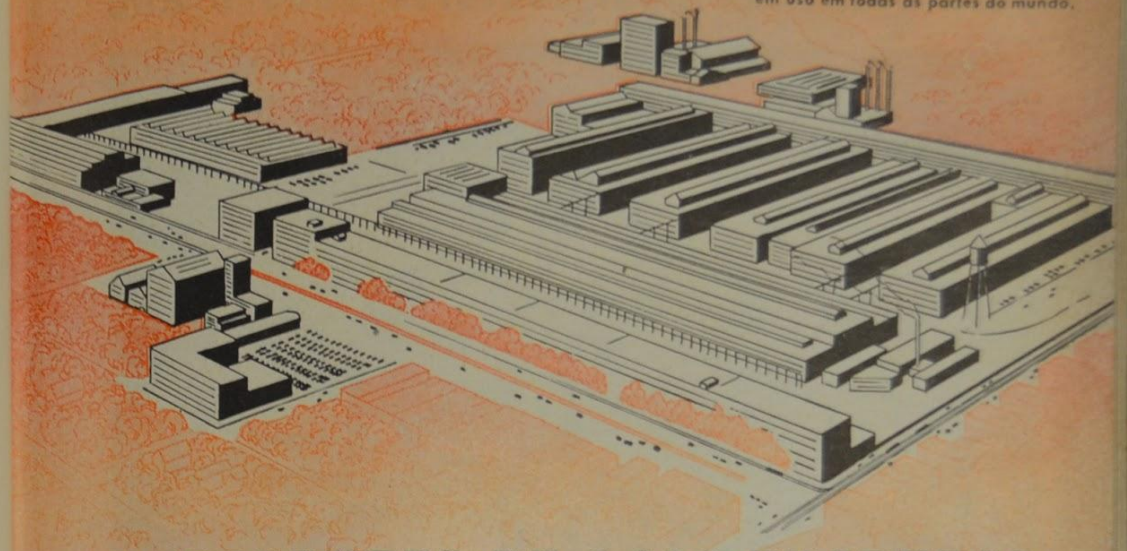
O Aristocrata dos Whiskies

A qualidade do "Kentucky Tavern" tem constituido o timbre e orgulho duma família cujos conhecimentos em matéria de fabrico de finos whiskies são uma tradição que dura há já três gerações.

Glenmore Distilleries Company
Incorporated
Louisville, Kentucky, E. U. A.

ENGARRAFADO
NA DESTILARIA

Fábrica principal da Allis-Chalmers Manufacturing Co., em Milwaukee. As máquinas originadas e construidas pela Allis-Chalmers se acham em uso em todas as partes do mundo.



FABRICANTES DE 1.600 PRODUTOS

Tratores de cremalheira, niveladores a motor e outras máquinas para a construção de estradas, que tenham a marca de Allis-Chalmers, são produtos de uma das maiores instituições industriais que há no mundo.

Oito fábricas de Allis-Chalmers, com um total de soalhagem de 6 milhões de pés quadrados e um rol de 30.000 operários e técnicos, produzem maquinária para quase todas as indústrias básicas.

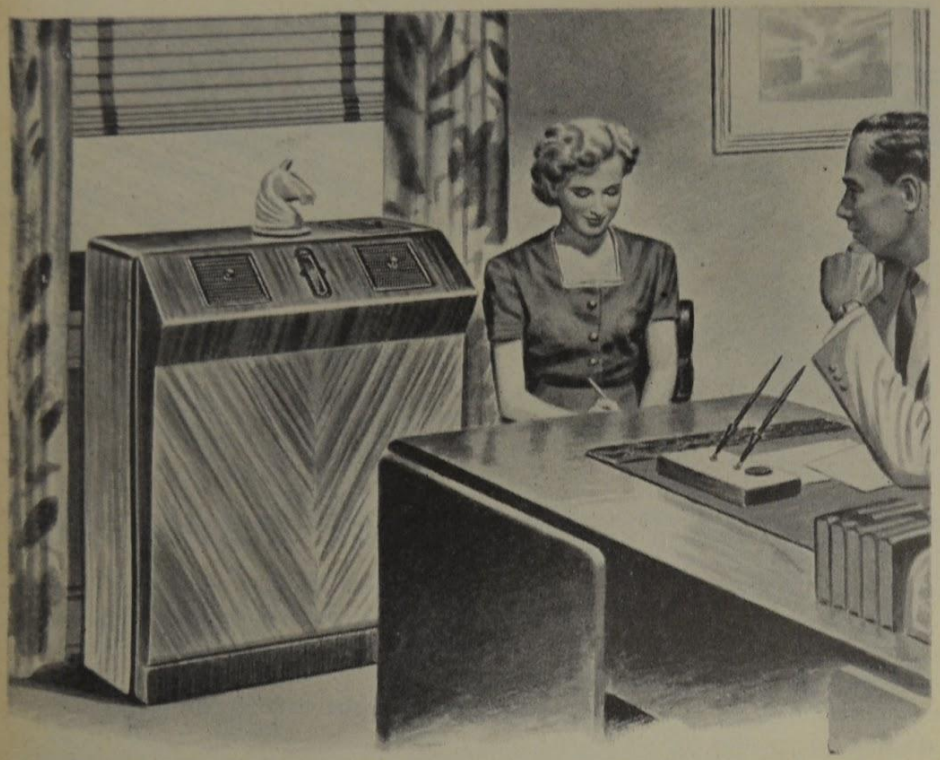
Tratores agrícolas, segadoras mecânicas, máquinas de arar e cultivadores . . . tratores industriais . . . máquinas para usinas de eletricidade, maquinismos de transmissão e controle de velocidade . . . moinhos de farinha-de-trigo . . . bombas para fluidos, compressores e ventiladores . . . equipamento de mineração e manipulação de minérios . . . serrarias e seus pertences . . . trituradores e máquinas para fabricação de cimento — ao todo, 1.600 produtos industriais de grande importância, que são fabricados pela casa Allis-Chalmers.

A mão-de-obra da mais alta qualidade — a confiança de que goza pela perícia de engenharia de seus produtos, fabricados com o maior cuidado técnico—seu renome e reputação em todas as esferas industriais —são atestados seguros das realizações e serviços prestados por esta organização que conta 99 anos de existência. É, pois, uma firma à qual poderá V.S. enviar seus pedidos com a máxima confiança.

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD-1146 • DIVISÃO DE TRATORES • MILWAUKEE 1, E. U. A.

Para Trabalhar Com Confôrto Todo o Ano



INSTALE um Condicionador de Ar Philco Modelo 91-C em seu escritório. Numa atmosfera agradável, de ar puro, sempre renovado e refrescante, poderá trabalhar melhor, com mais eficiência e sem esfôrço, o que não acontece com um ambiente enfumaçado, poeirento e abafado.

Construido para funcionar o ano inteiro, o Condicionador de Ar Philco para Salas não sòmente fornece ar puro, fresco e sem umidade durante os mêses de verão, bem como mantém a atmosfera sempre amena, limpa e com perfeita ventilação no resto do ano.

À venda atualmente, em todos os revendedores Philco.

PHILCO DAR-LHE-Á UM VERDADEIRO AR CONDICIONADO . . .

- Refresca e condiciona o ar
- Elimina a umidade
- Faz entrar o ar de fora condicionando-o
- Filtra a poeira, as impurezas do ar, o pólem
- Renova a atmosfera abafadiça e fumarenta
- Mantém o ar puro e limpo, o ano inteiro

PHILCO *De Fama Mundial em Qualidade*

PHILCO INTERNATIONAL CORP. • 230 Park Ave., Nova York 17 N.Y. E.U.A.

VOCÊ ADQUIRIRIA UM IAQUE?

Os tibetanos consideram o iaque um bom meio de transporte. Pode ser comprado por preço muito inferior ao dum novo caminhão.

Supomos entretanto que V. não está interessado . . . Pense no problema da manutenção desse animal. Alem de tudo, apesar da modicidade do seu custo, sua limitada capacidade de trabalho torna-o uma aquisição de pouco valor.

A mesma regra se aplica aos *caminhões*. O baixo custo não redunda em pechincha. A única e *verdadeira* pechincha é a que dá maior resultado tomando-se em consideração a inversão do capital—e nesse caso se sobressaem os caminhões Mack.

SE V. TEM UM **Mack** TEM MUITA SORTE . . . SE PREJETA COMPRAR UM, TEM MUITO JUIZO

Há 46 anos que os caminhões Mack vem sendo *rijamente fabricados:* para durar mais anos, percorrer maior quilometragem, transportar mais toneladas de carga. Por isso, não obstante ser seu preço um pouco mais elevado, um caminhão Mack custa, afinal de contas, muito menos.

MACK TRUCKS, INC., EMPIRE STATE BLDG., NEW YORK 1, E. U. A.

Fabricantes de caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores navais de fama universal—a gasolina e diesel. A Mack tem distribuidores em todas as capitais da América Latina.

...em português são **"balanços"**

...em inglês, **"swings"**

...em holandês, **"schommels"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak *

* **Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo. No Brasil se distribuem por intermedio de Kodak Brasileira, Ltd., Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, e Curitiba.

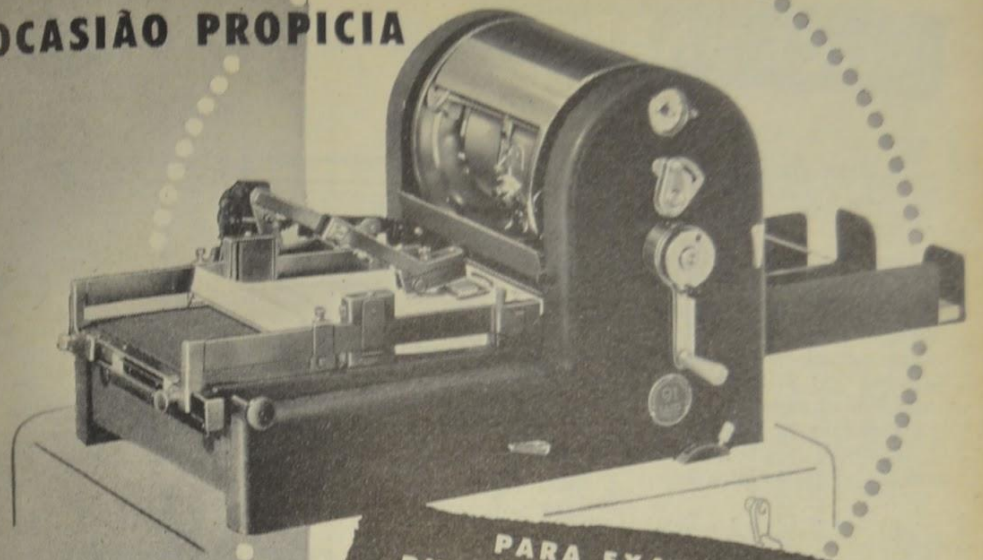
EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

PARA MIM... O QUE HÁ DE MELHOR! SIM!...

Melhoral

Eis algumas das profundas razões pelas quais MELHORAL é, hoje, o analgésico mais usado pelo povo do Brasil inteiro. MELHORAL possue a eficácia de uma fórmula científicamente perfeita. MELHORAL não se altera porque é o unico que vem sob a higiênica proteção da sua embalagem de clarapel inviolável, que o mantém isento de contatos manuais, integralmente puro. Eis por que todo o Brasil prefere e exige MELHORAL para aliviar rápidamente a dôr, baixar seguramente a febre e cortar prontamente o resfriado.

ESTA É UMA OCASIÃO PROPICIA



PARA EXAMINAR O DUPLICADOR MIMEOGRAPH 91 NA LOJA DO DISTRIBUIDOR

- GOVERNOS
- ESCOLAS
- COMPANHIAS DE TRANSPORTES
- INDUSTRIAIS
- SERVIÇOS PÚBLICOS

O duplicador Mimeograph* Modêlo 91 já está em produção, para ajudar V. Sa. a manter *seu serviço particular de duplicação* e multiplicar a eficácia de seu trabalho de escritório com reproduções legíveis, nítidas, claras—em centenas ou em milhares de cópias.

Fácil e simples de operar . . . Adaptado a papel de uma grande variedade de pesos e tamanhos . . . Econômico . . . Produz o máximo número de cópias com um estencil . . . Estas são ùnicamente algumas das muitas vantagens no funcionamento que tornam o duplicador Mimeograph 91 o preferido por milhares de professores, administradores e homens de negócios.

MARCA REGISTRADA

O DUPLICADOR MIMEOGRAPH 91 tem capacidade para 165 fôlhas de papel, vem com alimentação automática, e é um aparelho de preço médio que pode ser fornecido com motor, a opção do comprador. Sugerimos que V. Sa. investigue as possibilidades dêste e doutros duplicadores Mimeograph, como tambem das folhas stencil marca Mimeograph, e dos pertences, tintas e acessórios que levam o nome Mimeograph.

Distribuidores Autorizados

KELLER WEBER S. A., Máquinas Comerciais e Gráficas

Caixa Postal 2514, São Paulo — Caixa Postal 2364, Rio de Janeiro

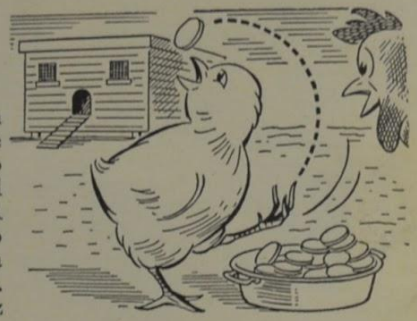
DUPLICADOR MIMEOGRAPH

A. B. DICK COMPANY, CHICAGO 6, E. U. A.

SÔMENTE A. B. DICK COMPANY FABRICA O DUPLICADOR MIMEOGRAPH. Exija o nome "Mimeograph", a marca de fábrica registrada pela A. B. Dick Company, de Chicago, E. U. A., fabricantes dos duplicadores Mimeograph e dos pertences que levam a marca Mimeograph.

VOCÊ SABE...

...que hoje os frangos tomam vitaminas?



Os frangos modernos tomam vitaminas . . . com gôsto. Os preparadores de alimentos para aves de criação fornecem a vitamina "D"—fator nutritivo essencial — por intermédio do "Delsterol", esterol animal ativado com vitamina "D" de Du Pont. A vitamina "D" é indispensável para o crescimento normal dos frangos, para a sua robustez, para uma boa produção de ovos e para uma boa incubação. O "Delsterol", produto de Du Pont, é o fruto de dez anos de pesquisas intensas.

...que as garrafas modernas tem "carapuças" de plástico?

Você verá que muitos frascos e garrafas de bebidas, produtos alimentícios, perfumes e produtos farmacêuticos, possuem uma vistosa "carapuça" de plástico. Na realidade essa "carapuça" não é mais que uma fita de celulose Du Pont, ajustada hermèticamente, que cobre a boca e o gargalo da garrafa ou frasco. A fita assegura proteção contra o pó e a sujidade e evita a manipulação indevida. Ao vê-la não é possível duvidar de que o conteúdo está tão fresco como quando saíu da fábrica.

...que du Pont fabrica 4000 produtos como êstes, destinados a facilitar a vida cotidiana?

Os vários milhares de homens e mulheres que formam a Companhia Du Pont, trabalham incansàvelmente na produção de um grande número de artigos interessantes que fazem parte da sua vida cotidiana. Cada um dêsses artigos é fabricado para permitir-lhe poupar tempo, energias e dinheiro e para tornar mais simples e confortável a sua vida. São precisamente êsses produtos que Du Pont considera "coisas melhores para viver melhor... graças à química".

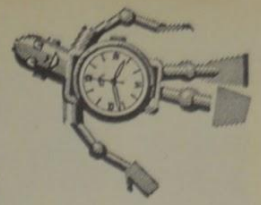
E. I. Du Pont de Nemours & Company (Inc.)
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT
Marca Registrada

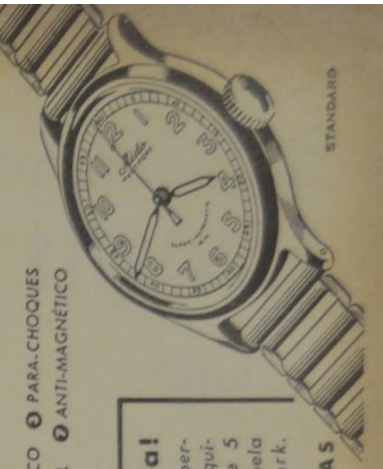
"COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR... GRAÇAS À QUÍMICA"

Inteiramente à prova d'água...
...porque é 100% Impermeável!

MIDO MULTIFORT é o relógio suiço mais aperfeiçoado da nossa época. Sendo 100% impermeável, MIDO MULTIFORT pode ser usado nos banhos de mar sem o menor inconveniente para o seu funcionamento. É especialmente construído para resistir às quedas acidentais e aos choques bruscos. Dá corda a si mesmo, aproveitando o movimento natural do próprio braço porque é super-automático. Verifique na prática as inigualáveis qualidades de MIDO MULTIFORT, o relógio para todos os momentos. Limitada quantidade de relógios à venda.



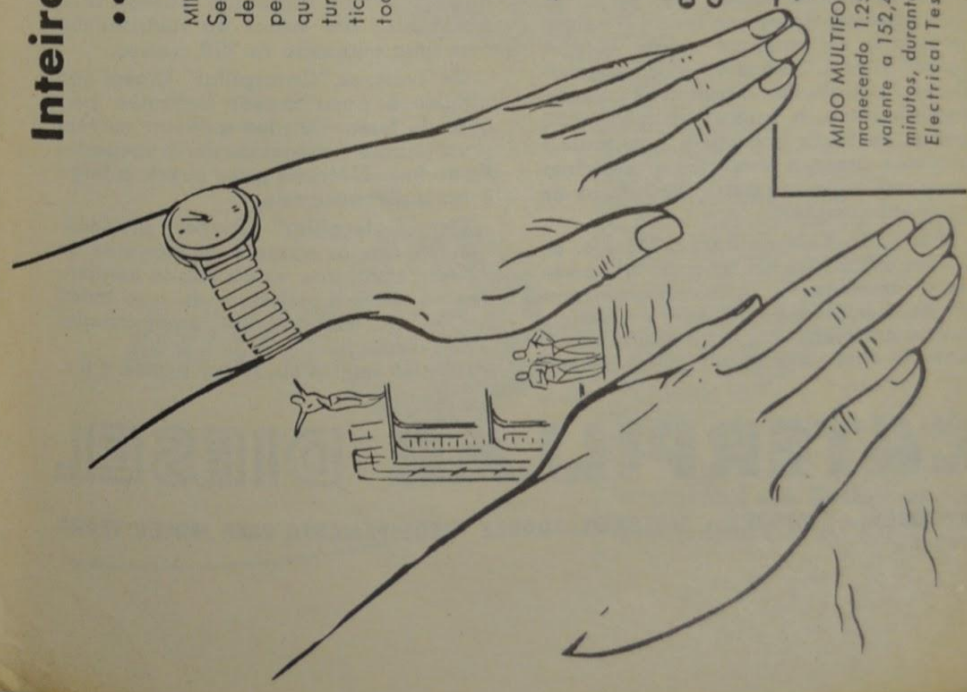
Mido
MULTIFORT
RELÓGIO SUIÇO COM 17 RUBIS



- 100% IMPERMEÁVEL
- SUPER-AUTOMÁTICO
- PARA-CHOQUES
- PRECISO
- LUMINOSO
- INOXIDÁVEL
- ANTI-MAGNÉTICO

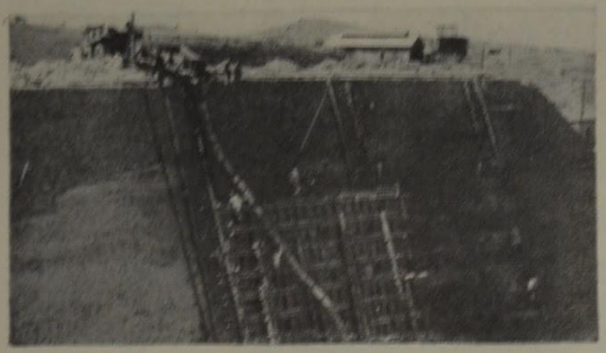
1.250 horas dentro d'água!

MIDO MULTIFORT demonstrou ser 100% impermeável, permanecendo 1.250 horas sob uma chuva artificial equivalente a 152,4 mm por hora. Um banho diário de 5 minutos, durante 40 anos! Esta prova foi realizada pela Electrical Testing Laboratories Inc. de New York.



* O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

MÁQUINAS POSSANTES que acionam POSSANTES PROJETOS



GRANDE parte do progresso econômico do mundo faz-se por meio do equipamento de mover terras e outros geradores de potência marca "Caterpillar" Diesel. Sem a vigorosa capacidade de trabalho característica desse equipamento, a tarefa de construção seria tão lenta e custosa que muitos projetos importantes ainda estariam esperando que as gerações futuras os viessem completar.

No Valle Valsequillo, no México, os "Caterpillar" Diesel vêm trabalhando sem interrupção para transformar 40.000 hectares de escória em férteis terras agrícolas—construindo um reservatório com capacidade para 400 milhões de metros cúbicos de água para irrigação; um aqueduto subterrâneo de 11 km; um canal de distribuição com uma extensão de 110 metros.

Os Tratores "Caterpillar" Diesel são utilizados para mover enormes porções de terra; Grades a Motor servem para manter rodovias de transporte; Aparelhos Elétricos para suprir a força e luz indispensáveis.

Os "Caterpillar" Diesel predominam em maior número de projetos de mover terras que estão sendo realizados no nosso hemisfério do que todas as demais marcas de equipamento dessa espécie.

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

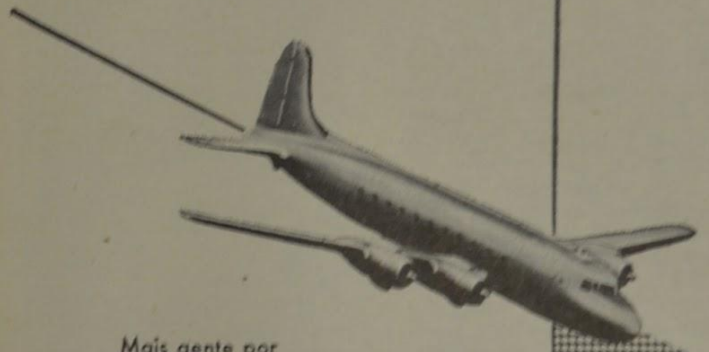
CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTONIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOVER TERRA

O DE MAIOR CONFIANÇA

Pode-se viajar pelo ar com a maior confiança a bordo de um avião Douglas. A regularidade de seu desempenho baseia-se numa experiência que nenhum outro avião de transporte pode oferecer. Os aviões dessa categoria, construídos pela Douglas, já cobriram em vôo uma distância total equivalente a 350.000 vezes a volta do mundo. São aviões comprovados.



Mais gente por toda parte viaja em Aviões Douglas

DOUGLAS

Usados em Todas as Principais Linhas Aéreas

O NATIONAL CITY *e a sua Rede* BANCÁRIA MUNDIAL

Tenciona levar seus negócios a novos mercados, como a Suécia?

TALVEZ o Sr. esteja considerando a Suécia —ou outros paises de alem mar—como um mercado em perspectiva. E há de haver coisas e fatos que o Sr. precisa conhecer primeiro a respeito das pessoas e dos costumes desse país . . . O City Bank dispõe de elementos excepcionais para assistí-lo nesse trabalho.

Dispondo de bancos correspondentes em todas as cidades de importância comercial do mundo, e possuindo mais filiais ultramarinas do que outro qualquer banco nacional dos Estados Unidos, a rede do National City Bank of New York cobre o mundo.

Se o Sr. anda pensando em alargar seus negócios no estrangeiro, agora ou mais tarde, venha consultar-nos e discutir conosco os seus planos, em qualquer das 44 filiais do City Bank estrategicamente situadas em toda a América Central e do Sul, e nas Antilhas. Será benvindo.

Proteja seu dinheiro com os Cheques de Viajante NBC—aceitos em toda parte

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O primeiro em transações bancárias internacionais

Matriz:
55 Wall Street
Nova York

Correspondentes no Mundo Inteiro

SUCURSAIS ESTRANGEIRAS

Argentina
Buenos Aires
Flores (Buenos Aires)
Plaza Once (Buenos Aires)
Rosario

Brasil
Rio de Janeiro—Pernambuco
Santos—São Paulo

Chile
Santiago—Valparaizo

China
Hong Kong
Xangai

Colômbia
Bogotá—Barranquilla
Medellin

Colônias do Estreito
Singapura

Cuba
Havana
Cuatro Caminos (Havana)
Galiano (Havana)
La Lonja (Havana)
Caibarien—Cardenas
Manzanillo—Matanzas
Santiago

Ilhas Filipinas
Manila

India
Bombaim—Calcutá

Inglaterra
Londres
117, Old Broad Street
11, Waterloo Place

México
México, D. F.

Perú
Lima

Porto Rico
San Juan—Arecibo
Bayamon—Caguas
Mayaguez—Ponce

República do Panamá
Panamá

Uruguai
Montevidéu

Venezuela
Caracas

Zona do Canal
Balboa—Cristobal

Em primeiro lugar!

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946, THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

"TRIUMPH" da SHEAFFER'S

a melhor para escrever! Impossível adquirir qualidade superior!

A PENA

Lifetime*

O ponto branco na caneta identifica a pena "*Lifetime*" (garantida por tôda a vida)

A NOVA LAPISEIRA

Fineline

Maior superfície de apôio. Reduz as quebras ao mínimo.

Para escrever mais facilmente e com maior suavidade não há caneta que iguale a TRIUMPH da SHEAFFER! "Questão de opinião . . ." dirá você. Seja . . . mas será também a *sua* opinião quando experimentar êste maravilhoso instrumento—quando examinar o seu meticuloso acabamento mecânico . . . sentir o seu equilíbrio . . . notar suas características exclusivas . . . pousar no papel a pena "LIFETIME"*, de 14 quilates, maior e cilíndrica—e ver, instantaneamente, como escreve sem esfôrço e silenciosamente! . . . W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U.S.A.

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843—Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Novas Canetas "TRIUMPH" *Novas Lapiseiras "Fineline"*

CHAVES PARA UMA *VIDA MELHOR*

A General Electric sente-se orgulhosa da contribuição, que proporciona, com os seus aparêlhos de uso doméstico e receptores de rádio, à arte de viver melhor—servindo-se da eletricidade.

Faça com que o refrigerador, a máquina de lavar roupa, a enceradeira, o rádio-receptor de Tom Natural e o rádio-fonógrafo General Electric acrescentem ao seu lar uma nota a mais de elegância e distinção.

Visite hoje mesmo a General Electric ou os seus revendedores e peça informações completas sôbre essas maravilhas da eletricidade.

Produtos da General Electric Co., E.U.A. RD-6-8

GENERAL ELECTRIC

Interlúdio no Uruguai

"Desde os arrabaldes de Montevidéu"—escreve este bom amigo do uisque *Canadian Club*—"me foi dado verificar que o Uruguai é um dos paises mais progressistas do mundo . . . com um excelente sistema de instrução pública e uma legislação social muito avançada.

"A riqueza do Uruguai dependeu sempre de seus grandes recursos para a criação de gado e de seus grandes rebanhos. Mas hoje a República Oriental está no limbo da idade de ouro industrial.

"No que diz respeito a diversões e entretenimentos culturais, há de tudo em Montevidéu . . . até *Canadian Club*—o mais cosmopolita de todos os uisques!"

O "*Canadian Club*" encontra-se agora nos principais hotéis e nos melhores clubes, e onde quer que se costuma servir uisque com soda.

EM 87 PAISES OS "ENTENDIDOS" INSISTEM NO UISQUE

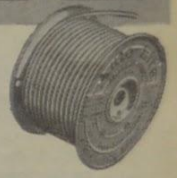
"Canadian Club"

Destilado em Walkerville, Canadá, por HIRAM WALKER & SONS. Hiram Walker tem destilarias em Walkerville, Canadá; em Peoria, E.U.A.; em Dumbarton, Escócia; e em Buenos Aires.

Serviço Hoje... Amigos Amanhã!

Equipamento ELÉTRICO PARA AUTOMOVEIS

AUTO-LITE



Tal é o princípio por que a Auto-Lite se norteia.

No carater da maior fabricante mundial, independente, de equipamento elétrico para automoveis, nosso propósito é traçar peças elétricas melhores e mais eficientes . . . velas de ignição, geradores, baterias, arames e cabos, em uma palavra, todo o equipamento elétrico que contribue para os prazeres do automobilismo.

Querendo um fabrico de integridade, procure o nome Auto-Lite em todo o equipamento elétrico para automoveis . . . signo das peças novas, diretamente vindas da fábrica, que põem um carro a funcionar como novo.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division
Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.

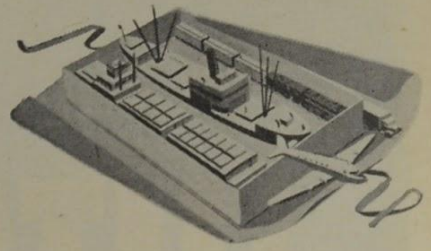
AUTO-LITE EQUIPAMENTO DE IGNIÇÃO ARRANQUE E ILUMINAÇÃO

Três Vantagens

Oferecidas Pelo Porto de Nova Orleãs Ao Comércio da América Latina

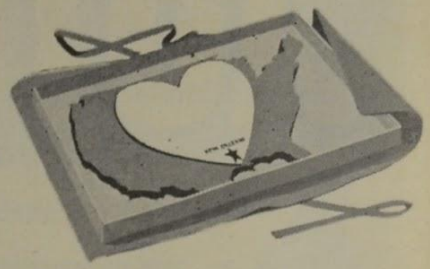
Economia de Frete:

Colocada em posição favoravel entre as Américas, Nova Orleãs pode servir-lhe de maneira mais eficiente e tambem *mais econômica*. Dispondo de tarifas de frete mais vantajosas, tanto ferroviárias como de barcas, entre o seu porto e qualquer ponto do Vale do Mississipi, o importador obtem assim boas reduções, que vão aumentar seus lucros na exportação—lucros que chegam, conforme os casos, de 60 centavos a 5 dólares por tonelada!



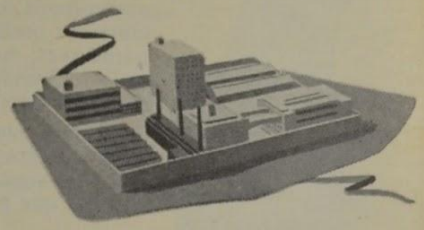
Mercados Ricos:

Nova Orleãs é a lógica porta de entrada para o Vale do Mississipi, onde mais de meio milhão de americanos compram enormes quantidades de produtos da América Latina, e esperam comprar mais. Dispondo de magnificas instalações portuarias e recursos de transporte, completo sistema bancario, alfândegas e serviço de reembarque—este porto, o segundo dos Estados Unidos, facilita-lhe a abertura de crescentes mercados para seus produtos na região mais rica do mundo!



Fonte dos Produtos de sua Necessidade:

As fabricas desta rica região produzem não só utensílios agrícolas, equipamentos para estradas de ferro e usinas elétricas, como tambem materiais de construção, novos artigos deste período de após-guerra, enfim mercadorias de toda espécie—e podem essas fábricas suprir esses produtos com grande rapidez pelo porto de Nova Orleãs, contando com as vantagens de uma baixa tarifa de fretes do interior para o porto. Alem disso, a Casa Internacional e o Pavilhão Internacional de Comércio, duas instituições não-lucrativas, de incentivo mercantil, acham-se ao seu dispôr, em Nova Orleãs, onde os visitantes da América Latina, num ambiente cordial e de afinidade com suas tradições, tratarão agradavelmente de seus negócios.



Os interessados são convidados a pedir por escrito informações confidenciais, aplicaveis aos seus negócios. Dirijam a correspondência a GREATER NEW ORLEANS, INC., Nova Orleãs, La., E.U.A.

O PORTO DE NOVA ORLEÃS

oferece-lhe 3 elementos essenciais ao lucro:

MERCADOS—PRODUTOS—TRANSPORTE

Para acertar tôdas as receitas Faça o Seguro "A PATRÔA"!

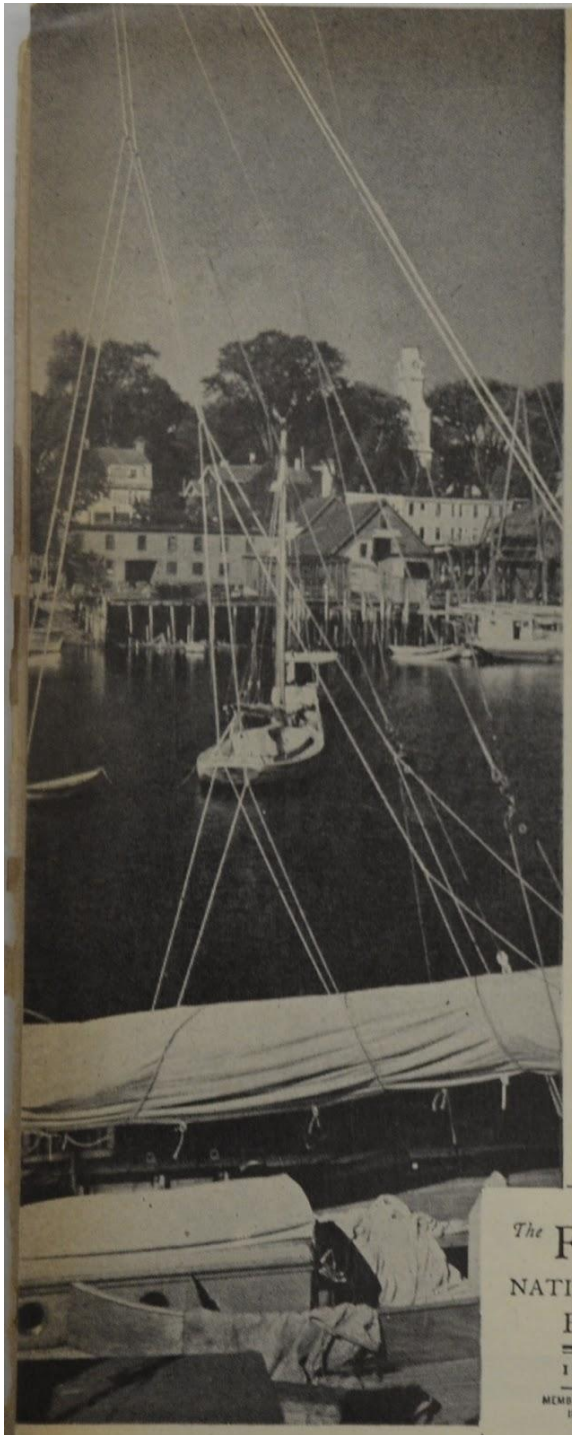
Diz a BENEDITA

Para bolos deliciosos . . . empadinhas leves... frituras apetitosas... use sempre Composto "A PATRÔA". Porque já vem batido duas vêzes, o Composto "A PATRÔA" torna fácil misturar os ingredientes e assegura uma massa macia, sem bôlhas nem caroços.

COMPOSTO *A Patrôa*

PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



Grandes Empreendimentos em Pequenas Cidades

A região da Nova Inglaterra é conhecida em toda parte por suas grandes fábricas e importantes cidades industriais, de onde sairam, no correr dos anos, produtos manufaturados que se fizeram famosos.

Não tão conhecido, entretanto, é o fato de que a atividade e a perícia da indústria dessa região, que deram origem a essas grandes fábricas e cidades dos Estados Unidos, está ainda hoje em período de pujante criação, criando novos produtos para os mercados mundiais. E algumas das mais importantes dessas empresas frutificam em cidades relativamente pequenas.

Existe, por exemplo, um pequeno logradouro no Estado de Maine, onde um grupo de homens empreendedores construiu uma fábrica que está experimentalmente fabricando cristais de controle para rádiodifusoras, os quais eram antes minerados. Nesse fato temos apenas uma singular ilustração de como a Nova Inglaterra trabalha de olhos postos no futuro, e serve o mesmo para chamar a atenção de V.S. para essa região, afim de que possa incluí-la, com seus produtos e mercados, nos seus planos de comércio com o exterior.

O First National Bank de Boston tem contribuido, durante mais de 160 anos, para facilitar o intercâmbio de produtos da Nova Inglaterra com os de outros países. Dispondo, na sua matriz e nas filiais no exterior, de experimentados técnicos de comércio, o Departamento Estrangeiro do Banco está pronto para auxiliá-lo nas suas relações comerciais com a Nova Inglaterra ou com qualquer outra parte do mundo. Peça informações à matriz do Banco, ou a qualquer de suas agências, que será atenciosamente atendido.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

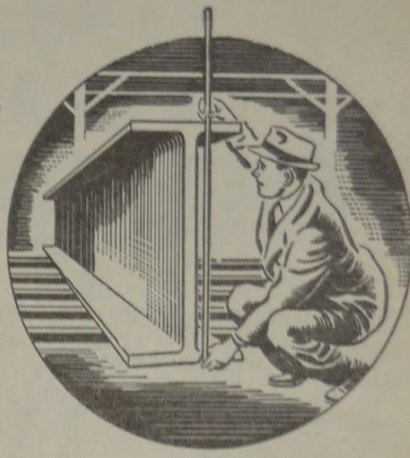
1784 ★ 1946

MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 100 Broadway.

Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Escritório de representação no Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

AÇO DE CONSTRUÇÃO



Os construtores de todo o mundo confiam no aço BETHLEHEM para construções, que se apresenta numa grande variedade de formas, tais como suportes e peças para a construção, de aba larga, barras em U e cantoneiras.

A BETHLEHEM que é "um dos maiores produtores mundiais de aço," oferece um sortimento completo de artigos de aço, incluindo arame, tubos, chapa, fôlha de Flandres, fôlha, aço para uso em caminhos de ferro e estradas, etc.

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

82P—RD

BETHLEHEM STEEL

Bethlehem Steel Export Corporation

25, Broadway, Nova York 4, E. U. A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à

BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION

RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165-3º andar

SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415

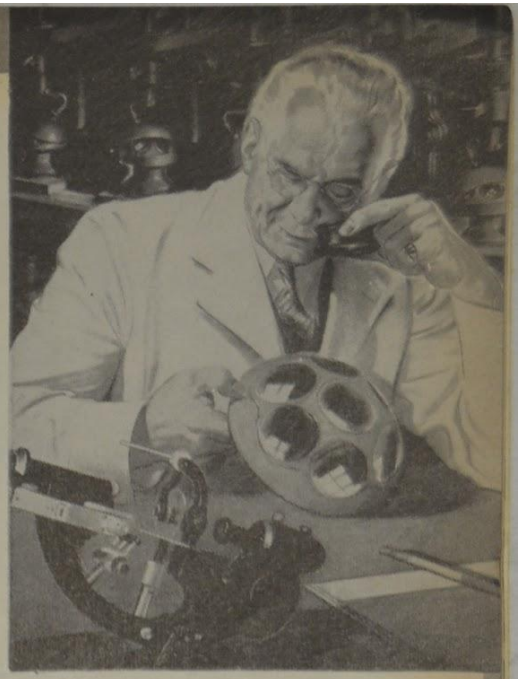
Para Rendimento Máximo Do Motor- VELAS CHAMPION

Fabricadas para serviço máximo, mas oferecidas a preço popular, as Velas de Ignição Champion conquistaram uma situação de inquestionavel primazia universal. Os donos de automóveis, caminhões e tratores confiam nelas para "dar vida" aos seus motores — e para mantê-los a funcionar com eficiência máxima.

Instale no seu motor um novo jogo de Velas Champion — substitua-as a intervalos regulares — se quer desfrutar das vantagens do arranque instantâneo, da aceleração melhorada, e de menores despesas de funcionamento.

CHAMPION SPARK PLUG CO. Toledo, U.S.A. • Windsor, Can. • Feltham, Eng.

Os Embarques de Produtos da Bausch & Lomb



A inspeção rigorosa de cada item é um dos motivos da Qualidade Bausch & Lomb

NÃO obstante as dificuldades que nos trouxe a guerra, estimulou-nos sobremaneira o espírito de compreensão e a paciência dos clientes da Bausch & Lomb. É natural que esses clientes esperassem, de nossa parte, como recompensa, que lhes despachássemos prontamente as mercadorias por eles encomendadas.

As fábricas e o equipamento que adquirimos para a produção de guerra estão ainda sob requisição. Os aperfeiçoamentos desenvolvidos pela guerra também nos capacitaram a melhorar a qualidade e aumentar a produção na Bausch & Lomb. E continuamos nossas pesquisas afim de prover ainda melhores produtos no futuro.

Entretanto estamos a braços com algumas dificuldades. Se num departamento há falta de pessoal —por exemplo, no inspeção— isso pode atrasar a produção em outros. E como tem aumentado o número dos que sabem aquilatar do valor e qualidade dos produtos da Bausch & Lomb, estes vão tendo aceitação cada vez maior. A Bausch & Lomb planeja exportar em 1946 mais do que em qualquer ano anterior à guerra. Procuraremos acelerar a produção sem entretanto menoscabar a reconhecida qualidade da Bausch & Lomb.

BAUSCH & LOMB

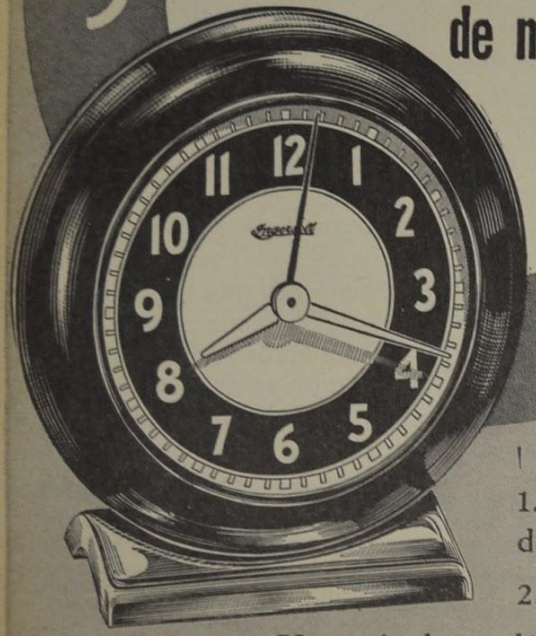
ROCHESTER 2, N.Y. RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO BUENOS AIRES

O novo e sensacional despertador

Ingersoll

de mostrador luminoso



1. Base e parte posterior de cromo.

2. Sortimento de três cores.

3. Uma só chave dá corda à hora e ao despertador.

4. Tem corda para 40 horas.

US TIME

Fabricado por The United States Time Corporation, E.U.A.
Distribuidor: Costa, Portela & Cia, Rio de Janeiro.

as Pérolas mais lindas que o homem faz

Toda a poesia do noivado parece condensar-se em um só fio das perfeitas pérolas afeiçoadas por Marvella . . . as pérolas mais lindas que mãos de homem fabricam!

Marvella

MARVELLA PEARLS INC.
383 FIFTH AVENUE
NOVA YORK, E. U. A.

Vestido de noiva por Jay Thorpe

Agentes Distribuidores: Nilzo Pinto Russio, Avenida Calógeras 12, Rio de Janeiro

Profecia . . . sobre rodas!

O Sr. gostaria de viajar 800 a 900 quilômetros, gastando apenas a gasolina suficiente para encher uma só vez o tanque de seu carro, correndo em marcha moderada?

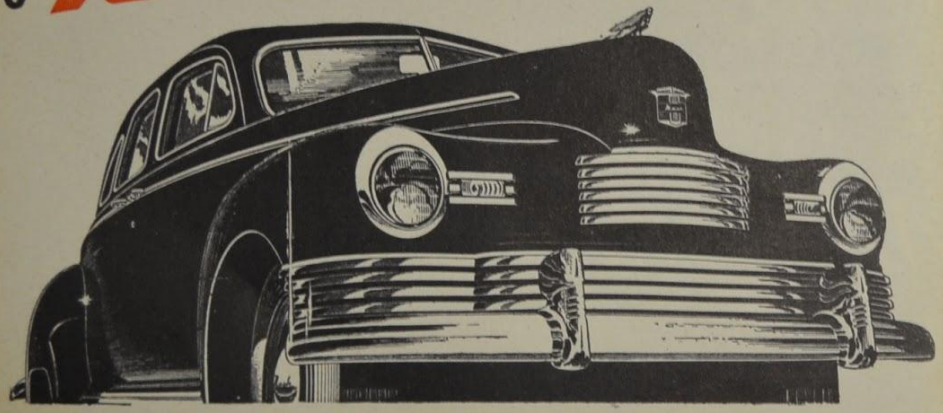
Gostaria de ter um carro tão grande e espaçoso, que o assento fronteiro fosse um verdadeiro sofá, e cujo assento posterior pudesse desdobrar-se, à noite, en cama de casal?

Gostaria de um carro dotado dos aperfeiçoamentos técnicos que, segundo cremos, virão transformar todos os carros futuros . . . que adotou os princípios básicos de traçado das aeronaves e substituiu a carrosseria e chassí que antes eram separados, por uma estrutura de uma só peça, inteiramente soldada e com vigas de aço— tornando-o mais leve, mais resistente, mais seguro?

Pois tudo isso o Sr. pode ter . . . neste novo Nash "600" de baixo preço . . . *hoje e aquí*, no salão de vendas Nash. Funcionamento surpreendente, economia sensacional, empolgante desempenho na estrada . . . e, alem de tudo isso, grandes caraterísticas tais como molas helicoidais às quatro rodas.

Vá ao Salão de vendas Nash *hoje mesmo* para ver o novo Nash "600" de baixo preço, e o *novo* Nash Ambassador de preço médio.

O Nash O LEVARÁ NA VANGUARDA!



NASH EXPORT DIVISION, Nash-Kelvinator Corporation
Detroit 32, Michigan, E. U. A.

Burroughs . . .

A MELHOR MÁQUINA DE SOMAR

A primeira máquina de somar que deu resultados práticos, foi inventada por William Seward Burroughs. Atualmente, as Máquinas Burroughs, aos milhões, aceleram as operações de contabilidade do comércio e da indústria no mundo inteiro. A incontestavel preferência que as Burroughs encontram em toda parte explica-se, dum lado, pela sua qualidade de precisão; e do outro, pela posição de primazia que a Burroughs tem constantemente ocupado na introdução de novas e melhores características, que permitem fazer o trabalho em menos tempo e com menos esforço. Compare as Burroughs, peça a peça, com qualquer outra máquina de somar . . . e o seu bom-senso lhe dirá inevitavelmente que *a Burroughs é a melhor.*

* * *

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

ENTRE AS OUTRAS MAQUINAS BURROUGHS CONTAM-SE
MÁQUINAS DE CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATÍSTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

EM TECHNICOLOR
O ÍDOLO ROMÂNTICO DA TELA
VAN JOHNSON
EM COMPANHIA DA FORMOSA
ESTHER WILLIAMS
NUM FILME DE ÊXITO ABSOLUTO, TODO EM ESPANHOL, E QUE SUPERA "ESCOLA DE SEREIAS"
"PAIXÃO EM JÔGO"

Com
LAURITZ MELCHIOR
•
TOMMY DORSEY
e sua orquesta
•
uma produção de
JOE PASTERNAK

OS FILMES DA METRO-GOLDWYN-MAYER
SÃO SEMPRE EXIBIDOS NOS MELHORES TEATROS

Geografia Prática...

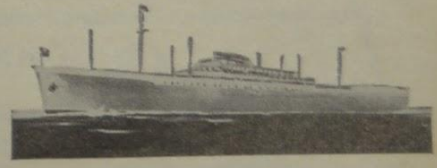
Nova Orleãs é o porto do grande Vale do Mississippi, onde se concentra metade da população e da produção dos Estados Unidos... e é tambem o porto nacional da Delta Line que serve aos paises—Brasil, Uruguai e Argentina—onde vive mais de metade da população de toda a América do Sul.

É, portanto, lógico, do ponto de vista geográfico, que o comércio entre o Vale do Mississippi e a América do Sul se realize com maior eficiência e economia através do porto de Nova Orleãs, o maior dos portos do Sul dos Estados Unidos.

Delta Line
MISSISSIPPI SHIPPING COMPANY, INC. • NEW ORLEANS

• Ao ficarem prontos, por todo o ano de 1946, seus novos navios rápidos, de carga e passageiros, a Delta Line realizará uma viagem

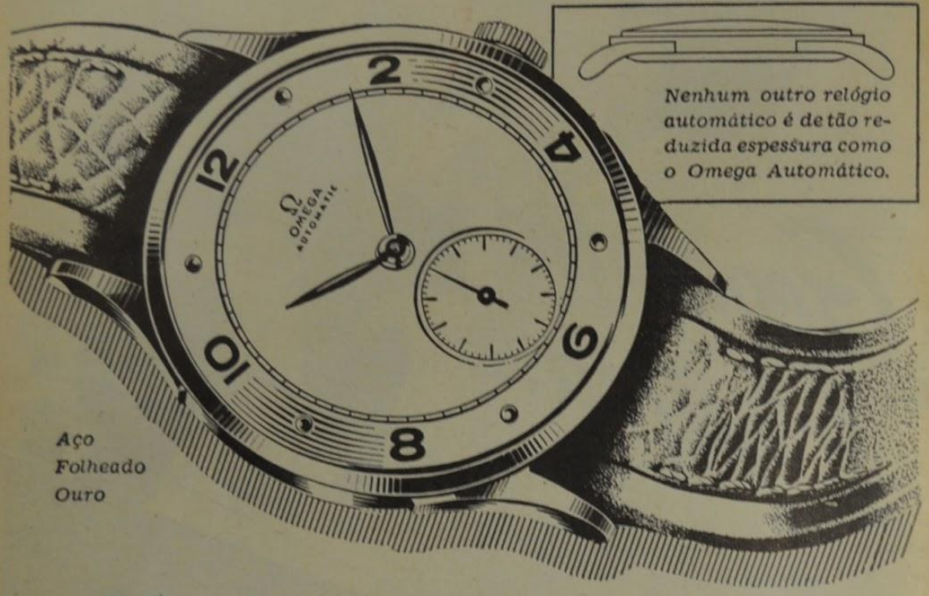
de 8 em 8 dias!



ARGENTINA • URUGUAI • BRASIL • NOVA ORLEÃS

Eis a diferença!

Êste relógio automático possui a "Precisão Omega"



Nenhum outro relógio automático é de tão reduzida espessura como o Omega Automático.

Aço
Folheado
Ouro

Muitas experiências o precederam! E, após longos anos, ei-lo constituindo mais um triunfo Omega — o Omega Automático! Está longe de ser apenas um relógio automático. Não! Além de possuir corda permanente, obtida com o movimento do pulso, êste relógio apresenta algo único, apresenta a "Precisão Omega"! Para tanto contribuiram os recordes de precisão obtidos por Omega no famoso Observatório de Teddington, na Inglaterra. Hoje mesmo, admire um Omega Automático num bom relojoeiro. Automático — Impermeável à água, pó e suor — À prova de choques — Antimagnético — Extra-chato — Inoxidável — Vidro inquebrável.

Ω OMEGA *Automático*

OMEGA

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE
GENEBRA-SUÍÇA

Tissot

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM —

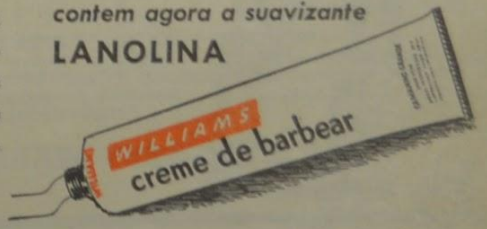
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

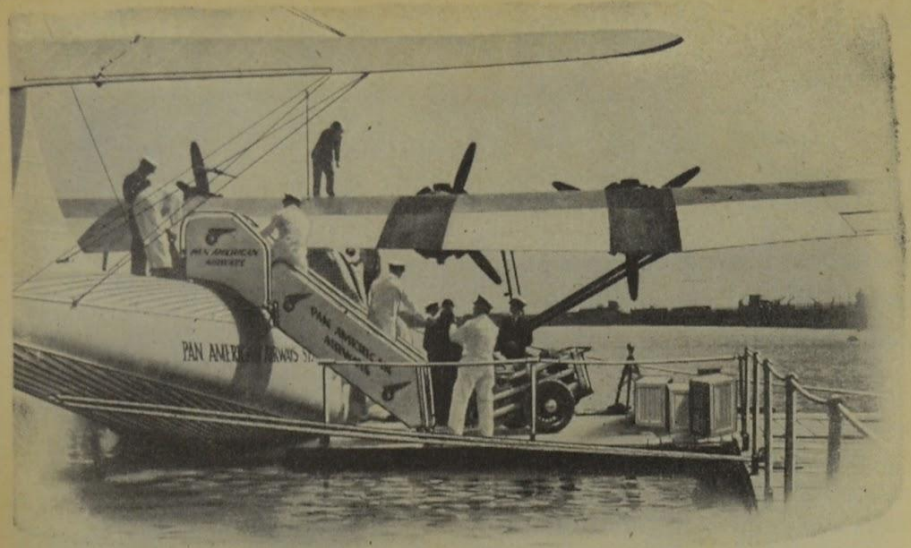
Uma barba mais limpa, mais escanhoada, sem desconforto. Agora V. pode barbear-se com mais rigor, conseguir melhor aparência — graças ao Creme Williams de Barbear, com Lanolina. Porque a suavizante Lanolina ajuda-o a escanhoar-se melhor, sem o perigo de lanhos ou dolorosas irritações.

Muito semelhante ao óleo natural da pele, a Lanolina é de há muito conhecida dos médicos pelos seus efeitos suavizantes sobre as epidermes irritadas. A Lanolina do Creme Williams deixa a sua pele mais branda, mais macia — e refrescada.

A espuma abundante e persistente do Williams penetra *completamente* os pelos, tornando-os brandos — permite à navalha fazer o seu trabalho rápida e facilmente. Deixa o rosto limpo, com um aroma agradavel. Para conseguir barbear-se melhor que nunca — compre hoje mesmo um tubo de Williams contendo Lanolina.

O mesmo tubo de sempre — contem agora a suavizante
LANOLINA





Montgomery Ward

EXPORTADOR PARA O MUNDO

E para V. S.! Há mais de meio século a Montgomery Ward vem fornecendo aos compradores do mundo inteiro as mercadorias de que precisam. Nossos caixotes são carimbados—"México City", "Cairo", "Sidney", "Calcutá"—e levam os artigos da Ward, para todos os países do mundo.

Nossos fregueses sabem que a Wards é um grande centro fornecedor, de confiança. Os vastos recursos desta companhia permitem-lhe efetuar economias pela produção em massa, fabricando produtos melhores e a preços sem competidor. A Wards é proprietária de algumas fábricas, e está aliada a inúmeros fabricantes, com muitos dos quais tem acordos exclusivos para exportar seus produtos aos mercados do mundo.

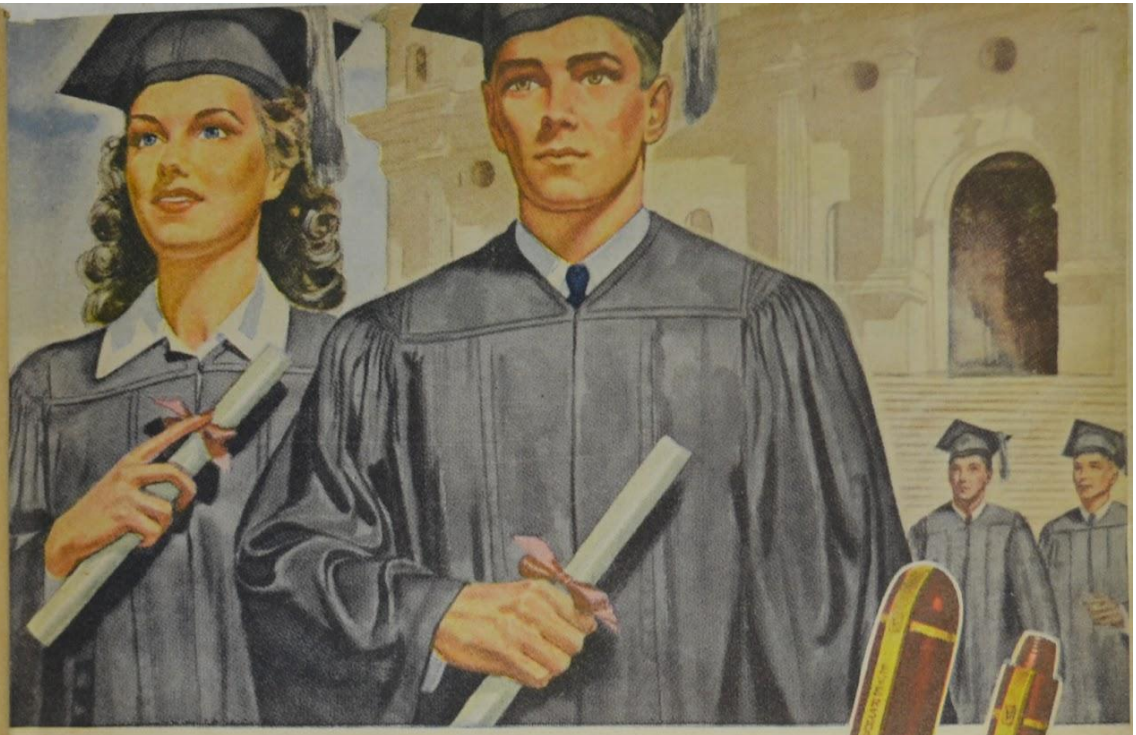
Os principais artigos da marca Ward são vendidos nos mercados estrangeiros por intermédio de firmas distribuidoras que mantêm estoques permanentes. Escreva solicitando concessão para a sua praça à Montgomery Ward & Co., Chicago, Illinois, E.U.A.

PRODUTOS FORNECIDOS PELA MONTGOMERY WARD

Produtos automobilísticos • Pneus • Utensílios Elétricos • Maquinaria Agrícola
Ferragens • Produtos Industriais • Rádio-Receptores • Aparelhos de Som • Tintas
Materiais de Construção • Moveis e Acessórios para o Lar • Texteis • Modas
Artigos de Esporte

MONTGOMERY WARD & COMPANY

Seção de Exportação CHICAGO, E. U. A.



Parabens, jovens diplomados!

Seja EVERSHARP a vossa companheira inseparável!

Qualquer tarefa é mais fácil, quando a ferramenta é boa . . .

A EVERSHARP, como instrumento de precisão, é a Caneta indicada para os trabalhos intelectuais.

A Ponta Mágica EVERSHARP, têrsa e *flexível,* traça em silêncio os pensamentos de quem escreve.

O Alimentador Mágico, exclusivo da EVERSHARP, impede os derrames aborrecidos, passa a tinta para o papel na medida justa, e aproveita até a última gota, evitando que se encha a caneta frequentemente.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, ILL., E.U.A.

Dê EVERSHARP e dará a melhor!

PREFERÊNCIA

HÁ NO MUNDO INTEIRO MAIS GENTE RODANDO SOBRE PNEUS GOODYEAR DO QUE SOBRE PNEUS DE QUALQUER OUTRA MARCA

– que dá volta ao mundo

NA qualidade de automobilista, V. tira o máximo proveito do impecável desempenho dos pneus Goodyear — desempenho comprovado por uma preferência mundial que não tem paralelo na história dos transportes.

Sim, ao "calçar" seu carro com pneus Goodyear, V. obtem uma garantia de quilometragem máxima, de segurança e economia para muitos e muitos anos — porque ano após ano os pneus Goodyear são os *primeiros* em quilometragem, os *primeiros* em resistência, os *primeiros* em economia — seja qual for o gênero do serviço.

E aqui tem a prova concludente: *hoje, como nestes últimos 31 anos, há no mundo inteiro mais gente rodando sôbre pneus Goodyear do que sôbre pneus de qualquer outra marca!*

GOODYEAR
PNEUS

PREFERÊNCIA MUNDIAL
durante 31 anos seguidos!

12 Maravilhosos Bolos

... todos feitos com a mesma receita ROYAL

Deslumbre seus hóspedes—sua família—com a variedade de suas sobremesas. É tão fácil! Tudo o que você necessita, é de *uma* receita básica Royal, para fazer êste primoroso **Bolo Ilusão**, êste **Bolo Regozijo**—e dez outras variações. O Fermento em Pó Royal ajuda-a a fazê-los bem, assegura uma extrema leveza e um sabor maravilhoso.

•

Peça hoje mesmo esta receita básica Royal e suas 11 variações! Escreva para: Standard Brands of Brazil, Inc., Depto. P-1146—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

Tesouro esquecido

Por Humphrey Cobb

HÁ ALGUM tempo estava eu num trem, que corria veloz por uma região monótona e desinteressante, e em minha mão, esquecido, jazia um exemplar do Reader's Digest. Nele já lera tudo, à exceção de dois artigos: um sobre erosão do solo... Nem queria pensar em erosão do solo; coisa cacete, assunto que não tinha, para mim, o menor atrativo.

O outro artigo chamava-se «Embora não seja orador...», e logo vi tratar-se de uma crônica sobre oratória. A simples idéia de fazer um discurso já me punha os cabelos em pé; e a de ouvir discursos alheios ainda me parecia menos apetecivel....

A um solavanco do trem, o Reader's Digest escorregou-me da mão, e eu o deixei ficar onde caira.

Passados minutos, resolví apanhá-lo e, desesperado de monotonia, já aos bocejos, comecei a ler o tal artigo sobre erosão do solo. E eis que, bastante surpreso, verifiquei isto: o artigo me abria os olhos... ou por outra, abria-me o espírito. Chegando ao fim, perguntei aos meus botões: «Quanta coisa interessante não terei perdido, por causa desta tendência a não ler o que me parece cacete?»

Ataquei, a seguir, o artigo sobre oratória. Percebí então que não só era muito interessante, como tambem constituia magnífico desafio a um poltrão, tímido e acanhado, como eu era naquela ocasião. Fiquei meditando sobre o assunto, e lembrei-me do dia em que, no Canadá, tive que fazer uma pequena palestra pelo rádio, dirigida aos meus ex-companheiros de campanha na Primeira Guerra Mundial; com essa palestra, revivera velhas amizades e criara outras.

Foi justamente alí, naquele trem, que decidí adquirir novos hábitos no que se refere a leitura. Desde então, quando me chega um número novo do Reader's Digest, *leio sempre, em primeiro lugar, todos os artigos que me pareçam menos atraentes*. Vale a pena. É um hábito cheio de surpresas, empolgante como um jogo. Abre-me panoramas ainda não vistos, traz-me benefícios palpaveis, não só materiais como intelectuais, e impele meu espírito a levantar-se de sua preguiçosa poltrona, e ir por aí a horizontes cada vez mais largos e mais surpreendentes.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Atletas da Colômbia

DEZEMBRO de 1946

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

A única defesa contra a bomba atômica . . . . . *Joseph e Stewart Alsop* 1
O arco mágico de Yehudi Menuhin . . *J. Wechsberg* 5
Está sempre cansado? . . . . . *Marie Beynon Ray* 9
Voltam as vacas gordas . . . . . *Fortune* 11
O terror dos antros . . . . . *J. Edgar Hoover* 16
Tenho fé na paz . . . . . *Edward R. Stettinius, Jr.* 20
Matou o dragão com uma agulha . . *Beverly Smith* 25
O melhor amigo do homem . . . . . *Alan Devoe* 29
Você sabe o que quer dizer? 32
Os árabes em marcha . . . . . *Edwin Muller* 33
A benfeitora dos surdos-mudos . . *Charles Parmer* 37
Idéias que iniciam negócios . . . *Thomas M. Johnson* 42
A multiplicação das espigas . . . . . *J. D. Ratcliff* 45
Flagrantes da vida real 50
Sam, o Cara-triste . . . . . *Fred Gipson* 52
Dr. Brackett . . . . . *Damon Runyon* 56
Quarentena para drogas perigosas . *William La Varre* 57
Hari Pogo e seus ex-canibais . . . . . *Tom Ham* 61
Emoções que matam . . . . . *James E. Payne* 66
Os amedrontados do Kremlin . . . . . *John Fischer* 69
A música sintética de Hollywood. *Joseph Wechsberg* 76
A «Tia Adalina» do Arizona . . . . . *Oren Arnold* 79
Levanta-te e vive! . . . . . *Miriam Zeller Gross* 84
Que reuniões detestaveis! . . . . . *Paul Gallico* 87
O mais espirituoso dos conversadores *Max Eastman* 89
Novo papel que resiste à água . . . *Lloyd Stouffer* 95
Seção de Livros } Baleia! . . . . . *Herman Melville* 97
Índice 121

A adoração dos pastores, de El Greco { *Fotografia*. . . .*quarta capa*
Nota. . . . . .*terceira capa*

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Agência Freitas, Rua Joaquim Sarmento, 29, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Carvalho, Pinheiro & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Fernando Chinaglia, Rua Imperador, 221, 3º andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa 62, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Portugal, Lobito, Angola.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo X, No. 59 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Dezembro de 1946

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba
Diretor: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* Armando de Sá Pires
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS—*The Reader's Digest* (Fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A. e por The Reader's Digest Association, Ltd., em Londres, Inglaterra; diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Selecciones del Reader's Digest:* edição em espanhol para os paises hispano-americanos e Espanha; redator: Eduardo Cárdenas. *Det Basta ur Reader's Digest:* edição em sueco, publicada por Reader's Digest Aktiebolag, Estocolmo, Suécia; redatora: Brita Hebbe. *Al Mukhtar Min Reader's Digest:* edição em árabe, publicada no Cairo, Egito; redator: Fuad Sarruf. *Valitut Palat:* edição em finlandês, publicada em Helsinque, Finlândia. *Det Bedste fra Reader's Digest:* edição em dinamarquês, publicada em Copenhague, Dinamarca. Edição em japonês, publicada em Tóquio, Japão.

Copyright 1946 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. X, No. 59, December 1946. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $1.50 per year in Latin America, U.S. $3.00 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

CMDPU-UR 1945

SELEÇÕES

TOMO X
No. 59

do Reader's Digest

Condensações de artigos de interesse permanente

DEZEMBRO
de 1946

Os técnicos militares americanos não vêem defesa contra a bomba atômica, e apenas vislumbram uma esperança. Aquí se expõem friamente os fatos

A ÚNICA DEFESA CONTRA A BOMBA ATÔMICA

(*Condensado do «Saturday Evening Post»*)

Por Joseph e Stewart Alsop

HÁ JÁ alguns meses os melhores técnicos do Estado Maior Americano resolveram fixar a situação estratégica desse país em face à nova situação criada pela bomba atômica. Agora, completando seus estudos, chegaram finalmente à conclusão seguinte: «A única defesa segura contra a bomba atômica é de natureza política.»

Significa isso o controle efetivo e internacional da energia atômica, a segurança coletiva e uma organização mundial habilitada a regular todos os problemas pelos meios pacíficos. Por isso que emitida por militares, essa opinião assinala a extensão do movimento revolucionário de nosso tempo. E desde que, no particular, a diferença é apenas de premissas entre os técnicos militares mais qualificados e os entusiastas da idéia de UM MUNDO SÓ, cumpre tentar compreender porque se deve seguir a direção indicada.

PRELIMINARMENTE, os militares fizeram algumas conjeturas simples, mas assustadoras. A primeira é a de que, se as atuais tendências não vierem a ser alteradas pela ação política, todas as principais potências do mundo se equiparão, dentro em pouco tempo, de armamentos atômicos. Os técnicos americanos calculam que outras potências passarão a produzir bombas dessa natureza no prazo de cinco a trinta anos. Nesse meio termo, ao que tambem presumem, todas as potências cogitarão de preparar novos e extraordinários meios de lançar explosivos atômicos. Foguetes de imenso alcance e velocidade, cujo aperfeiçoamento já se

sabe agora inteiramente possivel, serão guiados por um novo dispositivo eletrônico até seus objetivos, onde quer que estes se apresentem.

Essas novas armas, empregadas em grande escala, demonstrarão o terrivel poder destrutivo que nossa imaginação lhes atribue. Em geral, os técnicos esboçam um sorriso contrafeito quando ouvem alguem dizer que a bomba atômica «é uma bomba como outra qualquer». E descrevem-na antes como sendo «revolucionária num sentido que o mundo ainda não conhece desde a descoberta do fogo». Afirmam que uma simples descarga de bomba atômica será capaz de matar um terço ou metade da população de uma grande nação e extinguir uma percentagem ainda mais elevada de sua capacidade produtiva.

Com tais conjeturas em mente, os técnicos militares passaram a calcular a futura situação estratégica dos Estados Unidos.

Primeiramente, desprezaram a esperança de que um novo milagre da ciência venha a prover uma defesa completa contra o ataque atômico. Concebe-se que se possam construir foguetes com dispositivos especiais para procurar e fazer explodir outros foguetes na zona externa da ionosfera. Mas muitos foguetes inimigos conseguiriam alcançar seu objetivo. Bastariam três bombas atômicas para arrasar Washington e dez poderiam converter Nova York em um montão de escombros e ruinas.

Dada a natureza especial da guerra atômica, torna-se imperioso que seja atribuida a máxima importância à primeira explosão. Entretanto, a Constituição dos Estados Unidos condena esse país—alvo, rico e vulneravel—a deixar o inimigo atacá-lo em primeiro lugar. E quem pode saber se algum inimigo em potencial não desatará de repente sua chuva de morte enquanto, no Congresso, estiver sendo discutida uma formal declaração de guerra?

Vamos admitir que não seja possivel internacionalizar o controle da energia atômica, que a segurança coletiva venha a tornar-se impraticavel e que a organização mundial seja inexequivel. Então, de acordo com a opinião dos melhores técnicos, a defesa americana será aproximadamente como se segue.

O sistema se baseará sobre o princípio de que «o poder de represália é o melhor dissuasor do ataque». E objetivará criar uma situação em razão da qual o inimigo será exterminado no momento em que tentar destruir-nos, neutralizando assim quaisquer intenções agressivas daquele. Nossa defesa, por isso, consistirá de um aparelhamento imenso e invulneravel de represália, para entrar instantaneamente em ação ao primeiro aviso do ataque inimigo.

Esse sistema, porem, exige a construção de uma grande cadeia de instalações de foguetes especiais através dos Estados Unidos, assentadas fundamente no solo. Suas cavernas de concreto abrigarão um completo aparato de destruição. Nas cavernas de operação, os manejadores de foguetes ficarão em estado permanente de alerta. Os depósitos das cavernas conterão grande estoque de foguetes atômicos juntamente com outros petrechos de guerra e rações de boca para vários meses. Tudo isso será acondicionado de modo a não sofrer as consequências da confusão ou do caos que se estabelecer fora, em qualquer parte do país. Toda a cadeia de instalações será ligada internamente por um sistema próprio de comunicações tão profundamente metido no solo como as instalações. E numa caverna ainda mais profunda, em alguma parte do país, se instalará o controle central de comando.

Aí, tambem, numa vigilância ininterrupta, ficarão o controlador dos foguetes e seus auxiliares, a arrostarem uma responsabilidade sem precedente na história do mundo. Porque, quando sua mesa de controle eletrônico denunciar a aproximação de foguetes inimigos, eles terão que emitir a ordem fatal de «Fogo!» com repercussão imediata em todo o sistema. Então, precisamente na hora em que a chuva de morte e destruição cair sobre os Estados Unidos, idêntica tempestade assoladora desabará sobre o país agressor, em outra parte do mundo. O horrivel bombardeio prosseguirá até que um dos dois paises tenha esgotado suas provisões de bombas ou resolva declarar-se vencido.

Na esteira de seus foguetes, o inimigo mandará um exército aéreo para nos atacar no momento de pânico, destruir ou capturar nossas instalações de foguetes e apor um fim à nossa resistência. Por isso, é indispensavel manter-se uma reserva de forças combatentes, resolutas e bem treinadas. No rastro dos nossos próprios foguetes, nossos aviadores desempenharão a mesma missão. Se algum sistema de comunicações ainda restar depois disso, os sobreviventes do povo americano poderão ler boletins como o seguinte:

«As forças inimigas que desembarcaram à margem do Rio Ohio com o objetivo de invadir o ouriço da Caverna do Mammoth foram obrigadas a bater em retirada e se acham encurraladas contra as ruinas de Cincinati. O inimigo tem cortada sua retirada, uma vez que a área de Cincinati se apresenta ainda radioativa, pondo em perigo as pessoas refugiadas entre as ruinas.» (A rigor, a idéia do «ouriço» não é mais simples ficção, pois o Serviço de Munições do Exército e da Marinha dos Estados Unidos já está procedendo a um estudo sobre cavernas.)

Mas muitas outras medidas, mesmo as mais penosas, serão tomadas. Alem de nosso próprio poder de represália, precisaremos de aliados, tambem providos de perfeito equipamento bélico, visto que aquele poder deve ser tão dispersado quanto possivel. Embora tradicionalmente independentes, os americanos serão forçados a ter em volta de si um conjunto de potências aliadas—todas acordes em lutar, se a primeira vítima da agressão for um deles ou os Estados Unidos. Uma política de poder, nua e desmascarada, será a ordem predominante entre as nações.

Precisaremos introduzir mudanças radicais no carater da vida nacional. Deveremos estar preparados para o controle do desastre numa escala continental. Todo cidadão precisará estar aparelhado para o tempo em que as grandes cidades forem reduzidas a carcassas radioativas; quando todas as redes de comunicações espalhadas sobre o território nacional já não estiverem em função; quando houver dez milhões de mortos a sepultar; quando dez milhões de feridos necessitarem de cuidados e hospitalização; e, finalmente, quando metade da nação se apresentar privada de luz, calor, água e outros serviços essenciais.

Se houver pânico, o fracasso será certo, porque as forças do país, nessas circunstâncias, não poderão repelir com êxito os invasores aéreos. Em tal emergência, seremos compelidos a recorrer a todos os elementos válidos de cada comunidade. O povo será treinado em grupos de ação, em grupos de disciplina e em todas as operações de controle de desastres exigidas em ocasiões de grande perigo. Todos os cidadãos, de ambos os sexos, se

exercitarão, enfim, para esse dia de Juizo Final.

Alem disso, seremos forçados à modificar nosso sistema urbanístico. As populações e as indústrias serão distribuidas por novas comunidades; cidades longas e estreitas, ou constituidas de «celas produtivas» ligadas por vias expressas, reduzirão o número de mortes, em caso de ataque maciço e intenso, a uns 20% da população, mantendo um suficiente potencial de indústrias para permitir alguma sorte de abastecimento local.

Haverá que adotar medidas excepcionais contra a sabotagem. Para essa tarefa, será necessário aumentar imensamente as medidas de segurança interna. A própria Constituição deverá ser alterada para facilitar o processo de investigações e capturas.

Representará problema dos mais dificeis o de manter-se um governo em pleno funcionamento. O primeiro objetivo do inimigo será o de destruir o governo afim de paralisar toda a nação. Embora admita facilmente a possibilidade de espalharem-se as indústrias, nossa imaginação vacila à idéia de uma dispersão governamental. Em consequência, deveremos organizar de maneira completa um governo de emergência, à feição de suplente, convenientemente instruido e conservado numa caverna para ser utilizado no momento necessário.

Em suma, a defesa militar exigiria, não somente os mais pesados sacrifícios pessoais, senão tambem o sacrifício de princípios que constituem por assim dizer a carne e o sangue da sociedade americana. Nenhuma democracia verdadeira pode manter um imenso armamento em estado contínuo de alarme por anos e décadas fora. Nenhuma democracia verdadeira pode confiar a um único indivíduo tais responsabilidades como a do controlador supremo dos foguetes atômicos. Nenhuma democracia verdadeira pode pôr em prática uma disciplina militar extensiva a todos os cidadãos ou suspender os direitos da liberdade, para investigações e capturas, ou condenar sumariamente todas as suas grandes cidades, transferindo seus habitantes para outra parte.

A EXPLANAÇÃO precedente esboça a situação que teremos de enfrentar—e talvez sem muita demora—se a defesa política não lograr êxito. É dificil acreditar, mas o quadro esboçado não é produto de ficção baseada em falsa ciência, visto estar fundado no pensamento sério, bem informado e sábio de homens altamente capazes.

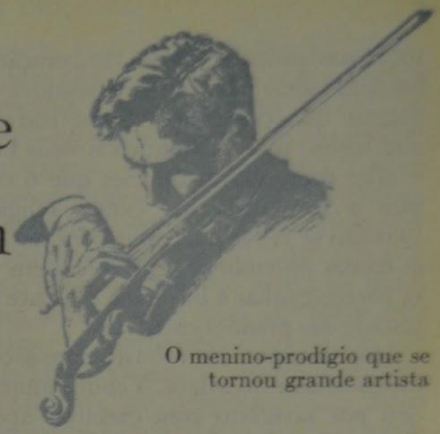
Não há solução fora da defesa política. É a implacavel conclusão dos técnicos militares do Estado Maior.

Se todos os americanos compreenderem essa conclusão, só poderá haver um resultado. Insistirão, com todo seu poder e autoridade, pela internacionalização do controle da energia atômica mediante garantias adequadas. Insistirão, com todo seu poder e autoridade, no sentido de fazer das Nações Unidas uma operante organização mundial capaz de regular os problemas do mundo pelos meios pacíficos. E desses objetivos não recuarão nem pela complexidade da tarefa nem pela oposição ou fraqueza de outrem.

NA SEÇÃO de pesquisas de famosa companhia americana vê-se a seguinte inscrição: «Este problema, uma vez resolvido, será simples.»

—*Your Life*

O arco mágico de Yehudi Menuhin



O menino-prodígio que se tornou grande artista

(Condensado de «The Etude»)

Por Joseph Wechsberg

COSTUMA-SE dizer que há males que vêm para bem, e os começos da carreira musical de Yehudi Menuhin parecem confirmar o adágio: tinha ele um ano apenas de idade, quando seus pais, não podendo pagar a uma empregada para velar pelo bebê, se viam constantemente forçados a levá-lo consigo aos concertos, de que eram frequentadores habituais. O bebê escutava a música muito quietinho, e, ao contrário de tantas crianças que fazem a tortura das platéias, nunca chorava. Dois anos depois, papai comprava-lhe um violino de brinquedo. Yehudi tentou «tocar», tirar música daquele objeto; mas, quando percebeu que o arco apenas conseguia arrancar um guincho áspero ao instrumento, irritou-se e jogou-o no chão. Nesse momento, o pai teve uma primeira intuição pedagógica digna de louvor: em vez de se zangar e ralhar com o menino, correu a comprar-lhe um autêntico violino pequeno, e o garoto começou logo a tomar lições. «Mas meus pais,» recorda ele «nunca me deram a entender que esperavam fazer de mim um artista. Mandaram-me estudar violino, e eu obedecí.»

À idade de sete anos já ele tocava o concerto de Mendelssohn com a Sinfônica de S. Francisco, ante um auditório de nove mil pessoas arrebatadas de entusiasmo. E aos dez anos fez sua estréia no Carnegie Hall, templo da música em Nova York. Os críticos musicais desta metrópole, que pela maior parte se arrepiavam à simples menção do epíteto de menino-prodígio, reconheceram sem hesitar que aquele gurí era dotado de «excepcional inteligência e sensibilidade musical».

Passava-se isso em 1927. Nesse mesmo ano foi ele a Berlim, onde executou em uma só noite os concertos para violino dos chamados «Três B»—Bach, Beethoven e Brahms—como solista da Orquestra Filarmônica, sob a batuta do ilustre Bruno Walter. Acabada que foi a execução, para sempre famosa nos anais da música, o garotinho louro de faces coradas, com seus calçõesinhos de veludo pelo joelho, sentiu-se erguido no ar e beijado por um cavalheiro delgado e pequeno, de grande e hirsuta juba leonina.

«Menino, você acaba de me provar mais uma vez que existe um Deus no céu!» exclamou o homem, com os olhos vidrados de lágrimas. O admirador que assim se expressava era nada menos que Albert Einstein, o gênio da Física moderna.

Houve um crítico que certo dia escreveu esta frase solene a respeito de Yehudi: «O arco mágico do seu violino parece

roçar nas próprias cordas do coração da humanidade.» Há muitos e grandes violinistas que conseguem hipnotizar seus auditórios; mas Menuhin vai mais longe —sabe como elevar aqueles que o escutam a um autêntico êxtase religioso. Quando se ergue e acaricia com seu arco as cordas do violino, a atmosfera em volta parece ganhar a inspirada e silente majestade das grandes catedrais.

Hoje um homem robusto com a compleição física do atleta, Yehudi nunca se deu por satisfeito com executar apenas «muito bem» qualquer peça musical: «A música,» diz ele, «toca tão de perto a humanidade, que o artista precisa de ir ao encontro desta para se tornar um verdadeiro músico.» Desde a mais tenra infância Yehudi vive perto «da música e da humanidade». Sua mais antiga lembrança musical é a que guarda de seu pai, cantando as tristes, desgarradoras canções hebréias que o haviam embalado na Palestina de seus avós, onde nascera. «Meu pai fugiu aos 16 anos da Palestina e veio para os Estados Unidos, porque em casa o não deixavam tocar violino,» diz-nos Yehudi. «A família era rigorosamente ortodoxa, e não gostava que ele tocasse o que chamavam de música *frívola*.»

Menuhin reconhece, pela sua parte, que deve o êxito de que goza à sábia orientação recebida de seus pais. Quando, tão menino ainda, conquistou fama mundial de criança-prodígio, seus pais tudo fizeram para que ele não se imaginasse diferente das outras crianças. Só depois de crescido o autorizaram a dar entrevistas aos jornais, e até então as palavras «carreira» e «triunfo» ficaram banidas do seu vocabulário. Para se fazer idéia do que era o ambiente em que se desenvolveu, bastará lembrar que, mesmo quando ganhava a prodigiosa quantia de 100 mil dólares ao ano, Menuhin recebia somente a magra remuneração semanal de 25 centavos americanos...

Tanto Yehudi como suas irmãs mais novas, Hephzibah e Yaltah, se criaram como muitos outros meninos de S. Francisco; porem, com a diferença de que nem ele nem elas foram nunca autorizados pelos pais a ir ao cinema, ou a ouvir programas de rádio. A série intensiva de concertos do pequeno violinista nunca lhe permitiu frequentar a escola com regularidade; foi a mãe quem primeiro lhe serviu de professora, e mais tarde ele recebeu lições de mestres particulares.

Os pais de Menuhin não consentiam que o pequeno desse mais de vinte concertos por ano. Entre esses recitais ele gozava longos intervalos de repouso, distrações e folguedos. A casa dos Menuhin, situada na Serra de Santa Cruz, perto de Los Gatos (Califórnia), ressoava constantemente de alegres risadas infantís. O passatempo predileto do artista era mexer com motores de automovel; costumava dizer que, se não houvesse escolhido a carreira de violinista, se teria tornado, na certa, mecânico.

Menuhin empreendeu em 1935 sua primeira turnê mundial, e no decurso dela realizou nada menos de 110 concertos em 63 cidades e 13 paises diferentes. As platéias e os críticos, ao ouví-lo tocar, perdiam positivamente as estribeiras! O *Times* de Londres, que habitualmente não se deixa arrastar aos superlativos de expressão elogiosa, declarou: «Depois de ouví-lo, torna-se facil escrever a simples e decisiva palavra *perfeição* em referência à sua técnica.»

Depois dessa turnê—Yehudi contava então 19 anos—os pais cancelaram todos os contratos de concertos, recusando as mais fabulosas ofertas. Às desvairadas propostas dos empresários e agentes, opunham este simples argumento: «Queremos que nosso filho goze dois anos de vida feliz e descuidada, antes de se tornar propriedade do mundo.» Na companhia das irmãs e dum grupo de amigos, o artista passou todo esse tempo andando a cavalo, nadando, tocando em família, fazendo longas caminhadas, e lendo.

«Foi uma época maravilhosa da minha vida,» segundo ele confessa. «Aproveitamos todos os momentos!»

Sempre que ia à Europa, aparecia rodeado de toda a família—pai, mãe e irmãs—alem do acompanhante e do secretário. Alugaram casa em París, e tinham alí nada menos de três pianos, um para Hephzibah, outro para Yaltah, e o terceiro para o acompanhante.

Um dia o famoso compositor romeno Georges Enesco veio visitá-los, e por acaso ouviu Menuhin executar uma sonata de Beethoven, acompanhado ao piano pela irmã. Enesco escutou aquilo durante algum tempo, e depois foi ter com o pai do artista: «Porque não deixa que seu rapaz apareça em público com a irmã? Ela é uma pianista exímia!»

Foi assim que, durante alguns anos, Yehudi e Hephzibah Menuhin constituiram a mais célebre atração «fraternal» das salas de concerto. A Segunda Guerra Mundial veio pôr termo a essa colaboração: Yehudi apaixonou-se por uma moça australiana que conheceu em Londres, Nola Ruby Nicholas, e não tardou a casar com ela. Passado pouco tempo Hephzibah casou-se com o irmão da cunhada, e partiu com ele para a Austrália.

O casal Menuhin tem hoje dois filhos, uma menina de sete anos e um garoto de seis. Muita gente supõe, evidentemente, que quem foi, no seu tempo, menino-prodígio, deve ser ele próprio pai de outros meninos-prodígios; e muitos pais perguntam a Yehudi como é que devem educar seus filhos, quando estes lhes parecem com queda para a música.

«Meus filhos receberam suas primeiras impressões musicais através da voz humana,» explica o artista. «Minha mulher e eu sempre cantamos para eles. É bom que as crianças ouçam canções folclóricas, de diversos paises. Isso lhes permite alargar seu horizonte musical, cultivar o gosto e o sentido do ritmo. Acima de tudo, nunca se deve fazer nada que force artificialmente o progresso das crianças. Se meus filhos gostam de música e querem estudar para seu próprio prazer, tanto melhor para eles. Mas não farei seja o que for para torná-los músicos profissionais!»

Menuhin tocou em público, o ano passado, mais de trezentas vezes. Dessas audições, não chegaram a um terço as remuneradas; todas as outras foram concertos de caridade para a Cruz Vermelha e outras instituições de beneficência, ou então para as tropas americanas que se achavam alem-mar.

Tão depressa soube que París fora libertada, Menuhin partiu para alí de avião. Três anos antes, o General de Gaulle lhe prometera que seria ele o primeiro artista a tocar em público na capital da França livre. Acompanhado pela orquestra do Conservatório, na Ópera de París, Menuhin executou o concerto de Mendelssohn, que durante cinco anos fora banido das orquestras francesas por imposição dos nazistas.

O autor destas linhas assistiu ao concerto dessa noite. As fardas dos soldados ianques misturavam-se na grande sala com os vestidos de gala das senhoras francesas, mas o esplendor inigualavel dos dias de outrora desaparecera: os espectadores deixaram-se ficar sentados, em silêncio e de olhos fechados. Muita gente chorava.

Menuhin tocou depois em Amsterdã e Bruxelas, e foi o primeiro artista ameri-

cano a se apresentar na Sala de Smetana, em Praga. «A coisa mais difícil para mim era olhar a platéia,» recorda ele. «Toda a gente mostrava aquele ar de cansaço e de apatia que tenho observado nas populações de toda a Europa. Mas, à medida que eu tocava, pareceu-me que as fisionomias se iam desanuviando e suavizando.»

De passagem por Londres, Menuhin fez a gravação dos solos musicais para o filme *O Arco Mágico*, inspirado na vida de Paganini.

Quando voltou aos Estados Unidos, a esposa perguntou-lhe se tinha tido alguma aventura capaz de «pôr os cabelos em pé». Menuhin respondeu: «De pôr os cabelos em pé, não. Mas de erguer o coração no peito, isso sim!» Mostrou-lhe então a carta que recebera dum capelão militar, após um concerto dado alem do Atlântico.

«Caro sr. Menuhin. Meus homens estão se aprontando neste momento para entrar em combate. Se todos pudessem ter ouvido o Criador do Universo falar-lhes pela voz de Beethoven e Bach, como ontem à noite! o sr. nos fez ouvir, maior seria hoje a força deles e a sua decisão de dar combate às potências do mal na terra. Aonde quer que eu vá, hei de sentir-me sempre revigorado ao lembrar os momentos que passei ouvindo o seu violino. Foi, para mim, como se estivesse orando a Deus em um dos seus grandes templos.»

Placidez (?) bovina

UM professor americano, que se especializou no estudo dos lacticínios, assevera que, devido a tristezas periódicas das vacas, se perdem anualmente milhões de litros de leite... Não obstante aquele aspecto sereno das vacas, muitas delas costumam ser verdadeiros feixes de nervos, nevroses ambulantes; e vaca neurastênica é forçosamente vaca de pouco leite. Essa melancolia pode provir de muitas causas: antipatia pela pessoa que a munge, por exemplo; ou ressentimento por estar mal-colocada no rebanho. Em cada rebanho só há, realmente, duas vacas sempre contentes: a melhor delas, sempre a receber privilégios, e a mais inferior; esta, coitada, acostuma-se a que a tratem com desprezo, e torna-se positivamente filósofa a esse respeito. Entre esses dois extremos, ficam as vacas que ambicionam melhorar de tratamento. Tentando mudar de lugar no rebanho, são chicoteadas, tornam-se mal-ajustadas e neuróticas. Prestígio é coisa de importância mesmo entre vacas. Numa experiência realizada pelo professor a que aludimos, uma das vacas produziu muitíssimo menos leite quando a máquina de ordenha foi colocada nela em segundo lugar, em vez de no primeiro, como era o costume.

Para determinar até que ponto a produção de leite se reduz quando a vaca está amolada ou aborrecida, o professor e seus estudantes fazem o diabo com a pobre: rebentam sacos de papel junto dos ouvidos dela, espetam sua pele com agulhas, colocam ratos em gaiolas bem diante do seu úmido nariz... Resultado: algumas gotículas de leite, se tanto.

—*Wisconsin State Journal*

É possível curar a fadiga

Está sempre cansado?

(*Condensado de «Today's Woman»*)

Por Marie Beynon Ray

QUASE TODOS nos sentimos cansados de vez em quando, mas há pessoas que vivem em permanente estado de fadiga. Entretanto, esta pode ser perfeitamente evitada, desde que se conheça a razão do fenômeno e que se tomem as providências adequadas. Em geral, desconhecemos as medidas corretas a tomar para não nos cansarmos demasiadamente, e, se soubermos como agir, é claro que nos sentiremos mais enérgicos e, portanto, mais satisfeitos e contentes da vida.

A fadiga crônica não é causada pelo trabalho físico ou mental.

O cansaço produzido pelo trabalho físico, embora intenso, elimina-se facilmente com uma noite de sono, e nunca se acumula. Toda a fadiga daqueles que têm trabalho sedentário, e que se acham em perfeita saude, é devida exclusivamente a fatores que nada têm a ver com o esforço físico despendido. Desses fatores, o mais importante é o aborrecimento causado pela realização de tarefas que não se coadunam com suas habilidades.

Os fatores emotivos têm que ser levados em conta.

As verdadeiras causas da fadiga são psicológicas. Não é o trabalho em si que nos torna cansados, mas a tensão nervosa com que o fazemos. Os fatores psicológicos mais comuns do cansaço são as preocupações, a indecisão, o fastídio, os complexos de inferioridade, a pressa e a insatisfação sexual.

O descanso não é o único remédio para a fadiga.

Não há descanso que cure os casos de fadiga causada pelos fatores acima mencionados, ou qualquer caso de fadiga crônica. O que se requer é uma *mudança de atividade*, um trabalho diferente mesmo que seja mais excessivo, exercícios mais agradaveis, ou convívio social mais prazenteiro. Não há na indolência perspectivas de mudança, de distração para a mente, de novos interesses. Não é o corpo que precisa de repouso, é o espírito que necessita de variedade, de estímulos capazes de despertar novas e abundantes energias.

A fadiga é frequentemente causada pelas desordens glandulares.

A deficiência das glândulas tireóide ou suprarrenal é tambem uma das causas de fadiga, mas quase todas as pessoas possuem tais glândulas de forma normal. Não há criaturas privilegiadas, com glândulas fora do comum, rebentando de vigor extraordinário. Essas glândulas não produzem mais energia do que os pulmões ou o coração, e as suas secreções, por suficientes que sejam, não impedem o cansaço provocado pela tensão nervosa. Cada pessoa é um dínamo humano, que necessita mais do que hormônios para se movimentar, exigindo um excitante externo— o interesse.

O sal diminue a exhaustão física.

O trabalho árduo ou o calor excessivo produzem transpiração correspondente, com grande eliminação de sais. Essa perda de sais causa fadiga, que é aliviada quando os sais são renovados. É importante, entretanto, que se saiba a quantidade exata de sal exigida pelo organismo.

Os colapsos nervosos não são produzidos por excesso de trabalho.

Os especialistas em geral acreditam que o trabalho, por mais árduo e excessivo que seja, físico ou mental, nunca produziu, por si só, uma exhaustão nervosa.

Um deles declarou certa vez: «Sob condição alguma, não existe esgotamento causado por excesso de trabalho.»

A fadiga não aparece naturalmente com a idade.

A energia dos que atingem idade avançada depende do contínuo interesse que a vida e o trabalho lhes desperta. A energia decorre muito pouco do vigor físico, originando-se em grande parte dos incentivos emocionais. Grandes homens têm produzido na velhice trabalhos tão valiosos como os que produziram na mocidade. O interesse, como dissemos, é a força que impulsiona o dínamo humano.

A energia é mais importante do que a inteligência, para se alcançar o êxito.

Qualquer que seja a inteligência de uma pessoa, a energia é o dínamo que põe essa inteligência a trabalhar. E aí está a qualidade que todas as pessoas de êxito têm em comum. Segundo Emerson, a energia é a base de qualquer triunfo, achando-se muito acima da sabedoria, para tal fim; e os psicólogos concordam com ele.

A fadiga, é claro, pode ser curada rapidamente.

Quase da noite para o dia, podemos passar de um estado de completo abatimento, em que sentimos o sangue correr nas veias como chumbo, para uma condição de vibrante vitalidade e magnífica euforia, como se acha constatado pela psiquiatria.

Na maioria dos casos, as pessoas que vivem cansadas ou abatidas não têm nenhuma razão para estar assim. O segredo da eliminação da fadiga reside na aplicação dos simples preceitos que acabamos de mencionar. Facil e rapidamente, podemos sempre manter nossas energias armazenadas, tendo em mente tais preceitos.

Ingenuidade

EU ACABARA de me registrar como hóspede num hotel de S. Francisco da Califórnia, quando uma senhora, evidentemente hóspede tambem, aproximou-se do guichê e, indignada, protestou:

—Eu pensei que este hotel fosse uma casa de respeito!

—E é mesmo, minha senhora, respondeu o empregado.—Porque?

—Ora, eu estava esperando o elevador e de repente vi um fuzileiro correndo atrás duma moça, no corredor.

—Ele conseguiu pegar a moça?

—Não.

—Ah. Então o hotel ainda é casa de respeito.

—B. D. Snow

A VIZINHA bateu na porta e não obteve resposta. Já se ia retirando quando apareceu um dos filhinhos dos donos da casa, Roberto, de seis anos de idade.

—Bom dia, Roberto, disse ela. —Você está sozinho em casa?

—Estou, sim senhora. Mamãe está no hospital, e eu, papai, Edite e Edna estamos aquí sozinhos...

—Sra. C. L. Freeman

O povo americano atravessa hoje a fase mais vertiginosa da sua história: mas quanto tempo irá isso durar?

VOLTAM AS VACAS GORDAS

(*Condensado de «Fortune»*)

OS ESTADOS UNIDOS entraram decididamente no mais fantástico turbilhão de «prosperidade» de toda a sua história. E este surto de aparente riqueza, de intensificação da atividade econômica, torna-se praticamente incomensuravel, porque os padrões, ou termos de comparação, a que dantes recorríamos já hoje não chegam para avaliá-lo. Tanto o povo como o dinheiro se estão comportando, ao mesmo tempo, da maneira mais peculiar e a mais humana, o que vale dizer, a mais contrária a todas as previsões e gráficos estatísticos.

Que vemos nós hoje, com efeito, ao olhar os diagramas da economia americana? Vemos de relance que todas as curvas estão em rápida marcha ascendente. Verifica-se uma procura redobrada de quanto sejam artigos de comer e beber, vestir e calçar, ler e queimar, olhar e escutar, e de todos os meios de transporte, de recreação e repouso. Dir-se-ia que uma força imensa, que compele o povo a gastar dinheiro, anda à rédea solta no país inteiro, irrompendo com fúria por todos os cantos da economia nacional, como um touro olímpico em loja de louça, entrando e saindo às cabeçadas das lojas comerciais, atravessando como o furacão bancos e bolsas de valores, arremetendo às cegas pelo câmbio negro, para dele sair, desvairado, a caminho dos lugares onde alastra e prospera a multiforme indústria dos divertimentos. Tudo o que aparece à venda é comprado enquanto o diabo esfrega um olho.

O auge ou surto econômico que hoje se verifica nos Estados Unidos é um fenômeno anormal a exceder pela sua violência aquilo que em condições normais se poderia chamar de prosperidade. O que se está agora dando é como que a súbita liberação dum caudal de dinheiro nunca visto, em um mercado vazio como nunca de bens comerciaveis. No entanto, essa descrição só relativamente corresponde aos fatos: na realidade, encontram-se hoje no mercado mais artigos de comércio do que em tempo algum, porque a produção americana atingiu niveis que batem todos os récordes de outros períodos de paz! Não obstante essa produção torrencial, o rol das coisas que nos faltam atinge proporções fabulosas: sente-se em todo o país a escassez da carne, do pão, da manteiga, do açucar, das gorduras; há carência de madeiras, de carvão, de aço, de válvulas de raios X, de guindastes mecânicos, de tecidos, de materiais para canalização; não há lugar nos trens nem nos aviões, os hotéis transbordam de hóspedes, e escasseiam os farmacêuticos, os caixeiros-viajantes, os veterinários, os carpinteiros, os jardineiros, os pintores e os cozinheiros.

A lista do que falta é quase interminavel; a procura de tudo, fantástica. Toda

a gente parece ter dinheiro a rodo, e dir-se-ia que ninguem anda mais na pindaiba. Tais são, precisamente, os autênticos estigmas das épocas de vacas anormalmente gordas.

Eis alguns dos fatos que nos esclarecem sobre o estado geral da nação americana em 1946: as vendas dos estabelecimentos comerciais, em março último, ficaram 263 por cento acima da média de 1936-39; o «Livro Vermelho» da Companhia Telefônica de Nova York é o mais volumoso de todos os tempos; está calculado que, em 1947, a capacidade para passageiros das linhas aéreas americanas será igual à das estradas de ferro em 1941. Em 1929, o exército do trabalho nos Estados Unidos contava 48.600.000 soldados; hoje o número de pessoas empregadas e assalariadas anda por 53 milhões.

O cidadão americano ouve falar de tudo isso e sente-se involuntariamente levado a associar os acontecimentos de grande alcance a aqueles que não têm pés nem cabeça. Enquanto, por um lado, sua preocupação cotidiana é fazer face a uma existência paradoxal, espécie de «fantasia» de luxos e carências, algures, pende sobre ele, ameaçadoramente, o inquietante enigma da desintegração atômica...

Mas o americano é feito de fibra rija; e aliás tem que ser, pois de outro modo nem sequer poderia sobreviver à leitura, nos jornais, do que se passa todos os dias. Admitamos, por exemplo, que ele mora num celeiro do interior, laboriosamente adaptado a habitação humana, e lê no seu jornal que um jornalista vai receber por contrato de três anos, em pagamento do seu comentário semanal pelo rádio, a brincadeira de 702.207 dólares! O cidadão comum lê, com morigerada satisfação, que o índice de casamentos nos Estados Unidos é hoje o mais alto de todos os tempos; mas que no condado de Dallas, no Texas, segundo a mesma notícia, houve o ano passado, a par de 8.012 casamentos, o incrivel número de 7.980 divórcios! Ele não possue talvez uma camisa branca, mas o jornal o informa de que uma fábrica de chapéus de homem está fazendo um negócio fenomenal só com a venda de fitas de chapéu, entretecidas de penas de cores vivas, a 40 dólares cada uma, e mais, para aplicar a chapéus de Panamá que custam cerca de 125 dólares! No meio disso tudo, dessas contradições inúmeraveis, o que mais surpreende é que os americanos ainda sejam capazes de conservar o juizo perfeito—mas até aí a gente começa a nutrir dúvidas e receios; então não é que a curva estatística das doenças mentais tambem subiu acentuadamente?

Essa época de «vacas gordas», que não tem precedentes, só pode ser explicada se aceitarmos quatro grandes generalizações e a falsidade de certa previsão:

A falsa previsão ou hipótese foi que a reconversão do aparelho econômico de guerra em aparelho econômico de paz seria acompanhada duma depressão ou crise, uma grande «quebra», logo que fechassem as fábricas de toda sorte de equipamentos de guerra, deixando sem trabalho muitos milhões de pessoas. Alguns economistas oficiais, e outros, fizeram a profecia, hoje famosa pelo seu erro, de que a América se veria a braços, durante a reconversão, com uns 8 milhões de desempregados. Mas a «crise» não passou de mito; a reconversão material operou-se em poucos meses, e no ínterim, contrariamente ao que se previra, desencadeou-se tremenda falta de mão-de-obra.

Passemos agora a apontar as quatro grandes generalizações da situação:

1. *Todo o mundo estava fatigado.* O outro aspecto da reconversão que os especialistas não souberam prever, ou seja o lado humano, *pessoal*, tem levado muitos meses a se desenrolar, e ainda se não apreende em toda a sua extensão. O que na realidade se verificou, foi o súbito relaxamento da tensão de espírito causada pela guerra, o desejo repentinamente externado de mudança e repouso. À medida que os combatentes regressavam à pátria e ao lar, as mulheres foram abandonando os empregos, os homens mudaram de ocupação, e um mundo de gente desatou a viajar, a mudar de terra em terra, como nunca dantes se tinha visto. Todo o mundo se pôs a gozar férias, ou mudou de residência, ou saiu a fazer compras, ou simplesmente se dirigiu até o mais próximo campo de corridas... O país mobilizou-se para entretenimento como antes se mobilizara para a guerra. A nação inteira, numa palavra, pôs-se em greve contra a simples idéia de trabalhar.

Indústria a indústria, os operários foram tirando as suas férias sob a forma de um mês ou pouco mais, de greve. Durante todo o inverno de 1945-46 foi coisa corrente, no panorama econômico americano, ver-se um industrial assediado por pedidos dos seus produtos, enquanto a greve lhe paralisava a fábrica atando-o de mãos e pés,—e que, ao mesmo tempo, se punha a encomendar, a outro fabricante, igualmente embaraçado pelas greves, o equipamento industrial que lhe era indispensavel.

Ora, na verdade, o que era absurdo, contrário a todas as expectativas da razão, é que um povo, depois de ter trabalhado com a máxima intensidade durante quatro anos e meio, sofrendo de carências de toda a ordem e renunciando ao repouso, se contentasse com soltar um simples «hurrah» de entusiasmo ao ouvir dizer que findara a guerra, e retomasse imediatamente, com renovado vigor, a ferramenta. Na realidade, quando se pensa nas violentas transformações operadas na existência doméstica de milhões de americanos, casa por casa, chega-se a admirar que a transição da guerra para a paz se tenha efetuado sem mais solavancos nem conflitos.

Não houve gráfico nem diagrama que pintasse a fadiga, a pura e simples fadiga mental que foi o resultado primário da guerra; nenhum economista podia ter calculado, por meio de frios logaritmos, o fato de que milhões de americanos ansiavam por uma pequena pausa, durante a qual pudessem arrumar suas vidas, descansar e refazer as forças do corpo e do espírito, adquirir o que lhes era necessário, e gozar um pouco de distração. E, não obstante a cegueira psicológica dos cálculos técnicos, *provou-se ser esse o fator econômico de maior importância na fase de transição.*

Ora, uma vez que esse fator psíquico redundou na febre de «prosperidade» ou de «vacas gordas», tudo começou a entrar, girando, no turbilhão. Exemplo disso, e de singular importância, foi o que se passou com a religião: há pelo país centenares de igrejas que, pela primeira vez na sua história, se encontram hoje com as dívidas pagas... As bandejas de donativos, durante os serviços divinos, cobrem-se de pirâmides de notas, não já de moedas; e tornou-se comum a queima ritual, à laia de incenso, dos títulos de hipoteca sobre igrejas.

O surto declarou-se desde logo no mundo dos esportes, e não dá sinais de aliviar tão cedo alí. O futebol, o basquetebol, as corridas e o beisebol têm-se beneficiado ininterruptamente de récordes de bilheteria. A especulação sobre os preços de entrada nos espetáculos, como seja o preço de 100 dólares por cabeça, que se pediam pelos lugares de platéia para o recente combate de boxe entre Joe Louis

e Conn, não conseguiu esmorecer a torrencial freguesia. Bruce Woodcock, pesopesado inglês que há pouco andou de visita aos Estados Unidos, perguntava assombrado: «Mas então nunca se trabalha aquí?»

Até a própria seção de filatelia do Departamento de Correios encaixou a vultuosa soma de 2 milhões e meio de dólares—isto é, 140 por cento mais do que no ano anterior. A morte por acidente de automovel voltou a registar novos máximos. Tudo, assim parecia, tornava a ser *o maior de todos os tempos*, na expressão tão querida aos americanos: até o crime, que subiu de 16 por cento em relação ao ano anterior...

2. *O surto chegou a toda parte.* São idênticas as notícias que chegam de toda a nação, das cidades, das vilas e dos campos. Cerca de 71 milhões de pessoas são agora possuidoras de apólices de seguro de vida. A cada iate que é possivel construir correspondem dez impacientes compradores. A capacidade de fabrico de lanchas a motor, em 1946, ficou totalmente esgotada com encomendas para entrega em 1947, dadas na base somente dos desenhos.

O panorama atual fica bem caraterizado nestes traços esquemáticos: cerca de 34 milhões de famílias americanas, dispondo de 145 bilhões de dólares de economias, e duma receita anual de 160 bilhões de dólares, atiram-se com denodo a comprar tudo o que esteja ao seu alcance, dentre um rol de oito milhões de coisas as mais variadas.

3. *O câmbio negro é o autêntico mercado.* O câmbio negro simboliza tão exatamente os tempos que correm, como a Lei Seca caraterizou os anos seguintes à Primeira Guerra Mundial. Os historiadores futuros escreverão um dia que, em 1946, era possivel comprar nos Estados Unidos tudo quanto a imaginação pudesse conceber... contanto que se pagasse o preço pedido.

Durante meses não houve dona de casa, nos Estados Unidos que ousasse perguntar ao açougueiro qual o preço de tabela da carne que comprava: sabia de antemão que o açougueiro alçaria significativamente as sobrancelhas, como única resposta, e que daí em diante ela se encontraria sem carne que dar de comer à família, fosse qual fosse a qualidade e o peso. Tambem de há muito se tornou axiomático nos Estados Unidos que, para comprar um automovel, o freguês se vê forçado a comprar ao mesmo tempo uma bugiganga qualquer pela qual não passam recibo. Chega a acontecer que o agente vende solenemente ao freguês a gravata que traz posta, por 100 dólares ou coisa parecida, e corre logo a pôr outra, para atender o cliente seguinte. Em certas cidades tornou-se mesmo habitual que o comprador do automovel perdesse uma «aposta» de 100 dólares a favor do vendedor. O freguês dirá, por exemplo: «Aposto que a primeira pessoa a entrar nesta loja é um anãozinho de cartola.» Aposta assim é de antemão perdida, já se sabe, mas é assim que se «besuntam» as mãos de quem tem carro pra vender...

Um apartamento de 150 dólares ao mês não é coisa impossivel de conseguir-se, apesar de todas as aparências em contrário: basta que o pretendente a inquilino se disponha a pagar 1.500 dólares pelo «mobiliário»—que na maior parte dos casos consta de um sofá-cama meio escangalhado, e de uma lâmpada de mesa que, manifestamente, foi prêmio de algum concurso de bridge no ano já distante de 1925. Os fornecedores de madeiras inventaram a maneira de esquivar-se às prescrições e tabelas oficiais de preços, graças a toda uma nova técnica na

classificação dos produtos. Certo comprador de madeiras teve um dia este amargo desabafo: «Basta uma pessoa poder erguer uma tábua pelas duas pontas, sem que ela rache pelo meio, para que a mesma fique sendo de primeira qualidade, extra.»

4. *Todo o mundo prevê que isto vai acabar.* Os americanos estão convencidos de que a presente erupção de prosperidade virá a findar por volta de 1950, quando estiver satisfeita a procura anormal de artigos cuja aquisição a guerra retardou. Dificilmente alguem ousaria conjeturar que a este auge se siga um período de estabilidade econômica; ao contrário, a maior parte da gente espera nova crise ou depressão.

Esse derrotismo quase geral deixa a perder de vista o fato de que estudos criteriosos nos permitem calcular, por exemplo, que a prosperidade atual da todopoderosa indústria do automovel deve prolongar-se *para alem* de 1950. Os pessimistas perdem tambem de vista as possibilidades do comércio externo dos Estados Unidos, e renegam paralelamente a força-de-vontade do povo americano, como se toda a gente neste país estivesse inerte, incapacitada para evitar a crise, ou, pelo menos, para atenuá-la se for inevitavel.

Essa atitude derrotista fecha os olhos, acima de tudo, às fabulosas reservas de recursos e necessidades dos Estados Unidos. Quase todas as grandes estradas do país estão exigindo reparos em grande escala. São literalmente aos milhares as escolas, os hospitais e as pontes cuja construção é reclamada com inadiavel urgência por muitas localidades, e é interminavel o rol das obras produtivas de rega, de controle de inundações, de correção do curso dos rios, melhoramento de portos e instalação de redes de esgoto, que poderiam ser levadas a cabo com imenso proveito. Cada uma das 1.077 cidades com mais de 10 mil almas que existem nos Estados Unidos luta ainda hoje com um custoso problema de tráfego na sua zona baixa ou central.

Quanto ao potencial das necessidades americanas, no que respeita à expansão de fábricas e à produção de equipamentos de tanta urgência como vagões de mercadorias, é duma vastidão quase inestimavel. Neste capítulo, igualmente, o mundo inteiro está necessitando de equipamentos americanos. Em face disso, não seria exagero esperar, nas indústrias produtoras de maquinaria e utensílios, uma autêntica prosperidade que facilmente pode ir muito alem de 1950.

Não obstante, ninguem ousa esperar que este surto econômico prossiga assim até 1950, sem pelo menos alguns bruscos solavancos e quedas. Se os preços não subirem mais de cinco a dez por cento no curso de 1946 a 1947, o acordo é geral em que não se produzirá nenhuma convulsão realmente violenta, semelhante àquela a que assistimos em 1921; mas se os preços alcançarem 20 ou mais por cento acima dos atuais, é muito provavel que se verifique desastrosa queda dessa natureza.

E assim continuam a fazer-se conjeturas até o ano de 1950. A partir desse ponto, a visão mais aguda anuvia-se e falha; para alem de 1950 não dispomos de nenhum «radar» econômico capaz de lobrigar seja o que for no grande espaço vazio, do futuro.

QUALQUER homem é capaz de enfrentar seus adversários; dêem-me, porem, aquele que é capaz de enfrentar seus amigos. —William Gladstone

Não é possivel permitir que indivíduos fracos e degenerados como este venham a representar uma ameaça à sociedade

O terror dos antros

Por J. Edgar Hoover

Diretor do Serviço Federal de Investigações dos Estados Unidos

DURANTE dois horriveis anos, através de roubos, assaltos e assassínios, o «Terror dos Antros» chegou a reunir meio milhão de dólares, sem que a polícia conseguisse agarrá-lo. As pessoas que podiam dar informações a seu respeito nem ousavam murmurar-lhe o nome, de tão apavoradas. Não contávamos, alem disso, com uma só descrição que nos pudesse ser util, porque as vítimas, invariavelmente, se sentiam confusas demais para que pudessem guardar uma lembrança mais viva do que lhes sucedera, isso caso não tivessem morrido às mãos do homicida.

Sabíamos apenas que um maníaco, de revolver em punho, andava às soltas pela região central dos Estados Unidos. Formara, em torno dele, uma quadrilha obediente e desapiedada. Apareciam, como fantasmas, num ou noutro banco, e, com uma técnica perfeita, sacavam das armas e recolhiam o dinheiro. Ao menor movimento de um dos empregados do banco, as metralhadoras abriam fogo. Depois sumiam em meio aos rolos de fumaça lançados por um carro que partia a toda a velocidade.

Mas o criminoso desconhecido cometeu um erro fatal a 17 de janeiro de 1934. Edward Bremer, um banqueiro, ia guiando seu próprio automovel, àquele dia, quando teve que parar diante de um sinal do tráfego, numa rua tranquila da cidade de St. Paul. Foi quando um estranho abriu, subitamente, uma das portas do automovel: «Afaste-se!» ordenou, colocando o cano do revolver de encontro às costelas do banqueiro.

Mal ia obedecendo à ordem, este recebeu um forte golpe no crânio. Ao voltar a si, estava noutro automovel. Só pôde regressar para casa após resgatar por completo a quantia exigida—uma extorsão sem paralelo, de 200 mil dólares.

Tratava-se evidentemente de outra obra do bandido desconhecido, pois a semelhança com os crimes anteriores era indiscutivel. Interrogamos Bremer ansiosamente, e obtivemos um detalhe aparentemente sem maior importância.

«Os bandidos,» informou-nos ele, transportavam gasolina; várias vezes encheram o tanque e jogaram fora as latas vazias.»

«Pelo rádio e por telefone apelamos para várias estações de polícia, locais e estaduais e para nossos agentes em cinco estados. Dentro de 24 horas recebemos quatro latas de gasolina encontradas por um fazendeiro. Nessas latas descobrimos impressões digitais extremamente claras.

No dia seguinte, guiados por essas impressões, encontramos nos nossos arquivos a fotografia do bandido, tirada na prisão de onde fugira. Era um homem baixo e franzino, com bigode aparado e lábios rígidos. Havia nos seus olhos hostís, tais como a câmara os refletira, um abismo de perdição. Era Arthur Barker, em livramento condicional de um cárcere onde estava cumprindo sentença de prisão perpétua por crime terrivel de homicídio.

Em meio a toda a perversidade humana que defrontei durante 22 anos, como diretor do Serviço Federal de Investigações, os crimes deste malfeitor ainda me preocupam até hoje mais que quaisquer outros—não porque fosse um gênio do crime, mas por ter demonstrado o mal de que a simples mediocridade é capaz, numa sociedade indiferente.

Relatórios detalhados forneceram-nos as informações necessárias sobre seu passado. Barker nascera em 1899. O pai era mecânico e a mãe, mulher mal amanhada e intoleravel, vivia a mandar no marido. A família nunca passou fome. Moravam em bairros respeitaveis, e Barker passou a frequentar regularmente a igreja e a escola pública. Como se explica, então, que esse menino viesse a cometer crimes tão atrozes?

Não é por acaso necessário possuir inteligência e audácia para organizar toda uma série de roubos e dois notaveis assaltos? No entanto, na classe, ele era tido como estúpido, e em qualquer briga portava-se como um choramingas. Todos os anos fracassava nos exames, mas a mãe tantas fazia que os professores acabavam por promovê-lo. Inundou a estação de polícia de lágrimas e lamúrias quando suspeitaram que o pequeno começara a roubar. Mas, no quintal, gabava-se às vizinhas: «Hei-de conhecer melhores dias quando meu filho crescer: vestidos de seda, capotes de pele e anéis de brilhante.»

O garoto que ela levava pela mão vivia a sonhar com o dia em que houvesse de arrancar à vida todas aquelas coisas que ela tanto desejava. Desde criança, dois sentimentos passaram a dominá-lo: uma dedicação canina à mãe e um desprezo absoluto por qualquer outra autoridade. A velha Barker acabaria morrendo num bangalô, durante uma escaramuça à metralhadora com policiais, mas o modo por que educara o filho não tardou a produzir maus frutos.

Ainda na escola foi ele classificado como ladrão de automoveis. Seu primeiro emprego, obtido por intermédio da mãe, foi o de assistente de um vidraceiro, cuja secreta vocação consistia em estimular jovens gatunos. Barker tinha 19 anos ao ser preso pela primeira vez, por ter roubado um automovel oficial, e tinha apenas 22 quando se meteu num assalto brutal, em que a vítima foi assassinada, e de que resultou sua condenação à prisão perpétua.

Alguns anos depois começaram a surgir do cárcere rumores inquietantes. «Barker está furioso.» A notícia não tardou a espalhar-se pelas tavernas: «Não é porque a mãe deixou o pai, mas parece que ele não gostou do fato de que ela se casou com um tal Dunlop.» Pouco tempo depois, numa das margens mais sombrias de um lago, o tal Dunlop caía morto, com uma bala no coração. O tiro

só poderia ter sido disparado por um perito. O assassino nunca chegou a ser preso, mas, no mundo do crime, ninguem ignorava que tinha sido um dos amigos de Barker. Antes mesmo de sair da prisão, conquistou, este, o título de «O Terror dos Antros».

A despeito de tudo o que corria a seu respeito, ele não tardou a ser posto em liberdade sob palavra. Impuseram-lhe apenas a condição fantástica de que deixasse aquele Estado, para nunca mais voltar. Saiu da penitenciária com lampejos de raiva nos olhos negros, de olhar ríspido e duro. Dentro em pouco, surgia com um cúmplice, outro criminoso que se chamava Alvin Karpis. Formando uma quadrilha disciplinada de «inimigos da lei», mergulhou incontinenti na verdadeira bacanal de crimes que duraria dois anos, salvando-se de cada armadilha a tiro ou por subornos.

Contemplando-lhe o retrato, decidí: «Barker, o dia há-de chegar, e já não tarda. Vamos a seu encalço!»

Fotografias dele foram colocadas nas agências de Correio e nas estações de estrada de ferro. Afim de mostrar que era mais esperto que nós, decidiu o bandido mudar de rosto e impressões digitais, recorrendo, para isso, ao dr. Joseph Moran, que era, àquela altura, o cirurgião dos criminosos. Enquanto cumpria uma sentença, Moran servira como assistente, no hospital da prisão Uma vez posto em liberdade, formara sua própria clientela entre antigos prisioneiros. Uma noite, o gangster e o cirurgião trancaram-se no quarto de um hotel e, com uma empregada de cabaré como enfermeira, Moran pôs-se a retalhar o nariz, a boca, as maçãs do rosto e os dedos de Barker.

Durante quatro dias o bandido, enrolado em ataduras, gemeu de dor, mas, finalmente, surgiu o momento de tirar os curativos. Quando os olhos duros de Barker se fixaram no espelho que refletia o novo rosto, deixou escapar verdadeiro urro, como um leão ferido. A operação fora um fracasso.

Alguns meses depois, «O Terror» e um de seus capangas sairam sorrindo de um bar, acompanhando o dr. Moran, completamente embriagado. Ninguem voltou a ver o especialista em cirurgia plástica. Ao que parece, fora levado para um passeio de barco no lago, com os pés colocados num balde cheio de cimento. Quando o cimento endureceu, jogaram-no na água.

Estas vinganças súbitas e sumárias eram uma das caraterísticas de Barker. Quando um de seus cúmplices foi preso e levado ao Tribunal, o advogado fez ingentes esforços para salvá-lo, mas o criminoso foi condenado. Na manhã seguinte, encontraram o corpo do advogado num gramado. Tinha ficado em falta com a quadrilha.

Peor ainda foi o destino de William Harrison, outro cúmplice de Barker. A mãe deste escrevera-lhe dizendo que Harrison, muito indiscretamente, tinha dado informações confidenciais a outros membros da quadrilha. Sob um pretexto amistoso, Barker levou Harrison, de automovel, até uma fazenda abandonada, e, no celeiro, alvejou com um tiro a cabeça do companheiro. A seguir, ensopou-lhe o corpo em gasolina e ateou fogo ao celeiro. No dia seguinte escreveu à mãe: «Já tomei conta daquele caso. Nem você faria melhor.»

Os próprios criminosos começavam a sentir-se pouco à vontade quando conheciam Barker pessoalmente. Ninguem queria ser-lhe apresentado. A lenda sangrenta que o cercava crescia dia a dia, de maneira assustadora.

Mas, já agora, com todos os recursos da polícia alertados, estávamos na sua pista. Sabíamos que organizara o assalto a William Hamm Jr., negociante de cerveja, recolhendo um resgate de 100 mil dólares. Estávamos tambem informados de que uma verdadeira cavalgada de gangsteres de sua quadrilha seguira depois, de automovel, para outra cidade, afim de gastar os frutos do roubo, sob a proteção de políticos amigos.

Foi quando descobrimos que o «filhinho de mamãe», tão tímido com as mulheres, tinha agora uma amiguinha, e estava vivendo com ela em Chicago. Foi posto sob vigilância dia e noite. Sem suspeitar o que quer que fosse, guiava nossos agentes para os esconderijos de seus companheiros que, depois do assalto ao banqueiro Bremer, estavam retomando o fôlego. Finalmente, uma manhã de inverno, formamos o cerco. Quando nossos agentes agarraram Barker, na rua, ele tentou fugir, escorregou no gelo, e estatelou-se no chão, vergonhosamente.

Novamente foi condenado à prisão perpétua, desta vez no cárcere da ilha de Alcatraz. Foi lá que vim a conhecê-lo, por fim.

Contemplou-me fixamente, e o ódio brilhava nos seus olhos escuros. Vejo-o, ainda, como se estivesse diante de mim. Lembra-me a impressão que sentí quando cuspiu na minha direção, por entre as grades.

O ódio contido no seu rosto era fiel reflexo do que lhe ia na alma. Já então, planejara fugir, e acabou por fazê-lo. Seus admiradores no mundo do crime gabam-se de que ele recorrera a um truque extremamente habil, convencendo os guardas de que adorava a música. Haveria por acaso motivo algum para que não lhe permitissem adquirir uma simples gaita? Há quem afirme, nos mesmos círculos, que a gaita, enviada finalmente a Barker, ocultava duas pequenas serras nos tubos de metal. Fosse lá como fosse, a 13 de janeiro de 1939, Barker limou duas grades da cela e pulou fora. Quatro outros prisioneiros fizeram o mesmo. Atravessaram o bloco de celas até uma pequena janela no muro exterior, limaram uma grade de aço e escapuliram do cárcere.

Dentro em pouco o sinal de alarme se fez ouvir. Às 4 h 10 da madrugada os holofotes do barco guarda-costa e da lancha de Alcatraz localizaram Barker, já na margem oposta, junto à «Porta de Ouro» de São Francisco. Não quis render-se, procurando desesperadamente um abrigo, enquanto as pistolas automáticas e as metralhadoras rugiam com toda a furia.

Ele, que vivera de tiros, morreu a tiros. No hospital da prisão, suas últimas palavras foram: «Sou completamente louco!»

Teria dito a verdade? Se é que o disse, a sociedade não teria sido ainda mais louca? Porque não descobriu que Barker era doido—se é que o era—antes que ele e sua quadrilha tivessem cometido treze assassínios? Se sua conduta anti-social tivesse sido observada pelos primeiros professores, ou se houvesse, na escola que cursou, um psiquiatra competente, poderia ter sido afastado da influência perniciosa da mãe. Talvez seus vícios mentais pudessem ter sido corrigidos, com os devidos cuidados, ou poderia ter sido isolado nalguma instituição decente, até ser reformado.

Há-de chegar o dia em que, por meio de tais recursos técnicos, a sociedade não só dará a devida assistência aos que não se lhe podem ajustar, mas aprenderá, tambem, a proteger-se a si própria.

TENHO FÉ NA PAZ

Por Edward R. Stettinius, Jr.

QUANDO me demiti, em maio passado, do cargo de representante dos Estados Unidos junto ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, afirmei ao Presidente Truman que confiava, cada vez mais, na capacidade destas de manterem o mundo a salvo de outra guerra mundial.

Havia experimentado plenamente as dificuldades e os desfalecimentos, na parte que me coube desempenhar. Havia lidado com problemas internacionais como Administrador dos Empréstimos e Arrendamentos, como Secretário de Estado, como Chefe das Delegações Americanas na elaboração da Carta das Nações Unidas, e como um dos delegados norte-americanos às históricas reuniões iniciais das Nações Unidas em Londres e em Nova York. Retirei-me dessas funções com uma fé não somente tão forte quanto antes, mas até mais vigorosa.

Minha fazenda está localizada na região onde viveram Thomas Jefferson e James Madison. O pó dos caminhos, em derredor de minha propriedade, é o mesmo levantado outrora pelas patas dos cavalos que transportaram esses homens às convenções, de que resultaram sucessivamente a Confederação e a Constituição dos Estados Unidos. Foram necessários treze anos, de 1776 a 1789, para reunir treze colônias separadas, primeiramente em uma aliança real—sob a Confederação, e, em seguida, em uma nação—sob a Constituição.

Muitos homens, no curso dessa longa luta, perderam a coragem e desistiram. Washington, Jefferson e Madison não abandonaram o posto; não sofreram dessa doença facil que chamamos «desilusão». Tinham a fé que desloca montanhas e removeram-nas para criar os Estados Unidos da América.

Um dos obstáculos à fé ilimitada é devido a que, em virtude dos espantosos meios de que dispomos para viagens incessantes e comunicações contínuas, enredamos de tal forma as nossas vidas, que pouco tempo nos sobra para pensar. Nossas ocupações passam a ser o torvelinho em que tratamos do transitório e não do duradouro. Cheguei à conclusão de que o «torvelinho» da diplomacia é tão prejudicial como qualquer outro. Um diplomata passa de um problema imediato a outro de dez em dez minutos, dia após dia, e, enquanto sua ansiedade cresce, sua perspectiva desaparece. «Desilusão» é o resultado.

Gostaria de convidar os onze membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas à minha fazenda da Virgínia, onde nossa principal colheita é a perspectiva. Pediria então que se sentassem à varanda e dedicassem algum tempo à meditação calma, fonte de idéias generosas e largas. Como anfitrião, teria a prerrogativa de pronunciar um pequeno discurso. Ei-lo aqui, neste artigo.

AO DIZERMOS que trabalhamos para a paz em geral, talvez estejamos fugindo ao verdadeiro assunto. Não queríamos dizer, na verdade: podemos ou não construir uma paz firme com a União Soviética?

O Presidente Roosevelt e o Secretário de Estado Hull começaram a trabalhar nessa questão mesmo durante a guerra. O primeiro problema era: estaria a União Soviética disposta a fazer parte de uma organização mundial para a construção da paz? E até mesmo: estariam os Estados Unidos dispostos a aderir a uma organização desse gênero? Aí estavam os dois paises mais poderosos do mundo, ambos com um passado isolacionista.

Podemos ver agora que se tratava de um momento decisivo quando, em 30 de outubro de 1943, em Moscou, o russo Molotov concordou com o americano Hull, o inglês Eden e o chinês Foo em «reconhecer a necessidade de... uma organização internacional geral... para a manutenção da paz e da segurança internacionais».

Mais tarde, em Washington, no ano de 1944, as conferências de Dumbarton Oaks constituiram o primeiro passo para tornar em realidade aquela organização. Espero nunca mais passar por momentos de tanta angústia e preocupação. As negociações deveriam levar um mês; levaram dois. Houve quem censurasse a obstinação da Rússia em insistir no uso do veto na deliberação do Conselho de Segurança. Mas a inclusão na Carta das Nações Unidas do privilégio do veto para as Grandes Potências foi necessária afim de se conseguir a aceitação da Carta pelo povo dos Estados Unidos—e a sua aprovação subsequente através do Senado deste país—como tambem a aprovação da mesma por Moscou. Consentiria jamais o povo norte-americano que suas forças fossem empregadas numa ação militar, naval ou aérea contra qualquer país, sem o prévio consentimento da nação? Ambos os paises exigiam o veto. Todavia, existia uma divergência; e a solução dada a essa divergência constitue notavel e animadora história.

Todos combinamos em que as questões processuais no Conselho de Segurança deveriam ser resolvidas sem o emprego do veto. Todos concordamos em que a unanimidade das Grandes Potências era necessária para ação compulsória. A divergência surgiu quanto a esta questão: se uma parte, envolvida numa disputa, deveria ou não abster-se de votar. Fomos de opinião de que se deveria abster, e os russos sustentavam o contrário.

A discussão desse ponto continuou indefinidamente. Os russos, representados pelo Embaixador Gromyko, não cediam uma polegada. Eu havia chegado a apreciar muito Gromyko. Éramos ambos relativamente jovens e relativamente novos na diplomacia. Podíamos simpatizar um com o outro. Mas todos os meus argumentos e todas as minhas propostas foram recebidos com esta resposta simples e dura, que os estadistas soviéticos enunciam com tanta frequência: «A União Soviética considera a proposta inaceitavel.»

Levei Gromyko à Casa Branca. O Presidente Roosevelt usou de toda a sua calorosa persuasiva. Gromyko manteve-se amigavel, mas inabalavel.

A seguir, o Presidente e o Secretário

Hull tomaram uma decisão de valor às vezes inestimavel na diplomacia. A decisão foi *paciência*. E seguimo-la. Chegamos a acordo com os russos em Dumbarton Oaks em quase tudo, exceto na questão do veto. Deliberadamente adiamos os debates sobre aquele problema, e enfrentamo-lo em Ialta quatro meses depois.

A proposta norte-americana sobre o veto fora enviada por telegrama a Stáline. Mas foi somente na conferência de Ialta que, após um dia de debates, os russos aceitaram o argumento de que uma Grande Potência deveria, em acordos de paz, abster-se de votar quando estivesse envolvida numa disputa. Porque? Por duas razões claras. Primeiramente, os russos, em virtude dos seus próprios interesses, realmente queriam uma organização mundial. Em seguida, viram que o propósito americano era sério e que, para se conseguir uma organização mundial, era forçoso aceitar aquela proposta como uma «necessidade».

Alguns meses mais tarde, porem, em S. Francisco, com 50 nações reunidas, o ciclone do problema do veto começou a soprar novamente em grandes círculos de furiosa controvérsia. Poderia uma Grande Potência, que não uma das partes em litígio, vetar a discussão do mesmo pelo Conselho de Segurança? A Rússia declarou que sim. Os americanos declararam que não. O mesmo fizeram a Inglaterra, a França e a China. A discussão que se seguiu quase arruinou a conferência.

Finalmente, preparei uma mensagem pedindo ao sr. Harriman, embaixador dos Estados Unidos em Moscou, e a Harry Hopkins, tambem alí então, que procurassem entrevistar-se com Stáline e Molotov e advertí-los de que não haveria Carta das Nações Unidas, a não ser que eles alterassem sua posição. O Presidente Truman deu seu apoio a esse passo—e os russos cederam. Alguns dias mais tarde a Carta era unanimemente aprovada.

Sou de opinião que o mesmo espírito que criou então as Nações Unidas pode agora fazê-las crescer e funcionar. Esse espírito é uma combinação de fé, firmeza e paciência. A tarefa que temos diante de nós não será realizada numa questão de dias. Levará décadas. Olhemos para os contornos de suas cadeias de montanhas.

A União Soviética poderá continuar—por bastante tempo—a empregar seu veto limitado no Conselho de Segurança com muito mais frequência do que, segundo nosso parecer, seria necessário ou desejavel. Poderá continuar a empregá-lo de várias maneiras que talvez sejam consideradas exasperantes pelo resto do mundo. Examinemos, no entanto, a razão que anima essa attitude. A razão é que a União Soviética é um elemento minoritário no mundo.

O mundo tem mais de dois bilhões de habitantes. A União Soviética e os seus chamados «estados satélites» não controlam mais que 300 milhões deles. A vasta maioria do povo do mundo pratica uma economia que é dominantemente o capitalismo privado. O comunismo da União Soviética é um modo de vida minoritário; e a Rússia se vê desafiada por um modo de vida oposto, que é imensamente superior em matéria de população, recursos naturais e capacidade produtiva, *e em número de votos nas Nações Unidas.*

Daí o significado especial que Stáline, Molotov e Gromyko dão à sua frase: «Concordamos com a decisão baseada na igualdade de direitos dos estados.» Por

essa frase podemos compreender: «Proteção dos direitos da *maioria.*» Stáline, Molotov e Gromyko entendem: «Proteção dos direitos da *minoria.*» Querem assim defender o direito da União Soviética de proteger a si própria, pelo veto, contra o poder de voto reunido das «Grandes Potências» não-soviéticas.

A União Soviética vê frequentemente todas as mãos dirigidas contra ela, mesmo quando essas mãos são estendidas num gesto de amizade sincera. Esse estado de alma só pode ser modificado gradualmente. Mas já creio entrever o início dessa transformação. Os antigos bolcheviques russos, que em nada pensavam alem da «Revolução Mundial», são cada vez menos numerosos e menos poderosos nos negócios da União Soviética. Os novos comissários industriais russos são indivíduos que eu, como homem de negócios, não encontro dificuldade em compreender. Têm a mesma aparência e o mesmo modo de falar dos meus amigos homens de negócios dos Estados Unidos, e têm a mesma paixão por eficiência e produtividade.

Essa paixão tambem domina os líderes não-industriais da União Soviética. Num almoço que me foi oferecido o ano passado em Moscou, Andrei Vishinsky, Ministro Adjunto dos Negócios Estrangeiros, fez um brinde, em termos mais ou menos assim:

«À indústria! À agricultura! Aos homens que as dirigem! Aos Estados Unidos! Aos homens da América que tanto têm feito não somente por si próprios, mas pelo resto do mundo! Deles aprendemos. A eles e à União Soviética! Que a União Soviética se empenhe em igualar a América, em exceder mesmo a América, em habilidade e poder produtivos, numa época de paz para todos os povos! À concorrência econômica pacífica!»

Creio que nós, os capitalistas, podemos aceitar de muito bom grado o desafio desse brinde.

O mundo inteiro aspira a conseguir um nivel de vida mais alto. Regiões, que há muito se achavam reduzidas às privações e à sordidez querem agora a oportunidade de progredir economicamente; desejam modernizar-se, aumentar sua produção e suas rendas, melhorar as condições de saude e de educação. Com seu capital e sua técnica, são justamente os americanos que mais podem fazer para promover esse desenvolvimento. E são os americanos que, tomando a liderança na demolição das barreiras ao comércio mundial, estão mais habilitados a manter os altos padrões de vida que serão a consequência inevitavel de tal desenvolvimento.

Um desenvolvimento dessa ordem seria muito diferente da exploração imperialista dos dias passados. Os povos atrasados poderiam com essa assistência alcançar, pelos seus próprios esforços, alto nivel de progresso econômico. Ninguem diga que os povos mais atrasados não podem produzir bons dirigentes de produção e operários adestrados. Não existe nenhum povo no mundo incapaz de desenvolver sua própria agricultura e indústria modernizadas, no caso de que disponha de suficiente capital e treinamento.

As perspectivas são vantajosas tanto para os Estados Unidos e a União Soviética, como para os próprios paises menos desenvolvidos. Uma China desenvolvida, por exemplo, importará dos Estados Unidos grandes quantidades de maquinaria e outros produtos para a indústria; e, tambem, grandes quantidades de madeira e outras matérias primas provenientes das imensas florestas e minas da Sibéria Soviética.

As Nações Unidas oferecem um mecanismo muito mais eficiente para uma colaboração fecunda do que qualquer outro que se tenha jamais organizado. Os povos do mundo esperam ansiosos pelo momento em que o plano comece a ser posto em execução. As Grandes Potências não têm o direito de veto na Assembléia Geral das Nações Unidas, nem no seu Conselho Econômico e Social, incumbido de promover todas as medidas coletivas de progresso social e econômico. A Assembléia é destinada a ser o portavoz de todos os povos das Nações Unidas. Tenho esperança de que os povos se façam ouvir, e que, nessa assembléia, os Estados Unidos estejam prontos com a resposta que somente eles podem articular—a resposta que colocará o mundo no caminho da paz, uma paz duradoura, porque trará benefícios reais e esperança aos homens de toda parte. Essa paz é o único antídoto definitivo de uma guerra mundial.

Quanto mais nos concentrarmos coletivamente numa paz como essa, menos discutiremos divergências ideológicas. Creio, na realidade, que essas divergências tendem a enfraquecer, e isso acontecerá, aliás, em favor da democracia. Quanto mais os russos virem os regimes democráticos em atividade de cooperação internacional, tanto mais cedo atingirão maior liberdade no seu próprio modo de vida. Há uma raiz de liberdade em toda alma humana. Os Estados Unidos, não somente por exemplos constantes no seu país, mas por aplicação util da mesma no estrangeiro, podem ajudar essa semente a florescer no mundo inteiro.

Não exageremos as consequências das diferenças ideológicas existentes entre os americanos e os russos. Essas diferenças não exigem guerra. Na época das cruzadas, pensava-se que os paises muçulmanos e cristãos não podiam habitar em paz o mesmo mundo. Ao tempo das Guerras Religiosas do século XVII, acreditava-se que os paises católicos e protestantes tambem não podiam habitar em paz o mesmo mundo. Essas idéias eram errôneas. Consideremos um erro pensar que os paises de capital privado e os paises de capital público têm que fazer guerra uns aos outros. O caminho para a paz consiste em fazer com que todas as nações cooperem, dentro e fora da Organização das Nações Unidas, na busca do bem comum. Somente o bem, o bem positivo, pode expulsar o mal.

Mas somente pela fé podemos realizar o bem. Nunca poderemos estar certos do porvir. Nunca poderemos ver, alem das montanhas, os acontecimentos que lá se desenrolam. O acontecimento, como disse George Washington, está nas mãos de Deus. Podemos somente trabalhar pelo bem do mundo, pela paz do mundo. Mas nem Deus nem o homem nos perdoarão se não o tentarmos com fé.

Uma estação de rádio dos Estados Unidos inaugurou um programa *sui generis*, no qual as pessoas desempregadas vêm ao microfone apelar para os empregadores locais afim de lhes encontrarem trabalho. Para evitar vexames, não se irradiam os nomes dos desempregados.

O programa dura uma hora justa e aqueles, que nele tomam parte, nada pagam. Os resultados, até hoje, têm sido animadores.

—Thomas E. Coll, em *The Commentator*

Como um fazendeiro do Alabama contribuiu para que se adotasse a lei de exame obrigatório do sangue, iniciando-se assim intensa luta contra uma doença implacavel

Matou o dragão com uma agulha

Por Beverly Smith

(Condensado do «American Magazine»)

A ação mais decisiva, dentre os muitos esforços que se têm feito, nos Estados Unidos, na campanha geral contra a sífilis, é por certo a que está desenvolvendo o estado de Alabama, onde foi adotada uma lei obrigando «todas as pessoas, entre as idades de 14 aos 50 anos, a se submeterem ao exame de Wasserman do sangue, num laboratório autorizado, para se verificar se têm sífilis». E quem quer que deixe de satisfazer essa formalidade legal—prescreve a lei em questão—será multado.

Ao ser adotada essa lei, há três anos, afirmavam os otimistas que agora se daria cabo da sífilis no Alabama. «Qual nada!» retrucavam negativamente os pessimistas, «isso vai ser outro fiasco legislativo, como o da proibição das bebidas alcoólicas».

Ora, afim de averiguar até onde ia a aplicação dessa lei, fui eu mesmo ao Alabama, e lá conversei com os dirigentes do departamento de Saude Pública, estive na clínica de Birmingham, e visitei alí o Centro de Tratamento Rápido da Sífilis; tratei com médicos particulares, educadores, oficiais do serviço de Saude,—gente nova e idosa, ricos e pobres.

Em primeiro lugar, segundo verifiquei, não pode haver analogia entre a lei em apreço e a famigerada proibição do alcool. O dispositivo que no Alabama obriga aos exames de sangue, para diagnóstico de sífilis, foi adotado no congresso estadual por quase unanimidade de votos e está sendo aplicado por meio de uma campanha educativa e de persuasão individual, e não pela força.

De resto, essa lei não tem e nunca teve a pretensão de que ia por si *extinguir a sífilis*. Mas já produziu tão admiraveis resultados naquele Estado, especialmente na sua zona rural, que bem se pode impor à apreciação dos legisladores de qualquer parte, no país e no estrangeiro.

O patrono dessa lei—o senador estadual Bruce Henderson—não é médico, nem nunca se teve na conta de técnico em saude pública. Proprietário de uma grande fazenda no Alabama, é um cavalheiro pacato, porem muito lógico e muito prático.

O principal interesse do senador Henderson era prover de melhor serviço médico, como já fizera seu pai, as cem famílias de gente de côr que trabalham nas suas terras, como foreiros. Alguns anos atrás, pondo-se a examinar o registro médico local, surpreendeu-se ele de ver quantas enfermidades graves provinham de origem sifilítica. Discutiu o assunto com seus foreiros, os quais se puseram de

acordo em que todas as pessoas da propriedade deviam submeter-se a um exame de sangue. Isso feito, foram logo verificados muitos casos de sífilis, sendo os pacientes submetidos a tratamento. O estado de saude dos foreiros melhorou imediatamente.

Mas, com o correr do tempo, observaram-se novas infecções sifilíticas, na fazenda de Henderson, todas contraidas em fazendas vizinhas ou em certos «pontos perigosos», ao longo das estradas.

«Compreendí então,» disse-me Henderson, «que uma simples *limpeza* nos meus foreiros não era bastante... E lembrei-me do tempo em que lutávamos contra a praga do carrapato no gado, a qual só pôde ser extinta quando a atacamos em zonas inteiras. Porque não fazermos o mesmo no caso da sífilis?»

E assim, na próxima legislatura, Henderson apresentou um projeto de lei para os exames de sangue, no estado. Os velhos líderes políticos ficaram alarmados; em geral, respondiam: «Bem... por mim, sou a favor da idéia; mas politicamente, ela é impraticavel. O público não aceitaria tal coisa. E que não diriam os clérigos, a imprensa e as senhoras das associações femininas?» Até mesmo os dirigentes do Departamento de Saude Pública tinham suas dúvidas.

Sem se deixar demover por isso, Henderson prosseguiu com a campanha entre os legisladores, dominando o temor de muitos deles pela força de sua lógica. Por fim, submeteu o projeto à votação da Assembléia. Para a surpresa de todos, a lei foi aprovada quase sem nenhuma oposição.

Não houve nem sombra de tal «reação pública» que outros temiam, sendo que os jornais aprovaram a medida desde o começo. Os párocos, tambem favoraveis, instalaram postos de exame de sangue junto às igrejas, e as senhoras do Alabama têm trabalhado com afinco para que a lei seja por todos respeitada.

Semanas antes de se fazerem os primeiros exames numa localidade, é ela visitada por agentes especiais—homens e senhoras preparados para esse serviço preliminar de saude pública. E dirigem-se logo aos líderes da opinião nas cidades, que são os juizes, os diretores de jornais, os clérigos, médicos, advogados, as diretoras dos clubes de senhoras e as associações de trabalhadores rurais. Esses agentes obtêm auxiliares voluntários, fixam o horário das reuniões, das conferências, fazem anúncios pelo rádio, como tratam de artigos nos jornais e da exibição de filmes. Estabelecem tambem os postos para exames de sangue, de maneira que ninguem terá de sair do seu distrito para atender às formalidades da lei.

Esses agentes devem ser experimentados no assunto e usar de muita diplomacia. Tive ocasião de observar o trabalho de dois deles. Eram Edward Duncan, antigo professor de educação física, e Andrew Walker, cidadão negro que, já experimentado em tal espécie de serviço, compreende a necessidade de seu povo acreditando que este só terá a lucrar com a nova lei. Operando entre as populações de côr da zona rural, Walker tem que vencer os preconceitos generalizados, esclarecer as dúvidas de pregadores atrasados, e lutar tambem contra a indiferença de uma juventude doidivanas e a birra dos charlatães e feiticeiros, que vêem nesse serviço de profilaxia social um destruidor da sua constante fonte de renda...

Logo que esses agentes preliminares terminam o serviço de instrução do povo, vêm os encarregados das análises de sangue, com seus fichários e fórmulas, que, uma vez cheias dos pormenores de cada caso, são guardadas em sigilo.

Em regra geral, os primeiros que se apresentam ao exame são os juizes, os pastores das igrejas e demais cidadãos da localidade. Essa prática anima os incrédulos e desconfiados a fazer o mesmo. Comumente, de 80 a 90 por cento das pessoas de 14 aos 50 anos de idade, numa coletividade rural, comparecem ao posto de exames à primeira chamada. Aos que falham, envia-se primeiro um pequeno aviso; depois, uma carta enérgica, e, se não atendem, são visitados por uma enfermeira ou agente do serviço de saude. Muito raramente se torna necessária a interferência do chefe de polícia.

Todos os indivíduos, cujo exame dá positivo ou duvidoso, são chamados depois para segunda análise. Quando o caso positivo é confirmado, numa segunda reação, fazem-se logo preparativos para o tratamento. Os casos infecciosos, de recente contágio da sífilis, são tratados em primeiro lugar. Os casos de sífilis antiga, dados como não-contagiosos, constituindo, porem, um perigo para o paciente, são tratados com a necessária brevidade.

A maior parte dos pacientes prefere ir ao Centro de Rápido Tratamento da Sífilis, onde tomam injeções de penicilina alternadas com arsênico e bismuto, três vezes por dia e de noite, durante 14 dias. Acredita-se que esse tratamento cure uns 85 a 90 por cento dos casos de sífilis. Os outros pacientes, dados como não-contagiosos, recebem tratamento muito mais demorado.

Até o presente, já foram atendidas, por esse sistema, dez das comarcas rurais e a grande cidade industrial de Birmingham —ou seja cerca de 40 por cento da área populosa do estado. Submetendo-se os pacientes a tão meticuloso sistema, perguntar-se-á, porque não foi ainda a sífilis completamente eliminada? Um dos motivos é a própria natureza negaciosa da moléstia. Depois que os espiroquetas penetram o corpo humano, há um período de incubação que varia de 10 a 90 dias, durante o qual um exame do sangue pode não acusar a existência da sífilis. Portanto, muitos casos positivos escapam à verificação do exame.

Mas, a despeito de tudo, a lei de obrigatoriedade dos exames do sangue vai dando ótimos resultados nos lugares por mim visitados. Já serviu, por exemplo, para instruir comunidades inteiras sobre a natureza perigosa da moléstia, mostrando ao povo a imperiosa necessidade de pronto tratamento. Calcula-se que já houve uma redução de 50 por cento em novos casos, em alguns distritos, e de 90 por cento, em outros.

Em Birmingham, num período de 42 dias, 271 mil pessoas se submeteram aos exames de sangue, 90 por cento das quais na idade prescrita pela lei, de 14 aos 50 anos. Esses algarismos indicam um bom resultado na aplicação da lei; entretanto, os ausentes talvez fossem dos que mais precisavam de tratamento.

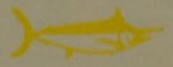
Num pequeno distrito rural, onde todo o mundo é conhecido, esses 10 por cento de ausentes poderiam ser localizados com facilidade, o que se torna quase impossivel numa grande aglomeração humana, como Birmingham, onde aquele pequeno grupo fica completamente fora de alcance...

Mesmo assim, a campanha anti-sifilítica deu notaveis resultados em Birmingham. Em 78 dias de exames de sangue, 7.662 casos positivos foram submetidos a tratamento. O dr. W. H. Y. Smith, diretor desse serviço no Estado, e o dr. George Denison, diretor de saude no interior, afirmam que nem em dez anos, pelos métodos antigos, se poderia obter idêntico resultado.

Os funcionários do Serviço de Saude,

empenhados numa campanha de âmbito nacional contra a sífilis, afirmam que a luta será longa, e apenas começou. De acordo com uma estimativa oficial, ainda existem nos Estados Unidos cerca de 2 milhões e meio de pessoas afetadas de sífilis, e há uma contagiosidade anual de uns 220 mil novos casos. O mais difícil é descobrirem-se as pessoas recentemente infeccionadas pelo mal, e curá-las, antes que possam transmití-lo a outrem.

Mas, desde já outras regiões podem, com vantagem, ir seguindo o edificante exemplo aqui descrito.



Surpresas entre pais e filhos

Charles Coburn, conhecido ator do cinema, conta esta história:

Quando menino, apaixonei-me pelo teatro e queria assistir a todas as peças que houvesse. E um dia disse-me meu pai:

—Uma coisa, filho, você nunca faça: não vá aos chamados «espetáculos só para homens».

—Mas porque?

—Porque lá há coisas que você não deve ver.

Ora, foi a conta... Logo que consegui o dinheiro suficiente, zás! comprei entrada para um de tais espetáculos, e lá fui, muito satisfeito.

Mas meu pai tinha razão. Vi lá algo que não devia ter visto: meu pai...

—Louis Azrael, no *News-Post* de Baltimore

George V da Inglaterra era notório por sua frugalidade e seu amor à economia, qualidades que procurava desenvolver nos filhos. O então príncipe de Gales, porem, era justamente o oposto, dado antes à liberalidade. Quando era estudante, escreveu ao pai pedindo que lhe enviasse mais dinheiro, e, em resposta, recebeu apenas uma nota do rei exortando-o a ser econômico, a mudar de vida. No dia seguinte o velho monarca encontrou entre sua correspondência uma cartinha do filho, o qual lhe dizia o seguinte:

«Seguí seu conselho: acabo de vender sua carta a um colecionador, pela quantia de 25 libras.»

—Louis Sobol

Mary Garden, antiga e notavel cantora de ópera, ganhou muito dinheiro em sua carreira de *prima donna*, e era constantemente importunada pelo pai com pedidos de empréstimos, quase sempre vultosos. Miss Garden atendia a tais solicitações, embora com relutância, fazendo ver ao pai que aquilo já se tornava excessivo. E ele, invariavelmente, respondia que o dinheiro se destinava a certo projeto especial, acrescentando: —Afinal de contas, eu sou seu pai!

Lá um dia veio a grande crise financeira, e Miss Garden perdeu tudo o que tinha. Mais ou menos na mesma época, morreu-lhe o pai, sendo ela informada de que ele deixara várias contas de banco em nome da filha. Realmente, economizara todo o dinheiro que esta lhe dera!

—Leonard Lyons

Compilado por
Alan Devoe

O melhor amigo do homem

V

Os cachorros preferem o convívio humano. E onde há cachorros, há sempre histórias—algumas heróicas, outras engraçadas, outras, ainda, tão incriveis, que nos fazem refletir. Os seguintes episódios, aliás autênticos, foram escolhidos entre muitas centenas de histórias que nossos leitores nos enviaram.

Eu ia entrando num açougue, quando notei um grande perdigueiro irlandês, de pé junto à porta. Olhou-me, sacudiu a cauda e depois olhou para a porta. O que queria dizer era evidente. Abrí a porta e o cachorro avançou, incontinenti, para o balcão da carne. O açougueiro sorriu:

«Lá vai, apanhe!» O cão apanhou entre os dentes um osso grande que o homem lhe lançara, agradeceu, abanando a cauda e saiu a correr. Alguns minutos depois ouví um latido abafado e dei novamente com o animal, junto de mim. Pela segunda vez apanhou o osso que lhe jogaram, e lá se foi.

Já agora o açougueiro ria-se a bom rir. «Sabe o que é?» explicou-me. «Esse cachorro vive num celeiro atrás do hotel com outro velho perdigueiro chamado Red. Ambos têm mais de dez anos de idade. Costumavam correr e caçar juntos. Toda manhã apareciam por aquí à procura de ossos. O ano passado Red foi apanhado por um automovel, ficando quase cego e aleijado, e agora mal pode andar. Por isso o outro vem aquí, todos os dias, buscar um osso para Red, e depois volta para buscar o dele. Às vezes é difícil, mas sempre conseguimos pôr de lado dois ossos bem grandes. É natural, não acha?»

—Piers Maroney

Quando os engenheiros navais americanos chegaram à praia de Apamama, no arquipélago Gilbert, encontraram uma cachorrinha japonesa de raça cruzada, redonda e felpuda. Foi ela entregue à tripulação da nossa lancha de desembarque, que conseguiu mantê-la em vida com leite evaporado e um conta-gotas.

Com o correr dos meses, a cachorrinha se foi afeiçoando cada vez mais à nossa lancha e a seus tripulantes... Andava de mão em mão, recebendo ofertas de comida ou água, pelo menos vinte vezes por dia, de um ou outro marinheiro. Era muito sadia e viva.

Foi quando chegou a notícia de que a lancha, velha e gasta, ia ser posta a pique. Que havíamos de fazer com a cachorrinha? A papelada burocrática oficial tornava impossivel levá-la para os Estados Unidos.

Carregaram-na para outra embarcação, por uma noite, e a bichinha não cabia em si de desespero. Recusou-se a travar ami-

zade com os marinheiros e a comer o que quer que fosse. No dia seguinte trouxeram-na de volta para a lancha condenada, que estava sendo desarmada na praia. Com um ar de desalento ela acompanhou com os olhos os membros da tripulação que iam pondo de lado várias peças, armários de aço, e seu próprio canil.

Poucas horas antes do momento em que a lancha deixou a praia, para sua derradeira viagem, lá estava ela, deitada na areia, com o olhar fixo na embarcação. Sua casa ia desaparecer e, com ela, os homens a quem tanto se afeiçoara. De repente, fechou os olhos e fez-se imovel. Era incrivel, mas percebemos logo que a cachorrinha morrera. Morreu tranquilamente como veio a desaparecer, algumas horas depois, a lancha de que sua vida fora uma parte tão vital.

—Sid Dimond

Quando nossa cadelinha de raça mista teve os primeiros filhotes, deu à luz sete de uma vez: quatro cães-de-pastor, como Taffy, da fazenda vizinha, e três de raça cruzada, como ela própria. Durante algum tempo, foi um modelo de mãe. Mas, ao cabo de um mês e meio, aqueles diabinhos tão cheios de energia, que viviam a puxá-la e empurrá-la de um lado para outro, acabaram por tirar-lhe da fronte o halo do amor materno. Começou a olhar-nos com ar desencantado de quem está a dizer: «Como foi que me metí nessa encrenca?»

Um dia nossa vizinha, a dona de Taffy, telefonou para contar-nos, achando muita graça na história, que nossa cadelinha descobrira uma solução para o problema. Pacientemente, conseguira fazer com que as sete pequenas pestes, que lhe atormentavam a vida, se decidissem a acompanhá-la colina acima e vale afora, por quase um quilômetro, até ao quintal onde Taffy morava. A seguir, fugira à toda, antes que o pai daquela prole viesse a latir seu primeiro protesto.

A lógica era evidente: «Já cumprí meu dever. Agora é bom que você sofra um pouco tambem...»

Sra. Graham D. McVicker

Nosso cão-de-pastor, Lobo, andava zangado com um cachorro menor da vizinhança que vivia descobrindo os ossos por ele cuidadosamente enterrados. Cada vez que enterrava um osso, o cachorrinho dava com ele cinco minutos depois.

Foi quando, um dia, vi Lobo carregar dois ossos para um canto do gramado. Primeiro cavou um buraco enorme, colocando o maior dos ossos no fundo e cobrindo-o muito bem. Depois, colocou o outro osso, que era muito pequeno, por cima, e cobriu-o de leve.

Alguns minutos mais tarde, o cachorrinho, como de costume, correu em direção ao ponto onde a terra fora, visivelmente, remexida. Cavou furiosamente com as patinhas e lá se foi por fim, carregando, com ar de triunfo, o ossinho que encontrara.

Lobo ficou impassivel, sentado a um canto, a contemplar a cena placidamente. O truque, inspirado pela sua astúcia canina, fora coroado de êxito.

—Eloise Minor

Tippy, nosso cão-de-pastor, era o tipo do cachorro doméstico, apesar de todas as tentativas que fizemos para transformá-lo num cão-de-guarda. Toda noite, no verão, meu pai mandava Tippy para fora de casa, confiando-lhe a missão de guardar, até a manhã seguinte, sua pequena criação de galinhas. Todos os dias, quando papai se levantava às seis horas da manhã, encontrava o cachorro cumprindo fielmente seu dever, apesar do frio.

Afim de recompensá-lo pelo sacrifício, cercávamos Tippy de atenções e carinho.

Só em setembro, um de nossos vizinhos veio a comentar conosco o fato de que o cachorro tinha hábitos muito estranhos. Toda noite, durante o verão, Tippy ia ter à casa dele, pouco antes de meia-noite, ganindo baixinho até que o deixassem entrar. Lá ficava tranquilo e feliz até cerca das cinco horas da manhã, e saía então a toda a pressa, de volta para casa!

—Glenn Johnson

Na fazenda de meu pai, tínhamos dois cães que se chamavam Coronel e Dick. Ambos eram loucos por caçar. Quando ninguem ia com eles, muitas vezes caçavam sozinhos.

Numa noite de verão, como de costume, os dois lá se foram a correr, em direção ao bosque. Não regressaram à manhã seguinte. Já de noite, Dick voltou sozinho, cansado e faminto. Comeu uma boa refeição e correu de novo rumo à floresta, sem parar sequer quando chamamos por ele. Menos de uma hora depois, Coronel apareceu. Como Dick, comeu vorazmente e voltou correndo para o bosque.

Não regressaram aquela noite, nem durante o dia. Ao anoitecer, como se dera na vespera, Dick surgiu primeiro, em busca de jantar, e depois Coronel, desaparecendo ambos a correr, uma vez terminada a refeição.

No dia seguinte, meu irmão e eu demos uma busca na floresta e encontramos os cachorros. Estavam acuando uma sariguéia que se refugiara nos galhos de um arbusto. Não podiam alcançá-la, por mais alto que pulassem, resolvendo, diante disso, manter o cerco. Quando necessário, um substituia o outro no papel de sentinela.

—Oliver Perry Medsger

Saira eu a passeio com meu cachorro, que era muito dado a brigas, quando vi, avançando em direção a nós, um enorme cão-de-pastor. Como eu já esperava, todos os músculos de Reggie se crisparam e o pelo eriçou-se. Segurei firmemente a corrente, esperando o peor.

Aproximamo-nos, e, de súbito, não sei por que motivo, Reggie acalmou-se por completo, virou a cabeça para o outro lado e seguiu seu caminho, como se nada fosse. «Mas que teria acontecido?» fiquei a conjeturar, surpresa.

Ao passarmos, porem, pelo cão-de-pastor, sua dona explicou-me simplesmente: «Ele é cego.»

—Sandra Scoursky

O sentimento gaulês

Jean Gabin, conhecido ator do cinema francês, chegou a Nova York em 1941, sendo entrevistado por um reporter que lhe perguntou qual a atitude dos franceses em relação aos ingleses.

—Somos anglófilos e anglófobos ao mesmo tempo, foi a resposta. —Os que gostam dos ingleses rezam todas as noites, dizendo: «Fazei, bom Deus, com que os bravos ingleses ganhem a guerra sem demora.» Os que antipatizam com os ingleses rezam assim: «Fazei, bom Deus, com que os senvergonhas dos ingleses ganhem a guerra sem demora.»

—*New York Herald Tribune*

VOCÊ SABE O QUE QUER DIZER?

—VIII—

MUITA gente tem apenas uma idéia um tanto vaga sobre o significado exato de certas palavras frequentemente usadas; no entanto, é importante conhecermos o sentido justo dos vocábulos que empregamos, por amor à clareza. Seguem-se abaixo vinte palavras, com quatro definições cada uma. Dessas, indique a que lhe parecer correta, e verifique depois, na página 119, as definições segundo o dicionário. Classifique assim seu vocabulário, conforme o número de definições corretas.

(1) óbolo—A *obstáculo.* B *pequeno donativo.* C *instrumento de sopro.* D *que tem forma de um ovo invertido.*

(2) retaliação—A *ato de cortar em pedaços.* B *esboço em linha reta.* C *fração.* D *represália.*

(3) incomensuravel—A *inconcebivel.* B *incompreensivel.* C *imenso.* D *intangivel.*

(4) cumbuca—A *vaso feito de cabaça.* B *cesto de vime com alça.* C *moringa.* D *utensílio para minerar diamantes.*

(5) alarido—A *esperteza.* B *celeuma.* C *alegria.* D *alarme.*

(6) tremedal—A *febre tropical.* B *coisa espantosa.* C *gênero de cogumelos.* D *pântano.*

(7) iridescente—A *verdejante.* B *cintilante.* C *com as cores do arco-iris.* D *com a iris atrofiada.*

(8) emparelhado—A *ligado.* B *bem equipado.* C *veículo de tração animal.* D *coberto de gaze.*

(9) pelagra—A *doença dos animais bovinos.* B *doença causada pela avitaminose.* C *doença no pelo dos animais.* D *doença intestinal dos recem-nascidos.*

(10) piastra—A *jóia dos nobres italianos.* B *coluneta na arquitetura grega.* C *bando de animais.* D *moeda de prata de diversos paises.*

(11) fustigar—A *provocar.* B *açoitar.* C *irritar.* D *censurar.*

(12) ponderoso—A *pesado.* B *pensativo.* C *resistente.* D *lento.*

(13) ronqueira—A *preguiça.* B *algazarra.* C *ruido de respiração dificil.* D *asma.*

(14) sinopse—A *variedade de quartzo.* B *parte da gramática.* C *resumo.* D *conjunto de sintomas.*

(15) trasladar—A *transferir.* B *parte posterior de um fogão.* C *copiar em papel transparente.* D *sub-arrendar.*

(16) apócrifo—A *supressão de uma sílaba.* B *plágio.* C *revelado pela teologia.* D *sem autenticidade provada.*

(17) mítico—A *guapo.* B *fabuloso.* C *mesclado.* D *alegórico.*

(18) piscoso—A *vesgo.* B *de voz suave.* C *cheio de peixes.* D *pegajoso.*

(19) escalfar—A *tornar esteril.* B *passar por água quente.* C *arrancar a pele do crânio.* D *queimar com líquido quente.*

(20) alarde—A *ostentação.* B *vexame.* C *árabe beduino.* D *choradeira.*

Para onde se voltará o Oriente Médio: para a Rússia ou para os Estados Unidos?

Os árabes em marcha

(Condensado do «Washington Post»)

Por Edwin Muller

Redator Viajante do Reader's Digest, que acaba de regressar de uma longa viagem pelo Oriente Médio

O ORIENTE MÉDIO está convulsionado. Lemos nos jornais que uma bomba explodiu na Palestina, que houve tumultos no Cairo e irromperam demonstrações em todos os estados árabes, do Tigre ao Nilo. Os acontecimentos do Oriente Médio determinarão em grande parte o futuro do mundo em que nós e nossos filhos viveremos. Pois nessa região desassossegada, a Rússia entra em conflito direto com os interesses da Inglaterra e dos Estados Unidos. Milhões de árabes se agitam inquietos, em meio a um ressurgimento nacional, sem saber ainda se se devam voltar para o Oriente ou para o Ocidente, para o comunismo ou para a democracia.

O que há de mais importante na questão árabe é o fato de estar a região atravessando um período de transformação rápida e violenta. Em uma só geração os métodos e processos do feudalismo medieval cede lugar a outros mais atuais. Ao lado de uma moderna bomba de gasolina árabe na Palestina, os beduinos acampam no mesmo tipo de tendas em que Abraão viveu. Em Damasco, numa rua chamada Direita, há um harem onde as mulheres usam véus e vivem em retiro. A senhora que reside na casa vizinha veste-se pela última moda, e vai à cidade dirigindo o seu carro, para tomar parte em reuniões feministas e traçar os planos de agitação em proi do sufrágio feminino.

O nômade xeque do deserto tem direito de vida ou morte sobre os selvagens membros de sua tribo. Se bem lhe aprouvesse, poderia mandar queimar uma de suas mulheres ou concubinas, o que às vezes acontece. Mas pilota o seu avião particular, quando vai ao Cairo, e aí se hospeda no mais moderno hotel.

Um só quarteirão da cidade de Alepo revela o curso inteiro da Revolução Industrial. Numa esquina um tecelão senta-se ao tear no fundo de sua loja—espécie de caverna aberta para a rua, onde pouco é o movimento de fregueses. Na outra esquina do quarteirão, vamos encontrar uma fábrica de tecidos de algodão, com 1.200 empregados, um restaurante moderno, banheiros com duchas, um hospital e um sistema de aposentadorias. Seu proprietário obteve o ano passado, nesta e outras empresas, lucros equivalentes a dois milhões de dólares.

A luta do mundo árabe contra a pobreza é liderada pela classe média, a emergir agora com dinamismo e ímpeto

sem precedentes no Oriente Médio. Anteriormente existiam apenas os paxás, em cima e, em baixo, os servís felás e beduinos do deserto. Diz-se que até há pouco tempo havia somente trinta homens, em todos os estados árabes, cujas decisões realmente importavam. Agora há que levar em consideração os negociantes, os engenheiros, os advogados, os médicos, os professores e os estudantes, os quais constituem a esperança—e o perigo—do mundo árabe. Para onde se voltarão? Alguns dos seus líderes estão tentando estabelecer fortes governos democráticos, mas até o presente ainda não existem eleitores livres em número suficiente—um corpo suficientemente esclarecido da opinião pública.

Não é possivel realizar eleição livre numa tribo beduina governada despoticamente por um xeque. Na capital, ele toma assento na Câmara dos Deputados, levando na cintura dois revólveres e uma cartucheira, ocultos sob a túnica. Num recente debate no Parlamento da Síria, entre representantes das tribos e das cidades, os ânimos acaloraram-se a tal ponto que alguns xeques empunharam suas pistolas e avançaram em direção a seus adversários. A sessão dissolveu-se.

Na maior parte do Oriente Médio, com exceção das cidades, o sistema feudal ainda existe. Um único indivíduo é proprietário de uma aldeia inteira, que sua família já possuia através de muitas gerações. Ele «representa» a aldeia no Parlamento; faz tratados com outros chefes feudais; e grupos desses chefes estão subordinados a um lider superior.

Observa-se, porem, progresso, mesmo no Iraque, onde o sistema feudal está mais arraigado. Aí alguns dos xeques chegam a possuir porções relativamente espaçosas das limitadas terras ferteis, e sua renda sobe a cerca de 250 mil dólares por ano. O governo do Iraque ainda não é suficientemente forte para expropriar essas grandes baronias feudais. Mas já começou a pôr em execução um plano para a distribuição de terras pertencentes ao Estado. No baixo Tigre, grande extensão de terra esteril foi irrigada e loteada. Cada lote é cedido a quem quer que esteja disposto a cultivá-lo. Depois de cinco anos, a propriedade é sua. O governo possue fazendas-modelo, onde o colonizador pode conseguir sementes, levar suas vacas para serem fecundadas pelos touros do governo e receber instruções sobre métodos agrícolas.

O Egito possue sistema semelhante. Os árabes da Palestina tambem estão dividindo grandes extensões de terra em pequenas fazendas de propriedade individual.

A questão trabalhista tambem está sendo enfrentada. Até então o operário das fábricas árabes não tinha a menor proteção legal. O trabalho de menores não era controlado por lei. Em virtude do tamanho de seus dedos, as crianças são as melhores tecedoras de certos tipos de tapetes orientais. Dedicam-se a essa profissão durante dez ou mais horas por dia, sentadas em frente ao tear numa estreita tábua, sem apoio para os pés. Muitas deformidades ósseas resultam dessa posição. Onde a educação é compulsória, o proprietário transforma sua fábrica em escola—meia hora por dia de leitura, escrita e aritmética; nove horas e meia de trabalho.

A saude pública é outro problema que preocupa as autoridades. O Departamento de Saude do Egito não tem verba que chegue para manter hospitais em número suficiente, e há falta de médicos para cuidar dos camponeses, sofredores, muitas vezes, das enfermidades mais terriveis. Para o combate às doenças, médicos e hospitais-moveis são transportados em caminhões através do país.

Sob o Império Otomano os árabes da Palestina eram quase totalmente analfabetos. Agora existem 125 mil alunos nas escolas e num colégio superior de Jerusalem. O Egito tem duas universidades estaduais, fundadas nos últimos 25 anos. Em 1928, o Iraque, com uma população de 3 milhões de almas, possuia 264 escolas frequentadas por um total de 26.700 alunos. Agora há três vezes mais do que isso, mas a proporção de analfabetos é ainda incrivelmente alta.

O Egito estabeleceu um seguro para os desempregados, cuja finalidade é auxiliar os milhares de indivíduos que perderam o emprego, quando os exércitos aliados foram retirados. E o novo imposto sobre a renda individual, que foi proposto, proverá verba para pôr em execução vasto programa de reformas sociais. Esse sentido de responsabilidade para com as massas empobrecidas é quase sem precedentes no Oriente Médio.

Os homens que estão tentando refazer as nações árabes precisam de muito auxílio técnico e administrativo. Mas querem esse auxílio por parte daqueles que realmente desejem ajudar e não dominar.

O árabe não vê com bons olhos o imperialismo britânico. Outrora as suas finanças eram controladas pelos ingleses e suas compras se limitavam a mercadorias inglesas, vendidas sob as condições impostas pelos britânicos. Embora os árabes talvez reconheçam que os efeitos de uma retirada britânica não seriam inteiramente benéficos, querem estar em condições de tomar suas próprias decisões.

As relações com os franceses não estão muito boas, tendo a situação culminado no conflito de Damasco em 1945.

Os árabes estão firmemente decididos a combater o Zionismo, que propõe a criação de uma pátria judaica na Palestina. Esse problema não pode ser discutido aquí de modo adequado; basta dizer que é dificil uma solução pacífica.

Os estados árabes formam uma frente solidamente unificada. Quando um deles é espicaçado, os outros logo reagem. Depois dos últimos conflitos do Cairo, houve grandes demonstrações públicas em todos os outros estados em favor dos «mártires» egípcios. E, acima de qualquer outra, a questão zionista une todos os árabes.

Para que lado então se voltarão os árabes? Para a Rússia, talvez? A União Soviética está grandemente interessada nos estados árabes. Em cada capital a legação russa é maior do que a norte-americana, apesar de serem menores os interesses soviéticos. Cada legação russa é um centro distribuidor de propaganda soviética. O Kremlin tem sido muito solícito para com os inúmeros muçulmanos existentes em território soviético, e não perde oportunidade em estreitar os laços entre eles e os muçulmanos dos estados árabes. Muitos russos frequentam a universidade muçulmana do Cairo.

Enquanto os ingleses e os franceses limitam em grande parte a sua atenção aos líderes das cidades e aos xeques que reinam no deserto, os russos concentram principalmente sua propaganda entre os estudantes, lojistas, operários de fábricas e trabalhadores agrícolas. A Rússia fica do lado dos árabes contra os seus «opressores» estrangeiros, aconselhando-os a «expulsarem os ingleses e os franceses». Quanto à Palestina, a Rússia é prudentemente anti-zionista.

A propaganda russa não corre, porem, suavemente. O árabe descende do beduino do deserto, individualista completo, ao qual ainda está muito ligado. Os partidos comunistas árabes não são muito

grandes. Os futuros eleitores estão apenas começando a organizar-se em grupos políticos. Os programas dos partidos comunistas mostram-se até agora bastante suaves, não sendo provavel que venham a ferir os socialistas moderados, e são muito bem elaborados no sentido de atender aos descontentes das classes trabalhadoras. O mundo árabe poderia voltar-se para a Rússia—na falta de outra potência.

E qual é a posição dos Estados Unidos?

O ressurgimento dos árabes deve-se em parte à influência exercida por uma escola fundada há 80 anos, que veio a tornar-se a Universidade Americana de Beirute. Muitos líderes árabes foram alunos dessa instituição de Beirute—por exemplo, 19 dos delegados à conferência das Nações Unidas em S. Francisco. Foi a influência de Beirute que levou à fundação de escolas norte-americanas no Cairo, em Alepo e em Damasco. Essas escolas, e as missões estudantís que visitaram o Ocidente, concorreram para pôr os árabes ao corrente do saber, da tecnologia e dos costumes ocidentais.

A civilização ocidental nasceu no mundo árabe. A cultura árabe atingiu alto nivel depois que os seguidores de Maomé fundiram os povos que habitavam o leste e o sul do Mediterrâneo em um só império com uma única religião, há cerca de 1.200 anos. Mas os árabes foram varridos por conquistadores estrangeiros e, durante os 400 anos de domínio turco, o progresso cessou. O mundo árabe estagnou, enquanto a civilização ocidental continuou sua marcha.

No século XIX, houve uma agitação cultural, mas a primeira oportunidade de revolta contra os turcos surgiu na Primeira Guerra Mundial. Os árabes combateram ao lado dos aliados, acreditando que teriam a liberdade como recompensa. Mas a Conferência Aliada de San Remo concedeu à Inglaterra mandatos sobre a Palestina, a Transjordânia e o Iraque e à França mandatos sobre a Síria e o Líbano. O Egito continuou a ser virtualmente um protetorado inglês.

Os árabes lutaram contra esse controle e obtiveram algumas concessões, mas não a verdadeira independência. E perderam a maioria dessas vantagens quando a Segunda Guerra Mundial trouxe o poder militar ocidental de volta ao seu território. A guerra tambem trouxe uma rápida industrialização e pôs os árabes em contacto com o progresso ocidental.

Agora, com a terminação da guerra, e embora os franceses e ingleses procurem permanecer, os árabes se recusam a fazer quaisquer concessões. Ambos esses poderes estão de saida, deixando um vácuo parcial atrás de si.

Durante a guerra os norte-americanos mostraram aos árabes uma parcela do seu potencial. Mas partiram em seguida, deixando somente seus interesses petrolíferos, suas aerovias comerciais e suas instituições educacionais.

Os árabes vêem que os norte-americanos não os estão ajudando a resolver seus inúmeros problemas, e a sua simpatia para com os Estados Unidos não é tão forte quanto antes. No entanto, o prestígio dos Estados Unidos é ainda imenso.

Durante muitos séculos os árabes foram dominados por nações estrangeiras, que alí iam com o propósito de enriquecer. Se os norte-americanos se colocarem ao lado dos árabes que lutam para transformar as suas nações em democracias livres; se os ajudarem a criar mais escolas, enviarem professores, consultores, missões médicas para auxiliá-los no combate às enfermidades e fizerem tudo o que for possivel para ajudá-los a progredir, os Estados Unidos conquistarão a amizade árabe.

Meu tipo inesquecivel

A benfeitora dos surdos-mudos

Por Charles Parmer

Conhecí-a numa festa na Legação dos Estados Unidos em Tegucigalpa, a pitoresca capital de Honduras, ninho de águias plantado entre as montanhas. Em seu rosto moreno brilhavam dois grandes e expressivos olhos, e ao falar cravava no interlocutor uma mirada de intensa atenção.

Na varanda do pátio, banhada de luar, e enfeitada com lanternas de cores variadas, ouvia-se o som descompassado e excitante da marimba.

—Dansa?

Murmurou umas palavras quando, envolvida pelo meu braço, entramos no grupo dos dansarinos. Falava um inglês escorreito e facil.

Na outra dansa, seu par foi um parisiense. Ouví-a pronunciar algumas frases em francês. Articulava o *u* com uma perfeição e um domínio só conseguidos quando se aprende o francês ainda na infância.

Dez minutos depois, passei novamente a seu lado na varanda. Falava, então, espanhol entre amigas.

Fui o último dos convidados a despedir-se. Ao apertar a mão do nosso anfitrião, o Ministro John Erwin dos Estados Unidos, falei-lhe sobre a graciosa morena poliglota.

—Ah! sim. Já sei a quem se refere: é a Cristina Valentine Midence... uma garota excepcional...

—Devia estar no corpo diplomático, observei.

—Como? Não entendí o que quis dizer.

—Não observou o modo encantador que tem para saudar e tratar todo o mundo? A cada pessoa com quem fala, presta sempre profunda atenção.

John Erwin sorriu.

—Mas você não notou nada?

—Que?

—Essa jovem o que fazia era ler nos seus lábios o que você dizia... lia-o à luz da lua. É surda como uma parede, desde a mais tenra idade. Que moça inteligente! E agora, veja só, fala três idiomas! Não notou como os homens a rodeiam e a procuram? É linda, tem talento e é uma professora notavel.

—Professora? exclamei, tomado de espanto.

—Sim, senhor, professora. Ah! meu amigo, essa moça é uma personagem de romance!

Não tardei em conhecer o «romance» de esforço, vontade heróica e sacrifício daquela encantadora jovem. Não só havia quebrado a cadeia com que o destino a quis sujeitar a uma vida de solidão e de silêncio, mas consagrava agora sua férrea energia a ajudar outros que tinham nascido sob o mesmo signo. Fundou, custeou e dirigiu em Honduras a primeira escola de surdos-mudos da América Cen-

tral. Ensina ainda nas suas classes. Agora colabora com o governo da Guatemala para instalar alí outra escola igual.

O romance começa com um terremoto.

Maria Cristina veio ao mundo em Costa Rica. Pouco depois do seu nascimento, um violento terremoto assolou o país. A família de Cristina fugiu, em plena noite inclemente, buscando refúgio num talheiro. A recem-nascida contraiu pneumonia, e sobreveio logo a meningite.

Não tardou que seus pais notassem, com estranheza, que a menina não era como as demais criaturas da mesma idade. Nunca dizia «mamãe» ao chorar. Franzia a sobrancelha, ou emitia sons significativos. Aos três anos, vieram a descobrir a verdadeira causa daquela prolongada mudez: Cristina era surda... completamente surda. Como ia aprender a falar, a imitar os sons, se não os ouvia?

Foi d. Júlia, sua tia materna, quem lhe ensinou a articular a primeira palavra. Cristina tinha três anos. A tia segurava um caramelo embrulhado em papel branco e vermelho, e a menina estendia os bracinhos para a guloseima. A tia levantava mais o caramelo; olhava-o com expressiva firmeza; pousava, depois, os olhos na menina, e pronunciava, separando bem as silabas, destacadamente: *dá-me*. Cristina não ouvia, mas via o movimento dos lábios. A cada repetição da palavra, aproximava-se mais do caramelo, com as ávidas mãosinhas.

A menina acabou entendendo. A maneira de obter o caramelo era dizer: *dá-me*.

Depois de conseguir, embora não sem grande trabalho e não menor dose de paciência, aquele primeiro triunfo, d. Júlia passou seis meses ensinando sua discípula até vinte palavras mais, todas relativas a necessidades da vida, como por exemplo: «quero água», etc.

Quando Cristina completou quatro anos, foi mandada a uma escola de surdos, onde esteve alguns meses. Seu pai seguiu para París com toda a família, atraido por brilhantes possibilidades comerciais. Começou, então, uma série de viagens em busca dos professores mais famosos na dificil arte de ensinar a compreender por meio dos movimentos dos lábios, e a falar. Cristina aprendeu assim as articulações, não de uma língua, mas de três: espanhol, francês e inglês.

Quando a mãe de Cristina morreu em París, no ano de 1925, foi a orfã levada para Honduras por um tio. D. Júlia tomou conta da menina.

Teve a satisfação de apreciar brilhantes qualidades em sua sobrinha e a tristeza de verificar o desespero em que ficava ante as grades daquele cárcere, em que a surdez a isolara do mundo, e fazia força para quebrá-las.

—Porque não hei-de ser como as outras meninas? lastimava-se a infeliz.

E começou a sentir-se inferior a todas, condenada ao desprezo e solidão perpétuos. Tia Júlia adivinhou a presença de insidioso inimigo mortal, e tomou a resolução de dar-lhe combate.

Tinha que arrancar tal idéia da alma da menina. Levou sua sobrinha a S. Francisco da Califórnia e matriculou-a no Colégio Santa Rosa. Dos trezentos educandos, Cristina era a única que não ouvia coisa alguma. A alternativa era inexoravel: ou aprendia a compreender pelos movimentos dos lábios ou se sumia para sempre na solidão e no abandono.

Sentia-se mortificada com a benevolência com que as colegas a tratavam. Sabia que assim agiam porque inspirava lástima. Já veriam do que era capaz! Pela primeira vez se aplicou com uma vontade indomavel a dominar a arte de ler nos lábios dos outros o que seus pobres ouvidos nunca poderiam ouvir. Chegaria a ser como todas as outras mocinhas, igual, sim, igual a elas. Ninguem perceberia sua surdez; principalmente nenhum homem.

As outras dansavam? Pois ela dansaria tambem. Descobriu que podia perceber as vibrações musicais. Não demorou em aprender a dansar. Porque não havia de tocar piano? Pediu e obteve permissão para tomar aulas desse instrumento.

Quis aprender tambem a desenhar. Tomou lições. Tinha fino senso da linha e da côr. Mas, apesar dos novos estudos, ainda lhe sobrava tempo para outros empreendimentos. Fundou, redigiu e ilustrou sozinha uma revista no Colégio. A publicação teve tanto êxito que continua sendo editada, apesar de Cristina já estar fora do colégio há sete anos, quando alí recebeu seu título com as mais honrosas referências.

Pisava Cristina os umbrais dos vinte anos quando tia Júlia a levou para sua casa em Tegucigalpa, afim de passar as festas do Natal.

—Quer ficar uma temporada aquí, Maria Cristina?

—Quero sim, titia.

Como passa o tempo e como mudam os homens e as coisas! Não faz mais de nove anos e Maria Cristina era uma vida frustrada. E agora... agora luzia na sua frente o diadema dos triunfos sociais. Reunia dons apreciadíssimos: juventude, beleza, talento, posição, dinheiro. Poucos jogavam tão bem o tenis. Em natação não tinha competidores. Nas horas de lazer passava para a tela as belezas daquela terra que entravam pelo seu coração. Galãs de todas as idades começaram a rondar a formosura e a fortuna da cativante moça.

Uma tarde atravessava, com sua tia, a rua que defronta com o hospício. Viu um menino com o rosto encostado nas grades da janela; tinha uma fisionomia triste, sombria, que deu a impressão de iluminar-se um momento com a passagem de Cristina, para quem estendeu, por entre as grades, um bracinho magro. Cristina parou instintivamente.

—Quem é este menino?

—Rigoberto Chávez, respondeu dona Júlia. —É completamente surdo, e tambem mudo.

Cristina olhou fixamente para sua tia.

—E existem mais meninos assim aquí? perguntou?

—Creio que sim. E não há escolas para eles. Crescem tão ignorantes como os animais.

No fim de uma semana, Maria Cristina voltou a ver Rigoberto. Estava no pátio de sua casa. D. Júlia entregava alguns centavos ao menino para algum mandado que executara. Outro dia encontrou o menino ajudando a tia a levar uma planta para a sala.

D. Júlia, um dia, deu a entender que Rigoberto tinha muita vontade de aprender. Não seria esta uma excelente ocupação para Cristina aplicar seu tempo? Ensinar o menino a ler e escrever? A jovem primeiro olhou para a sua tia e depois para o rosto inexpressivo do menino. Ensinar? E lembrou-se da sua própria luta dolorosa e obstinada para aprender. Se aprender custava um tão duro, continuado e penoso esforço, que espantoso suplício não seria o de ensinar? Teve porem uma idéia que vinha do coração. Dobrou o dedo para chamar o menino. «*Venha cá*,» disse-lhe. Rigoberto adivinhou o significado das palavras que não podia ouvir, nem entender sequer, pelo movimento dos lábios. Atendeu ao chamado.

Cristina não viu o sorriso de tia Júlia, nem notou que esta saira da sala, nas pontas dos pés. Tinha os olhos postos no menino. Ele, de pé, diante dela, olhava-a com firmeza. Cristina empurrou-lhe um banquinho, enquanto dizia, muito devagar e movimentando distintamente os lábios: «*Senta-te.*» Rigoberto vacilou. Repetiu ela a ordem, articulando com lentidão e precisão cada sílaba. Tocou no tamborete com a ponta do pé. Fez um gesto para o menino afim de que ele se sentasse.

Rigoberto compreendeu! Seu rosto resplandeceu de alegria. Fez esforços para imitar os movimentos dos lábios de Cristina. Sentou-se. Parecia muito contente. Repentinamente, ela se levantou, segurou o menino pelos ombros e fez com que ele se levantasse tambem. Tornou a repetir: «*Senta-te.*» Outra vez se movimentaram os lábios de Rigoberto. Voltou a sentar-se. O menino olhou para ela como que perguntando: «Fiz bem?»

Foi coisa de segundos, daqueles que Maria Cristina viveu com mais intensidade em sua existência. Como? Seria possivel? Teria ela nas mãos a chave que abriria as portas de um mundo novo àquele semi-selvagem? Ela? Sim, não acaba de revelar a si mesma que era capaz de ensinar? Faria de Rigoberto um homem.

Naquela mesma noite escreveu à *Volta Review*, de Washington (fundada por Alexander Bell), para que lhe enviassem «*os rudimentos do ensino que se deve dar a um menino surdo*». Recebeu, dentro de pouco tempo, vários livros, mas, ah! eram todos em inglês. Teve que traduzí-los, linha a linha, para o espanhol, traçar seu próprio plano de estudo e rever seus métodos didáticos.

Espalhou-se logo a notícia da sua audaciosa empresa. Tornou-se público que a Senhorita Maria Cristina Valentine estava ensinando ao surdo Rigoberto a ouvir e falar. Pouco depois, dois outros surdos subiam a larga escada de sua casa. Como poderia Maria Cristina dizer-lhes simplesmente não?

Um deles era um adolescente, com dezesseis anos de idade. Chamava-se Lutero Chavarria. Havia ficado surdo aos quatro anos de idade em consequência de uma doença. O outro era uma atrasada mental, Antonieta Erazo, que precisava ser acostumada a ter confiança em si mesma, antes de se poder ensinar-lhe alguma coisa. Maria Cristina não se mostrou nem surpresa nem desanimada no dia em que Antonieta, imaginando-se alvo de não sei que ofensas forjadas por sua mente anormal, jogou pedras na mestra e nos colegas.

Depois desse trio veio Aura Ruiz, menina muito desembaraçada de dez anos de idade, que dentro de pouco tempo estava disposta a ser auxiliar de Maria Cristina.

Apresentaram-se três candidatos mais. Maria Cristina, em vista do desenvolvimento do plano, conseguiu que lhe fosse emprestada uma sala de aulas no hospício de Rigoberto. Assim foi que surgiu a vida oficial da Escola de Surdos-Mudos. No início, o dinheiro para manutenção da escola saía da bolsa de sua fundadora e única professora.

A escola foi aberta em outubro de 1938. No ano passado assistí aos exames de fim de ano, e tive oportunidade de verificar o progresso dos alunos: ouví alguns falando com absoluta clareza, vío-os lendo livros em voz alta e escrevendo no quadro negro o que se lhes ditava.

O resultado alcançado no curto período de funcionamento da escola é realmente assombroso. Rigoberto se converteu num rapazinho inteligente e de trato agradavel. Antonieta já não se zanga; é muito amistosa e se comporta cuidadosamente. Lutero é o astro da escola. Sua voz magnífica respondeu admiravelmente ao exercício e sua dição é notavel. Os outros quatro alunos realizaram grande progresso.

A última vez que vi Maria Cristina, estava possuida de alegria tão radiante que não pude deixar de manifestar minha surpresa. Respondeu-me ela:

«Pois veja, senhor curioso: acredite ou não, o motivo da minha alegria é minha própria surdez. A ela devo o fato de todo o mundo aumentar suas deferências e considerações para comigo. Não lhe negarei que há uma grande vantagem em não inteirar-se uma pessoa de muitos dos acontecimentos desagradaveis da vida. Alem disso, trato de compensar minha surdez intensificando a satisfação que me produzem as coisas agradaveis.»

Disse-me a pura verdade. Mas não toda a verdade. Se fôssemos penetrar mais no seu coração, com certeza encontraríamos outra fonte mais de sua inalteravel satisfação: a renúncia voluntária de uma vida facil e organizada, para consagrar juventude, inteligência e entusiasmo a redimir o desamparo e o isolamento de um punhado de seres que vieram ao mundo condenados a por ele passar sem ouvir a cálida vibração do amor na voz humana, a música inefavel da natureza com suas inumeraveis ressonâncias e harmonias...

Reação tardia

Meu irmão, marinheiro do porta-aviões *Franklin*, da Marinha Americana, estava passando uns dias conosco, e uma tarde resolvemos ir todos ao cinema assistir ao filme do bombardeio desse mesmo navio. À saida, vimos que o rapaz, com toda a sua estatura de 1m80, estava pálido e abatido. Contristada, mamãe observou:

—Ora, meu filho, nós não devíamos ter visto essa fita. Só serviu para recordar a você todo aquele horror, aquele medo...

—Medo? exclamou ele. —Só tive medo agora, vendo esse filme!

—Polly Anne James

O voto de Paul Antonio

O Conselho de Segurança das Nações Unidas mandou fazer uma urna de aço para os votos de seus membros, mas quem colocou o primeiro «voto» na urna foi o operário que a fez. Assim se exprimiu ele: «Eu, que tive o privilégio de fabricar esta urna, peço vênia para depositar nela o primeiro voto. Que Deus esteja convosco, membros da Organização das Nações Unidas, e que Ele, através de vossos esforços, nos dê a paz a todos nós, no mundo inteiro.» A assinatura era «Paul Antonio, mecânico». Na verdade, é um simples ferreiro que assim exprimiu o desejo de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

—Do *Sun*, de Nova York

Onde se conta como alguns ex-soldados, industriosos e empreendedores, estão criando para si imprevistos meios de vida

IDÉIAS SIMPLES QUE INICIAM BONS NEGÓCIOS

Por Thomas M. Johnson

DURANTE a batalha de Messina, na Sicília, um oficial americano teve que cruzar uma rua, para ir abrigar-se das balas atrás de um muro. Mal chegara a esse anteparo, notou que havia perdido o relógio-pulseira; quebrara-se a correia, e o relógio caira no meio da rua, agora varrida pela metralha dos italianos. O oficial agachou-se e, engatinhando perigosamente sobre o terreno, conseguiu rehaver o objeto. Foi então que lhe ocorreu um pensamento: «Quando eu voltar, vou arranjar uma correia inquebravel de relógio.»

Foi o que fez, e o resultado de sua iniciativa está hoje dando lucros ao rapaz, que pôs um novo artigo nas mãos de milhares de consumidores.

Com efeito, ao regressar e dar baixa do exército, o ex-oficial Henry Rand, seguindo aquele seu plano, pôs-se a trabalhar com um grupo de químicos, afim de arranjar um produto que não apodrecesse com o suor ou com a umidade. E descobriram, por fim, o que queriam—uma composição feita com refugos de nylon, a que denominaram «Nylast».

Remetidas amostras da nova correia aos revendedores, em três dias recebeu ele pedidos de 20 mil correias. Em cinco meses, tinha vendido uma quantidade dez vezes superior a esse total. Duas fábricas produzem hoje o novo material, que é enviado à sede da companhia em Nova York, onde uma turma de 18 empregados, homens e mulheres, cortam-no em tiras, preparam-no e perfuram-no, pregam-lhes as fivelas, ficando assim o artigo pronto para o comércio. As correinhas se vendem a preço módico, e Rand já não tem mãos a medir com tantas encomendas.

O caso de Rand é semelhante aos de muitos ex-soldados que, com diminuto capital, energia e perseverança, têm criado para si rendosos meios de vida.

COMO SIMPLES passa-tempo, a bordo de um navio-transporte que vinha do Pacífico, o sargento técnico John Drury, pondo em prática a experiência de cartografia que adquirira no exército, começou a traçar um mapa do Japão com desenhos e cenas conhecidas dos soldados. Assim que os companheiros viram o mapa, quiseram que ele lhes fizesse cópias. Em consequência, ao desembarcar, Drury levava no bolso dinheiro em pagamento de 232 mapas e tinha na cabeça o plano de futuroso negócio.

Tendo convertido a garage de sua casa num pequeno estúdio, desenha mapas de Oaú, das Filipinas, Oquinava, Japão, etc., e até de vários setores da guerra na Europa. Escolhe os aspectos mais caraterísticos de cada lugar e os ilustra com

desenhos especiais, às vezes humorísticos, e vistas já familiares aos membros das forças americanas. Em certa parte do mapa ele deixa um local em branco, para que o possuidor do mapa possa aí registrar algum momento individual da sua ação nesse determinado setor.

Auxiliado por sua esposa e pela mulher do sócio, um ex-cabo, Drury emoldura, embala e remete aos revendedores os mapas de sua companhia. Já recebeu proposta de usar os mapas, em cartão recortado, como quebra-cabeças, ou como abajures para lâmpadas de sala; e entre outras serventias, cogita ainda o autor de fazer mapas de praias, parques e outros logradouros públicos, para os vender como lembrança a turistas e veranistas.

MORANDO em pequena cidade americana, durante a guerra, o capitão Budd Mayer observou que havia boa distância entre o bairro residencial e as ruas comerciais da localidade. E viu logo nesse fato a possibilidade de criar um meio de vida para si e sua esposa, assim que viesse a dar baixa da Força Aérea Americana.

De fato, com algum capital, parte de economia e parte que tomara emprestado, comprou um ônibus velho, do qual substituiu os assentos por compartimentos e uma câmara frigorífica; em seguida, supriu-o de comestiveis—queijo, pão, manteiga, ovos, frios, galinha assada, legumes, sorvete, etc. Batizou o seu «armazem ambulante» com o nome de «Frigomovel», e daí por diante era de vê-lo pelas ruas a vender essas comedorias e a atrair a atenção dos fregueses com as notas musicais da sua buzina... As donas de casa entram pela parte traseira do carro, vão-se suprindo do que querem, ao atravessarem o veículo, e pagam o que compram à saida, onde se acha o dono.

QUANDO William Conner regressou a sua cidade natal, depois de servir três anos no exército, um seu amigo, empregado do departamento de Saude Pública da cidade, explicou-lhe a dificuldade que havia em se fazer a limpeza periódica das cozinhas dos restaurantes, especialmente dos fogões e tubos de exhaustão dos fumos culinários, que, em geral, ficam sobrecarregados de graxas e se tornam veículos de incêndio. Conner estudou o problema e logo arranjou um meio inteligente de eliminar o perigo. Construiu um gerador de vapor, a querosene, como os que se usam nas garages para limpar automoveis, cujos jactos quentes, sob alta pressão, eliminam todo o sujo e gordura acumulada. Com esse aparelho, montado num carro por ele improvisado, começou a limpar a cozinha dos restaurantes mediante modesto honorário, podendo fazer duas limpezas por dia. Os negócios têm-lhe corrido tão bem que Conner já tomou um irmão como sócio.

TRÊS RAPAZES de Chicago—Sanford Izner, Harry Howard e Sam Rosenbaum—tomaram como ponto de partida da sua aventura comercial o fato de que muitos recem-casados, no período de após-guerra, iriam ter dificuldades com a família por não disporem de meios e de conhecimentos científicos para a alimentação de seus bebês. Os três amigos reuniram suas economias e estabeleceram uma empresa para cuidar da alimentação de bebês de berço.

Izner, que era estudante de química, catalogou quantos dados sobre o assunto lhe forneceram hospitais, clínicos e enfermeiras. Enquanto isso, os outros dois sócios montavam um laboratório e uma cozinha envidraçada, toda asséptica, onde até o ar circulante é depurado por meio de raios ultra-violeta. É aí que duas

enfermeiras diplomadas despacham as receitas médicas relativas a dietas de bebês. Cada garrafa, com a respectiva chupeta, tudo bem esterilizado, contem a proporção exata para cada vez que o bebê precise de ser alimentado. As garrafinhas—num jogo que contem a dieta necessária para 24 horas—vão fechadas num receptáculo asséptico com a fórmula em cada rótulo, e são entregues a domicílio em caminhonetes refrigeradas. A companhia supre ainda um aquecedor elétrico de garrafas, para aquecer o leite quando vai ser usado.

DARWIN WALTER, era um garotinho irrequieto, que tinha o hábito de se pôr de pé no banco traseiro do automovel do pai, para olhar pela janela, quando a família saía a passeio. Um dia sucedeu que o garoto caisse na rua, escapando de ser machucado por outro carro. O pai inventou então uma cadeirinha especial, feita de madeira, bem acolchoada, provida de correias de segurança, e com uma miniatura de roda de direção, para o menino brincar de guiar. A cadeirinha podia ser desmontada, e, provida de rodas e braços, servir ainda de carrinho de empurrar, como as dos bebês.

Walter, que hoje é homem feito e serviu na Armada Americana como mecânico, está agora fabricando no porão de casa as engenhosas cadeirinhas do seu tempo de criança, as quais têm tido muita saida.

SERVINDO na Armada, o tenente Edward Kern foi destacado para dirigir um clube de oficiais em Bizerta, tarefa para a qual não dispunha da mínima experiência. Começou então a estudar minuciosamente o serviço, e quanto mais aprendia tanto mais apreciava o cargo. Dando baixa, hoje possue um restaurante em Nova York, cuja novidade constitue em oferecer pratos franceses, que ele aprendeu a fazer na Tunísia. Outra especialidade do restaurante é que recebe encomenda para o envio de comida a domicilio, sempre que o pedido lhe seja dado antes das seis da tarde. O menú consta de seis pratos à escolha e mais os necessários componentes—sopa, sobremesa, etc.

É ASSIM que os veteranos dos Estados Unidos estão abrindo caminho para si neste período de reconversão industrial. Alguns bem jovens, ainda na casa dos vinte, demonstram entretanto grande habilidade e perseverança ao enfrentar esta nova fase de suas respectivas existências.

Quer pilotar um avião?

NA FORÇA AÉREA dos Estados Unidos realiza-se um interessante teste de equilíbrio para futuros pilotos. Primeiro coloca-se uma vela no chão e, à direita e a 30 cm desta, alguns fósforos. Em seguida, a meio metro atrás da vela, põe-se um copo comum de vidro, de cabeça para baixo. Quem conseguir subir no copo com um pé, curvar-se, apanhar um fósforo e acender a vela, sem perder o equilíbrio, terá boas probabilidades de servir para piloto...

—*Capper's Weekly*

De como um jovem e persistente fazendeiro, com suas experiências num quintal, veio enriquecer o seu país

A multiplicação das espigas

(Condensado do «Farm Journal»)

Por J. D. Ratcliff

EDGAR MCFADDEN é um homenzinho de poucas falas, com pouco mais de metro e meio de altura; tem os olhos de um azul suave, e possue, em volta de sua pequena calva redonda, uma franja de cabelo grisalho, em caracóis. Não admira, assim, que passe despercebido ao ponto de que, na própria vila onde mora, College Station, no Texas, são raras as pessoas que o conhecem ou sabem da sua vida. Não obstante essa confortavel obscuridade, é graças ao trabalho dele que os agricultores norte-americanos têm podido evitar prejuizos de centenas de milhões de dólares, e haverá por esse mundo, fora dos Estados Unidos, uns 25 milhões de almas, muito vivas e bem nutridas, que, não fora ele, seriam hoje «almas» de verdade, desencarnadas de seus despojos mortais, ou pelo menos morrendo lentamente à míngua de pão.

A obra de McFadden consiste essencialmente na «criação» duma casta de trigo imune ou refratária a certas doenças, e constitue saga autêntica no mundo da pesquisa agrícola. Deu ele início a seus trabalhos ainda antes da Primeira Guerra Mundial, e veio a completá-los justamente a tempo de contribuir com enormes quantidades de trigo para as reservas alimentares do mundo, durante a Segunda Guerra. A crise de alimentos apresenta-se agora no mundo inteiro com bem sinistro aspecto; mas, sem os trabalhos deste feiticeiro das searas de trigo, a situação seria incalculavelmente peor do que é.

McFadden veio ao mundo em 1891, numa fazenda da Dacota do Sul, e seu berço, como que profeticamente, foi uma arca de grão, cheia de trigo para semente... Para os McFaddens, o trigo era a própria vida: se uma boa colheita representava para eles a abundância, uma seara pobre era a ruina, a bancarrota. Tudo aquilo que pudesse prejudicar as searas—o granizo, a seca, as geadas temporãs, a ferrugem, o mal das raizes—era um inimigo declarado da família e da sua segurança.

Tinha o pequeno McFadden treze anos, quando certo dia um touro arremeteu contra o pai dele, deixando-o gravemente ferido. O rapaz viu-se forçado, assim, a ocupar-se da ceifa e colheita do trigo. A seara estava uma lindeza, farta e viçosa. E foi então que, inesperadamente, a praga da ferrugem se desencadeou com inaudita voracidade! Roidas, minadas

pelo fungo implacavel, as hastes do trigo penderam anêmicas. Os grãos, que, segundo a promessa, deviam sair gordos e cheios, engelharam,—e a colheita acabou rendendo uns míseros litros...

Não havia defesa possivel contra a moléstia: os esporos microscópicos da ferrugem, ou seja, seus elementos reprodutores, passavam o inverno confortavelmente abrigados no Texas, como invisivel exército que goza as delícias de Cápua enquanto espera o tempo propício para atacar. Quando do sul começava a soprar o bafo quente dos ventos estivais, a aragem arrastava legiões desses esporos para o norte.

Ora, durante a epidemia daquele ano, que foi mortal para os trigais, o pequeno McFadden reparou que a ferrugem parecia deixar incólume certa casta de trigo, o *Yaroslav emmer*, que se mantinha erecto e firme enquanto em volta dele a ferrugem derrubava e aniquilava as searas em plena força da vida. A questão, porem, era que esse *emmer*, variedade de trigo rijo e fibroso, de baixo rendimento, não prestava senão para as rações do gado: e mesmo assim, era preciso moê-lo ou pô-lo de molho na água antes de o dar a comer aos porcos. Fosse como fosse, o importante, aos olhos do pequeno lavrador, era que *a ferrugem não o atacava*.

Esse fenômeno gravou-se no espírito de McFadden, e lá estava ainda quando ele, graças a uns magros dólares penosamente arrancados ao orçamento da família, conseguiu matricular-se no Colégio Estadual da Dacota do Sul, para estudar agronomia. O rapaz discutiu o caso, que tanto o preocupava, com um dos professores: não seria acaso possivel fazer o cruzamento deste trigo sem valor com outro de boa casta, como por exemplo o vigoroso *Marquis*? Talvez desse cruzamento viesse a resultar um cereal dotado da imunidade do *emmer* à ferrugem, e ao mesmo tempo com as boas qualidades de panificação e o elevado rendimento do *Marquis*... O professor achou a idéia aceitavel, e sugeriu: «Experimente, e veremos.»

Homens de ciência muito respeitaveis haviam afirmado já que a coisa nunca poderia dar resultado, pois que, segundo os princípios aceitos ao tempo pela genética o *emmer* tinha apenas 28 cromosomas, enquanto o trigo panificavel contava 42. Nessas condições, toda a progênie resultante de tal cruzamento seria esteril. Assim dizia a veneravel ciência oficial. Foi uma sorte que McFadden nunca tivesse ouvido falar em tal—alheio que estava ainda aos mistérios do cromosoma...

Resolvido a tentar a experiência, mas não dispondo de terreno para as experiências, foi ter com a dona da pensão onde se alojara, e perguntou se ela não poderia ceder-lhe um retalhinho de terra do seu quintal dos fundos; a dona cedeu, e, na primavera de 1916, McFadden semeava uma fileira de *emmer* e outra de *Marquis*. O êxito do cruzamento estava pendente dum fio, duma coincidência no tempo, sem a qual a tentativa resultaria vã: o *Marquis* dava flor muito cedo e o *emmer* só florescia tarde. Mas verificou-se por sorte um curto período de concomitância—em que um acabava de dar flor, e o outro começava.

McFadden foi à «seara» e, com umas pinças, removeu as antenas ou orgãos masculinos das flores do *emmer;* em seguida, polvilhou-as cuidadosamente com o polen que extraira das flores do *Marquis*, e embrulhou muito bem as cabeças das plantas em fino papel de seda, para protegê-las contra o perigo da fecundação casual por outros polens.

No outono seguinte verificou que o

cruzamento dera algumas sementes de desenvolvimento pouco animador. McFadden não podia então prever quais as linhas mágicas de seiva ou hereditariedade que elas continham, se algumas havia... Para o determinar, seriam precisos anos de experimentação e observação. Mas ele é que não podia esperar; a urgência da solução era para ele um caso de vida ou morte.

O ano de 1916 tinha sido o peor dos anos de que havia memória, do ponto de vista da ferrugem: a praga, marchando para o norte, foi varrendo toda a zona de trigo dos Estados Unidos, destruindo de passagem imensa quantidade de cereal. Em seguida, transpôs a fronteira do Canadá, para reduzir à bancarrota novas hostes de agricultores.

Na primavera de 1917, McFadden lançou à terra, com mil cautelas, aquele punhado de engelhadas e feias sementes, cuja aparência parecia prometer tão pouco. Daí em diante limitou-se a regá-las diariamente, observando a terra, na expectativa de ver rebentar a lâmina verde duma folhinha entre os torrões do humus. Mas as sementes pareciam obstinar-se em não deitar rebentos, e ele já começava a crer que fossem realmente estereis, segundo a palavra dos sábios, quando um belo dia uma pontinha verde espreitou do chão!

Uma só: e daquela folhinha, daquele renovo verde como a esperança, resultado dum cruzamento que os entendidos haviam afirmado impossivel, de antemão condenado ao fracasso, pendiam agora todas as suas esperanças. O pé de trigo foi crescendo, os meses passaram, e quando deu espiga foi para produzir 100 grãozinhos engelhados. Na primavera de 1918, estes grãos voltaram à terra como semente da esperança. Era em plena guerra, e no outono seguinte McFadden encontrava-se num aquartelamento militar da Costa do Pacífico. Sem ele, que seria da sua «seara»! Conforme pôde, conseguiu arrancar aos superiores a chamada «licença para colheitas», mas sem os amolar com escusados pormenores sobre a importância da sua lavoura: meia dúzia de regos de trigo com menos de quatro metros de comprimento!

Acabada que foi a guerra, o jovem experimentador regressou à vida civil, para ir ocupar um emprego do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, numa estação experimental no estado onde nascera. Mas não tardou que o Congresso, obcecado com as economias orçamentais, cortasse as verbas de pesquisa, e em 1920 McFadden viu-se forçado a retornar à fazenda.

Não há pressas nem ansiedades que possam abreviar o demorado e penoso processo de criação de novas plantas por meio de enxerto artificial; o experimentador faz sua seara, seleciona as plantas que lhe parecem promissoras, e põe de lado as que não prestam. Tão depressa está resolvido um problema, logo surge outro. Deu-se isso tambem no caso de McFadden: a nova casta de trigo era boa do ponto de vista da resistência à ferrugem; mas as primeiras colheitas mostraram-se susceptiveis ao mal ou putrefação das raizes, e produziam uma farinha morena —coisa que constitue nódoa indelevel quando se trata de trigo para panificar.

McFadden, resolvido o primeiro problema, pôs mãos à obra para solucionar os restantes. Escolheu um lote de terreno para criadeiro ou alfobre, perto da casa da fazenda, vedou-o com cercas, e instalou um laboratório (se assim pode chamar-se) na varanda dos fundos. Para montar esse laboratório tinha pedido emprestado um microscópio, uma bancada de trabalho que instalou na mesa da

cozinha, e um armário meio estragado. Dum baú velho e dum pedaço de caixilho envidraçado fez um incubador para os esporos da ferrugem.

Dominado pela idéia de que era capaz de exterminar a praga da ferrugem, lidava todas as noites até muito tarde no seu improvisado laboratório, à luz do candeeiro de querosene. Mas, enquanto estava todo absorvido nos seus trabalhos científicos de porta dos fundos, as coisas corriam de mal a peor na fazenda: a seca queimou as searas em 1921, o granizo aniquilou-as em 1922, e a ferrugem roeu-as de novo em 1923... Parecia só que um destino cruel fazia cair sobre ele todos os recursos da maldição.

McFadden viu aproximar-se a epidemia de 1923; correu aos campos para recolher nas lâminas do seu microscópio, besuntadas de vaselina, os esporos côr-de-tijolo da ferrugem, que começavam a chover imperceptivelmente sobre os trigais em plena pujança. E, tendo examinado e contado esses precursores da calamidade, foi prevenir os vizinhos de que, dentro de quinze dias, rebentaria pavorosa epidemia. Há muito tempo os lavradores da região suspeitavam que McFadden «não era lá muito certo» —um sujeito que deixava a fazenda correr à revelia, cair aos pedaços, enquanto se entretinha na varanda dos fundos a brincar com o microscópio! Tinham agora a prova: estava doido varrido. Como é que ele podia adivinhar que vinha por aí uma praga de ferrugem?

Doido ou com juizo, o certo é que a profecia se cumpriu, e em quinze dias a ferrugem estava de chegada, espraiou-se, e deu na peor das epidemias já havidas na região. Pode-se dizer que nesse ano não houve uma seara que tivesse chegado à ceifa!

Por toda parte o cereal se apresentava mirrado, retorcido, alcachinado—por toda parte, perdão: menos no viveiro experimental de McFadden! No meio daquela triste desolação de searas queimadas, moribundas, as fileiras experimentais do enxerto *emmer-Marquis* alteavam-se fortes e galhardas. A pestilência do trigo, que se desenrolava a perder de vista na planura raza de Dacota, chegada alí parecia desviar-se, rodeando a minúscula seara intacta e fertil. Era de certo modo o triunfo—mas nem por isso ajudava muito a periclitante situação financeira de McFadden.

O experimentador apelou para o Comitê Agrícola da Legislatura Estadual, pedindo verba que lhe permitisse prosseguir no trabalho, mas foi em vão: as abstrações orçamentais do momento não estão sempre de acordo com as necessidades do futuro a longo prazo... Os bancos fizeram-lhe tambem ouvidos de mercador, visto como a propriedade já estava hipotecada. Restavam-lhe apenas duas fontes, bem magras eram elas, de recursos: os trastes modestos da casa, e as apólices de seguro. E McFadden tudo isso jogou no azar duma derradeira tentativa.

Chegado o ano seguinte, 1924, o trigo do viveiro mostrava-se em condições de merecer que lhe dessem um nome apropriado, e o criador chamou-lhe *Hope*—esperança. Era um bonito nome, e assentava-lhe bem, pois com efeito esse trigo pouco mais oferecia, ainda então, do que esperanças. Sofria, esta é a verdade, de toda uma série de defeitos: produzia baixa quantidade de sementes de pouco peso; era altamente sensivel às geadas primaverís, que são a perpétua espada de Dâmocles suspensa sobre a zona de trigo dos estados nortenhos.

Não obstante, o *Hope* era refractário à ferrugem dos caules e das folhas, e a

cinco outras importantes moléstias do trigo. Apresentava 42 cromosomas por semente, que é o número normal de todos os trigos panificaveis. Queria isso dizer que, a partir de então, os geneticistas ou criadores de castas não teriam dificuldade alguma em cruzá-lo com trigos de elevado rendimento. E isso é que era de importância capital.

Se a preocupação de McFadden fosse a glória pessoal, poderia ele ter-se contentado com esses resultados. Em vez disso, remeteu cartuchinhos de semente a todos os criadores do mundo, no desejo de acelerar os trabalhos experimentais. E finalmente, em 1929, reingressou no Departamento da Agricultura, onde trabalha até hoje.

Foi só mais tarde, logo no começo da segunda grande guerra, que toda uma legião de derivados superiores do trigo *Hope*—netos do cruzamento original de McFadden—começaram a bater no mercado. Um desses trigos novos, o *Austin*, foi lançado à terra do Texas, precisamente o estado que, sendo o quartel de inverno e berço dos esporos da ferrugem, estivera até então em grande parte impedido, por essa peste abominavel, de produzir trigo. Outro derivado do *Hope* foi ocupar quase toda a zona de trigo da Califórnia. E hoje, os descendentes daquela sementinha que um dia humildemente rebentou num quintalejo prosperam numa vastíssima extensão de terras araveis dos Estados Unidos e do Canadá.

Coisa dificil seria avaliar a importância do trigo *Hope* em termos da fome humana, em termos do número de pessoas que hoje têm o que comer, somente porque McFadden teve a persistência necessária para travar uma batalha quase desesperada contra as moléstias do trigo e a inércia dos homens.

O mais curioso do caso é que McFadden não ganhou um tostão com todas essas aventuras e dores de cabeça no domínio riquíssimo do trigo. Vive hoje modestamente no Texas, onde continua travando a batalha incruenta do homem pelo pão. Produzindo melhores cereais, mais aptos a adaptar-se a clima quente, ele tem esperança de vir a eliminar duma vez para sempre a praga da ferrugem. No dia em que o Texas estiver semeado de trigos refractários a essa moléstia, os esporos que a reproduzem não terão mais onde hibernar, e então a vitória do pão será completa.

Círculo vicioso

Convidada a tocar numa reunião da Sociedade Protetora dos Animais, uma pianista passou antes pelo edifício afim de examinar o piano, encontrando-o em péssimo estado. Ajudada por uma sócia da S.P.A., abriu o instrumento, verificando que todas as tiras de feltro estavam esburacadas. E a sócia, pedindo desculpas, observou:

—São os ratos, minha filha. Não é o cúmulo? Mas, você compreende, seria hipocrisia nossa colocar ratoeiras...

—*The New Yorker*

Flagrantes da vida real

Quando eu estava experimentando uns sapatos, outro dia, um homem imensamente gordo entrou, arreou na cadeira ao meu lado seus 150 quilos, e cruzou as mãos sobre a enorme barriga. Um dos caixeiros, aproximando-se, perguntou-lhe amavelmente:

—Que deseja o senhor?

—Nada, suspirou o gorducho.—Só quero que o senhor amarre o cordão de meu sapato, por favor.

—Charles Alexander Norton

Aquela manhã o médico me avisara de que meu marido, vítima de gravíssima pneumonia, passaria pela crise decisiva nas próximas doze horas. Disse-me que estivesse preparada para o peor. Depois que saiu, sentei-me na sala de visitas. Era como se tivesse acabado de receber uma pancada na cabeça.

Olhando para fora, pela janela da frente, vi uns homens cavando a rua. Um deles, um velho baixo de ombros arreados, abaixou-se e apanhou uma florzinha azul que crescera solitária à beira da calçada. Depois de cheirá-la, colocou-a cuidadosamente na aba do chapéu rasgado. Continuou a trabalhar e, à medida que ia cavando, a pequena flor azul balançava de cima para baixo.

Quando os outros operários foram almoçar, ele abriu um pequeno embrulho, colocando ao seu lado o conteudo deste—um sanduiche e uma cebola. Tirando o chapéu, juntou as mãos e inclinou a cabeça para uma breve oração. A seguir começou a comer, desfrutando a simples refeição, sentado à beira do fosso, a balançar as pernas no espaço. Mal terminou, juntou de novo as mãos, mas desta vez contentou-se em contemplar o céu, como se estivesse em comunhão de espírito com Deus.

Eu não podia deixar de observá-lo. «Olhe bem,» disse, de mim para comigo. «Lá está um dos poucos homens realmente felizes que você jamais terá ocasião de ver.» De repente, pus-me a rir, pela primeira vez havia muitos dias. Não sei por que motivo, tive a certeza, subitamente, de que tudo correria bem. Toda aquela tarde, ao sentir a confiança abalada, voltei os olhos para a pequena flor azul que balançava a cada golpe de enxada.

Na manhã seguinte, enquanto meu marido repousava tranquilamente, depois da crise, decidí convidar o operário meu amigo desconhecido de flor no chapéu, para almoçar comigo.

Os outros lá estavam, trabalhando no fosso, mas o velho não.

Finalmente saí e perguntei por ele. Os homens ficaram em silêncio alguns segundos. Depois, um deles explicou: «Ele morreu ontem de noite. Foi atropelado por um automovel, ao voltar para casa.»

No meu quarto, chorei pelo velhinho com quem eu nunca chegara a falar e de quem nem sequer sabia o nome. Já lá se foram dez anos, e nunca pude esquecê-lo. Quando ouço alguem queixar-se inutilmente ou dar mostras de descontentamento, penso na pequena flor azul, a balouçar alegremente no chapéu rasgado de um velho operário plenamente feliz.

—Ella K. Edberg

Um rapaz, oriundo de região montanhosa, veio morar na planície e um dia foi passar as férias em outro local, onde há várias colinas. Logo ao chegar, subiu ao cume da colina mais próxima, e contemplando a paisagem que se estendia diante dele, exclamou satisfeito:

—Agora sim! Afinal achei onde encostar os olhos!

—Mary B. Thorington

Bem em frente a nós, no mercado, uma jovem, evidentemente recem-casada, confiava a uma amiga mais velha as preferências e idiossincrasias do seu maravilhoso marido. Parando diante das prateleiras de conservas, pegou uma lata de sardinhas, examinando-a alguns segundos pensativamente.

—Mas você comprou sardinhas ontem! observou a companheira.

Eu sei, respondeu a outra.—Tenho dado sardinhas a ele todo dia, durante uma semana inteira, mas, apesar disso, ainda não perdeu o gosto pela pesca!

—Zephyr Shelton

Saindo de um cinema encontrei um velho companheiro do exército, que não vira desde nossa desmobilização. Depois de trocarmos reminiscências, a conversa descambou para a vida civil.

—Quando foi que você se convenceu realmente de que estava fora do exército? perguntei-lhe.

—Só outro dia, respondeu.—Tive uma briga com o patrão, que é ranzinza como aqueles sargentos que você conhece. Mas nenhum sargento me ameaçou de me pôr para fora do exército. Quando este sujeito me pôs na rua, aí, sim, convencí-me definitivamente de que já não estava mesmo no exército.

—Richard E. Hartney

A força da sugestão

Na Universidade de Chicago, um grupo de cientistas decidiu pôr a prova a teoria segundo a qual o café provoca insônia. Uma noite deram café a algumas pessoas que seriam submetidas à experiência; na noite seguinte, à mesma hora, deram leite às mesmas pessoas. Na segunda noite, estas cairam no sono muito mais depressa do que na anterior, convencendo-se, assim, de que fora o café que as impedira de dormir imediatamente. Ignoravam, porem, que os cientistas haviam posto no leite três vezes mais cafeina do que havia no café...

—Leonard Lyons

No famoso Picadilly Circus, de Londres, andávamos um dia, eu e meus amigos, e em torno de nós víamos os mendigos costumeiros pela rua. Um deles, porem, parecia atrair mais atenção que os outros, recebendo, tambem, melhores esmolas. Aproximamo-nos do grupo onde ele se achava, cercado de transeuntes divertidos, e verificamos que o homem, levando na mão um velho e estragado bandolim, brandia-o no ar, dizendo lamentosamente: —Meus amigos, tenham pena de mim. Este instrumento é meu único ganha-pão... e não sei tocá-lo!

—J. T. Wakley

O cavalo que sempre derrubava o cavaleiro

Sam, o Cara-triste

Condensado do («Southwest Review»)

Por Fred Gipson

Era em 1938, e o povo da cidade de Refúgio, no Texas, estava-se divertindo num dos chamados «rodeos», a preços populares. Segundo o programa, não havia nada de extraordinário naquele dia; mas quando o homem do «respeitavel público» anunciou inesperadamente a exibição de potros bravos—e que «Buck West ia sair cavalgando o indomavel *Sam*—todo o mundo se agitou e pôs os olhos na pista.

Instantes depois, os tangedores trouxeram Sam para o pequeno curral de selagem; visto como alí estava, o triste sendeiro não indicava em nada ser o bicho renitente, já tão conhecido. Realmente, o velho baio estava convertido numa verdadeira *grelha*, todo comido de espora, de pelo esburacado e esfiapado como cobertor de pobre. Zambro, de cabeça volumosa, tinha a orelha direita caida para um lado. E visto assim, com aquele seu ar de desânimo, compreendia-se o motivo do apodo de Sam, o Cara-triste, que havia dezessete anos o povo lhe pusera...

Nas arquibancadas, um vaqueiro velhote, que tinha vindo das bandas do Rio de las Nueces, chamou a atenção de um amigo seu, de cara encardida, batendo-lhe nas pernas:—Desta vez o Buck West pegou um cavalo que lhe vai dar trabalho. Aposto que ele atira o cavaleiro, como uma bola, no estrado dos juizes!

Há dez anos, podia ser, disse o outro com ar de incrédulo.—Hoje, a coisa é outra; Buck lhe dará volta. Não vê que o cavalo está velho demais—e, alem disso, cansado de puxar carroça nos campos de petróleo?

—É, está bem acabado, concordou o vaqueiro.—Disseram-me que já tem vinte e um anos no costado, e ainda ontem um dos rapazes foi tirá-lo do trabalho para esta exibição. Mesmo assim, você preste atenção: ele vai atirar com o Buck a um dos sete cornos da lua!

De cima dos varais do curral, o West, cauteloso, atirou a sela de vaqueiro sobre o lombo de Sam, que nem se mexeu. Qualquer outro cavalo, não acostumado à sela, teria dado de quartos, ou então, quando o traziam para o curral, teria lutado desesperadamente, upando, querendo saltar a cerca; mas o Sam nem sequer tentara forçar os varais do corredor de cerca por onde o homem o trouxera.

O guapo ginete aproximou-se do cavalo, com jeito, montando-o. Para surpresa sua, o Sam não se moveu. West, mais confiante, fez gingar a sela, para verificar se estava bem firme, e aí deu um sinal ao homem da porteira, para que o deixasse sair.

Surgindo em cena, o animal deu umas upas, bufando e rugindo como um leão enraivecido. Não fez nenhum «passo de dansa», nem se deitou amuado, sem querer andar, como fazem outros. O velho cavalo tãopouco procurou com um pincho atirar o cavaleiro fora da sela. Esperava um pouco, porque o seu sistema consistia em upas e pinotes repetidos, daqueles que matam um cristão a bater contra o duro da sela.

De feito, no quinto pinote, já o Buck West tinha perdido o aprumo, e Sam se derramou aos saltos pela arena, até que o cavaleiro, de todo descontrolado, bateu com a cabeça num dos mastros do embandeiramento do pátio.

Os ajudantes da arena correram, para cortar as correias do arreio que ligavam o homem ao cavalo, antes que o cavaleiro, sem sentidos, fosse arrastado até a morte. Mas o animal, longe de fazer mais estropícios postou-se alí, a dois passos do homem caido, olhando para ele com ar de grande tristeza e preocupação, como se estivesse arrependido de haver contribuido para tão violenta queda. Isso parecia provar que ele não tinha afinal instinto de assassino...

West foi levado num carro para o hospital; e, nas arquibancadas, o vaqueiro de las Nueces, chegando-se ao amigo, comentou:—Não lhe dizia? Homessa! Se é preciso um sujeito ser bom cavaleiro, para não cair de cima da cerca, vendo os pinotes de Sam, quanto mais montá-lo!

A primeira vez que alguem deu atenção a Sam, foi em 1921, quando W.T. Johnson, comprador de potros bravos para os grandes «rodeos» americanos, esteve em Forth Worth à procura de animais para a próxima temporada. Johnson já trazia um lote de trinta animais, bichos maus, inimigos da sela, e perversos como o diabo!

Era costume de Johnson mandar seus rapazes montar esses potros bravos, um a um, mas deviam saltar da sela assim que os bichos começassem a upar e espinotear com desespero. Esse método, dizia Johnson, dava ao cavalo a sensação de haver atirado fora o cavaleiro, cada vez que um deles o montava. Mais tarde, quando era exibido na arena de um «rodeo», um potro assim treinado, punha todo o esforço nos saltos, afim de derrubar o cavaleiro. Mas, o primeiro dos rapazes de Johnson que montou um cavalo grandote, de seus quatro anos, baio e enfezado, nunca pôde levar a cabo tal sistema, de saltar da sela, pois o bicho, mais espiritado do que nenhum, com três ou quatro upas e guinadas, atirou o cavaleiro pelos ares, antes que ele tivesse tempo de pensar no que devia fazer.

Foi assim que Sam entrou para o «rodeo» e fez naquele ano a turnê com a companhia. Ninguem lhe prestou atenção especial. Era apenas outro cavalo do «rodeo», um pouco mais feio que os demais, e, por isso, talvez mais cômico. Mas, muito breve, fez-se o favorito do pessoal da selagem. Qualquer deles podia entrar no curral cheio de cavalos de maus bofes, e ir diretamente aonde o Sam estava. Até, às vezes, ele ajudava a acantonar os outros. Ah, mas no momento em que o cavaleiro lhe passasse a perna, montando-o, o bicho virava uma tempestade de coices e pinchos, e, com todas as sanhas de Belzebú, o atirava pelos ares, como um manipanço.

Na segunda temporada, já o cavalo tinha adquirido fama entre os ginetes do «rodeo», que ninguem conseguia ficar em cima dele até que soasse o apito final de cada exibição. E o público, igualmente, já tinha sua predileção pelo bucé-

falo irredutivel. Os torcedores gostavam tambem da maneira por que o cavalo deixava com calma o cavaleiro se firmar bem na sela, antes que ele, com suas upas, o mandasse morder o pó das arenas. Arrancava aplausos das gentes com o seu escoucear danado, ao sair do curral. Mas, o melhor da festa era aquele jeitão de tristeza, o remorso do cavalo ao olhar o seu cavaleiro estendido no chão...

Os ginetes montavam Sam, mas sabiam que com ele a coisa era diferente, pois, quando tocava a um deles montá-lo, já era sabido que não haveria nenhum prêmio com a exibição.

Pete Knight, que foi campeão mundial dos amansadores de potros bravos, montou Sam nas cavalhadas de «rodeo» em Nova York, Boston e Chicago. Pete era forte como um Hércules. Costumava enganchar um dedo na cimeira de uma porta e suspender-se a beijar o batente três vezes. Em questões de montar a cavalo, parece que já tinha nascido escarranchado numa sela. Mas mesmo o Pete não conseguia vitória—nem dinheiro—quando lhe tocava cavalgar o Sam...

Os anos, porem, modificam um cavalo—como as pessoas—e, em 1930, Sam deu em não mais espinotear nas exibições à noite. A intensa iluminação parece que o aturdia. Entretanto, durante o dia, quem quer que o montasse, ia parar longe! Acontecia, no entanto, que mais e mais os grandes espetáculos equestres eram apresentados de noite, e isso reduziu o velho animal a ínfima categoria.

Johnson vendeu-o a dois criadores irmãos, que o puseram a trabalhar de rijo, num campo petrolífero. Não obstante o seu passado, de *bamba* das cavalhadas, nunca reagiu contra o trabalho. No começo, é certo, ainda se agastou um pouco com as selas; mas logo se acomodou ao rojão do ofício.

Certa tarde, quando os trabalhadores se recolhiam do serviço, o garoto encarregado dos animais ia sentado de banda no costado de Sam. Um dos donos apareceu à porta do escritório, e exclamou:—Você não sabe que não pode montar esse cavalo?

Sei, sim, senhor, disse o menino.—Mas é que ele e eu já nos entendemos. Eu não me escancho nele e nem ele espinoteia para me atirar no chão.

Vendo o menino a levar calmamente o cavalo para a cocheira, o dono começou a pensar se o baio já teria perdido toda a sua antiga têmpera. Naquela noite, conversando com o irmão, resolveram organizar um pequeno «rodeo» para a diversão do pessoal, no domingo. Na região havia inúmeras fazendas de criação, cheias de vaqueiros e tangedores, gente que montava em qualquer cavalo, por bravo que fosse, só pelo gosto de ver se se mantinha sem cair. Um «rodeo», alí, não só traria boa diversão ao pessoal dos poços de petróleo, como até renderia algum dinheiro.

De qualquer maneira, pois, aquele espetáculo, a preços populares, foi um êxito. Cada um dos ginetes, que se aventuraram a cavalgar o Sam, deu com o costado no chão, alguns dentro da arena e outros sendo atirados fora da cerca. Depois disso, os irmãos apresentaram «rodeos», durante vários anos. Mantinham o animal no trabalho costumeiro, durante a semana, e no domingo ia ele para a arena. Em todos esses espetáculos, ninguem jamais conseguiu manter-se em cima do cavalo baio até o fim do tempo.

EM 1940, dois anos depois que o Caratriste tinha mandado Buck West da arena de Refúgio para o hospital, certo Reagan organizou outro «rodeo», e foi pedir emprestado o velho baio. Contava

ele então 23 anos de idade, apresentando pelo corpo, aquí e alí, manchas de pelo branco e outras, provenientes de pisaduras do trabalho, completamente peladas de cabelo...

Mas, arrastado e decrépito como se achava, os rapazes que se iam exibir logo o reconheceram. E não seria mesmo vergonhoso, para um bom cavaleiro, que um calhambeque daqueles conseguisse desmontá-lo diante do povo? Os rapazes foram ter com Reagan. «Olhe aquí, Reagan,» disse o chefe do grupo, «se você não retira essa azêmola do programa, nós não participaremos da festa.»

Assim, como não se pode dar um «rodeo» sem ter quem monte os cavalos, Sam teve que ser retirado do programa.

Depois desse incidente, os irmãos juraram que nunca mais poriam o baio a trabalhar no campo. Um cavalo que, aos 23 anos de idade, ainda consegue meter medo a uma turma de vaqueiros e corredores de «rodeo», é uma espécie de herói, o *bamba* das cavalhadas, e merece ser aposentado com todas as honras. De fato, o velho baio foi mandado para uma fazenda de criação, onde ficou solto no pasto.

E alí, naquele recanto do sertão do Texas, onde o capim gordo crescia alto, a água era fresca, e as sombras das árvores convidavam ao repouso, Sam viveu boa vida, até 1944. Um dia, um empregado da fazenda foi à cidade falar ao patrão: «Creio que agora os vaqueiros aquí da zona já podem descansar, porque o Sam esticou a canela hoje... »

Com efeito, o velho herói dos «rodeos» tinha ido ao areal do riacho, para se espojar ao sol, e morrera ao dar a primeira volta.

E ainda hoje nenhum vaqueiro dalí quer confessar que ninguem jamais se aprumou em cima do Sam. Mas nenhum deles é capaz de apontar um vaqueiro que o tivesse montado, e se mantivesse na sela até o fim do espetáculo...

Piadas americanas

A MOCINHA de rosto meigo, voltando de um encontro com o namorado tem uma expressão fatigada, e observa à amiga: «Por mais que os jornais digam, essa história de resistência passiva não adianta nada!»

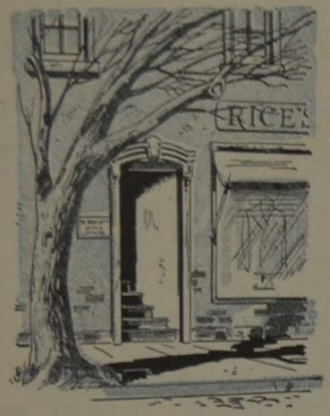
—Richter, *King Features Syndicate*

CUMPRIMENTANDO o padre após a missa, uma senhora comentou: «Que sermão bonito! Tudo que o sr. disse se aplica a minhas amigas!»

—Robert Hoyt, no *Redbook*

UMA senhora, falando ao comissário de polícia: «Eu estava guiando o automovel, com meu marido ao volante...»

—Soriano, no *Saturday Evening Post*



Dr. Brackett

(*Condensado de «In Our Town»*)

Por Damon Runyon

EXCELENTE homem, o doutor Brackett. Era, em nossa cidadezinha natal, o médico mais procurado; no entanto, ganhava menos que os outros, pois, em geral, seus doentes eram justamente aqueles que não podiam pagar.

Não raro, deixava sua cama na mais fria das noites, para ir ajudar um parto a dez léguas dalí, ou cuidar de algum pobre diabo que tivesse sofrido qualquer acidente.

Todo o mundo conhecia o consultório do dr. Brackett, no sobrado, em cima do armazem. Havia uma escada estreita, e ao pé desta, na parede, estava afixada uma placa onde se viam, escritas grosseiramente, as palavras: «Dr. Brackett—lá em cima.»

O médico era solteirão. Há muitos anos fora noivo da Elvira Cromwell, filha do banqueiro, mas no dia do casamento chamaram-no para ver uma criancinha mexicana, e largou tudo. Elvira, toda ofendida, rompeu o noivado, e não quis mais saber dele, alegando que um homem como esse, capaz de faltar ao casamento por causa duma criança, não prestava para marido. As mulheres da localidade concordaram com a Elvira, mas os pais do garoto doente, que sarou por completo, encheram-se, como era de esperar, de profundo gratidão pelo seu benfeitor.

Durante 40 anos, os enfermos e aleijados, os cegos e todos os sofredores subiram as escadas que levavam ao seu consultório; e o doutor nunca deixou de atender a ninguem.

Viveu até os 70 anos, e lá um dia, de repente, caiu morto no sofá do consultório. Foi um dos enterros mais importantes da cidadezinha. Todos os moradores compareceram para chorar o seu amigo.

Falou-se em abrir subscrição para dar uma sepultura condigna ao dr. Brackett. Chegou-se até a discutir sobre o epitáfio, mas, como acontece frequentemente nesses casos, a conversa foi esmorecendo, e ficou por isso mesmo.

Mas um dia o coveiro espalhou a notícia de que já havia uma pedra sobre o túmulo do dr. Brackett, com epitáfio e tudo. Disse ele, mais, que os pais daquela criança mexicana, salva pelo doutor anos atrás, não se conformavam com o fato de não haver uma sepultura decente para o médico. Não tinham dinheiro, coitados, mas ocorreu-lhes uma idéia: foram buscar a placa do consultório do doutor, e a puseram sobre a tumba.

E aí ficou o aviso: «Dr. Brackett—lá em cima.»

Por ser um remédio, não deixa, às vezes, de oferecer perigo

Quarentena
PARA DROGAS PERIGOSAS

Por William La Varre

TRÊS REPARTIÇÕES federais protegem, permanentemente, o povo dos Estados Unidos contra remédios falsificados. O Departamento dos Correios mantem-se vigilante contra a remessa nem só de produtos terapêuticos condenados como tambem do respectivo material de propaganda; o Departamento de Saude Pública inspeciona, com regularidade, os balcões das farmácias e os despachos inter-estaduais à procura de remédios adulterados, sem garantia ou apresentando marcas trocadas; e a Comissão Federal de Comércio passa em revista constantemente os anúncios de jornais, revistas e rádio.

Mas, quando uma senhora humilde, no Perú por exemplo, vai à farmácia em busca de um vidro de «Mendaco» para acalmar a violenta tosse do filho, a história é outra. O fato de «Mendaco» ser um produto importado dos Estados Unidos inspira-lhe confiança. Mas, na verdade, isso não constitue nenhuma garantia, pois não há vigilância, por parte desse país sobre os produtos exportados.

Nos Estados Unidos, «Mendaco» leva um rótulo com o aviso de que não deve ser ministrado a crianças menores de dez anos e a tuberculosos, porque a Saude Pública americana descobriu que faz parte de sua fórmula o iodureto de potássio. Esse aviso, porem, não chega ao conhecimento dos milhões de criaturas crédulas que residem em vários paises.

O decreto federal, dos Estados Unidos, de junho de 1939, sobre alimentação, drogas e artigos de toalete, dispõe: «Qualquer alimento, remédio, nova fórmula ou artigo para toalete destinado à exportação não deve ser condenado por estar adulterado ou com as marcas falsificadas, de acordo com o presente decreto, (1) se corresponder às especificações do comprador estrangeiro; (2) se não colidir com as leis do país a que se destinar e (3) se levar uma etiqueta, no lado externo do envólucro, indicando que é destinado à exportação.»

Em virtude de tais evasivas, dúzias de preparados interditados nos Estados Unidos, são vendidos a estrangeiros desprevenidos.

A exportação de medicamentos e fórmulas médicas constitue um grande negócio—avultando, em média, em 27 milhões de dólares por ano, sem contar a penicilina. E tende a aumentar, agora que a Alemanha, a Itália e o Japão deixaram de concorrer. Muito charlatão,

impossibilitado de expandir seus lucros abertamente nos Estados Unidos, transpôs a fronteira para abocanhar um pedaço do rico mercado estrangeiro. Infelizmente, alem de uma multidão de pequenos impostores, que se dizem «institutos» de saude ou «laboratórios» médicos, alguns grandes fabricantes de medicamentos estão envolvidos na produção de falsas drogas para exportação.

Consideremos, por exemplo, a ética do negócio: um grande fabricante de medicamentos dos Estados Unidos forneceu penicilina, sob contrato, ao Exército e à Marinha deste país. Os inspetores federais rejeitaram grande carregamento; estava deteriorado, podia ser mortal. Um dos diretores da companhia, porem, recusou-se a condená-lo. Em vez disso, apôs-lhe a etiqueta «Exclusivamente para Exportação», e embarcou-o para a América do Sul, onde foi comprado a altos preços por médicos e hospitais.

«Não há lei alguma que nos permita multá-lo ou encarcerá-lo, tal como aconteceria se tivesse vendido essa penicilina nos Estados Unidos,» explicou-nos um funcionário indignado.

Os Estados Unidos são responsaveis por 90 por cento da produção mundial de penicilina, e as exportações sobem fantasticamente: as companhias americanas tiraram licenças para exportar valor equivalente a 3 milhões de dólares em março e dez milhões, em julho de 1946. Prossegue o mesmo funcionário: «É preciso preservar o prestígio dos produtos americanos por meio de leis que impeçam as pessoas deshonestas de exportar qualquer droga ou fórmula médica que não preencha os requisitos para distribuição nos Estados Unidos.»

Os inspetores federais devolveram a um grande fabricante um carregamento de 45.300 pacotes de ataduras, que não fora devidamente esterilizado e se achava contaminado. O fabricante pregou etiquetas de «Exclusivamente para Exportação» nos pacotes rejeitados e embarcou-os, por custo superior ao preço oficial de tabela, para agentes seus na América Latina.

Há um industrial de Chicago que fabrica perigoso provocador de abortos, muito capaz de produzir consequências fatais. Impedido de vender o produto nos Estados Unidos, substituiu os rótulos ingleses por outros em espanhol, e está fazendo fortuna na América Central e do Sul. Seu único concorrente nesse setor é uma mulher no Minesota, recentemente proibida de anunciar ou vender preparado semelhante nos Estados Unidos.

O tablete de «vitamina contra cabelos grisalhos», que se destinava a «restaurar a côr primitiva do cabelo grisalho», não pode mais assim ser anunciado nos Estados Unidos. É vedado, porem, ao governo americano impedir o seu fabrico, «só para fins de exportação», ou proibir que seja anunciado no estrangeiro.

Durante a guerra, Nova York, Nova Orleãs e Los Angeles tornaram-se grandes centros de fabricação de produtos alterados para exportação. Os inspetores federais continuam a recolher provas contra exportadores inescrupulosos. Mas tudo quanto podem fazer atualmente é procurar evitar que alguma das panacéias resvale para o comércio interno.

A Companhia Knox, uma das principais exportadores de fórmulas farmacêuticas, produz cerca de vinte medicamentos e gasta pequena fortuna por mês, em cada um dos vários importantes jornais latino-americanos, anunciando as vantagens de cada produto «no armário de remédios da família». Entre esses produtos estão «Mendaco» e «Cystex», anunciados como remédios eficazes contra perturbações dos rins e da bexiga; «Formode», indicado como terapêutica segura e científica para emagrecer, usada pelas artistas de cinema; «Vi-Tabs», tambem sob o rótulo de «Vark» restaurador da vitalidade masculina; «Hynox», remédio contra a alta pressão arterial, dores cardíacas, tonteiras, dores de cabeça; e «Rogena», contra perturbações da próstata, «uma garantia positiva para liquidar os seus sofrimentos». Os inspetores federais de medicamentos, nos Estados Unidos, afirmam que essas drogas são espúrias, e enganosas as vantagens apregoadas pela respectiva propaganda.

Um exportador americano, que anunciava largamente «Ceregen» como remédio contendo quinino e outros ingredientes, «tônico eficaz para o sangue e para o cérebro», restaurador da «energia física e da vitalidade,» «auxiliando os convalescentes depois de doença séria», vende, anualmente, cinco milhões de vidros para a América Latina. Segundo relatório dos fiscais americanos, a droga não contem quinino, e seu principal ingrediente terapêutico é alcool, a onze por cento.

Os inspetores do Departamento de Saude Pública de Nova York apreenderam 14.688 garrafas de «Ceregen», num armazem dessa cidade, e embargaram sua venda dentro de Nova York e a distribuição do produto a partir desse centro. Os inspetores tambem destruiram 18.300 caixas de outras drogas falsificadas, 700 mil bulas, 385 mil rótulos e 490 mil pacotes, tudo destinado a exportação para a América Latina.

Israel Weinstein, Diretor da Saude Pública de Nova York, declara: «A reabertura de mercados estrangeiros tem servido como incentivo para inescrupulosos fabricantes de medicamentos. Os que se estabeleceram em Nova York preparem-se para uma surpresa. Não permitirei aquí a presença de drogas falsificadas destinadas à exportação, da mesma maneira que o seu consumo é vedado neste país.»

O Código Sanitário da cidade permite ao Departamento de Saude Pública apreender drogas com rótulos trocados, e não dá vaza à exportação. Um dos produtores recorreu à justiça, reclamando a restituição das drogas, rótulos e material de propaganda embargados, sob a alegação de que a cidade de Nova York tem de cingir-se à isenção federal; mas a Suprema Corte de Nova York apoiou a autoridade local.

As autoridades federais têm opiniões várias sobre as providências a tomar para acabar com a exportação de drogas fraudulentas. Uma das sugestões consiste em sugerir ao Congresso que acrescente um simples parágrafo ao decreto de regulamentação de medicamentos: «Qualquer alimento, fórmula ou artigo para toalete destinado à exportação será condenado se estiver adulterado ou com rótulos trocados, de acordo com este decreto, se colidir com a regulamentação que governa a sua distribuição e venda nos Estados Unidos, e tal artigo não pode ser vendido ou oferecido dentro ou fora dos limites dos Estados Unidos.»

Outras autoridades pensam que o comércio mundial de medicamentos e fórmulas devia ser colocado sob o controle das Nações Unidas. Para o Continente Americano já existe uma organização que tentou, sem nenhuma autoridade coativa, conseguir serviços médicos aperfeiçoados para todas as vinte e uma nações do hemisfério; trata-se da Repartição Sanitária Panamericana.

O dr. Eugenio Suarez, delegado chileno à Comissão, salienta que é «contris-

tadora a confusão» na América Latina quando um medicamento, aprovado pelo governo americano, é enviado ao estrangeiro com rótulos inteiramente diversos e com um anúncio falso ou deshonesto. Deveria haver, pensa ele, um tratado inter-americano que estabelecesse restrições recíprocas na produção, rótulos e anúncios para exportação ou importação.

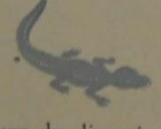
«As repúblicas menores não se podem permitir a manutenção de grandes laboratórios para a análise dos medicamentos importados,» explicou o dr. Oscar Vargas, inspetor de Saude de Costa Rica, aos delegados Pan-Americanos à Conferência Mundial de Saude, na Cidade de Nova York. «Acarreta tamanho encargo para nossas finanças, que teríamos de declarar taxas alfandegárias proibitivas afim de recolher a necessária renda, e isso, em troca, redundaria numa sobrecarga injusta, a recair sobre os exportadores americanos de medicamentos de boa qualidade, fabricantes tais como Squibb, Abbott, Eli Lilly, Parke Davis, Sharp & Dohme e muitos outros.»

Conhecido charlatão, acusado de entreter um negócio postal fraudulento com a América do Sul, levou uma Bíblia ao banco das testemunhas e declarou: «O Deuteronômio diz que não é pecado, —é legal!» Abriu o livro e leu (Deut. XIV—21) «Não deves comer nada que te faça mal: dá-o ao estranho que bater a tua porta para que ele o coma; ou vende-o a um estrangeiro...»

Vender aos estrangeiros o que não ousamos comer pode, realmente, ter sido a causa que persuadiu o Congresso Americano a inserir a cláusula 801 (d) no decreto sobre alimentos e drogas. Os arquivos revelam que alguns representantes de uma companhia de frutas secas da Califórnia compareceram perante à Comissão do Congresso que elaborou o decreto e persuadiu-a de que seria honesto exportar fruta seca, condenada pelos regulamentos internos sanitários e de fiscalização de alimentos.

O dr. Juan Manuel Fiallos é o delegado de Honduras à Repartição Sanitária Panamericana. «Aindá hà alguns curandeiros primitivos nas selvas da América Central,» diz ele. «Misturam poções de gosto amargo e fabricam feitiço contra o mau olhado. Alguns dos nossos índios bebem essa panacéia ou esfregam-na no corpo e pensam que estão curados. Certos medicamentos que chegam hoje em dia às prateleiras das nossas farmácias, provenientes da América do Norte, são ainda mais daninhos do que o infuso de pó de osso do curandeiro da selva.»

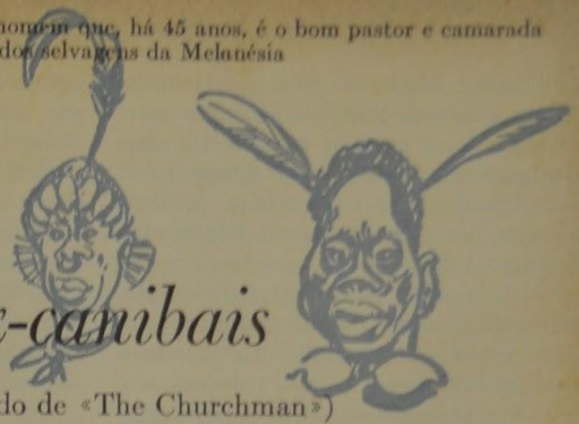
Nenhuma outra nação possue padrões sanitários tão elevados quanto os dos Estados Unidos. Aí existem centenas de fabricantes idôneos que, com os seus rótulos corretos, podem exportar medicamentos e manter o seu prestígio em qualquer parte. Do mesmo modo que os farmacêuticos, os hospitais e os consumidores latino-americanos, eles precisam de proteção contra os que desacreditam a marca: «Fabricado nos Estados Unidos.»



DOMINE sua irritação. Em vez de discutir com um interlocutor irascivel, dê-lhe uma resposta suave. Alem de ser conselho dado pela Sagrada Escritura, tem a vantagem de enfurecê-lo ainda mais...

—Anônimo, citado em *Woman's Home Companion*

A carreira obscura e gloriosa do homem que, há 45 anos, é o bom pastor e camarada de tribo dos selvagens da Melanésia



Hari Pogo e seus ex-canibais

(Condensado de «The Churchman»)

Por Tom Ham

CERTO DIA, em 1944, nosso destroier lançou ferros na enseada duma ilhota do arquipélago de Salomão, e foi então que, pela primeira vez, ouví falar de Hari Pogo, o erudito missionário que há muito vive e trabalha entre os selvagens melanésios. Logo me ocorreu que seria interessante fazer-lhe uma visita, e se bem o pensei melhor o fiz: fui procurá-lo na humilde choupana onde ele mora, à beira da selva; ao aproximar-me, avistei, pelo vão da porta aberta, um homenzinho de corpo delgado mas nodoso e rijo, em cuja fisionomia se liam traços de ascetismo. A simplicidade de sua indumentária—que constava, ao todo, de um par de calções do exército australiano, e de um par de sapatos de soldado americano—permitiu-me ver de relance que as febres haviam queimado e roido a maior parte da carne que em tempos lhe devia ter vestido os ossos. Ele mirou-me por cima dos óculos de vidro grosso, remendados com cordéis, e disse cordialmente: «Entre aquí, meu filho. Eu estava trabalhando no meu dicionário.»

A única peça da choupana apresentava esplêndida e caraterística desordem. Os trastes eram, ao todo, um catre de lona de estilo militar, duas cadeiras vetustas e uma mesa raquítica onde se empilhavam, a grande altura, jornais australianos e neo-zelandeses, já velhos. Em cima de um caixote, salvo das águas, via-se um tabuleiro de xadrez coberto de pó; reparei que lhe faltava um dos cavalos negros, e que este fora substituido pela tampa de metal duma garrafa de cerveja.

Declinei minha identidade, e pusemo-nos a conversar, conversa, aliás, que durou o resto do dia! Enrolando os cigarros nos dedos, ele foi-me contando, na sua voz calma e macia, o que tinham sido aqueles 45 anos de existência entre os indígenas, participando da ração tribal de larvas, gafanhotos e doce de côco,—aquele quase meio-século de combate permanente à ignorância, ao canibalismo e às moléstias.

Missionário, linguista, lexicógrafo e bom pastor dos melanésios,—tudo isso, e mais alguma coisa, é o incrivel indivíduo a quem os naturais apelidaram de *Hari Pogo*. Seu nome real é Charles Elliott Fox, que me apresso a exornar dos títulos de Doutor em Letras e Mestre de Artes, há longos anos conferidos ao nosso missionário pela Universidade da Nova Zelândia.

Muito moço ainda, Charles Fox renunciou aos confortos e requintes da

civilização, para envergar o hábito duma ordem obscura; fez voto de pobreza e abstinência, e arribou a uma das ilhas canibalescas da Oceania, ao tempo quase completamente desconhecidas, levando consigo, por único arrimo e defesa, uma mensagem de puro amor.

Os melanésios são uma raça de homens vigorosos, de aparência bastante ameaçadora. Quase todos se tatuam de maneira assaz rudimentar, na face e no peito, e adornam-se com colares feitos de presas de cachorro—quando não de dentes humanos... Tingem, ou melhor, descoloram a emaranhada e rija cabeleira que lhes reveste a cabeçorra, com a água oxigenada adquirida por meio de troca aos marujos que por alí aproam. Encontrar pela frente um destes selvagens, ao virar dum trilho da selva—a imensa cabeça côr de fogo, a bocarra escorrendo a cuspinheira vermelha da noz de betel—é uma das poucas coisas que ainda podem «gelar o sangue nas veias» a um mortal vindo de outras paragens.

Charles Fox, entretanto, soube conquistar a amizade dos melanésios, porque se habituou a viver entre eles e como se fosse da família. Desarmado e sem assistência, os naturais e amigos duma ilhota vizinha conduziram-no, a seu pedido, até à ilha de S. Cristovão, de há muito conhecida como dos «caçadores de cabeças». Desembarcaram-no em terra pela calada da noite escura, e fizeram-se ao largo a toda a pressa, pois, nesse tempo, homem que por alí se aventurasse, sabia ser candidato a figurar numa coleção de caveiras humanas! Fox levava consigo toda a sua bagagem: uma valise de remédios e provisões. De sorriso nos lábios, sozinho e nas trevas, pôs-se a caminho do coração da tribo mais ferozmente canibalesca de toda a Oceania.

Bastou-me olhar esse homem para compreender logo, em parte, as razões por que ele escapara com vida à sua temerária aventura: lê-se-lhe no rosto a gentileza de espírito, a cordialidade humana, e uma profunda compaixão. Mas é muito outra, e nem admira, a explicação que ele próprio, rindo, dá do fato:

«Nesse tempo, eu era um feixe de ossos. Estes coitados não viram no meu esqueleto nem uma lasca de carne capaz de fazer água na boca de ninguem...»

De começo, o estranho rapaz de pele branca foi o alvo da curiosidade da aldeia. Depois, com o hábito e o convívio, foi-se quase tornando o «ai-Jesús» daquela gente. Um dos anciãos da tribo o ajudou a erguer uma cabana, e pouco a pouco o forasteiro ganhou o acolhimento dos naturais.

Embora não tivesse preparo médico, Fox adquirira certos conhecimentos indispensaveis de medicina tropical, que lhe foram de incalculavel utilidade entre aquela gente. Quando algum adoecia, o missionário, sem alarde, ia sentar-se à cabeceira do enfermo, refrescava-lhe com as mãos a testa ardente de febre, e ministrava-lhe as poucas mezinhas que trouxera consigo. Os pacientes em geral reagiam bem, com vigor e boa vontade, e a saude depressa lhes voltava.

Isso continuou assim por muito tempo, e só bastante mais tarde é que ele ousou assumir as funções de pregador. Entretanto, foi-lhe preciso aprender o dialeto particular de cada uma das ilhas, e impor-se ao respeito dos feiticeiros-médicos, fazendo-se passar por seu aliado, em vez de lhes deixar sentir que era um concorrente.

Essa existência impunha-lhe a obrigação de dormir entre selvagens nus, sobre rudes esteiras tecidas de ervas, que eles desenrolavam no chão de terra batida das suas palhoças. Representava tambem a

necessidade de colaborar com eles no cultivo de suas roças de inhames, trabalhosamente recortadas em plena selva. E comer lagartas, besouros e bolbos, e viver no meio da imundície, de maneira a poder mostrar pelo exemplo e pela ação —devagar mas com sutileza—o caminho da vida asseada e mais saudavel. Isso implicava tambem ter de assistir às dansas e cerimônias pagãs da tribo, em honra de deuses tão ciosos como ferozes, antes que conseguisse ao menos iniciá-los, em marcha vagarosa e titubeante, na compreensão de que existe «um Rei que está acima de todos os deuses»...

Lentamente, pelo exemplo, Fox foi-lhes abrindo acesso a uma existência melhor e mais regrada. À maneira de assoalho, assentou dentro da sua própria cabana uma plataforma de bambús; os indígenas o imitaram, e hoje o assoalho é alí parte indispensavel de todas as cabanas. O missionário tomava banho com frequência, e eles, sem bem saberem porque, seguiam-lhe o exemplo. Graças a isso, a incidência das moléstias de pele decresceu muito. Fox iniciou-os tambem na utilização de novos gêneros alimentícios, com o fim de tornar mais variada e rica a parca dieta dos naturais.

No curso dessa longa e penosa, mas alegre missão, Fox já sofreu mais de cem ataques de malária; padeceu de quanta moléstia tropical a que a pele humana é suscetivel. Chegou mesmo a contrair voluntariamente algumas doenças, pois de outro modo (nas suas próprias palavras), «como é que eu poderia aliviar as dores dum padecente, se eu mesmo não sabia o que elas eram?» E continuou, com sua brandura de expressão: «Só mesmo tratando as doenças no meu próprio corpo, é que podia fazer as experiências que me permitissem encontrar a cura... »

Por essa razão Fox deixou certo dia uma «mosca da selva» pousar numa pequena ferida, na própria perna, sabendo de antemão que isso lhe causaria uma «úlcera da selva», grande chaga aberta que rói a carne até o osso. Foi assim que ele voluntariamente expôs um braço à picada da maligna centopéia—mas para essa, infelizmente, não conseguiu achar o tratamento! «Quando uma centopéia me morde, agora, confessa, atiro-me para cima do catre o mais depressa que posso, pois já sei que me esperam 18 horas de dores cruciantes. Dou corda ao relógio, enrolo dezoito cigarros, e deito-me. Fumo um cigarro por hora, até que a tortura se acabe, e a perna ou braço mordido desinche e volte ao seu volume normal.»

A própria alcunha de Hari Pogo tem origem nos inúmeros ataques de febre que ele tem sofrido: essas palavras significam «aquele que jaz de cara no chão». Seus «filhos» negros lhe deram o apelido, depois de o terem ido encontrar repetidas vezes caido nalgum atalho da selva, inconciente ou sacudido pelos tremores atrozes da maleita.

O missionário falava-me, depois, das práticas de bruxedo e magia negra a que tem assistido, e para as quais não encontra explicação. Entre outras coisas, contou-me que viu um «fazedor de dinheiro», de pé na praia, completamente nu diante duma fogueira cerimonial, sacudindo dinheiro, isto é, conchas que passam por pecúnia, da palma das mãos vazias... Estava tambem presente quando a tribo de S. Cristovão procedeu à cremação do chefe sobre uma pira funerária, e viu o fogo devorar interiormente o cadaver, tornando-o oco como a carcassa duma larva, mas sem sequer lhe chamuscar a epiderme!

Outra experiência macabra que o

«Paizinho Branco» nunca há-de esquecer enquanto vivo for, é a visita que fez em canoa à «Laguna dos Mortos», onde os naturais sepultam os seus defuntos, atando-os de modo a ficarem sentados; põem-lhes uma espécie de lastro e colocam-nos em círculo, como nos conselhos tribais, no fundo coralino duma enseada de águas límpidas como o cristal. Uma vez por ano os habitantes da ilha metem-se nas canoas finamente entalhadas, remam mar em fora, e vão prestar homenagem aos seus mortos. Quando se olha para dentro da água, diz ele, tem-se a impressão de que os defuntos, sentados em roda, balançam o corpo para diante e para trás, e parecem até gesticular como quem conversa... O que o missionário não sabe explicar é por que razão os cadáveres duram tanto, metidos na água, e o que é que mantem os peixes a distância.

Hari Pogo não é um reformador dogmático e intransigente. Assim, por exemplo, não vê inconveniente em que as mulheres indígenas andem apenas de tanga, ou mesmo à feição de Eva no paraiso; diz ele que quanto mais roupa usam, maior é o número das doenças de pele que contraem. Ao falar-lhe na lenda segundo a qual as mulheres da região, quando os soldados americanos lhes oferecem camisolas de malha para cobrirem as suas vastas rotundidades, recortam dois buracos no peito das mesmas para torná-las mais desafogadas, ele sorriu. Sabe que os homens da tribo dispõem de processos especiais para arrefecer os impulsos de promiscuidade, embora já hoje não seja tão corrente a violência com que outrora eram punidos os adúlteros, condenados à morte por empalação ou crivados de lançadas. No entanto, tem-se esforçado por fazê-los desistir do costume de emprestar a esposa ao amigo ou forasteiro, prova suprema de hospitalidade.

Nos 45 anos de vida passados na selva, Hari Pogo assistiu à extinção progressiva do canibalismo. Nisso ele tomou parte ativa. Mas, se pregou contra os hábitos canibalescos, não pôs menos fervor em preservar os costumes saudaveis dos melanésios, como no que se refere à prevenção da discórdia no seio das tribos. Esse costume é digno de registo: quando dois homens se batem, o vencedor tem por dever ir, antes do pôr-do-sol, fazer uma visita ao vencido, e entregar-lhe certa quantia em dinheiro de conchas, para assim lhe fazer sentir que não guarda qualquer rancor. Esse dinheiro conserva-se intacto, e quando o filho do recipiente atinge a maioridade, vai restituí-lo ao filho tributário; isso feito, as famílias se reunem numa grande festança, para mostrar que o conflito está liquidado.

O dinheiro de conchas, por sinal, só presta para a compra de três gêneros: a esposa, o porco, e a canoa. Os oradores tribais, contudo, ainda lhe descobriram uma nova utilidade: quando terminam um dos seus longos discursos, pagam a cada um dos ouvintes certa quantia, como prêmio da paciência e cortesia de que estes deram mostras, ficando alí especados a ouví-los tanto tempo. Costume esse que Hari Pogo considera em tudo digno de imitar entre gentes menos asselvajadas...

Uma das coisas que ainda hoje lhe causam perduravel sensação é a habilidade que os indígenas revelam para se reconhecerem mutuamente pelas pegadas. Segundo ele afirma, não é raro que um homem saiba identificar a pegada de qualquer indivíduo em um raio de muitos quilômetros. Os próprios meninos, quando brincam de noite, mostram-se capazes de identificar mais facilmente os seus «cativos» pelo exame dos pés, do que pelas caras, que vão aliás mascaradas.

Hari Pogo aprendeu de ouvido a língua dos naturais da ilha, que não tinham alfabeto; depois fez a respectiva conversão fonética para o nosso alfabeto, e ensinou um grupo de rapazes a ler e escrever. Servindo-se desses primeiros alunos como professores, organizou classes por aquelas aldeias. Tem sido uma aprendizagem muito vagarosa, como seria de prever, mas muitos indígenas sabem hoje escrever seus nomes em gordas letras de imprensa, e alguns foram mesmo frequentar a escola em Taití e outras partes. Como fruto do seu labor etnográfico, em 1942, uma firma de Londres publicou o seu *Threshold of the Pacific* (No Limiar do Pacífico), estudo erudito e bem documentado sobre as várias tribos das ilhas de Salomão, onde o missionário tem vivido e trabalhado.

Hari Pogo visita diariamente os seus «filhos» das aldeias situadas em duas das ilhas vizinhas, para dar lições e fazer tratamentos. Aos domingos, prega sermão na língua deles, no púlpito do magnificente tabernáculo tropical que para esse fim seus discípulos erigiram numa praia. A igreja é um edifício assombroso, todo emoldurado em maciços pilares de mogno, para irem lá em cima aguentar a cornija do teto. Verdadeiro exército de tecelões levou muitos meses para produzir os complicados desenhos de folhagens e bambús que ornam as paredes e o teto de colmo. Uma concha monumental, de brancura imaculada, assente num pedestal de mogno embutido, e cheia de água benta, serve de pia batismal. O púlpito, artisticamente entalhado e marchetado de madrepérola, ergue-se acima do altar, onde reluzem as cruzes e tocheiros de latão batido, feitos com cartuchos de granadas anti-aéreas.

Hari Pogo não chegou a ausentar-se das ilhas meia dúzia de vezes, durante sua longa residência alí. Quando os japoneses invadiram o arquipélago, não bateu em retirada; os naturais faziam-no passar à socapa de aldeia em aldeia, e de ilha para ilha, enquanto os conquistadores andavam às cabeçadas por toda parte, em busca dele, para o submeterem a interrogatório.

O bispo vem uma ou duas vezes por ano visitá-lo, na lancha das missões, e traz-lhe fumo e outros artigos de maior necessidade. Mas Hari Pogo vive quase exclusivamente do que a selva lhe fornece; provido de côcos, mamões e frutapão, de gafanhotos torrados e de larvas em abundância, ele não vê que vantagem possa haver em carregar para alí provisões vindas de tão longe. Ao mesmo tempo, o dinheiro alí não tem utilidade alguma...

Hari Pogo, que hoje anda nos 68 anos de idade, não mostra qualquer desejo de regressar ao seio da civilização; ao contrário, confessa que o seu sonho é passar o ocaso da vida naquelas paragens, ensinando, pregando, e fazendo curas entre aquela gente primitiva, que ele hoje considera e estima como sua própria gente.

Experimente... e verá: é absolutamente impossivel dobrar ao meio, mais de nove vezes, um pedaço de papel, quer seja do tamanho de uma sala, quer tenha as dimensões desta página.

—J. C. Adams, no *American Magazine*

Raiva, medo, tristeza e até mesmo alegria, são perigosos companheiros para o motorista

Emoções que matam

(*Condensado de «Future»*)

Por James E. Payne

Nos Estados Unidos, onde se fazem tantas estatísticas a propósito dos aspectos mais variados da vida, observou-se há pouco o seguinte; em 1940—último ano em que se guiaram automoveis normalmente antes da guerra—morreram, nesse país, quase 40 mil pessoas, ficaram feridas 1.500.000, e um milhão de automoveis se inutilizaram, devido a acidentes de diversos tipos. Os peritos prevêem que, ao serem publicados os dados relativos ao ano corrente, se verificará que 1946 terá sido ainda peor do que 1940.

No entanto, 98 por cento dos choferes, nos casos em apreço, eram motoristas *de longo traquejo*. Em quase todas essas ocorrências, guiavam em excelentes condições de tempo, e sobre estradas inteiramente secas. Porque, então, cometeram as terriveis imprudências que lhes causariam, senão a morte, pelo menos horrorosos ferimentos e grande depressão moral? Porque teriam guiado com excessiva velocidade, ultrapassado outros veículos em curvas e declives, desobedecido à sinalização, dirigido contra a mão, —atirando-se, enfim, de olhos abertos, ao encontro do desastre?

Algumas autoridades acreditam que, na maioria dos casos, essas imprudências por parte dos motoristas são motivadas por perturbações emotivas que os desorientam de uma forma ou de outra. Quem estiver presa de qualquer emoção forte, seja medo, raiva ou melancolia, deve evitar sentar-se ao volante, pois não há dúvida de que as emoções constituem perigosíssimos companheiros de viagem.

Os psicólogos chegam a arriscar teorias ainda mais avançadas. Crêem, por exemplo, que muitos motoristas são vítimas de acidentes simplesmente porque o desejam, embora não estejam concientes desse desejo. Isto é, tais «acidentes» nada mais são que tentativas inconcientes de suicídio ou homicídio.

Vejamos alguns casos, realmente impressionantes.

A sra. S., que sempre guiara seu automovel com o maior cuidado e nunca tivera acidentes de espécie alguma, precisou certo dia de ir à cidade afim de consultar um advogado, pois chegara à conclusão de que só o divórcio solucionaria seu problema de família. Ao deixar o escritório do causídico, achava-se extremamente contristada e até chorosa. A caminho de casa, dirigindo o carro, tinha que atravessar a linha do trem-de-ferro, o que, aliás, já fizera centenas de vezes. Conhecia o horário dos trens, e os trilhos, em linha reta, estavam visiveis, naquela manhã límpida, até grande distância. O maquinista apitou, avisando-a da aproximação do trem, mas a sra. S. levou o carro diretamente de encontro ao expresso. No último momento, ainda tentou, desesperadamente, escapar à colisão, mas já era tarde: a locomotiva matou-a instantaneamente. A tristeza é péssima companheira de viagem...

Chofer enraivecido é chofer imprudente, fato que tem sido comprovado inúmeras vezes. Certo Gregory L. teve forte altercação com a esposa, de manhã cedo, e, ao tirar o carro da garage para ir trabalhar, nem teve a cautela de observar a rua, levando o automovel a chocar-se violentamente contra um caminhão que passava. O resultado dessa impetuosidade foi duplamente desagradavel: avultada conta do mecânico, e uma semana de cama, com contusões e escoriações generalizadas. No entanto, poderia ter-lhe custado a vida. Tratava-se de um chofer geralmente precavido; o acidente ocorreu num dia de sol claro; ele sabia que é gravíssima imprudência dar marcha à ré ao carro, em direção à rua, sem primeiro examinar bem o tráfego. Apesar de tudo isso, chegara a arremessar o veículo contra o flanco do caminhão, num gesto impensado de perigosa ira. Se houvesse esperado cinco minutos, para acalmar-se, não teria havido colisão.

Roberto P. levou a mulher e a filha para passear de automovel num domingo à tarde. Foram longe, até os subúrbios, e no regresso já as ruas e estradas se achavam apinhadas de carros de todo gênero, e Roberto se sentia abatido pelo cansaço e pelo calor. Vinham vindo por uma ladeira íngreme, carro após carro, subindo lentamente, e, de súbito, Roberto viu, lá adiante, um espaço entre automoveis. Era grande a tentação de sair da fila e meter-se naquela pequena clareira da estrada, adiantando-se aos outros. Era-lhe impossivel, porem, ver se vinha outro carro na direção oposta, para alem do ponto em que terminava a ladeira. Não pôde ir muito longe; logo depois de ter cometido essa imprudência, retirando seu automovel da linha, foi obrigado a jogá-lo repentinamente de encontro a pesado caminhão, para evitar outro choque. Tanto ele como a filha morreram no mesmo instante, e a esposa ficou gravemente ferida.

Numa segunda-feira, o médico declarou a Felipe C. que seu mal era cancer. Na terça, sofreu um acidente de automovel. Na quinta, outros dois. Nunca tivera desastres anteriormente. Mas aquele diagnóstico assustara-o a tal ponto, que já não se poderia considerar bom chofer.

É dificil concebermos que a alegria possa, tambem, constituir perigo na estrada; mas, de fato, assim é. Certo rapaz voltava para casa à noite, e ia radiante, pois a moça que amava acabara de consentir em casar-se com ele. Sabia que guiava com excessiva velocidade, mas era justamente isso que, naquele momento, lhe agradava—o sabor especial da rapidez, a sensação de leveza, condizentes com sua imensa euforia. Queria voar, sentia-se glorioso e triunfante. Seu automovel ia, talvez, a 90 km por hora, quando bateu no caminhão de leite, matando instantaneamente o chofer deste. Nosso herói saiu ileso do desastre, mas nunca há-de se recordar, com alegria, da noite do noivado.

As emoções produzem seus efeitos maléficos de variadas maneiras. Em primeiro lugar, fazem com que os músculos fiquem tensos, perturbando nossa capacidade de coordenação muscular. Em segundo lugar dão a todo o corpo uma tensão especial, uma tensão, por assim dizer, «de emergência». Alguns minutos de terror podem ser tão exhaustivos quanto um dia inteiro de trabalho pesado. Note-se, aliás, que essa tensão é muito mais perigosa quando se guia à noite.

Em terceiro lugar, toda emoção intensa tende a eliminar a cautela habitual. Um homem raivoso arrisca-se porque, naquele momento, nada mais lhe importa; aquele que se acha amedrontado nem percebe que se está arriscando; o que leva uma ferida na alma guia peri-

gosamente por estarem embotadas a sua vista e sua audição; o homem eufórico assemelha-se a um bêbedo, sentindo, durante alguns instantes, que é refractário ao perigo.

Evitar as emoções é, evidentemente, impossivel. Mas podemos tomar medidas especiais de segurança, toda vez que percebemos alta a nossa tensão emotiva. Quem, estando ao volante, sente súbita raiva, deve parar, descer do automovel e dar uma volta a pé, ou então, por exemplo, atirar pedras ao poste telegráfico, para desabafar... O importante é libertar-se primeiro da tensão nervosa, e nunca procurar libertá-la pela válvula da imprudência, jogando o veículo cegamente para a frente, junto a uma curva estreita ou num íngreme declive. Quem se acha sob a pressão do medo, deve guiar com a mais cuidadosa lentidão; o homem que acaba de escapar a um desastre, por exemplo, e está ainda pálido e trêmulo, não deve continuar guiando, em absoluto; deve, antes, parar o veículo e esperar que a reação nervosa desapareça. Se a emoção em apreço é a tristeza, é necessário que o chofer se lembre de que estão prejudicados, temporariamente, seus sentidos de visão e audição. Não há nada de vergonhoso na prudência, mesmo que esta possa parecer excessiva. Os motoristas emocionados ou nervosos devem sempre exercer a mais rigorosa cautela, principalmente nas interseções de tráfego ou em qualquer situação em que possa ocorrer algum desastre.

Para salvar sua própria vida e as vidas de seus semelhantes, os motoristas devem sempre seguir esta regrinha da estrada: quem estiver emocionado tem o dever de redobrar sua cautela!

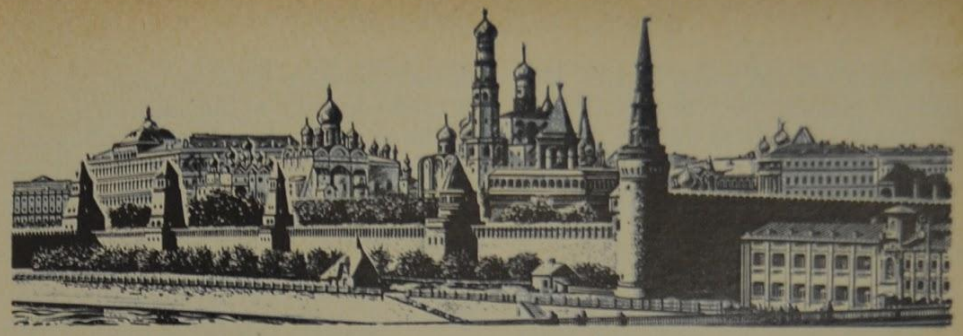
A verdadeira gentileza

CERTA tarde, pouco após o fim da guerra, tomei um ônibus já lotado, sendo a maioria dos passageiros operários exhaustos e mocinhas empregadas em lojas, voltando às suas casas. Em dado momento o veículo parou em frente ao Hospital Naval e nele embarcou um fuzileiro de muletas, com um pé em aparelho de gesso. Ninguem lhe ofereceu lugar, mas enfim uma operária, erguendo-se, perguntou-lhe se não queria sentar-se. O fuzileiro hesitou, e ela insistiu: «Vou descer na próxima esquina.» Diante disso, o rapaz sentou-se, grato, e na parada seguinte a moça desembarcou. Só por curiosidade, seguí-a. Confirmou-se então minha desconfiança: ela esperou outro ônibus, tão cheio como o primeiro, entrou nele, e viajou de pé até sua casa.

—Eva Gehres

FELIX MENDELSSOHN, tocando com mais dois pianistas uma peça adaptada a três pianos, percebeu que seus companheiros precisavam concentrar-se na música, por não a saberem de cor. Embora ele próprio a pudesse executar sem olhar as notas, colocou um album sobre o piano, e pediu a um amigo que virasse as páginas. Tão cortês era o artista, que não queria magoar os colegas, dando a impressão de serem eles músicos inferiores.

—Charles Hathaway



Os amedrontados do Kremlin

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por John Fischer

Dominam de maneira absoluta o maior país do mundo—e, no entanto, agem, não se sabe porque, como neuróticos amedrontados

O CARRO que nos conduzia estacou na estreita rampa que leva à chamada Porta da Floresta, no Kremlin. Aproximaram-se de nós, de fuzís automáticos em punho, um coronel e três soldados, membros de primeira linha das Tropas de Segurança Interna do NKVD, polícia política da Rússia.

Enquanto seus subordinados inspecionavam o interior do automovel, o coronel verificou nossos passes, confrontando os seus números com os de uma lista escrita num livro de notas, e colocou-os de encontro à luz, para observar-lhes a filigrana. Em seguida, leu tudo o que tinha sido escrito nos «vistos» soviéticos de nossos passaportes, e comparou as fotografias com os nossos rostos. Finalmente deu sinal para o carro prosseguir.

No interior da passagem—um tunel através de uma torre medieval maciça de arenito vermelho—encontravam-se seis outros membros do NKVD, armados de metralhadoras de mão. Nosso automovel parou ao lado de uma alta grade de ferro que dividia o pátio ao meio. Ao descermos, quatro guardas, todos oficiais, armados com pistolas automáticas, novamente examinaram nossos documentos.

No pátio interior havia sentinelas em frente a cada porta dos edifícios de estuque amarelo, que formavam três lados do recinto. Dirigimo-nos para o velho palácio Romanoff, que agora serve de local de reunião ao Supremo Soviete, isto é, o Congresso russo. Oito oficiais do NKVD nos receberam à entrada. Após novo exame de nossos passes, fomos escoltados até uma galeria dominando o longo salão onde o Supremo Soviete se encontrava em sessão. Um cavalheiro em traje civil, que se assemelhava de longe a um detec-

JOHN FISCHER, redator da revista *Harper's*, passou recentemente dois meses na Rússia, como membro da missão da UNRRA encarregada de fiscalizar a distribuição de auxílios na Ucrânia. De acordo com entendimento anterior, aos funcionários dessa missão foi concedida excepcional liberdade de movimento, observação e palestra, levando eles consigo um intérprete americano.

tive, seguiu-nos até nossos lugares. Dificilmente poderia ter considerado três representantes norte-americanos da UNRRA e o seu intérprete como elementos perigosos, mas sentou-se atrás de nós durante todo o tempo em que estivemos presentes.

No salão que se estendia abaixo de nós, estavam sentados 1.200 delegados que, de acordo com a constituição soviética, formam o corpo governante da URSS. Levavam a efeito as suas deliberações sob as vistas de guardas em uniforme azul, perfilados a intervalos de dois metros ao longo da parede. («Deliberação» talvez seja uma palavra enganadora. Os delegados ouviam passivamente os discursos preparados, e em seguida votavam «a favor» com a precisão de uma máquina. Não houve debates, e não consta que qualquer delegado tenha jamais votado contra.) Outros guardas haviam sido colocados em cada porta e no fim de cada corredor. Nunca havia visto um edifício, nem mesmo o quartel-general de Eisenhower, tão elaboradamente protegido.

Parecia-nos razoavel concluir que alguem no Kremlin estava atemorizado.

Durante os três meses seguintes, em que viajamos pela Rússia Ocidental, encontramos muitas indicações de um temor dominante. Seu sintoma mais evidente era o próprio Exército Vermelho, com quatro e meio milhões de homens mobilizados, apesar da falta desesperada de braços que se nota hoje na Rússia. Por toda parte viam-se soldados armados. Não seria dificil encontrar no cinema um jovem sentado ao nosso lado, guardando uma metralhadora de mão. Caminhões militares formavam a maior parte do tráfego das estradas. O medo era evidenciado tambem pelo campo de concentração para civís russos, situado perto do aeroporto de Carcove, e pelos automoveis lotados de indivíduos em traje civil, que seguiam os carros de todos os funcionários soviéticos importantes. Era demonstrado ainda pelas recusas de quase todas as pessoas que convidamos aos nossos aposentos para conversar ou tomar conosco uma chávena de chá.

Parece estranho que um governo qualquer ache necessário tomar tão pródigas precauções—especialmente um governo que acaba de esmagar seus únicos inimigos estrangeiros e que aparentemente desfruta de popularidade entre o seu povo. (Pelo menos nas regiões da Rússia onde trabalhei, a maior parte do povo parecia sinceramente convencida de que o seu governo, mau grado todas as faltas, é o melhor do mundo.)

No entanto, o temor é um dos fatores dominantes na Rússia. Está moldando—ou alterando,— no seu todo, a política exterior soviética.

Quem é então que tem tanto temor? E por que motivo?

Como quase todo impulso importante na Rússia, a neurose nacional do temor só poderia surgir de uma única fonte —os 14 homens que governam a União Soviética, o Politburo, do qual Stáline é o chefe. Do seu quartel-general no Kremlin—o local exato é um segredo cuidadosamente guardado—emanam as ordens que movimentam cada roda da administração soviética, do Danúbio ao Estreito de Bering.

Alguns observadores de boa vontade parecem convencidos de que o que amedronta esses homens é simplesmente a bomba atômica, e de que, se os Estados Unidos os pusessem a par do segredo, todos os seus receios se dissipariam da noite para o dia. Tal explicação é demasiado simplista; os guardas do Kremlin não estão de vigia por causa de uma bomba

atômica. Um estranho não pode fazer mais senão adivinhar o que se passa nos cérebros do Kremlin; pois, como um escritor já observou, não existem peritos em assuntos soviéticos, e sim, ignorância em diferentes graus. Os fatos de que dispomos parecem indicar que o padrão desse temor é muito complexo, resultando provavelmente da combinação de pelo menos cinco elementos diversos.

Um deles é uma simples apreensão pessoal. Os homens do Kremlin se recordam de como chegaram ao poder; não pretendem deixar o mesmo caminho aberto a quaisquer conspiradores. Lembram-se de que alta percentagem dos governantes da Rússia desapareceu por morte violenta. A maior parte deles se recorda do assassinato de Sergei Kirov.

Quando Kirov foi baleado no seu escritório de Leningrado, em 1934, era o maior amigo de Stáline e o seu herdeiro aparente. Foi morto por um Camarada Nicolaev, membro fiel do Partido. Nas 48 horas que se seguiram ao assassinato, Stáline não parecia confiar em ninguem na Rússia. Partiu apressadamente para Leningrado, afim de interrogar pessoalmente o assassino. Ao tomar seu trem particular em Moscou, não havia um ser humano num raio de cerca de dois quilômetros da estação.

O inquérito realizado arrastou-se por três anos. Desvendou uma conspiração que ia até o próprio coração do Partido, do Exército Vermelho e da polícia secreta. As medidas resultantes caraterizaram-se pelo pânico; e não tardou que se admitisse oficialmente o fato de haverem alguns inocentes sofrido na grande onda de execuções. Uma cirurgia tão cruel teria que deixar cicatrizes e um anseio por vingança. Não é de espantar que os membros do Politburo raramente apareçam em público, ou que viajem em veículos com vidros à prova de bala. Se nem o próprio Kirov estava garantido, quem o estará?

Outra explicação para o comportamento da Rússia pode encontrar-se em sua geografia. Planícies nuas se estendem para o leste e para o oeste do seu território, sem barreiras naturais que o protejam. Desde 1800, tropas hostís cruzaram catorze vezes sua fronteira ocidental; durante os tempos históricos, Minsque foi ocupada 101 vezes pelo estrangeiro e Quieve saqueada tantas vezes, que seus habitantes perderam a conta. E as tropas invasoras sempre foram precedidas por espiões e quinta-colunistas.

Daí uma desconfiança tradicional do estrangeiro e uma obsessão de segurança, grandemente intensificada durante a última guerra. Atravessei grandes cidades em que 80 por cento dos edifícios haviam sido arrasados, não em combate, mas por eficientes batalhões germânicos de demolição. Residí a meia hora de caminhada dos fossos de Baba Iar, onde 14 mil cadáveres, trazidos dos campos de morte organizados pelos SS, foram jogados em camadas e cobertos por moto-niveladores. Ainda hoje destroços humanos surgem à flor da terra a cada temporal. Não devíamos surpreender-nos pelo fato de o povo russo olhar com nervosa desconfiança para o resto do mundo.

Uma terceira razão para os temores do Politburo é a condição enfraquecida do país, pois, não obstante seu espantoso progresso industrial, durante os treze anos anteriores ao ataque nazista, a União Soviética, era em grande parte uma nação agrícola e ainda bastante atrasada. Sobreviveu a guerra pela mais estreita das margens, e isso mesmo aconteceu, em grande parte, devido ao mau discernimento de Hitler. Perdeu incrivel proporção de suas fábricas, residências, maquinaria agrícola

e operários especializados. Várias autoridades soviéticas—inclusive Nikita Khrustchev, membro do Politburo—me declararam francamente que seria preciso pelo menos uma década para substituir tudo isso. Ao meu ver a sua estimativa é assaz otimista.

Em virtude da destruição sistemática que os alemães levaram a efeito, o ritmo de reconstrução é penosamente lento. Em toda a Ucrânia vi somente dois carros de mão. Para transportar cascalho e terra, os operários usavam uma espécie de tabuleiro de madeira tosca, com dois braços de cada lado. Os pedreiros têm muitas vezes que carregar os tijolos nos braços e aplicar a argamassa com as mãos, devido à falta de cochos e pás.

A perda mais prejudicial de todas foi a destruição da rede ferroviária da Rússia Ocidental. Ainda hoje os expressos de passageiros que ligam Moscou a Quieve se arrastam lentamente a uma velocidade de 25 quilômetros por hora, sobre um leito remendado às pressas. Cada via lateral está amontoada de material rodante inutilizado. O sistema rodoviário não está em condições de compensar essa insuficiência. Estradas reparadas se estendem somente por alguns quilômetros das grandes cidades. Daí em diante estão os caminhos de terra, obstruidos a maior parte do ano pela neve e pela lama. Essa quase-paralisia do transporte dificulta consideravelmente o restabelecimento industrial da Rússia.

Do ponto de vista militar significa isso que a Rússia é um gigante temporariamente exhaurido por perda de sangue. Mesmo que a bomba atômica não tivesse sido inventada, só daquí a alguns anos poderia a União Soviética começar a equiparar seu potencial militar e industrial ao dos Estados Unidos. E para os homens do Kremlin esse fato é profundamente alarmante.

OS AMERICANOS têm dificuldade em compreender que existe alguem capaz de ver neles uma ameaça. No entanto, aos olhos de todo comunista, os Estados Unidos constituem, de fato, uma ameaça potencialmente mais perigosa do que a Alemanha Nazista. Na realidade, desde o dia 9 de fevereiro passado, nenhum membro leal ao Partido ousa pensar à respeito dos Estados Unidos de qualquer outra forma, pois naquela data Stáline manifestou a doutrina de que outra guerra é inevitavel, e deu a entender, de modo mais ou menos claro, que o ataque partiria dos Estados Unidos.

Essa teoria só pode ser compreendida à luz peculiar da moderna teologia marxista. Um de seus básicos artigos de fé é a teoria de que o mundo capitalista nunca poderá escapar ao ciclo fatídico de períodos de prosperidade e depressões; que cada crise é peor do que a anterior; e que mais cedo ou mais tarde a classe capitalista dominante se volta em desespero para o fascismo, imperialismo e guerra agressiva, como os únicos meios de solução para as suas dificuldades econômicas. «Assim,» explica Stáline, «a Primeira Grande Guerra foi o resultado da primeira crise do sistema capitalista de economia mundial, e a Segunda Guerra Mundial foi o resultado da segunda crise.»

Uma terceira guerra tem que ser prevista, porque uma conciliação pacífica dos conflitos econômicos «é impossivel... nas presentes condições de desenvolvimento da economia mundial capitalista». Consequentemente, a União Soviética precisa pôr em execução uma nova série de Planos Quinquenais, afim de multiplicar sua produção de apetrechos bélicos. «Somente em tais condições,» advertiu o Generalíssimo, «podemos considerar nossa pátria garantida contra possiveis acidentes dessa natureza.»

Deve-se esperar que tais «acidentes» venham a ter origem nos Estados Unidos, por ser a cidadela do capitalismo e a única nação capaz de desafiar o poder soviético. Mesmo durante a guerra, quando a Rússia proclamou uma política de cooperação (cuidadosamente limitada) com os seus aliados capitalistas, os líderes do Partido, tanto na URSS como no estrangeiro, foram advertidos, em segredo, de que essa amizade era um expediente temporário—que não havia probabilidade de uma colaboração duradoura entre os dois mundos.

Aos russos em geral essa advertência parecia amplamente justificada pela famosa oração de Churchill, pronunciada em Fulton, no Missuri, em que advogou uma aliança anglo-americana. O discurso foi denunciado por Stáline como «um grito de guerra contra a URSS», e a máquina de propaganda soviética desencadeou uma barragem de vitupérios contra Churchill e seus «amigos fascistas da Inglaterra e da América». O resultado foi um arrepio de horror que passou por todo o país. A gente humilde, cansada da guerra—lavradores, carregadores, contadores—perguntava-me com ansiedade porque esses homens maus estavam tentando incendiar o mundo novamente.

Essa idéia apoderou-se do cérebro do povo russo de maneira impressionante. Senão, vejamos este caso: a uma escolar de sete anos de idade perguntaram que queria ser quando crescesse, e ela respondeu:

«Enfermeira do Exército Vermelho, para ajudar a combater os fascistas que cercam o nosso país.»

E para isso estará bem preparada. Em cada escola soviética há um instrutor do exército russo e tanto meninos como meninas iniciam seu treinamento militar no quarto ano primário. Vimos frequentemente crianças de dez anos fazendo exercícios com fuzís de madeira nos pátios de recreio.

É FORA de dúvida que a apreensão soviética tem sido deliberadamente incentivada pelos burocratas mais poderosos do país, os membros da polícia política.

Durante 25 anos, essa organização, sob as suas variadas denominações—Cheka, OGPU e NKVD—tem gozado de posição altamente privilegiada. Seus oficiais têm direito aos melhores alimentos, roupas, automoveis e às mais belas «ballerinas». Suas verbas são virtualmente ilimitadas, seu equipamento o melhor. (O sistema telefônico da Rússia, por exemplo, é cronicamente perturbado por estranhos ruidos e interrupções imprevistas; porem, os 21 ditafones da NKVD, que foram recentemente descobertos no edifício de um governo estrangeiro, em Moscou, eram de excelente qualidade.)

Acima de tudo, a máquina policial tem literalmente poder de vida ou de morte sobre qualquer pessoa na Rússia, com exceção de Stáline. Pode exigir acesso a qualquer momento aos fichários, cofres, cartas, alcovas e guarda-louças, sem nenhum respeito pelos direitos alheios. Os seus *dossiers* registram os detalhes mais íntimos da vida de todas as pessoas de qualquer importância na Rússia, e de milhares de indivíduos no estrangeiro, que disso nem de leve suspeitam. Os seus campos de concentração para dissidentes constituem importante fração do exército operário do país.

Essa organização foi fundada afim de combater os inimigos da Revolução, estrangeiros ou nacionais. Os inimigos nacionais foram rapidamente neutralizados, mas os inimigos estrangeiros continuaram a constituir verdadeira ameaça. Primeiro, houve a intervenção, em 1918, dos poderes capitalistas amedrontados,

que esperavam estrangular o regime bolchevique na infância. Quando essa tentativa falhou, surgiu o perigo de um Japão sedento de terra e de uma Alemanha Nazista. Segundo as provas de que dispomos, não pode restar nenhuma dúvida de que a Alemanha e os seus satélites se esforçaram ao máximo para colocar espiões e quinta-colunistas na Rússia; e que a NKVD prestou serviços inestimaveis no combate a essas atividades.

Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, quando todos os inimigos estrangeiros haviam sido esmagados, essa burocracia policial, afim de manter seu poder e privilégios, tinha que descobrir nova ameaça, tal como, por exemplo, uma conspiração por parte dos antigos aliados da Rússia, para o cerco capitalista desse país. Rumores de que os Estados Unidos estavam formando um exército realista iugoslavo na sua zona de ocupação da Alemanha; que agentes do chamado Departamento de Serviços Estratégicos do governo americano, estavam treinando refugiados ucranianos para servirem como espiões; de que os ingleses estavam mantendo um corpo inteiro de prisioneiros do exército germânico, com as suas formações intactas e armas guardadas à mão—essas e inúmeras outras lendas mantêm o mundo oficial soviético em constante estado de desconfiança.

Tais histórias, por menos plausiveis que sejam, encontram apoio no Kremlin, porque os membros do Politburo vivem em isolamento quase eremítico. Raramente têm qualquer contacto direto com estrangeiros, ou com qualquer outra pessoa, excetuando-se um estreito círculo de altas autoridades soviéticas. A NKVD é uma de suas três fontes de informações. As outras duas são o Partido e o Departamento Soviético das Relações Exteriores.

O Partido Comunista, com uma sociedade disciplinada em todos os paises, é uma organização de informações de alta eficiência. Tanto os seus relatórios, porem, como os do Departamento das Relações Exteriores, tendem provavelmente a confirmar o falso quadro, pintado pela NKVD. Esses relatórios são escritos por homens habituados há muito à rotina marxista de raciocínio, e as suas interpretações são inevitavelmente coloridas afim de refletir a política atual do partido. E nem sempre esses coloridos são dados de modo inconciente; nenhum comunista prudente gostaria que seus relatórios diferissem daqueles da polícia secreta.

Durante os próximos anos, não haverá provavelmente nada a fazer para romper completamente a cortina de suspeição russa. Os lideres soviéticos não levam a sério as garantias do atual governo americano. A seus olhos, Truman e Byrnes são dois velhos simpáticos, meio confusos, que procuram honestamente atingir a paz. Mas as promessas de Truman não comprometeriam políticos da espécie de Huey Long que, pensam os russos, ocuparia a Casa Branca com o seu fascismo americano, durante a crise financeira que eles acreditam inevitavel em 1950. Estão certos de que esse Fuehrer americano será militantemente anti-soviético—um instrumento dos «financistas reacionários» que eles consideram os verdadeiros donos dos Estados Unidos. Alem disso, os russos não têm muita confiança em que as Nações Unidas sejam capazes de conter uma América agressiva, do mesmo modo que a Liga das Nações não pôde conter Hitler.

O apaziguamento não é muito suscetivel de ser bem sucedido. Se os Estados Unidos concordassem em entregar a bomba atômica, destruir a marinha, abandonar suas ilhas-base e largar completamente a Europa, Stáline e seu grupo ficariam naturalmente encantados. Mas nem isso seria aceito como garantia permanente das boas intenções dos Estados Unidos. Seria mais provavel que fosse considerado como outro sintoma dessa brandura míope que se supõe caraterize os governos «liberais burgueses».

Existe somente uma maneira, a meu ver, de curar os russos desse medo de um ataque estrangeiro—a dos Estados Unidos atravessarem os próximos quinze anos sem grande crise, e sem tornar-se «fascista». Stáline e seus associados nunca se deixarão estremecer por um argumento verbal. Mas é possivel mostrar-lhes muita coisa. Uma demonstração de que se pode fazer funcionar uma sociedade livre, é a única maneira de convencer os russos de que existe uma possibilidade real de cooperação com o mundo não-comunista. Então talvez comecem a fiar-se nas Nações Unidas, em vez de no Exército Vermelho, como meio de segurança.

Pelo menos por quinze anos, porem, ainda devemos esperar que a União Soviética continue a se portar como um neurótico amedrontado. Tal comportamento será sempre irritante; às vezes, até poderá vir a ser perigoso. Se formos sensatos, no entanto, aprenderemos a suportá-lo com toda paciência, firmeza e tato.

INSTANTÂNEOS DE HOLLYWOOD

Coligidos por Andrew B. Hecht

SAMUEL GOLDWIN escreveu, recentemente, a um amigo: «Encontrei-me por acaso com fulano, um dia destes. Ele estava jantando em minha casa.»

—Earl Wilson.

BUSTER KEATON e Ernest Pagano terminaram um argumento cinematográfico à última hora, apressando-se em levá-lo ao produtor Irving Thalberg. «O sr. Thalberg está ocupado agora,» disse a secretária, «eu os chamo logo que ele estiver livre.»

E de fato chamou-os, nove meses depois. Sem a menor sombra de ironia na voz, anunciou simplesmente que o sr. Thalberg estava então pronto para recebê-los.

A ESPOSA de um produtor cinematográfico de Hollywood queria que um dos artistas locais pintasse seu retrato. «Qual nada,» declarou o marido, ao expressar-lhe ela este desejo. «Vou mandá-la à Europa, para que seu retrato seja pintado por um dos velhos mestres.»

NUMA FESTA, James Stewart observou de longe uma jovem alta e muito esbelta, num vestido de baile todo branco. Ao lhe ser apresentado, advertiu-a: «Evite tomar suco de tomate, pois poderiam confundí-la com um termômetro.»

O CÚMULO da precaução é a de um astro cinematográfico de Hollywood que precisa usar cabelos postiços. Compra quatro cabeleiras, de cada vez, e cada qual mais comprida, usando-as sucessivamente para criar a ilusão de que, aos poucos, vai precisando de um corte de cabelos.

—Neal O'Hara.

A música de cinema é boa quando passa despercebida...

A música sintética de Hollywood

(Condensado do «Esquire»)

Por Joseph Wechsberg

Mais de 300 milhões de frequentadores de cinema ouvem todas as semanas um novo programa musical, sem perceber, concientemente, que o estão ouvindo. Notam as pernas das artistas, a voz dos atores, os diálogos, os cenários, os costumes, os efeitos de luz—tudo, exceto o «fundo» musical da fita. É comum dizer-se, em Hollywood, que «a música de cinema é boa quando passa despercebida».

Isso faz com que os compositores de Hollywood, que escrevem as partituras cinematográficas, sejam as criaturas mais desencantadas da capital do cinema, embora quase todos ganhem mais em uma semana do que Bach ou Beethoven jamais ganharam em um ano.

Com o advento do cinema sonoro, os produtores começaram a apresentar as películas com introduções musicais, que o público ouvia enquanto apareciam na tela os títulos de apresentação, os nomes dos artistas, dos produtores, dos diretores, etc. Essas introduções principiavam com um efeito de acordes sucessivos—um curto «glissando» de harpas, uma passagem crescente de cordas e de madeiras, um «forte» de tambores e címbalos, com um grande «finale» de conjunto, inclusive os trombones.

Note-se, aliás, que os címbalos soavam frequentemente no instante em que o nome do produtor aparecia, de modo que mesmo os espectadores mais desinteressados eram sacudidos em sua letargia no momento próprio, para saber quem era o principal figurão da fita. Havia outros efeitos semelhantes depois dos dois nomes dos diretores e das companhias produtoras, e algumas vezes o compositor incluia um pequeno «crescendo» para salientar seu próprio nome...

Naquela época, não havia ainda música especial para os diálogos, mas certas passagens de grande emoção requeriam já um tratamento musical apropriado. Tais «enxertos» musicais precisavam ser realistas—isto é, se houvesse música, alguem tinha que aparecer tocando-a. E os «gênios» de Hollywood, com salários imensos, não faziam outra coisa senão imaginar novos meios de apresentar pianos em quartos de dormir, coros vocais em praias, e quartetos de cordas no cume das montanhas.

Os compositores de Hollywood se valiam principalmente, para esses «enxertos», da *Quinta Sinfonia* de Tschaikowski, da *Marcha Fúnebre* de Chopin, da *Sinfonia Inacabada*, de Schubert, bem como de composições de Sibelius, de Debussy e de Rimsky-Korsakoff. A originalidade das composições não era considerada essencial: e os compositores de Hollywood classificavam como «música genérica» qualquer melodia que simplesmente se assemelhasse a uma peça muito conhecida, e como «música derivada» a que era «extraida» das composições menos conhecidas.

O público, com o correr do tempo, começou a se mostrar cansado com a *Suite Quebra-Nozes*, ouvida todas as semanas, e os «empréstimos» feitos a Tschaikowski, ou a Chopin, foram abolidos. Hoje em dia nenhum compositor de Hollywood lançaria mão de tal recurso, tornando-se altamente técnica e respeitavel a profissão de compor partituras para as fitas de cinema.

Nada mais técnico do que o «acompanhamento» musical, descritivo da história: algumas moças descem alegremente uma colina e com elas descem tambem as flautas; uma mulher dá com o guarda-chuva num homenzinho—e o oboé grunhe juntamente com a vítima; os heróis e o vilão da história são sempre acompanhados por um tema particular.

O acompanhamento musical é feito cientificamente. Cada cena tem determinada metragem de filme, a sincronização é conseguida dentro de um tempo exato, e o compositor tem que escrever a música de acordo precisamente com a metragem.

Outro fator técnico é a interpretação emotiva. A boa música desse gênero dá uma impressão tão vívida que o espectador, de olhos fechados, adivinha o que está acontecendo na tela. Os compositores de partituras para filmes conseguiram, nessas interpretações emotivas, novas expressões musicais. Descobriram, por exemplo, que os momentos de expectativa podem ser magicamente criados com o emprego de simples notas de harpa com um acompanhamento de marimba; que um crescendo, alto e contínuo, dá a sensação de uma angústia cada vez maior; que certas trompas criam a impressão de abatimento; que as notas agudas de flauta sugerem ameaça; que os trombones, em surdina, produzem um efeito de voluptuosa sensualidade.

Como se vê, é uma técnica que requer muita habilidade. O violino sempre foi usado necessariamente nas cenas de amor, mas não há nada mais monótono e desapaixonado do que um grupo uníssono de violinos. Os compositores de Hollywood evitam a música de piano, porque é um instrumento tão popular que a platéia ao ouví-lo, procuraria logo—em vão—ver o instrumento na tela.

Um experiente músico de Hollywood disse-me o seguinte: «Há muitas coisas que admitimos, mas que não podemos explicar facilmente. Porque é que a música suave, usada como fundo de um diálogo, distrai a atenção do espectador mais do que a música forte? Porque é que o cavalheiro mais sério, caminhando numa cena, imediatamente se torna cômico, se os seus passos são sincronizados com música? Porque é que o oboé torna um personagem gordo ainda mais gordo, e o fagote torna um magro mais magro ainda? Se dermos a um belo galã um acompanhamento de cordas em surdina, as jovens na platéia começarão a rir nervosamente. Por meio da música fazemos uma artista parecer mais cheia de corpo, ou tornar menos apreciavel a imperfeição da pronúncia de um herói. Podemos, até, dar a uma fita artificial um cunho de sinceridade.» Nada, entretanto, é mais impressionante numa fita do que um súbito silêncio. Uma parada brusca da música estabelece logo uma sensação de imprevisto, ou prepara o público para um momento de notavel importância.

São relativamente poucos os técnicos responsaveis pela incessante torrente musical que jorra em Hollywood. Alguns

deles foram antigamente concertistas profissionais; outros, orquestradores, maestros, ou músicos dos próprios estúdios cinematográficos. Mas todos são artífices altamente especializados, capazes de produzir música tão rapidamente quanto as orquestras podem ensaiá-las e tocá-las.

Os compositores de real reputação nunca permanecem muito tempo nos estúdios de Hollywood, porque acham impossivel subordinar suas personalidades ao infernal tique-taque dos cronômetros. «Queremos criar, e desenvolvemos um tema; temos então que nos descartar dele, porque dura 50 segundos mais do que é preciso,» queixou-se uma vez certo compositor. «Fico a pensar o que Wagner faria, se tivesse que trabalhar para um estúdio. Foram-lhe necessárias duas horas de música para a morte de Tristão. Eu tive que fazer o mesmo em 1.200 metros de filme.»

Reger música para filmes não é a mesma coisa que dirigir música de concerto, pois a primeira tem que ser sincronizada com os diálogos. O regente usa audifones, com que ouve o diálogo, e, enquanto dirige, olha as cenas que se sucedem na tela em sua frente, adaptando o ritmo da dartitura ao desenrolar das cenas. Finalmente, o compositor vê a fita acabada, com diálogos e partitura, na sala de projeção. «Nesse momento,» disse-me um compositor, «há coisas incriveis. Temos, por exemplo, um ator infantil, cujas palavras são ilustradas musicalmente, e nota-se uma diferença de meio segundo entre a música e o diálogo. É forçoso, pois, escrever outra vez a música, orquestrá-la, copiá-la, ensaiá-la e sincronizá-la. Em outro trecho, tínhamos a impressão de que a música era profundamente emocionante, quando a escrevemos e a ensaiamos, mas agora parece ter um efeito perversamente humorístico, e já não serve mais. Os violinistas ficam loucos, porque escrevemos uma passagem impossivel; um dos orquestradores está doente, de tanto trabalho; e nós mesmos não nos lembramos quando foi que tivemos uma boa noite de repouso. O produtor e os demais encarregados da produção nunca nos deixam em paz, queixando-se de que estamos retardando a terminação da fita. Finalmente, o filme é apresentado ao público. Ficamos na entrada do cinema, e, quando perguntamos aos espectadores se gostaram da música, eles nos olham com surpresa, e perguntam: «Mas havia música? Eu não tinha reparado!»

O sexo presunçoso

A famosa Universidade de Colúmbia, em Nova York, organizou um inquérito entre grandes grupos de homens e mulheres, pedindo a cada um que indicasse, numa lista, os defeitos e qualidades de cada sexo. O resultado foi bastante revelador. As mulheres, em média, atribuiram aos homens 14 caraterísticas louvaveis, e 20 indesejaveis; e deram ao seu próprio sexo 17 traços bons e 15 maus. Os homens, por outro lado, atribuiram a si próprios 25 excelentes qualidades, com 9 defeitos apenas; e acusaram as mulheres de 29 fraquezas, concedendo-lhes apenas 12 vantagens. Ora, em suma, enquanto as mulheres vêem nos homens algumas caraterísticas que lhes agradam, estes, por sua vez, não têm a menor dúvida quanto à inferioridade do sexo oposto...

—William Moulton Marston

A mulherzinha de coração grande, que conquistou uma fronteira

A «Tia Adalina» *do Arizona*

(Condensado do «Arizona Quarterly»)

Por Oren Arnold

Em certa manhã de 1929, bem cedo, um avião aterrou por engano perto de uma fazenda nas imediações da cidade de Phoenix, no Arizona (Estados Unidos). A aterragem, que podia ter sido desastrosa, foi testemunhada apenas por uma velhinha murcha, mas de rosto doce e meigo. Sem despertar os parentes, saira silenciosamente, para ir cuidar de um potro recem-nascido. Estava descalça, e envolvera o corpo magro num roupão meio roto, que deixava à mostra um pouco de sua camisola de renda, dando àquela criaturinha um quê de malícia inocente. Sem delongas, escapuliu por uma cerca de arame farpado, e dirigiu-se rapidamente ao confuso piloto.

—Será que eu posso dar uma voltinha nesse negócio aí? exclamou ela com ansiedade. —É para comemorar... Faço 83 anos hoje!

O piloto olhou aquela face enrugada de muito viver; os cabelos, brancos, mas vivos e lustrosos como os de uma criança; e a chama de vitalidade que ainda restava naquele corpo. E, por sua vez, disse:

—Ah, agora já sei onde estou! É a Fazenda Gray, e a senhora só pode ser a d. Adalina Gray.

E assim a sra. Gray—que na lua-de-mel viajara de carroça por milhares de quilômetros—voou pela primeira e última vez sobre o Vale do Sol do Arizona. Se se tratava mesmo de uma comemoração, nada mais adequado, pois o avião lhe permitiu contemplar de cima o rico oasis no deserto, que ela pessoalmente ajudara, mais que qualquer outra pessoa, a civilizar. Aquelas terras irrigadas constituiam um dos exemplos mais interessantes, de que há notícia, de aproveitamento de terras tidas como imprestaveis. O vale era oval, cercado de montanhas de um matiz entre roxo e vermelho, com abundância de cereais e de frutas. E Adalina pôde ver o rio serpenteando lá em baixo, que nem um fiapo de céu na terra, e os canais de longos quilômetros, dando ao conjunto um delicado aspecto de filigrana. Aquelas jóias, que brilhavam ao sol matinal, sobre o veludo da relva, eram as cidades. Phoenix, que ela própria fundara e «dirigira» durante quatro décadas, era agora uma beleza. Ao descer do avião, o rosto de Adalina estava todo aberto num grande sorriso quase infantil.

Sempre hei-de ver na «tia» Adalina um símbolo do que foram os pioneiros desbravadores dos Estados Unidos. Ela representava como que o último e pre-

cioso elo a ligar-nos aos dias de antanho, aos dias em que homens sonhadores e audazes faziam da vida uma aventura. Para ela, não bastou erguer apenas um lar para uma única família: Adalina, que nunca foi mãe de verdade, serviu maternalmente a todo um estado.

Quando Adalina chegou ao Arizona, só havia, na região, os índios; e, aliás, não faltavam tãopouco os animais selvagens. Mas, quando o cactus já estava sendo cortado no ponto em que se ergueria a cidade de Phoenix, em 1870, ela declarou numa reunião: «O primeiro prédio público há-de ser uma escola. Tratem de construí-la, vocês que são homens. E depois vão buscar um professor que saiba ensinar, e paguem a ele um ordenado decente.»

Recem-casada àquele tempo, ela conseguia que os barbudos fronteiriços lhe obedecessem. Um certo sr. Daroche, homem de alguma instrução, veio ser o professor, com vencimentos inauditos, cinco vezes maiores que os das escolas da época. Durante duas décadas, de 70 em diante, Adalina Gray realizou diversas viagens de inspeção, a cavalo. Cavalgava até uma escola de adobe, verificava se havia cadernos que chegassem, se o professor ou professora era medíocre, etc. Abriu, de fato, tal precedente em matéria de competência no magistério primário, que a cidade de Phoenix ainda hoje possue um dos melhores regimes de educação nos Estados Unidos.

Ao fixar-se a cumieira da primeira escola, Adalina prontamente convocou, no prédio novo, uma reunião de ação de graças.

—Mas, d. Adalina, falou um dos operários,—aquí não há padre nenhum!

—Não faz mal. Todo o mundo sabe rezar! retorquiu ela.

A cidade de Phoenix foi prosperando e, com o progresso, atraiu toda espécie de desclassificados: bandidos, jogadores, e até assassinos. E Adalina entrou em ação com energia e presteza. Certa noite um gatuno tentou levar um dos cavalos dela; Adalina foi buscar a espingarda e, à luz do luar, a uma distância de 200 metros, derrubou o meliante... Em seguida, pensou-lhe a ferida, deu-lhe de comer, e expulsou-o da cidade.

—Some daquí! ordenou. —Se eu te vir outra vez no Arizona, atiro de novo, mas não cuido da ferida!

Na mesma semana, dois fazendeiros foram roubados e mortos. Ninguem parecia disposto a tomar quaisquer providências, e Adalina, vendo a apatia geral, foi ao encontro de dez dos cidadãos mais ilustres do local, desafiando-os assim:

—Então vocês engolem uma coisa destas, de braços cruzados? Querem que as mulheres tomem conta do vale todo?

Envergonhados, os cidadãos puseram-se em marcha e logo detiveram uns cincoenta bandidos, entre os quais dois foram identificados como os assassinos e logo enforcados num ramo de árvore. Com os cadáveres ainda pendurados, os outros indesejaveis foram conduzidos ao lugar, sendo posta uma corda em torno do pescoço de cada um. Todos se acovardaram, pedindo mercê; e receberam um cantil cheio de água, sendo convidados a se retirar do Arizona em passo de corrida.

Assim se abriu novo precedente, e Phoenix cresceu sob o apelido de «cidade da virtude», verdadeira ilha de boa conduta entre várias outras localidades notórias pelos seus crimes.

Adalina foi criada como moça rica, numa extensa fazenda do Arcansas, antes da Guerra Civil americana. Terminada a guerra, a fazenda foi destruida, e o sul do país se achava empobrecido e desmoralizado. Adalina tinha, então, 19 anos.

Um dia veio vê-la um antigo conhecido, Columbus Gray, que lhe murmurou:

—Ah, Jesús! Que belezinha e que nobreza! Sabes que lá no Oeste há muita promessa, muita esperança? Eu podia arranjar as mulas, a carroça, e tudo; só se tu disseres...

Casaram-se afinal, e, em 1868, saltaram, de sua carroça, no Vale do Sol. O rapaz ouvira falar de grandes riquezas minerais no Arizona, e seu desejo era garimpar. Mas Adalina, criada em fazenda, disse-lhe:

—Tem mais ouro nesta terra do que nas montanhas. E olha aqueles canais abandonados... Os homens antigos devem ter irrigado uma porção de terra nesta zona!

Na verdade, os antigos haviam irrigado milhares de alqueires. Os canais, embora secos havia muito tempo, tinham dez metros de largura e dois de profundidade, estendendo-se por mais de cinco léguas a partir do Rio Salgado. Quando Gray voltou de uma expedição baldada em busca de minério, Adalina já tinha nabos prontos para colher. O marido resolveu então atrelar sua parelha a um arado.

Ao vale chegara, antes de Gray e sua mulher, um solteirão aventureiro, Jack Swilling, que vivia num casebre primitivo; preguiçoso e dado à bebida, percebeu tambem, contudo, as possibilidades que alí havia em matéria de irrigação. O casal juntou-se a ele para fazer a limpeza de um dos velhos canais. Se bem que Jack fosse avesso às tarefas mais árduas, fazia-se, no entanto, util, caçando veados, perdizes e pombos; alem disso, tinha seu violão, e «cantava, meu Deus, como a brisa da manhã!» segundo a pitoresca expressão de tia Adalina, muitos anos depois. E assim foi que, com a dupla do casal Gray, a música e a carabina de Swilling, a água do Rio Salgado foi desviada para as fazendas, coisa que nenhum homem moderno fizera antes deles naquela região.

A princípio, os viajantes caçoavam; mas foram-se interessando aos poucos, e daí a algum tempo já começavam a instalar-se na zona. Aparecia gente com os nomes mais fantásticos, inclusive um tal «Lord» Darrell Duppa, erudito fugitivo da Inglaterra. Dentro de um ano a prosperidade chegara ao auge. Mais doze meses, e eis que a aldeia já dispunha de moinho, escola, igreja, um ferreiro, um coveiro, um hotel, duas lojas e um açougue.

Adalina obrigou o açougueiro a contratar um menino índio para afastar, com um leque, as moscas que pousavam na carne... Inaugurou-se o sistema de «serviço individual», isto é, o açougueiro pendurava, na varanda da frente, uma enorme carcassa intacta, e os fregueses que quisessem podiam aproximar-se, cortar o pedaço que lhes apetecesse, e depois gritar para dentro:

—Pode me cobrar uns três quilos, seu Pedro!

Centenas de alqueires estavam sendo cultivados, mediante a simples mágica de desviar as águas dos montes para a terra sedenta. Os aldeões prosperaram, e chegou o dia de batizar a localidade. Foi dada a palavra ao «Lord» Darrell Duppa, e este se manifestou com eloquência.

—À semelhança do pássaro mitológico que se ergueu de suas próprias cinzas, declamou ele, —há-de erguer-se aquí uma grande cidade, sobre as cinzas de uma civilização já morta. Houve tempo em que este vale abrigava milhares de pessoas. Esse tempo há-de voltar. Pro-

ponho que a cidade se chame Phoenix!

—O sr. está confiando muito, moço... observou um aldeão.

—Cale a boca! ordenou Adalina Gray. —Ele tem razão. Aposto que teremos dez mil pessoas aquí, antes de eu morrer.

Na manhã em que ela voou pela primeira vez, Phoenix tinha 110 mil habitantes; hoje, esse número já subiu a quase 200 mil.

Uma noite, quando Gray se achava em viagem, apareceu por alí um bando de índios Pimas para furtar as mulas. O estábulo era uma longa estrutura de adobe, com teto chato. De dez horas da noite até a alvorada, lá ficou ela, com sua espingarda.

—Eu atirava pelos buracos da parede de um lado, depois corria para o outro, e dava mais tiros, explicou depois. —Nem sei quantos matei, porque eles carregavam os mortos e feridos para longe. Só sei que quando meu marido voltou, não faltava nem um animal!

Meses depois, começaram a aparecer índios semi-nus, em busca de algum comércio. As mulheres se escandalizaram, e Adalina foi de casa em casa, conseguiu um par de calças em cada uma, e em seguida chamou a intérprete dos Pimas, uma tal de Maria das Pistas.

—Vá dizer a esses rapazes que, se eles quiserem ficar com a pele intacta, é melhor cobrí-la quando andarem por aquí.

Dito isso, foi pendurar as calças numa árvore, bem no limite da localidade. Durante anos, os índios nus paravam naquele ponto, vestiam as calças antes de penetrar em Phoenix, e depois deixavam-nas na árvore, ao sair...

Certo dia, Gray vendeu uma mina por verdadeira fortuna. Em consequência, Adalina deu origem à moderna indústria de Phoenix, que consiste em oferecer o que há de melhor em hospitalidade. Pediu ao marido que lhe construisse uma casa de dois andares, com tetos de quatro metros de altura, sete quartos de dormir, e bandeiras-de-porta de vidro colorido. No terreno construiram-se uma piscina, um campo para jogar croquê, estábulos «de luxo», um lago artificial; e plantaram-se muitos canteiros de rosas e filas de palmeiras.

Tudo isso constituia um prelúdio dos modernos hotéis do Arizona; no entanto, Tia Adalina oferecia de graça essa hospitalidade, que hoje custa os olhos da cara... Ela sabia que os desbravadores e sertanejos ansiavam por algum conforto, e era o que alí encontravam. A Fazenda Gray tornou-se o quartel-general do Arizona, do ponto de vista político e social.

Casaram-se naquela mansão centenas de pessoas. Hoje há, no Arizona, grande abundância de Adalinas, e nem admira que assim seja. Há pouco aludí à índia Maria das Pistas. Pois bem: sua filha, neta e bisneta chamam-se, todas, Adalina... Quando Maria sentiu pela primeira vez as dores do parto, puseram-na sobre os lençóis mais brancos, no quarto mais bonito da Mansão, e aí nasceu o menino, com o auxílio apenas da dona da casa.

—Havia ocasiões, contou-me certa vez Adalina,—em que 40 ou 50 pessoas se hospedavam em nossa casa ou perto dela, e era sempre tão divertido! Quando as camas não chegavam, alguns dormiam em rede, na varanda ou no quintal. Traziam carne de búfalo, perús enormes... Se havia doença, todos ajudavam uns aos outros; em caso de morte, enterrávamos o morto—aposto que enterramos bem uns cem! Aproximávamos os moços e as moças, e os ajudávamos a casar. À nossa mesa se sentavam políticos de meia pataca, ao lado de governadores e senadores, e falavam, falavam, falavam... Vinham tropeiros e soldados, e ficavam aí horas e horas, só olhando para dentro da minha casa. Às vezes pegavam um bibelô como se fosse batata quente, ou então um livro, como se fosse sagrado! E quando eu tocava piano para eles? Os olhos da rapaziada brilhavam que nem os da pantera! Uma vez apareceu um bruto de homem, um montanhês forte, e na hora de ir-se embora me disse: «Dona Adalina, valeu a pena vir até aquí, só para sentir o perfume da senhora!»

Bem compreendo o que esse montanhês queria dizer: percebeu nela a doçura de personalidade e de espírito, que eu vim a conhecer cincoenta anos depois. Aquela velhinha era símbolo de muita coisa, fato que ela mesma ignorava.

Quando envelheceu, tornando-se a «tia» Adalina de todos os que a cercavam, costumava ficar sentada muito tempo, contemplando o infinito. No local em que ela fizera os homens construir a primeira escolazinha, erguiam-se agora imponentes arranha-céus. Sem dúvida, naqueles momentos de contemplação, ela revivia o passado. Um dia achei coragem para perguntar:

—Em que é que a sra. está pensando, tia Adalina?

Respondeu-me sem pestanejar.—Estou pensando na água. Agora já se usa a água do Rio Salgado, mas o Colorado é uma correnteza danada de grande tambem! Quem sabe se não era possivel trazer a água desse rio para outros lugares? O país está crescendo. O povo precisa de verduras frescas. Se ao menos eu ainda tivesse forças...

Revivendo o passado? Nada! Ela ainda era a pioneira, de olhos postos no futuro, mau grado os seus 80 anos. Diante de mim, uma notícia de jornal anuncia: «A região do Vale, irrigada há tanto tempo, será reforçada brevemente pela adição das águas do Colorado.» O segundo sonho de tia Adalina está prestes a realizar-se...

Quando lhe morreu o marido, Adalina afogou a tristeza no trabalho—a única maneira, aliás, de alcançar o esquecimento. Seu afeto e sua ternura eram para todos, mas principalmente para os «maus», quem mais precisava de carinho.

Adalina tentou curar Jack Swilling de seus vícios—bebida e narcóticos—levando-o para sua casa e tratando dele com extraordinária dedicação. E ela, que tantas brigas tivera com os índios, estimava-os sinceramente. Certa vez uma índia furtou um vestido em Phoenix; Adalina foi à casa dela, a cavalo, numa distância de dez léguas, obrigou-a a devolver o vestido, e deu-lhe mais dois, alem de um par de sapatos.

Um dia, em 1915, um vaqueiro, de chapéu na mão, aproximou-se de Adalina Gray em seu jardim de rosas. Durante longo minuto, deixou-se o rapaz ficar alí a contemplá-la, e finalmente disse:

—A senhora não me conhece de nome, mas, em 1885, meu pai me trouxe aquí depois que minha mãe morreu. A senhora me pegou no colo e passou uma manhã inteira comigo, conversando, me distraindo. Não tive ninguem que fizesse isso por mim, só mamãe mesmo, e depois a senhora naquele dia; e eu queria vir ver a senhora outra vez...

Ele economizara algum dinheiro para dar de presente a Adalina, e esta o aceitou. Anos depois, disse-me: —Quando alguem quer pagar uma dívida do coração, a gente deve aceitar. Aquele moço precisava me pagar, e eu precisava da gratidão dele. Foi muito bom... Nós dois assim ficamos livres e contentes.

Há dez anos, Adalina Gray morreu

quase na miséria, tão generosa e pródiga fora, com seus bens e seus talentos. Mas, na verdade, morreu rica. Ela própria assim afirmou, numa última benção que jamais esquecerei:

—Deixe que lhe diga uma coisa, meu filho. O unico jeito de ser feliz é olhar as pessoas sem ver as roupas nem a educação. Olhe para dentro delas, e aposto que há-de gostar de todas!

Antigamente os médicos se opunham a que os doentes deixassem o leito logo após uma operação. Hoje, porem, muitos pensam de outra forma

Levanta-te e vive!

(*Condensado do «Saturday Evening Post»*)

Por Miriam Zeller Gross

Não foi Henry Ford o inventor deste novo tratamento post-operatório de que aquí falaremos; no entanto, o velho e famoso fabricante de automoveis foi um dos primeiros a empregá-lo, aliás, à revelia de seu médico. Em 1932, no hospital de Detroit que tem seu nome, Ford deu trabalho ao esculápio, fazendo questão cerrada de movimentar-se pelo quarto e ir ao banheiro, poucas horas depois de melindrosa intervenção cirúrgica. E o mais surpreendente foi que, apesar de seus 69 verões e de tão reprovavel procedimento, só ficou internado dez dias e, ao sair, estava em pleno gozo de sua saude.

Hoje, porem, já se vai generalizando o uso de tratamento, que consiste em aconselhar os doentes, após operações abdominais e partos, a caminhar livremente, em vez de se manter rigorosamente acamados durante alguns dias, como era o caso até há pouco tempo.

Seis anos depois do episódio de Ford, a que nos referimos acima, sucedeu algo de semelhante, noutro hospital de Detroit, levando um médico, dr. Daniel Leithauser, a lançar-se a vigorosa investigação do assunto, o que mais tarde veio a revolucionar toda a rotina post-operatória. Aconteceu que um doente, cujo apêndice fora extraido de manhã, andava depois do almoço a visitar outros pacientes, sem a menor cerimônia. Interpelando a enfermeira, ao ter notícia do caso, o dr. Leithauser soube então que o rapaz, sentindo sede, se levantara tranquilamente para buscar água, e resolvera ir conversar com os companheiros de hospital.

O médico foi então ao encontro do operado, achando-o ainda de pé, e explicou-lhe que a ferida poderia abrir, com possivel ruptura do peritônio, e outras complicações a menos que ele se deitasse imediatamente. Longe, porem, de assustar-se, o homem replicou que aquilo era «bobagem», pois ele sentia «um bem-estar enorme».

Naquela noite, tanto o médico como as enfermeiras sofreram angustiada insônia. O único que dormiu como um anjo foi precisamente o enfermo, sem queixar-se das dores e da náusea usuais; de manhãzinha, levantou-se de novo e pediu café!

Afirmando sentir-se muito bem, recusou-se a permanecer no hospital, e foi para casa. No dia seguinte já estava trabalhando no jardim; no quinto dia, dirigiu-se novamente ao hospital para exame, guiando seu próprio carro, e os médicos o acharam em muito melhores condições do que outros doentes que haviam sido operados no mesmo dia e não tiveram impulsos ambulatórios semelhantes aos dele.

O incidente levou o dr. Leithauser a conjeturar sobre se haveria, de fato, razões fundamentalmente sólidas a exigir que os operados ficassem de cama muitos dias. Lembrou-se de que as crianças, irreprimiveis e irrequietas, quase sempre saram normalmente, apesar de sua atividade incessante. Seu próprio filho fora encontrado a pular na cama certo dia, pouco depois de uma apendicectomia, sem que lhe sobreviessem, por isso, quaisquer complicações. Embora a medo, timidamente, resolveu levar a efeito algumas experiências com seus doentes, permitindo que se levantassem no primeiro dia após a retirada do apêndice. Em todos os casos observados, a convalescença foi realmente acelerada, e, assim, não tardou que o cirurgião passasse a aplicar o mesmo método a todos os demais operados de apendicite, chegando até a dar-lhes alta no dia seguinte ao da intervenção, se seu estado geral fosse bom. Daí a três anos, fez publicação oficial de suas experiências, revelando resultados satisfatórios nos 370 pacientes assim tratados.

Aplicou então o método a pessoas que houvessem sido sujeitas a outros tipos de intervenção abdominal. Tambem aí se verificou que os doentes sofriam menos enjôo, menos dores causadas pelos gases, e menos debilidade do que os acamados. O funcionamento dos rins voltava rapidamente à normalidade, não havia necessidade de lavagens intestinais, e os doentes exigiam muito menos analgésicos do que os não submetidos a tal tratamento. Dormiam e se alimentavam regularmente, e sentiam-se suficientemente fortes para voltar ao trabalho na metade do tempo habitualmente necessário.

E não é só. Os doentes assim tratados revelaram-se insuscetiveis à pneumonia, uma das peores ameaças aos operados de apendicite e outras infecções abdominais. Leithauser dispôs-se a investigar se essas observações encontravam apoio em princípios científicos. Demonstrou-se, por

meio de exames comparativos, que a respiração voltava ao seu volume normal dentro de dois a sete dias, nos pacientes não-acamados, e dentro de sete a catorze dias, nos demais; o mesmo se observava quanto à rapidez da convalescença. Outro médico americano, o dr. John Powers, comparou a pressão arterial, o pulso e a temperatura de 108 pacientes que caminharam no primeiro dia, com tensão, pulso e temperatura de 100 outros que ficaram de cama de sete a vinte e um dias, em seguida a operações semelhantes, isto é, de hérnias, apendicite, distúrbios da vesícula biliar, etc. Os diagramas revelavam que os não-acamados ficavam isentos de pulso acelerado, febre ou hipotensão. Não se abriam as feridas, e a reincidência da hérnia verificava-se muito menos frequentemente naqueles que se levantavam sem demora.

A ruptura de uma incisão abdominal é algo de assustador para o doente, causando, aliás, muitas vezes a morte. Segundo algumas autoridades, essa ruptura dá-se uma vez em cada grupo de 400 operações, em geral por volta do oitavo dia, que é quando os doentes começam a movimentar-se com mais liberdade. Entretanto, os médicos defensores do novo método fazem ver que os pontos são mais fortes justamente nos primeiros dias, e afirmam que a atividade normal estimula a circulação do sangue, facilitando, portanto, a cicatrização. Em determinado hospital, onde se realizaram experiências nesse campo, foi alcançado verdadeiro récorde: mais de duas mil operações abdominais, em seguida às quais os pacientes se ergueram dentro de 24 horas, sem que se desse um caso único de ruptura de ferida.

As contingências da guerra contribuiram para que se generalizasse a aplicação do novo método. Durante o *Blitz* de 1940 e 1941 em Londres, os médicos temiam que os hospitais fossem atingidos por bombardeios, e muitas vezes enviavam a suas casas as parturientes, dois ou três dias após o parto. Apesar de tomarem essa providência com grande relutância, verificaram, gratamente surpresos, que não ocorriam quaisquer complicações e, alem disso, que houve até redução no número de casos de flebite e de morte devido a embolias.

Pouco tempo depois, em Baltimore, nos Estados Unidos o obstetra Morris Rotstein viu-se a braços com uma crítica escassez de leitos de hospital; experimentalmente, deu alta a 150 mães após partos simples, no terceiro e quarto dias, com os melhores resultados. Em Los Angeles, os drs. Gordon Rosenblum, Eugene Melinkoff e Harry Fist resolveram investigar qual o tempo ideal de internamento para parturientes após o parto: um dia, três ou quatro, ou quinze, como é de costume. Dividiram 600 pacientes em três grupos, para fins de comparação. Os resultados indicaram que, embora pouca diferença se notasse entre o repouso de três ou quatro dias e o de um ou dois, essas doentes lucravam consideravelmente em relação às companheiras que permaneceram quinze dias de cama.

Há doentes que, sabedores deste novo método, chegam à conclusão de que os médicos querem ver-se livres deles, devido à escassez de leitos hospitalares. Mas é preciso que se diga e se repita que a primordial preocupação dos médicos é sempre o bem-estar dos doentes.

Há cerca de dois anos, cem cirurgiões de Detroit assistiram à exibição do primeiro filme mostrando os resultados das novas técnicas post-operatórias. Existem atualmente quatro cópias desse filme, que estão sendo disputadas nos meios médicos dos Estados Unidos e do Canadá.

Que reuniões detestaveis!

(Condensado de «Liberty»)

Por Paul Gallico

DETESTO as reuniões das 6 às 8. Ser convidado para uma delas é um insulto, e aceitar o convite, uma cacetada. Devo ter ido a mais de cem, na minha vida, e não me lembro de me ter divertido em nenhuma delas.

Quero, porem, tornar bem claro, desde já, que não sou em absoluto contrário à reunião de alguns amigos para um aperitivo antes do jantar. Refiro-me apenas àquelas funções complicadas, que exigem mil preparativos e em que tomam parte umas cincoenta ou cem criaturas. Estas são apinhadas numa sala cheia de fumaça, com lotação para umas vinte pessoas, no máximo, onde servem, em matéria de refrescos, apenas coquetéis, e bandejas com uns pedacinhos disso e daquilo, de aspecto revoltante, que chamam de «salgadinhos».

O motivo dessas festas é, geralmente, o mesmo. A mulher de uma pobre vítima, com uma expressão inconfundivel no rosto, observa, de repente:

«Meu bem, há tantas pessoas com quem estamos em falta e que precisamos convidar para qualquer coisa. A questão é que quase todas são cacetíssimas... Ah! tive uma idéia—o melhor é darmos um coquetel, e assim nos vemos livres de todos de uma vez!»

Quando o convidado entra na sala, ninguem lhe liga a menor importância. A dona da casa recebe-o com um aperto de mão indiferente e um olhar distraido, como se estivesse procurando lembrar-se onde o teria encontrado, e depois do clássico: «Ainda bem que conseguiu aparecer!», acrescenta: «Já conhece a senhora fulano de tal?» e desaparece, deixando-o no mais completo abandono.

Enquanto o mísero recem-vindo procura, desesperadamente, encontrar um assunto de conversa, tem que enfrentar o verdadeiro perigo da festa—não o coquetel, mas os «salgadinhos». Um ou outro Martini não têm, em geral, efeitos propriamente desastrosos, a não ser talvez o desejo de beliscar o nariz de alguem, ou escalar as paredes de um arranha-céu, mas as consequências dessas horriveis misturas que chamam de «salgadinhos» sobre o sistema digestivo, são, realmente, incalculaveis.

Parece-me haver apenas três elementos básicos para as várias pastas, massas e cremes, com que cobrem uns miseraveis pedacinhos de torrada ou biscoito. São eles: creme para limpar a pele, goma arábica e loção. São usados separadamente, ou em conjunto, sendo que, às vezes, acrescentam alpiste, óxido de zinco, água de rosas, serradura e capim.

Por mim, já tive que enfrentar o pedacinho de salmão que, de tão cansado, passou de côr-de-rosa a vermelho escuro; a minúscula sardinha desiludida, enroscada em torno de sua única amiga, uma azeitona solitária; e a fatia de ovo

cozido, já quase acinzentada, servindo de pedestal para três ovinhos de peixe fantasiados de caviar. Tudo isso, e outros petiscos igualmente repugnantes, são colocados sobre bolachinhas de um gênero especial que se dissolvem à primeira dentada, espalhando-se, em migalhas, pelo colo da vítima.

É, porem, possivel evitarmos essas bolachinhas, limitando-nos ao que vier espetado na ponta de um palito. Esse gênero varia da pequena salsicha, já fria e misantrópica, à azeitona gigantesca recheada com queijo derretido, geléia de petróleo, cera de vela, ou tudo o que tiverem podido achar na casa, alem de um pedaço de toucinho gorduroso a mais não poder. Quanto mais incriveis as coisas espetadas nas pontas dos palitos, tanto maiores os elogios feitos à dona da casa, e tanto mais enjoados nos sentimos à manhã seguinte.

Como função social, o coquetel nunca atinge o objetivo que tem em vista—isto é, promover boa vontade e o intercâmbio de idéias e números de telefone, e fazer com que encontremos pessoas desconhecidas, decidindo se vale ou não a pena transformar esses encontros numa amizade interessante. Fracassa por completo, desse ponto de vista, pois a primeira coisa a acontecer é que as pessoas que já se conhecem começam a gravitar umas em torno às outras, devido a um mecanismo de defesa, formando pequenos núcleos impenetraveis que apresentam as costas, hostilmente, ao resto do mundo.

Se estiver presente alguma celebridade, em cuja honra a reunião tenha sido organizada, a dona da casa, lá para as tantas, leva-nos à sua presença, permitindo que desfrutemos a honra de um aperto de mão desinteressado e frio e um olhar igualmente indiferente.

Quando, nessas ocasiões, surge, por milagre, uma centelha de interesse e se trava uma palestra capaz de apresentar, em tempo, vantagens mútuas, a dona da casa não tarda em interromper a conversa com um gritinho: «Seu egoista (ou sua egoista), não posso permitir que você monopolize o sr. Figurão. Há tanta gente aquí louca por conhecê-lo! Vamos, venha. Quero apresentá-lo à senhora d. Monótona.» Coloca assim um tampão entre a celebridade e o indiscreto, de repente encantoado com uma dessas velhas que usam incriveis e bolorentos chapéus do outro século.

O único refúgio nessas reuniões é a bebida, como tão bem expressa a observação ouvida recentemente, durante uma delas, ao servirem Martinis pela terceira vez. Um senhor, já meio tonto, aceita o cálice que lhe oferecem, explicando: «Pois sim. Muito obrigado. Tomarei mais um, porque ainda ouço o que essa gente está dizendo.»

Definições

Pontualidade: A arte de chegar ao ponto de encontro a tempo de se enfurecer com o atraso do outro.
—*Echo de Liverpool*

Livro raro: Aquele que, tendo sido emprestado, é devolvido.

Uma criança define a impaciência: Esperar com pressa.

O presente que chega 12 vezes por ano

Preços especiais reduzidos para o Natal——

veja a página seguinte

Presenteie seus amigos este Natal com alguma coisa que todos apreciarão

. . . e que lhes causará prazer e proveito durante o ano inteiro

Um ano inteiro de alegria é o que V. pode proporcionar neste Natal aos seus parentes e amigos, escolhendo para presente uma assinatura anual de SELEÇÕES, a revista que se lê com maior interesse no mundo todo. V. já tem visto como aproveita bem cada número de SELEÇÕES. Imagine que prazer proporcionará aos seus amigos se, *mês após mês, durante todo o ano vindouro*, receberem SELEÇÕES como presente seu! Alem de tudo, é tão ECONÔMICO dar SELEÇÕES de presente (veja os preços especiais de Natal na página seguinte); e é tão SIMPLES! Basta escrever os nomes e endereços de seus amigos na Encomenda de Presente da página seguinte.

SELEÇÕES é um presente que certamente todos apreciarão—jovens ou velhos, homens ou mulheres, quaisquer que sejam seus interesses e atividades. Um leitor, que foi dos contemplados com esse belo presente, assim se exprimiu, ao agradecer à pessoa que o presenteou: "Seria magnífico que esse presente de SELEÇÕES se repetisse sempre."

Outros leitores dizem que SELEÇÕES é sua revista predileta porque, "com linguagem simples, aborda toda espécie de assuntos, que tanto poderiam interessar um espírito mais humilde e outro mais culto" . . . "porque encerra em cada artigo um conselho, uma idéia, um ensinamento" . . . "porque no meu lar SELEÇÕES cumpre dupla missão: nela encontro o que há de mais interessante pelo mundo, e meus filhos sempre acham o que os divirta" . . . Eis aí apenas algumas das muitas razões pelas quais tantas pessoas de todas as classes encontram prazer e utilidade na leitura de SELEÇÕES—razões pelas quais V. pode ter a certeza de que seus amigos tambem receberão com entusiasmo uma assinatura da revista.

Porque SELEÇÕES *é o presente de Natal perfeito*

Nenhum outro presente, de preço tão módico, trará tanta satisfação. Com uma simples assinatura de um ano, V. enviará a um amigo mais de 300 artigos interessantíssimos, selecionados entre os das melhores revistas do mundo . . . e pelo menos 12 dos mais significativos livros do ano, em forma resumida.

» SELEÇÕES é um presente que se recebe não uma, mas *doze vezes por ano*. "De todos os presentes que dou," escreve um leitor, "SELEÇÕES é o mais satisfatório para mim e para meus amigos, porque eles o aproveitam o ano inteiro, e eu sei que toda vez que o recebem se lembram de mim com gratidão."

» Quando você dá de presente uma assinatura de SELEÇÕES, proporciona prazer não só a uma pessoa, mas a uma família inteira. "Acho quase milagroso," escreve um estudante de ginásio, "que uma única revista possa conter leitura que consiga interessar a quatro gerações de leitores. No entanto, é isso que SELEÇÕES consegue fazer, pois lá em casa é lida por minha bisavó, meu avô, minha mãe e por mim . . . e todos aproveitamos igualmente os seus utilíssimos artigos."

» SELEÇÕES é o presente mais FACIL de dar. Desde que você nos envie sua Encomenda de Presente, nós nos encarregaremos de todos os enfadonhos detalhes de empacotamento e despacho. "A oferta de Natal de SELEÇÕES é uma benção," escreve um leitor entusiasta que ofereceu uma assinatura de presente. "Para a revista, as cacetadas; e para mim os agradecimentos."

Peça HOJE MESMO suas assinaturas, aos preços reduzidos que aparecem na página seguinte. Preencha esta Encomenda de Presente →

Preços Especiais de Natal

para sua própria assinatura e para as que dê de presente

ASSINATURAS EM QUALQUER QUANTIDADE, PERFAZENDO UM TOTAL DE:	PREÇO:	V. ECONOMIZARÁ:
1 ano	Cr $30,00	
2 anos	Cr $50,00 (Cr $25,00 por ano)	Cr $10,00
3 anos	Cr $72,00 (Cr $24,00 por ano)	Cr $18,00
4 anos	Cr $90,00 (Cr $22,50 por ano)	Cr $30,00
mais de 4 anos	Cr $22,50 *por ano*	Cr $7,50 *por ano*

(*Nós pagamos o porte de todas as assinaturas*)

Para determinar o preço que deve pagar em cada assinatura, veja quantos anos somam as assinaturas que encomendou e consulte a tabela acima. Lembre-se de que . . .

ECONOMIZARÁ TANTO MAIS, QUANTO MAIOR FOR O NÚMERO DE ASSINATURAS QUE DÊ

Esses preços reduzidos aplicam-se tambem à sua própria assinatura, quer a esteja tomando pela primeira vez, quer seja renovação; e são válidos até 15 de janeiro de 1947.

IMPORTANTE: Se V. ainda não é assinante, pode economizar dinheiro incluindo sua assinatura agora entre as que encomende como presentes a preços reduzidos de Natal. Se já é assinante, pode incluir a renovação de sua assinatura. Mas, quer a inclua quer não, queira anotar SEU PRÓPRIO NOME e endereço no lugar indicado pela flecha.

ENCOMENDA DE PRESENTE

*NOME DA PESSOA QUE ENVIA AS ASSINATURAS*_____
(É favor escrever bem claro)

*RUA E NÚMERO*_____ *Renove minha assinatura por um ano* ☐ *por dois anos* ☐

*CIDADE*_____ *ESTADO*_____ *Anote meu nome como assinante novo por um ano* ☐ *por dois anos* ☐

Incluo Cr$ _____
Queira enviar-nos a quantia certa, afim de que possamos atender sem demora ao seu pedido

Sr. Fernando Chinaglia, Rua do Rosário 55, Rio de Janeiro, D.F.

É FAVOR ANOTAR AS SEGUINTES ASSINATURAS DE PRESENTE

*NOME*_____
(É favor escrever bem claro)

O cartão que acompanha o presente deverá levar os seguintes dizeres:

*RUA E NÚMERO*_____ *Presente de*_____

*CIDADE*_____ *ESTADO*_____ 1 ano ☐ 2 anos ☐_____

*NOME*_____
(É favor escrever bem claro)

O cartão que acompanha o presente deverá levar os seguintes dizeres:

*RUA E NÚMERO*_____ *Presente de*_____

*CIDADE*_____ *ESTADO*_____ 1 ano ☐ 2 anos ☐_____

Veja no verso os preços reduzidos para as assinaturas de Natal

O presente que chega doze vezes por ano

Ao escolher SELEÇÕES como seu presente de Natal—pelos preços reduzidos que se vêem, em detalhe, neste folheto—você terá encontrado o presente que chega *doze vezes por ano*, e que seus amigos lhe agradecerão não uma, mas muitas vezes, durante os meses vindouros.

Belo cartão anunciará cada um dos seus presentes

Cada amigo seu que receba uma assinatura de presente de SELEÇÕES receberá tambem um belo cartão de Natal. Nesse cartão estará escrito o seu nome, com uma comunicação de que o presente será dado por você. Os gastos correrão por nossa conta.

Espaço para assinaturas adicionais

NOME _____
(É favor escrever bem claro)

RUA E NÚMERO _____

CIDADE _____ *ESTADO* _____

O cartão que acompanha o presente deverá levar os seguintes dizeres:

Presente de _____

1 ano ☐
2 anos ☐

NOME _____
(É favor escrever bem claro)

RUA E NÚMERO _____

CIDADE _____ *ESTADO* _____

O cartão que acompanha o presente deverá levar os seguintes dizeres:

Presente de _____

1 ano ☐
2 anos ☐

NOME _____
(É favor escrever bem claro)

RUA E NÚMERO _____

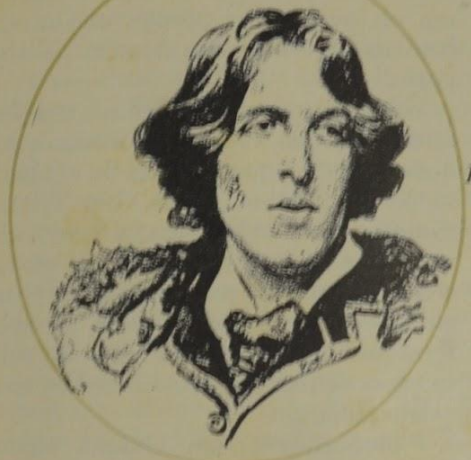
CIDADE _____ *ESTADO* _____

O cartão que acompanha o presente deverá levar os seguintes dizeres:

Presente de _____

1 ano ☐
2 anos ☐

O mais espirituoso dos conversadores



Baseado na obra «Oscar Wilde: His Life and Wit», de Hesketh Pearson

Disse a crítica que o novo livro de Hesketh Pearson é a mais completa e fiel descrição do gênio excêntrico e sensacional de Oscar Wilde. Algumas passagens da magnífica narrativa são aqui reproduzidas em forma condensada.

Por Max Eastman

UM GRANDE humorista nasceu na Irlanda em 1854. Foi o mais inspirado, o mais agil, o mais insólito e, tambem, o mais liberalmente expansivo dos homens modernos. Pelo menos, como tal é que perdurou na lembrança de seus amigos. Um eminente crítico chamou-lhe «o maior e mais consumado mestre da Arte da Conversação que jamais se exprimiu na língua inglesa». Sempre dizia as coisas com a maior propriedade no momento indicado, em vez de ficar ruminando para as dizer no dia seguinte ou em outra oportunidade. Jamais um conversador foi tão universalmente citado. Eis algumas de suas frases famosas:

«O cumprimento do dever é o que esperamos dos outros.»

«Sou capaz de resistir a tudo, menos a uma tentação.»

«Declino do seu convite, devido a um compromisso subsequente.»

«As mulheres nos amam por nossos defeitos. Se os tivermos em profusão, elas nos perdoarão tudo, até mesmo nossa superioridade intelectual.»

Não descambava para o monólogo a conversação de Oscar Wilde. Era ele um ouvinte alerta e enérgico, e sua arte consistia em orientar a conversação de modo a permitir que o interlocutor exibisse tambem as suas melhores qualidades de espírito. Nunca falava a respeito de seus problemas pessoais, exceto a um ou outro íntimo; nunca estabelecia regras; nunca praticava a contradição; nunca pretendia, enfim, ser autoridade em qualquer matéria, salvo eventualmente em finura social.

Era sempre discreto, participava francamente nos gracejos que porventura se fizessem a seu respeito, e se caraterizava

HESKETH PEARSON foi ator em Londres durante vinte anos. Prestou serviços militares na Primeira Grande Guerra e, em 1931, inesperadamente abraçou a carreira de escritor. Escolheu o gênero biográfico e, seguindo o rumo de suas tendências, especializou-se em interpretar a vida dos dramaturgos ingleses: Shakespeare, Gilbert e Sullivan, Bernard Shaw e, agora, Oscar Wilde.

por uma generosidade fora do comum. Seu dinheiro se dispersava tão livremente como os seus pensamentos. Se, por preguiça, deixava de fazer alguma coisa em seu próprio benefício, fazia-o por qualquer outra pessoa e não por um sentimento de dever. Foi talvez o único espírito, realmente grande, tão sensivel que nem com um simples gracejo era capaz de melindrar alguem. Jamais empregava linguagem grosseira em qualquer dito ou chiste. Em seus mais hilariantes transportes de espírito, mantinha-se irrepreensivelmente bondoso e afavel, e muitas vezes suas máximas foram profundamente sérias, como a observação de que «a humanidade se leva demasiadamente a sério, e isso é que constitue pecado original».

«Há um deleite em nos recriminarmos a nós mesmos. Quando reprovamos nossos próprios atos, sentimos que ninguem mais tem direito de censurar-nos. É a confissão, e não o padre, que nos absolve.»

Wilde mostrou-se tambem sério em sua paixão pela beleza, e teve algo de cruzado na sua atitude contra os moralistas negativos da época vitoriana. Viu igualmente as imensas possibilidades teatrais naquele conflito entre um saudavel senso de beleza e um mórbido senso de pecado, e sendo, como quase todos os humoristas, um entretenedor de primeira ordem, explorava ao auge essa qualidade.

Ainda na universidade, sustentava que a reforma em vestuário é muito mais importante do que a reforma em religião. E quando, concluido o curso, veio residir em Londres, andava com um par de luvas côr de alfazema, e se proclamava Professor de Estética. Apresentava-se nos saraus londrinos envergando um casaco de veludo, debruado a seda, calções, meias pretas de seda, camisa frouxa, com vasto colarinho dobrado, presa ao qual esvoaçava grande gravata de seda. Usava o lírio e o girassol como símbolos do seu culto, não por causa da beleza de um ou outro, mas porque quadravam bem na lapela de um homem de alto porte.

Wilde era, por sinal, enorme, e tambem forte e vigoroso, capaz de enfrentar qualquer agressão—quer partisse de um indivíduo ou de um grupo. No Trinity College, em Dublim, tendo, conhecido valentaço, que era o fanfarrão da escola, troçado de um dos seus poemas em plena aula, Oscar, atravessando a sala, foi esbofeteá-lo. Travou-se uma luta e, para surpresa de todos, o poeta levou de vencida o fanfarrão.

Posteriormente, em Oxford, alguns dos seus colegas acharam que era indispensavel, em defesa do padrão geral, invadir o quarto de Oscar e espatifar seu belo mobiliário. Quatro heróis, mais ou menos alcoolizados, irromperam no quarto, enquanto os demais espiavam do alto da escada. O primeiro intruso veio prontamente juntar-se a seus companheiros com a ajuda de um forte pontapé de Oscar. O segundo levou um soco que o atirou para junto do primeiro. O terceiro fez a jornada de retrocesso pelos ares. Oscar pegou finalmente o último e empurrou-o para debaixo de uns moveis. Em seguida, convidou os espectadores, agora unanimemente a seu lado, para tomar alguma bebida.

Quando se achava em Oxford, viram-no certa feita, num teatro, subir, com grande perigo para si mesmo, de um camarote para outro, afim de convidar os respectivos ocupantes a comparecerem a uma festa que iria dar depois do espetáculo. Era, porem, demasiado indolente para usar de sua força física, salvo em caso de defesa pessoal ou por simples

gracejo. «Sinto muito, mas não pratico jogos ao ar livre,» confessou mais tarde, «exceto—sim, exceto o dominó. Tenho-o jogado algumas vezes na calçada dos cafés parisienses.»

Nenhum homem, debil ou fisicamente tímido, entretanto, seria capaz de fazer a figura de Wilde. Por mera arrogância, conjugada com aquele sublime dom de arguta jovialidade, fez-se famoso em dois continentes aos 27 anos de idade sem jamais haver publicado uma linha por cuja leitura alguem se interessasse.

Não era belo, salvo por seus luminosos olhos e sua admiravel fronte. Tinha maus dentes e uma compleição balofa. Seu aperto de mão era lasso e seus vigorosos musculos davam antes a impressão de carne flácida. Faltavam-lhe traços e ângulos, e havia algo de excessivo em sua aparência, que levaria Richard Le Gallienne a achá-lo parecido com um enorme boneco. Esse aspecto frequentemente provocava reações desagradaveis em quem o via pela primeira vez, bem como o título que adotava de «O Grande Esteta». Mas sua lírica voz, rica de timbres, o riso desafetado e a incrivel torrente de chistosas histórias, paradoxos, fantasias, parábolas, provérbios e as profundas reflexões que jorravam tão prodigiosamente de sua boca desfaziam rapidamente qualquer sentimento de repulsa. Quando dava entrada num salão, via-se logo cercado de pessoas ansiosas por ouví-lo e ele entrava placidamente a conversar, dizendo coisas assim:

«Nada alcança tanto êxito como o excesso,» (sua frase favorita, que ele aplicava não só a seus vestuários como a suas reflexões).

«Estive trabalhando a manhã toda na revisão de um dos meus poemas e por fim eliminei uma vírgula. De tarde, resolví repô-la.»

Certa vez, um homenzinho modesto bateu à sua porta e disse-lhe:—Venho cobrar o imposto.

—Imposto? Para que pagar impostos? retrucou-lhe Wilde, com majestosa indignação.

—Mas não é o senhor o proprietário? Aquí vive, aquí dorme...

—Ah, sim, já sei, mas é que eu durmo muito mal.

Passando por uma casa de flores, pediu à florista que tirasse as flores da vitrine.

—Com muito prazer, meu senhor. Quantas deseja?

—Não, não quero nenhuma, obrigado. Pedí apenas que as tirasse dalí por me parecer que as flores estavam fatigadas.

Estava sempre a representar algum papel, e percebia perfeitamente o efeito que suas atitudes produziam. Ouvindo um transeunte dizer: «Lá vai aquele idiota do Oscar Wilde!» observou ele ao companheiro que estava ao lado: «É extraordinário como uma pessoa se torna conhecida tão depressa em Londres.»

Não custou muito a tornar-se tambem conhecido nos Estados Unidos, e a inevitavel turnê de conferências veio a realizar-se em 1882. Embora tivesse magoado profundamente seu empresário por não ter acedido em atravessar a Broadway empunhando um lírio, ele sobrecarregou sua indumentária de superfluidades, e imprimiu bastante espírito às suas observações aos repórteres, de modo que a turnê foi um brilhante sucesso. Nenhuma publicidade jamais produziu resultado mais fecundo do que as três palavras com que Wilde respondeu a um guarda da alfândega quando este lhe indagou se tinha alguma coisa a declarar: «Somente meu gênio.»

A turnê de Wilde nos Estados Unidos foi uma espécie de réplica à que Mark

Twain realizara na Europa. Em sua obra *Innocents Abroad*, o humorista americano riu a bandeiras despregadas da supercultura européia. Wilde teve a mesma atitude perante a falta de cultura dos Estados Unidos.

«Na América a vida é uma longa expectoração.»

«O hábito americano de pendurar quadros perto da cornija chocou-me à primeira vista como uma coisa irracional. Mas quando travei conhecimento com os maus quadros americanos, me apercebí da conveniência daquele hábito.»

«O rude comercialismo da América e sua indiferença pelo aspecto poético das coisas são inteiramente devidos ao fato de ter o país adotado como herói nacional um homem que, segundo sua própria confissão, era incapaz de proferir uma mentira.»

A um despacho de Griggsville, perguntando se poderia fazer uma conferência sobre estética, respondeu Wilde: «Antes de tudo, mude o nome de sua cidade.»

Em sua conferência em Cambridge, sessenta rapazes, alunos da Universidade de Harvard, entraram no recinto em ordem de marcha e tomaram assento nas primeiras filas, todos de calções e empunhando um lírio ou um girassol. Wilde, avisado dessa demonstração, apareceu no palco em traje de rigor. Com isso, os rapazes ficaram um tanto desconcertados e, à sua observação de que lhe parecia ver «certos sinais de um movimento artístico» na sala da conferência, o auditório prorrompeu em risos. Quando a seguir ele enunciou o epigrama: «A caricatura é o tributo que a mediocridade paga ao gênio,» a casa só faltou vir abaixo.

Outras e rudes tentativas para confundir o Grande Esteta resultaram igualmente baldadas. No trajeto de Nova York a S. Francisco, alguns bebedores truculentos quiseram embriagá-lo. Wilde bebeu com todos, sem perder o equilíbrio e, por fim, ao saltar, mandou-os de cambulhada num carro para o hotel. Os mineiros do Colorado festejaram-no no fundo de uma mina de ouro. Wilde tomou-se de admiração por eles e descreveu-os como os homens mais bem vestidos da América. «No fundo da mina,» contou ele, «sentamo-nos para um banquete, do qual o primeiro prato foi uisque, o segundo tambem uisque e o terceiro ainda uisque.» Os mineiros tiveram que ser carregados dalí em estado de completa embriaguez, enquanto Wilde continuava a palestrar amavelmente como se estivesse numa reunião elegante de Londres.

Tendo adquirido fama universal e não pequena soma de dinheiro, Wilde sentiu-se fatigado de representar, e resolveu fazer algum trabalho. «O Oscar da primeira fase está morto,» declarou, ao regressar da América. «O segundo nada tem de comum com o cavalheiro que usava cabeleira e ostentava um girassol em Piccadilly.» (Wilde admitiria depois que jamais levara um girassol a Piccadilly. «Qualquer pessoa poderia tê-lo feito; o meu êxito consistiu em fazer crer ao mundo que eu o fiz.»)

Sua breve experiência de trabalho iniciou-se com a direção de uma revista intitulada *Woman's World* (O Mundo das Mulheres). Aprazia-lhe imensamente essa função, que consistia em ficar ele refestelado numa cadeira a conversar com as futuras colaboradoras da revista. Era-lhe ainda mais agradavel o encontro com essas colaboradoras no Café Royal. Isso lhe parecia mais simples do que estar na redação, dando-lhe ensanchas a praticar sua máxima: «Não deixe para fazer amanhã o que puder ser feito depois.»

Quanto a responder cartas, guiava-se por uma observação: «Conhecí pessoas que vieram para Londres com a cabeça cheia de projetos e fracassaram completamente em pouco tempo por causa do hábito de responder cartas.» Sua atividade de redator durou quase um ano.

O novo esforço para fazer algo mais que conversar foi no *Pall Mall Gazette*, como crítico. Mas aí outra fraqueza o embaraçava: ele era demasiado generoso para melindrar qualquer autor. A coisa mais amarga que Wilde jamais disse como crítico redundou em verdadeiro tributo ao brilhante mas egoista pintor americano James McNeill Whistler: «Que ele é realmente um grande mestre da pintura, não há dúvida. E eu podia acrescentar que o sr. Whistler está inteiramente de acordo com esta minha opinião.»

Com isso, teve início um duelo de espírito em que Whistler desferiu sobre o adversário um golpe que se tornaria célebre. Numa exposição de quadros de Whistler, em Londres, um crítico de arte do *Times* expressara sua opinião assinalando que um quadro era mau, outro era bom, e assim por diante. Whistler observou-lhe: «Meu caro amigo, não diga jamais que esses quadros são bons ou maus. Evite aplicar esses qualificativos. Diga antes: Gosto disto, não gosto daquilo, e desse jeito estará no uso de seu direito. Agora, venha cá. Vamos tomar um trago de uisque—isso é uma coisa que você deve estar certo mesmo de gostar.»

—Eu desejaria ter dito tal coisa! exclamou Wilde, numa efusão de regalo.

—Você o dirá, você o dirá, retrucou-lhe Whistler.

Os heróicos esforços de Wilde para trabalhar tornaram-se indispensaveis devido a uma coisa banal que lhe sucedeu: apaixonou-se e logo se casou. Sua noiva tinha recursos suficientes para lhe assegurar uma vida sossegada, mas sua renda não estava à altura de enfrentar o dito de Oscar: «Dêem-me o supérfluo e eu poderei dispensar as necessidades.»

Constance Wilde era uma bela moça, e tão naturalmente inclinada para o silêncio como ele para os jogos da conversação. «Amo-a,» disse ele, «porque ela nunca fala e eu fico sempre a conjeturar sobre os seus pensamentos.» A julgar por um caso em que se recorda que ela falou, seus pensamentos não comungavam com os dele. Era evangelicamente religiosa e tinha grande devoção pelos missionários.

«Mas, minha querida,» disse-lhe ele, «não sabes que os missionários são o alimento com que a Divina Providência satisfaz a fome dos desvalidos e desnutridos canibais? Onde quer que os canibais estejam às vascas da inanição, o Céu lhes manda, em sua infinita misericórdia, um nédio missionário.»

«Mas, Oscar!» respondeu-lhe Constance. «Você não está falando sério, não é?»

«A melhor base para o casamento é a mútua incompreensão,» costumava dizer Wilde. E seu casamento foi, por muitos anos, inteiramente feliz. Tiveram dois filhos que ele adorava e, por causa das histórias fabulosas que lhes contava, ambos o consideravam perfeito. Foi seu enlevo pelos filhos que o levou a fazer-se escritor.

Seu primeiro livro substancioso—e, para muitos, o melhor de todos os que escreveu—foi um volume de histórias maravilhosas que ele publicou quando tinha 34 anos. Tais histórias eram mais belas, segundo o testemunho de seus amigos, quando ele primeiro as contou, com grande animação, a seus filhos. Mas ainda assim são das mais lindas, no gênero, que existem em língua inglesa.

Em 1891, Oscar estava beirando os 40

anos e ainda não havia encontrado o óbvio meio de transportar o seu gênio da conversação para a literatura: escrever peças de teatro. Sua peça de estréia, *Lady Windermere's Fan*, saiu em 1892. Era pouco mais que uma engenhosa tessitura de frases e ditos de espírito, mas seu êxito foi instantâneo e durador. Wilde tinha finalmente dado um grande passo e, nas alturas de 1894, quando escreveu sua obra prima, a peça *The Importance of Being Earnest*, era o dramaturgo mais popular de Londres e um dos mais famosos escritores do mundo. E presentemente circulam mais volumes de sua obra na Europa que de qualquer outro autor britânico, exceto Shakespeare.

Durante mais de 40 anos, consoante testemunharam seus amigos, nunca tivera um dia infortunado. E então ocorreu algo de pernicioso—ninguem sabe ao certo o que. Talvez o êxito. Ele mesmo disse: «Neste mundo só existem duas tragédias: uma consiste em não alcançar o que se deseja, e a outra em alcançar. O último caso é o peor, é a verdadeira tragédia.» Talvez fosse o resultado de algum distúrbio glandular. Wilde tornou-se grosseiro e pesadão, dando rédeas a uma tendência viciosa que não o tinha impedido, até os últimos anos, de levar uma vida normal e sadia.

Seus últimos quatro anos contam-se entre os mais trágicos e lastimaveis da história da literatura inglesa. Foram anos de opróbrio, prisão, exílio e pobreza—e, peor que tudo, silêncio!—e a seguir, como único refúgio para o seu espírito aniquilado, a morte. Essa história tem sido contada e deturpada muitas vezes. Por isso mesmo devem conhecê-la em sua realidade todos os que se interessam pelo carater e pelo destino do homem. Mas não nos detenhamos muito sobre ela: não deixemos que ela continue a projetar uma lúgubre e mórbida luz sobre aqueles quarenta anos de alegria, ternura, generosidade e espírito inimitavel.

As vantagens de não viajar

Irrequieto desde a infância até a idade madura, sempre viajando, sinto a nostalgia da vida tranquila, percebo cada vez mais a importância de criar raizes. Um vizinho me diz, por exemplo: «Eu me lembro desta estrada quando não passava de um atalho poeirento, e a gente levava um dia inteiro para viajar vinte quilômetros...» Para ele, é empolgante ver, agora, a lisa e macia estrada de concreto, na qual faço rodar meu automovel, indiferente às tradições locais. Quem viaja, vê outras pessoas em infinita variedade; quem não sai de sua casa, vê as outras pessoas em desenvolvimento... Cada um dos conhecidos que nos cercam viveu um grande drama, capaz de servir de inspiração a algum romancista. As pessoas realmente aptas a aproveitar a vida plenamente, todos os dias, hão-de encontrar sempre o maior interesse num metro quadrado de relva, ou na fisionomia dos fregueses de um café. Aqueles a quem falta esse dom hão-de sentir-se enfadados em qualquer cidade do mundo.

—Upton Close, em *The Commentator*

Surpreendente produto criado na guerra, que servirá de variadas maneiras às donas de casa

Novo papel *que resiste à água*

(Condensado do «Popular Science Monthly»)

por Lloyd Stouffer

Em julho de 1943, um destacamento do exército americano recebeu, para experiências, um mapa feito de nova espécie de papel.

Daí a uma semana veio o relatório, tendo-se verificado que o mapa fora submetido ao tratamento seguinte, sem que este produzisse efeitos nocivos: (1) mergulhado em água vinte vezes e espremido violentamente; (2) dobrado e batido, repetidamente, com coronhas de fuzil; (3) manchado de graxa; (4) pisado na lama; (5) ensopado em gasolina; (6) fervido em água com sabão, e escovado vigorosamente; (7) preso, por taxas, ao soalho do quartel, e pisoteado por todo um regimento; e afinal (8) amassado sob o peso de um tanque.

Assim foi que o exército dos Estados Unidos teve seu primeiro contacto com o novo papel resistente à água; tendo todo o aspecto do papel comum, suas fibras, no entanto, são unidas e apertadas umas de encontro às outras por meio de uma porção mínima de matéria plástica.

Esse processo de tratar o papel—chamado «resistência úmida»—está sendo aplicado a centenas de artigos de papel de uso cotidiano, dando-lhes nova força e redobrada duração, quer estejam secos, quer molhados. Podemos prever, por exemplo, sacos de papel onde se poderão levar legumes úmidos, sem que o fundo do saco se desintegre; papel de parede e para forrar prateleiras, que será lavavel de verdade; e, de papel, teremos «panos» de lavar pratos, toalhas, lençóis, cobertores, fraldas e até capas para chuva.

O exército americano usou 400 milhões de mapas de «resistência úmida» durante a guerra, dos quais 125 milhões foram empregados só na invasão da Normandia. Mostraram-se inestimaveis nas selvas do Pacífico, onde o papel comum é atacado pelo mofo em poucas horas.

Antes de terminada a guerra, o exército e a marinha dos Estados Unidos haviam utilizado a «resistência úmida» em quase todos os artigos de papel sujeitos ao contacto com a umidade. Caixas de papel contendo mantimentos, por exemplo, eram arriadas de bordo de navios, flutuando tranquilamente até a praia; às vezes, ficavam guardadas durante muitos meses, ao ar livre, expostas aos elementos, e sem o menor dano.

A chamada «resistência úmida» alcança-se mediante uma ou outra de duas resinas plásticas que se empregam comumente em artigos moldados, tais como algumas tampas de garrafa que se aparafusam, ou a parte externa das lanternas elétricas de bolso. Qualquer dessas resinas pode ser aplicada diretamente à polpa, não sendo necessário nenhum tratamento adicional. A polpa então passa através da série costumeira de rolos aquecidos, onde a mistura fica seca, transformando-se no papel acabado, e as partículas de resina são fixadas num

estado insoluvel. Essas partículas unem as fibras umas às outras, e elas assim permanecem, mesmo molhadas.

«Resistência úmida» não significa impermeabilidade. O papel de «resistência úmida» fica tão molhado como qualquer outro, mas a diferença está em que, mesmo molhado, resistirá a rompimentos ou rasgões; e pode tornar-se inteiramente impermeavel mediante tratamento com resinas ou cera. Há pouco tempo atirou-se ao Rio Niágara um saco de papel de «resistência úmida», feito de várias camadas de papel e de asfalto impermeavel, e cheio de farinha. Durante sete horas e meia o saco foi jogado de um lado a outro nas famosas quedas d'água e atirado de encontro às rochas. Ao ser retirado, verificou-se que ainda se achava em ótimas condições, e seca a farinha.

As novas resinas sintéticas, unindo as fibras da polpa, aumentam não só a «resistência úmida» do papel, como tambem a sua «resistência seca». Pode obter-se efeito semelhante de ligação, na «resistência seca», por meio de polpa com fibras longas. Mas, com o emprego das resinas a que já aludimos, consegue-se a mesma resistência sem fazer uso da polpa de fibras longas. Dessa maneira economiza-se a madeira de fibra longa, relativamente rara, utilizando-se, ao invés, a madeira mais comum, de fibras curtas.

Não há motivo por que o papel de «resistência úmida» seja mais caro do que o papel comum. Graças à maior resistência, o peso do papel pode ser consideravelmente reduzido, resultando, ainda assim, um artigo de maior eficiência. Embora uma toalha, por exemplo, deste novo papel, não seja mais absorvente, resistirá muito melhor ao uso mais intenso, até que se ache saturada, valendo assim duas ou três das comuns.

Prevalecendo ainda grande escassez de papel, não podemos saber exatamente até que ponto irão as possibilidades oferecidas pelo novo produto. Já se fala, porem, em capas de chuva muito baratas, que se poderiam usar, por exemplo, num súbito temporal, as quais seriam feitas desse papel, beneficiado ainda por um tratamento que o tornasse impermeavel.

Certo fabricante já anunciou que, quando houver matéria prima abundante, produzirá uma série de coisas interessantes desse gênero, inclusive um cobertor especial, de preço módico, a ser usado em pique-niques ou na praia. Resistirá não só à água, como tambem ao fogo; submetido a experiências, averiguou-se que suporta bem uma imersão de doze horas em água. Aliás, o mesmo artigo poderá ser utilizado para cobrir colchões, coxins de automoveis, etc.

Entre todas as experiências já realizadas nesse campo, destaca-se uma realmente revolucionária: trata-se de uma casa inteiramente de papel, erigida pelo Instituto de Química do Papel, nos Estados Unidos. A estrutura, de um quarto só, seria extraordinariamente barata, e as paredes, de papelão corrugado, são de tal modo rijas, que não há necessidade de madeiramento. Se bem que o papelão em apreço fosse feito por um método mais antigo de tornar o papel resistente à umidade, a verdade é que essa casa já durou dois anos.

Há projetos de construir casas como essa, em grande escala, para servir às famílias enquanto esperam a construção de domicílios mais permanentes. Serviria tambem para os acampamentos.

Nessa estrutura vemos o símbolo de todo um conceito novo em relação ao papel, forçando-nos a abandonar todas as noções anteriores a respeito. O papel, um dos materiais mais baratos, virá a ter aplicações com que jamais sonháramos.

BALEIA!

CONDENSADO DO LIVRO

«MOBY DICK»

DE

HERMAN MELVILLE

MOBY DICK já é um dos livros clássicos da literatura dos Estados Unidos—talvez, mesmo, o clássico por excelência, segundo a opinião de muitos críticos.

Considerada em seu conjunto, essa narrativa, nas palavras de Masefield, é «um belo e selvagem romance, que nos conta os segredos do próprio mar». Nesse romance, encontramos tambem, como disse outro comentador, «a mais autêntica e a mais empolgante das histórias de pesca à baleia que jamais se escreveram,» impregnada de humor e de aventura.

À tradição literária norte-americana pertencem as cenas aquí descritas nessa parte do livro *Moby Dick*.

A BALEIA

Meu nome é, por exemplo, Ishmael. Há alguns anos, com escasso dinheiro no bolso, e vendo, na terra, poucas coisas de interesse, achei de embarcar, para conhecer a parte aquática deste mundo. É meu jeito de vencer o tédio. Toda vez que vem a meus lábios um travo de melancolia; toda vez que o clima de minha alma está úmido e enevoado; toda vez que dou fé de mim mesmo a seguir involuntariamente algum cortejo fúnebre—percebo que é chegado o momento de fazer-me ao mar.

Não é que eu tome passagem, como qualquer viajante. Não, porque as passagens custam dinheiro. Alem disso, os passageiros sofrem de enjôo, tornam-se irasciveis, não dormem bem. Não; quando resolvo embarcar, vou como marujo simplesmente, lá ao pé do mastro. Não nego que me dão muitas ordens, coisa que a princípio aborrece bastante. Ofende a dignidade de um homem... Mas com o tempo passa.

Ora, que importa, se o bruto do capitão me manda esfregar o convés? Essa indignidade é alguma tragédia? Então o arcanjo Gabriel pensaria mal de mim, só porque obedeço com presteza e respeito ao velho capitão? Quem não é escravo, de alguma forma ou de outra? Todos o somos.

Dessa feita eu decidira partir em viagem de pesca à baleia. Metendo, num velho saco, uma ou duas camisas, larguei a boa cidade de Nova York e fui arribar a New Bedford numa noite de sábado em dezembro.

Visto que o navio só partiria para Nantucket na segunda-feira, cabia-me, antes de mais nada, encontrar pouso e comida para esses dois dias. Era uma noite tenebrosa e triste, e fazia frio de morder a pele. Não conhecia ninguem na localidade. Com gesto aflito eu já sondara o bolso, trazendo à luz apenas algumas moedas... Então cuida de ti, Ishmael, disse de mim para comigo, ao içar o saco sobre os ombros, cuida de ti e não entres em parte alguma sem indagar antes do preço, nem te mostres muito exigente.

Passei pela hospedaria «Os Dois Arpões», mas não parei, pois o lugar me pareceu dos mais caros. Por instinto, fui seguindo pelas ruas que me levavam a beira-mar, onde certamente estariam as estalagens mais baratas, embora menos alegres.

E que ruas lúgubres! De cada lado havia blocos de treva, vendo-se, aquí e alí, uma candeia a balouçar, como se fora num túmulo. Mas dentro em pouco aproximei-me de uma luz, e ouví no ar um ranger triste; erguendo o olhar, deparei com um letreiro a balançar no vento, onde li—«Hospedaria da Baleia». Considerando a luz, tão debil, e o tristonho e miseravel ranger do letreiro, concluí que aí encontraria alojamento de baixo custo, e café razoavel.

Empurrando a porta, vi que me achava num vestíbulo largo e baixo, forrado de madeira à moda antiga, tal como a amurada de velho barco abandonado. Em uma das paredes estava um quadro a óleo representando grande veleiro em plena tempestade. Do lado oposto, haviam pendurado uma porção de clavas e lanças de origem pagã. Em algumas, tinham sido incrustados muitos e brilhantes dentes; em outras, à guisa de laços, viam-se pequenos tufos de cabelo humano. Entre todas essas coisas havia velhos arpões de baleia, todos rotos e deformados. Vim a saber, mais tarde, que tais armas tinham história. Com essa longa lança um tal Nathan Swain matou 15 baleias entre o alvorecer e o pôr do sol. E aquele arpão—que hoje mais parece um saca-rolhas—fora atirado em mares de Java, e arrastado por uma baleia, morta, anos depois, ao largo do Cabo Branco.

Atravessando esse obscuro vestíbulo, alcancei uma sala ainda mais obscura, onde, a um dos lados, estava o imenso osso arqueado da mandíbula de alguma baleia, formando tão amplo semicírculo, que uma diligência quase poderia passar por baixo dele. Dentro desse arco ficava o bar, adornado com velhas garrafas de várias formas; e era alí que se achava reunido um grupo de homens do mar.

Quando me dirigí ao estalajadeiro, este me informou que a casa estava cheia, não havendo mesmo uma só cama desocupada.

—Mas espere, acrescentou, com uma palmada na testa. —Se você quiser, pode dormir na mesma cama com um arpoador.

Disse-lhe eu que não me agradava, em absoluto, a idéia de compartilhar da mesma cama com ninguem; no entanto, levando em conta o frio da noite, estaria disposto a usar a metade do cobertor de qualquer homem decente.

—Ah, assim, sim. Está bem. Então sente-se, que o jantar está quase pronto.

Sentei-me numa espécie de sofá de madeira, todo talhado a faca, como se fosse um banco de parque em bairro pobre de Nova York. A uma das extremidades um marinheiro ruminante dava ainda outros adornos ao banco, com seu canivete; tendo-se curvado, trabalhava energicamente na madeira. Queria gravar a imagem de um veleiro a todo o pano, mas, ao que pude ver, os resultados não eram lá grande coisa.

Afinal chamaram-nos para comer, na sala anexa. Alí fazia um frio digno da Islândia; de lareira, nem sinal, e o estalajadeiro explicou que não lhe sobravam recursos para tanto. Iluminavam-nos apenas duas tristíssimas velas de sebo. Fomos obrigados a abotoar, até o pescoço, nossas jaquetas de inverno, e levávamos à boca as chícaras de chá escaldante, enquanto nos tremiam os dedos quase congelados. Havia, porem, muito que comer, e o alimento era de sustância: não só a carne e as batatas, mas tambem gostosas panquecas. Certo rapaz, de paletó verde, atirou-se a estas últimas com extraordinária energia, levando o estalajadeiro a observar:

—Assim, rapaz, você vai ter um pesadelo dos diabos!

Aproveitei para perguntar ao estalajadeiro:—É esse o arpoador?

—Ah, não! exclamou, com uma cara muito engraçada. —O arpoador tem a pele mais escura.

Quanto mais eu pensava nesse arpoador, sentado à lareira após o jantar, tanto mais abominava a idéia de dormir com ele. Era justo supor que, sendo arpoador, sua roupa de baixo, quer de lã quer de linho, não fosse lá das mais limpas. Já me torcia de antecipado nojo. E ocorreu-me que o melhor seria dar-lhe um olhadela antes de me retirar para a cama.

No entanto, embora continuassem a chegar outros hóspedes, nem sinal havia do meu arpoador.

—Que tipo de homem é ele? Costuma sempre entrar tão tarde? perguntei novamente ao estalajadeiro.

Já era quase meia-noite. Mas ele, risonho, respondeu:

—Não, ele em geral entra cedo. Mas é que hoje foi por aí vendendo sua mercadoria, e talvez não tenha conseguido vender a cabeça...

—Mas escute, insistí. —Diga-me quem é esse arpoador, que espécie de homem ele é, se não é perigoso passar a noite com ele.

—Calma, rapaz, observou o homem. —Esse arpoador acaba de chegar dos mares do sul, e lá andou comprando não sei quantas cabeças embalsamadas da Nova Zelândia, que são curiosidades muito apreciadas, como você sabe... Já vendeu todas menos uma, e para essa ele faz questão de encontrar comprador hoje mesmo, porque amanhã é domingo, e não ficaria bem andar pela rua vendendo cabeças humanas, na hora em que todo o mundo está indo para a missa. Aliás, no domingo passado ele queria ir assim mesmo, mas eu não deixei; segurei o bicho quando ele ia passando o umbral, com quatro cabeças atadas num pedaço de fio, como se fossem cebolas... Mas está ficando tarde, e é melhor você ir dormir. A cama é bastante larga, cabem dois folgados; venha cá, que eu lhe mostro.

Dizendo isso, acendeu uma vela e me mostrou o caminho.

Levou-me a um quarto pequeno e gélido, onde havia, efetivamente, uma cama prodigiosa. A um canto jazia um saco-de-viagem como os que usam os marujos, e, ao pé da cama, vi desde logo um longo arpão.

Sentei-me, e durante algum tempo pus-me a refletir sobre esse arpoador que vendia cabeças. Mas não tardou que me desse um frio de gelar a medula, e, sem mais delongas, livrei-me das calças e das botas, mergulhei na cama, e me entreguei aos cuidados da Providência. Quase caía, já, nos braços de Morfeu, quando ouví pesados passos no corredor, e vi, sob a porta, ligeiro raio de luz.

Deus me ajude, pensei; deve ser o arpoador, esse infernal mercador de cabeças. Deixei-me ficar imovel na cama, e resolví nada dizer, a menos que ele tomasse a iniciativa. Trazendo em uma das mãos uma lanterna, e na outra a tal cabeça neozelandesa, o estranho atravessou o umbral e, sem olhar para o leito, colocou a vela no chão, a um canto, guardando a cabeça no saco-de-viagem. Quanto a mim, preocupava-me, naquele momento, ver seu rosto, mas teria que esperar que ele se virasse... e eis aí! Deus meu, que vi eu! Que cara! Tinha uma côr escura, entre roxa e amarela, marcada, aquí e alí, com grandes quadrados quase pretos. A princípio julguei que ele estivera metido em algum motim dos diabos, e que aqueles quadrados eram de esparadrapo; mas, sem demora, ocorreu-me a verdade: esse arpoador, durante alguma de suas viagens a remotas plagas, teria sido tatuado por canibais!

Tirou então o chapéu—novo, aliás, e elegante—e quase arrancou de mim um brado de surpresa. Em sua cabeça não havia cabelo nenhum—apenas um pequeno tufo torcido na testa. A calva arroxeada deu-me a impressão de uma caveira coberta de mofo. Não fora a presença dele, entre mim e a porta, eu teria alcançado, de um só pulo, o corredor e a liberdade. Tão grande, realmente, era meu pavor, que nem ousei falar-lhe, continuando quieto e inerte. Era evidente que se tratava de um abominavel selvagem

chegado, de contrabando, nalgum barco procedente dos mares do sul.

De súbito o selvagem fez algo que me encheu de pasmo e fascínio, convencendo-me, uma vez por todas, de que era na verdade um pagão. Dirigindo-se até onde se achava seu pesado capote, mexeu nos bolsos e daí tirou uma esquisita imagenzinha deformada, com uma corcova nas costas, preta como pixe. Lembrando-me da cabeça embalsamada, cheguei a pensar que aquele pequeno manequim fosse uma criancinha, preservada de forma semelhante. Ao ver, porem, que aquilo brilhava à maneira do ébano, concluí que só podia ser um ídolo de madeira, e de fato assim era, pois o selvagem foi à lareira vazia, pôs a imagem corcovada entre os atiçadores, e começou a fazer uns ruidos guturais, cantando talvez algum salmo pagão.

Decidí então que era hora de falar, agora ou nunca, enquanto a luz estivesse acesa. Mas, antes que pudesse recuperar minha voz, a vela se extinguiu de súbito, e o temivel canibal pulou para a cama, ao meu lado. Gritei, pois não me pude refrear; e ele, com uma espécie de grunhido de espanto, pôs-se então a me apalpar. Gritei cada vez mais forte: Estalajadeiro! Pelo amor de Deus! Anjos do céu, salvai-me!

Graças a Deus, o estalajadeiro veio imediatamente, entrando no quarto com luz em punho; saltando da cama, corrí a ele.

—Não tenha medo, rapaz! exclamou, com outro largo sorriso. —Quiquegue não faz mal a ninguem...

—Pare de sorrir, bradei. —Porque o sr. não me avisou que este arpoador era um canibal?

—Pensei que você adivinhasse... Eu não lhe disse que ele andava pela cidade vendendo cabeças? Vá dormir, rapaz. Quiquegue, ouça: você compreende eu, eu compreende você... este homem dorme você... compreende?

—Me compreende muito, rosnou Quiquegue, sentado, agora, na cama.

—Você entra cama, disse-me então, empurrando os lençóis para o lado. Alías, isso foi feito de maneira bastante cortês. Por um momento, fiquei alí, de pé, contemplando a cena. Afinal de contas, apesar das tatuagens, tratava-se de um canibal limpo e até simpático. Que tolices venho eu fazendo? perguntei de mim para comigo. Este homem é uma criatura como eu—e antes dormir com um canibal abstêmio, do que com um cristão embriagado!

Vendo-me hesitante, Quiquegue fez novos gestos, a indicar que havia lugar; rolando para a extremidade da cama, parecia dizer: não te preocupes, que não te tocarei!

—Boa-noite, amigo estalajadeiro, falei. —Agora o sr. pode ir embora.

Instalei-me entre os lençóis, e nunca dormí melhor em toda a minha vida.

NA MANHÃ seguinte, descendo ao bar, encontrei-o cheio de fregueses. Quase todos eram pescadores de baleia: pilotos, segundos pilotos, terceiros pilotos; carpinteiros de bordo, tanoeiros, arpoadores e proprietários de embarcações; gente forte e queimada de sol, e todos barbados; era um grupo desalinhado e hirsuto.

—Olha a bóia! exclamou o estalajadeiro, abrindo uma porta; e todos nos dirigimos à mesa do café.

Dizem que os homens muito viajados adquirem serenidade e boas maneiras, sentindo-se à vontade em qualquer companhia. Mas, nem sempre! Julgara eu, por exemplo, que, à mesa do café, fosse ouvir, de alguns deles, empolgantes his-

tórias de pescarias; no entanto, surpreendeu-me ver que quase todos se mantinham em profundo silêncio, chegando, mesmo, a dar uma impressão de encafifados. Sim senhores, aquí estava um punhado de lobos do mar, muitos dos quais haviam, sem a menor timidez, abordado grandes baleias em mar alto—baleias que eles nem conheciam—matando-as depois sem um piscar de olhos; entretanto, à hora do café... permaneciam calados e sizudos como beatas. Curioso espetáculo, o desses barbados tímidos, desses acanhados guerreiros do mar!

Quanto a Quiquegue, lá estava entre eles,—aliás, por acaso, à cabeceira da mesa, e calmo que nem o mar sem vento. É verdade que não posso louvar seu comportamento. Nem seu maior admirador seria capaz de justificar, com cordialidade, o fato de ele ter trazido o arpão para a mesa, usando-o para melhor levar o bife à boca. Fê-lo, no entanto, serenamente, e, como todo o mundo sabe, quem age com serenidade, age com delicadeza.

TERMINADO o café, saí para dar uma volta. Se me espantara ao ver, pela primeira vez, um indivíduo nas condições de Quiquegue, em plena civilização, meu espanto se desfez enquanto eu caminhava. É certo que em qualquer porto de mar, de bom tamanho, vêem-se geralmente os tipos mais estranhos, procedentes de várias partes do mundo. Lá em New Bedford, porem, é comum verem-se canibais de verdade, cavaqueando tranquilamente nalguma esquina. Os forasteiros, ao deparar com tais cenas, ficam muitas vezes boquiabertos.

Contudo, alem dos canibais e de outros estranhos tipos que andam pelas ruas despercebidos, há tambem outros espetáculos ainda mais curiosos, sem dúvida mais cômicos. Todas as semanas chegam à cidade dezenas de forasteiros das circunvizinhanças, sedentos de lucro e glória na vida do mar. Quase sempre são jovens e bem robustos—rapazes que, tendo derrubado árvores na floresta, desejam agora soltar o machado, e tomar nas mãos a lança de baleia. Muitos estão ainda tão verdes como as montanhas de onde vieram. Vede alí! Vede aquele que se pavoneia todo, ao dobrar da esquina. Traz na cabeça um chapéu de peles e no corpo um casaco cortado como cauda de andorinha, tendo à cintura um cinto de marinheiro e faca embainhada. E este outro, com seu sueste e casaco de bombazina. Ah, pobre semente de feno... Com que amargura verás romper-se todo esse garbo, à primeira rajada de tempestade!

Não penseis, porem, que esta cidade famosa só tenha arpoadores, canibais e rústicos, para mostrar aos visitantes. Nada disso! O solo de New Bedford é rochoso e esteril. Entretanto, apesar disso, em nenhuma outra parte da América se encontram casas mais elegantes, nem parques e jardins mais opulentos. De onde vieram?

Quem examinar os arpões de ferro que servem de cerca àquela rica mansão, verá essa pergunta logo respondida. Sim, todas essas belas casas, e todos os jardins floridos, vêm dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. Uma por uma, receberam em cheio o golpe do arpão e foram puxadas do fundo do mar.

Em New Bedford, dizem que os pais dão baleias a suas filhas, como dotes, e distribuem às sobrinhas alguns botos, de vez em quando. Para ver um casamento bonito, é preciso ir a New Bedford; sim, porque, segundo dizem, há em cada casa reservatórios de óleo, e todas as noites se queimam enormes velas de espermacete.

E as mulheres de New Bedford... essas, são viçosas que nem as rosas vermelhas de seus jardins. Achar viço que se lhe compare, ah, não é possivel, salvo talvez em Salem, onde, dizem-me, as moças emanam tal aroma que os marujos, apaixonados, o sentem a muitas milhas da praia, como se estivessem chegando com seus barcos, não às puritanas plagas de onde partiram, mas às perfumadas ilhas Malucas.

NA SEGUNDA-FEIRA, Quiquegue e eu —companheiros agora—fomos de barco até Nantucket, e aí fiquei sabendo que o navio *Pequod* se preparava para uma viagem. Era uma embarcação pequena, manchada pelos elementos, pelos tufões e calmarias de quatro oceanos. Entrando a bordo, encontrei um velhote enrolado num oleado, e perguntei:

—O senhor é o comandante do *Pequod*?

—E se for, que queres dele?

—Ando com vontade de embarcar...

—Ah, andas mesmo? Vejo que não és daquí. Já estiveste neste tipo de barco?

—Não, senhor. Nunca.

—Então não conheces nada da pesca à baleia, hein? Nada, nada?

—Nada, não senhor. Mas hei-de aprender depressa. Já viajei muito com a marinha mercante, e acho que...

—Aaah, que se dane a marinha mercante! interrompeu o velho. —Não me venhas falar nessa linguagem. Mas escuta, menino, porque queres embarcar em baleeira? Estou achando isso um pouco esquisito... Será que não roubaste teu último capitão?

Protestei minha inocência, percebendo que este velho marujo era dos que desconfiam de todo forasteiro, menos talvez daqueles nascidos não muito longe dalí.

—Mas então, que te leva a querer embarcar em baleeira? Quero saber, antes de aceitar-te.

—É que eu gostaria de ver como é a pesca à baleia... Quero ver o mundo.

—Serás homem bastante para lançar o arpão pela garganta duma baleia viva, e mergulhar atrás dela? Responde, vamos!

—Seria, sim senhor, desde que fosse indispensavel fazer isso; mas, na certa, os fatos são diferentes...

—Muito bem. Entendido; queres não só viajar de baleeira, mas tambem conhecer o mundo. Vamos a ver... Vai até a proa, a barlavento, e diz o que vês de lá.

—Não se vê grande coisa, respondí. —Só água. O horizonte é que está carregado, e vem aguaceiro por aí.

—E é esse o mundo que queres ver? Teu desejo é montar o Cabo Horne para ver mais ainda desse mundo?

O capitão quase me desconcertou por completo, mas estava decidido a embarcar, e embarcaria mesmo; alem disso, o *Pequod* era um belo barco—coisas, essas, que afirmei ao comandante. Vendo-me tão resoluto, o velho prontificou-se a pôr-me a bordo.

—Capitão, continuei. —Tenho um amigo que quer embarcar tambem. Posso trazê-lo amanhã cedo?

—Esse teu amigo já pescou baleia?

—Matou tantas, que até perdí a conta.

—Então, podes trazê-lo amanhã.

No dia seguinte, pois, Quiquegue veio comigo para bordo do *Pequod*. Sua aparência chocou um pouco o capitão, que lhe disse:

—Escuta: estás ligado a alguma igreja cristã? Olha, que pagão não entra no meu barco.

—Mas, interrompí eu, —ele é membro da primeira Igreja da Congregação. (Diga-se de passagem que muitos selvagens tatuados, marujos em navios de Nantucket, acabam por converter-se.)

—Da primeira Igreja? espantou-se o capitão. —Deveras? Assim dizendo, pôs

os óculos e inspecionou longamente o Quiquegue.

—Esse daí não foi batizado direito, observou. —Se fosse, essas pinturas do diabo tinham saido...

—Não sei se o batismo foi direito ou não, retruquei. —Mas sei que aquí o Quiquegue nasceu membro da primeira Igreja da Congregação, a grande e perpétua igreja de todo este mundo de cristãos; todos pertencemos a ela, e nela nos damos as mãos.

—Meu filho, bradou o capitão, —tu devias era embarcar como missionário, e não marinheiro; nunca ouví sermão melhor. Dize aí ao teu Quicoque... como se chama ele... aí, ao teu amigo, que pode vir. Mas, sim senhor, que arpão ele tem! E me parece que sabe segurá-lo direitinho... Ouve aí, Quicoque, já estiveste alguma vez de pé na proa duma baleeira?

Sem dizer palavra, Quiquegue, com seu modo rude, saltou até a amurada, e daí à proa de uma das baleeiras encostadas no casco. Pousando o arpão, exclamou:

—Seu capitão, está vendo manchinha de pixe alí na água?

Fazendo pontaria, lançou o arpão bem por cima da cabeça do velho, e a lança, dardejada com força, riscou o ar sobre os conveses, indo cair com a ponta dentro da mancha de alcatrão.

—Ah! fez o capitão, admirado, enquanto Quiquegue içava tranquilamente o cabo. —Vamos ver os papéis de bordo, precisamos deste... como se chama... deste Panqueca em uma das nossas baleeiras.

EM DIA FRIO, pouco tempo depois, o *Pequod* içava ferro zarpando para seu cruzeiro. O primeiro piloto chamava-se Starbuck, robusto e brabo rapaz de Nantucket.

—No meu barco, observou ele, —só entra homem que tenha medo de baleia.

Quis dizer com isso, parece-me, que o indivíduo dotado de verdadeira coragem é aquele capaz de calcular a extensão do perigo.

—Isso mesmo, comentou Stubb, segundo piloto. —O Starbuck é cuidadoso de fato, nem há dúvida.

Veremos, porem, brevemente, qual a acepção que os pescadores de baleia davam à palavra «cuidadoso».

Stubb, segundo piloto, nascera no Cabo do Bacalhau. Homem bonacheirão, bem-humorado, acessivel, tomava conta do barco como se o mais arriscado dos encontros não passasse de um banquete, e a tripulação fosse um grupo de convivas.

O terceiro piloto era um tal Flask, dalí de perto mesmo. Rapaz baixo, gordo, rubicundo, extraordinariamente pugnaz, em se tratando de baleias, dava a entender que os animais o haviam ofendido pessoalmente, e que, portanto, constituia questão de honra destruí-los quando esbarrasse com eles.

Esses três pilotos—Starbuck, Stubb e Flask—eram, pois, homens de muita importância. Comandavam as baleeiras do *Pequod*, e a cada um tocava um arpoador.

O primeiro era Quiquegue, escolhido por Starbuck, primeiro piloto, para seu ajudante.

Depois vinha Tashtego, índio de uma tribo próxima da região, de onde, aliás, sempre vieram muitos dos arpoadores de Nantucket. Tashtego era ajudante do Stubb.

E o terceiro era Dagú, gigantesco selvagem africano. Suspensas de suas orelhas, havia duas argolas douradas, tão grandes que os marujos as apelidavam cavilhas de arganéu, e falavam em amarrar nelas as adriças da gávea. Esse belo tipo de negro ajudava o pequeno Flask, que, perto dele, lembrava um peão de xadrez.

JÁ HAVÍAMOS navegado mais de um mês rumo às cálidas águas de cruzeiro quando, certa tarde procelosa, ouvimos o velho grito dos lábios de Tashtego—impressionante figura, a pender, oscilante, do tope do mastro:

—Baleia! Alí! Alí! Está esguichando! Está esguichando!

—De que bordo?

—A sotavento. Um cardume inteiro!

Instantaneamente, todo o barco era movimento.

O cachalote, ou baleia de espermacete, solta seu esguicho com a regularidade de um relógio, de maneira sempre uniforme, e isso permite aos pescadores distinguí-la de outros cetáceos.

—Arriar baleeiras!

As roldanas rodaram no poleame; com um baque macio, as três baleeiras pousaram no mar; e os marinheiros, com gesto destro e audaz, gesto que em nenhuma outra profissão se conhece, saltaram como cabritos pela borda e pularam para dentro das embarcações menores.

—Puxem pelos remos, valentões; puxem, meus filhos! ia Stubb suspirando com sua voz arrastada.—Puxem até quebrar a espinha! Não, nada de pressa. Só quero que vocês acordem dessa sonolência, e puxem. Mas puxem de fato, homens de Deus! Puxem até quebrar qualquer coisa! Puxem até virem lágrimas aos olhos! Outra coisa, acrescentou, sacando sua faca da cinta. —Atenção, meninada, atenção. Todos vocês peguem os facões e botem o gume na boca, mas continuem puxando, com o gume na boca. Ah! assim, sim. Isso mesmo! Agora, viçosa mocidade, é puxar, puxar sempre!

Stubb tinha esse jeito todo peculiar de inculcar na tripulação a religião do remo. Não é, porem, que ele se deixasse levar por ira e paixão. Era capaz de dizer as coisas mais duras aos marujos, mas num tom de voz que era uma mistura de jocosidade e fúria, de modo que todos, ao remo, faziam o esforço possivel, «puxavam» realmente, nem tanto para obedecer-lhe, senão mais porque a coisa era divertida...

A um observador menos prevenido, teria sido impossivel vislumbrar, naquele momento, qualquer baleia; só veria uma pequena mancha verde-branca, um ponto agitado nas águas, e, por cima, ligeirissimos sopros de vapor que parecia como que flutuar. Em direção a esse ponto avançavam agora todas as baleeiras. Mas o pequeno redemoinho ameaçava escaparlhes.

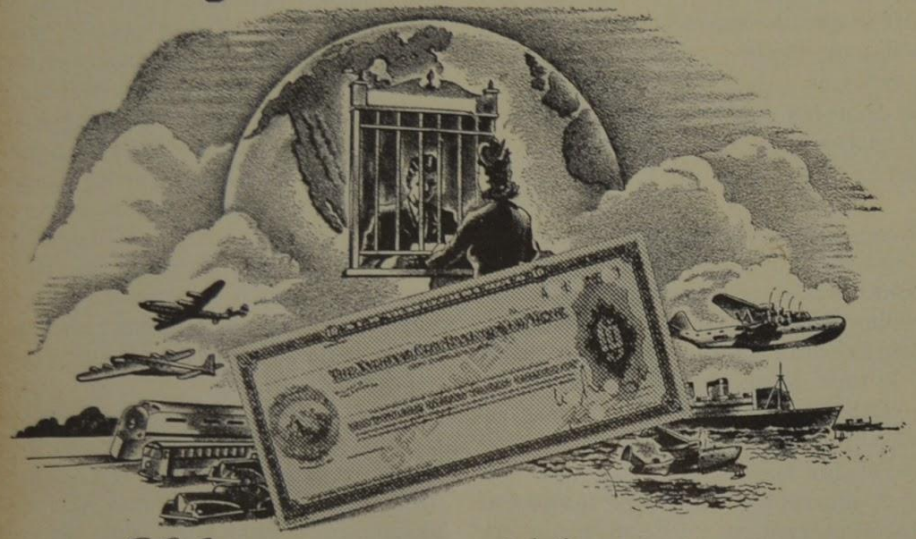
—Puxem, puxem, meninos! dizia Starbuck, num sussurro em pianíssimo, mas extremamente intenso.

Como era diferente o exuberante Flask!

—Cantem, digam alguma coisa, camaradas! exclamava ele. —Rugir e puxar, meus filhos do trovão! Quero desembarcar no dorso negro daqueles bichos; façam isso por mim, façam, que eu lhes dou toda a terra que me pedirem, inclusive, uma mulher e filhos... Levem-me ao bicho, vamos, vamos!

Era um espetáculo cheio de maravilha e espanto! As vastas vagas impantes do mar todo-poderoso; a breve agonia do bote suspenso, balouçando por um instante na orla fina de alguma onda mais afiada; o súbito e fundo mergulho para

O seu caixa bancário segue-o ao redor do mundo



—quando o Sr. leva *Cheques de Viajantes*

N.C.B.

Garantidos pelo National City Bank de Nova York Os Cheques de Viajantes N C B são conhecidos e resgataveis EM TODA PARTE

OS SEUS Cheques de Viajantes N.C.B. reconhecidos universalmente, são aceitos no mundo inteiro e convertiveis em espécie nos paises estrangeiros com a mesma facilidade que no guichê do banco da sua terra.

Se fôr extraviado, estragado ou roubado, (sem endosso), o National City Bank de Nova York lhe reembolsará imediatamente a quantia dos cheques perdidos ou destroçados.

Entre os viajantes experientes os Cheques de Viajantes N.C.B. são considerados o meio mais seguro, conveniente e econômico de levar dinheiro quando se viaja.

Os Cheques de Viajantes N.C.B. são emitidos pelo National City Bank de Nova York e apoiados em 134 anos de experiência bancária. Emitidos em denominações de 10, 20, 50 e 100 dólares, seu custo é módico e grande a proteção que oferecem. Peça Cheques de Viajantes NCB no seu banco favorito.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Matriz: 55 Wall Street, Nova York

O Primeiro Em Transações Bancárias Internacionais

dentro da repentina cavidade aquática; os agudos gritos dos patrões, estimulando os remadores a galgar a próxima colina; e o *Pequod*, alto acima das baleeiras, velas enfunadas em cheio, rápido, grande, qual galinha brava atrás dos assustados pintos.

As baleias pareciam separar-se de suas esteiras, e os barcos iam-se afastando uns dos outros; Starbuck—em cujo barco remava eu—perseguia tenazmente três delas, que corriam bem a sotavento. Nossas velas, içadas, recebiam forte um vento bom, e navegávamos com boa velocidade; a embarcação cortava as águas doidamente, com tal violência, que os remos de sotavento mal podiam mover-se com rapidez suficiente para evitar serem violentamente deslocados das forquetas.

Daí a pouco velejávamos através de extensa neblina, sendo impossivel divisar quer o navio quer as outras baleeiras do grupo.

—Força, pessoal! murmurou Starbuck. —Dá tempo de matar uma baleia antes de cair a ventania. Ah, olhem a água branca outra vez! Mais para perto! Agora!

Nesse momento, com um cicio lançado como se fosse um relâmpago, Starbuck acrescentou:

—De pé!

E Quiquegue, arpão em punho, pôs-se de pé num único salto.

Embora os remadores não estivessem, naquele momento, em posição que lhes permitisse ver o perigo à frente, tinham os olhos postos no rosto do piloto na popa, e sabiam, portanto, que chegara o momento; e, ao mesmo tempo, ouviram enorme ruido de corpos na água, como se fossem cincoenta elefantes em debandada. Nesse ínterim, o barco ainda aparecia grande através da neblina.

—Lá está a corcunda dela. Alí, alí, pega! foi dizendo Starbuck baixinho.

Da embarcação pulou um som breve e rápido—era o ferro que Quiquegue lançara. Em seguida, de súbito, várias coisas sucederam concomitantemente: houve como que um empurrão da popa, enquanto a proa parecia ter encalhado nalgum recife; a vela caiu e rompeu-se; perto, subiu da superfície um repuxo de vapor escaldante; sob nós rolava e revolvia-se algo como um terremoto. A tripulação quase sufocou ao ser atirada, a troche-moche, dentro do creme coagulado e branco que era aquele redemoinho. Este misturara-se à baleia e ao arpão, e tudo parecia uma coisa só; a baleia, raspada pelo arpão, escapou. Cheia, embora, de água, a embarcação estava ilesa; em

torno dela, flutuando à tona, colhemos os remos, e voltamos depois, apressadamente, a nossos lugares. Nas bancadas da baleeira, sentamo-nos com água pelos joelhos. O vento, enquanto isso, já começara a rugir, e foi em vão que chamamos nossos companheiros nas outras embarcações. Encharcados, da cabeça aos pés, e trêmulos de frio, deixamo-nos ficar sentados, sem esperança de reencontrar navio ou baleeiras. Súbito, Quiquegue ergueu-se de um salto, levando as mãos em concha à orelha. Ouvimos todos, então, vago ranger, como se fossem cabos e vergas até agora silenciados pelo som maior do vento; o ruido, inconfundivel, aproximava-se cada vez mais; e não tardou que a opaca neblina fosse rompida

SÓ VIAJANDO POR RODOVIA

V. S. encontrará estes "primeiros americanos" do país

Onde as estradas de rodagem serpenteiam os magníficos panoramas do sudoeste dos Estados Unidos, V. S. verá os índios americanos na sua tarefa de tecer lindas cestas de vime. E é ao longo dessas estradas que V. S. desfrutará quase todas as maravilhosas belezas do grande continente norteamericano.

Os ônibus Greyhound percorrem as estradas de rodagem dos 48 estados da república americana e as do Canadá. As passagens custam muito menos na Greyhound que em todos os demais meios de transporte. Partidas frequentes—ônibus que oferecem o máximo conforto, com suas poltronas almofadadas, e o seu saudavel sistema de ventilação e aquecimento.

Portanto, quando quiser conhecer a América do Norte, faça-o pelas rodovias . . . e *pelas rodovias* significa *pela Greyhound.*

GREYHOUND INFORMATION CENTER, DEPT. R12
1505 N.B.C. BUILDING • Cleveland 14, Ohio, U.S.A.

GREYHOUND

por um vulto imenso, que era o navio, perto, enorme junto de nós.

Finalmente fomos içados para bordo, sãos e salvos, e o mesmo se deu com as outras tripulações, antes de chegar a tormenta.

—Quiquegue, disse eu então, sacudindo ainda a água de minha jaqueta, —diga uma coisa: isso acontece muitas vezes?

Sem grande emoção, apesar de ensopado como eu, deu-me a entender que acontecia, realmente.

—Sr. Stubb, continuei, dirigindo-me a esse ilustre navegante, já agora fumando, calmamente, seu cachimbo em plena chuva. —Sr. Stubb, o sr. disse, se não me engano, que o sr. Starbuck é o mais cuidadoso dos pescadores de baleia que o sr. conhece. Quer dizer então que atirar-se em cheio de encontro a uma baleia, com velas enfunadas, em meio de neblina e vento, é considerado o cúmulo da prudência por parte de um pescador de baleia?

—Sem dúvida. Já arriei baleeira de bordo de um navio com casco rachado, em pleno Cabo Horne.

—Sr. Flask, prosseguí, voltando-me agora para o terceiro piloto, o qual se achava de pé alí perto,—o sr. tem experiência dessas coisas, e eu não. Pode me informar, então, se é lei irrevogavel nestas pescarias que um remador deva quebrar sua espinha, atirando-se de costas às mandíbulas da morte?

—Eh, menino, traduz isso em miudo! observou Flask. —É a lei, sim. Se a tripulação ficasse de frente para a baleia, meu amigo, sabe que acontecia? Ha, ha! A baleia havia de mandar cada esguicho no olho da gente!

Íamos em cruzeiro em águas onde geralmente abundam as baleias, e na verdade, dentro de alguns dias, ouvimos outra vez aquele grito lá do tope. Realmente, bem perto, abaixo de nós a sotavento, a uma distância de 40 toezas no máximo, gigantesco cachalote boiava à superfície, rolando ligeiramente, qual o casco de alguma fragata submersa; e seu dorso negro, brilhante, largo, refletia como um espelho os raios do sol. Esguichando seu repuxo vaporoso, o cachalote dava a impressão de um gorducho burguês a fumar tranquilamente seu cachimbo em pachorrenta sesta. Mas ai, pobre baleia, estavas fumando tua última cachimbada. Como se o tocasse a varinha de condão de algum mágico, nosso navio passou, repentinamente, a vibrar de movimento e agitação.

Tão súbito despertar deve ter assustado o cachalote, porque antes de serem arriadas as baleeiras, ele virou-se majestosamente e pôs-se a nadar, afastando-se de nós com tanta serenidade que a tripulação teve ordens de não erguer a voz acima de um sussurro. Sentados nas baleeiras, remamos em silêncio, mas com rapidez. Daí a pouco, enquanto deslizávamos atrás do monstro, este repentinamente ergueu a cauda a uma altura de dez metros, e mergulhou como se fosse uma torre que submerge.

—Lá se foi! disse alguem, e logo depois Stubb, riscando um fósforo na palma de lixa de sua própria mão, acendeu o cachimbo, dando sinal de que teríamos pelo menos uma pausa. Depois de boa sondagem pelo fundo, o cachalote apareceu de novo, bem perto da baleeira de Stubb. Não tínhamos mais necessidade de cautelas especiais. Deixamos cair as pás dos remos com ruido, e Stubb, ainda de cachimbo à boca, falou aos marujos, estimulando-os para o assalto.

—Vamos embora, vamos embora, pessoal! Nada de pressa; devagar se vai ao longe... mas vamos indo, para perto

"Agora durma como uma boa mãezinha!"

BEBÊ - Ora, mãezinha! Não fique aborrecida por ter que ficar tanto no berço! Eu só quero que você compreenda o *meu* ponto de vista!

MAMÃE - Eu *já* compreendi! De tanto me *mexer* sempre no mesmo lugar, minha pele ficou tão irritada e dolorida que até tenho vontade de gritar!

BEBÊ - Está vendo, mamãe? Pois imagine só como a *minha* pele, tão mais delicada e sensível, fica no fim do dia! E agora — *ganho* ou não *ganho* o Óleo e o Talco Johnson, para crianças?

MAMÃE - Claro que sim, meu bem! Basta ditar as condições!

BEBÊ - OK. Quero bastante Óleo Johnson, puro e suave, para amaciar a minha pele, e muito Talco Johnson para deixá-la fresca e gostosa!

MAMÃE - Está combinado, meu coração! Você vai ficar com a pele tal qual setim!

BEBÊ - Muito obrigado, mãezinha! E, olhe, eu também vou fazer uma cousa por *você!* Com os produtos Johnson para me livrar das pequenas irritações e brotoejas, prometo que só usarei minha voz para cantar!

ÓLEO JOHNSON para crianças
TALCO JOHNSON para crianças

dela, sempre para perto! exclamava ele, expelindo fumaça de mistura com as palavras.

Como loucos, remaram até que se ouviu o grito tão esperado: —De pé, Tashtego! Manda o ferro!

E o arpão foi lançado.

—Remar a ré!

E os remadores levaram o barco à ré, mas nesse mesmo instante tiveram seus braços subitamente cobertos com algo quente e silvante. Era a linha mágica... E a baleeira agora corria pela água fervente, e cada homem se agarrava, com unhas e dentes, à sua bancada, para não ser atirado à correnteza; e via-se a imponente figura de Tashtego, quase dobrado ao meio, afim de fazer baixar seu centro de gravidade. Por cima dos marujos pareciam passar Pacíficos e Atlânticos inteiros, até que, afinal, o cachalote diminuiu um pouco a sua velocidade.

—Alar, alar! gritou Stubb ao homem da proa.

E, voltando-se em direção à baleia, todos começaram a remar vigorosamente, rumo ao cetáceo, enquanto este puxava a embarcação. Alcançando, sem demora, o flanco do cachalote, Stubb plantou o joelho, com firmeza mas algo sem jeito, no gancho das enxárcias, e passou a arremessar dardos ao cetáceo em fuga; e ao mesmo tempo era necessário manobrar o barco de modo a evitar as águas agitadas pela baleia.

Irrompiam agora, do corpo monstruoso, diversos jactos de líquido rubro, como se fossem córregos a descer uma colina. Aquele enorme corpanzil torturado rolava em sangue, borbulhante, fervente, formando longa esteira atrás dela. O sol já em declínio, lançando seus raios sobre aquele poço vermelho em pleno mar, dardejava reflexos a todos os rostos, emprestando-lhes brilho fantástico.

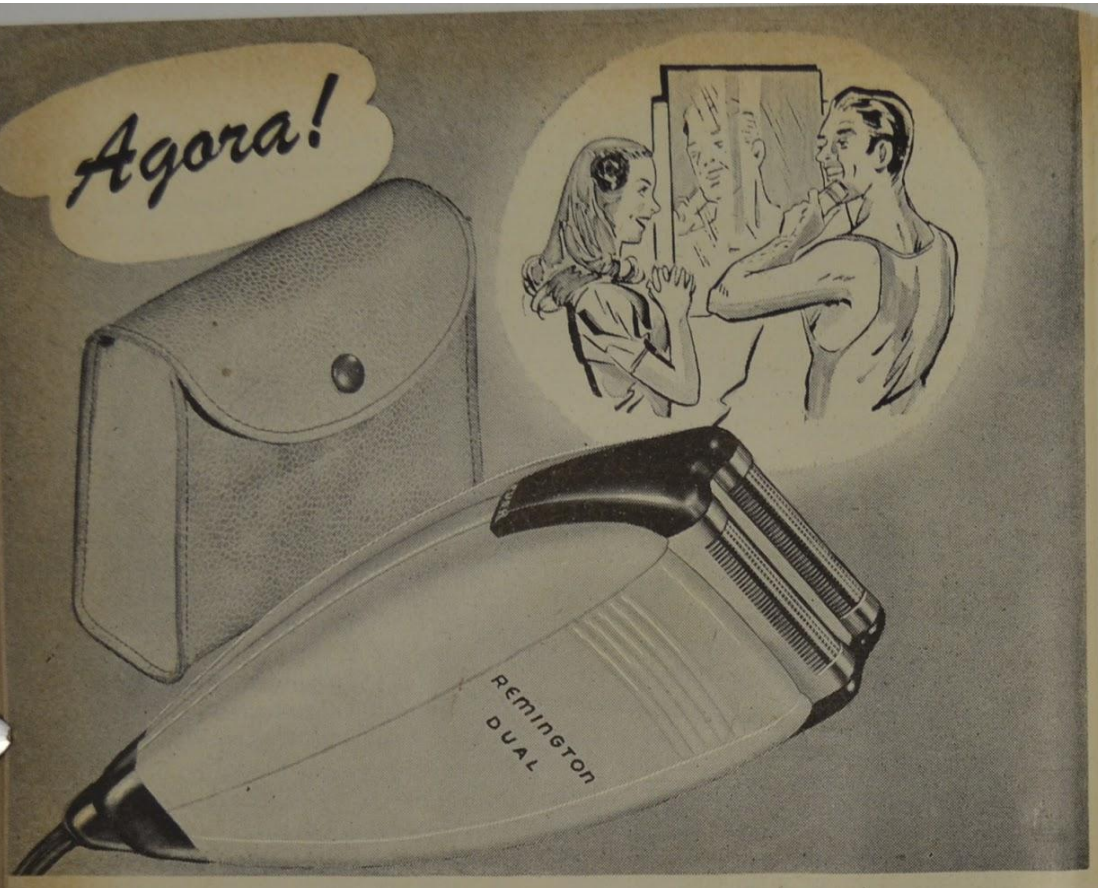
—Mais para perto! bradou Stubb agora ao homem da proa, ao ver que o cachalote esmorecia. —Vamos, para perto, para perto! e a baleeira costeou o flanco do bicho. Estendendo o braço bem para fora da proa, Stubb lentamente meteu sua longa lança ponteaguda no corpo do animal, mantendo-a alí, empurrando-a sempre, cada vez mais fundo, buscando a própria vida que já se esvaia no monstro ferido. Atingiu, enfim, aquele fundo ponto vital, pois a baleia, despertando da inércia em que caira, estrebuchou medonhamente no sangue, cobriu-se toda de espuma fervente e impenetravel, e afinal flutuou prostrada.

—Morreu, seu Stubb, anunciou Dagú de seu barco.

—Pois é, já apagou os dois cachimbos! fez Stubb, enquanto tirava o seu próprio da boca, espalhando cinzas pela superficie do mar; depois, por um instante, ficou a contemplar pensativamente o vasto cadaver que fora obra sua.

A BALEIA de Stubb fora morta a alguma distância do navio. Viera a calmaria; assim, formando um pequeno comboio com as três baleeiras, iniciamos a vagarosa procissão, rumo ao *Pequod*, rebocando nosso troféu. Foi lenta e dificil tarefa, mesmo para os dezoito homens que a ela nos entregamos de rijo; durante muitas horas trabalhamos com aquele imenso corpo inerte, e este mal parecia mover-se de onde estava. Anoiteceu; mas três luzinhas no mastaréu do *Pequod*, balouçando na penumbra, guiavam-nos em nosso caminho, até que, afinal, pudemos trazer o cetáceo para o lado do navio.

Stubb, ruborizado com o triunfo, traiu agora uma excitação fora do comum. Sabia apreciar as coisas boas da vida; como quase toda a gente de Nantucket, encontrava na carne da baleia um sabor



O sr. pode barbear-se bem e rapidamente

com o APARELHO ELÉTRICO REMINGTON "Dual"

MILHÕES DE HOMENS no mundo inteiro conhecem o prazer de barbear-se com o aparelho elétrico. Eles sabem que é rápido ... conveniente ... e mais asseado ... sabem que se sentem bem quando o rosto lhes dá um aspecto agradavel e boa aparência! Mais de tres milhões de homens já se familiarizaram com o supremo conforto obtido por uma barba bem feita com o Aparelho Elétrico Remington — pois mais de seis milhões desses aparelhos estão em uso. Esses homens descartaram os complicados e antiquados métodos de fazer barba e adotaram o novo sistema de barbear-se ... eletricamente! Faça como eles e fique conhecendo hoje mesmo o verdadeiro conforto que dá o fazer a barba, comprando um Aparelho Elétrico Remington ... visite o mais próximo vendedor de Aparelhos Elétricos Remington de Barba ... alie-se aos milhões de homens sensatos que ...

SE BARBEIAM A SECO • SEM SABÃO • SEM NAVALHAS

Remington Rand

todo especial, lisonjeiro ao seu exigente paladar.

—Um bife, um bife é o que eu quero antes de dormir! Dagú, ao mar. Ao mar, e me volte com um bom naco das costas do bicho!

Pela meia-noite o bife já fora cortado e cozido; à luz de duas lanternas de espermacete, Stubb fez as devidas honras à ceia. Aliás, diga-se de passagem, não foi só ele que se deliciou, naquela noite, com carne de baleia. Misturando seus roncos com a própria mastigação de Stubb, milhares e milhares de tubarões, pululando em torno do leviatã morto, regalaram-se com sua gordura. Os poucos marujos que dormiam assustavam-se, de quando em vez, com o súbito bater de uma cauda de tubarão contra o casco do barco, quase à altura dos seus corações. Quem olhasse por sobre a amurada poderia ver os enormes peixes enxameando nas escuras águas; boiando de costas, abocanhavam enormes pedaços da baleia, maiores que cabeças humanas. Em nenhum outro tempo será possivel encontrarem-se tantos tubarões juntos, reunidos com tamanha alacridade; só mesmo em redor de uma baleia morta, atracada durante a noite ao casco de um navio baleeiro em pleno mar.

—Cozinheiro, cozinheiro! exclamou Stubb daí a pouco, metendo o garfo no prato cheio. —Dê um pulinho aquí, seu cozinheiro!

O velho, nada satisfeito por o terem obrigado a deixar sua aconchegada rede àquela hora, entrou bamboleando-se todo.

—Veja aquí, cozinheiro, disse Stubb, levando rapidamente à boca um róseo pedaço de carne. —Você não acha que este bife ficou muito tempo no fogo? Já não lhe disse que prefiro a carne meio crua? Olhe os tubarões aí em baixo, por exemplo: eles preferem os nacos mais crus... E ouça o barulho que os bichos estão fazendo! Vá falar com eles, vá, cozinheiro; diga que podem comer como gente bem-educada, mas sem barulho, por favor. Olhe: leve esta lanterna, e vá dizer a eles!

Aceitando, de mau humor, a lanterna que lhe era estendida, o velho cozinheiro foi, vacilante, até a amurada; aí chegando, fez descer a mão até onde pôde, de forma a iluminar a aglomeração, e assim falou:

—Meus irmãos: fui mandado aquí para dizer a vocês que essa desordem tem de acabar, e já. Estão ouvindo? Parem com esse batecum de beiços!

—Mas, cozinheiro.... interrompeu Stubb. —Assim não! Então você usa linguagem grosseira, num sermão? Para converter pecadores, cozinheiro, a linguagem tem de ser outra!

—Então vá o sr. converter eles! retrucou o cuca, virando-se como que para retirar-se.

—Não, cozinheiro... Continue, continue.

—Está bem. Vamos a ver. Queridos irmãos meus!

—Isso sim! exclamou Stubb, aprovando. —É preciso é falar com jeitinho.

—Eu protesto, irmãos, não é por causa da gula de vocês, não; gula é coisa natural, é assim mesmo; mas vocês precisam é dominar o que é natural! Vocês são tubarões, não é? Pois é. Mas se vocês dominarem a parte do tubarão, viram anjos; porque anjo é isso; é tubarão bem domado...

—Ótimo, cozinheiro! fez Stubb. —Está um sermão e tanto. Continue.

—Não adianta, seu Stubb, eles estão lá se comendo uns aos outros, que nem ouvem o que a gente diz!

—É mesmo, cozinheiro; você tem toda

a razão. Sabe duma coisa? Dê a benção a eles, e vá dormir, que eu quero acabar minha ceia.

Diante disso, o cozinheiro, com ambas as mãos erguidas sobre o cardume, ergueu sua estridente voz, e fez a peroração:

—Malditos irmãos! Façam um barulho dos infernos, encham a barriga até explodir, e depois... podem morrer!

A EXTRAORDINÁRIA voracidade dos tubarões, que priva os baleeiros de muita gordura antes de se cortar o cetáceo, pode ser às vezes reduzida, e consideravelmente, por um processo simples: basta tocá-los com as agudas pontas das espadas de arpoar. E Stubb ordenou que Quiquegue e outro marinheiro matassem os tubarões, à luz de três lanternas baixadas até o nivel do mar. Isso se dispuseram eles a fazer, tentando golpear as cabeças dos enormes peixes, aparentemente seu único ponto fraco. Na espumosa confusão, porem, os dois às vezes erravam a pontaria, e atingiam os ventres dos peixes, provocando assim novas demonstrações de sua ferocidade. Furiosos, batiam com as cabeças de encontro não só uns aos outros, como tambem às próprias entranhas, mordendo-as, chegando a parecer em certos casos, que estas eram engulidas e expelidas, muitas vezes, pela mesma fauce.

E não era só isso; havia tambem certo perigo em mexer com eles mesmo depois de mortos. Um dos tubarões, morto e içado para bordo para que se lhe removesse a pele, quase decepou a mão do pobre Quiquegue, quando este tentou fechar aquela poderosa mandíbula.

ERA UMA noite de sábado, e que sábado foi esse! O *Pequod* parecia haver-se transformado num matadouro, onde cada marujo era um açougueiro. Dir-se-ia que íamos oferecer, em holocausto aos deuses do mar, dez mil bois vermelhos.

Primeiro fez-se baixar, até o dorso da baleia, o gancho de tirar óleo, sendo este inserido num orifício cortado previamente por Starbuck e Stubb. Isso feito, o grosso da tripulação, iniciando um cântico em coro, põe-se a puxar pelo molinete, com todo o vigor de seus braços. A cada movimento de tração ao molinete, o navio aderna em direção ao cachalote; afinal, ouve-se um estalido seco e breve e, com grande e sonoro chapinhar, o navio balança para cima e para trás da baleia, sendo erguida para bordo a primeira porção de gordura, massa imensa que balouça de um lado a outro do convés, como se suspensa do céu; todos precisam precaver-se de não lhe ficar no caminho, pois do contrário levariam nos ouvidos uma bofetada sem dúvida capaz de os lançar ao mar.

A gordura envolve a baleia exatamente como a casca envolve a laranja; e é removida de maneira semelhante à que se usa para descascar uma laranja, isto é, em espiral. E isso porque a tensão constante, causada pelo molinete, faz com que o animal role diversas vezes sobre si mesmo, dentro da água; e, à medida que a gordura vai sendo «descascada», é conduzida, pela escotilha maior, até um salão sem mobília, chamado «sala da gordura de baleia». E aí várias mãos peritas iniciam o trabalho de enrolar aquelas longas tiras de gordura, como se fosse uma estranha massa de serpentes entrelaçadas.

Falta-me, porem, descrever de que modo o grande gancho é inserido, vezes seguidas, no orifício cortado pelos pilotos. Esse trabalho competia a meu particular amigo Quiquegue, o qual era obrigado, para tal fim, a descer até o dorso do cachalote. Este, note-se, jaz quase inteiramente submerso. Assim é

Para V. ou para seus filhos

Smith-Corona

Fabricantes tambem de máquinas de Escrever para escritórios

A famosa máquina portatil Smith-Corona. Tem velocidade, ação facil, e todos os mais recentes recursos da dactilografia. É construida para aguentar muito uso . . . e até abuso! Por tudo isso . . . procure a Smith-Corona. De dia para dia irá vendo mais Smith-Coronas nos balcões das lojas!

L C Smith & Corona Typewriters Inc

Syracuse 1 N Y E U A

• • •

Há em todos os estados do Brasil vendedores autorizados

Superintendente de vendas

HERBERT N. COHN

Máquinas—Importadora, Ltda.

Rua do Rosário 104, Rio de Janeiro

que, a cerca de três metros abaixo do nivel do tombadilho, o pobre arpoador passa um mau bocado, metade do tempo sobre a baleia, metade dentro da água, enquanto a massa imensa rola sob ele como um tonel.

Tendo eu sido o homem-da-proa de Quiquegue, isto é, o encarregado de remar à proa na baleeira dele, cabia-me o agradavel dever de ajudá-lo enquanto se achasse ocupado com aquele casco escorregadio. Quem já viu um homem ao realejo, segurando um macaquinho dansante por meio de um cordel, poderá imaginar minha situação. Encostado à amurada, estava eu preso ao Quiquegue por um cabo atado à cintura de ambos. Engraçado, dirão, mas tambem perigoso para ambos, pois, se Quiquegue, coitado, afundasse para não mais voltar, eu, por uma questão de honra, seria obrigado a mergulhar atrás dele...

Muitas vezes tinha eu que puxá-lo subitamente do mar, pois acontecia cair ele entre a baleia e o navio. E não era só esse o risco a que se expunha: longe de se intimidarem com o massacre da noite anterior, os tubarões pululavam outra vez que nem abelhas na colméia.

E lá estava Quiquegue, entre aquelas furiosas mandíbulas, empurrando-as frequentemente com os pés! Isso seria verdadeiramente incrivel, não fora o fato de que, atraidos por uma presa de vulto como seja a baleia, os tubarões raramente atacam um homem. De qualquer maneira, não há negar: o melhor é ter olho vivo neles. Assim, Tashtego e Dagú, incansavelmente, brandiam por sobre a cabeça de Quiquegue duas ponteagudas lanças, e com elas conseguiram matar diversos tubarões. Com tal procedimento, é claro, pretendiam eles proteger a integridade física de nosso Quiquegue, mas, na pressa —louvavel em outras circunstâncias—de liquidar tubarões, e considerando-se, mais, o fato de que os animais muitas vezes se tornavam invisiveis no meio da espuma sanguinolenta, Tashtego e Dagú às vezes chegavam quase a amputar uma perna em vez de decepar uma cauda. Quero crer que o pobre Quiquegue, resfolegante e atarefadíssimo com seu enorme gancho de ferro, limitava-se a oferecer rezas aos seus deuses. Se o fez, foi ouvido, pois em poucos instantes já se achava novamente entre nós, intacto, no tombadilho.

TÃO CEDO quanto possivel, a gordura é cortada em pedaços menores afim de ser submetida ao processo de derretimento, nas sólidas fornalhas especiais, feitas de alvenaria, no porão do navio. O fogo dessas fornalhas é alimentado com os restos e «frituras» da gordura, de maneira que a baleia fornece o combustivel para queimar seu próprio corpo. É pena que não possa consumir sua própria fumaça! Esta é, na verdade, horrivel de inspirar, e, no entanto, ninguem lhe escapa a bordo. Tem um cheiro indescritivel, medonho, desses que seria natural sentir junto a piras funerárias.

AÇO EM FÔLHA

A BETHLEHEM fabrica um sortido completo de todos os tipos de fôlha de aço, galvanizado e simples, de espessura rigorosa e de estrutura especificada e uniforme, de modo a satisfazer as exigências de cada aplicação.

A BETHLEHEM que é "um dos maiores produtores mundiais de aço," oferece um sortimento completo de artigos de aço, incluindo arame, cabos, tubagem, chapas, fôlha de Flandres, aço de construção, aço para uso em caminhos de ferro e estradas, etc.

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

BETHLEHEM STEEL

Bethlehem Steel Export Corporation

25, Broadway, Nova York 4, E. U. A.

Escritórios e representantes em todas as principais cidades do mundo.

No Brasil: Para informações completas sobre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se à

BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION

RIO DE JANEIRO: Ave. Presidente Wilson, 165-3° andar

SÃO PAULO: Rua Bráulio Gomes, 25-sala 415

83P—RD

ALAR os cabos! Levar a carcassa à ré! O molinete já cumpriu seu dever. O corpo da baleia, descascado e branco, faisca como um sepulcro de mármore; e, embora haja mudado sua côr, não se lhe nota qualquer diminuição no tamanho. É ainda colossal. Lentamente vai-se perdendo na imensidão do mar, flutuando para longe, cercada ainda pelos insaciaveis tubarões, e o ar, por cima, riscado pelo vôo frenético de aves aos gritos.

Que irônico funeral, que triste cortejo! Ah, terrivel rapinagem do mundo, onde nem a baleia pode ser livre!

E não é ainda o fim... O corpo profanado, visto de longe por algum barco, com a espuma branca a levantar-se em torno, é muitas vezes descrito no diário de bordo: *baixios e recifes por aquí; cuidado!* Durante anos após a morte do cachalote, os navios evitarão aquele lugar. E assim, mesmo depois da morte, o grande corpo da baleia pode ser motivo de pânico para os marujos.

A TAREFA restante, uma vez enlatado o último litro de óleo, é limpar o navio. Esfregam-se os conveses. A fuligem das fornalhas é escovada. Todos os instrumentos e utensílios usados são tambem limpos cuidadosamente, e guardados onde é de direito. E afinal a própria tripulação pode entregar-se calmamente a suas abluções.

Mas esperai: lá nas grimpas, nos topes dos mastros, estão ainda três homens perscrutando o mar, em busca de outras baleias —baleias que, se alcançadas, deixarão pelo menos uma pequena mancha de graxa nalgum lugar. Sim... E muitas vezes, após os mais árduos trabalhos—ao remo, ao molinete, ao cutelo do açougue—os marujos, tendo limpado o seu barco e estando a vestir, por último, suas jaquetas impecaveis, ouvem de súbito, outra vez, aquele brado: —Baleia! Olha o esguicho dela! E partem a perseguir nova vítima, recomeçando dessa maneira toda a história...

Respostas a «Você sabe o que quer dizer?»

(Vide pág. 32)

Segundo o número de casos em que acerte, poderá classificar seu vocabulário da seguinte maneira: de 16 a 20, *excelente;* de 12 a 15, *bom;* de 8 a 11, *regular;* abaixo de 8, *deficiente.*

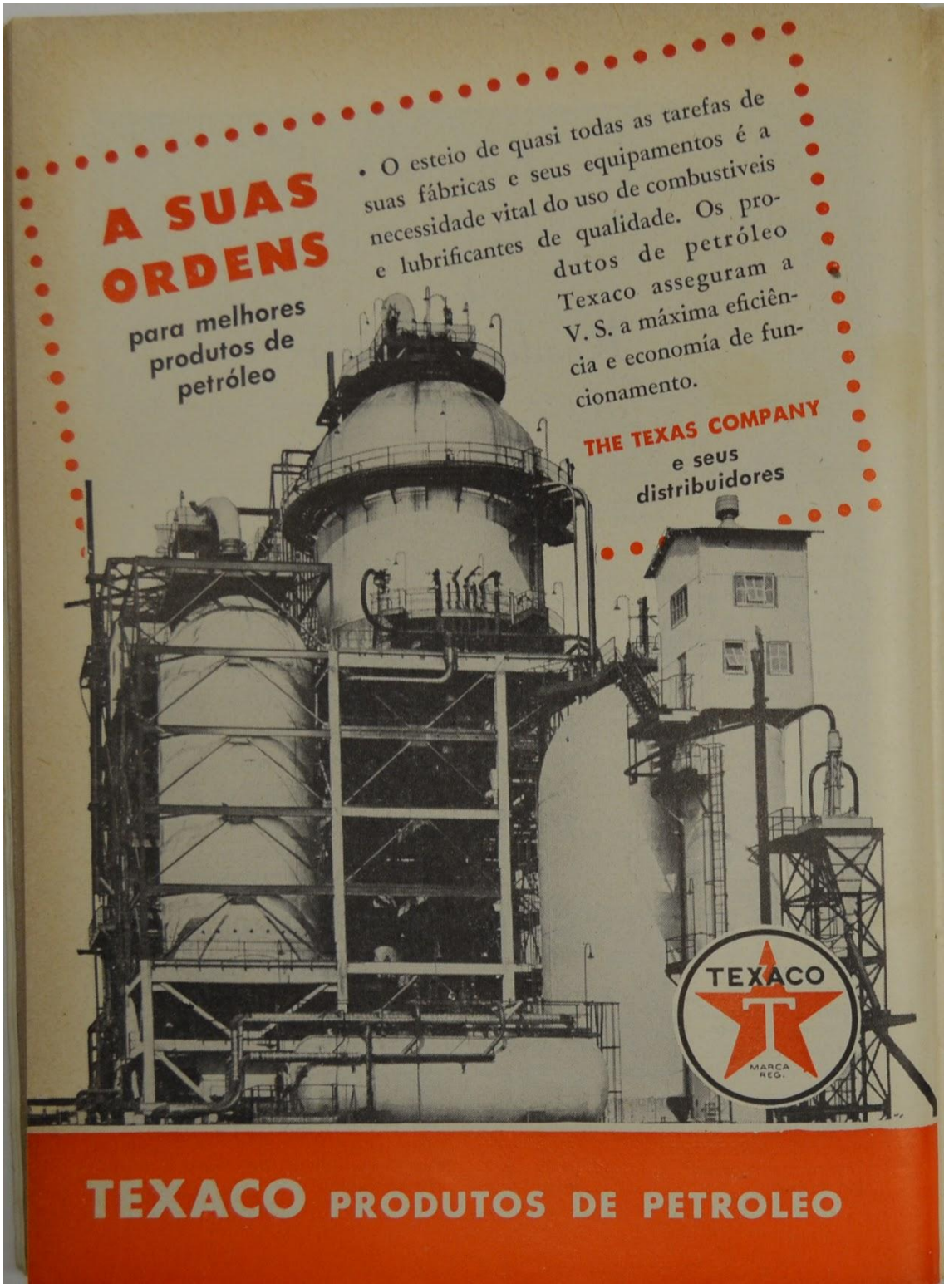
(1)—B *pequeno donativo*
(2)—D *represália*
(3)—C *imenso*
(4)—A *vaso feito de cabaça*
(5)—B *celeuma*
(6)—D *pântano*
(7)—C *com as cores do arco-iris*
(8)—A *ligado*
(9)—B *doença causada pela avitaminose*
(10)—D *moeda de prata de diversos paises*
(11)—B *açoitar*
(12)—A *pesado*
(13)—C *ruido de respiração dificil*
(14)—C *resumo*
(15)—A *transferir*
(16)—D *sem autenticidade provada*
(17)—B *fabuloso*
(18)—C *cheio de peixes*
(19)—B *passar por água quente*
(20)—A *ostentação*

Índice de SELEÇÕES do Reader's Digest

Tomo X — Julho a Dezembro de 1946 — Números 54 a 59

Em frente a cada título lê-se o nome do mês a que corresponde o artigo, e a página em que o mesmo começa

AGRICULTURA
A multiplicação das espigas ... *dezembro* 45
Ah... os pobres índios! ... *outubro* 33
ALEMANHA
A obra-prima da espionagem alemã *julho* 1
As viuvas alegres da Alemanha ... *julho* 74
O espião que atraiçoou Hitler ... *setembro* 17
ALIMENTAÇÃO
É são o leite que bebemos? ... *novembro* 59
Um leitão para o tio *setembro* 62
Amedrontados do Kremlin, Os ... *dezembro* 69
ANIMAIS
No mundo maravilhoso dos pássaros ... *agôsto* 62
O amigo dos animais selvagens ... *novembro* 69
O manso filósofo da floresta ... *julho* 28
O melhor amigo do homem ... *dezembro* 29
Pombos e pessoas ... *outubro* 12
Sam, o Cara-triste ... *dezembro* 52
Super-sentidos dos animais ... *outubro* 41
ÁRABES em marcha, Os ... *dezembro* 33
ARTE DE VIVER
Calma e digestão ... *outubro* 55
Caminho velho para uma vida nova ... *novembro* 34
Defeitos de maridos e mulheres ... *setembro* 7
Invente seu próprio emprego ... *julho* 55
Levanta-te e vive ... *dezembro* 84
Nossa fonte inesgotável de vitalidade ... *setembro* 75
Para a plenitude da vida ... *julho* 77
Para que tanta pressa? ... *julho* 40
Paz de espírito ... *agôsto* 53
Podemos ensinar os meninos a viver ... *agôsto* 47
Podemos ensinar os meninos a viver ... *novembro* 88
AUTOMOBILISMO
Na pista da vertigem ... *setembro* 85
AVENTURA
Aventura no Ártico ... *novembro* 101
Baleia! ... *dezembro* 97
Tragédia no Everest ... *setembro* 10
AVIAÇÃO
Aviões para todos ... *agôsto* 27
Estarão superlotadas as rotas aéreas? ... *novembro* 90
Helicópteros em 1946 ... *julho* 8
Vias luminosas do ar ... *agôsto* 49
AZERBAIJÃ, Como a «democracia» chegou ao ... *setembro* 45
BIOGRAFIA
(Andrade, A. J. Moura) Andradina, a cidade na selva ... *novembro* 1
(Cavelier, René Robert, Sieur de La Salle) Cavaleiro da selva ... *julho* 49
(Duse, Eleonora) A divina Duse e a realeza ... *julho* 6
Ericsson, John—O que a civilização deve a ... *julho* 31
(Fernández, Mauro) A democracia e Dom Mauro ... *julho* 69
(Ford II, Henry) O segundo Henry Ford ... *julho* 85
(Fox, Charles Elliott) Hari Pogo e seus ex-canibais ... *dezembro* 61



Franklin, Autobiografia de Benjamin.....*agosto* 97
(Gray, Adalina) A «Tia Adalina» do Arizona.....*dezembro* 79
(Hawthorne, Nathaniel) Esposo da Primavera.....*novembro* 62
(Henderson, Bruce) Matou o dragão com uma agulha.....*dezembro* 25
(Humber, Robert Lee) Heraldo da federação mundial.....*julho* 79
(Julian, Percy L.) Não quis dar-se por vencido.....*novembro* 27
(McFadden, Edgard S.) A multiplicação das espigas.....*dezembro* 45
Menuhin, O arco mágico de Yehudi.....*dezembro* 5
(Privett, Samuel T.) A última doma do Afogueado.....*setembro* 51
(Rondon, C. M. da Silva, Gen.) Rondon, o civilizador da selva.....*setembro* 1
(Schweitzer, Albert) Moderno apóstolo dos negros.....*julho* 13
(Seton, Ernest Thompson) O amigo dos animais selvagens..*novembro* 69
Vinci: o primeiro dos modernos, Leonardo de.....*agosto* 1
(Westinghouse, George) Westinghouse, o inventor irreprimivel...*agosto* 80
(Wilde, Oscar) O mais espirituoso dos conversadores.....*dezembro* 89

Bomba atômica, A única defesa contra a.....*dezembro* 1
O que pode fazer uma bomba atômica.....*agosto* 8

Brasil
Andradina, a cidade na selva...*novembro* 1
Rondon, o civilizador da selva...*setembro* 1
Canadá, A guerra transformou o....*julho* 37
Carga de inocentes.....*outubro* 37
Casa futura?, Será esta a.....*novembro* 51
Casamentos?, Porque falham tantos.....*novembro* 24

Cinematografia
A música sintética de Hollywood.....*dezembro* 76

Ciência
Frangos aerodinâmicos e outras maravilhas.....*outubro* 67
Helicópteros em 1946.....*julho* 8
Já chegou a televisão?.....*setembro* 37
Motores a carvão pulverizado....*outubro* 76
Não quis dar-se por vencido....*novembro* 27
«Conte uma história, papai!».....*julho* 46

Costa Rica
A democracia e Dom Mauro.....*julho* 69

Criminologia
A vingança custa caro.....*novembro* 40
O Terror dos Antros.....*dezembro* 16

Desinfeção
É realmente eficaz o DDT?....*novembro* 66
Dois gordos impõem a lei seca.....*novembro* 97

Economia
Planificação no estilo inglês.....*julho* 24
O sofisma da vitrine quebrada.....*novembro* 21
Voltam as vacas gordas.....*dezembro* 11

Educação
Alá ajuda os que se ajudam.....*outubro* 15
Entrevista com minha filha adotiva.....*setembro* 63
O menino diante da máquina.....*agosto* 13
Os moços aprendem e ensinam..*setembro* 23
Podemos ensinar os meninos a viver.....*agosto* 47
Podemos ensinar os meninos a viver.....*novembro* 88

Egito
Alá ajuda os que se ajudam.....*outubro* 15
Emoções que matam.....*dezembro* 66

Escandinávia, A guerra secreta na.....*agosto* 31

Espionagem
A obra-prima da espionagem alemã.....*julho* 1
O espião que atraiçoou Hitler...*setembro* 17
Triunfos e fracassos da espionagem.....*agosto* 88

Etnografia
Não há raças superiores.....*novembro* 95
«Eu tenho tudo!».....*novembro* 54

Ficção
Baleia!.....*dezembro* 97
O fosso das víboras.....*setembro* 89
Flagrantes da vida real.....*julho* 12
Flagrantes da vida real.....*agosto* 119
Flagrantes da vida real.....*outubro* 96
Flagrantes da vida real.....*dezembro* 50

França
Nova Revolução Francesa.....*julho* 66
Frases pitorescas e poéticas.....*outubro* 88
Grande loteria de gelo do Alasca, A.....*novembro* 49

Guerra
A guerra secreta na Escandinávia..*agosto* 31
A guerra transformou o Canadá....*julho* 37
A mais mortífera das guerras...*novembro* 17
A obra-prima da espionagem alemã.....*julho* 1
A única defesa contra a bomba atômica.....*dezembro* 1

Pesando um campeão

Eis aquí um magnífico ser humano! É um dos campeões que estão destinados a viver num mundo novo e melhor.

As crianças de hoje têm melhores possibilidades de viver uma vida mais longa e mais saudavel que qualquer de seus antepassados. Têm à sua disposição os melhores médicos que o mundo jamais conheceu, e estes médicos, por sua vez, têm ao alcance hospitais e laboratórios mais bem aparelhados, drogas novas e mais eficazes, novos descobrimentos no campo da nutrição, e melhores anestésicos para facilitar a cirurgia.

Por trás deste rápido progresso da medicina encontram-se os infatigaveis investigadores científicos. Durante os últimos 87 anos, a Casa Squibb tem tido o privilégio de trabalhar intimamente com homens de ciência os mais notaveis no campo da investigação médica, aperfeiçoando armas novas e importantes na guerra contra as moléstias e os sofrimentos humanos.

O trabalho incessante dos investigadores científicos nos imensos laboratórios da Squibb, seus minuciosos estudos e experiências, importantes descobrimentos e meticulosidade na escolha do que há de melhor, têm conquistado para a Squibb e todos seus produtos um reconhecimento mundial.

SQUIBB

Um nome de confiança

Como a Suécia observou a neutralidade ..... *outubro* 79
«Estávamos à sua espera em Dacar» ..... *novembro* 5
O espião que atraiçoou Hitler ... *setembro* 17
O que pode fazer uma bomba atômica ..... *agosto* 8
Os indomaveis ..... *julho* 89
Prejuizos que causam os soldados ..... *outubro* 49
Triunfos e fracassos da espionagem ..... *agosto* 88
Um círio em Viena ..... *setembro* 55
Há dois mares ..... *outubro* 44

HISTÓRIA
A seca que assolou meio mundo. *novembro* 37
Cavaleiro da selva ..... *julho* 49
Leonardo de Vinci: o primeiro dos modernos ..... *agosto* 1
O que a civilização deve a John Ericsson ..... *julho* 31
Rondon, o civilizador da selva ... *setembro* 1
Terremoto e incêndio em S. Francisco ..... *setembro* 78
Hora do destino, A ..... *julho* 83

HUMOR
Então, até logo ..... *agosto* 77
Isso é vida! ..... *novembro* 74
Que reuniões detestaveis! ..... *dezembro* 87
Idéias simples que iniciam bons negócios ..... *dezembro* 42

IMPRENSA
A voz do trovão ..... *outubro* 21

INCÊNDIO, Que fazer em caso de ... *setembro* 21
Terremoto e incêndio em S. Francisco ..... *setembro* 78

INDÚSTRIA
A indústria rende mais em pequenos povoados ..... *setembro* 58
Já chegou a televisão? ..... *setembro* 37
Novo papel que resiste à água .. *dezembro* 95
O segundo Henry Ford ..... *julho* 85

INGLATERRA
Planificação no estilo inglês ..... *julho* 24
Os trabalhistas ingleses afastarão a Europa do comunismo? ..... *agosto* 43
Instantâneos de Hollywood ..... *julho* 65
Instantâneos de Hollywood ..... *dezembro* 75

INVENÇÕES
Helicópteros em 1946 ..... *julho* 8
O que a civilização deve a John Ericsson ..... *julho* 31
Vias luminosas do ar ..... *agosto* 49
Westinghouse, o inventor irreprimivel ..... *agosto* 80

JAPÃO, O primeiro ano do novo ... *setembro* 31
Levanta-te e vive ..... *dezembro* 84

MEDICINA
Cuidado com os óculos escuros! .. *setembro* 83
Está sempre cansado? ..... *dezembro* 9
Impressões de quem recobra a vista ..... *outubro* 1
Matou o dragão com uma agulha ..... *dezembro* 25
Médicos ou charlatães? ..... *setembro* 28
Nova vacina para os cães ..... *agosto* 36
O novo remédio de Deus ..... *agosto* 85
Objetivo X: salvar vidas ..... *outubro* 89
Perguntas e respostas sobre a saude ..... *setembro* 68
Porque não acabar com a sífilis? ..... *novembro* 81
Quarentena para drogas perigosas ..... *dezembro* 57
Veja com seus próprios olhos. ..... *julho* 18

Médicos velam... e o rei morre, Os ..... *novembro* 10
Meu amigo Jan ..... *agosto* 93
Meu tipo inesquecivel ..... *julho* 19
Meu tipo inesquecivel ..... *agosto* 39
Meu tipo inesquecivel ..... *outubro* 60
Meu tipo inesquecivel ..... *novembro* 45
Meu tipo inesquecivel ..... *dezembro* 37

MÚSICA
A música sintética de Hollywood . *dezembro* 76
O arco mágico de Yehudi Menuhin ..... *dezembro* 5

NEGÓCIOS
A indústria rende mais em pequenos povoados ..... *setembro* 58
Idéias simples que iniciam bons negócios ..... *dezembro* 42
O novo capitalismo: oportunidades para todos ..... *outubro* 93
Panoramos que jamais esquecerei. *novembro* 11

PESCA
Baleia! ..... *dezembro* 97

POLÍCIA
O tesouro no túmulo ..... *outubro* 28

POLÍTICA
Afastemo-nos do caminho que leva à guerra ..... *outubro* 3
A Rússia ante um dilema ..... *julho* 41
A única defesa contra a bomba atômica ..... *dezembro* 1
Como a «democracia» chegou Azerbaijã ..... *setembro* 45
Como tornar efetivos os acordos internacionais ..... *julho* 57
Em face ao problema da União Soviética ..... *outubro* 97

Brevemente..

ELECTROMATIC

ALL·ELECTRIC

Esta eficiente e ultra-rapida máquina elétrica vale também por um duplicador em seu escritorio.

O serviço ordinário de um escritório exige várias cópias para cada trabalho dactilográfico. Para essas cópias, nem sempre perfeitamente legíveis, a dactilógrafa executa um esfôrço contínuo no bater das teclas, submetendo a máquina a um desgaste violento. A máquina de escrever "Electromatic" All-Electric resolve, inteiramente, êsse problema. Dotada de sensibilidade, a "Electromatic" possui uma alavanca para regulagem de qualquer número de cópias desejado, até o máximo de 20! A impressão é uniforme e perfeita. Os pontos não perfuram o papel. As maiúsculas não ficam desmaiadas. A "Electromatic" vale, assim, por um duplicador, no seu escritório, proporcionando-lhe, também, o rendimento de 3 máquinas e 3 dactilógrafas! Inscreva-se, hoje, em nossos escritórios para breve recebimento da sua "Electromatic".

Um relatório com 18 cópias? É fácil! A "ELECTROMATIC" all-electric dá 20 por vez!

SERVIÇOS HOLLERITH S. A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANIZAÇÃO
REPRESENTANTE EXCLUSIVO NO BRASIL
da
INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

Matriz: Av. Graça Aranha 182, Rio de Janeiro — Representantes nas principais cidades do Brasil

Estarão os Estados Unidos aptos a liderar o mundo?....agosto 64
Heraldo da federação mundial....julho 79
Nova Revolução Francesa....julho 66
Os amedrontados do Kremlin...dezembro 69
Os árabes em marcha....dezembro 33
Os trabalhistas ingleses afastarão a Europa do comunismo?....agosto 43
Outra vez a paz a todo transe?...outubro 56
Para compreender os russos....agosto 72
Tenho fé na paz....dezembro 20
Truman encara os ossos do ofício..agosto 17
Um capitalismo que interessa o operário....agosto 69
POLÔNIA
Os indomaveis....julho 89
Pontos de vista....outubro 19
Pontos de vista....novembro 79
PSICOLOGIA
A natureza da telepatia....novembro 75
Quarentena para drogas perigosas....dezembro 57
Que reuniões detestaveis!....dezembro 87
Reforma de H.P., ladrão extraordinário, A....agosto 39
RELIGIÃO
Os cultos da Califórnia....agosto 21
ROCKEFELLER (FUNDAÇÃO)
Para o bem-estar da humanidade....outubro 45
RÚSSIA
A Rússia ante um dilema....julho 41
Em face ao problema da União Soviética....outubro 97
Memórias de um funcionário soviético....setembro 70
Os amedrontados do Kremlin...dezembro 69
Para compreender os russos....agosto 72
Sam, o Cara-triste....dezembro 52
SOCIAL (ASSISTÊNCIA)
Refúgio de vagabundos....setembro 42
SUÉCIA observou a neutralidade, Como a....outubro 79
Talvez não saiba que....setembro 35
TRABALHO
Sete remédios para as greves....outubro 71
TRANSPORTE
Aviões para todos....agosto 27
Estarão superlotadas as rotas aéreas?....novembro 90
Você sabe o que quer dizer?....julho 73
Você sabe o que quer dizer?....agosto 12
Você sabe o que quer dizer?....setembro 54
Você sabe o que quer dizer?....dezembro 32

Falam os «pueblos»

O SR. FIORELLO LA GUARDIA, diretor geral da UNRRA, não poderia ter recebido oferta mais comovente do que esta que lhe enviaram, em carta, os índios Pueblos do Novo México.

«Nós Pueblos vivemos aquí há muito tempo. Ouvimos falar sempre do pessoal da Europa e da China que não tem comida, e resolvemos conversar para ver se podíamos ajudar. Olhe aquí: nosso pessoal reza e dansa para pedir chuva e para viver bem, mas é pouco o que a gente tem. Nosso velho costume diz para guardar todo ano um pouco para se um dia acontece uma coisa urgente. O que nós mandamos para o senhor, é pouco mas não tem mais. Parece que o pessoal lá no estrangeiro precisa, e é coisa urgente. Não é facil o pessoal e as crianças esquecer a guerra e viver direito com barriga vazia. Por isso a gente diz, é pouco, mas é para coisa urgente, e vai para o senhor. É um pouco de milho e de trigo para o senhor usar se quiser. É para o pessoal que tem fome».

A carta levava as assinaturas dos governadores de nove «pueblos», cujos nomes são autêntica música: Laguna, Zuni, Sandia, Santa Ana, Zia, Jemez, Cochiti, Taos e San Juan.

—Dorothy Pillsbury, no *Christian Science Monitor*

As PRIMEIRAS impressões são as que PERDURAM—

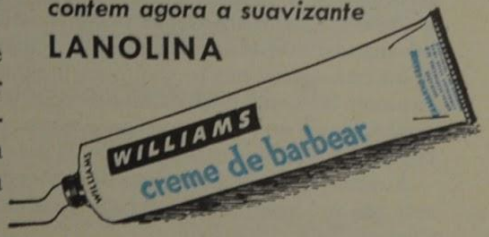
Conserve uma boa aparência usando o Creme Williams com LANOLINA

Agora V. pode escanhoar-se a rigor sem sofrer. Quando começar a usar o Creme Williams de Barbear, com Lanolina, verá que é possivel fazer a barba com prazer e melhores resultados. A Lanolina do Creme Williams amacia-lhe a pele—e ajuda a evitar a sensação de ardor produzida pela lâmina.

Muito semelhante ao óleo natural da pele, a Lanolina é muitas vezes usada pelos médicos para suavizar as epidermes irritadas. Pois essa balsâmica Lanolina encontra-se hoje no Creme Williams para lhe refrescar a face . . . dando-lhe melhor aparência e deixando-lhe o rosto macio ao barbear.

A espuma abundante e rápida de Williams mantem-se úmida por mais tempo—amolece perfeitamente as barbas mais rijas. Alem disso deixa nas faces um aroma fino, que refresca.

O mesmo tubo de sempre—contem agora a suavizante
LANOLINA

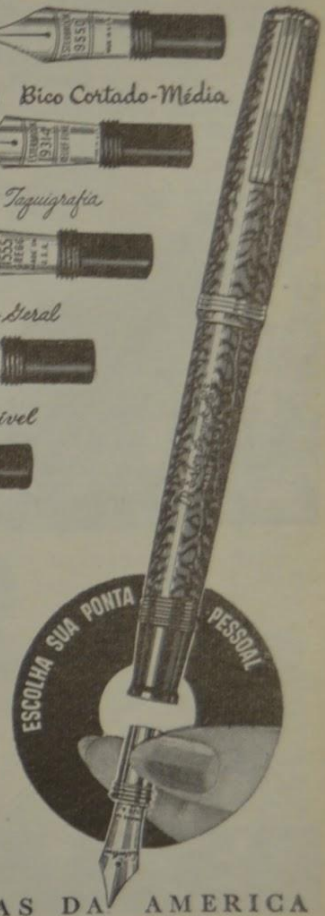


SUA MÃO LHE DIRÁ

"Esta é a Pena que Melhor se Adapta ao Meu Modo de Escrever"

Entre em sua loja favorita e diga que quer escolher uma pena Esterbrook adequada ao seu modo próprio de escrever. Há um sortimento de 33 estilos numerados de penas. Experimente uma por uma—e quando chegar a vez da que melhor se adapte ao seu punho, sua mão lhe dirá: "É esta!" Há uma pena Esterbrook para todos os estilos de caligrafia e para qualquer trabalho de escrita.

33 PENAS NUMERADAS



Esterbrook

CAMDEN, NEW JERSEY

PRIMEIRO FABRICANTE DE PENAS DA AMERICA

As ferramentas Collins são as preferidas
PORQUE FICAM AMOLADAS MAIS TEMPO

O segredo está na têmpera e na superior qualidade do aço... que fazem com que o fio das ferramentas Collins resista às tarefas mais pesadas. Isto é o que os trabalhadores em toda parte aprenderam por experiência própria. E, com os progressos recentes em metalurgia, a qualidade das ferramentas Collins é hoje *mais fina do que nunca*. Pela durabilidade de seu fio, resistência de sua construção e equilíbrio perfeito de seu traçado... as ferramentas Collins continuam sendo a melhor compra que V.S. pode fazer.

COLLINS

"SEU AMIGO DE CEM ANNOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Braulio Gomes No. 25—Sala 1007
Caixa Postal No. 2068, São Paulo

LEGITIMUS

O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

Ficará satisfeita

por ter esperado

o seu Majestic

Que outro rádio-receptor ou rádio-fonógrafo lhe proporcionará uma reprodução tão brilhante e perfeita? Que outro rádio tão formoso e artisticamente desenhado? Nas suas caixas só se empregam as madeiras mais lindas.

Anos de técnica experimental e de desenho, combinada com os mais recentes adiantamentos eletrônicos, fizeram do Majestic o mais soberbo e moderno rádio-receptor. É uma sábia decisão de sua parte, esperar, ver e ouvir um Majestic . . . e comprá-lo.

MAJESTIC RADIO & TELEVISION CORP.
ST. CHARLES, ILLINOIS, E. U. A.

Os Discos Majestic são especialmente gravados para que V.S. possa gozar a música em toda a sua excelência toda vez que o deseje. Compre os de que gostar mais, para o seu novo rádio-fonógrafo Majestic.

Majestic
PODEROSO MONARCA DO AR
RÁDIO
DISCOS · TELEVISÃO · ELETRÔNICA

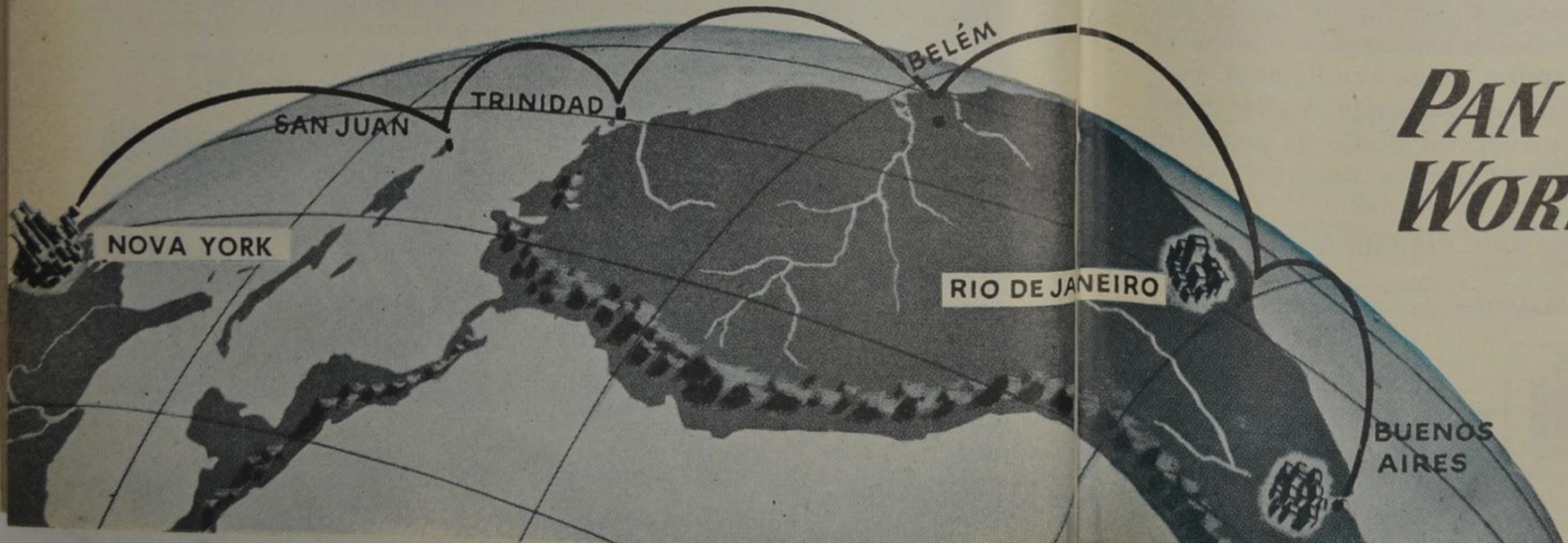
A ESTAÇÃO IDEAL

para voar a Nova York pelo Clipper

A rota do Clipper Expresso, inaugurada recentemente, no trajeto Buenos Aires, Rio de Janeiro, Porto Rico, liga diretamente o leste da América do Sul com Nova York

● Os meses mais festivos em Nova York são dezembro e janeiro . . . tudo alí está no seu apogeu . . . a ópera e as peças teatrais na Broadway . . . os jogos de "hockey" sobre o gelo, e outros desportes de inverno nas montanhas. Imagine V.S. assistir a entrada do Ano Novo no famoso Times Square!

Quer vá a negócios ou em recreio, prefira o Clipper e desfrutará o serviço mundialmente famoso da Pan American . . . alem de que disporá de mais tempo no ponto de destino. Consulte uma agência de viagens ou o mais próximo escritório da Pan American para informar-se dos preços e reservar suas passagens.

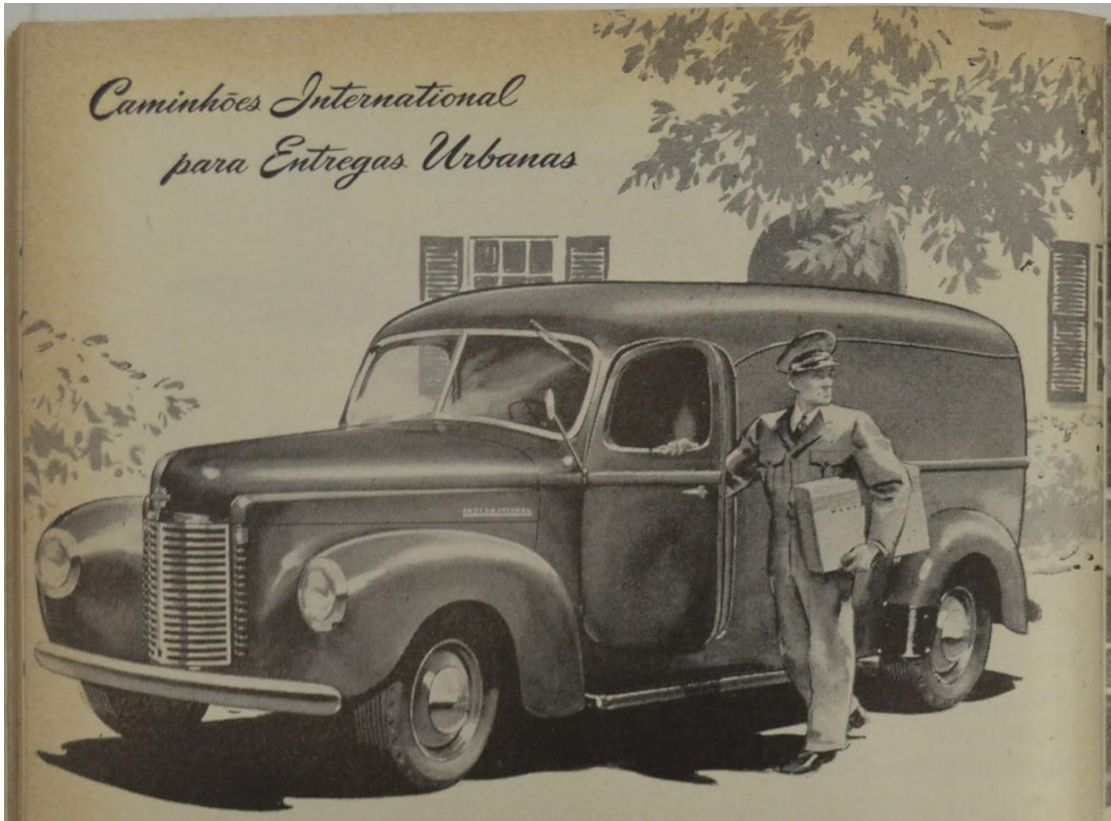


PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAA

O Sistema dos Clippers

Caminhões International
para Entregas Urbanas



Os varejistas escolhem os International pela sua elegância e economia

● Transporte econômico, aparência elegante, fôrça e segurança são qualidades indispensáveis para o serviço de entregas urbanas. E elas são inerentes aos caminhões International. Êstes atraentes caminhões, equipados com motores "Diamante Verde" de comprovada economia, são fatores importantes para o sucesso do comércio varejista.

Sugerimos estudar os caminhões International se o seu serviço de transporte exige rendimento, economia e durabilidade. A série International inclui desde os pequenos "pick-up" até os possantes caminhões de seis rodas.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago 1, E. U. A.

Filiais no Brasil
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER

TRATORES E MÁQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL — CAMINHÕES INTERNATIONAL - FÔRÇA INDUSTRIAL INTERNATIONAL

Petróleo...impressor de noticias... As rotativas e máquinas que imprimen jornais, revistas e livros, são lubrificadas com produtos de petroleo. Sabia o leitor que tambem em suas tintas se emprega largamente o petroleo? Os laboratorios Esso desenvolveram muitos preparados que atendem a inúmeras necessidades da impressão . . . facilitando uma mais vasta distribuição de noticias e conhecimentos. Esta contribuição da Organização Esso é uma das muitas razões para sua reputação como lider da industria do petroleo, desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY
OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

Sistema Moderno, Econômico Para Acionar Todas as Embarcações Pequenas

Um Evinrude é tão leve e compacto que facilmente pode ser levado a toda parte . . . a um lugar de recreio próximo ou a um lago ou rio distante. Num instante pode-se fixar um Evinrude na popa de um bote comum e fica *pronto para a partida* . . . para levá-lo veloz e suavemente, e navegar horas sem conta.

Há 37 anos que se usam largamente os Evinrude em todos os tipos de embarcações, em todas as águas do mundo. São motores muito populares não só para barcos de recreio como tambem para serviço de carga — tambem em barcas, pequenos botes-faróis e para transportes em águas de pequeno calado. Sortimento completo de modelos, de 1.1 até 50 cavalos de força. Para água doce e salgada. Peça o catálogo. Veja a oferta.

GRATIS! Com prazer lhe enviaremos, a pedido, nosso catálogo impresso a cores, que mostra todos os modelos — tambem o "Motor & Boat Selector" de Evinrude, contendo informações uteis sobre motores, barcos, velocidades, etc. Escreva pedindo-os hoje mesmo.

OUTBOARD MARINE AND MANUFACTURING CO.
Divisão de Exportação, E12P,
WAUKEGAN, ILL., E. U. A.

Qualidade que se pode Vere Medir, Verificar e Comparar... "TRIUMPH"

Examine a pena cilíndrica *Lifetime* * de ouro de 14 quilates. E' maior, mais forte, mais fácil de manejar . . . e dura muito mais! A pena *Lifetime* distingue a "Triumph" da SHEAFFER de todas as outras canetas do mundo. Verifique como a "Triumph" é adaptável á sua maneira de escrever, como o seu equilíbrio é fácil, como a sua pena desliza suavemente pelo papel . . . Compare o seu acabamento, o esmero de sua fabricação— verdadeiro trabalho de jóia rara, de grande valor . . . e terá orgulho de presentear, de ganhar, de adquirir uma SHEAFFER.

W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U. S. A.

NOVA PONTA
Fineline
Maior superfície de apôio.

NOVA PENA
*Lifetime**
(garantida por toda a vida)

Representantes Gerais para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa 843 —Rio de Janeiro. Representantes Gerais para Portugal—Srs. Azevedo & Duarte Ltda., Rua do Crucifixo, 76—Lisboa, Portugal.

SHEAFFER'S

Novas Canetas "TRIUMPH" *Novas Lapiseiras "Fineline"*

Estilizado para levantar o ânimo . . .
o novo Studebaker 1947 tem distinção

V.S. talvez tenha, entre outras qualidades, a da despretensão. Mas o certo é que V.S. se deleitará quando seu carro despertar admiração e inveja nos lugares onde for num novo Studebaker 1947 de estilo espetacular.

Assim como uma casa atraente é um lugar de ostentação, da mesma forma, esse carro é uma peça de ostentação. Durante anos não houve nenhum carro que apresentasse igual distinção de beleza.

Guiá-lo e vê-lo correr é como viver num sonho. E nele, onde quer que se olhe, acham-se a seu serviço, para sua conveniência e sua segurança, as inovações do após-guerra, que não se esperavam para tão cedo, tais como: freios que se ajustam por si —mostrador de instrumentos a "luz-negra" —parabrisas e vidraças tão amplas que permitem ver "tudo".

Não se prive da satisfação profunda de possuir este carro que, no após-guerra, é autenticamente o primeiro em aperfeiçoamentos que já estão comprovados.

É muito provavel que V.S. possa, com orgulho, guiar um novo e belo Studebaker 1947, seu próprio, mais cedo do que esperava.

STUDEBAKER
Sinônimo mundial de excelência em autos e caminhões

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Telegramas: Studebaker

Que seu presente seja um jogo Taperite

para a escrita moderna e suave

Sua beleza é fascinante, usá-las é um prazer, possuí-las causa orgulho! Assim são as lindas canetas e lapiseiras aerodinâmicas "Taperite" da Waterman's. Não admira, pois, que constituam perfeito brinde!

Tãopouco surpreende que todos gostem delas, porque as novas canetas "Taperite" escrevem correntemente—sem esforço—suavemente—assim que a pena roça o papel. Alem disso, a pena é sempre visivel—trabalhada à mão para se ajeitar ao seu modo pessoal de escrever—firme ou flexivel. E a tampa sem tarraxa da "Taperite", que basta empurrar para se colocar firmemente no lugar, a alavanca da bomba que enche com um só movimento—são vantagens adicionais que só os mestres-artífices da Waterman's poderiam ter realizado.

Não há dúvida: quando pensar em oferecer algum presente, lembre-se da "Taperite". Os incomparaveis jogos de caneta e lapiseira Waterman's estão à sua espera nos principais estabelecimentos do ramo.

É Fato Científico—Pode-se chegar a escrever 3 vezes mais palavras com a Tinta Waterman's do que com qualquer outra de preço popular.

Waterman's

Distribuidores Exclusivos para o Brasil CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
Rio • São Paulo • Porto Alegre • Recife • Belém

Distribuidores Exclusivos para Portugal
ALFREDO LOPES DA SILVA, Lisboa

SIM, MAS A HISTORIA NÃO ESTÁ COMPLETA...

Qualquer caminhão, parado, pode dar ótima impressão. Quanto a isso, o Mack não é exceção.

As diferenças aparecem é quando se põe um Mack *a funcionar*. Só então se percebe como é *rijo* esse caminhão—*rijo de construção*, das rodas à capota.

Há 46 anos que essa rijidez dos Mack vem *dando resultado*... resultado que se traduz em trabalhos mais árduos, vida mais longa, e menor número de interrupções para reparos.

Em suma, trata-se de *mais carregamento por preço menor*—e aí está a parte mais importante da "história" dos Mack!

SE V. TEM UM
Mack
TEM MUITA SORTE...
SE PROJETA COMPRAR UM.
TEM MUITO JUIZO

MACK TRUCKS, INC., EMPIRE STATE BLDG., NOVA YORK 1, E. U. A.

Fabricantes de caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores navais de fama universal—a gasolina e diesel. A Mack tem distribuidores em todas as capitais da América Latina.

O PINTO QUE VOOU
antes da galinha chocar o ovo

Uma nova guerra contra os mais antigos inimigos do homen — fome e peste — vem sendo desencadeada desde que cessou o conflito mundial. Mas hoje dispomos de nova arma para combater a escassez de alimentos e drogas que há no mundo.

Ovos ferteis, que só duram sete dias, sementes que são origem de novos alimentos, estão sendo remetidos com rapidez à Europa, em aviões acionados pelo Wright Cyclone. Soros e produtos químicos, para salvar vidas, estão sendo entregues em tempo oportuno para evitar as pragas e a peste. As realizações da ciência médica americana podem ser usufruidas em qualquer parte do mundo dentro de poucas horas.

Esse milagre tornou-se possivel graças ao alcance, capacidade e potência dos aviões fabricados nos Estados Unidos. Terminando esta situação de emergência, o homem fará uso deste servidor alado para sua maior segurança e para uma vida mais plena.

O WRIGHT CYCLONE 9 . . .
Super-Potência para os DC-4

Os que viajarem nos gigantescos Douglas DC-4 Skymasters gozarão o benefício da velocidade pela potência Wright Cyclone 9HD. Esta nova usina de força aumenta de 10% a velocidade de cruzeiro do DC-4 quadrimotor.

Curtiss Wright
Export Division

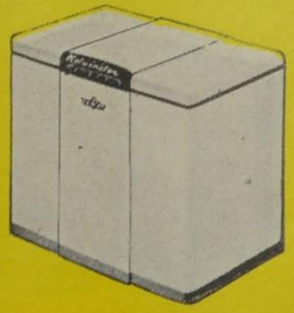
Representante: Max Leitão & Cia Ltda. • Rua da Assembléia 104, Rio de Janeiro, Brasil

3 Grandes Produtos Kelvinator
fabricados para seu conforto e conveniência

Há mais de 30 anos que os produtos Kelvinator significam *satisfação e contínuo funcionamento sem desarranjos.* Hoje os novos Kelvinator apresentam essas e outras caraterísticas modernas que os tornam ainda mais cômodos e convenientes.

3 novos fogões elétricos, inclusive o Kelvinator "Automatic Cook" que cozinha automaticamente todas as iguarias, quer seja sobre o fogão, quer no forno.

3 grandes refrigeradores. O modelo CD 7, aquí ilustrado, está munido de receptáculos gêmeos movediços "Kelvin Crispers" e receptáculo para verduras. Prateleiras removiveis a 5 posições . . . amplo espaço para congelação de gêneros alimentícios . . . 0.2 m cúbicos . . . 1.22 m quadrados, é a área total das prateleiras . . . 6 quilos de gelo.



Frigoriferos domésticos com capacidade para mais de 95 quilos de carne, peixe, frutas e verduras.

Veja estes grandiosos produtos na agência local de Kelvinator ou escreva-nos diretamente para detalhes completos.

Kelvinator
Divisão da Nash-Kelvinator Corporation, Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

. . . em português é **"uma flor"**

. . . em inglês, **"a flower"**

. . . em norueguês, **"en blomster"**

Mas em todos os idiomas, uma só palavra designa a câmara, filme e acessórios fotográficos de confiança: Kodak*

* **Kodak** . . . A marca, com 58 anos de existencia, registrada pela Companhia Kodak e suas associadas. Por intermedio de extensa rede de distribuidores, os produtos Kodak podem ser obtidos em todas as partes do mundo. No Brasil se distribuem por intermedio de Kodak Brasileira, Ltd., Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, e Curitiba.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

TOSÃO DE OURO

• *Ordem criada em Bruges a 10 de Janeiro de 1429 pelo Duque de Borgonha, Felipe, o Bom, em honra do seu casamento com D. Issbel de Portugal. Felipe declarou-se grão-mestre da ordem destinada a propagar a fé católica e deu-lhe estatutos que formam um verdadeiro código de virtudes cavaleirescas. Quando a casa de Bourbon chegou ao trono de Espanha, decidiu-se que a ordem pertenceria simultaneamente à Espanha e à Austria.*

Sob o signo do Mérito

• No peito de um militar ou na lapela de um civil, a condecoração é um símbolo visível do mérito de quem a possue. Representa o máximo de distinção a que alguém possa aspirar pelos seus atos. No pulso do homem moderno, LONGINES é uma demonstração pública do mérito dos que tudo realizam sob o signo da precisão. LONGINES é o resultado de 80 anos de contínuos aperfeiçoamentos e a expressão máxima da relojoaria suiça.
Sua precisão é uma verdadeira maravilha de equilíbrio e harmonia em cada movimento, consagrada em exposições internacionais.

• Em 1866, Ernest Francillon, dedicado artífice-relojoeiro — fundador da Fábrica LONGINES, na Suiça, realizou seus primeiros relógios de precisão, mais tarde consagrados na marca que é hoje um padrão em relojoaria!
LONGINES obteve sua primeira honraria em Paris, em 1867, e recebeu seu primeiro GRAND PRIX em 1885, na Exposição Internacional de Anvers. É o único relógio detentor de 10 GRANDS PRIX, a láurea máxima concedida ao relógio que, entre outras marcas já premiadas, alcança o maior índice de precisão e perfeição técnica.

LONGINES

Possuir LONGINES é ter o mérito de possuir um dos expoentes máximos da relojoaria suiça!

Esta admirável película foi vista e admirada por um milhão de pessoas durante a sua exibição no "Radio City Music-Hall" — o famoso e internacionalmente conhecido teatro de Nova York.

METRO-GOLDWYN-MAYER
apresenta

Anos de Ternura

de **A. J. CRONIN**
Tendo por intérprete principal
CHARLES COBURN com
TOM DRAKE · BEVERLY TYLER · HUME CRONYN
GLADYS COOPER · DEAN STOCKWELL · RICHARD HAYDN
UM FILME METRO-GOLDWYN-MAYER

O Canadá produz algumas das melhores madeiras do mundo. *O Canadá possue reservas florestais quase ilimitadas. As variedades de abetos e outras madeiras, que alí se produzem desde a Colúmbia Britânica até as Províncias Marítimas, são muito procuradas no mundo inteiro.*

O Canadá fabrica um dos Whiskys mais finos do mundo

• O Canadá exporta a 102 paises um dos mais finos whiskys do mundo, o SEAGRAM'S V.O. De sabor excepcional, este whisky não pode comparar-se a nenhum outro por sua ligeira consistência, suavidade e paladar raro. Para o whisky mais leve e do mais puro sabor, prove o whisky canadense SEAGRAM'S V.O. *Os que pensam no dia de amanhã tomam hoje Seagram's V.O.*

Seagram's V.O.

WHISKY CANADENSE

O mais leve—O melhor para você

Um Estilo Para Cada Pessoa "Debaixo do Sol"

USE OS CIENTIFICOS

WILLSONITES

. . . com as lentes verdes e refrescantes de fama mundial. Protegem seus olhos contra o perigo dos raios infra-vermelhos e ultra-violeta em tôdas as épocas do ano. Há-os em muitos estilos elegantes, à venda em tôda a parte nos melhores estabelecimentos.

Fabricados nos E. U. A. pela

WILLSON PRODUCTS, INC.

READING, PENNSYLVANIA

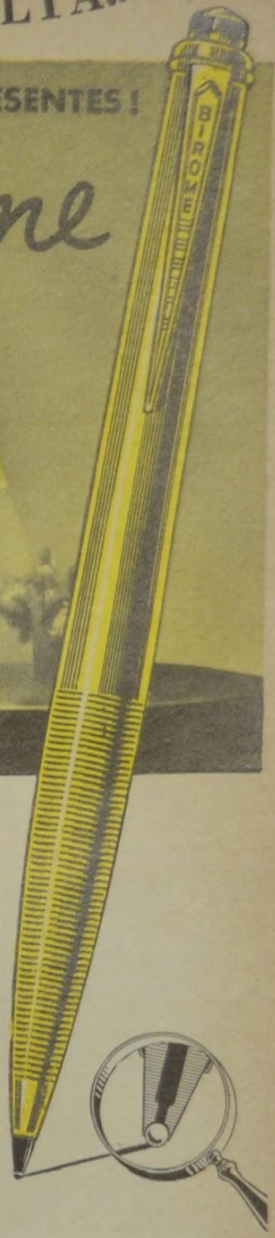
Fundada em 1870—**Fabricantes de óculos protetores para a indústria; e também mascaras anti-gás, capacetes, respiradores e óculos solares.**

UMA POR UMA, TÔDAS NÚMERO 1

Nas lâminas Gillette-Azul, a superior qualidade é mantida em tôdas e em cada uma! Para assegurar-lhe uma barba feita com plena satisfação, são submetidas a constantes e rigorosas provas. Seus gumes são agudíssimos, durando muito mais. E por serem muito econômicas, permitindo maior número de barbas, tornaram-se preferidas pela maioria dos homens no mundo inteiro.

CUSTAM MENOS PORQUE DURAM MAIS

UMA NOVA REVIRAVOLTA...



Su esfera giratoria – que reemplaza la pluma – la convierte en una invención real. Es un regalo nuevo, elegante y práctico.
L. J. Biro, inventor de las esferográficas, supervisa personalmente la fabricación y el laboratorio experimental. Por ello, BIROME será siempre la primera en aplicar todos los nuevos descubrimientos a sus modelos y en asegurar la fabricación de las esferográficas de mejor calidad. Y... BIROME brinda garantía eterna.

Escribe con suavidad no igualada.

BUENOS AIRES - MONTEVIDEO - RIO DE JANEIRO - SANTIAGO DO CHILE - LIMA - BOGOTA - CARACAS - ASSUNÇÃO

Faça presente de um Philco 1201 no Natal!

A sensação do ano em rádios-fonógrafos . . . basta pôr um disco na abertura, fechar a tampa, e o disco toca! Presente emocionante para uma criança ou um adulto.

PHILCO

De Fama Mundial em Qualidade

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION, 50 BROADWAY, NOVA YORK 4, N.Y., E.U.A.

Parker "51"

Esta é a caneta que sobrepuja a tôdas as outras! E de partida instantânea, graças à sua pena sempre úmida. Escreve com uma suavidade rara, porque a sua ponta, encerrada e protegida contra o ar e a poeira, é de delicado e precioso osmíridio. Mais ainda: sòmente esta "51" é construida especìficamente para o emprêgo da tinta Parker "51", que seca à medida que escreve.

★

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

Representantes exclusivos para Portugal e Posto Central de Reparações: ANTONIO VIEIRA, LTDA., 167, Rua do Ouro, 173, Lisboa

Escreve seco com tinta líquida!

Missões de Caridade

. . . Apenas uma de tantas Aplicações

O transporte rápido de doentes e feridos, desde locais distantes e inacessíveis . . . do mar alto até o porto mais próximo . . . auxílio imediato a pessoas isoladas ou perdidas . . . transporte urgente de plasma e outros medicamentos e equipamento de primeiros socorros . . .

. . . são apenas algumas das numerosas missões de caridade que sòmente os helicópteros Sikorsky podem desempenhar melhor.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

East Hartford, Connecticut, E. U. A.

Endereço Telegráfico: *UNITEDAIR*

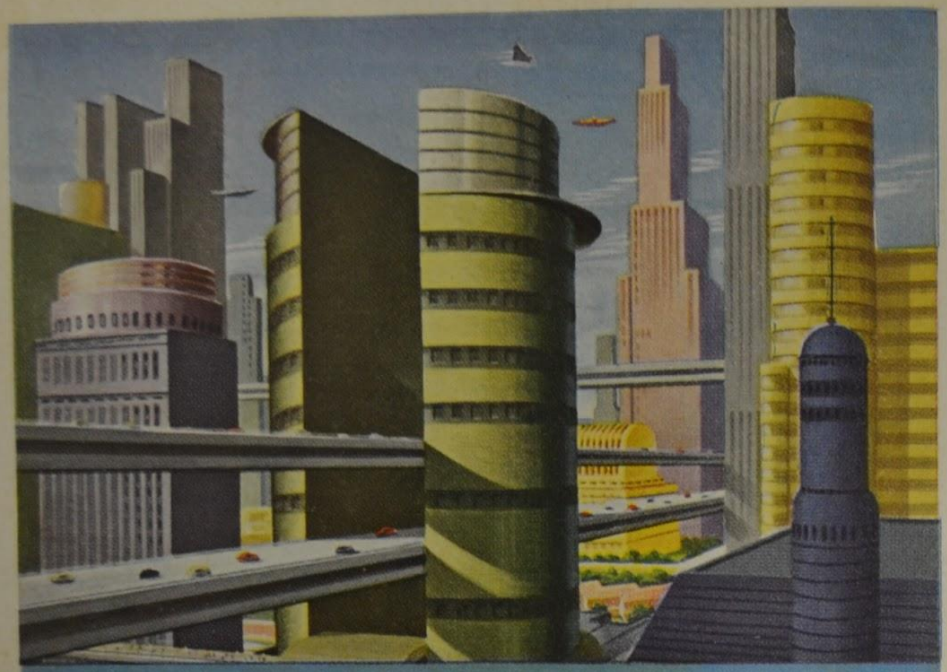
MOTORES PRATT & WHITNEY • HÉLICES HAMILTON STANDARD • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTEROS SIKORSKY

TOME os sucos de 8 vegetais frescos com V-8

V-8, o original "suco de vitaminas", é uma surpreendente combinação do suco de 8 vegetais frescos—tomates, cenouras, espinafres, alface, agrião, aipo, beterraba e salsa. Eis por que V-8 é tão saboroso, refrescante e nutritivo. Contém as vitaminas A, B_1 e C, bem como cálcio e ferro. Complete e enriqueça a nutrição da família com V-8!

Sirva V-8 quente, frío, em forma de geléia. V-8, gostoso por si mesmo, ainda valoriza o sabor de inúmeros outros pratos. Peça-o a seu fornecedor ou tome-o nos restaurantes. Preço bem moderado.

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc.
Rio de Janeiro



O ÓLEO DA ERA NOVA...

. . . em homenagem ao talento progressista dos cientistas da Socony-Vacuum Oil Company, Inc.

O novo Mobiloil, hoje produzido com caraterísticas genuinamente revolucionárias, ultrapassando-se a si próprio, dará resultados nunca sonhados até o dia de hoje.

O motor de seu carro, caminhão ou ônibus ficará protegido com este óleo, de maneira tal como nunca antes se conseguiu. Por via dessas caraterísticas especiais, e ao abrigo de processos patenteados, este óleo lhe dará resultados *5 vezes melhores que os de qualquer outro até agora conhecido* no domínio da lubrificação.

Trata-se de um produto que marca um progresso de grande alcance na indústria do petróleo.

Como sempre, a *Socony-Vacuum Oil Company, Inc.*, marcha na vanguarda da sua época.

GARGOYLE

CIÊNCIA EXPERIÊNCIA ALTA QUALIDADE

Lubrificantes

estão ao seu serviço AQUI e em toda parte do MUNDO

PRESUNTO Swift

num instante cativa para sempre o paladar!

Sim! Basta prová-lo uma vez para se ter a certeza de que é incomparàvelmente tenro, suculento, delicioso! O Presunto Swift é feito com pernis selecionados e é saborosamente temperado como só a Swift sabe fazê-lo. Pode ser servido frio ou quente e ainda dá ensejo à preparação de inúmeros pratos que enriquecem a mesa e surpreendem o paladar!

PRODUTO DA

Swift do Brasil

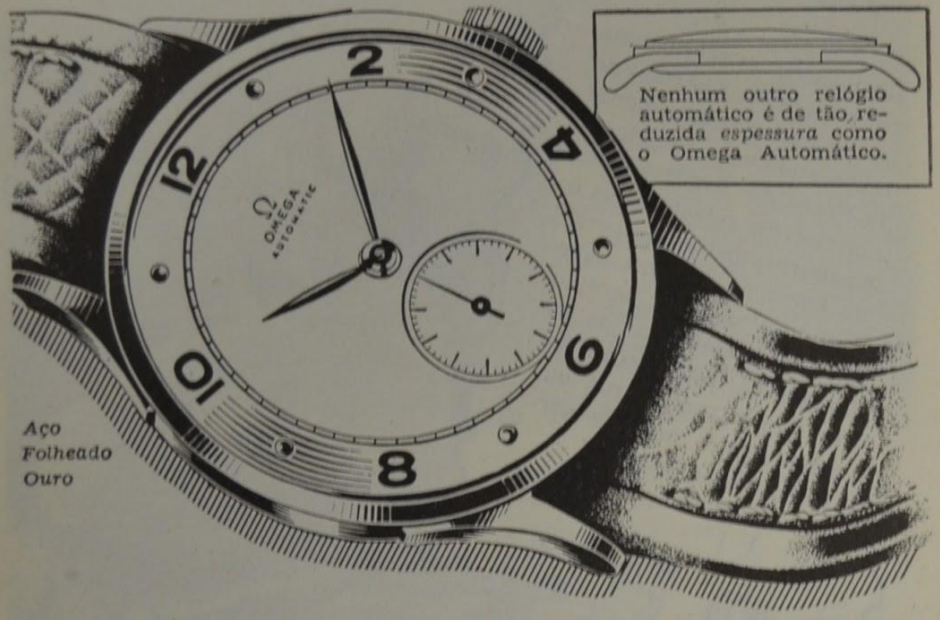
HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

AGORA EXISTE

um relógio automático

"Precisão Omega"

com a



Eis mais um triunfo Omega: o Omega Automático. Não é sòmente um simples relógio automático... Êle possui ainda a famosa "Precisão Omega"! É que o Omega Automático constitui mais um resultado dos famosos récordes de precisão conseguidos por Omega no célebre Observatório de Teddington, na Inglaterra! Examine êsse maravilhoso relógio nas boas relojoarias. Impermeável à água, pó e suor — À prova de choques — Antimagnético — Extra-chato — Inoxidável — Vidro inquebrável.

Ω

OMEGA *Automático*

OMEGA

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE
GENEBRA-SUIÇA

Tissot

Sim, gosto dêle!

Êle tem aquêle ar distinto do homem que usa GLOSTORA!

GLOSTORA estimula a oleosidade natural do couro-cabeludo, revelando tôda a beleza expontânea dos cabelos, num penteado correto e elegante. GLOSTORA realça o brilho e prolonga a vida dos cabelos, sem lhes dar um aspecto artificial, porque GLOSTORA fixa sem empastar e amacia sem engordurar.

Glostora

ABRILHANTA, PROTEGE E REVIGORA

Um gerente

numa pressa confortavel

Há um sistema para eliminar a fadiga quando se viaja, tornando o tempo produtivo. Ponha-se à vontade no luxuoso conforto de um Beechcraft Modelo 18—e chegará ao seu destino com um horário medido, gastando minutos em vez de horas ou dias. De três a seis pessoas, alem do sr. (isso depende da capacidade do Beechcraft que escolher), podem viajar 400 milhas, tomar parte em longa entrevista e voltar a sua casa, TUDO como parte de um dia de atividade normal. Se o sr. viajar à moda Beechcraft numa velocidade média de 200 milhas por hora, economizará muito tempo que de outra forma desperdiçaria em fatigante viagem... assim acrescenta mais dias ao seu trabalho de um mês. A experiência tem demonstrado que o Beechcraft Modelo 18, criado para a rapidez e o conforto, constitue para os homens de negócio que têm visão do futuro, uma excelente inversão de capital. Escreva-nos hoje—fatos, números e demonstrações ao seu dispor, sem compromissos.

Beech Aircraft

CORPORATION WICHITA, KANSAS, E. U. A.

O MUNDO É PEQUENO QUANDO SE VIAJA NUM BEECHCRAFT

TODAS AS IMAGENS pintadas no coração humano constituem as cores da experiência. Desaparece um rosto, morre uma esperança. Em seguida as tintas escuras refletem um sombrio estado de espírito, e permanecem certas formas fantásticas. No entanto, mesmo nos momentos tumultuosos, a música acalma. E a luz na sombra, é claridade na tormenta.

° CAPEHART

Toda a glória de uma sinfonia ou de um coral está sempre à disposição dos que possuem um Capehart. Este rádio-fonógrafo, mediante novo e revolucionário sistema de tons, reproduz a música de maneira apenas igualada pelos próprios instrumentos.

Formas e espíritos fantasmagóricos movem-se inquietos através da "Symphonie Fantastique" de Berlioz, como se vê no quadro que Julio de Diego pintou para a Coleção Capehart.

° FARNSWORTH

Os novos rádios Farnsworth combinam qualidade de desempenho com um preço módico. Seis modêlos especiais para a exportação, de construção tropical, serão disponíveis na variedade de caixas de duradoura beleza.

FARNSWORTH TELEVISION & RADIO CORPORATION
FORT WAYNE 1, INDIANA, E.U.A. • ENDEREÇO TELEGRÁFICO "TELEVISION"

Lenthéric cést le plus chic!

Tweed • Confetti • A Bientôt

Para um presente
que encerra
uma homenagem

Lenthéric
perfumes

Quadro de Ben Stahl, um dos mais brilhantes pintores dos E.U.A., executado para a série Elgin.

Para V. S. e para a pessoa amada—Lord Elgin de 21 rubís, e Lady Elgin de 19 rubís, com elegantes pulseiras de trança, em ouro de 14 quilates.

Outra vez—Alguns Elgins para o Natal

Veja nas boas relojoarias os novos modelos desses relógios, de há muito famosos por sua exatidão, e mais belos que nunca. São certos como as estrelas!

ELGIN NATIONAL WATCH COMPANY
Elgin, Illinois, E. U. A.

Já há novos ELGINS!

GELO EM FITAS

num Minuto!

FlakIce* é o gelo em serpentinas, continuamente fabricado nesta máquina York, compacta, econômica e de segurança.

O Modelo DER-10, ilustrado aquí, produz de 800 a 900 quilos de gelo em fitas, por dia. Basta ligar a máquina ao recipiente de água, ligar o comutador da electricidade e, num minuto, a máquina começa a funcionar e a expelir as fitas de gelo.

FlakIce constitue o método ideal para conservar frescas as frutas e legumes, peixe, carne e aves, tanto em trânsito como no mercado e nas lojas. Sendo as fitas muito finas, há maior superfície para absorver calor e proteger completamente os gêneros e frutas contra estragos.

Nos hospitais as máquinas FlakIce controlam devidamente a pureza da água usada para cosinhar e beber, e para o seu emprego terapêutico. Nesses casos é tambem essencial a renovação constante e contínua do gelo.

Nos hotéis, restaurantes, cafés, clubes, bares, as máquinas de gelo FlakIce tornam-no mais barato que o gelo em pedra e em cubos, na conservação de peixe, saladas e frutas, que podem ser servidos em forma apetitosa, alem de prover água e bebidas geladas a baixo preço. York Corporation, Divisão Internacional, 50 Broadway, New York, N. Y., E. U. A.

**Marca Registrada*

Distribuidores Exclusivos no Brasil:

BYINGTON & CO.

São Paulo: Avenida do Estado, 4667
Rio de Janeiro: Rua Pedro Lessa, 35

Recife • Bahia • Belo Horizonte • Santos
Curitiba • Porto Alegre

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO
Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

-Depois consulte o espelho!

Depois de uma semana de experiência com a PASTA DENTAL PHILLIPS, os dentes amarelecidos e sem vida em consequência de uma limpeza diária inadequada e incompleta, entram numa nova fase de brilho, beleza e saúde, graças à ação miraculosa dêsse dentífrício cientificamente moderno, que *limpa* e *embranquece* os dentes e *embeleza* o sorriso.

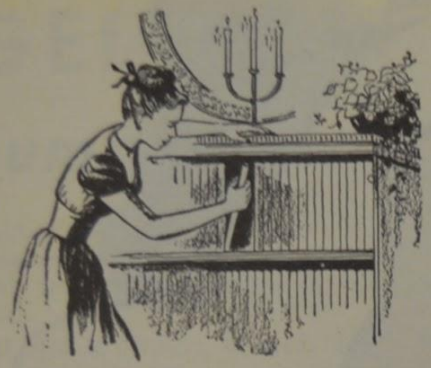
Contendo mais de 75% do legítimo LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, o antiácido ideal, a PASTA DENTAL PHILLIPS neutraliza eficazmente a acidez bucal que é um agente de destruição. A PASTA DENTAL PHILLIPS surgiu dos modernos laboratórios especialmente preparada para dar aos dentes mais brilho, vida e alvura.

O SEU DENTISTA CONFIRMARÁ

PASTA DENTAL

PHILLIPS

BRILHO, BELEZA, BRANCURA!



O Presente Perfeito

—Uma coleção de discos RCA Victor e uma nova Victrola*

MODELO QU61 Rádio-fonógrafo Victrola* com mudança de disco "roll-out" (sistema expelidor) com capacidade para discos de 25 cm e 30 cm. Dois alto-falantes de 30 cm. 5 faixas de recepção com mostrador horizontal e com sintonização de onda-curta. Belíssima caixa de estilo moderno.

"Perfeito" porque é um presente que se renova... é uma fonte de prazer que dura sempre, para os amigos e a família, um símbolo constante de afeição e amizade do doador.

Lembre-se tambem que com os Discos RCA Victor *toda* a grandiosa música do mundo estará ao seu alcance e seleção—árias de inspiração gloriosa, sinfonias emocionantes, brilhantes exemplos de virtuosismo surpreendente—executados pelos maiores artistas do universo.

Toda a côr e brilho da execução é captada quando se toca um rádio-fonógrafo Victrola*. Tanto a irradiação como a música em discos têm o realismo da execução de "sala de concerto", segundo aperfeiçoamentos realizados recentemente nos grandes Laboratórios da RCA.

*Victrola
Marca Registrada

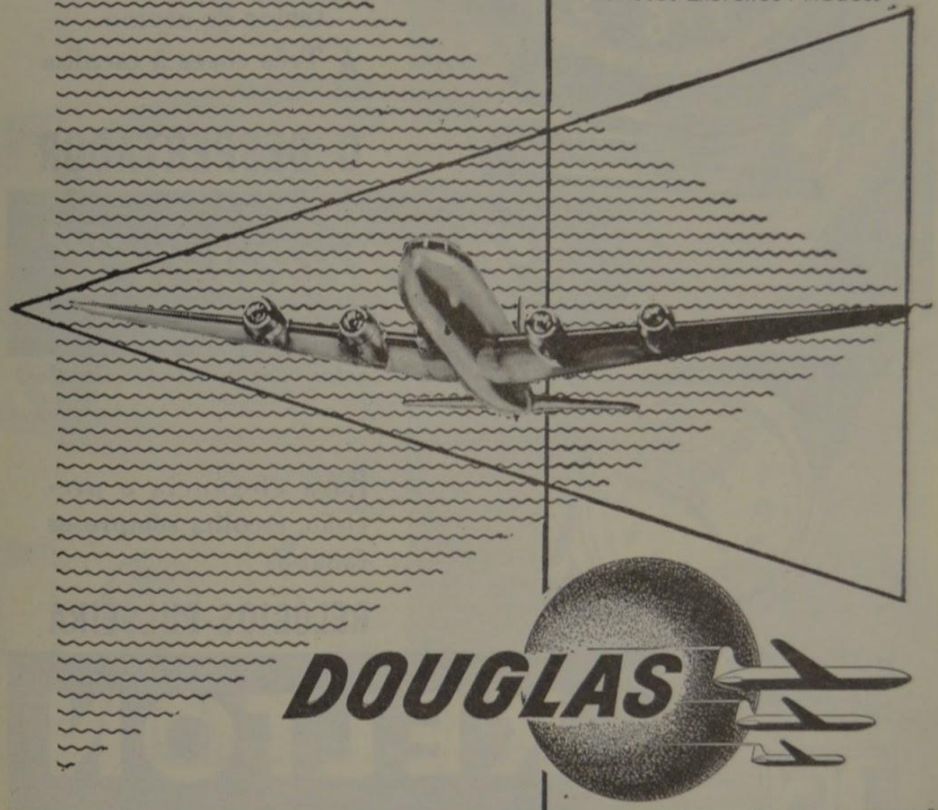
RCA VICTOR

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA VICTOR RADIO, S. A. Rio de Janeiro

EXPERIMENTADO E PROVADO—11,000 VEZES!

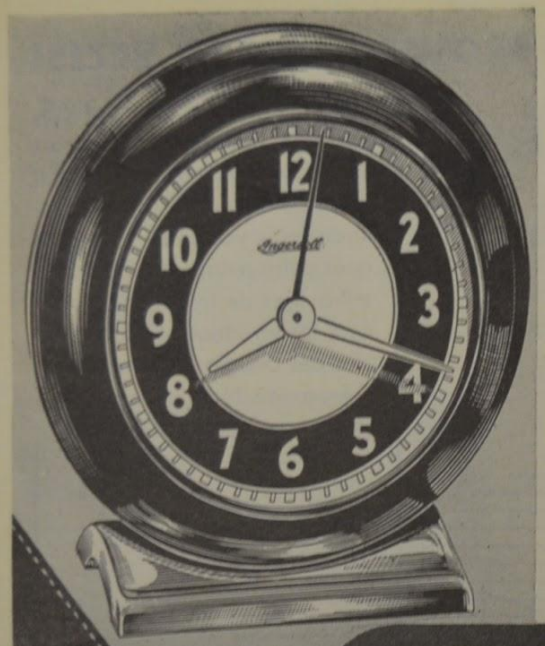
O avião Douglas, no qual V.S. pode viajar em qualquer importante Linha Aérea do Mundo, tem sido experimentado e provado mais vezes do que qualquer outro avião. Mais de onze mil aviões de transporte como êste foram ideados e construidos por Douglas para as Linhas Aéreas do Mundo ou para os vitoriosos Exércitos Aliados.



DOUGLAS

Usados em 85 das Principais Linhas Aéreas do Mundo

Mais gente por toda parte viaja em Aviões Douglas



O novo Ingersoll oferece muitas vantagens modernas:

★ Uma só chave dá corda às horas e ao despertador
★ Mostrador luminoso
★ Corda para 40 horas
★ Base e parte posterior de cromo
★ Três cores à escolha

O DESPERTADOR

Ingersoll

(Tambem outros modelos com mostrador simples)

Para elegância e precisão, escolha sempre os famosos

RELÓGIOS-PULSEIRA

★ Mostrador luminoso

KELTON

US TIME

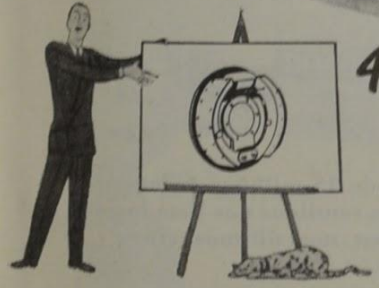
Fabricados por The United States Time Corporation, E. U. A.
Distribuidor: Costa, Portela & Cia., Rio de Janeiro

Ford Na Vanguarda!

1 **Molejo de nova construção,** com fôlhas em maior número, proporciona um rodar mais confortável . . . marcha repousante e macia, mesmo nas piores estradas . . . e uma nova estabilidade nas curvas!

2 **Motor V-8 de 100 H.P.!** O desempenho mais eficiente e suave, em sua classe de preço. Novos pistões de alumínio, de 4 anéis, e carburação equilibrada asseguram maior economia de gasolina e óleo!

3 **Acabamento em esmalte Ford especial.** Secagem pelo processo de raios infravermelhos. Mais brilhante e durável, porque adere melhor ao metal. Eis a razão pela qual os carros Ford conservam sua reluzente aparência de novos.

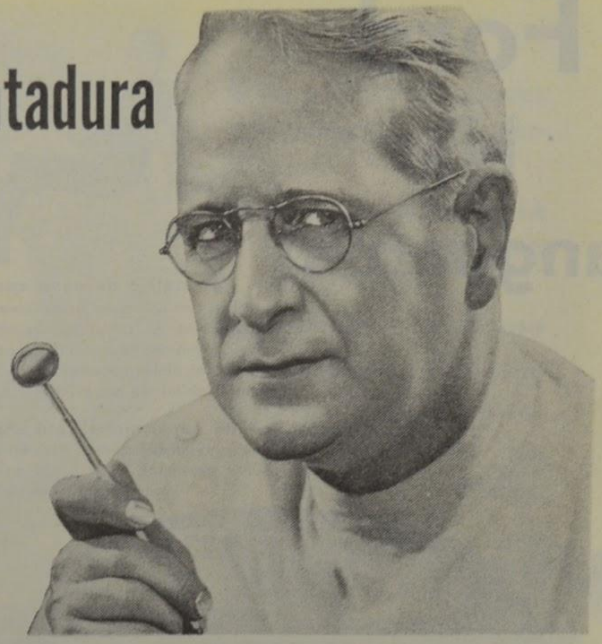


4 **Freios extra-grandes!** Nenhum outro carro em sua classe possue freios tão grandes! De centralização hidráulica e automática, à menor pressão no pedal proporciona paradas mais suaves e seguras.

5 **Carrosseria extra-sólida** para maior proteção e durabilidade! Construída de fortes chapas de aço soldado, tratadas pelo método especial Ford, à prova de ferrugem.

Há um Ford em seu futuro!

Vai a sua dentadura mal asseada proclamando "DENTES POSTIÇOS"?



V. Sa. pode dar à sua um aspecto natural e mantê-la limpa e livre de cheiro desagradavel—com Polident! Recomendado pelos dentistas.

Para que desperdiçar tempo e esforço escovando-a, quando V. Sa. pode manter a sua dentadura (ou a sua ponte) escrupulosamente asseada e com aspecto natural —como fazem milhões de pessoas—bastando submergí-la numa solução de Polident?

Este famoso pó, eficaz e inofensivo, limpa e purifica os dentes postiços— SEM ESCOVAR! O mau alento produzido pelas dentaduras mal asseadas desaparece, bem como as manchas e as partículas nelas acumuladas.

Tudo o que V. Sa. tem que fazer para manter os seus dentes postiços limpos, reluzentes e com esse aspecto natural é submergí-los numa solução de Polident. Experimente-o hoje mesmo. Custa só uns quantos centavos por dia.

POLIDENT

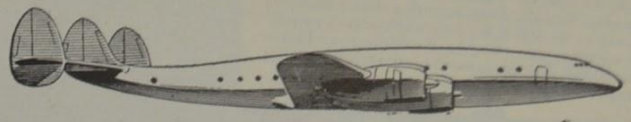
—como por mágica

SEM ESCOVAR!

Mais de 25 milhões de latas foram vendidas nos Estados Unidos nos últimos cinco anos.

POLIDENT

RECOMENDADO PELOS DENTISTAS



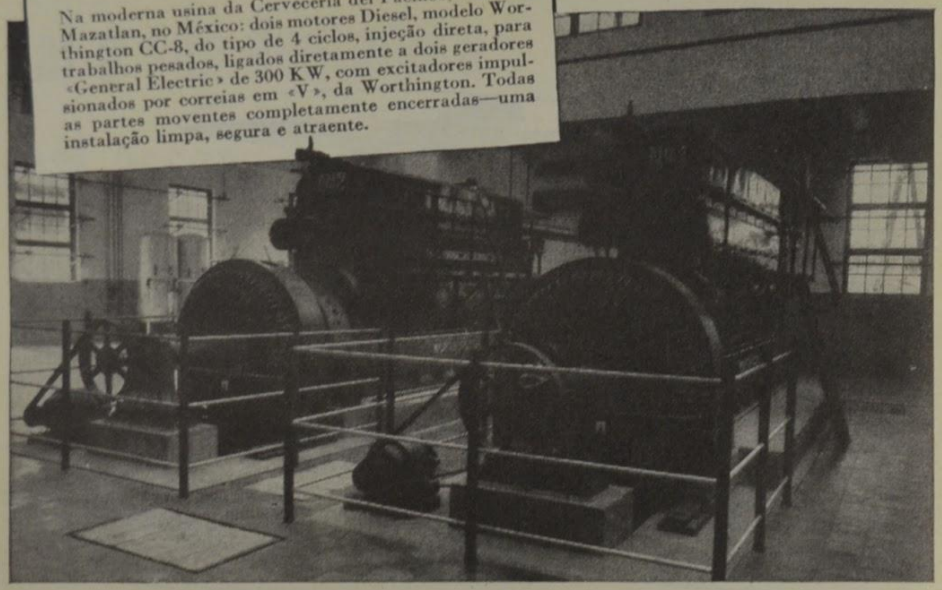
O *Constellation Lockheed* superior em velocidade, conforto e segurança, está estabelecendo novos padrões nas viagens transoceânicas e intercontinentais. As principais viagens aéreas das seguintes grandes companhias apresentarão, em lugar de destaque, o *Constellation:*

AIR FRANCE - FRENCH AIRLINES SYSTEM
AMERICAN AIRLINES SYSTEM
BOAC - BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
EASTERN AIR LINES
KLM - ROYAL DUTCH AIRLINES
KNILM - ROYAL NETHERLANDS INDIES AIRWAYS
PANAIR do BRASIL
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
TWA - THE TRANS WORLD AIRLINE

Lockheed Aircraft Corp., Burbank, Calif., E.U.A.

Lembre-se do nome—

CONSTELLATION



Na moderna usina da Cerveceria del Pacifico, S.A., em Mazatlan, no México: dois motores Diesel, modelo Worthington CC-8, do tipo de 4 ciclos, injeção direta, para trabalhos pesados, ligados diretamente a dois geradores «General Electric» de 300 KW, com excitadores impulsionados por correias em «V», da Worthington. Todas as partes moventes completamente encerradas—uma instalação limpa, segura e atraente.

TANTA FORÇA.... COM TÃO POUCO COMBUSTIVEL!

Os notaveis resultados obtidos com os Motores Diesel «Worthington» são *garantidos*

Trabalhando continuamente, a máxima capacidade, os motores CC-8 Diesel, da Worthington, geram nada menos do que 12 kilowatt-horas de energia elétrica por galão de óleo de combustivel. Quando equipados com superalimentadores impulsionados por turbinas e com escapamento de gás, podem produzir mais 50% de força.

A Worthington garante essa produção de energia, na proporção citada, bem como garante que os motores CC-8 podem funcionar a máxima capacidade continuamente, e com um excesso de 10% alem dessa capacidade máxima durante 2 horas em qualquer período de 24 horas.

É facil imaginar o que esse notavel desempenho representa em economia de custo de combustivel diariamente, ano após ano. Alem de produzirem força barata, com funcionamento sempre garantido, os motores Diesel «Worthington» são solidamente construidos, com modernos desenhos, razão pela qual são usados vastamente, tanto em serviços públicos como em empresas particulares, em todo o mundo.

Para informações mais completas, dirijam-se a: *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Division, Harrison, New Jersey, U.S.A. Escritórios e representantes em todo o mundo.*

F6-5

WORTHINGTON

Emblema de Valor no Mundo Inteiro

Boas Festas!...
e recordações lisonjeiras com
EVERSHARP
o luxuoso presente de Natal

Não há presente melhor que uma EVERSHARP: Este Jogo "Presentation"—acabado em resplandecente dourado e lindíssimos plásticos modernos—proporciona a mais grata satisfação ao escrever. A *Ponta Mágica* da pena *flexível*, de ouro de 14 quilates, é tão suave que escreve *sem ruído!* Seu *Alimentador Mágico* garante o livre escoamento da tinta, devidamente regulado em qualquer altura, em qualquer momento. Verifique por si mesmo!

- Exposição e venda de Canetas-tinteiro e Lapiseiras EVERSHARP nas boas casas de todo o país.
- Serviço de consertos de canetas e lapiseiras GARANTIDO PARA SEMPRE. EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.

EVERSHARP
Jogo Presentation

Dê **EVERSHARP**
e dará o melhor!

Como os grandes artistas, sempre insatisfeitos...

Diz-se que os grandes artistas, uma vez passada a exaltação do impulso criador, tornam-se criticos severos de suas próprias obras . . . e nunca se dão por satisfeitos. A esta ânsia de perfeição deve a humanidade incontaveis obras imortais.

Do mesmo modo, há nos Laboratórios da General Motors centenas de técnicos cuja função é procurar descobrir defeitos em suas próprias obras, para alcançar a perfeição dentro dos limites do possivel. Este esmero meticuloso, este anseio de superação, é o que mantem a margem de qualidade superior em tudo quanto a General Motors produz—e o que lhe vale a preferência do público no mundo inteiro.

GENERAL MOTORS

Melhores produtos acessiveis a mais pessoas

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet • Vauxhall • Caminhões GMC, Chevrolet e Bedford • Frigidaire • Motores Diesel • Peças e Acessorios

GM

Alegre como no Natal!

Em qualquer parte, a qualquer hora,
qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada
é a pausa que refresca.
COCA-COLA é a preferida de todos,
por ser deliciosa e refrescante.
Beba COCA-COLA!

COPYRIGHT 1946, THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

EM NEW YORK . . . No "Iridium Room" do Hotel St. Regis —onde se reunem as pessoas de gosto mais refinado e exigente—o whiskey Schenley goza de extraordinario e crescente prestigio.

para os conhecedores de ambos os continentes . . .

NA AMÉRICA LATINA . . . Em toda parte onde se reune o "Grand Monde", o whiskey Schenley empresta a sua nota de inconfundivel categoria. Os conhecedores apreciam a sua suavidade e o seu sabor nitidamente americanos.

• Prove Schenley, o whiskey americano, suave, leve, requintado... É excelente com soda e ideal para preparar "cocktails" e outras misturas. Schenley International Corporation, Empire State Building, New York, E.U.A.

O "Grand Monde" prefere sempre whiskey

SCHENLEY o que mais se vende universalmente

O enigma de El Greco

Pelos meados do século XVI nasceu em Cândia, na ilha de Creta, Domingos Theotocópuli, El Greco, de quem se afirmou ser «o meteoro mais extraordinário que ainda cruzou o mundo da arte universal». A 7 de abril de 1614, morria ele em Toledo, na Espanha, como bom cristão; «recebeu os Sacramentos, pagou as velas para o enterro, não fez testamento e foi inumado no mosteiro de S. Domingos, o Antigo,» é o que reza a crônica. Apontaram os críticos vários personagens de seus quadros como auto-retratos de El Greco. O mais comumente aceito representa o pintor em idade avançada, com o rosto emurchecido, envolto em ampla capa de pele, contemplando melancolicamente um mundo sobre o qual parece meditar com desolação.

São escassas as informações sobre a sua vida íntima. Teve um filho, Jorge Manuel, tambem artista, de cuja mãe nada se conhece. Terá tido outros filhos o pintor? Suas origens, sua família, sua educação, continuam encerradas em mistério. Acredita-se haver nascido entre 1543 e 1550. Por três séculos os críticos estudaram sua pintura sem saber, a respeito de sua pátria, senão que era grego, antes de descobrir que os quadros mais importantes levavam a assinatura em língua helênica: «Domingos Theotocópuli, cretense, pintou.» Posteriormente veio a descobrir-se, em uma declaração do pintor perante a Inquisição de Toledo em 1582, como intérprete de um seu compatriota acusado de ser mourisco, a confissão de que era «natural da cidade de Cândia».

Domingos Theotocópuli foi conhecido em Veneza, moço ainda, como discípulo de Ticiano, apesar de que, consoante opinião de um crítico, «o espírito ticianesco nele não se encarnou». Transportando-se para Roma, aí encontrou acolhida no palácio do cardeal Farnésio. Poucos rastos deixou à sua passagem pela Cidade Eterna. Colocado alí entre os mais famosos pintores das escolas veneziana e romana, orientou seu gênio para outra direção. Sua individualidade rebelava-se contra o meio. Tornou-se então evidente «seu menosprezo pelos cânones e modelos do Renascimento clássico», tendo surgido a lenda—desacreditada hoje pela ciência—do defeito visual que o induzia à desproporção e alongamento vertical das imagens de seus quadros.

Por volta de 1576, talvez em busca de ambiente para sua arte, El Greco transferiu-se para a Espanha. Seu primeiro quadro, pintado no Escorial, não foi do agrado de Felipe II. De Madrí e do Escorial, mudou-se para Toledo, de onde jamais sairia. «A apaixonada e fanática religiosidade de seu país adotivo o absorve,» afirmou um de seus críticos.

Data daí a produção de longa série de obras primas. Combina a interpretação subjetiva de seus personagens, suas paisagens, seu ambiente, com um realismo sem igual. «Teve o valor de pintar tal como via, ao passo que por toda parte a pintura abundava em tons *quentes*. Abandonou as tintas vermelhas e douradas, base do colorido veneziano, e adotou principalmente o azul e o carmim, inundando, às vezes, suas obras de matizes cinzentos. Dentro dessa nota geral predominante encontramos em suas telas tonalidades claras, cheias de luz e frias.»

A obra de El Greco chega ao apogeu com a maravilhosa tela *O Enterro do conde de Orgaz*. Pinta, sugestionado pelo mundo de intenso misticismo e arte penetrante em que vive. E assim atinge sua maneira final, caraterizada pela exacerbação de todas as qualidades que vinham formando seu estilo original. A mola chegou ao limite; a intensidade nervosa da expressão é irreprimivel em seus personagens. Por causa do muito dinheiro que lhe rendia a arte, um crítico inamistoso se referiu aos «muitos ducados que gastava com a ostentação demasiada de sua casa».

Da última fase de El Greco é o admiravel quadro *A adoração dos pastores*, reproduzido em nossa capa. Conserva-se no Museu Metropolitano de Nova York, e supõe-se ter sido pintado por volta de 1610.

IMPRESSO NOS E.U.A.

A adoração dos pastores, de el Greco